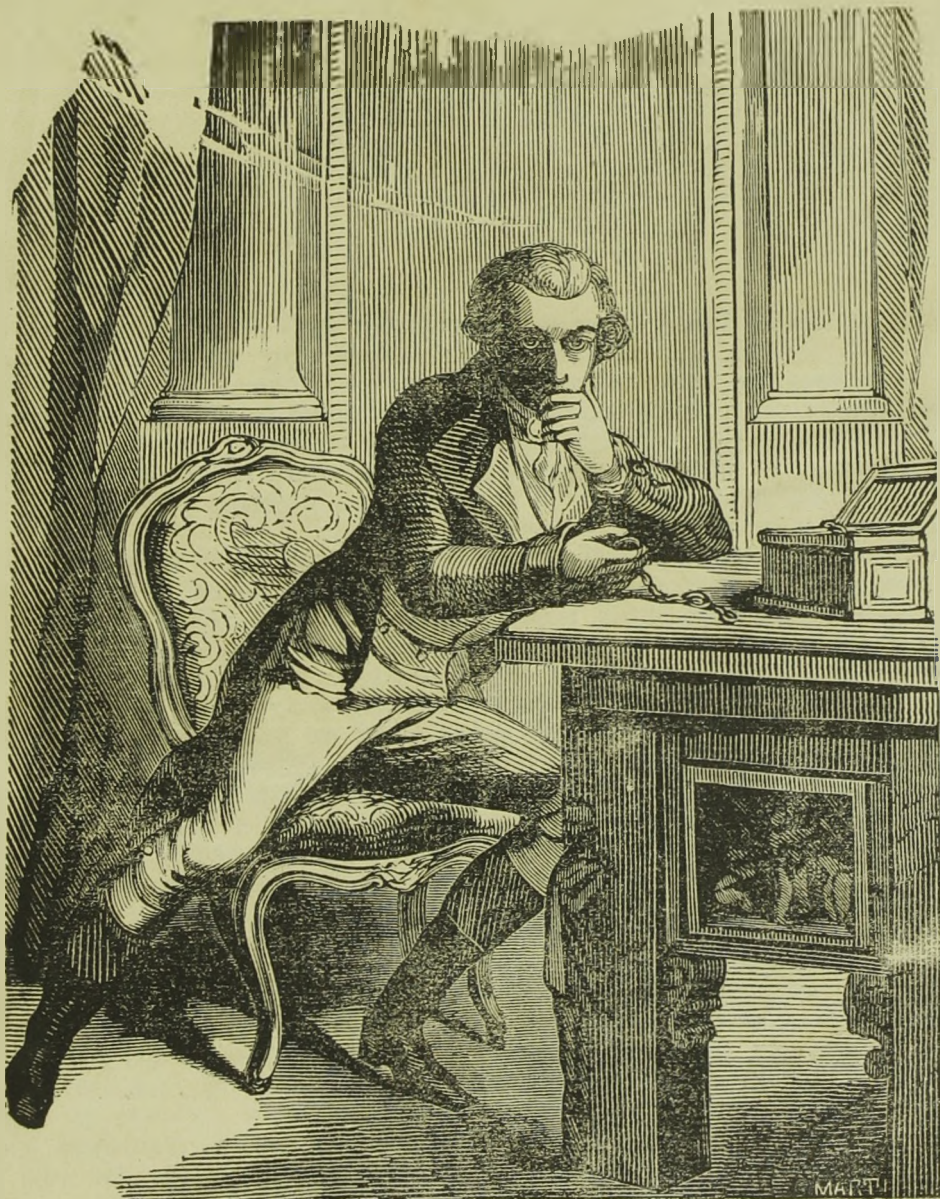
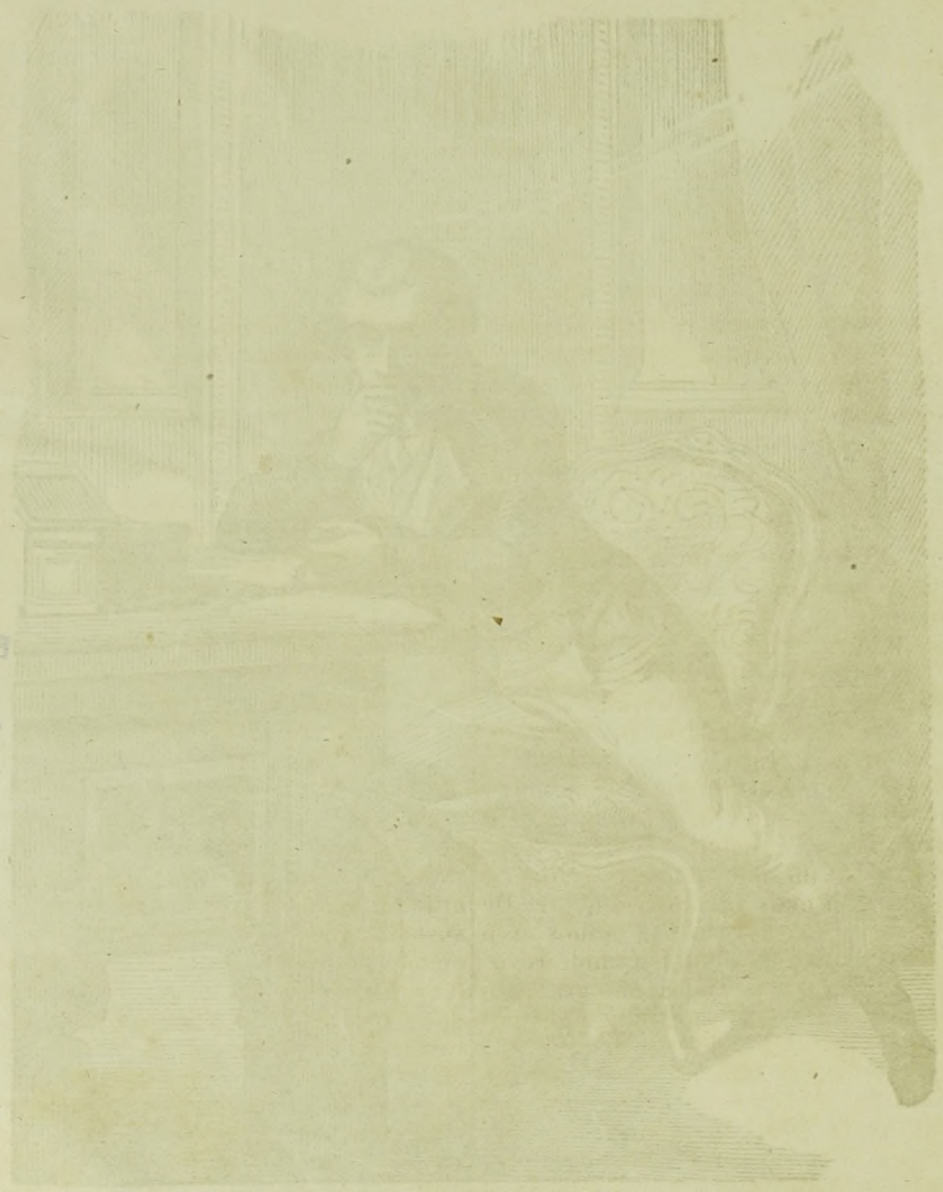
HISTORIA

DOS

GIRONDINOS.

POR

AFFONSO DE LAMARTINE.

LISBOA — TYPOGRAPHIA UNIVERSAL — 1854.

HISTORIA DOS GIRONDINOS.

LIVRO I.

I. — Emprehendo escrever a historia d'um pequeno numero de homens que, arremessados pela Providencia ao centro do maior drama dos tempos modernos, resumem em si as ideias, as paixões, as faltas, as virtudes de uma epocha ; e cuja vida e politica formando, por assim dizer, o nó da revolução franceza, foram cortados pelo mesmo golpe que despedaçou os destinos do seu paiz.

Esta historia, cheia de sangue e de lagrimas, está cheia tambem de ensino para os povos. Nunca talvez tão tragicos acontecimentos se passaram n'um espaço de tempo mais curto ; nunca tambem essa misteriosa correlação que existe entre os actos e suas consequencias se desenrolou mais rapidamente. Nunca as fraquezas engendraram mais depressa as faltas; as faltas os crimes; e os crimes o castigo. Esta justiça remuneratoria que Deus colocou em os nossos proprios actos como uma consciencia mais santa do que a *fatalidade* dos antigos, nunca se manifestou com maior evidencia ; nunca a lei moral rendeu a si mesma um mais brilhante testimunho, e não se vingou mais implacavelmente. De sorte que a simples narração destes dois annos é o commentario mais luminoso de toda uma grande revolução ; e o sangue espalhado, a ondas, não grita ahi sómente terror e piedade, mas lição e exemplo aos homens. E' neste espirito que eu vou narral-os.

A imparcialidade da historia não é a do espelho que reflecte unicamente os objectos; é a do juiz que vê, que escuta, e que sentenceia. Os annaes não são a historia, pois que para ella merecer este nome precisa de uma consciencia ; visto que ella mais tarde se torna a do genero humano. A recita vivificada pela imaginação, reflectida e julgada pela prudencia, eis a historia qual os antigos a entendiam, e tal como tambem eu desejara, dignando-se Deus guiar a minha penna, deixar um fragmento ao meu paiz.

II. — Mirabeau acabava de morrer. O instincto do povo levava-o a concorrer em multidão em roda da casa do seu tribuno como para pedir ainda ao seu caixão inspirações ; porém Mirabeau, ainda mesmo que fosse vivo, já não lhas poderia dar. O seu genio havia empalledecido diante da revolução : arrastado a um precipicio inevitavel pelo proprio carro a que elle dera impulso, debalde era que elle subia á tribuna. As ultimas memorias que dirigira ao rei, e que o armario de ferro nos entregou com o segredo da sua venalidade, testimunham o abatimento e desanimação da sua intelligencia. Os seus conselhos são versateis, incoherentes, quasi pueris. Tão depressa hade fazer parar a revolução como um grão de areia ; como logo elle coloca a salvação da monarchia n'uma proclamação da corôa, e n'uma ceremonia real propria a populariar o rei. Outras vezes quer comprar os aplausos das tribunas, e julga que a nação se lhe venderá com elles. A pequenez dos meios de salvação contrasta com a immensidade crescente do perigo. A desordem está nas suas ideias. Conhece-se que teve a mão forçada pelas paixões que sublevou; e que não os podendo dirigir, as trahiu, porém sem ter tido força de as prender. Este grande agitador não é mais do que um cortezão assustado que se refugia atraz do throno, e que balbuciando ainda as palavras terriveis de nação e liberdade, que estão no papel, já contractou na sua alma toda a pequenez e toda a vaidade dos pensamentos da corte. Faz dó ver o genio ás arcas com o impossivel. Mirabeau era dos homens da sua epocha o mais forte. Porém o maior dos homens debatendo-se contra um elemento em furor assimilha-se a um insensato. A queda só é magestosa, quando se cae com a propria virtude.

Os poetas dizem que as nuvens tomam a forma do paiz que ellas atravessam, e moldando-se sobre os valles, planices ou montanhas, guardam a sua configuração e a arrebatam ao ceu. E' a imagem de certos homens, cujo genio, por assim dizer collectivo, se modéla sobre a sua epocha, e incarna n'elles toda a individualidade de uma nação. Mirabeau era um destes homens. Elle não inventou a revolução, manifestou-a.

Sem elle, talvez que ella ficasse só no estado de ideia e de tendencia. Mirabeau nasceu, e ella tomou nelle a forma, a paixão, a linguagem que fazem dizer á multidão vendo uma cousa : — Eil-a

Nascêra gentilhomem, de uma familia antiga, refugiada e estabelecida na Provenca, porém oriunda de Italia. A raça era toscana. Esta familia era daquellas que Florença expellira do seu seio nos furacões tempestuosos da sua liberdade, e á patria das quaes Dante em versos tão asperos reprehende o exilio e perseguição O sangue de Machiavel, e o genio inquieto e revolvedor das republicas italianas, encontravam-se em todos os individuos desta raça. As proporções de suas almas estão acima dos seus destinos. Vicios, paixões, virtudes, tudo nellas está fora da linha. Ahi as mulheres são angelicas ou preversas, os homens sublimes oû depravados, e até a propria lingua é ahi acentuada ou grandiosa como os caracteres. Nas suas correspondencias até as mais familiares ha o colorido e a vibração das linguas heroicas da Italia. Os antepassados de Mirabeau fallavam dos seus negocios domesticos como Plutarcho das guerras de Marius e Sylla, de Cesar ou de Pompeo. Conhecem-se os grandes homens até nas pequenas cousas. Mirabeau respirou esta magestade e esta virilidade domesticas desde o berço. Insisto nestes detalhes, que parecem extranhos á narração, e que a explicam. A fonte do genio está muitas vezes na raça, e a familia é ordinariamente a prophecia do destino.

III. A educação de Mirabeau foi rude e fria como a alma de seu pae, ao qual chamavam o *amigo dos homens*; mas que pelo seu espirito inquieto e a sua vaidade egoista se transformou em perseguidor de sua mulher, e tyranno de seus filhos. Por toda a virtude, não lhe ensinaram mais do que a honra. E' assim que então se chamava esta virtude de ostentação, que muitas vezes não passa de ser senão o exterior da probidade e a elegancia do vicio. Entrando mui sêdo no serviço, não tomou dos costumes militares senão o gosto da libertinagem e do jogo. A mão de seu pae alcançava-o por toda a parte; não para o levantar ou erguer, mas para o vergar mais sob as consequencias de suas faltas. A sua mocidade passou-se nas prisões do Estado, as suas paixões ahi se lhe envenenaram na solidão, o genio se lhe aguçou de encontro aos ferros das suas prisões, e a sua alma ahi perdeu o pudor que raras vezes sobrevive á infamia destes castigos precoces. Retirado da prisão para tentar, com o consentimento de seu pae, um casamento difficil com a menina de Marignam, rica herdeira de uma das grandes casas da Provença, elle se exercita, qual um luctador, ás astucias e audacias da politica naquelle pequeno e acanhado theatro de Aix. Astucia, seducção, bravura, elle desenvolve todos os recursos da sua natureza para triumphar. Conseguiu-o; mas apenas casado, novas perseguições o seguem, e o forte castello de Pontarlier cerrou sobre elle as suas portas. Um amor que as *Cartas a Sophia* tornaram immortal, lhe abriu aquellas portas. Roubou a Snr.ª de Monnier ao seu velho esposo. Os amantes felizes refugiaram-se alguns mezes na Hollanda. Conseguiram prendel-os: separaram-os, e encerraram-os, a um n'um convento, e a outro em Vincennes. O amor, que á similhança do fogo nas veias da terra, se descobre sempre n'algum acidente do destino dos grandes homens, accendeu n'uma unica e ardente fogueira todas as paixões de Mirabeau. Na vingança é o amor ultrajado a quem elle desafronta; na liberdade, é ainda o amor a quem elle procura e liberta ; no estudo é ainda o amor a quem illustra. Entrando obscuro na sua prisão, sahiu della escriptor, orador, homem de Estado; porem prevertido, prompto para tudo, mesmo a vender-se para comprar a fortuna e a celebridade.

O drama da vida está concebido no seu cerebro : só lhe falta uma scena, e o tempo prepara-lha. No intervallo dos poucos annos que passam por elle entre a sahida de Vincennes e a tribuna da assemblea nacional, elle amontoa trabalhos-polemicos capazes de cançarem outro qualquer homem, mas que para elle sò o fazem tomar a respiração. O Banco do S. Carlos, as instituições da Hollanda, a obra sobre a Prussia, o pugilato com Beaumarchais, o seu estylo, estas grandes polemicas sobre as questões de guerra, de equilibrio europeo, e de finanças ; estas sarcastias invectivas, estes duelos de palavras com os ministros ou os homens populares do momento, participam já do forum romano nos dias de Claudio e de Cicero. Conhece-se o homem antigo nas controversias todas modernas. Julga-se escutar os primeiros rugidos destes tumultos populares que bem depressa tem de rebentar, e que a sua voz está predestinada a dominar. Nas primeiras eleições de Aix, regeitado com desprezo pela nobresa, precipita-se nos braços do povo, bem certo de fazer pender o fiel da balança para o lado onde elle lançar o peso da sua audacia, e do seu genio. Marselha disputa a Aix o grande plebeo. As suas duas eleições, o discurso que elle pronuncia, as representações que redige, a energia que desenvolve occupam a França inteira. As suas retumbantes palavras transformam-se em proverbios da revolução. Comparando-se nas suas frases sonoras aos homens da antiguidade, colloca-se a si proprio na imaginação do povo, na altura dos personagens que elle quer recordar. Acostumam-se todos a confundil-o com os nomes que cita. Elle faz um grande ruido para preparar os espiritos ás grandes commoções; annuncia-se altivamente á nação nesta apostrofe sublime no seu discurso aos Marselheses : « Quando o ultimo dos Gracchos expirou, arremessou um punhado de terra para o ceo, e dessa terra nasceu Mario ! Mario menos grande por ter exterminado os Cimbros, que por ter abatido em Roma a aristocracia da nobresa. »

Apenas entrou na Assemblea nacional encheu-a logo; elle foi ahi o povo inteiro. Os seus gestos são ordens, as suas moções são golpes de Estado. Collocou-se ao nivel do throno. A nobresa conheceu-se vencida por esta força sahida do seu seio. O clero, que é o povo, e deseja repôr a democracia na Igreja, presta-lhe a sua força para derrubar a duplicada aristocracia da nobresa e dos bispos. Em alguns mezes caiu tudo que tinha sido edificado e cimentado pelos seculos. Mirabeau conhece-se então sosinho no meio daquellas ruinas. Terminou o seu papel de tribuno. O de homem de Estado começa então. Nelle é maior ainda que no primeiro. Alli onde todos andam ás apalpadellas, elle toca justamente o ponto, e avança direito.

A revolução na sua cabeça não é uma coléra, e sim um plano. A philosophia do decimo oitavo seculo, moderada pela prudencia politica, sáe toda formulada dos seus labios. A sua eloquencia, imperativa como a lei, não é mais do que o talento de apaixonar a rasão. A sua palavra alumia e esclarece tudo ; quasi só neste momento elle tem a coragem de ficar sosinho. Affronta a inveja, o odio, e as murmurações, apoiado no sentimento da sua superioridade. Despede com desdem as paixões que o seguiram até alli. Nada mais quer dellas no dia em que a sua causa já as não precisa ; e não falla aos homens senão em nome do genio. Basta-lhe este titulo para ser obdecido. A anuencia que a verdade sempre encontra nas almas é a sua potencia. A sua força nasce-lhe da repercussão. Elleva-se entre todos os partidos, e colloca-se superior a elles. Todos o detestam porque elle os domina ; e todos o cortejam porque elle póde perdel-os ou servil-os. Não se entrega a nenhum, e negoceia com todos ; assenta impassivel sobre o elemento tumultuoso desta assembléa as bazes da constituição reformada. Legislação, finanças, diplomacia, guerra, religião, economia politica, equilibrio dos poderes, elle aborda e decide todas estas questões, não como utopista, e sim como politico. A solução que elle lhes dá é sempre o meio termo exacto entre o ideal e a pratica. Põe a rasão ao alcançe dos costumes, e as instituições em relação com os habitos. Quer um throno para apoiar a democracia ; quer a liberdade das camaras, e a vontade da nação, uma e irresistivel no governo. O caracter do seu genio, tão definido, e tão desconhecido, participa menos da audacia do que da exactidão Elle tem sob a magestade da expressão a infabilidade do bom senso. Os seus proprios vicios não podem prevalecer sobre a clareza e sobre a sinceridade da sua intelligencia. Junto á tribuna é um homem sem pudor, e sem virtude ; na tribuna é um homem honrado.

Entregue aos seus procedimentos privados, mercadeado pelas potencias estrangeiras, vendido á corte para satisfazer os seus dispendiosos gostos, guarda, neste vergonhoso trafico do seu character, a incorruptibilidade do seu genio. De todas as forças de um grande homem sobre o seu seculo, só lhe faltou a honestidade. Para elle o povo não é uma religião, é um instrumento; para elle o seu Deus é a gloria; a sua fé, a posteridade. A sua consciencia só está no seu espirito, o fanatismo da sua ideia é todo humano. O frio materialismo do seculo arrebata-lhe á sua alma o mobil, a força e o fim das cousas immorredouras. Morre dizendo: «Envolvei-me em perfumes, e coroai-me de flores para entrar no meu somno eterno.» Elle é todo do tempo; não imprime na sua obra nada de infinito. Não sagra nem o seu caracter, nem os seus actos, nem os seus pensamentos de um signo da immortalidade. Se acreditasse em Deus teria talvez morrido martyr, mas teria deixado após si a religião da razão, e o reino da democracia. N'uma palavra, Mirabeau é a razão de um povo; mas não é a fé da humanidade!

IV. — Magnificas apparencias lançaram o véo de um lucto universal sobre os sentimentos secretos que a sua morte inspirou aos diversos partidos. Em quanto os sinos dobravam funebremente, e o canhão troava de minuto em minuto, e que, n'uma cerimonia que tinha reunido duzentos mil espectadores, se fazia a um cidadão os funeraes de um rei; em quanto que o Pantheon onde o conduziam, parecia apenas um monumento digno de um tal cadaver, o que se passava no intimo dos corações?

O rei, que tinha a seu soldo a eloquencia de Mirabeau; a rainha, com quem elle tivéra conferencias nocturnas, lastimavam-o talvez, como o ultimo instrumento da sua salvação; com tudo elle inspirava-lhes menos confiança do que terror; e a humiliação do soccorro pedido pela corôa a um vassallo, devia sentir-se aliviada diante d'esta potencia de destruição que cahia por si mesma antes que o throno. A côrte estava vingada, pela morte, das affrontas que elle lhe fizera soffrer. A aristocracia irritada estimava mais a sua quéda do que seus serviços. Para a nobresa elle não passava de ser um apostata da sua ordem. A derradeira vergonha para ella era o ser exaltada um dia por aquelle que a havia humilhado. A assembléa nacional estava cançada da sua superioridade. O duque de Orleans conhecia que uma palavra deste homem esclareceria ou fulminaria ambições prematuras; o senhor de La Fayette, o heroe da bourguesia, devia temer o orador do povo. Entre o dictador da cidade e o dictador da tribuna devia existir um sécreto ciume.

Mirabeau, que nunca tinha atacado nos seus discursos o senhor de La Fayette, havia com tudo muitas vezes soltado em conversação a respeito do seu rival, palavras que se imprimem per si proprias cahindo sobre um homem. Não existindo Mirabeau, o senhor de La Fayette apparecia maior: e o mesmo era a respeito de todos os outros oradores da assembléa. Não tinha alli rival, mas tinha invejosos. A sua eloquencia, toda popular como era, rescendia á de um patricio. A sua democracia cahia do alto: não partecipava cousa alguma deste sentimento de inveja e de raiva que subleva as vis paixões do coração humano, e que não vê no bem, feito ao povo, senão um insulto á nobresa.

Os sentimentos populares eram de alguma sorte uma liberalidade do seu genio. As magnificas expansões da sua grande alma não se assimilhavam na mais pequena cousa ás mesquinhas irritações dos demagogos. Conquistando os direitos para o povo, tinha ar de que os dava. Era um voluntario da democracia. Pelo seu papel e pela sua attitude, elle recordava aos democratas, postos em linha na sua rectaguarda, que desde os Gracchos até elle proprio, os tribunos mais poderosos para servirem o povo tinham sahido da classe dos patricios. O seu talento sem igual pela philosofia do pensamento, pela extensão da reflexão, e pela grandeza da expressão, era uma outra especie de aristocracia que menos lhe perdoavam. A natureza havia-o feito o primeiro, a morte abria um claro em roda delle a todos os collocados em segundo grão, e que hiam disputar-se este logar, para conquistar o qual, nenhum delles fôra creado. As lagrimas que derramavam sobre o seu feretro eram fingidas. Só o povo chorava sinceramente, porque o povo é forte de mais para ser cioso, e que, bem longe de lançar em rosto a Mirabeau o seu nascimento, amava nelle aquella nobreza como um despojo que conquistara á aristocracia. Ainda mais, a nação inquieta, que via cahir uma por uma a todas as suas instituições, e que receiava um desmoronamento tal, sentia pelo instincto que o genio deste grande homem era a unica força que lhe restava. Extincto este genio, não via mais do que trevas e precipicios sob os passos da monarchia. Somente os jacobinos se alegravam claramente, porque tambem só este homem podia contrabalança-los.

Foi em 6 de abril de 1791 que a assemblea nacional continuou as suas sessões. A cadeira de Mirabeau, vaga como estava, attestava a todos a impotencia de o substituir. A consternação estava pintada em todos os rostos dos espectadores nas galerias. Na salla reinava o silencio. O sr. de Talleyrand annunciou um discurso posthumo de Mirabeau. Quizeram ouvi-lo ainda depois de morto. O echo enfraquecido daquella voz parecia voltar á sua patria do fundo dos subterraneos do Pantheon. A leitura foi triste. A impaciencia e anciedade apertavam os espiritos. Os partidos ardiam em desejos de se medirem sem um contrapeso ou regulador. Não podia tardar que se combatessem. O arbitro que os moderava tinha desapparecido.

V. — Antes de traçar o estado destes partidos, lançêmos rapidamente os olhos sobre o ponto de partida da revolução, sobre o caminho que tinha precorrido, e sobre os principaes chefes que iam tentar dirigi-la na estrada que ella tinha a precorrer.

Não havia ainda dois annos que a opinião abrira brecha contra a monarchia, e já ella havia vereficado resultados immensos. O espirito de fraqueza e de vertigem no governo tinha convocado a assembléa dos notaveis. O espirito publico forçára a mão ao poder e convocára os estados geraes. Juntos os estados geraes a nação conhecera a sua omnipotencia. Deste conhecimento á insurreição legal não medeava mais do que uma palavra. Mirabeau a pronunciara. A assembléa nacional constituiu-se em face do throno, e mais alta do que elle. A popularidade prodiga do sr. de Necker esgotava-se em concessões, e desvanecera-se apenas elle não tinha mais despojos da monarchia para lançar ao povo. Ministro de uma monarchia em retirada, a sua fôra uma derrota. Seu ultimo passo condusira-o fora do reino. O rei desarmado ficàra sendo o refem do antigo regimen nas mãos da nação. A declaração dos direitos do homem e do cidadão, unico acto methaphysico da revolução até alli, lhe dera uma significação social e universal. Satirisava-se muito esta declaração; ella continha alguns erros, e confundia os termos — estado de natureza e o estado de sociedade — mas na essencia era o dogma novo.

VI. — Ha objectos na naturesa dos quaes se bem destinguem as formas afastando-se um pouco o observador. A proximidade impede verem-se tambem a demasiada distancia. O mesmo succede com os grandes acontecimentos. A mão de Deos é visivel sobre todas as cousas humanas, porem esta mesma mão tem uma sombra que nos occulta o que ella terminou e concluiu. O que se podia antever então da revolução franceza annunciava o que ha de maior no mundo: o apparecimento, a inauguração de uma ideia nova no genero humano; a ideia democratica; e depois o governo democratico.

Esta ideia era uma emanação do christianismo. O christianismo achando os homens escravos, sugeitos e degradados por toda a terra, tinha-se elevado na occasião da queda do imperio romano qual uma vingança, mas sob a forma de uma resignação. Tinha proclamado as tres palavras que a dois mil annos de distancia repetia a philosofia franceza: — liberdade, igualdade, fraternidade dos homens. — Mas este dogma por algum tempo se havia refugiado no intimo da alma dos christãos. Muito fraco no principio para atacar as leis civis, havia dito ás potencias: «Deixo-vos ainda por algum tempo o mundo politico, confinando-me por ora no mundo moral. Continuae, se poderdes, a encadear, classeficar, escravisar, submetter e profanar os povos. Eu quero emancipar as almas. Empregarei talvez dois mil annos em renovar e operar os espiritos, antes de desabrochar nas instituições. Porem um dia chegará em que a minha doutrina sahirá do templo e entrará no

conselho dos povos. Nesse dia o mundo será renovado. »

Tal dia chegou. Fôra preparado por um seculo de philosophia sceptica na apparencia, mas crente na realidade. O septicismo do decimo oitavo seculo, não se ligava senão ás formas externas e aos dogmas sobrenaturaes do christianismo. Adoptava com paixão a moral e o sentido social. Aquillo a que o christianismo chamava revelação, a philosophia appellidava rasão. As palavras eram differentes, porém o sentido o mesmo. A emancipação dos individuos, as castas, os povos se dirivavam do mesmo modo. Unicamente, o mundo antigo se havia libertado em nome de Christo, o mundo moderno se emancipava em nome dos direitos que todas as creaturas receberam de Deus. Porém ambas faziam derivar esta liberdade de Deus ou da natureza. A philosophia politica da revolução não havia mesmo podido inventar uma palavra mais verdadeira, mais completa e mais divina que o christianismo, para se revelar á Europa, e ella adoptara o dogma e a palavra da *fraternidade*. Sómente a revolução franceza atacava a forma externa da religião dominante, porque esta religião se havia encrustado nos governos monarchicos, theocraticos ou aristocraticos que se desejava destruir. É a explicação desta contradicção apparente do espirito do decimo oitavo seculo, que do christianismo tomava tudo em politica, e o renegava despojando-o. Havia ao mesmo tempo entre as duas doutrinas uma violenta repulsão e uma violenta attracção. Ellas reconheciam-se combatendo-se, e aspiravam a reconhecer-se mais completamente, quando a lucta cessasse triumphando a liberdade.

Tres cousas eram por tanto evidentes para os espiritos reflexivos, desde o mez de abril de 1791: uma, que o movimento revolucionario, já começado, marcharia de consequencia em consequencia á restauração completa de todos os direitos que soffriam na humanidade, desde o dos povos em frente dos seus governos, até áquelles do cidadão em frente das castas, e do proletario em frente do cidadão; que perseguiria a tyrannia, o privilegio, a desigualdade, o egoismo, não sómente sobre o throno, mas tambem na lei civil, na administração, na distribuição legal da propriedade, nas condições da industria, do trabalho, da familia, e em todas as relações de homem para homem, e de homem para com a mulher: a segunda, que este movimento philosophico e social da democracia, buscaria a sua fórma natural n'uma fórma de governo analoga ao seu principio e á sua natureza; quer dizer expressiva da soberania do povo — republica com um ou muitos chefes: a terceira finalmente, que a emancipação social e politica arrastaria comsigo a emancipação intellectual e religiosa do espirito humano; que a liberdade de pensar, de fallar e de obrar não pararia em frente da liberdade da crença; que a idéa de Deus, confinada nos santuarios, sairia para lançar seus raios da luz da mesma liberdade em cada consciencia livre; que este luzeiro, revelação para uns, rasão para outros, faria resplandecer mais a justiça e a verdade, que dimanam de Deus sobre a terra.

VII. O pensamento humano, assim como Deus, fez o mundo á sua imagem.

O pensamento havia-se renovado por um seculo de philosophia.

Tinha a transformar o mundo social.

A revolução franceza era por tanto na essencia um espiritualismo sublime e apaixonado. Tinha um ideal divino e universal. Eis porque ella enthusiasmava além das fronteiras da França. Aquelles que a limitam, mutilam-a. Ella era o enthronamento de tres soberanias moraes

A soberania do direito sobre a força;

A soberania da intelligencia sobre os prejuizos;

A soberania dos povos sobre os governos.

A revoluçao nos direitos: igualdade.

A revolução nas idéas: o raciocinio substituindo a authoridade.

Revolução nos factos: o reinado do povo.

Um evangelho dos direitos sociaes. Um evangelho dos deveres. Uma carta de humanidade.

A França declarava-se o apostolo. Neste combate de idéas, a França tinha alliados em toda a parte, e até mesmo nos thronos.

VIII. Ha epochas na historia do genero humano nas quaes os ramos seccos caem da arvore da humanidade, e nas quaes as instituições envelhecidas e esgotadas se extinguem per si mesmo, para dar logar a uma seiva e instituições, que renovam os povos remoçando as idéas. A antiguidade está cheia destas transformações, das quaes unicamente se percebem os vestigios nos monumentos e na historia. Cada uma destas catastrophes de idéas acarreta comsigo a queda de um velho mundo, e dá seu nome a uma nova civilisação. O Oriente, a China, o Egypto, a Grecia, e Roma presencearam estas ruinas, e estas consecutivas renovações. O Occidente experimentou-as, quando a theocracia druidica cedeu o seu logar aos deuses e ao governo dos romanos. Bisancio, Roma e o Imperio as operaram rapidamente, e como instinctivamente por si mesmo, quando, cançadas e envergonhadas do polytheismo, se levantaram á voz de Constantino contra os seus deuses, e varreram, como um vento de colera, estes templos, estas idéas, e estes cultos que a populaça ainda habitava, mas d'onde a parte superior do pensamento humano já se havia retirado.

A civilisação de Constantino e de Carlos Magno envelheciam a seu turno, e as crenças que sustentavam depois de dezoito seculos os altares e os thronos, enfraquecendo-se nos espiritos, ameaçavam o mundo religioso e o mundo politico d'um desmoronamento que raras vezes deixa o poder em pé quando a fé titubeia. A Europa monarchica era obra do catholicismo. A politica havia-se feito á imagem da Igreja. Nesta a authoridade fundara-se tambem sobre um mysterio. O direito ahi vinha do alto. O poder, á similhança da fé, reputava-se divino. N'elle a obdiencia dos povos era sagrada, e por isso mesmo o exame era uma blasfemia, e a servidão uma virtude. O espirito phylosophico, que se tinha revoltado em baixo, depois de tres seculos, contra uma doutrina que os escandalos, as tyrannias e os crimes dos dois poderes desmentiam diariamente, não queria reconhecer um titulo divino nos poderes que negavam a rasão, e escravisavam os povos. Em quanto que o catholicismo fôra a unica doutrina legal na Europa, estas revoltas solapadas do espirito, não tinham abalado os Estados. Haviam sido punidas pela mão dos principes. As prisões, os supplicios, as inquisições, e as fogueiras tinham intimidado o raciocinio, e mantido de pé o duplicado dogma sobre o qual repousavam os dois governos.

Porem a imprensa, esta explosão contínua do pensamento humano, fora para os povos, como uma segunda revelação. Empregada primeiro exclusivamente pela igreja na vulgarisação das ideias reinantes, começou bem depressa a solapal-as. Os dogmas do poder temporal e do poder espiritual, combatidos incessantemente por estas ondas de luz, não podiam tardar em ser abalados, primeiro nos espiritos, e em seguida nas cousas. *Guttemberg*, sem o saber, fora o mechanico de um novo mundo. Creando a communicação das ideias, assegurou a independencia da rasão. Cada letra deste alphabeto que sahia de sob os seus dedos, continha em si mais força que os exercitos dos reis, e que os raios dos pontifices. Era a intelligencia a quem elle armava com a palavra. Estas duas forças são as dominadoras do homem; deviam sêl-o mais tarde da humanidade. O mundo intellectual nascêra de uma invenção material; e havia promptamente engrandecido-se. A reforma religiosa tinha apparecido.

O imperio do christianismo catholico soffrera muitas desmembrações. A Suissa, parte da Alemanha, a Hollanda, a Inglaterra, provincias inteiras da França, haviam-se subtrahido ao centro da authoridade religiosa, e passado á doutrina do livre exame. Atacada e contestada a authoridade divina no catholicismo, a authoridade do throno ficava á mercê dos povos. A philosofia, mais poderosa do que a sedição, se havia aproximado mais em mais com menos respeito e menos receio. A historia tinha podido escrever as fraquesas ou os crimes dos reis. Os publicistas ousaram commental-a; os povos aventuraram-se a concluil-a. As instituições sociaes haviam sido aferidas pelo peso da sua utilidade real para a humanidade. Os espiritos os mais piedosos para com o poder, tinham fallado de deveres aos soberanos,

e aos povos em direitos. Os pensamentos santos do christianismo tinham ressoado até mesmo no pulpito sagrado, em frente de Luiz XIV. Bossuet, esse genio sacerdotal da antiga synagoga, havia entermediado as suas adulações orgulhosas a Luiz XIV com alguns desses conselhos austeros que consolam os povos da sua degradação. Fenelon, esse genio evangelico e terno da lei nova, tinha escripto as suas instrucções dos principes, e o seu Telemaco, no palacio de um rei, e no gabinete do herdeiro do throno. A philosofia politica do christianismo, esta insurreição da justiça em favor dos fracos, se havia deslisado, pelos seus labios, entre Luiz XIV e o ouvido de seu neto. Fenelon creava uma revolução inteira no duque de Borgonha. O rei dera mui tarde por tal, e expulsára a sedução divina do seu palacio. Mas a politica revolucionaria ahi ficava nascida. Os povos a liam nas paginas do santo arcebispo. Versalhes devia ser ao mesmo tempo, graças a Luiz XIV e a Fenelon, o palacio do despotismo e o berço da revolução. Montesquieu tinha sondado as instituições e analisado as leis de todos os povos. Classeficando os governos, comparara-os; e comparando-os julgara-os. Este juizo fazia sobresahir e contrastar em cada pagina o direito, e a força, o privilegio e a igualdade, a tyrannia e a liberdade.

João Jaques Rousseau, menos engenhoso porem mais eloquente, estudava a politica não nas leis, mas em a natureza. Alma livre, porem opressa e soffredora, o sublevamento geral do seu coração tinha indignado todos os corações ulcerados pela odiosa desigualdade das condições sociaes. Era a revolta do ideal contra a realidade. Tinha sido o tribuno da naturesa o Graccho dos philosofos. Não escrevêra a historia das instituições, mas fisera-lhe o sonho; e este sonho vinha do ceu, e até lá elle se remontava. Conhecia-se ahi o designio de Deus e a força do seu amor: não se conhecia bem a infirmidade dos homens. Era a utopia dos governos: mas por isso mesmo Rosseau seduzia muito mais. Para apaixonar os povos é preciso misturar uma pouca de illusão á verdade; a realidade sósinha é muito fria para fanatisar o espirito humano; elle não se apaixona senão por cousas maiores do que a naturesa. É o que se chama o ideal: é o atractivo e a força das religiões que aspiram sempre a mais alto do que ellas sobem; é o que produz o fanatismo, este delirio da virtude. Rosseau era o ideal da politica, como Fenelon fora o ideal do christianismo.

Voltaire tinha tido o genio da critica, a negação sarcastica que fana tudo quanto destroe. Fizera rir o genero humano de si proprio; abatera-o para o restabelecer; estendera diante delle todos os prejuizos, todos os erros, todas as iniquidades, todos os crimes da ignorancia; levara-o á insurreição contra as ideias consagradas, não pelo ideal, mas pelo desprezo. O destino dera-lhe oitenta annos de vida para decompôr lentamente o velho seculo. Teve tempo de combater contra o tempo, e quando cahio foi vencendo. Seus discipulos enchiam as côrtes, as academias, os salões. Os de Rousseau irritavam-se e sonhavam n'outra esphera mais baixa, nas hierarchias inferiores da sociedade. Um tinha sido o advogado feliz e elegante da aristocracia; o outro era o consolador secreto e vingador amado da democracia. Seu livro era o livro dos opprimidos e das almas ternas. Elle proprio, infeliz e religioso, tinha collocado Deus do lado do povo; as suas doutrinas sanctificavam o espirito insurgindo o coração. Havia vingança na sua accentuação; mas havia tambem piedade. O povo de Voltaire podia destruir os altares; o povo de Rousseau podia reconstruil-os. Um podia passar sem a virtude, e accommodar-se aos thronos; o outro precisava de um Deus, e só podia fundar republicas.

Seus numerosos discipulos continuavam a sua missão, e dominavam todos os orgãos do pensamento publico; desde a geometria até ao pulpito sagrado, a philosophia do decimo oitavo seculo invadia ou alterava tudo. D'Alembert, Diderot, Raynal, Buffon, Condorcet, Bernardin de Saint-Pierre, Helvecio, Saint-Lambert, La Harpe, eram a igreja do novo seculo. Um só pensamento animava aquelles espiritos tão diversos—a renovação das ideias humanas. A cifra, a sciencia, a historia, a economia, a politica, o theatro, a moral, a poesia, tudo servia de vehiculo á philosophia moderna; ella corria em todas as veias do tempo, ella tinha alistado todos os genios; ella fallava por todas as linguas. O acaso ou a Providencia quizeram que este seculo, quasi esteril em todas as outras partes, fosse o seculo da França. Desde o fim do reinado de Luiz XIV até ao principio do de Luiz XVI, a natureza foi comnosco prodiga de homens. O clarão continuado por tantos genios de primeira ordem, de Corneille a Voltaire, de Bossuet a Rousseau, de Fenelon a Bernardim de Saint-Pierre, tinha acostumado os povos a olhar para o lado da França. A fogueira das ideias do mundo arremessava daqui a sua deslumbrante luz. A authoridade moral do espirito humano não estava em Roma. O ruido, a luz, a direcção partiam de Pariz; a Europa intellectual era franceza. Havia e haverá sempre no genio francez alguma cousa mais poderosa do que a sua potencia, de mais luminoso que o seu fulgor; é o seu calor, é a sua penetrante communicabilidade; é a attração que elle sente e inspira na Europa. O genio da Hespanha de Carlos V é altivo e aventuroso: o genio da Allemanha é profundo e austero; o genio da Inglaterra é habil e soberbo: o da França é amante, e nisto consiste a sua força. Seduzivel em si mesmo, facilmente seduz os povos. As outras grandes individualidades do mundo das nações não tem mais do que um genio. A França, por segundo genio, tem o seu coração; e prodigalisa-o nos seus pensamentos, nos seus escriptos, e nos seus actos nacionaes. Quando a Providencia quer que uma ideia abraze o mundo, acende-a na alma de um francez. Esta qualidade communicativa do caracter desta raça, esta attração franceza, ainda não alterada pela ambição da conquista, era então o signal precursor do seculo. Parece que um instincto providencial voltava toda a attenção da Europa para este unico ponto do horisonte, como se o movimento e a luz não podessem sair senão dalli. O unico ponto verdadeiramente sonoro do continente, era Pariz. As cousas mais pequeninas ahi faziam grande arruido. A litteratura era o vehiculo da influencia franceza; a monarchia intellectual tinha os seus livros, os seus theatros, os seus escriptos primeiro que tivesse os seus heroes. Conquistadora pela intelligencia, tinha a imprensa por exercito.

IX. Os partidos que dividiam o paiz depois da morte de Mirabeau decompunham-se da seguinte maneira: fóra da assembléa, a côrte e os jacobinos; na assembléa, o lado direito, e esquerdo; e entre estes dois partidos extremos—um fanatico de innovação, e outro fanatico de resistencia—um partido intermedio. Compunha-se dos homens de bem e de paz que os outros dois tinham; sua fé branda e indecisa entre a revolução e a conservação, quereria que uma conquistasse sem violencia, e que a outra concedesse sem ressentimento. Eram os philosophos da revolução. Porem não era então a hora da philosofia; era a hora da victoria. As duas ideias em face uma da outra queriam combatentes, e não juizes: portanto chocando-se ellas despedaçavam estes homens. Nomeêmos os principaes chefes destes partidos, e façamol-os conhecer antes de os ver operar.

O rei Luiz XVI tinha então só trinta e sete annos. As suas feições eram as da sua raça, um pouco pesadas pelo sangue allemão de sua mãe, princeza da casa de Saxe. Bellos e rasgados olhos azues, mais limpidos do que deslumbrantes, uma testa redonda algum tanto arqueada, nariz romano, cujas ventas frouxas, informes, e pesadas alteravam alguma cousa a energia da fórma aquilina, boca de surriso gracioso na expressão, labios grossos mas bem talhados, pelle fina, uma encarnação rica e colorida ainda que um pouco sem vigor, talhe pepueno, corpo grosso, actitude timida, passo incerto; no repouso um balanço inquieto do corpo descançando alternativamente sobre um quadril ou sobre outro, sem avançar, quer este movimento fosse contrahido nelle pelo habito da impaciencia que tem os principes forçados a darem compridas audiencias, quer porque fosse o signal physico do perpetuo balanço de um espirito indeciso; na pessoa, uma expressão de bonhomia mais vulgar que real, que se prestava logo ao primeiro relancear de olhos, tanto á zombaria como á veneração, e da qual os inimigos se apoderaram com impia preversidade, para mos

trar ao povo nas feições do principe o symbolo dos vicios que elles queriam imolar na realeza; no todo, alguma similhança com a physionomia imperial dos ultimos Cesares na epocha da decadencia das cousas e das raças: a doçura de Antonino na obesidade massiça de Vitellio: — eis o homem!

X. Este moço principe fôra creado n'uma separação completa da corte de Luiz XV. Aquella atmosfera que infectara todo o seu seculo, nem de longe tinha tocado o seu herdeiro. No entanto que Luiz XV transformava a sua côrte n'um logar suspeito; seu neto, educado n'um canto do palacio de Meudon por mestres piedosos e esclarecidos, crescia no respeito da hierarchia, no terror do throno, e no amor religioso do povo que elle tinha um dia de governar. Parecia que a alma de Fenelon tinha atravessado duas gerações de reis, naquelle palacio onde educara o dupue de Borgonha, para inspirar ainda a educação do seu descendente. O que estava mais proximo do vicio coroado sobre o throno era talvez o que havia de mais puro em França. Se o seculo não fôra tão dissoluto qual o rei, de certo que teria concentrado alli todo o seu amor. Chegava-se, porém, ao ponto de corrupção, em que a puresa parece ridicula, e ao pudor se reserva o despreso.

Casado na edade de vinte annos com uma filha de Maria Thereza d'Austria, o moço principe continuara até subir ao throno, aquella vida de recolhimento domestico, de estudo, e de isolamento. A Europa jasia adormecida n'uma paz vergonhosa. A guerra, este exercicio dos principes, não tinha podido formal-o ao contacto dos homens, e ao habito do commando. Os campos da batalha, que são o theatro destes grandes actores, nunca o haviam exposto ao olhar do seu povo. Nenhum prestigio saltava delle, excepto o do seu nascimento. Só o horror que se nutria ao avô foi a causa da sua popularidade. Honrado e instruido, chamou para junto de si a honradez e as luzes na pessoa de Turgot. Porém com o sentimento philosofico da necessidade das reformas, o principe não tinha a alma do reformador: faltava-lhe o genio e a audacia. Aos seus homens de Estado ainda mais do que a elle. Sublevavam todas as questões sem as saberem deslocar; accumulavam as tempestades sem lhes darem um impulso. Por tanto as tempestades deviam necessariamente acabar por descarregar sobre elles. Do sr. de Maurepás para o sr. Turgot, do sr. Turgot para o sr. de Calonne, do sr. de Calonne para o sr. de Necker, do sr. de Neker para o sr. de Malesherbes, elle fluctuava de um homem honrado para um intrigante, de um philosopho para um banqueiro. O espirito de systema e de charlatanismo suppria mal o espirito de governo. Deus, que dera muito homens de nome a este reinado, recusara-lhe um homem de Estado. Tudo eram promessas e decepções. A corte gritava; a impaciencia apoderava-se da nação; as oscillações fasiam-se convulsivas: assemblea dos notaveis, estados geraes, assembléa nacional, tudo tinha rebentado nas mãos do rei. Uma revolução sahiu das suas boas intenções mais ardente e mais irritada, do que nascêra dos seus vicios. Hoje o rei tinha esta revolução frente a si na assemblea nacional; mas nos seus conselhos nenhum homem capaz, não só de lhe resistir, mas de a comprehender. Os homens verdadeiramente fortes queriam antes ser ministros populares da nação, do que escudos do rei na occasião que historiamos.

XI. O sr. de Montemorin era afeiçoado ao rei, mas sem credito na nação. O ministerio não tinha nem iniciativa, nem resistencia. A iniciativa pertencia aos jacobinos, e o poder executivo estava nos motins ou commoções populares. O rei sem orgão, sem attribuições, e sem força, só tinha a odiosa responsabilidade da anarchia. Era o alvo contra o qual todos os partidos dirigiam a raiva ou o furor do povo. Tinha o previlegio de todas as accusações. No entanto que do alto da tribuna, Mirabeau, Barnave, Petion, Lameth, e Robespierre, ameaçavam eloquentemente o throno; os pamphletos infames, os jornaes facciosos pintavam o rei sob as feições de um tyranno mal encadeado, que se embrutecia no vinho, que se envilecia nos caprichos d'uma mulher deshonrada, e que conspirava no seu palacio com os inimigos da nação. No presentimento sinistro da aceleração da sua queda, a virtude stoica deste principe bastava ao socego da sua propria consciencia, porém não bastava ás suas resoluções Ao sair do seu conselho de ministros, onde cumpria lealmente as condições constitucionaes do seu cargo, procurava, já na amisade de servidores dedicados, já na pessoa dos seus proprios inimigos, admittidos furtivamente ás suas confidencias, inspirações mais intimas. Os conselhos succediam-se aos conselhos, e contradiziam-se na sua orelha, como os seus resultados se contradiziam nos actos. Seus inimigos suggeriam-lhe concessões, e promettiam-lhe uma popularidade, que lhes fugia das mãos apenas lha queriam entregar. A côrte pregava-lhe a força que ella não tinha senão nos seus sonhos; a rainha, a coragem que sentia na sua alma; os intrigantes, a corrupção; os timoratos, a fuga. A seu turno, e juntamente, elle ensaiava todos aquelles conselhos. Nenhum era efficaz. O tempo das resoluções tinha passado. A crise era sem remedio. Era mister escolher entre a vida e o throno. Tentando conservar ambas as cousas, estava destinado a perdel-as ambas.

Quando pelo pensamento nos colocâmos na situação de Luiz XVI, e perguntâmos qual seria o conselho que poderia salval-o, a resposta é desanimadora: — nenhum. Ha circumstancias que prendem todos os movimentos do homem n'um tal laço, que, seja qual for a direcção que elle tome, cáe na fatalidade das suas faltas ou na das suas virtudes. Luiz XVI estava neste caso. Toda a despopularidade da realeza em França, todas as faltas das precedentes administrações, todos os vicios dos reis, todas as vergonhas das cortes, todas as queixas dopovo, haviam, por assim dizer, acomulado-se impendentes á sua cabeça, e marcado a sua fronte innocente para a expiação de muitos seculos. As epochas, á semelhança das religiões, teem tambem os seus sacrificios. Quando querem renovar uma instituição que lhes não agrada já, amontoam sobre o homem que personifica essa instituição; todo o odioso e toda a condemnação que significam ao tempo. Luiz era essa victima da propria instituição. Fizeram desse homem uma victima innocente, porém sobrecarregada de todas as iniquidades dos thronos, e que devia ser immolada em castigo da realesa. Eis o rei.

XII. A rainha parecia creada pela natureza para contrastar com o rei, e atrair para sempre o interesse e a piedade dos seculos sobre um desses dramas de Estado, que nunca são completos senão quando os infortunios de uma mulher os concluem. Filha de Maria Theresa, principiara a sua vida nas tempestades da monarchia austriaca. Era uma dessas creanças que Maria Theresa segurava pela mão quando se apresentou supplicante na presença dos leaes Hungaros, e quando estas tropas gritaram: «Morrâmos pelo *nosso rei* Maria Thereza!» A sua filha tinha tambem o coração de um rei. Quando chegou a França, a sua belleza deslumbrou o reino. Estava então em todo o seu fulgor.

Era alta, esvelta, agil: uma verdadeira filha do Tyrol. Os dois filhos que ella dera ao throno, longe de a abater, acrescentavam á impressão da sua pessoa esse caracter de magestade que assenta mui bem na mãe de uma nação. O presentimento de suas desgraças, a recordação das scenas tragicas de Versailles, as inquietações de cada dia, faziam unicamente empalidecer um pouco a sua primeira belleza. A magestade natural do seu talhe não prejudicava em cousa alguma a graça dos seus movimentos; o seu pescoço, bem destacado dos hombros tinha essas magnificas inflexões que dão tanta expressão ás actitudes. Na rainha distinguia-se a mulher; sob a magestade da sorte revelava-se a ternura do coração. Seus cabellos de um louro torrado eram compridos, bastos, e lustrosos; sua fronte, alta e um pouco arqueada, vinha juntar-se ás fontes por essas curvas finas que dão tanta delicadesa e sensiblilidade a esta séde do pensamento ou da alma nas mulheres; os olhos d'aquelle azul claro que recorda o ceo do Norte ou as aguas do Danubio; o nariz aquilino, as ventas bem abertas e ligeiramente grossas, onde as emoções palpitavam, signal de coragem; uma boca grande, dentes alvissimos, os la-

bios austriacos, isto é salientes e recortados ; o perfil do rosto oval, a physionomia mobil, expressiva, apaixonada, e sobre o todo d'estas feições, esse brilhantismo que se não póde descrever, que jorra, rebenta do olhar, da sombra, ou do reflexo do rosto, que o envolve d'um brilho semelhante ao vapor quente e colorido, em que nadam os objectos feridos do sol — derradeira expressão de formosura que lhe dá o ideal, que a vivifica e a enche de attractivos. Com todos estes encantos, uma alma sequiosa de dedicação e affeições, um coração facil a commover-se, mas só pedindo em que se fixar ; um sorriso pensativo e intelligente que nada tinha de banal : intimidades e preferencias, porque ella se sentia digna de amizades. Eis Maria Antonieta como mulher.

XIII. — Era sufficinte para fazer a felecidade d'um homem e o ornamento de uma corte. Para inspirar a um rei indeciso e para salvar um Estado em circunstancias difficeis, era mister mais : carecia-se do genio do governo ; e a rainha não o tinha. Nada a havia podido preparar para manejar as forças desordenadas que se agitavam em roda d'ella : a desgraça não lhe tinha dado o tempo da reflexão. Acolhida com embriaguez por uma corte preversa e uma nação ardente, ella devia ter acreditado na eternidade dos seus sentimentos. Ella adormecêra nas dissipações de Trianon. Tinha ouvido os primeiros rugidos da tempestade sem acreditar no perigo : tinha-se fiado no amor que ella inspirava, e que sentia no seu coração. A côrte tornava-se exigente, a nação hostil. Instrumento das intrigas da côrte sobre o coração do rei, ella tinha primeiro favorecido, e depois combatido todas as reformas que podiam prevenir ou addiar as crises. A sua politica não era senão uma preoccupação ; o seu systema não era mais que um alternativo abandono a todos aquelles que lhe promettiam a salvação do rei. O conde de Artois, moço principe, cavalheiresco nas formas, tinha tomado imperio sobre o seu espirito. Elle fiava-se na nobresa ; falava da sua espada, e ria-se da crise. Elle desdenhava este ruido de palavras, e machinava contra os ministros ; desflorava assim as transacções. A rainha embriagada de adulações por aquelle cortejo que a cercava, impelia o rei a retomar no dia seguinte o mesmo que na vespera havia concedido. A sua mão conhecia-se em todas as perplexidades do governo. Os seus quartos eram o foco de uma grande conspiração perpetua contra o governo ; a nação acabou por se aperceber disso, e aborrecêl-a. O seu nome veio a ser para o povo o fantasma da contra-revolução. Está-se prompto a calumniar o que se receia. Pintavam-a sob a feição de uma Messalina. Faziam-se circular pamphletos os mais infames, e anedoctas as mais escandalosas foram acreditadas. Podiam acusal-a de ternura ; de depravação nunca. Bella, moça e adorada, se o seu coração não ficou insensivel, os seus sentimentos misteriosos, innocentes talvez, nunca se manifestaram em escandalos. A historia tambem tem o seu pudor, e nós não o profanaremos.

XIV. — Nos acontecimentos dos dias 5 e 6 de outubro, a rainha se apercebeu já bastante tarde da inimizade do povo ; a vingança devia tentar o seu coração. A emigração principiou, e ella vio-a com favor. Todos os seus amigos estavam em Coblentz ; suppunha-se-lhes cumplicidade com elles. Estas cumplicidades eram reaes. Principiaram a fazer correr por entre o povo as fabulas de uma commissão austriaca. Accusaram a rainha de conjurar a perda da nação, que a todos os momentos pedia a sua cabeça. O povo sublevado tem necessidade de aborrecer alguem ; entregaram-lhe a rainha. O nome d'ella foi cantado nas coleras do povo. Uma mulher foi a inimiga de uma nação inteira. A sua altivez desdenhou de a desenganar. Reconcentrou-se no seu ressentimento, e no seu terror. Encerrada no palacio das Tuillerias, não era senhora de deitar a cabeça fóra da janella sem provocar o ultraje e ouvir o insulto. Cada sussurro da cidade se lhe figurava uma insurreição. Seus dias passava-os ella tristes e sombrios, as suas noites eram agitadas ; no decurso de dois annos o seu supplicio foi de todas as horas, e multiplicava-lh'o dentro do seu coração o amor que nutria pelos seus dois filhos, e as inquietações pela sorte do rei. A sua corte estava vasia : não vendo em torno de si mais do que authoridades carrancudas e suspeitosos, ministros impostos, e o sr. de La Fayette, ante o qual ella propria se via obrigada a disfarçar. Os seus mesmos criados eram os seus espiões. Precisava enganal-os para combinar com os poucos amigos que lhe tinham ficado. Escadas occultas, corredores sombrios conduziam de noite ao cume do castello os conselheiros secretos que ella chamava cerca de si. Estes conselhos assimilhavam-se a conjurações ; d'elles sahia sempre com pensamentos differentes ; sitiava a alma do rei, cujo comportamento contrahia assim a incoherencia de uma mulher nas ultimas extremidades.

Medidas de força, corrupção da assembléa, annuencia sincera á constituição, ensaios de resistencia, attitude da dignidade real, fraqueza, terror e fuga, tudo se concebia, tentava, preparava, combinava, e abandonava no mesmo dia. As mulheres, sublimes na dedicação, raras vezes possuem o espirito de perseverança e imperturbabilidade necessaria a um plano politico. Sua politica está no coração, sua paixão está mui perto da sua rasão. De todas as virtudes do throno ellas unicamente têem a da coragem ; são muitas vezes heroes ; poucas homens de Estado. A rainha foi mais um exemplo d'isto. Fez bastante mal ao rei : dotada de mais espirito, alma e caracter do que elle, a sua superioridade unicamente servio de lhe inspirar confiança em funestos conselhos. Foi simultaneamente o encanto das suas desgraças, e o genio da sua perda. Conduzio-o até ao cadafalso, mas tambem ahi subio com elle.

XV. O lado direito da assembléa nacional compunha-se de inimigos naturaes do movimento : a nobresa e o alto clero. Com tudo não estavam todos nem no mesmo grão nem no mesmo titulo. As sedições não passam de ser as coleras do povo ; as revoluções são as ideias de uma epocha. As ideias tem principio na cabeça da nação A revolução francesa era um pensamento generoso da aristocracia. Este pensamento cahira entre as mãos do povo, que delle fez uma arma contra a nobresa, contra o throno, e contra a religião. Filosofia nos salões, transformou-se em revolta nas ruas. Não obstante, todas as grandes casas do reino haviam dado apostolos aos primeiros dogmas da revolução ; os Esatdos Geraes, antigo theatro da importancia e dos triumphos da alta nobresa, haviam despertado a ambição dos seus herdeiros ; e estes tinham marchado á frente dos reformadores. O espirito de corporação não havia podido retel-os, quando se tractou de se reunir ao terceiro estado. Os Montmorency, os Lally-Tolendal, os Virieu, os d'Aiguillon, os Lauzun, os Montesquiou, os Lameth, os Mirabeau, o duque de Orleans, o primeiro principe de sangue, o conde de Provença, irmão do rei, o proprio rei, depois chamado Luiz XVIII tinham dado impulso ás innovações as mais aventurosas que era possivel. Tinham emprestado todos elles o seu credito de algumas horas a principios, que era mais facil assental-os do que moderal-os. A maior parte destes creditos haviam desapparecido. Apenas estes theoricos da revolução expeculativa se aperceberam de que a corrente os levava de envolta, tentaram remontal-a, onde tinha sahido do seu leito : uns se alinharam de novo em volta do throno, outros emigraram depois dos successos de 5 e 6 de outubro. Alguns mais corajosos ficaram no seu logar em a assemblea nacional ; combatiam sem esperança, mas gloriosamente, por uma causa perdida ; esforçavam-se por manter ao menos um poder monarchico, e abandonaram ao povo, sem lhos disputar, os despojos da nobresa e da egreja. Eram deste numero Cazalés, o abbade Maury, Malhouet, e Clermont-Tonnere, que foram os oradores notaveis deste partido moribundo.

Clermont-Tonnere e Malhouet eram mais homens de Estado, do que oradores ; sua palavra segura e reflectida só impressionava a rasão. Procuravam o equilibrio entre a liberdade e a monarchia, e julgavam tel-o encontrado no systema inglez das duas camaras. Os moderados dos dois partidos escutavam respeitosamente a sua voz. Como todos os semi-partidos, e semi-talentos, não excitavam nem odio, nem colera. Mas os acontecimentos não escutavam, e marchavam para resultados mais absolutos, afastando-os para os lados. Maury e Cazalés, menos philosofos, eram os dois athletas do lado

direito ; suas naturezas eram differentes, mas o seu poder oratorio quase igual. Maury representava o clero a que pertencia ; Cazalès a nobresa da qual fazia parte. Um delles, Maury, acostumado havia muito ás luctas da polemica sacra, tinha aguçado e polido no pulpito a eloquencia que devia transportar para a tribuna. Sahido das ultimas hierarchias do povo, não pertencia ao antigo regimen senão pelo habito ; defendia a religião e a monarchia, como dois textos que tivesse escolhido para os seus discursos. Sua convição era um papel : qualquer outro papel conviria igualmente á sua natureza. Porem elle sustentava com admiravel coragem, e excellente caracter aquelle que a situação lhe entregára. Nutrido de estudos serios, dotado de uma locução abundante, viva e colorida, os seus discursos eram tractados completos das materias sobre que discutia. Unico rival de Mirabeau, só lhe faltava, para o poder igualar, uma causa mais nacional e verdadeira ; mas o sofisma dos abusos não podia revistir-se de cores mais especiosas do que aquellas com que Maury coloria o antigo regimen. A erudicção historia de mãos dadas com a erudição sagrada forneciam-lhe os argumentos. O arrojo do seu caracter e da sua lingoagem inspiravam-lhe dessas palavras que se vingam até mesmo de uma derrota. Sua bella apparencia, sua voz sonora, seu gesto imperioso, o menosprezo e galhardia com que afrontava os tribunos, muitas vezes arrancava applausos aos proprios inimigos. O povo, que conhecia a invencibilidade da sua força, devertia-se de ver aquella resistencia importante. Maury era uma resistencia impotente. Maury era qual um desses gladiadores que se gosta de ver combater, apesar mesmo de se saber que elles hão-de morrer. Só uma cousa faltava ao abbade Maury : a authoridade da palavra. Nem o seu nascimento, nem a sua fé, nem os seus costumes inspiravam respeito a quem o ouvia. No homem descubria-se logo o actor ; na causa o advogado : o orador e a palavra não eram um mesmo. Tirassem ao abbade Maury o habito na sua ordem, e sem esforço elle mudaria do lado em que estava, e até mesmo iria tomar posição entre os innovadores. Oradores assim adornam um partido, porem não o salvam.

XVI. — Cazalès era um desses homens que se desconhecem a si proprios até o momento em que as circumstancias lhes revelam um genio assignalando-lhes um dever. Official obscuro nas fileiras do exercito, o acaso que o arrojou á tribuna descubriu-lhe que elle era orador. Não procurou pois a causa que defenderia : nobre, a nobresa; realista, o rei ; subdito, o throno. A sua situação foi quem fez a sua doutrina. Levou á assemblea o caracter e as virtudes do seu uniforme. A palavra foi para elle uma espada mais : votou-a com uma cavalheiresca dedicação á causa da monarchia. Perguiçoso e pouco instruido, rapidamente o seu bom senso suppriu ao estudo. A sua fé monarchica não era porem o fanatismo do passado : admittia as modificações recebidas pelo proprio rei, e compativeis com a inviolabilidade do throno e acção do poder executivo. De Mirabeau a elle, não havia sensivel distancia no dogma ; porém um queria a liberdade como aristocrata, e outro queria-a como democrata. Um arremessara-se para o centro do povo ; o outro prendêra-se aos degráos do throno. O caracter da eloquencia de Cazalès, era o caracter de uma eloquencia desesperada. Mais protestava do que discutia; oppunha aos violentos triumphos da esquerda os seus reptos ironicos, as suas pungentes indignações que subjugavam momentaneamente a admiração, porem não recondusiam a victoria. A nobresa deveu-lhe o cair com gloria, e o throno com magestade ; e pelo que respeita a elle proprio a sua eloquencia teve algum tanto de heroismo.

Por traz destes dois homens nada mais havia do que um partido irritado pelo infortunio, desanimado pelo seu isolamento em a nação, odioso ao povo, inutil ao throno, repasssando-se das mais vãas illusões, e não conservando da potencia abatida mais do que o ressentimento da injuria, e a insolencia que provoca novas humiliações. As esperanças deste partido já se repousavam então todas inteiras na intervenção armada das potencias estrangeiras. Luiz XVI aos olhos delles não era mais do que um rei prisioneiro a quem a Europa viria libertar. O patriotismo e a honra estavam, para elles, em Coblentz. O lado direito, vencido pelo numero, desprovido de chefes habeis que soubessem immortalisar as retiradas, sem força contra o espirito do seculo, e recusando-se a transigir, só podia apellar para a vingança. A sua politica não era mais do que uma imprecação.

O lado esquerdo acabava de perder em Mirabeau o seu chefe e o seu moderador. O homem nacional não existia. Restavam os homens de partido : estes eram Barnave, e os dois Lameth. Estes homens, humilhados pelo ascendente de Mirabeau, tinham ensaiado, muito tempo antes da sua morte, contrabalancear a soberania do seu genio pela exaggeração de suas doutrinas e discursos. Mirabeau era o apostolo : elles queriam ser os facciosos da epocha. Ciosos da pessoa daquelle, tinham julgado que offuscariam o seu talento pela superioridade do seu popularismo. As mediocridades entendem igualar o genio, ultrapassando a razão. No lado esquerdo operara-se uma scisão de quarenta votos. Barnave e os Lameth inspiravam-os. O club dos amigos da constituição, que tomou o titulo de club dos jacobinos, correspondiam-lhes fora da assembléa. A agitação popular era excitada por elles, e refreada por Mirabeau, que enfileirava contra elles a esquerda, o centro, e os membros mais rasoaveis do lado direito. Conspiravam, intrigavam, fomentavam as divisões na opinião mais do que governavam a assembléa. Morto Mirabeau o campo ficava-lhes livre.

Os Lameth, homens de corte, elevados pelas bondades da familia real, accumulados dos favores e pensões do rei, tinham aquellas resplandecentes defecções de Mirabeau, sem terem comtudo a escusa dos seus aggravos contra a monarchia. Esta defecção era um dos seus titulos ao favor popular. Homens bastante habeis, elles levavam á causa nacional a intriga das cortes onde tinham medrado. Portanto era desinteressado e sincero o seu amor á revolução ; porem os seus talentos distinctos não lhes igualavam a ambição. Sobrepujados por Mirabeau, amotinavam contra elle todos os que, como elles, a sombra daquelle grande homem eclypsava. Buscavam um rival para lhe oppôr, e não encontravam senão invejosos. Barnave appresentou-se. Fiseram-lhe logo côrte e applaudiram-o; deslumbraram-o com a sua importancia. Persuadiram-o de que frazes eram politica ; que um rethorico era um homem de Estado.

Mirabeau foi assás grande para não o receiar, e bastante justo para não o desprezar. Barnave, moço advogado do Delphinado ; estreara-se brilhantemente nesses conflictos entre o parlamento e o throno que agitaram a sua provincia, e exerceu em tão pequeno theatro a eloquencia dos homens do fôro. Enviado na edade de trinta annos aos Estados Geraes com Maunier seu patrono e seu mestre, promptamente abandonara Maunier e o partido monarchico, para se distinguir no partido democratico. Uma phrase sinistra que elle soltou não do coração, mas dos labios, pesava sobre a sua consciencia como um remorso. « O sangue que corre é acaso tão puro ? » exclamara elle quando teve logar a primeira morte da revolução. Esta fraze marcara-o na fronte com o signal dos facciosos. Barnave não o era, ou só o era quanto necessario fosse para o exito dos seus discursos. Extrêmos nelle só os havia como orador ; homem, não era delles, e ainda menos era cruel. Estudioso, mas sem ideia ; facundo, mas sem calor, era uma mediana intelligencia, uma alma honrada, uma vontade fluctuante, um coração recto. O seu talento que se affectava comparar ao de Mirabeau, não passava de ser a arte de encadear com habilidade considerações vulgares. A pratica do tribunal dera-lhe no improviso, uma superioridade apparente, que se evaporava ao contacto da reflexão. Os inimigos de Mirabeau com as suas raivas lhe erigiram o pedestal, e engrandecêram-o para o comparar. Quando elle foi reduzido ao seu verdadeiro talhe, reconheceu-se toda a distancia que havia entre o homem da nação e o homem de fôro. Barnave teve a desgraça de ser o maior homem de um partido mediocre, e o heroe de um partido invejoso. Merecia melhor sorte, e mais tarde conquistou-a.

XVII. Na sombra ainda, e por traz dos chefes da assembléa nacional, um homem quasi conhecido, começava a

mover-se, agitado de um pensamento inquieto que parecia prohibir-lhe o silencio e o repouso; tentava em todas as occasiões a palavra, e atacava indifferentemente todos os oradores, até mesmo a Mirabeau. Precipitado hoje da tribuna, amanhã subia novamente a ella; humilhado pelos sarcasmos, suffocado pelos murmurios, regeitado de todos os partidos, desapparecendo por entre os grandes athletas que fixavam a attenção publica, era sem cessar vencido, mas nunca cansava. Parecia que um genio intimo e profetico lhe revelava antecipadamente a vaidade de todos estes talentos, e a omnipotencia da vontade e da paciencia, e lhe dizia n'alma: Esses homens que te desprezam, pertencem-te: todas as sendas dessa revolução que não quer encarar-te, virão parar em ti, por que te colocaste no caminho como inevitavel excesso que todo o impulso tem a superar! Este homem era Robespierre.

Ha abysmos que ninguem ousa sondar, e caracteres que se não querem profundar, com medo de encontrar nelles muitas trevas e muito horror; porem a historia, que tem a vista impassivel do tempo, não deve parar ante esses terrores, porque deve comprehender o que se encarrega de contar.

Maximiliano Robespierre tinha nascido em Arras, de uma familia pobre, honrada e respeitada. Seu pae, que morreu em Alemanha, era de origem ingleza. Isto explica o que havia de puritano naquella natureza. O bispo de Arras tinha provido á sua educação. O moço Maximiliano distinguira-se, ao sair do collegio, por uma vida estudiosa, e costumes austeros. Entre as letras e a tribuna compartia o seu tempo. A philosophia de João-Jacques-Rousseau penetrara profundamnnte a sua intelligencia; esta philosophia cahindo n'uma vontade activa, não permaneceo letra morta: transfigurou-se nelle em um dogma, em uma fé, n'um fanatismo.

Toda a convicção, na alma forte de um sectario se transforma em uma seita. Robespierre era o Luthero da politica; incumbava na obscuridade o pensamento confuso da renovação do mundo social e do mundo religioso, como um sonho que atormentava sempre a sua mocidade, quando a revolução lhe veio offerecer o que o destino offerta sempre a todos que espiam a sua marcha — a occasião. Apoderou-se della. Foi nomeado deputado aos Estados Geraes. De todos esses homens que abriam em Versailles a primeira scena desse drama immenso, era o unico talvez que entrevia o seu desenlace. A' similhança da alma humana, cuja séde no corpo humano os philosophos ignoram, o pensamento de um povo inteiro repousa algumas vezes no individuo o mais ignorado de uma vasta multidão. É preciso não desprezar ninguem, porque o destino marca na alma, e não na fronte. Robespierre, nem no nascimento, nem no genio, nem no exterior tinha alguma dessas cousas que o apontasse á attenção dos homens. Nenhum esplendor sahira delle; seu pallido talento só fulgurára no foro e nas academias da sua provincia: alguns discursos verbosos, cheios de uma philosophia sem musculos e quasi pastoril; algumas poesias frias e affectadas, tinham inutilmente estampado o seu nome nas publicações litterarias da epocha: era mais que desconhecido — era mediocre e desdenhado. Suas feições não tinham nada do que faz demorar a vista, quando ella se espraia por uma grande assembléa; nada estava escripto em caracteres physicos sobre aquella potencia toda interna. Era a derradeira palavra da revolução, mas ninguem a podia ler.

Robespierre era pequeno de corpo, seus membros delgados e angulosos, seu andar saccudido, suas actitudes affectadas, seus gestos sem harmonia e sem graça. A voz, um pouco acre, buscava as inflexões oratorias, e não encontrava senão a fadiga e a monotonia. A sua fronte era bella, mas pequena, muito arredondada por cima das fontes, como se a massa e o movimento embaraçado dos seus pensamentos a tivessem alargado á força de esforços; seus olhos muito cobertos pelos palpebras, e muito agudos nas extremidades, enterravam-se profundamente nas cavidades das suas orbitas; despediam um brilho azulado assás doce, mas vago e fluctuante como o reflexo do aço ferido pela luz; o nariz direito e pequeno, era muito aguçado pelas ventas levantadas e muito abertas; a boca grande, os beiços delgados e desagradavelmente contrahidos nos cantos, a barba pequena e aguda, a côr de um amarello livido, qual de um doente, ou de um homem consummido de vigilias e meditações. A expressão habitual deste rosto era uma serenidade superflua sobre um fundo grave, e um surriso indeciso entre o sarcasmo e a graça. Havia nelle doçura, porém uma doçura sinistra. O que dominava no todo da sua physionomia era a prodigiosa e continua tensão da fronte, dos olhos, da boca, e de todos os musculos da face. Via-se, observando-o, que todas as feições do seu rosto, assim como todo o trabalho da sua alma, convergiam sem distracção sobre um unico ponto, com um tal poder, que não havia neste caracter nenhum desperdicio de vontade, e parecia vêr já de antemão o que elle queria cumprir, como se já realmente tivesse isso diante dos olhos.

Tal era então o homem que devia absorver em si todos estes homens, e fazer delles as suas victimas depois de os ter feito seus instrumentos. Não era de nenhum partido, e sim de todos os partidos que alternativamente serviam o seu ideal da revolução. Estava nisto a sua força, porque os partidos paravam; e elle não parava. Collocava este ideal como um alvo na frente de cada movimento revolucionario, marchava para elle com aquelles que queriam alcançal-o; depois, quando a balisa já estava ultrapassada, collocava-o ainda mais longe e marchava ainda com outros homens, continuando assim sem nunca se desviar, sem nunca parar, sem nunca recuar. A revolução dizimada no seu caminho, devia inevitavelmente resumir-se um dia n'uma derradeira expressão. Queria que essa expressão fosse elle. Havia-se-lhe incorporado todo, principios, pensamentos, paixões, e coleras. Incorporando-se-lhe todo inteiro, forçava-a a incorporar-se um dia nelle. Este dia ainda estava longe.

XVIII. Robespierre, que muitas vezes tinha combatido Mirabeau, em companhia com Duport, os Lameth e Barnave, principiava a separar-se delles depois que dominavam a assembléa. Formava, com Pethion e alguns homens obscuros, um pequeno grupo de opposição radicalmente democratica, que animava os jacobinos fóra da assembléa, e que ameaçava Barnave e os Lameth todas as vezes que elles eram tentados a parar. Pethion e Robespierre, na assembléa, Brissot e Danton, no club dos jacobinos, formavam o germen do novo partido que ia accelerar o movimento, e convertel-o bem depressa em convulsões e catastrofes.

Pethion era um La Fayette do povo, a popularidade era o seu fim: alcançou-a mais depressa do que Robespierre. Advogado sem talento, mais probo, não tendo apprendido na philosophia senão os sophismas do Contracto social; mancebo, bello, patriota, estava destinado a ser um desses idolos complascentes de que o povo faz tudo quanto quer, menos um homem. O seu credito nas praças publicas e nos jacobinos davam-lhe certa authoridade na assembléa. Escutavam-o como um ecco significativo das vontades fóra della. Robespierre affectava respeital-o.

XIX. Acabara-se a constituição. O poder real continuava alli só nominalmente; o rei era sómente o executor das ordens da representação nacional, e os seus ministros eram os refens responsaveis entre as mãos da assembléa. Conheciam-se os vicios desta constituição mesmo antes de concluida. Votada no meio da colera dos partidos, não era uma constituição, era uma vingança do povo contra a monarchia, não subsistindo o throno senão para guardar o logar de um poder unico que se instituia por toda a parte, mas que ainda se não ousava nomear. O povo, os partidos tremiam, arrebatando o throno, descubrir um abysmo onde a nação se sepultasse; estava tacitamente convencionado respeital-o pela fórma, despojando e ultrajando diariamente o desgraçado monarcha que ahi tinham encadeado. As cousas estavam nesse ponto em que ellas não tem outro desenlace senão uma quéda. O exercito, sem disciplina, accrescentava um elemento mais á fermentação popular; abandonado dos seus officiaes, que emigravam em massa, os officiaes inferiores apoderavam-se delle, e transportavam a democracia para as suas fileiras: filiados, em todas as guarnições, no club dos jacobinos, ahi recebiam a palavra da ordem, e faziam dos seus regimentos soldados da anarchia, e cumplices dos facciosos. O povo, a quem se entregára em presa os direitos feudaes da nobreza, e os

dizimos do clero, temia com desasocego que se lhe arrancasse o que elle possuia, e em toda a parte via conspirações: prevenia-as com crimes. O repentino regimen da liberdade, para o qual não estava preparado, aceitara-o sem se fortificar; mostrava todos os vicios dos libertos, sem ter nenhuma das virtudes do homem livre. A França inteira era uma sedição. A anarchia governava: e para ella mesma ser, por assim dizer, governada, creára o seu governo em tantos clubs quantas eram as municipalidades que haviam no reino.

O club predominante era o dos jacobinos, e ahi é que estava a centralisação da anarchia. Apenas uma vontade poderosa e apaixonada revolve uma nação, essa vontade commum aproxima os homens, o individualismo cessa, e a associação legal ou illegal organisa a paixão publica. As sociedades populares nasceram assim. Logo aos primeiros ameaços da côrte contra os Estados geraes, alguns deputados bretões se reuniram em Versailles, e formaram uma sociedade para vigiarem as tramas da côrte, e assegurar o triumpho da liberdade. Eram seus fundadores Sieyés, Chapelier, Barnave, Lameth. Depois dos acontecimentos de 5 e 6 de outubro o club bretão, transportado a Paris apoz a assemblea nacional, ahi se chrismou em o nome mais energico de—sociedade dos amigos da constituição. Estava estabelecido no antigo convento dos Jacobins-Saint-Honoré (convento da ordem de S. Domingos) não longe do Manége, onde a assemblea nacional fazia as suas sessões. Os deputados que o tinham fundado, no principio sómente para si, franquearam-lhe as portas aos jornalistas, escriptores revolucionarios, e por fim a todos os cidadãos. Eram as unicas condições da admissão, a apresentação do candidato por dois membros da sociedade e um escrutinio sobre a moralidade delle. O publico era admittido ás sessões por cençores encarregados de examinarem os bilhetes de entrada. Um regimento, uma mesa, um presidente, correspondencias, secretarios, uma ordem do dia, uma tribuna, e oradores, transportavam para estas reuniões todas as formulas das assembleas deliberativas. Eram as assembleas do povo, menos a eleição e a responsabilidade. A paixão era só quem dava o mandato. Em logar de fazerem leis, ellas faziam unicamente a opinião.

As sessões tinham logar de noite, para o povo não estar impedido de lhes assistir pelos trabalhos do dia. Os actos da assemblea nacional, os acontecimentos do momomento, o exame das questões sociaes, as mais das vezes as accusações contra o rei, os ministros, o lado direito da mesma assemblea, eram os textos das suas discussões. De todas as paixões do povo, aquella que ahi mais se lisongeava era o odio: faziam-o desconfiar, para o dominarem. Convencido de que tudo conspirava contra elle, rei, rainha, côrte, ministros, authoridades, potencias estrangeiras, lançava-se com desespero nos braços dos seus defensores. A seus olhos o mais eloquente era o que o penetrava de mais receio. Tinha sêde de denuncias, e prodigalisavam-lhas. Foi assim que Barnave, os Lameth; depois Danton, Marat, Brissot, Camillo Desmoulins, Pethion, Robespierre conquistaram a sua authoridade sobre o povo. Estes nomes tinham engrandecido com a sua colera; entretinham portanto essa mesma colera, para continuarem a avultar. As sessões nocturnas dos jacobinos e dos franciscanos abafavam muitas vezes o eccho das sessões da assemblea nacional. A minoria, vencida no *Manege*, vinha protestar, accusar, e ameaçar nos jacobinos.

O proprio Mirabeau, accusado por Lameth a respeito de uma lei sobre a emigração, fôra, poucos dias antes de morrer, ouvir de cara á cara, as invectivas do seu denunciante. Não desdenhara justificar-se. Os clubs eram a força externa, onde os intrigantes da assemblea appoiavam os seus nomes para intimidar a representação nacional. Esta não tinha senão a lei; o club tinha o povo, a sedição, e o proprio exercito.

XX — Esta opinião publica, organisada assim em associação permanente em todos os pontos do imperio, despedia um impulso electrico, ao qual nada podia resistir. Uma moção feita em Paris, repercutia, de club em club, ate aos extremos das provincias. A mesma faisca acendia, na mesma hora, identica paixão, em milhões de almas. Todas as sociedades se correspondiam entre si, e com a sociedade mãi. O impulso communicava-se, e a repercussão sentia-se todos os dias. Era o governo das facções enlaçando nas suas rêdes o governo da lei. Porém a lei era muda e invisivel, e a facção eloquente e visivel.

Imagine-se uma destas sessões na qual os cidadãos, agitados já pelo tempestuoso da epocha, vinham tomar logar, ao cahir da noite, n'uma dessas naves recentemente conquistadas a outro culto. Algumas luzes trazidas pelos afiliados esclareciam imperfeitamente o sombrio recinto: paredes desguarnecidas, bancos de madeira, uma tribuna em logar de altar. Em roda dessa tribuna algum dos oradores queridos do povo acotevelando-se para obterem a palavra. Uma multidão de pessoas de todas as classes, de todos os costumes, ricos, pobres, soldados, artistas; mulheres, que levam a paixão, o enthusiasmo, o enternecimento, e as lagrimas a toda a parte onde entram; creanças que ellas levantam nos braços, como para lhes fazer aspirar mui cedo a alma de um povo irritado; um soturno silencio, interrompido pelo estridor de vozes, applausos ou imprecações, segundo quanto o orador que pede a palavra é amado, ou abborecido; depois discursos incendiarios, revolvendo até o fundo, com palavras magicas, as paixões d'esta multidão nova ás impressões da palavra; o enthusiasmo real em uns, e simulado n'outros; as moções ardentes, os donativos patrioticos, as corôas civicas, os bustos dos grandes republicanos passeados triumphalmente; os symbolos da superstição da aristocracia queimados; os canticos demagogos vociferados, em choro, no principio e no fim de cada sessão:—que povo, mesmo em tempos tranquillos, resistiria ás pulsações d'esta febre, cujos accessos periodicamente se renovavam todos os dias. desde os fins do anno de 1790, em todas as cidades do reino!

Era o regimen do fanatismo precedendo o regimen do terror. Tal era a organisação do club dos jacobinos.

XXI — O club dos franciscanos, que se confundio algumas vezes com o dos jacobinos, ainda ultrapassava este em turbulencia e demagogia. Marat e Danton ahi dominavam.

O partido constitucional moderado tentára tambem as suas reuniões. Porém a paixão falta ás reuniões defensivas; só a offensiva grupa as facções. Ellas se estinguiram por si mesmas até á fundação do club dos *feuillants.* O povo dissipou ás pedradas, as primeiras reuniões de deputados em casa do senhor de Clermont-Tonnerre. Barnave injuriou na tribuna os seus collegas, e votou-os á execração publica, com a mesma voz com que convidára a reunir os *Amigos da Constituição*. A liberdade não era ainda mais do que uma arma parcial, que se despedaçava, sem pudor, nas mãos dos seus inimigos.

Que restava ao rei, entalado assim entre uma assembléa que tinha usurpado todas as funções executivas, e estas reuniões facciosas, que usurpavam todos os direitos da representação? Collocado sem forças proprias entre estes dois poderes rivaes, elle não estava alli senão para aparar o contra-golpe da sua lucta, e para ser lançado, todos os dias, em sacrificio pela assembléa nacional á popularidade. Uma unica força mantinha ainda de pé a sombra do throno:—e a ordem externa, era a guarda nacional de Paris. Porém a guarda nacional era uma força neutra, que não recebia da lei senão a opinião; e que fluctuando mesmo entre as facções e a monarchia, podia bem manter a segurança nas praças publicas, mas não podia servir de apoio firme e independente a um poder politico. Ella era em si o povo. Qualquer intervenção séria contra a vontade do povo lhe teria parecido um sacrilegio. Era um corpo de policia municipal, e não podia nunca ser tambem o exercito do throno e da constituição. Tinha nascido de si mesma, no dia seguinte a 14 de julho, nos degráus do *Hotel-de-Ville*; não recebia ordens senão da municipalidade. A municipalidade dera-lhe por chefe o marquez de La-Fayette; não podia ter escolhido melhor; o povo honrado, dirigido pelo seu instincto, não podia escolher um homem que o representasse mais fielmente.

XXII — O marquez de La-Fayette, era patricio, pos-

suidor de uma grande fortuna, e alliado, por sua murlhe — filha do duque de Ayen — com as mais illustres familias da côrte. Nascido em Chavagnac, no Auvergne, a 6 do setembro de 1757, casado na edade de 16 annos, um prematuro instincto de fama e renome o levára, em 1777 fora da sua patria.

Era a epocha da independencia da America ; o nome de Washington soava nos dois continentes. Uma creança sonhou o mesmo destino para si na côrte de Luiz XV : esta creança foi La Fayette. Armou secretamente dois navios, carregou-os de armas e munições para os insurgentes, e chegou a Boston. Washington acolheu-o como acolheria um soccorro que publicamente a França lhe enviasse. Era a França, menos a sua bandeira. La Fayette, e os officiaes que o seguiram contastavam os votos secretos de um grande povo pela independencia de um novo mundo. O general americano empregou o sr. de La Fayette nessa longa guerra, cujos mais pequenos combates tomavam, atravessando os mares, a importancia de grandes batalhas. A guerra da America, mais notavel pelos resultados do que pelas campanhas, era mais propria a formar republicanos do que guerreiros. O sr. de La Fayette a fez com heroismo e dedicação. Conquistou a amizade de Washington. Um nome francez foi escripto por elle na acta do nascimento d'uma nação transatlantica. Este nome voltou para a França como um echo de liberdade e de gloria. A popularidade, que se liga a tudo quanto brilha, apoderou-se de La Fayette no regresso á sua patria. Ella embriagou o moço heroe. A opinião o adoptou, a opera o applaudiu, as actrizes o coroaram ; A rainha sorrio-lhe; o rei fêl-o general; Franklin o creou cidadão; o enthusiasmo nacional transformou-o em seu idolo. Esta embriaguez do favor publico decidiu da sua vida. La Fayette achou esta popularidade tão dôce, que não quiz consentir em perdel-a. Os applausos não são a gloria. Mais tarde elle mereceu aquella de que era digno. Deu á democracia o seu caracter—a honradez.

Em 14 de julho, o sr. de La Fayette achou-se prompto para ser elevado sobre os escudos da bourguezia de Pariz. Censor da côrte, revolucionario de boa casa, aristocrata por nascimento, democrata por principios, brilhando com uma fama militar adquirida ao longe, reunia muitas condições para enfileirar em torno de si uma milicia civica, e vir a ser, nas revistas do Campo de Marte, o chefe natural de um exercito de cidadãos. A sua gloria da America reflectia sobre Pariz. A distancia engrandece todo o prestigio. O seu, era immenso. Este nome resumia e ecclypsava tudo. Necker, Mirabeau, o duque de Orleans—estas tres vigorosas popularidades—ficaram mais pallidas. La Fayette foi durante tres annos o nome da nação. Arbitro supremo, levava á assembléa a sua authoridade de commandante da guarda nacional : e trazia á guarda nacional a sua authoridade de membro influente da assembléa. Destes dois titulos reunidos elle se fazia uma verdadeira dictadura da opinião. Como orador elle confiava pouco : a sua palavra debil, ainda que espirituosa e fina, não tinha nada desse golpe firme e electrico que fere o espirito, vibra o coração, e communica a sua repercussão aos homens reunidos. Elegante como uma palavra de salão, e embaraçado nas circumlações de uma intelligencia diplomatica, elle fallava da liberdade em uma linguagem de côrte. O unico acto parlamentar do sr. de La Fayette foi a proclamação dos *direitos do homem*, que fez adoptar, pela assembléa nacional. Este decalogo do homem livre, encontrado nas florestas da America, continha mais phrases methaphysicas do que verdadeira politica. Ajustava-se tão mal a uma sociedade velha, como a nudez selvagem ás complicadas necessidades do homem civilisado. Tinha porem o merito de pôr por um momento o homem a nu, mostrando-lhe o que era elle, e o que não era elle; e de buscar, nos prejuizos, o ideal verdadeiro dos seus deveres, e dos seus direitos. Era o grito da revolta da natureza contra todas as tyrannias. Este grito devia fazer desabar um velho mundo gasto pela servidão, e fazer palpitar um novo. A honra de La Fayette foi tel-o proferido, ou soltado.

A federação de 1790 foi o apogêo de La Fayette. Neste dia elle obliterou o rei e a assembléa. A nação armada e pensante estava toda alli, e elle a commandava. Podia tudo e nada tentou. A desgraça deste homem era a da sua situação. Homem de transição, a sua vida passou entre duas ideias. Se tivera uma só, teria sido o senhor dos destinos do seu paiz. A monarchia e a republica estavam igualmente na sua mão : bastava abrir toda essa mão. Abriu só metade della, e portanto não saío mais do que uma semi-liberdade. Apaixonando o seu paiz pela republica, elle defendia uma constituição monarchica e um throno. Os seus principios e os seus actos estavam, na apparencia, em contradição. Elle era recto, e parecia trahir. Emquanto que a seu pezar combatia, por dever, em favor da monarchia, tinha o seu coração na republica. Protector do throno, era ao mesmo tempo o terror delle. Por isto a uma vida basta só uma causa. A monarchia e a republica guardam á sua memoria a mesma estima, e os mesmos ressentimentos. a Ambas prestou serviços e des-serviços. Morreu sem ver triumphar nenhuma das duas causas ; porem morreu virtuoso e popular. Teve, alem das suas virtudes privadas, uma virtude publica que lhe ha de valer o perdão de suas faltas, e a immortalidade do seu nome : teve antes que todos, mais que todos, e sobre todos, o sentimento, a constancia, e a moderação da revolução.

Tal era o homem, e tal era o exercito sobre que repousavam o poder executivo, a segurança de Paris, o throno constitucional, e a vida do rei.

XXIII. — Assim se desenhavam, no 1.º de junho de 1791, os partidos, os homens, e as cousas, por entre as quaes avançava, por via de um impulso occulto e continuo, o espirito irresistivel de uma renovação social. Que podia então sahir de taes elementos, senão a lucta, a anarchia, o crime e a morte ! Nenhum partido tinha a prudencia, nenhum espirito o genio, nenhuma alma a virtude, nenhum braço a energia de faser brotar daquillo a justiça, a verdade, a força. As cousas não produzem senão o que está no seu germen. Luiz XVI era honrado e dedicado ao bem, mas não tinha comprehendido, desde o primeiro impulso da revolução, que não ha senão um papel para o chefe de um povo:—é colocar-se á testa da ideia nova, combater o passado, e acumular assim na sua pessoa a duplicada potencia de chefe da nação, e de chefe de partido. O papel da moderação não é possivel senão sob a condição de se possuir a confiança inteira do partido que se quer moderar. Henrique IV tinha tomado este papel, porem foi depois da victoria : se elle o tentasse antes de Ivry, perderia não só o reino de França, mas tambem o de Navarra.

A côrte era venal, egoista, e corrupta : não defendia no rei senão a origem das vaidades e das exacções em proveito della. O clero, com as virtudes christaãs, não tinha nenhuma virtude publica. Estado no Estado, a sua vida era á parte da vida da nação : seu estabelecimento ecclesiastico parecia-lhe indepente do estabelecimento monarchico. Não se havia enfileirado junto á monarchia ameaçada, senão no dia em que vira a propria fortuna exposta ; então fisera apêlo á fé dos povos para preserverar as suas riquezas: mas o povo não via nos monges senão mendicantes; nos bispos, exactores. A nobreza, amolecida por uma longa paz, emigrava em massa, abandonando o rei aos proprios perigos, e acreditando n'uma intervenção prompta e decisiva das potencias estrangeiras. O terceiro estado, ciumento e invejoso, pedia violentamente o seu logar e os seus direitos na communhão dos castos previlegios ; a sua justiça assimilhava-se ao odio. A assemblea resumia em si todas estas fraquezas, egoismos, e vicios. Mirabeau era venal, Barnave invejoso, Robespierre fanatico, o club dos jacobinos cruel, a guarda nacional egoista, La Fayette indeciso, o governo nullo. Ninguem queria a revolução senão por si, e á sua medida. Ella deveria cem vezes ter naufragado em todos estes escolhos, se não houvesse, nas crises humanas, alguma cousa mais forte do que os homens que parecem dirigil-as: —a vontade do proprio acontecimento.

A revolução em todo o seu alcance não era comprehendida então por ninguem, excepto, talvez, por Robespierre e pelos democratas puros. O rei só via nella uma grande reforma, o duque de Orleans uma grande facção, Mirabeau o lado politico, La Fayette o lado constitucional, os jacobinos uma vingança, o povo o nivelamento dos grandes, a nação o seu patriotismo. Ninguem ousava ver-lhe ainda o seu alcance final.

Tudo vivia então cego, excepto a propria revolução. A

sua virtude estava na ideia que forçava os homens a cumpril-a, e não naquelles que a cumpriam. Todos os seus instrumentos eram viciados, corruptos, ou pessoaes; porem a ideia era pura, incorruptivel e divina. Os vicios, as coleras, os egoismos dos homens, deviam produsir, inevitavelmente na crise, esses choques, essas violencias, essas preversidades e esses crimes, que são para as paixões humanas o mesmo que as consequencias são para os principios.

Se cada um dos partidos, ou dos homens, travados desde o primeiro dia com estes grandes acontecimentos, houvesse regulado os proprios actos pela sua virtude, em vez das paixões, teriam poupado a elles e á patria, todos esses desastres, que depois os esmagaram. Se o rei fôra firme e intelligente, o clero desinteressado das cousas temporaes; se a aristocracia fôra justa, o povo moderado, Mirabeau integro, La Fayette decidido, e Robespierre humano, a revolução desenvolver-se-hia na França, e d'ahi em toda a Europa, magestosa e tranquilla, qual um pensamento divino; e se instalaria como uma phylosophia nos factos, nas leis, nos cultos.

Tinha de succedêr de outro modo. O pensamento, ainda o mais santo, mais justo, e mais piedoso—quando passa pela imperfectibilidade humana — sae em pedaços e em sangue. Aquelles proprios que o conceberam não o reconhecem, e renegam-o. Porem não é dado até mesmo ao crime degradar a verdade. Ella sobrevive a tudo; ainda ás proprias victimas. O sangue que mancha os homens não salpica a ideia; e a despeito dos egoismos que a aviltam, das covardias que a entorpecem, dos crimes que a deshonram, a revolução enodeada, purifica-se, reconhece-se, triumpha, e triumphará!

LIVRO SEGUNDO.

1—A assembléa nacional, fatigada de dois annos de existencia, afrouxava no seu movimento legislativo. Depois de não ter mais nada que destruir, não sabia que mais fazer. Os jacobinos faziam-lhe sombra, a popularidade fugia-lhe, a imprensa sahia dos seus limites, os clubs insultavam-a. Instrumento já gasto das conquistas do povo, ella conhecia que o povo ía despedaçal-a, se ella não se dissolvesse por si mesmo. As suas sessões eram frias: ella acabava a constituição como uma tarefa que lhe fora imposta, mas de que estava desanimada, antes de a ter concluido. Não acreditava por tanto na duração do que proclamava immortal. As suas grandes vozes, que por tanto tempo haviam revolvido a França, estavam caladas pela morte, ou pela indifferença. Maury, Cazalés, Clermont-Tonnerre pareciam desinteressar-se n'um combate, onde a honra estava salva, ou a victoria era já impossivel. Sómente de tempos em tempos, alguns grandes choques de colera entre os partidos interrompiam a monotonia habitual das discussões theoricas. Tal foi a lucta de 10 de junho, entre Cazalés e Robespierre, por causa do lecenciamento dos officiaes do exercito: — « Que nos propõe as commissões, exclamou Robespierre: que nos fiemos nos juramentos, na honra dos officiaes, para defender a constituição que elles detestam? De que honra nos querem fallar? Que é essa honra acima da virtude e do amor do paiz? Glorio-me de não crêr em similhante honra. » Cazalés, que era official, levantou-se indignado: « Não ouvirei impunemente essas covardes calumnias. » disse elle. A estas palavras, violentos murmurios se levantam na esquerda: vozes (A' ordem: A' Abbadia! A' Abbadia!) rebentaram das fileiras dos amigos da revolução. « Pois que, respondeu o orador realista, não é bastante ter refreado a minha indignação ouvindo accusar dois mil cidadãos, que em todas as crises da actualidade tem dado exemplo da mais heroica paciencia! Ouvi o preopinante, porque sou, aqui o declaro, partidista da liberdade mais illimitada de opiniões; mas será superior ao poder humano impedir-me de tractar estas diatribes com o despreso que merecem. Se adoptardes o licenciamento que se vos propõe, não tereis exercito, as nossas fronteiras serão abertas á invasão inimiga, e o interior aos excessos e á pilhagem de uma soldadesca desenfreada! » Estas palavras energicas foram a oração funebre do antigo exercito; e o projecto da commissão foi adoptado.

A discussão sobre a pena de morte offereceu a Adriano Duport occasião de pronunciar, em favor da abolição, um desses discursos que sobrevivem ao tempo, e que protestam em nome da rasão e da philosophia, contra a cegueira e atrocidade das legislações criminaes. Demonstrou com uma logica profunda, que a sociedade, reservando-se o homicidio, justificava-o até certo ponto no assassino; e que o meio mais efficaz de deshonrar o assassinio e prevenil-o, era a mesma sociedade mostrar por elle um santo horror. Robespierre, que devia mais tarde immolar tudo, pedia que se desarmasse a sociedade da pena de morte. Se os prejuizos dos homens de lei não prevalecessem sobre a sãa doutrina da philosophia moral, quem poderá calcular quanto sangue se teria poupado á França?

Porem estas discussões, encerradas no interior do *Manéje*, occupavam muito menos a attenção publica do que as controversias apaixonadas da imprensa periodica. O jornalismo, este *Forum* universal e quotidiano das paixões do povo, fôra aberto com a liberdade. Todos os espiritos ardentes nelle se tinham precipitado; o proprio Mirabeau dera o exemplo descendo da tribuna para elle. Escrevia as cartas aos seus committentes, ou o *Courrier de Provence.* Camillo Desmoulins, mancebo de grande talento, mas de rasão fraca, arremeçava nas suas folhas a agitação febril dos seus pensamentos. Brissot, Gorsas, Carra, Prudhomme, Freron, Danton, Fauchet, Condorcet redigiam jornaes democraticos. Principiava-se a pedir a abolição da realeza « o maior de quantos flagellos, diziam *les Revolutions de Paris*, tem deshonrado a especie humana. » Marat parecia ter absorvido em si todos os odios que fermentam n'uma sociedade em decomposição; fisera-se a expressão permanente da colera do povo. Fingindo-a, entretinha-a. Escrevia com fel e sangue. Fisera-se cynico para penetrar mais profundamente nas massas. Inventára a lingua dos forçados das galés. Como o primeiro *Brutus*, arremedava o louco: mas não era para salvar a sua patria, era para a impellir a todas as vertigens; e para a tyrannisar pela sua propria demencia. Todos os seus pamphletos, echo dos jacobinos e dos franciscanos, sopravam diariamente inquietações, suspeitas, e terrores no povo.

« Cidadãos, dizia elle, vigiae em torno desse palacio, asylo inviolavel de todas as conjurações contra a nação. Alli, uma rainha preversa fanatiza um rei imbecil; alli ella amamenta os pequenos lobos da tyrannia. Sacerdotes *não juramentados* benzem ali as armas da insurreição contra o povo. Preparam o S. Bartholomeu dos patriotas. O genio da Austria occulta-se alli nas commissões de que Antoinette preside. D'alli se acena para os estrangeiros; enviam-se-lhes em comboios secretos o ouro e as armas da França, para que os tyrannos, que juntam seus exercitos nas vossas fronteiras, vos achem esfaimados e desarmados. Os emigrados, d'Artois, e Condé, ahi recebem a palavra d'ordem das proximas vinganças do despotismo. Uma guarda estrangeira de Suissos assoldadados não basta aos projectos libertecidos de Capeto. Todas as noites os bons cidadãos, que rodeiam em torno deste covil, ahi veem entrar furtivamente antigos nobres occultando as armas sob os seus fatos. Que são estes cavalleiros de punhal, senão assassinos arregimentados do povo? Que faz pois La Fayette? É enganado, ou cumplice? Como deixa elle livres as avenidas desse palacio que se não abrirão senão para a vingança ou para a fuga? Que esperâmos para concluir a revolução, da qual deixamos o inimigo coroado aguardar, no meio de nós, a hora de a surprehender e destruil-a? Não vedes que o numerario desapparece, e que se desacreditam os assignados? Que significam esses ajuntamentos de emigrados sobre as vossas fronteiras, e esses exercitos que avançam para vos esmagar n'um circulo de ferro? Que fazem pois os vossos ministros? Porque motivo se não confiscam os bens dos emigrados? se não queimam as suas casas? suas cabeças não são postas a preço? Em que mãos estão as armas? Nas dos traidores! Quem commanda as vossas tropas? Traidores! Quem tem as chaves das vossas praças fortes? Traidores! Traidores, traidores, traidores por toda a parte! E nesse palacio da traição o rei dos traidores! o traidor inviolavel e coroado — o rei! Dizem-vos que affecta amor á constituição? Laço! Que elle vem á assemblea? Laço!

É para melhor encubrir a sua fuga! Velae, vigiae! Prepará-se um grande golpe, e elle vae descarregar-se; se não o prevenirdes por um contra-golpe mais repentino e terrivel, acabou-se com o povo, e com a liberdade!»

II. Estas declamações não eram todas sem fundamento. O rei, honrado e bom não conspirava contra o seu povo; a rainha não cuidava vender á casa d'Austria a corôa de seu marido e de seu filho. Se a constituição, que se acabava de fazer, tivesse podido dar ordem ao paiz e segurança ao throno, nenhum sacrificio do poder custaria a Luiz XVI. Nunca principe algum achou melhor no seu caracter as condições da sua moderação. A resignação passiva, que é o papel dos soberanos constitucionaes, era sua virtude. Não aspirava nem a reconquistar, nem a vingar-se. Tudo quanto desejaria era, emfim, que o seu povo apreciasse a sua sinceridade; que a ordem se restabelecesse no interior; que a paz se mantivesse no exterior; que a assemblea reconsiderando as usurpações que fisera no poder executivo, revisse a contituição, reconhecesse os vicios, e restituisse á realesa o poder indispensavel para fazer a felicidade do reino.

A propria rainha, se bem que de uma alma mais forte e mais absoluta, estava vencida pela necessidade, e associava-se ás intenções do rei: mas o rei, que não tinha duas vontades, tinha comtudo dois ministerios e duas politicas — uma em França com os ministros constitucionaes, outra no estrangeiro com os seus irmãos, e com os seus agentes cerca das potencias.

O barão Breteuil, e o sr. de Calonne, rivaes de intriga, fallavam e tractavam em seu nome. O rei desmentia-os algumas vezes sinceramente, e outras não, nas suas cartas officiaes aos embaixadores. Não era hypocrisia; era fraqueza: um rei captivo parecia escusavel de fallar muito alto aos seus carcereiros, e muito baixo aos seus amigos. Estas duas linguagens, que nem sempre estavam em harmonia, davam a Luiz XVI a apparencia da deslealdade e traição. Elle não trahia; hesitava.

Os seus irmãos, e principalmente o conde d'Artois, fasiam de fóra violencia ás suas vontades, e interpretavam arbitrariamente o seu silencio. Este moço principe andava de côrte em côrte, sollicitando em nome de seu irmão a colligação das potencias monarchicas contra uma doutrina que ameaçava já todos os thronos. Acolhido em Florença pelo imperador d'Austria, Leopoldo, irmão da rainha, obtivera alguns dias depois, em Mantua, a promessa de um contingente de trinta e cinco mil homens. O rei da Prussia, a Hespanha, o rei de Sardenha, Napoles, e a Suissa, garantiam forças proporcionadas. Luiz XVI ora afagava esta esperança de uma intervenção europea, como um meio de intimidar a assembléa, e traze-la a uma conciliação com elle; ora a repellia como um crime. A este respeito o estado do seu espirito dependia do estado do reino: a sua alma seguia o fluxo e refluxo dos acontecimentos do interior. Se um bom decreto, uma reconcialiação cordeal com a assembléa, um applauso do povo vinham consolar a sua tristeza, elle volvia então á esperança, e escrevia aos seus agentes para dissolverem as reuniões hostis em Coblentz. Se um novo tumulto cercava seu palacio, se a assembléa invilicia a dignidade real por algum abaixamento ou por algum ultraje, elle recomeçava novamente a desesperar da constituição, e a preeaver-se contra ella. A incoherencia dos seus pensamentos, era mais depressa crime da situação do que seu; mas essa incoherencia compromettia ao mesmo tempo a sua causa, tanto no interior, como no exterior. Todo o pensamento que não for uno, destroe-se a si proprio. O pensamento do rei, ainda que recto na sua essencia, era demasiadamente vacillante para não deixar de variar com os acontecimentos. Ora os acontecimentos não tinham senão uma direcção — a destruição da monarchia.

III. Comtudo, no meio destas tergiversações da vontade real, é impossivel á historia desconhecer que, desde o mez de novembro de 1790, o rei meditava vagamente o plano de uma evasão de Pariz, combinado com o imperador. Luiz XVI obtivera deste principe a promessa de fazer marchar um corpo de tropas sobre a fronteira de França, no momento que lhe indicasse. Acaso o rei teria a intenção de sahir do reino, e regressar a elle á frente de forças estrangeiras, ou somente juntar em torno de si uma parte do proprio exercito n'uma praça fronteira, e tractar dahi com a assembléa? A ultima hypothese é a mais verosimil.

Luiz XVI tinha lido muito a historia, especialmente a de Inglaterra. A' similhança de todos os infelizes, elle procurava nos infortunios dos principes desthronados analogias ao seu proprio infortunio. No seu gabinete das *Tuilerias* o retrato de Carlos I, por Vandyck, estava continuamente em frente dos seus olhos, e a sua historia muitas vezes aberta sobre a meza. Feriram-o estas duas circumstancias: que Jacques II perdera a sua corôa por sahir do reino, e que Carlos I fôra decapitado por fazer guerra ao seu parlamento e ao seu povo. Estas reflexões haviam-lhe inspirado uma instructiva repugnancia contra a ideia de sahir de França, ou de se lançar nos braços do exercito. Era preciso, para elle se decidir a qualquer destes dois partidos extremos, que a eminencia dos perigos presentes lhe opprimisse a liberdade de espirito, e que o terror que tanto de noite como de dia, sitiava o castello das Tuilerias, penetrasse até á alma do rei e da rainha.

As atrozes ameaças que se lhes endereçavam desde que appareciam ás janellas do seu palacio; os ultrajes dos periodiqueiros; as vociferações dos jacobinos; os alborotos e os assassinios que se multiplicavam na capital e nas provincias; os obstaculos violentos que se haviam suscitado á sua partida para Saint-Cloud; a lembrança em fim dos punhaes que revolveram a propria cama da rainha nos dias 5 e 6 de outubro, tudo fazia da sua vida um transe continuado. Principiavam a comprehender que a revolução insaciavel se irritava pelas proprias concessões que elles lhe haviam feito; que o cego furor das facções, se não parara ante a magestade real cercada de suas guardas, não pararia em frente da illusoria inviolabilidade decretada por uma constituição; e que as suas vidas, as de seus filhos, e de todos quantos restavam da familia real, já não podiam achar segurança senão na fuga.

A evasão foi resolvida. Muitas vezes se debatera este negocio antes da epocha em que o rei se decidira a ella. O proprio Mirabeau, comprado pela côrte, a propozera nas suas mysteriosas entrevistas com a rainha. Um dos planos que elle apresentara ao rei, consistia em evadirse de Pariz, refugiar-se no meio de um acampamento, ou n'uma cidade fronteira, e tractar dahi com a assembléa. Mirabeau, que ficaria em Pariz para ganhar o espirito publico, conduziria, assim promettia, as cousas a um arranjo e a uma restauração voluntaria da authoridade real. Mirabeau havia levado as suas esperanças para o tumulo. O proprio rei, na sua correspondencia secreta, testefica a sua repugnancia em entregar a sua sorte nas mãos do primeiro, e mais poderoso, dos facciosos. Outra inquietação agitava o espirito do rei, e perturbava mais profundamente o coração da rainha. Não ignoravam que se tractava no estrangeiro, tanto em Coblentz, como nos conselhos de Leopoldo e do rei da Prussia, de declarar vacante de facto o throno de França, pela falta da liberdade do rei, e de nomear regente do reino um dos principes emigrados; a fim deste chamar a si, com uma apparencia de legalidade, todos os seus fieis vassallos, e dar ás tropas estrangeiras o incontestavel direito de intervenção. Um throno, mesmo em ruinas, nunca se consente compartilhado.

Uma inquieta desconfiança despertava-se ainda no meio de tantos outros terrores, neste palacio onde a sedição já tinha aberto tantas brechas. «O sr. conde d'Artois será pois um heroe!» dizia ironicamente a rainha, que muito tinha amado este moço principe, e que então o aborrecia. O rei, pela sua parte, temia esta deposição moral de que o ameaçavam sob pretexto de libertar a monarchia. Tanto dos amigos como dos inimigos elle não sabia quaes temer mais. Sómente a evasão, no meio de um exercito fiel, o poderia subtrahir a uns e a outros; mas a propria fugida em si era um perigo. Se ella se realisasse, poderia causar a guerra civil; e o rei tinha horror ao sangue derramado por sua causa. Se não se realisasse, imputar-lh'a-iam como um crime: e quem podia aventar onde terminaria o furor da nação? A deposição, o captiveiro, e a morte podiam ser a consequencia do menor accidente, da mais pequena indiscripção. Elle ia suspender de um tenue fio o seu throno, sua liberdade e vida, e o que ainda era mil vezes mais

querido para elle, as vidas de sua mulher, de seus dois filhos, e de sua irmã.

As suas agonias foram longas e terriveis. Durararam oito mezes; tendo só por confidentes, no interior do palacio, a rainha, a princesa Isabel, e alguns servidores fieis; e fóra delle o marquez de Bouillé.

IV. O marquez de Bouillé, primo do sr. de La Fayette, era o caracter mais opposto possivel ao do heroe de Pariz. Guerreiro varonil e severo, ligado á monarchia por principio, e ao rei por uma dedicação religiosa, só o respeito ás ordens deste principe o impedira de emigrar. Pertencia ao pequeno numero dos officiaes generaes estimados dos soldados, que tinham ficado no seu posto no meio dos tufões daquelles dois annos, e que sem tomarem partido ou pró ou contra as innovações, tinham tentado conservar ao paiz a derradeira força que sobrevive a todas as outras, e que muitas vezes sósinha as suppre:—a disciplina do exercito. Tinha servido com muita gloria na America, nas Colonias, nas Indias. A authoridade do seu caracter e do seu nome era respeitada pelos soldados. A heroica repressão da famosa insurreição das tropas em Nancy, no precedente mez de agosto, tinha retemperado esta auctoridade em suas mãos. Unico de todos os generaes francezes que reconquistara o commando, e fizera recuar a insubordinação. A assembléa, a quem a sedição militar inquietava no meio dos seus triumphos, votara-lhe agradecimentos como ao salvador do reino. La Fayette, que commandava sómente a cidadãos, temia este rival que commandava batalhões: observava e acariciava ao sr. de Bouillé. Propunha-lhe continuamente uma colligação de baionetas, da qual elles ambos seriam os chefes, e cuja harmonia seguraria simultaneamente a revolução e a monarchia. O sr. de Bouillé que desconfiava do realismo de La Fayette, respondia-lhe com uma politica fria e ironica, que mal disfarçava as suas suspeitas. Estes dois caracteres eram incompativeis: um representava o novo patriotismo, o outro a antiga honra. Não podiam unir-se.

O marquez de Bouillé tinha sob seu commando as tropas da Lorraine, Alsacia, Franche-Comté, e Champagne. Este commando extendia-se desde a Suissa até o Sambre. Não contava menos de noventa batalhões, e cento e quatro esquadrões sob as suas ordens. Em todo este numero, o general não podia ter confiança senão em vinte batalhões de tropas alemães, e n'alguns regimentos de cavallaria. O resto estava revolucionado, e o espirito dos clubs n'elles insuflára a insubordinação, e o odio ao rei. Os regimentos obedeciam mais ás municipalidades do que aos generaes.

V. — No mez de fevereiro de 1791, o rei, que completamente se confiava no sr. de Bouillé, tinha escripto a este general que dentro em pouco lhe enviaria propostas, de combinação com o sr. de Mirabeau, e por via do conde de Lamarck, que era um cavalheiro estrangeiro, amigo e confidente de Mirabeau. «Ainda que pessoas d'esta natureza não sejam estimaveis, dizia o rei na sua carta, e paguei Mirabeau mui caro, entendo que me póde prestar serviços. Ouvi-o sem vos abrirdes.» Com effeito pouco tempo depois o conde de Lamarck chegou a Metz. Fallou ao sr. de Bouillé do objecto da sua missão. Confessou-lhe que o rei déra recentemente 600,000 francos a Mirabeau, e que além d'isso lhe pagava uma pensão mensal de 50,000 francos. Desenvolveu-lhe o plano da conspiração contra-revolucionaria, cujo primeiro acto devia ser uma representação de Paris e dos departamentos pedindo a liberdade do rei. N'este plano tudo assentava no poder da palavra de Mirabeau. Embriagado de eloquencia, este orador comprado ignorava que as palavras, que têem tanta força de agitação, não têem nenhuma para aquietar e socegar. Ellas impellem as nações, mas fazel-as parar só as baionetas. O sr. de Bouillé, homem de guerra, sorrio-se d'estas chimeras do homem da tribuna. Comtudo não o descoroçoou dos seus projectos, e prometteu concorrer. Escreveu ao rei que cobrisse com ouro a defecção de Mirabeau, «habil scelerado que poderia talvez reparar pela cubiça o mal que tinha feito por vingança;» e que desconfiasse de La Fayette, «enthusiasta chimerico, embriagado da aura popular, capaz talvez de ser um chefe de partido, mas incapaz de ser o sustentaculo de uma monarchia.»

VI. — Morto Mirabeau, o rei seguio o pensamento, porem modificando-o. Escreveu em cifra, nos fins de abril, ao marquez de Bouillé, annunciando-lhe que dentro em pouco partiria com toda a sua familia, n'uma só carruagem que secretamente mandara fazer para esse fim. Ordenava-lhe que estabelecesse uma escalla de postos militares desde Chalons até Montmedy, cidade na fronteira, e aonde tencionava dirigir-se. A estrada mais direita de Paris a Montmedy atravessava Reims; porém o rei, que fôra coroado em Reims, temeu ser ahi reconhecido. Preferio, apezar de todas as observações do sr. de Bouillé, passar por Varennes. A estrada de Varennes tinha o inconveniente de não ter em toda a parte mudas de posta. Era preciso envial-as sob diversos pretextos; e a presença d'essas mudas podia suscitar suspeitas no povo d'aquellas pequenas cidades. A apparição de destacamentos n'uma estrada que as tropas não frequentavam habitualmente, tinha o mesmo perigo. O sr. de Bouillé quiz despersuadir o rei d'esta direcção. Representou-lhe, na sua resposta, que se os destacamentos fossem fortes, inquietariam as municipalidades, e provocariam a vigilancia; que se fossem fracos não poderiam protegel-o. Pedio-lhe que não fizesse uso de uma berlinda addrede construida, e notavel pela sua forma; mas que se servisse de duas diligencias inglezas, transportes usados então, e mais ligeiros. Insistio especialmente na necessidade de levar comsigo um homem seguro, firme, e decidido para o aconselhar, e secundar em quaesquer circumstancias imprevistas da jornada. Indicou-lhe mesmo o marquez d'Agoult, major das guardas francezas. Finalmente pedio ao rei que obtivesse do imperador ordem de se operar um movimento de tropas austriacas, ameaçando apparentemente as nossas fronteiras pelo lado de Montmedy; a fim de a inquietação das povoações servir de pretexto e justificação aos movimentos dos destacamentos, e juncção de corpos de cavallaria franceza nas immediações d'aquella cidade. O rei annuio a esta ultima recommendação, e prometteu levar comsigo o marquez d'Agoult. Do resto não fez caso. Poucos dias antes da partida, enviou ao sr. de Bouillé um milhão em assignados, para se empregar em compras secretas de rações e forragens, e pagar o soldo ás tropas fieis que deviam secundar o projecto. Feitas estas disposições, o marquez de Bouillé expedio um official de confiança e pertencente ao seu estado maior, para reconhecer completamente a estrada e o paiz entre Chalons e Montmedy, e fez um relatorio exacto e minucioso ao rei. Este official teve uma intrevista com o monarcha, e foi portador das suas ordens para o sr. de Bouillé.

No entretanto, o snr. de Bouillé apromptara-se para executar o convencionado. Afastára as tropas patriotas, e concentrara os doze batalhões estrangeiros em que tinha perfeita confiança. Uma bateria de deseseis peças de artilheria desfillava sobre Montmedy. O regimento do Real Allemão entrava em Stenay; um esquadrão de hussares estava em Dun, outro em Varennes; dois esquadrões de dragões deviam achar-se em Clermont no proprio dia em que o rei por ahi passasse: iam commandados pelo conde Carlos de Damas, um official habil e corajoso. O snr. de Damas tinha ordem de despedir dalli um destacamento para Sainte Menehould, e cincoenta husares destacados de Varennes deviam ir a Pont-Sommevelle, entre Chalons e Sainte Menehould, sob pretexto de segurar o transito de um thezouro que condusia de Paris o soldo da tropa. Assim, uma vez que se passasse adiante de Chalons, a carroagem do rei encontraria, de posta em posta, escolta de tropas fieis. O commandante destes destacamentos se aproximaria do postigo, na occasião em que se mudassem os cavallos, para receber as ordens que o rei entendesse conveniente dar-lhe. Se o rei quizesse continuar a jornada sem ser conhecido, estes officiaes se limitariam a varrer-lhe a estrada de qualquer obstaculo até á proxima posta, e ir-se-hiam lentamente reconcentrando na sua rectaguarda, pela mesma estrada. Se o rei quizesse ser escoltado, mandariam montar os dragões a cavallo, e o escoltariam. Nada podia ser mais sabiamente combinado, e o segredo mais inviolavel possivel occultava todas estas combinações.

Em 27 de maio o rei escreveu que elle partiria em 19 do seguinte, entre a meia noite e a uma hora da madrugada, sahindo de Paris, n'uma locometiva burgueza; que em Bondy, primeira posta depois de Paris, tomaria a sua ber-

linda, e que um dos seus guardas do corpo, destinado a servir-lhe de correio, o esperaria em Bondy; que no caso de o rei ahi não ter chegado ás 2 horas, seria isto o signal de ter sido preso; que então esse correio partiria sosinho e iria a Pont-Sommevelle annunciar ao snr. de Bouillé que a empresa falhára, e prevenir o general para provêr á sua propria segurança, e á dos officiaes comprometidos.

VII. — Quando o snr. de Bouillé recebeu estas ultimas ordens, expedio para Paris o duque de Choiseul, a fim de esperar as ordens do rei, e precedel-o doze horas na sua partida. O snr. de Choiseul devia ordenar á sua gente que estivesse em Varennes no dia 18 com os seus proprios cavallos, que seriam os que conduziriam a carroagem do rei. O local onde os mesmos cavallos esperariam na cidade de Varennes devia ser designado ao rei de um modo tão restricto e preciso, que a muda dos cavallos ahi se fizesse sem hesitação nem perda de tempo. A' sua volta tinha o snr. de Choiseul ordem de tomar o commando dos hussares postados em Pont-Sommevelle, ahi esperar o rei, e escoltal-o com os seus hussares até Sainte-Menehould, e postar ahi os seus soldados com ordem de não deixarem passar ninguem pela estrada de Paris a Varennes, e de Paris a Verdun, durante as vinte quatro horas seguintes á passagem do rei. O snr. de Choiseul recebeu pessoalmente do snr. de Bouillé ordens assignadas pelo proprio punho do rei, ordenando-lhe, bem como a todos os outros commandantes de destacamentos, que em caso de necessidade empregassem a força para a segurança e conservação de sua magestade, e da familia real, e para o arrancar das mãos do povo, se o povo pretendesse apoderar-se do rei. No caso de a carroagem ser detida em Chalons, o snr. de Choiseul iria advertir o general, reuniria todos os destacamentos, e marcharia a libertar o rei. Recebeu tambem seis centos luizes em ouro para os distribuir pelos soldados dos destacamentos, e exaltar a sua dedicação no momento em que o rei apparecesse, e se desse a conhecer.

O snr. de Guoguelas partio ao mesmo tempo para Paris a fim de reconhecer tambem pela segunda vez a estrada, passando por Stenay, Dun, Varennes e Saint-Menehould, e para impressionar bem a topografia na memoria do rei; devendo alem disso ser portador das ultimas instrucções deste para o snr. de Bouillé, voltando a Montmedy por outra estrada. O proprio marquez de Bouillé sahio de Metz, sob pretexto de ir inspeccionar as praças do seu governo. Foi na direcção de Montmedy. No dia 15 achava-se em Longwy, e ahi recebeu aviso do rei, de que a partida estava retardada por vinte e quatro horas, em consequencia de ser necessario occultar os preparativos a uma camareira da rainha, democrata fanatica, capaz de os denunciar, e cujo serviço acabava a 19. Sua magestade acrescentava que não levaria comsigo o marquez d'Agoult, porque a snr.ª de Tourzel, governanta dos principes, revindicára os direitos do seu cargo, e queria acompanhal-os.

Esta demora exigia contra-ordens funestas. Toda a percisão dos logares e tempos estava compromettida; a passagem dos destacamentos transformava-se em permanencia; as mudas preparadas podiam retirar-se. Com tudo o marquez de Bouillé acudio, quanto estava no seu alcance, a estes inconvenientes. Enviou novas ordens aos commandantes dos destacamentos, e avançou em pessoa para Stenay no dia 20, e ahi encontrou o regimento do Real Alemão, no qual podia confiar. A 21 reunio os generaes que estavam sob as suas ordens, annunciou-lhes que o rei passaria naquella noite pelas portas de Stenay, e na manhã seguinte estaria em Montmedy; encarregou o general Klinglin de preparar sob o alcance da artilheria desta praça, um campo de doze batalhões e de vinte e quatro esquadrões. O rei devia habitar um castello na retaguarda deste campo. Este castello serviria de quartel general. A atitude do rei parecia mais conveniente e mais segura no centro do seu exercito, do que n'uma praça forte. Os generaes não mostraram hesitação. O sr. de Bouillé deixou em Stenay o general d'Hoffelizze com o regimento Real Alemão. Este general tinha ordem de fazer sellar, á entrada da noite, os cavallos deste regimento, de os fazer montar ao alvorecer, e de enviar ás dez horas da noite um destacamento de cincoenta soldados entre Stenay e Dun, para esperar ahi o rei, e escoltal-o até Stenay.

A' noite o sr. de Choiseul sahio a cavallo de Stenay, com alguns officiaes: avançou até ás portas de Dun, onde não quiz entrar pelo receio de agitar o povo. Ahi esperou em silencio, e protegido pela noite, a chegada do correio que devia preceder, com uma hora de avanço, as carruagens. Pesavam sobre sua alma os destinos de uma monarchia, o throno de uma dymnastia, uma familia real inteira, rei, rainha, princeza, infantes. Esta noite durava um seculo para elle; e toda ella passou sem que o galopar de um cavallo pela estrada viesse annunciar áquelle grupo, occulto sob as arvores, que o rei de França estava perdido, ou salvo!

VIII. — E que se passava nas Tuilerias durante estas horas decisivas? O segredo da projectada partida tinha sido religiosamente guardado entre o rei, a rainha, a princeza Izabel, alguns creados fieis, e o conde de Fersen, gentilhomem sueco encarregado dos preparativos fora do palacio. E' verdade que alguns dias antes principiaram a correr pelo povo boatos vagos, similhantes aos pressentimentos das cousas que vão succeder, antes mesmo dos acontecimentos: mas estes rumores eram mais o effeito da disposição inquieta dos espiritos, do que d'alguma revelação positiva da evasão. Estes boatos com tudo, que vinham acommetter continuamente o sr. de La Fayette e o seu estado maior, faziam redobrar a vigilancia em roda do castello, e até mesmo no interior dos quartos do rei. Desde 5 e 6 de outubro, a casa militar tinha sido licenceada: as companhias dos guardas de corpo, — do qual cada soldado era um gentilhomem, e cuja honra, sangue, raça, tradição, e espirito de corpo asseguravam inabalavel fidelidade, — já não existiam. Esta vigilancia respeitosa, que transformava nelles em um culto o seu serviço em roda das pessoas reaes, fôra substituida pela vigilancia taciturna da guarda nacional, que mais espiava o rei do que guardava o monarcha. Verdade é que as guardas suissas ainda cercavam as Tulerias, porém os suissos occupavam sómente os postos externos. O interior das Tuilerias, as escadas, as communicações entre os quartos, eram vigiadas pela guarda nacional. O sr. de La Fayette ahi vinha a toda a hora; os seus officiaes rondavam de noite todas as sahidas, e ordens não escriptas, mas tacitas, os authorisavam a impedir que o rei sahisse do seu palacio depois da meia noite.

A esta vigilancia official vinha juntar-se a espionagem secreta, e a mais intima, desta numerosa criadagem do palacio, onde o espirito da revolução viera animar a infedelidade e santificar a ingratidão. Tanto alli, como em logares mais elevados, á delação chamava-se virtude, e á traição patriotismo. Dentro das paredes daquelle palacio de seus pais, o rei não tinha seguro senão o coração da rainha, de sua irmã, e de alguns cortezãos do seu infortunio, dos quaes até mesmo os gestos eram delatados ao sr. de La Fayette. Este general havia expulso violenta e injuriosamente do castello os gentilhomens fieis, que tinham vindo reforçar a guarda dos quartos, no dia do tumulto de Vincennes. O rei vio, com as lagrimas nos olhos, os seus mais dedicados amigos expulsos vergonhosamente de seu palacio, e entregues pelo seu protector official aos apupos e altrages da populaça. A familia real não podia, portanto, dentro do castello encontrar cumplices que favorecessem a sua evasão.

IX — O conde de Fersen foi o principal confidente, e quasi que o unico agente desta aventurosa empreza. Moço, bello, dedicado, fora admittido, nos dias venturosos de Maria-Antoinette, ás intimidades do Trianon. Dir-se-hia que um culto cavalheiresco, ao qual só o respeito impedia se desse o nome de amor, o havia desde então prendido á rainha. Este culto á belleza transformara-se na alma do sueco n'uma dedicação apaixonada á desgraça. O instincto da rainha não illudia portanto esta princeza, quando ella procurou, no seu pensamento, a pessoa mais zelosa a quem ella podesse confiar a salvação do rei, e de seus filhos: pensou no sr. de Fersen. Elle partio de Stokolmo ao primeiro

aceno; vio a rainha e o rei; e encarregou-se de fazer preparar a carruagem que devia esperar em Bondy a augusta familia. Seu titulo de estrangeiro encobria todos seus passos. Combinou-os com uma felicidade igual á sua dedicação. Tres antigos guardas de corpo, os srs. de Valory, de Moustier, e de Maldan, foram por elle iniciados no segredo, e preparados para o papel que a confiança do rei lhes distribuira. Deviam disfarçar-se em creados, collocando-se nessa qualidade na carruagem, para protegerem a familia real contra qualquer aventura na estrada. Estes tres obscuros nomes de cavalheiros da provincia, offuscaram naquelle dia os nomes da côrte. No caso da prizão do rei, elles previam a sua sorte; mas para serem os salvadores do seu soberano, offereceram-se corajosamente a serem as victimas do povo.

X — Havia já muito tempo antes que a rainha se occupava do pensamento desta evasão. Desde o mez de março que ella encarregara uma das suas creadas de fazer chegar e guardar em Bruxellas um enxoval completo para a princeza real (*pour madame royal*), e vestidos para o Delfim; tinha enviado o seu pequeno bahu de viagem (*necessaire*) á archiduqueza Christina, sua irmã, que governava os Paizes Baixos, sob pretexto de lhe fazer um presente. Os seus diamantes e joias haviam sido confiados a Leonardo, seu cabelleireiro, que partio primeiro que ella com o duque de Choiseul. Estes ligeiros indicios de uma evasão meditada, não tinham escapado completamente á vigilancia perfida de uma mulher do seu serviço dentro do palacio. Esta mulher tinha notado os segredinhos e os gestos; havia igualmente reparado nos estojos abertos sobre as mesas, e faltando nelles os adereces. Denunciou estes indicios ao sr. de Gouvion, ajudante do campo de La Fayette, com quem tinha relações intimas. O sr. de Gouvion deu parte disto ao *maire* de Paris e ao seu general. Porem estas denuncias repetiam-se tantas vezes, e de tantas partes, e haviam sido tão desmentidas pelos factos, que se acabára por lhes dar pouca importancia. Naquelle dia comtudo, os avisos daquella infiel mulher fiseram duplicar as medidas de vigilancia nocturna em roda do castello. O sr. de Gouvion reteve no seu quarto em palacio, sob varios pretextos, muitos officiaes da guarda nacional. Postou-os a todas as portas; e elle proprio com cinco chefes de batalhão, passou parte da noite á porta do antigo quarto do duque de Villequier, que tinha sido o mais especialmente designado á sua vigilancia. Tinham-lhe dito, e era verdade, que os gabinetes da rainha communicavam por um corredor secreto, com os quartos daquelle antigo capitão das guardas, e que o rei, habil, como se sabe, nos trabalhos da serrelharia, havia arranjado chaves falsas que abriam todas as portas.

Emfim estes boatos, que transpiravam da guarda nacional até aos clubs, haviam transformado naquella noite, cada patriota em carcereiro do rei. Lê-se com admiração, no jornal de Camilo Desmoulins, naquella data de 20 de junho de 1791, estas palavras: « A noite foi muito tranquilla em Paris. Eu voltava, diz Desmoulins, pelas onze horas, do club dos jacobinos, em companhia de Danton, e outros patriotas: não encontramos em todo o caminho senão uma só patrulha. Paris figurou-se-me naquella noite tão abandonada, que não pôde deixar de indicar esta observação. Um de nós, Freron, que tinha na algibeira uma carta, prevenindo-o de que o rei partiria naquella noite, quiz observar o castello. Vio o sr. de La Fayette ahi entrar pelas onze horas. » — O mesmo Camillo Desmoulins conta mais abaixo as inquietações instinctivas do povo nesta noite fatal: « A noite, diz elle, em que a familia Capeto fugio, o sr. *Buseb'*, cabelleireiro na rua de Bourbon, foi a casa do sr. *Hucher*, padeiro, e portamachado do batalhão dos *theatins*, para lhe communicar seus receios sobre o que elle acabava de saber das disposições que o rei fazia para fugir. Correram no mesmo instante a acordar os visinhos, e dentro em pouco reunidos uns trinta, foram ter com o sr. de La Fayette, e lhe annunciaram que o rei ia partir, intimando-o a adoptar immediatamente as precisas medidas para obstar á evasão. O sr. de La Fayette desatou a rir, e recommendou-lhes que voltassem descançados para suas casas. Para não serem prezos na retirada pediram-lhes a senha. Elle deu-lha. Apenas a souberam, foram ás Tuilerias, e não aperceberam nenhum movimento, a não ser um grande numero de cocheiros de *fiacre* que bebiam junto daquellas pequenas lojas ambulantes estabelecidas cerca do postigo do Carrousel. Deram volta pela porta do Manége, onde a assemblea fazia as suas sessões, e nada viram suspeito; mas á sua volta, surprehenderam-se de não encontrar um unico fiacre na praça. Todos tinham desapparecido: o que lhes fez conjecturar que algumas daquellas lucurativas tinham servido ás pessoas que deviam acompanhar esta indigna familia »

Vê-se por esta surda agitação do espirito publico, e pela severidade da prizão do rei, quão difficil era a evasão de tantas pessoas ao mesmo tempo. Comtudo, quer fosse pela cumplicidade d'alguns guardas nacionaes filiados, que tinham pedido para aquelle dia as sentinellas interiores, e que fecharam os olhos ás infracções das ordens; quer fosse pela habilidade das medidas tomadas de muito antes pelo conde de Fersen; quer emfim porque a Providencia quisesse dar um derradeiro relampago de esperança e salvação áquelles a quem tão depressa ia acabrunhar com tantos infortunios, toda a prudencia dos guardas foi enganada, e a revolução deixou por um momento escapar-lhe a presa.

XI — O rei e a rainha, admittiram, como de costume, ao seu deitar, todas as pessoas que era uso fazerem-lhe corte a essa hora. Não despediram os seus creados mais cedo do que nos outros dias. Apenas ficaram sosinhos, vestiram-se novamente. Envergaram fatos de viagem, mui simples e adquados ao papel que cada um dos fugitivos tinha de figurar. Reuniram-se com seus filhos e a princeza Izabel, na camara da rainha. Dahi foram pela communicação secreta ao quarto do duque de Villequier, e sahiram do palacio em grupos separados; com certo intervallo de tempo uns dos outros, para não atrahirem a attenção das sentinellas dos pateos pelo ajuntamento de tanta gente á vez. Favorecidos pelo movimento das pessoas a pé ou em carroagens que daquella hora costumavam sahir do castello depois do deitar do rei, e que sem duvida o sr. de Fersen tivera o cuidado de multiplicar naquella noite, a familia real chegou ao Carrousel sem ser reconhecida. A rainha ia pelo braço de um dos guardas do corpo, e levava pela mão a infanta. Atravessando o Carrousel, encontrou o sr. de La Fayette, acompanhado de um ou dois officiaes do estado maior. O general entrava nessa occasião nas Tuilerias, para se certificar de que as precauções, que se adoptaram em virtude das revelações do dia, eram executadas. A rainha estremeceu vendo o homem, que representava a seus olhos a insurreição e o captiveiro; mas não sendo vista por elle, julgou ter fugido á vista da nação inteira, e sorrio-se fallando do laço armado a este guarda illudido, que no dia seguinte não poderia entregar ao povo os seus captivos. A princeza Isabel, dando tambem o braço a um dos guardas, seguia a comitiva, a alguma distancia. O rei quiz sair em ultimo lugar com o delphim, que tinha então sete annos de idade. O conde de Fersen, disfarçado em cocheiro, caminhava um pouco mais adiante do rei servindo-lhe de guia. O sitio em que se havia de reunir a familia real era o caes dos Theatinos, onde duas carroagens usuaes, esperavam os viajantes. As criadas da rainha e a marqueza de Tourzel já ahi tinham chegado.

Na confusão d'uma fuga tão arriscada, a rainha e o seu guia atravessáram a ponte real (pont-royal) e entraram um pouco na rua do Bac. Reconhecendo seu erro, a rainha assustou-se e voltou apressada para traz. O rei e seu filho, obrigados a irem por umas ruas desviadas e por outra ponte, demoráram-se meia hora, que a rainha e sua irmã contaram por seculos. Em fim chegaram e embarcaram-se na primeira carruagem. O conde de Fersen subio para a almofada, pegou nas redeas e conduzio a familia real até Bondy, primeira muda entre Paris e Chalons. Ali encontráram já preparada pelo zelo do conde, a berlinda addrede construida para o rei, e tambem um carro descoberto. As duas criadas da rainha, e um dos guardas do corpo que ia disfarçado, entraram no carro. O rei, a rainha, o delphim, a princeza real, a princeza Isabel e a marqueza de Tourzel, na berlin-

da. Dois guardas do corpo tomáram assento, um na almofada e o outro na trazeira. O conde de Fersen beijou as mãos do rei e da rainha, encommendou os á Providencia e voltou para Paris, d'onde n'aquella mesma noite partio por outro caminho para Bruxellas, com intenção de se reunir mais tarde á familia real. A' mesma hora, o conde de Provença, irmão do rei, partia tambem do palacio de Luxemburgo para Bruxellas, e ahi chegou sem ser conhecido.

XII. — As carruagens do rei avançavam pela estrada de Chalons. Mudas de oito cavallos estavam promptas em todas as postas, pouco antes de alli chegarem. Tal quantidade de cavallos, o tamanho e feitio da berlinda, o numero de viajantes embarcados nella, os guardas do corpo, cuja libré mal se casava com a sua nobre physionomia e porte militar, o typo Bourbon de Luiz XVI, enterrado n'um canto da carruagem, opposto completamente ao papel de criado grave, que procurava fingir, todas estas circumstancias eram para suscitar suspeitas na estrada, e compromctter a familia real. Mas o passaporte do ministro dos negocios estrangeiros satisfasia a tudo. Este passaporte era concebido nos seguintes termos: « Da parte do rei, ordenamos que deixem passar a senhora baroneza de Korf, que vai para Francfort com seus dois filhos, uma criada, um criado grave, e tres criados. » E mais abaixo referendado assim: « O ministro dos negocios estrangeiros, *Montmorim*. »

O nome estrangeiro, o titulo de baroneza allemã, a opulencia proverbial d s banqueiros de Francfort, a quem o povo estava costumado a attribuir esplendidas e esquesitas equipagens, tudo fôra bem calculado pelo conde de Fersen, para encobrir o suspeito e desusado da comitiva real. Com effeito, não houve cousa alguma que excitasse a agitação publica, ou retardasse a viagem até Montmirail, pequena cidade entre Meaux e Chalons. Ahi, um concerto que foi preciso fazer na berlinda do rei, suspendeu a partida por uma hora. Esta demora, durante a qual se poderia descobrir nas Tuilerias a fuga do rei, e expedir correios após elle, consternou os fugitivos. Com tudo a carroagem foi promptamente reparada, e os viajantes partiram sem suspeitarem que aquella hora perdida tinha talvez de custar a liberdade e a vida a quatro pessoas, das cinco que compunham a familia real.

Estavam cheios de segurança e confiança. O feliz exito da sua evasão do castello, sua sahida de Pariz, a pontualidade das mudas até alli, a solidão das estradas a pouca attenção com que os observavam nas cidades e villas que tinham atravessado, tantos perigos já passados, e a salvação já proxima delles, approximando-os, cada rodar da carroagem, ao sr. de Bouillé e das tropas fieis postadas por elle para os receber, a mesma belleza da estação, tão agradavel áquelles olhos que havia dois annos que se não fitavam senão sobre os ajuntamentos sediciosos das Tuilerias, ou sobre florestas de baionetas do povo armado debaixo das suas janellas, tudo lhes fazia crêr que a Providencia se declarava emfim por elles, e que as preces tão ferverosas e tão puras daquellas creanças que iam sentadas sobre os seus joelhos, e daquelle anjo visivel que os acompanhava sob as feições da princeza Isabel, tinham vencido assim a obstinada desgraça da sua sorte.

Entraram em Chalons sob estes venturosos auspicios. Era a unica cidade grande que tinham de atravessar. Eram tres horas e meia depois do meio dia. Alguns ociosos se grupavam em roda das carroagens em quanto se mudavam os cavallos. O rei mostrou-se um pouco imprudentemente á portinhola, e foi reconhecido pelo domno da posta. Porem este bravo homem conheceu que a vida do seu soberano dependia de um olhar, ou de um gesto seu de admiração; recalcou a sua admiração no intimo d'alma ; distrahio d'alli a attenção do ajuntamento ; ajudou mesmo a mudar os cavallos na carroagem do rei, e apressou os postilhões a partirem. O sangue do seu rei não salpicou aquelle homem, no meio de todo este povo.

A carroagem rodou fora das portas de Chalons. A rainha, o rei, a princeza Isabel disseram ao mesmo tempo : « Estamos salvos ! » Com effeito depois de Chalons, a salvação do rei já não dependia do acaso, e sim da prudencia e da força. A primeira muda era em Pont-Sommevelle. Acima dissemos que em virtude das disposições do sr. de Bouillé, os srs. de Choiseul e de Guoguelas, á frente de um destacamento de cincoenta husares, alhi se deviam achar, para proteger o rei em caso de necessidade, e concentrarem-se na rectaguarda delle. Deviam alem disto, apenas avistassem a carroagem do rei, enviar um husar a advertir o posto de Sainte-Menehould, e dahi o de Clermont, da proxima passagem da familia real. O rei tinha a certeza de encontrar allí amigos fieis e armados ; e não achou ninguem. O snr. de Choiseul, o snr. de Guoguelas, e os cincoenta husares tinham partido havia meia hora. O povo parecia inquieto e agitado, rodeava murmurando as carroagens ; e examinava com um ar desconfiado os viajantes. Com tudo ninguem se aventurou a oppôr-se á partida, e o rei chegou pelas sete horas e meia da tarde a Sainte-Menehould. Nesta estação do anno ainda era dia claro. O rei desasocegado por ter passado por dois postos designados sem ter ahi encontrado as escoltas combinadas, por um movimento natural, deitou a cabeça pelo postigo para procurar na multidão um olhar de intelligencia, ou um official dos filiados que lhe revelasse o motivo daquella falta dos destacamentos. Este movimento perdeu-o Um filho do domno da posta, Drouet, reconheceu o rei, a quem nunca tinha visto, só pela sua similhança com a effigie de Luis XVI nas moedas.

Não obstante, como as mudas já estavam atreladas, os postilhões a cavallo, e a cidade occupada por um destacamento de dragões que podia forçar a passagem, este mancebo não se aventurou a suster sosinho naquelle sitio as carroagens.

XIII. O commandante do destacamento dos dragões, que estava de espreita passeando pela praça, reconhecêra igualmente as carroagens reaes pelos signaes que se lhe haviam dado. Quiz fazer montar os soldados para seguir o rei ; porem os guardas nacionaes de Saint-Menehould, rapidamente instruidos por um rumor surdo da similhança dos viajantes com os retratos da familia real, cercaram o quartel, fecharam a porta das cavallarices, e opposeram-se á partida dos dragões. Durante este movimento rapido e instinctivo do povo, o filho do mestre da posta sellava o seu melhor cavallo, e partia a gallope para ganhar a dianteira em Varennes ás carroagens, e denunciar suas suspeitas á municipalidade, e provocar os patriotas á prisão do monarcha. No entanto que este homem gallopava pela estrada de Varennes, o rei, cujos destinos aquelle levava comsigo, proseguia, sem desconfiança, a sua viagem para a mesma cidade. Drouet tinha a certeza de ganhar a dianteira ao rei, porque a estrada de Saint-Menehould a Varennes descreve um angulo consideravel e vae passar por Clermont, onde está uma posta intermedia, no entanto que o caminho directo traçado sómente para os de pé e de cavallo, evita Clermont, vae dar rectamente a Varennes, e poupa assim quatro legoas de distancia entre esta cidade e Sainte-Menehould. Drouet tinha por tanto duas horas por si, e a perda corria mais ligeira do que a salvação. Com tudo por um estranho encadeamento da sorte, a morte corria tambem atraz de Drouet, e ameaçava, sem que elle o soubesse, os dias deste homem ; ao mesmo tempo que elle ameaça, sem o rei saber, os dias do seu monarcha.

Um sargento dos dragões encerrado no quartel de Saint-Menehould fora o unico que achara meio de montar a cavallo, e escapar á vigilancia do povo. Instruido pelo seu commandante da partida precipitada de Drouet e suspeitando o motivo, lançara-se em seu alcance pela estrada de Varennes, certo de o apanhar e resolvido a matal-o. Seguia-o com effeito sempre de vista, mas tambem sempre a certa distancia, para lhe não excitar suspeitas, e para insensivelmente se ir aproximando, e emparelhar com elle n'um momento favoravel n'algum sitio isolado da estrada. Drouet, que olhára muitas vezes para traz, observando se era perseguido, apercebêra o cavalleiro, e comprehendera-lhe o manejo. Nascido no paiz, e conhecedor de todos seus atalhos, lançou-se repentinamente fóra da estrada, atravez os campos, e favorecido por um bosque onde se metteu com o seu ca-

vallo, escapou á vista do sargento, e proseguio a toda a brida para Varennes.

Chegado a Clermont, foi o rei reconhecido pelo conde Carlos de Damay, que o esperava á frente de dois esquadrões. A municipalidade de Clermont, sem pôr obstaculos á partida das carroagens, mas fluctuando entre vagas suspeitas pela estada prolongada daquellas tropas, ordenou aos dragões que não marchassem. Elles obdecêram ao povo. O conde de Damay, abandonado dos seus esquadrões, achou meio de se evadir com um official e tres dragões sómente, e deitou a gallope para Varennes, á alguma distancia do rei. Realmente era muito fraco, ou mui tardio soccorro.

A familia real, encerrada na berlinda, e vendo que nada punha obstaculo á sua viagem, ignorava aquelles sinistros incidentes. Eram onze horas e meia da noite quando os transportes chegaram ás primeiras casas da pequena cidade de Varennes. Tudo dormia, ou parecia dormir; tudo estava deserto, e silencioso. Recordar-se-ha que Varennes não estava na linha de postas de Chalons a Montmedy: o rei não tinha de encontrar alhi cavallos. Tinha-se concordado entre elle e o senhor de Bouillé que os cavallos do senhor de Choiseul estariam de antemão postados n'um sitio designado em Varennes, e trocariam os das carroagens para os conduzir a Dun e a Stenay, onde o senhor de Bouillé esperava o rei. Vio-se tambem que, segundo as instrucções do senhor de Bouillé, os senhores de Choiseul e de Guoguelasque, com o destacamento de cincoenta husares, deviam esperar o rei em Pont-Sommevelle, e concentrar-se na rectaguarda delle, nem o tinham esperado, nem seguido. Em vez de se acharem ao mesmo tempo que o principe em Varennes, estes officiaes, sahindo de Pont-Sommevelle, tinham tomado com o seu destacamento um caminho que evita Saint-Menehould, e que alonga muitas legoas a distancia entre Pont-Sommevelle e Varennes. Esta mudança de estrada tivera por fim evitar Saint-Menehould, onde a passagem dos husares tinha excitado na vespora alguma agitação. Resultava que nem o senhor de Guoguelas, nem o senhor de Choiseul, estes dois confidentes, e guias da fuga, estavam em Varennes no momento da chegada do rei. Não chegaram senão uma hora depois delle. As carroagens tinham parado á entrada de Varennes.

O rei, admirado de não encontrar nem o senhor de Choiseul, nem o senhor de Guoguelas, nem escolta, nem mudas, esperava ancioso que o estallo dos chicotes dos postilhões aproximasse em fim os cavallos que lhe eram necessarios para continuar a viagem. Os tres guardas do corpo apearam-se, e foram informar-se de porta em porta do logar, onde teriam posto os cavallos. Ninguem sabia responder-lhes.

XIV. — A pequena cidade de Varennes é formada de dois bairros distinctos, cidade alta e cidade baixa, separadas por um rio, e uma ponte. O senhor de Guoguelas tinha collocado as mudas na cidade baixa, do outro lado da ponte. Esta medida era em si prudente, porque fazia com que as carroagens atravessassem o desfiladeiro da ponte com os cavallos trazidos de Clermont, e no caso de comoção popular, a mudança de cavallos e a partida eram mais faceis depois de atravessada a ponte. Mas era preciso que o rei fosse advertido disso, e não o fôra. O rei e a rainha, vivamente agitados, apearam-se da carroagem, e vagaram meia hora pelas ruas desertas da cidade alta, procurando descobrir onde paravam as mudas. Bateram nas portas das casas onde viam luzes, e interrogavam. Ninguem os comprehendia. Voltaram emfim desanimados para o sitio onde estavam as carroagens, as quaes os postilhões já impacientes ameaçavam desaparelhar e abandonar.

A' força de instancias, ouro e promessas decidiram aquelles homens a tornarem a montar, e passar adiante. As carroagens partiram, os viajantes tranquilisaram-se: atribuiram aquelle accidente a má intelligencia d'ordens, e viam-se esperançosos de dentro de poucos minutos se encontrarem no meio do campo do snr. de Bouillé. A cidade alta foi atravessada sem obstaculo. As casas todas fechadas, repousam n'um socego enganador e perfido. Sómente alguns homens velam; mas esses homens estão occultos e silenciosos.

Entre a cidade baixa e a cidade alta se eleva uma torre á entrada da ponte que as separa. Esta torre assenta sobre uma abobeda massissa, sombria e estreita, sob a qual as carroagens são obrigadas a andar a passo; e onde o menor obstaculo lhe pode obstar a passagem. Restos da feudalidade, laço sinistro onde a nóbresa antigamente prendia o povo, e onde, por um reviramento estranho, o povo devia um dia prender uma monarchia. Apenas as carroagens se envolvem na obscuridade da abobada os cavallos param, espantados por uma carreta deitada por terra, e outros obstaculos postados ante os seus passos; e cinco ou seis homens sahindo da sombra, com armas na mão, se arremessam adiante dos cavallos, ás almofadas e ás portinholas das carroagens, e intimam os viajantes a apearem-se e irem á municipalidade faser verificar os seus passaportes. O homem que assim fallava ao rei era Drouet. Apenas chegado a Saint-Menehould, fora acordar no primeiro somno alguns mancebos patriotas seus amigos, para lhes dar parte das suas suspeitas, e insuflár-lhes a inquietação de que estava devorado. Pouco certo ainda da realidade das suspeitas, ou querendo reservar para elles só a gloria de prender o rei de França, não tinham prevenido a municipalidade, nem acordado a cidade, nem amotinado o povó. A apparencia de uma conspiração lisongeava mais o seu patriotismo; parecia-lhes que elles só eram a nação inteira.

À esta subita apparição, a estes gritos, ao relampear daquellas baionetas, os guardas do corpo levantam-se dos seus assentos, e lançam mão das armas que traziam escondidas, pedindo com os olhos as ordens do rei. Este prohibe-lhes empregar a força para forçarem a passagem. Da-se volta aos cavallos, e as carroagens, escoltadas por Drouet e pelos seus amigos param defronte da casa de um tendeiro, chamado Sausse, que era ao mesmo tempo procurador-syndico da communa de Varennes. Ahi fiseram apeiar o rei e a familiá para examinar os passaportes, e vereficar a realidade das suspeitas do povo. Ao mesmo tempo os consocios de Drounet espalham-se por toda a cidade soltando gritos, batem a todas as portas, sobem á torre, tocam a rebate. Os habitantes, acordam espantados; os guardas nacionaes da cidade, e dos campos visinhos chegam, um a um, á porta de Snr. Sausse; outros dirigem-se ao quartel do destacamento para seduzir os soldados, ou desarmal-os. Debalde o rei principiou por negar a sua qualidade: as proprias feições, e as da rainha trahiam-os. Então se declara ao maire e aos officiais municipaes. Agarrou nas mãos da snr.ª Sausse: « Sim, eu sou o vosso rei, lhe disse, e confio a minha sorte, a de minha mulher de minha irmã, e dos meus filhos á vossa fidelidade! As nossas vidas, o futuro do imperio, a paz do reino as propria salvação da constituição estão entre as vossas mãos! Deixai-me partir. Não fujo para o estrangeiro; não saio para fora do reino; vou para o centro de uma parte do meu exercito, e para uma cidade franceza recobrar a minha verdadeira liberdade, essa que os facciosos me não deixam em Paris, e tratar d'ahi com a assembléa nacional, dominada como eu pelo terror da populaça. Não quero destruir a constituição; quero protegel-a e garantil-a. Se me reterdes, então acabou-se com ella, comigo, e talvez que tambem com a França! Conjuro-vos como homem, como marido, como pai, como cidadão! Franqueai-nos a estrada! n'uma hora estaremos salvos! e a França salva comnosco! E se guardais no coração essa fidelidade que tradusis por vossas palavras para com aquelle que foi vosso amo, ordeno-vol-o como rei! »

XV. — Estes homens enternecidos, respeitosos na sua violencia, hesitam, e parecem vencidos. Conhece-se nos seus rostos, e nas lagrimas que por elle deslizam, quanto são combatidos entre a piedade natural por um tão repentino reviramento da sorte e a sua consciencia de patriotas. O espectaculo do seu rei supplicante, que lhes aperta as mãos entre as suas, daquella rainha alternativamente magestosa e ajoelhada, que se esforça, já pelo desespero,

já pela rogativa, a arrancar-lhes dos labios o consentimento para partirem, despedaça-os. Cederiam se unicamente escutassem a voz intima da alma ; mas principiam a receiar para elles proprios a responsabilidade de sua indulgencia. O povo pedir-lhes-ha conta do seu rei ; a nação do seu chefe. O egoismo endureceu-os. A mulher do sr. Sausse, a quem muitas vezes o proprio marido consulta com os olhos, e no coração da qual a rainha espera achar mais enternecimento, é a que continúa impassivel. No entanto que o rei falla aos officiaes municipaes, a princesa, toda banhada em lagrimas, com os filhos no seu regaço, sentada na loja entre dois fardos de fazendas, mostra aquellas creanças á sr.ª Sausse : « Vós sois mãi, senhora, lhe disse a rainha ; vós sois mulher ! a sorte de uma mulher, e ao mesmo tempo mãi, está em vossas mãos ! Lembrai-vos do que eu hei de sentir por estes filhos, e por meu marido ! De uma palavra vossa eu vos serei devedora delles! A rainha de França dever-vos-ha mais do que o proprio reino, do que a vida ! » — « Senhora, » respondeu seccamente a mulher do tendeiro, com aquelle bom senso trivial dos corações onde o calculo extingue a generosidade. « desejára ser-vos util. Vós pensais no rei, eu penso no sr. Sausse. Uma mulher deve pensar em seu marido. »

Acabada estava toda a esperança, pois que nem mesmo havia piedade no proprio coração das mulheres. A rainha, indignada e furiosa, retirou-se, com a princeza Isabel e seus filhos para os dois quartos no andar alto da casa da sr.ª Sausse. Ahi se desfez em pranto. O rei, que estava em baixo, cercado dos officiaes municipaes e dos guardas nacionaes, renunciou tambem a commovel-os. Subia e descia continuamente a escada de madeira daquella miseravel loja ; ora se dirigia á rainha ; ora a sua irmã ; ora a seus filhos. O que elle não pôde conseguir da commiseração, esperou-o do tempo e da força. Não acreditou que aquelles homens, que lhe testimunhavam ainda sensibilidade, e uma especie de culto, presistissem realmente em retel-o, e esperar as ordens da assemblea. Em todo o caso, está convencido que será libertado, antes da volta dos correios enviados a Pariz, pelas forças do sr. de Bouillé, de que elle se figurava já cercado, apezar da opposição do povo. Admira-se unicamente de que similhante soccorro seja tão lento em apparecer. Comtudo as horas corriam, a noite passava, e o soccorro não chegava.

XVI. — O official destacado, que commandava o esquadrão de hussares postado em Varennes pelo sr. de Bouillé, não entrava plenamente na confidencia da conspiração. Sómente lhe haviam dito que um thesouro devia por alli passar, e elle tinha de o escoltar. Nenhum correio precedera a carroagem do rei, nenhum cavalleiro viera de Sainte-Menehould prevenil-o para reunir os soldados. Os srs. de Choiseul e de Guoguelas, que deviam achar-se em Varennes antes da chegada do rei, e communicar a este official as ultimas ordens secretas da sua missão, não se achavam alli. O official estava abandonado a si proprio, e ás suas hesitações. Outros dois officiaes, mas sem soldados, e pelo sr. de Bouillé mettidos na confidencia da viagem, haviam sido tambem enviados por este general a Varennes ; porem ficaram na cidade baixa, e na mesma estalagem, onde os cavallos do sr. de Choiseul, destinados ás carroagens do rei, estavam recolhidos. Ignoravam o que se passava na outra parte da cidade. Esperavam, segundo as instrucções recebidas, o apparecimento do sr. de Guoguelas. Só acordaram ao toque de rebate.

E o sr. de Choiseul e de Guoguelas, com o conde Carlos de Damay, e os tres fieis dragões, galopavam para Varennes, escapos a custo á insurreição do esquadrão de Clermont. Chegando ás portas da cidade, tres quartos de hora depois da prisão do rei, a guarda nacional reconheceu-os, susteve-os, e fez apear aquelle fraco destacamento antes de lhe permittir a entrada. Pediram fallar ao rei. Consentiram. O rei prohibio-lhes tentarem a violencia. Esperava de minuto em minuto as forças superiores do sr. de Bouillé. Comtudo o sr. de Guoguelás sahio daquella casa, e vendo os hussares misturados entre o povo que enchia a praça, quiz tentar a prova da sua fidelidade : « Hussares, lhe gritou imprudentemente, sois pela nação, ou pelo rei ? » — Viva a nação ! responderam os soldados ; somos e seremos sempre por ella. » O povo applaudio. Um sargento da guarda nacional tomou o commando dos husares. O commandante destes fugio. Foi unir-se na cidade baixa aos dois officiaes que estavam postados junto aos cavallos do sr. de Choiseul, e todos tres sahiram da cidade, e foram a Dun prevenir o general.

Tinham atirado sobre estes dois officiaes quando, informados da arrestação das carroagens, haviam tentado penetrar até junto ao rei. Aquella noite fora toda consummida nestas differentes vicissitudes. Já os guardas nacionaes das villas proximas chegavam armados a Varennes ; levantavam-se aqui barricadas entre a cidade alta e a cidade baixa ; e os correios expedidos pela municipalidade iam prevenir as de Metz e Verdun, para enviarem a toda a pressa para Varennes tropas e artilheria, a fim de evitarem o rapto do rei pelas forças do sr. de Bouillé, que se approximavam.

No entanto a rainha, a priceza Izabel, e os infantas repousavam alguns momentos, todos vestidos, nos quartos da casa do sr. Sausse, ao estrepito ameaçador das passadas e vozes do povo inquieto, que de minuto para minuto se ia aglomerando sob as janella. Tal era o estado das cousas em Varennes pelas sete horas da manhã. A rainha não dormia. Todas as suas paixões, de mulher, de mãi, de rainha — a colera, o terror, o desespero, assaltavam tão horrivelmente a sua alma, que os cabellos, ainda louros na vespora, no dia seguinte já estavam encanecidos !

XVII. Um mysterio profundo tinha encuberto em Paris a evasão do rei. O sr. de La Fayette, que fora duas vezes ás Tuilerias, para se certificar, com os proprios olhos da execução severa das suas ordens, sahira pela ultima vez, era meia noite, bem convencido de que aquelles muros guardavam fielmente o refem do povo. Só foi pelas sete horas da manhã do dia 21 de junho, que as pessoas do serviço do castello, entrando nos quartos do rei e da rainha, acharam as camas intactas, os quartos vasios, e espalharam o espanto e o terror pela guarda do palacio. A familia fugitiva tinha assim dez ou doze horas de avanço sobre aquelles que se mandassem em sua perseguição. Supponde-se mesmo que se advinhasse a estrada, e se obtivesse alcançal-a, isto só poderia ser por via de correios. Os guardas do corpo que acompanhavam o rei facilmente prenderiam esses mesmos correios. Finalmente não seria possivel oppôr-se por meio da força á evasão senão nas cidades onde a familia real estaria protegida pelos dastacamentos collocados pelo sr. de Bouillé.

No entanto Paris acordava. O boato sahido do castello, espalhava-se pelos bairros adjacentes, e de boca em boca até aos arrebaldes. Saudavam-se uns aos outros com estas sinistras palavras : « O rei partio. » Todos se recusavam acreditál-o. Dirigia-se o povo em chusma ao castello para se certificar. Interrogavam-se os guardas, lançavam-se imprecações contra os traidores, e todos acreditavam n'uma conspiração prompta a rebentar. O nome de La Fayette corria com essas imprecações em todos os labios : « Será elle estupido? Será cumplice ? Como é possivel se levasse a effeito, sem connivencia a evasão de tantas pessoas reaes, atravez tantas sendas, postigos, e sentinellas ?» Forçavam-se as portas para registrar os quartos. O povo esquadrinhava todos os escondrijos. Embatido entre o pasmo e o insulto, vingava-se sobre os objectos inanimados, do longo respeito que dedicára áquella habitação. Passava do terror ao escarneo. Arrancaram das paredes do quarto de dormir um retrato do rei, penduraram-o na porta do palacio qual um movel para venda. Uma colareja instalou-se no leito da rainha para ahi vender as suas cerejas, dizendo: « chegou a vez de a nação se acomodar á sua vontade » Quiz-se enfeitar uma rapariga com uma touca da rainha. Ella gritou que a sua cabeça ficaria manchada com aquelle adorno, e calcou-o aos pés com indignação e despreso.

Entraram no gabinete de estudo do moço delfim. O povo enterneceu-se e respeitou os livros, as cartass e os instrumentos do trabalho da creança-rei. As rua, e as praças publicas estavam atulhadas de gente. Os

guardas nacionaes reuniam; os tambores tocavam á chamada; a artilheria troava de minuto em minuto o signal de rebate. Os homens de chuços e barretes de lã, origem do barrete vermelho, reappareciam, eclipsando os uniformes. Santerre, agitador dos arrebaldes, e fabricante de cerveja, tinha ás suas ordens, dois mil chuços. A colera do povo começava a predominar sobre o proprio terror. Rebentava em palavras cynicas e em actos injuriosos contra a realeza. Na praça de *Greve* mutilara-se o busto de Luiz XVI, collocado sob a sinistra lanterna que servira de instrumento aos primeiros crimes da revolução. « Quando, bradavam os demagogos, fará o povo justiça em todos estes reis de bronze e de marmore, que são vergonhoso monumento da sua servidão e idolatria. ? » Arrancavam aos logistas os bustos do rei. Uns despedaçavam-os; outros contentavam-se em pôr-lhe sómente uma venda pelos olhos, como indicio da cegueira imputada ao principe. Apagavam em todas as taboletas as palavras *rei*, *rainha*, *Bourbon*. O (*Palais Royal*) perdia o seu nome, e chamava-se-lhe o *Palais d'Orleans*. Os clubs convocados á pressa retumbavam com freneticas moções. O dos franciscanos (*cordeliers*) decretava que a assembléa nacional tinha votado a França á escravidão proclamando a hereditariedade da corôa. Pedia que se supprimisse para sempre o nome de rei, e que o reino fosse constituido em republica. Danton insuflava-lhe a sua audacia e Marat a sua demencia. Acreditavam-se os boatos tão estravagantes, que mesmo uns aos outros se destruiam. Segundo uns, o rei fugira pela estrada de Metz; segundo outros, a familia real evadira-se por um canno. Camillo Desmoulins excitava a hilariedade do povo, como a formula mais insultante do seu despreso. Affixavam-se nas paredes das Tuilerias, promessas de modica recompensa áquelles que reconduzissem os animaes damninhos ou immundos que tinham fugido. Faziam-se no jardim, ao ar livre, moções extravagantes. « Povo, diziam os oradores trepados ás cadeiras, seria uma fatalidade que este perfido rei nos fosse reconduzido. Que fariamos delle? Viria como Thersites derramar essas grossas lagrimas de que nos falla Homero, e internecer-nos-iamos. Se acaso voltar, proponho que seja exposto por tres dias ao escarneo publico, com um lenço encarnado na cabeça; que depois seja conduzido de estação militar em estação militar até á fronteira, e que chegado lá o expulsem a ponta-pés para fóra do reino. » Freron mandava vender aos grupos os seus jornaes. Lia-se nelles: « Partio esse rei imbecil esse rei perjuro! Partio essa rainha scelerada que reunio a lubricidade de Messalina á sede de sangue que devorava os Medicis! Mulher execravel! furia da França! tu eras a alma da conspiração. » O povo, repetindo estas palavras, apregoava, de rua em rua, estas odiosas imprecações que alimentavam seu odio, e envenenavam seu terror.

XVIII. — Foi sómente pelas dez horas que o departamento e a municipalidade proclamaram, á nação, com tres tiros de peça, os acontecimentos da noite. A assembléa nacional já estava reunida. O presidente participou-lhe que o Sr. Bailly, *maire* de Paris, viera dizer-lhe que o rei e a sua familia foram arrebatados das Tuilerias, durante a noite, pelos inimigos da causa publica. A assembléa, já instruida individualmente, escutou aquella communicação n'um imponente silencio. Parecia que naquelle momento solemne a gravidade do perigo publico lhe dava um magestoso sangue frio, e que a prudencia de uma nação inteira se achava encarnada nos seus representantes. Um unico pensamento regulou as palavras, as deliberações, e os actos. Conservar e defender a constituição, o proprio rei ausente, e a realeza quasi prostrada; apossar-se da regencia momentanea do reino; ordenar aos ministros, expedir correios por todas as estradas; prender todos os individuos que fossem saindo do reino; visitar os arsenaes; fabricar armas, enviar os generaes aos seus destinos, e guarnecer as fronteiras; todas estas propostas foram momentaneamente decretadas. Não houve nem lado direito, nem esquerdo, nem centro. O lado esquerdo absorveu tudo. Annunciou-se que um dos ajudantes de campo, enviados pelo sr. de La Fayette, a prender o rei, e sob sua propria responsabilidade, antes das ordens da assembléa, estava entre as mãos do povo, que accusava o sr. de La Fayette e o seu estado maior, de traição. Mandaram-se commissarios a livral-o. O ajudante de campo, apenas libertado, entrou na salla, e explicou o objecto da sua missão. A assembléa secundou-lhe a ordem, sanccionando a do sr. de La Fayette, e elle tornou a partir. Barnave que via mais um perigo na irritação do povo contra La Fayette, subio á tribuna. Inimigo até então do general popular, defendeu-o generosa e habilmente contra as suspeitas daquelle povo, prestes a abandonal-o.

Dizem que alguns dias antes os Lameth e Barnave, successores de Mirabeau na assemblea, tinham como elle conhecido a necessidade de intelligencias secretas com este resto da manarchia. Até se fallou em relações secretas entre Barnave e o rei, de uma evazão combinada, de medidas encobertas; porem estes boatos, adoptados pelo proprio La Fayette nas suas memorias, não corriam então. Ainda hoje são duvidosos. « O objecto que nos deve occuppar, disse Barnave é volver a confiança do povo a quem ella pertence. Ha um homem sobre o qual os movimentos populares querem chamar desconfianças que firmemente julgo immerecidas. Colloquemo-nos entre ellas e o povo. Carécemos de uma força central, e de um braço para operar, neste momento em que não temos cabeça para pensar. O snr. de La Fayette, desde o começo da revolução, mostrou sempre as intenções e a conducta de um bom cidadão. E' mister que elle conserve o seu credito sobre a nação. Pariz carece de força mas carece tambem de tranquilidade. Essa força sois vós que a deveis dirigir. »

Estas palavras de Barnave foram votadas como texto da proclamação. Neste momento annunciou-se que o orador do lado direito, o snr. de Casalés, estava nas Tuilerias exposto aos maiores perigos possiveis entre as mãos do povo. Nomearam-se seis commissarios para o irem proteger, e elles o recondusiram comsigo. Subio á tribuna irritado contra o povo, de cujas mãos acabava de escapar, e irritado tambem contra o rei, que abandonava os seus partidistas, sem os prevenir. « Estive a pontos de ser despedaçado e estrangulado pelo povo, exclamou elle; e sem o soccorro da guarda nacional de Paris, que me testimunhou tanta affeição... » A estas palavras que indicavam no pensamento do orador realista a pretenção de uma popularidade pessoal, a assemblea como que se irrita, e a esquerda rebenta em murmurios! « Não é por mim que fallo, continuou Cazalés, é pelo interesse publico. De boa mente faria o sacrificio da minha fragil existencia, e esse sacrificio ha muito que o tenho feito. Mas importa ao imperio que nenhum movimento tumultuario perturbe as vossas sessões, no momento de crise em que estamos. Por tanto, opoio todas as providencias de ordem e de força que se acabam de decretar. « Finalmente, por proposta de muitos membros, a assembléa dicidio que na ausencia do rei ella reassumiria a si todos os poderes; que os seus decretos seriam immediatamente postos em execução pelos ministros, sem carecerem de sancção ou acceitação. A assembléa lançou mão firme e prompta da dictadura; e declarou-se em permanencia.

XIX. — No entanto que ella se apoderava assim de todos os poderes, do direito da prudencia e da necessidade, o snr. de La Fayette arremessava-se com uma audacia tranquilla ao meio do povo, para segurar, com risco da propria vida, a confiança que via fugir-lhe. A primeira inspiração do povo devia ser assassinar o perfido general que lhe respondera com a sua cabeça, pela pessoa do rei, e que o deixara fugir. La Fayette conheceu o perigo, e conjurou-o affrontando-o. Sendo um dos primeiros instruido da evasão, por via dos seus officiaes, correu ás Tuilerias. Ahi encontrou o maire de Paris, Bailly, e o presidente da assemblea, Beauharnais. Bailly e Beauharnais deploravam as horas que iam ser perdidas para a perseguição, antes de se poder convocar a assemblea e executar os seus decretos. « Julgais lhes disse La Fayette, que a prisão do re

e da sua familia são necessarias á salvação publica, e que só ellas podem prevenir a guerra civil? — De certo, responderam o maire e o presidente — Pois bem, tomo sobre mim a responsabilidade dessa prisão » replicou La Fayette; e expedio immediatamente ordens authorisando todos os guardas nacionaes e cidadãos a prenderem o rei.

Era tambem uma dictadura, e a mais pessoal das dictaduras, a que um só homem, substituindo-se á assembléa e á nação, tomava sobre si. Elle alentava, com a sua authoridade privada e com o direito da sua previdencia civica, contra a liberdade e talvez contra a vida do chefe legal da nação. Esta ordem condusio Luiz XVI ao cadafalso, porque recondusio ao povo a sua victima fugitiva. «Felizmente; » escreveu elle nas suas Memorias após as atrocidades porque estas augustas victimas passaram, «felizmente não foi a estas ordens, mas ao accidente de ser reconhecido por um mestre de postas, e á má execução das combinações, que se deveu a sua prisão.» Assim, o cidadão ordenava o que o homem tremia vêr cumprido, e mais tarde a sensibilidade protestava contra o patriotismo.

La Fayette, quando sahio das Tuilerias montou a cavallo, e dirigiu-se ao *Hotel de Ville* (casa da camara.) A multidão entulhava os caes. A colera do povo rebentava em invectivas contra elle. Afrontou-a com apparente serenidade. Quando chegou á praça de Gréve, quase só, encontrou ahi o duque d'Aumont, um dos seus chefes de divisão, que estava entre as mãos do povo, e prestes a ser imolado. Rompeu por entre a multidão, espantada da sua audacia. Livrou o duque de Aumont. Reassumio com força o imperio que a hesitação lhe faria perder com a vida. « Que pranteais? disse elle ao povo. Acaso não ganha cada cidadão 20 soldos de renda pela suppressão da lista civil? E se classificais de desgraça a fuga do rei, como apellidarieis uma contra-revolução que vos privaria da liberdade! » Sahio do *Hotel de Ville* escoltado, e dirigiu-se, já com mais confiança, á assembléa. Quando entrou na salla das sessões, Camus, ao pé do qual se ia sentar, levantou-se indignado : « Fora daqui o uniforme! exclamou elle. Não devemos vêr aqui, neste recinto, nem uniformes nem armas! » Alguns membros do lado esquerdo ergueram-se com Camus, e bradaram a La-Fayette : sahi da salla « e despediam com um gesto o general intimidado. Outros membros, amigos de La-Fayette, precipitaram-se em torno delle, e impozeram silencio ás vociferações ameaçadoras de Camus. O sr. La-Fayette obteve a palavra. Pronunciou algumas frases triviaes sobre a liberdade e o povo, e propôz á assembléa que ouvisse ao sr. de Gouvion, seu immediato, ao qual fôra confiada a guarda das Tuilerias. Respondo por este official, disse elle, e tomo sobre mim a responsabilidade. O sr. de Gouvion foi ouvido. Affirmou que as avenidas do palicio foram estrictamente vigiadas, e que o rei não se podia ter evadido por alguma porta. O sr. Bally, *maire* de Paris, confirmou estas palavras. O Sr. Laparte intendente da lista civil veio á barra apresantar o manifesto endereçado pelo rei ao seu povo. « Como o recebeste? lhe perguntaram. — O rei, respondeu o sr. de Laporte, tinha-o subscriptado com um bilhete para mim. — Lêde esse bilhete, lhe bradou um dos membros. — Não, não, gritou a assembléa n'um impulso unanime; é um bilhete confidencial, e nós não temos direito de o ler. » Recusou-se igualmente rompêr o sello a uma carta dirigida á rainha, e que fora encontrada sobre a mesa desta princeza. O caracter generoso da nação dominava ainda sobranceiro a irritação do momento.

Leu-se o manifesto do rei no meio de risos e sussurro :

«Francezes, disse o rei naquelle manifesto ao povo; em quanto esperei vêr renascer a ordem e a felicidade publica pelas medidas concertadas entre eu e a assembléa, nada me custou. Calumnias, insultos, ultrajes, até mesmo a privação da minha liberdade, tudo soffri sem me queixar. Porém hoje que vejo a realesa destruida, a propriedade violada, a segurança individual compromettida, e uma completa anarchia em todas as partes do imperio, julgo dever dar conta aos meus subditos dos motivos do meu comportamento. No mez de julho de 1789, não temi confiar-me aos parisienses.

Em 5 e 6 de outubro, apezar de ultrajado no meu palacio, e testimunha da impunidade de todos os crimes, não quiz sair da França, com receio de excitar a guerra civil. Vim estabelecer-me nas Tuilerias, privado das mais simples commodidades da vida. Tiraram-me os meus guardas do corpo. Até mesmo muitos destes gentis homens fieis foram immolados á minha vista. Mancharam com infames calumnias a esposa fiel e dedicada que compartilha o meu amor pelo povo, e que tomou generosamente a sua parte em todos os sacrificios que por este hei feito. Convocação dos Estados Geraes, duplicada representação concedida ao terceiro estado, reunião das ordens, sacrificios de 20 de junho, tudo fiz pela nação. Todos estes sacrificios foram baldados, desconhecidos, e voltados contra mim. Retiveram-me preso no meu proprio palacio; imposeram-me carcereiro em vez de guardas; tornaram-me responsavel por um governo que me arrancaram das mãos. Encarregado de manter a dignidade da França, para com as potencias estrangeiras, despojaram-me do direito de declarar a guerra e fazer a paz. A vossa constituição é uma perpetua contradição entre os titulos que me confere e as funcções que me recusa. Eu não sou mais do que o chefe responsavel da anarchia, e a potencia sediciosa dos clubs vos arranca a vós mesmos o poder que me arrebatastes. Francezes, era isto o que esperaveis da vossa regeneração? Outro tempo contava-se em o numero das vossas virtudes o vosso amor pelo rei. Este amor trocou-se em odio, e estas homenagens em insultos. Desde o senhor Neker até ao derradeiro dos facciosos, todos tem sido rei, excepto o proprio rei. Tem-se ameaçado até com o arrebatar ao rei este vão titulo, e encerrar a rainha n'um convento. Em as noites de outubro, quando se propoz á assembléa ir escudar o rei com a sua presença, a mesma assembléa declarou que não era da sua dignidade trasportar-se alli. As tias do rei foram presas, quando por motivos religiosos, ellas queriam transportar-se a Roma. Até chegaram a violentar a minha consciencia. Attentou-se mesmo contra a minha fé religiosa, quando pretendi ir a Saint-Cloud, depois de doente, para concluir a minha convalescença. Receiava-se que eu fosse áquelle palacio praticar os meus actos religiosos com sacerdotes não juramentados. Desapparelharam os meus cavallos, e forçaram-me a entrar nas Tuilerias. O proprio senhor de La Fayette não teve forças para assegurar a obdiencia á lei, ou o respeito devido á liberdade do rei. Forçáram-me a afastar de mim até os padres da minha capella, e o meu director espiritual. Em tal situação unicamente me resta appellar para a justiça e amor do meu povo; refugiar-me, fóra do alcance dos facciosos, da oppressão da assembléa e dos clubs, n'uma cidade qualquer do meu reino, e provêr dahi, em plena liberdade, ás modificações que a constituição exige, á restauração da nossa santa religião, á estabilidade do poder real, e á consolidação d'uma verdadeira liberdade.»

A assembléa, que muitas vezes interrompêra a leitura deste manifesto com risadas ou mostras de indignação, passou como desdem, á ordem do dia, e recebeu o juramento dos generaes empregados em Paris. Numerosas deputações de Pariz e dos departamentos visinhos vieram successivamente á barra, certificar á assembléa nacional que seria sempre considerada como o centro de união de todos os bons cidadãos.

A' noite, os clubs dos franciscanos e dos jacobinos fizeram afixar moções da deposição do rei. O club dos franciscanos declarou, n'um dos seus cartazes, que todos os cidadãos que o acompanham haviam individualmente jurado apunhalar os tyrannos. *Marat*, um dos seus membros, publicou um manifesto incendiario, e o espalhou em Paris. «Povo, disia nelle, eis a lealdade, a honra, a religião dos reis. Recordai-vos de Henrique III, e do duque de Guise. Henrique commungou na mesma meza com o seu inimigo, e jurou-lhe, sobre o altar, eterna amisade. Apenas fóra do templo, distribuio punhaes aos seus validos, mandou chamar o duque ao seu gabinete, e fez trespassal-o de mil gol-

pes. Fiai-vos nos juramentos dos principes. Na manhã de 19, Luiz XVI ria dos seus, e saboreava d'ante mão o terror que vos inspiraria a sua fuga. A Austriaca seduzio La Fayette a noite passada; Luiz XVI, em sotaina, evadio-se com o delfim, sua mulher, sua irmã, e toda a familia. Ri-se agora da tolice dos Parisienses, e bem depressa nadará no sangue delles. Cidadãos, esta fuga foi preparada de antemão pelos traidores da assemblea nacional. Estias proximos á vossa perda. Apressai-vos em cuidar na salvação. Nomeai immediatamente um dictador, fazei recahir essa escolha no cidadão que até hoje vos tem mostrado mais luzes, zelo e fidelidade. Fazei tudo quanto elle vos disser para ferirdes os vossos inimigos. Eis o momento de decepar a cabeça a Bailly, La Fayette, a todos os scelerados do estado maior, a todos os traidores da assemblea. Um tribuno, um tribuno militar, ou ficareis perdidos sem remedio! Até ao presente tenho feito para salvar-vos tudo quanto estava no poder de um homem. Se despresardes este ultimo conselho, nada mais tenho a dizer-vos, dispeço-me de vós para sempre. Luiz XVI, á frente dos seus satellites, volta a bloquear-vos em Pariz. O amigo do povo terá por tumulo um forno ardente, mas o seu ultimo suspiro será pela patria, pela liberdade, e por vós.»

XX. — Os homens do partido constitucional entenderam que deviam apresentar-se, no dia 22, na sessão dos jacobinos, para reprimirem a exaltação. Barnave, Sieyés, e La Fayette ahi comparecêram, e prestaram juramento de fidelidade á nação. Camillo Desmoulins refere assim esta sessão:

« Durante que a assemblea nacional decreta, decreta, e decreta ainda, o povo obra. Dirijo-me aos jacobinos, e encontro La Fayette no caes Voltaire. A voz de Barnave já havia calmado os espiritos. Tornou-se a gritar: « Viva La Fayette! » Elle passou revista aos batalhões postados no caes. Convencido da necessidade de reunir em volta de um chefe, cedi ao movimento que me impellia para o cavallo branco. Snr. de La Fayette, lhe disse no meio da multidão, ha um anno que tenho dito bastante mal de vós, eis o momento de convencerdes-me de mentira. Provai que sou um calumniador; tornai-me execravel; cubri-me de infamia, e salvai a causa publica. Eu fallava com muito enthusiasmo. Apertou-me a mão. — Sempre vos hei tido na conta de um bom cidadão, me disse Vereis que vos enganaram. O juramento de nós todos é viver livre, ou morrer. Tudo vai bem, na assemblea nacional onde o perigo commum reunio todos os partidos não ha senão um unico espirito. — Mas porque motivo, repliquei, a vossa assemblea affecta, em todos os decretos, fallar do *rapto do rei*, quando o proprio rei escreveu que fugia *voluntariamente*? Que baixesa não é para uma assemblea ou que traição, fallar assim, quando tem em torno de si tres milhões de baionetas! — A palavra *rapto*, respondeu La Fayette, é um vicio de redacção que a assemblea hade corregir. Depois acrescentou: Esta conducta do rei é bem infame. La Fayette repetio esta palavra muitas vezes apertando-me affectuosamente a mão. Deixei este homem dizendo comigo que talvez o immenso horisonte que a fugida do rei abria á sua ambição o reconduzisse ao partido popular. Cheguei aos jacobinos esforçando-me acreditar naquellas demonstrações de patriotismo e amisade, e possuir-me desta persuação que apezar destes meus esforços se me evaporava do espirito por mil recordações como se fôra por mil sahidas.

Quando Camillo Desmonlins entrou nos jacobinos, Robespierre estava na tribuna. O immenso credito que a preseverança e incorruptibilidade haviam conquistado sobre o povo a este moço orador, apinhava em torno delle um immenso auditorio nocturno! Não serei eu, disia, que apellidarei de desastre este acontecimento. Este dia é o mais bello da revolução, se souberdes lançar mão delle, e aproveital-o. O rei escolheu para desertar do seu posto o momento de todos os nossos perigos tanto dentro como fóra do paiz: a assembléa está desacreditada; as proximas eleições agitam os espiritos; os emigrados estão em Coblentz; o imperador e o rei de Suecia em Bruxellas; as nossas searas maduras para nutrir os seus exercitos; mas tres milhões de homens estão em armas na França, e esta liga da Europa será facilmente vencida. Não tenho medo de Leopoldo, nem do rei da Suecia. Só o que me assusta, é o que parece tranquilisar os mais: é que desde esta manhã todos os nossos inimigos affectam fallar a mesma linguagem que nós. Todos estão unidos, todos na apparencia temos o mesmo rosto. Ora nem todos podem sentir a mesma alegria pela fuga do rei, que tinha quarenta milhões de renda, que dispunha de todas as praças, e que as entregava aos seus apaniguados e aos nossos inimigos. Ha portanto traidores no meio de nós; ha intelligencias entre o rei fugitivo e esses traidores que ficaram em Paris. Lêde o manifesto real, e a conspiração toda inteira vos ficará descuberta O rei, o imperador, o rei de Suecia, d'Artois, Condé, todos os fugitivos, todos os bandidos vão avançar sobre nós. Apparecerá um manifesto paternal; nelle nos fallará o rei do seu amor, da paz, e até mesmo da liberdade; ao mesmo tempo os traidores da capital e dos departamentos vos pintarão quaes homens de guerra civil. Transigir-se-ha; e a revolução será afogada nesses perfidos abraços de um dispotismo hypocrita e de um moderantismo intimidado. Vede já a assembléa! Ella chama hoje em vinte decretos á fuga do rei um *rapto*.

A quem confia ella a salvação do povo? A um ministro dos negocios estrangeiros, sob a vigilancia de uma commissão diplomatica. Ora o que é esse ministro? Um traidor que continuamente vos tenho denunciado como o perseguidor dos soldados patriotas, e o sustentaculo dos officiaes aristocratas. Que é essa commissão? Uma commissão de traidores, composta de todos os nossos inimigos mascarados em patriotas. E o ministro dos negocios estrangeiros quem é? Um traidor, um Montmorin, que ainda não ha mais de um mez, vos declarava uma *adoração* perfida á constituição. E este Delessate, quem é? Um traidor ao qual Necker deixou o seu manto de hypocrisia para occultar as suas conspirações! Não vêdes pois a colligação de todos estes homens com o rei, e do rei com a liga europea? Ella vai afogar-nos! N'um momento, vereis entrar nesta salla todos esses homens de 1789, *maire*, general, ministros, oradores! Como poderies vós escapar-lhes? Antonio (proseguio elle fazendo alusão a La Fayette) Antonio commanda as legiões que vão vingar Cesar, e Octavio, o sobrinho de Cesar, commanda as legiões da republica. Como não havia pois morrer a republica? Fallam-nos da necessidade de nos reunir-mos! Mas quando Antonio veio acampar ao lado de Lepido, todos os traidores á liberdade se reuniram áquelles que se disiam seus defensores, não restou a Bruto e a Cassio senão a morte! Aqui está onde nos conduz essa fingida unanimidade, esta perfida reconciliação dos patriotas! Sim, eis o que se vos prepára! Bem sei eu que aventurando-me a desvendar taes conspirações aguço contra mim mil punhaes! Sei a sorte que me espera! Porém se, quando apenas eu era apercebido na assembléa nacional, entre os primeiros apostolos da liberdade, fiz o sacrificio da minha vida á verdade, á humanidade, á patria, hoje que uma benevolencia universal, que tantas provas de dedicação, e de estima me tem compensado esse sacrificio, receberei como beneficio a morte que me livrará de ser testimunha de tantos malles. Fiz o processo da assembléa; ella que me accuse agora!»

XXI.—Estas palavras, astuciosamente combinadas para lançar o fermento das suspeitas nos corações, foram acolhidas como o testamento mortuario d'um martyr da liberdade. Lagrimas humedeciam todas as palpebras « Morremos todos comtigo, » exclamou Camillo Desmoulins estendendo a Robespierre os braços abertos como para abraça-lo. Esta alma ligeira e mobil deixava-se agitar a qualquer sôpro de enthusiasmo. Elle passava dos braços de La Fayette aos braços de Robespierre, qual uma cortezã de todas as emoções. Oitocentas pessoas se levantaram com elle e offereceram, pela sua actitude, gestos, e inspiração espontanea e unanime, um desses quadros os mais imponentes do poder da palavra, da paixão, e das circumstancias sobre um povo reunido. Depois que a sociedade jurou individualmente defender a vida de Robespierre, annunciou-se a chegada dos ministros e dos membros da assemblea, que tinham feito parte do club de 89, e que vinham fraternisar no perigo da patria com os jacobinos.

« Senhor presidente, exclamou Danton, se os traidores ousam apresentar-se em nossa presença, comprometto-me solemnemente levar a minha cabeça sobre um cadafalso, ou provar-lhes que a cabeça delles deve rolar aos pés da nação que trahiram. »

Os deputados entram e Danton, reconhecendo La Fayette no meio delles, sobe á tribuna, interpellando o general: « Devo fallar e fallarei, como se gravasse a buril a historia para os seculos futuros. Porque motivo, sr. de la Fayette, vos atraveis a juntar-vos aos amigos da constuição, vós partidista e signatario desse systema de duas camaras inventado pelo padre Sieyés, systema destruidor da constituição e da liberdade? Não fostes vós que a mim proprio dissestе, que o projecto do sr. Mounier era odiado de mais para se ousarem reprodusi-lo, mas que era possivel fazer acceitar á assembléa o seu equivalente? Desafio-vos a negar este facto que vos confunde. Como succede que o rei, na sua proclamação, emprega a mesma lingoagem que vós? Como vos atrevestes a attentar, n'uma ordem do dia, contra a circulação dos escriptos publicados pelos defensores do povo, no entanto que concedieis a protecção das vossas baionetas aos poltrões escriptores, destruidores da constituição? Porque conduzistes captivos, e como em triumpho, os habitantes do arrabalde de Santo Antonio, que queriam destruir a ultima trincheira da tyrannia em Vincennes? Porque na mesma noite dessa expedição de Vincennes, destes protecção nas Tuileria , aos assassinos armados de punhaes, pasa favorecerem a fuga do rei? Explicai-me o acaso que postou em 21 de junho na guarda das Tuilerias essa mesma companhia de granadeiros de *l'Oratoire* (Oratorio) que punistе em 18 de abril por se haver opposto á partida do rei? Não nos illudamos. A fugida do rei é o resultado de uma conspiração. Houve intelligencias; e vós, sr. de La Fayette, vós que respondieis ainda ultimamente pela pessoa do rei com a vossa cabeça, acaso apparecendo aqui nesta assembléa, não vindes buscar nella a vossa condemnação? O povo precisa vingança está farto de ser alternativamente afrontado e trahido. Se a minha voz é suffocada aqui, se as nossas considerações sempre fracas para com os inimigos da patria, perpetuamente a põe em perigo eu apello para o juiso da prosteridade. A ella pertence julgar entre vós e eu. »

O sr. de La Fayette, intimado para responder, não deu resposta áquellas instentes terpellações. Disse sómente que vinha reunir-se aquella sociedade, porque era alli onde os bons cidad os deviam correr nos tempos de alarma; e sahio da assemblea. Tendo no dia immediato a mesma assembléa resolvido que se intimasse o general para vir justificar-se, escreveu que iria mais tarde. Nunca foi. Porem as moções de Robespierre e de Danton não prejudicaram o seu credito na guarda nacional. Danton deu naquelle dia uma prova de audacia. O sr. de La Fayette tinha quasi a escaparam-se-lhe dos labios as provas de venalidade deste orador, que havia recebido 100,000 francos do sr. de Montmorin. Danton sabia que o sr. de La Fayatte não poderia accusa-lo sem perder ao sr. de Montmorin, e sem se accusar a si proprio de participação naquelle commercio vergonhoso de caracteres alimentados pelos fundos da lista civil. Estes dois segredos intimidaram-se um ao outro, e forçaram o tribuno e o general a reticencias que amorteceram o combate. Lameth respondeu a Danton, e fallou em sentido de concordia. Naquelle dia não prevalleceram ainda nos jacobinos as resoluções violentas propostas por Danton e Robespierre. O perigo servio de prudencia ao povo. Seu instincto prohibio-lhe dividir as forças em presença do que ainda não conheciam.

XXII. — De tarde a assembléa nacional discutio e adoptou um projecto de manifesto aos francezes, concebido nos seguintes termos: « Um grande crime acaba de ser commettido, o rei e a familia real foram arrebatados (esta ficção, que se continuava a usar do *rapto* do rei excitou murmurios: a prudencia da assembléa abafou-os), porém os vossos representantes triumpharão de todos os obstaculos. A França quer ser livre, e sel-o-ha: a revolução não retrogada. Salvámos immediatamente a lei decretando que os nossos decretos sejam em si mesmo a lei. Salvámos a nação enviando ao exercito um reforço de trezentos mil homens. Salvámos a ordem colocando-a sob a garantia do zêlo e do patriotismo dos cidadãos armados. Nesta actitude esperamos os nossos inimigos.,. N'um escripto dictado ao rei por aquelles que violentaram o seu amor, accusam-vos, accusa-se a constituição, e accusa-se a lei da impunidade de 6 de outubro! A nação é mais justa. Ella não accusa o rei do crime dos seus antepassados (*aplausos*). Mas este rei que prestou juramento, em 14 de junho, a esta constituição, deveria portanto consentir n'um prejurio? Attribuem-se aos que se chamam facciosos as alterações feitas na constituição do reino! Alguns facciosos? não é bastante: sêmos vinte e seis milhões de facciosos! (*mais aplausos*). Reconstituimos todos os poderes: conservámos a monarchia, porque a julgàmos util á França. Não á duvida que a reformámos, mas foi para salval-a dos seus abusos e dos seus excessos. Deixámos cincoenta milhões annuaes ao legitimo esplendor do throno. Reservamo-nos o direito de declarar a guerra, porque não quisémos que o sangue do povo pertença aos ministros. Francezes! todos os poderes estão organisados. Todos estão no seu posto. A assembléa véla. Não temais senão de vós proprios, se a vossa justa emoção vos impellir á desordem. O povo que quer ser livre, deve sêr impassivel a estas grandes crises. Vêde Pariz! imitai a capital! Tudo aqui segue a marcha ordinaria. Os tyrannos serão enganados. Para metter a França debaixo do jugo, será mister anniquilar a nação inteira. Se o despotismo se aventurar a tental-o, será vencido. Se triumphar, não triumphará senão sobre ruinas. » Aplausos unanimes e prolongados seguiram a esta leitura,

A sessão, suspensa por uma hora, continuou ás nove horas e meia. Uma grande agitação se manifesou em toda a sala. *Está preso! Está preso!* Estas palavras correram por todos os bancos, e da sala precorreu pelas gallerias e tribunas. O presidente annunciou que acabava de receber um masso contendo diversos documentos, a cuja leitura se ía proceder. Recommendou a todos que se abstivessem de qualquer signal de approvação ou desapprovação. Abrio o maço, e leu-se no meio de um profundo silencio, as cartas da municipalidade de Varennes e de Saint Menehould, trazidas pelo senhor Mangin, cirurgião em Varennes. A assembléa nomeou tres commissarios dentre si para irem assegurar a volta do rei para Pariz. Estes tres commissarios foram: Barnave, Pethiou, e Latour-Maubourg. Partiram no mesmo instante a desempenhar sua missão. Deixemos por um momento Pariz entregue ás emoções da surpreza, da alegria, e da colera que a fuga do rei, e a sua prizão ahi tinham suscitado.

XXIII. — A noite passara-se em Varennes para o rei e para o povo, nas palpitações da esperança e do terror. Em quanto que as creanças dormiam, acabrunhadas da fadiga de uma longa estrada, e d'um dia abrasador, e descuidosas da sua sorte; o rei e a rainha, guardados á vista pelos municipaes de Varennes, conversavam em voz baixa a respeito da sua cruel situação. Sua piedosa irmã, a princeza Izabel, orava ao lado delles. O reino della era o do céo. Não ficára na côrte, onde era como estranha pela sua piedade, e pela sua renuncia a todos os prazeres, senão para se dedicar a seu irmão. Ella não tomava ahi outra parte senão nas lagrimas e nas tribulações do throno.

Os captivos não desesperavam ainda de todo. Não duvidavam que o senhor de Bouillé, advertido sem duvida por algum dos officiaes que postára no caminho do rei, marcharia toda a noite para soccorrel-o. Attribuiam a sua demora á necessidade de reunir forças bastantes, para dispersar as numerosas guardas nacionaes chamadas a Varennes pelo toque de rebate; mas a cada momento confiavam vêl-o apparecer, e o menor movimento do povo, o mais leve retinir de armas na rua de Varennes, figurava-se-lhes o annuncio da sua chegada. O correio enviado a París pela municipalidade de Varennes, a fim de receber as ordens da assembléa, só partira ás tres horas da madrugada. Eram precisas vinte horas para chegar a Paris, e outras tantas para voltar. O tempo para convocar a assembléa e deliberar não podia ser menos

de tres ou quatro horas. Eram por tanto quarenta e oito horas que o senhor de Bouillé tinha de antecipação ás ordens de Paríz.

Além disto, em que estado estaria Paríz? que teria alli succedido á noticia inesperada da evasão do rei? Ou o terror ou o arrependimento não se haveriam apossado dos espiritos? Não teria a anarchia rompido os frageis diques que uma assembléa, anarchica em si mesmo, tivesse tentado oppôr-lhe? O grito de traição não havia sido o primeiro rebate do povo? O senhor de La Fayette não estaria assassinado como um traidor? e a guarda nacional desorganisada? Não haveriam os bons cidadãos assumido a superioridade com o favor d'esta subita consternação dos facciosos? Quem daria as ordens? quem as executaria? A nação desorganisada e trémula, não ajoelharia acaso aos pés do seu rei? Taes eram as chimeras, derradeiras lisonjas dos infortunios reaes, de que se repassavam, durante esta noite fatal, n'aquelle quarto estreito e abrasado onde uma familia real, inteira, estava apinhada.

O rei podera communicar livremente com muitos officiaes dos descamentos. Os sons de Guoguelas, de Damas, de Choiseul haviam penetrado até ali. O procurador syndico e os officiaes municipaes mostravam respeito e compaixão para com o rei, mesmo na execução do que elles julgavam o seu dever. O povo não passa repentinamente do respeito ao ultraje. Ha um momento de indecisão em todos os sacrilegios, durante o qual parece venerar-se ainda o que se está prestes a profanar. A municipalidade de Varennes, e o senhor Sausse, julgando salvar a nação, estavam bem longe de querer offender o rei prisioneiro. Guardavam-o tanto como seu soberano; como seu captivo. Estas gradações não escapavam ao rei; e lisongeava-se que ás primeiras intimações do senhor de Bouillé o respeito prevaleceria sobre o patriotismo, e que o soltariam. Neste sentido fallára aos seus officiaes.

Um delles, o senhor Derlons, que commandava o esquadrão de husares postado em Dun, entre Varennes e Stenay, fôra informado da prisão do rei, ás duas horas da manhã, pelo commandante do destacamento de Varennes, fugido desta cidade. O senhor Derlons, sem esperar as ordens do seu general, mas suspeitando-as com o seu bom senso e energia, mandara montar os husares a cavallo, e despedira a galope sobre Varennes, a fim de arrebatar o rei á viva força. Chegado ás portas de Varennes, achou-as barricadas e defendidas por massas numerosas de guardas nacionaes. Recusaram aos husares a entrada em Varennes. O senhor Derlons, deixando da parte de fóra o seu esquadrão, e apeiando-se, pedira ser apresentado ao rei. Consentio-se. Era seu intuito informar primeiro o principe de que o senhor de Bouillé estava prevenido, e ía marchar á frente do regimento Real Allemão. Tinha igualmente outro fim. Era certeficar-se pelos seus proprios olhos se haver a possibilidade de forçar com o seu esquadrão os obstaculos, chegar até á cidade alta, e arrebatar o rei. As barricadas pareceram-lhe insuperaveis á cavallaria. Entrou na casa onde estava o rei. Pedio as suas ordens. «Dizei ao senhor de Bouillé, lhe respondeu o rei, que estou préso, e não posso dar nenhumas; que receio não possa nada por mim, mas porém rogo-lhe que faça quanto poder.» O senhor Derlons, que era Alsaciano, e fallava o allemão, quiz dirigir nesta lingua algumas palavras á rainha, para receber suas ordens sem nenhuma das pessoas presentes á entrevista as comprehenderem. Fallai-me em francez, senhor, lhe disse a rainha; escutam-nos.» O senhor Derlons calou-se; retirou-se desesperado; mas parou com os seus husares ás portas de Varennes, esperando alli as forças superiores do senhor de Bouillé.

XXIV. — O senhor Romeuf, ajudante de campo do senhor de La Fayette, enviado por este general, e portador das ordens da assembléa, chegou a Varennes pelas sete horas e meia. A rainha que o conhecia, dirigio-lhe as mais patheticas reconvenções relativamente á odiosa missão de que o seu general o encarregára. O senhor Romeuf tentou debalde acalmar-lhe a irritação, com todas as provas de respeito e dedicação compativeis com o rigor de suas ordens.

A rainha indignada, passando da invectiva ás lagrimas deu livre curso ao seu desespero. Como o snr. Romeuf havia collocado a ordem escripta da assembléa sobre o leito onde o delfim repousava, a rainha lançou mão daquelle papel, arremessou-o ao chão, e calcou-o aos pés, dizendo que similhante escripto manchava o leito de seu filho. «Pela vossa salvação, e pela vossa gloria, snr.ª, lhe disse o moço official, dominai essa dôr. Desejarieis que outro, a não ser eu presenceasse similhantes accessos de desespêro?

Apressavam-se os preparativos da partida com receio de que as tropas do snr. de Bouillé viessem forçar a cidade, ou cortar a estrada. O rei retardava esta partida o mais que podia. Cada minuto arrancado á hora da partida, era uma probabilidade mais de livramento. Disputava esses minutos um a um aos seus guardas. No momento de embarcar na carruagem, uma das creadas da rainha fingio uma indisposição grave e repentina. A rainha recusou partir sem ella. Não cedeu senão ás ameaças de violencia, e aos gritos do povo impacienciente. Não consentio porem que pegassem em seu filho. Agarrou nelle em seus braços, subio para a carroagem; e o cortejo real escoltado por tres, ou quatro mil guardas nacionaes, dirigio-se lentamente para Pariz.

XXV. — E que fasia no entanto o marquez de Bouillé, durante esta longa agonia do rei? Tinha, como já vimos passado a noite ás portas de Dun, a duas leguas de Varennes, esperando os correios que lhe deviam annunciar a aproximação das carroagens. Pelas quatro horas da manhaã, temendo ser descoberto, e não tendo visto chegar ninguem, voltou para Stenay a fim de estar mais a proposito de expedir ordens ás suas tropas, se acaso tivesse acontecido algum accidente ao rei. Achava-se ás quatro horas e meia, ás portas de Stenay, quando os dous officiaes que ahi postára na vespora, e o commandante do esquadrão abandonado pelos seus soldados, vieram advertil-o de que o rei estava preso desde as onze horas da noite. Cheio de espanto, e admirado de ser advertido tão tarde, ordenou immediatamente ao regimento Real Allemão que estava em Stenay, montasse a cavallo, e o seguisse. O coronel do regimento recebêra na vespora ordens de ter os cavallos sellados. Esta ordem não se cumprira. O regimento perdeu tres quartos d'hora nos preparativos, apesar das repetidas e continuas mensagens do snr. de Bouillé, que chegou a enviar seu proprio filho aos quarteis. Quando o regimento formou fora da cidade, o snr. de Bouillé, abordou-o com franqueza, querendo sondar pessoalmente as suas disposições em que elle estava. » O vosso rei, que vinha lançar-se em vossos braços, está a poucas legoas de vós, lhe disse elle. O povo de Varennes prendeu-o. Deixal-o-heis insultado e captivo em poder dos municipaes! As suas ordens são, que vos esperava e conta os minutos. Marchemos a Varennes! Corramos a libertal-o, e vamos restituil-o á nação e á liberdade! Marcho comvosco: Segui-me! » Enthusiasticas aclamações, a mais não ser possivel, acolheram estas palavras. O snr. de Bouillé distribuio 500 ou 600 luizes aos soldados. O regimento poz-se em marcha.

De Stenay a Verennes ha somente a distancia de nove leguas por caminho montanhoso e difficil, O snr de Bouillé empregou quanta diligencia lhe era possivel. Pouco distante de Varennes, encontrou o primeiro destacamento do Real Allemão retido á entrada de um bosque pelos guardas nacionaes que atiravam sobre os soldados. Carregou aquelles atiradores; e tomando em pessoa o commando daquella guarda avançada, chegou ás nove horas e um quarto ás por as de Varennes. O regimento seguia-o de perto. O snr. de Bouillé reconhecia a cidade para atacal-a, quando descobrio tambem fóra della uma porção de husares que pareciam igualmente reconhecer a praça. Era o esquadrão de Dun, commandado pelo snr. Derlons, e que passara a noite esperando os reforços. O snr. Derlons correu a encontrar o seu general, e disse-lhe que e rei havia partido hora e meia antes. Acrescentou mais que a ponte da cidade estava cortada, e as ruas barricadas; que os husares de Clermont e os de Varennes tinham fraternisado com o povo, e que os commandantes desses destacamentos, os snrs. de Choiseul, de Damas, e de Guoguelas estavam presos. O snr. de Bouillé desesperado, mas não desanimado, resolveu seguir o rei, torneando Va-

rennes, a fim de o arrancar do poder dos guardas nacionaes. Mandou sondar os váos do rio pelo Real Alemão. Não se encontrou nenhum vadeavel, apesar de haver um. Entrementes soube que as guarnições de Verdem e de Metz, avançavam com artilheria em auxilio do povo. A campina cobria-se de guardas nacionaes e de tropas; os soldados da cavalleria mostravam hesitação; os cavallos, fatigados de nove legoas de marcha, não podiam aturar o rapido picar, necessario para alcançar ou preceder o rei em Sainte-Menehould. A energia decahio com a esperança que falhava. O regimento Real Allemão voltou redeas. O snr. de Bouillé reconduzio-o silenciosamente até ás portas de Stenay. Seguido unicamente d'alguns dos seus officiaes mais compromettidos, lançou-se no Luxemburgo e atravessou a fronteira por entre milhares de tiros de espingarda, procurando mais a morte do que evitar o supplicio.

XXVI. No entanto as carroagens do rei retrocediam rapidamente para Chalons, acompanhando o *marche-marche* dos guardas nacionaes, que se revesavam para escoltal-a. As povoações inteiras agglomeravam-se nas leiras das estradas para ver aquelle rei captivo, conduzido em triumpho pelo povo que se julgava trahido. As baionetas e os chuços dos guardas nacionaes, a muito custo podiam abrir passagem atravez aquella multidão que engrossava e se renovava continuamente. Os gritos e os gestos de odio e furor, os apupos, e os ultrajes não cansavam. As carroagens avançavam por entre fileiras de opprobrios. O clamor do povo acabava, e recomeçava de novo, a cada volta que as rodas das carroagens davam em todo aquelle caminho. Era um calvario de sessenta legoas, cada passo do qual se podia contar por um supplicio. Um unico homem, o sr. de Dampierre, velho gentil-homem costumado ao culto dos seus reis, quiz aproximar-se para dar a seus amos um signal de respeitosa compaixão. Foi esmigalhado pelas rodas da carroagem! A familia real teve de passar por cima deste corpo ensanguentado. A fidelidade era o unico crime irremissivel para aquella turba de furiosos. O rei e a rainha, que haviam feito o sacrificio de suas vidas, igualmente se haviam armado da maior coragem e dignidade possivel para morrerem. A coragem passiva era a virtude de Luiz XVI. Parecia que o ceo, que o destinara ao martyrio, lhe dera previdentemente esta heroicidade, que não sabe combater, mas sabe morrer. A rainha, encontrava no seu sangue e no seu orgulho, odio sobejo para retribuir a este povo, em despreso interno, os insultos com que a profanava. A princeza Isabel implorava internamente o soccorro do ceu. As duas creanças espantavam-se da raiva daquelle povo, ao qual as tinham ensinado a armar, e que elles unicamente viam então em accessos de raiva. A augusta familia não entraria viva a Paris, se os commissarios da assembléa, cuja presença impunha ao povo, não chegassem a tempo de intimidar e dominar esta sedição, que de momento em momento renascia.

Os commissarios encontraram as carroagens do rei entre Dormans e Epernay. Leram ao rei e ao povo as ordens da assembléa que lhes entregava o commando absoluto das tropas e da guarda nacional, em todo o caminho que tinham a precorrer ordenando-lhes vellassem, não só na segurança do rei, mas igualmente na manutenção do respeito devido á realeza na sua pessoa. Barnave e Pethion deram-se pressa em subir á berlinda do rei, para compartilhar seus perigos, e o defenderem com seus corpos. Conseguiram preserveral-o da morte; porém não dos ultrajes. O odio, enxotado das carroagens, empregava-se pouco mais longe, mesmo sobre a estrada. Todos aquelles nos quaes o povo suspeitava enternecimento eram covardemente insultados. Um ecclesiastico que se aproximara dellas, só porque na sua physionomia deixou transparecer indicios de respeito e dor, foi agarrado pelo povo, arremessado para debaixo das patas dos cavallos, e esteve prestes a ser immolado mesmo em presença da rainha. Barnave, por um impulso sublime, arremessou-se á portinhola: «Francezes, exclamou elle, nação de bravos, quereis transformar-vos n'um povo de assassinos?» A princeza Isabel, ferida de admiração por este acto corajoso de Barnave, e temendo que elle se precipitasse sobre aquella multidão, e fosse alli immolado, agarrou-o pelo facto, emquanto elle perorava áquelles furiosos. Desde então a piedosa princeza, a rainha, o proprio rei dedicaram a Barnave uma secreta estima. Um coração generoso no meio de tantos corações crueis expandeu-lhes a alma e preparou-lh'as para uma especie de confidencia com este moço deputado. Não o conheciam até alli senão pela sua fama de faccioso; e agora, sómente pelo som da sua voz nas desgraças que então soffriam. Admiraram-se de encontrar um protector respeitoso no homem que haviam encarado qual um inimigo insolente.

A physionomia de Barnave era forte mas graciosa e franca. Suas maneiras eram polidas, sua linguagem decente, e a actitude como enternecida em frente de tanta belleza, de tantas grandezas, e de tamanha queda! O rei, nos momentos de socego e silencio, dirigia-lhe frequentemente a palavra, e conversava com elle relativamente áquelles acontecimentos. Barnave respondia-lhe como um homem dedicado á liberdade, mas fiel ao throno, e que nunca separava a nação da realeza nos seus planos de regeneração. Transbordando em attenções para com a rainha, princeza Isabel, e augustos meninos, esforçava-se por lhes afastar dos olhos os perigos e as humiliações da viagem.

Contrafeito, sem duvida, pela presença do seu collega Pethion, não confessava em voz alta a sedução de piedade, admiração, e respeito, que o tinham subjugado durante esta viagem. Com tudo esta sedução revelava-se lhe nos actos; e só pelos olhos se concluio um tractado. A familia real conheceu que, no meio desta derrota de tantas esperanças, haviam conquistado Barnave. O comportamento de Bernave desde este dia, justificou a confiança da rainha. Era audacioso contra a tyrannia, e desde então ficou sem forças contra a fraqueza, a graça, e o infortunio. Isto foi o que perdeu sua vida, mas engradeceu a sua memoria. Até alli so havia sido eloquente. Depois mostrou que tambem era sensivel. Pethion, pelo contrario, ficou frio como um sectario, e rude como um homem que repentinamente fez fortuna. Affectou com a familia real uma brusca familiaridade: comeu em presença da rainha, e atirou com as cascas da fructa pelo postigo, mesmo quase a ponto de bater com ellas na cara do rei. Quando a princeza Isabel lhe vasou vinho, ergueu o copo, sem lhe agradecer, para mostrar que tinha sufficiente. Perguntando-lhe Luiz XVI se ella era pelo systema das duas camaras, ou pela republica: «Seria pela republica, respondeu Pethion, se julgasse o meu paiz já preparado para tal forma de governo.» O rei, offendido, não respondeu, nem proferio mais palavra até Pariz.

Os commissarios chegando a Dormans tinham escripto á assembléa, participando-lhe o itenerario do rei, e prevenindo-a do dia e hora da chegada. As immediações de Paris offereciam maior perigo, pela massa e furor do povo por entre o qual o cortejo devia atravessar. A assembléa redobrou de energia e prudencia para segurar a inviolabilidade da pessoa do rei. Até o povo recobrou no sentimento da sua dignidade, em presença dessa grande satisfação que a fortuna lhe dava. Não quiz deshonrar o seu proprio triumpho. Milhares de cartazes se affixaram por toda a parte: «*Aquelle que aplaudir o rei será bastonado; aquelle porem que o insultar será enforcado.* O rei pernoitou em Meaux. Os commissarios pediam á assembléa se conservasse em sessão permanente, a fim de providenciarem sobre os acontecimentos imprevistos da entrada do cortejo em Paris. A assembléa assim o comprio. O heroe do dia, o verdadeiro author da prisão, Drouet, filho do mestre da posta de Sainte-Menehould, compareceu á barra da mesma assembléa, para fazer o seu relatorio. «Eu fui n'outros tempos, disse elle, dragão no regimento de Condé. O meu camarada Guilhermo é como eu antigo dragão no regimento da rainha. Em 21 de junho, ás sete horas e meia da noute, duas carroagens e onze cavallos pararam, para trocar as mudas em Sainte-Menehould. Reconheci a rainha e o rei. Suspeitei com tudo ter-me enganado. Resolvi por tanto certeficar-me da verdade, precedendo as carroagens em Va_

rennes, por um caminho transversal. Cheguei a Varennes eram onze horas. Estava a noite bastante escura, e todos dormiam. As carroagens pararam, e foram demoradas por uma disputa entre os correios e postilhões, pois estes ultimos recusavam ir mais adiante. Disse ao meu camarada : — Guilherme, és tu bom patriota ? — Não o duvides, me respondeu Guilherme — Então bem ; o rei está aqui, prendamol-o. Atravessámos um carro cheio de moveis por baixo da aboboda da ponte ; juntamos oito homens decididos, e quando a carroagem appareceu, perguntámos pelos passaportes. — Temos pressa, senhores, nos disse a rainha. — Insistimos. Fisemos apeiar os viajantes em casa do procurador da communa. Então o proprio Luiz XVI nos disse : — Aqui está o vosso rei ! eis aqui a rainha ! eis-ahi meus filhos ! Tractai-nos com as attenções que os francezes sempre tiveram para com os seus soberanos. — Porem nós prendemol-o. Os guardas nacionaes correram. Os husares poseram-se pela nossa parte ; e depois de cumprirmos com o nosso dever, voltámos para casa, no meio das felicitações dos nossos concidadãos. Vimos hoje apresentar á assembléa nacional a homenagem dos nossos serviços. »

Drouet e Guilherme foram cubertos de applausos.

A assembléa decretou que, depois da chegada de Luiz XVI ás Tuilerias, se lhe desse uma guarda, a qual sob as ordens do sr. de La-Fayette, respondesse pela sua pessoa. Malouet foi o unico orador que se aventurou a protestar contra aquella prisão. « Ella distruia conjunctamente a inviolabilidade e a constituição. O poder legislativo e o poder executivo não são mais do que um ? Alexandre Lameth combateu a proposta de Malouet, e declarou que a assembléa tinha tomado e devia conservar, até se aprovar a constituição, a dictadura que a força de circumstancias lhe havia entregue ; que porem, sendo a monarchia a forma necessaria á centralisação das forças de tamanho povo, a assembléa entraria immediatamente concluisse a feitura da constituição na parte que lhe correspondia na divisão dos poderes, e nas condições da monarchia.

XXVII. — Neste momento o rei captivo entrava em Pariz. Era a 25 de Junho, pelas sete horas da tarde. Desde Meaux até aos arrabaldes, a multidão de momento em momento se condensava mais no caminho por onde o rei seguia. As paixões da cidade, da assembléa, da imprensa, e dos clubs referviam com mais força e mais intensidade, nesta população dos suburbios de Paris. Estas paixões, estampadas em todos os rostos, eram refreadas pela sua propria violencia A indignação e o despreso dominavam ahi a colera. A injuria só rebentava a meia voz. O povo estava taciturno mas não furioso. Milhares de olhos pareciam arremessar a morte para dentro das carruagens. Nenhuma voz porém a proferia.

Este sangue frio do odio não escapou ao rei. O dia fôra abrasador. Um sol ardente, reverberado pelas calçadas e pelas baionetas, abrasava aquella berlinda onde dez pessoas estavam empilhadas. Ondas de poeira, levantadas pelos pés de duzentos a tresentos mil espectadores, eram o unico veo que encobriam, de quando, em quando, a humilhação do rei e da rainha a alegria do povo. O suor dos cavallos, a respiração febril daquella multidão amontoada e frenetica, rarefícavam e corrompiam a atmosfera. O ar faltava á respiração dos viajantes. O suor escorria pela fronte dos dois meninos. A rainha, tremendo por elles, abaixou precipitadamente uma das corrediças da carroagem, e dirigindo-se á multidão para a enternecer : « Vede srs., disse ella, o estado em que estão os meus pobres filhos ! Nós abafámos ! — De outra sorte te abafaremos » lhe responderam, a meia voz, aquelles homens ferozes.

De quando em quando as irrupções violentas da multidão forçavam as alas, rompiam por entre os cavallos, avançavam até ás portinholas das carruagens e subiam os estribos. Homens implacaveis, olhando silenciosos o rei, a rainha, o delphim, pareciam combinar em si as medidas dos ultimos crimes, e nutrirem-se do aviltamento da realesa. As cargas empregadas pela gendarmaria restabeleciam momentaneamente a ordem.

O cortejo continuava a seguir por entre o tinir dos sabres e os clamores dos homens atropellados pelas patas dos cavallos. La Fayette, que receiou attentados e emboscadas nas ruas de Paris, prevenio o general Dumás, commmandante da escolta, de que não atravessasse a cidade. Postou a tropa em fillas dobradas pelos arrabaldes, desde a barreira da Estrela, até ás Tuilerias. A guarda nacional estendia-se em allas. As guardas suissas estavam tambem formadas em linha de batalha, mas as suas bandeiras não se abateram ante o seu monarcha. Não se fez nenhuma continencia militar ao chefe supremo do exercito. Os guardas nacionaes, com as armas em descanço não o saudaram e viram passar o cortejo na actitude da força, da indifferença, e do desprezo.

XXVIII — As carroagens entraram pela ponte no jardim das Tuilerias. La Fayette, montado a cavallo e á frente do seu estado-maior foi ao encontro do acompanhamento e precedeu-o. Durante a sua ausencia um povo immenso inundara os jardins e os terrassos, obstruindo as portas do castello. A escolta fendia a custo por entre estas ondas tumultuosas. Forçavam todos a estar com o chapeo na cabeça. O sr. Guilhermy, membro da assembléa foi o unico que ficou descoberto não obstante as ameaças e insultos que esta falta de respeito lhe atrahia. Vendo que iam usar da força para o obrigar a imitar o insulto universal, atirou com o seu chapeo para o meio da multidão, e bastante longe para lh'o nãopoderem trazer. Foi então que a rainha vendo o sr. de La Fayette, e tremendo pelos dias dos fieis guardas do corpo reconduzidos na almofada da carroagem, e ameaçados pelos gestos do povo, lhe gritou : « sr. de la Fayette, salvai os guardas do corpo !

A familia real apeou-se da carruagem no fim do terrasso. O sr. de la Fayette recebeu-a das mãos de Barnave e de Pethion. Os guardas nacionaes transportaram os infantes em seus braços. Um dos membros do lado esquerdo da assembléa, o visconde de Noailles aprouximou-se com presteza da rainha, e offereceu-lhe o braço. A rainha regeitou indignada, e com um olhar de desprezo, a protecção d'um inimigo. Tanto aviltamento tinha podido verga-la, mas não vence-la. A dignidade do imperio encontrava-se toda inteira no coração de uma mulher.

Os prolongados clamores da multidão, quando o rei entrou nas Tuilerias. annunciaram á assemblèa o seu triumpho. A agitação interrompeu a sessão por meia hora. Um deputado, principitando-se na salla, contou que os tres guardas do corpo estavam entre mãos do povo, que queria esquartejal-os. Vinte commissarios partiram no mesmo instante para os salvar. Entraram alguns minutos depois. A sedição apasiguara-se em presença delles. Disseram que tinham visto Pethion cubrindo com o seu corpo a portinhola da carruagem do rei. Barnave entrou, e subio á tribuna todo coberto ainda de poeira da estrada.» Cumprimos a nossa missão, disse elle, para honra da França e da assembléa. Preservêramos a tranquillidade e a segurança do rei. O rei disse-nos que nunca fôra sua intenção passar os limites do reino *sussurro*. Caminhamos rapidamente até Meaux para evitar a perseguição das tropas do sr. de Bouillé. Os guardas nacionaes e a tropa fizeram o seu dever. O rei está nas Tuilerias » Pethion acressentou, para lisongear a opinião, que ao deseer da carroagem, o povo quizera, em vardade, apoderar-se dos guardas do corpo, que elle proprio fora agarrado pelo colete, e arrancado do seu posto junto á portilhola ; mas que tal movimento do povo era legal na sua intenção, e não tivera outro fim senão assegurar a execução da lei que ordenára a prizão dos cumplices da corte. Decretou-se que o tribunal do districto das Tuilerias procedesse ás informações a respeito da evasão do rei, e que tres commissarios da assembléa recebessem as declarações do rei e da rainha.» Para que é essa obsequiosa excepção ? exclamou Robespierre. Temeis degradar a realesa entregando o rei e a rainha aos tribunaes ordinarios ? Um cidadão, uma cidadã, um homem qualquer, seja qual fôr a dignidade a que se ache elevado, nunca se degrada por satisfazer á lei. » Buzot apoiou esta opinião. Duport combateu-a. O respeito levou de vencida o ultraje. Os commissarios nomeados foram Tronchet, Dandré, e Duport.

XXIX — Luiz XVI, apenas entrado nos seus quartos,

medio com um relancear d'olhos a profundidade da sua queda. La Fayette apresentou-se com as formulas de enternecimento e de respeito, mas com a realidade do commando! Vossa Magestade, disse elle ao rei, conhece a minha dedicação pela sua pessoa; mas não devo deixar de declarar que se Vossa Magestade separar a sua causa da do povo, eu ficarei do lado do povo. — E' verdade, respondeu o rei. Seguis os vossos principios. E' uma questão de partido... Dir-vos-hei francamente que até estes ultimos tempos, acreditava-me envolvido por vós n'um turbilhão facticio de pessoas da vossa opinião para me illudirem; mas que não era essa verdadeiramente a opinião real de França. Bem conheci na minha viagem haver-me enganado, e que tal era a vontade geral — Vossa Magestade tem algumas ordens a dar-me? replicou La Fayette — Parece-me, respondeu o rei surrindo-se, que antes eu estou ás vossas, do que vós ás minhas. »

A rainha deixou transpirar todo o azedume dos seus refreados ressentimentos. Quiz obrigar o sr. La Fayette a receber as chaves dos cofres que estavam nas carroagens. Elle recusou. S. M. insistio; e como elle não quizesse acceital-as, ella propria lhas foi collocar sobre o chapéo. » Vossa Magestade, disse o sr. de La Fayette dar-se-ha ao encommodo de as guardar, porque eu não lhes tocarei — Pois bem! disse a rainha com resaibo, e pegando nellas, encontrarei pessoas menos delicadas do que vós! » O rei entrou no seu gabinete, escreveu algumas cartas, e entregou-as a um criado, que as foi apresentar á inspecção do sr. de La Fayette. O general mostrou indignar-se de lhe attribuirem tão vergonhosa inquisição sobre os actos do rei. Queria que similhante escravidão conservasse as apparencias de liberdade.

O serviço do castello fazia-se como de ordinario; porém La Fayette dava o santo, sem o receber do rei. As grades dos pateos e jardins, estavam fechadas. A familia real submettia a La Fayette a lista das pessoas que desejava receber. Postaram-se sentinellas em todas as sallas, em todas as sahidas, e nos corredores intermedios do quarto do rei, e da camara da rainha. As portas dos quartos deviam ficar sempre abertas. O proprio leito da rainha era vigiado com os olhos. Todo o logar, ainda o mais secreto, era suspeito. Não se respeitava nenhum pudor de mulher. Gestos, olhares, palavras entre o rei e a rainha, tudo era visto, espiado, e notado. Alguns momentos furtivos de enternecimento só os deviam á convivencia. Um official da guarda passava vinte e quatro horas successivas no fundo de um escuro corredor que havia por traz do quarto da rainha. Uma lampada só o esclarecia como a abobada de uma prisão. Este posto, temido dos officiaes que estavam de serviço, era disputado pela dedicação d'alguns dentre elles, que affectavam zelo para encobrir o respeito. Saint-Prix, actor distincto do Theatro Francez, occuppava muitas vezes este posto. Era porque elle favorecia as rapidas entrevistas entre o rei, sua mulher, e sua irmã.

A' noite uma creada da rainha puxava a sua cama para entre a de sua ama, e a porta do quarto que ficava aberta. Encubria-a assim á vista das sentinellas. Uma noite o commandante do batalhão que vellava entre as duas portas, vendo que esta creada dormia, e a rainha não, aventurou-se a aproximar-se do leito da sua soberana, para lhe dar em voz baixa avisos e conselhos sobre a sua situação. A conversação acordou a mulher que dormia. Admirada de ver um homem trajando uniforme, junto do leito real, ia gritar, quando a rainha lhe impoz silencio, dizendo: « Socegai; este homem é um bom francez, illudido no que respeita ás intenções do rei, e minhas, mas cujos discursos annunciam uma sincera dedicação aos seus amos. »

A Providencia servia-se assim dos perseguidores, para leva em alguma consolação ás victimas. O rei, tão resignado e impassivel, vergou um momento sob o pezo de tanta dor, e de tamanha humiliação. Concentrado nos seus pensamentos, esteve dez dias inteiros sem dar uma palavra, nem mesmo á sua familia. A sua derradeira lucta com a desgraça parecia haver-lhe esgotado as forças. Sentia-se vencido e queria, por assim dizer, morrer antes dessa hora. Só a rainha o pode arrancar daquelle cruel silencio; ajoelhando a seus pés, apresentando-lhe seus filhos, e dizendo-lhe: « Guardemos todas as nossas forças para travar esse longo combate com a fortuna. Ainda que a morte seja inevitavel, resta-nos a escolha da attitude em que havemos morrer. Pereçamos como reis, e não esperemos sem resistencia e sem vingança que venham afogar-nos aqui em os nossos quartos! »

A rainha possuia o coração de um heroe, e Luiz XVI a alma de um sabio. Mas o genio que combina a sabedoria com a coragem, faltava a ambos. Um sabia combater, outro sugeitar-se. Nenhum delles sabia reinar,

XXX. — Tal foi essa evasão, que se tivera um bom exito, mudava todas as phases da revolução. Esta, em vez de ter no rei, captivo em Pariz, um instrumento e uma victima, haveria tido no rei livre um inimigo, ou um moderador; em logar da anarchia, a guerra civil; em vez das carnificinas, victorias. Triumpharia por via de armas, e não pelo cadafalso.

Nunca a sorte de tantos homens e de tantas ideias dependeu tão visivelmente d'um acaso! E esse mesmo acaso não era um accidente. Drouet, foi o instrumento da perdição do rei. Se elle não reconhecera este principe pela sua similhança com a effigie estampada nos *assignados*, (papel moeda); se não correra á redea solta para Varennes, e ahi precedesse as carroagens reaes, dentro de duas horas o rei, e a familia real estavam salvos. Drouet, esse filho obscuro de um mestre de postas, em pé e ocioso de tarde no limiar de porta n'uma aldeia, decidio da sorte de uma monarchia. Não tomou conselho senão comsigo mesmo, partio, e disse: « Prenderei o rei. » Mas Drouet não haveria tido esse instincto decisivo, se não tivera, por assim dizer, personificado em si proprio, naquelle momento, toda a agitação, e todas as suspeitas do povo. E' o fanatismo da patria que o impelle, sem elle mesmo o saber, para Varennes, e que o faz sacrificar uma familia inteira de fugitivos ao que elle julga a salvação da nação. Não havia recebido ordens de ninguem; e portanto tomou sósinho sobre si aquella prisão e morte. A sua dedicação ao paiz foi cruel. Seu silencio e commiseração haveriam atrahido menos calamidades.

Em relação ao proprio rei, se esta fuga não era um crime, era pelo menos uma falta. Fôra cedo de mais, ou tarde de mais. Mui tarde, porque tendo o rei já sanccionado a revolução, não podia voltar-se repentinamente contra ella sem parecer trahir seu povo, ou desmentir-se a si proprio. Cedo de mais, porque não estando ainda acabada a constituição que a assembléa fazia, nem o governo convencido de impotencia, nem ainda evidentemente ameaçados os dias do rei e sua familia, o cuidado da propria segurança como homem o arrebatava sobre os seus deveres de rei. No caso de bom exito, Luiz XVI para recobrar o seu reino sómente encontraria forças estrangeiras. — Succedendo o contrario, não encontraria no seu palacio mais do que uma prisão Por qualquer lado que a evasão se encarasse, era funesta Ou a estrada da vergonha, ou o caminho do cadafalso. Para fugir d'um throno, quando se não quer morrer, existe unicamente uma senda: é a abdicação. O rei, quando voltou de Varennes, devia abdicar. A revolução teria adoptado seu filho, e educal-o-hia á sua similhança. Não abdicou. Annuio a aceitar o perdão do seu povo. Jurou executar uma constituição da qual havia desertado. Foi um rei amnistiado. A Europa não vio nelle senão um fugido do throno reconduzido ao seu supplicio, a nação um traidor, a revolução um ludibrio.

LIVRO TERCEIRO.

I. — Tanto para os povos, como para os individuos, ha um instincto de conservação que os adverte e reprime, mesmo sob o influxo das mais temerarias paixões, ante os perigos na voragem dos quaes vão a precipitar-se. Parecem recuar repentinamente ao encarar o abysmo para onde pouco antes iam correndo. Estas intermitencias das paixões humanas são curtas e fugitivas. Comtudo dão tempo aos acontecimentos, á prudencia

meios de se desenvolver e aos homens de estado occasião de operar. São propriamente os momentos espiados por estes ultimos para se apossarem do espirito oscilante e intimidado dos povos, para os fazer reagir contra os excessos, e retroceder pela propria repercussão das paixões que mui longe os levaram. No dia seguinte ao 25 de junho de 1791 a França teve um desses arrependimentos que salvam os povos. Só lhe faltou um homem de estado.

Nunca a assembléa nacional offerecêra espectaculo tão imponente e tranquillo como no decurso dos cinco dias que se seguiram á evasão do rei. Dir-se-hia que ella avaluava bem o peso do imperio que carregava todo sobre ella, e que rebustecia a sua actitude para a sustentar com dignidade. Acceitou o poder, sem querer usurpal-o, nem retel-o. Velou d'uma respeitosa ficção a fuga do rei: chamou-lhe rapto; procurou criminosos em roda do throno; e neste só vio a inviolabilidade. Para ella, o homem desappareceu em Luiz XVI sob a irresponsabilidade do chefe do estado. Estes tres mezes podem considerar-se como um interregno, durante o qual a razão publica é por si só a constituição. Não existia rei, porque elle estava captivo, e se lhe retirara a sancção; não existia lei, porque a constituição ainda não estava feita; não haviam ministros, porque o poder executivo estava interdicto, e com tudo o imperio estava em pé, operava, organisava-se defendia-se, e conservava-se. O que sobre tudo é ainda maior prodigio: elle proprio se moderava. Tinha em reserva no palacio a roda principal da const tuição — a realesa. No dia em que a obra estava acabada, collocou-a no seu logar, e disse ao rei: «Sê livre, e reinai!»

II. — Só uma cousa deshonra este magestoso interregno da nação. E' o captiveiro momentaneo do rei, e da sua familia. Mas é preciso reconhecer tambem que a nação tinha direito de dizer ao seu chefe: «Se queres reinar sobre nós não sahirás do reino, não irás levar a realesa da França para o meio dos nossos inimigos. E quanto ás fórmas deste captiveiro nas Tuilerias, deve reconhecer-se igualmente que a assembléa nacional não as havia ordenado; que se indignava só com a palavra prisão; que ordenara uma residencia politica, nada mais; e que o rigor e o adioso das medidas de vigilancia mais dependiam da desconfiada responsabilidade da guarda nacional, que da irreverencia da assembléa. La Fayette guardava, na pessoa do rei, a dymnastia, a sua propria cabeça, e a constituição. Refens ao mesmo tempo contra a realesa e contra a republica. Dominando o palacio, intimidava com a presença de um rei fraco e aviltado os realistas desanimados e os republicanos repremidos. Luiz XVI era o seu penhor.

Barnave e os Lameth tinham, na assembléa nacional, a mesma actitude que La Fayette fóra della. Careciam do rei para se defenderem dos proprios inimigos. Em quanto existio um homem entre elles e o throno (Mirabeau) representaram de republicanos, e minaram o throno para despedaçarem um rival. Porém, morto Mirabeau, e combatido o throno, sentiam-se fracos contra o movimento a que haviam dado o impulso. Sustentavam estas reliquias da monarchia, para a seu turno serem tambem por ellas sustentados. Fundadores dos jacobinos, tremiam ante a propria obra. Refugiavam-se na constituição, que elles mesmos haviam desmantellado. Passavam do papel de demolidores ao de homens de estado. Porém, para o primeiro papel só basta a violencia; para o segundo é mister o genio. Barnave só tinha talento. E' verdade; tinha mais do que isto: possuia uma alma, e era homem honrado. Os primeiros excesscessos da sua palavra só haviam nascido nelle do deslumbramento da tribuna. Quizera saborear os aplausos do povo. Dispensaram-lh'os muito além do seu verdadeiro merito. Já não era com Mirabeau que daqui em diante tinha de se medir. Era com a revolução em toda a sua força. O ciume arrebatava-lhe o pedestal que lhe havia emprestado! Ha portanto apparecer tal qual era.

III. Porém um sentimento mais nobre do que o interesse da segurança pessoal impellia Barnave a enfileirar-se no partido da monarchia. Seu coração passara primeiro do que a sua ambição para o lado da fraquesa, da formusura, e da desgraça. Nada ha mais precioso para um homem sensivel do que conhecer aquelles contra quem combate. O odio á causa despenha-se em frente do actrativo pelas pessoas. Mesmo contra vontade o individuo se torna parcial. A sensibilidade desarma a intelligencia; em vez do raciocinio apperece o internecimento, e o sentimento de um homem commovido vem a ser em breve a sua politica.

Era isto o que se passara na alma de Barnave durante o seu regresso de Varennes. O interesse, que concebêu pela rainha, converteu á realesa o moço republicano. Barnave não tinha até então conhecido esta princeza, senão atravez a nuvem de prevenções, de que os partidos costumam envolver aquelles que querem aborrecer. A subita aproximação dessipava aquella atmosfera de convenção. Elle adorava de perto o que tinha calumniado de longe. O mesmo papel que a fortuna lhe dava no destino desta mulher, tinha alguma cousa de inesperado e romancesco, capaz de deslumbrar sua orgulhosa imaginação, e internecer sua generosidade. Mancebo, obscuro, e desconhecido, havia uns poucos mezes antes; era então celebre, popular, poderoso; e lançado, em nome de uma assemblea soberana, entre o povo e o rei, transformava-se em protector daquelles de que fôra inimigo: Regias mãos e supplicantes tocavam as suas de plebeo. Elle oppunha a realeza popular do talento, e da eloquencia, á realesa do sangue dos Bourbons. Defendia com o seu corpo a vida daquelles que haviam sido seus soberanos. A sua mesma dedicação era um triumpho. Esta rainha era moça, bella magestosa, mas humanisada em rasão do terror por seu marido e seus filhos. Seus olhos anuviados pelo pranto, imploravam dos de Barnave a salvação. Era elle o primeiro orador daquella assemblea que tinha em suspenso a sorte da monarchia. Era o favorito daquelle povo a quem governava com um gesto, e cujo furor afastara durante aquelle longo transito entre o throno e a morte. Aquella mulher assentara seu filho, o moço delfim, nos seus joelhos. Os dedos de Barnave tinham brincado com os louros anneis do cabello do menino. O rei, a rainha, a princeza Izabel tinham distinguido, com tacto, Barnave do inflexivel e descortez Pettion. Tinham conversado com elle a respeito da sua situação. Haviam-se lastimado de terem sido enganados sobre a naturesa do espirito publico em França. Tinham mostrado arrependimento, e inclinações constitucionaes. Estas conversações, constrangidas, n'uma carroagem pela presença dos outros commissarios e pelos olhares do povo haviam sido furtiva, e mais intimamente seguidas, nas paradas que a familia real fasia durante a noite. Ajustaram-se correspondencias politicas mysteriosas, e entrevistas secretas nas Tuilerias. Barnave que havia partido inflexivel, chegou a Paris dedicado. A conferencia nocturna de Mirabeau com a rainha no parque de *Saint Cloud* foi ambicionada pelo seu rival. Porém Mirabeau vendeu-se, e Barnave deu-se. Punhados de ouro compraram o homem ambicioso. Um olhar sedusio o homem sensivel.

IV. Barnave tinha encontrado Duport e os Lameth, seus amigos, nas disposições mais monarchicas possiveis, porém por motivos differentes dos seus. Este triumvirato entendeu-se com as Tuilerias. Os Lameth e Duport viram o rei. Barnave que não se aventurou a apparecer no castello logo nos primeiros tempos, ahi foi depois secretamente. As mais desconfiadas precauções occultaram estas entrevistas. O rei e a rainha, esperavam algumas vezes, horas inteiras, o moço orador n'um pequeno quarto da sobre-loja do palacio, com a mão na chave da fechadura, para abrirem a porta apenas ouvissem seus passos. Quando estas intrevistas eram impossiveis, Barnave escrevia á rainha. Presumia muito das forças do seu partido na assemblea, porque media o poder das opiniões pelos talentos que as exprimem. Quando a rainha duvidava: — «Tranquilisai-vos, Senhora, lhe escrevia Barnave; é verdade que a nossa bandeira está rôta, mas ainda se lê nella a palavra *constituição*. Esta palavra recuperará sua força e seu prestigio, se o rei a ella adhirir sin-

ceramente. Os amigos desta constituição, emendados dos seus erros, podem ainda restabelecê-la e avigoral-a. Os jacobinos amedrontam a razão publica; os emigrados ameaçam a nacionalidade. Não receieis pelos jacobinos; não vos confieis nos emigrados. Lançai-vos nos braços do partido nacional que ainda existe. Henrique IV não subio ao throno de uma nação catholica, collocado á frente de um partido protestante?»

A rainha seguia de boa fé estes conselhos tardios, e concertava com Barnave todos os seus passos, e todas as suas correspondencias com o estrangeiro. Ella não queria dizer, nem fazer nada que contrariasse os planos que elle havia concebido, para a restauração do poder real. «Um sentimento de legitimo orgulho, dizia a rainha fallando delle, sentimento que não saberei censurar n'um mancebo de talento nascido nas obscuras fileiras do terceiro estado, lhe faz desejar uma revolução que lhe aplane a estrada da gloria e do poder. Mas o seu coração é leal, e se em algum tempo a authoridade real volver as nossas mãos, o perdão de Barnave está de antemão escripto em nossos corações. A princesa Isabel compartilhava esta inclinação da rainha e do rei por Barnave. Sempre vencidos, tinham acabado por acreditar que não havia força para levantar a monarchia senão nos mesmos que a haviam derrubado. Era a superstição da fatalidade. Estavam tentados a adorar aquella potencia da revolução, a qual elles não tinham tido força de fazer vergar.

V. — Os primeiros actos do rei ressentiram-se muito, pela sua dignidade, destas inspirações dos Lameth e de Barnave. Elle entregou aos commissarios da assembléa, encarregados de interroga-lo ácerca dos acontecimentos de 21 de junho, uma resposta, de que a má fé excitava mais o riso do que a indulgencia dos seus inimigos.

«Introduzidos na camara do rei, e a sós com elle, disseram os commissarios á assembléa, o rei nos fez a seguinte declaração: — Os motivos da minha partida foram os insultos e os ultrajes que se me fizéram, em 18 de abril, quando quiz ír para Saint-Cloud. Ficando impunes aquelles insultos, entendi que não havia nem segurança nem decencia para mim em París. Não o podendo fazer publicamente, resolvi partir de noite, e sem comitiva. Nunca foi minha intenção sahir do reino. Não tive concerto nem com as potencias estrangeiras, nem com os principes da minha familia, que se acham emigrados. A minha residencia estava preparada em Montmédy, Escolhi esta praça, por ser forteficada, e estar mais proxima da fronteira, ficando assim mais ao alcançe de me oppôr a toda a especie de invasão. Reconheci nesta viagem que a opinião publica estava decidida em favor da constituição, Assim que conheci a vontade geral não hesitei, assim como tambem jámais duvidei fazer o sacrificio do que me é pessoal pela felicidade commum.»

O rei (accrescentou a rainha na sua declaração) desejava partir com seus filhos; e declarei que nada haveria no mundo que me impedisse de o seguir. Assaz tenho provado no decurso de dois annos, e em bem penosas circumstancias, que nunca o abandonarei.»

Não satisfeita ainda com esta inquisição sobre os motivos e circumstancias da evasão do rei, a opinião irritada pedia que a nação estendesse o seu braço até á vontade paterna, e que a assembléa nomeasse um director ao delfim. Noventa e dois nomes, quasi todos obscuros, sahiram do escrutinio que se abrio para este effeito. Foram recibidos estes nomes com zombaria geral. Addiou-se este ultraje ao rei, e ao pai. O director nomeado mais tarde por Luiz XVI, o senhor de Fleurieu, nunca entrou em exercicio. Ainda mais tarde o carcereiro de uma prisão de malfeitores é que foi o director do herdeiro de um imperio.

O marquez de Bouillé dirigio, do Luxemburgo, uma carta ameaçadora á assembléa para desviar de sobre o rei a colera publica, e tomar sobre si unicamente a inspiração e execução da sua evasão. «Se cair um cabello da cabeça de Luiz XVI, dizia elle, não ficará em París pedra sobre pedra. Eu conheço as estradas, o guiarei os exercitos estrangeiros.....» O riso respondeu a estas palavras. A assembléa era assaz prudente para não carecer dos conselhos do senhor de Bouillé, e assáz forte para desprezar as ameaças d'um proscripto.

O senhor de Cazalés acabava de dar a sua demissão para ír *combater*. Os membros mais pronunciados do lado direito, entre os quaes se distinguiam Maury, Montlozier, o abbade Montesquieu, o abbade de Pradt, Virieu, etc., em numero de duzentos e noventa, adoptaram uma resolução funesta, a qual, tirando o contra peso ao partido da revolução, precipitava a quéda do throno e perdia o rei, sob pretexto d'um culto sagrado pela realeza. Elles continuaram na assembléa; mas annularam-se, e não quizeram mais ser considerados senão como um protesto vivo contra a violação da liberdade e da authoridade real. A assembléa recusou ouvir a leitura do protesto destes membros o qual era em si mesmo a violação do proprio mandato. Elles publicaram-o, e espalharam-o com profusão por todo o reino.

« — Os decretos da assembléa, diziam elles, absorveram o poder real todo inteiro. O sello do Estado está sobre a sua meza. A sancção do rei está aniquilada. Obliterou-se o nome do rei no juramento que se presta á lei. Os delegados vão directamente levar as ordens das commissões aos exercitos. O rei está captivo. Uma republica provisoria occuppa o interregno. Longe de nós concorrer para similhantes actos. Não consentiriamos mesmo em ser testimunhas delles, se não tivessemos o dever de vellar na conservação da pessoa do rei. Fóra deste unico interesse, concentrar-nos-hemos no silencio mais absoluto. Este silencio será a unica expressão da nossa constante opposição a todos os vossos actos!»

Estas palavras eram a abdicação de um partido inteiro. Todo o partido que protesta, abdica. Foi este o dia da emigração da assembléa. Esta falsa fidelidade, que gemeu em logar de combater, obteve os applausos da nobresa e do clero. Mereceu o despreso dos homens politicos. Abandonado Barnave e os constitucionaes monarchicos na sua lucta contra os jacobinos, deu a victoria a Robespierre; e assegurando a maioria á sua proposta de não reeleição dos membros da assembléa nacional para a assembléa legislativa, trouxe comsigo a convenção. Os realistas tiraram da balança o peso de uma opinião inteira; a balança pendeu para os ultimos excessos, arrastando comsigo a cabeça do rei, e delles proprios. Uma grande opinião não se desarma impunemente para o seu paiz.

VI. — Os jacobinos comprehenderam esta falta, e regosijaram-se com ella. Vendo estes numerosos sustentaculos da constituição monarchica annullarem-se por si mesmo no combate, presentiram tudo quanto podiam ousar e ousaram-o. As suas sessões tornavam-se tanto mais significativas, quanto que as da assembléa nacional vieram a ser mais ternas e mais timidas. As palavras de deposição ou perda de direitos, e republica, ahi rebentavam pela primeira vez. Renegadas no principio foram depois adoptadas. Proferidas primeiro como uma blasfemia, não tardaram em ser proferidas como um dogma. Os partidos nunca sabem no principio tudo o que elles mesmo querem. São os acontecimentos que lh'o ensinam. Os temerarios lançam para a frente ideias perdidas. Se acaso são repellidas, os habeis renegam-as: se por ventura são acceitas, os chefes apropriam-se dellas. Nas luctas de opiniões fazem-se reconhecimentos, como nas campanhas dos exercitos. Os jacobinos eram as guardas avançadas da revolução, elles sondavam as resistencias do espirito monarchico.

O club dos franciscanos (*cordeliers*) enviou aos jacobinos um projecto de representação á assembléa nacional, na qual se pedia já bem claro a distruição da realeza. «Eis-nos *livres e sem rei*, diziam os franciscanos, como no dia immediato ao da tomada da Bastilha. Resta saber se será vantajoso nomear outro. Julgamos que a nação deve tudo reger só por si propria, ou por agentes amoviveis, e da sua escolha. Pensamos que quanto mais importante é um emprego, tanto mais a sua duração deve ser temporaria. Julgamos que a realesa, e especialmente a realesa hereditaria, é incompativel com

a liberdade. Bem provêmos que esta proposta vai levantar nuvens de contradictores; mas a declaração dos direitos não os levantou tambem? O rei abdicou de facto desamparando o seu posto. Aproveitemo-nos do nosso direito e da occasião. Juremos que a França é uma republica.

Esta exposição, lida no club dos jacobinos, no dia 22, ahi excitou geral indignação. No dia 23 Danton subio á tribuna, e pedio a deposição, e a nomeação de um conselho de regencia. « O vosso rei, disse elle, ou é um imbecil ou um criminoso. Seria um horrivel espectaculo a apresentar ao mundo, se, tendo a escolha de declarar o rei ou criminoso, ou imbecil, não preferisseis este ultimo partido. » A 27, Girey-Dupré, moço escriptor que um dia tinha de pertencer á Gironda provocou o julgamento de Luiz XVI. « Podemos punir um rei perjuro. Mesmo o devemos. » Tal foi e texto do seu discurso. Brissot assentou a questão como o fisera Pethion na precedente sessão. Pode *o rei perju o ser julgado*? Paraque, disse Brissot, dividir-nos em denominações perigosas? Nós estamos de acordo. Que querem os que se levantam aqui contra os republicanos? Detestam as democracias tumultuosas d'Athenas e de Roma, receiam a divisão da França em federações isoladas. Não querem senão a constituição representativa, e tem rasão. Que querem porem aquelles a que chamam republicanos? Estes tambem receiam e temem as democracias tumultuosas de Athenas e de Roma; tremem tambem das republicas confederadas. Não querem senão a constituição representativa. Estamos de acordo. O chefe do poder executivo trahio os seus juramentos. Deve elle ser julgado? Eis o que unicamente nos divide. A inviolabilidade não seria senão a impunidade de todas as traições: o bom senso quer que a pena siga o delicto. Eu não vejo, n'um homem inviolavel governando um povo, senão um *Deos*, e 25 milhões de *brutos*. Se o rei tivesse entrado em França á frente de exercitos estrangeiros, se houvera talado as nossas bellas campinas, e se, detido na sua excursão, o tivesseis prendido: que haverieis feito delle? Terieis invocado a sua inviolabilidade para o absolver? Amedrontam-vos com as potencias estrangeiras. Não as receieis. A Europa é impotente contra um povo que quer ser livre. »

Na assembléa nacional Muguer apresentou, em nome das commissões reunidas, o relatorio da evasão do rei. Concluio pela inviolabilidade de Luiz XVI, pedindo a accusação dos cumplices. Robespierre combateu a inviolabilidade. Tirou ás suas palavras a apparencia da colera, e esforçou-se por cobrir as suas expressões com as côres da doçura e da humanidade: « Eu não examinarei, disse elle, se o rei fugio voluntariamente, de motu proprio, ou se da extremidade das fronteiras um cidadão o arrebatou pela força dos seus conselhos. Não examinarei se esta fuga é uma conspiração contra a liberdade publica. Fallarei do rei como de um soberano imaginario, e da inviolabidade como de um principio.

« Depois de combater o principio da inviolabilidade com os mesmos argumentos de que se tinham servido *Girey Dupre* e *Brissot*, Robespierre concluio assim: « As medidas que se vos propõe só podem deshonrar-vos. Se as adoptardes, desejarei declarar-me advogado de todos os accusados. Quero ser o defensor dos tres guardas do corpo, da aia do delphim, do proprio snr. de Bouillé. Segundo os principios das vossas commissões, não houve delicto. Mas onde não ha delicto não ha cumplices. Senhores, se poupar um culpado é uma fraquesa, immolar o culpado fraco poupando o poderoso é uma covardia. E' preciso ou sentenciar todos os culpados, ou pronunciar absolvição geral. » Gregoire sustentou tambem o partido da accusação, Sallés defendeu o parecer das commissões.

Barnave tomou em fim a palavra para apoiar a opinião de Sallés. « A nação francesa, disse elle, acaba de soffrer um violento aballo; mas se devemos crêr em todos os pressagios que se manifestam, este ultimo acontecimento, como todos os que o precederam, servirá sómente de apressar o termo, e assegurar a solidez da revolução que fizemos. Não fallarei largamente das vantagens do governo monarchico. Haveis demonstrado a vossa convicção estabelecendo-o no paiz. Direi sómente que qualquer governo, para ser bom, deve conter em si as condições de estabilidade; porque, de outra maneira, em vez da felicidade, só apresentaria a perspectiva d'uma continuidade de mudanças. Alguns homens, cujas intenções eu não desejo accusar, buscando exemplos para nos dar, viram na America — povo que occupa com uma população escassa, um grande territorio, não se achando rodeado de visinhos poderosos, tendo florestas por limites, e por habitos os sentimentos de um povo novo, que os afasta dessas paixões ficticias que produzem as revoluções dos governos: — viram um governo republicano estabelecido nesse territorio, e concluiram dahi que o mesmo governo podia convir-nos. Estes homens são os mesmos que impugnam hoje o principio da inviolabilidade do rei. Mas se é verdade que pela nossa terra está espalhada uma população immensa, se é verdade que se encontra aqui uma multidão de homens exclusivamente entregues a essas especulações da intelligencia, que induzem á ambição e ao amor da gloria, se é verdade que em roda de nós visinhos poderosos nos obrigam a tornarmo-nos em uma só massa compacta para lhes resistirmos; se é verdade que todas estas circumstancias são fataes e não dependentes de nós, é incontestavel que o seu remedio só pode existir no governo monarchico. Quando um paiz é povoado e extenso, não existe, como a arte da politica o provou, senão dois meios de lhe dar uma existencia solida e permanente. Ou haveis de organisar separadamente cada partido, colocando em cada secção do imperio uma porção do governo fixando assim a estabelidade á custa da unidade, da força, e de todas as vantagens que resultam d'uma grande e homogenea associação; ou então, se deixardes subsistir a unidade nacional, sereis obrigados a colocar no centro uma potencia immutavel, que não sendo nunca renovada senão pela lei, apresentando continuamente obstaculos á ambição, resiste com vantagem aos aballos, ás rivalidades, ás vibrações rapidas de uma população immensa, agitada por todas as paixões que uma velha sociedade produz. Estas maximas dicidem a nossa situação. Não podemos ser estaveis senão por um governo federativo, que ninguem até aqui tem a demencia de nos propor, ou pelo governo monarchico que tendes estabellecido, isto é entregando novamente as redeas do poder executivo n'uma familia por direito de successão hereditaria. Deixastes ao rei inviolavel a funcção exclusiva de nomear os agentes do seu poder. Para ser independente o rei deve ser inviolavel. Não nos afastemos desta regra. Não temos cessado de a seguir para com os individuos; observemol-a para com o monarcha. Os nosssos principios, a constituição, a lei, declaram que elle não está deposto. Não temos portanto a escolher entre a nossa dedicação á constituição e o nosso ressentimento contra um homem. Ora, eu peço hoje a qualquer de vós, que haja concebido contra o chefe do poder executivo todas as prevenções, todos os ressentimentos os mais profundos; peço-lhe nos diga se está mais irritado contra o rei do que affeiçoado á lei do seu paiz. Poderia dizer áquelles que se expraiam em tal furor contra o individuo que pecou poderia dizer, repito: — A seus pés estarieis vós se delle estivesseis contentes. (*applausos p olongados*)? Aquelles que assim querem sacrificar a constituição aos seus ressentimentos contra um homem, parecem-me muito expostos a sacrificarem a liberdade pelo enthusiasmo por outro homem; e, pois que elles amam a republica é apropriado agora o momento de lhes dizer: Como quereis vós uma republica n'uma nação similhante? Como não receiais que esta mesma mobilidade do povo, que se manifesta hoje pelo odio, não se manifeste outro dia pelo enthusiasmo em favor de um grande homem? Enthusiasmo mais perigoso ainda do que o odio; porque a nação franceza, vós bem sabeis, sabe melhor amar do que aborrecer.

Já disse que não receio o ataque das nações estrangeiras, nem dos emigrados, porem digo hoje, e com bastante verdade, que receio a continuação das inquietações das agitações que não cessarão de nos dar trabalhos em quanto a revolução não for total e pacificamente terminada. Não se nos pode fazer mal algum lá de fóra; mas pode fazer-se-nos grande mal cá dentro do paiz, quando nos inquietam por pensamentos funestos, quando os pe-

rigos chimericos, creados em roda de nós, dão no meio do povo alguma consistencia e credito aos homens que delles se servem para o agitar continuamente. Faz-se-nos grande mal em perpetuar o movimento revolucionario que distruio tudo quanto se devia distruir, e que nos conduzio ao ponto onde é myster emfim parar. Se a revolução dá um passo mais, ella não pode dal-o sem perigo. Na linha da liberdade, o primeiro acto que poderia resultar seria o aniquilamento da realesa; na linha da igualdade, o primeiro acto que poderia seguir seria o attentado á propriedade. Não se fazem revoluções com maximas methaphysicas. E' preciso uma presa certa para se offerecer á multidão que se desvaira. E' tempo de terminar a revolução. Ella deve parar no momento em que a nação é livre, e em que todos os francezes são iguaes. Se continua nas desordens, está deshonrada, e nós com ella. Sim, todos devem conhecer que o interesse commum está em que a revolução pare. Quem tem perdido deve notar que è impossivel fazel-a retrogradar. Aquelles que a fizeram devem convencer-se de que ella chegou ao seu derradeiro termo. Os proprios reis, se algumas vezes profundas verdades podem penetrar nos conselhos dos principes, e se algumas vezes os prejuizos que os cercam podem deixar chegar atè elles as vistas sãs de uma politica grande e filosofica, os proprios reis devem convencer-se de que ha distancia para elles, entre o exemplo de uma grande reforma no governo, e o exemplo da abolição da realesa; que separamos aqui, elles são ainda reis!... Mas, qualquer que seja o seu modo de proceder, que a falta provenha delles, e não de nós. Regeneradores do imperio, segui invariavelmente a vossa linha. Tendes sido corajosos e poderosos; sêde hoje prudentes e moderados. Aqui será o termo da vossa gloria. Será então que retirando-vos aos vossos lares, obtereis da parte de todos, senão bençãos, pelo menos o silencio da calumnia....» Este discurso, o mais bello de Barnave, fez approvar o decreto, e repellio por alguns dias as tentativas de republica, e deposição nos clubs dos franciscanos e jacobinos. A inviolabilidade do rei foi consagrada de facto como o era em principio. O sr. de Bouillé, os seus corcos e sequases foram enviados perante o supremo tribunal de Orleans.

VII — No entanto que estes homens exclusivamente politicos, medindo com a vista atè onde ella podia alcançar cada um dos passos da revolução, queriam detel-a com valor onde paravam os seus curtos pensamentos, a revolucão marchava sempre. O pensamento della era excessivamente grande, para a cabeça d'algum publicista, orador, ou homem de Estado o poder conter ou comprehender. A sua respiração era mui forte para que algum peito a podesse aspirar inteira. O seu fim era muito infinito para que se amortecesse n'alguma das bellezas successivas que a ambição de algumas facções ou a theoria d'alguns homens de Estado lhe podessem marcar. Barnave, os Lameth e La Fayette á imitação de Mirabeau e Necker. teņtavam de balde voltar contra ella a força de que della receberam emprestada. Ella devia antes de se apasiguar e abrandar no seu impulso, enganar muitos outros systemas, insuflar muitos outros peitos, e ultrapassar muitas outras balizas.

Independentemente das assembléas nacionaes que ella adoptara como governo, onde iam principalmente concentrar-se os instrumentos politicos do seu movimento, a revolução creára para si duas alavancas mais poderosas e mais terriveis ainda para revolver e distruir esses corpos politicos quando tentassem estabelecer-se ahi donde ella queria avançar. Estas duas alavancas, eram a imprensa e os clubs. Os clubs e a imprensa eram em relação ás assembléas legaes, o que o ar livre é para o ar encerrado. No entanto que o ar destas assembléas se corrompia, o exhauria no recinto do governo estabelecido, e as do jornalismo e das sociedades populares impregnava-se e agitava-se continuamente d'um principio inesgotavel de vitalidade, e movimento. Acreditava-se na estagnação dentro; porém a corrente estava de fóra.

A imprensa, no meio seculo que tinha precedido a revolução, fora o echo elevado e sereno do pensamento dos sabios e dos reformadores. Desde que a revolução rebentára, transformara-se no echo tumultuoso e muitas vezes cynico de paixões populares. Havia per si mesmo transformado os processos da communicação do pensamento. Não fazia já livros, não tinha tempo. Espalhava-se primeiro em brochuras, e depois n'uma multidão de folhas volantes e quotidianas que, disseminadas por baixo preço entre o povo, ou afixadas gratuitamente nas paredes das praças publicas, provocavam a multidão a lel-as e discutil-as. O thesouro do pensamento nacional, cujas peças de ouro eram mui puras ou muito volumosas para uso do povo, havia-se, por assim dizer, convertido n'uma infinidade de moedas decimaes, com o cunho das suas paixões do dia, e muitas vezes manchadas dos oxydos mais vis. O jornalismo, como um elemento irresistivel da vida de um povo em revolução, fizera-se praça a si proprio sem escutar a lei que se esforçava a prohibir-lha.

Mirabeau, que tinha necessidade do som da palavra nos departamentos, tinha inventado este porta-voz da revolução, a despeito dos decretos do conselho, nas *Cartas aos meus constituintes*, *Lettres á mes commettants*, e no *Currier de Provence*. (Correio de Provença). Na occasião da abertura dos Estados Geraes, e da tomada da Bastilha, outros jornaes tinham apparecido. A cada nova insurreição respondia outra insurreição de novos jornaes. Os principaes orgãos da hesitação publica eram então as *Revolution de Paris* (Revoluções de Paris) reduzidas por Loustalot, jornal hebdomadario cuja tiragem subia a duzentos mil exemplares. O seu espirito lia-se-lhe na epigrafe: Os grandes não nos parecem grandes, senão porque estamos de joelhos; ergamon-os!» — *Les Discours de la lanterne aux Parisiens* (discursos da lanterna aos Parisienses) transformados depois nas *Revolutions de France et de Brabant* (Revoluções da França e do Brabante) eram obra de Camille Desmoulins. Este moço estudante, que se improvisára publicista, sobre uma cadeira no jardim do Palais-Royal, nos primeiros movimentos populares do mez de julho de 1789, tinha conservado no seu estylo, e muitas vezes admiravel, alguma cousa do seu primeiro papel. Era o genio sarcastico de Voltaire descido do salão sobre os theatros de feira. Ninguem personificava melhor em si a multidão do que Camille Desmoulins. Era a multidão com os seus movimentos inesperados e tumultuosos, a sua immobilidade, a sua inconsequencia, os seus furores interrompidos pelas risadas repentinamente trocadas em enternecimento, ou em comiseração pelas proprias victimas que imolava. Um homem ao mesmo tempo tão ardente e tão leviano, tão trivial e tão inspirado, tão indeciso entre o sangue e as lagrimas, tão prompto a lapidar o que acabava de deificar no seu enthusiasmo, devia ter sobre um povo em revolução tanto mais imperio, quanto mais elle se lhe assimilhava. O seu papel era a sua naturesa. Elle não era unicamente o macaco do povo, era em si proprio o povo. O seu jornal vendido á noite nos logares publicos, e apregoado com sarcasmos pelas ruas, não foi varrido com essas immundicies do dia. Ficou e ficará como uma *Satira Menippéa* ensopada em sangue. E' o estribilho popular que impellia o povo aos grandes movimentos, e que muitas vezes se extinguia na vibração da corda do lampeão ou no golpe do cutello da guilhotina. Camille Desmoulins era a creança má da revolução: Marat era a sanha. Este tinha sobresaltos de fera no pensamento, e garras no estylo. O seu jornal, o *Ami du peuple* (Amigo do povo) suava sangue em cada linha.

VIII. — Marat tinha nascido na Suissa. Escriptor sem talento, sabio sem nome, apaixonado pela gloria sem ter recebido da sociedade, nem da naturesa os meios de se illustrar, vingava-se de tudo quanto era grande não só na sociedade, mas tambem em a naturesa. O genio não lhe era menos odioso do que a aristocracia. Elle o perseguia como um inimigo por toda a parte onde o via elevar-se ou algum tanto brilhar. Queria nivelar a creação. A igualdade era o seu furor, porque a superioridade era o seu martyrio. Amava a revolução porque ella abaixava tudo até ao alcance delle; amava-a até no sangue, porque o sangue lavava a injuria da sua longa

obscuridade. Fez-se o denunciante em nome do povo, porque elle sabia que a delação é a lisonja de quem treme. O povo treme sempre. Verdadeiro profeta da demagogia inspirado pela demencia, elle dava seus sonhos da noite por conspiração do dia. Saido do povo, interessava-o pela dedicação aos seus interesses. Affectava o mysterio como todos os oraculos. Vivia na sombra e não sahia senão de noite. Não communicava com os homens senão atravez de precauções sinistras. Um subterraneo era a sua habitação. Refugiava-se ahi invisivel contra o punhal e o veneno. O seu jornal tinha para a emigração alguma cousa de sobrenatural. Marat havia-se cercado de um verdadeiro fanatismo. A confiança que se lhe dedicava assimilhava-se a um culto O fumo do sangue que elle continuamente pedia, subira-lho á cabeça. Era o delirio vivo da revolução!

IX — Brissot, obscuro ainda, escrevia o *Patriote français* (Patriota francez). Homem politico, e aspirando aos grandes papeis, e não excitava as paixões revolucionarias senão tanto quanto entendia preciso para um dia poder governar. Constitucional desde o principio, amigo de Necker e de Mirabeau, homem assalariado antes de ser homem de doutrina, não via no povo mais do que um soberano proximo a reinar. A republica era o seu sol nascente. Dirigia-se para ella como para a sua fortuna; mas caminhava com prudencia, olhando muitas vezes para traz, para ver se a opinião o seguia.

Condorcet, aristocrata de nascimento, mas aristocrata do genio, fisera-se democrata por philosofia. A sua posição era a transformação da rasão humana. Elle escrevia a *Chronica de Pariz.* (*Chronique de Paris.*)

Carra, demagogo obscuro, creou um temivel nome pelos *Annales patriotiques* (Annaes patrioticos.) Freron no *Orateur du peuple.* (Orador do povo) rivalisava com Marat. Fauchet na *Bouche de fer* (Boca de ferro) elevava a democracia á altura de uma philosofia religiosa. Em fim Laclos, official de artilheria, author de um romance obscuro, e confidente do duque de Orleans, redegia o *Journal des jacobins* (Jornal dos Jacobinos) e soprava sobre a França inteira o incendio de ideias e de palavras cujo foco estava nos clubs.

Todos estes homens esforçavam-se por impellir o povo além dos limites que Barnave queria assentar ao acontecimento de 21 de junho. Queriam que se aproveitasse a occasião em que o throno estava vago para fazel-o desapparecer da constituição. Cobriam o rei de despresos e injurias para ninguem se aventurar a repôr no nome das instituições um principe que tinham aviltado. Pediam interrogatorio, sentença, deposição, abdicação, prisão. Esperavam degradar para sempre a realesa, degradando o rei. A republica devisava pela primeira vez a sua hora. Fremia de a deixar fugir. Todas estas mãos impelliam ao mesmo tempo os espiritos para um movimento decisivo. Os artigos provocavam as moções, as moções as petições, as petições os motins. O altar da patria no campo de Marte, que ficára em pé para uma nova federação, era o logar que de antemão se apontava ás assembléas do povo. Era o *monte Aventino* para onde se deviam retirar, a fim de dominar dahi um senado timido e corrompido.

«Nada de rei, sejamos republicanos! escrevia Brissot no *Patriota.* Tal e o brado do *Palais Royal.* Isto não obtem assaz: dir-se-ha que é uma blasfemia. Esta repugnancia em adoptar o nome de um estado *em que se está*, é bem extraordinaria aos olhos do philosofo. — Nada mais de rei! nada de protector! nada de regente! Acabemos com estes papa homens de todas as especies, repetia a *Bouche de fer.* Que se confederem os oitenta e tres departamentos, e declarem que não querem mais tyrannos, nem monarchas, nem protectores! A sua sombra é tão funesta ao povo como a sombra dos Bohonupas é mortal a tudo que vive. Nomeando um regente bem depressa se combatará por um senhor. Combatamos sómente pela liberdade!»

O duque de Orleans, provocado por estas alusões á regencia, pois se fallava em lh'a delegar, escrevia nos jornaes que estava prompto a servir a patria tanto em terra como no mar; mas que se se tractasse de regencia, renunciava desde aquelle momento, e para sempre aos direitos, que a constituição lhe dava a este titulo: «Depois de ter feito tantos sacrificios, pela causa do povo, dizia elle, não me é permittido sair do estado do simples cidadão. A ambição seria em mim uma inconsequencia sem desculpa. «Este principe desacreditado já em todos os partidos, incapaz no futuro de servir o throno, era incapaz tambem de servir a republica. Odioso aos realistas, annullado pelos demagogos, suspeito aos constitucionaes, não lhe restava senão a actitude stoica em que se refugiava. Tinha abdicado a sua propria hierarchia, o seu proprio partido, e até mesmo a aura popular. Sómente lhe restava a vida.

Nessa mesma occasião, Camillo Desmoulins apostrafava La Fayette, o primeiro idolo da insurreição, com estas palavras cynicas: «Libertador de dois mundos, flor dos janisaros, phenix dos aguazis-móres, D. Quichoto do Capêto e das duas camaras, constellação do Cavallo-Branco, a minha voz é mui fraca para se elevar acima dos clamores dos vossos trinta mil espias e de outros tantos satelites vossos, acima da bulha dos vossos quatrocentos tambores, e das vossas peças de artilheria carregadas de bagos d'uvas. Havia eu até aqui dito mal de vossa alteza mais que real, pelo que diziam Barnave, Lameth e Duport. Foi segundo elles que eu vos denunciei aos oitenta e tres departamentos como um ambicioso que não queria senão fazer paradas, um escravo da côrte igual a esses marechaes da liga, a quem a revolta dera o bastão, e que reputando-se bastardos, queriam fazer-se legitimar. Mas eis que repentinamente vos abraçais, e que vos proclamais reciprocamente pais da patria! Dizeis á nação: «Confiai-vos em nós. Somos os Cincinnatos, os Washington, os Aristides. Em qual destes dois testimunhos acreditar? — Povo imbecil! Os parisienses assemelham-se a esses athenienses dos quaes Demosthenes disia: «Sereis vós sempre como esses athletas, que feridos n'um sitio, ahi poem a mão, feridos n'outro ahi a levam tambem, e sempre occupados dos golpes que acabam de receber, não sabem accommetter, nem livrar-se. — Elles principiam a duvidar que Luiz XVI possa ser um prejuro quando estava em Varennes! Parece-me vêl-os com os olhos espantados quando virem La Fayette abrir ao despotismo e á aristrocacia as portas da capital. Possa eu enganar-me nas minhas conjecturas: porque eu afasto-me de Paris como Camillo, cujo nome tenho, se afastou do uma patria ingrata, desejando-lhe toda a casta de prosperidades. Não hei necessidade de ter sido imperador como Diocleciano, para saber que as bellas alfaces de Salona, valiam mais que o imperio do Oriente. Valem bem a banda com que se adorna um municipal, e as inquietações com que um jornalista jacobino entra de noite em sua casa, temendo sempre cair n'uma emboscada dos assassinos do general. Quanto a mim, não foi para estabelecer duas camaras que eu fui o primeiro a pôr o laço tricolor!

X. — Tal era o tom geral da imprensa; tal era o inexgotavel riso que este mancebo semeava como a *Aristhophano* de um povo irritado. Elle acostumava-o a zombar até mesmo da magestade, da desgraça, e da belleza. Um dia chegou depois, para elle mesmo, e para a moça e formosa mulher que adorava, em que teve necessidade dessa piedade que destruira no povo. Não achou senão o riso brutal da multidão, e morreu, triste pela primeira vez.

O povo cuja politica é o sentimento não comprehendia nada dos pensamentos dos homens de Estado da assembleia, que lhe impunham aquelle rei fugitivo, pelo respeito por uma realesa abstracta. A moderação de Barnave e dos Lameth parecia lhe uma cumplicidade. Os gritos de traição resoavam em todos os ajuntamentos e reuniões. O decreto da assembleia foi o signal de uma progressiva fermentação, que se manifestou, depois de 13 de julho, por ajuntamentos, imprecações, e ameaças. Massas de operarios sahidos das officinas, espalhavam-se pelas praças publicas, e pediram pão á municipalidade. A communa para os apasiguar votou-lhes distribuições e subsidios. Bailly *maire* de Paris, lhes fallou e mandou começar trabalhos extraordinarios. Ahi foram elles um momento, e desertaram bem depressa para o atractivo do tumulto engrossado pelos gritos da fome.

A multidão ia do *hotel de ville* para os jacobinos, e destes para a assembleia nacional, pedindo a depozição e a republica. Esta multidão não tinha outro chefe senão a inquietação que a agitava. Um instincto espontaneo e unanime lhe dizia que a assembleia deixava escapar a hora das grandes resoluções. Ella queria forçal-a a reapossar-se della. A sua vontade era tanto mais poderosa, quanto era anonyma. Nenhum chefe lhe dava um impulso vizivel. Marchava por si propria, fallava por si mesma, e escrevia nas ruas, e nas praças, as suas ameaçadoras petições. A primeira que o povo apresentou á assembleia, no dia 14, e que escoltou de quatro mil peticionarios,, estava assignada: *O povo*. O 14 de julho e o 6 de outubro tinham-lhe ensinado o seu nome. A assembleia, firme e impassivel, passou simplesmente á ordem do dia. Sahindo da assembléa, a multidão, dirigio-se ao campo de Marte. Assignou em maior numero ainda a segunda petição em termos mais imperativos: « Mandatarios de um povo livre, destruireis vós a obra que temos feito? Substituireis a liberdade pelo reinado da tyrannia? Se assim é, sabei que o povo francez que conquistou os seus direitos, não quer perdel-os. » Sahindo do campo de Marte, o povo amotinou-se em volta das Tuilerias, da assembléa, e do Palais-Royal. De auctoridade propria fez fechar os theatros, e proclamou a suspensão dos divertimentos publicos, até que se lhe fizesse justiça. A' noite, quatro mil pessoas se dirigiram aos jacobinos como para reconhecerem, nos agitadores que alli se reuniam, a verdadeira assembléa do povo. Ahi estavam os chefes da sua confiança. A tribuna achava-se occupada por um membro que denunciava á sociedade um cidadão por ter tido uma conversação injuriosa a respeito de Robespierre. O accusado justifica-se; expulsam-o violentamente daquelle recinto. Neste momento, Robespierre apparece, e pede graça para o cidadão que o insultou. Aplausos acolheram a sua generosa intercessão. O enthusiasmo para com Robespierre está no cumulo. « Abobadas sagradas dos jacobinos, dizia uma communicação dos departamentos, vós nos respondeis por Danton e Robespierre, esses dois oraculos do patriotismo. » Laclós propoz uma petição. Devia ser enviada aos departamentos, e firmada por dez milhões de assignaturas. Um membro combateu esta medida, por amor da ordem, e pela paz. Danton levantou-se: « E eu tambem amo a paz, porém não a paz da escravidão. Se temos energia, mostremol-a. Aquelles que não tiverem coragem para erguer a cabeça em frente da tyrannia não assignem a nossa petição: Não precisamos de outra prova para nos conhecer-nos. Esta basta.

Robespierre fallou depois. Mostrou ao povo que Barnave e os Lameth representavam o mesmo papel que Mirabeau. « Elles combinám-se com os nossos inimigos, e chamam-nos facciosos! » Mais timido do que Laclos e Danton, não se pronunciou sobre a petição. Homem de calculo mais que de paixão, elle previa que o movimento desordenado cairia ante a resistencia organisada da burguesia. Reservava para si uma retirada na legalidade, e guardava uma especie de attenção para com a assembléa. Laclos insistio. O povo venceu. Era meia noite quando se separaram, e concordou-se que no dia seguinte a petição seria assignada no campo de Marte.

O dia seguinte foi perdido para a sedição em contestações entre os clubs ácerca dos termos da petição. Os republicanos negociavam com La Fayette, a quem se offerecia a presidencia de um governo americano. Robespierre e Danton, que detestavam La Fayette; Laclos, que impellia o duque de Orleans, enfraqueceram de concerto o impulso impresso pelos franciscanos da parcialidade de Danton. A assembléa, attenta, Bailly vigilante, La Fayette resoluto, velavam combinados para a repressão de qualquer movimento. No dia 16 a assembléa chamou á barra a municipalidade e os ministros para lhe responderem pela ordem publica. Dergio uma proclamação aos francezes para os ajuntar em torno da constituição, Bailly fez publicar, de tarde outra proclamação contra os agitadores. Os jacobinos, indecisos, decretaram de motu proprio a sua submissão aos decretos da assembléa. No momento do combate, os chefes do projectado movimento eclypsaram-se. A noite gastou-se toda em preparativos militares contra os ajuntamentos que se esperavam no dia seguinte.

XI. — A 17, logo pela manhã cedo, o povo, sem chefes, principiou a concorrer ao Campo de Marte, e a cercar o altar da patria levantado no centro da grande praça da federação. Um acaso inesperado e funesto abrio as scenas de carnificina d'este dia. Quando a multidão está sublevada, tudo lhe serve de occasião de crime. Um moço pintor que estava copiando antes da hora do ajuntamento, as inscripções patrioticas gravadas nos lados do altar, ouvio um ligeiro ruido na sua base. Admirou-se, olhou, e vio a ponta d'uma verruma com a qual alguns homens, escondidos sob os degráos do altar, furávam as pranchas do pedestal. Correu ao primeiro posto de guarda. Os soldados seguiram-o. Levantou-se um degráo e ahi se encontraram dois invalidos, que de noite se tinham introduzido sob o altar, sem outro designio, declararam elles, senão uma pueril e obscena curiosidade. Logo se propagou o boato de que minado o altar da patria para fazer voar o povo pelos ares; que se descobrira um barril de polvora ao pé dos conjurados; que os invalidos surprehendidos nos preparativos do crime eram reconhecidamente estipendiados pela aristocracia; que elles confessaram o seu fatal designio, e as recompensas promettidas pelo bom exito de sua malvadez. A multidão illudida e furiosa, cercou o posto da guarda do Gros-Caillou. Interrogaram os dois invallidos. Apenas sairam da casa da guarda para se dirigirem ao *hotel-de-ville* o povo lançou-se sobre elles, arrancou-os aos soldados que os conduziam, degolou-os, e suas cabeças espetadas nas pontas de chuços, foram passeadas por um bando de creanças ferozes até ás immediações dos Palais-Royal.

XII. — A noticia d'estes assassinios, confusamente espalhada, e de diverso modo interpretada na cidade, na assembléa, e nos grupos, excitou sentimentos diversos, segundo se vio n'elle ou um crime do povo, ou um crime dos seus inimigos. A verdade só transpareceu mais tarde. A agitação cresceu com a indignação de uns e suspeitas dos outros. Bailly, apenas informado, enviou ao Campo de Marte, tres commissarios e um batalhão. Outros commissarios precorriam os bairros da capital, lendo ao povo a proclamação dos seus magistrados, e da assembléa nacional.

O terreno da Bastilha estava occupado pela guarda nacional, e pelas sociedades patrioticas que d'ahi deviam dirigir-se ao campo da federação. Danton, Camillo Desmoulins, Fréron, Brissot e os principaes agitadores do povo tinham desapparecido: uns diziam que para combinarem as medidas da insurreição em casa de Legendre, no campo; outros, que para escaparem á responsabilidade do dia. Mais tarde esta ultima versão foi adoptada pelo odio de Robespierre contra Danton, a quem Saint-Just disse no seu auto de accusação: « Mirabeau, que meditava uma mudança de dymnastia, conheceu o valor da tua audacia; e lançou mão d'ella. Tu desertaste das leis, e dos principios severos. Não se ouvio fallar em ti até á carnificina do Campo de Marte. Apoiaste este falso projecto do povo, e a proposta da lei, que não tinha outro objecto senão servir de pretexto ao desenvolvimento da bandeira vermelha e ao ensaio da tyrannia! Os patriotas que não estavam iniciados n'esta conspiração combateram a tua perfida opinião. Foste nomeado com Brissot redactor da petição. Escapaste ao furor de La Fayette, que fez immolar dez mil patriotas. Brissot ficou tranquillamente em Paris, e tu, tu foste passar dias felizes em *Arcis-sur-Aube*. Comprehende-se acaso o socego do teu retiro em Arcis-sur-Aube, tu que eras um dos authores da petição, na mesma occasião que os signatarios eram carregados de ferros, ou degolados? Vós ereis pois, tu e Brissot, objecto de reconhecimento para a tyrannia, porque não ereis para ella objecto de odio? »

Camillo Desmoulins justificou tambem a ausencia de Danton, a sua, e a de Freron, contando que Danton fugira á proscrição e ao assassinio occultando-se em casa do seu sogro em Fontenay, na precedente noite, e que

ahi esteve cercado de um bando de espiões de La Fayette; que Freron, passando pela Ponte Nova, fora accommettido, calcado aos pés, e ferido por quatarze bandidos estipendiados; e que elle proprio, Camillo fora apontado ao punhal, escapando unicamente por um erro nos signaes. A historia não acreditou estes pretendidos assassinios de La Fayette · Camillo insensivel durante o dia, appareceu á noite nos jacobinos.

XIII. — Entretanto a multidão começava a affluir de todos os lados para o campo de Marte. Estava agitada, mas inoffensiva. A guarda nacional, cujos batalhões todos La Fayete formara, estava em armas. Um dos seus destacamentos que chegara com artilheria ao campo do Marte, pela manhã, retirava-se para os caes. Não se queria provocar o povo pelo aspecto inutil da força armada. Ao meio-dia, os homens reunidos em torno do altar da patria, vendo que não appareciam os commissarios dos jacobinos que tinham promettido trazer a petição que se devia assignar, nomearam espontaneamente quatro delegados dentre si para redigirem outra. Um desses delegados pegou na penna; os cidadãos reuniram-se em redor delle, e elle escreveu: Eis os pontos principaes desta petição:

«Sobre o altar da patria, 15 de julho, anno III. Representantes da nação! chegaes ao termo dos vossos trabalhos. Um grande crime foi commettido: Luiz fugio desertando indignamente do seu posto. O imperio esteve a menos de dois dedos da anarchia. Foi preso e conduzido para Pariz. Pedio-se que fosse sentenciado. Vós declarais que ha-de ser rei... Essa não é a vontade do povo! O decreto está nullo. Extorquiram-vol-o esses duzentos e noventa e dois aristocratas que declaram nunca mais tomarem parte nas votações da assembléa nacional. E' nullo tambem, por ser contrario ao voto do povo, vosso soberano. Reconsiderai este decreto. O rei abdicou pelo seu crime. Recebei a sua abdicação; convocai um novo poder constituinte; designai o culpado, e organisai outro poder executivo.»

Esta petição foi collocada sobre o altar da patria, e postos a cada canto delles muitos cadernos de papel, estes receberam seis mil assignaturas.

Esta petição que se guarda hoje nos archivos da municipalidade, revella perfeitamente em si os vestigios e o signal da mão do povo. E' a medalha da revolução cunhada na praça publica com o metal da agitação popular em fusão. Ora aqui, ora alli, ahi apparecem certos homens sinistros que pela primeira vez saem da obscuridade. Estes nomes são como os hieroglyphos do tempo. Os actos de homens hoje famosos que assignavam nomes então desconhecidos, dão a estas assignaturas uma significação retrospectiva. A vista examina com curiosidade estes caracteres, que parecem conter n'alguns traços a vida e o horror de uma epocha inteira. Aqui se lê o nome de *Chaumette*, então estudante de medecina, e morador na rua Mazarine, n.º 9. Alli está *Maillard*, o presidente das carnificinas de setembro. Mais adiante *Hebert*, mais abaixo *Henriot*, o general dos suppliciados do terror. A assignatura comprida e afilada de *Hebert*, que foi depois o *Père Duchesne*, ou o *Povo em colera*, tem a configuração de uma aranha estendendo as pernas sobre a sua presa. *Santerre* assignou depois E' o ultimo nome que significa um homem conhecido. Os outros não significam mais do que a chusma. Vê-se que uma immensidade de mãos apressadas e tremulas ali vieram trazer em desordem sobre aquelle papel a sua ignorancia ou o seu furor. Mesmo muitas destas mãos não sabiam escrever. Um circulo de tinta e uma cruz no meio daquelle circulo attestavam sua vontade anonyma. Ahi se leem alguns nomes de mulheres; reconhecem-se muitos nomes de creanças, pela pouca firmeza da mão guiada por outra mão estranha. Pobres creanças que confessavam a fé dos seus parentes sem a comprehenderem, e assignavam as paixões do povo antes de poderem balbuciar a lingoagem de homens já feitos!

XIV. — Pelas duas horas fôra o corpo municipal informado dos assassinios commettidos no campo de Marte, e dos insultos feitos á guarda nacional enviada a dispersar o ajuntamento. O proprio sr. de La Fayette, que conduzia estes primeiros destacamentos, fôra lapidado com algumas pedradas arremessadas do meio da multidão. Dizia-se mesmo que um homem, fardado de guarda nacional, disparára sobre elle uma pistolla; que este homem, preso pela escolta do general e conduzido á sua presença fôra generosamente perdoado, e solto por elle. Este boato popular lançou um interesse heroico sobre o sr. de La Fayette, e animou de novo ardor a guarda nacional, que lhe era afeiçoada. Ao ouvir isto, Bailly não hesitou mais em proclamar a lei marcial, e mandou desenrolar a bandeira vermelha, ultima rasão contra a sedição. Os sediciosos, da sua parte assustados pela vista da bandeira vermelha ondeando nas janellas do *hotel de ville*, tinha enviado doze de entre si em deputação á municipalidade. Estes commissarios chegaram á salla da audiencia a travez uma floresta de baionetas. Pediram que se soltassem, e lhes fossem entregues, tres cidadãos que haviam sido prezos. Não foram attendidos. Estava tomado o partido de combater. O *maire* e o corpo municipal desceram os degráos do *hotel de ville*, proferindo palavras ameaçadoras. A praça estava cuberta de guardas nacionaes e cidadãos. A' vista de Bailly, precedido da bandeira encarnada, um grito de enthusiasmo rebentou das fileiras. Os guardas nacionaes levantaram espontaneamente as armas, e fizeram ressoar a pancada das coronhas sobre a calçada. A força publica, electrisada pela indignação contra os clubs, estava n'uma dessas convulsões nervosas que se apossam dos corpos como dos individuos. O espirito publico estava em toda a força de tensão. O golpe podia partir de si mesmo.

La Fayette, Bailly, e o corpo municipal poseram-se em marcha, precedidos da bandeira vermelha, e seguidos de dez mil homens de guardas nacionaes; os batalhões, pagos, de granadeiros deste exercito de cidadãos, formavam a vanguarda. Um povo immenso seguia, por um movimento natural, aquella corrente de baionetas que descia lentamente pelos caes e pelas ruas do *Gros-Caillou* para o campo de Marte. Durante esta marcha, o outro povo, reunido desde a manhã em roda do altar da patria, continuava a assignar tranquilamente a petição. Acreditava sim n'uma ostentação de força, mas não acreditava na violencia. A sua atitude socegada e legal, e a longa impunidade das sedições havia dois annos, faziam-lhe acreditar ainda n'uma eterna impunidade. Não consideravam a bandeira vermelha senão como mais uma lei a despregar,

La Fayette apenas chegou ás explanadas exteriores do campo do Marte, dividio o seu exercito em tres columnas. A primeira desembocou pela avenida da escola militar; a segunda e terceira columnas pelas duas aberturas successivas que cortam as explanadas de distancia em distancia, indo da escola militar para o Sena. Bailly, La Fayette, o corpo municipal, e a bandeira vermelha estavam na frente da columna do centro. O passo de carga, batido por quatrocentos tambores, o rodar das peças de artilheria por cima das calçadas, annunciavam de longe o exercito nacional. Este ruido extinguio por um momento o surdo burburinho e os gritos lançados por cincoenta mil homens, mulheres, e creanças que occupavam não somente o centro do campo de Marte, mas tambem as explanadas adjacentes. No momento em que Bailly ahi desembocava, os homens do povo que cobriam aquelles terrenos e esplanadas e d'ahi dominavam o cortejo do *maire*, as baionetas, e a artilheria, rebentavam em grita furiosa, e em gestos ameaçadores contra a guarda nacional. «Abaixo a bandeira vermelha! Infamia a Bailly! Morra La Fayette!» O povo do campo de Marte correspondeu a estes gritos com unanimes imprecações. Torrões de terra impregnados da chuva que havia cahido durante o dia, unica arma daquella multidão, voaram sobre a guarda nacional, e alcançaram mesmo o cavallo em que o sr. de La Fayette montava, a bandeira vermelha, e o proprio Bailly. Diz-se que se dispararam de longe sobre elles alguns tiros de pistolla. Isto não está provado. Este povo não pensava em combater, só queria intimidar. Bailly mandou fazer intimações legaes. Corresponderam a ellas com apupos. Com a dignidade impassivel da sua magistratura,

e com a dor grave do seu caracter, Bailly ordenou que se dispersasse o povo por meio da força. La Fayette mandou primeiro disparar para o ar; mas o povo animado pela vã demonstração destas dercargas que não feriam ninguem, formou de novo em frente da guarda nacional. Uma descarga mortal rebentou em toda a linha, matou, ferio, derrubou quinhentas ou seiscentas pessoas. Os republicanos disseram que tinham sido dez mil. Ao mesmo tempo, as columnas principiavam a mover-se, a cavallaria carregou, e os artilheiros preparam-se para dar fogo ás peças. A metralha naquella multidão compacta teria despedaçado massas de homens. La Fayette, não podendo conter a voz dos seus artilheiros irritados, impellio o cavallo para á frente da boca de um canhão, e este movimento heroico salvou milhares de victimas.

N'um abrir e fechar de olhos o campo de Marte ficou evacuado. Não restavam nelle mais do que cadaveres de mulheres; creanças deitadas por terra ou fugindo das cargas da cavallaria, e alguns homens mais intrepidos, nos degráos do altar da patria, e no meio do fogo o mais terrivel, e mesmo defronte das bocas dos canhões, recolhendo e repartindo entre si os cadernos das petições como folhas sagradas, testimunho da vontade, ou penhor ensanguentado da futura vingança do povo. Não se retiraram sem os levar comsigo. As columnas da guarda nacional, e especialmente a cavallaria, perseguiram os fugitivos até aos campos circumvisinhos da escola militar; e fizeram algumas centenas de prisioneiros. Da guarda nacional ninguem morreu; do povo o numero de victimas ficou sempre ignorado. Uns atenuaram-o para diminuir o odiso de uma execução sem lucta; outros avultaram o para engradecer o ressentimento do povo. Durante a noite, que já principiava a cair, foram os cadaveres tirados dalli, e o Sena arrojou-os para o Occeano. Dividiram-se as opiniões a respeito da natureza e detalhes desta execução: uns chamaram-lhe crime, outros severo dever; porem este dia, em que se matou sem combate, continuou sempre a ser designado com o nome que o povo lhe deu; continuou a chamar-se-lhe a *matança do campo de Marte*.

XV. — A guarda nacional, reunida pelo sr. de La Fayette, entrou victoriosa, mas triste, no recinto de Pariz. Via-se na actitude que ella marchava entre a victoria e a vergonha, pouco segura de si mesmo e do que tinha feito. No meio de algumas acclamações que a acolheram na sua passagem, ella ouvio imprecações a meia voz. As palavras assassinios e vinganças correspondiam ás palavras de civismo e dedicação á lei. Passou silenciosa por defronte do edificio dessa assembleia nacional, que acabava de defender; mais silenciosa e triste ainda por baixo das janellas desse palacio da monarchia cuja causa mais que a do proprio rei, acabava de sustentar. Bailli, frio e impassivel como a lei, La Fayette, resoluto e frio como um systema, não sabiam imprimir-lhe nenhum enthusiasmo alem do seu rigoroso dever. Ella enrolou a bandeira vermelha, tinta do seu primeiro sangue, e dispersou-se batalhão por batalhão, nas ruas sombrias de Pariz mais similhante á gendarmaria voltando de uma execução, do que a um exercito que voltava d'uma victoria.

XVI. — Tal foi esta jornada do Campo de Marte que deu á assembléa constituinte tres mezes de que ella se não aproveitou, que intimidou alguns dias os clubs; mas que não deu nem á monarchia, nem á ordem o sangue que lhe tinha custado. La Fayette teve naquelle dia em suas mãos a republica ou a monarchia; e não soube querer senão a ordem.

No dia seguinte Bailly veio dar conta á assembléa do triumpho alcançado pela lei. Testimunhou a dôr que sentia na sua alma, e a energia varonil que estava no seu dever. « As conjurações existiam formadas, disse elle: a força era necessaria. O castigo recaio sobre o crime. » O presidente approvou em nome da assembléa o comportamento do *maire*, e Barnave agradeceu, em termos frios e timidos á guarda nacional. Os seus louvores assimilhavam-se a desculpas. Ahi parou o movimento dos vencedores. Pethion reconheceu-o, levantou-se, disse algumas palavras sobre um projecto de decreto que se acabava de propôr contra os provocadores e reuniões tumultuosas. Estas palavras, na boca de Pethion, que se sabia ser amigo de Brissot e dos conspiradores, foram primeiro acolhidas com sarcasmos do lado direito, e bem depressa cobertas de applausos do lado esquerdo, e das tribunas, Barnave capitulou. A victoria de Campo de Marte ja estava contestada na assembléa. Os clubs reabriram-se á noite. Robespierre, Brissot, Danton, Camillo Desmoulins, Marat, que tinham desapparecido por alguns dias tornaram a apparecer e reassumiram a sua audacia. A hesitação de seus inimigos tranquilisou-os. As facções, atacando todos os dias uma lei que se contentava só com o defender-se, não podiam deixar de cançar a lei. Os accusados transformaram-se em accusadores. Seus jornaes, abandonados um momento, envenenaram-se mais á proporção do mêdo que tinham sentido. Cobriram os nomes de Bailly e de La Fayette de rediculo e execração. Semearam a vingança no coração do povo, revolvendo continuamente á sua vista o sangue do Campo de Marte. A bandeira vermelha veio a ser o symbolo do governo, a mortalha da liberdade. Os conspiradores involveram-se nella como victimas; e embraveceram o espirito do povo por meio de imaginarias relações das mais odiosas perseguições.

XVII. — « Vêde escrevia Desmoulins, vêde os satellites de La Fayette, sairem furiosos dos seus quarteis ou melhor direi, das suas tavernas. Reunem-se e carregam as espingardas com balla, em presença do povo. Os batalhões de aristrocatas animam-se para a carnificina. E' principalmente nos olhos da cavallaria que se conhece a sêde de sangue excitada pela dupla embriaguez do vinho e da vingança. Este exercito de algozes tinha especialmente mais raiva ás mulheres e ás crianças. O altar da patria está coberto de cadaveres. E' assim que La Fayette ensopa suas mãos no sangue dos cidadãos, suas mãos que aos meus olhos hão-de sempre escorrer este sangue innocente. Nesse mesmo logar onde tinha levantado aquellas mãos ao ceo, para jurar defende-los!.. Desde este momento os melhores cidadãos são proscriptos, prendem-os nas suas proprias camas, aprehendem-se os seus papeis, despedaçam-se-lhes as imprensas, assignam-se listas de proscripções. Os moderados afixam essas listas e as assignam. E' preciso purgar a sociedade, disem elles dos *Brissot, Carra, Pethion, Bonneville, Freron, Danton, Camillo.* Danton e eu não achámos abrigo contra os nossos assassinos senão na fuga! Os patriotas são chamados facciosos... e ha pessoas, accrescentava *Freron*, que justificam estes covardes assassinos, estas delações, estas ordens de prisão, esta aprehensão de papeis estas confiscações de imprensas! e conserva-se por oito dias desenrolada das janellas do *hotel de ville* essa bandeira sinistra, côr de sangue, como n'outro tempo se dependuravam das abobadas do templo metropolitano, as bandeiras apprehendidas no meio dos cadaveres dos inimigos vencidos!.. Arrestaram-se os prelos do impressor Marat, diz elle n'outra parte. O nome do author devia pôr a salvo a typographia. A imprensa é um movel sagrado, tão sagrado como o berço de um recemnascido, que os agentes do fisco tiveram sempre ordem de respeitar! O silencio do tumulo reina na cidade; os logares publicos estão desertos, os theatros não ressoam senão com applausos servis, aos accentos do realismo triumphante tanto no palco como nas ruas! Já vos tardava Bailly, e a vós, traidor La Fayette, fazer uso dessa arma da lei marcial tão terrivel de manejar. Não, não, nada poderá lavar daqui em diante a nodoa indelevel do sangue dos vossos irmãos, que espadanou sobre as vossas bandas e sobre os vossos uniformes. Esse sangue penetrou até vossos corações. E' um veneno lento que vos devorará até ao ultimo. »

No entanto que a imprensa revolucionaria soprava assim o fogo do ressentimento nas almas, os clubs já mais alentados pela bandeira da assembléa e pela escrupul sa legalidade de La Fayette, soffriam fracamente a repercussão da victoria do Campo de Marte. Uma scisão se operava no seio da sociedade dos jacobinos entre os membros exaltados desta reunião e os seus primeiros fundadores, Barnave, Duport, e os Lameth. Este scisma tivera principio na grande questão da não reegibilidade

dos membros da assembléa nacional á assembléa legislativa, que bem depressa devia succeder-lhes. Os jacobinos puros queriam, com Robespierre, que a assembléa nacional abdicasse em massa e se condemnasse per si mesmo ao ostracismo politico, para deixar o logar livre a homens novos, e mais imergidos ainda no espirito do tempo. Os jacobinos moderados e constitucionaes olhavam esta abdicação tão funesta para a monarchia, como mortal á sua ambição. Queriam lançar mão da direcção do poder que acabavam de fundar. Julgavam-se os unicos capazes de moderar o movimento, a que haviam dado impulso. Queriam reinar em nome das leis que elles proprios tinham feito.

Robespierre, pelo contrario, que conhecia a sua fraqueza n'uma assembléa que se composesse dos mesmos elementos, queria que estes elementos fossem excluidos da nova assembléa. A lei que fazia para os seus collegas, elle proprio a soffria. Porém, dominando quase que sem rival nos jacobinos, tinha nelles uma assembléa para si. O seu instincto, ou o seu calculo dizia-lhe que os jacabinos tomariam imperio sobre a nova assembléa, incerta, e composta de homens, cujos nomes seriam desconhecidos á nação. Homem de facção, bastava-lhe que as facções reinassem. O instrumento que para si creára nos jacobinos, e a sua immensa parcialidade, dava-lhe a certeza de reinar sobre as facções.

Esta questão, na occasião em que tinham logar os acontecimentos do Campo de Marte, agitava e tendia já a dissolver os jacobinos. O club dos *feuillants* (Bernardos) seu rival, composto na maioria de constitucionaes e de membros da assembléa nacional, tinha uma actitude de mais legal e mais monarchica. A irritação contra os excessos populares e o odio contra Robespierre e Brissot, impelliam os antigos fundadores do club dos jacobinos a reunirem se aos *feuillants*. Os jacobinos tremiam de vêr o imperio das facções escapar-se-lhes das mãos, e enfraquecer-se dividindo-se. « E' a corte, dizia Camillo Desmoulins, o amigo de Robespierre, é a corte quem fomenta entre nós este scisma, e inventou este meio perfido de perder o partido popular. Ella conhece bem os Lameth, La Fayette, Barnave, Duport, e outros primeiros figurantes da sociedade dos jacobinos. Que queriam todos estes cortezões? se perguntou ella. Não queriam senão ser elevados aos altos empregos pelas ondas da multidão, e pelo vento da popularidade; queriam commandos ministerios, e ouro principalmente. O favor da côrte, que lhe faltava, é como as velas da sua ambição; na falta dessas velas, servem-se dos remos do povo Mostremos aos Lameth e aos Barnave que elles não serão reeleitos, que não poderão chegar a nenhum logar importante antes de quatro annos. Ficarão furiosos, e voltar-se-hão contra nós. Vi Alexandre e Theodoro Lameth na vespera do dia em que Robespierre fez adoptar a não reeligibilidade: os Lameth ainda estavam patriotas. No dia seguinte já não eram os mesmos homens. — Não se póde aqui viver, disiam elles com Duport. E' preciso sair de França. Como! aquelles que fiseram a constituição teriam desgosto de vêr a proxima legislatura destruir talvez a sua obra! Teremos de ouvir nas galerias da assembléa um nescio condemnar na tribuna os nossos melhores estabelecimentos sem os podermos defender! — Ah! praza a Deus que elles saiam da França! Não haverá acaso motivo para desprezar bem profundamente a assembléa e o povo de Pariz; quando se vê que a chave de tudo isto, é escapar-se o poder aos Lameths e La-Fayette, e não serem reeleitos os Duport e Barnave! »

Pethion, assustado destes symptomas de discordia, orou na tribuna dos jacobinos em sentido conciliador. « Estais perdidos, disse elle, se os membros da assembléa se retiram de vós e passam em massa para os *feuillants*. O imperio da opinião foge-vos, e essas numerosas sociedades filiadas, que o vosso espirito governa em toda a França, romperão o laço de unidade que os prende a vós. Preveni o golpe dos vossos inimigos. Fazei um manifesto ás sociedades filiadas, e tranquilisai-as a respeito das vossas intenções constitucionaes. Dizei-lhes que vos calumniam para com ellas, e que não sois facciosos. Dizei-lhes que, longe de querer perturbar a paz publica, o objecto de todos os vossos cuidados é prevenir as desordens com que a fuga do rei nos ameaçou. Dizei-lhes que nos louvâmos na influencia imponente e rapida da opinião. Respeito pela assembléa, fidelidade á constituição, dedicação á patria e á liberdade; eis os nossos principios! » Este manifesto, dictado pela hypocrisia do medo, foi adoptado e enviado a todas as sociedades do reino. Esta medida foi seguida de um apuramento dos jacobinos. Não deixaram subsistir senão o nucleo primitivo, que reorganisou o resto por scrutinio. Pethion presidio á operação.

Por sua parte os *feuillants* escreveram tambem ás sociedades patrioticas dos departamentos. Houve um momento de interregno das facções. Mas bem depressa as sociedades dos departamentos se pronunciaram em massa, e com uma explosão revolucionaria quasi unanime, em favor dos jacobinos. « União pura e simples com os nossos irmãos de Pariz! » tal foi o grito de juncção de todos os clubs. Seiscentos clubs enviaram o seu acto de adhesão aos jacobinos. Unicamente desoito se pronunciaram pelos *feuillants*. As facções conheciam a necessidade da união, assim como a conhecia tambem a propria nação. O scisma da opinião foi abafado pelo enthusiasmo da grandeza da sua obra. Pethion, n'uma carta a seus constituintes, que produzio grande effeito, deu conta destas tentativas abortadas de divisão entre os patriotas, e denunciou os dissidentes. » Eu tremo pelo meu paiz, lhes dizia elle. Os moderados meditam já reformar a constituição, e restituir ao rei o poder apenas reconquistado pelo povo. O meu espirito desanima-se com estes pensamentos sinistros: estou prompto a largar o posto em que a vossa confiança me collocou. Oh! minha patria! sêde salva, e eu soltarei em paz o meu derradeiro suspiro! »

Assim fallava Pethion, que principiava desde então a ser o idolo do povo. Não tinha nem a audacia, nem o talento de Robespierre, porém tinha mais do que elle a hypocrisia, esse vergonhoso véo das situações duplas. O povo julgava-o honesto, e a sua palavra tinha sobre as massas a authoridade da sua fama.

XVIII. — A colligação que elle denunciava ao povo era verdadeira. Barnave entendia-se com a côrte. Malouet, membro eloquente e habil do lado direito, entendia-se com Barnave. Entre estes dous homens inimigos hontem, aliados hoje, havia-se concertado um plano de modificação á constituição. Chegára o momento de se reunir n'um só corpo todas aquellas leis dispersas, votadas n'uma revolução de trinta mezes. Separando nesta revista dos actos da assembléa, o que era organico do que o não era, ía apparecer a occasião propria de reconsiderar alguns artigos da constituição. Poderia então aproveitar-se, para os emendar n'um sentido mais monarchico, esta reacção produzida pela victoria de La Fayette. O que a paixão e a colera tinham demasiadamente arrebatado ás prerogativas da corôa, agora a razão e a reflexão podiam restituir-lh'o. Os mesmos homens, que tinham mettido o poder executivo nas mãos da assembléa, esperavam arrancar-lh'o. Acreditavam tudo possivel á sua eloquencia e popularidade. A' similhança daquelles que descem a corrente de uma revolução, elles acreditavam poder subil-a com a mesma facilidade. Não percebiam que não eram as proprias forças delles, de que estavam tão ufanos, que não eram elles mesmos, mas sim a corrente quem os levava. Os acontecimentos iam provar-lhe que não ha forças contra as paixões uma vez que se cedeu a ellas. A força de um homem de estado é o seu caracter. Uma só complacencia com as fações é um indispensavel comprometimento com ellas. Quando se consentio em ser o seu instrumento, pode-se ser o seu idolo e a sua victima, porém nunca seu senhor. Barnave ía aprender bastante tarde, e os girondinos íam aprendel-o depois delle.

Malouet participou aos principaes membros do partido realista o plano combinado com Barnave. Eis no que consistia este plano. Malouet subiria á tribuna, e n'um discurso vehemente, mas rasoavel atacaria todos os vicios da constituição; demonstraria que se estes vicios se não corrigissem pela assembléa antes de apre-

sentar a constituição ao juramento do rei e do povo, era a anarchia o que se ia jurar. Os tresentos membros do lado direito deviam apoiar com os seus aplausos as accusações do orador. Barnave pediria então a palavra para responder, e n'um discurso aparentemente irritado, vingaria a constituição das invectivas de Malouet, convindo com tudo em que esta constituição, improvisada no fogo do enthusiasmo de uma revolução, e sob a impressão de circumstancias bastante tempestuosas, poderia ter algumas imperfeições em varias das suas partes; que a reflexão e a sabedoria da assembléa podiam remediar estes vicios antes de a mesma assembléa se dissolver, e que entre outras emendas a fazer naquella obra, se poderia retocar dous ou tres artigos onde as attribuições do poder executivo e do poder legislativo haviam sido mal definidas, de modo a restituir ao poder executivo a independencia e a acção indispensaveis á sua existencia. Os amigos de Barnave, de Lameth, e de Duport, assim como todos os membros do lado esquerdo, menos Robespierre, Pethion, Buzot, e os republicanos, approvariam estrepitosamente o orador. Nomear-se-hia em seguida uma commissão especial de revisão dos artigos apontados. Esta commissão apresentaria o seu relatorio antes de acabar a legislatura, e os tresentos votos de Malouet, unindo-se aos votos constitucionaes de Barnave, assegurariam a maioria ás emendas monarchicas que deviam restaurar a monarchia.

XIX. — Porém os membros do lado direito recusaram-se unanimemente a prestar a sua coadjuvação a este plano. «Corrigir a constituição, será sanccionar a revolta. Restaurar a realesa pelas mãos de um Barnave, é degradar o rei até ao reconhecimento para com um faccioso. As suas esperanças não estavam tão decahidas a ponto de só lhes restar acceitarem um papel n'uma comedia de revolucionarios assustados. As suas esperanças não se fundavam em algum melhoramento ao mal: ellas estavam no peior. O excesso da desordem puniria a propria desordem. O rei estava nas Tuilerias, mas a realesa não estava alli; estava em Coblentz, estava sobre todos os thronos da Europa. As monarchias eram solidarias: saberiam portanto bem restaurar a monarchia franceza sem a coadjuvação daquelles que a tinham destruido.»

Assim raciocionavam os membros do lado direito. As paixões e os ressentimentos tapavam os ouvidos aos conselhos da moderação e da prudencia; e a monarchia não era mais systematicamente impellida para a catastrophe, pela mão dos seus amigos, que dos seus inimigos. O plano abortou.

No entanto que o rei captivo entretinhá duplicadas intelligencias com os seus irmãos emigrados para interrogar a energia das potencias, e com Barnave para tentar a conquista da assembléa, a assembléa perdia o seu proprio imperio. O espirito da revolução sahindo do seu recinto, onde nada mais tinha a esperar, ia animar os clubs, as municipalidades, e soprava as eleições. A assembléa havia commettido a falta de declarar os seus membros não reelegiveis na proxima legislatura.

Este acto de renuncia de si mesma, que se assimilhava ao heroismo do desinteresse, era na verdade o sacrificio da patria; era o ostracismo das superioridades, e o triumpho certo da democracia. Uma nação ainda que seja rica em genios e em virtude, não possue um numero illimitado de grandes cidadãos. A naturesa é avara de superioridades. Com difficuldade se encontram as condições sociaes necessarias para formar um homem publico. Intelligencia, luzes, virtude, caracter, independencia, boa vontade, consideração adquirida e dedicação, tudo isto raras vezes se reune n'um só cabeça. Não se decapita impunemente uma sociedade inteira. As nações são como o seu terreno: depois de se lhe ter tirado a terra vegetal, encontra o tufo, e este é esteril. A assembléa constituinte esquecera-se desta verdade, ou antes a sua abdicação, se assimilhava a uma vingança. O partido realista tinha votado a inegibilidade, para que a revolução fugindo das mãos de Bernave fosse cahir nos excessos dos demagogos. O partido republicano havia-a votado para aniquillar os constitucionaes. Os constitucionaes votaram-a para castigar a ingratidão do povo, e como para se fazerem lembrar com saudade em presença do espectaculo da indignação dos seus successores. Foi um voto de differentes paixões, todas más, e que não podia produzir senão a perda de todos os partidos. Só o rei não queria aquella medida. Elle conhecia arrependimento na assembléa nacional; entendia-se com os seus principaes chefes, e tinha a chave de muitas consciencias. Uma nação nova, desconhecida, impaciente, ia achar-se em frente delle na outra nova assembléa. As noticias da imprensa, dos clubs, da praça publica, bastante lhe annunciavam a quaes homens do povo agitado elle daria a sua confiança. Preferia os inimigos conhecidos, fatigados, em parte conquistados, a inimigos novos e ardentes, que queriam ultrapassar em exigencias aquelles que iam substituir.

Ora não lhes restava a distruir senão o seu throno, não lhes restava a conceder senão a sua vida.

XX. — Os principaes nomes debatidos nas folhas publicas eram, em Paris, os de Condorcet, Brissot, Danton; nos departamentos os de Vergniaud, Gaudet, Isnard, Lomet, Gensonne, que depois foram os girondinos, e os de Thuriot, Merlin, Carnot, Couthon, Danton, Saint Just, que mais tarde unidos a Robespierre, foram alternativamente seus instrumentos, ou suas victimas.

Condorcet era um philosofo tão intrepido nos seus actos como atrevido nas suas especulações. A sua politica era uma consequencia da sua philosophia. Acreditava na divindade da rasão, e na omnipotencia da intelligencia humana servida pela liberdade. O ceo, habitação de todas as perfeições ideaes, onde o homem mira aos seus mais bellos sonhos, era por Condorcet colocado na terra. A sua sciencia era a sua virtude, o espirito humano era o seu Deus. Parecia-lhe que o espirito, fecundado pela sciencia, e multiplicado pelo tempo, devia triumphar de todas as resistencias da materia, descobrir todas as potencias creadoras da naturesa e renovar a face da creação. Deste systema fisera elle uma politica, cujo primeiro dogma era adorar o futuro, e detestar o passado. Tinha elle o fanatismo frio da logica, e a colera reflectida da convicção. Discipulo de Voltaire, de Alembert, e de Helvetius, era como Bailly, desta geração intermediaria por quem a philosofia entrava na revolução. Mais ambicioso do que Bailly não tinha o socego impassivel daquelle. Aristocrata de nascimento, passara como Mirabeau para o campo do povo. Aborrecido da côrte, odeava-a com o odio dos transfugas. Fisera-se povo para fazer do povo o exercito da philosofia. Não queria da republica mais do que fosse necessario para destruir os prejuisos. Apenas as ideias ficassem victoriosas, confiaria de boa vontade o reino á monarchia constitucional Era mais um homem de combate, do que um homem de anarchia. Os aristocratas levam sempre comsigo para o partido popular, o sentimento da ordem e do commando. Elles querem regularisar a desordem, e até mesmo dar direcção ás tempestades. Os verdadeiros anarchistas são aquelles que sempre impacientes por terem obdecido, se conhecem incapazes de commandar. Condorcet redigia desde 1789 a *Cronique de Paris* (Chronica de Pariz) jornal de doutrinas constitucionaes, mas onde se sentiam as palpitações da colera sob a mão polida e fria do philosofo. Se Condorcet tivesse o calor e a vehemencia da linguagem, poderia ser o Mirabeau de uma outra assemblea. Tinha a fé e a constancia, mas não possuia o accento sonoro que faz retenir uma alma na alma de outrem. O club dos eleitores de Paris, que se reunia em *Sainte Chapelle*, levava Condorcet á deputação. O mesmo club tambem levava Danton.

XXI. — Danton, a quem a revolução tinha encontrado advogado obscuro no Chatelet, havia-se engrandecido com ella. Já elle tinha aquella celebridade que a multidão facilmente dá ao homem que ella vê em toda a parte, e a quem em toda a parte ouve. Era um desses homens que parecem nascer do cachão das revoluções, e que fluctuam sobre o tumulto até que este os afunda. Tudo nelle era athletico, rude e vulgar como as massas. Devia agradar-lhes, porque se lhes assimilhava. A sua eloquencia imitava a explusão das multidões. A sua voz sonora participava do rugido do alvoroto. Suas frases curtas e decisivas tinham a concisão do commando marcial. Seu gesto irresistivel imprimia o impulso nos ajuntamentos. A am-

bição era então toda a sua politica. Sem principios fixos, não amava na democracia senão a sua desordem. Esta havia feito d'elle o seu elemento. Nella se engolfava, e ahi buscava ainda menos o imperio do que a voluptuosidade sensual que o homem encontra no momento acelerado què a arrasta comsigo. Embriagava-se da vertigem revolucionaria como qualquer se embriaga do vinho. Assentava-lhe bem esta embriaguez. Tinha a superioridade do socego na confusão que creava para a dominar. Conservando o sangue frio no ardor, e a alegria no arrebatamento, as suas palavras faziam rir os clubs no meio de seus furores. Divertia o povo, e apaixonava-o ao mesmo tempo. Satisfeito deste duplicado ascendente, dispensava-se de o respeitar; não lhe fàllava nem de principios, nem de virtude, mas sim de força. Elle proprio só adorava a força. Tudo lhe servia de meios. Era o homem de Estado das circumstancias, jogando com o movimento sem outro fim senão este mesmo jogo terrivel, sem outra parada senão a sua vida, e sem outra responsabilidade a não ser o acaso.

Um similhante homem devia ser profundamente indifferente ao despotismo ou á liberdade. O seu despreso do povo até mesmo o devia inclinar á tyrannia. Quando nos homens se não vê nada de divino, o melhor partido a tirar, é *sugeital-os*. Não se serve bem senão o que se respeita. Elle não estava com o povo, senão porque descendia do povo, e lhe parecia que o povo havia triumphar. Tel-o-hia trahido como o servia, sem escrupulo. A corte conhecia a tarifa das suas convicções. Ameaçava-a para ella ter interesse em compral-o. Suas moções, as mais revolucionarias não era senão o laço, da sua consciencia. Tinha parte em todas as intrigas; a sua probidade não intimidava nenhuma offerta de corrupção. Compravam-o todos os dias, e no dia seguinte ainda estava prompto a revender-se. Mirabeau, La Fayette, Montmorin, o snr. de Laporte, intendente da lista civil, o duque de Orleans, o proprio rei tinham o segredo das suas venalidades. O dinheiro havia continuamente corrido para a sua fortuna de todas estas fontes impuras. Qualquer outro córaria de vergonha diante dos homens e dos partidos que tinham o segredo da sua fraqueza; elle não; encarava-os sem a face lhe córar. Era o centro de todos esses homens que nos acontecimentos não buscam senão a grandeza. Mas os outros não tinham senão a baixesa do vicio, e os vicios de Danton eram heroicos. A sua intelligencia rastejava pelo genio. Tinha o relampago do improviso. A incredulidade, que era a infermidade de sua alma, era a seus olhos a força da sua ambição: cultivava-a como o elemento da sua grandesa futura. Despresava tudo aquillo que respeitava alguma cousa. Um homem tal devia ter um immenso ascendente sobre os instinctos das massas. Agitava-as, fazia-as ferver á superficie, prompto a embarcar-se sobre qualquer mar, ainda mesmo que este fosse um mar de sangue.

XXII. — Brissot de Warville era outro destes candidatos á deputação de París. Como este homem foi o tronco do partido dos girondinos, o primeiro apostolo e o primeiro martyr da republica, importa conhece-lo.

Brissot era filho de um pastelleiro de Chartres. Cursára os estudos naquella cidade com Pethion, seu patricio. Aventureiro em litteratura, principiára a usar deste nome de Warville que occultava o seu. Não córar do nome de seu pai é a nobresa do plebeo. Brissot não a possuia. Começára por tomar furtivamente um dos seus titulos a esta aristocracia das raças contra a qual elle ia sublevar a igualdade. Similhante em tudo a Rousseau, excepto no genio, procurou fortuna por toda a parte, e desceu mais baixo que elle na miseria e na intriga antes de subir á celebridade. Os caracteres perdem a energia e enodeiam-se por esta lucta com as difficuldades da existencia na escoria das grandes cidades corrompidas. Rosseau tinha passeado a sua indigencia e os seus sonhos no seio da naturesa, cujo espectaculo aplaca e purifica tudo. Saíra por isso um philosopho. Brissot havia arrastado a sua miseria e a sua vaidade no meio de París e de Londres, e nestas sentinas de infamia onde pulullam os aventureiros e os pamphletarios, tinha sahido dahi um intrigante.

Comtudo, mesmo no meio destes vicios que haviam tornado a sua probidade duvidosa, e suspeito o seu nome, nutria no fundo da alma tres virtudes capazes de o restabelecer; um amor constante por uma moça mulher que esposára contra vontade da sua familia, o gosto do trabalho, e uma coragem contra as difficuldades da vida, que depois desenvolveu contra a morte. A sua philosofia era a de Rousseau. Acreditava em Deus. Tinha fé na liberdade, na verdade, e na virtude. Tinha na alma esta dedicação sem reserva á humanidade, que é a caridade dos philosofos. Detestava a sociedade onde não encontrava o seu logar. Mas o que aborrecia do estado social, era especialmente os seus prejuisos e as suas mentiras. Teria desejado refaze-la, menos por elle do que pela propria sociedade em si, consentia em ser esmagado sobre as suas ruinas, com tanto que estas ruinas fizessem logar ao plano idéal do governo da razão. Brissot era um desses talentos mercenarios que escrevem para quem lhes paga. Escreveu sobre todas as materias, para todas os ministros, especialmente para Turgot. As leis criminaes, as theorias economicas, a diplomacia, a litteratura, a philosophia, mesmo os libellos, a tudo a sua penna se prestava. Buscando o apoio de todos os homens poderosos ou celebres, havia adulado desde Voltaire e Franklin até Marat. Conhecido da sr.ª de Genlis, a ella devêra algumas ralações com o duque de Orleans. Enviado a Londres pelo ministro, a uma dessas missões que nunca se publicam, ahi se ligou com o redactor do *Correio da Europa* (*Courrier de l'Europe*), jornal francez impresso em Inglaterra, e cuja audacia inquietava a côrte das Tuilerias. Assoldadou-se a Switon, proprietario desta folha, e redigio-a n'um sentido favoravel aos intuitos de Vergennes. Conheceu em casa de Swinton alguns libellistas, um dos quaes era Morande. Estes escriptores, repellidos pela sociedade, muitas vezes se transformam em scelerados de penna. Vivem ao mesmo tempo dos escandalos do vicio, e dos salarios da espionagem. O seu contacto manchou Brissot. Foi ou pareceu algumas vezes cumplice delles. Maculas vergonhosas ficaram sempre na sua vida, e foram cruelmente avivadas pelos seus inimigos, quando elle precisou de fazer apêlo á estima publica.

Regressando a França nos primeiros symptomas da revolução tinha espreitado as suas successivas phases com a ambição de um homem impaciente, e com e indecisão de um homem que fareja o vento. Muitas vezes se enganára. Havia-se compromettido pela sua dedicação muito apressada a certos homens que tinham parecido um momento resumir nelles o poder; a La-Fayette especialmente. Redactor do *Patriote Français* (*Patriota francez*) algumas vezes aventurára idéas revolucionarias, e lisongeára o futuro indo mais depressa que as proprias facções. Mereceu que Robespierre o condemnasse.

« Em quanto que eu me contentava, dizia d'elle Robespierre, em defender os principios da liberdade, sem entabolar alguma outra questão estranha, que farieis vós, Brissot, e vós Condorcet? Conhecidos até então pela vossa grande *moderação*, e pelas vossas relações com La Fayette, muito tempo sectarios do club aristocratico do 89, fiseste repentinamente echoar a palavra republica. Publicais um jornal intitulado o *Republicano*! Então os espiritos fermentam. Só a palavra republica lança a divisão entre os patriotas, e dá aos nossos inimigos o pretexto que elles buscavam para se publicar que existe em França um partido que conspira contra a monarchia e a constituição. A este titulo perseguem-nos, degolam-se os cidadãos pacificos sobre o altar da patria! A este nome, somos transformados em facciosos, e a revolução recua um meio seculo talvez. Foi n'este mesmo tempo que Brissot, veio aos jacobinos, aondo n'unca tinha apparecido, propor a republica, da qual até as regras da mais simples prudencia nos haviam prohibido fallar na assembléa nacional. Porque fatalidade· Brissot se achou alli? Bem desejava não vêr astucia na sua conducta; bem queria só vêr n'ella imprudencia e inepcia. Mas hoje que as suas ligações com La Fayette e Narbonne já não são um mysterio, hoje que elle não dissimula já os planos de innovações perigosas, que saiba que a nação romperá n'um momento todas as tramas urdidas por espaço de tantos annos por pequenos intrigantes. »

Assim se expressava Robespierre, cioso de antemão, e com tudo justo, sobre a candidatura de Brissot. A revolução repellia-o, e a contra-revolução não o deshonrava menos. Os antigos amigos de Brissot em Londres, espepecialmente Morande, tendo vindo a Paris com a impunidade dos tempos de desordem, punham a publico no *Argus* e nos papeis afixados em Pariz, as intrigas occultas e os escandalos da vida litteraria do seu antigo associado. Citavam as cartas authenticas em que Brissot mentira com impudencia o seu nome, a condição da sua familia, a fortuna de seu pai, para captar a confiança de Swinton, dar-se credito, e enganar a gente em Inglaterra. As provas eram convenientes A um tal chamado Desforges, tinha extorquido uma somma consideravel, sob pretexto de fundar um lycèo em Londres, e esta somma fôra gasta por Brissot em seu uso pessoal. Era ainda pouco. Brissot, saindo da Inglaterra, tinha depositado nas mãos d'este mesmo Desforges oitenta cartas que provavam mui evidentemente a sua participação no infame commercio de libellos praticado pelos seus amigos. Demonstrou-se que Brissot fôra conivente na remessa para França, e na propagação dos odiosos pamphletos de Morande. Os jornaes hostis á sua candidatura apossaram-se d'estes escandalos, e arremessavam-os á opinião. Foi accusado além d'isto, de ter entregue no cofre do districto *des Filles-Saint-Thomas*, de que era presidente, uma somma esquecida muito tempo na sua propria bolsa. A justificação foi embaraçada e confusa. Foi com tudo sufficiente ao club da rua *de la Michodiére* para declarar sua innocencia e inteiresa.

Alguns jornaes preoccupados sómente do lado politico da sua vida, trataram defendel-o, e limitaram-se a gemer sobre a calumnia. Manoel, seu amigo, que redigia um jornal cynico, escrevia-lhe para o consolar, dizendo : « Estas immundicies de calumnia, espalhadas no momento do scrutinio, acabam sempre por deixar uma agoa suja n'aquelle sobre quem se lançam. Porém é fazer triumphar os inimigos do povo reppellir aquelle que sem medo os combate. Dão-me votos apesar da minha extravagancia, e propensão para a garrafa. Deixai o *Pére Duchesne*, e nomeai Brissot. » Marat, no *Ami du Peuple*, falou de Brissot em termos ambiguos. « Brissot, escreveu o amigo do povo, nunca foi a meus olhos um patriota bem franco. Quer por ambição, quer por fraqueza, elle trahio até hoje os deveres de bom cidadão, Porque abandonou tão tarde esse general tartufo? Pobre Brissot, eis-te ahi victima da perfidia d'um creado da côrte, d'um covarde hypocrita! Porque déste a mão a La Fayette? Ahi estás, soffrendo a sorte de todos os homens de caracter indeciso. Desagradas a todos. Nunca te adiantarás. Se te resta algum sentimento de dignidade, apressa-te em riscar teu nome da lista dos candidatos á proxima legislatura. « Assim apparecia pela primeira vez em scena, no meio das vaias dos dois partidos, este homem que se esforçava debalde por fugir ao desprezo acomulado sobre o seu nome pelas faltas da sua mocidade, para entrar na austeridade do seu papel politico; homem misto, metade intriga, metade virtude. Brissot destinado a servir de centro de reunião ao partido da *Gironda*, levava de antemão no seu caracter tudo quanto houve mais tarde nos destinos do seu partido, intriga e patriotismo, facção e martyrio. Os outros candidatos mais salientes de Pariz eram *Pastoret*, homem do Meio dia, prudente e habil como um homem do Norte, revolvendo-se entre os partidos, dando assaz penhores á revolução para ser acceito por ella, assaz dedicação á corte para conservar a sua confiança secreta; levado aqui e acolá pelo favor alternativo das duas opiniões, como um homem que buscava a fortuna do seu talento na revolução, mas que não a buscava nunca fora do justo e do honesto; Lacepede, Cerutti, Herault de Sechelles, Gouvion, ajudante de campo de La Fayette, as eleições do departamento occuparam pouco a attenção. A assemblea nacional tinha esgotado o paiz de caracteres e de talentos. O ostracismo que ella se impusera abandonava a França aos talentos secundarios. Pouca affeição mereciam os homens desconhecidos. A consideração publica ligava-se mais aos nomes que iam desapparecer. Um paiz não tem duas reputações. A da França acabava-se com os membros da dissolvida assembléa. Outra França ia surgir.

LIVRO QUARTO.

I. — No entanto principiava a pressentir-se para o lado do Meiodia o movimento de uma nova opinião. Bordeaux fermentava. O departamento da Gironda acabava de nomear de um jacto um inteiro partido politico nos doze cidadãos que compunham a sua deputação. Este departamento, afastado do centro, ia tomar de uma só vez o imperio da opinião e da eloquencia. Os nomes até então obscuros de Ducos, Guadet, Lafond-Ladebat, Grangeneuve, Gensonné, Vergniaud, iam engrandecer-se com as tempestades e desgraças da sua patria. Estavam destinados a imprimir na revolução indecisa um movimento, ante o qual ella hesitava ainda, e a precipital-a na republica. Porque motivo este impulso devia vir do departamento da Gironda, e não do de Pariz? Em tal materia não é possivel mais do que conjecturas O espirito republicano devia talvez rebentar antes em Bordeaux do que em Pariz, onde a presença e a acção de uma corte embrandecia, havia seculos, a independencia dos caracteres e a austeridade dos principios que são os bens do sentimento civico. Os estados do La guedoc, e os habitos que resultam da administração de uma provincia governada per si propria, deviam predispor os costumes da Gironda a um governo electivo e federativo.

Bordeaux era um paiz parlamentar. Os parlamentos haviam nutrido em toda a parte o espirito da resistencia, e creado muitas vezes o espirito de facção contra a realesa. Bordeaux era uma cidade commercial. O commercio que por interesse tem necessidade, acabou por contrair este sentimento. Bordeaux era a cidade colonial a grande escalla da America em França. As constantes relações da sua marinha mercante com os americanos tinham importado para a Gironda o enthusiasmo das instituições livres. Em fim Bordeaux era uma terra melhor e mais cedo exposta aos raios da philosofia do que o centro da França. A philosofia alli havia germinado per si mesmo antes de germinar em Pariz. Bordeaux era o paiz de Montaigne e de Montesquieu, esses dois grandes repuclicanos do pensamento francez. Um tinha livremente sondado os dogmas religiosos, o outro as instituições politicas. O presidente Dupaty ahi havia depois fomentado o enthusiasmo da nova philosofia. Demais a mais Bordeaux era uma terra metade romana, na qual as tradições da liberdade e do *Forum romano* se haviam perpetuado no tribunal. Um certo sopro de antiguidade ahi animava as almas e fazia inchar palavras. Bordeaux era pela eloquencia ainda mais republicana do que pela opinião. Havia ahi alguma cousa da emphase latina até no seu patriotismo. A republica devia nascer no berço de Montaigne e de Montesquieu.

II. — Este momento das eleições foi o signal da lucta a mais encarniçada possivel da imprensa periodica. Os nossos jornaes não bastavam. Faziam-se apregoar nas ruas as opiniões pelos distribuidores ambulantes, e inventaram-se os *jornaes-Cartazes* afixados nas esquinas de París, e grupando o povo no canto das ruas em frente destas tribunas de encruzilhada. Oradores nomadas inspirados ou assoldados pelos differentes partidos, alli se achavam constantemente commentando em alta voz aquelles escriptos filhos da paixão. *Lonstalot* nas *Revolutions de París* (Revoluções de París) jornal formado por Prudhomme, e continuado por Chaumette, e *Fabre d'Eglantine*; *Marat* no *Publiciste* (Publicista) e no *Ami du Peuple* (Amigo do Povo; *Brissot* no *Patriote français* (Patriota francez) *Gorsas* no *Courrier de Versailles* (Correio de Versalhes); *Condorcet* na *Chronique de Paris* (Chronica de París); *Cerutti* na *Feuille villageoise* (Folha da aldeia); *Camillo Desmoulins* nos *Discours de la lanterne* (Discursos da lanterna) e nas *Revolutions de Brabant* (Revoluções do Barbante); *Freson* no *Orateur du peuple* (Orador do povo); *Hebert e Manuel* no *Pere Duchesne*

(Padre Duchesne); *Carra* nos *Annales patriotiques* (Annaes patrioticos); *Fleydel* no *Observateur* (Observador); *Laclos* no *Journal des Jacobins* (Jornal dos Jacobinos); *Fauchet na Bouche de fer* (Boca de ferro); *Royou* no *Ami do roi* (Amigo do rei); *Champcenetz*, *Rivarol* nos *Actes des apotres* (Actas dos Apostolos); *Suleau* e *André Chenier* em muitas folhas realistas ou moderadas, agitavam em todos os sentidos e se disputavam o espirito do povo. Era a tribuna antiga transportada para o domicilio de cada cidadão, e apropriando a sua lingoagem a todas as classes, mesmo ás mais illustradas. A colera, a suspeita, o odio, a inveja, o fanatismo, a credulidade, a injuria, a sede de sangue, os panicos repentinos, a demencia e a rasão, a revolta e a fidelidade, a eloquencia e a estupidez tinham cada uma seu orgão neste concerto de todas as paixões civis. A cidade embriagava-se todas as tardes com estas paixões fermentadas. Todo o trabalho era adiado. O seu unico trabalho era ou vigiar o throno, ou prevenir quer verdadeiras quer imaginarias conspirações, ou salvar a patria. As vociferações dos apregoadores destas folhas publicas, os canticos patrioticos dos jacobinos que saiam dos clubs, os ajuntamentos tumultuosos, as convocações para as cerimonias patrioticas, os terrores facticios a respeito das substancias alimenticias, tinham as massas da cidade e dos arrebaldes, n'uma continua tensão. O pensamento publico não deixava repousar ninguem. A indifferença teria parecido traição. Era myster fingir furor para estar ao nivel do espirito publico. Cada circumstancia augmentava as pulsações desta febre. A imprensa insuflava todas as veias da nação. A sua lingoagem tocava já em delirio. A lingoa envilecia-se até o ponto de cynismo. Pedia emprestado mesmo á populaça os seus proverbios, trivialidade, obscenidades, rudeza até mesmo as pragas com que interrompe as palavras para vibrar com mais força os golpes da injuria no ouvido daquelles a quem aborrece. *Danton*, *Hebert* e *Marat* foram os primeiros que adoptaram este tom, estes gestos, estas pragas da plebe para a lisongear pela imitação dos seus vicios. Robespierre nunca desceu até este ponto. Não se apoderava do povo pelos seus vis instinctos, e sim pela sua rasão. O fanatismo que lhe inspirava nos discursos tinha ao menos a decencia dos grandes pensamentos. Dominava-o só pelo respeito, e desdinhava-se captal-o pela familiaridade. Quanto mais penetrava na confiança das massas, mais elle affectava nas suas palavras a elevação phylosofica e o tom austero do homem de estado. Conhecia-se nas suas provocações as mais radicaes que, se elle queria renovar a ordem social, não queria corromper os elementos, e que a seus olhos o emancipar o povo não era o degradal-o.

III. — Foi por esta mesma epocha que a assembléa nacional ordenou a trasladação dos restos mortaes de Voltaire para o Panthéon. Era a philosofia que se vingava dos anathemas com que tinham perseguido as cinsas do grande inovador. O corpo de Voltaire, morto em Pariz em 1778, tinha sido transportado, de noite e furtivamente por seu sobrinho, para a egreja da abbadia de Selliéres em Champagne. Quando a nação vendeu esta abbadia, as cidades de Troyes e de Romilly se disputaram a gloria de possuir e honorificar os despojos do homem do seculo. A cidade de Pariz, onde elle havia dado o ultimo suspiro, revindicou o seu direito de capital, e dirigio á assembléa nacional uma petição pedindo que o corpo de Voltaire lhe fosse entregue, para ser depositado no Pantheon, esta cathedral da philosofia. A assembléa acolheu com transporte a ideia desta homenagem, que fazia remontar a liberdade á sua origem. «O povo deve-lhe a sua alforria, disse *Regnault de Saint Jean d'Angely*. Dando-lhe a luz, entregou-lhe o imperio. Não se encadeiam as nações senão nas trevas. Quando a rasão vem esclarecer a vergonha dos seus ferros, ellas coram de os trazer, e despedaçam-os.»

Em 11 de julho, o departamento e a municipalidade foram em corporação á barreira de Charenton receber o corpo de Voltaire. Depozeram-o sobre o terreno onde antes estivera levantada a Bastilha, como o conquistador sobre o seu trofêo. Levantou-se o feretro do exilado aos olhos do povo. Formou-se-lhe um pedestal com as pedras arrancadas aos alicerces desta fortaleza das antigas tyrannias. Voltaire morto, triumphava assim daquellas pedras que o tinham encarcerado vivo. Lia-se n'uma dessas pedras a reparação que o seculo dava ás ideias: «*Recebe neste logar onde a tyrannia te encarcerou, as honras que a patria te consagra.*

IV. — No dia seguinte, por um brilhante sol que veio dissipar as nuvens d'uma noite chuvosa, innumeravel povo veio fazer cortejo ao carro que transportava Voltaire para o Pantheon. Este carro ía puxado por cavallos, cujas crinas iam entrelaçadas com ouro e flores, eram seguidas por homens vestidos á antiga, como nas medalhas dos triumphadores. Este carro transportava um caixão funebre sobre o qual se via, deitada e coroada, a imagem do philosofo. A assembléa nacional, o departamento, a municipalidade, os corpos constituidos, a magistura, e o exercito precediam ou seguiam o sarcophago. Os *boulevards*, as ruas, as praças publicas, as janellas, os telhados das casas, os proprios troncos das arvores tudo vergava com o peso do povo. Os murmurios surdos da intolerancia vencida não podiam comprimir este enthusiasmo. Todos os olhares se fitavam sobre aquelle carro. O pensamento novo conhecia que era sua victoria que que por alli passava, e que a philosofia ficava senhora do campo da batalha.

A ordem desta pompa era magestosa; e, apesar do seu aparelho profano e theatral, lia-se em todos os rostos o recolhimento da idéa, e a alegria interna de um triumpho intellectual. Numerosos destacamentos de cavallaria rompiam a marcha. Pareciam consagrar as proprias armas d'alli em diante ao serviço da intelligencia. Seguiam-se depois os tambores, cobertos de crépe, e tocando marchas funebres, com as quaes vinham misturar se os tiros da artilheria que rodava após elles. Os estudantes dos collegios de Pariz, as sociedades patrioticas, os batalhões da guarda nacional, os artistas das imprensas, obreiros empregados na demolição da Bastilha, trazendo uns um *prelo ambulante*, que imprimia mesmo em marcha homenagens á memoria de Voltaire; outros cadeias, golilhas, ferrolhos, e ballas de artilheria, tudo encontrado nos carceres, ou nos arsenaes das prisões do estado; outros emfim os bustos de Voltaire, de Rousseau, e de Mirabeau, desfillando todos apertadamente entre o exercito e o povo. Sobre um andor vinha collocada a acta dos eleitores de 89, essa *hegira* da insurreição. N'outro, os cidadãos do bairro *Saint-Antoine* mostravam um modêlo em relevo da Bastilha, a bandeira do torreão, e uma rapariga, vestida como amasona, que havia combatido com elles no sitio daquella praça forte. Piques ou chuços, na ponta dos quaes vinha pendurado o barrete phrygio da liberdade appareciam por toda a parte elevadas acima das cabeças desta multidão. Lia-se n'um retabulo espetado na ponta d'um daquelles piques: «*Deste ferro nasceu a liberdade.*»

Todos os actores e actrizes dos theatros de Pariz seguiam a estatua daquelle que os havia inspirado pelo espaço de sessenta annos. Na face d'uma piramide, que representava a sua immortalidade, estavam gravados os titulos das suas principaes obras. A sua estatua de ouro, coroada de louros, era levada por cidadãos trajando qual os povos e as idades cujos costumes elle descrevêra Um cofre egualmente de ouro, continha os setenta volumes das suas obras. Os membros dos corpos scientificos e das principaes academias do reino circumdavam esta arca da philosofia. Numerosas orchestras, umas ambulantes, outras distribuidas pelo caminho do cortejo, saudavam com symphonias retumbantes a passagem do carro, e enchiam o ar do enthusiasmo harmonioso desta multidão. Este cortejo fazia paragens á porta dos principaes theatros. Ahi se cantavam hymnos de gloria ao seu genio. Depois tornavam a pôr-se em marcha. Chegando assim ao cáes que tem o nome de Voltaire, o carro parou defronte da casa do sr. Villete, onde Voltaire morrêra, e onde se guardara o seu coração. Arbustos verdes, grinaldas e corôas de roza decoravam a fachada desta casa. Lia-se ahi esta celebre inscripção: «O seu espirito está por toda a parte e o seu coração aqui «(*Son esprit est partout et son cœur est ici*).» Meninas vestidas de branco e

a fronte coroada de flores, cobriam os degráos e um amphiteatro levantado diante da casa. A senhora Villette, de quem Voltaire fora o segundo pai, em toda a frescura da sua belleza, e com todo o enternecimento das suas lagrimas, avançou no meio daquellas meninas, e depoz a mais bella das suas corôas, a corôa filial na fronte do grande homem. Neste momento, e acompanhadas dos religiosos sons da musica, ressoaram as estrofes do poeta Chemer, um dos homens que mais nutrio e conservou até á sua morte o culto do Voltaire. A senhora de Villette, e as meninas do amphitheatro desceram para a rua, alcatifada de flores, e marchavam diante do carro. O theatro francez, que era então no bairro Saint-Germain, havia transformado o seu peristylo n'um arco triumphal. Em cada uma das columnas estava incrustado um medalhão, contendo, em letras de bronze dourado, o titulo dos principaes dramas do poeta. Liase no pedestal desta estatua, levantada em frente da porta do theatro: « *Il fit Irène á quatre-vingt-trois ans; á dixsept ans il fil Œdipe* ! » — (*Compoz Irène na idade de oitenta e tres annos; escreveu o Œdipo na de dezesete.*)

A grande procissão que escoltava esta gloria posthuma não chegou ao Panthéon senão ás dez horas da noite. O dia não fôra assaz longo para este triumpho. O sarcofago de Voltaire foi collocado no Pantheon entre *Descartes* e *Mirabeau*. Era o logar predestinado a este genio intermediario entre a philosophia e a politica, entre o pensamento e a acção.

Esta apotheose da philosophia moderna no meio dos grandes acontecimentos que agitavam o espirito publico, mostrava assaz que a revolução se comprehendia a si mesmo, e que queria ser a inauguração dos dois grandes principios representados por este tumulto: a intelligencia e a liberdade! Era a intelligencia que estava triumphante, sobre as ruinas da preoccupação do nascimento, na cidade de Luiz XVI. Era a philosophia que tomou posse da cidade e do templo de *Sainte-Genovece*. Os caixões de dois cultos e de duas idades iam combater-se até mesmo nos tumulos. A philosofia, timida até então, revelava o seu ultimo pensamento, fazer mudar os grandes homens para a veneração do seculo.

V. — Voltaire, este genio sceptico da França moderna, resumia admiravelmente em si a dupla paixão deste povo em similhante occasião: a paixão de destruir, e a necessidade de inovar; o odio aos prejuizos e o amor da luz. Elle devia ser a bandeira da destruição. Este genio, não o mais alto, porem o mais vasto de França, ainda não tinha sido julgado senão pelos seus fanaticos, ou pelos seus inimigos. A impiedade deificava até os seus mesmos vicios; a superstição anathematisava até as suas proprias virtudes. Em fim o despotismo, quando se reapossou da França, conheceu que era necessario desenthronar Voltaire do espirito nacional, para ahi restabelecer a sua tyrannia. Napoleão pagou, durante quinze annos, alguns escriptores e jornaes encarregados de degradar, macular e negar o genio de Voltaire. Em quanto a memoria de Voltaire não estivesse extincta, elle não se sentia seguro. A tyrania tem necessidade de prejuizos, bem como a mentira carece de trevas. A igreja restaurada tambem não podia deixar brilhar mais esta gloria. Tinha o direito de aborrecer. Voltaire, mas não de o negar.

Se se julgam os homens pelo que tem feito, Voltaire é incontestavelmente o mais poderoso escriptor da Europa moderna. Nenhum produzio, pela unica força do genio e só pela perseverança da vontade, tamanha comoção nos espiritos. A sua penna levantou um velho mundo e abalou, mais do que unicamente o imperio de Carlos Magno, o imperio europeu de uma theocracia. O seu genio era a força, mas sim a luz. Deus não o tinha destinado a abrazar os objectos, mas a esclarecel-os. Por toda a parte onde entrava, levava a luz. A razão, que não é senão a luz, devia fazer delle primeiramente seu poeta, depois o seu apostolo, e por fim o seu idolo.

VI. — Voltaire nascera plebeu n'uma rua obscura da velha cidade de Pariz. Em quanto que Luiz XVI e Bossuet reinavam, nas pompas do poder absoluto e do catholocismo, em Versailles, o filho do povo, o Moyses da incredulidade, crescia desconhecido mui perto delles. Os segredos do destino parecem zombar dos homens. Não se suspeitam senão depois de haverem rebentado. O throno e o altar tinham tocado o seu apogeo em França. O duque de Orleans, regente, governava um interregno. Era um vicio em logar de outro, a fraqueza em logar do orgulho. Este vicio era doce e facil. A corrupção vingava-se da austeridade monacal nos annos anteriores, no tempo de Latellier e da sr.ª de Maintenon. Voltaire, precoce já na audacia como no talento, principiava a brincar com essas armas do pensamento, das quaes, mais tarde, devia fazer uso terrivel. O regente, que não desconfiava ainda do perigo, deixava-se operar, e não reprimia, senão pró forma, algumas excessivas temeridades de espirito, das quaes se ria mesmo punindo-as. A incredulidade d'aquella epocha nascia da devassidão, em logar de nascer do exame refletido. A independencia do pensamento era mais uma libertinagem dos costumes, do que uma conclusão do espirito. Mesmo na irreligião havia vicio. Voltaire sempre se ressentio d'isto. A sua missão principiou pelo sarcasmo e descredito das cousas sagradas, que só com respeito se devem tocar, mesmo quando se despedaçam. D'ahi seguio-se a inconstancia á ironia, e muitas vezes o cynismo, no coração e nos labios do apostolo da razão. Sua viagem á Inglaterra deu gravidade e afouteza á sua incredulidade. Não havia conhecido em França senão libertinos de espirito, em Londres conheceu philosofos. Apaixonou-se pela razão eterna, como quaiquer se apaixona por uma novidade; teve o enthusiasmo da descoberta. N'uma natureza tão activa como a natureza franceza, este enthusiasmo e este odio não ficaram especulativos como n'uma intelligencia do Norte. Apenas persuadido, quiz a seu turno persuadir tambem. Sua vida inteira transformou-se n'uma acção multipla encaminhada a unico fim: a abolição da theocracia, e estabelecimento da tolerancia e da liberdade nos cultos. N'isto trabalhou com todos os dons de que Deus dotava seu genio. Trabalhou mesmo com a mentira, a astucia, a difamação, o cynismo, e a immoralidade do espirito. Empregou todas as armas; até mesmo as que o respeito de Deus e dos homens prohibe aos sabios, e fez consistir a sua virtude, a sua honra, e a sua gloria nesta abolição. O seu apostolado da razão teve muitas vezes as formulas d'uma profanação da piedade. Em vez de alumiar o templo, elle o saqueou.

Desde o dia em que se resolveu a esta guerra ao christianismo procurou logo alliados contra elle. A sua ligação com o rei da Prussia, Frederico II, não teve outra causa Precisava dos thronos para se apoiar contra o sacerdocio. Frederico, que partilhava a sua filosophia, e que até mesmo a impellia para mais longe, até ao atheismo e ao desprezo dos homens, foi o *Denys* deste moderno Platão. Luiz XV que tinha interesse em se conservar em relações benevolas com o rei da Prussia, não se aventurou a proceder contra um homem, que este rei confessava por amigo. Valtaire redobrou de audacia ao abrigo deste sceptro. Poz os thronos de parte, e pareceu cointeressal-os na sua empresa, affectando emancipal-os da dominação de Roma. Entregou aos reis a liberdade civil dos povos, com tanto que o ajudassem a conquistar a liberdade das consciencias. Elle proprio affectou, ou teve, talvez, o culto do poder absoluto dos reis. Levou o respeito para com elles até á adoração das suas fraquezas: desculpou os vicios infames do Grande Frederico; ajoelhou a filosophia diante das amantes de Luiz XV. Similhante á cortesã de Thebas, que levantou uma das pyramides do Egypto com o producto das suas devassidões, Voltaire não se envergonhou de nenhuma prostituição do seu genio, com tanto que o salario daquellas complacencias lhe servisse para comprar inimigos ao Christo. Allistou-os a milhares em toda a Europa, especialmente em França. Os reis lembravam-se ainda da idade media, e dos thronos ultrajados pelos papas. Não viam por tanto sem uma especie de ciume e sem um secreto odio este clero tão poderoso como elles sobre os povos, que com os titulos de cardeaes, esmoleres-mores, bispos, ou confessores espiava ou dictava as suas crenças até nas côrtes. Os parlamentos, este clero civil, cor-

po timivel aos proprios soberanos, detestavam o corpo da cleresia apesar de protegerem a fé dos seus decretos. A nobreza guerreira, corrompida, e ignorante, pendia toda para a incredulidade que os emancipava de uma moral. Em fim a burguesia letrada ou sabia, preludiava á emancipação do terceiro estado pela insurreição do pensamento. Taes eram os elementos da insurreição religiosa. Voltaire apoderou-se, em hora apropriada, e com o olhar da paixão, que vê mais claro que o proprio genio. A um seculo ainda creança, leviano, e irreflectido, elle não apresentou a razão sobre a formula austera de uma filosophia, mas debaixo da forma de uma facil liberdade de idéas e de uma ironia zombeteira. Não teria alcançado bom exito se houvesse tratado de o fazer pensar; conseguiu-o fazendo-o rir. Nunca atacou de frente, nem a rosto descoberto, para não excitar as leis contra si, e para evitar as fogueiras de Servet. Escpo moderno atacou, sob suppostos nomes, a tyrannia que elle queria destruir. Occultou o seu odio no drama, na poesia ligeira, no romance, na historia, e até nas facecias. Seu genio era uma perpetua alusão a todo o seu seculo, mas impenetravel a seus inimigos. Feria, occultando a mão. Mas este combate de um homem contra um sacerdocio, de um individuo contra uma instituição, d'uma vida contra desoito seculos, não foi todavia sem coragem.

VII. — Ha um incalculavel poder de convicção e dedicação á idéa, nesta audacia de um só contra todos. Desafiar ao mesmo tempo, sem outro partido mais que a propria razão individual, sem outro apoio que a propria consciencia, o respeito humano, esta cobardia do espirito disfarçada em respeito do erro: affrontar os odios da terra, e os anathemas do ceo, é o heroismo do escriptor. Voltaire não foi martyrisado nos seus membros, mas consentio sel-o no seu nome. Renegou-o durante a vida, e depois da morte, condemnou a sua propria cinza a ser dispersa ao vento, e mesmo a não ter o asylo de um tumulo. Resignou-se a longos exilios em troca da liberdade de combater. Sequestrou-se voluntariamente dos homens para que a sua pressão constrangesse nelle o pensamento. Na idade de oitenta annos, valetudinario e sentindo-se morrer, fez muitas vezes os seus preparativos á pressa, para ir combater ainda, e expirou longe do tecto da sua velhice. A seiva inesgotavel do seu espirito não se gelou um só instante. Elevou o sarcasmo até á altura de um genio, e sob esta jovialidade de toda a sua vida, sente-se uma verdadeira potencia de preseverança e convicção. Tal foi o caracter deste grande homem. A serenidade luminosa do seu pensamento escondeu muito a profundidade do designio. Sob a sua jovialidade e debaixo do rizo, não é talvez reconhecida a sua constancia. Soffreu rindo e queria soffrer na ausencia da sua patria, nas suas amisades perdidas, na sua gloria negada, no seu nome infamado, na sua memoria amaldiçoada. Acceitou tudo isto em vista do triumpho da independencia da razão humana. A dedicação não muda de valor mudando de causa; foi essa a sua virtude para com a posteridade. Não foi a verdade, mas foi o seu percursor, marchando na sua vanguarda. Uma cousa lhe faltou: foi o amor de um Deus. Elle via-o no espirito; e aborrecia os fantasmas que as idades das trevas haviam tomado por elle, e o adoravam em seu logar. Despedaçava com ira as nuvens que tolhiam á idéa divina romper pura sobre os homens: mas o seu culto era antes o odio contra o erro do que a fé na divindade. O sentimento religioso, este resumo sublime do pensamento humano, esta razão que se inflama pelo enthusiasmo para mostrar Deus como uma chamma, e para se reunir a elle na unidade da creação com o creador, do raio com o foco, Voltaire não o nutria em sua alma. Dahi os resultados da sua philosophia. Ella não creou nem moral, nem culto, nem caridade: não fez mais do que decompôr e destruir. Negação fria, corrosiva e sarcastica, operava á maneira do veneno: gelava e matava: não vivificava. Por isso não produzio mesmo contra esses erros que eram o mixto humano de um pensamento divino, todo o effeito que devia produzir. Fez scepticos em lugar de fazer crentes. A reacção theocratica foi prompta e geral. Assim o devia ser. A impiedade despeja a alma dos seus erros sagrados, mas não enche o coração humano. Nunca a impiedade sósinha terá forças para arruinar um culto humano. E' preciso uma fé para substituir outra fé. A' irreligião não é permittido destruir sobre a terra qualquer religião. Não ha para que verdadeiramente se possa triumphar de uma religião alterada de sombra, e substituil-a, senão outra religião mais luminosa. A terra não pode estar sem altar, e só Deus é assaz forte contra Deus.

VIII — Foi em 5 de agosto de 1791, primeiro anniversario dessa famosa noite de 4 de agosto de 1790, em que baqueou a feudalidade, e que a assembléa nacional principiou a revisão da constituição. Era um acto imponente e solemne este relancear de olhos lançado pelos legisladores ao terminarem a sua carreira, sobre as ruinas que acabavam de semear no seu caminho, e sobre os alicerces que acabavam de lançar. Mas quão differente era a sua disposição de espirito neste momento daquella outra com que elles começaram esta grande obra! Haviam-a emprehendido com o enthusiasmo do ideal, e reviam-se com as desilusões e a tristeza da realidade. A assembléa nacional fôra aberta entre as acclamações de um povo unanime nas suas esperanças, e ia fechar-se entre o som das recriminações de todos os partidos. O rei estava captivo; os principes emigrados; o clero em scisma; a nobreza em fugida; o povo em sedição. Necker havia desapparecido na sua popularidade. Mirabeau estava morto; e Maury mudo; Cazallés, Lally, Mounier haviam desertado da sua obra. Dois annos tinham arrebatado mais homens e mais cousas, do que uma geração arrebata em tempos ordinarios. As grandes vozes 89, inspiradas de philosofia e de esperanças, não ressoavam já sob aquellas abobadas. As primeiras fileiras estavam postradas; os homens da segunda ordem iam combater em logar daquellas. Intimidados, desanimados, arrependidos, não tinham nem genio de servir o impulso do povo, nem o poder de lhe resistir. Barnave havia encontrado a sua virtude na sua sensibilidade; mas a virtude que vem tarde, é como a intelligencia que vem depois do golpe, não serve senão para nos fazer medir a profundidade das nossas faltas. Em revolução nunca ha arrependimento, ha expiação. Barnave que podia ter salvado a monarchía se acaso se houvesse juntado a Mirabeau, ía começar a sua expiação. Robespierre era para Barnave, o que Barnave fôra para Mirabeau. Porém mais poderoso do que Barnave, em vez de operar ao alvedrio de uma paixão caprichosa como a inveja, procedia sob o impulso de uma idéa fixa e de uma implacavel theoria. Barnave não tivera atraz de si mais do que uma facção; Robespierre tinha na sua rectaguarda um povo inteiro.

IX. — Logo nas primeiras sessões, Barnave tentou reforçar em roda da constituição a opinião publica que Robespierre e os seus amigos abalavam. Fel-o com considerações e respeitos que attestavam já a fraquesa da sua situação sob a coragem das suas palavras. « Atacam o trabalho da commissão da constituição, disse elle. Não existem contra a nossa obra senão duas natarezas de opposição: aquelles que, até o presente, se mostraram constantemente inimigos da revolução; e os inimigos da igualdade, que detestam a nossa obra, porque é a condemnação da sua aristocracia. Outra classe tambem se mostra hostil á constituição. Divido esta em duas especies mui distinctas. Uma, a dos homens que, na opinião intima da sua consciencia, dão a preferencia a outro governo disfarçado mais ou menos na sua lingoagem, e que buscam arrebatar á nossa constituição monarchica todas as forças que poderiam demorar o exalçamento da republica. Declaro que a estes não os ataco. Todo aquelle que tem uma opinião politica pura, tem direito de a enunciar. Mas temos outra classe de inimigos. São os inimigos de todo o governo. Esta, se acaso se mostra opposicionista, não é por preferir a republica á monarchia; a democracia á aristocracia; é porque tudo quanto firma a machina politica, tudo quanto é ordem, tudo quanto colloca no seu respectivo logar o homem probo e o homem improbo, o honesto e o calumniador, lhe é contrario e

odioso (*da maioria do lado esquerdo rebentam prolongados applausos*). Eis, srs., proseguio Barnave, eis quaes são os que combatem mais o nosso trabalho. Procuram novos recursos de revolução, porque a revolução fixada por nós, fugia-lhes. Estes são os homens que, trocando o nome ás cousas, apregoando sentimentos na apparencia patrioticos em logar dos sentimentos de honra, de probidade, de puresa, sentando-se mesmo nos logares mais augustos com uma mascara de virtude, julgaram que enganariam a opinião publica, e por isso se colligaram com alguns escriptores... (*os applausos redobram, e todos os olhos se fixam sobre Robespierre e Brissot*). Se queremos que a nossa constituição se execute; se quereis que a nação, depois de vos haver devido a esperança da liberdade, porque ainda não ha mais do que esperanças (*signal de descontentamento*), vos deva a realidade, a prosperidade, a ventura, e a paz; appliquemo-nos a simplifica-la, dando ao governo, quero dizer a todos os poderes estabelecidos por esta constituição, o gráo de força, de acção, de unidade, que lhe é necessario para mover a machina social, e conservar á nação a liberdade que lhe haveis dado... Se a salvação da patria vos é cara, tomai sentido no que ides fazer. Ponhamos especialmente de parte injustas desconfianças, que só poderão ser uteis aos nossos inimigos, quando elles poderem acreditar que esta assembléa nacional, que esta constante maioria, conjuntamente corajosa e prudente, que tanto respeito lhes tem inspirado depois da partida do rei, está prompta a desapparecer em presença das divisões arteiramente fomentadas por suas perfidas suspeitas... (*novos applausos*). Vereis renascer, não o duvideis, as desordens, e o deslaceramento de que já estais cançados, e de que o termo da revolução deve igualmente ser o seu fim; vereis renascer no estrangeiro esperanças, projectos, tentativas, que altamente affrontâmos, porque conhecemos as nossas forças, e estamos unidos, por sabermos que em quanto estivermos unidos taes tentativas não serão emprehendidas, e que se a estravagancia ousasse tenta-lo, seria essa a sua eterna vergonha. Porém essas tentativas effectuar-se-iam, e com alguma probabilidade de exito, logo que divididos entre nós, não sabendo em quem nos confiarmos, nos suppomos projectos diversos quando não temos senão os mesmos projectos, sentimentos contrarios quando cada um de nós tem no seu coração o testemunho da puresa do seu collega, e isto quando tendo gasto dois annos de trabalhos em reciproca companhia, havemos dado provas consecutivas de coragem, e feito sacrificios que nada póde pagar, se não a intima satisfação de si mesmo...» Aqui a voz de Barnave expirou no meio dos applausos da maioria, e a assembléa, electrisada, pareceu um momento unanime no seu sentimento monarchico.

X. — Na sessão de 25 de agosto a assemblea discutio o artigo em que se estatuia que os membros de familia real não poderiam exercer os direitos de cidadão. O duque de Orleans subio á tribuna para protestar contra este artigo, declarou no meio de aplausos e susurros, que se elle fosse adoptado, restava-lhe o direito de optar entre o titulo de cidadão francez e o seu direito eventual ao throno, e que, neste caso, elle renunciava ao throno. Sillery, o amigo e confidente deste principe, usou da palavra depois delle, e combateu com habil eloquencia o parecer da commissão. Este discurso cheio de allusões transparentes á situação do duque de Orleans, foi o unico acto de ambição directa tentado pelo partido Orleans. Sillery principiou pela resposta ás palavras de Barnave. «Que se me permitta lastimar dis se elle, o deploravel abuso que alguns oradores tem feito do seu talento. Que estranha linguagem! Procuram fazer-vos entender que existem aqui facciosos, anarchistas e inimigos da ordem, como se ordem não podesse existir senão satisfazendo a ambição de alguns individuos?... Propõem-vos conceder a todos os membros da familia real o titulo de principes, e prival-os dos direitos de cidadão?... Que inconsequencia, e que ingratidão! Declarais o titulo de cidadão francez o mais bello de todos os titulos, e propondes trocal-o pelo de principe que haveis supprimido como contrario á igualdade! Acaso os parentes do rei, que ficaram em França, não tem mostrado o mais puro patriotismo? Quantos serviços tanto pelo seu exemplo como pelos seus sacrificios, não tem elles prestado á causa publica. São os proprios não abjuraram seus titulos, por um unico — o de cidadão? E propondes despojal-os deste! Quando abolistes o titulo de principe, que se seguio d'ahi? Os principes emigrados fizeram uma liga contra a patria; os outros poseram-se do nosso lado. Se se restabelece hoje o titulo de principe, concede-se aos inimigos da patria o que elles ambicionavam, e tira-se aos parentes do rei, que são patriotas, o que elles estimam!... Vejo o triumphe e a recompensa do lado dos principes populares. Diz-se que é perigoso admittir no corpo legislativo os membroe da familia real. Estabeleceu-se por tanto nesta hypothes se que de futuro todos os membros da familia real sejam perpetuamente ou cortesões vendidos, ou facciosos! Mas não será possivel suppor que tambem os haja patriotas? São estes os que vós quereis deshonrar? Condemnemos os parentes do rei a odearem a revolução, e conspirarem contra uma forma de governo que lhes não deixa escolha entre o papel de cortezão e o de conspiradores!... Vede, pelo contrario, o que é possivel esperar, se o amor da patria os inflama. Lançai vossas vistas sobre um ramo dessa raça que vos propondes exilar; apenas saido da infancia, já teve a felecidade de salvar a vida de tres cidadãos, com perigo da sua propria. A cidade de Vendome decretou-lhe uma coroa civica. Infeliz creança! será a ultima coroa que á tua raça hade alcançar!».

Os aplausos com que este discurso foi constantemente interrompido, e que continuaram por muito tempo depois do orador ter acabado de fallar, provaram que o pensamento de uma dynastia revolucionaria tentava já algumas almas, e que se não existia uma facção de Orleans, era porque lhe faltava, um chefe. Robespierre, que não detestava menos uma facção dynastica do que a propria monarchia, vio com terror este symptoma de um novo poder que se descobria já no futuro. «Noto, respondeu elle, que nos occuppamos bastante de individuos, e não assaz do interesse nacional. Não é exacto que se pretenda degradar os parentes do rei. Ninguem deseja colocal-os abaixo dos outros cidadãos; o que se pretende é separal-os do povo com uma marca honorifica. Para que serve procurar-lhes titulos? Os parentes do rei serão simplesmente os parentes do rei. O esplendor do throno não consiste nestas vaidosas demonstrações. Não se pode impunemente declarar que existe na França uma familia qualquer acima das outras: ella será por si mesmo a sua unica nobresa. Esta familia ficará no meio de nós como a raiz indestructivel dessa nobresa que temos destruido: será o germen de uma nova aristocracia.» Violentos susurros acolheram estas protestações de Robespierre. Foi obrigado a interromper-se e disculpar-se. Vejo, disse elle concluindo, que não nos é permittido expor aqui, sem ser calumniado, as opiniões que os nossos adversarios sustentaram muito primeiro que nós nesta assembléa.»

XI. — Mas o nó da situação estava na seguinte questão: — saber se terminada a feitura da constituição, a nação reconheceria nella o direito de a rever, alterar, ou emendar. Foi nesta mesma occasião que *Malouet*, ainda que abandonado do seu partido, tentou sosinho, e sem esperanças, a restauração da authoridade real. Este discurso, digno do genio de Mirabeau, era o acto de accusação mais terrivel contra os excessos do povo, e contra os desvarios da assembléa. Nelle a moderação temperava a força. Sentia-se o homem de bem sob o orador, e no legislador o homem d'Estado. Nestas palavras respira alguma cousa da alma serena e estoica de Catão. Porém a eloquencia politica está mais no povo que escuta do que no homem que falla. A voz não é nada sem o eccho que a multiplica. Malouet, desamparado dos seus, abandonado de Barnave que o escutava gemendo, não fallava senão pela sua consciencia. Não combatia pela victoria, e sim pelo principio. Eis este discurso:

« Propõe-se-vos que determineis a epocha e as condições do exercicio d'um novo poder constituinte: propõe-se-vos soffrer vinte e cinco annos de desordem e anarchia antes de ter o direito de a remediar. Notai primeiro em que circumstancias apparece a proposta de impor silencio ás reclamações da nação sobre as suas novas leis. E' quando não tendes ainda ouvido mais do que a opinião daquelles cujos instinctos e paixões as novas leis favorecem; é quando todas as paixões contrarias estão subjugadas pelo terror, e pela força; é quando a França não se ha por ora explicado senão pelo orgão dos seus clubs!... Quando se tratou de suspender o exercicio da authoridade real, que se vos disse nesta tribuna? Disseram-vos: — *Deveriamos ter começado por ahi a revolução, mas não conheciamos a nossa força*. Assim, não se trata para os vossos successores, senão de medirem suas forças para tentarem novas empresas.... Tal, é, com effeito, o perigo de fazer marchar a par uma revolução violenta e uma constituição livre. Uma não se effectua senão no tumulto das paixões e das armas; não se pode estabelecer senão por transações amigaveis entre os interesses antigos e os interesses novos (*risos, sussurro* e *vozes*: Eis-nos aqui!) Não se contam votos, não se discutem opiniões para fazer uma revolução. Uma revolução é uma tempestade durante a qual é preciso amainar as vellas ou ser submergido. Mas depois da tempestade, aquelles que foram batidos della, como os que as não soffreram, todos gozam em commum da serenidade do ceu. Tudo no horisonte se torna calmo e puro. Assim depois de uma revolução, é preciso que a constituição, se ella é boa, reuna todos os cidadãos. E' preciso que não haja um unico homem em todo o reino cuja vida possa correr perigo se acaso se explicar francamente sobre a constituição. Sem esta segurança não ha voto certo, não ha julgamento, não ha liberdade; não haverá senão um poder predominante, uma tyrannia popular, ou qualquer outra, até que tenhas separado a constituição dos movimentos da revolução! Vêdes todos estes principios de justiça, de moral, e de liberdade que haveis estabelecido, acolhidos com gritos de alegria, e duplicados juramentos, foram logo violados com uma audacia e furor inaudito... E' no momento em que a mais santa, ou a mais livre das constituições se proclama, que os attentados os mais horriveis contra a liberdade, contra a proprieda e, que digo? contra a humanidade e a consciencia se multiplicam e perpetuam! Que, este contraste não vos espanta? Explicar-vol-o-hei. Enganados vós mesmos sobre o mecanismo de uma sociedade politica, haveis procurado a regeneração sem pensar na dissolução; considerastes como um obstaculo ás vossas vistas o descontentamento de uns, e como meio a exaltação de outros. Querendo sómente destruir os obstaculos, distruistes tambem os principios, e ensinastes o povo a affrontar tudo. Tomastes as paixões do povo por auxiliares. E' elevar um edeficio minando-lhe os alicerses. Repito-vos novamente, não ha constituição livre e duravel, exceptuando o despotismo, senão aquella que termina uma revolução, e que se propõe accoita, e execuia por formulas socegadas, livres, e totalmente differentes das formas da revolução. Tudo quanto se faz ou se deseja com paixão, antes de ser chegado a este ponto de repouso, quer se ,mande o povo, quer se lhe obdeça, ou se pertenda lisongeal-o, enganal-o, ou servil-o, tudo é obra do delirio . . . Peço portanto que a constituição seja livre e pacificamente acceita pela maioria da nação e pelo rei (*sussurro violento*. Sei que se chama voto nacional a tudo isso que se chama, representações, adhesões, juramentos, agitações, ameaças, violencias (*explosão de colera*)... Sim, é preciso encravar a revolução principiando por aniquilar todas as disposições que a violam; as vossas commissões de indagações, as leis sobre os emigrados, as perseguições dos sacerdotes, as prisões arbitrarias, os processos crimes contra os accusados sem provas, o fanatismo e o dominio dos clubs; — mas não será ainda bastante... a licença tem feito tantos estragos... as fezes da nação fervem tão violentamente (*explosão geral de indignação*)... Seremos nós a primeira nação do mundo que pretenderá não ter fezes?... A assustadora insobordinação das tropas, as desordens religiosas, o descontentamento das colonias que ressoou tão lugubremente em os nossos postos... Se a revolução não pára, para dar logar á constituição, se a ordem se não restabelecer ao mesmo tempo por toda a parte, o Estado abalado hade debater-se muito tempo nas convulsões da anarchia. Lembrai-vos da historia dos Gregos, onde uma primeira revolução não terminada deu á luz tantas outras no decurso de meio seculo! Lembrai-vos de que a Europa vigia as vossas fraquezas e agitações; que vos respeitará se souberdes ser livres na ordem, mas que contra vós aproveitará as vossas desordens, se não souberdes mais do que enfraquecer-vos e espantal-a com a vossa anarchia!... Malouet propoz que, a constituição fosse sugeita ao julgamento do povo, e á livre acceitação do rei »

XII. — Estas magnificas palavras não ressoaram senão como um remorso no seio da assembléa. Foram ouvidas com impaciencia, e depressa esquecidas. O snr. de La Fayette combateu em poucas palavras a proposta do snr. Danré, que marcava o prazo de trinta annos para a revisão da constituição. A assemblea não approvou nem a proposta de Dandré nem a de La Fayette. Contentou-se em convidar a nação, a não usar do seu direito de modificar a constituição senão ao cabo de vinte e cinco annos.

« Eis-nos chegados ao fim da nossa longa e penosa tarefa, disse Robespierre. Só nos resta dar-lhe estabilidade e duração. Para que nos fallam de a propor á acceitação do rei? A sorte da constituição é independente do voto de Luiz XVI. Não duvido que elle a acceite com transporte. Um imperio por patrimonio, todas as attribuições do poder executivo, quarenta milhões para seus praseres pessoaes, eis o que lhe offerecêmos! Não esperemos pois para lho offerecer que elle esteja afastado da capital e cercado de funestos conselhos. Offereçàmos-lh'o em Paris. Digamos-lhe: Eis o throno mais poderoso do Universo. Quereis acceital-o? Esses ajuntamentos suspeitos, este plano de desguarnecer as vossas fronteiras, as ameaças dos vossos inimigos do interior, tudo isto vos adverte a apressar o estabelecimento de uma ordem de cousas que tranquilise e fortifique os cidadãos. Se se delibera quando é preciso jurar, se ainda é possivel atacar a nossa constituição, depois de já o ter sido duas vezes, que nos resta fazer? Tornar a pegar em armas, ou estender os pulsos aos ferros... Fomos deputados acrescentou elle olhando para o lado onde Barnave e os Lameth estavam sentados, para constituir a nação; e não para elevar a fortuna de alguns individuos, nem favorecer a colligação dos intrigantes com a côrte, ou assegurar-lhes o preço da sua completa traição. »

XIII. — A acta constitucional foi apresentada ao rei em 3 de septembro de 1791. *Thouret* relatou á assembléa nacional esta solemne entrevista entre a vontade vencida de um monarcha, e a vontade victoriosa do seu povo: « A's nove horas da noite a nossa deputação sahio desta salla. Dirigio-se ao castello com uma escolta de honra composta de numerosos destacamentos da guarda nacional e da gendarmaria. Marchou sempre por entre aplausos do povo. Foi recebida na salla do concelho, onde o rei se achava acompanhado dos seus ministros, e de grande numero de pessoas do seu sequito. Eu disse ao rei: — Senhor os representantes da nação vem apresentar a vossa magestade o acto constitucional que consagra os direitos imprescriptiveis do povo francez, que restitue ao throno a sua verdadeira dignidade, e que regenera o governo do imperio. O rei acceitou a acta constitucional, e respondeu assim: Recebo a constituição que a assembléa nacional me apresenta. Partecipar-lhe-hei a minha resolução no menor espaço de tempo que me for possivel, attento o exame que exige um objecto tão importante. Decidi-me a ficar em Pariz. Darei as ordens ao commandante da guarda nacional parisiense para o serviço da minha guarda. — O rei mostrou constantemente um rosto satisfeito. Pelo que vimos e ouvimos tudo nos presagia que a conclusão da constituição será tambem o termo da revolução. » A assembléa e as tribunas aplaudiram repetidas vezes. Era um desses dias de esperança publica, no qual as facções entram na sombra para deixar brilhar a serenidade dos bons cidadãos,

La Fayette levantou as ordens injuriosas que transformavam as Tuillerias n'uma prisão da familia real. O rei cessou de ser o refem da nação para continuar a ser o seu chefe apparente. Deu alguns dias ao exame apparente da constituição. No dia 13, dirigio á assembléa, por intermedio do ministro das justiças, uma mensagem, combinada com Barnave, na qual se expressava assim: « Examinei o acto constitucional; acceito-o, e fal-o-hei executar. Devo fazer conhecer os motivos desta minha resolução. Desde o principio do meu reinado, desejei a reforma dos abusos, e em todos os meus actos adoptei sempre por norma a opinião publica. Concebi o projecto de assentar a felicidade do povo em bases permanentes, e sugeitar a minha propria authoridade a regras invariaveis. Tenho sido sempre constante nestas intenções. Favoreci o estabelecimento dos ensaios da vossa obra antes mesmo que ella se concluisse. Eu o fiz de boa fé, e se as desordens que acompanharam quase todas as epochas da revolução, vinham muitas vezes affligir meu coração, esperava que a lei retomaria a força, e que cada dia que aproximava o termo dos vossos trabalhos, lhe restituiria esse respeito, sem o qual o povo não pode ter liberdade, nem o rei ser feliz. Presesti muito tempo nesta esperança, e a minha resolução não variou senão no momento em que já não tinha, mais que esperar. Recorde-se a occasião em que deixei Pariz: a desordem estava no seu auge, a licencia nos escriptos, e a audacia dos partidos não respeitava cousa nenhuma. Se então, eu o confesso, me tivesseis apresentado a constituição, teria julgado não dever acceital-a.

« Tudo, porém, mudou. Manifestastes o desejo de restabelecer a ordem; revistes muitos artigos, o voto do povo já não é duvidoso para mim; acceito pois a constituição sob melhores auspicios; renuncio mesmo, livremente, ao concurso que tinha reclamado neste trabalho, e declaro que, quando a elle renuncio, nenhum outro além de mim teria o direito de o reivindicar. Sem duvida descubro ainda que talvez alguns aperfeiçoamentos fosse myster fazerem-se na constituição; mas consinto em que a experiencia seja delle o juiz. Logo que eu tiver feito operar com lealdade os meios do governo que me são entregues, nenhuma exprobração se me poderá dirigir, e a nação se explicará pelos meios que a constituição lhe reservou (*applausos*). Que todos aquelles, que pelo medo das perseguições e das desordens ainda estão retidos fora da patria, possam para ella voltar com segurança. Para acabar com os odios consentimos n'um mutuo esquecimento do passado, (as tribunas e o lado esquerdo renovam as suas acclamações). Que as accusações e as perseguições, que tiveram por causa os acontecimentos da revolução, sejam extinctas n'uma reconciliação geral. Não fallo daquelles que tiveram por causa sómente a sua dedicação para com a minha pessoa. Poderieis vêr nelles criminosos? Quanto áquelles que, por excessos onde eu poderia ver injurias pessoaes, tem atrahido sobre si o procedimento da lei, provo a seu respeito que sou rei de todos os francezes. Quero jurar a constituição no mesmo logar onde ella foi feita, e ámanhã ao meio dia me apresentarei na assembléa nacional. »

A assembléa, adoptou por unanimidade, e por proposta de La Fayette, a amnistia geral pedida pelo rei. Uma numerosa deputação foi apresentar-lhe este decreto. A rainha estava presente. « Eis aqui minha mulher e meus filhos, disse o rei á deputação; elles partilham os meus sentimentos. » A rainha que tinha necessidade de se reconciliar com a opinião publica, avançou e disse: Eis-aqui meus filhos, todos partilhamos os sentimentos do rei. » Estas palavras, referidas na assembléa, prepararam os corações para o perdão que a realeza vinha implorar. No dia seguinte o rei compareceu na assembléa. Não trazia outra condecoração mais do que a cruz de S. Luiz, por deferencia a um recente decreto da assembléa que supprimia todas as outras ordens de cavallaria. Postou-se ao lado do presidente. A assembléa estava toda em pé. « Venho, disse o rei, consagrar aqui solemnemente a acceitação que fiz do acto constitucional. Juro ser fiel á nação, e á lei, e empregar todo o poder que ella me delegou em manter a constituição, e em fazer executar os decretos. Possa esta grande e memoravel epocha ser a do restabelecimento da paz, e tambem o penhor da felicidade do povo, e da prosperidade do imperio! » Unanimes applausos tanto na sala como nas tribunas, apaixonados pela liberdade porém affectuosos pelo rei, testimunharam que a nação entrava com embriaguez na conquista da sua constituição. « Longos abusos, respondeu o presidente, que haviam por muito tempo triumphado das boas intenções dos melhores reis, opprimiam a França. A assembléa nacional restabeleceu as bases da prosperidade publica. O que ella quiz, a nação o quer; vossa magestade não desejará mais baldadamente a felicidade dos francezes. A assembléa nacional não tem nada mais a desejar este dia, em que consummais no seu seio a constituição, acceitando-a. A affeição dos francezes vos confere a corôa; o que vol-a assegura, é a necessidade que uma tamanha nação hade sempre ter do poder hereditario. Esta regeneração, senhor, que dá a França cidadãos, aos francezes uma patria, ao rei um novo titulo de grandeza e de gloria, um novo manancial de felicidade, hade ser sublime na historia! »

XIV. — O rei retirou-se para as Tuilerias acompanhado por toda a assembléa. Este cortejo abria a custo caminho por entre a immensidade de povo que lançava ao ceo acclamações de alegria. As musicas militares e repetidas salvas de artilheria annunciaram á França que a nação e o rei, o throno e a liberdade estavam reconciliados na constituição; e que apoz tres annos de luctas, de agitações, e de convulsões, havia em fim raiado o dia da concordia. Estas acclamações do povo de Pariz espalharam-se por todo o imperio. A França tem alguns dias de delirio. A esperança, que enternece o coração dos homens, reconduziu-a aos seus antigos sentimentos para com o seu rei. Este principe e a sua familia eram sem cessar chamados ás janellas do palacio, para ahi receberem os applausos da multidão. Queriam fazer-lhe conhecer quanto é doce o amor do povo.

A proclamação da constituição, no dia 18, teve o caracter de uma festa religiosa. Os batalhões da guarda nacional cobriam o Campo de Marte; Bailly, maire de Pariz, a municipalidade, o departamento, os funccionarios publicos, e o povo ahi se dirigiram. Cento e um tiros de artilheria saudaram a leitura da acta constitucional, feita á nação do cimo do altar da patria, um unico grito de *viva a nação!* proferido por tresentas mil bocas foi a acceitação do povo. Os cidadãos abraçavam-se como os membros d'uma só familia. Balões aerostaticos, cheios de inscripções patrioticas, se elevaram, de tarde, aos ares nos Campos Eliseos, como para levar até ás nuvens o testimunho da alegria de um povo regenerado. Aquelles que iam nelles deixavam cair dos ares sobre o povo, as folhas do livro da constituição. A noite foi explendida de illuminações. Grinaldas de fogo enterlaçadas de arvore em arvore, traçavam desde a ponta da Estrella até ás Tuilerias, uma avenida resplandecente onde a população de Pariz se acumulava. De distancia em distancia, orchestras de musicos faziam resoar em maravilhosas harmonias a gloria e a alegria publica. O sr. de La Fayette por alli passava a cavallo, á frente do seu estado maior. Sua presença parecia colocar os juramentos do povo e do rei sob a guarda e os cidadãos armados. O rei, a rainha, e seus filhos alli appareceram em carroagem pelas onze horas da noite. A immensa multidão que os involveu como n'um abraço popular, os vivas ao rei, a rainha, e ao delfim! os chapeos lançados ao ar, os gestos de enthusiasmo e de respeito, fizeram-lhe um triumpho daquelle mesmo caminho por onde dois mezes antes elles tinham passado, no meio dos ultrages da multidão e do fremito do furor publico. A nação parecia querer resgatar aquelles dias sinistros, e mostrar ao rei quanto era facil apasiguar o povo, e quanto lhe seria doce o reinado da liberdade! A acceitação nacional das leis da assembléa constituinte foi a contra-prova da sua obra. Não tem a legalidade, mas tem verdadeiramente o valor d'uma acceitação individual pelas assem-

idéas primarias. Mostrou que o voto do espirito publico estava satisfeito. A nação votou por acclamação o que a sabedoria da sua assembléa tinha votado com reflexão. Nada faltava ao sentimento publico senão a segurança. Dir-se-hia que elle queria mesmo atturdir-se pelo excesso da manifestação da sua felicidade, e que resgatava, pelo mesmo excesso de alegria, o que lhe faltava em solidez e duração

O rei participava, de boa fé, deste movimento geral dos espiritos. Collocado entre as recordações do que tinha soffrido havia tres annos, e das tempestades que previa no futuro, procurava illudir-se a si proprio, e persuadir-se da sua felicidade. A si proprio dizia que talvez houvesse desconhecido a opinião publica, e que, tendo-se entregue emfim todo inteiro á mercê do seu povo, esse povo respeitaria nelle o seu proprio poder e a sua propria vontade; jurava pois no seu coração honrado e bom, fidelidade á constituição e amor áquella nação que o adorava.

A mesma rainha regressou ao seu palacio com sentimentos mais nacionaes. Disse ao rei: «Não é o mesmo povo:» e tomando o filho em seus braços, o mostrou á multidão que ondeava no terrapleno do castello, e pareceu escudar-se assim aos olhos do povo, com esta innocencia da edade e aquelle interesse da maternidade.

O rei passados alguns dias, deu uma festa ao povo de Pariz, e distribuio pelos indigentes abundantes esmollas. Quiz que os desgraçados tambem tivessem o seu dia de alegria na abertura desta era de felicidade que a reconciliação com o seu povo promettia ao seu reinado. Na cathedral de Pariz cantou-se um *Te-Deum*, como se fôra um dia de victoria, para abençoar o berço da constituição franceza. Finalmente em 30 de setembro, o rei veio em pessoa fechar a assembléa nacional. Antes da sua chegada á sala, *Bailly*, em nome da municipalldade; *Pastoret* em nome do departamento, felicitaram a assembléa pela conclusão da sua obra «Legisladores, disse *Bailly*, tendes estado armados do maior poder de que os homens podem ser revestidos. Amanhã, já não sereis nada Não é por tanto nem o interesse nem a lisonja que vos louvam: são as vossas obras. Nós vos annunciamos as bençãos da posteridade, que para vós começa hoje!» — «A Liberdade, disse *Pastoret*, fugio para além dos mares, onde se havia refugiado nas montanhas: vós erguesteis o seu abatido throno. O dispotismo tinha obliterado todas as paginas do livro da natureza, vós restabelecestes o decalogo dos homens livres!»

XV. — O rei rodeado dos ministros, entrou pelas tres horas da tarde na assembléa. Longas acclamações de viva o rei! por algum tempo lhe vedaram a palavra; «Senhores, disse Luiz XVI, depois de concluida a constituição determinastes para hoje o fim dos vossos trabalhos. Seria para desejar talvez que a vossa sessão se prolongasse ainda mais algum tempo, para por vós mesmos ensaiardes a vossa obra. Mas quizestes, sem duvida, marcar assim a differença que deve existir entre as funcções de um corpo constituinte e as legislaturas ordinarias. Empregarei toda a força que me confiastes em assegurar á constituição o respeito e obediencia que se lhe devem. Para vós, senhores, que n'uma longa e penosa carreira, haveis mostrado um zelo infatigavel nos vossos trabalhos, resta-vos um ultimo dever a cumprir apenas vos despersardes pela superficie do imperio: é esclarecer os vossos concidadãos sobre o espirito das leis que haveis feito; apurar e reunir as opiniões pelo exemplo que dareis de amor á ordem e submissão ás leis. Sêde, regressando a vossos lares, os interpretes dos meus sentimentos para com os vossos concidadãos. Dizei-lhes que o rei será sempre o seu primeiro e mais fiel amigo; que precisa ser amado por elles, e que não póde ser feliz senão com elles, e por elles.»

O presidente respondeu ao rei: «A assembléa nacional chegada ao termo da sua existencia, gosa neste momento o primeiro fructo dos seus trabalhos. Convencida de que o governo qué mais convém á França é aquelle que concilia as prerogativas respeitaveis do throno com os direitos inalienaveis do povo, deu ao estado uma constituição que garante igualmente a realesa e a liberdade. Os nossos successores, encarregados do temoroso deposito da salvação do imperio, não desconhecerão nem os seus direitos nem os limites constitucionaes. E vós, senhor, vós quasi que fizeste tudo: acceitando a constituição, pozeste o termo á revolução.»

O rei sahio entre acclamações. Dir-se-ia que a assembléa nacional tinha pressa em depôr a responsabilidade dos acontecimentos que ella já não tinha força de dominar. «A assembléa nacional constituinte declara, disse Target, seu presidente, que a sua missão está concluida: e que neste momento ella termina as suas sessões.»

O povo que estava apinhado em roda do *Manége*, e que via com pena a revolução abdicar nas mãos do rei, insultou, á medida que os ia reconhecendo, os membros do lado direito, e até mesmo a Barnave. Logo no primeiro dia colheram a ingratidão que elles tantas vezes haviam fomentado. Separaram-se na tristesa e na desanimação.

Quando Robespierre e Pethion sairam, o povo coroou-os de folhas de carvalho, e tirou os cavallos das suas carroagens para os conduzir em triumpho. O poder destes dois homens attestava já a fraquesa da constituição e presagiava a sua queda. Um rei amnistiado entrava impotente no seu palacio: legisladores timidos abdicavam na desordem: dois tribunos triumphantes eram elevados pelo povo. Todo o futuro estava nestes. A assembléa constituinte, começada como uma insurreição de principios acabava como uma sedição. Seria a sem-razão daquelles principios, seria falta da assembléa constituinte? Examinal-o-hemos no fim do ultimo livro deste volume, lançando uma vista de olhos sobre o conjuncto dos actos da assembléa constituinte. Deixamos para então o julgamento, afim de não cortar agora a narração.

LIVRO QUINTO·

I. — No entanto que a França respirava entre duas convulsões, e que a revolução indicisa não sabia se pararia na constituição que ella havia conquistado, ou se serviria della como de uma arma para conquistar a republica, a Europa principiava a mover-se e a conjurar. Egoista e imprevidente, não tinha visto nos primeiros symptomas da França senão uma especie de drama philosophico, representado em Pariz sobre a scena dos *notaveis*, dos *Estados Geraes* e da assembléa constituinte, entre o genio popular, representado por Mirabeau, e o genio vencido das aristocracias, personificado em Luiz XVI e no clero. Este grande espectaculo não havia sido para os soberanos e para os ministros senão uma continuação da lucta, á qual elles tinham assistido com tanto interesse e tanto favor secreto, entre Voltaire, e João Jacques Rousseau, de um lado, e o velho mundo aristocrata e religioso do outro. A revolução para elles não era senão a philosophia do decimo oitavo seculo, descida dos salões para a praça publica, e passada dos livros para os discursos. Este terremoto do mundo moral, e estes abalos ouvidos de longe, em Pariz, presagios de um não sei que desconhecido nos destinos europeos, seduzia-os mais do que os inquietava. Elles não se apercebiam ainda que as instituições são ideias, e que estas ideias vencidas na França arrastam comsigo na sua queda, os thronos e as nacionalidades. Quando o espirito de Deus quer uma cousa, todo o mundo parece querel-a e concorrer para o seu triumpho. A Europa dava, aos primeiros actos da revolução franceza, tempo, attenção, e estrondo. Era o de que ella carecia para engrandecer. A faisca, como não fôra extincta logo na sua primeira chamma, devia tudo inflammar e tudo consummir. O estado politico e moral da europa era imminentemente favoravel ao contagio das novas idéas. O tempo, as cousas e os homens estavam á mercê da França.

II. — Uma longa paz tinha efeminado as almas e derrubado esses odios de raças, que se oppõe á communicação dos sentimentos, e ao nivel das idéas entre os povos. A Europa, depois dos *tractados de Westphalia*, era uma verdadeira republica de potencias perfeitamente equilibra-

das, onde o equilibrio geral resultava do contra-peso que cada uma fazia ás outras. Um relancear de olhos demonstrava a unidade e solidez desta composição da Europa, cujas partes se faziam entre si igual resistencia, e prestavam-se igual apoio pela pressão de todos aquelles Estados.

A Alemanha era uma confederação presidida pela Austria. Os imperadores eram sómente os chefes desta antiga feudalidade de reis, de duques, e de eleitores. A casa d'Austria era mais poderosa por si mesma e pelas suas possessões pessoaes do que pela dignidade imperial. As duas corôas da Hungria e da Bohemia, o Tyrol, a Italia, e os Paizes-Baixos davam-lhe um ascendente que o genio de Richelieu bem lhe podera entravar, mas que não podera destruir. Potencia de resistencia, e não de impulso, a Austria tinha o que é preciso mais para durar do que para obrar. A sua força está na sua situação e immobilidade. E' um monte no meio da Alemanha. A sua potencia está no seu peso: é o fiel da balança européa. Mas a Dieta federativa diminuia e enervava os seus designios pela acção de influencia que arrastra toda a federação. Dois estados novos, inapercebidos até Luiz XIV tinham surgido repentinamente ao abrigo da longa rivalidade da casa de Bourbon e da casa d'Austria. Um em o norte da Alemanha; a Prussia: o outro no Oriente; a Russia. A politica da Inglaterra havia incubado estes dois germens, para crear sobre o continente os elementos de combinações politicas que permittissem aos seus interesses tomar alli pé.

III. — Não havia ainda decorrido um seculo desde que um imperador d'Austria tinha concedido o titulo de rei a um margrave da Prussia, soberano subalterno de dois milhões de homens, e já a Prussia balanceava, na Alemanha, a authoridade da casa d'Austria. O genio machiavelico do grande Frederico se transformara no genio da Prussia. A sua monarchia composta de pedaços roubados pela victoria, tinha necessidade da guerra para ainda se engrandecer, da agitação e da intriga para se ligitimar. A Prussia era um fomento de distruição no meio do corpo germanico. Apenas nascida, tinha abdicado o espirito alemão, ligando-se com a Inglaterra e com a Russia. A Inglaterra, cuidadosa de entreter estas divisões, fizera da Prussia a sua alavanca na Alemanha. A Russia que premeditava a sua dupla ambição, contra a Asia d'um lado, e contra a Europa do outro, havia feito da Prussia a sua vanguarda no Occidente. Tinha-a como um campo avançado até ás margens do Rheno. Era a ponta da espada russa sobre o proprio coração da França.

Potencia militar primeiro que tudo, o seu governo era uma verdadeira disciplina, o seu povo um exercito. Quanto ás ideias, era a sua politica pôr-se á frente dos Estados protestantes, e offerecer apoio, força e vingança a todos os interesses, a todas as ambições que a casa d'Austria offendia. A Prussia, pela sua naturesa era uma potencia revolucionaria.

A Russia, a quem a naturesa havia concedido um sólo ingrato mas immenso no globo, a nona parte da terra habitual, e uma população dispersa de quarenta milhões de homens, a quem o genio selvagem de Pedro o Grande havia obrigado a unirem-se em nação, parecia fluctuar ainda indecisa entre duas tendencias, uma que a impellia para a Alemanha, e outra para o imperio ottomano. Catherina II governava-a. Mulher antiga com grandes proporções de belleza, de paixões, de genio e de crimes, como é preciso aos barbaros, para acrescentar o prestigio da adoração ao terror do sceptro. Cada um dos seus passos na Asia tinha um ecco de espanto e de admiração na Europa. Nella revivia o nome de Semiramis. A Russia, a Prussia e a França, intimidadas pelo seu renome, applaudiam as suas victorias contra os Turcos, e as suas conquistas sobre o Mar Negro, sem parecer comprehender que ella deslocava alli o peso da balança européa, e que uma vez senhora da Polonia e de Constantinopla, nada a impediria de se voltar contra a Alemanha e de estender o outro braço sobre o Occidente todo.

IV. — A Inglaterra humilhada no seu orgulho maritimo pela brilhante rivalidade que as esquadras francezas lhe faziam nos mares das Indias; irritada no seu sentimento nacional pelos soccorros dados pela França á independencia da America, acabava de se aliar secretamente em 1788, com a Prussia e a Hollanda para contrabalancear o effeito da alliança da França com a Austria, e intimidar a Russia nas suas invasões contra os Turcos. A Inglaterra, neste momento, estava concentrada toda no genio d'um unico homem! Pitt, o maior homem de estado do ultimo seculo.

Filho de lord Chatam, que foi o unico orador politico que os tempos modernos podem igualar a Demosthenes, se não o excedeu, Pitt, nasceu, por assim dizer, no conselho dos reis, e cresceu na tribuna do seu paiz, entrando nos negocios publicos na edade de vinte e tres annos. Nesta edade em que o homem ainda se desenvolve, elle ja era a pessoa mais notavel de toda aquella aristocracia que lhe confiava a sua causa como ao mais digno. Conquistou, quasi creança, o governo do seu paiz pela admiração que seu talento excitou. Conservou esse poder quasi sem interrupção ate á sua morte, pelo alcance de suas vistas, pela energia de suas resoluções. Mostrou, contra a propria camara dos communs, o que um grande homem de Estado, apoiado no verdadeiro senso da sua nação pode ousar e cumprir ajudado de um parlamento, e algumas vezes contra elle. Fez violencia á opinião. Foi o despota da constituição, se é licito associar estas duas palavras unicas que podem pintar a sua omnipotencia legal. A lucta contra a revolução franca foi o acto continuo dos seus vinte e cinco annos de vida ministerial. Creou para si o papel de antagonista da França, e morreu vencido.

Comtudo não era a revolução o que elle aborrecia, era a França; e na Fraaça o que elle aborrecia mais não era a liberdade porque elle era homem de coração livre, era a destruição deste equilibrio europeo, que uma vez destruido deixava a Ingiaterra isolada no seu Oceano. Naquelle momento a Inglaterra, em ressentimento com a America, em guerra com as Indias, em frieza com a Hespanha, em odio surdo com a Russia não tinha no continente senão a Prussia e o *stathouder*. A observação e a contemporisação eram portanto uma necessidade da sua politica.

V. — A Hespanha, enfraquecida pelo reinado de Filippe III e de Fernando VI havia retomado alguma dignidade exterior durante o longo reinado de Carlos III. Campomanés, Flor da Blanca, o conde de Aranda, seus ministros tinham luctado contra a superstição, esta segunda natureza dos hespanhoes. Um golpe de Estado, meditado em segredo, e executado como uma conspiração pela corte, havia expulso dos reinos os jesuitas que ahi reinavam debaixo do nome dos reis. O pacto de familia, concluido entre Luiz XV e Carlos III em 1767 havia garantido todos os thronos e todas as possessões dos diversos ramos da casa Bourbon. Mas este pacto de politica não tinha podido garantir esta dymnastia de tantos annos contra o esvaimento da seiva e decadencia da natureza que dá principes degenerados por successores a grandes reis. Os Bourbons, transformados em satrapas em Napoles, eram em Hespanha monges coroados. O proprio palacio do Escurial havia tomado a forma e a melancolia d'um mosteiro. O systema monachal roia a Hespanha. Este desgraçado paiz adorava o mal de que morria. Depois de ter sido sugeita aos Califas, havia-se tornado conquista dos papas. A milicia deste reinava ahi debaixo de todos os trajes. A theocracia immovel fazia alli a sua ultima experiencia. Nunca o systema sacerdotal tinha dominado mais completamente uma nação, e nunca a havia reduzido a mais abjecto aviltamento. A inquisição era o seu governo, os actos-de-fé eram os seus triumphos; os combates de touros e as procissões eram as suas festas. Alguns annos mais deste reinado de inquisidores, e este povo não seria contado entre os povos da civilisação.

O proprio Carlos III tremeu sobre o seu throno, a cada tentativa que fazia para emancipar o seu governo. As suas boas intenções tornavam a entrar nelle impotentes e desanimadas. Fôra constrangido a sacrificar os seus ministros á vingança da superstição. Florida Blanca e Aranda morreram no exilio, punidos do crime de ter servido o seu paiz. O fraco Carlos IV havia subido ao throno e reinava, desde alguns annos, entre uma mulher infiel, um confessor, e um favorito. Os amores de Godoi e

da rainha eram toda a politica da Hespanha. A fortuna do favorito era o pensamento unico á qual se sacrificava todo o imperio. Que a esquadra apodrecesse nos portos não acabados de Carlos III; que a America hespanhola concebesse e tentasse a sua independencia, que a Italia se sugeitasse á Austria; que a casa de Bourbon luctasse sem esperança, em França, contra as novas ideias; que a inquisição e os monges assombrassem e devorassem a Peninsula; tudo era indifferente a esta corte, comtanto que a rainha fosse amada e Godoi fosse grande! O palacio de Aranjuez era como o tumulo murado da Hespanha, onde o espirito de vida que agitava a Europa não penetrava.

VI. — A Italia estava peior, retalhada em pedaços incapazes de se reunirem. Napoles definhava-se sob a familia de Hespanha. Milão e a Lombardia soffriam o jugo da casa d'Austria. Roma não era mais do que a capital de uma ideia. O seu povo tinha desapparecido. Era o Epheso dos tempos modernos, onde cada gabinete enviava a buscar oraculos favoraveis á sua causa, e os apagava nas mãos dos sacros collegios. Centro da intriga diplomatica onde toda a ambição humana vinha parar e humilhar-se para engrandecer, esta côrte podia tudo para agitar a Europa catholica; e nada podia para a governar. A aristocracia electiva dos cardeaes nomeados pelas potencias estrangeiras hostis umas ás outras, a monarchia electiva de um papa escolhido na velhice e impotencia, e coroado com a condição de morrer depressa; tal era o governo *temporal* dos Estados Romanos. Este governo resumia em si todas as fraquezas da anarchia e todos os vicios do absolutismo. Tinha produsido o que devia produsir, o servilismo do Estado, a mendicidade do governo, a miseria das populações. Roma não era mais do que a grande municipalidade catholica. O seu governo não passava de ser uma republica de diplomatas. Via-se ahi um templo enriquecido de offrendas do mundo christão, um soberano e embaixaderes; mas nem povo, nem thesouro, nem exercito. Era a sombra venerada da monarchia universal a que os papas tinham aspirado na joventude do catholicismo, e da qual só conservaram a capital e a côrte.

VII. — Venesa tocava na sua decadencia; mas o silencio e a immobilidade do seu governo occultavam a ella propria a sua caducidade. Este governo era uma aristocracia soberana fundada sobre a corrupção do povo e sobre a delação. O nervo deste governo era a espionagem; seu prestigio, o mysterio; sua força o supplicio. Vivia do terror e das voluptuosidades, regimen bisarro e unico no mundo. A policia era uma confissão secreta de todos contra todos. As suas prisões chamadas *chumbos*, e onde se entrava de noite pela *ponte dos Suspiros*, eram um inferno que não se volvia mas a abrir. As riquesas do Oriente tinham affluido a Venesa, no momento da queda do Baixo-Imperio. Ella foi o refugio da civilisação grega e a Constantinopla do Adriatico. As artes em decadencia para ali haviam emigrado de Byzancio com o commercio. Seus palacios maravilhosos lavados pelas ondas, ahi se apertavam sobre um estreito territorio. Era como um navio ancorado no qual uma população, expellida da praia se refugia com os seus thesouros. Parecia inatacavel, mas ella não podia ter nenhuma influencia sobre a Italia.

VIII. — Genova republica mais popular e mais tumultuosa, só existia pela sua marinha e pelo seu commercio. Encerrada entre montanhas estereis e um golpho sem littoral, não era mais do que um porto povoado de marinheiros. Os palacios de marmore, elevados em andares sobre uma margem escarpada, olhavam para o mar, seu unico territorio. As imagens dos doges e a estatua de André Doria recordavam-lhe incessantemente que a sua fortuna e a sua gloria lhe tinham vindo das ondas, e que só ahi ella as podia procurar. Seus baluartes eram inexpugnaveis; seus arsenaes estavam providos. Era a cidadella do commercio armado.

A immensa Toscana policiada e illustrada pelos *Medicis*, esses Pericles da Italia, era sabia, agricola, industriosa, porem não militar. A casa d'Austria governava-a pelos seus archiduques. Estes principes do Norte, transportados para os palacios dos Pitti ou dos Comes, ahi tomavam os costumes doces e elegantes dos Toscanos. O clima e a serenidade das collinas de Florença ahi dulcificavam até mesmo a tyrann a. Estes principes transformavam-se em voluptuosos ou em sabios. Florença, a cidade de Leão X, da philosofia e das artes, tinham transformado, até a religião. O catholicismo, tão aspero em Hespanha, tão sombrio em o Norte, tão austero e tão littoral em França, tão popular em Roma, em Florença se havia transformado, no tempo dos *Medicis* e dos philosofos gregos, em uma especie de theoria platonica e luminosa, cujos dogmas só eram sagrados symbolos e as pompas voluptuosidades da alma e dos sentidos. As igrejas de Florença eram mais propriamente museos de Christo do que seus santuarios. As colonias de todas as artes e de todos os officios da Grecia tinham emigrado para Florença, depois da entrada de Mahomet II em Constantinopla; e ahi tinham prosperado. Uma nova Athenas, povoada, como a antiga, de templos, de porticos de estatuas, resplandecia nas margens do Arno.

Leopoldo, o principe philosopho, ahi esperava, no estudo do governo dos homens e na pratica das theorias da nova economia politica, o momento de subir ao throno imperial da casa d'Austria. O seu destino não devia deixal-o ahi muito tempo. Era o Germanicus da Alemanha. A philosophia tinha de o mostrar ao mundo depois de por alguns annos o emprestar á Italia.

O Piemonte, cujas fronteiras penetravam até o coração da França pelos valles dos Alpes, e tocavam do outro lado nos muros de Genova, e nas possessões austriacas do Pó, era governado pela casa de Saboia, a mais antiga raça real da Europa. Esta monarchia, toda militar, tinha em Turim mais propriamente o seu campo militar do que a sua capital. As planicies que occupava na Italia haviam sido sempre e deviam ser no futuro o campo de batalha da Austria e da França. Suas posições eram as chaves da Italia.

Esta população, acostumada á guerra, devia continuamente estar armada, para se defender a si propria, ou para se unir como auxiliar a qualquer das duas potencias, cuja rivalidade assegurasse a sua independencia. O espirito militar era a sua força. A sua fraquesa consistia em ter metade das suas possessões na Italia, e a outra metade em França. A Saboia era inteiramente francesa pela linguagem, raça, e costumes. Em todos os grandes abalos do mundo, a Saboia devia desprender-se da Italia e pender por si mesmo para o nosso lado. Os Alpes são uma fronteira demasiadamente necessaria aos dois povos para pertencerem só a um. Se a sua vertente meridional está na Italia, a septemptrional está na França. As neves, o sol, e as aguas tem descripto a partilha dos Alpes entre os dois povos. A politica não prevalece nem muito tempo, nem impunemente contra a naturesa. A casa de Saboia não é assaz poderosa para guardar a neutralidade dos valles dos Alpes e das estradas de Italia. Póde engrandecer na Italia, mas não póde deixar de quebrar-se contra a França. A corte de Turim era duplicadamente alliada da casa de França pelos casamentos do conde de Artois e do conde de Provence, irmãos de Luiz XVI, com duas princezas de Saboia. Esta côrte estava sugeita, mais do que nenhuma outra de Italia, á influencia do clero. Aborrecia por instincto todas as revoluções, porque todas as revoluções ameaçavam a sua existencia. Por espirito religioso, por espirito de familia, e por espirito politico, devia ser o primeiro foco da conspiração contra a revolução francesa.

IX. Havia além deste estado mais outro em o Norte. Era a Suecia. Mas ahi não existia nem um servilismo superslicioso ao catholicismo, nem um interesse de familia, nem mesmo um interesse de nacionalidade que nutrissem a hostilid de de um rei contra a revolução. Era um sentimento mais nobre, ra a gloria desinteressada de combater pela causa dos reis, e especialmente pela causa de uma rainha, cuja belleza o infortunios haviam seduzido e enternecido o coração de Gustavo II. Era o ultimo clarão dess espirito de cavallaria que devia vingança ás mulheres, soccorro ás

victimas, apoio ao bom direito. Extincto no Meio dia, brilhava pela ultima vez em o Norte, e no coração de um rei.

Gustavo III tinha na sua politica alguma cousa do genio aventuroso de Carlos XII. A Suecia dos Wasa é o paiz dos heroes. O heroismo, quando é desproporcionado ao genio e ás forças, assimelha-se á demencia Havia de certo heroismo e loucura ao mesmo tempo nos projectos de Gustavo contra a França. Mas esta loucura era nobre como a sua causa, e grande como a sua coragem. A fortuna havia costumado Gustavo ás emprezas temerarias e desesperadas: e o bom exito dellas tinha-o ensinado a não achar nada impossivel. Duas vezes fizera uma revolução no seu reino, e duas vezes afrontara sósinho o colosso do imperio russo e se a Prussia, a Austria, e a Turquia o tivessem secundado, a Russia haveria encontrado um baluarte em o Norte. A primeira vez, abandonado das suas tropas, prisioneiro na sua barraca de guerra pelos seus generaes rebellados, fugiu das mãos delles, e foi, sósinho, convocar os seus bravos Dalecarlianos. Sua eloquencia e magnanimidade fizeram brotar da terra um novo exercito; puniu os traidores, reuniu os fracos, terminou a guerra, e voltou triumphante para Stockolmo, levado nos braços do seu povo enthusiasmo. A segunda vez, vendo o paiz despedaçado pelo anarchico predominio da nobreza, resolveu, do fundo do seu palacio, destruir a constituição. Unido em espirito com a burguezia e o povo, conduziu as tropas com a espada desembainhada, aprisionou o senado na sua salla, desthronou a nobresa, e conquistou as prerogativas que faltavam á realesa para defender e governar a patria. Em tres dias, e sem derramamento de uma gota de sangue, a Suecia, debaixo da sua espada se transformou em uma monarchia. Com isto crescêra em Gustavo a confiança na propria audacia. O sentimento monarchico havia-se fortificado nelle com todo o odio que tinha aos privilegios das ordens que destruira. A causa dos reis era em toda a parte a sua.

Abraçara com paixão a de Luiz XVI. A paz concluida com a Russia permittia-lhe volver suas vistas e forças para a França. O seu genio militar sonhava uma expedição triumphante ás margens do Sena. Era ahi que elle queria conquistar a gloria. Vira Pariz na sua mocidade. Disfarçado com o nome de conde de Haga, recebera a hospitalidade de Versailles. Maria-Antoinette, então no viçoso da sua joventude e belleza, apparecia-lhe agora humilhada e captiva nas mãos de um povo implacavel. Libertar esta mulher, elevar aquelle throno, fazer-se ao mesmo tempo temer e abençoar daquella capital, parecia-lhe uma dessas aventuras, de que antigamente os cavalleiros coroados andavam em busca. Só as suas finanças se oppunham então áquelle aventuroso projecto. Negociava pois um emprestimo na côrte de Hespanha; atrahia a si os francezes emigrados de maior nomeada em talentos militares; pedia planos ao marechal de Bouillé; solicitava das côrtes de Vienna, de S. Petersburgo, e de Berlim que se unissem a elle para esta crusada de reis. A Inglaterra só pedia a neutralidade. A Russia animava-o. A propria Catharina sentia-se humilhada do abatimento da realeza em França. A Russia negociava, a Austria contemporisava, a Hespanha tremia, a Inglaterra observava. Cada novo aballo da revolução em Pariz encontrava a Europa indecisa, e sempre atrazada em conselhos e resoluções; e a Europa monarchica, hesitante e dividida, não sabia nem o que devia temer, nem o que podia ousar.

Tal era, no que respeita á politica, a situação dos gabinetes em relação á França. Porém, quanto ás ideias, era differente a disposição dos povos.

Ao movimento da intelligencia e da philosofia em Pariz correspondia o movimento de repercussão do resto da Europa e especialmente da America. A Hespanha, sob a direcção governamental do sr. d'Aranda, esclarecia-se com o primeiro clarão do bom senso geral; os jesuitas haviam desapparecido. A inquisição deixava apagar alli as suas fogueiras. A nobresa hespanhola corava da ochlocracia sagrada dos monges. Voltaire tinha correspondentes em Cadiz e em Madrid. O contrabando dos nossos pensamentos era favorecido por aquelles proprios que tinham a seu cargo obstar-lhe. Nossos livros passavam através as neves dos Pyrineos. O fanatismo, trancado pela luz no seu derradeiro covil, conhecia que a Hespanha lhe escapava. Mesmo o excesso de uma tyrannia por muito tempo soffrida alli, preparava as almas ardentes para os excessos da liberdade.

Na Italia e até na propria Roma, a sombra do catholicismo da edade media esclarecia-se com o reflexo da epocha. Até mesmo brincava com aquellas perigosas armas, que a philosofia ia apontar contra elle. Parecia considerar-se como uma instituição enfraquecida que devia fazer alcançar o perdão da sua duração pelas complacencias para com as principes e para com o seculo. Benedicto XIV, Lambertini, recebia de Voltaire a dedicatoria do Mahomet. Os cardeaes *Passionei e Quirini* estavam em correspondencia com Ferney. Roma prégava nas suas bullas a tolerancia para com os dissidentes e a obediencia aos principes. O papa condemnava e refermava a Companhia de Jesus. Lisongeava o espirito do seculo. Clemente XIV, Ganganelli, secularisava pouco depois os jesuitas, confiscava-lhes os bens, e encerrava o superior delles, o padre Ricci, no castello de Sant'Angelo, *essa bastilha do papado*. Severo unicamente para com os zeladores exagerados da fé, encantava o mundo christão pela doçura evangelica, e pela graça e sal do seu espirito; porém o gracejo é a primeira profanação dos dogmas. A multidão de estrangeiros e d'inglezes que, o seu acolhimento attrahia á Italia, e retinha em Roma, fazia penetrar alli, com o ouro e com a sciencia, o scepticismo e a indifferença que destroem as crenças antes de minar as instituições.

Napoles, sob uma côrte corrupta, deixava o fanatismo á populaça. Florença, sob um principe philosofo, era uma colonia experimental das doutrinas modernas. O poeta Alfieri, este Tyrteo da liberdade italiana, fazia ahi representar os seus dramas revolucionarios, e semeava em todos os theatros da Italia as maximas contra a dupla tyrannia dos papas e dos reis.

Milão, sob a bandeira austriaca, tinha dentro de suas muralhas uma republica de poetas e de philosofos. Beccaria ahi escrevia mais atrevidamente do que Montesquieu: o seu livro dos delictos e das penas era a acta d'accusação de todas as leis do seu paiz. *Parini, Monti, Cesarotti, Pindemonte, Ugo-Foscolo,* poetas aprasiveis, serios ou heroicos, ahi satyrisavam o ridiculo dos seus tyrannos, as covardias dos seus compatriotas, ou cantavam, em odes patrioticas, as virtudes dos antepassados, e a proxima liberdade da patria.

Só Turim, ligada á casa de Saboia, se calava e proscrevia Alfieri.

Em Inglaterra, o pensamento, livre havia muito tempo, tinha produzido costumes fortes. A aristocracia sentia-se alli assás poderosa para nunca ser perseguidora. Os cultos eram ahi tão independentes como as consciencias. A religião dominante não era mais do que uma instituição politica, que, obrigando o cidadão, deixava ao crente a seu livre arbitrio. O proprio governo era popular: sómente o povo não se compunha senão dos primeiros de seus cidadãos. A camara dos communs assimilhava-se mais a um senado de nobres, do que a um *forum* democratico; mas este parlamento era um recinto sonoro e aberto, onde se discutiam alto, em face do throno como em face da nação e da Europa, as questões mais arduas do governo. A realesa, honrada na formula, reduzida quanto ao essencial á impotencia, não fazia senão presidir do alto a estes debates, e regularisar a victoria. Não era mais do que uma especie de consulado perpetuo deste senado britannico. A voz dos grandes oradores, que se disputavam a direcção dos negocios da nação, ressoava dalli na Europa inteira. A liberdade toma o seu nivel no mundo social, como os rios no leito commum do Oceano. Um unico povo não é impunemente livre, um só povo não é impunemente escravo; tudo se compara, e por fim se eguala.

X. — A Inglaterra fôra intellectualmente o modêlo das nações e a inveja do universo pensante. A naturesa e as instituições tinham-lhe dado homens dignos das suas leis. Lord *Chatam*, ora á frente da opposição, ora á tes-

ta do governo, tinha engrandecido o recinto do parlamento até ás proporções do seu caracter, e da sua palavra. Nunca a liberdade varonil de um cidadão em frente de um throno, nunca a authoride legal de um chefe do governo em frente de qualquer povo, fizera ouvir tal voz aos cidadãos reunidos em assembléa. Era o homem publico em toda a grandeza da palavra, a alma de uma nação personificada n'um só, a inspiração da multidão no coração de um patricio. Seu genio oratorio participara alguma cousa do magnanimo e de acção; era o heroismo da palavra. A repercussão dos discursos de lord Chatam fizera-se sentir mesmo no continente. As scenas tempestuosas das eleições de Westminster revolviam no fundo do povo o sentimento temeroso de si proprio, e este gosto de turbulencia que jaz adormecido em todas as multidões, e que ella tantas vezes confunde com o symptoma da verdadeira liberdade. Estas palavras de contra-peso ao poder real, de responsabilidade de ministerios, de leis approvadas, de poder do povo, explicadas no presente por uma constituição, explicadas no passado pela accusação de Strattford, pelo tumulo de Sedney, pelo cadafalso de um rei, tinham ressoado como recordações antigas, como novidades cheias de um não se sabe que de desconhecido.

O drama inglez tinha por expectador o mundo. Os grandes actores do momento eram Pitt, o moderador destas tempestades, o intrepido orgão do throno, da ordem, e das leis do seu paiz; Fox, o tribuno percursor da revolução franceza, que propagava as doutrinas ligando-as ás revoluções da Inglaterra, para as tornar sagradas ao respeito dos inglezes. Burke, o orador philosopho, cada discurso do qual era um tractado, o Cicero nessa epocha da opposição britannica, e que devia, bem depressa, voltar-se contra os excessos da revolução franceza, e amaldiçoar a nova religião logo que o povo immolasse a primeira victima; Scheridan finalmente, o dissoluto eloquente, agradando ao povo pela sua liviandade e pelos seus vicios, sedusindo o seu paiz, em vez de o sublevar. O calor dos debates ácerca da guerra da America, e da guerra das Indias dava um seductor interesse ás tempestades do parlamento inglez.

A independencia da America, conquistada por um povo apenas nascido; as maximas republicanas sobre as quaes este novo continente fundava e seu governo; o prestigio que se ligava a estes novos nomes que a distancia avultava mais do que as suas victorias, Washington, Frauklin, La Fayette, esses heroes da imaginação publica; estes sonhos de simplicidade antiga, de costumes primitivos de liberdade heroica e ao mesmo tempo pastoril, que a moda e a illusão do momento transportavam do outro lado do Atlantico, tudo contribuia para fascinar o espirito do continente, e nutrir no pensamento dos povos o despreso pelas instituições, e o fanatismo por uma revolução social.

A Holanda era a officina dos innovadores. Era ella que ao abrigo d'uma completa tolerancia dos dogmas religiosos, d'uma liberdade quasi republicana, e d'um authorisado contrabando se hia fazer imprimir tudo quanto se não podia dizer em Pariz, na Italia, na Hespanha e na Allemanha. Desde *Descartes*, a philosophia independente tinha escolhido a Hollanda por asylo. Bayle ahi havia popularisado o scepticismo. Era a terra sagrada da insurreição contra todos os abusos do poder. Depois transformou-se na séde da conspiração contra os reis. Todos aquelles que tinham um pensamento suspeito a emittir, uma séta a disparar, um nome a occultar, iam servir-se das imprensas da Hollanda. Voltaire, João-Jacques Rousseau, Diderot, Helvetins, o proprio Mirabeau tinham hido naturalisar seus escriptos neste paiz da publicidade. A mascara do anonymo, que estes escriptores tomavam em Amsterdam, não enganava ninguem, mas cobria lhes a segurança. Todos os crimes do pensamento alli eram inviolaveis. Era ao mesmo tempo o asylo e o arsenal das idéas novas. Um commercio activo e immenso de livros alli especulava com a distruição das religiões e dos thronos. O consummo prodigioso dos livros prohibidos que este commercio espalhava no mundo, provava assaz a alteração crescente das antigas crenças no espirito dos povos.

XI. — Na Alemanha, este paiz de contemporisação e paciencia, os espiritos tão lentos na apparencia, compartilhavam, com ardor grave e concentrado, o movimento geral do espirito europeu, O pensamento livre tomava ahi as formulas d'uma conspiração universal. Envolvia-se no mysterio. A Alemanha sábia e formalista amava dar á sua insurreição as apparencias da sciencia e da tradição. As iniciações egypcias, as evocações mysticas da edade media, eram imitadas pelos adeptos das novas ideias. Pensava-se qual se conspira. A philosofia marchava alli velada de symbolos. Não se lhe rasgavam as vendas senão nas sociedades secretas donde os profanos eram excluidos Os prestigios da imaginação, tão poderosos sobre a natureza ideal e pensativa da Alemanha, serviam de envoltorio ás novas verdades.

Frederico o Grande havia feito da sua corte o centro da incredulidade religiosa. Ao abrigo do seu poder todo militar, ahi se haviam propagado livremente tanto o despreso do christianismo como das instituições monarchicas. As forças moraes não eram nada para este principe materialista Aos seus olhos só as baionetas eram o unico direito dos principes; a insurreição o dos povos; as vitorias ou as derrotas, o direito publico. Sua fortuna, sempre venturosa, fôra cumplice da sua immoralidade. Havia recebido a recompensa de cada um dos seus vicios porque os seus vicios eram grandes. Morrendo, legára a Berlim o seu genio preverso. Era a cidade corruptora da Alemanha. Os militares educados na escola de Frederico, as academias modeladas pelo genio de Voltaire, colonias de judeos enrequecidos pela guerra e de francezes emigrados, provavam Berlim, e formavam o espirito publico. Este espirito publico, leviano, sceptico, insolente e zombeteiro, intimidava o restante da Alemanha. O enfraquecimento do espirito alemão data de Frederico. Foi o corruptor do imperio. Conquistou a Alemanha ao espirito francez; foi um heroe de decadencia.

Berlim o continuou depois da morte delle. Os grandes homens deixam sempre ao paiz o seu impulso O reinado de Frederico teve ao menos um resultado feliz. A tolerancia religiosa nasceu na Alemanha do proprio desprezo em que Frederico tivera as religiões. A' sombra desta tolerancia o espirito philosofico organisara associações secretas á similhança da franc-maçonaria. Os principes alemães faziam-se iniciar nellas. Acreditava-se levar a effeito um acto de espirito superior penetrando nestas sombras, que, na essencia não continham mais do que alguns principios geraes d'humanidade e virtude, sem applicação immediata ás instituições civis. Frederico, na sua mocidade, fôra iniciado em Brunswick, pelo major Bielfeld. O imperador Jose II, este soberano inovador mais ousado que o seu tempo, quiz tambem correr estas provas em Viena sob a direcção do barão de Born, chef dos franc-maçoes da Austria. Estas sociedades, que não tinham fim algum politico em Inglaterra, porque a liberdade ahi conspirava bem alto no parlamento e na imprensa, tinham outro sentido no continente. Eram os conciliabulos occultos do pensamento independente; o pensamento escapando-se dos livros passava para a acção. Entre os iniciados e as instituições estabelecidas, a guerra era surda, porém mais mortifera.

Os motores occultos destas sociedades tinham evidentemente por fim crear um governo da opinião do genero humano em opposição com os governos dos perjuizos. Queriam reformar a sociedade religiosa politica e civil, principiando pelo espirito das classes esclarecidas. Estas lojas eram as catacumbas de um novo culto. A seita dos *illuminados*, fundada e dirigida por *Weishaupt*, propagava-se na Alemanha, em concurrencia com os *franc-maçães* e os *rosa-cruzes*. Os *théosophos* creavam, por sua parte, os symbolos do aperfeiçoamento sobrenatural, e alistavam todas as almas ternas e todas as imaginações ardentes em redor de dogmas cheios de amor e de infinito. Os *théosophos swedenborgiunos*,

discipulos do sublime mas obscuro *Swedenborg*, este S. Martinho da Alemanha, pretendiam acabar o evangelho, e transformar a humanidade supprimindo a morte e os sentidos. Todos estes dogmas se confundiam n'um igual despreso pelas instituições existentes, e n'uma mesma aspiração ao renovamento do espirito e das cousas. Todos eram democraticos na sua derradeira conclusão, porque todos estavam inspirados pelo amor dos homens, sem distincção de classes.

Multiplicaram-se as filiações até ao infinito. O prestigio, como succede sempre quando o zelo se inflamma, juntou-se fraudulosamente á verdade, como se o erro ou a mentira fossem a alliança inevitavel das verdades e das virtudes mesmo do espirito humano. Evocaram-se os seculos, fizeram-se apparecer as sombras, e ouvio-se fallar os mortos. As visões foram o ultimo segredo; as apparições o ultimo milagre destes sectarios. Halucinaram a imaginação complacente dos principes por transições rapidas do terror ao enthusiasmo. A sciencia fantasmagorica pouco conhecida então, servio de auxiliar a estas seducções. Quando Frederico II morreu, o seu successor passou por estas provas, e foi subjugado por estes prestigios. Os reis conspiravam contra os thronos. Os principes de Gotha deram asylo a Weishaup. Augusto de Saxe, o principe Fernando de Brunswick, o principe de Neuvied, o proprio coadjutor dos principados ecclesiasticos das margens do Rheno, os de Moguncia, de Worms, de Constancia, fizeram-se notaveis pelo seu enthusiasmo para com as doutrinas mysteriosas da franc-maçonaria ou do illuminismo. Cagliostro fazia pasmar Strasburgo. A' sua voz o cardeal de Rohan se arruinava e invelecia. Como na occasião da queda dos grandes imperios, como no berço das grandes cousas, os signaes appareciam por toda a parte. Delles o mais infallivel era o abalo geral das imaginações. Quando uma crença se afunda, todo o homem treme.

Os grandes genios da Alemanha e da Italia cantavam já em seus versos a nova era aos filhos da Germania. Goethe, o poeta sceptico; Schiller, o poeta republicano; Klopstock, o poeta sagrado, embriagavam com suas estrofes as universidades e os theatros. Cada abalo dos acontecimentos de Pariz tinha a sua repercussão e o seu echo sonoro, multiplicado por estes escriptores sobre todas as margens do Rheno. A poesia é a recordação e o pressentimento das cousas; o que ella celebra não está ainda morto; o que ella canta existe já. A poesia cantava então por toda a a parte as esperanças confusas mas apaixonadas dos povos. O enthusiasmo estava nellas, pois que a sua voz se deixava ouvir. A sciencia, a poesia, a philosophia, a historia, o theatro, o mysticismo, as artes, o genio europêo sob todas as formas tinham passado para o lado da revolução. Não se podia citar na Europa inteira um homem de genio que ficasse ao partido do passado. O passado estava vencido pois que o espirito humano se retirava delle. Para onde vai o espirito, vai a vida. Só as mediocridades ficavam ao abrigo das velhas instituições. Havia uma miragem geral para o horisonte do futuro, e quer que os pequenos ahi vissem a sua salvação, quer que os grandes ahi descubrissem um abysmo, tudo se precipitava para a novidade.

XII. — Tal era a disposição dos espiritos da Europa, quando os principes, irmãos de Luiz XVI, e os fidalgos emigrados se espalharam pela Saboia, Suissa, Italia e Alemanha, pedindo soccorro e vingança ás potencias e ás aristocracias contra a revolução. Nunca, depois das grandes emigrações dos povos antigos fugindo ás invasões romanas, se vira um movimento de terror e perturbação igual lançar fóra do territorio todo o clero e toda a aristocracia d'uma nação. Fez-se um vacuo immenso na França: primeiro nos proprios degráos do throno, depois na côrte, nos palacios, nas dignidades ecclesiasticas; e emfim nas fileiras do exercito. Os officiaes, todos nobres, emigraram em massa. A marinha verdade é que seguio um pouco depois o exemplo do exercito de terra, mas desertou tambem a bandeira. Não era porque o clero, a nobresa, os officiaes de terra e mar fossem, mais contrarios do que as outras classes ao movimenro de idéas revolucionarias que sublevára a nação em 1789; pois fôra por elles que o movimento tinha principiado. A philosophia alumiára primeiro o cimo da nação. O pensamento do seculo estava especialmente nas classes elevadas; mas essas classes, que queriam uma reforma, não queriam uma desorganisação. Quando viram a agitação moral das idéas transformar-se na insurreição do povo, então tremeram. As redeas do governo violentamente arrancadas da mão do rei por Mirabeau, e La-Fayette, no *Jogo da Pella*, os attentados de 5 e 6 de outubro, os privilegios supprimidos sem compensação, os titulos abolidos, a aristocracia entregue á execração, á pilhagem, aos incendios e mesmo aos assassinios nas provincias; a religião desapossessada, e obrigada a nacionalisar-se por um juramento constitucional; emfim a evasão do rei, a sua prisão no proprio palacio, as ameaças de morte que a imprensa patriotica ou a tribuna das sociedades populares vomitavam contra as aristocracias, os motins triumphantes nas cidades; a defecção das guardas nacionaes de Pariz, a revolta dos suissos de *Chateauviex* em Nancy, os excessos dos soldados insurgidos e impunidos em Caen, em Brest, e em toda a parte, haviam trocado em horror e em odio todo o favor da nobreza pelo movimento das idéas. Ella via que o primeiro acto do povo era degradar as superioridades. O espirito de casta impellia os officiaes, o espirito de côrte transformava em deshonra o continuar a viver n'um solo manchado por tantos ultrajes á realeza. As mulheres, que eram as que então dirigiam a opinião em França, e cuja imaginação mobil e terna passa promptamente para o lado das victimas, eram todas do partido do throno e da aristocracia. Despresavam aquelles que não iam procurar-lhes vingadores no estrangeiro. Os mancebos partiam á sua voz; e aquelles que não partiam, não se aventuravam a apparecer. A estes enviavam-se rócas, symbolo da covardia!

Mas não era somente o sentimento da vergonha que impellia os officiaes e os nobres para as fileiras dos emigrados; era tambem a apparencia de um dever. A ultima virtude que restára á nobreza franceza, era uma fidelidade religiosa ao throno. A sua honra, a sua segunda e talvez que a unica religião, era morrer pelo rei. O attentado contra a realeza parecia-lhe um attentado contra o proprio Deus. A cavallaria, esse codigo dos costumes aristocraticos, tinha propagado e conservado este nobre prejuizo na Europa. O rei, para a nobreza era a patria. Este sentimento, momentaneamente eclypsado pelas torpezas da regencia, pelos escandalos de Luiz XV, pelas maximas mais energicas da philosophia de Rousseau, encontrou-se todo inteiro no coração dos gentis-homens quando presenciaram o espectaculo do aviltamento e dos perigos do rei e da rainha. A assembléa nacional, aos olhos delles, não era mais do que uma horda de subditos rebellados que tinham captivo o seu soberano. Os actos ainda os mais livres do rei eram-lhes suspeitos. Acreditavam, e entendiam-lhe sob as suas palavras constitucionaes, outras palavras todas contrarias. Nos ministros de Luiz XVI não viam senão os seus carcereiros. Entre estes fidalgos e o rei existiam secretas intelligencias. Nos quartos escusos das Tuilerias se celebravam conciliabulos intimos. O rei, ora animava, ora prohibia aos seus amigos a emigração. As suas ordens variaram com os dias e as circumstancias: — tão depressa constitucionaes e patrioticas, quando elle esperava, de boa fé, poder estabelecer e moderar a constituição no interior; como logo desesperadas e culpaveis, quando lhe parecia que só do estrangeiro lhe poderia vir a salvação da rainha e de seus filhos. No entanto que por via do seu ministro dos negocios estrangeiros escrevia aos seus irmãos emigrados, e ao principe de Condé, cartas officiaes chamando-os para o seu lado e representando-lhes o dever de todo o cidadão para com a sua patria, o barão de Breteuil, seu ministro confidencial cerca das potencias, transmittia ao rei da Prussia cartas nas quaes transpirava o pensamento secreto do rei. A seguinte carta ao rei da Prussia, datada de 3 de dezembro de 1790, encontrada nos archivos da chancellaria de Berlim, não deixa duvida alguma sobre esta dupla diplomacia do desventurado monarcha. Luiz XVI escrevia:

«Senhor meu irmão,

«Soube, pelo sr. de Monstier, o interesse que vossa magestade testimunhou, não só pela minha pessoa, como ignalmente pelo bem do meu reino. As disposições de vossa magestade em demonstrar-m'o em todos os casos em que esse interesse possa ser util ao bem do meu povo, excitaram vivamente a minha sensibilidade. Reclamo-o com confiança neste momento em que, apesar da acceitação que fiz da nova constituição, os facciosos mostram abertamente o projecto de distruir o resto da monarchia. Acabo de dirigir-me ao imperador, á imperatriz da Russia, aos reis de Hespanha e da Suecia, apresentando lhes a idéa de um congresso das principaes potencias da Europa, *apoiado por força armada*, como a melhor medida para suspender aqui os facciosos, proteger o estabelecimento de uma ordem de cousas mais apetecivel, e impedir que o mal que nos mina possa avançar pelos outros estados da Europa. Espero que vossa magestade approvará as minhas idéas, e *guardará o segredo mais absoluto sobre o passo que acabo de dar junto á sua pessoa*. Conhecerá facilmente que as circumstancias em que estou me obrigam a grande circumspecção. E' por isto que só o barão de Breteuil está iniciado no meu segredo. Vossa magestade póde communicar-lhe o que lhe approuver.»

XIII. — Esta carta, comparada com a de Luiz XVI ao sr. do Bouillé annunciando-lhe que o imperador Leopoldo, seu cunhado, mandava marchar um corpo de tropas sobre Longwy, para motivar um ajuntamento de tropas francezas nesta fronteira, e favorecer assim a evasão de Pariz, são provas irrefragaveis das intelligencias contra revolucionarios que existiam entre o rei e as potencias estrangeiras, não menos que entre o mesmo rei e os chefes da emigração. As memorias da emigração estão cheias destes indicios. A mesma natureza os atesta. A causa dos reis, das aristocracias, e das instituições ecclesiasticas era solidaria. O imperador Leopoldo era irmão da rainha de França; os perigos do rei eram os perigos de todos os principes; o exemplo do triumpho de um povo era contagioso para todos os povos. Os emigrados eram os amigos da monarchia e os defensores do rei. Sem carecerem fallar ter-se iam entendido pelos mesmos pensamentos e pelos mesmos interesse. Porém ainda mais que isto, entendiam-se por communicações secretas. As suspeitas do povo não eram portanto chymeras; eram o justo pressentimento das conspirações dos seus inimigos.

A conjuração das côrtes com todas as côrtes, das aristocracias de fóra com todas as aristocracias do interior, dos emigrados com os seus parentes, do rei com os seus irmãos, não carecia ser escripta. O proprio Luiz XVI, o mais sinceramente revolucionario de todos os homens que occuparam um throno, implorando o soccorro ou a demonstração armada das potencias, não tinha um pensamento preverso de traição para com a revolução, nem de traição para com o seu povo. Este pensamento de um apêlo ás forças estrangeiras, ou mesmo ás forças da emigração, não era do intimo da sua alma. Receiava a intervenção dos inimigos da França; desaprovava a emigração; não estava sem prevenção contra os seus proprios irmãos que intrigavam no estrangeiro, algumas vezes em seu nome, e muitas contra sua vontade. Repugnava-lhe passar aos olhos da Europa por um principe em tutella, cujos irmãos ambiciosos lhe tomavam os direitos adoptando a sua causa, e estipulavam interesses sem sua intervenção. Em Coblentz fallava-se de regencia sem rebuço, e apontavam para ella ao conde de Provença, irmão mais velho de Luiz XVI. Esta regencia, entregue pela emigração a um principe de sangue, em quanto que o rei luctava em Pariz, humilhava profundamente Luiz XVI e a rainha. Esta usurpação dos direitos da sua soberania, bem que se revestisse dos pretextos de dedicação e de ternura, parecia-lhes mais amarga talvez do que os ultrajes da assembléa e do povo. Receia-se mais quem está mais chegado ao individuo. O triumpho da emigração só lhe promettia um throno disputado pelo regente que o houvesse elevado. Este reconhecimento parecia-lhe uma vergonha. Não sabiam se deviam mais temer do que esperar dos emigrados.

A rainha, nas suas conversações mais intimas, fallava delles com mais azedume do que confiança. O rei queixava-se claramente da desobediencia dos seus irmãos e dissuadia da fuga todos os seus servidores, que a esse respeito o consultavam. Mas estes conselhos eram indecisos como as circumstancias. A' semilhança de todos os homens collocados entre a esperança e o temor, elle vergava ou se exaltava sob a força dos acontecimentos. O facto era culpavel, a intenção não era criminosa. Não era o rei que conspirava; era o homem, o marido, o pai, que buscava no apoio dos estrageiros a salvação de sua mulher e filhos. Não se volvia culpado, senão quando desesperava. As negociações continuamente se interrompiam e renovavam. O que se combinava hoje, amanhã se desfazia. Os medianeiros secretos destas tramas, munidos de poderes revogados, ainda se serviam delles, a despeito da vontade do rei, para continuar em seu nome os passos reprovados por elle. Não obedeciam ás contra-ordens. O principe de Condé e o conde de Artois, cada um tinha a sua diplomacia, e a sua côrte. Abusavam do nome do rei para fazer prevalecer o seu credito, e a sua politica. Por isso tão grande é a difficuldade para os historiadores dessa época descobrirem a mão do rei nessas tramas odiosas incubertadas com o seu nome, e pronunciarem entre a sua completa innocencia ou traição. Elle não trahiu comtudo o seu paiz, nem vendeu o seu povo; e apesar disso não cumpriu seus juramentos á constituição e á patria. Homem honrado, mas rei perseguido, acreditou que juramentos arrancados pela violencia, e illudidos pelo pavor, não eram perjurios. Diariamente faltavam áquelles que lhe haviam feito. Então julgou que o excesso do povo tambem o desligava da sua palavra. Educado no prejuizo da soberania pessoal, procurava de boa fé, no meio desses partidos que se disputavam o imperio, em qual delles estaria a nação; e não a vendo em parte alguma, julgou ser-lhe permittido vêl-a em si. Se em taes actos ha crimes, o seu menos provinha da alma que do nascimento, da situação que do infortunio.

XIV. — O barão de Breteuil, antigo ministro e antigo embaixador, homem inacessivel ás concessões, conselheiro de força e rigor, sahiu de França no principio da revolução de 1790, encarregado de plenos poderes secretos do rei cêrca de todas as potencias. Elle só era, no exterior, o ministerio completo de Luiz XVI. Mais ainda: era ministro absoluto; porque uma vez investido da confiança e mandato illimitado do rei, que não podia revogar, sem trahir, a existencia da sua occulta diplomacia, tinha no seu livre alvitre abusar ou interpetrar as intenções de Luiz XVI segundo conviesse aos seus interesses. E diz-se que o barão de Breteuil abusou, não por ambição pessoal, mas por excesso de zelo da salvação e dignidade do seu amo. As suas negociações cêrca de Catherina, de Gustavo, de Frederico, e de Leopoldo, foram uma constante iniciação na crusada contra a revolução de França.

O conde de Provença (depois Luiz XVIII) e o conde de Artois (depois Carlos X) ao cabo de diversas excursões nas côrtes do Meiodia e Norte, tinha-se reunido em Coblentz. Luiz Vencesláu, eleitor de Trêves, tio destes principes por parte de sua mãi, acolhera-os mais cordeal do que politicamente. Coblentz transformou-se no *Pariz* da Alemanha, centro de conspiração contra-revolucionaria, no quartel general da nobresa franceza renuida em torno dos seus chefes naturaes — os dois irmãos do rei prisioneiro. No entanto que elles ahi assentavam ponto á sua carreira errante, e atavam os primeiros fios da colligação de *Pilnitz*, o principe de Condé, o mais militar pela coragem e raça, organisava os quadros do exercito dos principes. Este exercito contava oito a dez mil officiaes, e poucos soldados. Era a cabeça do exercito, separado do tronco. Nomes historicos, dedicação antiga, ardor da mocidade, bravura heroica, fidelidade, confiança nos seus direitos, certesa em vencer; nada faltava a este exercito de Coblentz, a não ser o verdadeiro conhecimento do estado do seu paiz e

da epocha Se a nobresa franceza que emigrou empregasse em servir, e regularisar a revolução, metade dos esforços e virtudes que depois desenvolveu para a combater, mudando as leis, não teria mudado a monarchia. Mas não se deve exigir nunca das instituições comprehender o que as transforma. O rei, os nobres, e os padres não podiam comprehender uma revolução que destruia a nobresa, o clero, e o throno. Era mister luctar; e como lhes faltava o solo em França, assentaram pé ou firmaram-se no estrangeiro.

XVI. — No entanto que o exercito dos principes se engrossava em Coblentz, a diplomacia contra-revolucionaria alcançava o primeiro passo de consequencia que podia ganhar no estado actual da Europa. Abriram-se as conferensias de Pilnitz. O conde de Provença acabava de enviar o barão Roll ao rei da Prussia em Coblentz, para lhe pedir, em nome de Luiz XVI e do restabelecimento da ordem em França, que concorresse tambem com as suas forças. O rei da Prussia antes de se decidir, quiz informar-se do estado da França, e interrogar um homem cujos talentos militares, e dedicação á monarchia recommendavam á confiança das cortes estrangeiras — o marquez de Bouillé. Determinou a este para conferenciarem o castello de Pilnitz, e pedio-lhe que levasse comsigo um plano de operações dos exercitos estrangeiros sobre as differentes fronteiras da França. Em 24 de agosto, Frederico Guilherme, acompanhado de sua filha, dos principaes generaes, e ministros mais intimos, chegou ao castello de Pilnitz, residencia no verão da corte de Saxonia. O imperador já o havia precedido ahi.

O archiduque Francisco, que depois foi imperador Francico II. o marechal de Lascy, o barão de Spielman, e uma corte numerosa cercavam o imperador. Os dois soberanos, rivaes na Allemanha pareceram esquecer por um momento suas rivalidades para se occuparem unicamedte da salvação de todos os thronos. Esta fraternidade da grande famia dos monarchas prevaleceu sobre qualguer outro sentimento. Trataram-se mais como irmãos do que como soberanos. O eleitor da Saxonia, que os hospedava, solemnisou esta conferencia por festas esplendidas.

No meio de um banquete, annunciou-se a chegada inesperada do conde d'Artois a Dresde. O rei da Prussia sollicitou do imperador a permissão de o principe francez comparecer alli. O imperador concedeu-a: porem antes de admittir o conde d'Artois ás conferencias officiaes, os dois monarchas tiveram uma conferencia secreta. Unicamente assistiram a ella dois dos seus mais intimos confidentes. O imperador pendia para a paz. A inercia do corpo germanico pesava sobre as suas resoluções; conhecia a difficuldade de imprimir n'esta federação vassalla do imperio a unidade e a energia necessarias para atacar a França no enthusiasmo de sua revolução. Os generaes, o proprio marechal de Lascy, hesitaram diante de fronteiras reputadas inexpugnaveis. O imperador temia pelos Paizes Baixos, e pela Italia. As maximas francezas tinham atravessado o Rheno, e podiam fazer explosão nos Estados allemães no proprio momento em que se pedia aos principes e aos povos que se levantasse contra a França. A Dieta dos povos podia vencer sobre a Dieta dos monarchas. Expedientes mixtos e dilatorios teriam o mesmo effeito d'intimidação sobre o genio revolucionario, sem offerecer os mesmos perigos para a Allemanha. Não seria mais prudente formar uma liga geral de todas as potencias da Europa, cercar a França com um circulo de baionetas, e intimar o partido triumphante a restituir ao rei a liberdade, a dignidade ao throno, e a segurança ao continente? «Se a nação franceza se recusar, accrescentou o imperador, então n'um manifesto a ameaçaremos d'uma invasão geral, e, se esta se tornar necessaria, opprimil-a-hemos sob a massa irresistivel de todas as forças reunidas da Europa.» Taes eram os conselhos destet genio contemporisador do imperio, que espera sempre a necessidade sem nunca a preceder, e que tudo quer assegurar sem nada arriscar.

XVI. O rei da Prussia, mais impaciente e mais ameaçado, confessou ao imperador que não acreditava no effeito destas ameaças. «A prudencia, disse elle ao imperador, é uma arma impotente contra a audacia. A defensiva é uma posição timida em frente da revolução. E' mister atacal-a no seu berço. Dar tempo aos principios francezes, é dar-lhes a força. Parlamentar com a insurreiçao dos povos, é mostrar que, ella é a temida, e que se está disposto a pactuar com ella. E preciso surprehender a França em flagrante delicto d'anarchia, e não lançar o manifesto europeu senão depois dos exercitos terem atravessado a fronteira, e que as armas triumphantes tenham dado authoridade ás palavras.»

O imperador pareceu abalado: insistiu com tudo sobre os perigos que uma precipitada invasão faria correr a Luiz XVI; mostrou cartas deste principe; declarou que o marquez de Noailles e o sr. de Montmorin, um embaixador de França em Vienna, outro ministro dos negocios estrangeiros em Paris, e ambos dedicados ao rei, faziam confiar a corte de Vienna no prompto restabelecimento da ordem, e nas modificações monarchicas na constituição da França. Pediu que se suspendesse qualquer decisão até ao mez de septembro, preparando-se não obstante até então todos os meios militares das duas potencias.

A scena mudou no dia seguinte com a chegada do conde de Artoy. Este moço principe recebêra da natureza todo o exterior de um cavalleiro. Fallava aos soberanos em nome dos thronos; fallava ao imperador em nome d'uma irmã desthronada, e ultrajada pelos seus vassallos. A emigração toda em peso, com as suas desgraças, nobreza, valor, e illusões, parecia personalisada nelle. O marquez de Bouillé, o sr. de Calonne, o genio da guerra e o genio da intriga, haviam o acompanhado a estas conferencias. Obteve muitas audiencias dos dois soberanos. Fallou com energia e com respeito contra o systema de contemporisação do imperador. Violentou a lentidão germanica. O imperador e o rei da Prussia authorisaram o barão de Spielman pela Austria, o barão de Bischofswerder pela Prussia, e o sr. de Calonne pela França, a reunirem-se naquella mesma tarde, e combinarem um projecto de declaração que seria apresentado á assignatura dos monarchas.

O barão de Spielman, sob inspiração directa do imperador foi quem redigiu este documento. O sr. de Calonne, em nome do conde d'Artois combateu debalde as reservas que desconcertavam a impaciencia dos emigrados. No dia seguinte, á volta de uma jornada a Dresde, os dois soberanos, o conde d'Artois, o sr. de Calonne, o marechal de Lascy, e os dois negociadores se reuniram no quarto do imperador. Leu-se e discutiu-se a declaração; pesaram-se-lhe todos os termos; modificaram-se algumas expressões; e sobre proposta do sr. de Calonne, e a instancias do conde d'Artois, o imperador e o rei da Prussia consentiram na insersão da ultima frase, na qual a guerra se mostrava impendente sobre a revolução.

Eis este documento que foi a data de uma guerra de vinte dois annos:

«O imperador e o rei da Prussia, tendo attendido aos desejos e representações do sr. conde d'Artois, declaram conjuntamente que reputam a situação em que ao presente se acha o rei de França, como um objecto de interesse commum a todos os soberanos da Europa. Esperam que este interesse seja tambem reconhecido pelas potencias cujo concurso se reclama, e que por tanto ellas se não recusarão a empregar, conjuntamente com o imperador e o rei da Prussia, os meios mais efficazes, proporcionados ás suas forças, para collocar o rei de França em estado de firmar, em perfeita liberdade, as bases de um governo monarchico igualmente convenien-e aos direitos dos soberanos, e bem estar dos francezes. Então, e neste caso, as sobreditas Magestades estão de-

cididas a operar promptamente, e de mutuo acordo com as forças necessarias para alcançar o fim proposto e commum. No entanto, expedirão ás suas tropas as ordens convenientes para que estejam promptas a pôr-se em actividade.»

Vê-se que esta declaração, ao mesmo tempo ameaçadora e timida, era muito para a paz, e mui pouco para a guerra. Similhantes palavras atiçavam a revolução sem a abafar. Conhecia-se nellas simultaneamente a impaciencia da emigração, a resolução do rei da Prussia, a hesitação das potencias, e a contemporisação do imperador. Era uma concessão á força, á fraqueza, á guerra, e á paz. Nellas trahia-se completamente o estado da Europa. Era a declaração da incerteza, e anarchia dos seus conselhos.

XVII. Depois deste acto simultaneamente imprudente e insufficiente os dois soberanos se separaram. Leopoldo foi a Praga para ser coroado. O rei da Prussia voltou para Berlim, e pôz o seu exercito em pé de guerra. Os emigrados, triumphantes pelo compromisso que haviam alcançado, engrossaram os seus ajuntamentos. As côrtes da Europa, á excepção da Inglaterra, enviaram adhesões equivocas ás côrtes de Berlim e de Viena. A noticia da declaração de Pilnitz viera rebentar e morrer em Pariz no meio das festas pela acceitação da constituição.

Comtudo Leopoldo, depois das conferencias de Pilnitz estava mais apressado do que nunca em encontrar pretextos para a paz. O principe de Kaunitz, seu ministro, receiava todos os abalos violentos que podessem desarranjar o velho mechanisco diplomatico cujas rodas elle conhecia. Luiz XVI enviou-lhe secretamente o conde de Fersen para lhe detalhar os motivos da sua acceitação á constituição, e pedir-lhe que não irritasse pelo apparato das armas, as disposições da revolução que parecia adormecer sobre o seu triumpho.

Os principes emigrados, pelo contrario, faziam ressoar em todas as côrtes as palavras dadas á sua causa, na declaração de Pilnitz. Escreveram a Luiz XVI uma carta publica na qual protestavam contra o juramento do rei, arrancado, diziam elles, á sua fraqueza e ao seu captiveiro. O rei da Prussia, recebendo a circular do gabinete francez, na qual se lhe notificava a acceitação da constituição, exclamou: «Vejo assegurada a paz da Europa!» As côrtes de Viena e de Berlin fingiram acreditar que tudo estava concluido em França por estas mutuas concessões do rei e da assembléa. Resignaram-se a vêr rebaixado o throno de Luiz XVI, comtanto que a revolução consentisse a deixar-se dominar pelo throno.

A Russia, a Suecia, a Hespanha, e a Sardenha não se apasiguaram tão facilmente. Catharina II e Gustavo III, a primeira pelo orgulhoso sentimento do seu poderio, o segundo pela sua generosa dedicação á causa dos reis, combinaram-se para mandar 40,000 russos e suecos em soccorro da monarchia. Este corpo de exercito, assoldado por um subsidio de quinze milhões da Hespanha, e commandado pelo proprio Gustavo, devia desembarcar nas costas de França e marchar sobre Pariz, no entanto que as forças do imperio atravessassem o Rheno.

Estes atrevidos planos das duas côrtes do Norte desagradavam a Leopoldo e ao rei da Prussia. Elles lançaram em rosto a Catharina não ter cumprido as suas promessas deixando de fazer a paz com os turcos. Podia o imperador levar os seus exercitos sobre o Rheno em quanto que duravam no Danubio os combates entre russos e ottomanos, ameaçando-lhe assim a rectaguarda do seu imperio? Catharina e Gustavo nem por isso deixaram de continuar a prestar sua decidida protecção aos emigrados. Estes dois soberanos acreditaram officialmente ministros plenipotenciarios junto dos principes francezes em Coblentz. Era declarar a deposição de Luiz XVI, e ainda mesmo da França: era reconnecer que o governo do reino não estava em Pariz, e sim em Coblentz. Ainda mais, fez-se um tratado de alliança offensiva e defensiva, entre a Suecia e a Russia, no interesse commum do restabelecimento da monarchia.

Luiz XVI, desejando então de boa fé o desarmamento, enviou a Coblentz o barão de Viomenil, e o cavalheiro de Coigny, para ordenar a seus irmãos, e ao principe de Condé a dispersão e desarmamento dos emigrados. Receberam as suas ordens como as de um captivo; desobedeceram-lhe sem lhe responderem. A Prussia e o imperio mostraram mais deferencia para com as intenções do rei. Estas duas côrtes dispersaram os ajuntamentos do exercito dos principes, e fizeram punir nos seus estados os insultos ao laço tricolôr. Mas no proprio momento em que o imperador dava assim penhor do seu desejo de manter a paz, a guerra ia arrastral-o a seu pesar. O que a prudencia humana recusa algumas vezes ás grandes causas, ella se vê constrangida a concede-lo ás mais pequenas. Tal foi a situação de Leopoldo. Havia recusado a guerra aos grandes interesses da monarchia e aos grandes sentimentos de familia que lh'a pediam, e ia concede-la aos interesses insignificantes de alguns principes do imperio que tinham possessões na Alsacia e na Lorrena, cujos direitos pessoaes a nova constituição franceza violava. Recusára soccorro a sua irmã, e ia concede-lo a alguns vasallos. A influencia da dieta e os seus deveres como chefe do imperio arrastaram-o a passos, a que a sua resolução pessoal o não podéra levar. Pela sua carta de 3 de Dezembro de 1791, annunciou ao gabinete das Tuilerias a sua resolução formal «de soccorrer os principes que tinham possessões em França, se não obtivessem a sua plena reintegração em todos os direitos que lhes pertenciam por tratado.

XVIII — Esta carta ameaçadora, commudicada secretamente em Pariz, pelo embaixador de França em Viena, antes da sua remessa official, foi recebida com temor pelo rei, e com alegria por alguns dos seus ministros, e pelo partido politico da assembléa. A guerra corta tudo. Acolheram-a como uma solução ás difficuldades de que se viam cercados. Quando não ha esperanças na ordem regular dos acontecimentos, as ha de certo no que ainda é conhecido. A guerra parecia a estes espiritos aventurosos uma diversão necessaria á fermentação universal, uma carreira á revolução, um meio para o rei reassumir o poder apossando-se do exercito. Esperavam mudar o fanatismo da liberdade em fanatismo de gloria, e illudir o espirito do seculo enebriando-o pelas conquistas, em vez de o satisfazer por instituições.

Os deputados girondinos eram deste partido. Brissot inspirava-os. Lisongeados deste titulo de homens de estado, que já tomavam por vaidade, e que se lhes lançava por ironia, queriam justificar suas pertenções por um golpe de audacia que mudasse a scena e que desconcertasse ao mesmo tempo o rei, e o povo, e a Europa. Haviam estudado Machiavel; e olhavam o desdem do justo como uma prova de genio. Pouco lhes importava o sangue do povo, comtanto que cimentasse as suas ambições.

O partido jacobino, á excepção de Robespierre, pedia tambem a guerra em altos brados; o seu fanatismo illudia-os a respeito da sua fraqueza. A guerra para estes homens, era um apostolado armado, que ia propagar a philosophia social por todo o universo. O primeiro tiro de canhão disparado em nome dos direitos do homem devia abalar todos os thronos. Finalmente, um terceiro partido confiava na guerra: era o partido dos constitucionaes moderados. Lisongeavam-se dar alguma energia ao poder executivo, pela necessidade de concentrar a authoridade militar nas mãos do rei, no momento em que a nacionalidade fosse ameaçada. Toda a guerra extrema dá a dictadura ao partido que a faz. Esperavam para o rei e para elles esta dictadura da necessidade.

XIX. — Uma mulher ainda moça, mas já influente, prestava a este ultimo partido todo o prestigio da sua mocidade, do seu genio, e da sua paixão. Era a sr.ª de Stael. Filha de Necker, tinha aspirado a politica logo ao nascer. O salão de sua mãi fôra o senaculo da philosofia do decimo oitavo seculo. Voltaire, Rousseau, Buffon, d'Alembert, Diderot, Raynal, Bernardin de Saint-Pierre, e Con-

dorcet, haviam brincado com esta creança, e excitado os seus primeiros pensamentos. O seu braço fôra o da revolução. A popularidade de seu pai tinha-lhe acariciado seus labios, e deixava-lhes nelles uma sêde de gloria que nunca se apagou. Buscava essa gloria até nas tempestades populares, através a calumnia e a morte. O seu genio era grande, a sua alma pura, o seu coração apaixonado. Homem pela energia, mulher pela ternura, para a sua ideal ambição ser satisfeita, era myster que para ella o destino associasse n'um mesmo papel, o genio, a gloria e o amor.

A natureza a educação e a fortuna faziam-lhe possivel este triplece sonho d'uma mulher, d'um philosofo, e d'um heroe. Nascida n'uma republica, educada n'uma côrte, filha de ministro, mulher de embaixador, pertencendo ao povo pela origem aos homens de letras pelo talento, á aristocracia pelo sangue, os tres elementos da revolução nella se misturavam ou se combatiam. O seu genio era qual o choro antigo, onde todas as vozes do drama se confundiam n'um tempestuoso acorde. Pensador pela inspiração, tribuno pela eloquencia, mulher pelo atractivo, sua formosura invesivel á multidão, tinha necessidade da intelligencia para ser comprehendida, e da admiração para ser conhecida. Não era a belleza das feições e das formas, mas sim a inspiração visivel e a paixão manifestada. Attitude, gesto, metal de voz, olhar, tudo obdecia á sua alma para lhe compor o seu esplendor. Seus olhos pretos com tintas de fogo na menina delles, jorravam através suas compridas pestanas tanta ternura como altivez. Observava-se o seu olhar muitas vezes perdido no espaço, como se ahi devesse encontrar com a vista a inspiração que buscava. Este olhar, ingenuo e profundo como a sua alma, tinha tanta serenidade qual o relampago. Conhecia-se que o brilhantismo de seu genio era a reverberação de um foco de ternura no coração. Por isso havia um secreto amor na admiração que ella excitava, e ella mesma, na admiração só estimava o amor. O amor para ella não era mais que a admiração incitada.

Os acontecimentos amadurecem depressa. As idéas e as cousas haviam-se acelerado na sua vida, ella não tivera infancia. Na edade de vinte e dois annos tinha já a madureza do pensamento com a graça e a seiva dos annos juvenis. Escrevia como Rousseau, e fallava como Mirabeau. Capaz de concepções arrojadas e designios seguidos, podia conter ao mesmo tempo em si um grande pensamento e um grande sentimento. A' similhança das mulheres de Roma que agitavam a republica com o movimento de seu coração, ou que davam e retiravam o imperio com o seu amor, ella queria que sua paixão se continuisse com a sua politica, e que a elevação do seu genio servisse a elevar aquelle a quem amasse. Seu sexo vedava-lhe essa acção directa que a praça publica, a tribuna, ou o exercito concedem só aos homens nos governos de publicidade. Devia portanto ficar invisivel nos antecimentos que ella dirigia. Ser o destino velado d'um grande homem, operar pela sua mão, engrandecer na sua sorte, brilhar sob seu nome, era a unica ambição que lhe fôra permitida: ambição terna e dedicada que seduz a mulher assim como é sufficiente ao genio desinteressado. Ella não podia ser mais do que a consciencia e a inspiração d'um homem politico: procurou esse homem, e a sua illusão lhe fez crer que o tinha encontrado.

XX. — Havia então em Pariz um moço official general d'illustre raça, de belleza seductora, e espirito gracioso, docil e brilhante. Apesar de ter o nome d'uma das familias mais acreditadas na côrte uma nuvem parava sobre o seu nascimento, o sangue real corria-lhe nas veias; suas feições recordavam as de Luiz XV. A ternura das thias de Luiz XVI para com esta creança, educada debaixo das suas vistas, ligada ás suas pessoas, e pelo favoritismo dellas elevada aos mais altos empregos do exercito e da corte, fazia acreditar os surdos boatos.

Este mancebo era o conde Luiz de Narbona. Sahido de tal berço, creado nesta corte, cortesão de nascimento, estragado por estas mãos femininas, celebre sómente pela sua figura, pelas suas leviandades, e pelos seus ditos agudos, não se podia esperar de tal homem a fé ardente que precipita no seio das revoluções, e a energia estoica que as faz completar ou dirigil-as. Não tinha mais do que uma meia fé na liberdade. Não via no povo senão um soberano mais exigente e mais caprichoso do que os outros, para com o qual era myster desenvolver mais habilidade para o seduzir, e mais politica para o encaminhar. Sentia-se com a flexibilidade necessaria para este empenho: ousou tental-o. Desprovido de grande convicção, porém não de ambição e coragem, a conjuntura não era aos seus olhos senão um drama como a *fronda*, onde os actores mais habeis podiam engrandecer suas esperanças á proporção dos factos, e dirigir o desfecho. Ignorava que em revolução não ha mais do que um actor serio: a paixão. Não a tinha. Balbuciou as palavras da lingoa revolucionaria; tomou o traje do tempo, mas não lhe tomou a alma.

O contraste desta naturesa e deste papel, este favorito das côrtes arremeçando-se na multidão para ser a nação, esta elegancia aristocratica mascarada em patriotismo de tribuno, agradaram por um momento á opinião. Aplaudiu-se esta transformação como se aplaude uma difficuldade vencida. O povo lisongeava-se de ter por si os grandes senhores. Era um testimunho do seu poder. Sentia-se rei vendo os cortesãos em torno de si. Perdoava-lhes a jerarchia em troco das suas complacencias.

A snr.ª de Stael foi seduzida tanto no coração como no espirito, pelo sr. de Narbonna. Sua varonil e terna imaginação revestio o moço militar de tudo o que ella lhe desejava. Não era mais do que um homem brilhante, activo, e bravo; ella fez delle um politico e um heroe. Engrandeceu-o em todos os seus sonhos para elevol-o á altura do seu ideal. Alistou-lhe louvores, e cercou-o de um prestigio; creou-lhe um renome, e traçou-lhe um papel. Transformou-o no typo vivo da sua politica. Desdenhar a côrte, seduzir o povo, commandar o exercito, intimidar a Europa, arrastrar a assembléa pela sua eloquencia, servir a liberdade, salvar a nação, e vir a ser só pela sua popularidade, o arbitro do throno e do povo, reconcilial-os n'uma constituição ao mesmo tempo liberal e monarchica, tal era a prespectiva que ella abria para si mesma e para o sr. de Narbonna.

Encendiou a sua ambição aos seus pensamentos. Julgou se capaz destes destinos, porque os sonhava para elle. O drama da revolução reconcentrou-se nestas duas intelligencias, e a sua conjuração foi por algum tempo toda a politica da Europa.

A srn.ª de Stael, o sr. de Narbonna e o partido constitucional queriam a guerra; mas queriam uma guerra parcial e não uma guerra desesperada, que revolvendo a nacionalidade até aos seus fundamentos, arrebataria o throno e arrojaria a França na republica. Elles conseguiram, pela sua influencia, renovar todo o pessoal da diplomacia exclusivamente dedicado aos emigrados ou ao rei. Encheram as cortes estrangeiras com os seus parciaes. O sr. de Marbois foi enviado para junto da dieta de Rastibonna; o sr. Barthelemy para a Suissa; o sr. de Talleyrand para Londres, e o sr. de Segur para Berlim. A missão do sr. de Talleyrand era fazer fraternisar o principio aristocratico da constituição ingleza com o principio democratico da constituição franceza, que se julgava ser possivel contrabalançar ou moderar por uma camara alta. Esperava-se fazer interessar os homens de estado da Gram-Bretanha por uma revolução imitada da sua, que, depois de haver revolvido o povo, viesse abrandar-se na mão d'uma aristocracia intelligente. Esta missão era facil se a revolução se houvesse regularisado alguns mezes em Pariz. As idéas francezas tinham popularidade em Londres. A opposição era revolucionaria. Fox e Burke, amigos então, enthusiasmavam a opinião publica pela liberdade do continente. Deve fazer-se esta justiça á Inglaterra, que o principio moral e popular, occulto nas bases da sua constituição nunca se renegou a si proprio combatendo os esforços dos ou'ros povos a conquistarem um governo livre. Ella tem assimilhado a si a liberdade em toda a parte.

XXI. — A missão do sr. Segur em Berlim era mais delicada. Tratava-se de desligar o rei da Prussia da alliança com o imperador Leopoldo, a quem ainda se não julgava coroado, e arrastar o gabinete de Berlim a uma alliança com a França revolucionaria. Esta alliança pro-

mettia á Prussia, com a sua segurança sobre o Rheno, todo o ascendente das novas idéas na Alemanha. Era uma idéa machiavelica, que devia sorrir ao genio agitador do grande Frederico, que fizera da Prussia a potencia corrosiva do imperio.

Es as duas palavras: — seduzir e corromper, eram todas as instrucções do sr. Segur. O rei da Prussia tinha validos e amantes. Mirabeau havia escrito em 1785: « Não póde haver em Berlim segredos para o embaixador de França, mas sim falta de dinheiro e de hab lidade; este paiz é cubiçoso e pobre; não ha ahi segredo de Estado que se não possa comprar por tres mil luizes. » O sr. de Segur, imbuido destas idéas devia primeiro que tudo tratar de captar as duas favoritas. Uma era a filha de Elie Enka, musico da capella do defunto rei. Bella e espirituosa, havia atraído, na edade de doze annos, a attenção do rei, então principe real. Este, desde aquella edade tão tenra, tinha-a predestinado aos seus amores, e fizera-a educar com todo o cuidado e luxo d'uma educação real. Ella viajara por França e Inglaterra; sabia as linguas da Europa; tinha polido o seu genio natural ao contacto dos homens de letras e dos artistas da Alemanha. Um casamento simulado com Rietz, creado do quarto do rei, justificava a sua residencia na corte, e permittia-lhe reunir em roda de si tudo quanto Berlim tinha de homens superiores na politica e nas letras. Estragada por uma fortuna prematura, é descuidosa em a reter, deixára duas rivaes disputar-lhe o coração do rei. Uma, a moça condessa de Inglaterra, acabava de morrer na flor dos annos; a outra a condessa d'Ashkolf, havia dado dois filhos ao rei, e lisonjeava-se, debalde, arrancal-o ao imperio da sr.ª Rietz.

O barão de Roll, em nome do conde d'Artois, e o visconde de Caraman, em nome de Luiz XVI tinham-se apoderado de todas as avenidas deste gabinete. O conde de Goltz, embaixador da Prussia em Pariz, informou a sua corte do objecto da missão do sr. de Segur. Corria entre os homens melhor informados o boato de que este enviado levava alguns milhões destinados a pagar a fraqueza ou a traição do gabinete de Berlim.

Uma copia das instrucções secretas do sr. de Segur chegou a Berlim duas horas antes delle. Estas instrucções revellavam ao rei todo o plano das seducções e venalidades que o agente da França devia praticar com os seus validos e amantes; cujos caracteres, ambições, rivalidades, fraquezas verdadeiras ou suppostas, e os meios de operar por ellas sobre o espirito do rei, ahi estavam notados com a segurança da confiança. Havia uma tarifa para todas as consequencias, um preço para todas as perfidias. O ajudante de campo favorito do rei, Bischofweder, então mui poderoso, devia ser tentado com offertas irresistiveis, e no caso de se descubrir a sua connivencia, um explendido estabelecimento em França devia garantil-o de qualquer evantualidade.

Estas instrucções cairam nas mãos daquelles mesmos cuja fidelidade se mercadejava assim. Elles as entregaram ao rei com a segurança de consciencias odiosamente calumniadas. O rei córou do imperio que nelle attribuiam ao amor ou á intriga sobre a sua politica. Indignou-se de tentarem a fidelidade dos seus servidores. A negociação haviam por tanto baqueado antes da chegada do negociador. O sr. de Segur foi recebido com frieza e com a ironia do desprezo. Frederico Guilherme affectou não lhe fallar nas pessoas que o enviavam. Pedio em voz alta, diante delle, ao enviado do eleitor de Moguncia, noticias do principe de Condé. O enviado respondeu que este principe se avisinhava com o seu exercito das fronteiras da França: « Faz bem, disse o rei, porque está a ponto de lá entrar. » O sr. de Segur, costumado pela sua longa habitação e favor intimo na corte de Catharina a empregar o amor por medianeiro dos negocios, arrastou, segundo se diz a condessa d'Ashkof, e o principe Henrique da Prussia ao partido da paz. Porém isto mesmo foi um laço á sua negociação. O rei, combinando a sua conducta com o imperador, affectou algum tempo inclinar-se para a França lastimar-se das exigencias da emigração, e acariciar o embaixador. Este deu credito ás taes demonstrações, e tranquilisou o gabinete francez a respeito das intenções do rei da Prussia. Porém o repentino desfavor da condessa d'Ashkolf, e as offertas d'alliança com França injuriosamente repellidas, lançaram repentinamente a luz e a confusão nas tramas do sr. de Segur. Pedio a exoneração. A humilhação de ver os seus talentos malogrados, as esperanças do seu partido anniquiladas, a prespectiva das desgraças do seu paiz e da combustão da Europa levaram, diz-se, a sua tristeza até ao ponto de desespero. Correu noticia de que elle tentára contra os seus dias. Este suicidio quo falhou não foi mais do que um accesso de delirio occasionado por uma alteração d'espirito.

XXII. — Este mesmo partido tentou, tambem por esse mesmo tempo, conquistar para a França um soberano, cuja nomeada pesava tanto como um throno na opinião da Europa. Era o duque de Brunswick, discipulo do grande Frederico, herdeiro segundo se presumia da sua sciencia e das suas inspirações militares, e proclamado de antemão pela voz publica generalissimo na guerra futura contra a França. Arrebatar ao imperador e ao rei da Prussia este chefe dos seus exercitos era arrancar á Allemanha a confiança e a victoria.

O nome do duque de Brunswick era um prestigio que cobria a Alemanha d'uma especie de terror e inviolabilidade. A sr.ª de Stael e o seu partido tentaram-o. Esta negociação secreta foi concertada entre a sr.ª de Stael, os srs. de Norbonna, La Fayette e Tailleyrand. O sr. de Custine, filho do general do mesmo nome, foi o escolhido para transmittir ao duque de Brunswick os offerecimentos do partido constitucional. O moço negociador estava felizmente talhado para esta missão Espirituoso, seductor, instruido, fanatico de admiração pela tactica prussiana e pelo duque de Brunswick, cujas lições fôra aprender em Berlim, inspirava de antemão confiança a este principe. Levou-lhe o titulo de generalissimo dos exercitos francezes, com o soldo de tres milhões, e um estabelecimento em França equivalente ás suas possessões e á sua hierarchia no imperio. A carta que continha estas offertas ia assignada pelo ministro da guerra e pelo proprio Luiz XVI.

O sr. de Custine partio para Brunswick no mez de janeiro. Apenas chegou fez entregar a sua carta ao duque. Quatro dias se passaram antes de se lhe conceder audiencia. Ao quinto o duque admittio-o a uma audiencia particular. Expressou ao sr. de Custine, com uma franqueza verdadeiramente militar, o orgulho e o reconhecimento que lhe inspirava o valor que a França dava ao seu merecimento. « Porém, acrescentou elle, o meu sangue pertence á Alemanha, e a minha fé á Prussia. A minha ambição está satisfeita de ser a segunda pessoa desta monarchia que me adoptou. Não trocarei nunca por uma gloria aventureira sobre o theatro movel das revoluções, a alta e solida posição que o meu nascimento, o meu dever, e alguma gloria adquirida, me dão no meu paiz. » No fim desta conversação, o sr. de Custine, achando este principe inhabalavel, descubrio o seu ultimatum, deslumbrando-o com a eventualidade da corôa de França, se ella cahisse da fronte de Luiz XVI, e fosse levantada pelas mãos de um general victorioso. O duque pareceu deslumbrado, e despedio o sr. de Custine sem lhe desvanecer totalmente a esperança de acceder áquelle preço. O negociador partio triumphante. Com tudo algum tempo depois, o duque, ou por duplicidade, ou arrependimento ou prudencia respondeu com uma recusa formal a uma e a outra proposta. Dirigio a sua resposta a Luiz XVI, e não ao seu ministro, e este infeliz rei conheceu assim a ultima empreza do partido constitucional, e quão pouco segura tinha na cabeça uma corôa que já se offerecia em prespectiva á ambição de um inimigo.

LIVRO SEXTO.

I. — Taes eram as disposições reciprocamente ameaçadoras da França e da Europa, no momento em que a assembléa constituinte, depois de ter proclamado os principios, deixava a outros o cuidado de os defender e applicar. Era como o legislador que se recolhia ao seu

repouso para contemplar as suas leis em actividade. O grande pensamento da França abdicava, por assim dizer, com a assembléa constituinte. O governo cahia do alto entre as mãos da inexperiencia ou da paixão de um novo povo. De 29 de setembro ao 1.º de outubro, houve como uma mudança de reinado. A assembléa legislativa achou-se, neste dia, rente a frente com um rei sem autheridade, e acima de um povo sem moderação. Conheceu-se, logo na sua primeira sessão, a oscillação desordenada de um poder sem tradição nem contrapeso, que procura o seu equilibrio na propria prudencia, e que fluctuando entre o insulto e o arrependimento, a si mesmo se fere com a arma que lhe meteram na mão.

II. — Immenso povo tinha concorrido ás suas primeiras sessões. O aspecto externo da assembléa estava mudado. Quasi todos os cabellos brancos tinham desappa recido. Dir-se-ia que a França havia remoçado em uma noute. A expressão das phisionomias, as feições os gestos, os costumes, a attitude dos membros da assembléa não era as mesmas. Aquella altivez da nobreza franceza impressa no olhar, e sensivel nas maneiras, esta dignidade do clero e da magistratura, esta gravidade austera dos primeiros deputados do terceiro estado, haviam repentinamente cedido o logar aos representantes de um novo povo, cuja confusão e turbulencia mais d pressa annunciavam a invasão do poder, do que o habito e a posse do governo. Ahi se notava em multidão ou abundancia a extrema mocidade. Quando o presidente por idade, a fim de se formar a mesa provisoria, convidou a apresentarem-se os deputados que ainda não tivessem vinte seis annos completos, sessenta mancebos se amontoaram em roda da tribuna e se disputaram o logar de secretarios da assembléa. Esta juventude dos representantes da nação inquietava a uns, e alegrava a outros. Se, de uma parte, similhante representação nada offerecia desta madureza tranquilla e dessa authoridade do tempo, que os legisladores antigos buscavam nos conselhos dos povos; de outra parte este remoçamento repentino da representação nacional era como um symptoma do completo remoçamento das instituições Conhecia-se que esta nova geração havia rompido com todas as tradições, e todos os prejuizos da antiga ordem de cousas. Mesmo a sua idade era uma garantia. Ao inverso das civilisações já estabelecidas, em que se pede aos legisladores garantias pelos seus annos já passados, a estes se pediam dessem penhores ao futuro. A inexperiencia delles era um merito, a sua mocidade em juramento. Os templos tranquillos exigem velhos; as revoluções querem mancebos.

Apenas a assembléa foi constituida, logo o duplo espirito que ia disputar-se os actos — o espirito monarchico e o espirito republicano — se gladiaram, sob um frivolo pretexto, n'uma lucta pueril na apparencia, porém grave na essencia, e reciprocamente foram vencidos ou vencedores no correr de dous dias. A deputação que se apresentava ao rei para lhe participar que a assembléa estava constituida, relatou sua missão pela boca do deputado Ducastel, presidente da mesma commissão, nos seguintes termos: « Hesitámos na formula de linguagem, fallando ao rei tivemos receio de offender ou a dignidade nacional ou a dignidade real. Concordámos pois em dizer-lhe: « Senhor, a assembléa está constituida; e ella nos deputou para informar a vossa magestade. » Dirigimo-nos ás Tuilherias. O ministro das justiças veio informar-nos que o rei não nos podia receber senão hoje á uma hora. Pensavamos que a salvação da causa publica exigia que fossemos immediatamente admittidos, e insistimos. Então o rei nos mandou dizer que nos receberia ás nove horas. Fomos a essa hora. A quatro passos de distancia do rei, eu o saudei, e pronunciei as palavras convencionadas. O rei perguntou-me o nome dos meus collegas; respondi-lhe que os não conhecia. Iamos retirar-nos quando o rei nos deteve, dizendo-nos: « Não poderei ver-vos senão sexta feira. »

Uma surda agitação, que corria já pelas cadeiras da assembléa, rebentou com estas ultimas palavras. « Peço, exclamou um deputado, que se não empregue mais este titulo de magestade. — Proponho, accrescentou outro, que se regeite este titulo de *sire*, que é uma abreviação de *senhor*, e que reconhece uma soberania naquelle a quem o dão. — Proponho, disse o deputado Bequet, que não sejamos como os authomatos, estando sentados ou de pé, quando apraz ao rei estar em pé ou sentado. » Couthon ergueu a voz pela primeira vez, e suas primeiras palavras foram uma ameaça á realeza. — « Aqui não ha outra magestade senão a da lei e do povo, disse elle; não devemos deixar ao rei outro titulo mais que o de rei dos francezes! Retirai d'ahi essa cadeira escandalosa, esse assento dourado que lhe apresentaram na ultima vez que appareceu nesta salla: que elle se honre assentar-se na simples cadeira do presidente de um grande povo; que o ceremonial entre elle e nós seja o da igualdade; fiquemos em pé e descobertos quando elle estiver descoberto e em pé; fiquemos cobertos e sentados quando elle se assentar e cobrir. » « O povo, replicou Chabot, enviou-vos aqui para fazer respeitar a sua dignidade. Soffrereis que o rei vos diga: « Irei ás 3 horas? » Como se não podesseis levantar a sessão sem esperar por elle! »

Decretou-se que cada um se sentasse e se cubrisse na presença do rei. « Este artigo, observou *Garran de Coulon*, pode estabelecer uma especie de confusão na assembléa. Esta faculdade que deixa a uns mostrar altivez, e a outros idolatria — Tanto melhor, exclamou uma voz; se ha lisongeiros é preciso conhecel-os. » Decretou-se tambem que não houvesse na mesa da presidencia senão duas cadeiras iguaes postadas na mesma linha uma para o presidente, outra para o rei; finalmente que não se daria ao rei outro titulo senão o de rei dos Francezes.

III. — Estes decretos humilharam o rei, consternaram os constitucionaes, e agitaram o povo. Havia-se esperado a harmonia entre os poderes, ella quebrava-se apenas na estreia. A constituição tropeçava logo ao primeiro passo. Esta deposição de titulos parecia maior abatimento da realesa do que a deposição do seu poder absoluto. Não conservámos um rei senão para o entregar aos ultrages e sarcasmos dos representantes do povo? Uma nação que se não respeita no seu chefe hereditario, acaso se respeitará nos seus representantes eleitos? E' por via de semilhantes ultrajes que a liberdade se fará acceitar pelo throno? E' semeando taes ressentimentos no coração do rei que o faremos amar a constituição, e que se obterá a seu leal concurso para a manutenção dos direitos do povo, e salvação da nação? Se o poder executivo é uma realidade necessaria, é preciso respeital-o no rei; senão é mais do que uma sombra ou apparencia, ainda assim é preciso honral-a. Reuniu-se o conselho de ministros. O rei declarou com dissabor que não estava condemnado pela constituição a entregar, na sua pessoa, a magestade real aos insultos da assembléa, e que por tanto faria abrir a sessão do corpo legislativo pelos ministros.

Esta noticia que logo se divulgou em Paris, causou subita reacção nos espiritos. A assemblea ainda vacilante, ressentiu-se da repercussão. A popularidade, que tinha procurado, escapava-se-lhe da mão. Vergou por tanto. « Que resultou do decreto de hontem? disse o deputado Vosgieu na abertura da sessão de 6 de outubro. Esperanças novas dos inimigos do bem publico, a agitação do povo, a baixa do credito, e a inquietação geral. Tributemos ao representante hereditario do povo a parte que lhe pertence em os nossos respeitos. Não lhe deixemos acreditar que ha-de ser o ludibrio de cada legislatura que se abrir. E' tempo de lançar a ancora da constituição.

Vergniaud, o orador ainda desconhecido da Gironda, revelou, apenas soltou as primeiras palavras, esse caracter simultaneamente audacioso e indeciso que foi o typo da sua politica. Sua palavra fluctuava como a sua alma: Fallou por um partido, e concluio por outro. « Parece estarmos de acordo, disse elle, em que se o decreto é de policia interna pode executar-se immediatamente. Ora é evidente, para mim, que o decreto é de policia interna, porque não ha nelle relação d'authoridade entre o corpo legislativo e o rei. Portanto não se trata senão de simples attenções que se reclamam em favor da dignidade real. Não sei porque parece desejar-se o restabellecimento destes titulos de *Sire* (Senhor) e Magestade, que nos recordam o feudalismo. O rei de-

ve honrar-se do nome de rei dos Francezes. Pergunto se o rei vos pediu um decreto para regular o ceremonial da sua casa quando recebe as vossas deputações! Com tudo, para expôr francamente a minha opinião, penso que se o rei, em attenção á assemblea, se conservar em pé e descoberto, a assemblea, por attenção para com o rei, se conserve tambem em pé e descoberta.»

Herault de Sechelles pediu que o decreto fosse revogado. Champion, deputado pelo Jura, exprobou aos seus collegas empregarem as primeiras sessões em debates pueris. «Eu não temo a idolatria do povo por uma cadeira de ouro, mas o que receio é uma lucta entre os dois poderes. Vos não quereis as palavras *Sire* e Magestade; não quereis mesmo que se deem aplausos ao rei, como se fôra possivel prohibir ao povo as manifestações de reconhecimento quando o rei as tiver merecido! Não nos deshonremos, Senhores, por uma ingratidão criminosa para com a assemblea nacional, que conservou ao rei estes signaes de respeito! Antes de fixarem as prerogativas da liberdade, estabeleceram os direitos do povo. Foi á nação que se honrou na pessoa do seu representante hereditario. Foi ella que, depois de ter creado a realesa, a revestiu de um brilhantismo, que remonta á sua origem, e reverbera sobre ella.

O presidente da deputação enviada ao rei, *Ducastel*, fallou no mesmo sentido. Mas tendo-se servido, por inadvertencia, da palavra soberano, designando o rei, e acrescentando que o poder legislativo residia na assembléa e no rei, esta blasfemia e esta heresia involuntaria excitaram um terrivel tumulto na salla. Qualquer palavra mal soante parecia uma intenção contra-revolucionaria. Estava-se tão pronimo de precipicio que a cada passo se temia resvallar nelle. O povo era como um liberto da vespora ao qual o menor som de cadeias fazia estremecer. Comtudo o decreto humilhante para a magestade real foi reconsiderado. Esta rectractação foi recebida com transporte pelos realistas e pela guarda nacional. Os constitucionaes viram nisto o auguro de uma renascente harmonia entre os poderes do estado. O rei vio o triumpho de uma fidelidade mal extincta, que revivia nos corações á mais pequena tentativa de ultraje contra a sua pessoa.

Todos se enganavam: isto não passava de ser um movimento de generosidade succedendo a um movimento de rudesa, ou a hesitação do povo que senão atreve a quebrar do primeiro golpe, o que por largo tempo adorou.

Comtudo os realistas abusavam, nos seus jornaes, deste regresso á moderação: «A revolução é covarde, exclamavam elles; é porque ella se conhece fraca. Este sentimento da sua fraqueza é uma derrota antecipada. Vede como, dentro em dois dias, ella se deu a si propria um vergonhoso desmentido! Toda a authoridade que se abranda está perdida, a não ser que tenha a arte de mascarar a retirada, recuar a passos lentos e insensiveis, e fazer esquecer suas leis mais depressa do que rectractal-as. A obdiencia não tem senão duas molas: o respeito e o temor. Ambas se despedaçam ao mesmo tempo por uma retrogradação repentina, e violenta como esta da assembléa. Pode acaso respeitar-se ou temer-se um poder que verga no susto da sua propria audacia? A assembléa abdicou não terminando tudo o que emprehendeu. A revolução que não avança recua, e o rei está vencedor sem haver combatido.»

Por outro lado o partido revolucionario, reunido á noute nos *jacobinos*, deplorava a sua derrota, recriminava e accusava todos. «Vêde diziam os oradores que trabalho subterraneo se fez n'uma noute! que victoria da corrupção e do medo! Os membros da antiga assembléa, misturados na sala com os novos deputados, sopravam ao ouvido de seus successores todas as condescendencias que os deshonravam. Espalhados, de tarde, depois da sessão, por entre os gropos do *Palais-Royal*, semearam o alarme, fallaram de segunda evasão do rei, prognosticaram a desordem e a anarchia e fiseram timorato este povo de Pariz, que prefere a sua fortuna privada á liberdade publica, e teme a desapparição da confiança, a escassez do numerario, a baixa dos fundos publicos. Acaso esta raça venal resiste a taes argumentos?»

No dia seguinte a alma de Pariz respirava inteira na actitude e nos discursos da assembléa. «Quando se abrio a sessão eu me coloquei, disse um jacobino, entre os deputados que conversavam nos meios de se obter a revogação. Disse-lhes que o decreto tinha sido votado na vespora quasi por unanimidade, e que parecia impossivel contar-se com uma tão repentina e escandalosa mudança da opinião publica. — Contamos com a maioria, responderam elles. Deixei então aquelle logar e fui para outro. Ouvi o mesmo assumpto. Refugiei-me então nesta parte da salla que foi por tanto tempo o santuario do patriotismo. Os mesmos discursos, a mesma apostasia. A noite tinha comprado todos. A prova de que o lavor da corrupção se havia concluido antes da deliberação, é que todos os oradores que fallaram contra os decretos tinham na mão os seus discursos escriptos! De que procede esta surpresa dos patriotas? E' porque os membros puros da legislatura não se conhecem entre si; de ainda não se haverem encontrado e contado aqui. Verdade é que lhes abriste as vossas portas, e elles aqui vieram para examinar o vosso posto e sondar vossas forças; mas não se filiaram ainda, e não beberam por tanto na nossa frequentação e nos vossos discursos esta confiança e este patriotismo que são a segunda alma do cidadão!»

O povo que aspirava ao repouso depois de tantos dias de agitação que tinha falta de trabalho, de dinheiro e de pão; intimidado alem disto pela aproximação do um terrivel inverno, vio com indifferença a tentativa e a retractação da assembléa. Deixou impunemente ultrajar os deputados que haviam sustentado os decretos. Goupilleau, Couthon, Basire, Chabot, foram ameaçados mesmo no seio da assembléa pelos officiaes da guarda nacional. Tomai cautella com vosco! lhes diziam estes soldados do povo ganhos ao throno. Não queremos que a revolução dê um passo. Conhecemo-vos, e teremos os olhos fixos em vós, com as nossas baionetas vos faremos em pedaço! Estes deputados, apoiados por Barrére, vieram denunciar estes ultrajes ao club dos jacobinos; mas ninguem se commoveu fora da salla, e não obtiveram alli senão estereis indignações.

IV. — O rei, tranquilisado por estas disposições do espirito publico, foi no dia 7 á assemblea. Sua presença foi o signal de unanimes acclamações. Uns aplaudiam nelle o rei; outros, no rei aplaudiam a constituição. Ella inspirava então um fanatismo real naquella massa inerte que não julga as cousas senão pelas palavras, e que acredita indistructivel tudo o que a lei proclama sagrado. Não se contentaram só com bradar: Viva o rei! gritavam tambem: Viva Sua Magestade! As acclamações de uma parte do povo vingaram-se das offensas da outra parte, e fasiam assim reviver estes titulos que um decreto havia tentado annular. Até se oplaudia a reinstallação da cadeira real ao lado da do presidente. Parecia aos realistas que esta cadeira era um throno em que a nação reassentava a monarchia. O rei fallou em pe e descoberto. O seu discurso foi tranquilisador para os espiritos, e enternecedor para os corações. Se não havia nelle o acento de enthusiasmo, havia comtudo o accento da boa fé. «Para que os nossos trabalhos, disse elle, produzam o bem que se deve esperar, é mister que entre o corpo legislativo e o rei haja constante harmonia e inalteravel confiança. Os inimigos do nosso socego buscam desunir-nos; mas que o amor da patria nos una e que o interesse publico nos torne inseparaveis! Assim o poder publico se desenvolverá sem obstaculo; a administração não será atormentada por vãos terrores; as propriedades e crença de cada individuo serão igualmente protegidas. Não restará mais a ninguem pretexto para viver fora de um paiz onde as leis estarão em vigor, e onde todos os direitos seram respeitados.» Esta allusão aos emigrados, e este apello indirecto aos irmãos do rei fizeram percorrer em todos um sobresalto de alegria e de esperança.

O Presidente Pastoret, constitucional moderado, homem agradavel simultaneamente ao rei e ao povo, por

que com as doutrinas do povo alliava a habilidade do Diplomáta e a linguagem da constituição, respondeu: « Sire, a vossa presença no meio de nós é um novo juramento que prestais á patria. Os direitos do povo estavam esquecidos, e confundidos todos os poderes. Nasceu uma constituição, e com ella a liberdade franceza: deveis amal-a como cidadão, como rei deveis mantel-a e defendel-a. Longe de abalar o vosso poder, ella o consolida. Deu-vos amigos em todos aquelles que outro tempo se chamavam vossos vassallos. Tendes necessidade de ser amado dos Francezes! dizieis vós ha alguns dias neste templo da patria. E nós temos igualmente necessidade de ser amados por vós. A constituição vos fez o primeiro monarcha do mundo, o vosso amor por ella hade colocar a Vossa Magestade na classe dos reis mais queridos. Fortes pela nossa união, sentiremos bem depressa a sua influencia salutar. Aperfeiçoar a legislação, reanimar o credito publico, comprimir a anarchia tal é o nosso dever, taes são nossos votos, taes são os vossos, Senhor; as bençãos dos francezes serão delles a recompença. »

Este dia abriu á esperança o coração do rei e da rainha. Acreditaram ter encontrado um povo: a revolução julgou ter encontrado o seu rei. As recordações de Varennes parecêram esquecidas A popularidade teve uma dessas aragens de um dia que purificam por um instante o céo, e que enganam mesmo aquelles que tem aprendido bem a desconfiar dellas. A familia real quiz gozar della, e fazel-a gozar tambem ao delfim e á princesa. Estas duas creanças não conheciam do povo senão a colera; não tinham visto a nação senão atravez das baionetas do 6 de outubro, sob os andrajos da sedição, ou na poeira da volta de Varennes. O rei queria que elles a vissem no socego e no seu amor, porque elle creava seu filho para amar este povo, e não para vingar suas offenças. No seu supplicio de todos os dias o que mais o fazia soffrer, eram menos as suas proprias humiliações, do que a ingratidão e as afrontas do povo. Não o conhecer bem a nação era para elle mais cruel do que ser perseguido por ella. Um momento de justiça que lhe fazia a opinião publica varria-lhe da memoria dois annos de ultrajes· Foi á noite ao theatro italiano com a rainha, a princesa Isabel, e seus filhos. As esperanças do dia, suas palavras da manhãa, suas feições cheias de confiança e bondade, a belleza das duas princezas, a graça infantil das creanças, produsiram nos espectadores uma dessas impressões onde a piedade vae de envolta com o respeito, e onde o enthusiasmo embrandece o coração até ao ponto de enternecimento.

A salla do espectaculo ressoou repetidamente com applausos, e algumas vezes com suspiros e soluços. Todos os olhos voltados para o camarote real, pareciam querer dirigir ao rei e ás princesas mudas reparações de tantos insultos. A multidão nunca resiste á vista de creanças: Em todas as multidões ha mães. O *delfim*, creança encantadora, sentado nos joelhos da rainha, e absorto completamente na representação dos actores, repetia candidamente o gesto delles a sua mãi, como para lhe fazer comprehender a peça. Este socego descuidoso da innocencia entre duas tempestades, estes brinquedos de creança junto de um throno tão prestes a transformar-se em cadafalço, estas espansões do coração da rainha por tanto tempo cerrado a todas as alegrias e á segurança, tudo isto fazia assomar lagrimas aos olhos de todos as pessoas presentes. O proprio rei as derramou tambem. Ha nas revolluções certos momentos em que a multidão ainda a mais irritada se dulcifica e compadece. E' quando em si escuta a natureza e não a politica; é quando em vez de se julgar povo, se sente homem! Pariz, nessa occasião teve um desses instantes. Durou pouco.

V. — A assembléa tinha pressa de receber a paixão publica, que um passageiro enternecimento lhe arrebatava. Envergonhava-se já da sua moderação de um dia, e buscava projectar novas sombras entre o throno e a nação. Um partido que ella continha no seu seio, bastante numeroso, queria impellir as cousas para as suas consequencias, e dar tensão ao estudo politico a ponto de o rebentar. Este partido carecia para isso de agitação; o socego não convinha aos seus designios. Tinha ambições elevadas como seus talentos, ardentes como sua mocidade, impacientes como a sêde da sua situação. A assembléa constituinte, composta de homens maduros, considerados no Estado, classificados na hierarchia social, só tivera a ambição das idéas da liberdade e da gloria; a nova assembléa tinha a da reputação, da fortuna, e do poder. Composta de homens obscuros, pobres e desconhecidos, aspirava a consquistar tudo quanto lhe faltava.

Este ultimo partido, do qual Brissot era o publicista, Pethion a popularidade, Vergniaud o genio, e corpo o partido dos girondinos, entrava então em scena com a audacia e a unidade de uma conjuração. Era a burguezia triumphante, invejosa, inquieta, eloquente, a aristocracia do talento querendo conquistar e explorar para ella só a liberdade, o poder, e o povo. A assembléa compunha-se em porções desiguaes de tres elementos: os constitucionaes, partido da liberdade aristocratica, e da monarchia moderada; os girondinos, partido do movimento continuado até que a revolução cahisse nas suas mãos; os jacobinos, partido do povo e da philosophia em acção; o primeiro, transacção e transição; o segundo, audacia e intriga; o terceiro, fanatismo e dedicação. Destes dos ultimos partidos, o mais hostil ao rei não era o partido jacobino. Destruida a aristocracia e o clero, este partido não tinha repugnancia ao throno; possuia em alto gráo o instincto da unidade do poder: não foi elle que pediu primeiro a guerra, e que pronunciou a palavra republica; mas foi o primeiro a pronunciar muitas vezes a palavra dictadura· A palavra republica pertence a Brissot e aos girondinos. Se estes, quando chegaram á assembléa, se tivessem unido ao partido constitucional para salvar a constituição moderando a, e a revolução não a impellindo á guerra, teriam salvo o seu partido e dominado o throno. A honestidade que faltava ao seu chefe, faltou ao comportamento delles; a intriga arrastou-os. Fizeram-se os agitadores de uma assembléa da qual podiam ser os homens de Estado. Não tinham fé na republica, e simularam a convicção. Em revolução os papeis sinceros são os unicos capazes. E' bello morrer victima da sua fé, e triste morrer victima da sua propria ambição.

VI. — Tres causas de desordem agitavam os espiritos no momento em que a assembléa se encarregava dos negocios: o clero, a emigração e a guerra imminente.

A assembléa constituinte commettera uma grande falta parando em meia medida na reforma do clero em França. O proprio Mirabeau afrouxára nesta questão. A revolução não era, na essencia, senão a insurreição legitima da liberdade politica contra o dominio legal do catholocismo, convertido em constituição politica. A constituição havia emancipado o cidadão; era preciso emancipar o fiel, e arrancar ao estado as consequencias para as restituir a si proprias, á razão individual e a Deus. Era o que pretendia a philosophia, que é a expressão racional do genio.

Os philosophos da assembléa constituinte recusaram antes as difficuldades desta obra. Em vez de uma emancipação, fizeram uma transacção com o poder do clero, as influencias temidas da côrte de Roma e os habitos inveterados do povo. Contentaram-se com relaxar o laço que prendia o Estado á Igreja: seu dever era desatal-o. O throno estava encadeado ao altar; quizeram ligar o altar ao throno. Não era isto mais do que deslocar a tyrannia: fazer opprimir a consciencia pela lei, em logar de fazer opprimir a lei pela consciencia.

A constituição civil do clero foi a expressão desta falsa situação reciproca. O clero foi despojado destas dotações em bens inalienaveis que decimavam a propriedade e a população em França. Tiraram-lhe seus beneficios, suas abbadias, seus dizimos, feudalidade do altar. Recebeu em troca uma dotação em ordenados tirados dos impostos. Como condição deste pacto, que deixava ao clero funccionario uma existencia, uma influencia, e um pessoal poderoso de ministros do culto pagos pelo Es-

tado, exigiu-se-lhe que prestassem juramento á constituição. Esta constituição continha artigos que attentavam contra a supremacia espiritual, e contra os previlegios administrativos da côrte de Roma: o catholicismo inquietou-se, e protestou Offenderam-se as consciencias. A revolução, até alli exclusivamente politica, se transformou em scisma para uma parte do clero e dos fieis. Entre os bispos e entre os padres, uns prestaram o juramento civil que lhes garantia sua existencia; outros recusaram-o; ou depois de o haver prestado, retractaram-o. Dahi *seguiu-se* a perturbação nos espiritos, a agitação nas consciencias, a divisão nos templos. A maior parte das parochias tiveram dois ministros: um padre constitucional, pago e protegido pelo governo; outro, refractario, recusando o juramento, privado da pensão, expulso da igreja, e levantando altar contra altar, n'alguma capella clandestina ou no meio do campo. Estes dois ministros do mesmo culto reciprocamente se excommungavam; um em nome da constituição, outro em nome do papa e da igreja. A população partilhava-se entre elles segundo o espirito mais ou menos revolucionario da provincia. Nas cidades e nos districtos mais esclarecidos o culto constitucional exercia-se quasi que sem se dividir. Nos campos e nos departamentos retrogrados, o sacerdote não ajuramentado se transformava n'um tribuno sagrado, que do pé do altar, ou do alto do pulpito, agitava o povo, e lhe insuflava, com o horror ao sacerdocio constitucional e scismatico, o odio ao governo que o protegia. Não era ainda nem a perseguição, nem a guerra civil, porém eram de certo os seus preludios.

O rei havia assignado com repugnancia, e como constrangido, a constituição civil do clero; mas tinha-o feito unicamente como rei, reservando a sua liberdade e a fé da sua consciencia. Era christão e catholico em toda a simplicidade do Evangelho, e em toda a humildade da obdiencia á greja. As exprobrações que rece bera de Roma, por haver ratificado por sua fraqueza o shisma em França, laceraram sua consciencia e agitavam lhe o espirito. Não tinha cessado de negociar officialmente ou secretamente com o papa, para obter do chefe da Igreja ou uma indulgente concessão ás necessidades da religião em França, ou uma prudente contemporisação. Só a este preço é que elle podia recobrar a paz de sua alma. Roma inexoravel não lhe concedêra mais que a sua compaixão. Bullas fulminantes circulavam pelas mãos dos sacerdotes não ajuramentados, por cima da cabeça das povoações, e só paravam aos pez do throno. O rei temia vel-as rebentar tambem um dia sobre a sua propria cabeça.

Por outro lado, conhecia a nação, da qual era o chefe legal, lhe não perdoaria sacrifical-a aos seus escrupulos religiosos. Collocado assim entre as ameaças do Céo e as ameaças do seu povo, addiava com todos os esforços possiveis as condemnações de Roma ou as resoluções da assembléa. A assembléa constituinte havia comprehendido esta anciedade da consciencia do rei e os perigos da perseguição. Dera tempo ao rei, e longanimidade ás consciencias; não tinha posto mão na fé do simples fiel A todos era livre orar com o sacerdote da sua escolha O rei fôra o primeiro a usar desta liberdade; e não abrio a sua capella das Tuilerias ao culto constitucional. A escolha do seu confessor indicava assaz a da sua consciencia. O homem protestava nelle contra as necessidades politicas a que se sugeitava como rei: Os girondinos queriam obrigal-o a pronunciar-se. Se lhes cedesse perdia a sua dignidade; se lhes resistisse, perdia os ultimos restos da popalaridade. Constrangel-o a decidir-se era um beneficio para os girondinos.

A paixão publica servia os designios destes. As desordens religiosas principiaram a tomar um caracter politico. Na antiga Bretanha os sacerdotes ajuramentados transformaram-se em objecto. do horror do povo. As suas orações passavam por maldições. Fugia-se do contacto delles. Os padres refractarios continuavam na direcção dos seus rebanhos. Viam-se ajuntamentos de muitas mil almas seguirem, no domingo, o seu antigo pastor, e irem buscar nas capellas situadas a duas ou tres legoas das habitações, ou nas ermidas mais retiradas, santuarios que não estivessem manchados pelas ceremonias do culto constitucional. Em Caen, o sangue corrêra na propria cathedral, onde o padre refractario disputára o altar ao padre ajuramentado. As mesmas desordens ameaçavam propagar se em todo o reino. Por toda a parte dois pastores, e um rebanho dividido. Os odios, que chegavam já até aos insultos, deviam dentro em pouco avançar até ao sangue. A metade do povo, inquieto na sua fé, voltava-se para a aristocracia por amor ao seu culto. A assembléa podia alienar-se deste modo o elemento popular, que a fizera triumphar da realesa. Era necessario provêr a este perigo inesperado.

Não havia senão dois meios de apagar este incendio no seu foco: ou uma liberdade de consciencias fortemente mantida pelo poder executivo, ou a perseguição contra os ministros do antigo culto. A assembléa indecisa fluctuava entre estes dois partidos. A discussão a este respeito abrio-se sobre um relatorio de Gallois e Gensonné, enviados como commissarios civis aos departamentos do oeste, para ahi estudarem as causas da agitação, e o espirito do povo. *Fauchet*, padre ajuramentado, pregador celebre, e depois bispo constitucional de Calvados, foi o primeiro que tomou a palavra. Era um desses homens que, sob as vestes ecclesiasticas occultava o coração de um philosofo. Innovadores por espirito, padres por estado, conhecendo a contradição profunda entre suas opiniões e caracteres, uma religião nacional, um christianismo revolucionario, era o unico meio que lhes restava para conciliarem seu interesse e sua politica. Sua fé toda academica, não era senão uma conveniencia religiosa. Elles queriam trasformar insensivelmente o catholicismo em codigo de moral, onde o dogma não fosse mais do que um symbolo contendo para o povo santas verdades, e que despojado cada vez mais das ficções sagradas, fez esse passar insensivelmente o espirito humano a um dogma symbolico, cujo o templo só fosse o pulpito, e o Christo não fosse tambem mais do que o Platão divinizado. Fauchet tinha o animo atrevido de um sectario, e a intrepidez de um homem de resolução.

VII. — « Accusam-nos de querer perseguir. Calumniam-nos. Nada de perseguição. O fanatismo é avido della, a verdadeira religião repelle-se, a philosophia tem-lhe horror. Evitemos prender os refractarios, exital-os, e até mesmo removel-os. Que pensem, digam e escrevam contra nós o que quizerem. Opporemos os nossos pensamentos aos seus, nossas verdades a seus erros, nossa charidade a seu odio. O tempo fará o resto. Mas em quanto esperamos este infallivel triumpho, é preciso buscar um meio efficaz e prompto para os impedir de sublevarem os espiritos fracos, e excitar a contra revolução. Sim uma contra revolução! Isto, senhores não é uma religião, porque o fanatismo não é competivel com a liberdade. Vede antes os ministros. Elles queriam nadar no sangue dos patriotas. Taes são as suas expressões. Em comparação com estes padres, os atheos são anjos (*applausos*): Comtudo repito, toleremol-os, mas não lhe paguemos. Não lhes paguemos para dilacerar a patria. E' unicamente a esta medida que nos devemos limitar. Supprimi as pensões do throno nacional aos padres não ajuramentados. Nada se lhes deve senão a titulo de serviço á igreja. Que serviço lhe fazem elles? Invocam as ruinas das nossas leis. Dizem que seguem a sua consciencia! Será conveniente estipendiar consciencias que os impellem até aos mais execrandos crimes contra a nação! A nação tolera-os; não será bastante! Invocam o artigo da constituição que diz: « As pensões dos ministros do culto catholico fazem parte da divida nacional. » São elles ministros do culto catholico? O estado reconhece outro catholicismo além do seu? Se querem praticar outro, livres sejam e mais os seus sectarios! A nação tolera todos os cultos, porém só paga a um. E que fortuna para a nação libertar-se de trinta milhões de renda, que paga loucamente aos seus mais implacaveis inimigos (*bravos!*) Do que servem estas falanges de padres que abjuraram o seu ministerio

estas legiões de conegos e frades, estas cohortes de abbades, priores, beneficiados de toda a especie, que não eram em outro tempo notaveis senão por sua affectação, inutilidade, intrigas, e vida licenciosa, O que hoje sómente o são pelo seu activo furor, conspirações, e odio implacavel á revolução? Porque motivo pagaremos nós a este exercito da escravidão com os fundos da nação? Que fazem elles? Pregam a emigração, exportam o numerario, e fomentam as conjurações contra nós, dentro e fóra do paiz. Ide, dizem elles aos nobres, combinai com os estrangeiros vossos meios de ataque; que tudo nade em sangue, comtanto que recuperemos os nossos previlegios! Eis a sua igreja! Se o inferno tivesse uma sobre a terra, era assim que ella falaria. Quem ousará dizer que se deve subsidial-a?...»

Torné, bispo constitucional de Bourges, respondeu ao abbade Fauchet, como Fenelon responderia a Bossuet. Demonstrou que na boca do seu adversario a tolerancia tinha o seu tanto de fanatismo e crueldade: « Propõe-se-vos remedios violentos a malles que a colera só póde irritar; é uma condemnação á fome que se pede contra os nossos irmãos não ajuramentados. Simples erros religiosos devem ficar estranhos ao legislador. Os padres não são culpados, são transviados. Quando a vista da lei cai sobre estes erros da consciencia, ella envenena-os; o melhor meio de os curar é não os ver. Punir com o supplicio da fome simples e innocentes erros, seria um opprobrio em legislação, um horror em moral; o legislador deixa a Deus o cuidado de vingar a sua gloria se elle a julga violada por um culto indecente. Quererieis vós em nome da tolerancia, restabelecer uma inquisição que nem ao menos teria, como a outra, a escusa do fanatismo? Que, senhores, transformarei em proscriptores arbitrarios os fundadores da liberdade? Sentenciareis, ordenareis desterros e prizões em massa contra homens, entre os quaes se ha culpados, ha ainda mais innocentes! Os crimes não são individuaes, e o homem será culpado por cathegoria: mas embora fossem elles todos, e todos culpados no mesmo grão, terieis vós a crueldade de ferir ao mesmo tempo esta multidão de cabeças, quando em caso igual os despotas ainda os mais cruei se contentam em dizimar? Que tendes portanto a fazer? Só uma cousa: ser consequentes, e fundar pela tolerancia a liberdade pratica, a coexistencia pratica dos differentes cultos. Porque não disfructarão os nossos irmãos a faculdade de adorar, ao lado de nós, o mesmo Deus, no entanto que em as nossas cidades, onde nós lhes recusamos o direito de celebrar os santos mysterios, permittimos aos pagões celebrem os mysterios d'Pses, e de Osiris, ao mahometano invoque seu profeta, e ao rabbino offereça os seus holocaustos! Até onde, me direis vós, chegará essa estranha tolerancia? e até onde, direi eu a meu turno, levareis o arbitrio e a perseguição? Quando a lei tiver regulado as relações dos actos civis, o nascimento, o casamento, as sepulturas com os actos religiosos por via dos quaes o christão os consagra, quando a lei permittir sobre os dois altares o mesmo sacrificio, porque inconsequencia não deixará ella correr a virtude dos mesmos sacramentos? Estes templos, dirme-hão ainda, serão os conciliabulos dos facciosos! Sim, se elles forem clandestinos como os perseguidores querem fazel-o mas se estes templos forem abertos e livres, o olho da lei ahi penetrará como por toda a parte; não será a fé, mas sim o crime que ella ahi vigiará, e alcançará: e que temeis? O tempo é por vós: esta classe de não ajuramentados extinguir-se-ha sem se renovar: um culto assalariado por individuos e não pelo Estado tende constantemente a enfraquece ; ao menos as facções no principio animadas pela diversidade das crenças por fim moderam-se conciliam-se na liberdade. Vede a Alemanha! Vede a Virginia, onde os cultos oppostos se emprestam mutuamente os mesmos santuarios, e onde as seitas differentes fraternisam no mesmo patriotismo! Eis o que se deve fazer: é preciso inundar gradualmente o povo destes principios. A luz deve ser o grande percursor da lei. Deixemos ao despotismo preparar pela ignorancia os escravos cumprirem suas ordens.

o enthusiasmo da honestidade vencia as tendencias do seu partido, pediu a impressão deste discurso. Sua voz perdeu-se no meio dos applausos e dos sussurros, testemunho da indicisão e parcialidade dos espiritos. Fauchet replicou na seguinte sessão, e demonstrou a connexidade das perturbações civis e das querellas religiosas. » Os padres, disse elle, são uma tyrannia desapossada que ainda conserva nas consciencias os fios mal quebrados do seu poder. E' uma facção irritada, e não desarmada! E' a mais perigosa das facções. »

Gensonné fallou como homem de Estado, e aconselhou a tolerancia para com os padres conscienciosos, a repressão severa, mas legal, para com os padres perturbadores. Durante esta discussão os correios que vinham dos departamentos traziam diariamente noticias de novas desordens. Em toda a parte os padres constitucionaes eram insultados, expulsos, assassinados ao pé dos altares; as igrejas dos campos, fechadas por ordem da assembléa nacional, eram arrombadas a golpes de machado; os padres refractarios ahi penetravam, conduzidos pelo fanatismo do povo. Tres cidades estavam sitiadas, e a ponto de serem incendiadas pelos habitantes dos campos. A guerra civil parecia preludiar a contra-revolução. «Eis, exclamou *Isnard*, onde vos conduz a tolerancia e a impunidade que vos pregam! »

Isnard, deputado da Provença, era filho de um perfumista de Grasse. Seu pai havia-o educado para as letras, e não para o commercio. Na antiguidade grega e romana havia elle feito o estudo da politica. Tinha na alma o idéal de um Gracho, tinha coragem no coração, e accento na voz. Muito moço ainda, a sua eloquencia participava da ebulição do seu sangue: sua palavra não era o fogo da sua paixão, colorida por uma imaginação do meio dia; sua linguagem precipitava-se como as pulsações rapidas da impaciencia. Era o arrojo revolucionario personalisado. A assembléa seguia-o anciosa, e chegava com elle ao furor antes de chegar á convicção. Os seus discursos eram odes magnificas que elevavam a discussão até ao lyrismo e o enthusiasmo até á convulsão; os seus gestos casavam-se melhor com a tripode do que com a tribuna. Era o Danton da Gironda, da qual *Vergniaud* devia ser o Mirabeau.

IX. — Era a primeira vez que fallava na assembléa. « Sim, disse elle, eis onde vos conduz a impunidade; ella sempre a origem de grandes crimes, e hoje é a unica causa da desorganisação social, em que nos achâmos. Os systemas de tolerancia que se vos propõe, sejam bons para tempos tranquillos; mas deverá acaso tolerar-se aquelles que não toleram nem a constituição nem as leis? Será unicamente quando o sangue francez tingir em fim as ondas do mar que então conheceeis os perigos da indulgencia? E' tempo que tudo se submetta á vontade da nação; que as tiáras, os diademas, e os turibulos cedam emfim ao sceptro das leis. Os factos que se acabam de expôr não são mais do que o preludio do que vai succeder no resto do reino. Considerai as circumstancias destas desordens, e vereis que são o effeito d'um systema desorganisodor coévo com a constituição. Este systema nasceu alli (apontou para o lado direito). Está sanccionado na côrte de Roma Não é um verdadeiro fanatismo o que temos a desmascarar; é a hypocrisia! Os padres são perturbadores privilegiados que devem ser punidos com penas mais severas do que os simples particulares. A religião é um instrumento muito poderoso. O padre, disse Montesquieu, apodera-se do homem no berço e acompanha-o até ao tumulo. E' para admirar que elle tenha tanto imperio sobre o espirito do povo, e seja preciso fazer leis para que, sob pretexto de religião, não perturbe a paz publica? Ora qual póde ser esta lei? Sustento que não ha só uma efficaz: é o desterro para fóra do reino (as tribunas cobrem estas palavras de applausos) Não vedes que é preciso separar o padre faccioso do povo a quem elle transvia, e enviar estes empestados para os lazaretos de Italia e de Roma! Dir-me-hão que esta medida é muito severa. Como! Estais pois cegos e surdos a tudo que se passa! Ignorais que um padre póde fazer mais mal de que to-

VIII. — *Ducos*, moço e generoso girondino, no qual dos os vossos inimigos! Respondem que não; convém

perseguir! Replico que punir não é perseguir. Respondo tambem áquelles que repetem o que ouvi dizer aqui ao abbade Maury — que nada ha mais perigoso do que fazer martyres; que tal perigo não existe senão quando ferirdes os fanaticos de boa fé ou os homens verdadeiramente santos, que pensam que o cadafalso é a escada para o céo. Aqui não se dá este caso: porque se existem padres que de boa fé reprovam a constituição, esses não perturbam a ordem publica. Aquelles que a perturbam são os homens que não choram sobre a religião senão para recobrarem seus perdidos privilegios; são estes que é necessario punir sem piedade, e de certo não receies augmentar por isso a força dos emigrados. Bem se sabe que o padre é covarde, e tão covarde quanto vingativo; que elle não conhece outra arma senão a da superstição, e que se costumou a combater na arena mysteriosa da confissão, sendo nullo em qualquer outro campo de batalha. Os raios de Roma extinguir-se-hão no escudo da liberdade. Os inimigos da vossa regeneração não se cançarão; não se cançarão de crimes em quanto lhe deixardes os meios. E' preciso que os vençais ou sejais vencidos por elles. Quem não vê as cousas assim está cego. Abri a historia; vereis os inglezes sustentarem durante cincoenta annos uma guerra desastrosa para defenderem a sua revolução. Vereis na Hollanda correrem ondas de sangue na guerra contra Filippe de Hespanha. Quando, em os nossos dias, os Philadelphos quizeram ser livres, não visteis immediatamente a guerra nos dois mundos? Haveis sido testimunhas das recentes desgraças de Brabante. E julgais que a vossa resolução que arrebatou ao despotismo o seu sceptro, á aristocracia seus privilegios, á nobresa seu orgulho, ao clero seu fanatismo, uma revolução que seccou tantas fontes de ouro sob a mão do padre, despedaçou tantos habitos abateu tantas theorias, que tal revolução, digo, vos será perdoada? Não, não! E' preciso um desfecho a esta revolução! Digo, que sem o provocar, é preciso marchar para este desfexo com intrepidez. Quanto mais vos demorardes, tanto mais o vosso triumpho será difficil, e regado de sangue (violentos sussurros rebentam de um lado da sala).

« Mas não vedes, continuou Isnard, que todos os contra-revolucionarios se unem, e não vos deixam outro partido senão o de vence-los! Vale mais ter de os combater em quanto os cidadãos estão ainda anciosos e se recordam dos perigos que correram, do que deixar resfrear o patriotismo! Não é verdade que já não somos os mesmos que eramos no primeiro anno da liberdade! (uma parte da sala applaude, e a outra levanta-se). Então, se o fanatismo tivesse erguido a cabeça, a lei lh'o teria abatido! A vossa politica deve ser forçar a victoria a pronunciar-se. Apertai com os vossos inimigos, e vós os pacificareis pelo temor, ou os submettereis pela espada. Nas grandes circumstancias a prudencia é fraqueza. E' especialmente para com os sublevados que é mister ser féro. E' preciso esmagar aquelles que se levantam. Se lhes permitte juntarem-se e crear partidistas, então espalham-se pelo imperio como uma torrente que nada poderá suster. E' assim que obra o despotismo, e eis como um só individuo retem sob seu jugo um povo inteiro. Se Luiz XVI tivesse empregado estes grandes meios em quanto a revolução estava sómente nos pensamentos, nós não estariamos agora aqui! Este rigor é um crime n'um despota, mas em uma nação é uma virtude. Os legisladores que recuam ante estes meios extremos são covardes e criminosos; porque, quando se trata de um attentado á liberdade politica, perdoar o crime é compartilha-lo (*novos applausos*).

« Similhante rigor fará talvez correr o sangue! Bem o sei! Mas se não o empregardes, acaso não correrá ainda muito mais? A guerra civil não será maior desastre? Cortai o membro gangrenado para salvar o corpo. A indulgencia é uma cilada que se vos arma. Achar-vos-heis abandonados pela nação por não terdes ousado sustental-a, nem sabido defendel-a. Vossos inimigos nem por isso vos odiaram menos; e os amigos perderão a confiança em vós. A lei é o meu deus; não tenho outro. O bem publico eis o meu culto! Já haveis ferido os emigrados; ainda outro decreto contra os padres perturbadores, e tereis conquistado dez milhões de braços! O meu decreto é em duas palavras: Sugeitai todos os francezes, que seja padre ou não, ao juramento civil, e decidi que todo aquelle que o não prestar perderá o seu emprego ou pensão. Em sã politica, póde ordenar-se a saida do reino áquelle que não assigna o contracto social. Para que são precisas provas contra o padre? Se ha queixa unicamente contra elle da parte dos cidadãos com quem vive, que seja immediatamente expulso! Pelo que respeita áquelles contra os quaes o codigo penal pronunciasse penas mais severas do que exilo, a unica medida a applicar-lhes é a *morte*! »

X. — Este discurso, que impellia o patriotismo até á impiedade, e que fazia da salvação publica não sei que deus implacavel, a quem era preciso sacrificar o innocente, excitou frenetico enthusiasmo nas fileiras do partido girondino, e severa indignação no partido moderado. » Pedir a impressão do similhante discurso, disse Lecoz, bispo constitucional, é pedir a impressão de um codigo de atheismo. E' impossivel a existencia de uma sociedade, se esta não tiver uma moral derivando da ideia de um Deus « As risadas e sussurros acolheram este protesto religioso. O decreto contra os padres, apresentado por Francisco de Neufchateau, e adoptado pela commissão de legislação, foi em fim concebido nestes termos:

« Todos os ecclesiasticos não ajuramentados são obrigados a apresentaram-se dentro de oito dias ante a sua municipalidade para prestarem o juramento civico.

« Aquelles que assim o não cumprirem não poderão fruir nenhum subsidio ou pensão pago pelo thesouro publico.

« De todas as pensões que estes ecclesiasticos são privados compor-se-ha annualmente um fundo, cuja somma se repartirá pelos oitenta e tres departamentos, para ser empregada em obras de caridade e soccorro dos indigentes invalidos.

« Estes padres serão, alem disto, pelo simples facto de recusarem prestar o juramento, reputados suspeitos de revolta e particularmente vigiados.

« Em consequencia disto poderão ser afastados do logar do seu domicilio, destinando-se-lhes outra residencia.

« Se não obdecerem á imposta mudança de domicilio, serão presos.

« As igrejas empregadas no culto pago pelo estado não poderão servir a nenhum outro culto. Os cidadãos poderão alugar as outras igrejas ou capellas para ahi praticarem o seu culto. Mas esta faculdade não é concedida aos padres não ajuramentados e suspeitados de revolta. »

XI. — Este decreto, que em vez de abafar o fanatismo antes o creava, e que distribuia a liberdade dos cultos não como um direito, e sim como favor, excitou a tristeza no coração dos fieis, a revolta na Vendée, e a perseguição em toda a parte. Erguido como uma arma terrivel sobre a consciencia do rei, foi enviado á sua approvação.

Os girondinos alegraram-se de entalar assim o desgraçado principe entre a sua fé e a lei delles: scismathico se acceitasse o decreto, traidor á nação se recusasse. Triumphantes desta victoria, marcharam a outra.

Depois de ter forçado a mão do monarcha a ferir a religião da sua consciencia, quizeram forçal-o a atacar a nobresa e seus proprios irmãos. Resuscitaram a questão dos emigrados. O rei e os ministros os haviam prevenido. Luiz XVI apenas acceitou a constituição renunciara formalmente a qualquer conjuração tanto interna como externa para recobrar o seu poder. A omnipotencia da opinião havia-o convencido da ineficacia de todos os planos que se lhe apresentavam para a vencer. O socego momentaneo dos espiritos depois de tantos aballos, o acolhimento que lhe deram tanto na assembléa, como no Campo de Marte, e no theatro; a liberdade e as honras que se lhe haviam restituido no seu palacio, haviam-o persuadido que, se a constituição tinha fanaticos, a realesa não tinha no seu reino implacaveis inimigos. Elle julgava a constituição executavel em muitas das suas disposições, e impraticavel em outras. O governo que se lhe impunha parecia-lhe uma experiencia, por assim dizer, phylosophica, que a nação queria fazer com o seu rei. Só es-

quecia uma cousa; vem a ser que as experiencias dos povos são catastrofes. Um rei que aceita condições impossiveis de governo, acceita de antemão a sua destruição. A abdicação reflectida e voluntaria é mais real, do que esta abdicação de todos os dias a soffrer pela degradação do poder. Naquella ao menos um rei quando não salva a vida, salva a sua dignidade. E' mais proprio da dignidade real descer do que ser precipitado. Desde o momento em que no throno se deixa de ser rei, o throno é o mais infimo logar do reino.

Como quer que fosse, o rei testimunhou francamente aos seus ministros a intenção de executar lealmente a constituição, e associar-se sem reserva á vontade e destino da nação. A propria rainha, por estas mudanças imprevistas e fugitivas do coração das mulheres, lançou-se, com a confiança do desespero no partido da constituição. « Vamos, disse ella ao sr. Bertrand de Molleville, ministro e confidente do rei, coragem! Espero que com paciencia, firmeza, e perseverança ainda tudo não esteja perdido. »

O ministro da marinha, Bertrand de Molleville, escreveu, por ordem do rei, aos commandantes dos portos uma carta assignada pelo punho real. « Estou informado, disia o rei nesta circular, que a emigração se multiplica no corpo da armada; como succede que os officiaes de um corpo cuja gloria sempre me ha sido chara, e que em todos os tempos me tem dado provas de sua dedicação, se allucinem a ponto de perder de vista o que devem á patria, a mim, e a si proprios! Este partido extremo teria parecido menos de admirar ha algum tempo, quando a anarchia estava no seu auge, e não se lhe divisava o termo; porém hoje que a nação quer voltar á ordem, e á sujeição das leis, é possivel que os generosos e fieis marinheiros pensem em separar-se do seu rei? Dizei-lhes que fiquem onde a patria os chama. A execução exacta da constituição é hoje o meio mais seguro de apreciar suas vantagens e de conhecer o que pode faltar á sua perfeição. E' o vosso rei quem vos pede fiqueis no vosso posto, assim como elle permanece no seu. Vós, que tereis reputado um crime resistir ás suas ordens, não recusareis annuir aos seus rogos. »

Escreveu aos officiaes generaes, e aos commandantes do exercito de terra: — Acceitando a constituição prometti mantel-a no interior, e defendel-a contra os inimigos externos. Este acto solemne deve banir toda a incerteza. A lei e o rei estão de hoje em diante confundidos um no outro. O inimigo da lei é tambem inimigo do rei. Não posso reputar sinceramente dedicados á minha pessoa aquelles, que abandonam a sua patria no momento em que ella mais carece dos seus serviços. Sómente me são dedicados aquelles que seguem o meu exemplo, e que se confederam comigo para operarmos a salvação publica, ficando inseparaveis do destino do imperio! »

Finalmente determinou ao ministro dos negocios estrangeiros, Lessart, que publicasse a seguinte proclamação dirigida aos emigrados francezes: « O rei, assim se dizia — informado de que um grande numero de francezes emigram e se retiram para terras estrangeiras, não póde vêr, sem se affligir, tão consideravel emigração. Posto que a lei permitta a todos os cidadãos a livre saída do reino, o rei deve esclarecel-os á cerca dos deveres, e pesares que a si proprios preparam. Se julgam dar-me assim uma prova de affeição, enganam-se. Os meus verdadeiros amigos são aquelles que se reunem a mim para fazer executar as leis, restabelecer a ordem e a paz no reino Quando acceitei a constituição, quiz fazer cessar as discordias civis; devia acreditar que todos os francezes secundariam os meus designios. Não obstante é nesta mesma occasião que a emigração se multiplica. Alguns affastam-se por causa das desordens que tem ameaçado suas propriedades e vidas. Nada se havia perdoar ás circumstancias? Eu proprio não hei tido meus pezares? E quando os esqueço poderá alguem recordar-se dos seus perigos? Como se poderá fundar a ordem se os interessados nella a abandonam, abandonando-se a si mesmos? Voltai para o seio da patria, vinde trazer ás leis o apoio dos bons cidadãos. Pensai nos desgostos que a vossa obstinação ha-de suscitar no coração do rei. Estes desgostos seriam para elle os mais penosos de todos. »

A assembléa não se enganou com estas manifestações. Vio nellas o designio secreto de illudir medidas mais severas. Quiz constranger o rei a ellas; digamos ainda mais, a nação e a salvação publica tambem assim o queriam com ella.

XII. — Mirabeau tinha tractado a questão da emigração na assembléa constituinte, mais como philosofo, do que como homem de estado. Havia contestado ao legislador o direito de fazer leis contra a emigração. Enganava-se. Todas as vezes que uma theoria está em contradição com a salvação de uma sociedade, é porque essa theoria é falsa; porque a sociedade é a verdade suprema.

Sem duvida que em tempos ordinarios o homem não é preso pela natureza, e não o deve ser pela lei nas fronteiras do seu paiz; e, sob este conceito, as leis contra a emigração não devem ser senão leis excepcionaes. Mas acaso estas leis serão injustas porque são excepcionaes? Evidentemente não. O perigo publico tem suas leis proprias tão necessarias e tão justas como as leis dos tempos de tranquillidade. O estado da guerra não é o estado da paz. Fechais as fronteiras em tempo de guerra aos estrangeiros, podeis fechal-as tambem aos vossos cidadãos. Declara-se legitimamente uma cidade em estado de sitio no caso de sedição; póde tambem collocar-se a nação em estado de sitio, em caso de um perigo externo complicar com a conjuração interna. Porque absurdo abuso da liberdade um estado seria obrigado a tolerar n'um territorio estrangeiro ajuntamentos de cidadãos armados contra o proprio estado, quando os não tolera no proprio paiz? E se estes ajuntamentos são criminosos no exterior, porque rasão seria interdicto ao estado fechar as estradas que conduzem os emigrados áquelles ajuntamentos? Uma nação defende-se dos seus inimigos internos com as leis. Obrar de diverso modo seria consagrar fora da patria a inviolabilidade das conjurações que se puniriam no interior; seria proclamar a legitimidade da guerra civil, comtanto que ella se complicasse com a guerra estrangeira, e pozesse a sedição a coberto da traição. Similhantes maximas arruinam a nacionalidade de um povo, para proteger um abuso de liberdade d'alguns cidadãos. A assembléa constituinte teve o pouco acerto de as sanccionar. Se ella proclamasse, logo desde o principio, leis repressivas da emigração, em tempos de desordens, de revolução e guerra eminente, haveria proclamado uma verdade nacional, e prevenido grandes perigos, e uma das principaes causas dos excessos da revolução A questão agora não se ia pois tractar com rasões, mas com paixões. A imprudencia da assembléa constituinte deixou esta arma perigosa entre as mãos dos partidos. Elles iam votal-a contra o rei.

XIII. — Brissot, o inspirador da Gironda, homem d'estado dogmatico de um partido, que tinha necessidade de idéas e de chefe, subio á tribuna no meio dos aplausos antecipados que assignalavam sua importancia em a nova assembléa. Pedio a guerra como a mais efficaz de todasas leis.

« Se acaso sinceramente se deseja acabar com a emigração, disse elle, é absolutamente preciso punir os grandes criminosos que estabelecem, nos paizes estrangeiros, um foco de contra revolução. E' necessario distinguir tres classes de emigrados: os irmãos do rei, indignos de lhe pertencerem; os funccionarios publicos desertando dos seus logares e desencaminhando os cidadãos; e finalmente os simples cidadãos arrastados pelo exemplo, pela fraqueza, ou pelo medo. Deveis odio e castigo aos primeiros; piedade e indulgencia aos outros. Como vos hão-de temer os cidadãos quando a impunidade dos seus chefes lhes assegura a sua? Tendes acaso dois pesos e duas medidas? Que podem pensar os emigrados quando veem um principe, depois de ter dissipado quarenta milhões em dez annos, receber ainda da assembléa nacional milhões para pagar o seu fausto e as suas dividas?...... Dividi os interesses dos revoltosos assustando os grandes culpados. Não se tem cessado de divertir os patriotas por via de vãos paliativos contra a emigração; os partidistas da côrte hão zombado assim da credulidade do povo, e vistes Mirabeau, mettendo estas leis a ridiculo, dizer-vos que nunca se excitariam, porque um rei nunca se transformaria em accusador da sua familia. Tres annos

de baldadas tentativas, uma vida vagabunda e infeliz, todas a conspirações abortadas, e as intrigas malogradas, nada disto corrigio os emigrados, Têem o coração corrompido desde nascença. Quereis fazer parar esta revolta; é além do Rheno que se deve ferir, e não na França. Foi por meio de medidas como as que proponho, que os inglezes impediram a Jacques II minar o estabelecimento da sua liberdade. Não se entretiveram em fazer leis insignificantes contra a emigração, mas ordenaram aos principes estrangeiros que expulsassem dos seus estados os principes inglezes, (*aplausos*). Conheuce-se aqui ao principio a necessidade desta medida. Os ministros fallaram-vos de considerações do estado, e de rasões de familia. Estas considerações, estas fraquezas eram um crime contra a liberdade. O rei de um povo livre não tem familia. Repito-vos outra vez não vos prendais senão com os chefes. Que se não diga mais: — Estes descontentes são pois bem fortes; estes 25 milhões de homens são pois bem fracos, visto que aquelles fazem destes o que querem.

E' ás potencias estrangeiras a quem especialmente se devem dirigir as vossas prescripções e ameaças. E' tempo de mostrar á Europa o que sois, e pedir-lhe conta dos ultrajes que haveis recebido. Digo que é preciso forçar as potencias a responder-nos. De Duas cousas uma; ou ellas prestarão homenagem á nossa constituição, ou declarar-se-hão contra ella. No primeiro caso, as que favorecem actualmente os emigrados serão forçados a expulsal-os; no segundo, não tendes que hesitar; é preciso que por vós mesmo ataqueis as potencias que se aventurarem a ameaçar-nos. No seculo passado, quando Portugal e a Hespanha deram asylo á Jacques II, a Inglaterra atacou um e outro Estado. Nada receieis: a imagem da liberdade, como a cabeça de Meduza, ha de petreficar os exercitos dos nossos inimigos; pois elles receiam ser abandonados dos seus soldados, e eis o motivo porque preferem o partido da expectativa e da mediação armada. A constituição ingleza e uma liberdade aristocratica, hão de ser as bases das reformas que vos proponham; mas sereis indignos da liberdade se acceitasseis a vossa das mãos de inimigos. O povo inglez sympathisa com a vossa revolução; o imperador receia a força das vossas armas; quanto á imperatriz da Russia cuja aversão á constituição franceza é assás conhecida, e que d'alguma fórma se assimilha a Isabel, não deve esperar melhor successo do que Isabel teve contra a Hollanda. Com bastante custo se subjugam escravos a mil e quinhentas leguas de distancia, mas homens livres não. Desdenho fallar dos outros principes; não são dignos de se contarem entre os vossos poderosos inimigos. Julgo portanto que a França deve elevar suas esperanças e a sua actitude.. Certo é que haveis declarado á Europa que não emprehendereis conquistas, mas tendes direito de lhe dizer: «Escolhei entre alguns rebeldes e uma nação.»

XIV. — Este discurso, bem que contradictorio em muitas das suas partes, denotava em Brissot a intenção de reassumir tres papeis n'um só, e captar ao mesmo tempo os tres partidos da assembléa. Nos seus principios philosoficos, elle affectava a linguagem de moderador, e repetia os axiomas de Mirabeau contra as leis relativas á expatriação. No seu ataque aos principes, descobria o rei e designava-o ás suspeitas do povo. Finalmente, na sua denuncia da diplomacia dos ministros, impellia a uma guerra extrema, e mostrava assim a energia de um patriota e a previsão de um homem de Estado; porque, no caso de guerra, elle não dissimulava as desconfianças da nação contra a côrte, e bem sabia elle que o primeiro acto da Guersa seria declarar o rei traidor á patria.

Este discurso collocou Brissot á frente dos conspiradores da assembléa. Levava á Gironda, ainda nova e inexperiente, a sua reputação de escriptor, de publicista, de homem entregue havia dez annos ao manejo das facções. A audacia desta politica lisongeava a impaciencia dos conspiradores, e a austeridade da lingoagem lhes fazia acreditar na profundidade dos designios.

Condorcet, amigo de Brissot, devorado como elle de uma ambição sem escrupulos, seguio-se-lhe na tribuna, e não fez mais do que commentar o primeiro discurso. Concluio, como Brissot, para se intimarem as potencias a pronunciarem-se pró ou contra a constituição, e pedio que se renovasse o corpo diplomatico.

Nestes discursos transpirava visivelmente um concerto. Conhecia-se que um partido, completamente formado se apod rava da tribuna, e ia affectar a dominação da assembléa, Brissot era o conspirador, Condorcet o philosofo, Vergniaud o orador. Este ultimo subio á tribuna cercado do prestigio da sua maravilhosa eloquencia, cuja fama já de longe o precedera. As vistas da assembléa, o favor das tribunas, o silencio em todas as cadeiras annunciavam assás nelle, um desses grandes actores do drama das revoluções, que só apparecem na scena para se enebriarem de popularidade, ser applaudidos, e morrerem.

XV. — Vergniaud, nascido em Limoges e advogado em Bordeaux, só contava então trinta e tres annos de idade. O movimento havia-se apoderado delle e arrastado-o ainda mui mancebo. Os traços da sua physionomia, magestosos e tranquillos, annunciavam o sentimento do seu poder. Nenhuma tensão os contrahia. A facilidade esta graça do genio, dulcificava tudo nelle—talento, coracter, e actitude ou gestos. Uma especie de negligencia annunciava que facilmente se esquecia de si proprio, seguro de encontrar toda a sua força no momento em que carecesse de se concentrar em si. Seu rosto era sereno; o olhar firme; a bocca bem grave, mas um pouco triste. Os pensamentos severos da antiguidade moldavam-se na sua physionomia com o surriso e incuria da joventude. Amavam-o familiarmente juncto á tribuna. Apenas porém apparecia nella todos se espantavam de o admirar e respeitar. O seu primeiro relancear d'olhos, a primeira palavra que proferia cavava immediatamente um fosso profundo, uma distancia immensa, entre o homem e o orador. Era um instrumento de enthusiasmo que só tinha valor e logar na inspiração. Esta inspiração ajudada por uma voz grave e uma locução inexgotavel, havia-se nutrido das mais puras recordações da tribuna antiga. A sua frase tinha as imagens e a harmonia dos mais formosos versos. Se não tivera sido o orador de uma democracia, teria de certo sido o seu philosofo ou o seu poeta. Seu genio todo popular prohibia-lhe descer á linguagem mesmo lisongeando-o. Só tinha paixões a nobres, como era nobre a sua linguagem. Adorava a revolução qual uma sublime philosofia que devia enobrecer uma nação inteira sem fazer outras victimas afóra os prejuisos e as tyrannias. Tinha doutrinas, mas não nutria odios; havia nelle sêde de gloria, mas não ambições. Até mesmo o poder lhe parecia uma realidade de mais e tão sobejamente vulgar, que desdenhava pretender a elle. Se brigava ou combatia por alcançal-o, não era para si proprio; era sim para as suas ideias. O unico alvo do seu pensamento consistia na gloria e na posteridade. Subia á tribuna sómente para encarar este alvo de mais alto; e passado algum tempo o vio de um cadafalso, lançando-se no futuro, moço esbelto, e immortal na memoria da França com toda a força do seu enthusiasmo, e algumas manchas já lavadas no seu generoso sangue. Tal era o homem que a naturesa dera por chefe aos girondinos. Não se dignou sel-o, se bem que tinha a alma e a penetração de um homem de Estado; muito indifferente para chefe de um partido, mui grande para nesse partido ser a segunda pessoa, elle não foi mais do que Vergniaud. Mais glorioso do que util aos seus amigos não quiz conduzil-os ou guial-os; immortalisou-os.

Pintaremos mais detalhadamente esta grande figura no momento em que o seu talento o collocar mais na luz: «Ha circumstancias, disse elle, nas quaes os direitos naturaes do homem podem permittir a uma nação tomar qualquer medida contra as emigrações?» Vergniaud pronuncia-se contra estes pretendidos direitos naturaes, e reconhece a cima de todos os direitos do individuo, o direito da sociedade, que os resume todos, e que os domina qual o todo domina a parte. Restringe a liberdade politica ao direito que tem o cidadão de tudo fazer, contadto que não prejudique á patria: mas ahi lhe põe ponto, ou o faz parar. O homem, sem duvida, pode materialmente usar deste direito de abdicar a patria, onde nasceu, e a que se deve, como o membro ao corpo, mas esta abdicação é uma traição, por-

que rompe o pacto entre elle e a nação. A nação não mais deve protecção nem á sua propriedade, nem á sua pessoa. Depois de haver, segundo estes principios, distruido a pueril distincção entre o emigrado funccionario, e os simples emigrados, demonstra que uma sociedade cáe em decadencia se recusa a si propria o direito de reter os que a abandonam nos seus perigos. Essa abdicação dando-lhe o universo por patria, tira-lhe a que o vio nascer; mas que será, se o emigrado, cessando de ser um covarde fugitivo, se transforma n'um inimigo, e se os ajuntantes dos seus iguaes cercam a nação de um circulo de conspiradores? Como será aos emigrados licito o ataque, e a defesa prohibido aos bons cidadãos?

XVI. — «Mas a França, proseguio elle, estará n'este caso? tem ella alguma cousa a receiar de homens que vão implorar os odios das côrtes estrangeiras contra nós? Não, de certo; bem depressa se verão esses soberbos mendicantes, que vão receber os rublos de Catharina e os milhões de Hollanda, expiar na miseria e na vergonha os crimes do seu orgulho. Além disto os reis estrangeiros hesitam affrontar-nos. Sabem que não ha Pyrinéos para o espirito philosophico que nos insufflou a liberdade; receiam enviar os seus soldados a pisar uma terra ardente deste fogo sagrado; temem que um dia de batalha os homens livres de todos os climas se reconheçam, e façam de dois exercitos promptos a combater-se um povo de irmãos reunidos contra os seus tyrannos. Mas se em fim for necessario medir as armas, recordar-nos-hemos de que um milhar de Gregos combatendo pela liberdade triumphou de um milhão de Persas!

«Dizem-nos: Os emigrados não tem algum máo designio contra a sua patria: isto não é mais do que uma simples viagem. Onde estão as provas legaes dos factos que se avançam contra elles? Quando vós as produzirdes então será occasião de punir os culpados... Oh! vós que fallais assim, se estivesseis no senado de Roma quando Cicero denunciou Catilina, ter-lhe-hieis pedido tambem a prova legal! Imagino que elle ficaria confundido. No entanto que elle procura estas provas. Roma seria saqueada e Catilina e vós reinariam sobre ruinas. Provas legaes? E tendes calculado o sangue que ellas vos custarão? Não, não, antecipemo-nos aos nossos inimigos: adoptemos medidas rigorosas; desembaracemos a nação do zumbido continuo de insectos avidos de seu sangue, que a inquietam e a fatigam. Mas quaes devem ser estas medidas? Primeiro atacar as propriedades dos ausentes. Essa medida é pequena, talvez me digam. Que importa a sua grandesa, ou pequenez! E' da sua justiça que se tracta. Quanto aos officiaes desertores, a sua sorte está escripta no codigo penal; é a morte e a infamia! Os principes francezes são ainda mais criminosos. A intimação de voltarem á sua patria, que se vos propõe dirigir-lhes, não é bastante nem á vossa honra, nem á vossa segurança. Os seus attentados estão provados; é preciso que tremam diante de vós, ou que vós tremais ante elles. Cumpre escolher! Falam na dor profunda de que ficará penetrado o coração do rei. Brutus immolou á sua patria os filhos criminosos! O coração de Luiz XVI não será exposto a tão rude prova. Se estes principes, máos irmãos e máos cidadãos, recusarem escutal-o, que elle se dirija ao coração dos Francezes; ahi achará com que se indemnisar da perda delles.» (Applausos).

Pastoret, que fallou depois de Vergniaud, citou Montesquieu: *Ha um tempo em que é preciso lançar um veo sobre a liberdade, assim como se occultam as estatuas dos deoses.* Vellar sempre, e nunca temer, deve ser a conducta de um povo livre. Propoz medidas repressivas, porem moderadas e progressivas, contra os ausentes.

XVII. — *Isnard* declarou que as medidas propostas até então satisfasiam á prudencia, mas não á justiça e á vingança que uma nação ultrajada devia a si propria. «Se me deixais dizer a verdade, accrescentou elle, direi que, se não punimos todos esses chefes de rebeldes, não é porque não saibâmos no fundo do coração que elles são culpados; mas é porque são principes, e apesar de termos destruido a nobresa e as distincções do sangue, estes vãos fantasmas ainda espantam nossas almas! Ah! é tempo que este grande nivel da igualdade, que passou por cima da França, tome em fim o seu prumo! Só então é que se hade acreditar na igualdade. Temei levar o povo a excessos por similhante espectaculo. A colera do povo é muitas vezes o supplemento ao silencio das leis. E' preciso que a lei entre no palacio dos grandes como na choupana do pobre; e que tão inexoravel como a morte, logo que cáe sobre culpados, não distinga nem hierarchias nem titulos. Querem adormecer-vos. Eu, digo que a nação deve continuamente velar. O despotismo e a aristocracia não dormem, e se as nações adormecem um instante, acordam agrilhoadas. Se o fogo do céo estivesse em poder dos homéns preciso seria ferir com elles os que attentam contra a liberdade dos povos. Por isso nunca os povos perdoam aos conspiradores contra sua liberdade. Quando os Gaulezes escalavam o Capitolio, Manlius acordou, voou á brecha, salvou a republica; o mesmo Manlius, accusado mais tarde de conspirador contra a liberdade publica, compareceu ante os tribunos. Apresentou braceletes, dardos, doze corôas civicas, trinta despojos dos inimigos vencidos e o seu peito crivado de cicatrizes; recordou que tinha salvado Roma; por unica resposta foi precepitado do mesmo rochedo donde havia precipitado os Gaulezes! Eis senhores, um povo livre!

«E nós, depois da conquista da nossa liberdade, não cessamos de perdoar aos nossos patricios as suas conspirações; não cessamos de recompensar seus crimes enviando-lhes carretas de ouro. Quanto a mim, se votasse taes donativos, morreria de remorsos. O povo observa-nos e julga-nos. Deste primeiro decreto depende a sorte dos nossos trabalhos. Cobardes, perderemos a confiança publica; firmes, os nossos inimigos ficarão desconcertados. Não mancheis a sanctidade do juramento entregando-o a bocas sequiosas do nosso sangue. Nossos inimigos hão de jurar com uma das mãos, e com a outra hão de acicalar contra nós as suas espadas!»

Cada violencia destas palavras provocava na assembléa e nas tribunas repercursões da paixão publica que rebentam em palmas de applauso. Conhecia-se que a unica politica seria d'ali por diante a colera da nação: que o tempo da philosophia na tribuna era passado, e que a assembléa não tardaria em pôr de parte os principios para recorrer ás armas.

Os girondinos, que não tinham querido lançar Isnard tão longe, conheceram ser conveniente seguil-o até onde a popularidade o seguia. Debalde defendeu Condorcet o seu projecto de decreto dilatorio. A assembléa, pelo relatorio de *Ducastel*, adoptou o decreto da sua commissão de legislação, As principaes disposições eram que os Francezes reunidos além das fronteiras seriam desde aquelle momento, declarados suspeitos da conjuração contra a França, que do mesmo modo seriam declarados conspiradores se não regressassem antes do 1.º de Janeiro de 1792, e como taes punidos de morte; que os principes francezes, irmãos do rei, seriam condemnados á morte como simples emigrados, se não obdecessem á intimação que se lhes fazia; que suas rendas seriam desde logo sequestradas; que em fim os officiaes dos exercitos de terra e mar que abandonassem suas bandeiras sem licença ou demissão aceita, seriam assimilhados aos soldados desertores, e punidos de morte.

XVIII. — Estes dois decretos levaram a dor ao coração do rei e a consternação ao seu conselho. A constituição dava-lhe o direito de os suspender pelo *veto* real; mas suspender os effeitos da colera nacional contra os inimigos armados da revolução, era attrail-a sobre elle mesmo. Os girondinos fomentavam artificiosamente estes elementos de discordia entre a assembléa e o rei. Esperavam com impaciencia que a recusa da sancção aos decretos levasse a irritação ao seu auge, e forçasse o rei a fugir ou entregar-se em suas mãos.

No directorio do departamento de Pariz reinava ainda o espirito mais monarchico da assembléa. *Desmeuniers, Baumetz, Talleyrant, Perigord, Larochefoucaud,*

eram os principaes membros. Redigiram uma representação ao rei, supplicando a este principe recusasse a sua sancção ao decreto contra os padres não ajuramentados. Esta representação, na qual a assembléa legislativa era tractada com altivez, respirava os verdadeiros princi ios do governo em materia religiosa. Resumia-se neste axioma que é, ou deve ser, o codigo das consciencias: « Visto que nenhuma religião é lei, tambem nenhuma religião seja crime! »

XIX. — Um moço escriptor, cujo nome já celebre devia conquistar mais tarde a consagração do martyrio, André Chenier, considerando a questão nas alturas da philosofia, publicou sobre o mesmo objecto uma carta, carta digna da posteridade. E' proprio do genio não deixar obscurecer suas vistas pelas preoccupações do momento. Elle vê alto de mais para que os erros vulgares lhe roubem o filho permanente da verdade; tem anticipadamente nos seus juizos a imparcialidade do futuro.

« Todos aquelles, disse André Chenier, que tem conservado a liberdade da rasão, e o patriotismo não é nelles um violento desejo de dominar, vêem com muito sentimento que as discussões dos padres tenham podido occupar os primeiros momentos da assembléa nacional. Era tempo que o espirito publico se esclarecesse em fim sobre esta materia. A propria assembléa constituinte se enganou. Pretendeu fazer da religião uma constituição civil, isto é teve a idéa de fazer um clero depois de haver destruido outro. Que importa que uma religião defira de outra? Acaso pertence á assembléa nacional reunir as diversas seitas, e pesar as suas differenças? Acaso os politicos são theologos?... Não seremos libertados da influencia destes homens senão quando a assembléa nacional tiver mantido a cada um a liberdade inteira de seguir ou inventar a religião que lhe approuver quando cada um pagar o culto que quiser seguir, e não outro, e quando a imparcialidade dos tribunaes, em tal materia, punir igualmente os perseguidores ou os sediciosos de todos os cultos... E os membros da assembléa nacional disem mais, que todo o povo francez não está ainda assaz maduro para esta doutrina. Deve responder-se-lhe: pode ser; mas a vós é que pertence amadurecel-o pelas vossas palavras, pelos vossos actos, e pelas vossas leis! Os padres não perturbam os estados quando se não occuppam delles. Recordemo-nos que desoito seculos tem visto todas as seitas christãs despedaçadas e ensanguentadas pelas enepcias theologicas, e as inimisades ecclesiasticas terminarem sempre por se armar do poder publico.

Esta carta passou por cima da cabeça dos partidos que se disputavam a consciencia do povo; mas a petição do directorio de Pariz, que pedia o *veto* do rei contra os decretos da assembléa, suscitou petições violentas em sentido contrario. Vio-se apparecer pela primeira vez *Legendre*, carniceiro de Pariz, á barra da assembléa. Vociferou, em lingoagem oratoria, as imprecações do povo contra os inimigos e os traidores coroados. *Legendre* dourava a trivialidade com grandes palavras. Desta copula de sentimentos vulgares com as ambiciosas expressões da tribuna, nasceu essa estravagante lingoagem onde os andrajos do pensamento se misturavam com o retumbante das palavras, e que fez assimilhar a eloquencia popular do tempo ao luxo indigente de um peão-fidalgo. A populaça estava altiva de roubar á aristocracia a sua lingoagem, mesmo para combatel-a; mas roubando-lh'a manchava-a. « Representantes, dizia Legendre ordenai que a aguia da victoria e a fama pairem sobre as vossas e as nossas cabeças; dizei aos ministros: Amamos o povo; que vosso supplicio comece! Os tyrannos vão morrer! »

XX. — Camillo Desmoulins, o Aristophano da revolução, tomou depois emprestada a voz sonora do abbade Fauchet para se fazer ouvir. Camillo Desmoulins era o Voltaire da rua, expressava as suas paixões em sarcasmos. « Representantes, dizia elle, os applausos do povo são a sua lista civil; a inviolabilidade do rei é uma cousa infinitamente justa, porque elle deve por natureza estar sempre em opposição com a vontade geral, com os nossos interesses. Não se cae involuntariamente de tão alto. Tomemos o exemplo de Deus, cujos *mandamentos não são nunca impossiveis*; não exijamos pois do intitulado soberano um *amor impossivel* á soberania nacional; achâmos mui simples que elle ponha o seu *veto* nos nossos melhores decretos! Mas que os magistrados do povo, que o directorio de Pariz, que os mesmos homens que fizeram fusilar ha mezes, no Campo de Marte, os cidadãos signatarios de uma petição individual contra um decreto ainda não promulgado, inundem o imperio com uma petição que evidentemente é a primeira folha de um grande registro de contra revolução, uma subscripção á guerra civil, enviada por elles á assignatura de todos os fanaticos, de todos os idiotas, de todos os escravos, de todos os ladrões dos oitenta e tres departamentos, em frente dos quaes estão os nomes exemplares dos membros do directorio de Pariz; pais da patria! ha nisto uma tal complicação de ingratidão e velhacaria, de prevaricação e preversidade, d'hypocrita phylosofia e moderação perfida, que nos enfileiramos já em roda dos decretos e em torno a vós! Continuai, fieis mandatarios! e se se obstinarem em vos não permittirem que salveis a nação, pois bem! salvemo-nos nós mesmos! Porque em fim o poder do *veto* real terá um termo, e com um *veto* não se impede a tomada da Bastilha.

« Ha muito tempo que temos a medida do civismo do nosso directorio: quando nós o vimos por uma proclamação incendiaria, reabrir não as cadeiras evangelicas aos padres, mas tribunas sediciosas a conjurados de sotaina! A sua representação é um escripto tendente a envilecer os poderes constituidos; é uma petição collectiva; é uma incitação á guerra civil e á distruição da constituição. Certamente, não sommos os admiradores do systema representativo, sobre o qual pensamos como J. J. Rousseau: mas se amâmos pouco certos artigos, amamos ainda menos a guerra civil. Tantos motivos de accusação! A criminalidade destes homens está estabelecida! Feri-os! Mas se a cabeça dorme, como é que o braço hade operar? Não levanteis esse braço; não ergais a maça nacional para esmigalhar os insectos. Um *Varnier*, um *de Latre*! Catão e Cicero acaso faziam o progresso a Cethego ou a' Catilina? São os chefes que é mister perseguir! Feri a cabeça. « Este enthusiasmo d'ironia e audacia, aplaudido menos pelas palmas do que pelo estridor do riso, arrebatava as tribunas. Votou-se que se enviasse a acta da sessão a todos os departamentos. Era elevar legislativamente o pampheleto á dignidade de acto publico, e distribuir a injuria toda prompta aos cidadãos, para elles terem unicamente o trabalho de arremessar aos poderes publicos. O rei tremeu diante do pamphletario: conheceu por este primeiro uso da sua prerogativa menos presada, que a constituição se quebraria nas suas mãos, todas as vezes que ousasse servir-se della.

No dia seguinte, o partido constitucional, mais em força na sessão, enviou á commissão a proposta daquella remessa da acta aos departamentos. Brissot indignou-se na sua folha o *Patriota francez*. Era nella e nos jacobinos, mais do que na tribuna, que elle dava a palavra da ordem ao seu partido, e que deixava escapar seu pensamento republicano. Brissot não tinha as proporções de um orador; seu espirito obstinado, sectario e dogmatico era mais proprio á conjuração do que á acção; o fogo da sua alma era ardente, mas estava concentrado. Não arremessava nem aquelle clarão nem aquellas chammas que alumeiam o enthusiasmo, esta explosão das idéas. Era a lampada da gironda, mas não era nem a sua tocha, nem o seu facho.

XXI. Os jacobinos, um momento empobrecidos pelo grande numero dos seus principaes membros, eleitos para a assembléa legislativa, fluctuaram algum tempo sem direcção, como um exercito licenciado pela victoria. O club dos *feuillants*, (bernardos) composto dos restos do partido constitucional na assembléa constituinte, esforçava-se reapossar-se da direcção do espirito publico. Barnave, Lameth, Duport eram os que manejavam este partido. Assustados do povo, convencidos de que só uma assembléa sem contra peso absorveria inevitavelmente o pouco que restasse da realesa; este partido queria duas camaras, e uma constituição equilibrada. Barnave, que

trasia o seu arrependimento a este partido, ficára em Pariz e tinha conferencias secretas com Luiz XVI. Os seus conselhos, como os de Mirabeau nos seus ultimos dias, não podiam ser mais do que vãos pesares. A revolução havia passado adiante de todos estes homens. Ella já os não via. Com tudo conservavam um resto de influencia sobre os corpos constituidos de Pariz e sobre as resoluções do rei. Este principe não podia conceber que homens ainda na vespora tão poderosos contra elle, fossem já tão faltos de força. Eram a sua derradeira esperança contra novos inimigos que via surgir nos girondinos.

A guarda nacional, o directorio do departamento de Pariz, o maire da propria capital, Bailly, e em fim a parte da nação interessada na ordem, apoiavam-o ainda; era o partido de todos os arrependimentos e de todos os terrores. O sr. de La-Fayette, a sr.ª de Stael, o sr. de Narbonne tinham intelligencias secretas com os *feuillants*. Uma parte da imprensa pertencia-lhes. Estes jornaes popularisavam o sr. de Narbonne, e impelliam-o ao ministerio da guerra. Os jornaes girondinos amotinavam e assolavam já o povo contra este partido. Brissot semeava contra elles suspeitas e calumnias; e apontava-os ao odio do povo. «Contai-os, nomeai-os, dizia elle. Seus nomes os denunciam; são os restos de aristocracia desthronada que querem resuscitar uma nobresa constitucional, estabelecer uma segunda camara legislativa, um senado de nobres, e que imploram, para chegar ao seu fim, uma intervenção armada das potencias! Estão vendidos ao castello das Tuilerias, o vendem-lhe um grande numero de membros da assembléa. Não tem entre si nem homens de genio, nem homens de resolução. Os seus talentos são a traição; o seu genio é a intriga.»

Era assim que os gerondinos e os jacobinos, então confundidos, preparavam contra os *feuillants* os motins que não deviam tardar e dispersar este club.

No entanto que os gerondinhos assim trabalhavam, os realistas puros não cessavam as suas folhas de impellir aos excessos, para se achar, diziam elles, o remedio no mesmo mal. Assim via-se nestes jornaes exaltar os jacobinos contra os *feuillants*, e derramar ás mãos cheias o ridiculo e a injuria sobre os homens do partido constitucional que tentavam salvar um resto da monarchia. O que elles sobre tudo detestavam era o triumpho da revolução. A sua doutrina do poder absoluto recebia um desmentido menos humilhante para elles na destruição do imperio e do throno do que de uma monarchia constitucional, preserveranao ao mesmo tempo o rei e a liberdade. Desde que a aristocracia estava desapossada do poder, a sua unica ambição e a sua unica tactica estavam em vel-o cair nas mãos dos mais scelerados. Impotente para se erguer pela sua propria força, entregava á desordem o encargo de a erguer. Desde o primeiro dia da revolução até ao ultimo, este partido não teve outro instincto. Foi assim que se perdeu a si proprio perdendo a monarchia. Levou o odio á revolução até o ponto de preversidade. Nos crimes da revolução de certo que elle não tem as suas mãos, mas teve o coração e os desejos ou os votos. Não ha um unico excesso do povo, que não tenha sido uma experança para os seus inimigos. Era a politica do desespero. Cega e criminosa como elle.

XXII. « — Viu-se neste momento um exemplo. La Fayette resignou o commando da guarda nacional entre as mãos do conselho geral da communa. Elle aspirou nesta sessão um ultimo sopro do favor publico. Depois que sahiu da sala, deliberou-se sobre o testimunho do reconhecimento e sentimento que a cidade de Pariz lhe havia dar. O general dirigiu uma carta de despedida á guarda civica. Fingiu acreditar que a constituição que se acabava de concluir, tinha fechado a era da revolução, e o devolvia como Washington ao papel de simples cidadão d'um paiz livre e pacificado.» Os dias da revolução, dizia elle nesta carta, cedem o logar aos de uma organisação regular, por causa da liberdade e da prosperidade que ella garante. Devo portanto agora entregar á minha patria, e sem reserva, tudo quanto ella me entregou de força e de influencia para a defender durante as convulsões que a agitaram. E' a minha unica ambição. Acautelai-vos comtudo em acreditar, acrescentou elle concluindo, que todos os generaes do despotismo estejam destruidos.» E apontou alguns dos excessos e perigos em que a liberdade podia tropeçar logo aos seus primeiros passos.

Esta carta foi acolhida com um resto de enthusiasmo, mais simulado que sincero, pela guarda nacional. Ella quiz fazer um derradeiro acto de força contra as facções adherindo com estrepito aos pensamentos do seu general. Votaram-lhe uma espada forjada com o ferro dos ferrolhos da Bastilha, e a estatua em marmore de Washington. La Fayette deu-se pressa de mais em gozar este triumpho prematuro; depoz a dictadura no mesmo momento em que uma dictadura era necessaria ao seu paiz. Retirou-se para as suas terras d'Auvergne, e recebeu ahi a deputação da guarda nacional que era portadora da acta da sua deliberação.» Vêdes-me regressado aos logares que me viram nascer, lhe disse elle, não sahirei daqui senão para defender ou consolidar a nossa principiada liberdade, se alguem ousar attentar contra ella.»

Os diversos juizos dos partidos seguiram La Fayette no seu retiro. « Agora, disse o *jornal da Revolução*, que o heroe dos dois mundos acabou em Pariz o seu papel, será curioso saber se o ex-general fez mais bem do que mal á revolução. Para resolver esta questão, procuremos o homem nos seus actos; ver-se-ha primeiro, o fundador da liberdade americana, não ousar render-se na Europa ao voto do povo senão depois de ter pedido licença ao monarcha: velo-hemos empallidecer no 5 de outubro á vista do exercito parisiense em marcha para Versailles, manuseando o povo e o rei; dizendo ao exercito: Entrego-vos o rei; e ao rei: Trago-vos o meu exercito; velo-hemos voltar para Pariz trazendo por sequito, com as mãos atadas atraz das costas, os bravos cidadãos cujo crime era ter querido fazer da torre de Vincennes, o que se fez da Bastilha; velo-hemos, no dia seguinte á jornada dos punhaes, apertar cordialmente a mão daquelles mesmos, que na vespera havia denunciado á indignação publica: em fim, vemol-o hoje deixar a patria em virtude de um decreto sollicitado occultamente por elle proprio, e eclipsar-se um instante no Auvergne para reapparecer em as nossas fronteiras. Com tudo reconhecemos que tambem nos fez serviços: devemos-lhe ter dirigido as nossas guardas nacionaes ás ceremonias civicas e religiosas, ás fadigas das evoluções da manhã nos Campos Eliseos, aos juramentos patrioticos, aos banquetes de corporação. Façamos-lhe, pois, as nossas despedidas! La Fayette, para consummar a maior revolução que um povo jámais tentou, era-nos preciso um chefe cujo caracter fosse ao nivel do acontecimento; acceitámos-te; os musculos flexiveis da tua physionomia, os teus discursos estudados, os teus axiomas longo tempo meditados, todos esses productos da arte negados pela natureza pareceram suspeitos aos patriotas previdentes. Os mais firmes ligaram-se aos teus passos, desmascararam-te, e exclamaram: Cidadãos, este heroe não passa de um cortezão, este sabio não é mais do que um charlatão. Com effeito, graças aos teus cuidados, a revolução não pode já fazer mal ao despotismo; tu limaste os dentes ao leão. O povo não tem mais a receiar pelos seus conductores. Elles agarraram o chicote e calçaram a espora, e tu partes. Que as corôas civicas chovam sobre o teu caminho; quanto a nós ficamos; porém onde acharemos um Brutus!»

XXIII. — Bailly, maire de Pariz, retirou-se na mesma época, abandonado daquella mesma opinião de que fôra o idolo, e da qual principiava a ser victima. Mas este philosofo estimava mais o bem, feito ao povo, do que o seu favor. Mais ambicioso de o servir que de governal-o, mostrava já contra as calumnias dos seus inimigos a impassibilidade heroica que mais tarde mostrou contra a morte.

Esta voz do philosofo perdeu-se no tumulto das proximas eleições municipaes. Dois homens se disputavam os suffragios para este logar de maire de Pariz. A medida que a authoridade real baixava, e que a authoridade da constituição se anniquillava nas desordens do reino, o maire de Pariz podia vir a ser o verdadeiro dictador da capital.

Estes dois homens éram La Fayette e Pethion. La Fayette proposto pelo partido constitucional e pelos cidadãos da guarda nacional; Pethion pelos girondinos e jacobinos simultaneamente. O partido realista, pronunciando-se pró ou contra um destes dois homens, era o senhor da eleiç o. O rei não tinha a influencia do governo, que deixara escapar-se-lhe das mãos, mas tinha ainda a influencia occulta da corrupção sobre os instigadores dos dif ferentes partidos. Uma parte dos 25 milhões da sua renda era empregada pelo sr. de Laporte, intendente da lista civil, e pelos srs. Bertrand de Molleville e de Montmorin, seus ministros, em comprar votos nas eleições, moções nos clubs, applausos ou apupos nas tribunas da assembléa. Estes subsidios secretos, que tinham principiado por Mirabeau, desciam muito abaixo, até mesmo á lia das facções. Pagavam á imprensa realista, e mesmo escorregavam pelas mãos dos oradores e dos jornalistas na apparencia os mais encarniçados contra a côrte. Muitas falsas manobras aconselhadas ao povo pelos seus lisongeiros, não tinham outra origem. Havia ahi um ministerio da corrupção administrado pela perfidia. Muitos ahi bebiam, a pretexto de servir a côrte, moderar o povo ou trahil-o; depois, dominado pelo temor de verem sua traição descoberta, cobriam-a com segunda traição, e voltavam contra o proprio rei as mesmas moções, que elle havia pago. Danton foi um destes. Algumas vezes no interesse da ordem e do bem-fazer, o rei dava-lhe sommas mensaes para serem distribuidas utilmente, quer nas fileiras da guarda nacional, quer nos bairros onde se temia a insurreição. O sr. de La Fayette e o proprio Pethion receberam mui tas vezes, para este fim, soccorros do rei. Este principe podia pois, servindo-se então deste meio, dirigir a eleição do maire de Pariz, e juntando-se ao partido constitucional, determinar a escolha de Pariz em favor do sr. de La Fayette.

O sr. de La Fayette era um dos primeiros authores desta revolução que havia abatido o throno. O seu nome estava em todas as humiliações da côrte, em todos os ressentimentos da rainha, em todos os terrores do rei. Havia sido primeiro o seu terror, depois seu protector, e por fim seu guarda. Poderia elle ser no futuro sua esperança? Este logar de Maire de Pariz, este grande poder civil e popular, depois desta longa dictadura armada na capital, não seria para o sr. de La Fayette um segundo degráo que o elevaria mais alto do que o throno, e que lançaria o rei e a constituição na sombra? Este homem, com as idéas theoricas liberaes, tinha boas intenções; mais queria dominar do que reinar; mas poder se-hia confiar nestas boas intenções tantas vezes vencidas? Não fôra com o coração cheio destas boas intenções que elle usurpara o commando da milicia civica? distruira a Bastilha com os guardas francezes sublevados? marchara sobre Versailles á frente da populaça de Pariz? deixara forçar o castello em 6 de outubro? prendera a familia real em Varennes? e guardara o rei como prisioneiro em seu proprio palacio? Resistiria elle se o povo lhe ordenasse mais? Pararia elle no meio do papel de Washington francez, depois de haver cumprido mais de metade desse papel? Alem disto o coração humano é de tal modo feito, que se estima antes lançar-se nas mãos daquelles que nos perdem, do que procurar a sua salvação nas mãos daquelle que nos rebaixa. La Fayette rebaixava o rei, e especialmente a rainha. Uma independencia respeitosa era a expressão habitualmente da figura de La Fayette em presença de Maria Antoinette. Lia-se na actitude do general, reconhecia-se nas suas palavras, descobria-se no accento da sua voz, sob as fórmas frias e polidas do homem de côrte, a inflexibilidade do cidadão. A rainha preferia o faccioso. Ella explicava-se aberta e francamente com os seus confidentes. « O sr. de La Fayette, lhes disia ella, não deseja ser o maire de Paris senão para mais depressa vir a ser o *maire do palacio*. Pethion é jacobino, républicano, mas é um tolo incapaz de ser um chefe de par ido; será um maire nullo. Alem disto, é possivel que o interesse que elle sabe que tomamos pela sua nomeação o reconduza ao rei. »

Pethion era filho de um procurador *presidial* de Chartres. Compatriota de Brissot, havia-se nutrido com elle dos mesmos estados, da mesma phylosophia, e dos mesmos odios. Eram dois homens de um mesmo espirito. A revolução, que havia sido o ideal de sua joventude, os tinha chamado no mesmo dia á scena, mas por papeis diversos. Brissot, escriptor, aventureiro politico, jornalista, era o homem das ideias; Pethion era o homem de acção. Tinha na figura, no caracter, e no talento, esta mediocridade solemne que convem á multidão e que a encanta: ao menos era probo; virtude que o povo aprecia sobre todas as outras naquelles que manejam os negocios publicos. Chamados pelos seus concidadãos á assembléa nacional, creára-se um nome mais pelos seus esforços do que pelo seu exito. Rival feliz de Robespierre e seu amigo então, elles tinham formado para si somente, este partido popular, apenas apercebido no seu começo, que professava a democracia pura e a philosophia de J. J. Rousseau, no entanto que *Cazalés*, *Mirabeau* e *Maury*, a nobresa, o clero e a burguezia se disputavam somente o governo. O despotismo de uma classe parecia a Robespierre e a Pethion tão odioso como o despotismo de um rei. O triumpho do terceiro estado importava-lhes pouco, contanto que o povo inteiro, isto é a humanidade, na sua mais lata accepção, triumphasse. Haviam-se imposto por obrigação, não a victoria de uma classe sobre outra, mas a victoria e a organisação de um principio divino, o absoluto: a humanidade. Era isto a sua fraqueza nos primeiros dias da revolução; e foi mais tarde a sua força. Pethion começava a recolhel-a.

Havia-se insinuado insensivelmente pelas suas doutrinas e pelos seus discursos na confiança do povo de Pariz; prendia-se aos homens de letras pela cultura de espirito, ao partido de Orleans pela sua ligação intima com a senhora de Genlis, favorita do principe e governanta de seus filhos. Fallava-se delle, aqui como de um sabio que queria levar a philosophia á constituição, alli como de um profundo conspirador que queria minar o throno, ou assentar nelle com o duque de Orleans os interesses e a dynastia do povo. Este duplo renome aproveitava-lhe igualmente. Os homens honestos votavam nelle como homem honesto; os facciosos como faccioso: a corte não se designava temel-o; via nelle um innocente utopista; tinha para com elle esta indulgencia do desprezo que as aristocracias sentem por todos os homens de fé politica; alem disto Pethion desembaraçava-a de La Fayette. Para ella o mudar de inimigo, vinha a ser, pelo menos, respirar.

Estes tres elementos de exito fizeram triumphar Pethion por uma immensa maioria; foi nomeado maire de Pariz por mais de seis mil votos La Fayette; só teve tres mil. Pôde, lá do fundo do seu retiro momentaneo, medir por esta cifra a declinação da sua fortuna: La Fayette representava a cidade, Pethion representava a nação. A burguezia armada saia dos negocios publicos com um; o povo ahi entrava com outro. A revolução marcava por meio de um nome proprio o novo passo que tinha dado.

Apenas eleito, Pethion foi triumphar nos jacobinos: foi levado á tribuna nos braços dos patriotas. O velho Dusault, que a occupava neste momento, balbuciou algumas palavras entrecortadas de suspiros, em honra do seu discipulo: « Eu olho o senhor Pethion como meu filho, exclamou elle: é bem animoso, sem duvida! » Pethion enternecido lançou-se nos braços do velho. As tribunas aplaudiram e choraram.

As outras nomeações foram feitas no mesmo espirito. *Manuel* foi nomeado procurador da communa; Danton substituto: foi este o primeiro degrau da sua fortuna popular; não o deveu como Pethion, á estima publica, mas á propria intriga. Foi nomeado apesar da sua reputação. O povo excusa muitas vezes os vicios naquelles que o servem.

A nomeação de Pethion para o logar de mayre de Pariz dava aos girondinos um ponto de apoio fixo na capital. Pariz escapava ao rei como a assembléa. A obra da assembléa constituinte desmoronava-se em tres mezes. As rodas quebravam-se antes de funccinar. Tudo presagiava um choque proximo entre o poder executivo e o poder da assembléa. Donde procedia esta repentina decomposição? E' agora a occasião de lançar-mos uma vista

de olhos sobre a obra da assemhléa constituinte e os seus authores.

LIVRO SETIMO.

I. — A assemblea constituinte havia abdicado no meio de uma tempestade.

Esta assemblea tinha sido a mais impunente reunião de homens que jámais representou não só a França, mas o genero humano inteiro. Foi com effeito o concilio ecumenico da razão e da philosofia moderna. A naturesa parecia ter creado expressamente, e as differentes ordens da sociedade terem posto em reserva, para esta obra, os genios, os caracteres e mesmo os vicios mais proprios a darem, a este foco das luzes do tempo, a grandesa, o resplendor, e o movimento de um incendio destinado a consummir os restos de uma velha sociedade, e a alumiar uma nova. Havia ahi sabios como Bailly, e Mounier; pensadores como Sieyés, facciosos como Barnave, homens de Estado como Talleyrand, homens-epochas como Mirabeau, homens-principios como Robespierre. Cada causa ahi estava representada por aquelle que o partido tinha de mais elevado. As victimas tambem ahi eram illustres, *Cazalés, Malouet, Maury*, fasiam ressoar em relampagos de dor e de eloquencia as quedas successivas do throno, da aristocracia, e do clero. Esta fogueira activa do pensamento de um seculo foi ateada e nutrida, durante toda a sua duração, pelo vento das mais continuadas tempestades politicas. Em quanto que dentro se deliberava, o povo operava fora, e batia ás portas. Estes vinte e seis mezes de conselhos não foram senão uma sedição não interrompida. Apenas uma instituição se desmoronava na tribuna, a nação a varria d'alli para fazer logar a uma nova instituição. A colera do povo não era mais do que a impaciencia dos obstaculos; o seu delirio não era senão a sua rasão apaixonada. Até mesmo nos seus furores era sempre uma verdade que o agitava. Os tribunos não os cegavam senão deslumbrando-os. Foi o caracter unico desta assemblea, a paixão por um ideal que ella se sentia invincivelmente impellida a cumprir. Acto de fé perpetuo na rasão e na justiça; santo furor do bem que a possuia, e que a fazia dedicar-se por si mesma á sua obra, como aquelle estatuario que, vendo o fogo da sua fornalha, onde derretia o bronze, prompto a apagar-se, lançou seus moveis, o leito de seus filhos, e em fim até a casa no fogo, consentindo em morrer a fim de que a sua obra não perecesse.

E' por isto que a revolução que ella fez veio a ser uma data do espirito humano, e não unicamente um acontecimento na historia de um povo. Os homens da assemblea constituinte não eram francezes, eram homens universaes. E' desconhecel-os e rebaixal-os quando nelles unicamente se vê padres, aristocratas, plebeos, subditos fieis, facciosos ou demagogos. Eram e conheciam-se a si mesmo melhores, ou mais do que isto: obreiros de Deus, chamados para lhe restaurarem a rasão social da humanidade, e assentar o direito e a justiça em todo o universo. Nenhum delles, excepto os oppostos á revolução, encerrava o seu pensamento só nos limites da França. Assim o prova a declaração dos direitos do homem. Era esta o decalogo do genero humano em todas as linguas. A revolução moderna chamava tanto os gentios como os judeus á partilha da luz e ao reinado da fraternidade.

II. — Por isso, não houve um unico dos seus apostolos que não proclamasse a paz entre os povos. Mirabeau, La Fayette, o proprio Robespierre, riscaram a guerra do symbolo que elles apresentavam á nação. Foram os facciosos e os ambiciosos que a pediram depois, não foram os grandes revolucionarios. Quando a guerra rebentou, a revolução já estava degenerada. A assemblea constituinte ter-se-hia acautelado de colocar nas fronteiras da França as ballizas das suas verdades e de fechar a alma sympathica da revolução franceza n'um estreito patriotismo. A patria dos seus dogmas era o globo. A França só era a officina onde ella trabalhava para todos os povos. Respeitosa ou indifferente á questão dos territorios nacionaes, logo desde a sua primeira palavra ella vedára a si propria as conquistas. Não se reservava senão a propriedade ou antes a invenção das verdades geraes que punha em luz. Universal como a humanidade, não teve o egoismo de se isolar. Quiz dar e não tirar. Quiz espalhar-se pelo direito, e não pela força. Essencialmente espiritualista, não affectou outro imperio para a França senão o imperio voluntario da imitação sobre o espirito humano.

A sua obra era prodigiosa, seus meios nullos; tudo quanto o enthusiasmo inspira, a assemblea o emprehende e acaba, sem rei, sem chefe militar, sem dictador, sem exercito, sem outra força a fora a convicção. Só no meio de um povo admirado, d'um exercito dissolvido, d'uma aristocracia emigrada, d'um clero despojado, d'uma corte conspiradora, de uma cidade sediciosa, da Europa hostil, fez o que tinha resolvido: tanto a vontade é a verdadeira potencia de um povo, tanto a verdade é a irresistivel auxiliar dos homens que se agitam por Deus! Se n'outros tempos a inspiração foi visivel no propheta ou no legislador antigo, pode dizer-se que a assemblea constituinte teve dois annos de inspiração continua. A França foi a inspirada da civilisação.

III. — Examinemos sua obra. O principio do poder foi inteiramente deslocado. A realeza havia acabado por acreditar que o deposito do poder lhe pertencia de propriedade. Tinha pedido á religião consagrar este rapto aos olhos dos povos, dizendo-lhes que a tyrannia vinha de Deus, e só a Deus dava contas. A longa hereditariedade das raças coroadas tinha feito acreditar que havia um direito de reino no sangue das raças reaes. O governo em logar de ser um cargo, se havia transformado n'uma posse; o rei, era senhor, em vez de ser o chefe.

Deslocado este principio tudo se deslocou tambem. O povo se transformou em nação, o rei veio a ser magistrado coroado. A feudalidade, realesa subalterna, cahiu na linha da simples propriedade O clero que havia tido instituições e propriedades inviolaveis, veio a ser um corpo estipendiado pelo Estado para um serviço sagrado. A differença disto estava em elle receber um salario voluntario por um serviço individual. A magistratura cessou de ser hereditaria. Deixou-se-lhe a inamobilidade para assegurar a sua independencia. Era uma excepção ao principio dos cargos demissionarios, uma meia-soberania da justiça; mas era um passo para a verdade. O poder legislativo era distincto do poder executivo. A nação n'uma assembléa livremente eleita, decretava a sua vontade. O rei hereditario e irresponsavel executava essa vontade. Tal era o mecanismo da constituição: um povo, um rei, um ministro. Porém o rei irresponsavel, e por tanto, passivo, era evidentemente uma concessão ao uso, uma ficção respeitosa da realesa supprimida.

IV. — Não era já poder, porque poder é querer. Não era funccionario, porque o funccionario obra e responde. O rei não r spondia Elle não era mais do que uma magestosa inutilidade da constituição. Destruidas as funcções deixava-se o funccionario. Não tinha senão uma unica atribuição, o *veto suspensivo*, que consistia no direito de suspender, por tres annos, a execução dos decretos da assembléa. Era um obstaculo legal, mas impotente, ás vontades da nação. Conhece-se que a assembléa constituinte, perfeitamente convencida da superfluidade do throno n'um governo nacional, não havia colocado o rei no cume da sua instituição senão para afastar as ambições, e para o reino se não chamar republica. O unico papel de um tal rei era impedir a verdade de apparecer, e de rebentar aos olhos de um povo acostumado ao sceptro. Esta ficção ou esta inconsequencia custava ao povo 30 milhões por anno de lista civil, uma corte, sombras continuas, e uma corrupção inevitavel exercida por esta corte sobre os orgãos da nação. Eis o verdadeiro vicio da constituição de 1791. Não foi consequente. A realesa embaraçava a constituição. Tudo que embaraça prejudica. Mas o motivo desta inconsequencia era menos um erro da sua razão do que uma respeitosa piedade por um velho prestigio, e uma generosa ternura por uma raça, havia muito tempo coroada. Se a raça dos Bourbons estivesse extincta no mez de setembro de 1791, de certo a assembléa não teria inventado um rei.

V. — Comtudo a realesa de 91, mui pouco differenm da realesa de hoje, podia funccionar um seculo tão bei-como um dia. O erro de todos os historiadores é attra buir aos vicios da constituição a pouca duração da obr da assembléa constituinte. Primeiro, a obra da assembléa constituinte não era principalmente perpetuar esta roda d'uma realesa inutil, colocada por complacencia para com a vista do povo, n'um mecanismo que ella não regulava. A obra da assembléa constituinte era a regeneração das idéas e do governo, a deslocação do poder, a restituição do direito, a abolição de toda a servidão mesmo a do espirito, a emancipação das consciencias, a creação da administração; esta obra dura e durará tanto quanto o nome da França. O vicio da instituição de 1791 não estava nesta ou aquella disposição. Ella não morreu por que o *veto* do rei era suspensivo em vez de absoluto, ella não morreu porque o direito da paz ou da guerra fosse t rado ao rei e reservado á nação; ella não morreu por ter colocado o poder legisla ivo n'uma camara em logar de o dividir por duas; estes pretendidos vicios encontram-se em muitas outras constituições e ellas duram. A diminuição do poder real não era para a realesa de 91 o seu principal perigo; ao contrario seria a sua salvação se ella podera ser salva.

VI. — Quanto mais poder se houvesse dado ao rei e acção ao principio monarchico, mais depressa o rei e o principio haveriam cahido; porque mais se armaria a desconfiança e o odio contra elles. Duas camaras em logar de uma, nada haveriam preservado. Estas divisões do poder não tem valor senão quando são consagradas. Ellas não são consagradas senão quando são as representação das forças realmente existentes em a nação. Uma revolução que não tivesse parado em frente das grades do castello de Versailles, haveria respeitado esta distinção methafisica do poder em duas naturezas!

Além disto, onde estavam ou onde estariam ainda hoje os elementos constitutivos de duas camaras n'uma nação, cuja revolução toda inteira não era senão uma convulsão para a unidade? Se a segunda camara é democratica e vitalicia, ella não é senão a democracia em duas pessoas; não tem senão um espirito. Não pode servir senão de enfraquecer o impulso ou quebrar a uni dade da vontade publica. Se é hereditaria e aristocratica, ella suppõe uma aristocracia preexistente e acceita em a nação. Onde estava essa aristocracia em 1791? Onde está ella agora? Um historiador moderno disse: «Na nobresa, na acceitação das desigualdades sociaes.» Mas a revolução acabava de ser feita contra a nobresa, e para nivelar as desigualdades sociaes hereditarias. Era pedir á revolução fizesse por si mesma a contra-revolução. Além disto estas pretendidas divisões do poder, são sempre ficções; o poder nunca realmente se dividiu. Está sempre aqui ou acolá, na realidade e todo inteiro; não é divisivel. E' como a vontade, ou é *uma*, ou não é. Se ha duas camaras está n'uma d'ellas; a outra segue-a ou é dissolvida. Se ha uma camara e um rei, elle está ou no rei, ou na camara. No rei se subjuga a assembléa pela força, ou se a compra pela corrupção; na camara, se ella agita o espirito publico e intimida a côrte e o exercito pela influencia da palavra, e pela superioridade da opinião. Aquelles que não veem isto satisfazem-se com palavras ôccas. Nesta chamada balança do poder ha sempre um peso que a faz pender: o equilibrio é uma chimera. Se existisse não podia produzir senão a immobilidade.

VII. — A assembléa constituinte havia por tanto feito uma obra boa, *sábia*, e tão duravel quanto são as instituições de um povo e o trabalho n'um seculo de transição. A constituição de 91 tinha escripto todas as verdades do tempo e redigido toda a razão humana na sua epocha. Tudo na sua obra era verdade, excepto a realesa. Não teve senão uma cousa má foi confiar o deposito do seu codigo á monarchia.

Vimos que esta mesma falta foi um excesso de virtude. Recuou diante da idéa de se tirar o throno á familia dos seus reis; teve a superstição do passado sem lhe ter a fé; quiz conciliar a republica e a monarchia. Era uma virtude nas suas intenções, e foi um mal nos poerutados; porque é um mal em politica tentar o impossivel. Luiz XVI era o unico homem da nação a quem e não podia confiar a realesa constitucional, porque era a elle que se acabava de arrancar a monarchia absoluta; a constituição era a realesa compartilhada, e elle havia-a possuido alguns dias antes toda inteira. Para qualquer outro esta realesa teria sido um presente; e para elle era uma injuria.

Luiz XVI teria sido capaz desta abnegação do poder supremo que faz os heroes do desinteresse (e era-o), porém os partidos desapossados, dos quaes era o chefe natural, não eram della capazes como elle: pode-se esperar um acto de desinteresse sublime d'um homem virtuoso, e nunca d'um partido em massa. Os partidos nunca são magnanimos; não abdicam; extirpam-os. Os actos heroicos vem do coração, e os partidos não teem coração; não tem senão interesses e ambições. Um corpo, é o egoismo immortal.

Clero, nobresa, côrte, magistratura, todos os abusos, todas as mentiras, todos os orgulhos, todas as injustiças da monarchia se personificavam, a despeito mesmo de Luiz XVI, no rei. Degradados n'elle, deviam querer ressuscitar com elle. A nação que tinha o sentimento desta solidariedade fatal entre o rei e a contra-revolução, não podia confiar-se ao rei, apesar de venerar o homem; devia vêr n'elle o cumplice de todas as conjurações contra ella. Os vindos á liberdade são tão susceptiveis como os piões-fidalgos mimoseados pela fortuna. As desconfianças deviam surgir; as suspeitas deviam produzir as injurias; as injurias os ressentimentos; os ressentimentos as facções; as facções os choques e os derrubamentos; os enthusiasmos momentaneos do povo, e as concessões sinceras do rei nada ahi podiam. De ambos os lados as situações eram falsas.

Se na assembléa constituinte tivessem havido mais homens de Estado do que philosofos, ella reconhecido haveria que um Estado intermedio era impossivel, sob a tutella de um rei meio destronado. Não se entrega aos vencidos a guarda e a administração das conquistas. Obrar como ella obrou, era impellir totalmente o rei ou á traição ou ao cadafalso. Um partido absoluto é o unico partido seguro nas grandes crises. O genio ou a habilidade está em saber lançar mão destes partidos extremos na occasião propria. Dizemol-o atrevidamente, a historia futura ha-de dizel-o um dia como nós: houve um momento em que a assembléa constituinte teve o direito de escolher entre a monarchia e a republica, e no qual ella devia escolher a republica. Ahi estava a salvação da revolução e a sua legitimidade. Faltando-lhe a resolução, faltou-lhe a prudencia.

VIII. — Mas, diz-se com Barnave, a França é monarchica tanto pela sua geografia como pelo seu caracter, e o debate eleva-se no mesmo instante nos espiritos entre a monarchia e a republica. Entendamo-nos:

A geografia não é de nenhum partido: Roma e Carthago não tinham fronteiras, Genova e Venesa não tinham territorios. Não é o solo quem determina as constituições dos povos; é o tempo. A objecção geografica de Barnave cahio logo um anno depois, diante dos prodigios da França em 1792. Ella demonstrou se acaso a uma republica faltava unidade e centralisação para uma nacionalidade continennal. As ondas e as montanhas são as fronteiras dos fracos; os homens são as fronteiras dos povos. Deixemos por tanto a geografia! não são os geometras que escrevem as constituições sociaes, são os homens de estado.

Ora, as nações tem dois grandes instinctos que lhes revelam a fórma que devem tomar, segundo a hora da vida nacional a que são chegadas; o instincto da propria conservação e o instincto do seu crescimento. Obrar ou descançar, marchar ou sentar-se são dois actos inteiramente diversos que necessitam nos homens actitudes tambem inteiramente diversas. Assim acontece com as nações. A monarchia ou a republica, correspondem exactamente n'um povo, ás necessidades destes dois estados oppostos: o repouso ou a acção. Entendemos aqui estas duas palavras de repouso e de acção na sua accepção a mais absoluta; porque ha tambem repouso nas republicas, e acção nas monarchias.

Tracta-se conservar, reproduzir, desenvolver nesta especie de vegetação lenta e insensivel que os povos tem, á imitação dos grandes vegetaes? Tracta-se de manter-se em harmonia com o equilibrio europeu, guardar suas leis e seus costumes, preseverar suas trad ções, perpetuar as opiniões e os cultos, garantir as propriedades e o bem estar, prevenir as desordens, as agitações, as facções? A monarchia é evidentemente a mais propria para esta funcção do que qualquer outro estado da sociedade. Protege em baixo a segurança que no alto ou em cima quer para si propria. E' a ordem por egoismo e por essencia. A ordem é a sua vida, a tradição é o seu dogma, a nação é a sua herança, a religião a sua alliada, as aristocracias as suas barreiras contra as invasões do povo. E' preciso que conserve tudo isto, ou que morra. E' o governo da prudencia, por que tambem é o da maior responsabilidade. Um imperio é o abono do monarcha. O throno é por toda a parte um penhor de immobilidade. Quando se está collocado tão alto, teme-se todo o sacudimento; porque então não ha senão perder ou cahir.

Quando uma nação tem o seu logar n'um territorio sufficiente, as suas leis consentidas, os seus intererses fixados, as suas crenças consagradas, o seu culto em vigor, as suas classes sociaes graduadas, a sua administração organisada, ella é monarchia em despeito dos mares, dos rios, e das montanhas. Abdica, então, e encarrega á monarchia prevêr, querer, e operar por ella. E' o mais perfeito dos governos para estas funcções. Appellida-se com os dois nomes da propria sociedade: *unidade e hereditariedade.*

IX. Pelo contrario, um povo está n'uma dessas épocas em que é preciso obrar com toda a intensidade das suas forças para operar nelle ou fóra de si uma dessas transformações organicas, que são tão necessarias aos povos como a corrente é necessaria aos rios, ou a explosão ás forças comprimidas? A republica é a fórma obrigada e fatal d'uma nação, em taes circumstancias. A uma acção repentina, irresistivel, convulsiva do corpo social, são mister os braços e a vontade de todos. O povo transforma-se em multidão, e se dirige sem ordem ao perigo. Só elle póde ser sufficiente á crise. Que outro braço a não sér o do povo inteiro poderia mover o que tem a remover? deslocar o que quer destruir? installar o que pretende fundar? A monarchia quebraria ahi mil vezes o seu sceptro. E' necessaria uma alavanca capaz de levantar trinta milhões de vontades. Esta alavanca, só a nação a possue. E' em si propria a força motriz, o ponto de apoio, e a alavanca.

X. Não se póde então pedir á lei que obre contra a lei, á tradição que opere contra a tradição, á ordem estabelecida que obre contra a ordem estabelecida. Seria pedir a força á fraquesa e o suicidio á vida. E além disto pedir-se-ia debalde ao poder monarchico que levasse a cabo estas mudanças em que muitas vezes tudo morre, e o rei primeiro que todos. Similhante acção é o contra-senso da monarchia? Como o quereria ella?

Pedir a um rei que destrua o imperio d'uma religião que o consagra, que despoje de suas riquezas um clero que as possue pelo mesmo titulo divino, com que elle possue o reino, que rebaixe uma aristocracia que é o degrão elevado do seu throno, que destrua as jerarchias sociaes cujas elle é a corôa ou o remate, que mine as leis da qual elle é a mais elevada: seria pedir ás abobedas de um edificio que minassem os seus alicerces. O rei nem o poderia, nem o quereria. Destruindo assim tudo que lhe serve de apoio, conhece que cahiria no vacuo. Arriscaria o seu throno e a sua dynastia. E' responsavel pela sua raça. E' prudente por natureza, e contemporisador por necessidade. E' preciso que elle compraza, que elle maneje, que elle seja paciente, que transija com todos os interesses constituidos. Elle é o rei do culto, da aristocracia, das leis, dos costumes, dos abusos, e das mentiras do imperio. Os proprios vicios da constituição fazem parte da sua força. Ameaça-los é perder-se. Póde aborrece-los, mas não póde ataca-los.

XI. — A similhantes crises só a republica póde fazer frente. As nações o conhecem, e para ella se precipitam como na salvação. A vontade publica torna-se em governo. Afasta os timidos, e busca os audaciosos; chama todo o mundo á obra; ensaia, emprega, regeita todas as forças, todas as dedicações, todos os heroismos. E' a multidão ao leme. A mão mais prompta ou a mais firme o agarra, até que outra mais atrevida lho arranque. Porém todos governam no sentido de todos. Considerações privadas, timidez da situação, differença de jerarchia, tudo desapparece. Não ha responsabilidade para ninguem. Hoje no poder, amanhã no exilio, ou no cadafalso. Ninguem tem o dia seguinte, sempre se está no dia de hoje. As resistencias despedaçam-se pela irresistivel potencia do movimento. Tudo é fraco, tudo dobra diante do povo. Os ressentimentos das castas abolidos, os cultos desapossados, as propriedades declinadas, os abusos extirpados, as aristocracias humilhadas, perdem-se no ruido geral do desabamento das cousas velhas. A que prender-se? A nação responde de tudo a todos. Ninguem tem contas a pedir-lhe. Não se sobrevive a si propria, ella affronta as recriminações e as vinganças; é absoluta, como um elemento; é anonima, como a fatalidade; termina a sua obra, e quando a sua obra está acabada, diz: Descancemos e tomemos a monarchia.

XII. — Ora, uma tal fórma de acção é a republica. E' a unica que convem ás fortes epochas de transformação. E' o governo da paixão, é o governo das crises, é o governo das revoluções. Tanto que as revoluções não estão concluidas, o instincto do povo impelle á republica; porque elle sente que qualquer outra mão que não seja a sua é mui fraca para imprimir o impulso necessario ás cousas. O povo não se fia, e tem rasão, em um poder irresponsavel, perpetuo e hereditario, para fazer o que as epochas da creação ordenam. Quer por si mesmo fazer seus negocios. Sua dictadura parece-lhe indispensavel para salvar a nação. Ora a dictadura do povo organisada, o quo é senão a republica? Não póde por tanto depôr seus poderes senão depois de todas as crises terem passado, e a obra revolucionaria estar incontestada, completa, e consolidada. Depois pode retomar a monarchia, e dizer-lhe novamente: Reina em nome das idéas que te fiz!

XIII. — A assembléa constituinte foi por tanto cega e fraca em não dar a republica por instrumento natural á revolução. Mirabeau, Bailly, La-Fayette, Sieyés, Barnave, Talleyrand, Lameth agitavam nisto como philosofos e não como grandes politicos. O acontecimento o provou. Elles acreditaram a revolução acabada apenas ella esteve escripta. creram a monarchia convertida apenas jurou a constituição. A revolução não estava mais do que principiada, e o juramento da realeza á revolução era tão vão como o juramento da revolução á realesa. Estes dois elementos não podiam assimilhar-se senão depois de um intervallo d'um seculo. Este intervallo, era a republica. Um povo não passa pois em um dia, nem mesmo em cincoenta annos, da acção revolucionaria ao repouso monarchico. Foi por se ter esquecido isto na hora em que era preciso recordal-o, que a crise foi terrivel e ainda nos agita. Se a revolução, que prosegue sempre, tivesse tido seu governo proprio e natural, a republica teria sido menos tumultuosa e menos inquieta que as nossas cinco tentativas da monarchia. A natureza dos tempos, em que temos vivido protesta contra a forma tradicional do poder. A uma epocha de movimento, um governo de movimento; eis a lei!

XIV. — Diz-se que a assembléa nacional não tinha direito disto: havia jurado a monarchia e reconhecido Luiz XVI; ella não podia desthronal-o sem crime! A objecção é pueril, se acaso provem de espiritos que não acreditam na possessão dos povos pelas dymnastias. A assembléa constituinte desde a sua estreia, tinha proclamado o direito inalianavel dos povos, e a legitimidade das insurreições necessarias. O juramento do *Jogo da pella* não consistia senão em jurar desobediencia ao rei e fidelidade á nação. A assembléa tinha proclamado depois Luiz XVI rei dos francezes. Se ella reconhecia em si o poder de o proclamar rei, reconhecia, por isso mesmo, em si o direito de o proclamar simples cidadão. Portanto a deposição por causa da utilidade nacional e da utilidade do genero humado, estava evidentemente nos seus principios. Porém que fez ella? Deixa Luiz XVI rei, ou torna-o a fazer rei, não pelo respeito á instituição, mas por piedade á sua pessoa, e por enternecimento por uma augusta decadencia. Eis-aqui a verdade. Temeu o sacrilegio, e precipitou-se na anarchia. Era clemente, bom e generoso;

Luiz XVI bem merecia do povo. Quem pode profanar uma condescendencia tão magnanima? Antes da partida do rei para Varennes, o direito absoluto da nação foi sómente uma ficção abstracta, *summum jus* da assembléa. A realeza de Luiz XVI ficou o facto respeitavel e respeitado. Ainda diremos outra vez, estava bem.

XV. — Mas chegou um momento, e esse momento foi o da fuga do rei, sahindo do reino, protestando contra a vontade nacional, e indo procurar o apoio do exercito, e a intervenção estrangeira, e então a assembléa entrava legitimamente no direito rigoroso de dispôr do poder trahido ou desertado. Tres partidos se offereciam á assembléa: declarar a deposição do rei e proclamar o governo republicano; proclamar a suspensão temporaria da realeza, e governar em seu nome, durante o seu eclypse moral; ou emfim restaurar no mesmo instante a realeza.

A assembléa escolheu o peior. Receiou ser tyranna, e foi cruel, porque, conservando no rei a hierarchia suprema, condemnou-o ao supplicio do odio e do desprezo do seu povo. Ella o coroou de suspeitas e d'ultrages; prendeu-o ao throno, para o throno ser o instrumento das suas torturas e tambem da sua morte.

Dos outros dois partidos a seguir o primeiro era o mais logico e o mais absoluto: proclamar a deposição e a republica.

A republica, se ella tivesse então sido legalmente estabellecida pela assembléa no seu direito e na sua força, teria sido mui differente da republica que foi perfida e atrozmente arrancada, nove mezes depois, pela insurreição de 10 de agosto. Teria sem duvida, as agitações inseparaveis do parto de uma ordem nova. Não teria escapado ás ordens da natureza n'um paiz de primeiro movimento, apaixonado pela grandeza mesmo dos seus perigos. Porém nasceria de uma lei, em logar de nascer de uma sedição; de um direito, em vez de uma violencia; de uma deliberação, em vez de uma insurreição. Só isto mudava as condições sinistras da sua existencia e do seu futuro. Ella devia ser turbulenta; mas podia ficar pura.

Vede como o unico facto da sua proclamação legal e reflectida mudava tudo. O 10 de agosto não teria tido logar; as perfidias e a tyrannia da communa de Pariz, o assassinio das guardas, o assalto do palacio, a fuga do rei para a assembléa, os ultrages de que ahi foi coberto, emfim a sua prisão no *Temple* ter se-hiam evitado. A republica não teria morto um rei, uma rainha, uma innocente creança, uma princeza virtuosa. Não haveria tido a carnificina de septembro estes *S. Bartholomeu* do povo que mancham para sempre as roupas da liberdade. Ella não se haveria baptisado no sangue de trezentas mil victimas. Não entregaria nas mãos do tribunal revolucionario a secure do povo, com a qual immolou uma geração inteira para dar praça a uma idéa. Não teria tido o 31 de maio. Os girondinos chegados puros ao poder, haveriam possuido muito mais força para combater a demagogia. A republica, instituida a sangue frio, haveria intimidado a Europa sem ser por uma sublevação, legitimada pelas mortes e assassinios. A guerra podia terse evitado, ou se fosse inevitavel, teria sido mais unanime e mais triumphante. Os nossos generaes não morreriam assassinados pelos seus soldados aos gritos de traição. O espirito dos povos teria combatido comnosco, e o horror das nossas jornadas de agosto, de setembro, e de janeiro, não repelliriam das nossas bandeiras os povos attrahidos pelas nossas doutrinas. Eis como uma unica mudança, na origem da republica, trocava a sorte da revolução.

XVI. — Mas se os costumes da França repugnavam ainda ao vigor desta resolução, e se a assembléa receiava que o seu parto da republica fosse precoce, restava-lhe o terceiro partido: proclamar a deposição temporaria da realeza por dez annos, meter o rei em reserva, e governar republicanamente, em seu nome, até á instabilidade incontestada e inhabalavel da constituição. Este partido salvava tudo, mesmo aos olhos dos fracos: o respeito pela realesa, a vida do rei, os dias da familia real, o direito do povo, a innoçencia da revolução. Era ao mesmo tempo firme e tranquillo, efficaz e legitimo. Era a dictadura a qual todos os povos tem tido o instincto nos dias criticos da sua existencia. Porem, em logar da dictadura curta, fugitiva, inquieta, ambiciosa de um só, era a dictadura da nação governando-se ella mesmo pela sua assembléa nacional. A nação affastava reverentemente a realesa durante dez annos para fazer per si mesmo a obra superior ás forças de um rei. Feita esta obra, extinctos os ressentimentos, tomados os habitos, as leis em vigor, cobertas as fronteiras, secularisado o clero, submettida a aristocracia, a dictadura podia cessar. O rei ou a sua dymnastia podia subir sem perigo a um throno do qual as grandes tempestades estavam afastadas. Esta republica verdadeira haveria retomado o nome de monarchia constitucional, sem nada mudar. Haver-se-hia reposto a estatua da realeza no cume quando o pedestal estivesse consolidado. Similhante acto teria sido o consolado do povo: bem superior a esse consulado de um homem, que não devia acabar senão pela assolação da Europa e pela dupla usurpação do throno e da revolução.

Ou então, se, ao expirar esta dictadura nacional, a nação bem governada tivesse achado o throno perigoso ou inutil de restabelecer, quem lhe impediria dizer ao mundo; Isto que eu assumi como dictadura, eu o consagro como governo difinitivo. Proclamo a republica franceza, como o unico governo sufficiente á energia de uma epocha renovadora, porque a republica é a dictadura perpetua e constituida do povo. Para que bom o throno? Eu fico de pé. E' a actitude de um povo em trabalho!

Resumindo: a assembléa constituinte, cujo pensamento illumina o globo, e cuja andacia transformou em dois annos um imperio, não teve senão um desacerto: foi repousar. Devia perpetuar-se, e ella abdicou. Uma nação que abdica ao cabo de dois annos de reinado e sobre montões de ruinas, lega o sceptro á anarchia. O rei não podia reinar mais, a nação não queria reinar; as facções reinaram. A revolução morreu não por ter querido muito, mas por não ter ousado assaz. Tanto é verdade que a timidez das nações é mais funesta que a fraqueza dos reis, e que um povo que não sabe tomar e guardar tudo que lhe pertence tenta ao mesmo tempo a tyrannia e a anarchia! a assembléa ousou tudo, excepto reinar. O reinado da revolução não podia appelidar-se senão republica. A assembléa deixou este nome ás facções e esta forma ao terror. Essa foi a sua falta. Ella a expiou, e a espiação deste erro não acabou ainda para a França.

LIVRO OITAVO.

I. — No entanto que o rei, isolado no cume da constituição, procurava o seu equilibrio, já nas perigosas negociações com o estrangeiro, já nas imprudentes tentativas da corrupção no interior; homens, uns girondinos, outros jacobinos, porem confundidos ainda sob a denominação commum de patriotas, começaram a reunir-se e a formar o nucleo de uma grande opinião republicana, eram: *Pethion, Robespierre, Brissot, Buzòt, Vergniaud, Guadet, Gensonné. Carra, Louvet, Ducos, Fonfréde, Duperrei, Syllery-Genlis*, e muitos outros cujos nomes não sahiram da obscuridade.

O lar de uma raparìga, filha de um gravador do caes dos *Orfevres* (ourives) foi o centro desta reunião. Foi ahi que o dois maiores partidos da revolução, a Gironda e a Montanha, se encontraram, se uniram, se dicidiram, e depois de terem conquistado o poder e destruido juntos a monarchia, rasgaram com as suas dissenções o seio da propria patria, e assassinaram a liberdade matando-se reciprocamente. Não era nem a ambição, nem a fortuna, nem a celebridade que haviam successivamente attrahido estes homens a casa desta mulher, então sem credito, sem luxo, e sem nome; era a conformidade de opiniões; era este culto recolhido que os espiritos privilegiados amam dar, em segredo ou em publico, a uma verdade nova que promette a felicidade aos homens; era a attracção invisivel d'uma fé commum, esta communhão dos primeiros neophytos na religião da philosophia, onde se conhece a necessidade de unir as almas antes de se associarem os actos. Tanto que os pensamentos communs entre os homens politicos não tem encontrado este centro onde elles se fecundam e se organisam pelo contatco,

A alma ardente e pura d'uma mulher era digna de ser o centro onde convergessem todos os raios da nova verdade para ahi se fecundar ao calor do seu coração, e accender a fogueira que devia incendiar as velhas instituições. Os homens tem o genio da verdade, só as mulheres della teem a paixão. E' necessario amor no fundo de todas as creações; parece que a verdade tem dois sexos como a naturesa. Ha sempre uma mulher na origem de todas as cousas grandes; era precisa uma ao principio da revolução. Pode dizer-se que a philosophia encontrou esta mulher em a senhora Roland.

O historiador, arrastado pelo movimento dos acontecimento que vai narrando, deve parar ante desta severa e tocante figura, como os viadantes paravam para notar as suas feições sublimes e suas alvas roupas sobre o carro que conduzia milhares de victimas á morte. Para a comprehender é preciso seguil-a desde a officina de seu pai até ao cadafalso. E' especialmente na mulher que, o germen da virtude está no coração: é quasi sempre na vida privada que repousa o segredo da vida publica.

II. — Moça, bella, radiante de genio, cazada havia pouco com um homem austero, cujos annos tocavam na velhice, apenas mãi de um primeiro filho, a senhora Rolland nascera nesta condição intermedia em que as familias, apenas emancipadas pelo trabalho, são por assim dizer amphibias entre o proletarismo e a burguezia, e reteem nos seus costumes as virtudes e a simplicidade do povo, participando já das luzes da sociedade. Na epocha em que os aristocratas cahem, é ahi que as nações se regeneram. A seiva dos povos está ahi. E' lá que tinha nascido João-Jacques Rousseau, o tipo viril da senhora Roland. Um retrato da sua infancia representa a menina na officina de seu pai, tendo em uma das mãos um livro, e na outra o buril do gravador. Este retrato é a difinição symbolica da condição social em que nascera a senhora Roland, no ponto preciso entre o trabalho das mãos e o pensamento.

Seu pai *Gratien Philippon*, era gravador e pintor em esmalte, Juntava a estas duas profissões o commercio dos diamantes e das joias. Era um homem aspirando sempre mais alto do que as suas forças, um aventureiro de industria, que dessipava immediatamente a sua modesta fortuna, querendo estendel-a á proporção dos seus sonhos, e da sua ambição. Adorava sua filha, e não se contentava para ella com as perspectivas da officina. Dava-lhe a educação das mais altas fortunas como a natureza lhe dera o coração dos mais altos destinos. Sabe-se que os caracteres quaes o deste homem, trazem comsigo simultaneamente chimeras, constrangimento, e desgraça no seu interior.

A menina crescia nesta atmosfera de luxo e de espirito e de verdadeira ruina. Dotada de uma razão prematura, conhecia já estes derregramentos de familia; refugiava-se na razão de sua mãi contra as illusões de seu pai, e os presentimentos do futuro.

Margarida Bimont, que era o nome de sua mãi, trouxera a seu marido uma bellesa serena, e uma alma superior tambem ao seu destino; mas sua angelica piedade, e a resignação que esta inspira, premuniam-a ao mesmo tempo contra a ambição e contra o desespero. Mãi de sete filhos que todos lhe tinham sido arrancados do seio pela morte, havia concentrado em sua filha unica toda a sua potencia de amar. Porém este mesmo amor a garantia de fraqueza na educação que dava á sua filha. Tinha n'um justo equilibrio seu coração e sua intelligencia, sua imaginação e sua rasão. O molde onde lançava esta joven alma era graciosa; porém era de bronze. Ter-se-hia dito que essa previa antecipadamente os destinos desta criança, e que misturava em todos os cuidados dados a esta menina alguma cousa de varonil, que faz os heroes e os martyres.

A naturesa prestava-se a isto admiravelmente. Havia dado á sua educanda uma intelligencia superior á sua deslembrante belleza. Esta formosura de seus primeiros annos, da qual ella propria debuxou os traços principaes, com uma infantil complacencia nas felizes paginas das suas memorias, estava longe de haver adquirido o caracter de energia, melancolia, e magestade que mais tarde o amor represado, os pensamentos viris e a desgraça lhe deram.

Um talhe alto e flexivel, as espaduas bem lançadas o peito largo, sublevado por uma respiração livre e forte: uma actitude modesta e decente, esta posição do pescoço que caracterisa a intrepidez; cabellos negros e lisos, olhos asues, velados pela sombra dos pensamentos, um olhar que passava, como a alma, da ternura á energia, um nariz de estatua grega, a boca um pouco grande, aberta ao surriso como á palavra, dentes alvissimos barba arredondada, dando ao oval do rosto esta graça voluptuosa e feminina sem a qual a mesma belleza não produz o amor, pelle marborizada com as tintas da vida, e animada de um sangue que á menor impressão subia ás suas faces coradas, um som de voz que recebia suas vibrações das fibras graves do peito, e que se modelava profundamente nos mesmos movimentos do coração (dom precioso, porque o som da voz que é a communicação da emoção na mulher, é o vehiculo da persuação no orador; a estes dois titulos da naturesa lhe devia o encanto da sua voz, e ella tambem lho dera); tal era aos desoito annos, o retrato desta menina que a obscuridade encobriu muito tempo com a sua sombra, como para preparar á vida é á morte uma alma mais forte, e uma victima mais perfeita.

III. — Sua intelligencia alumiava já o seu exterior, d'uma luz precoce e repentina que se assemilhava á inspiração. Ella aspirava por assim dizer, os conhecimentos mais difficeis, ainda apenas soletrando-os. O que se ensina á sua edade e ao seu sexo, não lhe era sufficiente. A educação varonil dos homens era para ella uma necessidade e um brinco. Seu espirito poderoso tinha necessidade de todos os instrumentos do pensamento e do exercicio Religião, historia, philosofia, musica, pintura, dança, sciencias exactas, chimica, linguas estrangeiras e sabias, tudo aprendia e mais desejava. Formava ella mesma o seu pensamento, de todos os raios que a obscuridade de sua condição, deixava chegar até ao laboratorio de seu pai. Occultava furtivamente os livros que os moços aprendizes levavam, e esqueciam de proposito para ella na officina, João-Jacques Rousseau, Voltaire, Montesquieu, os philosofos inglezes, foi assim que lhe vieram parar ás mãos. Mas o seu verdadeiro nutrimento era Plutarco.

« Nunca esquecerei, disse ella, a quaresma de 1763, durante a qual levava todos os dias este livro á igreja, como se fora o meu livro de orações; é desde este momento que datam as impressões e as idéas que me fizeram republicana sem eu pensar então, em vir a sel-o. » Depois de *Plutarco* foi *Fenelon* que commoveu seu coração. O *Tasso* e os poetas vieram depois. O heroismo, a virtude, e o amor deviam manar destes tres vasos, ao mesmo tempo, na alma de uma mulher, destinada a esta triple palpitação das grandes impressões.

No meio deste abrazamento da alma, sua rasão ficava fria, e sua pureza sem mancha. Apenas confessa ligeiras e fugitivas emoções do coração e dos sentidos. « Lendo-os por de traz do biombo, que fechava o meu quarto na salla de meu pai, diz ella, minha respiração se elevava, e sentia como um fogo subito cobrir-me o rosto, e a voz alterada trahiria a agitação. Eu era Eucharis para Telemaco, Herminia para Tancredo. Não obstante, toda transformada nellas, não sonhava ser eu propria nada para nenhuma pessoa. Não faria applicação a mim, não buscava ninguem em torno a mim; era um sonho sem acordar. Com tudo recordo-me de ter visto com muito sobresalto um moço pintor, chamado *Taboral*, que vinha algumas vezes a casa de meu pai; tinha talvez vinte annos, uma voz doce, figura sensivel, e envorgonhado qual um menino. Quando o ouvia na officina, tinha sempre um lapis ou outra qualquer cousa que ir ali buscar; mas como a sua presença me embaraçava tanto, quanto me era agradavel, eu sahia mais depressa do que tinha entrado, com um palpitante de coração e um tremor, que ia occultar no meu pequeno gabinete. »

Bem que sua mãi fosse muito piedosa, não prohibia a sua filha nenhuma destas leituras. Queria inspirar-

gas dos dias de Socratos e de Platão, um buscava a discipula mais do que a mulher, outra esposava um mestre mais do que um marido. O sr. Roland voltou para Amiens. Escreveu d'ahi ao pai a pedir-lhe a mão de sua filha. Este recusou seccamente. Receiava no sr. Roland, cuja austeridade lhe repugnava, um censor para elle, um tyranno para sua filha. Informada desta recusa por seu pai, esta se indignou e entrou n'um convento, falta de tudo. Ahi viveu dos alimentos mais grosseiros, que ella preparava com as suas mãos. Ahi se entregou ao estudo, e ahi fortificou seu coração contra a adversidade. *Vingou-se em merecer a felicidade da sorte que se lhe não concedia.* A' noite uma visita de uma pessoa da sua amizade; de dia, uma hora de passeio n'um jardim cercado de altas muralhas; este sentimento de força que faz com que porfiar contra a sorte, esta melancolia que enternece a alma sobre si mesma, e a nutre da propria sensibilidade, ajudaram a a passar os longos mezes de inverno daquelle voluntario captiveiro.

Um sentimento de amargura interna envenenava-lhe, comtudo, até o seu mesmo sacrificio. A si propria dizia que este sentimento não era recompensado: havia-se lisongeado que o sr. Roland, sabendo a sua resolução e o seu encerro, correria a arrancal-a ao convento, e confundir aquelles dois destinos. O tempo passava, e Roland não vinha; apenas escrevia. Appareceu finalmente ao cabo de seis mezes. Inflammou-se de novo revendo a sua amiga n'uma grade; determinou-se a offerecer-lhe sua mão, ella acceitou. Porém tantos calculos, hesitação, frieza tinham-lhe arrebatado a pouca illusão que podia restar á moça captiva, e reduzindo seus sentimentos a uma severa estima. Ella, mais se dedicou, do que se deu. Pareceu-lhe bello immolar-se pela felicidade de um homem de bem: porem cumprio este sacrificio com toda a seriedade da razão, e sem nenhum enthusiasmo do coração. O seu casamento foi para ella um acto de virtude, de que gosou, não por ser doce, mas porque lhe pareceu sublime.

A discipula apaixonada de João-Jacques Rousseau achou-se nesta epocha decisiva da sua existencia. O casamento da sr.ª Roland é uma imitação evidente do de Heloisa esposando o sr. de Volmar. Mas a amargura da realidade não tardou a transparecer sob o heroismo da sua dedicação. « A' força, diz ella, de me occupar da felicidade do homem a quem me associei, percebi que faltava alguma cousa á minha. Não cessei um unico instante de vêr em meu marido um dos homens mais estimaveis que existem, e ao qual eu me podia honrar de pertencer; mas senti muitas vezes que faltava paridade entre nós, que o ascendente de um caracter dominador, junto áquelle de vinte annos mais que a minha edade, fazia demasiada uma destas superioridades. Se viviamos na solidão, tinha algumas vezes de passar horas penosas. Se appareciamos no mundo, era amada de pessoas das quaes conhecia que algumas me poderiam sensibilisar. Dediquei-me ao trabalho de meu marido, fiz-me sua copista, e revisora das suas provas; e cumpria este encargo com uma humildade sem me queixar, o que contrastava com um espirito tão livre e tão exercitado qual o meu. Porém esta humildade manava do meu coração. Eu respeitava tanto meu marido, que amava suppôr sempre ser elle superior a mim; tinha tanto medo de uma sombra no seu rosto, e elle era tão afferrado ás suas opiniões, que não adquiri senão bem tarde a força de o contradizer. Juntava a estes trabalhos o da casa: tendo conhecido que a sua delicada saude não se harmonisava com todos os regimens, tomei o cuidado de lhe preparar eu mesma os seus alimentos. Estive com elle quatro annos em Amiens. Ahi fui mãi e ama de meu filho. Trabalhavamos juntos na *Encyclopedie nouvelle* (*nova Encyclopedia*) cujos artigos relativos ao commercio lhe tinham sido confiados. Não deixavamos estes estudos senão por alguns passeios campestres, fóra da cidade.»

Roland, absoluto e pessoal, tinha exigido desde o principio do casamento, que sua mulher cessasse de vêr as moças e ternas amigas que amára no convento, e que viviam em Amiens. Elle temia a mais pequena partilha de affeição. A sua prudencia ultrapassava as balisas da razão. A uma união austera, como o casamento, são necessarias as distracções da amisade. Esta tyrannia de um sentimento exclusivo, não era resgatada pelo amor. Roland pedia tudo á complacencia de sua mulher. Se nada se abalava nesta alma, ella conhecia comtudo os seus sacrificios, e gosava do cumprimento dos seus deveres, como o estoico gosa a dor.

XI. — Ao cabo de alguns annos passados em Amiens, Roland obteve ser empregado nas mesmas funcções em Lyon seu paiz natal. No inverno habitava na cidade: passava o resto do anno no campo, na casa paterna, onde vivia ainda sua mãi, mulher respeitavel pela edade, mas de um commercio inquieto e atormentador na vida domestica. A senhora Roland, na viçosa flor da juventude, bellesa e genio, achava-se assim exilada e opprimida, entre uma sogra implacavel, um cunhado insubordinado, e um marido dominador. O amor mais apaixonado haveria apenas bastado para compensar tão aspera situação, Ella não tinha para a dulcificar, senão o sentimento dos seus deveres, o trabalho, a sua philosofia, e o seu filho. A tudo fez frente, e acabou por transformar este retiro austero em uma morada de harmonia e de paz. E' um gosto seguil-a nesta solidão onde a sua alma se temperava pela lucta, assim como vamos encontrar em *Charmettes* o manancial ainda fresco da vida e do genio de João Jacques Rousseau.

XII. — Ha junto ás montanhas de Beaujolais, na larga bahia do Saône, em frente dos Alpes uma serie de pequenas colinas amontoadas como vagas de areia, as quaes o paciente vinhateiro destes paizes tem plantado de vinhas, e que formam entre si, na sua base, obliquos valles, quebradas estreitas e sinuosas, por onde se estendem pequenos prados verdes. Destes prados tem cada um seu filete d'agoa, cahindo das montanhas; os salgueiros, os alamos, e os chopos lhe traçam a corrente e assombream o leito. Os flancos e cumes destas colinas não produzem, acima d'aquellas baixas vinhas, senão alguns pecegueiros silvestres, que não dão sombra ás uvas, e grossas nogueiras nas varzeas junto ás casas. E' sobre o declive d'uma destas pontas de montanhas areientas, que se eleva *la Platiére*, herança paterna do Snr. Roland; casa baixa, muito estreita, rasgada de janellas regulares, e coberta de um telhado de telhas encarnadas, quasi plano. As beiras deste telhado avançam um pouco sobre a parede para garantir as janellas da chuva do inverno, e do sol do estio. Os muros lisos e sem ornamentos d'architectura estavam revestidos de um cimento de cal branca que o tempo havia gretado e deteriorado. Sobe-se ao vestibulo por cinco degráus de pedra sobremontados de uma balaustrada rustica de ferro oxidado. Um pateo cercado de granjas onde se guarda a colheita, o lagar da vindima, adegas para o vinho e um pombal, precedem a casa. Por traz nivela-se uma pequena horta, cujos quadros são bordados de buxo, craveiros e arvores de fructo, mui baixas. Um pavilhão de verdura apparece no fim de cada rua. Pouco mais longe um pomar cujas arvores inclinadas em diversas e mil atitudes lançam uma pouca de sombra sobre uma geira de erva de pasto: depois um grande serrado de vinhas baixas, cortadas em linhas direitas por pequenas rendas verdes. Eis o sitio. A vista encontra depois successivamente o horisonte severo, recolhido, e aproximado das montanhas de Beaujeu, enegrecidas nos flancos por negros abetos, e entrecortadas de grandes prados em declive, onde pastam os bois de Charolais; e o valle da Saône, immenso oceano de verdura, sobresahindo-lhe aqui e alli numerosos campanarios. A cintura dos Altos-Alpes cobertos de neves e o zimborio do Monte-Branco, que domina tudo, encaixilham esta vasta paisagem. Ha ahi alguma cousa do infinito do mar; e se pelo seu lado encerrado, induz ao recolhimento e á resignação, pelo seu lado aberto parece sollicitar o pensamento a divagar, e arrebatar a alma a todos os longes da esperança e sobre todos os cumes da imaginação.

Tal foi durante cinco annos, o horisonte desta joven mulher. Foi ahi que se mergulhou na plenitude desta natureza que tantas vezes sonhára na sua infancia, e da qual não apercebia mais que alguns palmos de ceo, e algumas perspectivas confusas das florestas reaes, lá do

alto da sua janella, por cima dos telhados de Pariz. Foi ahi que os seus gostos simples, e sua amante alma, acharam alimentos e exercicios á sua sensibilidade.

Ella repartia ahi sua vida entre os cuidados do governo da casa, a cultura do seu espirito, e a charidade activa, esta cultura do coração; adorada dos camponezes, dos quaes se constituiu a Providencia, applicava ao alivio da miseria o pouco superfluo que lhe deixava uma restricta economia, e á cura das enfermidades delles os conhecimentos que adquirira na medicina. Vinham de trez e quatro legoas procural-a para ir visitar um enfermo. Aos domingos os degraos da escada do seu pateo estavam cobertos de enfermos, que vinham buscar alivio, ou de convalescentes que vinham trazer-lhe testimunhos do seu reconhecimento, presentes de castanhas, queijos das suas cabras, ou pomos dos seus vergeis. Ella alegrava-se de encontrar o povo dos campos justo, sensivel, e reconhecido. Figurava á imagem, deste, o povo das grandes capitaes. O incendio dos castellos, durante o saque e carnificinas de setembro, ensinaram-lhe mais tarde que estes mares de homens tão tranquillos então, tem tempestades mais terriveis do que as do Occeano, e que á sociedade são necessarias instituições, assim como o leito é preciso ás ondas, e que a força é tão indispensavel como a justiça ao governo dos povos.

XIII. — No entanto a revolução de 89 tinha soado, e viera surprehendel-a no seio deste retiro. Embreada de philosofia, apaixonada pelo ideal da humanidade, adoradora da liberdade antiga, ella se inflamou logo á primeira faisca desta fogueira de idéas novas: acreditou de boa fé que esta revolução, como um parto sem dôr, ia regenerar a especie humana, distruir a miseria da classe infeliz, sobre a sorte da qual ella se internecía, e renovar a face do mundo. Ha imaginação até na piedade das grandes almas. A illusão generosa da França, naquella epocha, era igual á obra que a França tinha a cumprir. Se ella não houvera esperado tanto, nada teria ousado. Sua fé, foi sua força.

Desde este dia, a senhora Roland sentiu accender-se nella um fogo que não devia mais apagar-se senão no seu sangue. Todo o amor occioso, adormecido na sua alma, converteu-se em enthusiasmo e em paixão pela humanidade. Sua sensibilidade illudida, mui ardente sem duvida para um unico homem, derramou-se sobre um povo inteiro. Amou a revolução qual uma amante. Communicou esta chamma a seu marido e aos seus amigos Toda a sua paixão represada se extravasou nas suas opiniões. Vingou-se do destino, que lhe recusava a felicidade para ella propria, consummando-se pela felicidade dos outros. Feliz e amada não passaria de ser uma mulher: infeliz e isolada transformou-se em chefe de partido.

XIV. — As opiniões do senhor e da senhora Roland sublevaram contra elles, no primeiro momento, toda a aristocracia commercial de Lyon, cidade honrada e pura, porém cidade de dinheiro, onde tudo se calcula, e onde as ideias tem o peso da immobilidade dos interesses. As ideias têem uma corrente irresistivel que arrasta as populações, ainda as mais estacionadas. Lyon foi arrastada e submergida pelas opiniões da epocha. O senhor Roland foi nomeado para a municipalidade, logo nas primeiras eleições. Ahi se pronunciou com a rudesa dos seus principios e com a energia que elle bebia na alma de sua mulher. Temido dos timidos, adorados dos impacientes, seu nome veio a ser uma injuria, depois uma bandeira; o favor publico o vingou dos ultrages dos ricos. Foi deputado para Pariz, pelo conselho municipal, para ahi defender os interesses commerciaes de Lyon junto ás commissões de assembléa constituinte.

As ligações de Roland com os philosoficos e com os economistas, que formavam o partido pratico da philosofia; suas relações obrigadas com os membros influentes da assembléa; seus gostos litterarios; e especialmente o actrativo e a seducção natural que atraem e retem os homens eminentes em roda d'uma mulher nova, eloquente e apaixonada, fizeram bem depressa do salão da senhora Roland um foco, pouco resplandecente ainda, porém ardente, da revolução. Os nomes que ahi se encontram revelam, desde o primeiro dia, as opiniões extremas. Para estas opiniões, a constituição de 1791 não era mais do que uma parada a fim de se tomar descanço.

Foi em 20 de fevereiro de 1791 que a senhora Roland entrou nesta cidade de Pariz, donde cinco annos antes sahira, donzella inapercebida e sem nome; e para onde voltava como uma chama para animar um partido inteiro, fundar a republica, reinar um momento, e morrer. Ella tinha n'alma um confuso presentimento deste destino. O genio e a vontade conhecem suas forças, sentem primeiro que os outros, e profetisam sua missão. A senhora Roland parecia de ante mão arrebatada pela sua ao centro da acção. Co reu no dia seguinte ao da sua chegada ás sessões da assembléa. Vio o *poderoso Mirabeau*, o *admiravel Cazalès*, o *audacioso Maury*, o *astucioso Lameth*, e o *frio Barnave*. Notou com o despeito do odio, na atitude e lingoagem do lado direito, esta superioridade que dão o habito da dominação, e a confiança no respeito das massas; do lado esquerdo, a inferioridade das maneiras, e a insolencia de envolta com a subalternidade. Assim a aristocracia antiga sobrevivia no sangue e vingava-se, mesmo depois da sua derrota, da democracia que a invejava subjugando-a. A igualdade escreveu-se nas leis muito tempo antes de se estabelecer entre as raças. A naturesa é aristocrata; é mister uma longa pratica de independencia para dar aos povos republicanos a nobre actividade, e a dignidade polida do cidadão. Mesmo em revolução, no vencedor, se conhece muito tempo o homem de fortuna da liberdade. As mulheres tem o tacto mais sensivel a estas cambiantes. A senhora Roland comprehendeu-as, mas longe de se deixar seduzir por esta superioridade da aristocracia, indignava-se mais, e sentia redobrar seu odio contra um partido, que era possivel abater, mas não se podia humilhar.

XV — Foi nesta epocha que seu marido e ella se ligaram com alguns dos homens mais ferverosos entre os apostolos das idéas populares. Não eram porem daquelles que brilhavam mais com a aura popular e resplendor do talento; eram aquelles que lhe pareciam amar a revolução em si mesma, e dedicar-se com desinteresse sublime, não ao engrandecimento de sua fortuna, mas ao progresso da humanidade. Brissot foi um dos primeiros. O senhor e a senhora Roland havia muito tempo que estavam em correspondencia com elle, a respeito de economia publica, e sobre os grandes problemas da liberdade. Suas idéas tinham fraternizado e engrandecido-se ao mesmo tempo. Estavam unidos de antemão por todas as fibras de corações revolucionarios, mas não se conheciam. Brissot, cuja vida aventureira, e a polemica infatigavel, tinham analogia com a joventude de Mirabeau, havia já creado-se um nome no jornalismo, e nos clubs. A senhora Roland esperou-o com respeito; estava curiosa de julgar se as feições do rosto correspondiam nelle á physionomia da alma. Acreditava que a naturesa se revellava por todas as formas, e que a intelligencia e a virtude modelavam os sentidos externos do homem, como o estatuario imprime no barro as formas palpaveis da sua concepção. O primeiro aspecto a desenganou, sem a desanimar, do seu culto por Brissot. Faltava-lhe esta dignidade da actividade, e esta gravidade de caracter que parecem como um reflexo da dignidade, da vida, e da gravidade das doutrinas. Alguma cousa havia no homem politico que revellava o pamphletario. A sua ligeireza chocava-a, a sua mesma alegria lhe parecia uma profanação das idéas austeras, de que elle era o orgão. A revolução que apaixonava o seu estylo, não ia até apaixonar o seu rosto. Ella não lhe encontrou assaz odio contra os inimigos do povo. A alma mobil de Brissot, não parecia ter assaz consistencia por um sentimento de dedicação. A sua actividade, repartida por todos os assumptos, dava-lhe a apparencia d'um artista em idéas, mais que d'um apostolo. Chamavam-lhe um intrigante.

Brissot levou comsigo Pethion, seu condiscipulo e seu amigo; Pethion já membro da assembléa constituinte, e cuja palavra, em duas ou tres circumstancias, havia tambem já sido notada. Brissot passava por inspirador destes discursos. Buzot e Robespierre, ambos membros da mesma assembléa, tambem ahi foram introdusi-

dos : Buzot, cuja bellesa pensativa, intrepidez, e eloquencia, deviam mais tarde agitar o coração, e enternecer a admiração da senhora Roland ; Robespierre, a quem a inquietação da sua alma e o fanatismo dos seus odios, arremessavam desde então, como um fermento de agitação, em todos os conciliabulos onde se conspirava em nome do povo. Ainda mais outros, cujos nomes citaremos em hora propria nos fastos deste partido nascente. Brissot, Pethion, Buzot, Robespierre concordaram reunir-se quatro vezes por semana, á noite, no salão desta mulher.

XVI. O objecto destas reuniões era conferenciar secretamente sobre as fraquesas da assembléa constituinte, os laços que a aristocracia armava á revolução estorvada, e a marcha que se devia imprimir ás opiniões entibiadas, para acabar de consolidar o triumpho. Escolheram a casa da sr.ª Roland, porque esta casa estava situada n'um bairro igualmente aproximado do alojamento de todos os membros que ahi se deviam encontrar. Como na conspiração d'Harmodius, era uma mulher que empunhava o facho para alumiar os conspiradores.

A sr.ª Roland encontrava-se assim arremessada, desde os primeiros dias, ao centro dos movimentos. Sua mão invisivel tocava os primeiros fios da trama ainda confusa, que devia desenrolar os maiores acontecimentos. Este papel, o unico que lhe permittia seu sexo, lisongeava ao mesmo tempo seu orgulho de mulher e sua paixão politica. Ella o desempenhou com esta modestia, que teria sido nella o primor da habilidade, senão houvesse sido o dom da natureza. Collocada fóra do circulo, junto a uma mesa, trabalhava com as mãos, escrevendo as suas cartas, mas escutando com uma apparente indifferença as discussões dos seus amigos. Muitas vezes tentada a tomar parte nellas, mordia-se os beiços para reprimir seu pensamento. Alma de energia e d'acção, a extenção e diffusão verbosa destes conselhos sem resultado, inspiravam-lhe um secreto desdem. A acção evaporava-se em palavras, e a hora passava, levando comsigo a occasião, que não volta mais.

Bem depressa as victorias da assembléa constituinte enfraqueceram os vencedores. Os chefes desta assembléa recuaram ante a sua propria obra, e pactuaram com a aristocracia e com o throno n'um espirito mais monarchico. Os deputados que se reuniam em casa da sr.ª Roland dispersaram-se, e desanimaram-se. Por fim não ficou senão este pequeno numero de homens inabalaveis, que se ligam aos principios independentemente dos seus successos, e que se ligam ás causas desesperadas com tanta força, quanto a fortuna mais parece trahi-los. Buzot, Pethion, e Robespierre, foram deste numero.

XVII. Ha para a historia uma curiosidade sinistra em vêr a primeira impressão que fez em a sr.ª Roland o homem que, aquecido no seu seio, e conspirando então com ella, devia um dia destruir o poder dos seus amigos, imola-los em massa, e envia-la tambem ao cadafalso. Nenhum sentimento repulsivo não parece nesta época advertir esta mulher, que ella conspira a sua propria morte, conspirando a fortuna de Robespierre. Se tem algum vago receio, este receio é immediatamente coberto por uma piedade, que se assimilha quasi ao despreso. Robespierre pareceu-lhe um homem honesto. Em favor dos seus principios, ella lhe perdoou a sua má linguagem, e fastidiosa locução. Robespierre, como todo homem de um unico pensamento, respirava enojo. Com tudo ella notára que elle era sempre reservado nestas reuniões, que não se confiava, que escutava todas as opiniões antes de emittir a sua, e que não se dava ao incommodo de a motivar. Como os homens imperiosos, a sua convicção parecia-lhe uma razão sufficiente. No dia seguinte subia á tribuna, e aproveitando-se para o seu renome das discussões intimas que ouvíra na vespera, avançava a hora da acção concertada com os seus amigos e descobria assim o plano de conducta. Censuravam-o em casa da sr.ª Roland ; elle escusava-se com leviandade. Attribuia-se o seu proceder á juventude e impaciencia do seu amor-proprio. A sr.ª Roland, persuadida de que este mancebo amava apaixonadamente a liberdade, tomava a sua reserva por timidez, as suas traições por independencia. A causa commum cobria tudo. A parcialidade transforma os mais sinistros indicios em favor, ou indulgencia. « Elle defende os principios com enthusiasmo, calor, e tenacidade, disse ella ; tem coragem para defende-los sósinho, n'um tempo em que o numero dos defensores do povo está prodigiosamente reduzido. A côrte aborrece-o, nós devemos ama-lo. Estimo Robespierre por este motivo, e lh'o testimunho ; e quando mesmo elle é pouco assiduo á pequena reunião da noite, vem de tempos a tempos pedir-me de jantar. Fiquei ferida do terror, de que elle pareceu penetrado, no dia da fuga do rei para Varennes. Disse á noite, em casa de Pethion, que a familia real não tinha tomado esta resolução sem ter preparado em Pariz um S. Bartholomeu de patriotas, e que esperava morrer antes de vinte e quatro horas. Pethion, Buzot, Roland diziam, pelo contrario, que esta fuga do rei era a sua abdicação, e ser mister aproveita-la para preparar os espiritos á republica. Robespierre, surrindo-se maliciosamente, e roendo as unhas, como era seu costume, perguntava o que era uma republica. »

Foi neste dia que o projecto do jornal intitulado o *Republicano* se concebe entre Brissot, Condorcet, Dumont de Geneve, e Duchatel. Vê-se que a idéa da republica nasceu no berço dos girondinos, antes de nascer na alma de Robespierre, e que o 10 de agosto não foi um accidente, e sim uma conspiração.

Na mesma epocha a senhora Roland se havia entregue, para salvar os dias de Robespierre, a um desses primeiros movimentos que revelam uma amizade corajosa, e deixam vestigios mesmo na memoria dos ingratos. Depois da carnificina do Campo de Marte, Robespierre, accusado de ter conspirado com os redactores da petição de deposição, e ameaçado como faccioso da vingança da guarda nacional, foi obrigado a esconder-se. A senhora Roland acompanhada de seu marido, foi pelas onze horas da noite, ao ***Marais*** onde elle se occultara, para lhe offerecer um asylo mais seguro em sua propria casa. Elle já havia fugido dalli. A senhora Roland foi a casa de Buzot, seu amigo commum, e conjurou-o para ir aos *feuillants*, onde então tinha influencia, e desculpar Robespierre, antes de se expedir contra elle o decreto d'accusação.

Buzot hesitou um momento, depois : « Farei tudo, disse elle, para salvar esse infeliz mancebo, posto que bem longe esteja de partilhar a opinião de muitas pessoas a seu respeito. Elle pensa demais em si para amar a liberdade ; mas serve-a, e isso me basta. Lá irei defendel-o. » Assim, tres victimas futuras de Robespierre conspiravam, de noite, e sem o saberem, pela salvação do homem que tinha de as fazer morrer. O destino é um mysterio donde saem as mais estranhas coincidencias e que não arma aos homens menos laços pelas suas virtudes, que pelos seus vicios. A morte está em toda a parte ; mas qualquer que seja a sorte, só a virtude se não arrepende. Nas masmorras da *Conciergerie*, a senhora Roland recorda-se desta noite com complacencia. Se Robespierre se lembrou della quando estava poderoso, d'essa recordação foi mais fria no seu coração do que o cutello do algoz.

LIVRO 9.º

I — Depois da dispersão da assembléa constituinte, os senhores Roland, tendo terminada sua emissão, deixaram Pariz. Esta mulher que sahia toda ardente do foco das facções e dos negocios, voltou a retomar em *la Platiere* os cuidados da sua rustica habitação e, vindima das suas vinhas. Ella tinha porém, gosado o enebriamento da revolução. O movimento de que participára um momento, arrastava-a ainda achando-se distante ; ficara correspondendo-se com Robespierre e Buzot ; correspondencia politica e secca com Robespierre, pathetica e terna com Buzot. O seu espirito, sua alma, seu coração, tudo a chamava a Pariz. Houve entre el a e seu marido uma consulta, na apparencia imparcial, para decidir se acaso ficariam sepultados no campo, ou voltariam a Pariz. Porém a ambição de ambas aquellas almas havia pronunciado já primeiro que elles. O mais futil pretexto bastou á sua impaciencia. No mez de dezembro achava-se novamente installado em Pariz.

Era a hora da elevação dos seus amigos Pethion acabava de ser nomeado *maire*, e creava uma republica na communa; Robespierre, excluido da assembléa legislativa pela lei que prohibia a reeleição dos membros da assembléa constituinte, creava para si uma tribuna nos jacobinos: Brissot entrava em logar de Buzot em a nova assembléa, e seu reno ne de publicista e homem de Estado reunia os moços girondinos ao pudor da sua doutrina. Estes chegavam do seu departamento com o ardor da idade, e o impulso de uma segunda onda revolucionaria. Lançaram-se, apenas chegaram, nos planos que Robespierre, Buzot, Laclos, Danton e Brissot tinham preparado.

Roland, amigo de todos estes homens, mas no segundo plano e occulto na sua sombra, tinha uma destas reputações surdas, tanto mais poderosa sobre a opinião quanto menos brilhava exteriormente. Fallava-se delle como de uma virtude antiga, envolvida na simplicidade do homem do campo; era o Sieyès do partido. Sob o seu silencio presumia se o pensamento; no mysterio presentia-se o oraculo. O brilho e o genio da sua moça esposa attrahiam os olhos sobre elle; a propria mediocridade, unica potencia que tem a virtude para neutralisar a inveja, o favorecia. Como pessoa, ninguem o temia; e todos o impelliam para a frente: Pethion, para se cobrir com elle; Robespierre, para o arruinar; Brissot para colocar a sua má reputação ao abrigo de uma probidade proverbial; Buzot, Vergniaud, Louvet, Gensonné, e os girondinos em respeito pela sua sciencia e dedicação para com a senhora Roland; mesmo a certe por confiança na sua honestidade e menosprezo para com a sua influencia. Este homem marchava ao poder sem fazer deligencia, levado pelo favor de um partido, pelo prestigio do desconhecido sobre a opinião publica, pelo desdem dos seus inimigos e pelo genio de sua mulher.

II. — O rei tinha esperado algum tempo que a colera da revolução se dulcificasse pelo seu triumpho. Estes actos violentos, estas oscillações tempestuosas entre a insolencia e o arrependimento, que haviam assignalado a reunião desta assemblea, dolorosamente a desenganaram. O seu ministerio, espantado, tremia já ante a audacia, e confessava no conselho a sua insufficiencia. O rei desejava conservar homens que lhe tinham dado todas as provas de dedicação á sua pessoa. Alguns mesmo, confidentes e cumplices, serviram o rei e a rainha, quer nas suas relações com os emigrados, quer nas suas intrigas no interior.

O sr. de Montmorin, homem capaz, mas pouco ao nivel das difficuldades do tempo, acabava de se retirar Os dois homens principaes do ministerio eram o sr. de Lessart, nos negocios estrangeiros: e o sr. Bertrand de Molleville, na marinha. O sr. de Lessart collocado pela sua posição entre a emigração armada, a assemblea impassiente, a Europa indecisa, e o rei cumplice, não podia deixar de succumbir debaixo das suas boas intenções. Seu plano era evitar a guerra ao paiz por via de contemporisações e negociações; suspender as demonstrações hostis das potencias; mostrar á assembléa, intimidada, o rei como unico arbitro e unico negociador da paz entre seu povo e o estrangeiro: esperava addiar assim os ultimos choques entre a assemblea e o throno, e restabelecer a authoridade regular do rei mantendo a paz. As disposições pessoaes do imperador Leopoldo ajudavam-o neste pensamento. Não tinha contra si, mais do que a fatalidade que impelle as cousas e os homens para o desenlace final. Os girondinos, e Brissot especialmente, cercaram-o com as suas accusações; era o homem que mais podia retardar-lhes o triumpho. Sacrificando-o, sacrificavam um systema inteiro; a sua imprensa e os seus discursos designavam-o ao furor publico; os partidistas da guerra tinham-o marcado para victima. Elle não trahia; mas para elles, negociar era trahir. O rei, que o conhecia irreprehensivel, e que se associava aos seus planos, recusava sacrifical-o aos inimigos, e accumulava assim mais ressentimentos contra o ministro.

Pelo que respeita ao sr. de Molleville, era este um inimigo secreto da constituição. Aconselhava ao rei a hypocrisia, envolvendo-se na letra para matar o espirito da lei, marchando por caminhos subterraneos a uma catastrophe violenta, da qual a causa monarchica devia, em sua opinião, sair victoriosa; accreditando na potencia da intriga, mais que no poder da opinião, buscando por toda parte traidores á causa popular, estipendiando espiões, mercadejando com todas as consciencias, não accreditando na incorruptibilidade de ninguem, entretendo intelligencias, secretas com os demagogos mais furiosos, fazendo a preço de dinheiro que se apresentassem as moções mais incendiarias possivel, para despopularisar a revolução pelos seus excessos, e enchendo a tribuna da assembléa de agentes seus, para cobrirem com as applaudas ou aplausos os discursos dos oradores, e simular nas tribunas um falso povo e uma opinião falsa: homem de pequenos meios em grandes cousas, contando que se pode enganar uma nação como se engana um homem. O rei, ao qual era affeiçoado, amava-o como o depositario das suas penas, o confidente das suas relações com o estrangeiro, e o intermediario habil das suas negociações com os partidos. O sr. de Molleville sustentava-se assim em equilibrio sobre o favor intimo do rei, e sobre suas intrigas com revolucionarios Fallava bem a linguagem da constituição, tinha o segredo de muitas consciencias vendidas.

Foi para servir com estes dois homens que o rei, para comprazer á opinião, chamou o senhor de Narbone para o ministerio da guerra. A senhora de Stael e o partido constitucional reconciliaram-se com o partido girondino para o sustentar ahi. Condorcet, foi o intermediario entre os dois partidos. A Sr.ª de Condorcet mulher d'uma radiante belleza, juntou-se á senhora de Stael no seu favor enthusiasta pelo moço ministro Uma emprestou-lhe o explendor do seu genio, a outra a influencia dos seus encantos. Estas duas mulheres pareceram confundir seus sentimentos n'uma dedicação commum ao homem de suas preferencias. A rivalidade dellas immolou-se á sua ambição.

III. — O ponto de contacto do partido girondino com o partido constitucional, nesta aproximação da qual a elevação do senhor de Narbonne foi o penhor, era a paixão destes dois partidos pela guerra. O partido constitucional queria-a para fazer diversão á anarchia inteira, e lançar no exterior o fermento da agitação que ameaçavam o throno. O partido girondino tambem o queria para precipitar os espiritos nos extremos. Esperava que os perigos da patria lhes dessem força para abalar o throno e sair á luz com o regimen republicano.

Foi sobre estes auspicios que o senhor de Narbonne entrou nos negocios publicos. Elle tambem queria a guerra, não para distruir o throno á sombra do qual nascera, mas para revolver e deslumbrar a nação, tentar a fortuna por um golpe desesperado, e tornar a collocar á frente do povo em armas a alta aristocracia militar do paiz, La Fayete, Biron, Rochambeau, os Lameth, Dillon, Custinès, e a si proprio. Se a victoria passasse para as bandeiras da França, o exercito victorioso, sob chefes constitucionaes, dominaria os Jacobinos, firmaria a monarchia reformada, e sustentaria o estabelecimento das duas camaras. Se a França estivesse predestinada a revezes, o throno e a aristocracia succumbiriam sem duvida, mas tanto valia morrer nobremente n'uma lucta nacional da França contra os seus inimigos como tremer sempre e morrer por fim n'um motim traspassado pelos piques dos jacobinos. Era essa politica cavalheiresca e aventurosa, que agradava aos mancebos pelo heroismo, e ás mulheres pelo prestigio. Reconhecia-se nella a seiva da coragem franceza. O senhor de Narbonne personificava-a no conselho. Os seus collegas, os senhores de Lessart, e Bertrand de Mollevile, viam nelle a distruição de todos seus planos. O rei, como sempre fluctuava indeciso: um passo para a frente, outro passo para a rectagua da, surprezo na hesitação pelo acontecimento, situação a mais fraca possivel para resistir a um choque ou para imprimir per si mesmo um impulso.

Alem destes conselheiros officiaes, o rei consultava os ex-constituintes, os Lameth, Duport, e especialmente Barnave. Este ficara em Paris alguns mezes depois da dessolução da assembléa. Resgatava, por uma dedicação sincera á monarchia, os golpes que lhe tinha dado. Seu

espirito havia medido o plano inclinado pelo qual o amor do favor publico o tinha arrastado. Como Mirabeau quiz parar, muito tarde. Ficando então mesmo á beira dos acontecimentos, estava assaltado de terrores e remorsos. Se acaso seu intrepido coração não tremia per si proprio, o enternecimento que tinha pela rainha e pela familia real levava o a dar ao rei conselhos, que não tinham senão um máo: não poderem executar-se.

Estes conciliabulos, que tinham logar em casa de Adriano Duport, o amigo de Barnave e o oraculo deste partido, sómente serviam de emba'açar o espirito do rei era mais um elemento de hesitação La Fayette e os seus amigos ahi juntavam tambem suas imperiaes opiniões. Senhor da opinião publica ainda na vespora, La Fayette não podia persuadir-se de que esta já lhe houvesse escapado. A guarda nacional. que lhe ficara firme, acreditava ainda na sua omnipotencia. Todos estes partidos e todos estes homens prestavam ao senhor de Narbonne um apoio secreto. Cortesão aos olhos da corte, aristocrata aos da nobreza, militar aos do exercito, popular aos do povo, seductor aos das mulheres, era o ministro da esperança publica. Sómente os girondinos tinham um pensamento reservado no seu apparente favor por elle. Engrandeciam-o sob condição de o precipitar. O senhor de Narbonne era para elles a mão que preparava sua elevação.

IV. — O moço ministro apenas entrado no conselho, levou á discussão dos negocios e ás relações do ministerio com a assembléa, a actividade, a franqueza, a graça do seu caracter. Tentou aventurosamente para com a assembléa, o systema de confiança. Surprehendeu-a pelo seu abandono. Estes homens suspeitos e austeros que até então só tinham visto laços nas palavras de um ministro, entregavam-se ao arrastamento dos seus discursos. Fallou-lhes, não a lingoagem official e fria do diplomata, mas a lingoagem franca e cordeal do patriota. Levou á tribuna a pasta do ministro, afrontou generosamente a responsabilidade, fez profissão de fé a respeito dos dogmas os mais queridos ao povo, com uma tal sinceridade que confundio a suspeita. Entregou-se todo inteiro. A energia de sua alma imprimio-se nos homens, ainda os menos sedusiveis. A nação regosijava-se de ver o seu vestuario, os seus principios, as suas paixões tão bem usadas por um aristocrata. O ardor do seu patriotismo não deixou afrouxar este movimento que confundia nelle o rei e o povo. Fez prodigios de actividade na sua curta administração. Percorreu e armou as praças fortes, creou exercitos, harengou ás tropas, suspendeu a emigração da nobreza em nome do perigo commum, nomeou generaes, chamou La-Fayette, Rochambeau, Luckner. Um movimento de patriotismo, de que elle foi a alma, abrangeu a França. Fazendo do throno o centro nacional desta defeza do territorio, por um momento fez amar o proprio rei. Os partidos reconciliaram-se no enthusiasmo da patria. A sua eloquencia rescendia ao campo militar. Era rapida, brilhante, sonora como movimento das armas. A effusão do coração era o seu caracter. Abria sua alma ás vistas de seus adversarios. Esta confiança tocava.

No primeiro dia da sua entrada no ministerio, em vez de annunciar, como os outros ministros, a sua nomeação por uma carta ao presidente, foi em pessoa á assembléa, e pediu a palavra. « Venho offerecer-vos, disse elle, um profundo respeito pelo poder popular de que estaes revestido, uma firme dedicação pela constituição que juro, um amôr corajoso pela liberdade e igualdade; sim, pela igualdade que já não tem adversarios, mas que por isso mesmo não deve deixar de ter defensores menos dedicados. » Dois dias depois, elle conquistou a assembléa fallando da responsabilidade dos ministros. « Acceito, exclamou elle, a difinição que se acaba de fazer da situação dos ministros, dizendo, que a responsabilidade é a morte. Não nos poupeis nenhuma ameaça nem nenhum perigo. Sobrecarregai-nos de obstaculos pessoaes; mas dai nos os meios de fazer marchar a constituição. Pelo que me respeita aproveito esta occasião para pedir á assembléa me informe de tudo que julgar util ao bem publico na minha administração. Os nossos interesses e os nossos inimigos são os mesmos. Não é só a letra da constituição que se deve executar, é o seu espirito. O cumpri-la não é só o necessario, é tambem o exito! . . . Vereis que o ministerio está convencido de que não ha salvação para a libe'dade se o bem se não operar comvosco e por vós. Cessar por tanto de desconfiar de nós ainda que seja por um momento. Condemnar-nos-heis depois se o merecermos; porém antes haveis dar-nos com confiança os meios de vos servirmos.

Palavras assim iam direitas ao coração dos homens ainda os mais prevenidos. Votou-se a impressão deste discurso, e que fosse enviado aos departamentos. Para cimentar esta reconciliação do rei e da nação, o Sr. de Narbonne foi ás commissões da assembléa, e ahi communicou os seus planos, e discutiu as suas medidas, e de antemão atrahiu os espiritos aos seus projectos. Este governo em commum era o espirito da constituição. Os outros ministros viam nisto uma homiliação do poder executivo e uma abdicação da realesa. O senhor de Narbonne só via nisto o unico meio de reconquistar para o rei o espirito da nação. A opinião havia desthronado a realesa; era somente á opinião que se devia pedir tornal-a firme. Assim se constituia elle o ministro da opinião.

No momento em que o imperador fez communicar ao rei uma mensagem ameaçadora para a segurança das fronteiras e que o rei foi em pessoa communicar á assembléa as suas energicas disposições, o senhor de Narbonne entrando na camara depois da sahida do rei, subiu á tribuna. « Desejo partir, disse elle, para inspeccionar as nossas fronteiras não porque eu julgue fundadas as desconfianças do soldado contra os officiaes, mas porque espero dissipa-las fallando a uns e outros da patria e do rei. Direi aos officiaes que antigos prejuizos, um amor mui pouco rasoavel pelo rei poderam por algum tempo desculpar sua conducta, mas que a palavra traição não se pronuncia em as nações que conhecem a honra! Direi aos soldados: Os vossos officiaes, que continuam á frente do exercito, estão ligados á revolução pelo juramento e pela honra. A salvação do Estado depende da disciplina do seu exercito. Entregarei a minha pasta ao ministro dos negocios estrangeiros; e tal é minha confiança, tal deve ser a da nação no seu patriotismo, que me torno responsavel por todas as ordens que elle der a simalhante titu'o. « O senhor de Narbonne mostrou-se por estas palavras tão habil como magnanimo. Conhecia-se com assas credito na nação para cobrir a impopularidade do seu collega. o senhor Lessart, já denunciado pelos girondinos, e colocava-se assim entre os girondinos e a sua victima. A assembléa estava arrastada. Obteve vinte milhões para os preparativos e o posto de marechal de França para o velho Luckner. A imprensa e os mesmos clubs o aplaudiram. O vôo geral para a guerra arrastava tudo, até mesmo os ressentimentos.

Um unico homem nos jacobinos resistia a estas tendencias. Este homem era Robespierre. Até então Robespierre não fora mais de que um discutidor de idéas, um agitador subalterno, infatigavel e intrepido, mas eclypsado pelos grandes nomes. Desde este dia se transformou n'um homem de Estado. Conheceu a sua força interior: ousou combater só com a verdade, Dedicou-se sem reparar para o numero dos seus adversarios, e dobrou a sua força exercitando-a.

A questão da paz ou da guerra agitava-se nos gabinetes dos princ pes ameaçados pela revolução, nos conselhos de Luiz XVI, nos conciliabulos dos partidos, na assembléa, nos jacobinos, e nos jornaes. O momento era decisivo. Estava evidente que as negociações entre o imperador Leopoldino e a França, a respeito dos ajuntamentos dos emigrados, nos Estados dependentes do imperio, tocavam a sua crise, e que dentro em poucos dias, ou o imperador daria satisfação á França dissipando aquelles ajuntamentos, ou a França lhe declararia a guerra, e por esta declaração, juntaria sobre si ao mesmo tempo as hostilidades de todos os seus inimigos. Era o desafio lançado pela França.

Já vimos que havia um accordo para a guerra entre os homens de Estado e os revolucionarios, os constitucionaes e os girondinos, os aristocratas e os jacobinos. A

guerra era para todos um apêlo ao destino. A França impaciente queria que o destino se pronunciasse pela victoria ou pela derrota: A victoria parecia-lhe a unica sahida a estas difficuldades internas: a propria derrota não a assustava. Acreditava na guerra, e encarava a morte. Robespierre pensava de differente modo, e por isso é que foi Robespierre.

Comprehendeu duas cousas: a primeira, foi que a guerra era um crime gratuito contra o povo; a segunda que a guerra, mesmo feliz, perdia a democracia; Robespierre considerava a revolução como a applicação rigorosa dos principios da philosofia ás soci dades. Descipulo convencido e apaixonado de João Jacques Rousseau, o *Contracto social* era o seu evangelho; a guerra feita com o sangue dos povos era aos olhos desta phylosofia, o que ella será sempre aos olhos dos sabios, o assassinio em massa pela ambição de alguns, gloriosa sómente quando ella é defensiva. Robespierre não accreditava a França collocada nas condições de necessidade e de salvação suprema, que authorisassem a abrir esta veia da humanidade, donde correriam rios de sangue. Convencido da omnipotencia das idéas novas, das quaes elle nutria a fé e o fanatismo em sua alma fechada á intriga, não acreditava que alguns principes desacreditados, fugitivos, e alguns milhares de aristocratas emigrados, viessem impor leis a uma nação, cujo primeiro suspiro de liberdade tinha levantado o peso do throno, da nobresa, e do clero. Não pensava tambem que as potencias da Europa, desunidas e hesitantes, tanto tempo quanto as não atacassemos, ousassem declarar a guerra a uma nação que proclamava a paz. No caso em que os gabinetes europeos tivessem sido assáz preversos e assas insensatos para tentar esta crusada contra a rasão humana, Ropespierre acreditava firmemente na sua derrota; porque acreditava que havia uma força invencivel na justiça d'uma causa, que o direito duplicava a energia de um povo, que mesmo o despespero valia exercitos, e que Deus e os homens eram pelo povo

Pensava mais, se era do dever da França propagar nos outros povos as luzes e os beneficios da rasão e da liberdade, o esplendor natural e pacifico da revolução franceza no universo seria um meio de propagação mais infallivel do que as nossas armas; que a revolução devia ser uma doutrina, e não uma monarchia universal realisada pela espada; que não era preciso coaligar o patriotismo das nações contra os seus dogmas. O seu imperio estava nas almas. A força das idéas revolucionarias, aos seus olhos, era a sua luz.

Mas ainda comprehendeu mais: comprehendeu que a guerra offensiva perderia inevitavelmente a revolução, e aniquilaria esta republica prematura de que lhe fallavam os girondinos, mas que elle proprio não se definia ainda. Se a guerra é infeliz, pensava elle, a Europa abafará sem custo, sob os passos dos seus exercitos, os primeiros germens deste novo governo, terá sim alguns martyres para o confessar, mas que não terá solo para renascer. Se ella é feliz, o espirito militar, sempre cumplice do espirito de aristocracia; a honra, esta religião que prende o soldado ao throno; a disciplina, este despotismo da gloria, tomarão o logar das virtudes viris ás quaes o exercicio da constituição haveria acostumado o povo; este povo perdoará tudo, mesmo a servidão, áquelles que o tiverem salvado. O reconhecimento de uma nação pelos chefes que condusem seus filhos á victoria é um laço no qual sempre se prendem os povos. Elles irão mesmo per si metter-se no jugo. As virtudes civis empalidecerão ante o fulgor das emprezas militares. O exercito virá cercar a antiga realeza da sua força, e a França terá um Monk, ou o exercito coroará o mais feliz dos seus generaes, e a liberdade terá um Cromwell. Nas duas hypotheses a revolução escapa das mãos do povo, e cae á mercê de um soldado. Salval-a da guerra, é por tanto salval-a de um laço. Estas reflexões decidiram-o. Ainda nos seus pensamentos não havia violencia. Elle via ao longe e via exacto.

Isto foi a origem do seu rompimento com os girondinos. Justiça para elles era a politica. A guerra parecia-lhe politica. Justa ou não, queriam a, como um instrumento de ruina para o throno, e engrandecimento para elles. Patente está se nesta grande querella os primeiros malles foram da parte do democrata ou do lado dos ambiciosos. Este combate encarniçado, que devia acabar com a mor e dos dois partidos, abriu-se em 12 de Dezembro n'uma sessão nocturna nos jacobinos.

V. — « Hei meditado seis mezes, logo mesmo no primeiro dia da revolução, disse *Brissot*, a alma da Gironda, o partido que vou sustentar. Foi pela força do raciocinio e dos factos que cheguei a esta convicção, de que um povo que conquistou a liberdade depois de dez seculos de escravidão, tem necessidade da guerra. E' mister a guerra para consolidar a liberdade, e purgar a constituição dos restos de despotismo; é preciso a guerra para fazer desapparecer do meio de nós os homens que podem corrompêl-a. Vós tendes a força de fazer cast gar os rebeldes, de intimar o mundo: armai-vos de audacia. Os emigrados presistem na sua rebellião, os soberanos estrangeiros presistem em sustental-os. Póde acaso hesitar-se em atacal-os? A nossa honra, o nosso credito publico, a necessidade de moralisar e assegurar a nossa revolução, tudo nos faz della uma lei. A França seria deshonrada se soffresse a insolente revolta de alguns facciosos e ultrages, que um despota não soffreria impunemente quinze dias. Que quereis se pense de nós? Não; é mister vingar-nos ou resolvermo-nos a ser o oprobrio das nações! E preciso vingar-nos destruindo estas hordas de bandidos, ou consentir vêr perpetuar as facções, as conjurações, os incendios, e tornar mais audaciosa do que nunca a insolencia dos nossos aristocratas! Elles tem fé no exercito de Coblentz. E' lá que elles tem toda a sua confiança. Quereis destruir a aristocracia só com um golpe, destrui Coblentz. O chefe da nação será obrigado a reinar pela constituição, comnosco, e por nós! »

Estas palavras, pronunciadas pelo homem d'Estado da Gironda, correspondiam a todas as fibras e retiniam do fundo do club dos jacobinos até ás extremidades do paiz. Os applausos freneticos das tribunas não eram senão a repercussão da impaciencia universal do desfecho em todos os partidos. Era mister a Robespierre uma alma de bronze para affrontar os seus amigos, inimigos, e o sentimento nacional. Esta lucta de uma idéa contra todas as paixões durou semanas inteiras sem se afrouxar. As grandes convicções são infatigaveis. Robespierre balanceou sosinho durante um mez a França inteira. Se não havia coragem de o seguir, havia vergonha em não o estimar. A sua eloquencia, ao principio secca, difusa, e dialectica, elevou-se e illuminou-se. Os jornaes reprodusiam seus discursos. « Tu povo, que não tens meios de alcançar os discursos de Robespierre, eu tos prometo todos, dizia o *Orador do povo*, (*Orateur du peuple*) jornal dos jacobinos. Guarda bem preciosamente estas folhas que se vão seguir. Ellas conterão esses discursos. São primores de eloquencia que deverão ficar em todas as familias, para ensinar áquelles que nascerem depois de nós, que Robespierre existiu para a felicidade publica e salvação da liberdade. »

Depois de haver esgotado todos os argumentos que a philosophia, a politica, e o patriotismo podiam fornecer contra uma guerra offensiva, começada sob a inspiração dos girondinos, fomentada surdamente pelos ministros e condusida pelos generaes da aristocracia suspeita ao povo, elle subio pela ultima vez á tribuna para orar contra Brissot, em a noite de 13 de janeiro, e resumiu n'uma peroração, tão habil como pathetica, a sua convicção desesperada.

VI. — « Pois bem! estou vencido; passo para vós, exclamou elle com uma voz despedaçada; e eu tambem peço a guerra: mas que digo? eu peço-a mais terrivel e mais irreconciliavel do que vós; eu peço-a não como um acto de sabedoria, nem como um acto de razão, nem como um acto politico, mas como o recurso do desespero. Peço-a com uma condição, que sem duvida está concordada entre nós, porque não penso que os advogados da guerra tenham querido enganar-nos, peço-a de morte, peço-a heroica, peço-a tal em fim qual o genio da liberdade a declararia per si mesmo a todos os despotismos, tal como o povo da revolução a faria per si mesmo, com chefes proprios e seus, e não tal como os

covardes intrigantes talvez a desejam, e tal como os ministros e generaes ambiciosos e suspeitos ainda que patriotas, a condusiriam.

Pois bem! Francezes! homens do 14 de julho, que soubestes conquistar a liberdade sem guia, e sem senhor vinde aqui! formemos este exercito que deve, segundo dizeis, conquistar o universo. Porém onde está o general que, imperturbavel defensor dos direitos do povo, inimigo nascido dos tyrannos, não respira sempre o ar empeçonhado das cortes, e cuja virtude seja attestada pelo odio e desfavor da corte, esse general, cujas mãos puras do nosso sangue, sejam dignas de levar em nossa frente a bandeira da liberdade? Onde está elle, esse novo Catão, e terceiro Brutus, esse heroe ainda desconhecido? Que ouse reconhecer-se a estas feições e appareça! vamos colocal-o á nossa frente... Mas onde está elle? Onde estão esses soldados do 14 de julho que deposeram em presença do povo as armas que o despotismo lhes tinha confiado? Soldados do *Chateau-Vieux* (castello Velho) onde estais vós? Vinde guiar os nossos esforços. Mas será mais facil arrancar a presa á morte, do que ao despotismo as suas victimas. Cidadãos, que tomastes a Bastilha, vinde! a liberdade chama-vos, e vos deve a honra da primeira fileira! Mas elles não respondem. A miseria, a ingratidão, e o odio dos aristocratas despersaram-os! E vós cidadãos imolados no Campo de Marte *(Champ de Mars,)* no proprio acto de uma federação patriotica, nunca mais sereis comnosco. Ah! que tinham feito estas mulheres e estas creanças immoladas! Deus! quantas victimas! e sempre no povo! sempre entre os patriotas! quando os conspiradores poderosos respiram e triumpham! Vinde ao menos, vós, guardas nacionaes, que sois mais especialmente dedicadas á defesa das nossas fronteiras nesta guerra com que uma corte perfida nos ameaça! Vinde! Mas que! vós ainda não estais armados? Que! ha dois annos que pedis armas e não as tendes? que digo! recusam-vos vestuario e condemnam-vos a errar de departamentos em departamentos, como objecto de despreso dos ministros, e da mofa dos patricios que vos passam em revista, para gosar da vossa miseria! Não importa. Vinde, combateremos nus como os Americanos.

«Mas esperaremos nós, para destruir os thronos, as ordens da secretaria da guerra? Esperaremos o signal da corte? Seremos commandados por estes mesmos patricios, esses eternos favoritos do dispotismo, nesta guerra contra os aristocratas e os reis! Não. Marchemos sosinhos. Guiemo-nos a nós mesmos. Mas que! eis os oradores da guerra que me fazem parar; eis o senhor Brissot que me diz ser necessario que o *senhor conde de Narbonne* dirija todo este negocio; que é preciso marchar ás ordens do *senhor marquez de La Fayette*; que é sómente ao poder executivo a quem pertence conduzir a nação á victoria e á liberdade! Ah! cidadãos, esta palavra despedaçou todo o encantamento! Adeus victoria e independencia dos povos! Se os sceptros da Europa tem de ser quebrados, nunca será por tais mãos! A Hespanha continuará ainda algum tempo escrava embrutecida da superstição e do realismo; Leopoldo continuará a ser o tyranno da Alemanha e da Italia, e nós não veremos tão depressa os Catões e os Ciceros substituir no conclave o papa e os cardeaes. Digo com franqueza, a guerra tal como a comprehendo, a guerra tal como acabo de vol-a propor é impra icavel. E se é a guerra da corte, dos ministros, dos patricios alcunhados patriotas, e dos intrigantes a que nós devemos acceitar, ah! longe de acreditar na alforria do mundo, eu não acredito até na vossa propria liberdade! O mais prudente que temos então a fazer é defendel-a contra a perfidia dos inimigos internos que vos entretem com estas heroicas illusões.

«Resumo-me pois, e fria e tristemente. Provei que a liberdade não tinha inimigo mais mortal do que a guerra; provei que a guerra, aconselhada por homens suspeitos não era, entre as mãos do poder executivo, senão um meio de anniquilar a constituição, e o desenvolvimento de uma trama urdida contra a revolução. Favorecer seus planos de guerra, sob qualquer pretexto que seja, é associar-se ás traições contra a revolução. Todo o patriotismo do mundo, todos os pretendidos logares communs politicos em nada mudam a natureza das cousas. Pregar, como o senhor Brissot e os seus amigos, a confiança no poder executivo, appellar o favor publico sobre os generaes, é pois desarmar a revolução da sua ultima segurança, a vigilancia e energia da nação. Na horrivel situação a que nos condusiram o despotismo, a leviandade, a intriga, a traição, a cegueira geral não tomo conselho senão com o meu coração e a minha consciencia: não tenho respeitos senão para com a verdade, nem condescendencias senão pela minha patria. Sei que os patriotas censuram a fraqueza com que apresento o quadro desanimador da nossa situação. Não me dissimulo a minha falta. A verdade não é assaz culpada já de ser a verdade? Ah! comtanto que o somno seja doce, que importa que se acorde ao som das cadeias do seu paiz e no socego da servidão! Não perturbemos pois a quietação destes felizes patriotas. Não, mas saibam elles que sem vertigem e sem temor podemos medir toda a profundidade do abismo. Arvoremos a devisa do palatino da Posnania:

«*Prefiro as procellas da liberdade á segurança da escravidão.*» Se o momento da emancipação não é ainda chegado, teremos paciencia de o esperar. Se esta geração não estava destinada senão a agitar-se no lodaçal dos vicios onde o despotismo a enterrou; se o theatro da nossa revolução não devia apresentar aos olhos do universo senão a lucta da perfidia com a fraqueza, do egoismo com a ambição, a geração presente principiará a purificar esta terra manchada de vicios. Ella trará, não a paz do despotismo, nem as estereis agitações da intriga, mas o fogo e a espada para incendiar os thronos e exterminar os oppressores. Posteridade mais feliz, tu não nos és estranha! E' por tua causa, que afrontamos estas tempestades e estes laços da tyrannia! Desanimados muitas vezes pelos obstaculos que nos cercam, sentimos a necessidade de nos lançar para ti! E's tu que acabarás a nossa obra, guarda sómente na tua memoria os nomes dos martyres da liberdade!» Sentiam-se nestas frases o echo da alma de Rousseau.

VII. — Louvet, um dos amigos de Brissot, conheceu o poder deste discurso, e subiu á tribuna para supprir o homem que sosinho fazia parar a Gironda: «Robespierre, lhe disse elle apostrafando-o directamente, Robespierre, vós tendes sosinho a opinião publica em suspensão. Sem duvida vos estava reservado este excesso de gloria. Os vossos discursos pertencem á posteridade. Ella virá entre vos e eu Mas emfim attrahis sobre vós a maior responsabilidade possivel presistindo na vossa opinião. Tereis de dar conta aos vossos contemporaneos e mesmo ás gerações futuras. Sim, a posteridade ha de vir metter-se de permeio entre nós. Ella dirá: Um homem appareceu na assembléa constituinte, inacessivel a todas as paixões, um dos mais fieis defensores do povo. E' preciso estimar e adorar as suas virtudes, admirar a sua coragem; era adorado do povo a quem elle constantemente serviu, e que mais é ainda, era digno disso. Um precipicio se abriu. Destrahido por muitos cuidados, este homem julgou vêr o perigo onde não estava, e não o viu onde verdadeiramente estava Um homem obscuro estava alli unicamente occupado do momento presente, esclarecido por outros cidadãos, descubriu o perigo, e não pôde resolver-se a guardar silencio, foi direito a Robespierre, e quiz fazer-lhe tocal-o com o dedo. Robespierre affastou os olhos, e retirou a sua mão; o desconbecido insiste, e salva o seu paiz ..»

Robespierre surriu-se a estas palavras com o desdem da incredulidade. Os gestos supplicantes de Louvet, e as esconjurações das tribunas deixaram-o impassivel. Na sessão do dia seguinte, Brissot tornou á questão de guerra. Peço ao senhor Robespierre, disse elle concluindo, que termine uma lucta tão escandalosa, só vantajosa aos inimigos do bem publico. — A minha surpreza foi extrema, exclamou Robespierre, quando esta manhã vi, no jornal redigido pelo senhor Brissot, uma carta que é o elogio mais pomposo do senhor de La-Fayette — Declaro, respondeu Brissot, que não tive conhecimento da carta inserta no *Pa-*

trinta francos — Tanto melhor, replicou Robespierre, estou encantado de vêr que o senhor Brissot não é cumplice de similhantes apologias envenenavam-se assim como os corações. O odio rugia sob as palavras. «As palavras. O velho Dussaulx lançou-se entre os adversarios. Fez um apêlo tocante á concordia dos patriotas e conjurou-os a abraçarem-se.» Acabo de preencher um dever de fraternidade, e de satisfazer ao meu coração, exclamou então Robespierre. Resta-me ainda uma divida mais sagrada a pagar á patria. Toda a affeição pessoal deve ceder aqui ao interesse sagrado da liberdade e da humanidade. Poderei facilmente conciliar-os aqui com as attenções que prometti a todos aquelles que as servem. Abracei o senhor Brissot, mas presisto em combatel-o: que a nossa paz não repouse senão sobre a base do patriotismo e da virtude. Robespierre, pelo seu mesmo isolamento, provava a sua força, e avançava na conquista dos espiritos indecisos. Os jornaes principiavam a abalar-se em seu favor, Marat difamava Brissot com as suas invectivas. Camillo Desmoulins, nos seus cartazes improvisados, poz patente a vergonhosa associação de Brissot em Londres com Morande, este libellista deshonrado. O proprio Danton, este adorador do exito, temendo enganar-se com a fortuna, hesitava entre os girondinos e Robespierre. Por muito tempo se calou; por fim pronunciou um discurso cheio de palavras sonoras, mas onde se sentia sob a emphase das palavras o balbuciamento das convicções, e embaraço do espirito.

LIVRO DECIMO.

I — No entanto que estas cousas se passavam nos jacobinos, e que os jornaes, estes écos dos clubs, semeavam por toda a parte no povo as mesmas anciedades e a mesma hesitação, a diplomacia surda do gabinete das Tuilerias e do imperador Leopoldo, que buscava debalde vêr addiar o desenlace ia ver-se frustrada pela impaciencia dos girondinos e pela morte de Leopoldo. Este principe philosofo ia arrastar comsigo todos os desejos de conciliação e todas as esperanças de paz. Se elle continha a Alemanha. O senhor de Narbonne frustrava pelas demonstrações publicas as negociações secretas do seu collega, o senhor Lessart, para ganhar tempo e fazer decidir as desintelligencias da França e da Europa n'um congresso.

A commissão diplomatica da assembléa, impellida por Narbonne e cheia de girondinos, propunha resoluções definitivas. Esta commissão estabelecida pela assembléa constituinte e influenciada pelo alto pensamento de Mirabeau, interpellava os ministros sobre todas as relações externas. A diplomacia estava assim desvendada, as negociações rotas, as transacções e as combinações impossiveis. Os gabinetes da Europa eram sem cessar citados para a tribuna de Paris. Os girondinos, agitadores actuaes desta commissão, não tinham nem as luzes nem a reserva necessarias para manejar, sem romper, os fios de uma diplomacia complicada. Agrada a-lhes mais um discurso do que uma negociação. Pouco lhes importava o ecco de suas palavras nos gabinetes estrangeiros, com tanto que ellas ressoassem bem na sala e nas tribunas. Além disto queriam a guerra; reputavam-se homens de estado quebrando de um só golpe a paz da Europa. Estrangeiros na politica, diziam-se aptos porque se conheciam sem escrupulos. Affectando a indifferença de Machiavel, julgavam ter a sua profundidade.

O imperador Leopoldo por um officio de 21 de Dezembro, deu pretexto a uma explosão da assembléa: «Os soberanos reunidos em concerto dizia o imperador, para a manutenção da tranquillidade publica e pela honra e segurança das cousas...» Estas palavras agitam os espiritos; procura-se o sentido dellas: pergunta-se como o imperador, cunhado e alliado de Luiz XVI, lhe falla pela primeira vez deste concerto formado entre os soberanos? E contra quem, senão contra a revolução? E como era que os ministros e os embaixadores da revolução, se elle existia, o tinham ignorado? E como o tinham elles occultado á nação se o sabiam? Haveria pois uma dupla diplomacia, uma das quaes urdia contra a outra as suas tramas? A commissão austriaca não era então um sonho dos facciosos? Haveria pois na diplomacia official impericia, traição, ou talvez uma e outra cousa ao mesmo tempo? Fallava-se do projectado congresso; perguntava-se se poderia haver nelle outro fim a não ser impôr modificações á constituição da França? Indignavam-se só ao pensar em ceder uma letra da constituição ás exigencias da Europa monarchica.

II. — Foi nesta emoção dos espiritos que a commissão diplomatica, por orgão do girondino Gensonné, apresentou o seu relatorio sobre o estado das nossas relações com o imperador. Gensonné, advogado em Bordeaux, nomeado á assembléa legislativa no mesmo dia que Guadet e Vergniaud, seus compatriotas e seus amigos, compunha com estes deputados esse triumvirato do talento, da opinião e da eloquencia, que se chamou depois a Gironda. A dialectica obstinada, a ironia aspera e sarcastica, eram os dois caracteres do talento de Gensonné. Elle não arrastava, forçava: as suas paixões revolucionarias eram fortes, mas rasoaveis.

Antes de entrar na assembléa legislativa, tinha sido enviado como commissario com Dumouriez, depois tão celebre, para estudar o espirito das populações nos departamentos do Oeste, e propor medidas uteis á pacificação destes paizes agitados pelas questões religiosas. O seu relatorio luminoso e pacifico havia concluido pela tolerancia e liberdade, esses dois topicos das consciencias. Estava, como todos os girondinos de então, decidido a impellir a revolução até á sua forma extrema e difinitiva: a republica — sem impaciencia comtudo de destruir o throno constitucional, com tanto que a constituição estivesse nas mãos do seu partido.

Ligado com o ministro Narbonne, os seus calumniadores o accusavam de lhe ser vendido. Nada legitima esta suspeita. Se a alma dos girondinos não estava pura d'ambições e de intrigas, as suas mãos haviam ficado puras de corrupção. Gensonné, no seu relatorio em nome da commissão diplomatica assentava estas duas questões: — primeira; qual era a nossa situação politica para com o imperador? segunda: deveria o seu ultimo officio ser tomado como uma hostilidade; e nesse caso seria necessario acabar o momento d'uma ruptura inevitavel atacando-o immediatamente?

«A nossa situação com o imperador, acrescentava elle respondendo a si proprio, é o interesse francez sacrificado á casa d'Austria, as nossas finanças e as nossas armas prodigalisadas por ella, as nossas allianças perdidas e que prova de reciprocidade recebemos? A revolução insultada, o nosso laço profanado, os ajuntamentos de emigrados protegidos nos Estados que dependem della, e finalmente a confissão de um concerto das potencias ao qual declara associar-se contra nós. Quando do seio do Luxemburgo os nossos principes nos ameaçam de uma invasão iminente, e se gabam de ser apoiados pelas potencias, a Austria se calla e sanceiona pelo seu silencio as ameaças dos nossos inimigos. Ella affecta, verdade é, de tempos em tempos, condemnar as manifestações hostis á França: mas estas censuras combinadas não são mais do que uma hypocrisia de paz. O laço branco e o uniforme contra-revolucionario são impunemente usados nos seus Estados; as nossas cores nacionaes estão ahi proscriptas. Quando o rei ameaçou o eleitor de Tréves de ir dispersar no seu territorio os ajuntamentos que nos ameaçavam, o imperador ordenou ao general Bender marchasse em soccorro do eleitor de Tréves. Ainda mais; no relatorio concertado em Pilnitz, o imperador declara, conjunctamente com o rei da Prussia, que as duas potencias se entenderão relativamente aos negocios da França com as outras cortes da Europa; e que em caso de guerra, ellas se prestarão soccorro e ajuda reciproca. Assim está demonstrado que o imperador violou o tractado de 1756 contractando allianças sem a França o saber; está demonstrado que se fez a si proprio o centro e o motor de um systema anti-francez. Qual pode ser seu fim, se não é o intimidar-nos e dominar-nos, para nos trazer insensivelmente a acceitar um congresso, e a soffrer-mos as modificações vergonhosas ás nossas novas instituições?

«Talvez, acrescentava Gensonné, que esta idéa haja desabrochado no seio da França; pode ser que intelligencias secretas façam com que o imperador espere a manutenção da paz com similhantes condições. Engana-se: não é no momento em que o fogo da liberdade abraza as almas de vinte e quatro milhões de homens, que os francezes consentiriam n'uma capitulação á qual prefeririam a morte. E' tal a nossa situação que a guerra, a qual nos tempos ordinarios seria um flagello para a humanidade, deve parecer hoje util ao bem publico. Esta crise salutar elevará o povo á altura dos seus destinos, restituir-lhe-ha a sua primeira energia: restabelecerá as nossas finanças, e extinguirá todos os germens das dissenções intestinas. N'uma situação analoga, o grande Frederico não quebrou a liga, que a corte de Viana tinha formado contra elle, senão prevenindo-a. A nossa commissão propõe-vos fazer acelerar os preparativos de guerra: um congresso seria uma vergonha, a guerra é necessaria, a opinião publica a provoca, a salvação publica a ordena.»

O relator concluia para que pedissem ao imperador explicações claras; e no caso dessas explicações não serem dadas antes de 10 de fevereiro, considerar se a recusa de resposta como um acto de hostilidade.

III. — Apenas terminou a leitura deste relatorio Gaudet, que presidia neste dia á assembléa, deixou a presidencia subiu á tribuna e tomou a palavra para commentar o relatorio do seu collega e amigo. Gaudet nascido em Saint-Emilion, nos suburbios de Bordeaux, advogado celebre antes da edade em que os homens tem tempo de se crear um renome, impacientemente esperado pela tribuna politica, chegado em fim á assembléa legislativa, discipulo de Brissot, menos profundo, tão corajoso, mais eloquente do que elle intimamente unido com Gensonné e Vergniaud, que a mesma edade, as mesmas paixões, a mesma patria aproximavam, dotado de uma alma forte, e d'uma palavra convincente, egualmente proprio a resistir aos movimentos de uma assembléa popular ou a precipital-a para o desenlace, punha em relevo todos estes dons da intelligencia por uma destas physionomias meridionaes onde a paixão se accende do mesmo fogo que o discurso.

«Acabam de fallar-nos d'um congresso, disse elle, e que é pois esta conspiração formada contra nós, e até quando soffrerêmos que nos fatiguem com taes manobras, e nos ultragem com estas esperanças! E acaso aquelles que tramam hão pensado bem nisto! Só a idéa da possibilidade d'uma capitulação da liberdade podia impellir ao crime os descontentes que nella tivessem esperança, e são estes crimes que se devem prevenir. Ensinemos pois a todos estes principes que a nação está resolvida a manter a sua constituição toda inteira, ou morrer toda inteira com ella! N'uma palavra, marquemos d'antemão um logar aos traidores, e que este logar seja no cadafalso! Proponho immediatamente se decrete que a nação olha como infames, traidores á patria, culpados de crime de lesa-nação, todo o agente do peder executivo, todo o francez, (muitas vozes: todo o *legislador*) que tomar parte, quer directamente, quer indirectamente n'um congresso, cujo objecto seja obter uma modificação na constituição, ou uma medeação entre a França e os rebeldes.»

A estas palavras, a assembléa se levantou como movida por um unico impulso. Todos os braços se estendem na actitude de um homem prompto a prestar juramento. As tribunas confundem os seus aplausos com os que ressoam na salla. O decreto está votado.

O senhor de Lessart, a quem o gesto e as reticencias de Gaudet pareciam ter já designado para victima ás suspeitas do povo, não quiz ficar sob o pezo destas terriveis allusões. «Fallou-se, disse elle, dos agentes pollitícos do poder executivo, devo declarar que não conheço couza alguma que deva authorisar a suspeitar sua fidelidade. Quanto a mim, repetirei as palavras dos meus collegas no ministerio, e tomo-as para mim: A constituição ou a morte!»

No entanto que Gensonné e Gaudet sublevavam a assembléa com esta scena concertada, Vergniaud sublevava a multidão pelo projecto de apêlo ao povo francez, espalhado havia alguns dias nas massas. Os girondinos imitavam Mirabeau. Recordavam-se do effeito produzido dois annos antes pelo projecto de recurso ao rei para despedir as tropas.

«Francezes! disse Vergniaud; o apparato da guerra desenvolve-se nas vossas fronteiras: falla-se de conspirações contra a liberdade. Os vossos exercitos reunem-se, grandes movimentos agitam o imperio. Sacerdotes sediciosos preparam, no segredo das consciencias e até nos pulpitos, a sublevação contra a constituição. As leis marciaes eram necessarias. Desde então ellas nos pareceram justas... Mas não temos conseguido mais do que fazer brilhar mutuamente o raio aos olhos da rebellião. A sancção do rei foi recusada aos nossos decretos. Os principes da Alemanha fazem do seu territorio um baluarte de conspiradores contra vós. Elles protegem as conspirações dos emigrados. Fornecem-lhes asylo, ouro, armas, cavallos, munições. Uma paciencia suicida devia tudo tolerar! Ah! sem duvida, renunciastes ás conquistas; mas não promettestes soffrer insolentes provocações! Saccudistes o jugo dos vossos tyrannos; mas não foi para dobrar o joelho diante dos despotas estrangeiros. Acautelai-vos comtudo; estais cercados de laços: procuram levar-vos pelo desgosto ou por cançasso a um estado de languidez que amolêça a vossa coragem. Talvez que bem depressa, busquem transviar-vo-la. Tentam separar-vos de nós; adopta-se o plano da calumnia contra a assembléa nacional; incriminam aos vossos olhos a revolução. Oh! acautelai-vos destes terrores panicos! Repelli com indignação esses impostores que, affectando um zelo hypocrita pela constituição, não cessam de fallar-vos em *monarchia*. A *monarchia* para elles é a contra-revolução, isto é, os dizimos, a feudalidade, a Bastilha, os ferros, os carrascos, para punirem as sublimes aspirações da liberdade! os satellites estrangeiros no interior do estado; a bancarrota tragando com os *assignados* as vossas fortunas particalares e a riqueza nacional; os furores do fanatismo e da vingança, os assassinios, a pilhagem, o incendio, em fim o despotismo e a morte, disputando-se em rios de sangue e sobre montões de cadaveres o imperio da vossa desgraçada patria! A nobreza, isto é duas classes de homens: uma pela grandesa, e outra pela baixesa! uma pela tyrania, e outra pela servidão! A nobreza, ah! só esta palavra é uma injuria á especie humana!

«E comtudo, é para assegurar o triumpho de taes conspiradores que se põe a Europa em movimento contra vós! Pois bem! é necessario destruir estas esperanças culpaveis com uma solemne declaração. Sim, os representantes da França, livres, inabalavelmente ligados á constituição, serão sepultados sob as suas ruinas antes de que delles se obtenha uma capitulação, indigna delles e de vós. Uni-vos! tranquillisai-vos! Tenta-se sublevar as nações contra vós, e não sublevarão senão os principes. O coração dos povos é por vós. E' a sua causa que abraçais defendendo a vossa. Aborreceis a guerra, ella é o maior crime dos homens e o mais terrivel flagello da humanidade; mas em fim, pois que vos forçam a ella, segui o curso dos vossos destinos. Quem póde prevêr até onde irá a punição dos tyrannos que vos obrigam a pegar em armas! «Assim estas tres vozes conjuradas se uniam para lançar a nação na guerra.

IV. — As ultimas palavras de Vergniaud abriram claramente ao povo a perspectiva da republica universal. Os constitucionaes não eram menos ardentes em dirigir para a guerra as idéas da nação. O sr. de Narbonne, ao voltar da sua rapida viagem, fez á assembléa um relatorio tranquillisador sobre o estado do exercito e praças fortes. Louvou a todos. Apresentou á patria o moço Mathieu de Montmorency, o mais bello nome da França, caracter mais nobre do que o seu nome, como symbolo da aristocracia dedicando-se á liberdade. Attestou que o exercito, na sua dedicação á patria, não separava a assembléa da pessoa do rei. Glorificou de antemão os chefes das tropas. Nomeou Rochambeau, para o exercito do norte; Berthier, para Metz; Biron, para Lille, Luckner e La-Fayette para o Rheno. Fallou de planos de

campanha concertados por ordem do rei entre estes generaes. Enumerou os guardas nacionaes promptos a servirem de segunda linha ao exercito activo. Pediu o seu prompto armamento. Pintou estes voluntarios como dando ao exercito o mais imponente de todos os caracteres, o da força e da vontade nacional. Respondeu por aquelles officiaes que tinham prestado juramento á constituição, desculpou os que o recusaram por não quererem ser traidores. Incutiu animo na assembléa que desconfiava dos duvidosos. « A desconfiança, disse elle, nestes tempos de tempestades é o mais natural, porém o mais perigoso de todos os sentimentos. A confiança penhora. Importa ao povo mostrar que não póde ter senão amigos. » Annunciou um effectivo de cento e dez mil homens de infanteria e vinte mil homens de cavallaria, promptos a entrar em campanha.

Este relatorio, louvado por Brissot nas suas folhas e applaudido pelos girondinos na assembléa, não deixou pretexto aquelles que queriam addiar a luta. A França conhecia as suas forças á altura da sua colera. Nada podia já contel-a. A impopularidade crescente do rei juntava-se á irritação dos espiritos. Já duas vezes, elle tinha sustido, oppondo-lhe o seu *veto*, o effeito das medidas energicas decretadas pela assembléa: o decreto contra os emigrados, e o decreto contra os padres não ajuramentados. Estes dois *vetos*, um dos quaes lhe era ordenado pela honra, e o outro pela consciencia, eram duas armas terriveis que a constituição tinha deixado em sua mão, e de que não podia fazer uso sem se ferir a si proprio. Os girondinos vingavam-se da sua resistencia impondo-lhe a guerra contra os principes que eram seus irmãos, e contra o imperador a quem suppunham seu complice.

Os pamphletarios e jornalistas jacobinos agitavam continuamente aos olhos do povo estes dois *vetos*, como actos de traição. As desordens da Vendée eram imputadas a esta cumplicidade secreta do rei com o clero rebelde. Em vão o departamento de Paris composto de homens respeitosos por suas consciencias, taes como o sr. de Talleyrand, o sr. de La Rochefoucauld, e o sr. de Beaumetz, apresentavam ao rei uma petição onde os verdadeiros principios da liberdade protestavam contra o arbitrario da inquisição revolucionaria, as contra-petições chegavam, a maços, dos departamentos.

V. — *Camillo Desmoulins*, este Voltaire dos clubs prestava á petição dos cidadãos de Paris o sarcasmo insolente que era o triumpho do seu talento.

« Dignos representantes, dizia a petição, os applausos são a lista civil do povo, não repulseis por tanto os nossos! Recolher as homenagens dos bons cidadãos e as injurias dos maus, para uma assembléa nacional é ter reunido todos os suffragios. O rei poz o seu *veto* ao vosso decreto contra os emigrados, decreto digno ao mesmo tempo da magestade do povo romano e da clemencia do povo francez. Nós não nos queixamos deste acto do rei, porque nos recordamos da maxima de um gran de politico, Machiavel, que vos pedimos mediteis profundamente: « E' contra a natureza cair voluntariamente de tão alto... » — Compenetrados desta verdade, nos não exigimos pois do rei um amor impossivel á constituição, e não achamos mal em elle se oppôr a todos os nossos melhores decretos. Mas que os funccionarios publicos previnam o *veto* real, e declarem sua rebellião ao vosso decreto contra os padres; que elles sublevem a opinião publica; que estes homens sejam precisamente os mesmos que fizeram fusilar no campo de Marte os cidadãos signatarios d'uma petição individual contra um decreto que não estava publicado: que elles inundem o imperio de exemplares desta petição que não é outra cousa senão a primeira pagina de um grande registro de contra-revolução, e uma subscripção de guerra civil enviada á assignatura de todos os fanaticos, de todos os idiotas, de todos os escravos permanentes: pais da patria! ha nisto uma tal complicação de ingratidão e de abusos de confiança, de contradição e velhacaria, de provaricação e de traição, que profundamente indignados de tanta maldade occulta sob o manto da philosophia, e de um civismo hypocrita, vimos dizer-vos: O vosso decreto salvou a patria! e se acaso se obstinam em não permittir-vos que salveis a nação, pois bem! a nação se salvará a si propria! Porque em fim a potencia do *veto* tem um termo; um *veto* não impede a tomada da Bastilha.

« Dizem-vos que a prestação dos padres era uma divida nacional! Mas quando vós pedis sómente aos padres que declarem que não serão sediciosos, aquelles que recusam prestar essa declaração acaso não são já sediciosos de coração? Ora estes padres facciosos, que nada tem emprestado ao Estado, que não são credores do Estado senão a titulo de beneficencia, não tem perdido milhar de vezes o direito á prestação por causa de sua ingratidão? Desdenhai por tanto estes miseraveis sofismas, oh pais da patria! e não duvideis mais do poder de um povo livre! Mas se a liberdade dorme, como é que o braço póde operar? Não levanteis esse braço, não ergais a maça nacional para esmigalhar os insectos! Catão e Cicero accusavam Cethegus e Catilina? São os chefes a quem se deve perseguir? Feri a cabeça! » O riso amargo se propagou das tribunas para a assembléa, e da assembléa para a multidão. A acta desta sessão foi enviada aos oitenta e tres departamentos. No dia seguinte a assembléa reconsiderou esta remessa, e obliterou o voto da vespora. Mas a publicidade não levou menos, com a propagação pelas provincias, a inquietação, a divisão e o odio ligados ao *veto real*. A constituição, ridicularisada e motejada em plena assembléa, não era já mais do que um brinco da populaça.

Havia alguns mezes que o estado do reino correspondia ao estado de Pariz. Tudo era ruido, perturbação, denuncias, e motim nos departamentos. Cada correio trazia os seus caudalos, as suas petições sediciosas, os seus motins, e seus assassinos. Os clubs estabeleciam tantos focos de resistencia, quantas eram as communas que haviam no imperio. A guerra civil, incumbando na Vendée, rebentava com carnificina em Avinhão.

VI. — Esta cidade e o condado incorporados na França, pelo ultimo decreto da assembléa constituinte, tinham ficado desde essa época n'um estado intermediario entre duas dominações, e tão favoravel á anarchia. Os partidistas do governo papal e os partidos da reunião á França ahi luctavam n'uma alternativa de esperança e de temor que prolongava e azedava seus odios. O rei, por escrupulo religioso, havia por muito tempo suspendido a execução do decreto da reunião. Temendo usurpar o dominio da Igreja, decidia-se tarde, e suas delongas impoliticas davam tempo aos crimes.

A França estava representada, no Avinhão, por mediadores. A authoridade provisoria destes mediadores estava apoiada por um destacamento de tropa de linha. O poder, todo municipal repousava na dictadura da municipalidade. A população, agitada e apaixonada, dividia-se em partido francez ou revolucionario, e em partido opposto á incorporação na França e á revolução. O fanatismo da religião n'uns, e n'outros o fanatismo da liberdade, impelliam os dois partidos aos mesmos crimes. O ardor do sangue, a sêde de vinganças particulares, o fogo do clima ajuntavam-se ás paixões civis. As violencias das republicas italianas deviam encontrar-se nos costumes desta colonia de Italia e desta dependencia de Roma nas margens do Rhodano. Quanto mais pequenos são os Estados, mais as guerras civis são nelles atrozes. As opiniões oppostas ahi se transformam em odios pessoaes; ahi as batalhas não são mais do que assassinios em massa pelos homicidios particulares.

A 16 de outubro, uma agitação surda a atraiçoou pelos ajuntamentos populares, compostos especialmente de homens do povo inimigos da revolução. As paredes das igrejas se cubriram de papeis chamando a população á revolta contra a authoridade provisoria da municipalidade. Semeava-se o boato de ridiculos milagres que pediam em nome do ceo, vingança dos attentados commettidos contra a religião. Uma imagem da Virgem, venerada do povo na igreja dos franciscanos havia córado das profanações do seu templo. Fóra vista derramar lagrimas de indignação e de dôr. O povo, nutrido sob o governo papal, destas credulidades supersticiosas, se havia dirigido em multidão aos franciscanos, para vingar a causa da sua protectora. Animado pelas exhortações fanaticas,

confiando nesta intervenção divina, o ajuntamento, sahido dos franciscanos e augmentado pela multidão, dirigiu-se aos baluartes, fechou as portas, voltou os canhões sobre a cidade, e espalhou-se pelas ruas, pedindo a altos brados a demissão do governo. O desgraçado Lescuyer, notario d'Avinhão, e secretario da municipalidade, mais especialmente designado ao furor da horda, foi arrancado violentamente de sua casa, arrastado pelas ruas até ao altar dos franciscanos, imolado a golpes de sabre e pauladas, espezinhado, ultrajado até no seu cadaver, victima expiatoria estendida aos pés da estatua offendida. A guarda nacional, um destacamento sahido do forte com duas peças de artilheria, repelliram o povo amotinado, e retiravam do pavimento da igreja o corpo nu e inanimado de Lescuyer. Mas as prisões da cidade tinham sido forçadas, e os scelerados que ellas encerravam iam offerecer seus braços a outros assassinios. Eram de receiar terriveis represalias, e no entanto os medianeiros, ausentes da cidade, repousavam sobre o perigo, ou fechavam a elle os olhos. Intelligencias secretas, se prendiam entre os agitadores dos clubs de Pariz e os revolucionarios de Avinhão.

VII. — Um destes homens sinistros, que parecem tomar faro ao sangue, e presagiar o crime, chegava de Versailles a Avinhão. Este homem chamava-se *Jourdan*. E' preciso não confundil-o com outro revolucionario do mesmo nome natural de Avinhão. Nascido nestas montanhas do meio-dia, aridas e calcinadas, onde os mesmos brutos são mais ferozes, successivamente carniceiro, ferrador, e contrabandista nos desfiladeiros que separam a Saboia da França, soldado, desertor, palefreneiro, depois finalmente taberneiro n'um *faubourg* de Pariz, tinha contrahido em todas estas profissões abjectas os vicios da populaça. As primeiras mortes commettidas pelo povo nas ruas de Pariz tinham revellado a sua verdadeira paixão. Não era a do combate, era a do assassinio. Apparecia depois da carnificina para despedaçar as victimas e deshonrar mais o assassinio. Havia-se feito carniceiro de homens. Gabava-se disso. Era elle que tinha enterrado suas mãos no peito, aberto e arrancado o coração dos Senhores Foulon e Berthier. Era elle que tinha cortado a cabeça aos dois guardas de corpos os senhores de *Varicourt e des Hultes*, em 6 de outubro, em Versailles; era elle que entrando em Pariz, e trazendo aquellas duas cabeças espetadas n'um chuço, reprehendia ao povo ter-se contentado com tão pouco, e tel-o mandado vir para cortar somente duas cabeças! Esperava mais em Avinhão. Por tanto ahi se dirigio,

Havia em Avinhão um corpo de voluntarios chamado exercito de Vaucluse, formado da lia destes paizes e commandado por um tal *Patrix*. Este Patrix fôra assassinado pelos seus soldados cujos excessos quizera moderar, e Jourdan foi elevado ao commando por direito de sedição e malvadez. Os soldados, aos quaes se lançava em rosto seus roubos e assassinios, similhantes aos gatunos da Belgica, e aos *sans-culottes* de Pariz, affixaram o insulto como uma gloria, e intitularam-se a si proprios os bravos bandidos de Avinhão. Jourdan, á frente deste bando, saqueou, e incendiou o consolado, sitiou Carpentras, foi repellido perdeu quinhentos homens, e reconcentrou-se em Avinhão ainda fresca e frementa do assassinio de *Lescuyer*. Veio prestar seu braço e sua tropa á vingança do partido francez. No dia 30 de agosto, Jourdan e os seus sicarios fecharam as portas da cidade, espalharam-se pelas ruas, cercaram as casas apontadas como contendo inimigos da revolução, arrancaram dellas os habitantes, homens, mulheres, velhos, creanças, sem distincção de idade, sexo, ou innocencia. Fecharam-os no palacio. Chegada a noute os assassinos arrombaram as portas, e immolaram a golpes de barras de ferro estas victimas desarmadas e supplicantes. Seus gritos chamavam baldadamente pelo soccorro da guarda nacional. A cidade ouviu esta carnificina sem se atrever a dar signal de humanidade. O ruido do crime gelou e paralysou todos os cidadãos. Os assassinos preludiaram a morte das mulheres com insultos e impurezas que ajuntam a vergonha ao horror, e o supplicio do pudor ao supplicio do assassinio. O riso e as lagrimas, o vinho e o sangue a luxuria e a morte alli se misturaram. Quando já não havia ninguem para matar, ainda mutilavam cadaveres. Varreu-se o sangue para os cannos do palacio. Arrastaram os cadaveres mutilados para a neveira; taparam-a de pedra e cal, e ahi scellam a vingança do povo. Jourdan e os seus satellites offereceram a homenagem desta noute aos meditadores francezes e á assembléa nacional. Os scelerados de Pariz a admiram; a assembléa freme de indignação, e recebe este crime como um ultrage; o presidente desmaia lendo o relatorio da noute de Avinhão. Ordena-se a prisão de Jourdan e seus cumplices. Jourdan fugiu de Avinhão. Perseguido pelos francezes, lança-se a cavallo no rio da Sorgue. Alcançado no meio do rio por um soldado, dispara sobre este mas erra. Foi preso e amarrado. O supplicio espera-o. Mas os jacobinos impõe aos girondinos a amnistia para os crimes de Avinhão. Jourdan, seguro da impunidade, e altivo do seu crime, ahi torna a apparecer para immolar os que o haviam denunciado.

A assembleia tremeu um momento á vista deste sangue, e depois deu-se pressa a afastar delle os olhos. Na sua impaciencia de reinar sosinha, não tinha tempo para ter piedade. Havia além disso entre os girondinos e os jacobinos uma emulação de arrebatamento e uma rivalidade a fazer frente á revolução, que fasia receiar a cada um dos dous partidos deixar tomar o passo ao outro. Até os cadaveres os não paravam, e as lagrimas muito prolongadas poderiam ser reputadas fraqueza.

VIII. — No entanto as victimas multiplicavam-se diariamente e os desastres succediam-se aos desastres. O imperio inteiro parecia derrocar-se sobre os seus fundadores. S. Domingos, a mais rica colonia franceza, nadava em sangue. A França estava sendo punida do seu egoismo. A assembléa constituinte tinha proclamado como principio a liberdade dos negros; mas de facto a escravidão subsistia ainda. Duzentos mil escravos serviam de rebanho a alguns milhares de colonos. Compravam-os, vendiam-os, mutilavam-os como cousas inanimadas. Tinham-os por especulação fora da lei civil, e da lei religiosa. A propriedade, a familia, o casamento eram-lhe interdictos. Havia cuidado em degradal-os abaixo do homem para se conservar o direito de os tractar como brutos. Se algumas uniões clandistinas ou favorecidas pela cubiça se formavam entre elles, a mulher e os filhos pertenciam ao senhor. Vendiam-os separadamente sem attenção aos laços da natureza. Despedaçavam-se sem piedade todas as ligações com que Deus formou a cadeia das sympathias da humanidade.

Este crime em massa, este embrutecimento systematico tinha seus theoricos e seus apologistas. Negavam-se nos negros as faculdades humanas. Fazia-se delles uma raça intermedia entre a carne e o espirito. Denominava-se tutella necessaria ao infame abuso da força que se exercia sobre esta raça inerte e servil. Aos tyrannos nunca faltaram sophystas. Por outro lado, os homens piedosos para com os seus similhantes, que tinham, como Gregoire, Raynal, Barnave, Brissot, Condorcet, La Fayette abraçado a causa da humanidade e formado a *Sociedade dos amigos dos negros*, haviam lançado os seus principios sobre as colonias, antes como uma vingança do que como uma justiça. Estes principios resplandeceram sem preparação e sem providencia, nesta sociedade colonial, onde a verdade não tinha outro orgão senão a insurreição. A philosofia proclama os principios, a politica administra-os: os amigos dos negros tinham se contentado em proclamal-os. A França não havia tido a coragem de desapossar e indemnisar os seus colonos, tinha conquistado a liberdade só para si; addeava, como addia ainda no momento em que escrevo estas linhas, a reparação do crime da escravidão nas suas colonias; podia ella admirar-se de que a escravidão buscasse vingar-se a si propria, e que uma liberdade vãmente proclamada em Pariz se transformasse em S. Domingos n'uma insurreição? Toda a iniquidade que uma sociedade livre deixa subsistir em proveito dos oppressores, é uma espada com que se arma os opprimidos. O direito é a mais perigosa de todas as armas. Desgraçado de quem a deixa aos seus inimigos.

IX — S. Domingos o attestava: cincoenta mil escravos negros se haviam sublevado n'uma noite, a instiga-

ção e sob o commando dos mulatos ou homens de côr. Os homens de côr, raça intermedia sahida do commercio dos colonos brancos com as escravas negras, não eram escravos, mas tambem não eram cidadãos. Eram uma especie de libertos tendo os defeitos e as virtudes de ambas as raças: o orgulho dos brancos, e a degradação dos pretos: raça fluctuante que, estando ora pelo lado dos escravos, ora pelo dos senhores, devia produzir essas terriveis oscillações que trazem inevitavelmente o desmoronamento de uma sociedade.

Os mulatos que possuiam escravos tinham principiado por fazer causa commum com os colonos, e por se opporem com mais inflexibilidade do que os brancos á emancipação dos pretos. Tanto mais perto elles estavam da escravidão tanto mais defendiam com paixão a sua parte de tyrannia. O homem é assim feito: ninguem é mais levado a abusar do seu direito do que aquelle que apenas o acaba de conquistar; peiores tyrannos do que os escravos, nem homens mais soberbos do que os homens de fortuna.

Os mulatos tinham todos estes vicios. Mas quando se aperceberam que os brancos os desprezavam como uma raça misturada, que a revolução não tinha apagado as gradações da côr da pelle, e os prejuizos injuriosos que se ligavam á sua côr; quando reclamaram de balde para si o exercicio dos direitos civicos que os colomnos lhes contestavam, então passaram com a leviandade e fogo de seus caracteres, d'uma paixão para a outra, de um partido para o outro, e fizeram causa commum com a raça opprimida. Seu habito de mandarem, suas fortunas, suas luzes, energia, e audacia chamavam-os naturalmente a serem os chefes dos negros. Fraternizaram com elles, popularisaram-se entre os pretos por essa mesma côr de que antes se envergonhavam junto dos brancos. Fomentaram secretamente os germens da insurreição nos conciliabulos nocturnos dos escravos. Entretiveram correspondencias clandestinas com os amigos dos pretos em Pariz. Espalharam profundamente pelas casas, os discursos e os escriptos que de Pariz ensinavam aos colonos os seus deveres, e aos escravos os seus direitos imprescriptiveis. Os direitos do homem, commentados pela vingança, vieram a ser o cathecismo das roças.

Os brancos tremeram. O terror levou-os á violencia. O sangue do mulato *Ogé* e dos seus cumplices, derramado pelo senhor de Blanchelande, governador de S. Domingos, e pelo conselho colonial, semeou por toda a parte o desespero e a conspiração.

X. — *Ogé*, deputado a Pariz pelos mulatos, para advogar seus direitos junto á assembléa constituinte, havia-se ligado com Brissot, Raynal, Gregoire, e filiava-se por elles na sociedade dos amigos dos pretos. Passando á Inglaterra, ahi travara conhecimento com o piedoso philantropico Clarkson. Clarkson e o seu amigo advogavam então a causa da emancipação dos pretos: eram os primeiros apostolos desta religião de humanidade, que não acreditavam poder elevar mãos puras para Deus, em quanto houvesse nessas mãos o extremo da cadeia que conserva uma raça humana na degradação e na servidão. A frequentação destes homens de bem, expandeu ainda mais a alma de *Ogé*. Elle viera á Europa para defender unicamente os interesses dos mulatos, e ahi abraçou a causa mais liberal e mais santa de todos os pretos. Votou-se á liberdade de seus irmãos. Voltou a França, frequentou Barnave; supplicou á commissão da assembléa constituinte applicasse os principios da liberdade ás colonias, e não fizesse uma excepção á lei divina deixando os escravos a seus senhores. Inquieto e indignado das hesitações da commissão, que retirava com uma mão o que dera com a outra, declarou, que se a justiça não bastasse á sua causa, faria apêllo á força. Barnave tinha dito: « *Morram as colonias antes do que um principio.* » Os homens de 14 de julho não tinham o direito de condemnar no coração d'Ogé a insurreição que era seu proprio titulo para a independencia. Póde acreditar-se que os votos secretos dos amigos dos negros seguiram Ogé, que tornou a partir para S. Domingos. Ahi encontrou os direitos dos mulatos e os principios da liberdade dos negros mais negados e mais profanados do que nunca. Ergueu o estandarte da insurreição, mas com as formas e direitos da legalidade. A' frente de um ajuntamento de duzentos mulatos reclamou a promulgação nas colonias dos decretos da assembléa nacional, arbitrariamente addiada até então. Escreveu ao commandante militar do Cabo: « Exigimos a proclamação da lei que nos fez cidadãos livres. Se vos oppozerdes iremos a Leogane, nomearemos eleitores, e repelliremos a força com a força. O orgulho dos colonos acha-se humilhado em sentar-se ao nosso lado. Consultou-se acaso o orgulho dos nobres e do clero para proclamar a egualdade dos cidadãos em França? « O governador respondeu a esta eloquente intimação de liberdade enviando um corpo de tropa para dissipar o ajuntamento. Ogé repelliu-o.

XI. — Chegaram então forças mais numerosas e ao cabo de uma heroica resistencia, aquellas conseguiram dispersar os mulatos, Ogé fugiu, e refugiou-se na parte hespanhola da ilha. A sua cabeça fôra posta a preço. O senhor de Blanchelande, nas proclamações, fazia-lhe um crime o reevindicar os direitos da natureza em nome da assembléa que acabava de proclamar os direitos do cidadão. Sollicitou-se do governo hespanhol a entrega deste Spartacus, egualmente perigoso á segurança dos brancos nos dois paizes. Ogé foi entregue aos francezes pelos Hespanhoes. Foi julgado no Cabo. Prolongou-se por dois mezes o seu processo, para se cortarem ao mesmo tempo os fios da trama da independencia, e assustar os seus cumplices. Os brancos, amotinados, desesperavam-se com estas lentidões, e pediam a altos brados a sua cabeça. Os juizes condemnaram-o á morte, pelo mesmo crime que na mãi patria fazia a gloria de La Fayette e de Mirabeau.

Soffreu o tormento da prisão. Os direitos da sua raça, resumidos e perseguidos nelle, elevavam-lhe a alma acima dos seus algozes. « Renunciai, lhes dizia com impassivel altivez, renunciai á esperança de me arrancar um unico nome dos meus cumplices. Estes estão em toda a parte onde um coração de homem se subleva contra os oppressores do homem. » Desde este momento não pronunciou mais que duas palavras que echoavam como um remorso no ouvido dos seus perseguidores: *liberdade, egualdade.* Marchou sereno para o logar do supplicio. Ouviu com indignação a sentença que o condemnava á morte lenta e infame dos mais vís scelerados. « Que! exclamou elle, confundis-me com os criminosos, por eu ter querido restituir aos meus similhantes estes direitos e este titulo de homem que sinto em mim! Pois bem! eis-ahi o meu sangue! mas delle sahirá um vingador! » Morreu rodado, e o seu corpo mutilado foi deixado á beira da estrada publica. Esta morte heroica ressoou até na assembléa nacional, e sublevou diversos sentimentos » Foi merecida, disse Malouet, Ogé é um criminoso e um assassino. — Se Ogé era culpado, lhe respondeu Gregoire, todos nós o somos tambem; se aquelle que reclamou a liberdade para os seus irmãos morreu com justiça n'um cadafalso, é preciso tambem fazer subir a elle todos os francezes que se nos assimelham.

XII. — O sangue de Ogé fervia surdamente no coração de todos os mulatos. Juráram vingar-se. Os pretos eram um exercito prompto para a carnificina. O signal foi-lhes dado pelos homens de côr. N'uma noite, sessenta mil escravos, armados de archotes e dos instrumentos de seu trabalho, incendiáram todas as habitações de seus senhores n'um raio de seis legoas em volta do cabo. Os brancos foram degolados. Mulheres, creanças, velhos, nada escapou ao furor dos pretos muito tempo comprimido. Foi o aniquilamento de uma raça por outra. As cabeças ensanguentadas dos brancos, espetadas nas pontas das cannas de assucar, foram as bandeiras que guiáram estas hordas não ao combate, mas á carnificina. Os ultrajes de tantos seculos commettidos pelos brancos sobre os pretos, foram vingados em uma noite. Uma emolação de crueldade parece fazer rivalisar as duas côres. Os negros imitam os supplicios tantas vezes postos em pratica contra elles; até mesmo inventam novos. Se alguns escravos generosos e fieis se interpoem entre seus antigos senhores e a morte, são immolados juntamente. O reconhecimento e a piedade são virtudes que a guerra civil não reconhece. A côr é um decreto de morte sem excepção de pessoa. A guerra é entre as raças e não já

entre os homens. E' precizo que morra uma para a outra viver! Pois que a justiça não pode ser ouvida entre ellas, não ha senão a morte para as concordar. A mercê da vida feita a um branco é uma traição que deve custar a vida a um preto, Os negros não teem coração. Não são homens; não são um pôvo: é um elemento destruidor que passa por cima da terra, apagando tudo.

Dentro de algumas horas, oitocentas habitações, roças de assucar e caffé, representando um capital immenso, foram destruidas. Moinhos, armazens, utensilios, a propria planta que lhes recorda a sua servidão, e o seu trabalho forçado, foram lançadas ás chammas. A planice inteira, em toda a extenção que a vista pode alcançar, só está coberta do fumo e cinza do incendio. Os cadaveres dos brancos, grupados em horrorosos troféos de troncos, de cabeças, de membros de homens, de mulheres e de creanças assassinadas, são as unicas couzas que marcam os logares das ricas habitações onde elles ainda na vespora reinavam. Era a desforra da escravidão. Toda a tyrannia tem um horrivel reverso.

Muitos brancos advertidos a tempo da insurreição pela generosa indiscrição dos negros, ou protegidos em sua fuga pelas florestas e pela noite, haviam-se refugiado na cidade do Cabo. Outros, escondidos com suas mulheres e filhos nas cavernas, ahi foram sustentados por seus escravos fieis a risco das proprias vidas. O exercito dos pretos engrossou mesmo sob os muros do Cabo. Ahi se disciplinaram ao abrigo de um campo fortificado. Chegáram lhes espingardas e artilheria pelos cuidados de auxiliares invisiveis. Uns accusavam os inglezes, outros os hespanhoes, e finalmente alguns, os amigos dos pretos, desta cumplicidade com a insurreição. Mas os hespanhoes estavam em paz com a França. A revolta dos pretos não os ameaçava menos do que a nós. O principio da insurreição exaltado pelo triumpho, e propagando-se nas suas colonias, haveria arruinado seus estabellecimentos e comprometteria mesmo a vida dos seus colonos. Estas suspeitas eram absurdas. Não havia ahi culpada senão a propria liberdade, porque se não opprime impunemente uma parte da especie humana. Ella tinha cumplices no mesmo coração dos Francezes.

A frouxidão das resoluções da assembléa, quando recebeu estas noticias, o provou. O senhor Bertrand de Molleville, ministro da marinha, ordenou immediatamente a partida de 6,000 homens de reforço para S. Domingos.

Brissot atacou estas medidas repressivas n'um discurso, onde não temeu lançar o odioso do crime sobre as victimas, e accusar o governo da cumplicidade com a aristocracia dos colonos. — «Porque fatalidade estas noticias coincidem com a occasião em que as emigrações redobraram? em que os rebeldes reunidos nas nossas fronteiras nos annunciam uma proxima explosão? em que finalmente as colonias nos ameaçam por uma deputação illegal de se subtrairem ao dominio da metropole? Não será isto uma ramificação de um grande plano combinado pela traição?» A repugnancia dos amigos dos pretos, numerosos na assembléa, em tomarem medidas energicas em favor das colonias, a indifferença do partido revolucionario para com as colonias, a distancia do logar da scena que enfraquece a piedade, e finalmente o movimento interior que arrastava os espiritos e as cousas, apagaram bem depressa estas impressões, e deixaram formar-se e engrandecer em S. Domingos o genio da independencia dos pretos; que se mostrava de longe na pessoa de um pobre e velho escravo: Toussaint Louverture.

XIII. — As desordens no interior multiplicavam-se em todos os pontos do imperio. A liberdade religiosa que era o voto da assembléa constituinte, e a grande conquista da revolução, não podiam estabellecer-se nesta lucta em face de um culto desapossado e d'um scysma nascente que se disputavam as populações. O partido contra revolucionario alliava-se por toda a parte com o clero. Tinham elles os mesmos inimigos, conspiravam contra a mesma cauza. Depois que os padres não juramentados tinham tomado o papel de victimas, o interesse de uma parte do povo, especialmente no campo, prendia-se a elles. A perseguição é tão odiosa ao espirito publico, que mesmo a sua apparencia seduz os corações generosos. O espirito humano tem inclinação para acreditar que a justiça está do lado dos proscriptos. Os sacerdotes não eram ainda perseguidos; mas desde que elles não reinavam já, se julgavam humilhados. A irritação surda entretida pelo clero fôra mais funesta á revolução do que as conspirações da aristocracia emigrada. A consciencia é o ponto mais sensivel do homem. Uma superstição offendida ou uma fé inquietada n'um espirito de um povo, é a mais implacavel das conspirações. E' com a mão de Deus, invisivel na mão do sacerdote, que a aristocracia subleva a Vendée. Frequentes e sangrentos symptomas trahiam já no Oeste e na Normandia este occulto foco da guerra religiosa.

O mais terrivel destes symptomas rebentou em Caen. O abbade Fauchet, era o bispo constitucional de Calvados. A celebridade mesmo do seu nome, o patriotismo exaltado das suas opiniões, o fulgor do seu renome revolucionario, a sua palavra emfim e os seus escriptos, semeados profusamente na sua diocese, eram uma causa de agitação mais intensa em Calvados, do que em outra alguma parte.

Fauchet, que a conformidade de opiniões, a honestidade de suas paixões renovadoras, e as illusões mesmo da sua imaginação, deviam mais tarde associa-lo aos actos e ao cadafalso dos girondinos, havia nascido em Dornes, na antiga provincia do Nivernais. Abraçou o estado ecclesiastico, entrou na communidade livre dos padres de S. Roque em Pariz, e foi algum tempo perceptor dos filhos do marquez de Choiseul, irmão do famoso duque de Choiseul, esse ultimo ministro da escóla de Richelieu e Mazarin. Um talento notavel pela palavra o fez apparecer com brilho no pulpito sagrado. Foi nomeado pregador do rei, abbade de Monfort, gran-vigario de Bourges. Caminhou rapidamente ás primeiras dignidades da igreja. Mas sua alma tinha respirado o seu seculo. Não era porém um destruidor, era um reformador da igreja, no seio da qual tinha nascido. O seu livro intitulado *da igreja nacional* (*de l'Eglise nationale*) attesta nelle tanto respeito pelo fundo da fé christã, como audacia para transformar a disciplina. Esta fé philosophica, assás similhante a este platonismo christão, que reinava na Italia no tempo dos Medicis, e até no palacio dos Papas em tempo de Leão X, transpirava nos seus discursos sacros. O clero assustou-se destes relampagos do seculo brilhando no santuario. O abbade Fauchet foi interdicto, e riscado da lista dos pregadores do rei.

Mas já a revolução ia abrir-lhe outras tribunas. Ella rebentava. Precipitou-se nella como a imaginação se precipita na esperança. Combateu por ella desde o primeiro dia, com todas as armas. Agitou o povo nas assembléas primarias e nas secções: impellio com a voz e com o gesto as massas insurgidas sob o canhão da Bastilha. Foi visto com o sabre na mão guiar e mesmo avançar os assaltantes. Marchou tres vezes, debaixo do fogo da artilheria, á frente da deputação que vinha intimar o governador a poupar o sangue dos cidadãos, e a render as armas. Não manchou o seu zelo revolucionario de nenhum sangue, nem de nenhum crime. Inflamou a alma do povo pela liberdade; mas a liberdade para elle era a virtude. A naturesa havia-o dotado para este duplicado papel. Havia nas suas feições o gran-sacerdote e o heroe. O seu exterior prevenia e encantava a multidão. O seu talhe era elevado, seu busto soberbo, sua figura oval, os olhos negros: os cabellos de um preto carregado faziam sobresair-lhe a pallidez do rosto. Sua attitude imponente ainda que modesta, attrahia, logo ao primeiro olhar, o favor e o respeito. A sua voz clara, commovida e sonora, o seu gesto magestoso, as suas expressões um pouco mysticas ordenavam ô recolhimento, tanto como a admiração, do seu auditorio. Igualmente proprio para a tribuna popular como para o pulpito, as assembléas eleitoraes ou as cathedraes eram mui estreitas para o povo que affluia a ouvi-lo. Figurava-se, vendo-o, um S. Bernardo revolucionario pregando a caridade politica, ou a cruzada da razão.

Seus costumes não eram nem severos, nem hypocri-

tas. Elle mesmo confessava que amava uma mulher com uma affeição legitima e pura, a sr.ª Carron, que o seguia por toda a parte, mesmo nas igrejas e nos clubs. « Tem-me calumniado por esta mulher, disse elle : desde então, mais me hei ligado a ella, e hei sido puro. Tendes visto esta mulher mais bella ainda do que a sua fisionomia, e que, de ha dez annos que a conheço, me parece sempre mais digna de ser amada. Ella daria sua vida por mim, e eu daria minha vida por ella ; mas eu não lhe sacrificaria o meu dever. Apesar dos libellos atrozes dos aristocratas, irei, todos os dias ás horas do seu jantar, gosar os encantos da mais pura amisade junto a ella. Vai ouvir-me pregar! Sim, sem duvida ; ninguem sabe melhor do que ella com que fé sincera eu acredito nas verdades que professo. Ella vem ás assembléas do *Hotel de ville !* Sim, sem duvida ; é porque está convencida de que o patriotismo é uma segunda religião, que nenhuma hypocrisia tenho em minha alma, e que minha vida é verdadeiramente toda inteira de Deus, da patria, e da amisade !... »

— « E ousaes apresentar-vos como casto, lhe respondiam pelo orgão do abbade de Valmeron os padres fieis e indignados. Que escarneo ! Casto no momento em que confessaes as inclinações mais desregradas, quando arrancaes uma mulher ao leito de seu esposo, aos seus deveres de mãi, quando arrastaes essa insensata encadeada aos vossos passos para a mostrar com ostentação ! Qual é vosso cortejo, senhor ! Uma tropa de bandidos e de mulheres perdidas. Digno pastor desta vil populaça, ella celebra a vossa visita pastoral com as unicas festas capazes de vos alegrar ; a vossa passagem é marcada por todos os excessos do roubo e da devassidão. » Estas objurgações sanguinolentas resoaram nos departamentos e inflammaram os espiritos. Os padres ajuramentados e não juramentados disputavam-se os altares. Uma carta do ministro do interior acabava de authorisar os padres não juramentados a celebrarem o santo sacrificio nas igrejas que n'outros tempos tinham servido. Obedientes á lei, os padres constitucionaes abriram-lhes as capellas e forneciam-lhe os ornamentos necessarios de culto ; porem a multidão fiel aos antigos pastores, injuriava e ameaçava os novos. Rixas sangrentas haviam tido logar entre os dois cultos no proprio pavimento da casa de Deus. Sexta feira 4 de novembro, o antigo cura da parochia de S. João em Caen, apresentou-se para ahi dizer missa. A igreja estava cheia de catholicos. Este concurso irritou os constitucionaes ; exaltou os outros. O *Te Deum* em acção de graças foi pedido e contado pelos partidistas do antigo cura. Este animado pelo successo, annunciou aos fieis que voltaria no dia seguinte, á mesma hora, celebrar o sacrificio. « Paciencia, accrescentou elle, sejamos prudentes, e tudo irá bem ! »

A municipalidade, instruida destas circumstancis, mandou pedir ao cura que se abstivesse de ir no dia seguinte celebrar a missa que havia promettido. Conformou-se o cura com este convite. Mas a multidão, que ignorava esta deliberação, enchia a igreja. Pediu-se a altos bra dos o sacerdote e o *Te Deum* promettidos. Os nobres dos suburbios, a aristocracia de Caen, os clientes e os numerosos criados destas familias poderosas no paiz, tinham armas escondidas nos seus fatos. Insultaram os granadeiros. Um official da guarda nacional quiz reprehendel-os. « Vindes buscar o que achareis, lhe responderam os aristacratas : somos os mais fortes, e expulsar-vos-hemos da igreja. » A estas palavras os mancebos lançaram-se sobre o guarda nacional para o desarmar. Trava-se o combate, as bayonetas brilharam, os tiros de pistolla ressoam sob a abobada da cathedral, e da-se uma carga de sabre. As companhias de caçadores e granadeiros entraram na igreja, fazem evacual-a, e perseguem os ajuntamentos, que disparam ainda alguns tiros nas ruas. Alguns mortos e alguns feridos foram o triste resultado deste dia. O socego pareceu restabelecido. Prenderam-se oitenta e duas pessoas. Encontrou-se n'uma dellas um pretendido plano de contra-revolução, cujo signal devia ser dado na segunda feira seguinte. Enviaram-se estes documentos a Paris. Prohibio-se aos sacerdotes não constitucionaes a celebração dos seus santos mysterios nas igrejas de Caen, até á decisão da assembléa nacional. Esta ouviu com indignação o relatorio destas desordens, suscitadas pelos inimigos da constituição e pelos fautores do fanatismo e da aristocracia. « O unico partido que temos a tomar, disse Cambon, é convocar o alto tribunal nacional, e enviar a elle os culpados. » Addiou-se a votação desta proposta, para quando se recebessem todos os documentos relativos ás desordens de Caen.

Gensonné denunciou desordens da mesma nuturesa na Vendée ; as montanhas do Meio-dia, la Lozere, l'Herault e Ardeche, mal comprimidas pela dispersão do recente campo de *Jales*, este primeiro acto da contra-revolução armada, agitavam-se sob a dupla impulsão dos seus padres e dos seus gentis-homens. As planicies, atravessadas de rios, estradas cidades, e facilmente submettidas á força central, experimentavam, sem resistencia, a repercussão de Pariz. As montanhas conservam muito mais tempo os seus costumes, e resistem á conquista das novas idéas como á conquista dos exercitos estrangeiros ; parece que o aspecto destes baluartes naturaes dá aos seus habitantes uma confiança na propria força e uma imagem material da immobilidade das cousas, que as impede de se deixarem arrastar tão facilmente pelas correntes movediças das mudanças.

Os montanhezes destes paizes tinham pelos seus nobres esta dedicação voluntaria e tradiccional, que os Arabes tem pelos seus cheiks, e que os Escocezes aos seus chefes de *claus*. Este respeito e esta dedicação faziam parte da honra nacional nestes agrestes paizes. A religião, mais fervorosa no meio-dia, era, aos olhos destas populações, uma liberdade sagrada, contra a qual a revolução attentava em nome d'uma liberdade politica. Preferiam a liberdade de suas consciencias á liberdade do cidadão. Por todos estes titulos, as novas instituições eram odiosas ; os padres fieis nutriam este odio e sanctificavam-o no coração dos camponezes ; os nobres ahi entretinham um realismo, cuja piedade pelas desgraças do rei e da familia real, se enternecia ao ouvir a relação quotidiana de novos ultrajes.

Mende, pequena villa escondida no fundo de valles profundos, a igual distancia tanto das planicies do meiodia como du Lyonnais, era o foco do espirito contra-revolucionario. A burguezia e a nobresa, confundidas n'uma unica casta pela modicidade das fortunas, pela familiaridade dos usos, e pela frequencia das uniões entre as familias, não nutriam ahi uns contra os outros essas invejas e odios intestinos que n'outra parte favoreciam a revolução. Não havia ahi nem orgulho n'uns, nem ciumo n'outros ; era, como em Hespanha, um só povo onde a nobresa não é, por assim dizer, senão o direito do mais velho no mesmo sangue. Estas populações tinham, verdade é, deposto as armas, depois da insurreição do anno precedente no *campo de Jales*. Mas seus corações eram longe de estar desarmados. Estas provincias espiavam, com olho vigilante, a hora favoravel para se levantarem em massa contra Pariz. Os insultos feitos á dignidade do rei, e as violencias contra a religião pela assembléa legislativa, impelliam estas disposições até o ponto de fanatismo. Rebentaram segunda vez, como involuntariamente, por occasião d'um movimento de tropas que atravessaram os seus valles. O laço tricolor, signal de infidelidade ao rei e a Deus, tinha inteiramente desapparecido da villa de Mende havia já alguns mezes, Ahi se ostentava com affectação o laço branco, como uma lembrança e uma esperança da ordem de cousas, a que secretamente eram dedicados.

O directorio do departamento, composto de homens estranhos ao paiz, quiz fazer respeitar o signal da constituição e pedio tropa de linha. A municipalidade oppôz-se por um acordão a este pedido do directorio ; fez um apello insurreccional ás municipalidades visinhas, e uma especie de federação com ellas para resistirem juntas á remessa de tropas áquelles paizes. No entretanto as tropas enviadas de Leão a pedido do directorio vinham em marcha. A' sua aproximação a municipalidade dissolveu a antiga guarda nacional, composta de alguns partidistas, em pequeno numero, da liberdade, e formou nova guarda nacional, cujos officiaes foram por ella escolhidos entre os gentishomens e os realistas exaltados dos suburbios. Armada

com esta força, a municipalidade fez com que o directorio do departamento lhe entregasse as suas munições.

Taes eram as disposições da villa do Mende quando as tropas ahi entraram. A guarda nacional em armas correspondeu ao grito : Viva a nação ! dado pelas tropas, com o grito : Viva o rei ! Seguiu após os soldados á praça principal da villa, e ahi prestou juramento, em presença dos defensores da constituição, de não obdecer senão ao rei, e somente a este reconhecer. Em seguida a este acto audacioso, os guardas nacionaes destacados em grupos, precorreram a villa, affrontando e insultando os soldados com os sabres desembainhados. O sangue corre, as tropas perseguidas reunem-se e pegam em armas. A municipalidade, senhora do directorio, ao qual conserva em refens, obriga-o a expedir ordem á tropa de se recolher a quarteis. O commandante da tropa de linha obedece. Esta victoria exaltou a guarda nacional, esta á noite, forçou o directorio a dar ordem á tropa para sahir da cidade e evacuar o departamento. A guarda nacional formada em linha de batalha na praça do Mende, viu de hora para hora augmentarem-se as suas fileiras com destacamentos das municipalidades visinhas, que desciam das montanhas armados de espingardas de caça, foices, e ferros das charruas. As tropas iam ser sacrificadas, se não se aproveitassem da noite para se retirar. Saem da cidade aos gritos de victoria soltados pelos realistas. O dia seguinte não foi senão uma continuação de festas, com as quaes os realistas da villa e dos campos celebraram o triumpho commum fraternisando todos. Insultaram-se todas as insignias da revolução, cubriu-se de improperios a constituição, saqueou-se a salla das sessões dos jacobinos, queimaram-se as casas dos principaes membros deste odioso club, prenderam-se alguns ; mas a vingança limitou-se ao ultraje. O povo moderado pelos gentis homens e pelos curas, poupou o sangue de seus inimigos.

XIV. — No entanto que a liberdade humilhada estava ameaçada pelo fanatismo no Meiodia, ella assassinava no Norte. *Brest* era um dos focos mais ferventes do jacobinismo. A visinhança da Vendée, que fazia receiar a esta cidade a contra-revolução sempre ameaçadora, a presença da esquadra commandada ainda por officiaes suspeitos de aristocracia, uma população fluctuante de estrangeiros aventureiros, marinheiros, accessivel pela sua massa e pelos seus vicios a todas as corrupções, e a todos os crimes, tornavam esta cidade mais agitada, e mais inquieta do que outro qualquer porto do reino. Os clubs não cessavam ahi de provocar os marinheiros á insurreição contra os officiaes Os revolucionarios desconfiavam da marinha, corpo mais independente do que o exercito, dos movimentos do povo. A corte podia deslocal-a á sua vontade, e voltar os canhões contra a constituição. O espirito de disciplina, o espirito aristocratico, e o espirito colonial, eram todos igualmente contrarios aos novos principios. Era por tanto para a desorganisação da esquadra que se voltavam, havia algum tempo, todos os esforços dos jacobinos. A nomeação do Senhor de Lajaille para commandante d'um dos vasos destinados a ir em soccorro de S. Domingos, fez rebentar estas suspeitas, semeadas no povo de Brest contra a fidelidade dos officiaes de marinha. O senhor de Lajaille foi apontado pela voz dos clubs como um traidor á nação, que ia levar a contra-revolução ás colonias. No momento em que ia embarcar-se, assaltado por um ajuntamento de tres mil pessoas, foi crivado de feridas arrastado pelas ruas, e só deveu a vida á dedicação heroica de um homem do povo, que o defendeu com o seu corpo, arrancando-o aos seus assassinos, e aparando com o peito e braços os golpes que se dirigiam a este official, até o momento em que um destacamento da guarda civica veio livrar um e outro. O senhor de Lajaille foi conduzido á prisão para se satisfazer ao furor do povo. Debalde o rei ordenou á municipalidade de Brest, que se soltasse este innocente official, e tão necessario no seu posto; em vão o ministro das justiças pediu a punição deste assassinio commettido em pleno dia, á face de uma cidade inteira; em vão se votou um sabre e uma medalha de ouro ao generoso cidadão, chamado *Lanvergent*, salvador de Lajaille, o temor de uma insurreição mais temivel, assegurava a impunidade aos culpados, e retinha preso o innocente. Na vespora de uma guerra imminente, os officiaes de marinha, assaltados pela insurreição a bordo dos navios, e pelo assassinio nos portos, tinham tanto a receiar das suas equipagens como do inimigo.

XV. — As mesmas discordias eram fomentadas em todas as guarnições entre os soldados e os officiaes. A insubordinação dos soldados era aos olhos dos clubs, a virtude do exercito. O povo em toda a parte se punha pelo lado da tropa indisciplinada. Os officiaes estavam continuamente ameaçados por conspirações nos regimentos. As cidades de guerra eram o theatro continuado de motins militares, que acabavam pela impunidade do soldado e pela prisão ou emigração forçada dos seus officiaes. A assemblea, juiz supremo e parcial, dava sempre rasão á indisciplina. Não podendo refrear o povo, lisongeava os seus excessos. Perpignam foi novo exemplo disto.

Em a noite de 6 de dezembro, os officiaes do regimento de Cambresis, de guarnição nesta cidade, foram em corporação a casa do sr. de Chollet, general commandante da divisão, e o instaram a retirar-se para a cidadella, informados, lhe disseram, de uma conspiração nos regimentos, que punha a sua vida e a delles em perigo. O sr. de Chollet, convencido por elles, foi para a cidadella. Os officiaes dirigiram-se aos quarteis, e ordenaram aos soldados irem com elles tambem. Os soldados responderam que não obedeciam senão ás ordens do sr. Desbordes, tenente coronel, cujo patriotismo lhes inspirava confiança. O sr. Desbordes chegou, e leu aos solsoldados a ordem do general. Porem o som da sua voz, a expressão da sua fisionomia, e o seu olhar protestavam contra a ordem que a disciplina o obrigava a communicar. Os soldados comprehendem esta muda linguagem. Gritam que não deixarão seus quarteis, porque estão ahi por ordem da municipalidade. A guarda nacional mistura-se com elles e percorre a cidade em patrulhas. Os officiaes encerram-se na cidadella. Tiros de espingarda partem dos baluartes. O tenente coronel patriota Desbordes, a guarda nacional, a gendarmaria, e os regimentos sobem á cidadella, e apoderam-se della. Os officiaes do regimento de Cambresis são presos pelos seus proprios soldados. Um delles foge e mata-se de desespero chegando á fronteira de Hespanha. O desgraçado general Chollet, victima de uma dupla violencia, a dos officiaes e a dos soldados, é acusado com cincoenta officiaes e habitantes de Perpignam. Foram cincoenta victimas levadas ao supremo tribunal nacional de Orleans, e presdestinadas á carnificina de Versailles.

XVI. — O sangue corria por toda a parte. Os clubs atrahiam ardilosamente os regimentos. As moções patrioticas, as denuncias contra os generaes, as insinuações perfidas contra a fidelidade dos officiaes, eram as ordens do dia que o povo das cidades dava ao exercito. O terror estava na alma do official, a desconfiança no coração do soldado. O plano premeditado pelos girondinos e jacobinos reunidos, era destruir assim este corpo dedicado ao rei, arrebatar o commando desta força á nobresa, substituir os plebeos aos nobres á frente das tropas, e dar assim o exercito á nação. Esperando, elles lhe davam a sedição e a anarchia. Mas estes dois partidos, não achando ainda a desorganisação assaz rapida, quiseram resumir n'um só acto a corrupção systematica do exercito, a ruina da disciplina, e o triumpho legal da insurreição.

Já vimos a parte que o regimento suisso de Chateauvieux tomara na famosa insurreição de Nancy nos ultimos dias da assembléa constituinte. Um exercito commandado pelo senhor de Bruillé foi necessario para reprimir a revolta armada de muitos regimentos, que ameaçava a França de uma tyrannia da soldadesca. O senhor de Bouillé, á frente de um corpo de tropas vindo de Metz, e dos batalhões da guarda nacional, cercar Nancy, e depois de um combate profiado ás portas, e nas ruas desta cidade, havia obrigado os sediciosos a depôr as armas. Este vigoroso restabelecimento da ordem, aplaudido então por todos os partidos, tinha coberto de gloria o general, e de vergonha os soldados. A Suissa, por suas capitulações com a França, conservava a sua justiça federal sobre os

regimentos da sua nação. Este paiz, essencialmente militar, havia julgar militarmente o regimento de Chateauvieux. Vinte quatro soldados dos mais culpados foram condemnados á morte, e executados em expiação do sangue derramado por elles, e da fedelidade violada. Os restantes foram decimados. Quarenta um dentro elles expiavam seu delicto nas galés de Brest. A amnistia promulgada pelo rei para os crimes commettidos durante as perturbações civis, na occasião da acceitação da constituição, não podia ser applicavel do direito a estes soldados estrangeiros. O direito de graça não pertence senão aquelle que tem o direito de punir. Castigados em virtude de uma sentença pela jurisdicção helvetica, nem o rei, nem a assembléa podiam invalidar esta sentença, nem annullar-lhe os effeitos. O rei, a pedido da assembléa constituinte, tinha debalde negociado com a confederação suissa para obter o perdão destes soldados.

Estas negociações infructuosas serviram de texto de accusação nos jacobinos, e na assembléa nacional, contra o senhor de Montmorin. Debalde, se justificou alegando a impossibilidade de obter tal amnistia da Suissa, no momento em que este paiz, agitado tambem pelo contra golpe, se occupava em restabelecer a subordinação por via de leis draconianas. «Seremos pois os carcereiros obrigados deste povo feroz, exclamavam Guadet e Collot-d'Herbois! a França aviltar-se-ha até o ponto de punir em seus proprios portos os mesmos que fizeram triumphar o povo da aristocracia dos officiaes, e derramavam seu sangue pelo povo, em logar de o derramar pelo despotismo ' »

Pastoret, membro importante do partido moderado e que passava por combinar os seus actos com o rei, apoiou Gaudet para popularisar o principe por um acto agradavel ao povo, e a liberdade dos soldados de Chateauvieux foi votada pela assembléa. O rei demorou por algum tempo a sua sancção, a fim de não offender os cantões por esta usurpação violenta dos seus direitos sobre os seus nacionaes; e então os jacobinos lançaram novas imprecações contra a côrte, e contra os ministros. «Chegou o momento em que é preciso que um homem morra para a salvação de todos exclamou Manoel, e este homem deve ser um ministro! Parecem-me todos tão culpados que julgo firmemente que a assembléa nacional ficaria innocente fazendo-os tirar á sorte; para enviar um delles ao cadafalso.» Todos, todos! vociferaram as tribunas.

Mas nesse mesmo instante, Collot d'Herbois subio á tribuna, e annunciou, entre o ruido das acclamações, que a sancção ao decreto de soltura fora assignado na vespora, e que antes de poucos dias apresentaria aos seus irmãos aquellas victimas da disciplina.

Com effeito os soldados de Chateauvieux sahidos das galés de Brest, avançaram para Pariz. Sua marcha era triumphal. Pariz, pelos cuidados dos jacobinos, preparava-lhe um dos mais brilhantes triumphos. Debalde os jornaes e os constitucionaes protestavam com energia, pela bocca de André Chenier, o Tyrteo da moderação e do bom senso, e tambem de Dupon de Nemours e do poeta Boucher, contra a insolente ovação dos assassinios do generoso Desilles: Collot-d'Herbois, Robespierre, os jacobinos, os franciscanos, a propria communa de Pariz proseguiam a idéa deste triumpho, que devia recahir, segundo disiam, em opprobrio da corte e de La Fayette. A fraca interposição de Pethion, que parecia querer moderar o escandalo, não fazia senão animal-o. Era o homem mais proprio a arrastar o povo aos derradeiros excessos. A sua virtude de ostentação servia de manto a todas as violencias, e decorava com uma apparencia de legalidade hypocrita os attentados que não ousava punir. Se se personificava a anarchia para a collocar na communa de Pariz, não se podia encontrar ninguem melhor para isso do que Pethion. As suas reprehensões paternas ao povo, eram promessas de impunidade. A força chegava mui tarde para punir. A excusa estava sempre prompta para a sedição, e a amnistia para o crime. O povo conhecia no seu magistrado o seu cumplice e o seu escravo. Amava-o á força de o desprezar.

XVII. — «Attribue-se a um enthusiasmo geral, escrevia Chenier, a festa que se prepara a estes soldados. Primeiro, confesso que não apercebo este enthusiasmo. Vejo agitarem-se um pequeno numero de homens. O resto está consternado ou indifferente. Diz-se que a honra nacional está interessada nesta reparação. Custa-me a comprehendel-o; porque emfim, ou os guardas nacionaes de Metz, que assassinaram a sedição de Nancy, são inimigos publicos, ou os soldados de Chateauvieux são assassinios. Ora, em que é portanto que a honra de Pariz está interessada em festejar os assassinos de nossos irmãos? Outros profundos politicos dizem: Esta festa humilhará os que quizeram dar ferros á nação... Que para humilhar, na opinião delles, um máo governo, é preciso inventar estravagancias capazes de destruir toda a especie de governo! recompensar a rebellião contra as leis! corôar os satellites por terem fusilado n'um motim os cidadãos francezes! Diz-se que em todas as praças, por onde passar esta pompa, serão veladas as estatuas! Ah! será bem feito, se tão odiosa orgia acontecer, que se véle a cidade inteira; mas não é as imagens dos despotas que se devem cobrir com o crepe funebre; será o rosto de todos os homens de bem! Toda a juventude do reino, todos os guardas nacionaes, devem trajar de lucto, no dia em que o assassinio de seus irmãos se transforma entre nós em titulo de gloria, por soldados sediciosos e estrangeiros! E' o exercito que deve vendar os olhos para não ver o premio que se dá á indisciplina e á revolta! E á assembléa nacional, é o rei, são todos os administradores, é a patria inteira, que devem cobrir o rosto para não serem testimunhas complacentes ou silenciosas do ultraje feito a todas as authoridades, e á patria inteira! E' o livro da lei que se deve cobrir, quando aquelles que hão rasgado e ensanguentado as suas paginas a tiros de espinguarda recebem honras civicas! Cidadãos de Pariz, homens honrados mas fracos, não ha um unico de vós que, interrogando sua alma e o seu bom senso, não conheça quanto a patria, elle proprio, seus filhos, seus irmãos, são insultados com estes ultrajes feitos ás leis, áquelles que as executam, e áquelles que morrem por ellas. Como não córaes envergonhados de que um punhado de homens turbulentos, que parecem numerosos porque estão unidos e fallam muito, vos obrigue a fazer a vontade delles, dizendo-vos que é a vossa, e divertindo a vossa pueril curiosidade com indignos espectaculos! N'uma cidade que se respeitasse, uma festa assim, não encontraria por toda a parte senão o silencio e a solidão. Por toda a parte as ruas e as praças publicas abandonadas, as casas fechadas, as janellas desertas, o desprezo e a fuga dos transeuntes fariam ao. menos conhecer á historia, a parte que os homens de bem tomariam nesta escandalosa bachanal.»

XVIII. — Collot-d'Herbois insultou, na sua resposta a André Chenier e Roucher. Este ultimo respondeu por uma carta cheia de sarcasmo, na qual recordava a Collot-d'Herbois os seus fiascos na scena e as suas infelicidades de histrião. «Esta personagem de romance comico, dizia elle, que dos theatrinhos de Polichinello saltou para a tribuna dos jacobinos, lançou-se sobre mim para me espancar com o rêmo que os Suissos lhe trouxeram das galés!»

Os cartazes pró ou contra a festa, cobriam as paredes do Palais Royal, e eram alternativamente rasgados pelos grupos de mancebos ou de jacobinos.

Dupont de Nemours, o amigo e o mestre de Mirabeau, sahiu do seu socego philosofico para dirigir a Pethion, a respeito deste mesmo objecto, uma carta na qual a consciencia do homem honrado affrontava heroicamente a popularidade do tribuno. «Quando o perigo é grande é dever da gente de bem apontal-o aos magistrados, especialmente quando são mesmo os magistrados que o suscitam. Haveis faltado á verdade dizendo que estes soldados tinham sido uteis á revolução no 14 de julho, e que se haviam recusado a combater o povo de Pariz. E' falso que estes suissos se recusassem a combater o povo de Pariz. E' verdade que elles assassinaram os guardas nacionaes de Nancy. Tendes a audacia de apellidar patriotas os homens, que tiveram a insolencia de ordenar ao corpo legislativo, que enviasse uma deputação á festa in-

ventada para estes rebeldes: são taes homens a quem tomaes por amigos; é com elles que ides jantar secretamente em *Rapeé*, e por isso o general da guarda nacional é obrigado a galopar duas horas por Pariz, para ir receber as vossas ordens, e não vos encontrar. Occultais debalde o vosso embaraço sobre phrases pomposas. Mascarais em vão esta festa a assassinos com as apparencias de uma festa á liberdade. Estes subterfugios não são do tempo. O momento urge: não enganais nem as secções, nem exercito, nem os oitenta e tres departamentos. Aquelles que vos levam pela mão como a uma creança, intentam entregar Pariz a *dez mil* piques, aos quaes se deverá abrir a barra da assembléa nacional, no mesmo dia em que a guarda nacional fôr desarmada. Os homens que hão de ser armados com elles, chegam todos os dias. Mil e duzentos ou mil e quinhentos bandidos entram todas as vinte e quatro horas em Pariz. Mendigam em quanto esperam pelo saque. São os corvos a quem os cadaveres atraem. Ainda não disse tudo: os generaes estão preparados para este odiento exercito. Os amigos de Jourdan, impacientes de vêr que a amnistia não o soltava assaz depressa, forçaram a sua prisão em Avignon. Já foi recebido triumphalmente n'algumas cidades do Meiodia, como os suissos de Chateauvieux. Amanhã chega elle a Pariz. Apparecerá domingo na festa com os seus companheiros, com os dois Mainvielle, com Pegtavin, com todos estes scelerados a sangue frio que mataram só n'uma noite sessenta e oito pessoas sem defeza, e violaram as mulheres antes de as degolar! Catilina! Cethego! marchai! Os soldados de Sylla estão na cidade, e o proprio consul emprehende desarmar os Romanos! A medida está cheia; já trasborda!»

Pethion justificou-se miseravelmente n'uma carta. Sua fraqueza e connivencia revelam-se ahi sob a multiplicidade das desculpas. Na mesma occasião Robespierre subindo á tribuna dos jacobinos, exclamou: «Vós não vos remontais á causa dos obstaculos que se oppõe ás expansões dos sentimentos do povo. Contra quem julgais vós que tendes de luctar? Contra a aristocracia? Não. Contra a côrte? Não. E' contra um general destinado de ha muito pela côrte a grandes designios contra o povo. Não é a guarda nacional que vê com inquietação estes preparativos, é o genio de La Fayette que conspira no estado-maior; é o genio de La Fayette que conspira no directorio do departamento; é o genio de La Fayette que transvia na capital tantos bons cidadãos, que sem elle estariam comnosco! La Fayette é o mais perigoso de todos os inimigos da liberdade, porque está mascarado com o patriotismo; é elle quem, depois de ter feito todo o mal de que era capaz na assembléa constituinte, fingiu retirar-se para as suas terras, e depois vêio disputar o logar de maire de Pariz, não para o obter, mas para o recusar, com o intuito de affectar desinteresse. Foi elle elevado ao commando dos exercitos francezes para voltal-os contra a revolução. As guardas nacionaes de Metz estavam innocentes como as de Pariz: ellas só podem ser patrioticas: foi La Fayette, que por intermedio de Bouillé, seu parente e seu cumplice, as illudiu. E como poderiamos nós inscrever nas bandeiras desta festa: «Só *Bouillé é o culpado*? Quem foi que pretendeu occultar o attentado de Nancy, e cobril-o com um véo impenetravel? Quem pede corôas para os assassinos dos soldados de Chateauvieux? La Fayette. Quem me impediu de fallar? La Fayette. Quem são os que lançam sobre mim olhares fulminantes? La Fafayette, e os seus cumplices.» (*Applausos unanimes*).

XIX. — Na assembléa nacional, os preparativos desta festa deram logar a um drama mais caracteristico Quando se abriu a sessão, pediu-se que os quarenta soldados de Chateauvieux fossem admittidos a apresentar suas homenagens ao corpo legislativo. O senhor de Jaucourt oppôz-se. «Se estes soldados, disse elle, não se apresentam senão para expressar seu reconhecimento, consintam que sejam introduzidos á barra; mas peço que depois de serem ouvidos, não sejam admittidos á sessão. «Murmurios geraes interrompem o orador. Gritos *abaixo! abaixo!* sáem das gallerias.» Uma amnistia não é nem um triumpho, nem uma corôa civica, proseguiu elle. Vós não podeis deshonrar os manes de Desilles, nem destes generosos cidadãos que morreram defendendo as leis contra elles! Vós não podeis dilacerar por este triumpho o coração daquelles que dentre vós tomaram parte na expedição de Nancy. Permitti a um militar que foi, com o seu regimento, enviado a esta expedição, representar-vos o effeito que a vossa decisão hade causar no exercito (as murmurações redobram). O exercito não verá em o vosso comportamento senão a animação á insurreição. Estas honras hão de fazer acreditar aos soldados, que reputais estes amnistiados não como homens sufficientemente punidos, mas como victimas innocentes.» O tumulto forçou o senhor de Jaucourt a descer da tribuna.

Mas um dos membros, n'um estado visivel de emoção e dôr, a substitue na tribuna. E' o sr. de Gouvion, moço official d'um nome celebre, e já estampado nas primeiras paginas das nossas guerras. O luto do seu fato, o luto profundo do seu rosto inspiram um interesse involuntario ás tribunas e mudam o tumulto em attenção. Sua voz hesita e anceia; conhece-se a indignação trovejando sob o enternecimento:

«Sr., diz elle, eu tinha um irmão, bom patriota, que pela estima dos seus concidadãos, havia sido successivamente commandante da guarda nacional e membro do departamento. Sempre prompto a sacrificar-se pela revolução e pela lei, é em nome da revolução e da lei que foi requerido marchar para Nancy com os bravos guardas nacionaes. Ahi caío elle trespassado de cinco golpes de baionetas sob a mão daquelles que... Pergunto-vos se estou condemnado a ver tranquillamente aqui os assassinos de meu irmão? — Pois bem! saí» exclamou uma voz implacavel. As tribunas applaudem esta palavra mais cruel e mais fria do que o punhal. Gritam *a baixo! a baixo!* A indignação sustenta o sr. de Gouvion contra o seu despreso interno. «Quem é o covarde que se occulta para ultrajar a dôr de um irmão? disse elle procurando com os olhos o interruptor. — Eu me nomeio; sou eu!» respondeu-lhe, levantando-se o deputado Choudieu. Dir-se-hia que esta multidão, não tinha coração; e que a paixão triumphava nella, até mesmo da naturesa. Porém o sr. de Gouvion estava apoiado n'um sentimento mais forte do que o furor de um povo, — um generoso desespero. Continuou: «Applaudi como homem a clemencia da assembléa nacional quando quebrou os ferros a estes infelizes soldados, que foram talvez illudidos.» Aqui o interromperam novamente. Elle continuou com energia: «Os decretos da assembléa constituinte, as ordens do rei, a voz de seus chefes, os gritos da patria foram sem força para com elles. Sem provocação da parte da guarda nacional dos dois Departamentos, atiraram sobre os Francezes. Meu irmão cahio; cahio victima voluntaria da sua obediencia aos vossos decretos! Não, não será nunca tranquillamente que eu verei manchar a memoria destes guardas nacionaes por meio de honras concedidas aos homens que os immolaram.» Couthon, mancebo jacobino que se sentava não longe de Robespierre, em cujos olhos parecia beber as suas estoicas inspirações, levantou-se e combateu Gouvion, sem o insultar. «Quem é o escravo de prejuizos que ousaria deshonrar os homens a quem a lei innocentou? Quem não fará callar sua dôr pessoal em presença dos interesses e do triumpho á liberdade!» Porém a voz de Gouvion vibrou no fundo dos corações uma corda de justiça e de emoção natural, que palpita mesmo sob a insensibilidade das opiniões. Duas vezes a assembléa, convidada pelo presidente a votar pró ou contra a admissão ás honras da sessão, se levantou em numero igual pró ou contra a proposta. Os secretarios, juizes destas decisões, hesitam. Pronunciam emfim, depois das duas provas, que a maioria é pela admissão dos Suissos; mas a minoria protesta: o resultado annunciado fica sem effeito. Pede-se a votação nominal. A chamada pronuncia tambem por uma fraca maioria que os soldados sejam admittidos ás honras da sessão. Entram por uma porta entre os applausos delirantes das galerias. O infeliz Gouvion saío no mesmo instante pela porta opposta, com o rubor na fronte, e a morte nos seus pensamentos. Jura que não volverá nunca mais a uma assembléa onde forçam um irmão a ver e felicitar os assassinos de seu irmão. Dirigio-se dalli ao ministro da guerra para lhe

pedir que o enviasse ao exercito do Norte para ahi morrer, e lá morreu.

XX. — Os soldados foram introduzidos. Collot-d'Herbois apresentou-os á admiração das tribunas. Os guardas nacionaes de Versailles, que lhes tinham feito cortejo até á assembléa, desfilam pela salla ao som de tambores, e aos gritos de: *Viva a nação!* Grupos de cidadãos e mulheres de Pariz, agitando por cima das cabeças bandeiras tricolores, e brandindo piques, seguiam-os : depois os membros das sociedades populares de Pariz apresentam ao presidente as bandeiras de honra dadas aos Suissos pelos departamentos que estes triumphadores acabaram de attravessar. Os homens do 14 julho, pelo orgão de Gouchon, agitador do faubourg Saint-Antoine, annunciam que este arrabalde estavam fabricando *dez mil piques* para defender a liberdade e a patria. Esta ovação legal, offerecida pelos girondinos e pelos jacobinos a soldados indisciplinados, auctorisava o povo de Pariz a conceder-lhe o triumpho e a corôa do escandalo.

Não era o povo da liberdade, era o povo da anarchia: a jornada do 15 de abril reunia todos os simbolos. Por exemplo, a revolta armada contra as leis ; os soldados insubordinados elevados a triumphadores; por emblema, uma galé collossal, instrumento de supplicio e de deshonra, coroada de flores ; mulheres escandalosas e raparigas recrutadas nos lupanares da devassidão, conduzindo e beijando os restos das correntes destes grilhetas; quarenta trofeos ostentando os nomes destes Suissos ; corôas civicas sobre os nomes destes assassinos dos cidadãos ; os bustos de Voltaire, de Rousseau, de Franklin, de Sidney, dos maiores philosofos e mais virtuosos patriotas, misturados com os bustos ignobeis destes sediciosos, e profanados assim com este contacto ; aquelles mesmos soldados, admirados se não envergonhados da sua gloria, marchando no meio de um grupo de guardas francezas rebellados, outra glorificação da deserção das bandeiras e da indisciplina ; a marcha fechada em fim por um carro imitando tambem a prôa de uma galé, e sobre este carro a estatua da liberdade, armada já de antemão com a clavo de septembro, e coberta a cabeça com o barrete vermelho, symbolo tomado da Phrygia por uns, e das galés por outros ; o livro da constituição conduzido processionalmente nesta festa, como para assistir ahi ás homenagens dadas áquelles que se haviam armado contra as leis ; os bandos de cidadãos e cidadãs, os piques dos arrabaldes, a ausencia das baionetas civicas ; as vociferações ameaçadoras, a musica dos theatros, os hymnos demagogicos, as paragens ou estações escarnecedoras na Bastilha, Hotel de Ville, no Campo de Marte, no altar da patria ; os immensos e desordenados bailes em rodas, dançados repetidas vezes, por aquellas cadeias de homens e mulheres ao som de estribilhos cynicos da *Carmagnole* ; os abraços mais obscenos do que patrioticos entre estas mulheres e estes soldados precipitando-se nos braços uns dos outros ; e para cumulo de aviltamento das leis, Pethion maire de Pariz, os magistratrados do povo, assistindo em corporação a esta festa, e sanccionando este insulto triumphal ás leis pela sua fraquesa ou cumplicidade ; tal foi esta festa, copia degradante do 15 de julho, parodia vergonhosa d'uma insurreição que parodiava uma revolução ! A França córou de vergonha, os bons cidadãos consternaram-se, a guarda nacional principiou a temer-se dos piques, a cidade a receiar os arrabaldes, e o exercito recebeu nella o signal da mais completa desorganisação.

A indignação dos constitucionaes rebentou em estrofes ironicas n'um hymno d'André Chenier, no qual este moço poeta vingava as leis, e se apontava a si proprio para o cadafalso :

« Salut, divin triomphe ! Entre dans nós murailles !
« Rends-nous ces soldats illustrés
« Par le sang de Désille, e par les funerailles
« De nós citoyens massacres ! » (1)

(1) A tradução desta estrofe é a seguinte : — Salve, divino triumpho ! Penetrai em a nossa cidade, e restitui-nos esses soldados, feitos illustres pelo sangue que derramaram de Desille, e pelos funeraes dos nossos concidadãos assassinados.

LIVRO UNDECIMO.

I. — A repercussão destes triumphos de indisciplina e do homicidio fez-se sentir em toda a parte, na insubordinação das tropas, na desobediencia das guardas nacionaes e na sublevação das povoações. Em quanto se festejavam em Pariz os Suissos de Châteauvieux, a plebe de Marselha exigia com violencia a expulsão do regimento suisso d'*Ernst*, que estava de guarnição em Aix, sob pretexto de favorecer alli a aristocracia e ameaçar a segurança da Provença. Recusando-se este regimento a sair da cidade, os Marselhezes marchavam sobre Aix, qual os Parisienses sobre Versailles nos dias de outubro. Arrastavam violentamente a guarda nacional, destinada a reprimir sua violencia ; cercavam, com artilheria, o regimento d'Ernst, faziam-lhe depôr as armas e vergonhosamente o expulsavam ante a sedição. A guarda nacional, força essencialmente revolucionaria, porque participa, como povo, das opiniões, sentimentos, e paixões, que deve refrear como guarda civica, seguia em toda a parte, por fraqueza ou attractivo, as inconstantes impressões da multidão. Como homens, saindo dos clubs, onde iam experimentar, applaudir e muitas vezes excitar a sedição em discursos patrioticos, poderiam elles, mudando de animo e de papel á porta das sociedades populares, pegar em armas contra os sediciosos? Por isso ficavam espectadores quando não eram cumplices das insurreições. A escacez dos generos coloniaes, a carestia de grãos, os rigores d'um inverno sinistro, tudo contribuia para inquietar o povo. Os agitadores convertiam todos estes infortunios do tempo em accusação e odios contra a realeza.

II. — O governo impotente e desarmado era tornado responsavel pelas severidades da naturesa. Emissarios occultos, bandos armados andavam discorrendo pelas cidades e villas em que se faziam as feiras, alli divulgavam boatos assustadores, incitavam o povo a taxar o grão e as farinhas, designavam os commerciantes de trigo pelo nome de monopolistas : e a accusação perfida de monopolio era uma sentença de morte. O receio de ser accusado de esfaimar o povo tolhia a especulação de commercio, e contribuia muito mais do que uma penuria verdadeira, para a carestia nos mercados. Não ha genero mais raro do que aquelle, que de proposito se occulta. Os celleiros ou armazens de trigos eram crimes aos olhos dos compradores do pão. O maire d'Etampes *Simoneau*, homem integro e magistrado intrepido, foi uma victima sacrificada á suspeita do povo. Etampes era um dos grandes mercados d'abastecimento de Pariz ; importava mais do que n'outra parte conservar ahi a liberdade do commercio, e a abundancia das farinhas. Um ajuntamento, composto de homens e mulheres das aldêas visinhas, juntos ao toque de rebate, marcha sobre a cidade n'um dia de mercado, precedido de tambores, armado d'espingardas e forcados, para taxar os grãos, arrebatal-os pela força aos proprietarios, repartil-os entre si e exterminar, diziam, os monopolistas, entre os quaes vozes sinistras misturavam mansinho o nome de Simoneau. A guarda nacional annullou-se. Cem homens do regimento 18 de cavalleria, destacados em Etampes, eram a unica força publica á disposição do maire. O official respondeu por estes soldados *como por si mesmo*. Depois de largas praticas com os sediciosos, para os chamar á rasão e á lei, Simoneau entrou na casa da camara, mandou desenrolar a bandeira encarnada, proclamou a lei marcial, e marchou de novo contra os revoltosos, rodeado do corpo municipal, e no centro da força armada. Chegado que foi á praça d'Etampes, a multidão cerca e corta o destacamento. Os soldados deixam o chefe da municipalidade a descuberto ; nem uma espada se desembainha em sua defeza. Debalde os intima elle em nome da lei e das armas, que trazem, a soccorrer o magistrado contra seus assassinos ; debalde lança mão ás redeas d'um dos cavallos mais proximos bradando : *Vinde a mim meus amigos!* Ferido com os forcados e tiros d'espingarda, no mes-

mo gesto de appêlo á força, cáe segurando ainda na mão as redeas do cavallo do covarde soldado a quem implora; o qual, para se desembaraçar, decepa com um golpe o braço do maire morto já, e deixa-lhe o corpo exposto aos insultos do povo. Os scelerados senhores do cadaver, sobre os restos palpitantes se arremeçam, e deliberam se lhe hão de cortar a cabeça. Os chefes mandam desfilar a gente passando por cima do infeliz e molhando no seu sangue os pés. Depois disto sáem da cidade ao som dos tambores, e vão embriagar-se toda a noite nos arrabaldes: a taxa dos grãos, motivo apparente de sedição, foi esquecida na embriaguez do triumpho. Não se commetteram roubos, seja que o sangue fizesse esquecer a fome ao povo, ou que a fome não fosse mais do que o pretexto dos assassinos.

III. — No momento em que tudo desta arte desaba em redor do throno, um homem, celebre pela grande parte, que na ruina publica lhe attribuiam, procurou aproximar-se do rei. Este homem era Luiz Filippe José, duque d'Orleans, primeiro principe do sangue. Demorar-me-hei fallando deste homem, ante o qual a historia até aqui se tem suspendido, sem poder conhecer o verdadeiro logar, que neste acontecimento cumpre dar-lhe. Enigma para elle proprio, enigma ficou, para o futuro. A verdadeira significação deste enigma, terá sido ambição ou patriotismo, fraqueza ou conjuração? aos factos compete sentenciar.

A opinião publica tem seus preconceitos. Maravilhada da grandeza da obra, que se acaba atordoada, por assim dizer pela rapidez do movimento, que arrasta as cousas, não póde acreditar que uma reunião de causas naturaes, combinadas pela Providencia com a accessão de certas idéas ao espirito humano, e ajudadas pela coincidencia dos tempos, possa produzir estas grandes commoções. Procura o sobrenatural, o maravilhoso, a fatalidade. Folga imaginar causas latentes obrando no mysterio, e fazendo de lá mover, escondendo a mão, os homens e os acontecimentos. Toma, n'uma palavra, toda a revolução por uma conjuração; e se encontra na origem, no enredo ou desfecho destas crises a um homem principal, a cujo interesse estes acontecimentos possam referir-se, a opinião publica delles o suppõe author, attribue-lhe nestas revoluções toda a acção e todo o logar, da idéa, que as leva a exito, e, feliz ou desgraçado, innocente ou culpado, ella lhe dá a elle só toda a gloria ou toda a iniquidade do tempo. Divinisa seu nome ou supplicia a sua memoria. Tal foi, ha cincoenta annos, a sorte do duque d'Orleans.

IV. — E' uma tradição historica nos povos, desde a mais remota antiguidade, que o throno gasta as raças reaes, e que no entanto que os ramos reinantes se enfraquecem pela posse do imperio, os segundos ramos se fortalecem e engrandecem nutrindo a ambição de se elevar mais alto, e respirando mais perto do povo um ar menos corrompido do que o ar das côrtes. Assim em quanto a primogenitura dá o poder aos mais velhos, os povos concedem aos segundos a popularidade.

Este phenomeno d'uma familia mais bella e popular do que a reinante, engrandecendo junto ao throno e com elle affectando sobre o espirito da nação uma perigosa rivalidade, se descobria desde Luiz XIV na casa d'Orleans. Se esta situação equivoca dava aos principes desta familia algumas virtudes, tambem lhes dava vicios correspondentes. Mais intelligentes e ambiciosos do que os filhos do rei, elles eram tambem mais turbulentos. O mesmo constrangimento em que a politica da casa reinante os conservava, condemnava seus pensamentos ou seu valor a inacção, e forçava-os a consumir nas desordens ou na apathia, as faculdades naturaes e a immensa fortuna, á qual não deixavam outro emprego. Mui grandes para cidadãos, mui perigosos á frente dos exercitos ou nos negocios publicos, não tinham logar nem no meio do povo, nem na côrte; e portanto o buscavam na opinião.

O regente homem superior, degradado pela longa subalternidade do seu papel, fôra o mais notorio exemplo de estas virtudes e vicios do sangue d'Orleans. Desde o regente, estes principes dotados como elle de coragem e espirito natural haviam tentado a gloria das grandes acções na sua primeira juventude. Antes da idade mergulhados haviam sido na obscuridade, nos prazeres ou na devoção, por ciume da casa reinante. Ao primeiro esplendor, que se ligára a seus nomes, velado lh'o haviam. Culpados do seu merito, seu nome os incitava á gloria; e desde que elles se mostravam nascidos para merecel-a, prohibiam-lha. Estes principes deviam transmittir-se com suas tradições de familia, a impaciencia d'uma mudança no governo, mudança que lhes permitti se ser homens.

Luiz Filippe José, duque d'Orleans, nasceu justamente na época em que a sua jerarchia, fortuna, e caracter deviam lançal-o n'uma corrente de idéas novas, á qual suas paixões de familia o chamavam a favorecer, e na qual uma vez lançado impossivel lhe seria suspender-se n'outra parte, que não fosse o throno ou o cadafalso. Tinha vinte annos, quando rebentaram os primeiros simptomas d'esta revolução.

Este principe era gentil como os da sua raça. Uma estatura alta, um ar firme, rosto risonho, olhar luminoso, membros flexiveis por todos os exercicios do corpo. o amor e o manejo do cavallo, este pedestal dos principes, uma familiaridade sem baixeza, uma locução facil, impulsos de coragem, liberalidade prodiga para com as artes, estes mesmos vicios, que são o luxo da idade; tudo o apontava á predilecção popular, gozava com enthusiasmo. Estes enebriamentos prematuros feriam talvez, o seu bom senso natural. O amor do povo pareceu-lhe uma vingança do desprezo em que a corte o deixava. Afrontava interiormente o rei de Versailles reconhecendo-se o rei de Pariz.

Havia elle esposado uma princeza d'uma familia tambem adorada do povo, filha unica do Duque de Penthièvre. Bella, amavel, virtuosa, levava em dote a seu marido, com a grande fortuna do duque de Penthièvre, a concideração, o favor popular, e o respeito publico annexo á sua casa. O primeiro acto politico do duque d'Orleans foi uma resistencia denodada ás vontades da corte na época da prescripção dos parlamentos. Desterrado elle mesmo no seu castello de Villers-Collerets, lá o seguio o interesse do povo; os applausos da França lhe fiseram doce o desvalimento da corte. Julgou comprehender o papel d'um grande cidadão n'um paiz livre; a elle aspirou. Mui facilmente esqueceu, na atmosphera d'adulação, que o rodeava, que se não é grande cidadão só para comprasar ao povo, mas para defendel-o, servil-o e muitas vezes resistir-lhe.

Regressando a Paris, quiz ajuntar o prestigio da gloria das armas ás coroas civicas, com que já decoravam seu nome. Sollicitou da corte a dignidade d'almirante mór de França, cuja sobrevivencia lhe pertencia depois do duque de Penthièvre, seu sogro. Esta dignidade foi-lhe negada. Embarcou como voluntario na esquadra commandada pelo conde d'Orvilliers, e achou-se no combate d'Ouessant a 27 de julho de 1778. As consequencias d'este combate, onde a victoria ficou sem resultado por uma falsa manobra foram imputadas ao duque d'Orleans, que suspendeu a perseguição do inimigo. Estes boatos deshonrosos, inventados e divulgados pelo rancor da corte, irritáram os ressentimentos do moço principe, mas não poderam empanar o brilho do seu valor, cujas provas prodigalizou até em caprichos de coragem indignos da sua jerarchia. Em Saint-Cloud, arremeçou-se á primeira machina aerostatica, que levou viajantes aereos ao espaço. Até por isto a calumnia o perseguio: espalháram o boato de que elle com a espada rompera a machina, para compellir seus companheiros a descer. Entre elle e a corte se estabeleceu uma luta incessante d'audacia d'uma parte, de deffamação da outra.

O rei o tratava todavia com a indulgencia da virtude pelas leviandades da juventude. O conde d'Artois o buscava para companheiro assiduo de seus prazeres. A rainha, que estimava o conde d'Artois, receava para seu cunhado o contagio das desordens e amores do duque d'Orleans. Ella odiava n'este principe o valido do povo de Paris e ao mesmo tempo o corruptor do conde d'Artois. Induzio por tanto o rei a comprar o palacio quasi real de Saint-Cloud, residencia preferida do duque d'Orleans. Infames insinuações contra seus costumes transpiravam sem cessar das semi-confidencias dos cortezãos. Accuzavam-no de ter mandado envenenar por mulheres

publicas o sangue do principe de Lamballe, seu cunhado e de o haver enfraquecido em devassidões, para herdar só o grande apanagio da casa de Penthièvre. Este crime mais que o crime do odio, que o inventava.

Perseguido d'este modo pela animosidade da côrte, o duque d'Orleans foi recalcado cada vez mais na isolação. Em frequentes viagens á Inglaterra, travou amisade com o principe de Galles, herdeiro do throno, tomando por amigos todos os inimigos de seu pai, jogando á sedição, deshonrado por dividas, adornado de escandalos prolongando além da mocidade estas paixões de principes, cavallos, meza, jogo, e mulheres; sorrindo ás machinações e discursos tribunicios de Fox, Sheridam, Burk, e preludiando ao exercicio do poder real, por todas as audacias d'um filho rebelde e cidadão faccioso.

O duque d'Orleans tomou assim o gosto da liberdade na vida de Londres, donde levou á França os costumes d'insolencia contra a côrte, o desejo das agitações populares, o desprezo da sua propria classe a familiaridade com a multidão, a vida sem fausto no palacio, e essa simplicidade de trajos, que, arrebatando á nobreza de França o seu uniforme, e approximando todas as classes, destruia já entre os cidadãos as desigualdades do vestuario.

Entregue então exclusivamente ao cuidado de restaurar a sua fortuna endividada, o duque d'Orleans mandou construir o *Paláis Royal*. Mudou os espaçosos jardins do seu palacio n'um mercado de luxo, destinado, de dia ao commercio, de noite ao jogo e devassidão, verdadeira sentina de vicios edificada no meio da capital, obra de cubiça que os antigos costumes não perdoaram a este principe, e que pouco a pouco, adoptada como o Forum da ociosidade do povo de Paris, devia em breve transtornar-se no berço da revolução. Esta revolução avançava. O principe esperava-a no ocio, como se a liberdade do mundo não fosse senão uma favorita de mais.

Todavia, seu conhecido odio á côrte, havia naturalmente attraido á sua familiaridade todos os que desejavam um transtorno. O *Palais Royal* foi o centro d'uma conspiração a portas abertas para a reforma do governo. A philosophia do seculo lá se encontrava com a politica e a litteratura. Era o palacio da opinião. Buffon ali ia com assiduidade passar os ultimos serões da sua vida, Rousseau lá recebia de longe o unico culto que a sua arrogante susceptibilidade permittio a principes. Franklin e republicanos d'America, Gibbon e os oradores da opposição ingleza, Grimm e os philosophos allemães, Diderot. Sieyès, Sillery, Laclos, Suard, Florian, Raynal, La Harpe e todos os pensadores ou escriptores, que pressentiam o novo espirito, lá se encontravam com os artistas e sabios celebres. O proprio Voltaire proscripto de Versailles pelo respeito humano d'uma côrte que adorava o seu genio, ali foi na sua ultima viagem. O principe lhe apresentou seus filhos, um dos quaes reina hoje (1) em França; o philosopho moribundo os abençoava, assim como aos de Franklin, em nome da rasão e da liberdade.

V. — Não é que este principe tivesse por si mesmo o sentimento das letras e o culto do pensamento, demasiado havia elle cultivado seus sentidos para ser sensivel ás delicias d'intelligencia; porém o sentimento revolucionario lhe aconselhava instinctivamente reunir todas as forças que podessem um dia servir a liberdade. Promptamente cançado da formosura e virtude da duqueza d'Orleans, concebeu por uma mulher bella, espirituosa, insinuante, um sentimento, que não encadeava os caprichos do seu coração, mas que dominava suas inconstancias e governava o seu espirito. Esta mulher, seductora então, celebre depois, era a condessa de Sillery-Genlis, filha do marquez Ducrel de Saint-Aubin, fidalgo do Charolais; sem fortuna. Sua mãi, ainda bella, e moça, a trouxe de Paris, para casa do sr. de la Popelinière financeiro celebre, cuja velhice ella captivou. Criava sua filha para o destino duvidoso dessas mulheres, a quem a natureza prodigalisou formosura e espirito, e a sociedade recusou o necessario; aventureiras da sociedade, algumas vezes elevadas outras abatidas por ella.

Os mais insignes mestres ensinavam a esta menina todas as artes do espirito e todas as prendas; sua mãi a amestrava na ambição. A condição subalterna desta mãi, em casa do seu opolento protector, acostumava sua filha á condescendencia e adulação das illustres domesticidades. Aos dezeseis annos, a sua belleza prematura e talento musical a faziam já procurar nos salões onde sua mãi a apresentava, n'uma publicidade equivoca entre o theatro e o mundo. Artista para uns, era moça bem nascida para outros; seduzia todos os olhos, os mesmos velhos esqueciam a idade. O sr. de Buffon lhe chamava «minha filha» o seu parentesco com a sr.ª de Montesson, viuva do duque d'Orleans, a aproximava á familia do joven principe. O conde de Sillery-Genlis concebeu amor por ella, e a esposou, não obstante a opposição da sua familia. Amigo e confidente do duque de Orleans, o conde de Sillery obteve para sua mulher um logar no paço da duqueza d'Orleans. O tempo e o seu espirito fizeram o resto.

O duque ligou-se a ella com a dupla força da admiração pela sua formosura, e da admiração pela superioridade da sua intelligencia; ella consolidou um dos imperios pelo outro. As queixas da duqueza offendida só serviam de mudar a inclinação do duque em obstinação. Este foi dominado; quiz honrar-se do seu sentimento; e proclamou-o buscando só colori-lo com o pretexto da educação de seus filhos. A condessa de Genlis pretendia ao mesmo tempo á ambição das côrtes e á gloria das letras: escrevia com elegancia essas obras, que divertem o ocio das mulheres transviando-lhes o coração sobre amores imaginarios. Os romances, que são para o Occidente o mesmo que o opio é para os orientaes, sonhos acordados do dia, tinham-se tornado a necessidade e o acontecimento das salas. A sr.ª de Genlis os compunha com graça, e os revestia de certa hypocrisia d'austeridade, que dava decencia ao amor; affectava além disto uma universalidade de sciencias, que fazia desapparecer seu sexo sob as pretenções do seu espirito, e recordava em sua pessoa essas mulheres da Italia, professando a philosophia com um véo no rosto.

O duque d'Orleans innovador em tudo, julgôu ter achado n'uma mulher o mentor de seus filhos. Nomeou-a perceptora delles. A duqueza irritada protestou contra este escandalo; a côrte zombou, o publico ficou assombrado. A opinião, que cede a quem a affronta, murmurou, e depois callou-se; o futuro deu razão ao pai: os discipulos desta mulher não foram principes, mas sim homens. Ao Palais Royal attrahia ella todos os dictadores da opinião. O primeiro club de França se ajuntava assim nos proprios aposentos do primeiro principe de sangue. A litteratura disfarçava no exterior estes conciliabulos, assim como a loucura do primeiro Brutus encobria a sua vingança. O duque não era talvez um conspirador, mas houve desde então um partido d'Orleans.

Sieyes, o oraculo mysterioso da revolução, que parecia trazel-a no seu semblante pensativo e fomental-a no seu silencio; o duque de Lauzun, passando das confidencias de Trianon aos conciliabulos do Palais Royal; Laclos, moço official da artilheria, author d'um romance obsceno, capaz se necessario fosse de elevar a intriga romanesca até á conjuração politica, Sillery, exasperado contra a sua casta, irreconciliavel com a corte, ambicioso descontente, não esperando já couza alguma senão do que ainda era desconhecido; outros homens finalmente, mais obscuros, mas não menos activos, e servindo de degráos invisiveis para das salas d'um principe se descer ás profundezas do povo; uns cabeça, outros braços da ambição do duque, entre si davam ponto de reunião nesta assembléa. Não se marcavam por certo o fim, mas colocavam-se no declivio e deixavam-se ir á sua fortuna. A fortuna era uma revolução. O maravilhoso, esse prestigio das massas que é para a imaginação o mesmo que o calculo para a razão, não faltava ao partido d'Orleans. Prophecias, esses presentimentos populares do destino; prodigios domesticos, admittidos pela credulidade interessada dos numerosos adhe-

(1) Luiz Philippe, elevado ao throno de França pela revolução de julho de 1830; e deposto em 1848.

rentes d'esta casa, annunciavam o throno proximo a um dos seus principes. Estes boatos corriam entre o povo ou por si mesmos, ou pela habil insinuação dos partidistas da casa d'Orleans. A' convocação dos estados geraes, o duque não hesitou declarar-se pelas reformas mais populares; as instrucções, que mandou redigir para os eleitores de seus dominios foram obra do abbade Sieyes. O mesmo principe sollicitou com empenho o titulo e o mandato de cidadão. Eleito deputado da nobreza de Paris em Crespy, e em Villers-Cotterets, escolheu Crespy, porque as actas deste balliado eram as mais patrioticas. Por occasião da procissão dos estados geraes, deixou elle desoccupado o seu lugar entre os principes e caminhou no meio dos deputados. Esta abdicação da sua dignidade ao lado do throno, para se ornar com a dignidade de cidadão, grangeou-lhe os applausos da nação.

VI. — O favor publico para com elle era tal, que se fosse um duque de Guise, e Luiz XVI um Henrique III os estados geraes teriam acabado, como os de Blois, por um assassino ou uma usurpação. Reunido ao terceiro estado para conquistar a igualdade e a amizade da nação sobre a nobreza, prestou o juramento do *Jogo da Péla*. Situou-se por traz de Mirabeau para desobedecer ao rei. Nomeado presidente pela assembléa nacional, regeitou esta honra, para a deixar a um cidadão. No dia em que a destituição de Necker manifestou os projectos hostis da côrte, e em que o povo de Paris nomeou por acclamação seus chefes e defensores, o nome do duque d'Orleans foi o primeiro, que se ouvio; a França tomou no jardim do seu palacio, as côres da sua libré por laço. A' voz de Camillo Desmoulins, que lançou o grito de alarma no Palais Royal, formaram-se ajuntamentos: Legendre e Freron guiaram-os; arvoraram o busto do duque d'Orleans com o de Necker, cobriram-os com um crepe e os passearam, indo todos com a cabeça descoberta, pelo meio dos cidadãos silenciosos. O sangue correu; o cadaver d'um dos cidadãos, que levavam os bustos, morto pela tropa, servio d'estandarte ao povo. O duque d'Orleans foi assim misturado, pelo seu palacio, pelo seu nome, e pela sua imagem, no primeiro combate e no primeiro homicidio da liberdade. Assaz foi isto para que a sua mão parecesse mover em toda a parte os fios dos acontecimentos. Quer fosse por falta de audacia, ou de ambição, jámais tomou a posição do papel que a opinião lhe indicava. O duque d'Orleans não pareceu então impellir as cousas além da conquista d'uma constituição para a sua patria, e do papel d'um grande patriota para si. Respeitou ou despresou o throno. Qualquer d'estes sentimentos o engrandeceu aos olhos da historia. Todos eram do seu partido, excepto elle proprio.

Os homens imparciaes honraram a sua moderação, os revolucionarios infamaram o seu caracter. Mirabeau, que buscava um pretendente para personalisar a revolta, teve conferencias secretas com o duque d'Orleans; apalpou a sua ambição para julgar se esta chegaria até ao throno. Retirou-se descontente, e por palavras injuriosas trahiu a sua decepção. Mirabeau carecia d'um conspirador, e só encontrou um patriota. O que elle desprezava no duque d'Orleans, não era a meditação d'um crime, mas a recusa de ser seu cumplice. Não esperava tantos escrupulos. Vingou-se d'elles apelidando a este desinteresse do throno pusilanimidade d'um ambicioso.

La Fayette aborrecia por instincto no duque d'Orleans um rival d'influencia. Accusava este principe de fomentar perturbações, que se conhecia impotente para reprimir. Havia quem affirmasse ter visto o duque d'Orleans, assim como Mirabeau, misturados nos grupos de homens e mulheres, e mostrando-lhe com o gesto o palacio. Com o sorriso do despreso se defendeu Mirabeau. O duque d'Orleans demonstrou mais seriamente a sua innocencia. Um assassino matando o rei ou a rainha, deixava existir a monarchia, as leis do reino e os principes herdeiros do throno. Elle não podia lá subir senão por cinco cadaveres, colocados pela natureza entre a sua ambição e elle. Estes degráos do crime tel-o-hiam conduzido á execração da nação e fatigado mesmo os assassinos. Além do que o duque demonstrava por numerosos e irrecusaveis testimunhos, que não fôra a Versailles nos dias 4 e 5 de outubro. Tendo partido de Versailles no dia 3 depois da sessão d'assembléa nacional, regressou a Paris; passou o dia 4 no seu palacio e nos seus jardins de Mousseaux. A 5 tornou a partir para Mousseaux. Quebrando-se no boulevard o seu carrinho, a pé continuou a andar para os Campos Elyseos. Tinha passado o dia em Passy com seus filhos e a senhora de Genlis. Ceára em Mousseaux com algumas pessoas da sua intimidade e pernoitou em Paris. Foi no dia 6 pela manhã, que informado dos acontecimentos da vespera, partio para Versailles, e a sua carroagem foi detida na ponte de Sevres pelo cortejo que trazia as cabeças cortadas dos guardas do rei. Se não era este o procedimento d'um principe de sangue, que vôa em soccorro do seu rei e se colloca junto ao throno entre o soberano ameaçado e o povo, tambem não era d'um uzurpador ambicioso, que tenta a revolta pela occasião e apresenta ao menos ao povo um crime completo já.

O modo de proceder d'este principe não foi se não uma espectativa, seja que elle só quizesse receber a corôa pela mão da fatalidade dos acontecimentos, e sem estender a mão á sua fortuna, seja porque tivesse mais indifferença do que ambição para a jerarchia suprema, seja porque finalmente não quizesse pôr a sua realeza como um estorvo no caminho da liberdade, e sinceramente aspirasse á republica, e o titulo de primeiro cidadão de uma nação livre, lhe parecesse maior que o titulo de rei.

VII. — Todavia, pouco tempo depois das jornadas de 5 e 6 de outubro, La Fayette quiz romper as relações do duque d'Orleans e Mirabeau. Resolveu affastar, a todo o custo, este principe da scena, e forçal-o por uma violencia moral, ou pelo terror d'um processo por crime d'Estado, a exilar-se em Londres. La Fayette induzio o rei e a rainha a entrar n'este plano, intimidando-os ácerca das machinações do duque, e mostrando-lhes n'elle um competidor ao throno. Um dia disse La Fayette á rainha que este principe era o unico homem sobre quem pudesse recaír a suspeita de tamanha ambição. « Senhor, lhe respondeu a rainha olhando-o com affectação de incredulidade, é por ventura necessario ser principe para aspirar á corôa? — Ao menos, senhora, replicou o general, eu só conheço o duque d'Orleans que a ella tenha pretenções. » La Fayette presumia de mais da ambição do duque.

VIII. — Mirabeau desalentado pelas hesitações e escrupulos do duque d'Orleans, e achando-o abaixo ou acima do crime, o regeitou como um cumplice d'ambição desprezada, e buscou aproximar-se de La Fayette. Este, que só tinha a força armada, mas que reconhecia em Mirabeau toda a força moral, sorrio á idéa deste du-umvirato, que lhes assegurava o imperio. Secretas conferencias houveram em Paris e em Passy entre estes dois rivaes. La Fayette, repellindo toda a idéa de uzurpação em proveito d'um principe, declarou a Mirabeau que cumpria renunciar a qualquer machinação criminosa contra a rainha, se quizessem entender-se com elle. — « Pois bem! general, respondeu Mirabeau, já que assim o quereis que ella viva! Uma rainha humilhada pode ser util; porém uma rainha degollada só serve para fazer compôr uma ruim tragedia! » Este dicto atroz, que tomava o sangue de uma mulher em zombaria, foi mais tarde sabido pela rainha, que o perdoou a Mirabeau, e não tolheu suas relações com o grande orador. Porém aquelle dicto devia ficar no coração d'esta princeza, como um indicio sanguinolento do que podia temer.

La Fayette, certo do consentimento do rei e da rainha, apoiado na indignação da guarda nacional, que começava a aborrecer-se dos facciosos, ousou tomar de manso para com este principe o tom d'um dictador, e pronunciar contra elle um exilio arbitrario, sob as apparencias d'uma missão livremente aceita. Mandou pedir ao duque que quizesse encontrar-se com elle em casa da marqueza de Coigny, senhora nobre e espirituosa, affeiçoada a La Fayette, e em cuja sala o duque d'Or-

leans com elle ás vezes se encontrava. Ao cabo d'uma conversação, que só as paredes ouviram mas cujo sentido os resultados podem dar, e a que Mirabeau, de quem ella foi sabida, chamava *mui imperiosa d'uma parte, e mui resignada da outra*, ajustou-se que o duque d'Orleans partiria immediatamente para Londres.

Os amigos d'este principe o fizeram n'aquella mesma noite mudar de resolução. Elle por um bilhete, a deu a saber a La Fayette. Este lhe indicou outro encontro, o instigou a cumprir a sua palavra, ordenou-lhe que partisse no praso de vinte e quatro horas, e o conduziu ao palacio do rei onde o duque acceitou a missão ficticia e prometteu não se descuidar de cousa alguma, para frustrar em Inglaterra as machinações dos fautores das desordens do reino. « Sois nisso mais interessado do que ninguem, lhe disse La Fayette em presença do rei, porque ninguem se acha mais compromettido do que vós. » Mirabeau informado d'esta oppressão de La Fayette e da côrte sobre o espirito do duque d'Orleans, offereceu seus serviços ao duque, e o tentou pelas ultimas seducções da dignidade suprema. O plano do seu descurso do seguinte dia na assembléa já estava concebido : denunciaria como uma conspiração do despotismo este golpe d'Estado contra um só cidadão, no qual a liberdade de todos era atacada, esta violação da inviolabilidade dos representantes da nação no desterro d'um principe de sangue ; mostraria La Fayette servindo-se da real mão para ferir os seus rivaes de popularidade, e proteger a sua dictadura insolente com a veneravel sancção do chefe da nação e do chefe da familia. » Mirabeau não duvidava da indignação da assembléa contra tão odiosa tentativa, e prometteu aos amigos do duque d'Orleans uma dessas mudanças d'opinião, que elevam o homem mais acima do que a dignidade de que caío. Estas palavras, sustentadas pelas supplicas de Laclos, Sillery, Lauzun, abalaram segunda vez a resolução do duque, que vio a vergonha neste desterro voluntario, em que primeiro vira só a magnanimidade. Ao romper do dia, escreveu que não partiria.

La Fayette mandou-o chamar a casa do ministro dos negocios estrangeiros. Ahi vencido o duque de novo, escreveu á assembléa uma carta que destruio d'ante-mão todo o effeito da denuncia de Mirabeau. » Os meus inimigos affirmam, dizia o duque a La Fayette, que vos jactais de possuir contra mim provas de cumplicidade nos attentados de 5 de outubro ? — São mais depressa os meus inimigos, que o dizem, lhe respondeu La Fayette ; se eu tivesse essas provas já vos teria mandado prender. Não as tenho mas procuro-as. » O duque d'Orleans partiu. Eram passados nove mezes depois da sua volta. A assembléa constituinte havia deixado sem outra tutella mais que a anarchia a constituição, que acabava de votar. A desordem existia no reino, os primeiros actos da assembléa legislativa annunciavam a hesitação d'um povo, que pára n'um declive, mas tem de resvalar por elle até ao fundo.

IX. — Os Girondinos, passando ávante logo no primeiro passo, o partido dos Barnave e dos Lameth, indicavam a vontade de impellir a França sem preparação, para a republica. O duque d'Orleans, a quem a longa residencia em Inglaterra deixára reflectir longe dos acontecimentos e das facções, sentio fallar em si seu sangue de Bourbon. Não cessou de ser patriota, mas intendeu que a salvação da patria, no momento de uma guerra iminente, não estava na destruição do poder executivo. Tambem a compaixão do rei e da rainha se despertou n'um coração, em que o rancor não havia suffocado toda a generosidade. Mui vingado se achou pelos acontecimentos do dia 6 d'outubro, pela humilhação do rei ante a assembléa, pelos quotidianos insultos da plebe debaixo das janellas de Maria Antoinette, e pelas noites sinistras desta familia, cujo palacio não era mais qne uma prisão. Talvez que tambem para si mesmo receiasse elle a ingratidão das revoluções.

Partira para Inglaterra constrangido, e lá se demorou por temor de que o seu nome podesse servir de pretexto a agitações em Paris. Laclos foi algumas vezes a Londres, para de novo tentar a ambição do desterrado, e lançar-lhe em rosto uma condescendencia com La Fayette, reputada pela França qual uma cobardia. Esta idéa sublevou o orgulho do principe : ameaçava tornar a partir ; as representações do sr. de La Luzerne, ministro de França em Londres, as do sr. de Bomville, ajudante de campo de La Fayette, e finalmente a sua propria previsão prevaleceram ás instigações de Laclos. A prova disto encontra-se neste bilhete do sr. de La Luzerne, achado no armario de ferro entre os papeis secretos do rei. « Attesto, diz o sr. de La Luzerne que apresentei ao duque d'Orleans o sr. de Bomville, ajudante de campo do general La Fayette ; que Bomville declarou ao duque que todos estavam mui inquietos em razão das desordens, que neste momento poderiam excitar em Paris alguns mal intensionados, que não deixariam de servir-se do seu nome, para perturbar a capital, e talvez o reino, e se lhe rogava por este motivo, que demorasse a época do regresso. O sr. duque d'Orleans não querendo de modo algum dar azo ou pretexto para a tranquillidade ser alterada, consentio em deferir a sua partida. »

X. — Finalmente partio, e fez baldadas diligencias á sua volta para ser empregado na marinha. Nestas disposições fluctuantes d'espirito foi que Bertrand de Molleville lhe enviou, da parte do rei, a sua nomeação de almirante. O duque d'Orleans foi agradecer ao ministro. Acrescentou : « Que se reputava feliz pela graça, que o rei lhe concedia, pois lhe subministrava occasião de dar a conhecer ao soberano seus sentimentos odiosamente calumniados. Sou bem infeliz, proseguio elle, alguem se tem servido do meu nome para horrores, que me tem imputado ; julgaram-me capaz delles, porque desdenhei justificar-me. Em breve hade julgar se o meu modo de proceder, desmentirá minhas palavras. »

O ar de franqueza e lealdade, o tom significativo, com que o duque d'Orleans pronunciou estas palavras, maravilhou o ministro, sobre maneira prevenido contra a sua innocencia. Perguntou ao principe se consentiria em fallar directamente ao rei a mesma linguagem, que havia de consolar seu coração, e cuja energia receava enfranquecer, se acaso elle ministro se transmittisse aquellas expressões. Com satisfação acolheu o duque a idéa de ver o rei, se o monarcha se dignasse recebe-lo, e manifestou a intenção de ir no dia seguinte, ao castello. O rei, prevenido pelo seu ministro, esperou o duque, e só com elle esteve largo tempo fechado.

Um escrito confidencial do punho do proprio duque, e redigido para justificar a sua memoria aos olhos de seus filhos e amigos, desvenda os mysterios d'esta conferencia. « Os democratas exaggerados, dizia o duque d'Orleans, pensaram que eu pretendia fazer da França uma republica, os ambiciosos entenderam que eu desejava á força de popularidade, compellir o rei a entregar a administração do reino em minhas mãos ; finalmente os patriotas virtuosos tiveram a meu respeito a illusão da sua virtude : pensaram que eu me sacrificava todo á causa publica. Uns fizeram-me peor outros melhor do que eu sou. Segui a minha natureza. Esta me encaminhava antes de tudo, para a liberdade. Julguei ver sua imagem nos parlamentos, que ao menos tinham d'ella o tom e as formas. Abracei este fantasma de representação. Tres vezes por estes parlamentos me sacrifiquei. As duas primeiras foi uma convicção da minha parte, a terceira foi para me não desmentir. Eu havia estado em Inglaterra e lá tinha visto a verdadeira liberdade, não duvidei de que nos estados geraes a França quizesse conquistal-a. Mal suspeitei que a França havia de ter cidadãos, quiz eu mesmo ser um desses cidadãos. Fiz facilmente todos os sacrificios de jerarchia e privilegio que da nação me separavam. Nada me custaram estes sacrificios. Aspirei a ser deputado : cheguei a sel o : passei para o lado do terceiro estado, não por facção, mas por justiça. Desde este momento, impossivel era a meu ver, tolher que a revolução se executasse.

Algumas pessoas junto ao rei pensaram de outro modo. Ajuntaram-se tropas que cercaram a Assembléa nacional. A cidade de Paris julgou-se ameaçada e sublevou-se ; as guardas francezas, vivendo no meio do po-

vo seguiram a corrente do povo. Divulgaram que o meu ouro havia comprado este regimento. Com franqueza direi a minha opinião. Se os guardas francezes se houvessem conduzido d'outra sorte, então é que eu acreditaria que as tinham comprado porque a sua hostilidade ao povo de Paris não seria natural. Passearam o meu busto com o de Necker no dia 14 de julho! Porque motivo? Porque este ministro das esperanças publicas, era adorado pela nação e o meu nome se achava nas listas dos deputados á Assembléa, que deviam ser, segundo se dizia, presos com este ministro, pelas tropas chamadas em torno de Versailles. No meio destes acontecimentos tão favoraveis a um faccioso, que fiz eu para d'elles tirar proveito? Occultei-me sem affectação ás vistas do povo; não o louvei por seus excessos; retirei-me á minha casa de Mousseaux, onde passei a noite; e no dia seguinte fui sem comitiva á Assembléa nacional em Versailles. No momento mais feliz em que o rei se decidiu a lançar-se nos braços d'esta Assembléa, neguei-me a fazer parte da deputação, que ia annunciar esta nova á capital. Temi que algumas das homenagens que a capital só ao rei devia, recaissem sobre mim. Do mesmo modo procedi nos dias de outubro. Auzentei-me para não accrescentar mais um elemento á fermentação popular. Não tornei a apparecer senão com o socego. Encontrado em Sévres pelos bandos pouco numerosos d'assassinos, que traziam as cabeças dos guardas do rei, estes homens se arremeçam diante dos meus cavallos, e um d'elles dispara um tiro de espingarda sobre o meu sota. Sou eu, supposto chefe d'estes homens, que escapo de ser sua victima! Devo a minha salvação só a um posto da guarda nacional, que me deu uma escolta até Versailles, donde me dirijo ao palacio do rei reprimindo os ultimos clamores do povo no pateo dos ministros. Concorro para o decreto, que declara a Assembléa inseparavel da pessoa do rei. E' então que o senhor de La Fayette me pede uma conferencia, e me testimunha da parte do rei, o desejo de me vêr ausente de Paris, para tirar todo o pretexto ás agitações populares. Certo para o futuro do triumpho da revolução terminada, e receando-lhe só as perturbações com que se poderia querer estorvar o seu andamento, obedeci sem hesitação, não exegindo outra condição á minha partida senão o consentimento da Assembléa nacional. Ella mo concedeu e eu parti. O povo de Bolonha, agitado por uma intriga, que póde ter connexão comigo, mas á qual me mostrei estranho, visto que lhe não cedi, quiz demorar-me por força e oppôz-se ao meu embarque. Confesso que fiquei commovido, porém não cedi a esta violencia do favor do povo, e eu mesmo me encaminhei ao dever. Abusaram d'esta viagem, e da minha ausencia para me imputarem, sem refutação da minha parte, os mais odiosos attentados. Eu tinha querido constranger o rei a fugir de Versailles com o Delfin; porem Versailles não é a França. O rei teria encontrado o seu exercito e a nação fóra d'esta cidade, e o unico effeito da minha ambição seria a guerra civil e a dictadura militar concedida ao rei. Porém o conde de Provença ficava. Este era o herdeiro natural do throno abandonado. O conde de Provença era popular: havia passado comigo para o lado do povo, para elle teria pois eu trabalhado! Mas o conde d'Artois achava-se em segurança em paiz estrangeiro; seus filhos estavam com elle livres dos meus suppostos homicidios! Que serie de loucuras, d'absusdos ou crimes perdidos! O povo francez não mudou, pela resolução de sentimentos, nem de caracter. Folgo de acreditar que approximando-se d'um rei, que elle estima e do qual é com ternura amado, d'um povo, a cujo amor tantos direitos lhe dão suas brilhantes qualidades, elle voltará depois de applacadas nossas desordens, a gozar desta parte da sua herança, o amor, que a nação mais sensivel e a mais amante votou aos filhos de *Henrique* 4.º»

XI. — Estas rasões, interrompidas sem duvida por alguns arrependimentos, fortalecidas por essas lagrimas de enternecimento, posições e gestos mais persuasivos do que a palavra que dão tanto de pathetico a tão solemnes explicações, convenceram, senão o espirito, ao menos o coração do rei. Este desculpou, perdoou e esperou. «Eu creio como vós, disse elle ainda commovido ao seu ministro, que o duque d'Orleans volta de boa fé e que ha de fazer quanto d'elle dependa para reparar o mal, que tem feito, e no qual é possivel que não tenha tanta parte como havemos pensado.»

O principe tinha saido do apposento do rei reconciliado com elle, e resolvido mais do que nunca a privar os facciosos do seu nome. Pouco lhe custava sacrificar a sua ambição, porque d'ella se achava destituido, e pelo que toca á sua popularidade, esta o ia deixando para se dar a outros abaixo d'elle. O duque não tinha pois segurança e honra senão na constituição e junto ao throno, para onde o coração o encaminhava como seu dever.

O homem em Luiz XVI, o commovia ainda mais do que o rei. A adulação e os ressentimentos da corte perderam tudo.

No domingo que se seguiu a esta reconciliação o duque d'Orleans se apresentou para render suas homenagens ao rei e á rainha. A multidão dos cortezãos enchia os patios, e as escadas e os quartos do palacio das Tuilerias; alguns esperando ainda dias de fortuna, outros chegados das provincias e attraidos em torno do seu infeliz amo pelo attractivo do infortunio e da fidelidade. A inopinada apparição do duque d'Orleans, cuja reconciliação com o rei não era ainda notoria, o pasmo e o horror se devisou em todos os semblantes. Um susurro d'indignação, com o seu nome correu em segredinhos ironicos. Toda a gente se affastou em sua passagem como por aversão a um contacto odioso. Debalde procurou o duque uma fonte de bom acolhimento respeitoso entre todos aquelles rostos. Aproximando-se do aposento do rei, grupos de cortezãos e guardas lhe impediram com affectação as portas, voltando-lhe as costas e unindo os cotovellos; repellido assim deste lado, o duque entrou nos quartos da rainha, onde a mesa estava posta para o jantar da familia real. «Sentido com os pratos!» bradaram vozes ultrajantes, como se vissem entrar um envenenador publico. Indignado o principe córou, empallideceu, julgou reconhecer o odio da rainha e uma palavra de ordem dada pelo rei n'estes insultos. Encaminhando-se para a escada a fim de sair do palacio. Novos apupos, e novos ultrages até lá o perseguiram. Do alto da escada cuspiram-lhe de cima nos vestidos e na cabeça. Os punhaes o teriam ferido com menos crueldade do que estes assassinos do desprezo. Havia entrado aplacado, mas saio implacavel. Conheceu que não tinha refugio contra a côrte senão nas ultimas classes da democracia. Nèllas se precipitou para encontrar a segurança ou a vingnaça.

Em breve informados d'estes insultos, o rei e a rainha, que os não haviam encommendado, não fizeram cousa alguma para separal-os. Secretamente se sentiram lisongeados, talvez da colera de familiares, e do aviltamento do seu inimigo. O favor da rainha era voluvel e o odio imprudente. Não fallecia bondade ao rei, mas sim graça. Uma palavra de Henrique 4.º teria punido estes insultadores, e feito voltar o duque a seus pés: o rei não soube dizel-a, o resentimento alimentou-se no silencio, e o destino cumpriu-se.

XII. — O duque d'Orleans separou-se n'aquelle dia, dos Girondinos, aos quaes estava unido por causa de Pethion, Brissot, e passou aos Jacobinos. O seu palacio foi aberto a Danton e a Barère e nunca mais se achou senão n'estes partidos extremos, que seguiu sem hesitar, nem recuar um só dia, em silencio, por toda a parte, até á republica, até ao regicidio, e até á morte.

XIII. — Com tudo os cuidados que os armamentos do imperador inspiravam á nação, e desconfiança, que os Girondinos suscitavam em todos os seus discursos contra a côrte e os ministros, agitavam cada vez mais a capital. A cada nova communicação do senhor De Lessart, ministro dos negocios estrangeiros, os brados de guerra e traição saiam do partido da Gironda. Fauchet denunciou o ministro. Brissot exclamou: «Cae a mascara! o nosso inimigo está conhecido: é o imperador! Os principes, que tem possessões na Alsacia, cujo partido elle finge to-

mar, não são mais do que um pretexto do seu odio: os proprios emigrados são os seus instrumentos. Desprezemos esses emigrados. Ao supremo tribunal nacional compete só fazer-nos justiça d'estes principes mendicantes! Os eleitores do imperio não são dignos da vossa colera. O medo os faz d'antemão prostrar-se a vossos pés. Um povo livre não destroe seus inimigos ajoelhados. Feri a cabeça! e a cabeça é o imperador!» Brissot communicou o seu transporte á Assembléa. Porem, Brissot, politico, habil, conselheiro profundo do seu partido, não era uma dessas vozes sonoras, que elevam o accento d'uma opinião até a proporção d'uma voz do povo.

Só Vergniaud possuia este dom d'uma alma que se resume em paixão, ou resoa em eloquencia um partido todo. Elle se elevava pela intervenção da historia até as sciencias analogas do seu tempo, e na antiguidade dando ás suas palavras a altura e a solemnidade de todos os tempos.

« A nossa revolução, disse este na mesma sessão, levou o susto a todos os thronos, e deu o exemplo da destruição do despotismo, que os sustenta. Os reis odeiam a nossa constituição, porque torna os homens livres, e elles querem reinar sobre escravos. Este odio manifestou-se da parte do imperador, por todas as disposições que elle tomou para nos inquietar, ou fortalecer nossos inimigos, e animar os Francezes rebeldes ás leis da sua patria. Não acreditamos que cesse de existir este odio; mas importa que cesse de obrar! O genio véla em nossas fronteiras defendidas pelas tropas de linha, por nossas guardas nacionaes, ainda menos que pelo enthusiasmo da liberdade. A liberdade! desde o seu nascimento, é o objecto d'uma guerra occulta, e vergonhosa, que lhe fazem no seu proprio berço. Qual é pois esta guerra? Tres exercitos de reptis e d'insectos venenosos, que se movem e rojam no vosso proprio seio. Um, é composto de diffamadores pagos, e de calumniadores assalariados, trabalham para armar os dois poderes um contra o outro inspirando-lhes mutuas desconfianças. Outro exercito, por certo tão perigoso, é o dos padres sediciosos, que conhecem que o seu Deus, e o seu poder acabam com o seu prestigio, e que para conservarem o dominio chamam a vingança, que a religião prohibe, e prescrevem como virtudes todos os crimes. O terceiro é o d'esses financeiros cubiçosos, d'esses agiotas que só podem enrequecer-se á custa da nossa ruina; para suas especulações egoistas, a prosperidade nacional seria a sua morte, a nossa morte seria a sua vida d'elles! Elles assemelham-se a esses animaes carnivoros, que esperam o fim dos combates para devorar os cadaveres que ficam no campo da batalha. (Applausos)

Elles sabem que os vossos preparativos de defeza são ruinosos; contam com o descredito do vosso thesouro, com a escacez do dinheiro. Contam tambem com o cançasso d'esses cidadãos, que tem abandonado mulheres e filhos para voar ás fronteiras, e que hão de abandonal-os em quanto os milhões, artificiosamente espalhados no interior, suscitarem insurreicções em que o povo armado pelo delirio será o proprio a destruir seus direitos julgando defendel-os. Então, o imperador mandará avançar um exercito formidavel para vos lançar ferros. Eis a guerra que vos fazem, eis a que vos querem fazer. (Longos applausos). »

O povo jurou manter a constituição, porque n'ella vê a sua honra e a liberdade; porem se o deixais n'um estado d'immobilidade inquieta, que lhe gasta as forças na expectativa e consomme todos os nossos recursos, o dia em que estes recursos de todo acabarem não será o ultimo da constituição? O estado em que nos conservam é um verdadeiro estado d'anniquilação, que póde conduzir-nos ao opprobrio ou á morte (Vehementes applausos). Eia pois ás armas, cidadãos! ás armas, homens livres! defendei a vossa liberdade, assegurai a esperança da do genero humano; ou então não mereceis mesmo a compaixão em vossos infortunios! (Os applausos redobram).

« Não temos outros alliados mais que a justiça eterna, cujos direitos defendemos. Ter-nos-ha por ventura vedado buscar outros, e interessar as potencias, que seriam com nosco ameaçadas pela violação do equilibrio da Europa? Não, por certo; declarai ao imperador que desde este momento estão quebrantados os tractados! (Bravos prolongados). O proprio imperador os despedaçou. Se ainda hesita em vos atacar, é porque não está prompto! Porem acha-se desmascarado. Felicitai-vos! A Europa tem os olhos fitos em vós; dai-lhe finalmente a conhecer o que é a Assembléa nacional da França! Se vos mostrais com a dignidade, que convem aos representantes d'um grande povo, alcançareis seus applausos, sua estima e apoio. Se manifestais fraqueza, se perdeis a occasião, que a Providencia vos offerece de vos libertar d'uma situação, que vos estorva, temei o avilitamento, que vos prepara o odio da Eurapa, o da França, o do presente seculo e da posteridade (Applausos).

« Porém fazei mais; exegi que as vossas côres nacionaes sejam respeitadas além do Rheno; exigi que mandem dispersar os emigrados. Eu poderia pedir que os restituam á patria que ultrajam, para os castigar. Porém não! Se elles tem sido avidos do nosso sangue, não nos mostremos sequiosos do seu! O crime desses emigrados é ter querido destruir sua patria; pois bem! que errantes e vagabundos pela superficie do globo, seja o seu castigo não encontrarem patria em parte alguma! (Applausos). Se o imperador se demora em responder ás vossas intimações, que toda a delonga seja considerada como recusa, que toda a recusa, da sua parte, de se explicar seja reputada como declaração de guerra! Atacai em quanto a occasião é por vós. Se na guerra de Saxonia, Frederico houvesse contemporisado, o rei da Prussia seria hoje o marquez de Brandeburgo. Atacou, e a Prussia disputa hoje á Austria a balança da Allemanha, que escapou de vossas mãos!

« Não haveis até aqui adoptado senão meias determinações, e póde-se applicar a vossas resoluções a linguagem que fallava em similhante circumstancia, Demosthenes aos athenienses: « Conduzis-vos para com os macedonios, lhes dizia elle, como esses barbaros, que combatem em nossos jogos, a respeito de seus adversarios; quando os ferem no braço, levam a mão ao braço; se lhes dão na cabeça, levam a mão á cabeça; não cogitam defender-se, senão quando são feridos, sem nunca pensar evitar d'antemão os golpes que se lhes preparam. Se Filippe se arma, armai-vos tambem, quando se desarma, tambem largais as armas. Se elle ataca um dos vossos alliados, enviais logo um exercito numeroso em soccorro desse alliado; se ataca uma das vossas cidades, logo mandais um numeroso exercito em defesa dessa cidade. Torna elle a largar as armas, vós de novo vos desarmais sem vos occupardes dos meios de prevenir sua ambição, e pôr-vos ao abrigo dos seus ataques. Deste modo estais ás ordens do vosso inimigo, e elle é quem commanda o vosso exercito.

« E tambem vos fallarei dos que emigram. Ouvi dizer que elles se acham em Coblentz; cidadãos sem numero voam para os combater. Se estão juntos nas margens do Rheno, guarneceis este rio com dois corpos do exercito. Se as potencias visinhas lhes concedem asylo, preparais-vos para ir ataca-los. Se, pelo contrario, ouvis dizer que elles se entranham em o norte da Allemanha depondes as armas. Fazem-vos uma nova offensa, a vossa indignação rebenta. Se vos fazem bellas promessas, outra vez largais as armas. Deste modo os emigrados e os gabinetes que os protegem, é que são os vossos chefes, e dispoem de vós, de vossos conselhos, thesouros e exercitos! (Applausos). A vós compete vêr se este papel humilhante é digno de um grande povo.

« Um pensamento escapa neste momento ao meu coração e por elle terminarei. Parece-me que os manes das gerações passadas veem apinhar-se neste templo para vos supplicar, em nome de todos os males, que a escravidão lhes fez experimentar, perserveis delles as gerações futuras, cujos destinos em vossas mãos se acham! Escutai esta supplica! sêde para o futuro qual uma providencia! Associai-vos á justiça eterna, que protege os povos! Merecendo o titulo de bemfeitores da vossa patria, merecereis tambem o de bemfeitores do genero humano.

Os applausos prolongaram por muito tempo na sala o estrondo da emoção, que este discurso a todos os co-

rações levára; porque Vergniaud, ao exemplo dos oradores antigos, em vez de resfriar sua eloquencia nas combinações da politica, que só falla ao espirito, a retemperava no fogo d'uma alma pathetica. O povo não comprehende senão o que sente. Para elle os unicos oradores são os que commovem. A emoção é a convicção das massas. Vergniaud em si a tinha e a communicava á multidão. A consciencia de trabalhar para a felicidade do genero humano, a prespectiva do reconhecimento dos seculos davam um nobre orgulho á França e uma especie de santidade á liberdade. Um dos caracteres deste orador é que elle quasi sempre elevava a revolução á altura d'um apostolado que estendia o seu patriotismo á proporção da humanidade inteira; e que não apaixonava, nem arrastava, o povo senão por suas virtudes. Similhantes palavras produziam em todo o imperio repercussões, a que o rei e o seu ministerio não podiam resistir.

XIV. — Além disto, Vergniaud e seus amigos tinham intelligencias no conselho. O sr. de Narbonna e os Girondinos se encontravam e conferiam em casa da sr.ª de Stael, cuja sala retumbando sempre com proposições marciaes se appellidava então o *campo da Revolução*. O abbade de Fauchet, o denunciador do sr. de Lessart ahi recebia o seu ardor para a derrota deste ministro. O sr. de Lessart, amortecendo quanto podia as ameaças da côrte de Vienna, e as iras da assembléa, trabalhava por dar tempo a melhores conselhos. A sua affeição leal a Luiz XVI, e a sua previdencia atilada e reflectida, lhe faziam ver na guerra não a restauração mas o abalo violento do throno. Neste choque da Europa e da França, o rei devia ser o primeiro esmagado. Homem de bem, a affeição do sr. de Lessart a seu amo, lhe servia de genio. Obstaculo aos tres partidos, que desejavam a guerra, importava affastar a todo custo este ministro do lado do rei. Elle podia pôr-se a salvo retirando-se, ou cedendo á impaciencia da assembléa, mas não o quiz. Informado da terrivel responsabilidade, que sobre sua cabeça pesava, sabendo que esta responsabilidade era a morte, tudo arrostrou para dar ao rei alguns dias mais de negociação. Estes dias estavam contados.

LIVRO XII.

I. — Leopoldo, este principe pacifico e philosopho, revolucionario senão fosse imperador, tinha tentado tudo para adiar o conflicto dos dois principios. Só pedia á França concessões admissiveis, para reprimir o movimento da Prussia, Allemanha, e Russia. O principe de Kaunitz, seu ministro, não cessava de escrever ao sr. de Lessart neste sentido; as communicações confidenciaes que o rei recebia do seu embaixador em Vienna, o marquez de Noailles, respiravam o mesmo espirito de pacificação. Leopoldo queria unicamente que a ordem, restabelecida em França, e a constituição posta em pratica com vigor pelo poder executivo, dessem garantias ás potencias monarchicas. Porém as ultimas sessões da assembléa, os armamentos do sr. de Narbonna, as accusações de Brissot, os discursos inflamados de Vergniaud, os applausos que elle recebera começaram a cançarem-lhe a paciencia, e a guerra por largo tempo contida, a seu pesar lhe escapou do coração. « Os francezes querem a guerra, disse elle um dia aos que o cercavam, hão de te-la, e verão que Leopoldo o pacifico, sabe ser guerreiro quando o interesse de seus povos o requerer.»

Os conselhos de gabinete se multiplicaram em Vienna em presença do imperador. A Russia acabava de assentar a paz com o Imperio Ottomano e estava em estado de se voltar para o lado da França. A Suecia assoprava a colera dos principes. A Prussia cedia aos conselhos de Leopoldo. A Inglaterra observava, sem estorvar cousa alguma: a lucta do continente devia augmentar a sua importancia. Os armamentos foram decididos, e, a 7 de Fevereiro de 1792, o tratado definitivo d'alliança, e acordo foi assignado em Berlim entre a Austria e a Prussia. « Hoje escrevia Leopoldo a Frederico Guilherme, é a França quem ameaça, quem se arma e provoca. A Europa deve armar-se. »

O partido da guerra em Allemanha triumphava. «Sois bem feliz, dizia ao marquez de Couillé o eleitor de Moguncia, de que os francezes, sejam os aggressores. Sem isto, jámais teriamos a guerra. » Decidida estava a guerra nos conselhos, e Leopoldo esperava ainda. Em uma nota official, que o principe de Kaunitz remetteu ao marquez de Noailles, para ser communicada ao rei, este principe ainda estendia a mão á conciliação. O sr. de Lessart respondeu confidencialmente a estas ultimas propostas, n'um despacho que tive a lealdade de communicar á commissão diplomatica da assembléa, composta de Girondinos. Neste documento, o ministro palliava as exprobrações dirigidas pelo imperador á assembléa. Mais parecia desculpar do que justificar a França. Confessava algumas desordens no reino, alguns excessos nos clubs e na licença da imprensa; attribuia estas desordens á fermentação produzida pelos ajuntamentos de emigrados, e á falta de experiencia d'um povo que ensaia a sua constituição.

« A indifferença e o despreso, dizia elle, são as armas com que convem combater este flagello. Poderia a Europa abater-se até a queixar-se da nação franceza, porque no seu seio dá refugio a alguns declamadores e alguns folicularios, e quereria ella fazer-lhes a honra de lhes responder a tiros de canhão. »

N'um despacho do principe de Kaunitz, dirigido a todos os gabinetes estrangeiros, lia-se esta phrase : « Os ultimos acontecimentos dão-nos esperanças; parece que a maioria da nação franceza, maravilhada dos males que prepara-va, recorre a principios mais moderados, e se encaminha a restituir ao throno a dignidade e authoridade, que são a essencia do governo monarchico. « A assembléa guardou o silencio da suspeita. Esta suspeita se avivou durante a leitura destas notas, e contra-notas diplomaticas, trocadas entre o gabinete das Tuillerias e o de Vienna. Porém apenas o sr. de Lessart desceu da tribuna e a sessão se fechou, os sussuros da desconfiança se converteram n'um clamor surdo e unanime d'indignação.

II. — Os Jacobinos romperam em ameaças contra o ministro e a côrte desleal, que reunidos n'uma junta de traição, a que chamavam *comité austriaco*, ajustavam na sombra das Tuillerias planos contra-revolucionarios, faziam signal, mesmo do pé do throno, aos inimigos da nação, communicavam secretamente com a côrte de Vienna e lhe dictavam a lingoagem, que convinha fallar á França para intimida-la. As memorias de Hardenberg, ministro da Prussia, publicadas depois, demonstram que estas accusações não eram todas sonhos de demagogos, e que em designios de paz ao menos, as duas côrtes se esforçavam para combinar sua lingoagem. A accusação do sr. de Lessart foi resolvida. Brissot, o chefe da commissão diplomatica e o homem da guerra, se incumbio de provar seus suppostos crimes.

O partido constitucional abandonou de Lessart sem defesa ao rancor dos Jacobinos. Este partido não tinha suspeitas; porém tinha uma vingança a exercer contra o sr. de Lessart. O rei acabava de despedir subitamente o sr. de Narbonna, rival deste ministro no conselho. O sr. de Narbonna, vendo-se ameaçado, fizera com que o sr. de La Fayette lhe escrevesse uma carta ostensiva. Nesta carta La Fayette rogava, em nome do exercito, ao sr. de Narbonna que ficasse no seu logar em quanto os perigos da patria nelle o tornassem necessario. Este passo no qual o sr. de Narbonna era cumplice, pareceu ao rei uma oppressão insolente exercida sobre a sua liberdade pessoal e sobre a constituição. A popularidade do sr. de Narbonna diminuia á proporção que a dos Girondinos se tornava mais audaz. A assembléa começava a mudar seus applausos em sussurro, quando elle apparecia na tribuna; vergonhosamente o haviam feito descer alguns dias antes daquella tribuna por ter offendido a susceptibilidade plebêa, provocando os membros *mais distinctos* d'assembléa. A aristocracia da sua classe manifestava-se atravez seu uniforme. O povo queria homens violentos como elle no conselho. Entre o rei offendido e os Girondinos desconfiados, o sr. de Narbonna caío. O rei o demittio; foi servir no exercito que havia organisado.

Seus amigos não dissimularam seu resentimento. A sr.ª de Stael perdeu nelle o seu ideal e a sua ambição n'um só homem; porém conservou a esperança de recuperar para o sr. de Norbonna a confiança do soberano e um grande papel politico. Ella tinha querido fazer delle um Mirabeau, sonhou fazer delle um Monk. Desde este dia concebeu ella a idéa de arrancar o rei aos Girondinos e aos Jacobinos, de o fazer arrebatar pelo sr. de Narbonna e pelos constitucionaes, para o collocar no meio do exercito e conduzi-lo pela força a esmagar os partidos extremos, e fundar o seu governo idéal: uma liberdade aristocratica. Mulher de genio, o seu genio tinha as preoccupações do seu nascimento; plebêa de côrte, entre o throno e o povo carecia ella dos patricios. O primeiro golpe dirigido ao sr. de Lessart partio da mão d'um homem que frequentava a sala da sr.ª de Stael.

III. — Porém um golpe mais inesperado e terrivel affligio o sr. de Lessart, no mesmo dia em que elle se entregava assim a seus inimigos. Constou em París a morte inopinada do imperador Leopoldo. Com a vida des e principe se extinguiram os derradeiros vislumbres da paz: comsigo levava elle a sua sabedoria. Quem sabe que politica ia sair do seu caixão? A agitação dos animos infundio o terror na opinião: este terror converteu-se em odio ao desafortunado ministro de Luiz XVI. Elle não soubera, dizia-se, aproveitar as disposições pacificas de Leopoldo em quanto este principe vivia, nem previnir os designios hostis dos que lhe succediam na direcção da Allemanha. Tudo era para elle accusação até a fatalidade e a morte.

No momento deste fallecimento, o imperio achava-se prompto para as hostilidades. De Basilea ao Escalda duzentos mil homens iam formar-se em linha. O duque de Brunswich, este heroe em expectativa da colligação, estava em Berlim, dando seus ultimos conselhos ao rei da Prussia e recebendo suas derradeiras ordens. Bischoffwerder, general e confidente do rei da Prussia, chegava a Vienna para ajustar com o imperador o ponto e a occasião das hostilidades. A' sua chegada, o principe de Kaunitz consternado, lhe annunciou a enfermidade subita do imperador. A 27, Leopoldo estava de perfeita saude e dava audiencia ao enviado turco; a 28 achava-se na agonia. Incham-lhe as entranhas, vomitos convulsivos lhe causam dôr aguda no estomago e no peito. Os medicos, hesitando sobre a natureza dos symptomas, se perturbam, ordenam sangrias que parecem acalmar, mas debilitam a força vital d'um principe cançado de luxurias. Elle dorme um momento; os medicos e os ministros se affastam; desperta em novas convulsões e expira, á vista d'um só guarda-roupa, chamado *Brunetti*, nos braços da imperatriz que acode.

A noticia do fallecimento do imperador, tanto mais sinistro quanto menos se esperava, n'um momento se espalhou na cidade; e surprehendia o imperio n'uma crise. Os terrores ácerca do destino da Allemanha se ajuntavam á compaixão que inspirava a sorte da imperatriz, e seus filhos: no palacio reinava a confusão e a angustia; os ministros sentiam o poder de repente escapar-lhe das mãos; os grandes da côrte, sem esperar que mettessem as bestas nas suas carruagens, corriam ao palacio na desordem do espanto e afflicção; soluços se ouviam nos pateos e nas escadas que davam serventia aos quartos da imperatriz. Neste momento, esta princeza, sem haver tido tempo de se vestir de lucto, appareceu lacrimosa, rodeada de seus numerosos filhos, que pela mão levou á presença do novo rei dos romanos, filho de Leopoldo, e pondo-se de joelhos ante elle implorou a sua protecção para estes orfãos. Francisco I, confundindo seus soluços com os de seus irmãos, um dos quaes não tinha mais do que quatro annos, ergueu a imperatriz, abraçou as creanças, e lhes prometteu ser para elles segundo pai.

IV. — Inexplicavel, parecia comtudo esta catastrophe aos homens d'arte; os politicos nella suspeitavam um mysterio, e o povo fallava em veneno; estes boatos de envenenamento não foram confirmados, nem desmentidos pelo tempo. A opinião mais verosimil é que o imperador, dado ao prazer, havia feito excitar em si a natureza, por um uso immoderado de drogas que elle mesmo compunha, e que a sua paixão pelas mulheres lhe tornava necessarias, quando suas forças physicas não correspondiam ao insaciavel ardor da imaginação. Lagusius, seu medico ordinario, affirmava o veneno. Quem lh'o daria? os Jacobinos e os emigrados mutuamente se accusavam deste crime: aquelles perpetra-lo-iam para se livrarem do chefe armado do imperio, e lançar deste modo a anarchia na confederação da Allemanha, cujo vinculo era o imperador; estes para destruir em Leopoldo o principe philosopho, que pactuava com a França e retardava a guerra. Fallava-se d'uma mulher notada por Leopoldo no ultimo baile de mascaras dado no paço. Diziam que esta desconhecida por meio do seu disfarce, lhe offerecêra bolos, sem que fosse possivel encontrar a mão que lhe apresentára a morte. Outros accusavam a bella Florentina, a dama Livia, sua amante, instrumento, segundo entendiam, do fanatismo de alguns padres. Estas anecdotas são as chimeras da admiração e da dôr: os povos não querem ver cousa alguma de natural nos acontecimentos que teem grande alcance no seu destino. Porém os crimes collectivos são raros, as opiniões desejando delictos, não os commettem. Ninguem acceita por todos a execração d'um crime, que só ao seu partido aproveita. O crime é pessoal assim como a ambição ou a vingança; em torno de Leopoldo, não existiam mais que alguns ciumes de mulheres. Suas mesmas affeições eram mui multiplicadas e fugitivas, para na alma de suas amantes excitar uma dessas paixões, que se armam com veneno, ou punhal. Elle amava ao mesmo tempo D. Livia, que comsigo trouxera da Toscana, e era conhecida na Europa pelo nome da bella italiana; Prokache moça polaca; a linda condessa de Walkenstein, e ainda outras de ordem inferior. A condessa de Walkenstein era desde algum tempo sua amante declarada; acabava de lhe dar um milhão em notas do banco de Vianna; havia mesmo apresentado esta condessa á imperatriz, que lhe perdoava suas fraquezas, com tanto que lhe não concedesse a sua confiança politica, que até então para ella só havia reservado. Leopoldo levava a sua paixão pelas mulheres até um verdadeiro delirio; preciso seria subir ás épocas mais indecentes do imperio romano, para encontrar na côrte dos imperadores escandalos comparaveis aos da sua vida. A um logar infame se assimilhava o seu gabinete; era um museu obsceno. Depois da sua morte se encontrou ahi uma collecção de estofos preciosos, aneis, leques, joias, e mesmo cem arrateis de carmim superfino destinado a reparar a desordem dos toilelletes das mulheres, que alli entravam. Os signaes das suas devassidões fizeram córar a imperatriz quando delles fez inventario em presença do novo imperador. «Meu filho, lhe disse ella, á vista tendes a triste prova das desordens de vosso pai e de minhas longas afflições; lembrai-vos só do meu perdão, e de suas virtudes. Imitai suas grandes qualidades, mas guardai-vos de cair em seus vicios, para não fazer córar tambem quem tiver de examinar a vossa vida.»

O principe em Leopoldo era superior ao homem. Em Toscana havia elle ensaiado o governo philosophico; este ditoso paiz abençoa ainda a sua memoria. Seu genio não era a proporção d'um imperio mais vasto. A luta que lhe offerecia a revolução franceza o compellia a lançar mão da direcção da Allemanha; o que fez com frouxidão. Oppoz as contemporisações da diplomacia ao incendio das ideas novas; foi o Fabio dos reis. Dar tempo á revolução, era assegurar-lhe a victoria. Não era possivel vencel-a senão por surpreza, nem repremil-a senão no seu primeiro foco. Por medianeiro e cumplice tinha ella o genio dos povos, e por exercito a sua popularidade crescente. Suas idéas lhe recrutavam os principes, os povos, os gabinetes. Os principios de Leopoldo podiam conciliar-se com a revolução; o seu poder, como arbitrio de Allemanha, não podia acommodar-se com o poder conquistador da França. O seu papel era duplo e falsa a sua situação. Leopoldo falleceu a propozito para a sua gloria; elle paralizava a Allemanha e amortecia o impulso da França. Desapparecendo entre ambos, deixava os dois principios, chocar-se mutuamente e cumprir-se o destino.

V. — A opinião, agitada já pela morte de Leopoldo, recebeu outra repercussão pela noticia da tragica morte

do rei de Suecia, que foi assassinado na noite de 16 para 17 de março de 1792 n'um baile de mascaras. A morte parecia acommetter seguidamente, todos os inimigos da França. Os Jacobinos em todas estas catastrophes viam a sua mão; d'ellas se jactavam mesmo pelo orgão de seus demagogos, mas publicavam mais crimes do que perpetravam: em todos estes assassinos elles não tinham mais do que desejos.

Gustavo, esse heroe da contra revolução, esse protector da aristocracia, pereceu aos golpes da nobreza. Prestes a partir para a expedição, que contra a França meditava, havia convocado a sua dieta, para assegurar a tranquilidade do reino durante sua ausencia. O seu vigor havia comprimido os descontentes; todavia annunciavam-lhes como a Cezar, que o meado de março seria epocha critica para o seu destino. Mil indicios revelava uma trama; o boato do seu proximo assassino andava espalhado por toda a Allemanha, antes que fosse dado o golpe. Estes rumores são o presentimento dos crimes, que se meditam; sempre escapa algum relampago da alma dos conspiradores: por elle é que se descobre o acontecimento antes de effectuado.

O rei de Suecia, avisado por seus numerosos amigos, que lhe pediam se acautellasse, respondeu como Cezar que o golpe recebido era menos doloroso que o perpetuo receio de o receber; e que elle não poderia mesmo beber um copo d'agoa se desse ouvidos a todos estes avisos. Affrontava a morte, curando só do seu povo.

Os conjurados haviam feito muitas tentativas em quanto durou a dieta, mas o acaso salvára o rei, que depois da sua volta a Stockolmo, hia muitas vezes só passar o dia ao seu castello d'Haga, a uma legoa da capital. Trez dos conjurados se haviam approximado do palacio, pelas cinco horas d'uma tarde sombria de inverno, armados de carabinas, e se puzeram a observar o rei dispostos a disparar sobre elle. O quarto que occupava era baixo; as luzes na livraria assignalavam a victima a seus tiros. Gustavo, voltando da caça, despio-se, assentou-se na livraria, e adormeceu na sua cadeira a pouca distancia dos assassinos. Seja que uma bulha de passos os assustasse, ou que o contraste solemne deste principe sem desconfiança com a morte que o ameaçava, enternecesse suas almas, hesitaram esta vez e só relataram esta circumstancia no seu interrogatorio, depois do assassino. O rei reconheceu a verdade, e precisam das circumstancias. Promptos estavam a renunciar ao seu projecto, desanimados por uma especie de intervenção divina, e pelo cançaço de andar tão longo tempo a machinar debalde, quando uma occasião fatal veio tental-os com mais força, e decidil-os a matar o rei.

VI. — Dava-se na Opera um baile de mascaras a que o rei devia assistir; resolveram aproveitar o mysterio do disfarce e desordem d'uma funcção, para ferir sem mostrar a mão. Pouco tempo antes do baile, estando o rei a cear com um pequeno numero de validos, entregaram-lhe uma carta que elle abrio, leu zombando, e poz em cima da meza. O author anonymo desta carta lhe dizia que não era amigo da sua pessoa, nem approvava a sua politica, mas que como inimigo leal julgava dever avisal-o da morte que o ameaçava. Aconselhava-lhe que não fosse ao baile; ou se entendesse que devia ir, induzia-o a desconfiar da gente que em torno delle se ajuntasse, porque este ajuntamento em roda da sua pessoa devia ser o preludio e signal d'um tiro, que se lhe havia de dar. Para fazer com que o rei acreditasse o aviso, que lhe dava; o anonymo lhe lembrava com as menores circumstancias o seu trajo, gestos, posição, o seu somno no quarto do palacio de Haga, quando julgava descançar sem testimunhas. Taes signaes de reconhecimento deviam infundir temor no animo deste monarcha; sua alma intrepida lhe fez desprezar, não o avizo, mas a morte: Levantou-se e foi ao baile.

VII. — Apenas havia percorrido a sala, quando se vio rodeado, como lhe tinham predito por um grupo de mascaras, e separado por um movimento machinal da multidão dos officiaes que o acompanhavam. N'este momento mão invisivel lhe disparou pelas costas um tiro de pistola, carregada com quartos, que o ferio no lado esquerdo por cima do quadril: Gustavo caiu nos braços do conde d'Armsfeld, seu valido. A bulha do tiro o fumo da polvora, os gritos de fogo, que de toda a parte se levantaram, a confusão que se seguio ao ferimento do rei, o desvelo, verdadeiro ou symulado das pessoas que corriam a accudir-lhe, tudo isto favorecia a dispersão d'assassinos, que deixaram no chão a pistola. Gustavo não perdeu um só momento a sua presença de espirito, mandou fechar as portas da sala, e tirar as mascaras a toda a gente. Transportado por seus guardas ao seu aposento contiguo, ali recebeu os primeiros soccorros da medecina; admittio á sua presença alguns dos ministros estrangeiros aos quaes fallou com a serenidade de uma alma forte. A mesma dôr não lhe inspirou um sentimento de vingança; generoso até na morte, inquieto perguntou se haviam prendido o assassino: responderam-lhe que não era ainda conhecido: «Queira Deus que o não descubram.»

Em quanto davam ao rei os primeiros cuidados, e ao seu palacio o transportavam, os guardas postados ás portas da sala do baile faziam desmascarar os assistentes, interrogavam-os: tomavam-lhes os nomes e os apalpavam; porém não descobriram cousa alguma que fosse suspeitosa. Quatro dos principaes conjurados, homens da primeira nobreza de Stockholmo, haviam conseguido evadir-se da sala na primeira confusão, causada pelo tiro, e antes que as portas se fechassem. Dos nove confidentes ou cumplices do crime, já oito haviam saido sem despertar suspeita alguma; só um se conservava na sala, mostrando uma lentidão e um socego abonador da sua innocencia.

Este homem foi o ultimo a sahir da sala, levantou a sua mascara diante do official de policia, e lhe disse olhando para elle com affouteza: « Pelo que me toca senhor parece-me que não desconfiareis de mim.» Este era o assassino. Deixaram-o passar, não havia do crime outros indicios mais do que o proprio crime, uma pistola e um punhal, que acharam na sala, debaixo das mascaras e flores. A arma só foi quem revelou a mão. Um armeiro de Stockholmo reconheceu a pistola, e declarou que a vendera pouco tempo antes a um fidalgo Sueco, antigo official das guardas chamado Ankarstroem, o qual foi encontrado em sua casa, sem pensar desculpar-se, nem fugir. Ankarstroem reconheceu a arma e confessou o crime. Uma sentença injusta, segundo elle dizia, e por occasião da qual todavia o rei lhe concedera perdão da morte, o aborrecimento da existencia, cujo fim elle queria illustrar e utilizar em proveito da sua patria, a esperança, se fosse bem succedido, d'uma recompensa nacional digna do attentado, lhe haviam, dizia elle inspirado este projecto, cuja gloria, de approbrio para si só revendicava, negando toda a conspiração e todos os cumplices. Sob' o fanatico encobria o conjurado.

Este papel cedeu no fim d'alguns dias á verdade e aos remorsos. Ankarstroem relatou a conspiração, nomeou os culpados, e confessou o preço do crime. Este plano, concebido havia seis mezes, trez vezes tinha sido frustrado pelo acaso ou pelo destino; na dieta de Jessen, em Stockholmo e na Haga. Morto que fosse o rei todos os seus validos, todos os instrumentos do seu governo deviam ser immolados á vingança do senado, e á restauração da aristocracia. Deviam passear suas cabeças, na ponta de chuços, pelas ruas da capital á imitação dos supplicios populares de Pariz, O duque de Sudermania, irmão do rei havia de ser sacrificado. O moço monarcha, entregue aos conjurados, lhes serviria de instrumento passivo para restabelecer a antiga constituição e legitimar o seu crime. Os principaes cumplices pertenciam ás primeiras familias da Suecia; a vergonha da sua authoridade perdida tinha aviltado sua ambição até ao crime. Eram o conde de Ribbing, o conde de Horn, o barão de Erensward, e finalmente o coronel Lilienhorn. Este, commandante das guardas tirado da miseria e da obscuridade pelo favor do rei, elevado ao primeiro posto do exercito e ás primeiras intimidades do palacio reconheceu a sua ingratidão e o seu crime: seduzido, confessou elle pela ambição de commandar durante a per-

tarbação de Lá Fayette em Pariz, lhe havia parecido o ideal do cidadão e do soldado, e não poude resistir á seducção desta prespectiva. Quasi induzido a entrar na conspiração tentou tornal-a impossivel meditando-a sempre. Foi elle que escreveu ao rei a carta anonyma, em que o avisava do attentado, que falhára em Haga, e do que nesta festa o ameaçava. Com uma das mãos impellia elle o assassino, e com a outra protegia a victima; como se deste modo preparasse uma desculpa a seus remorsos depois de consumado o crime.

No dia fatal passou a tarde no regio aposento, viu o rei lêr a carta e o acompanhou ao baile: enigma do crime, assassino misericordioso tinha a alma assim repartido entre a sêde e o horror do sangue do seu bemfeitor.

VIII. — Gustavo morreu vagarosamente: via a morte aproximar-se ou affastar-se alternativamente com a mesma indifferença, ou com a mesma resignação: recebeu a sua corte, conversou com seus amigos, reconciliou-se mesmo com os adversarios do seu governo que não occultava a sua opposição, mas que não levavam o resentimento aristocratico até ao assassino. «Estou consolado» disse o rei ao conde de Brahé, um dos maiores fidalgos, e um dos chefes dos descontentes, porque a morte me faz recuperar em vós um antigo amigo.

Gustavo velou pelo seu reino até ao fim. Nomeou o duque de Sudermania regente; instituio um conselho de regencia, nomeou Armsfeld, seu amigo, governador militar de Stockholmo; cercou o joven rei, de treze annos de idade, de todos os apoios que podiam fortalecer a sua menoridade. Preparou a passagem d'um reinado ao outro; dispoz a sua morte para que não fosse um acontecimento senão para elle só. « Meu filho,» escrevia elle poucas horas antes de expirar, só aos dezoito annos será maior: porém espero que seja rei aos dezaseis. Deste modo persagiava Gustavo ao seu successor a antecipação da coragem e genio, que o havia feito reinar a elle proprio e governar antes de tempo. Ao seu esmoller mór disse confessando-se: « Não creio levar grandes merecimentos á presença de Deus; porém ao menos levo a consciencia de não haver por vontade propria feito mal a pessoa alguma. « Pedindo depois um momento de descanço para recobrar forças, antes de abraçar pela derradeira vez a sua familia, disse adeus sorrindo-se, ao seu amigo Bergenstiem, e tendo adormecido, nunca mais acordou.

O principe real, proclamado rei, subiu no mesmo dia ao throno. O povo, que Gustavo libertára do jugo do senado, jurou espontaneamente defender suas instituições em seu filho. Tão bem havia Gustavo empregado os dias, que Deus lhe deixou entre o assassino e a morte, que d'elle nada morreu n'elle, senão elle mesmo; e a sua sombra pareceu continuar a reinar sobre os Suecos.

Este principe só tinha de grande a alma, e de formoso os olhos. Pequeno de talhe, hombros robustos, quadris mal formados rosto singularmente modelado, nariz comprido, boca grande, a graça e vivacidade da sua physionomia desfarçavam todas estas imperfeições da forma, e faziam de Gustavo um dos homens mais seductores de seu reino; a intelligencia, a bondade, o valor escorriam de seus olhos e feições. Conhecia-se o homem, admirava-se o rei, descobria-se o heroe; havia coragem no seu genio, assim como havia de todos os verdadeiros grandes homens. Instruido, litterato, eloquente, ao imperio applicava todos estes dons, áquelle que pelo valor vencera, attrahia-os pela generosidade, seduzia-os pela palavra. Seus defeitos eram o fausto e a sensualidade; assasonava a gloria destes prazeres e destes amores, que se accusam e perdoam dos heroes; tinha os vicios de Alexandre, de Cezar, e de Henrique IV. A vingança d'um amor infame alguma parte teve na conjuração, que contra elle se tramou; só lhe faltou, para se assimilhar a estes grandes homens, a fortuna d'elles.

Ainda joven, arrancou-se á tutella da aristocracia; emancipando o throno emancipou o povo. A' frente d'um exercito recrutado sem thesouros, e que pelo enthusiasmo disciplinou, fez a conquista da Finlandia, e marchou de victoria em victoria sobre S. Petersburgo. Suspendido em seu triumpho por uma insurreição dos seus officiaes, encerrado por suas guardas na barraca, fugindo-lhes escapou, e correu em soccorro d'outra parte do reino invadido pelos Dinamarquezes. Vencedor ainda d'estes encarniçados inimigos da Succia, o reconhecimento da nação lhe restituiu o seu exercito arrependido. Só se vingou reconduzindo-lhe a fortuna.

Tudo havia vencido no exterior, e pacificado no interior. Só tinha uma ambição distituida de qualquer interesse, exceptuando a gloria: vingar a causa abandonada de Luiz XVI, e arrancar a seus perseguidores uma rainha que de longe adorava. Este mesmo sonho era de um heroe; não teve mais do que um mal: mais vasto do que o imperio foi o seu genio; o heroismo, disproporcionado aos meios, faz assimilhar o grande homem ao aventureiro, e em chimeras transforma os grandes designios. Porém a historia não julga como a fortuna: é o coração mais que o successo, o que faz o heroe; este caracter romanesco e aventuroso do genio de Gustavo, nem por isso é menos a grandeza da alma inquieta e agitada na pequenez do destino. Sua morte fez aos jacobinos soltar um grito de alegria: deificaram Ankarstroen; porém a explosão da sua alegria, sabendo a morte de Gustavo, revelou a pouca sinceridade do seu despreso para com este inimigo da revolução.

IX. — Estes dois obstaculos removidos, já nada reprimia a França e a Europa, senão o fraco gabinete de Luiz 16.º A impaciencia da nação, a ambição dos Gerondinos e o resentimento dos constitucionaes offendidos em o Sr. de Narbonna se uniram para derribar este gabinete: Brissot, Vergniaud, Gaudet, Condorcert, Gensonné, Pethion, os seus amigos na Assembléa o conciliabulo da Senhora Roland, seus seides nos jacobinos fluctuavam entre duas ambições igualmente abertas ao seu genio: destruir o poder, ou lançar mão d'elle, Brissot lhes aconselhou este ultimo partido. Mais experimentado do que os mesmos oradores da Gironda na politica, não comprehendia a revolução sem governo. A anarchia, segundo pensava, não perdia menos a liberdade do que a monarchia. Quanto maiores eram os acontecimentos, tanto mais careciam de direcção. O poder, collocado desarmado no primeiro plano d'Assembléa e da opinião, a elles se offerecia, e convinha lançar mão d'elle: entregue que fosse em suas mãos, d'elle fariam segundo os conselhos da fortuna e a vontade do povo, uma monarchia, ou uma republica. Promptos para tudo o que os deixasse reinar em nome do rei ou do povo, estes conselhos agradavam a homens, sahidos apenas da obscuridade, e que, seduzidos pela facilidade da sua fortuna, d'ella se apossavam no seu primeiro sorriso. Os homens, que depressa sobem, facilmente ahi são alcançados pela vertigem.

Todavia, uma profunda politica se manifestou neste conselho secreto dos Girondinos, pela escolha dos homens, que elles apresentaram para ministros ao rei. Brissot mostrou n'isto a paciencia d'uma ambição consummada. Inspirou a sua prudencia a Vergniaud, a Pethion, a Guadet, Gensonné, e a todos os homens superiores do seu partido. Com elles ficou perto do poder, porem, de fóra do ministerio projectado, quiz experimentar a opinião por homens secundarios, que era possivel condemnar e sacrificar em caso de necessidade, e conservar-se em reserva com as primeiras cabeças dos Girondinos, para apoiar, ou derribar este fraco ministerio de transição, se a nação requeresse medidas mais decisivas. Brissot e os seus estavam assim dispostos a tudo, a dirigir como a substituir o poder, eram os senhores e não tinham responsabilidade. N'esta tactica dos homens de Estado reconheciam-se os discipulos de Machiavel. De mais, abstendo-se de entrar no primeiro gabinete elles ficavam populares e conservavam na Assembléa e nos jacobinos essas voses poderosas, que teriam sido abafadas no ministerio: indispensavel lhes era esta popularidade para lutar com Robespierre que de perto lhes seguia os passos, e se acharia á frente da opinião se elles lh'abandonassem. Entrando na administração dos negocios elles affectavam por este rival mais despreso do que realmente tinham. Robespierre só equilibrava a sua influencia nos Jacobinos. As vociferações de Billand-Varennes, Dan-

ton, Collot-d'Herbois não os assustavam, o silencio de Robespierre inquietava-os: elles o tinham vencido na questão de guerra; porem a opposição estoica de Robespierre e a tendencia do povo para a guerra não o haviam desacreditado. Este homem tinha retemperado suas forças no isolamento. A inspiração d'uma consciencia solitaria e incorruptivel era mais forte do que o attractivo d'um partido todo. Quem o não approvava admirava-o: elle se havia posto de parte para deixar passar a guerra; porem a opinião tinha sempre os olhos n'elle, parecia que um secreto instincto revelava ao povo que este homem era só por si um futuro. Quando caminhava, todos o seguiam, quando se suspendia, todos o esperavam. Os Girondinos viam-se pois condemnados pela prudencia a desconfiar d'este homem e a ficar na Assembléa entre o seu ministerio e ella. Tomadas estas precauções os Girondinos procuraram em torno de si quem eram os homens nullos por si mesmo e bem afferrados ao seu partido, dos quaes podessem fazer ministros; careciam d'instrumentos não de senhores, de seides ligados á sua fortuna, que a arbitrio delles podessem voltar contra o rei, ou contra os Jacobinos, engrandecer, sem temor, ou precepitar sem remorsos. Na obscuridade os procuraram, e julgáram havel os encontrado em Claviere, Roland, Dumouriez, Lacoste, e Duranton; não se enganaram senão n'um unico homem. Dumouriez tinha o genio d'uma circumstancia occulto sob o habito d'um aventureiro.

X. — Preparados assim os papeis, e avisada a senhora Roland da proxima elevação de seu marido, os Girondinos atacáram o ministerio na pessoa do sr. de Lessart, na sessão de 10 de Março. Brissot lêu contra este ministro uma accusação habil e perfidamento redigida, em que as apparencias apresentadas como factos, e as conjecturas dadas por provas, lançavam sobre as negociações do senhor de Lessart todo o odioso, e toda a criminalidade d'uma traição. Propoz o decreto da accusação contra o ministro dos negocios estrangeiros. A assembléa fica silenciosa ou applaude. Alguns membros, sem defender o ministro, pedem que a assembléa se dê tempo de reflexão e affaste ao menos a imparcialidade da justiça. «Apressai-vos! exclamou Isnard; em quanto deliberais, o traidor foge talvez. — «Fui muito tempo juiz responde Boullanger nunca ordenei tão facilmente a pena capital.» Vergniaud, que vê a Assembléa indecisa, duas vezes se arremeça á tribuna para combater as desculpas e contemporisações do lado direito. Becquet, cuja presença de espirito iguala a coragem, quer desviar o perigo e pede a remessa á commissão diplomatica. Vergniaud receia que a occasião escape do seu partido. «Não, não, disse elle, não se carece de provas para proferir uma accusação; bastam conjecturas. Nenhum de nós ha em cujo espirito a pusillaminidade e perfidia, que caracterisam os actos do ministro, não tenham produzido a maior indignação. Não foi elle, que por espaço de dois mezes guardou na sua pasta o decreto de reunião d'Avinhão á França? e o sangue derramado nesta cidade, os cadaveres mutilados de tantas victimas não nos clamam vinganças contra elle? D'esta tribuna estou vendo o palacio onde perversos conselheiros enganam o rei que a constituição nos dá, forjam os ferros, com que pertendem agrilhoar-nos, e tecem as tramas, que nos devem entregar á casa d'Austria. A sala retumbou com violentos applausos. Chegado é o dia de pôr termo a tanta audacia e anniquillar em fim os conspiradores. O espanto e o terror muitas vezes sairam nos tempos antigos desse palacio famoso em nome do dispotismo: que nelle tornem hoje a entrar em nome da lei (os applausos redobram e se prolongam); que lá penetrem todos os corações; que todos os que n'elle habitam saibam que a constituição só promette inviolabilidade ao rei, que saibam que a lei lá procurará todos os culpados, e que não haverá uma sò cabeça convencida de criminosa sem ser que, á sua espada possa escapar.»

Estas allusões á rainha, accusada de dirigir a junta austriaca; estas palavras ameaçadoras dirigidas ao rei, foram retumbar no gabinete do monarcha e forçar-lhe a mão a assignar a nomeação do ministerio girondino. Era assim uma manobra de partido, executada, sob as apparencias da indignação e do improviso, do alto da tribuna, ainda mais era o primeiro signal feito pelos girondinos aos homens de 20 de junho e de 10 de agosto. A accusação prevaleceu, e de Lessart entregue ao tribunal de Orleans, que só o restituio aos degoladores de Versailles. Podia fugir, mas a sua fuga teria sido interpretada contra o rei. Generosamente se collocou elle entre a morte e o seu soberano, innocente de todo o crime, excepto da sua affeição ao monarcha.

O rei conheceu que não havia mais que um degráo entre a sua abdicação e elle; era compôr um ministerio dentre os seus inimigos, e interessal-os no poder entregando-o em suas mãos. Cedeu ao tempo, abraçou o seu ministerio, e pedio aos girondinos que lhe inspirassem outro. Os girondinos nisto haviam já occultamente pensado. Tinham-se feito, em nome deste partido, proposições a Roland desde o fim de fevereiro. «A côrte, lhe diziam, não está longe de nomear ministros jacobinos, não é por inclinação, mas por perfidia. A confiança que fingir dar-lhes, será uma cilada. Ella quereria homens violentos, para lhes imputar os excessos do povo e desordem do reino; importa illudir suas perfidas esperanças e dar-lhe patriotas firmes e prudentes. Lembrám-se de vós.»

XI. — Roland, ambição aguçada na obscuridade, sorrio a este poder, que vinha vingar a sua velhice. O proprio Brissot foi a casa da sr.ª Roland a 21 do dito mez, e repetindo as mesmas palavras, lhe pedio o consentimento formal de seu maridò. A sr.ª Roland era ambiciosa, não de poder, mas de gloria. A gloria só allumia os altares. Desejava com vehemencia fazer lá subir seu marido. Respondeu como mulher que havia vaticinado o acontecimento, e a quem a fortuna não surprehende. «O fardo é pesado, disse ella a Brissot, porém grande é em Roland o sentimento de suas forças; elle tomará novas em a confiança de ser util á liberdade e ao seu paiz.»

Feita esta escolha, os girondinos lançaram a vista para Lacostes intendente da marinha, homem, de repartição, espirito, acanhado, mas coração honesto e recto, escapando ás facções pela candura da sua alma. Lançado no conselho para alli ser o vigia do seu soberano, naturalmente se tornou seu amigo. Duranton advogado de Bordeaux, foi chamado para a justiça. Os girondinos, de quem elle era conhecido, adornaram-se com a sua probidade e contaram com a sua condescendencia e fraqueza. Para a fazenda, Brissot distinou Claviere, economista genovez, expulso da sua patria, parente e amigo de Brissot, exercitado na intriga, rival de Necker, engrandecido no gabinete de Mirabeau para elevar um rival contra este ministro da fazenda odioso a Mirabeau. Homem porém sem preoccupações republicanas, nem principios monarchicos, buscando na revolução só um papel, e para quem a ultima palavra de tudo era: conseguir. Seu espirito indifferente a todos os escrupulos, estava ao nivel de todas as situações e na altura de todos os partidos. Os girondinos, inexperientes nos negocios, careciam de homens especiaes para a guerra e fazenda, e que por elles fossem instrumentos do governo. Claviere era um. Na guerra tinham elles de Grave, pelo qual o rei substituira Narbonne; de Grave, que, das classes subalternas do exercito, acabava de ser elevado ao ministerio da guerra, tinha relações manifestas com os girondinos. Amigo de Gensonné, Vergniaud, Guadet, Brissot e mesmo de Danton, nelles confiava para salvar ao mesmo tempo a constituição e o rei. Dedicado ao rei e á constituição, elle era o vinculo, que se esforçava para unir os girondinos á realeza. Moço, tinha as illusões da sua idade; constitucional, a sinceridade da sua convicção: porém debil, achacado, mais prompto a emprehender do que resoluto a executar, elle era um desses homens provisorios, que ajudam os acontecimentos a effeituar-se, e que não os estorvam quando estão executados.

Porém o principal ministro, aquelle em cujas mãos ia descançar a sorte da patria e resumir-se toda a politica dos girondinos, era o ministro dos negocios estran-

geiros, destinado a substituir o desafortunado de Lessart. O rompimento com a Europa era o negocio mais urgente deste partido; elle carecia d'um homem, que dominasse o rei, frustasse as tramas occultas da côrte, conhecesse o mysterio dos gabinetes europeos, e que por sua habilidade e resolução soubesse ao mesmo tempo compellir os inimigos á guerra, os nossos amigos, duvidosos á neutralidade, os partidarios secretos á nossa alliança. Procuravam este homem. Tinham-o á mão.

LIVRO DECIMO TERCEIRO.

I. — Dumouriez reunia todas as condições d'audacia, dedicação á sua causa e habilidade, que os girondinos desejavam e comtudo, homem secundario e desconhecido até então, só da fortuna delles tinha a esperar a fortuna propria. Seu nome não offuscaria o genio delles, e se se mostrasse insufficiente ou rebelde a seus projectos, elles o destruiriam sem temor e o esmagariam sem piedade. Brissot, o oraculo diplomatico da Gironda, era evidentemente o ministro difinitivo, que devia um dia governar as relações estrangeiras, e que entretanto, governava anticipadamente sob o nome de Dumouriez.

Haviam os girondinos descoberto Dumouriez na obscuridade d'uma existencia até então subalterna, por meio de Gensonné, que tivera Dumouriez por collega na missão, de que a assembléa constituinte o incumbira, de ir examinar a situação dos departamentos d'Oste agitados já pelo occulto presentimento da guerra civil e pelas primeiras desordens religiosas. Durante esta missão que duràra alguns mezes, os dois commissarios tiveram frequentes occasiões de trocar seus pensamentos mais intimos, ácerca dos grandes acontecimentos que naquelle momento agitavam os animos. Gensonné reconheceu nelle um desses genios demorados pelas circumstancias e velado pela obscuridade da sua sorte, que basta expôr á grande luz da acção publica, para os fazer brilhar com todo o explendor que da natureza e estudo receberam; tambem de perto conheceu nesta alma essa mola de caracter assás forte para sustentar a acção d'uma revolução assás elastica para se amoldar a todas as difficuldades dos negocios. N'uma palavra Dumouriez havia, ao primeiro contacto, exercido sobre Gensonné essa seducção, essa influencia, esse imperio, que a superioridade que se descobre e se abate, nunca deixa de exercer sobre os animos a que se digna revelar-se.

Esta seducção especie de confidencia do genio, era um dos caracteres de Dumouriez. Foi por ella que attrahio mais tarde os girondinos, o rei, a rainha, o seu exercito, os jacobinos, Dantons, e o proprio Robespierre. E' isto a que os grandes homens chamam sua estrella; estrella que diante delles caminha e lhes prepara as vias; a estrella de Dumouriez era a seducção; mas esta seducção não era mais do que o attractivo de suas idéas justas, urgentes, rapidas, na orbita das quaes a incrivel actividade do seu espirito arrebatava o espirito de quem o ouvia pensar ou via obrar. Gensonné, quando regressou da sua missão quiz ornar o seu partido com este homem desconhecido, cuja grandeza de longe pressentia. Apresentou Dumouriez a seus amigos da assembléa a Guadet, Vergniaud, Roland, Brissot, e de Grave; communicou-lhes o espanto e a confiança que as duplas faculdades de Dumouriez como diplomatico e militar lhe haviam inspirado a elle proprio. Fallou-lhes delle como do salvador occulto, que o destino preparava á liberdade, conjurou-os a attrahirem a si este homem que havia de engrandece-los, engrandecendo-se por meio delles.

Apenas os girondinos viram Dumouriez logo ficaram convencidos. Seu espirito era eletrico. Admirava antes que houvesse tempo de o examinar. Os girondinos o apresentaram a de Grave, e de Grave ao rei. Este lhe offereceu o ministerio provisorio dos negocios estrangeiros, até que de Lessart enviado ao supremo tribunal, provasse aos juizes a sua innocencia, e pudesse recuperar o logar que no seu conselho lhe reservava. Dumouriez não quiz acceitar este papel de ministro intermediario, que o enfraquecia diante de todos os partidos tornando-se suspeito a todos. O rei cedeu, e Dumouriez foi nomeado.

II. — A historia deve por um momento suspender-se á vista deste homem, que sem haver tomado o nome de dictador, resumiu em si por espaço de dois annos a França moribunda, e exerceu na sua patria a mais incontestada das dictaduras: a dictadura do seu genio. Dumouriez é do numero desses homens, que não se descrevem só nomeando-os, mas cuja naturesa os antecedentes explicam; que no passado tem o segredo do seu porvir; que tem como Mirabeau, a existencia espalhada em duas épocas; que tem raizes em dois solos; e que só se conhecem detalhando-os.

Dumouriez, filho d'um commissario de guerra, nasceu em Cambrai no anno de 1739; posto que a sua familia habitasse em o norte da França, o seu sangue era meridional. Sua familia, oriunda de Aix na Provença, se encontrava toda inteira na vivacidade, no ardor e na sensibilidade da sua naturesa; nella se conhecia o Ceo, que fecundara o genio de Mirabeau. Seu pai, militar e litterato, o educou ao mesmo tempo para a guerra e para as lettras. Um de seus tios, empregado no ministerio dos negocios estrangeiros, cedo o instruiu na diplomacia. Espirito forte e docil ao mesmo tempo, a tudo igualmente se prestava; tão proprio era para a acção, como para o pensamento, e passava d'uma a outra com condescendencia segundo as phases do seu destino. Conhecia-se nelle a flexibilidade do genio grego nos tempos inconstantes da democracia de Athenas. Seus fortes estudos cedo lhe encaminharam o espirito para a historia, esse poema dos homens d'acção. Plutarco o alimentava com a sua varonil substancia. Modelava-se pelas figuras antigas desenhadas a nú por este historiador, o ideal da sua propria vida; mas todos os papeis de seus diversos grandes homens lhe assentavam egualmente bem. Elle a si os apropriava alternativamente, e os realisava em seus sonhos, tão proprios a reproduzir nelle o voluptuoso como o casto, o faccioso como o patriota, Aristippo como Themistocles, Scipião como Coriolano. A seus estudos associava os exercicios da vida militar, habituando o corpo ás fadigas ao mesmo tempo que entregava a alma aos grandes pensamentos; era igualmente habil para manejar a espada e intrepido para domar o cavallo. Demosthenes conseguira pela paciencia um orgão sonoro com uma lingua que gaguejava. Dumouriez, com uma compleição debil e doentia na infancia, exercitava um corpo para a guerra. A actividade ambiciosa da sua alma carecia de preparar o seu instrumento.

III. — Rebelde á vontade paterna, que o destinava á secretaria da guerra, repugnava-lhe a penna, e alcançou uma patente de alferes de cavallaria. Na qualidade de ajudante de campo do marechal d'Armentieres fez a campanha do Hanover. Na retirada, arrancando uma bandeira das mãos de um soldado que ia fugindo, juntou duzentos cavallos em torno de si, salvou uma bateria de cinco peças de artilheria, e cobrio a passagem do exercito. Ficando quasi sósinho á rectaguarda, intrincheirou-se com o cadaver do seu cavallo, e matou tres hussares inimigos. Crivado de ballas e de golpes de sabre; com a cóxa da perna entalada debaixo do corpo do cavallo, com dedos da mão cortados, com o rosto todo em sangue, os olhos queimados de um tiro, combate ainda, e não se rende prisioneiro senão ao barão de Beker que o salva e o faz conduzir para o acampamento dos Inglezes.

Sua joventude e vigor restabelecem-o ao cabo de dois mezes. Destinado a formar-se para a victoria pelo exemplo das derrotas e da impericia dos seus generaes, uniu-se aos marechaes de Soubisse e Broglie, e assistiu ás derrotas que os Francezes são devedores á invejosa rivalidade de ambos.

Chegada a paz foi reunir-se ao seu regimento de guarnição em Saint-Ló. Passando por Pont-Audemer, demorou-se em casa de uma irmã de seu pai. Violento amor por uma das filhas de seu tio ahi o demorou. Este amor compartilhado por sua prima e favorecido por sua tia, foi combatido pelo pai. A menina, desesperada, recolhe-se a um convento. Dumouriez jura arrancal-a d'ahi. A tristesa apodera-se delle no caminho compra opio em Dieppe.

fecha-se no seu quarto, escreve um adeus á sua amante, uma reconvenção a seu pai, e envenena-se. A naturesa salva-o, o arrependimento entra-lhe n'alma, e vai lançar-se aos pés de seu pai e reconciliar-se com elle.

Na edade de vinte e quatro annos, ao cabo de sete campanhas, não recolhera da guerra senão vinte duas feridas, uma condecoração, o posto de capitão, uma pensão de seiscentas libras, dividas contraidas no serviço, e um amor sem esperança minando-lhe a alma. Sua ambição aguilhoadada pelo amor obrigou-o a procurar na politica esta fortuna que a guerra lhe recusa ainda então.

Havia n'essa occasião em Pariz um d'esses homens enigmaticos que participam ao mesmo tempo do intrigante e do homem d'Estado; subalternos e anonymos, representam sob o nome de outrem papeis occultos mas importantes nos negocios. Homens de policia tanto como de politica, são pagos dos seus serviços pelos governos que os empregam e os desprezam não por via de ordenados, mas sim de subsidios. Artistas da politica, assalariam-os dia por dia; lançam-os para a frente, compromettem-os, renegam-os, e até algumas vezes os encarcéram; soffrem tudo, mesmo o captiveiro e a deshonra por dinheiro. Estes homens são como moveis de venda aos quaes seus talentos e utilidade marca o preço. Taes foram Linguete, Brissot o proprio Mirabeau na sua mocidade. Tal era então um tal *Favier*.

Este Favier, empregado alternativamente pelo duque de Choiseul, e pelo sr. d'Argenson, em redigir as memorias diplomaticas, era consummado no conhecimento da Europa. Era o espião vigilante de todos os gabinetes, conhecia todas as tenções reservadas, advinhava todas as intrigas, e as desmanchava por contraminas das quaes nem sempre o ministro dos negocios estrangeiros que o ampregava conhecia o segredo. Luiz XV rei de acanhados pensamentos, e de pequenos meios, não se dedignava de iniciar Favier nas tramas que urdia contra seus proprios ministros. Favier era o intermediario da correspondencia politica que este principe entertinha com o conde de Broglie, contra vontade e intenções do seu gabinete. Tal confidencia mais suspeitada do que conhecida realmente dos ministros, um talento distincto de escriptor, conhecimentos vastos em direito publico, em historia, e na diplomacia, davam a Favier um credito sobre a administração, e uma influencia sobre os negocios mui superior ao seu papel obscuro e á sua desacreditada consideração. Era d'alguma sorte o ministro das intrigas do seu tempo.

IV. — Dumouriez, vendo diante de si fechados os estrados principaes da fortuna resolveu lançar-se nos atalhos, e ligou-se a Favier. Este tambem se ligou a elle. Foi neste commercio dos seus primeiros annos que Dumouriez contraío este caracter d'aventuras e temeridade que toda sua vida lhe deu ao seu heroismo e politica alguma cousa de habil como a intriga e de inconsiderado como um golpe de mão. Favier iniciou-o nos segredos das côrtes, e obteve de Luiz e do duque de Choiseul empregarem os talentos de Dumouriez conjuntamente na diplomacia e na guerra.

Era mesmo a occasião em que o grande patriota corso *Paoli* se esforçava por arrancar o seu paiz á tyrannia da republica de Genova, e a assegurar a este povo uma indepencencia cujo patronato elle alternadamente offerecia á Inglaterra e á França. Chegando Dumouriez a Genova emprehendeu illudir ao mesmo tempo a republica, a Inglaterra e Paoli. Ligou-se com os aventureiros côrsos, conspirou contra Paoli, e desembarcou na ilha á qual convidou á independencia, e conseguio um semiexito. Embarca então n'uma pequena embarcação para vir trazer ao duque de Choiseul esclarecimentos sobre a nova situação da Corsega, e pedir soccorros á França. Retardado por um temporal, arremessado por muito tempo sobre as costas d'Africa, chegou mui tarde a Marselha. O tractado de França com Genova estava já assignado. Dirigio-se em Pariz a casa do seu amigo Favier.

Este confiou-lhe que era o encarregado de redigir uma memoria para demonstrar ao rei e aos ministros a necessidade de sustentar a republica de Genova contra os corsos independentes; que esta memoria lhe fora pedida secretamente pelo embaixador de Genova e por uma creada do quarto da duqueza de Grammont, irmã favorita do duque de Choiseul, interessada, assim como os irmãos da *Dubarry*, nos fornecimentos do exercito; que quinhentos luizes eram para elle o preço desta memoria e do sangue dos corsos; e offereceu uma parte da intriga e dos lucros a Dumouriez. Este finge acceitar, vôa a casa do duque de Choiseul, revela-lhe a manobra, é bem acolhido, julga ter convencido o ministro, e prepara-se a partir para levar aos corsos os subsidios e as armas esperadas. No dia seguinte encontra o ministro já mudado. Expulso da sua audiencia com palavras ultrajantes, Dumouriez retira-se e passa secretamente a Hespanha. Soccorido por Favier que se contentava de o ter illudido, e que tinha dó da sua candura, e coadjuvado pelo duque de Choiseul, conspira com o ministro hespanhol e o embaixador da França a conquista de Portugal, cuja topographia e meios de defesa foi encarregado de estudar militarmente. O marquez de Pombal, primeiro ministro de Portugal concebe suspeitas relativamente á missão de Dumouriez, e obriga-o a sair de Lisboa. O moço diplomata volta para Madrid, e sabe que sua prima, induzida pelos padres, o abandona e vae professar. Liga-se então a outra namorada, rapariga franceza, e filha de um architecto estabellecido em Madrid, e adormece alguns dias a sua actividade nas delicias de um amor corresdondido. Uma ordem do duque de Choiseul o chama a Paris. Hesita. Sua propria amante é que o obriga a dicidir, e sacrifica-se á sua fortuna, como se ella escutasse já de tão longe o pressentimento da sua gloria. Chega a Pariz, e foi nomeado quartel mestre general do exercito francez na Corsega. Alli se distinguio como em toda a parte. A' frente de um destacamento de voluntarios, assenhoreou-se do castello de Corte, unico asylo e habitação pessoal de Paoli. Por sua parte do despojo só quiz a bibliotheca deste infeliz patriota. A escolha destes livros, e as notas que tinham escriptas pela propria mão de Paoli, revelavam um destes caracteres que buscam o seu analogo nas grandes figuras da antiguidade. Dumouriez era digno deste despojo, pois que o apreciava acima do ouro. O grande Frederico apelidava Paoli o primeiro capitão da Europa. Voltaire chamava-lhe o vencedor e o legislador da sua patria. Os francezes envergonhavam-se de o vencer, e a fortuna de o abandonar. Se acaso elle não libertou a sua patria, mereceu immortalisar a sua lucta. Cidadão grande de mais para um povo tão pequeno, não deixou uma gloria á proporção da sua patria, mas sim á proporção das suas virtudes. A Corsega ficou na linha das provincias conquistadas, mas Paoli ficou na conta dos grandes homens.

V. — Dumouriez voltando a Pariz ahi passou um anno na sociedade dos homens de letras e das mulheres de prazer que davam á sociedade daquelle tempo o espirito e o tom de uma orgia decente. Ligado por inclinação do coração a uma antiga companheira da senhora Dubarry elle conhecia esta cortesã que a libertinagem elevara quasi até o throno. Porem dedicado ao duque de Choiseul, inimigo desta amante do rei, e conservando este supplemento á virtude nos francezes, que se denomina honra, não prostituio na corte o seu uniforme: envergonhou-se de ver o velho monarcha, nas revistas de Fontainebleau, marchar a pé, com a cabeça descoberta diante do seu exercito, ao lado da carroagem onde esta mulher fulgurava em toda a sua belleza e imperio. A senhora Dubarry offendeu-se do esquecimento deste moço official: advinhou o desprezo sob a ausencia. Dumouriez foi enviado para a Polonia com o mesmo titulo com que fora mandado a Portugal. Esta missão ao mesmo tempo diplomatica e militar, era um secreto pensamento do rei aconselhado pelo seu confidente, o conde de Broglie, e por Favier, o inspirador do conde.

Era a occasião em que a Polonia ameaçada e meia occupada pela Prussia, abandonada pela Austria ensaiava alguns movimentos incoherentes para reunir os seus dispersos pedaços, e disputar ao menos por fragmentos sua nacionalidade aos seus oppressores: ultimo suspiro da liberdade que movia ainda o cadaver de um povo

O rei receiava ir chocar a imperatriz da Russia Catharina, dar pretextos de hostilidade a Frederico, e suspeitas á corte de Vianna, queria comtudo estender á Polonia moribunda a mão da França; mas occultando essa mão, e mesmo dispondo-se a decepal-a, se fosse necessario. Dumouriez foi o intermediario escolhido para este papel, ministro secreto da França cêrca dos confederados polacos, general em caso de necessidade, para reunir e dirigir seus esforços, porém general aventureiro e reprovado publicamente.

O duque de Choiseul, indignado do aviltamento da França, preparava surdamente a guerra contra a Prussia e a Inglaterra. Esta poderosa diversão na Polonia era, necessaria ao seu plano de campanha, e para isso deu a Dumouriez as suas instrucções confidenciaes; mas despedido do ministerio pelas intrigas da senhora Dubarry e do Senhor de Argenson, o duque de Choiseul foi repentinamente exilado de Versailles antes de Dumouriez chegar á Polonia. A politica de França, mudando com o ministro, derrotava de antemão todos os planos de Dumouriez. Seguio-os comtudo com um ardor e uma preserverança digna de melhor exito. Encontrou o povo polaco envelhecido pela mizeria, escravidão, e habito do jugo estrangeiro; achou os aristocratas polacos corrompidos pelo luxo, adormecidos nas voluptuosidades, gastando em intrigas e em palavras o calor do seu patriotismo nas conferencias e nas confederações d'*Epéries*. Uma mulher de celebre belleza, e d'uma jerarchia elevada, de genio oriental, a condeça de *Mnizeck*, fomentava, prendia e dezatava estes diversos partidos ao alvedrio da sua ambição ou dos seus amores. Alguns oradores patriotas, debalde ahi faziam rezoar as ultimas palavras da independencia. Alguns principes e alguns gentilhomens formavam alguns ajuntamentos sem concerto ou combinação entre si, combatendo mais como partidistas do que como cidadãos, e adornando-se d'uma gloria pessoal sem influencia para a salvação da patria Dumouriez servio-se do ascendente da condeça, esforçou-se por unir estes esforços izolados, formou uma infanteria, creou uma artilheria, apoderou-se de duas fortalezas, ameaçou por toda a parte os Russos dessiminados em diversos corpos pelas vastas planicies da Polonia, aguerriu, disciplinou este patriotismo insubordinado dos insurgentes, e combateu com feliz exito Souwarrow, esse general russo que mais para o diante tinha de ameaçar de tão perto a republica.

Porém o rei da Polonia, Stanisláo, creatura coroada de Catharina, conheceu o perigo d'uma insurreição nacional, que, expulçando os Russos, fazia baquear o seu throno. Paralizou-a propondo aos confederados adherir elle proprio á confederação. Um delles, Bohuez, o derradeiro grande orador da liberdade polaca, recambiou ao rei, n'um sublime discurso, o seu perfido soccorro, e arrastou a unanimidade dos confederados para o ultimo partido que resta aos opprimidos — a insurreição. Ella rebenta; Dumouriez é a alma, vôa de um campo a outro, e dá unidade ao plano do ataque. Cracovia sitiada está prestes a cahir em suas mãos. Russos fogem para a fronteira em desordem. Porém a anarchia, este fatal genio da Polonia, dissolveu promptamente a união dos chefes; uns aos outros se entregam aos esforços reunidos dos Russos. Todos querem ter a honra excluziva de salvar a patria: preferem antes perdel-a do que dever sua salvação a um rival. Sapieha, o chefe principal foi assassinado pelos seus nobres. Pulawski e Mickzenski feridos foram entregues aos Russos. Zaremba trahiu a sua patria. Orginski, o ultimo destes grandes patriotas subleva a Lithuania no mesmo momento em que a pequena-Polonia depõe as armas. Abandonado e fugitivo evade-se para Dantzig e vagueia errante por trinta annos na Europa e na America, levando comsigo sómente a patria no seu coração. A bella condeça de Mnizeck languida de dôr succumbe com a Polonia, Dumouriez lamenta esta heroina, adorada de um paiz onde as mulheres, diz elle, são mais homens do que os mesmos homens. Quebra a sua espada, desesperado para sempre desta aristocracia sem povo, e arremeça-lhe ao partir dalli o nome de *nação asiatica da Europa*.

VI. — Volta a Pariz. O rei e o senhor d'Argenson, para salvarem as apparencias com a Russia e a Prussia lança-o na Bastilha assim como a Favier. Passou ahi um anno a maldizer a ingratidão das cortes e a fraqueza dos reis, e encontra a sua energia natural no retiro e no estudo. O rei troca-lhe a prisão em um exilio na cidadella de Caen. Ahi encontrou Dumouriez n'um convento a prima que amára. Livre e cançada da vida monastica, ella se enterneceu tornando a vêr o antigo amante. Esposou-a. Foi nomeado commandante de Cherbourg. Seu genio activo exerce-se contra os elementos assim como se exerceu contra os homens. Concebeu o plano deste posto militar, que devia emprisionar um mar tempestuoso n'uma bacia de granito, e dar á marinha franceza uma estação na Manche. Passou assim quinze annos de sua vida n'uma domesticidade interna perturbada pelo genio e pela devoção *chagrine* de sua mulher, em estudos militares assiduos mas sem applicação, e nas dissipações da sociedade philosofica e voluptuosa da sua epocha.

A revolução que se aproxima encontra-o indifferente aos seus principios, preparado ás suas vicissitudes. A rectidão do seu espirito fez-lhe logo medir o alcance dos acontecimentos. Comprehende depressa que uma revolução nas idéas deve arrastar as instituições, a menos que essas instituições se não moldem em as novas idéas. Entrega-se sem enthusiasmo á constituição, dezeja a manutenção do throno, não acredita na republica, precente uma mudança de dymnastia, e até mesmo o accusam de a meditar. A emigração, decimando as altas patentes do exercito, faz-lhe praça: foi nomeado general por antiguidade. Conserva-se n'uma medida firme e habil, a igual distancia do throno e do povo, do contra revolucionario e do faccioso, prompto a passar-se com a opinião para a corte ou para a nação, segundo os acontecimentos. Aproxima-se alternativamente, como para tomar o pulso á força nascente, de Mirabeau e de Montmorin, do duque d'Orleans e dos Jacobinos, de La Fayette e dos Girondinos. Nos seus diversos commandos durante estes dias de crise, elle mantem a disciplina pela sua popularidade; transige com o povo insurgente, e coloca-se á frente dos movimentos para os conter. O povo julga-o todo dedicado á sua cauza, o soldado adora-o; detesta a anarchia, mas lisongeia os demagogos. Aplica com felicidade á sua fortuna popular estes manejos habeis, cuja arte Favier lhe tinha ensinado. Vê na revolução uma heroica intriga. Manobra o seu patriotismo como manobraria os seus batalhões n'um campo de batalha. Vê com enthuziasmo aproximar-se a guerra, e advinha de antemão o papel dos heroes. Precente que a revolução, dezertada pela nobreza, e atacada pela Europa inteira, carecerá de um general já formado para dirigir os esforços desordenados das massas que elle subleva. Elle prepara-lhe este chefe. A longa subalternidade do seu genio fatiga-o. Aos cincoenta annos elle ainda tem o fogo dos seus primeiros annos com o sangue frio da edade; o seu oraculo é o ardor do futuro: o vôo de sua alma para a gloria é tão rapido quanto maior foi o tempo perdido que elle deixou atraz de si. Seu corpo, fortificado pelos climas e pelas viagens, presta-se como um instrumento passivo á sua actividade; tudo era juventude nelle, excepto a data da sua vida. Os seus annos estavam gastos, porém não a sua força. Tinha a joventude de Cezar, a impaciencia da sua fortuna e a certeza de a dominar. Para os grandes homens engradecer, é viver; elle não tinha vivido, porque não havia assaz engradecido.

Dumouriez era desta estatura mediana do soldado francez que graciosamente veste o uniforme, ligeiramente o vestuario, vivamente a espada ou a espingarda; ao mesmo tempo lesto e solido, seu corpo conservava a posição destas estatuas de guerreiros, que descançam sobre os seus musculos tendidos, mas que parecem promptos a marchar. Sua actitude era confiante e altiva; todos os seus movimentos promptos como seu espirito. Montava a cavallo sem pesar sobre o estribo, enrolando a clina na mão esquerda. Apeava se d'um salto, e manejava tão vivamente a baioneta do simples soldado como a espada do general. A

cabeça, um pouco inclinada para traz, destacava-se-lhe bem dos hombros; voltava sobre o pescoço com facilidade e nobresa, como a dos homens lestos. Estes altivos movimentos de cabeça engrandeciam-o sobre o seu penacho tricolor. Sua fronte era elevada, bem modelada, apertada nas fontes, e tendida de musculos pelo pensamento e pela resolução. Seus angulos salientes e bem destacados annunciavam a sensibilidade da alma sobre as delicadesas da intelligencia e a for'una do tacto; seus olhos eram pretos, rasgados, cheios de fogo; suas compridas sobrancelhas, que começavam a enbranquecer, revelavam o esplendor, algumas vezes mui dôce; seu naris, e o oval da sua figura eram deste typo aquelino que revela as raças enobrecidas pela guerra e pelo imperio; a boca entreaberta e graciosa, estava quase sempre surrindo-se, nenhuma tensão dos labios trahia o esforço deste caracter brando e deste espirito que brincava com as difficuldades, e vencia os obstaculos; a barba recurvada e pronunciada levava seu rosto como sobre uma base firme e quadrada; expressão habitual da sua figura era uma alegria serena e communicativa. Conhecia-se que nenhum peso de negocios era pesado para ella, e conservava sempre assaz liberdade de espirito para gracejar com a boa ou má fortuna. Tractava sempre alegremente a politica, a guerra, e o governo. O som de sua voz era vibrante, sonóro. Parecia que se lhe ouvia sob o timbre dessa voz o ruido do tambor e o arripio das baionetas. Sua eloquencia era directa, espirituosa, inesperada, feria e deslumbrava como o raio; as suas palavras radiavam no conselho, nas confidencias e na intimidade: esta eloquencia enternecia-se e insinuava-se como a de uma mulher. Era persuasiva, porquê sua alma, mobil e sensivel, tinha sempre no accento a verdade da impressão do momento. Apaixonado pelas mulheres e mui accessivel ao amor, seu commercio havia communicado a sua alma alguma cousa da mais bella virtude deste sexo: a piedade. Não sabia resistir ás lagrimas: as da rainha teriam feito delle um seide do throno; não havia fortuna ou opinião que não sacrificasse a um movimento de generosidade: sua grandesa d'alma não era calculo, era mais do que tudo sentimento. Quanto aos principios politicos, não os tinha: a revolução para elle, não era mais do que um bello drama para fornecer uma grande scena ás suas faculdades, e um papel ao seu genio. Grande homem ao serviço dos acontecimentos, se a revolução não o tivesse escolhido para seu general e salvador, haveria sido igualmente o general e o salvador da colligação. Dumouriez não era o heroe d'um principio, era o heroe da occasião.

VIII. — Os novos ministros reuniram-se em casa da sr.ª Roland, que era a alma do ministerio girondino; Duranton, Lacoste, Cahier-Gerville ahi receberam passivamente o impulso dos homens de quem não eram mais do que empresta nomes no conselho. Dumouriez affectou como elles, nos primeiros dias, uma plena condescendencia aos interesses e ás vontades deste partido. Este partido personificado em casa de Roland n'uma mulher moça, bella, eloquente, devia ter para o general um attractivo de mais. Este esperava dominal-o dominando o coração desta mulher. Desenvolveu para com ella tudo quanto o seu caracter tinha de meigo, a sua natureza de graças, o seu genio de seducções. Porém a senhora Roland tinha contra as seducções do homem de guerra um preservativo que Dumouriez não estava costumado a encontrar nas mulheres que tinha amado: uma virtude austera e uma convicção forte. Não havia senão um meio de captar a admiração da senhora Roland. era excedêl-a em dedicação patriotica. Estes dois caracteres não podiam encontrar-se sem constraste, nem comprehenderem-se sem se despresarem. Para Dumouriez. a senhora Roland não foi bem depressa mais do que uma aspera fanatica; para a senhora Roland, Dumouriez não foi senão um homem devino e presumpçoso. Achava-lhe ella no olhar, no surriso e no tom, uma audacia de triumpho para com o seu sexo que trahia. na sua opinião, os costumes livres das mulheres com quem vivêra. e que offendia a sua modestia. Em Dumouriez achava ella mais de cortesão que de patriota. Esta aristocracia de maneiras desagradava á humilde filha de um gravador; recordava-lhe, talvez, a sua condição inferior, e ás humiliações da sua infancia em Versailles. O seu ideal não era o militar; era o cidadão; uma alma republicana era a unica seducção que pôde conquistar o seu amor. Ainda mais, ella apercebeu-se, desde o primeiro olhar, que este homem era mui grande para passar muito tempo sob o nivel do seu partido; suspeitou-lhe o genio sob as complacencias, a ambição do seu marido depois da primeira entrevista, elle pode bem occultar um amo sob um collega, e expulsar do conselho aquelles que o introduziram. »

IX. — Roland, mui feliz de estar no poder, não entrevia de tão longe a sua desgraça; trasquillisava sua mulher, e fiava-se cada vez mais na fingida admiração de Dumouriez por elle. Acreditava-se o homem de estado do conselho, Sua vaidade satisfeita fasia-o credulo aos avanços de Dumouriez, e até mesmo o enternecia pelo rei. A' sua entrada no ministerio, Roland tinha affectado sob a aspereza dos seus principios e em suas maneiras a rudeza do seu republicanismo. Apresentara-se nas Tuillerias vestido de preto, chapéo redondo, sapatos com ferraduras e cheios de poeira; queria mostrar em si o homem do povo entrando em o palacio no simples trajar de cidadão, e affrontando o homem do throno. Esta muda insolencia devia, em sua opinião, lisongear a nação e humilhar o rei ¿ Os cortesãos indignaram-se, o rei ressentiu-se. — Ah! tudo está com effeito perdido, senhores! dissera elle aos cortesãos; pois que já não ha etiqueta, não ha monarchia! » Este gracejo acabou simultaneamente com a colera da corte e com o effeito da pretenção lacedemoniana de Roland.

O rei não se apercebeu mais da inconveniencia, e tractava Roland com essa cordialidade que lhe franqueava todos os corações. Os novos ministros admiravam-se de se sentirem confiantes e commovidos em presença do rei. Entrando suspeitosos e republicanos na sessão do conselho, saiam dalli quase realistas.

« O rei não é conhecido, disia Roland a sua mulher; principe fraco, é o melhor dos homens. Não são as boas intenções que lhe faltam; são os bons conselhos. Elle não ama a aristocracia! tem inclinação para o povo. Nasceu talvez para servir de transacção entre a republica e a monarchia. Em se lhe fazendo agradavel a constituição, conseguiremos fazer-lhe amal-a. Sua popularidade, que reconquistará entregando-se aos nossos conselhos, a nós proprios tornará tambem facil o governo. Sua natureza é tão boa que o throno não lha pôde corromper; está tão longe de ser o imbecil embrutecido que se põe ao escarneo do povo, como o homem sensivel e perfeito que os seus cortesãos querem fazer adorar nelle; seu espirito, sem ser superior, é estenso e reflectivo. N'um estado obscuro, seu merito seria sufficiente a seu destino. Tem conhecimentos diversos e profundos, conhece os negocios em todos os detalhes, trata os homens com esta habilidade simples mas persuasiva que dá aos reis a necessidade precoce de governar suas impressões Sua prodigiosa memoria recorda-lhe sempre a proposito as cousas, os nomes, e os rostos. Ama o trabalho e lê tudo; nunca está um momento occioso. Pai terno, modelo dos esposos, coração casto, afastou todos os escandalos que manchavam a côrte dos seus predecessores; não ama senão a rainha, e a sua condescendencia, algumas vezes funesta para a sua politica, não é mais do que a fraqueza d'uma virtude. Se nascera dois seculos mais cedo, o seu reinado tranquilo seria contado em o numero dos annos felizes da monarchia. As circumstancias parecem ter actuado sobre seu espirito. A revolução convenceu-o da necessidade que havia della; é preciso agora convencel-o da sua possibilidade. O rei entre nossas mãos pode servil-a melhor do que qualquer outro cidadão do reino! esclarecendo este principe podêmos ser fieis ao mesmo tempo aos seus verdadeiros interesses e aos da nação E' preciso que o rei e a revolução não sejam em nós mais do que um. »

X. — Assim fallava Roland no primeiro deslumbramento do poder. Sua mulher ouvia-o com o surriso da incredulidade dos labios. Seus olhos mais seguros ha-

viam medido logo com o primeiro olhar uma carreira mais vasta e um fim mais decisivo do que esta transacção timida e transitoria entre uma realesa degradada e uma revolução incompleta. Muito lhe haveria custar fazer renuncia do ideal da sua alma ardente; todos seus votos tendiam á republica; todos os seus actos, todos os seus suspiros deviam mesmo contra vontade impellir para ella seu marido e amigos.

« Desconfia da perfidia de todos, e principalmente da tua propria virtude, respondia ella ao fraco e orgulhoso Roland. Vives n'este mundo das côrtes onde tudo não passa de ser apparencias, é onde especialmente as superficies mais polidas occultam combinações as mais sinistras possiveis. Tu não passas de ser um honrado burguez perdido entre estes cortezãos, uma virtude em perigo no meio de todos estes vicios. Fallam a nossa linguagem e nós não sabemos a sua; por tanto como não hão de enganar-nos? Luiz XVI de uma raça corrompida, sem elevação do espirito, sem energia na vontade, deixou-se garrotear na joventude pelos prejuizos religiosos que ainda lhe dominam a alma; arrastado por uma rainha inconsiderada, que junta á insolencia austriaca a embriaguez da formosura e da hierarchia suprema, que faz da sua côrte secreta e corrompida o santuario das suas voluptuosidades e o culto dos seus vicios, este principe, cego de um lado pelos padres e do outro pelo amor, segura nas suas mãos ao acaso as redeas fluctuantes do imperio que se lhe escapa. A França esgotada de homens não lhe sujeita, nem em Mauressas, nem em Necker, nem em Calonne, um ministro capaz de o dirigir; a aristocracia que está esterilisada não produz senão escandalos. E' preciso pois que o governo se retempere n'uma camada mais sã e mais profunda da nação. O tempo da democracia chegou, para que retardal-o! Vós sois os seus homens, ou suas virtudes, os seus caracteres, as suas luzes; a revolução está na vossa rectaguarda, sauda-vos e impelle-vos, e vós entregais-la confiante e enganada ao primeiro sorriso de um rei, por elle ter a bonhomia de um homem do povo! Não, Luiz XVI meio desthronado pela nação, não póde amar a constituição que o encadeia; póde fingir acariciar os seus ferros, mas cada um dos seus pensamentos aspira ao momento de os sacudir. Seu unico recurso hoje é protestar inclinação á revolução, e adormecer os ministros que a revolução encarrega de vigiar de perto as suas tramas. Este fingimento é a derradeira e a mais perigosa de todas as conspirações do throno. A constituição é a deposição de Luiz XVI, e os ministros patriotas são os que o vigiam. Não ha grandeza abatida que ame a sua deposição, nem homem que ame a sua humilhação. Acredita, Roland, em a natureza humana que é a unica que nunca engana, e desconfia das côrtes. Tua virtude está alta do mais para poderes vêr os laços que os cortezãos armam sob teus passos!

XI. — Similhante linguagem abalava Roland, Brissot, Condorcet, Vergniaud, Gensonné, Guadet, e Buzot especialmente, amigo e confidente mais intimo da senhora Roland, fortificavam nas reuniões da noite a desconfiança do ministro. Armava-se n'estas reuniões de nova desconfiança. Entrava no conselho com a sobrancelha mais carregada, e um estoicismo mais implacavel: o rei desarmava-o pela sua franqueza, Demouriez desanimava-o pela sua alegria, o poder embrandecia-o pelo prestigio. Elle pactuava com as duas grandes difficuldades do momento: a dupla sancção que se devia alcançar do rei para os decretos que mais repugnavam ao seu coração e á sua consciencia, o decreto contra os emigrados e o decreto contra os padres não juramentados. Finalmente elle contemporisava tambem com a guerra.

Em quanto durava esta tergiversação de Roland e seus collegas, Dumouriez apoderava-se do rei e do favor publico, tanto o segredo da sua conducta estava n'aquella frase que elle havia dito pouco tempo antes ao senhor de Montmorin n'uma conferencia secreta com este ministro: « Se eu fôra rei de França zombaria com todos os partidos postando-me á frente da revolução. »

Esta frase continha a unica politica que podia salvar Luiz XVI. N'um tempo de revolução, qualquer rei que não é revolucionario fica inevitavelmente despedaçado entre os dois partidos; um rei neutro não reina, um rei perdoado rebaixa o throno, um rei vencido pelo seu povo não tem outro refugio senão no exilio ou no cadafalso. Dumouriez conhecia ser necessario primeiro que tudo convencer o rei da dedicação intima á sua pessoa, pôl-o na confiança, e por assim dizer na cumplicidade do papel patriotico que se propunha representar, fazer-se o intermidario secreto entre as vontades do monarcha e as exigencias do conselho, e dominar assim o rei pela sua influencia sobre os girondinos, e os girondinos pela sua influencia sobre o rei. Este papel de favorito da desgraça e de protector de uma rainha perseguida agradava tanto á sua ambição como ao seu coração. Militar, diplomata, gentilhomem, havia na sua alma um sentimento pela realeza caida em desgraça mui differente do sentimento do ciume satisfeito que se manifestava na alma dos girondinos. O prestigio do throno existia para Dumouriez; o prestigio da liberdade era a unica cousa que existia para os girondinos. Esta gradação revellada logo na atitude, na lingoagem, no gesto não escapou por muito tempo á observação de Luiz XVI. Os reis possuem o duplo tacto, e o infortunio torna-lh'o mais delicado. Os infelizes descobrem a piedade logo n'um olhar. E' a unica homenagem que lhes é permittido receber, e por isso d'ella são tanto mais ciosos. N'uma conversação secreta o rei e Dumouriez revelaram-se um ao outro.

XII. — As apparencias turbulentas de Dumouriez nos seus commandos da Normandia, a amizade de Gensonné, o favor que os jacobinos lhe dispensavam, tinham prevenido Luiz XVI contra o seu novo ministro. Este, por sua parte, esperava encontrar no rei um espirito rebelde á constituição, um coração ressentido dos ultrajes do povo, um espirito limitado pela rutina, um caracter violento, um exterior brusco, uma palavra imperiosa e offensiva para aquelles que se aproximavam d'elle. Era o retrato d'este desgraçado principe feito ás avessas. Para o fazer aborrecido da nação mister era desfigural-o.

Dumouriez encontrou n'elle, n'aquelle dia, e durante os tres mezes do seu ministerio, um espirito recto, um coração aberto a todos os sentimentos benevolos, uma politica affectuosa, uma longanimidade e uma paciencia que desafiavam as calamidades da sua situação. Unicamente uma timidez extrema, resultado do longo recolhimento em que Luiz XV havia sequestrado a joventude d'este principe, comprimia os vôos do seu coração, e dava-lhes á lingoagem e communicação com os homens uma sequidão e embaraço que lhe tiravam a graça das suas qualidades. Com uma coragem reflectida e impassivel, elle fallou muitas vezes com Dumouriez relativamente á sua morte como d'um acontecimento provavel e fatal, cuja prespectiva não alterava a sua severidade, e não lhe impedia de cumprir até ao fim com os seus deveres de pai e de rei.

« *Sire* » lhe disse Dumouriez abordando-o com esto enternecimento cavalheiresco que a compaixão ajunta ao respeito, e com esta phisionomia onde o coração falla mais do que a propria lingoagem, « já abandonastes as prevenções que suscitaram contra mim. Ordenaste-me por via do senhor de Laporte, que acceitasse o posto que havia recusado. — Sim, disse o rei. — Pois bem! acabo de me dedicar todo inteiro ao vosso serviço da vossa salvação. Mas o papel de ministro hoje não é o mesmo que em outro tempo. Sem cessar de ser o servidor do rei, sou o homem da nação. Fallar-vos-hei sempre a lingoagem da liberdade e da constituição. Permitti que, para melhor vos servir, eu me reconcentre sempre tanto em publico como em conselho no que o meu cargo tem de constitucional, que evite todas as relações que pareçam revelar a dedicação pessoal que tenho por vos. Romperei a este respeito todas as etiquetas; não vos farei a côrte; no conselho contrariarei as vossas vontades; nomearei para representarem a França no estrangeiro homens dedicados á nação. Quando a vossa repugnancia á minha escolha fôr vencida e motivada obdecerei. Se essa repugnancia fôr até o ponto de comprometter a salvação da patria e a vossa, supplicar-vos-hei permittirdes que me retire.

e me nomeeis um successor. Pensai nos perigos terriveis que sitiam o vosso throno. E' preciso reassegural-o sobre a confiança da nação na sinceridade da vossa adhesão á revolução. E' uma conquista que unicamente depende de vós fazel-a. Tenho preparado quatro despachos neste sentido aos embaixadores. Fallo nelles uma linguagem desusada nas relações de cortes para cortes, a lingoagem de uma nação offendida e resoluta. Heide lel-os esta manhã em conselho. Se aprovardes o meu trabalho, continuarei a fallar assim, e obrarei no sentido das minhas palavras; senão, a minha equipagem está prompta, e não podendo servir-vos com os meus conselhos, irei aonde as minhas inclinações e os meus estudos de trinta annos me chamam, servir a minha patria nas armas.»

O rei admirado e enternecido, respondeu-lhe: «Estimo a vossa franqueza, sei que me sois dedicado, e espero tudo dos vossos serviços. Haviam-me impressionado bastante contra vos, este momento faz esquecer-me completamente dessas impressões. Obrai segundo vosso coração o pedir, e os interesses da nação, que tambem são os meus.» Dumouriez retirou-se, mas sabia que a rainha, adorada de seu marido prendia a politica do rei na paixão e mobilidade da sua alma. Desejava e temia ao mesmo tempo uma entrevista com esta princeza. Uma palavra della podia fazer prosperar ou distruir a atrevida empreza que elle ousara formar de reconciliar o rei com a nação.

XIII. — A rainha mandou chamar o general aos seus quartos mais reservados. Dumouriez encontrou-a sósinha, com as faces animadas pela emoção de uma lucta interna e passeando vivamente pelo quarto como alguem a quem a agitação dos pensamentos ordena o movimento do corpo. Dumouriez foi postar-se em silencio ao canto da chaminé na atitude do respeito e da dôr que a presença de uma princeza tão augusta, tão bella, e tão desgraçada lhe inspirou. Ella veio ter com elle com um ar magestoso e irritado.

«Senhor» lhe disse ella com este accento que revella ao mesmo tempo o ressentimento do infortunio e o desprezo da sorte, » vós sois omnipotente neste momento, mas é pelo favor do povo, que despedaça bem depressa os seus idolos.» Não esperou a resposta e continuou: » A vossa existencia depende do vosso comportamento. Diz-se que tendes muitos talentos. Deveis julgar que nem o rei nem eu podemos soffrer todas estas novidades da constituição. Declarovol-o francamente. Assim tomai o vosso partido. — Senhora, respondeu Dumouriez confundido, estou aterrado da perigosa confidencia que vossa magestade acaba de me fazer; não a trahirei; porém estou entre o rei e a nação, e pertenço á minha patria. Permitti vos represente, continuou Dumouriez com uma insistencia respeitosa, que a salvação do rei, a vossa, e a dos vossos filhos, o restabelecimento mesmo da authoridade real estão ligadas á constituição. Estais cercados de inimigos que vos sacrificam aos seus proprios interesses. Somente a constituição, assegurando-se, vos pode defender, fazendo a felicidade e a gloria do rei — Isto não durará; tomai cautella em vós! « replicou a rainha com um olhar de colera e ameaça. Dumouriez entendeu descobrir neste olhar e nesta phrase uma allusão aos perigos pessoaes e uma insinuação ao medo. «Tenho mais de cincoenta annos, senhora,» replicou elle em voz baixa e com um tom onde a firmeza do soldado se unia ao enternecimento do homem: «atravessei bastantes perigos na minha vida; acceitando o ministerio, bem comprehendi que a minha responsabilidade não era o maior dos meus perigos — Ah! exclamou a rainha com um gesto de horror, não me faltava mais do que essa calumnia e esse opprobrio: pareceis acreditar que sou capaz de vos fazer assassinar! « As lagrimas de indignação embargaram-lhe a voz. Dumouriez, tão commovido como a rainha, lançou para longe de si esta odiosa interpretação dada a sua resposta. « Deus me preserve, senhora, de vos fazer tão cruel injuria! vossa alma é grande e nobre, o heroismo que haveismostrado em taes circumstancias me ha para sempre dedicado a vós. « A rainha acalmou um momento, e encostou a mão no braço de Dumouriez em signal de reconciliação

O ministro aproveitou este regresso de serenidade e confiança para dar a Maria Antoniette os conselhos, cuja sinceridade eram attestados pela emoção de suas feições e da sua voz. « Acreditai-me, senhora, não tenho nenhum interesse em enganar-vos, aborreço tanto como vós a anarchia e os seus crimes; mas tenho experiencia, vivo no meio dos partidos, estou envolvido nas opiniões, toco no povo, estou melhor collocado do que Vossa Magestade para julgar o alcance e a direcção dos acontecimentos. Isto não é um movimento popular como parece acreditardes; é a insurreição quase unanime de uma grande nação contra uma ordem de cousas inveterada e em decadencia. As grandes facções atiçam o incendio, ha em todas ellas escelerados e loucos. Eu na revolução não vejo senão o rei e a nação. O que tende a separal-os perde a ambos. Quero reunil-os. A vós pertence ajudar-me. Se acaso sou um obstaculo aos vossos designios, e se presistis nelles, dizei-mo, no mesmo instante eu me retiro, e vou longe daqui gemer sobre a sorte da patria e a vossa. « A rainha enterneceu-se e convenceu-se. A franqueza de Dumouriez agradou-lhe e arrastou-a. Este coração de soldado respondia-lhe com palavras de homem de estado. Firme, brava, heroica, ella amava mais esta espada no conselho do rei do que estes politicos e estes oradores de lingoa dourada, porém vergando sempre a todos os ventos da opinião e da sedição. Uma intima confiança se estabeleceu entre a rainha e o general.

A rainha foi por algum tempo fiel ás suas promessas. Os repetidos ultrajes do povo a lançaram a seu pezar na colera e na conspiração. «Vede! dizia ella um dia ao rei em presença de Dumouriez apontando com a mão o cume das arvores das Tuilerias; » prisioneira neste palacio, não me atrevo a apparecer á minha janella do lado do jardim. A multidão que ahi está sempre, e que espia até mesmo as minhas lagrimas, apupa-me quando ahi appareço. Hontem, para aspirar o ar, mostrei-me á janella do lado do pateo; um artilheiro da guarda apostrafou-me com uma injuria infame... Que prazer eu não teria, accrescentou elle, em vêr a tua cabeça na ponta da minha baioneta!... Neste cruel jardim, vê-se de um lado um homem subido a uma cadeira e vociferando as injurias mais odiosas contra nós ameaçando com o gesto os habitantes do palacio; de outro lado, um militar ou um padre a quem a multidão amotinada arrasta ao tanque acabrunhando o de golpes e de ultrajes. Durante esse mesmo tempo e a dous passos destas scenas sinistras, outros jogam e passeiam tranquillamente pelas alamedas. Que habitação! que vida! que povo!» Dumouriez não podia mais do que gemer com a familia real e aconselhar-lhe a paciencia. Porém a paciencia das victimas cança-se mais depressa do que a crueldade dos algozes. Podia acaso pedir-se de boa fé que uma princeza corajosa, altiva, nutrida da adoração da sua côrte e do mundo, amasse na revolução o instrumento das suas humiliações e dos seus supplicios, e visse neste povo indifferente ou cruel uma nação digna do imperio, e da liberdade!

XIV. — Concertadas as suas medidas com a corte, Dumouriez não hesitou em atravessar todo o espaço que separava o rei do partido extremo, e arremeçar o governo a pleno patriotismo. Contrahiu relações com os jacobinos, e apresentou-se atrevidamente na sua sessão do dia seguinte. A sala estava cheia, e Dumouriez feriu as tribunas de admiração e de silencio pela sua apparição. Sua figura marcial e a impetuosidade do seu andar ganham-lhe de antemão o favor da assembléa. Ninguem suspeita que tanta audacia occulte tanto estratagema. Não se vê nelle senão o ministro que se entrega ao povo, e os corações abrem-se para o receberem.

Era o momento em que o barrete vermelho, symbolo das opiniões as mais extremas, especie de libré do povo envergada pelos seus demagogos e lisongeiros, acabava de ser adoptado quasi pela unanimidade dos jacobinos. Este signal, como muitos signaes similhantes que as revoluções tomam da mão do acaso, era um mysterio para aquelles mesmos que o usavam. Havia-se visto arvorado pela primeira vez no dia do triumpho dos soldados de Chateauvieux. Uns diziam que era a cobertura dos forçados, infame n'outro tempo, gloriosa depois

que tinha coberto a cabeça destes martyres da insurreição; accrescentava-se que o povo tinha querido purificar de toda a infamia este barrete usando-o elle mesmo. Outros viam nelle o barrete phrygio, symbolo da alforria dos escravos.

O barrete vermelho, desde o primeiro dia, tinha sido motivo de disputas e divisões entre os jacobinos. Os exaltados cobriam-se com elle, os moderados e os homens pensadores abstinham-se de usal-o. Dumouriez não hesita, sobe á tribuna, assenta na sua cabeça este signal de patriotismo, toma o uniforme do partido mais pronunciado. Esta eloquencia muda, mas significativa, faz rebentar o enthusiasmo em todos. « Irmãos e amigos, disse Dumouriez, todos os momentos da minha vida vão ser consagrados a fazer a vontade do povo, e a justificar a escolha do rei constitucional. Levarei aos negocios todas as forças de um povo livre, e estas negociações hão de produzir dentro em pouco uma paz solida ou uma guerra decisiva (*applausos*). Se tivermos esta guerra, quebrarei a minha penna politica e tomarei o meu posto no exercito para triumphar ou morrer livre com os meus irmãos! Um grande fardo pesa sobre mim! Irmãos, ajudai-me a supportal-o. Tenho necessidade de conselhos: dai-m'os pelos vossos jornaes; dizei-me a verdade, as verdades ainda as mais duras! Porém repelli a calumnia, e não regeiteis um cidadão que conheceis sincero e intrepido, e que se dedica á causa da revolução e da nação! »

O presidente respondeu ao ministro que a associação se gloriava de o contar entre seus irmãos. Estas palavras levantaram um susurro. Este susurro foi abafado pelas acclamações que seguiram Dumouriez até ao seu logar. Pediu-se a impressão dos dois discursos. Legendre oppôz-se sob pretexto de economia: foi apupado pelas tribunas. « Para que estas honras inusadas, e esta resposta do prezidente ao ministro? disse Collot-d'Herbois. Se vem aqui como ministro, não ha nada a responder-lhe. Se vem como filiado e como irmão, não faz mais do que o seu dever, e põe-se ao nivel das nossas opiniões. Não ha senão uma resposta a dar-lhe: que obre como fallou. » Dumouriez ergueu a mão e fez o gesto das palavras de Collot-d'Herbois.

Robespierre levantou-se, sorriu-se severamente para Dumouriez e fallou assim: « Eu não sou daquelles que julgam que é absolutamente impossivel que um ministro seja patriota, e mesmo acceito com prazer os presagios que o sr. Dumouriez nos dá! Quando houver verificado estes presagios, quando tiver dissipado os inimigos armados contra nós pelos seus predecessores e pelos conjurados que dirigem ainda hoje o governo apesar da expulsão de alguns ministros, então, sómente então, estarei disposto a votar-lhe os elogios de que será digno, e mesmo então eu não pensarei que todo o bom cidadão desta sociedade não seja seu igual. O povo é o unico grande, o unico respeitavel aos meus olhos! os *hochets* do poder ministerial desvanecem-se diante delle. E' pelo respeito pelo povo, pelo proprio ministro, que peço se não marque a sua entrada aqui por homenagens que attestaram a deposição do espirito publico. Pede-nos conselhos para os ministros. Prometto da minha parte dar-lh'os uteis a elles e á causa publica. Todo o tempo que o sr. Dumouriez, por meio de provas brilhantes de patriotismo, e especialmente por verdadeiros serviços á patria, provar que é o irmão dos bons cidadãos, e o defensor do povo, terá aqui sustentaculos. Não temo para esta sociedade a presença de nenhum ministro, mas declaro que no momento em que algum ministro ahi tiver mais ascendente do que um cidadão, pedirei o seu ostracismo. Espero que não aconteça assim! »

Robespierre desceu. Dumouriez lançou-se nos seus braços. A assembléa ergueu-se toda, as tribunas sellaram com os seus applausos estes abraços fraternaes. Viu-se nisto o agouro da união do poder e do povo. O presidente Doppet leu, com o barrete vermelho na cabeça, uma carta de Pethion á sociedade sobre a nova carapuça adoptada pelos patriotas. Pethion pronunciava-se contra esta insignia superflua de civismo. « Este signal, disse elle, em logar de augmentar a vossa popularidade, assusta os espiritos e serve de pretexto a calumnias contra vós. O momento é grave, as demonstrações do patriotismo devem ser graves como a occasião. São os inimigos da revolução que a impellem a estas frivolidades para terem o direito de accusar depois de leviandade e de inconsequencia. Dão assim ao patriotismo as apparencias de uma facção. Estes signaes dividem aquelles que é preciso fazer reunir. Qualquer que seja a voga que os aconselha hoje, nunca serão universalmente adoptados. Todo o homem apaixonado pelo bem publico ha de ser sempre indifferente a um barrete vermelho. Sob esta fórma, a liberdade não será nem mais bella, nem mais magestosa, mas os signaes mesmo com que a adornaes servirão de pretexto ás divisões entre os seus filhos. Uma guerra civil principiando pelo sarcasmo, e acabando pelo sangue derramado póde travar-se por uma manifestação ridicula. Entrego estas idéas ás vossas reflexões. »

XV. — Durante a leitura desta carta, o presidente, homem timorato, e que pressentia nos conselhos de Pethion a vontade de Robespierre, havia subrepticiamente feito desapparecer da sua cabeça o signal repudiado. Os membros da sociedade iam imitando um a um e seu exemplo. Robespierre, que era o unico que não tinha adoptado o *hochet* da moda, e com o qual Pethion havia concertado a sua carta, subiu á tribuna, e disse: « Respeito como o maire de Paris tudo quanto é a imagem da liberdade, porém nós temos um signal que nos recorda incessantemente o juramento de vencer livres ou morrer, e este signal eil-o aqui (amostra o laço.) Depondo o barrete vermelho, os cidadãos que o tinham adoptado por louvavel patriotismo não perderão nada. Os amigos da revolução continuarão a reconhecer-se pelo signal da rasão e da virtude! Estes emblemas são unicamente nossos; todos os outros pódem ser imitados pelos aristocratas e pelos traidores! Recordo-vos em nome da França o estandarte que é o unico a impôr aos seus inimigos! Não conservemos senão o laço e a bandeira com que a constituição nasceu! »

O barrete vermelho desappareceu da salla. Mas nem a propria voz de Robespierre, nem a resolução dos jacobinos poderam fazer parar o elan vôo que havia levado este signo da *egualdade vingadora* sobre todas as cabeças. Na mesma noite em que era repudiado nos jacobinos se inaugurava nos theatros. O busto de Voltaire, destruidor dos prejuisos, foi coberto com o barrete phrygio entre os applausos dos expectadores. O barrete vermelho e o pique vieram a ser um o uniforme, e o outro a arma do soldado cidadão. Os girondinos, que repugnaram este signal em quanto lhes pareceu a libré de Robespierre, começaram a escusal-o desde que Robespierre o repelliu. O proprio Brissot, dando conta desta sessão, dá um sentimento a este symbolo, porque, « adoptado, disse elle, pela parte a mais indigente do povo, elle viera a ser a humilhação da riqueza e o medo da aristocracia. » A divisão destes dois homens cada dia era maior, e não havia assaz logar nem nos jacobinos, nem na assembléa, nem no poder, para estas duas ambições que se disputavam a dictadura da opinião.

A nomeação dos ministros feita toda inteira sob a influencia dos girondinos, os conselhos reunidos em casa da senhora Roland, a presença de Brissot, de Guadet, de Vergniaud, nas deliberações dos ministros, seus amigos elevados a todos os empregos, serviam todos de texto ás obrurgações em voz baixa dos jacobinos exaltados. Apellidavam-se estes jacobinos *montanhezes* por allusão aos bancos elevados da assembléa onde tinham assento os amigos de Robespierre e de Danton. Recordai-vos, diziam elles, da sagacidade de Robespierre, quasi similhante ao dom de profecia, quando respondendo a Brissot que atacava o ex-ministro de Lessart, lançava ao chefe girondino esta allusão tão depressa justificada: — A mim que não especúlo o ministerio nem por mim, nem pelos meus amigos... » D'outra parte os jornaes girondinos cobriam de oprobrio este punhado de calumniadores e pequenos tyrannos que se assimilhavam a Catilina pelos seus crimes, se não se assimilhassem pela sua coragem. Assim começava a guerra pela injuria.

O rei, apenas o ministerio se completou, escreveu á as-

sembléa uma carta mais similhante a uma abdicação entre as mãos da opinião do que ao acto constitucional de um poder livre. Esta resignação humilhada seria acaso uma affectação de servidão, um signal de abaixamento e de constrangimento feito do alto do throno ás potencias armadas, para ellas comprehenderem que elle não estava livre, e não vissem nelle mais do que o automato coroado dos jacobinos? Eis a tal carta.

«Profundamente tocado das desordens que affligem a França, e do dever que me impõe a constituição de velar na manutenção da ordem e da tranquillidade publica, não tenho cessado de empregar todos os meios que ella põe no meu poder para fazer executar as leis; escolhi para meus primeiros agentes os homens que a honestidade dos seus principios e suas opiniões tornavam recommendaveis. Sahiram do ministerio, e julguei dever substituil-os por homens acreditados pelas suas opiniões populares. Muitas vezes me haveis repetido que este partido era o unico meio de conseguir o restabellecimento da ordem, e a execução das leis, e julguei dever entregar-me a elle, a fim de que não reste pretexto á malevolencia de duvidar do meu sincero desejo de concorrer para a prosperidade e felicidade sincera do meu paiz. Nomiei para o ministerio das contribuições ao sr. Claviére, e para o do interior ao sr. Roland. A pessoa que nomiei para o ministerio das justiças pediu-me que fizesse outra escolha, e quando a houver feito, terei cuidado de informar a assembléa nacional...

«*Assignado*: LUIZ.»

A assembléa recebeu com acclamação esta mensagem. Assenhoreada do rei, ella podia fazer delle um instrumento de regeneração. A mais perfeita harmonia parecia reinar no conselho. O rei espantava os novos ministros pela sua assiduidade e aptidão nos negocios. Fallava a cada um a sua lingoagem. Questionava Roland sobre as suas obras, Dumouriez sobre as suas aventuras, Claviére sobre finanças; illudia as questões irritantes da politica geral. A senhora Roland reprehendia estas conversas a seu marido: compromettia-o a utilisar o tempo, precisar as discussões, e ter um registro authentico dellas para salvar um dia a sua responsabilidade. Os ministros concordaram reunir-se em casa della a jantar quatro dias por semana, antes do conselho, para ahi combinarem seus actos e lingoagem em presença do rei.

Era nestes conselhos intimos que Buzot, Guadet, Vergniaud, Gensonné, e Bressot sopravam aos ministros o espirito do seu partido, reinavam anonymos sobre a assembléa e sobre o rei. Dumouriez não tardou a tornar-se-lhe suspeito. Seu espirito escapava-se-lhe áquelle imperio pela sua grandeza, e o seu caracter ao fanatismo pela sua brandura. A senhora Roland, sedusida pela sua ellegancia, não o admirava sem remorsos: conhecia que o genio deste homem era necessario ao seu partido, mas que o genio sem virtude seria fatal á republica. Semeava suas desconfianças contra Dumouriez na alma dos seus amigos. O rei addiava continuamente a sancção que os girondinos lhe pediam aos decretos da assembléa contra os emigrados e os padres. Prevendo que os ministros teriam cedo ou tarde que dar uma conta severa ao publico destas sancções addiadas, a senhora Roland queria tomar suas medidas com a opinião. Persuadiu a seu marido que escrevesse ao rei uma carta confidencial cheia das mais austeras lições de patriotismo, de a lêr mesmo em conselho diante deste principe, e de guardar uma copia que Roland faria publica no momento opportuno, para servir de acto de accusação contra Luiz XVI e de justificação para elle proprio. Era precaução perfida contra a perfidia da corte, era odiosa como um laço, e covarde como uma denuncia. Só a paixão, que turba a vista da alma, podia cegar uma mulher generosa sobre a natureza de similhante acto; porém o espirito de partido tem o logar de moral, de justiça, e tambem da virtude. Esta carta era uma arma occulta com que Roland se reservava ferir de morte a reputação do rei salvando a propria. Sua mulher redigiu a carta depois de a ter inspirado. Este foi seu unico crime, ou antes foi o unico desvio do seu odio, e foi tambem o seu unico remorso junto ao cadafalso.

XVI. — Sire, dizia Roland nesta famosa carta, as cousas não podem ficar no estado em que estão: é um estado de crise, é preciso sair delle por uma explosão qualquer. A França deu-se uma constituição, a minoria mina-a, a maioria defende a. D'ahi se segue uma lucta encarniçada onde ninguem fica indifferente. Gosaveis da authoridade suprema, não tendes podido perdêl-a sem pesar. Os inimigos da revolação fazem entrar em seus calculos os vossos presumiveis sentimentos. Vosso favor secreto faz a força delles. Deveis hoje alliar vos aos inimigos ou aos amigos da constituição? Pronunciai uma vez por todas. Realeza, clero, nobreza, aristocracia, devem aborrecer as mudanças que os destruiram; por outro lado o povo vê triumphar seus direitos na revolução, e não soffrerá que lhos arranquem. A declaração dos direitos veio a ser o novo evangelho. A liberdade é d'aqui em diante a religião do povo. Neste choque de interesses oppostos, todos os sentimentos se hão feito extremos; as opiniões tem tomado a linguagem da paixão. A patria não é já uma abstracção, é um ser real e verdadeiro, ao qual todos se ligam pela felicidade que ella promette e pelos sacrificios que se lhe tem feito. A que ponto este patriotismo se vai exaltar no momento proximo em que as forças inimigas de fora se vão combinar, para o atacar, com as intrigas do interior! A colera da nação será terrivel se a nação não tomar confiança em vos.

«Porém, esta confiança não a conquistareis vós meramente por palavras; são precisas obras. Dai penhores resplandecentes da vossa sinceridade. Por exemplo, dous decretos importantes foram lavrados: ambos interessam á salvação do estado, a demora da sanção delles excita a desconfiança. Tomai cautella! a desconfiança não está longe do odio, e o odio não recua diante do crime. Se não derdes satisfação á revolução, ella será cimentada pelo sangue. As medidas desesperadas que se poderia aconselhar para intimidar Pariz, para dominar a assembléa, não faziam senão desenvolver esta sombria energia mãi das grandes dedicações e dos grandes attentados (aqui dirigia-se indirectamente a Dumouriez para lhe aconselhar medidas de firmeza). Enganam-vos, sire, representando-vos a nação como hostil ao throno e a vós. Amai, servi a revolução, e este povo a amará em vos. Os padres desapossados agitam os campos, rectificai as medidas proprias a abafar seu fanatismo. Pariz está inquieta a respeito da sua segurança, sancionai as medidas que chamam um acampamento para junto dos seus muros. Alguma demora mais, e todos verão em vós um conspirador e um cumplice. Justos Céos! havereis ferido os reis de cegueira! Eu sei que a lingoagem da verdade é raramente acolhida cerca do throno; sei tambem que é o silencio da verdade nos conselhos dos reis o que tantas vezes torna necessarias as revoluções. Como cidadão e como ministro, devo a verdade ao rei, nada me impedirá de lha fazer ouvir. Peço que haja aqui um secretario de conselho para registar as vossas deliberações. E' preciso para os ministros responsaveis um testimunho de suas opiniões! Se este testimunho existisse eu não me dirigiria por escripto a vossa magestade!»

Nesta carta a ameaça não era menos evidente que a perfidia, e a ultima phrase indicava, em termos equivocos, o odiento uso que Roland se reservava fazer della um dia. A magnanimidade de Vergniaud sublevára-se contra este passo do principal ministro girondino. A lealdade militar de Dumouriez indignou-se. O rei ouviu a leitura com a impassibilidade de um homem costumado a devorar a injuria. Os girondinos receberam a confidencia deste passo nos conciliabulos secretos da senhora Roland, e Roland guardou copia para se cobrir com ella no dia da sua queda.

XVII. — Nessa mesma occasião, relações secretas, ignoradas do proprio Roland, se estabeleciam entre os tres chefes girondinos Vergniaud, Guadet, Gensonné e o palacio, por intermedio de Boze, pintor do rei. Uma carta, destinada a ser apresentada ao rei, fôra escripta por elles. O armario de ferro a guardou para o dia da accusação «Vós nos perguntais, diziam nesta carta, qual é nossa opinião sobre o estado da França, e escolha das medidas proprias a salvar a causa publica. Interrogados

por vós sobre tamanhos interesses, não hesitamos em responder-vos: A conducta do poder executivo é a causa de todo o mal. Enganam o rei persuadindo-o de que são os clubs e as facções que entretêem a agitação publica. E' collocar a causa do mal nos symptomas. Se o povo estivesse confiante na lealdade do rei, elle se acalmaria, e as facções morreriam por si mesmo. Mas tanto que os conspiradores de fora e de dentro parecerem favorecidos pelo rei, as desordens renascerão e hão de aggravar-se com toda a desconfiança dos cidadãos. O estado actual das cousas marcha evidentemente a uma crise cujas probabilidades são todas contra a realeza. Faz-se do chefe de uma nação livre um chefe de partido. O partido opposto deve consideral-o, não como um rei, mas como um inimigo. Que exito se pode esperar das manobras tramadas com o estrangeiro para restaurar a authoridade do throno? Daria ao rei a apparencia de uma usurpação violenta sobre os direitos da nação. A mesma força que teria servido para esta restauração violenta seria necessaria para mantel-a.

Seria a guerra civil em permanencia. Ligados como somos aos interesses da nação dos quaes nunca separaremos os do rei, pensâmos que o unico meio que elle tem para prevenir os malles que ameaçavam o imperio e o throno, é confundir-se com a nação. Novas protestações não serão sufficientes; é preciso actos. Que o rei renunc e a qualquer augmento de poder que se lhe offereça por via do soccorro estrangeiro. Que obtenha dos gabinetes hostis á revolução o afastamento das tropas que se reunem em as nossas fronteiras. Se isto fôr impossivel, então que elle proprio arme a nação e a subleve contra os inimigos da constituição. Que escolha os seus ministros entre os homens mais pronunciados da revolução. Que offereça as espingardas e os cavallos da sua propria guarda. Que faça publica a contabilidade da lista civil, provando assim que o seu thesouro secreto não é a fonte de conspirações contra revolucionarias. Que sollicite em pessoa uma lei sobre a educação do principe real, e que se faça educal-o no espirito da constituição. Que retire finalmente ao senhor de La Fayete o seu commando do exercito. Se o rei tomar estas resoluções, e presistir com firmeza, a constituição será salva!»

Esta carta, entregue ao rei por Thierri, não fôra provocada por este principe. Irritou-se do soccorro que lhe davam: «Que querem estes homens? disse elle a Boze. Tudo quanto me aconselham não o tenho eu feito? Não escolhi patriotas para ministros? Não repelli o soccorro estrangeiro? Não desmenti meus irmãos? Não tenho impedido quanto está em meu poder a colligação armada nas fronteiras? Não sou, depois da acceitação da constituição mais fiel do que os facciosos ao meu juramento?»

Os chefes girondinos, ainda indecisos entre a republica e a monarchia, tacteavam assim o poder, já na assembléa, já no rei, promptos a agarral-o onde o encontrassem. Não o achando do lado do rei, julgaram que havia mais segurança em minar o throno do que em o consolidar; voltaram-se cada vez mais para os facciosos.

XVIII. — Com tudo, meio senhores do conselho por via de Roland, de Claviere, e de Servan, que tinha succedido a Grave, levavam até certo ponto a responsabilidade destes tres ministros. Os jacobinos principiavam a pedir-lhes contas dos actos de um ministerio que estava entre as suas mãos e que tinha o seu nome. Dumouriez collocado entre o rei e os girondinos, via de dia para dia acumularem-se contra elle as suspeitas dos seus collegas; sua probidade não lhes era menos suspeita do que o seu patriotismo. Havia aproveitado a sua popularidade e o seu ascendente sobre os jacobinos, para pedir á assembléa uma somma de seis milhões de fundos secretos apenas chegou ao ministerio. O destino apparente destes fundos era corromper os gabinetes estrangeiros, destacar da colligação as potencias venaes, e fomentar na Belgica os germens revolucionarios. Dumouriez era o unico que sabia por que canaes aquelle dinheiro se escoava. A sua fortuna pessoal onerada, os seus gostos dispendiosos, a sua dedicação a uma mulher seductora, a senhora de Beauvet, irmã de Rivarol; as suas intimidades com homens sem principios e costumes, os boatos de concussão semeados em torno do seu ministerio e recaindo se não sobre elle, ao menos nos seus apaziguados, manchavam o seu caracter aos olhos da senhora Roland e de seu marido. A probidade é a virtude dos democratas; porque o povo olha primeiro que tudo para as mãos daquelles que o governam. Os girondinos, puros como os homens antigos, receiavam a sombra d'uma suspeita desta natureza sobre o seu caracter; a leviandade de Dumouriez a este respeito offendia-os. Murmuraram. Gensonné e Brissot fizeram-lhe insinuações a este respeito em casa de Roland. O proprio Roland authorisou-se com a sua idade, e authoridade dos seus principios, para recordar a Dumouriez o que um homem publico devia de respeito á decencia, e de exemplos aos costumes revolucionarios. O homem de guerra chasqueou: respondeu a Roland que elle devia o seu sangue á nação, mas que não lhe devia o sacrificio dos seus gostos nem dos seus amores; que compreendia o patriotismo como heroe, porém não como puritano. O ágro das suas palavras deixou a peçonha nas almas. Separaram-se mutuamente desconfiados.

Desde este dia absteve-se de ir ás reuniões da senhora Roland. Esta mulher que conhecia o coração humano pelo instincto superior do seu genio e do seu sexo, não se enganou a respeito das disposições do general. «Chegou a hora de perder Dumouriez, disse ella altivamente aos seus amigos. Bem sei, accrescentou dirigindo-se a Roland, que não saberás descer nem á intriga nem á vingança, mas recorda-te que Dumouriez deve em seu coração conspirar contra aquelles que o offenderam. Quando se ousa fazer iguaes demonstrações a um homem tal e se hão feito baldamente é preciso ferir, ou esperar ser ferido.» Ella conhecia-o bem, e dizia a verdade. Dumouriez, cujo rapido relancear de olhos tinha discurtinado por traz dos girondinos um partido mais forte e mais audacioso que elles, principiou então a relacionar-se com os agitados dos jacobinos. Pensou com razão que o odio entre os partidos seria mais poderoso do que o patriotismo, e que lisongeando a rivalidade de Robespierre e de Danton contra Brissot, Pethion, e Roland, encontraria nos proprios jacobinos apoio para governar. Amava o rei, lastimava a rainha; todos os seus prejuizos eram pela monarchia. Teria sido tão altivo de restituir o throno, como de salvar a republica. Habil em manejar os homens, todos os instrumentos eram bons para os seus designios, atravessar por entre os girondinos, que opprimindo o rei, o ameaçavam a elle proprio, e ir procurar mais longe e mais baixo do que a estes rhetoricos a popularidade de que tinha necessidade contra elles, era uma manobra de genio: tentou-a, e conseguiu-a. E' com effeito d sde esta epocha que data a sua ligação com Camillo Desmoulins e Danton.

Danton e Dumouriez deviam entender-se pela similhança dos seus vicios assim como pela similhança de suas qualidades. Tanto Danton como Dumouriez não queriam da revolução mais do que a acção. Pouco lhe importavam os principios: o que sorria á sua energia e á sua ambição, era este movimento tumultuoso que precipitava e elevava os homens, do throno ao nada, e do nada á fortuna e ao poder. A embriaguez da acção era para Danton assim como para Dumouriez uma necessidade instante de suas naturezas: a revolução era para elles um campo de batalha, cuja vertigem os encantava e engrandecia.

Porem ou ra qualquer revolução lhes haveria igualmente convindo: despotismo ou liberdade, rei ou povo. Ha homens cuja atmosfera é o turbilhão dos acontecimentos. Não respiram á vontade senão n'um ar agitado. Mais ainda, se Dumouriez tinha os vicios ou leviandades das côrtes, Danton tinha os vicios e a licença do coração da multidão. Estes vicios, bem que tão differentes de formas, são os mesmos na essencia; compreendem-se, são um ponto de contacto entre as fraquezas dos grandes e as corrupções dos pequenos. Dumouriez comprehendeu Danton logo ao primeiro relancear de olhos, e Danton deixou-se abordar e domesticar por Dumouriez. Suas relações muitas vezes suspeitas de concussão por uma parte, e de venalidade pela outra, subsistiram secreta e pu-

blicamente até ao exilio de Dumouriez e até á morte de Danton. Camillo Desmoulins, amigo de Danton e de Robespierre, apaixonou-se tambem por Dumouriez, e vulgarisou o nome destes nos seus pamphletos. O partido de Orleans, que se prendia por Sillery, Laclos, e a senhora de Genlis, aos jacobinos, procurou a amizade do novo ministro. Quanto a Robespierre, cuja politica era uma habil reserva com todos os partidos, não affectou para com Dumouriez nem favor, nem odio; mas experimentou uma secreta alegria vendo elevar-se nelle um rival dos seus inimigos. Ao menos nunca o accusou. E' difficultoso aborrecer por muito tempo o inimigo daquelles que nos aborrecem.

XIX. — O odio nascente de Robespierre e de Brissot envenenava-se cada vez mais de dia para dia. As sessões dos jacobinos e os jornaes publicos eram o theatro continuo da lucta e das reconciliações destes dois homens. Iguaes de força na nação, iguaes em talentos na tribuna, via-se que elles reciprocamente se temiam atacando-se. Mascaravam mesmo de mutuos respeitos as suas offensas. Porém esta animosidade comprimida servia a rôer mais profundamente suas almas. Rebentava de tempos em tempos sob a politica de suas palavras, como a morte sob o polido do aço.

Todos estes fermentos de divisão, de rivalidade e de ressentimento ferveram nas sessões de abril. Foram como uma revista geral dos dois grandes partidos que hiam despedaçar o imperio disputando-se o ascendente. Os *feuillants* ou os constitucionaes moderados eram as victimas que cada um dos dois partidos populares immolava, á inveja, ás suspeitas e á colera dos patriotas. Rœderer, Jacobino moderado, era accusado de ter assistido a um jantar de feuillants, amigos de La Fayette «Eu não inculpo sómente a Rœderer, exclamou Tallien, denuncio tambem a Condorcet e Brissot. Expulsêmos da nossa sociedade todos os ambiciosos e Cromwelistas.»

— «Depressa chegará o momento de desmacarar os traidores, disse Robespierre a seu turno. Eu não quero que se desmascarem hoje. E' preciso que quando despedir-mos o golpe seja decisivo. Quereria que nesse dia a França inteira me ouvisse; quereria que o chefe culpado destas facções, La Fayette, assistisse a essa sessão com todo o seu exercito. Diria aos seus soldados, apresentando-lhe o meu peito: Feri! Este momento seria o ultimo de La Fayette e da facção dos intrigantes» (é o nome que La Fayette tinha inventado para os Girondinos). Fauchet escusou-se de ter dito que Guadet, Vergniaud, Gensonné e Brissot podiam collocar-se felizmente para a patria á frente do governo. Os Girondinos foram accusados de sonhar um *protector*, e os Jacobinos um tribuno do povo. Brissot subio emfim á tribuna. «Venho defender-me disse elle. Quaes são os meus crimes? Diz-se que tenho feito ministros. Eu retenho uma correspondencia com La Fayette. Quero fazer delle um protector. Certamente que me concedem um grande poder, aquelles que pensam que do meu quarto andar ditei as leis ao palacio das Tuilerias. Mas quando fosse verdade que eu tivesse feito os ministros, desde quando é crime ter confiado ás mãos dos amigos do povo os interesses do povo? Este ministerio vai, segundo se acrescenta, distribuir todos os seus favores aos Jacobinos. Ah! aprouvesse ao Céo que todos os logares fossem occupados por Jacobinos!»

A estas palavras Camillo Desmoulins, inimigo de Brissot, occulto na salla, inclina-se para o ouvido do seu visinho e diz-lhe alto com um rizo ironico: «Que arte neste velhaco! Cicero e Demosthenes não teriam insinuações mais eloquentes.» Gritos de colera rebentam dentre os amigos de Brissot e pedem a expulsão de Camillo Desmoulins. Um censor da salla qualifica de expressões infamantes a exclamação do pamphletario e restabelece o silencio. Brissot continua: «A denuncia é a arma do povo: não me queixo. Sabeis vós quaes são os seus mais crueis inimigos? São aquelles que prostituem a denuncia! Denuncias, sim! mas as provas! Cobri com o mais profundo desprezo aquelle que denuncia e que não prova! Ha algum tempo que se falla de protector e protectorato. Sabeis vós porque? é para acostumar os espiritos ao nome de tribunato e de tribuno! Não vêem elles que um tribunato nunca hade existir. Quem ousaria desthronar um rei constitucional? Quem ousaria colocar-se a corôa na sua cabeça? Quem pode imaginar que a raça dos Brutus esteja extincta? E quando não houvessem já Brutus, onde está o homem que tenha dez vezes o talento de Cromwell? Acreditais vós que o proprio Cromwell tivesse exito n'uma revolução qual a nossa? Tinha por si naquelle tempo dois caminhos faceis para a usurpação, e que não existem hoje, a ignorancia e o fanatismo. Vós que acreditais vêr um Cromwell n'um La Fayette, não conheceis nem La Fayette nem a vosso seculo. Cromwell tinha caracter, La Fayette não o tem. Não se consegue ser protector sem audacia e sem caracter; e quando houvesse uma e outra cousa, esta sociedade encerra uma multidão de amigos da liberdade, os quaes mais depressa morreriam do que o sustentariam. Sou o primeiro a fazer este juramento, ou a igualdade reinará na França, ou morrerei combatendo os protectores e os tribunos!... Os tribunos eis os verdadeiros inimigos do povo. Lisongeiam-o para o algemarem; semeiam suspeitas sobre a virtude, que se não póde invilecer. Recordai-vos do que eram Aristides e Phocion, elles não estavam sempre na tribuna.»

Brissot, disparando esta seta, voltou-se para Robespierre, a quem elle dirigia a injuria indirecta. Robespierre empalideceu, e levantou a cabeça. «Elles não estavam sempre na tribuna, repete Brissot, estavam nos seus postos, no campo, ou nos tribunaes,» (um riso ironico precorreu as fileiras dos girondinos, que acusavam Robespierre de abandonar o seu posto no perigo). «Elles não desdenhavam nenhum emprego, por modesto que fosse, quando lhe era imposto pelo povo: fallavam pouco de si proprios, não lisongeavam os demagogos, não denunciavam nunca sem provas! Os calumniadores não poupavam Phocion. Foi victima de um adulador do povo!... Ah! isto me recorda a horrivel calumnia vomitada sobre Condorcet! Quem sois vós para calumniar tal homem? Que tendes feito? Onde estão os vossos trabalhos os vossos escriptos? Podeis citar como elle tantos assaltos dados pelo decurso de trinta annos, com Voltaire e d'Alembert, ao throno, á superstição, aos prejuizos, á aristocracia? Onde estarieis vós, onde estaria esta tribuna, sem estes grandes homens? São os vossos mestres, e vós insultais aquelles que deram a voz ao povo!... Dilacerais Condorcet, quando a sua vida não é senão uma serie de sacrificios! Philosofo, fez-se politico; academico, fez-se jornalista; cortezão, fez-se povo, nobre, fez-se jacobino!... Tomai cautella, vós seguis os impulsos secretos da côrte.... Ah! não imitarei os meus adversarios, não repetirei estes boatos que dizem que elles são pagos pela lista civil» (corria boato de que Robespierre fôra comprado para se oppor á guerra). «Nada direi de uma commissão secreta que elles frequentam, e onde se concertam os meios de influenciar esta sociedade. Direi porém que elles seguem a mesma marcha que os fautores da guerra civil; direi, que sem o quererem, fazem mais mal aos patriotas do que a côrte. E em que occasião arremessam elles a divisão entre nós! No mesmo momento em que temos a guerra estrangeira, e em que a guerra intestina nos ameaça... Punhamos outra tregoa a estes debates, e voltemos á ordem do dia afastando pelo despreso odiosas e funestas denuncias.»

XX. — A estas palavras, Robespierre e Guadet, igualmente provocados, disputam-se a tribuna. «Ha quarenta e oito horas que a necessidade de me justificar pesam sobre o meu coração, disse Guadet, e ha sómente alguns minutos que esta mesma necessidade pesa sobre a alma de Robespierre: a mim a palavra.» Deram-lh'a. Desculpa-se em poucas palavras. «Especialmente acautelai-vos,» disse elle acabando e designando a Robespierre com o gesto, contra estes oradores impiricos que incessantemente teem na bocca as palavras liberdade, tyrannia, e conjuração, que misturam sempre os seus proprios elogios com as adulações que endereçam ao povo; fazei justiça nestes homens! — A ordem! exclamou Freron, o amigo de Robespierre, á ordem a injuria e o

sarcasmo ! » As tribunas rebentam em aplausos e apupadas. Até mesmo a salla se divide em dois campos, separados por um largo intervallo. As apostrofes crusam-se, os gestos combatem-se, levantam-se e agitam-se os chapeus na ponta das bengallas. « Chamaram-me scelerado ! continua Gaudet, e eu não poderei denunciar um homem que continuamente pospõe o seu orgulho á causa publica ! um homem, que fallando sempre de patriotismo, abandona o posto para que foi chamado ! Sim, denuncia-vos um homem que, ou seja ambição ou desgraça, se tornou em idolo do povo ! » O tumulto está no maior auge possivel, e cobre a voz de Guadet.

O proprio Robespierre reclama o silencio para o seu inimigo. « Pois bem ! » prosegue Guadet espantado assustado ou enternecido pela fingida generosidade de Robespierre, « eu vos denuncio um homem que, por amor pela liberdade da sua patria, deveria talvez impor-se a si proprio a lei do ostracismo ; porque é servir o povo furtar-se á sua idolatria ! » Estas palavras foram abafadas sob gargalhadas de riso affectado. Robespierre sobe com socego estudado os degráos da tribuna. Sua fronte impassivel radeia involuntariamente aos surrisos e applausos dos jacobinos. » Este discurso satisfez os meus votos, disse elle olhando para Brissot e os seus amigos, porque encerra em si todas as inculpações que sobre mim accumulam os inimigos de que estou cercado. Respondendo ao Sr. Guadet, terei respondido a todos. Convidam-me ao ostracismo : haveria sem duvida algum excesso de vaidade em mim condemnar-me a elle ; porque é a punição dos grandes homens, e não pertence senão ao Sr. Brissot o classifical-os. Lançam-me em rosto occupar incessantemente a tribuna. Ah ! esteja assegurada a liberdade, firme a igualdade, e tenham os *intrigantes* desapparecido, e ver-me-heis tão apressado em fugir esta tribuna, e mesmo este recinto aonde agora me vêdes tão assiduo. Então, com effeito, o mais caro dos meus votos estará preenchido. Feliz com a ventura publica, passarei dias tranquillos nas delicias de uma doce e obscura intimidade. »

Estas palavras são interrompidas pelo murmurio de uma emoção fanatica. Robespierre limitou-se a estas poucas palavras, e addiou a sua resposta para a sessão seguinte. Dantou senta-se na cadeira da presidencia, e preside á lucta entre os seus inimigos e o seu rival. Robespierre começa por elevar a sua propria causa á altura de uma causa nacional. Defende-se de ser o primeiro a ter provocado os seus adversarios. Cita as accusações intentadas e as injurias lançadas contra elle pelo partido de Brissot. « Chefe de partido, agitador do povo, agente secreto do comité austriaco, diz elle, eis os nomes que se me arremessam, e as accusações ás quaes desejam que eu responda ! Não darei a resposta de Scipião ou de La Fayette, que, accusados na tribuna do crime de lesa-nação, só responderam com o silencio. Eu responderei com a minha vida.

« Discipulo de João Jacques Rousseau, as suas doutrinas inspiraram-me a sua alma pelo povo. O espectaculo das grandes assembléas nos primeiros dias da nossa revolução encheu-me de esperanças. Bem depressa comprehendi a differença que ha entre estas assembléas estreitas compostas de ambiciosos ou de egoistas, e a mesma nação. A minha voz ahi foi abafada, mas estimei mais excitar os murmurios dos inimigos da verdade do que obter vergonhosos aplausos. Elevei minhas vistas além do recinto, e o meu fim era fazer-me ouvir da nação e da humanidade. Foi por isto que tenho fatigado a tribuna. Fiz mais ainda dei Brissot e Condorcet á França. Estes grandes philosofos tem sem duvida ridicularisado e combatido os padres ; mas não menos teem cortejado os reis e os grandes, do que tem tirado assaz bom partido (riso). Esqueceis pois com que encarniçamento tem perseguido o genio da liberdade na pessoa de João Jacques, o unico philosofo que tem merecido, na minha opinião, essas honras publicas prodigalisadas desde ha algum tempo pela intriga a tantos charlatães politicos e a tão despresaveis heroes. Brissot devia ao mesnos agradecer-mo. Onde estava elle no entanto que eu defendia esta sociedade dos jacobinos contra a mesma assembléa constituinte ? Sem o que eu fiz nessa epocha, não me terieis ultrajado nesta tribuna, porque ella não existiria. Eu o corruptor, o agitador, o tribuno do povo ! Não sou nada disso. Eu mesmo sou povo. Lançais-me em rosto ter deixado o meu logar de accusador publico ! Assim o fiz quando vi que esse logar não me daria outro direito senão aquelle de accusar cidadãos por delictos civis, e tirar-me-ia o direito de accusar os inimigos politicos. E é por isto que o povo me estima. E quereis que me condemne ao ostracismo para me subtrahir á sua confiança. O exilio ! Com que cara ousais propor-mo ! E para onde quereis que me retire ! Qual será o povo que me receberá ! Qual o tyranno que me dará asylo ! Ah ! póde abandonar-se a patria quando feliz, livre, e triumphante ; porém da patria ameaçada, dilacerada, oppressa, não se foge ; salva-se, ou morre-se com ella. O céo que me deu uma alma apaixonada pela liberdade, e que me fez nascer sob a dominação dos tyrannos ; o céo que collocou a minha vida no meio do reinado das facções e dos crimes, chama-me talvez a traçar com o meu sangue a estrada da felicidade e da liberdade dos homens. Exigis vós de mim outro sacrificio, o do meu renome ? Eu vol-o entrego ; eu não queria reputação senão para o bem dos meus similhantes ; se, para a conservar, é myster trahir por um covarde silencio a causa da verdade e a causa do povo, tomai-a, manchai-a, eu não a defenderei mais.

« Agora que me defendi, poderia atacar-vos. Não o farei ; offerece-vos a paz. Esqueço as vossas injurias, devoro os vossos ultrajes, porém com uma condição — é que combatereis comigo todos os partidos que dilaceram o nosso paiz, e o mais perigoso de todos, o de La Fayette, esse pretendido heroe dos dois mundos, que depois de ter assistido á revolucão do novo mundo, não se applicou até hoje senão a suster os progressos da liberdade no antigo. Vós, Brissot, não concordastes comigo que este chefe era o algoz e o assassino do povo ; que a carnificina do Campo de Marte fizera retrogradar vinte annos a revolução ! Será este homem agora menos terrivel porque está hoje á testa do exercito ? Não. Apressai-vos pois. Fazei girar horisontalmente a espada das leis para abater todas as cabeças dos grandes conspiradores. As noticias que nos chegam do seu exercito são sinistras. Já elle semeia a divisão entre os guardas nacionaes e a tropa de linha. Já o sangue dos cidadãos correu em Metz. Já em Strasburgo se prendem os melhores cidadãos. Digo-vos ; sois accusados de todos estes malles ; obliterai estas suspeitas unindo-vos a nós, e reconciliemo-nos, porém na salvação da patria ! »

LIVRO QUATORZE.

I — A noite estava adiantada no momento em que Robespierre terminava o seu eloquente discurso no meio do recolhimento dos jacobinos. Os jacobinos e o girondinos separam-se, mais exasperados do que nunca. Hesitavam em presença deste grande dislaceramento, que enfraquecendo o partido dos patriotas, podia entregar o exercito a La Fayette, e a assembléa aos feuillantes. Pethion, amigo ao mesmo tempo de Robespierre e de Brissot, querido aos jacobinos, ligado com a senhora Roland, tinha a balança da sua popularidade em equilibrio, com mêdo de perder metade pronunciando-se entre as duas facções. Tentou no dia seguinte operar uma reconciliação geral. » De ambos os lados, disse elle tremendo, vejo amigos meus. » Houve uma tregoa apparente ; mas Guadet e Brissot fizeram imprimir os seus discursos com addições injuriosas contra Robespierre. Minaram surdamente a sua reputação com calumnias novas. Outra trovoada rebentou no dia 30 de abril.

Propuzera-se prohibir as denuncias sem provas. « Reflecti no que se vos propõe, diz Robespierre. A maioria aqui é uma facção que quer por este meio calumniar-vos livremente e abafar as nossas accusações no silencio. Se decretardes que me será interdicto defender-me dos libellistas conjurados contra mim, deixo este

recinto, e sepulto-me no retiro. — Robespierre, nós ahi te seguiremos! » exclamaram nas galerias algumas vozes de mulheres. » Aproveitaram o discurso de Pethion, continuou elle, para espalharem odiosos libellos contra mim. O proprio Pethion se indignou. Seu coração expandeu-se no meu. Gemeu dos ultrages com que me acabrunham. Sêde o jornal de Brissot, e ahi vereis que em convidam a não apostrafar sempre o povo nos meus discursos. Sim, é preciso que uma pessoa se abstanha de pronunciar o nome do povo sob pena de passar por um faccioso, e por um tribuno. Comparam me aos Grachos. Têem razão de me compararem a elles. O que ha verá de commum entre nós será, talvez, o seu fim tragico. Ainda é pouco: fazem-me responsavel de um escripto de Marat que me designa por tribuno pregando sangue e carnificina: tenho acaso eu professado nunca similhantes principios, serei culpado da extravagancia de um escriptor exaltado qual Marat! »

A estas palavras, Lasource, amigo de Brissot, pediu a palavra; recusaram-lha. Merlin perguntou se a paz jurada na vespora não devia comprometter senão um dos dois partidos, authorisando o outro a semear calumnias contra Robespierre? A assembléa em tumulto impõe silencio aos oradores. Legendre accusa a mesa de parcialidade. Robespierre desce da tribuna, aproxima-se do presidente, e dirigi-lhe com gestos de ameaça palavras que foram cobertas pelo estrepito da salla, e pelas injurias trocadas entre as tribunas.

« Porque existe tal encarniçamento dos intrigantes contra Rebespierre? exclama um dos seus partidistas quando o socego se restabelleceu. Porque elle é o unico homem capaz de se elevar contra o partido delles, se conseguissem formal-o. Sim, nas revoluções são precisos homens destes, que fazendo abnegação de si proprios, entregam-se como victimas voluntarias aos facciosos. O povo deve sustental-os. Homens taes haveis encontrado. São Robespierre e Pethion. Abandonal-os-heis a seus inimigos? — Não! não! exclamam milhares de vozes, e por uma proposta do presidente declara-se que Brissot calumniou Robespierre.

II — Os jornaes tomaram partido segundo as suas côres nestas guerras intestinas dos patriotas. » Robespierre! dizem as *revoluções de Pariz*, como succede que este homem que o povo levava em triumpho a sua casa ao sahir da assembléa constituinte se haja tornado hoje um problema? Vós por muito tempo vos julgastes a unica columna da liberdade franceza. O vosso nome era como a arca santa. Não se podia tocar nelle sem ser ferido de morte. Quereis ser o homem do povo. Não tendes nem o exterior do orador, nem o genio que dispõe das vontades dos homens. Tendes animado os clubs com a vossa palavra. O incenso que nelles se queima em vossa honra tem-vos enebriado. O deus do patriotismo veio a ser um homem. O apogêo da vossa gloria foi em 17 de julho de 1791. Desde este dia o vosso astro declinou. Robespierre, os patriotas não gostam que vos deis em espetaculo. Quando o povo se agloméra em torno da tribuna a que subis, não é para ouvir o vosso proprio elogio, é para vos ouvir esclarecer a opinião publica. Sois incorruptivel, sim; mas ha ainda milhores cidadãos do que vós: aquelles que o são tanto como vós e que não se vangloriam. Que, não tendes a simplicidade que se ignora a si mesmo, e esta bonhomia de virtudes antigas que recordais algumas vezes em vós!

« Accusam-vos, Robespierre, de ter assistido a uma conferencia secreta que houve, não ha muito tempo, em casa da princeza de Lamballe, em presença da rainha Maria Antoinette. Não se dizem as clausulas da venda celebrada entre vós e essas duas mulheres, que vos terão corrompido. Desde este dia tem-se notado algumas mudanças nos vossos costumes domesticos, e tendes o dinheiro necessario para fundar um jornal. Haveriam suspeitas tão injuriosas contra vós em julho de 1791? Não acreditamos nada destas infamias: nem vos acreditamos cumplices de Marat, que vos offerece a dictadura. Não vos accusamos de imitar Cesar fazendo-se apresentar o diadema por Antonio! Não; mas acautelai-vos! fallai de vós mesmo com menos complacencia! Nós temos em tempo competente advertido tambem La Fayette e Mirabeau, e indicado a Rocha Tarpeia para os cidadãos que se acreditavam maiores que a patria! »

III. — Miseraveis! respondia Marat, que então se cobria ainda com a patronagem de Robespierre, lançam a sua sombra sobre as mais puras virtudes! Seu genio offusca-os. Punem-o dos seus sacrificios. Seus gostos chamavam-o para o retiro. Ficou no tumulto dos jacobinos por dedicação ao seu paiz. Porém os homens mediocres não se acostumam pois aos elogios de outrem, e a multidão ama mudar de heroes.

« A facção dos La Fayette, dos Guadet, dos Brissot involvem-o. Elles apellidam-o chefe do partido! Robespierre chefe de partido! Monstram-lhe a sua mão no thesouro vergonhoso da lista civil. Fazem-lhe um crime da confiança do povo, como se um simples cidadão sem fortuna e sem poder tivesse outro meio de conquistar o amor do povo senão as suas virtudes! Como se um homem que não tem mais do que a sua voz isolada no meio de uma sociedade de intrigantes, de hypocritas, e de velhacos, jámais podesse a vir ser receiado! Mas este censor incorruptivel inquieta-os. Dizem que se combinou comigo para fazer com que se lhe offereça a dictadura. Isto é comigo. Declaro pois que Robespierre está tão longe de dispôr da minha penna como eu de ter com elle a menor relação. Vi-o só uma vez, e essa unica conversação convenceu-me de que não era o homem que eu procuro para o poder supremo e energico reclamado pela revolução.

« A primeira frase que me dirigiu foi a censura de retemperar a minha penna no sangue dos inimigos da liberdade, de fallar sempre em corda, espada, punhaes, palavras crueis que sem duvida o meu coração repudiava sempre, e que desacreditavam os meus principios. Desenganei-o. Sabei, lhe respondi eu, que o meu credito sobre o povo não depende das minhas idéas, mas da minha audacia, dos vôos impetuosos da minha alma, dos meus gritos de odio, de desespero, e de furor contra os scelerados que embaraçam a acção da revolução. Conheço a colera, a justa colera do povo, e eis porque elle me escuta e acredita em mim. Estes gritos de alarma e de furor que tomais por palavras no ar, são a mais candida e a mais sincera expressão das paixões que devoram a minha alma. Sim, se eu tivera tido na minha mão os braços do povo depois do decreto contra a guarnição de Nancy, haveria decimado os deputados que o tinham publicado; depois da instrucção sobre os successos de 5 e 6 de outubre, teria feito morrer n'uma fogueira todos os juizes; depois da carnificina do Campo de Marte, se eu tivesse tido dois mil homens animados dos mesmos ressentimentos que sublevavam o meu seio, eu iria á frente d'elles apunhalar La Fayette no meio dos seus batalhões de bandidos, queimar o rei no seu palacio, e degolar os nossos atrozes representantes nas suas cadeiras!... Ropespierre ouvia-me com medo. Empallideceu, e por muito tempo guardou silencio. Deixei-o. Tinha visto um homem integro; não tinha encontrado um homem de Estado. » Assim o scelerado tinha feito horror ao fanatico; Robespierre havia causado piedade a Marat.

IV. — Estas primeiras luctas entre os jacobinos e a Gironda davam ao habil Dumouriez duplo ponto de apoio á sua politica. A inimizade de Roland, de Claviere e de Servan não o inquietava já no conselho. Balanciava suas influencias com a alliança dos seus inimigos. Mas os jacobinos queriam penhores, elle offerecia-lh'os na guerra. Danton tão violento como Marat, porém mais politico, não cessava de repetir que a revolução e os despotas eram irreconciliaveis, e que a França não tinha salvação a esperar senão da sua audacia e do seu desespero. A guerra, na opinião de Danton, era o baptismo ou o martyrio pelo qual a liberdade devia passar qual uma nova religião. Era preciso retemperar a guerra no fogo para ella se purificar das manchas e vergonhas do passado.

Dumouriez concorda nisto com La Fayette e os feuillants, queria tambem a guerra; era porém como um

soldado para conquistar nella a gloria, e fulminar depois as facções. Desde o primeiro dia do seu ministerio, negociava de fórma a obter da Austria uma resposta decisiva. Havia renovado quasi todos os membros do corpo diplomatico, e substituira-os por homens energicos. Os seus despachos tinham um accento marcial e militar que se assimilhava á voz de um povo armado. Intimava os principes do Rheno, o imperador, o rei da Prussia, o da Sardanha, a Hespanha a reconhecerem ou combaterem o rei constitucional da França. Mas no entanto que estes enviados officiaes pediam a estas côrtes respostas promptas e cathegoricas, os agentes secretos de Dumouriez insinuavam-se nos gabinetes dos principes, e esforçavam-se em destacar alguns estados da colligação que se formava. Demonstravam-lhes as vantagens resultantes da neutralidade para o seu engrandecimento: promettiam-lhes depois da victoria o patrocinio da França. O ministro, não ousando esperar alliados intrigava ao menos para a França cumplicidades secretas; corrompia pela ambição os Estados que não podia arrastar pelo terror, e amortecia a colligação, esperando mais tarde despedaçal-a.

V. — O principe, sobre o espirito de quem operava mais poderosamente, era precisamente esse duque de Brunswick que o imperador e o rei da Prussia destinavam de concerto ao commando dos exercitos combinados contra nós. Na esperança delles era este principe o Agamemnon da Alemanha.

Carlos-Frederico Fernando de Brunswick-Wolfenbuttel, nutrido nos combates, nas lettras, e nos prazeres, havia aspirado nos acampamentos do grande Frederico o genio da guerra, o espirito da philosofia franceza, e o machiavilismo de seu amo. Fizera com este rei philosofo e soldado todas as campanhas da guerra dos sete annos. Quando succedeu a paz viajou em França e na Italia. Acolhido em toda a parte como o heroe da Alemanha e o herdeiro do genio de Frederico, esposára uma irmã do rei de inglaterra Jorge III. A sua capital, onde brilhavam as suas amantes, e onde dissertavam os philosofos, reunia o epicurismo das côrtes á austeridade dos campos. Reinava segundo o preceito dos sabios; vivia segundo o exemplo dos Sybaritas. Porém a sua alma de soldado, que entregava mui facilmente á belleza, não se extinguia no amor; só entregava o coração ás mulheres, mas a cabeça reservava-a para a sua gloria, para a guerra, e para o governo dos seus Estados. Mirabeau, moço então, tinha parado na sua côrte, em viagem para Berlim, onde ia recolher os ultimos clarões do genio de Frederico. O duque de Brunswick havia acolhido e apreciado Mirabeau. Estes dois homens, colocados em linhas tão distantes, assimilhavam-se comtudo nas qualidades e nos seus defeitos. Eram dois espiritos revolucionarios; mas pela differença das situações e das patrias, um estava destinado a fazer uma revolução, e o outro a combatel-a.

Como quer que fosse, Mirabeau foi sedusido pelo soberano ao qual elle tinha missão de seduzir. » A figura deste principe, escreveu elle na sua correspondencia secreta, annuncia profundidade e finura. Falla com elegancia e precisão: é prodigiosamente instruido, laborioso e perspicaz; tem immensas correspondencias, e deve-as todas ao seu merito; é economico mesmo nas suas paixões. Sua amante, a sr.ª de Hartfeld, é a dama mais rasoavel da sua corte. Verdadeiro Alcibiades, ama o prazer, mas nunca o prefere ao seu trabalho. Está no seu papel de general prussiano, ninguem é tão matinal como elle, tão activo, tão minuciosamente exacto. Sob uma apparencia tranquilla que procede do dominio que tem sobre si mesmo a sua imaginação brilhante seu astro ambicioso arrebatam-o muitas vezes; mas a circumspecção que se impõe, e o cuidado reflectido da sua gloria o retem e o condusem a hesitações que são talvez o seu unico defeito. » Mirabeau predisse nesta epocha ao duque de Brunswick a suprema influencia nos negocios da Alemanha, depois da morte do rei da Prussia, a quem a Alemanha chamava o grande rei.

O duque tinha então cincoenta annos. Defendia-se nas suas conversações com Mirabeau de amar a guerra. « As batalhas são jogos de azar, dizia elle ao viajante francez. Até aqui não tenho sido infeliz. Quem sabe se hoje, apesar de estar mais habil, seria tão bem favorecido pela fortuna? « Um anno depois desta phrase, elle invadia triumphante a Hollanda a frente do exercito da Inglaterra. Alguns annos depois a Alemanha o nomeava seu generalissimo.

Porém a guerra á França, que surria á sua ambição de soldado, repugnava á sua alma de philosofo. Conhecia que combateria mal as idéas com que fôra nutrido. Mirabeau dissera delle esta frase profunda que prophetisava suas indolencias e os defeitos da colligação capitaneada por este principe: « Este homem é de uma tempera rara; mas é muito sabio para ser temivel aos sabios. »

Esta frase explica a offerta da corôa de França feita ao duque de Branswick por Custine em nome do partido monarchico da assembléa. A franc-maçonaria, esta religião subterranea na qual haviam entrado quasi todos os prindipes reinantes da Allemanha, cobriam com os seus misterios secretas intelligencias entre a phylosofia franceza e os soberanos das margens do Rheno. Irmãos em conjuração religiosa, não podiam ser em politica inimigos bem sinceros. O duque de Brunswick era no fundo do coração mais cidadão do que principe, mais francez do que Alemão. O offerecimento do seu throno em Pariz havia agradado a seu coração. Combate-se mal um povo, cujo se espera ser rei, e uma causa que se quer vencer, mas que se não deseja perder. Tal era a situação de espirito do duque de Brunswick. Consultado pelo rei da Prussia, aconselhava este monarcha a dirigir todas as suas forças para o lado da Polonia, e ahi conquistar as provincias em vez de conquistar principios em França.

VI. — O plano de Dumouriez era separar, quanto lhe fosse possivel a Prussia da Austria para não ter de se haver com mais de um inimigo ao mesmo tempo. A união destas duas potencias, rivaes naturaes e ciosas, parecia-lhe de tal forma contra a natureza, que se lisongeava impedil-a ou rompel-a. O odio instinctivo do despotismo contra a liberdade enganou todas as suas previsões. A Russia, pelo ascendente de Catharina, forçou a Prussia e a Austria a fazerem causa commum contra a revolução. Em Viena, o moço imperador, Francisco, I, preparava-se mais a combater do que a negociar. O principe de Kaunitz, seu principal ministro, respondia ás notas de Dumouriez que era um desafio a assembléa nacional.

Dumouriez communicou estes documentos á assembléa. Preveniu as explosões da sua justa colera, rebentando elle mesmo em indignação e patriotismo. A repercussão destas scenas em Pariz chegou a fazer-se sentir mesmo no gabinete do imperador em Viena. Francisco I, palido e tremulo de colera, censurou a lentidão do seu ministro. Hia todos os dias assistir, junto ao leito do principe de Kaunitz, ás conferencias entre este velho e os enviados prussianos e russos, encarregados pelos seus soberanos, de fomentar a guerra. O rei da Prussia pedia ter sosinha a direcção da campanha. Propunha a invasão subita do territorio francez como o meio mais proprio de economisar o sangue, ferindo a revolução de espanto, e fazendo rebentar na França a contra revolução com que os emigrados o lisongeavam. Uma entrevista, para se concertarem as medidas da Austria e da Prussia, foi assignada em Leipsig, entre o duque de Brunswick e o general das tropas do imperador, o principe Hohenlohe. No entanto as conferencias pro forma continuavam em Viena entre o sr. de Noailles, embaixador da França e o conde Felippe de Cobentzel, vice-chanceller desta corte. Estas conferencias onde luctavam por se conciliar dois principios inconciliaveis, a liberdade dos povos e a soberania absoluta dos monarchas, não deram em resultado senão mutuas censuras. Uma ultima frase do sr. de Cobentzel rompeu as negociações. Esta frase rebentando em Pariz, ahi fez rebentar a guerra. Dumouriez propol-a em conselho, e arrastou o rei, como pela mão da fatalidade, a vir mesmo propol-a ao seu povo. O povo francez, lhe disse elle, acreditará na vossa dedicação, no dia em que vos vir abraçar a sua causa, e combater os reis para a defender. »

O rei cercado de todos os seus ministros, appareceu

inopinadamente na assembléa. no dia 20 de abril, á saida do conselho. Um temeroso silencio reinou na salla. Presentia-se que a palavra decisiva ia ser pronunciada. E foi depois da leitura de um relatorio completo sobre as negociações com a casa d'Austria. por Domouriez, o rei acrescentou com uma voz concentrada, mas firme: Acabais de ouvir o relatorio que me foi apresentado em conselho. As conclusões foram adoptadas por unanimidade. Eu tambem adoptei a resolução. Esgotei todos os meios de manter a paz. Agora venho, segundo os termos da constituição, propor-vos formalmente a guerra contra o rei da Hungria e da Bohemia. »

O rei saiu depois destas palavras, no meio dos gritos e dos gestos de enthusiasmo que rebentaram na salla e nas tribunas; o povo juntou-se á sua passagem; a França conhecia-se segura de si mesma attacando primeiro a Europa conjurada contra ella. Parecia aos bons cidadãos que todas as desordens internas iam cessar em presença desta grande acção externa d'um povo que defende as suas fronteiras; que o processo da liberdade ia julgar-se em algumas horas sobre os campos de batalha; e que a constituição não carecia senão de uma victoria para a nação ser para sempre livre no interior e triumphante no exterior. O proprio rei entrou no seu palacio, aliviado do peso cruel das suas irresoluções. A guerra contra os seus alliados e contra seus irmãos tinha-lhe custado bastantes angustias ao seu coração. Este sacrificio dos seus sentimentos feito á constituição parecia-lhe merecer o reconhecimento da assembléa; identificando-se assim á causa da patria, lisongeava-se encontrar pelo menos a justiça e o amor do seu povo. A assembléa separou-se sem deliberar, e deu algumas horas, menos á reflexão,que ao enthusiasmo.

VII. — Na sessão da noite, Pastoret, um dos principaes *feuillants* foi o primeiro a apoiar o partido da guerra. « Lançam-nos em rosto querermos votar a effusão de sangue humano n'um accesso de enthusiasmo. Porém é de hoje que nós temos sido provocados? A casa d'Austria tem violado ha quatrocentos annos os tractados feitos com a França. Eis os motivos. Não hesitemos mais. A victoria será fiel á liberdade! »

Becquet, realista constitucional, orador reflectido e corajoso, foi o unico que se aventurou a fallar contra a declaração de guerra.» N'um paiz livre, disse elle, não se faz a guerra senão para defender a constituição ou a nação. A nossa constituição data de hontem, precisa de socego para se enraizar. Um estado de crise como a guerra oppõe-se aos movimentos regulares do corpo politico. Se vossos exercitos combatem no exterior, quem conterá as facções no interior? Lisongeiam-vos de ter somente a combater, promette-se-vos a neutralidade do Norte: não o espereis. A propria Inglaterra não póde ficar neutra. Se as necessidades da guerra vos levam a revolucionar a Belgica, ou a invadir a Hollanda, ella se reunirá á Prussia para sustentar o partido do stathouder contra vós. Sem duvida que a Inglaterra ama a liberdade que se desenvolve entre nós, mas a sua vida está no seu commercio: não pode abandonarvol-o nos Paizes-Baixos. Esperai que vos ataquem, e o espirito dos povos combaterá então por vós. A justiça de uma causa vale exercitos. Mas se poderem pintar-vos aos olhos das nações como um povo inquieto e conquistador, que não póde viver senão na desordem e na guerra, as nações afastar-se-hão de vós com susto. Além disto, não é a guerra a esperança dos inimigos da revolução? Para que dar lhes regosijo offerecendo-lha? Os emigrados, agora despresiveis, tornar-se-hão perigosos no dia em que se apoiarem nos exercitos dos nossos inimigos! »

Este discurso, sensato e profundo, interrompido cem vezes pelas risadas ironicas e pelas injurias da assemblea, terminou no meio dos apupos das tribunas. E' preciso heroismo na convicção para combater a guerra n'uma camara franceza. Só Bazire, amigo de Robespierre, ousou pedir como Becquet, amigo do rei, alguns dias de reflexão antes de se votar as ondas de sangue humano. « Se vos decidis pela guerra, fazei-a ao menos de modo que não seja envolvida de traição! » disse elle. Alguns applausos indicaram que a allusão republicana de Bazire era comprehendida, e que era preciso primeiro que tudo afastar um rei e generaes suspeitos. « Não, não, responde Mailhe, não percais uma hora para decretar a liberdade do mundo inteiro. » — « Apagai os fachos das vossas discordias no fogo dos canhões e das baionetas. » acrescentou Dubayet. « Que o relatorio seja feito durante a sessão, » pediu Brissot. « Declarai a guerra aos reis e a paz ás nações, » exclamou Merlin. A guerra foi votada.

Condorcet, prevenido de ante mão pelos girondinos do conselho, leu na tribuna um projecto de manifesto ás nações. Eis o seu espirito: « Cada nação tem o direito de estabelecer as suas leis, e mudal-as á sua vontade. A nação franceza devia acreditar que estas verdades tão simples seriam approvadas por todos os principes. Sua esperança foi illudida. Formou-se uma liga contra a sua independencia; nunca o orgulho dos thronos insultou com mais audacia a magestade das nações. Os motivos allegados pelos despotas contra a França são um ultraje á sua liberdade. Este insultante orgulho, longe de intimidar excita a sua coragem. E' preciso tempo para disciplinar os escravos do despotismo, todo o homem é soldado quando combate a tyrannia. »

VIII. — Mas o principal orador da Gironda é o ultimo a subir á tribuna. : « Deveis á nação, diz Vergniaud tomar todas as medidas para assegurar o exito da grande e terrivel determinação pela qual memorisaste este grande dia. Recordai-vos do dia d'esta federação geral em que todos os francezes dedicaram suas vidas á defeza da liberdade e da constituição: recordar o juramento que vós mesmo prestasteis, em 14 de janeiro, de antes serdes sepultados nas ruinas deste templo do que consentir na menor capitulação, ainda que ella só constasse n'uma unica modificação á constituição. Qual é o coração de marmore que não palpita n'estes momentos supremos, a alma fria que se não eleva, aventuro-me a dizel-o. até ao céo, com as acclamações da alegria universal; o homem apathico que não sente engrandecer-se-lhe o ser, e as forças elevarem-se-lhe, por um nobre enthusiasmo, acima das forças da humanidade? Pois bem! dai ainda á França, á Europa, o espectaculo imponente destas festas nacionaes! Reanimai esta energia em presença da qual as Bastilhas caem! Fazei ressoar em todas as partes do imperio estas sublimes palavras: *Viver livres ou morrer! a constituição toda, sem modificação, ou a morte!* Que estes gritos vão ressoar até aos thronos coligados contra nós; que lhes ensinem que se contou de balde com as nossas divisões internas: agora que a patria está em perigo só nos anima uma unica paixão — a de salval-a ou morrer por ella; que finalmente se a fortuna trahisse nos combates uma causa tão justa como a nossa, poderiam sim os nossos inimigos insultar os nossos cadaveres, mas nunca reter um unico francez em seus ferros! »

IX. — Estas palavras lyricas de Vergniaud ressoavam em Berlim e em Vienna. « Acaba-se de nos daclarar a guerra, » disse o principe de Kaunitz ao embaixador da Russia, o principe de Galitzin, no circulo do imperador, « é como se a tivessem declarado a vós mesmo. » O commando geral das forças prussianas e austriacas foi dado ao duque de Brunswick. Os dois principes não fizeram n'isto mais do que ractificar a escolha da Allemanha; era a opinião que o tinha nomeado. A Alemanha: move se lentamente; as federações são improprias para guerras subitas. A campanha abriu-se do lado dos francezes antes que a Prussia e a Austria tivessem preparado os seus armamentos.

Dumouriez tinha contado com esta lentidão e indolencia das duas monarchias alemãs. Seu habil plano consistia em cortar a coligação em duas, e fazer uma repentina invasão na Belgica antes da Prussia se poder achar naquelle terreno. Se Dumouriez tivesse sido ao mesmo tempo o inventor e o executor do seu plano, a Belgica e a Hollanda acabariam; porem La Fayette, encarregado de effectuar a invasão á testa de quarenta mil homens não tinha nem as temeridades nem o fogo d'este homem de guerra. Mais general d'opinião do que de exercito, estava mais costumado a commandar burguezes

na praça publica do que soldados em campanha. Pessoalmente bravo, amado das tropas, porem mais cidadão do que militar, tinha feito a guerra da America com punhados de homens livres e não com massas indisciplinadas. Não comprometter os seus soldados, defender com intrepidez as fronteiras, morrer generosamente nas Thermopylas, fallar heroicamente aos guardas nacionaes, apaixonar as suas tropas pró ou contra as opiniões, tal era a naturesa de La Fayette. As ousadias da grande guerra que arrisca tudo para tudo salvar, e que descobre momentaneamente uma fronteira para ir ferir um imperio no coração, não convinham aos seus habitos, e menos ainda á sua situação. Chegando a ser general, La Fayette ficara chefe de partido; fazendo frente ao estrangeiro, era-lhe myster sem duvida gloria para nutrir a sua influencia, e reconquistar este papel de arbitro da revolução que já principiava a escapar-se-lhe; mas antes de tudo era myster que elle se não compromettesse. Uma derrota tel-o-hia perdido. Quem não se arrisca a uma derrota nunca alcançará uma victoria. Era o general das contemporisações. Ora, perder o tempo da revolução, era perder toda a sua força. A força das massas indisciplinadas está na sua impetuosidade; que as afrouxa, perde-as.

Dumouriez, impetuoso como a irrupção, estava compenetrado do instincto desta verdade. Esforçava-se nas conferencias que precederam a nomeação dos generaes, fazel-a passar á alma de La Fayette. Collocava-o á frente do principal corpo de exercito que devia penetrar na Belgica, como o general mais proprio a fomentar as insurreisões populares, e a mudar nas provincias belgas a guerra em revolução. Sublevar a Belgica em favor da liberdade franceza, fazer a sua independencia solidaria da nossa, era arrancal-a á Austria, e voltal-a contra os nossos inimigos.

Os Belgas, no plano de Dumouriez, deviam conquistar-nos a Belgica; os fermentos da insurreição estavam mal abafados nestas provincias. Os primeiros passos dos soldados francezes deviam revolvel-os e reanimal-os.

X. — A Belgica, longo tempo dominada pela Hespanha, havia contrahido o catholocismo supersticioso e cioso. A nação pertencia aos padres; os previlegios do clero pareciam-lhe os previlegios do povo. José II, filosofo antes da occasião, mas filosofo armado, tinha querido emancipar este povo do despotismo do sacerdocio. A Belgica havia-se insurgido em 1790 contra a liberdade que se lhe offerecia, e tomara partido pelos seus oppressores. O fanatismo dos padres e o fanatismo dos previlegios municipaes, reunidos n'um unico sentimento de resistencia a José II tinham sublevado estas provincias. Os revoltados ganharam *Gaud* e *Bruxellas*, e proclamaram a deposição da casa de Austria da soberania dos Paizes Baixos. Apenas triumphante, a revolução belga dividiu-se: o partido sacerdotal e o aristocratico pediam uma constituição oligarchica; o partido popular pedia uma democratica modelada pela revolução franceza. *Van-der-Noot* tribuno eloquente e cruel, era a alma do primeiro partido. *Van-der-Mersch*, soldado intrepido, era o chefe do partido do povo. A guerra civil rebentou no meio da guerra da independencia. Van-der-Mersch, prisioneiro dos aristocratas e dos padres, foi metido n'uma prisão. Leopoldo, successor de José II, aproveitou-se deste dilaceramento para reconquistar a Belgica. Cançada da liberdade, antes de ter gosado, ella sugeitou-se sem resistencia. Van-der-Noot exilou-se na Hollanda. Van-der-Mersch, libertado pelos Austriacos, recebeu um generoso perdão, e tornou-se cidadão obscuro. A independencia foi comprimida por fortes guarnições austriacas; não podia deixar de acordar ao contacto dos exercitos francezes.

La Fayette pareceu comprehender e approvar este plano. Concordou-se que o marechal de Rochambeau tivesse o commando em chefe do exercito que ameaçaria a Belgica, que La Fayette tivesse ás suas ordens um corpo consideravel o qual levaria a effeito a invasão, e que apenas esta tivesse logar, La Fayette commandaria sosinho nos Paizes Baixos. Rochambeau, velho e gasto pela inacção, não teria assim mais do que as honras do cargo, e La Fayette a acção da campanha, e toda a propaganda armada da revolução. «Este papel convem-lhe dizia o velho marechal; eu não entendo nada da guerra das cidades.» Fazer marchar La Fayette sobre Namur mal defendida, o apoderar-se della; marchar dahi sobre Bruxellas e sobre Liége, estas duas capitaes dos Paizes Baixos e estes dois focos da independencia belga; lançar ao mesmo tempo o general Biron com dez mil homens sobre Mons contra o general austriaco Beaulieu, que só tinha dois a tres mil homens, destacar da guarnição de Lille outro corpo de tres mil soldados que occuparia Tournay, e que depois de deixar guarnição na cidadella, iria engrossar o corpo de Biron; fazer sahir de Dunkerque mil e duzentos homens, que surprehenderiam Turnes; avançar depois, convergindo sobre o coração das provincias belgas, com estes quarenta mil homens reunidos sob a direcção de La Fayette; atacar por toda a parte ao mesmo tempo em dez dias um inimigo mal preparado; insurgir as populações na sua rectaguarda; reforçar assim até oitenta mil soldados este exercito de ataque e juntar-lhe batalhões belgas, levanta-los em nome da sua independencia, para combater o exercito do imperador á medida que fosse chegando da Alemanha, tal era o atrevido plano de campanha, concebido por Dumouriez. Nada lhe faltava, para todas as condições de exito, senão um homem para o executar. Dumouriez dispoz as tropas e os commandos em conformidade com este plano.

XI. — O enthusiasmo da França correspondia a este vôo do seu genio.

Do outro lado do Rheno, os preparativos se faziam com energia e concerto. O imperador e o rei de Prussia reuniram-se em Francfort. O duque de Brunswick ahi se encontrou com elles. A imperatriz da Russia adheriu á agressão das potencias contra a nação franceza, e fez marchar suas tropas contra a Polonia, para abafar ahi os germens dos mesmos principios que se iam combater em Pariz. A Alemanha inteira, se bem que a seu pesar, cedeu ao impulso dos tres gabinetes, e abalou, por massas para o Rheno. O imperador preludiou a guerra dos thronos contra os povos, com a sua coroação em Francfort. O quartel general do duque de Brunswick organisou-se em Coblentz; era a capital da emigração. O generalissimo da confederação teve a primeira intrevista com os condes de Provence e d'Artois, os dois irmãos de Luiz XVI. Prometteu-lhes, dentro em pouco, restituir-lhes sua patria e jerarchia. De antemão o denominavam já o *heroe do Rheno*, e o *braço direito dos reis*.

Tudo tomava um aspecto militar. Os dois principes da Prussia, acantonados n'uma aldeia proxima de Coblentz, não tinham mais do que um quarto, e dormiam no chão. O rei da Prussia era acolhido em todas as margens do Rheno ao estrepito de salvas de artilheria. Em todas as cidades por onde atravessava, os emigrados, a população, e as suas tropas, o proclamavam antecipadamente o salvador da Alemanha. Seu nome, escripto nas illuminações em letras de fogo, estava coroado com esta aduladora divisa: *Vivat Villelmus, Francos deleat, jura regis restituat! — Viva Guilherme, o exterminador dos francezes, o restaurador da realeza!*

XII. — Coblentz, cidade situada na confluente do Moselle e do Rheno, nos Estados do eleitor de Tréves, se transformára na capital da emigração franceza. Uma reunião de mais de vinte e dois mil gentilhomens, rodeava alli os sete principes da casa Bourbon, emigrados. Estes principes eram os condes de Provence e d'Artois, irmãos do rei; os dois filhos do conde d'Artois, os duques de Berri e d'Angouléme; o principe de Condé, primo do rei; o duque de Bourbon, seu filho, e o duque de Enghien, seu neto. Toda a nobreza militar do reino, excepto os partidos da constituição, haviam desertado suas guarnições ou castellos, para se alistarem nesta crusada dos reis contra a revolução franceza.

Este movimento, que parecia hoje impio, porque armava cidadãos contra sua patria, e implorava exercitos estrangeiros para combater a França, não tinha então aos olhos da nobreza franceza este caracter parrecido, que o patriotismo melhor esclarecido dos tempos modernos hoje lhe attribue. Culpado ante a razão, explicava-se ao menos perante o sentimento. A infedilidade á patria, apellidava-se fidelidade ao rei. A deserção, apellidava-se honra.

A fidelidade ao throno era a religião da nobreza franceza. A soberania do povo parecia-lhe um dogma insolente, contra o qual era mister desembainhar a espada, sob pena de compartilhar o crime. Esta nobreza havia pacientemente soffrido o aviltamento, e os despojos pessoaes de seus titulos e fortunas, que a assembléa constituinte lhe impozera com a destruição dos ultimos vestigios da feudalidade, ou antes, generosamente fizera ella propria estes sacrificios á patria em a noite de 6 de agosto. Porém os ultrages ao rei, mais intoleraveis lhe pareceram, do que seus proprios ultrajes. Livral-o do captiveiro, arrancal-o aos perigos, salvar a rainha e seus filhos, restabelecer a realeza na sua plenitude, ou morrer combatendo pôr esta causa tão santa, parecia-lhe dever da sua situação, e do seu sangue. A honra de um lado; do outro a patria: não hesitára; tinha seguido a honra. Santificava-se ainda mais a seus olhos, pela magica palavra — dedicação. E com effeito, havia uma verdadeira dedicação nestes mancebos e nestes velhos, em abandonar seus postos no exercito, seus bens, patria, e familias, para se arremessarem na terra estranha, em torno da bandeira branca, desempenharem as funcções de simples soldados, affrontar o exilio e a expoliação lançada contra elles pelas leis de seu paiz, as fadigas dos acampamentos militares, expôr-se á morte nos campos de batalha. Se a dedicação dos patriotas á revolução era sublime como a esperança, a dedicação da nobreza emigrada era generosa como o desespero. Nas guerras civis é preciso julgar cada um dos partidos com as suas proprias idéas. As guerras civis são quasi sempre a expressão de dois deveres em opposição um contra o outro. O dever dos patriotas, era a patria: dos emigrados o dever, era o throno. Um dos dois partidos se enganava a respeito do que é dever; mas ambos o acreditavam cumprir.

XIII. — A emigração compunha-se de dois partidos bem distinctos: os politicos e os combatentes. Os politicos, que se reuniam em roda do conde de Provence e do conde d'Artois, desencadeavam-se em imprecações sem perigos contra as verdades da philosofia, e contra os principios da democracia: escreviam livros e jornaes, onde a revolução franceza estava representada, aos olhos dos soberanos estrangeiros, qual uma conspiração infernal de alguns scelerados contra os reis, e contra o proprio Deus; formavam conselhos de um governo imaginario; disputavam-se as missões; sonhavam plannos: forjavam intrigas; precorriam todas as cortes: amotinavam os soberanos e seus ministros contra a França; disputavam-se o favor dos principes francezes; devoravam seus subsidios; transportavam, para a terra do exilio, as ambições, as rivalidades, e a cobiça das cortes.

Os militares não haviam transportado comsigo mais do que a bravura, indifferença, vivacidade, e graça da sua nação e profissão. Coblentz era o acampamento da illusão e da dedicação. Este punhado de bravos reputava-se uma nação, e preparava-se, exercitando-se nas manobras e nos acampamentos de guerra, a reconquistar, ao cabo de algumas marchas, uma monarchia inteira. Os emigrados de todos os paizes e de todos os tempos tem apresentado um espectaculo similhante. A emigração tem seus effeitos de miragem, como o deserto. Acreditavam haver transportado a patria na solla de seus sapatos, como dizia Danton; não se transporta mais do que o vestigio della, somente se acumulam as coleras, e unicamente se encontra a propria piedade.

XIV. — Entre os primeiros emigrados, tres facções correspondiam a estes partidos diversos na propria emigração,

O Conde de Provença, depois Luiz XVIII, era um principe philosofo, politico, diplomata, inclinado por espirito ás innovações, inimigo da nobreza, do sacerdocio, favoravel á democracia, e que haveria perdoado á revolução, se a propria revolução tivesse querido perdoar á realeza. Suas antecipadas enfermidades vedavam-lhe o exercicio das armas, e por isso armava-se da politica, cultivava seu espirito, estudava a historia, escrevia bem, presentia a queda proxima, e temia a morte provavel de Luiz XVI; acreditava nas vicissitudes das revoluções, e já de longe se preparava para vir a ser o pacificador do seu paiz, e o conciliador do throno e da liberdade. Seu coração pouco varonil, tinha os deffeitos e as qualidades de mulher. Carecia de amizade, e entregava-se a favoritos; escolhia-os mais pela graça, do que pelo merito. Não via as couzas e os homens, senão atravez os livros e os seus cortezãos. Principe um pouco theatral, apresentava-se ante a Europa como uma estatua do direito e do infortunio. Estudava as suas acti'udes, fallava academicamente das suas adversidades; apparecia como victima, e como sabio. O exercito não o amava.

XV. — O conde d'Artois, mais novo do que elle, corrompido pela corte e pelas mulheres, tomára o papel de heroe. Representava em Coblentz a antiga honra, a dedicação cavalheiresca, o caracter francez. Era adorado da nobreza da côrte, cuja personificava a graça, a elegancia, e o orgulho. Seu coração era bom, seu espirito facil mas pouco instruido. Philosofo por admiração e por leviandade antes da revolução, supersticioso depois por atractivo e por fraqueza, desafiava de longe a revolução com a sua espada. Parecia mais proprio para irrital-a do que para vencêl-a; annunciava desde esta epocha essas temeridades sem resultado, e essas provocações sem força, que deviam um dia custar-lhe o throno. Porem sua belleza, graça, e cordialidade, cobriam as imperfeições da sua intelligencia; parecia destinado a nunca morrer. Velho de annos, devia reinar e morrer eternamente mancebo. Era o principe daquella joventude; n'outra epocha haveria sido um Francisco I: na sua foi Carlos X.

O principe de Condé era militar pelo sangue, pelo gosto e pelo merito. Despresava aquellas duas cortes transplantadas nas margens do Rheno: a corte delle, era o seu acampamento. Seu filho o duque de Bourbon, militava pela primeira vez, e sob o seu commando. Seu neto, o duque de Enghien, de dezessete annos de edade, servia-lhe já de ajudante de campo. Este moço principe era a graça varonil do acampamento dos emigrados; sua bravura, intrepidez e generosidade, promettiam mais um heroe a esta heroica raça dos Condés: digna de vencêr por uma causa menos condemnada, ou digna de morrer em alto dia no campo de batalha, e não como morreu, alguns annos depois, no fundo do fosso de Vincennes, á luz de um lampeão, sem outro amigo mais do que o seu cão, atravessado pelas ballas de um pelotão mandado de noite, como para um assassinio.

XVI. — No entanto o proprio Luiz XVI tremia no seu palacio, da repercussão desta guerra que elle havia proclamado, e trovejava nas fronteiras. Não dissimulava a si proprio que elle era, menos o chefe, do que o refem da França; que sua cabeça e a de sua mulher, e de seus filhos responderiam á nação pelos seus revezes ou perigos. O perigo via por toda a parte a traição. Os jornaes e os clubs denunciavam mais do que nunca a existencia de um *comité austriaco*, cujo a rainha era a alma. Este boato era acreditado pelo povo; durante a paz não custava a esta princeza senão a sua popularidade; podia custar-lhe a vida durante a guerra. Assim, accusada de trahir a paz, esta infeliz familia era agora accusada de trahir a guerra, A's falsas situações tudo é perigo. O rei encarava todos estes perigos ao mesmo tempo, e corria sempre para outro perigo mais proximo.

Enviou um agente secreto ao rei da Prussia e ao imperador, para alcançar destes dois soberanos que suspendessem, no interesse da sua salvação, as hostilidades e fizessem preceder a invasão de um manifesto conciliatorio, que permittisse á França recuar sem vergonha, e que colocasse os dias da familia real sob a responsabilidade da nação. Este agente secreto era Mallet-Dupan, moço publicista genovez estabellecido em França, e envolvido no movimento contra-revolucionario. Mallet-Dupan amava a monarchia por principio, e o rei por dedicação pessoal. Partiu de Pariz sob pretexto de voltar a Genova, sua patria. Foi dahi á Alemanha, ter com o marechal de Castries, confidente de Luiz XVI no estrangeiro, e um dos chefes dos emigrados. Acreditado pelo Duque de Castries, apresentou-se em Cloblentz ao duque de Brunswick, em Francfort aos ministros do imperador e do rei da Prussia. Recusaram prestar confiança ás

suas communicações, se acaso não mostrasse uma carta do proprio rei. O monarcha enviou-lhe estas tres linhas, escriptas por seu proprio punho n'um pedacinho de papel, de duas polegadas de largura : « *A pessoa que apresentar este bilhete sabe as minhas intenções, e pode prestar-se-lhe credito ao que em meu nome disser.* » Este regio signal de reconhecimento abriu a Mallet-Dupan os gabinetes da colligação.

Abriram-se conferencias entre o negociador francez, o conde de Cobentzel, o conde d'Hangwitz, e o general Heyman, plenipotenciarios do imperador, e do rei da Prussia. Estes ministros, depois de terem verificado o titulo da missão de Mallet-Dupan, pediram-lhe a communicação das suas instrucções. Ellas diziam que « o rei juntava as suas supplicas ás suas exhortações para conjurar os emigrados, a que não fizessem perder a proxima guerra o seu caracter de potencia, tomando nelle parte, em nome do restabellecimento da monarchia. Outra conducta que não fosse esta, cauzaria uma guerra civil, poria em perigo os dias do rei e da rainha, destruiria o throno, e faria degolar os realistas.

O rei acrescentava que conjurava os soberanos armados pela sua causa, a separarem bem no seu manifesto a facção dos jacobinos da nação, e a liberdade dos povos da anarchia que os despedaça ; a declararem formal e energicamente á assemblea, aos corpos administrativos, e ás municipalidades que responderiam com suas cabeças por qualquer attentado que se commettesse contra a sagrada pessoa do rei, da rainha, e de seus filhos ; annunciando em fim á nação que a guerra não seria seguida de desmenbramento algum ; que só com o rei se trataria da paz ; e que portanto a assemblea devia darse pressa a restituir-lhe a mais plena liberdade, para negociar em nome do povo, com as potencias. »

Mallet-Dupan desenvolveu o sentido das suas instrucções com a superioridade de vistas e energia de dedicação pelo rei, de que elle era capaz. Descreveu, com côres tragicas, o interior do palacio das Tuilerias e os terrores que a familia real ahi soffria. Os negociadores commoveram-se até o ponto de enternecimento. Prometteram communicar estas impressões aos seus soberanos, e deram a Mallet-Dupan a certesa de que as a intenções do rei seriam a regra, e a medida das palavras do manifesto que a colligação dirigiria á nação franceza.

Com tudo não lhe dissimularam sua admiração em vêr que a lingoagem dos principes francezes emigrados em Coblentz, era tão opposta ás vistas do rei em Paris. » Testimunham declaradamente, disseram elles, intenção de reconquistarem o reino por via da contra-revolução, faserem-se independentes, destronarem seu irmão, e proclamarem uma regencia. » O confidente de Luiz XVI tornou a partir para Genova depois desta entrevista. O imperador, o rei da Prussia, os principes da confederação, os ministros, os generaes, o duque de Brunswick, dirigiram-se a Moguncia. Esta cidade, onde as festas eram interrompidas pelos conselhos, foi durante alguns dias, o quartel general dos thronos. Resoluções extremas se adoptaram ahi por inspiração dos emigrados. Decidiu-se combater, corpo a corpo, uma revolução que ia medrando pelas attenções que se guardavam para com ella. Os pedidos de Luiz XVI, os avisos de Mallet-Dupan foram esquecidos. Assentou-se o plano da campanha.

XVII. — O imperador havia ter a direcção suprema da guerra na Belgica, o duque de Saxe-Teschen commandaria ahi o seu exercito. Quinze mil homens de tropas suas cubririam a direita dos prussiannos, e fariam juncção com elles em Longwy. Vinte mil homens do imperador, commandados pelo principe de Hohenlohe, dirigir-se-iam entre o Rheno e o Moselle, cobririam a esquerda dos Prussiannos, e operariam sobre Landau, Sarrelouis, Thiouville. Terceiro corpo, ás ordens do principe Esterhazy, e reforçado com cinco mil emigrados capitaneados pelo principe de Condé, ameaçariam as fronteiras, desde a Suissa até Philipsbourg. O rei de Sardenha teria sobre o Var e o Isére, o seu exercito de observação. Tomadas estas disposições resolveu-se responder ao terror pelo terror, e publicar, em nome do generalissimo, o duque de Brunswick, um manifesto, que á nação francesa não deixasse outra alternativa senão a submissão, ou a morte.

O sr. de Calonne o inspirou. O marquez de Limon, antigo intendente das finanças do duque de Orleans, primeiramente revolucionario ardente como seu amo, depois emigrado e realista implacavel, escreveu o manifesto, e apresentou-o ao imperador. Este monarcha fez aproval-o pelo rei da Prussia. O rei da Prussia impol-o ao duque de Brunswick. O duque murmurou, e pedio faculdade de modificar-lhe alguns termos. Os soberanos consentiram-lh'o. O marquez de Limon, apoiado pelo partido dos principes franceses, restabeleceu o texto, como estava. O duque de Brunswick indignou-se, e rasgou o manifesto, sem todavia se aventurar a desapproval-o. A proclamação appareceu com todos os seus insultos, e todas as suas ameaças á nação francesa. O imperador e o rei da Prussia, instruidos das secretas fraquezas do duque de Brunswick para com a França, e do offerecimento da corôa que os facciosos lhe tinham feito, fizeram carregar este principe com a responsabilidade daquella proclamação, qual uma vingança, ou uma negação. Este imperioso desafio dos reis á liberdade, ameaçava com a morte todos os guardas nacionaes que fossem apanhados com as armas na mão, defendendo sua independencia e patria, e no caso de o mais pequeno ultraje ser commettido pelos facciosos contra a a magestade real, annunciava-se que Paris seria riscada da superfice da terra.

DECIMO QUINTO.

I. — No entanto que a eminencia de uma guerra de morte agitava o povo e ameaçava o rei, a discordia continuava a reinar no conselho de ministros. O da guerra Servan, era accusado por Dumouriez de obedecer, com um sirvilismo mais similhante ao amor do que á complacencia, ás influencias da senhora Roland, e de fazer falhar completamente o plano de invasão na Belgica. Os amigos da senhora Roland, por sua parte, ameaçavam Dumouriez de lhe pedir contas pela assemblea, dos seis milhões de despesas secretas cujo emprego elles suspeitavam. Até mesmo já Guadet e Vergniaud tinham preparado os discursos e um projecto de decreto para pedirem contas publicas destas sommas. Dumouriez, que comprára, com este ouro, amigos e cumplices nos jacobinos e nos *feuillants*, revoltou-se contra a suspeita, e recusou-se dar contas, em nome da sua honra ultrajada, e offereceu resolutamente a sua demissão. A tal noticia, grande numero de membros da assemblea, dos *fueillants*, dos jacobinos, o proprio Pethion, foram a casa do ultrajado ministro, e conjuraram-o a continuar na sua pasta. Consentiu sob condição de se deixarem aquelles fundos só á sua consciencia. Os girondinos intimidados tambem pela sua retirada, e conhecendo que um homem deste caracter era indispensavel á sua fraqueza, renunciavam ao seu decreto, e votaram-lhe a confiança publica. O povo aplaudiu-o saindo da assemblea. Estes aplausos ressoaram dolorosamente no conciliabulo da senhora Roland. A popularidade de Dumouriez fazia-a ciosa, Não era a seus olhos a popularidade da virtude. Ella queria-a toda inteira para o seu marido, e para o seu partido. Roland e os seus collegas girondinos, Servan, Claviére, redobravam de esforços, de violencias sobre o espirito do rei, e de denuncias para a reconquistar. Lisongear a assemblea, cortejar o povo, irritar os jacobinos contra a corte, atormentar o rei pela rogativa imperiosa de sacrificios que elles sabiam ser-lhe impossiveis, denuncial-o surdamente á opinião publica como a causa de todo o mal ; como um obstaculo a todo o bem, constrangel-o por fim á força de insolencias e ultrajes, a expulsal-os para o accusarem depois de trair nelles a resolução, tal era sua tatica, resultado antes de fraqueza, do que de ambição.

Este espirito de denegrir o rei cujo elles eram ministros, formava o fundo da conspiração da senhora Roland. Neste, não passava isto de ser um humor tristo-

nho: nos seus collegas era uma rivalidade de patriotismo com Robespierre. Em a senhora Roland, era a paixão da republica que se impacientava de um resto de throno, e que se surria com complacencia ás facções promptas a destruirem a monarchia. Quando as facções não tinham mais armas, a senhora Roland e os seus amigos apressavam-se a fornecer-lhas.

II. — Vio-se o fatal exemplo n'um passo do ministro da guerra Servan. Este ministro dominado pela senhora Roland, propoz á assemblea nacional, sem authorisação do rei, e sem permissão do voto do conselho, reunir um acampamento de vinte mil homens em roda de Paris. Este exercito, composto de federados escolhidos entre os homens mais exaltados das provincias, devia ser, no plano dos girondinos, uma especie de exercito central da opinião, dedicado á assemblea, contrabalançando a guarda do rei, comprimindo a guarda nacional, e recordando esse exercito do parlamento ás ordens de Cromwell que levara Carlos I ao cadafalso.

A assemblea, á excepção do partido constitucional, apoderou-se desta idea como o odio agarra a arma que se lhe offerece. O rei conheceu o golpe. Dumouriez comprehendeu a perfidia. Não pôde refrear a sua colera contra Servan, no conselho. As suas reconvenções foram aquellas de um leal defensor do seu rei. As respostas de Servan foram evasivas, mas provocadoras. Os dois ministros levaram as mãos ás espadas, e se não fora a presença do rei e a intervenção dos seus collegas, o sangue teria corrido no conselho.

O rei queria recusar a sancção ao decreto dos vinte mil homens. «E' mui tarde, disse Dumouriez: a vossa recusa trahiria receios demasadiamente fundados, mas é preciso evitar mostral-os a vossos inimigos. Sanccionai o decreto, eu me encarrego de centralisar o perigo deste ajuntamento.» O rei pediu tempo para reflectir.

Os girondinos intimaram no dia seguinte o rei para sanccionar o decreto relativo aos padres não juramentados. Foram dar de encontro á consciencia religiosa de Luiz XVI. Apoiado na sua fé, este principe declarou que antes morreria do que assignaria a perseguição da sua igreja. Dumouriez, insistiu tanto como os girondinos para se obter esta sancção. O rei foi inflexivel. Debalde Dumouriez lhe representou que recusando-se a medidas legaes contra o clero não juramentado, expunha os padres á carnificina, e se faria tambem responsavel pelo sangue derramado. Debalde lhe representou que a recusa desta sancção despopularisava o ministerio, e fasia-lhe assim perder toda e esperança de salvar a monarchia. Debalde se dirigiu á rainha, e a conjurou pelos sentimentos de mãi a unir-se aos ministros para dobrarem a vontade do rei. A propria rainha por muito tempo não teve forças de tal. O rei finalmente pareceu hesitar: emprasou Dumouriez para um entretenimento secreto á noite. Neste entertenimento ordenou a Dumouriez que lhe apresentasse tres ministros para substituir Roland, Claviére, e Servan. Dumouriez estava prompto. Propoz Vergennes para as finanças, Vaillac para os negocios estrangeiros, Morgues para o interior. Quanto a si reservou-se a guerra: ministerio dictatorial no momento em que a França vinha a ser um exercito. Roland, Claviére, e Servan, profundamente irritados de uma demissão que tinham provocado, mas não haviam previsto, correram a apresentar as suas queixas e accusações na assemblea. Foram recebidos como os martyres do seu patriotismo. Tinham enchido as galerias dos seus partidistas.

III — Roland, Claviere e Servan, assistiam á sessão sob pretexto de darem conta dos motivos da sua demissão. Roland leu á assembléa a famosa carta confidencial dictada por sua mulher, e que elle lêra ao rei no seu gabinete. Affectou acreditar que a discussão dos ministros era o castigo de sua coragem. Os conselhos que dava ao rei naquella carta foram assim transformados em accusação contra este infeliz principe. Nunca Luiz XVI tinha recebido dos facciosos um golpe mais terrivel do que este descarregado pelo seu ministro. Os girondinos fizeram de Roland um heroe. Ordenou-se a impressão da sua carta, e a remessa della aos oitenta e tres departamentos.

Roland sahiu coberto de applausos. Dumouriez entrou no meio de apupadas. Teve na tribuna o sangue frio do campo da batalha. Principiou annunciando á assembléa a morte do general Gouvion. «E' uma felicidade, diz elle tristemente, morrer combatendo contra o inimigo, e não ser testimunha das discordias que nos dilaceram. Invejo a sua morte.» Conhecia-se no accento da sua linguagem a serenidade energica d'uma alma forte, resolvida a luctar até á morte contra as facções. Leu depois uma memoria sobre o ministerio da guerra. O seu exordio era agressivo contra os jacobinos, e reclamava o respeito devido aos ministros do poder executivo.» Ouvis vós o Cromwell! exclamou Guadet com uma voz atroadora. Julga-se já tão seguro do imperio que ousa dar-vos conselhos. — E porque não? disse altivamente Dumouriez voltando-se para a Montanha. A sua segurança impoz á assembléa. Os deputados *feuillants* sahiram com elle, e acompanharam-o ás Tuilerias. O rei annunciou-lhe que consentia em dar a sua sancção ao decreto dos vinte mil homens. Quanto ao decreto a respeito dos padres, repetio aos ministros que a sua resolução estava tomada. Encarregou-os de levarem ao presidente da assembléa uma carta de seu punho contendo os motivos do seu *veto*. Os ministros inclinaram-se e separaram-se consternados.

IV — Dumouriez regressando a sua casa, soube que haviam ajuntamentos no arrebalde de Santo Antonio. Advertiu o rei. O principe julgou que o queriam assustar. Perdeu a sua confiança em Dumouriez. Este offereceu a sua demissão. Acceitou-se-lhe. A pasta do ministerio dos negocios estrangeiros foi confiada a Chambonás; a da guerra a Lajard, militar do partido de La Fayette; a do interior ao senhor de Mouciel, constitucional *feuillant*, e amigo do rei. Era a 17 de Junho. Os jacobinos, o povo, guiados pelos girondinos, agitavam já a capital; tudo annunciava uma proxima insurreição. Estes ministros, sem força armada, sem popularidade, e sem partido, acceitaram assim a responsabilidade dos perigos accumulados pelos seus predecessores. O rei viu ainda uma ultima vez a Dumouriez. As despedidas do monarcha e do seu ministro foram tocantes.

«Hides pois para o exercito, lhe disse o rei? — Sim senhor respondeu Dumouriez. Deixaria com delicia esta horrivel cidade, se não tivesse o sentimento dos perigos de Vossa Magestade. Escutai-me senhor. Não estou destinado a tornar a ver vos. Tenho cincoenta e tres annos, e experiencia. Abusa-se da vossa consciencia no decreto dos padres. Conduzem-vos á guerra civil. Estais sem força e secumbireis, e a historia, lamentando-vos, accusar-vos-ha das desgraças do vosso povo.» O rei estava sentado junto da meza onde acabava de assignar as contas do general. Dumouriez estava de pé ao lado delle, com as mãos juntas. O rei pegou-lhe nas mãos, e disse-lhe com um tom de voz commovido mas resignado. «Deus ó testimunho que eu só penso na felicidade da França — Não duvido, replicou Dumouriez enternecido. Deveis contas a Deus não só da pureza, mas tambem do uzo esclarecido das vossas intenções. Julgais salvar a religião, e vós a destruis. Os padres serão assassinados. Arrancar-vos-hão a vossa corôa; e talvez mesmo que vos, a rainha, vossos filhos...» Não concluiu, collou os seus labios sobre a mão do rei, que de sua parte estava banhado em lagrimas. «Eu espero a morte, replicou o rei com tristeza, e perdôo de antemão a todos os meus inimigos. Agradeço a vossa sensibilidade. Haveis servido-me bem; estimo-vos. Adeus. Sêde mais feliz do que eu.» Dizendo estas palavras Luiz XVI foi esconder-se no vão de uma janella no fundo da camara para occultar a perturbação da sua phisionomia. Dumouriez não o tornou a vêr. Encerrou-se alguns dias no retiro de um bairro afastado de Pariz. Olhando o exercito como o unico azylo em que um cidadão ainda pode servir a patria, partio para Donai, quartel general de Luckner.

V. — Os ministros girondinos ficaram por um momento aterrados entre a humiliação da sua queda e a

alegria da proxima vingança. « Eis-me expulso, disse Roland a sua mulher, quando regressou a caza. Não tenho senão um pezar, é que as nossas lentidões nos hajam impedido tomar a iniciativa. » A senhora Roland retirou-se para a modesta habitação sem perder cousa alguma da sua influencia e sem lastimar o poder, porque ella levava para o seu retiro o seu genio, o seu patriotismo e os seus amigos. A conjuração não fez senão mudar de logar com ella ; do ministerio do interior, passou toda inteira para o pequeno cenaculo que ella inspirava com a sua paixão.

Este circulo engrandecia de dia para dia. A attracção desta mulher confundia-se no coração dos seus amigos com a attracção da liberdade. Elles adoravam nella a republica futura. O amor que estes mancebos não confessavam por ella fazia apesar delles parte da sua politica. As ideas não vem a ser activas e poderosas senão quando o sentimento as vivifica. Ella era o sentimento do seu partido.

Este partido recrutou naquelle tempo um homem estranho á Gironda, ao qual sua mocidade, bellesa e energia deviam arremessar naturalmente nesta facção da illusão e do amor, governada por uma mulher. Este mancebo era Barbaroux.

Barbaroux não tinha então mais de vinte seis annos. Nascera em Marselha de uma destas familias de navegantes que conservam nos costumes e nas feições alguma cousa do aventureiro de sua vida, e da agitação do seu elemento. A elegancia da sua estatura, a graça ideal do seu rosto recordavam as fórmas perfeitas que a antiguidade adorava nas estatuas de Antinous. O sangue desta Grecia asiatica de que Marselha é uma colonia revelava-se pela puresa do perfil no moço Phoceano. Tão ricamente dotado dos dons da intelligencia como dos de corpo, Barbaroux exercitou-se mui cedo na palavra, este luxo dos homens do meio-dia. Fizeram-o advogado. Pleiteou com talento algumas causas publicas. Porém á potencia e á sinceridade da sua alma repugnava esta eloquencia, muitas vezes mercenaria, que simula a paixão. Eram-lhe mister essas causas nacionaes onde com a palavra se dão a alma e o sangue. A revolução com a qual nascera lhas offerecera. Esperava com impaciencia a occasião e a hora de a servir.

A sua adolescencia retinha-o ainda afastado da scena em que elle ardia lançar-se. Passava os dias junto da aldeia d'Ollioules, n'uma pequena propriedade da sua familia, occulta pelas arvores que lançam uma pequena sombra nas encostas calcinadas deste valle. Tratava ahi das pequenas culturas que a avidez do terreno e o ardor daquelle sol disputam aos rochedos. Nas suas horas livres estudava as sciencias naturaes. Entretinha correspondencia com dois Suissos, cujos systemas de physica occupavam então o mundo sabio : os srs. de Saussure e Marat. Porém a sciencia não bastava a esta alma, que trasbordava de sentimento. Barbaroux a espandia nas suas ardentes poesias elegiacas do meio-dia, vagas como o herisonte deste mar que elle tinha ali á vista. Conhece-se nellas essa melancolia meridional cuja languidez possue mais voluptuosidade do que fraquesa, e se assimelha aos canticos do homem sentado ao sol antes ou depois do trabalho. Mirabeau havia principiado assim a sua vida. Os genios mais energicos começam muitas vezes pela tristeza, como se tivessem no germen de sua vida os presentimentos de seus asperos destinos. Dir-se-hia, lendo os versos deste mancebo, que através as suas primeiras lagrimas entrevia suas faltas, expiação, e cadafalso.

VI. — Depois da eleição de Mirabeau, e das agitações que a seguiram, Barbaroux foi nomeado secretario da municipalidade de Marselha. Na occasião das desordens de Arles, pegou em armas e marchou á frente dos mancebos marselheses contra os dominadores do condado. Sua figura marcial, gesto, enthusiasmo, e voz naturalmente o nomeavam chefe. Elle arrastava. Deputado a Pariz para dar conta á assembléa nacional dos acontecimentos do meio-dia, os girondinos, Vergniaud e Guadet, que queriam lançar a amnistia sobre os crimes de Avignon, envolveram este mancebo para o ligarem a si. Barbaroux, fogoso como a sua edade, não justificava os algozes de Avignon, mas detestava as victimas. Era o homem necessario aos girondinos. Feridos da sua eloquencia e do seu enthusiasmo, apresentaram-o á sr.ª Roland. Não havia mulher mais propria para seduzir, nem homem mais adquado para ser sedusido. A sr.ª Roland, em toda a frescura dos seus annos, em todo o esplendor de sua belleza, e tambem em toda a emoção de sensibilidade que a pureza de sua vida não lhe podia abafar em seu coração vasio, falla de Barbaroux com um accento enternecido. « Tinha lido, diz ella, no gabinete de meu marido cartas de Barbaroux cheias de rasão e prudencia prematuras. Quando o vi, admirei-me da sua joventude. Ligou-se a meu marido. Vimol-o mais depois da nossa sahida do ministerio. Era então que, raciocinando sobre o máo estado das cousas, e receio de que o despotismo triumphasse em o norte da França, formavamos o projecto de uma republica no meio-dia. Será o nosso ultimo recurso, me dizia Barbaroux surrindo-se ; mas em os marselheses chegando cá dispensar-nos-hão de recorrer a elle. »

VII. — Roland habitava então n'uma casa da rua Saint-Jacques, quasi sob os tectos. Era o retiro de um philosopho ; sua mulher o esclarecia. Presente a todas as conversações de Roland, ella assistia ás conferencias de seu marido e do moço marselhez. Barbaroux conta assim aquella scena em que nasceu entre elles a idéa da republica : « Esta mulher admiravel estava alli, disse elle ; Roland perguntou-me o que pensava eu relativamente aos meios de salvar a França. Offereci-lhe o meu coração. As minhas confidencias atrairam as suas. A liberdade está perdida, disse elle, se acaso se não despedaçam o mais cedo possivel as conspirações da côrte. La Fayette medita a traição ao norte. O exercito do centro está systematicamente desorganisado. Dentro em dez semanas, os austriacos estarão em Pariz. Não temos pois trabalhado tantos annos em a mais bella das revoluções, senão para vêr distruil-a n'um dia ! Se a liberdade morrer na França, ella não ficará perdida para o resto do mundo. Todas as esperanças da philosofia estão descaidas. Os prejuisos e a tyrannia hão de novamente apoderar-se da terra. Previnamos esta desgraça ; e se o Norte está sugeito, levemos comnosco a liberdade para o Meio-dia, e fundemos ahi em qualquer parte uma colonia de homens livres ! Sua mulher chorava escutando-o. Eu mesmo chorei olhando para ella. Oh ! quanto as espanções da confiança aliviam e fortificam as almas entrestecidas ! Fiz o quadro rapido dos recursos e das esperanças da liberdade no Meio-dia. Uma doce alegria se espalhou pela fronte de Roland ; apertou-me a mão, e traçámos, sobre uma carta geografica da França, os limites deste imperio da liberdade. Estes limites estendiam se do Doubs, do Ain e do Rhone até ao Dordogne, e desde as montanhas inacessiveis do Auvergne até Durance e o mar. Escrevi, dictando-me Roland, para Marselha pedindo-lhe um batalhão e duas peças de artilheria. Concordadas estas bases, deixei Roland, penetrado de respeito por elle e por sua mulher. Tornei-os a vêr depois, durante o seu segundo ministerio, tão simples como no seu humilde retiro. Roland é de todos os modernos o homem que me parece assimilhar-se mais de Catão ; mas deve dizer-se, foi a sua mulher a quem deveu sua coragem e talentos. »

Foi assim que o pensamento d'uma republica federativa nasceu na primeira entrevista de Barbaroux e da sr.ª Roland. O que elles sonhavam como uma medida desesperada da liberdade, lançou-se-lhe mais tarde em rosto de haverem tramado como uma conspiração. Este primeiro suspiro de patriotismo de duas moças almas que se encontravam e se advinhavam, foi seu atractivo e seu crime.

VIII. — Desde este dia, os girondinos, desobrigados de toda a obrigação com o rei, e com os ministros, conspiraram secretamente em casa da sr.ª Roland, publicamente na tribuna, a suppressão da monarchia. Pareciam invejar aos jacobinos a honra de despedir sobre o throno os golpes mais mortaes. Robespierre não fallava ainda então senão em nome da constituição, encerrava-

se na lei, e não avançava o povo. Os girondinos fallavam já da republica, e mostravam com os olhos e com o gesto, o golpe de estado republicano que de dia para dia mais os aproximava. Os conciliabulos em casa da sr.ª Roland multiplicavam-se. Filiavam-se homens novos: Roland, Brissot, Vergniaud, Guadet, Gensonné, Condorcet, Péthion, Lanthenás, que na hora do perigo os traíu; Valazé, Paché, que perseguiu e decimou os seus amigos; Grangeneuve, Louvet que occultou uma grande coragem sob a ligeiresa de costumes e a vivacidade de espirito; Chamfort, familiar dos grandes, espirito lucido, coração odiento, desanimado do povo antes de o ter servido; Carra, jornalista popular, enthusiasta da republica, possuido do delirio e da liberdade; Chenier, poeta da revolução, destinado a sobreviver lhe, e guardando o seu culto até á morte sob a tyrannia do imperio; Dusaulx, tendo nos seus cabellos brancos a juventude do enthusiasmo pela philosofia, Nestor de todos estes mancebos, moderando-os pela sua palavra; Mercier, tomando tudo em gracejo, até mesmo a prisão e a morte.

IX. — Mas destes homens que a paixão da revolução reunia em roda della aquelle que a sr.ª Roland preferia a todos era Buzot. Mais ligado a esta mulher do que ao seu partido, Buzot era por ella um amigo; os outros eram instrumentos ou cumplices. Ella tinha promptamente julgado Barbaroux. Este julgamento supremo, cheio de um certo pesar, era como o arrependimento do favor secreto que o exterior deste mancebo lhe havia ao principio inspirado. Ella reprehende-se a si propria de o ter achado tão bello, e parece precaver o seu coração contra o arrastamento de seu olhar. «Barbaroux é leviano, disse ella: as adorações que essas mulheres sem costumes lhe prodigalisam prejudicam a seriedade dos seus sentimentos. Quando vejo estes bellos mancebos embriagados da impressão que produzem, como Barbaroux e Herault de Sechelles, não posso impedir-me de pensar que elles se adoram de mais a si proprios, para assás adorarem a patria.»

Se é possivel levantar o véo do coração desta mulher virtuosa, que ella propria não levantava, com medo de ahi descobrir um sentimento contrario aos seus deveres, fica-se convencido que a sua instinctiva inclinação fora um instante por Barbaroux, mas que a sua ternura reflectida era por Buzot. Não é dado nem ao dever nem á liberdade, encher toda inteira a alma d'uma mulher bella e apaixonada como ella. O dever géla o coração, a politica engana-o, a virtude retem-o, o amor enche-o. A sr.ª Roland amava Buzot. Buzot adorava nella a sua inspiradora e o seu idolo. Talvez nunca reciprocamente se confessassem por palavras um sentimento que teria sido menos sagrado no dia em que se tornasse culpado. Porém, o que elles se occultavam a si proprios, involuntariamente talvez o patentearam na morte. Ha nos ultimos dias e nas derradeiras horas deste homem e desta mulher, suspiros, gestos e palavras que deixam escapar em presença da morte o segredo retido na vida; mas o segredo assim trahido guarda o mysterio áquelle sentimento. A posteridade tem o direito de entrevêl-o, mas não o direito de o accusar.

Roland, velho estimavel mas melancolico, tinha as exigencias da fraquesa sem possuir reconhecimento e graça para com a sua companheira. Ficara-lhe ella fiel mais pelo respeito a si propria do que por atracção por elle. Amavam a mesma causa, a liberdade. Porém o fanatismo de Roland era frio como o orgulho, o de sua mulher inflammado como o amor. Ella imolava-se todos os dias á gloria de seu marido, e elle apenas se apercebia do sacrificio. Lê-se no seu coração que ella supporta aquelle jugo com orgulho, porém que elle pesa-lhe. Pinta Buzot com complacencia, e como o ideal de uma felicidade interna. «Sensivel, ardente, melancolico, diz ella, contemplador apaixonado da natureza, parece feito para gozar e dar a felecidade. Este homem esqueceria o universo na doçura das virtudes privadas. Capaz de vôos sublimes, e de constantes affeições, o vulgo, que gosta de rebaixar aquillo que não póde igualar, accusa-o de sonho. De uma figura doce, de um talhe elegante, faz reinar no seu vestuario, esta propriedade, esta decencia, que annunciam o respeito de si mesmo e dos outros. Em quanto que a lia da nação eleva os lisongeiros e corruptores do povo aos negocios publicos, no entanto que os degoladores praguejam, bebem e se vestem de andrajos para fraternisar com a populaça, Buzot professa a moral de Socrates, e conserva a polidez de Scipião. Por isso lhe arrasam a sua casa e o banem como a Aristides. Admiro-me de que não hajam decretado que se esquecesse o seu nome!» O homem de quem ella fallava de tal fórma lá do fundo da sua prisão, na vespora de sua morte, exilado, errante, e occulto nas grutas de Saint-Emilion, caiu como ferido do raio, e ficou muitos dias em estado de demencia, quando soube da morte da sr.ª Roland.

Danton, cujo nome principiava a elevar-se acima da multidão onde elle havia adquirido uma notoriedade até então um pouco trivial, buscou nesta mesma epocha a intimidade da sr.ª Roland. Perguntava-se qual era o segredo do crescente ascendente deste homem? d'onde elle sahira? o que era elle? para onde marchava? Remontava-se á sua origem, á sua primeira apparição na scena do povo, ás suas primeiras ligações com os personnagens celebres do tempo. Buscava-se nos mysterios a causa da sua prodigiosa popularidade. Ella estava sobretudo em a sua natureza.

X — Danton não era sómente um desses aventureiros da demagogia que surgem como ***Mazaniello***, ou como ***Hebert***, do ferver das massas. Sahia das hierarchias intermedias, e até mesmo do coração da nação. A sua familia, pura, proba, proprietaria, e industrial, antiga de nome, honrada de costumes, estava estabelecida em Arcis-sur-Aube, e possuia um dominio rural nos suburbios desta pequena cidade. Era do numero destas familias modestas mais consideradas que tem por base o sólo, por occupação principal a cultura, mas que dão a seus filhos a mais completa educação moral e litteraria, e que os preparam assim para as profissões liberaes da sociedade. O pai de Danton morrera novo. Sua mãi tornára a casar com um fabricante d'Arcis-sur-Aube, que possuia e dirigia uma pequena fabrica de fiação. Vê-se ainda junto á ribeira, fóra da cidade, n'um sitio gracioso, a casa, semi-cidadã, semi-rustica, e o jardim nas margens do Aube, onde correu a infancia de Danton.

Seu padastro, o sr. Ricordin, tratou da sua educação como se fôra seu proprio filho. A creança era franca e dada; amavam-a apesar da sua fealdade e turbulencia. Porque a sua fealdade respirava intelligencia, e o seu genio apasiguava-se e arrependia-se á menor caricia de sua mãi. Estudou em Troyes, capital da Champagne. Rebelde á disciplina, preguiçoso no trabalho, amado dos seus mestres e dos seus condiscipulos, a sua rapida comprehensão o igualava n'um abrir e fechar de olhos aos mais assiduos. O seu instincto dispensava-lhe a reflexão. Nada aprendia, e advinhava tudo. Seus condiscipulos chamavam-lhe o Catilina. Acceitava este nome, e brincava algumas vezes com elles fazendo sedições e tumultos, que suscitava ou acalmava pelas suas arengas, como se repetisse na escola os papeis da sua vida.

XI. — O sr. e a sr.ª Ricordin, já avançados em edade, entregaram-lhe, depois da sua educação, a modica fortuna de seu pai. Veio completar os seus estudos de direito em Paris, e comprou um logar de advogado no parlamento. Exerceu-o pouco, e sem fama. Desprezava a chicana. Sua alma e sua palavra tinham as proporções das grandes causas do povo e do throno. A assembléa constituinte começava a agital-os. Danton, attento e apaixonado, estava impaciente por se involver. Procurava os homens famigerados cuja palavra abalava a França. Dedicou-se a Mirabeau. Ligou-se com Camille Desmoulins, Marat, Robespierre, Pethion, Brune depois marechal, Fabre d'Eglantine, o duque de Orleans, Laclos, Lacroix, e todos os agitadores illustres ou subalternos que então revolviam Paris. Passava os dias nas galerias da assembléa, nos passeios, nos botequins, e as noites nos clubs. Algumas frases felizes, algumas arengas breves, alguns relampagos do raio mysterioso, e especial-

mente o seu cabello similhante a uma juba, o seu gesto gigantesco, a sua voz trovejante fizeram-o notado. Mas sob as suas qualidades puramente physicas de orador, os homens escolhidos notaram um profundo bom senso, e um conhecimento instinctivo do coração humano. Sob o agitador presentiram o homem de estado. Danton, com effeito, lia a historia, estudava os oradores antigos, exercitava-se na verdadeira eloquencia, aquella que esclarece apaixonando, e premeditava um papel bem superior ao seu actual. Não pedia ao movimento senão erguel-o assás para elle poder dominal-o depois.

Esposou a menina Charpentier, filha de um botiquineiro do caes da Escola. Esta rapariga tomou imperio sobre elle pela sua ternura, e arrancou-o insensivelmente das desordens da sua joventude para habitos domesticos mais regulares. Extinguiu o fogo das suas paixões, mas sem poder extinguir-lhe aquella que sobrevivia a todas as outras. a ambição de um grande destino. Danton retirado a um pequeno quarto do pateo do Commercio, junto á casa de seu padrasto, viveu n'uma estudiosa mediocridade, só recebendo um pequeno numero de amigos, admiradores do seu talento, e ligados á sua fortuna. Os mais assiduos eram Camille Desmoulins, Pethion, e Brune. Destes conciliabulos sahiam os signaes das grandes sedições. Os subsidios secretos da côrte ahi vieram tentar a cubiça do chefe da mocidade revolucionaria. Não os regeitou, e serviu-se delles para excitar e moderar ao mesmo tempo as agitações do espirito.

Teve deste primeiro casamento dois filhos, a quem a sua morte deixou orfãos no berço, e que recolheram a sua modica herança em Arcis-sur-Aube. Estes dois filhos de Danton, assustados do ruido do seu nome, vivem ainda, retirados n'uma herdade da familia, que cultivam por suas proprias mãos. Tem conservado em si n'uma honesta e laboriosa obscuridade todo o renome de seu pai. A' similhança do filho de Cromwell, tem amado tanto mais a sombra e o silencio da vida, quanto que o seu nome tinha um sinistro fulgor, e um echo muito tempestuoso no mundo. Ficaram no celibato para que esse nome se extinguisse com elles.

Na occasião que historiamos Danton, a quem os seus instinctos ambiciosos apontavam a proxima volta da fortuna dos girondinos. buscava ligar a sua fortuna a este partido nascente, e dar-lhe a impressão do seu valor e da sua importancia. A sr.ª Roland lisongeava-o, porém com receio e repugnancia, como a mulher afaga o leão.

XII — No entanto que os girondinos esquentavam em Paris a colera do povo contra o rei, as hostilidades principiavam na Belgica com revezes que se imputavam a traições da corte. Estes reveses nasceram de tres causas : a hesitação dos generaes, que não souberam dar ás suas tropas o enthusiasmo que conduz as massas e intimida as resistencias ; a desorganisação dos exercitos a quem a emigração privára de seus antigos officiaes, e não tinham ainda confiança em os novos ; finalmente a indisciplina, elemento das revoluções, e a qual os clubs e o jacobinismo fomentavam nos corpos. Um exercito que discute é similhante á mão que quizesse pensar.

La Fayette, em vez de marchar logo no primeiro momento sobre Namur, conforme o plano de Dumouriez, perdeu um tempo preciosissimo em reunir e organisar-se em Givêt, e no campo de Ransenne. Em vez de dar aos outros generaes em linha com elle o exemplo e o signal da invasão e da victoria occupando Namour, apalpou o paiz com dez mil homens, deixando o resto das suas forças acantonadas em França, e reconcentrou-se ao primeiro annuncio das derrotas soffridas pelos destacamentos de Biron e de Theobald Dillon. Estas derrotas foram vergonhosas para as nossas tropas, porém parciaes e passageiras. Era o espanto d'um exercito desacostumado da guerra, que se assusta de entrar em campanha com a Europa inteira, porém que, á imitação de um soldado bisonho, não tardou em aguerrir-se.

Era ao duque de Lauzun que commandava sob as ordens de La Fayette, a quem chamavam o general Biron. Era um homem de côrte, passado sinceramente para o partido do povo. Moço, bello, cavalheiresco, dotado desta alegria intrepida que brinca com a morte, elle levara a honra aristocratica ás fileiras republicanas. Amado dos soldados, adorado das mulheres, familiar nos acampamentos, dissoluto nas côrtes, era desta escóla de vicios brilhantes da qual o marechal de Richelieu fôra o typo em França. Dizia-se que até a rainha o havia amado sem ter podido fixar sua inconstancia. Amigo do duque d'Orleans, companheiro nos seus deboches, comtudo nunca havia conspirado com elle. A perfidia eralhe odiosa, a baixeza do coração indignava-o. Adoptava a revolução como uma nobre idea da qual queria ser o soldado mas não o cumplice. Não trahiu o rei ; conservou sempre um culto de piedade e de enternecimento pela rainha. Apaixonado pela philosophia e pela liberdade, em logar de as fomentar nas paixões, defendia-as na guerra. Mudou a dedicação pelos reis em dedicação pela patria. Esta nobre causa e as tristezas tragicas da revolução deram ao seu character uma tempera mais viril, e fizeram-o combater e morrer com a consciencia de um heroe.

Estava acampado com dez mil homens em Quievrain. Marchou contra o general austriaco Beaulieu, que occupava as alturas de Mons com um mui fraco exercito. Dois regimentos de dragões que formavam a vanguarda de Biron, apercebendo as tropas de Beaulieu, tomaram-se de repentino panico. Os soldados grit ram traição. Seus officiaes esforçaram-se debalde para os tranquillisar : elles voltaram redea, e semearam a desordem e o medo nas columnas. O exercito todo debandou e seguiu machinalmente a corrente da fugida. Biron e os seus ajudantes de campo precipitaram-se no meio das tropas para as conter e reunir de novo. Passaram-lhe por cima do corpo, e dispararam-lhe tiros de fusil. O acampamento de Quievrain, a caixa militar, e até as proprias equipagens de Biron foram saqueadas pelos fugitivos.

No entanto que esta derrota sem combate humilhava o primeiro passo do exercito francez em Quievrain, os assassinios ensanguentavam a nossa bandeira em Lille. O general Dillon saíra de Lille com tres mil homens para marchar sobre Tournai. A pouca distancia desta cidade, o inimigo appareceu na planice em força de novecentos homens. A' sua vista a cavallaria franceza soltou o grito de traição, passou por cima do corpo da infanteria e fugiu até Lille sem ser perseguida, abandonando a sua artilheria, carretas, e bagagem. Dillon arrastado mesmo pelos seus esquadrões até Lille, foi assassinado pelos seus proprios soldados ao chegar alli. O coronel de engenharia Berthois caíu ao lado do seu general, atravessado pelas baionetas dos covardes que o tinham abandonado. Os cadaveres destas duas victimas do medo foram pendurados na praça d'armas, e entregues depois pelos sedicciosos aos insultos da populaça de Lille, que arrastrou pelas ruas aquelles corpos mutilados. Assim principiaram pela vergonha e pelo crime estas guerras da revolução que deviam produzir depois durante vinte annos, tanto heroismo, e tanta virtude militar. A anarchia tinha penetrado nos acampamentos ; a honra já não estava alli ; o patriotismo ainda não existia ahi. A ordem e a honra são as duas necessidades do exercito. Na anarchia, ha ainda uma nação. Sem disciplina não ha exercito.

XIII. — A estas noticias, Paris ficou consternada, a assembléa perturbou-se, os girondinos tremeram, os jacobinos soltaram-se em imprecações contra os traidores. As cortes estrangeiras e os emigrados não duvidaram triumphar ao cabo de algumas marchas, de uma revolução que tinha medo da sua sombra. La Fayette, sem ter combatido reconcentrou-se prudentemente sobre Givet. Rochambeau enviou a sua demissão do commando do exercito do Norte. O marechal Luckner foi nomeado em seu logar. La Fayette, descontente, conservou o commando do exercito do centro.

Luckner tinha mais de setenta annos, mas conservava o fogo e a actividade do homem de guerra, só lhe faltava o genio para ser um grande general. Tinham-lhe feito uma reputação de complacencia que então eclypsava tudo.

E' uma grande vantagem para um general ser estrangeiro ao paiz em que serve. Não tem quem lhe seja cioso; perdoa-se-lhe a sua superioridade, suppõe-lha mesmo quando a não tenha, para esmagar os seus rivaes. Tal era a situação do velho Luckner. Era Allemão, discipulo do grande Frederico. Havia feito com gloria a guerra dos sete annos, commandando a guarda avançada, no momento em que Frederico mudava a guerra, e creava a tactica. O duque de Choiseul quisera roubar á Prussia um general desta grande escolla, para ensinar a arte moderna dos combates aos generaes francezes. Arrancára Luckner á sua patria á força de seducções, de fortuna, e de honras. A assembléa nacional, em respeito pela memoria do rei philosofo, tinha conservado a Luckner a pensão de sessenta mil francos que se lhe dava antes da revolução. Luckner indifferente ás constituições, julgou-se revolucionario por virtude do reconhecimento. Quasi unico dos antigos officiaes generaes que não havia emigrado. Cercado de um brilhante estado maior de moços officiaes do partido de La Fayette, Charles Lameth, du Jarri, Mathieu de Montmorency, elle acreditava ter as opiniões que lhe davam. O rei acariciava-o, a assembléa lisongeava-o, o exercito respeitava-o. A nação via nelle o genio mysterioso da velha guerra vindo dar lições de victoria ao patriotismo inexperiente da revolução, e occultando os seus infinitos recursos sob a rudez daquella fronte, e sob o obscuro germanismo da sua lingoagem. Dirigiam-lhe de toda a parte homenagem como ao Deus desconhecido. Não merecia, nem estas adorações nem os ultrajes com que depois o acabrunharam. Era um soldado bravo e brutal, tão desterrado nas cortes como nos clubs. Servio alguns dias de idolo, depois de brinco aos jacobinos, que o arremessaram por fim ao cadafalso, sem que elle mesmo podesse comprehender nem a sua popularidade, nem o seu crime.

XIV. — Berthier, que depois veiu a ser a mão direita de Napoleão, era então o chefe do estado maior de Luckner. O velho general tinha adoptado com o instincto da guerra o atrevido plano de Dumouriez. Entrára á frente de vinte e dois mil homens, pelo territorio austriaco, em Courtrai e Menin. Biron, e Valence, seus dois logarestenentes, conjuravam-o a parar ahi. Dumouriez soube que Luckner tinha subitamente retrogradado sobre Valenciennes, depois de queimar os arrebaldes de Courtrai, dando assim sobre todas as nossas fronteiras o signal da hesitação e da retirada.

As populações belgas, reprimidas no seu enthusiasmo por estes desastres, ou pela timidez da França, perdiam a esperança e sujeitavam-se ao jugo austriaco. Tudo se concentrava e assustava em as nossas fronteiras. O General Montesquieu a custo reunia o exercito do Meio dia. O rei de Sardenha grupava forças consideraveis sobre o Var. A guarda avançada de La Fayette, postada em Gliswel, a uma legoa de Maubeuge, era batida pelo duque de Saxe-Teschen á frente de doze mil homens. Preparava-se a grande invasão do duque de Brunswick na Champagne. A emigração arrebatava os officiaes, a deserção decimava os nossos soldados. Os clubs semeavam a desconfiança contra os commandantes das nossas praças fortes.

Os girondinos excitavam aos motins, os jacobinos anarchisavam o exercito, os voluntarios não se apresentavam, o ministerio estava nullo, a commissão austriaca das Tuilerias correspondia-se com as potencias, não para trahir a nação, mas para salvar os dias do rei e da sua familia. Governo suspeito, assembléa hostil, clubs sediciosos, guarda nacional intimidada e privada do seu chefe, jornalismo incendiario, conspirações occultas, municipalidade facciosa, maire conspirador, povo desconfiado e esfaimado, Robespierre e Brissot, Vergniaud e Danton, girondinos e jacobinos uns em frente dos outros, tendo a disputarem-se a mesma presa, que era a monarchia; e luctando de demagogia para se arrancarem o favor popular, tal era o estado da França dentro e fora, no momento em que a guerra exterior vinha cingir a França por todas as partes e fazel-a rebentar em crimes. Os girondinos e jacobinos, um momento unidos, suspendiam suas animosidades, como para destruirem á competencia a fraca constituição que os separava. A burguesia, personificada nos *feuillants*, na guarda nacional e em La Fayette, era a unica que ficava adicta á constituição. A Gironda fazia contra o rei, do alto da tribuna, apêlo ao povo, a quem mais tarde teria de pedir debalde favor pelo rei contra os jacobinos. Para dominar a cidade, Brissot, Roland, Pethion sublevavam os *faubourgs*, ou arrebaldes estas capitaes de miseria e sedições. Todas as vezes que se revolve até á ultima camada um povo que muito tempo gemeu na escravidão e na ignorancia, saem delle monstros e heroes, prodigios de crime e prodigios de virtude. Era o que se ia ver apparecer sob a mão conjurada dos girondinos e dos demagogos.

LIVRO DECIMO SEXTO.

I. — A' medida que o poder se desvanecia, arrancado pela assembléa ás mãos do rei, passava para a communa de Pariz. A municipalidade, primeiro elemento da formação das nações que se fundam, é tambem o derradeiro azylo da authoridade quando as nações se decompoem. O poder, antes de cair nas mãos da plebe, pára um momento no conselho dos magistrados da cidade. O hotel de Ville estava transformado nas Tuilerias do povo. Depois de La Fayette e Bailly, era Pethion quem ahi reinava, Este homem era o rei de Pariz. A populaça, que possue o instincto das situações, apellidava-o o *rei Pethion*. Havia comprado sua popularidade, primeiramente com as suas virtudes privadas, as quaes o publico quasi sempre confunde com as virtudes publicas, depois com os seus discursos democraticos na assembléa constituinte. O habil equilibrio, que elle mantinha nos jacobinos entre os girondinos e Robespierre, tornava-o respeitavel e importante. Amigo de Roland, de Robespierre, de Danton, e de Brissot ao mesmo tempo, suspeito de ligações mui intimas com a senhora de Genlis e o partido do duque d'Orleans, cobrio-se sempre com o manto de uma dedicação legal á ordem, e de uma superstição constitucional. Tinha tambem todos os titulos apparentes á estima dos homens honestos, e ás considerações das facções; mas o maior de todos os seus titulos era a mediocridade. Deve-se confessar que um titulo similhante, é, quasi sempre, o sel o destes idolos do povo. quer seja porque a multidão, mediocre em si mesma, não gosta senão daquillo que se lhe assimelha; quer seja porque os contemporaneos ciosos não sabem elevar-se até o ponto de serem justiceiros para com os grandes caracteres e virtudes; quer seja porque a Providencia, que distribue os dons e as faculdades, com medida, não permitte que um homem só reuna em si, no meio de um povo livre, estas tres forças irresistiveis: — Virtude, genio, e popularidade; quer seja, em fim, porque o constante favor da multidão é uma cousa de natureza tal, que excede seu valor aos olhos dos homens verdadeiramente virtuosos, e é necessario então, para o receber, abaixar-se muito; e para o conservar, muito enfraquecer-se. Pethion não era o rei do povo, senão sob condição de ser o complacente dos seus excessos. As suas funcções de maire de Paris, em tempos de perturbação, collocavam-o sem cessar entre o rei, a assembléa, e os motins populares. Afrontava o rei, lisongeava a assembléa, e moderava o crime. Inviolavel qual a capital que elle personificava no seu titulo de primeiro magistrado da communa, a sua dictadura invisivel, não tinha outro titulo senão a inviolabilidade. Usava-o com respeitosa audacia para com o rei, inclinava-o ante a assembléa, prostava-o perante os sediciosos. A's suas reprehensões officiaes ao motim, juntava sempre uma excusa ao crime, um sorrioso aos culpados, uma animaç o aos cidadãos transviados. O povo amava-o, como a anarchia ama a fraquesa; sabia que tudo podia ousar com um homem tal. Como maire tinha elle na mão a lei: como homem, nos labios a indulgencia, e no coração a conveniencia: era o magistrado que mais convinha aos golpes de Estado dos *faubourgs* Pethion deixal-os-ia preparar sem os ver, e legalisal-os-ia, quando estivessem cumpridos.

II. — As suas ligações de infancia com Brissot haviam-o aproximado da senhora Roland. O ministerio de

Roland. Clavière, e Servan, obedecia-lhe mais do que ao proprio rei ; fazia parte dos conciliabulos daquelles ; reinava em nome d'elles ; e d'estes a queda não o prostraria a elle, mas arrancava-lhe o poder executivo. Os girondinos expulsos, não tinham necessidade de soprar sua sede de vingança na alma de Pethion. Não podendo mais conspirar legalmente contra o rei com os seus ministros, restava-lhes conspirar com as facções contra as Tuillerias. A guarda nacional, o povo, os jacobinos, os franciscanos, os *faubourgs*, a cidade, estavam em poder delle. Podia entregar a sedicção á Gironda para ajudar este partido a reconquistar o ministerio ; entregou-lha com todos os seus acasos com todos os crimes que a sedição podia encerrar no seu seio. Entre estes acasos estava o assassinio do rei e da sua familia. Este acontecimento havia de antemão sido acceito por aquelles que procuravam o ajuntamento das massas, e sua invazão no palacio do rei. Girondinos, orleanistas, republicanos, anarchistas, nenhum destes partidos, talvez, sonhava tal crime ; todos o consideravam como uma eventualidade da sua fortuna. Pethion que, sem duvida, tambem o não queria, ao menos arriscou-o. Se a sua intenção foi innocente ; a sua temeridade foi um assassino. Que distancia havia entre o ferro de vinte mil piques, e o coração de Luiz XVI ? Pethion não livrou pois a vida do rei, da rainha, e de seus filhos ; arriscou-as.

A guarda constitucional do rei acabava de ser licenciada, e ultrajada pelos girondinos. O duque de Brissac, que a commandava, fora enviado ao supremo tribunal de Orleans, por imaginarias conspirações. Sua unica conspiração era a sua honra. Havia jurado morrer como soldado fiel na defesa do seu amo, e do seu amigo. Poderia evadir-se. O aconselhou-o a fugir : não o quiz : « Se fujo, respondeu elle ás instancias do rei, acreditar-se-ha que sou culpado ; dir-se-ha que sois cumplice : a minha fuga accusar-vos-ia. Prefiro morrer. » Partio para o tribunal nacional de Orleans. Não foi julgado ; foi assassinado em Versailles, no dia 6 de setembro. Sua cabeça, da qual pendiam brancos cabellos, foi exposta na ponta de uma das lanças da grade do palacio. Escarneo atroz desta fidelidade cavalheiresca que guardava, ainda depois da morte, a porta da habitação dos seus monarchas.

III. — As primeiras insurreições da revolução eram movimentos espontaneos do povo. D'um lado o rei, a corte, e a nobresa ; do outro a nação. Estes dois partidos em frente um do outro se chocavam só pelo unico impulso das idéas contrarias, e contrarios interesses. Uma palavra, um gesto, um acaso, um ajuntamento de tropas, um dia de fome, um orador vehemente arengando á multidão no *Palais Royal*, bastavam para arrastar as massas ao motim, ou fazel-as marchar sobre Versailes. O espirito de sedicção confundia-se com o espirito da revolução. Todos eram facciosos, todo o povo era soldado, todo o povo era chefe. Era a paixão publica quem dava o signal. Era o acaso quem commandava.

Desde que a revolução estava feita, e que a constituição reciprocamente jurada, impunha aos partidos uma ordem legal, este procedimento já tomava outra face. As sublevações do povo, já não eram agitações, e sim planos. As facções organisadas tinham, entre os cidadãos, seu partido, clubs, reuniões, exercito, e palavra de ordem. A anarchia havia-se disciplinado a si propria. Sua desordem estava unicamente no exterior. Uma alma occulta a animava e a dirigia, mesmo contra sua vontade. Assim como um exercito tem chefes, que reconhece pela intelligencia e audacia delles, os bairros e as secções de Paris tinham seus agitadores, aos quaes obedeciam. As popularidades secundarias, já inveteradas na cidade e nos bairros, haviam-se fundado por de traz das grandes popularidades nacionaes de Mirabeau, La Fayette, e Bailly. O povo tinha fé em tal nome, confiança em tal braço, favor em tal rosto. Quando estes homens se mostravam, fallavam, e marchavam, a multidão marchava com elles, sem mesmo saber onde a corrente do ajuntamento a arrastava. Bastava aos chefes indicar um ponto de reunião, fazer circular um terror panico, soprar uma repentina colera, indicar um fim qualquer, para as massas cegas acharem-se promptas para a acção, no logar indicado.

IV. — Este local era muitas vezes no sitio onde fôra a Bastilha, *monte Aventino* do povo, campo nacional, onde tanto a praça como as pedras, lhe recordavam a sua servidão e a sua força. De todos estes homens que governavam os agitadores dos bairros, o mais temivel era Danton. Camillo Desmoulins, tão temeroso para conceber, era menos atrevido para executar. A naturesa, que dera a este mancebo a inquietação dos agitadores da multidão, havia-lhe recusado o exterior e a voz. O povo não comprehende nada das forças intellectuaes. Uma estatua alta e uma voz sonora, são duas condições indispensaveis para os favoritos da multidão. Camillo Desmoulins era de pequena estatura, magro, sem vigor na voz. Gritava na rectaguarda de Danton. Só Danton possuia os rugidos da multidão.

Pethion possuia no mais alto gráo a estima dos anarchistas, mas a sua legalidade official dispensava-o de fomentar abertamente a desordem. Bastava-lhe desejal-a. Nada se podia sem elle. Dava-lhe a sua cumplicidade. Após estes vinha Santerre, commandante do batalhão do *foubourg* ou arrabalde *Saint Antoine*. Santerre filho de um flamengo fabricante de cerveja, fabricante tambem elle mesmo n'aquelle *foubourg*, um d'esses homens que o povo comprehende porque elles são povo, e que respeita porque são ricos, aristocratas de bairro, fazendo-se perdoar sua fortuna por causa da sua popularidade. Conhecido dos obreiros, grande numero dos quaes empregava na sua fabrica, conhecido da multidão, que frequentava ao domingo os seus estabellecimentos de cerveja e de vinho, Santerre era alem disso prodigo de soccorros e viveres com os infelizes. Distribuira n'uma occasião de fome 300 mil francos de pão. Comprava a sua popularidade com beneficios. Havia-a conquistado, pela sua coragem, na tomada da Bastilha ; prodigalisava-a, com a sua presença em todas as emoções da praça publica. Era da raça d'esses fabricantes de cerveja na Belgica, que embriagavam o povo de Gand, para o insurgirem.

O carniceiro Legendre, que era em relação a Danton, o que Danton era para Mirabeau ; um degráo descendente no abysmo da sedição ; primeiramente marujo a bordo de um navio durante dez annos, tinha esses habitos rudes e ferozes das suas duas profissões. A fronte intrepida, os braços ensanguentados, a palavra assassina, e com tudo o coração bom, envolvido desde 89 em todos os movimentos insurreccionaes, havia sido elevado pelas ondas desta agitação até uma certa autheridade. Fundára, sob Danton, o club dos franciscanos, esse club dos golpes de mão, qual o dos jacobinos era o club das theorias radicaes. Revolvia o pela sua eloquencia. Inculto e selvagem, elle proprio se comparava ao camponez do Danubio. Tanto, prompto sempre a ferir como a fallar, o gesto de Legendre despedaçava primeiro que a sua palavra. Era elle a massa de Danton.

Huguenin, um destes homens que rolam de posição em posição pelo declive dos tempos de desordem, sem poderem parar em nenhuma parte, advogado expulso da sua corporação, depois soldado, empregado nas barreiras, mal em toda a parte, aspirante ao poder para encontrar fortuna, e as mãos suspeitas de pilhagem ; Alexandre, commandante do batalhão dos Gobelinos, heroe de Faubourg, amigo de Legendre ; Marat, conspiração viva, sahido á noite do seu subterraneo, verdadeiro martyr da demagogia, sequioso de fama, impellindo o odio da sociedade até ao delirio, fazendo a si proprio uma gloria, e representando voluntariamente o papel de louco do povo como outros haviam antes representado nas côrtes o papel de loucos do rei ; Dubois-Crancé, militar instruido e bravo ; Brune, espada ao serviço dos conspiradores ; Momoro, impressor, enebriado do philosofia, Dubuisson, homem obscuro de letras, a quem as pateadas do theatro tinham arremessado na intriga ; Fabre d'Eglantine, poeta comico, ambicioso de uma outra tribuna ; Chabot, capuchinho azedado no claustro, ardente em vingar-se da superstição que no claustro o encorrára ; Lareynie, padre-soldado ; Gonchon, Duquesnois, amigos de Robespierre ; Carra, jornalista girondino ; um italiano, por nome Ro-

tondo; Henriot, Sillery, Louvet, Laclos, Barbaroux, emfim, o emissario de Roland e de Brissot; taes foram os principaes instigadores do motim de 20 de junho.

V. Todos estes homens se reuniram n'uma casa isolada de Charenton, para deliberarem, no silencio e no segredo da noite, sobre o pretexto, o plano, e a hora da insurreição. As paixões eram diversas, a impaciencia a mesma. Estes queriam assustar, aquelles ferir; todos queriam operar. Uma vez impellido o povo, elle pararia onde o destino quizesse. Nada de escrupulos n'uma reuniao dirigida por Danton. Os discursos eram superfluos alli ende não havia mais do que uma alma. O fim bastava. Com os olhos se entendiam assás. Mãos apertadas nas mãos, olhares, intelligencia, gestos significativos, são a toda eloquencia dos homens de acção. Em duas palavras Danton indicou o fim, Santerre os meios, Marat a atroz energia, Camillo Desmoulins a folia cynica do projectado movimento, e todos a resolução de impellir o povo. A carta revolucionaria de Paris foi aberta alli sobre a mesa. O dedo de Danton alli apontou as fontes, as affluentes, o curso, e o ponto de juncção dos projectados ajuntamentos.

A praça da Bastilha, immenso quadrado no qual desembocavam como outros tantos rios, as numerosas ruas do Faubourg Saint'Antoine, que se junta pelo bairro do Arsenal e por uma ponte ao Faubourg Saint-Marceau, povoado de 200 mil obreiros, e que, pelo boulevard aberto em frente da antiga fortaleza, tem uma estrada livre e larga sobre o centro da cidade e sobre as Tuillerias, foi o ponto de reunião indicado aos ajuntamentos, e o ponto de partida das columnas. Deviam ser divididas em tres corpos. O objecto apparente do movimento devia ser uma petição á assembléa e ao rei contra o *veto* ao decreto a respeito dos padres e do campo militar de 20 mil homens; a palavra de ordem seria que fossem tornados a chamar ao ministerio os patriotas Rolan, Servan, Clavière; o effeito daquella jornada, seria o terror do povo semeado em París, e levado até ao palacio das Tuillerias. París esperava aquella visita dos Faubourgs. Um jantar de quinhentos talheres tivera na vespera logar em os Champs-Elysées.

O chefe dos federados de Marselha, os agitadores dos bairros do centro, ahi tinham fraternisado com os girondinos. O actor Dugazon cantou alli coplas ameaçadoras contra o palacio. Das janellas das Tuillerias ouvíra o rei os applausos e os cantos sinistros que subiam até seu palacio. Quanto á ordem da marcha, aos emblemas grutescos, ás armas extravagantes, aos fatos odientos, ás bandeiras ensanguentadas, aos discursos furibundos, que deviam assignalar a apparição deste exercito dos Faubourgs nas ruas da capital, os conjurados nada determinaram. A desordem e o horror faziam parte do programma. Reportaram-se á inspiração desordenada da multidão, a essa rivalidade de cynismo que se estabelece por si mesmo em similhantes aglomerações de homens. Danton sabia-o, e contava com isso.

VI. Bem que a presença de Panis e de Sergent, dois membros da municipalidade, desse ao plano a sancção tacita de Pethion, os agitadores se encarregaram de recrutar em silencio a sedição por pequenos grupos durante a noite, e fazer expedir os primeiros ajuntamentos do bairro Saint-Marceau, e do Jardim das Plantas, na margem do Arsenal, por meio de um batel que servia então a communicação dos dois Faubourgs. Larevnie sublevaria o Faubourg Saint-Jacques, e o mercado da praça Maubert, que as mulheres do povo todos os dias frequentam para o seu trafico. Vender e comprar é a vida do baixo povo. O dinheiro e a fome são as suas duas paixões. E' especialmente tumultuoso nestas praças, onde estas duas paixões o condensam. Em nenhuma parte a sedição o reune tão depressa, e em maiores massas.

O tintureiro Malard, o sapateiro Isambert, o curtidor Gibon, artistas ricos e acreditados, fariam com que as ruas sombrias e fetidas do Faubourg Saint-Marceau vomitassem sua população, que raras vezes se mostra á luz dos grandes bairros. Alexandre, o tribuno militar deste mercado de París, cujo um batalhão commandava, estava na praça á frente do seu batalhão, antes do nascer do dia, para concentrar primeiramente os ajuntamentos, e imprimir-lhes depois a direcção e o movimento para os caes e para as Tuillerias. Varlet, Gonchon, Ronsin, Siret, logares-tenentes de Santerre, exercitados nesta tactica dos movimentos desde as primeiras agitações de 89, estavam encarregados de iguaes manobras no Faubourg Saint'Antoine. As ruas deste bairro, cheias de officinas, fabricas, vendas de vinho e cerveja, verdadeiros quarteis da miseria, do trabalho, e da sedição, que se prolongam da Bastilha até Roquette e Charenton, só ellas em si continham um exercito de invasão contra París.

VII. Este exercito conhecia os seus chefes havia quatro annos. Estes chefes postavam-se nas principaes encruzilhadas á hora em que os artistas saiam das suas officinas; occupavam uma cadeira e uma mesa na taverna mais afamada: de pé sobre estas tribunas avinhadas, chamavam por seus nomes a algumas das pessoas que passavam, e os grupavam em roda de si: estes attraiam outros a parar, a rua obstruia-se, o ajuntamento engrossava com todos aquelles homens, mulheres e creanças que correm ao ruido. O orador perorava a esta multidão. O vinho ou a cerveja circulava gratuitamente em roda da mesa. A interrupção do trabalho, a escassez do numerario, a carestia do pão, as manobras dos aristocratas para esfaimarem París, as traições do rei, as orgias da rainha, a necessidade que a nação tinha de prevenir as conspirações de uma côrte austriaca, eram os textos habituaes destas arengas. Uma vez que a agitação estava communicada até o ponto de febre, o grito *marchemos!* soava então, e o ajuntamento se movia ao mesmo tempo em todas aquellas ruas. Algumas horas depois, as massas de obreiros dos bairros Popincourt, Quinze-Vingts, de la Gréve, do porto au Blé, do mercado Saint-Jean, desembocavam na rua do Faubourg Saint-Antoine, e cobriam a praça da Bastilha. Ahi o ferver de todas estas affluentes da desordem suspendiam um momento esta corrente de homens. Bem depressa o impulso retomava sua força, as columnas dividiam-se instinctivamente para se engolfarem nas grandes embocaduras de París. Umas avançavam pelo boulevard, outras desfillavam pelos caes ao Pont Neuf, e ahi encontravam os ajuntamentos da praça Maubert, e cahiam reunidas, engrossando-se, sobre o *Palais Royal* e sobre o jardim das Tuilleries.

Tal foi a manobra ordenada para a noite de 19 de junho aos agitadores dos diversos bairros. Separaram-se com esta palavra de ordem que deixa ao movimento todo o vago da esperança, e que, se ordenar o derradeiro crime, authorisavam os ultimos excessos: «*Acabar com o palacio.*»

VIII. — Tal foi a reunião de Charenton, taes eram os homens invesiveis que iam imprimir o movimento a um milhão de cidadãos. Laclos e Sillery, que iam procurar para o duque de Orleans, seu amo, um throno nos faubourgs, ahi semearam o dinheiro da corrupção. Disse-se, e acreditou-se: mas nunca se provou. A presença delles neste conciliabulo é um indicio. E' permittido á historia suspeitar sem evidencia, mas nunca accusar sem prova. O assassinio do rei, no dia seguinte, dava a corôa ao duque de Orleans. Luiz XVI podia ser assassinado, embora o fosse pelo ferro de um homem embriagado. Não o foi. E' a unica justificação da facção de Orleans. Alguns destes homens eram preversos como Marat e Hebert; outros facciosos impacientes, como Barbaroux, Sillery, Laclos, Carra; outros, emfim, como Santerre, não eram mais que cidadãos fanaticos pela liberdade. Os conspiradores concertando-se entre si, activavam e disciplinavam a cidade. Paixões individuaes, e perversas, accendiam a grande e virtuosa paixão do povo pelo triumpho da democracia. E' assim que, n'um incendio, muitas vezes as materias as mais infectas accendem a fogueira, o combustivel é immundo, a chama é pura. A chamma da revolução, era a liberdade; os facciosos podiam tirar-lhe o esplendor, porém não manchal-a.

No entanto que os conspiradores de Charenton se distribuiam os papeis, e recrutavam suas forças, o rei tremia por sua mulher e seus filhos nas Tuilerias. «Quem sabe, dizia elle ao senhor de Malesherbes, com um melancolico surriso, se verei esconder-se o sol de amanhã?

Pethion, dando com uma palavra o impulso da resis-

tencia á municipalidade e á guarda nacional que tinha sob suas ordens, podia comprimir tudo, e tudo dissolver. O directorio do departamento, presidido pelo desventurado duque de La Rochefoucauld, assassinado depois, intimava energicamente Pethion a cumprir o seu dever. Pethion contemporisava, surria-se, respondia por tudo, justificava a legalidade dos projectados ajuntamentos e petições levadas em massa á assembléa. Vergniaud, na tribuna, repellia os alarmes dos constitucionaes como calumnias dirigidas á innocencia do povo. Condorcet ria das inquietações manifestadas pelos ministros, e do pedido de forças que elles dirigiam á assembléa.» Não é engraçado, dizia elle aos seus collegas, vêr o poder executivo pedir meios de acção aos legisladores! Que se salve a si mesmo: é o seu dever.» Assim o escarneo unia-se ás conspirações contra o infeliz monarcha. Os legisladores chasqueavam o poder desarmado por suas proprias mãos, e applaudiam os facciosos.

IX. — Foi sob estes auspicios que se abriu a jornada de 20 de junho. Segundo conciliabulo, mais secreto e mais numeroso, havia reunido na casa de Santerre, em a noite de 19 para 20, os homens de execução. Não se separaram senão á meia noite. Cada um delles se dirigira ao seu posto, acordára os seus homens mais afiliados, e distribuira-os por pequenos grupos, a fim de recolherem e juntarem os obreiros á medida que sahissem de suas casas. Santerre havia respondido pela immobilidade da guarda nacional. « Estai tranquillos, disse elle aos conjurados: Pethion estará lá.»

Pethion, com effeito, havia ordenado na vespera aos batalhões da guarda nacional que se achassem em armas, não para se opporem á marcha das columnas do povo, mas para fraternisarem com os peticionarios, e fazerem cortejo á sedição. Esta medida equivoca salvava ao mesmo tempo a responsabilidade de Pethion ante o directorio do departamento, e a sua cumplicidade ante o povo agrupa lo. Elle dizia a uns, eu vélo; aos outros dizia, marcho comvosco.

Ao nascer do dia os batalhões reunidos, com as armas ensarilhadas, em todas as praças principaes Santerre arengava ao seu, sobre as ruinas da Bastilha. Em roda delle afluia, de hora em hora, um povo immenso, agitado, impaciente, prompto a cair sobre a cidade ao primeiro signal que se lhe desse. Ahi se misturavam os uniformes com os farrapos da indigencia. Destacamentos de invallidos, de gendarmes, de guardas nacionaes, de voluntarios recebiam as ordens de Santerre, e as repetiam á multidão. Uma disciplina instinctiva presidia á desordem. O aspecto ao mesmo tempo popular e militar deste campo do povo dava ao ajuntamento mais o caracter de uma expedição, do que de um motim. Esta multidão reconhecia os seus chefes, manobrava ás suas ordens, seguia as suas bandeiras, obedecia ás suas vozes, suspendia ao mesmo tempo a sua impaciencia para esperar os reforços, e dar aos pelotões a apparencia e o todo de movimentos simultaneos. Santerre a cavallo, cercado de um estado maior de homens dos faubourgs, dava as suas ordens, fraternisava com os cidadãos, estendia a mão aos insurgentes, recommendava ao povo o silencio e a dignidade, e formava lentamente as suas columnas de marcha.

X. — Pelas onze horas, o povo poz-se em movimento para o bairro das Tuilerias. Avaliou se em vinte mil o numero de homens que partiram da praça da Bastilha. Estavam divididos em tres corpos: o primeiro composto dos batalhões dos faubourgs, armados de baionetas e sabres, obedecia a Santerre; o segundo formado dos homens do povo, sem armas, ou armados de piques e páos, marchava ás ordens do demagogo Saint-Hurugue; o terceiro, uma horda confusa de homens esfarrapados, mulheres e creanças, seguiam em desordem uma mulher moça, e bella, vestida de homem com um sabre na mão, uma espingarda ao hombro, e sentada n'uma peça de artilheria que era puchada por trabalhadores de braço nú. Era Theroigne de Mericourt.

Já se conhece Santerre, que era o rei dos faubourgs. Saint-Hurugue era desde 89 o grande agitador do Palais-Royal.

O marquez de Saint-Hurugue, nascido em Macon, de uma familia nobre e rica, era um desses homens de tumulto, que parecem personificar em si as massas. De alta estatura, figura marcial, sua voz troava por cima do mugido da multidão. Tinha destas as agitações, os furores, os arrependimentos, e algumas vezes tambem as suas covardias. Sua alma não era cruel, porém sua cabeça não era sã. Muito aristocrata para ser invejoso, rico de mais para ser espoliador, mui leviano de espirito para ser fanatico de principios, a revolução arrastava-o como a corrente arrastra a vista, pela vertigem. Havia demencia na sua vida; amava a revolução como movimento, porque elle se assimilhava á demencia. Mancebo ainda, havia prostituido o seu nome, fortuna, e honra, no jogo, mulheres, e deboches. Tinha no Palais Royal e nos bairros desordeiros, a celebridde do escandalo. Todos o conheciam. Sua familia havia feito encerral-o na Bastilha. Jurára vingança, e cumpria o seu juramento. Cumplice voluntario e infatigavel de todas as facções, offerecera-se sem salario ao duque de Orleans, a Mirabeau, a Danton, a Camillo Desmolins, aos girondinos, a Robespierre; sempre do partido que queria ir mais longe, sempre da desordem que promettia mais ruinas. Acordado antes de ser dia, prezente em todos os clubs, rodando de noite, elle corria ao menor ruido para o engrossar, ao menor ajuntamento para o arrastar. Inflamava-se da sua paixão commum antes de a comprehender: sua voz, seu gesto, desvairamento das suas feições, multiplicavam esta paixão em roda delle. Vociferava a desordem, semeava a febre, electrisava as massas indecisas, fazia a corrente, e seguiam-o: só em si elle era uma sedição.

XI —Apoz Saint-Hurugue marchava Theroigne de Mericourt. Theroigne de Mericourt, Lambertine de Mericourt que commandava o terceiro corpo do exercito dos faubourgs, era conhecido do povo com o nome da *bella Liegiesa*. A revolução franceza tinha atrahido esta mulher a Pariz, como um turbilhão atrai as cousas movediças. Era a *Joanna d'Arc* impura da praça publica. O amor ultrajado arremessara-a ao centro da desordem; o vicio, de que ella corava, dava-lhe a sêde da vingança. Ferindo os aristocratas, ella acreditava rehabilitar a sua honra: lavava a sua vergonha no sangue.

Nascida na aldea de Mericourt, nos suburbios de Liege d'uma familia de ricos lavradores, recebera a educação das classes elevadas. Na idade de dezesete annos, sua brilhante belleza havia atrahido a attenção d'um moço senhor das margens do Rheno, cujo castello era visinho da habitação da moça filha. Amada, seduzida, abandonada ella fugira da casa paterna, e refugiara-se em Inglaterra. Depois de alguns mezes de habitação em Londres, passou a França. Recommendada por Mirabeau, conheceu por via delle a Sieyés, José Chenier, Danton, Rousin, Brissot, Camillo Desmoulins. Romme, republicano mystico, accendeu nella o fogo do illuminismo alemão. A joventude, o amor, a vingança, o contacto com este foco de uma revolução haviam escandecido sua cabeça. Viveu na embriaguez das ideias, e das paixões. Primeiramente ligada aos grandes inovadores de 89, havia passado dos seus braços aos dos ricos voluptuosos que pagavam bastante cáro os seus encantos. Cortesã da opulencia, ella se transformou em prostituta voluntaria do povo. A' similhança das grandes prostitutas do Egypto ou de Roma, prodigalisou á liberdade o ouro, que arrancava ao vicio.

Desde as primeiras sublevações ella se apresentou na rua. Consagrou a sua belleza a servir de bandeira á multidão. Vestida como amazona de um estofo côr do sangue, com um penacho fluctuante no seu chapéo, um sabre ao lado, duas pistolas á cintura, ella voava ás insurreições. Postada na primeira filla, havia forçado as grades dos Invallidos para arrebatar as peças d'artilheria. A primeira no assalto, subira á torre da Bastilha. Os vencedores tinham-lhe votado sobre a brecha um sabre de honra. Nas jornadas de Outubro, havia guiado a Versailles as mulheres de Pariz. A cavallo, ao lado do feroz Jourdam, a quem apellidavam o *Homem das barbas grandes*, havia reconduzido o rei para Pariz: tinha seguido, sem empallidecer, as cabeças cortadas dos guardas do corpo, servindo de trofeos na pon-

ta dos piquetes. Sua palavra, ainda que marcada de um accento estrangeiro, tinha a eloquencia do tumulto. Elevava a voz nas tempestades dos clubs, e ralhava com a salla do alto das galerias. Algumas vezes tambem arengava nos franciscanos. Camillo Desmoulins falla do enthusiasmo que um dos seus improvisos ahi excitou. « As suas imagens, diz elle, erão tomadas de Pindaro e da Biblia, era o patriotismo de uma Judith. » Ella propunha que o palacio da reprezentação nacional fosse edificado sobre o local da Bastilha: » Para fundar e embellecer este edificio, despojemo-nos, disse ella um dia, dos nossos braceletes, do nosso ouro, e das nossas joias. Sou a primeira a dar o exemplo, » e depozitou alli as suas na tribuna. Seu ascendente era tal sobre as desordens, que um gesto della condemnava ou absolvia as victimas. Os realistas tremiam de a encontrar.

Neste tempo, por um desses acazos que se assimilham ás vinganças premeditadas do destino, ella encontrou em Pariz o joven gentilhomen belga que a tinha seduzido e abandonado. O olhar della descubriu logo a seu seductor os perigos que elle tinha de correr. Quiz conjural-os, e veio implorar-lhe o perdão. « O meu perdão, lhe disse ella ! e com que preço o poderieis pagar ? A minha innocencia arrebatada, a minha honra perdida, a da minha familia manchada, meu irmão e minhas irmãs perseguidas no seu paiz pelo sarcasmo dos seus parentes, a maldição de meu pai, o meu exilio da minha patria, o meu alistamento na infame casta das cortezãs, o sangue de que mancho e mancharei minhas mãos, minha memoria execrada entre os homens, esta immortalidade da maldição prendendo-se ao meu nome em logar desta immortalidade da virtude, da qual me ensinastes a duvidar ! Eis o que quereis resgatar? Conheceis na terra preço capaz de me pagar isto tudo? « O culpado calou-se, Theroigne não teve a generosidade de lhe perdoar. Elle morreu nas carneficinas de setembro. A' medida que a revolução se fazia mais sanguinaria, cada vez mais nella se mergulhava.

Viver não podia esta mulher senão da febre das emoções publicas. Com tudo o seu primeiro culto por Brissot reaccendeu-se na occazião da queda dos gerondinos. Tambem ella quiz fazer parar a revolução. Mas acima della haviam outras mulheres. Estas, ás quaes se chamavam as *furias* da guilhotina, despojaram dos seus vestidos a bella Liegeza, e publicamente a açoitaram no terraço das Tuilerias, no dia 31 de maio. Este supplicio, mais infame do que a morte, desvairou a sua razão. Levantada da lama das ruas, lançada n'uma caza de um hospicio de alienados, ahi viveu vinte annos. Estes vinte annos foram como um continuo e longo accesso de furor. Impudica e sanguinaria nos seus sonhos, nunca mais se quiz vestir, recordando-se do ultraje que havia recebido. Arrastava-se nua, com os cabellos brancos desgrenhados, pelas lages do seu carcere; e entrelaçava suas descarnadas mãos com as grades da sua janella. Dahi fazia moções a um povo sanguinario, e pedia o sangue de Suleau.

XII. — Na retaguarda de Theroigne de Mericourt marchavam os demaggogos menos conhecidos de Pariz, mas já celebres nos seus bairros, taes como Rossignol, ourives; Brierre, mercador de vinho; Gonor, vencedor da Bastilha; Jourdam Corta-cabeças; o famozo jacobino polaco Lozouski, sepultado mais tarde pelo povo no Carrousel; Henriot, emfim, depois general de confiança da convenção. A' medida que estas columnas penetravam no interior de Pariz, se engrossavam com outros grupos que desembocavam das populosas ruas que vinham dar aos *boulevards* e caes. A cada fluxo destas novas recrutas, um immenso clamor de alegria se erguia do centro das columnas; a musica militar fazia ressoar a aria cynica e atroz do *Ça ira*, esta marselheza dos assassinos. Os insurgentes a cantavam em choro, e brandiam suas armas, ameaçando com os gestos as janellas dos que presumiam ser aristocratas.

Estas armas em nada se pareciam com as resplandentes armas de um exercito regular, que, ao mesmo tempo impressionam de terror e admiração : eram as armas extravagantes e bizarras agarradas, como no primeiro movimento da defesa e do furor, pela mão do povo. Piques, lanças com o ferro partido, ferros de cosinha, cotellas com cabo, machados de carpinteiros, martellos de pedreiros, alavancas de calceteiros, ferros de engommar, serras, tenazes, pás, os mais vulgares utensilios das casas pobres ; de tudo o povo tinha feito armas. Estas armas diversas, enferrujadas, negras, odiosas a vêr, as quaes apresentavam aos olhos um modo diverso de ferir, pareciam multiplicar o horror da morte, apresentando-o sob mil e diversas formas crueis e desusadas. A mistura dos sexos, das condições, a confusão dos trajes, os farrapos ao lado dos uniformes, os velhos a par dos mancebos ; mesmo as creanças conduzidas umas ao collo de suas mãis, seguras outras pela mão, ou agarrando-se aos fatos de seus pais ; as rameiras com vestidos de seda, todos enlameados, a impudicia na fronte, e sobre os labios a injuria ; centenas de mulheres pobres do povo recrutadas, para fazerem numero, e excitarem a piedade, nos casebres dos bairros, vestidas de farrapos, magras, pallidas, com os olhos encovados, as faces cavadas pela miseria, imagem da fome ; o povo emfim em toda a desordem, em toda a confusão em toda a nudez d'uma cidade que repentinamente sae de suas casas, das suas officinas, das suas aguas-furtadas, dos seus logares de devassidão dos seus covis ; tal era o aspecto de intimidação que os conjurados tinham querido dar a esta multidão.

Aqui e alli fluctuavam as bandeiras por cima das columnas. N'uma estava escripta : *A sancção ou a morte !* N'outra : *Nomeação dos ministros patriotas !* N'outra ; *Treme, tyranno a tua hora chegou* ! Um homem, com os braços nús conduzia uma forcasinha, da qual pendia a effigie de uma mulher coroada, com estas palavras : *Cautella com a lanterna* ! Mais longe um grupo de megéras, erguiam os braços para uma *guilhotina* em relevo : um letreiro explicava-lhe o uso : *Justiça nacional contra os tyrannos*; *Veto e sua mulher á morte* ! No meio desta apparente desordem, reconhecia-se uma ordem occulta. Alguns homens de jalleca, ou esfarrapados, traziam na cabeça chapéos, sobre os quaes se viam signaes para serem reconhecidos, feitos em grossos caracteres com giz. Todos, pela marcha destes, se dirigiam e seguiam o seu impulso.

O ajuntamento principal dirigiu-se assim pela rua Saint-Antoine, e pelas avenidas sombrias do centro de Paris até á rua Saint Honoré. Arrastava, na sua marcha, a população destes bairros. Quanto mais esta torrente de homens engrossava, tanto mais escumava. Alli um bando de carniceiros se lhe juntava : cada um delles trazia espetado na ponta dos chuços um coração de vaca, atravessado de parte a parte, escorrendo ainda sangue, e com esta legenda : *Coração de aristocrata*. Um pouco mais longe uma horda de trapeiros, cobertos de farrapos, erguiam por cima da multidão uma lança, em roda da qual fluctuavam as rotas tiras de velhos fatos, com estas palavras : *Tremei, tyrannos, eis-aqui os sans-culottes*. A injuria que a aristocracia tinha arremessado á indigencia, levantada por ella, se transformava assim em arma do povo contra a riqueza.

Durante tres horas este exercito desfillou pela rua de Saint-Honoré ; ora, um temeroso silencio, interrompido unicamente pelo ressoar destes milhares de passos sobre a calçada, opprimia a imaginação como um signal da colera, concentrada, desta massa ; ora trovões de vozes isoladas, apostrophes insultantes, sarcasmos atrozes, jorravam por entre as gargalhades da multidão ; ora rumores subitos, immensos, confusos, sahiam destas vagas de homens, e elevando-se até aos tectos, deixavam unicamente ouvir-se as ultimas syllabas destas prolongadas acclamações : *Viva a nação ! Vivam os sans-culottes* ! *Abaixo o veto* ! Este tumulto penetrava de fóra dentro da salla do Manége, onde a assembléa legislativa estava em sessão naquelle momento. A cabeça desta columna parou ás suas portas ; o resto inundou o pateo dos Feuillants, do Manége, e todas as avenidas da salla. Estes pateos, estas avenidas, estas passagens, que então mascaravam o terrasso do jardim, occupavam o espaço livre, que hoje se estende entre o jardim das Tuilerias e a rua Saint-Honoré, esta arteria central de Paris. Era meio dia.

XIII. — Rœderer, procurador-syndico do directorio do departamento que correspondia em 92 ao de prefeito de

Paris, estava neste momento á barra da assembléa. Rœderer, partidista da constituição, da escolia de Mirabeau e de Talleyrand, era um inimigo corajoso da anarchia. Achava na constituição o ponto de conciliação entre a sua fidelidade ao povo e a sua lealdade para com o rei: queria defender esta constituição com todas as armas da lei, que a sedição ainda não havia quebrado entre suas mãos. « Os ajuntamentos armados ameaçam nos violar a constituição, o recinto da representação, a habitação do rei, disse Rœderer á barra: os relatorios desta noite são ameaçadores: o ministro do interior pede nos que façamos sem demora marchar tropa em defeza do palacio. A lei prohibe os ajuntamentos armados. Elles avançam pois. Pedem entrar; mas se vós dérdes o exemplo de os admittir aqui, que força ficará tendo a lei entre nossas mãos? A vossa indulgencia, abrogando-a, quebrará a força publica nas mãos dos magistrados. Pedimos que nos encarregueis de satisfazer ao nosso dever; que nos deixem a responsabilidade, e que cousa nenhuma diminua a obrigação em que estamos de morrer pela manutenção da tranquillidade publica! « Estas palavras dignas do chanceller do Hospital, ou de Mathieu Molé, foram friamente recebidas pela assembléa, e encarnecidas pelas tribunas. Vergniaud saudou-as hypocritamente, e torceu-lhes o sentido.

« Sem duvida; » disse o orador, ao qual um ajuntamento armado devia um anno mais tarde arrancar á tribuna; sem duvida, melhor teriamos feito, talvez, nunca receber homens armados; porque se hoje o cynismo conduz aqui bons cidadãos, a aristocracia póde conduzir ámanhã os seus janisaros. Mas o erro que já commettemos auctorisa o erro do povo. Os ajuntamentos, até hoje formados, pareciam auctorisados pelo silencio da lei. Verdade é que os magistrados vos pedem força para os reprimir. Nestas circumstancias que deveis fazer? Julgo que haveria extremo rigor em ser inflexivel para com uma falta cujo principio está nos vossos decretos: seria fazer injuria aos cidadãos que pedem neste momento apresentar-vos as suas homenagens, o suppor-lhe más intenções. Diz-se que esta reunião quer apresentar no palacio uma representação; não julgo que os cidadãos que a compõe, peçam ser introduzidos com armas junto á pessoa do rei, penso que se conformarão com as leis, e que irão sem armas, e como simples peticionarios. Sou pois de voto que os cidadãos reunidos para desfillarem em nossa presença, sejam immediatamente admittidos. »

Dumolard, Ramond, indignados com estas perfidas e covardes palavras, oppõe-se energicamente a esta fraqueza ou a esta cumplicidade da assembléa. A mais bella homenagem, que poderieis render ao povo de Paris, exclamou Ramond, é fazel-o obedecer ás leis. Peço que os cidadãos deponham suas armas, antes de serem admittidos á vossa presença — Para que fallais, replicou Guadet, de desobediencia ás leis, quando vós mesmo tantas vezes as haveis derogado? Commetterieis uma revoltante injustiça; assemilhar-vos-hieis a um imperador romano que para encontrar ainda mais culpados, fez escrever as leis em grossos caracteres por tal modo obscuros, que ninguem os podia comprehender!

A deputação dos insurgentes entrou, ao ressoarem estas ultimas palavras, no meio dos applausos e vozes de indignação, em que se dividiu a assembléa.

XIV — Huguenin, o orador da deputação, leu a petição redigida em Charenton. Declarou que a cidade estava de pé, á altura das suas circumstancias, prompta a servir-se dos grandes meios para vingar a magestade do povo. Deplorou, comtudo, a necessidade de enterrar suas mãos no sangue dos conspiradores. « Mas a hora chegou, disse elle com uma apparente resignação ao combate: o sangue correrá; os homens do 14 de julho não adormeceram, se por ventura assim o pareceu; seu acordar é terrivel: fallai e nós lançaremos mão a obra: o povo esta ahi para julgar os seus inimigos; que elles escolham entre Coblentz e nós! que purguem a terra da liberdade! Os tyrannos, vós os conheceis: o rei não esta de accordo comnosco; não queremos outra prova senão a demissão dos ministros patriotas, e a inacção dos nossos exercitos. A cabeça do povo não valera a dos reis? Devera acaso impunemente correr o sangue dos patriotas, para satisfazer o orgulho e a ambição do perfido castello das Tuilerias? Se o rei não opera, suspendei-o: um homem só não póde pôr entraves á vontade de 25 milhões de homens. Se por causa de respeito nós o mantemos no seu posto, é com a condição de constitucionalmente o manter! Se disto se afasta, não mais deve ser rei!... E o supremo tribunal de Orleans o que é que faz? continuou Huguenin; onde estão as cabeças dos culpados, que deve ferir?... Forçar-nos-ha a lançarmos mão da espada?

Estas sinistras palavras consternaram os constitucionaes, e fizeram surrir os girondinos. Comtudo, o presidente respondeu com tal firmeza, que não foi sustentada pela attitude dos seus collegas. Decidiram que o povo dos *faubourgs* fosse admittido a desfillar, em armas, pela sala.

XV. — Apenas este decreto se votou, as portas, que estavam sitiadas pela multidão, se abriram, e deram passagem aos trinta mil peticionarios. Durante este longo desfillamento, a musica repetia as arias demagogicas da *Carmagnole*, e do *Ça irá*, este passo de carga dos motins. As mulheres, armadas de espadas, brandem-as para as tribunas, que as applaudiam; dançam em roda de uma mesa de pedra, onde estão inscriptos os direitos do homem, á similhança dos israelitas em volta do tabernaculo. Até as mesmas bandeiras, e as mesmas inscripções triviaes, que manchavam a rua, profanam o recinto das leis. Farrapos de calções pendendo em trofeos, a guilhotina, a forca com a figura da rainha pendurada, atravessam impunemente a assembléa; deputados aplaudem, outros voltam a cabeça, e tapam os olhos com as duas mãos; alguns, mais corajosos, lançam-se para o homem que traz o *coração escorrendo* sangue, e forçam este miseravel, já com supplicas, já com ameaças a retirar-se com aquelle emblema do assassinio. Parte do povo olha com respeito ao recinto que profana; outra parte lança apostrofes passando por diante dos representantes da nação, e parece regosijar-se do aviltamento delles. O retinir das armas estravagantes desta multidão, o estrepito do calçado ferrado e tamancos nas lages da sala, os ganidos das mulheres, as vozes das crianças, os gritos de: *Viva a nação!* os cantos patrioticos, os sons dos instrumentos, ensurdeciam os ouvidos. O aspecto dos pelitrapos contrasta com os marmores, as estatuas, as decorações do recinto. As miasmas desta lia em movimento corrompem o ar, e suffocam a respiração. Eram tres horas quando os restos daquelle ajuntamento acabou de desfillar. O presidente deu-se pressa em suspender a sessão, á espera dos proximos excessos.

XVI. — Porém imponentes forças pareciam collocadas nos pateos das Tuillerias e seus jardins, para defenderem a morada do rei contra a invasão dos *faubourgs*. Tres regimentos de linha, dous esquadrões de gendarmeria, muitos batalhões da guarda nacional, com artilheria, compunham estes meios de defeza. Estas indecisas tropas, corrompidas pela sedição, não passaram de ser uma força apparente. Os gritos: Viva a nação! os gestos amigos dos insurgentes, o espectaculo das mulheres estendendo os braços aos soldados, atravez as grades, a presença dos officiaes municipaes que mostravam, na sua actitude, uma neutralidade desdenhosa para com o rei, tudo abalava o sentimento da resistencia no animo destas tropas, de ambos os lados viam ellas o uniforme da guarda nacional. Entre a população de Pariz, cujos sentimentos participavam, e o castello, que lhes diziam cheio de traições, ellas não sabiam onde estava o dever. Debalde Rœderer, firme orgão da constituição; em vão alguns officiaes superiores da guarda nacional, taes como os srs. Acloque e de Romainvilliers, lhes apresentavam o texto abstrahido da lei, que lhes ordenava repellir a força pela força. A assembléa dava-lhes o exemplo da cumplicidade; o maire Péthion se esquivava á sua responsabilidade; o rei, immovel, se refugiava na sua inviolabilidade; as tropas, abandonadas a si mesmas, não podiam tardar em se destroçar ante a ameaça ou a seducção.

No interior do palacio, quase duzentos fidalgos, a cuja frente se achava o velho marechal de Mouchy, haviam corrido ao primeiro boato dos perigos do rei. Eram mais victimas voluntarias da antiga honra franceza do que

defensores uteis á monarchia. Temendo excitar as desconfianças da guarda nacional e das tropas, estes fidalgos se conservavam escondidos nos quartos, promptos a morrer mais depressa que a pelejar. Não traziam uniforme; porém debaixo dos vestidos occultavam armas: disto nasceu o nome de cavalleiros do punhal, com que os assignalavam ao odio do povo. Vindos occultamente das suas provincias, para offerecer sua desesperada dedicação ao seu infeliz amo desconhecidos uns aos outros, munidos só de um bilhete de entrada no palacio, acudiam nos dias do perigo. Deviam ser dez mil, e não passavam de duzentos: era a reserva da fidelidade. Faziam seu dever sem se contarem, vingavam a nobreza franceza das culpas e abandonos da emigração.

XVII. — O ajuntamento, saindo da assembléa, caminhou em columna serrada pelo Carrousel. Santerre e Alexandre, á frente de seus batalhões, lhe davam o impulso. Uma columna compacta de revoltosos seguia pela rua Saint-Honoré. Os outros troços do ajuntamento, separados do corpo principal, atulhavam os patios da assembléa e dos *Feuillants* e buscavam abrir caminho desembocando com violencia por uma das saidas, que communicavam destes patios com o jardim. Um batalhão da guarda nacional defendia a entrada desta grade. A fraqueza ou a condescendencia de um official municipal entrega a passagem; o batalhão recua e toma posição debaixo das janellas do palacio. A multidão atravessa obliquamente o jardim; passando por diante dos batalhões, sauda-os com o brado de: *Viva a nação!* e os convida a desarmar baionetas. Estas são guardadas nas bainhas, o ajuntamento escoa-se pela porta do Pont-Royal e retrocede sobre os postigos do Carrousel, que fechavam esta praça do lado do Sena. A guarda destes postigos de novo cede, deixa passar um certo numero de sediciosos e se torna a fechar. Estes homens, escandecidos pela marcha, pelos cantos, pelas acclamações da assembléa e pela embriaguez, hurlando se espalham pelos patios do palacio. Correm ás portas principaes, cercam os postos, que as defendem, bradam por seus companheiros do exterior e sacodem os gonzos da porta real. O official municipal, Panis, a manda abrir. O Carrousel é forçado, as massas parecem hesitar um momento ante os canhões assestados contra ellas e á vista dos esquadrões da *gendarmeria* em batalha. Saint-Prix, commandante da artilheria, separado de suas peças por um movimento da multidão, manda ao segundo commandante a ordem de se reconcentrar sobre a porta do palacio. Este não obedeceu. *O Carrousel está forçado*, diz elle em voz alta. *E' preciso que o seja tambem o castello. A mim, artilheiros, eis o inimigo!* Com o gesto aponta elle para as janellas do rei volta as peças e as assesta contra o palacio. As tropas, arrastadas por esta deserção da artilheria, ficam em batalha, mas espalham em presença do povo as escorvas das espingardas, em signal de fraternidade, e entregam todas as passagens aos sediciosos.

A esta acção dos soldados, o commandante da guarda nacional testimunha deste movimento, brada do patio a seus granadeiros, aos quaes está vendo da janella da sala dos guardas, que peguem em armas para defender a escada. Os granadeiros, em vez de obedecer, saem do palacio pela galeria do lado do jardim. Santerre, Théroigne e Saint-Hurugé precipitam-se sobre a porta do palacio. Os homens mais temerarios e robustos do seu sequito se introduzem na abobada, que conduz do Carrousel ao jardim; affastam violentamente os artilheiros, apoderam-se de uma peça, desmontam-na do seu reparo, e a braços a levam até á sala dos guardas, no topo da grande escada. A multidão, animada por este prodigio de força e audacia, entra na sala e se espalha como uma torrente por todas as escadas e corredores do palacio. Todas as portas caem aos encontrões e golpes dos machados desta multidão. Ella com grandes brados procura o rei, separado della só por uma porta; e esta abalada está prestes a ceder ao esforço das alavancas e piques dos assaltantes.

XVIII. — O rei, que se fiava nas promessas de Péthion e nas forças numerosas, que rodeavam o palacio, sem inquietação vio o ajuntamento.

O assalto repentinamente dado á sua habitação o surprehendeu n'uma completa segurança. Retirado com a rainha, a princeza Izabel e seus filhos nos quartos interiores do lado do jardim, ouvia travessar ao longe estas turbas sem pensar que iam em breve cair sobre elle. As vozes de seus criados assustados, fugindo de todas as partes, o estrondo das portas, que se quebram e caem no chão, os clamores do povo, que se avisinha, assustam de repente esta familia. Achava-se ella reunida na camara do rei. Este principe confiando com um gesto a rainha, sua irmã e seus filhos aos officiaes e ás damas, que os rodeam, arremessa-se sósinho a sala do conselho. Alli encontra o fiel marechal de Mouchy, que não se cança de offerecer os derradeiros dias da sua longa vida a seu amo; o senhor de Hervilly, commandante da guarda constitucional a cavallo, licenciado poucos dias antes; o generoso Acloque, commandante do batalhão do arrabalde de *São Marceau*, primeiro revolucionario moderado, depois vencido pelas virtudes privadas de Luiz XVI, já seu amigo e desejoso de morrer por elle; tres intrepidos granadeiros do batalhão do faubourg Saint-Martin, Lecrosnier, Bridaut, Gossé, que ficaram sós no seu posto do interior, na defecção geral, e procurando o rei, para o proteger com suas baionetas homens do povo, estranhos á corte, juntos só pelo sentimento do dever e affeição, não defendendo no rei senão o homem.

No momento em que o rei entrava nesta sala, as portas da que se lhe seguia, chamada a sala dos nobres, eram forçadas pela multidão. O rei precipita-se ao encontro do perigo. As almofadas da porta caem a seus pés; ferros de lança, paus ferrados e piques passam atravez das aberturas. Brados de furor, pragas, imprecações acompanham os golpes do machado. O rei, com voz firme, ordena a dous criados, que o acompanham, Hue e Marchais, que abram as portas. «Que posso eu recear no meio do meu povo?» diz elle caminhando afouto para os assaltantes.

Estas palavras, este movimento, a serenidade do rosto, o respeito de tantos seculos á sagrada pessoa do rei, suspendem a impetuosidade dos primeiros aggressores. Parecem hesitar em entrar a porta, que acabam de forçar. Durante este movimento de hesitação, o marechal de Mouchy, Acloque, os tres granadeiros e os dous criados fazem recuar o rei alguns passos, e se collocam entre elle e o povo. Os granadeiros calam baioneta, e por um instante contem o povo em respeito. Porém a multidão, que augmenta, empurra para diante as primeiras fileiras. O primeiro, que arremette, é um homem esfarrapado, com os braços nus, os olhos turbados e a boca escumando. «Onde está o *Veto?*» diz elle dirigindo para o real peito um longo páo ferrado. Um dos granadeiros com a baioneta desvia o braço deste furioso. O facinoro cáe aos pés do cidadão; este acto de energia impõe aos seus camaradas. Espezinham o homem derribado. Os chuços as facas e machados se abaixam ou se desviam. A magestade real recupera um momento o seu imperio. A multidão contem-se por si mesma a certa distancia do rei, n'uma posição mais de curiosidade brutal, que de furor.

XIX. — Entretanto alguns officiaes da guarda nacional, que o boato dos perigos do rei fizera acudir, se unem aos intrepidos granadeiros, e conseguem fazer algum espaço em torno de Luiz XVI. O rei, que só tem um pensamento, o de affastar o povo do quarto em que deixou a rainha, manda fechar a porta da sala do conselho. Após si leva elle a multidão para o vasto salão do *Oculo*, sob pretexto de, pela sua extensão, permittir a maior numero de cidadãos vel-o e fallar-lhe. Alli, rodeado de uma multidão immensa e tumultuosa, elle se felicita de se achar só exposto aos golpes das armas de toda a especie, que sobre a sua cabeça numerosos braços agitam. Porém voltando-se vê sua irmã, a princesa Isabel, que lhe estende os braços e quer arremeçar se para elle.

Esta havia escapado ás mulheres, que guardavam a rainha e seus filhos na camara do Leito. Amava muito este irmão, queria morrer sobre o seu peito. Moça, dotada de uma formosura celeste, sanctificada na côrte pela piedade da sua vida e pela sua apaixonada dedicação ao rei, havia renunciado a todo o amor pelo unico amor da sua fa-

milia. Seus cabellos espalhados, os olhos lacrimosos, seus braços estendidos para o rei lhe davam uma expressão desesperada e sublime. « E' a rainha! bradaram algumas mulheres dos arrabaldes; este nome em tal momento era uma sentença de morte. Alguns furiosos se arremeçam para a irmã do rei com os braços erguidos, vão feril-a, mas alguns officiaes do palacio os desenganam. O nome venerado da princesa Isabel lhes faz cair as armas. « Ah! que fazeis? exclama dolorosamente a princesa, deixai-os acreditar que sou a rainha! morrendo em seu logar, talvez eu a salvasse! » A estas palavras, um movimento irresistivel da turba com violencia affasta a princesa Isabel de seu irmão, e a arremeça para o vão de uma janella da sala, onde a multidão a contempla ao menos com respeito.

XX. — O rei havia chegado até ao vão profundo da janella do meio. Acloque, Vannot, d'Herviliy, obra de vinte voluntarios e guardas nacionaes com seus corpos lhe faziam uma muralha. Alguns officiaes pucham da espada. « Embainhai vossas espadas, lhe diz com tranquilidade o rei; ha mais allucinação do que culpa nesta multidão. » Sobe a um banco encostado á janella, alguns granadeiros sobem tambem, outros se collocam diante delle; fazem abaixar e affastar os páos, fouces e chuços que fluctuam por cima da cabeça da multidão. Atrozes vociferações confusamente se elevaram desta turba irritada: « *Abaixo o veto! O acampamento junto a Pariz! Restitui-nos os ministros patriotas! Onde está a Austriaca?* » Alguns furiosos saíam a cada momento do meio da multidão, e de mais perto iam proferir injurias e ameaças de morte contra o rei. Não podendo passar através das baionetas cruzadas diante delle, estes homens agitavam á sua vista e por cima da sua cabeça suas horrendas bandeiras e sinistras inscripções, os farrapos, a guilhotina, o *coração ensaguentado* e a forca. Um delles arremettia sem cessar, com um chuço na mão, para penetrar até ao rei; era o mesmo assassino, que dois annos antes lavára n'um balde d'agoa as cabeças cortadas de Berthier e Foulon, e que, levando-as pelos cabellos, no caes de *la Ferraille* as lançára ao povo, para dellas fazer insignias de carnagem e incitações a novos assassinos.

Um mancebo loiro, bem vestido, de terrivel gesto, não cessava de accometer os granadeiros, em cujas baionetas, affastando-as para avançar, feria os dedos « sire! sire! exclamava elle, eu vos intimo, em nome de cem mil almas, que me rodeiam, a sanccionar o decreto contra os padres! Isto ou a morte! »

Outros homens do povo, posto que armados de espadas, pistolas, e piques, não faziam gesto algum ameaçador e reprimiam os a tentados contra a vida do monarcha. Distinguiam-se mesmo alguns signaes de respeito e dôr na physionomia do maior numero. Neste movimento revolucionario, o povo mostrava-se terrivel, mas não se confundia com os assassinos. Uma certa ordem começava a estabelecer-se nas escadas e nas salas; a multidão, depois de haver contemplado o rei e proferido ante elle seus ameaços, se introduzia nos outros quartos, e em triumpho discorria por este *palacio do despotismo*.

O cortador Legendre fazia ir adiante de si esses bandos de mulheres e crianças costumadas a tremer á sua voz. Este faz signal de que quer faller. Reina o silencio. Os guardas nacionaes fazem logar para deixar interpellar o rei. « Senhor... » lhe diz elle com uma voz fortissima; o rei a este nome de Senhor (*Monsieur*) que significa a deposição faz um gesto de dignidade offendida: sim, continúa Legendre, tornando com mais força a repetir *Monsieur*; escutai-nos; tendes obrigação de nos ouvir! Sois um perfido! Sempre nos tendes enganado! e ainda agora nos enganais! mas tende cuidado em vós; a medida está cheia; o povo acha-se cançado de ser vosso ludibrio e vossa victima. » Legendre, depois destas palavras ameaçadoras, leu uma petição concebida em termos imperiosos, na qual em nome do povo pedia que fossem chamados ministros girondinos e a sancção immediata dos decretos. O rei respondeu com uma dignidade intrepida: « Farei o que a constituição me ordena fazer. »

XXI. — Apenas uma onda de povo passava logo outra lhe succedia. A cada nova invasão as forças do rei e do pequeno numero de seus defensores se gastavam nesta luta renascente com uma multidão, que não se cançava. As portas já não bastavam á impaciente curiosidade destes milhares de homens que acudiam a este pelourinho da realesa. Entravam pelos telhados, pelas janellas, pelas galerias elevadas, que abrem para os terraços. Suas escaladas divertiam os innumeraveis espectadores apinhoados no jardim. As palmas, os bravos, as gargalhadas desta multidão exterior excitavam os aggressores. Sinistros dialogos se travavam em voz alta entre os sediciosos de cima e os impacientes de baixo. « Já o feriram? Está morto? Atirai-nos as cabeças! bradavam muitas vozes. Membros da Assembléa, periodiqueiros girondinos, homens politicos, Garat, Gorsas, Marat, misturados nesta multidão, trocavam gracejos sobre este martyrio de vergonha imposto ao rei. Um momento correu a voz de que elle tinha sido assassinado.

Não se ouvio um grito de horror nesta multidão. Ella ergueu os olhos para a janella, afim de ver se lhe mostravam o cadaver. Apesar de tudo isto no meio do seu furor, ella parecia carecer de reconciliação. Um homem do povo estendeu para Luiz XVI um barrete encarnado na ponta d'um chuço. « Que o ponha na cabeça! bradou a multidão, é o signal de patriotismo; se o puzer, acreditaremos na sua boa fé! » O rei fez signal a um dos granadeiros para lhe dar o barrete, e sorrindo-se o poz na cabeça. Bradaram então: *Viva o rei*! O povo havia coroado o seu chefe com o signal da liberdade, o barrete da demagogia substituia o diadema de Reims. O povo tinha vencido e sentia-se applacado!

Porém novos oradores subidos aos hombros dos seus camaradas não cessavam de pedir ao rei, ora com supplicas, ora com ameaças, que promettesse tornar a chamar Roland e a sancção dos decretos. Luiz XVI, invencivel na sua resistencia constitucional, illudio ou recusou sempre aquescer ás intimações dos sediciosos. « Depositario da prerogativa do poder exececutivo, não hei de cedel-a á violencia, respondeu elle: não é occasião de deliberar quando não se delibera livremente. — Não tenhais medo, senhor, lhe diz um granadeiro da guarda nacional. — Meu amigo, lhe respondeu o rei travando-lhe do braço e chegando o ao seu peito, pôe aqui a tua mão, e vê se o meu coração bate mais que de ordinario. » Este gesto, estas palavras de confiança intrepida ouvidas pela multidão, abrandaram o coração dos sediciosos.

Um homem esfarrapado, que trazia uma garrafa na mão, se chegou ao rei e lhe disse: « Se amais o povo, bebei á sua saude! » As pessoas, que rodeavam o principe, temendo o veneno tanto como o punhal, instaram com o rei para que não bebesse. Luiz XVI pegou na garrafa, chegou-a aos beiços e bebeu á saude na nação! Esta familiaridade com a multidão, representada por um mendigo, acabou de popularisar o rei. Novos gritos de: *Viva o rei!* saíram de todas as boccas e se propagaram nas escadas; estes gritos consternaram os grupos, que estavam no jardim esperando uma victima e viam os algozes enternecidos.

XXII. — Em quanto o infeliz principe lutava assim só contra todo um povo, a rainha soffria n'uma sala visinha os mesmos ultrajes e caprichos. Mais odiada que o rei, ella corria mais perigos. As nações agitadas carecem de personalizar os seus odios assim como o seu amor. Maria Antoinette aos olhos da nação representava ao mesmo tempo todas as corrupções das cortes, todo o orgulho do despotismo, todas as perversidades da traição. Sua belleza, as propensões da sua mocidade para o prazer, ternuras do coração mudadas em devassidões pela calumnia, o sangue da caza d'Austria, a sua altivez que ella recebera da natureza ainda mais que d'este sangue, suas relações intimas com o conde d'Artois, suas machinações com os emigrados, a sua supposta cumplicidade com a colligação, os libellos escandalosos ou infames contra ella publicados por espaço de quatro annos, faziam desta princeza a victima expiatoria da opinião. As mulheres a desprezavam como espoza criminoza, os patriotas a aborreciam como conspiradora, os homens politicos temiam-na como conselheira do rei. O nome de *Austriaca*, que o povo lhe dava, resumia contra

ella todas estas affrontas. A rainha era a impopularidade deste throno, cuja graça e perdão devia ser.

Maria Antoinette não ignorava este odio do povo á sua pessoa, e sabia que a sua presença ao lado do rei seria uma provocação ao assassino. E' este o motivo, que a havia demorado, só com seus filhos na camara do leito. O rei esperava que ella ali fosse esquecida; porém era principalmente a rainha, que as mulheres do ajuntamento procuravam, e a quem com grandes gritos chamavam com os nomes mais injuriozos para uma mulher, para uma espoza, e para uma princeza.

Apenas o rei foi rodeado pelas turbas na salla do Oculo, logo as portas da alcova foram acommettidas com os mesmos urlos e golpes. Porém esta parte do tropel era principalmente composta de mulheres, seus braços por fracos não poderam forçar as portas: em seu auxilio chamaram os homens, que á sala dos Guardas haviam subido a braços a peça d'artilheria. Estes homens correram. A rainha em pé, apertando nos braços os seus dois filhos, em mortal anciedade ouvia as vociferações á sua porta. Não tinha junto a si senão o senhor de Lajard, ministro da guerra, só, impotente, mas dedicado; algumas damas da sua casa e a princeza de Lamballe, esta antiga dos seus bellos e dos seus máos dias. Nora do duque de Penthiévre e cunhada do duque d'Orleans, a princeza de Lamballe succedera no coração da rainha á ternura, que ella por largo tempo manifestaria á condessa de Polignac. Esta amizade de Maria Antoinette era adoração repellida pela frieza do rei, que só tinha as virtudes, mas nenhuma das graças d'um espozo; odiada pelo povo, cansada do throno, ella expandia nestas intimas predilecções seu coração ao mesmo tempo alterado e vasio de sentimento. Accusavam este favoritismo. Calumniavam tudo da rainha, até suas amizades.

A princeza de Lamballe, viuva aos dezoito annos, pura de todo o deffeito sobre seus costumes, acima de toda a ambição e interesse por sua jerarchia e fortuna, só estimava na rainha uma amiga. Quanto mais a adversidade se obstinava em perseguir Maria Antoinette, tanto mais prazer sentia a moça favorita em tomar d'elle a sua parte. Não eram as grandezas, mas sim a desgraça que a attrahia. Camareira mór, tinha, nas Tuilerias, um quarto proximo ao da rainha, para compartilhar todas as suas lagrimas e perigos. Era obrigada a ausentar-se algumas vezes, para ir ao castello de Vernon tratar do velho duque de Penthiévre. A rainha que antevia as desordens, lhe havia escrito, alguns dias antes de 20 de junho, uma carta tocante em que lhe pedia que não voltasse. Esta carta, achada nos cabellos da princeza de Lamballe depois do seu assassino, e ignorada até então, revela a ternura de uma e a dedicação de outra

«Não volteis de Vernon, minha prezada Lamballe antes do vosso completo restabelecimento. O bom duque de Penthièvre ficaria bem triste e afflicto, e nós devemos attender á sua avançada idade e virtudes. Tantas vezes vos tenho dito que cuideis em vós mesma que se me estimais, assim o fareis. Cada um carece de todas as suas forças nos tempos em que estamos. Ah! não volteis... ou voltai o mais tarde possivel. O vosso coração seria mui penetrado de dôr, muito terieis a chorar por minhas desditas, vós, que com tanta ternura me estimais. Esta raça de tigres, que devasta o reino, cruelmente gozaria se soubesse tudo o que soffremos. Adeus minha querida Lamballe, estou inteiramente occupada de vós, e bem sabeis se é possivel que eu mude.»

A senhora de Lambelle, pelo contrario, tinha-se apressado em voltar. Abraçava se com a rainha, como para ser ferida do mesmo golpe. Ao lado d'ella se achavam outras senhoras animozas, a princeza de Tarento Latremouille, e as damas Tourzel, Makau, e Laroche-Aymon.

O senhor de Lajard, militar de presença de espirito, responsavel ao rei e a si proprio por tantas vidas preciosas ou sagradas, recolheu á pressa, pelos corredores secretos, que da alcova communicavam com o interior do palacio, alguns officiaes e guardas nacionaes, que andavam desgarrados no tumulto. Mandou que levassem á rainha seus filhos, para que a presença e graça destes, enternecendo a multidão, servissem d'escudo a sua mãi. Elle proprio foi quem abriu as portas. No vão d'uma janella collocou a rainha e suas damas, e para diante d'este grupo mandou chegar a pezada meza do conselho, para interpor um obstaculo entre as armas da populaça e a vida da familia real. Alguns guardas nacionaes se formaram dos dois lados e um pouco adiante da meza: a rainha, em pé, tinha pela mão sua filha de idade de quatorze annos.

Menina d'uma formosura nobre e prematura madureza, as angustias de familia, no meio das quaes crescia, haviam reflectido sobre suas feições e tristeza. Seus olhos azuis, testa alta, nariz aquilino, cabellos louros espalhados pelos hombros, traziam á memoria, na decadencia da monarchia, essas filhas das Gallias que ornavam o throno das primeiras raças. A joven princeza chegava-se ao seio de sua mãi, como para protegel-a com a sua innocencia. Nascida com os primeiros tumultos da Revolução, arrastada a Paris como captiva no meio do sangue do dia 6 d'outubro, ella do povo só conhecia as agitações e coleras. O Delfim, menino de sete annos, estava assentado em cima da meza diante da rainha. O seu rosto ingenuo, em que radiava toda a belleza dos Bourbons, exprimia mais admiração que susto. Elle voltava-se de continuo para sua mãi. Erguia os olhos para os della, como para lêr n'elles, atravez as lagrimas, a confiança ou medo que devia ter. N'esta posição é que a turba dirigida da salla do Oculo, encontrou a rainha e desfilou em triumpho por diante d'ella. A pacificação produzida pela energia e confiança do rei, já se fazia notar nos gestos e no modo dos sediciosos.

Os homens mais ferozes se abrandam á vista da fraqueza, da formusura e da infancia. Uma senhora bella, rainha, humilhada, uma menina innocente, um menino sorrindo-se aos inimigos de seu pai, não podiam deixar de despertar a sensibilidade até no odio. Os homens dos arrabaldes desfilavam silenciosos e como envergonhados da sua violencia por diante deste grupo da grandeza humilhada. Alguns porem, os mais cobardes, mostravam, passando, á familia real as insignias derisorias ou atrozes, que deshonravam a insurrecção. Seus cumplices, indignados, com a mão abaixavam estas insignias, e faziam passar depressa os que as levavam. Alguns mesmo dirigiam vistas d'intelligencia e compaixão, outros sorrisos, outros palavras de familiaridade ao Delfim. Dialogos, em parte terriveis, em parte respeitosos, se estabeleciam entre a multidão e o menino. «Se amas a nação, disse um voluntario á rainha, põe o barrete encarnado na cabeça de teu filho.» A rainha tirou o barrete das mãos deste homem e o poz na cabeça do Delfim. A criança admirada, reputou um brinco estes ultrages. Os homens applaudiram; porem as mulheres, mais implacaveis para com uma mulher, não cessáram de invectivar. As palavras obscenas do baixo povo eram pela primeira vez proferidas sob as abobadas do palacio e aos ouvidos destas creanças, cuja ignorancia as livrava do horror de comprehendel-as. A rainha corava até aos olhos, mas o seu pudor offendido nada diminuia a sua varonil arrogancia. Via-se que ella corava por aquelle povo, por aquellas creanças, e não por causa della propria. Uma rapariga, de rosto engraçado e trajo decente, se arremeçava com mais animosidade e proferia as mais acerbas invectivas contra a *Austriaca*. A rainha, admirada do contraste entre o furor desta rapariga e a graça de suas feições, lhe disse com bondade: «Porque razão me odiais? acaso já vos fiz, sem o saber, alguma injuria ou algum mal? — A mim, não, respondeu a bella patriota; porem sois vós, que fazeis a desgraça da nação. — Pobre rapariga replicou a rainha, disseram-vos isso, e enganaram-vos: que interesse tinha eu em fazer a desgraça do povo? Mulher do rei, mãi do Delfim, sou franceza por todos os sentimentos do meu coração d'esposa e de mãi. Nunca mais tornarei a ver a minha patria! Não posso ser feliz ou desgraçada senão em França. Eu era ditosa quando vós me estimaveis!»

Esta meiga exprobação perturbou o animo da rapariga, cuja colera de repente se converteu em lagrimas, e pedio perdão á rainha. «E' porque eu não vos co-

nhecia, lhe disse ella: mas agora vejo que sois muito boa.» N'este momento, Santerre rompeu a multidão. In constante e sensivel, posto que grosseiro, Santerre tinha aspereza, impetuosidade e enternecimento facil. A gente dos arrabaldes lhe deu passagem e tremeu á sua voz. Com um gesto imperioso fez evacuar a sala, e empurrou elle mesmo com os hombros este tropel de homens e mulheres para a porta que dava para o salão do Oculo. A corrente do ar estabeleceu-se com a abertura daquellas portas oppostas ao palacio. O calor era intenso, e o suor corria da testa do Delfim, que ainda tinha na cabeça o barrete encarnado. « Tirai o barrete a essa criança, exclamou Santerre, bem vedes que está abafando! « A rainha dirigiu uma vista de mãi para Santerre, que se chegou a ella, pôz a mão sobre a meza, e, inclinando-se para Maria Antonietta: « Tendes, senhora, amigos mui ineptos, lhe disse elle em meia voz. Alguns conheço eu, que melhor vos serviriam! » A rainha abaixou os olhos e calou-se. D'este momento datam as intelligencias secretas, que ella estabelleceu com os agitadores dos arrabaldes. Estes grandes facciosos, depois de abalarem a monarchia, ouviam com attenção as supplicas da rainha. O orgulho d'elles folgava com exaltar a mulher, que haviam abatido. Mirabeau, Barnave, Danton, tinham vendido, ou offerecido vender alternativamente o poder da sua popularidade. Santerre só offereceu a sua compaixão.

XXIII. — A Assembléa havia tornado a abrir a sua sessão ao annuncio da invasão do palacio. Uma deputação de vinte quatro membros fora enviada para servir de protecção ao rei. Chegando mui tarde, estes deputados andavam errando pelos patios e escadas atulhadas do palacio. Posto que lhes repugnasse a idéa do ultimo dos crimes commettido na pessoa do rei, não se affligiam d'uma grande ameaça saboreada largo tempo pela corte. O proprio Vergniaud, no alto da grande escada, debalde appellava para a ordem, para a legalidade e a constituição. A eloquencia, que tanto poder tem para agitar as turbas, é inefficaz para suspendel-as. De quando em quando deputados realistas indignados entravam na sala, subiam á tribuna, e á Assembléa exprobavam a sua indifferença. Entre estes se tornavam notaveis Vaublanc, Ramond, Becquet, Girardin. Mathieu-Dumas, amigo de La Fayette, exclamou apontando para as janellas do palacio: « Venho d'ali, o rei acha-se em perigo! acabo de o ver; tomo por testimunhas meus collegas. Os senhores Isnard, Vergniaud, faziam inuteis esforços para conter o povo. Sim eu vi o representante hereditario da nação insultado, ameaçado, vilipendiado. Vi o barrete encarnado na sua cabeça! Vós sois responsaveis até á posteridade! » Com gargalhadas ironicas e apupadas lhe responderam. E' acaso o barrete dos patriotas signal aviltante para a fronte d'um monarcha? disse o girondino Lasource; temos por ventura inquietações pelos dias do rei? Não insultemos o povo attribuindo-lhe sentimentos que não tem. Elle não ameaça a pessoa de Luiz XVI, nem a do principe real. Nenhum excesso, nenhuma violencia commette. Adoptai medidas de brandura e de conciliação. » Era isto o lethargo perfido de Pethion. A assembléa tornou a adormecer a estas palavras.

XXIV. — Todavia o proprio Pethion não podia por mais tempo fingir ignorar o movimento de quarenta mil pessoas atravessando Paris desde pela manhã, a entrada deste ajuntamento armado na Assembléa e a invasão das Tuilerias. A sua ausencia prolongada fazia lembrar o somno de La Fayette no dia 6 de outubro; porem um cumplice, o outro innocente. Avisinhava-se a noite; ella podia em suas sombras occultar desordens e attentados, que excedessem os intentos dos Girondinos. Pethion appareceu, e foi recebido aos gritos de: *Viva Pethion!* Levado de braço em braço até aos ultimos degraos da escada, penetrou na sala em que havia tres horas que Luiz XVI soffria estes ultrajes. « Só agora acabo de saber a situação de Vossa Magestade, diz Pethion ao rei. — Isso é admiravel, lhe respondeu Luiz XVI com uma indignação concentrada, porque muito tempo ha que ella dura. »

Pethion subio a uma cadeira, fallou muitas vezes á multidão immovel, sem obter que ella se ausentasse. Em fim, fazendo-se erguer mais alto aos hombros dos quatro granadeiros: « Cidadãos e cidadãs, disse elle, com dignidade e moderação haveis exercido o vosso direito de petição, acabareis este dia assim como o começasteis. Até aqui o vosso modo de proceder tem sido conforme á lei; é em nome da lei que agora vos intimo a seguir o meu exemplo e a retirar-vos. »

A multidão obedeceu a Pethion e vagarosamente se foi retirando pela longa corrente das sallas do palacio. Apenas a onda daquella massa principiou a diminuir, o rei, a quem os granadeiros fizeram sair do vão da janella aonde se achava, foi ter com sua irmã, que lhe caío nos braços, com ella saío por uma porta secreta, e correu a encontrar a rainha no seu quarto. Maria Antonietta até então sustentada pela sua altivez contra as lagrimas, succumbio ao excesso da sua commoção e ternura tornando a ver o rei. Lançou-se-lhe aos pés, e, abraçando-lhe os joelhos, rompeu não em suspiros, mas em gritos. A princeza Izabel, as crianças, apertadas nos braços uns dos outros, e todos nos do rei, que com elles chorava, folgavam de se encontrar como depois d'um naufragio, e a sua alegria muda se elevava ao ceo com a admiração e reconhecimento da sua salvação. Os guardas nacionaes fieis, os generaes amigos do rei, o marechal de Mouchy, o senhor d'Aubier, Acloque felicitáram o rei pelo animo e presença d'espirito: que mostrára. Todos mutuamente referiram os perigos, a que acabavam de escapar, as asserções atrozes, os gestos, vistas, armas, trajos, os arrependimentos subitos d'esta multidão. O rei, neste momento, aproximando-se por acaso d'um espelho, vio na sua cabeça o barrete encarnado, que tinham esquecido tirar-lhe. Envergonhou-se e com desprazer o lançou aos pés; e arremeçando-se a uma cadeira de braços, levou um lenço aos olhos. « Ah! senhora! exclamou elle olhando para a rainha, devia eu arrancar-vos da vossa patria para vos associar á ignominia d'um dia como este? »

XXV. — Eram oito horas da noite; o supplicio da familia real havia durado cinco horas. A guarda nacional dos bairros visinhos, reunida por si mesma, chegava homem por homem, para proteger a constituição. Ainda no quarto se ouviriam os passos tumultuosos e os gritos sinistros das columnas do povo que vagarosamente passavam pelos pateos e jardim Os deputados constitucionaes appareceram indignados proferindo imprecações contra Péthion e a Gironda. Uma deputação da Assembléa andou discorrendo pelo palacio para examinar os signaes de violencia e desordem deixados pela expedição dos arrebaldes. A rainha com o gesto lhe mostrou as fechaduras forçadas, os fechos arrancados, os troços das armas, os ferros de chuços, pedaços do forro de madeira das paredes, e até a peça carregada de metralha, que juncavam os quartos. A desordem dos vestidos do rei, de sua irmã, de seus filhos; os barretes encarnados, os laços postos por força em suas cabeças os cabellos espalhados da rainha, a pallidez de suas feições, a agitação de seus labios, as lagrimas em suas faces, eram vestigios mais efficazes que esses destroços deixados pelo povo no campo de batalha de sedição. Estó espectaculo humedecia todos os olhos e suscitava indignação mesmo no coração dos deputados mais hostis á corte. A rainha o conheceu. « Vós chorais! disse ella a Merlin. — Sim, senhora, respondeu o deputado estoico, choro os infortunios da mulher, da esposa, da mãi; porem o meu enternecimento não vai mais longe, eu aborreço reis e rainhas! Estas palavras, que podiam ser sublimes no seu logar, eram duras em tal momento em presença d'um rei aviltado, de crianças innocentes, d'uma mulher ultrajada. Ellas deviam ferir o coração da rainha mais cruelmente que os golpes do machado do povo ás portas do seu palacio. Pela voz d'um só homem lhe annunciavam a inflexibilidade da revolução. Devia o odio associar-se á compaixão na mesma expressão a vista de similhantes infortunios? As mais rigidas opiniões não teem tambem a sua decencia e pudor, que lhes vedam o manifestarem-se quando só podem offender corações magoados? E não ha em a natureza do homem alguma cousa mais santa e permanente que seus odios de opinião, queremos dizer o en-

ternecimento pelas vicissitudes da sorte, o respeito á fortuna decaida, e a compaixão pela dôr?

Tal foi o dia 20 de junho. O povo mostrou nelle disciplina na desordem e circumspecção na violencia; o rei mostrou uma heroica intrepidez na resignação; alguns dos Girondinos, uma perversidade indifferente, que dá á ambição a mascara do patriotismo, e que, para apanhar o poder, o avilta sob os insultos do povo, e não o encontra senão em destroços.

XXVI. — Tudo nos departamentos se dispunha para enviar a Paris os vinte mil homens decretados pela Assembléa. Os Marselhezes, chamados por B rbaroux a instancias da senhora Roland, se avisinhavam da capital. Era o fogo das almas do Meio-dia vindo avivar o foco revolucionario, meio amortecido, segundo os Girondinos, em Paris. Este corpo de mil e duzentos ou mil e quinhentos homens era composto de Genovezes, Ligurios, Corsos e Piemontezes expatriados e recrutados para um golpe de mão dicisivo em todas as praias do Mediterraneo; a maior parte marinheiros ou soldados costumados ao fogo, alguns facinorosos avezados ao crime. Eram commandados por dois mancebos de Marselha, amigos de Barbaroux e Isnard. Fanatizados pelo sol, e pela eloquencia dos clubs provençaes, caminhavam entre os applausos das povoações do centro da França, recebidos, festejados, embriagados de enthusiasmo e vinho em banquetes patrioticos, que na sua passagem se succediam. O pretexto da sua marcha era fraternisar, na proxima confedaração de 14 de julho, com os outros confederados do reino. O motivo secreto era intimidar a guarda nacional de Paris, fortalecer a energia dos arrebaldes, e formar a vanguarda do acampamento de vinte mil homens, que os Girondinos haviam feito votar á Assembléa, para dominar ao mesmo tempo os Bernardos (*feuillants*) e Jacobinos, o rei e a propria Assembléa, com um exercito dos departamentos todo composto de creaturas suas.

O mar do povo fervia á aproximação delles. As guardas nacionaes, os federados, as sociedades populares, mulheres, toda a gente, que vive das commoções da rua, e corre a todos os espectaculos publicos, voava ao encontro dos Marselheses. Os seus rostos crestados e physionomias marciaes, seus olhos de fogo, os seus uniformes cobertos do pó das estradas, os barretes phrygios, suas armas singulares, os ramos verdes, que traziam nos barretes encarnados, suas fallas estranhas, suas pragas, e gestos ferozes, tudo isto fazia grande impressão no animo da multidão. A idéa revolucionaria parecia haver-se feito homem e caminhar, sob a figura desta horda, ao assalto dos ultimos restos da realeza. Entravam nas villas e cidades passando por baixo de arcos de triumpho, e marchando cantavam estrophes terriveis. Estas coplas, alternadas pela bulha regular dos seus passos nas estradas, e som dos tambores, assimilhavam-se aos côros da patria e da guerra, respondendo, com intervallos iguaes, ao tinido das armas e aos instrumentos de morte n'uma marcha aos combates. Eis este cantico, gravado na alma da França:

I.

Allons, enfants de la patrie,
Le jour de gloire est arrivé;
Contre nous de la tyrannie
L'etandart sanglant est levé,
Entendez-vous dans les campagnes
Mugir ces feroces soldats?
Ils viennent jusque dans vos bras
Egorger vos fils, vos campanhes!..
Aux armes, citoyens! formez vos bataillons!
Marchons! qu' un sang impur abreuve nos sillons! (1)

II.

Que veut cette horde d'esclaves,
De traitres, des rois conjurés?
Pour qui ces ignobles entraves,
Ces fers dés longtemps preparés?
Français, pour nous, ah! quel outrage!
Quels transport il doit exciter!
C'est nous qu' on ose mediter
De rendre á l'antique esclavage!..
Aux armes, citoyens! formez vos bataillons!
Marchons! qu' un sang impur abreuve nos sillons! (2)

III.

....

IV.

....

V.

....

VI.

Amour sacré de la patrie;
Conduis, soutiens nos bras vengeurs,
Liberté, liberté cherie
Combats avec tes defenseurs!
Sous nos drapeaux que la victoire.
Accoure á tes males accents;
Que tes ennemis expirants
Voient ton triomphe e notre gloire!..
Aux armes, citoyens! formez vos bataillons!
Marchons! qu' un sang impur abreuve nos sillons! (3)

STROFE DAS CREANÇAS.

Nous entrerons dans la carriere.
Quand nos ainés n'y seront plus;
Nous y trouverons leur poussiere
Et lá trace de leurs vertus!
Bien moins jaloux de leur survivre
Que de partager leur cercueil,
Nous aurons le sublime orgueil
De les venger ou de les suivre!...
Aux armes, citoyens! formez vos bataillons!
Marchons! qu' un sang impur abreuve nos sillons! (4)

XXVIII. — Estas palavras eram cantadas em notas alternativamente graves e agudas, as quaes pareciam trovejar no peito com os surdos tremores da colera nacional, e depois com a alegria da victoria. Alguma cousa tinham do solemne como a morte, e de sereno qual immortal confiança do patriotismo. Dirse-ia que era um eccho encontrado nas Thermopylas. Era o heroismo cantado.

Ouviam-se os passos cadenciados de milhares de homens marchando juntos á defeza das fronteiras sobre o sólo retumbante da patria, a voz lastimosa das mulheres, o vagido das creanças, o relincho dos cavallos, o silvo das chammas do incendio devorando palacios e choupanas; depois os golpes surdos da vingança ferindo e tornando a ferir com a secure, e immolando os inimigos do povo, e os profanadores do sólo. As notas desta aria escorriam como a bandeira mergulhada no sangue ainda quente sobre um campo de batalha. Fasia tremer; mas esse tremor que corria com suas vibrações pelo coração era intrepido. Dava enthusiasmo, redobrava as forças, velava a morte. Era a *agoa fervente* da revolução: destillava nos sentidos e na alma do povo a embriaguez do combate.

Todos os povos escutam em certos momentos jorrar assim de sua alma accentos que ninguem escreveu, e que todos cantam. Todos os sentidos querem render seu tributo ao patriotismo, e animar-se mutuamente. O pé mar-

(1) A traducção e a seguinte:
Vamos, filhos da patria, que o dia da gloria é chegado; contra nós da tyrannia o sangrento estandarte está erguido. Não ouvis la nas campinas rugirem aquellas ferozes soldados? Vem degolar até mesmo entre vossos braços os vossos filhos e esposas!... A's armas, cidadãos! formai os vossos batalhões! Marchemos! e delles o sangue impuro ensope o sulco das nossas terras lavradas.

(2) Tradusido diz assim:
Que pretende essa horda de escravos, de traidores, e de reis conjurados? Para que tem todos esses ignobeis estorvos e ferros de ha tanto tempo preparados? Francezes! para nós são elles! ah! que ultraje! Que transportes excitar nos devem! E' a nós que elles ousam pretender volver á antiga escravidão!... A's armas, cidadãos! etc.

(3) Verte-se da seguinte maneira:
Amor sagrado da patria! conduz e sustenta os nossos braços vingadores. Liberdade! oh liberdade querida! combate com os teus defensores! Que a victoria corra para as nossas bandeiras atraida pelos teus varonis accentos; que os teus inimigos, expirando, vejam o teu triumpho, e a nossa gloria!...A's armas, cidadãos! etc.

(4) A estrofe das creanças, tem a seguinte traducção:
Entraremos na carreira da vida quando os nossos antepassados já não existirem; porém acharemos ahi o seu po, e o vestigio das suas virtudes! Menos ciosos de lhes sobrevivermos, que de compartilhar suas sepulturas, teremos o sublime orgulho de os vingar, ou de os seguir!... A's armas, cidadãos! etc.

cha, o gesto anima, a voz encanta o ouvido, commove o coração. O homem todo inteiro mostra-se um instrumento d'enthusiasmo. A arte torna-se santa, a dança heroica, a musica marcial, a poesia popular. O hymno que nessa occasião corre de todas as bocas não morre. Não o profanam em occasiões vulgares. Similhante a essas bandeiras sagradas suspensas das abobadas dos templos, e que não saem senão em certos dias, o canto nacional é guardado qual uma arma extrema para as grandes necessidades da patria. O nosso hymno recebeu das circumstancias donde brotou um caracter particular, que ao mesmo tempo o torna mais sinistro: a gloria e o crime, a victoria e a morte parecem entrelaçadas nas suas coplas. Foi o canto do patriotismo, e foi tambem a imprecacção do furor. Condusiu os nossos soldados á fronteira, mas acompanhou as nossas victimas ao cadafalso. O mesmo ferro defende o coração do paiz na mão do soldado, e degola as victimas na mão do algoz.

XXIX. — A *Marselhesa* conserva um echo de canto de gloria, e de grito de morte; gloriosa qual a primeira, e funebre como a segunda, tranquilisa a patria, e faz empallidecer seus cidadãos. Eis-aqui como nasceu.

Havia então de guarnição em Strasburgo um moço official d'artilheria. Rouget de Lisle era o seu nome. Nascêra em Lons-le-Saunier, nesse *Jura*, paiz de sonhos e energia, como o são todas as montanhas. Este mancebo amava a guerra como soldado, e a revolução como homem pensador; e encantava, com seus versos e com a sua musica, as lentas impaciencias da guarnição. Procurado pelo seu duplice talento de musico e poeta, frequentava familiarmente a casa do *Dietrick*, patriota alsasseano, *maire* de Strasburgo. A mulher e as filhas de Dietrick compartilhavam o enthusiasmo de patriotismo e revolução, que palpitava especialmente nas fronteiras, assim como as crispaturas do corpo ameaçado, são mais sensiveis nas extremidades. Ellas amavam o moço official, inspiravam-lhe seu coração, na poesia, e sua musica. Eram as primeiras a executar seus pensamentos apenas desabrochados, eram as confidentes das balbuciencias do seu genio.

Corria o inverno de 1792. A fome reinava em Strasburgo. A casa de Dietrick era pobre, sua mesa frugal, porém sempre hospitaleira para Rouget de Lisle. O moço official ahi se sentava ou á tarde ou de manhã, como um filho ou um irmão da familia. Um dia que não havia mais do que pão de munição e alguns pedaços de carne ensacada na mesa, Dietrick olhou triste para Lisle, mas com serenidade, e disse-lhe . A abundancia falta nos nossos festins; mas que importa se o enthusiasmo não falta em as nossas portas a coragem no coração dos nossos soldados! Ainda tenho na dispensa uma unica garrafa de vinho. Tragam-a, disse elle a uma das suas filhas, e vamos bebe'-a pela liberdade e pela patria! Dentro em pouco Strasburgo deve ter uma ceremonia patriotica: é myster que Lisle bêba nestas ultimas gôtas um destes hymnos que levam á alma do povo a embriaguez donde saiu.» As meninas aplaudiram, trouxeram o vinho, encheram o copo de seu velho pai e do moço official até que o licor se esgotou. Era meia noite. A noite estava fria. De Lisle pensativo tinha o coração commovido, e a cabeça escandecida. Apossando-se delle o frio, entrou cambaleando no seu quarto solitario, procurou lentamente a inspiração já nas palpitações da sua alma de cidadão, já no teclado do seu instrumento de artista, compondo ora a musica, antes das palavras, ora as palavras antes das musica, e associando-as de tal forma no seu pensamento, que elle mesmo não podia saber qual, se a nota ou o verso nascera primeiro, tanto era impossivel separar a poesia da musica e o sentimento da expressão. Elle cantava tudo, e nada escrevia.

XXX. — Acabrunhado desta sublime inspiração, adormeceu com a cabeça pendida sobre o instrumento e só acordou no dia seguinte. Os canticos da noite subiram-lhe confusamente á memoria como as impressões de um sonho. Escreveu-os, notou-os, e correu a casa de Dietrick. Encontrou-o no seu jardim, cultivando com suas proprias mãos suas hortaliças do inverno. A mulher e as filhas do velho patriota ainda não estavam levantadas. Dietrick foi acordal-as; chamou alguns amigos apaixonados como elle pela muzica, e capazes de executar a composição de Lisle. A filha mais velha de Dietrick tocou o acompanhamento. Roget cantou. Logo á primeira strofe os rostos empalideceram; á segunda, as lagrimas correram pelas faces, ás ultimas o delirio rebentou em enthusiasmo. A mulher de Dietrick, suas filhas, o pai, o mancebo official lançaram-se chorando uns nos braços dos outros. Estava descuberto o hymno da patria! ah! elle devia ser tambem o hymno do terror. O malaventurado Dietrick marchou poucos mezes depois ao cadafalso, ao som dessas notas nascidas do coração do seu amigo, e repetidas pela voz de suas filhas no lar da sua propria casa.

O novo canto, executado alguns dias depois em Strasburgo, voôu de cidade em cidade repetido por todas as orchestras populares. Marselha adoptou-o para ser cantado no principio e no fim das sessões dos clubs. Os Marselheses espalharam-o em França cantando-o pelas estradas. D'ahi lhe veio o nome de *Marselhesa*. A velha mãi de Lisle, realista e religiosa, assustada do eccho que tinha a voz de seu filho, escrevia-lhe: «Que é pois este hymno revolucionario que uma horda de bandidos canta atravessando a França, e com o qual mistura o nosso nome?» O proprio de Lisle, proscripto na qualidade de realista, ouviu-o, todo tremente, ressoar qual uma ameaça de morte em seus ouvidos quando fugia pelas sendas dos Altos Alpes. «Como chamam a este hymno? perguntou elle ao seu guia — «*A Marselhesa*,» lhe respondeu o camponez. Foi assim que soube o nome da sua propria obra. Ila perseguido pelo enthusiasmo que semeára após si. A custo escapou á morte. A arma volta-se contra a mão que a forjou. A revolução em demencia não reconhece já a sua propria voz!

LIVRO DECIMO SETIMO.

I. — A corte tremia á aproximação dos Marselheses: ella não tinha para se defender senão o fantasma da constituição na assembléa, e a espada de La-Fayette nas fronteiras. Os oradores constitucionaes, Vaublanc, Ramond, Girardin, Becquet, luctavam de eloquencia mas de influencia com os oradores da Gironda; attendiam letra por letra o codigo impotente que a nação acabava de jurar; mostravam nesta crise a coragem mais bella e mais meritoria — a coragem sem esperança. La Fayette, por sua parte, desafiava com a sua generosa intrepidez, os jacobinos nas proclamações que endereçava ao seu exercito, e nas cartas que escrevia á assembléa; mas quando um povo está em armas, elle pouco entende a frases compridas: uma palavra e um gesto, eis a eloquencia do general. La Fayette tomava o tom de um dictador sem possuir a força delle. Este papel nunca se acceita senão depois das victorias. Tambem as corajosas denuncias contra a facção dos jacobinos não excitaram senão raros applausos na assembléa, e surriso nos girondinos. Foram unicamente uma advertencia para estes partidos. Conheceram ser preciso dar se pressa para avançarem La Fayette. Resolveu-se a insurreição; girondinos, jacobinos, franciscanos deram-se reciprocamente as mãos para a fazerem senão decisiva pelo menos significativa e terrivel contra a corte.

II. — Apenas as bandas de Santerre e de Danton haviam entrado nos *faubourgs*, e já a indignação geral sublevava a opinião publica no centro de Paris. A guarda nacional tão pusilanime na vespora, a burguesia tão indifferente, a propria assembléa, tão passiva ou tão cumplice antes do acontecimento, não tinham mais do que um grito contra os attentados do povo, contra a duplicidade de Pethion, contra as impunidas offensas á magestade, á liberdade, á pessoa do soberano constitucional. Em todo o dia de 21, os pateos, o jardim, os vestibulos das Tuillerias estiveram cheias de uma multidão commovida e consternada, que, pela sua actitude e palavras, parecia querer vingar a realeza dos ultrajes de que se acabava de a cobrir. Apontava-se com horror

nos postigos, nas grades, e nas janellas do castello, para os vestigios que a insurreição alli deixára impressas. Interrogavam-se uns aos outros onde finalmente iria parar uma democracia que tractava por tal forma os poderes constituidos. Contavam-se uns aos outros como a rainha tinha chorado, e tambem o terror de que seus filhos se haviam possuido, a dedicação sobrenatural da princeza Izabel, e a dignidade intrepida de Luiz XVI. Este principe nunca tinha manifestado até então, nem mostrou depois, mais magnanimidade. O excesso do insulto havia descoberto nelle o heroismo da resignação. Até então havia-se duvidado da sua coragem. Esta coragem foi finalmente encontrada grande. Mas a sua firmesa era modesta, e para melhor dizer timida qual o seu caracter. Era myster que circumstancias extremas a revellassem apesar seu. Este principe, durante cinco horas de supplicio, vira sem mudar de côr, as alabardas e os sabres de quarenta mil federados passaram a alguns dedos de distancia do seu peito. Havia desenvolvido nesta lenta revista da sedição mais energia, e corrido mais perigos do que um general para ganhar dez batalhas. O povo de Paris bem o conheceu. Pela primeira vez elle passava da estima e compaixão á admi ração pelo rei. Por toda a parte se elevavam os votos pedindo para elle vingança.

III. — Mais de vinte mil cidadãos se dirigiram espontaneamente a casa dos officiaes publicos para assignarem uma petição pedindo justiça destes crimes. A administração do departamento decidiu haver motivo para perseguir os authores das desordens. A assembléa decretou que dalli por diante os ajuntamentos armados sob pretexto de petição, fossem dispersados pela força. Os jacobinos e os girondinos reunidos tremeram, callaram-se, ou limitaram-se a regozijar-se no segredo dos seus conciliabulos, do aviltamento do throno. A sensibilidade extinguiu-se mesmo no coração das mulheres. O espirito de partido volveu uma vez cruel um coração de esposa e de mãi ante o supplicio d'uma mãi e d'uma esposa ultrajada: «Como eu desejára vêr a sua longa agonia, e quanto o seu orgulho devia ter soffrido!» exclama a senhora Roland fallando de Maria-Antoinette. Esta frase era um crime da politica contra a natureza. A senhora Roland o chorou depois. Comprehendeu então a crueldade do dia em que mulheres ferozes do proprio martyrio dellas fizeram a sua alegria, e bateram palmas diante da carroça que a conduzia ao cadafalso.

Pethion publicou uma justificação da sua conducta. Esta justificação ainda mais o condemnou. Quando elle appareceu no dia 21 nas Tuillerias acompanhado d'alguns officiaes municipaes, foi acabrunhado de despreso, reprehensões e ameaças. O batalhão dos *Filles-Saint-Thomas*, composto de homens dedicados á constituição carregou armas mesmo á vista de Pethion. A voz unanime dos cidadãos accusava o maire de Paris de ter tido a vontade do crime sem mostrar a respectiva franqueza. *Sergent*, que acompanhava Pethion foi derrubado no pateo das Tuillerias por um guarda nacional indignado, e calcado aos pés. O directorio de Paris suspendeu o maire. Fizeram-se preparativos de defesa em roda do castello contra um novo ajuntamento que annunciava para de tarde. Fallou-se de proclamar a lei marcial, de desenrolar a bandeira vermelha. A assembléa comoveu-se destes boatos na sessão da noite. Gaudet exclamou que se pretendia renovar contra o povo a scena ensanguentada do Campo de Marte.

Pethion reappareceu de tarde nas Tuillerias e se apresentou ao rei para lhe dar conta do estado de Paris. A rainha olhou-o com despreso. «Mui bem, senhor, lhe disse o rei, o socego está restabelecido na capital! — Sim, senhor, respondeu Pethion, o povo vos faz representações, está tranquillo e satisfeito. — Confessai, senhor, que o dia de hontem foi um grande escandalo, e que a municipalidade não fez o que devia fazer? — Sire, a municipalidade fez o seu dever. A opinião publica a julgará. — Dizei a nação inteira. — Ella não receia o juizo da nação — Em que situação está Paris neste momento? — *Sire*, tudo está tranquillo. — Isso não é verdade — Sre! ... — Calaivos! — O magistrado do povo não tem de se callar quando faz o seu dever e falla verdade — Esta bem, retirai-vos! — *Sire*, a municipalidade conhece os seus deveres; ella não espera para os desempenhar senão que a chamem.»

Quando Pethion sahiu, a rainha assustada das consequencias deste dialogo tão aspero de uma parte, e tão provocador da outra, disse a Rœderer: «Não achaes que o rei foi muito vivo? não receaes que nos prejudique no espirito publico? — Senhora, respondeu Rœderer, ninguem se admirará de que o rei imponha silencio a um homem que falla sem escutar. «O rei escreveu em 22 á assembléa para se queixar dos excessos de que a sua habitação havia sido theatro e para entregar a sua causa nas mãos della. Proclamou tambem ao povo francez. Nesta proclamação pintou as violencias da multidão, as armas levantadas em seu palacio, as portas arrombadas a golpes de machado, e os canhões apontados contra a sua familia. «Ignoro aonde elles irão parar,» dizia elle, concluindo, com uma resignação calculada; «se aquelles que querem destruir a monarchia tem necessidade de um crime mais, podem commetel o!» O rei e a rainha passaram revista ás guardas nacionaes de Paris no meio das acclamações de viva o rei! viva a nação! Os departamentos indignados enviaram protestos de adhesão ao throno; outros departamentos de adhesão aos girondinos. Tudo presagiava uma lucta mais decisiva. O rei não tinha cedido. O motim havia enganado a esperança daquelles que queriam ferir e tambem dos que só queriam intimidar. A jornada de 20 de junho era muito para uma ameaça, e mui pouco para um attentado.

IV. — Este attentado havia especialmente indignado o exercito. O rei é o seu chefe. Os ultrages feitos ao rei parecem-lhe sempre feitos a elles proprios. Quando a authoridade soberana é violada, cada official treme pela sua. Além disto a honra franceza foi sempre a segunda alma do exercito. As relações de 20 de junho, que chegavam de Paris, e que circulavam pelos acampamentos mostravam ás tropas uma rainha bella e infeliz, uma irmã dedicada, filhos candidos transformados durante muitas horas em br nco de uma populaça cruel. As lagrimas destas creanças e destas mulheres cahiam no coração dos soldados; ardiam em desejos de as vingar, e pediam marchar sobre Paris.

La Fayette, acampado então sob a artilheria de Maubeuge, favoreceu estas manifestações no seu exercito. O attentado impunido de 20 de junho, annunciando-lhe o triumpho dos jacobinos e girondinos, annunciava-lhe ao mesmo tempo o anniquilamento completo da sua influencia. Elle sonhou generosamente por alguns dias o papel de Monk. Sustentar o rei que elle havia rebaixado pareceu-lhe uma tentativa digna ao mesmo tempo da sua situação de chefe de partido e da sua lealdade de soldado. Certo de arrastar comsigo o fraco Luckner, cujo corpo de exercito estava em Menin e em Courtrai, La Fayette enviou-lhe Bureau de Puzy, para o informar da sua resolução de ir a Paris, de buscar o apoio da guarda nacional e da assembléa para esmagar os jacobinos e a Gironda, e dar estabilidade á constituição Luckner recebeu esta communicação com espanto, porém não oppoz a sua authoridade de general em chefe ás intenções de La Fayette. Militar sem tacto, não comprehendeu que dando um assentimento tacito ao pedido do seu logartenente se tornava cumplice de La Fayette. «Os sans-culottes, disse elle a Bureau de Puzy, cortarão a cabeça a La Fayette. Que se acautele: o negocio é seu.»

La Fayette saio do seu campo só com um unico official de confiança e chegou inopinadamente a Paris, apeou-se em casa de um seu amigo, o senhor de La Rochefoucauld, durante a noite, tinha advertido os constitucionaes, os principaes chefes da guarda nacional, e preparado manifestações para os tribunaes. A ent ada de La Fayette na assembléa foi saudada com alguns aplausos. Os murmurios de espanto e de admiração dos girondinos lhes corresponderam. O general, acostumado aos tumultos da praça publica oppôz um rosto socegado á actitude hostil dos seus inimigos. Colocado pela temeridade daquelle seu passo entre o alto tribunal nacional de Orleans e o trium-

pho, aquella hora era a crise do seu poder e da sua vida. Homem mais intrepido do coração do que de golpes de mão, não empallideceu. «Senhores, disse elle, devo primeiro certificar-vos de que o meu exercito não corre risco algum com a minha presença aqui. Tem-se-me lançado em rosto haver eu escripto a minha carta do 16 de junho lá do meio do meu acampamento, era do meu dever protestar contra esta imputação de timidez, e sair deste honrado baluarte que a affeição das tropas formava em roda de mim, e apresentar-me sósinho. Um motivo mais poderoso aqui me chamava. As violencias de 20 de junho tem sublevado a indignação e o alarme de todos os bons cidadãos, especialmente do exercito. No meu os officiaes, officiaes inferiores e soldados não fazem todos mais do que um só individuo. Recebi de todos os cor. os representações cheias de dedicação á constituição, e de odio contra os facciosos. Sustive estas manifestações. Encarreguei-me de eu proprio vir expressar os sentimentos de todos. E' como cidadão que fallo. E' tempo de garantir a constituição, de assegurar a liberdade da assembléa nacional, a do rei, e a sua dignidade. Supplico á assembléa que ordene que os excessos de 20 de junho sejam perseguidos como crimes de lesa-nação, que tome medidas officiaes para fazer respeitar todas as authoridades constituidas e particularmente a vossa e a do rei, e dar ao exercito a certeza de que a constituição não receberá nenhum attentado no interior, entanto que os bravos francezes derramam o seu sangue na defeza das fronteiras.»

V. — Estas palavras, escutadas pelos girondinos com o fermito concentrado da colera, foram aplaudidas pela maioria da assembléa. Por traz de La Fayette, Brissot e Robespierre viam a guarda nacional e o exercito. A sua popularidade que não era mais do que uma sombra, protegia-o ainda; além disto, quando os jacobinos e os girondinos, um momento consternados, viram que isto não era mais do que um golpe de Estado comminatorio, e que não havia nem baionetas nem medidas por detraz desta manifestação desarmada, principiaram a tranquillisar-se. Deixaram o general sem soldados atravessar triumphalmente a salla, e ir sentar-se no banco dos mais humildes peticionarios. Tactearam mesmo o seu ascendente sobre a assembléa para conhecer se elle era solido. «No momento em que vi o senhor de La Fayette, disse ironicamente Guadet, uma idéa bem consoladora se offereceu ao meu espirito. Assim disse a mim mesmo, já não temos inimigos externos, os austriacos estão vencidos! A illusão não durou muito tempo; os nossos inimigos são sempre os mesmos, os nossos perigos externos não mudaram, e com tudo o senhor de La Fayette está em Paris! constitue se e orgão da gente honrada e do exercito! Esta gente honrada quem é? Este exercito como é que póde deliberar? Mas primeiro que elle nos mostre a sua licença!»

Os aplausos reviram a Gironda. Ramond quer responder a Guadet fez um elogio emphatico de La Fayette, «Este filho mais velho da liberdade franceza, este homem que sacrificou á revolução a sua nobreza, a sua fortuna e a sua vida! — Estais fazendo pois a sua oração funebre!» disse Saladin a Ramond. O moço Ducos declara que a liberdade das deliberações está coarctada pela presença de um general do exercito. Isnard, Morveau, Ducos, Guadet grupam-se nos degráos da tribunana. A palavra scelerado foi ouvida. Vergniaud diz que o senhor de La Fayette deixou o seu posto em frente do inimigo, que foi a elle e não a um marechal-de-campo a quem a nação confiou o commando de um exercito, que se devia sómente saber se elle o deixou sem licença? Guadet insistiu sobre a sua proposta. Gensonné pediu a votação nominal. Esta deu uma fraca maioria em favor de La Fayette. A sua carta foi remettida á commissão dos Doze.

Eis toda a victoria que alcançou o acto deste general. Uma intenção generosa, um acto de coragem individual, sãs palavras, uma votação e nada mais. Assim como os girondinos em 20 de junho, La Fayette ousou muito, e muito pouco. Ameaçar sem ferir, em politica, é descubrir-se, e franquear o segredo da sua fraqueza áquelles que ainda acreditam na vossa força. Se La Fayette tivesse tentado fazer da sua presença em Paris um golpe de Estado, e não um golpe parlamentar; se elle se tivesse assegurado de um regimento, de alguns batalhões da guarda nacional assoldada, se marchasse sobre os jacobinos, fechasse seus clubs indo depois á assembléa entre os aplausos dos cidadãos; se tivesse feito preparar pelos seus amigos uma moção que lhe désse a dictadura militar de Paris, a responsabilidade da constituição, a guarda da assembléa nacional e do rei, elle poderia então esmagar os facciosos. Não fez mais do que irrital-os.

VI. — A assembléa deliberava ainda. Havia elle saido não levando por conquista mais do que alguns sorrisos e algumas palmas. Dirigiu-se ao palacio do rei. Ahi achou reunida a familia real; o rei e a rainha receberam-o com o reconhecimento devido á sua dedicação, mas com o sentimento da inutilidade da sua coragem. Temeram mesmo em segredo que a temeridade sem força deste acto excitasse contra a côrte um novo levantamento. La Fayette nesta circumstancia compromelteu pelo rei mais do que a vida, a sua popularidade; mas a rainha desde esta epocha procurava a sua salvação mais baixo, havia achado nos facciosos subalternos outro Mirabeau promptos a venderem-se. O ouro da lista civil corria nos clubs e nos faubourgs. Danton dirigia com uma das mãos os mancebos e o club dos franciscanos, e com a outra as tramas secretas da côrte. Até mesmo a uma metia medo para ella comprar a sua conviniencia, e afrouxava a redea aos outros para se confiarem na sua demagogia: trahia a ambos, e comprasia-se desta dupla potencia que elle devia á sua dupla immoralidade. Dahi esta maxima terrivel de Danton correspondente a esta alternativa da sua situação: «Salvarei o rei, ou o matarei.»

A' noite a rainha fez advertir Danton de que La Fayette tencionava no dia seguinte passar revista, ao lado do rei, aos batalhões da guarda nacional commandados por Acloque, arengar-lhes e provocal-os a uma reacção contra a Gironda e os clubs. Pethion, informado por Danton, antes do dia deu ordens em contrario á projectada revista. La Fayette passou a noite no seu hotel sob a guarda d'um destacamento honorario de guardas nacionaes. Elle partiu tristemente no dia seguinte regressando ao seu exercito. Com tudo não desanimou no seu designio de intimidar os jacobinos e assegurar o throno constitucional. O que com a sua presença não conseguira fazer em Paris, tentou fazel-o por via de correspondencia. Partindo dirigiu uma carta á assembléa cheia de salutares conselhos e corajosas lições. Ahi ameaçava energicamente os facciosos. Estes golpes de Estado que consistiam em ser depositados n'uma tr buna, cairam por terra como deviam cair. E' com a mão sobre a sua espada que um general póde fazer contar comsigo as facções. Dellas sómente se obtem o que se lhes arranca. Vergniaud, Brissot, Gensonné, Guadet escutavam a leitura desta correspondencia dictatorial com o sorriso do desdem.

VII. — Esta viagem de La Fayette a Paris foi a unica tentativa de dictadura que elle fez na sua vida. O motivo era generoso, o perigo grande, os meios nullos. Desde este dia La Fayette, depois de ter succumbido n'um passo declarado, reccorreu a outros planos. Salvar o rei fazel-o evadir daquelle palacio onde por dois annos o tinha guardado, veio a ser o unico pensamento deste general. Este plano era conforme á vida inteira de La Fayette: manter o equilibrio entre o povo e o rei de modo que um sustentasse o outro, e elevar a liberdade entre os partidos. Mirabeau havia pressentido de longe esta politica do seu rival. «Desconfiai-vos de La Fayette,» havia elle dito á rainha nas suas derradeiras conferencias com esta princeza; «se elle commandar o exercito, hade querer guardar o rei na sua barracca de guerra.» O proprio La Fayette não disfarçava esta ambição de protectorato sobre Luiz XVI. No proprio momento em que elle parecia dedicar-se á salvação do rei, escrevia ao seu confidente Lacolombe: «Em materia de liberdade, eu não me fio nem no rei, nem em ninguem; e se elle quizesse *trunfar de soberano* bater-me-ia contra elle como em 89. Afora este caso então póde fallar.»

Fez propor ao rei dois planos differentes para arrebatar este principe e a sua familia de Paris, e colocal-os

no meio do seu exercito. O primeiro plano devia ser executado no dia anniversario da federação, a 14 de julho. La Fayette viria novamente com Luckner a Paris. Os generaes cercariam o rei com algumas tropas fieis. La Fayette fallaria aos batalhões da guarda nacional reunidos no Campo de Marte, e daria a liberdade ao rei escoltando-o fóra de Paris. O segundo plano consistia em fazerem as tropas de La Fayette uma marcha por via da qual ficariam a vinte legoas de Compiegne. La Fayette conduziria a Compiegne dois regimentos de cavallaria nos quaes julgava poder confiar, Chegado a Paris na vespora, acompanharia o rei á assembléa. O rei declararia que, conforme a constituição, que lhe permittia residir até á distancia de vinte legoas da capital, elle iria a Compiegne, alguns destacamentos de cavallaria preparados pelo general e postados em roda da salla escoltariam o rei e assegurariam sua partida. Chegado a Compiegne, o rei ahi se encontraria em segurança no meio dos regimentos de La Fayette; dirigiria d'ahi representações á assembléa, e renovaria, livre e sem constrangimento, os seus juramentos á constituição. Esta prova da sinceridade do rei bastaria, na opinião de La Fayette, para o fazer estimar de todos, e assegurar o throno e a constituição. Luiz XVI entraria em Paris no meio das aclamações do povo. Estes sonhos de restauração, fundados sobre taes reviramentos da opinião, eram honrosos mas chimericos. Mirabeau, Barnave, La Fayette assimilhavam-se todos nos seus planos de restauração monarchica. Omnipotentes na aggressão, fracos na defeza: para demolir tem o povo para reconstruir não teem senão a sua coragem e a sua virtude.

VIII. — Estes planos discutidos por um momento foram a seu turno regeitados pelo rei. Postado no centro do perigo, elle conhecia a impraticabilidade do remedio. Não se fiava pois nestes arrependimentos de ambição que não lhe apresentavam para sua salvação senão as mesmas mãos á quaes devia a sua perda. Passar para o campo de La Fayette não era mais do que mudar de servidão. «Bem sabemos, diziam os amigos de Luiz XVI que La Fayette salvará o rei, mas não salvará a monarchia.»

A rainha, cuja altivez igualava a coragem, achou que a ultima das humiliações era implorar a vida da commiseração daquelle que tanto havia abaixado o seu orgulho. De todos os homens da epocha, aquelle que ella mais aborrecia, era La Fayette, porque havia sido para ella a primeira figura da revolução. Os outros ameaçavam-a sem duvida, mas La Fayette humilhava-a. Preferia os perigos ao aviltamento; recusou tudo. Além disto as suas relações secretas com Danton tranquilisavam-a. A moderação do povo no 20 de junho, apesar dos insultos de alguns forçados, havia-a socegado mais relativamente á vida do rei. Ella acreditava possuir, pelas mãos de mysteriosos agentes, os fios da conducta dos grandes demagogos. Enganavam-a a respeito de muitos delles. D'ahi esses boatos de corrupção que corriam então sobre Robespierro, Santerre, e o proprio Marat. Ella acabava de fazer entregar a Danton cento e cincoenta mil francos, para confirmar, por via de liberalidades, o ascendente deste orador sobre o povo dos faubourgs. A propria princeza Izabel contava firmemente com Danton. Surria-se complacente a esta imagem da força popular que ella julgava dedicada a seu irmão. «Nós não tememos nada, disse ella em segredo á marqueza de Raigecourt, sua confidente, Danton está comnosco.» A rainha respondia a um ajudante de campo de La Fayette, que a conjurava a refugiar-se no acampamento da tropa. «Somos bem reconhecidos aos designios do vosso general; mas o melhor para nós é estar encerrados tres mezes n'uma torre.»

O segredo do abandono das Tuilerias sem resistencia, em dez de agosto, e da trasladação da familia real para a torre do Temple (Templo), está naquella frase da princeza Izabel. Danton conhecia o pensamento da rainha, e a rainha contava com Danton para este encerro temporario do rei. Protector por portector, ella preferia Danton a La Fayette.

IX. — Os proprios girondinos tiveram nesta epocha mysteriosas intelligencias com a côrte. Mas se o patriotismo e a ambição dos homens deste partido se prestaram a estas relações, nenhuma venalidade os corrompeu. Guadet, destes oradores o mais temido pela côrte, recebeu propostas e repelliu-as com indignação. O sentimento desinteressado da antiga virtude republicana elevava o coração destes mancebos acima destas vis tentações. Podiam seduzil-os pela gloria, pela compaixão, e nunca pelo ouro.

Guadet aos vinte annos era já orador politico. A sua mordaz opposição fizera-lhe recusar por muito tempo o titulo de advogado no parlamento de Bordeaux. Mais tarde a sua palavra o tornou celebre. A sua celebridade o designou ao partido popular. A eleição arrancou-o á vida privada e ao amor de uma menina com a qual acabava de se desposar. O movimento politico arrastou-o á tribuna nacional. Sua palavra menos esplendida do que a de Vergniaud, feria com golpes igualmente terriveis. Tão honesta, porém mais aspera, admiravam-a menos, porém temiam-a mais. O rei que conhecia o ascendente de Guadet, desejou prendel-o a si pela confiança, esta seducção dos corações generosos. Os girondinos fluctuavam ainda entre a monarchia constitucional e a republica. Dedicados á democracia, estavam promptos a servil-a sob a fórma que lhe assegurasse mais depressa a sua direcção.

Guadet consentiu n'uma entrevista secreta nas Tuilerias. A noite cobriu este passo: uma porta e uma escada occulta o conduziram a um quarto onde o rei e Maria Antoinette sós o esperavam. A simplicidade e bonhomia de Luiz XVI triumphavam logo á primeira abordagem das prevenções politicas dos homens rectos que se aproximavam delle. Acolheu Gaudet como se acolhe uma derradeira esperança. Pintou-lhe o horror da sua situação como rei, e especialmente como esposo e como pai. A rainha derramou lagrimas deante do deputado. A conversação prolongou-se pela noite adiante. Pediram-se conselhos, deram-se, mas não foram talvez seguidos. A boa fé estava nos dois lados e naquelles corações, ma a constancia e a firmeza de resolução não existiam nelles. Quando Guadet se quiz retirar, a rainha lhe perguntou se não desejava ver o Delfim, e pegando ella mesma n'um castiçal que estava sobre o fogão, o conduziu a um gabinete onde o moço principe se achava deitado. A creança dormia. Os encantos da sua figura, seu somno tranquillo neste palacio perturbado, esta joven mãi, rainha de França, cobrindo-se, por assim dizer com a innocencia de seu filho para excitar a commiseração d'um inimigo da realeza enterneceram Guadet. Elle afastou com a mão os cabellos que cobriam o rosto do Delfim, e abraçou-o pela fronte sem o acordar. «Educai-o para a liberdade, senhora, ella é a condição da sua vida,» disse Guadet á rainha, e escondeu algumas lagrimas sob as palpebras.

Assim a natureza prevalece sempre no coração do homem sobre o espirito de partido. Admiravel espectaculo dado á historia pelo destino neste quarto onde dorme uma creança e que uma rainha alumia com a sua propria mão. Este homem que beija chorando a fronte deste moço rei é um daquelles que, nove mezes depois lhe arrebatarão a corôa, e cederão ao povo a vida de seu pai. Que abismo, qual a sorte! que noite, qual o futuro! que escarneo da fortuna neste beijo de Guadet! Sahiu dalli tão commovido como se previsse este laço sinistro armado sob seus passos. Nelle o homem sensivel tinha medo do homem politico. Assim é feito o homem. Que elle acautele a sua vida!

LIVRO DECIMO OITAVO.

I. — Apenas La Fayette esteve de volta no seu campo, escreveu terceira carta á assembléa; carta tão vã e tão impotente como os seus passos; ouvio-se-lhe a leitura com indifferença. «Admiro-me, disse Isnard, que a assembléa não tenha já da sua barra enviado a Orleans este soldado faccioso!»

Nos jacobinos a lucta entre Robespierre e os girondinos pareceu por um momento amortecida. Não realisavam mais do que em insultos á corte, e em ameaças contra La Fayette. A explosão de 20 de junho não tinha extincto este foco de odio. A inacção dos exercitos, os perigos crescentes sobre as nossas fronteiras, a actitude equivoca de La Fayette, a retirada de Luckner, que acreditavam seu cumplide, a aproximação das tropas a Paris, fomentavam a colera e os alarmas dos patriotas. Robespierre continuava a conservar-se afastado destes movimentos, não se compromettia com algum dos partidos violentos, e absorvia-se nas considerações geraes da causa publica. Observar, esclarecer, e denunciar todos os seus perigos ao povo era o unico papel que elle affectava. A sua popularidade era grande, porem fria e rasoavel como tal encargo.

Os murmurios dos impacientes interrompiam muitas vezes os seus longos discursos na tribuna dos jacobinos. Elle devorava n'uma impassivel actitude crueis humiliações. O seu instincto, certo da mobilidade da opinião, parecia revellar de antemão a Robespierre que, neste conflicto de movimentos contrarios e desordenados, o imperio ficaria ao mais immutavel e mais paciente. Danton fez nos franciscanos e jacobinos moções terriveis, e pareceu buscar a sua força no escandalo mesmo das suas violencias contra a corte. Mascarava assim as suas intelligencias com o palacio. « Eu tomo, exclamou elle, eu tomo o compromisso de levar o terror a uma corte preversa ! Ella não desenvolve tanta audacia senão porque nós temos sido demasiadamente timidos. A causa d'Austria ha feito sempre a desgraça da França. Pedi uma lei que obrigue o rei a repudiar sua mulher, reenviando-a para Viena com todas as attenções, respeitos, e segurança que lhe são devidos ! » Era isto salvar a rainha pelo mesmo odio que se lhe tinha.

Brissot, tanto tempo amigo de La Fayette, entregou-o em fim á colera dos jacobinos. « Este homem levantou a mascara, disse elle, desvairado por uma cega ambição, erige-se em protector. Esta audacia perdel-o-ha. Que digo ! Já o ha perdido. Quando Cromwell julgou poder fallar como senhor ao parlamento d'Inglaterra, estava cercado de um exercito de fanaticos e tinha alcançado victorias. Onde estão os louros de La Fayette ? onde estão os seus seides ? Castigaremos a sua insolencia, e eu provarei sua traição. Provarei que elle quer estabelecer uma especie de aristocracia constitucional ; que está combinado com Luckner ; que perdeu a peticionar em Paris o tempo de vencer nas fronteiras. Nada receiemos senão das nossas divisões. Pelo que me respeita, accrescentou elle voltando-se para Robespierre, declaro que esqueço tudo quanto se passou ! — E eu, respondeu Robespierre um momento dobrado, senti que o esquecimento e a união estavam tambem em o meu coração, com o prazer que tive esta manhã ouvindo o discurso de Gaudet na assembléa e com o prazer que sinto neste momento ouvindo Brissot ! Unamo-nos para accusar La Fayette.

I'. — Petições energicas de differentes secções de Pariz responderam ao pensamento de Robespierre, de Danton, de Brissot, e pediram um exemplo terrivel contra La Fayette, e uma lei sobre o perigo da patria. La Fayette, ameaçando com a sua espada a revolução, não fez senão acordal-a com mais furor. « Descarregai um grande golpe, exclamaram os patriotas peticionarios, licenceai o estado maior da guarda nacional, esta feudalidade municipal onde o espirito da traição de La Fayette vive ainda e corrompe o patriotismo ! »

O povo agrupa-se novamente nos jardins publicos. Um ajuntamento dirigiu-se defronte da casa de La Fayette e queimou uma arvore da liberdade que os officiaes tinham plantado diante da sua porta para honrar seu general. Temia-se a cada instante nova invasão dos *faubourgs*. Pethion dirigio aos cidadãos proclamações ambiguas nas quaes as insinuações contra a corte se misturavam com as recommendações paternaes do magistrado. O rei sanccionou a suspensão de Pethion nas suas funções de maire de Pariz. Os facciosos indignaram se por se lhes demittir o seu cumplice. A popularidade de Pethion chegou a ponto de furor. O grito : — Pethion ou a morte ! correspondeu á sua destituição. Os guardas nacionaes e os *sans-colottes* (sem calções) bateram-se no Palais-Royal. Os federados dos departamentos chegavam por destacamentos e reforçavam os de Paris. As representações dos departamentos e das cidades, apresentadas pelas deputações destes federados, respiravam a colera nacional. « Rei dos Francezes, lê e relê a carta de Roland ! Acabamos de punir todos os traidores ! E' preciso que a França esteja em Pariz para expulsar todos os inimigos do povo ! O logar da reunião é sob os muros do teu palacio. Marchâmos para ahi, » diziam os federados de Brest.

O ministro do interior pedio á assembléa leis contra estas reuniões sediciosas. A assembléa respondeu-lhe sanccionando este ajuntamento tumultuoso em Pariz, e decretando que os guardas nacionaes e os federados que alli fossem se alojassem nas casas dos cidadãos. O rei, intimidado, sanccionou este decreto. Resolveu-se um acampamento em Soissons. As estradas cobriram-se de homens em marcha para Pariz. Luckner evacuou a Belgica, sem combate. Os gritos de traição ressoaram em todo o imperio. Strasburgo pedio reforços. O principe de Hesse, revolucionario expatriado ao serviço da França, propoz á assembléa ir defender Strasburgo contra os Austriacos, e conduzir adiante de si para as muralhas o seu caixão mortuario, para se recordar do seu dever, e não ter outra perspectiva senão a morte. Sieyés pedio que se despregasse nos oitenta e tres departamentos o estandarte do perigo da patria. « Morte á assembléa, morte á revolução, morte á liberdade, se a guilhotina de Orleans não fizer justiça a La Fayette ! » tal era o grito unanime nos jacobinos.

III. — A assembléa respondeu a estes gritos de morte, com emoções convulsivas. Em fim uma d'essas grandes vozes que resumem a si o grito de um povo inteiro, e que dão á paixão publica o esplendor e o eccho do genio, Vergniaud, na sessão de 3 de julho, tomou a palavra, e elevando-se pela primeira vez ao cume da eloquencia, pedio, como Sieyés, seu inspirador e seu amigo, que se proclamasse o perigo da patria.

Até então Vergniaud não tinha sido mais do que um orador facil e eloquente, neste dia foi a voz da patria. Não cessou depois de o ser até ao momento em que abafou sua voz no proprio sangue. Era um desses homens que não tem necessidade de engrandecer-se lentamente n'uma assembléa. Elles apparecem grandes e mostram-se unicos, no dia em que os acontecimentos criam o seu papel. Havia poucos mezes que Vergniaud tinha chegado a Pariz. Obscuro, desconhecido, modesto, sem pressentimento de si mesmo, alojava-se com tres dos seus collegas do meiodia n'um quarto pobre da rua *des Jeuneurs*, depois n'um pavilhão afastado do *faubourg*, cercado pelos jardins de Tivoli. As cartas que escrevia á sua familia estão cheias dos mais minuciosos detalhes da sua economia domestica. Apenas tinha de que viver. Vigiava com uma restricta economia as suas pequenas despezas. Alguns *luizes* que pedia a sua irmã lhe pareciam uma somma sufficiente para o sustentar por muito tempo. Escrevia que lhe fizessem chegar ás mãos uma pouca de roupa pela via menos dispendiosa. Não sonhava a fortuna, nem mesmo a gloria. Viera para o posto onde o dever o enviara. Espantava-se na sua candidez patriotica da missão que Bordeaux lhe impoz. Uma probidade dos tempos antigos resplandece nas espansões confidenciaes desta correspondencia com os seus. A sua familia tem interesses a fazer valer junto aos ministros. Recusou-se sollicitar para ella, no receio de que o pedido de uma justiça não pareça na sua bocca ordenar um favor. « A este respeito estou encadeado pela delicadeza ; a mim proprio impuz este decreto. » disse elle a seu cunhado o sr. Alluaud de Limoges, que lhe servio de segundo pai.

Toda esta correspondencia intima entre Vergniaud, sua irmã e cunhado, respiram a simplicidade, a ternura d'alma, e o lar domestico. As raises do homem publico alastram-se pelo terreno puro dos costumes privados. Nenhum vestigio de espirito de facção, de fanatismo re-

publicano, de odio contra o rei, se revella na intimidade dos sentimentos de Vergniaud. Falla da rainha com ternura, de Luiz XVI com piedade. «O comportamento equivoco do rei, escreveu elle nesta epocha, acumulla os nossos perigos e os seus. Certificam-me que elle vem hoje á assembléa. Se acaso se não pronuncia de um modo decizivo, prepara-se para alguma grande catastrofe. Tem elle de fazer bastantes esforços para arremessar ao esquecimento tantos passos em falso que são olhados como outras tantas traições. » E mais adiante caindo da sua piedade pelo rei na sua propria situação domestica : «Não tenho dinheiro, exclama elle ; os meus antigos credores de Pariz procuram-me, pago-lhes um pouco cada mez, os alugueis são caros ; é-me impossivel pagar tudo. » Este mancebo, cujo gesto despedaçava um throno, tinha apenas onde deitar a cabeça no imperio que elle ia abalar.

IV. — Educado no colegio dos jesuitas, pela beneficencia de Turgot, então entendente do Limousin, Vergniaud, depois dos seus estudos havia entrado no seminario. Ia d dicar se por piedade ao sacerdocio. Recuou ao primeiro passo ; voltou para o seio da sua familia. Solitario e triste, a sua imaginação expraiava-se primeiro na poesia antes de rebentar em eloquencia. Brincava com o seu genio sem o conhecer. Algumas vezes encerrava-se no seu quarto, fingia a si proprio um povo para audictorio, e improvisava discursos sobre catastrofes imaginarias. Um dia, seu cunhado, o sr. Alluaud, ouvio-o atravez uma por'a. Teve o presentimento da gloria da sua iamilia ; enviou-o a Bordeaux a estudar a pratica das leis.

O estudante foi recommendado ao presidente Dupaty, escriptor celebre e eloquente parlamentar. Dupaty concebeu por este mancebo uma confusa esperança de grandeza. Amou-o, protegeu-o, guiou-o, e admittio-o a trabalhar comsigo. Ha parentes do genio como ha parentes do sangue. O homem i lustre fez-se o pai intellectual do orphão. A sollicitude de Dupaty, por Vergniaud recordava a patronagem antiga de Hortencio e de Cicero. » Tenho pago com o meu dinheiro e continuarei a pagar nos outros annos a pensão de vosso cunhado, escreveu Dupaty ao senhor Alluaud. Procurar-lhe-hei mesmo cousas escolhidas para o seu debate ; não lhe é preciso mais do que tempo ; um dia ha de crear uma grande gloria ao seu nome. Ajudai-o a prover ás suas mais urgentes necessidades ; elle não tem ainda *batina*. Escrevo a seu tio para lhe mover a generosidade ; espero que lhe alcançaremos o vestuario. Em quanto ao resto descançai sobre mim, fiai-vos no interesse que me inspiram os seus infortunios e o seu talento. »

Vergniaud justificou promptamente estes presagios de uma amisade illustre. Bebeu em casa de Dupaty as virtudes austeras da antiguidade assim como as formas magestosas do forum romano. O cidadão conhecia-se logo sob o advogado ; o homem de bem dava-lhe a authoridade, e a consciencia da palavra. Rico apenas com os primeiros emolumentos do foro, despojava-se e vendia a pequena herança que recebêra de sua mãi para pagar as dividas de seu defunto pai. Resgatou a honra da sua memoria por tudo quanto possuia ; chegou a Pariz quasi indigente. Boyer-Fonfrede e Ducos de Bordeaux, seus amigos, o receberam por hospede á sua mesa e sob o seu tecto. Vergniaud, descuidoso dos meios de exito como todos os homens que se conhecem uma grande força interna, trabalhava pouco, fiando-se em a natureza e na occasião. O seu genio, infelizmente indolente amava adormecer-se e abandonar-se á incuria da idade e do espirito. Era necessario sacudil-o para o acordar dos seus prazeres da mocidade e impelil-o á tribuna e ao conselho. Para elle, assim como nos orientaes, não havia transição entre a occiosidade e o heroismo. A acção arrebatava-o, mas tambem depressa o deixava. Elle recaía no sonho do talento.

Brissot, Guadet, Gensonné arrastam-o a casa da senhora Roland. Ella não o achava nem assaz viril nem bastante ambicioso para o seu genio. Seus costumes meridionaes, seus gostos litterarios, e atracção por uma belleza menos imperiosa o induziam continuamente á sociedade de uma act'iz do theatro francez, a senhora Simon-Candeille. Havia escripto para ella, sob outro nome, algumas scenas do drama então celebre da *Belle-Fermiére* (a Bella Rendeira). Esta joven mulher, ao mesmo tempo poeta, escriptora, e actriz desenvolvia neste drama todas as fascinações da sua alma, do seu talento, e da sua belleza. Verginand embriagava-se nesta vida de artista, de musica, de declamação e de prazeres ; apressava-se em gosar da sua mocidade, como se tivera o presentimento de que bem depressa ella seria colhida. Os seus habitos eram meditativos e preguiçosos. Levantava-se ao meio dia ; escrevia pouco e em folhas dispersas ; encostava o papel sobre os joelhos como um homem apressado que se disputa o tempo ; compunha os seus discursos lentamente nos seus sonhos, e retinha-os com a ajuda de notas na sua memoria ; polia a sua eloquencia nos momentos de ocio, á similhança do soldado que limpa a arma no intervallo do descanço. Não queria que os seus golpes fossem unicamente mortaes, queria que fossem brilhantes ; tão curiosos de arte, como do politica. Despedido o golpe abandonava o contra-golpe ao destino, e entregava-se de novo á moleza. Não era pois o homem de todas as horas, era o homem dos grandes dias.

V. — Vergniaud era de talhe mediano. A sua estatura robusta e quadrada tinha e desempeno da estatua do orador ; conhecia-se nelle o luctador de palavras ; o nariz era curto, largo, altivamente levantado pelas ventas ; os labios um pouco espessos desenhavam-lhe firmemente a boca ; viam-se que tinham sido modelados para arremessar a palavra em grandes ondas, como os labios de um Tritão para jorrarem uma grande nascente d'agoa ; seus olhos negros, e cheios de fulgor pareciam saltar sob as sobrancelhas proeminentes ; sua fronte larga e plana tinha o polido do espelho onde se reflectia a intelligencia ; os cabellos castenhos ondeavam-lhe aos meneios da cabeça assim como os de Mirabeau. Os signaes de bexigas timbravam-lhe a pelle do rosto, como um marmore desbastado pela maçeta do canteiro. Sua côr pallida tinha a lividez das emoções profundas. No repouso ninguem haveria notado este homem no meio da multidão. Teria passado com o vulgar sem attrahir ou fazer parar a vista. Porém quando a alma se espalhava na sua fisionomia, como a luz sobre um busto, o complexo da sua figura tomava pela expressão o ideal, o explendor e a belleza que nenhuma das suas feições tinha em detalhe. Illuminava-se de eloquencia. Os musculos palpitantes das suas sobrancelhas, das suas fontes, dos seus labios, modelavam-se sob o seu pensamento, e confundiam a sua physionomia com o proprio pensamento : era a transfiguração do genio. O dia de Vergniaud era a palavra ; o pedestal da sua belleza era a tribuna. Quando tinha descido della, dissolvia-se ; o orador não era mais que um homem.

VI. — Tal era o que no dia 3 de julho subiu á tribuna da assembléa nacional, e que na attitude da consternação e da colera, se recolheu um momento nos seus pensamentos, com as mãos sobre os olhos, antes de fallar. O tremor da sua voz nas primeiras palavras que proferiu, e as notas graves e trovejantes da sua palavra, mais profundas que de ordinario, seu gesto abatido, a energia triste e concentrada da sua physionomia, indicavam nelle a lucta de uma resolução desesperada, e predispunham a assembléa para uma emoção grande e sinistra como a physionomia do orador. Era n'um desses dias em que se attende a tudo

«Qual é pois, disse Vergniaud, a estranha situação em que se encontrou a assembléa nacional? Que fatalidade nos persegue e assignala cada dia por acontecimentos que levando a desordem aos nossos trabalhos, nos lançam continuamente na agitação tumultuosa das inquietações, das esperanças e das paixões? Que destino prepara á França esta terrivel effervescencia no seio da qual se é tentado duvidar se a revolução retrograda, ou se ella avança para o seu termo? No momento em que os nossos exercitos do norte parecem fazer progressos na Belgica, vemol-os de repente reconcentrarem-se diante do inimigo. Conduzem a guerra ao nosso territorio. Não restará de nós entre os desgraçados Belgas senão a re-

cordação dos incendios que terão alumiado a nossa retirada. Do lado do Rheno os Prussianos accumullam-se incessantemente sobre as nossas fronteiras descubertas. Como acontece que isto succeda precisamente no momento d'uma crise tão decisiva para a existencia da nação, que se suspenda o movimento dos nossos exercitos e que, por uma desorganisação subita do ministerio, se rompam os laços da confiança, e se entregue ao azar e a mãos inexperientes a salvação do imperio? Será verdade que se temem os nossos triumphos? E' do sangue do exercito de Coblentz ou do nosso que se está avaro? Se o fanatismo dos padres ameaça entregar-nos ao mesmo tempo á dilaceração da guerra civil e á invasão, qual é portanto a intenção daquelles que fazem regeitar com invencivel tenacidade a sancção dos nossos decretos? Querem elles reinar sobre as nossas cidades abandonadas, sobre campos devastados? Qual é ao certo a quantidade de lagrimas, de miserias, de sangue, de mortes que basta á sua vingança? Onde estamos nós emfim? E vós senhores, cujos os inimigos da constituição se lisongeiam de ter abalado a coragem, vós cujas consciencias e probidade tentam todos os dias assustar qualificando o vosso amor á liberdade de espirito de facção, como se houvesseis esquecido que uma côrte dispotica e os covardes heroes da aristocracia deram este nome de facciosos aos representantes que foram prestar juramento no *Jogo da Pella*, aos vencedores da Bastilha, e a todos aquelles que teem feito e sustentado a revolução; vós a quem calumniam só por serdes estranhos á casta que a constituição deitou por terra, e porque os homens desautorados que pezam a infame honra de rojar ante ella não esperam achar em vós cumplices (*applausos*); vós a quem se queria alheiar do povo porque se sabe que o povo é o vosso apoio, e que se, por uma culpavel deserção da sua causa, merecesseis ser abandonados delle, elle teria força de vos dissolver; vós a quem tem querido dividir, mas que addiareis para depois da guerra as vossas divisões e as vossas querellas, e que não achareis tão doce o aborrecer-vos que prefirais esse infernal goso á salvação da patria; vós a quem quizeram assustar por meio de petições armadas, como se vós não soubesseis que no principio da revolução o santuario da liberdade foi cercado dos satellites do despotismo, Pariz sitiada pelo exercito da côrte, e que estes dias de perigo foram os dias de gloria da nossa primeira assembléa; quero chamar emfim a vossa attenção sobre o estado de crise em que estamos. Estas desordens internas tem duas causas: manobras aristocraticas, manobras sacerdotaes. Todas tendem ao mesmo fim, a contra-revolução.

VII. — «O rei recusou sua sancção ao vosso decreto sobre as perturbações religiosas. Não sei se o sombrio genio de Medicis e do cardeal de Lorraine erra ainda sob as abobadas do palacio das Tuilerias, e se a côrte do rei é perturbada pelas idéas fantasticas que lhe sugere; mas não é permittido crer, sem lhe fazer injuria, e sem o accusar de ser o inimigo mais perigoso da revolução, que elle queira animar pela impunidade as tentativas criminosas da ambição sacerdotal, e dar aos orgulhosos supportes da tiara o poder com que elles teem egualmente opprimido os povos e os reis. Não é permittido acreditar, sem lhe fazer injuria e sem o declarar o mais cruel inimigo do imperio, que elle se compraza em perpetuar as sedições, em eternisar as desordens que o precipitariam na sua ruina por meio da guerra civil. Concluo que se elle resiste aos vossos decretos, é porque se julga assaz poderoso sem os meios que lhe offereceis para manter a paz publica. Se acontece pois que a paz publica não é mantida, que o facho do fanatismo ameaça ainda conflagrar o reino, que as violencias religiosas desolam sempre os departamentos, é porque os agentes da authoridade real são per si mesmo a causa de todos os nossos malles. Pois bem! que elles respondam com a sua cabeça por todas as desordens cujas a religião seja pretexto! mostrai nesta terrivel responsabilidade o termo da vossa paciencia e das inquietações da nação!

«A vossa solicitude pela segurança externa do imperio fez com que decretasseis um acampamento em Pariz. Todos os federados da França aqui devem vir a 14 de julho repetir o juramento de viverem livres ou morrerem. O sopro empeçonhado da calumnia manchou este projecto. O rei recusou a sua sancção. Eu respeito muito o exercicio d'um direito constitucional para vos propôr que torneis os ministros responsaveis desta recusa: mas se acontecer que antes da reunião dos batalhões o sólo da liberdade seja profanado, deveis tratal-os como traidores. E' preciso arremessar a elles proprios no abismo que sua incuria ou malevolencia tiver cavado sob os passos da liberdade! Rasguemos emfim a venda que a intriga e a adulação tem posto sobre os olhos do rei, e mostremos-lhe o termo onde amigos perfidos se esforçam por conduzil-o.

«E' em nome do rei que os principes francezes sublevam contra nós as côrtes da Europa; é para vingar a dignidade do rei que se concluiu o tractado de Plinitz; é para defender o rei que vimos correrem na Alemanha sob a bandeira da rebellião as antigas companhias dos guardas do corpo; é para vir em soccorro do rei que os emigrados se alistam nos exercitos austriacos e se aprompiam a despedaçar o seio da patria; é para se reunirem a estes valentes cavalleiros da prerogativa real que outros abandonam seu posto em presença do inimigo, trahindo os seus juramentos, roubando as caixas, corrompendo os soldados, e collocando assim a sua honra na covardia, no perjurio, na insubordinação, no roubo, e nos assassinios. Emfim o nome do rei está em todos os desastres.

«Ora, eu leio na constituição: Se o rei se posta á frente d'um exercito, e dirige as forças contra a nação, ou se não se oppõe por um acto formal a similhante empreza executada em seu nome, reputar-se-ha que abdicou a realeza. E' debalde que o rei responderia: E' verdade que os inimigos da nação pretendem operar só para levantar o meu poder: mas provei que não era seu cumplice: tenho obedecido á constituição, puz as minhas tropas em campanha. Verdade é que estes exercitos eram mui fracos; mas a constituição não designa o gráo de força que lhes devia dar. E' verdade que as juntei muito tarde; mas a constituição não designa o tempo em que as devia reunir. E' verdade que poderiam ser sustentados por acampamentos de reserva; mas a constituição não me obriga a formar campos de reserva. E' verdade que quando os generaes avançavam sem resistencia pelo territorio inimigo eu lhes ordenei que recuassem; mas a constituição não me ordena que eu ganhe victorias. E' verdade que os meus inimigos tem enganado a assembléa nacional sobre o numero, disposição de tropas e seu fornecimento; mas a constituição dá-me o direito de escolher os meus ministros: não me determina em parte nenhuma que eu deposite a minha confiança nos patriotas e que expulse os contra-revolucionarios. E' verdade que a assembléa nacional publicou decretos necessarios á defeza da patria, e que eu recusei sanccional-os; mas a constituição garante-me esta faculdade. E' verdade, finalmente que a contra-revolução se opera, que o despotismo vai restituir ás minhas mãos seu sceptro de ferro, que vos acabrunharei, que vos rojarei por terra, que vos punirei de terdes tido a insolencia de querer ser livres; porém tudo isto se faz constitucionalmente. De mim não ha emanado acto algum que a constituição condemne. Não é permittido duvidar da minha fidelidade para com ella, e do meu zêlo pela sua defeza (*ricos applausos*).

«Se é possivel, srs., que nas calamidades d'uma guerra funesta, nas desordens de um transtorno contra-revolucionario, o rei dos francezes tenha esta lingoagem escarnecedora; se é possivel que elle lhes falle do seu amor pela constituição com uma ironia tão insultante, não estariamos nós no direito de lhe responder:

VIII. — «O' rei que sem duvida tendes acreditado com o tyranno Lysandro que a verdade não valia mais do que a mentira, e que era preciso enganar os homens por juramentos, como se enganam as creanças com bonitos; que não tendes fingido amar as leis senão para conservar o poder que vos devia servir para as affrontar, a constituição para não vos precipitar do throno onde precisaveis ficar para a destruir, a nação só para assegurar o exito de vossas perfidias inspirando-lhe con-

fiança, pensaes acaso enganar-nos hoje com protestos hypocritas? Pensaes illudir-nos sobre a causa dos nossos males pelo artefício das vossas escusas e audacia dos vossos sofismas? E' defender-nos oppôr aos soldados estrangeiros forças cuja inferioridade não deixava a menor incerteza sobre sua derrota? Será defender-nos afastar os projectos tendentes a fortificar o interior do reino, ou fazer preparativos de resistencia para epochas em que já seriamos preza dos tyrannos? E' defender-nos não reprimir um general que violava a constituição e encadear a coragem daquelles que a serviam? E' defender-nos paralysar continuamente o governo pela desorganisação continua do ministerio? A constituição deixa-vos a escolha dos ministros para nossa felicidade, ou para nossa ruina? Declarou-vos chefe do exercito para nossa gloria ou para nossa vergonha? Deu-vos emfim o direito sancção, uma lista civil e tão grandes prerogativas para perder constitucionalmente a constituição e o imperio? Não, não, homem a quem a generosidade dos francezes não tem podido commover, homem a quem sómente o amor do despotismo tem podido fazer sensivel, vós não tendes satisfeito o voto da constituição! Ella póde ser destruida; mas vós não colhereis o fructo do vosso perjurio! Não vos tendes opposto por um acto formal ás victorias que se ganhariam em vosso nome sobre a liberdade; mas não colhereis o fructo destes indignos triumphos! Não sois mais nada para esta constituição que tão indignamente haveis violado, para este povo que tão covardemente haveis trahido. (*Reiterados applausos.*)

« Como os factos que acabo de relatar não deixam de estar em relações mui visiveis com muitos actos e muitos relatorios do rei; como é certo que os falsos amigos que o cercam estão vendidos aos conjurados de Coblentz, e que ardem em desejos de perder o rei para transferir a corôa para a cabeça d'alguns dos chefes de suas conspirações; como importa á sua segurança pessoal bem como á do imperio que a sua conducta não seja cercada de suspeitas, proporei uma representação que lhe recorde as verdades que acabo de expor, demonstrando-se-lhe que a neutralidade que elle guarda entre a patria e Coblentz seria uma traição para com a França.

IX. — « Peço mais, que declareis a patria em perigo. Vereis a este grito de alarme todos os cidadãos se unirem, a terra cobrir-se de soldados, e renovarem-se os prodigios que cobriram de gloria os povos da antiguidade. Acaso os francezes regenerados de 89 descahiram deste patriotismo! Não chegou o dia de reunir aquelles que estão em Roma com os que se retiraram para o monte Aventino! Esperareis que, cançados das fadigas da revolução, ou corrompidos pelo habito de estarem em revista em roda de um castello, homens fracos se acostumem a fallar de liberdade sem enthusiasmo, e de escravidão sem horror! Que se nos prepara! E' o governo militar que se pretende restabelecer! Suspeita-se a côrte de projectos perfidos; ella faz fallar de movimentos militares, de lei marcial; familiarisa-se a imaginação com o sangue do povo. O palacio do rei dos francezes mudou-se repentinamente em castello forte. Onde estão porém os seus inimigos! Contra quem se apontam estes canhões e estas baionetas! Os amigos da constituição são repellidos do ministerio. As redeas do imperio fluctuam ao acaso no momento em que, para as segurar, era preciso tanto vigor como patriotismo. Por toda a parte se fomenta a discordia. O fanatismo triumpha. A connivencia do governo augmenta a audacia das potencias estrangeiras que vomitam contra nós exercitos e ferros, e arrefece a sympathia dos povos, que fazem votos secretos pelo triumpho da liberdade. As cohortes inimigas movem-se. A intriga e a perfidia tramam traições. O corpo legislativo oppõe-se a estas conspirações decretos rigorosos mas necessarios, a mão do rei despedaça-os. Chamai, que ainda é tempo, chamai todos os francezes a salvarem a patria! Mostrai-lhes o abismo em toda a sua immensidade. Não é senão por um esforço extraordinario que elles poderão salval-o. E' a vós a quem pertence preparal-os por um movimento electrico que faça tomar vôo a todo o imperio. Imitai os Spartiatas das Thermopylas, ou esses venerandos anciãos do senado romano que foram esperar no limiar da sua porta a morte que feroses vencedores traziam á sua patria. Não, não tendes necessidade de fazer votos para que de vossas cinzas nasçam vingadores. O dia em que o vosso sangue tingir a terra, a tyrannia, seu orgulho, seus palacios, seus protectores se esvaecerão para sempre diante a omnipotencia nacional e ante a colera do povo. »

X. — Este discurso, no qual todos os perigos e todas as calamidades daquelle tempo estavam tão artificiosamente arremessados sobre o rei unicamente, ressoou em toda a França como o toque de rebate do patriotismo. Meditado em casa da sr.ª Roland, commentado nos jacobinos, dirigido a todas as sociedades populares do reino, lido nas sessões de todos os clubs, elle revolveu em toda a nação os ressentimentos contra a corte. O 10 de agosto estava nestas palavras. Uma nação que tinha dirigido taes suspeitas e taes ameaças ao seu rei não podia mais obedecer-lhe, nem respeital o. A proclamação do perigo da patria era, na essencia, a proclamação da traição do poder executivo.

Brissot e Condorcet, um, em um discurso, e outro, n'um projecto de representação ao rei, desenvolveram com menos grandeza, porém com mais odio, estas considerações. Elles envenenaram a ferida que Vergniaud tinha aberto na realeza.

Nos jacobinos, Robespierre redigiu uma representação aos federados. Proclamando os mesmos perigos que Vergniaud havia apontado no seu discurso, Robespierre indicou de antemão ao povo que prestes elle teria a combater outros inimigos além da corte. Semeava assim antecipadamente as suspeitas nas almas, e tomava os seus refens contra o triumpho dos girondinos.

« Saude aos Francezes dos 83 departamentos! Saude aos Marselhezes! Saude, escreveu elle, á patria poderosa, invencivel, que reune os seus filhos em torno a si no dia dos seus perigos e das suas festas! Abrâmos nossas casas aos nossos irmãos! Cidadãos, corresteis vós, só para uma vãa ceremonia de federação, ou para juramentos superfluos? Não, não, corresteis ao grito da nação que vos chama! Ameaçados no exterior, trahidos no interior, os nossos perfidos chefes ameaçam de laços os nossos exercitos. Os nossos generaes respeitam o territorio do tyranno austriaco, e incendeiam as cidades dos nossos irmãos belgas. Outro monstro, La Fayette, veio insultar em face a assemblea nacional. Envilicida, ameaçada, ultrajada, ella ainda existe! Tantos outros attentados acordam emfim a nação, e vós corresteis. Os adormecedores do povo vão tractar seduzir-vos. Evitai suas caricias, fugi de suas mezas onde se bebe o moderantismo, e o esquecimento do dever. Guardai vossas suspeitas em vossos corações! A hora fatal vai soar. Eis o altar da patria. Soffrereis que falsos idolos ahi se venham colocar entre a liberdade e vós para usurpar o culto que lhe é devido! Não prestemos juramento senão á patria nas mãos do *Rei immortal da natureza*! Tudo nos recorda neste Campo de Marte os perjurios dos nossos inimigos. Não podemos calcar ahi um só logar que não esteja ensopado no sangue innocente que ahi derramaram! Purificai este terreno, vingai este sangue, não saiais deste recintho senão depois de haver decidido em vossos corações a salvação da patria! »

XI. — Camillo Desmoulins e Chabot denunciaram tambem nos jacobinos os projectos de fuga do rei, e a proxima chegada de la Fayette. « Povo, illudem-vos, disse Danton, nunca se entra em composição com os tyrannos. E' preciso que os nossos irmãos dos departamentos jurem não se separar senão quando os traidores estiverem punidos pela lei, ou houverem passado a estrangeiro. O direito de petição não foi sepultado no Campo de Marte com os cadaveres daquelles ahi immolados. Que uma petição nacional sobre a sorte do poder executivo seja apresentada pois no Campo de Marte pela nação soberana! »

Disse, e saiu deixando esta moção enigmatica á reflexão dos patriotas. Sobrio de palavras, impaciente de

intrigas, Danton não gostava de longos discursos. Batia uma phrase como se cunha medalha, e lançava-a a circular pela multidão. Ao sahir encontrou um grupo de homens assustados que fizeram circulo pedindo-lhe a sua opinião sobre a causa publica. « Alli estão, » disse elle « mostrando com um gesto de desprezo a porta dos ja- « cobinos, uma reunião de palradores sempre a discutir ! « Imbecis que sois, » acrescentou dirigindo-se ao grupo, « de que servem tantas palavras, tantos debates sobre a constituição, tantas attenções para com os aristocratos e os tyrannos ! Fazei como elles ; estais debaixo, ponde-vos por cima : eis aqui toda a revolução ! »

LIVRO DECIMO NONO.

I. — Tudo indicava como vimos na representação de Robespierre e nas palavras de Dantou, um ponto de reunião no Campo de Marte, a 14 de julho para arrebatar a realesa n'uma tempestade, e fazer desabrochar a republica, ou a dictadura d'uma acclamação dos federados. « Somos um milhão de facciosos ; » escrevia o girondino Carras na sua folha.

A nação inteira, assustada pela sua existencia, sem defensores nas fronteiras, sem governo no interior, sem confiança nos seus generaes, vendo o despedaçamento das facções na assembléa, e sentindo-se trahida pela corte, estava neste estado de emoção e de agonia que entregue um povo ao acaso de todos os acontecimentos. A Bretanha principiava a insurgir-se em nome da religião sob a bandeira do rei. Esta insurreição toda popular, nos nobres não buscou mais do que chefes. A guerra da Vendée, destinada a tornar-se depressa bem terrivel, foi desde o primeiro dia antes uma guerra de consciencia do que uma guerra de opinião. A emigração armava-se pelo rei e pela aristocracia, a Vendée por Deus.

Um simples cultivador, Alain Redeler, a 8 de julho, á sahida da missa, na parochia de Foucstan, indicou aos camponeses um ajuntamento armado para o dia seguinte junto á pequena capella da charneca de Kerbader. A' hora aprasada, quinhentos homens ahi se acharam reunidos. Este ajuntamento, bem differente dos ajuntamentos tumultuosos de Paris, testimunhava pela sua actitude o recolhimento dos seus pensamentos. As insignias religiosas ahi se misturavam com as armas. A oração consagrava ahi a insurreição. O toque de rebate corria de campanario em campanario. A população dos campos toda inteira correspondia ao apello dos sinos como a vós do proprio Deus. Mas nenhuma desordem manchou esta sublavação. O povo contentava-se em estar de pé, e não pedia senão a liberdade dos seus altares. Os guardas nacionaes, a tropa de linha, a artilheria marchavam de todos os pontos do departamento. O choque foi sangrento, e a victoria disputada. Com tudo a insurreição pareceu dissipada, e sucumbiu surdamente na Bretanha para rebentar mais tarde. Era a primeira faisca da grande guerra civil.

II. — Rebentou ao mesmo tempo, porém menos obstinada, n'outro ponto do reino. Um gentilhomem, chamado Dusaillant, e um sacerdote, o abbade de Bastida, juntaram em nome do conde d'Artois tres mil camponezes no Vivarais.

Este paiz, obstruido de montanhas, rasgado de desfilladeiros estreitos, quebrado de torrentes, palissado de florestas de pinháes, é uma cidadella natural elevada pela natureza entre as planicies do baixo Languedoc e os bellos valles do *Rhone* e da *Saone*,. Leão é a sua grande capital. O espirito catholico e sacerdotal desta cidade toda romana reinava nestas montanhas. Os numerosos castellos que dominavam os valles pertenciam a uma nobreza mui aproximada chegada pelo sangue e pelos costumes á burguezia, confundindo-se por suas occupações ruraes e pela religião com o povo dos campos. Ahi os gentilhomens não eram mais do que os primeiros entre os camponezes. Unidos em interesse com os padres, agitavam por elles o paiz.

Dusaillant apoderou-se do castello gothico e ameiado de Jales, fortificou-o, e ahi estabeleceu o quartel-general da sublevação, fez prestar aquelle ajuntamento um juramento de fidelidade só ao rei e á religião antiga. Os moços gentilhomens do paiz trouxeram successivamente a este chefe os seus destacamentos ; os pregadores os inflammaram em nome da fé. Moças donzellas a cavallo, vestidas e armadas como amazonas, precorriam as fileiras, distribuindo as insignias da revolta, o Coração de Jesus para o peito, e cruses de ouro nos chapéos. Ellas acordavam, em nome do amor, o heroismo da antiga cavallaria ; esta raça piedosa, enthusiasta e intrepida das Cevennes, levantava-se á voz dellas. A insurreição, que parecia isolada neste paiz inacessivel, tinha intelligencias com Leão, e promettia a esta cidade reforços e communicações com o Meiodia no momento em que Lyon tentasse a sua contra-revolução. Atravessando o Rhone, ao pé do monte Pilate, o exercito de Jalés achava-se em contacto com o Piemonte, pelos baixos Alpes ; estendendo-se no baixo Languedoc, tocava com os Pyrinéos e com a Hespanha. Dusaillant havia assentado admiravelmente o nucleo da guerra civil. O coração do paiz, o curso do Rhone, o nó da França meridional estavam em seu poder se triumphasse.

A assembléa comprehendeu-o. Os patriotas inquietavam-se em Lyon, em Nunes, em Valence, em todas as cidades do Meiodia. Um exercito de guardas-nacionaes marchou com a artilheria; o castello de Bannes, as gargantas que cobriam o campo foram valentemente defendidas, e heroicamente ganhas. Um combate desesperado se travou então em roda do castello de Jales, a praça forte da sublevação. Gentilhomens, camponeses, e padres sustentaram com intrepidez muitos assaltos de tropas ; mesmo as mulheres distribuiam as munições, carregavam as armas, e pensavam os feridos. A' noite, os insurgentes abandonaram o castello crivado de ballas, e cujas muralhas se desmoronavam sobre os seus defensores. Estes dispersaram-se nas gargantas de l'Ardeche ; deixaram numerosos cadaveres, alguns de mulheres. O chefe do movimento, Dusaillant, que havia deixado o cavallo, as armas, e se disfarçara em padre, foi reconhecido e preso por um veterano. Offereceu sessenta luizes ao soldado pelo seu resgate. O soldado recusou. Dusaillant morreu assassinado pelo povo ao entrar na cidade onde as tropas o conduziam para ser julgado. O abbade da Bastide teve a mesma sorte. O furor não julgava já, feria.

III. — Estas noticias consternaram Paris e levaram o patriotismo ameaçado até ponto de delirio. As idéas novas aspiravam a ter seus martyres assim como as idéas antigas tinham as suas victimas. Os impacientes do reinado da liberdade tremiam das lentidões da crise ; imploravam um acontecimento qualquer que, impellindo o povo ás extremidades, tornasse impossivel a reconciliação entre a nação e o rei. Não vendo surgir esta occasião per si mesmo, tractaram de a fazer nascer artificialmente. Era preciso um pretexto á insurreição, elles quizeram dar-lho, mesmo á custa das proprias vidas.

Havia então em Paris dois homens d'uma fé intrepida e d'uma dedicação fanatica a seu partido : eram Chabot e Grangeneuve. Este ultimo era girondino, homem de idéas curtas mas rectas e inflexiveis, aspirando unicamente a servir a humanidade como soldado obscuro, conhecendo bem que a mediocridade do seu genio não lhe deixava outro meio de ser util á liberdade senão morrer por ella : caracteres dedicados que davam seu sangue á sua causa sem nem ao menos pedirem a esta que se recordassem de seus nomes.

Chabot, filho de um cosinheiro do collegio de Rodez, educado pela caridade dos seus senhores, enebriado na sua primeira necessidade d'uma ascetica piedade, havia vestido o habito de capuchinho. Havia-se muito tempo assignalado por uma humilde mendicidade, e uma sordidez mais repugnante nesta ordem mendicante. Entre estes Diogenes do christianismo, espirito movel e excessivo, o primeiro contagio das idéas revolucionarias havia-se apoderado delle na cella do seu mosteiro. A febre da liberdade e da transformação social havia abrazado sua alma ; havia sacudido a sua fé e o seu habito.

O brilho da sua conversão ao novo Evangelho, o seu ressentimento contra os altares da sua mocidade, o fogo e desregramento das suas pregações populares haviam-o assignalado ao povo e levado á assembléa constituinte. Occulto por traz de Robespierre e Pethion, elle via além da constituição de 91 a ruina necessaria da realesa; aspirava abertamente a esta ruina. Dantou da Egreja, um desses homens que desdenham as sinuosidades, que se descobrem ante o inimigo, e que acreditam que o odio activo e declarado é a melhor politica contra as constituições que se querem destruir, Chabot e Grangeneuve pertenciam aos conciliabulos de Charenton.

IV. — Uma tarde, sahiram juntos d'uma destas conferencias, afflictos e desanimados das hesitações e contemporisações dos conspiradores. Grangeneuve marchava com a cabeça baixa e em silencio. «Em que pensas tu? lhe disse Chabot. Penso, respondeu o girondino, em que estas lentidões enervam a revolução e a patria. Penso em que se o povo dá tempo á realeza, o povo está perdido. Penso que não ha senão uma hora para as revoluções, e que aquelles que a deixam escapar não a encontram mais, e devem disso mais tarde contas a Deus e á posteridade. Olha, Chabot, o povo não se levantará por si mesmo; é lhe preciso um mobil, carece do accesso de raiva ou de medo que lhe dá a duplicação da energia de que elle carece no ultimo momento para sacudir as suas velhas instituições. Como dar-lhas? Pensava nisto, e hei por fim encontrado-o no meu coração. Mas acharei igualmente um homem capaz da revolução e do segredo necessarios a similhante acto? — Falla, diz Chabot, eu sou capaz de tudo para destruir o que odeio. — Pois bem! replicou Grangeneuve, o sangue é a ebriedade do povo; ha sangue puro no berço de todas as grandes revoluções, desde o de Lucrecia até ao de Guilherme Tell e Sidney. Para os homens de Estado as revoluções são uma theoria, para o povo é uma vingança. Mas para impellir a multidão á vingança é preciso mostrar-lhe uma victima. Pois que a côrte nos recusa esta alegria, é preciso que nós proprios a demos á nossa causa; é preciso que uma victima pareça cahir sob os golpes dos aristocratas, é preciso que o homem ao qual a côrte seja accusada de o ter immolado, seja um dos seus inimigos os mais conhecidos, e membro da assembléa, para que o attentado contra a representação nacional se junte neste acto ao assassinio de um cidadão. E' preciso que este assassinio seja commettido ás portas do castello para que se grite vingança de mais perto. Mas quem será esse cidadão? Serei eu. A minha palavra é nulla, a minha vida inutil á liberdade, minha morte aproveitar-lhe-ha, o meu cadaver será o estandarte da insurreição e da victoria do povo!»

Chabot escutou Grangeneuve com admiração. «E' o genio do patriatismo que te inspira! lhe disse elle; se são precisas duas victimas eu me offereço a ser teu segundo. — Tu serás mais, replicou Grangeneuve, serás não o meu assassino, porque eu mesmo imploro a minha morte, mas serás o meu matador. Esta noite eu passarei só e sem armas no logar mais deserto e menos alumiado, junto aos postigos do Louvre: colloca dois patriotas dedicados e armados de punhaes, convencionemos um signal que eu proprio lhes farei para me designar aos seus golpes; darei esse signal, e elles ferir-me-hão; recebe-rei a morte sem soltar um grito. Elles fugirão. No dia seguinte encontrar se-ha o meu cadaver! Accusareis a côrte! A vingança do povo fará o resto!...»

Chabot tão fanatico e tão decidido como Grangeneuve em calumniar o rei pela morte de um patriota, jurou ao seu amigo esta odiosa fraude da vingança O logar para o assassinio ficou combinado, a hora concordada, e o signal concertado. Grangeneuve retirou-se para sua casa, fez seu testamento, preparou-se para a morte, e á meia noite dirigiu-se ao logar indicado Passeou ahi duas horas. Viu muitas vezes avançarem homens que elle tomou pelos seus assassinos ali postados. Deu o signal convencionado e esperou o golpe. Ninguem feriu. Chabot havia hesitado no cumprimento, ou por falta de resolução, ou por falta de instrumentos. A victima não tinha faltado ao sacrificio, mas sim o sacrificador.

V. — No meio destes prodigios de odio, um homem tentou um prodigio de reconciliação dos partidos. Era Lamourette, antigo gran-vigario do bispo de Arras e então bispo constitucional de Lyon. Sinceramente religioso, a revolução, passando por sua alma, havia tomado alguma cousa da charidade do christianismo. Era venerado da assemblea pela virtude a mais rara nas luctas de ideias, a moderação. Elle recolheu n'um dia o fructo da estima que lhe dedicavam. Brissot ía subir á tribuna para propor novas medidas de segurança nacional. Lamourette o avançou e pedio ao presidente a palavra para uma moção de ordem. Obteve-a. «De todas as medidas diz elle, que se vos propõe para suster as divisões que nos despedaçam não ha esquecido mais do que uma, e esta só bastaria para restituir a ordem ao imperio, e a segurança á nação. E' a união de todos os seus filhos n'um mesmo pensamento, e a aproximação de todos os membros desta assembléa, exemplo irresistivel que atrahiria todos os cidadãos! e que se oppõe a isto? irreconciliavel não ha mais do que o crime e a virtude. As pessoas honradas tem um terreno commum de patriotismo e de honra no qual sempre se podem encontrar. O que é que nos separa? Prevenções, suspeitas de uns contra os outros. Abafemol-as n'um abraço patriotico, e n'um juramento unanime. Fulminemos por uma execração commum a republica e as duas camaras!...»

A estas palavras, a assembléa toda se levanta, o juramento sáe de todas as boccas, os gritos de enthusiasmo ressoam na salla e vem annunciar fóra della que a palavra de um homem honesto extinguio as divisões, confundiu os partidos, e aproximou os homens. Os membros das facções as mais oppostas levantam-se dos seus logares, e vão abraçar os seus inimigos. A esquerda e a direita não existem. Ramond, Vergniaud, Chabot, Vaublanc, Gensonne, Basire, Condorcet, e Pastoret, jacobinos e girondinos, constitucionaes e republicanos, tudo se mistura, tudo se confunde, tudo se apaga n'uma fraternal unidade. Estes corações cançados de divisões repousam do odio, por um momento. Envia-se uma mensagem ao rei para que elle goze da concordia do seu povo. O rei correu alli. Foi cercado de gritos de enthusiasmo. A sua alma respira um momento grandes esperanças. A emoção arranca á sua natural timidez algumas palavras tocantes que redobram os transportes da assembléa. «Eu convosco não fazemos mais do que um individuo unico, disse elle com uma voz á qual se juntavam as lagrimas. A nossa união salvará a França.» Sahiu acompanhado até seu palacio pelas benções da multidão. Elle creu ter reconquistado o coração dos Francezes. Abraçou a rainha, sua irmã, seus filhos, queria poder abraçar todo o seu povo. Fez abrir em signal de confiança o jardim das Tuilerias, fechado depois dos attentados de 20 de junho. A multidão ahi se precipitou e foi sitiar com os seus gritos de amor aquellas mesmas janellas que na vespera sitiava com insultos. A familia real sonhou alguns dias felizes. Ah! o primeiro de que ella gosou ao cabo de tantos annos não durou senão até á noite.

O decreto do departamento suspendendo Pethion das suas funcções, apresentado na sessão da noite, fez reviver as dissensões mal abafadas. Um sentimento, por doce que seja não prevalece sobre uma situação. O odio havia-se distendido um instante, mas elle estava mais nas cousas do que nos corações, vibrou de novo com mais força.

O povo acompanhou de gritos de morte o directorio do departamento que a assembléa havia chamado á sua presença. «Restitui-nos Pethion! La Rochefoucauld para Orleans!» Estas vociferações terriveis vieram recalcar até ao coração do rei a alegria passageira que o havia atravessado. A sessão nos jacobinos foi mais turbulenta do que na vespora. «Abraçam-se na assembléa, disse Billand-Varennes; é o beijo de Judas, é o beijo de Carlos IX estendendo a mão a Coligny! Abraçavam-se tambem no momento em que o rei preparava a sua fuga em 6 de outubro. Abraçavam-se tambem antes dos assassinios do Campo de Marte! Abraçam-se, mas as conspirações da côrte cessam? Nossos inimigos deixam por

isso de avançar sobre as nossas fronteiras? E La Fayette é menos traidor?...»

VI. — Era sob taes auspicios que o dia da federação se aproximava. A rainha encarava-o com terror. Tudo revellava projectos sinistros para este anniversario. A França revolucionaria, enviando os federados de Brest e de Marselha, tinha enviado a Pariz todos os seus homens de acção. A familia real vivia nos trances do assassinio. Toda a sua esperança repousava nas tropas estrangeiras, que promettiam libertal-a dentro de um mez. Contava-se no castello marcha por marcha a chegada do duque de Brunswick a Pariz. O dia do livramento estava marcado de antemão pelo dedo da rainha no calendario dos seus quartos. Não se tratava senão de viver até lá. Mas a rainha temia ao mesmo tempo pelo rei o veneno, o punhal e a balla dos assassinos.

Espiada mesmo no interior dos seus quartos mais reservados pelas sentinellas da guarda nacional, que velavam em todas as portas mais como carcereiros do que defensores, a familia real não tocava senão em apparencia nos alimentos servidos á sua meza das Tuilerias, e fazia-se apresentar mysteriosamente as suas comidas por mãos seguras e leaes. A rainha fez vestir ao rei uma especie de camizola composta de quinze dobras de sêda forte, á prova do estillete e da balla. O rei prestou-se só por complacencia para com a ternura da rainha a estas precauções contra o destino. As revoluções não assassinam, immolam. O desgraçado principe sabia-o. «Elles não me farão ferir pela mão de um scelerado, disse baixo á creada do quarto da rainha que lhe provava aquelle colete. O seu plano está mudado. Far-me-hão morrer em dia bem claro, e como rei» Elle nutria os seus pressentimentos com a leitura das catastrofes reaes que lhe prediziam a sua. O retrato de Carlos I por Van Dyck estava defronte delle no seu gabinete; a historia deste principe, sempre aberta sobre a sua meza: estudava-a e interrogava-se como se estas paginas encerrassem o mysterio de um destino que procurava comprehender para o illudir. Porém já não se illudia a si proprio. O futuro havia-lhe dito a sua palavra. Salvar a rainha, os seus filhos, sua irmã, era o ultimo termo das suas esperanças, e o unico mobil dos seus esforços. Pelo que dizia respeito a elle o seu sacrificio estava feito. Renovava-o todos os dias nos exercicios religiosos que elevavam e consolavam a sua resignação. «Não sou feliz,» respondeu elle a um dos seus confidentes que lhe aconselhava jogar heroicamente a sua sorte com a fortuna. «Sem duvida que poderia tentar ainda medidas de audacia, porém ellas tem alternativas extremas; se posso arriscal-as por mim, não me aventuro a expor-lhe minha familia. A fortuna tem-me ensinado muitas vezes a desconfiar della. Não quero fugir outra vez, achei me mal da primeira. Quero antes a morte, nella não ha nada que me assuste; espero-a, e para ella me preparo todos os dias. Contentar-se-hão com a minha vida, e pouparão a da minha mulher e de meus filhos.»

VII. — A rainha nutria os mesmos pensamentos. Uma melancolia extrema, interrompida sómente pelos rasgos de varonil altiveza tinha substituido no seu rosto e nas suas palavras a voluptuosa ligeireza dos seus dias felizes. «Começo a ver que elles farão processar o rei, dizia ella á sua amiga a princeza de Lamballe. Pelo que me respeita, eu sou estrangeira... Assassinar-me-hão! Que será de meus filhos?» Muitas vezes suas creadas a surprehendiam banhada em lagrimas. Uma dellas quiz um dia apresentar-lhe uma bebida calmante por occasião de uma crise de dôr; «Deixai lhe respondeu a rainha, esses medicamentos inuteis para os malles da alma: não podem nada. A languidez e os espasmos são doenças das mulheres felizes. Depois das minhas desgraças eu já não sinto o corpo, sinto só o meu destino; porém não direi nada ao rei.»

VIII. — Algumas vezes porém a esperança prevalecia sobre o abatimento desta alma. A mola da mocidade e do caracter levantava a dos seus pressentimentos. Forçada pelo mêdo dos ajuntamentos dos arrebaldes das surpresas nocturnas a deixar o seu quarto do pavimento terreo, Maria-Antoinette fizera collocar seu leito n'um quarto do primeiro andar entre o do rei e o dos seus filhos. Sempre acordada, havia muito tempo, antes do nascer do dia, prohibira que se cerrassem as persianas e as cortinas das suas janellas, para gosar as primeiras claridades do céo que vinham abreviar o comprimento das suas noites sem somno.

Uma destas noites de julho em que a luz esclarecia o seu quarto, ella contemplou muito tempo o céo com um recolhimento de alegria interna. «Vêde esta lua, disse ella á pessoa que velava junto do seu leito: quando daqui a um mez ella vier outra vez brilhar, achar-me-ha livre e feliz, e as nossas cadeias estarão despedaçadas.» Patenteou-lhe as suas esperanças, os seus receios, as suas agonias, o etenerario dos principes e do rei da Prussia, sua proxima entrada em Paris, suas inquietações a respeito da explosão da capital á aproximação dos exercitos estrangeiros, as suas tristezas sobre a falta de energia do rei na crise. «Elle não é cobarde, dizia ella; pelo contrario é impassivel diante do perigo; mas a sua coragem está no seu coração e não sáe dahi, a sua timidez alli a comprime. Seu avô, Luiz XV, prolongou a sua infancia até aos vinte e um annos. Disto se ressente sua vida. Não ousa nada. A sua propria palavra o espanta. Uma palavra energica da sua bocca á guarda nacional arrastaria Pariz. Não a dirá. Em quanto a mim, eu bem podia operar e montar a cavallo se fosse preciso; mas seria dar armas contra elle. Gritariam á Austriaca! Uma rainha que não é regente, na minha situação, deve callar-se e preparar-se a morrer!»

IX. — A princeza Izabel recebia as confidencias destes dois esposos e as caricias dos meninos. Sua fé mais submissa do que a da rainha, mais terna do que a do rei, fazia da sua vida um continuo holocausto. Assim como seu irmão não encontrava consolação senão junto aos altares. Ahi se prostrava todos os dias com resignação. A capella do castello era o refugio onde a familia real se abrigava contra tantas dôres. Mas ahi mesmo o odio dos seus inimigos a perseguia. N'um dos ultimos domingos de julho, os soldados da guarda nacional que enchiam a gallaria por onde o rei ia ouvir a missa gritaram: Nada de rei, abaixo o veto! O rei acostumado aos ultrajes ouvio estes gritos, vio estes gestos sem se espantar. Mas apenas a familia real havia ajoelhado na tribuna, os musicos da capella fizeram ressoar as arias revolucionarias da Marselhesa, e do *Ça irá*. Os proprios cantores, escolhendo os psalmos, as strophes ameaçadoras que a colera de Deus dirige ao orgulho dos reis, os cantaram com affectação repetidas vezes, como se a ameaça e o terror fossem sahidos deste mesmo santuario onde a familia condemnada vinha procurar a consolação e a força.

O rei foi mais sensivel a estes ultrajes do que a todos os outros. «Pareceu-lhe, disse elle sahindo, que o proprio Deus se voltava contra elle.» As princezas pozeram os seus livros sobre os olhos para occultarem as lagrimas. A rainha e os seus filhos não podiam respirar o ar de fóra do palacio. Todas as vezes que se abriam as janellas ouvia-se gritar do terraço dos *feuillants* (bernardos). *A vida de Maria Antoinette.* Os vendilhões mostravam estampas infames nas quaes a rainha era representada em *Messalina*, e o rei como *Vitellius*. As gargalhadas da populaça correspondiam ás apostrofes obscenas que estes homens dirigiam com o gesto ás janellas do castello. O proprio interior dos quartos não estava ao abrigo do insulto e do perigo. Uma noite, um criado do quarto que velava n'um corredor á porta da rainha luctou com um assassino que se dirigia alli escudado pelas trevas da noite. A'quelle ruido Maria Antoniette saltou fóra do leito. «Que situação, exclamou ella, ultrajes de dia, e matadores á noite.»

X. — A cada instante se esperavam novos assaltos dos arrabaldes. Uma noite em que se acreditou n'uma irrupção, o rei e a princeza Izabel, acordados e levantados, prohibiram que se acordasse a rainha. «Deixai-a ter algumas horas de repouso, disse o rei á sr.ª Campan: ella tem bastantes penas! não lhas precipitemos.» Ao acordar a rainha queixou-se amargamente de que a tivessem deixado dormir durante o alarma do castello.» Minha irmã Izabel estava junto do rei, e eu dormia! exclamou

ella. Sou sua mulher, e não quero que elle corra perigo algum sem eu o compartilhar. »

Foi nestes dias de anciedade que o rei recolheu e occultou os papeis descobertos depois no armario de ferro. Sabe-se que este principe mais homem do que rei, se desenfadava dos cuidados do throno com trabalhos de mão e que excedia no officio de serralharia. Para se aperfeiçoar na sua arte, tinha admittido havia dez annos á sua familiariadade um serralheiro chamado Gamain O rei e o artista eram amigos como os homens que passam horas juntos, e que trocam na intimidade bastantes pensamentos. Luiz XVI acreditava na fidelidade do seu companheiro de trabalho. Confiou-lhe o cuidado de abrir na espessura d'uma parede de um corredor escuro que dava para o seu quarto uma abertura coberta com uma porta de ferro e occulta com arte com madeiras. Ahi, escondeu o rei os papeis politicos de importancia, e as correspondencias secretas que tinha entretido com Mirabeau, Barnave, e os girondinos. Acreditou o coração de Gamain tão seguro e tão mudo como a parede a quem entregava os seus segredos. Gamain foi um traidor e denunciou mais do que o seu rei; denunciou o seu companheiro e o seu amigo.

XI. — No dia da federação, este principe foi com a rainha e seus filhos ao Campo de Marte. Tropas indecisas o escoltavam. Um povo immenso cercava o altar da patria. Os gritos de viva Pethion insultaram o rei á sua passagem. A rainha tremia pelos dias de seu marido. O rei marchou á esquerda do presidente da assembléa para o altar atravez a multidão. A rainha inquieta seguia-o com os olhos, julgando a cada instante vê-lo immolar por milhares de baionetas e alabardas por baixo das quaes elle tinha de passar. Estes minutos foram para ella seculos de angustias. Houve ao pé do altar da patria um movimento de confusão, produzido pelo fluxo e refluxo da multidão, na qual o rei desappareceu. A rainha julgou-o ferido e lançou um grito de horror. O rei tornou a apparecer. Prestou o juramento civico. Os deputados que o cercavam convidaram-o a lançar fogo com a sua propria mão a um trofeo expiatorio que reunia todos os symbolos da feudalidade, afim de ser reduzido a cinzas. A dignidade do rei sublevou-se contra o papel que lhe queriam impôr. Recusou-se dizendo que a feudalidade estava destruida em França melhor pela constituição do que pelo fogo. Os deputados Gensonné, Jean Debry, Garreau e Antonelle, accenderam sós a fogueira no meio dos applausos do povo. O rei reunio-se á rainha e voltou para palacio atravez um povo taciturno. Os perigos deste dia desvanecidos deixaram-lhe encarar mais terriveis. Elle não havia ganho mais do que um dia.

XII. — No dia seguinte, um dos grandes agitadores de 89, o primeiro provocador dos Estados Geraes, Duval d'Epremesnil, tornado odioso á nação porque elle não tinha querido a revolução senão em proveito dos parlamentos, e que apenas os parlamentos foram atacados se havia posto pelo partido da côrte, foi encontrado no terraço dos feuillants (bernardos) por grupos de povo que o insultaram e apontaram ao furor dos Marselhezes. Ferido de muitos golpes de sabre, abatido aos pés dos assassinos, arrastado todo ensanguentado pelos cabellos para o regato da rua Saint-Honoré e para um cano, onde o iam lançar, alguns guardas nacionaes o arrancaram moribundo das mãos dos assassinos e o conduziram á casa da guarda do Palais-Royal. A multidão, sequiosa de sangue, estacionava ás portas do corpo da guarda. Pethion, advertido, correu aquelle sitio, abrio caminho, entrou no posto, contemplou d'Epremesnil por muito tempo em silencio, com os braços cruzados sobre o peito, e desmaiou de horror á vista deste sinistro reviramento da opinião. Quando o maire de París voltou aos seus sentidos, o desgraçado d'Epremesnil levantou-se penosamente da maca onde estava deitado. « E eu tambem sr., disse elle a Pethion, fui o idolo do povo, e vêde o que fez de mim! Possa elle reservar-vos outra sorte! » Pethion não respondeu; lagrimas corriam dos seus olhos, e teve neste dia o pressentimento da inconstancia e ingratidão do povo.

Outros assassinios tão repentinos como a mão da multidão revelavam uma febre surda, cujos accessos não tardaram em rebentar em actos mais tragicos e mais generalisados. Um padre que tinha prestado, e depois retractado o seu juramento constitucional, foi enforcado na lanterna de um reverbero na praça Luiz XV. Um guarda de corpos que atravessava o jardim das Tuillerias e que olhou enternecido para o palacio dos seus antigos senhores transformado em prisão, trahido pelas lagrimas que lhe assomaram aos olhos, foi agarrado por uma turba de mulheres e crianças de quinze a dezeseis annos, arrastado pela areia, e afogado com refinamento de barbaridade no tanque do jardim mesmo sob as janellas do rei.

A guarda nacional reprimia mollemente estes attentados; sentia ella que a sua força moral lhe fugia á aproximação dos Marselhezes. Collocada entre os excessos do povo e as traições imputadas á côrte, embravecendo-se contra uns temia dar mostras de proteger os outros. A sua situação era tão falsa como a do rei collocado entre a nação e os estrangeiros. A côrte conhecia o seu isolamento e recrutava secretamente defensores para a criso que ella encarava sem muito medo. Os Suissos, tropa mercenaria mas fiel; a guarda constitucional recentemente licenciada, cujos officiaes e officiaes inferiores assoldados em segredo em París para se reunirem na occasião precisa; quinhentos ou seiscentos gentil-homens chamados de suas provincias pela sua dedicação cavalheiresca á monarchia, espalhados pelas differentes hospedarias do bairro quartier das Tuillerias, munidos de armas escondidas sob os fatos, e tendo todos uma palavra de ordem e um bilhete de entrada que lhe abria o castello nos dias de ajuntamento; companhias de homens do povo, e de velhos militares a soldo da lista civil, e commandados pelo sr. d'Augremont, em numero de quinhentos ou seiscentos homens; mais a immensa criadagem do castello; os batalhões da guarda nacional dos bairros affectos ao rei, taes como *la Butte-des-Moulins, des Filles-Saint-Thomas*; um corpo de gendarmaria a cavallo composto de soldados escolhidos nos regimentos de cavallaria: emfim dez ou doze mil homens de tropas de linha da guarnição de París; todas estas forças reunidas em nome da constituição ao redor das Tuillerias no dia do combate, apresentavam á côrte um apoio solido e a perspectiva de uma victoria da qual o rei tiraria partido para a restauração da sua authoridade.

Estas forças eram reaes, e mais que sufficientes, se tivessem sido bem dirigidas contra as forças numerosas mas desordenadas dos faubourgs O rei confiava nellas, e o castello havia retomado a confiança. Bem longe de se temer uma nova insurreição, desejavam-a nos conciliabulos das Tuillerias. A certeza de esmagar e fulminar os homens de 20 de junho tranquillisava todos os corações. A realeza tinha chegado a este ponto de decadencia donde ella já se não póde levantar se não por meio de uma victoria. Esperava a batalha, e julgava-se para ella preparada.

XIII. — Por sua parte os girondinos e os jacobinos reunidos, consternados da reacção de opinião que a falha do dia 20 de junho tinha produzido em París e nas provincias, preparavam-se para o ultimo assalto. Apesar de não terem ponto de accordo antecipado sobre a natureza do governo que dariam á França depois do triumpho do povo, era-lhes necessario este triumpho, e conspiravam juntos pora desthronar o inimigo commum. A chegada dos Marselhezes a París devia ser, para estes dois partidos. o signal e o meio de acção. Estes homens energicos, ferozes, esquentados pela longa marcha que acabavam de fazer pelo ardor do estio, e que se haviam incendiado no caminho com todo o incendio de opiniões que devorava as cidades e os campos, conduziam aquellas chammas a París. Mais aguerridos ás emprezas desesperadas do que o povo arruidor porém cazeiro de París, os Marselhezes deviam ser o nucleo da grande insurreição. Era um bando de mil e quinhentos homens; accesso vivo do furor demagogico que refluia das extremidades do imperio para vir dar força ao coração. Aproximavam-se conduzidos por chefes subalternos; os dois chefes verdadeiros os tinham precedido para París: eram dois mancebos Marselhezes, Barbaroux, e Rebecqui.

Já conhecemos Barbaroux. Rebecqui, seu compatriota e seu amigo, fôra um dos primeiros agitadores da sua patria em 89, na epoca em que a eleição de Mirabeau á assembléa constituinte perturbava Aix e Marselha. Mettido em processo pela participação nestas desordens, tinha sido defendido ante a assembléa pelo seu eloquente cumplice. Vindo a ser depois um dos chefes dos jacobinos de Marselha, pozera-se á frente dos batalhões da guarda nacional desta cidade, que tinham marchado sobre a cidade d'Arley, e arrancado á vingança das leis os assassinos de Avignon. Enviado ao tribunal d'Orleans por este facto, ahi foi escudado com a amnistia que os girondinos tinham lançado sobre os crimes do Meio-dia. Resolvido a impellir a revolução até ao fim, mesmo a risco della passar alem delle, Rebecqui, ligado primeiro com os girondinos, tinha voltado a Marselha e recrutado, em concerto com Barbaroux, esta columna movel de Marselheses de que os conspiradores de Pariz tinha a necessidade para electrisar a França e completar os seus designios. O appêlo desta força popular a Pariz era um pensamento da sr.ª Roland, levado a effeito por estes dois moços seides. Emquanto que os oradores e os tribunos da assembléa peroravam em vão nos jacobinos, nos franciscanos *(cordeliers)* e no *Manege*, agitando as massas sem lhes dar o necessario impulso, uma mulher e dois mancebos tomavam sobre si a responsabilidade dos acontecimentos e preparavam o dia supremo da monarchia.

Barbaroux e Rebecqui encontraram Roland nos Campos Elysios poucos dias depois da chegada dos Marselheses. O velho e os mancebos se abraçaram com este sentimento de solemne tristesa que avança no coração dos homens resolutos o cumprimento de projectos extremos. Depois de terem conversado em voz baixa das desgraças da patria e dos planos que os occupavam, concordaram, para escaparem aos olhos dos espiões da côrte, ter no dia seguinte em casa da sr.ª Roland a ultima conferencia.

Os dois Marselheses foram á noite ao pequeno quarto da rua Saint-Jacques, onde morava depois da sua demissão o ministro fóra da graça. A sr.ª Roland, alma de seu marido, e a inspiração dos seus amigos, assistia á conferencia, e a elevava á altura e á resolução dos seus pensamentos «A liberdade está perdida se deixamos tempo á côrte, disse Roland. La Fayette veio revelar em Pariz, pela sua presença dictatorial, o segredo das traições que medita no exercito do norte. O exercito do centro não tem nem commissão, nem dedicação, nem general. Em seis semanas os Austriacos estarão em Pariz! »

Desenrolaram-se cartas geographicas. Estudaram-se as posições, as linhas dos rios, as escarpas das montanhas, e os desfiladeiros que podiam apresentar obstaculos mais impenetraveis á invasão do estrangeiro, apontaram-se campos de reserva destinados a cubrir successivamente as linhas secundarias quando as principaes fossem forçadas. Finalmente resolveu-se apressar a chegada dos batalhões de Marselha para executar o decreto do campo ao pé de Pariz, e prevenir, por uma insurreição decisiva, o effeito dos tramas da côrte. Concordou-se que Pethion, necessario ao movimento projectado pelo ascendente do seu nome, e necessario á *mairie* para paralysar toda a resistencia da municipalidade e da guarda nacional á conspiração, conservaria este papel de neutralidade legal e hypocrita tão util aos projectos dos agitadores. Barbaroux, jantando alguns dias depois em casa do maire de Pariz, lhe disse alto que não tardaria a ser prisioneiro na sua casa. Pethion comprehendeu e surrio-se. Sua mulher fingio assustar-se. « Tranquilisai-vos, senhora ! replicou Barbaroux, se nós algemamos Pethion, será ao pé de vós, e com fitas tricolores. »

Carra advertio egualmente Pethion de que o deixariam em harmonia com os seus deveres officiaes de maire, dando-lhe uma guarda de segurança que fingiria violental-o impedindo-o de operar no momento da insurreição. Pethion aceitou de tal modo este papel naquella comedia de legalidade, que se queixou depois do successo de que os conjurados se tivessem esquecido de o fazer prender, e mandou elle proprio muitas vezes apressar a chegada dos destacamentos de insurgentes que deviam simular a sua prisão. A sr.ª Roland foi a alma, Pethion o meio, Barbaroux, Danton, Santerre os directores do movimento.

Os conspiradores procuraram por alguns dias um general capaz de imprimir uma direcção militar a estas forças indisciplinadas, e crear o exercito do povo contra o exercito da côrte. Lançaram os olhos sobre Montesquieu, general do exercito dos Alpes e que se achava naquelle momento em Pariz, onde vinha sollicitar reforços. Montesquieu, ambicioso de gloria, de dignidades, de fortuna, ligado pelo seu nascimento ao partido da côrte, pelos seus principios e pelas perspectivas que a revolução abria á sua fortuna ao partido do povo, parecia a Danton um destes homens que podem deixar-se tentar tanto por um grande serviço a fazer á liberdade, como por um grande serviço ao throno. Roland e seus amigos não acreditavam nas suas opiniões, mas acreditavam na sua ambição. Tiveram uma conferencia com este general, em casa de Barbaroux. Desenvolveram-lhe parte dos seus planos, Montesquieu escutou-os sem admiração, e sem repugnancia ; mas não se decidiu. Acreditaram que a côrte lhes havia tomado a dianteira, e que Montesquieu, duvidando do resultado desta ultima luta entre o povo e o rei, queria ficar indeciso como o acaso, e livre como o acontecimento. Deixaram-o sem romper com elle, e decidiram-se a não dar ao povo outra tactica mais do que o seu furor, nem outro general mais do que a sua fortuna.

XIV. — No dia seguinte, 29 de julho, os Marselheses chegaram a Charenton. Barbaroux, Bourdon de l'Oise, Merlin, Santerre foram ao seu encontro, acompanhados d'alguns homens de acção dos jacobinos e dos *faubourgs*. Um banquete fraternal reuniu os chefes dos Marselheses e os conjurados de Paris. Os corações ahi se comprehenderam, as vozes se confundiram, e as mãos se apertaram. Os chefes acabavam de achar o seu exercito, e o exercito os seus chefes. A acção não podia tardar. Depois do banquete, onde o enthusiasmo que devorava as almas, rebentou em as notas do canto de Rouget de Lisle, os conjurados licencearam por algumas horas os Marselheses alojados em casa dos principaes patriotas de Charenton. Dirigiram-se favorecidos pelo escuro da noite a uma casa isolada da aldea, cercada de jardins, e que servia havia muitos mezes de asylo mysterioso aos seus conciliabulos. Santerre, Danton, Fabre d'Eglantine, Panis, Huguenin, Gouchon, Marat, Alexandre, Camillo Desmoulins, Varlet, Lenfant, Barbaroux, e alguns outros homens de execução ahi se achavam. Foi nesta casa que todas as jornadas da revolução tiveram a sua vespera. Ahi se marcava a hora, e se dava a palavra d'ordem. Deliberações intimas mas muitas vezes tempestuosas precediam estas resoluções. Ruasinhas estreitas e largos campos cultivados pelos cultivadores dos faubourgs separavam a casa dos conjurados das outras habitações, para a concorrencia dos conspiradores não poder ser descoberta, e as vociferações se perderem no espaço. As portas e vidraças sempre fechadas davam a esta habitação a apparencia de uma casa de campo deshabitada. O porteiro não abria a porta senão de noite, e por signaes de reconhecimento combinados.

Era mais de meia noite quando os conspiradores ahi se dirigiram por caminhos differentes, com a cabeça ainda esquentada dos hymnos patrioticos a dos vapores do vinho. Por uma destas estranhas coincidencias que parecem associar algumas vezes as grandes crises da natureza ás grandes crises dos imperios, uma tempestade rebentava neste momento sobre Paris. Um calor pesado e morto havia todo dia abafado a respiração. Espessas nuvens, marmorisados de tarde de tintas sinistras, tinham como engolido o sol n'um occeano suspenso. Pelas dez horas a electricidade se desenvolveu em milhares de relampagos, similhantes ás palpitações luminosas do ceu. Os ventos encarcerados por traz desta cortina de nuvens, desencadearam-se com o rugido das vagas, curvando as searas, despedaçando os ramos das arvores, e arrebatando telhados. A chuva e a pedra resoaram no chão como se a terra tivesse sido apedrejada de cima. As casas fecharam-se, as ruas e as estradas ficaram desertas n'um instante. O raio que não cessou de brilhar e cair durante oito horas successivas, matou grande numero destes homens e mulheres que vem de noite abas-

tecer Paris. Encontraram-se fulminadas pelo raio muitas sentinellas entre as cinzas das suas guaritas. As grades de ferro, torcidas pelo vento ou pelo fogo do céo, foram arrancadas dos muros onde estavam chumbadas e arremessadas a distancias incriveis. Os dois zimborios naturaes que se elevam acima do horisonte do campo de Pariz, *Mont-Martre* e o *Mont-Valerien*, sustentaram em maior massa este fluido amontoado nas nuvens que os cercavam. O raio, ligando-se de preferencia a todos os monumentos isolados e coroados de ferro, abateu todas as cruzes que se elevavam no campo nas encrusilhadas das estradas, desde a planicie de *Issy* e os bosques de *Saint-Germain* e de *Versailles* até á cruz da ponte de *Charenton*. No dia seguinte as hastes e os braços destas cruzes juncavam por toda a parte a terra como se um exercito invisivel tivesse destruido á sua passagem todos os signaes repudiados do christianismo.

XV. — Foi ao estridor destes raios que os conjurados de Charenton deliberaram a destruição do throno. Danton, Huguenin, Alexandre, Gonchon, Camillo Desmoulins, mais em relação com os bairros de Paris, responderam pelas disposições insurreccionarias do povo.

Santerre prometteu que quarenta mil homens dos *faubourgs* iriam no dia seguinte ao encontro dos Marselheses, como para fraternisarem com os federados phoceanos. Concordou-se collocar os Marselheses no centro desta formidavel columna, e fazel-a desfilar dos *faubourgs* sobre os caes. Por ordem de Pethion, cumplice, um trem de artilheria, fracamente guardado, devia ser collocado sobre a estrada dos Marselheses, de modo que podesse ser arrebatado por estes. Mil insurgentes deviam destacar-se da columna principal, em quanto que ella desfilava para o Louvre, cercar o hotel de ville, paralysar Pethion e favorecer a chegada de novos commissarios das secções, que viriam depôr a municipalidade, installar outra nova, e dar assim o caracter legal ao movimento. Quatrocentos homens iriam prender o directorio do departamento. O Arsenal, o Mercado dos Trigos, os Invallidos, as secretarias dos ministerios, as pontes sobre o Sena seriam occupadas por numerosos postos. O exercito do povo, dividido em tres corpos avançaria sobre as Tuilerías. Acamparia no *Carrousel* e no jardim com artilheria, viveres, e barracas; fortificar-se-hia com cortaduras, barricadas, e reductos de campanha; interceptaria assim todas as communicações entre o castello e os seus defensores de fóra, se elles se apresentassem. A fraca guarda suissa das Tuilerias não tentaria luctar contra um exercito innumeravel provido d'artilheria. Não se atacariam os outros regimentos suissos nos seus quarteis, contentar-se-iam com cercal-os, e dizer-lhes que esperassem, immoveis, a manifestação da vontade nacional. Não se penetraria por força no castello, bloquear-se-hia unicamente a realesa no seu ultimo asylo; e á imitação do povo romano quando elle se retirava para o Aventino, enviar-se-hia um pleibiscito á assembléa para lhe significar que o povo, acampado em roda das Tuilerias, não deporia as armas senão depois que a representação nacional tivesse provido aos perigos da patria e assegurado a liberdade. Nenhuma desordem, nenhuma violencia, nenhum roubo ficariam impunidos; nenhum sangue correria. A desenthronisação se levaria a effeito com estas imponentes demonstrações de força que, desanimando toda a resistencia, tiram o pretexto e a occasião de todos os excessos. Seria um acto da vontade do povo, grande, puro, e irresistivel como elle.

Tal era o plano dos Girondinos, escripto a lapis por Barbaroux, copiado por Fournier o Americano, um dos chefes dos Marselheses, e adoptado por Danton e Santerre.

XVI. — Os conjurados juraram entre si executal-o no dia seguinte, e para se premunirem reciprocamente contra a revelação de um traidor, se entre elles o podesse haver, concordaram vigiar se mutuamente. Cada chefe dos Marselheses tomou comsigo um dos chefes parisienses, e cada agitador parisiense se adjudicou um official marselhez: Heron com Rebecqui, Barbaroux com Bourdon, e assim os outros, a fim de que a traição de qualquer lado que ella viesse, tivesse no mesmo instante seu vingador, no mesmo cumplice que tivesse escolhido. Quanto á decisão da assembléa nacional, abstiveram-se de a prejulgar, com receio de fazer nascer divizões no momento em que a unanimidade era necessaria E' preciso que o alvo dos partidos seja vago e indeciso como as paixões e as chimeras de cada um daquelles que os compõe. Diminue-se tudo quanto precisamente se determina. Não difinir nada e esperar tudo é o prestigio das revoluções.

Sómente a depozição do rei era o grito geral dos patriotas; pediam já bem alto nos clubs, nas secções, nas petições á assembléa. O povo, acampado em roda do castello, que lhe mostrariam como o foco da traição, a pederia inevitavelmente aos representantes. Porém, descido o rei do throno, elevariam outro throno? E a quem chamariam para ahi subir! Seria uma creança sob a tutella do povo? Seria o duque de Orleans? O duque de Orleans tinha familiares e poucos partidistas. Se a sua presumida cumplicidade contra a corte tentava alguns homens perdidos de honra e de dividas, o seu nome mal afamado, repugnava aos amigos integros da liberdade. Nascimento, fortuna, conformidade de interesses, popularidade, solidariedade de opinião, dedicação á causa popular, o duque de Orleans tinha todos estes titulos para ser coroado pelo povo, e para triumphar com elle; não lhe faltava senão um: a consideração publica! Elle podia servir e salvar o seu paiz; não podia illustrar a revolução. Era o seu máo. Robespierre e os Jacobinos repugnavam acceitar o seu nome. Os Girondinos desdenhavam-o por causa dos que o cercavam. Affastaram-o portanto de commum accordo do programma que elles propunham.

Roland, Vergniaud, Gensonné, Guadet, o proprio Barbaroux, ainda que indecisos e hesitantes ante a republica, preferiam a republica com todas as suas probabilidades de anarchia á dominação d'um principe que fazia succeder sobre o throno a hesitação á fraqueza, e que daria a uma constituição nova e sã todas as mizerias da caducidade. Mudança de dymnastia, regencia, dictadura ou republica, tudo ficou portanto n'uma reticencia completa entre os agitadores. Entregaram-se ao successo, e contentaram-se de o preparar sem lhe pedir de antemão o seu segredo. Esta foi a marcha constante dos Girondinos: impellir sempre sem saber para que. Foi o systema do acaso que fez destes homens os instrumentos da revolução, e que não lhes permittiu nunca serem os dominadores. Estavam destinados pelo seu caracter a dar-lhe o impulso, nunca a direcção. Por isso ella os arrastou todos comsigo, a outra parte, e mais longe do que elles pretendiam ir.

XVII. — Este plano abortou pela impossibilidade de fazer no resto da noite, as disposições necessarias para um ajuntamento de insurgentes. Barbaroux accusou desta demora, Santerre, que queria antes a agitação do seu faubourg do que a destruição do governo. O proprio Pethion não estava prompto. Centro de todos os movimentos legaes ou insurreccionaes da guarda nacional, confidente ao mesmo tempo de todos aquelles que queriam defender a constituição e dos que a queriam atacar, elle fallava a cada um differente linguagem, e dava ordens contradictorias. Resultou disto uma confusão de disposições, conselhos e medidas, que deixando todos na incerteza das verdadeiras intenções do *maire* de Pariz, suspendeu tudo... Nem Pariz nem os faubourgs se mecheram. Os Marselheses poseram-se em marcha sem outro cortejo mais do que os chefes que tinham vindo na vespora fraternisar com elles. Dusentos homens da guarda nacional e uns cincoenta federados, sem uniformes, armados de chuços, e facas assistiram só á entrada em Pariz. As feses dos faubourgs e do *Palais-Royal*, creanças, mulheres, e occiosos formavam a alla sobre a praça da Bastilha, e nas ruas por onde atravessavam para se dirigirem á *mairie*. Pethion arengou a estas columnas. Determinou-se-lhes quartel na *Chaussée d'Antin*. Elles para ahi se dirigiram.

Santerre e alguns guardas nacionaes do faubourg Saint-Antoine haviam-lhes feito preparar um banquete n'uma casa de pasto dos Campos Eliseos. Não longe d'aqui,

mesas preparadas n'outra casa de pasto, juntavam, quer por premeditação, quer pelo acaso, um certo numero de officiaes da guarda nacional dos batalhões dedicados ao rei, alguns guardas de corpos licenceados e moços escriptores realistas. Este encontro não podia deixar de produzir uma rixa. Julga-se que os realistas a desejavam para animar Pariz contra esta horda estrangeira, e pedir que se enviassem os Marselheses para o acampamento de *Soissons*. No calor do banquete, elles affectaram lançar gritos de: Viva o rei! que pareciam desafiar os inimigos do throno. Os Marselheses responderam com os gritos: Viva a nação! Os gestos provocaram gestos. Os grupos do povo que assistiam de longe aos banquetes jogaram lama aos granadeiros realistas. Estes puxaram pelos sabres O povo chamou os Marselheses em seu soccorro. Os fossos e as palissadas que separavam os dois jardins foram saltados n'um abrir e fechar d'olhos. Os ferros crusaram-se, as palissadas arrancadas serviram de armas aos combatentes. O sangue correu. Muitos guardas naçionaes ficaram feridos. Um delles, o agente de cambio Duhamel, disparou dois tiros de pistolla sobre os agressores. Cahiu morto atravessado pela baioneta d'um Marselhez. O commandante geral das tropas da guarda no castello fez tocar á generala e dispor a artilheria no jardim como se houvesse medo de invasão. O batalhão des *Filles-de-Saint-Thomaz* pegou espontaneamente em armas para correr em soccorro dos granadeiros. Outros batalhões os imitaram, postaram-se sobre os boulevards, e quizeram dirigir-se, para pedir vingança ao quartel dos Marselhezes. Pethion correu ao quartel, livrou alguns que já estavam presioneiros, conteve a guarda nacional, e restabeleceu a ordem,

Durante este tumulto, os realistas fugitivos receberam asylo torneando a ponte, no jardim das Tuilerias, e os feridos foram transportados para o posto da guarda nacio nal do castello. O rei, a rainha, as criadas da corte, os gentilhomens reunidos ao redor delles pela noticia do perigo, desceram á casa da guarda e pensaram por suas proprias mãos as feridas dos seus defensores, desfazendo-se em expressões de interesse pela guarda nacional, e de indignação contra os Marselhezes. Regnault de Saint-Jean d'Angely foi do numero dos feridos. A noite a indisposição da opinião publica contra os Marselhezes era geral na burguesia. Na sessão da assembléa do dia seguinte, numerosas petições sollicitaram a sahida delles de Paris. As gallerias apuparam os peticionarios. Merlin pediu a ordem do dia. Montaut acusou os cavalleiros do punhal. Gaston viu nisto uma provocação da corte para dar começo á guerra civil. Grangeneuve denunciou os projectos de vingança meditados pela guarda nacional. Os outros deputados girondinos il'udiram, com desdem, o requerimento da sahida dos Marselheses, e surriram-se a estes preludios de vingança,

A corte intimidada por estes symptomas, buscou assegurar-se dos chefes desta tropa por via das corrupções, como tambem por via dellas acreditava ter atrahido Danton ao seu partido. Mas se a intriga se corrompe facilmente, não succede assim com o fanatismo. Havia homens sanguinarios entre os Marselheses, mas não havia traidores. Renunciou-se a este plano de sedução.

Por sua parte, Marat enviou a Barbaroux um escripto incendiario para ser impresso e distribuido pelos seus soldados, Marat provocava nestas paginas, a carnificina do corpo legislativo, mas queria que se poupasse o rei e a familia real. As suas ligações surdas e fugitivas com os agentes secretos da corte tornavam suspeita esta humanidade, em uma penna que só destillava sangue. Então Ma at não acreditava ainda na victoria do povo, na crise que se preparava. Receiava por elle proprio; pediu em 9 de agosto, uma pratica secreta a Barbaroux, e conjurou-o a subtrail-o aos golpes dos seus inimigos conduzindo-o comsigo para Marselha, sob o disfarce de um carvoeiro.

XVIII. — Outro passo teve logar em nome de Robespierre, e contra sua vontade, para unir os Marselheses á sua causa. Dois confidentes de Robespierre, Panis e Freron, seus collegas na municipalidade, chamaram Rebecqui e Barbaroux ao *hotel de ville*, sob pretexto de dar aos batalhões marselheses um quartel mais aproximado ao centro dos movimentos da revolução, nos franciscanos. Este offerecimento foi acceito. Panis, Freron, Sargent encobriram seu pensamento com nuvens. « E' preciso um chefe ao povo! Brissot aspira á dictadura, Pethion possue-a sem a exercer. E' um genio muito pequenino! Não ha duvida que ama a revolução, mas quer o impossivel; revoluções legaes! Senão violentarem a sua fraqueza nunca haverá resultado.»

No dia seguinte, Barbaroux deixou-se conduzir a casa de Robespierre. O fogoso mancebo do Meio-dia ficou assombrado de espanto, ao entrar em casa do austero e frio philosofo. A personalidade de Robespierre, semelhante a um culto que elle se fizesse a si proprio, respirava até mesmo nos simples ornamentos do seu modesto gabinete. Estava em toda a parte a sua propria imagem reprodusida pelo lapis, pelo pincel, e pelo cinzel. Robespierre não avançou alem das reflexões geraes sobre a marcha da revolução, sobre a acceleração que os jacobinos e elle haviam dado aos seus movimentos, sobre a eminencia de uma proxima crise, e urgencia de dar um centro e uma alma, e um chefe a esta crise investindo um homem da omnipotencia popular. » Não queremos mais um dictador do que um rei, » respondeu bruscamente Rebecqui. Separaram-se. Panis acompanhou os moços Marselheses, e disse a Rebecqui apertando-lhe a mão: « Comprehendestes mal; não se trata senão d'uma authoridade momentanea e insurreccional para dirigir e salvar o povo, e por modo nenhum d'uma dictadura. Robespierre é de certo este homem do povo! »

Exceptuada esta conversação, provocada pelos amigos de Robespierre, contra sua vontade, e acceita pelos chefes Marselhezes, nada mais indica em Robespierre a ambição prematura da dictadura, nem mesmo nenhuma participação directa no movimento do 10 de agosto. A republica era para elle uma prespectiva exilada lá n'um longe quazi ideal; a regencia presagiava-lhe um reinado de fraqueza, e de desordens civis, o duque de Orleans repugnava-lhe como uma intriga coroada; a constituição de 1791 lealmente executada ter-lhe-hia sido sufficiente, sem as traições que elle imputava á corte. A dictadura que ambicionava para si, era a dictadura da opinião publica, a soberania da sua palavra. Não aspirava a nenhum outro imperio, e qualquer movimento convulsivo das cousas podia prejudicar este.

LIVRO VINTE.

I. — No entanto a fermentação crescia de hora para hora. Ouvia-se por toda a parte es e murmurio surdo que pressagia as catastrofes dos imperios como as da natureza. La Fayette, dizia-se, ia marchar sobre Pariz. O velho Luckner tinha confessado este projecto a Guadet, em um jantar, em casa do bispo de Pariz. Advertido do perigo desta confissão, Luckner a retractava então. Os federados, acumulados em Pariz, recusaram sahir da cidade, protestando as claras traições dos generaes aristocratas ás ordens dos quaes os enviavam, não á victoria, mas á morte. Dumouriez recebera ordem perfida de levantar o seu campo e abrir assim o accesso da capital aos Austriacos. Tinha patrioticamente desobedecido. Os preparativos de ataque e de defeza faziam-se secretamente no castello. Os quartos interiores do rei estavam cheios de nobres e de emigrados que haviam voltado ao Paiz. O estado maior da guarda nacional conspirava com a corte. O *Carrousel* e o jardim das *Tuilerias* eram um campo, o castello uma fortaleza prompta a vomitar a metralha e o incendio sobre Pariz. O mesmo terreno do jardim das Tuilerias era tractado pelo povo como terra maldita que era prohibida aos bons cidadãos calcarem-a com o pé. Entre o terrassodos *feuillantes* (bernardos) e este jardim, havia-se estendido por barreira uma fita tricolor com ameaçadora inscripção: « Tyrano, a nossa colera pende d'uma fita, a tua corôa pende de um fio. »

As secções de Pariz, estes clubs legaes, estes fragmentos incoherentes das municipalidades, estes centros per-

20

petuos das deliberações anarchicas, tentaram tomar alguma unidade para virem a ser mais imponentes e mais terriveis á assembléa e á côrte. Pethion organisou no hotel de ville uma secretaria de correspondencia geral entre as secções. Redigiu-se alli em seu nome uma proclamação ao exercito, que não era mais do que uma provocação á carnificina dos generaes. « Não é contra os Austriacos, diziam ellas ás tropas, que La Fayette vos quer conduzir, é contra nós! E' com o sangue dos melhores cidadãos que elle deseja regar o chão do castello real, afim de regozijar os olhos desta corte insaciavel e corrompida! Porém nós vigiamol-a, e estamos fortes! No momento em que os traidores quizerem entregar as nossas cidades ao inimigo, os traidores desapparecerão, e nós nos sepultaremos sob as cinzas das nossas cidades! »

Discursos analagos a esta proclamação agitavam a alma do povo nas secções. A imprensa espalhou por todo reino um destes discursos pronunciados na secção do Luxemburgo, e cuja concizão revelava a energia. » Francezes, vós fizesteis uma revolução contra quem? — Contra o rei, a corte, os nobres, e seus partidistas! — A quem confiaste a sorte dessa revolução depois de feita? — Ao rei, á corte, aos nobres, e aos seus partidistas! — A quem fazeis vós a guerra no estrangeiro? — Aos reis, ás cortes, aos nobres e aos seus partidistas! — Quem poseste á frente dos vossos exercitos? — O rei, os nobres, a côrte, e os seus cumplices! Pois bem! conclui: ou o rei, os nobres, e os intrigantes que estão á frente dos negocios e dos vossos exercitos são todos Brutus que sacrificam seus pais, seus irmãos, seus filhos á salvação da patria, ou elles traem vos! » A conclusão deste discurso que é facil de tirar, era que se não deve nunca confiar uma revolução aos homens contra os quaes ella é feita, isto é que todas as semi revoluções são chimeras, e que não ha senão a republica para fazer uma guerra sincera á monarchia. « Levantai-vos, cidadãos! dizia a secção Mauconseil. Um despresivel tyranno mofa dos nossos destinos; que caia. A opinião só faz a força dos reis, pois bem! que a opinião o desenthrone! Declaremos que não reconhecemos mais a Luiz XVI como rei dos francezes! »

Danton, na secção do theatro-francez, calcou aos pés esta distincção aristocratica entre os cidadãos passivos, e chamou a todos, proletarios ou proprietarios a pegarem em armas pela salvação da patria commum.

II. — Mais logico que La Fayette, Danton não collocava o limite da riqueza no logar do limite do nascimento entre os cidadãos; elle obliterou-os todos. Este apêlo ao direito e ao numero devia abafar as baionetas da guarda nacional sob a floresta dos chuços dos federados. Os alistamentos voluntarios para as fronteiras tomaram mais actividade; tinha logar sómente na praça do *hotel-de-ville*. Estes alistamentos eram antigos na forma. Quatro tribunas, levantadas nos quatro angulos da praça, estavam occupadas por commissarios que recebiam os alistados ao estrepito dos instrumentos e das aclamações da multidão. As alocuções inflammavam o espirito dos voluntarios: « Cidadãos, nós, vamos partir, disseram os oradores da secção dos *quinze-vingt* (Hospital dos Cegos) vos estais pertos do leme, deixar morrer o piloto, vale mais lançal-o ao mar do que vigiar a equipagem. O decimo-nono seculo aproxima-se: possam nesta epocha de 1800 todos os habitantes da terra, esclarecidos e livres, dirigir a Deus um hymno de reconhecimento e de liberdade! Perguntai ainda uma vez a Luiz XVI se elle quer ser desta festa universal reservamos-lhe ainda o primeiro logar no banquete. Se recusa, adeus! Os nossos bornaes estão promptos, a nossa guia é o relampago que precede o raio! »

O contra-golpe destas convulsões exteriores fazia-se sentir nos jacobinos, nos franciscanos (*cordeliers*) e até na assembléa. As sessões passavam-se em vêr desfillar as deputações e ouvir discursos ou representações. Os Marselhezes, em numero de quinhentos, vieram declarar pelo orgão do seu orador que o nome de Luiz XVI não lhes recordava senão traição, e pedir a accusação dos ministros e a deposição do rei. » O povo está levantado, exclamou o orador dos federados; pede-vos uma resposta cathegorica: podeis vos salvar-nos, ou não? »

Isnard, n'um discurso ardente e incoherente como as vociferações da colera, lançou ao rei o ultrage, a accusação, a ignominia e a morte. Pethion, raciocinando friamente o seu odio, leu á barra, com a authoridade da sua magistratura, a representação da communa de Pariz, que não era mais do que um acto de accusação contra o rei: « Nós não vos traçaremos aqui, dizia o maire de Pariz, a conducta inteira de Luiz XVI desde o começo da revolução, os seus projectos sanguinarios contra a cidade de Pariz, a sua predilecção pelos nobres e pelos padres, a sua aversão contra o povo, a assembléa constituinte ultrajada pelos creados da côrte, investida por homens armados, errante no meio de uma cidade real, e não achando asylo senão n'um jogo da pella! Quantas razões não tinhamos nós para o afastar do throno no momento em que a nação foi senhora de dispôr delle! Deixámos-lho! Accrescentámos a esta generosidade tudo que pode engrandecer, fortificar, embellezar um throno! Elle voltou contra a nação todos estes beneficios: cercou-se dos nossos inimigos; expulsou os ministros cidadãos que tinham a nossa confiança; ligou se com os emigrados que meditam a guerra exterior contra nós, com estes padres que conspirou a guerra civil; susteve os nossos exercitos promptos a invadir a Belgica; é o primeiro anel da cadeia contra revolucionaria; transporta Pilnitz para o centro de Pariz, o seu nome lucta contra o nome da nação; separou os seus interesses daquelles do povo, separemo-nos delle. Pedimos-vos a sua deposição! »

Na sessão de 5 de agosto, Guadet leu as representações dos departamentos que concluiam, como a de Pethion, pela deposição do rei. Vaublanc ergueu-se corajosamente contra estas representações inconstitucionaes, e contra a oppressão dos insultos e das ameaças que as galerias e os peticionarios exerciam sobre a liberdade dos representantes da nação. Condorcet justificou os termos da representação da communa de Pariz sobre a deposição; fez, como Danton, um apêlo ao povo contra os ricos. Os federados annunciaram que elles tinham deliberado sitiar o castello das Tuilerias até a assembléa pronunciar a deposição.

III — No entanto a côrte velava. Os ministros passavam as noutes com o rei e alguns officiaes municipaes trajando as suas bandas, para estarem promptos a dar o caracter legal á resistencia. Boatos de fugida do rei circulavam pelo povo. O ministro do interior desmentiu estes boatos por via de uma carta official. « Espalha-se com profusão em Pariz uma nota dizendo: Esta noute, pelas duas horas, o rei vestido á paisana, sahiu do castello; encaminhou-se para a ponte, seguindo a grande alameda das Tuilerias. A estatura do monarcha não deixa de ser conhecida. A sentinella immediatamente o reconheceu. Gritou ás armas. O principe fugitivo voltou a todo correr para o castello; escreveu no mesmo momento ao maire, que immediatamente se dirigiu ao palacio. O rei contou-lhe a seu modo o acontecido. Segundo disse não havia tentado mais do que um pequeno passeio. Diz-se que o sr. de la Rochefoucauld o esperava no castello para o conduzir a logar seguro. » O ministro attestava que o rei não tinha sahido do castello durante a noute, e que a sua presença seria certificada pelos officiaes municipaes a quem o annuncio de uma aggressão noctu na tinham retido junto ao rei no mesmo momento em que se marcava a sua evasão.

No dia 6, a noticia do assassinio de quatro administradores de Toulon consternou novamente a assembléa. Discutiu-se depois a accusação de La Fayette. A commissão extraordinaria nomeada para dar o seu parecer sobre a proposta concluira pela accusação. Vaublanc justificou o general: « Se elle tivesse tido projectos ambiciosos ou criminosos, elle teria cuidado primeiro, como Sylla, Cezar, ou Cromwell, em fundar o seu poder sobre victorias. Cromwell marchou á tyrannia apoiando-se na facção dominante, La Fayette combate-a; Cromwell fundou um club de agitadores, La Fayette aborrece e persegue os agitadores: Cromwell fez morrer seu rei, La Fayette defende a realeza constitucional. »

Brissot, accusado tantas vezes nos jacobinos de cumplicidade com La Fayette, quiz luctar de popularidade com Robespierre e os seus amigos sacrificando La Fayette ás suspeitas. Accuso-o, exclamou elle, em que fui seu amigo, accuso-o de ter dirigido os nossos exercitos como se estivesse de accordo com a casa d'Austria! Accuso-o de não ter vencido! Accuso-o de ter consummido o tempo em redigir e assignar petições ás suas tropas! Accuso-o de ter aspirado a ser o moderador da França! Accuso-o de ter abandonado o seu exercito em frente do inimigo!» O decreto de accusação foi regeitado por grande maioria.

Vaublanc, ao sahir da sessão, insultado, perseguido, ferido pelo povo, buscou refugio n'um posto da guarda nacional. O povo já não queria legisladores, e sim complacentes. Girardin e Dumolard soffreram os mesmos ultrajes. Um federado penetrou com Dumolard até o corpo da guarda, bateu como um furioso sobre a meza, e disse ao corajoso representante que se elle voltasse á assembléa cortar-lhe-ia a cabeça com um golpe de sabre. Estes factos, referidos no dia seguinte na assembléa, ahi sublevaram a indignação dos constitucionaes, o sorriso dos girondinos, os apupos das galarias. Girardin declarou que na vespora, ao sahir da sessão, fora ferido. «Em que sitio lhe perguntaram com um chasco ironico. «Perguntam me em que sitio fui ferido!» replicou Girardin com uma espirituosa indignação. «Foi pelas costas. Os assassinos não ferem de outro modo.» Esta palavra reconquistou-lhe o respeito. A coragem é a primeira das eloquencias, porque é a eloquencia do caracter. Girardin possuia-a no mais alto gráo. Discipulo de Rousseau em Ermenonville, tinha os ditos espirituosos de Voltaire. Ninguem afrontou tanto as paixões brutaes da multidão nestes tempos de furor, nem se fez perdoar mais a audacia por mais espirito.

No mesmo dia, doze homens armados se apresentaram em casa de Vaublanc, forçaram a porta, procuravam-o em vão na casa, e declararam retirando-se que se este orador tornasse a subir á tribuna seria morto ao descer della. Vaublanc ahi subiu na mesma noute para denunciar estas tentativas de intimidação. Homem de um espirito recto, de uma palavra facil e sonora, de uma intrepidez antiga, se elle não tinha a eloquencia de um orador de primeira ordem, tinha a dedicação de um cidadão. Elle luctava só e sempre vencido contra os girondinos. «Eu desafio toda a violencia, disse elle, a fazer-nos faltar aos nossos juramentos á constituição. Eu desafio a imaginação a mais barbara a figurar os tratamentos indignos de que alguns dos nossos collegas foram hontem victimas. Pois que! accrescentou elle, se um dos nossos embaixadores fosse insultado n'uma côrte estrangeira, puxarieis da espada para vingar a França ultrajada nelle, e soffreis que os representantes da França soberana e livre sejam tractados sobre o sólo da patria como o não seriam entre os Austriacos ou entre os Prussianos?»

Grangeneuve e Isnard justificaram Pethion da sua impotencia, e accusaram os aristocratas de serem os instigadores destes excessos. Gaudet fez a der soria proposta de se perguntar ao rei se elle tinha meios de salvar a ordem publica e proteger o imperio? As risadas e aplausos da esquerda indicaram a Gaudet que tinha sido comprehendido. Rœderer, procurador syndico do departamento, chamado á barra, nada dissimulou dos perigos publicos. Annunciou que o toque de rebate devia soar, á noute, nos dous bairros da insurreição. Fallou das medidas adoptadas, e da insufficiencia das forças para resistir ao movimento. Pethion, chamado tambem, succedeu a Rœderer, justificou a *mairie*, accusou o departamento, insinuou que a divisão existia entre os mesmos cidadãos chamados a defender a ordem, e envolveu a sua cumplicidade com os girondinos nestas palavras ambiguas que tem um sentido differente segundo a orelha a que se dirigem. Os girondinos comprehenderam estas palavras como uma animação á sua empreza os constitucionaes como uma confissão de impotencia. Pethion concentrou so na sua popularidade. A assembléa não concluiu nada.

IV. — Durante esta indecisão calculada da municipalidade e dos girondinos, um directorio secreto, conhecido de Pethion, e que elle proprio confessa ter combinado muito tempo de antemão o plano da insurreição de 10 de agosto, operava na sombra.

Havia em Pariz uma commissão central dos federados composta de quarenta e tres chefes dos federados de Pariz e dos departamentos, reunidos sob os auspicios e no recinto dos jacobinos, para concertarem entre si a direcção que se devia dar aos movimentos. Era o quartel general deste campo da revolução. Numeroso de mais para que as suas reuniões podessem ter o mysterio e a unidade necessaria ás conjurações, esta commissão escolheu no seu seio um directorio executivo secreto de cinco membros d'uma resolução e d'uma capacidade provadas. Entregou-lhes a direcção das resoluções e preparativos. Estes cinco membros eram Vaugeois, gran-vigario do bispo de Blois; Debesse, federado da Drome; Guilherme, professor em Caen. Simon, jornalista em Strasbourg, e Galissot de Langres Elles uniram-se a si tambem por collegas os agitadores de Pariz que tinham de antemão os fios da agitação nos differentes bairros da capital, e os principaes demagogos dos *faubourgs*. Eram estes o jornalista girondino Carra, Fournier o Americano, Westermann, Kieulin o Alsaciano, Santerre, Alexandre, Lazouski, polaco nacionalisado pelo seu fanatismo republicano; Antoine de Metz, antigo membro da assembléa constituinte; Lagrey e Garin, eleitores de 1789.

V — A primeira sessão deste directorio teve logar n'uma pequena taverna da rua Saint-Antoine (Santo Antonio) ou *Soleil d'Or* (*insignia*: «Sol de Ouro) junto á Bastilha, em a noite de quinta ou sexta feira 25 de julho. Gorsas, redactor do *Courrier de Versailles* (Correio de Versalhes) e um dos chefes da columna que tinham marchado a 6 de outubro para reconduzir o rei a Pariz, ligado depois com os girondinos para sustar o movimento que elle tinha acelerado, appareceu pelas duas horas da madrugada nesta taverna para ahi fazer p estar aos conjurados o juramento de morrer ou conquistar a liberdade. Fournier o Americano, para alli condusiu uma bandeira com esta inscripção: «*Loi martiale du peuple souverain!* « (Lei marcial do povo soberano!) Carra foi dali a casa de Santerre buscar quinhentos exemplares de um cartaz que não dizia mais do que estas palavras: «*Morte aquelles que atirarem sobre as columnas do povo!!*

A segunda sessão teve logar em 4 de agosto no *Cadran Bleu* (*Quadrante Asul*) no boulevard da Bastilha. Camillo Desmoulins, o agente e a penna de Danton assistiu a ella. Pelas oito horas da noite os conjurados, não tendo podido resolver cousa alguma, dirigiram-se, para mais completas informações, ao quarto de Antoine o ex-constituinte, rua de Saint-Honoré, defronte da igreja d'Assumpção na mesma casa que Robespierre habitava. A senhora Duplay, apaixonadamente dedicada ás idéas de Robespierre, e tremendo de ser compromettidos os dias do seu hospede por um conciliabulo que designaria a sua casa como um foco de insurreição, subiu pela meia noite ao andar d'Antoine, e perguntou-lhe com colera se elle queria fazer degolar Robespierre? «Importa cá bem Robespierre! respondeu Antoine á senhora Duplay. Que se esconda se tem medo! Se alguem tem de ser degolado, seremos nós.»

Carra escreveu do seu proprio punho em casa de Antoine, o ultimo plano da insurreição, a marcha das columnas, o ataque do castello. Simon de Strasbourg copiou este plano e enviou, á meia noite, copias a Santerre e a Alexandre, os dois commandantes dos faubourgs. A insurreição, mal preparada, foi ainda addiada para o dia 10. Finalmente em a noite de 9 para 10, os membros do directorio subdividiram-se em tres nucleos insurrecionaes e reuniram-se em tres logares differentes á mesma hora, a saber: Fournier o Americano com Alexandre no faubourg Saint-Marceau: Westermann, Santerre e mais outros dois no faubourg Saint-Antoine; Carra e Garin no quartel dos Marselhezes, no proprio quarto do commandante, onde elles deliberavam mesmo á vista da sua tropa. Reuniões dos realistas, para combinarem a salvação do rei, tinham logar durante a mesma noite a alguns passos destes conciliabulos. Um emissario d'uma destas reuniões

contra-revolucionarias, encarregado de papeis importantes, enganou-se na porta, e entrou na casa onde os republicanos conspiravam. Reconheceu o erro abrindo os despachos. Carra propoz matar-se o mensageiro afim de conservar o segredo da conjuração republicana que o acaso acabava de lhe revelar. Mas um crime isolado era inutil no momento em que o toque de rebate ia trair a conspiração de um povo inteiro.

O toque de rebate soou com effeito, n'alguns campanarios dos bairros distantes de Pariz. Uma pagina de intima confidencia arrancada ás recordações do coração da moça mulher de Camillo Desmoulins, Lucila Duplessis, e salpicada do sangue desta bella victima, conservou á historia as impressões a seu turno candidas e sinistras que estas primeiras badaladas do rebate fizeram nos conspiradores de 10 de agosto. No entanto que elles armam seus braços e compoem os rostos para o combate ou para a morte, lê-se-lhes suas emoções atravez os papeis que desempenham. A 8 de agosto Lucilla Duplessis voltara do campo para Pariz para estar junta de Camillo Desmoulins na vespora do perigo. Ella adorava seu marido. No dia 9 elles deram um jantar de familia a Freron, Rebecqui, Barbaroux, e aos principaes chefes marselhezes. A comida foi alegre como a imprevidencia da mocidade. A prezença desta bella mulher, a amizade, o vinho, as flores, o amor feliz, os ditos chistosos de Camillo, a esperança da proxima liberdade, velavam a morte que podia saltar da noite. Separaram-se para ir cada um á sua sorte.

Lucilla, a senhora Duplessis sua mãi, e Camillo Desmoulins foram a casa de Danton. Acharam a mulher de Danton em lagrimas. Seu filho chorava sem comprehender, olhando para sua mãi, como se houvesse tido o pressentimento subito dos crimes e do supplicio a que aquella noite fatal ia votar seu pai. Danton estava sereno, resoluto, quazi jovial, com um meditado pensamento de gravidade, feliz da aproximação d'um grande movimento, e indifferente ao resultado, comtanto que delle sahisse acção para o seu genio. Não havia então ainda bastante certeza de que o povo se levantasse em massa bastante imponente, e que o movimento podesse ter logar naquella noite. A senhora Desmoulins dizia rindo que teria effectivamente logar, e seria triumphante. Achava estes prognosticos na sua felicidade, e affirmava-os rindo. « Póde rir-se tão loucamente n'uma hora tão inquieta ? » lhe disse muitas vezes a senhora Danton. « Ah ! » respondia a moça republicana, que mudava de physionomia e de accento como de impressões, » esta alegria insensata presagia-me talvez que eu derramarei bastantes lagrimas esta noite.

VI. — O céo estava sereno, as mulheres sahiram para respirar o ar e deram alguns passos na rua. Havia bastante movimento. Muitos *sans culottes* passaram gritando : « depois alguns soldados de cavallo, e por fim uma multidão immensa. Lucila principiou a ter medo — Vamo nos disse ella ás suas companheiras. A senhora Danton, acostumada aos tumultos no meio dos quaes vivia seu marido, zombou do temor de Lucila. Comtudo á força de lhe ouvir dizer que ella tremia, tremeu tambem. Eis o toque de rebate que vai soar ! disseram as mulheres e entraram em casa de Danton. Os homens armaram-se ; Camillo Desmoulins chegou com uma espingarda. Sua mulher fugiu para a alcova, occultou o rosto entre as mãos, e desatou a chorar. Comtudo, não querendo revelar a sua fraqueza em publico, nem dissuadir alto a seu marido de tomar parte no combate, esperou o momento de lhe fallar em segredo, e baixinho lhe disse todos os seus terrores. Camillo Desmoulins tranquilisou sua mulher jurando-lhe que não se separaria de Danton. O moço Freron, amigo de Camillo e que adorava Lucila tinha o ar de determinado a morrer. « Estou cançado de viver disse elle, e só procuro morrer. » Os passos de cada patrulha que passava pela rua fazia acreditar á senhora Desmoulins que ella via seu marido e os seus amigos pela ultima vez. Foi occultar-se n'um quarto proximo, que estava sem luz, para não assistir á partida dos homens. Quando elles já tinham sahido, voltou a assentar-se n'uma cadeira perto de um leito, com a cabeça encostada ao braço, e adormeceu nas suas lagrimas.

Ao cabo d'algumas horas de auzencia, Danton voltou para deitar-se. Não tinha ar impaciente de se envolver na acção. A' meia noite, vieram buscal-o. Partiu para a communa. O toque de rebate soou nos franciscanos (*cordeliers*) Era Danton que o fazia soar no entanto que a sua palavra, á similhança de outro toque de rebate, acordava os Marselhezes no seu quartel. Os sinos soaram por muito tempo ! Sósinha, banhada em lagrimas, ajoelhada defronte da janella, com a cabeça envolvida no seu vestido, a senhora Danton, escutava o som lugubre e febril deste sino. Danton voltou novamente. Homens filiados vieram de minuto em minuto annunciar lhe o progresso do levantamento. A' uma hora, Camillo Desmoulins voltou tambem, abraçou sua mulher, e dormiu. Tornou a sair ao nascer do dia. De manhã ouviu-se ressoar o canhão. A este rebombo, a senhora Danton empallideceu, e desmaiou caindo no chão. As mulheres, perturbaram-se, rebentaram em reconvenções, e exclamaram que era Camillo Desmoulins com a sua penna e as suas idéas a causa de tudo. Ouviram-se choros, gritos, gemidos na rua. Acreditou-se Pariz inteiro nadando em sangue. Camillo Desmoulins tornou a entrar, e disse a Lucilla que a primeira cabeça que vira rolar fôra a de Suleau. Suleau era escriptor como Camillo ; os seus crimes eram as suas opiniões, e o seu talento. Este presagio fez empallidecer e chorar Lucilla.

VII. — Durante esta mesma noite, ás mesmas horas, a pouca distancia da casa de Danton, este mesmo som do toque a rebate levava o terror e a morte aos ouvidos de outras mulheres que velavam, oravam, e choravam tambem sobre os perigos de seu marido, irmão, e filhos.

A rainha, e a princeza Izabel escutavam das janellas das Tuilerias os rumores crescentes das ruas de Pariz. O coração comprimia se ou dilatava-se conforme os symptomas da agitação da capital lhes levava de longe a esperança ou a consternação. A' meia noite as torres dos sinos principiaram a dar o signal dos ajuntamentos. Os Suissos alinharam-se em batalha como muralhas de homens. Tendo diminuido o som dos sinos, e referido os espiões que os grupos tinham trabalho em formar-se e que o toque de rebate *não rendia*, a rainha e a princeza Izabel foram repouzar vestidas sobre um canapé, n'um gabinete entre as sallas terreas e o primeiro andar, cujas janellas deitavam para o pateo do castello. O rei, instado pela rainha a vestir o collete almofadado que ella lhe fizera preparar, recuzou-se com nobreza. « Isso é bom, lhe disse elle, para me preserverar do punhal ou da balla do assassino n'um dia de etiqueta : porém n'um dia de combate em que todo o meu partido expõe a vida pelo throno e por mim, haveria covardia em mim em não me expor tanto como os nossos amigos. »

O rei entrou no seu quarto, e fechado com o seu confessor, o abbade Hebert, para purificar a sua alma, e offerecer o seu sangue, ficaram as princezas sósinhas com as suas creadas. A princeza Izabel, tirando o seu lenço dos hombros antes de se deitar sobre o canapé, tirou do seu seio uma *agrafe* em carolina na qual a piedoza princeza tinha feito gravar : *Esquecimento das offensas, perdão das injurias.* « Bem receio, disse ella sorrindo melancholicamente, que esta maxima não seja uma verdade senão para nós. Mas nem por isso deixa de ser um divino preceito, e por isso não deve ser tambem menos sagrado para nós. » A rainha fez assentar aos seus pés aquella das suas creadas que mais estimava. As duas princezas não podiam dormir. Conversavam dolorosamente em voz baixa sobre o horror da sua situação e seus receios pela vida do rei. A cada instante uma dellas se levantava e se aproximava da janella, olhava, escutava os movimentos, os ruidos surdos, e até o silencio perfido da cidade. Um tiro ressoou n'um dos pateos. Levantaram-se sobresaltadas e subiram ao quarto do rei para não mais o deixarem. Isto não era mais do que uma falsa alerta. Uma curta

noite separava ainda a familia real do dia supremo que ia raiar. Aquella tarde e aquella noite foram empregados nos preparativos militares que se esperavam no dia seguinte.

VIII. — O castello das Tuillerias mais propriamente casa de luxo e de ostentação da realeza do que sua verdadeira habitação, não tinha nenhuma dessas defezas com que as soberanias militares e feudaes fortificavam nos antigos tempos as suas moradas. Destinado para festas e não para guerra, o cinzel de Philibert Delorme o havia desenhado para prazer dos olhos e não para intimidação do povo. Estendendo suas ligeiras azas desde o caes do Sena até ás ruas mais tumultuosas de Pariz, entre pateos e jardins, flanqueado de terrassos aerios sustentados sobre columnas, cercado de graciosos porticos accessiveis por dois ou tres degráos que os separavam unicamente do solo dos jardins, aberto no centro por um portico immenso que o atravessava de parte, a parte, e para o qual vinham dar os degráos da escada principal, finalmente aberto de todos os lados por altas e largas janellas que permittiam á vista do povo mergulhar-se até ao interior dos quartos, este palacio aberto, com galerias, sallas de longas perspectivas, theatro, capella, estatuas, quadros, e museos, assimilhava-se mais ao salão da França do que á fortaleza do reino. Era o palacio das artes n'uma cidade de liberdade e de paz.

Construcções pesadas, burguezas sem elegancia, haviam-se levantado depois, sob a influencia do máo gosto de Luiz XIV nas extremidades deste palacio dos Medices. Estas construcções contrastavam pela sua massa desengraçada, pelos seus andares sobrepostos, e pelos tectos disproporcionados que os achatavam, com a architectura sabia e logica da Italia, que armonisa as linhas assim como o musico armonisa as notas, e que faz destes monumentos a musica dos olhos. Estes dois edificios macissos, reunidos ao palacio central por dois corpos de arcadas, chamavam-se um o pavilhão de Flora, e o outro o pavilhão Marsan. O pavilhão de Flora tocava no Sena, e na extremidade do Pont-Royal (Ponte-Real). O pavilhão Marsan tocava nas ruas estreitas e turtuosas que aproximam o *Palais Royal* das Tuilerias.

Um immenso jardim, plantado regularmente de arvores seculares, refrescado com repuchos, entrecortado de peças de relva donde se erguiam pedestaes de estatuas de marmore, e canteiros de arbustos e flores, estendia-se em largura, das margens do Sena até ao pavilhão Marsan, por toda a fachada do castello, e em longitude desde o castello até á praça de Luiz XV, que o separava dos Campos Eliseos (*Champs-Eliseés*). As lamedas deste jardim, compridas e largas como pensamentos reaes, pareciam ter sido traçadas, não para passeios de uma familia ou d'uma côrte, mas para colonias de um povo inteiro. Um exercito acamparia só no espaço comprehendido entre o castello e as arvores. Compridos terraços flanqueavam este jardim no seu comprimento: um á borda d'agoa, reservado para a familia real. Luiz XVI fez levantar ahi um pavilhão rustico e plantar um pequeno jardim para exercicio e instrucção do delfim. O outro terrasso, chamado o terrasso dos *Feuil ants* (Bernardos) seguia a margem opposta do jardim desde o pavilhão Marsan até ao terrasso do Laranjal, (*Orangerie*) que descrevia um meio circulo na extremidade do jardim e descia por uma rampa para a *Pont-Tournant* (Ponte do Cotovelo).

IX. — A *Pont-Tournant* era a entrada do jardim das Tuilerias pelo lado dos *Champs Elisées* (Campos Elisios) Torneava effectivamente sobre um fosso profundo, e estava defendida por um posto de guarda. O terrasso dos *Feuillans* (Bernardos) estava cortado por duas escadas a alguma distancia do pavilhão Marsan. Uma destas escadas ia dar a um botequim aberto antigamente pelo lado sobre o jardim, e fechado deste lado depois das desordens. Chamava-se o caffé Holtot. Era o logar da reunião dos oradores do povo, os quaes a visinhança da assembléa nacional ahi attrahia depois de que ella estava estabelecida em Pariz. A outra escada conduzia do jardim para a assembléa, cujo edificio communicava com o jardim por um corredor estreito, escuro e infecto, que o rei era obrigado a atravessar a pé todas as vezes que tinha de ir em ceremonial ao centro dos legisladores.

Do lado do Carrousel, quatro pateos, divididos uns dos outros e separados tambem do Carrousel pelos edificios do serviço inferior e por muros aos quaes estavam encostadas as casas da guarda, fechavam o castello. Estes pateos communicavam entre si por via de portas. O primeiro destes pateos, do lado do rio, servia de avenida ao pavilhão de Flora e chamava-se o pateo dos Principes. O segundo era o pateo Real. Fazia frente para o centro do castello e conduzia para a grande escada. O terceiro era o pateo dos Suissos. Estes soldados tinham ahi o seu quartel Finalmente o quarto correspondia ao pavilhão de Flora e tinha tambem este nome. O pavilhão de Flora juntava, por uma porta do primeiro andar, as Tuilerias á comprida galeria do Louvre, que estendia sobre o cáes do Sena desde este pavilhão até á columnata. Esta galeria estava destinada a ser o museo da França, e a conter em si os primores d'arte de escultura e pintura antiga ou moderna que os seculos se transmittem como testimunhos da sua civilisação e patrimonio intellectual do genio. Na previsão de uma invasão do povo escalando o Louvre, havia-se cortado a communicação interior desta galaria na distancia de sessenta passos das Tuilerias. Este interrompimento de communicação tornava impossivel a aggressão pelo primeiro andar. Uma guarda de trinta suissos vellava de noite e de dia no espaço comprehendido entre esta côrte e o pavilhão de Flora.

Tal era a disposição dos logares onde o rei estava condemnado a receber a batalha do povo. Encerrado neste palacio, não tinha ahi nem arsenal, nem baluartes, nem liberdade de movimentos, nem retirada. As Tuilerias não eram feitas senão ou para reinar, ou para morrer.

X. — A eminencia do ataque estava verificada por todos os partidos. Pethion havia alguns dias que ia repetidas vezes ao castello para ahi conferenciar com os ministros e com o proprio rei, sobre os meios de defender o palacio e a constituição. Vinha elle executar sinceramente os deveres que as suas funcções lhe impunham? Vinha elle regosijar de antemão os seus olhos nas angustias da familia real, e na impotencia dos seus defensores? A sua cumplicidade secreta com os conjurados, os seus ressentimentos pessoaes contra o rei, as suas ligações com a senhora de Roland deixam tão fluctuantes as conjecturas como o caracter deste homem.

XI. — Em a tarde de 9, Pethion foi a assembléa, e annunciou que o toque de rebate seria dado naquella noite. Em pessoa entregou ao sr. de Mandat a ordem de reforçar as guardas e de repellir a força pela força.

O sr. de Mandat, um dos trés chefes de divisão que commandavam alternativamente a guarda nacional, estava encarregado, a este titulo, do commando geral das Tuilerias. Era um gentilhomem dos suburbios de Pariz, capitão, antes da revolução nas guardas francezas, depois chefe de batalhão da guarda nacional em tempo do sr. de La-Fayette, cujas opiniões partilhava. Dedicado de espirito á constituição, de coração ao rei, acreditava confundir os seus deveres de opinião e os seus deveres de soldado defendendo em Luiz XVI o rei dos seus avós e o chefe legal da nação. Homem intrepido, mas de poucos recursos de espirito, era mais apropriado para morrer heroicamente do que para commandar. O rei fiou-se não obstante isto e com razão na sua dedicação. Na quinta feira, 9, Mandat ordenou a dezesseis batalhões, escolhidos entre a guarda nacional, que estivessem promptos para marchar. Pelas 6 horas da tarde todas as guardas do castello foram triplicadas. Havia dois dias que tinha chegado o regimento inteiro das guardas suissas, em numero de 900 homens. Só um destacamento de cem homens tinha ficado no quartel de Courbevoi. O sr. de Maillardez commandava os suissos. Tinham-os aquartellado no hotel de Brionne e nas cavallarices do pateo Marsan. A's onze horas da noite estavam todos em armas. Foram collocados nos postos avançados no fim de todas as embocaduras.

XII. — Trinta guardas nacionaes estavam de serviço com os Suissos no pateo Real, junto á escada principal

Tinham recebido de Mandat ordem de repellir a força, tal como Pethion propriamente a dera ao commandante geral. Pariz estava despejada de tropas de linha. Os generaes Wittenkoff e Boissieu, que commandavam a decima setima divisão militar, na qual se comprehendia Pariz, não tinham ás suas ordens mais do que a gendarmeria de cavallaria e infanteria. Esta ultima estava nos quarteis, á excepção de cento e cincoenta homens postados no hotel de Tolouse para protegerem em caso de necessidade o thesouro real. Trinta homens dos gendarmes de infanteria da *baulieue* (o termo) de Pariz estavam postados junto á escada do rei no pateo dos Principes. A gendarmeria a cavallo compunha-se de seiscentos cavalleiros. Estavam commandados pelos srs. de Rulhiére e de Verdiere. A's onze horas da noite esta cavallaria se postou em linha de batalha, no pateo do Louvre. Um fraco esquadrão de gendarmeria a cavallo pertencente ao departamento chegou á noite e postou-se em batalha no Carrousel. Tres peças de artilheria estavam collocadas no Pateo Real, em frente da porta principal outra no Pateo dos Suissos, duas no Pateo dos Principes, uma no Pateo Marsan, duas no *Pont-Tournant* uma na embocadura da Ponte Real, e outra na porta do Manege. Eram ao todo doze as peças de artilheria. Os artilheiros eram voluntarios da guarda nacional, altivos da sua superioridade d'armas, e pouco costumados á obediencia.

Os dezesseis batalhões da guarda nacional chegaram por destacamentos de hora em hora. Reunidos a custo, não formaram na totalidade mais de dois mil combatentes. Os officiaes suissos fraternisavam com os officiaes destes destacamentos á proporção que elles chegavam. Aquelles declararam-lhes que cheios de deferencia para com a nação, os seus soldados seguiriam o exemplo da guarda nacional *e não fariam nem mais nem menos do que os cidadãos de Pariz*. Os Suissos foram escalonados no vestibulo. A sua bandeira postou-se alli! Assentados nos bancos do vestibulo e nos degráos da escada, com as espingardas nas mãos, ahi passaram n'um profundo e marcial silencio, as primeiras horas da noite. O reverbero dos candieiros sobre as suas armas, o ruido das coronhas das espingardas resoando de tempo em tempo no marmore, o *quem vem lá* em voz surda das sentinellas dava ao palacio o aspecto de um campo em frente do inimigo. Os uniformes encarnados destes oitocentos Suissos, assentados ou deitados no patamal, nos degráos da escada, nos corrimões, faziam de antemão assemilhar-se esta escada dos Principes a uma escada de sangue. Indifferentes a qualquer causa politica, republicanos promptos a combater contra a republica, estes homens não tinham por alma mais do que a disciplina, e a sua opinião como honra. Iiam morrer pela sua palavra, e não pela idéa, ou pela patria. Porém a fidelidade é uma virtude per si mesmo; esta indifferença dos Suissos pela causa do rei ou do povo fez o seu heroismo não o mais santo, porém o mais militar. Não tiveram elles a dedicação do patriotismo, e sim a do soldado.

XIII. — A' excepção destes Suissos, commandados por Bachmann, d'Affry, e d'Erlach, intrepidos officiaes, as outras tropas dissiminadas nos jardins e nos pateos, gendarmaria, artilharia, e guardas nacionaes, não apresentavam nem numero, nem unidade, nem dedicação. O soldado voluntario não conhecia os seus officiaes, o official não tinha confiança nos seus soldados, não havia boa fé uns para outros. A coragem era indiv.dual como as opiniões. Faltava-lhes o espirito de corpo, que é animação da tropa. Estava este substituido pelo espirito de partido.

As opiniões, em vez de serem a força, são o dissolvente dos exercitos. Cada um tinha a sua opinião, e procurava fazel-a prevalecer nas conversações que muitas veses se transformavam em rixas. Estes queriam que se prevenisse o ataque, e que se marchasse sobre o *hotel de ville* e principaes testas de columna do povo, para dissolver os ajuntamentos antes de engrossarem; aquelles pediam que se fosse bloquear os Marselhezes, ainda immoveis no seu quartel dos *Cordeliers* (franciscanos), desarmal-os com artilheria, e abafar assim o incendio no seu foco principal, o maior numero temendo a responsabilidade do dia seguinte se fossem os primeiros a disparar os tiros, e encerrados na restricta legalidade a aggressão do povo, e que se limitasse a repellir a força pela força, segundo a letra da constituição. Puritanos da legalidade, acreditavam que a constituição se defenderia por si mesmo.

Alguns desafogavam-se em surdas impecrações contra o rei, cujas fraquezas palliadas pelas traições tinham acarretado sobre a patria estas extremidades, e levado os cidadãos a esta crise no interior. Elles apontavam para as janellas do palacio, e maldiziam uma corte perfida que enlaçava um rei bom mas impotente, e que derramava estas calamidades sobre a patria. Os artilheiros diziam em alta voz que apontariam suas peças antes sobre o castello do que atirar sobre o povo. A confusão reinava nos pateos, nos jardins, nas casas das guardas. Os batalhões imcompletos postavam-se ou deslocavam-se ao acaso. As ordens dos chefes crusavam-se e neutralisavam-se. Nenhum pensamento militar presidia n'um todo a estes movimentos desordenados. Collocavam-se aqui e alli segundo o capricho dos batalhões, ou a ambição de um official. Mudava-se de logar com a mesma improvidencia. Companhias inteiras se destacavam repentinamente dos batalhões, e hiam com as armas cobertas ou *volladas para baixo*, tomar posição no Carrousel ou sobre os cáes, indecisas até o ultimo momento se acaso se postariam do lado dos defensores ou da parte dos assaltantes.

A cada novo batalhão que chegava, o espirito mudava na guarda nacional. Os batalhões dos bairros centraes, os primeiros a chegarem e compostos da rica burguesia de Pariz, estavam animados do espirito de La Fayette, de quem por tres annos tinham sido os pretorianos. Vencedores no *Campo de Marte*, em Vincennes, e em vinte motins, despresavam o povo e queriam vingar a constituição e o rei dos ultrajes de 20 de junho. Os batalhões do *faubourg* Saint-Germain, dezertado pela nobreza, e habitado só pelos proletarios deste bairro da emigração; os batalhões dos bairros, compostos de homens de trabalho e que contavam nas fileiras mais piques do que baionetas, saturados de insinuações contra o rei, de calumnias contra a rainha, não comprehendiam nada n'uma constituição que lhes ordenava de vir defender o palacio d'uma corte que todos os dias lhe ensinavam a aborrecer. Reunidos machinalmente ao toque de chamada em redor da sua bandeira, elles entravam pelas Tuilerias aos gritos de *Viva Pethion! e viva a nação!* Os batalhões fieis e das janellas do castello se respondia a estes com os gritos *Viva o rei!* Olhares ameaçadores, gestos de desafio, e apostrofes injuriozas se trocavam de uma parte para outra, entre estes corpos destinados a combaterem, um momento depois, pela mesma causa. Os artilheiros apertavam a mão aos homens armados de piques, e promettiam-lhes ou a sua immobilidade ou o seu soccorro em frente do povo. O batalhão des *Filles-Saint-Thomas*, assustado destas disposições dos artilheiros, enviou quarenta granadeiros escolhidos do mesmo batalhão a tomar posição ao lado destes artilheiros, para os vigiar e impedir que levassem comsigo as peças.

XIV. — Taes eram no exterior as forças, a apparencia e as disposições moraes dos defensores do castello. Quatro ou cinco mil homens, alguns dedicados, muitos indifferentes, a maior parte hostis, commandados pela impressão do momento, e cujo numero variava de hora para hora, segundo a fidelidade ou a deserção engrossava ou enfraquecia as fileiras. Fóra dos pateos, nas ruas adjacentes, e no Carrousel, a multidão curioza, ou irritada atulhava as avenidas do castello. Os homens de 20 de junho, os federados occiosos e errantes em Pariz, os Marselheses a quem a voz de Danton não tinha ainda atrahido aos *Cordeliers* (franciscanos) grupavam-se a todos os postigos, a todas as portas do lado do jardim, do lado da Ponte Real, e do lado dos pateos. Acolhiam com gritos de alegria os batalhões de piques: «Somos vossos irmãos, e eis alli o inimigo! lhe diziam elles apontando para as janellas do rei. Condusi suas cabeças e as de sua mulher e seus filhos na ponta d s vos-

sos piques. » Signaes de intelligencia e gargalhadas respondiam a estas impr cações.

As portas que separavam o pateo Real das Tuilerias não estavam fechadas. O fluxo do povo ameaçava incessantemente ultrapassal-o. Dois Suissos foram postados de sentinella aos dois lados desta porta para prohibir a entrada. Um Marselhez sahiu dentre a multidão com um sabre nu em punho, «Miseraveis! disse elle aos Suissos levantando a arma sobre elles, lembrai-vos que é a ultima guarda que fazeis! algumas horas mais, e nós vos exterminaremos! «Homens, creanças, mulheres subindo ás costas e aos hombros uns dos outros, grimpavam-se sobre os telhados e muros que se estendiam entre o Carrousel e os pateos do castello. Insultavam dahi os guardas nacionaes e os Suissos Ouvia-se nos quartos do rei este burburinho do povo engrossando de hora para hora em roda do palacio.

XV — No interior do castello, as forças, ainda as mais homogeneas, não eram mais imponentes. Havia alli resolução, porém não unidade Os chefes dos batalhões da guarda nacional des *Filles-Saint Thomas* e de *La butte des Moulins* ahi haviam postado os homens que julgavam mais fieis. Voluntarios sahidos dos outros batalhões para ahi se tinham dirigido de motu-proprio. Occupavam confusamente os postos principaes, as galerias as ante-camaras do rei, da rainha, da princeza Isabel, em numero de setecentos a oitocentos homens. Estes quartos comprehendidos entre a escada dos principes no pavilhão de Flora e a grande escada no pavilhão do relogio, centro do palacio, abraçavam um immenso espaço. A princeza Isabel habitava alli o pavilhão de Flora, arranjado para o recolhimento da sua vida, entre os seus passaros, as suas flores, os seus lavores á agulha, e as piedosas praticas da sua vida. A rainha occupava os quartos terreos dessa parte maciça do palacio que se estende da escada dos Principes até á escada principal. Era nestes quartos, compostos de camaras quase ao nivel do pateo e dos jardins, e nestas sobrelojas de que ella fazia gabinetes particulares que a rainha recebia os conselheiros secretos da monarchia. Estes quartos communicavam com os quartos do rei, pelas escadas de serviço. O rei occupava ao lado de seus filhos, os grandes quartos do primeiro andar na mesma parte do edificio. Estes quartos ficavam por traz da galeria dos *Carraches* assim chamada do nome dos pintores que a tinham decorado. As suas janellas deitavam para os jardins. Corredores escuros e tortuosos davam serventia para elles.

O rei, amigo dos habitos simples e laboriosos do homem do povo, havia mandado arranjar nos seus grandes quartos uns gabinetes particulares onde gostava retirar-se para se entregar quer ao estudo, quer aos trabalhos deserralheria. Quanto os outros espiritos gostam de subir tanto o seu gostava de descer. Nestes quartos estreitos donde os seus olhos não descubriam senão a copta das arvores das Tuilerias e dos Campos-Eliseos, no meio dos seus livros de historia e de viagem, das suas cartas de geographia ou das ferramentas da sua officina, elle amava, fazer-se estas illusões sobre a sua condição. Não se recordava de que era rei; acreditava-se um homem vulgarmente feliz, cercado de sua mulher, de seus filhos, e dos instrumentos do seu officio quotidiano. Roubava aos cuidados do throno, estas horas de obscuridade e de paz. Abdicava um momento a hierarchia suprema. Acreditava que o destino o esquecia, porque elle esquecia o seu destino.

XVI — Toda esta parte do palacio, bem como a galeria dos *Carraches*, a sala do conselho, a camara de dormir, as salas das guardas, o theatro, a capella, se haviam transformado n'uma praça de armas coberta de armas ensarilhadas, de postos militares e de grupos de homens armados. Uns, sentados em silencio sobre as banquetas adormeciam, com as espingardas encostadas ás pernas; outros estavam estendidos, envolvidos em seus mantos, sobre o pavimento das sallas; o maior numero, formando-se em grupos nos vãos das janellas, e nas largas sacadas do castello esclarecidas pelo luar, se entretinham em voz baixa sobre os preparativos do ataque, e acontecimentos da noite. De minuto em minuto, Mandat, commandante geral, e os seus ajudantes de campo, passam dos jardins e pateos aos quartos do rei, e destes aos postos. os ministros, os generaes, os srs. de Boissieu e de Lachesnaye. segundo commandante da gendarmeria; Carl e Guinguerlo seus logares tenentes; Rœderer, os membros do departamento de Paris, dois officiaes municipaes, Leroux e Borie, o proprio Pethion, circulavam incessantemente pelos quartos; suas fisionomias, mais sombrias ou mais serenas segundo as noticias que traziam ao rei, espalhavam a confiança ou o desasocego nas sallas. Meias palavras, ditas por estes chefes aos commandantes dos postos, circulavam logo. As horas eram tão longas como a incerteza, e agitadas como a espectativa.

XVII. — No entanto que as tropas legaes se juntavam ás ordens da lei em roda do chefe constitucional do reino, outros defensores voluntarios, chamados lá do fundo das suas provincias, ou das suas habitações pelos perigos deste dia, se juntavam tambem em roda do rei para a defenderem com os seus corpos. Sem outros titulos mais do que sua coragem para entrarem no castello, onde sua presença era suspeita á guarda nacional, introduziam-se um a um, occultando suas armas, baixando a cabeça como envergonhados de virem trazer seu sangue e suas vidas. Eram primeiro os officiaes da guarda constitucional recentemente licenciada pelo decreto da assembléa, porém conservando suas armas na mão, e o seu juramento no coração. Eram depois alguns mancebos realistas de Paris, que na edade em que a generosidade faz a opinião, se tinham captivado das lagrimas da rainha, das virtudes de sua irmã, da innocencia de seus filhos, dos supplicios da realeza, e que achavam glorioso postarem-se no partido dos fracos. André Chenier, Champcenetz, Suleau, Richer-Serizy, todos os escriptores realistas e constitucionaes deixavam alternativamente a espada pela penna, a penna pela espada. Achavam-se tambem alli. Eram igualmente alguns fieis servidores da domesticidade do castello, ligados á corte de pais a filhos, para quem o palacio do rei, era por assim dizer o seu proprio lar: velhos vindos de Versailles, de Fontainebleau, de Compiegne, á noticia dos perigos do seu amo. Alguns traziam comsigo seus filhos educados como pagens, que apenas tinham forças para pegar n'uma arma. Mas estas familias enfeudadas pelos beneficios á realeza offereciam-se inteiras a seu senhor sem reservar nem a velhice nem a infancia: promptas a tudo darem ao throno do qual tudo haviam recebido. Em fim eram quasi duzentos gentilhomens de Paris ou das provincias, a maior parte bravos officiaes retirados recentemente dos seus regimentos, e que não tinham querido trahir a sua casta marchando contra seus irmãos emigrados, nem trahir a nação emigrando. Accorridos das suas provincias para offerecerem seus braços ao rei, representavam em elles só tudo que restava em França desta nobresa militar que ia levar seu campo ao estrangeiro. Collocados entre a sua consciencia que lhes prohibia combater a patria, o povo que os suspeitava, e a corte que lhes lançava em rosto sua fidelidade ao solo, estes gentilhomens cumpriam o seu dever sem esperança e sem illusão; certos da ingratidão da corte, se ella triumphasse, e certos de morrerem se o povo ficasse vencedor.

Dedicação austera que não tinha o seu preço senão em si mesma; morte ingrata e ignorada, unico papel que a desgraça dos tempos deixava a esta nobresa que queria ficar fiel como cavalleiros, e nacional como cidadãos! O velho e intrepido marechal de Mailly, de oitenta annos porém mancebo na dedicação ao seu infeliz amo, de quem era tão amigo, passou a noite de pé, armado, á frente destes gentilhomens. Os srs. d'Hervilly, de Pont-Labbé, de Viomenil, de Casteja, de Villers, de Lamartine, de Virieu, da Vigier, de Clermont-d'Amboise, de Bouves, de Autichamp, d'Halouville, de Maillé, de Puysegur, todos militares de graduação e de diversas armas, commandavam sob o marechal de Mailly os pelotões desta tropa de elites.

XVIII. — Dividiu-se este corpo de reserva em duas companhias, uma ás ordens do sr. de Puysegur, tenente general, e do sr. de Pont-Labbé, marechal de campo; outra, tendo por capitão o sr. de Viomenil, tenente ge-

neral, e por tenente o sr. de Hervilly, outro tempo commandante da guarda nacional dissolvida. Estes officiaes tinham esperado achar armas de combate no castello. Havia esquecido esta precaução. A maior parte não tinham por armas senão as suas espadas e pistolas á cintura. Alguns officiaes civis da casa do rei, que se haviam juntado a esta tropa tinham-se armado á pressa de serros de chaminés e tenazes arrancadas aos fogões dos quartos. Estas armas eram enobrecidas pela coragem desesperada dos servidores que haviam lançado mão dellas para defender o lar do seu soberano.

O sr. d'Hervilly fez com que o rei e a rainha passassem revista a estas duas companhias postadas em linha nas sallas. A familia real mais tocada da fidelidade desta nobresa, do que assustada do seu pequeno numero, dirigiu palavras de reconhecimento a estes officiaes. Algumas palavras energicas de Maria Antoinette, a dignidade, do seu gesto, a serenidade do seu olhar, electrisaram de tal modo este punhado de bravos, que elles pucharam de suas espadas e carregaram espontaneamente as suas armas sem outra voz mais de commando que um enthusiasmo unanime e marcial. Este gesto era um juramento. A victoria estava na sua actitude. Alguns granadeiros da guarda nacional confundiram-se nestas fileiras para mostrarem a confiança mutua e a unidade de dedicação que animavam todos os amigos do rei sem distincção de armas.

A massa dos guardas nacionaes, espalhados pelos quartos e pelos pateos murmurou desta manifestação realista, e affectou ver uma conspiração nesta fidelidade. Pediram que se afastassem aquelles gentilhomens. A rainha, collocando-se á porta da salla do conselho, entre elles e a guarda nacional, resistiu com firmesa a este pedido de expulsão dos ultimos e mais fieis amigos do rei: « Vede, srs. disse ella á guarda nacional apontando para a columna dos realistas, estes são os nossos amigos e os vossos! Vem compartilhar vossos perigos, não pedem senão a honra de combater comvosco. Postai-os onde quizerdes, elles vos obedecerão, seguirão o vosso exemplo, e mostrarão por toda a parte aos defensores da monarchia como se morre pelo seu rei. » Estas palavras acalmaram a irritação daquelles que as ouviram de perto; porém mal repetidas e mal interpretadas por aquelles que estavam mais afastados levaram o ciume e o ressentimento entre os batalhões.

Um destes gentilhomens, passando pela frente de um corpo de guardas nacionaes postado em linha de batalha no pateo real, teve a imprudencia de se aproximar dos officiaes que o commandavam: « Vamos senhores da guarda nacional, lhes disse elle, é o momento de mostrar coragem! » Esta palavra feriu a suscep ibilidade dos cidadãos « Coragem! ficai descançado, lhe respondeu um dos capitães deste batalhão, não nos faltará, porém não é ao vosso lado que a mostraremos. » Depois saindo das fileiras e dos pateos, passou pelo Carrousel, e foi postar-se do lado do povo. Metade do batalhão o seguiu.

Tudo pressagiava a defecção, nada im rimia o enthusiasmo. Esperava-se a sorte e não a preparavam. O rei orava em logar de operar.

XIX. — Mais christão do que rei, encerrado por longas horas com o padre Hebert seu confessor, empregava em resignar-se es es instantes supremos que as catastrophes mais desesperadas deixam ainda nos grandes caracteres para reagarrarem a fortuna. Quatro ou cinco mil combatentes, n'uma posição forte, tendo por campo de batalha o palacio dos reis, com ba onetas disciplinadas, artilheria, dois corpos de cavallaria, um rei á sua frente, uma rainha intrepida, innocentes creanças no meio delles, uma assembléa indecisa á sua porta, a legalidade e a constituição de seu lado, e a opinião pelo menos partilhada na nação, podiam talvez, repellir estas massas confusas e desordenadas que a insurreição trazia lentamente sobre o castello, romper estas columnas de povo que se não engrossavam senão com os incertos que ellas arrastram, metralhar estes Marselhezes que eram odiados em Pariz, varrer os *faubourgs*, reunir os batalhões fluctuantes da força fisica pelo prestigio da victoria, impôr á assembléa cuja maioria hesitava ainda na vespora, retomar um momento o ascendente da legalidade e da força, fazer apêlo a La Fayette e a Luckner, operar a junção com as tropas em Compiegne, collocar o rei no centro do exercito, entre o estrangeiro e o seu povo, e fazer recuar ao mesmo tempo a coallisão e a revolução alguns dias. Mas para isto era necessario um heroe, e a monarchia não tinha senão uma victima.

LIVRO XXI.

I — Durante as longas horas desta noite e as primeiras horas d'alva, a rainha e a princeza Isabel passavam alternativamente da camara do rei á camara onde dormiam seus filhos, e dahi á salla do conselho onde os ministros estavam em sessão permanente. Ellas atravessavam as sallas cheias dos seus defensores, occultando suas lagrimas e inspirando pela sua serenidade apparente, pelo seu surriso e pelas suas palavras, a confiança que não tinham ainda perdido. A presença destas duas princezas errantes, de noite, neste palacio, no meio das armas: uma, rainha e mãi, tremendo ao mesmo tempo pelo seu marido e pelos seus filhos; a outra, irmã dedicada, tremendo por seu irmão, ambas insensiveis aos seus proprios perigos, era o mais eloquente apelo á compaixão, á generosidade, á coragem dos defensores do castello.

Maria-Antoinette, que os pamphletos dos seus inimigos tem representado nesta noite suprema como uma furia coroada impulsando a exaltação até ao delirio, o abatimento até ás lagrimas, já declarando que ella se faria pregar ás paredes do seu palacio, já apresentando pistolas ao rei para lhe aconselhar o suicidio, não teve nem estes arrebatamentos, nem estas fraquezas. Foi, com dignidade e naturalidade, sem heroismo affectado como sem abatimento timido, o que o seu sexo, a sua hierarchia, a sua qualidade de esposa, de mãi, de rainha queriam que ella fosse n'um momento, em que todos os sentimentos que estes diversos titulos deviam agitar nella, se traduziam na sua actitude. Ao nivel de todas as suas ternuras, de todas as suas grandezas, de todas as suas catastrofes, a sua alma, a sua fysionomia, as suas palavras, os seus actos, reflectiram fielmente todas as phases do throno ao captiveiro que ella teve a atravessar nestas longas horas. Ella foi mulher, mãi, esposa, rainha, ameaçada ou ferida em todos os seus sentimentos Ella receiava, ella esperava, ella desesperava, ella se reassegurava alternativamente. Porém ella esperava sem exaltação, e desanimava-se sem aviltamento. As forças e as ternuras de sua alma foram eguaes aos golpes do destino. Ella chorou não de fraqueza mas de amor; ella enterneceu-se, mas sobre os seus filhos; ella velou as suas angustias e a sua dor do respeito que devia a si propria, á realeza, ao sangue de sua mãi Maria Thereza, ao povo que a olhava. Depois de ter chorado no berço de seu filho, de sua filha, aos joelhos do rei, nos braços de sua irmã e sua amiga, ella limpava das faces o vestigio das lagrimas e fazia desapparecer a vermelhidão dos seus olhos. Reapparecia em frente da multidão, seria mas tranquilla, enternecida mas firme, tendo um coração sem duvida, mas dominando-o.

Tal foi Maria Antoinette durante esta crise de vinte e quatro horas succedendo-se a tantas crises que teriam podido esgotar-lhe a sua coragem. Mulher como todas as mulheres, melhor inspirada pela natureza do que pela politica, mais feita para supportar heroicamente do que para dirigir as circumstancias extremas, mais á sua altura na acção do que no conselho.

II. — O rei havia mandado chamar Rœderer, procurador syndico do departamento de Paris. Pethion não estava no castello. Chegou, deu conta ao rei do estado de Pariz, recusou dar polvora ao commandante geral Mandat, que se lhe queixava de não ter tres tiros por homem a disparar. Sob pretexto de extremo calor que o encommodava no gabinete do rei, Pethion saiu, levando comsigo Rœderer: descem juntos ao jardim. Pethion é cercado de officiaes municipaes affides, e de moços guardas nacionaes que cantam e galhofam em torno delle. Este grupo de magistrados e guardas nacionaes passeiam tranquillamente ao luar pelo terrasso da beira de

agua, entretendo-se de cousas ligeiras, como n'uma noite de festa. Na extremidade do terrasso, ouvem tocar a reunir no castello. Voltam. O ceo estava puro, o ar immovel. Ouvia-se distinctamente o toque de rebate nos faubourgs. Pethion que affectava uma impassibilidade estoica, e que dissimulava o perigo, deixou Rœderer subir sósinho para junto do rei. Ficou da parte de fóra, no terrasso junto á escada principal. Elle receiava pelos seus dias.

Ainda que a noite não era escura, o castello projectava a sua sombra mui longe pelo jardim. Tinham-se accendido os lampeões assentados nos degraus de pedra que bordam o terrasso. Alguns granadeiros des Filles-Saint-Thomas, cujo batalhão estacionava neste terrasso, e que aborreciam em Pethion o instigador secreto da insurreição, apagaram com os pés os lampiões, e se apressaram em roda do maire como para fazer delle um refem. Pethion comprehendeu o movimento. Ouviu palavras e entreviu os gestos sinistros. « A sua cabeça responderá pelos acontecimentos da noite, » disse um granadeiro aos seus camaradas. Mascarando os seus temores sob uma attitude socegada, Pethion sentou-se sobre o rebordo do terrado, no meio d'alguns officiaes municipaes, a alguma distancia dos granadeiros. Conversou tranquillamente uma parte da noite com aquelles que o cercavam. Murmurava-se alto no castello e nas fileiras dos defensores do throno, que, pois que Pethion tivera tido a audacia de vir affrontar a vingança dos realistas, era preciso retel-o, e expôr a elle mesmo aos golpes que preparava á monarchia. Um official municipal chamado Mouchet, vendo Pethion neste laço, e advertido por um signal de intelligencia do maire, correu á assembléa nacional e fallou com muitos membros. » Se não mandais que o maire appareça immediatamente na vossa barra, vai ser assassinado! » disse elle.

Luiz XVI, ajoelhado ante Deus, e com o coração mais cheio de perdão que de vingança, não sonhava n'um assassinio. A assembléa fingiu acreditar n'um pensamento criminoso da côrte. Ella mandou chamar o maire Dois porteiros precedidos de guardas e archotes, vieram com aparato significar o decreto libertador a Pethion. No mesmo instante, o ministro das justiças lhe mandava pedir que subisse ao quarto do rei. Se lá subir, disse elle, não descerei mais. » Pethion foi á assembléa, e dahi ao *hotel de ville*. Ahi foi retido pelos seus cumplices de Charenton, e não tornou a apparecer mais no castello.

III — Era mais de meia noite. Todas as janellas das Tuilerias estavam abertas. A ellas se chegavam em multidão para escutar o toque de rebate. Cada um escutava e nomeava successivamente o bairro, a igreja, o sino donde sahia o apêlo das revoluções.

Na cidade, os cidadãos sahiam a este toque de suas casas, e ficavam no limiar de suas portas, promptos a seguir a torrente onde ella quizesse arrastal-os. As secções convocadas insurreccionalmente depois das 10 horas, tinham deliberado quasi a portas fechadas, e enviado cada uma commissarios ao *hotel de ville*, para substituirem o conselho da communa por outra communa insurreccional. O mandato unanime e concertado destes commissarios era adoptarem todas as medidas ordenadas pela salvação da patria, e conquista da liberdade. Estes commissarios, reunidos sem opposição no hotel de ville, em numero de cento e noventa e dois membros, constituiram-se dictatorialmente em municipalidade, conservaram no seu seio Pethion, Danton, Manuel, nomearam para seu presidente provisorio a Huguenin, do faubourg Saint-Antoine, o orador da petição de 20 de junho. Tallien, moço patriota de vinte cinco annos, o redactor de um jornal intitulado o *Amigo dos Cidadãos*, foi eleito secretario da communa. Esta municipalidade veio a ser, depois das onze horas da noite, o comité director dos movimentos do povo e o governo da insurreição. Pethion, n'um estado de arrestação simulada, para salvar nelle o pudor da lei, não tomou parte alguma nos actos da noite.

IV — O commandante geral Mandat, homem confiante e que respondia sempre altivamente do rei ao povo, e do povo ao rei, acabou as suas derradeiras disposições sob a fé das ordens que Pethion lhe tinha assignado como maire de Paris. Mandat enviou quinhentos homens com artilheria para o hotel de ville para guardar a passagem da arcada Saint-Jean, pela qual devia desembocar a columna do bairro Saint-Antoine. Postou egualmente um batalhão com duas peças de artilheria na *Pont-Neuf* para disputar a passagem desta ponte aos Marselheses, rechaçal-os para o bairro Saint-Germain, e repelil-os para o *Pont-Royal*, onde a bateria do pavilhão de Flora os metralharia apenas apparecessem. A estas disposições, boas em si, não faltavam senão tropas solidas para as executar. Apenas Mandat dera estas ordens, que um decrato da municipalidade o chamou ao hotel de ville para alli dar conta do estado do castello e das medidas adoptadas para manter a segurança de Pariz.

A' recepção deste decreto, Mandat hesitou entre os seus presentimentos e o seu dever legal. A municipalidade tinha legalmente a guarda nacional sob sua authoridade e podia chamar o seu commandante. Além disto, Mandat ignorava que esta municipalidade, mudada violentamente pelas secções, não era mais do que um comité da insurreição. Consultou Rœderer, que, na mesma ignorancia da mudança operada no *hotel de ville*, lhe aconselhou fosse lá. Mandat, como advertido por um presagio interior, procurou pretextos, inventou excusas, tentou delongas. Decidiu se finalmente a partir. Seu filho, de doze annos de edade, obstinou-se a acompanhal-o. Mandat montou a cavallo, e seguido de seu filho e só de um ajudante de campo, dirigiu-se pelos caes ao hotel de ville. Subiu os degraus do patamar. Sua alma perturbou-se ao aspecto daquelles rostos austeros e desconhecidos que elle não reconhecia. Comprehendeu que tinha a responder ante conspiradores pelas medidas tomadas contra o triumpho da conspiração. — Por ordem de quem, lhe disse Huguenin, dobraste a guarda do castello? — Por ordem de Pethion, respondeu o desgraçado Mandat balbuciando — Mostra-se essa ordem — Deixei-a nas Tuilerias — Desde quando se deu essa ordem? — Ha tres dias; eu a apresentarei — Para que fizeste marchar a artilheria? — Quando o batalhão marcha as peças seguem-o. — A guarda nacional não retem á força Pethion no castello? — E' falso; os guardas nacionaes estão cheios de deferencia e de respeito para com o maire de Pariz. Eu proprio o cumprimentei quando parti de lá. » No meio destes interrogatorios, depoz-se sobre a meza do conselho geral uma carta de Mandat ao commandante da guarda do hotel de ville. Pediu-se a leitura. Mandat ordenava ao batalhão do hotel de ville que dissipasse os ajuntamentos que se dirigissem ao castello, atacando-os de flanco e pela rectaguarda. Esta carta é o decreto de morte de Mandat. O conselho ordena que elle seja conduzido á Abbadia. O presidente, dando esta ordem, faz um gesto horisontal que explica o sentido. Um tiro de pistola abate o desgraçado commandante sobre os degraus do hotel de ville. Os piques e os sabres acabam de o matar. Seu filho que o esperava no patamar, precipita-se sobre o seu corpo e disputa em vão o cadaver de seu pai aos assassinos. O corpo de Mandat, lançado ao Sena, fez desapparecer a ordem de Pethion.

Accusou-se do crime aquelle no interesse de quem o crime foi commettido. A historia, severa para com a duplicidade de espirito de Pethion, nunca lhe surprehendeu sua mão no sangue. Elle servia a revolução por fraquezas, e cumplicidades moraes, nunca pelo crime. A ordem de atirar sobre o povo, se fosse encontrada, accusava a municipalidade toda; a morte de Mandat aniquilava o unico testimunho, e as ondas do Sena cubriram a responsabilidade da municipalidade. O conselho nomeou immediatamente Santerre commandante da guarda nacional no logar de Mandat. Pethion, que entrava então em sua casa sahindo da assembléa, achou á sua porta seiscentos homens enviados por Santerre para o guardarem na sua casa, e para defender a sua vida das emboscadas da côrte.

V. — A noticia da morte de Mandat, levada ás Tuilerias pelo seu ajudante de campo, espalhou a consternação na alma do rei e da rainha, e a hesitação na guarda na-

cional, Lachesnaye, chefe do batalhão, tomou o commando. Porem *o hotel de ville* occupado pelas secções, uma municipalidade revolucionaria, e o commando geral dado a Santerre, quebravam a sua força moral nas suas mãos. A sorte de Mandat presagiava-lhe a sua. Os dois postos avançados do hotel de ville e do *Pont-Neuf* estavam forçados. O *faubourg* Saint-Antoine, em numero de quinze mil homens, desembocava pela arcada Saint-Jean. Os Marselheses e o *faubourg Saint-Marceau*, em numero de seis mil homens atravessavam o Pont-Neuf. Uma multidão immensa de curiosos engrossava á vista este exercito do povo, e levava a apparencia a mais de cem mil almas. Estes dois corpos iam fazer sua juncção sobre o caes do Louvre e avançar sem obstaculo para o Carrousel, A gendarmaria montada, em batalha no pateo do Louvre, vendo-se bloqueada a todas as portas não podendo carregar contra os muros no estreito recinto onde a tinham emprisionado, murmurava contra os seus chefes e dividia-se em dois destacamentos: um continuava a occupar inutilmente o pateo do Louvre, o outro ia postar-se em batalha na praça do Palais-Royal. Do lado dos Champs-Elysées, da praça Vendome, e da rua Saint-Honoré, nenhum obstaculo não tinha contido a afluencia do povo. Maças immensas bloqueavam o jardim.

O procurador do departamento, Rœderer sabendo a morte de Mandat, e a installação d'um conselho insurreccional, escreveu ao conselho de departamento para se dirigir ao castello a fim de adoptar medidas contra a nova municipalidade, ou rectificar as suas ordens. O departamento, sem outro imperio sobre o povo senão a lei quebrada nas suas mãos, enviou dois commissarios ao palacio do rei para combinarem com Rœderer. Eram os senhores Levieillard e de Faucoupret. Rœderer e os dois membros do departamento passaram juntos a um pequeno quarto que deitava para o jardim ao lado da camara do rei. Rœderer pedio ao rei que assignasse uma ordem ao conselho do departamento para o authorisar a deslocar-se do lugar habitual das suas sessões. « Os meus ministros não estão cá, respondeu Luiz XVI; darei a ordem quando regressarem. »

Ainda o dia não penetrava nos quartos. Um instante depois se ouviu uma carroagem rodar no pateo. Abriram-se as cortinas do gabinete de rei para conhecer a causa daquelle ruido; era a carroagem de Pethion que sahia vasia. O dia principiava a nascer

A princeza Izabel aproximou-se da janella e olhou o céo. Estava vermelho como do reflexo de um incendio. « Minha irmã, disse ella á rainha, vinde vêr levantar a aurora! » A rainha ergueu-se, encarou o ceo, e suspirou. Foi o ultimo dia em que ella viu o sol atravez uma janella sem grades. Toda a etiqueta tinha desapparecido. A agitação tinha confundido as herarchias. A cada noticia que se trazia ao rei ou á rainha, uma multidão de creados, amigos, militares se amontoavam familiarmente em roda delles, e expendiam as suas impressões ou as suas opiniões. O rei era muitas vezes obrigado a mudar de logar ou a procurar casas retiradas dos seus quartos para ouvir os seus ministros que tinham a intertel-o em particular.

Pelas tres horas, retirou-se de novo á sua camara, deixando a rainha, a princesa Izabel, os ministros e Rœderer na salla do conselho. Julga-se que acabrunhada das fadigas e emoções do dia e da noite, e mais socegado pelos avisos que acabava de receber, foi buscar n alguns momentos de somno as forças de que teria necessidade ao nascer do dia. A rainha, sua irmã, tinham junto de si, a princesa de Lamballe, a princesa de Tarente-Latremouille, as senhoras de Laroche-Aymon e de Ginestous, de Tourzel governanta dos principes, de Makau, de Bouzy, e de Villefort, aias, senhores de corte a quem os perigos e os reveses de seus amos elevaram repentinamente, nesta noite, até ao completo esquecimento de si proprias, esse heroismo natural ás mulheres! A duquesa de Maillé, dama do palacio, que não estivera na vespera no castello, e a quem as suas opiniões populares havia tornado suspeita a corte nos primeiros dias da revolução, sabendo naquella noite do proximo ataque do castello, e dos perigos da familia real, saiu a pé de sua casa, lançou-se sosinha sem disfarçar o seu nome e a sua dedicação á rainha, por entre as ondas de povo que obstruiam as avenidas das Tuilerias, afim de alli penetrar. A multidão afastava-a como uma insensata. « Deixai-me ir exclamava ella, alli aonde a amizade e o dever me chamam. As mulheres não terão igualmente uma honra propria! E' o seu coração! O meu pertence á rainha! O vosso patriotismo é aborrecel-a, o meu é morrer a seus pés! »

VI. — As mulheres do povo, tocadas desta demencia de fidelidade que afrontava a morte, repelliram sem insulto a duqueza de Maillé, e a condusiram por força a sua habitação. A rainha, a princesa Izabel, todas estas mulheres, todos estes magistrados, todos estes militares se assentavam ao acaso sobre as banquetas, ou sobre os tamboretes da salla do conselho. As princesas entretinham-se frequentemente com Rœderer. Rœderer mostrou em toda esta noite, como em 20 de junho, o caracter de um grande cidadão constitucional. Ainda que dedicado ao partido da constituição, inspirou confiança á familia real. Sua actitude foi a da lei. Intrepido como magistrado, triste como cidadão, respeitoso como homem, o seu enternecimento sobre as agonias que este palacio encerrava, não escapou nem á rainha, nem a sua irmã, nem ao rei. A princesa Izabel aproximava-se muitas vezes delle para o interrogar com a seu triste jovialidade. A rainha conhecia nelle um conselheiro austero mas leal, o rei um derradeiro amigo.

Pelas quatro horas o rei saiu da sua camara de dormir e appareceu na salla do conselho. Viu-se pelo desalinho nos seus, penteado e vestidos, que sedeitara um momento vestido sobre o leito. Seus cabellos, empoados e encaracolados de um lado da cabeça estavam sem pós e achatados do outro lado. As suas feições pallidas, os seus olhos pisados, os musculos da sua boca distendidos e palpitantes de movimentos involuntarios, attestavam que elle tinha chorado em segredo. Porem a mesma serenidade reinava na sua fronte, e o mesmo surriso de bondade sobre os seus labios. Não estava no poder das cousas humanas imprimir um ressentimento na alma, ou nas feições deste principe. Os seus amigos nunca amaram, e os seus inimigos nunca despresaram nelle senão a sua bondade era o seu defeito e a sua virtude. A rainha e a princesa Izabel arremessaram-se com um surriso de bondade em seus braços; ellas o condusiram para o vão de uma janella, e lhe fallaram durante alguns minutos em voz baixa. Os gestos eram aquelles da mais terna familiaridade; cada uma das duas princesas apertava uma das mãos do rei entre as suas. Elle olhava-as alternativamente com tristesa, e parecia pedir-lhes perdão de que soffressem por causa delle. Todos que estavam presentes se tinham afastado com respeito.

A familia real passou depois do lado dos pateos para julgar sem duvida do nome e da actitude das tropas acampadas sob o palacio. Um momento depois, a rainha fez chamar Rœderer. Encontrou esta princesa no quarto de Thierri, creado da camara do rei. Este quarto deitava para a pequena officina de serralharia de Luiz XVI. A rainha estava só, sentada junto da chaminé, com as costas voltadas para a janella. O senhor Dubouchaye, ministro da marinha, entrou e conservou-se um pouco á parte como um homem que vigia e espera. A rainha visivelmente inquieta do que tinha visto nos pateos do pequeno numero dos defensores, e do que se lhe tinha narrado da massa sempre crescente dos assaltantes, começava a recair, da exaltação das primeiras esperanças, na prostação da desanimação. Era um destes momentos em que a realidade que se não quer ver apparecia pela primeira vez confusamente, e em que se revolta ainda contra ella apesar de se reconhecer.

Maria Antoinette perguntou a Rœderer o que tinha a fazer em circumstancias como aquellas que se revellavam desde o nascer do dia. Rœderer não dissimulou á rainha o que podia despedaçar o seu coração para esclarecer a sua rasão. Apresentou-lhe pela primeira vez, a idéa de collocar o rei e a sua familia sob a salvaguarda da nação condusindo-os ao seio da representação nacional, e tornando-os tão inviolaveis e sagrados como a propria constituição. Se o rei deve morrer, Senhora, disse Rœderer, é preciso que elle morra do mesmo golpe que a constituição. Mas o povo parará diante da sua propria imagem perso-

nificada na assembléa dos seus representantes. A propria assembléa não poderá impedir-se de defender um rei que confundirá a sua existencia com a della. A insurreição criminosa diante da habitação do rei, será parrecida em frente do santuario da nação. » Taes foram os conselhos de Rœderer; Maria Antoinette fazia-se vermelha escutando-os: via-se que a sua altivez de rainha luctava na sua alma com a sua ternura de esposa e de mãi. O senhor Dubouchage, gentilhomem leal e marinheiro intrepido, veio em soccorro das perplexidades da princesa — « Assim senhor, disse elle a Rœderer, propondes conduzir o rei ao seu inimigo? — A assembléa é menos inimiga do que pensais, replicou o procurador do departamento, por quanto no ultimo voto monarchico quatrocentos dos seus membros contra duzentos votaram por La Fayette. Em quanto ao resto, entre os perigos escolhi o menor, e proponho o unico partido que o destino deixa aberto á salvação do rei. »

VII. — A rainha, com um accento de resolução irritada, como se procurasse tranquilisar-se a si propria pelo som de sua mesma voz: « Senhor, lhe disse ella, temos aqui forças, é tempo de saber quem vencerá em fim, se o rei, se as facções? » Rœderer propoz que se ouvesse o parecer do commandante geral que tinha succedido ao desgraçado Mandat, era Lachesnaye. Mandaram-o chamar, e elle veio, Perguntou-se-lhe se o estado das disposições exteriores de defesa eram sufficientes para assegurar o castello, e se havia adoptado medidas para suster as columnas que marchavam sobre a habitação do rei? Lachesnaye respondeu affirmativamente, e acrescentou que o Carrousel estava guardado; depois dirigindo a palavra em um tom de humor e de reprehensão á rainha, accrescentou: « Senhora, não devo dissimular-vos que as sallas estão cheias de gente desconhecida que circundam o rei, e cuja presença offusca e azeda a guarda nacional — A guarda nacional faz mal, respondeu a rainha; são homens seguros. » A actitude e a lingoagem de Maria Antoinette convenceram Rœderer de que havia no castello uma resolução decidida de acceitar a batalha no dia seguinte, e que se queria uma victoria para impôr á assembléa. Ensinuou que ao menos o rei escrevesse ao corpo legislativo pedindo-lhe sua assistencia. O senhor Dubouchage combateu ainda esta idéa. — « Se esta idéa não vale nada, replicou Rœderer, que dois ministros se dirijam á assembléa e lhe peçam que envie commissarios ao castello! »

Adoptou-se este partido. Os senhores de Joly e Champion sairam para se dirigirem á assembléa.

A assembléa deliberava tranquillamente sobre o tractado dos negros quando os dois ministros se apresentaram. O senhor de Joly, ministro das justiças, pintou os perigos da situação, a urgencia das medidas; e declarou que o rei desejava que uma deputação da representação nacional viesse associar-se aos seus exforços para preserverar a constituição e proteger com a sua presença a familia real. A assembléa passou desdenhosamente á ordem do dia. Estava ella pouco numerosa, distraida, como adormecida, e na actividade dos corpos politicos que esperam uma grande ruina, e que se conservam á parte do acontecimento.

VIII. — Os senhores de Joly e Champion saíram desanimados. Rœderer e os ministros tinham ficado em conferencia no pequeno gabinete que deitava para o quarto do rei. Os membros do departamento chegaram. Referiram aos ministros a formação da nova municipalidade. Ella acabava de fazer distribuir cartuxos aos Marselheses. O batalhão aquartelado nos franciscanos e os Marselheses já deviam estar em marcha. A lei desthronada por toda a parte já não tinha outro asylo senão as Tuilerias. Insistiram porque o rei fosse pedir protecção á assembléa. » Não, respondeu o senhor Dubouchage, que acabava de escutar da janella os ultrajes vómitados pelos batalhões de piques contra o rei; não ha para elle segurança senão aqui! é preciso que elle triumphe, ou morra!

Os membros do departamento, e Rœderer á sua frente, resolveram então irem elles proprios ao corpo legislativo, fazer-lhe conhecer a situação, os conselhos que davam ao rei, e provocar em fim a assembléa a uma resolução que salvasse tudo. Estes membros encontraram nas proximidades da assembléa os dois ministros que saíam. « Que ides fazer? lhes disse o ministro das justiças; acabamos de pedir á assembléa que chamasse o rei ao seu recinto, apenas nos escutou; não está em numero para lançar um decreto, apenas tem sessenta membros! » O departamento desanimado voltou para o castello com os ministros. Os artilheiros que estavam postados com as suas peças no vestibulo, junto á escada principal, fizeram-os parar. « Srs. » lhes disseram elles com uma anciedade que transluzia nos seus rostos, « seremos obrigados a fazer fogo sobre nossos irmãos? — Vós não estais aqui, replicou Rœderer, senão para guardar a habitação do rei, e obstar a que se force a entrada. Aquelles que atirarem sobre vós não são vossos irmãos! »

Estas palavras pareceram tranquilizar os artilheiros, pediram a Rœderer e aos seus companheiros que as fossem repetir nos pateos, onde os mesmos escrupulos agitavam os guardas nacionaes. Rœderer e os seus collegas atravessaram o vestibulo e entraram no pateo Real Este apresentava um formidavel aspecto de defeza. A' direita estava formado em linha de batalha um batalhão de granadeiros da guarda nacional que se estendia desde as janellas do castello até ao muro do Carrousel. A' esquerda, e fazendo face a este batalhão civico um batalhão de guardas suissas. Estes dois batalhões cruzando os seus fogos, anniquilariam as columnas do povo que penetrassem do Carrousel no pateo. Entre estas duas alas de baionetas cinco peças de artilheria apontadas contra o Carrousel estavam em linha diante da porta principal das Tuilerias e metralhariam os assaltantes deste lado, bem como as cinco peças de artilheria, em posição na porta do jardim metralhariam do outro lado. Iguaes disposições davam aos outros pateos uma apparencia inexpugnavel. A deputação do departamento foi direita ao batalhão da guarda nacional. Rœderer colocando-se no centro harengou em termos precisos, firmes e moderados como convinha a um orgão impassivel da lei. — Nada de ataque, contenencia firme, e firme defensiva!

IX. — O batalhão não testimunhou nem enthusiasmo nem hesitação. O procurador syndico dirigiu-se ao meio do pateo para dirigir a mesma allocução aos artilheiros. Estes affectaram affastarem-se fóra do alcance da voz, como para evitarem ouvir um apêlo a que não queriam obdecer. Comtudo um delles, homem de um exterior marcial e de uma physionomia resoluta, aproximando-se do magistrado, disse-lhe. « Mas se atirarem sobre nós, estareis vós aqui? — Estarei, respondeu Rœderer, e não por traz das vossas peças, mas na frente, a fim de que se alguem tem de morrer neste dia nós morrâmos primeiro na defesa das leis! — Aqui estaremos todos » — exclamaram em massa os membros do departamento. A estas palavras o artilheiro, por um gesto mais expressivo do que as palavras, descarregou a sua peça, espalhou a carga pelo chão, e pondo o pé sobre o morrão que estava acceso, o apagou. Era a lei que elle desarmava diante do povo. O povo aplaudiu o artilheiro do alto dos muros do Carrousel.

Em quanto que o departamento levava assim um cheque dos artilheiros, os officiaes municipaes davam aos suissos a ordem de repellirem a força pela força. A alguns passos mais longe, os emissarios marselhezes, tendo penetrado nos pateos, harengavam a estes soldados estrangeiros para os comprometter a não fazerem fogo sobre os patriotas que queriam ser livres e republicanos como elles. Repentinamente ouvio-se bater repetidas vezes á porta real. Rœderer correu ahi; mandou abrir um postigo. Introdusio-se um mancebo magro, pallido, exaltado, official dos artilheiros. Disso que o seu ajuntamento queria dirigir-se á assembléa, bloquear o corpo legislativo até a deposição do rei ser decretada, e que o povo já tinha doze peças de artilheria no Carrousel. « Pedimos accrescentou, que nos deem livre passagem atravez o castello e o jardim para irmos apresentar o voto do povo ao corpo legislativo; não queremos fazer mal. Somos todos cidadãos como vós! Não queremos attentar á liberdade da assembléa, queremos pelo contra-

rio restituir-lhe essa liberdade abafada pelas conspirações da corte!» Depois de um dialogo fervoroso entre este mancebo de um lado, e os magistrados do outro, ás repetidas pancadas que estremecem a porta, e do rugido da multidão engrossando por traz do muro, o departamento se retira e a hora prepara sosinha o desenlace.

X. — A rainha, prevendo que este desenlace chegaria com o dia, que seria sangrento, e não querendo que o assalto do castello, e o ferro dos marselhezes surprehendessem seus filhos nos seus leitos, fel-os acordar, vestir, e conduzir para junto de si pelas cinco horas da manhã. O rei e a rainha os abraçaram com redobração de ternura, como se aperta mais fortemente o que se teme se nos arranque. O delfim estava descuidoso e brincalhão como a sua idade. Esta hora desusada de se levantar; e o aspecto militar das sallas, do jardim, dos patéos, divertiam os seus olhos: o brilho daquellas armas mascarava-lhe a morte. Sua irmã, mais velha e mais pensante, comprehendia o destino nos olhos de sua mãi e nas orações de sua tia. A presença destas duas bellas creanças entre estas duas princezas commoveu os guardas nacionaes postados nas sallas, e levou até ponto de lagrimas o enthusiasmo dos voluntarios acampados na galaria dos Carraches. O marechal de Mouchy e os ministros pediram ao rei que fortificasse pela sua presença estas boas disposições, e passasse revista a todas as forças que a dedicação á sua pessoa e a obediencia á lei reuniam em roda do castello. Ainda que as tropas fossem pouco numerosas e pouco resolutas, quantas vezes o aspecto de um principe fazendo apêlo a um punhado de defensores, nas extremidades da sua fortuna, havia multiplicado seu numero pelo enthusiasmo, e feito voltar a sorte!

Mas para espalhar esta electricidade nas massas é necessario uma pessoa possuir em si mesmo o foco. Só os heroes communicam o heroismo. Luiz XVI não tinha nada, nem na palavra, nem na alma, que podesse inflamar uma multidão. Ella buscava nelle um rei, e não encontrava senão um pai de familia. O mesmo exterior humano arrebatava todo o prestigio ao rei. Se os batalhões indecisos tivessem visto sahir, com o dia, as portas do seu palacio, um principe a cavallo, moço, altivo, fervente de ardor, prompto a jogar a sua vida como a essa fortuna que favorece a joventude; se um ancião descobrindo a sua fronte tivesse deixado pender seus cabellos brancos ante o seu povo fazendo apêlo á piedade, esta ultima eloquencia dos revezes; se algumas palavras lançadas do seu coração, no dos soldados, tivessem circulado de fileira em fileira, e impresso uma destas correntes de emoção marcial que arrastam tão facilmente os homens que estão reunidos; se uma bandeira, um gesto, uma espada desembainhada a proposito tivesse fascinado os olhos e curvado esta floresta de baionetas sob o mais ligeiro fremito do enthusiasmo, haver-se-hia combatido, ter-se-hia vencido, e a constituição reassegurada por uma victoria haveria vacillado alguns mezes mais.

Porém Luiz XVI não tinha na sua pessoa nem a graça da joventude que seduz, nem a magestade da velhice que internece os homens. Nada de marcial revellava nelle ao soldado o seu chefe, ao povo o seu pai. Em logar de revestir um uniforme e de montar a cavallo, estava a pé, em vestido côr de violete, que é a côr do lucto dos reis; sem botas, sem esporas, com um calçado de côrte, sapatos com fivellas, meias de sêda brancas, chapéo sob o braço, seus cabellos frisados e empoados na vespera, sem que alguma caridosa mão tivesse reparado naquelle penteado a desordem dos somnos rapidos e das agitações da noite. Seu olhar intimidado, não pelo perigo, mas pela representação, estava terno, indeciso, errante; sua boca tinha o surriso gracioso mas banal de todas as horas da sua vida de principe; o seu andar pesado e fluctuante, balanceava seu corpo d'um pé para o outro, como nas frias recepções da corte. A toda a sua pessoa faltava-lhe accento; esperava-se tudo, não inspirava nada. Era preciso a qualquer reflectir para se enternecer. Não tinha, nesta revista, outro prestigio senão o do seu abatimento.

XI. — Com tudo a unica presença deste rei arrancado ao somno pela insurreição, desta rainha, desta irmã em trajes de lucto, destas creanças conduzidas pela mão, vindo sollicitar processionalmente e em silencio, nas sallas e nos patéos da sua habitação, a fidelidade dos seus amigos, a honra do soldado, a piedade dos seus inimigos, tinha em si mesmo uma eloquencia que escusava bem palavras. O rei, balbuciou algumas, apenas ouvidas, sempre as mesmas, como um estribilho que dispensa de pensar: «Pois bem! Srs., diz-se que elles vêm... Não sei o que querem... Veremos... A minha causa é a da constituição e de todos os bons cidadãos... Faremos o nosso dever, não é assim?»

Estas palavras, pronunciadas de distancia em distancia e interrompidas pelas raras aclamações e pelo estridor das armas que apresentaram ao rei, bastavam á continencia, mas não bastavam á gravidade do momento. A rainha, que seguia passo a passo o rei, levantava estas palavras pela nobresa da sua actitude, pelo movimento simultaneamente altivo e gracioso da sua cabeça, e pela expressão do seu olhar. Ella desejaria inspirar sua alma ao rei: ella soffria de não revellar senão pela actitude, vermelhidão e muda emoção, estes sentimentos de rainha, de esposa e de mãi, que o seu sexo a obrigava a conter no seu seio. Via-se que ella chorava interiormente, mas que a coragem e a colera seccavam as suas lagrimas á medida que saiam. Sua respiração era curta, forte, estrepitosa; o peito sublevava-se-lhe sob a indignação. As suas feições fatigadas e empallecidas pela insomnia, mas tendidas pela vontade e exaltadas pela intrepidez de sua alma; seus olhos que fallavam por via de relampagos sobpesados, a todos os olhos fixos nella; sua vista que implorava, que remexia, que afrontava ao mesmo tempo, conforme encontrava rostos frios, amigos ou hostis; a anciedade com que ella buscava em todas as physionomias a impressão das palavras do rei; seu labio relevado e palpitante, seu nariz aquilino, suas ventas insufladas pela emoção, a actitude de sua cabeça erguida pelo perigo, seu andar triste, seus braços curvados, suas posições altivas, os vestigios ainda recentes desta belleza que principiava a murchar sob os annos, como a sua fortuna sob suas desgraças; a recordação das adorações que ella tinha respirado naquellas mesmas sallas em que implorava, debalde, alguns braços para a defenderem; estes raios do sol matutino penetrando nos quartos, e ondulando sôbre seus cabellos, como uma corôa vacillante sobre sua cabeça; estas armas diversas, esta multidão, estas acclamações, estes silencios no meio dos quaes ella avançava: tudo imprimia na sua pessoa uma magestade de coragem, de dignidade, de tristeza, que igualava aos olhos dos espectadores a solemnidade da scena e a grandeza do acontecimento. Era a Niobe da monarchia; era a estatua da realeza cahida do throno, mas sem ser nem manchada nem degradada pela sua queda. Ella não reinou nunca tanto como neste dia.

XII. — Foi rainha mesmo a pesar do seu povo e da sua sorte. O seu aspecto interneceu interiormente os guardas nacionaes os mais indecisos, e fez arrancar das bainhas todos os sabres. Guardas suissas, gendarmaria, granadeiros, voluntarios, gentilhomens, burguezia, povo, todas as armas, todos os postos militares, todas as sallas, todas as escadas se comoveram de um mesmo e igual enthusiasmo á sua passagem; todos os olhares, todos os gestos, todas as palavras lhe prometteram mil vidas pela sua vida. A palidez das grandes emoções estava espalhada em todos os rostos. Lagrimas escorriam dos olhos dos soldados ainda os mais aguerridos. Cheia de sedução para com a guarda nacional, de benevolente dignidade para com os guardas suissos, de graça e abandono para com os seus amigos, ella foi, passando pelas fileiras dos gentilhomens reunidos na grande galaria, o objecto de um culto cavalheiresco. Uns lhe pediam a mão para beijar, outros lhe rogavam que tocasse somente suas armas, estes lançavam-lhe seus mantos debaixo dos pés, e dos do delfim e da princeza real; aquelles mais familiares levantavam ao ar o menino nos

seus braços, qual bandeira viva pela qual juravam morrer!

A estes transportes a propria rainha se exaltou; Agarrando duas pistolas do cinto do senhor d'Affry, commandante dos Suissos, apresentou-as ao rei: «Eis, lhe disse ella, o momento de mostrar como se morre com gloria no meio dos seus amigos!» O rei tornou a entregar aquellas pistollas ao senhor d'Affry; conheceu que a vista destas armas o despopularisaria, e que a sua melhor defeza aos olhos dos cidadãos era a sua inviolabilidade e a lei.

Depois de ter vizitado todos os postos do interior com a sua familia, o rei, havendo descido já o vestibulo da escada principal, fez com que a rainha, a princeza Izabel, e as creanças subissem pará os seus quartos. Quiz acabar sosinho a revista das forças exteriores. Receiou que a rainha, tanto calumniada aos ouvidos do povo, soffresse alguns ultrajes e talvez alguns perigos pessoaes passando pela frente dos batalhões.

XIII. — O rei avançou para o pateo Real, seguido dos senhores de Boissieu e de Menou, marechaes de campo, commandantes do castello; dos senhores de Maillardoz e de Bachmann, officiaes superiores dos Suissos; do senhor de Lajard, antigo ministro da guerra · do senhor de Dubouchage, ministro da marinha, e do principe de Paix-Noailles, antigo capitão das guardas do corpo. O rufar dos tambores batendo á chamada, as vozes dos officiaes mandando apresentar armas, as acclamações da multidão dos realistas que se aglomeravam ás portas, ás janellas, e as sacadas do castello, erguendo os chapeos ao ar e gritando viva o rei! arrastaram em pouco os batalhões em armas, e arrancaram-lhes os ultimos gritos de fidelidade. A rainha, a princeza Izabel, as damas, os criados que as cercavam, choravam de alegria contemplando do alto da escada da salla dos guardas estes signaes de dedicação. Esta alegria foi curta e inquieta Dois batalhões duvidosos entraram no pateo durante a revista. Silenciosos e carrancudos, contrastavam com os batalhões dedicados. Os artilheiros, até então impassiveis, foram fraternizar com elles. O senhor de Boissieu julgou prudente afastar estes batalhões, e marcou-lhe seu logar mais longe do palacio, no terraço da margem do Sena. Desfilaram pela frente do rei para o sitio que se lhes determinou, aos gritos de viva a nação!

Dos pateos, o rei passou ao jardim. Os batalhões realistas dos bairros de *Petits-Peres* e *des Filles de Saint-Thomas*, postados em linha á direita e á esquerda da porta principal, sobre o terraço do castello, o cobriram com as suas baionetas, com o seu enthusiasmo e seus juramentos. Os granadeiros cercaram o e lhes pediram que passasse revista aos seus camaradas postados na extremidade do jardim, no *Pont-Tournant*, para assegurar com a sua presença este posto tão importante á defesa. O rei aventurou-se a isso apesar das representações de algumas pessoas do seu sequito que lhe fizeram temer ser atacado no caminho pelos batalhões de piques, em batalha no terraço da borda d'agoa.

O fraco cortejo real atravessou o jardim em toda a sua longitude sem accidente. Os granadeiros do *Pont-Tournant* mostraram-se cheios de resolução e de energia. Porem dois espiritos dividiam a guarda nacional assim como a França. Apenas o rei deixou a *Pont-Tournant* para voltar ao castello, que os batalhões de piques, aquelles do faubourg Saint-Marceau e os dois batalhões entrados durante a revista e postados pelo senhor de Boissieu no terraço do Sena, levantaram em immenso clamor os seus insultos e as suas ameaças contra a corte. Este clamor subio do jardim até aos quartos das Tuillerias. A rainha santada na camara do rei, ahi descançava um instante, cercada de seus filhos, de sua irmã, dos seus ministros e de Rœderer. Este estrepito fez correr um dos ministros á janella. A rainha precipitou-se tambem para alli. O ministro affastou-a respeitosamente; fechou a janella para poupar a esta princeza a vista dos gestos e ultrajes contra seu marido. «Grande Deus, disse ella, é ao rei que apupam! Estamos perdidas!» Caíu anniquilada sob estas alternativas de vida ou de morte.

O rei entrou palido, derrotado, inundado de suor com desespero na alma, e a vergonha na fronte. Durante todo o trajecto do *Pont-Tournant* ás Tuillerias, tinha devorado o desespero e a ignominia. Vira brandir de longe, contra a sua pessoa, os piques, os sabres, as baionetas reunidas para o defenderem. Os punhos levantados os gestos assassinios, as apostrofes cinicas, os movimentos raivosos de alguns furiosos esforçando-se descer do terraço para o jardim, para cairem sobre a sua escolta, retidos a custo pelos seus camaradas, e vingando-se da sua impotencia pelas suas imprecações, tinham-o acompanhado até á porta. O seu fraco cortejo não tinha mesmo podido preserveral o do perigo para a sua vida. Um homem, em uniforme de guarda nacional, d'uma figura sinistra, levava muitas vezes a mão sob o seu uniforme para nelle procurar um punhal, e seguia o rei passo a passo. Um granadeiro ligou-se a este homem, e collocou-se sem cessar entre o rei e elle. Regressando ao posto depois de ter posto o rei ao abrigo do seu palacio, este granadeiro desmaiou de horror da scena de que fôra testimunha.

Apenas o rei tinha entrado no palacio dois destes batalhões da borda d'agoa sairam pela grade do *Pont-Royal* com a sua artilheria, e postaram-se em batalha sobre o caes, entre o jardim e o *Pont-Royal*, para esperarem os Marselhezes, e atacal-os. Outros dois batalhões debandaram no patio real. Entraram para o *Carrousel*, e foram ahi esperar os batalhões ainda retardados para os arrastarem á sua defecção. Uma immensa massa de povo, de federados de Brest, d'insurgidos dos faubourgs, accumulou-se na praça, em roda destes batalhões.

XIV. — Eram sete horas. O toque de rebate não tinha cessado de atroar durante a noite. Desde que a hora matinal em que o povo se levanta p ra ir para os trabalhos havia soado, as ruas, as praças, ao principio cheias com lentidão estavam finalmente atulhadas de gente. Estas massas de povo estacionarias nos seus movimentos, esperavam que os batalhões dos seus bairros estivessem reunidos para os seguirem. Apenas se percebia uma fraca corrente para o Louvre e Pont-Royal, nas ruas que vasam do faubourg Saint-Antoine e do faubourg Saint-Marceau para o centro de Paris. Os focos do impulso estavam então, um no *hotel de ville* com Santerre e Westermann; o outro no antigo edificio dos *cordeliers* (franciscanos), onde o club deste nome tinha as suas sessões, e onde os Marselhezes estavam aquartelados.

Os *cordeliérs* (franciscanos) com o seu club e seu quartel eram para o *quartier* Saint-Marceau e para a margem esquerda do Sena o que o *hotel de ville* era para o *faubourg* Saint-Antoine, e para a margem direita, o coração e os braços da insurreição. Pela meia noite, Danton, Camille Desmoulins, Fabre d'Eglantine, Corra, Rebecqui, Barbaroux e os principaes agitadores do club haviam-se constituido em sessão permanente. Danton, o orador dos *cordeliers* (franciscanos) e o homem d'Estado do povo, tinha franqueado a salla aos Marselhezes. «A's armas! lhes disse. Ouvis o toque de rebate, esta voz do povo. Chama-vos em soccorro dos vossos irmãos de Paris. Correstes das extermidades do imperio para defender a cabeça da nação ameaçada na capital pelos conspiradores do despotismo! Que este toque de rebate signifique a ultima hora dos reis, e a primeira hora da vingança e da liberdade do povo! A's armas, e *ça-ira*!»

Apenas Danton tinha proferido estas rapidas palavras que a canção do *ça-ira* abalou as abobadas dos *cordiliers* (franciscanos). Carra, Fabre d'Eglantine, Rebecqui, Barbaroux, Fournier o Americano tinham passado a noite a prepararem por pelotões os Marselhezes em armas, e a grupar em roda dos seus batalhões os federados de Brest. Grande numero de federados isolados dos departamentos haviam-se reunido a esta testa de columna, e tinham formado um verdadeiro acampamento revolucionario nos pateos e edificio dos *cordeliers* (franciscanos). Os artilheiros bretões e marselhezes estavam deitados, com o morrão acceso, junto de suas peças. Danton tinha-se retirado incerto ainda dos acontecimentos da noite. Em quanto que o acreditavam occupado em atar nos mysteriosos conciliabulos os ultimos tramas da conjuração, tinha regressado ao interior de sua casa, e deitado vestido a dor-

mir um instante no entanto que sua mulher velava e chorava ao lado do seu leito.

Depois de ter concebido o plano e impresso o impulso, havia abandonado a acção aos homens de golpes de mão, e a sorte do seu pensamento á covardia ou á energia do povo. Não era timidez. era uma theoria profunda das revoluções. Danton tinha a philosofia das tempestades; sabia que uma vez formadas é impossivel dirigil-as, e que ha nas convulsões dos povos assim como nas batalhas, acasos nos quaes um homem nada póde senão sentar-se e adormecer esperando-os.

LIVRO XXII.

I. — Apenas Santerre teve concertadas estas ultimas medidas no *hotel de ville* com os novos commissarios das secções, poz-se em marcha sobre o caes, mandando designar aos Marselhezes o *Pont-Neuf* para ponto de juncção das duas columnas. Estas duas columnas confundiram-se em desordem, ao rufar do tambor e aos cantos do *Ça-ira* na praça do Louvre, e inundaram sem obstaculo o Carrousel. Um homem montado n'um pequeno cavallo preto precedia as columnas. Chegado aos postigos do Carrousel, apoderou-se do commando, pelo unico direito do uniforme, e pela authoridade de Danton. Esta multidão obdeceu-lhe por esta necessidade de direcção e d'unidade que subordina as massas no momento do perigo. Fez desfilar a sua tropa em boa ordem, enfileirou-a em batalha no Carrousel, postou a artilheria no centro, estendeu as duas alas de modo que cerrasse e dominasse os batalhões incertos que pareciam esperar a fortuna para se pronunciarem. Tomadas estas disposições com a prespicacia e sangue frio d'um general consumado, impellio o cavallo a trote para a porta do pateo real, acompanhado de um grupo de federados de Brest e Marselha, bateu com o punho da espada do sabre na porta, e pediu com o tom do commando, que se abrisse ao povo.

Este homem era Westermann, moço Prussiano expatriado. Entrara no serviço da França poucos annos antes da revolução , o vaccuo deixado no exercito pela emigração tinha-o elevado ao gráo de official. Intelligente aventuroso, intrepido, o seu instincto havia farejado a guerra civil e as fortunas militares que as revoluções encerram no seu seio para os soldados felizes. Nas proximidades do 10 de agosto tinha vindo a Par's espreitar a occasião de se engrandecer ou de morrer. Havia-se entregue á causa do povo. Danton havia-o apercebido, julgado e alistado. Tinha-lhe entregue aquella multidão depois de se haver sublevado. Santerre, ainda que commandante geral, tinha conhecido a suprioridade do moço Allemão, e deixara-lhe o commando desta guarda avançada, e os azares desta expedição.

Westermann, vendo que os Suissos e os granadeiros nacionaes recusavam abrir-lhe a porta, fez avançar cinco peças de artilheria e ameaçou meter as portas dentro. Estas portas de madeira, caindo de velhas, não podiam resistir á primeira descarga. A' aproximação de Westermann, os officiaes municipaes Borie e Leroux, Rœderer e os outros membros do departamento, testimunhas da hesitação das tropas, e feridos da imminencia do perigo, subiram precipitadamente ao castello. Atravessam as sallas que precedem a camara do rei. A consternação dos seus rostos fallava assás. O rei estava sentado em frente de uma meza colocada á entrada do seu gabinete. Tinha as mãos pousadas sobre os joelhos, na actitude de um homem que espera e escuta. A rainha com os olhos vermelhos e as faces animadas pela angustia, estava sentada com sua irmã e os ministros entre a janella e a meza do rei ; a princeza de Lambelle, a senhora de Tourzel e as creanças, juntos da rainha.

« *Sire* (Senhor) disse Rœderer, o departamento deseja fallar a Vossa Magestade sem outras testimunhas mais do que a sua familia. » O rei fez um aceno, todos se retiraram, excepto os ministros — « *Sire*, proseguio o magistrado, vós não tendes cinco minutos a perder ; nem o numero, nem as disposições dos homens reunidos aqui para vos defenderem, podem garantir os vossos dias e os da vossa familia. Os artilheiros acabam de descarregar as suas peças. A defecção está por toda a parte, no jardim, nos pateos ; o Carrousel está occupado pelos Marselhezes. Não ha segurança para vós senão no seio da assembléa. E' a opinião do departamento, unico corpo constituido que tem neste momento a responsabilidade da vossa vida e da constituição. — Porem, disse o rei, não vi muita gente no Carrousel. — *Sire*, replicou Rœderer, ha doze peças de artilheria, e o exercito innumeravel dos faubourgs avança na rectaguarda dos Marselhezes. O senhor Gerdret, administrador do departamento, conhecido da rainha, de quem era fornecedor, tendo apoiado com algumas palavras a opinião de Rœderer : « Callai-vos, senhor Gerdret, lhe disse a rainha, não vos pertence levantar aqui a voz : deixai fallar o procurador syndico. » Depois voltando-se para Rœderer . « Porem, senhor nós temos forças ? — *Madame* (Senhora) Pariz inteiro marcha, » replicou Rœderer, e, retomando immediatamente n'um tom mais affirmativo a seu dialogo com o rei . « *Sire*, o tempo urge; não é uma supplica, é um conselho que vos dirigimos. não nos resta senão um recurso : pedimo-vos a permissão de vos fazer violencia, e de vos levar á assembléa. »

O rei levantou a cabeça, olhou fixamente para Rœderer durante alguns segundos, para lhe lêr nos olhos se as suas instancias encerravam salvação ou laço ; depois voltando-se para a rainha, e interrogando-a com um rapido olhar : « Marchemos ! « disse elle, e levantou-se. A esta palavra, a princeza Izabel levantando-se, e avançando a cabeça por cima dos hombros do rei : « Senhor Rœderer, gritou ella, ao menos respondeis pela vida do rei ? — Sim, senhora, tanto quanto pela minha, » respondeu Rœderer em termos duvidosos. Recommendou ao rei que não se fizesse acompanhar de ninguem da sua côrte e que não tivesse outro cortejo afora o departamento e uma duplicada alla de granadeiros nacionaes. Os ministros reclamaram para si o direito de não se separarem do chefe do poder executivo. A rainha implorou o mesmo favor para a princeza de Lamballe, e para a senhora de Tourzel, aia de seus filhos. O departamento consentio nisso. Rœderer, avançando então para a porta, e levantando a voz : « O rei e a sua familia vão á assembléa nacional sós, sem outro cortejo mais que o departamento e os ministros ; abri-lhes passagem ! » exclamou elle á multidão de expectadores.

II. — A noticia da partida do rei se espalhou, n'um instante, por todo o palacio. A hora suprema da monarchia não soaria mais fulminante e mais sinistra ao ouvido dos seus defensores. Somente o respeito conteve a indignação e a dor na alma das guardas suissas e dos gentilhomens de quem se recusava o braço e o sangue. Lagrimas de vergonha rolavam dos seus olhos. Alguns arrancaram de seus peitos a cruz de S. Luiz e quebraram aos pés suas espadas.

No entanto que o senhor de Lachesnaye fazia avançar a escolta do rei para formar as allas em redor da sua pessoa, o rei parou alguns minutos no seu gabinete, percorreu lentamente o circulo formado pelas pessoas da sua intimidade, e annunciou-lhes a sua resolução. A rainha sentada e immovel occultava o seu rosto no seio da princeza de Lamballe. A guarda chegou, o cortejo desfillou em silencio atravez uma multidão de rostos consternados. Os olhos não podiam crusar-se com os olhos. Atravessando a salla chamada *O Eil-de-Beuf* (do Oculo) o rei tomou, sem dizer palavra, a barretina do guarda nacional que marchava á sua direita, e pôz na cabeça deste granadeiro o seu chapéo ornado com uma pluma branca. O guarda nacional espantado tirou da cabeça o chapéo do rei, collocou-o debaixo do braço e marchou com a cabeça descoberta. Ninguem soube o pensamento do rei em fazer esta troca. Recordar-se-ia elle do *bonnet rouge* (barrete vermelho) que posto na sua cabeça tinha lisongeado o povo em 20 de junho, e queria popularisar-se com a guarda nacional revestindo uma parte do uniforme do exercito civico ? Ninguem ousou interrogal-o sobre esta acção ; mas não se póde atribuil-a ao medo n'um prin-

cipe tão impassivel diante do ultraje, e tão tranquillo e sereno em frente da morte.

No momento de sair do peristylo, e de dar o ultimo passo fóra do limiar do seu palacio, o rei, dirigindo-se ao procurador syndico que marchava adiante delle: « Mas que será, disse elle, dos nossos amigos que ficaram lá em cima? » Rœderer tranquilisou o principe a respeito da sorte delles dizendo ao rei que nada se oppunha á saida daquelles que estavam sem armas, e sem uniformes, asserção involuntariamente enganosa que a hora e a morte iam desmentir. Em fim, sobre os mesmo degráos que descem do vestibulo para o jardim, Luiz XVI teve ainda como um ultimo aviso do seu destino, e um derradeiro remorso da sua voluntaria abdicação. Voltou-se para o lado dos pateos, lançou a vista por cima da cabeça daquelles que o seguiam, suspendeu a marcha, e disse aos membros do departamento: « Mas não ha grande multidão no Carrousel! » Repetiram-lhe as asserções de Rœderer. Pareceu escutal-os sem acreditar, e deu em fim o ultimo passo fóra do limiar, como um homem fatigado de contradizer, e que cede antes á fatalidade do que á convicção.

III. — O rei atravessou o jardim sem obstaculo entre duas fileiras de bayonetas que marchavam do mesmo passo que elle. O departamento e os officiaes municipaes marchavam na frente. A rainha, a princeza Izabel, e as creanças fechavam a marcha. O vasto espaço do jardim que se estende de um terrasso ao outro, estava deserto; a hora matinal e as ordens das tropas não deixavam aperceber ninguem, nem mesmo sobre o terrasso des Fenillants (Bernardos) ordinariamente aberto ao povo. Os canteiros, as flores, as estatuas, as relvas brilhavam com o esplendor de uma aurora de estio. Um sol abrazador reverberava sobre a areia. O Ceo estava puro, o ar sem movimento. Esta fuga assimilhava-se ao passeio de Luiz XIV por estes jardins. Nada perturbava o silencio senão o passo medido das columnas e o canto dos passaros nos ramos. A natureza parecia não saber nada do que se passava neste dia em o coração dos homens. Fazia brilhar este lucto como teria feito sorrir uma festa. Sómente o prematuro calor deste anno tinha já amarelecido os castanheiros das Tuilerias. Quando o cortejo entrou debaixo das arvores, os pés enterravam-se em montões de folhas cahidas durante a noute, que os jardineiros acabavam de juntar em monte para varrer no decurso do dia. O rei apercebeu-o, quer por affectado descuido de espirito, quer por uma triste allusão á sua sorte. « Eis aqui bastantes folhas, disse elle; caem bem cedo este anno. » Manoel tinha escripto alguns dias antes n'um jornal que a realeza não viviria senão até ao cair da folha. O principe real, que caminhava ao lado da senhora de Tourzel, divertia-se em amontoar com os pés estas folhas mortas e atiral-as para a passagem da sua irmã. Infancia que brincava no caminho da morte!

O presidente do departamento destacou-se neste sitio do cortejo para ir prevenir a assembléa da chegada do rei e dos motivos da sua retirada. A lentidão da marcha dava tempo a uma deputação da assembléa vir ao jardim antes que o cortejo acabaçse de o atravessar. « Sire, disse o orador da deputação, a assembléa, apressada em concorrer para a vossa segurança, offerece a vós e á vossa familia asylo no seu recintho. » Os representantes misturaram-se ao cortejo e cercaram o rei.

A marcha das columnas atravez o jardim apercebida do botequim Hottot, das janellas do *Manege*, a aproximação do rei espalhada nos grupos que estavam em roda da assembléa, tinham repentinamente apinhado a multidão sobre o ponto do terrasso des *Fenillants* (Bernardos) que era preciso atravessar para passar do jardim ao recintho da assembléa. Chegado ao pé da escada que sóbe a grande lameda sobre este terraço, uma massa compácta de homens e de mulheres gritando e gesticulando com raiva recusaram passagem á familia real. — « Não, não, não, elles não virão outra vez mais enganar a nação! é preciso que isto acabe! elles são causa de todas as nossas desgraças! abaixo o *Veto!* abaixo a Austriaca! a deposição ou a morte! » Actitudes injuriosas e gestos ameaçadores acompanhavam estas palavras. Um homem colossal, chamado Rocher, chefe ordinario dos tumultos no pateo do *Manege*, fazia-se notar nesta multidão pela violencia das suas vociferações e pelo frenesim dos insultos. Pela rectaguarda delle figuras menos desvairadas, porém mais sinistras, encendiavam tambem o furor do ajuntamento. Rocher tinha na mão uma comprida perche que dardejava no ar por cima do cortejo real, e com o qual se esforçava ou a repellir ou a alcançar o rei. Harengou-se a esta multidão. Os deputados attestaram que um decreto da assembléa chamava o rei e a sua familia ao seu recintho. A resistencia vergou. Rocher deixou-se desarmar do seu pique pelo procurador syndico o qual arremessou a arma para o jardim. A escolta authorisada por um segundo decreto a penetrar no pavimento do corpo legislativo formou uma dupla alla no terasso. O rei chegou assim á entrada da passagem que conduzia do terrasso para a assembléa.

Alguns homens da guarda do corpo legislativo o receberam ahi, e marcharam ao lado delle. — « Sire, lhe disse um destes homens com o accento meridional, não tenhaes medo, o povo é bom! mas não quer ser trahido por mais tempo. Sêde um bom cidadão, Sire, e expulsai do vosso palacio os vossos padres e a vossa mulher!

« O rei respondeu sem colera a este homem. A multidão regorgitava do corredor estreito e sombrio. Um movimento tumultuoso e irresistivel separou um momento a rainha e seus filhos, do rei que os precedia. A mãi tremia por seus filhos. Aquelle mesmo Rocher que acabava de arremessar invectivas e ameaças de morte contra a rainha, enternecido repentinamente por estas angustias de mulher, pega na creança que ella conduzia pela mão; ergue-a nos seus braços por cima da multidão, leva-a adiante de si, abre-lhe praça com os cotovelos, entra na salla após os passos do rei, e depõe, entre os aplausos da tribuna, o principe real na meza da assembléa.

IV. — O rei, a sua familia, os dois ministros dirigiram-se para as cadeiras destinadas aos ministros, e ahi tomaram logar ao lado do presidente. Vergniaud era quem presidia. O rei disse: « Vim aqui para evitar um grande crime. Pensei que não podia estar mais seguro do que no meio de vós. — Podeis contar, Sire, respondeu Vergniaud, com a firmeza da assembléa nacional; os seus membros tem jurado morrer sustentando os direitos do povo, e as authoridades constituidas. « O rei sentou-se. A assembléa estava pouco numerosa, um silencio de pasmo reinava na salla; as phisionomias estavam tristonhas; as vistas, respeitosas e enternecidas, dirigiam-se involuntariamente sobre o rei, sobre a rainha, sobre a princeza Isabel, sobre a moça princeza, já em todo brilho da sua adolescencia; sobre esta creança que a rainha segurava pela mão, e cuja fronte ella enchugava. O odio amortecia-se em frente do sentimento das vicissitudes repentinas que vinham arrancar este rei, este pai, estas creanças, estas mulheres á sua habitação sem saberem se para ahi voltariam mais! Nunca a sorte apresentou em espectaculo mais dores secretas. Eram as agonias do coração humano a rir. O rei velava-as d'impassibilidade, a rainha de dignidade, a princeza Isabel de piedade, a menina de lagrimas, o delfim de descuido. O publico não apercebia nada de indigno da jerarchia, do sexo, da idade, do momento. A fortuna parecia ter encontrado almas iguaes aos seus golpes.

V. — A deliberação principiou. Um membro levantou-se e fez observar que a constituição prohibia se deliberasse diante do rei. « E' justo, » disse Luiz XVI inclinando a fronte.

Para obedecer a este escrupulo ironico da constituição no momento em que a constituição não existia, decretou-se que o rei e a sua familia fossem colocados n uma tribuna dos jornalistas, que se chamava a tribuna do logographo.

Esta tribuna de dez pés em quadrado, por traz da presidencia, estava ao nivel com as cadeiras mais elevadas da assembléa. Não estava separada da salla senão por uma grade de ferro chumbada na parede. Para ahi conduziram o rei. Os moços secretarios que notavam os discursos para reproduzirem litteralmente as sessões aper-

taram-se um pouco para dar logar á familia de Luiz XVI. O rei sentou-se na frente da tribuna; a rainha n'um angulo, para esconder o seu rosto na sombra do fundo; a princeza Izabel, as creanças e a sua governanta sobre uma banqueta de palha encostada á parede nua; no fundo da tribuna, os dois ministros, alguns officiaes da casa do rei, o duque de Choiseul, Carl, commandante da gendarmaria a cavallo, os srs. de Saint-Croix, Dubouchage, o principe de Poix, os srs. de Viomenil, de Montmorin, d'Hervilly, de Briges, cortesãos da ultima hora, conservaram-se em pé junto á porta. Um posto de granadeiros da guarda da assembléa com alguns officiaes superiores da escolta do rei enchiam os corredores e interceptavam o ar. O calor estava abafante. O suor escorria da fronte de Luiz XVI e dos seus filhos. A assembléa e as tribunas, que se entulhavam de minuto para minuto, exhalavam a respiração de uma fornalha nesta estreita embocadura. A agitação da salla, as moções dos oradores, as petições dos seccionarios, o ruido das conversações entre os deputados, ahi subiam de baixo para o interior. Os tumultos do povo que se aglomerava junto aos muros, os assaltos dados ás portas para forçar as ordens, as vociferações dos ajuntamentos, os gritos dos sicarios que começavam a degolar no pateo do Manege, as supplicas das victimas, os golpes que arremessavam a morte, os corpos que cahiam, todos estes ruidos ahi penetravam de fóra.

Apenas o rei estava neste asylo, que um redobro de clamor externo fez receiar que as portas cedessem, e que o povo viesse immolar o rei sem evasão nesta prisão cachot. Vergniaud deu ordem para se arrancar a grade de ferro que separava o camarote da salla, para Luiz XVI se poder refugiar no meio dos deputados se uma invasão do povo tivesse logar pelos corredores. A' falta de obreiros e de instrumentos, alguns deputados os mais proximos do rei, assim como os srs. de Choiseul, o principe de Poix, os ministros, o proprio rei, costumado a servir-se do seu braço para os seus rudes trabalhos de serralharia reuniram todos os seus esforços e a grade saltou. Graças a esta precaução restava ainda um baluarte ao rei contra o ferro do povo. Mas tambem a magestade real estava a descoberto ante os inimigos que ella tinha na salla. Os dialogos de que era objecto chegavam sem obstaculo aos seus ouvidos. O rei e a rainha viam e ouviam tudo. Espectadores e victimas ao mesmo tempo, assistiram dalli durante quatorze horas á sua propria degradação.

Na tribuna mesmo do logographo, um homem moço ainda, assignalado depois pelos seus serviços, o sr. David, consul geral e deputado, notava respeitosamente para a historia a atitude, a phisionomia, os gestos, as lagrimas, a côr, a respiração e até as palpitações involuntarias dos musculos do rosto que as emoções destas longas horas imprimiam nas feições da familia real.

O rei estava tranquillo, sereno, desinteressado do acontecimento como se elle assistisse a um drama de que outro fosse o actor. A sua forte natureza fazia-lhe sentir os apetites do corpo, e a necessidade pressante do nutrimento, mesmo sob as emoções da sua alma. Nada suspendia a sua *puissante* vida. Mesmo a agitação do seu espirito aguilhoava os seus sentidos. Teve fome á hora costumada da sua primeira comida. Trouxeram-lhe pão, vinho, e viandas frias; comeu, bebeu, trinchou a sua ave com tanto socego como se acabasse de uma partida de caça depois de uma longa corrida a cavallo no bosque de Versailles. O homem physico prevalecia nelle sobre o homem sensivel.

A rainha, que sabia que as calumnias populares traduziam as fortes necessidades do sustento do rei em grosseira sensualidade, e mesmo em embriaguez, soffria internamente de o vêr comer em similhante occasião: Recusou tudo, e o resto da familia a imitou. Ella não fallava; os seus labios estavam fechados, seus olhos ardentes, seccos, as suas faces inflammadas da vermelhidão da cólera e da humiliação; seu porte tristo, abatido mas sempre firme; seus braços descarnados, descançando sobre os joelhos como se estivessem atados: o rosto, a expressão, a attitude de um heroe desarmado que não póde mais combater, mas que se revolta ainda contra a fortuna.

A princeza Izabel, de pé por detraz de seu irmão, e defendendo-o com os olhos, assimilhava-se ao genio divino desta casa. Ella não participava das scenas que a cercavam senão pela alma do rei, da rainha, e das creanças. A dôr não era sobre o seu rosto senão o contragolpe que ella sentia nos outros. Levantava muitas vezes os olhos para o tecto. Via-se que orava interiormente.

A princeza real tinha grossas lagrimas que o calor seccava sobre suas faces. O pequeno delfim olhava pela sala e perguntava a seu pai os nomes dos deputados. Luiz XVI lh'os designava sem que se podesse notar nas suas feições, ou reconhecer no som de sua voz se elle nomeava um amigo ou inimigo. Endereçava algumas vezes a palavra áquelles que passando por diante do seu camarote dirigindo-se á sua cadeira. Uns inclinavam-se com a expressão de um doloroso respeito; outros voltavam a cabeça e affectavam não vê-lo. Nenhum o insultou. A catastrofe apasiguava a irritação; a generosidade addiava o ultrage. Um unico foi duro: e este foi o pintor David. O rei, tendo-o reconhecido entre o numero daquelles que se agglomeravam para o contemplar, no corredor á porta do logografo, perguntou-lhe se elle acabaria depressa o seu retrato? — « Não farei daqui em diante o retrato de um tyranno, respondeu David, senão quando a sua cabeça se assentar diante de mim n'um cadafalso. O rei baixou os olhos e devorou o insulto. David enganava-se na hora. Um rei desthronado não é mais do que um homem; uma palavra corajosa em frente da tyrannia transforma-se em covardia diante da adversidade.

VI. — No entanto que a sala se enchia e ficava nesta espera agitada, mas inactiva, que precede as grandes resoluções, o povo, ao qual nenhuma força armada continha do lado da rua Saint-Honoré, tinha feito erupção no pateo des Feuillants (Bernardos) até ao solho mesmo da assembléa. Pedia em altos brados que lhe entregassem vinte e dois prisioneiros realistas, presos durante a noite nos Champs-Elysées (Campos Elyseos) pela guarda nacional.

Estes prisioneiros eram accusados de ter feito parte de patrulhas secretas, espalhadas em differentes bairros pela côrte para examinar as disposições do povo e para dirigir os golpes dos satellites do castello. Os uniformes destes prisioneiros, suas armas, os bilhetes de entrada nas Tuillerias apprehendidos nelles, provavam com effeito que eram guardas nacionaes, voluntarios dedicados ao rei, enviados aos suburbios do castello para esclarecer a defeza. A' medida que os tinham presos, tinham-os lançado no posto da guarda nacional que existia no pateo dos *Feuillants*. Pelas oito horas ahi conduziram um mancebo de trinta annos com a farda de guarda nacional. A sua figura altiva, irritada, a elegancia marcial do seu vestuario, o fulgor das suas armas, e o nome de Suleau, odioso ao povo, nome que alguns homens tinham murmurado vendo-o passar, tinham attrahido as attenções sobre elle.

Era com effeito Suleau, um desses moços escriptores realistas que, como André Chenier, Roucher, Mallet-Dupan, Serizy, e muitos outros, tinham abraçado o dogma da monarchia no momento em que parecia repudiado por todo o mundo, e que, seduzidos mesmo pelo perigo do seu papel, tomavam a generosidade do seu caracter por uma convicção do seu espirito. A liberdade da imprensa era a arma defensiva que elles tinham recebido das mãos da constituição, e de que se serviam com coragem contra os excessos da liberdade. Porém as revoluções não querem armas nas mãos dos seus inimigos. Suleau havia fustigado os partidos populares, já em pamphletos sangrentos contra o duque de Orleans, já em sarcasmos espirituosos contra os jacobinos; tinha satyrisado esta omnipotencia do povo, que não tem longos odios, mas que tambem não tem piedade nas suas vinganças.

A populaça odiava Suleau como toda a tyrannia aborrece o seu Tacito. O moço escriptor mostrou debalde uma

ordem dos commissarios municipaes chamando-o ao castello. Lançaram-o com os outros no corpo da guarda. O seu nome havia engrossado e envenenado o ajuntamento. Pedia-se a sua cabeça. Um commissario, subido a um palanque, arengou á multidão, e quiz suspender o crime promettendo justiça. Theroigne de Mericourt, em vestido de amazona, e com um sabre desembainhado na mão, precipitou o commissario do alto da tribuna, e substituio ahi. Accendeu com as suas palavras a sêde de sangue no povo, que a applaudio! fez nomear por acclamações commissarios que sobem com ella ao comité da secção para arrancar as victimas á lentidão das leis. O presidente da secção, Bonjour, empregado na repartição da marinha, ambicioso do ministerio, prohibe á guarda nacional resistir á vontade do povo. Duzentos homens armados obedecem a esta ordem, e entregam os prisioneiros. Onze d'entre elles evadem-se por uma janella trazeira. Os outros onze são bloqueados na casa da guarda. Vem chama-los um a um para serem immolados no pateo. Alguns guardas nacionaes, mais humanos ou menos covardes, querem apesar da ordem de Bonjour, disputa-los aos assassinios — «Não, não, disse Suleau, deixai-me ir ao encontro dos matadores! Conheço bem que hoje o povo quer sangue. Talvez que uma só victima lhe baste? Pagarei por todos!» Ia precipitar-se pela janella. Retiveram-o.

VII. — Bougnon foi agarrado antes delle. Era um author dramatico. Homem de figura colossal e braços de ferro, Bougnon luctou com a energia do desespero contra os degoladores. Arrastou muitos na sua queda. Acabrunhado pelo numero foi feito em postas.

O sr. de Solminiac, antigo guarda do rei, morreu em segundo logar; depois mais dois. Aquelles que esperavam sua sorte no corpo da guarda ouviam os gritos e a lucta dos seus companheiros. Morriam dez vezes. Chamou-se Suleau. Haviam-lhe tirado na ca a da guarda o bonnet de granadeiro, o sabre, e a patrona. Seus braços estavam livres. Uma mulher indicando-o a Theroigne de Mericourt, que não o conhecia pessoalmente, mas que o aborrecia pelo renome e que ardia por tirar delle vingança das risadas a que tinha sido entregue pela sua penna, Theroigne o agarrou pelo collete e o arrastou. Suleau desembaraçou-se della. Arrancou um sabre das mãos de um degolador, abrio passagem para a rua, e ia evadir-se. Correram, agarraram-o pelas costas, deitaram-o por terra, desarmaram-o, enterraram lhe no corpo a ponta de vinte sabres. Expirou aos pés de Theroigne. Cortaram-lhe a cabeça, e passearam-a pela rua Saint-Honoré.

A' noite um criado de Suleau resgatou a peso de ouro esta cabeça das mãos dos assassinos, que della tinham feito um troféo. O fiel domestico procurou o cadaver e entregou estes restos desfigurados á moça esposa do Suleau, casada havia apenas dois mezes, filha do pintor Hall, celebre pela sua bellesa, e que trazia no seu seio o fructo desta união.

Durante a lucta de Suleau com os assassinos, duas das victimas subtraidas á attenção do povo conseguiram tambem evadir-se. Uma só ficava, era o mancebo Vigier, guarda do corpos do rei. A natureza parecia ter cumprido nelle o typo da fórma humana. A sua belleza, admirada pelos estatuarios, viera a ser um sobrenome; ella fazia parar a multidão, nos logares publicos. Tão bravo como bello, tão dextro como forte, empregou para defender a sua vida tudo que a elevação do talhe, a flexibilidade dos musculos, e a elegancia do corpo, ou o vigor dos braços podiam prestar de prodigioso ao luctador antigo. Só e desarmado contra sessenta, cercado, deitado por terra e levantado alternativamente, regou com o seu sangue todas as lages, cançou muitas vezes os assassinos, fez aturar a sua desesperada defesa mais de um quarto de hora. Duas vezes salvo, duas vezes tornado a agarrar, não caiu senão de cançasso, não morreu senão sob o numero. A sua cabeça foi o troféo de um combate. Admirava-se ainda na ponta do pique em que os sicarios a tinham arvorado. Tal foi o primeiro sangue daquelle dia: elle servio para tornar sedento o povo.

VIII. — A partida do rei tinha deixado o castello na incerteza e na desordem. Uma treva tacita parecia estabelecida per si mesma entre os defensores e os assaltantes. O campo de batalha tinha-se transportado das Tuillerias para a assembléa. Era aqui onde a monarchia ia reerguer-se ou desabar. A conquista ou a defeza de um palacio vazio não podia custar mais do que um sangue inutil. Os postos avançados dos dois partidos o comprehendiam. Não obstante, de um lado o impulso dado de tão longe a uma immensa massa de povo não podia facilmente voltar sobre si mesmo á simples noticia da retirada do rei para a assembléa; e d'outro lado, as forças militares que o rei tinha deixado sem licencear nas Tuillerias, não podiam, sem ordem em contrario, entregar a habitação real, e render as armas á insurreição. Uma ordem clara e precisa do rei podia previnir este choque authorisando uma capitulação. Mas este principe, abandonando as Tuillerias, não tinha abdicado toda a esperança de ahi voltar: «Depressa voltaremos,» havia dito a rainha ás suas damas que a esperavam nos seus quartos A familia real não via nos acontecimentos da noite senão os preparativos de um segundo 20 de junho. Ella fôra á assembléa para intimar por este passo o corpo legislativo a defende-la, para se descarregar da responsabilidade do combate, e para passar longe dos perigos extremos das horas de anciedade. O marechal de Mailly, a quem o commando das forças do castello foram confiadas pelo rei, tinha ordem de impedir pela força a violação do domicilio real.

Duas esperanças vagas restavam ainda no fundo dos pensamentos do rei e da rainha durante as primeiras perplexidades do dia. A primeira, é que a maioria da assembléa, tocada do abatimento da realeza, e altiva de lhe dar asylo, teria assás generosidade e imperio sobre o povo para reconduzir o rei ao seu palacio, e vingar nelle o poder executivo. A segunda, é que o povo e os Marselhezes, travando o combate ás portas do castello, seriam metralhados pelos Suissos e pelos batalhões da guarda nacional, e que esta victoria, ganha nas Tuillerias desempenharia o rei da assembléa. Se tal não tivesse sido a esperança do rei e dos seus conselheiros, acaso era provavel que este principe deixasse passar tão longas horas, desde as sete até 10 da manhã, sem enviar aos seus defensores, por um dos ministros, ou por algum dos numerosos officiaes generaes que o cercavam, a ordem de capitular, ou de se reconcentrarem assegurando unicamente a segurança de tantas vidas compromettidas pelo seu silencio? Elle esperava pois um acontecimento qualquer, quer de dentro, quer de fóra. O seu unico mal era não o dirigir. Mesmo depois de haver collocado sua mulher, sua irmã e seus filhos sob a protecção da assembléa, elle podia regressar ao seu palacio com a sua escolta, e receber o assalto. Vencedor elle apossava se do prestigio da victoria; vencido não cahia mais no infortunio, e cahia como rei.

IX. — O castello, desprovido de uma parte das suas forças militares, e de toda a sua força moral pela ausencia do rei e da sua escolta, assimilhava-se mais neste momento a um logar publico atulhado de uma multidão confusa, do que um quartel. Ninguem ahi dava ordens, ninguem as recebia; tudo fluctuava ao acaso. Entre os Suissos e os gentilhomens, uns fallavam de irem reunir-se ao rei na assembléa, e morrerem defendendo-o a seu pezar mesmo; outros de se formar uma columna de ataque, varrer o Carrousel, arrebatar a familia real e conduzil-a, ao abrigo de duas ou tres mil baionetas, a Rambouillet, e dahi para o exercito de La Fayette. Esta ultima opinião offerecia probabilidade de salvação. Porem todos eram capazes de propor, e ninguem de resolver. A hora devorava estes vãos conselhos. As forças diminuiam. Dusentos suissos, com o sr. Bachman, e o estado maior, e tresentos guardas nacionaes dos mais resolutos haviam seguido o rei á assembléa, e estavam ás suas ordens ás portas do *Manége*. Não restavam por tanto no interior das Tuilerias senão setecentos suissos, dusentos gentilhomens mal armados, e uma centena de guardas nacionaes, ao tudo quasi mil combatentes disseminados n'uma multidão de postos; no jardim e nos pateos alguns La-

talhões debandados, e os canhões promptos a assentarem-se contra o palacio. Porém a intrepida actitude dos suissos e até só as muralhas deste palacio, que muitas vezes se tinham pintado como o foco das conspirações e arsenal do despotismo, imprimiam no povo um terror que afrouxava a investida.

X. — Pelas nove horas e dez minutos, as portas do pateo Real foram arrombadas sem a guarda nacional fazer nenhuma demonstração de as defender. Alguns grupos do povo penetaram no pateo, mas sem se aproximar do castello. Observavam-se, trocavam-se de longe palavras que nada tinham de ameaças; parecia esperar-se de commum accordo o que a assembléa decidiria do rei. As columnas do *faubourg Saint-Antoine* não estavam ainda no *Carrousel*. Apenas ellas começaram a desembocar do caes sobre esta praça, Westerman ordenou aos Marselheses que o seguissem. Foi o primeiro a entrar no pateo a cavallo, e com uma pistolla na mão. Formou a sua tropa lenta e militarmente em frente do castello. Os artilheiros passando logo para Wertermann, retiraram as seis peças de artilheria que estavam de cada lado do pateo, e as apontaram contra a porta do palacio. O povo respondeu a esta manobra com aclamações de alegria. Abraçou os artilheiros; gritou: « Abaixo os suissos! E' preciso que os suissos rendam as armas ao povo! »

Mas os suissos, impassiveis ás portas e ás janellas do castello, ouviam estes gritos, viam estes gestos, sem dar signal algum de emoção. A disciplina e a honra pareciam petreficar estes soldados. As suas sentinellas, fasendo os seus quartos sob a abobada do peristylo, passavam e repassavam a passos medidos, como se tivessem montado a sua guarda nos pateos desertos e silenciosos de Versailles. Todas as veses que este passeio alternativo do soldado de quarto reconduzia as sentinellas para o lado dos pateos e á vista do povo a multidão intimidada se concentrava sobre os Marselheses; voltava depois sobre o castello quando os suissos desappareciam sob o vestibulo. No entanto esta multidão se ia aguerrindo a pouco e pouco, e se aproximava cada vez mais. Uns cincoenta homens dos *faubourgs* e dos federados acabavam por avançarem até ao pé da escada principal. Os suissos reconcentraram o seu posto sobre o patamal e os degraos separados do peristylo por uma barreira de páo. Deixaram somente uma sentinella fora desta barreira. O sentinella tinha ordem de não fazer fogo, fosse qual fosse o insulto. A sua paciencia devia soffrer tudo. O sangue não devia correr de um acaso. Esta longanimidade dos suissos animou os assaltantes. O comba e principiou por uma brincadeira: o riso preludiou a morte. Homens do povo armados de compridas alabardas de ferro recurvado aproximaram-se do sentinella, ferraram-o pelo sentinella, ou pelo centurão com o gancho das alabardas, e puxando-o com força para si ao estrepito de ruidosos aplausos de alegria da multidão, o desarmaram e fiseram prisioneiro. Cinco veses os suissos renovaram a sua sentinella. Cinco vezes o povo se apoderou assim delles. As estripitosas acclamações dos vencedores e a vista dos cinco suissos desarmados animando a multidão que até então hesitante até ao meio do pateo, ella se precipitou em massa a grandes gritos sob a abobada; ali, alguns homens feroses arrancando os suissos das mãos dos primeiros assaltantes, espancaram estes soldados desarmados a golpes de massas em presença dos seus camaradas. O primeiro tiro de fogo partio no mesmo instante do pateo, ou de uma janella, uns dizem que da espingarda de um suisso, outros da pistolla de um Marselhez. Este tiro foi o signal de se travar a lucta.

XI. — A esta explosão o capitão Turler e e o sr. de Castelberg, que commandavam o posto, enfileiram os seus soldados em batalha por traz da barreira, uns nos degráos, da escada, outros sobre a varanda da capella que domina estes degráos, o resto sobre a dupla rampa da escada de dois ramos que parte da capella para subir á salla das guardas: posição formidavel que permitte a cinco fogos crusaram-se, e metralhar o vestibulo. O povo recalcado pelo povo não pôde evacual-o. A primeira descarga dos suissos cobre de mortos as lagas do perystilo. A balla de um soldado escolheu e feriu um homem da um talhe gigantesco e de uma enorme grossura que só á sua parte tinha morto ás pancadas quatro das sentinellas desarmadas. O assassino caiu sobre o corpo das suas victimas. A multidão fugiu em desordem até o Carrousel. Alguns tiros de fusil disparados das janellas alcançaram o povo até esta praça. A artilheria do Carrousel respondeu a esta descarga, mas as suas ballas mal dirigidas foram bater nos telhados. O pateo Real fica vasio e juncado de espingardas, piques, e bonés de granadeiros. Os fugitivos escoam-se encostados ao comprimento das muralhas e ao abrigo das guaritas das sentinellas a cavallo. Alguns se deitam por terra, e fingem-se mortos. Os artilheiros abandonam as peças e são arrastados tambem no panico geral.

A este aspecto, os suissos descem em massa da escada principal, e dividem-se em duas columnas; uma commandada pelo sr. de Saly, sai pela porta do jardim para se apoderar das tres peças de artilheria que estavam á porta do *Manege* e conduzil-as para o castello; a outra, em numero de cento e vinte homens e alguns guardas nacionaes, ás ordens do capitão Turler, desemboca pelo pateo Real passando sobre os cadaveres dos seus camaradas degolados. Só a apparição destes soldados varre o pateo. Apossam-se das tres peças de artilheria abandonadas, e recondusem-as para debaixo da abobada do vestibulo; mas não teem nem munições, nem morrão para se servirem dellas.

O capitão Turler, vendo o pateo evacuado, penetra no Carrousel pela porta Real, forma ahi em batalhão quadrado, e faz um fogo girante de tres de fundo da sua tropa sobre as tres partes da praça. O povo, os federados, os Marselhases concentram-se sobre as ruas, e imprimem um movimento de reflexo e de terror que se communica até ao Hotel de Ville e até aos *boulevards*. Emquanto que estas duas columnas precorrem o Carrousel, oitenta suissos, uma centena de gentilhomens voluntarios, e trinta guardas nacionaes, formando-se espontaneamente em columna na outra alla do castello, descem pela escada do pavilhão de Flora e voam em soccorro dos seus camaradas. Atravessando o pateo dos Principes para se dirigirem onde soava o estrepito da fusilaria no pateo Real, uma descarga de artilheria saida da porta dos Principes deita por terra grande numero e penetra pelas paredes e janellas dos quartos da rainha. Reduzida a cento e cincoenta combatentes, esta columna volta, marcha a passo de carga sobre a artilheria, apodera-se dos canhões, entra no Carrousel, faz callar o fogo dos Marselheses, e regressa ás Tuilerias pela porta Real. Os dois corpos reconduzem as peças, e trasendo os seus feridos para o vestibulo, entram no castello.

XII. — Os suissos afastam os cadaveres que juncavam o pavimento do peristylo para fazer logar aos seus feridos. Deitam-os sobre cadeiras e banquetas. Os degráos e as columnas escorrem sangue. O sr. de Salis, pela sua parte, reconduzia pelo jardim as duas peças de artilheria que tinha ido tomar á porta do Manege. Os seus soldados, metralhados á ida e á volta pelo fogo crusado dos batalhões da guarda nacional que occupavam o terrasso da borda de agoa e o dos *Feuillants* tinham deixado, de cem que eram, trinta homens mortos ou moribundos no trajecto. Não tinham respondido nem com um unico tiro á fuzilaria inesperada da guarda nacional. A disciplina havia vencido nelles o instincto da sua propria conservação. As suas ordens eram morrer pelo rei, e morriam sem disparar sobre um uniforme francez.

Se no momento desta repentina evacuação das Tuilerias e do Carrousel por effeito da surtida dos suissos, estes soldados estrangeiros tivessem sido secundados por alguns corpos de cavallaria, a insurreição, recalcada e cortada de todas as partes, entregaria o campo da batalha aos defensores do rei. Os novecentos homens da gendarmaria postados desde a vespera no pateo do *Louvre*, na praça do *Palais-Royal*, nos *Champs-Elysees* e na entrada do *Pont-Royal* do lado da rua do *Bac*, eram mais que sufficientes para lançar a desordem nestas massas confusas e desarmadas do povo. Mas este corpo, com o qual se contava de mais no castello, abandonou-se a si proprio, e enfraqueceu sob as mãos dos seus commandantes. Já, depois da chegada dos Marselheses do Carrousel, os quinhentos gendarmes do pateo do Louvre davam todos os si-

gnaes de insubordinação. Correspondiam ás incitações dos bandos armados que passavam pelos caes, levantando ao ar as barretinas e gritando viva a nação! Ao primeiro tiro de artilheria que ressoou no Carrousel, elles montaram precipitadamente a cavallo, e acreditaram-se *parqués* neste recinto para a carneficina. O marechal de Mailly mandou-lhes ordem de sairem em esquadrões pela porta da *Colonnade*, cortarem o exercito de Santerre com uma carga sobre os caes, devidirem-se depois em dois corpos, dos quaes um recalcaria o povo para o *faubourg Saint-Antoine*, e outro para os *Champs-Elysées*. Ahi um esquadrão de gendarmeria, em batalha na praça de Luiz XV com artilharia, carregaria estas massas, e as lançaria no rio. O sr. de Rulhieres, que commandava esta gendarmaria, reuniu os seus officiaes para lhes communicar esta ordem, e elles lhe responderam que os seus soldados os abandonariam, e que para conservar uma apparencia de imperio nelles e prevenir uma deffecção latente, era preciso afastal-os do campo da batalha, e leval-os para outro ponto. «Covardes que sois! exclamou um destes officiaes indignado dirigindo-se aos seus cavalleiros, se não quereis senão correr, ide aos *Champs-Elysées*, ahi ha terreno para isso.» No momento desta fluctuação de espiritos, a multidão dos fugitivos, que se escapava do Carrousel ao fogo dos suissos, fasia irrupção no pateo do Louvre, lançava-se nas fileiras por entre os cavallos, gritando: «Assassinam os nossos irmãos!» A estes gritos a gendarmaria debandou, tomou por pelotões a porta que conduz á do *Coq*, e salvou-se a galope por todas as ruas visinhas do *Palais-Royal*.

XIII. — Os suissos estavam vencedores, os pateos vasios, a artilheria retomada, o silencio reinava em torno das Tuilerias. Os suissos tornaram a carregar suas armas e reformaram as suas fileiras á voz dos seus officiaes. Os gentilhomens cercando o marechal de Mailly conjaravam-o a formar uma columna de ataque de todas as forças disponiveis que restavam no castello, dirigir-se ao Manege com a artilheria, ahi reunir os quinhentos homens da escolta do rei ainda formados em batalha no terrasso dos *Feuillants*, chamar os dusentos suissos deixados no quartel de Courbevoie, e sair de Paris com a familia real encerrada nesta columna de fogo. Os creados do rei, as damas da rainha, a princeza de Lamballe, apinhando-se nas janellas do castello, tinham a alma e os olhos fixos na porta do Manege, acreditando a cada instante verem o cortejo real sair dalli para virem concluir e utilisar a victoria dos suissos. Vã esperança! Esta victoria sem resultado não era mais do que um desses curtos intervallos que as catastrofes inevitaveis deixam ás victimas, não para triumpharem, mas para respirarem.

XIV. — Os tiros de artilheria dos Marselheses, e as descargas dos Suissos, vindo abalar inesperadamente as abobadas do *Manege*, tinha tido contra-golpes bem differentes no coração dos homens cujos, o destino, as idéas, o throno, a vida se decidiam a alguns passos deste recinto neste combate invisivel. O rei, a rainha, a princesa Isabel, o pequeno numero de amigos dedicados, encerrados com elle no camarote do lagografo, poderiam impedir-se de fazer no mysterio de suas almas votos involuntarios pelo triumpho dos seus defensores e de corresponderem com as palpitações da esperança a cada uma daquellas descargas d'um combate cuja victoria os salvava e coroava de novo? Comtudo elles velavam sob a dolorosa consternação de suas physionómias a que se podia occultar de alegria secreta em seus corações diante de seus inimigos; represavam-se diante do proprio Deus, que lhes haveria reprehendido regosijar-se do sangue derramado. Suas feições estavam mudas, seus corações fechados, seus pensamentos suspensos ao ruido do exterior. Escutavam pallidos e em silencio, rebentar o seu destino naquelles tiros.

O estampido do canhão redobra; o fuzilar da mosquetaria parece aproximar-se e engrossar; as vidraças retinem como se o vento das ballas as fizesse gemer passando por sobre a sala; as tribunas agitam-se, e lançam um grito de medo e de horror. Uma expressão geral de colera e de solemne intrepidez espalha-se pelas figuras dos deputados; elles prestam attento auvido ao estridor, e olham com indignação para o rei. Vergniaud, triste, mudo, e socegado como o patriotismo, cobre-se em signal de lucto. A este gesto, que traduziu o pensamento publico n'um signal, os deputados se levantam sob uma impressão electrica, e sem tumulto, sem vãos discursos, proferem de uma só voz o grito de viva a nação! O rei levanta-se tambem e annuncia á assembléa que elle acaba de enviar ordem aos Suissos para cessar o fogo e voltarem a quarteis. O Sr. d'Hervilly sae para levar esta ordem ao castello. Os deputados tornam a sentar-se, e esperam alguns minutos em silencio o effeito da ordem do rei.

Repentinamente as descargas da mosquetaria mais aproximadas rebentam sobre a sala. E' o fogo dos batalhões dos guardas nacionaes do terrasso dos Feuillants que atiram sobre a columna do Sr. de Salis. Levantam-se vozes nas tribunas de que os Suissos vencedores estão já ás portas e vem degolar a representação nacional. Ouvem-se passos precipitados, o tinir de armas nos corredores. Alguns homens armados esforçam-se por entrar na sala. Os intrepidos deputados arremessam-se á frente delles e os repellem. A assembléa julga que os Suissos vencedores vem immolal-os á sua vingança. O enthusiasmo da liberdade embriaga de uma funebre alegria. Nem um unico movimento de terror avilta a nação que vae morrer nella. «E' o momento de cahirmos dignos do povo no posto a que elle nos mandou.» disse Vergniaud. A estas palavras todos os deputados retomam os seus logares nas suas bancadas. «Juremos todos, neste momento supremo, viver ou morrer livres!»

A assembléa levantou-se toda em peso; todos os braços estão estendidos, todos os labios se abrem para jurar; as galerias sublevadas por este movimento de heroismo, levantam-se com a assembléa: «E nós tambem juramos morrer comvosco!« exclamaram ellas. Os cidadãos que se apertam á barra, os jornalistas nas suas tribunas, aos proprios secretarios do logographo, ao pé do rei, de pé, estendem uma das mãos em signal de juramento, e levantam com a outra o chapeo ao ar e se associam, por um irresistivel enthusiasmo, a esta acceitação da morte pela causa da liberdade. Não era destes juramentos de parada, onde os corpos politicos affrontam o perigo ausente e lançam um desafio á fraqueza. A morte troava sobre as suas cabeças, batia ás suas portas. Ninguem possuia o segredo do combate. O coração dos cidadãos voou ao encontro do ferro. A morte tel-os-ia ferido no orgulho e na alegria do seu juramento. Os officiaes suissos retiraram-se. As descargas affastaram-se enfranquecendo-se. Os deputados, as galerias, os espectadores ficaram alguns minutos de pé, com os braços estendidos, e olhares de desafio voltados para a porta. O perigo tinha passado, e elles conservavam ainda a sua actitude. O fogo do enthusiasmo parecia tel-os fulminado! A historia o repetirá todas as vezes que ella quizer fazer respeitar o berço da liberdade, e engrandecer a imagem das nações.

XV. — Os suissos que tinham occasionado este movimento eram os officiaes da escolta do rei, buscando um refugio naquelle recinto, para evitar o fogo dos batalhões do terrasso des Feuillants. Fizeram-os entrar no pateo do *Manége*, e desarmaram-os por ordem do rei.

Durante esta scena, o sr. de Hervilly chegava ao castello atravez as ballas, no momento em que a columna do sr. de Salis ahi entrava com a artilheria. «Senhores» gritou elle do alto do terrasso do jardim de tão longe quanto a sua voz podesse ser ouvida «*o rei ordena-vos que vos dirijais todos á assembléa nacional*» Elle accrescentou de si proprio, e n'uma reserva de previdencia para com o rei: «*Com a vossa artilheria!*» A esta ordem, o capitão Turler juntou quasi que duzentos dos seus soldados, fez rodar a artilheria do vestibulo para o jardim, tentou em vão carregal-a, e poz-se em marcha para a assembléa, sem que os outros postos do exterior, prevenidos a tempo desta retirada, tivessem tempo de o seguir. Esta columna, crivada no caminho pelas ballas da guarda nacional, chegou em desordem e mutilada á porta do *Manége*; foi introduzida nos muros da assembléa, e depoz as armas. Os Marselheses, infor-

mados da retirada de uma parte dos suissos, e testimunhas da defecção da gendarmaria, marcham segunda vez para a frente; as massas dos faubourgs de Saint-Marceau e Saint-Antoine inundam os pateos. Westermann e Santerre, de sabre em punho, mostram-lhes a escada principal, e impellem-os ao assalto, ao canto do *Ça ira...*; a vista dos seus camaradas mortos, juncando o Carrousel, embriaga-os de vingança; os suissos não são para elles senão assassinos estipendiados. Juram entre si lavar aquellas pedras, aquelle palacio no sangue destes estrangeiros; engolfam-se com uma torrente de baionetas e de piques sob as largas abobadas do peristylo. Outras columnas torneando o castello penetram no jardim pela porta do Pont-Royal e do manege, e accumulam-se ao pé dos muros. Seis peças de artilheria conduzidas do hotel de ville, e postadas nos angulos da rua *Saint-Nicaise*, da rua *des Orties*, e da rua de *l'Echelle*, vomitaram ballas e metralha sobre o castello. Os fracos destacamentos espalhados pelas salas reunem-se, sem ordem nem unidade, ao posto mais aproximado delles. Oitenta agrupam-se sobre os degraos da escada principal: dahi fazem dois fogos de fila que derrubam quatrocentos Marselheses.

Os cadaveres destes combatentes servem de dagráo aos outros para escalarem a posição. Os Suissos reconcentram-se lentamente de degráo em degráo, deixando uma fileira dos seus em cada degráo. Seu fogo diminue com o seu numero, mas todos atiram até á morte. O ultimo tiro de fuzil acabou-se com a ultima vida.

Oitenta cadaveres juncavam a escada. Desde este momento o combate não foi senão uma carnificina. Os Marselheses, os Bresteses, os federados, o povo innundam as sallas. Os Suissos isolados que encontram são por toda a parte immolados; alguns tentam defender-se, e não fazem senão augmentar a raiva dos seus algozes e os horrores do seu supplicio. A maior parte lançam as armas aos pés do povo, põe-se de joelhos, estendem a cabeça ao golpe ou pedem a vida; agarram-os pelas pernas e pelos braços, e arremessam-os vivos pelas janellas. Um pelotão delles em numero de dezessete tinha-se refugiado na sachristia da capella. Ahi foram descobertos. Em vão o estado de suas armas, que elles mostram ao povo, attesta que não fizeram fogo anquelle dia. Desarmam-os, despem-os, e degolam-os aos gritos de viva a nação! nem um só escapou.

XVI. — Aquelles que se achavam, no momento do ataque, no pavilhão de Flora e nos quartos da rainha, reuniram-se aos dusentos gentilhomens e a alguns guardas nacionaes sob o commando do marechal de Mailly. Formaram elles só uma massa de quasi quinhentos combatentes, e tentaram obedecer á ordem do rei evacuando o castello militarmente, dirigindo-se a junto da sua pessoa na assembléa. A sahida para o pateo estava occuppada pelas massas do povo, e metralhada pela artilheria. A sahida pelo jardim era praticavel, ainda que sob o fogo dos batalhões do *faubourg* que occuppam o *Pont-Royal*, e a borda d'agoa. A columna tomou esta direcção; mas a grade da rainha, que dava accesso ao jardim, estava fechada. Fazem-se esforços desesperados para forçar esta grade. Ella resiste. Consegue-se a custo fazer dobrar um dos varões de ferro mocisso sob a alavanca das bayonetas. Pratica se uma abertura por onde a columna não pode sair senão homem por homem. E' por este postigo que quinhentos soldados, gentilhomens e guardas nacionaes devem sair, escolhidos e mirados á vontade pelas espingardas de dois batalhões Saem apezar disso; porque os gritos dos seus camaradas assassinados na sua rectaguarda fazem-se preferir uma balla prompta e mortal a uma carnificina atroz e lenta. Os sete primeiros que ultrapassam a grade caem ao atravessal-a; os outros passam a marche marche sobre os seus corpso e lançam-se no jardim. O fardamento encarnado dos Suissos designam estes soldados ao fogo dos batalhões. Este encarniçamento contra elles salva uma parte dos gentilhomens. A balla escolhia o estrangeiro e poupava o francez. Todos os Suissos morreram ou foram feridos na fuga. Entre os servidores do rei e os voluntarios, unicamente dois morreram: o senhor de Clermont d'Amboise e o senhor de Casteja! Os outros conseguem chegar ao arvoredo que os protege, recebem á queima roupa o fogo de um posto da guarda nacional collocada no meio do jardim, deixam trinta mortos na grande lameda, e chegam á porta do *Manége*. Ahi o senhor de Choiseul, em nome do rei, lança-se intrepidamente á frente delles, forma os e penetra com a espada em punho, no recinto da assembléa para collocar estes francezes sob a salvaguarda da nação.

XVII. — O resto da columna fugitiva do castello espera abrir caminho pela *Pont-Tournant*. Ahi chega cobrindo-se com as arvores, cujos troncos são despedaçados pelas ballas da artilheria e fuzilaria. Uma descarga de metralha desparada da ponte lança-a para o terraço de *l'Orangerie*. (do laranjal). Sessenta Suissos e quinze gentilhomens juncam com os seus corpos as margens do grande lago junto á estatua de Cezar. Grande numero delles, feridos pela metralha ou pelos pedaços dos ramos que caem dos castanheiros sobre suas cabeças, escapam tingindo com o seu sangue a grande lameda; os senhores de Virieu, de Lamartine, de Viomenil são deste numero. Chegados ao pé do terrasso de *l'Orangerie*, estes officiaes deliberam debaixo de fogo, e dividem-se em duas opiniões e em duas columnas. Uns voltam para a assembléa; outros decidem-se a atravessar a praça de Luiz XV, sob a metralha das peças de artilheria do Pont-Tournant, e juntar-se nos *Champs-Elysées* á gendarmaria, da qual apercebem um esquadrão em batalha. Aquelles que chegaram ao manége foram recebidos, desarmados, enviados depois da victoria para as prizões de Pariz, e sacrificados no 2 de setembro. Os que sairam do jardim pela grade de *l'Orangerie* morreram, uns na praça de Luiz XV, outros nos *Champs-Elysées* sob o sabre daquella gendarmeria que se juntou ao povo para os acabar. Alguns, como o senhor de Viomenil receberam asylo nas cavas da rua *Saint-Florentin*, da rua *Royale*, e especialmente na caza do embaixador de Veneza. Pisani, que afrontou a morte para salvar a vida a desconhecidos. Alguns outros apoderaram-se de um canhão guardado por um fraco destacamento junto á ponte de Luiz XV, e quizeram servir-se delle para protegerem a sua retirada. Uma carga da gendarmaria arrebatou-lha, e recalcou-os para o Sena. O senhor de Villers, recentemente sahido deste corpo do qual era major, acreditando que esta gendarmaria vinha em seu soccorro, lançou-se na frente dos seus antigos camaradas. « A nós, meus amigos! » lhe gritou elle. A estas palavras, um dos officiaes deste esquadrão, que o reconhecou, tirou friamente uma das suas pistollas e abriu-lhe a cabeça á queima roupa. Os outros acabaram-o a golpes de sabre.

A retirada dos fracos restos destes defensores do castello não foi mais do que uma serie de acasos individuaes. Estes arremessando as armas, e despojando-se de toda a apparencia militar, perdiam-se na massa dos espectadores do combate; aquelles abriram caminho com a pistolla na mão, até á ribeira do rio, apoderaram-se dos barcos abandonados, e, atravessando o Sena, arremessaram-se nos bosques de Issy e de Meudon. Deveram a vida á hospitalidade desinteressada dos pobres aldeões estranhos ás discordias civis. A hospitalidade é a caridade do pobre. Os outros, divididos em pequenos grudos, metteram-se pelas ruas lateraes dos *Champs-Elysées*, ou saltaram as pallissadas e os muros dos jardins.

XVIII. — Um destes destacamentos, em numero de trinta, vinte e nove dos quaes eram Suissos, e um moço pagem da rainha á sua frente lançaram-se no pateo do edificio da marinha, no canto da rua Real. O pagem representou debalde aos seus companheiros que, forçados neste estreito asylo, ahi morreriam todos. Persistiram e fiaram-se na generosidade do povo. Um grupo de oito federados apresentou-se diante da porta. Os Suissos sairam um a um, lançando suas espingardas aos pés dos federados; julgavam seus inimigos enternecidos por este gesto de vencidos que se abandonam á mercê do vencedor. « Covardes, lhe gritou um dos federados, não vos rendeis senão do medo, não tereis quartel! Fallando assim, enterrou o ferro do seu pique no peito de um dos Suissos: ma-

tou outro com um tiro de pistolla. Cortaram-lhes a cabeça com os sabres para as passearem em troféo.

A esta vista, os Suissos indignados retomaram a sua energia no desespero. Saltam á voz do pagem, pegam nas suas espingardas, dão uma descarga sobre os federados. Matam sete, de oito que eram. Porem outros federados conduzem uma peça de artilheria carregada de metralha em frente da porta, e fazem fogo. Vinte e tres soldados, de vinte e sete, cáem sob este fogo. Os outros quatro, com o pagem, a favor do fumo, escoam-se, sem serem vistos para uma cava do edificio. Enterram-se na arêa humida e enganam assim o furor dos seus inimigos. A noite chega. O porteiro do edificio, que é o unico que sabe o segredo da sua fuga, leva-lhes alimentos e coberturas; aquece-lhes os membros enregelados pelo frio, e pela humidade daquellas abobadas geladas; procura-lhes fatos menos suspeitos; corta-lhes os cabellos e os bigodes. Saem um a um sob estes disfarces.

Outros sessenta que se retiravam em boa ordem, commandados por quatro officiaes, através os *Champs-Elysées*, dirigindo-se para o seu quartel de *Courberoie*, são envolvidos pela gendarmeria e levados ao *hotel de ville*. Chegados á praça de Greve, a sua escolta os assassina, até ao ultimo, entre as acclamações do povo, e á vista mesmo do conselho da communa.

Trinta homens commandados pelo sr. Forestier de Saint-Venant, moço official suisso apenas adolescente, são cercados de todas as partes na praça Luiz XV. Certos de morrerem, querem ao menos vingar o seu sangue. Carregam á baioneta o posto de gendarmeria e de artilheiros que cerca a estatua de Luiz XV, no meio da praça. Tres vezes levam de vencida este posto. Tres vezes chegam alli reforços e cercam de mais perto estes trinta homens. Caem um a um, decimados lentamente pelo fogo que os envolve. Reduzidos ao numero de dez, conseguem forçar a passagem: lançando-se nos *Champs-Elysées*, ahi combatem, de arvore em arvore até á morte, o sr. de Saint-Venant, o unico que sobrevive, e sem ferida, está prestes a escalar o muro de um jardim; um gendarme a cavallo salva o fosso que separa o passeio da calçada, e deita-o por terra morto com um tiro de carabina nos rins.

O moço Carlos d'Antichamps, sahindo do palacio, e retirando-se sósinho pela rua de l'Echelle, foi preso por dois Brestezes. Descarregou com ambas as mãos as duas pistollas no peito delles, e matou-os a ambos. O povo apoderou-se delle e arrastou-o á praça de Greve para ahi ser immolado. Era no momento em que ahi degolavam os sessenta Suissos. Um movimento da multidão separou-o dos homens que escoltavam; querem tornar a agarral-o; levanta uma baioneta que estava caida aos seus pés; enterra-a no coração d'um guarda nacional que o agarra pelo collete; fere ou ameaça todos que se approximam delle, lança-se n'uma casa cuja porta estava aberta, sóbe a escada, sáe pelo telhado, desce para outra casa n'uma rua trazeira, arremessa para longe a sua arma, compõe suas feições, e escapa á vingança de dez mil braços. Um velho gentilhomem de oitenta annos, o visconde de Broves, deputado á assembléa constituinte, ferido no castello, e occultando a sua ferida foi trahido pelo sangue que lhe escorria pelos cabellos e face. O povo reconheceu um inimigo, e immolou-o nos degráos da igreja de Saint-Roch.

XIX. — No entanto que os restos das forças militares do palacio se dispersavam, ou morriam assim fóra delle, o povo impiedado, subido ao assalto das sallas, sobre os cadaveres dos Marselheses e Suissos, saciava a sua vingança no interior. Gentilhomens, pagens, padres, bibliothecarios, criados da camara, servidores do rei, porteiros da cama a, simples creados, todos aquelles que elle encontrava neste palacio eram a seus olhos os cumplices dos crimes da realesa. As proprias paredes lhe inspiravam horror e vingança. Estas paredes haviam occulto em seu seio todas as tramas do clero, da aristocracia e das côrtes, desde a conjuração do S. Bartholomeu até ás traições da commissão austriaca e ás perfidas descagars destes satellites estrangeiros que acabavam de assassinar o povo. Elles acreditavam lavar o sangue no sangue. Este jorrava de toda a parte; não se dava um passo senão sobre cadaveres. A morte mesmo não bastava ao odio. Um ressentimento feroz perseguia alem da vida a saciedade desta raiva; depravava a natureza, rebaixava o povo abaixo do bruto, que fere mas não despedaça. Apenas as victimas tinham caido sob o ferro dos Marselheses, uma horda de furiosos, com as mãos estendidas para a presa, precipitava-se sobre os cadeveres que se lhe arremessavam do alto dos sacadas, despojavam-os dos seus fatos, apascentava-se na sua nudez, arrancava-lhes o coração, exprimiam-lhe o sangue como agua da esponja, cortavam-lhes a cabeça, e ostentavam obscenos troféos ás vistas e escarneo das megéras da rua. Ninguem se defendia; o combate não era mais do que uma degollação.

Bandos de homens dos faubourgs armados de piques ou de facas, espalhavam-se por todas as escadas internas, e por todos os corredores escuros deste immenso labirintho em todos os andares do castello, mettendo dentro as portas, sondando os sobrados, quebrando os moveis, lançando os objectos de arte ou de luxo pelas janellas, quebrando por quebrar, mutilando por odio, não buscando o despojo e sim a ruina. Neste saque geral do palacio houve devastação, mas não pilhagem. O proprio povo, na sua ferocidade, haver-se-hia envergonhado de buscar outra cousa do que os seus inimigos. O fim do seu sublevamento, era o sangue; não era o ouro. Elle vigiava-se a si proprio. Mostrava suas mãos ensanguentadas, porém vasias. Alguns ladrões vulgares, surprehendidos em flagrante delicto de apropriação de objectos furtados, foram enforcados no mesmo instante pelos outros homens do povo, com um rotulo assignalando a vergonha de sua acção. A paixão deprava, mas eleva tambem. O enthusiasmo geral que sublevava este povo tel-o-hia feito corar de pensar n'outra cousa senão na vingança e na liberdade. O furor que se apossava delle deixava-lhe o sentimento da dignidade da sua causa. Manchava-se em mortes, enebriava-se de torturas, porém, até no sangue, a massa respeitava em si o combatente da liberdade. Quadros, estatuas, vasos, livros, procelanas, espelhos, primores ou obra de todas as artes accumulados por seculos no palacio do esplendor e das delicias dos soberanos, tudo isso voou em pedaços, tudo foi despedaçado, reduzido a pó e cinza. Por um jogo bisarro do destino, nada foi poupado e intacto senão um quadro da camara de dormir do rei representando a Melancolia, por Fetti, como se o emblema da tristeza e da vaidade das cousas humanas fosse o unico monumento eterno destinado a sobreviver ao destino das dymnastias e dos palacios!

XX. — As damas da rainha, as damas de honor das princezas, as mulheres do serviço da camara, a princeza de Tarente, as senhoras de Laroche-Aymon, de Ginestous, a joven Paulina de Tourzel, filha da marqueza de Tourzel, governanta dos principes reaes, haviam-se reunido, desde o começo do combate, nos quartos da rainha. As descargas da artilheria, a metralha dos canhões do Carrousel, saltando pelas paredes, a invasão do povo, a surtida dos suissos, a victoria de um momento seguida de um assalto mais terrivel, os gritos, o silencio, a fuga das victimas perseguidas por cima de duas cabeças, na galaria dos Carraches, a queda dos corpos arremessados pelas janellas ao pateo, os rugidos da multidão sob suas janellas, haviam suspendido nellas a respiração da vida. Havia tres horas que ellas morriam de mil golpes.

A multidão que tinha feito a sua primeira irrupção pela outra escada do castello, não havia descuberto ainda o seu asylo. Sómente se ia lá pela escada occulta que subia do quarto da rainha para o do rei, e pela escada dos Principes obstruida por uma massa immovel de cadaveres marselheses. Um dos bandos armados de degoladores encoutrou em fim o accesso da escada privada, e por ahi se dirigiu nas trevas. Estes degraos interiores davam serventia para os corredores baixos e escuros do entresols da rainha praticado entre os dous grandes andares nobres. Estes entresolhos serviam de alojamento aos homens e mulheres da domesticidade intima da familia real As portas foram arrombadas a machado. Os assassinos imolam os *heiduques* da rainha. A senhora de Campan, sua creada favorita do quarto,

e duas mulheres de serviço precipitam-se aos joelhos dos degoladores. Suas mãos abraçam os sabres erguidos sobre ellas. « Que fazeis! exclama em voz baixa um marselhez, não se matam mulheres! — Levantai-vos, miseraveis, a nação perdoa-vos » responde um homem de barba comprida que acabava de assassinar um heiduque. Fez subir as tres mulheres sobre uma banqueta collocada no vão de uma janella, donde a multidão as podesse ver e ouvir, e disse-lhes que gritassem *Viva a nação!* A multidão applaudiu com palmas.

Dois porteiros da camara do rei, os srs. Sallas e Marchais, que podiam evadir se entregando a porta, morreram por obedecer ao seu juramento. Elles enterram os chapeos pela cabeça abaixo e puxam pelas espadas « E' aqui o nosso posto, dizem elles aos Marselheses, queremos morrer no limiar que jurámos defender. » O porteiro da camara da rainha, chamado Diet, fica só, sentinella generosa, á entrada do quarto onde as mulheres se refugiaram, e cae defendendo-a. O seu cadaver, estendido atravez da porta, serve ainda de baluarte ás mulheres. A princeza de Tarente, que ouve cair este ultimo e fiel guarda, vae em pessoa abrir a porta aos Marselheses. Seu chefe admirado da segurança e da dignidade desta mulher em frente da morte, contém por um momento a sua torpeza. A princeza conduzindo pela mão a moça e bella Paulina de Tourzel, que sua mãi lhe confiou : « Feri-me, disse ella aos Marselheses, mas salvai a honra e a vida desta moça menina. E' um deposito que jurei entregar á sua mãi. Deixai-lhe sua vida, e tomai o meu sangue. »

Os Marselheses enternecidos, respeitam e salvam estas mulheres. Ajudam-as a atravessar por cima dos cadaveres que juncam as antecamaras e os corredores.

Alguns homens do povo, saqueando os quartos, tinham despedaçado as fontes de marmore dos banhos da rainha. A agoa misturada com o sangue inundava os sobrados, e tingia de encarnado os pés e os fatos arrastados destas fugitivas. Confiaram-as a homens do povo, que as conduziram furtivamente ao longo da ribeira por baixo do caes, até á ponte de Luiz XV, e as entregaram em segurança ás suas familias.

XXI — A perseguição das victimas que buscavam fugir á morte durou tres horas. As cazas, as cosinhas, os subterraneos, as passagens secretas, até mesmo os telhados escorriam sangue. Alguns Suissos, que se tinham escondido nas cavallarices sob molhos de forragem, ahi foram abafados e queimados vivos. O povo quiz fazer uma immensa fogueira das Tuilerias. Já as cavallarices as cazas das guardas, os edificios do serviço que bordavam os pateos estavam em chammas. As fogueiras formadas com os moveis, os quadros, as collecções, as bibliothecas dos cortesãos que habitavam o castello, ardiam no Carrousel. As deputações da assembléa e da communa preserveraram com custo a Louvre e as Tuilerias. Parecia ao povo que deixando em pé este palacio elle tornaria a evocar mais cedo ou mais tarde a tyrannia. E' um remorso da sua escravidão que se elevaria em frente delle. Queria arrazal-o para que uma nova realeza não tivesse uma pedra de espera em a cidade da liberdade. Não podendo incendiar as pedras, vingou-se nos homens. Todos os cidadãos de uma notoria inclinação á corte, ou suspeitos de enternecimento pela queda do rei, que foram encontrados e reconhecidos, cahiram sob seus golpes. A mais innocente e a mais illustre destas victimas foi o senhor de Clermon-Fonnerre.

Um dos primeiros apostolos da reforma politica, aristocrata popular, orador eloquente da assembléa constituinte, não tinha parado na revolução senão nos limites da monarchia. Queria este equilibrio ideal dos tres poderes de que elle acreditava ver a chimera realisada na constituição britanica. A revolução que não queria contrabalançar, mas deslocar os poderes, tinha-o repetido, como já tinha ultrapassado a Mounier, Malouet, e o proprio Mirabeau. Ella aborrecia-o tanto mais quanto que ella mais esperara nelle. Quando os principios se transformam em furor, a moderação fica sendo traição. O senhor de Clermont-Founerre foi accusado, na manhã de 10 de agosto, de ter um deposito d'armas em sua casa. Um magote cercou-lhe a caza, e conduziu-o á secção *da Croix-Rouge* para dar conta dos laços que elle armava ao povo. A sua caza vizitada pela populaça, desculpou-o. O povo desenganado pela voz de um homem honrado, passa facilmente da injustiça ao favor ; aplaudiu o accusado e reconduziu-o triumphalmente á sua habitação. Porém os sicarios a quem uma invisivel mão tinha designado a victima, tremiam de o vêr escapar Um servo expulsado da casa amotina contra o seu antigo amo um ajuntamento de freneticos. Debalde o senhor de Clermont-Founerre, subido a uma borne, harenga com sangue frio aos assassinos ; um tiro que recebeu na cara abafou a palavra no seu sangue. Precipitou-se para uma casa que estava aberta na rua de Vaugirard, e subiu até a quarto andar, seus assassinos o seguem, degolam-o na escada, arrastam-o sangrento pela rua, e não abandonam senão um cadaver á piedade de seus amigos. Desfigurado, mutilado, esquartejado pelas armas ignobeis que mancham o que ellas matam, sua moça espoza não reconheceu o corpo de seu marido senão pelos fatos.

XXII — Apenas terminado o combate, Westermann, coberto de pó e de sangue, foi receber a casa de Danton as felicitações do seu triumpho. Hia acompanhado de alguns dos heroes deste dia. Danton abraçou-os. Brune, Robert, Camille Desmoulins, Marat, Fabre d'Eglantine, correram uns depois dos outros, a abraçar o seu chefe, e a receberem a palavra de ordem para a noite. As mulheres choravam de alegria tornando a vêr seus maridos vencedores, quando ellas os tinham julgado immolados pela artilheria dos Suissos. Danton parecia pensativa : disse-se que espantado, e como arrependido da victoria. elle fluctuava ainda entre dois partidos a seguir ; mas era destes homens que não hesitavam muito tempo, o que deixam a decizão aos acontecimentos. A sua fortuna levantava-se com o dia. No seguinte elle era ministro.

LIVRO VINVE E TRES.

I. — Voltemos á assembléa. Não tendo sabido tomar nem o partido da revolução, nem o da constituição, ella experimentava em silencio a repercussão dos acontecimentos de fóra, e não parecia em permanencia senão para acceitar os actos do povo. Attitude passiva e degradada ; justa punição de um corpo soberano que temia a republica sem ouzar resistir-lhe, e que a desejava sem ouzar servil-a ! O povo, que conhecia a fraqueza dos seus representantes, fazia sósinho a republica, mas como o povo faz tudo, quando está sem governo, pela desordem, pela chamma, e pelo sangue. Não conservava para com a assembléa senão uma apparencia de respeito legal, como por ter o ar de suspeitar alguma cousa ; mas ao fundo elle havia tomado a dictadura ao pegar nas armas. As homenagens que affectava render á representação não eram senão ordens respeitosas que elle lhe dava. O verdadeiro poder estava já no *hotel de ville* nos commissarios da communa. O povo tinha-o conhecido. Prestava-lhe a sua força. Elle tem o sentimento de direito supremo : o direito de não morrer. Os commissarios da communa eram mais do que seus representantes: eram o mesmo povo de Pariz. Por isso, apenas decidida a victoria pela retirada do rei, e pelo assalto das Tuilerias, todos os homens populares mais prudentes, que tinham esperado o signal do destino para se declararem, voaram ao hotel de ville e se installaram, em nome de suas opiniões, no conselho dos verdadeiros soberanos da circumstancia.

Robespisrre, que reservava sempre, não a sua pessoa, mas a sua fortuna, e que se tinha occulto tanto aos amigos, como aos seus inimigos durante a conjuração e durante o combate, appareceu no decurso do dia no conselho da communa. Foi acolhido pelo seus discipulos, Huguenin, Sergent, Panis, como o homem de Estado da crise, e o organisador da victoria.

Danton, depois de ter tranquilisado sua mulher e

abraçado seus filhos, veio embriagar-se nos *cordiliers* (franciscanos) dos aplausos dos conjurados de Charenton, e imprimir aos seus cumplices a actitude, o tom, a vontade do momento:

O proprio Marat saiu do subterraneo onde estava encerrado havia alguns dias. Aos gritos da victima lançou-se na rua á frente de um grupo dos seus fanaticos e d'uma columna de federados de Brest. Passeou Pariz com um sabre desembainhado na mão e uma corôa de louro na cabeça. Fez-se proclamar commissario da sua secção em nome dos seus andrajos, de suas prisões, e dos seus furores. Transportou-se com estes mesmos satellites á imprensa real, e apoderou-se das prensas, que trouxe para sua casa como despojo devido ao seu genio.

Tallien, Collot-d'Herbois, Biliaut-Varennes, Camille Desmoulins, todos os chefes dos jacobinos ou dos *cordeliers* (franciscanos), todos os agitadores, todas as cabeças, todos os votos, todas as mãos do povo se precipitaram para a communa, e fizeram d'um conselho municipal o governo provisorio de uma nação. A estes homens vieram juntar-se Fabre d'Eglantine, Osselin, Freron, Desforgues, Lenfant, Chemier, Legendre. Este conselho provisorio da communa foi o germen da convenção. Elle agarrou o seu papel, e não o recebeu; operou dictatorialmente.

II. — A assembléa não contava trezentos membros prezentes no dia 10 de agosto. Os membros do lado direito e os membros do partido constitucional, pressentindo que elles não teriam senão de sancionar as vontades do povo, ou morrer, haviam-se abstido de comparecer na sessão. Os gerondinos e os jacobinos assistiam sósinhos a ella. Mas as bancadas desguarnecidas da representação, estavam povoadas de estrangeiros, de peticionarios, de membros dos clubs, de homens de trabalho, os quaes, sentados misturadamente com os deputados, offereciam aos olhos a imagem da confusão do povo, e dos seus representantes, fallando, gesticulando, consultando, levantando-se com os deputados, como sob o imperio de um perigo publico que identificava a assembléa e os espectadores. N'uma catastrofe que interessa no mesmo grão todas as almas, ninguem olha, todo o mundo opera. Tal era o aspecto da assembléa durante e depois do combate. Nenhum discurso; tudo gestos repentinos e unanimes; gritos de horror ou de triumpho; juramentos renovados a cada momento, como para se reassegurarem pelo ruido de uma acclamação civica contra o aballo da artilheria que trava as portas; deputações nomeadas, tentando sair, e recalcadas para a salla; em fim as chamadas nominaes que gastavam a hora em apparencias de acção, e que davam aos acontecimentos o tempo de conceber e produzir uma revolução decisiva.

Apenas o povo foi senhor do castello, os gritos da victoria penetraram de fóra em todas as entradas da sala. A assembléa levantou-se em massa, e associou-se ao triumpho do povo pelo juramento de manter a igualdade e a liberdade. De minuto em minuto os homens do povo, com os braços nús, as mãos ensanguentadas, o rosto enegrecido pela polvora, entravam entre os aplausos das tribunas, avançavam á barra, contavam em palavras breves as perfidas emboscada da corte, que havia atrahido os cidadãos pelas apparencias da tregoa ao fogo dos Suissos para os immolar. Outros, mostrando com o gesto camarote do logographo, offereciam seu braço á nação para extreminar o tyranno e o assassino do povo: «E' esta côrte perfida, exclamou um destes oradores descobrindo o seu peito ferido com uma balla e jorrando sangue, é esta côrte perfida que faz correr este sangue. Não penetrámos no palacio senão marchando sobre montões de cadaveres dos nossos irmãos assassinados! Fizemos prisioneiros muitos destes satellites de um rei parrecida. E' sómente o rei que nós accusamos. Estes homens não eram senão os instrumentos da sua traição; desde o momento que elles depozeram as armas, nestes assassinos estipendiados não vemos já inimigos, nem queremos ver senão irmãos!» A estas palavras elle abraçou um Suisso desarmado, que havia conduzido pela mão, e caiu desmaiado no meio da salla, esgotado de fadiga, de emoções, de sangue. Os deputados precipitam-se, transportam-o, tornam-o á vida. Retoma os sentidos levanta-se, e apresenta-se á barra: «Sinto renasserem minhas forças, disse elle: pesso á assembléa que permitta a este desgraçado Suisso que habite comigo: quero protegel-o e sustental-o. Eis a vingança de um patriota francez.

A generosidade deste cidadão communica-se á assembléa e ás tribunas. Enviam-se deputações ao povo para sustar a carnificina. Fazem entrar no pateo dos *Feuillants* os Suissos que ainda estavam no terrasso, expostos ao furor do povo. Estes soldados descarregam as suas armas para o ar em signal de confiança e segurança. São introduzidos nos corredores, nos pateos, e até nas casas das commissões da assembléa. Os combatentes trazem successivamente e depõe na mesa do presidente a baixella de prata, os saccos de ouro, os diamantes, os moveis de preço, e até as pastas e as cartas, encontradas nos quartos da familia real. Applausos saúdam estes actos de probidade. As armas, o ouro, os assignados, encontrados nos fardamentos dos Suissos são amontoados ao pé da tribuna. O rei e a rainha assistem do fundo da sua tribuna ao inventario dos despojos encontrados nos seus quartos mais reservados.

III. — O presidente entregou estes objectos á responsabilidade d'Huguenin, commissario da nova communa. O canhão cala-se. A fuzilada enfraquece. Os peticionarios pedem a grandes gritos ou a cabeça ou a deposição do rei: «Vós não sustareis a vingança do povo senão fazendo-lhe justiça. Representantes, sêde firmes! Tendes obrigação de nos salvar! Ousais jurar que salvareis o imperio, e o imperio está salvo!» Estas vozes imploravam da mesma maneira que se ordena.

Os girondinos, indecisos até alli entre o rebaixamento e a queda do throno, conheceram ser mister ou precipitarem-o elles mesmos, ou serem arrastrados com elle. Vergniaud deixou a presidencia a Guadet, a fim de a assembléa, durante a sua ausencia, estar dirigida por um homem da sua facção. A commissão extraordinaria, na qual os girondinos tinham a maioria do numero, da importancia, e do talento, juntou-se immediatamente em sessão. A deliberação não foi longa. O canhão deliberava por ella. O povo esperava. Vergniaud agarra na penna e redige immediatamente o acto da suspensão provisoria da realeza. Tornou a entrar e leu, no meio de um profundo silencio, a quatro passos do rei, que o escuta, o pleibiscito da deposição. O som da voz de Vergniaud era solemne e triste, a sua actitude morna, e o seu gesto abatido. Quer fosse porque a necessidade de lêr a condemnação da monarchia em presença do monarcha impozesse aos labios e ao seu coração a decencia da piedade, quer fosse porque o arrependimento do impulso que elle tinha dado aos acontecimentos o tocasse, e se sentisse já o instrumento passivo d'uma fatalidade que lhe pedia mais do que a sua consciencia não consentia, parecia que elle menos declarava a victoria do seu partido, do que pronunciava a sua propria sentença.

«Venho, disse elle, em nome da commissão extraordinaria apresentar-vos uma medida bem rigorosa; mas eu reporto-me á dôr de que estais penetrados, para julgar quanto importa á salvação da patria que a adopteis immediatamente. A assembléa nacional, considerando que os perigos da patria chegaram ao seu auge; que os malles de que geme o imperio derivam principalmente das desconfianças que inspira a conducta do chefe do poder executivo, n'uma guerra emprehendida em seu nome contra a constituição e contra a independencia nacional; que estas desconfianças tem provocado de todas as partes do imperio o voto da authoridade confiada a Luiz XVI; considerando porém, que o corpo legislativo não quer engrandecer com alguma usurpação a sua propria authoridade, e que não póde conciliar o seu juramento á constituição e a sua firme vontade de salvar a liberdade, senão fazendo apêllo para a soberania do povo; decreta o seguinte:

«O povo francez é convidado a formar uma convenção nacional;

«O chefe do poder executivo é suspenso provisoriamente das suas funcções; propor-se-ha um decreto du-

rante o dia de hoje sobre a nomeação de um governador do principe real;

« O pagamento da lista civil fica suspenso;

« O rei e a sua familia morarão no edificio do corpo legislativo até o socego ser restabelecido em Pariz; o departamento fará preparar o palacio do Luxembourg para sua residencia, sob a guarda dos cidadãos. »

Este decreto foi adoptado sem discussão. O rei ouviu-o sem espanto e sem dôr. No momento da votação, dirigiu-se ao deputado Coustard, collocado por baixo do camarote do logographo, com quem elle familiarmente tinha conversado durante a sessão: « O que fazeis não é lá muito constitucional, » lhe disse o rei n'um tom de alegria habitual que contrastava com a solemnidade da circumstancia. « E' verdade, *Sire*, respondeu Coustard, porém é o unico meio de salvar a vossa vida. » E elle votou contra o rei, conversando com o homem.

IV. — Porém este decreto, que deixava a questão da monarchia ou da republica em suspensão, e que mesmo prejulgava em favor ma monarchia indicando a nomeação de um governante do principe real, não era mais do que uma semi-satisfação á energia da situação. Desejado com paixão na vespera, era acceito com murmuração no dia seguinte.

Apenas Vergniaud havia acabado de lêr, que os peticionarios os mais exigentes se apresentaram á barra e intimaram a assembléa a pronunciar a deposição do perfido rei, cujo reinado acabava no sangue dos seus vassallos. Vergniaud tornou a fallar, e justificou os termos e o alcance do decreto ambiguo dos girondinos: « Estimo bem, disse elle, poder explicar-me diante dos cidadãos que estão á barra. Os representantes do povo fizeram tudo quanto os seus poderes lhes permittia decretando que se nomeasse uma convenção nacional para estatuir a questão da deposição. Esperando, a assembléa acaba de pronunciar a suspensão. Esta medida deve bastar ao povo para o tranquilisar contra as traições do poder executivo. Acaso a suspensão não reduz o rei á impossibilidade de prejudicar? Espero que esta explicação satisfará o povo, e que elle quererá ouvir e conhecer a verdade. »

Os tribunos e os peticionarios escutaram friamente estas palavras. O deputado Choudieu fez vctar a urgencia da formação de um campo sob Pariz, e a permanencia das sessões da assembléa. A assembléa procedeu á nomeação dos ministros.

Roland, Claviére e Servan, os tres ministros girondinos demittidos pelo rei, foram reintegrados sem escrutinio, sobre proposta de Brissot. A nomeação delles era uma vingança da demissão dada pelo rei. Danton foi nomeado ministro das justiças, Monge ministro da marinha, Lebrun dos negocios estrangeiros, Grouvelle, secretario do conselho dos ministros. Monge era um mathematico illustre, Lebrun um homem de chancellaria versado na diplomacia, Grouvelle um homem de letras subalterno e ambicioso. Pelas nove horas da noite o governo ficou constituido. Os girondinos ahi dominavam por via de Roland, Claviére, Servan, Lebrun. A communa contrabalançava-os só por Danton.

Este ultimo, apenas nomeado, correu ao conselho do hotel de ville a prestar homenagem aos seus cumplices do poder que acabava de conquistar para elles: « Fui levado ao ministerio por uma balla de artilheria, disse elle aos seus filiados. Quero que a revolução entre comigo no poder. Sou forte por ella; morrerei separando-me della. » Chamou Fabre d'Eglantine e Camille Desmoulins aos dois primeiros empregos do seu ministerio: Fabre d'Eglantine, o complacente do seu espirito; Camille Desmoulins, o cortesão da sua força!

A assembléa fez redigir a analyse dos seus decretos daquelle dia, e enviou commissarios a publical-os, á claridade de archotes, por todas as ruas de Pariz.

V. — O ceu estava sereno; a frescura da noite e a emoção febril dos acontecimentos do dia convidavam os habitantes a sahirem de suas casas para respirarem o ar de uma noite de estio. A curiosidade de saber o que se passava na assembléa, e visitar o campo de batalha da madrugada, impellia indistinctamente para os caes, para os Champs-Elysées, e para as Tuilerias, os occiosos, mancebos e mulheres dos bairros affastados da capital. Compridas columnas de passeantes pacificos divagavam nas alamedas e sob as arvores das Tuilerias entregues ao povo. As chammas e o fumo dos moveis devorados pelo incendio, nos pateos, fluctuavam sobre os tectos do castello, e illuminavam as ruas margens do Sena. As proximidades do palacio ardiam do lado do pavilhão de Flora. Um foco de mil e quinhentas toesas, cercado pelos bombeiros e sapadores, lançava suas lavaredas, por cima da galeria do Louvre, e ameaçava a cada momento abrazar o castello devastado. O fogo que se reflectia entre a *Pont-Neuf* e a ponte Luiz XVI, no Sena, dava ás agoas a apparencia de sangue. Os carros mortuarios, acompanhados de agentes enviados pela communa, recebiam nos *Champs-Elisées*, na praça Luiz XV, no jardim, nos pateos, os quatro mil cadaveres dos Suissos, Marselheses, e federados, que marcavam pelo amontoamento de seus corpos os logares onde o combate havia sido mais mortifero. As mulheres, ornadas como para um dia de festa, não receiavam aproximar-se destas carretas e de contemplar estes restos da carniçaria da manhã. Este povo, onde a tristesa não dura um dia inteiro, deixava ouvir o murmurio surdo, as fallas baixas folgasãs e o burburinho das conversações ordinarias nos lugares publicos. Os espectaculos estavam abertos; os espectadores apertavam-se ás portas dos theatros, como se a queda de um imperio não tivera sido para a cidade mais do que um espectaculo já esquecido.

Os Marselheses, os Bresteses, as massas dos *faubourgs* concentraram-se nos seus longiquos bairros. Tinham feito o seu dia; haviam pago com mais de tres mil e seiscentos cadaveres o seu tributo desinteressado a esta revolução, cujo preço so devia ser recolhido por seus filhos.

VI. — Estes soldados e este povo não tinham combatido pelo poder, menos ainda pelos despojos. Entravam com as mãos vasias, os braços cançados, nas suas officinas. Artistas da liberdade, tinham lhe dado um dia. Combatiam por ella, sem bem a comprehenderem; indifferentes á fortuna do poder, á monarchia, á republica; incapases de definirem as palavras pelas quaes morriam, mas impellidos por um pressentimento divino dos destinos que elles conquistavam para a humanidade. A burguesia combatia para si mesmo; o povo combatia pelas idéas. Cousa estranha, mas verdadeira, havia mais luses na burguesia, mais ideal no povo. A *gradação* entre estas duas cores havia-se muito caracterisado pela sua actitude nesta jornada. A guarda nacional, composta da burguesia, partido de La Fayette, dos girondinos, do Pe hion, não soubera nem impedir nem fazer, nem atacar nem defender. Tremendo de um lado por medo da victoria do povo, e do outro por inveja do triumpho da corte e da aristocracia, não tomava partido senão por si mesma. Reunida com custo, indecisa nos seus movimentos, recusando a sua iniciativa á republica, o seu apoio ao rei, ficara com a arma no braço, entre o castello e os *faubourgs*, sem prevenir o choque, sem decidir a victoria; depois, passando covardemente para o lado dos vencedores, não havia disparado senão sobre fugitivos.

Agora ella regressava humilhada e consternada nas suas lojas e casas de commercio. Havia justamente perdido o passo adiante do povo. Não devia ser d'alli por diante mais do que a força de parada da revolução, ordenada para assistir a todos os seus actos, a todas as suas festas, a todos os seus crimes; decoração viva e vã, ás ordens de todos os machinistas da republica.

VII. — Desde a tarde de 10 de agosto, a guarda nacional tinha desapparecido. Os piques e os farrapos tinham substituido as baionetas e os uniformes civicos nos postos e nas patrulhas que atravessavam Pariz. Os Marselheses e os federados eram os unicos que davam algum aspecto militar a estes destacamentos de povo armado. Santerre, affectando no seu exterior a simplicidade cynica de um general dos *faubourgs*, para contrastar com o luxo militar de La Fayette, precorria Pariz montado n'um pesado cavallo preto, que mais era um animal de trabalho do que de batalha. Dois ou tres operarios da sua fabrica de cerveja o acompanhavam, servindo-lhe de ajudantes de campo, em vez desse brilhante estado maior de moços officiaes da

aristocracia ou do alto commercio de que o general du *Champs-de-Mars* andava sempre acompanhado. O chapeo acachapado de Santerre, as suas charlateiras enegrecidas, o seu sabre de bainha de cobre, o seu uniforme rapado e desbotado, o seu peito nu de condecorações, o seu gesto trivial lisongeavam a multidão. Ella amava em Santerre o seu igual. Westermann, n'um trem mais militar, visitou os postos dos federados e Marselheses, acompanhado de Fournier o Americano, de Barbaroux, e de Rebecqui.

Os agentes da communa de Paris, apressados em fazerem desapparecer os vestigios do sangue e os corpos das victimas, com medo de que o aspecto dos cadaveres não fizesse reviver, no dia seguinte, a vingança do povo, e não perpetuasse a carnificina que ella queria fazer parar, tinham enviado esquadras de homens de *peine* ao Carrousel para limparem o campo da batalha. Pela meia noite estes homens fiseram immensas fogueiras com paos inflammados, tarimbas dos guardas suissos do hotel de Brionne, e moveis do palacio. Lançaram nellas centenas de cadaveres que juncavam o Carrousel, os pateos, o vestibulo, e as sallas. Collocados por ordem, em silencio, em roda das fogueiras, estes varredores de sangue atiçavam a fogeira lançando novos combustiveis e novos corpos. Estas chammas lugubres, reverberadas nos muros e indo esclarecer, atravez os vidros quebrados, o interior do palacio, foram a ultima illuminação desta noite. Ao nascer do dia, Suissos e Marselheses, realistas e republicanos, nobres e povo, tudo estava consummido. Lavaram-se as calçadas, e varreram-se as cinzas para o Sena. A noite, a agoa, o fogo, tinham engolido tudo. A cidade retomou o seu curso, sem aperceber outros vestigios da catastrofe da monarchia mais do que um palacio deserto, portas sem guardas, janellas destroçadas, e os buracos da metralha nos velhos muros das Tuilerias.

VIII. — A assembléa suspendeu a sua sessão pelas duas horas da manhã. A familia real tinha ficado até então no camarote do logographo. Deus só pôde medir a duração das deseseis horas desta sessão na alma do rei, da rainha, da princeza Izabel, e de seus filhos. A repentinidade da queda, a incertesa prolongada, as vicissitudes do temor e da esperança, a batalha que se dava ás portas, e da qual elles eram o preço sem mesmo verem os combatentes, os tiros da artilheria, a fusilaria ressoando em seus corações, afastando-se, aproximando-se, tornando a afastar-se como a esperança que brinca com o moribundo, o pensamento dos perigos dos seus amigos abandonados no castello, o sombrio futuro que a cada minuto se cavava ante elles sem lhe poderem descobrir o fructo, a impossibilidade de obrar e mexer no momento em que todos os pensamentos impellem o homem á agitação, o constrangimento mesmo de fallarem entre si, a attitude impassivel que o cuidado de sua dignidade lhes ordenava, o receio, a alegria, o desespero, o enternecimento, e por ultimo o supplicio, o olhar dos seus inimigos fixado constantemente sobre seus rostos pora ahi surprehenderem um crime n'uma emoção, ou saborearem sua agonia, tudo fez destas horas eternas a verdadeira agonia da realesa. A queda foi longa, profunda, terrivel, do throno para o cadafalso. Em nenhuma parte ella foi mais sentida do que na occasião que fallamos. O primeiro golpe é o que quebra; os outros não fazem mais que matar.

Se acrescentarmos a estas torturas da alma as torturas do corpo desta desventurada familia, arremessada depois de uma noite de insomnia, n uma especie de calabouço; o ar abrazador exhalado por uma multidão de tres ou quatro mil pessoas, engolfando-se no camarote, e interceptado no corredor pela multidão externa que o atalhava; a séde, o abafamento, o suor escorrendo, a ternura reciproca de cada um dos membros desta familia multiplicando em cada um delles os soffrimentos de todos, comprehender-se-ha que este dia teria satisfeito só por si a vingança de uma longa servidão.

IX. — A' excepção do accesso machinal e spasmodico de apetite que o rei tinha satisfeito no principio da sessão, as pessoas da familia real não tomaram nenhum nutrimento durante este dia e metade desta noite. As mesmas creanças esqueceram a fome. A piedade attenta de alguns deputados e inspectores da salla, enviava de tempos em tempos algumas fructas e alguns copos de ágoa gelada para os desalterar. A rainha e sua irmã não faziam mais do que humedecer os labios: não pareciam occupadas de mais nada afora o rei.

Este principe, encostado ao parapeito da galeria como um homem que assiste a um grande espectaculo, parecia já familiarisado com a sua situação. Fazia observações judiciosas e desinteressadas sobre as circumstancias, sobre as moções, sobre as votações, as quaes provavam um completo desprendimento de si mesmo. Fallava de si como de um rei que tivesse vivido mil annos antes; julgava os actos do povo para com elle proprio, como se julgasse os actos de Cromwell e do longo parlamento para com Carlos I. A potencia da resignação que elle possuia dava-lhe este poder da imparcialidade, mesmo sob o ferro do partido que o sacrificava. Dirigia muitas vezes a palavra a meia voz aos deputados os mais proximos a elle e que conhecia entre outros a Calon, inspector da salla, a Constard e a Vergniaud. Ouviu sem mudar de côr, de vista, de attitude, as invectivas lançadas contra elle, e o decreto da sua deposição. A queda da sua corôa não lhe fez um movimento de cabeça. Viu-se mesmo uma alegria secreta brilhar nas suas feições atravez a gravidade e a tristeza da occasião. Respirou fortemente como se lhe aliviassem a alma de um peso. O imperio, para elle, era mais um dever do que um orgulho. Degradando-o, aliviavam-o.

A princeza Izabel, insensivel á catastrofe politica, não buscava senão espalhar uma pouca de serenidade nesta sombra. Com a mão da rainha apertada na sua mão, a triste docilidade do seu sorriso, a profundidade da affecção que brilhava nos seus olhos atravez suas lagrimas, abriam ao rei e á rainha um canto do ceo interior onde as vistas se repousavam confidencialmente de tanta perturbação. Uma unica alma que ame, uma unica voz que lastime, compensam o odio e a injuria de um povo inteiro: ella era a piedade visivel e presente ao lado do supplicio.

A rainha tinha sido sustentada no principio pela esperança da derrota da insurreição. Commovida como um heroe ao estridor do canhão, intrepida contra as vociferações dos peticionarios e das tribunas, a seu olhar afrontava-os, o seu labio desdenhoso cobri-os de desprezo; ella voltava-se sem cessar com olhares de intelligencia para os officiaes da sua guarda, que enchiam o fundo do camarote e do corredor, para lhes perguntar noticias do castello, das Suissas, das forças que lhe restavam, da situação das pessoas queridas que ella deixara nas Tuilerias, e especialmente da princeza de Lamballe, sua amiga. Ella tinha ouvido, fremente de indignação, mas sem empallidecer o assassino de Suleau no pateo dos Feuillants, os gritos de raiva dos assassinos, as fusiladas dos batalhões ás portas da assembléa, os assaltos tumultuosos do povo para forçarem a entrada do corredor, e ir immolar a ella propria. Tanto que o combate havia durado, ella tivera agitação e enthusiasmo. Aos ultimos tiros de canhão, aos gritos de victoria do povo, á vista dos seus estojos, dos seus bijoux, das suas pastas, dos seus segredos estendidos e profanados aos seus olhos como os despojos da sua pessoa e do seu coração, ella tinha cahido n'um abatimento immovel, mas sempre altivo. Devorava a sua derrota, não a acceitava como o rei. A sua jerarchia fazia parte della mesmo; cahir della, era morrer. O decreto de suspensão pronunciado por Vergniaud, fôra um golpe de machada sobre a sua cabeça. Fechou por um momento os olhos, e pareceu recolher-se na sua humiliação; depois, o orgulho do seu infortunio brilhou sobre a sua fronte como um outro diadema. Recolheu toda a sua força para se elevar, pelo despreso dos golpes, acima dos seus inimigos: ella só sentiu pelos outros.

X. — Cincoenta homens escolhidos e fieis tinham penetrado com o rei naquelle recinto. Formavam uma guarda immediata em roda da familia real, no corredor e na porta do logographo. Os ministros, alguns officiaes generaes, o principe de Poix, os srs. de Choiseul, d'Aubier, d'Affry, d'Aubigny, do Viomenil, Carl, commandante da gendarmaria, e alguns servidores pessoaes

do rei, estavam alli, de pé, attentos ás suas ordens, promptos a morrer para lhe fazer a ultima trincheira, se o povo viesse fazer irrupção nos corredores da salla. Estes generosos confidentes das angustias da familia real communicavam-lhe em voz baixa as noticias de fóra. Os uniformes da guarda nacional e do exercito, de que elles estavam revestidos permittiam-lhes circular nas immediações da assembléa nacional e referir aos seus senhores os acontecimentos do dia.

Pelas seis horas os antigos ministros, demittidos por um decreto, despediram-se tristemente do rei, para irem fazer entrega do deposito de suas administrações, e apresentarem-se no dia seguinte ao alto tribunal de Orleans. Pouco depois, d'Affry, commandante dos Suissos, chamado pelos commissarios da communa, foi levado á Abbadia. D'Aubigny, tendo-se misturado aos grupos que abatiam as estatuas dos reis na praça de Luiz XV, e tendo deixado fallar a indignação em suas feições, foi immolado sobre o mesmo monumento cuja profanação deplorava. O sr. de Choiseul correu duas vezes risco de vida saindo para ir meter em ordem os Suissos, e entrando para cobrir o rei com a sua espada. Um momento depois, tendo-se feito grande ruido ás portas, o rei voltou a cabeça, e perguntou com inquietação a causa deste tumulto. Carl, commandante da gendarmaria de Pariz, lançou-se a saber o que era aquelle tumulto. Não voltou. O rei que se voltava para escutar a sua resposta soube a sua morte com horror. A rainha tapou o rosto com as suas duas mãos. Cada uma das suas ordens levava desgraça aos seus amigos. O vacuo estendia-se, a carnificina dizimava em roda delles, a morte feria sempre mais perto de suas almas.

Quantos corações palpitavam por elles ainda de manhã, e de tarde já estavam gellados! A obscuridade do recinto, a claridade do incendio das Tuilerias reflectindo nas janellas e nos muros do Manege, as agitações de uma sessão prolongada, a noute, sempre mais cruel do que o dia, mergulhavam-os nos mais sombrios pensamentos. O silencio do tumulo reinava havia algumas horas no camarote do logographo. Não se ouvia senão o ruido das pennas apressadas dos redactores, que corriam sobre o papel, escrevendo minuto por minuto as palavras, os gestos, as emoções da salla. A claridade fetida das luzes que allumiavam as suas mezas, mostrava o moço Delfim deitado sobre os joelhos da rainha, e dormindo ao ruido dos decretos que lhe arrebatavam o imperio e a vida.

XI. — A' uma hora depois da meia noute, os inspectores da salla vieram buscar o rei e a sua familia para os conduzir ao alojamento que se lhes havia preparado á pressa depois da promulgação do decreto de deposição. Os commissarios da assemblea, e o destacamento da guarda nacional que velava desde pela manhã pelos seus dias, escoltavam-a. Um official da casa do rei recebeu o Delfim das mãos da rainha, e conduziu-o adormecido, seguindo logo traz ella.

Este alojamento, mais similhante a um claustro ou a uma prisão do que a um palacio, estava collocado no andar superior do velho mosteiro dos feuillants, por cima das casas das commissões da assembléa. Compunha-se de quatro casas em seguida uma das outras, abrindo todas por uma porta igual sobre o vasto corredor que servia as sellas dos religiosos. Estas camaras inhabitadas depois da distruição das ordens monasticas, estavam nuas como muros cujos hospedes estão ha muito tempo dispersos. O architecto da assembléa, por ordem dos inspectores da salla, haviam feito conduzir para ahi apressadamente os moveis que se haviam encontrado á mão no seu proprio alojamento: uma meza de jantar, quatro leitos de pao sem cortinados, para o rei, rainha, Delfim e sua irmã; colchões estendidos sobre o ladrilho eram a cama da princeza Isabel, e da aia dos principes: acampamento sobre o campo da batalha entre duas jornadas de crise, ás portas do palacio saqueado, sob a mão do povo vencedor, e que annunciava de mais pela sua nudez á familia real que ella estava para sempre mais perto d'uma prisão do que de um palacio! Os srs de Briges, d'Aubier, de Goguelat o principe de Poix e o duque de Choiseul, occuparam o primeiro quarto, que servia de antecamara. Estendidos sobre mantos á porta do rei, foram os ultimos a velar sobre o seu somno.

O rei deitou-se meio vestido na segunda camara. Desprovido de vestuario de noite, e dos moveis de toilette saqueados no castello, um guardanapo cingio a sua cabeça sobre o travesseiro. A rainha dormio com as creanças no terceiro. A princeza Izabel, a sr.ª de Tourzel e a princeza de Lamballe, que tinha vindo de tarde reunir-se á familia real, reuniram-se n'um quarto que seguia á camara da rainha, e passaram a noite a vellar, a chorar, e a orar á sua porta.

Este claustro elevado e vasto sobre o qual abriam estas camaras servio de campo aos officiaes superiores, aos cincoenta homens da guarda, e aos servidores do rei, Hue e Chamilly. Luiz XVI, sua familia, e o seu sequito não tocaram, naquella noite, na ceia que se lhe tinha preparado. Depois de uma conversação intima e sem testimunha, entre este principe, a rainha, e a princeza Izabel, foram procurar alguns momentos de somno, depois de vellarem trinta e seis horas, que tinham esgotado ao mesmo tempo suas almas e seus corpos. Este somno foi curto, o acordar terrivel.

XII. — A rainha, reabrindo os olhos aos raios de um sol abrazador que penetrava, sem véo, até ao seu leito, vendo estes tectos sombrios, esta janella sem cortinas, esta camara nua, estas cadeiras de palha, estes vestidos em desordem lançados sobre moveis quasi indigentes, fechou os olhos para ella mesma se illudir por um momento mais, e para se persuadir que os acontecimentos da vespora e o horror do dia eram um sonho. Foi arrancada a este dormitar pela presença, pela voz, e pelas caricias dos seus filhos A princeza Izabel conduzia-os ao seu leito. Advertiram a rainha de que a hora da sessão se aproximava, e que a assembléa exigia que a familia real ahi occupasse o seu logar da vespora. Algumas das suas damas, a quem os inspectores da salla tinham permittido de manhã penetrar até a sua ama, foram introduzidas ao mesmo tempo no seu quarto. Atravessando a cella do rei, ellas encontraram este principe sentado junto do seu leito, e fazendo reparar a desordem do seu penteado. Cortavam-lhe os cabellos. Pegou n'algumas madeixas, e entregou-as a estas fieis creadas da rainha: munificencia do coração, a unica que d'ahi em diante esteve em seu poder. Quizeram beijar lhe a mão; retirou-a, e abraçou-as. A familiaridade da desgraça tinha apagado as distancias entre esta familia e os seus servidores.

Estas mulheres debulharam-se em lagrimas, vendo a rainha de França deitada n'um leito de campo e servida por uma estranha, guarda d'este claustro abandonado. Esta pobre creada, intimidada e enternecida pela grandesa e pelo infortunio que tinha aos seus olhos, esforçava se em resgatar, pelos seus cuidados e respeitos, a inhabilidade dos seus serviços. Maria Antoniette estendeu os braços á sua amiga, e rebentou em soluços. Esteve muito tempo sem poder nem olhar nem fallar, confusa e envergonhada do seu abatimento e da sua degradação, diante daquellas que a tinham visto na vespora no seu luxo, e no seu esplendor. «Vinde, desventuradas mulheres, lhes disse ella em fim, vinde vêr uma mulher mais desventurada do que vós, pois é ella que causa a todas vós essa desventura.» Depois abraçando sua filha e o delfim, que a sr.ª de Tourzel lhe apresentava: — «Pobres creanças, accrescentou ella, como é cruel ter-lhes promettido uma tão formosa herança, e dizer: — Eis o que nós lhes deixamos, tudo acabou comnosco!» Ella informou-se depois, nos mais intimos detalhes, da sorte das sr.as Pauline de Tourzel Laroche-Aymon, da duqueza de Luynes, e de todas as pessoas da sua corte, que havia deixado nas Tuilerias.

XIII. — A morte dos seus servidores assassinados no limiar do seu quarto despedaçou seu coração. Deu-lhes lagrimas. Contou, vestindo-se, suas impressões durante a sessão da vespora. Queixava-se em meias-palavras desta falta de dignidade natural que não dava ao rei, depois que elle estava entre as mãos da assembléa, toda a magestade que ella desejava ver-lhe em frente dos

seus inimigos. Lastimava-se de que elle tivesse satisfeito sua fome em publico, e offerecido assim ás vistas do povo uma apparencia de indolencia e de insensibilidade tão longe do seu coração. Os deputados ligados ao seu partido haviam feito prevenir do máo effeito deste esquecimento da sua situação; mas sabendo, disse ella, a inutilidade destes avisos, impotentes contra a sua rude natureza, ella havia-os poupado ao rei, para não accrescentar uma humiliação a tantas penas. O relogio e a bolsa da rainha tinham-se perdido no tumultuoso trajecto do castello para a assemblea, pediu emprestado o relogio a uma das suas damas, e á sr.ª d'Augié, sua primeira dama de quarto, que lhe emprestasse vinte cinco luizes para os acasos do seu captiveiro.

Pelas dez horas, a familia real entrou na assembléa, e ahi ficou até á noite. O triumpho ganho na vespora havia tornado o povo mais exigente, e as moções eram mais sanguinarias. Os peticionarios agrupavam-se á barra, pedindo a altos gritos o sangue dos Suissos da escolta do rei, refugiados no recinto dos *Feuillants*, A assembléa disputava aos assasinos estas tresentas victimas. Santerre, mandado por Vergniaud para proteger os presos annunciava a matança imminente daquelles que se tinham preso no bosque de Bolonha. Voses feroses ululavam ás portas para que se lhes entregasse sua presa! « Grandes Deuses, que canibaes ! » exclamou Vergniaud.

Rasgos de generosidade popular misturavam-se a estes rugidos de brutos avidos de carnage. Combatentes vieram tomar os vencidos sob suas responsabilidades e dedicar-se á sua salvação. Mailhe e Chabot, enviados para arengarem aos ajuntamentos, foram acolhidos com os gritos : Abaixo os oradores ! « Houve um momento em que o terror se apoderou da assemblea : o recinto exterior estava forçado. Vergniaud, intrepido por si mesmo, temia pelos dias do rei Os inspectores da salla correram e fizeram retirar a familia real para o corredor, a fim de que se o povo entra-se, com as armas na mão, na salla, não achasse as suas victimas á mão. O rei que acreditou ter chegado para elle e para a sua familia o momento supremo, cuidou sómente na salvação dos seus servidores. Conjurou-os a abandonal-o á sua sorte, e cuidarem na sua propria segurança Nenhum delles pesou a sua vida contra o seu dever. Ficaram onde a honra e a dedicação lhes ordenavam viver ou morrer. A sentinella fez recuar o povo. Danton correu, rompeu por aquella multidão com a authoridade do seu nome e o terror do seu gesto. Pediu paciencia e não generosidade aos assassinos. A' sua voz, os homens de chuços addiaram a sua sêde de sangue. « Legisladores, disse Danton entrando na assemblea, a nação franceza, cançada do despotismo, tinha feito uma revolução. Porém mui generosa, acrescentou elle lançando um olhar ameaçador sobre o logar donde o rei o escutava, ella transigiu com os tyrannos. A experiencia provou-lhe que não havia nenhuma volta a esperar dos antigos oppressores do povo. Ella vai entrar nos seus direitos.... Porém lá onde começa a justiça, devem parar as vinganças populares. Tomo, deante a assemblea nacional, o compromisso de proteger os homens que estão no seu recinto. Marcharei á sua frente, e respondo por elles ! »

Lançou, ao terminar estas palavras, um olhar rapido e altivo sobre a rainha, como se uma intelligencia secreta ou uma compaixão soberba se occultassem sob a rudesa do seu discurso, ou sob o desdem da sua actitude.

XIV. — A assembléa e as galerias applaudiram. O povo ratificou da parte de fóra com as suas acclamações a promessa do seu favorito. Os Suissos foram salvos até 2 de setembro. Pethion succedeu a Danton. Livre do seu captiveiro simulado, vinha de retomar na communa o simulacro de uma authoridade que só tinha em nome. Util na vespora aos facciosos, dahi por diante era-lhes importuno. Affectou diante da assembléa acreditar ainda no poder que se lhe escapava. Quanto a obra está feita quebra-se o instrumento. Pethion não era senão o cumplice timido de uma conspiração levada a effeito; manequim popular levandado contra o rei, no dia em que o rei desapparecesse, Pethion deixava de o ser. Tentava debalde moderar as exigencias dos commissarios da communa, e de recondusir o poder ao seu centro legal, isto é á assembléa. A communa imperiosa enviava ordens, sob fórma de rogativa, ao corpo legislativo. Os girondinos não eram, á similhança de Pethion, mais do que os soberanos honorarios de uma revolução que os deixava já para traz.

Tinham decretado na vespora que Luiz XVI. habitaria o palacio do Luxembourg durante a suspensão, Este palacio recordava de mais o poder supremo do qual a communa queria affastar a imagem dos olhos do povo. Representou ella ao corpo legislativo que não podia responder pelo rei n'uma habitação tão vasta cujos immensos subterraneos podiam favorecer as evasões ou as conspirações. A assembléa, para salvar a apparente independencia das suas resoluções, enviou a uma commissão poder prescrever a habitação do rei. Esta commissão decreta que a familia captiva occuparia o hotel do ministro da justiça, na praça Vendome. Este hotel no centro de Pariz e sobre a praça onde se passava revista ás tropas attrahia ainda muito os pensamentos para uma potencia perigosa a mostrar aos olhos do povo. A communa recusou executar este decreto. Manuel veio em seu nome pedir que a habitação do rei refem fosse fixada no Templo, longe dos olhos, longe das recordações longe das emoções da cidade. A assembléa cedeu. A escolha do Templo indicava o espirito da communa na interpetração dos acontecimentos da vespora. Em logar de uma habitação, era uma prisão.

XI — Os girondinos haviam sómente suspendido a realesa : a communa degradava-a. Roland e os seus amigos quizeram preparar um apoio contra a omnipotencia do hotel de ville constituindo o conselho do departamento, e dando a este conselho a vigilancia que a constituição lhe dava sobre o corpo municipal. Fizeram propor esta moção por um dos seus adherentes dos mais obscuros, para occultar a mão que dirigia o golpe. A communa reconheceu a mão e preveniu o golpe. Tres vezes no dia o conselho municipal enviou a pedir primeiro humildemente, depois com firmeza, e porfim insolentemente a revogação do decreto attentatorio á sua omnipotencia. A ultima intimação foi breve e ameaçadora como uma ordem soberana. Esta ordem foi obedecida.

Outras deputações da communa vieram depois pedir a creação de um tribunal marcial ou militar para vingar o sangue do povo. Procurando a assembléa illudir a resposta : Se este decreto não se expedir, replicou friamente o orador da communa, a nossa missão será esperal o ! « Robespierre, em nome da secção da praça Vendome, appareceu á barra. » Povo, disse elle fazendo alusão ás estatuas do rei que se abatiam nas praças publicas, quando a tyrannia está deitada por terra, guardai-vos de lhe dar tempo de se levantar. Vimos cahir a estatua de um despota; o nosso primeiro pensamento é levantar em seu logar um monumento á libersdade. Os cidadãos que morrem defendendo a patria estão em segundo logar. No primeiro estão aquelles que morrem libertando-a no interior. »

Finalmente o Prussiano Anacharsis Clootz, philosofo errante para semear a sua doutrina sobre a terra com a sua palavra, a sua fortuna, e a seu sangue, fez ouvir em nome do genero humano á assembléa nacional o primeiro echo de 10 de agosto na alma dos povos impacientes da sua servidão. Clootz levava a paixão da humanidade até ao ponto de delirio Mas este delirio era o da esperança e da regeneração Os scepticos achavam-o rediculo, os patriotas achavam-o banal, as politicas apellidavam-o utopista. Comtudo Clootz não se enganava senão na hora. As utopias não são muitas vezes senão verdades prematuras. As almas abaladas pelo abalo do momento e fanatisadas de esperança abriam-se ás perspectivas as mais ideaes. O philosofo foi escutado com complacencia, e as idéas consoladoras que elle fasia brilhar como um arco-iris sobre este horisonte de sangue suspenderam por alguns instantes a lucta dos partidos e o ferro dos assassinos.

XVI — Depois dos trabalhos deste segundo dia o rei foi reconduzido aos Feuillants. Os testimunhos de pieda-

do e amor dos homens da sua escolta assustaram a communa e os jacobinos. Santerre mudou aquelle posto, e escolheu para guarda do rei corações inaccessiveis á indulgencia, e irreconciliaveis com um soberano desthronado. A rudesa dos gestos, o rigor das ordens mostraram ao rei esta mudança. O girondino Grangeneuve, membro da commissão de vigilancia, cuja casa estava no mesmo claustro que os quartos do rei, assustou-se tambem dos respeitos e enternecimento do pequeno numero de amigos que cercavam a familia real. Acreditou n'um projecto de rapto. Deu parte disto aos seus collegas. A mais cruel das tyrannias é sempre a mais moderna. A commissão partilhou, ou fingio partecipar do medo de Grangeneuve. Ordenou o affastamento de todas as pessoas estranhas á domesticidade immediata da familia. Esta ordem consternou os officiaes generaes cortesãos do seu captiveiro. O rei mandou chamar os deputados inspectores da salla. « Estou portanto presioneiro, senhores! lhes disse elle com pesar : Carlos I. foi mais feliz do que eu : deixaram-lhe os seus amigos até ao cadafalso. » Os inspectores baixaram a cabeça. O seu silencio respondeu por elles.

Vieram pedir ao rei que passasse á salla onde a ceia da familia real estava preparada. Permittiu-se aos seus amigos seguil-o ahi. Foi o ultimo dia em que o rei e a rainha foram servidos com a etiqueta das cortes pelos seus cinco gentilhomens de pé : etiqueta tocante naquelle dia porque ella era voluntaria. O respeito redobrava com o infortunio. Uma tristeza muda assombreou esta ultima comida. Senhores e creados sentiam que iam separar-se para sempre. O rei não comeu. Retardou de proposito a hora em que se levantaria a mesa, a fim de prolongar os minutos em que lhe era permittido ver ainda rostos amigos. Este longo adeus cançou a paciencia dos officiaes da guarda. Foi preciso despedaçar este entertenimento. O rei sabia que os cinco gentilhomens seriam presos no fundo da escada. A inquietação sobre a sorte delles juntava-se ao horror da sua. Finalmente, banhado em lagrimas olhando para elles, tentou fallar, mas a sua emoção fel-o mudo. — « Separemo-nos, lhes disse a rainha ; é desde este momento que nós conhecemos toda a amargura da nossa situação. Até agora vós nol-a havieis velado com os vossos respeitos, e adoçado com os vossos cuidados. Que Deus vos pague um reconhecimento que... » Os seus soluços cortaram-lhe a voz. Ella fez abraçar seus filhos pelos ultimos servidores da sua familia. A guarda inflexivel entrou e disputou-lhes estes minutos. Os gentilhomens desceram por uma escada occulta. Sahiram um a um, com fatos emprestados, para se confundirem inapercebidos na multidão.

XVII. — O sr. de Rohan-Chabot, ajudante de campo de La Fayette, tinha passado os dois dias e as duas noites, á porta do rei, fardado de simples guarda nacional. Reconhecido e preso ao sahir dos Feuillants, foi lançado na prisão da Abbadia, que não se abriu senão aos assassinos de setembro. A rainha, sua irmã, os infantes, despojados de tudo pela pilhagem das Tuilerias, receberam da embaixadora de Inglaterra a roupa de linho e vestidos de senhora, necessarios á decencia da sua situação. A familia real passou ainda outro dia e meio no camarote do logographo. Parecia que o povo, como um triumphador cruel, queria repascer-se por muito tempo no supplicio e ignominia da realeza. Sós, e sem amigos durante estes dois ultimos dias, suas dores e vergonha sem testimunhas foram tambem sem consolações. Aquelles corações, cançados de ultrajes, não poderam mesmo repousar sobre uma pouca de piedade. Olhando-se mutuamente, seus olhos não trocavam entre si senão os mesmos terrores e as mesmas lagrimas.

Na segunda feira pelas tres horas, Pethion e Manuel vieram recebel-os em duas carroagens para os conduzir ao Templo. A communa que podia fazer transportar os prisioneiros de noite, quiz que o trajecto das Tuilerias á prisão se fizesse em pleno dia, a passos lentos, e pelos bairros mais populosos, a fim de a degradação da realeza ter a apparencia e a authenticidade d'uma exposição antes do supplicio. Pethion e Manuel iam na carruagem do rei. Uma inumeravel multidão formava allas desde a porta dos Feuillants até á porta do Templo. Os olhares, os gestos, as injurias, o riso mofador, o mais covarde dos ultrajes, renovavam-se em todos os passos do cortejo. A fraqueza das mulheres, a innocencia das creanças, enterneceram em vão alguns olhares furtivos : era myster occultar o enternecimento qual uma traição. Pethion tinha o costume de presidir a estas marchas triumphaes da deposição, era elle que havia reconduzido o rei de Varennes atravez a capital irritada. Era elle que tinha visto o rei coberto com o *bonnet-rouge* no seu palacio invadido em 20 de junho, e que tinha felicitado o povo despedindo-o. Era elle ainda quem o conduzia á sua ultima paragem, antes do suplicio. Não lhe poupou nenhum dos pesares do caminho. Não lhe occultou nenhum dos persagios da sua queda. Passeou-o atravez a sua deshonra para lha fazer saborear. Passando pela praça Vendome, fez-lhe notar a estatua derrubada de Luiz XV juncando com os seus fragmentos a cidade onde a sua imagem tinha por tanto tempo reinado. O povo não queria reis, nem mesmo em memoria. Por toda a parte por onde as carruagens passavam os symbolos da realeza estavam arrancados ou motilados. A mão do povo obliterava assim anticipadamente uma instituição sobre a qual a assembléa nacional ainda não tinha pronunciado. O 10 d'agosto era um decreto obscuro da victoria, que a communa de Pariz se dava pressa em interpetrar pelo encarceramento do rei. Da prisão ao throno a volta era impossivel. A communa assim o queria mostrar. Luiz XVI conheceu-o ; e quando ao cabo de duas horas de marcha, as carroagens rodaram por baixo das abobadas do pateo do *Temple*, já tinha no seu coração abdicado o throno, e aceitado o cadafalso.

LIVRO XXIV.

I. — No entanto que a familia real, chegada ao termo de tantas agitações, se recolhia dentro dos muros do *Temple*, e se installava no seu derradeiro asylo, a assembléa, pelo orgão de Guadet, promulgava os regulamentos segundo os quaes se nomearia uma convenção, e se faria apêlo á soberania directa e unanime do povo. As assembléas primarias iam compor-se de todos os Francezes tendo a idade de vinte e um annos, e de condição livre. Deviam reunir-se em 26 de agosto, e dava aos seus representantes um mandato soberano e independente de qualquer constituição preexistente. A convenção devia reunir-se em 20 de setembro. A assembléa nacional e opoder executivo, nomeado na vespora, não se reservavam se não o interregno de 12 de agosto até 20 de septembro.

Assim o triumpho dos girondinos trouxe immediatamente a sua abdicação A assembléa que elles dominavam sentia-se fraca ante um acontecimento que não tinha tido a coragem de levar por diante, nem a virtude de impedir. Ella retirou-se, e restituiu ao povo os poderes que havia recebido. O movimento abortou nas suas mãos. Ella tirou o governo á sorte, arremessou a França no acaso. Infiel á constituição, recusando o seu apoio á realeza, timida em face da republica, não teve nem plano, nem politica, nem audacia. Deu a todos os partidos o direito de a desprezar. A historia a julgará mais severamente do que nenhuma outra das assembléas que personificaram a revolução. Collocada entre a assembléa constituinte e a convenção nacional, ella empallediceu diante destes dois grandes focos, um de luzes philosoficas, outro da vontade revolucionaria da nação. Ella não destruiu nada, não fundou cousa alguma ; ajudou a destruir tudo. Recebeu dos seus predecessores uma constituição a manter, uma realeza a reformar, um paiz a defender. Ella deixou, retirando-se, a França sem constituição, sem rei, e sem exercito. Desappareceu n'um motim. Seus unicos vestigios foram ruinas. Se se deve accusar, será necessario accusar as difficuldades do tempo ? Mas o tempo era mais facil, e os acontecimentos mais manejaveis para a assembléa constituinte, no juramento do jogo da pella, nos dias de outuoro, no 14 de julho, na fuga do rei ? Os tempos foram mais doces para a convenção á sua reu-

nião durante a anarchia, a proclamação da republica, á invasão de la Champagne, á insurreição da Vendée, ao sitio de Lyon? Evidentemente que não; mas estas difficuldades extremas acharam, nestes dois corpos, uma politica e uma vontade iguaes ás extremidades destas situações. Para que esta differença entre corpos politicos sahidos do mesmo povo, e operando na mesma epoca? Osemos dizel-o: é que a assembléa legislativa, nomeada em odio da aristocracia, e em desconfiança do povo, e escolhida entre estes partidos medios e moderados que não são em tempos de crise senão as negações do bem e do mal, não teve, nos elementos que a compunham, nem o espirito politico das altas classes, nem a alma patriotica do povo. A assembléa constituinte foi a representação do pensamento da França; a convenção foi a representação da dedicação apaixonada das massas. A assembléa legislativa não representou senão os interesses e as vaidades das classes intermedias. Expressão desta burguesia honesta mas egoista nos seus costumes, ella não trouxe ao governo, nesta grande crise, senão os pensamentos medianos, as paixões vaidosas, e as pequenas prudencias desta parte das nações, cuja timidez é ao mesmo tempo a virtude e o vicio. Ella soube escrever e fallar, ella não soube operar. Ella teve oradores, mas não teve homens de Estado. Mirabeau tinha sido, na assembléa constituinte, a expressão soberana desta aristocracia que, depois de ter sido a primeira a esclarecer-se, nas hierarchias elevadas da nação, das altas luses de uma epoca, aspira á gloria de as espalhar sobre o povo, e se faz revolucionaria por generosidade, e popular por orgulho. Danton, Robespierre foram a expressão terrivel, das paixões de um povo, apenas emancipado dos seus ferros, que quer conservar a todo o custo a revolução que lhe fiseram, e que não pesa nem um interesse contra uma idéa, nem uma vida contra um principio. Vergniaud, Brissot, Gensonné, Guadet, não foram mais do que discursadores algumas veses sublimes, sempre impotentes. Não tiveram um alvo determinado, ou elles collocaram este alvo sempre mui longe, ou mui perto. Deram á revolução impulsos alternativamente mui fracos ou mui fortes, que os pararam muito áquem, ou os lançaram muito alem de seus pensamentos. Quiseram um poder, e minaram-o; temiam a anarchia e conspiravam; quiseram a republica e addiavam. A nação impacientou-se da sua indecisão, que a perdia: elle levou a effeito o seu dia, e elles desapperececeram,

Em 10 de agosto, o povo foi mais homem de Estado do que os seus chefes. Uma crise era necessaria, onde tudo morresse nas mãos destes legisladores que queriam o movimento sem aballo, a liberdade sem sacrificio, a monarchia sem realesa, a republica sem agitação, a revolução sem garantia, a força do povo sem sua intervenção, o patriotismo sem esta febre do enthusiasmo que dá ás nações o delirio e a força do desespero. Um povo não podia deixar sem demencia durar e empeiorar um tal estado de contradicções. A França marchava á perdição. A assembléa não lançava mão do leme. O povo ahi se precipitou com o genio da circumstancia, e esta temeridade de revolução que arrisca tudo, para tudo salvar quando tudo está inevitavelmente perdido. O mechanismo da constituição não funccionava. Um relampago de convicção lhe demonstrou que já não era possivel reparal-o. Despedaçou-o; foi o 10 de agosto.

As lagrimas, o sangue, os crimes deste dia não cahiram tanto sobre o povo que o fez como sobre a assembléa que a tornou inevitavel. Se a assembléa legislativa tivesse tido uma inteira intelligencia, se ella tivesse tomado a dictadura, velado a constituição, suspendido e afastado o rei, posto a realesa em tutella durante a crise; ella podia prevenir a intervenção dos piques, preservar a forma monarchica, armar a nação, garantir as fronteiras, poupar o sangue das victimas de 10 de agosto e de 2 de setembro, e não entristecer a França com o cadafalso do seu rei. A sua fraquesa produziu estes excessos e os furores do povo. Desgraça aos imperios, quando a cabeça das nações não toma a iniciativa reflectida das grandes resoluções e a deixa tomar á insurreição! Aquillo em que o povo toca é sempre despedaçado pela violencia, ou salpicado de sangue. A assembléa nacional foi abaixo da crise. Teve talento, luzes, patriotismo, mesmo as virtudes necessarias aos fundadores da liberdade; não teve caracter. O caracter é o genio da acção. Estes homens não tiveram senão o genio da palavra e o genio da morte. Bem fallar, e bem morrer, tal foi o seu destino.

II. — A repercussão de 10 de agosto foi sentida em todo o imperio, e em toda a Europa. Os gabinetes estrangeiros e os emigrados, deplorando a catastrophe, a prisão do rei, a animação que o triumpho popular de Pariz dava ao espirito revolucionario, alegraram-se em segredo das agitações convulsivas nas quaes a França ia verosimilmente despedaçar se. Uma guerra civil era o mais poderoso auxiliar da guerra estrangeira. O governo anarchico d'uma assembléa era o menos proprio á conducta de uma guerra nacional. A França, sem chefe, sem unidade, sem constituição, cahiria membro por membro, sob as forças dos colligados. Além disto o escandalo deste palacio violado, daquellas guardas immoladas, desta familia real aviltada pela insurreição, tirava todo o pretexto de contemporisação e de attenções aquellas potencias que ainda hesitavam. O desafio da França estava lançado a todas as monarchias; era perciso acceital-o, ou declarar todos os thronos da Europa impotentes a sustentarem-se ante o espirito de desordem e insurreição, vencedor por toda a parte se elle ficasse vencedor em Pariz. A propria Inglaterra tão favoravel até então á reforma na França, começava a olhar com repugnancia um movimento de espirito que ultrapassava os limites e a forma da sua propria constituição. A França lançando-se no desconhecido alienava de si todos os votos e todas as esperanças que a tinham seguido até alli. O toque de rebate aos thronos soava em Pariz. Os colligados e os emigrados corresponderam a elle aproximando-se das fronteiras. O proprio duque de Brunswick retomou confiança, concentrou as suas forças, e deu principio ao seu movimento.

III. — No interior, a adhesão ao 10 de agosto foi unanime em o norte, no éste, e no meiodia da França. Só os campos da Vendée se agitaram, e fizeram rebentar alguns symptomas da guerra civil. Em todas as outras partes os realistas e os constitucionaes consternados occultaram os seus pressentimentos e a sua dôr. Os girondinos e os jacobinos, colligaram-se para fazer nomear na convenção, pelas assembléas primarias, homens extremos d'uma tempera antiga, irreconciliaveis com a realesa. A França conhecia que a hora dos conselhos timidos era passada para ella, e que a patria não tinha outro baluarte afora as suas bayonetas. Era-lhe myster, tanto nos conselhos como nas fronteiras, homens que não podessem olhar para o seu passado. Ella buscava esses homens, achou-os, e nomeou-os. Deu-lhes por unico mandato a salvação da nação e a salvação da liberdade.

O exercito commandado por generaes constitucionaes e por officiaes ainda ligados ao rei, recebeu com pasmo a noticia inesperada da destruição da constituição e do triumpho jacobino. Teve alguns momentos de hesitação, dos quaes um chefe habil e acreditado teria podido apoderar-se para o conduzir contra Pariz; porém a victoria não havia dado ainda a nenhum general o direito de desobedecer a um movimento popular. O velho Luckner, commandante em chefe, interrogado em Metz pela municipalidade e pelo club sobre o partido que elle faria adoptar pelo exercito, balbuciou uma approvação vaga ao golpe de Estado de Pariz. No dia seguinte tendo recebido de La Fayette, seu logar-tenente, uma opinião contraria mudou de linguagem e arengou á tropa para a prevenir contra os instigadores da desordem, os quaes deviam chegar de Pariz. Velho mannequim da guerra, inhabil para comprehender a politica, Luckner balbuciava como uma creança tudo quanto se lhe ensinava. A chegada dos commissarios da assembléa, enviados aos exercitos para os esclarecer e encadear, fel-o pela terceira vez mudar de linguagem.

Em Valenciennes, o general Dillon proclamou n'uma ordem do dia que a constituição havia sido violada, e que os prejuros deviam ser punidos. Alguns dias depois, Dillon retractou-se n'uma carta á assembléa. Montes-

quieu, no exercito do Meio-dia, pronunciou-se fracamente pela manutenção da constituição. Em Strasbourg, o maire Dietrick e os generaes Caffarelli-Dufalga, e Victor de Broglie, indignaram-se do attentado contra a inviolabilidade do rei. O general Biron, amigo do duque de Orleans, e sustentado pelos jacobinos de Strasbourg, atabafou este germen de levantamento, e entregou o seu exercito ao partido vencedor. Só La Fayette tomou uma resolução e uma actitude politica.

IV. — Este general tinha o seu quartel general em Sedan, cabeça de districto das Ardennes. Soube os acontecimentos de 10 de agosto por um official do seu exercito, que achando se em Pariz durante o combate, sahiu das barreiras e correu a informar o seu general da carnificina e dos decretos do dia. La Fayette, ultrapassado por este movimento, julgou-se com força de o fazer parar por via de uma federação do seu exercito e dos departamentos. A' falta de poder central ao qual pedes-e obedecer, pedio ordens aos administradores do departamento des Ardennes. Era seu projecto formar uma especie de congresso dos departamentos unidos. O nucleo desta federação encontrava-se por si nos tres departamentos des Ardennes, de l'Aisne, e de la Meuse, com a disposição dos quaes elle julgava poder contar. Acreditava pouco no exito; mas acreditava no seu dever, e cumpria-o como cidadão mais do que como chefe de partido. A assembléa, informada destas hesitações do exercito, enviou commissarios para o arrancar aos generaes suspeitos.

Mas La Fayette, apesar da generosidade do seu caracter, e apesar da dedicação da sua vida, confiou-se de mais para um chefe de partido só na potencia da lei. Em vez de arrancar as suas tropas por um rasgo do movimento, deixou as reflec ir immoveis. Seu enthusiasmo por elle e o seu amor á constituição adormeceram nesta hesitação. Demittido pela assembléa em 19, conheceu que a sua fortuna o abandonava, que a sua popularidade estava vencida, e que a revolução que lhe escapava das mãos, hia voltar-se contra elle. Resolveu expatriar-se e condemnou-se a si proprio ao ostracismo com que o seu paiz o hia ferir. Alexandre Lameth, os dois irmãos Latour-Manbourg, Bureau de Pusy, patriota, militar, e politico eminente, seus ajudantes de campo, e alguns officiaes o acompanharam na fuga. La Fayette tencionava passar á Hollanda, e d'ahi á America. Ao cabo de uma noite de marcha, cahiu em poder de um destacamento inimigo. Reconhecido e conduzido a Namur, o seu nome foi o seu crime aos olhos dos generaes do imperador. O chefe da insurreição franceza, o protector de Luis XVI, o general do povo de Pariz era uma presa de mais inesperada e brilhante para os reis colligados o deixarem generosamente retirar-se do campo da batalha. La Fayette, separado dos seus amigos, levado de praça forte em praça forte até á prisão d'Olmutz, soffreu com a paciencia da convicção um longo e odioso captiveiro Martyr da liberhade, depois de ter sido o heroe della, a sua vida publica teve, a datar deste dia, uma interrupção de trinta annos. A revolução tornou-o a chamar á scena da historia. Os seus amigos e os seus inimigos o reconheceram nos mesmos principios, nas mesmas virtudes, e nas mesmas decepções.

V. — A expatriação de La Fayette e a submissão do seu corpo de exercito deixaram a assembléa sem inquietação relativamente á disposição das tropas mas tremendo da situação das fronteiras. Os girondinos; readmittidos no ministerio nas pessoas de Servan, Claviére e Roland, previam a proximidade da sua lucta com os jacobinos, e conheceram a importancia de dar ao exercito um chefe que lhes garantisse ao mesmo tempo a victoria sobre os inimigos do exterior, e um apoio contra os inimigos internos. Antigos collegas de Dumouriez, os seus ressentimentos contra este general cederam ante a alta idéa de que este homem os havia desamparado dos seus talentos. Dumouriez, pela sua parte, e com a certeza da sua penetração, tinha sondado os successos de 10 de agosto, e havia-os julgado. As crises não retrocedem senão depois de se haverem esgotado por si mesmo, ou terem acabado a sua evolução. A crise dava um passo mais, era necessario dar este passo com ella; d'outro modo ella deixaria os indecisos á rectaguarda. Dumouriez deplorava a desgraça do rei. Porém recusando o juramento á nação, elle perdia-se sem salvar Luiz XVI. Além disto, qualquer que fosse a forma de governo, elle teria sempre uma patria! Salvar a patria era a unica politica conveniente em taes circumstancias a um soldado. O campo de batalha era o caminho do poder. No entanto que os outros generaes impugnavam a necessidade, ou tentavam impotentes resistencias, Dumouriez, encerrado no seu campo de Maulde junto a Valenciennes, desobedecia altivamente a Dillon, recusava fazer com que o seu acampamento rectificasse o antigo juramento á realeza, e declarava-se ás ordens do acontecimento. Uma correspondencia secreta se estabeleceu no mesmo instante entre Servan, Roland, Claviere, seus antigos collegas, e este general. Os girondinos felicitaram-se de ter uma cabeça e um braço por si. De outro lado, os jacobinos travaram com Dumouriez relações que o acaso tinha feito nascer, e das quaes a habilidade do general tirou partido para a sua fortuna.

VI — O moço Couthon, amigo de Robespierre e deputado do Auvergue á assembléa legislativa, achava-se nesta occasião nos banhos de Saint-Arnand. Saint-Arnand está ás portas de Valenciennes, na visinhança do campo de Dumouriez. O general e o deputado tinham-se encontrado, e muitas vezes conversado. Este homem tinha a aureola dos seus pressimentos. A sua vivacidade embriaga aquelles que se aproximavam delle. Couthon foi fascinado por esta seducção do genio de Dumouriez, como n'outro tempo o fora Gensonné. Elle advinhou o salvador da patria.

Couthon, moço advogado de Clermont antes de ser enviado a assembléa nacional, e depois á convenção, levava a sua fé da revolução até o ponto de fanatismo. Este fanatismo, doce e meditativo então, foi sanguinario depois. O foco desta alma, cheia do amor e esperança pela humanidade, transformou-se na cratera de um volcão interior contra os inimigos das suas ideas. Quanto mais os sonhos do homem são bellos, mais elle se irrita contra o que os destroe. Couthon era philosofo. Seu rosto era gracioso, o seu olhar sereno, as suas conversas graves e melancolicas. Uma mulher ainda moça, e uma creança em redor delle nutriam a ternura de sua alma, e consolavam a sua enfermidade Couthon estava privado do uso das pernas. A causa desta enfermidade interessava á sua desgraça: devia-o ao amor. Atravessando durante uma noite escura de inverno um valle pantanoso do Auvergne para ir entreter-se fortivamente com a mulher que amava, tinha-se perdido na escuridão. Enterrado até á manhã na lama gelada em que cada vez mais se introduzia sob o peso do seu corpo, tinha lutado uma noite inteira contra a morte, e só havia, escapado ao golfo entrevado e paralitico. Não se suspeitava em Saint-Amand o papel futuro de Couthon. Não se descobria sangue nos seus sonhos.

Os tres deputados enviados ao exercito de Dillon, Delmas, Dubois-Dubais, e Bellegarde, chegados em 14 de de agosto a Valenciennes, tinham ordem de demittir Dillon e Lanone. Estes dois generaes haviam sido lentos em reconhecer o 10 de agosto Arrependidos e submissos hoje, imploraram o perdão dos tres commissarios. Estes iam concedel-o. Couthon, seu collega correu de Saint-Amand a Valenciennes, elogiou os talentos e a energia de Dumouriez, e fez-lhe obter da assembléa o commando dos dois exercitos de Lanone e de La-Fayette. Westermann, amigo de Danton, seu homem de guerra na jornada de 10, e agora seu emissario aos exercitos, depois de ter visitado o campo de Sedan, correu a Valenciennes. Pintou vivamente a Dumouriez a desorganisação do exercito de La-Fayette, a deserção dos officiaes, o descontentamento dos soldados, o máo espirito das Ardennes, e a proxima violação do territorio, se o inimigo, já senhor de Longwy, marchasse para a frente sobre Champagne. Westermann, investido da confiança de Danton, e animado de todo o fogo de patriotismo que trazia de Pariz, convenceu Dumouriez e arrastou o. O general, acostumado a tractar com as facções e a ouvir as meias palavras de

insinuações dos seus chefes, comprehendeu que Danton queria ter um agente no exercito na pessoa de Westermann: fez deste moço official o nó das suas relações com Danton. Westermann, como todos os outros, foi á sua vez arrastrado na esfera do movimento e do genio de Dumouriez. Vindo para o observar, admirou-o e servio-o com paixão. O general que sabia empregar os homens segundo o seu valor, e não segundo o seu gráo, reconheceu logo, á primeira vista em Wertermann um coração marcial uma alma de fogo, um braço de ferro; prendeu-o a si.

VII. — Dumouriez, durante a noite de 25 para 26 de Agosto, fez as suas disposições para a campanha da Belgica, á qual elle não renunciava ainda. Chamou de Lille ao general Labourdonnaye, que commandava aquella praça, e na sua ausencia este entregou-lhe o commando do exercito de Valenciennes. Partiu para Sedan, em 26, com Westermann, um unico ajudante de campo, e o bravo Baptiste, seu criado do quarto, cuja bravura e dedicação a seu amo fizeram depois um dos instrumentos da sua gloria e dos triumphos do exercito. Chegado, em 28, ao campo de La Fayette, Dumouriez ahi foi recebido com frieza e as murmurações de um exercito que não conhece o chefe que se lhes dá, e que sente o chefe que perdeu. Seguro do dia seguinte, o general não se intimidou daquelle acolhimento. Affrontou os rostos hostis, e fiou-se em que o sentimento da sua superioridade lhe entregaria os corações. Chegado sem equipagens e sem cavallos de guerra, montou os cavallos de La Fayette, passou revista ás tropas, e fallou-lhes. A infanteria mostrou-se fria porém firme, a cavallaria quasi sediciosa. Passando por diante das fileiras, ouviu palavras injuriosas contra elle: «E' pois este homem, diziam os soldados uns aos outros, que fez declarar a guerra e é causa dos perigos da patria, e do sangue dos nossos irmãos derramado em Longwy!» Dumouriez parando o seu cavallo, e olhando altivamente os esquadrões: «E ha algum entre os soldados tão covarde, disse elle, que se afflija da guerra; e acredite conquistar-se a liberdade sem combater?» Estas palavras trouxe á fronte dos officiaes e soldados se não a confiança, pelo menos o respeito. A vista de Dumouriez, a presença de Westermann, o vencedor de 10 de Agosto, todo coberto do sangue dos suissos e do enthusiasmo do povo de Pariz, imposeram ás tropas. Ellas sentiram-se collocadas, pela tomada de Longwy, entre as baionetas dos prussianos e o despreso da nação que tinha os olhos sobre ellas. Tomaram novos brios.

Desdobrado o mappa, medidas as respectivas forças e as distancias sobre a mesa do conselho, Dumouriez abriu a sessão, expoz a situação, e perguntou as opiniões. Dillon foi o primeiro a usar da palavra. Mostrou sobre a carta o ponto de Chalons como a posição que se devia tomar antes do inimigo, se quizessem cortar-lhe a tempo a entrada das planices da França e a estrada de Pariz. Com o compasso na mão, elle mediu a distancia de Chalons a Verdun, e de Chalons a Sedan; mostrou que o inimigo, já sob os muros de Verdun, estaria mais perto de Chalons do que o exercito defensivo, e representando com muita rasão e força que a conservação da capital importava mais á nação do que a conservação das Ardennes, concluiu por se marchar naquella mesma noite sobre Chalons, deixando o general Chazot e alguns batalhões no campo fortificado de Sedan. O conselho todo foi desta opinião. Dumouriez deu mostras de approvar pelo seu silencio, e ordenou a Dillon que levantasse a vanguarda e a dirigisse sobre a margem esquerda do Marne, como se o movimento sobre Chalons tivesse sido adoptado no seu pensamento. Não o estava. Apenas se dispersou o conselho de guerra, Demouriez conservando junto a si o ajudante general Thouvenot, de quem notára o olhar pensativo e a phisionomia expressiva durante o discurso de Dillon, abriu-se com elle como a um confidente capaz de comprehender e de incumbar um grande pansamento. «A retirada sobre Chalons, lhe disse elle é um pensamento prudente. Mas a prudencia dos grandes perigos é a temeridade. E' necessario enganar a fortuna mostrando-se mais confiante quanto ella é mais adversa. Retirar-se para a retaguarda do Marne, ante um inimigo numeroso e activo, é dar á França, o signal da fraqueza e da desanimação, é começar a guerra por um movimento para a retaguarda sempre parecido com uma derrota; é finalmente abrir aos colligados as ferteis planices d'Epernay e de Reims, e a estrada de Pariz, sobre a qual nenhum obstaculo póde fazer parar depois do Marne.» Então mostrando sobre a carta uma extensa linha de florestas que se estende de Sedan a Sainte-Menehould, entre Verdun e Chalons, nome obscuro então, tornado nacional depois: Eis, disse elle a Thouvenot, as Thermopylas da França! Se tenho a felicidade d'ahi chegar primeiro do que os Prussianos, tudo está salvo!» Este movimento obliquo de Dumouriez, bem longe de affastar o exercito francez do dos Prussianos, aproximava-o, e fixava-lhe audaciosamente um campo de batalha sobre o proprio terreno que elles já occupavam: porque de Verdun, onde estava o rei da Prussia, ha menos distancia do que de Sedan, onde estava Dumouriez, para se dirigir ao centro da floresta d'Argonne. Thouvenot ficou convencido pelo enthusiasmo de que este relampago de genio illuminou repentinamente o seu olho militar. Adoptou a idéa como se elle proprio a tivesse concebido. Subjugado pela superioridade de caracter e de intelligencia que descubriu no seu chefe; tornou-se desde este dia o seu segundo e o seu amigo. Era um destes homens cuja alma dormita na obscuridade das linhas secundarias, até que uma habil mão lhe toque na molla. Por La Fayette teve estima; para Dumouriez teve um culto. Bom official ás ordens do primeiro: foi um heroe sob as ordens do segundo. Os homens fazem os homens. A alma de um exercito está no seu general.

VIII. — Dumouriez, feliz de se vêr comprehendido, encarregou Thouvenot de preparar os detalhes deste movimento, e por que se não tinha deitado desde a vespora da sua partida de Valenciennes, foi repousar algumas horas sobre a sua idéa. As grandes resoluções acalmam os grandes corações. Tinha de antemão a segurança de um partido resolvido. Ao acordar enviou ordem a Beurnonville, que tinha deixado em Valenciennes, de lhe conduzir nove mil homens de infanteria e de cavallaria, inuteis pelo momento, no campo de Maulde. Expediu por todas as estradas correios e officiaes de confiança a informar Luckner dos seus movimentos e receberem noticia dos delle. Prevenia o velho general de que ía attrahir sobre o Argoune todo o peso de um exercito de oitenta mil prussianos. Assignalava-lhe o ponto provavel onde a juncção do exercito de Metz com o de Sedan, se se podesse operar, determinaria a batalha e salvaria a patria. Pediu aos arsenaes de La Fere e de Douai as munições de guerra de que estava desprovido. Finalmente nomeou generaes para substituir aquelles que La Fayette havia arrastado. Dangest, Diettmann, Ligneville, Chazot, Miaczinski, officiaes armados pelos soldados, receberam o posto de logares-tenentes-generaes, e de marechaes de campo. O seu estado maior, incerto, descontente, cheio de hesitação e de mu murações, foi composto de homens que lhe deviam suas fortunas, e que elle encadeava á sua. O exercito tinha uma cabeça; em vinte e quatro horas esta cabeça teve braços. Communicou ao ministro da guerra Servan o seu plano de defeza. Instruiu confidencialmente Danton, por Westermann, da revolução temeraria que concebera. Advertido tambem por Westermann das convulsões patrioticas com que Danton meditava agitar a França para lançar milhares de defensores nas fronteiras, Dumouriez indicou Chalons e Sainte-Menehould para acampamentos dos voluntarios que chegassem do interior. Proveu estes dois campos de viveres, e forragens, necessarios aos homens e aos cavallos. Incessantemente a cavallo ou no conselho, elle multiplicava-se para se fazer conhecido pessoalmente de todos os seus corpos. Obliterou La Fayette dos olhos dos soldados para o substituir em seus corações. La Fayette era mais cidadão, Dumouriez mais soldado. O exercito entregou-se-lhe melhor; revolveu o todo; dividiu-o em corpos distinctos, collocando á frente de cada um destes corpos um general responsavel pela sua gloria da conducta dos seus soldados. Tendo destacado na vespora o general Dillon,

como já se viu, com a vanguarda de La Fayette, no designio de o levar á extremidade da floresta d'Argonne, e de se separar, durante muitos dias, desta parte do exercito, formou segunda vanguarda. Deu o commando della a Stengel, bravo e atrevido coronel do regimento de hussards de Berchiny. Sendo necessaria a resistencia de Verdun, ao menos por alguns dias, á execução do seu plano e ao desenvolvimento das suas tropas, nas differentes posições que elle queria occupar no Argonne, expediu o general Galbaud com um reforço de tres mil homens para se lançar em Verdun. e prolongar o mais tempo possivel a defeza. Adoptadas as disposições, estudou de mais perto o terreno sobre o qual ía estabellecer o exercito francez a importancia dos differentes postos que teria de cubrir, e os meios de o fazer chegar primeiro que o inimigo, aos desfilladeiros de que este, mais forte em numero, estava mais perto do que elle. O maior segredo era-lhe necessario. Suspeitado o seu pensamento ficava este abortado. Um indicio só o perdia.

A floresta de Argonne tem tres legoas de longitude do Sedan, a Saint-Menechould; a sua largura, desigual, varia de duas a quatro legoas. Corre sobre um terreno montuoso, cortado de regatos, lagos, ribeiros, pantanos e barrancos, os quaes, juntando seus obstaculos aos obstaculos da mesma floresta, fazem uma barreira impenetravel á marcha de um exercito. Esta floresta separa as ricas provincias dos *Trois-Evechés*, (tres bispados) das planices estereis da Champagne. As bordas da floresta, sobre estes dois reversos declinam em encostas regadas, e verdes, onde os pastos e terras de lavoura tem aglomerado casaes e cabanas. E' um comprido braço das Ardennes estendido pelo meio das planices da Champagne.

Não se pode atravessar esta floresta senão por cinco grandes lareiras que a configuração natural do solo, o leito das agoas, os arroteamentos, a linha das estradas tem traçado e aplainado na sua espessura. Occupadas, fortificadas, e defendidas esta cinco passagens, a França central está coberta. O primeiro destes desfilladeiros, e o mais proximo a Sedan e o do *Chane-Populeux*; largo e sem obstaculo natural dá livre passagem á estrada de Rhetel a Sedan.

O segundo chama-se a *Croix-au-Bois*, e não é mais do que um caminho aberto pelos lanheiros. O terceiro é o desfilladeiro de *Grand-pre*, collocado no centro da floresta. A naturesa dispoz esta garganta, para um campo de qualquer exercito defensivo; um amphiteatro collocado entre duas ribeiras que o cobrem, bordado pela floresta que protege os seus flancos, desce em rapido declive do lado do inimigo, e dá ás tropas estabelecidas nesta posição a superioridade do nivel, a segurança das suas alas, e uma esplanada natural ao baluarte que ellas coroam de seu fogo; a estrada de Stenay a Reims atravessa-o. O quarto é o desfiladeiro de *la Chalade*, que põe em communicação a cidade de Varennes e a de Saint Menechould. Finalmente o quinto, ou o desfilladeiro *des Islettes*, abre-se na grande estrada de Verdun a Paris; diante *des Islettes*, a floresta, abaixando-se vai morrer na aldeia de *Pa savant*, e nos plainos que se estendem, sem ondulações até ao Bar.

X. — Tal era a barreira, que com um exercito de vinte e sete mil combatentes, Dumouriez queria fechar a noventa mil homens, embriagados dos seus primeiros triumphos, e impacientes de se espalharem sobre a Champagne, e de correrem sobre Pariz. O mais difficil era ahi chegar a tempo. Dois partidos se offereciam a Dumouriez para isso. O primeiro e o mais seguro era fazer desfillar o exercito de Sedan para Vouziers e Saint-Menehould, abrindo a sua marcha mesmo pela floresta, o deixando o plató do Argonne entre o inimigo e o seu exercito; o segundo, marchar para os desfilladeiros de Argonne a descuberto pelo reverso exterior da floresta, e de afrontar na passagem o general Clairfait, que estava ja em Stenay com vinte mil homens. A primeira destas estradas era duas vezes mais longa e fazendo perder tempo, tinha o duplo inconveniente de atrair a intenção do general, e de provocar o general Clairfait, e o duque de Brunswick a occuparem primeiro, um o desfilladeiro de *Grand-pre*, outro, o dos *Islettes*. Estes postos occupados pelos prussianos arremessavam o exercito francez sobre Chalons, e bem depressa sobre os muros de Pariz.

A segunda conduzia em tres marchas a vanguarda do exercito de Dillon aos *Islettes*, e Dumouriez em duas marchas a *Grandpré*. Mas para o executar era preciso ou avançar a Clairfait, que estava a seis horas de Grandpré, no entanto que Dumouriez estava a dez horas de distancia, ou enganar e intimidar Clairfait dirigindo-se directamente sobre elle, a Stenay, recalcando-o para a rectaguarda do Meuse.

No momento em que Dumouriez se determinava por este golpe de audacia, recebeu do general Galbaud um correio annunciando-lhe a investida de Verdun pelo exercito prussiano, e a impossibilidade de levar soccorro a esta praça sitiada por cincoenta mil homens. Respondeu a Galbaud que se concentrasse sobre o desfiladeiro dos *Islettes*, e ahi esperasse Dillon. Escreveu ao general Duval, que havia deixado no campo de Mauldo, no seu antigo exercito ao sair de Valenciennes, levantasse o seu campo, se juntasse com o de Maubeuge, reunisse todos os batalhões que encontrasse pela estrada, e corresse a unir-se a elle a marchas forçadas. Indicou-lhe por posição a occupar o desfiladeiro do *Chene-Populeux*, junto a Sedam. Sem inquietação sobre este ponto, coberto alguns dias pela duração provavel do sitio de Stenay, Dumouriez não duvidou que Duval chegasse a tempo de fechar esta passagem. Despresou-a. Em 31 de agosto principiou o seu movimento. O general Miaczinski recebeu ordem de faser um ataque simulado sobre Stenay; Dillon teve ordem de sustentar Miaczinski, e de se postar em frente daquella cidade. Miaczinski á frente de mil e quinhentos homens atacou heroicamente a vanguarda de Clairfait, arremessou-a para a rectaguarda do Meuse e desembaraçou por um momento Stenay. Dillon, em logar de sustentar Miaczinski, ficou immovel com o resto da sua vanguarda em Mouzon, á beira da floresta, e ordenou mesmo a Miaczinski, vencedor, que se concentrasse. Esta falta de Dillon compromettcu todo o plano de Dumouriez.

Fiado nas ordens que havia dado, e acreditando Dillon em Stenay, elle moveu a massa do seu exercito no primeiro de setembro, e dirigiu-se a Mouson. Admirado de ahi encontrar Dillon, continuou sua marcha e marchou para a frente de Stenay para em pessoa renovar ahi a demonstração de um ataque contra Clairfait. Acampou dois dias em frente de Clairfait, como para lhe offerecer a batalha, no entanto que Dillon ganhava o desfiladeiro dos Islettes, onde elle lançou finalmente a vanguarda em 3 de setembro. Clairfrit ficou immovel. Os differentes corpos de Dumouriez tomaram posição nos desfiladeiros que lhes haviam sido determinados. Elle mesmo, voltando repentinamente sobre a sua direita, entrou com os quinse mil homens que compunham o seu centro no desfiladeiro de Grandpré. Ahi assentou campo entre *o Aire* e o *Aisne*, duas ribeiras que formam o recinto na sua frente e rectaguarda; a sua artilharia na rectaguarda acima do campo, na aldea de Senuc; a sua vanguarda, ás ordens do intrepido coronel Stengel, na frente do Aire, com uma retirada segura por duas pontes que a ligavam ao acampamento. A disposição do campo de Grandpré era tal, que para o forçar, o inimigo devia primeiro vencer todos os postos defendidos por uma formidavel vanguarda, passar a ribeira do Aire sem pontes, e desembocar emfim n'uma planicie descoberta, sob o triple fogo de Grandpré, da artilharia de posição da aldea de Senuc, e finalmente dos canhões que cubriam a frente do campo. Senhor desta estrada de fogo que era mister ser atravessada para se penetrar no coração da França, Dumouriez esperou que se levantasse na sua rectaguarda.

XI. — Era tempo. Longwy acabava de ser tomada em dois dias. Verdun estava comprommettida. Os exercitos do rei da Prussia e os do imperador, por muito tempo contidos na inacção pela indicisão do seu generalissimo, iam receber da sua impaciencia, e do 10 de agosto, um impulso que seu chefe se recusava dar-lhe.

O duque de Brunswick, depois do começo desta guerra, tinha por systema a temporisação; porem, affrouxando o ataque, deu á defesa o tempo de se reconhecer. A

guerra offensiva não deve conceder tempo; a guerra defensiva deve disputal-o hora por hora; porque o tempo, que gasta a força dos exercitos de invasão, é o primeiro auxiliar das guerras nacionaes. O duque de Brunswick, acostumado ás manobras sabias e estudadas da estrategia alemã procedia com a circumspecção e lentidão do jogador do xadrez. Era o officio contra o enthusiasmo. O officio devia ficar vencido.

Alem disto estas lentidões eram favorecidas pelas negociações que se crusavam no quartel general dos colligados. Já se viu que na conferencia de Coblentz se havia concordado entre o rei da Prussia e o imperador que os emigrados francezes não fossem reunidos aos exercitos de operação, com receio de irritar a França concentra o jugo que uma nobresa impopular tivesse ar de lhe querer impor com as armas na mão. O marquez de Bouilé, conselheiro militar do rei da Prussia; prepoz adoçar esta proposta humilhante para os emigrados. Concordou-se que seriam divididos em tres corpos: um, de dez mil gentilhomens, que seria reunido ao grande exercito do duque de Brunswick; os dois restantes, de cinco mil gentilhomens cada um, seriam empregados, um sob as ordens do principe de ondé na Flandres, e o outro do duque de Bourbon sobre o Rheno. Estes tres corpos de emigrados, assim distribuidos, não deviam comtudo marchar senão em segunda linha, para evitar de mancharem a sua espada no sangue francez, e para reunirem sómente a elles, na rectaguarda do exercito de operações, os desertores e os regimentos inteiros que a defecção dos corpos francezes lhes promettia

As negociações contradictorias do barão de Breteuil, dos srs de Calonne, e de Moustier, complicavam tambem a marcha dos negocios e suspendiam a acção das potencias O barão de Breteuil, encarregado de poderes de Luiz XVI, oppunha-se em seu nome, a que os gabinetes estrangeiros reconhecessem em França outra authoridade legitima que não fosse a do rei. O sr. de Calonne, agente dos principes e seu plenipotenciario em Coblentz, reivindicava a regencia para o conde de Provence, durante a impossibilidade contestada, ou o disfarçado captiveiro de Luiz XVI. O senhor de Moustier, enviado pelo conde de Provence para substituir o sr. de Calonne, tornado odioso aos emigrados, insistia com energia para obter este reconhecimento dos direitos do conde de Provence á administração do reino reconquistado. A Russia favorecia esta ambição do principe apressado em explorar um reinado idéal. O imperador, por insinuação secreta de Maria-Antoinette, sua irmã, que temia a dominação de seus cunhados, recusava-se tambem a declarar o desenthronamento, de facto, do rei cuja authoridade despresada pelos seus subditos elle ia restaurar. As conferencias, ás quaes assistiram o rei da Prussia, o duque de Brunswick, o principe de Hohenlohe, e o principe de Nassau, não resolveram nada.

A noticia do 10 de agosto rebentou por fim no quartel general dos colligados. Em vão o duque de Brunswick quiz arranjar uma composição. O ascendente do rei da Prussia fez violencia á sua indicisão. «Se não podemos chegar a tempo de salvar o rei, exclamou elle no conselho de guerra, marchemos para salvar a realesa.» No dia seguinte o exercito se poz em marcha, a 19 de agosto, depois de ter avançado quarenta leguas em vinte dias, atravessou finalmente a fronteira, e acampou em Tircelet, onde operou a sua juncção com o corpo austriaco do general Clairfait.

A este passo decisivo o duque de Brunswick hesitou de novo, e pedindo um conselho de guerra, representou ao rei que augurava mal d'uma invasão tentada no coração de um paiz, onde a orgia insurreccional ia até á prisão do rei, e assassinio dos seus guardas. «Quem sabe, accrescentou elle, se a nossa primeira victoria, não será o signal da morte do rei?» Frederico Guilherme, firme na sua resolução pelos conselhos do conde de Schulembourg, seu ministro, e pelos chefes emigrados, sequiosos da patria, acolheu com descontentamento visivel as eternas circumspecções do seu general.» Por cruel que seja a situação da familia real, disse elle, os exercitos não devem retrogradar; desejo de toda a minha alma, accrescentou elle, chegar a tempo de livrar o rei de França: mas primeiro que tudo o meu dever é salvar a Europa.»

XII. — No dia vinte, o exercito investio a fortalesa de Longwy O bombardeamento principiou em a noite de 21, e interrompido por uma trovoada, em que o fogo e as torrentes do céo apagaram os fogos dos assaltantes, recomeçou no dia seguinte. Trezentas bombas caídas na praça, e algumas casas incendiadas determinaram o commandante Lavergne a uma capitulação que principiava a campanha por uma deshonra. A deserção de La Fayette, annunciada ao mesmo tempo aos colligados, insuflou seus corações de dupla alegria. Se o duque de Brunswick aproveitasse este enthusiasmo do exercito, e estes convites da fortuna; para operar com promptidão sobre a fronteira central, nada o podia parar se não os muros de Pariz. Deixando alguns milhares de homens em frente de Thionville, podia lançar-se com uma imponente massa sobre o exercito de La Fayette privado do seu general, e não reunido ainda sob a mão de Dumouriez: este exercito, desorganisado, e aterrado pelo numero, cahia ante elle. Ou então podia assenhorear-se, antes de Dumouriez dos desfiladeiros de Argonne, unica barreira natural entre o Marne e Pariz, e caír sobre a capital antes que o patriotismo dos departamentos a tivesse coberto com um baluarte de voluntarios. O duque de Brunswick não adoptou nenhum destes partidos, e não fallou senão de prudencia, e de hesitações, na hora em que a unica prudencia é a temeridade. Ou o duque de Brunswick foi trahido pelo seu genio, ou elle proprio trahiu a causa que os reis da Europa haviam entregue em suas mãos. Cançou o ardor de Frederico Guilherme, á força de lhe crear obstaculos. Perdeu dez dias em esperar os seus reforços, como se elle não tivesse assaz em setenta e dois mil homens para atacar desesete mil, espalhados em fracos destacamentos sobre uma linha de quinze léguas entre Sedan e Sainte-Menehould. Tudo lhe servio de pretexto para esmorecer o seu proprio exercito. O rei da Prussia combatido entre o seu respeito pela velha gloria militar do seu generalissimo e a evidencia das suas faltas, recusou-se por muito tempo a reconhecer que o coração do duque de Brunswick retinha o seu braço, e que elle atacava com repugnancia uma causa que lhe tinha offerecido, e lhe offerecia ainda uma coroa. Viria o duque a eventualidade desta coroa por preço das suas condescendencias para com a França revolucionaria? A sua lentidão authorisa a suspeita, e a sua retirada a confirma. As causas naturaes são insufficientes a explicar tanta fraquesa, e tanta cumplicidade.

XIII. — Durante estes dez dias Verdun cahio; porem Dumouriez tinha creado nos desfiladeiros de Argonne intrincheiramentos e um exercito mais inexpugnaveis do que as guarnições e os baluartes de que o inimigo se apoderava a preço do tempo. O exercito colligado só appareceu a 30 de agosto sobre as alturas do monte Saint-Michel, que domina Verdun. O rei da Prussia e o duque de Brunswick acamparam em Grand-Bas sobre a margem direita do Meuse, abaixo da cidade. Verdun, fracamente fortificada, porem capaz de resistir um certo tempo a um sitio, tinha uma guarnição de trez mil e quinhentos homens commandados pelo coronel Beaurepaire, official intrepido e patriota digno dos tempos antigos. O bombardeamento principiou a 31, e incendiou muitos edificios. A praça respondeu mal ao inimigo. As peças não tinham artilheiros, aos canhões faltavam carretas de reserva. A população era realista, e temia o assalto. O rei da Prussia offereceu uma suspensão de armas por algumas horas. Foi acceita.

O conselho de defesa, composto de habitantes e magistrados civis, aos quaes a assembléa legislativa tinha confiado a authoridade suprema nas cidades em estado de sitio, por desconfiança do exercito foi reunido. Este conselho de guerra decidiu que a cidade estava fora do estado de resistir. Beaurepaire e os seus principaes officiaes, no numero dos quaes se contavam os moços tenentes que depois foram generaes, Lemoine, Dufourt, Marceau, grandes nomes das nossas guerras futuras, opposeram-se debalde a uma capitulação prematura. Concordaram que a cidade não podia supportar um longo asse-

dio, mas queriam pelo menos que ella cahisse com honra. O conselho precepitou-se no opprobrio. A capitulação foi decidida.

Beaurepaire, regeitando a penna que se lhe apresentava, e tirando uma pistolla que trasia no cinto: «Senhores, disse elle, jurei não render senão um cadaver aos inimigos do meu paiz. Sobrevivei á vossa deshonra, se poderdes; quanto a mim, fiel aos meus juramentos, eis a minha ultima palavra: Morro livre. Logo o meu sangue em opprobrio aos fracos, e de exemplo aos bravos. Acabando estas palavras, disparou sobre o peito o tiro da pistolla, e caíu morto na salla do conselho.

Este acto de heroísmo nem mesmo fez corar os assistentes. Levaram dalli o cadaver, e assignou-se a rendição de Verdun. As filhas dos principaes habitantes da cidade, ataviadas com vestidos de gala, foram em procissão semear flores sobre os passos do rei da Prussia á sua entrada na cidade. Este crime, absolvido pelo sexo, pela idade, e pela innocencia, condusiu-as depois a todas ao cadafalso. A guarnição sahiu com as honras da guerra. Uma carreta coberta, puxada por quatro cavallos pretos, e tapada com uma bandeira tricolor por mortalha, condusiu o corpo de Beaurepaire, o cadaver do qual os soldados não quizeram deixar prisioneiro. A assembléa legislativa votou houras funebres a Beaurepaire, seu coração foi collocado no Pantheon. O moço Marceau, cuja eloquente indignação tinha protestado contra a capitulação, partilhou os testimunhos da admiração publica. Tinha perdido, sahindo de Verdun, as suas armas, os seus cavallos e as suas equipagens. «Que quereis vós que a nação vos dê?» lhe perguntou um representante em missão no exercito de Dumouriez. «O meu sabre» respondeu laconicamente Marceau.

XIV. — As noticias da fuga de La Fayette, da entrada do exercito colligado sobre o territorio, da tomada de Longwy e da capitulação de Verdun rebentaram em Pariz como golpes de raio. A consternação espalhou-se sobre todos os rostos. Os estrangeiros a seis marchas da capital, o medo nos campos, a alegria secreta no coração dos cumplices da emigração, um governo derrubado, uma assembléa dissolvida, uma catastrofe n'um interregno, uma guerra estrangeira n'uma guerra civil, nunca a França tinha tocado de mais perto estes dias sinistros que pressagiam a decomposição das nações. Tudo estava morto nella, excepto a vontade de viver. O enthusiasmo da patria e da liberdade sobrevivia. Não precisava mais do que duas cousas para se salvar: tempo e uma dictadura. Tempo? O heroismo de Dumouriez dava-lho. A dictadura? Danton a tomou sob o nome da communa de Pariz. Todo o intervallo decorrido entre o 10 de Agosto e o 20 de Setembro não foi mais do que o governo de Danton. Dominando na communa, em que elle servia, fomentava e dirigia as vontades, e trasia ao conselho dos ministros a omnipotencia que bebia no *hôtel de ville*. Ahi fallava em Marins que não queria senão instrumentos nos seus collegas. O philosofo Roland, o financeiro Claviere, o geometra Monge, o diplomata Lebrun, o militar Servan não tinham nem o genio, nem a emoção, nem a preversidade das crises onde suas ambições os tinham lançado. Danton era o unico homem de estado do poder executivo. Era tambem a unica palavra delle. Nenhum destes homens de penna, envelhecidos nas chancellarias ou nas repartições sabia fallar a lingua acentuada das paixões. Danton havia-a aprendido na longa pratica das sedições e dos tumultos. O povo conhecia a sua voz. Elle sublevava ou apasiguava a rua com um gesto. Atterrava a assembléa. Fallava menos como ministro do que como mediador omnipotente que protege e que ralha. Os seus conselhos eram ordens. Apoiado na sua popularidade, vinha dar á barra os seus pleibiscitos em termos fulminantes, obscuros e breves. Dava-se pressa em reconcentrar-se no misterio dos seus conciliabulos e nas intrigas dos seus agentes, ou nas commissões secretas da communa. A admiração imposta pela sua superioridade revelava-se: a finura do seu espirito, a energia do seu patriotismo, o vigor dos seus conselhos, os vulcões da sua alma tinham collocado os partidos na sua dependencia. Segurava todos os fios, e fazia-os jogar já mostrando, já escondendo a mão. Não se dedignava de mostrar o seu desdem para com Roland. Metia o olho e a mão na administração de todos os seus collegas. Dirigia a guerra, as finanças, as negociações secretas com o estrangeiro. Roland murmurava baixinho e queixava-se voltando para casa, a sua mulher, da insolencia, e da universalilidade das attribuições que Danton affectava. Humilhado da supremacia do seu collega, espantado dos seus instinctos, Roland conhecia que o 10 de agosto se escapava das mãos do seu partido, e que dando-se um auxiliar na pessoa de Danton, os girondinos se tinham dado um senhor. Roland vergava portanto, esperando erguer-se na proxima assembléa. Encerrava-se, esperando, nos detalhes puramente administrativos do ministerio do interior, e consolava-se nas confidencias de Brissot, Guadet, e Vergniaud.

XV. — Danton comtudo não despresava cousa alguma para accrescentar o poder da sedução á da intimidação sobre Roland. Dedicava-se a agradar a sua mulher, cujo ascendente sobre seu marido elle conhecia. A sr.ª Roland via, com esta repugnancia delicada e instinctiva do seu sexo, a presença de Danton no poder executivo. Este tribuno sem graça, sem costumes, e sem principios, era, na sua opinião, uma concessão humilhante dos girondinos ao medo. «Que vergonha, dizia ella aos seus confidentes, que o conselho seja manchado por este Danton, cuja fama é tão má! — Que quereis, lhe respondia Brissot, é preciso ir buscar a força onde ella está. — E' mais facil, replicava ella, não investir do poder homens similhantes do que impedil-os de abusar.»

Ella sonhava um conselho de ministros composto de republicanos firmes, moderados, incorruptiveis, taes como os havia lido em Plutarcho. Ella via em logar deste genio e desta virtude antigas a obsequiosidade proba mas timida de Monge, que temia a cada olhar de Danton ser denunciado por elle ás suspeitas da communa; a indifferença de Servan para tudo que sahia da competencia do ministerio da guerra; a mediocridade de Lebrun, e a immoralidade de Danton. Ella recebia comtudo quase todos os dias em sua casa o moço ministro, no começo do seu ministerio, já um pouco antes da hora do conselho, que Danton espaçava para ter tempo de conversar com ella, já nos jantares intimos em que ella reunia um pequeno numero de convivas, para fallar dos negocios publicos. Danton trazia comsigo Camillo Desmoulins e Fabre de Eglantine. A conversação de Danton respirava o patriotismo a dedicação, o ardente desejo da concordia com os seus collegas. As suas palavras, o som da sua voz, o accento da sinceridade, e por assim dizer, a serenidade do seu enthusiasmo, faziam por um momento illusão á sr.ª Roland; ella estava tentada de accusar a fama de calumnia, e de acreditar neste homem todas as virtudes selvagens da liberdade. Porém quando ella encarava com aquella figura, reprehendia-se da sua indulgencia. Não podia applicar a idéa de um homem de bem áquelle rosto. «Nunca vi nada, dizia ella, que caracterisasse mais completamente a violencia das paixões brutaes, a audacia mais desenfreada, semi-veladas com uma affectação de franqueza, de jovialidade, e de bonhomia. A minha imaginação, que gosta de dar um papel aos personagens, representava-me continuamente Danton com um punhal na mão, excitando com a voz e com o gesto um bando de assassinos mais timidos ou menos ferozes do que elle; ou melhor ainda, contente dos seus crimes, indicando, com o gesto do Sardanapalo, as cynicas voluptuosidades nas quaes sua alma se repousava do crime.»

Danton, apenas elevado ao poder pela catastrophe de 10 de agosto, despojando-se do seu papel de agitador, mostrava-se á altura da crise. Prendia a si por meio de liberalidades todas as ambições subalternas esfomeadas de ouro e de credito, que elle tinha acotevellado por muito tempo nos clubs. Criava para si um partido em todos os sedentos de fortuna. Venal em si mesmo, conhecia a potencia da venalidade. Procurava sem pudor os meios. Organisava a corrupção entre os patriotas. Não contente com os cem mil francos de fundos secretos destinados, no dia immediato ao 10 de agosto, a cada ministerio, adjudicou-se, sem dar conta, o quarto de dous mi-

lhões das despezas secretas que a assembléa concedeu ao poder executivo para operar sobre os gabinetes estrangeiros e laborar o espirito publico. Forçou mesmo Lebrun e Servan a entregar-lhe uma parte dos fundos votados aos seus ministerios. Enviou aos exercitos commissarios, estipendiados por estes fundos, e escolhidos entre os homens da communa mais vendidos aos seus interesses. O thesouro publico pagava os proconsules de Danton.

XVI. — A rivalidade dos poderes, a qual havia começado em a noite de 9 para 10 de agosto, entre a assembléa muribunda e a communa, seguia e caracterisava-se mais insolentemente de hora para hora. A assembléa unico poder legal e unico resto ainda em pé da constituição, buscava recondusir o povo, depois da crise, ao sentimento da legalidade e ao respeito constitucional para com a authoridade dos representantes da nação. Ella queria governar pelas leis. O conselho geral da communa, producto de uma insurreição e de uma usurpação atraiu a si todo o poder executivo, e servir-se unicamente da representação nacional para redusir em decreto as determinações absolutas da capital. Cada sessão attestava esta lucta. Os commissarios trasiam á assembléa um voto da communa. Algumas vozes energicas resistiam á usurpação dos poderes. Outras vozes, intimidadas ou cumplices, demonstravam a urgencia do decreto proposto. Tudo acabava por um acto de obsequiosidade servil á vontade da communa, ou por uma destas medidas equivocas que occultam um servilismo real sob a apparencia de transacção. Os girondinos murmuravam mas obdeciam. Com mêdo de parecerem vencidos, tornavam-se cumplices.

A communa pediu tambem imperiosamente a creação de um tribunal marcial que julgasse summariamente os inimigos do povo, e os cumplices da corte. Brissot e os seus amigos tremeram de entregar ás mãos do povo um similhante instrumento de tyrannia. Resistiram alguns dias a este desejo. Redigiram uma proclamação para recondusir os espiritos aos principios da justiça, da humanidade, da imparcialidade, garantias da vida dos cidadãos nos tribunaes. « Adoro a revolução, exclamou Thuriot; mas declaro que se a revolução não podesse triumphar senão por um crime, antes eu o deixaria morrer do que manchar-me para a salvar. » Thuriot tinha pela sua consciencia a revelação da verdadeira salvação das revoluções. O crime é a politica dos assassinos. O verdadeiro genio é sempre innocente, porque elle é a suprema intelligencia.

A communa insistiu e ameaçou. « Cidadãos! disse um orador á barra da assembléa, o povo está cançado de não ser vingado. Temei que elle não faça justiça a si proprio! Annuncia-vos que hoje á meia noite soará o toque de rebate, e se tocará a genarala! Queremos que seja nomeado um cidadão por cada secção para se formar um tribunal criminal, e que este tribunal tenha assento no castello das Tuilerias, a fim de que a vingança refulja onde o crime foi tramado! Peço que Luiz XVI e Maria Antoinette, tão avidos do sangue do povo, sejam saciados vendo correr aquelle dos seus infames satellites!.... Se antes de tres horas, os jurados que pedimos, acrescentou outro orador, não estiverem em estado de funccionar, grandes desgraças cahirão sobre as vossas cabeças! » Herault de Sechelles, em nome da commissão extraordinaria, respondeu poucos instantes depois a esta intimação, pela leitura de um decreto que instituia um tribunal encarregado de julgar os crimes de 10 de agosto. Robespierre foi nomeado presidente deste tribunal. Recusou-se, quer fosse por horror ao sangue, quer por desdem de uma magistratura que não correspondia assás á altura dos seus presentimentos.

XVII. — A guarda nacional, odiosa a uns, suspeita aos outros, foi reorganisada popularmente; tomou o nome de *secções armadas*. Juntou-se a cada companhia das secções armadas um numero illimitado de obreiros e proletarios munidos de piques; guarda pretorianna da communa, assoldadada por ella e toda na sua mão, encarregada de vigiar sobre os cidadãos das secções.

Não satisfeita com a creação do tribunal criminal, a communa pediu, na sessão de 25 de agosto, que os prisioneiros de Orleans fossem transportados a Paris, « para ahi soffrerem o supplicio devido aos seus crimes. » Os federados de Brest, em armas, acompanhavam neste dia os commissarios da communa. Um delles ameaçou a assembléa com a vingança do povo, se o sangue dos presos lhes não fosse sacrificado. Lacroix, amigo de Robespierre e de Danton, jacobino fanatico mas deputado intrepido, presidia á assembléa: « A França inteira, respondeu elle com indignação aos commissarios da communa, tem os olhos fixos sobre a assembléa nacional. Seremos dignos della. As ameaças não produzirão sobre nós outro effeito senão resignar-nos a morrer em nosso posto Não nos pertence mudar a constituição. Dirigi os vossos pedidos á convenção nacional, ella só poderá mudar a organição do alto tribunal marcial de Orleans. Nós temos feito o nosso dever. Se a nossa morte é a ultima prova necessaria para vos persuadir; o povo, com o qual nos ameaçaes, pode dispôr da nossa vida. Os deputados que não temeram a morte, quaudo os satellites do despotismo ameaçavam o povo, e tem compartilhado com elle todos os perigos que correm saberão morrer no seu posto Ide dizer isto aquelles que vos enviaram. « Esta resistencia generosa de Lacroix, amigo e confidente de Danton, fez suppôr que este ministro ainda resistia então ás instigações de Marat e do seu partido, que o impelliam aos crimes de setembro. Assim depois de quatorze dias d'um triumpho alcançado em commum sobre o throno, a assembléa estava reduzida a lançar á communa e ao povo o desafio do assassinio. Elle publicou no dia seguinte o decreto de deportação de todos os padres que tinham recusado ou retractado o juramento á constituição civil do clero.

XVIII. — A tomada de Longwy suspendeu por um momento a lucta entre a assembléa e a communa, e a substituiu por uma rivalidade de sacrificios ao perigo da patria. Jacobinos, girondinos, cordeliers votaram promiscuamente as levas extraordinarias de tropas, as armas, os equipamentos, os canhões reclamados pelas circumstancias. Um grito de indignação se levantou contra o commandante de Longwy. Vergniaud propoz o decreto de pena de morte contra todo o cidadão de uma cidade sitiada que fallasse em render-se. Luckner foi substituido no exercito por Kellermann.

Kellermann, apaixonado pelas armas e pela liberdade, tinha conquistado os seus postos na guerra dos sete annos. Moço, havia tomado na Alemanha a experiencia dos velhos capitães e as lições de Frederico. A revolução tinha-o encontrado coronel, e havia-o promovido á patente de general. Ligado a Luckner tinha conquistado a affeição das tropas deste corpo do exercito. A hesitação de Luckner em fazer prestar o juramento á nação fizera-o suspeito. Demittiram-o. Kellermann recusou o commando do exercito de Luckner, seu antigo chefe e seu amigo, senão déssem ao velho general a patente de generalissimo. A assembléa, tocada da generosidade de Kellermann, e convencida da innocencia e imbecilidade de Luckner, Deu-lhe com effeito aquelle posto e enviou-o para Chalons a gozar de um titulo puramente honorifico, e organisar os batalhões de voluntarios que marchavam de todos os departamentos para o exercito.

No entanto que Danton dava ao governo o vigor dos seus golpes de mão, Ropespierre, menos senhor do que elle do conselho da communa, e levantado não tão alto por um acontecimento no qual não tivera participação, recomeçou a elevar a voz depois da batalha, como para explicar ao povo o sentido e alcance daquelle successo.

« A nação franceza tinha chegado, escreveu elle, ao ponto de calamidade publica em que as nações, como os individuos só tem um dever, o de provêr a sua propria existencia. Levantou-se como em 89, porém com mais ordem e magestade ainda do que em 89; exerceu com mais saugue frio a sua soberania para assegurar a sua salvação e a sua felicidade. Em 89, uma parte da aristocracia a ajudava; em 92, ella não teve para se salvar senão a si propria. » Fazendo depois uma relação dos acontecimentos daquelle dia, elle resumiu assim a sua opinião sobre as consequencias do 10 de agosto. « A as-

semblea suspendeu o rei; mas nisto ella não ousou bastante; não era a suspensão, mas a deposição da realeza que ella devia decretar. Devia cortar esta questão, cuja solução nos prepara difficuldades e lentidões. Em vez disto fallou-nos de *nomear um governante ao principe real*. Francezes! reparai para o sangue que correu! Recordai-vos dos prodigios de rasão e de coragem que vos hão colocado acima de todos os povos da terra; lembrai-vos destes principios immortaes que tendes tido a audacia e a gloria de serdes os primeiros a fazel-os ressoar em roda dos thronos para arrancar o genero humano ás trevas e á servidão! Que relação ha entre este sublime papel e a escolha de um governante para educar o filho de um tyranno!

«Porém eis em marcha, a mais bella revolução que tem honrado a humanidade! a unica que tenha tido um objecto digno do homem, o de fundar as sociedades puliticas sobre os principios divinos da igualdade, da justiça, e da rasão! que outra causa podia inspirar a este povo esta coragem sublime e paciente, e gerar prodigios de heroismo iguaes a todos que a historia nos conta da antiguidade! Já o aballo que prostrou um throno sacode todos os thronos! Francezes, conservai-vos de pé e velai; é preciso que os reis ou os francezes succumbam! Sacudi pois os ultimos anneis da cadeia da realeza! Deveis ao universo e a vós proprios fazer a melhor constituição possivel. Não chameis á convenção senão homens puros de intrigas e de cobardias, que são as virtudes das cortes! Daqui por diante estais em guerra com todos os nossos oppressores. Não encontrareis a paz senão na victoria e no castigo! «Era um apelo ás eleições que se aproximavam.

XIX. — Pelo que respeita a Pethion, objecto do culto platonico dos commissarios da nova communa, a quem chamava o Pai da patria, elle só appareceu á barra de tempos em tempos, para justificar, com uma voz complacente, as usurpações deste corpo insurreccional. O sorriso da beatitude que repousava sempre sobre os seus labios disfarçava mal os pezares que lhe davam na mairie. Elle era o refem do povo no hotel de ville. O verdadeiro maire então, era Danton. Este, continuamente presente ás deliberações deste corpo municipal em permanencia, despresava a assemblea pela communa. Combinava com elle todas as medidas do governo; era o seu poder executivo. Para dar ao conselho da communa a direcção, unidade e o segredo necessarios a uma reunião de homens de acção, e para fazer prevalecer, em sessão geral, as resoluções tomadas entre elle e os seus filiados, tinha, de concerto com Marat, dividido o conselho municipal em commissões distinctas. Estas commissões deliberavam e operavam isoladamente. Foram o typo daquellas que mais tarde concentravam o governo na convenção. A commissão soberana era a da *vigilancia geral*. Composta de um pequeno numero de homens, successivamente escolhidos e apurados por Marat e Danton, esta fazia vergar todas as outras commissões. Attribuia-se todos os poderes; avançava todos os decretos da assembléa, citava á barra os cidadãos, fazia-os prender, entulhava as prisões; exercia a policia geral do imperio, disciplinava e perpetuava em si a insurreição; era a conjuração em permanencia, modelo de instituição de tyrannia que exerceu depois o *comite* (commissão) *de salvação publica*. Danton apoiando-se ao mesmo tempo sobre o seu poder legal de ministro das justiças no conselho executivo, e sobre o seu poder popular na commissão de vigilancia da communa, dava as suas ordens, como ministro, a força da insurreição, e á insurreição a força da lei. Era o consulado de Catilina. Nada lhe podia resistir. Se este homem sonhava um crime, este crime vinha a ser depois um acto do governo. Se elle não meditava nenhum, ao menos consentia que elle se preparasse, na sombra, em roda delle. Renovava por designio os membros do *comité* para que o momento da execução não achasse, na consciencia de um só destes homens, mais escrupulo, e mais hesitação do que na sua. Deixava, desde 29 de agosto, rebentar alguns symptomas significativos do seu pensamento ante a assembléa nacional.

XX. — Era na sessão da noite. A assembléa, abalada pela repercussão das noticias da fronteira, buscava tômar medidas sobre medidas, para igualar a dedicação aos perigos. As moções succediam-se ás moções. Vergniaud, Guadet, Brissot, Gensonné, Lasource, Chambon, Ducos batiam com o pé na tribuna para fazer sair os defensores da patria. Votavam-se homens, cavallos, armas, requisições. Danton entrou na salla, á frente dos seus collegas, e subiu á tribuna com a attitude de um homem que leva uma solução na sua cabeça. O silencio da espectativa estabeleu-se ao seu aspecto.

«O poder executivo, disse elle encarrega-me de entreter, a assembléa nacional das medidas que adoptou para a salvação do imperio. Motivarei estas medidas como ministro do povo, e como ministro revolucionario. O inimigo ameaça o reino, porem o inimigo não tomou Longwy. Exageram-se os nossos reveses. Com tudo os nossos perigos são grandes. E' preciso que a assembléa se mostre digna da nação. E' por meio de uma grande convulsão que nós temos distruido o despotismo, não será senão por meio de uma grande convulsão nacional que faremos retrogradar os despotas! Até aqui não temos feito mais do que a guerra simulada de La Fayette, agora é preciso fazer-mos uma guerra mais terrivel. E' tempo de impellir o povo a precipitar-se em massa sobre os seus inimigos! Até hoje tem-se fechado as portas da capital; e fez-se bem nisto: era importante lançar-se mão dos traidores; porém, ainda que houvessem trinta mil a prender, é preciso que elles sejam presos ámanhã, e amanhã Pariz communique com a França inteira! Pedimos que nos authoriseis a fazer visitas domiciliarias. Que diria a França, se Pariz, no pasmo, esperasse immovel a chegada dos inimigos? O povo francez quiz ser livre; sel-o-ha.» O ministro calla-se. A assembléa espanta-se; o decreto passa. Danton sai e corre ao conselho geral da communa, preparado á obediencia pelos seus confidentes. Pede ao conselho que «decrete naquella sessão as medidas necessarias ao golpe de estado nacional, cujo o poder executivo assoma a responsabilidade: ao toque dos tambores, que soará no decurso do dia seguinte, todos os cidadãos serão obrigados a entrar nas suas casas. A circulação dos transportes será suspensa por duas horas. As secções, os tribunaes, os clubs serão convidados a não faserem sessão, com receio de distrairem a attenção publica das necessidades do momento. A' noite as casas serão illuminadas. Commissarios escolhidos pelas secções, e acompanhados da força publica, penetrarão, em nome da lei, em todos os domicilios dos cidadãos. Cada cidadão declarará e entregará as suas armas. Se for suspeito, dar-se-ha busca; se mentir, será preso. Todo o particular que se encontrar n'outro domicilio que não seja o seu, será declarado suspeito, e encarcerado. As casas despejadas, ou que se não abrirem serão selladas. O commandante geral Santerre requisitará, secções armadas. Formará um segundo cordão de guardas em roda de Paris, para prender todos que tentarem fugir. Os jardins, os bosques, os passeios dos suburbios serão buscados. Barcos armados interceptarão nas duas extremidades de Pariz a carreira no rio, para fechar todas as vias de fuga aos inimigos da nação.

Decretadas estas medidas, Danton retirou-se para a commissão de vigilancia da communa, e deu as suas ultimas ordens aos seus cumplices. O *comité* renovado, era presidido por Marat. Marat não era commissario de nenhuma secção, mas o conselho geral havia-lhe concedido o favor excepcional de assistir ás sessões por direito de patriotismo, e tinha-lhe votado uma tribuna de honra no seu recinto para ahi dar conta ao povo das deliberações. Os outros membros eram Panis, cunhado de Santerre; Lepeintre, Sergent presidentes de secção; Duplein, Lenfant, Lefort, Bourdeuil, Desforgues, Guermeur, Leclerc, e Dufort, homens dignos de serem collegas de Marat, e executores de Danton. Mehée, secretario; Manuel, procurador da communa; Billaut-Verennes, seu substituto; Collot-d'Herbois, Fabre, Eglantine, Tallieu, secretario do conselho geral; Huguenin, presidente; Hebert, e alguns outros entre os chefes da communa; quer elles a tenham approvado, combatido, ou tolerado a resolução, a conhe-

ceram. Actos, e documentos de todo o credito attestam que para esta convulsão popular, predita e acceita senão provocada, por Danton, foi tudo premiditado e preparado de antemão, executores, victimas, e até carros mortuarios.

O mysterio cobriu as deliberações deste conciliabulo. Sabe-se unicamente que Danton, fazendo um gesto horisontal, disse com uma voz aspera e sacudida: «E' preciso metter medo aos realistas.» Mais tarde elle testimunhou contra si proprio, nestas famosas palavras lançadas na convenção em resposta aos girondinos que o accusavam do 2 de setembro: «Olhei o meu crime de frente, e commetti-o.»

XXI. — Antes da meia noite, Maillard, o chefe das hordas de 6 de outubro, foi prevenido de juntar a sua milicia de sicarios para uma proxima expedição cuja hora e victimas depois se lhe designariam. Prometteram-lhe, para os seus homens, um alto soldo de tanto por cada morte. Encarregaram-o de reter os carros necessarios para transportar os cadaveres.

Emfim dois agentes da commissão de vigilancia apresentaram-se, em 26 de agosto, pelas seis horas da manhã, em casa do coveiro da parochia de Saint-Jacques-du-Haut-Pas; ordenaram-lhe que pegasse na enxada e os seguisse. Chegados a uma especie de minas que se estendem fóra da barreira Saint-Jacques, algumas das quaes tinham servido de catacumbas na epoca da recente transferencia dos cimiterios de Pariz, os dois desconhecidos puxaram de uma planta, e orientaram-se do local do campo da morte. Reconheceram pelos signaes traçados no chão e notados na carta, o logar destes subterraneos já tapados. Marcaram elles mesmos, com o olho da enchada, a linha circular d'um recinto de seis pés de diametro, onde o coveiro devia cavar para se encontrar a abertura por onde se descia áquelles abismos. Entregaram-lhe a somma necessaria para salario dos seus obreiros. Recommendaram-lhe vigiar porque a obra estivesse concluida ao quarto dia, e retiraram-se impondo-lhe silencio.

O silencio cubriu imperfeitamente todos estes funestos preparativos. Um boato surdo; circulando nas prisões deu ás victimas o pressentimento do golpe. Os carcereiros e guarda-chaves receberam e transmittiram avisos obscuros.

Danton, cruel em massa, capaz de piedade em detalhe, cedendo ás sollicitações da amisade, e aos proprios movimentos do seu coração, fez soltar, na vespora alguns presos pela sorte dos quaes se interessavam. Ordenando o crime por ferocidade de systema, e não por ferocidade de natureza, elle parecia feliz de furtar a si mesmo victimas. O sr. de Marguerie, official superior da guarda constitucional do rei: o abbade Lhomond, grammatico celebre; alguns pobres padres das escholas christãas, que haviam dado seus cuidados á educação de Danton, deveram-lhe a vida. Marat, certo da ordem do ministro, fez soltar estes presos. Elle mesmo poz um certo numero ao abrigo do golpe que ia despedir. O coração do homem nunca é tão inflexivel como o seu espirito. A amisade de Manuel, salvou Beaumarchais, o auctor da comedia de *Figaro*, este prologo d'uma revolução principiada pelo riso e acabando pelo cutello. Manuel foi em pessoa á prisão do Carmo collocar uma sentinella á porta dos quatro velhos religiosos desta casa aos quaes se tinha concedido acabar ahi os seus dias. Estes velhos foram os unicos que sobreviveram. Não eram conhecidos de Manuel; mas o seu sangue era inutil, e foi poupado.

O abbade Berardier, principal do collegio de *Louis le Grand*, com o qual Robespierre e Camille Desmoulins tinham estudado, recebeu um salvo conducto, de uma mão desconhecida, no dia da carneficina. Estes preparativos estes avisos, estas excepções provam uma meditação. Camillo na confidencia de todas as palpitações do pensamento de Danton, não podia ignorar o organisado plano de degola. Era impossivel tambem que Santerre, commandante em chefe das guardas nacionaes, e cuja inacção era necessaria durante tres dias para a perpetração de tantas mortes, não tivesse uma insinuação de Danton. Santerre instruido, Pethion não podia ignorar tudo: o commandante da força physica dependia do mairo de Paris. As meias palavras as confidencias equivocas, os signaes de intelligencia, entre conjurados que se sentam, deliberam, e obram quasi a descuberto em face uns dos outros, n'um conselho de oitenta membros, não podiam escapar a Pethion.

XXII. — Os relatorios da policia municipal, trasidos de hora em hora á *mairie*, não se callavam sobre as cousas, os homens, e armas que se dispunham para o acontecimento. Como era que o conhecido nas prisões ficava desconhecido no *hotel de ville*? Cumprido o acto, todos se lavaram do sangue. Depois de se haver lançado elle por muito tempo á conta de um movimento repentino e irresistivel da colera do povo, quiseram circumscrever o crime ao numero mais pequeno possivel de executores. A historia não tem complacencias. O pensamento pertence a Marat, a acceitação e a responsabilidade a Danton, a execução ao conselho de vigilancia, a cumplicidade a muitos, a covarde tolerancia a quasi todos. Os mais corajosos, conhecendo sua impotencia em impedir o assassinio, fingiram ignoral-o para não terem nem de approvar, nem de o prevenir. Affastaram-se, gemeram, e callaram-se. Para a guarda nacional, para a assembléa, para o conselho geral da communa, foi este um crime de reticencia. Afastaram os olhos durante o tempo em que elle se commeteu, So depois é que o execraram bem alto. Na alma de Marat foi o ardor pelo sangue, remedio supremo d'uma sociedade que elle queria matar para resuscitar depois segundo os seus sonhos, no espirito de Danton raciocinava o seu crime antes de o ordenar. Era-lhe tão facil impedil-o como permettil-o. A si proprio elle disfarçou a atrocidade. «Nós não assassinaremos, disse elle na sua ultima conferencia com o conselho de vegilancia, julgaremos; nenhum innocente morrerá.» Danton quiz tres cousas: a primeira, abalar o povo, e comprometel-o na causa da revolução, a ponto delle não poder mais recuar, e precipitar-se nas fronteiras, todo conspurcado do sangue dos realistas, sem outra esperança senão a victoria ou a morte; a segunda levar o terror á alma dos realistas, dos aristocratas, e dos padres; finalmente a terceira, intimidar os girondinos, que principiavam a murmurar da tyrannia da communa, e mostrar a estas almas fracas, que se elles se não fizessem instrumentos do povo, poderiam bem ser as victimas.

Mas Danton foi impellido ao assassinio por uma causa mais pessoal, e menos theorica, o seu caracter. Tinha a reputação da energia, e teve disso orgulho. Quiz desenvolvel-a n'uma medida que espantasse aos seus amigos e inimigos. Tomou o crime pelo genio. Desprezou aquelles que paravam ante qualquer cousa, mesmo em frente do assassinio em massa. Admirou-se no seu desdem de remorsos. Consentio em ser o fenomeno do arrebatamento revolucionario. Houve ahi vaidade no seu crime. Julgou que o seu acto, purificando-se pela intenção e pela distancia perderia do seu caracter; que o seu nome engrandeceria quando estivesse em perspectiva, e que elle seria o colosso da revolução. Enganava-se. Quanto mais os crimes politicos se affastam das paixões que os fazem commetter, mais elles abaixam e empallidecem aos olhos da posteridade. A historia é a consciencia do genero humano. O grito desta consciencia será a condemnação de Danton. Tem-se dito que elle salvou a patria e a revolução com estas mortes, e que as nossas victorias são a sua excusa. Enganam-se como elle se enganou. Um povo a quem fosse necessario embriagar em sangue para o impellir a defender a patria, seria um povo de scelerados, e não um povo de heroes. O heroismo é o contrario do assassinio. Quanto á revolução, o seu prestigio estava na sua justiça e na sua moralidade. Esta carnificina ia manchal-a aos olhos da Europa. A Europa lançaria, verdade é, um grito de horror; mas o horror não é respeito. Deshonrar uma causa não é servil-a.

LIVRO XXV.

I. — Apenas Danton tinha saido da commissão secreta da communa, que a cidade, advertida pelo to-

semblea suspendeu o rei; mas nisto ella não ousou bastante; não era a suspensão, mas a deposição da realeza que ella devia decretar. Devia cortar esta questão, cuja solução nos prepara difficuldades e lentidões. Em vez disto fallou-nos de *nomear um governante ao principe real*. Francezes! reparai para o sangue que correu! Recordai-vos dos prodigios de rasão e de coragem que vos hão colocado acima de todos os povos da terra; lembrai-vos destes principios immortaes que tendes tido a audacia e a gloria de serdes os primeiros a fazel-os ressoar em roda dos thronos para arrancar o genero humano ás trevas e á servidão! Que relação ha entre este sublime papel e a escolha de um governante para educar o filho de um tyranno!

«Porém eis em marcha, a mais bella revolução que tem honrado a humanidade! a unica que tenha tido um objecto digno do homem, o de fundar as sociedades politicas sobre os principios divinos da igualdade, da justiça, e da rasão! que outra causa podia inspirar a este povo esta coragem sublime e paciente, e gerar prodigios de heroismo iguaes a todos que a historia nos conta da antiguidade! Já o aballo que prostrou um throno sacode todos os thronos! Francezes, conservai-vos de pé e velai; é preciso que os reis ou os francezes succumbam! Sacudi pois os ultimos anneis da cadeia da realeza! Deveis ao universo e a vós proprios fazer a melhor constituição possivel. Não chameis á convenção senão homens puros de intrigas e de cobardias, que são as virtudes das cortes! Daqui por diante estais em guerra com todos os nossos oppressores. Não encontrareis a paz senão na victoria e no castigo! «Era um apelo ás eleições que se aproximavam.

XIX. — Pelo que respeita a Pethion, objecto do culto platonico dos commissarios da nova communa, a quem chamava o Pai da patria, elle só appareceu á barra de tempos em tempos, para justificar, com uma voz complacente, as usurpações deste corpo insurreccional. O sorriso da beatitude que repousava sempre sobre os seus labios disfarçava mal os pezares que lhe davam na mairie. Elle era o refem do povo no hotel de ville. O verdadeiro maire então, era Danton. Este, continuamente presente ás deliberações deste corpo municipal em permanencia, despresava a assemblea pela communa. Combinava com elle todas as medidas do governo; era o seu poder executivo. Para dar ao conselho da communa a direcção, unidade e o segredo necessarios a uma reunião de homens de acção, e para fazer prevalecer, em sessão geral, as resoluções tomadas entre elle e os seus filiados, tinha, de concerto com Marat, dividido o conselho municipal em commissões distinctas. Estas commissões deliberavam e operavam isoladamente. Foram o typo daquellas que mais tarde concentravam o governo na convenção. A commissão soberana era a da *vigilancia geral*. Composta de um pequeno numero de homens, successivamente escolhidos e apurados por Marat e Danton, esta fazia vergar todas as outras commissões. Attribuia-se todos os poderes; avançava todos os decretos da assembléa, citava á barra os cidadãos, fazia-os prender, entulhava as prisões; exercia a policia geral do imperio, disciplinava e perpetuava em si a insurreição; era a conjuração em permanencia, modelo de instituição de tyrannia que exerceu depois o *comite* (commissão) *de salvação publica*. Danton apoiando-se ao mesmo tempo sobre o seu poder legal de ministro das justiças no conselho executivo, e sobre o seu poder popular na commissão de vigilancia da communa, dava as suas ordens, como ministro, a força da insurreição, e á insurreição a força da lei. Era o consulado de Catilina. Nada lhe podia resistir. Se este homem sonhava um crime, este crime vinha a ser depois um acto do governo. Se elle não meditava nenhum, ao menos consentia que elle se preparasse, na sombra, em roda delle. Renovava por designio os membros do *comité* para que o momento da execução não achasse, na consciencia de um só destes homens, mais escrupulo, e mais hesitação do que na sua. Deixava, desde 29 de agosto, rebentar alguns symptomas significativos do seu pensamento ante a assembléa nacional.

XX. — Era na sessão da noite. A assembléa, abalada pela repercussão das noticias da fronteira, buscava tomar medidas sobre medidas, para igualar a dedicação aos perigos. As moções succediam-se ás moções. Vergniaud, Guadet, Brissot, Gensonné, Lasource, Chambon, Ducos batiam com o pé na tribuna para fazer sair os defensores da patria. Votavam-se homens, cavallos, armas, requisições. Danton entrou na salla, á frente dos seus collegas, e subiu á tribuna com a attitude de um homem que leva uma solução na sua cabeça. O silencio da espectativa estabeleu-se ao seu aspecto.

«O poder executivo, disse elle encarrega-me de entreter, a assembléa nacional das medidas que adoptou para a salvação do imperio. Motivarei estas medidas como ministro do povo, e como ministro revolucionario. O inimigo ameaça o reino, porem o inimigo não tomou Longwy. Exageram-se os nossos reveses. Com tudo os nossos perigos são grandes. E' preciso que a assembléa se mostre digna da nação. E' por meio de uma grande convulsão que nós temos distruido o despotismo, não será senão por meio de uma grande convulsão nacional que faremos retrogradar os despotas! Até aqui não temos feito mais do que a guerra simulada de La Fayette, agora é preciso fazer-mos uma guerra mais terrivel. E' tempo de impellir o povo a precipitar-se em massa sobre os seus inimigos! Até hoje tem-se fechado as portas da capital; e fez-se bem nisto: era importante lançar-se mão dos traidores; porém, ainda que houvessem trinta mil a prender, é preciso que elles sejam presos ámanhã, e amanhã Pariz communique com a França inteira! Pedimos que nos authoriseis a fazer visitas domiciliarias. Que diria a França, se Pariz, no pasmo, esperasse immovel a chegada dos inimigos? O povo francez quiz ser livre; sel-o-ha.» O ministro calla-se. A assembléa espanta-se; o decreto passa. Danton sai e corre ao conselho geral da communa, preparado á obediencia pelos seus confidentes. Pede ao conselho que «decrete naquella sessão as medidas necessarias ao golpe de estado nacional, cujo o poder executivo assoma a responsabilidade: ao toque dos tambores, que soará no decurso do dia seguinte, todos os cidadãos serão obrigados a entrar nas suas casas. A circulação dos transportes será suspensa por duas horas. As secções, os tribunaes, os clubs serão convidados a não faserem sessão, com receio de distrairem a attenção publica das necessidades do momento. A' noite as casas serão illuminadas. Commissarios escolhidos pelas secções, e acompanhados da força publica, penetrarão, em nome da lei, em todos os domicilios dos cidadãos. Cada cidadão declarará e entregará as suas armas. Se for suspeito, dar-se-ha busca; se mentir, será preso. Todo o particular que se encontrar n'outro domicilio que não seja o seu, será declarado suspeito, e encarcerado. As casas despejadas, ou que se não abrirem serão selladas. O commandante geral Santerre requisitará, secções armadas. Formará um segundo cordão de guardas em roda de Paris, para prender todos que tentarem fugir. Os jardins, os bosques, os passeios dos suburbios serão buscados. Barcos armados interceptarão nas duas extremidades de Pariz a carreira no rio, para fechar todas as vias de fuga aos inimigos da nação.

Decretadas estas medidas, Danton retirou-se para a commissão de vigilancia da communa, e deu as suas ultimas ordens aos seus cumplices. O *comité* renovado, era presidido por Marat. Marat não era commissario de nenhuma secção, mas o conselho geral havia-lhe concedido o favor excepcional de assistir ás sessões por direito de patriotismo, e tinha-lhe votado uma tribuna de honra no seu recinto para ahi dar conta ao povo das deliberações. Os outros membros eram Panis, cunhado de Santerre; Lepeintre, Sergent presidentes de secção; Duplein, Lenfant, Lefort, Jourdeuil, Desforgues, Guermeur, Leclerc, e Dufort, homens dignos de serem collegas de Marat, e executores de Danton. Mehée, secretario; Manuel, procurador da communa; Billaut-Varennes, seu substituto; Collot-d'Herbois, Fabre, Eglantine, Tallien, secretario do conselho geral; Huguenin, presidente; Hebert, e alguns outros entre os chefes da communa; quer elles a tenham approvado, combatido, ou tolerado a resolução, a conhe-

ceram. Actos, e documentos de todo o credito attestam que para esta convulsão popular, predita e acceita senão provocada, por Danton, foi tudo premiditado e preparado de antemão, executores, victimas, e até carros mortuarios.

O mysterio cobriu as deliberações deste conciliabulo. Sabe-se unicamente que Danton, fazendo um gesto horisontal, disse com uma voz aspera e sacudida: «E' preciso metter medo aos realistas.» Mais tarde elle testimunhou contra si proprio, nestas famosas palavras lançadas na convenção em resposta aos girondinos que o accusavam do 2 de setembro: «Olhei o meu crime de frente, e commetti-o.»

XXI. — Antes da meia noite, Maillard, o chefe das hordas de 6 de outubro, foi prevenido de juntar a sua milicia de sicarios para uma proxima expedição cuja hora e victimas depois se lhe designariam. Prometteram-lhe, para os seus homens, um alto soldo de tanto por cada morte. Encarregaram-o de reter os carros necessarios para transportar os cadaveres.

Emfim dois agentes da commissão de vigilancia apresentaram-se, em 26 de agosto, pelas seis horas da manhã, em casa do coveiro da parochia de Saint-Jacques-du-Haut-Pas; ordenaram-lhe que pegasse na enxada e os seguisse. Chegados a uma especie de minas que se estendem fóra da barreira Saint-Jacques, algumas das quaes tinham servido de catacumbas na epoca da recente transferencia dos cimiterios de Pariz, os dois desconhecidos puxaram de uma planta, e orientaram-se do local do campo da morte. Reconheceram pelos signaes traçados no chão e notados na carta, o logar destes subterraneos já tapados. Marcaram elles mesmos, com o olho da enchada, a linha circular d'um recinto de seis pés de diametro, onde o coveiro devia cavar para se encontrar a abertura por onde se descia áquelles abismos. Entregaram-lhe a somma necessaria para salario dos seus obreiros. Recommendaram-lhe vigiar porque a obra estivesse concluida ao quarto dia, e retiraram-se impondo-lhe silencio.

O silencio cubriu imperfeitamente todos estes funestos preparativos. Um boato surdo; circulando nas prisões deu ás victimas o pressentimento do golpe. Os carcereiros e guarda-chaves receberam e transmittiram avisos obscuros.

Danton, cruel em massa, capaz de piedade em detalhe, cedendo ás sollicitações da amisade, e aos proprios movimentos do seu coração, fez soltar, na vespora alguns presos pela sorte dos quaes se interessavam. Ordenando o crime por ferocidade de systema, e não por ferocidade de natureza, elle parecia feliz de furtar a si mesmo victimas. O sr. de Marguerie, official superior da guarda constitucional do rei: o abbade Lhomond, grammatico celebre; alguns pobres padres das escholas christãas, que haviam dado seus cuidados á educação de Danton, deveram-lhe a vida. Marat, certo da ordem do ministro, fez soltar estes presos. Elle mesmo poz um certo numero ao abrigo do golpe que ia despedir. O coração do homem nunca é tão inflexivel como o seu espirito. A amisade de Manuel, salvou Beaumarchais, o auctor da comedia de *Figaro*, este prologo d'uma revolução principiada pelo riso e acabando pelo cutello. Manuel foi em pessoa á prisão do Carmo collocar uma sentinella á porta dos quatro velhos religiosos desta casa aos quaes se tinha concedido acabar ahi os seus dias. Estes velhos foram os unicos que sobreviveram. Não eram conhecidos de Manuel; mas o seu sangue era inutil, e foi poupado.

O abbade Berardier, principal do collegio de *Louis le Grand*, com o qual Robespierre e Camille Desmoulins tinham estudado, recebeu um salvo conducto, de uma mão desconhecida, no dia da carneficina. Estes preparativos estes avisos, estas excepções provam uma meditação. Camillo na confidencia de todas as palpitações do pensamento de Danton, não podia ignorar o organisado plano de degola. Era impossivel tambem que Santerre, commandante em chefe das guardas nacionaes, e cuja inacção era necessaria durante tres dias para a perpetração de tantas mortes, não tivesse uma insinuação de Danton. Santerre instruido, Pethion não podia ignorar tudo: o commandante da força physica dependia do mairo de Paris. As meias palavras as confidencias equivocas, os signaes de intelligencia, entre conjurados que se sentam, deliberam, e obram quasi a descuberto em face uns dos outros, n'um conselho de oitenta membros, não podiam escapar a Pethion.

XXII. — Os relatorios da policia municipal, trasidos de hora em hora á *mairie*, não se callavam sobre as cousas, os homens, e armas que se dispunham para o acontecimento. Como era que o conhecido nas prisões ficava desconhecido no *hotel de ville*? Cumprido o acto, todos se lavaram do sangue. Depois de se haver lançado elle por muito tempo á conta de um movimento repentino e irresistivel da colera do povo, quiseram circumscrever o crime ao numero mais pequeno possivel de executores. A historia não tem complacencias. O pensamento pertence a Marat, a acceitação e a responsabilidade a Danton, a execução ao conselho de vigilancia, a cumplicidade a muitos, a covarde tolerancia a quasi todos. Os mais corajosos, conhecendo sua impotencia em impedir o assassinio, fingiram ignoral-o para não terem nem de approvar, nem de o prevenir. Affastaram-se, gemeram, e callaram-se. Para a guarda nacional, para a assembléa, para o conselho geral da communa, foi este um crime de reticencia. Afastaram os olhos durante o tempo em que elle se commetteu, So depois é que o execraram bem alto. Na alma de Marat foi o ardor pelo sangue, remedio supremo d'uma sociedade que elle queria matar para resuscitar depois segundo os seus sonhos, no espirito do Danton raciocinava o seu crime antes de o ordenar. Era-lhe tão facil impedil-o como permettil-o. A si proprio elle disfarçou a atrocidade. «Nós não assassinaremos, disse elle na sua ultima conferencia com o conselho de vegilancia, julgaremos; nenhum innocente morrerá.» Danton quiz tres cousas: a primeira, abalar o povo, e comprometel-o na causa da revolução, a ponto delle não poder mais recuar, e precipitar-se nas fronteiras, todo conspurcado do sangue dos realistas, sem outra esperança senão a victoria ou a morte; a segunda levar o terror á alma dos realistas, dos aristocratas, e dos padres; finalmente a terceira, intimidar os girondinos, que principiavam a murmurar da tyrannia da communa, e mostrar a estas almas fracas, que se elles se não fizessem instrumentos do povo, poderiam bem ser as victimas.

Mas Danton foi impellido ao assassinio por uma causa mais pessoal, e menos theorica, o seu caracter. Tinha a reputação da energia, e teve disso orgulho. Quiz desenvolvel-a n'uma medida que espantasse aos seus amigos e inimigos. Tomou o crime pelo genio. Desprezou aquelles que paravam ante qualquer cousa, mesmo em frente do assassinio em massa. Admirou-se no seu desdem de remorsos. Consentio em ser o fenomeno do arrebatamento revolucionario. Houve ahi vaidade no seu crime. Julgou que o seu acto, purificando-se pela intenção e pela distancia perderia do seu caracter; que o seu nome engrandeceria quando estivesse em perspectiva, e que elle seria o colosso da revolução. Enganava-se. Quanto mais os crimes politicos se affastam das paixões que os fazem commetter, mais elles abaixam e empallidecem aos olhos da posteridade. A historia é a consciencia do genero humano. O grito desta consciencia será a condemnação de Danton. Tem-se dito que elle salvou a patria e a revolução com estas mortes, e que as nossas victorias são a sua excusa. Enganam-se como elle se enganou. Um povo a quem fosse necessario embriagar em sangue para o impellir a defender a patria, seria um povo de scelerados, e não um povo de heroes. O heroismo é o contrario do assassinio. Quanto á revolução, o seu prestigio estava na sua justiça e na sua moralidade. Esta carnificina ia manchal-a aos olhos da Europa. A Europa lançaria, verdade é, um grito de horror; mas o horror não é respeito. Deshonrar uma causa não é servil-a.

LIVRO XXV.

I. — Apenas Danton tinha saido da commissão secreta da communa, que a cidade, advertida pelo to-

que dos tambores, parou repentinamente, como uma cidade morta n'uma catastrophe repentina teria dispersado todos os habitantes. Apesar de o sol sereno do estio esblarecer as cômas das arvores das Tuilerias, do Luxembourg, dos Champs-Elysées, dos boulevards; estes passeios, as praças as ruas estavam inteiramente desertas. O surdo rodar das carroagens, que é o ruido da vida, e como o murmurio destas correntes de homens, tinha cessado. Não se ouvia senão a bulha das portas e das janellas que os habitantes fechavam precipitadamente como á aproximação de um inimigo publico. Bandos de homens armados de piques, de patrulhas de federados, de destacamentos de Marselheses e de Bretões atravessavam a passos lentos, os differentes bairros. Santerre, á frente de um estado maior composto de quarenta e oito ajudantes de campo fornecidos pelas secções, visitava, a cavallo, as guardas. As barreiras estavam fechadas e guardadas por marselheses. Fora das barreiras as sessões formavam um segundo circulo de sentinellas.

Toda a communicação estava interceptada entre o campo e Pariz; a cidade toda em silencio, estava como um preso ao qual se seguram os membros em quanto o apalpam, ou o algemam. A agoa do rio estava tão captiva como o solo. Esquadrilhas de bateis, cheias de homens armados navegavam incessantemente pelo meio do Sena, interceptando toda a communicação entre as duas margens. Os parapeitos dos caes, os arcos das pontes, os tectos das barcas de banhos, ou de lavagens na praia estavam erriçados de sentinellas. De tempo em tempo um tiro de espingarda, saido d'um destes pontos elevados, alcançava os fugitivos, buscando asylo até nos mesmos cannos das ruas. Muitos catraeiros do porto foram assim mortos saindo dos seus bateis, ou querendo entrar para elles. Uma vez dada a hora, todo o passo na cidade era um crime. As esquadras de piques prendiam todos aquelles a quem um acaso, uma imprudencia, uma necessidade da vida tinham retardado. Entanto que as ruas estavam assim evacuadas, o interior das casas estava na espera e no terror. Ninguem sabia se seria innocente ou criminoso aos olhos dos visitadores, e se não iria ser arrancado ao seu lar domestico, á sua mulher, e aos seus filhos.

Uma arma não declarada era um motivo de accusação; declarada era testimunho de suspeição. Um signal qualquer de realismo, um uniforme da guarda do rei, um sinete, um botão de farda com armas reaes, um retrato, uma correspondencia com um amigo ou com um parente emigrado, a hospitalidade prestada a um estranho cuja estada em casa se não explicasse, tudo podia ser um titulo de morte. A denuncia de um inimigo, de um visinho, de um criado fazia impallidecer. Cada um buscava inventar para si, para os seus hospedes, para os objectos que se queriam roubar á investigação, trevas, escondrijos, e asylos a que enganassem o olho dos visitadores. Descia-se ás cavas, subia-se aos telhados, trepava-se pelas chaminés, excavavam-se muros, abriam-se ahi escondrijos encobertos por armarios ou quadros, buscavam-se os forros dos sobrados, invejava-se a sorte dos reptis.

A's argoladas dos commissarios nas portas das casas, a respiração ficava suspensa. Estes commissarios subiam, escoltados de homens das secções com o sabre desembainhado, e na maior parte obreiros conhecendo todas as practicas pelas quaes se pode descobrir um escondrijo nos muros, moveis, madeiras, leitos, colxões e pedra. Serralheiros munidos dos seus utensilios, abriam as portas, sondavam todos os sobrados, e descobriam todos os estratagemas da ternura, da hospitalidade, do medo.

Cinco mil suspeitos foram arrancados de suas casas ou dos seus azilos no curto espaço de uma noite. Foram descobertos até nos leitos dos doentes nos hospitaes onde elles tinham hido compartilhar a cama dos moribundos e dos mortos. O odio dos sicarios de Danton foi mais engenhoso do que o medo. Até foram prezos os tres irmãos Sanson, carrascos de Pariz, culpados de terem emprestado machinalmente a sua guilhotina ás vinganças da realesa.

Poucos realistas escaparam. Pariz foi despejada de todos que não tinham podido sahir de suas muralhas depois de 10 de agosto.

II — No dia seguinte ao nascer do dia, o deposito da *mairie*, as secções, as antigas prisões de Pariz, e os conventos convertidos em prisões, gorgitavam de presos. Foram interrogados sumariamente. Soltaram-se metade, victimas do erro e da precipitação da noite, reclamados pelas suas secções. O resto foi distribuido ao acaso pelas prisões da *Abbaye Saint-Germain*, da *Conciergerie* do *Chatelet*, da *Force* do *Luxembourg*, e nos antigos mosteiros dos *Bernardins*, *Saint Firmin*, e *Carmes*. *Bicetre* e *Salpetriére*, estas duas sentinas de Pariz, apertaram as fileiras dos seus povoadores para os receberem.

Os tres dias que se seguiram a esta noite foram empregados pelos commissarios das secções em fazer a escolha dos povos. O ruido da sorte que se lhes preparava estava semeado de longe. Já se deliberava a sua morte. A secção *Poissonniére* condemnou-os em massa á degolla. A secção de Thermes pediu que os executassem sem outro julgamento do que o perigo que suas existencias fazia correr á patria. «E' preciso limpar as prisões, e não deixar traidores em a nossa rectaguarda ao marchar-mos para as fronteiras.» Tal era o grito que Marat e Danton faziam circular nas massas. O povo precisa que se lhes redija a sua colera, e que o familiarisem com o seu proprio crime.

III. — Tal era a atitude de Danton, na vespora dos seus crimes.

Quanto ao papel de Robespierre nestes dias, foi igual ao que affectou sempre em todas as crises: na questão da guerra, em 20 de junho, e no 10 de agosto. Não obrou, censurou; mas entregou o acontecimento a si proprio, e uma vez completado, acceitou-o como um passo da revolução, sobre o qual elle já não podia retrogradar. Não quiz deixar aos outros o passo da popularidade sobre elle; lavou-se as mãos deste sangue, e deixou-o derramar. Porém o seu credito, inferior ao de Danton e de Marat no conselho da communa, não lhe dava então força para obstar a cousa nenhuma. Estava como Péthion, na sombra. Estes homens, assim como os girondinos, viam transpirar os projectos de Marat e de Danton; mas impotentes para os prevenirem, affectavam ignoral-os. Um facto, recentemente revellado á historia por um confidente de Robespierre e de Saint-Just, um já celebre, outro ainda obscuro viviam nesta intimidade familiar que muitas vezes une o mestre ao discipulo. Saint-Just, já envolvido no movimento do tempo, seguia e ultrapassava com a vista as crises da revolução, com a fria impessibilidade d'uma logica que faz o coração secco qual um mysterio, e cruel como uma abstracção. A politica era, a seus olhos, um combate de morte, e os vencidos eram as victimas. No 2 de septembro, pelas onze horas da noite, Robespierre e Saint-Just sahiram juntos dos jacobinos, cançados das fadigas do corpo e d'espirito de um dia passado todo no tumulto das deliberações, e prenhe de uma noite tão terrivel.

Saint-Just habitava n'um pequeno quarto da hospedaria da rua Sainte-Anne, não longe da casa do marcineiro Duplay, onde Robespierre morava. Conversando sobre os acontecimentos do dia e as ameaças do seguinte, os dois amigos chegaram á porta da casa de Saint-Just. Robespierre, absorvido pelos seus pensamentos, subiu, para continuar a conversa, até ao quarto do mancebo. Saint-Just arremessou o fato para cima d'uma cadeira e dispoz se a dormir. — «Que fazes? lhe disse Robespierre. — Deito-me, respondeu Saint Just. — Que! tu podes pensar em dormir em similhante noite! replicou Robespierre, não ouves o toque de rebate! Não sabes que esta noite será talvez a ultima para milhares de nossos similhantes, que são homens no momento em que adormeces, e serão cadaveres no momento em que acordares? — Ah! respondeu Saint-Just, eu sei que se degolará talvez esta noite, sinto-o, desejava ser assás poderoso para moderar as convulsões d'uma sociedade que se debate entre a liberdade e a morte; mas que

sou eu? e depois, ao cabo de tudo, aquelles que vão ser immolados esta noite não são os amigos das nossas ideas! Adeus.» E adormeceu.

No dia seguinte, ao nascer do dia, Saint-Just acordando viu Robespierre que passeava a passos interrompidos pela camara, e que, de tempos em tempos, collava a sua fronte contra as vidraças da janella, olhando o dia no ceu e escutando o bruido na rua. Saint-Just, admirado de tornar a vêr o seu amigo tão cedo no mesmo logar: «Que te trouxe hoje tão cedo? disse elle a Robespierre. — Que me trouxe? respondeu este: pensas pois que eu já voltei? — Pois que não foste dormir? replicou Saint-Just. — Dormir! replicou Robespierre, dormir! no entanto que centenas de assassinos degolam milhares de victimas, e que o sangue puro, ou impuro corria como a agua nos desaguadouros!... Oh! não, proseguiu elle com uma voz sombria, e com um surriso sardonico nos labios, não, eu não me deitei, vellei como o remorso, ou como o crime: sim, tive a fraquesa de não dormir; porém DANTON, ELLE, DORMIU!»

V. — As noticias desastrosas das fronteiras, os alistamentos patrioticos nas tribunas levantadas nas pricipaes encruzilhadas de Pariz, os passeios dos voluntarios ao som do tambor, e ao estribilho da *Marselhesa* e do *Ça irá*; a bandeira preta, signal d'uma guerra funebre, desenrolada no hotel de ville e sobre as torres da cathedral; os jornaes de Marat, de Hebert, escriptos com sangue; os jornaes affixados com exclamações anonimas fazendo fallar as paredes, e grupando o povo para os ouvir lêr em ajuntamentos tumultuosos; o toque de rebate soando nas torres e accelerando o pulso de uma cidade immensa; emfim o canhão de alarma disparando de hora em hora: tudo fôra calculado para soprar a febre á cidade. Este plano de matança estava combinado como um plano de campanha. Até mesmo os acasos tinham sido previstos e combinados.

VI. — No domingo 2 de setembro, pelas tres horas depois do meio dia, quando o povo se levanta de comer e atulha as ruas para divagar durante as tardes destes dias santos, o signal foi dado como por um destes accidentes que nascem per si mesmo.

Cinco carroagens cheias cada uma de seis padres foram dirigidas do deposito do *hotel-de-ville* para a prisão da Abbadia, pelo *Pont-Neuf*, e rua de *Bussy*, logares tumultuosos e nefastos. Ao terceiro tiro de alarma estas carroagens pozeram-se em marcha. Uma fraca escolta de Avignonnezes e Marselhezes, armados de sabres e piques as acompanhavam. Os postigos iam abertos para a multidão vêr no interior das carruagens aquelles vestuarios que lhe eram mais odiosos. Bandos de creanças, mulheres e homens do povo, seguiam-as insultando os padres. Os homens da escolta associavam-se ás injurias, ás ameaças e aos ultrajes da populaça. «Vede; diziam elles á multidão mostrando-lhe com a ponta dos sabres os presos, eis os cumplices dos Prussianos! Eis aquelles que vos degolarão se os deixardes viver para vos trahirem!»

O tropel, engrossando a cada passo, atravez a rua Dauphine, foi recalcado por outro ajuntamento que obstruia a encrusilhada de Bussy, onde os officiaes municipaes recebiam os alistamentos na rua. As carroagens param. Um homem fende por entre a escolta, que se abre complacentemente diante delle; sobe sobre o estribo da primeira carroagem, enterra duas vezes a ponta do seu sabre no corpo de um dos padres, retira-a fumegante, e mostra-a tinta de sangue ao povo. Este lança um grito de horror, e affasta-se: «Isto mette-vos medo! covardes! disse o assassino com um surriso de desdem. E' preciso acostumar-vos com a morte.» A estas palavras, mergulhando de novo a ponta do seu sabre no fundo da carroagem, continuou a ferir. Um destes padres ficou com a espadua ferida, outro com o rosto acutilado, o terceiro com uma mão cortada ao querer cubrir com ella o rosto. O abbade Sicard, o caritativo instituidor dos surdos-mudos, foi protegido pelos corpos dos seus companheiros feridos. As carroagens tornam a seguir lentamente a sua marcha. O assassino passa de uma para outra carroagem, e agarrando com uma das mãos a portinhola, fere com a outra ao acaso todos aquelles a quem a sua arma podia alcançar. Os assassinos d'Avignon misturados com a escolta rivalisavam com elle e mettiam suas baionetas no interior das carroagens. As pontas dos piques, dirigidas contra os postigos ameaçam aquelles padres que queriam precipitar-se na rua. A longa fileira destas carroagens, rolando lentamente, e deixando um traço de sangue, os gritos e os gestos desesperados dos padres, os urros raivosos dos algozes, as risadas e os applausos da populaça annunciam de longe aos prezos da Abbaye a approximação do comboio. A impaciencia dos sicarios não tinha esperado que as victimas chegassem ao logar do supplicio; immolavam-as mesmo em caminho.

O cortejo parou na praça, á porta da prisão. Os soldados da escolta tiraram para fóra das carroagens cadaveres puchando-lhes pelos pés. Os padres poupados pelos sabres, ou sómente feridos precipitam-se na prisão. Agarraram quatro atravez as allas que a guarda formou. Degolaram-os mesmo alli. Alguns para quem a porta é mui lenta a abrir-se, saltam pela janella da commissão da secção que naquelle momento estava em sessão na prisão. Estes cidadãos, estranhos á matança, furtam estas victimas ao furor dos assassinos, fazendo-as sentar entre si nos seus bancos. O jornalista Pariseau, o intendente da casa do rei, Lachapelle, deveram a vida á presença de espirito e á corajosa mentira dos membros deste comité.

VII. — No entanto os presos encerrados na Abbadia ouviram este preludio de assassinio á sua porta. Desde manhã, o rosto sombrio e as meias palavras dos seus guardas haviam-lhes presagiado uma tarde sinistra. Uma ordem da communa fisera avançar, naquelle dia em todas as prisões, a hora da comida. Os presos perguntavam entre si qual podia ser o motivo daquella alteração nos habitos do seu regimen interno? Seria a partida para um exilio além dos mares? Uns esperavam, outros tremiam, todos se agitavam. Nas janellas engradadas de uma pequena torre que deitava para a rua de Sainte Marguerite, alguns delles aperceberam em fim as carroagens, e ouviram os gritos: semearam o alarma na prisão. O boato ahi correu de que se tinham immolado no caminho todos os padres. O zunido d'uma multidão immensa que tinha invadido o pateo e que se glomerava na praça e nas ruas visinhas á Abbadia, chegou-lhes pelas janellas e pelas janellas e pelos respiradouros da prisão. O rodar das carroagens os passos dos cavallos, o retenir dos sabres, as vozes confusas calando-se n'um momento para rebentarem, por intervallos, n'um longo grito de viva a nação! deixaram-os um momento incertos se aquelle tumulto tinha por fim immolal-os ou defendel-os. Os postigos interiores estavam fechados sobre elles. Acabava de se lhes transmittir a ordem de regressar cada um á sua salla, como para uma chamada.

VIII. — Ora eis-aqui o espectaculo que se lhes occultava. O ultimo postigo que abria para o pateo tinha sido transformado em tribunal. Em torno de uma vasta mesa coberto de papeis, escrevaninhas, livros de registros da prisão, copos, garrafas, pistollas sabres, piques, estavam sentados em bancos doze juizes de figuras carregadas espaduas atheleticas, caracteres de homens de trabalho, de crapula, ou de sangue. Os seus vestuarios eram os das profissões laboriosas do povo: barretes de lã nas cabeças, vestias, sapatos ferrados, e aventaes de tela como os dos carniceiros. Alguns tinham despido os fatos. As mangas das camisas enroladas até ao cotovello deixavam vêr braços musculosos, e a uma pelle pintada com os symbolos dos diversos misterios. Dois ou tres, de formas mais delicadas, mãos mais brancas, com uma expressão de figura mais intellectual, traiam homens de pensamento, misturados de proposito com estes homens de acção para os dirigir. Um homem de vestuario pardo, sabre ao lado, penna na mão, d'uma physionomia inflexivel e como petreficada, estava sentado no centro da mesa e presidia a este tribunal. Era Maillard, o idolo dos ajuntamentos do *faubourg Saint-Marceau*, um desses homens que a escuma do povo produz, e por traz dos quaes se enfileira porque ella não póde ultrapassal-os. Rival de Jourdan, amante de Theroigne, homem das jornadas de outubro, do 20 de junho, do 10 de agosto, Maillard

havia-se constituido por authoridade propria o carrasco do povo. Amava o sangue, passeava as cabeças, arvorava os corações nas pontas dos piques, e despedaçava os cadaveres. As mulheres lubricas, e as crenças crueis que espreitavam a morte, depois do combate, glorificavam Maillard por que elle saciava seus olhos. Tinha acabado por se crear uma popularidade com o medo do seu nome. Levava com tudo uma certa imparcialidade na sua vingança, e uma certa moderação na matança. Não executava pelas suas proprias mãos, deixava operar os seus segundos. Discutia com a sua consciencia antes de lhes entregar as victimas.

Tal era Maillard. Elle voltava *des Carmes* (Carmelitas) onde havia organisado a matança. Não era o acaso que o trouxera á Abbadia na hora precisa da chegada do ultimo comboio, e com o registro das prisões na mão. Na vespora tinha recebido as confidencias de Murat por via dos membros do comité de vigilancia. Danton tinha feito apresentar a este comité os registros; ahi se haviam apurado as listas. Tinha-se indicado a Maillard todos aquelles que se deviam absolver, e os que se deviam condemnar. O julgamento do resto tinha sido deixado ao tribunal que se instituiria nos mesmos logares. Este tribunal tinha por lei o arbitrio do povo. Lia-se o registro, os carcereiros iam buscar o preso. Maillard interrogava-o; consultava com os olhos a opinião dos seus collegas. Se o preso era absolvido, Maillard dizia: *Soltem o senhor*. Se era condemnado, uma voz dizia: «*A' Force.*» A porta exterior abria-se a esta palavra; e ó preso arrastado fora do limiar cahia logo ao sahir.

IX. — A carnificina principiou pelos Suissos. Haviam cento e cincoenta na abbadia, officiaes e soldados. Maillard mandou-os conduzir ao postigo, e julgou-os em massa: «Vós assassinastes o povo em 10 de agosto, lhes disse elle, o povo pede vingança. Hides ser transportados para a Force. — Graça, graça! exclamaram os soldados caindo de joelhos. — Não se tracta de morrer, lhes respondeu Maillard, não se tracta senão de vos transferir para outra prisão. Talvez na outra vos perdoem.» Mas os Suissos tinham ouvido os gritos que pediam as suas vidas. — Pára que enganar-nos! dizem elles, bem sabemos que não sairemos daqui senão para ir morrer.» A estas palavras um Marselhez e um rapaz carniceiro entreabriram a porta, e indicando com o dedo estendido os Suissos: — Vamos! vamos! decidi-vos! Marchemos! O povo impacienta-se!» Os Suissos recuam como um rebanho ao aspecto do magarefe, e grupando-se em massa no fundo do postigo lançando desgarradoras lamentações e trepando uns por cima dos outros.» E' preciso acabar com isto, disse um dos juizes. Vejamos, qual é o que sairá primeiro? — Pois bem, serei eu, exclama um moço official de talhe elevado, fronte serena, e attitude marcial. Quero dar o exemplo. Mostrai-me a porta. Por onde é que se deve ir?

Abre-se a porta. Lança o bonet para traz de si gritando adeus aos seus camaradas, e atravessa o limiar. A sua belleza, a sua resolução ferem de pasmo os assassinos. Affastam-se em allas. Repondo-se, porem, bem depressa da sua surpresa, formam, tornando a aproximar se, um circulo de sabres, de piques, e de baionetas dirigidas contra elle. Dá dois passos á rectaguarda, passeia tranquillamente a vista pelos seus assassinos, cruza os braços sobre o peito, fica um momento immovel como esperando o golpe, depois, vendo que tudo está prompto lança-se elle mesmo com a cabeça para diante sobre as baionetas, e cae atravessado de mil golpes. A sua morte arrasta a dos seus cento e cincoenta camaradas. Caem uns depois dos outros no chão, como touros immolados. Os tombereaux não são sufficientes a arredar d'alli depressa os corpos: empilham-os nos dois lados do pateo para fazer praça áquelles que devem morrer. Seu chefe foi o ultimo: era o major Reding. Este moço official era notado, pela elevação da sua estatura, e pela expressão varonil das feições, nesta raça de filhos das montanhas, onde a natureza faz tudo maior e mais bello.

Ferido nas Tuilerias, Reding tinha uma espadua e uma coixa quebradas pelas ballas. Tinham-o transportado do campo da batalha para a Abbadia. Lançado sobre um máu leito n'um canto escuro da capella, o menor movimento deslocava os seus membros fracturados e arrancava-lhe gemidos. Uma mulher que o amava, havia alcançado a preço de ouro dos commissarios das prisões a permissão de vir tractar d'elle. Disfarçada em enfermeira dos hospitaes, passava dias inteiros junto ao leito de Reding. Bem que reconhecida por muitos, todos affectavam enganar-se com o seu disfarce. Respeitavam o mysterio que occultava tanto amor em tanta dedicação. Já não haviam mais Suissos para imolar. O silencio havia succedido depois de um momento, no pateo, aos golpes de sabre e ao estrepito da queda dos corpos sobre o chão. Os assassinos bebiam. Reding julgava-se já esquecido ou poupado. Os seus companheiros de quarto felecitavam-o de mancinho. Porém as victimas contadas no pateo não correspondem ao numero dos presos: falta um Suisso. Lembram-se então do ferido. Tres degolladores, de sabre em punho, precedidos de um guarda que levava um archote, entram na capella, e procuram Reding. A amante que o véla desmaia a este nome. Reding conjura os seus algozes a matarem-o alli no seu leito para evitar o supplicio de ser transportado, e da fractura dos seus membros, depois dos supplicios que já tinha soffrido. Recusaram-se a isso com atrozes sarcasmos. Um delles agarra-o pelos braços, e carrega com elle ás costas com as pernas pendidas para diante, e a cabeça deitada para traz. O ferido lança involuntariamente urlos. Quer fosse ferocidade, quer piedade, um dos seus assassinos corta com o gume do seu sabre o pescoço pendente de Reding. Seus gritos são abafados no sangue. Chega morto ao pé da escada. Arremessam o seu cadaver aos degolladores.

X — Descançavam um momento. A noite cahia. Archotes alumiavam o pateo. Sentados com os pés no sangue, estes assalariados do crime comiam e bebiam como o operario depois de concluida a sua tarefa. O trabalho só estava interrompido. A communa officialmente advertida da matança, tinha enviado Manuel, Billand-Varennes e outros commissarios ás prisões, para ao menos lançarem de si a responsabilidade do crime, e testimunharem a tentativa d'alguns esforços contra estes assassinios. Estas arengas, intimidadas pela actitude dos matadores e pelas armas tintas de sangue, assimilhavam-se mais a adulações do que a reprehensões. Conhecia-se nellas a convivencia ou o medo. O povo interpretava-as como excitações. Mesmo algumas eram felicitações e provocações a novas mortes. «Bravos cidadãos, disse Bellant-Varennes no pateo da Abbadia, acabais de degolar grandes culpados; a municipalidade não sabe como desonerar-se para comvosco. Indubitavelmente os despojos destes accelerados pertencem áquelles que nos desembaraçaram delles. Sem acreditar como uma recompensa, estou encarregado de offerecer a cada um de vós vinte e quatro libras, que vos vão ser pagas immediatamente.»

Em quanto que Billaud-Varennes fallava assim, a matança, por um momento suspensa, recomeçava á sua vista. O velho commandante da gendarmaria, Rulhieres, já ferido de cinco golpes de pique, despojado, e deixado como morto, corria nu e ensanguentado, com as mãos adiante, procurando ás apalpadellas os muros, cahia de novo, e tornava a levantar-se, na lucta da agonia. Esta fugida sem sahida durou dez minutos!

Depois dos suissos julgaram-se em massa todos os guardas do rei, presos na Abbadia. O seu crime fôra a sua fidelidade em 10 de agosto. Não houve processo. Eram vencidos. Limitaram-se a perguntar-lhes seus nomes. A matança foi longa: entregues um a um, o povo, a quem o vinho, a agua-ardente misturada com polvora, a vista e o odor do sangue parceiam refinar a raiva, fazia durar o supplicio, como se houvesse pena de abbreviar o espectaculo. A noite inteira foi apenas sufficiente para os immolar e despojar.

O abbade Sicard e os dois padres refugiados com elle n'um pequeno quarto confinante com a commissão, viram, ouviram, e notaram todos os minutos desta noite. Uma velha porta, rasgada de fendas separava-as da

scena da carnificina. Distinguiam o ruido dos passos, os golpes de sabre sobre as cabeças, a queda dos corpos, os urros dos algozes, os applausos da populaça, até mesmo as vozes dos amigos que acabavam de os deixar, e as danças atrozes das mulheres e das creanças á claridade dos fachos, ao canto da *Carmagnole*, em roda dos cadaveres. De momento em momento as deputações dos degoladores vinham pedir vinho ao comité, que lhe fazia distribuir. As mulheres trouxeram de comer aos seus maridos ao nascer do dia, para os sustentar, diziam ellas, no seu rude trabalho; operarios da morte embrutecidos pela miseria, pela ignorancia, e pela fome, para os quaes o matar era ganhar a vida!

As carroças mortuarias enviadas pela communa despejaram, durante aquella comida, os pateos dos cadaveres que os obstruiam. A agua não bastava a lavar o chão. Os pés escorregavam no sangue.

Os assassinos antes de recomeçar a sua obra estenderam uma camada de palha sobre uma parte do pateo. Cobriram esta camada de palha com os fatos das victimas. Decidiram entre si não matar senão sobre aquelle colxão de lãa e de palha, a fim de que o sangue embebido pelo fato, não se espalhasse pela calçada. Dispozeram bancos em roda deste theatro para que ao nascer do dia as mulheres e os homens curiosos da agonia, podessem assistir sentados e em ordem a este espectaculo. Postaram em roda do pateo sentinellas encarregadas de faserem a policia. Ao nascer do dia estes bancos acharam com effeito mulheres e homens do bairro da Abbadia por espectadores, e esta matança recebeu delles applausos! No entanto Maillard e os juises comiam no postigo. Depois de fumarem tranquillamente, dormiram sem remorsos estirados nos seus bancos de juises, e retomaram forças para o trabalho do dia seguinte.

XI. — Só os presos não dormiam. Recolhidos todos aos seus callabouços ou sallas, em pé ou sentados á borda das suas camas, estavam á escuta. Todo o ruido tinha aos seus ouvidos um sentido de morte ou de vida. A janella de grades da torresinha da Abbadia, donde se descobria de um lado a rua de Sainte-Margarite, e do outro uma parte do pateo, era um observatorio onde os mais corajosos subiam alternativamente para informar os outros do que se passava da parte de fora. Ao silencio das ultimas horas da noite, elles acreditaram que o povo estava saciado de matança. Alguns adormecêram de cançasso. Outros passaram aquelles minutos a orar, a escrever a sua defesa, a prepararem cartas para as suas mulheres, e em faser o seu testamento.

Ao nascer do sol, dois padres, o abbade Lenfant, pregador do rei, e o abbade de Rastignac, escriptor religioso, encerrados ambos na Abbadia, reuniram os presos na capella. Ahi, do alto de uma tribuna, os prepararam para a morte. Estes dois padres tocavam a idade de oitenta annos: Seus cabellos brancos, seus rostos empalidecidos pela idade; macerados pela vigilia, divinisados pela aproximação do martirio, davam aos seus gestos e ás suas palavras a solemnidade evangelica da eternidade. Apparecêram aos mancebos presos como os anjos da agonia. Todos cairam de joelhos. Este raio da religião sobre um campo de sangue fez-lhes conhecer a presença de uma Providencia até no supplicio. Uns foram consolados, outros fortificados, todos enternecidos. Apenas os dois padres tinham estendido as mãos sobre os seus companheiros, vieram chamalos para darem ao mesmo tempo o exemplo e a lição do martyrio. Com as mãos juntas, o espirito recolhido, os olhos levantados ao céo, foram feridos de golpes de sabre, e cairam sem ter cessado de orar.

Porem a resignação destes dois velhos não havia arrebatado o horror desta espectativa aos prezos. A natureza não luctava nelles menos contra a morte. Discutiram entre si sobre a actitude em que deviam receber ou afrontar os golpes para fazer a morte mais prompta e menos sensivel. Uns queriam estender o pescoço aos sabres para a cabeça cair de um só golpe; outros propunham-se descobrir o peito e encrusar as mãos nas costas para o ferro lhes ir direito ao coração sem obstaculo que o desviasse; outros queriam luctar até o fim com os algozes, agarrar os piques, afastar os sabres, deitar por terra os degoladores, e mudar o supplicio em campo de combate para morrerem n'um accesso de coragem, e na alegria da vingança. Não contentes com esta theoria do supplicio, os prezos iam, como gladiadores, estudar mesmo o supplicio na actitude daquelles que morriam antes delles, e por assim diser, repetir a morte. Notavam olhando por uma fresta elevada, que aquelles que estendiam as mãos para a frente, pelo gesto natural no homem ameaçado no rosto, morriam duas vezes em logar de uma, porque eram talhados antes de mortos. Ao contrario aquelles que cruzavam os braços sobre o peito, e marchavam de encontro ao ferro, caíam trespassados de golpes mais seguros, e não se levantavam mais. Resolveram em massa morrer assim.

XII. — Alguns preferiram escolher a si proprios a morte, e achavam mais doce avançal-a do que esperal-a. Despedaçaram a cabeça de encontro aos ferrolhos de ferro, ou contra os agudos angulos das pedras. Enterravam no coração facas mal aguçadas que haviam escondido na vespora, á busca dos carcereiros. O senhor de Chautereine, coronel da guarda constitucional do rei, ferio-se com tres golpes de estilete e caiu exclamando: « Meu Deus! eu vou para vós! »

O senhor de Montmorin, antigo ministro de Luiz XVI, fôra interrogado na assembléa, alguns dias antes. Brissot, Guadet, Vergniaud, Gensonné, seus inimigos tinham abusado da victoria de 10 de agosto. contra este homem de Estado retirado dos negocios, e ao qual a sua animosidade deveria ter esquecido. Haviam prolongado com tudo, e semeado de laços o seu interrogatorio para se fazerem um merito da sua condemnação. Tinham encerrado o senhor de Montmorin na Abbadia; e seu filho, quasi creança, ahi o consolava. Preso na mesma salla com d'Affry, Thierri, Sombreuil, governador dos invalidos, a filha de Sombreuil e Beaumarchais, que [illegible] ainda preso entre grades, Montmorin tinha supportado o captiveiro com socego nos doces entretenimentos destes antigos amigos. A soltura de d'Affry, e de Beaumarchy, que Mannel viera na vespora soltar, com as senhoras de Sant-Brice e de Tourzel, dera-lhes a esperança de uma proxima liberdade. O toque a rebate do 2 de setembro, o tumulto dos pateos, os gritos das victimas, seu filho arrancado de manhã aos seus braços, lançaram-o repentinamente da confiança no abatimento. O seu desespero transformou-se em furor. Chamava os seus inimigos para os lançar por terra. Com os cabellos em desordem, os olhos inflammados, os punhos cerrados, corria o quarto lançando imprecações contra os assassinos. Os seus musculos, tendidos pela colera, davam-lhe uma força que abalava os varões de ferro da sua prisão. Despedaçou ás punhadas uma banca de carvalho cujas taboas tinham duas pollegadas de espessura Foi preciso enganal-o para o fazer atravessar o limiar do postigo. Appareceu altivo. e com a ironia nos labios em presença do tribunal. « Presidente, disse elle a Maillard, pois que vos apraz de assim vos nomear, espero que me mandareis buscar uma carroagem para me condusirem á Force, a fim de evitar os insultos dos vossos assassinos. » Maillard fez um signal de assentimento. Montmorin sentou-se um momento no postigo, e viu sentenciar alguns presos. — « A carroagem que vos deve conduzir ao vosso destino chegou » lhe disse o presidente. No mesmo instante a porta do pateo se abriu. Montmorin precipitou-se para sair. Foi atravessado de encontro á parede por trinta piques, e morreu acreditando voar á liberdade.

O senhor de Montmorin tinha em seu poder um recibo de cem mil francos pagos a Danton por ordem do rei, para o indemnisar do seu logar de advogado no Chatelet. Era realmente o preço da corrupção sollicitado e aceito secretamente da corte pelo moço demagogo. O senhor de Montmorin, algum tempo antes de 20 de junho, inquietou-se de ser o depositario de um segredo que devia parecer a Danton uma revelação ameaçadora sempre suspensa sobre a sua popularidade. O velho ministro foi procurar o senhor de La-Fayette seu amigo; contiou-lhe aquelle misterio, e pediu-lhe o seu conselho. « Não tendes a seguir senão um destes dois partidos, respon-

deu La-Fayette: ou advertir Danton que publicareis a sua venda, se elle não cumprir as condições a favor do rei: ou entregar-lhe o recibo, e tomal-o assim pelo reconhecimento o pela generosidade desarmando-vos das vossas provas contra elle.» O senhor de Montmorin não seguiu nenhum destes conselhos Contentou-se em escrever a Danton dizendo-lhe que tinha queimado o seu recibo, mas não lhe enviou a sua assignatura. Danton acreditou que aquelle testimunho ainda existia, e que em todo caso o senhor de Montmorin seria sempre uma testimunha perigosa ao seu renome. Implorou-se de balde para elle a soltura concedida a tantos outros. Elle morreu. Ninguem soube se esta morte foi um esquecimento, ou uma prudencia daquelles que tinham seus nomes na sua memoria e suas assignaturas entre os seus papeis.

Depois do senhor de Montmorin appareceu Sombreuil, governador dos invallidos. Sua filha presa com elle tinha liberdade de sahir. Recusava deixar a prisão onde a encadeava o amor por seu pai. Ahi habitava um quarto destinado ás mulheres, com as senhoras de Tourzel, de Saint-Brice, e a filha de Cazotte. Desde o principio da matança, ella se conservava no postigo do tribunal, espiando o comparecimento de seu pai, e protegida pela piedade dos guardas e carcereiros. Sombreuil apparece; é condemnado; a porta abre-se; as baionetas brilham; sua filha corre, suspende-se ao pescoço do velho, cobre-o com o seu corpo, conjura os assassinos a pouparem seu pai, ou a feril-a com o mesmo golpe. Seu gesto, seu sexo, sua mocidade, seus cabellos desgrenhados, sua belleza augmentada pela emoção de sua alma, a sublimidade da sua dedicação, o ardor das suas supplicas enternecem aquelles sicarios. Um grito de perdão se levantou entre a multidão; os piques abaixam-se; concede-se á filha a vida de seu pai, mas por um horrivel preço: querem que ella, em signal da abjuração da aristocracia molhe seus labios n'um copo cheio de sangue dos aristocratas. A menina Sombreuil agarra o copo com mão intrepida, leva-o á boca, e bebe a saude de seu pai. Esta acção a salvou. Associam-se á sua alegria; as lagrimas dos assassinos misturam-se com as suas. Ha surprezas da natureza mesmo no mais profundo do crime. Ha abysmos no coração humano. Monstros, com os braços abertos tintos de sangue, transportam em triumpho Sombreuil e sua filha até á sua habição e juram defendel-os contra os seus inimigos.

A filha de Cazotte disputou tambem e reconquistou seu paj. Cazotte era um velho de perto de setenta e cinco annos. A elevação da sua estatura, a alvura dos seus compridos cabellos, o fogo dos seus olhos sob sobrancelhas brancas, a bellesa austera o a exaltação das feições do seu rosto davam-lhe a magestade de um profeta. Tinha eloquencia e vertigens. Imaginação louca nos seus escriptos, alma extatica na sua piedade, homem de bem na sua vida, via na revolução uma prova de fogo pela qual Deus fazia passar os filhos do seculo para reconhecer os seus e glorifical-os no martyrio. Offereceu o seu sangue. Tinha a impaciencia do sacrificio. Sua filha havia-o seguido voluntariamente á sua prisão. Prevendo a matança, buscára e encontrara protectores nos Marselheses que estavam de sentinella aos presos. A tocante juventude, a piedade filial, a amavel familiariedade da menina tinham embrandecido a rudesa daquelles homens. Haviam-lhe promettido seu pai Elles souberam guardar a sua palavra. Cazotte interrogado pelo tribunal, respondeu como um homem que obstinadamente quer morrer. «Minha mulher! meus filhos! exclamou elle, não choreis. Não esqueçais, mas lembrai-vos sobretudo de Deus! Quero morrer como vivi: fiel ao meu Deus, e ao meu rei.» Sua filha, não podendo impedil-o de se arremessar á morte ella precipitou-se tambem com elle.

XIII. — Os Marselheses compadecidos seguiram-a ao pateo; abaixaram com suas mãos os sabres e piques erguidos sobre ella. Pediram graça para aquellas duas vidas inseparaveis uma da outra. Fizeram á sua protegida atravessar aquelle mar de sangue. Entregaram-lhe seu pai, e condusiram-os a logar seguro.

Esta graça não foi mais do que um resfolego para Cazotte. Presos alguns dias depois, encorraram separadamente sua filha para se desembaraçarem da piedade. O que os assassinios não tinham ousado fazer, fizeram-o os juises. Cazotte morreu.

Depois delle morreu Thierri, primeiro criado do quarto do rei. «O reconhecimento, disse elle a Maillard, não tem opinião, o meu dever era fidelidade ao meu amo.» Atravessado por um pique que lhe entrava pelo peito, e lhe sahia pelas espaduas, encostava-se com uma das mãos a um canto do pateo, e com a outra levantava o chapeo ao ar fazendo ainda um derradeiro esforço para gritar *viva o rei*.

Maillé, Rohan-Chabot, o tenente general Wittgenstein, Romainvilliers, segundo commandante da guarda nacional em 10 de Agosto, os juises de paz Buob e Bosquillon, cahiram depois delle. Houve arrependimentos, precipitações, confusões em os nomes. Viram-se homens de fóra entrarem no pateo, remecherem os cadaveres, lavar com esponjas o sangue que corria seus rostos, reconhecel-os, e irem-se consternados ou alegres, por ter falhado ou haver-se satisfeito suas vinganças. Em a noite do segundo dia, os gritos de graça para aquelles que ainda restavam na rua e nos pateos. Os primeiros esquecidos retomaram esperança. Alguns juntam o que tem de mais precioso, e preparam-se para sahir. Tiros disparados no interior das prisões, e os gritos de fora os recalcam para o fundo das salas vasias. Era a matança do moço Montsabray.

Montsabray, apenas de desoito annos de idade, pertencia pela sua familia aos maiores nomes da nobreza. Os encantos da sua figura, as graças da sua idade, a doçura do seu caracter faziam-o admirado e adorado no exercito. O duque de Brissac nomeara-o seu ajudante de campo. O duque depois da morte de Luiz XVI, havia-se ligado de coração á senhora Dubarry, tão moça e tão bella ainda. Cortesão por amor desta favorita exilada, Brissac habitava com ella o pavilhão de Lucienne, no bosque de Marly, presente do rei á sua amante. A senhora Dubarry amava Montsabray com uma dessas ternuras materiaes que não ousam confessar-se a si mesmo a naturesa dos seus sentimentos. Montsabray, ferido ligeiramente no 10 de Agosto, tinha-se refugiado em Lucienne. A camara secreta do castello onde elle esperava completar a sua cura não era conhecida senão da senhora Dubarry e das suas creadas. Ella propria era quem pensava a ferida do moço militar. Andouin, membro da communa, que tinha pedido ao conselho geral um corpo de duzentos federados para purgar os suburbios de Pariz dos aristocratas que se tinham evadido depois do combate, descobrio Montsabray no pavilhão de Lucienne. Nem o ouro, nem as lagrimas, nem as supplicas da sr.ª Dubarry poderam enternecer Andouin. Transportou o moço ajudante de campo sobre uma maca, e lançou-o na abbadia. Ao ruido da matança. Montsabray, que estava deitado na sacristia da capella, deitou-se fóra do leito, e guindando-se pelo tubo da chaminé até ao cume do edificio, suspendeu-se a uma forte grade de ferro que interceptava a chaminé. Dahi ouvio dois dias e duas noites, sem nutrimento, o ruido da degolla, esperando escapar a ella pela sua paciencia. Porém o registro denunciava uma victima de menos. Recordaram-se do ferido. Procuraram-o em vão. O carcereiro da capella, esperto nos estratagemas dos presos, fez disparar tiros de espingarda pelo tubo acima. Só uma balla tocou em Montsabray, e lhe partio um pulso. Teve força de não cair e de se callar. Ia-se já renunciar a elle. Um carcereiro trouxe palha e deitou-lhe fogo na chaminé. O fumo suffocou o ferido. Cahio sobre a palha ardente. Levaram-o dalli, queimado, desmaiado, quasi morto para a rua. Ahi o deitaram sobre o sangue, e deliberaram mesmo em presença delle, de que morte o matariam. O desgraçado mancebo, voltando a si, ficou perto de um quarto de hora esperando sobre aquelle leito de cadaveres, que os degoladores encontrassem armas de fogo, e as carregassem. Tiveram por fim piedade do supplicio desta creança, e acabaram-o disparando-lhe á queima roupa sobre o peito cinco tiros de pistola ao mesmo tempo.

Não restava já senão um preso na Abbadia. Era o sr. de Saint-Marc, coronel de um regimento de cavalla-

ria. Os assassinos concordaram entre si prolongar-lhe o seu martyrio, para todos tomarem parte nos seus tormentos, e na sua morte. Fizeram-o passar lentamente atravez uma fileira de sabres com que lhe atiravam golpes, mas a medo de o acabarem mui depressa. Feriram-o depois com uma lança que lhe atravessou o corpo. Forçaram-o a marchar assim de joelhos, imitando e arremedando as contursões que estas torturas lhe arrancaram. Quando não pôde mais suster-se, feriram-o no rosto, nas mãos, em todos os membros do corpo, com os sabres, e mataram-o por fim com seis ballas na cabeça. Eis os homens que se occultam nestes golfos de civilisação cobertos com tanto luxo, e tantas luzes. Ha Neros em todos os gráos, desde o throno até á choupana; refinados lá em cima, brutos cá em baixo. O gosto do sangue é a primeira e a ultima corrupção do homem.

Algumas acções inexplicaveis, ou consoladoras, admiravam com tudo no meio destes horrores. A compaixão de Maillard pareceu buscar innocentes com tanto cuidado como a sua vingança buscava culpados. Poupou todos aquelles que lhe forneceram um pretexto para os salvar. Quer porque elle considerasse o assassinio como um dever penoso, do qual repousava por alguns perdões; quer que o seu orgulho se regosijasse em dispensar assim a morte e a vida: elle prodigalisava um e outro. Expoz sua propria cabeça para disputar as victimas aos seus algozes. Murmurou-se muitas vezes no pateo da sua parcimonia da matança. Gritavam-lhe traição. Muitas vezes os degoladores forçaram, com o seu sabre em punho, a porta do postigo, e ameaçaram immolar o tribunal. Cidadãos estranhos ás victimas dedicaram-se a salvar homens que não conheciam senão pelo nome. O relojoeiro Monnot ousou reclamar o abbade Sicard, e obteve-o em nome das miserias do povo ás quaes o instituidor dos surdos-mudos havia consagrado a sua vida. Deputações das secções tentaram penetrar nas prisões para reclamarem cidadãos. Um posto da guarda nacional occupava a abobada que conduzia da praça da Abbadia para o pateo. Esta guarda tinha ordem de deixar entrar, mas não de deixar sahir. Disse-se que estava postada alli para proteger o assassinio. Um unico destes deputados ousou penetrar naquella abobada. « Estás cançado de viver! » lhe disseram os degoladores. Conduziram este deputado a Maillard. Maillard fez-lhe entregar os dois presos que elle pedia. O deputado atravessou de novo o pateo com os presos. Fachos esclareciam as pilhas de cadaveres e os lagos de sangue. Os degoladores sentados sobre estes despojos, como os cegadores sobre os feixes, descançavam, fumavam, comiam e bebiam tranquillamente. « Queres vêr o coração de um aristocrata! lhe disseram estes carniceiros de homens, ei-lo aqui! olha! » Dizendo estas palavras, um delles abriu o tronco d'um cadaver ainda quente, arrancou-lhe o coração, expremendo-lhe o sangue n'um copo, forçou-o a liba-lo com os seus labios, e não abriu passagem aos presos senão por este preço. Os proprios assassinos largaram muitas vezes a sua sangrenta tarefa e lavaram os pés e as mãos para irem restituir ás suas familias as pessoas soltas por aquelle tribunal. Estes homens recusaram qualquer salario. « A nação paga-nos para matar, diziam elles, mas não para salvar. » Depois de haverem restituido um pai a sua filha, um filho a sua mãi, elles limpavam as suas lagrimas de enternecimento para continuarem a degollar. Nunca a matança teve mais apparencia de uma obra encommendada. O assassinio durante estes dias, veio a ser um officio mais em Pariz.

XV. — No entanto que os tombereaux commandados pelos agentes do comite de vigilancia acarretavam os cadaveres e limpavam o sangue da Abbadia, trinta degoladores espiavam desde manhã as portas dos Carmelitas na rua de Vaurigard, aguardando o signal. A prisão do Carmo era o antigo convento, immenso edificio rasgado de claustros, flanqueado de uma egreja, cercado de pateos, jardins, e terrenos vagos. Estava convertido em prisão para os padres condemnados á deportação. A gendarmeria e a guarda nacional tinham alli casas de guardas. Naquella manhã havia-se de preposito enfraquecido estes postos. Os assassinos que forçavam as portas pelas seis horas da tarde as fecharam sobre si. Aquelles que começaram a matança não tinham nada do povo, nem no costume, nem na linguagem, nem nas armas. Eram homens moços, bem vestidos, armados de pistolas e espingardas de caça. Cerat, moço seido de Marat e de Danton, marchava á frente delles. Reconhecia-se entre o seu troço alguns desses rostos exaltados que habitualmente se viam nas tribunas do club dos franciscanos (*cordeliers*). Pretorianos destes agitadores que se chamavam por allusão ao convento onde tinham as suas sessões « os irmãos vermelhos de Danton, » traziam um barrete vermelho, uma gravata, um colete, e um cinturão encarnados, symbolo significativo para acostumar os olhos e o pensamento á côr do sangue. Os directores da carneficina recearam que o ascendente dos padres sobre o povo baixo não fizesse recoar os degoladores em presença de assassinios sacrilegos. Recrutavam nas escólas, nos logares de devassidão e nos clubs, executores voluntarios acima destes escrupulos, e aos quaes o odio da superstição impellia mesmo ao assassinio dos padres. Tiros de espingarda disparados nos claustros e nos jardins sobre alguns velhos que por alli passeavam foram o signal da carneficina. De claustro em claustro, de cella em cella, de arvore em arvore, os fugitivos caíam feridos ou, mortos pelas balas. Atiravam pelas escadas abaixo, ou arremessaram pelas janellas os cadaveres daquelles que tinham succumbido á descarga.

Hordas asquerosas de homens em farrapos, mulheres e creanças atrahidas destes bairros da miseria pelo ruido da fuzilaria, se amontoavam ás portas. Abriam-as de tempos a tempos, para deixar sair os carros funebres puxados por magnificios cavallos tirados das cavallariças reaes, Estas carroças atravessavam lentamente por entre a multidão, deixando atraz de si um comprido rego de sangue. Assentadas sobre estas pilhas de cadaveres ambulantes, as mulheres e creanças, trepidando de alegria, riam e mostravam aos que passavam pedaços de carne humana. O sangue saltava-lhes por cima dos fatos, rostos, e até sobre o pão. Estas bocas lividas, uivando a Marselhesa, deshonravam o canto do heroismo associando-o ao assassinio. O povo macilento que seguia as rodas daquelles carros mortuarios, repetiu em chôro os estribilhos e dançava em redor destes carros como em roda de despojos triumphaes do clero e da aristocracia vencidas. O pequeno numero dos assassinos, o grande numero das victimas, a immensidade do edificio, a extensão do jardim, os muros, as arvores, as estacadas que furtavam ás balas os padres correndo aqui e alli para fugirem á morte, demoravam a execução. A noite aproximando-se ía protegel-os com as suas sombras. Os executores formavam um cerco em roda do jardim, como n'uma caçada a animaes ferozes. Indo apertando-os a passo e passo para os edificios, forçaram a pranchadas de sabre todos os ecclesiasticos a concentrarem-se na egreja. Alli os fecharam. Em quanto que se operava esta batida da parte de fóra, uma busca geral na casa recalcou tambem para a egreja os padres escapos ás primeiras descargas. Os assassinos conduziram mesmo nos seus braços os padres feridos que não podiam andar. Uma vez entallados neste recinto, as victimas, chamadas uma a uma, foram arrastados pela pequena porta que abria sobre o jardim, e immoladas na escada.

O arcebispo d'Arles, Dulau, o mais velho e o mais venerado destes martyres, edificava-os com a sua actitude, e animava-os com as suas palavras Os bispos de Beauvais e de Saintes, dois irmãos da casa de La Rochefoucauld, mais unidos pelo coração do que pelo sangue, abraçavam-se e regosijavam-se de morrerem juntos. Todos oravam reunidos no chôro em roda do altar. Aquelles que eram chamados para morrer recebiam de seus irmãos o beijo de paz e as orações dos agonisantes. — « O arcebispo d'Arles foi um dos primeiros. — » Foste tu, lhe disse um Marselhez, que fizeste correr o sangue dos patriotas d'Arles? — Eu, respondeu o arcebispo, nunca em minha vida fiz mal a ninguem! » A estas palavras o arcebispo recebeu uma cutilada no rosto. Ficou impassivel e de pé. Recebeu segundo golpe que lhe cubriu os olhos com um vèo de sangue. Ao

terceiro golpe cahiu apoiando-se sobre a mão esquerda, sem proferir um gemido. Um Marselhez feriu-o com o pique, e o páu estalou com a força do golpe. Subiu depois sobre o corpo do arcebispo, e arrancou-lhe a cruz, mostrando-a como um trofeo aos seus companheiros.

O bispo de Beauvais abraçou o altar até ao derradeiro momento, depois encaminhou-se para a porta, com tanta presença de espirito e magestade como se fosse praticar as santas ceremonias. Os moços sacerdotes seguiram-o até ao limiar, onde elle os abençoou. O confessor do rei, Hobert, superior dos Eudistas, consolador de Luiz XVI em a noite de 10 de agosto, foi immolado depois. Cada minuto deciminava as fileiras no choro. Já alli não havia mais do que alguns sacerdotes sentados ou ajoelhados nos degráos do altar. Bem depressa não houve mais do que um.

O bispo de Saintes, que tivera a coixa quebrada no jardim, estava deitado sobre um colxão na capella da nave. Os gendarmes da guarda cercavam a sua cama, e occultavam-o á vista. Melhor armados, e mais numerosos do que os executores, teriam podido defender o seu deposito. Assistiram com a arma no braço ao assassinio. Entregaram o bispo de Saintes como os outros. — « Não recuso ir morrer com meu irmão, respondeu o bispo quando o vieram chamar; mas tenho a coixa quebrada, não posso suster-me: ajudai-me a caminhar, e irei com alegria ao supplicio. » Dois dos seus assassinos o sustentaram passando-lhe os braços em roda do corpo. Cahiu agradecendo-lhes. Era o ultimo. Eram oito horas. A carnificina duràra quatro horas.

XVI. — Os carros mortuarios levavam dalli cento e noventa cadaveres. Os carniceiros dispersaram-se e correram ás outras prisões. O sangue causa sêde mas não sacia.

Elle já corria em as nove prisões de Pariz. A da Force encerrava, depois da Abbadia, os presos mais apontados ao exterminio do povo. Tinham lançado ahi os homens e as mulheres da côrte presos depois de 10 de agosto. A' hora em que Maillard instituia o seu tribunal na Abbadia, dois membros do conselho da communa, Hebert e Lhuilier, erigiam-se por authoridade propria em juizes soberanos no postigo da Force. Ahi os mesmos signaes de premiditação no attentado, a mesma invasão de uma horda de sessenta executores, a mesma disciplina no assassino, as mesmas formulas de interrogatorio e sentença, os mesmos cuidados para embeber o sangue, os mesmos carros mortuarios para empilhar os corpos, as mesmas mutilações de cadaveres, os mesmos jogos com as cabeças cortadas, a mesma indifferença brutal dos algozes, comendo, bebendo, dançando, calcando os membros das victimas; os mesmos fachos, esclarecendo a noite as mesmas saturnaes, e reverberando-se n'um lago de sangue; emfim a mesma impassibilidade da força publica, assistindo e consentindo na degolla.

Cento e sessenta cabeças rolaram, em dois dias, sob o sabre e sobre os pés dos matadores. Hebert e Lhuilier salvaram dez, entre estes algumas mulheres da rainha. Que preço pagou a sua salvação? Não se viu contal-o na mão dos juizes. Mas a espada, que se abateu sem piedade nos mais obscuros e mais pobres, poupou os mais ricos. Mercadejou se o sangue gota por gota. Fez-se pagar a piedade.

Só uma destas victimas, resgatada na intenção dos juizes não pôde escapar ao supplicio. Hebert e Lhuilier queriam salval-a. Um grito a perdeu. Ella cahiu entre o tribunal e a rua. Era a princeza de Lamballe. Esta moça viuva do filho do duque de Ponthievre era uma princeza de Saboia-Carignam. Sua belleza e encantos d'alma haviam-lhe trahido o affecto apaixonado de Maria Antoinette. A casta affeição da princeza de Lamballe não tinha respondido ás odiosas suspeitas do povo senão por uma heroica dedicação aos infortunos da sua amiga. Quanto mais a rainha cahia, tanto mais a princeza se lhe ligava na sua queda. Fazia consistir a voluptuosidade na partilha dos revezes. Pethion havia-lhe permittido seguir a sua real amiga ao Templo. A communa, mais implacavel, havia-a mandado arrancar aos braços da rainha, e lançal-a na Force. O sogro da senhora de Lamballe, o duque de Ponthievre, adorava-a como se fôra sua propria filha.

XVI. — O duque de Pon'ievre vivia retirado no castello de Bizy, na Normandia. O amor do povo ahi protegia sua velhice. Sabia o captiveiro de sua nora e os perigos que ameaçavam as prisões. Vellava de longe sobre os seus dias. Um negociador secreto de sua casa, munido da somma de cem mil crusados, fôra por ordem do principe a Pariz, e tinha comprado a um dos principaes agentes da communa a salvação da princeza de Lamballe. Outros agentes inferiores, domesticos ou familiares da casa de Ponthievre, foram espalhados por Pariz, encarregados pelo duque de travar amisade com os homens perigosos que rodavam em volta das prisões, insinuarem-se na confidencia delles, espiar o crime, e prevenil o tentando a cubiça dos assassinos. Todas estas medidas, cujo centro era o hotel de Tolouse, palacio do duque, tinham conseguido resultado. Na communa, entre os juizes, entre os executores, haviam olhos que velassem sobre a princeza.

Ella foi uma das ultimas a comparecer no tribunal. Fôra poupada no dia e na noite do 2 de septembro como para dar ao povo tempo de se saciar antes de lhe roubar esta presa. Encerrada só com a sr.ª de Navarra, uma das suas creadas, n'uma camara alta da prisão, havia quarenta e oito horas que dalli ouvia o tumulto do povo, os golpes dos assassinos, os gemidos dos moribundos. Vozes que pronunciavam seu nome subiam-lhes até os ouvidos. Doente, deitada sobre o seu leito, passando das convulsões do terror ao anniquillamento do somno, acordada em sobresalto por sonhos menos crueis que os contragolpes do assassino sob sua janella, ella desmaiava a cada momento. Pelas quatro horas duas guardas nacionaes entraram no quarto da princesa, e ordenaram-lhe com fingida rudez que se levantasse e os seguisse á Abbadia. Não podendo levantar se senão a muito custo sobre o cotovello, pediu aos seus bemfeitores que a deixassem onde estava, querendo antes disia ella, morrer alli do que n'outra parte. Um destes homens inclinou se sobre seu leito, e disse-lhe ao ouvido que era mister obedecer, pois dependia disso a sua salvação. Pediu então aos homens que estavam no seu quarto se retirassem, vestiu-se promptamente, e desceu a escada apoiada no guarda nacional que mais parecia interessar-se na sua salvação.

Hobert e Lhuilier a esperaram. Ao encarar aquellas figuras sinistras, aquelle aparelho do crime, aquelles algozes com os braços tintos de sangue entreabrindo a porta do pateo onde se sentiam cair as victimas, a moça senhora perdeu os sentidos, escorregou nos braços da sua creada do quarto, e voltou lentamente á vida. Depois de um breve interrogatorio: « Jurai, lhe disseram os juizes, amor á igualdade e á liberdade, odio aos reis e ás rainhas. — De boa vontade farei o primeiro juramento, respondeu ella; quanto ao odio ao rei e á rainha, não o posso jurar, porque não está no meu coração. » Um dos juizes inclinou-se para ella: « Jurai tudo, lhe disse elle com um gesto significativo; se não jurais morreis. » Ella baixou a cabeça e fechou os labios. — « Pois bem, sai, lhe disseram os assistentes, e quando estiverdes na rua gritai: Viva a nação! » Um dos chefes dos matadores, chamado Truchon, ou o Grande Nicolau, sustentou a princeza por um lado, e um dos seus acolytos pelo outro. Ella appareceu no limiar e recuou ao aspecto do monte de cadaveres mutilados. Esquecendo o grito salvador que lhe recommendaram proferisse: « Deus, que horror! » exclamou ella. Trouchon tapou-lhe a bocca com a mão. Os degolladores desarmados por esta apparição angelica, pararam em presença de tanta belleza. Tinha atravessado já no meio da admiração e do silencio mais de metade da rua, quando um rapaz cabelleireiro, chamado Charlot, ebrio de vinho e de carnagem, quiz, por uma barbara brincadeira, levantar com o ferro do pique, o toucado que cubria os cabellos da sr.ª de Lamballe; o pique, mal dirigido por uma mão avinhada, desflorou a fronte da princeza, o sangue saltou e cubriu-lhe o rosto.

XVII. — Os degolladores, á vista do sangue, julgam que a victima lhes é entregue, e precipitam se sobre ella. Um scelerado, por nome Grison, estende-a a seus pés com um golpe de acha. Os sabres e os piques ferem-a. Charlot agarra-a pelos cabellos e corta-lhe a cabeça. Outro

despojam o cadaver de seus vestidos, profanam-o e mutilam-o. Durante estes sacrilegios, Charlot, Grizon, Hamni, Rodi — a historia é eterno pelourinho de nomes infames — levam a cabeça da princesa de Lamballe para uma taverna visinha; depõem-a sobre o balcão entre copos e garrafas, e forçam os assistentes a beber com elles á morte. Estes bebedores de sangue marcham engrossando-se até ás portas do Templo para consternar os olhos de Maria Antoinette com a cabeça livida da sua amiga. Os commissarios da communa, que velavam no Templo com uma deputação da assembléa, advertidos da approximação daquelle tropel, receberam-o com attenções e rogativas. O tropel limitou-se a pedir licença de passar a cabeça da cumplice da rainha sob as janellas da familia real. Os commissarios annuiram. Emquanto que o cortejo desfilava pelo jardim, por baixo da torre habitada pelos prisioneiros, o commandante da guarda convidou o rei a apresentar-se ao povo. O rei obedeceu. Um commissario mais humano interpoz-se entre o principe e a janella onde lhe elevavam o horrivel trofeo. Não obstante, o rei viu a cabeça, e reconheceu-a. A rainha, a qual o ajuntamento chamava a grandes gritos, ignorando o espectaculo que se lhe preparava, lançou-se para a janella. O rei susteve-a pelo braço e conduziu-a para o fundo dos seus quartos. Não lhe occultaram senão a vista do supplicio da sua amiga; nessa mesma tarde soube todos os detalhes, e reconheceu o odio do povo naquelle encarniçamento contra tudo que ella amava.

XVIII. — O ajuntamento seguio sua marcha pelas ruas de Pariz, e parou sob as janellas do Palacio-Royal para mostrar ao duque de Orleans a cabeçã de sua cunhada, não como ameaça, e sim como tributo. O duque de Orleans achava-se á meza com a sr.ª de Buffon, sua nova favorita, e alguns companheiros de seus prazeres. Não ousou recusar a homenagem d'um crime offerecido em nome do povo pelos assassinos. Levantou-se, appareceu na janella, e contemplou alguns instantes em silencio a cabeça ensanguentada que levantavam até elle. A senhora de Buffon apercebeu-a. ! «Deus, exclamou ella juntando as mãos, e deixando-se cair para traz, é assim que bem depressa passearão tambem a minha cabeça pelas ruas!» O duque fechou a janella e esforçou-se por tranquillisar a sua favorita. «Pobre mulher, disse elle fallando da princeza, se ella me tivesse acreditado a sua cabeça não andaria agora alli!» Depois sentou-se e ficou silencioso e taciturno até ao fim da comida. Os seus inimigos accusaram-o de ter apontado aquella cabeça ao ferro dos assassinos, e exigido que lha apresentassem para saciar a sua vingança e tranquillisar a sua cubiça. Via uma inimiga na amiga da rainha, e herdava pela morte da sr.ª Lamballe o *douaire* que os bens do duque de Penthievre deviam á viuva de seu cunhado. Estas imputações cahiam ante a verdade. A vida desta mulher era indifferente á sua ambição, e sua morte nada acrescentava á sua fortuna. No momento do assalto o duque e a duqueza de Orleans estavam separados de bens judicialmente. As arrhas da sr.ª de Lamballe não gravavam os bens futuros da duqueza de Orleans senão com um fraco rendimento de trinta mil francos por anno. Este preço do sangue estava abaixo de um assassino. Regeitavam-se sobre o duque de Orleans todos os crimes em que havia embaraço a determinar-lhes uma causa: triste condemnação de um máo renome. Surprehendeu-se muitas vezes a sua mão nos desvarios do povo, julgou-se surprehendel-a neste sangue; e não teve parte nelle.

XIX. — Quando chegou a noute, um desconhido que seguia piedosamente de paragem em paragem aquelle cortejo, comprou aos assassinos a peso de ouro a cabeça da princeza, ainda adornada dos seus longos cabellos. Purificou-a do sangue e da lama que manchavam suas feições, metteu esta cabeça n'um cofre de chumbo, sellou-o, e entregou-o aos servos do duque de Penthievre para que ao menos esta parte do seu corpo recebesse sepultura no tumulo de sua familia. O duque de Penthievre esperava na agonia as noticias que o boato publico levava ao seu castello de Bizy. Ao receberem-se estes caros despojos, a sua filha, esposa do duque de Orleans, e os seus creados tentaram debalde compôr seus rostos para esconderem ao ancião o conhecimento daquelle attentado. O principe leu sua desgraça nos olhos delles. Levantou as mãos ao Céo: «Grande Deus, exclamou elle, de que servem a mocidade, a belleza, todas as ternuras da mulher, pois que ellas não poderam achar graça ante o povo? Que é pois o povo?» Não se tornou a levantar mais do seu leito de lagrimas. O serviço funebre foi celebrado na camara armada de preto. «Parece-me que estou sempre a ouvil-a, dizia elle a sua filha nas suas derradeiras conversas. Parece-me estar a vel-a sentada ao pé da janella, neste pequeno gabinete. Recordas-te minha filha com que assiduidade ella trabalhava desde manhã até á noute nas obras de seu sexo para os pobres? Passei bastantes dias com ella; nunca surprehendi um pensamento em sua alma que não fosse pela rainha, por mim, ou pelos infelizes; e eis o anjo que elles despedaçaram! Ah conheço que este pensamento me cava a sepultura!» A ella desceu sem um momento de consolação.

XX. — O Chatelet, a Conciergerie, onde se encerravam os accusados de delictos ou crimes civis, e onde á falta de prisões, se tinham preso os suissos e os realistas, foram visitados no dia seguinte pelos exterminadores da Abbadia e da Force. A communa havia tido o cuidado de tirar dalli duzentos presos por dividas ou por insignificantes delictos. Não havia deixado expostas á carnificina senão victimas culpadas a seus olhos e consagradas de antemão aos azares destes dias. A carnificina ahi principiou na manhã de 3 de setembro. O tribunal instituido para julgar os crimes de 10 de agosto tinha as suas sessões no palacio, a alguns passos do logar da execução. Os matadores impacientes não esperavam a sua justiça demasiadamente lenta. A morte avançou os julgamentos, e o pique sentenciou em massa. Oitenta cadaveres juncaram, em poucos minutos, o pateo do palacio. Durante esse tempo o tribunal julgava ainda. O major Bachmann que havia substituido o senhor d'Affry no commando geral dos suissos no 10 de agosto, foi chamado á presença dos juizes. Os assassinos encontraram-o na escada que conduzia da prisão ao pretorio. Respeitam-o na sua qualidade de victima da lei. Condemnado á morte em cinco minutos, Bachmann sobe á carreta que deve conduzil-o ao supplicio. De pé, com a fronte erguida, o olhar sereno, a bocca altiva, marcialmente envolvido no seu manto encarnado do uniforme, como um soldado que repousa no seu bivaque, conserva em frente da morte a dignidade do commando. Lança um olhar de desdem sobre a multidão sanguinaria, que se agita em torno das rodas pedindo a sua cabeça. A carroça atravessou lentamente o pateo onde o povo immola os seus compatriotas e os seus amigos. Bachmann enternece-se unicamente por elles. Aquelles dos seus soldados que esperam lhes chegue a vez de morrerem inclinam-se respeitosamente á passagem do seu chefe, e parecem reconhecerem nelle o commando até na morte. O algoz que o agarrou é a sua salvaguarda contra os assassinos. Não lhe perdoam senão sob condição do cadafalso. E' o seu campo de batalha naquelle dia. Sóbe ahi com orgulho, e morre como soldado.

Dusentos e vinte cadaveres no Grand-Chatelet, dusentos e oitenta e nove na Conciergerie foram talhados em postas pelos *trabalhadores*. Os assassinos mui pouco numerosos para tanta obra, soltaram os presos por motivo de roubos, sob condição de se juntarem a elles. Estes homens, resgatando sua vida pelo crime; immolavam assim os seus companheiros de prisão, aos quaes acabavam de apertar a mão. Mais de metade dos presos morrem aos golpes da outra metade. Um moço armeiro da rua Saint-Avoie, preso por um leve delicto, e notavel pela sua estatura e força, recebeu assim a liberdade com a condição de prestar seu braço aos matadores. O amor instinctivo da vida fel-o acceital-a por tal preço. Dirigiu hesitando alguns golpes pouco certeiros. Mas, bem depressa, voltando a si á vista do sangue, e arremessando para longe com horror o instrumento de morte, que lhe haviam entregue ás mãos: «Não, não, exclamou elle, antes victima do que algoz! Quero antes receber a mor-

te da mão de scelerados como vós do que dal-a a innocentes desarmados. Feri-me! » E cahiu lavando voluntariamente no seu sangue, o sangue que acabava de derramar.

D'Espremesnil, reconhecido e favorecido por um guarda nacional de Bourdeaux, foi o unico preso que escapou á carnificina do Chatelet. Evadiu-se, com um sabre ensanguentado na mão, e vestido como degulador. A' noite a desordem, a bebedeira, fizeram confundir o fugitivo com os assassinos. Enterraram-se até aos tornezelos na lama ensanguentada desta carniceria. Chegado á fonte Maubué, gastou uma hora a lavar o calçado e fato para não encher de medo os hospedes aos quaes ía pedir asylo.

Nesta prisão anticipou-se o supplicio de muitos accusados ou condemnados á morte por crimes civis. Deste numero foi o abbade Bardi, prevenido de assassinio sobre seu proprio irmão. Homem de um talhe sobrenatural, e de uma energia selvagem, lutou por meia hora com os seus algozes, e matou dois sob os joelhos.

Uma rapariga de admiravel belleza, conhecida pelo nome de *Bella Ramalheteira*, accusada de ter ferido, n'um accesso de ciume, um official inferior das guardas francezas, e que era seu amante, devia ser julgada dentro em poucos dias. Os assassinos, entre os quaes se achavam os vingadores da sua victima, e os instigadores animados pela sua rival, avançavam o officio de algoz. Theroigne de Mericourt prestou seu genio a este supplicio. Ligada nua a um poste, com as pernas abertas, os pés cravados no chão, queimaram com molhos de palha inflamada o corpo da victima. Cortaram-lhe os peitos a golpes de sabre; aqueceram em brasa o ferro dos piques que lhe enterravam pelas carnes. Empallada emfim nestes ferros em brasa, os seus gritos atravessavam o Sena, e íam ferir de horror os habitantes da margem opposta. Cousa de cincoenta mulheres soltas da Conciergerie pelos matadores prestavam suas mãos a estes supplicios e excediam os homens em ferocidade.

Os cento e setenta cinco cadaveres da Chatelet e da Conciergerie foram empilhados em montanhas no *Pont-au-Change*. A' noite, bandos de creanças, habituadas havia tres dias á matança, brincando com os corpos dos mortos, acenderam lampões á roda destes montões de cadaveres e dançaram a Carmagnole. A Marselhesa, cantada em côro por vozes mais viris, ressoava ás mesmas horas nas proximidades e ás portas de todas as prisões. Os reverberos, os lampeões, os fachos de resina misturavam sua palida claridade com os raios da lua que esclarecia estas pilhas de corpos, aquelles troncos decepados, estas cabeças cortadas, aquelles mares de sangue. Nessa mesma noite, Henriot, ratoneiro destro e espião no tempo dos reis, assassino e algoz sob o povo, á frente de um bando de vinte a trinta homens, dirigia e executava a matança de noventa e dois padres no seminario de Saint-Firmin. Os satellites de Henriot, perseguiam os padres nos corredores e nas cellas; lançavam-os vivos pelas janellas sobre uma floresta de piques, de espetos, de baionetas que os atravessavam na queda. Mulheres, ás quaes os degoladores entregavam aquella alegria, acabavam-os de matar a pancadas, e arrastavam-os para os canos. O mesmo aconteceu no claustro dos Bernardinos.

Mas ja faltavam victimas em París á sede de sangue executada por estas noventa e duas horas de matança. As prisões estavam despejadas. Henriot e os executores destas mortes, em numero de mais de dusentos, reforçados com os scelerados que tinham recrutado nas prisões, dirigiram-se a Bicetre com sete peças de artilheria que a communa lhes deixou impunemente conduzir.

Bicetre, vasto sumidouro onde escorria toda a lia do reino para purificar a população de todos os loucos, mendicantes ou criminosos incorregiveis, continha tres mil e quinhentos presos. O seu sangue não tinha côr politica; mas puro ou impuro era mais sangue. Os degoladores forçaram as portas de Bicetre, arrombaram as prisões a tiros de artilheria, arrancaram os presos, e fizeram uma carneficina que durou cinco dias e cinco noutes. A agoa, o ferro e o fogo serviram a exterminar os seus habitantes. Uns foram inundados ou afogados nos subterraneos onde tinham procurado refugio, outros abertos a golpes de sabre, o resto metralhado nos pateos. Culpados ou innocentes, doentes ou sãos, vagabundos ou indigentes, tudo, até os insensatos a quem esta casa servia de hospicio, foi immolado sem distincção. O economo, os capelães, os carcereiros, os escribas da administração foram comprehendidos na carneficina geral. Debalde a communa enviou commissarios, em vão o proprio Pethion foi em pessoa arengar aos assassinos. Apenas suspenderam a obra para escutarem as admoestações do maire. O povo, a palavras sem força, não presta mais do que um respeito sem obdiencia. Os degoladores não paravam senão quando tudo estava vasio. No dia seguinte o mesmo bando, composto de quase duzentos e cincoenta homens armados de espingardas, piques, machados, e acha fez irrupção no hospital da *Salpetriere*, hospicio e prisão ao mesmo tempo. A Salpetriere não encerrava senão mulheres perdidas, logar de correcção para as velhas, de cura para as moças, de asylo para aquellas que ainda estavam na infancia. Depois de assassinarem trinta e cinco das mais velhas, forçaram os dormitorios das outras, obrigando-as a sacciarem sua brutalidade, degolando aquellas que resistiam, e levando em triumpho comsigo as creanças de dez a doze annos, presa immunda da devassidão levantada do sangue.

XXI — No entanto que estas scenas consternaram Pariz, a assembléa enviava em vão commissarios para arengarem ao povo ás portas das prisões. Os degoladores nem mesmo suspendiam o trabalho para prestarem o ouvido a estes discursos officiaes. As palavras de justiça e de humanidade não ressoam nos corações de brutos ebrios de vinho e de sangue. Debalde Roland, ministro do interior, gemendo da sua impotencia, escreveu a Santarro que empregasse a força para proteger a segurança das prisões; Santarre não appareceu senão no terceiro dia para pedir ao conselho geral da communa authorisação de reprimir os scelerados tornados perigosos mesmo áquelles que os haviam lançado sobre seus inimigos. Os matadores vinham insolentemente intimar a municipalidade a pagar-lhes as mortes. Tallien, e os collegas não ousaram recusar-lhes o preço destes dias de trabalho, e lançaram nos registros da communa de Pariz estes salarios apenas disfarçados com titulos e pretextos transparentes. Santarre e os seus destacamentos, chegados depois do golpe, tiveram apenas de recalcar para as suas cavernas, estas hordas atrahidas pelo prazer da carneficina. Estes homens, nutridos de crimes por sete dias, attestados de vinho no qual se misturava a polvora da artilheria, embriagados pelo vapor do sangue, haviam-se exaltado até um estado de demencia physico que os tornava incapazes de repouso. A febre do exterminio havia-se apossado delles. Não eram bons já senão para matar. Desde que o emprego lhes faltou, muitos delles voltaram seus furores contra si proprios. Alguns, regressados a suas cazas, desataram em imprecações contra a ingratidão da communa que os allugára só a quarenta sous por dia. Não era nem um sou por victima nestes assassinios em leilão. Outros, atormentados de remorsos, não viram mais diante dos seus olhos senão os rostos lividos, os membros escorrengo sangue, e as entranhas fumegantes daquelles que haviam degolado. Cahiram em accessos de loucura ou n'uma languidez sinistra, que os conduziu em poucos dias ao tumulo. Outros emfim, apontados ao horror dos seus visinhos, e odiosos aos seus parentes, afastaram-se do bairro, alistaram-se nos batalhões de voluntarios, ou insaciaveis de crimes alistaram-se nos bandos de assassinos que foram continuar em Orleans, Lyon, Marselha, Reims, e Versailles as proscripções de Pariz. Deste numero foram Charlot, Grizon, Hamin, o tecelão Rodi, Henriot, o carniceiro Allaigre, e um negro, chamado Delorme, trazido a Pariz por Fournier o Americano. Este preto, infatigavel na matança, degolou só á sua parte mais de duzentos prezos nos tres dias e tres noutes da carneficina, sem tomar outro descanço senão as curtas orgias em que ia retemperar as suas forças no vinho. A sua camisa desdobrada até á cintura deixavam vêr o tronco a nu, feições horrorosas, a pelle negra avermelhada pelas nodoas do sangue, as gargalhadas

de riso selvagens que lhe abriam a bocca e mostravam os dentes a cada golpe que despedia, fazendo deste homem o symbolo da matança e o vingador da sua raça. Era um sangue que se saciava n'outro, o crime exterminador punindo o Europeo dos seus attentados na Africa. Este negro, que se encontra sempre com uma cabeça cortada na mão, em todas as convulsões populares da revolução, foi, dous annos depois, preso nos dias de *prairial*, levando no ferro de um pique a cabeça do deputado Ferand, e morreu emfim do supplicio que tantas vezes elle havia inflingido. Apenas estes cumplices de setembro, refugiados em os exercitos nos batalhões de voluntarios, ahi foram apontados aos seus camaradas, os batalhões os expulsaram de si com asco. Os soldados não podiam viver ao lado de assassinios. A bandeira do patriotismo devia ser pura do sangue dos cidadãos. O heroismo e o crime não querem ser confundidos.

XXII. — Taes foram as jornadas de septembro. Só os fossos de Clamart, e as catacumbas da barreira Saint-Jacques conheceram o numero das victimas. Uns contavam dez mil, outros reduziram-o a dois ou tres mil. Porem o crime não está em o numero, está no acto destes assassinios. Uma theoria barbara quiz justi cal-os. As theorias que revoltam as consciencias não são mais do que paradoxos do espirito postos em serviço das aberrações do coração. Quer-se engrandecer elevando-se, nos chamados calculos de homem do Estado, acima dos escrupulos da moral e dos enternecimentos da alma. Julga-se assim acima do homem. Engano: é ainda menos do que um homem. Tudo que corta ao homem alguma cousa da sua sensibilidade corta lhe uma parte da sua verdadeira grandesa. Tudo que lhe nega a sua verdadeira consciencia arrebata-lhe uma parte da sua luz. A luz do homem está no seu espirito, e especialmente na sua consciencia. Os systemas enganam. Só o sentimento é infallivel como a natureza. Contastar a criminalidade dos dias de septembro é inscrever-se em falso contra o sentimento do genero humano. E' negar a naturesa, que não é senão a moral no instincto. Não ha nada no homem maior do que a humanidade. Não é mais permittido a qualquer governo, do que a um individuo, o assassinar. massa das victimas não muda o caracter á matança. Se uma gota de sangue mancha a mão do assassino, as ondas de sangue não innocentam Danton! A grandesa do crime não o transforma em virtude. Piramides de cadaveres elevam mais alto, é verdade, mas é mais alto na exacração dos homens.

XXIII. — E' preciso sem duvida não contar as vidas que custa uma causa justa e santa, e os povos marcham sobre o sangue, e não se mancham caminhando á conquista dos seus direitos, á justiça e á liberdade do mundo. Mas é no sangue dos campos de batalha, e não nas dos vencidos friamente e systematicamente assassinados. As revoluções á maneira dos governos tem dois meios legitimos de se cumprirem é defender-se; julgar segundo a lei, e combater. Quando ellas degollam inspiram horror aos seus amigos, e dão rasão aos seus inimigos. A piedade do mundo afasta-se das causas ensanguentadas. Uma revolução que ficasse inflexivelmente pura conquistaria o Universo para as suas idéas. Aquelles que dão os exemplos de setembro como conselhos, e apresentam os degolamentos como elementos de patriotismo perdem de antemão a causa dos povos fazendo-a aborrecer; com taes doutrinas não ha senão trevas, precipicios e quedas. O S. Bartholomeu enfraqueceu mais o catholocismo do que o sangue de um milhão de catholicos. As jornadas de setembro foram o S. Bartholomeu da liberdade. Machiavel tel-as-hia aconselhado, Fenelon havel-os hia amaldiçoado. Ha mais politica n'uma virtude de Fenelon do que em todas as maximas de Machiavel. Os maiores homens de Estado das revoluções são a gumas vezes seus martyres, nunca porem seus algozes.

LIVRO XXVI.

I. A França tremia de horror e de espanto. O conselho da communa de Pariz embuscava-se no seu crime; ousou redigir uma proclamação aos departamentos para lhes recommendar as matanças de septembro como um exemplo digno de se imitar. Confessar o crime, é mais do que commettel-o. E' associar-se a sangue frio á sua responsabilidade sem ter a excusa da paixão que o explica. O exemplo da impunidade das degolações de Pariz fallava bem alto ás provincias. Esta animação tacita foi executada. O duque de La Rochefoucauld, o mais popular dos aristocratas depois de La Fayette, amigo e bemfeitor de Condorcet, a quem elle havia feito presente de cem mil francos para o seu casamento, havia-se tornado odioso á multidão. Presidente do departamento de Pariz, tinha, em 20 de junho, pedido a destituição de Pethion. Foi este o seu crime. Retirado depois do 10 de agosto nos banhos de Forge, com a duqueza de Anville, sua mãi, e com a sua joven esposa, ahi recebeu uma ordem de prisão da communa levada por um dos preconsules do hotel-de-ville. O commissario, espantado mesmo da sua missão, aconselhou o duque a se não confiar na sua innocencia, e fugir para Inglaterra. La Rochefoucauld recusou. Poz-se a caminho para Pariz com sua mãi, sua mulher e o commissario da communa. Um batalhão da guarda nacional de Finisterre, engrossado com um destacamento dos assassinos de Paris, aguardava-o em Gisors. Pediram a sua cabeça. O maire e a guarda nacional de Gisors dedicaram-se em vão a protegel o. Em quanto que a carroagem onde iam as mulheres marchava na dianteira, uma fileira de municipaes e guardas nacionaes escoltava o preso para fóra da cidade pelas ruas mais afastadas. Baldada pruden ia! Ao sahir das portas um embaraço de carroagens obstruindo a estrada, fez romper as alas da tropa. Um assassino, agarrando uma pedra, arremessou-a á cabeça do duque e estendeu-o morto aos pés do povo ao qual tinha consagrado a sua vida. Não conduziram a sua mãi e a sua esposa mais do que um cadaver, quando o julgavam salvo. Esta morte de um dos primeiros apostolos da liberdade e da philosophia ressoou como um sacrilegio em toda a Europa. Nenhum crime despopularisou mais a revolução. Parecia parrecida immolando este pai do povo. O grande orador Burke e os seus amigos, no parlamento inglez, envergonharam-se de fraternisar com os assassinos de La Rochefoucauld, e trocaram as suas apotheoses em imprecações.

II. — Em Orleans, a guarda nacional, desarmada pelo maire, deixou impunemente violar as prisões, saquear as casas dos principaes negociantes, assassinar ito ou dez pessoas, e emfim queimar a fogo lento, n um brazeiro acceso na praça publica dois caixeiros d'uma refinação de assucar, que tinham tentado subtrair á pilhagem a casal do seu patrão. Em Lyon a noticia dos a ontecimentos de Pariz, excitou no povo uma feroz emulação. Dois mil homens, mulheres e creanças, escumados entre as immundices desta grande reunião de obreiros nomadas dirigiram se, a despeito da resistencia do maire Vitet, e do commandante da cidade, Imbert Colomez, ao castello forte de *Pierre Encise*. Forçaram as portas e assassinaram vinte um officiaes do regimento de Real-Polonia que alli estavam encerrados. Dahi dirigiram-se ás prisões civis, degolaram á sua escolha todos que alli estavam, e pregaram nas arvores do passeio de Bellecour os mutilados membros das suas victimas.

Rousin, commandante de um dos batalhões de Pariz composto dos vencedores do 10 de agosto, e d'alguns assassinos de septembro, atravessou Meaux dirigindo-se á fronteira. A' sua chegada reprehendeu o maire de não ter ainda seguido o exemplo da communa de Pariz. Com o sabre em punho precorre as ruas da cidade, recruta alguns scelerados em logares suspeitos, lança-os sobre a prisão, e anima-os á obra com o gesto e com a voz. « Os meus homens são bandidos, respondia Rousin aquelles que lhe lançavam em rosto os crimes da sua tropa, mas seriam pessoas honradas os que companham as legiões que executavam as proscripções de Mario?

Outro batalhão recrutado nas sentinas de Pariz, atravessava Reims com direcção á fronteira sob o commando do general Duhoux. Um agitador por nome Armonville apresentou-se defronte do batalhão no momento em que o general lhe passava revista. Debalde o commandante quiz reter o soldados Armonville arengou lhes, illude uns cincoenta, arrasta-os á sociedade popular, distribue-lhes

armas, marca as casas, designa as victimas, e anima-os a ferir. Dois administradores são assassinados nos degráos do Hotel de Ville. Joga-se á bolla com a cabeça delles. Lançaram n'uma fogueira no adro da cathedral todos os padres encontrados na cidade. Durante dois dias os assassinos atiçam esta fogueira para a alimentarem com victimas novas. Forçam o sobrinho d'um destes padres a conduzir, com as suas proprias mãos, os paos para consumirem o corpo de seu thio. Cortam as pernas e os braços do sr. de Montrosier, homem estranho á cidade e innocente de qualquer opinião politica. Levam-o assim mutilado para expirar á porta de sua casa aos olhos de seu pai e sua mulher.

Estes scelerados brincam com a agonia, com a consciencia, e com os remorsos daquelles que immolam. Um dos padres cercado pelas chammas, vencido pela dôr, pede prestar juramento á nação. Retiram-o do fogo. O procurador da communa, Couplet, cumplice neste jogo, chega e recebe o juramento. Agora que fizeste mais outra mentira, dizem os algôzes ao supplicado, vae arder com os outros.» Arremessam novamente o padre á fogueira. Estes incendiarios de homens acabam por se queimarem tambem entre si. Um artista tecelão, chamado Laurent, forma a lista daquelles que destina ao supplicio. Inscreve nelle um mercador seu visinho, cujo crime era haver recusado dar as suas mercadorias a credito a Laurent. O mercador, agente secreto d'Armonville, foi informado do laço que lhe armavam Foi queixar-se ao seu patrono. Armonville riscou o nome do mercador e escreveu no logar delle o do seu denunciante. No momento em que Laurent designa o seu inimigo para a fogueira, agarraram a elle proprio e lançaram-o nas chammas entre as risadas dos seus cumplices. Seu sangue impuro apagou a fogueira. O terror foi tão servil em Reims e o nome d' rmonville intimidou por tal modo a consciencia publica, que a cidade nomeou, alguns dias depois, este proscriptor para seu representante á convenção.

III. — O dedo dos exterminadores não podia esquecer as prisões do alto tribunal nacional d'Orleans. Sessenta e dois accusados do crime de lesa-nação as p - voavam. Os mais presentes á memoria do povo eram o velho duque de Brissac, commandante da guarda do rei, e o sr. de Lessart, ministro proscripto pe'os girondinos. Bispos, magistrados, generaes, denunciados pelos seus departamentos ou pelas suas tropas, jornalistas do partido da corte, emfim vinte sete officiaes do regimento de Cambrésis accusados de terem querido surprenender a cidadella de Perpignan para a entregarem aos hespanhoes, definhavam-se havia mais de um anno nestas prisões.

A ligeiresa das accusações, a falta de provas, a falta de testimunhas suspendiam ou amorteciam os julgamentos. A prevenção, que julga sem provas e que condemna o que aborrece, impacientava-se com estas len tidões. A communa, Marat, Danton, que queriam acabar, acharam estas victimas todas reunidas para o assassinio. A assemblea, envergonhada dos degolamentos de 2 de setembro, executados á sua vista e com a responsabilidade dos quaes carregaria, queria subtrahir sessenta e dois presos á justiça sumaria da communa. Porém os moratistas espalharam no povo que as prisões de Orleans, transformadas em habitação de delicias e em foco de conspirações pelo ouro do duque de Brissac, abririam as suas portas a um signal dado pelos emigrados, e furtariam á nação a sua vingança. Falou-se de uma proxima evasão.

Sómente por este boato, duzentos marselheses e um destacamento de federados, e degoladores, commandados pelo polaco Lazouski, saem para Orleans, por uma ordem secreta dos influentes da communa. Chegados a Longjumeau, escrevem á assemblea que elles estão a caminho para conduzirem os presos para Pariz. A assembléa, desasocegada, por moção de Vergniaud e de Brissot, expede um decreto prohibindo a estes federados disporem arbitrariamente dos presos ou culpados promettidos só á vingança das leis. Lazouski e os seus satellites fingem obedecer ao decreto. Respondem que vão a Orleans para guardarem os prisioneiros que pretendem arrebatar. Vergniaud e os seus amigos, que comprehendem esta linguagem, fingem contentar se com esta semi-obediencia. Fazem porém expedir, na mesma sessão, outro decreto encarregando os ministros de enviarem a Orleans mil e oitocentos homens para prevenirem qualquer tentativa de rapto. O commando destes mil e oitocentos homens foi confiado a Fournier o Americano. Chegado com esta força a Longjumeau, Fournier reunio a si os duzentos marselheses e marchou para Orleans.

Leonardo Bourdon tinha-o precedido. Enviado pela communa de Pariz com uma missão suspeita, Leonardo Bourdon, cidadão de Orleans, porém amigo de Marat, sobre pretexto de prevenir uma lucta entre o destacamento parisiense e a municipalidade de Orleans neutralisou a guarda nacional desta cidade. A guarda nacional forte de seis mil homens e dedicada ás leis, havia-se dirigido ás prisões com artilheria para defender-lhe as portas. Negociou-se. Concordou-se que os presos seriam respeitados e entregues pela guarda nacional á escolta para serem conduzidos a Pariz.

IV. — Sete carroças, contendo cada uma oito presos carregados de cadeias, pozeram-se em marcha a 4 de setembro pelas seis horas da manhã. Fournier marchava á frente do comboio. Um collar da cruz de S. Luiz, a cruz de Cincinnatus, e outras decorações militares arrancadas aos presos, pendiam do peito do seu cavallo.

A assembléa informada dos acontecimentos de Orleans, decretou, por via de Vergniaud que a columna não e trasse em Paris. Os commissarios enviados a Etamps para susterem a marcha de Fournier foram intimidados por Leonardo Bourdon. Calcou-se aos pés o decreto, e marcharam sobre Versailles. No entanto os algozes de 2 de septembro esperavam o cortejo em Arpajon. Estes homens juntaram-se á escolta, e chegaram ao mesmo tempo que o comboio ás portas de Versailles. O maire de Versailles, Lachaud, informado do perigo, tomou todas as medidas que lhe ordenavam a prudencia e a humanidade. Fournier e Lazouski, com dois mil homens e artilheria tinham uma força sufficiente para prevenir qualquer attentado. Porém tudo parecia disposto por elles para lhes entregarem o deposito em vez de o defenderem. A artilheria e a cavallaria da escolta precediam as carroagens a uma distancia consideravel. Uma alla fraca, de cinco homens por fila, marchava á direita e á esquerda da estrada. O maire de Versailles, acompanhado d'alguns conselheiros municipaes e alguns officiaes da guarda nacional, unicamente impunham pela sua presença e palavras aos assassinos. Bem que fosse um domingo, e á hora em que o povo se espalha para se entregar á occiosidade deste dia, as ruas da cidade estavam desertas. O bando dos degoladores que esperava aquella presa não contava mais de quarenta ou cincoenta homens. Deixaram chegar as carroças até á grade do jardim que conduzia ao pateo. Era ahi que se tinha preparado a alta ou a paragem naquella noite. Apenas Fournier, os artilheiros, e a cavallaria da escolta, passaram a grade, fecharam-a nas costas delles. Fournier, ou por verdadeira surpresa, ou por simulação de violencia, foi derrubado do cavallo por homens do povo, e debatense fracamente para fazer abrir a grade que o separava do grosso da sua tropa e do seu deposito. Lazouski, com a rectaguarda, não fez demonstração nenhuma para se aproximar do cortejo. Os assassinos, domnos das carroagens, lançaram-se sobre os presos algemados que se lhes não disputavam. Debalde Lachaud se arremessou entre elles e a sua presa; debalde, subindo elle proprio á primeira carroça, e afastando com ambas as mãos os sabres e os piques, cubrio com o seu corpo os dois primeiros. Deitado sobre os seus cadavres, inundado do seu sangue, os assassinos o transportaram desmaiado de emoção para uma casa visinha, e acabaram, sem resistencia, durante mais de uma hora, esta carnificina a sangue frio, que uma cidade inteira atterrada, e dois mil homens armados lhes deixaram acabar em pleno dia.

O intrepido Lachaud, só, voltado do seu desmaio, e arrancando-se aos braços que o queriam reter, esca-

pou-se da casa para onde o tinham transportado, voltou ás carroagens, cahiu de joelhos ante os assassinos, agarrou-se aos seus braços ensanguentados, reprehendeu-lhes deshonrarem a revolução e a cidade onde ella tinha triumphado do despotismo, offereceu-lhes sua propria vida para resgatar a ultima vida das suas victimas.

Admiraram o e afastaram-o d'alli. Apenas sete ou oito presos, precipitando-se das carroagens na confusão da carnificina, protegidos pela piedade dos espectadores, conseguiram escapar-se e refugiar-se nas casas visinhas. O resto succumbiu. Quarenta e sete cadavres, com as mãos e os pés encadeados, juncam a rua e attestam a barbaridade e covardia dos degoladores. Um montão de troncos e membros talhados em bocados levanta-se no meio da encrusilhada dos *Quatre-Bornes*. As cabeças cortadas e passeadas pelos assassinos foram espetadas nos ferros das grades do palacio de Versailles. Reconhecia-se ahi a cabeça do duque de Brissac pelos seus cabellos brancos salpicados de sangue, e enrolados em roda da grade da porta dos seus amos. Dois dos assassinos, Foliot thesoureiro de uma parochia de Mendon, e Hurteven, guarda dos bosques de Verriéres, levavam, de botequim em botequim, um o coração sangrento arrancado do peito do duque de Brissac, e o outro, um pedaço de carne obscena cortado do cadaver do ministro de Lessart. Uma mulher, pejada de alguns mezes, aos olhos da qual apresentaram esta carne humana, cahiu derrubada áquella vista, partiu a cabeça, e morreu immediatamente de horror. As creanças, cortavam na rua os membos aos pedaços e lançavam-os aos cães assustados. Uma mulher agarrou pelos cabellos n'uma destas cabeças, levou-a á assembléa dos eleitores, e depositou-a na mesa da presidencia. Quem não applaudia, callava-se. O silencio era coragem.

Havia mais de uma hora que a carneficina estava concluida, e os mortos abandonados no seu sangue, quando os espectadores, que contemplavam de longe aquelles restos humanos, viram um ligeiro movimento agitar os cadaveres. Levantaram-se uns braços ensanguentados, depois appareceu uma cabeça calva, depois o tronco todo nu de um velho appareceu no cume deste monte de cadaveres. Era um dos presos que acordava do desmaio de uma morte incompleta. ou que, tomado por morto pelos assassinos, se havia furtado sob os cadaveres aos golpes que o deviam acabar. Buscava desembaraçar se daquelle peso de corpos mutilados, onde estava enterrado até á cintura e esperava com um olhar fugitivo de que lado se arrastaria para encontrar um asylo. Já as testimunhas mudas deste inesperado volver á vida lhe faziam signaes de intelligencia e de piedade. Estava salvo; porém um dos assassinos, voltando por acaso atraz, apercebeu o velho, e aproximando-se delle com o sabre levantado: «Ah tu acordas! lhe gritou, espera! quero adormecer-te por mais tempo.» E dizendo estas palavras fendeu-lhe a cabeça de um golpe de sabre, e tornou-o a deitar sobre a sua cama de mortos.

V. — Os matadores dirigiram-se dalli ás duas prisões de Versail es; e apesar dos esforços desesperados de Lachaud, degolaram dez presos; o resto deveu a sua salvação á intrepidez, á eloquencia, e aos piedosos estratagemas deste generoso magistrado; não tinha cessado havia do s dias, de advertir o poder executivo dos perigos que ameaçavam a vida dos presos de Versailles, e de reclamar forças de Pariz. Alquier, presidente do tribunal de Versailles foi duas vezes a casa de Dan on, ministro das justiças, para o intimar, por este titulo a provêr á segurança das prisões. A primeira vez, Danton illudiu-o; á segunda, irritou-se d'uma ensistencia que agitava o remorso, ou a importancia do seu coração. Encarando Alquier com um olhar significativo e que queria ser entendido sem palavras: «Sr, Alquier, lhe disse elle com uma voz rude e impaciente, esses homens são bem culpados! bem culpados! Voltai para as vossas funcções, e não vos metais nesse negocio. Se eu podera responder-vos de outro modo, não comprehendeis que já o teria feito!» Alquier retirou-se consternado. Havia comprehendido.

Estas palavras escapadas á impaciencia de Danton são o commentario daquellas que elle proferia em 2 de septembro na assembléa: «A patria está salva; o toque de rebate que vai soar não é um signal de alarma; é o toque de carregar sobre os inimigos da patria! Para os vencer, para os aterrar, que é necessario? Audacia, ainda audacia, sempre audacia!» Elle acabou de demonstrar o sentido que ellas tinham no seu pensamento na mesma tarde da carnificina em Versailles. Os assassinos de Brissac e de Lessart regressaram a Pariz, ao cahir da noite, e agglomeraram-se sob as janellas do ministerio da justiça, pedindo armas para voarem ás fronteiras. Danton levantou-se da meza e appareceu á janella.» Não é o ministro da justiça, é o ministro da revolução que vos agradece! lhes disse elle. Nunca proscriptor confessou mais audaciosamente os seus satellites. Danton violava as leis que estava encarregado de defender, acceitava o sangue que estava encarregado de vingar; ministro da morte, e não da liberdade. Setembro foi o crime d'alguns homens, e não o crime da liberdade.

LIVRO XXVII.

I — No entanto que o interregno da realeza á republica entregava assim Pariz aos satellites de Danton, a França, com todas as suas fronteiras abertas, não tinha mais por salvação do que a pequena fortaleza do Argonne, e o genio de Dumouriez.

Deixámos, em 2 de septembro, este general encerrado com dezeseis mil homens no campo de Grandpré, e occupando, com fracos destacamentos, os desfiladeiros intermediarios entre Sedan e Sainte-Menehould, por onde o duque de Brunswick podia tentar romper a sua linha e tornear-lhe a posição. Aproveitando, hora por hora, da lentidão do seu inimigo, fazia soar o toque de rebate em todas as aldeas que cobrem as duas encostas da floresta d'Argonne, e esforçava-se em excitar, nos habitantes, o enthusiasmo da patria, fazia romper as pontes e os caminhos pelos quaes os prussianos podiam abordal-o, e abater as arvores para fazer palissadas nas mais pequenas passagens. Porém a tomada de Longwy e de Verdun, as intelligencias dos gentilhomens do paiz com os corpos de emigrados o odio da revolução e a massa desproporcionada do exercito colligado desanimavam a resistencia. Dumouriez, abandonado a si mesmo pelos habitantes, não podia contar senão com os seus regimentos. Os batalhões de voluntarios que chegavam lentamente de Pariz e dos departamentos, e que se reuniam em Chalons, não traziam comsigo senão a inexperiencia, a indisciplina e o panico. Dumouriez receiava mais do que desejava taes auxiliares. A sua unica esperança estava na sua juncção com o exercito que Kellermann, successor de Luckner, lhe trazia de Metz. Se esta juncção se podesse operar na rectaguarda da floresta do Argonne antes de as tropas do duque de Brunswick terem forçado aquelle baluarte natural, Kellermann e Dumouriez, confundindo suas tropas, podiam oppôr uma massa de quarenta e cinco mil combatentes aos noventa mil prussianos e jogar, com alguma esperança, a sorte da França n'uma batalha.

Kellermann, digno de comprehender e secundar este grande pensamento, servia sem ciume o designio de Dumouriez, satisfeito da sua parte de gloria, com tanto que a patria fosse salva. Elle marchava obliquamente de Metz para a extremidade do Argonne, advertindo Dumouriez de todos os passos que dava para se encontrar com elle. Porém a intelligencia superior que esclarecia estes dois generaes estava invisivel para a massa de officiaes e tropas; no proprio campo de Dumouriez não se via nesta immobilidade senão uma obstinação fatal em tentar o impossivel, e presagiava-se a prisão certa do seu exercito entre os numerosos corpos com que o duque de Brunswick ía envolvel-o e abafal-o. Os viveres eram poucos e máos. O proprio general comia o negro pão de munição. Ervas e nada de carne, cerveja e nada de vinho. As doenças, resultado do cançaço, minavam as tropas. Os murmurios surdos azedavam os espiritos.

Os ministros, os deputados, o proprio Luckner, influenciados pelas correspondencias do campo, não cessavam de escrever a Dumouriez que abandonasse a sua compromettida posição, e que se retirasse para Chalons. Os seus amigos advertiam-o de que mais longa preserverança da sua parte arrastaria a sua demissão, e talvez um decreto de accusação contra elle.

II — Os seus proprios logares-tenentes forçaram uma manhã a entrada da sua barraca, e, communicando-lhe as impressões do exercito, lhe representaram a necessidade da retirada. Dumouriez, apoiado sómente em si, recebeu estas observações com rosto severo: «Quando vos reunir em conselho de guerra, ouvirei as vossas opiniões, lhes diz elle; porém nesta occasião não consulto senão a mim mesmo; unico encarregado de conduzir a guerra, respondo por tudo. Voltai para os vossos postos e não penseis senão em secundar bem os designios do vosso general.» A segurança do chefe inspirou confiança nos logares-tenentes. O genio tem seus mysterio, os quaes até os ignorantes respeitam.

Ligeiras escaramuças sempre felizes entre a vanguarda dos Prussiannos, que avançavam emfim para a floresta, e os postos avançados de Dumouriez, restituiram a paciencia ás tropas, o tiro de fusil e o passo de carga são a musica dos campos. Miaczinski, Stengel, e Miranda, repelliram por toda a parte os Prussianos. Conhece-se Miaczinski e Stengel, homens da escolha de Dumouriez. Miranda fora-lhe enviado recentemente por Pethion. O general quiz experimentar Miranda logo nos primeiros dias, e ficou satisfeito.

Miranda que teve depois tamanha parte nos triumphos e revezes de Dumouriez, era um destes aventureiros que só tem o campo por patria e que levam o seu braço e os seus talentos á causa que lhes parece a mais digna do seu sangue. Miranda tinha adoptado a das revoluções em todo o universo. Nascido no Peru, nobre rico, influente na America Hespanhola, tinha tentado, moço ainda, libertar a sua patria do jugo da Hespanha. Refugiado na Europa com parte das suas riquezas, tinha viajado de nações em nações, instruindo-se nas linguas, na legislação, na arte da guerra, e procurando por toda a parte inimigos á Hespanha, e auxiliares á liberdade A revolução franceza havia lhe parecido o campo de batalha das suas idéas. Havia-se precepitado nella. Ligado com os girondinos, até então os mais avançados dos democratas, tinha obtido delles, por Pethion e por Servan, o gráo de general nos exercitos. Ardia em desejos de crear um nome em a guerra da nossa independencia, para que este nome, ressoando na America, lhe preparasse na sua patria a popularidade, a gloria, e o papel de um La-Fayette. Miranda, desde o primeiro dia da sua chegada ao campo, mostrou este valor de aventureiro que naturalisa o estrangeiro n'um exercito. Outro estrangeiro, o moço Macdonald, nascido de uma raça militar na Escocia, transplantada para a França depois da revolução do seu paiz, era ajudante de campo de Dumouriez. Apprendia no campo de Grandpré, ás ordens do seu chefe, como se salva uma patria. Soube mais tarde, sob Napoleão, como se illustra: marechal de França no fim da sua vida, heroe logo nos seus primeiros passos.

III — Dumouriez amortecia, nesta posição, o choque dos cem mil homens que o rei da Prussia e o duque de Bruswick reuniram junto do Argonne. Gastava o tempo, este preciozo elemento do triumpho nas guerras de invasão. Socegado no que dizia respeito á vanguarda do seu exercito, defendido por cinco legoas de bosques e ravins inatravessaveis; tranquillo a respeito da sua direita, coberta pelos corpos de Dillon e bem depressa fortificado pelos vinte mil homens de Kellermann; tranquillo sobre a sua esquerda, garantida de qualquer surpresa pelos destacamentos que tinha collocado nos quatro desfiladeiros do Argonne, pelo corpo de Miaczinski que o flanqueava em Sedan, e pelo exercito do campo de Maulde que seu amigo o moço e valente Beurnonville lhe trazia a marchas forçadas; um acaso comprometteu tudo

Acabrunhado de fadigas do corpo e de espirito, elle havia esquecido ir reconhecer pelos seus proprios olhos e muito perto delle o desfiladeiro da *Croix-au-Bois*, que lhe haviam pintado como impraticavel pelas tropas, especialmente pela cavallaria e artilheria. Tinha-o não obstante feito occupar por um regimento de dragões, dois batalhões de voluntarios e duas peças de artilheria commandadas por um coronel. Mas em consequencia de um deslocamento de corpos que chamava ao campo de Grandpré o regimento de dragões e os dois batalhões de la *Croix-au-Bois*, antes que o batalhão des Ardennes, que o devia substituir, fosse chegado ao seu posto o desfiladeiro ficou por um momento aberto ao inimigo. Os numerozos espiões voluntarios que os emigrados tinham nas aldeias do Argonne davam-se pressa em indicar esta falta ao general austriaco Clairfait. Este lançou immediatamente oito mil homens, sob o commando do moço principe de Ligne, em Croix au-Bois, e apoderou-se delle. Algumas horas depois, Dumouriez, informado deste revez, deu ao general Chazot duas brigadas, seis esquadrões das suas melhores tropas, quatro peças de artilheria, além das dos batalhões, e ordenou-lhe que atacasse á baioneta e retomasse a todo o custo o desfiladeiro. De hora em hora, o general impaciente, enviou a Chazot ajudantes de campo para lhe apressarem a marcha e lhes darem noticias. Vinte quatro horas se passaram nesta duvida. Emfim, a 14, Dumouriez ouviu troar a artilheria na sua esquerda. Julgou ao ruido della que cada vez hia sendo menos distincto, que os imperiaes recuavam, e que Chazot se enterra pela floresta. A' tarde um bilhete de Chazot o informa que forçou os intrincheiramentos dos Austriacos, defendidos com um valor desesperado pelo inimigo; que oitocentos mortos juncam o desfiladeiro, e que o proprio principe de Ligne pagou com a sua vida a conquista de um dia.

Mas apenas este bilhete era lido no campo de Grandpré e Dumouriez havia adormecido naquella segurança, que Clairfait, ardendo em desejos de vingar a morte do principe de Ligne, e dar um assalto decisivo a este baluarte do exercito francez, lança todas as suas columnas no desfiladeiro, apodera-se das alturas, metralha a columna de Chazot defrente e sobre os seus dois flancos, ganha-lhe a artilheria, e força Chazot a desembocar da floresta para a planice, corta-lhe a communicação com o campo de Grandpré, e lança-o fugitivo e em derrota sobre Vouziers. No mesmo instante o corpo dos emigrados ataca o general Dubouquet no desfilladeiro do Chene-Populeux. Francezes contra francezes o valor é igual Uns combatem para salvar sua patria, e outros para a reconquistar. Dubouquet succumbe, evacua a passagem, e retira-se sobre Chalons. Estes dois desastres ferem ao mesmo tempo Dumouriez, Chazot e Dubouquet parecem traçar-lhe a estrada. O grito de todo o seu exercito indica-lhe Chalons para refugio. Clairfait com vinte cinco mil homens ía cortar-lhe a sua communicação com Chalons. O duque de Brunswick com vinte e quatro mil prussianos, fechava-o dos outros tres lados no campo de Grandpré. Os seus destacamentos transviados e sem retirada possivel redusiam o exercito de Grandpré a quinze mil combatentes. Morrer de fome nestes intrincheiraramentos, render as armas, ou deixar-se matar inutilmente n'uma posição ja torneada, tais eram as tres alternativas que unicamente se apresentavam ao espirito do general. A estrada de Chalons, ainda aberta na retaguarda, ía ser-lhe fechada por duas marchas de Clairfait. Não havia senão um dia para se precipitar nella, e ganhar aquella cidade. A necessidade parece traçar-lhe o seu plano de campanha. Mas este plano é uma retirada. Uma retirada diante de um inimigo vencedor em dois combates parciaes, é inclinar a fortuna da França ante o estrangeiro. A audacia de Danton passou para a alma e para a tatica de Domouriez. Concebeu em uma hora um plano mais temerario que o de Argonne. Fechou os ouvidos aos conselhos timidos da arte. Não escutou senão o enthusiasmo, esta arte sem regras do genio. Fechou se com os seus ajudantes de campo e seus chefes de corpos. Dictou a cada um as ordens que deviam mudar a direcção dos generaes, e dos corpos de exercito, e coordenal-os á sua nova resolução:

A Kellermann a ordem de continuar a sua marcha e de se dirigir sobre Saint-Menehould, pequena cidade na extremidade da floresta d'Argonne nas ultimas ondulações do terreno entre as Ardennes e Champagne:

A Beurnonville a ordem de marchar de Rethel, costear a ribeira d'Aisne, evitando aproximar-se do Argonne para perserverar os seus flancos d'um ataque de Clairfait;

A Dillon a ordem de defender até á morte os dois desfilladeiros do Argonne que separam ainda os prussianos a distancia sobre a direita de Grandpré, e de lançar tropas ligeiras alem da floresta, torneando a sua extremidade por Passavant, a fim de espantar deste lado a marcha do duque de Brunswick, e de estar mais depressa em communicação com a vanguarda de Kellermann;

A Chazot a ordem de voltar para Autry;

Ao general Sparre, commandante em Chalons, a ordem de formar um campo em frente de Chalons com todos os batalhões armados que lhe chegassem do interior, reserva que Dumouriez se preparava em caso de revés n'uma batalha.

Expedidas estas ordens, distribuiu em pessoa as suas tropas a manobra que elle queria executar naquella mesma noite. Dirigiu sobre as alturas que cobrem a esquerda de Grandpré do lado da Croix-au-Bois, onde Clairfait o inquieta, seis batalhões, seis esquadrões, seis peças de observação contra um ataque inesperado dos austriacos. Faz, ao cair da noite, desfilar silenciosamente o seu parque de artilheria pelas duas pontes que atravessam o Aisne, e o dirige sobre as alturas d'Autry. Nenhum movimento apparente no seu corpo de exercito ou nos seus postos avançados revela ao inimigo a intenção de uma retirada do exercito francez.

O principe de Hohenlohe fez pedir uma entrevista a Dumouriez naquella noite para julgar do estado daquelle exercito. Dumouriez concedeu-lha. Fez-se substituir nesta conferencia pelo general Duval, cuja idade, cabellos brancos, alto talhe, e atitude marcial e respeitosa, impõe ao general austriaco. Duval affecta o modo de perfeita segurança. Annuncia ao principe que Beurnonville chega no dia seguinte com desoito mil homens, e que Kellermann á frente de trinta mil homens combatentes tambem é esperado. Desanimado nas suas tentativas de negociações pela actitude de Duval, o general austriaco se retira convencido que Dumouriez aguardará o combate no seu campo.

IV. — Pela meia noite, Dumouriez sai a cavallo do castello de Grandpré, que habitava, e dirigiu-se ao seu campo, no meio de espessas trevas. No acampamento dormia-se. Prohibiu aos tambores e ás cornetas o mais pequeno toque. Faz passar de boca em boca e a meia voz a ordem de levantar barracas, e pegar em armas. A escuridão e confusão demoraram a formação das columnas. Mas antes dos primeiros raios do dia o exercito está em marcha; as tropas passam em duas filas as pontes de Senne e de Grandchamp, e formam em batalha sobre as alturas d'Autry. Coberto então pelo Aisne, Dumouriez vê se o inimigo o segue.

Mas o mysterio que envolveu o seu movimento foi desconcertado pelo duque de Brunwick e Clairfait. O exercito corta as pontes na sua retirada, põe-se em marcha e acampa em Dammartin, a quatro legoas de Grandpré. Duas vezes acordado durante a noite pelos subitos panicos semeados pela traição ou pelo medo, monta duas vezes a cavallo, e corre ao ruido, mostra-se ás suas tropas, falla-lhes, tranquillisa-as, restabellece a ordem, faz accender grandes fogueiras á claridade das quaes os soldados se reconhecem e se reunem, e restitue a todos os corações a confiança e a intrepidez da sua alma. No dia seguinte faz dispersar pelo general Duval uma nuvem de hussares prussianos. Estes hussares haviam assaltado e derrotado durante a noite o corpo do general Chazot, que se julgava atacado por todo o exercito prussiano. Os fugitivos, escapando-se em todas as direcções, haviam ido semear até Reims, e Chalons, e Vitry o boato de uma completa derrota do exercito francez. O general tendo feito regressar pela sua cavallaria alguns destes semeadores de pannico, despojou-os dos seus uniformes, fez-lhes cortar os cabellos e rapar-lhe as sobrancelhas, e deitou-os fora do campo, declarando-os indignos de combaterem pela patria. Depois desta execução, que punia a covardia pelo desprezo, e que recordava as lições de Cezar ás suas legiões, Dumouriez retomou sua marcha, e entrou em 17 no seu campo de Sainte-Menehould.

V. — O campo de Sainte-Menehould, donde o genio de Dumouriez fez um escolho para os coaligados, parece ter sido desenhado pela natureza para servir de cidadella a um punhado de soldados patriotas contra um exercito innumeravel e victorioso. E' um plató elevado, de quasi uma legoa em quadrado, precedido, do lado que faz face ao inimigo, de um valle profundo, e estreito, similhante ao fosso de um baluarte; protegido pelos seus dois flancos, d'um lado pelo leito do Aisne, e d'outro pelos lagos e pantanos impraticaveis á artilheria. A rectaguarda deste campo está assegurada pelos pantanos da ribeira d'Auve. Adiante destas agoas lodosas se levanta um terreno solido e estreito que póde servir para um segundo campo. O general reservava este segundo campo para Kellermann. Madeiras, agoa, forragens, farinhas, carnes salgadas, agoa-ardente, munições trazidas em abundancia pelas duas estradas de Reims e de Chalons, em quanto estavam livres, davam segurança ao general, alegria aos soldados. Dumouriez tinha estudado esta posição nos seus momentos de ocio do campo de Grandpré. Havia-se estabelecido ahi com esta infalibilidade de golpe de vista d'um homem que conhece o terreno, e que se apodera delle sem hesitação. Lançou-se um batalhão no castello escarpado de Saint-Thomaz, que terminava e cobria a sua direita; tres batalhões e um regimento de cavallaria em Vienne-le-Chateau; as baterias estabellecidas sobre a frente do campo enfiavam o valle; a sua vanguarda postou-se sobre as alturas, que dominam, além do valle, o pequeno regato de la Tourbe; alguns postos perdidos na estrada de Chalons, para manterem por mais tempo possivel a communicação com esta cidade, seu arsenal e sua praça de recrutamento. Feitas estas disposições, e installado o quartel general em Sainte-Menehould, no centro do exercito, Dumouriez, inquieto sobre os boatos da sua pretendida derrota, semeados pelos fugitivos de Grandpré até Pariz, tratou de escrever á assembléa: «Fui obrigado, escreveu elle ao presidente, a abandonar o campo de Grandpré. Estava já levada a effeito a retirada, quando um terror panico se espalhou pelo exercito. Dez mil homens fugiram diante de mil e quinhentos husares. Tudo já está reparado; por tudo respondo.»

No entanto que o general tomava assim posse do ultimo campo de batalha que restava á França, e ahi dispunha d'antemão o logar onde Kellermann e Beurnonville deviam juntar-se ao seu nucleo de tropas para vencerem ou morrerem com elle, a fortuna enganava ainda outra vez a sua prudencia, e parecia comprazer-se em zombar do seu genio. A' noticia da retirada de Grandpré, Kellermann julgando Dumouriez batido, e receiando cair, no caso de se aproximar da extremidade do Argonne, nas massas prussianas que elle suppunha além deste disfilladeiro, retrogradára duas marchas até Vitry. Os correios de Demouriez chamavam-o hora por hora. Elle avançava de novo, porém com a lentidão d'um homem que a cada passo receia cair n'um laço. Kellermann não tinha o segredo da fortuna de Demouriez. Hesitava obedecendo. Por outro lado, o amigo e confidente de Dumouriez, Beurnonville, que avançava de Rhetel sobre Grandpré com o exercito auxiliar do campo de Maulde, tinha encontrado os fugitivos do corpo de Chazot. Desconcertado pelas suas narrações de uma derrota completa do seu general, Beurnonville dirigira-se com alguns cavalleiros a uma colina donde se descubria o Argonne e os serros escalvados que se estendem do Grandpré a Sainte-Menehould.

Era na manhã do 17, á hora em que o exercito de Dumouriez desfilava de Damartin para Saint Menehould. Ao aspecto daquella columna de tropas que serpenteava na planicie, e cuja distancia e novoeiro impediam descubrir os uniformes e bandeiras, Beurnonville não duvidou de que aquelle fosse o exercito prussiano marchan-

do em perseguição dos Francezes. Mudou de estrada, dobrou o passo, marchou sobre Chalons para ahi se reunir ao seu general. Informado em Chalons do seu erro por um ajudante de campo, Beurnonville não deu mais de doze horas de descanço ás suas tropas cançadas, e chegou a 19 com os dez mil homens aguerridos que trazia de tão longe ao campo da batalha. Dumouriez julgou tornar a reapossar-se da victoria tornando a ver estes bravos soldados a quem elle chamava seus filhos, e elles o denominavam seu pai. Montou a cavallo e foi ao encontro de Beurnonville. Logo ao mais longe que a columna apercebeu o seu general, officiaes, inferiores, e soldados, esquecendo suas fadigas e agitando as barretinas nas pontas dos sabres e das baionetas, saudaram com uma imm nsa aclamação o seu primeiro chefe. Dumouriez passou-lhe revista. Conhecia todos os officiaes pelos seus nomes, e todos os soldados pelas caras. Estes batalhões e estes esquadrões que elle pacientemente tinha formado, disciplinado, e acostumado ao fogo durante as lentas temporisações de Luckner no exercito do Norte, desfilavam pela frente delle cobertos da poeira da sua longa marcha, os cavallos emagrecidos, os uniformes rotos, o calçado gasto, mas com as armas completas e pulidas como n'um dia de parada.

Quando os officiaes do estado-maior tiveram determinado a cada corpo a sua posição, e as armas se ensarilharam defronte das barracas, estes soldados, apressados em tornar a ver o seu general, do que a comerem o rancho, cercaram tumultuariamente Dumouriez, uns passando as mãos pelo lombo do seu cavallo, outros beijando-lhe as botas, aquelles pegando-lhe familiarmente na mão, e cerrando-a como se fosse a um amigo que haviam tornado a encontrar, e estes perguntando-lhe se brevemente os conduziria ao combate, todos fazendo rebentar nos seus olhos e physionomias esta dedicação familiar que um chefe adorado dos soldados muda, quando quer, em heroismo. Dumouriez que conhecia o coração do soldado, elle mesmo velho soldado, fomentava, em vez de reprimir, com a vista, com o sorriso, com a mão, esta familiaridade militar, que nada tira ao respeito e que antes alguma cousa acrescenta á dedicação da tropa. Agradeceu-lhes, animou-os lançou-lhes a proposito algumas frazes breves e soldadescas repartidas, que, transmittidas de boca em boca e de grupo em grudo, circularam como a palavra d'ordem da alegria no campo, e foram alegrar o bivaque dos batalhões. Os soldados do campo de Grandpré, testimunhas da dedicação que os soldados do campo de Maulde davam ao seu general, sentiram crescer nelles uma confiança que Dumouriez sómente principiou a conquistar. O exterior, a cordialidade militar, a attitude o gesto, a palavra deste homem de guerra tomavam sobre as tropas tal imperio, que os dois campos, ciosos da preferencias do seu chefe, rivalisaram em poucos dias a quem melhor merecia que elle chamasse seus filhos. Tinha necessidade de enthusiasmo, e accendia-o só com o seu olhar. Tinha coração para os seus soldados, e estes tinham ternura para elle. Não os manejava como machinas, porem como homens.

VI. — Dumouriez não tinha ainda feito desselar o seu cavallo, quando Westermann e Thouvenot, os seus dois officiaes de confiança no seu estado maior, vieram annunciar-lhe que o exercito prussiano em massa tinha passado a ponta do Argonne, e se desdobrava sobre as columnas de la Lune, do outro lado da Tourbe, em frente delle. No mesmo instante, o moço Macdonald, seu ajudante de campo, enviado na ante vespora sobre a estrada de Vitry, correu a galope, e lhe trouxe a feliz noticia da aproximação de Kellermann tanto tempo esperado. Kellermann, á frente de vinte mil homens do exercito de Metz, e de alguns milhares de voluntarios da Lorraine, só estava a duas horas de distancia. Assim a fortuna da revolução e o genio de Dumouriez, secundando-se um ao outro traziam a uma hora fixa e a um ponto marcado das duas extremidades da França, e do fundo da Alemanha, as forças que deviam assaltar o imperio, e as forças que deviam defendel-o. O compasso e o ponteiro não teriam melhor regulado o logar e o minuto da juncção do que o genio previdente e infatigavel paciencia de Dumouriez. Era o ponto de reunião dado a quatro exercitos pelo dedo de um homem. No mesmo instante, Dumouriez, reconcentrando os seus destamentos isolados, preparava-se para a lucta por meio da concentração de todas as suas forças dispersas. O general Dubouquet, a quem elle tinha deixado no desfiladeiro do Argonne chamado o Chene-Populeux, e a envestida do Clairfait em Croix-au-Bois havia cortado do exercito principal, retirava-se com os trés mil homens para Chalons. Este general, chegado a Chalons, onde acreditava, como Beurnonville, achar Dumouriez, não tinha deparado naquella cidade mais do que seis batalhões de federados e voluntarios vindos de Pariz. Estes batalhões, á noticia da retirada do exercito, amotinaram-se contra os seus chefes, cortaram a cabeça a alguns dos seus officiaes, arrastaram outros, saquearam os armazens do exercito, arrancaram as devisas dos seus postos aos commandantes das tropas de linha, assassinaram o coronel do regimento de Vexin, que quiz defender as suas dragonas, e em fim debandaram, e retomaram em hordas informes o caminho de Pariz, proclamando por toda a parte a traição de Dumouriez, e pedindo a sua cabeça. Estes batalhões eram aquelles que tinham ensanguentado na sua marcha as cidades de Meaux, de Soussons, e de Reims.

Dumouriez temia para o exercito o contacto e o contagio daquelles bandos. Semeavam por toda a parte a sedição onde tinham sido recrutados. Os verdadeiros soldados despresavam-os: heroes das encrusilhadas, ardentes no motim, covardes no combate. Dubouquet recebeu ordem de deixar esclarece-se aquella lia, e tirar della sómente esse pequeno numero de mancebos e bravos que um verdadeiro enthusiasmo patriotico havia induzido a alistarem-se. Devia reunil-os em reserva em Chalons, organisal-os, armal-os, aguerril-os, e tel-os sob mão, porem fora do campo de Dumouriez.

O general Stengel, depois de ter saqueado o paiz entre o Argonne e Sainte Menehould para esfomear os Prussianos, recontrou-se na frente do Tourbe, e postou-se com a avançada sobre os montesinhos de Lyron, em frente das collinas de la Lune, aonde o duque de Brunswick se havia estabellecido. O campo de Dampierre separado do de Dumouriez pelos ramos e pantanos do Auve, foi destinado a Kellermann. Porem, ou fosse porque este general se enganasse sobre o logar do acampamento, que se lhe traçara, ou porque quizesse marcar a sua independencia no concurso mesmo que elle dava ao seu collega, Kellermann passou o campo de Dampierre, e postou o seu exercito inteiro, tendas, equipagens, artilheria sobre as alturas de Valmy, na frente do campo de Dampierre, á esquerda do de Sainte-Menehould. A linha de acampamento de Kellermann, mais aproximada do inimigo pela sua extremidade esquerda, tocava pela direita na linha de Dumouriez, e formava assim com o exercito principal um angulo reintrante no qual o inimigo não podia lançar as suas columnas de ataque sem ser metralhado ao mesmo tempo e sobre os dois flancos pela artilheria dos dois corpos francezes. Dumouriez, apercebendo no mesmo instante que Kellermann, muito avançado e muito isolado no plató de Valmy, podia ser torneado pelas massas prussianas, enviou o general Chazot, á frente de oito batalhões e de oito esquadrões, para se postar na rectaguarda da altura de Gizaucourt, e por-se ás ordens de Kellermann. Ordenou ao general Stengel e Beurnonville que se desenvolvesse com vinte seis batalhões sobre a direita de Valmy, onde a certesa do seu olhar lhe mostrava de antemão o ponto de ataque do duque de Brunswick. O isolamento de Kellermann estava assim corregido, e Valmy ligado pela direita e pela esquerda ao exercito principal. O plano de Dumouriez, ligeira e felizmente modificado pela temeridade do seu collega, estava cumprido. Este plano revelava-se logo á primeira vista á intelligencia do homem de guerra e do homem politico. O desafio era lançado por quarenta e cinco mil homens aos cento e dez mil combatentes da colligação.

VII. — O exercito francez tinha o seu flanco direito e a sua retirada cobertas pelo Argonne inabordavel ao inimigo, e que se defendia pelas quebradas e flores-

tas. O centro eriçado de baterias, e de obstaculos naturaes, era inexpugnavel. A alla esquerda, destacada, avançava sosinha como para provocar o combate; mas solidamente apoiada pela massa do exercito, todos os corpos podiam circular em roda della ao abrigo do Auve e dos serros de Lyron, como em caminhos cobertos. O exercito fazia frente a Champagne. Tinha tambem á rectaguarda a estrada desembaraçada sobre Chalons e sobre a Lorraine. Viveres, reforços, munições, estavam-lhe assegurados n'um paiz rico em grãos e forragens. Nesta posição tão habil e pacientemente premeditada, Dumouriez respondia ás duas hypotheses da campanha dos coaligados, e desafiava o genio desconcertado ou já gasto do duque de Brunswick.

« Ou os Prussianos, dizia elle, quererão ou combater ou marchar sobre Pariz. Se querem combater, encontrarão o exercito francez n'um campo entrincheirado por campo de batalha. Obrigados para atacarem o centro a passar o Auve, a Tourbe, e a Bonne sob o fogo dos meus reductos, darão o flanco a Kellermann, que despedaçará as suas columnas de ataque entre os seus batalhões, descidos de Valmy e as baterias do meu corpo de exercito. Se querem desprezar o exercito francez, cortal-o de Pariz marchando sobre Chalons, o exercito, mudando então a frente, seguil-os-ha engrossando-se pela estrada de Pariz. Os reforços do exercito do Rheno e do exercito do Norte, que estam em marcha, os batalhões de volluntarios disseminados, que eu reunirei avançando atravez as provincias sublevadas, elevarão o numero dos combatentes a sessenta ou setenta mil homens. Os Prussianos, cortados na sua base de operações, obrigados a assolar, para viverem, a arida Champagne, marchando, atravez um paiz inimigo, e sobre uma terra, cheia de emboscadas, não avançarão senão hesitando, e enfraquecer-se-ham a cada passo. Cada passo me dará novas forças. Esperal-os-hei sob Pariz. Um exercito de invasão collocado entre uma capital de seiscentas mil almas que fecha as suas portas, e um exercito nacional que lhe fecha a retirada, é um exercito aniquilado. A França será salva no coração da França, em logar de ser, salva nas fronteiras, mas será salva. »

VII. — Assim raciocinava Dumouriez, quando os primeiros tiros do canhão prussiano, ressoando ao pé das alturas de Valmy, lhe vieram annunciar que o duque de Brunswick tinha conhecido o perigo de avançar deixando á rectaguarda um exercito francez, e que portanto atacava Kellermann.

Não era comtudo o duque de Brunswick, que havia começado o ataque, era o moço rei da Prussia. Impaciente de gloria, cançado das contemporisações do seu generalissimo, vergonhoso da hesitação da sua bandeira em frente de um punhado de patriotas francezes, provocado pelas instancias dos emigrados, que lhe mostravam Pariz como o tumulo da revolução, e o exercito de Dumouriez como um bando de soldados facciosos de quem as apalpadellas do duque de Brunswick era só o que faria todo o seu valor o rei havia forçado a mão do duque. O exercito prussiano, que o generalissimo queria desenvolver lentamente de Reims até o Argonne, paralelamente ao exercito francez, recebeu ordem de se dirigir em massa sobre as posições de Kellermann. Marchou a 19 para Somme-Tourbe, e ahi passou a noite em armas. O boato se espalhára no quartel general do rei da Prussia que os francezes meditavam sua retirada sobre Chalons, e que os movimentos que se apercebiam na sua linha não tinham outro fim senão mascarar esta marcha retrograda. O rei indignou-se de um plano de campanha que lhos deixava sempre escaparem-se. Julgou surprehender Dumouriez na falsa actitude de um exercito que levanta o seu campo. O duque de Brunswick, cuja authoridade militar começava a soffrer do pouco exito das precedentes manobras, empregou debalde o general Koler a moderar o ardor do rei. O ataque foi resolvido.

No dia 20, pelas seis horas da manhã, o duque marchou á frente da vanguarda prussiana sobre Somme-Bionne na intenção de avançar Kellermann, e cortar-lhe a retirada pela estrada real de Chalons. Um espesso nevoeiro do outono fluctuava sobre a planice, nas gargantas humidas onde correm os tres rios, nas quebradas profundas que separavam os dois exercitos, e só deixava os cumes dos serros e as christas das colinas brilhar de luz acima deste occeano de nevoeiro. Esta nebrina, que não deixava ver no horisonte mais do que alguns passos na frente, mascarava inteiramente a um dos exercitos os movimentos do outro. Um choque inesperado da cavallaria das duas guardas avançadas foi a unica cousa que revellou aos francezes naquellas trevas, a marcha dos prussianos. Depois de uma lucta rapida e alguns tiros de canhão, a vanguarda franceza concentrou-se sobre Valmy, e informou Kellermann da aproximação do inimigo. O duque de Brunswick continuou o seu movimento, alcançou a estrada principal de Chalons, passou-a, e desdobrou successivamente todo seu exercito áquem e além desta estrada. Pelas dez horas, estando a nebrina repentinamente dissipada, os dois generaes poderam ver as suas reciprocas situações.

IX. — O exercito de Kellermann estava accumulado em massa sobre o plató e na rectaguarda do moinho de Valmy. Esta posição aventurada, avançava como um cabo no meio das linhas de baionetas prussianas. O general Chazot ainda não tinha chegado com os seus vinte seis batalhões, para flanquear a esquerda de Kellermann. O general Leveneur, que devia flanquear a sua direita e unil-a ao exercito de Dumouriez avançava com hesitação e a passos lentos, receiando attrahir sobre o seu fraco corpo todo o peso das massas prussianas que elle apercebia em batalha na sua frente. O general Valence, commandante da cavallaria de Kellermann, desdobrava-se sob uma só linha com um regimento de carabineiros, alguns esquadrões de dragões, e quatro batalhões de granadeiros, entre Gizaucourt e Valmy, mascarando assim todo o intervallo que Kellermann não podia cobrir e onde este general era esperado. As linhas de Kellermann formavam-se ao centro sobre as alturas. A sua numerosa artilheria eriçava de peças as immediações do moinho de Valmy, centro e chave da sua posição. Quasi envolvido pelas linhas semicirculares, e sempre grossas do inimigo, embaraçado, sobre aquella elevação muito estreita, com os seus vinte dois mil homens, cavallos, equipagens, e artilheria, Kellermann não podia desenvolver os braços do seu exercito. O choque que avançava assimilhava-se mais ao assalto de uma brecha defendida por uma massa de sitiados do que a um campo de batalha preparado para as evoluções dos dois exercitos.

Do alto deste plató, Kellermann via sahir successivamente da nebrina branca da madrugada e brilhar ao sol a numerosa cavallaria prussiana. Ella desfillava por esquadrões torneando o monticulo de Gizaucourt, e ameaçava envolvel-o como n'uma rede se conseguisse forçal-o na sua posição. Os batalhões de infanteria contornavam igualmente o plató de Valmy. Pelo meio dia depois do duque de Brunswick formar todo o seu exercito sobre duas linhas, e ter concebido o seu plano do dia, viu-se destacar do centro e avançar para as encostas de Gizaucourt e da Lune uma guarda avançada composta de infanteria, cavallaria, e tres baterias. O duque de Brunswick, a cavallo, cercado de um grupo de officiaes, dirigia em pessoa este movimento. O exercito reformou a sua linha. Novas tropas cubriram o vacuo que este corpo destacado deixára no centro. Com o soccorro de oculos de ver ao longe se distinguia o mesmo rei, em uniforme de general, montado n'um cavallo de batalha, e reformando na rectaguarda duas fortes columnas de ataque, ás quaes elle animava com o gesto e com a espada.

X. — Tal era o horisonte das tendas, baionetas, cavallos, artilheria, estado maior que se desenrolava ao longo nos serros esbranquiçados, e nas quebradas da Champagne, no dia 20 de Setembro ao meio dia. A mesma hora, a convenção, entrando em sessão ia deliberar sobre a monarchia e sobre a republica. Dentro e fóra, a França o a liberdade jogavam a sua sorte.

O aspecto exterior dos dois exercitos parecia declarar de antemão o resultado da campanha contra nós. No

lado dos Prussianos cento e dez mil combatentes dê todas as armas; uma tactica, herança do grande Frederico, viva ainda nos seus logares-tenentes; uma disciplina que mandava os batalhões em machinas de guerra, e que aniquilando toda a vontade individual no soldado, sugeitava-os ao pensamento e á voz dos seus officiaes; uma infanteria que pela sua ligação entre si tornava solida e impenetravel como muralhas de ferro; uma cavalleria montada em excellentes cavallos de Frisa e do Mecklembourg, cuja docilidade sob a mão, o ardor moderado, e o sangue frio intrepido, não se espanta nem do ruido, nem do fogo da artilheria, nem do faiscar da arma branca; officiaes formados desde a infancia no officio dos combates, nascidos por assim dizer no uniforme, conhecendo suas tropas, sendo conhecidos dellas, e exercendo sobre os soldados o duplicado ascendente da nobresa e do commando; por auxiliares regimentos escolhidos do exercito austriaco recentemente vindos das margens do Danubio, onde acabavam de se aguerrir contra os Turcos, uma nobresa franceza emigrada, trasendo comsigo todos os grandes nomes da monarchia, cada soldado da qual combatia pela sua propria causa, e tinha sua injuria a vingar; seu rei a salvar, sua patria a recobrar na ponta da sua baioneta ou da sua espada; generaes prussianos, todos discipulos de um rei militar, tendo a manter a superioridade do seu renome na Europa, um generalissimo a quem a Alemanha proclamava o seu Agamenon, e que o genio de Frederico cubria de um prestigio de invencibilidade; em um rei joven, bravo, adorado do seu povo, querido dos seus soldados, vingador da causa de todos os reis, acompanhado dos representantes de todas as cortes no campo da batalha, e supprindo á inexperiencia da guerra por uma intrepidez pessoal que esquecia a sua hierarchia para sómente se recordar da sua honra; eisaqui o exercito prussiano

XI. — No campo francez uma inferioridade numerica de um contra tres, regimentos reduzidos a trezentos ou quatrocentos homens pelo effeito das leis de 1790, que tinham supprimido os alistamentos por dinheiro: estes regimentos privados dos seus melhores officiaes pela emigração, que tinha arrastado mais de metade delles para a terra inimiga, e pela creação subita de cem batalhões de voluntarios, á frente dos quaes se tinham collocado os officiaes ficados em França como officiaes instructores; estes batalhões e estes regimentos sem espirito de corpo, olhando-se com ciume ou com desprezo; dois espiritos no mesmo exercito, o espirito da disciplina nos velhos quadros, o espirito da insubordinação em os novos batalhões, os officiaes antigos suspeitos a seus soldados, os soldados temidos dos officiaes: a cavalleria mal montada e mal equipada; a infanteria instruida e solida nos regimentos, noviça e fraca nos batalhões; o soldo atrazado e pago em assignados depreciados; as armas insufficientes: os uniformes diversos, usados, rotos e muitas vezes esfarrapados; muitos soldados faltos de calçado, e substituindo os rostos dos sapatos por punhados de ferro atados em roda da perna com cordas; estes corpos chegando de divers s exercitos e differentes provincias, desconhecidos uns aos outros, sabendo apenas os nomes dos seus generaes com os quaes os tinham formado em brigadas; estes generaes ou mancebos e temerarios, passados sem transição da obdiencia ao commando, ou velhos e rutineiros, não podendo dobrar seus hab tos methodicos ás aventuresas das guerras desesperadas; em fim á frente deste exercito incoherente um general em chefe de cincoenta e tres annos, novo na guerra, de quem todos tinham o direito de duvidar, em desconfiança ás suas proprias tropas, em rivalidade com o seu principal logar-tenente, em lucta com o seu proprio governo, cujo plano audacioso e paciente não era comprehendido por ninguem, e que não tinha nem um serviço no seu passado, nem o nome de uma victoria na sua espada, para se fazer perdoar o commando: eisaqui os Francezes em Valmy. Porem o enthusiasmo da patria e da revolução batia no coração deste exercito, e o genio da guerra inspirava a alma de Dumouriez.

XII. — Inquieto sobre a posição de Kellermann, Dumouriez, montado acavallo desde o nascer do dia, visitava a sua linha, escalonava os seus corpos entre Saint-Menehould e Gizancourt, e galopava para Valmy para melhor julgar per si mesmo das intenções do duque de Brunswick e do ponto onde os Prussianos concentrariam seus esforços. Ahi encontrou Kellermann dando as ultimas ordens aos generaes que á sua esquerda e á sua direita iam ter a responsabilidade daquelle dia. Um era o general Valence, e o outro o duque de Chartres.

Valence, ligado á casa de Orleans, tinha desposado a filha da senhora de Genlis. Deputado da nobreza aos Estados geraes, tinha servido com as suas opiniões a causa da liberdade. Depois na guerra, serviu-a com o seu sangue. Primeiro coronel de dragões, moço, activo, gracioso como um aristocrata, patriota como um cidadão, bravo como um soldado, manejava a cavallaria com audacia, e tinha commandado a guarda avançada de Luckner em Courtrai. O seu golpe de vista militar, os seus estudos, a rectidão do seu espirito, fasiam-o capaz de commandar em chefe um corpo de exercito. Podia-se-lhe confiar a salvação de uma posição.

O duque de Chartres era o filho mais velho do duque de Orleans. Nascido no mesmo berço da liberdade, nutrido de patriotismo por seu pai, elle não teve de fazer escolha entre as opiniões. A sua educação havia feito a escolha por elle. Tinha respirado a revolução, mas não a respirára no Palais-Royal, foco das desordens domesticas, e dos planos politicos de seu pai. A sua adolescencia corrêra estudiosa e pura nos retiros de Belle-Chasse e de Passy, onde a sr.ª de Genlis governava a educação dos principes da casa de Orleans. Nunca mulher alguma confundiu tambem a intriga e a virtude, e não associou uma situação mais suspeita a preceitos mais austeros. Odiosa á mãi, favorita do pai, mentor dos filhos, ao mesmo tempo democrata e amiga de um principe, os seus discipulos sairam de suas lições formados da duplicada argila de principe e de cidadão. Afeiçoou-lhes as almas pela sua. Deu-lhes muitas luzes, muitos principios, e muitos calculos. Introduziu tambem em sua natureza esta insinuação para com os homens, e esta brandura para com os acontecimentos que deixam reconhecer sempre o vestigio da mão de uma mulher habil nos caracteres que tocou. O duque de Chartres não teve joventude. A educação suppriniu esta idade nos discipulos da sr.ª de Genlis. A reflexão, o estudo, a premeditação de todos os pensamentos e de todos os actos, ahi substituiram a natureza pelo estudo, e o instincto pela vontade. Ella fasia homens, mas homens facticios. O moço principe, na idade de desete annos, tinha a maturidade de longos annos. Coronel em 1791, tinha já merecido duas corôas civicas da cidade de Vendomme, onde estivera de guarnição, por ter salvo com risco dos seus dias, a vida a dois padres n'um motim, e a um cidadão n'um rio. Assiduo ás sessões da assembléa constituinte, afiliado por seu pai nos jacobinos, assistia nas tribunas ás ondulações das assembléas populares. Parecia arrastado mesmo pelas paixões que estudava; mas dominava os arrebatamentos apparentes. Sempre assaz na onda do dia para ser nacional, sempre assaz fóra della para não manchar o seu futuro. A sua familia era a melhor parte do seu fanatismo. Tinha por ella culto e dedicação. A' noticia da suppressão do direito de primogenitura, lançava-se nos braços de seus irmãos: « Ditosa lei, disse elle, que permitte aos irmãos o amarem-se sem ciumes. Ella não faz mais do que ordenar a que o meu coração de antemão tinha declarado. Vós todos o sabeis, a natureza fez entre nós esta lei. » A guerra havia-o arrastado felizmente aos campos, onde todo o sangue da revolução era puro. Seu pai tinha pedido que elle servisse sob as ordens do general Biron, seu amigo. Havia-se distinguido pela sua firmesa nos primeiros passos da sua vida militar na semi-campanha de Luckner na Belgica. Aos vinte e tres annos, nomeados general de brigada, por titulo da antiguidade, n'um exercito onde os antigos coroneis tinham quasi todos emigrado, havia seguido Luckner a Metz. Chamado por Servan ao commando de Strasbourg: « Sou mui moço, respondera elle, para me encerrar n'uma praça. Peço ficar no exercito activo. » Kellermann, successor de Luckner, tinha pressentido o

seu valor, o lhe confiára uma brigada de doze batalhões de infanteria e doze esquadrões de cavallaria.

XIII. — O duque de Chartres fisera-se acceitar dos antigos soldados como principe, e dos nov s como patriota, de todos como camarada. A sua intrepidez era rasoavel. Não se arrastava por ella, dirigia-a. Deixava-lhe a luz do olhar e o sangue frio do commando. Ia ao fogo sem apressar nem demorar o passo. O seu ardor não era o voo, mas a vontade. Era reflexiva como um calculo, e grave como um dever. Seu talhe elevado, sua estatura solida, o seu ar severo. A elevação da fronte, o asul dos olhos, o oval do rosto, a espeçura magestosa mas um pouco pesada da sua barba, recordavam nelle um Bourbon e faziam lembrar o throno. O pescoço muitas vezes inclinado, a atitude modesta do corpo, a boca um pouco descaida das ex remidades, o olhar recto, o surriso acariciador, o gesto gracioso, a palavra facil, recordavam o filho de um complacente d amultidão, e faziam recordar o povo. A sua familiaridade, marcial com o official, soldadesca com os soldados, patriotica com os c dadãos, faziam lhe perdoar a sua hierarchia. Mas sob o seu exterior de um soldado do povo, apercebia-se no fundo do seu olhar uma tenção reservada de prin ipe de sangue. Entregava-se a todos os acci lentes de uma revolução com este abandono completo mais habit de um espirito consummado. Ter-se-hia dito que elle sabia de antemão que os acontecimentos quebram aquelles que lhes resistem, mas que as revoluções, assim como as vagas, levam muitas vezes os homens onde os tomaram. Fazer o que a circumstancia indicasse, fiando-se em quanto ao resto no futuro e no seu sangue, era a sua politica. Machiavel não lho aconselharia melhor do que a sua natureza. A sua estrêla não o alumiaa nunca mais do que alguns passos em frente delle Não lhe pedia nem mais luz, nem mais esplendor. Sua ambição limitava-se a saber esperar. Sua providencia era o tempo ;nascido para desapparecer nas grandes convulsões do seu paiz, para sobreviver ás crises, para baldar os partidos já fatigados, para satisfazer e para amortecer as revoluções. Atravez sua bravura, o seu enthusiasmo exaltado pela patria, receava-se entrever em prespectiva um throno levantado sobre ruinas, e pelas mãos de uma republica. Este pressentimento que precede os grandes destinos e os grandes nomes, parecia revelar de longe ao exercito, que todos os homens que se agitavam então na revolução, este podia ser um dia o mais util ou mais fatal á liberdade.

Dumouriez que tinha intrevisto o moço duque de Chartes no exercito de Luckner, observou-o attentamente nesta occasião, foi ferido do seu sangue frio e lucidez na acção, intreviu vagamente uma força naquella juventude, e resolveu ligal-o a si.

XIV. — Os Prussianos coroavam as christas das alturas de la Lune, e principiavam a descer em ordem de batalha. Os velhos soldados do grande Frederico, lentos e medidos nos seus movimentos, não mostravam nenhuma impetuosidade e nada deixavam ao acaso. Os seus batalhões marchavam n'uma só peça, e profilavam-se em linhas geometricas e angulos rectos como bastiões. Pareciam hesitar em abordar um inimigo a quem elles excediam tres vezes em numero e em tactica, mas cuja temeridade e desespero receiavam.

Por seu lado, os Francezes não contemplavam sem um certo abalo de imaginação este exercito immenso, até alli invencivel, avançando silenciosamente a sua primeira linha em columnas e desenvolvendo as suas duas alas para lhes metralhar o centro e cortar-lhes a retirada ou para Chalons, ou sobre o campo de Dumouriez. Os soldados estavam immoveis nas suas posições, receiando desguarnecer por um falso movimento o estreito campo de batalha onde podiam defender-se, mas não ousavam manobrar. Descidos a meia encosta da colina de la Lune, os Prussianos pararam. Suas companhias de sapadores aplanaram o terreno em largas plataformas, e a artilheria, desembocando atravez os batalhões que se abriram, despedio a galope para a frente das columnas cincoenta e oito bocas de fogo, divididas em quatro baterias, tres de canhões, e uma de obuses. Outra bateria da mesma força, que tomava em flanco as linhas francezas, estava occulta sobre uma nuvem de nevoa, á direita dos Prussianos, e não tardou em despedaçar com a commoção das suas salvas a nebrina que a envolvia. O fogo principiou ao mesmo tempo de frente e de flanco.

A este fogo, a artilheria de Kellermann abala e estabelece-se adiante da infanteria. Mais de vinte mil baltas, trocadas durante duas horas por cento e vinte peças de artilheria lavram o solo das duas colinas oppostas, como se aquellas duas artilherias quizessem abrir brecha nas duas montanhas. O fumo espesso da polvora, a terra levantada pelo choque das ballas que enterram na terra, rolando sobre o flanco das duas encostas e rebatidas pelo vento na garganta impediam os artilheiros de apontar certo, e enganavam muitas vezes os golpes. Combatia-se envolvido em duas nuvens e atirava-se mais ao ruido do que á vista. Os Prussianos, mais descobertos do que os Francezes, caiam em maior numero de roda das suas peças. Seu fogo diminuia. Kellermann, que espiava o menor symptoma de abalo do inimigo, julgou reconhecer alguma confusão nos seus movimentos. Lança-se a cavallo á frente de uma columna para se apoderar daquellas forças. Uma nova bateria mascarada n'uma ondulação do terreno, rebenta sobre a fronte da sua columna. O cavallo, com o peito aberto por um estilhaço de obuz, cáe e morre immediatamente debaixo do cavalleiro. O tenente coronel Lormier, seu ajudante de campo foi ferid mortalmente. A testa da columna, metralhada por tres lados ao mesmo tempo, hesita, e recua em desordem. Kellermann, desembaraçado e conduzido pelos seus soldados, vem buscar outro cavallo. Os Prussianos, que viram a queda de um general e a retirada da sua tropa, redobram o fogo. Uma chuva de metralha, melhor dirigida aterram o parque da artilheria franceza. Dois caixões rebentam no meio das fileiras. Os projectis, os eixos, os membros dos cavallos lança os em todas as direcções levam filas inteiras dos nossos soldados. Os conductores das carretas, affastando-se a galope do foco da explosão, com os seus caixões, lançam a confusão e communicam seu instincto de fuga aos batalhões da primeira linha. A artilheria, privada assim das suas munições, enfraquece e extingue seu fogo.

O duque de Chartres, que supporta em pessoa havia tres horas, com a arma no braço, a chuva de ballas e metralha da artilheria prussiana, no posto decisivo do moinho de Valmy, apercebe-se do perigo do seu general. Corre a toda a brida para a segunda linha, arrasta a reserva da artilharia montada, condul-a a galope para o plató do moinho, cobre a desordem do centro, reune os caixões, torna a conduzir os artilheiros, sus'enta o fogo, espanta e suspende o *elan* do inimigo.

O duque de Brunswick não quer dar aos Francezes tempo de se reporem. Fórma tres columnas de ataque, sustentadas por duas alas de cavallaria. Estas columnas avançam apesar do fogo das baterias francezas, e vão engulir na sua massa o moinho de Valmy, onde o duque de Chartres os espera sem se abalar. Kellermann, que acaba de restabelecer a sua linha, fórma o seu exercito em columnas por batalhões, desce do cavallo, entrega a redea a uma ordenança, faz conduzir o animal para a rectaguarda das fileiras, indicando aos soldados por este acto desesperado que sómente se reserva a victoria ou a morte O exercito comprehendeu-o. « Camaradas, exclamou Kellermann com uma voz palpitante de enthusiasmo, e cujas syllabas prolonga para penetrarem bem na orelha dos soldados, « eis o momento da victoria. Deixemos avançar o inimigo sem disparar um tiro, e carreguemos á baioneta. » Dizendo estas palavras, levanta e agita o seu chapéo, ornado do penacho tricolor, na ponta da sua espada. « Viva a nação, exclamou elle, com uma voz ainda mais atroadora, vamos vencer por ella ! »

Este grito do general, repetido de bocca em bocca pelos batalhões mais proximos, correu toda a linha ; repetido por aquelles que o tinham proferido primeiro, engrossado pelos outros que o repetiam pela primeira vez, formou um clamor immenso, similhante á voz da patria animando per si mesmo os seus primeiros defensores. Este grito de um exercito inteiro, prolongado por mais de um quarto de hora, e rolando de colina em co-

lina, nos intervallos do rebombo dos canhões, assegurou o exercito com a sua propria voz e fez reflectir o duque de Brunswick. Corações assim promettem braços terriveis. Os soldados francezes, imitando espontaneamente o gesto sublime do seu general, levantam suas barretinas e capacetes na ponta das baionetas, e agitam-os no ar como saudar a victoria: Ella é vossa!» diz Kellermann, e lança-se a passo de carga sobre as columnas russianas fazendo redobrar as descargas da sua artilheria. Ao aspecto deste exercito que se aballa, como por impulso proprio, para a frente, sob a metralha de oitenta bocas de fogo, as columnas prussianas hesitam, param, e fluctuam um momento em desordem. Kellermann avança sempre. O duque de Chartres, com a bandeira tricolor em uma das mãos, e com a espada na outra, lança a sua cavallaria em seguida á artilheria a cavallo. O duque de Brunswick, com a certeza de vista de um velho soldado, e aquella economia de sangue que caracterisa os generaes consummados, julga no mesmo instante que o seu ataque amortecerá contra um enthusiasmo assim. Reforma com sangue frio as suas testas das columnas, faz tocar á retirada, e volta lentamente, sem ser perseguido para as suas posições.

XV. — De um e outro lado as baterias se callaram. O vacuo restabeleceu-se entre os dous exercitos. A batalha ficou como tacitamente suspensa até ás quatro horas da tarde. A esta hora, o rei da Prussia, indignado da hesitação e impotencia do seu exercito, reformou em pessoa, com o escolhido da sua infanteria e cavallaria, tres formidaveis columnas de ataque, e precorrendo a cavallo a frente das suas linhas, reprehendeu-os amargamente humilharem a bandeira da monarchia. As columnas movem-se á voz do seu soberano. O rei, cercercado do duque de Brunswick e dos seus principaes generaes, marcha nas primeiras linhas e a descoberto sob o fogo dos francezes, que desimava em roda delle o seu estado maior. Intrepido como o sangue de Frederico, commanda como rei cioso do sangue da sua nação, expõe-se como soldado que conta a sua vida por nada em frente da victoria. Tudo foi inutil. As columnas prussianas, fulminadas antes de poderem abordar as alturas de Valmy por vinte e quatro peças de artilheria montadas junto ao moingo, concentraram-se, ao cahir da noute, não deixando sobre a estrada senão o rego das nossas ballas, um regato de sangue e oitocentos cadaveres. Kellermann passou a noute no plató de Valmy, no meio dos feridos e dos mortos, mas contando com razão esta canhonada de dez horas por uma victoria. Elle tinha feito ouvir pela primeira vez ao exercito o estridor da guerra, e apurado o patriotismo francez ao fogo de duzentas peças de artilheria. O numero e a situação das tropas não permittiam mais. Não ser vencido, para o exercito francez, era vencer. Kellermann conheceu-o com tal ebriedade que mais tarde quiz confundir o seu nome no de Valmy, e depois de longa vida e brilhantes victorias, legou em seu testamento, seu coração á aldeia deste nome, para que a mais nobre parte de si mesmo repousasse sobre o theatro da sua mais querida gloria, ao lado dos companheiros do seu primeiro combate.

Em quanto que o exercito francez combat a e triumphava em Valmy, a convenção, como vimos, decretava a republica de Pariz. O correio que trazia do exercito a noticia da proclamação da republica, e o correio que levava a Pariz a noticia do cheque da coaligação, cruzavam-se nos suburbios de Chalons. Assim a victoria e a liberdade encontraram-se no mesmo dia e á mesma hora, como para presagiar á França que a fortuna lhe seria fiel em quanto que ella tambem fosse fiel á causa do povo e aos principios da revolução.

XVI. — Dumouriez tinha tornado a entrar no seu campo ao ruido dos ultimos tiros da artilheria de Kellermann. Felicitando-se do exito de um dia que reassegurava o espirito do exercito, e que tornava o primeiro choque contra a patria fatal aos seus inimigos, era comtudo de sobejo prevидente para dissimular a falta de Kellermann e a temeridade da sua posição. O duque de Brunswick estava no dia seguin e como estivera na vespora, e demais tinha estendido a sua ala direita para além de Gizancourt e cortava a estrada de Chalons. O exercito francez, ainda que victorioso, estava assim como preso nas suas linhas. Não lhe restava livre communicação com Pariz senão pela estrada indirecta de Vitry. Outro dia igual podia reconduzir os prussianos sobre Kellermann, e anniquilar o seu corpo muito exposto. Dumouriez dirigiu-se na madrugada de 21 ao campo do seu collega, e ordenou-lhe que passasse a ribeira d'Auve e se reconcentrasse no campo de Dampierre que precedentemente lhe tinha assignado. Esta posição, menos brilhante, porém mais segura, dava ligação e solidez ao exercito francez. Kellermann conheceu-o e obedeceu sem murmurar. Nenhum ataque dos prussianos era possivel contra sessenta mil homens cobertos por bastiões e fossos naturaes, e sustentados por numerosa artilheria. Era agora sómente o tempo que ia combater pró ou contra um e outro exercito.

Os prussianos tinham perdido já tantos dias que não lhes restavam mais a perder. A má estação chegava, e o inverno bastava para os forçar á retirada. O duque de Brunswick só tinha tres partidos a tomar, mas era preciso adoptar algum delles immediatamente: marchar sobre Pariz pela estrada de Chalons, a qual havia conquistado; atacar e vencer Dumouriez nas suas linhas; ou emfim repassar o Argonne, tomar bons quarteis de inverno na parte fertil do territorio que tinha conquistado, ter a França em suspensão durante seis mezes, fatigal-a de inquietação, a retomar a offensiva na primavera.

O duque não seguiu nenhum destes partidos. Perdeu dez dias irreparaveis em observar o exercito francez e em esgotar o terreno esteril que occupava. A estação chuvosa e febril surprehendeu-o nesta hesitação. As chuvas estragaram as estradas do Argonne pelas quaes lhe chegavam os comboios de Verdun. Os seus soldados sem abrigo, faltos de viveres espalharam-se pelos campos, pelos vergeis, pelas vinhas para se nutrirem de uvas que estes homens do Norte colhiam pela primeira vez. Seus estomagos debilitados pelo máo nutrimento contrahiu-lhes essas molestias de entranhas que tiram a força e a coragem ao soldado. O contagio espalhou-se rapidamente pelo campo, e desimou os regimentos. As estradas do Argonne estavam cobertas de carroças que transportavam os palidos soldados de Brunswick para os hospitaes de Longwy e de Verdun.

A situação de Dumouriez não parecia comtudo mais tranquillisadora aos espiritos que não tinham o segredo dos seus pensamentos; fechado do lado dos bispados pelo principe de Hohenlohe, do lado de Pariz pelo rei da Prussia. Os prussianos não estavam mais de seis legoas distantes de Chalons, e os emigrados ainda mais proximos. Os hulanos, cavallaria ligeira dos prussianos, vinha forrajear até ás portas de Reims. Entre a capital e Chalons, nem uma posição, nem um exercito. Pariz tremia vendo-se descoberta. Boatos sinistros, engrossados pela malevolencia e pelo medo, annunciavam a cada instante aos parisienses consternados a aproximação do rei da Prussia; os periodicos gritavam traição. O governo, o ministro da guerra, o proprio Danton, enviavam correios sobre correios a Dumouriez para lhe ordenar que a todo custo desembaraçasse o exercito, e viesse cobrir o Marne. Kellermann, logar-tenente entrepido, mas susceptivel e murmurador, abalado pela opinião de Pariz, ameaçava deixar o campo e abandonar seu collega á obstinação em que estava. Dumouriez, empregando sobre aquelle collega todo o ascendente de authoridade, já por meio da sedução, já pelo genio, passava para o reter, da ameaça aos rogos, e ganhava de dia para dia a sua victoria de paciencia. Uma convicção poderosa, porém isolada era só que podia sustental-o contra todos. A estrada de Chalons interceptada retardava a chegada dos comboios do interior. Os soldados estavam algumas vezes tres dias sem pão. As murmurações sitiavam os ouvidos do general. Elle transformava-as em jocosidades. « Vedes os prussianos, lhes disia elle, são mais de lastimar do que vós? Comem os seus cavallos mortos, no entanto que vos tendes farinha. Fazei bolachas a liberdade lhes dará bom sabor. »

Outras vezes elle ameaçava tirar o uniforme e as armas áquelles que se lastimassem de lhes faltar o pão, e de os espulsar do campo, como covardes e indignos de supportarem privações pela patria. Oito batalhões de federados recentemente chegados do campo de Chalons, e ainda embriagados de sedições e assassios, eram os que mais ameaçavam a subordinação do campo. Diziam bastante alto que os officiaes antigos eram traidores, e que era myster purgar o exercito dos generaes como se havia purgado Pariz de aristocratas. Dumouriez fez acampar estes batalhões á parte, collocou alguns esquadrões na retaguarda delles e duas peças de artilheria nos flancos; depois, tendo ordenado que se pozessem em batalha como para lhes passar revista, chegou á frente da linha, cercado de todo seu estado maior, e seguido de uma escolta de cem hussardes — « Vos outros, lhes disse elle, porque não vos quero chamar nem cidadãos nem soldados, vêdes diante de vos essa artilheria, e na retaguarda aquella cavallaria. Estaes manchados de crimes Não soffro aqui nem assassinos nem carrascos. Sei que ha entre vos scelerados encarregados de vos impellirem ao crime. Expulsai-os vós mesmos, ou denunciai-mos. Torno-vos responsaveis pela sua conducta. « Os batalhões tremeram, e adoptaram o espirito do exercito.

A velha honra associava-se no campo ao patriotismo. Dumouriez entretinha-a entre as suas tropas. Familiar com os seus soldados, passava as noutes sentado em roda das suas fogueiras, comia e bebia com elles, explicava-lhes a sua posição, a dos prussianos, annunciava-lhes a proxima derrota dos inimigos, e impressionava a homem por homem no seu exercito esta confiança e esta paciencia de que tinha necessidade para salvar a todos. A ameaça da sua demissão chegava-lhe todas as tardes de Pariz. Respondia por desafios ao ministro. «Conservarei occulta a minha demissão, lhe escrevia elle, até ao dia em que vir fugir o inimigo. Mostral-a-hei então aos meus soldados, e irei receber em Pariz o castigo de ter salvo o meu pai, a despeito delle. »

XVII. — Tres commissarios da convenção, Sillery, Carra, e Prieur, chegaram ao campo no dia 24 para ahi fazerem reconhecer a republica. Dumouriez não hesitou. Ainda que monarchista, o seu instincto dizia-lhe que a questão do dia não era o governo, mas sim a patria. Além disto elle tinha a ambição grande como o genio, vaga como o futuro. Uma republica, agitada no interior, não podia descontentar um soldado victorioso á frente de um exercito que o adorava Abolida a realesa não havia nada mais alto na nação, do que o seu generalissimo. Os commissarios tinham tambem por missão reconduzir o exercito para o Marne. Dumouriez pediu-lhes somente seis dias. Alcançou-os. No setimo dia, ao erguer do sol, as vedetas francezas viram as colinas do campo de la Lune nuas e desertas, e as colunas do duque de Brunswick desfilarem lentamente por entre os serros da Champagne, e retomarem a direcção de Grandpré. A fortuna tinha justificado a preserverança. O genio havia cançado o numero. Dumouriez triumphava. A França estava salva.

A esta noticia, um grito geral de *Viva a nação* ! se ergueu de todos os postos do exercito francez. Os commissarios, os generaes, Beurnonville, Miranda, o proprio Kellermann, lançaram-se nos braços de Dumouriez, e reconheceram a superioridade do seu talento, e a omnipotencia da sua vontade. Os soldados proclamaram-o o Fabius da patria. Porem este nome, que elle aceitava por um dia, correspondia mal ao ardor da sua alma, e elle sonhava já no estrangeiro o papel d'Annibal, como mais conforme á actividade do seu caracter, e á obstinação do seu genio. O de Cesar podia tambem tental-o um dia no interior do seu paiz. Esta ambição de Dumouriez é a unica cousa que explica a retirada tranquilla dos Prussianos, atravez um inimigo, por desfiladeiros faceis a transformar em forcas caudinas, e sob o canhão de setenta mil Francezes, em presença dos quaes o exercito decimado e enfranquecido do duque de Brunswick tinha de operar uma marcha de flanco

---

884 885

LIVRO XXVIII.

I. — No entanto que Dumouriez triumphava, pelo seu genio militar, do exercito prussiano, o seu genio politico não lhe adormecia. O seu campo, nos ultimos dias da campanha, era simultaneamente um quartel general e um centro de nogociações diplomaticas. Elle mesmo antigo diplomatico, useiro nas intrigas das côrtes, conhecendo a fundo os segredos dos gabinetes estrangeiros e as surdas rivalidades que incumbam sob apparente harmonia as colligações, Dumouriez tinha atado e acceite relações semi-latentes, e semi-patentes, com o duque de Brunswick e com os militares e ministros os mais influentes sobre as determinações do rei da Prussia. Danton, unico ministro com o qual Dumouriez se entendia no interior, tinha as confidências destas negociações. O roubo da guarda-roupa da corôa, que acabava de acontecer em Pariz, com a cumplicidade presumida de obscuros agentes da communa, forneceu segundo se diz, a Dumouriez, não para estes grandes meios de corrupção com os quaes se resgata uma patria, mas para essas despezas secretas que assoldadam a intriga, e captam o favor de agentes subalternos d'uma côrte e d'um quartel general.

O duque de Brunswick não desejava menos do que Dumouriez negociar combatendo. O quartel general do rei da Prussia estava dividido em duas caballas : uma queria reter o rei no exercito ; a outra aspirava a affastal-o. O conde de Schulemburg, confidente do rei, pertencia á primeira ; o duque de Brunswick era a alma da segunda. Haugwitz, Lucchesini , Lombard , secretario privado do rei, Kalkreuth e o principe de Hohenlohe serviam os pensamentos do generalissimo. Não cessavam de representar ao rei que os negocios da Polonia, mais importantes para o seu imperio do que as desordens de Pariz, exigiam a sua presença em Berlin, se elle quizesse apanhar o seu quinhão desta vasta presa, que a Russia ia apropriar-se toda inteira, e apoderar-se de Dantzig. O rei resistia com a firmeza de um homem que empenhou a sua honra n'uma grande causa, á face do mundo, e que ao menos quer descomprometter a sua gloria Ficou no exercito, e enviou o conde de Schulemburg a vigiar em seu lugar as operações da Polonia. Desde este dia o principe ficou entregue sósinho, no seu campo, ás influencias interessadas em enfraquecerem a sua marcha e em enervarem as suas resoluções. Desde este dia tambem tudo tendeu á retirada.

II. — O duque de Brunswick não buscava senão um pretexto para abrir as conferencias com o quartel general francez. No entanto que elle estava na rectaguarda do Argonne, a dez leguas de Grandpré, este pretexto não se apresentou naturalmente. O rei da Prussia nestes avanços teria visto uma covardia ou uma traição. Foi um dos motivos que determinaram o duque de Brunswick a passar o Argonne, e achar-se face a face com Dumouriez. Foi tambem, e fóra de toda a duvida, o motivo secreto por que o generalissimo, depois de um tamanho desenvolvimento de forças e tantas vãas demonstrações no campo de la Lune, não abordou comtudo o exercito francez á arma branca, não travou senão uma canhonada em vez de dar uma batalha completa, e se retirou de tarde para as suas linhas deixando tudo indeciso. O combate de Valmy, no pensamento do duque de Brunswick não era mais do que uma negociação a tiros de canhão. Dumouriez a seus olhos tinha em suas mãos a sorte da revolução franceza. Não podia acreditar que este general quizesse servir de instrumento aos furores d'uma democracia anarchica.

«Elle lançará o peso da sua espada, dizia o duque aos seus confidentes, na concha de uma monarchia constitucional e temperada Voltar-se-ha contra os carcereiros do seu rei, e contra os degoladores de septembro. Guarda das fronteiras do seu paiz, não terá mais do que ameaçar de as abrir á colligação, para fazer tremer e obedecer aos influentes das assembléas nacionaes. Uma transacção entre a França monarchica e a Prussia, sob os auspicios de Dumouriez, é mil vezes preferivel a uma guerra extrema, onde a Prussia joga o seu exercito e o seu thesouro contra o desespero de uma nação inteira.

O nosso interesse é engrandecer Dumouriez aos olhos dos seus compatriotas, para que o seu nome se volva mais imponente, e mais popular, e nos permitta tratar com elle para lhe deixar a disponibilidade do seu exercito contra os jacobinos de Pariz. Eu conheço Dumouriez. Fil-o meu prisioneiro, ha trinta e dois annos, na guerra dos sete annos. Cahido coberto de feridas em mãos dos meus hulanos, salvei-lhe a vida, mandei-o tratar, dei-lhe a minha côrte por prizão, e fiz do meu prisioneiro um companheiro das minhas festas e um amigo. Quero vel-o; quero sondar os seus designios secretos e fazel-os servir no interesse da Alemanha. Reconhecerá o seu antigo salvador, e nós avançaremos mais os negocios da Europa em algumas conferencias, do que em ruinosas campanhas. »

III. — Assim fallava o ancião. Não se enganava sobre as vistas secretas de Dumouriez, enganava-se sobre o seu poder. A revolução, então em toda a sua força, não se colocava á mercê de ninguem: Vergava tudo, e não se deixava vergar. Apenas os dois exercitos tinham entrado nas suas linhas no dia immediato ao combate de Valmy, o duque de Brunswick enviou ao campo de Kellermann o general prussiano Heymann, e o coronel Manstein, ajudante general do rei da Prussia, sob pretextos de negociar uma troca dos prisioneiros dos dois exercitos. Dumouriez, advertido por Kellermann, foi á conferencia. Foi longa, intima, e lisongeira por parte dos Prussianos; altiva, reservada, e quasi que silenciosa pelo lado de Dumouriez. Uma palavra podia perdel-o, um gesto podia trahil-o; elle negociava com o inimigo da sua patria, tendo ao lado de si o seu rival em Kellermann, e na rectaguarda os commissarios desconfiados da convenção. — «Coronel, respondeu elle ás propostas do rei da Prussia e do duque de Brunswick, vós dissestes que me estimavam no exercito prussiano, julgaria que me despresavam se me reputassem capaz de ouvir similhantes propostas.» Limitaram-se a concordar uma suspensão d'armas na frente dos dois exercitos.

IV. — Ora, nessa mesma noite que se seguiu a esta conferencia official, Westermann e Fable d'Eglantine, agentes confidenciaes de Danton, chegaram ao campo sob pretexto de reconciliarem Dumouriez com Kellermann, mas com a missão secreta de authorisarem e apressarem as negociações sobre a base de uma prompta evacuação do territorio. Durante tambem essa noite, o secretario privado do conselho do rei da Prussia, Lombard, por ordem do rei e com a connivencia do duque de Brunswick, fingiu cahir com algumas carroagens de equipagem em mãos de uma patrulha de hussares francezes, foi conduzido ao quartel-general, e teve uma conversação nocturna com Dumouriez, cujas circumstancias elle mais tarde revellou. A liberdade de Luiz XVI do seu captiveiro da torre do Templo e o restabelecimento da monarchia constitucional na França eram, da parte do rei da Prussia, as duas condições preliminares da negociação. Dumouriez professava os mesmos principios, confessava os mesmos desejos, e compromettia a sua palavra pessoal de concorrer com seus esforços para esta restauração: «porém elle se perderia inutilmente, acrescentou, se contratasse taes compromissos n'um tractado secreto. A sua popularidade nascente não tinha ainda assás força para similhantes resoluções. A convenção acabava de declarar com enthusiasmo e por unanimidade que ella não reconheceria rei. O unico meio de dar a Dumouriez o credito sobre a nação, necessario á salvação do rei, era apresental-o á França como o libertador da sua patria, e como o pacificador da revolução. A retirada dos exercitos estrangeiros do territorio francez era o primeiro passo para a ordem e para a paz.» Instado por Lombard para aceitar uma conferencia com o duque de Brunswick, o general recusou; mas entregou a este negociador uma memoria rasoada para o rei da Prussia. Nesta memoria expunha elle ao principe os motivos e a possibilidade d'uma alliança de interesse com a França. Esforçava se em demonstrar-lhe os perigos de uma colligação com o imperador, alliança que, esgotando a Prussia de homens e dinheiro, não podia aproveitar senão á Austria. Sob pretexto de reconduzir Lombard ao quartel general do rei da Prussia, Dumouriez enviou Westermann, confidente de Danton, e o seu ajudante general, ao campo dos Prussianos. Depois de Lombard fazer ao rei o seu relatorio, e lhe repetir as palavras confidenciaes de Dumouriez, o rei authorisou o duque de Brunswick a ter uma entrevista com Westermann.

Teve ella logar em presença do general Heymann. Concluiu-se, por parte do duque de Brunswick, pedindo um tractado secreto que promettesse a liberdade a Luiz XVI, e que suspendendo as hostilidades entre os dois exercitos, permittisse aos prussianos retirarem-se sem serem atacados na retirada. O duque lançou todo o odioso da guerra sobre os austriacos, e sobre os principes francezes, e abandonou sem contestação os emigrados prisioneiros de guerra á vindicta das leis do seu paiz. Westermann veiu referir estas disposições ao seu general. Dumouriez informou Danton por um correio extraordinario. Danton remetteu por unica resposta o decreto da convenção declarando que a republica franceza nunca trataria com os seus inimigos senão depois da evacuação do seu territorio.

Mas a ultima palavra de Danton foi repetida por outras boccas ao ouvido de Dumouriez. As conferencias não ficavam suspensas. Publicas para a troca dos prisioneiros serviam a mascarar as outras e as correspondencias mais misteriosas. Domouriez, receiando que as suas relações com o campo prussiano o fizessem accusar de traição pelas suas tropas, foi ao encontro da suspeita: «Meus filhos, dizia elle aos seus soldados que se juntavam em roda delle quando precorria os postos, que pensais de todas estas negociações com os prussianos, não vos suscitam ellas alguma desconfiança a meu respeito? — Não, não, responderam os soldados, com outro estariamos inquietos e lhe censurariamos a sua conducta; porém comvosco fechamos os olhos: vós sois o nosso pai.» O habil general adormecia assim o seu exercito.

V. — As mesmas aproximações entre os generaes dos dois campos oppostos se notavam no campo de Kellermann. Porém as negociações ahi não versavam senão sobre troca de prisioneiros.

Uma circumstancia apressou a determinação do rei da Prussia, e do duque de Brunswick. O major prussiano Massembach, confidente do rei, jantava em casa de Kellermann com alguns generaes francezes, e os dois filhos do duque de Orleans. Depois do jantar, Dillon, conversando no vão de uma janella com Massembach, disse-lhe que se o rei, seu amo, não consentisse em reconhecer a republica, Luiz XVI, a nobresa, e o clero morreriam infallivelmente em França; que elle mesmo, ainda que dedicado de principios e de coração á causa popular, não salvaria sua cabeça da secure popular. Depois lançando um olhar inquieto e rapido em redor da sala, e apercebendo que os convivas dispersos em grupos, não os observavam, condusiu Massembach para uma sacada. «Vede, lhe disse elle bem alto, que magnifico paiz!» Depois, baixando a voz e mudando de tom: «Adverti o rei da Prussia, acrescentou elle sem olhar para Massembach, e disfarçando o movimento dos labios, que se prepara em Pariz um projecto de invasão na Allemanha; porque se sabe que não ha tropas allemães no Rheno, e que se pretende assim forçar o vosso exercito a retrogradar.» Esta perigosa confidencia, repetida á noite ao rei por Massembach, concordava com os movimentos de Custine, que preparava a sua irrupção sobre Spire e Moguncia. Feriu o rei, e entranhou o mais nos seus pensamentos de composição.

No entanto o partido austriaco, o partido da guerra e os emigrados especialmente, que só na guerra tinham a sua esperança, murmuravam no campo dos prussianos, e sitiavam com queixumes e reprehensões o quartel general do rei.

«Que presagiam, diziam elles, estas conferencias entre o rei e Dumouriez? Quer-se salvar os dias do rei de França sacrificando-nos? Então que será da monarchia, da religião, da nobresa, e da propriedade? Os nossos alliados não se armaram senão para nos entrega-

rem por suas proprias mãos aos nossos inimigos?» Taes eram os queixumes de que os chefes dos emigrados e os enviados dos principes francezes enchiam o quartel general do rei da Prussia.

O Voltaire da Alemanha, Gœthe, que seguia o duque de Weimar nesta campanha, conservou nas suas memorias uma destas noites que precederam a retirada dos Alemães «No circulo das pessoas que cercavam os fogos do bivaque, e cuja figura estava calcinada pelo clarão das chammas, vi um velho, diz elle, que me recordei ter visto em tempos mais felizes. Aproximei-me delle. Olhou-me com admiração, parecendo não comprehender por que jogo bizarro do destino me via alli no meio de um exercito na vespora de uma batalha. Este velho era o marquez de Bombelles, embaixador de França em Veneza, que eu havia visto dois annos antes nesta capital da aristocracia e do prazer, e onde eu acompanhava então a duqueza Amelia, como o Tasso tinha acompanhado Leonor. Falhei-lhe do seu bello palacio sobre o canal de Veneza, e desse momento delicioso em que a moça duqueza, e o seu sequito, chegando na gondola á porta do seu palacio, elle nos recebêra com tanta graça e com toda a magnificencia do seu paiz no meio de musica, illuminações e festas. Julguei destrahil-o recordando-lhe estas aprasiveis lembranças. Não fiz senão avivar-lhe mais cruelmente as suas penas. Lagrimas se lhe deslisavam pelas faces. Não fallemos dessas cousas me disse elle, esse tempo está agora bem longe de nós. Mesmo então festejando os meus nobres hospedes, a minha alegria só era apparente. Tinha o coração despedaçado. Previa as consequencias das tempestades da minha patria, e admirava o vosso descuido. Pelo que respeita preparava-me em silencio para esta mudança da minha situação. Com effeito, foi-me preciso deixar bem depressa aquelle posto, aquelle palacio, aquella Veneza que se me havia feito tão querida, para começar uma carreira de exilio, de aventuras, e de miserias, que me trouxe aqui... onde venho assistir talvez, accrescentou o exilado com tristeza, ao abandono do meu rei pelo exercito dos reis. — O marquez de Bombelles affastou-se para occultar sua dor, e foi em roda de outra fogueira envolver a cabeça no seu capote.»

VI. — O marquez de Bombelles tinha sido enviado ao quartel general, pelo barão de Breteuil, para ahi velar os interesses de Luiz XVI. Os conselhos multiplicavam-se na tenda do rei da Prussia. Os principes francezes propunham marchar sobre Chalons. O rei pendia para os partidos corajosos e decisivos. O duque oppunha-se energicamente a esta marcha para a frente. Representava o quanto ficava affastado Verdun, o arsenal e armazem do exercito; que as communicações eram difficeis e lentas, a estação avançada, as molestias em augmento, que os confederados de dia para dia iam diminuindo em numero, que os francezes recrutavam no seu proprio solo, que os desfilladeiros de Grandpré eram difficeis de atravessar sem desastre, se o exercito batido tivesse de reconquistar o seu caminho para a Alemanha. Concluia por esperar o resultado das negociações, sabendo bem que só a demora, augmentando o perigo, daria mais força ao partido que opinava pela retirada. Assim se passavam os dias, e os dias eram forças O rei começava a enfraquecer. Era evidente que não buscava mais nos termos da negociação do que um pretexto para cobrir a honra das suas armas. e que se contentaria com garantias ainda as mais illusorias sobre a vida e a liberdade de Luiz XVI. Dumourier e Danton deram-lhas.

Westermann reenviado a Pariz apresentou confidencialmente a Danton a verdade da situação dos espiritos nos dois campos. Dumouriez tinha encarregado Westermann de uma carta ostensiva para o ministro dos negocios estrangeiros. «Se eu comsigo ter o rei da Prussia ainda oito dias em espectativa, dizia o general a Lebrun, o seu exercito será derrotado sem ter combatido. Este principe é muito indeciso. Elle quereria achar um meio de sahir do embaraço. Talvez o seu desespero o leve a atacar-me, se lhe não fornecerem um expediente acceitavel. Continuo, em quanto espero, a aparar a minha penna a golpes de sabre.»

A carta secreta que o general escrevia a Danton confessava uma negociação mais avançada. «O rei da Prussia pede, antes de tratar comnosco, dizia-lhe elle, esclarecimentos formaes sobre Luiz XVI, a natureza do seu captiveiro, a sorte que se lhe prepara, e attenções que se tem para com uma testa coroada.»

Danton queria a libertação do territorio fosse porque preço fosse. Era necessaria á fundação da republica, o só ella podia cobrir o horror que os crimes de setembro começavam a derramar sobre o seu nome e o seu poder. Ainda mais, Danton, ligado á côrte por antigas relações, desejava, no fundo, salvar a vida do rei, e da sua familia. Encarregou os seus agentes no conselho da communa de visitarem Luiz XVI na torre do Temple, e fazerem, sobre a situação daquelles prisioneiros, um relatorio official onde o captiveiro politico do rei fosse disfarçado sob a apparencia de uma prudente sollicitude pelos seus dias, e onde as formulas do respeito e da piedade mascarassem as paredes, os ferrolhos, e os rigores do Temple.

O maire Pethion e o procurador da communa, Manuel, concertaram-se entre si para entrarem nas vistas de Danton. Pediram á communa uma cópia de todas as determinações relativas á torre do Temple. Foram mesmo ao Temple, interrogaram o rei, affectaram levar-lhe respeitoso adoçamento ao seu captiveiro, e entregaram a Danton uma acta que testimunhava as suas provas de interesse pela familia real. Estes passos, conhecidos em Pariz e coincidindo com a evacuação do territorio, deram credito ao boato de uma correspondencia secreta entre Luiz XVI e o rei da Prussia, da qual Manuel fôra o intermediario, correspondencia que tinha por objecto obter a retirada dos Prussianos em troca da vida que se garantiria a Luiz XVI. Esta correspondencia nunca existiu. Os agentes de Luiz XVI no campo do rei da Prussia, os senhores de Breteuil, de Calonne, de Bombelles, de Moustier, o marechal de Broglie, e o marechal de astries, não cessaram até 29 de implorar a batalha e a marcha sobre Pariz, como a unica salvação para o rei de França.

No entanto Westermann tornou a sahir de Pariz com este documento destinado a adormecer os remorsos d'honra do rei da Prussia. Dumouriez fel-o conduzir ao quartel general prussiano pelo seu confidente intimo, o coronel Thouvenot. Este, encarregado de plenos poderes pelo seu general e amigo, deu verbalmente ao duque de Brunswick a certesa das disposições pessoaes de Dumouriez; «Está resolvido a salvar o rei e a regularisar a revolução, disse o coronel Thouvenot; declarar-se-ha pelo restabellecimento da monarchia quando for tempo, e quando tiver disposto o seu exercito a obedecer-lhe, e Pariz a tremer ante elle. Mas é preciso para isso uma immensa popularidade. A evacuação do territorio pelo rei da Prussia, ou uma victoria decisiva sobre o vosso exercito são as unicas cousas que lhe podem dar essa popularidade. Elle está prompto quer para a batalha, quer para a negociação. Escolhei.»

VII — O duque de Brunswik transmittiu ao rei os documentos relativos á torre do Templo, e as palavras de Thouvenot. O ultimo conselho de gabinete foi convocado para 28 em presença do rei. O duque tinha preparado de antemão os papeis e as opiniões. Ahi se deu conta ao rei do estado da negociação secreta, que não deixava outra esperança de salvar a vida de Luiz XVI senão a evacuação do territorio francez. Depoz na mesa os despachos chegados naquella noite de Inglaterra e Holanda, e annunciando que estes dois governos, recusavam formalmente acceder á coaligação contra a França. Finalmente, confirmou a confidencia feita a Massembach pelo general Dillon, e mostrou Custine movendo já as suas columnas sobre o Rheno, e prompto a cortar a retirada ao exercito prussianno. Conjurou o rei a ceder a sua generosa piedade por Luiz XVI aos interesses da sua propria monarchia, não penetrando mais ávante n'um paiz onde as paixões estavam em chammas, e a não arriscar uma batalha cujo resultado mais feliz seria ainda sangue prussianno inutil e isoladamente derramado por uma causa trahida pela Europa. O rei córou e cedeu. A or-

dem de preparativos de combate, dada ainda na vespora por elle, converteu-se na de preparativos de partida. A retirada foi resolvida.

Uma publica convenção militar foi concluida entre os generaes dos dois exercitos. Domouriez difiniu-a assim n'uma carta ao ministro Lebrun: «E' preciso olhar tudo isto, lhe disse elle, como uma negociação puramente militar, tal como os capitães gregos e romanos a faziam á frente dos seus exercitos. Elevemo-nos a estes tempos heroicos, se queremos ser dignos da republica que creámos!» Mascarava assim sob estas palavras a verdadeira naturesa da negociação. Militar na apparencia, esta negociação era politica na essencia. Dumouriez mostrava uma parte para occultar o resto.

A convenção mil tar estatuia que o exercito francez se compromettia a não inquietar a retirada dos Prussianos até ao Meuse, e que além do Meuse o exercito francez observaria, mas sem atacar; sob condição de que o rei da Prussia entregaria, sem combate, ao exercito francez, as cidades de Longwy e Verdun, occupadas pelas suas tropas. A convenção politica e verbal garantia ao rei da Prus ia os dias da familia real e os esforços de Dumouriez para restaurar a monarchia constitucional, e moderar a revolução. Este tractado, cuja existencia foi objecto de tantas controversias e tantas accusações, não pode hoje ser contastado. A honra do gabinete prussiano ordenava-lhe negal-o, e attribuir a retirada socegada do exercito coaligado á habilidade das suas manobras e á impotencia dos Francezes. Ora é do gabinete prussiano que sahiram, com o tempo, as confissões, os testimunhos, os documentos que comprovam a realidade da negociação. Esta negociação é a unica cousa que explica a inexplicavel immobilidade de Dumouriez, deixando operar impunemente o duque de Brunswick e o rei uma marcha de flanco que o expunha a serem cortadas em terços, e medindo os passos do exercito francez pelos passos lentos do exercito prussiano; de sorte que os francezes tinham mais o ar de quem acompanha os seus inimigos do que quem os expulsava de suas fronteiras.

VIII — Esta negociação de Dumouriez não foi nem traição nem fraquesa. Foi o instincto do patriotismo e o genio da circumstancia. Ella salvou a França de um gesto, em logar de a comprometter despedindo um golpe. Uma evacuação certa valia mais para a França, na sua situação extrema, do que uma batalha duvidosa. O duque de Brunswick atacado na sua retirada, mais forte ainda de quarenta mil combatentes do que Dumouriez, podia voltar para traz e aniquilar o exercito francez. A França não tinha segundo exerdito, nem outro Dumouriez. Uma derrota entregava-a á invasão. O contra-golpe teria distruido a republica apenas assegurada sobre a victoria de 10 de agosto. Danton mais interessante do que ninguem nas medidas desesperadas, bem o conheceu, e foi cumplice da prudencia de Dumouriez. A sua inergia que ía até ao crime, não ía comtudo até ao ponto da demencia. Tomou a convenção e a tregoa sob a sua responsabilidade.

Dumouriez tinha outro motivo para não abusar da retirada, e contemporisar com os Prussianos. Diplomata antes de ser soldado, sabia se que as colligações trazem comsigo, nas rivalidades surdas, o principio que as deve dissolver. A Russia e a Austria iam disputar á Prussia os poderes mais preciosos da Polonia, em quanto que o ex rcito prussiano consumiria as suas forças na crusada dos reis contra a França. O gabinete Prussiano e o duque de Brunswick não se dissimulavam este perigo. Uma alliança com a França, mesmo republicana, podia entrar nas tenções reservadas do gabinete prussiano. Era preciso não contrariar estas reservadas tenções do rei da Prussia e da sua nação, levando a guerra até ao sangue, e o passo retrogrado do rei até ponto de humilhação. Deixar aos Prussianos as honras da guerra, expulsando-os do territorio da republica, era uma profunda habillidade. E' possivel sempre a reconciliação com um inimigo quando se lhe não fere o orgulho. A liberdade tinha muitos inimigos no continente para deixar de se reservar uma aliança no coração da Alemanha. Mas o verdadeiro e secreto motivo de Dumouriez era pessoal. Uma guerra de chicana, que podia prolongar-se todo o inverno, e talvez toda a campanha seguinte contra os Prussianos, nas Ardennes e no Meuse, não convinha nem á sua situação politica, nem á sua ambição. Tinha necessidade de duas couzas; primeira o titulo de libertador do territorio francez; e segunda a liberdade de levar a outra parte a sua actividade e o seu genio. A retirada não contestada dos Prussianos, e um tratado secreto com esta potencia, garantiram-lhe estas duas necessidades da sua situação. Tranqu lla sobre este lado das fronteiras, a convenção permittir-lhe-ia realisar o seu sonho mill tar, e levar a guerra á Belgica. Vencedor dos Prussianos no interior, seria vencedor dos Austriacos nos seus proprios dominios. Ao titulo de libertador do territorio da republica, ajuntaria o titulo de conquistador do Brabante. Radiante desta dupla gloria, que não poderia então elle tentar ou por um rei, ou pela republica, ou por si mesmo! Restabeleceria elle Luiz XVI n'um throno constitucional? Elevaria elle uma nova dynastia, emanada do seio da revolução na pessoa deste moço duque de Chartres, filho do duque de Orleans, que acabava de lhe apparecer no meio do fogo de Valmy como n'uma aureola do futuro? Abandonaria a França ás suas convulsões e crearia para si proprio uma potencia independente nestas provincias belgas arrancadas p r elle á oppressão austriaca, e ás espoliações da França? Estava incerto do partido que tomaria, pr mpto sómente a decidir-se por aquelle que melhor lhe apresentasse a sua fortuna. Mas antes de tudo era-lhe preciso conquistar a Belgica. Deixou aos logares tenentes seguirem lentamente o exercito prussiano, que se retirava semeando nos seus acampamentos e nas suas estradas os vestigios da doença e da mortalidade que o decimava, e veio triumphar a Pariz.

IX. — Em a tarde da sua chegada a Pariz, Dumouriez lançou-se nos braços de Danton, apezar do sangue do 2 de septembro de que este ministro estava coberto. Estes dois homens comprehendiam-se atravez o horror do tempo: um a cabeça, e o outro a mão da patria. Juraram-se alliança e amizade; conheciam-se necessarios um ao outro. Danton completava Dumouriez; Dumouriez completava Danton. Um respondia do exercito, o outro respondia do povo. Ambos conheciam que eram os senhores da revolução.

Por este tempo o duque de Chartres, depois rei dos Franceses, apresentou-se á audiencia do ministro da guerra, Servan, para se queixar de uma injustiça que lhe faziam as repartições, Servan, então doente, estava de cama. Ouviu com distração o moço principe. Danton achava-se presente e parecia mandar no ministro da guerra mais do que o proprio ministro. Tomou á parte o duque de Chartres, e disse-lhe em voz baixa: «Que fazeis aqui? bem vedes que Servan é um fantasma de ministro, e que nem pode servir-vos, nem prejudicar-vos. Ide ámanhã a minha casa, que vos ouvirei e arranjarei o vosso negocio.» Indo o duque de Chartres no dia seguinte á chance laria, Danton o recebeu com uma es ecie de asperesa paternal. Que foi mancebo, disse elle ao duque de Chartres, o que eu soube! Certifica-se que usaes certos discursos que se assemelham a mormurações? que censuraes as grandes medidas do governo? que vos expandeis em compaixão pelas victimas, em imprecassões contra os algozes? Tomai cautella, o patriotismo não admitte tibiesa, e vós tendes um grande nome a faser perdoar.» O principe confessou com firmesa acima da sua idade que o exercito tinha horror ao sangue derramado n'outra parte que não fosse o campo da batalha, e que os assassinios de setembro lhe pareciam deshonrar a liberdade. «Sois mui mancebo para julgar estes acontecimentos, replicou Danton com uma actitude e um accento de superioridade; para os comprehender é precizo estar no logar em que estamos. A patria estava ameaçada, e nem um só defensor se levantava por ella; os inimigos avançavam, iam submergir-nos, tinhamos necessidade de meter de permeio entre os tyrannos e nós um rio de sangue! Para o futuro, calai vos! Voltai para o exercito, batei-vos bem, mas não arrisqueis inutilmente a vossa vida; tendes numerosos annos em frente de vós, a França não ama a republica, tem os ha-

bitos, tem as fraquesas e as necessidades da monarchia; depois das nossas tempestades, ella ahi será levada pelos seus vicios, ou pelas suas necessidades; vós sereis rei! Adeus mancebo. Recordai-vos da profecia de Danton!»

X. — No dia seguinte Dumouriez jantou em casa de Roland com os principaes girondinos. Entrando no salão, apresentou á senhora Roland um ramalhete de flores de eloendro em signal de reconciliação, e como pàra fazer homenagem da sua victoria aos girondinos. A gloria da sua campanha radeava sobre a sua varonil figura. Todos os partidos queriam illuminar-se aos seus raios. Sentado entre a senhora Roland e Verguiaud recebeu com pensativa reserva as propostas dos convivas. A guerra entre elles e os jacobinos, já tinha rebentado, ainda que surdamente. Elle não queria declarar-se senão pela patria. A senhora Roland perdoou-lhe tudo. Depois de jantar apresentou se na opera. Ahi foi saudado como um triumphador, pelos applausos de um povo inteiro. Danton triumphava ao lado delle no camarote do ministro do interior, e parecia apresental-o ao povo. A senhora Roland e Verguiaud, chegados ao theatro alguns momentos mais tarde, abriram o camarote, e dispuseram-se a entrar para fazer cortejo ao vencedor. Mas vendo o rosto sinistro de Danton ao lado de Dumouriez, a senhora Roland fez um gesto de horror. Ella acreditou vêr a figura do crime ao lado da figura da gloria. A propria gloria lhe pareceu manchada com o contacto de Danton. Reti ou se sem ser vista, e levou comsigo Verguiaud. O homem de setembro occultava-lhe o homem de Valmy.

Um seculo parecia ter decorrido entre o dia em que Dumouriez saíra de Pariz, e o dia em que ahi regressava. Tinha deixado uma monarchia, e viera encontrar uma republica. Depois de um interregno de alguns dia, durante os quaes a communa de Pariz e a assembléa legislativa a tinham disputado um poder caído nas mãos dos assassinos e apanhado no sangue somente por Danton, a convenção nacional se tinha reunido e se preparava a trabalhar. Eleita sob o contra-golpe de 10 de agosto, e sob o terror dos acontecimentos de septembro, ella fôra composta dos homens que tinham horror á monarchia, e que não acreditavam na constituição de 91, transacção tentada sob o nome de monarchia constitucional; homens extremos, unicos indicados pela extremidade das circumstancias. Os girondinos e os jacobinos, confundidos um momento n'uma conspiração commum contra a realesa, tinham sido nome dos por acclamação em toda a parte para completarem a sua obra. Seu mandato era acabarem com o passado, despedaçar as resistencias, reduzir o proprio throno, a aristocracia, o clero, a emigração, os exercitos estrangeiros, lançar o desafio a todos os reis, e proclamar, não essa soberania abstracta do povo que vai desnaturalisar-se e perder-se no mecanismo complicado das revoluções mixtas, mas essa soberania popular que vai interrogar, homem por homem, o ultimo dos cidadãos, e que faz reinar com uma irresistivel omnipotencia o pensamento, a vontade, ou mesmo a paixão geral. Tal era o instincto do momento.

Todos os nomes que a França tinha ouvido pronunciar desde o começo da sua revolução, nos seus conselhos, nos seus clubs, nas suas sedições, achavam-se na lista dos membros da convenção. A França tinha-os escolhido não pela moderação, mas pelo ardor; não pela prudencia, mas pela audacia; não pela maturidade dos annos, mas pela juventude. Era uma eleição desesperada. A patria conhecia, que nos perigos onde a sua resolução de mudar a face do mundo ía arremessal a, era-lhe myster combatentes e não legisladores. Era menos um governo o que ella queria constituir do que uma força temporaria. Penetrada da necessidade de unidade e de energia de acção, votava de sciencia uma dictadura. Somente, em vez de dar esta dictadura a um homem que se podia enganar, enfraquecer ou trair, ella a dava a setecentos e cincoenta representantes que lhe respondiam de sua fidelidade pelas suas proprias rivalidades, e que, observando-se reciprocamente uns aos outros, não poderiam nem parar, nem recuar, sem encontrarem a suspeita do povo, e atraz de si o supplicio. Não era nem luzes, nem justiça, nem virtudes o que ella lhes pedia; era a vontade.

LIVRO XXIX.

I. — A 21 de setembro, ao meio dia, as portas da sala do *Manego* se abriram, e viu-se entrarem lenta e solemnemente todos esses homens cuja maior parte não deviam sahir senão para o cadafalso. Os espectadores das tribunas, em pé, attentos, inclinados sobre o recinto, reconheciam, indicavam reciprocramente com o dedo, e nomeavam-se uns aos outros os principaes membros da convenção, á medida que elles passavam.

Os membros da assembléa legislativa escoltavam em corpo a convenção para abdicarem solemnemente nas mãos della. Francisco de Neufchateau, ultimo presidente da assembléa dissolvida, tomou a palavra: «Representantes da nação, lhe disse elle, a assembléa legislativa cessou as suas funcções; ella depõe o governo em vossas mãos; dá aos Francesces este exemplo de respeito á maioridade do povo. A liberdade, as leis, a paz, estas tres palavras foram gravadas pelos Gregos nas portas do templo de Delfos. Vós as gravareis no solo inteiro da França.»

Pethion foi nomeado presidente por unanimidade. Os girondinos saudaram, com um sorriso, este presagio do seu ascendente sobre a convenção. Condorcet, Brissot, Raband, Saint-Etienne, Verguiaud, Camus, Lasource, todos girondinos á excepção de Camus, occuparam os logares de secretarios. Manoel levantou-se, e disse: «A missão de que estais encarregados exigiria uma prudencia e potencia divinas. Quando Cineas entrou no senado de Roma, julgou vêr uma assembléa de reis. Similhante comparação seria para vós uma injuria. E' preciso vér aqui uma assembléa de philosophos occupados em prepararem a felicidade do mundo. Peço que o presidente da França seja alojado no palacio nacional, que os attributos da lei e da força estejam sempre ao seu lado, e que todas as vezes que elle abrir a sessão, todos os cidadãos estejam de pé.»

Um sussurro de desapprovação rebentou a estas palavras. O sentimento da igualdade republicana, alma deste corpo popular, revoltou-se contra uma sombra mesmo do cerimonial das côrtes. «Para que bom essa representação ao presidente da convenção! disse o moço Tallien, vestido de carmagnola; fóra desta sala o nosso presidente é simples cidadão. Se se lhe quizer fallar, que o vão procurar ao terceiro ou ultimo andar da sua casa obscura. E' ahi onde a alojam o patriotismo e a virtude.»

Não se approvou por tanto nenhum signal distinctivo da dignidade do presidente.

«A nossa missão é grande e sublime, disse Couthon, que estava sentado ao lado de Robespierre Não receio que, na discussão que ides estabelecer, se ouse tornar a fallar em realesa. Mas não é sómente a realesa que é necessario affastar da nossa constituição, é toda a especie de potencia individual que tenderia a restringir os direitos do povo. Hão fallado em triumvirato, em protectorato, em dictadura; espalha-se no publico que se fórma um partido na convenção por uma e por outra destas instituições. Desfaçamos estes vãos projectos, se existem, jurando todos a soberania inteira e directa do povo. Votemos igual execração á realesa, á dictadura, e ao triumvirato.» Estas palavras caíam sobre Danton, e revelavam os primeiros ciumes de Robespierre. Danton comprehendeu os, e não tardou a responder-lhes por uma abdicação, que descarregando-o do poder executivo, o remergulhava no seu elemento.

II. — Por um lado, elle estava já cançado deste reinado de seis semanas, durante as quaes havia dado á França as convulsões do seu caracter; por outro, queria affastar se do poder, um momento, para vêr desenrolarem-se os novos homens, os novos acontecimentos, os novos partidos; emfim (tanto as circumstancias domesticas tem secreto imperio sobre os homens publicos) sua

mulher, muribunda de uma doença de languidez, e deplorando o sinistro renome de que elle já tinha polluido o seu nome por tantas mortes provocadas ou toleradas, conjurava o com lagrimas a sahir do turbilhão que o arrastava a taes vertigens, e a expiar os males ou as desgraças do seu ministerio com a sua retirada. Danton amava e respeitava a primeira companheira da sua juventude, ouvia a sua voz como um oraculo de ternura, e olhava com inquietação para os seus dois filhos que, morrendo ella, iam ficar sem mãi. Aspirava a recolher-se um momento, altivo de ter salvo as fronteiras, envergonhado do preço que o seu desvairado patriotismo lhe pedira nas jornadas de setembro.

III. — Uma impaciencia visivel se trahia nas primeiras palavras, na attitude, e no mesmo silencio da convenção. Os Francezes não adiam para o dia seguinte o que no mesmo dia se póde fazer. Um pensamento estava em todos os espiritos, em todas as vistas, sobre todos os labios; elle não podia tardar em rebentar. A primeira questão a tratar era a da realesa ou da republica. A França tinha tomado o seu partido. A assembléa não podia suspender o seu. Ella reflectia sómente na grandesa do acto. Ha palavras que contem a vida ou a morte dos povos; ha minutos que decidem do futuro do genero humano. A convenção estava sobre o limiar dos seus destinos ainda desconhecidos; não hesitava; recolhia-se.

IV. — A França tinha nascido, engrandecido, e envelhicido sob a realesa a sua fórma viera a ser, pelo andar dos tempos, a sua naturesa. Nação militar, havia coroado os seus primeiros soldados; nação feudal, tinha enfeudado o seu governo civil a exemplo das suas terras; nação religiosa, sagrára seus chefes, attribuira aos seus reis uma especie de delegação divina, adorara a realesa como um dogma, proscrevera a independencia de opinião como uma revolta, e punira a lesa-magestade como um sacrilegio. Uma vã sombra de independencia individual das provincias subsistia nos parlamentos, nos estados provinciaes, e nas administrações communaes. O rei, era a lei: o nobre, era o vassallo; o povo era o servo, ou quanto muito o liberto Nação militar e altiva, a França havia enobrecido a sua servidão pela honra, santificado a obediencia pela dedicação, personificado o paiz na realesa. Desapparecendo o rei, ella não sabia mais onde estava a sua patria. O direito, o dever, a bandeira, tudo desapparecia com elle. O rei era o Deus visivel da nação, a virtude consistia em obedecer-lhe.

Nada tinha creado no povo o exercicio das virtudes civicas que são a alma dos governos livres. Honras dignidades, influencias, poder, postos nada subia do povo, tudo descia do rei. As ambições não olhavam para baixo, mas para cima. A estima não dava nada, o favor tudo. Além disto, uma alliança tão antiga como a monarchia unia a religião á realesa; distruir uma era distruir a outra. A França tinha dois costumes seculares, a realesa e o catholicismo. A opinião e a consciencia ahi se davam as mãos; não se podia desarreigar uma sem abalar a outra. A realesa de menos, o catholicismo, como uma instituição soberana e civil, cahia com ella. Em logar de uma ruina, era myster duas.

Emfim, a familia real na França, que considerava a realesa como seu apanagio inalienavel, e o poder soberano como uma legitimidade do seu sangue, havia-se confundido pelos casamentos, parentescos, e allianças com todas as familias soberanas da Europa. Atacar os direitos da realesa em França, era atacal-os, ou ameaçal-os na Europa inteira. As familias reaes não eram mais do que uma unica familia; as corôas e am solidarias. Supprimir o titulo e os direitos dos reis em todas as suas capitaes: era mais destruir inverter todas as relações externas da França com os Estados europeos, fundados sobre uma politica de familia, e fundal-os dalli por diante sobre uma politica de interesses nacionaes. O exemplo era ameaçador; a guerra certa, mortal, universal. Eis o que a historia dizia mui baixinho aos girondinos.

V — Por outro lado, o republicanismo, cuja missão a convenção conhecia em si, dizia á alma dos convencionaes: «E' preciso acabar com os thronos! A revolução tem por missão substituir a razão ao prejuizo, o direito á usurpação, a igualdade ao previlegio, a liberdade á servidão no governo das sociedades, principiado pela França. A realesa é um prejuizo, e uma usurpação supportada a seculos pela ignorancia e cobardia dos povos. Só o habito fez um direito. A realesa absolvida, é um homem-povo substituindo-se á humanidade soberana, é o genero humano abdicando os seus titulos os seus direitos, a sua razão, a sua liberdade, a sua vontade, os seus interesses entre as mãos de um só. E' fazer, por uma ficção, um deus ahi onde a natureza não fez senão um homem. E' degradar, desapossar, descoroar milhões de homens iguaes em direitos, algumas vezes mesmo superiores em intelligencia e em virtude, para engrandecer e coroar um só. E' assimilhar uma nação á gleba que ella calca, e dar a sua civilisação, as suas gerações, e os seus seculos, em propriedade a uma familia que disporá da herança de Deus.

« Transigiremos nós com este habito de realesa, e conservaremos o nome supprimindo a cousa? Criarêmos nós por comprazer á multidão rutineira, uma realesa constitucional, representativa, onde o rei não será senão um primeiro magistrado heriditario, encarregado de executar passivamente as vontades do povo? as que força e que utilidade teria uma tal instituição? Acabamos de fazer a experiencia, e os nossos filhos a farão depois de nós. De duas cousas uma: ou este rei constitucional terá um direito proprio e uma vontade pessoal ou não terá nenhuma. Se elle tem um direito proprio e uma vontade pessoal, este direito e esta vontade do rei, muitas vezes em opposição, e algumas em lucta, com a vontade do povo, não servirão senão de encerrar um germen de contradição, de guerra intestina e de morte na constituição. O governo em logar de ser a harmonia e a unidade será o antagonismo e a guerra. Será a anarchia constituida no cume para ordenar a ordem e a paz em baixo. Contra-senso!

« Ou o rei não terá authoridade nem vontade pessoal: e então, impotente, inutil, e despresado, não será mais do que a agulha dourada que marca a hora no quadrante da constituição, mas que em nenhuma cousa modera nem regula o mecanismo Escarneo do titulo de rei, e aviltamento do signal do poder.

« Ainda isto não é tudo. Ou este rei representativo será um ser nullo, um fantasma, ou será um homem capaz e ambicioso? Se é um ser nullo e um fantasma vão, de que servirá elle, senão de desconsiderar a sua hierarchia, e de traduzir a vossa realesa em piedade e em escarneo aos olhos do povo? Mas se é um homem capaz e ambicioso que perigo vivo e permanente não crieis por vossas proprias mãos para a igualdade e para a liberdade da nação!

« Honrado do nome e do signal do poder supremo, continuamente exposto nos seus palacios, nas suas ceremonias, nos seus templos, á frente dos seus exercitos, ás adorações da multidão, ricamente dotada de uma lista civil e de propriedades inamissiveis, e sempre engrossando-se, elemento de corrupção dos caracteres, orgão de todas as vontades, executora de todas as leis, negociadora com todas as cortes estrangeiras, nomeando todos os ministros e regeitando sobre elles as suas responsabilidades e as suas impopularidades, canal de todas as graças, unica instituição heriditaria no seio de uma constituição onde tudo será electivo e temporario, transmittindo de pai a filho as tradições ambiciosas de invasão de poder, gastando os homens e os partidos sem se gastar nunca a si propria, como uma tal realesa, em taes mãos, ficará inoffensiva á igualdade e á liberdade n'uma nação? não terá ella evidentemente sobre os poderes populares a vantagem do que não é passageiro sobre o que o é? e não terá ella absorvido, antes de que um seculo se passe, tudo quanto tivermos tido a imprudencia de lhe confiar dos nossos direitos e dos nossos interesses depois de ter tido a vã coragem de os conquistar? Mais vale não distruir este prejuiso do que restabelecel-o pelas nossas proprias mãos!

« A republica democratica, proseguiam elles é o unico governo segundo a rasão. Nella, nenhum homem

deificado, nenhuma familia fóra da lei, nenhuma casta fóra da igualdade, nenhuma ficção, suppondo no filho o genio ou a virtude do pai, e dando a uns a herança do commando, e a outros a herança da obediencia.

« A rasão humana é a unica legitimidade do poder. A intelligencia é um titulo não da soberania, a nação não o reconhece fóra de si, senão o titulo de magistraturas instituidas no interesse e no serviço de todos. A eleição é a sagração do povo nestas magistraturas, delegações revogaveis da sua vontade. Elle eleya, e elle depõe continuamente. Nenhum cidadão é mais soberano do que outro. Todos o são na proporção do direito, da capacidade, do interesse que elles tem na associação commum. As influencias, todas pessoaes e todas passageiras, nem são mais do que o livre acquiescimento da rasão publica ao merito, ás luzes, ás virtudes dos cidadãos. As superioridades da natureza, da instrucção, da fortuna, da dedicação, contastadas pela escolha mutua dos cidadãos entre si, fazem subir continu mente, e por um movimento espontaneo os mais dignos ao governo. Porem estas superioridades, que se legitimam pelos seus serviços, não ameaçam nunca o governo de degenerar em tyrannia. Ellas desapparecem com estes mesmos serviços, tornam a entrar em termos fixos nas linhas de simples cidadãos, ellas se evaporam com a vida dos favoritos do povo, e dão logar a outras superioridades que a seu turno lhe servirão. E' a verdadeira força do poder social pertencendo não a alguns, mas a todos, saindo sem interrupção da sua unica origem, o povo, e ahi entrando sempre inalienavel, para tornar a sair eternamente á sua vontade. E' a rotação do governo calcada sobre esta rotação perpetua das gerações que nunca pára, que não infeuda o futuro ao passado, que não imobilisa nem a soberania, nem a lei, nem a rasão; mas que, a exemplo da natureza, dura renovando-se.

« A realesa, é o governo feito á imagem de Deus; é o sonho. A republica é o governo feito á imagem do homem; é a realidade politica.

« Mas se a forma republicana é a rasão, ella é igualmente a justiça. Distribue, nivella, igualeia incessantemente os direitos, os titulos as superioridades, as funcções, os interesses das classes entre si, e dos cidadãos entre elles. O Evangelho é democratico, o christianismo é republicano! »

VI. — E ainda mais se a republica não fosse o ideal do governo da rasão, ella seria naquelle momento a necessidade da França. A França com um rei desenthronado, com uma nobresa armada contra ella, com um clero dessa ossado, com a Europa monarchica toda inteira nas suas fronteiras, não encontraria n'alguma forma da realesa, em nenhuma monarchia temperada, em nenhuma dymnastia renovada, a força sobrehumana de que carecia para triumphar de tantos inimigos, e para sobreviver a similhante crise. Um rei seria suspeito, uma constituição impotente, uma dymnastia contestada. Em tal estado de cousas, a energia desesperada e a omnipotencia do povo, evacuada do intimo desse mesmo povo e convertida d'acclamação em governo, é a unica força que pode igualar a vontade ás resistencias e a dedicação aos perigos. Antêo tocava a terra e renascia. A França deve tocar o povo para apoiar sobre elle a alavanca da revolução. Hesitar entre as formas do governo em tal momento, é perder todas. Nós não temos a escolha! A republica é a ultima palavra da revolução, como o ultimo esforço da nacionalidade. E' preciso acceital-a e defendel-a, ou viver da morte vergonhosa dos povos que entregam os seus lares, e os seus deuses, em resgate de suas vidas aos seus inimigos! »

Taes eram as reflexões que alternadamente a rasão e a paixão o passado e o presente da França, suggeriam aos girondinos para os decidir pela republica. A politica e a necessidade impunha-lhes então esta forma do governo. Elles a acceitaram.

VII. — Os girondinos 'unicamente tem iam então que esta republica caisse nas mãos de uma demagogia furiosa e insensata. O 10 de agosto e o 2 de setembro os consternavam. Elles queriam dar alguns dias á reflexão e á reacção da assembléa, e da opinião contra estes excessos populares. Homens embebidos nas idéas republicanas da antiguidade, onde a liberdade dos cidadãos suppunha a escravidão das massas, e onde as republicas não eram s não numerosas aristocracias, elles comprehendiam mal o genio christão das republicas democraticas do futuro. Elles queriam a republica com a condicção de governarem sosinhos, nas idéas e nos interesses da classe media a letrada á qual pertenciam. Propunham-se fazer uma constituição republicana á imagem desta só classe ante a qual acabava a realesa a igreja e a aristocracia de se desvanecerem. Sob o nome de republica, elles entendiam o reinado das luzes, das virtudes, da propriedade, dos talentos, de que a sua classe tinha no futuro o privilegio. Elles sonhavam impôr condicções, garantias, exclusões, indignidades nas condicções eleitoraes, nos direitos civicos, no exercicio das funcções publicas, que espanderiam sem duvida os limites da capacidade ao governo, mas que deixariam de fóra a massa fraca, ignorante, indigente ou mercenaria do povo. A constituição devia corregir, na opinião delles, o que a republica tinha de popular e de tempestuoso, elles separavam em seu pensamento a plebe da nação. Servindo uma contavam premunir-se contra a outra. Não se resignavam a forjar por suas proprias mãos, n'uma constituição repentina, irreflectida, e temeraria, a secure sob a qual as suas cabeças não teriam senão de se inclinar e cair. Numerosos e eloquentes na convenção, fiavam-se no seu ascendente.

VIII. — Mas este ascendente, preponderante ainda nos departamentos e na assembléa, tinha impalledecido havia dois mezes em Pariz, ante a audacia da communa, em frente da dictadura de Danton, perante a demagogia de Marat, e especialmente em frente do prestigio de Robespierre. A communa tinha invadido. Marat havia assustado. Danton tinha governado. Robespierre havia engrandecido. Os girondinos tinham perdido tudo quanto estas authoridades e estes homens haviam conquistado. Seguiram muitas vezes murmurando, o movimento que os arrastava. Nada tinham prevenido, nada governado durante esta tempestade; dominaram na apparencia os movimentos, mas á similhança dos destroços que dominam a vaga, seguindo as suas ondulações.

Todos os esforços que tentaram para moderar o arrastamento anarchico da capital só tinham servido a marcar a sua fraqueza. A nação, que não carecia delles retirava-se delles. Nem um só destes homens, favorecidos da opinião durante a assembléa legislativa, fôra nomeado para a convenção na cidade de Pariz. Pelo contrario todos os seus inimigos sahiram eleitos do povo. A communa fiz ra vencer todos os seus candidatos Danton, Robespierre e Marat tinham dictado os escrutinios. Dictavam agora os votos.

O povo impaciente pedia aos dois partidos resoluções extremas. A sua popularidade estava em leilão. E' preciso rivalisar de energia e até mesmo de furor, para a conquistar. A reserva monarchica feita por Vergniaud, Guadet, Gensonné, e Condorcet, mencionando a condição de um governador do principe real no decreto de deposição, collocára os girondinos em suspeição. Esta pedra de toque da monarchia parecia revellar nelles a tenção reservada de a tornarem a levantar depois de a terem abatido. Os jornaes, as tribunas dos jacobinos exploravam contra elles esta suspeição de realismo ou de moderantismo. « Queimastes as vossas náos, lhe diziam; em quanto que combatiamos para destruir para sempre o throno, escrevieis com o nosso sangue respeitosas reservas para a realeza. »

Os girondinos não podiam responder a estas accusações senão tomando a vantagem da audacia sobre os seus inimigos. Mas mesmo nisto novo temor os sustentava. Elles não podiam dar um passo mais no caminho dos jacobinos e da communa, sem assentarem um pé no sangue de 2 de setembro. Este sangue fazia-lhes horror, e elles paravam sem deliberar, ante o crime. Resolvidos a votarem a republica, queriam votar ao mesmo tempo uma constituição que désse á republica alguma cousa da concentração do poder, e da regularidade da monarchia. Romanos por sua educação e pelo [illegible]

racter, o povo e o senado de Roma eram o unico ideal politico que se offerecia confusamente á sua imitação. A ascenção do povo todo ao governo, a inauguração desta democracia christã e fraternal, de que Robespierre era o apostolo nas suas theorias, e nos seus discursos, nunca haviam entrado nos seus planos. Mudar o governo era toda a politica dos democratas. Uns eram politicos, os outros philosofos em acção. Uns pensavam no dia seguinte, outros na posteridade.

Antes de proclamar a republica, os girondinos queriam dar-lhe uma forma, que a preserverasse da anarchia ou da dictadura. Os jacobinos queriam proclamal-a como um principio a todos os azares, donde sahiriam rios de sangue talvez, tyrannias passageiras, mas donde nasceriam o triumpho e a salvação do povo e da humanidade. Emfim Danton profundamente indifferente ás formulas do governo, contanto que essa formula lhe désse o imperio, queria proclamar a republica para comprometter a nação toda inteira na causa da sua revolução, e para tornar inevitavel e terrivel, entre a França livre e os thronos, um choque onde o velho mundo politico se despedaçasse e désse logar, não aos principios mas aos homens novos.

Emfim muitos outros, como Marat e os seus cumplices, queriam proclamar a republica como uma vingança do povo contra os reis e os aristocratas, e como uma era de agitação e de desordem, onde a fortuna multiplicaria esses acasos que abaixam o que está em cima, e exaltam o que está em baixo. A escuma tem necessidade das tempestades para se elevar e sobrenadar. A politica destes demagogos não era mais do que a sedição rigida em principio, e a anarchia escripta na constituição.

IX. — Comtudo cada um destes partidos devia apressar-se para não deixar ao outro a honra da iniciativa e a vantagem da prioridade.

Os girondinos, altivos de seu numero na convenção, reuniram-se em conselho em casa da senhora Roland, e resolveram não admittir a discussão sobre a mudança de forma do governo senão depois de se terem assenhoreado das commissões executivas, e especialmente da commissão de constituição, que preparassem seu plano, que assegurassem os seus meios, e que fossem os orgãos das suas vontades. Elles se acreditavam assaz senhores da convenção pelo numero dos seus adherentes, e pela authoridade de seu credito, para prevenirem nas primeiras sessões uma acclamação temeraria da republica. Entraram com esta confiança na salla das sessões.

Danton, Robespierre, o proprio Marat, não se propunham avançar o momento desta proclamação. Queriam dar-lhe a solemnidade do maior acto organico que uma nação póde cumprir. Queriam além disto experimentar sua força na convenção e grupar seus amigos, desconhecidos uns aos outros, para modelarem a republica á sua nascença, cada um segundo suas idéas, e suas ambições. O silencio estava portanto tacitamente combinado sobre esta grande medida entre todos os chefes da assembléa. Porém na vespora desta primeira sessão, alguns membros moços e exaltados da convenção: Saint-Just, Lequinio, Panis, Billaud-Varennes, Collot-d'Herbois e alguns membros da communa, reunidos n'um banquete politico no Palais-Royal, esquentados pela conversação, e pelas fumaças do vinho, condemnaram unanimemente esta contemporisação dos chefes dos girondinos, lançando a palavra republica aos seus inimigos. « Se elles a levantam, diz Saint-Just, estão perdidos; porque somos nós que lha teremos imposto. Se elles a affastam, ainda tambem perdidos; porque oppondo-se a uma paixão do povo, serão submergidos pela impopularidade que accumularemos sobre suas cabeças. »

Lequinio, Sergent, Panis, Billaud-Varennes applaudiram o audacioso machiavelismo de Saint-just. Collot-d'Herbois antigo comediante, orador theatral, de voz sonora, de gesto solto, homem de orgia, e de golpe de mão, cuja transviação de palavra, muitas vezes se assimilhava á bebida, encarregou-se de apresentar a moção, e jurou affrontar sósinho, se fosse necessario, o silencio, o espanto, e os murmurios da Gironda.

X. — A' noite, assim como se havia convencionado, Collot d'Herbois deu, apenas entrou na sessão, a palavra de ordem aos impacientes. Elles mostraram-se promptos a fazer-lhe ecco. Uma palavra que rebenta na indecisão de uma assembléa arrasta as resoluções. Nenhuma prudencia póde conter o que está no coração de todos. Apenas Collot-d'Herbois tinha pedido a abolição da realesa, que uma acclamação, na apparencia unanime, se elevou de todas as partes da salla, e attestou que a voz de um só havia pronunciado a palavra da necessidade. Quinette e Basire tendo pedido, em respeito á nova instituição, que a gravidade das formas e a solemnidade da reflexão presidissem á proclamação da republica: « Para que é preciso deliberar, exclamou Gregoire, quando todos estão de accordo! Os reis são na ordem moral o que os monstros são na ordem physica. As côrtes são a officina de todos os crimes. A historia dos reis é o martyrologio das nações! » O moço Ducos, de Bordeaux, o amigo e discipulo de Vergniaud, conhecendo que era preciso confundir a voz do seu partido na voz geral, para que o povo não podesse distinguir nem o primeiro nem o ultimo neste voto: « Redijamos immediatamente o decreto, disse elle, não ha necessidade de considerandos, depois das luzes que o 10 de agosto propagou. O considerando do vosso decreto da abolição da realesa, será a historia dos crimes de Luiz XVI! » A republica foi assim proclamada com sentimentos diversos, mas d'uma só vez! arrancada á iniciativa de uns pela popularidade ciosa dos outros, arremessada em desafio pelos jacobinos aos seus inimigos, aceita com acclamação pelo girondinos, para não deixar a honra do patriotismo aos jacobinos, resolução desesperada; abismo desconhecido onde a reflexão arrastava os politicos, onde a vertigem attrahia os imprudentes; unico asylo que restava á patria, segundo os patriotas; golfo obscuro onde cada um acreditava engulir os seus rivaes precipitando-se com elles, e que todos deviam encher alternativamente de seus combates, de seus crimes, virtudes e sangue.

LIVRO XXX.

I. — A proclamação da republica foi acolhida com ardente exaltação na capital, nos departamentos, nos exercitos. Era para os phylosophos o typo dos governos humanos encontrado sob os escombros de quatorze seculos de prejuisos e tyrannias. Era para os patriotas a declaração da guerra de uma nação toda em pé, proclamada por ella no mesmo dia da victoria de Valmy em face dos thronos conjurados contra a liberdade. Era para o povo uma enebriante novidade. Cada cidadão se sentia, por assim dizer, curvado d'uma parte desta soberania reconquistada, de que o acto da convenção acabava de despojar a fronte e a familia dos reis, para a restituir ao povo. A nação, aliviada do pezo do throno, julgou respirar pela primeira vez o ar livre e vital que a ía regenerar. Foi um desses curtos momentos que concentram, n'um ponto do tempo, horisontes de enthusiasmo e de esperanças que os povos esperam durante seculos, que saboreiam alguns dias, e que nunca esquecem, mas que não tardam a deixar-se escapar como um bello sonho para recair em todas as realidades, em todas as difficuldades, e em todas as agonias que acompanham a vida laboriosa das nações. Não importa; estas horas de illusão são tão bellas que ellas se contam por seculos na vida da humanidade, e a historia parece fazer uma parada para as reter e para as eternisar.

II. — Aquelles que mais se gosaram foram os girondinos. Reunidos á noite em casa da sr.ª Roland, Pethion, Brissot, Guadet, Louvet, Boyer-Fonfrede, Ducos, Grangeneuve, Gensonné, Barbaroux, Vergniaud, Condorcet celebraram n'um recolhimento quasi religioso, a effectividade do seu pensamento no mundo; e lançando voluntariamente o véo da illusão sobre o embaraço do dia seguinte, e sobre as obscuridades do futuro, elles se entregavam todos inteiros ao maior goso que Deus tenha concedido ao homem sobre a terra; o parto da sua idéa, a contemplação da sua obra, a posse do seu ideal levado a effeito.

Nobres palavras se trocaram durante o jantar entre estas grandes almas. A sr.ª Roland, pallida de emoção, deixando escapar dos seus olhos vistas de um folgar sobrenatural que pareciam descobrir o cadafalso atravez a gloria e a felicidade do dia. O velho Roland interrogava com a vista o pensamento da sua mulher e parecia perguntar-lhe se este dia não era o cume de sua vida e aquelle depois do qual não havia mais do que morrer? Condorcet entretinha Brissot sobre os indefinidos horisontes que a nova era ia abrir á humanidade. Boyer-Fonfrede, Barbaroux, Rebecqui, Ducos, moços, amigos, quasi irmãos, felicitavam-se de ter longas vidas a dar á sua patria, e á liberdade. Guadet e Gensonné repousavam gloriosamente de suas longas fadigas nesta alta triumphante aonde finalmente tinham conduzido a revolução. Péthion, ao mesmo tempo feliz e triste, conhecia que a sua popularidade o abandonava; mas elle abdicava-a voluntariamente na sua alma, no momento em que a mettiam em preço do crime. O sangue de setembro tinha arrancado a Péthion a sua ebriedade de popularidade. Passada esta ebriedade, Péthion voltava a ser homem de bem.

Vergniaud, sobre quem todos os convivas tinham os olhos fixos como sobre o principal author e o unico moderador da futura republica, mostrava na sua actitude e nas suas feições a quietação descuidosa da força que repousa antes e depois do combate. Elle olhava os seus amigos com um sorriso ao mesmo tempo sereno e melancolico. Fallava pouco. No fim da ceia, pegou no seu copo, encheu-o de vinho, levantou-se e propoz uma saude á eternidade da republica. A sr.ª Roland, cheia de recordações da antiguidade, pedio a Vergniaud licença para lhe desfolhar no seu copo, á maneira dos antigos, algumas rosas do ramalhete que ella trazia naquelle dia. Vergniaud estendeu o copo, fez nadar sobre o vinho algumas folhas de rosa, e bebeu; depois inclinando-se para Barbaroux antes de se tornar a sentar: «Barbaroux, lhe disse elle a meia voz, não são estas rosas, mas ramos de cyprestes que é preciso esta noite desfolhar em o nosso vinho. Bebendo por uma republica cujo berço nada no sangue de septembro, quem sabe se nós não bebemos á nossa morte? Não importa acrescentou elle, este vinho seria o meu sangue que ainda assim beberia pela liberdade e pela igualdade! — Viva a republica!» exclamaram os convivas ao mesmo tempo.

Esta imagem sinistra entristeceu mas não desanimou suas almas. Elles estavam promptos a tudo acceitar da revoluçao, até mesmo a morte!

III. — Os girondinos escutaram, depois do jantar, os relatorios que Roland, ajudado de sua mulher, tinha redigido para a convenção sobre o estado da republica. Este plano assentava claramente a questão entre a França e a communa de Pariz. Roland, como ministro do interior, appellava para a convenção das desordens da anarchia e dos crimes que tinham assignalado o interregno das leis desde o 10 de agosto até á abertura da nova assembléa, e pedia que o poder executivo fosse assegurado nas mãos do governo central. Os girondinos prometteram sustentar energicamente o seu ministro nos projectos de refrear finalmente as usurpações da communa de Pariz. Era declarar a guerra a Danton, a Robespierre, e a Marat, que reinavam no hotel de ville.

Esta restauração do poder nacional era difficil e perigosa para os girondinos que a emprehendiam. Roland, gemendo sobre os excessos de septembro, sem ter a força necessaria para a sua repressão, tinha escripto duas vezes á assemblea legislativa para appellar a vingança das leis sobre as provocações e os authores destes assassinos. As suas corajosas protestações, se se considerar que estavam escriptas sob a faca dos degoladores, e n'um conselho de ministros onde Danton tinha assento, estavam comtudo cheias de excusas sobre os crimes levados a effeito, e de concessões deploraveis ao furor do povo; mas ellas pediam o respeito ás vidas e propriedades dos cidadãos. Ellas indicavam em Roland um censor, e não um cumplice da communa. Era assaz para o apontar e mais sua mulher ao odio e aos piques dos assassinos.

Com effeito, o comité de sobrevigilancia da communa tinha tido a audacia de ordenar a prisão de Roland. Danton, informado deste excesso de escandalo, e sabendo melhor do que ninguem que um decreto de prisão, era um decreto de morte durante estes dias, correra ao conselho de vigilancia, ralhara os seus cumplices, e rasgara a ordem de prisão. Ministro elle mesmo, tinha conhecido que um comité occulto que ia até o ponto de ordenar a prisão e a morte de um ministro, a tocava de perto de mais para não reprimir similhante attentado.

Roland, desde este dia, era alvo de todas as calumnias das folhas de Marat, e de todos os motins dos facciosos. Ameaçado a todos os instantes na sua propria casa, no ministerio do interior, insufficientemente protegido por uma fraca guarda de gendarmeria, elle era frequentemente obrigado, para sua propria segurança, a passar noutes fóra de sua casa. Quando alli dormia, o sr. Roland collocava por suas proprias mãos as pistollas sob o travesseiro, ou para se defender dos ataques nocturnos dos assassinos, ou para se subtrair por uma morte voluntaria aos ultrages delles. Roland, animado por esta mulher viril, não tinha enfraquecido nos seus deveres. As suas cartas aos departamentos para combater as sanguinarias provocações da communa, as folhas publicas redigidas nas secretarias, e cujos artigos os mais varonis respiravam a alma de sua mulher, a Sentinella, jornal republicano e honesto, escripto, dictando ella, por Louvet, attestavam os seus esforços para reter a revolução nas vias da justiça e da lei.

Bem depressa Danton e Fabre d'Églantine tentaram subtrair a Roland a este meio de acção sobre o espirito publico, attrahindo a si a maior parte dos dois milhões de fundos secretos que a assembléa tinha confiado ao poder executivo. Conseguiram-o, e desarmaram assim o ministro do interior da fraca alavanca que lhe restava na opinião publica.

IV. — Marat, por sua parte, menos imperativo porém mais avido, não contente de ter arrebatado as prensas á imprensa real, pediu a Roland uma somma de dinheiro para as despezas da impressão dos pamphletos populares que tinha na sua pasta. Roland recusou, Marat denunciou o ministro á vindicta dos patriotas. Danton encarregou-se de tapar a bocca a Marat. O duque de Orleans, ligado secretamente com Danton, emprestou a somma. Marat, não obstante, destillou o seu odio em linhas de sangue contra Roland, sua mulher, e seus amigos. Cada tentativa que este partido fazia para restabelecer a acção do governo, a ordem, e a segurança em Pariz e nos departamentos, era representada pelo *Amigo do povo*, e pelos assalariados da communa como uma conspiração contra os patriotas. O roubo da guarda roupa da corôa, teve logar nestas circumstancias, serviu de texto ás novas accusações de negligencia e de cumplicidade contra o ministro do interior. Roland ficou consternado de um acontecimento que privara a nação de preciosas riquezas n'um momento de apuro. Fez perseguir com vá actividade os authores obscuros deste roubo. Prenderam-se alguns, ladrões de profissão, que não pareceram ter sido unicamente associados a este roubo para cobrir com seus nomes deshonrados os nomes dos verdadeiros espoliadores deste thesouro. Parte dos objectos preciosos que estavam encerrados neste estojo da monarchia, foram encontrados enterrados nos *Champs-ps-Elysées*: o resto desappareceu sem deixar vestigio. Danton foi vehementemente suspeitado de ter empregado de pagar o soldo ás tropas de Dumouriez, e em corromper o estado maior do rei da Prussia, uma parte destes valores furtados para pagar a libertação do solo da patria. Os agentes tenebrosos da communa, entre os quaes os culpados tinham evidentemente cumplices, foram accusados de ter empregado outra parte em assalariar a anarchia, e perpetuar seu dominio: accusações vagas, suspeitas sem provas, que o tempo nem completamente justificou, nem completamente desmintiu.

Roland, accusado encarniçadamente por Marat, respondeu por um apelo aos parisienses. Os seus golpes avançavam a Marat, e caiam sobre a communa, cuja

lucta com a assembléa, se envenenava mais de dia para dia. « Envilecer a assembléa nacional, levar a revolta contra ella, espalhar a desconfiança entre as authoridades e povo, eis o fim dos cartases e folhas de Marat, disia Roland. Lede a de 8 de setembro, na qual todos os ministros excepto Danton, são votados á animadversão publica, e accusados de traição! Se estas dia tribes fossem anonymas, ou assignadas por algum nome obscuro, eu as desenharia; mas ellas tem o nome de um homem que o corpo eleitoral e a communa contam entre os membros, de quem se falla nomeal-o á convenção. Tal accusador força-me a responder-lhe; e se esta resposta devesse ser o meu testamento de morte, ainda assim eu o escreveria para que ella fosse util ao meu paiz. Nasci com a firmesa de caracter que sustenta a virtude, despreso a fortuna, amo a gloria honrada, não posso viver senão em paz com a minha consciencia. Lance-se mão da minha vida, e leiam-se as minhas obras; eu desafio a malevolencia a achar ahi um unico acto, um unico sentimento, de que deva córar. Durante quarenta annos de administração, eu fiz o bem. Não amo o poder. Sessenta annos de trabalhos me fazem a vida retirada preferivel a uma vida agitada. Accusam-me de machinar com a facção de Brissot: estimo Brissot, porque lhe reconheço tanta pureza como talento. Admirei o 10 de agosto; tremi das consequencias de 2 de setembro. Comprehendi a colera do povo, mas quiz que se prendessem os assassinos. Eu proprio fui apontado para victima. Que os scelerados provoquem os assassinos contra mim, eu os espero; estou no meu posto, saberei morrer.

V. — Brissot, cujo nome viera a ser a denominação de um partido inteiro, tinha sido obrigado a defender-se tambem contra a calumnia que o accusava de querer restabelecer a monarchia em França, sobre a cabeça do duque de Brunswick. Pethion não cessava, nas suas reclamações ou nos discursos, na assemblea, de recordar os seus antigos serviços e os seus titulos á confiança do povo. Era indicar que os esqueciam. O nome da senhora Roland incessantemente misturado aos dos seus amigos, era arremessado, coberto de insinuações odiosas, ao odio e ao escarneo da opinião. O proprio Verguiaud era ultrajado, ameaçado, designado pelo seu nome e pelo seu genio aos sicarios de setembro. Duas vezes Virguiaud tinha abafado sob seus pés a impopularidade que se prendia a elle, por via de discursos nos quaes lançava com uma mão o desafio aos inimigos da França, e com a outra a ameaça aos tyrannos da communa. O primeiro discurso, pronunciado no momento em que se annunciava a pretendida derrota de Dumouriez no Argonne, ha ia levantado o espirito publico, e feito uma poderosa diversão ás hostilidades intestinas da communa e dos girondinos. Constardt acabava de enumerar as forças que restavam a Dumouriez. Verguiaud succedeu-lhe na tribuna.

« Os detalhes que se vos tem dado são tranquillisadores, disse elle; com tudo é impossivel deixar de haver algumas inquietações, quando se vê o campo sob Pariz. Donde vem este turpor, no qual parecem sepultados os cidadãos que ficaram em Pariz? Não dissimulemos nada, é tempo de dizer emfim a verdade. As proscripções passadas, o boato das prescripções futuras, as desordens internas tem espalhado a consternação e o espanto. O homem de bem occulta-se, quando se chegou a este estado de cousas, onde o crime se commette impunemente. Ha homens, pelo contrario, que não se mostram senão nas calamidades publicas, assim como ha insectos malfazejos que a terra não produz senão nas tempestades. Estes homens espalham incessantemente as suspeitas, as desconfianças, os ciumes, os odios, as vinganças. São avidos de sangue. Nas suas palestras sediciosas, elles aristocratisam a mesma virtude para terem o direito de a calcarem aos pés. Democratisam o crime para se apoderarem sem temor a espada da justiça. Todos os seus esforços tendem a deshonrar hoje a mais bella das causas, a fim de sublevar contra ella as nações amigas da revolução. O' cidadãos de Pariz! eu vos pergunto com a mais profunda emoção, não desmascareis vós estes homens preversos que não teem, para captar a vossa confiança, senão a baixeza dos seus meios e a insolencia das suas pretenções? Cidadãos! logo que o inimigo avança e que um homem, em logar de vos induzir a pegar na espada para o repellir, vos induz a degolar friamente as mulheres e cidadãos desarmados, esse é o inimigo da vossa gloria, e da vossa salvação! Engana-vos para vos perder. Quando ao contrario um homem não vos falla dos prussianos senão para vos indicar o coração onde deveis ferir, logo que elle vos impulsa á victoria pelos meios dignos da vossa coragem, esse é o amigo da vossa gloria, o amigo da vossa felicidade; elle quer salvar-vos! Abjurai pois as vossas dissensões intestinas! Ide todos juntos ao campo! Ahi é que está a vossa salvação!

« Ouço dizer todos os dias: Podemos soffrer uma derrota. Que farão então os prussianos? Virão elles sobre Pariz? Não, se Pariz está n'um estado de defesa respeitavel, se vós preparais os postos, onde possais oppôr uma forte resistencia; porque então o inimigo receiaria ser perseguido, e involvido pelos restos mesmo dos exercitos que tiver vencido, e de ser atterrado como Sansão sob as ruinas do templo que derrubou. Ao campo, cidadãos! ao campo! E que! no entanto que vossos irmãos, vossos concidadãos, por uma dedicação heroica, abandonam o que a natureza deve fazer-lhes mais caro, suas mulheres, seus filhos, seus lares, ficareis vós mergulhados n'uma molle ociosidade? Não tendes outra maneira de provar o vosso zelo senão perguntando como os athenienses: Que ha hoje de novo? Ao campo, cidadãos! ao campo! No entanto que vossos irmãos regam talvez com o seu sangue os plainos da Champagne não receieis de regar com algumas gottas do vosso suor os plainos de Saint Dinis, para assegurar a sua retirada. »

VI — Este discurso, em que as figuras de Danton, de Robespierre, e de Marat, estavam mui claramente indicadas por traz dos homens de sangue que Verguiaud votava á execração da França, electrison de tal sorte a assembléa, que nenhuma voz se atreveu a responder-lhe, e que a facção da communa pareceu um momento submergida nesta onda de patriotismo. Dois dias depois, por occasião de nova queixa de Roland contra as usurpações da communa, Verguiaud apostrofou mais directamente os instigadores dos assassinos de setembro, e declarou a guerra á tyrannia mascarada dos jacobinos. Petições dos presos pediam que provesse á segurança das prisões.

« Se não ha mais do que o povo a receiar, disse Verguiaud, eu direi que ha tudo a esperar; porque o povo é justo e elle aborrece o crime. Mas ha aqui [illegible] a [illegible] para semear a discordia, [illegible] a consternação, e precipitar vos na anarchia (*applausos*). — Elles teem tremido do juramento que haveis prestado de proteger com todas as vossas forças a segurança das pessoas, as propriedades, a execução das leis. Elles hão dito: Quer-se fazer cessar as proscripções, quer-se arrancar nos as nossas victimas, querem impedir-nos de os degolar entre os braços de suas mulheres e seus filhos. Pois bem! recorrâmos aos mandados de prisão do comité da communa. Denunciemos, prendamos, atulhamos as prisões com aquelles que nos querem perder. Agitaremos depois o povo, lançaremos os nossos sicarios, e nas prisões estabeleceremos um açougue de carne humana onde á nossa vontade poderemos saciar-nos de sangue! (Applausos unanimes, e reiterados da assembléa e das tribunas) — E sabeis vós, senhores como dispoem da liberdade dos cidadãos estes homens, que imaginam que fizeram a revolução para si, que acreditam loucamente que enviaram Luiz XVI ao Templo para elles proprios se enthronisarem nas Tuillerias? (*Applausos*). — Sabeis vós como são expedidos estes mandados de prisão? A communa de Pariz repousa a este respeito sobre a sua commissão de sobrevigilancia, por um abuso de todos os principios, ou por uma confiança criminosa, dá a individuos o terrivel direito de fazer prender aquelles que lhe parecerem suspeitos. Estes sub-delegam ainda este direito a outros filiados, cujas vinganças é preciso servir bem, se se deseja que elles sirvam ás vinganças dos seus cumplices. Eis de que es-

tranha serie dependem a liberdade e a vida dos cidadãos! Eis em que mãos repousa a segurança publica! Os parisienses cegos ousam dizer-se livres! Ah! elles não são já escravos, é verdade, dos tyrannos coroados, mas são-o dos homens mais vis e dos mais detestaveis scelerados! (*Novos applausos.*) — E' tempo de despedaçar estas vergonhosas cadeias, de aterrar esta nova tyrannia; é tempo de que todos aquelles que fazem tremer os homens de bem, tambem a seu turno tremam! Não ignoro que elles tem punhaes ás suas ordens. Que! em a noite de 2 de setembro, nesta noite de proscripção, não quizeram dirigil-os contra muitos deputados, e contra mim? Não nos denunciavam ao povo como traidores? Por felecidade era effectivamente o povo que es.ava alli; os assassinos andavam occupados n'outra parte! (*Espanto geral.*). — A voz da calumnia não produsiu nenhum effeito, e a minha pode ainda ser aqui ouvida! E certefico-vos que ha-de soar toda a força contra os crimes e os tyrannos. E que me importam os punhaes e os sicarios! que importa a vida ao representante do povo quando se tracta da salvação da patria! Quando Guilherme Tell ajustava a frecha que devia abater o pomo fatal que um monstro havia collocado na cabeça de seu filho, elle exclamou. Morra o meu nome e a minha memoria, contanto que a Suissa seja livre! (Longos applausos) — E nós tambem diremos: Morra embora a assembléa e a sua memoria, contanto que a França seja livre! (Os deputados levantam-se como por um impulso unanime repetindo com enthusiasmo o juramento de Vergniaud. As tribunas imitam este movimento e confundem suas vozes com as dos deputados.) Vergniaud, um momento interrompido, continua: « Sim, morra a assembléa nacional e a sua memoria, se ella pela sua morte poupar á nação um crime que imprimiria uma nodoa em o nome francez; se o seu vigor ensina ás nações da Europa que, apesar das calumnias com que se pertende ferir a França, ha ainda, no seio mesmo da anarchia momentanea em que os bandidos nos engolfaram, ha ainda na nossa patria algumas virtudes publicas, e que ahi se respeita a humanidade!!! Morra a assembléa nacional e a sua memoria, se sobre as nossas cinzas os nossos successores, mais felizes, poderem assentar o edificio de uma constituição que assegure a felicidade da França, e consolide o reinado da liberdade da igualdade. »

VII. — Taes discursos consolavam momentaneamente os homens de bem, mas não intimidavam os homens de sangue. Os girondinos tinham por si a rasão, a eloquencia, a maioria da assembléa. Os jacobinos só tinham um poder organisado nos comités do hotel de ville, e uma força armada nas secções para executarem seus pensamentos. Os melhores sentimentos dos girondinos evaporavam-se depois de terem ressoado em magnificas palavras. As vontades dos jacobinos transformavam-se em actos no dia immediato aquelle em que eram concebidos. Tinham continuado a afrontar impunemente a assembléa. Seus jornaes e seus oradores pediam um segundo 10 de agosto contra Roland e os seus amigos. Collot-d'Herbois aspirava declaradamente a substituir no ministerio do interior e fomentava os odios populares contra elle. Pache, suisso de nação, filho do porteiro de uma casa em Pariz protegido de Roland, elevado por elle no ministerio da guerra, abandonou-o desde que Roland não foi mais util á sua fortuna, e passou para as fileiras dos seus inimigos.

No pensamento de Roland e Vergniaud, este reinado violento e anarchico da insurreição, sob o nome de communa, devia cessar por si mesmo desde o dia em que uma convenção nacional centralisasse a vontade publica, e retirasse a si os poderes um momento furtados ao povo pelos facciosos e pelos proscriptores.

Os departamentos, ciosos das invasões de Pariz sobre a nação, a indignação dos homens de bem sublevada pela carneficina de septembro, deviam segundo os girondinos, anniquillar a communa, restaurar o poder executivo, e restituil-o aos mais dignos, e aos mais capazes. Esta certeza havia-os tornado pacientes durante as cinco semanas que acabavam de se passar. A convenção chegava, os departamentos esperavam tudo desta representação retemperada em tamanhas crises. O ministro do interior lisongeava-os nas suas circulares de um prompto restabelecimento da ordem. Os vossos representantes, lhes dizia elle, estranhos ás facções que agitam a capital, afastarão, chegando a Pariz, os homens de sedição, como Marat e Danton. A anarchia repulsal-os ha pelo desgosto que ella inspira aos bons cidadãos. Prometia-lhes, além disto, o apoio moral dos exercitos, de Dumouriez especialmente, a quem as suas victorias acabavam de tornar arbitro da patria. Santerre, commandante da guarda nacional das secções, pertencia, verdade é, ao partido da communa, pela sua alliança com Panis, um dos principaes influentes deste partido; mas Barbaroux e Rebecqui respondiam dos batalhões marselhezes vencedores no 10 de agosto, segundo elles força sufficiente para defender a convenção contra os faubourgs de Pariz. Outros oitocentos Marselhezes chegaram do Meiodia ao seu apêlo. Ainda mais, Marat inspirava horror, e Danton medo. Estas considerações apresentadas muitas vezes aos girondinos, com a fria authoridade de Brissot, a eloquente indignação de Vergniaud, e apaixonados ainda pelos olhos e pela alma da senhora Roland davam a estes mancebos a confiança da victoria, e a impaciencia do combate.

VIII. — No partido opposto, uma certa hesitação traía a inquietação. Desde algum tempo as sessões dos jacobinos eram pouco seguidas e insignificantes. Os novos membros da convenção não se faziam inscrever nesta associação. Pareciam recear comprometter seu caracter e sua independencia n'uma afiliação suspeita de violencia e d'usurpação. Pethion e Barbaroux ahi luctavam com vantagem contra Fabre d'Eglantine, e Chabot. Marat não agitava senão as mais baixas camadas da populaça. Elle era mais o escandalo patente da revolução, do que uma força revolucionaria. Despopularisava a communa tomando assento nella. Danton mesmo parecia intimidado da aproximação da convenção. Seu passado pesava-lhe sobre o genio. Desejaria fazel-o esquecer, e especialmente esquecer a si proprio. Tudo que recordava as jornadas de septembro lhe era importuno. Homem de prespicacia, e como inspirada do genio inculto do governo, elle conhecia que o papel de chefe de uma facção demagogica no hotel de ville em Pariz era um papel curto precario, subalterno, indigno da França e delle. A direcção de uma insurreição, das proscripções atrozes, e o governo ensanguentado d'um interregno de seis semanas não satisfasiam a sua ambição.

Para impor sua dictadura duravel a uma nova assembléa, era preciso a Danton uma das seguintes cousas: exercito ou popularidade. Exercito, elle não o tinha ainda, bem que pensasse em crear um partido; popularidade, elle tinha o senso politico mui seguro e muito exercitado para contar por muito tempo com a sua. Conhecia que ella se lhe gastava e lhe fugia de hora para hora. Demais, tinha assaz alcance de vista para a desprezar. Julgar e desprezar a sua propria popularidade, é o signal do homem de Estado. Danton havia nascido com este caracteristico. Uma só cousa lhe faltava para se apoderar e reter este papel; a moralidade da ambição e a innocencia dos meios. Sobre o golpe logo fôra punido. Grande e temido ainda pelo ecco do seu crime, não se dissimulava a repulsão que o seu nome inspirava em roda delle. Não podia vencer este sentimento de repulsão publica senão por novos crimes, ou por uma desapparição voluntaria da scena durante um certo tempo. Novos crimes? Delles não tinha vontade, O sangue de septembro era-lhe demasiado amargoso para que desejasse espalhar mais. Danton tinha um coração de homem na essencia, prevertido, mas não insensivel. A sua crueldade era mais um spasmo de paixão, do que saciedade d'uma alma atroz. Era o systema, e não a natureza, quem havia immolado nelle. Não o confessava em publico, mas confessava-o muitas vezes a sua mulher. Elle arrependia-se. Temos visto que meditava, como Sylla, uma desapparição voluntaria e momentanea do poder. Despresava de mais os seus rivaes para lhes abandonar a scena. « Vês tu esses homens, » disse elle uma vez a Camillo Desmoulins fallando dos girondinos, de Robespierre, e de Marat, n'uma

destas expansões intimas onde o seu orgulho trahia muitas vezes os segredos da sua alma, «vês tu esses homens? Não ha senão um que valha sómente um dos sonhos de Danton! A naturesa não tinha lançado senão duas almas no molde dos homens de Estado capazes de manejar as reveluções: Mirabeau e eu. Depois de nós quebrou a forma. Esses homens são palradores que perdem o tempo a arranjar palavras, e que vão dormir depois sobre os applausos. Julgas tu que quero combatel-os ou disputar-lhes a tribuna e o ministerio? enganaste! Quero por-me de lado, e entregal-os com a sua impotencia ao nada dos seus pensamentos, e ás difficuldades do governo A grandeza dos acontecimentos esmagal-os ha. Para me desembaraçar delles, não careço senão delles mesmos.» Assim os girondinos achavam o logar quasi vasio, e a opinião desarmada em frente delles. Um unico homem tinha engrandecido na opinião e na popularidade depois do 10 de agosto, e este homem era Robespierre. Estudemol-o aqui, antes do momento em que elle se vai perder no tumulto dos acontecimentos.

IX. — Robespierre parecia então o philosofo da revolução. Por uma potencia de abstracção que não pertence senão ás convicções absolutas, havia-se, por assim dizer, separado de si mesmo para se confundir com o povo. A sua superioridade provinha de que ninguem tanto como elle parecia servir a revolução per si mesma. Elevava-se sobre a sua dedicação. Por um retour natural o povo se reconhecia nelle. A revolução não era para Robespierre uma causa politica, era uma religião do seu espirito Não lhe pedia sómente de o engrandecer a elle mesmo, pedia-lhe especialmente de lhe permittir de o cumprir. Suas idéas, ao principio confusas como os instinctos, principiavam a classificar-se pelo estudo e pela pratica. O seu talento, ao principio rebelde e laborioso, principiava a servir melhor a sua vontade. Desmudado dos dons exteriores, e das inspirações repentinas da eloquencia natural, tinha trabalhado tanto sobre si mesmo, havia meditado tanto, escrito tanto, tanto riscado, tinha afrontado tambem tanto a desattenção e o sarcasmo do seu auditorio, que concluira finalmente por acalmar e aquecer a sua palavra, e fazer de toda a sua pessoa, apesar do seu talhe magro e rude, apesar da sua voz *grele* e do seu gesto quebrado, um instrumento de eloquencia, de convicção, de paixão.

Aterrado durante a assembléa constituinte por Mirabeau, por Cazalés; vencido nos jacobinos por Danton, por Pethion, por Brissot; escurecido na convenção pela incomparavel superioridade da palavra de Verguiaud, elle se havia sustentado pela obstinação da idéa que ardia nelle, e pela intrepidez d'uma vontade que se conhecia a força de dominar tudo, porque ella o dominava a elle proprio, elle teria mil vezes renunciado á lucta, e entraria na sombra e no silencio. Mas ter-lhe-ia sido mais facil morrer do que callar-se, quando o seu silencio lhe parecia uma descrição das suas crenças. A sua força estava alli. Elle era o homem o mais convencido de toda a revolução: eis perque foi muito tempo o servidor obscuro, depois o favorito, senhor, e por fim a victima.

Julgavam os seus intimos que a revolução para elle não era a seus olhos senão a realisação da philosofia do decimo oitavo seculo, a apparição da justiça, e a rasão na lei. Robespierre era uma utopia philosophica em acção. A sua politica, redigida no contracto social, não era senão a letra sem alma da theoria evangelica que elle desejava realisar em instituição democratica. Liberdade e igualdade, fraternidade entre os cidadãos, paz entre as nações; estas palavras commentadas em proveito de todos os homens e em ruina de todas as desigualdades, de todas as tyrannias, era o seu codigo. Applicava-lhe as formulas e as consequencias, sem vergar, a todas as circumstancias, sublevadas pelo tempo. Esclarecido por esta alampeda da theoria que nenhum vento externo faria vacillar no seu espirito, elle não se havia desvairado até então. O seu interesse era a sua fé; a sua ambição a sua causa; os seus amigos eram todos aquelles que serviam esta causa mais utilmente; seus inimigos todos aquelles que pareciam trahil-a. Sua desgraça, e bem depressa depois o seu crime, foi olhar-se como o unico puro, e o unico capaz, de suspeitar, invejar e aborrecer todos aquelles que rivalisavam com elle na direcção da opinião.

Ropespierre conquistou e mereceu neste sentido o nome de incorruptivel, o mais bello titulo que o povo pode dar, pois que era o titulo á sua confiança absoluta n'um tempo em que elle desconfiava de tudo. Robespierre, que comprehendia a realisação da sua phisolofia politica sob as formas mais diversas do governo, comtanto que a democracia fosse della a alma, não tinha declamando contra a realesa, não tinha repudiado a constituição de 1791, não havia conspirado o 10 de agosto, não tinha fomentado a republica. Elle preferia a republica, sem duvida, como uma forma mais completa da igualdade politica, e como um governo onde o povo não confiava a sua liberdade senão a si mesmo; mas não via inconveniente immediato e radical a que a democracia conservasse uma cabeça n'um rei, e a unidade do poder na monarchia popular. Esta concessão á paz, e aos habitos inveterados da nação lhe parecia preferivel ás crises das revoluções que seria myster atravessar para transformar o nome e mecanismo do governo. A firmeza das suas convicções não excluia nelle a medida na applicação Tinha sido moderado nas ideias extremas. Eram os ambiciosos como os girondinos, ou os agitadores como os demagogos, que tinham mais impellido á republica; não fora elle. Pactuava com o tempo porque não lhe pedia nada, para si proprio. Tudo para o povo e para o futuro.

X. — A vida de Robespierre dava testimunho do desinteresse dos seus pensamentos; esta vida era a mais eloquente dos seus discursos. Se seu mestre João Jacques Rousseau deixasse a sua cabana de Charmettes ou de Ermenouville, para ser o legislador da humanidade, não teria usado uma existencia mais recolhida, nem pobre que a de Robespierre. Esta pobreza era meritoria, por ser voluntaria. Objecto de numerosas tentativas de corrupção por parte da côrte, do partido de Mirabeau, do partido de Lameth, e do partido girondino durante as duas assembléas, tinha todos os dias a sua fortuna sob a mão; não se havia diguado abril-a. Chamado depois pela eleição ás funcções de accusador publico e de juiz de Pariz, tinha repellido tudo, tudo resignado para viver n'uma pura e altiva indigencia. Toda a sua fortuna, e a de seu irmão, e irmã consistia no producto de alguns pedaços de terra arrendados em Artois, e cujos rendeiros, pobres tambem e alliados á sua familia, pagavam mui irregularmente as rendas. O seu ordenado quotidiano como deputado, durante a assembléa constituinte, e durante a convenção fazia frente ás necessidades de tres pessoas. Era forçado recorrer á bolsa dos seus hospedes e amigos algumas vezes. As suas dividas que não subiam comtudo senão á modica somma de quatro mil francos quando morreu, depois de seis annos de residencia em Pariz, attestam a extrema sobriedade dos seus gostos e despezas.

Os seus habitos eram os d'um modesto artista. Habitava n'uma casa da rua Saint-Honoré, que tinha o n.º 396, defronte da igreja da Assumpção. Esta casa, baixa, precedida de um pateo, cercada de telheiros cheios de pranchas, de pedaços de madeira, e de outros materiaes de construcção, tinha uma apparencia quasi rustica. Consistia rente ao chão de uma casa de jantar que abria para o pateo, e communicando com uma salla, cuja janella deitava para um pequeno jardim. Esta salla era seguida de um gabinete de estudo onde havia um piano. Uma escada de caracol conduzia da casa de jantar para o primeiro andar que era habitado pela familia do proprietario, e d'ahi ao quarto de Robespierre.

Esta casa pertencia a um mestre d'obras, chamado Duplay, e que havia adoptado com enthusiasmo os principios da revolução. Ligado com muitos membros da assembléa constituinte, Duplay lhes pedira que lhe apresentassem Robespierre, e a inteira confirmação de suas opiniões não tardou em unil-os. No dia da carnificina de Champ-de-Mars, alguns membros da sociedade dos amigos da constituição pensaram que seria imprudente deixar Robespierre voltar para o Marais, atravez uma cidade cheia de emoção, e abandonal-o sem defesa aos perigos de que elle se dizia ameaçado. Duplay, offereceu

então dar-lhe asylo, e a sua offerta foi acceita. A datar deste momento, Robespierre não cessou mais, até ao 9 thermidor, de viver com a familia do carpinteiro. Uma longa habitação, uma mesa commum, a continuidade de vida de muitos annos tinham convertido a hospitalidade de Duplay em mutua inclinação. A familia do seu hospede veio a ser para Robespierre uma segunda familia. Esta familia, á qual Robespierre havia feito acceitar as suas opiniões sem nada lhe tirar da simplicidade dos seus costumes, nem mesmo das suas praticas religiosas, compunha-se do pai, mãi, d'um filho ainda adolescente e de quatro meninas, a mais velha das quaes tinha vinte cinco annos, e a mais nova desoito. O pai occupado todo dia nos trabalhos do seu officio, ia algumas vezes á noite ouvir Robespierre nos jacobinos. Voltava cada vez mais penetrado de admiração pelo orador do povo e de odio contra os inimigos deste moço e puro patriota. A senhora Duplay compartilhava o enthusiasmo de seu marido. A estima que ella dedicava a Robespierre fazia-lhe achar honrosos e doces os pequenos serviços de domesticidade voluntaria que lhe fasia, como se ella fôra menos sua hospeda do que sua mãi. Robespierre pagava em affeição estes serviços e esta dedicação. Encerrava o seu coração nesta pobre casa. Conversando com o pai, filial com a mãi, paternal com o filho, familiar e quasi irmão com as meninas inspirava e mesmo experimentava, neste circulo intimo formado em torno delle, todos os sentimentos que uma alma ardente só inspira e faz experimentar espalhando-se sobre muito espaço fóra

XI. — O mesmo amor fixava o seu coração ahi onde o trabalho, a pobresa, e o recolhimento fixava a sua vida. Leonor Duplay, a filha mais velha da sua hospeda, inspirava a Robespierre uma dedicação mais seria e mais terna do que aquella que tinha para com suas irmãs. Este sentimento, antes predilecção do que paixão, era mais rasoavel em Robespierre, mais ardente e mais candido na joven senhora. Nem um nem outro teriam podido dizer quando este sentimento tinha começado; mas havia engrandecido com a edade, na alma de Leonor, e com o habito no coração de Robespierre. Esta dedicação dava-lhe ternura e não tormentos, felecidade e não distracções; era o amor que convinha a um homem arremessado, todo o dia nas agitações da vida publica, um repouso de coração depois das canceiras do espirito. «Alma viril,» dizia Robespierre da sua amante, «ella saberia morrer, como sabe amar.» Tinham-lhe posto o sobre nome de Cornelia. Esta inclinação confessada por ambos, approvada pela familia, respeitava-se por si mesma na sua pureza. Viviam na mesma casa, como dois esposados, não como dois amantes. Robespierre tinha pedido a menina a seus parentes: ella fora-lhe promettida. «A falta de fortuna, e a incertesa do dia seguinte impediam-o de se unir a ella antes de se exclarecer o destino da França; mas elle não aspirava, dizia elle, senão ao momento em que a revolução terminada e assegurada, elle se podesse retirar dos negocios, esperar aquella que amava, e ir viver em Artois, n'uma das quintas que elle conservava dos bens da sua familia, para ahi confundir a sua felecidade obscura na felicidade commum.»

De todas as irmãas de Leonor, aquella que Robespierre mais estimava era Isabel, a mais moça das tres, a quem o seu collega compatriota Lebas procurava em casamento, e bem depressa esposou. Esta moça mulher a quem a amisade de Robespierre custou a vida de seu marido onze mezes depois da sua união, viveu mais de meio seculo depois deste dia sem uma só vez renegar o seu culto a Robespierre, e sem ter comprehendido as maldições do mundo contra este irmão da sua joventude, que lhe apparecia ainda nas suas recordações, tão puro, tão virtuoso, e tão doce!

As vicissitudes da fortuna, da influencia, da popularidade de Robespierre não mudaram em nada esta simplicidade da sua existencia. A multidão vinha implorar o favor e a vida á porta desta casa, sem que nada ahi penetrasse de fóra. O alojamento pessoal de Robespierre consistia n'uma camara baixa, construida em forma de agoa-furtada por cima dos *telheiros*, e cuja janella abria para o telhado. Não tinha outra prespectiva senão o interior de um pateo assimilhado a uma estancia de madeira, sempre retumbante do martelo e da serra dos trabalhadores, e incessantemente atravessado pela sr.ª Duplay, e suas filhas que ahi se entregavam ás occupações do governo da casa. Este quarto era separado da dos donos da casa por um pequeno gabinete commum entre a familia e elle. Do outro lado, igualmente sobre madeiramentos, dois gabinetes eram habitados, um pelo filho da casa, o outro por Simão Duplay, secretario de Robespierre, e sobrinho do seu hospede. Este mancebo, cujo patriotismo era tão enthusiasta como as opiniões, ardia em dar o seu sangue á causa de que Robespierre era a alma. Alistado como voluntario n'um regimento de artilheria, teve a perna esquerda levada por uma balla de artilheria na batalha de Valmy.

O quarto do deputado d'Arras não continha mais do que um leito de nogueira coberto de damasco azul com flores brancas, uma meza e quatro cadeiras de palha. Esta caza servia-lhe ao mesmo tempo para trabalho e para dormir. Os seus papeis os seus relatorios, os manuscriptos dos seus discursos, escriptos pela sua mão, d'uma escripura regular mas laboriosa e muito emendada, estavam classificados com cuidado em taboasinhas penduradas na parede. Alguns livros escolhidos e em pequeno numero, ahi estavam postos por ordem. Quase todos os dias um volume de João-Jacques-Rousseau, ou de Racine, se via aberto sobre a meza, e attestava a sua predilecção philosofica e litteraria por estes dois escriptores.

Era aqui que Robespierre passava a maior parte dos seus dias, occupado em preparar seus discursos. Sómente saia de manhã para ir ás sessões da assembléa, e de tarde ás sete horas, para ir aos jacobinos. O seu vestuario mesmo na epocha em que os demagogos affectavam lisongear o povo, imitando o cynismo da indigencia, era proprio, decente, correcto como o de um homem que se respeita no olhar dos outros. O cuidado um pouco apurado da sua dignidade e do seu estylo notava-se até mesmo no seu exterior. O cabello empoado e levantado em rôlo sobre as fontes, uma casaca azul clara abotoada na cintura, aberta no peito para deixar apparecer um colete branco, um calção curto de côr amarella, meias brancas, sapatos com fivellas de prata formavam o seu vestuario invariavel durante a sua vida publica. Dir-se-hia que elle queria, não mudando nunca nem a fortuna nem a côr do fato imprimir nelle sempre a mesma imagem, como uma medalha da sua figura na vista e na imaginação da multidão.

XII. — As feições e a expressão do seu rosto trahiam attenção propria de um espirito que se esforça, mas não a malevolencia; a desordem ou a preversidade do máo. Estas feições destendiam-se e desenrugavam-se até á alegria no interior, á mesa, ou de tarde em roda do fogo de *copeaux*, na salla baixa do carpinteiro. As suas noites passavam-se todas em familia, a conversar das emoções do dia, dos planos do dia seguinte, das conspirações dos aristocratas, dos perigos dos patriotas, das perspectivas da felicidade publica depois do triumpho da revolução. Era a nação em miniatura com a sua simplicidade de costumes, as suas desconfianças e algumas vezes os seus enternecimentos.

Um pequeno numero de amigos de Robespierre e de Duplay eram admittidos alternativamente, a esta intimidade: os Lameth e Pethion, nos primeiros tempos; assaz raramente Legendre; Merlin de Thionville, Fouché, que amava a irmã de Robespierre, e a quem Robespierre não amava: muitas vezes Taschereau, Coffinhal Panis, Sergent, Piot; todas as noites Lebas, Saint-Just, David, Couthon, Buonarroti, patriota toscano descendente de Miguel Angelo, Camillo Desmoulins; um tal Nicolas impressor do jornal e dos discursos do orador; um serralheiro por nome Didier, amigo de Duplay; em fim a senhora Chalabre, mulher nobre e rica, enthusiasta de Robespierre, dedicando-se a elle como as viuvas de Corintho ou de Roma aos apostolos do novo culto, offerecendo lhe a sua fortuna para servir á popularisação das suas idéas, e captando a amizade da mulher e

das filhas de Duplay para merecer um olhar de Robespierre.

Ahi conversava-se sobre a revolução. Outras vezes, depois de uma curta conversação, e alguns gracejos das meninas, Robespierre, que queria adornar o espirito da sua desposada, fasia leituras á familia. Eram muitas vezes das tragedias de Racine. Gostava de accentuar estes bellos versos, quer para se exercitar elle proprio da tribuna pelo theatro, quer para elevar aquellas almas simples ao nivel dos grandes sentimentos e das grandes catastrofes da antiguidade, ás quaes diariamente se aproximava o seu papel e a sua vida. Sahia poucas veses á noite. Condusia duas ou tres veses por anno a senhora Duplay e suas filhas ao theatro. Era sempre ao theatro francez, e a representações classicas. Não gostava senão das declamações tragicas que lhe recordavam a tribuna, a tyrannia, o povo, os grandes crimes, as grande virtudes. theatral até nos seus sonhos, e nos seus divertimentos.

Em outros dias dias, Robespierre retirava-se muito cedo para o seu quarto, deitava-se, e levantava-se depois para trabalhar de noite. Os innumeraveis discursos que elle pronunciou nas duas assembéas nacionaes, nos jacobinos, os artigos dirigidos para o seu jornal durante um anno que o teve, os manuscriptos mais numerosos ainda eram discursos que elle tinha preparado e que não pronunciou, o cuidado de estylo que nelles se nota, as correcções infatigaveis de que estão cheios da sua penna os manuscriptos, attestam as suas vigilias, e a sua obstinação. Elle mirava á arte tanto como ao imperio. Sabia que a multidão ama o bello tanto como o verdadeiro. Tratava o povo como os grandes escriptores tractam a posteridade, sem contar as suas penas e sem familiaridade. Emmantilhava-se na sua philosophia, e no seu patriotismo.

Suas unicas distracções eram passeios solitarios, á imitação de João-Jacques-Rousseau, seu modelo, pelos Champs-Elysees, e pelos suburbios de Pariz Não tinha por companheiro destes passeios senão um grande cão de filla que dormia á portá do seu quarto, e seguia sempre seu domno quando sahia. Este cão collossal, conhecido no bairro, chamava-se Brount. Robespierre estimava-o muito, e brincava continuamente com elle. Era a unica escolta deste tyranno da opinião que fasia tremer o throno, e fugir para o estrangeiro toda a aristocracia do seu paiz.

Nos momentos de agitação extrema, e quando se receiava pela vida dos democratas, o typographo Nicolas, o serralheiro Didier, e alguns amigos acompanhavam de longe a Robespierre. Irritava-se com estas precauções tomadas contra sua vontade. « Deixai-me sair de vossa casa e ir viver sosinho, disia ao seu hospede; con prometo a vossa familia, e os meus inimigos farão um crime a vossos filhos de terem amado. » — « Não, não, morreremos todos juntos, ou o povo triumphará. » respondia Duplay. Algumas vezes ao domingo toda a familia sahia de Pariz com Robespierre, e o democrata, volvido homem, embrenhava-se com a mãi, as irmãs, e o irmão de Leonor pelos bosques de Versailles ou de Issy.

XIV. — Assim vivia este homem, cujo poder, nullo em roda delle, se tornava immenso afastando-se de sua pessoa. Esta potencia não era mais do que um nome. Este nome não reinava senão na opinião. Robespierre tinha vindo a ser a pouco e pouco o unico nome que o povo repetia. A força de se repetir em todas as tribunas como o defensor dos opprimidos, havia martelado a sua im gem e a ideia do seu patriotismo no pensamento desta porção da nação. Sua habitação em casa do carpinteiro, sua vida em commum com esta familia de artistas honrados não havia contribuido pouco para incrustar o nome de Robespierre na massa revolucionaria mas proba do povo de Pariz. Os Duplay, os seus operarios, os seus amigos nos diversos bairros da capital fallavam de Robespierre como do typo da verdade e da virtude. Neste tempo de febre de opinião, os artistas ou operarios não se espalhavam como hoje, depois do seu trabalho, pelos logares de prazer ou da crapula, para ahi consumirem as horas da noite em vãs praticas. Um só pensamento agitava, dispersava, juntava a multidão. Nada era isolado e indevidual nas impressões; tudo era collectivo, popular, tumultuoso. A paixão insuflava todos os corações, e todos ao mesmo tempo. Os jornaes, com um incalculavel numero de assignantes, choviam, a todas as horas, e sobre todas as camadas da população, como tantas faiscas sobre materias combustiveis. Cartazes de todas as formas, de todas as dimensões, de todas as côres retinham os transeuntes nas encrusilhadas; as sociedades populares tinham as suas tribunas e os seus oradores em todos os bairros. A causa publica havia-se de tal forma transformado em a causa de todos, que mesmo aquelles do povo que não sabiam ler se agrupavam, nos mercados e nas praças publicas, em roda de leitores ambulantes que liam e commentavam para elles as folhas publicas.

Entre todos estes nomes de homens, de deputados, de oradores ressoando ás suas orelhas, o povo escolhia alguns nomes favoritos. Apaixonava-se por estes, irritava-se contra os seus inimigos, confundia a causa delles com a sua. Mirabeau, Pethion, Marat, Danton, Barnave, Robespierre tinham sido, ou eram ainda alternativamente estas personificações da multidão. Mas de todas estas popularidades, nenhuma se havia mais lenta e mais profundamente enraisado no espirito das massas do que aquella do deputado de Arras

XV. — Esta popularidade fôra um momento eclypsada depois do 10 de agosto Danton e Marat; mas este esquecimento do povo não fora longo para com o seu favorito. Viu-se que Robespierre, chamado ao conselho da communa no dia seguinte á victoria, havia tomado uma parte activa nas suas deliberações, redigido os seus decretos, e promulgado as suas vontades como orador de muitas deputações, na barra da assembléa legislativa. Convencido de que a hora da republica havia em fim soado, e que parar na indicisão, era parar na anarchia, Robespierre tinha acceito a republica e violentado com palavras os girondinos, para lhes arrancar o governo, e entregal-o ao povo de Pariz. Ate ao 2 de setembro havia-se confundido assim no hotel de Ville com os directores do movimento da communa, e com os directores de Paris. Porem no dia em que Danton e Marat tinham organisado a matança e regularisado o assassinio, quer por providencia da justa volta da indignação publica, quer por horror do sangue então Robespierre cessára de apparecer na communa. A datar do 2 de setembro, não mais tomou ahi assento. Viu-se já em que termos elle testimunhou a Saint Just o sublevamento da sua alma contra aquellas immolações em massa. Ellas repugnavam lhe por tal forma nestes primeiros tempos, que não quiz por preço nenhum ser confundido com os seus collegas da communa, com medo de que uma nodoa do sangue de setembro não saltasse sobre elle.

A' medida que estas proscripções, contempladas a sangue frio appareciam mais odiosas, Robespierre apparecia mais puro. Lançavam-lhe em linha de conta a sua inacção. Aggradecia-se-lhe não ter ensanguentado o seu caracter, e ter querido conservar á causa do povo o prestigio da justiça e da humanidade. A reacção da opinião contra os dias de setembro lançava para elle todos os partidos extremos, mas não perversos.

No dia da primeira sessão elle era ainda o homem incurruptivel da revolução, incorrupto de sangue como de ouro. O seu nome dominava tudo. A propria communa que se havia mergulhado toca inteira na matança de setembro, apresentava-se a Robespierre e lhe decernava com affectação toda a authoridade sobre os seus actos. Ella conhecia que sua força moral estava nelle. Os girondinos o conheciam tambem. Receiavam pouco Marat demasiadamente monstruoso para seduzir. Negociavam com Danton, assaz venal para ser redusido. Mas, ainda que cheios de desdem para com o talento subalterno de Robespierre, era o homem ante o qual tremiam: o unico com effeito, afastado Danton, que lhes poderia disputar a direcção do povo, e a governação da republica.

Mas havia muito tempo que Robespierre havia rompido toda a intimidade com a sr.ª Roland e os seus ami-

gos. Verguiand, enebriado de eloquencia, e confiante no seu poder de arrastamento, despresava em Robespierre naquella palavra surda que trovejava sempre, mas que nunca rebentava. Elle acreditava que o poder dos homens se media pelo seu genio. O genio de Robespierre rastejava na base da tribuna onde Verguiaud já reinava. Pethion, muito tempo amigo de Robespierre não lhe perdoava ter-lhe arrebatado metade do favor publico. A popularidade soffre menos, a partilha do que o imperio. Louvet, Barbaroux, Rebecqui, Isnard, Ducos, Fonfrede, Lanjuinais, todos estes moços deputados á convenção, que acreditavam chegar a Pariz com a onipotencia da vontade nacional, e curvarem tudo sob a constituição republicana que iam livremente deliberar indignavam-se de achar na communa um poder usurpador e rebelde, que era necessario ou destruir ou segeitar-se a elle, e em Robespierre um tyranno da opinião, com o qual era necessario contar. Ás cartas destes mancebos aos departamentos são cheias de expressões de colera contra estes agitadores de Pariz. Tinham-se espalhado boatos de dictadura, metade pelos partidistas de Robespierre, metade pelos seus rivaes. Estes boatos eram feitos acreditar por Marat, que esperava de pedir ao povo fizesse entregar a um homem só o poder e a secura para immolar todos os seus inimigos ao mesmo tempo. Os girondinos faziam engrossar estes boatos sem acreditarem. Os partidos combatiam-se com suspeitas. Depois que a suspeita de realismo já não podia alcançar ninguem, a suspeita de aspirar á dictadura era o golpe mais mortal que os partidos podiam despedir-se.

Se a soberania sobre a opinião era o unico sonho de Robespierre, n'um longe confuso, assim como o seu confidente Lebas acreditava tel-o nos pensamentos do seu amigo, a aspiração a uma dictadura actual e directa era uma calumnia contra o seu bom senso. Era-lhe mister engrandecer immensamente ainda na confiança e no fanatismo do povo para ousar dominar a representação. Os seus inimigos encarregavam-se de eleval-o atacando-o. Accusal-o de pretenção á dictadura, era fazer dois serviços ao seu renome. Era de uma parte, preparar-lhe uma occasião facil e certa de demonstrar a sua innocencia; era, por outra parte, dar a ideia do crime de que o accusavam, e faser-lhe uma candidatura ao poder supremo pela propria boca dos seus calumniadores: duplicada fortuna para um ambicioso.

XVI. — A colera e a impaciencia dos moços girondinos não fiseram nenhuma des reflexões. Reuniram-se em casa de Barbaroux, esquentaram-se das suas proprias prevenções, resolveram atacar repentinamente e corpo a corpo a tyrannia de Pariz, na pessoa e sob o nome de Robespierre. Lançando sobre elle só todo o odiso desta tyrannia, tinham a vantagem de deixar de parte a Danton, a quem elles temiam muito mais. Acreditavam assim atacar a communa pelo mais vulneravel dos seus triunviros, e não duvidavam de triumphar facilmente. Alguns dos seus amigos mais odiosos, e mais contemporisadores, taes como Brissot. Sieyés e Condorcet, aconselhavam-os a addiarem o ataque, e a esperar que um conflicto inevitavel e proximo se levantasse entre a communa e a convenção. Os mais animosos responderam que dar tempo a uma facção, era dar-lhe forças; que a coragem era sempre a melhor politica; que era habil arrancar logo desde o primeiro dia a republica aos facciosos que queriam lançar mão della no berço, que era preciso não deixar á indignação da França contra os degoladores de setembro tempo de se calmar; que era preciso comprometter desde o primeiro momento a maioria da convenção contra os homens de sangue que ameaçavam tudo sugeitar, e que alem disto havia nelles alguma cousa mais determinante que a politica, era o sentimento, era o horror de suas almas contra estes corruptores do povo, e a impossibilidade para homens de coragem de se deixarem confundir com assassinos, e parecer toleral-os ou receial-os contemporisando por mais tempo.

O intrepido Vergniaud, vergonhoso de ter vergado por seis semanas á insolente tyrannia da communa, não buscava nem apressar, nem demorar o ardor de seus moços compatriotas. Não fugia, nem pedia o combate; declarava-se unicamente prompto a acceital-o e a sustental-o. Sua alma, sua palavra, seu sangue estavam dedicados á salvação da patria e á puresa da republica.

Sieyés especialmente, que nestes primeiros tempos era procurado pelos girondinos, e que os encontrava todas as noites no salão da sr.ª Roland, deu-lhes em formas laconicas conselhos de tatica, e lhes apresentou planos metaphisicos de constituição. Os girondinos o cultivavam como seu homem de estado. Sieyés espirito de grande alcance, apesar de detestar Robespierre, Marat, e Danton, queria que antes de se atacar a communa, os girondinos separassem della a Danton, e fizessem pacto com Dumouriez que lhes assegurava outra força alem da tribuna contra os bandos insurreccionaes do Hotel de Ville. « Não jogueis a repulica, lhes dizia elle, n'uma batalha de ruas antes de ter a artilheria pelo vosso lado. » Vergniaud conveio na justiça destas palavras; mas a impaciencia da juventude, a vergonha de recuar, as excitações eloquentes da sr.ª Roland venceram os frios calculos.

XVII. — Os jacobinos no entretanto repovoavam se havia dois dias. Marat e Robespierre ahi reappareceram.

A convenção principiou seus trabalhos. Ella ouviu primeiro com favor um relatorio energico de Roland, que proclamava os verdadeiros principios de ordem e de legalidade, e que pedia á assembléa assegurasse a sua propria dignidade contra os movimentos populares, por uma força armada consagrada á segurança da representação nacional. O momento era opportuno para atacar a communa e ferir os seus excessos. Na sessão de 24 de setembro, Kersaint, gentilhomem bretão, intrepido official de marinha, escriptor politico eloquente, reformador dedicado á regeneração social, ligado desde o primeiro dia com os girondinos pelo mesmo amor da liberdade, pelo mesmo horror ao crime, pediu repentinamente, a respeito de uma desordem nos Champs-Eliseés, que se nomeassem commissarios para vingar a violação dos primeiros direitos do homem, a liberdade, a propriedade, a vida dos cidadãos. « E' tempo, exclamou Kersaint, de levantar cadafalsos para os assassinos, e para aquelles que provocam o assassinio. » Depois voltando-se para o lado de Marat, de Robespierre, e de Danton, e parecendo dirigir contra elles uma alusão sangrenta: » Ha talvez, proseguiu elle, com uma voz trovejante, ha talvez alguma coragem em clamar aqui contra os assassinios!... « A assembléa tremeu, e aplaudiu.

Tallien, pede que esta proposta seja addiada — « Addiar a repressão do crime, diz Vergniaud, é proclamar a impunidade dos assassinos. » Fabre d'Eglantinne, Sergent, Collot-d'Herbois, conhecendo-se designados, oppuseram-se á moção de Kersaint. Justificaram os cidadãos de Pariz — « Os cidadãos de Pariz! exclamou Lanjuinais, esses estão no pasmo. A' minha chegada aqui, tremi! » Murmurios se levantaram. Buzot, confidente de Roland, preparado para a palavra pela communicação que tinha recebido do relatorio, aproveitou a emoção inesperada produsida pelo discurso de Kersaint, para subir á tribuna e travar o combate, alargando-lhe o terreno.

XVIII. — No meio da agitação violenta que a proposta de Kersaint fez nascer, diz Buzot, preciso guardar o sangue frio que convem a um homem livre. Não basta dizer uma pessoa republica e soffrer sob este nome novos tyrannos! Estranho aos partidos, cheguei aqui com a confiança de que poderia conservar a independencia da minha alma. E' bom que eu saiba o que deverei esperar ou temer. Estamos nós em segurança? Existem leis contra aquelles que provocam á matança? Acredita-se que nós não tenhamos trazido uma alma republicana incapaz de dobrar sob as ameaças, sob as violencias de homens dos quaes não conheço nem o fim nem os designios? Pede-se uma força publica; é tambem o pedido que vos faz o ministro do interior, este Roland, que apezar das calumnias de que é alvo, é aos vossos olhos um dos muitos homens de bem da França (*applausos*). Peço, eu tambem uma força publica, para a qual concorram todos os nossos departamentos. E' preciso uma lei contra esses homens infames que assassinam porque não tem a coragem

de combater... Julgam que nos hão de fazer escravos de certos deputados de Paris? .. »

Este sublevamento da alma de Buzot abalou a convenção. As acclamações saídas de todos os bancos dos deputados dos departamentos apoiaram estas palavras. Os deputados de Pariz e os seus adherentes calaram-se consternados, e a proposta foi votada. A' noite os doze deputados de Pariz dirigiram-se em massa á sessão dos jacobinos para ahi exhalarem sua colera e concertarem a vingança. E' preciso, exclamou Chabot, que os jacobinos, não sómente de Pariz, mas de todo o imperio, *forcem* a convenção a dar á França um governo da sua escolha. A convenção retrograda. Os intrigantes apoderam-se della. Os adormecedores da seita de Brissot e de Roland querem estabelecer um governo federativo sobre nós pelos departamentos. »

A estas palavras Pethion appareceu, e subiu á tribuna. Brissot escreveu que elle queria explicar-se fraternalmente. Fabre d'Eglantine ataca Buzot e denuncia o seu discurso da manhã como uma combinação preparada em casa de Roland para previnir o espirito da convenção contra Pariz. Pethion defende Buzot, « não sómente a titulo de amigo, disse elle, mais como um dos cidadãos mais dedicados á liberdade e á républica. » Billaud-Varennes, Chabot, Camillo Desmoulins, chamam a Brissot um scelerado. Grangeneuve e Barbaroux ameaçam a deputação de Pariz com a chegada de novos Marselhezes. A sessão levantou-se no meio do mais inexplicavel tumulto. A guerra está declarada.

XIX. — O combate travase no dia seguinte em a sessão da convenção. Merlin levanta se. « Falla-se de regular a ordem do dia, diz elle, a unica ordem do dia é fazer cessar as desconfianças que nos dividem, e que perderiam a causa publica. Falla se de tyrannos e de dictadores; eu peço que elles sejam nomeados, e que me designem aquelles que eu devo apunhalar. Intimo Lasource, que me disse hontem que existia aqui um partido dictatorial, para que no-l-o designe. »

Lasource, amigo de Vergniaud, e quasi tão eloquente, levanta-se indignado desta perfida interpellação. « E' para admirar, disse elle, que o cidadão Merlin, interpellando-me me calumnie. Eu não fallei de dictador, mas de dictadura. Disse que certos homens aqui pareciam tender pela intriga á dominação. E' uma conversação particular que o cidadão Merlin revella. Mas longe de me queixar desta indiscripção, eu a louvo. O que disse em confidencia, repetirei na tribuna, e aliviarei assim meu coração. Hontem á tarde nos jacobinos, ouvi denunciar os dois terços da convenção como conspirando contra o povo e contra a liberdade. Sahindo d'ahi, alguns cidadãos se gruparam em roda de mim; o cidadão Merlin foi deste numero. Pintei-lhes com um calor de que me não sei abster quando se trata da minha patria, a minha inquietação e a minha dôr. Gritava-se contra o projecto de lei que pede a punição dos provocadores ao assassinio. Disse e digo ainda que esta lei não pode atterrar senão aquelles que meditam crimes, e que os lançam depois sobre o povo, do qual se intitulam os unicos amigos! Gritava-se contra a proposta de dar uma guarda á convenção. Disse, e repito ainda que a convenção nacional não pode tirar a todos os departamentos da republica o direito de velar no deposito commum, e na liberdade dos seus representantes. Não é o povo que eu temo, foi elle que nos salvou; e visto que emfim é preciso que cada um falle de si, foram os cidadãos de Pariz os que me salvaram, alli, sobre o terraço dos Feuillants, foram elles que affastaram de mim a morte de que eu estava ameaçado; que affastaram do meu peito trinta golpes de sabre! Não, não é o cidadão que eu temo, é o ladrão, é o assassino que apunhala. Admiram-se? A meu turno interpello a Merlin. Não é verdade que me advertiu em confidencia, um destes dias, no comité de vigilancia, que eu devia ser assassinado no limiar da minha porta, entrando em minha casa, assim como outros muitos collegas meus? Sim, eu temo o despotismo de Pariz, temo a dominação dos intrigantes que opprimem a convençãonacional; quero que Pariz seja para o imperio francez o que Roma foi para o imperio romano.

Aborreço estes homens que, no mesmo dia em que se commettia a matança, ousaram expedir ordens de prisão contra oito deputados. Querem chegar pela anarchia a essa dominação de que estão sequiosos. Não designo ninguem. Sigo com a vista o plano dos conjurados, levanto a cortina; quando os homens que aponto me tiverem fornecido assaz luz para bem os ver, e para os mostrar á França, virei desmascara'-os nesta tribuna, embora deva eu ao descer della cahir sob seus golpes! Serei vingado. A potencia nacional, que fulminou Luiz XVI fulminará todos esses homens avidos de sangue. »

Immensos applausos cobriram estas palavras. A energia de Lasource parecia ter restituido a respiração á assembléa. Rebecqui apontou Robespierre « Eis ali, exclamou elle, o partido, eis o homem que vos denuncio! »

Danton que se conhecia ainda assaz apoiado nos dois lados da convenção para se conservar em equilibrio, e interpôr-se como um terrivel mediador, pediu a palavra.

« E' um bello dia para a nação, diz elle, é um bello dia para a republica, este que traz entre nós uma explicação fraternal. Se ha culpados, se existe um homem perverso que queira dominar despoticamente os representantes do povo, a sua cabeça cahirá apenas elle se tiver desmascarado. Esta imputação não deve ser uma imputação vaga e indeterminada. Aquelle que a fez, deve apontal-a. Eu mesmo a farei cahir, embora ella fosse a do meu melhor amigo. Não defendo em massa a deputação de Pariz, não respondo por ninguem (indica com um olhar desdenhoso o banco de Mara.) Não vos fallarei senão de mim. Estou prompto a vos desenhar o quadro da minha vida publica. Ha tres annos que tenho feito o que tenho julgado dever fazer pela liberdade. Durante o meu ministerio, hei empregado todo o rigor do meu caracter, e toda a actividade d'um cidadão abrazado do amor do seu paiz. Se ha alguem que possa accusar-me a tal respeito, que se levante, e que falle! Existe, é verdade, na deputação de Pariz um homem cujas opiniões exageram e desacreditam o partido republicano, é Marat! Assaz, e por muito tempo me tem accusado de ser o author dos escriptos deste homem. Invoco o testimunho do cidadão que vos preside. Pethion tem nas suas mãos a carta ameaçadora que Marat me dirigiu. Elle foi testimunha d'uma altercação entre Marat e eu na mairie. Mas attribuo estas exaggerações ás vexações que este cidadão soffreu. Temo que os subterraneos nos quaes esteve encerrado ulcerassem a sua alma!... Dever-se-ha por causa d'alguns individios exaggerados, accusar uma deputação inteira? Quanto a mim, não pertenço a Pariz; nasci n'um departamento para o qual se voltam sempre os meus olhos com um sentimento de prazer. Mas nenhum de nós pertence a tal ou tal departamento. Nós pertencemos á França inteira. Façamos uma lei que pronuncie a pena de morte contra quem se declarar em favor da dictadura ou do triumvirato. Diz-se haver aqui entre nós homens que querem desmembrar a França. Façamos desapparecer estas idéas absurdas pronunciando a pena de morte contra estes homens. A França deve ser indivisivel. Os cidadãos de Marselha querem dar a mão aos cidadãos de Dunquerque. Votemos a unidade da representação e do governo. Não será sem tremer que os austriacos saberão desta santa harmonia. Então juro-vos que os nossos inimigos ficarão mortos! »

Danton desceu da tribuna entre os applausos. As assembléas sempre indecisas por sua naturesa, adoptam com enthusiasmo as propostas dilatorias, que as aliviam da necessidade de se pronunciarem.

Porém Buzot impaciente de levar uma victoria á senhora Roland não se contentou para o seu partido com esta recusa de julgamento, com estas leis de morte de dois gumes, e com estes juramentos equivocos de unidade e indivisibilidade da republica — « E quem foi que vos disse cidadão Danton que alguem cuidava em romper esta unidade? respondeu elle. Não pedi eu que ella fosse consagrada e garantida por uma guarda composta de homens enviados por todos os departamentos? Falam-

nos em juramentos? Não acredito nos juramentos. Os La Fayette, e Lameth tinham feito um; violaram-o! Fallam nos de decreto? Um simples decreto não basta para assegurar a indivisibilidade da republica. E' preciso que esta unidade exista de facto. E' preciso que uma força armada enviada pelos oitenta e tres departamentos cerque a convenção. Mas todas estas ideas tem necessidade de ser coordenadas. Peço que se enviem á commissão dos seis.»

A obstinação de Buzot reacendeu a audacia dos moços girondinos um momento desconcertado pela voz de Danton. Vergniaud, Guadet, Pethion callavam-se e pareciam mostrar nas suas physionomias e na sua actitude uma repugnancia a levar o combate mais longe. Robespierre, interpelado pelo seu nome, subiu com lentidão e solemnidade os degráos da tribuna. Todas as vistas se fixavam nelle. O odio prematuro dos girondinos tinham-lhe feito, para um orador popular, o mais bello dos papeis: o da innocencia que se defende, e da força que se modera.

XX. — Cidadãos, disse elle, subindo a esta tribuna para responder á accusação lançada contra mim, não é a minha propria causa que venho deffender, mas a causa publica. Quando me justificar, não acrediteis que me occupo de mim, mas da patria. Cidadão proseguiu elle apostrafando Rebecqui, cidadão que tiveste a coragem de me accusar de querer avassalar o meu paiz, á face dos representantes do povo, neste mesmo logar onde tenho defendido os seus direitos, eu vos agradeço? Eu reconheço neste acto o civismo que caracterisa a celebre cidade (Marselha) que vos deputou. Agradece-vos! porque todos nós ganharemos nesta accusação. Designaram-me como o chefe d'um partido que se aponta á animadversão da França como aspirando á tyrannia. Ha homens que succumbiriam sob o peso de tal accusação. Eu não receio essa infelicidade. Graças sejam dadas a tudo quanto tenho feito pela liberdade; sou eu que tenho combatido todas as facções durante tres annos na assembléa constituinte; sou eu que hei combatido a corte, desdenhado os seus presentes, despresado as caricias do partido mais seductor que, mais tarde, se elevou para opprimir a liberdade!»

Vozes numerosas, fatigadas deste vago panegyrico de si proprio, interromperam Robespierre intimando-o a entrar na questão. Tallien reclamou a attenção para o deputado de Pariz. Robespierre, que não achava alli o favor e o respeito que gosava nos jacobinos, embaraçou-se um momento nas suas palavras. Implorou o silencio da generosidade dos seus accusadores. Recordou de novo os seus serviços á revolução.

«Mas foi ahi, accrescentou elle, que começaram os meus crimes; por que um homem que lucta tanto tempo contra todos os partidos, com uma coragem acre e inflexivel, sem se reservar algum partido a si mesmo, esse deve ser o alvo do odio e das perseguições de todos os ambiciosos e intrigantes. Quando elles querem começar um systema de oppressão, seu primeiro pensamento deve ser affastar esse homem. Sem duvida outros cidadãos tem defendido melhor do que eu os direitos do povo, mas eu sou aquelle que póde honrar-se de mais inimigos e mais perseguições. — Robespierre! grita-se-lhe de todos os lados, diz-nos sómente se aspiraste á dictadura ou ao triumvirato!» Robespierre indigna-se da estreiteza dos limites que se prescreve á sua defeza. A convenção murmura e testimunha o seu cançasso pela innatenção. «Abrevia-te, abreviate! gritam de todos os bancos a Robespierre. — Abreviar-me-hei, replica Robespierre. Chamo-vos á vossa dignidade. Invoco a justiça da maioria da convenção contra certos membros que que são meus inimigos... — Aqui ha unidade de patriotismo, não é por odio que te interrompem, «lhe responde Cambon. Ducós pede, que no interesse mesmo dos accusadores, o accusado seja ouvido com attenção.

XXI. — Robespierre continua no meio das risadas e dos sarcasmos. «Que aquelles que me respondem com gargalhadas de riso e com sussurro se formem em tribunal e pronunciem a minha condemnação, será o dia mais glorioso da minha vida! Ah! se eu tivera sido homem a ligar-me a um destes partidos, se eu tivesse transigido com a minha consciencia, eu não experimentaria nem estes insultos nem estas perseguições! Pariz é a arena onde tenho sustentado os inimigos do povo; não é portanto em Pariz que se pode desnaturar a minha conducta, porque aqui ella tem o povo por testimunha. Não acontece assim nos departamentos. Deputados dos departamentos, conjuro-vos em nome da causa publica, desulidi-vos, e ouvi-me com imparcialidade! Se a calumnia sem respósta é a mais temivel das precauções contra um cidadão, ella é tambem a mais prejudicial á patria! Accusaram-me de ter tido conferencias com a rainha, com Lamballe; fizeram me responsavel das frases irreflectidas de um patriota exagerado (Marat) que pedia que a nação se confiasse a homens, dos quaes, durante tres annos, ella tivesse experimentado a incorruptibilidade! Desde a abertura da sessão, e mesmo já de antes se renovam estas accusações. Quer-se perder na opinião publica os cidadãos que juraram immolar todos os partidos. Suspeitam-nos de aspirar á dictadura; e nós, nós suspeitamos o pensamento de fazer a republica franceza um montão de republicas federativas, que seriam continuamente a preza dos furores civís ou dos nossos inimigos. Vamos ao fundo destas suspeitas. Que se não contentem em calumniar, que se accuse, e que se assignem essas accusações contra mim!»

XXII. — O impaciente Barbaroux levanta-se com o arrebatamento da joventude: «Barbaroux, de Marselha, apresenta-se, disse elle, olhando Robespierre de frente, para assignar a denuncia... Nós entravamos em París. Nós acabavamos de destruir o throno com os Marselhezes. Procuravam-nos todos os partidos comó arbitros do poder. Conduziram-nos a casa de Robespierre. Ahi, designaram-nos este homem como o cidadão mais virtuoso, o unico digno de governar a republica. Respondemos que os Marselhezes não vergariam jamais a fronte ante um dictador (applausos). Eis o que assignarei, e o que desafio Robespierre a desmentir. E ousam dizer-nos que o projecto de dictadura não existe! E uma communa desorganisadora ousa expedir mandados de prisão contra um ministro, contra Roland, que pertence á republica toda inteira! E esta communa coaliga-se por via de correspondencias e de commissarios com todas as outras communas da republica! E não se quer que os cidadãos de todos os departamentos se reunam para proteger a independencia da representação nacional! Cidadãos! elles reunir-se-hão, elles vos farão um baluarte dos seus corpos! Marselha preveniu os vossos decretos: ella está em movimento. Os seus filhos marcham! Se elles teem de ser vencidos, se nós devemos ser bloqueados aqui pelos nossos inimigos, declarai de antemão que os nossos supplentes se juntarão n'uma cidade determinada; e nós morramos aqui! Quanto á accusação que fiz contra Robespierre, declaro que amava Robespierre, que o estimava. Que elle reconheça a sua falta, e eu retiro a minha accusação! Mas que não falle de calumnia! Se elle servir a liberdade pelos seus escriptos, nós a temos defendido com os nossos braços! Cidadãos! quando o momento do perigo chegar então julgareis! Nós veremos se os fazedores de cartazes saberão morrer comnosco!»

Esta allusão despresivel a Robespierre e a Marat foi coberta de applausos.

Cambon, de Montpellier, alma recta e fogosa, que se lançava com toda a energia das suas convicções no lado onde lhe apparecia a justiça, sustentou Barbaroux. Assignalou os escandalos de usurpação do poder commettidos pela communa de Pariz. «Querem dar-nos o regimen municipal de Roma! exclamou elle. Eu digo, os deputados do Meiodia querem a unidade republicana!» Este grito de patriotismo foi repetido, como uma palavra de ordem da nação, em todas as partes da salla. «A unidade, queremol-a todos! todos! todos!»

Panis, o amigo de Robespierre, quiz replicar a Barbaroux. Contou que as suas entrevistas com os chefes dos Marselheses não tinham outro fim senão tramar o sitio das Tuilerias «Presidente, disse elle a Pethion, vós estaveis então na mairie. Recordar-vos-heis que eu exclamei, alguns dias antes do 10 de agosto: E' preciso

limpar o palacio dos conjurados que o enchem; não temos salvação senão n'uma santa insurreição! Não quizeste crer-me. Respondeste-me que o partido aristocrata estava abatido, e que não havia nada a recei r. Separei-me de vós. Formámos uma commissão secreta. Um moço Marselhez ardente de patriotismo veio pedir-nos cartuxos. Não podiamos dar-lhos sem a vossa assignatura. Não ousámos pedir-vol-a porque vós ereis muito confiante. Então elle apontou uma pistola na sua garganta e disse: «*Matar-me-hei se não me derdes os meios de defender a minha patria*. Este mancebo nos arrancou lagrimas Assignámos. Quanto a Barbaroux, attesto com juramento que nunca lhe fallei de dictadura! Quem são as testimunhas? — Eu, respondeu Rebecqui — Vós sois o amigo de Barbaroux: recuso-vos. Quanto ás operações da commissão, estou prompto a justifical-as. — Porque motivo, lhe perguntou Brissot indignado, lavraste um mandado de prisão contra um deputado? Não era para o fazer immolar com os presos da Abbadia? — Nós vos salvámos, e vós nos calumniais! replicou Paniz. Recordem-se as circunstancias terriveis em que nos achavamos. Estavamos cercados de cidadãos irritados das traições da côrte. Gritavam-nos: Eis um aristocrata que foge; é preciso prendel-o, ou então vós mesmos sois traidores! Por exemplo, muitos bons cidadãos vieram dizer-nos que Brissot partia para Londres com as provas escriptas das suas machinações. Eu não acreditei nesta imputação; mas ella era affirmada por muitos bons cidadãos, reconhecidos como taes pelo proprio Brissot. Enviou a sua casa commissarios encarregados de lhe pedirem fraternalmente communicação dos seus papeis. Sim, nós temos illegalmente salvado a patria!!!

XXIII. — Marat pediu a seu turno ser ouvido. Ao nome, ao aspecto, á voz de Marat, um sussurro de desgosto se levantou, e os gritos *abaixo da tribuna* fecharam por algum tempo a bocca ao *amigo do povo*. Lacroix reclamou o silencio mesmo para Marat. A curiosidade, mais do que a justiça, o alcançou da assembléa.

«Tenho nesta assembléa um grande numero de inimigos pessoaes, disse Marat principiando. (Todos! todos! exclamou, a convenção quasi toda erguendo-se dos bancos). Tenho nesta assembléa um grande numero de inimigos, continuou Marat; lembre-lhes o pudor. Que elles não acabrunhem com apupos e ameaças um homem que se dedicou pela patria, e pela propria salvação delles! Que me escutem um momento em silencio. Não abusarei da sua paciencia. Agradeço á mão occulta que lançou entre nós um vão fantasma para intimidar as almas fracas, para dividir os cidadãos, para despopularisar a deputação de Pariz, e para a accusar de aspirar ao tribunato. Esta inculpação não póde ter outra verosimilhança senão applicando-se a mim. Pois bem! declaro que os meus collegas, especialmente Robespierre e Danton, tem constantemente desapprovado a idéa de um tribunato, d'um triumvirato, d'uma dictadura.

«Se alguem é culpado de ter lançado no publico esta idéa sou eu! Chamo sobre mim a vingança da nação; mas antes de fazer cahir sobre a minha cabeça todo o oprobrio ou a espada, escutai-me.

«No meio das machinações, das traições de que a patria estava incessantemente cercada, á vista das conspirações atrozes d'uma corte perfida, á vista dos manejos secretos dos traidores encerrados no seio mesmo da assembléa legislativa, fazer-me-heis vós um crime de propor o unico meio que julguei proprio para nos segurar á borda do abismo sempre aberto? Quando as authoridades constituidas não serviam senão para encadear a liberdade, proteger as conspirações, degolar os patriotas com a arma da lei, fazer-me-ieis um crime de ter provocado sobre a cabeça dos traidores o cutello da vingança do povo? Não; se vós m'o imputasseis esse crime, o povo vos desmentiria. Porque, obedecendo á minha voz, elle conheceu que o meio que lhe propunha era o unico que podia salvar a patria; e, voltado elle mesmo a dictador, soube desembaraçar-se sósinho dos traidores. Eu mesmo tremi dos movimentos impetuosos e desordenados do povo logo que os vi prolongar-se, e, para que estes movimentos não fossem eternamente vãos e cegos, pedi que o povo nomeasse um bom cidadão, prudente, justo, e firme, conhecido pelo seu ardente amor da liberdade, para dirigir os seus actos e faz l-os servir á salvação publica! Se o povo tivesse podido conhecer a justiça desta medida, e adoptal-a no dia seguinte á tomada da Bastilha, teria abatido á minha voz quinhentas cabeças de dominadores; tudo hoje estaria tranquillo; os traidores teriam tremido; a liberdade e a justiça estariam estabelecidas no imperio. Tenho por muitas vezes proposto dar uma authoridade momentanea a um homem prudente e forte, sob o nome de tribuno do povo, de dictador: o nome não faz ao caso. Mas a prova de que eu queria agrilhoal o á patria, é que propunha que lhe posessem uma balla aos pés, e que elle não tivesse authoridade senão para cortar cabeças de criminosos! Tal é a minha opinião. Não me envergonho della; assignei-a com o meu nome. Se não estais ainda á altura de me entender, tanto peior para vós! As desordens não estão terminadas. Já cem mil patriotas tem sido degolados porque se não entendeu a minha voz; outros cem mil serão degolados ainda. Se o povo enfraquece e verga, a anarchia não terá fim. Accusam-me de vistas ambeciosas? Vede-me e julgai-me. « Mostrou com o dedo indice o sujo lenço que lhe atava a cabeça doente, e sacudiu as abas da sua vestia sobre o peito nu.

«Se eu tivesse querido, proseguiu elle, marcar um preço ao meu silencio; se eu quisesse algum emprego, teria podido ser objecto dos favores da côrte. Pois bem! qual tem sido a minha vida? Hei-me encerrado voluntariamente em prisões subterraneas, condemnei-me á miseria, a todos os perigos! A espada de vinte mil assassinos esteve suspensa sobre mim, e eu préguei a verdade com a cabeça sobre o cêpo...

«Peço-vos neste momento que abrais os olhos. Não vêdes uma conspiração para lançar a discordia entre nós e distrair a assembléa dos grandes objectos que a devem occupar? Que aquelles que tem feito reviver até hoje o fantasma da dictadura se reunam a mim, e que marchem com os verdadeiros patriotas, ás grandes medidas, as unicas capazes de assegurar a felicidade do povo, pelo qual sacrificarei todos os dias a minha vida!»

XXIV. — Um silencio de admiração seguiu-se a este discurso. Marat, superior, neste dia, em audacia a Danton, e sobre tudo a Robespierre, tinha dominado os seus dois rivaes, e admirado a convenção. Só, contra todos, elle ousára fallar como tribuno que se dedica aos punhaes de uma assembléa de patricios, certo de que o povo está á porta para o defender, ou para o vingar. As suas palavras destillavam o sangue de 2 de setembro. Elle por toda a instituição pedia um algoz nacional. O crime na sua bocca tinha uma tal grandesa, o furor na sua alma assemilhava-se a tal ponto ao sangue frio do homem de Estado, que era perigoso e covarde deixar uma assembléa, logo na sua estreia, fluctuante entre o horror e a admiração, e era preciso arrancar-lhe uma protestação unanime contra este theorico da matança. O povo haveria julgado que se temia ou se admirava Marat. Vergniaud recolheu o seu horror e subiu, com a cabeça inclinada, os degráos da tribuna.

XXV. — «Se ha uma desgraça para um representante do povo, disse elle com uma voz opprimida, é sem duvida esta de ser obrigado a substituir nesta tribuna um carregado de decretos de prisões de que se não purificou! — Honram-me! exclamou Marat — São decretos do despotismo? disse Chabot — São esses decretos com que elle se honrou por ter atterrado La Fayette? disse Tallien. Vergniaud replicou friamente: «E' a desgraça de ser obrigado a substituir nesta tribuna um homem contra o qual se expediu um *decreto d'accusação*, e que levantou sua cabeça audaciosa acima das leis! um homem em fim todo escorrendo calumnia, fel e sangue! «Murmurios se levantam contra as expressões de Vergniaud. Ducos exclama: Se esforços se fizeram para ouvir Marat, peço que se escute Vergniaud.» As tribunas vociferam por Marat. O presidente é obrigado a chamar os espectadores ao respeito da representação. Vergniaud leu a circular da communa aos departamentos

para provocar á insitação da matança das prisões. Recorda que a communa, pelo orgão de Robespierre, denunciou uma conspiração tramada, segundo elle, por Ducos Vergniaud, Brissot, Guadet, Lasource, Condorcet, e cujo fim era entregar a França ao duque de Brunswick. «Robespierre, continuou elle, a respeito do que até alli eu não havia pronunciado senão palavras de estima... — E' falso exclama Sergent! — Como falló sem fel, proseguiu Vergniaud, eu me felecito d'um desmentido que me provará que Robespierre tambem ha podido ser calumniado. Mas é certo que neste escripto se chamam os punhaes sobre a assembléa. Que direi do convite formal que ahi se faz á matança e ao assassino?... O bom cidadão lança um véo sobre estas desordens parciaes. Busca fazer desapparecer com quantas forças tem as nodoas que poderiam manchar a historia de uma tão memoravel revolução. Mas que os homens encarregados pelas suas funcções de fallar ao povo dos seus deveres, e de fazer respeitar a lei, preguem a matança, e façam a sua apologia, é isso um tal gráo de perversidade que não se pode conceber senão n'um tempo em que toda a moral estivesse banida da terra!»

Boileau, amigo dos girondinos, succedeu a Vergniaud, e leu á convenção as frases do jornal de Marat, que provocam ao assassino dos deputados: O' povo não espereis mais nada desta assembléa! Cincoenta annos de anarchia te esperam, e tu não sahirás della senão por um dictador, verdadeiro patriota, e homem de Estado» Gritos de furor rebentam contra Marat. Vozes pedem que elle seja condusido á Abbadia. Marat afronta com intrepidez esta tempestade: «Invocam-se contra mim decretos, diz elle; o povo os anniquilou enviando-me aqui. As condemnações que se allegam contra mim, fazem-me gloria, e sou altivo dellas. Eu as mereci desmascarando os traidores e os conspiradores. Vivi dezoito mezes sob a espada de La Fayette. Se os subterraneos onde vivi não me tivessem furtado ao seu furor, elle me haveria anniquilado, e o mais zeloso defensor do povo não existiria hoje! As linhas que se acabam de ler contra mim tem sido escriptas ha dez dias, quando eu me indignava de ver eleger á convenção esta facção da Gironda que hoje me quer proscrever!» Elle tambem leu uma pagina do seu jornal da manhã, na qual fallava com mais moderação e decencia. «Vede accrescenta elle, do que depende a vida dos patriotas as mais experimentadas? Se, pela negligencia do meu impressor, a minha justificação não tivesse apparecido esta manhã nestas paginas, vós me terieis votado á espada dos tyrannos! Este furor será digno de homens livres?... Mas eu não temo nada sob o sol!» A estas palavras tirando do bolso do peito uma pistolla, cuja bocca aponta sobre a fronte: «Declaro, disse elle prolongando este gesto, que se o decreto de accusação fôr lançado contra mim esmigalharei a cabeça junto desta tribuna...» Depois, enternecendo a voz, e como acabrunhado sob a ingratidão dos seus inimigos: «Eis o fructo de tres annos de subterraneos e de angustias soffridas por salvar a minha patria! Eis o-fructo das minhas vigilias, dos meus trabalhos, da minha miseria, dos meus soffrimentos, das minhas proscripções!... Pois bem! ficarei entre vós para affrontar os vossos furores!»

A estas palavras uma multidão de deputados, entre os quaes se destinguem Cambon, Goupilleau, Rebecqui, Barbaroux, aproximam-se da tribuna com gestos ameaçadores: «A' guilhotina! á guilhotina!» gritam-lhe de todas as partes vozes furiozas. Marat crusa os braços sobre o seu peito, e olha com vista impassivel a salla que ferve a seus pés. Ve-se na impassibilidade da sua exaltação que elle se compraz neste papel de martyr do povo, e que a tribuna é o pedestal onde elle quer ser contemplado como a victima da revolução.

Arrancam-o d'alli á força de clamores. Metade piedade, metade cançasso, a assembléa esquece Marat, vota a indivisibilidade da republica, e termina a sessão. No dia seguinte Marat triumphou nas suas folhas da fraqueza dos seus inimigos: «Abandono os leitores, escreveu elle, ás suas reflexões sobre a malvadez da facção Guadet-Brissot. Lastimo alguns dos seus acolytes e perdou-lhes: estão transviados. Quanto aos chefes, Condorcet, Brissot, Lasource, Vergniaud, julgo-os incapazes de arrependimento, e perseguil-os-hei até á morte: elles juraram que eu morreria a 25 deste mez pela espada da tyrannia, ou pelo punhal dos bandidos. Que os amigos da patria estejam advertidos! Se cair sob os golpes dos assassinos, elles sabem onde devem fazer remontar o crime e a vingança!» As tribunas da convenção, cheias do que as secções tinham de mais violento, sustentavam Marat com a vista e com os gestos. Um amigo de Brissot tendo querido sair da salla antes do fim da sessão, o official da guarda lhe obstou. «Evitai mostrar-vos á multidão, lhe disse elle; ella está por Marat. Acabo de atravessar por entre ella. Fermenta. Se o decreto de accusação for lançado contra o *amigo do povo*, haverá esta noite cabeças cortadas.»

XXVI. — Tal foi a primeira demonstração dos girondinos. Mal preparada e mal sustentada pelos principaes oradores, limitada no seu plano, indecisa, e abortada no seu resultado, ella não contastou o seu imperio. Robespierre saíu mais popular, Danton mais importante, Marat mais impunido. Lançando todo o odioso da anarchia sobre Marat, os girondinos tinham tentado deshonrar a anarchia; mas haviam engrandecido Marat. Este homem vangloriava-se do seu odio, illustrava-se com os seus golpes. Elle transformava-se em idolo do povo apresentando-se-lhe como seu martyr. O papel deste homem chama-nos a lançar sobre elle uma vista de olhos.

Marat não tinha patria. Nascido na aldea de Baudry junto a Neufchatel, de parentes obscuros, nesta Suissa cosmopolita cujos filhos vão procurar fortuna pelo mundo, havia abandonado mui cedo e para sempre as suas montannas. Havia vagueado até á idade de quarenta annos pela Inglaterra, Escocia, e França. Impellido e repellido por aquella vaga inquietação que é o primeiro genio dos ambiciosos, mestre, sabio, medico, philosofo, politico, havia revolvido todas as ideas, todas as profissões, onde podesse encontrar fortuna ou gloria. Não havia encontrado senão indigencia e ruido. Voltaire não se desdenhava de zombeteiar a sua philosofia. O celebre professor Charles havia pulverisado a sua physica. Marat, irritado, tinha respondido pela injuria á critica. Tivera um duelo com Charles. A legislação criminosa havia attrahido mais tarde as suas reflexões. Este apostolo da matança em massa tinha concluido pela abolição da penna de morte. Sem talento na exposição das suas ideas, sem conveniencia nas suas relações com os homens, a sociedade não se abrira para elle. Seu orgulho ferido e repugnante fechava os corações aos quaes a sua situação, os seus trabalhos, o seu merito haviam interessado. Perseguido pela necessidade, fôra por algum tempo reduzido a vender em pessoa, nas ruas de Pariz um especifico de sua composição. Estes habitos do charlatão haviam trivialisado a sua linguagem, anojentado seu vestuario, envilicido as suas maneiras; tinha aprendido a conhecer, lisongear, e commover a populaça.

Com tudo a sua fibra ulcerada fizera-lhe amar e lastimar este povo, soffredor e despresado, como elle. Havia contrahido com as massas o parentesco da miseria e da oppressão. Vingando-se a si proprio jurara vingal-os. Queria revolver a sociedade como se revolve uma terra com a charrua, pondo á sombra o que está ao sol, e ao sol o que está á sombra. Não sonhava uma revolução, porem um transtorno geral de todas as situações e de todos os principios falseados pela ordem social, restabelecidos violentamente e a todo o preço pelo plano da natureza. Philosofia, ressentimento, equidade, vingança, amor do povo, odio dos homens, ambição e dedicação, assassinio e martyrio, tudo se confundia no seu systema. Era a utopia do transtorno geral alumiado em cima pela luz da philosofia, e em baixo pelo clarão do incendio social.

XXVII. — Este systema imcumbava havia annos em sua alma. A revolução veio dar-lhe ar. Marat havia então chegado ao emprego infimo e humilhante, para o seu genio, de medico das cavallariços do conde d'Artois. Arrastado desde os primeiros dias de 89 pelo movimento popular, arremeçou-se a elle para o acelerar. Vendeu a sua cama para pagar a impressão das suas primeiras

folhas. Mudou tres vezes o titulo ao seu jornal, nunca o espirito. Era o rugido do povo estampado todas as noites em lettras de sangue, e pedindo todas as manhãs a cabeça dos traidores e conspiradores.

Esta voz parecia vir do fundo da sociedade em ebulição. Ninguem conhecia quem a proferia. Marat era um ser ideal para o povo. Um mysterio planava sobre a sua existencia. Já se viu que mesmo a sr.ª Roland duvidava, e perguntava a Donton se com effeito existia um homem chamado Marat? Este mysterio, estes subterraneos, estas prisões, donde saíam estas folhas, juntavam um prestigio aos escriptos, ao nome, á vida de Marat. O povo enternecia-se sobre os perigos, fugidas, asylos tenebrosos, soffrimentos, farrapos daquelle que parecia soffrer tudo isto por sua causa. Marat não saía de um escondrijo senão para entrar n'outro. Perseguido em 1790, por La Fayette, Danton o cubriu com a sua protecção, e occultou em casa da sr.ª Fleury, actriz do Theatro-Francez. Suspeitado neste asylo, refugiou-se em Versailles, em casa de Bassal, cura da parochia *Saint-Louis*, e depois seu collega na convenção. Estes irmãos da nova religião visitavam-se e soccorriam-se uns aos outros. Decretada nova accusação pelos girondinos Lasource e Gaudet durante a assembléa legislativa, o carniceiro Legendre o recolheu na sua casa. Os subterraneos do convento dos franciscanos (*cordeliers*) o abrigaram depois, a elle e ás suas prensas, até ao 10 de agosto. Saíu levado em triumpho, para entrar, sob o patronato de Danton, na communa, e ahi combinar a matança de septembro. Estranho até então a todos os partidos, mas temido de todos, os jacobinnos, por proposta de Chabot e de Taschereau, o recommendaram aos eleitores de Pariz. O terror do seu nome solicitava por elle. Foi eleito.

Vivia então n'um pequeno quarto d'uma rua visinha aos franciscanos (*cordeliers*) com uma mulher que se ligava ás suas desgraças. Esta mulher, ainda moça, mostrava, na sua palidez e magreza de feições, os vestigios das miserias que soffria com elle e por elle. Era a mulher do seu impressor, a qual Marat seduzira e arrebatara ao marido. Votada por elle a uma vida errante e tenebrosa, soffria a ignominia deste nome. Amante, cumplice, serva de Marat, havia ella acceitado todas as servidões para soffrer ou para morrer com elle. Marat não communicava com a vida externa senão por esta mulher, e pela porta da imprensa do seu jornal. Privado do somno e do ar, não renovando nunca sua alma pelo entertenimento com os seus similhantes, trabalhando dezoito horas por dia, os seus pensamentos, accendidos pela tensão de espirito e pela solidão, vieram a ser uma verdadeira obsessão. Ter-se-hia dito nos tempos antigos, que elle estava possuido do espirito de exterminio. A sua logica violenta e atroz ia sempre parar na matança. Todos os seus principios pediam sangue. A sua sociedade não podia fundar-se senão sobre cadaveres e sobre ruinas de tudo que existia. Proseguia o seu ideal atravez a carnificina, e para elle o unico crime era parar em frente de qualquer crime.

Comtudo o seu coração não era sempre tão endurecido que se não dobrasse sob a sua theoria. Havia relampagos de virtude e surpresas de enternecimento. Dois factos muito tempo desconhecidos pela historia, attestam que o homem algumas vezes se encontrava nelle sob o insensato. Durante a matança das prisões que elle havia inspirado e dirigido, um dos salvadores de Cazotte, depois de ter recondusido o pai e a filha a sua casa, veio com receio contar a Marat esta fraquesa. Marat chorava ouvindo aquella narração: « Tu fizeste bem, disse elle ao assassino admirado. O pai merecia a vida por causa de uma tal filha! Mas pelo que respeita a esses Suissos que poupaste, fizeste mal; é preciso imolal-os até ao ultimo. « O ressentimento contra a sua primeira patria, onde elle tinha soffrido a miseria e a obscuridade, não podia apagar-se senão no sangue dos seus compatriotas.

XXVIII. — Alguns dias antes desta carnificina, uma rapariga de bellesa e innocencia sem mancha, soube pelo boato das prisões que os presos deviam ser degolados. Seu pai, empregado nas Tuilerias antes de 10 de agosto, estava encerrado na Abbadia. Ella não tinha já mãi. A sua ternura desesperada levava-a de porta em porta, para obter a vida de seu pai. Nenhuma se lhe abria. Manoel, Danton, Panis tinham recusado vel-a. Cada hora lhe parecia soar o toque de degolla. Dedicou-se como Judith, não pela sua cidade, mas para salvar seu pai. Fez na sua alma o holocausto da sua virtude. O nome do *amigo do povo* offereceu-se ao seu espirito. Descubriu uma mulher que conhecia Marat. Encarregou esta mulher de uma carta para elle. Esta carta, na qual ella offerecia dar-se a elle por preço dos dias de seu pai, foi entregue ao *amigo do povo*. A mensageira descreveu-lhe a juventude, os encantos, a pureza daquella que lhe escrevia. Marat abriu a carta com um surriso equivoco « Dizei a essa creança que se ache esta noite, sosinha, no terraço da borda d'agoa. O homem que a abordar sem lhe fallar, e lhe tomar o braço será Marat: que ella o siga em silencio. » A rapariga obdeceu. Marat appareceu. Levou a desconhecida, muda e tremula, para a extremidade dos Champs Elysées, entrou n'uma casa de pasto, pedio um quarto á parte, e ordenou uma ligeira comida. Em quanto que esta se preparava, Marat aproximava-se della, agarrou-lhe na mão, a rapariga não se atrevia a levantar os olhos. Finalmente ella cahiu a seus pés derramada em lagrimas. « Meto-vos medo, lhe disse Marat com uma voz commovida, faço-vos horror, e vós consentis entregar-vos a mim? — Acceito tudo que salvar meu pai, balbuciou a victima, — Pois bem, levantai-vos, lhe disse Marat tranquilisando-a esse sacrificio me basta. Eu quiz ver até onde iria a virtude filial! seria um infame se abusasse de tanta dedicação. Não quero manchar o que admiro. Amanhã vosso pai vos será entregue. » Retomou o braço da donzella, e a condusiu até á porta de sua casa.

XXIX. — O exterior de Marat revelava sua alma. Pequeno, magro, ossoso, o seu corpo parecia incendiado por um fogo interno. Nodoas de bilis e de sangue marcavam-lhe a pelle. Os olhos, ainda que proeminentes e cheios de insolencia, pareciam soffrer com a claridade do dia. A boca largamente pendida como para arremessar a injuria, tinha a prega habitual do desdem. Conhecia a má opinião que se formava delle, e parec a affrontal-a. Levava a cabeça alta, e um pouco inclinada para a esquerda como n'um desafio. O todo da figura, visto de longe, e esclarecido de alto, tinha brilho e força, mas desordem. Todas as feições divergiam como o pensamento. Era o contrario da figura de Robespierre, convergente e concentrada como um systema: uma, meditação constante; a outra, explosão continua. Ao inverso de Robespierre que affectava a propriedade e a elegancia, Marat affectava a trivialidade e a sugidade do vestuario. Sapatos sem fivellas, uma calça de estofo grosseiro e cheias de lama, a vestia curta dos artistas, a camisa aberta no peito, deixando a nu os musculos do pescoço; as mãos grosseiras, o punho fechado, os cabellos continuamente desgrenhados pelos dedos: queria que a sua pessoa fosse a bandeira viva do seu systema social.

XXX — Tal era o homem que os girondinos haviam habilmente escolhido para ferir, nelle, a facção da communa que lhe era opposta. Atacado por elles, abandonado de Danton, renegado pelo proprio Robespierre, Marat acabava de lhes escapar sò pela energia da sua attitude, e pela franqueza da sua linguagem. Elles conheceram que era preciso renovar o combate, acabar a victoria, ou curvar a cabeça ante o triumvirato. Era o momento para a convenção de nomear os novos ministros ou manter o ministerio de 10 de agosto. Roland, Danton, Servan offereciam as suas demissões, a menos que um convite formal e explicito da nova assembléa não retemperasse sua força legitimando-lhes a authoridade.

A discussão abriu-se sobre este ponto. Buzot, orgão de Roland, pediu que a convenção desonerasse Servan, ministro da guerra, das funcções que suas molestias lhe impediam de exercer. « Rogaria a Danton que ficasse no seu posto, se elle não houvesse já declarado tres vezes que queria retirar-se. Temos o direito de convidal-o, mas não temos o direito de obrigal-o. Quanto a Roland, é uma estranha politica não fazer justiça, não

direi aos grandes homens, mas sim aos homens virtuosos que hão merecido a confiança. Dizem-nos: homens virtuosos e capazes não nos faltam. Estranho a este paiz de virtudes e intrigas, interrogo os meus collegas, e pergunto-lhes: Onde estão elles? Apesar das murmurações, das calumnias, das ameaças, tenho altivez em dizel-o, Roland é meu amigo; conheço-o como homem de bem, todos os departamentos o conhecem como eu. Se Roland fica, é um sacrificio que elle faz á causa publica; porque renuncia assim á honra de se sentar como deputado entre vós. Se não fica, elle perde a estima dos homens de bem. A nação não conhece os nossos odios; ella diz aos homens de bem: Continua a servir-me, e tereis sempre a minha estima. — Eu peço, disse Philippeaux, que se estenda o convite a Danton. — Declaro, respondeu Danton, que me recuso ao convite, porque um convite não é da dignidade da convenção. — E eu, disse Barrere opponho-me a qualquer passo da convenção para reter os ministros. Isso seria contrario á magestade e á liberdade do povo. Recordai-vos da palavra de *Mirabeau*: *Não ponhais nunca em balança um homem e a patria*. Faço homenagem ás virtudes e ao patriotismo de Roland. Mas não se é livre n'um paiz onde se eleva pela lisonja um cidadão acima dos outros. — Por mim, accrescenta Cambon, nunca vejo applaudir um homem, sem tremer.» Danton levantou-se de novo, impaciente de uma discussão que só por si era uma homenagem ao nome de Roland. «Ninguem, diz elle com uma fingida deferencia, faz mais justiça do que eu a Roland. Mas se vós lhe fizerdes um convite, fazei-o tambem a sua mulher; porque todos sabem que Roland não é só na sua pasta. Eu estava só na minha.» Gargalhadas de riso malevolo contra a sr.ª Roland rebentam a estas palavras nos bancos dos jacobinos; os murmurios da maioria abafam e reprehendem a Danton, a inconveniencia da sua allusão, e elle irrita-se com estes murmurios. «Pois que me forçam a dizer alto o meu pensamento, recordarei, que houve um momento, em que a confiança por tal maneira foi destruida que não havia ministros, e em que o proprio Roland teve a idea de sahir de Pariz. — Tenho conhecimento desse facto, responde Louvet; foi quando se enchiam as ruas de cartazes revoltantes da mais atroz calumnia. (vozes numerosas: Era Marat!) Assustado pela causa publica, assustado mesmo pelo proprio Roland, fui falar-lhe dos seus perigos. *Se a morte me ameaça*, disse-me elle, *devo esperal-a, será o ultimo crime da facção*. Roland podia pois ter perdido alguma confiança, mas tinha conservado toda a sua coragem.» Valazé sustenta Louvet e defende Roland. «Citaram-vos Aristides. Se os athenienses feriram de ostracismo este homem justo, expiaram sua injustiça tornando a chamal-o. Se Roma exitou Camillo, Camillo foi vingado pelo seu regresso á patria. Os nomes de Roland e de Servan são sagrados para mim (applausos a esta explosão de amisade). Que importa á patria, diz Lasource, que Roland tenha uma mulher intelligente que lhe inspire suas resoluções, ou que elle as tome della mesmo (applausos)! Este pequenino meio não é digno dos talentos de Danton (novos e mais numerosos applausos.) Eu não direi como Danton que é a mulher de Roland quem governa, seria accusar Roland de inepcia. Quando á falta de inergia, direi que Roland respondeu com coragem aos cartazes malvados em que procuravam ferir a sua virtude de homem integro. Acaso tem elle deixado de prégar a ordem e as leis? Tem cessado de desmascarar os agitadores (applausos)? Apezar disto deve-se convidal-o a ficar no ministerio? Não! Desgraça ás nações reconhecidas! Eu digo com Tacito: O reconhecimento tem feito a desgraça das nações; porque foi elle quem fez os reis!» (Novos applausos.)

Esta habil intervenção d'um amigo de Roland illudiu a questão sem a resolver, e deixou aos girondinos a honra da magnanimidade. No dia seguinte Roland escreveu á convenção uma destas cartas lidas em sessão publica, e que lhe davam indirectamente a palavra na convenção e a influencia do talento de sua mulher na opinião. Estas cartas ás authoridades constituidas, aos departamentos, á convenção, eram os discursos da sr.ª Roland. Ella rivalisava assim com Vergniaud, luctava contra Robespierre, e atterrava Marat. Sentia-se o genio, ignorava-se o sexo. Ella combatia mascarada na refrega dos partidos. «A convenção, dizia Roland na sua carta, mostrou a sua prudencia não querendo dar a um homem a importancia que pareceria dar-lhe ao seu nome o convite solemne de ficar no ministerio. Porém a sua deliberação honra-me, e ella pronunciou claramente o seu voto. Este voto basta-me. Abre-me a carreira. Lanço-me nella com coragem. Fico no ministerio. Fico porque ha perigos a correr. Afronto-os e não temo nenhum desde que se trata de salvar a patria... Dedico-me até á morte. Sei as tempestades que se formam: homens ardentes, talvez desvairados, tomam suas paixões, por virtudes, e, acreditando que a liberdade não póde ser bem servida senão por elles, semeiam a desconfiança contra todas as authoridades que não crearam, fallam de traição, provocam sedições, aguçam punhaes, e meditam proscripções. Fazem-se um direito da sua audacia, um baluarte do terror que elles ensaiam de inspirar; elles arrastariam á dissolução um imperio assás infeliz por não ter cidadãos capazes de os desmascarar e fazel-os parar! Quanto seria culpado o homem superior, pela sua força e pelos seus talentos, para com esta horda insensata; se quizesse fazel-o servir aos seus designios ambiciosos! que, já com a apparencia d'uma indulgencia magnanima excusasse os seus malles, já atenuasse os seus excessos!... Tal tem sido a marcha dos usurpadores desde Sylla até Rienzi!... Denunciaram-vos projectos de dictadura, de triumvirato: elles existiram!... Accusaram-me de falta de coragem: eu perguntarei onde esteve a coragem nos dias lugubres que se seguiram ao 2 de setembro, naquelles que denunciavam, ou naquelles que protegiam os assassinos?»

Estas allusões directas á communa de Pariz, a Danton, a Robespierre, eram uma declaração de guerra onde a irritação da mulher ultrajada a arrebatava sobre o sangue frio da politica. Ella repelliu assim Danton indeciso para as fileiras dos inimigos dos girondinos. Danton tornou-se irreconciliavel. Tentaram abalal-o ainda, e reconduzil-o ao partido que tinha mais analogia com a sua natureza de homem de estado. Prestou-se a isso por um momento. A anarchia prolongada repugnava-lhe. Elle fingia para com Robespierre mais deferencia do que na verdade tinha. Confessava mui alto o seu desgosto por Marat. Estimava Roland, havia admirado sua mulher. A eloquencia de Vergniaud enthusiasmava-o. Sua alma era forte de mais para conhecer a inveja. O seu coração não sabia conservar o odio. Sua alliança com os girondinos era facil e teria armado as theorias de Vergniaud da força de execução que faltava a este orador platonico. A gironda não tinha mais do que cabeças, Danton teria sido a sua mão. Elle pendia para estes homens. Amava a revolução como um liberto que não quer tornar a cahir na servidão.

XXXI — Dumouriez sonhava tambem esta reconciliação de Danton com os girondinos, Ella daria á França um governo, cujo elle seria a espada. Reuniu á sua meza Danton, e os principaes chefes da gironda. Fallou-se de impôr silencio aos ressentimentos, não revolver mais o sangue de setembro, d'onde não sahiam senão exhalações mortaes á republica; abandonar Robespierre e Marat na impotente idolatria das facções, chamar uma força departamental imponente a Pariz, intimidar os jacobinos, e vergar a communa ao jugo da lei. Em Pariz, os comités da convenção dominados pelos amigos de Roland e de Danton; nas fronteiras, Dumouriez assegurando o exercito á convenção, e deslumbrando a opinião com o trilho de novas victorias, deviam salvar a nação fóra, e consolidar o governo no interior. Este plano desenvolvido por Dumouriez e adoptado pela maioria dos convivas, seduziu todos os espiritos. Pethion adheriu; Sieyés, Condorcet, Gensonné, Brissot reconheceram a necessidade. Verguiaud mais politico e mais homem de estado que a indolencia do seu caracter deixava suspeitar, consentia em encadear os seus labios e sacrificar a indignação da sua alma ás necessidades da patria. Muitas

vezes, no correr da noite, a alliança pareceu cimentada.

Porém Buzot, Guadet, Barbaroux, Ducos, Fonfrede, e Rebecqui, cujo republicanismo tinha toda a pureza de uma idea sem mancha, não se ligavam senão com visivel repugnancia a concessões que lhes faziam tacitamente acceitar a solidariedade dos assassinios de setembro — « Tudo, excepto a impunidade aos degoladores e aos seus cumplices ! » exclamou Guadet retirando-se. Danton, irritado porém dominando a sua cholera pelo sangue frio, foi direito a elle e tentou induzil-o a vistas mais conciliadoras.

« A nossa divisão, lhe disse agarrando-lhe na mão, é o dilaceramento da republica. As facções devorar-nos hão uns depois dos outros, se não as abafarmos desde o primeiro momento. Morreremos todos, vós os primeiros! — Não é perdoando ao crime que se obtem o perdão dos scelerados, respondeu seccamente Guadet. Uma republica pura, ou a morte : é o combate que vamos travar. » Danton deixou descair tristemente a mão de Guadet. « Guadet, lhe disse elle com uma voz prophetica, vós não sabeis fazer á patria o sacrificio dos vossos ressentimentos. Vós não sabeis perdoar. Sereis victima da vossa obstinação. Vamos cada um para o ponto a que a onda da revolução nos arremessa. Podiamos dominal-a unidos : desunidos ella nos dominará! Adeus ! » A conferencia ficou rota ; Danton foi recalcado para Robespierre, e a direcção da convenção entregue ao acaso.

Não obstante, Danton, que previa a anarchia e que temia Robespierre, fez só com Dumouriez uma alliança offensiva e defensiva contra os seus inimigos communs. Um relancear de olhos bastára ao heroe de Valmy para julgar os girondinos. « São romanos desorientados, disse elle a Westermann seu confidente. A republica como elles a entendem não é mais do que o romance de uma mulher de espirito. Vão enebriar-se de bellas palavras no entanto que o povo se embriagará de sangue ! Não ha aqui senão um homem, é Danton. » A contar deste dia. Dumouriez e Danton concertaram secretamente todos os seus pensamentos. Estes dois homens, dahi por diante unidos, tiveram comtudo ainda uma derradeira entrevista com os girondinos em casa da sr.ª Roland. Dir-se-hia que o instincto do seu futuro os advertia dos perigos de sua ruptura, e buscava ainda unil-os. A sr.ª Roland encheu de seducções e de enebriamento o abismo que separava os dois partidos. Verguiaud estendeu sua mão generosa e pura á mão de Danton arrependido. Louvet immolou Robespierre e Marat, sob os seus sarcasmos, ao riso amargo dos seus amigos e ao despreso do seu rival. Dumouriez recontou a sua guerra, e prometteu a Belgica na primavera á republica, se a republica quizesse sómente viver até então. Os corações pareceram expander-se. O enthusiasmo da patria transportou um momento os espiritos a uma região inacessivel ás divisões das facções. Mas todas as vezes que se recahia no terreno da realidade, e na questão do dia, ahi se encontrava o sangue de setembro. Danton expiava-o pelo seu embaraço. Os girondinos o accusavam pelo seu horror. Evitava-se tocar-lhe. Separaram-se lastimando-se, mas separaram-se sem mais esperanças de união.

LIVRO XXXI.

I. — Era o momento em que Dumouriez saboreava o triumpho em Pariz, e em que todos os partidos se disputavam a honra de arrastar comsigo o salvador da republica. Dumouriez, com a graça marcial do seu exterior, do seu caracter e do seu espirito, prestava-se a todos, mas não se dava a nenhum. Deixava esperar a cada um dos chefes das facções que a sua espada pezasse do seu lado Interessava-os assim na sua gloria, obtinha, pelo seu ascendente nos conselhos, homens, armas, munições, subsidios, e a confiança de que elle carecia para preparar as suas conquistas. A habilidade diplomatica que havia adquerido tractando em outro tempo com as facções dos confederados, na Polonia, fazia-lhe facil o manejar as facções revolucionarias de Pariz. Seu genio brincava com as intrigas, e o fio da sua ambição misturado em todas as suas cousas, dava-lhe uma probabilidade na trama de todos os partidos. Marat era o unico que o perseguia com as suas ameaças e accusações antecipadas. Seu instincto revelava-lhe em Dumouriez um traidor antes da traição.

Dumouriez, por sua parte, desprezava Marat. Mas este afoutava a aura publica que cercava Dumouriez, á similhança dos insultadores comprados em Roma, seguiam os passos do triumphador. O general tinha feito desarmar e punir um batalhão republicano que havia assassinado os emigrados prisioneiros de guerra em Rhetel. Um certo Palloy, architecto, era o tenente coronel deste batalhão. Palloy havia-se immergido no excesso dos seus soldados. Demittido por Beurnonville, o amigo de Dumouriez, voltava a Pariz para se queixar.

Era um homem que lançava o seu nome em tudo para o fazer soar. Havia por tanto feito uma industria do enthusiasmo, demolindo a Bastilha, e vendendo pedras desta fortaleza aos patriotas como reliquias e despojos de patriotismo. Era amigo de Marat. Este tomou a sua causa. Fez nomear pelos jacobinos uma commissão de inquerito composta de Bentabolle, vociferador de clubs, de Montaut, aristocrata de sangue, que resgatava o seu nascimento pela exaltação demagogica, e nomeou-se tambem a si, para examinar este negocio, censurar Dumouriez, e vingar Palloy.

Tendo o general recusado recebel-os, Marat e os seus dois collegas perseguiram Dumouriez até mesmo n'uma festa triumphal que a senhora Simons-Candeille, da amizade de Verguiaud e dos girondinos, dava ao vencedor de Valmy. Marat interrompendo bruscamente a festa no momento em que a musica, o festim, a dança enebriavam todos os convidados, do numero dos quaes tambem era Danton, aproximou-se de Dumouriez, e interpellou-o no tom de um juiz que interroga um accusado sobre excesso de poder que se lhe censura a respeito de patriotas experimentados. Demouriez desdenhou responder-lhe, mas abaixando um olhar de curiosidade despresadora sobre a pessoa e o vestuario de Marat : « *Ah ! sois vós*, lhe disse com o acento e o sorriso d'uma insolencia militar, *sois vós a quem chamam Marat ; não tenho nada a dizer-vos.* » E voltou-lhe as costas Marat retirou-se cheio de odio atravez o escarneo e as conversas baixinhas dos seus inimigos. No dia seguinte vingou-se no jornal da republica que elle redigia.

« Não é humilhante para os legisladores, escrevia elle, ir procural-o a casa dos cortesãos do generalissimo da republica, e encontral-o ahi cercado de ajudantes de campo digno delle : um esse Westermann, capaz de todos os crimes, com tanto que elles se lhe pagem ; o outro este Saint-Georges, espadachim estipendiado pelo duque de Orleans » Louvet e Gorsas responderam-lhe no mesmo tom em os jornaes girondinos, a *Sentinelle* e o *Courrier des Departaments* : « Como está demonstrado que a nação te olha como um venenoso reptil, e um maniaco sanguinario, lhe disse ironicamente Gorsas, continua a amotinar o povo contra a convenção ! Continua a dizer que é preciso que os deputados sejam lapidados, e as leis feitas ás pedradas ! Continua a pedir que as galerias sejam mais aproximadas do recinto, a fim de que o teu povo tenha os representantes logo alli á mão ! Quando os deputados, á excepção de dez ou doze dos teus seides, forem immolados, o teu povo se dirigirá a casa dos ministros que tu não escolhestes ! a casa desse Roland especialmente, que ousou recusar-te os fundos da republica para pagar e distribuir os teus venenos ! a casa de todos os jornalistas, a casa de todos os moderados que não aplaudiram a carneficina de 2 e 3 de setembro ! Pariz será assim varrido por tudo quan to nelle existe de impuro ! Que alegria para ti oh Marat, ver as ruas transformadas em rios de sangue ! que delicioso espectaculo vel-as juncadas de cadaveres de membros dispersos, de entranhas ainda palpitantes ! E que prazer para a tua alma banhares-te no sangue fumegante dos teus inimigos, tingir com elle as tuas paginas da narração destas gloriosas expedições ! Punhaes ! punhaes ! meu amigo Marat ! Fachos tambem ! Parece-me que te ha esquecido este ultimo meio de crime. E' preciso que

o sangue se misture com as cinzas! O *fogo de alegria da carneficina é o incendio*! Era a opinião de Mazaniello, deve tambem ser a tua!»

II. — No entanto que os escriptores girondinos, prestacionados pelo ministro Roland, e inspirados por sua mulher, arrastavam assim o nome de Marat no ridiculo sangue das suas proprias theorias, os soldados de Dumouriez em guarnição em Pariz, e especialmente a cavallaria, tomavam partido pelo seu general e insultavam o feroz demagogo em toda a parte onde se encontravam Enforcavam-o em efigie na Palais-Royal. Um bando de Marselhezes e dragões, acantonados na escolla militar, desfilaram juntos pela rua *des Cordeliers*, e pararam sob as janellas do *amigo do povo*, pedindo a sua cabeça e a dos deputados de Pariz ameaçando deitar-lhe fogo á casa. Marat, tremendo, refugiou-se de novo no seu subterraneo.

Um dia que elle se aventurára a sair, escoltado por alguns homens do povo, afixadores de cartazes, foi encontrado por Westermann na *Pont Neuf* (Ponte Nova). Westermann, homem de acção, indignado dos ultrajes que Marat lhe dirigia todos os dias nos seus jornaes, agarrou o amigo do povo por um braço, fustigou-lhe as costas com pranchadas da sua espada. O povo, a quem o uniforme amedronta, e a audacia intimida, deixou covardemente martirizar o seu tribuno. A acção de Westermann, animou os sarcasmos de Louvet: «Povo!» escreveu no dia seguinte este moço jornalista no gabinete de Roland, «povo vou fazer-te um bisarro apologo mas ha de fazer-te conhecer a demencia do teu amigo Marat. Suppõe que um cabello da minha barba tem a faculdade de fallar, e que me diz: corta o teu braço direito porque defendeu a tua vida. Corta o teu braço esquerdo porque levou o pão á tua boca. Corta a tua cabeça porque dirigiu teus hombros. Corta as tuas pernas porque conduziram o teu corpo! Diz-me agora, povo soberano, se melhor não teria feito em conservar meus braços, minhas pernas e minha cabeça, e cortar este cabello da barba que me dava tão absurdos conselhos? Marat é o cabello da barba da republica! Matai a convenção que dirige o imperio! Matai os ministros que fazem marchar o governo! Matai tudo, excepto a mim! O miseravel conhece que não póde vir a ser grande senão ficando sósinho!»

Marat, por sua parte, accusou, não sem alguma probabilidade, os girondinos de fomentarem desordens em Pariz para encontrarem nessas mesmas desordens occasião de uma reação contra a communa. Um destacamento de emigrados prisioneiros atravessou effectivamente por Pariz em pleno dia, precedido de um trombeta que ia tocando a marcha, e escoltado sómente por poucos soldados, como para provocar a commoção e a vingança dos faubourgs. Mais de vinte mil homens de tropa de linha ou de federados dos departamentos se juntaram, sob differentes pretextos em Pariz, ou no acampamento junto a Pariz. Os alistamentos patrioticos, continuaram na cidade, e limparam a cidade de mais de dez mil proletarios, licenciados da sedição, que partiam para as fronteiras. A communa deu conta, não do sangue derramado, mas dos presos e despojos que tinha acumulado nas prisões e nos seus depositos desde 10 de agosto. Afora as victimas deste dia e os oito ou dez mil presos que os assassinos de setembro haviam immolado nas prisões, mil e quinhentos novos presos por crime de contra-revolução estavam encarcerados nas diversas prisões de Pariz. Deste numero só de quasi quatrocentos a communa tinha ordenado o arbitrario aresto. As prisões dos departamentos não eram sufficientes aos encarceramentos. Todas as cidades convertiam os antigos mosteiros em carceres publicos.

A municipalidade de Pariz recompôz-se, e as eleições, para a nomeação do maire, attestaram a immensa maioria do partido da ordem, quando este não estava intimidado pelos agitadores. Pethion, representante do partido moderado e amigo de Roland, alcançou quatorze mil votos. Antonelle, Billaud-Varennes, Marat, Robespierre, candidatos dos jacobinos só obtiveram imperceptivel numero de suffragios. Porem Pethion declarou n'uma carta aos seus concidadãos, que chamado á convenção nacional, julgava dever obdecer á nação, e não querer acumular duas funcções imcompativeis.

Brissot, expulso dos jacobinos, atacou a sociedade mãi de Pariz n'um manifesto a todos os jacobinos da França. Sua epigrafe, tirada de Sallustio, recordava os tempos mais desesperados de Roma. «*Quem são aquelles que querem avassalar a republica? Homens de sangue e rapina! O que é união entre os bons cidadãos, é facção entre os perversos!*» — «A intriga, dizia Brissot, fez com que eu fosse riscado da lista dos jacobinos de Pariz. Quero desmascaral-os. Direi o que elles são e no que meditam. Cairá essa superstição pela sociedade mãi, da qual alguns scelerados dispõe, para se apossarem da França. Quereis conhecer esses desorganisadores? Lêde Marat, escutai Robespierre, Collot-d'Herbois, e Chabot na tribuna dos jacobinos; vêde os cartazes que elles affixam nos muros de Pariz; folheai os registros da proscripção do comité de vigilancia da communa; revolvei os cadaveres de 2 de setembro; recordai-vos das predicas dos apostolos do assassinio nos departamentos! E accusam-me porque não acredito neste partido! Accusai por tanto a convenção que os julga, a França inteira que os amaldiçôa; a Europa que geme de ver manchada por elles a mais santa de todas as revoluções! Chamam-me faccioso? Pertenço a essa facção que queria a republica, e que por muito tempo foi composta de Pethion, de Buzot, e de mim! Eis a facção de Brissot, a facção da Gironda, facção nacional daquelles que querem a ordem e a segurança das pessoas!... Não conheceis aquelles que calumniais de pertencerem a uma facção. Guadet tem a alma sobejamente altiva; Vergniaud leva mui alto o descuido do genio que se fia nas suas forças, e marcha sósinho! Ducos é muito espiritual, e muito probo! Gensonné pensa per si mesmo mui profundamente de mais, para submetter seu pensamento a um chefe! Accusam-me de ter calumniado o 2 de setembro! Direi antes que o 2 de setembro calumniou a revolução de 10 de agosto com o qual o quereis confundir. Um, o mais bello dia, o outro o mais execravel dos nossos fastos! Porém a verdade apparecerá um dia!... Todos os satellites de Sylla não hão de morrer no seu leito: E onde estavam, no 10 de agosto, esses calumniadores? Marat implorava Barbaroux para o conduzir a Marseille. Robespierre queria afastar de sua casa o comité d'insurreição que ahi tinha as suas sessões no quarto de Antoine, pelo medo de ser accusado de cumplicidade com os conspiradores da republica! Os outros, escondiam-se ao abrigo das ballas, no entanto que esta timida facção da Gironda triumphava para elles. Estes Merlins, estes Chabot, onde estavam então? Este Collot, que chamava aos reis soes resplandecentes de gloria, onde estava? Só lhes faltou coragem para subirem ao tribunato, no 2 de setembo, por cima dos cadaveres de Roland, de Guadet, de Vergniaud, é o meu! Accusam-me de federalismo! Ouvi: no tempo em que Robespierre, que não era republicano, se defendia no seu discurso de 14 de julho de 1791 da suspeita de republicano, eu, eu confessava a republica, a republica unitaria, e ridicularisava o sonho insensato que queria fazer em França oitenta e tres republicas confederadas. Acabar de vencer, abater os thronos, instruir os povos a conquistar e manter sua liberdade, eis a nossa obra. A Europa tem os olhos vigilantes sobre a convenção. A impunidade do dia 2 de setembro repulsou a Europa dos nossos principios. Que se levante e appareça aos olhos da França esse malvado que poder dizer: Ordenei esta carneficina; executei pela minha propria mão vinte, trinta dessas victimas; que appareça, e se a terra se não abrir para tragar esse monstro, se a França o recompensasse em vez de o despedaçar, seria mister então fugir para o fim do universo, e conjurar o céo que anniquilasse até mesmo a lembrança da nossa revolução... Engano-me; necessario seria ir para Marseille. Esta cidade apagou o horror do 2 de setembro. Cincoenta e tres individuos, presos ahi pelo povo, foram julgados pelo tribunal popular. Foram absolvidos. O povo não assassinou. Executou por suas proprias mãos a sentença, abriu as prisões, abraçou os infelizes que nellas gemiam, e condu-

ziu-os ás suas casas. Eis os verdadeiros republicanos!... Os calumniadores não guardarão agora silencio?

III. — Brissot, arrastado ao 10 de agosto pela logica dos seus principios republibanos, mostrava depois da conquista da liberdade uma força de resistencia ás facções, igual á força de impulso que havia communicado até então á opinião dos homens livres. A ambição de que o haviam accusado durante dois annos desvaneceu-se aos olhos das pessoas imparciaes.

O seu proselytismo não era o de um ambicioso; era o de um apostolo. Não affectava nem influencia, nem imperio. Dedicava-se a moderar e regularisar a victoria. Tão philosopho como politico, não acreditava na liberdade sem honestidade. Queria dar a moral e a justiça por base á republica. Estranho ao poder, com as mãos puras de sangue, de despojos, tão pobre ao cabo de tres annos de revolução como no dia em que principiára a combater por esta causa, vivia havia cinco annos n'um quarto andar de uma casa, quasi sem moveis, entre os seus livros e os berços de seus filhos. Tudo neste asylo attestava a mediocridade, quasi mesmo a indigencia. Depois das tempestades do dia, e das fadigas e trabalhos do seu periodico, Brissot ia de tarde, a pé, reunir-se com sua mulher e seus filhos abrigados n'uma choupana de Saint-Cloud. Nutria-os do seu trabalho como um artista de pensamento. Desprovido desta eloquencia externa que se accende ao fogo das discussões, e que salta em gestos e accentos, deixava a tribuna a Vergniaud. Creára para si uma tribuna no seu jornal. Ahi elle luctava todas as manhãs com Camillo, Robespierre e Marat. Os seus artigos eram discursos. Dedicava-se ahi voluntariamente ao odio e aos punhaes dos jacobinos. O sacrificio da sua vida estava feito. Immolava-se á pureza da republica. Merecia a injuria do nome de *Homem de Estado* que os seus inimigos lhe lançavam. Com effeito homem de Estado pela profundidade do seu pensamento, pela sciencia da historia, pela vastidão do plano, pela energia da vontade, se elle tivera tido o verbo de Vergniaud, ou a espada de Dumouriez, poderia dar um governo á republica no dia seguinte ao seu triumpho.

Porém a natureza havia-o creado antes para revolver ideias do que homens. Seu talhe pequeno e magro, sua figura meditativa e concentrada, a palidez e o ascetismo das suas feições, a gravidade melancolica da sua physionomia, impediam-o de derramar-se fóra aquella alma antiga que dentro lhe ardia. Tinha na convenção mais influencia do que acção. Inspirava, não agitava. Tinha necessidade da solidão e do silencio do seu gabinete para se escandecer. O seu pensamento era como essas chammas das lampadas que sómente brilham no interior das casas, e ás quaes os grandes sopros do ar livre fazem vacillar e apagar-se. Mas encontrava toda a sua intrepidez no recolhimento, onde Vergniaud e Gensonné vinham todos os dias esclarecer-se ao seu genio!

IV. — Tal era a irritação entre os partidos e os homens, quando Brissot, Vergniaud, Condorcet, e seus amigos decidiram Roland a appresentar na convenção o seu relatorio sobre a situação de Pariz. O combate nelle se abria francamente ás paixões. Foi lido na sessão de 29 de outubro. Este relatorio favoravelmente escutado pela maioria, intimidou Marat, Robespierre, o proprio Danton, e restituiu a confiança aos girondinos. Os federados dos departamentos apresentaram-se no dia seguinte á barra, e pediram que a assemblea reprimisse os agitadores de Pariz e fizesse prevalecer o governo nacional sobre a usurpação d'alguns scellerados. Espalharam-se depois pelos logares publicos pedindo as cabeças de Marat, Robespierre e Danton. Legendre denunciou estes attentados dos amigos da gironda na sessão de 3 de novembro. Bentabolle conta que, na vespera, seiscentos dragões, passando com o sabre desembainhado pelo boulevard, haviam ameaçado os cidadãos, gritando: *Nada de processo ao rei, e sim a cabeça de Robespierre!*

Nos jacobinos, Bazire denunciou o partido Brissot como unicamente occupado em assegurar a sua dominação. Robespierre, o junior, denunciou Roland de ter feito imprimir á custa do Estado a accusação de Louret contra seu irmão, e tel-o feito distribuir pelos departamentos. — «Cidadãos, diz Saint-Just, não sei que golpe se vos prepara. Tudo fermenta em Pariz. E' no momento em que se tracta de julgar o rei e perder Robespierre que se chamam tropas para Pariz. A influencia dos ministros é tamanha, que apenas elles apparecem na convenção, logo seus desejos se convertem em leis. Propõe-se decretos de accusação contra os representantes do povo. Barbaroux propõe julgar o povo soberano. Que governo é este que quer plantar a arvore da liberdade sobre cadafalsos! Denunciamos á nação todos estes traidores!»

V. — No entanto Robespierre, havia alguns dias que não apparecia nem na convenção, nem nos jacobinos. Humilhado da superioridade de Marat e Danton na primeira lucta que tivera a sustentar com elles contra os girondinos, esperava, no recolhimento, o momento de se elevar na estima do povo e na admiração das tribunas. Uma queda oratoria era-lhe mais dolorosa do que uma queda do poder. Seus inimigos não tardaram em lhe prestar occasião de o recollocarem na luz em que elle gostava apresentar-se ao povo.

«Peço a palavra para accusar Robespierre, exclamou inopinadamente o temerario Louvet. — E eu tambem novamente me apresento para o accusar.» diz Barbaroux. Via-se na impaciencia delles que suas accusações estavam promptas, e que elles espreitavam a occasião: «Escutai os meus accusadores,» diz friamente Robespierre. Louvet e Barbaroux disputavam já a tribuna, quando Danton se arremessou a interpor-se pela ultima vez. — E' tempo que conheçamos, diz Danton, é tempo que saibamos que somos collegas: é tempo que os nossos collegas saibam o que devem pensar de nós. Na assembléa existem muitos germens de desconfiança. E' preciso que elles terminem! Se entre nós ha algum culpado necessario é que se faça justiça! Declaro á convenção, á nação inteira, que não amo o individuo Marat. Fiz a experiencia do seu temperamento. Não sómente é acerbo e vulcanico, mas tambem é insociavel. Depois de tal opinião, que permittido me seja dizer de mim que sou sem partido e sem facção. Se alguem póde provar-me que pertenço a uma facção, que me confunda immediatamente! Se, pelo contrario, é verdade que o meu pensamento só a mim pertence, que estou firmemente decidido antes a morrer do que vir a ser causa d'um dilaceramento da republica, concedido me seja enunciar o meu pensamento todo inteiro sobre a situação actual.

«Bello é sem duvida que um sentimento de humanidade faça gemer o ministro do interior sobre as desgraças inseparaveis d'uma grande revolução. Porém acaso alguma vez um throno se despedaçou sem os seus fragmentos ferirem alguns cidadãos? Acaso já se operou alguma revolução completa sem que essa vasta demolição da ordem existente de cousas haja sido funesta a alguem? Para que, por tanto, imputar á cidade de Pariz desastres que, não o negam, foram talvez o effeito de vinganças particulares, mas que tambem foram mui provavelmente a sequencia desta commoção geral, desta febre nacional, cujos milagres farão pasmar a posteridade. O ministro Roland cedeu a um ressentimento que eu de certo respeito; mas o seu amor apaixonado pela ordem e pelas leis fez-lhe ver sob a côr de facção e conspiração do Estado o que não passa de ser a reunião de pequenas e miseraveis intrigas cujo fim ultrapassa os meios, Compenetrai-vos desta verdade, que n'uma republica não póde existir facção. E onde estão pois esses homens que se apresentam como conjurados, como pretendentes á dictadura o ao triumvirato? Nomeiem-se! Declaro que todos aquelles que fallam da facção Robespierre são, a meus olhos, ou homens prevenidos, ou máos cidadãos.

VI. — As primeiras palavras de Danton foram acolhidas com o favor que a franqueza da sua actitude, e a varonil energia da sua palavra inspiravam involuntariamente em roda delle. Renegando Marat, lançava um

penhor de conciliação aos girondinos. Suas ultimas palavras expiravam no meio do sussurro. Elle cobria Robespierre a quem se queria ferir. Buzot pediu desdenhosamente que Robespierre se dirigisse aos tribunaes se acaso se julgava calumniado pelo ministro Roland. Robespierre interrompeu-o e precipitou-se na tribuna «Peço, exclamou Rabecqui, que um individuo não exerça aqui o despotismo da palavra que exerce em toda a parte!» Robespierre insistiu em vão Um mancebo, de vinte e oito a vinte e nove annos, estatura pequena, formas feminis, cabellos louros, olhos azues, côr pálida, fronte pensativa, expressão melancolica, porém no qual a tristeza, em logar de se assemilhar ao abatimento, recordava o recolhimento que precede as fortes resoluções, appareceu na tribuna. Segurava um rôlo de papel na mão esquerda. A direita, encostada á pedra, parecia mostral-o prompto ao combate. Seu olhar firme passeava por cima dos bancos da montanha. Esperava o silencio. Este mancebo era Louvet.

VII. — Louvet era um desses homens dos quaes todo o destino politico não se compõe de mais d'um dia; mas esse dia conquista-lhe a posteridade, porque liga ao seu nome a recordação d'um sublime talento, e coragem igualmente sublime. O orador e o heroe confundem-se algumas vezes n'um só acto e n'um só momento. Louvet nascera em Pariz n'uma dessas familias de burguezes colocadas entre as balisas da aristocracia e do povo, amando a ordem como as fortunas estabelecidas, detestando as superioridades sociaes como aquelle que sob detesta o que lhe está acima. Desdenhando o trafico de seu pai, o mancebo buscára o nivel do seu espirito nas lettras. Escrevera um livro, então celebre, *Faublas* manual da libertinagem elegante. Este livro, calcado sobre a sociedade corrompida do tempo, era o ideal transtornado de uma sociedade de que ria de si propria, e não se admira senão nos seus vicios.

Este escandalo viera a ser um renome para Louvet. Somente o seu espirito havia tomado parte nesta obra. Seu coração guardára o germen da virtude, nutrindo um fiel e ardente amor. Quasi adolescente, amára e fôra amado com igual paixão. Esta inclinação mutua de dois corações fora contrariada pelas duas familias. A mulher que elle amava foi dada a outro. Os dois amantes cessaram de se ver, mas não de se adorarem.

Lodoiska, era o nome que elle lhe dava, tendo recobrado a sua liberdade, reunira-se ao seu amante. Tinha ella pelas lettras, pela liberdade, pela gloria, o mesmo enthusiasmo que Louvet. Assistia aos seus estudos. Em ambos não havia senão uma mesma alma, e um mesmo genio. O amor não era unicamente para elles uma felicidade: era uma inspiração. Viviam occultos n'um pequeno retiro á beira das grandes florestas reaes que cercam Pariz. Lodoiska, era a senhora Roland mais terna e mais feliz. A imaginação tinha menos logar na sua vida do que o sentimento. O que ella adorava na revolução era sobre tudo a fortuna, e a celebridade de Louvet. Seu amor era tudo nas suas opiniões. Enebriavam-se, nos livros, de filosofia e republicanismo antes de que a hora soasse de se occuparem em acção. Apenas a imprensa foi livre, e a sala dos amigos da constituição aberta, Louvet, deixando o seu retiro todas as manhãs, e regressando a elle todas as tardes, envolveu-se no movimento dos partidos. Trocou a penna licenciosa com que escrevera *as Aventuras de Faublas* na penna do publicista, e na tribuna dos jacobinos. Mirabeau licencioso como elles, amou e animou este mancebo. Robespierre, que não comprehendia a liberdade sem costumes, viu com sentimento este escriptor de camarim fallar de virtude depois de ter popularisado o vicio. Queria que se expulsasse da republica toda esta mocidade mais infectada que perfumada de litteratura e atheismo. Desde o tempo da assembléa constituinte, o deputado de Arras tinha provocado a expulsão de Louvet dos jacobinos.

No tempo da assembléa legislativa Louvet havia-se unido ao partido de Brissot contra Robespierre. Lauthemas, amigo e commensal da senhora Roland havia-o introduzido na intimidade desta mulher. «Oh! Roland! Roland! escreveu elle mais tarde, quantas virtudes elles assassinavam em ti! quantas virtudes, encantos, e genio immolaram em tua mulher maior homem do que tu!» Estas palavras de Louvet testimunham a impressão que a senhora Roland fizera sobre elle. A senhora Roland não pinta com menos graça a inclinação que a arrastava para Louvet. «Louvet, diz ella, poderia bem algumas vezes, como Philopœmen, pagar o tributo do seu exterior. Pequeno, debil, de vista curta, vestuario em desalinho, nada impunha ao vulgar, que não nota ao primeiro olhar a nobresa da sua fronte, o fogo que se accende nos seus olhos, e a impressionalidade das suas feições na expressão de uma grande verdade ou de um bello sentimento. E' impossivel reunir mais intelligencia, e mais simplicidade e abandono. Corajoso como um leão, dôce como uma creança, pode fazer tremer Catilina na tribuna, agarrar o buril da historia, ou espalhar a ternura de sua alma sobre a vida d'uma mulher amada.»

Uma amizade firme e viril ligou bem depressa estas duas almas uma á outra. Louvet descobriu á sr.ª Roland o mysterio do seu amor, e fez-lhe conhecer Lodoiska. Esta duas mulheres comprehenderam-se pela politica e pelo amor. Viram-se pouco e furtivamente. A amante de Louvet escondia a sua vida na sombra. A esposa casta e honrada do ministro não podia confessar intimidade como uma mulher que só pelo amor estava unida a Louvet.

VIII. — Louvet escreveu em favor de Roland a *Sentinelle*, jornal dos girondinos, onde o mais ardente republicanismo se associava ao culto da ordem e de humanidade. Em 10 de agosto, tinha salvado victimas. No 2 de septembro tinha infamado os algozes. Eleito á convenção, havia sahido da sua eremitagem. Habitava agora um modesto quarto na rua de Saint-Honoré junto á sala dos jacobinos. Dedicado por convicção e amizade ás opiniões da Gironda, formava com Barbaroux, Buzot, Rebecqui, Salles, Lasource, Ducos, Fonfrede, Rabaut de Saint-Etienne, Lanthenas, e alguns outros, a guarda avançada deste partido da juventude dos departamentos, impaciente de purificar a republica. Vergniaud, Pethion, Condorcet, Sieyes, Brissot, esforçavam-se debalde por moderar estes mancebos. A alma da sr.ª Roland ardia nelles. Travar o seu partido n'uma lucta decisiva era toda a sua tatica. A contemporisação parecia-lhe tão impolitica como covarde. Louvet offerecera-se para o primeiro golpe. O discurso que elle trazia comsigo havia já muitos dias fôra concertado em commum no conciliabulo da sr.ª Roland. Ella tinha incendiado-lhe os sentimentos, e aguçado as palavras: Louvet não era senão a voz. Este discurso era menos o discurso de um homem, que a explosão do odio de um partido inteiro.

IX. — Robespierre, vendo Louvet, affectou desdem e triumfou interiormente de vêr que nenhum orador já celebre quizera encarregar-se do acto de accusação contra elle. Esta circunspecção de Vergniaud, de Gensonné e de Guadet se trahia na actitude delles, e inspirava confiança a Robespierre. Louvet afrontava mesmo o descontentamento do seu partido. Sentia a traz de si a mão da sr.ª Roland que o impellia á lucta. Restabelecido o silencio fallou assim:

«Uma grande conspiração ameaçava pesar sobre a França e havia por muito pesado sobre a cidade de Pariz. Vós chegasteis. A assembléa legislativa estava desconhecida, avilltada, e calcada aos pés. Hoje pretende-se aviltar a convenção nacional, prega se abertamente a insurreição contra ella. E' tempo de saber se existe uma facção em sete ou outo membros desta assembléa, ou se acaso os setecentos e trinta membros da assembléa é que são em si mesmo uma facção. E' myster que desta lucta insolente vos saiades vencedores ou aviltados. E' necessario, para dar conta á França das razões que vos faz conservar no vosso seio este homem sobre o qual a opinião publica se desenvolve com horror, é necessario, ou que por um decreto solemne reconheçais a sua innocencia, ou que a vós proprios purgueis da sua presença; é preciso que adopteis medidas contra essa communa desorganisadora que prolonga a authoridade usurpada. Debalde publicareis medidas parciaes, se não atacardes no mal os homens que são os authores delle.

Vou denunciar-vos suas conspirações. Terei Pariz inteiro por testimunha. Deveria admirar-me primeiro de que este Danton, que ninguem atacava, se lançasse aqui para declarar que era inatacavel e renegar Marat, de quem se serviu como um instrumento e um cumplice na grande conjuração que denuncio (sussurro.) » Danton : « Peço que se permitta a Louvet tocar o mal e pôr-o dedo na ferida. » Louvet continua : « Sim, Danton, eu vou tocar n'elle ; não falles antes do tempo.

« Foi no mez de janeiro passado que se viu nos jacobinos succeder ás discussões profundas e brilhantes que nos tinham honrado ante a Europa esses miseraveis debates que estiveram a ponto de nos perder. Viu-se que um homem que queria sempre fallar, fallar continuamente, fallar exclusivamente, não para exclarecer os jacobinos, mas para lançar entre elles a divisão e especialmente para ser escutado de algumas centenas de espectadores dos quaes a todo custo se queria alcançar applausos. Os filiados deste homem se uniam para apresentar tal ou tal membro da assembléa ás suspeitas, a censura dos espectadores credulos, e offerecer á admiração delles um homem do qual faziam o mais faustuoso elogio, quando elle mesmo a si o não fazia. E' então que se veem intrigantes subalternos declarar que Robespierre era o unico homem virtuoso em França, e que se devia confiar a salvação da patria a este homem, que prodigalisava as mais baixas lisonjas a algumas centenas de cidadãos fanatisados aos quaes elle chamava povo. E' a tactica de todos os usurpadores, desde Cezar até Cromwell, desde Sylla até Mazaniello. Comtudo nós, fieis á igualdade, avançamos resolvidos a não soffrer que se substitua á patria a idolatria de um homem. Dez dias depois de 10 de agosto, eu achava-me no conselho geral provisorio : um homem entra, e grande movimento tem logar em torno delle : era elle mesmo ; era Robespierre. Veio sentar-se no primeiro logar do conselho. Estupefacto, interroguei-me a mim proprio ; não dou credito aos meus olhos. Que ! Robespierre, o incorruptivel Robespierre, que nos dias do perigo desertou o posto onde os seus concidadãos o tinham collocado, que mais de vinte vezes havia premettido solemnemente nunca acceitar cargo algum publico, toma repentinamente logar no conselho geral da communa ! Desde então comprehendi que este conselho estava destinado a reinar.

« Bem sabeis que Robespierre se attribue a honra deste dia 10 de agosto. A revolução de 10 de agosto é obra de todos. Pertence aos faubourgs que se levantaram completamente, a estes bravos federados, a esses corajosos deputados que, mesmo ao estrepito das descargas da artilheria, votaram o decreto da suspensão de Luiz XVI. Pertence aos generosos guerreiros de Brest, e á intrepidez dos filhos da orgulhosa Marselha. Porém esta de 2 de setembro... conjurados barbaros ! essa pertence-vos ! é vossa, é sómente vossa ! (movimento de horror).

« Elles proprios se glorificam, elles proprios, com um despreso feroz, e nos designam como patriotas do 10 de agosto, reservando-se o titulo de patriotas do 2 de setembro. Ah ! que lhes fique pois essa distincção, digna com effeito da especie de coragem que lhes é propria ! que lhes fique para nossa eterna justificação, e longo opprobrio delles ! Este povo de Pariz sabe combater, mas não sabe assassinar. Estava todo inteiro nas Tuillerias, no dia magnifico de 10 de agosto ; é falso que fosse visto nas prisões no horrivel dia 2 de setembro. Quantos eram os degoladores que estavam nas prisões ? Nem duzentos. Quantos espectadores fóra ? Nem o dobro. Interrogai Pethion, e elle vo-lo attestará. Porque se lhes não obstou ? Porque Roland fallava debalde ! por que o ministro da justiça, Danton, não fallava !... por que Santerre, commandante das secções, esperava !... porque os officiaes municipaes adornados com as suas bandas presidiam a estas execuções !... porque a assembléa legislativa estava dominada, e um insolente demagogo vinha á sua barra significar-lhe os decretos da communa, e ameaça la de fazer tocar a rebate se ella não obedecesse ! » Billaud-Varennes levanta-se e tenta protestar. Um tremor geral de indignação se espalha contra elle na assembléa. Grande numero de membros apontam Robespierre Cambon torna-se notavel pela colera da sua attitude. Mostra os braços á Montanha, e grita : « Miseraveis ! Eis o decreto da morte do dictador. — *Robespierre á barra ! Robespierre em pro esso !* » gritam de todos os lados vozes accusadoras. — O presidente modera esta impaciencia — Louvet continua. Accusa Robespierre de todos os crimes da communa, depois, olhando para Danton : « E' então, prosegue elle, que se affixam esses cartazes em que se designavam como traidores todos os ministros, excepto um unico, um unico e sempre o mesmo, e podes tu, Danton, justificar-te desta excepção ante a posteridade ! E' então que se vê com espanto reapparecer á luz do dia um homem unico até aqui nos fastos do crime (olha para Marat). E não julgueis apasiguar-nos renegando hoje este filho perdido do assassinio ! Como sairia elle do seu sepulchro se não o houvesseis de lá tirado ? Como o tericis recompensado se elle não vos houvera servido ? Como o produzisteis sob os vossos auspicios nesta assembléa eleitoral, onde me fizesteis insultar por ter tido a coragem de pedir a palavra contra Marat ? Deus ! eu o nomeei ! (Movimento de horror !) — Sim ! os guardas do corpo de Robespierre, esses homens armados de sabres e páos que o acompanham para toda a parte, insultaram-me ao sair da assembléa eleitoral, e annunciaram-me que dentro em pouco me fariam pagar caro a audacia de combater o homem a quem Robespierre protegia ! E porque via os conjurados marcharem de concerto á execução premeditada do seu plano de dominação ? Pelo terror. Era-lhes mister ainda assassinios para ser completa, e affastar os generosos cidadãos mais adictos á liberdade do que á propria vida. Fizeram-se circular listas de proscripção assignadas por complacencia ou acaso por desvairados montanheses. Anciava-se pelo sangue, e em esperança já se dividiam os despojos das victimas. Durante quarenta e oito horas a consternação foi geral. Trinta mil familias ahi estão para o attestar. Quando vi tantas atrocidades liberticidas, perguntei a mim proprio se, no dia 10 de agosto eu tinha sonhado a nossa victoria, ou se Brunswick e as suas columnas contrarevolucionarias estavam já em nossos muros ! Não ! porém eram ferozes conjurados que queriam cimentar com o sangue sua nascente authoridade. Barbaros ! diziam que ainda mister lhes era vinte e oito mil cabeças ! Recordo me de Sylla que principiou por ferir alguns cidadãos desarmados, mas depressa fez passear por defronte da tribuna dos discursos e pelo forum as cabeças dos mais illustres cidadãos ! Assim avançavam para o seu alvo estes scelerados, no caminho do poder supremo, porém ahi os esperavam alguns homens de resolução que, por Brutus jurámos, não lhes deixariam mais do que um dia de dictadura !... (Applausos unanimes) — Quem os deteve ? Foram alguns patriotas intrepidos. Quem os combateu ? Foi Pethion ; foi Roland, que desenvolveu, denunciando-os ante a França, a maior coragem que mister lhe foi para denunciar um rei perjuro !... Robespierre ! Accuso-te de teres calumniado incessantemente os mais puros patriotas ! Accuso-te de haveres propagado estas calumnias na primeira semana de setembro, isto é nos dias em que as calumnias eram golpes de punhal ! Accuso-te de haverdes, quanto possivel te era, aviltado e proscripto os representantes da nação, sem caracter, sem authoridade ! accuso-te de constantemente te haverdes apresentado a ti proprio como um objecto de idolatria, ter soffrido que em tua presença te designassem como o unico homem virtuoso em França que póde salvar o povo, e de tu mesmo o haveres dito ! Accuso-te de evidentemente marchares ao poder supremo ! »

X. — Todos os olhos e todos os gestos se dirigem para Robespierre, como tantos mudos testimunhos da accusação que o orador lhe fulminara. Robespierre, pallido, agitado, com as feições contrahidas pela colera, vê-se abandonado dos seus collegas, e conhece em torno de si esta atmosfera onde peza a reprovação de uma grande assembléa. Porém na sua fisionomia descobre-se a alegria secreta de ser julgado digno de uma accusa-

ção de dictadura, que, pelos termos em que foi apresentada, era um testimunho do poder do seu nome, e uma designação nominal á attenção do povo. Louvet suspende por um momento o seu discurso, como para o deixar cahir com todo o seu peso sobre o accusado e sobre o pensamento dos juizes. Continua depois, voltando-se com uma expressão de desprezo nos labios para o lado de Marat: «Porém no meio de vós ha um homem cujo nome não poluirá mais a minha lingoa, um homem que não tenho precisão de accusar; porque se accusou a si proprio, e não tem receio em dizer que é sua opinião fazer cortar ainda duzentas e sessenta mil cabeças!.. e este homem está ainda no meio de vós! A França córa de vergonha! A Europa admira-se da vossa longa fraqueza! Peço que lanceis contra Marat um decreto de accusação!»

XI. — Louvet desceu da tribuna no meio de applausos. Uns applaudiam sua eloquencia, outros sua coragem; uns por odio a Robespierre, outros por causa do horror de Marat. Parecia que a alma do orador passára inteira á assembléa. Até mesmo as galerias, ordinariamente vendidas á communa, e disciplinadas ao gesto de Robespierre, ficaram consternadas sob o éco daquella voz, e acreditaram vêr na convenção em pé, a França sublevar-se inteira contra a tyrannia de Pariz, e arrancar o poder ensanguentado das mãos dos senhores da communa. Robespierre, instruido pela primeira derrota, da insufficiencia da palavra improvisada contra uma accusação meditada e aguçada de antemão, pediu que se lhe cedessem alguns dias para preparar a defeza. A assembléa concedeu-lho com uma indulgencia mui parecida a desprezo.

No dia seguinte Barbaroux agravou, e esclareceu mais as conspirações de Robespierre.

Os jacobinos e as secções tremeram pelo seu idolo. O povo espalhava-se todas as noites, depois destes discursos, em torno da casa de Robespierre. Propagar-se pelos faubourgs o boato de que elle fôra assassinado. Não fôra visto nem nos jacobinos, nem na convenção, depois da denuncia de Louvet. Devia responder na segunda feira 5 de novembro. As gallerias da convenção, já cheias desde o amanhecer, pelos magotes dos dois partidos, estavam divididas em dois campos, que preludiavam o combate das palavras, com gestos e ameaças. O presidente chamou finalmente Robespierre á tribuna. Ahi subiu mais pallido do que nunca. Esperando o silencio, seus dedos convulsivos feriram a mesa da tribuna, como o musico que interroga, com distracção as notas de seu piano. Nenhum gesto, nenhum surriso affectuoso o animava na assembléa. Todos os olhares eram-lhe hostís, todas as bocas desdenhosas, todos os corações fechados. Começou com uma voz fraca e aguda, na qual se conhecia o tremor da colera abafada pela decencia do sangue frio.

XII. — «Cidadãos! de que sou accusado?» disse elle depois de um curto apêlo á justiça dos seus collegas. De ter conspirado para chegar á dictadura, ao tribunato, ou ao triumvirato! Convir se-ha que se tal projecto é criminoso, muito mais ainda é atrevido; pois para o executar, primeiro era mister destruir o throno, anniquillar a legislação, e impedir mais que tudo a formação d'uma convenção nacional. Porém então como é que o primeiro haja eu sido, que nos meus discursos, e nos meus escriptos, chamasse uma convenção nacional como o unico remedio aos malles da patria? Para chegar á dictadura, era mister primeiro assenhorear de Pariz e escravisar os departamentos. Onde estão os meus thesouros? onde estão os meus exercitos? onde estão os grandes empregos de que certamente estou provido? Tudo isto está nas mãos dos meus accusadores. Para que sua accusação adquerir possa o mais pequeno vislumbre de verosimilhança, era mister demonstrar primeiramente que eu estava completamente louco. Ora se eu estivera louco, restava explicar como homens sensatos se davam ao incommodo de compôr tão bellos discursos, tão bellos cartazes, desinvolve tantos esforços para me apresentarem á convenção nacional como o mais perigoso de todos os conspirados. Vamos aos factos. Que me censuram? A amizade de Marat? Poderia fazer a minha profissão de fé a respeito de Marat, sem vos dizer nem o bem, nem o mal que penso. Porém não quero trair o meu pensamento para lisongear a opinião reinante. Tive em 1792 uma unica conversação com Marat. Censurei-lhe uma exaggeração e uma violencia que prejudicavam á causa que elle podia servir. Declarou-me ao separar-se de mim, que não tinha encontrado em mim *nem as vistas nem a audacia de um homem de estado*. Esta fraze responde ás calumnias daquelles que me querem confundir com este homem.

«Bastantes inimigos me hei creado pelos meus combates em prol da liberdade, e é preciso imputar-me ainda excessos que sempre evitei, e opiniões que nunca deixei de condemnar? Mas fallei, disse-se, sem descanço nos jacobinos, e exerci uma influencia exclusiva sobre este partido. Desde 10 agosto, não me tenho apresentado dez vezes na tribuna dos jacobinos. Antes de 10 de agosto, trabalhei com elles em preparar a santa insurreição contra a tyrannia e a traição da corte e de La-Fayette. Porém os jacobinos então era a França revolucionaria! E vós que me accusais, vós estaveis com La-Fayette! Os jacobinos não seguiam os vossos conselhos, e vós querieis fazer servir a convenção nacional a vingar as desgraças do vosso amor proprio. La-Fayette tambem pedia decretos contra os jacobinos. Quereis, vós, como elle, dividir o povo em dois povos, um adultado, outro insultado e intimidado, pessoas honradas, e sans-culottes ou canalha? Mas eu acceitei o titulo d'official municipal? — Respondo primeiro que resignei, no mez de fevereiro de 1791 o logar locrativo e nada perigoso de accusador publico. — Entrei eu na caza das sessões como senhor? Quero dizer que apresentando-me fiz verificar os meus poderes pela mesa.

«Não fui nomeado senão em 10 de agosto. Estou longo de pretender arrebatar a honra do combate e da victoria áquelles que faziam parte da communa antes de mim nesta terrivel noite, que armaram os cidadãos, dirigiram os movimentos, desconcertaram a traição, prenderam Mandat, portador de ordens perfidas da corte! Diz-se que havia intrigantes no conselho geral; quem melhor o sabe do que eu? Estão em o numero dos meus inimigos. Censuram-se a estes corpos prisões arbitrarias. Quando o consul de Roma abafou a conspiração de Catilina, Cladio o accusou de ter violado as leis. Vejo aqui taes cidadãos que não são Clodios, mas que, algum tempo antes do dia 10 de agosto, tiveram a prudencia de se refugiarem fora de Pariz, e que, depois que ella triumphou para elles denunciam a communa de Pariz. — Actos illegaes? E' pois com o codigo criminal na mão que se salva a patria! Porque não nos censuraes tambem havermos quebrado as pennas mercenarias, cujo oficio era propagar a impostura e ultrajar a liberdade? Porque não nos censuraes tambem havermos expulso de Pariz os conspiradores, e ter desarmado nossos inimigos? Tudo isto era illegal, decerto. Sim, illegal como a queda da Bastilha, illegal como a queda do throno, illegal como a liberdade!

«Cidadãos! quereis uma revolução sem revolução? Que espirito é este de perseguição que pretende revêr, por ossim dizer, aquillo que despedaçou os nossos ferros? E quem pode pois, dado o golpe, marcar o ponto preciso onde deviam quebrar-se as ondas da insurreição popular? Que povo, a tal preço, poderia nunca sacudir o despotismo? Os homens de 10 de agosto não poderiam dizer aos seus accusadores: Se nos renegais, renegai tambem a victoria! Retomai o vosso jugo, as vossas leis, o vosso throno antigo. Restitui-nos com o sangue que temos derramado, o preço dos nossos sacrificios e dos nossos combates!...

«Quanto aos dias 2 e 3 de setembro, aquelles que hão dito que eu tive parte nos seus acontecimentos são homens ou mui credulos, ou mui perversos! Abandono-lhes a alma ao remorso, se o remorso pode suppôr uma alma. Nessa época cessado havia eu de comparecer na communa, e estava encerrado em minha casa!..» Robespierre explica então sem justificar estes horrores, a impossibilidade em que estava a communa de prevenir as conse-

quencias da agitação geral. Certifica-se que um innocente morreu! um só! é muito sem duvida! Cidadãos! chorai este cruel engano! Ha muito tempo que nós já temos chorado. Era um bom cidadão, era um dos nossos amigos! Chorai mesmo as victimas culpadas reservadas á vingança das leis e que cahiram sob o peso da justiça popular. Mas que a vossa dôr tenha um termo, como todas as causas humanas! Guardemos algumas lagrimas para calamidades mais tocantes! Chorai cem mil patriotas immolados pela tyrannia! chorai os nossos cidadãos expirando sob tectos incendiados! os filhos dos cidadãos assassinados no berço ou nos braços de suas mãis! Não tendes tambem irmãos, filhos, esposas a vingar? A familia dos legisladores francezes é a patria, é o genero humano inteiro excepto os tyrannos e os seus cumplices! A sensibilidade que geme quasi exclusivamente sobre os inimigos da liberdade, é para mim suspeita. Cessai de agitar aos meus olhos a toga ensanguentada do tyranno, ou acreditarei que quereis volver Roma aos seus ferros. Calumniadores eternos! quereis vingar o despotismo? Quereis deshonrar o berço da republica?...

«Sepultemos, diz Robespierre concluindo, estas miseraveis manobras n'um eterno olvido. Pelo que me respeita não tomarei nenhuma conclusão que me seja pessoal. Renuncio á justa vingança que teria direito de seguir contra meus calumniadores. Não quero por vingança senão a volta da paz e da liberdade. Cidadãos! precorrei com um passo firme nossa magnifica estrada, e possa eu, á custa mesmo da minha vida e da minha reputação, concorrer comvosco para a gloria e a felicidade da patria commum!»

XIII. — Apenas Robespierre acabava de fallar, Louvet e Barbaroux, impacientes pelos applausos de que a assembléa e os espectadores cobriam o orador e o discurso, se lançaram na tribuna para replicarem; porem a impressão daquelle discurso já estava votada pela convenção. A inanidade das accusações, a moderação das conclusões de Robespierre, e a necessidade de apagar, se possivel fosse um fogo que ameaçava incendiar a opinião publica, tudo instava a convenção a terminar o debate. Aos olhos de Vergniaud, de Pethion, de Brissot de Condorcet, de Gensonné, de Guadet, os mais prudentes d'entre os girondinos, seu inimigo saíra maior; repugnava-lhes engrandecel-o mais.

Marat viu a sua propria victoria na victoria de Robespierre, apesar da negação dulcificada de que fôra objecto as suas opiniões. Danton triumphou interiormente de ver justificar a dictadura da communa, e velar os crimes de septembro com a bandeira da salvação publica. Robespierre tinha cuberto Danton, O partido indeciso da convenção, no meio do qual Barrére tinha assento, temia ter de se pronunciar, e humilhou-se de humilhar os girondinos, sem precisar pronunciar innocentes os seus inimigos. O silencio convinha a todos, excepto aos accusados.

XIV. — Porem Barbaroux, indignado da obstinada recusa da palavra que se lhe oppunha e mais a Louvet, deixou a sua cadeira no recinto da salla, e desceu á barra, para ter como cidadão a palavra que se lhe recusava como deputado. «Ouvir-me-heis, exclamou elle batendo murros na barra como para fazer violencia á convenção, ouvir-me-heis! se não me escutardes, serei reputado calumniador? Pois bem; gravarei a minha denuncia no marmore.»

O sussurro, o sarcasmo, as risadas da tribuna cobrem a voz de Barbaroux. Accusam-o de aviltar o caracter de representante do povo, despojando-se delle para accusar individualmente um inimigo. Barrere um destes homens que observam por muito tempo a for una afim de se não pronunciar ao acaso, e que nunca tambem assaz se pronunciam para serem arrastados na queda do mesmo partido que adoptaram, levantou-se no meio da *Planicie* para pedir a palavra. Moço, elegante de formas, de estatura elevada, d'um gesto livre, de palavra fluida, via-se na sua fisionomia uma mistura de reserva e audacia que caracterisa os Sejanos: todo o exterior da inspiração cobrindo o calculo do egoismo. Estes homens são os cães de busca dos grandes ambiciosos: porem antes de se entregarem a elles, querem fazer conhecer sua importancia, para que em mais alto preço lh'a avaliem. Tal era Barrére: caracter da alta comedia, lançado, por um engano do destino, na tragedia.

XV. — Barrére, nascido em Farbes d'uma familia respeitavel, advogado em Tolosa, letrado em Pariz, decorando o seu nome plebeo com o nome Vieuzac, havia trazido do fundo da sua provincia este nome, estas formas, esta linguagem, que abriam os salões, e que eram então uma especie de candidatura natural a todas as fortunas. A sr.ª de Genlis havia-o acolhido e introduzido na familiaridade do duque de Orleans. Este principe, para a ligar á sua casa, confiara-lhe a tutella d'uma rapariga ingleza de extrema belleza, que passava por sua filha natural. A sr.ª de Genlis dava a esta pupila os cuidados de mãi. Chamava-se Pamella. Barrére era gracioso e eloquente. Sua filosofia sentimental assimilhava-se a uma parodia de Bernardin de Saint-Pierre. A tinta pastoral das montanhas onde nascera reflectiam-se nos seus escriptos. Os salões, os theatros, as academias affectavam então este ocio voluptuoso; era como a languidez da agonia desta sociedade moribunda. Acreditava remoçar puerilisando; porem era a voluptuosidade da velhice. Barrére, Robespierre, Couthon, Marat, Saint-Just, todas estas almas tão asperas haviam começado por serem insipidas.

Bailly, Mirabeau, o duque de Orleans tinham sido os patronos de Barrére para ser nomeado á assembléa nacional. Havia preenchido ahi com assiduidade e talento um papel mais litterario do que politico, semeára os seus numerosos relatorios de maximas philosoficas; redigira depois o *Point du jour* (a Aurora), e fôra um dos primeiros a pedir a republica, quando viu tremido o throno. No dia 10 de agosto, enviado com Gregoire, ao encontro do rei no jardim das Tuilerias, conduzira com solicitude nos seus braços o moço delfim. Nomeado á convenção, as suas opiniões republicanas, os seus estudos, as suas ligações, a sua origem meridional, o seu talento mais florido do que popular pareciam dever prendel-o aos girondinos. Pendia, com effeito, para o lado delles nos primeiros dias; acreditava-lhes ao genio, admirava-lhes a eloquencia, sentia-lhes dignidade de espirito, e gostava da moderação do seu systema: Porem tinha visto a força do povo no 10 de agosto e 2 de setembro, e o olhar do leão fascinara-o. Tinha medo de Marat, Danton assombrava-o, desconfiava de Robespierre. A estrella destes tres homens podia tornar a apparecer. Não queria dedicar-se como victima á sua vingança, se elles viessem a triumphar.

Havia-se collocado a igual distancia dos dois partidos, no centro a que se chamava a *Planicie*: alternativamente mediador ou auxiliar, segundo os homens, a questão do dia, ou a maioria. Esta planice, composta de homens prudentes, ou homens mediocres, que se callavam por prudencia, ou por mediocridade, tinha necessidade de um orador. Barrére offereceu-se. Levantou-se pela primeira vez, e encontrou-se na sua actitude, no seu acto, nas suas palavras, toda a hesitação equivoca das almas que emprestam a sua voz.

«Cidadãos, diz Barrére, vendo eu descer á barra Barbaroux, um collega nosso, não posso deixar de oppor-me a que elle seja ouvido. Quer ser peticionario? Esquece pois que deve julgar como deputado as petições que formular como cidadão. Quer ser accusador? Não é na barra, é aqui, ou perante os tribunaes que elle se deve explicar. Que significam todas estas accusações da dictadura e do triumvirato? Não demos importancia a homens a quem a opinião publica saberá collocar no seu logar. Não levantemos pedestaes a pigmeus! Cidadãos! Se existisse na republica um homem nascido com o genio de Cesar, ou a audacia de Cromwel, um homem que, com o talento de Sylla, tivesse seus perigosos meios, tal homem poderia ser para recear, e eu proprio o viria accusar aqui a vós. Se existira aqui algum legislador d'uma vasta ambição, eu perguntaria primeiro se elle tinha ás suas ordens um exercito, ou um thesouro publico á sua disposição, ou grande partido no senado e na republica. Porem estes homens d'um dia, estes pequenos empreiteiros de revoluções, politicos que não entraram nunca

no dominio da historia, não foram feitos para occupparem o preciso tempo que devemos á nação (applausos. Elle propõe a ordem do dia, em signal de despreso). — Guardai a vossa ordem do dia, respondo seccamente Robespierre, não a quero, se deve conter um preambulo injurioso contra mim! « A convenção vota a indifferença e a neutralidade entre os accusadores e o accusado. » Morram os ambiciosos, e com elles as nossas suspeitas e as nossas desconfianças! » exclama Rabaut-Saint-Etienne.

XVI. — A noticia do triumpho de Robespierre espalhou-se como uma alegria publica na multidão aglomerada nas aproximações das Tuilerias para se condoer ou vingar o seu tribuno. A presença de Robespierre trouxe á noite a influencia aos jacobinos. A' sua entrada na salla, os espectadores applaudiram com palavras — « Que Robespierre falle, diz Merlin; elle só é que pode dar conta do succedido hoje — Eu conheço Robespierre, disse um dos membros do club, tenho certeza de que se callará. Este dia é o mais bello que a liberdade tem visto raiar. Robespierre accusado, perseguido como um faccioso triumpho. Sua eloquencia varonil e candida confundiu os seus inimigos. A verdade guia a sua penna e o seu coração. Barbaroux refugiou-se na barra. O reptil não podia sustentar o olhar da aguia »

Manuel pede para lêr o discurso que tinha preparado para defender Robespierre. « Robespierre não é meu amigo, diz elle neste discurso. Quasi que nunca lhe fallei, e combatido o hei no momento do seu maior poderio. Porem elle sahiu virgem da assembléa constituinte. Sempre sentado ao lado de Pethion, estes dois homens eram os generaes da liberdade. Robespierre pode dizer-nos o que um Romano dizia: Atacaram-me nos meus discursos, signal que sou innocente nas minhas acções. — Robespierre não quiz nunca ser cousa alguma. Está puro destes dias de setembro, em que o povo, perverso como os reis, quiz tambem fazer o seu S. Bartholomeu. Quem melhor que eu o sabe? Subido sobre um montão de cadaveres preguei o respeito pela lei. »

Collot-d'Herbois justifica a carnificina. Barrere os excusa. Admirado já da embriaguez popular que se une a Robespierre desdenhado por elle ainda naquella manhã: « Cidadãos, disse elle, e eu tambem, no discurso que preparei a respeito de Robespierre, emittia uma opinião tão politica e tão revolucionaria como Collot-d'Herbois. Este dia, dizia eu, apresenta um crime aos olhos do homem vulgar: aos olhos do homem de Estado, tem do's grandes effeitos: fez desapparecer os conspiradores que a lei não podia alcançar; aniquilou o feuillantismo, o realismo, a aristocracia. » Este arrependimento de Barrere foi apenas acolhido. Não encontrou daquelle dia a popularidade que ia buscar até no sangue espalhado por outras mãos.

Fabre d'Eglantine accusou os girondinos de quererem transportar a sede da representação nacional para fóra de Pariz — « Vi com os meus olhos, disse elle, no jardim do ministerio dos negocios estrangeiros, o ministro Roland, pallido, abatido, com a cabeça encostada a uma arvore, pedindo com instancia que a convenção fosse transferida para Tours, ou Blois. Vi estes mesmos homens, que se encarniçam hoje contra o 2 de setembro, virem a casa de Danton testimunhar-lhe sua alegria pela noticia destas mortes. Mesmo um delles (indicava Brissot, inimigo do libellista Morande) desejava que Morande fosse immolado. Só Danton mostrou nestes dias a maior energia de caracter. Unico, não desesperou da salvação da patria. Ferindo a terra com o pé, della fez sahir milhares de soldados. »

Fabre d'Eglantine levou a lisonja até ponto de denunciar a senhora Roland, á qual ainda na vespera in censava.

Fabre, secretario de Danton, menos seu amigo do que seu cortesão, descera ao pé dos Pyrineos assim como Barrere. Primeiro commediante, depois complacente da sociedade, seu talento em tocar diversos instrumentos, seu espirito em agradar, seus versos comicos, e seu estro de devassidão, tinham-o feito buscar os homens de prazer. Duas peças de theatro, applaudidas, consagraram-lhe a reputação de escriptor. A amisade de Danton, Lacroix, e os agentes subalternos da communa, haviam elevado sua fortuna, e dado largas á sua ambição Pobre antes da carnificina de setembro, teve hoteis, carruagens, e cortesãos depois destes dias. Sempre abrigado por traz destes homens fortes, mostrava mais o gosto do que a coragem d s grandes crimes. O medo impellia-o ao menos tanto como a ambição. Danton servia-se delle, e Robespierre desprezava-o.

XVII. — Péthion, que não tinha podido fallar na convenção, e que não queria fallar nos jacobinos, fez imprimir no dia seguinte o discurso que preparara, menos para accusar do que para julgar Robespierre. Nelle feria Marat, censurava a communa, e lançava todo o horror do sangue sobre os assassinos. — « Quanto a Robespierre, dizia elle, o seu caracter explica o seu papel. Sombrio, desconfiado, vendo em toda a parte conspirações e abismos, o seu temperamento bilioso, a sua imaginação atribiliaria, colorem-lhe de crime todos os objectos Não acreditando senão em si, não fallando senão de si, sempre convencido de que se conspira contra elle, ambicioso mais do que tudo do favor do povo, esfaimado de applausos, esta fraqueza da sua alma pela popularidade fez acreditar que aspirava á dictadura. Não aspira senão ao amor exclusivo e cioso do povo por elle. O povo é a sua ambição! »

Este retrato verdadeiro de Robespierre era verdadeiro tambem de Péthion. Havia então entre os dois partidos da Montanha e da Gironda, mais suspeitas do que conflictos reaes. Os amigos communs que queriam entre elles fazer as pazes eram os confidentes destas mutuas accusações.

Garat acabava de ser nomeado ministro do interior depois que Danton deixara a pasta da justiça. Era um escriptor nascido tambem nos Pyrineos, revolucionario por filosofia, de letras por profissão: um destes homens a quem as circumstancias arrastram ao contrasenso do seu espirito. Mui timido para resistir com os girondinos, muito escrupuloso para operar com os montanhezes, Garat tentava intrometter-se, tolerado, amado, desdenhado por ambos os partidos.

« Hei-me recordado sempre com pavor, diz elle nos seus *Souvenirs*, (Recordações) duas conversações que com dois ou tres dias de intervallo tive com Salles e Robespierre. Conhecera-os a um e outro na assembléa constituinte; acreditava-os mui sinceramente dedicados á revolução. Não tinha eu duvida alguma sobre sua probidade. Se eu duvidasse da probidade de qualquer delles, o ultimo de quem tivera suspeitado seria Robespierre. Salles tinha uma imaginação inquieta, agitada da febre da revolução. Na verbosidade confusa, insignificante e vaga de Robespierre, quando elle fallava de inspiração, eu acreditava aperceber os germens d'um talento que podia engrandecer. Martelava pacientemente a lingoa para a afeiçoar ás formulas da antiguidade, e de João Jacques Rousseau. A leitura continua destes filosofos devia penetrar e melhorar o seu espirito. Ambos estes homens tinham este temperamento atribiliario donde em todos os seculos sahiram as tempestades populares. Acredito que Robespierre tem religião; porém nunca homem algum, sabendo escrever frazes elegantes e persuasivas, teve um espirito mais falso. Um dia que eu lhe pedia reflectisse sobre algumas ideas que lhe apresentava: — Não tenho precisão de reflectir, me respondeu elle, é sempre ás minhas primeiras impressões que me reporto. Todos estes deputados da Gironda, me disse elle, este Brissot, este Louvet, este Barbaroux, são contra-revolucionarios e conspiradores. — E onde conspiram elles? lhe disse eu. — Por toda a parte, replicou Robespierre, em Pariz, na França, em toda a Europa! A gironda formou de ha muito tempo o projecto de se separar da França, para tornar a ser a Guyenna, e unir-se á Inglaterra. Gensonné diz alto, a quem o quer ouvir, que elles não são aqui os representantes mas os plenipotenciarios da Gironda. Brissot conspira no seu jornal, que é o toque de rebate da guerra civil. Foi a Londres, e sabe-se para que. Clavière seu amigo ha conspirado toda a sua vida. Roland

está em correspondencia com o traidor Montesquieu. Trabalham de concerto para abrirem a Saboia e a França aos Piemontezes. Servan não foi nomeado general em chefe do exercito dos Pyrinéos senão para entregar a chave da fronteira aos Hespanhoes Dumouriez ameaça mais a Pariz do que a Belgica e á Hollanda. Este charlatão de heroismo, que eu queria fazer prender, janta todos os dias com os girondinos. *Ah! bem cançado estou da revolução!* Estou doente; nunca a patria esteve em tamanho perigo, e duvido que possa ser salva! — Não tendes vós duvida alguma sobre os factos que acabais de annunciar? lhe perguntei. — Nenhuma, me responpeu Robespierre.

XVIII. — «Retirei-me consternado e assustado, continua Garat. Encontrei Salles saindo da convenção. — Pois bem! lhe disse eu, não ha meio algum de prevenir estas divisões, mortaes á patria? — Espero, me respondeu elle, erguer bem depressa todos os véos que cobrem os projectos destes scelerados. Conheço seus planos. Suas conspirações principiaram antes da revolução. Orleans é o chefe occulto deste bando de bandidos. Foi Laclos quem teceu suas tramas. La Fayette é seu cumplice. Foi elle que, fingindo proscrever enviou Orleans a Inglaterra para tramar esta intriga com Pitt. Mirabeau entrava nestes manejos. Recebia dinheiro do rei para occultar as suas ligações com d'Orleans; recebia ainda mais do d'Orleans para o servir. Era preciso fazer entr r os jacobinos nas suas conspirações, Estes não ousaram. Dirigiram-se então aos *cordeliers* (club dos franciscanos). Estes foram sempre o viveiro dos conspiradores. Danton afeiçoa-os á sua politica, Marat domestica-os aos crimes. Negoceiam com a Europa; teem emissarios nas cortes. Tenho provas disto. Afundaram um throno no sangue, e querem fazer sair de novo sangue um novo throno. Sabem que o lado da convenção onde estão todas as virtudes é tambem o lado onde estão todos os republicanos. Accusam-nos de realismo para desencadearem sob este pretexto contra nós os furores da multidão. O lado direito todo inteiro deve ser degolado. Orleans subirá ao throno. Marat, Robespierre e Danton o assassinarão. Eis os triumviros! Danton, o mais habil e o mais scelerado dos tres, se desfazerá de seus collegas, e dominará sosinho; primeiro dictador, e bem depressa rei [1]...

Estava estupefacto da credulidade de similhante homem. — Pensais pois essas cousas todas entre os nossos amigos? disse eu a Salles. Todas, ou quasi todas, respondeu elle. Condorcet duvida ainda, Sieyes pouco se declara, Roland vê a verdade. Todos conhecem a necessidade de prevenir estes crimes e estas desgraças. Tentei dissuadir Salles. O odio e o medo cegavam os dois partidos.

XIX — Só Vergniaud, mais tranquillo porque era o mais forte, conservava o sangue frio da imparcialidade no meio das prevenções e odios Escrevia neste tempo aos seus amigos de Bordeaux estas linhas de uma serena melancolia, agora pela primeira vez publicadas na Historia; ellas pintavam o estado da patria pelo estado da sua alma: «Nas circumstancias difficeis em que me encontro, é uma necessidade para o meu coração abrir-me comvosco. Alguns homens que se vangloriavam de haver feito sosinhos o dez de agosto, acreditaram ter direito a condusir-se como se elles tivessem conquistado a França e Pariz, não quiz abaixar-me ante estes rediculos despotas. Chamam-me aristocrata. Previ que se a existencia da communa revolucionaria se prolongasse arrastaria comsigo as mais horriveis desordens. Chamaram-me aristocrata, e vós conheceis os lamentaveis acontecimentos de 2 de setembro. Os despojos dos emigrados e das egrejas eram presa das mais escandalosas rapinas, e por isso denunciei os. Chamaram-me aristocrata. Em 17 de setembro, principiaram a renovar os assassinos: tive a felicidade de fazer approvar um decreto colocando a vida dos presos sobre a responsabilidade da assembléa. Chamaram-me aristocrata. Nas commissões os meus amigos, e eu, occupamo-nos noite e dia nos meios de reprimir a anarchia e expulsar os Prussianos do territorio. Ameaçam-nos noite e dia com o punhal dos assassinos. A convenção abriu-se. Era facil prevêr que se ella abrigasse no seu seio os homens de setembro, seria agitada de perpetuas tempestades. Annunciei-o. A minha denuncia não produsiu effeito nenhum.

«Nunca senti a mais pequena emoção dos miseraveis clamores erguidos contra mim; comtudo eu disse a mim proprio: — Talvez estes homens que incessantemente accusam a pretendida facção da Gironda, e que desde 10 de agosto provocam contra nós os punhaes, sómente sejam atormentados da ambição de apparecerem incessantemente na tribuna; talvez que tenham o talento e a felecidade de servirem a causa publica melhor do que nós. Não empeçâmos por orgulho o bem que elles podem fazer. Ah! que desejamos nós senão salvar a nossa infeliz patria? Então entrego-me ao silencio, e limito-me unicamente aos meus trabalhos nas commissões Outra rasão me obrigou ao silencio. No ataque das paixões pessoaes quem pode responder que seja sempre senhor dos movimentos de sua alma? Cedo ou tarde se paga o tributo á fraquesa humana, e conta damos á republica de todos os nossos desvios. Pois bem! que fazem todos estes eternos difamadores! Redobram de furor para calumniar na convenção, nos exercitos, em todas as praças importantes, os homens que tem sido uteis á republica. Accusam todo o universo de intrigas para a attenção geral divergir assim das suas conspirações. Quem não applaude a carnificina é para elle um aristocrata. Quem applaude é virtuoso. Apressam-nos a pronunciar-mos sobre a sorte de Luiz XVI, sem formas, sem provas, sem julgamento. Fazem circular infames libellos contra a convenção, e panegyricos rediculos do duque d'Orleans. Provocam nas secções novas insurreições do 10 de agosto. Fallam em leis agrarias. Os matadores do 2 de setembro, associados a sacerdotes que se intitulam patriotas, meditam e afixam listas de proscripção. Fallam ás claras em dar-se um chefe, e á republica um senhor. Confesso que o zelo de taes homens em pedirem a morte de Luiz XVI, me parece suspeito. Querem, pela precipitação de um julgamento, que se assimelharia ás suas violencias, fazer-nos legalisar os assassinos da Abbadia.

«Raras vezes vos escrevo Desculpai-me. Muitas vezes a minha cabeça está cheia de penosos pensamentos e o coração de sentimentos dolorosos. Apenas algumas vezes me resta assaz força moral para prehencher os meus deveres. Pensar em vós é a minha consolação. Estranho, bem sabeis, a toda a casta de ambição não tendo nem pretenções á fortuna, nem á gloria, não formo para mim outro desejo senão poder um dia comvosco gosar no retiro o triumpho glorioso da patria e da liberdade!»

XX. — O accento desta carta tinha a gravidade, a tristeza, o desinteresse dos pensamentos de Vergniaud. Boyer-Fonfred e Ducos, seus moços amigos, expandeam suas almas em semilhantes confidencias no seio dos seus amigos de Bordeaux. «Os departamentos da Gironda, escrevia nesta occasião Ducos, devem muito ao zelo e á actividade deste excellente mancebo (Fonfrede, seu cunhado e seu amigo). Se continua, como espero, a marchar na sua carreira com passo firme, a republica toda inteira dever lhe-ha grandes obrigações. — Porque motivo, meu amigo, me chamas tu silencioso? Se a tua censura recáe sobre o meu afastamento da tribuna, responder-te hei que quando ha pouco respeito pela sua propria razão e muito amor pela causa publica, gosta-se mais de trabalhar, fallar e servir do que apparecer. Tenho buscado fazer alguns serviços, nunca alcançar fama. Pouco hei satisfeito ao meu amor-proprio; algumas vezes contentado á minha consciencia. Além disto, a minha saude, sempre languida désde o mez de setembro, não me tem deixado o aso das minhas faculdades, não direi oratorias, mas discutidoras. Bem sabes que os pulmões de Duchesne são mais poderosos n'uma assembléa do que a propria razão com uma voz fraca e aguda.»

XXI. — Fonfrede escrevia a seu pai na mesma época: «Estamos cercados de traidores, e assediados de caballas. Sieyes, Brissot, e Condorcet, nossos amigos, são as unicas cabeças da França, capazes de nos darem uma constituição. Conheceis os talentos e patriotismo

e a probidade de Vergniaud. Vejo-o bem de perto. E' a gloria da convenção. E' inaccessivel tanto á seducção como ao mêdo. Não lhe conheço senão um defeito, uma pouca de apathia no caracter, e alguma propensão para a desanimação. Gaudet, homem d'um magnifico talento, e de uma coragem sublime, immortalisou-se no 10 de agosto. Sua vida responde ás calumnias com que o cobrem. Grangeneuve é o patriotismo vivo. Sua cabeça encendeia-se mui depressa, mas alumia ardendo. Gensonne é um homem de recursos. Discute bem. Teve n'algum tempo a paixão de governar. Esta paixão extinguiu-se nelle. »

Finalmente Brissot, relacionado pelos seus moços amigos com os patriotas do Meio-dia, desabafava com elles nestas linhas que se encontravam entre os papeis da Gironda. « Os inimigos da verdadeira liberdade enchem-me de amargura. Sustento noite e dia um rude combate com os homens que juraram a perda da republica. As nossas convulsões não tocaram ainda o seu termo. A facção da anarchia toma consistencia. Sernos-ha difficil vencel-a. Tenho dito desde o principio desta convenção: é a terceira revolução que temos a vencer, a revolução da anarchia. Oh meus amigos! preserverai. Conheceis que sómente a ordem e a lei podem garantir a liberdade. No meio das tempestades que nos cercam aqui, e agitam a cidade donde vos escrevo, é uma dôce consolação para mim contemplar a tranquilidade que disfructais. E' a mais eloquente apologia do systema de republica, ao qual as dissensões e o despotismo de Pariz deshonram. »

XXII. — Vergniaud, Ducos, Fonfrede, Grangeneuve, Condorcet, Sieyés, entretinham-se todas as noites sobre a situação da republica, em casa d'uma mulher notavel pelo seu espirito e pelo seu republicanismo, e á qual os deputados da Gironda tinham sido recommendados pelo seu banqueiro de Bordeaux. Casada com um homem opulento, ella habitava na Chaussée-d'Antin, não longe da casa onde Mirabeau morrêra depois de ter tentado, como os girondinos, moderar e constituir a revolução. Porém o metal em fusão não toma a forma senão resfriando. A revolução fervia ainda. Estes homens pareciam ignorar que lhes restavam muitos esforços a fazer para a violenta excitação das suas forças não prolongar suas convulsões. Nestas reuniões, Condorcet era sentencioso; Vergniaud eloquente, com essa eloquencia serena e philosofica que plana do alto sobre as tempestades, como se a palavra podesse acalmal-as julgando-as; Fonfrede e Ducos, ardentes, temerarios, graciosos, como a inexperiencia e a joventude, Sieyés, profundo, conciso, luminoso, nutrido da medulla dos historiadores antigos, lançando do fundo da sua taciturnidade habitual relampagos de previsão que illuminavam o futuro. « Homem de intuição soberana, quando Sieyés fallava, » nos dizia a mulher que presidia a estas conversações, « parecia-me que uma intelligencia superior se levantava em minha alma, e me fazia comprehender o que me parecia incomprehensivel antes delle fallar. » Os girondinos escutavam Sieyés com respeito, o prestigio da assembléa constituinte, e da amisade de Mirabeau circundava-o aos olhos delles. Aconselhava-lhes as mais viris empresas. Inflexivel como um principe, não fazia caso das difficuldades do dia, dos obstaculos, e dos perigos que os seus planos excitariam. Abstracto como um oraculo, promulgava os seus axiomas, e que desdenhava discutil-os. Apurar os comités legislativo e executivo da convenção, expulsar os demagogos, aterrar Robespierre, seduzir ou abater Danton, reprimir a communa, concentrar vinte mil homens, escolhidos nos departamentos, para cercar a convenção e metralhar o povo; arriscar um dia contra os faubourgs; apoderarse do hotel de ville, esta bastilha do despotismo popular; concentrar o poder n'um directorio republicano; lançar Dumouriez na Belgica, Custine na Alemanha; fazer tremer todos os thronos, todas as theocracias, todas as aristocracias do continente a respeito da sua existencia: negociar secretamente com a Prussia e com a Inglaterra; salvar Luiz XVI e a sua familia; guardal-os em refens até á paz, e condemnal-os depois a um ostracismo; taes eram os planos com que Sieyés lisongeava e infamava os girondinos.

Na rectaguarda destes planos republicanos, e na sombra dos seus derradeiros pensamentos ou das suas reticencias, occultava-se talvez um throno constitucional e o accesso de uma dymnastia revolucionaria. Longe porém estava elle de o deixar antever aos girondinos. Sieyés, que fôra a alma da assembléa constituinte, da qual Mirabeau era a palavra, esperava retomar o seu ascendente sobre as opiniões e sobre os negocios, pelo orgão de Vergniaud.

« Este Sieyes é a topeira da revolução, dizia com azedume Robespierre. O abbade Sieyés não se mostra, mas não cessa de minar nos subterraneos da assembléa. Dirige e enreda tudo. Subleva a terra, e desapparece. Cria facções, põe as em movimento, impelle-as umas contra as outras, e conserva-se á parte, para se aproveitar depois, se as circumstancias lho permittirem. »

Condorcet, Brissot, Vergniaud não tinham prejuizos contra a monarchia, e o desgosto das commoções populares principiava a illudir-lhes o espirito para a concentração da authoridade publica. Porem o nome só de realesa era uma injuria aos ouvidos dos homens de 10 de agosto, e o odio fanatico aos reis era quasi a politica inteira dos moços deputados da gironda. A republica ou a morte eram para elles o grito da necessidade.

XXIII. — Fonfrede, filho de um negociante de Bordeaux, negociante tambem elle mesmo, tinha somente vinte e sete annos. Na Hollanda passara a sua joventude; respirára a velha tradição republicana destas provincias unidas, onde a riqueza e a liberdade nasceram uma da outra. Regressando a França, Fonfred acabava de desposar uma rapariga, a irmã de Ducos, a qual servia de laço entre dois amigos e dois irmãos. Viviam, amavam, e pensavam em commum. Ricos e estabellecidos em Pariz, davam hospitalidade a Vergniaud. Seu enthusiasmo revolucionario arrastava-os a mais longe que elle Vergniaud permittia ao seu republicanismo as lagrimas sobre a sorte dos reis e dos emigrados; Fonfred e Ducos tinham a exaltação de moços jacobinos.

Os outros girondinos, Pethion, Buzot, Louvet, Salles, Lasource, Rebecqui Lanthenas, Lanjuinais, Valazé, Durand de Maillane, Ferand, Valady, o abbade Fauchet, Kervelegan, Gorsas, reuniam-se mais habitualmente em casa da sr.ª Roland. Menos ardentes do que Fonfrede, Ducos e Grangeneuve, menos prudentes do que Vergniaud, regulavam seus actos mais pelo interesse do seu partido do que pela emoção de suas almas. Triumphar dos jacobinos, disputar-lhes a todo preço a popularidade, arrebatar a Danton e a Robespierre os pretextos de que se armavam para accusar os moderados de realismo, afogar Marat no sangue de setembro incessantemente revolvido para sublevar a indignação da convenção, crear e guardar nas suas mãos uma força armada e um poder executivo, introduzir em massa os seus amigos nas commissões, e ligar a maioria aos seus interesses com fios que a mão de Roland faria mover: tal era o plano todo delle. Os interesses da patria eram sem duvida em muita conta nos seus pensamentos, mas confundiam facialmente a ambição do seu partido com o interesse da republica, E' o perigo das reuniões deste genero, republicanas ou parlamentares, trocar na alma dos melhores cidadãos o patriotismo em facção, e encurtar o imperio ás proporções de uma opinião. Uma parte do imperio de Robespierre provinha sem duvida de elle communicar incessantemente com a multidão por meio da sociedade dos jacobinos, no entanto que os girondinos encerravam-se na sua propria atmosfera. A unica vantagem nas reuniões em casa de Roland era dar disciplina ao partido giroudino, imprimir um mesmo espirito nos seus jornaes, e dirigir, com invisivel mão, os sufragios da convenção sobre os nomes dos seus amigos para os comités. Com esta tactica, governavam os comités; mas Robespierre, por via dos jacobinos, governava o espirito publico. Conhecia-se em ambos os lados que a victoria ficaria ao partido mais popular. Era portanto,

a popularidade que se devia disputar. Os dois partidos por toda a parte a procuravam.

XXIV. — Os jacobinos, nesta occasião, acreditavam encontral-a no Templo. Aquelle dos dois partidos, na opinião delles, que declarasse pelos seus actos o odio mais irreconciliavel á realesa, e melhor servisse ao ressentimento e á vingança da nação arremessando-lhe a cabeça do rei, adqueriria um titulo tal á confiança, e daria tal penhor á republica, que a nação e a republica se lhe entregariam. O preço da cabeça de Luiz XVI era a dictadura. A ambição não regatêa. O temor ainda menos regatea. Ora aquelle dois dois partidos que recusasse dar este penhor á republica, trahiria só por este facto a sua inclinação ou a sua superstição pela realesa. Esta hesitação seria reputada cumplicidade. Confessar compaixão pelo rei, era declarar-se hostil á republica. A patria não queria nem inimigos, nem amigos duvidosos. Recusar-lhe a sua vingança, era dedicar-se-lhe. Assim a rivalidade dos dois partidos baseava-se sobre uma cabeça. O imperio devia pertencer ao mais implacavel. Estes dois partidos iam luctar em frente da republica, quem lhe sacrificaria mais depressa e mais completamente a sua maior victima: sinistra conjuncção de circumstancias, onde o ideal humano está por assim dizer deslocado, e onde o terror e o ressentimento distorcem por tal forma a alma do povo, que em vez de colocar sua força e gloria na generosidade, a paixão publica vê sua grandeza na colera, e sua segurança na immolação.

XXV. — Robespierre não tinha odio algum pessoal contra o rei. Mesmo havia esperado virtudes deste principe na aurora da sua subida ao throno que promettia um reinado á philosofia, Danton desejaria salvar Luiz XVI. As relações mysteriosas deste homem com a rainha, com a princesa Isabel; as promessas que lhes fizera de velar sobre os seus dias no meio de seus inimigos; a compaixão por este principe, cujo crime unico era ter nascido n'uma epoca de revolução, mui falto de genio para a comprehender, mui clemente para a combater, mui fraco para a dirigir: o enternecimento por aquellas creanças, que achavam á nascença um crime no seu nome, e uma prisão no seu berço; o secreto orgulho de salvar uma familia coroada; o pensamento politico de guardar estes grandes refens, e fazer de suas vidas e liberdade em objecto de negociações com as potencias; tudo isto indusia Danton á moderação — Não o occultava ás pessoas da sua familiaridade — « As nações salvam-se, mas não se vingam, » dizia elle um dia a um grupo de *cordeliers* (filiados do club dos franciscanos), que lhe lançavam em rosto o não insistir pelo processo de Luiz XVI; » eu sou um revolucionario; não sou nenhum animal feroz. Não amo o sangue dos reis vencidos. Dirigi-vos a Marat. » O mesmo Marat era indifferente ao julgamento de Luiz XVI. Não pedia o julgamento do rei nas suas folhas, senão para lançar mais um desafio aos girondinos, e mostrar-se mais politico do que Robespierre, e mais implacavel do que Danton.

Arremessado lo este desafio, era impossivel aos girondinos illudir a questão. Propôr a amnistia pura e simples de Luiz XVI á convenção, era apresentar-se aos olhos do povo irritado como traidores que não perdoariam ao tyranno senão para lhe restituir bem depressa a tyrannia. Seu partido dividia-se em duas opiniões sobre esta questão. Vergniaud, Roland, Lanjuinais, Brissot, Sieyés, Condorcet, Pethion, Fauchet, sentiam uma repugnanc a invencivel em levantarem o cadafalso de um rei no limiar da republica. A equidade, a justiça, as formas do processo, a magnanimidade, e a generosidade protestavam no seu coração. Não se dissimulavam, como homens já experimentados nas exigencias das revoluções, que esta concessão do sangue de Luiz XVI serviria a arrastrar a necessidade d'outras concessões, e que uma republica nascida no combate de 10 de agosto, inaugurada no sangue de setembro e sanccionada de sangue-frio por um supplicio não promettia senão terror no interior, e no exterior só imprimiria repulsão. Inclinavam-se a contestar á nação o direito de julgar o rei, reconhecendo comtudo nella o direito de o vencer e encarcerar. A seus olhos havia em Luiz XVI um vencido, mas não um accusado, no povo um vencedor mas não um juiz, no supplicio uma vingança, porém não uma necessidade.

XXVI. — A outra opinião, partilhando o horror ao sangue e confessando a inutilidade desta morte depois do combate, olhava Luiz XVI como um criminoso de lesa-nação a quem esta tinha o direito de ferir em vingança do povo e para exemplo dos reis. Fonfrede, Ducos, Valaze, e alguns espiritos rigidos, a quem, o exemplo dos tyrannos antigos immolados para cimento da liberdade dos povos, e fascinava, e o expectaculo das vicissitudes humanas, o enternecimento das victimas não haviam ainda dobrado, opinavam neste sentido: « Luiz XVI vai deixar a sua cabeça no cadafalso, escrevia por este tempo Fonfrede aos seus irmãos de Bordeaux. E' um acontecimento simples em si mesmo, encarado por cada um de nós sob differentes aspectos, e tão differentemente esperado por cada um. Um resto de superstição misturado não sei com que inquietação sobre o futuro faz com que seja receiado de algumas almas timoratas; porém o maior numero deseja-o, e a liberdade e a igualdade o ordenam tanto como a JUSTIÇA universal. O sacrificio é grande. Condemnar um homem á morte! O meu coração revolta-se e geme: porém o dever falla, e farei calar o meu coração. A pena é justa, mui justa; não quero outro garante mais do que a segurança da minha consciencia. Alguns membros da assembléa intendem ser util addial-a até á paz. E' uma meia medida. Não vale de nada. Perdemo-nos se nos espantamos da nossa coragem. E' no momento em que os potentados da Europa se ligam contra nós que lhes offerecemos o espectaculo de um rei suppliciado!

— Queremos dirigir a revolução, com medo que a revolução nos arraste, accrescentavam os girondinos deste partido. Para dirigir uma revolução, é preciso ficar á frente da paixão que a impelle. Esta paixão, é a paixão da liberdade. A liberdade quer vingar-se e defender-se. O povo não está seguro de ser livre senão quando tiver passado por cima do cadaver d'um rei. A victima é culpada, não ha crime em immolal-a. Os jacobinos, os cordeliers (franciscanos) a communa o partido patriota da convenção, os clubs, os jornaes, as petições dos departamentos, ordenam nos julgar o inimigo da nação. Se resistimos a esta voz do povo, elle nos renegará; lançar-se-ha inteiro nos braços de Marat, de Danton, e de Robespierre. Nossa compaixão será o nosso crime. O cadafalso do rei será o throno de sua facção. Morreremos sem salvar a cabeça de Luiz XVI. Deixaremos o imperio aos scelerados. O nosso fatal escrupulo perderá a revolução. Guardemos a nossa sensibilidade para as nossas mulheres e os nossos filhos em a nossa vida privada. Não levemos aos negocios publicos senão a inflexibilidade dos homens de estado. Salvam-se algumas vezes os imperios com uma gota de sangue, e nunca com lagrimas. »

XXVII. — Estas hesitações prolongaram-se por muito tempo entre as duas facções da gironda. Ameaçam romper a unidade. Sieyés conciliou-as. Espirito sem odio e sem amor, sómente a sua razão era o que elle levava aos negocios publicos. Repugnava-lhe tanto como a Vergniaud este julgamento de um rei a quem a victoria já tinha julgado. Não reconhecia na convenção nem o direito nem a imparcialidade necessarias a um julgamento. Não via na imolação de Luiz XVI senão um desses actos de colera nacional que fazem depois córar os povos quando em sangue frio, e que lançam uma nodoa de sangue sobre o berço da liberdade. Sieyés esperava que a reflexão e a justiça reconduzissem no decurso de um longo processo o sentimento publico á opinião do ostracismo, unico julgamento e unico suppl cio dos poderes cahidos. Porém Sieyés que tinha o sangue frio da intelligencia, não tinha a intrepidez da alma. A politica e a timidez impediam-o de adoptar partidos absolutos. Reserva-se sempre a possibilidade de pactuar com o medo e soffrer a necessidade das circumstancias. As suas opiniões eram antes avisos do que resoluções. Aconselhou pois aos girondinos, seus amigos, addiar a difficuldade por uma composição que deixasse a cada

um a liberdade das suas opiniões a respeito do julgamento do rei, e entregasse ao povo a sentença definitiva em ultima instancia. Assim os girondinos conservariam o credito necessario á sua influencia na convenção; fallariam e votariam individualmente segundo a exaltação do patriotismo ou a magnanimidade da moderação de cada um, sem que a opinião de nenhum dos membros do partido podesse caracterisar a opinião do proprio partido. As opiniões no julgamento seriam individuaes, porém uma vez dado o julgamento todos se uniriam para pedir que elle fosse soberanamente revisto pelo povo. Descarregavam-se assim da sua responsabilidade. E' o que se chamou *apelo ao povo*. Sob a reserva desta medida, que apaziguava a consciencia de uns, que punha a coberto a popularidade dos outros, o que concedia ás circumstancias não a cabeça mas a sentença do rei, o processo foi resolvido. O processo concedido sob o imperio d'um ressentimento nacional que tres mezes não haviam podido acalmar, e sob a ameaça dos exercitos estrangeiros, que impellia o povo aos golpes desesperados, era facil prever que nenhum partido podia salvar a victima.

XXVIII. — Assim nem Robespierre, nem Danton, nem Marat, nem os girondinos tinham sede do sangue de Luiz XVI, e não acreditavam na utilidade politica do seu supplicio. Isolados, cada um destes homens, e destes partidos teria salvado o rei. Porém, face a face e luctando de patriotismo e republicanismo entre si, estes partidos e estes homens acceitavam o desafio que mutuamente se arremessavam. Todos teriam preferido que o desafio não fosse lançado; mas uma vez lançado, aquelle que tivesse recuado perdido haveria; e deixaria não sómente a sua popularidade, mas a sua vida nas mãos do outro. Iliam ferir-se ou defender-se atravez o corpo do rei. Não era nenhuma facção, não era nenhuma opinião, não era nenhum homem quem immolava o rei, era o antagonismo de todas estas opiniões, e de todas estas facções. O seu processo vinha a ser o campo de batalha dos partidos. A sua cabeça não era o despojo, mas a bandeira apparente e cruel do patriotismo. Ninguem queria deixar esta bandeira aos seus adversarios. Nesta lucta o rei devia cahir sob as mãos de todos.

Adoptado este alvitre, os girondinos, e especialmente Roland quizeram dar se pressa a tirar es e pretexto de desord m e divisão na republica. Senhores da commissão de legislação, fizeram encarregar primeiro a Valaze, depois a Mailhe, do relatorio á convenção sobre os crimes depois sobre o julgamento do rei. Queriam tirar a Robespierre a iniciativa da accusação, e imprimir um caracter judiciario ao processo do rei, a fim de que a lentidão e a solemnidade das formulas dessem tempo ao sangue frio, á justiça, e ao retrocesso da opinião em favor da clemencia.

Valazé fez este primeiro relatorio, longo catalogo dos *crimes* de Luiz XVI. Danton levantou-se depois da leitura deste relatorio e pediu a impressão, e o estudo profundo de todos os documentos e de todas as opiniões que tivessem relação com esta grande causa. A intenção occulta de illudir a discussão com a demora da instrucção do processo era visivel nas palavras de Danton. « Em similhante materia, dizia elle, é preciso não poupar as despezas da impressão. Qualquer opinião que pareça amadurecida, ainda que ella não contenha senão uma boa idéa, deve ser publicada. A dissertação do relatorio sobre a inviolabilidade não é completa. Ha muitas idéas a juntar-se-lhe. Será facil provar que os povos são tambem inviolaveis, que não ha contracto sem reciprocidade, e que é evidente que, se o intitulado rei quiz violar, trahir, perder a nação franceza, é de justiça eterna que elle seja condemnado. »

Pethion e Barbaroux fizeram tambem moções contemporisadoras, cobrindo todos, como Danton, a sua secreta humanidade com imprecações contra as traições do rei.

XXIX. — A impaciencia real ou fingida do julgamento de Luiz XVI agitava igualmente as secções, o jornalismo, os jacobinos e os cordeliers. . Oradores nomades levantavam tribunas portateis nos jardins publicos, e faziam sequiosa a multidão de vingança e sangue. O povo, interrompendo seus trabalhos antes do dia, ondulava, á voz destes agitadores e á inspiração destes cartazes, da porta da convenção até á porta dos clubs dos jacobinos e *cordeliers*, tomando cada vez mais partido a favor de Robespierre, e pedindo a altos brados o apuramento dos traidores no julgamento do rei. A communa soprava estas agitações, e dava por palavra de ordem ás secções as traições de Roland e da Gironda. A insurreição em permanencia estava suspensa sobre a convenção.

Ora o rumor publico accusava os girondinos de esfaimar Pariz recusando estabelecer um *maximum* do preço das substancias em proveito do povo, ora de desorganisarem os exercitos e amortecerem o enthusiasmo patriotico da nação sobre a Saboia, o condado de Niza, a Belgica e a Alemanha; ora em fim de pactuarem com os realistas, e poupar na pessoa do rei a victoria do povo e o holocausto da patria. Marat lançava todos os dias, sobre este fermento do odio, a faisca da sua palavra. Suas folhas rebentavam todas as manhãs como esses gritos de insurreição que saem por intervallos d'uma multidão amotinada. Era o eccho engrossado e multiplicado do furor da nação Danton conservando-se sempre em reserva, em silencio, um pouco afastado dos dois partidos, conservava um certo ascendente nos *cordeliers* (franciscanos) e intelligencias cimentadas sobre uma terrivel cumplicidade com os chefes da communa. Robespierre, glorioso de ser em si sosinho uma facção, conservava-se immobil nos seus principios e no seu desinteresse; não aspirava apparentemente a cada alguma, e esperava que tudo viesse a elle. Todos os dias, com effeito, depois da prematura accusação de Louvet, alguns memb os indecisos da convenção se destacaram do partido de Roland e Brissot e vinham unir-se ao homem dos principios, estes por medo, aquelles por estima, o maior numero pelo poder da attracção que exercem, independentemente do seu caracter, ou de seus talentos pessoaes, aquelles homens que comprehendem, melhor os dogmas d'uma revolução que se lhe prendem com mais fé, e que os professam com mais preseverança e intrepidez, atravez todas as circumstancias, todas as fortunas, todos os partidos. Assim d'uma parte Marat, Danton, Robespierre, os jacobinos, os *cordeliers* (franciscanos) a communa, o povo de Pariz; do outro Roland, Pethion, Brissot, Vergniaud, os deputados girondinos, os federados dos departamentos os marselheses de Barbaroux, e a burguezia de Pariz, formavam-se em duas facções que iam despedaçar-se, disputando-se a republica. Tal era o aspecto da convenção.

XXX. — Mas não era sómente a ambição de governar a republica que creava estas duas grandes facções. Estas divisões tinham sua causa na differença dos dogmas revolucionarios professados por cada um dos dois partidos, e na politica differente que esta diversidade de dogmas inspirava aos seus chefes. Os girondinos não eram mais que democratas de circumstancia. Robespierre e os monthanhezes eram democratas de principios. Os primeiros não aspiravam, como a assembléa constituinte e Mirabeau, senão a destruir as velhas aristocracias da Igreja, da nobresa e da côrte, para os substituir pelas aristocracias mais modernas da intelligencia, das letras e da fortuna O transtorno social provocado pelos girondinos parava nas primeiras camadas da sociedade. Uma vez supprimidos no cumo do estado em throno, uma igreja, e uma nobresa, queriam conservar o resto. Satisfeitos seu genio e orgulho, pretendiam parar a revolução, assentar o limite da aristocracia na rectaguarda delles, e deixar subsistir em baixo todas as desigualdades e todas as injustiças, acima das quaes elles seriam elevados só pelo movimento que teriam impresso.

Não occultavam por tanto a sua predilecção pela fórma do governo inglez, ou pelas instituições senatoriaes; que constituiriam senão a realeza de um homem, pelo menos a supremacia d'uma classe. Os mais avançados destes homens do estado revelaram tendencias americanas e federativas, que dividindo a republica em grupos distinctos e independentes, permittissem ás influencias e ás familias provinciaes virem a ser oligarchias dos departamentos,

Sem descer até a turbulenta demagogia de Marat, a politica de Robespierre abraçava nos seus planos de emancipação e organisação, o povo inteiro.

Todos os homens-cidadãos, todos os cidadãos soberanos, e exercendo, segundo formulas determinadas pela constituição, sua parte igual de soberania; a justiça e a igualdade perfeitas, fundadas sobre os direitos da natureza, e distribuindo, em partes equitativas, entre todas as condições e todos os individuos, os beneficios e os encargos da associação commum; os fructos hereditarios do trabalho conservados á propriedade, base da familia, mas a lei das successões e a equidade do Estado ferindo sempre o rico com mais pesados encargos, aliviando incessantemente o pobre com soccorros mais abundantes, e tendendo sempre assim a nivelar as fortunas ao exemplo dos direitos e das castas nivelladas: uma religião civica encerrando no seu symbolo, expressando no seu culto simples os dogmas racionaes, as formulas moraes e as aspirações piedosas que fazem crer, esperar e operar a humanidade; em tres palavras, um povo, um magistrado, um Deus; lei divina tanto como possivel, expressa e praticada na lei social: eis o ideal da politica de Robespierre.

Era, como dissemos, a politica de João Jacques Rosseau. Subindo mais alto, encontra-se o seu germen no christianismo. Ideal divino, mil vezes trahido pela imperfeição dos instrumentos e das instituições que tentaram realisar, mil vezes afogado no sangue dos martyres do aperfeiçoamento social, mas que atravessa sempre todas as decepções, todas as tyrannias, todas as épocas, todos os sonhos, e que a humanidade vê incessantemente brilhar diante de si, senão como um porto, ao menos como um alvo.

Tal politica devia fascinar o povo. Esta doutrina tinha cumplices em todas as injustiças, em todas as desigualdades, em todos os soffrimentos das classes desherdadas da fortuna e do poder, e em todas as aspirações generosas dos homens. Esta dupla cumplicidade de tudo quanto soffre no presente, e de tudo que aspira ao futuro, era a força de Robespierre. O povo não via nos girondinos senão ambiciosos, viu em Robespierre um libertador.

XXXI. — Porém os membros da communa e dos cordeliers (franciscanos) tinham outro motivo de odear e distruir os girondinos. Senhores de Pariz desde 10 de agosto, não queriam ceder o imperio á convenção. O instincto da revolução lhes dizia que era preciso imprimir uma dictadura á França, estender ao mesmo tempo todas as suas mollas, e communicar aos departamentos, membros affastados e esfriados da republica, este calor e esta febre que se concentra sempre, em certos momentos, na cabeça das nações. Só Pariz, centro e foco das idéas revolucionarias havia meio seculo, tinha assaz ardor, paixão fanatismo e authoridade sobre o resto da republica para fazer imitar ou obedecer, e para exercer nos deputados incertos ou espalhados dos departamentos uma pressão de vontade, de terror, e algumas vezes de insurreição, que faria delles, apesar seu, os instrumentos de energia desesperada dos principios. Os *cordiliers* (do club dos franciscanos) a communa e Danton, de accordo nisto com elles, despresavam nos girondinos esta moderação de espirito e estes escrupulos de legalidade, proprios, na opinião delles, a tudo enervar no momento em que tudo devia ser violento como as circumstancias. Odiavam especialmente, nestes homens de departamento, este espirito de isolamento e separação do centro para as extremidades, que tendiam a elevar cada departamento ao nivel de Pariz, e não deixar á capital mais direitos e mais acção que á cabeça de districto do norte ou do meiodia. «Que nos importam as nossas leis e as nossas theorias» dizia brutalmente Danton a Gensonné, quando a unica lei é triumphar, quando a unica theoria para a nação é viver? Salvemos primeiro, e dissertemos depois. A França, neste momento, nem em Lille, nem em Marseille, nem em Lyon, nem em Bordeaux: está toda inteira onde se pensa, se obra, ou se combate por ella! Não ha departamentos, interessos separados, ou geographia; não ha senão um povo, e não deve haver senão uma republica! Foi em Lyon que se tomou a Bastilha? Foi em Marseille que se fez o 20 de junho? Foi em Bordeaux que se fez o 10 de agosto? Em toda a parte onde se salva a França, ahi está a nação, uma, inteira, indivisivel. Que fallais de tyrannia de Pariz? E' a tyrannia da cabeça sobre os membros, isto é a tyrannia da vida sobre a morte. Hide; vós sois homens de desmembramento! accusais-nos de avassalarmos os departamentos, e nós vos accusamos de decapitardes a republica! Quaes de nós são os mais culpados? Quereis retalhar a liberdade para ella ser fraca e vulneravel em todos os membros; queremos declarar a liberdade indivisivel como a nação para ser inatacavel na sua cabeça. Quaes de nós serão então homens de estado?» Evidentemente era Danton.

LIVRO XXXII.

I. — No entanto que a republica, dilacerada á nascença pelas facções no interior, ameaçada no exterior pela coligação dos thronos, impellia os seus batalhões sobre todas as fronteiras, agitava-se nos seus spasmos em Pariz, e, não sabendo sobre quem voltar o seu furor, pedia a altos brados uma cabeça como para a dedicar ao genio irritado do povo, o rei e sua familia, encerrados no Templo, ouviam confusamente, do fundo de sua prisão, o ruido surdo destas convulsões. De dia para dia ellas se aproximavam mais, e os ameaçavam de mais perto.

II. — Ha sempre nestes grandes choques, ideas, e acontecimentos produsidos pelas revoluções, alguns seres expiatorios, algumas familias, algumas almas em quem se personifica a desgraça commum, e em quem, por um deploravel privilegio do infortunio, os odios das duas causas encarniçadas, os golpes que reciprocamente se despedem, os terrores ou os furores que mutuamente se enviam, as facções que as despedaçam, as calamidades, o sangue, as lagrimas de um imperio inteiro, vem, por dizel-o assim concentrar-se, rebentar, despedaçar-se, chorar, sangrar, soffrer, e morrer n'um só coração! E' o ponto onde as revoluções as mais necessarias e as mais santas se resolvem, em angustias, em torturas, e em supplicas nas victimas que personificam as instituições immoladas. E' tambem ahi que a opinião se calla, que a theoria cessa de ser implacavel, e a historia mesma, esquecendo um momento a sua parcialidade pela causa dos povos, não tem outra causa, outra gloria, e outro dever senão a piedade. Porque a historia tambem, esta interpetre do coração humano tem lagrimas; mas as suas lagrimas enternecem-a, mas não cegam.

III. — Deixámos Luiz XVI no Templo, onde Péthion o havia conduzido, sem o rei poder saber se entrava alli como suspenso do throno, ou como prisioneiro. Esta incerteza durou alguns dias.

O Templo era uma antiga e sombria fortaleza edeficada pela ordem monastica dos *Templarios*, no tempo em que estas theocracias sacerdotaes e militares, unindo a revolta contra os principes á tyrannia contra os povos, construiam para si castellos fortes por mosteiros, e marchavam á dominação pela dupla força da cruz e da espada.

Depois da queda desta ordem, sua fortificada habitação ficou de pé, como reliquias de outro tempo desprezadas pelo novo tempo. O castello do Templo está situado junto ao faubourg Saint-Antoine, não longe da Bastilha: encerrava com os seus edeficios, seus palacios, suas torres, seus jardins, um vasto espaço de solidão e de silencio no centro de um bairro formigando de povo. Os edeficios compunham-se do *priorado* ou palacio da ordem, cujos quartos serviam de passageira hospedaria ao conde d'Artois, quando este principe vinha de Versailles para Pariz. Este palacio arruinado comprehendia quartos guarnecidos de alguns moveis antigos, leitos e roupas para o sequito do principe. Um porteiro e a sua familia eram os unicos habitantes. Um jardim o cercava, inculto e vasio como o palacio. A alguns passos desta habitação se elevava a torre, ou o castello,

outro tempo fortificado, do Templo. Sua massa abrupta e negra se arremessava de um jacto do sollo para o ceo; duas torres quadradas, uma maior, outra mais pequena, ligadas uma á outra como um feiche de muros, levando cada uma nos seus flancos outras torres suspensas, e coroando-se noutro tempo de ameias na sua extremidade, formavam o grupo principal desta construcção. Alguns edeficios baixos e mais modernos se encostavam a estas, e não serviam, desapparecendo sob a sua sombra, senão em fazer-lhe sobresahir a altura. Esta torre e este edificio estavam construidos em largas pedras de Pariz, cujas excoriações e cicatrizes marborisavam as muralhas de manchas amarellas e lividas sobre o fundo negro que lhe imprimiam a chuva e o fumo nos monumentos do norte da França.

A grande torre, quasi tão elevada como as torres d'uma cathedral, não tinha menos de sessenta pés da base á cumieira. Ella encerrava entre os seus quatro muros um espaço de trinta pés quadrados. Um enorme pilar de alvenaria, occupava o centro da torre, e subia até á frecha do edificio. Este pilar, alargando-se e ramificando-se em cada andar, ia apoiar seus arcos nos muros exteriores e formava quatro abobadas successivas que sustinham quatro sallas de armas. Cada uma destas sallas communicava com reductos mais estreitos encerrados nas torresinhas. Os muros do edificio tinham nove pés de espessura. Os vãos das poucas janellas que o esclareciam, mais largas na abertura da salla, enterravam-se estreitando-se até á janella de pedra, e não deixavam senão um ar raro e uma luz longiqua penetrar no interior. Barras de ferro escureciam ainda mais estes quartos. Duas portas, dobradas, uma de madeira de carvalho mui espessa, e guarnecida de pregos de grande cabeça de diamante, a outra em laminas de ferro fortificadas de barras do mesmo metal, separavam cada salla da escada pela qual para alli se subia.

Esta escada em caracol elevava-se em espiral até á plataforma do edificio.

Sete postigos successivos ou sete portas solidas, fechadas á chave e ao ferrolho, estavam empilhadas, de patamar em patamar, desde a base até ao terrasso. A cada um destes postigos velavam uma sentinella e um porteiro. Uma galer a externa corria por cima desta torre. Podia ahi dar-se dez passos para cada face. O menor sopro de ar troava ahi como uma tempestade. Os ruidos de Pariz ahi sobiam enfraquecendo-se. De lá, a vista se expraiava livremente, por cima dos tectos baixos do bairro Saint-Antoine ou da rua do Templo, sobre o zimborio do Pantheon, sobre as terras da cathedral, sobre os tectos dos pavilhões das Tuilerias, ou sobre as verdes columnas d'Issy ou de Choisy-le-Roi, descendo com as suas aldeias, seus parques, e seus prados com a corrente do Sena.

A pequena torre estava junta á grande. Tinha tambem duas torresinhas em cada um dos seus flancos. Era igualmente quadrada e dividida em quatro andares. Nenhuma communicação interna existia entre estes dois edificios contiguos. Cada uma tinha a sua escada separada. Uma plata-fórma, ao ar livre, reinava em logar de tecto tanto sobre a pequena torre, como sobre o torreão. O primeiro andar encerrava uma ante-camara, uma casa de jantar, e uma bibliotheca de livros antigos, reunidos pelos antigos priores do Templo, ou servindo de deposito aos refugos das bibliothecas do conde d'Artois. O segundo, terceiro, e quarto andares offereciam á vista a mesma disposição de casas, a mesma nudez de paredes, e a mesma falta de moveis. O vento soprava ahi, a chuva cahia atravez os vidros quebrados, as andorinhas por alli voavam em liberdade. Nem leitos, nem mesas, nem cadeiras, nem tapeçarias. Uma ou duas barras para os ajudantes do porteiro, algumas cadeiras velhas, e algumas vasilhas de terra n'uma cosinha abandonada encerravam toda a mobilia. Duas portas baixas, cujos ornatos de pedra imitavam um feixe de columnas sobrepostas pelo escudo quebrado do Templo, davam entrada para os vestibulos destas duas torres.

Largas alamedas, calçadas, circulavam em roda do monumento. Estas lamedas estavam separadas por canteiros. O jardim estava entulhado d'uma vegetação de más ervas, com montões de pedra, e caliça, restos de demolições. Uma muralha alta e sombria, qual o muro de um claustro entristecia este recinto, encerrando-o por todas as partes. Esta muralha não se abria senão para a extremidade d'uma larga avenida sem arvores, para a Vieille-Rue-du-Temple. Taes eram o aspecto exterior e a disposição interna desta habitação, onde os hospedes das Tuilleries, de Versailles e de Fontainebleau, chegavam ao cair da noite. Estas salas desertas não esperavam mais hospedes desde que os templarios as haviam deixado para irem á fogueira de Jacques Molay. Estas torres piramidaes, vasias, frias, e mudas durante tantos seculos, assimilhavam-se menos a uma morada do que ás camaras d'uma piramide, no sepulchro d'um Pharaó do occidente.

IV. — A' sua chegada ao Temple, o rei foi entregue por Pethion á vigilancia dos municipaes e á guarda de Santerre. O procurador syndico da municipalidade, Manoel, homem susceptivel de enternecimento com exaltação revolucionaria, acompanhou o rei. Via-se na sua attitude que a piedade se havia já apossado delle, e que o seu respeito interior pela grandesa decahida e prostrada, luctava nelle contra a austeridade official da sua lingoagem. Sua fronte abaixada, sua vermelhidão, trahiam a vergonha secreta que elle experimentava de encerrar este rei, esta rainha, estas creanças, esta princeza, n'uma habitação tão differente do palacio que acabavam de deixar. Uma certa hesitação dava incertesa ao papel de Santerre, de Manoel, e dos municipaes encarregados de installarem a familia real no Temple. Esta installação assimilhava-se a uma execução. Os magistrados do povo estavam tão turbados como os seus captivos. Os artilheiros das secções, que tinham escoltado a carroagem do rei, em quem as recordações do 10 de agosto, a embriaguez do triumpho, os gritos e os gestos do povo na estrada, haviam abafado todo o respeito, queriam encerrar o rei na pequena torre, e o resto da familia no palacio. Pethion induziu estes homens á humanidade. A familia real ficou toda reunida no castello. Os porteiros ahi o receberam silenciosos e tristes, e fizeram, com apressado zelo, todas as disposições para uma longa estancia.

O rei não duvidava que esta era a residencia que a nação lhe destinava até ao desenlace do seu destino. Não entrava elle ahi sem esta especie de alegria interna que faz que o homem, impellido pelo movimento e fatigado pela incertesa, encontre felicidade na immobilidade mesmo sobre o rochedo em que se despedaçou. Se elle não acreditava na segurança, acreditava ao menos na paz em esta habitação. Deu-se pressa em tomar posse della e conformar pelo pensamento os habitos da sua vida. Mediu com a vista os jardins para os passeios de seus filhos, e para o exercicio quotidiano que a sua forte natureza e gostos de caçador a elle proprio lhe impunham por necessidade. Mandou abrir os quartos, examinou as roupas, os moveis, escolheu as peças, marcou o quarto da rainha, o seu, o de seus filhos, o de sua irmã, da princesa de Lamballe, e de todas as pessoas, a quem sua ternura e fidelidade prendiam ainda a elles neste asylo.

V. — A' noite serviu-se a comida á familia real. O rei ceou com apparencia visivel de serenidade de espirito. Manoel e os municipaes assistiram de pé á ceia. Tendo o moço delfim adormecido no regaço de sua mãi, o rei ordenou que o conduzissem ao respectivo quarto. Dispunham-se a ir deitar a creança, quando uma ordem da communa, provocada, não por Manoel e Pethion, mas por uma denuncia dos artilheiros da guarda, chegou a Manoel, o perturbou esta primeira alegria do captiveiro: era a ordem de evacuar immediatamente o palacio, e encerrar desde a primeira noite, a familia real na pequena torre do Templo. O rei sentiu este golpe com mais dòr talvez do que soffrera á sahida das Tuillerias. Muitas vezes prende-se uma pessoa com mais força ás reliquias do seu destino, do que ao seu destino inteiro. Todos os preparativos foram por tanto logo interrompidos. Os artilheiros e os municipaes transporta-

ram á pressa alguns colxões e alguma roupa para as salas deshabitadas da torre. O corpo da guarda ahi se estabeleceu. O rei, a rainha, as princezas, as creanças, reunidas no salão do castello ahi juntaram em torno a si os objectos necessarios a cada um, esperando muitas horas em silencio que os preparativos da sua prisão fossem finalmente concluidos para os receber.

Pela uma hora depois da meia noite, Manoel veiu convidal-os a dirigirem-se á torre. A noute era profunda Os municipaes iam com lanternas á frente do cortejo; os artilheiros com os sabres desembainhados, formavam alas. Estas fracas luzes não esclareciam senão a alguns passos adiante delles, e deixavam o resto na escuridão; unicamente alguns lampiões postos nas janellas, e nos cordões da fortaleza do Tempo deixavam ver as altas flechas, e a massa negra das torres para as quaes silenciosamente se dirigiam. O edificio, assim alumiado, apresentava perfis gigantescos e fantasticos desconhecidos ao rei e aos seus servidores. Tendo um criado de quarto do rei perguntado em voz baixa a um official municipal se era alli que conduziam a seu amo: — «Teu amo, lhe respondeu o municipal está costumado aos tectos dourados; mas agora vem ver como se alojam os assassinos do povo.»

VI. — Entrou-se na torre pela porta estreita e obliqua da torresinha que encerrava a escada em caracol. Em cada andar se ía deixando parte da familia real e servidores no alojamento que lhes era destinado: a princeza Izabel n'uma cosinha provida só de uma barra, rente ao chão; os homens de serviço no primeiro andar; a rainha e seus filhos no segundo; o rei no terceiro. Um leito de carvalho sem cortinado, e algumas cadeiras eram os unicos moveis deste quarto. As paredes estavam nuas; algumas gravuras obscenas, restos da mobilia de um creado do conde d'Artois, estavam suspensas de pregos na muralha. O rei entrando, precorreu com a vista, sem algum signal de repugnancia ou fraqueza, este alojamente: olhou para as gravuras; desprendeu-as pela sua propria mão, voltando-as contra a parede: «Não quero, disse elle, deixar similhantes objectos á vista de minha filha!» O quarto da rainha e das creanças offerecia o mesmo estado sordido.

O rei deitou-se e dormiu. Dous dos seus servidores os srs. Hue e Chamilly, passaram a noute em cadeiras ao pé do seu leito; a princeza de Lamballe ao pé do leito da rainha; as outras mulheres do serviço da familia real, na cosinha, em colxões estendidos em roda da barra onde dormia a moça irmã do rei. Os guardas e os municipaes vigiavam com a vista estes quartos.

A noute passou-se, no alojamento da rainha e das princezas, em conversas mansinhas, em lagrimas represadas, e em pressagios sinistros, trocados em voz baixa sobre a sorte que tal avitamento de sua hierarchia e sexo annunciava aos captivos. Somente as creanças dormiram um somno tranquillo e prolongado, como se estivessem sob os tectos dourados de Versailles. No dia seguinte e nos successivos, a rainha e as princezas tiveram a liberdade de se verem no quarto do rei, e irem, sem obstaculo, de um andar ao outro no interior da torre. Visitaram todos os quartos; dispozeram difinitivamente o alojamento de cada pessoa da familia real, amigos ou creados. Ahi acommodaram sua vida e vergaram os seus habitos qual um preso encadeado que se arranja entre seus ferros para menos lhes sentir o peso. Trouxeram alguns moveis, estenderam-se algumas tapeçarias sobre a humida nudez das paredes; arranjaram-se alguns leitos. Os do rei e da rainha foram tirados da velha mobilia do palacio do Templo: eram os leitos dos escudeiros do conde d'Artois. Um unico, o do rei, tinha cortinas de damasco verde, despedaçadas e rotas, como era conveniente a tão miseravel retiro.

Depois do primeiro almoço, servido ainda com uma certa especie de luxo na casa de jantar do primeiro andar, o rei passou á torresinha do lado, folhear com interesse os velhos livros latinos arrumados nesta parte da torre pelos archivistas da ordem dos Templarios, volumes adormecidos havia tanto tempo na poeira. Achou ahi um Horacio, este poeta da voluptosidade descuidosa, esquecido como uma ironia destas grandezas distruidas, destas jovenludes sepultadas, destas bellezas já sem corôa. Ahi descobriu Cicero, esta grande alma em que a philosophia serena domina as vicissitudes da politica, e onde a virtude e a adversidade, luctando em um genio digno de as conter, estão dadas em espectaculo e em lições ás almas que teem de exercitar-se com a fortuna. Finalmente ahi desenterrou alguns livros religiosos, aos quaes sua piedade, avivada pela desgraça, fez acolher como um dom do céo; velhos breviarios contendo nos seus versetos dos psalmos, distribuidos para cada dia, todos os gemidos da terra; uma *Imitação de Christo*, este vaso de dôr do christão, onde todas as lagrimas se mudam, pela resignação, em apaziguamento do coração, e em alegrias antecipadas da immortalidade. O rei levou estes livros para o seu gabinete de trabalho, que era na torresinha ao lado do seu quarto. Queria nutrir-se por si mesmo, e servir-se delles para exercitar a memoria e a intelligencia de seu filho no estudo da lingua latina.

VII. — As princezas reuniram-se no quarto da rainha, no segundo andar, por baixo do quarto do rei. A rainha fez arranjar o seu leito e o de seu filho na sala que occuppava o centro da torre; a princeza Izabel, sua sobrinha, a princeza Lamballe estabeleceram-se n'um quarto mais pequeno e obscuro, que servia, de dia, para passagem dos municipaes, dos guardas, dos homens de serviço de todo aquelle andar, para irem ás ou ras casas consagradas aos mais vis usos. As cosinhas terreas ficaram vasias, assim como o quarto andar da torre. Outra cosinha, collocada no terceiro andar, e contigua á camara do rei, foi onde se fizeram as camas para os seus dous servidores, Hue e Chamilly.

Permittiu-se á familia real o passeio de uma hora antes do jantar, pelo jardim, sob uma sombria alameda de castanheiros antiquos. O jantar foi servido ás duas horas. Santerre, e dois dos seus ajudantes de campo assistiram a elle, sem insolencia, e sem respeito. As horas que separam o meio do dia da noite, foram occupadas em conversação, leituras, lições dadas a seu filho pelo rei, jogos, orações das creanças, e ternas expansões de familia entre os captivos Pelas nove horas trouxeram a ceia á camara do rei, para a bulha desta ultima comida não perturbar o somno dos infantes, já adormecidos no andar da rainha Depois da ceia e das despedidas trocadas em ternos apertos de mão do rei, da rainha, e sua irmã, as princezas desceram, e o rei entrando no seu gabinete de leitura, ahi se fechou para reflectir, ler e orar até á meia noite.

VIII. — Assim se passou este primeiro dia de captiveiro. A presença e as consolações da princeza de Lamballe; a assiduidade e dedicação da duqueza de Tourzel e sua filha Paulina; a affeição de servidores experimentados, voluntariamente encerrados com seus amos e felizes do seu sacrificio; o culto piedoso da princeza Isabel para com seu irmão; a novidade da desgraça, as diversões, os tristes sorrisos que suscitaram muitas vezes aquelles prisioneiros os arranjos dos seus quartos, e o revolvimento dos seus habitos nesta tristonha habitação; o cançasso dos passados tumultos, o sentimento de maior segurança da sua vida nesta fortaleza, o voto da rainha a Danton tão providencialmente cumprido: «E' preciso encerrar-nos tres mezes n'uma torre;» a aproximação certa dos estrangeiros, a ignorancia dos triumphos de Dumouriez, o sentimento de tanta dedicação, de tanta compaixão, de tantos votos que as seguiam desde o fundo da nação até áquellas prisões; a esperança vaga, mas confiante, de uma possivel mudança nas disposições do povo, algum encanto espalharam sobre suas horas, e algum dulcificamento nas suas tristezas. Emquanto o infortunio tem testimunhas que o contemplem, confidentes que o escutem, amisades que o compartilhem, elle pode tambem ter alegrias. Esta familia, estas amigas, estes servidores, encerrados juntos entre aquellas paredes, recipocramente se davam esta consolação.

IX. — No dia seguinte, os prisioneiros foram, por distracção ao seu habitual constrangimento, vesitar as sallas mais vastas do interior do Templo, onde Santerre lhes annunciara se preparava para elles a difinitiva

habitação. Manuel, Santerre, e uma forte escolta de municipaes os acompanharam nesta visita á sua futura prisão, e dahi aos jardins. Atravessando por entre as fileiras dos municipaes e os grupos dos guardas nacionaes aglomerados sobre a sua passagem, o rei e a rainha ouviram sussurros ameaçadores contra a presença da princeza de Lamballe, da sr.ª Tourzel e das mulheres de serviço que lhes deixaram como sombra da realesa, « que se não podia tolerar depois dos crimes da côrte, e que pareciam um ultraje ao povo conservando uma apparencia de superstição á soberania »

Estas observações, relatadas á communa fizeram com que se ordenasse a despedida de todas aquellas pessoas. A humanidade de Manuel suspendeu por alguns dias a execução daquella ordem. Manuel esperava fazer revogal-a, pois ia despedaçar tão cruelmente aquelles corações. Porem, em a noite de 19 para 20 de agosto, durante o primeiro somno dos prisioneiros, um ruido desusado acordou em sobresalto a familia real. Os municipaes entraram nos quartos do rei e da rainha, leram-lhes um decreto mais imperativo ordenando-lhe a expulsão immediata de todos os individuos estranhos á familia real, sem exceptuar as mulheres de serviço, e os dois servidores que a tinham acompanhado. Esta ordem, promulgada a tal hora, com termos e gestos que lhe redobravam a crueldade, feriu os prisioneiros de pasmo e consternação. Hue e Chamilly, precipitaram-se meio vestidos na camara de seu amo, segurando-se mutuamente as mãos um do outro, e em pé defronte do leito do rei. Expressavam por este mudo gesto seu horror em separar-se delle — « Cautella, lhes disse um official municipal, a guilhotina está em permanencia, e fere de morte os servidores dos reis »

A sr de Tourzel, aia do delfim, conduziu a criança adormecida para o leito da rainha banhada em lagrimas. A menina Paulina de Tourzel estava apertada nos braços da moça princeza real, a quem a idade e a amisade ligava como a irmã. A sr.ª de Navarra, dama de honor da princeza Isabel, as tres mulheres do serviço da rainha, as princezas, os infantes, as sr.as Saint-Brice, Thibault, Bazire derramavam-se em lagrimas aos pés de sua senhora. Maria Antonietta, e a princeza de Lamballe, enlaçadas nos braços uma da outra, solluçavam de dor. Só a violencia é que póde separal-as. Os municipaes arrancaram a sr.ª de Lamballe desmaiada, para a escada, fora daquellas paredes, onde ella deixava a sua rainha e sua amiga. O rei não pôde tornar a adormecer A princeza Isabel, e a moça princeza real passaram o resto da noite a chorar no quarto da rainha. Somente desde este dia foi que Maria Antoniette se conheceu captiva. Acabava-se de lhe arrancar a amisade.

X. — Para substituir estas mulheres, estes servidores, estes amigos, que eram necessidade tanto de seus corações como de seus habitos, os commissarios da communa installaram na torre um homem e uma mulher, por nome Tison. Estavam só elles encarregados do serviço dos prisioneiros. Este Tison, velho rabujento, era um antigo empregado nas barreiras de Pariz, homem acostumado pelo seu estado á suspeita, á inquisição, e á rudesa para com as pessoas. A brutalidade viera a ser o seu caracter. Esta rudez transformava todos os seus serviços em injurias,

A mulher de Tison, mais moça, e menos insensivel, fluctuava entre o seu entercimento pelas desgraças da rainha e o temor de que este enternecimento não fosse imputado um crime a seu marido. Passava continuamente da dedicação á traição, e das lagrimas verti das aos joelhos da rainha ás delacções contra a sua ama. O coração era bom, mas esta rainha de França á mercê della, exaltava e perturbava as suas ideas. Esta lucta da sensibilidade e do terror n'um espirito fraco acabaram por transviar a rasão desta mulher, e foi esta demencia que fez imputar a Maria Antoniette, os crimes contra a natureza que não foram mais do que delirios desta infeliz.

Um sapateiro, chamado Simão, commissario da communa para inspeccionar os trabalhos e as despezas, era o unico municipal que nunca foi rendido no seu serviço em o Templo. Todos estes servos, carcereiros, e guardas-chaves recebiam delle as ordens. Operario coiando do trabalho, e ambicioso de um papel, mesmo o mais abjecto, Simão disputava o de carcereiro, e exercia-o como a goz. Tinha por ajudante de campo um selleiro, chamado Rocher.

XI. — Rocher era um desses homens para quem o infortunio era um brinco, e que gostam de ladrar ás victimas, assim como os cães ladram aos pelitrapos.

Havia sido escolhi o por sua disforme estatura, apparencia sinistra, e ferocidade de feições. Era o homem que forçára a camara do rei em 20 de junho, erguera a mão sobre elle para o futuro. Hediondo de rosto, insolente no olhar grosseiro no gesto, obsceno nas conversas, um barrete de pêllo, uma barba comprida, em voz rouca e cava, o cheiro do tabaco e do vinho que se exhalava do seu fato, e fumo de cachimbo que incessantemente o envolvia, faziam delle a apparição visivel d'uma prisão. Arrastava pelas lages e degráos da escada um comprido sabre. Um cinturão de couro suspendia-lhe ao lado um grande molho de chaves. O ruido destas chaves, que de proposito elle fazia ressoar, o estridor dos ferrolhos, que corria e cerrava todo o dia, eram-lhe tão aprasiveis como a outros o tinir das armas. Parecia-lhe que estes sons, que indicavam a sua importancia faziam ressoar tambem mais rudemente o captiveiro nos ouvidos dos prisioneiros. Quando a familia real sahia para o seu passeio do meio dia, Rocher, fingindo escolher no seu molhe de chaves ensaiando-as debalde nas fechaduras fazia esperar por muito tempo o rei e as princezas á rectaguarda delle. Apenas a porta do primeiro postigo se abria descia precipitadamente a escada, acotovelando o rei e a rainha, para ir tomar o seu logar de sentinella na ultima porta, ahi, de pé, obstruindo a sahida examinando as figuras, lançava do seu cachimbo nuvens de fumo sobre o rosto da rainha, da princeza Izabel, e da princeza real, olhando, a cada baforada se a intenção do seu insulto fôra comprehendida, e se as testimunhas da sua baixesa o recompensavam com surrisos de intelligencia.

Aplaudidos os seus ultrajes animado estava para as renovar todos os dias. Os guardas nacionaes de serviço tinham o cuidado de se reunirem todos os dias, á sahida do rei, para gosarem deste supplicio da dignidade real entregue aos ultrajes d'um guarda chaves. Aquelles a quem esta covardia revoltava tinham a cautella de comprimirem em seu coração a indignação que pareceria um crime a seus camaradas. Os mais crueis ou mais curiososos faziam conduzir para alli bancos do corpo da guarda. Sentavam-se, com a cabeça coberta, quando o rei passava, apertando com affectação a passagem para o monarcha decaido contemplar de mais perto a irreverencia delles e sua degradação. As risadas, os segredinhos, os epithetos grosseiros ou obscenos corriam entre elles á passagem do rei e das princezas. Aquelles que não ousavam pronunciar estas injurias escreviam-as com a ponta das baionetas nas paredes do vestibulo e das escadas. Liam-se ahi, a cada palavra, alusões ultrajantes á gordura do rei, ás pretendidas desordens da rainha, ameaças de morte ás creanças, *lobosinhos a estrangular antes de chegarem á idade de decorarem o povo* !

Durante o passeio, os artilheiros, abandonando as suas peças, e os pedreiros as suas trolhas, juntavam-se o mais perto possivel dos prisioneiros e dançavam bailes de roda ao som dos estribilhos revolucionarios, e canções as mais obscenas, que a innocencia daquellas creanças não comprehendia ainda.

XII. — Esta hora de communicação com o céo e a natureza, que a piedade das leis as mais sinceras concede aos maiores criminosos, era assim transformada em hora de humilhação e de tortura para os captivos. O rei e a rainha podiam subtrair-se-lhe ficando encerrados na sua prisão interior, mas seus filhos definhar-se-hiam nesta reclusão e immobilidade. Era preciso á sua idade a respiração e o movimento. Seus parentes compravam voluntariamente a custos destes ultrages o pouco ar, o sol, e o exercicio necessarios a estas novas vidas.

Santerre, e os seis officiaes municipaes de serviço no

Templo precediam nestes passeios a familia real, e vigiavam-a de perto durante a sortida. As numerosas sentinellas ante as quaes era necessario passar, faziam a continencia militar, e apresentavam as armas aos municipaes. Voltavam as armas, com a coronha para cima, em signal de despreso, á aproximação do rei.

Os passos da familia real eram contados e limitados no jardim a metade do comprimento de uma lameda dos castanheiros. As demolições, as construcções, os trabalhadores obstruiam a outra metade. Este curto e estreito espaço precorrido lentamente pelo rei, sua mulher e sua irmã, servia á princeza real e seu irmão para correrem e brincarem. O rei fingia compartilhar estes brinquedos para os animar. Jogava á concra e á pella com o delfim. Assentava a ballisa, e marcava o premio ás carreiras. Durante estes jogos, a rainha e sua irmã conversavam em voz baixa, ou esforçavam-se por distrair as creanças daquellas cantigas escandalosas que as perseguiam até sob a sombra destas arvores.

Um dia, durante estes passeios, a rainha, conversando com Clerry, sobre a inutilidade dos esforços que a corte tentára para embrandecer ou corromper os republicanos, e especialmente Pethion, Danton, e Lacroix, revelou-lhe, para elle um dia, o fazer publico, um acto de dedicação, do qual seu coração parecia profundamente commovida.

N'uma dessas crises desesperadas em que Luiz XVI, esgotado de recursos, buscava sua derradeira esperança de salvação na dedicação desinteressada, e na bolsa de alguns amigos, o commendador d'Estourmel, descendente d'um desses crusados que primeiros tinham subido ao assalto de Jerusalem, era o procurador geral da ordem de Malta em Pariz. Soube a nudez do rei, e realisou dentro d'algumas horas a somma de quinhentos mil francos, cuja fez apresentar a Luiz XVI. O rei acceitou esta quantia, empregou-a em assoldadar alguns dias mais os intermediarios que lhe respondiam pelo povo, e foi enganado por elles. Esta divida de reconhecimento pesava sobre o coração do rei e da rainha na prisão do Templo; repreendiam-se a si proprios muitas vezes de ter acceitado tantos sacrificios inuteis, e arrastado em sua catastrofe a fortuna dos amigos da sua casa.

Algumas vezes tambem, e especialmente nos primeiros tempos, as princezas tinham nestes passeios doces intelligencias com as pessoas de fóra. A vigilancia dos andares superiores das cazas que bordavam o recinto do Templo, os olhares se prolongavam sobre o jardim. Estas cazas, habitadas por familias pobres, não offereciam pretexto algum de suspeição nem violencia á communa. Este povo de pequenos traficos, de obreiros, de mulheres revendonas, não podia ser accusado de cumplicidade com a tyrannia, nem de tramar contra a igualdade. Não se ousára fazer prohibir a abertura destas janellas. Apenas em Pariz se soube a hora do passeio do rei, a curiosidade, a piedade e a fidelidade, as encheram dos numerosos espectadores, cujos rostos de tão longe se não podiam reconhecer, mas cuja actitude e gestos revellavam terna curiosidade e compaixão. A familia real erguia olhos furtivos para estes amigos desconhecidos. A rainha, para corresponder silenciosamente aos desejos destes visitadores, afastava já de intento o véo do seu rosto, parava para entreter o rei ao alcance destes olhares mais cubiçosos, ou dirigia os passos e os brinquedos do moço delfim como ao acaso, para o lado aonde a encantadora figura da creança melhor podesse ser apercebida. Então algumas frontes se inclinavam, algumas mãos faziam, aproximando-se uma da outra, o gesto mudo do aplauso. Algumas flores caiam, como por acaso dos pequenos jardins suspensos dos telhados do pobre; alguns escriptos em caracteres maiusculos se desenrolavam em uma ou duas agoas-furtadas, e deixavam lêr uma palavra terna. um presagio feliz, uma esperança, um respeito.

Gestos reprimidos, porém mui intelligiveis correspondiam cá em baixo. Uma ou duas vezes o rei e as princezas julgaram ter reconhecido entre estes rostos feições de amigos dedicados, d'antigos ministros, de mulheres de alta hierarchia adictas á corte, e cuja existencia dara elles se tornára incerta. Esta intelligencia mysteriosa, estabelecida assim entre a prisão e a parte fiel da nação, era tão doce aos captivos que ella lhes fez afrontar, para gosal-a todos os dias, a chuva e frio, o sol, os insultos mais intoleraveis dos artilheiros da guarda. O fio de sua existencia proscripta parecia-lhes assim renovar-se com a alma de seus antigos vassallos. Sentia-se em communicação com alguns corações, e o ar exterior, impregnado de dedicação por elles, lhes trasia ao menos de fóra esta piedade que se lhes recusava dentro. Subiam á plata-fórma, apresentavam-se muitas vezes á janella da torre. Formavam intimidades mesmo a distancia, e amizades anonymas. A rainha e sua irmã mutuamente se disiam : « Tal casa nos é afeiçoada, tal andar é por nós. Tal quarto é realista, tal janella é amiga. »

XIII. — Mas se alguma alegria lhes vinha de fora, a tristeza e o terror tambem de fóra lhes chegavam com o éco dos ruidos da cidade. Tinham ouvido até aos pés da torre os urros dos assassinos de setembro, querendo forçar as sentinellas, cortar a cabeça da rainha, ou pelo menos arremessar aos seus pés o corpo troncado e mutilado da princeza de Lamballe.

A 21 de setembro, pelas quatro horas da tarde, o rei havia adormecido depois do jantar, ao pé das princezas, que se callavam para não interromper seu somno, quando um official municipal, chamado Lubin veio, acompanhado de uma escolta de gendarmeria a cavallo, e d'uma onda tumultuosa de povo, fazer ao pé da torre a proclamação da abolição da realeza, e o estabellecimento da republica. As princezas não quizeram acordar o rei. Contaram-lho depois de acordar. « O meu reino, disse elle á rainha com um triste surriso, passou como um sonho, mas não foi um sonho feliz ! Deus m'o havia imposto, meu povo me desencarregou delle ; que a França seja feliz, não me queixarei. » Em a noite do mesmo dia tendo Manuel ido visitar os prisioneiros : « Sabeis, disse elle ao rei, que os principios democraticos triumpham, que o povo aboliu a realeza, e que adoptou o governo republicano ? — Ouvi-o dizer, replicou o rei com serena indifferença, e faço votos para que a republica seja favoravel ao povo. Nunca me interpuz entre elle e a sua felicidade. »

O rei naquella occasião ainda trazia a sua espada, este scetro de gentilhomem em França ; e as insignias das ordens de cavallaria, das quaes era chefe, estavam ainda sobre o seu vestuario. « Sabereis tambem continuou Manuel, que a nação supprimiu estes brincos. Deveis ser avisado para vos despojardes delles. Entrado na classe dos outros cidadãos, deveis ser tratado como elles. Em quanto ao mais, pedi á nação o que vos fôr necessario, que a nação vol-o concederá. — Obrigado, disse o rei, não careço de nada ; » e continuou tranquillamente a sua leitura.

XIV. — Manuel e os commissarios, para evitar toda a pena inutil, e a degradação violenta da dignidade pessoal do rei, retiraram-se fazendo signal ao seu creado do quarto de os seguir. Encarregaram este fiel servidor de tirar as insignias do fato do rei, quando elle á noite se despisse, e enviar á convenção estes despojos da realeza e estes brazões da nobreza. O rei mesmo foi quem deu esta ordem a Clery. Sómente recusou-se separar daquellas insignias, que recebêra no berço com a sua vida, e que lhe pareciam mesmo fazer mais parte da sua vida, que do throno. Fez encerral-as n'um cofresinho, e guardou-as, quer seja como uma recordação, quer fosse como uma esperança. O fogoso Hebert, tão famoso depois sob o nome de *Pere Duchesne*, então membro da communa, pedira entrar de serviço naquelle dia, para disfructar este raro escarneo da sorte, e contemplar, nas feições do rei, o supplicio moral da realeza degradada. Hebert espiava com a vista, e com um surriso cruel, a fisionomia do rei. A tranquillidade de homem nas feições de soberano deposto baldou a curiosidade de Hebert. O rei não quiz dar aos seus inimigos a alegria de descobrirem uma emoção no seu rosto. Affectou lêr tranquillamente a historia da decadencia do imperio romano em Montesquieu, no entanto que a sua propria historia se cumpria, e lhe liam a sua catastrofe, mais attento aos revezes de outrem do que aos seus proprios

revezes. O rei foi grande de indifferença; a rainha sublime de altivez. Chorar a sua grandeza pareceu-lhe mais humilhante do que descer. Esta deposição do seu caracter tel-a-hia avillado mais do que a deposição da sua hierarchia. Nenhuma fraqueza d'alma regosijou os espectadores desta execução. Tendo as trombetas soado nos pateos, depois da installação da republica, o rei appareceu um momento á janella, como para vêr a apparencia do novo governo. A multidão apercebeu. As imprecações, os sarcasmos, as injurias elevaram-se do seio desta multidão, como derradeiro adeus á monarchia. Os gendarmes brandiram os seus sabres aos gritos de *Viva a republica!* fizeram o signal imperioso ao rei de se retirar. Luiz XVI fechou a janella. Depois de tantos seculos da monarchia, assim se separaram o povo e o rei.

XV. — A convenção tinha destinado a quantia de quinhentos mil francos para as despezas relativas ao estabellecimento e sustentação da familia real na sua prisão. A communa, por intermedio de successivas commissões, tinha empregado a maior parte deste subsidio alimenticio em construcções de segurança e encerro de captiveiro. O que devia servir a consolar a existencia dos prisioneiros, serviu a aggravar seus ferros e assalariar os seus carcereiros. O rei não tinha á sua disposição nenhuma quantia para vestir a rainha, sua irmã, seus filhos, para recompensar os serviços que tinha a pedir de fóra, ou para procurar á sua familia, nos moveis, nas occupações da prisão, esses dulcificamentos que a fortuna privada dos presos deixa penetrar até nas prisões dos criminosos. Sahidos inopinadamente das Tuilerias sem outro fato senão aquelle que levavam sobre si na manhã de 10 de agosto, as suas guarda-roupas, vestuario, e cofres, foram saqueados durante o combate; transportados dahi ao Templo sem outra roupa branca, senão aquella enviada ao Manege pela embaixadora de Inglaterra, ou emprestada á familia real por alguns servidores, ou prisioneiros, á entrada d'um rigoroso inverno, apresentavam a apparencia d'uma verdadeira desnudez. A rainha e a princeza Izabel passavam seus dias como pobres artistas a recempôr a roupa do rei e das creanças, e a remendar seu fato de estio.

No momento em que os negociadores prussianos tinham exigido de Dumouriez, para colorir sua retirada, um relatorio secreto a respeito do Temple e de respeitoso dulcificamento proprio a disfarçar sua prisão aos olhos da Europa, Manuel e Pethion, a pedido de Westermann, dirigiram-se ao Temple, e cumpriram com respeitos as prescripções de Dumouriez. Nem um nem outro destes magistrados superiores da communa compartilharam a vergonhosa necessidade de vingança e sevicias dos municipaes contra aquelle que fôra seu rei. A elevação das idéas dá dignidade aos ressentimentos, decencia ao odio. Manuel e Pethion, homens de pensamentos republicanos, viam em Luiz XVI um principe a proscrever, porém um homem a poupar; na rainha, nas princezas, no delphim, mulheres e creanças, victimas d'uma vicissitude das cousas humanas, que o povo devia lastimar e sustentar antes do que triturar na sua queda. Tiveram com o rei uma conversação secreta, na qual, confessando a republica, não renegaram nem o interesse pelas suas desgraças, nem a esperança de vêr os seus dias preservados pelo apasiguamento dos receios publicos depois da victoria e da paz. Luiz XVI e a propria rainha, feridos pelo terror de setembro, pareceram comprehender que sua vida estava antes na mão do povo que no exercito dos reis colligados, e juntaram seus votos aos dos republicanos humanos e moderados para uma prompta evacuação do territorio. O rei pediu que Pethion lhe fizesse entregar uma somma em numerario para as necessidades pessoaes e as de sua familia. Pethion enviou-lhe com luizes, esmola do republicano ao soberano cahido na indigencia. Formou-se uma relação de todos os objectos necessarios á familia real, roupas, moveis, vestuario, lenha, alimentos, livros, e largamente se proveu, á custa da communa e por via dos seus commissarios, a todas estas despezas, n'uma proporção conveniente, não ás necessidades d'uma familia, mas á generosidade da nação, e aos respeitos devidos á grandeza decahida. A republica exerceu, nesta occasião, o seu ostracismo com luxo.

XVI. — Porém Pethion e Manoel não eram os magistrados officiaes da communa. Dulcificavam as suas ordens executando-as; não as inspiravam. O espirito de represalias, de vingança, de suspeita e de baixa perseguição dos demagogos sem estudos, prevalecia nas commissões. Cada dia novos delactores vinham popularisar-se no conselho do Hotel-de-Ville, pelas denuncias contra os presos do Temple. O conselho geral escolhia os commissarios delegados por elle á vigilancia de Luiz XVI, entre os mais prevenidos e encarniçados. Os homens de alguma generosidade d'alma declinavam estas funcções odiosas. Vinham por tanto recair ellas nestes corações abjectos e nestas mãos implacaveis. Estes carcereiros desbancavam-se uns aos outros em medidas de rigor e de vexação necessarias, segundo elles, a prevenir a evasão dos captivos e suas correspondencias com o estrangeiro. Apesar destas medidas repugnarem muitas vezes ao bom senso e á humanidade do conselho geral, ninguem ousava oppôr-se-lhe com medo de ser accusado de frouxidão ou cumplicidade com os realistas. Assim o que repugnava individualmente a cada um era votado por todos em commum. Quando o terror paira sobre uma época, elle não pesa menos sobre o corpo que o inspira do que sobre a nação que o soffre.

A administração e o regimen interno do Templo estavam assim entregues a um pequeno numero de homens, escuma do conselho da communa; quasi todos artistas sem educação, sem magnanimidade, sem pudor, gosando sem orgulho deste arbitrio que a fortuna lhes entregava sobre um rei *descido* abaixo delles, e acreditando ter salvado a patria todas as vezes que haviam arrancado uma lagrima.

XVII. — Pelos fins de setembro, no momento em que o rei ía sahir do quarto da rainha, depois da ceia, para subir para a sua camara, seis officiaes municipaes entraram com apparato na torre. Leram ao rei um decreto da communa que ordenava a sua trasladação para a torre grande, o a sua separação completa do resto da sua familia. A rainha, a princesa Isabel, a princeza real; o moço delfim enlaçando o rei nos seus braços e cobrindo suas mãos de beijos e lagrimas, tentaram em vão enternecer os municipaes, e alcançar esta ultima consolação dos infortunados: soffrer juntos. Os municipaes, Simon e Rocher, ainda que enternecidos, não ousaram modificar a inflexibilidade da ordem. Vasculharam com a mais restricta inquisição os moveis, os leitos, os vestuarios dos prisioneiros; despojaram-os de todos os meios de correspondencia para fóra da prisão: papel, tinta, pennas, lapis: fazendo cessar assim as lições que o principe real começava a receber dos seus parentes, e condemnando o herdeiro d'um throno á ignorancia da arte de escrever, ignorancia mesmo de que se envergonham os mais infimos filhos do povo.

O rei arrancado aos abraços e gritos da sua familia foi conduzido para o quarto apenas acabado que se lhe destinára na torre grande. Os trabalhadores ainda ahi trabalhavam. Um leito e uma cadeira no meio de desentulhos, cascalho, pranchas, tijolos, formavam toda a mobilia. O rei lançou-se completamente vestido sobre aquelle leito. Passou as horas a contar os passos das sentinellas que se rendiam á sua porta, e a limpar as primeiras lagrimas que a prisão arrancava agora á sua firmesa. Clery, seu creado de quarto, passou a noite naquella cadeira, no vão da janella, esperando com impaciencia o dia, para saber se permittido lhe seria ir prestar ás princesas os serviços a que ellas estavam habituadas. Era elle quem penteava o delfim e anellava os longos cabellos da rainha e da princesa Isabel desde o seu captiveiro.

Tendo pedido sahir para este serviço: — Não tereis mais communicação com as prisioneiras, lhe respondeu brutalmente o commissario da communa, Veron. Até mesmo vosso amo não deve tornar a vêr seus filhos!

Havendo o rei dirigido algumas tocantes observações aos commissarios sobre uma barbaridade que ultrajava a naturesa, que supplicava cinco corações para punir um

só e que dava a seres vivos a tortura d'uma separação mais cruel do que a morte, os commissarios não se dignaram responder-lhe. Voltaram-lhe as costas como homens sem ouvidos, importunados de murmurios supplicantes.

XVIII. — Um pedaço de pão insufficiente ao nutrimento de duas pessoas, e uma garrafa d'agoa onde se expremera o summo d'um limão, foram, neste dia, todo o almoço trazido ao rei. Este rei avançou para o seu servidor, partiu o pão, e apresentou-lhe metade — «Esqueceram que somos ainda dois, lhe disse o rei, mas eu não o esqueço; tomai este pedaço, ainda tenho bastante.» Clery recusou; o rei insistiu. O servidor tomou em fim metade do pão de seu amo. As lagrimas regaram-lhe os bocados que levava á boca. O rei viu estas lagrimas, e não pôde reter as suas. Comeram assim o pão das lagrimas e da igualdade, chorando e olhando-se.

O rei supplicou de novo a um municipal que lhe désse noticias da sua mulher e dos seus filhos, e lhe alcançasse alguns livros para o arrancar ás fadigas de espirito do seu isolamento. Luiz XVI indicou alguns volumes de historia e filosofia religiosa. Este municipal, mais humano que os outros, consultou os seus collegas, e induziu-os a desempenharem esta commissão para a rainha. Esta princesa passara a noite a lastimar-se no seu quarto entre os braços da sua cunhada e filha. A pallidez dos seus labios, os vestigios das suas lagrimas, seu espesso cabello entre o qual se viam veios brancos de cabellos mortos, como rasgões da sua juventude; a fixidade dos seus olhos seccos, a obstinação com que recusára tocar nos alimentos do seu almoço, jurando deixar-se morrer de fome se presistissem em separa-la do rei, commoveram e intimidaram os municipaes. A responsabilidade da vida dos seus prisioneiros pesava sobre elles. A propria communa lhes pediria contas d'uma vida arrebatada, por uma morte voluntaria, ao julgamento e ao cadafalso do povo. A natureza fallava tambem a seus corações esta linguagem de lagrimas que se faz obedecer dos mais endurecidos. As princesas, ajoelhadas ante estes homens, conjuravam-os permittir-lhes reunirem-se ao rei pelo menos alguns instantes no dia, e ás horas da comida. Gestos, gritos d'alma, gotas caindo dos olhos sobre o chão prestavam a sua omnipotencia a estes supplicantes. — «Pois bem! elles jantarão hoje juntos, disse um official municipal, e ámanhã a communa decidirá. A estas palavras, os gritos de dôr das princesas e das creanças, transformaram-se em gritos de alegria e em benções. A rainha, segurando em seus braços os filhos, precitou-os de joelhos, e ajoelhou tambem ella para agradecer ao céo. Os membros da communa olharam-se mutuamente com os olhos humedecidos. O proprio Simon, limpando as lagrimas: «Julgo, exclamou elle, que estas malvadas mulheres me farão chorar!» Depois voltando-se para a rainha, e como envergonhado da sua fraqueza: «Não choraveis assim quando fazieis assassinar o povo em 10 de agosto.» — «Ah! o povo está muito illudido a respeito dos nossos sentimentos,» respondeu a rainha.

Estes homens gosaram um momento o espectaculo da sua *clemencia*. Os prisioneiros viram se á hora da comida, e sentiram mais do que nunca quanto a desgraça os fazia necessarios uns aos outros.

XIX. — A sensibilidade do rei desenvolvia-se nas desgraças, a alma da rainha sanctificava-se na adversidade: todas as virtudes da princesa Isabel convertiam-se em piedade activa por seu irmão e sua cunhada. A razão das creanças enternecia-se nas prisões constantemente regadas pelas lagrimas dos seus parentes. Um dia de captiveiro ensinava-lhes mais da vida do que um anno de côrte. O infortunio apressa a maturidade das suas victimas. Esta familia soffria e gosava tudo como um só coração. A communa não reclamou contra a reunião dos prisioneiros motivada no receio de um suicidio da rainha. Desde este momento os captivos foram conduzidos tres vezes por dia á torre grande para ahi comerem com o rei. Unicamente os municipaes presentes a estas entrevistas interceptavam-lhes a doçura oppondo-se a toda a confidencia intima dos prisioneiros entre si. Era-lhes severamente prohibido fallarem baixo ou conversarem em lingua estrangeira. Deviam fallar alto, e em francez.

A princesa Isabel, tendo esquecido uma vez esta prohibição, disse algumas palavras em voz baixa a seu irmão, e foi logo violentamente reprehendida por um municipal. «Os segredos dos tyrannos, lhe disse este homem, são conspirações contra o povo. Fallai alto, ou callai-vos. A nação deve ouvir tudo.»

Estas duas prisões para uma só familia augmentavam as difficuldades da vigilancia, e as desconfianças dos carcereiros; mas augmentavam tambem as facilidades para os servidores do rei illudir as ordens da prisão. Clery, a quem suas opiniões revolucionarias haviam induzido Pethion a escolhel-o entre os criados do quarto do rei, como um homem mais dedicado á ração do que a seu amo, tinha deixado abrandar o seu patriotismo pelas ternas censuras da princesa Isabel, e pelo espectaculo destes corações despedaçados, onde se lia tanto soffrimento, e tanta acceitação. Sua paixão pela liberdade dava-lhe remorsos desde que ella se traduzira em supplicios para a familia do seu rei. Não tinha outra opinião senão a sua dedicação. Havia conseguido algumas relações furtivas com os de fóra da prisão. Tres empregados nas cosinhas do rei nas Tuilerias, chamados Turgy, Marchand, e Chretien, que, affectando patriotismo, tinham alcançado ser admittidos nas cosinhas do Templo, para darem a seus antigos amos todos os bons officios do captiveiro, secundavam Clery. Este, familiarisando-se com os municipaes da guarda, fazendo-lhes toda a casta de serviços de domesticidade, durante as noites que passavam no Templo, descobria algumas vezes entre elles signaes de interesse pela familia real. Conseguia algumas vezes ora por intermedio delles, ora por sua mulher admittida uma vez por semana a vel-o, passar os bilhetinhos da princesa Isabel e da rainha ás pessoas a quem ellas os dirigiam. Haviam escondido um lapis á investigação dos commissarios. Folhas brancas, arrancadas aos seus livros de orações recebiam estas raras confidencias de seus corações. Não eram mais do que algumas palavras, innocentes de qualquer conspiração, destinadas a darem aos seus amigos d'outro tempo, noticias de sua situação, e a informar-se da sorte das pessoas que as amavam.

A princesa Isabel, apesar da sua bellesa, nunca permittira ao seu coração outro sentimento do que a amisade. Porém a amisade na sua alma era uma paixão. Tinha a inquietação e a constancia do amor. O objecto desta terna affeição da princesa era a marquesa de Raygecourt, a sr.ª de Causan, que fôra uma de suas damas de honor nos tempos de prosperidade. Esta moça dama, dotada da graça das cortes, da coragem da adversidade, e cujo espirito ao mesmo tempo sensato, jovial, e nutrido da antiguidade recordava os dias de Luiz XIV, fôra educada com a princesa. A vida tinha ligado seus corações e sua sorte desde a infancia. Casada, pelos beneficios da princesa Isabel, a um gentilhomem das primeiras casas de Lorraine, a marquesa de Raygecourt, fôra obrigada a reunir-se com seu marido na emigração. A princesa Isabel havia exigido della este afastamento, necessario mesmo pelo estado avançado da sua prenhez, no receio de que as desgraças previstas por ella desde as primeiras desordens da monarchia não caissem sobre outros corações. As duas amigas escreviam-se diariamente cartas onde uma amizade de irmãs se expandia atravez as tristes aprehensões do tempo. Esta correspondencia, unica consolação da princesa Isabel, tinha durado até á jornada de 10 de agosto. As ultimas palavras da princesa á sua amiga attestavam mesmo, neste ultimo momento, esperanças de salvação que as horas seguintes vieram cruelmente desenganar.

Clery conseguiu fazer passar á marquesa de Raygecourt ainda um ou dois suspiros da prisão; depois o silencio do tumulo interpoz-se entre estas duas almas, e avançou de um anno o cadafalso.

A rainha recebeu e mandou entregar pelo mesmo meio algumas raras communicações com os de fóra. Eram frases de dupla significação. Volumes d'angustias e de ter-

nura aglomeravam-se n'uma só palavra. Estas palavras não podiam ser traduzidas senão pelos olhos habituados a lêr no coração donde tinham sahido.

Clery conseguiu tambem informar algumas vezes o rei da situação das cousas politicas fazendo-lhe lêr os jornaes intreduzidos na prisão pelo estratagema, e transmittindo os factos do dia ao ouvido de seu amo nas horas de se deitar ou levantar Quando estes meios de informação vieram a faltar á familia real, apregoadores publicos pagos pelos amigos de fóra vinham á noite, nas horas do silencio da rua, vociferar sob os muros do recinto do Templo os principaes acontecimentos do dia. O rei, advertido por Clery, abria a sua janella, e sabia assim, por palavras interrompidas, os decretos da convenção, as victorias e as derrotas dos exercitos as condemnações e execuções dos seus antigos ministros, os decretos ou as esperanças do seu destino.

Comtudo esta privação das folhas publicas não era absoluta. Muitas vezes, por uma intenção cruel dos municipaes, as folhas atrozes que provocavam á morte do rei achavam-se como por acaso postas sobre a pedra do seu fogão; seu olhar cahia sobre estas folhas, e assim era perseguido até no seu interior por estas ameaças e estas imprecações. Este principe leu assim um dia a petição d'um artilheiro que pedia á convenção a cabeça d'um tyranno para carregar a sua peça, e atiral-a ao inimigo. «Quem será,» disse tristemente o rei lendo esta petição, «o mais infeliz, ou eu, ou o povo a quem se engana assim?»

XX. — As princezas e as creanças reuniram-se em fim ao rei na grande torre O segundo e o terceiro andar deste monumento, divididos cada um em quatro quartos por tabiques de madeira, foram destinados á familia real, e ás pessoas encarregadas do serviço ou da vigilancia. A camara do rei continha um leito com cortinado, uma pol rona, quatro cadeiras, uma meza, e um espelho por cima do fogão. O tecto estava forrado de tela. A jan lla guarnecida com barras de ferro, estava escurecida com taboas de carvalho que interceptavam a vista sobre o jardim, ou a cidade, não deixando ver mais do que o céo. Os desenhos da camara do rei, em papel pintado, como para suppliciar duas vezes os olhos do prisioneiro, representava o interior d'uma prisão com carcereiros, cadeias, ferros, e todo o odiento apparato dos callabouços. A odiosa imaginação do architecto Palloy havia acrescentado este requinte de torturas dos olhos ás da realidade.

O quarto da rainha, por cima do do rei, estava disposto com a mesma avareza de luz, de ar, e de espaço. Maria Antoinette dormia no mesmo quarto que sua filha; a princeza Isabel n uma camara obscura, ao lado, o carcereiro Tison, e sua mulher n'outro contiguo; os municipaes no primeiro quarto servindo de antecamara. As princezas eram obrigadas a atravessar este quarto ao passar do de umas para os das outras, atravez os olhares e as murmurações dos guardas. Dous postigos com guardas-chuvas e sentinellas, estavam entre o quarto do rei e o da rainha, na escada. O quarto andar estava deshabitado. A plata-forma, por cima do quarto do rei, estava destinada a servir de passeio. Com medo porém que os passeantes não fossem vistos das casas da cidade, ou que seus olhos se espraiassem pelo horisonte de Pariz, pozeram-se em roda altos tabões, para até mesmo o céo estar medido aos olhos dos prisioneiros.

XXI — Tal era o alojamento difinitivo da familia real! Ella aprasia-se comtudo de ahi se ver installada, por causa desta reunião de todos os membros que a compunham dentro dos mesmos muros. Esta curta alegria foi mudada em lagrimas, em a noute desse mesmo dia, por um decreto da communa, ordenando tirar-se o delfim á companhia do seu pai. O coração da rainha rebentou debalde em supplicas e em dor. A communa não queria, «que o filho fosse nutrido mais tempo pela mãi, no odio da revolução. «Entregaram a creança a seu pai, no entanto que ainda não a entregavam a Simon. A rainha e as princezas conservaram comtudo a liberdade de ver o delfim todos os dias no quarto do rei, ás horas da comida e do passeio, em presença dos commissarios. Suas vidas pareciam dulcificar-se, e sua dor acalmar-se, como para respirar neste alojamento. Os captivos ahi tomaram habitos regulares, que recordavam o claustro do encerro dos reis da primeira raça.

O chefe de familia era só o que sobrevivia ao rei na pessoa de Luiz XVI. As princezas esqueciam que tinham sido rainha, irmã ou filha de rei, para unicamente se recordarem de que eram mulher, irmã ou filha, d'um marido, d'um irmão, d'um pai captivo. Seus corações encerravam-se todos inteiros nestes deveres, nestas tristezas, nestas alegrias da familia. Esta dynnastia não era mais que uma familia de prisioneiros.

O rei levantava-se com o dia, e orava muito tempo de joelhos junto ao seu leito. Depois da sua oração, aproximava-se da janella, ou da sua chaminé de inverno, lia com recolhimento os psalmos no breviario, collecção de orações, e de canticos, indicados para cada dia do anno, aos fieis pela lithurgia catholica. Suppria assim ao habito que tinham os reis todas as manhãs ao sacrificio do altar no seu palacio. A communa tinha-lhe recusado a presença d'um padre, e as ceremonias da sua fé. Piedoso, mas sem superstição e sem franqueza, Luiz XVI elevava-se a Deus sem intermedio d'outro homem, servindo-se para as suas orações das palavras e formulas consagradas pela religião da sua raça e do seu throno. A rainha e sua irmã entregavam-se ás mesmas praticas. Surprehendiam-as muitas vezes com as mãos juntas, seus livros de devoção regados de lagrimas, orando junto ao seu leito: uma, como precipitada da sua altura, a ajoelhar pelo golpe do seu desespero; outra, como prostrada naturalmente aos pés de Deus, a quem ella reconhecia e beijava a mão em toda a parte. Depois das suas orações, o rei lia, na sua torresinha ora as obras latinas, ora Montesquieu, ora Buffon, ora a historia, ora a narração dos viajantes em roda do mundo. Estas paginas pareciam absorver completamente o seu espirito, quer porque fosse para elle um meio de escapar á importuna attenção dos commissarios sempre presentes, quer porque buscasse com effeito, em a natureza, na politica, nos costumes dos povos e na sua historia, diversão ás suas penas, instrucções á sua hierarchia, ou analogias com a sua situação. Pelas nove horas, a sua familia descia a ter com elle para almoçar. O rei abraçava sua mulher, sua irmã, e beijava seus filhos na fronte. Depois do almoço, as princezas, a quem faltavam as criadas, faziam pentear seus cabellos, no quarto do rei, por Clery. Durante este tempo, o rei dava a seus filhos as primeiras lições de grammatica, historia, geographia, e latinidade, evitando com cuidado, nestas lições, tudo que podesse recordar á creança que nascera n'uma hierarchia superior á dos outros cidadãos, e dando-lhe unicamente conhecimentos applicaveis ao mais infimo dos seus subd tos. Dir-se-hia que este pai se dava pressa a approveitar-se da adversidade e deste afastamento das cortes para educar seu filho não como principe, mas como homem, e para lhe formar a alma adoptada a todas as fortunas.

XXII. — A creança, precoz como os fructos de uma arvore ferida, parecia avançar com intelligencia e alma as lições do pensamento, e as delicadezas do sentimento. Sua memoria aprendia tudo, sua sensibilidade tudo lhe fazia comprehender. Os aballos que tantos acontecimentos sinistros haviam dado á sua imaginação e ao seu coração, estas lagrimas constantemente surprehendidas nos olhos de sua mãi e de sua irmã mais velha que elle, estas scenas tragicas de que fôra testimunha nos braços da sua aia, estas fugas de Versailles e das Tuilerias, esta explosão de tres dias, no meio de armas, ameaças, e cadaveres, na tribuna da assembléa legislativa; esta prisão, estes carcereiros, estas degradações de seu pai, esta reclusão de todos os instantes com os seres cujas penas elle via sem as comprehender todas: esta obrigação de medir seus gestos, e até mesmo occultar as lagrimas ante os inimigos que as espiavam, tinham-o iniciado, como por instincto na situação dos seus parentes e sua propria. Seus olhos estavam graves, seus surrisos eram tristes. Aproveitava-se com rapidez dos momentos de desattenção dos carcereiros para trocar em voz baixa alguns signaes,

algumas palavras de intelligencia com sua mãi ou sua tia. Era um destro cumplice em todos estes ardis piedosos que as victimas inventam para escapar aos olhos e ás denuncias dos que os vigiavam. Temia aggravar suas penas. Alegrava-se com o mais pequeno signal de satisfação nos seus rostos. Evitava, com um tacto mais desenvolvido que seus annos, recordar-lhes nas conversas as circumstancias dolorosas de sua vida ou os felizes tempos de sua grandeza, como se tivera advinhado que a memoria dos dias felizes lança pesar nas desgraças.

Um dia, tendo parecido conhecer um dos commissarios da communa no quarto de seu pai, este commissario aproximou-se delle e perguntou-lhe se se recordava de o ter visto, e em que occasião. A creança fez-lhe signal afirmativo com a cabeça, mas recusou obstinadamente responder. Sua irmã, chamando-o á parte para o canto do quarto, perguntou-lhe porque recusava dizer onde vira aquelle commissario? «Foi na viagem de Varennes, lhe respondeu o delfim ao ouvido. Não quiz dizel-o alto com medo de recordal-o á rainha, e fazer chorar nossos pais.»

Quando reconhecia na antecamara de seu pai um commissario mais respeitoso para com os prisioneiros, e menos odioso á rainha do que os seus collegas, dava-se pressa em correr ao encontro de sua mãi, quando descia para o quarto do rei, e annunciar-lhe batendo as mãos, este bom dia. A vista desta creança enternecia quase todos aquelles odios. A realeza sob a figura de uma creança innocente e prisioneira, não tinha por inimigos senão brutos. Os commissarios os mais prevenidos, os artilheiros da guarda, os carcereiros, o mesmo feroz Rocher, brincavam com o delfim. Unicamente Simon lhe fallava com rudeza, e olhava a creança com olhos desconfiados e sinistros, como um tyranno escondido n'uma creança. As feições do rosto deste moço principe recordavam, confundindo, a graça um pouco afeminada de Luiz XV, seu avô, e a altivez austriaca de Maria Thereza. Os olhos azues de mar, o nariz aquilino, as ventas recurvadas, a boca rasgada, os labios arredondados, a fronte larga em cima, estreita nas fontes; os cabellos louros, separados em duas ondas no alto da cabeça, e caindo em anneis sobre os hombros e até aos braços, retratavam sua mãi antes dos annos das lagrimas. Toda a belleza da sua dupla raça parecia reflorir nesta ultima vergontea.

XXIII. — Pelo meio dia vinham buscar a familia real para tomar ar no jardim. Qualquer que fosse o frio, o sol, ou a chuva, os presos desciam. Cumpriam este passeio, sob os olhos e sob os ultrajes, como um dos mais rigorosos deveres do seu captiveiro. O exercicio violento naquelles pateos, estes jogos de creança com sua irmã no interior dos quartos, a vida regular e sobria, os estudos familiares e doces no colo de seu pai, os ternos cuidados destas tres mulheres conservavam-lhe o ardor da vida, e a frescura da pelle da infancia. O ar da prisão acariciava-a ate alli tanto como o ar das florestas de Saint-Cloud. Os olhos da rainha e do rei encontravam-se, e consolavam-se sobre aquella cabeça, em quem o rigor dos homens não impedia a natureza de crescer e embellecer-se todos os dias.

A princeza real tocava já nessa idade em que a menina conhece que se transforma em mulher, e recolhe em si mesma a sua irradiação. Pensativa como seu pai, altiva como sua mãi, piedosa como sua tia, ella retratava em sua alma estas tres almas no meio das quaes crescêra. Sua belleza, esvelta e pallida como as apparições fantasticas da Germania, participava mais do ideal que da materia. Sempre chegada ao braço, e como sepultada no seio de sua mãi ou de sua tia, parecia intimidada da vida. Seus cabellos louros, ainda pendentes sobre os hombros como os de uma creança, envolviam-a quase inteira. Ella olhava do fundo deste véo com uma vista timorata, ou abaixava os olhos. Imprimia uma adoração muda até mesmo nos mais impedernidos. Os guarda-chaves e as sentinellas alinhavam-se á sua passagem. Experimentavam uma especie de sobresalto religioso quando eram tocados nos corredores ou nas escadas pelo seu vestido, ou seus cabellos. Sua tia completava-lhe a educação, ensinava-lhe a piedade, a paciencia e o perdão. Porém o sentimento da sua hierarchia innato em sua alma, as humiliações de seu pai, e os supplicios de sua mãi gravavam-se profundamente em cicatrizes sempre sangrentas no seu coração, e ahi se recolhiam, senão era ressentimentos, ao menos em eterna tristeza.

XXIV. — Pelas duas horas, a familia reunia-se para jantar. As alegrias intimas e as expansões familiares, de que estas comidas são o signal na casa do pobre, eram-lhe recusadas. Até mesmo o rei não podia entregar-se livremente ao apetite da sua robusta natureza. Os olhos contavam-lhe os bocados; os chacotas censuravam-lhos. A robusta saude do homem era uma vergonha mais para o rei. A rainha e as princezas comiam pouco e devagar para deixar ao rei o pretexto de sasatisfazer a sua fome e prolongar o jantar. Acabada a comida, a familia reunia-se. O rei jogava com a rainha esses jogos de cartas inventados outro tempo em França para divertir a occiosidade de um rei prisioneiro. Muitas vezes jogavam o jogo pensativo e contemplativo do chadrez: jogo cujas peças principaes, pelos seus nomes de *rei* e *rainha*, e pelas manobras sobre o taboleiro para fazer prisioneiro o rei, estavam cheias de allusões significativas, e muitas vezes sinistras ao seu proprio captiveiro. Buscavam menos nestes jogos uma diversão machinal ás suas penas, do que uma occasião de se entreterem a meias palavras sem acordar a inquieta espionagem dos seus guardas. Pelas quatro horas, o rei, adormecia alguns momentos na sua poltrona. As creanças cessavam, ao signal de sua mãi, seus brinquedos estrepitosos. As princezas entretinham-se nos seus trabalhos de agulha. O mais profundo silencio reinava durante este somno do rei. Não se ouvia senão o ligeiro ruido dos estofos em que a rainha e sua irmã trabalhavam, a respiração do rei, e o passo regular das sentinellas á porta do quarto, ou ao pé da torre. Dir-se-ia que os perseguidores e a propria prisão inteira se calavam para não arrebatar ao rei prisioneiro a unica hora que dava liberdade aos seus pensamentos, e illusão dos sonhos á sua alma. Pelas seis horas dava as lições a seus filhos, e divertia-se com elles até á ceia. A rainha então despia com as suas proprias mãos o filho, fazia-lhe recitar suas orações, e levava-o para o leito.

Quando elle estava deitado, inclinava-se como para o abraçar pela ultima vez, e recitava-lhe ao ouvido uma curta oração, que a creança repetia mansinho para os commissarios não a ouvirem.

Esta oração, composta pela rainha, foi conservada de memoria e revellada por sua filha: «Deus omnipotente que me creaste e resgataste amo-vos! Conservai os dias de meu pai e da minha familia! Protegei-os contra os nossos inimigos! Dai a minha mãi, a minha tia, a minha irmã, as forças de que carecem para soffrerem suas penas!

XXV. — Esta simples oração dos labios de uma creança pedindo vida para seu pai, e paciencia para sua mãi, era um crime que era mister occultar.

Adormecida a creança, a rainha fazia uma leitura em voz alta para instrucção de sua filha, diversão do rei e das princezas. Era ordinariamente n'um livro de historia que recordava aos seus pensamentos as grandes catastrofes dos povos e dos soberanos. Quando mui frequentes allusões á sua propria situação vinha apresentar-se no decurso da narração, a voz da rainha velava-se ou banhava-se em lagrimas internas, e os prisioneiros trocavam entre si um olhar, como se o livro, de intelligencia com elles, lhes revelasse o receio ou a esperança, occulta no coração de todos. O rei, no fim do dia, subia por um instante ao quarto de sua mulher, pegava-lhe na mão olhando-a ternamente, e dizia-lhe adeus. Abraçava depois sua irmã e sua filha, e descia a encerrar-se na torresinha ao lado da sua camara, onde então lia, meditava, e orava até á meia noute.

O céo era o unico que tinha o segredo destas horas nocturnas consagradas por este principe a este recolhimento na solidão do seu proprio coração. Reflectir talvez nos actos do seu reinado, nas faltas da sua politica, nas suas

alternativas de confiança excessiva no seu povo, ou de desastrada desconfiança contra a revolução? Buscaria conjecturar a sorte da França, e o futuro de sua raça depois da crise do momento, á qual elle proprio não esperava sobreviver? Acaso se arrependeria das suas luctas desiguaes pro e contra a liberdade, e se lançaria em rosto não ter feito heroicamente sua escolha, logo ao primeiro dia, entre o antigo e o novo regimen, e não se declarar chefe do novo povo? Porque este principe, ao cabo de tudo, mais depressa tinha peccado por falta de comprehensão, que por falta de amar a revolução. Talvez se reservasse elle estas horas secretas para livremente derramar sosinho entre aquellas paredes, lagrimas sobre sua mulher, e filho, e irmã, e filha, e até sobre elle mesmo, escondendo ao dia a sua sensibilidade, e aos seus vigias a alegria de as verem? Quando sahia deste gabinete para se deitar, seu rosto estava sereno, algumas vezes cheio de surriso; porem a sua fronte enrugada, os olhos pisados, e o vestigio dos dedos impresso nas suas faces annunciavam ao seu creado do quarto que muito tempo estivera elle com a cabeça encostada entre as mãos, e graves pensamentos haviam entretido o seu espirito.

XXVI — Antes de adormecer, o rei esperava sempre a chegada do municipal do dia seguinte, porque eram substituidos á meia noite, para saber o nome deste novo espia, e conhecer assim se o dia seguinte presagiava doçura ou pezar á sua familia. Adormecia depois com um somno tranquillo, porque o peso dos dias de infortunio não cança menos o homem do que a fadiga dos dias felizes. Desde que este principe estava captivo, os defeitos da sua juventude a pouco e pouco tinham desapparecido. A bonhomia um pouco rude do seu caracter trocara-se em sensibilidade e graça para aquelles que o cercavam. Parecia querer resgatar, á força de paciencia por si mesmo, e de ternura e interesse pelos outros, o mal de fazer compartilhar suas desgraças. Não se lhe reconhecia pois o seu arrebatamento de rei. Todos seus pequenos defeitos de caracter tinham-se desvanecido ante a grandeza da sua paciencia. A solemnidade tragica do seu rebaixamento dava á sua pessoa a dignidade que o throno lhe recusara. A queda havia-o enternecido, a prisão enobrecido, a aproximação da morte consagrava-o. Encerrava neste estreito espaço, no circulo da sua familia, e nestes poucos dias que lhe restavam, tudo quanto a natureza, o amor, e a religião haviam posto em sua alma de ternura, coragem, e virtudes. Seus filhos adoravam-o, sua irmã admirava-o. A rainha espantava-se dos thesouros de doçura e força que lhe descobria no coração. Deplorava que tantas virtudes brilhassem tão tarde, e unicamente na obscuridade de uma prisão. Censurava-se amargamente, e confessava-o a sua irmã, ter deixado distrahir-se muito nos dias da prosperidade, e não haver então conhecido assás o preço do amor do rei.

Seus proprios carcereiros não reconheciam, aproximando-se delle, o homem sensual e vulgar que o prejuiso publico lhes tinha pintado, vendo um tão excellente pai, um esposo tão terno, um irmão tão solicito, começavam a acreditar que tal homem não podia conter um tiranno. Alguns mesmo pareciam amal-o perseguindo-o e martyrisando-o com respeito. A sua fisionomia domesticava os homens ainda os mais rudes, instrumentos passivos do seu captiveiro.

Um dia uma sentinella dos faubourgs, vestido á paisana, estava postada na antecamara deste principe. O criado de quarto Clery apercebeu que este homem o contemplava com os olhos de respeito e compaixão. Clery avançou para elle. A sentinella inclina-se, apresenta a arma, e balbucia com uma voz tremula, e como a pesar seu: «Vós não podeis sahir — Então julgais que eu sou o rei? respondeu Clery — Que, replicou o homem do povo, vós não sois o rei? — Deveras que não; nunca o viste? Ah! não, e eu desejava bem vel-o n'outra parte que não fosse aqui — Fallai baixo! Vou entrar no seu quarto, deixarei a porta entre-aberta e vereis o rei. Está sentado junto da janella, com um livro na mão « Havendo Clery advertido a rainha da benevola curiosidade da sentinella, a rainha o advertiu ao rei. O principe interrompeu a sua leitura, e passou complacentemente muitas vezes d'um para o outro lado do quarto, affectando passar perto da sentinella, e dirigindo-lhe um mudo signal de intelligencia. «Oh! senhor, disse este homem a Clery quando o rei se retirou, como o rei é bom! como ama seus filhos! Não, eu nunca poderei acreditar que elle nos fizesse tanto mal!»

Outra occasião, um mancebo, postado de sentinella na extremidade da lameda dos castanheiros, expressava, pela benevolencia pintada na sua fisionomia e pelas suas lagrimas, a dôr que lhe inspirava o captiveiro da familia dos reis. A princeza Izabel aproximou-se deste mancebo para trocar algumas palavras furtivas com este amigo desconhecido de seu irmão. Elle fez signal á princeza de que um papel estava escondido entre o entulho que juncava aquella parte da lameda. Clery abaixou-se para apanhar aquelle papel, fingindo procurar tijollos chatos para servirem de malhas ao jogo do delfim. Os artilheiros aperceberam o gesto desta sentinella. Seus olhos humecidos de lagrimas o accusavam. Foi conduzido á Abbadia, e dahi ao tribunal revolucionario, que lhe fez pagar aquellas lagrimas com o seu sangue.

XXVII. — Estando toda a familia doente e constipada em consequencia da humidade das paredes, e dos primeiros frios do inverno, a communa authorisou, depois de longas formalidades, a introducção do primeiro medico do rei na prisão, o sr. Lemonnier. Seus cuidados restabelleceram promptamente a rainha, a princeza Izabel, e as creanças. A doença do rei prolongou-se mais, e até mesmo inspirou cuidado aos seus guardas. A rainha e sua filha não lhe deixavam a cabeceira, e ellas mesmo lhe compunham e faziam a sua cama. Clery velava no quarto de seu amo todas as noites. Quando a febre cessou, Clery cahiu tambem perigosamente enfermo, e não pôde levantar-se para cuidar do rei convalescente, e vestir o delfim. O rei preenchendo pela primeira vez os deveres de uma mãi, levantava, vestia, e penteava seu filho. A creança, passando o dia inteiro no quarto escuro e frio de Clery, dava-lhe de beber, e todos os cuidados que sua idade e fraqueza permittem a uma creança prestar a um enfermo. O proprio rei, levantando-se de noite e espiando o somno do commissario que vellava na sua ante camara, ía, descalço, e em fralda de camisa, levar um copo de tisana ao seu servo: «Meu pobre Clery, lhe dizia elle, eu desejaria vellar a meu turno junto do vosso leito! Mas bem vedes como somos observados. Tomai coragem, e conservai-vos para os vossos amigos, porque não somos vossos amos!» O servidor enternecido chorava sobre as mãos do rei.

XXVIII. — A communa ordenara apertos mais estreitos de captiveiro no mesmo recinto da torre, e por tanto ahi se dirigiu um canteiro. O obreiro abriu alguns buracos na porta da ante-camara do rei para se assentarem ferrolhos. Pela hora do meio dia, tendo este homem sahido para jantar, o delfim poz-se a brincar com a ferramenta que estava no limiar daquella porta. O rei chegou, e tirou das mãos do filho o maço e o escôpo do canteiro, e lembrando-se da sua antiga habilidade nas obras de serrelharia e gostos de artista, mostrou a seu filho como se servia destes utensilios, e elle mesmo cavou a pedra. Tendo o artista subido e encontrando o rei fazendo aquella obra com a seriedade d'um homem de officio, não pôde vêr, sem se sentir commovido, aquelle revolvimento da fortuna. «Quando sahirdes desta torre,» disse elle ao rei com um instincto de compaixão que lhe dava a esperança por certeza, «podereis dizer que vós proprio trabalhasteis na vossa prisão. — Ah! meu amigo,» respondeu o rei entregando-lhe a maceta e o escopro «quando e como sahirei eu?» E, pegando em seu filho pela mão, entrou no seu quarto, e ahi passeou muito tempo em silencio.

XXIX. — Insensivel ás privações que só recahiam sobre elle, a comparação do esplendor passado em que vivêra com sua mulher e sua irmã, com a seu desnudamento presente, vinha muitas vezes ao seu espirito, e algumas vezes lhe escapava do coração. Os anniver-

sarios destes dias felizes, o da sua coroação, o do nascimento de seu filho, a festa do seu nome, não eram para elle senão dias notados por maior tristeza, e muitas vezes tambem por ultrajes. No dia de S. Luiz, os federados e os artilheiros da guarda vieram, com cruel ironia, dançar e cantar ao ar livre o *Ça ira* sob aquellas janellas. O rei recordava melancolicamente á rainha estes dias de sua união e felecidade, pedindo-lhe perdoasse á sua sorte que os havia trocado, para ella, em dias de lucto. « Ah! senhora, » lhe disse elle uma noite vendo a rainha varrer o pavimento do quarto de seu filho doente, « que trabalho para uma rainha de França! E se o vissem em Viena! Ah! quem teria dito que unindo-vos á minha sorte eu vos faria descer tão baixo? — E em cousa nenhuma contais, lhe disse Maria Antoinette, a gloria de ser a mulher do melhor e mais perseguido dos homens? Desgraças assim acaso não são mais magestosas de que todas as grandezas? »

Em outra occasião, viu a princeza Izabel, concertando o fato da rainha, e que, por até mesmo suas thesouras lhe terem arrebatado, cortava com os dentes a linha. « Ah! minha irmã, lhe disse elle, que contraste! nada vos faltava em a vossa linda casa de Montreuil! » Fazia allusão a uma deliciosa residencia que elle embelecera para sua irmã com todas as elegancias da vida rustica no tempo da sua prosperidade. Foram as unicas recordações do seu passado! Evitava-as como um choque de alma que podia arrancar-lhe um grito involuntario á sua firmeza.

XXX. — A uniformidade desta vida começava a mudal-a em habito e em tranquilidade de espirito. A presença quotidiana dos seres amados, a mutua ternura mais sentida desde que a etiqueta das côrtes se não interpunha mais entre os sentimentos da natureza, a regularidade dos mesmos actos ás mesmas horas, a passagem d'uns quartos para os outros, as lições das creanças, seus brinquedos, as sahidas ao jardim muitas vezes consoladas com olhares comprehendidos, a commida em commum, as conversações, as leituras, este silencio profundo nos muros em roda dos prisioneiros, ao passo que tanto ruido se fazia longe delles ao redor dos seus nomes: alguns rostos de commissarios enternecidos, algumas intelligencias furtivas com os de fóra, alguns obscuros projectos de evasão avultados pela esperança, este espelho das prisões, acostumavam insensivelmente os presos á sua adversidade, e mesmo fazendo-lhes descobrir o lado consolador da desgraça, quando um redobramento de rigores na sua prisão, e rudez nos seus carcereiros veio de novo agitar sua vida interior, e fazer-lhes conjecturar sinistros acontecimentos.

A vigilancia tornou-se odiosa e ultrajante até mesmo ao pudor das princezas. Partia-se o pão dos prisioneiros para descobrir alli alguns bilhetes escondidos. Cortavam-se os fructos, os pecegos mesmo até ao caroço, com medo de que uma destra astucia nelles escondesse correspondencias. Depois de cada comida, retiravam-lhes as facas e os garfos necessarios a cortar os alimentos. Media-se o comprimento das agulhas das princezas, sob pretexto de as não poderem transformar em armas de suicidio. Quizeram seguir a rainha até ao quarto da princeza Izabel, onde todos os dias ia, pela volta do meio-dia, mudar o fato da manhã. A rainha importunada com este injurioso olhar, renunciou mudar de vestuario durante o dia. A roupa branca era desdobrada peça por peça. Apalparam mesmo o rei. Tiraram-lhe até os pequenos utensilios de ouro com que anelava o seu cabello, e tratava dos seus dentes. Foi obrigado a deixar crescer a barba. Os cabellos da sua barba asperos e revirados contra a carne escandeceram-lhe dolorosamente a pelle, e forçaram-o a lavar muitas vezes o rosto durante o dia em agua fria. Tison, e sua mulher espionavam e contavam incessantemente aos commissarios as menores conversações, gestos, e olhares. Deixou-se entrar no pateo do Templo os vociferadores que pediam a altos brados a cabeça da rainha e do rei. Rocher cantava o *Carmagnole* aos ouvidos do rei, e ensinava ao delfim estas coplas vergonhosas contra sua mãi, e contra elle mesmo. A creança repetia innocentemente estas coplas, que faziam subir o rubor ao rosto de sua tia. Este homem, um momento dulcificado, retomava a sua natureza e bebia nova insolencia no vinho; a embriaguez em que todas as noites adormecia, recomeçava todas as manhãs. As princezas obrigadas a atravessar o quarto delle para irem ao do rei ou sahirem, encontravam aquelle homem sempre deitado á hora da ceia, e muitas vezes mesmo no decurso do dia. Lançava contra ellas imprecações, e forçava-as a esperar, com os olhos baixos, que elle lançasse algum fato sobre o corpo. Os obreiros que trabalhavam fóra da torre rebentavam em ameaças contra o rei. Brandiam-lhe por cima da cabeça seus instrumentos de trabalho. Um delles levantou o machado sobre o pescoço da rainha, e ter-lhe-hia decepado a cabeça se não lhe desviassem a arma.

Um municipal acordou uma noite o delfim puxando-lhe com rudeza pelo braço, para se certeficar, dizia elle, da presença da creança. A rainha precepitou-se entre este homem e seu filho, e perdeu a paciencia. Fulminou o municipal com o seu olhar. Pela primeira vez a rainha humilhada desappareceu, e a mãi se mostrou nella.

Uma deputação da convenção veio visitar o Templo Chabot, Dubois-Crancé, Drouet, Duprat faziam parte della. A' vista de Drouet, este mestre de postas de Saint Menehould, que reconhecendo o rei, e fazendo-o prender em Varennes, fôra a causa primaria de todas suas desgraças, a rainha, a princeza Izabel, e as creanças empallideceram, e acreditavam vêr esse máo genio que apparecera a Bruto na vespora de Pharsalia. Chabot e Drouet sentaram se irrespeitosamente ante as mulheres que estavam em pé. Interrogaram a rainha que desdenhou responder-lhes. Perguntaram ao rei se tinha algumas reclamações a fazer. « Não me queixo de nada, respondeu o rei; peço unicamente que se mande a minha mulher e a meus filhos a roupa, de que bem vêdes carecem. » O fato das princezas cahia em pedaços. A rainha era obrigada, para o rei não andar todo roto, a remendar lhe o fato em quanto dormia. Todos estes rigores e toda esta nudez eram consequencia das ordens de dia para dia mais severas da communa. Tison e sua mulher denunciaram a familia real á convenção. Affirmaram que os prisioneiros entretinham uma correspondencia com os de fóra da prisão; que tinham conversações mansinhas, mui suspeitas, com certos commissarios; que uma noite a princeza Izabel, á ceia, deixara cair um lapis do seu lenço de assoar; que encontrara no quarto da rainha obreias e uma penna. As indagações recommeçaram. Vasculhou se até nos travesseiros e colxões. O delfim foi implacavelmente arrebatado, ainda adormecido, da sua cama, para visitarem até mesmo debaixo do seu corpo. A rainha tomou a creança toda tremula de frio e a aqueceu nos seus braços.

XXXI. — Quanto mais o odio e a perseguição cresciam em roda dos captivos, tanto mais a emoção de sua queda, e a dôr da sua situação inspiravam interesse a algumas almas, e temeridade a algumas dedicações. A vista diaria dos soffrimentos, da dignidade, e talvez tambem da tocante belleza da rainha, havia mesmo na propria communa feito traidores. Se os grandes crimes tentam algumas vezes as almas ardentes, as grandes dedicações tentam tambem os corações generosos A compaixão tem seu fanatismo. Arrancar á sua prisão, aos seus perseguidores, ao cadafalso a familia dos reis, e restituil-a, por via de uma heroica astucia, á liberdade, á felicidade, ao throno talvez, era uma tentativa que devia seduzir pela grandeza mesmo das difficuldades e dos perigos, e achar imaginações capazes de sonhal-o e ousal-o. Encontrou os.

Havia naquelle tempo, entre os membros da communa, um mancebo por nome Taulan. Este mancebo nascera em Tolosa n'uma condição inferior. Apaixonado por estes estudos litterarios que enobrecem o coração, viera estabelecer-se em Pariz. O commercio de livraria, que elle exercia, satisfasia ao mesmo tempo os seus gostos, e as suas necessidades. Os seus

volumes, incessantemente falhados para o seu trafico, haviam-lhe communicado á imaginação a paixão da liberdade, e estas emanações romanescas que saem dos livros e enebriam o espirito. Lançara-se na revolução como n'um sonho em acção. Seu ardor e eloquencia haviam-o popularisado na sua secção; um dos primeiros ao assalto das Tuilherias no 10 de agosto, fôra um dos primeiros tambem no conselho da communa. Apontado aos seus collegas pelo seu odio fogoso contra a tyrannia, escolhido fôra por isso para commissario no Templo. Entrado ahi com horror ao tyranno e á sua familia, logo ao primeiro dia sahira com uma adoração apaixonada pelas victimas. A vista de Maria Antonietta especialmente, esta magestade reerguida pela sua degradação, esta physionomia onde a languidez de uma captiva temperava a altivez de uma rainha, e esta tristesa lançada repentinamente como um véo sobre as feições onde respiravam ainda tantas graças este ultimo clarão da juventude que se ia apagar na humidade das prisões, esta cabeça encantadora sobre a qual a secure estava suspensa de tão perto, e que lhe parecia já segura pelos cabellos, apresentada ao povo na mão do algoz, tudo isto havia resolvido profundamente a sensibilidade de Toulan. Era uma destas almas ás quaes as emoções lançam do primeiro golpe no extremo opposto de seus pensamentos, e que não discutem contra um sentimento. Antes de haver reflectido tinha dedicado-se no seu coração. Tudo quanto era bello parecia-lhe possivel. Buscára e disputara, com falsas demonstrações de furor contra o rei, missões mais frequentes e mais assiduas na torre do Templo, e havias-as obtido. Buscara em todas as occasiões fazer-se notar de Maria Antonietta por via de mudos signaes que, sem suscitar desconfiança nos seus collegas, fizessem reconhecer á rainha que tinha um amigo entre seus perseguidores. Conseguiu-o.

Toulan, mui joven, pequeno de talhe, fraco de estatura, tinha uma destas fisionomias delicadas e expressivas do meiodia, onde o pensamento falla nos olhos, e a sensibilidade palpita na mobilidade dos musculos do rosto. Seu olhar era uma linguagem. Havia muito tempo que a rainha o tinha comprehendido. A presença de um segundo commissario, sempre junto aos passos de Toulan, impedia-o explicar-se mais. Conseguiu seduzir um dos seus collegas do conselho da communa, por nome Lepitre, e arrastal-o pela grandeza do projecto e pelo esplendor da recompensa, a uma conspiração de evasão da familia real.

A rainha viu os dois commissarios de serviço cahirem juntamente de joelhos a seus pés e offerecer-lhe, na sombra da sua prisão, uma dedicação que o logar, o perigo, a morte presente elevavam acima de todas as dedicações prodigalisadas á sua prosperidade. Acceitou-a e animou-os: entregou com sua propria mão a Toulan uma madeixa da seu cabello, com esta divisa em italiano: Aquelle que teme morrer não sabe amar bem.» Era a carta de credito que ella dava a Toulan para ter entrada com os seus amigos de fóra do Templo. Depressa lhe juntou um bilhete escripto do seu punho para o cavalleiro de Jarjais, seu correspondente secreto, e chefe invisivel desta conspiração. — « Podeis ter confiança, lhe dizia ella, no homem que vos fallar da minha parte: conheço os seus sentimentos; de ha cinco mezes para cá não teem variado »

Um certo numero de realistas fieis, occultos em Pariz, e espalhados nos batalhões da guarda nacional, foram iniciados vagamente neste plano de evasão. Consistia em corromper a preço de ouro alguns commissarios da communa encarregados da vigilancia da prisão: fazer uma lista dos realistas os mais dedicados entre os batalhões da guarda nacional de cada secção: tomar medidas para que estes homens, detalhados como por acaso, se encontrassem, no dia determinado, compondo a maioria do destacamento de guarda á torre do Templo; fazer desarmar por estes conspiradores desfarçados o resto do destacamento durante a noite; livrar a familia real e conduzil-a, com as mudas de antemão preparadas, até Dieppe, onde uma barca de pescador a esperaria e conduziria a Inglaterra com os seus principaes libertadores.

Toulan, intrepido e infatigavel no seu zelo, munido de sommas consideraveis que um signal do rei posera á sua disposição em Pariz, amadurecia o seu plano no misterio, transmittia á rainha as tramas dos seus partidistas, referia aos de fora da prisão as intenções do rei, sondava as intenções do rei, sondava com reserva os principaes chefes de partido na convenção e na communa, ensaiava ter por toda a parte cumplicidades secretas, mesmo em casa de Marat, de Robespierre e de Danton; tentava a generosidade de uns, a cubiça de outros, e de dia para dia mais feliz nas suas emprezas, e mais seguro do exito, contava já muitos guardas da torre, e cinco membros da communa entre os cumplices dos seus perigosos designios. Deste lado, um raio penetrava pois na sombra da prisão, e entretinha na alma dos captivos, senão a esperança, ao menos o sonho da liberdade.

LIVRO TRINTA E TRES.

I. — No entanto os jacobinos estavam apressados em arrancar aos girondinos, á face do povo, o seu segredo sobre a vida ou a morte do rei. Impacientes de se armarem contra elles da suspeita de realismo, era-lhes myster a discussão immediata sobre este grande ponto para alinharem os seus inimigos entre os fracos ou entre os traidores. Elles conheciam a repugnancia de Vergniaud a esta immolação a sangue frio, mais á vingança do que á salvação da republica. Suspeitavam as intenções de Brissot, de Sieyés, de Pethion, de Condorcet, de Guadet, e de Gensonné. Ardiam em vêr rebentar em toda a claridade estas repugnancias e estes escrupulos para fazer um signal de reprovação contra os amigos de Roland. O processo do rei ia separar os fracos dos fortes, o povo pedia este julgamento como uma satisfação, os partidos como um derradeiro combate, os ambiciosos como um penhor do governo da republica nas suas mãos.

II. — Pethion foi o primeiro a pedir á convenção, que a questão da inviolabilidade do rei fosse proposta, e que se deliberasse antes de tudo sobre este preliminar indispensavel a qualquer julgamento. « O rei póde ser julgado?» Morisson pretendeu que a inviolabilidade declarada pela constituição de 1791 cobria a pessoa do soberano contra outro qualquer julgamento, que não fosse o julgamento da victoria, e que qualquer violencia a sangue frio contra a sua vida seria um crime. « Se no 10 de agosto, disse elle, eu tivesse encontrado Luiz XVI com o punhal na mão, coberto de sangue de meus irmãos; se eu tivesse visto bem claramente que era elle quem tinha dado a ordem de degolar os cidadãos, eu seria o primeiro a feril-o. Porem muitos mezes se passaram depois deste dia. Elle está entre as nossas mãos, está sem armas, sem defesa, e nós sômos francezes! Esta situação é a lei das leis.

III. — Saint-Just levantou-se a estas palavras. Saint-Just era então como o pensamento de Robespierre que Robespierre fazia marchar a alguns passos na sua frente. Este mancebo, mudo como um oraculo, e sentencioso como um axioma, parecia ter-se despojado de toda a sensibilidade humana para personificar em si a fria intelligencia e a implacavel impulsão da revolução. Não tinha olhos, nem orelhas, nem coração para tudo que lhe parecia pôr um obstaculo ao estabelecimento da republica universal. Reis, thronos, sangue, mulheres, crianças, povo, tudo o que se encontrava entre este alvo e elle desapparecia, ou devia desapparecer A sua paixão tinha por assim dizer, petreficado as suas entranhas. A sua logica havia contractado a impossibilidade de uma geometria e a brutalidade de uma força material. Era elle quem, nas conversações intimas, e muito tempo prolongadas de noite sob o tecto de Duplay, tinha mais combatido o que elle chamava as fraquezas da alma de Robespierre, e a sua repugnancia a derramar o sangue do rei. Immobil na tribuna, frio como uma idea, os seus compridos cabellos louros cahindo pelos dois lados do pescoço sobre seus hombros, a calma da convicção absoluta espalhada sobre as suas feições quasi femininas, comparado ao *S. João do Messias do povo*, pelos seus admiradores, a convenção o contemplava com esta fas-

cinação inquieta que exercem certos seres collocados nos limites indecisos da demencia e do genio Ligado aos passos de Robespierre, Saint-Just communicava-se pouco com os outros. Sahia do seu logar na convenção para apparecer como um percursor das opiniões do seu mestre. Terminado o seu discurso, voltava para o seu logar silencioso e impalpavel, não como um homem, mas como uma voz.

IV. — « Dizem-nos, pronunciou friamente Saint-Just, que o rei deve ser julgado como um cidadão; e eu emprehendo provar-vos que deve ser julgado como um inimigo. Nós não temos que o julgar ; temos de o combater. A mais funesta das lentidões que os nossos inimigos nos recommendam, seria aquella que nos fizesse temporisar com o rei. Um dia os povos, tão afastados dos nossos prejuizos como nós o estamos dos prejuizos dos vandalos, admirar-sehão de que um povo haja discutido para saber se elle tinha o direito de julgar os seus tyrannos. Admirar-se-hão que no decimo oitavo seculo se esteja menos avançado do que no tempo de Cesar. O tyranno foi immolado em pleno senado sem outra formalidade mais do que a liberdade de Roma: e hoje faz-se comrespeito o processo de um homem ; assassino do povo, preso com a mão no sangue, e no crime ! Aquelles que ligam alguma importancia ao justo castigo do rei nunca farão uma republica. Entre nós, a molesa dos caracteres nesta occasião é um grande obstaculo á liberdade. Uns parecem receiar neste momento soffrer algum dia o castigo de sua coragem. Outros, finalmente, não tem renunciado á moanarchia. Estes temem um exemplo de virtude que seriam laço de responsabilidade commum e de unidade da republica. Cidadãos ! se o povo romano, depois de seiscentos annos de virtudes e de odio aos reis, se a Inglaterra depois da morte de Cromwell, viram renascer os reis apesar da sua energia, o que não devem receiar entre nós os bons cidadãos vendo a secure tremer entre as nossas mãos, e um, logo desde o primeiro dia da sua liberdade, respeitar a lembrança dos seus ferros ! Fala-se de inviolabilidade ! Ella existia, talvez, essa inviolabilidade mutua, de cidadão ; mas de povo para rei não ha relação natural. O rèi estava fóra do contracto social que unia entre si os cidadãos. Não póde ser escudado por este contracto, ao qual só elle fazia uma tyrannica excepção.

« E invocam-se as leis em favor daquelle que distruiu todos ! Que processo, que informes quereis fazer dos seus crimes que estão em toda a parte escriptos com o sangue do povo ! Não passou elle antes do combate revista ás suas tropas ! Não fugiu elle em logar de lhes obstar a dispararem sobre a nação ! Mas para que buscar crimes ! Haverá tal alma generosa que dirá nos tempos futuros que o processo devia ser feito a um rei, não pelos crimes do seu governo, mas pelo unico crime de ter sido rei ! Porque a realesa é um crime pelo qual o usurpador é justiçavel ante todo o cidadão ! Todos os homens receberam da natureza a missão secreta de exterminar a dominação. Não se póde reinar innocentemente; todo o rei é um rebelde. E que justiça poderia fazer-lhe o tribunal a que entregasseis o seu julgamento ! teria elle a faculdade de lhe restituir a patria, e de citar perante si, para lhe fazer reparação, a vontade geral ? Cidadãos, o tribunal que deve julgar Luiz é um conselho politico. E' o direito das nações quem julga os reis. Não esqueçais que o espirito no qual julgareis o vosso senhor será o espirito no qual estabelecereis a vossa republica. A theoria do vosso julgamento será a das vossas magistraturas. A medida da vossa philosofia no julgamento será tambem a medida da vossa liberdade em a vossa constituição. Mesmo para que bom um apêlo ao povo ! O direito dos homens contra os reis é pessoal. O povo todo inteiro não poderia obrigar um só cidadão que seja a perdoar ao tyranno. Porém apressai-vos ! porque não ha cidadão que não tenha sobre elle o direito que tinha Brutus sobre Cesar ! o direito de Ankastroem sobre Gustavo ! Luiz é um outro Catilina. O assassino juraria como o consul de Roma que havia salvo a patria immolando-a. Tendes sivto os seus perfidos designios, contasto o seu exercito; o traidor não era o rei dos francezes, era o rei d'alguns conjurados. Elle levantava tropas ; elle tinha ministros privados; elle proscripto secretamente todas as pessoas honradas e de coragem ; elle é o assassino de Nancy, de Courtrai, do Champ-de-Mars, das Tuilerias. Que inimigo estranho nos fez mais mal ! E procura-se mover á piedade! Comprar-se-hão bem depressa as lagrimas como nos enterros de Roma ! Cautella com os vossos corações ! Povo ! se o rei é absolvido, recordate que nós não somos dignos da tua confiança, e não vejais em nós senão traidores ! »

V. — A Montanha apropriou-se estas palavras pelo enthusiasmo com que as aplaudiu. Dir se-hia que uma ousada mão acabava de rasgar a nuvem de leis escriptas, e de fazer apparecer a jurisdicção da espada sobre a fronte de todos os reis. Fauchet, afrontando o delirio da assembléa, pronunciou, mas sem poder fazer-se ouvir, corajosas palavras sobre a inutilidade da morte e sobre a virtude politica da magnanimidade. » Não ; conservemos, disse elle, este homem *criminoso* que foi rei. Que reste um espectaculo vivo do *absurdo* e do aviltamento da realeza Nós diremos ás *nações* : vedes vós esta especie d'homem anthropophago que *fazia* um jogo de nós e de vós ? Era um rei. Nenhuma *lei anterior* tinha previsto o seu crime. Elle passou os *limites* dos attentados previstos em o nosso codigo penal. A nação vinga-se inflingido-lhe um supplicio mais terrivel do que a morte : ella expõe-o á perpetuidade ao universo, colocando-o sobre um cadafalso de ignominia. »

Gregoire, n'uma das seguintes sessões, atacou a theoria da inviolabilidade dos reis ! Esta ficção não sobrevive á ficção constitucional que a creou. » Pediu não a morte, mas o julgamento com todas as suas consequencias, embora fosse a morte ; e preludiou o decreto por estas terriveis palavras : « Ha um parente, um amigo dos nossos irmãos immolados em as nossas fronteiras, que não tenha o direito de arrastar o seu cadaver aos pés de Luiz XVI, e de lhe dizer : — Eis ahi a tua obra ! — E este homem não seria justiçavel do povo ?

« Eu reprovo a pena de morte, acrescentou Gregoire, e espero que este resto de barbaridade desapparecerá das nossas leis. Basta á sociedade que o culpado não possa mais prejudicial a. Vós o condemnareis sem duvida á existencia, para que e remorso e o horror dos seus crimes o presigam no silencio do seu captiveiro. Mas o arrependimento foi feito para os reis ? A historia que ha de gravar ao buril os s us crimes poderá pintal-o só d'um traço. Nas Tuillerias, em 10 de agosto, milhares de homens estavam degolados, o ruido do canhão annunciava uma carneficina espantosa; e aqui, nesta salla, elle comia!... As suas traições trouxeram em fim ao nosso liberamento. O impulso está dado ao mundo. O cançaso dos povos chegou ao seu auge. Todos se lançam para a liberdade. O volcão vai fazer a sua explosão, e operar a resurreição politica do globo. Que acontecerá se no momento em que os povos vão despedaçar seus ferros, vós proclamardes a impunidade de Luiz XVI ? A Europa duvidará da vossa intrepidez, e os despotas retomarão com confiança essa maxima da nossa servidão, que elles tem as suas corôas de Deus e das suas espadas ! »

Numerosas representações dos departamentos e das cidades foram lidas nas seguintes sessões, pedindo todas a cabeça do assassino do povo. A primeira necessidade da nação não parecia tanto defender-se como vingar-se.

VI. — Um estrangeiro tinha assento entre os membros da convenção nacional. Era o philosofo Thomaz Payne. Nascido na Inglaterra, apostolo da independencia americana, amigo de Franklin, author do *Bon sens* (Bom senso) dos *Droits de l'Homme* (Direitos do homem) e da *Age de raison* (Idade da rasão), tres paginas do novo evangelho, nas quaes elle tinha reportado as instituições politicas e as crenças religiosas á justiça e á luz primitiva, o seu nome era uma grande authoridade entre os innovadores dos dois mundos. A sua reputação tinha-lhe servido de naturalisação em França. A nação que pensava que combatia então, não por ella só, mas pelo universo inteiro, reconhecia por compatriotas todos os zeladores da rasão e da liberdade. O patriotismo da França, como o das religiões, não estava nem na communidade da lin-

goa, nem na communidade das fronteiras, mas na communidade das idéas. Payne, ligado com a senhora Roland, com Condorcet e Brissot, havia sido eleito pela cidade de Calais. Os girondinos o consultavam e o tinham introduzido na commissão de legislação. O mesmo Robespierre affectava pelo radicalismo cosmopolita de Payne a respeito de um neophito para com idéas que vinham de longe.

Payne havia sido coberto de obsequios pelo rei no tempo em que fôra enviado a Pariz para implorar soccorros da França em favor da America. Luiz XVI fizera presente de seis milhões á nova republica. Fôra entre as mãos de Franklin e de Payne que este dom do rei fôra depositado. A recordação dos beneficios passados deviam por tanto fechar a bocca a este philosofo. Seus antecedentes o recusariam se acaso o seu reconhecimento não o prendesse. Elle não teve nem a memoria nem a conveniencia da sua situação. Não podendo enunciar-se em francez na tribuna, escreveu e fez lêr á convenção uma carta ignobil nos termos, cruel na intenção; longa injuria lançada até ao fundo da prizão contra o homem de quem elle n'outro tempo sollicitara o generoso soccorro, e ao qual devia a salvação da sua patria. — Considerado como individuo, este homem não é digno da attenção da republica; mas como cumplice da conspiração contra os povos vós deveis julgal-o, dizia Payne. A respeito da inviolabilidade, não é preciso fazer menção alguma deste motivo. Não vejais mais em Luiz XVI do que um homem d'um espirito limitado, mal creado como todos os seus iguaes, acostumado, segundo se diz, a frequentes excessos de embriaguez, e a quem a assembléa constituinte restabeleceu imprudentemente sobre um throno para o qual não era feito.»

VII. — E' nestes termos que a voz da America liberta por Luiz XVI acabava de ressoar na prisão de Luiz XVI! Um americano, um cidadão, um sabio pedia, se não a cabeça, ao menos a ignominia do rei que tinha coberto de baionetas francezas o berço da liberdade do seu paiz. A ingratidão expressava-se em ultrajes. A philosofia degradava-se abaixo do despotismo na lingoagem de Payne. A senhora Roland, e os seus amigos applaudiram a rudeza republicana deste acto e destas expressões. A convenção ordenou por unanimidade a impressão desta carta. O sentimento publico indignou-se baixo. Pertencia a todos aborrecer Luiz XVI, e nunca ao apostolo da America, e ao amigo de Franklin.

VIII. — O duque de Orleans, a quem Hebert havia na vespora baptisado na communa com o nome de *Philippe-Egalité*, (Filippe-Igualdade) e que acceitára aquelle nome só para se despojar até das syllabas que recordavam a raça de Bourbon, subiu á tribuna depois da leitura da carta de Thomaz Payne — «Cidadãos, disse elle, a minha filha de idade de quize annos, passou a Inglaterra no mez de outubro de 1791, com a cidadôa de Genlis-Sillery, sua mestra, e duas meninas creadas com ella desde a infancia, uma das quaes é a cidadôa Henriqueta Sercey, orfã, e a outra a cidadôa Pamella Seymour, naturalisada franceza ha muitos annos. A cidadôa Sillery tem feito a educação de todos os meus filhos, e a maneira porque elles se comportam provam que ella os formou mui cedo nas idéas republicanas. Um dos motivos desta viagem de minha filha foi subtrahil-a á influencia dos principios d'uma mulher (sua mãi), mui estimavel sem duvida, mas cujas opiniões sobre os negocios actuaes não tem sido sempre conformes com as minhas. Quando razões tão poderosas retinham minha filha em Inglaterra, os meus filhos estavam no exercito. Não cessei de estar com elles no meio de voz, e posso dizer que tanto eu, como meus filhos não seriamos os cidadãos que mais perigos correriamos se a causa da liberdade não houvesse triumphado! E' impossivel, é absurdo encarar a viagem de minha filha como emigração. Se, por impossivel, e eu não posso crêl-o, vos ferides com o rigor da lei minha filha, ainda por cruel que fosse este decreto para mim, os sentimentos da natureza não abafariam os deveres do cidadão, e afastando-a da patria para obedecer á lei, provaria de novo todo o preço que ligo a este titulo de cidadão o qual prefiro a tudo!»

A assembléa enviou desdenhosamente o requerimento do duque de Orleans á commissão de legislação. A convenção que não tinha mais necessidade de cumplices, começava a inquietar-se de contar um Bourbon entre si. Mui visinho do throno para ella poder servir-se delle sem perigo, mui fiel á revolução para que ousasse accusal-o, cubria-o com uma tolerancia que se assimilhava ao esquecimento. Ella queria apagal-o; elle queria apagar-se a si proprio. Porém o seu nome mui resplandecente denunciava-o á attenção da republica. Foi o unico crime de que a sua prostração ante o povo não pôde absolvêl-o. Este nome, ainda que repudiado, acabrunhava-o. A França e a Europa attentas perguntavam-se como o seu patriotismo passaria pela terrivel prova do processo do seu parente, e do seu rei. A natureza recusava-o, a opinião pedia-lhe uma cabeça. Tremia se dizer quem triumpharia, a natureza, ou a opinião.

IX. — No mesmo momento, Pariz e os departamentos, ameaçados da fome, agitavam-se por effeito do panico, mais ainda que pela realidade da fome. O descredito em que tinham cahido os assignados, moeda papel ideal como a confiança, fazia aferrolhar os cereaes; o encerramento dos cereaes trazia a violação dos mercados e dos domicilios. Todas as pequenas cidades em roda de Pariz, este celleiro da França, estavam n'uma perpetua sedição. Os commissarios da convenção enviados áquelles sitios eram injuriados, ameaçados, e expulsos. O povo pedia-lhes pão e padres. Elles vinham expôr á convenção os seus alarmes, as suas injurias, a sua impotencia. «Conduzem-nos á anarchia, dizia Pethion. Despedaçamo-nos pelas nossas proprias mãos. Ha causas occultas nestas desordens. E' nos departamentos os mais abundantes de trigo que as desordens rebentam. Conspiradores, que aviltais a convenção, dizei-nos pois o que quereis de nós? Abolimos todos os tyrannos, abolimos a realeza; que mais quereis?»

As ideas religiosas, feridas nas consciencias, agitavam ao mesmo tempo os departamentos. As sedições tomavam a cruz por estandarte. Danton commoveu-se: — «Todo o mal não está no alarma por causa das subsistencias, disse elle á convenção. Lançou-se na assembléa uma idea imprudente. Fallou-se de não dar mais prestações aos padres. Apoiaram-se sobre as ideas philosoficas que me são queridas, porque eu não conheço outro Deus senão o do universo, outro culto senão o da justiça e o da liberdade. Porém o homem maltratado da fortuna procura gosos ideaes. Quando elle vê um homem rico entregar-se a todos os seus gostos, acariciar todos os seus desejos, então julga, e esta idea o consola, julga que na outra vida os gosos se multiplicarão em proporção das suas privações neste mundo. Quando tiverdes dentro em algum tempo officiaes de moral, que façam penetrar a luz nas choupanas, então será bom fallar ao povo de moral e de philosofia. Mas até então, é barbaro é um crime de lesa nação querer arrebatar ao povo os homens nos quaes elle espera ainda achar algumas consolações. Pensarei pois ser inutil que a convenção faça uma proclamação para persuadir ao povo que ella não quer distruir nada, mas tudo aperfeiçoar, e que, se ella persegue o fanatismo, é porque quer a liberdade das opiniões religiosas. Mas ha ainda outro objecto que exige a prompta decisão da assembléa, acrescentou Danton, mais constrangido do que arrebatado nesta manifestação contra Luiz XVI. O julgamento do chamado rei é esperado com impaciencia. D'uma parte o republicano indigna-se de que este processo pareça interminavel; de outro, o realista agita-se em todos os sentidos, e, como elle tem ainda a sua fortuna e o seu orgulho, vereis talvez, com grande escandalo da liberdade, os dois partidos chocarem-se. Tudo vos ordena que accelereis o julgamento do rei.»

X — Robespierre, não querendo deixar a Danton a prioridade da sua moção, juntou-se-lhe para pedir que «o ultimo tyranno dos francezes, o ponto de contacto de todos os conspiradores, a causa de todas as desordens da republica, fosse promptamente condemnado á pena dos seus crimes.» Marat, Legendre, Jean-Bon Saint Andre, lançaram o mesmo grito de impaciencia, e arremessaram

contra o rei só a onda da colera, de inquietação e de agitação que ameaçava a republica. O processo tornou-se a ordem do dia permanente da convenção.

Era-a tambem nos jacobinos. Chabot invectivava Brissot, lançava-lhe em rosto ter-se alegrado secretamente com a carneficina de septembro, na esperança de que o seu cumplice de outro tempo e o seu inimigo de hoje, o libellista Morande, depositario dos seus segredos, morresse sob a securo do povo. « E tu te vanglorias com os teus amigos, lhe dizia Chabot, de ter sido o heroe do 10 de agosto, tu que te occultaste no teu comité até ao momento em que foi questão apoderares-te do ministerio sob a responsabilidade de Roland e de Clavière! Heroe do 10 de agosto, tu que, alguns dias antes, lias um discurso applaudido pelos realistas, no qual tu te declaravas o defensor do rei! Heroe do 10 de agosto, tu e os teus amigos! Será o teu amigo Vergniaud, que concluiu o seu discurso sobre a deposição, por uma mensagem ao rei, destinada a adormecer a nação até á chegada de Brunswik? Será Jeronimo Pethion que impediu a insurreição de 28 de julho, e que me censurava, em 9 de agosto, porque eu queria tocar a rebate? Será o teu amigo Lasource, que pedia, em 8 de agosto, que se despedissem os federados, vencedores em 10? Será tambem Vergniaud, que, presidente da assembléa, na manhã desto mesmo dia, jurava morrer para manter os direitos constitucionaes do rei? Será emfim o teu partido que, no entanto que o canhão do povo destruia o castello, fazia decretar que se nomeasse um governante ao principe real? Vá eu deixo á opinião publica julgar entre o ex-capuchinho Chabot e o antigo espião da policia Brissot! » A conclusão de todas estas philippicas dos jacobinos contra Roland, Brissot, Pethion, Vergniaud, era o desafio lançado aos girondinos de recuarem no processo de Luiz XVI, e recusarem esta cabeça ao povo, a menos de se confessarem traidores á patria.

Na mesma sessão dos jacobinos, Robespierre repelliu, como Danton o tinha feito na convenção, o pensamento de retirar as pensões do estado aos padres, Robespierre, e outros recuavam timidamente, no interesse do partido, ante a applicação racional do dogma da independencia das crenças religiosas e da emancipação absoluta da rasão dos povos em materia de culto pela liberdade. Elles proclamavam a religião do povo uma mentira, e pediam que a republica estipendiasse os padres encarregados de pregar e administrar o que elles chamavam mentira. Assim os homens mais firmes na fé revolucionaria, que não recuavam nem diante do sangue dos seus concidadãos, nem diante dos exercitos da Europa, nem diante do seu proprio cadafalso, recuavam ante a potencia do habito nacional, e addiavam a verdade nas relações do homem com Deus, antes do que addiar a sua potencia. Quanto a fraqueza está visinha da força! — O' meu Deus, para mim, « dizia Robespierre n'uma carta escripta aos seus committentes, » é aquelle que creou todos os homens para a igualdade e para a felicidade. E' aquelle que protege os opprimidos e que extermina os tyrannos. O meu culto é o da justiça e o da humanidade. Não amo o poder dos padres mais do que qualquer outro poder. E' uma cadeia de mais dada á humanidade; mas é uma cadeia invisivel ligada aos espiritos. O legislador póde ajudar a rasão a libertar-se, mas não póde despedaçal-a. A nossa situação a este respeito parece-me favoravel. O imperio da superstição está quasi destruido. Já é menos o padre do que o objecto da veneração do que a idea da religião que o padre personifica aos olhos do vulgo. Já o facho da philosofia, penetrando até ás classes mais tenebrosas, expulsou todos estes ridiculos fantasmas que a ambição dos padres e a politica dos reis nos ordenam adorar em nome do ceo. Não resta já nos espiritos mais do que estes dogmas eternos, que prestam um apoio ás ideas moraes, e á doutrina sublime e tocante da charidade, da igualdade que o filho de Maria ensinou n'outro tempo aos seus concidadãos. Bem depressa, sem duvida, o evangelho da rasão e da liberdade será o evangelho do Universo. O dogma da divindade está gravado nos espiritos. Este dogma, o povo o liga ao culto que até aqui tem professado. Atacar este culto é attentar á moralidade do povo. Ora recordae-vos que a nossa revolução está baseada na justiça, e que tudo quanto tende a enfraquecer este sentimento moral no povo é anti-revolucionario. Recordae-vos com que sabedoria os maiores legisladores da antiguidade souberam manejar estas mollas occultas do coração humano; com que arte sublime, manejando a fraqueza ou os prejuisos dos seus concidadãos, consentiram em fazer sanccionar pelo céo a obra do seu genio! Qualquer que seja o nosso enthusiasmo, não estamos ainda chegados aos limites da rasão e da virtude humana. Mas quanto é impolitico lançar novos fermentos de discordia nos espiritos fazendo accreditar ao povo que atacando os seus padres se ataca o culto em si! Não digais que não se trata aqui d'abolir o culto, mas sómente de não o estipendiar; porque aquelles que accreditam no culto accreditam tambem que não o estipendiar ou deixal-o morrer é tudo a mesma cousa. Não vêdes além disto que entregando os cidadãos á individualidade dos cultos, elevais o estandarte da discordia em cada cidade, e em cada aldêa? Uns quererão um culto, outros quererão passar sem elle, e todos virão a ser uns para com os outros objecto de despreso e de odio? !

XI. — Assim Danton, e mesmo Robespierre, mascarando a sua fraqueza sob o sofisma, prestavam-se aos sarcasmos dos seus inimigos. Carra, Gorsas, Brissot, redactores dos principaes jornaes da Gironda, tomaram em piedade a *sua superstição* e traduziram a sua complacencia em ridiculo. « Pergunta-se, diziam elles, porque andam tantas mulheres atraz de Robespierre, em sua casa, na tribuna dos jacobinos, nos franciscanos, na convenção? » — E' porque a revolução franceza é uma religião, e Robespierre quer fazer uma seita. E' uma especie de padres que tem suas devotas, as suas Marias, as suas Magdalenas, como o Christo. Todo o seu poder está na roca. Robespierre prega, Robespierre censura; elle é furioso, grave, melancholico, exaltado, frio, seguido nos seus pensamentos e na sua conducta. Elle troveja contra os ricos e os grandes. O texto dos seus sermões é aquelle de Christo: « E' preciso despojar todos os marotos dos burguezes de Jerusalem para revestir os sans-culotes. » Elle vive de pouco. Elle não conhece as necessidades physicas. Elle não tem senão uma unica missão, é fallar, e falla sempre Elle creou discipulos, e tem guardas para a sua pessoa. Arenga aos jacobinos quando póde fazer ahi sectarios. Calla-se quando a sua palavra lhe póde prejudicar á popularidade. Recusa os logares onde poderia servir o povo, e intriga os logares onde poderia persuadil-o. Mostra-se quando póde fazer sensação; desapparece quando a scena está cheia de outros. Tem todos os caracteres de um chefe de religião. Creou-se uma reputação de santidade. Falla de Deos e da Providencia! intitula-se a alma dos pobres e dos opprimidos. Faz-se seguir de mulheres e de espiritos fracos. Robespierre é um padre, e nunca será outra cousa! »

XII. — Marat, pela sua parte, ausente da convenção, e regressado ao seu subterraneo dos franciscanos depois do insulto de Westermann e das ameaças dos federados, denunciou d'ahi ao povo a facção da Gironda como uma conjuração permanente contra a patria. « Não sou eu unicamente, escrevia elle, que elles constrangem a buscar sua segurança n uma sombria caverna para ficar ao abrigo do ferro dos seus bandidos; a atroz facção incarniça-se contra Robespierre, Danton, Panis e todos os deputados que elles não podem obrigar a compôr-se pelo medo. Fazem as suas listas de proscripções sob os auspicios do seu patrono Roland. E quem são estes inimigos publicos de todos os homens de bem? São aquelles, que, no tempo da assembléa constituinte, sacrificaram á côrte os direitos e os interesses do povo, os Camus, os Gregoire, os Roland, os Sieyés, e os Buzot; estes são aquelles que a assembléa legislativa conspiraram com o poder executivo e fizeram declarar uma guerra desastrosa de concerto com Narbonne, La Fayette e Dumouriez; são aquelles que pedem a desmembração da França e a trasladação da assembléa nacional para Rouen; fallo dos Lasource, Lacroix, Fauchet, Gensonné, Vergniaud, Brissot, Kersaint, Barbaroux, e Guadet, estes vis manequins convencionaes

de Roland! E reprehendem-me de me hav r subtrahido aos punhaes dos assassinos, aos penhores destes homens refugiando-me no meu subterraneo! Quando a minha morte poder cimentar a felicidade do po o, ver-se-ha se empallideço! »

Marat não tardou com effeito a reapparecer escoltado d'homens do povo, armados de sabres e cacetes, e seguido por grupos de creanças e mulheres em farrapos. Appareceu com este cortejo á porta da convenção. « E accusam-me, escreveu elle no dia seguinte, de pregar a morte e o assassino! a mim que nunca pedi senão algumas gotas de sangue impuro p ra preservar as ondas de sangue innocente! E' o puro amor da humanidade que me faz velar por alguns momentos a minha sensibilidade para gritar morte a estes inimigos do genero humano. Corações sensiveis e justos! é para vós que apello contra as calumnias destes homens de gelo, que veriam, sem se commoverem immolar a nação por um punhado de scelerados! E' no caes dos *Theatins*, no antigo hotel de Labriffe, cujo nome foi apagado, que se reunem diariamente estes agitadores, Buzot, Kersaint Gensonné, Vergniaud, Sieyés, Condorcet. Ahi elles conjuram os seus projectos. Muitas vezes estes conjurados reunem-se em casa da Saint-Hilaire, a amante de Sillery. E' um dos seus covis habituaes. Começa-se pelo conciliabulo, acaba-se pela orgia. Porque as nimfas da emigração ahi vão para corromper estes padres conscriptos da convenção. Saladin ahi jantou no dia 27 com muitos deputados da pandilha taes como Buzot, e Kersaint. Lasource ahi ceou com estes cortesãos contra-revolucionarios e Veimerange, antigo administrador das postas. E' na casa de campo deste, em Thilles, junto á aldeia de Gonesse, que se juntam, uma vez por semana, os chefes desta facção, no mesmo logar, á mesma meza em que se juntavam, ha dois annos, Chapelier, Dandré, Maury e Cazalès! »

XIII. — Pela mesma epocha, Camillo Desmoulins, associando-se a Merlin de Thionville, publicou um jornal para defender a causa de Robespierre, com esta epigrafe, que revellava diariamente aos seus leitores o pensamento quotidianno dos jacobinos: « *Não ha victoria mais agradavel aos deveres do que um rei immolado.* » — « Não sei, dizia Camillo Desmoulins, se Robespierre não deve tremer do successo que alcançou contra os seu covardes accusadores. E' a sua segunda philippica, este sublime discurso de Cicero, diz Juvenal, que fez assassinar este grande homem. Robespierre tambem ha vencido muito, os seus inimigos estão demasiadamente aterrados para que tanto triumpho não presagie uma catastrofe. Não é possivel ter humilhado mais os seus inimigos. Louvet estava no pelourinho Pethion parecia crucificado no triumpho do seu rival. O que é a virtude, s Robespierre não é a sua imagem? o que é a eloquencia o talento, se o discurso de Robespierre não é a obra prima, este discurso onde achei reunida a ironia de Socrates, ao espirito de Pascal, com dois ou tres ra gos comparaveis as mais bellas explosões de Demosthenes? Robespierre, Lacroix accusava-te de teres proferido uma palavra condemnavel; mas tal é a idéa que eu faço da tu virtude, que eu conclui logo que essa palavra não era criminosa, porque tu a havias pronunciado Pelo que respeita a Marat, que algumas vezes me chama seu filho este parentesco não obsta a que tambem algumas vezes me conserve a certa distancia de tal pai. Porem Marat não é um partido. Marat vive só. Brissot! Brissot! eis nos te um partido! Olhai para os comités da convenção! Brissot em toda a parte Sabeis o que reuniu os girondinos? O odio a Pariz! o odio ao povo! Elles aborrecem Pariz porque Pariz é a cabeça da nação e encerra em si um povo immenso, o terror d s traidores e dos intrigantes! »

XIV. — Um destes acasos que a fortuna lança no meio dos acontecimentos para os aggravar ou desenlaçar, veio inopinadamente dar aos jacobi os novas armas contra o girondinos, e novas provas contra Luiz XVI. Vimos precedentemente q le este principe, desconfiando da segurança das Tullerias, alguns dias antes do 10 de ag st fizera abrir na pared do corredor escuro, que conduz ao seu gabinete, um armario secreto encoberto com uma porta de ferro e um forro de madeira. O rei servira-se para esta operação, do companheiro dos seus trabalhos manuaes quando, nos dias da sua occiosidade, elle descançava do throno nos trabalhos de serrelharia. Este homem do qual já fallámos, chamado Gamain, era um serralheiro de Versailles; amava tern mente Luiz XVI, e nada poderia decidil-o á traição, se a demencia, ou as obsessões de sua mulher não tivessem desarreigado a pouco e pouco do seu coração esta inclinação pelo rei. Mas este artista robusto, sendo acommettido por uma molestia de languidez, quasi immediatamente depois de se tapar a porta de ferro, procurar com a inquietação de uma imaginação febril, como o seu corpo, moço e vigososo até alli, podera repentinamente debilitar-se e emagrecer como se a sombra da morte passasse por cima delle, ou como se um destes feitiços, sinistra crudelidade do povo, lhe fosse lançado na vida.

A' força de agitar aquelle pensamento em sua cabeça, acabou por se escandecer. Sua memoria, fiel ou enganada, recordou-lhe uma circumstancia, na apparencia muito insignificante, mas que por elle foi convertida em suspeita. Da suspeita á accusação, na alma do homem simples e ferido, não ha mais que o espaço de um pensamento; sua imaginação rapidamente o atravessou. Gamain recordou-se que acabrunhado de cançasso e sede, durante o penoso trabalho da forja, offerecera-lhe desalterar-se, e dera-lhe de beber, com a sua propria mão um copo d'agoa fria. Quer a frescura da agoa lhe gelasse os sentidos, quer o principio do marasmo deste homem coincindisse naturalmente com esta epocha da sua vida, Gamain julgou-se envenenado pela mão do seu amo e amigo, interessado, dizia elle, em fazer desapparecer a unica testimunha do deposito escondido nas paredes do seu palacio.

Gamain confiou estas suspeitas a sua mulher, que as compartilhou e envenenou ainda mais Luctou muito tempo contra esta obsessão de sua alma: mas emfim venci'o pelo desespero de morrer victima de tão odiosa traição, movido ainda mais pelos crescentes abalos da revolução, e receiando que seu silencio lhe não fosse um dia imputado como um crime, resolveu vingar-se antes de morrer, e revelar o mysterio para o qual tinha concorrido. Foi a casa do ministro do interior Roland, e fez lhe a sua declaração. Quer fosse porque Roland ficasse impaciente por agarrar novos documentos de convicção contra a realeza, quer fosse porque esperasse encontrar nestas confidencias da lista civil as provas escriptas da corrupção de Danton, de Marat, do proprio Robespierre; quer porque temesse entregar á convenção correspondencias que comprometteriam seus proprios amigos, deu se pressa como um homem que vê a sua presa, e que lança uma mão tão prompta como os olhos sobre um segredo Roland não pensou na immensa responsabilidade que appellaria sobre elle uma descoberta a qual affastasse todas as testimunhas. Não chamou para h ir aquelle escondrijo, os membros do comite da convenção; fez subir Gamain com elle á sua carroagem, dirigiu-se ás Tuilerias, forçou a porta de ferro, recolheu s papeis que o armario continha, levou estes documentos pa'a o ministerio do interior afim de os examinar n es de os depositar na convenção.

A' noticia da descoberta deste thesouro de accusação, m grito de alegria se ergueu em Pariz, um murmurio urdo trovejou na convenção contra a temeridade do ministro. Todos os partidos se accusaram mutuamente de intemão de algumas cumplicidades occultas cujas provas armario de ferro revelaria contra os seus chefes. Todos temeram que Roland tivesse, ao seu alvitre, escohido estes testimunhos de traição. Todos, á excepção dos girondinos, lhe fizeram um crime da sua impaciencia, e de ter substituido a mão de um ministro ao olho da nação no exame de um deposito de co spirações e tra ções contra ella. Apesar de Roland ter apresentado naquelle mesmo dia os papeis do armario de ferro, na mesa da residencia, o facto de ter assistido sósinho á sua descoberta, e have los examinado antes de os entregar fazia-o suspeito de subtracção e par ialidade. A convenção encarregou o seu comité dos doze de lhe apresentar um

relatorio sobre estes papeis e qualquer dos seus membros que nisto se achasse complicado. Estes papeis continham o tractado secreto da côrte com Mirabeau, e o testimunho irrecusavel da corrupção deste grande orador. A verdade sahia das paredes do palacio, onde fôra encerrada debaixo de sellos, para vir accusar-lhe a memoria ante seu tumulo. Barrere, Merlin, Duquesnoy, Rouyer, os membros mais eminentes da assembléa legislativa, e sob esta denominação se entendia Guadet, Vergniaud, Gensonné eram, senão accusados, ao menos apontados de terem tido relações com Luiz XVI. Estas correspondencias, pela maior parte, revellavam mais estes planos vagos que os aventureiros politicos offerecem em troca de um pouco de ouro aos poderes em aperto do que planos combinados e cumplicidades reaes; acabando quasi todos por pedirem muitos milhões ao thesouro do rei. Promettiam-se a este principe nomes e consciencias, as quaes nem mesmo suppunham que as mercadejavam. Barrere, Guadet, Merlin, Duquesnoy desculparam-se, sem muito trabalho, destas accusações chimericas. Um unico homem, na assembléa, havia negociado a sua palavra e o seu credito com a côrte; este homem era Danton. Porém a prova das suas relações com a monarchia estava em Inglaterra, nas mãos de um ministro de Luiz XVI. O armario de ferro callava se a respeito delle.

XV. — Barbaroux, para fazer diversão ás suspeitas que se levantavam contra Roland, pediu que Luiz XVI fosse o primeiro accusado. Robespierre, mudo até então, tomou a palavra, não como um juiz que toma a balança, mas como um inimigo que lança mão da espada. Não reconheceu entre Luiz XVI e elle outra lei, afóra a antipathia mortal entre o senhor e o escravo: esquecendo que não era senão um homem obrigado a consultar no seu julgamento, não sómente as leis escriptas mas tambem as leis não escriptas da misericordia e da equidade, elle assentou face a face a salvação da republica e a vida d'um rei, e decidiu de sciencia certa que a morte deste rei era necessaria a este povo. Robespierre teve ao menos o merito de affastar deste assassinio d'estado a hypocrisia das formulas ordinarias do processo. Condemnou Luiz XVI como se elle houvera sido o juiz supremo, e executou-o como se Luiz XVI não fôra mais do que um principio. Foi esta franquesa e esta audacia que seduziram depois tantos espiritos, e fizeram esquecer aos admiradores de Robespierre que neste principio havia um rei, que neste rei havia um homem, e que neste homem havia a vida, a vida que a sociedade não arrebata a ninguem pelo crime da situação, e unicamente pelo crime da sua mão e da sua vontade.

« Arrastam-vos para fóra da questão: aqui não ha processo, disse elle. Luiz não é accusado, vós não sois juizes; vós não tendes nenhuma sentença a dar pró ou contra um homem, e sim uma medida de salvação publica a tomar, um acto de providencia nacional a exercer (applausos). Qual é o partido que a sã politica prescreve para cimentar a republica nascente? E' gravar profundamente nos corações o despreso da realesa, e ferir de assombro todos os partidistas do rei. Portanto, apresentar ao universo o seu crime como um problema, a sua causa como um objecto de discussão a mais imponente, a mais religiosa que nunca existiu, pôr immensuravel distancia entre a recordação do que foi e o titulo do cidadão, é precisamente achar o meio de o tornar mais perigoso á liberdade. Luiz XVI foi rei, e a republica está fundada. A questão famosa que vos occupa está cortada só por esta frase. Luiz está desthronado pelos crimes, conspirou contra a republica; está condemnado; ou a republica não está absolvida (applausos). Propôr o processo de Luiz XVI é pôr em litigio a revolução. Se elle póde ser julgado, póde ser absolvido: se póde ser absolvido, póde ser innocente. Mas se elle é innocente, que fica sendo a revolução? Se elle é innocente, que somos nós senão os seus calumniadores! Os manifestos das côrtes estrangeiras contra nós são justos: a sua prisão mesmo é uma sevicia; os federados, o povo de Pariz, todos os patriotas do imperio francez são culpados; e o grande processo ante o tribunal da naturesa, depois de tantos seculos, entre o crime e a virtude, entre a liberdade e a tyrannia, está por fim decidido entre o crime e o despotismo.

« Cidadãos, acautelai-vos, estais enganados aqui por falsas noções. Os movimentos magestosos d'um grande povo os sublimes arrojos da virtude apresentam-se a nós como irrupções d'um vulcão e destruição da sociedade politica. Quando uma nação é forçada ao direito da insurreição, entra no estado de naturesa para com o tyranno. Como poderia por tanto este invocar o pacto social? Elle anniquillou-o! Quaes são as leis que o substituem? As da naturesa: a salvação do povo. O direito de punir o tyranno e de o desthronisar, é a mesma cousa; um não carece mais de formulas que o outro. O processo do tyranno, é a insurreição; seu julgamento é a queda do seu poder; seu castigo, aquelle que a liberdade do povo exige. Os povos lançam o raio, eis o seu decreto; não condemnam os reis supprimem-os; immergem-os em o nada! Em que republica se fez litigiosa a necessidade de punir os reis? Tarquinio foi chamado a juiso? Que se diria em Roma se os cidadãos se declarassem seus defensóres? E nós, nós chamâmos advogados para defenderem a causa de Luiz XVI! Poderemos bem, um dia, votar-lhes corôas civicas! porque se elles defendem uma causa, poderão esperar faze-la triumphar; d'outro modo, não apresentariamos ao universo senão uma ridicula comedia de justiça (applausos). E ousâmos fallar de republica! Ah! somos tão ternos para com os oppressores porque somos sem entranhas para com os opprimidos! Que republica é esta que os seus fundadores põe em litigio, e á qual elles mesmo suscitam adversarios para ousarem ataca-la no seu berço! Ha dous mezes apenas poder-se-hia suspeitar que se fallaria aqui da inviolabilidade dos reis? E hoje, um membro da convenção nacional, o cidadão Pethion, apresenta-vos esta idéa como objecto d'uma deliberação! Oh crime! oh vergonha! a tribuna do povo francez ressoou com o panegyrico de Luiz XVI! Luiz combate ainda contra nós do fundo da sua prisão, e vós perguntais se elle é culpado, se acaso deve ser tratado como inimigo! Permittireis que se invoque em seu favor a constituição? Se assim é, a constituição condemna vos: prohibia-vos destrui-lo! Vamos pois todos aos pés do tyranno implorar o seu perdão e a sua clemencia!...

« Porém, nova difficuldade eis surge: a que pena o condemnaremos? A pena de morte é mui cruel, diz este. Não, diz outro, a vida é mais cruel ainda: e preciso condemnal-o a viver. Advogados! é por compaixão ou por crueldade que quereis subtrahil-o á pena dos seus crimes? Pelo que me respeita, aborreço a pena de morte; não sinto por Luiz nem amor, nem odio; só aborreço os seus crimes. Pedi a abolição da pena de morte na assembléa constituinte e não foi culpa minha se os primeiros principios da razão parecêram heresias moraes e judiciarias. Porém, que nunca vos lembrasteis de reclamar esta abolição do supplicio em favor dos infelizes, cujos delictos são individuaes e perdoaveis, porque fatalidade recordais agora a vossa humanidade para pleitear a causa do maior de todos os criminosos? Pedís uma excepção á pena de morte para aquelle só que era o unico que a podia legitimar?.. Um rei desenthronisado no seio de uma revolução ainda não cimentada! Um rei cujo nome só attrahe sobre a nação a guerra estrangeira! Nem a prisão, nem o exilio podem desculpar a sua existencia. Com bastante pezar eu pronuncio esta cruel verdade: Luiz deve morrer antes que cem mil cidadãos virtuosos! Luiz deve morrer, porque é preciso que a patria viva! »

XVI. — O discurso de Robespierre, interrompido por sinistros applausos, cahiu sobre a opinião como um peso de ferro na balança. A eloquencia e ousadia do sofisma espantaram e curvaram as convicções. Conheceu-se altivo e de ser implacavel como a necessidade, e omnipotente com a natureza. Collocou se a nação no logar da Providencia, e julgou-se authorisado a publicar decretos em seu nome. Enganaram-se: o direito das nações não se compõe senão da reunião de todos os direitos que cada um dos membros da nação encerra em si mesmo: ora nenhum homem encerra em si o direito de immolar outro homem, senão n'um combate, ou n'uma sentença.

Robespierre, nos seus magestosos axiomas não só collocava o rei fóra da lei, mas também o punha fóra da natureza e nesta invocação magnifica, mas erronea do direito natural, o eloquente sofysta não via, sem duvida, que dava a todo o cidadão a faculdade de se armar da espada, e feril-o a elle proprio, desarmado e não julgado, pelo direito da sua doutrina ou da sua colera. Confundia a insurreição com o assassinio, o direito de combater, com o direito de immolar.

XVII. — Buzot, n'uma das sessões que se seguiram a este discurso, propoz a pena de morte contra quem projectasse restabellecer a realeza sob qualquer forma que fosse. A allusão feita por estas palavras ao projecto de Robespierre e dos jacobinos sublevou um violento tumulto. Este tumulto apasiguou-se, como sempre, lançando sobre o rei unicamente o furor de todos os partidos. Buzot pediu que o rei fosse primeiramente ouvido, por mais que não fosse senão para conhecer os seus cumplices. Seu gesto e surriso indicavam Robespierre e Danton.

Ruhl fez a leitura do seu relatorio sobre os papeis entrados no armario de ferro. Um dos documentos desta correspondencia continha uma consulta secreta do rei aos bispos de França, perguntando-lhes se podia usar dos sacramentos nas solemnidades commemoratorias da morte e ressurreição de Christo «Acceitei, lhes dizia elle, a a funesta constituição civil do clero. Olhei sempre esta acceitação como culpada, firmemente resolvido se chegasse tempo de recobrar meu poder, a restabellecer o culto catholico.» Os bispos responderam-lhe com uma severa admoestação, e lançando-lhe interdicto das praticas santas até elle se lavar, com muitas reparações meritorias do crime de ter concorrido para a revolução. Pediu-se as cinzas de Mirabeau, convencido de venalidade por estes documentos, fossem retiradas do Pantheon. «Ponde, se quizerdes, a sua memoria em arestação disse Manuel, porém não a condemneis sem o ouvir.» Camillo Desmoulins interpellou Pethion, e intimou-o a declarar o motivo porque, sendo maire de Pariz, não assistiu ao enterro de Mirabeau. «Estive sempre convencido, respondeu Pethion, que Mirabeau juntava a grandes talentos profunda immoralidade. Acredito que quando La Fayete enganava o povo, Mirabeau tinha relações culpadas com a côrte Acredito que elle recebeu a quantia de quarenta e oito mil libras. Mas alguns indicios e persuação que tenho destes factos, não são provas. Viu-se um plano de Mirabeau para fazer retirar o rei para Rouen, E' certo que elle ia muitas vezes a Saint Cloud e que tinha ahi conferencias secretas. Foi por este motivo que eu não assisti ás honras que se fizeram no seu sahimento.»

XVIII. — No entanto o povo, agitado pelo medo da invasão, impacientava-se da lentidão da assembléa, reunia-se em grupos ás suas portas, e declarava que o trigo não appareceria no mercado, e a victoria nas fronteiras senão depois que a morte de Luiz XVI houvesse espiado seus crimes, e tirado a esperança aos monopolistas e aos conspiradores. Os ajuntamentos tumultuosos dirigiram-se ás immediações do Templo, e ameaçaram forçar a prisão para arrancar della os prisioneiros. Estas agitações serviam de pretexto ao partido de Robespierre para pedir o decreto sem julgamento e a morte immediata.

A convenção nomeou vinte e um membros para redigirem as perguntas que se deviam fazer a Luiz XVI e o seu acto de accusação. Decidiu além disto que o rei fosse apresentado á sua barra para ouvir a leitura desta accusação: que tivesse dois dias para responder, e que no dia immediato áquelle em que tivesse comparecido e respondido, se pronunciaria a sua sorte por votação nominal de todos os membros presentes.

Marat, lançando-se na tribuna depois da leitura deste decreto, denunciou Roland e os seus amigos de esfomearem systematicamente o povo para o impelirem a excessos; depois voltando-se inopinadamente para Robespierre e Saint-Just: «Procura-se, disse elle, arremessar os patriotas em medidas inconsideradas pedindo que votemos por acclamação a morte do tyranno. Pois bem! instigar-vos a um grande socego E' com prudencia que se deve sentenciar? (A assembléa espanta-se, os deputados olham-se reciprocamente, e parecem duvidar do que ouvem). Marat, elevando mais alto a voz, continuou com gravidade: «Sim, não preparemos aos inimigos da liberdade o pretexto das calumnias atrozes que fariam chover sobre nós, se nos abandonar-mos, a respeito de Luiz XVI, só ao sentimento da nossa força e da nossa colera. Para conhecer os traidores, porque os ha nesta assembléa — (muitas vozes: indicai-os), para conhecer os traidores com certeza, proponho-vos um meio infallivel, é que o voto de todos os deputados relativamente á sorte do tyranno seja publicado!» os applausos das tribunas seguem a Marat até ao seu banco.

XIX. — Chabot, depois de Marat, por denuncia d'um chamado Achilles Viard, aventureiro que buscava importancia nas relações equivocas com todos os partidos, accusou os girondinos e especialmente a senhora Roland de se intender com Narbonne, Malouet, e outros constitucionaes refugiados em Londres, para salvar o rei, e para intimidar a convenção com um ajuntamento de dez mil republicanos moderados que não queriam a morte do tyrano. Esta conspiração imaginaria, sonhada por Chabot, Bazire, Merlin e alguns outros membros exaltados do comité de vigilancia da convenção, occasionou uma scena de invectivas entre os dois partidos, na qual as palavras, os gestos, os olhares enveliceram a dignidade dos representantes da republica ao nivel do mais abjecto tumulto.

Desde este dia a linguagem mudou os costumes. Tomou a rudez e a trivialidade, esta corrupção do povo, em vez da effeminação e affectação, esta corrupção das côrtes. A colera dos dois partidos apanhou, para mutuamente se ultrajarem, os termos ignobeis empregados pela populaça. O pugilato havia substituido a espada. O proximo cadafalso pressentia-se já nas ameaças dos oradores. O sangue de setembro salpicava as discussões. «São imbecis, velhacos, infames!» exclamou Marat, apontando com o dedo a Grangeneuve e aos seus amigos — «Antes de tudo te pergunto, replica Grangeneuve, qual é a prova que tens da minha infamia!» As tribunas tomam o partido de Marat, e levantam-se cobrindo os girondinos de imprecações. «Olhai para o lado direito, disse Montaut, e vêde se Ramond e Cazalés não estão ainda alli — Comprometto-me a provar, replica Louvet, que Catilina está do vosso lado. — Os homens puros não receiam a luz, replica Marat. — Não se occultam nos subterraneos,» grita-lhe Boileau. Decidiu se que dois commissarios acompanhassem Marat á sua habitação para se certificarem que elle não alteraria os documentos, base da sua denuncia. Escolhem-se para esta missão Tallien, amigo de Marat, e Buzot seu inimigo. «Não acredito, diz Buzot com um gesto e accento de despreso, que a convenção tenha direito de me ordenar que vá a casa de Marat.

XX — No meio destes tumultos e mutuos ultrajes, a sr.ª Roland, chamada pela convenção para ser confrontada com o seu accusador Viard, compareceu á barra.

O aspecto de uma mulher moça, bella, chefe de partido, reunindo em si as seducções da naturesa ao prestigio do genio, ao mesmo tempo envergonhada e altiva do papel que a sua importancia na republica lhe faz representar, inspira silencio, decencia, e admiração na assembléa. A sr.ª Roland explica-se com a simplicidade e modestia d'uma accusada certa da sua innocencia, e que desdenha confundir o seu accusador com outra cousa que não seja senão o esplendor da verdade. Sua voz commovida e sonora treme no meio do silencio attento e favoravel da assembléa. Esta voz de mulher, que pela primeira vez succede aos roucos clamores de homens irritados, e que parece trazer uma nova nota aos accentos da tribuna, accrescenta um encanto de mais á eloquencia graciosa das suas expressões. Viard, convencido de impudencia, calla-se. Os applausos absolvem e vingam a sr.ª Roland. Sae no meio dos signaes de respeito e enthusiasmo da convenção. Todos os membros se levantam e inclinam á sua passagem. Leva em sua alma, e mostra involuntariamente na sua actitude a alegria secreta de ter apparecido no meio do senado da sua patria, ter atrahido um momento os olhos da França, vin-

gado os seus amigos, e confundido seus inimigos. «Vêde este triumpho!» dizia Marat a Camillo Desmoulins que se sentava na salla ao pé delle; «estas galerias que ficam frias, este povo que se calla, são mais sabios que nós.» O proprio Robespierre despresou a ridicula conspiração sonhada por Chabot, e sorriu-se pela derradeira vez á bellesa e á innocencia da sr.ª Roland.

XXI — Os girondinos quizeram a seu turno fazer uma diversão ao processo do rei, e lançar um desafio aos jacobinos propondo a expulsão do territorio de todos os membros da casa de Bourbon, e especialmente do duque de Orleans. Buzot encarregou-se de propor este ostracismo: «Cidadãos disse elle, o throno está destruido, o tyrano não existirá, mas o despotismo vive ainda. Como esses romanos que, depois de terem expulso Tarquinio, juraram nunca soffrer reis na sua cidade, deveis, para segurança da republica banir a familia de Luiz XVI Se alguma excepção podesse ser feita esta sem duvida não poderia ser em favor do ramo de Orleans. Desde o começo da revolução d'Orleans attrahiu as vistas do povo. O seu busto, passado por Pariz no mesmo dia da insurreição, apresenta-a um novo idolo. Bem depressa elle foi accusado de projectos de usurpação e, se verdade é que não os concebeu, ao menos parece que existiram, e que foram cobertos com o seu nome. Uma fortuna immensa, relações intimas com a Inglaterra, o nome de Bourbon para as potencias estrangeiras, o nome de *Egalité* (Igualdade) para os francezes; filhos cuja juvenil e fervente coragem póde facilmente ser seduzida pela ambição; tudo isto é muito para Filippe poder existir em França sem assustar a liberdade. Se elle a ama, se a tem servido, que complete o seu sacrificio e nos livre da presença d'um descendente dos prisioneiros. Peço que Filippe, e seus filhos e sua mulher, e sua filha levem para qualquer parte, que não seja a republica, a desgraça de terem nascido tão perto do throno; de terem conhecido suas maximas e recebido seus exemplos; e de usarem um nome que póde servir de reunião a facciosos, e com o qual se não deve ferir os ouvidos de homens livres.»

Esta proposta, apoiada por Louvet, combatida por Chabot, adoptada por Lanjuinais, suspeita a Robespierre, agitou por alguns dias a convenção e os jacobinos, e foi addiada no que dizia respeito a Orleans, para depois do processo do rei. O fim dos girondinos fazendo esta proposta, era duplo: queriam, por uma parte, accreditar se no partido violento lisongeando a paixão do povo e mesmo a sua ingratidão, por um ostracismo mais severo e mais completo que o proprio ostracismo do rei: queriam, por outra parte, lançar sobr Robespierre, sobre Danton, e sobre Marat, a suspeita d'uma secreta connivencia com a realesa futura do duque de Orleans. Se estes demagogos defendem o duque de Orleans, diziam elles, passarão por cumplices seus; se o abandonam, teremos na convenção o seu voto, a sua pessoa, a sua fortuna, e a sua facção de menos contra nós. Pethion, Roland, e Vergniaud pareciam ainda ter tido outro pensamento: o de intimidar os jacobinos sobre a sorte do duque de Orleans, e fazer do seu exilio um objecto de negociação com Robespierre para se obter em troca a concessão do apêlo ao povo, e da vida do rei.

XXII — Porém estas impotentes diversões transviavam, sem suspender, a paixão publica, que se voltava sempre para o Templo. No entanto que os commissarios nomeados pela convenção desempenhavam cerca do rei a missão de que o decreto os havia encarregado, Robert Lindet, deputado de l'Eure, uma destas mãos que redigem com impassibilidade e sangue frio o que as paixões inspiram aos corpos politicos, leu segundo acto de accusação. Estando o processo decidido, disputava-se já sobre a medida de *apêlo ao povo*. Os girondinos presistiam em pedir esta revisão do julgamento depois do processo. Estavam sustentados nesta opinião por todos os membros da convenção, que sem pertencerem a nenhum daquelles dois partidos que se combatiam, queriam recusar á vingança cruel da republica um sangue que elles não se julgavam com direito de espalhar, e de que a republica não tinha sêde. Seus discursos acolhidos, no entanto que elles os pronunciavam, com sarcasmos e gestos ameaçadores das tribunas, perdiam-se no clamor geral, mas deviam encontrar mais tarde um ecco honroso para o seu nome na consciencia já mais resfriada do povo. Esperar é a unica vingança da verdade.

XXIII — Buzot, votando a morte por pena dos crimes de Luiz XVI, reservou tambem o apêlo ao povo. «Estais collocados entre dois perigos, bem o sei, disse elle a seus collegas; se recusais o apêlo ao povo, tereis um movimento dos departamentos contra a execução do vosso julgamento: se concedeis o apêlo ao povo, tereis um movimento em Pariz, e os assassinos tentarão degolar sem vós a victima. Mas porque os scelerados pódem assassinar Luiz XVI, não é isto uma rasão para nos encarregarmos do peso de seu crime. Quanto aos ultrajes de que poderiamos ser victimas neste caso, embora eu seja a primeira victima dos assassinos, nem por isso menos coragem terei em dizer a verdade, e ao menos, morrendo, terei a consoladora esperança de que a minha morte será vingada Homens justos! dai a vossa opinião em consciencia a respeito de Luiz, e satisfazei assim aos vossos deveres!»

Robespierre, n'um segundo discurso, accusou os girondinos de quererem perpetuar o perigo da patria perpetuando um processo que elles queriam fazer julgar por quarenta e oito mil tribunaes Depois deixando a questão em si para agarrar corpo a corpo os seus inimigos e revirar contra elles a indulgencia que mostravam pelo tyranno: «Cidadãos! exclamou elle, concluindo, disse uma grande verdade aquelle que vos disia homem que caminhaveis á dissolução da assembléa pela calumnia. Careceis de outras provas alem desta discussão! Não é evidente que menos é a Luiz XVI do que aos mais ardentes defensores da liberdade que se faz o processo. E' contra a tyrannia de Luiz XVI que se sublevam? Não; é contra a pretendida tyrannia d'um pequeno numero de patriotas opprimidos. São as conspirações da aristocracia o que se aponta? Não, é ao que chamam dictadura de não sei quaes deputados do povo que estam promptos a affectar a tyrannia. Pretende-se conservar o tyranno para o oppôr a patriotas sem poder. Perfidos! dispoem da omnipotencia publica, de todos os thesouros do Estado, e accusam-nos de despotismo! Não ha uma choupana em a republica onde elles não nos tenham difamado! Esgotam o thesouro publico para propagarem suas calumnias! Violam o segredo das cartas para interceptarem todas as correspondencias patrioticas! E gritam calumnia! Sim, de certo, cidadãos, existe um projecto de aviltar e talvez dissolver a convenção por occasião deste processo. Existe este projecto não no povo, não naquelles que assim como nós, hão sacrificado tudo á liberdade, porem n'uma vintena de intrigantes que fasem mover todas estas mollas, que conservam em silencio, que se absteem de enunciar suas opiniões sobre o ultimo rei; e cuja surda e perniciosa actividade produz todas as desordens que nos agitam Porem consolemo-nos! a virtude foi sempre em minoria sobre a terra... » (A Montanha levanta-se com enthusiasmo, e os aplausos das tribunas interrompêm por muito tempo a Robespierre). — « A virtude foi sempre em minoria sobre a terra... E sem isso a terra seria povoada de escravos e tyrannos! Hampden e Sidney eram da minoria, porque expiraram sobre o cadafalso. Os Cesares e os Clodios eram da maioria. Mas Socrates era da minoria porque bebeu cicuta. Catão era da minoria porque despedaçou as suas entranhas! Tenho conhecido muitos homens aqui que serviram a liberdade ao modo de Hampden e Sidney. » (Aplausos nas tribunas) — « Povo, continua Robespierre, poupemo-nos, ao menos esta especie de desgraça, guarda os teus aplausos para o dia em que tivermos feito uma lei util á humanidade! Não vês que aplaudindo-nos dás aos nossos inimigos pretextos de calumnia contra a tua causa sagrada que defendemos? Ah! foje antes o espectaculo dos nossos debates! Deixa-te ficar nas tuas officinas. Longe de teus olhos nem por isso menos combateremos por ti! E quando o ultimo dos teus defensores tiver perecido, então vinga-os, se quizerdes, e encarrega-te de por ti mesmo fazer triumphar

a tua causa!... Cidadãos, quaesquer que vós sejais, velai em roda do Templo! Sustei, se for necessario, a perfida malevolencia! confundi estas conspirações dos vossos inimigos. Fatal deposito! continuou elle com um gesto desesperado, não era sufficiente que o despotismo tivesse pesado tanto tempo sobre esta terra! E' ainda preciso que mesmo a sua guarda seja ainda para nós uma calamidade! »

Robespierre calou-se deixando nos espiritos a derradeira frase que tinha lançado, e a impaciencia de terminar com a morte prompta uma situação que pesava sobre a republica.

XXIV. — Vergniaud, cujo silencio mui claramente Robespierre accusava, Vergniaud fluctuava entre o receio de tornar irreconciliaveis as dissenções e o horror que experimentava em immolar a sangue frio um rei que elle tinha abatido; este orador não entregava nada a emoção, nada á ambição, nada ao medo. Tinha em si esta potencia do genio que se eleva até á imparcialidade; via tudo sob o ponto de vista da posteridade. Cedeu emfim aos rogos dos seus amigos, á urgencia do proximo supplicio, ao grito da sensibilidade, e pediu a palavra. A attenção publica preparava-lhe os espiritos. As tribunas, ainda que vendidas a Robespierre sentiam ao menos uma especie de sensualidade involuntaria á voz do seu rival. Pariz palpitava de impaciencia por ouvir Vergniaud. Em quanto Vergniaud não havia fallado, conhecia-se que as grandes couzas ainda não tinham sido ditas.

Depois de demonstrar que o poder da convenção não era senão uma delegação do poder do povo; que se a ratificação tacita da nação sanccionava os actos secundarios do governo e da administração, não era assim relativamente aos grandes actos constitucionaes, para os quaes o povo reservava o exercicio directo da sua soberania; depois de ter provado que a condemnação ou soltura, o supplicio ou a graça do chefe do antigo governo, era um desses actos essenciaes de soberania que a nação não podia alienar; em fim, depois de ter feito sobresair ao pouco valor das objecções que se oppunham ás assembleas primarias, ás quaes seria deferido o appêlo ao povo; o orador girondino voltou-se com toda a força da sua dialectica e da sua paixão para Robespierre.

« Dizem-vos que a intriga salvará o rei, porque a virtude está sempre em minoria sobre a terra. Porem Catilina foi uma minoria no senado romano; e se esta minoria insolente prevalecesse, acabar-se-ia em Roma, com o senado, e com a liberdade. Porem na assemblea constituinte Cazalés e Massy foram tambem uma minoria; e se essa minoria, metade aristocratica, metade sacerdotal, tivesse conseguido abafar a maioria, acabar-se-hia com a revolução, e vós rastejarieis hoje aos pés desse rei que não conserva da sua grandeza passada mais do que o remorso de ter abusado. Porem os reis estão em minoria na terra, e para encadear os povos disem elles, como vós, que a virtude está em minoria. Assim no pensamento daquelles que emittem esta opinião, não ha na republica verdadeiramente puros, verdadeiramente virtuosos, verdadeiramente dedicados ao povo senão elles mesmos, e talvez uma centena de amigos seus que te ão a generosidade de associar á sua gloria.

Assim, para ell s poderem fundar um governo digno dos principios que professavam, seria myster banir do territorio francez todas essas familias cuja corrupção é tão profunda, mudar a França n'um vasto deserto, e para a sua mais prompta regeneração e maior gloria, entregal-a ás suas sublimes concepções. Tem-se conhecido como facil seria dissipar todos esses fantasmas com que pertendem assustar-nos. Para atenuar de antemão a força das respostas que se previam, recorreu-se ao mais vil, e ao mais cobarde dos meios: a calumnia. Assimiliam nos aos Lameth, La Fayette, a todos esses cortesãos do throno que ajudamos a destruir. Accusam nos. De certo que não me admiro; ha homens dos ques cada respiração é uma impostura, assim como é proprio da natureza das serpentes não existirem senão para destillar veneno. Accusam-nos, denunciam-nos como se fazia em 2 de setembro, ao ferro dos assassinos; mas nós sabemos que Tiberius Gracchus murreu pelas mãos de um povo desvairado, ao qual elle constantemente defendêra. A sua sorte não tem nada que nos espante, todo o nosso sangue pertence ao povo! Derramando-o por elle, não teremos senão um pesar; é de não ter mais para lhe offerecer.

« Accusam-nos de querer-mos accender a guerra civil nos departamentos, ou pelo menos de provocar desordens em Pariz, sustentando uma opinião que desagrada a certos amigos da liberdade. Mas porque motivo uma opinião excita desordens em Pariz? Porque estes amigos da liberdade ameaçam de morte os cidadãos que teem a desgraça de não raciocinar com elles. Será assim que provar-nos querem que a convenção nacional é livre? Haverá des rdens em Pariz, e sois vós que as annunciais. Admiro a sagacidade de tal prophecia! Não vos parece com effeito, cidadãos, mui difficil prediser o incendio de uma casa, excepto se é a pessoa que leva comsigo o facho que a deve incendiar?

« Sim, querem a guerra civil, esses homens que do assassinio fasem um principio, e que ao mesmo tempo designam como amigos da tyrannia as victimas que seu odio deseja immolar. Querem a guerra civil, os homens que chamam os punhaes contra os representantes da nação, e a insurreição contra as leis. Querem a guerra civil os homens que pedem a dissolução do governo, o aniquilamento da convenção: aquelles que proclamam traidor todo o homem que não está á altura do roubo e do assassinio. Entendo-vos: vós quereis reinar. Vossa ambição era mais modesta no dia do *Champs-de-Mars* (Campo de Marte). Redigieis então, fasieis assignar uma petição que tinha por objecto consultar o povo sobre a sorte do rei reconduzido de Varennes. Não nos custava nada então reconhecer a soberania do povo. Seria porque então ella favorecia as vossas vistas secretas, e hoje as contraria? Não existe para vós outra soberania senão a das vossas paixões? Insensatos! haveis podido lisongear-vos de que a França quebrasse o sceptro dos reis para curvar a cabeça sobre um jugo tão aviltante?...

« Sei que nas revoluções se está redusido a cobrir com um véo a estatua da lei que protege as tyrannias que se quer velar. Quando velardes aquella que consagra a soberania do povo, começareis uma revolução em proveito dos seus tyrannos. Era preciso coragem no 10 de agosto para atacar Luiz na sua omnipotencia! e será preciso tanta para enviar ao supplicio Luiz vencido e desarmado? Um soldado cimbro entra na prisão de Mario para o degolar; assustado ao aspecto da sua victima, foge sem ousar feril-o. Se este soldado fora membro de um senado, pensais que teria hesitado em votar a morte do tyranno? Que coragem achais vos em faser um acto de que um covarde seria capaz (immensos applausos)?

« Amo muito a gloria do meu paiz para propor á convenção deixar-se influenciar n'uma occasião tão solemne pela consideração do que farão, ou deixarão de fazer as potencias estrangeiras. No entanto á força de ouvir dizer que obramos neste julgamento como poder politico, pensei que não seria contrario nem á vossa dignidade, nem á rasão, fallar um instante politica. Seja que Luiz viva, seja que elle morra, é possivel que a Inglaterra e a Hespanha se declarem nossos inimigos; mas se a condemnação de Luiz XVI não é a causa desta declaração de guerra, é certo ao menos que a sua morte seria o pretexto. Vencereis acredito, estes novos inimigos, bem o creio; a coragem dos nossos soldados e a justiça da nossa causa garantes disso me são. Mas que reconhecimento vos deverá a patria por ter feito correr mais ondas de sangue sobre o continente e sobre os mares, e haverdes exercido em seu nome um acto de vingança causa então de tamanhas calamidades? Ousareis vos louvar-lhe vossas victorias, porque eu afasto o pensamento de desastres e reveses; mas pelo curso dos acontecimentos, mesmo os mais prosperos, a patria será esgotada pelos seus triumphos Tremei de que no meio dos seus triumphos a França não se assimelhe, a esses monumentos famosos que no Egypto venceram no tempo. O estrangeiro que passa admira se da sua grandeza,

se quer penetrar nelles, que achará? Cinzas inanimadas e o silencio dos tumulos. Cidadãos, aquelle dentre nós que cedesse a temores pessoaes seria um covarde; porem os receios pela patria honram o coração. Expuz-vos parte dos meios; tenho ainda outros; diservol-os.

« Quando Cromwell quiz preparar a dissolução do partido, ajudado do qual distruiu o throno, e fez subir Carlos I ao cadafalso, apresentou no parlamento, que elle queria arruinar, propostas insidiosas que elle bem sabia dever revoltar a nação, mas que teve cuidado de fazer apoiar pelos aplausos comprados e grandes clamores. O parlamento cedeu; bem depressa a fermentação se tornou geral, e Cromwell quebrou sem esforço o instrumento de que se servira para chegar ao supremo poder.

« Não ouvides vos todos os dias, neste recinto, e fora delle, homens gritarem com furor: — Se o pão está caro, a causa está no Templo; se o numerario é escasso, se os nossos exercitos estão mal fornecidos, a causa está no Templo; se todos os dias soffremos o espectaculo da desordem e da miseria publica, a causa está no Templo! — Aquelles que fallam assim todavia bem sabem que a carestia do pão, a falta de circulação de subsistencias, a desapparição do metal, a delapidação dos recursos dos nossos exercitos, a nudez do povo e dos nossos soldados diversa causa tem. Quaes são portanto os seus projectos? Quem me garantirá de que esses mesmos homens não gritem, depois da morte de Luiz, com violencia ainda maior: Se o pão está caro, se o numerario é escasso, se os nossos exercitos estão mal providos, se as calamidades da guerra se augmentaram pela declaração da Inglaterra e da Hespanho, a causa está na convenção, que provocou estas medidas pela condemnação precipitada de Luiz? Quem me garantirá que, nesta nova tempestade donde se verá sair dos seus covis os assassinos do 2 de setembro, se vos não apresentará, todo coberto de sangue e como um libertador, esse defensor, esse chefe que se disse ser tão necessario? Um chefe! ah! se tal fosse sua audacia, elles não appareceriam senão para serem no mesmo instante atravessados de mil golpes. Porem a que horrores não ficaria entregue Pariz: Pariz, cuja posteridade admirará a coragem heroica contra os reis, e não conceberá o ignominioso avassallamento a um punhado de bandidos, refugo da especie humana, que se agitam no seu seio, e o dilaceram em todos os sentidos pelos movimentos convulsivos de sua ambição e furor! Quem poderia habitar uma cidade, onde a desolação e a morte reinassem! E vós, cidadãos industriosos, cujo trabalho faz a riqueza toda, e a quem os meios de trabalho seriam destraidos, que virieis a ser! quaes seriam os vossos recursos? que mãos levariam soccorro a vossas desoladas familias? Hireis vós buscar esses falsos amigos, esses perfidos lisongeiros que vos precipitariam no abismo? Ah! fugi delles, temei sua resposta; eu vol-a repitirei por elles: — Hide aos regos da terra disputar-lhe alguns restos ensanguentados das victimas que nós temos degolado. Ou, querereis vós acaso sangue? Tomai-o; eil-o aqui. Sangue e cadaveres; não temos outro nutrimento a offerecer-vos... — Tremeis, cidadãos! oh! minha patria! peço-te que te salveis desta deploravel crise!

« Porem não! tais dias de lucto nunca hão de raiar sobre nós. Estes assassinos são covardes. Os nossos pequenos Marios covardes são. Sabem, que se ousassem tentar a execução das suas conspirações contra a segurança da convenção, Pariz sahiria do seu turpor; todos os departamentos se reuniriam em Pariz para lhes fazer expiar os crimes com que já demasiadamente tem manchado a mais memoravel revolução. Bem o sabem elles, e sua covardia salvará a republica do seu odio. Estou certo, ao menos, de que a liberdade não está no poder delles; que, salpicada de sangue, porem victoriosa, achará um imperio, e defensores invenciveis nos departamentos. Porem a ruina de Pariz, a divisão em governos federativos, que tal seria o resultado, todas estas desordens mais provaveis do que as guerras civis com que nos ameaçam, acaso não merecem ser postas na balança em que pesais a vida de Luiz? Em todo o caso declaro, que qualquer que possa ser o decreto expedido pela convenção, olharei como traidor á patria quem se não sugeitar a elle. Se com effeito, vencer a opinião de consultar o povo, e os sediciosos, levantando-se contra este triumpho da soberania nacional, se declararem em estado de rebellião, eis o nosso posto: eis o campo onde esperareis os nossos inimigos sem empallidecer. »

Este discurso pareceu arrancar por um momento á convenção a vida de Luiz XVI.

Fauchet, Condorcet, Pethion, Brissot separaram, com a mesma generosidade, o homem do rei, a vingança da victoria; e fizeram alternativamente ouvir palavras dignas da liberdade. Porem, no dia seguinte a estes discursos, a liberda e não escutara mais do que os seus terrores e os seus ressentimentos. Os mais sublimes discursos somente echoavam na consciencia de alguns homens socegados. A multidão suffocava a rasão. Voltemos ao Templo.

LIVRO XXXIV.

I. — O rei habituava-se ao captiveiro. Sua alma feita para o repouso e para o silencio, recolhia-se ao abrigo destes muros, fortificava-se na meditação, libertava-se na oração, e consolava-se, pelas expansões de todas as horas com os unicos entes que sempre amára, neste pequeno circulo de ternuras que a prisão encerrava em torno a elle. Esquecendo facilmente as grandezas, cujo peso o opprimira, Luiz XVI só formava um voto: o de ser esquecido nesta torre até que a invasão estrangeira, ou o sangue frio voltando ao povo pelas victorias da republica, ou pelas inconstantes vicissitudes de uma revolução, lhe dessem, nao o throno, porém a obscuridade de um exilio mais doce, e a liberdade da sua familia. A menos rigidez na sua prisão, o accento de compaixão, e a phisiomia menos irritada dos seus guardas, entertinham nelle havia algum tempo este relampago de esperança. Acreditava reconhecer nestes symptomas que a colera ia-se apasiguando lá fora. Apasiguava-se com effeito, mas era pela proxima satisfação della, e de que já tinha a certeza. Não valia já a pena de aborrecer uma victima, que tão prestes tinha de ser immolada.

II. — Em 11 de outubro, no entanto que a familia real almoçava, ouviram-se em roda do Templo sussurros desusados O toque dos tambores, o relinchar de cavallos, os passos de numerosos batalhões sobre as lageas do pateo espantavam e perturbavam os presos. Interrogaram por muito tempo os commissarios que assistiam á comida, sem obterem resposta. Finalmente annunciou-se ao rei que o maire de Pariz e o procurador da communa viriam aquella manhã buscal o para o conduzir á barra na convenção, a fim de ser ahi interrogado, e que aquellas tropas eram o seu cortejo. Notificaram-lhe ao mesmo tempo a ordem de subir ao seu quarto e separar-se novamente de seu filho. D'alli por diante devia ser privado desta consolação, assim como de communicar com a sua familia, até ao dia do seu julgamento.

Se bem que no pensamento dos presos esta separação somente seria momentanea, não teve effeito com tudo sem dilaceramento e lagrimas. O leito do infante foi transportado para o quarto de sua mãi. O rei enterneceu-se ao abraçar sua familia, e voltando-se, com os olhos cheios de lagrimas, para os commissarios: Quel srs., lhes disse, arrancar-me até meu filho, uma creança do sete annos! — A communa pensou, respondeu um dos municipaes, que devendo vos estar em segredo em quanto durar o vosso processo, seria necessario ou que elle ficasse tambem encerrado comvosco, ou então com sua mãi, e por isso impoz a privação áquelle que pelo seu sexo e coragem era de suppôr fosse mais forte e capaz de a supportar. »

O rei callou-se, passeou por muito tempo no seu quarto, com os braços crusados, e a cabeça baixa; depois arremeçando-se sobre uma cadeira que estava junto ao leito, ahi ficou em silencio, com a cabeça encostada ás mãos, durante as duas horas que precederam

a chegada da communa. Secretamente informado pelo zelo de Toulon dos virulentos discursos que a seu respeito haviam tido logar na convenção, Luiz XVI repassava pela memoria o seu reinado e preparava-se para responder aos juizes e perante a posteridade.

Pelo meio dia, Chambon, nomeado havia poucos dias maire de Pariz, e Chaumette, novo procurador syndico da communa, entraram na camara do rei, acompanhados de Santerre, de um grupo de officiaes da guarda nacional, e de municipaes cingidos com a banda tricolor. Chambon, successor de Bailly e de Pethion, era um medico instruido e humano, a quem mais a estima publica do que o favor revolucionario, havia elevado pela eleição da capital á primeira magistratura de Pariz. De opiniões moderadas, bom e humano de coração, acostumado pela sua profissão á commiseração para com todos os padecimentos da humanidade, executor obrigado de uma ordem que repugnava á sua sensibilidade, lia-se-lhe na physionomia e nos olhos o enternecimento do homem atravez a impassibilidade do magistrado. O rei não conhecia o novo maire. Examinou-o com esta curiosidade que procura advinhar a linguagem e os sentimentos no exterior e na actitude do homem de quem depende uma parte do nosso destino.

Chaumette, filho de um cordoeiro do Meiodia, alternativamente grumette, seminarista, copista em casa de um procurador, noviço n'um convento de frades, jornalista em Pariz, orador de Clubs, era um destes aventureiros de ideas e de condição aos quaes a fortuna e a natural inquietação delles balanceiam para as duas extremidades da ordem social, até que tenham sido elevados ao fastigio para os derrubar e despedaçar de mais alto. Sua phisionomia abjecta e insolente ao mesmo tempo, tinha o caracteristico de todas as situações por onde havia atravessado antes de chegar á segunda magistratura de Pariz. Não tinha o pudor da força em frente da fraqueza. Via-se nas suas feições, conhecia-se na sua voz, que estava altivo deste violento deslocamento das situações de que Chambon se envergonhava, e que triumphava interiormente, pensando no humilde estado de sua pai, em humilhar o rei ante o logista, e fallar como senhor a um rei cahido.

III. — Chambon, antes de fazer lêr ao rei, pelo secretario da communa, Colombeau, o decreto que citava *Luiz* á barra, fallou-lhe com a dignidade triste e o accento commovido conveniente em um magistrado que falla em nome do povo, mas que falla a um principe deposto. Colombeau leu o decreto em voz alta. A convenção para obliterar todos os titulos monarchicos e para recordar o rei, como um simples individuo ao unico nome primitivo da sua familia, chamava-lhe Luiz Capet. O rei mostrou-se mais sensivel a esta degradação do nome da sua raça do que á degradação de todos os outros seus titulos; teve um momento de indignação a esta palavra. «Srs. respondeu elle, Capet não é o meu nome: é o nome de um dos meus antepassados. Teria desejado que me deixassem meu filho ao menos durante as horas que hei passado a ouvir vos. De resto, este tratamento é a sequencia daquelles que soffro aqui ha quatro mezes. Quero seguir-vos, não para obedecer á convenção, mas porque os meus inimigos têem a força nas mãos.» Pediu a Clary uma sobrecasaca de côr parda, que vestiu por cima do fato; pegou no chapeo, e seguiu o maire que marchou adiante delle. Chegando á porta da torre o rei subiu á carroagem do maire. Os postigos iam corridos e permittiam que se visse o interior. A carroagem rodou lentamente pelos pateos: o ruido das rodas sobre a calçada ensinou á rainha e ás princezas que o rei tinha partido. As lamedas de chôpos interpostos entre a vista e o chão da torre impediam ás princesas seguirem com os olhos o cortejo. Seguiram-o portanto só com o ouvido e o coração. Ficaram de joelhos em frente da janella durante o tempo da ausencia do rei, com as mãos postas, a testa encostada á pedra, supplicando para elle a coragem, o sangue frio, e presença de espirito de que carecia no meio dos seus inimigos.

IV. — Pariz, neste dia, era um acampamento em armas; o aspecto das baionetas e da artilheria comprimia tudo, até a curiosidade! Parecia suspendido o movimento da vida. Todas as guardas estavam dobradas. A chamada fasia-se de hora em hora, para se certificar a presença dos guardas nacionaes. Um piquete de deduzentas baionetas vellava no pateo de cada uma das quarenta e oito secções. Uma reserva com artilheria estava acampada nas Tuilerias. Fortes patrulhas crusavam-se em todas as praças e em todas as ruas, soltando a voz do *quem vem lá*.

A escolta reunida desde manhã no Templo era um corpo inteiro do exercito, composto de cavallaria, infanteria, e artilheria. Um esquadrão de gendarmaria nacional a cavallo rompia a marcha á frente do cortejo. Tres peças de artilheria com os seus competentes caixões rodavam atraz daquelle. A carroagem onde o rei ía seguia apoz estas peças. Ia flanqueada por uma dupla columna de infanteria que marchava entre as rodas e as casas. Um regimento de cavallaria de linha formava a rectaguarda, seguido tambem de tres peças de artilheria. Cada um dos soldados que compunham naquelle dia a força armada de Pariz havia sido escolhido e designado pela communa, segundo as informações dos seus chefes. Os fusileiros levavam dezeseis cartuchos nas patronas. Promptos para o fogo, os esquadrões ou os batalhões da escolta marchavam a tal distancia uns dos outros, que ao primeiro signal de alarma tinham o espaço necessario para formarem em batalha. Os cidadãos que não tinham obrigação neste cortejo eram rudemente afastados das ruas e mandados para os seus trabalhos. As lamedas de arvores que cercam os boulevards, as portas e as janellas das casas regorgitavam cabeças. Todos os olhos buscavam o rei. Elle mesmo olhava para a multidão, quer fosse porque seus olhos, privados havia muito tempo da vista de homens reunidos, sentissem uma satisfação machinal em rever este movimento e esta vida, quer fosse porque elle procurasse na phisionomia deste povo algum signal de interesse ou de internecimento. A sua figura transtornada por tantos mezes de soffrimento e reclusão, feria o povo sem o enternecer. A sombra do Templo tinha impresso na sua tez essa livida côr que parece o reflexo das prisões. Sua barba, que lhe forçaram a deixar crescer depois que lhe tiraram todos os instrumentos costantes do seu estojo de barba, eriçava-se-lhe nas faces e labios em pellos louros, bastos, e entrelaços, tirando-lhe toda a expressão, e até mesmo a melancolia da sua boca. A vista que levava baixa fluctuava perdida e desvanecida sobre a multidão, como um olhar que busca debalde um rosto amigo para se firmar nelle. A grossura precoce do seu talhe, consummida ao fogo das suas inquietações e vigilias, havia se trocado em magreza. As faces descarnadas cahiam-lhe em pregas sobre o collete. Seu fato, n'outro tempo mui largo para a sua configuração, descahia-lhe das espaduas, e assimilhava-se a um fato emprestado lançado pela caridade publica sobre o corpo de um miseravel. Todo o seu aspecto parecia calculado pelo odio ou combinado pelo acaso, para apresentar aos olhos do povo alguma cousa de rude e repulsante, mais do que triste e enternecedor. Era o espectro da realesa condusido ao supplicio, vestido para deixar no trajecto o seu cunho e recordação na multidão.

V. — O cortejo seguiu o boulevard, a rua dos Capuchinhos (*Capucines*) e a praça Vendome, para se dirigir á praça da convenção. Profundo silencio reinava na multidão. Cada um parecia recolher ao peito a sua emoção e a sua respiração. Conhecia-se que uma grande hora do destino passava então por cima da França. O rei parecia mais impassivel do que o povo. Olhava e reconhecia todos os bairros, as ruas, os monumentos; designava-os em voz alta ao maire. Passando por diante das portas de Saint-Denis e Saint-Martin, perguntou qual daquelles dois arcos de triumpho devia ser abatido por ordem da convenção.

Chegado ao pateo dos *Feuillants*, Santerre apeou-se do cavallo, e de pé junto á portinhola, poz a mão na parte posterior do braço do rei prisioneiro, e o conduziu assim á barra da convenção.

«Cidadãos das tribunas, disse o presidente, Luiz

está á barra da assembléa. Vós ides dar uma grande lição aos reis, um grande e util exemplo ás nações. Recordai-vos do silencio que acompanhou Luiz quando voltou de Varennes, silencio percursor do julgamento dos reis pelos povos.»

O rei sentou-se defronte da cadeira da presidencia, e no mesmo logar onde fôra jurar a constituição. Leu-se o acto da accusação: era a longa enumeração de todas as queixas que as facções da revolução tinham successivamente dirigido contra a corôa, comprehendendo nelle seus proprios actos, desde as jornadas de 5 e 6 de outubro em Versailles até á jornada de 10 de agosto. Todas as tentativas de resistencia do rei ao movimento que precipitava a monarchia eram denominadas conspirações, todas as suas fraquezas eram chamadas traições: era mais um acto da accusação do seu caracter e das circumstancias do que o acto da accusação dos seus crimes. Não havia nelle senão a culpa da sua natureza. Porém o tempo mui pesado para todos, era arremessado todo inteiro sobre elle. Elle pagava pelo throno, pela aristocracia, pelo sacerdocio, pela emigração, por La Fayette, pelos girondinos, e até pelos mesmos jacobinos. Era o homem emissario dos tempos antigos inventado para carregar com as iniquidades de todos.

A' medida que se ia desenrolando em presença o quadro das faltas do seu reinado, e que se revolvia o sangue do Campo de Marte, do 20 de junho e do 10 de agosto, para lançar sobre elle só, alguns dos conspiradores destes dias, espalhados entre os juises, taes como Pethion, Barbaroux, Louvet, Carra, Marat, Danton, Legendre, não podiam deixar de corar e baixar os olhos. Suas consciencias dizia-lhes interiormente que havia pudor em declarar author destes atentados aquelle que delles fora victima. Vangloriavam-se altamente alguns dias antes de terem urdido estas conspirações contra o throno. Porém o sentimento do direito é tão forte entre os homens, que, mesmo quando elles o violam, affectam ainda a hypocrisia, e que os conspiradores os pronunciados, não contentes de terem a victoria, querem tambem ter a legalidade por sua parte.

VI. — O rei ouvia esta leitura na attitude d'uma impassivel attenção. Sómente em duas ou tres passagens onde a accusação ultrapassava os limites da injustiça e da verosimilhança, e onde se lhe imputava o sangue do povo tão religiosamente poupado por elle durante o seu reinado, não pôde impedir-se de trahir, por um amargo sorriso, e um movimento involuntario dos hombros, a indignação represada que os agitava. Via-se que elle esperava tudo, excepto a accusação de ter sido um principe sanguinario. Levantou os olhos ao céo e tomou a Deus por testimunha contra os homens.

VII. — Barrére, que presidia naquelle dia á convenção, resumindo n'algumas frases cada um dos textos rasoaveis da accusação, procedeu ao interrogatorio do rei. Um dos secretarios da assembléa, Valazé, aproximando-se da barra, ia apresentando aos olhos do accusado todos os documentos que tinham relação com o processo. O presidente perguntava ao rei se reconhecia aquelles documentos. Foi assim que se lhe apresentaram todos os papeis concernentes á traição de Mirabeau e de La Fayette encontrados no armario de ferro, onde elle mesmo os havia encerrado; a sua carta confedencial aos bispos para renegar a acceitação da constituição civil do clero; outras cartas accusadoras assignadas por elle, ou escriptas todas pelo seu proprio punho; finalmente as notas secretas do Sr. Laporte, intendente do seu thesouro particular, attestando o emprego de sommas consideraveis para corromper os jacobinos, as tribunas da assembléa, e os arrebaldes.

Luiz XVI tinha duas formas igualmente nobres de se defender: a primeira era recusar toda a resposta, e concentrar-se na inviolabilidade do rei ou na resignação do vencido; a segunda, era confessar altamente os esforços que fizera e devia fazer para moderar os grandes chefes do partido da revolução, e trazel-os ao partido da realeza ameaçada, que o seu sangue, a sua hierarchia, e o seu juramento á constituição, o obrigavam a defender, pois que a realeza fazia em si mesmo parte desta constituição. O rei tanto mais o podia fazer, quanto que nenhum dos documentos do armario de ferro provava directamente um concerto com as potencias estrangeiras contra a França. Não achou na sua presença de espirito nenhum destes dois systemas de resposta, os quaes, se não tivessem salvado a sua vida, haveriam ao menos preservado a sua dignidade. Em logar de responder como rei pelo seu silencio, ou como homem de Estado pela confissão aventurada e rasoavel dos seus actos, respondeu como um culpado que disputa a confissão dos factos. Negou as notas, as cartas, os documentos: negou até mesmo o armario de ferro, que, scellado por elle mesmo, se tinha aberto para revellar seus segredos. A agonia do seu espirito não lhe deixava tempo de deliberar sobre o que a realeza exigia delle; talvez que o arrastamento da primeira negação o conduziu a negar tudo, depois de ter negado alguma cousa, para não ser convencido de cara de disfarce, ou antes para comprometter os seus servidores por suas confissões. Quiz sem duvida tambem reservar aos seus defensores a inteira liberdade de suas palavras. Finalmente pensou em sua mulher, irmã, filhos, mais do que convinha talvez em similhante occasião. Descórou assim a sua defeza. Desde este dia elle não mais foi um rei que luctava com um povo, foi um accusado que contestava com os juises, e que deixava intervir advogados entre a magestade do throno e a magestade do cadafalso.

VIII. — Santerre, depois do interrogatorio, tornou a pegar no braço do rei, e conduziu-o á salla de espera da convenção, acompanhado de Chambon e de Chaumette. A extensão da sessão e a agitação da sua alma haviam esgotado as forças do accusado. Elle cambaleava de inanição. Chaumette perguntou-lhe se queria tomar algum alimento. O rei recusou. Um momento depois, vencido pela natureza, e vendo um granadeiro da escolta offerecer ao procurador da communa metade de um pão, Luiz XVI aproximou-se de Chaumette e pediu-lhe, em voz baixa, um bocado daquelle pão. «Pedi em voz alta o que desejais, lhe respondeu Chaumette recuando como se tivesse receio de que se concebessem suspeitas até mesmo da piedade. — Peço-vos um bocado do vosso pão, respondeu o rei em voz alta. — Aqui está, parti-o agora, lhe disse Chaumette: é o almoço de um Spartiata. Se tivesse uma raiz, dar-vos-hia metade.»

Annunciou-se a chegada da carroagem. O rei subiu para ella, com o pão ainda na mão; não lhe comeu senão a codea. Embaraçado em quanto ao miolo que lhe restava, e receiando que se o arrojasse pelo postigo, julgassem que o seu gesto era um signal, ou que tivesse escondido algum bilhete no miolo do pão, entregou o resto a Colombeau, substituto da communa, sentado defronte delle na carroagem. Colombeau deitou o pão á rua. Ah! lhe disse o rei, não é bom deitar assim fóra o pão n'um tempo em que é tão raro. — E como sabeis vós que é raro? lhe perguntou Chaumette — Porque aquelle que eu como sabe a terra. — Minha avó, repliou Chaumette com uma familiaridade jovial, dizia-me na minha infancia: Nunca deiteis fóra nem uma migalhinha de pão, porque nunca sabereis fazer nascer outro tanto. — Sr. Chaumette, disse o rei sorrindo-se, a vossa avó tinha bom senso: o pão vem de Deus.» A conversação foi assim serena, e quasi jovial durante o regresso.

O rei contava e nomeava todas as ruas! Ah! eis aqui a rua de Orleans, exclamou elle atravessando-a. — Dizei a rua da Igualdade replicou rudemente Chaumette. — Sim, sim, disse o rei, por causa de.... Não concluiu, e ficou um momento triste e silencioso.

Pouco mais adiante, Chaumette, que não tinha comido nada desde pela manhã, achou-se indisposto na carroagem. O rei deu alguns cuidados ao seu accusador. «E sem duvida, lhe disse o movimento da carroagem que vos incommoda. Nunca soffrestes enjôos do mar? — Sim, respondeu Chaumette, fiz a guerra ás ordens do almirante Lamotte-Piquet. — Ah! disse o rei, era um bravo Lamotte-Piquet!» No entanto que a conversação assim continuava no interior da carroagem, os homens do mercado do trigo e os carvoeiros, formados

em batalhões, cantavam em volta das rodas as coplas mais assassinas da *Marselhesa*:

«*Tyran! qu'un sans impur abreuve nos sillons!*»

Longos gritos de *viva a revolução!* elevavam se á aproximação do cortejo do centro da multidão, não formando senão um grito prolongado desde as Tuillerias até o Templo. O rei affectava não entender estes agouros de morte. Entrando no pateo do Templo, levantou os olhos e olhou tristemente, e por muito tempo os muros da torre e as janellas do quarto da rainha, como se o seu olhar, interceptado pelas taboas e grades, podesse communicar os seus pensamentos áquelles que amava. O maire reconduziu ao seu quarto, e notificou-lhe de novo o decreto da convenção que ordenava a separação, e o isolamento absoluto da sua familia. O principe supplicou ao maire que fizesse revogar uma ordem tão cruel. Obteve ao menos que a rainha fosse informada do seu regresso. Chambon accedeu ao que dependia delle. O creado do quarto Clery, que deixaram ao rei, teve uma ultima communicação com as princezas, e transmittiu-lhes os detalhes que seu amo lhe confiara a respeito do seu interrogatorio. Clery certeficou á rainha a intervenção activa dos gabinetes estrangeiros para salvarem o rei; fez lhe esperar a pena se limitasse á deportação em Hespanha, paiz que não havia declarado guerra á França. «Falou-se na rainha?» perguntou com anciedade a princeza Izabel. Clery respondeu-lhe que não fôra mencionada no auto de accusação. «Ah!» replicou a princeza como aliviada d'um peso inquietador, «talvez olhem o rei como uma victima necessaria a segurança delles; mas a rainha! mas estas pobres creanças! que obstaculos podem estas vidas meter á sua ambição!...» Nesta intrevista fartada ás ordens da communa, Clery concordou com as princezas as relações furtivas que a generosa cumplicidade d'um guarda, por nome Turgy travaria entre os prisioneiros. Vestidos, moveis, roupas brancas pedidas ou enviadas d'um andar para o outro, formaram as cifras secretas desta correspondencia por via das quaes o rei conheceria o estado d'alma e do corpo das princezas, das creanças; e as princezas, por sua parte, saberiam os principaes actos do processo do rei. Este principe, depois de tomadas estas precauções, que consolaram um pouco o seu coração, ceiou e deitou-se, mas sem deixar de voltar suas vistas para o logar donde tinham tirado o leito de seu filho, e de o pedir aos commissarios.

IX. — No entanto, apenas o rei sahiu da convenção, Péthion e Treilhard tinham alcançado que se lhe permittisse, como a outro qualquer accusado escolher dois defensores. Debalde Marat, Duhem, Billaud-Varennes, e Chasles tinham protestado, pelos seus clamores, contra este direito de defeza, pedindo audaciosamente uma excepção á humanidade contra o *tyranno rebelde á nação*; em vão Thuriot exclamara: «E' preciso que o tyranno leve a cabeça ao cadafalso!» a convenção superara-se quasi unanimemente, contra esta impaciencia de algoz, e conservára a dignidade de juiz. Quatro dos seus membros, Cambacéres, Thuriot, Dupont de Bigorre e Dubois Crancé, foram encarregados de levar ao Templo o decreto que permittia ao rei escolher um conselho de defeza. A lei authorisava o accusado a compôl-o de dois defensores.

O rei escolheu os dois advogados mais celebres de Pariz: os srs. Tronchet e Target. Elle proprio indicou aos commissarios a casa de campo onde Tronchet habitava. Declarou ignorar a morada de Target. Declarados estes nomes na mesma sessão da convenção, o ministro das justiças Garat, foi encarregado de notificar aos dois defensores a escolha que o rei tinha feito delles para este ultimo ministerio de dedicação e de salvação.

Tronchet, advogado formado nas luctas politicas pelas tempestades da assembléa constituinte, da qual fôra um membro laborioso, acceitou sem hesitar, a missão gloriosa que cahia do coração de um proscripto sobre o seu nome.

Target, palavra sonora porém alma pusilanime, assustou-se do perigo de parecer cumplice mesmo com o ultimo pensamento de um moribundo. Escreveu á convenção uma carta cruel e covarde na qual afastava de si com um medo visivel o encargo, ao qual os seus principios, dizia elle, não lhe permittiam acceitar. Esta covardia, longe de salvar Target, designou-o ao proximo terror. A seu turno subiu ao cadafalso sem defensor, e sem lagrimas.

Muitos nomes se offereceram para substituir Target. O rei escolheu Deséze, advogado de Bordeaux, estabellecido em Pariz. O moço Deséze deveu a esta escolha, de que era digno, por que elle era altivo, a celebridade de uma longa vida, a primeira magistratura da justiça sob um outro reinado, e a illustração perpetua do seu nome na sua raça.

Mas estes dois homens não eram senão os advogados do rei. Faltava-lhe um amigo. Para a consolação dos seus derradeiros dias, e para gloria do coração humano, este amigo foi encontrado.

X. — Havia então, n'uma solidão junto a Pariz, um velho da familia de Lamoignon, nome illustre e consular nas altas magistraturas da antiga monarchia. Os Lamoignon eram destas familias parlamentares que se elevam de seculo em seculo, por longos serviços feitos á nação, até ás primeiras funcções do reino, e não pelos favores da côrte ou pelos caprichos dos reis. Estas familias conservavam assim, nas suas opiniões e nos seus costumes, alguma cousa de popular que as tornava secretamente queridas á nação, e que as fazia assimilharse mais ás grandes familias patricianas das republicas do que ás familias militares ou subidas á fortuna das monarchias. O fraco resto de liberdade que seus costumes deixavam subsistir na antiga monarchia, repousava inteiro nesta casta. Unicos, estes magistrados recordavam de tempos em tempos aos reis, em representações respeitosas, que havia ainda uma opinião publica. Era a opposição hereditaria do paiz.

Este velho, por nome Malesherbes, de idade de setenta e quatro annos, fôra duas vezes ministro de Luiz XV. Os seus ministerios tinham sido de pouca duração, pagos com ingratidão e exilios, não pelo rei, mas pelo odio do clero, da aristocracia e das côrtes. Liberal e philosofo, Malesherbes era um destes precursores que avançam, n'um regimen d'arbitrios e abusos, a applicação das regras da justiça e da razão que as ideas chamam, mas á qual as cousas resistem. Se taes homens estivessem sempre á testa dos governos, apenas haveria necessidade de leis. Elles proprios são leis, porque são a luz, a justiça, e a virtude d'um tempo.

Discipulo de João Jacques-Rousseau, amigo de Turgot, que fora o primeiro que levara a philosofia á administração, Malesherbes fizera se estimar dos philosofos do decimo-oitavo seculo favorecendo, como director geral da livraria, a introducção da *Encyclopédia*, este arsenal das ideas novas, em França. Sob uma legislação de trevas legaes e de censura, Malesherbes havia aventurosamente trahido os abusos reinantes declarando-se o cumplice da luz. A egreja e a aristocracia não lhe haviam perdoado. Era um destes nomes que se accusavam de mais haver minado a religião e o poder acreditando minar a superstição e a tyrannia. O fundo do seu coração era com effeito republicano, mas os seus costumes e sentimentos eram ainda monarchicos: exemplo vivo desta contradição interior que existe nestes homens nascidos, por assim dizer, nas fronteiras das revoluções, cujas ideas são de um tempo, e os habitos de espirito de outro. O republicanismo de Malesherbes era para a republica do momento o que a idea philosofica do sabio é para os movimentos tumultuosos d'um povo. A sua theoria tremia e indignava-se em frente da realisação. Elle não renegava pois as doutrinas da sua vida, mas velava-se o rosto para não contemplar seus excessos. As desgraças do rei arrancavam-lhe lagrimas sentidas. Este principe havia sido a esperança e algumas vezes a illusão de Malesherbes. Testimunha e confidente dos seus votos pela felicidade do povo, e pela reforma da monarchia. Malesherbes havia acreditado vêr no moço rei um destes soberanos reformadores que abdi-

cam por si mesmo o despotismo, que prestam sua força ás revoluções para as cumprir e moderar, e que legitimam a realeza pelos beneficios que fazem deslisar da alma de um rei homem honesto. Ministro um momento, Malesherbes tinha perdido a sua pasta sem perder a dedicação ao rei. Conhecia que a influencia da côrte lhe tinha arrancado o seu discipulo, mas deixara-lhe um secreto amigo em seu amo. Do fundo do seu exilio, tinha-o seguido com os olhos desde os Estados Geraes até ás prisões do Templo. Uma correspondencia secreta, a intervallos longos, tinha levado a Luiz XVI lembranças, votos, commiserações do seu antigo servidor. A' noticia do processo do rei, Malesherbes sahira do seu retiro no campo, e tinha escripto á convenção. O presidente Barrére leu a sua carta á assembléa.

«Cidadão presidente, dizia o sr. de Malesherbes, ignoro se a convenção dará a Luiz XVI um conselho de defeza, e se lhe deixará a escolha delle. Neste caso, desejo que Luiz XVI saiba que se elle me escolhesse para este cargo, estou prompto a encarregar-me delle. Não vos peço que deis conhecimento á convenção deste meu desejo; porque estou bem longe de me acreditar um personagem assás importante para ella se occupar de mim. Porém fui chamado duas vezes ao conselho daquelle que foi meu amo, no tempo em que estas funcções eram ambicionadas por todos. Devo-lhe o mesmo serviço logo que isto é uma funcção que bastantes pessoas acham perigosa. Se eu conhecesse um meio de lhe dar a saber as minhas disposições, não tomaria a liberdade de me dirigir a vós. Pensei, que no logar que occupais, tereis mais meios do que ninguem de lhe annunciar este meu desejo.»

Ao nome de Malesherbes, a convenção toda inteira sentiu esta commoção electrica que dá a homens reunidos o nome de um homem de bem, e este tremor precorreu a multidão ao aspecto d'um acto de coragem e de virtude. O proprio odio reconheceu os santos direitos da amizade na supplica do senhor de Malesherbes. Este pedido foi concedido. Alguns membros protestaram contra o systema de lentidões que as formalidades do processo íam perpetuar entre o culpado e o cadafalso. Pretende-se por estes addiamentos, prolongar este negocio durante um mez, disse Thuriot — Os reis exclama Legendre, não addiam as suas vinganças contra os povos, e vós addiareis a justiça do povo contra um rei! — E' preciso quebrar o busto de Brutus, » continuou Billaud-Varennes mostrando com o gesto a estatua deste romano. «porque elle não hesitou como nós em vingar um povo d'um tyranno!»

XI. — Malesherbes, introduzido no mesmo dia na torre onde gemia seu amo, foi forçado a esperar no ultimo postigo; os co missarios da comuna encarregados de obstar á introducção furtiva de qualquer arma que podesse subtrair o rei pelo suicidio ao cadafalso, detiveram-o muito tempo naquella casa. O nome e aspecto do velho inspiravam algum pudor aos guardas. Elle mesmo se apalpou diante delles. Não tinha em si senão alguns documentos diplomaticos, e o jornal das sessões da convenção. Dorat Cubiéres, membro da communa, homem mais vaidoso do que cruel, fanfarrão da liberdade, escriptor de camarim, desocado nas tragedias da revolução, estava de serviço na antecamara do rei. Dorat-Cubiéres conhecia o senhor de Malesherbes, e reverenciava nelle um philosofo que Voltaire, seu mestre, tinha assignalado muitas vezes ao reconhecimento dos sabios. Fez aproximar o velho do fogão, e entreteve-se familiarmente com elle. «Malesherbes, disse-lhe elle, sois o amigo de Luiz XVI: como é que podeis trazer-lhe jornaes, onde elle lerá toda a indignação do povo expressa contra elle? — O rei não é um homem como qualquer outro, respondeu o senhor de Malesherbes; tem uma alma forte, e uma fé que o eleva acima de tudo. — Sois um homem honrado, replicou Cubiéres, mas se não o fosseis, poderieis trazer-lhe uma arma, veneno, aconselhar-lhe uma morte voluntaria!» A fisionomia do senhor de Malesherbes trahiu a estas palavras uma reticencia que parecia indicar nelle o pensamento d'uma d'essas mortes antigas que arrebatam o homem á fortuna, o que o faziam, nas extremidades da sorte, seu proprio juiz e libertador; depois, como represando-se no seu pensamento: «Se o rei, disse elle, fosse da religião dos philosofos, se fôra um Catão ou um Brutus, poderia matar-se. Porem o rei é piedoso; é christão; sabe que a sua religião prohibe-lhe attentar contra a sua vida; não se matará.» Estes dois homens a estas palavras trocaram entre si um olhar de intelligencia, e callaram-se como reflectindo em si mesmo qual da quellas duas doutrinas era a mais corajosa e mais sancta: se a que permitte furtar-se á sorte, ou que ordena soffrer o seu destino acceitando-o.

A porta do quarto do rei abriu-se. Malesherbes avançou, inclinado, com passos tremulos, para seu amo. Luiz XVI estava sentado junto de uma pequena meza. Tinha na mão e lia com recolhimento um volume de *Tacito*, este evangelho romano das grandes mortes. A' vista do seu antigo amo, o rei arremessou o livro, levantou-se, e lançou-se com os olhos cheios de lagrimas e os braços abertos nos do ancião. «Ah! disse-lhe apertando-o de encontro a si, onde me encontrais! e onde me conduziu a minha paixão pelo melhoramento da sorte deste povo que nós ambos tanto temos amado! Oh! vindes ter comigo? A vossa dedicação expõe-vos a vida, e não salvará a minha!»

Malesherbes expressou ao rei, chorando sobre as suas mãos a felecidade que experimentava em consagrar-lhe um resto de vida, e mostrar-lhe a elle em ferros uma dedicação, sempre suspeita nos palacios. Tentou restituir ao prisioneiro a esperança na justiça dos seus juizes e na piedade de um povo cançado de o perseguir. »Não, não, respondeu o rei; tenho a certeza que me farão morrer; tem o poder e a vontade. Não importa, occupemo-nos do meu processo como se eu devesse ganhal o, e ganhal-o-hei com effeito, pois que a memoria que deixarei será sem mancha.»

XII. — Tronchet e Desezé, introduzidos todos os dias no Templo com Malesherbes, prepararam os elementos de defeza. O rei, percorrendo com elles os pontos da accusação, e as differentes circumstancias do seu reinado que reputavam em sua opinião a accusação, passava compridas horas a desenrolar aos seus defensores a sua vida publica. Tronchet e Deséze vinham ás cinco horas e retiravam-se ás nove. O senhor de Malesherbes, avançava a hora destas sessões, era introduzido todas as manhãs no quarto do rei. Trazia ao principe os jornaes, lia-os com elle e preparava o trabalho para a tarde.

Era nesta conversações particulares, entre o principe e o philosofo, que a alma do rei se enternecia e expandia em liberdade; a amizade de Malesherbes transformava algumas vezes estas expansões em esperanças, e sempre em consolações. A rudeza dos commisarios da communa suspendia muitas vezes estes entertenimentos exigindo que a porta da camara do rei ficasse aberta para elles ouvirem a conversação. O rei e o velho retiravam-se então para o fundo da torresinha, e fechando a porta sobre si, escapavam á odiosa inquisição destes homens que buscavam crimes entre o ouvido da victima e os labios do consolador.

A' noite quando o senhor de Malesherbes, Tronchet e Deséze, se haviam retirado, o rei lia sósinho os discursos pronunciados pró ou contra elle, na vespora, em a convenção. Ter-se-ía acreditado, pela imparcialidade das suas observações, que elle lia a historia d'um longiquo reinado. «Como podeis ler a sangue frio estas invectivas? lhe perguntava Clery um dia — Aprendo até onde pode chegar a malvadez dos homens, respondeu o rei. Não acreditava que podessem existir similhantes.» E adormeceu.

Um novello, no qual estava enrolado em papel, ou picadellas de agulhas figurando letras, servia ás princezas para se coresponderem com o captivo. Turgy que cumulativamente desempenhava o serviço á meza do rei e da rainha, occultava o novello no armario da casa do jantar. Ahi o encontrava Clery, e tornava a repôr o novello que continha as respostas do rei. Assim as mesmas esperanças e os mesmos receios se deslisavam, atravez os muros, palpitavam ao mesmo tempo nos dois andares

e confundiam n'um mesmo pensamento as almas dos prisioneiros.

Mais tarde um cordel, na extremidade do qual se prendia um bilhe, caía da mão do rei no anteparo em forma de funil que guarnecia a janella da rainha, collocado directamente por baixo da sua, e subia carregado das confidencias e das ternuras de sua mulher e de sua irmã.

O rei, depois que se achava isolado, recusara descêr ao jardim para ahi tomar o ar. « Não posso resolver-me a sair sosinho, dizia elle ; o passeio era doce para mim quando eu o gosava com minha mulher e meus filhos. » Em 19 de dezembro, disse elle a Clery á hora do almoço, diante dos quatro municipaes de guarda : « Ha quatorze annos fostes mais n adrugador do que hoje. » Um sorriso triste revellou a Clary o sentido destas palavras. O servidor enternecido callou-se para poupar a sensibilidade de um pai. « E' o dia, proseguiu o rei, em que nasceu minha filha ! Hoje, seu anniversario ! estar privado de a ver ! Lagrimas cairam sobre o seu pão. Os municipaes, mudos e enternecidos, mostravam respeitar esta recordação dos dias felizes, que atravessava a prisão como para a volver mais tristonha.

XIII. — No dia seguinte Luiz encerrou-se sosinho no seu gabinete, e escreveu muito tempo. Era o seu testamento, supremo adeus á esperança. Desde este dia elle não confiou mais do que na immortalidade. Legava em paz tudo quanto tinha a legar na sua alma : ternura á sua familia, reconhecimento aos servidores, perdão aos seus inimigos. Depois deste acto, pareceu mais tranquillo. Havia assignado como christão a derradeira pagina do seu destino.

« Eu, » dizia em termos textuaes, porém mais extensos esta posthuma confissão em que o homem parece fallar lá de uma outra vida, « eu, Luiz, XVI de nome, rei de França, encerrado ha quatro mezes com a minha familia na torre do Templo, em Pariz, por aquelles que eram meus subditos, e privado de toda a communicação ha onze dias, mesmo com a minha familia ; implicado além disto n'um processo cujo resultado me é impossivel prevêr por causa das paixões dos homens ; não tendo senão a Deus por testimunha dos meus pensamentos, e a quem me possa dirigir, declaro aqui, na sua presença, as minhas ultimas vontades e sentimentos. Deixo minha alma a Deus meu creador. Peço-lhe a receba na sua misericordia. Morro na fé da egreja, e na obediencia de espirito ás suas decisões. Rogo a Deus me perdoe todos os meus peccados. Tenho procurado lembrar-me delles escrupulosamente, e detesta-los, e humilhar-se na presença de Deus... Peço a todos aquelles a quem involuntariamente terei podido offender (porque não me recordo de haver feito scientemente nenhuma offensa a ninguem) que me perdoem o mal que acreditarem eu lhes tenha feito... Peço áquelles que tiverem caridade unam suas orações ás minhas... Perdôo de todo o meu coração áquelles que se fizeram meus inimigos sem que eu lhes tenha dado nenhum motivo, e rogo a Deus lhes perdôe, assim como aquelles que por um falso zelo, ou por zelo mal entendido, me teem feito muito mal... Encommendo a Deus minha mulher e meus filhos, minha irmã, minhas tias, meus irmãos, e todos aquelles que me são ligados pelos laços do sangue, ou de qualquer outro modo que possa ser. Rogo a Deus especialmente lance os olhos de misericordia sobre minha mulher, meus filhos, minha irmã, que soffrem ha tanto tempo comigo ; que os ampare pela sua graça, se chegarem a me perder, e tanto que elles estiverem neste mundo mortal...

« Recommendo os meus filhos a minha mulher, e nunca duvidei da sua ternura por elles. Recommendo-lhe especialmente de nunca lhes fazer encarar as grandesas deste mundo, se forem condemnados a experimenta-las, senão como laços bem perigosos e passageiros, e de voltarem seus olhos para a unica gloria solida e duravel, a eternidade... Rogo a minha irmã continuar a sua ternura para com meus filhos, e de lhes servir de mãi se elles tiverem a desgraça de perderem a sua verdadeira mãi... Peço a minha mulher que me perdoe os males que soffre por minha causa, e as penas que eu lhe possa ter causado em quanto durou a nossa união ; assim como ella pódo ter a certesa de que nada levo contra ella, se ella acredita ter alguma cousa de que se reprehender.

« Recommendo muito a meus filhos, depois do que elles devem a Deus, que é o primeiro de tudo, que sejam sempre unidos entre si, sugeitos e obedientes a sua mãi, reconhecidos a todas as penas que ella toma por elles e em memoria minha... Peço-lhes que olhem sua tia como uma segunda mãi...

« Recommendo a meu filho, se elle tiver a infelicidade de vir a ser rei, que pense em que se deve todo inteiro á felicidade dos seus concidadãos, que se deve esquecer de todo o odio ou ressentimento, e especialmente, no que respeita ás desgraças e pesares que soffro. Que se lembre não ser possivel fazer a felicidade do povo se não reinando segundo as leis : porém ao mesmo tempo que um rei não póde fazer respeitar as leis, e effectuar o bem que está no seu coração se não em quanto tiver na mão a authoridade necessaria, e que de outra forma, sendo contrariado nos seus actos e não inspirando respeito, elle é mais prejudicial do que util !... Que pense que hei contrahido uma divida sagrada com os filhos daquelles que morreram por mim, e dos que são infelizes por minha causa ! .. Recommendo-lhe os srs. Hue e Chamilly, a quem a sua verdadeira dedicação por mim levou a encerrarem-se nesta triste morada. Recommendo-lhe tambem Cléry dos cuidados do qual tenho a louvar-me desde que está comigo. Como foi elle que ficou comigo até ao fim, peço á communa que lhe entregue o meu fato, meus livros, meu relogio, a minha bolsa, e os outros pequenos moveis que me foram tirados e depositados no conselho da communa... Pordôo aos meus geardas o máo tractamento, e os constrangimentos que elles teem acreditado dever usar comigo .. Achei entre elles algumas almas sensiveis e compadecidas. Que esses gosem em seu coração a tranquillidade que lhes deve dar o seu modo de pensar !... Peço aos srs. de Malesherbes, Tronchet e Deséze recebam aqui todos os meus agradecimentos, e a expressão da minha sensibilidade por todos os cuidados e incommodos que tem tido por minha causa...

« ... Acabo declarando perante Deus, e prompto a apparecer na sua presença, que não tenho a reprehender-me de nenhum dos crimes de que me accusam !...

« Feito em duplicado na torre do Templo, em 21 de dezembro de 1792. « LUIZ. »

XIV. — Assim esta alma, abrindo-se no seu ultimo exame ao dia prescrutinador da immortalidade, não lia nos seus pensamentos ainda os mais secretos senão a intenção honesta, ternura e perdão. O homem e o christão estavam sem mancha. Todo o crime, ou mais depressa toda a desgraça estava na situação. Este papel, impregnado das suas ternuras, molhado de suas lagrimas, e bem depressa do seu sangue, era o irrecusavel testimunho que a sua consciencia dava de si mesmo perante Deus. Qual povo não teria adorado similhante homem, se esse homem não tivera sido um rei ? Mas qual povo, a sangue frio, não teria absolvido tal rei, que sabia tanto perdoar e tanto amar ? Este testamento, o maior acto da vida de Luiz XVI, porque foi o acto de sua alma sómente, julgava mais infallivelmente a sua vida e o seu reinado do que o julgamento inflexivel bem depressa lançado por homens irritados. Desvendando-se assim elle mesmo ao futuro, Luiz accusava involuntariamente a dureza dos tempos que iam condemna-lo ao supplicio. Elle acreditava ter perdoado, e pela docilidade mesmo da sua doçura, elle se havia para sempre vingado !

XV. — No mesmo dia, os seus defensores vieram apresentar-lhe o plano completo da sua defesa. Malesherbes e o proprio rei, tinham fornecido os documentos do facto : Tronchet os argumentos de direito. Deséze redigira o discurso. Deséze leu esta defesa. A peroração dirigia-se á alma do povo, e esforçava se por enternecer os juizes pelo quadro pathetico das vicissitudes da familia real. Esta apostofre á nação arrancou lagrimas aos olhos de Malesherbes e Tronchet. O proprio rei estava commovido da piedade que o seu defensor queria inspirar aos seus inimigos. Sua altivez corou comtudo de implorar delles outra justiça além da da sua consciencia. « E'

preciso cortar esta peroração, disse Luiz a Deséze, não quero enternecer os meus accusadores! » Deséze resistiu; mas a dignidade da morte pertence ao moribundo. O defensor cedeu. Quando se retirou com Tronchet, o rei, que ficou só com Malesherbes, pareceu opprimido de um pensamento secreto. « Tenho grande pena junta a outras muitas, disse elle ao seu amigo. Deséze e Tronchet não me devem obrigações algumas; dão-me o seu tempo, seu trabalho, e talvez sua vida. Como reconhecer este serviço! Não tenho nada; quando lhes fizesse um legado não seria satisfeito. Além disto não tenho a fortuna que paga uma divida tal! — Sire, disse Malesherbes, suas consciencias e a posteridade encarregar-se-hão de os recompensar. Mas desde já podeis dar-lhes uma recompensa que elles estimarão em mais subido valor do que vossos ricos fav res quando ereis feliz e poderoso. — Qual? perguntou o rei? Sire, abraçai-os! No dia seguinte, quando Deséze e Tronchet entravam no quarto do captivo para o acompanharem á convenção, o rei, conservando silencio, acercou-se de les, abriu os braços, e teve-os por muito tempo abraçados. O accusado e os defensores não se fallaram senão por soluços. O rei sentiu-se alliviado. Havia dado tudo quanto tinha, um aperto de encontro ao seu coração. Deséze e Tronchet conheceram se pagos. Tinham recebido tudo quanto ambicionavam: o salario das lagrimas de um infeliz abandonado de todos os seus subditos, o gesto de reconhecimento de um moribundo.

XVI. — Alguns instantes depois, Santerre, Chambon, e Chaumette vieram buscar o rei, e o conduziram pela segunda vez á convenção, com o mesmo apparato de forças. A convenção fê-lo esperar perto de uma hora, como um cliente vulgar, na sala que precedia ao re cinto das suas deliberações. O exterior do rei era mais decente, seu vestuario menos desalinhado do que no primeiro interrogatorio. Sua figura testimunhava agora menos a habitação de uma prisão. Haviam-lhe aconselhado os seus amigos que não cortasse a barba, afim de a crueldade dos seus carcereiros estampada sobre o seu rosto excitar pelos olhos a indignação e o interesse do povo. O rei regeitára com desdem este meio theatral de commover em seu favor. Collocara o seu direito á compaixão na sua alma, e não no seu vestuario. Os commissarios, a pedido seu, consentiram entregar thesouras a Clery, para cortar as barbas a seu amo. Suas feições estavam repousadas, e os seus olhos serenos. Feito mais para a resignação do que para a lucta com a sorte, mesmo a aproximação da desgraça suprema engrandecia Luiz XVI.

Passeiou com a actitude da indifferença entre os seus dois defensores no meio dos grup s de deputados curiosos que saiam da sala para os contemplar. Conversava sem calor e sem perturbação com Malesherbes. O velho, respondendo-lhe, servia-se do titulo de magestade, mais respeitoso á medida que a fortuna era mais insolente. Treilhard ouviu esta expressão, avançando por entre o rei e Malesherbes. « Quem vos dá, disse Treilhard ao antigo ministro, a perigosa audacia de pronunciar aqui os titulos proscriptos pela nação? — O desprezo da vida! respondeu desdenhosamente Malesherbes, e continuou a conversação.

XVII — A convenção, tendo feito entrar o rei acompanhados dos seus defensores, escutou n'um religioso silencio o discurso de Deséze. Via se na actitude da Montanha que não havia nella agitação, porque já não tinha mais duvidas. Os juizes tinham a paciencia da certeza. Davam uma hora a este rei, a quem nos seus pensamentos, já tinham arrebatado a vida. Deséze fallou com dignidade mas sem fulgor. Guardou o sangue frio da rasão em presença do ardor d'uma paixão publica. A sua oração ao nivel dos seus deveres de defensor não se elevou senão em algumas frases ao nivel da circumstancia. Discutiu quando ella precisou ferir. Esqueceu que não ha outra convicção para um povo senão as suas emoções; que a temeridade das palavras é, em certos casos, a soberana prudencia, e que não ha nas circumstancias supremas, senão uma eloquencia desesperada que possa salvar tudo, arriscando perder tudo.

Foi uma das fatalidades ligadas á vida de Luiz XVI não ter encontrado, para disputar ao povo a sua morte ou para a abreviar, uma dessas vozes que elevam a piedade á altura do infortunio, e que fazem ressoar de seculo em seculo, as quedas dos thronos, as catastrofes dos imperios, e o golpe da secure que corta a cabeça dos reis, com palavras tão altas, tamanhas tão solemnes como estes acontecimentos. Se um Bossuet, um Mirabeau, um Vergniaud, se tivessem encontrado no logar de Deséze, Luiz XVI não teria sido defendido com mais zêlo, prudencia, ou logica; porém sua palavra, toda politica e não judiciaria, haveria ressoado como uma vingança sobre a cabeça dos juizes, e como um remorso sobre o coração do povo; e se a causa não fosse ganha ante o tribunal, haver-se-hia para sempre illustrado ante a posteridade! Nas faltas que não são de um dia é uma falta fallar á actualidade é preciso fallar á posteridade, porque ella e o verdadeiro juiz. Luiz XVI e os seus defensores assaz o esqueceram. Apesar de tudo restou desta defesa uma palavra sublime, que resumia n'uma accusação directa toda a situação: « Procuro entre vós juizes, e não vejo senão accusadores! »

XVIII. — O rei, que havia escutado a sua propria defesa com um interesse que parecia dedicar mais ao seu defensor do que a si proprio, levantou-se quando Deséze acabou de fallar: « Acaba-se de vos expôr, disse elle, os meus meios de defesa, não os repetirei. Talvez pela ultima vez, declaro-vos que a minha consciencia cousa nenhuma me censura, e que os meus defensores disseram-vos só a verdade. Nunca receiei que a minha conducta fosse examinada publicamente; porém o meu coração está dilacerado de encontrar na accusação a imputação de haver querido espalhar o sangue do povo, e especialmente de se me attribuirem as desgraças do 10 de agosto. Confesso que as multiplicadas provas que dei em todos os tempos do meu amor pelo povo me pareciam ter-me collocado acima dessa censura, a mim que em pessoa me exporia para poupar uma gota de sangue deste povo! » Saíu acabando estas pala ras.

« Que seja immediatamente julgado! pediu Bazire. — A votação nominal no mesmo instante! exclamou Duhem; é tempo de a nação saber se elle tem rasão em querer sêr livre, ou se isto será para ella um crime! — Eu, replicou Lanjuinais, peço que se derogue o decreto porque nos constituimos juizes de Luiz XVI! Eis o que respondo á proposta que se vos apresenta. Que Luiz XVI seja julgado, sim; isto é que a lei seja applicada ao seu processo, que as formas salutares, protectoras, reservadas a todos os cidadãos, lhe sejam applicadas como a outro qualquer homem; mas que seja julgado pela convenção nacional, que seja julgado pelos conspiradores, que nesta mesma tribuna, se declararam authores da jornada do 10 de agosto!... — *A' Abbadia*, exclamaram as vozes da Montanha. — Vós declarais-vos mui abertamente o partidista da tyrannia! disse Thuriot. — E' um realista! faz o processo do 10 de agosto! vociferaram ao mesmo tempo Duhem, Legendre Billaud, e Duquesnoy. — Vae, bem depre sa trans ormar-nos em accusados e o rei em juiz, observa ironicamente Julien. — Digo, replica Lanjuinais, que vós os conspirad res confessos do 10 de agosto, serieis assim ao mesmo tempo os inimigos, os accusadores, o jury d'accusação, o ury de sentença, e os juizes! — Fazei-o calar! é a guerra civil que falla! peço a cusal-o, com as provas na mão! disse Choudieu. — Haveis ouvir-me! replicou Lanjuinais. — Não! não! abaixo da tribuna, abaixo da t ibuna! á barra, á barra dos accusados! exclamam mil vozes. — A Abbadia! á Abbadia! » lhes respondem as vozes das tribunas. O silencio restabeleceu-se.

« Não incrimine!, replica friamente Lanjuinais, a conspiração do 10 de agosto; digo que ha santas conspirações contra a tyrannia; sei aquelle Brutus, cuja imagem alli está, foi um desses illustres e santos conspiradores; mas eu continuo o meu raciocinio, e digo: Não podeis ser juizes do homem desarmado, e do qual vós proprios vos declarastes inimigos mortaes e pessoaes!

não podeis ser juizes, tendo todos, ou quasi todos, declarado antecipadamente a vossa opinião, e alguns com uma ferocidade escandalosa» (murmurios de colera rebentam outra vez n'alguns bancos). «Ha uma lei natural, imprescriptivel, positiva, a qual ordena que qualquer accusado seja julgado sob a protecção das leis do seu paiz. Se é pois verdade que nós não podemos ser juizes; se é verdade que eu e muitos outros antes queremos morrer do que condemnal-o á morte, violando a justiça, o mais abominavel dos tyrannos» (uma voz brada: Então preferis a salvação do rei á salvação do povo?... Lanjuinais procura com os olhos o interruptor como para lhe agradecer o fio que lhe estende). «Ouço fallar da salvação do povo, continua Lanjuinais, é a fe iz transição de que eu tinha necessidade. São pois idéas politicas para que vos chamam a discutir, e não idéas judiciarias. Tenho por tanto tido rasão em dizer-vos que não devieis sentar-vos aqui como juizes, e sim como legisladores! Acaso a politica quer que a convenção se deshonre? Quererá a politica que a convenção cêda á tempestuosa versatilidade da opinião publica? Certamente que na opinião publica não ha mais do que um passo do odio e da raiva ao amor e á piedade! E eu digo-vos tambem: Pensai na salvação do povo! A salvação do povo quer que vos abstenhais d'um julgamento que hade crear para a nação terriveis calamidades; d'um julgamento que servirá aos vossos inimigos nas horriveis conspirações que tramam contra vós!» Lanjuinais desceu da tribuna no meio de sussurro.

«Pergunta-se-vos, replicou Amar, quem serão os juizes? Diz-se: Todos vós sois partes interessadas! Porém não vos dirão tambem que o povo francez é parte interessada porque sobre elle se despediram os golpes do tyranno? A quem ser necessario pois chamar? Aos planetas sem duvida. — Não; a uma assembléa de reis!» accrescenta Legendre com uma gargalha que resoou nas galerias «Julguemos immediatamente, repetiu Duhem; quando os austriacos bombardeavam Lille em nome do tyranno, elles não descançavam.

«Tregoas a estas declamações replicou Kersaint, somos seus juizes, e não seus algozes!» Alguns membros fatigados ou indecisos, pedem a addiação da discussão para outra sessão. O presidente propoz a moção a votos. A maioria approva-a. Oitenta deputados da Montanha lançam se das suas cadeiras para a tribuna, e ameaçam o presidente. Julien apodera-se da tribuna no meio dos applausos da Montanha— Querem dissolver-nos,» disse Julien sustentado pelos signaes de cabeça de Robespierre, e pelos gestos de Legendre e Saint-Just. — «Sim, mas vós é que o quereis! grita-lhe Louvet. — Querem dissolver a republica, replica Julien, atacando a convenção nas suas bases. Porém, nós, os amigos do povo, jurámos morrer pela republica e pelo povo. (A Montanha applaude) Sento me naquellas alturas, proseguiu Julien apontando para os bancos elevados do lado esquerdo: ellas serão as Thermopylas do povo! – Sim, sim, todos morreremos aqui, » responderam em massa e levantando-se, com a mão estendida para Julien, os deputados que teem assento na Montanha. Julien accusa o presidente de parcialidade com Malesherbes. O presidente justifica-se. A ordem estabeleceu-se. Quinette apresentou um projecto de decreto regulando o modo do julgamento do rei. Camillo Desmoulins e Robespierre pedem para combater este projecto.

Couthon faz conduzir-se á tribuna. «Cidadãos, disse elle, Capet está accusado de grandes crimes: na minha consciencia tambem está convicto. Accusado é preciso que seja julgado; porque é de justiça eterna que todo o culpado seja condemnado. Por quem será julgado? Por vós, porque a nação vos constituiu em grande tribunal de Estado. Não tendes podido crear juizes porém vós o sois pela vontade suprema do povo. » Salles quiz fallar no sentido de Lanjuinais, o tumulto cobriu a sua voz. «Declaro, exclama Salles, que nos fazem deliberar sob o cutello! »

Pethion, repellido tres vezes pelas vociferações da Montanha, e pelas apostrofes de Marat, que se arremessa para o arrancar da tribuna, consegue por fim ser escutado. A's primeiras palavras que solta: «Nós não queremos d'opinião a Pethion, lhe grita Duhem — Não temos necessidade das suas lições, accrescenta Legendre. — Abaixo o rei Jeronimo Pethion! » urlam ao mesmo tempo estas galerias que quatro vezes antes proclamaram a Pethion rei do povo.

Barbaroux, Serres, Rebecqui, Duperret, todos os moços deputados amigos de Roland lançam-se para os bancos da Montanha donde partem as apostrofes contra Pethion. Os gestos, as ameaças e as invectivas cruzam-se: Nós appellamos para o povo! Nós appellamos para os departamentos! Covardes Bandidos! Assassinos! Realistas! As palavras não bastam á explosão das coleras; as attitudes acabam as palavras. O presidente cobre se em signal de afflicção da assembléa. A convenção fica estupefacta, e o silencio renasce

XIX. — Pethion continuou: — «Cidadãos! é assim que se tratam os grandes interesses de um imperio? E' assim que por differença de opinião entre nós, mutuamente nos tratamos como inimigos da liberdade, como realistas? Não havemos todos jurado que não teriamos mais rei? Quem é que falseará os seus juramentos! Quem quereria um rei? Nós não o queremos! — Não; não; ninguem; nunca! » exclamou a convenção toda levantando-se. O duque de Orleans, no meio de um grupo de deputados da Montanha, prolongou por mais tempo que os seus collegas este juramento de odio á realeza, e agitou o seu chapéo por cima da cabeça para se associar com mais evidencia ao enthusiasmo que repudiava os reis.

«Mas, proseguiu Pethion, não se trata aqui de pronunciar sobre a realesa abolida nem sobre a sorte do rei, porque Luiz Capet já o não é; trata-se de sentenciar a sorte de um homem. Vós estabelecestes-vos juizes; é preciso que possais julgar com plena convicção dos factos. Os verdadeiros amigos da liberdade e da justiça são aquelles que querem examinar antes de julgar! Muitos membros querem, com Lajuinais, que se annulle o decreto pelo qual se determinou que Luiz seja julgado: outros querem que simplesmente se pronuncie sobre a sua sorte como medida politica. Eu sou da primeira opinião. Mas é preciso não julgar com alguma prevenção. Peço que a resolução apresentada por Couthon seja mantida, mas reservando a questão suscitada no decurso da sessão » A convenção, voltando ao sangue frio pela voz corajosa e imponente ainda de Pethion, votou a proposta de Couthon, e as reservas de Pethion que deixavam horas, eventualidades, e reflexões entre o decreto do povo e a vida do rei.

XX. — Em quanto estas agitações na salla traliam a agonia e a irresolução dos juizes, o rei, de volta para a salla dos inspectores da convenção, arremessou-se nos braços de Deséze. Apertou as mãos do seu defensor entre as suas, limpou a fronte com o lenço, e até mesmo aqueceu a camisa destinada a substituir aquella que o suor de cinco horas de tribuna havia ensopado no corpo de Deséze. Nestes cuidados familiares, que revelavam a sua situação e a sua hierarchia, o rei parecia esquecer que a sua propria vida se agitava no tumulto da visinha salla. Ouvia-se o murmurio continuo e os trovões de vozes que partiam do recinto da convenção, sem se poderem distinguir as palavras nem adivinhar o resultado da deliberação. A attenção com que Deséze fôra escutado, as fisionomias socegadas, e as disposições mais favoraveis da opinião publica que se revelavam havia alguns dias nos theatros e nos logares publicos davam alguns relampagos de esperança a Luiz XVI A rapidez com que o seu cortejo desta vez o conduzira ao Templo evitando os bairros populosos, fez pensar ao rei que os seus amigos velavam No dia seguinte, um commissario, por nome Vicente, que não buscava nas suas funcções senão occasiões de dulcificar o rigor da sorte daquelles presos, encarregou-se de levar secretamente á rainha um exemplar do discurso de Deséze.

O rei, regressado ao Templo, e não tendo nada que podesse offerecer, desatou a gravata, e deu a ao seu advogado.

No 1 º de janeiro, ao acordar, Clery approximou-se

do leito de seu amo, e off receu-lhe em voz baixa, seus votos pelo termo das suas infelicidades. O rei recebeu estes votos com enternecimento, e levantou os olhos ao Ceo recordando-se dos dias em que iguaes homenagens sussurradas hoje em voz mui baixa pelo seu unico companheiro de prisão, lhe eram endereçadas por um povo inteiro nas galerias do seu palacio. Levantou-se, pareceu orar com mais fervor que de costume, e pediu a um municipal que se fosse informar da saude de sua filha enferma, e levasse á rainha e á sua irmã os desejos interceptados de um preso. Até 16 de janeiro nada mudou no habito dos dias do rei, a não ser o sr. de Malesherbes apresentar-se inutilmente á porta da torre. O sr. de Malesherbes, nessas diversas tentativas para tornar a ver o rei, ia acompanhado de um moço realista, a quem uma generosa attracção para a desgraça arrastou muito cedo, e que foi depois, em melhores tempos, o ministro e o conselheiro austero da monarchia dos Bourbons, que elle queria reconciliar com a liberdade. Este mancebo chamava-se Hyde de Neuville; dava o braço ao sr. de Malesherbes, e sustentava os seus tremulos passos, que o veneravel defensor de Luiz XVI ia ao Templo, ou á convenção.

O principe passava as suas horas a ler a historia de Inglaterra, principalmente o volume que continha o julgamento e a morte de Carlos I, como se gostasse consolar-se encontrando no throno um segundo exemplo dos seus infortunios, e tivesse querido exercitar-se para a morte, e modelar os seus derradeiros momentos pelos de um rei decapitado.

XXI — Durante estes dias em que nada de fóra penetrou na sua prisão, os dois partidos que se disputavam a convenção continuavam mutuamente a dilacerar-se disputando-se a sua vida. Saint-Just tornou a uzar da palavra no dia 27 de dezembro, e refutou em axiomas breves e cortantes como a secure, a defeza pronunciada na vespora. Resumia o seu discurso nestas palavras: « Se o rei é innocente o povo é culpado! Vós proclamasteis a lei marcial contra os tyrannos do mundo e poupareis o vosso! A revolução não começa senão quando o tyranno acaba! » Barbaroux follou sem concluir, e deu por uma reticencia, tão contraria á energia do seu caracter, o primeiro symptoma de fluctuação do espirito dos girondinos.

Lequinio respondeu a Barbaroux: « Se eu podesse com esta mão, disse elle, assassinar de um só golpe todos os tyrannos, feril-os-ia immediatamente. » Applausos rebentavam na salla, e tendo o presidente ameaçado apellar para a força para restabelecer a ordem, uma trovoada de vozes rebentou na assemblêa. Vergniaud lastimou aquelles tumultos, que apresentavam a nascente republica sob a forma asquerosa da anarchia. Pediu que o nome dos deputados censurados fosse enviado aos departamentos — « Nós não somos a convenção de Pariz, exclamou Buzot, mas a convenção da França e dos departamentos! »

Na sessão de 17, o ministro dos negocios estrangeiros, Lebrun, communicou as notas da côrte de Hespanha. O embaixador desta côrte intercedia pela vida de Luiz XVI e promettia, por tal preço, affastar as tropas que a Hespanha tinha reunido nas fronteiras dos Pyrineos. — « Longe de nós toda a influencia estrangeira, respondeu Thuriot — Não tractamos com os réis, e sim com os povos! exclamou Chasles; declaremos que daqui em diante nenhum dos nossos agentes tratará com alguma testa coroada antes da republica ser conhecida. »

A ordem do dia respondeu desdenhosamente ás tentativas do embaixador de Hespanha.

Voltou-se á discussão do julgamento do rei. Buzot e Brissot sustentaram o apêlo ao povo. Carrá, ainda que girondino, combateu-o. Gensonné, n'um discurso directo apostrofou Robespierre — « Ha um partido, dizeis vós, que quer tirar a convenção de Pariz, e fazer degolar os cidadãos pelos cidadãos! Tranquilisai-vos Robespierre! Não sereis degolado; e acredito mesmo que não fareis degolar ninguem. A bonhomia com que incessantemente reproduzis esta adocicada invocação faz-me receiar unicamente que não seja o mais pungente dos vossos pezares. Bem verdade é que o amor da liberdade tambem tem a sua hypocrisia e os seus tartufos. Reconhecem-se pelo odio contra as luzes e contra a philosofia, na destreza em acariciar os prejuizos e as paixões do povo. E' tempo de apontar esta facção á nação inteira. E' esta a que reina nos jacobinos de Pariz, e os seus principaes chefes assentam-se aqui entre nós. Que querem elles? Qual é seu fim? Que estranho governo se propõe dar á França? Não dizem que nenhum republicano ficará no territorio francez se Luiz não fôr enviado ao supplicio? que será necessario então nomear um defensor á republica? Que! vós não formaes senão uma facção, e designais-vos a vós mesmos sob o nome de deputados da Montanha, como se houvesseis escolhido a denominação para recordar esse tyranno da Asia que não conhecido na historia senão pela horda de assassinos que trazia após si, e pela obediencia fanatica ás ordens sanguinarias do seu chefe? Robespierre não vos disse com uma preciosa candidez que o povo devia ser menos cioso de exercer por si mesmo seus direitos soberanos do que confial-os a homens que fizessem delles bom uso? A apologia do despotismo sempre principiou assim!.. E' preciso que o julgamento de Luiz não passe aos olhos da Europa por obra desta facção! O povo só é que deve salvar o povo! »

XXII — Uma accusação de antiga cumplicidade com a côrte, dirigida contra Vergniaud, Guadet, Brissot, e Gensonné, respondeu no dia seguinte á invectiva de Gensonné. Uma carta destes quatro deputados, dirigida antes de 10 de agosto ao pintor do rei Boze, carta na qual davam conselhos a este principe, attestava que o republicanismo tinha nelles suas hesitações e suas complacencias, e que a constituição de 1791 se não bastava aos seus principios, teria bastado á sua ambição, comtanto que elles fossem os directores. Esta correspondencia, em quanto ao resto muito constitucional, não tinha outro crime. Guadet, Gensonné, Vergniaud lavaram-se facilmente, ajudados pela sua eloquencia, e pela maioria que ainda lhes pertencia. Comtudo, esta accusação, cahida inopinadamente sobre elles das mãos dos amigos de Robespierre, e as suspeitas que deixou no espirito do povo, fizeram conhecer a necessidade de responder a estas suspeitas com actos irrecusaveis de odio á monarchia, e assignarem para si mesmo os seus titulos de republicanos com algumas gotas do sangue de um rei. Desde este dia, elles principiaram a deliberar entre o sacrificio da vida do rei e a sua propria abdicação delles. Um partido que tinha vivido da aura do favor do povo não podia perdel-o sem morrer. Quiz viver. Era preciso que o rei morresse.

XXIII. — Camillo Desmoulins que misturava sempre a ironia á morte, e que não achava nunca o sangue das victimas assaz amargo, a menos que elle não fosse envolvido com algum sarcasmo, combateu o apêlo ao povo n'um discurso que não pôde ser ouvido, mas que fez imprimir. Eis o projecto de decreto que resumia o discurso: « Levantar-se-ha um cadafalso na praça do Carroussel. Luiz ahi será conduzido com um rotulo na frente que diga estas palavras: *traidor e perjuro á nação*; e nas costas: *rei*! A convenção decreta além disto que o jazigo funebre dos reis, em *Saint Denis* seja daqui em diante a sepultura dos bandidos, dos assassinos, e dos traidores! »

Merlin de Thionville, Hausmann e Rewbel, commissarios da convenção nos exercitos, escrevêram tambem das fronteiras: « Estamos cercados de feridos e mortos; é em nome de Luiz Capet que os tyrannos degolam os nossos irmãos, e sabemos que Luiz Capet ainda está vivo! » Cambacéres pediu o apêlo ao povo.

Danton apresentou uma forma de deliberação que tornava a chamar a discussão tudo que até então se havia decretado; Danton parecia occultar assim a intenção secreta de salvar o rei em favor da confusão que estas multiplicadas questões faziam nascer. « E' uma couza bem afflictiva, observou Couthon, ver a desordem em que se lança a assemblea. Ha tres horas que perdemos o tempo por cauza de um rei. Somos nós republicanos! não; somente somos vís escravos! « Finalmente, por proposta de Fonfrede, a convenção decretou a votação

nominal sobre cada uma das tres questões successivamente propostas; « primeira: » Luiz XVI é culpado? « segunda: » A decisão da convenção será submittida á rectificação do povo?; « terceira: » Qual será a pena? »

Sobre a primeira questão, excepto de Lalande, de la Meurthe, de Beraillon de la Creuse, de Lafond de la Correze, de Lhomond de Calvados, d'Henri Larivière, d'Ysarn Valady, de Noel de Voges, de Morisson da Vendée, de Waudelincourt do alto Marne, de Rouzet da alta Garonne, que se recusáram allegando sua incompetencia e incompatibilidade das funcções de legisladores e juizes; todos, isto é seiscentos e oitenta e tres membros, responderam « Sim, Luiz é culpado. »

XXIV. — Sobre a questão do apêlo ao povo, duzentos e oitenta e um votos votaram contra todo o recurso á nação. Em o numero dos primeiros, notavam-se: Rebecqui, Barbaroux, Duprat, Durand de Mailhane, Duperret, Fauchet, Chambon, Buzot, Pethion, Brissot, Vergniaud, Guadet, Gensonné, Grangeneuve, Lanjuinais, Louvet, Salles, Hardy, Mollevault, Valazé, Manuel, Dusaulx Bertucat de Saône et Loire, Sillery, o amigo do duque d'Orleans, que começava a desligar-se dos jacobinos e deste principe, e a pender para as doutrinas e para o cadafalso dos girondinos.

Entre os segundos: todos os membros do partido girondino, nos quaes a joventude, o ardor e o enebriamento revolucionario abafavam todo o escrupulo. O resultado desta prova consternou os homens corajosos deste partido e decidiu os indecisos.

Danton, mudo e observador até então, lançou mão logo no dia seguinte 16, da primeira occasião que se lhe offereceu para acentuar energicamente a impaciencia de sangue que elle não tinha n'alma, mas que fingia para ficar ao nivel de si mesmo.

Deliberou-se sobre uma ordem de fechar os theatros, dada pelo conselho executivo. « Confessar-vos hei, cidadãos, » disse Danton levantando-se e tomando a attitude de homem de setembro, « que julgo temos outros objectos sobre que deliberar mais importantes para nos occuparem do que a comedia. Trata-se da liberdade! replica Danton, tracta-se da tragedia que deveis dar ás nações! tracta se de fazer cair sob a secure dos reis a cabeça de um tyranno! Peço que deliberemos, sem interrupção, a respeito da sorte de Luiz. »

Votou-se a proposta de Danton. Tendo Lanjuinais proposto consecutivamente que a pena fosse votada por dois terços de votos, e não pela maioria absoluta, Danton tomou a palavra como um homem apressado a acabar com uma situação que lhe pésa. « Pretende-se, disse elle, que é tal a importancia desta questão, que não bastam para a decidir as formas ordinarias de uma assemblea deliberante. Pergunto porque, quando é que uma simples maioria que se pronunciou sobre a sorte de uma nação inteira! Quando se não tratou de sujeitar tal questão logo que fallou em abolir a realeza, quer-se pronunciar sobre a sorte d'um individuo, de um conspirador, com formulas mais escrupulosas e solemnes? Nós pronunciámos como representantes por direito de soberania. Pergunto se não haveis votado por maioria absoluta a republica e a guerra? E eu pergunto se o sangue que corre no meio dos combates não corre definitivamente? Os cumplices de Luiz XVI não soffreram immediatamente a pena sem recurso ao povo? aquelle que tem sido a alma destas conspirações merecerá acaso uma excepção? » Aplaudiram-o.

Lanjuinais não deixou arrastar a sua consciencia por esta corrente de aplausos, creada pela palavra de Danton. « Tendes regeitado todas as formulas que a justiça e certamente a humanidade reclamavam, a recusação, o escrutinio secreto, protector da liberdade das consciencias e dos suffragios; parece deliberar-se aqui n'uma convenção livre, porem é somente sob os punhaes e canhões dos facciosos! » A assemblea repelliu estas considerações e declarou a sessão permanente até se pronunciar o julgamento. Principiou-se a ultima votação nominal eram oito horas da noite.

LIVRO XXXV.

I — O aspecto da cidade era ameaçador, o aspecto do recinto da assembléa sinistro. A communa e os jacobinos, decididos a arrebatarem a condemnação de Luiz XVI como uma victoria pessoal sobre seus inimigos, e a impellirem o constrangimento moral até ao ponto de violencia, haviam reunido alguns dias antes em Pariz todas as forças de que os jornaes, as suas correspondencias e suas filiações nos departamentos lhes permittiam dispôr. Os agitadores dos faubourgs haviam recrutado os seus bandos de mulheres e creanças esfarrapadas para urlarem a morte do tyranno nas ruas proximas á convenção. Theroigne de Mericourt e Saint-Huruge, os assassinos de Avignon, os degoladores de septembro, os combatentes do 10 de agosto, os federados acumulados em Pariz antes de marcharem para as fronteiras; os voluntarios e os soldados retidos em Pariz pelo ministro da guerra, Pache, antes com o fim de engrossar do que de reprimir as sedições: uma população estranha a qualquer paixão politica, mas sem trabalho e sem pão, e illudindo o seu desespero pela sua agitação; estas massas de curiosos a quem os grandes espectaculos fazem sair de suas casas como os enxames saem dos cortiços á aproximação das tempestades e que, sem paixão individual, prestam a apparencia do numero a alguns; os contragolpes de agosto e de setembro que abalavam ainda as imaginações; a noite que se presta ao tumulto; o rigor da estação tendendo a febre e levando-a ao desespero; finalmente este nome de rei que resumia em si todas as miserias, todas as iniquidades, todas as traições imputadas á realesa, e que fazia acreditar ao povo que immolando o homem que tivera este titulo se immolaria do mesmo golpe as calamidades, os crimes, as recordações e as esperanças d'uma instituição repudiada; tudo imprimia a noite de 16 de janeiro este caracter de impulsão irresistivel que dá a uma manifestação popular a força de um elemento.

II — Na manhã, um dos vencedores da Bastilha, por nome Louvain, tendo-se aventurado a dizer na sua secção que se podia assegurar a republica sem derramar o sangue de Luiz XVI, recebeu por unica resposta enterrado no seu coração o sabre de um federado que estava presente. O povo arrastou pelos pés o ferido para o meio das ruas, até exhalar o ultimo suspiro.

De tarde um apregoador de livros e jornaes, ao sahir de um gabinete de leitura suspeito de realismo, na galeria do Palais-Royal, o accusado por um transeunte de distribuir escriptos favoraveis ao apêlo para o povo, foi assassinado com trinta facadas pelos que passeavam alli no jardim. Bandos de malfeitores soltos das prisões da Conciergerie e do Chatelet pelos assassinios de setembro, haviam formado ajuntamentos de scelerados buscando na emoção publica occasião e pretextos de crimes impunidos. Os dragões da republica, forçando as sentinellas dos seus quarteis, espalharam-se com o sabre em punho, nos logares publicos, no Palais-Royal, nas Tuilerias brandindo suas armas e cantando canções populares. D'ahi dirigiram-se á egreja do Val-de-Grace, onde estavam encerrados, em urnas de prata dourada, os corações de muitos reis e rainhas que tinham reinado em França. Despedaçaram estes vasos funebres, calcaram aos pés estas reliquias da realesa, e arremeçaram-as para um canno. Este fanatismo de profanação, que vingava, como faz o bruto, sobre restos inanimados, os longos soffrimentos e as longas superstições da servidão, annunciava menos a força do que a demencia da liberdade. Dizia assaz, por taes symptomas, que piedade a realesa viva poderia esperar, quando a realesa morta excitava taes ressentimentos.

III — As proximidades e interior da salla da convenção pareciam mais depressa dispostos para uma execução do que para um julgamento. A hora, o logar, as avenidas estreitas, os corredores tortuosos, as abobedas sombrias do antigo mosteiro, os poucos lampiões que luctavam com as trevas d'uma noite de inverno e impallideciam os rostos; as armas que brilhavam e resoavam em todas as portas, as peças de artilheria que os

artilheiros, com os morrões accesos, pareciam guardar as duas entradas principaes, menos para intimidar o povo do que para voltar essas mesmas peças contra a sala se o decreto fatal não fosse pronunciado; o surdo mugido de uma inumeravel multidão velando de pé nas ruas adjacentes e apertando de todos os lados os muros como para lhes arrancar o decreto; o movimento das patrulhas fendendo a custo este oceano de homens para fazer praça aos representantes que chegavam mais tarde; os vestuarios as phisionomias, os barretes vermelhos, as carmanholas, os rostos contrahidos, as vozes roucas, os gestos atrozes e significativos, tudo parecia calculado para fazer entrar por todos os sentidos na alma dos juizes o inexoravel decreto lavrado de antemão pelo povo: «*ou a sua morte, ou a tua!*» taes eram as unicas palavras repetidas em voz baixa, mas com um accento imperativo, ao ouvido de cada deputado que atravessava os grupos para se dirigir ao seu logar.

Os habituados a assistirem ás sessões da convenção, e que conheciam os rostos dos deputados, estavam postados de distancia em distancia. Estes espiões do povo nomeavam os deputados em voz alta, indicavam os duvidosos, ameaçavam os timidos insultavam os indigentes, applaudiam os inflexiveis. Aos nomes de Marat, de Danton, de Robespierre, de Collot-d'Herbois, de Camil e Desmoulins, as fileiras abriam-se com respeito e deixavam passar a colera e a confiança do povo. Aos nomes de Brissot, de Vergniaud, de Lanjuinais, de Boissy d'Anglas, as figuras irritadas, os punhos fechados, os piques os sabres brandidos por cima de suas cabeças annunciavam claramente que o povo queria ser obedecido ou vingado. As proprias sentinellas collocadas alli para proteger a segurança dos representantes, davam o exemplo do insulto e da violencia. O chamado antes marquez de Villette, discipulo e amigo de Voltaire, membro da convenção, sendo reconhecido no corredor do Manége que conduzia á assemblea, foi agarrado pelo fato e viu a ponta de vinte sabres promptas a penetrar-lhe no coração, se acaso se não compromettesse a votar a morte do *tyranno*. Villette, que n'um corpo fraco tinha um coração intrepido, e que não acreditava que a philosophia tivesse por pedestal um cadafalso, desembaraçou-se dos braços do povo, affastou com as duas mãos as folhas dos sabres que lhe ameaçavam o peito, e, olhando com firmeza para os seus provocadores: «Não, disse elle, nem votarei a morte, nem vós me degolareis. Respeitareis em mim a minha consciencia, a liberdade e a nação.» E avançou para diante.

Os corredores da convenção, entregues aos chefes mais sanguinarios das sedições de Pariz, estavam igualmente obstruidos de grupos armados. Estes homens estavam ahi em ordem e em silencio em attenção ao logar; mas haviam os postado alli como symptomas vivos do terror que seus nomes, suas armas e suas recordações deviam imprimir nos juizes do rei. Maillard Fournier o Americano, Jourdan *Coupe-Tete* (Corta-cabeças) davam as ordens por signaes aos seus antigos cumplices, e designavam-lhes com um piscar de olhos os nomes e as caras que elles deviam observar e reter. E' preciso desfilar por entre elles para penetrar no recinto. Pareciam escrever os signaes em suas memorias. Eram as estatuas do assassinio collocadas ás portas do tribunal do povo para ordenar a morte. Cada deputado, ao entrar, acotovelava-os.

IV — O proprio recinto estava da mesma fórma desigualmente alumiado. As lampadas da mesa da presidencia e o lustre que lançava raios do alto sobre a abobeda, lançavam n'umas partes da sala brilhante claridade, e n'outras a escuridão. As tribunas publicas descendo por degráos em amphitheatro até aos bancos elevados da Montanha com os quaes se iam confundir, como nos circos romanos, regorgitavam de espectadores. Bem similhantes aos espectaculos antigos, viam-se sentados na primeira fila destas tribunas muitas mulheres, moças adornadas de côres tricolores, conversando entre si com indolencia, trocando entre si palavras, gestos, sorrisos, e não retomando o seu serio e suas actitudes attentas se não para contar os votos e marcal-os n'um papel com a ponta d'um alfinete no momento em que estes votos cahiam da tribuna. Os continuos da sala circulavam entre os bancos em amphitheatro, trazendo bandejas com sorvetes, gelados, laranjas que distribuiam a estas mulheres. Nos bancos os elevados, os homens do povo, em vestuarios jornaleiros de suas diversas condições, estavam em pé, attentos, repetindo-se em alta voz uns aos outros o nome e o voto do deputado que acabava de ser chamado, e perseguindo-o com applausos ou susurros até á sua cadeira. As primeiras bancadas destas tribunas populares estavam occupadas por moços carniceiros, com os aventaes ensanguentados enrolados á roda da cintura, e com o cabo das facas do seu officio sahindo-lhes affectadamente das dobras do avental que lhes servia de bainha.

O espaço desoccupado junto á mesa, a barra, as immediações das portas, os carris que conduziam aos bancos dos deputados e as tribunas publicas estavam agitadas com a ondulação perpetua dos deputados misturados com os espectadores, que não haviam podido achar logar nas galerias e que tinham feito irrupção no recinto reservado aos legisladores. Estes grupos, incessantemente rotos e reformados pelos representantes chamados á tribuna ou por aquelles que della desciam, assimilhavam-se menos a um auditorio ante um tribunal, e mais á confusão da praça publica.

O movimento não parava senão no instante em que o nome de um deputado, pronunciado pela voz do porteiro, fazia levantar os olhos para o votante para surprehender um momento mais cedo na sua attitude no movimento dos seus labios a vida ou a morte que elle ia pronunciar. Os bancos dos deputados estavam quasi vasios. Cançados de uma sessão de quinze horas, que devia durar sem interrupção até ao fim do julgamento, uns, semeados em raros grupos na extremidade dos bancos elevados, conversavam entre si a meia voz, na attitude da paciencia resignada; outros, com as pernas estendidas, o corpo recostado sobre as costas do seu banco, dormitavam sob o peso dos seus pensamentos, e não acordavam senão aos grandes clamores que um voto mais energicamente motivado fazia rebentar de tempos a tempos. O maior numero perpetuamente impellido de uma parte para outra pela agitação interior de seus pensamentos, não fazia senão sahir e entrar na salla. Viam-se passar de um grupo para outro, trocar rapidamente e em voz baixa meias palavras com os seus collegas, escreverem sobre os joelhos, riscar o que tinham escripto, tornar de novo a escrever seus votos, riscar outra vez, até que a voz do porteiro surprehendendo-os nesta hesitação, lhes arrancava dos labios a palavra fatal que um minuto mais haveria trocado na palavra contraria, e da qual elles se arrependiam talvez antes de a terem pronunciado.

V. — Os primeiros votos que a assemblea escutou deixavam a incerteza nos espiritos. *A morte* e *o desterro* pareciam balancear-se em numero igual no ressoar alternativamente de votos. A sorte do rei ia depender do primeiro voto que pronunciasse um dos chefes do partido girondino. Este voto significaria sem duvida o voto provavel de todo o partido, e o numero dos homens que o compunham determinaria irrevogavelmente a maioria. A vida e a morte estavam portanto d'alguma sorte selladas nos labios de Vergniaud.

Esperava-se com anciedade que a ordem alfabetica da chamada nominal dos departamentos, chegando á letra G chamasse os deputados da Gironda á tribuna. Vergniaud devia ser o primeiro Recordava-se o seu immortal discurso contra Robespierre para disputar o julgamento do rei desthronado aos seus inimigos. Conhecia-se a sua repugnancia e o seu horror ao partido que queria os supplicios. Repetiam-se as conversações confidenciaes em que elle havia confessado vinte vezes a sua sensibilidade pela sorte de um principe, cujo maior crime a seus olhos, era uma fraqueza que chegava quazi a ser innocencia. Sabia-se que na vespora mesmo, e algumas horas antes de principiar o escrutinio, Vergniaud, ceiando com uma mulher que se compadecia dos captivos do Templo, tinha jurado pela sua eloquencia e pela sua vida salvar o rei,

Ninguem duvidava da coragem do orador. Esta coragem estava estampada, naquelle mesmo momento, no socego da sua fronte, e nas pregas severas da sua boca cerrada a toda a confidencia.

Ao nome de Vergniaud as conversações acabáram, as vistas dirigiram-se todas sómente sobre elle. Subiu lentamente os degraos da tribuna, recolheu-se um momento, com as palpebras caidas sobre os olhos, como um homem que reflecte pela ultima vez antes de obrar; depois com uma voz surda, e como resistindo em sua alma á sensiblilidade que gritava dentro dello, pronunciou : — *a morte.*

O silencio do espanto comprimiu o sussurro e até mesmo a respiração na salla. Robespierre surriu-se com um surriso quasi imperceptivel, onde a vista julgou mais distinguir o desprezo do que a alegria. Danton encolheu os hombros. « Louvai lá os vossos oradores, disse elle baixo a Brissot. Palavras sublimes e actos cobardes! Que fazer de homens assim? Não me falleis mais nelle ; é um partido morto. »

A esperança morreu na alma d'um pequeno numero de amigos do rei occultos na salla e nas tribunas. Conheceu-se que a victima estava entregue pela mão de Vergniaud. Debalde este pareceu reter o seu voto, depois de o ter emittido, pedindo, como Mailhe, que depois de ter votado á morte a assemblea deliberasse se convinha á segurança publica conceder uma addiação á execução. Os jacobinos conhecêram que uma vez concedida a justiça do decreto, os girondinos não lhe disputariam a urgencia. O proprio Vergniaud declarou que o seu voto de morte era independente da addição concedida ou recusada. Era tirar de antemão a si proprio a possibilidade de tornar a agarrar aquella cabeça que elle abandonava. Desceu, com a cabeça baixa, os degráos da tribuna, e foi perder-se na turba.

VI. — A chamada continuou Todos os girondinos, Buzot, Pethion, Barbaroux, Isnard, Lasource, Salles, Rebecqui, Brissot, votaram com elle a morte. A maior parte uniram ao seu voto a condição d'uma addiação á execução. Fonfréde e Ducos votaram a morte sem condição. Sieyés, que nos conselhos e conversações secretas do seu partido havia mais que todos insistido porque se recusasse esta alegria a Robespierre, e este triumpho aos jacobinos, este sangue esteril e perigoso á revolução ; Sieyés, depois da victoria dos jacobinos na chamada nominal, julgou toda a resistencia inutil. Deixar a Robespierre só este titulo ensanguentado á confiança desesperada do povo, era, a seus olhos, abdicar desde o primeiro passo o governo da republica, e talvez a vida. Pois que não era possivel fazer parar o movimento, era mister, pensava elle, lançar-se nelle para o dirigir ainda. Sieyés a seu turno subiu á tribuna, e não pronunciou ahi senão uma palavra : a *morte.* Pronunciou-a a pezar e com a friesa de um geometra que enuncia um axioma, e com o abatimento de um vencido que cede á fatalidade Não augmentou a esta palavra a frase ironica que se lhe imputa. O seu voto foi laconico, não cruel. Condorcet, fiel aos seus principios, recusou derramar sangue : pediu que Luiz XVI fosse condemnado á pena mais forte abaixo da de morte. Lanjuinais, Dusaulx, Boissy d'Anglas ; Kersaint, Rabaut-Saint-Etienne, Sillery, Salles resistiram ao exemplo dos chefes do seu partido e á intimidação dos jacobinos. Votaram quasi todos a reclusão durante a guerra, e o ostracismo depois da paz. O proprio Manuel, vencido pelo espectaculo dos infortunios reaes que contemplava de mais perto no *Temple,* votou pela vida. Daunou, philosofo republicano, que não tinha, disia elle, senão duas paixões desinteressadas na sua alma, Deus e a liberdade, separou em voz alta no seu voto o direito de julgar e depôr os reis, do direito de os immolar como victimas. Mostrou que as letras fortificam a justiça no coração do escriptor esclarecendo a intelligencia, e que elle não havia esgotado no commercio litterario dos antigos, com as suas maximas de magnanimidade, a coragem de as praticar diante da morte. A Montanha, quasi que sem excepção, votou a morte. Robespierre, resumindo em algumas palavras o seu primeiro discurso, tentou conciliar o seu horror pela pena de morte com a condemnação que cahia dos seus labios. Fel-o dizendo que os tyrannos eram uma excepção da humanidade, e declarando que a sua ternura pelos opprimidos vencia na sua alma a compaixão pelos oppressores.

Os deputados de Pariz, Marat, Danton, Billaud-Varennes, Legendre, Panis, Sergent, Collot d'Herbois, Freron, Fabre d'Eglantine, David, Robespierre o moço, seguiram o exemplo de Robespierre, e repetiram como um éco monotono, vinte uma vez em seguida a palavra morte desfilando pela tribuna.

O duque de Orleans foi o ultimo alli chamado. Um profundo silencio succedeu ao ouvir-se o nome delle. Sillery, seu confidente e seu favorito, tinha votado contra a morte. Esperava-se que o principe votaria como o seu amigo, ou que a recusaria em nome da natureza e do sangue. Aos olhos mesmo dos jacobinos, elle devia ser escusado. Não se recusou. Subiu lentamente e sem emoção os degráos da tribuna, desenrolou um papel que tinha na mão, e leu com voz estoica as seguintes palavras : « Unicamente occupado do meu dever, convencido de que todos aquelles que teem attentado ou que attentarem daqui por diante contra a soberania do povo merecem a morte, voto pela morte ! » Estas palavras cahiram no silencio e na admiração do mesmo partido ao qual o duque d'Orleans parecia concedel-as como um penhor. Não encontrou na Montanha um olhar, um gesto, uma voz para o applaudirem. Estes montanhezes, sentenceando á morte um rei captivo e desarmado, podiam bem ferir a justiça, consternar a humanidade ; porém elles não consternavam a natureza. Nelles a natureza revoltava-se contra o voto do primeiro principe do sangue. Um arrepio precorreu os bancos e as tribunas da assembléa. O duque de Orleans desceu turbado da tribuna, duvidando, por estes primeiros symptomas, do acto que acabava de consummar. O verdadeiro heroismo da liberdade não faz tremer o coração humano. Não se sente horror por aquillo que se admira. As virtudes como as de Brutus estão tão visinhas do crime, que a propria consciencia dos republicanos se perturba em fece deste acto. Sacrificar a natureza ás leis parece bello á primeira vista ; mas a consaguinidade é tambem uma lei, e não ha virtude contra virtude !

Se este voto era um sacrificio á liberdade, o horror da convenção fez vêr ao duque de Orleans que o sacrificio não era acceito ; se era um penhor, não se lhe pedia tanto ; se era uma concessão, ella pagava a sua vida mui cara. Atacado já pelos girondinos, apenas tolerado pelo proprio Robespierre, cliente de Danton, se elle tivesse recusado alguma cousa á Montanha ella haveria pedido a sua cabeça. Elle não teve a grandeza d'alma de lh'a offerecer. O futuro teria pago mais do que o preço ao seu nome. Até Robespierre de tarde voltando a casa de Duplay e conversando a respeito do julgamento do rei, pareceu protestar contra o voto do duque de Orleans. « O infeliz, disse elle aos seus amigos ; só a elle era permittido escutar o seu coração e recusar-se ; não quiz, não o ousou fazer : a nação teria sido mais magnanima do que elle ! »

VII. — O apuramento do escrutinio foi longo, cheio de duvidas e de anciedade. A morte e a vida, como n'uma lucta, arcavam ora de cima, ora debaixo, segundo o acaso havia grupado os votos nas listas contadas pelos secretarios. Parecia que o destino tinha custo em pronunciar a palavra fatal. Todos os corações palpitavam, uns de esperança de salvar deste lucto a revolução, outros de receio de perder esta victima. Finalmente o presidente levantou-se para pronunciar o julgamento. Era Vergniaud. Estava pallido ; via-se tremerem-lhe os labios e as mãos, que seguravam o papel, onde ia lêr a cifra dos votos. Por um sinistro acaso ou por um escarneo cruel da escolha dos seus collegas, o papel de presidente condemnava Vergniaud a proclamar o decreto de deposição na assembléa legislativa, e o decreto de morte na convenção. Elle desejaria perseverar do seu sangue a monarchia temperada, e a vida de Luiz XVI ; era chamado duas vezes em tres mezes a desmentir o seu coração, e a servir de orgão ás opiniões dos seus ini-

migos. A sua situação falsa e cruel nestas duas circumstancias era o symbolo da situação de todo o seu partido; pilatos da monarchia e do rei; entregando um ao povo, sem estar convencido dos seus vicios; entregando outra aos jacobinos, sem estar convencido da sua criminalidade; derramando em publico um sangue que elles deploravam em segredo; sentindo sobre suas lingoas o remorso combater com o decreto, e lavando as mãos ante a posteridade.

VIII. — Nesta occasião um deputado, por nome Duchatel, fez conduzir-se á convenção envolvido nas roupas da sua cama, e no meio das ameaças com que o fulminavam, votou, com voz moribunda contra a morte. Annunciou-se uma nova intercessão do rei de Hespanha em favor de Luiz XVI. Danton tomou a palavra sem a pedir... «Tu ainda não és rei, Danton, gritou Louvet! — Estou admirado, continuou Danton, da insolencia de uma potencia que não receia pretender exercer influencia sobre as nossas deliberações. Se todos fossem da minha opinião, votar-se-hia no mesmo instante só por isto a guerra a Hespanha. Que! não reconhecem a nossa republica, e querem dictar-lhe leis. Comtudo ouça-se, se quizerem, este embaixador. Mas que o presidente lhe dê uma resposta digna do povo de que será orgão: que lhe diga que os vencedores de Jemmaques não desmentirão a gloria que tem conquistado, e encontrarão sua força para exterminar todos os reis conspirados contra nós! Nada de transacções com a tyrannya! O povo julgará os seus representantes, se os seus representantes o tiverem trahido!»

Vergniaud, com expressão de sentimento: «Cidadãos, disse elle, ides exercer um grande acto de justiça. Espero que a humanidade vos induzirá a conservar o mais religioso silencio. Quando a justiça fallou, a humanidade! deve tambem a seu turno ser ouvida...»

Leu-se o resultado do escrutinio. A convenção contava setecentos e vinte e um votantes. Trezentos e trinta e quatro tinham votado pelo desterro ou prisão; trezentos e oitenta e sete pela morte, contando pela morte os votos daquelles que haviam votado por esta pena, mas sob condição de ella ser addiada. A morte contava portanto mais cincoenta e tres votos que o desterro: mas, cortando do voto de morte os quarenta e seis votos que não o haviam pronunciado senão pedindo que a execução fosse suspensa, não ficava mais do que uma maioria de sete votos pela pena de morte. Assim tres homens deslocados deslocavam a cifra e mudavam o julgamento. Eram portanto os doze ou quinze chefes da Gironda, cuja mão havia lançado o peso decisivo n'uma balança quasi egual. A morte, voto dos jacobinos, foi acto dos girondinos. Vergniaud e os seus amigos fizeram-se os executores de Robespierre. A morte do *tyrano*, paixão no povo, foi uma concessão na Gironda. Uns pediam aquella cabeça como signal de salvação da republica, os outros a davam pela salvação do seu partido. Se a paixão de uns era cega e implacavel, que nome dar á concessão dos outros? Se ha um crime na morte pela vingança, na morte por covardia ha dois.

IX. — Durante este escrutinio, o rei, privado de toda a communicação externa desde o dia da sua ultima comparencia ante seus juizes, sómente sabia que a sua vida ou morte estavam naquelle momento nas mãos dos homens. A' força de desgraças, reflexões, e conformidade, interna, com a vontade de Deus, chegára a esse estado de indifferentismo, no qual o homem, imparcial entre o medo e a esperança, não apella senão para a decisão lá de cima; estado sobrenatural da nossa alma, no qual a humanidade, elevando-se superior aos proprios desejos, affronta todos os insultos da fortuna, unicamente soffre no seu corpo, e não tem outro desejo que não seja a ordem da Providencia. A philosofia dava estes conselhos, nos revezes, aos sabios da antiguidade: o christianismo fazia desta resignação um dogma, e dava do alto de uma cruz o exemplo ao mundo novo.

Luiz XVI contemplava incessantemente esta cruz e divinisava por ella o seu supplicio. Teria podido, se o pedisse, communicar durante estes derradeiros dias com a sua familia. Ouvia os passos e as vozes de seus filhos atravez as abobedas por baixo delle. Receiava que a transicção cruel da vida á morte, da esperança á desesperança, tornada mais sensivel pela presença daquelles amados entes, enfraquecesse demais sua alma, e fizesse sangrar ainda mais dolorosamente, por via de consecutivos dilaceramentos, os corações daquelles a quem tanto amava. Quiz antes beber sosinho de um só trago, o calix da separação, do que fazel-o esgotar pela sua familia, a gota por gota.

Na manhã do dia 19, as portas da sua prisão se abriram, e o rei viu avançar o sr. de Malesherbes. Ergueu-se, para ir ao encontro do seu amigo. O velho, caindo aos pés de seu amo, e regando-os das suas lagrimas, ficou por muito tempo sem poder fallar. A' similhança do antigo pintor, que velou o rosto a dôr, por medo de não representar bem o dilaceramento do coração humano, assim o sr. de Malesherbes, mudo, encarregou a sua actitude e o seu silencio, de fazerem comprehender a palavra, que elle tremia pronunciar. O rei comprehendeu-o, repetiu-a sem empallidecer, levantou o seu amigo, e apertou-o de encontro ao seu peito, e não pareceu occuppado senão em consolar e dar valor ao veneravel mensageiro da sua morte. Informou-se, com uma curiosidade socegada, e como estranha á sua propria sorte, das circumstancias, do numero de votos, e do voto de alguns homens que elle conhecia na convenção. — «Pelo que respeita a Pethion e a Manuel, disse elle ao sr. de Malesherbes, não me informo, pois estou certo que não votaram a minha morte! «Perguntou de que forma votára seu primo o duque de Orleans. O sr. de Malesherbes disse-lh'o — «Ah! disse elle, esse aflige-me mais que todos os outros!» Era a palavra de Cesar, reconhecendo o rosto de Brutus entre os seus assassinos, este só foi quem o fez fallar.

X. — Os ministros Garat e Lebrem, o maire Chambon, e o procurador da communa, Chaumette, acompanhados de Santerre, do presidente, e do accusador publico do tribunal criminal, vieram notificar ao rei o seu decreto, com todo o apparato da lei, quando ella põe o culpado fora da vida. Em pé, com a fronte levantada, a vista fixa sobre os seus juizes, ouviu a frase de morte dentro em vinte quatro horas, com a intrepidez de um justo. Sómente um olhar que levantou ao ceu, pareceu um apêllo interno de sua alma ao juiz infallivel e soberano. Acabada, a leitura, Luiz XVI avançou para Grouvelle, secretario do conselho executivo, pegou no decreto, dobrou-o, e meteu-o na sua pasta: depois voltando-se para Garat: — «Sr. ministro das justiças, lhe disse, com uma voz onde se encontrava o accento real no acto do supplicante, peço-vos entregueis esta carta á convenção.» Hesitando Garat receber aquelle papel: «Vou lervol-o,» replicou o rei, e leu: «Peço á convenção o espaço de tres dias, para me preparar a comparecer na presença de Deus; peço para isto poder livremente vêr o ecclesiastico que eu indicar aos commissarios da communa; e que elle fique ao abrigo de qualquer pesquiza pelo acto de charidade que vem exercer para comigo. Peço que se me retire essa perpetua vigilancia que, de alguns dias para cá, me observa á vista... Peço durante estes ultimos momentos poder vêr a minha familia, quando o desejar, e sem testimunhas. Bem sollicitamente desejaria tambem que a convenção se occuppasse em seguida da sorte da minha familia, e lhe permittisse retirar-se livremente para onde ella julgar conveniente asylar-se... Recommendo á benevolencia da nação todas as pessoas que me tem servido... ha neste numero muitos velhos, mulheres, e creanças que para viver não tinham mais do que os meus beneficios, e que devem achar se em miseria. Feita na torre do Templo, em 20 de janeiro de 1792.»

O rei entregou ao mesmo tempo a Garat outro papel, designando a morada do ecclesiastico, cuja pratica e consolações elle desejava na sua derradeira hora. Este papel, escripto por outra mão sem ser a do rei, dizia: «Sr. Edgeworth de Fermon, rua do Bac.» Depois de Garat receber os dous papeis, o rei deu alguns passos para a rectaguarda, inclinando se, como quando despe-

dia uma audiencia de corte, para indicar que queria ficar sosinho. Os ministros sahiram.

XI. — Depois da partida delles o rei passeou pelo seu quarto com um passo firme, e pediu a sua comida. Como não tinha faca partiu com a colher seus alimentos, e o pão com os dedos. Estas precauções dos municipaes indignaram-o mais do que o decreto de morte. — Julgam-me assaz covarde, disse em voz alta, para roubar minha vida a meus inimigos? Imputam-me crimes; mas estou innocente, e morrerei sem fraqueza. Desejaria que minha morte fizesse a felicidade dos francezes, e que podesse conjurar as desgraças que prevejo á nação! »

Pelas seis horas, Santerre e Garat voltaram a trazer-lhe a resposta da convenção, aos seus pedidos. Apesar dos reiterados esforços de Barbaroux, Brissot, Buzot, Pethion, Condorcet, Chambon, e Thomaz Payne, a convenção já tinha decidido na vespora que se recusaria qualquer addiamento á execução. Fournier o Americano, Jourdan Coupe-Tete, e os seus satellites tinham erguido seus sabres sobre as cabeças de Barbaroux e Brissot, no corredor da convenção, e haviam-lhes dado a opção, com a ponta dos ferros apontada a seus peitos, do silencio ou da morte. Estes corajosos deputados afrontaram a morte, e luctaram cinco horas por obterem aquelle addiamento. Debalde protestaram Lazenave, Brissot, Manuel, e de Kersaint; este ultimo em uma carta, que era naquella occasião um dos mais heroicos desafios á morte, que podia sahir da alma de um cidadão. Trinta e quatro votos de maioria, reunidos por Thuriot, Couthon, Marat, e Robespierre, regeitaram a prolongação do prazo das vinte e quatro horas. Eis a carta de Kersaint: « Cidadãos! impossivel me é supportar a vergonha de me assentar por mais tempo no recinto da convenção, com homens de sangue, visto que as opiniões, apoiadas pelo terror, sobrepujam aqui as dos homens honrados; visto que Marat vence a Pethion. Se o amor do meu paiz me faz lastimar a desgraça de ser o collega dos panegiristas e promotores dos assassinios do 2 de setembro, quero ao menos defender a minha memoria de haver sido seu cumplice. Para isso não tenho outra occasião senão esta: ámanhã já não será tempo. »

Mais irritada do que commovida por estas vozes, a convenção encarregou o ministro das justiças de responder aos pedidos de Luiz XVI que era livre para escolher o ministro do culto que quizesse, e vêr a sua familia sem testimunhas; mas que o pedido do espaço de mais tres dias para se preparar para a morte fôra regeitado, e que a execução seria levada a effeito nas vinte e quatro horas.

XII. — O rei, recebeu do conselho executivo esta communicação, sem murmurar. Não disputava os minutos á morte; tudo quanto pedia era um recolhimento de algumas horas á extremidade do tempo entre a vida e a eternidade. Já desde muitas semanas antes se occupava em sanctificar o seu sacrificio. N'uma das suas conversações, encarregou o sr. de Malesherbes de uma mensagem secreta para um veneravel padre estrangeiro, occulto em Pariz, e cuja assistencia implorava, no caso em que tivesse de morrer. — E' uma estranha commissão para um philosopho, disse elle com um triste sorriso ao sr. de Malesherbes. Mas sempre conservei a minha fé christã, como um freio aos desvarios do grau-poder, e consolação nas minhas adversidades. Encontro-a no fundo da minha prisão; se acaso estiverdes destinado a uma morte igual á minha, desejo que a mesma consolação encontreis nos vossos derradeiros momentos. »

Malesherbes descubriu a morada daquelle guia da consciencia do rei, e o fez prevenir dos desejos de seu amo. O homem de Deus esperava a hora em que a prisão se abrisse á sua charidade; ainda que lhe custasse a vida, elle não hesitava. Ministro da agonia, devia o seu ministerio sagrado aos ultimos momentos: é o heroismo do padre christão. Ainda mais, uma santa amisade unia, muito tempo havia, o padre ao rei. Introduzido furtivamente nas Tuilerias, nos dias de solemnidade christã, este ecclesiastico havia muitas vezes confessado o rei. A confissão christã, que prostra o homem aos pés do padre, e o rei aos pés do seu vassallo, estabelece entre o confessor e o penitente uma confiança paternal de um lado, filial do outro, a qual, bem que sobrenatural no seu principio, muitas vezes se transforma n'uma affeição humana entre almas, que de tão perto se teem fallado. Deus é o laço destas espirituaes ligações. Mas este laço formado no ceu não se rompe nunca inteiramente na terra. Nesta completa troca de almas, muitas vezes os corações tambem se vasam. Assim succedera com o rei e o padre. Luiz XVI tinha no abbade de Fermont um amigo collocado entre este mundo e o outro. Chamava-o nos dias difficeis, e reservava-o para as extremidades da sua sorte.

XIII. — Na quarta feira, 20 de janeiro, ao cair da noite, um desconhecido bateu inesperadamente á porta do ignorado retiro, onde este pobre sacerdote occultava a sua vida, e lhe ordenou o seguisse ao local onde o conselho de ministros celebrava as suas sessões. O sr. de Firmont seguiu o desconhecido. Chegado ás Tuillerias, introduziram-o no gabinete, onde os ministros deliberavam a respeito do modo porque se executaria o supplicio, o que, pela convenção, fôra deixado á sua responsabilidade. Garat, filosofo sensivel; Lebrun, diplomata frio; Roland, republicano clemente, e que não podia impedir-se de no rei amar o homem, desejariam, por qualquer preço possivel, affastar de seus corações, nomes e memoria, a sinistra missão com que seu destino os feria. Não era tempo. Solidarios dos girondinos, refens no ministerio dos jacobincs, era preciso executar ou morrer. Suas fisionomias, agitação e pasmo revelavam o horror de suas situações. Procuravam dissimular a si proprios o rigor, á força de attenções e compaixão. Levantaram-se, circumdaram o padre, honorificaram sua coragem, e protegeram a sua missão. Garat recebeu o confessor na sua carroagem, e conduziu-o ao Templo. Durante o caminho, o ministro da convenção derramou o seu desespero no seio do ministro de Deus — « Grande Deus! exclamou elle, de que cruel missão me vejo encarregado! Que homem! acrescentou elle, fallando de Luiz XVI. Que resignação! que coragem! Não, a natureza sómente não poderia dar tanta força; ha alli alguma cousa de sobre-humano! » O padre calou-se com receio de offender o ministro, ou retractar a sua fé. Após estas palavras o silencio reinou entre aquelles dois homens até á porta da torre. Esta abriu-se ao nome de Garat. O ministro e o confessor passaram atravez uma salla cheia de homens armados, e passaram a outra mais vasta. As abobedas, os degradados ornamentos da architectura, os degraus de um altar destruido, revelavam uma capella antiga, e havia muito tempo profanada. Doze commissorios da communa estavam nesta sala reunidos em conselho. Suas fisionomias, seus discursos, a total ausencia de sensibilidade, e até mesmo de decencia, em frente da morte, que caracterisava os rostos destes homens, revellavam nelles essas brutaes naturezas, incapazes de nada respeitarem n'um inimigo; nem mesmo a dôr e a morte. Unicamente um ou dois destes rostos, os mais juvenis, trocavam, ás escondidas dos seus collegas, alguns furtivos signaes de intelligencia com os olhos do padre. O ministro subiu, no entanto que apalpavam o abbade de Firmon. Conduziram depois o confesor á camara do rei. Este principe, apenas viu o sr. de Firmont, lançou-se para elle, arrastou-o para o seu quarto, e fechou a porta para gosar sem testimunhas a presença deste homem, a qual tanto desejara. O sacerdote caiu aos pés do seu penitente. Chorou, antes de o consolar. O proprio rei não pôde conter as lagrimas — « Perdoai-me, disse elle ao ecclesiastico, levantando-o, este momento de fraqueza. Vivo, tanto tempo ha, entre os meus inimigos, que o habito me endureceu á respiração delles, e meu coração se fechou aos sentimentos da ternura. A vista porém, de um fiel amigo restitue-me a minha sensibilidade, que eu já acreditava extincta, e a despeito de mim proprio me enterneço. » Conduziu-o depois á torresinha mais retirada, onde ordinariamente se recolhia com os seus pensamentos. Uma mesa, duas cadeiras, um pequeno fogão de faiance, similhante a estes fogõesinhos portateis com que as pobres mulheres dos artistas aquecem suas mansardas, alguns livros, uma imagem de Christo pregado na cruz, esculpida em marfim, mobilavam esta

cella. O rei ahi fez assentar o sr. Edgeworth, e sentou-se defronte delle do outro lado do fogão. — « Eis-me, pois, chegado, lhe disse o condemnado, ao grande e unico negocio que me deve occupar na vida: deixal-a puro, ou perdoado por Deus, a fim de preparar para mim e para os meus outra melhor... » Dizendo estas palavras tirou do seio um papel e quebrou-lhe o sello. Era o seu testamento. Leu-o duas vezes lentamente, carregando todas as syllabas, afim de que nenhum dos sentimentos que ahi manifestava escapasse ao attento exame do homem de Deus, a quem reconhecia por juiz. O rei parecia receiar que, nos termos em que legava a este mundo o seu perdão, algum ressentimento ou reprehensão lhe escapasse contra vontade de sua alma, e involuntariamente arrebatasse alguma doçura ou santidade ao seu adeus. Sua voz não se enterneceu, nem seus olhos se enterneceram, senão quando repetia aquellas linhas, onde pronunciava os nomes da rainha, de sua irmã, e de seus filhos. Via-se que toda a sua sensibilidade, domada, ou amortecida para elle proprio, logo se encontrava em o nome, na imagem, ou no destino dos seus. Nelle nada mais havia de vivo e seffredor sobre a terra, senão a sua familia.

Uma pratica livre e tranquilla relativamente ás circumstancias destes ultimos mezes, desconhecidas ao rei, succedeu a esta leitura. Informou-se da sorte de muitas pessoas que lhe eram queridas, enternecendo-se com a perseguição de uns, alegrando-se com a fuga e salvação de outras; fallando de todas não com a indifferença de um homem que parte para sempre da sua patria, mas com a curiosidade cheia de interesse, d'um homem que regressa, e se informa de tudo que tem amado. Apesar do relogio das torres visinhas repetirem já as horas da noite, e a sua vida não se medir já senão por horas, retardou o momento de se occupar das praticas piedosas, para as quaes chamára o seu confessor. Pelas sete horas da manhã devia ter a ultima entrevista com a sua familia. A aproximação desse momento, tão desejado e tão temido ao mesmo tempo, agitava-o mil vezes mais do que o pensamento do cadafalso. Não queria que estes supremos dilaceramentos da sua vida viessem perturbar a tranquillidade da sua preparação para a morte, nem que suas lagrimas se misturassem com seu sangue no sacrificio de si mesmo, que d'alli a algumas horas ia offerecer aos homens e a Deus.

XIV — No entanto a rainha e as princezas, com o ouvido sempre collocado ás janellas, tinham sabido durante o dia, a recusa de se conceder mais tempo de vida ao rei, e que a execução seria levada a effeito durante as vinte e quatro horas, e isto lhe chegara aos ouvidos pela voz dos pregoeiros publicos que urlavam a sentença em todos os bairros de Pariz. D'alli por diante toda a esperança estava extincta em suas almas, e a anciedade já se não fixava senão unicamente n'uma só duvida: morreria o rei sem as tornar a ver, abraçar, e abençoar? Uma derradeira e suprema expansão de ternura a seus pés, um derradeiro aperto de encontro ao seu coração, uma derradeira palavra a ouvir-lhe e conserval-a de memoria, um derradeiro olhar a guardar em sua alma, a isto sómente se limitaram todas as suas esperanças, desejos, e supplicas. Grupadas desde manhã em silencio, em orações, em lagrimas no quarto da rainha, interpretando com o coração todos os ruidos, interrogando com os olhos todos os rostos, tarde souberam que um decreto da convenção lhes permittia tornarem a ver o rei. Foi uma alegria na agonia. Para esta entrevista se preparavam muito tempo antes da hora designada. De pé, encostadas á porta, dirigindo-se como supplicantes aos commissarios e aos carcereiros, a quem não cessavam de interrogar, parecia-lhes que sua impaciencia abreviava as horas, e que o pulsar de seus corações forçariam aquellas portas a mais depressa se abrirem.

XV. — O rei, pela sua parte, exteriormente tranquillo, interiormente não estava menos perturbado. Nunca tivera tido mais do que um amor, sua mulher; mais que uma amizade, a sua irmãa; mais do que uma alegria na vida, que era sua filha e seu filho. Estas ternuras de homem, distraidas e esfriadas se bem que nunca extinctas no throno, haviam-se reconcentrado, aquecido, e como incrustado em sua alma depois que lhe chegára a hora da adversidade, e ainda muito mais depois da solidão da prisão. Havia já tanto tempo que o mundo não existia para elle, senão neste pequeno numero de pessoas, nas quaes se multiplicavam as suas aprehensões, alegrias e dores! Ainda mais, haverem todos juntos receiado, esperado, e temido tanto é ter assentado em commum mais pensamentos e mais vida. As lagrimas derramadas juntas, as de uns sobre os outros, são o cimento dos corações. Os soffrimentos em commum unem mil vezes mais do que as mesmas alegrias. Estas cinco almas não formavam mais do que uma só sensibilidade. Uma unica cousa perturbava de antemão esta entrevista; e vinha a ser, a ideia de que esta ultima entrevista, na qual a naturesa rebentaria com a liberdade do desespero, e o abandono da ternura, teria por testimunhas os carcereiros; que as mais secretas palpitações do coração do esposo, esposa, irmão, irmãa, pai e filha seriam contadas, saboriadas, e talvez incriminadas pela vista de seus inimigos! O rei fundou-se nos termos do decreto da convenção para pedir que a entrevista tivesse logar sem testimunhas. Os commissarios, responsaveis para com a communa, e que com tudo não ousavam desobedecer abertamente á convenção, deliberáram para conciliar as intenções do decreto com os rigores da lei. Concordou-se que a entrevista tivesse logar na salla de jantar, a qual deitava, por uma porta de vidraças para a camara onde estavam os commissarios; a porta devia ficar fechada sobre o rei e sua familia, mas os commissarios vigiariam os presos pelas vidraças da porta. Portanto, se as atitudes, os gestos, as lagrimas eram profanadas por olhares estranhos, ao menos as palavras seriam inviolaveis. O rei um pouco antes da hora em que as princezas se deviam apresentar, deixou seu confessor na torresinha, recommendando-lhe que não apparecesse, com medo de que a vista d'um ministro de Deus não fizesse sobresair mais a morte aos olhos da rainha. Passou á casa de jantar para preparar os assentos, e o espaço necessario á sua derradeira entrevista. « Trazei agoa e um copo, » disse ao seu servidor. Sobre a meza estava uma garrafa d'agoa gelada. Clery mostrou-lha. « Trazei agoa que não esteja gelada, disse o rei, porque se a rainha bebesse della, poderia fazer-lhe mal. » Finalmente a porta abriu-se. A rainha, segurando pela mão o filho, foi a primeira a lançar-se nos braços do rei, e fez um rapido movimento como para o arrastar para o seu quarto, fora da vista dos espectadores. « Não, não, disse o rei, com uma voz surda, apertando sua mulher de encontro ao coração, e dirigindo-se para a salla, « não posso vêr-vos senão aqui! »

A princeza Izabel seguia a com a princeza real. Clery fechou a porta sobre elles. O rei obrigou ternamente a rainha a sentar-se n'uma cadeira á sua direita, sua irmãa n'outra á sua esquerda; elle sentou-se entre ambas. As suas cadeiras estavam tão proximas que as duas princezas, inclinando-se abraçavam-lhe os hombros com os seus braços, e encostavam suas cabeças no seio delle. A princeza real, com a fronte inclinada e os cabellos espalhados sobre os joelhos de seu pai, estava como prostrada sobre seu corpo. O delfim sentado n'um dos joelhos do rei, com um dos braços passado em roda do seu pescoço. Estas cinco pessoas assim grupadas pelo instincto da sua ternura, e convulsivamente enlaçadas nos braços umas das outras, com os rostos escondidos no peito do rei, não formavam á vista mais do que um feiche de cabeças, braços, membros palpitantes agitados pelo tremor da dor e das caricias, e donde se escapavam em balbuciamentos comprimidos, em murmurio surdo ou em estrepito despedaçador, o desespero destas cinco almas confundidas n'uma, para abafarem, para rebentarem, e para morrerem n'um só abraço.

XVI. — Por mais de meia hora nenhuma palavra pôde sair de seus labios. Era só uma lamentação, na qual todas estas vozes de pai, de mulheres, de filhos, se perdiam no gemido commum, caiam, chamavam-se, respondiam-se, provocavam-se umas ás outras por soluços que renovavam soluços, e aguçavam-se por intervallos em gritos tão despedaçadores que estes gritos atravessavam as portas, as janellas, as paredes da torre, e

eram ouvidos nos bairros visinhos. Por fim o esgotamento das forças abateu até mesmo estes symptomas de dor. As lagrimas seccavam-se nas palpebras; as cabeças aproximavam-se da cabeça do rei como para suspender todas as almas a seus labios; e uma conversação em voz baixa, interrompida de tempos a tempos por beijos e abraços se prolongou durante duas horas, que não foram senão um longo abraço. Ninguem de fora ouviu estas confidencias do moribundo aos vivos. O tumulo ou as prisões as abafaram dentro de poucos mezes com os corações. Só a princesa real lhe guardou as lembranças em sua memoria, e mais tarde revelou o que a confidencia, a politica e a morte podem deixar escapar das ternuras de um pai, da consciencia d'um moribundo, e das secretas instrucções de um rei. Mutua narração dos seus pensamentos desde sua separação, recommendações repetidas de sacrificar a Deus toda a vingança, se em algum tempo a inconstancia dos povos, que é a fortuna dos reis, lhes entregasse nas mãos os seus inimigos; impulsos sobrenaturaes da alma de Luiz XVI para o ceo; internecimentos repentinos e recaida na terra ao aspecto destes seres adorados, cujos braços interlaçados ahi o pareciam chamar e reter; vaga esperança, exagerada por uma piedosa mentira a fim de moderar a dor da rainha: resignação de tudo entre as mãos de Deus; votos sublimes para que a sua vida não custasse nem uma unica gota de sangue do seu povo; lições mais christãs ainda do que reaes dadas e repetidas a seu filho; tudo isto interrompido com beijos, lagrimas, abraços, orações em commum, despedidas mais ternas e mais secretas derramadas em voz baixa no ouvido só da rainha, preencheram-se as duas horas que durou esta funebre conversação. De fora não se ouvia mais do que um terno e confuso segredar de voses. Os commissarios lançavam de tempos em tempos uma vista furtiva atravez a vidraça, como para advertir o rei de que o tempo corria.

Quando os corações foram esgotados de ternura, os olhos de lagrimas, os labios de vozes, o rei se levantou e apertou toda a sua familia ao mesmo tempo n'um largo abraço. A rainha lançou-se aos seus pés, e conjurou-o permittir-lhe ficassem aquella noite suprema junto a elle. Recusou-se a isso por ternura por elles, a quem aquelle internecimento gastava a vida. Tomou por pretexto a necessidade que elle tinha de algumas horas de tranquillidade para se preparar com todas as suas forças para o dia seguinte. Porem elle prometteu á sua familia mandal-a chamar no dia seguinte ás oito horas. « Porque não ás sete horas? disse a rainha. — Pois bem, sim, ás sete horas, respondeu o rei. — Prometteis? exclamaram todos. — Prometto, repetiu o rei. A rainha, atravessando a antecamara, suspendeu-se com as suas duas mãos ao pescoço do seu marido; a princeza real enlaçava o rei com os seus dois braços; a princeza Izabel abraçava do mesmo lado o corpo de seu irmão; o delfim suspenso d'uma das mãos pela rainha, e da outra pelo rei, escorregava pelas pernas de seu pai, com o rosto e os olhos erguidos para elle. A' medida que avançavam para a porta da escada, seus gemidos redobravam. Arrancavam-se dos braços uns dos outros, e nelles recaiam com todo o peso do seu amor e dôr. Finalmente o rei, recuou alguns passos para traz, e estendendo os braços para a rainha: « Adeus..... adeus!... » lhe gritou com um gesto, um olhar, e um som de voz, aonde ao mesmo tempo retinia um passado inteiro de ternura, um presente inteiro de angustias, e um futuro de eterna separação, mas na qual se distinguia com tudo um accento de serenidade, de esperança e de alegria religiosa que parecia apontar-lhe para reunião de todos o ponto vago, mas confiante, d'uma vida eterna.

A este adeus, a moça princeza escorregou desmaiada nos braços da princeza Izabel, e foi cair sem movimento aos pés do rei. Clery, sua thia, a rainha precipitaram-se para a sustentar, e a sustiveram arrastando-a para a escada. Durante este movimento o rei evadiu se, com as mãos sobre os olhos, e Voltando-se, do limiar da porta do seu quarto semi-aberta: « Adeus! » lhe gritou pela ultima vez. A voz quebrou-se-lhe sob o soluço do coração. A porta fechou-se. Precipitou-se para a torresinha, onde o seu consolador o esperava. A agonia da realesa estava passada.

XVII. — O rei caíu de cançasso sobre uma cadeira, e ficou por muito tempo sem poder fallar. « Ah! senhor, disse elle ao abbade Edgeworth, que entrevista esta que eu acabo de ter! Porque amo eu tanto!... Ah! acrescentou elle depois de uma pausa, e para que sou tanto amado!... Porem passou com o tempo, replicou com um accento mais varonil, occupemo-nos da eternidade! » Neste momento Clery entrou e pediu ao rei que tomasse algum alimento. O rei recusou primeiro; depois reflectindo que teria necessidade de força para luctar como homem contra os aprestes e a vista do supplicio, comeu. A comida só durou cinco minutos. O rei de pé, unicamente tomou um pedaço de pão e um pouco de vinho, como um viajante que não se senta na estrada. O padre, que conhecia a fé de Luiz XVI nos santos mysterios do christianismo, e que se reservava dar-lhe a ultima alegria de assistir a elles na sua prisão, perguntou-lhe então se para elle seria uma consolação de vel-os celebrar no dia seguinte pela manhã, antes do dia, e receber da sua mão o Deus feito homem para soffrer comnosco, e transformado em pão para nutrimento das almas? O rei, privado havia muito tempo de assistir ás ceremonias sagradas, piedoso habito dos principes da sua raça, ficou commovido de surpresa e alegria com este pensamento. Pareceu-lhe que o Deus do Calvario vinha visital-o na sua prisão á ultima hora, como um amigo que vem ao encontro d'outro amigo. Unicamente desanimou de obter este favor da dureza e da impiedade dos commissarios da communa.

O sacerdote, animado pelos testimunhos do respeito que Garat dera á sua missão, foi mais esperançoso. Desceu á salla do conselho, e pediu authorisação e meios de celebrar o sacrificio divino no quarto do rei. Eram a hostia, o vinho, o missal, um calice, e vestes sacerdotaes. Os commissarios indecisos, temendo por uma parte recusar uma consolação suprema á ultima hora de um moribundo, e por outra serem accusados de *fanatismo* permittindo celebrar-se á sua vista os ritos d'um culto repudiado, deliberaram por muito tempo em voz baixa. « Quem nos responde, disse um destes homens ao ecclesiastico, que não envenenareis o condemnado na hostia mesmo em que lhe apresentareis o corpo do seu Deus; será a primeira vez que se haverão envenenado os reis com o pão da vida! » O confessor tirou todo o pretexto á suspeita pedindo aos municipaes que lhes fornecessem elles mesmos o vinho, a hostia, os vasos, os paramentos do altar. Voltou a annunciar ao rei esta felicidade.

XVIII. — O principe sentiu esta ultima doçura como um primeiro raio de immortalidade. Recolheu-se, caiu de joelhos, repassou diante de Deus os actos, os pensamentos, as intenções de sua vida inteira; acceitou vivo, não diante da posteridade, nem ante os homens, mas em presença da vista de Deus, este julgamento que os reis do Egypto sómente no tumulo soffriam. Este exame da sua consciencia, e esta accusação de si proprio duraram até depois da meia noite. O julgamento de Deus, sempre misturado de perdão, não é o julgamento dos homens. O rei levantou-se, se não innocente, ao menos absolvido. O sacerdote, que na confissão christã, inflinge uma pena voluntaria ás faltas, impoz por expiação ao seu penitente a acceitação religiosa da morte que elle ía padecer, e o sacrificio do seu sangue para lavar o throno de todas as faltas da sua raça. Prometteu ao rei dar lhe na communhão do dia seguinte, em signal de reconciliação e de esperança, o corpo de Christo suppliciado. Este sentimento da purificação da alma que o christão experimenta depois da confissão havia acalmado os sentidos do rei. Esta investigação attenta das fraquezas da sua vida tinha distrahido o seu pensamento da hora presente. O seu reinado era mais irreprehensivel na sua consciencia do que na historia. Até nas suas faltas elle encontrava suas boas intenções. Conhecendo-se puro em presença de Deus, julgava-se innocente an-

ue os homens. Devia esperar a absolvição da posteridade, como acreditava na absolvição de Deus.

XIX. — A noite estava meia passada. O condemnado deitou-se, e adormeceu de um somno tão subito, e tão socegado como se esta noite tivesse de ter um dia de amanhã! O padre passou as horas em orações na camara de Clery, separada da do rei por um tabique. Ouvia-se lá a respiração igual e doce do rei adormecido attestar a profundidade do seu repouso e a regularidade dos movimentos do seu coração, como os de uma pendula que vae parar. Pelas cinco horas, foi preciso acordal-o. — « Já deram as cinco horas? perguntou elle a Clery? — Ainda não no relogio da torre, lhe respondeu Clery; mas já soaram em muitas torres da cidade. — Dormi muito bem, disse o rei, tinha necessidade, o dia de hontem havia-me fatigado. » Clery accendeu o lume, e ajudou seu amo a vestir-se. Preparou o altar no meio da camara. O sacerdote ahi celebrou o sacrificio. O rei, ajoelhado, com um livro de orações na mão, parecia unir sua alma a todos os sentidos, a todas as palavras desta ceremonia, em que o sacerdote fez a ceremonia da ultima ceia, da agonia, da morte, da ressurreição, e da transubstanciação do Christo offerecendo-se como victima a seu pai, e dando-se em alimento a seus irmãos. Recebeu o corpo de Christo sob a especie do pão consagrado. Conheceu-se fortificado contra a morte, acreditando possuir no seu coração o divino penhor de outra vida. Depois da missa, no entanto que o padre se desparamentava, o rei passou sosinho á sua torresinha para se recolher em si. Clery ahi entrou para lhe pedir de joelhos a sua benção; Luiz XVI deitou-lha, encarregando-o de a dar em seu nome a todos aquelles que lhe eram affeiçoados, e em particular áquelles guardas seus que, assim como Turgy tiveram piedade do seu captiveiro, e lhe haviam dulcificado os rigores; depois, puxando para o vão da janella entregou-lhe ás escondidas um sinete que sacou do seu relogio, um pequeno embrulho que tirou do seio, e um annel de casamento que arrancou do dedo. — « Entregareis depois da minha morte, lhe disse elle, este sinete a meu filho, este annel á rainha. Dizei-lhe que o deixo com bastante pena, porém é para não ser profanado com o meu corpo!... Este pequeno embrulho encerra os cabellos de todos os da minha familia, entregar-lho-heis tambem. Dizei á rainha, aos meus queridos filhos, á minha irmã, que tinha-lhes promettido vêl-as esta manhã, mas que lhes quiz poupar a dôr de tão cruel separação renovada duas vezes. Quanto me custa partir sem receber seus derradeiros abraços!... » Os soluços abafaram-o. « Encarrego-vos, » acrescentou elle com uma ternura que lhe quebrava as palavras na voz, « de lhes dardes os meus ultimos adeuses!... » Clery retirou-se banhado em lagrimas.

Um momento depois o rei sahiu do seu gabinete, e pediu thesouras, para o seu servidor lhe cortar os cabellos, unica herança que elle podia deixar á sua familia. Recusaram-lhe esta graça. Clery sollicitou dos municipaes o favor de acompanhar seu amo para o despir sobre o cadafalso, a fim de que a mão d'um piedoso servo substituisse neste ultimo officio a mão infamada do algoz. « O carrasco é assaz bom para isso, » respondeu um dos commissarios. O rei retirou-se de novo.

XX. — Seu confessor, entrando na torresinha, achou-o aquecendo-se junto ao seu fogão, parecendo reflectir com uma triste alegria sobre o termo finalmente chegado das suas tribulações. — « Meu Deus! exclamou o rei, como eu sou feliz de ter conservado a minha fé sobre o throno! Onde estaria eu hoje sem esta esperança? Sim, existe lá em cima um juiz incorruptivel que saberá fazer-me a justiça que os homens me recusam aqui na terra! »

O dia começava a penetrar na torre atravez as barras de ferro, e as pranchas de madeira que obstruiam a luz do ceo. Ouvia-se distinctamente o toque dos tambores que tocavam em todos os bairros á chamada dos cidadãos ás armas, o tropel dos cavallos da gendarmeria, e o rodar dos canhões e caixões da artilheria que se postava e retirava dos pateos do Templo. O rei escutou estes ruidos com indifferença; explicava-os ao seu confessor. — « E' provavelmente a guarda nacional que principia a reunir-se, » disse elle ao primeiro toque de chamada. Alguns momentos depois, ouviram-se as ferraduras dos cavallos de uma cavallaria bem numerosa ressoar nas calçadas, aos pés da torre, e as vozes dos officiaes formando os seus batalhões em ordem de batalha. — « Eil-os que se aproximam, » disse elle interrompendo e continuando a conversação. Estava sem impaciencia e sem temor, como um homem que havia chegado primeiramente a um ponto de reunião, e que espera. Esperou muito tempo. Durante quasi duas horas vieram successivamente bater á porta do seu gabinete sob diversos pretextos. Todas as vezes o confessor julgava ser o apello supremo. O rei levantava-se sem precipitação, ía abrir a porta, respondia, e volvia a sentar-se. Pelas nove horas, passos tumultuosos de homens armados ressoaram pela escada; as portas abrem-se com estridor; Santerre apparece acompanhado de doze municipaes, e á frente de dez gendarmes, que enfilleira em duas allas na camara.

O rei, a este ruido, abre a porta do seu gabinete: « Vindes buscar-me, disse elle com uma voz firme e n'uma imperiosa actitude a Santerre, n'um momento estou comvosco, esperai-me ahi! » Apontou com o dedo para o lumiar da sua camara, fechou a porta, e volta a ajoelhar-se aos pés do sacerdote. « Tudo está consummado, meu padre, lhe disse elle, deitai-me a vossa ultima benção, e orai a Deus para que me sustente até ao fim. » Levanta-se, abre a porta, avança com a fronte serena, a magestade da morte no gesto e nas feições, e entra na dupla fileira dos gendarmes. Segurava na mão um papel dobrado, era o seu testamento. Dirige-se ao municipal que estava defronte delle: « Peço-vos, lhe disse elle, que entregueis este papel á rainha!!! » Um movimento de espanto a esta palavra, naquelles rostos republicanos, fez-lhe comprehender que se havia enganado neste termo: a minha mulher, » disse elle cahindo em si. O municipal recua: « Isto não me respeita, respondeu elle rudemente, estou aqui para me conduzir ao cadafalso. » Este municipal era Jacques Roux, padre sahido do sacerdocio, e que com a sua batina havia despido toda a charidade. « É justo, » disse baixinho o rei visivelmente contristado. Depois olhando os rostos, e voltando-se para aquelle cuja expressão mais doce que elle revelava um coração menos desapiedado, aproximou-se d'um municipal chamado Gobeau: » Rogo-vos entregueis este papel a minha mulher; podeis lel-o, contem disposições que a communa deve conhecer. » O municipal, com assentimento dos seus collegas recebeu o testamento.

Clery, que receiou, como o criado de quarto de Carlos I, que seu amo, tremendo de frio, parecesse tremer ante o cadafalso, apresentou-lhe a sua capa. « Não preciso, disse o rei, dai me somente o meu chapeo. » Recebendo-o, agarrou na mão do seu fiel servidor, e apertou-lh'a fortemente; depois, voltando-se para Santerrer e olhando-o de frente, com um gesto de resolução, e um tom de commando, disse-lhe: » Marchemos!... »

Santerre, e a sua tropa, pareceram mais seguil-o do que escoltal-o. O principe desceu com passo firme a escada da torre; e tendo encontrado no vestibulo o carcereiro da torre por nome Matheus, que lhe faltára na vespera ao respeito, e a quem elle reprehendera com irritação a sua insolencia, avançou para elle: « Matheus, lhe disse elle com um gesto cordeal, fui hontem um pouco vivo para com vosco, perdoai-me em attenção a esta hora. » Matheus, em vez de lhe responder, affectou voltar a cabeça, e retirar-se, como se o contacto do moribunfosse contagioso.

Atravessando a pé o primeiro pateo, o rei voltou-se duas veses para o lado da torre, e levantou para as janellas da rainha um olhar, no qual sua alma toda inteira parecia levar-lhe seu mudo adeus a tudo que elle deixava de si naquella prisão.

Uma carroagem o esperava á entrada do segundo pateo; dois gendarmes estavam della á porta; um subiu primeiro, e sentou-se no assento dianteiro: o rei subiu depois, e fez collocar o confessor á sua esquerda;

o segundo gendarme subiu em ultimo logar, e fechou a porta. A carroagem rodou.

Sessenta tambores tocavam a marcha adiante dos cavallos. Um exercito ambulante, composto de guardas nacionaes, federados, tropa de linha, cavallaria, gendarmaria, e baterias d'artilheria, marchava na frente, na rectaguarda, e aos dois lados da carroagem. Pariz inteiro estava recolhido nas suas casas. Uma ordem do dia da communa prohibia a todo o cidadão, que não fizesse parte da milicia armada, atravessar as ruas que deitavam para os boulevards, ou apparecerem ás janellas durante a passagem do prestito, até mesmo os mercados estavam evacuados. Um céo carregado, pardacento, e gellado, não deixava aperceber a alguns passos de distancia os piques e as baionetas postas em linhas immoveis, desde a praça da Bastilha até ao pé do cadafalso na praça da Revolução. De distancia em distancia, esta dupla muralha de aço era reforçada por destacamentos de infanteria tirada do campo de Pariz, com a muxilla ás costas, e armas carregadas como n'um dia de batalha. Os canhões assestados, carregados de metralha, os morrões acesos, estavam postados nas principaes embocaduras das ruas por onde atravessava o cortejo. O silencio era tão profundo, como o terror na cidade. Ninguem dizia o seu pensamento áquelle que lhe ficava ao lado. As proprias phisionomias ficavam impassiveis ás vistas dos delatores; alguma cousa de machinal se notava nos rostos, nos gestos, no olhar desta multidão. Dir-se-hía que Pariz tinha abdicado sua alma para tremer e obedecer. O rei, ao fundo da carroagem, e como velado pelas baionetas, e os sabres desembainhados da esculta, apenas era apercebido. Levava uma casaca de côr escura, calções de seda preta, colete e meias brancas. Sua cabelleira estava-lhe annellada sob o chapéo. O ruido dos tambores, das peças, dos cavallos e a presença dos gendarmes na carroagem, impediam-lhe conversar com o seu confessor. Pediu unicamente ao abbade Edgeworth lhe emprestasse o seu breviario, e nelle buscou com os olhos e os dedos os psalmos, cujos gemidos e esperanças se apropiavam á sua situação. Os canticos sagrados, balbuciados pelos seus labios e retenindo na sua alma, esquivaram-o assim de ouvir o ruido, e vêr aquelle povo durante o seu trajecto da prisão á morte. O sacerdote orava ao lado delle. Os gendarmes, collocados na sua frente, tinham estampado nas suas figuras o signal do espanto e da admiração que o piedoso recolhimento do rei lhes inspirava. Alguns gritos de perdão se fizeram ouvir, á partida da carroagem na multidão accumulada á entrada da rua do Templo. Estes gritos morreram sem echo no tumulto, e na compressão geral dos sentimentos publicos. Nenhuma injuria, nenhuma imprecação se elevou da multidão. Se pedido se houvera a cada um dos duzentos mil cidadãos, actores ou espectadores destes funeraes de um vivo: Será preciso que este homem, só contra todos, morra? nem um unico dentre elles responderia *sim*. Mas as cousas estavam combinadas assim pela desgraça e pela severidade dos tempos, que todos cumpriam sem hesitar o que nenhum isoladamente quereria cumprir. Esta multidão, pela pressão mutua que exercia sobre si mesma, arrancava-se a ceder ao seu enternecimento e ao seu horror, similhante á abobeda, cuja pedra isoladamente tende a escorregar e cahir, mas todas reunidas ficam suspensas pela resistencia que a pressão oppõe á sua queda!

XXI. — Na confluente das numerosas ruas que vão dar ao boulevard entre as portas Saint-Diniz, e Sant-Martin, logar onde o caminho se alarga, e uma rapida rampa demorou o passo dos cavallos, uma ondulação subita sustou momentaneamente a marcha. Sete a oito mancebos, desembocando em massa da rua Beauregard, atravessaram a multidão, romperam as allas e precipitaram-se para a carroagem com o sabre em punho, e gritando: « A nós aquelles que querem salvar o rei! » Deste numero era o barão de Batz, aventureiro de conspirações, e o seu secretario Devaux. Tres mil mancebos, secretamente alistados e armados para este golpe de mão, deviam corresponder a estesignal, e tentar uma sublevação em Pariz, apoiados por Dumouriez. Occultos em Pariz, estes intrepidos conspiradores vendo que ninguem os seguia, penetraram atravez as allas da guarda nacional, e perderam-se nas ruas visinhas. Um destacamento de gendarmaria os perseguiu, e alcançou alguns, que pagaram com a vida aquella tentativa.

O cortejo, detido um momento, seguiu a marcha, atravez o silencio e a immobilidade do povo, até a desembocadura da rua *Royale* na praça da revolução. Ahi, um raio do sol de inverno que atravez as nuvens deixou vêr a praça coberta de cem mil cabeças, os regimentos da guarnição de Pariz formando quadrado em roda do cadafalso, os executores esperando a victima, e o instrumento do supplicio erguendo acima daquella multidão os seus tabões, e barrotes pintados de encarnado, a côr do sangue.

Este supplicio era a guilhotina. Esta machina inventada na Italia, e trasida para França pela humanidade de um medico celebre da assembléa constituinte, por nome Guillotin, substituira os supplicios atrozes e infamantes que a revolução quisera abolir. Tinha além disto no pensamento dos legisladores da assembléa constituinte, a vantagem de não fazer derramar o sangue humano pela mão, e pelo golpe muitas vezes pouco certo de outro homem, e sim fazer executar a morte por um instrumento sem alma, insensivel como um páo, e infallivel como o ferro. Ao signal do executor a machada cahia per si mesmo. Esta secure, cujo peso era centuplicado pelos que estavam presos por baixo do cadafalso, corria entre duas junturas com um movimento ao mesmo tempo horisontal, e perpendicular, como o da serra, e separava a cabeça do tronco pelo peso da sua queda, e com a rapidez do relampago. Era a dor e o tempo supprimidos na sensação da morte. A guilhotina estava levantada naquelle dia no meio da praça da Revolução, defronte, e como por escarneo, do palacio dos reis, pouco mais ou menos no sitio onde a fonte mais aproximada do Sena parece hoje lavar eternamente o chão.

Desde a aurora, os logares proximos ao cadafalso, a ponte de Luiz XVI, os terrassos das Tuilerias, os parapeitos do rio, os tectos das casas da rua Royale, os mesmos ramos, despojados de folhas, das arvores dos Champs Elysees estavam carregados de immensa multidão que esperava aquelle espectaculo na agitação, e no ruido de um enxame de homens, como se esta multidão não podesse acreditar no supplicio de um rei antes de o ter visto com os olhos. As immediações do cadafalso haviam sido invadidas, graças aos favores da communa e á conveniencia dos commandantes das tropas, pelos homens de sangue dos clubs dos cordeliers, e jacobinos, e dos dias de setembro, incapazes de hesitação ou compaixão. Collocando-se elles proprios em torno do cadafalso, como testimunhas da republica, queriam que o supplicio fosse consummado e aplaudido.

A aproximação da carroagem do rei, uma immobilidade solemne surprehendeu repentinamente esta multidão e estes homens em si mesmo. A carroagem parou a alguns passos do cadafalso. O trajecto durou duas horas.

XXII — O rei, apercebendo-se que a carruagem tinha cessado de rolar, levantou os olhos, que tinha fixos sobre o livro, e, como um homem que interrompe a sua leitura por um momento, chegou-se á orelha do seu confessor, e disse-lhe em voz baixa e d'um tom de interrogação: « Eis-nos chegados, julgo eu? » O padre não lhe respondeu senão com um signal silencioso. Um dos tres irmãos Samson, algozes de Pariz, abriu a porta da carruagem. Os gendarmes apearam-se. Porém o rei fechando outra vez a porta, e collocando a sua mão direita sobre o joelho do seu confessor com um gesto de protecção: « Senhores, disse elle com authoridade aos algozes, aos gendarmes, e aos officiaes que se aglomeravam em torno das rodas, « recommendo-vos este senhor que aqui vêdes! Tende cuidado que depois da minha morte não se lhe faça nenhum insulto. Encarrego-vos de vellar nelle. » Ninguem respondeu. O rei quiz repetir com mais força esta recommendação aos executores. Um delles cortou-lhe a palavra. « Sim, sim, lhe disse elle com um accento sinistro, tranquillisai-vos, cuidado teremos nelle, deixai-nos operar. « Luiz desceu. Tres

creados do algoz cercaram-o, e quizeram despil-o ao pé do cadafalso. Repelliu-os com magestade, despiu elle mesmo a sua casaca, o lenço do pescoço, e despiu a camisa até á cintura. Os executores lançaram-se então sobre elle outra vez. «Que quereis fazer? murmurou elle com indignação. — Atar-vos,» lhe responderam elles, e seguravam lhe já as mãos para lhas atar com as suas cordas. «Atar-me!» replicou o rei com um tom no qual toda a gloria do seu sangue se revoltava contra a ignominia. «Não! não! nunca o consentirei!» Os executores insistiam, elevavam a voz, chamavam em seu soccorro, levantavam a mão, preparavam-se para a violencia. Uma lucta corpo a corpo ia manchar a victima ao pé do cadafalso. O rei, em respeito pela dignidade da sua morte, e pelo socego do seu derradeiro pensamento, olhou para o padre como para lhe pedir conselho. «Sire, disse o conselheiro divino, soffrei sem resistencia este novo ultraje como um derradeiro traço de similhança entre vós e Deus que vai ser a vossa recompensa.» O rei levantou os olhos para o ceo com uma expressão de olhar que parecia censurar e acceitar ao mesmo tempo. «De certo, disse elle, nada menos é preciso do que o exemplo d'um Deus, para me sujeitar a similhante affronta!» Depois voltando-se e estendendo elle mesmo as mãos para os executores: «Fazei o que quizerdes, lhes disse elle, beberei o calice até ás fezes!»

Subiu, sustentado pelos braços do sacerdote, os degráos altos e escorregadios do cadafalso. O peso do seu corpo parecia indicar um abatimento d'alma; porém, chegando ao ultimo degráo, arrancou se das mãos do seu confessor, atravessou com passo firme toda a largura do cadafalso, olhou passando o instrumento e a secure, e voltando-se repentinamente para a esquerda, em frente do seu palacio, e no sitio onde a maior massa do povo podia vêr e ouvil-o, fez aos tambores um signal de silencio. Os tambores obedeceram machinalmente. «Povo!» disse Luiz XVI com uma voz que ressoou no silencio, e foi ouvido distinctamente na outra extremidade da praça, «povo! morro innocente de todos os crimes que me imputam! Perdôo aos authores da minha morte, e oro a Deus que o sangue que ides espalhar nunca recaia sobre a França!...» Ia continuar; um tremor precorria a multidão. O chefe do estado maior das tropas do campo de Pariz, *Beaufranchet, conde d'Oyat*, filho de Luiz XV, e d'uma favorita, por nome Morphise, ordenou aos tambores que tocassem. Um rufo immenso e prolongado cubriu a voz do rei, e o murmurio da multidão. O condemnado voltou de motu proprio, a passos lentos, para a guilhotina, e entregou-se aos executores. No momento em que o ligavam á prancha lançou os olhos para o sacerdote que orava de joelhos á borda do cadafalso. Viveu, possuiu sua alma até ao momento em que a entregou ao seu creador pelas mãos do algoz. A prancha soçobrou, a cutella correu a cabeça cahiu.

Um dos executores agarrou a cabeça do supplicado pelos cabellos, mostrou-a ao povo, e aspergiu com sangue as bordas do cadafalso. Os federados e os republicanos fanaticos subiram sobre o tablado, molharam as pontas dos seus sabres e o ferro dos piques no sangue, e brandiram-os para o ceo, lançando o grito de *viva a republica!* O horror deste acto abafou até mesmo o grito nos labios do povo. A acclamação assimilhou-se antes a um immenso soluço. As salvas de artilheria annunciaram aos faubourgs os mais longiquos que a realesa tinha sido suppliciada com o rei. A multidão retirou-se em silencio. Conduziram os restos de Luiz XVI n'um carro coberto para o cemiterio da Magdalena, deitou-se cal no fosso para que os ossos consumidos da victima da revolução não viessem um dia a ser reliquias do realismo. As ruas ficaram desertas. Bandos de federados precorreram os bairros de Pariz annunciando a morte do tyranno, e cantando o sanguinario refren da *Marselhesa*. Nenhum enthusiasmo lhes correspondia, a cidade ficou muda. O povo não confundia um supplicio com uma victoria. A consternação entrára com a liberdade na habitação dos cidadãos. O corpo do rei não estava ainda arrefecido sobre o cadafalso e o povo duvidava já do acto que havia cumprido, e perguntava, com uma anciedade, que se assimilhava ao remorso, se o sangue que acabava de espalhar era uma nodoa sobre a gloria da França ou o sello da liberdade? A consciencia dos proprios republicanos turbou-se ante este cadafalso. A morte do rei deixava um problema a debater pela nação.

XXIII — Cincoenta e tres annos são passados depois deste dia; este problema agita ainda a consciencia do genero humano, e divide mesmo a historia em dois partidos: crime ou estoicismo segundo o ponto de vista em que se colloca para o considerar, este acto é um parecido aos olhos de uns; é, aos olhos de outros, uma justiça que a liberdade heroicamente se fez a si propria, um acto politico que escreveu com o sangue de um rei os direitos do povo, que devia tornar a realesa e a França para sempre irreconciliaveis, e que, não deixando á França compromettida outra alternativa senão soffrer a vingança dos despotas, ou vencel-os, condemnava a nação á victoria pela enormidade do ultraje, e pela impossibilidade do perdão.

Quanto a nós, que devemos justiça e piedade á victima, mas que devemos tambem justiça aos juizes, perguntamos, acabando esta melancolica narração, o que se deve accusar, e o que se deve defender do rei, dos seus juizes, da nação, ou do destino? E se é possivel ficar imparcial quando se está enternecido, assentemos nestes termos em a nossa alma a temerosa questão que faz hesitar a historia, duvidar a justiça, tremer a humanidade:

A nação tinha o direito de julgar em tribunal legal e regular a Luiz XVI? Não: porque para ser juiz é preciso ser imparcial e desinteressado, e a nação não era nem uma nem outra cousa. Neste combate terrivel, mas inevitavel, que se davam, sob o nome da revolução, a realesa e a liberdade para a emancipação, ou sujeição dos cidadãos, Luiz XVI personificava o throno, a nação personificava a liberdade. Não era falta sua; era a sua naturesa. As tentativas de transacção eram vãs. As naturesas combatiam-se em despeito das vontades. Entre estes dois adversarios, o rei e o povo, um dos quaes, por instincto, devia querer reter, e o outro arrancar os direitos da nação, não havia alli outro tribunal senão o combate, outro juiz senão a victoria. Não pretendemos dizer por estas palavras que não houvesse acima destes dois partidos uma moralidade da causa, e dos actos que julga a victoria em si mesmo. Esta justiça não morre nunca no eclipse das leis, e na ruina dos imperios: unicamente o que não ha é tribunal ante o qual se possa citar legalmente os seus accusados, ella é a justiça do estado, a justiça que não tem juizes instituidos, nem leis escriptas, mas que pronuncia os seus decretos na consciencia, e cujo codigo é a equidade.

Luiz XVI não podia ser julgado em politica, e em equidade senão por um processo de estado.

A nação teria o direito de julgar assim o rei? E' perguntar se tinha o direito de combater e vencer; n'outros termos, é perguntar se o despotismo é inviolavel! se a liberdade é uma revolta! se ha justiça aqui na terra senão para os reis! se não ha para os povos senão o direito de servir e obedecer! Só a duvida é uma impiedade para com os povos.

A mesma nação tendo em si a inalienavel soberania que repousa na rasão, no direito, e na vontade de cada um dos cidadãos cuja collecção faz o povo, tinha certamente a faculdade de modificar a fórma exterior da sua soberania, de nivelar a sua aristocracia, de desapossar a sua egreja, rebaixar ou mesmo supprimir o seu throno para reinar ella mesmo pelas suas proprias magistraturas. Ora, desde o momento em que a nação tinha o direito de combater e libertar-se, tinha o direito de vigiar e consolidar os resultados da sua victoria. Se pois Luiz XVI, rei mui recentemente desapossado da sua omnipotencia, rei a quem teda a restituição de poder ao povo devia parecer deposição, rei mal satisfeito com a parte de reinado que lhe ficava, aspirando a reconquistar por outra parte, puchado d'um lado por uma assembléa usurpadora, puchado d'outro lado por uma rainha inquieta, por uma nobresa humilhada, por um clero que fazia intervir o céo na sua causa, por uma emigração

implacavel, por seus irmãos correndo em nome delle a Europa inteira para buscar inimigos á revolução: se Luiz XVI, rei, parecia á nação uma conspiração viva contra a sua liberdade, se a nação o suspeitava de muito lastimar em sua alma o poder supremo, fazer tropeçar voluntariamente a nova constituição para se aproveitar das suas quedas, conduzir a liberdade a emboscadas, regosijar-se com a anarchia, desarmar a patria, desejar-lhe secretamente revezes, corresponder-se com os seus inimigos, a nação tinha direito de cital-o sobre o seu throno, de o fazer descer delle, de chamal-o á sua barra, e depol-o em nome da sua propria dictadura, e da sua propria salvação. Se a nação não tivesse tido este direito, o direito de trahir impunemente os povos teria sido em a nova constituição uma das prerogativas dos reis!

XXIV. — Acabamos de vêr que nenhuma lei escripta podia ser applicada ao rei, e que sendo seus juizes os seus inimigos, o seu julgamento não podia ser um julgamento legal, e sim uma grande medida do Estado, cuja equidade só devia debater os motivos e dictar a sentença. Que dizia a equidade, e que pena podia ella pronunciar, se o vencedor tem o direito de applicar uma pena ao vencido?

Luiz XVI, degradado da realeza, desarmado e prisioneiro culpado talvez na letra, seria culpado no espirito, se acaso se considera o constrangimento moral e physico da sua deploravel situação? Era um tyranno? Não. Um oppressor do povo? Não. Um fautor da aristocracia? Não. Um inimigo da liberdade? Não. Todo o seu reinado protestava desde a sua subida ao throno, a tendencia philosofica do seu espirito e dos instinctos populares do seu coração, a presumir a realeza contra as tentações do despotismo, a fazer subir as leis ao throno, a pedir conselhos á nação, a fazer reinar em nome delle e nelle os direitos e os interesses do povo. Principe revolucionario, tinha apelado elle mesmo a revolução em seu soccorro. Quizera dar-lhe muito; a revolução quizera arrancar lhe mais. D'ahi proveio a lucta.

Apesar disso nem tudo era praticamente irreprehensivel nesta lucta no lado do rei. A incoherencia e o arrependimento das medidas trahiram a fraqueza, e haviam muitas vezes servido de pretexto ás violencias e aos attentados do povo. Assim Luiz XVI tinha convocado os estados geraes, e querendo mui tarde circumscrever o direito de deliberação, a insurreição moral do juramento do *Jogo da Pela* forçara-lhe a mão. Havia querido intimidar a assembléa constituinte por um ajuntamento de tropas em Versailles, e o povo francez tinha tomado a Bastilha, e attrahido a si as guardas francezas. Pensára affastar a séde da assembléa nacional da capital, e a populaça de Pariz havia marchado sobre Versailles, forçado o seu palacio, assassinado os seus guardas, e emprisionado a sua familia nas Tuilerias. Tentara refugiar-se no meio do seu exercito, e talvez mesmo de um exercito estrangeiro, e a nação reconduzira-o encadeado para o throno, e impuzera-lhe a constituição de 91. Havia parlamenteado com a emigração e os reis, seus vingadores, e a populaça de Pariz tinham feito o 20 de Junho. Para obedecer á sua consciencia recusara a sancção ás leis ordenadas pela vontade do povo, e os girondinos unidos aos jacobinos haviam feito o 10 de agosto. Segundo o espirito no qual se encaravam estas vicissitudes do seu reinado, desde o começo da revolução, havia de que o accusar, e de que o lastimar. Elle não estava completamente innocente, nem era inteiramente culpado; era mais que tudo infeliz! Se o povo lhe podia censurar fraquezas e dissimulações, podia, elle rei, lançar em rosto ao povo crueis violencias. A acção e a reacção, o golpe e o contragolpe haviam-se succedido de uma parte e outra com tal rapidez, como n'uma peleja, que difficil é dizer qual primeiro havia ferido. As faltas eram reciprocas, as desconfianças mutuas, os perigos eguaes. Qual, portanto, tinha o direito de condemnar o outro, e dizer-lhe com justiça e imparcialidade: Tu morrerás? Nenhum delles. O rei não podia, em caso de victoria, julgar o povo, e o povo não podia legalmente julgar o rei. Não havia aqui justicavel: havia um vencido, e eis tudo. O processo legal era uma hypocrisia de justiça, a secure só era a logica. Robespierre havia-o dito. Porém a secure depois do combate, e ferindo um homem desarmado, em nome dos seus inimigos, o que vem a ser em todas as lingoas? Um assassinio a sangue frio, sem escusa, do momento que é sem necessidade, n'uma palavra, uma immolação.

XXV. — Depor Luiz XVI, banil-o do solo nacional, ou retel-o na impotencia de conspirar e prejudicar, eis o que a salvação da republica, e a segurança da revolução ordenavam aos convencionaes. A immolação de um homem captivo e desarmado não era senão uma concessão á colera ou uma concessão ao medo. Vingança aqui, covardia acolá, crueldade por toda a parte. Immolar um vencido cinco mezes depois da victoria, embora esse vencido fosse culpado, embora elle fosse perigoso, era um acto sem piedade. A compaixão e a piedade não são palavras vãs entre os homens. E' um instincto que adverte á força abrandar a sua mão á proporção da fraqueza e da adversidade das victimas. E' uma justiça generosa do coração humano mais perspicaz na sua essencia, e mais infallivel do que a justiça inflexivel do espirito. Por isso todos os povos tem feito della uma virtude. Se a falta de piedade é um crime no despotismo, porque será uma virtude nas republicas? O vicio e a virtude acaso mudam de um nome mudando de partido? Os povos estão, porventura, dispensados de serem magnanimos? Só os seus inimigos é que ousariam assim prendel-o, por que queriam deshonral-os. Sua força mesmo ordena-lhes mais generosidade do que aos seus tyrannos!

XXVI. — Finalmente a morte do rei, como medida de salvação publica, seria necessaria? Perguntaremos primeiro se esta morte era justa, pois que cousa alguma, que injusta seja em si, póde ser necessaria á causa das nações. O que faz o direito, a belleza, e a santidade da causa dos povos, é a perfeita moralidade dos seus actos. Se elles abdicam a justiça, não teem bandeira. Unicamente são os libertos do despotismo imitando todos os vicios de seus senhores. A vida ou a morte de Luiz, desenthronisado e prisioneiro, não lançava o peso de uma baioneta de mais ou menos nos destinos da republica. Seu sangue era uma declaração de guerra mais certa do que a sua deposição. Sua morte era, certamente, um pretexto de hostilidades mais especioso do que seu captiveiro nos conselhos diplomaticos das côrtes inimigas da revolução. Principe esgotado e despopularisado por quatro annos de lucta desigual com a nação, entregue vinte vezes á mercê do povo, sem credito sobre os soldados: caracter de que se havia tantas vezes sondado a timidez e a indecisão, descido de humiliação em humiliação, e de degrão em degrão, do alto do seu throno á prisão, Luiz XVI era o unico principe da sua raça a quem não seria possivel mais pensar em reinar. Fóra do reino estava elle desacreditado pelas suas concessões; dentro, teria sido o refem paciente e inoffensivo da republica, ornamento do seu triumpho, prova viva da sua magnanimidade. Sua morte, ao contrario, alienava da causa franceza esta parte immensa das populações que não julgam os acontecimentos humanos senão pelo coração. A natureza humana é pathetica; a republica esqueceu-o, e deu á realeza alguma cousa do martyrio, á liberdade alguma cousa de vingança. Preparou assim uma reacção contra a causa republicana, e poz da parte da realeza a sensibilidade, o interesse, as lagrimas d'uma parte dos povos. Quem pode negar que o enternecimento sobre a sorte de Luiz XVI e da sua familia não teve immensa parte na recrudescencia da realeza alguns annos depois? As causas perdidas tem retornos, dos quaes, muitas vezes sómente se devem buscar os motivos no sangue das victimas odiosamente immoladas pela causa opposta. O sentimento publico, uma vez commovido de alguma iniquidade, não reponsa senão quando está, por assim dizer, absolvido por alguma reparação brilhante e inesperada. Houve o sangue de Luiz XVI em todos os tractados que potencias da Europa passaram entre si para incriminar e abafar a republica; houve sangue de Luiz XVI no oleo que sagrou Napoleão tão pouco tempo depois dos juramentos á liberdade; houve sangue de Luiz XVI no enthusiasmo monar-

chico que fez reviver na França a volta dos Bourbons na restauração; houve-o tambem em 1830 na repulsão ao nome da republica, que lançou a nação indecisa entre os braços d'uma outra dynastia. São os republicanos os que devem deplorar este sangue, porque é sobre a sua causa que elle cáe incessantemente, e foi este sangue que acabou com a republica!

XXVII. — Quanto aos juizes, Deus sómente lê na consciencia dos individuos. A historia não lê senão na consciencia dos partidos. Só a intenção faz o crime ou a explicação de semilhantes actos. Uns votaram por uma poderosa convicção da necessidade de supprimir o signo da realesa abolindo a realesa em si mesma; outros por um intrepido desafio aos reis da Europa, que não os acreditariam, na opinião delles, assaz republicanos em quanto não tivessem suppliciado um rei; estes para darem aos povos avassallados um signal e um exemplo que lhes communicassem a audacia de sacudir a superstição dos reis; aquelles por uma firme persuasão das traições de Luiz XVI, que a imprensa e a tribuna dos clubs lhes pintavam, desde o principio da revolução, como um conspirador; alguns por impaciencia dos perigos da patria; outros, quaes os girondinos, constrangidos pela rivalidade da ambição, a qual daria mais irrecusavel penhor á republica; outros por este arrastramento que leva de rojo as almas fracas na corrente das assembléas publicas; outros por esta covardia que surprehende repentinamente o coração, e que faz abandonar a vida d'outro como se abandona a propria vida; o maior numero emfim votaram a morte com reflexão por um fanatismo estoico que senão illudia nem sobre a insufficiencia dos crimes, nem sobre a irregularidade das formulas, nem sobre a crueldade das penas, nem mesmo a respeito das contas que a posteridade pediria á sua memoria, mas acreditarem a liberdade assaz santa para justificar pela sua fundação o que faltava á justiça do seu voto, e assaz implacavel para lhe immolar sua propria piedade!

XXVIII. — Todos se enganaram. Comtudo a historia, mesmo accusando, não póde desconhecer, no meio de todas as consequencias politicas, contrarias á equidade, crueis pelo sentimento, e fataes á liberdade, que no supplicio de Luiz XVI, houve um poderio neste cadafalso. Foi o poderio dos partidos desesperados e das resoluções sem retrocesso. Este supplicio votava a França á vingança dos thronos, e dava assim cruelmente á republica a força convulsiva das nações; a força do desespero; a Europa a fez ouvir; a França respondeu. As transacções, as indecisões, as negociações cessaram; e a Morte, segurando n'uma das mãos a fouce regicida, e na outra a bandeira tricolor, foi tomada sómente por negociador e juiz entre a monarchia e a republica, entre a escravidão e a liberdade, entre o passado e o futuro das nações.

LIVRO XXXVI.

I. — As grandes catastrofes humanas tem repercussão na imaginação publica, a qual é mais fortemente sentida por certos homens dotados, por assim dizer, da faculdade de resumir em si a impressão de todos e levar até ao delirio, e algumas vezes até ao crime, a exaltação que estas catastrofes lhes inspiram. A morte de Luiz XVI, o espanto, a profanação, a dôr, produziram esta commoção das almas em todo o imperio. Todos aquelles que não compartilhavam o estoicismo dos juizes foram possuidos de horror e consternação. Parecia-lhes que um grande sacrilegio apelava sobre a nação, que o tinha levado a effeito e consentido, uma dessas vinganças, em que o Céo pede pelo sangue de um justo o sangue de um povo inteiro. Homens houve que morreram de dôr sabendo a consummação do supplicio; e outros perderam a razão. Mulheres se precipitaram do telhado de suas casas á rua, e das pontes de Pariz no Sena. As irmãs, as filhas, as mulheres, as mães dos convencionaes rebentavam em reprehensões contra seus maridos ou filhos. Ainda o supplicio não estava executado, e já o decreto de morte de Luiz XVI estava vingado no sangue de um dos seus principaes juizes.

Miguel Lepelletier de Saint-Fargeau, descendente d'uma antiga familia da alta magistratura, e possuidor d'um fortuna immensa no departamento do Yonne, homem de mais ambição do que genio, tinha primeiramente defendido o poder do rei nos estados geraes. Depois da assembléa constituinte, prevendo a ruina da monarchia, retirava-se ás suas terras, e passára ao partido do povo com a affectação do zelo, e as complacencias de um homem que tem muito a fazer-se perdoar. Volvido em centro das agitações do seu departamento, em alma dos clubs, em instigador dos movimentos populares, fôra nomeado por Sens membro da convenção nacional. O arcebispo de Sens, Lomenie de Brienne, antigo ministro de Luiz XVI, brilhante transfuga da Egreja na philosofia, tinha assistido, em trajes ciricos e com o barrete vermelho, á eleição de Miguel Lepelletier. O clero e a aristocracia vinham assim abdicar-se, com os pés no sangue, entre as mãos do povo. O arcebispo de Sens, prevendo o retrocesso terrivel d'uma popularidade que pedia taes sacrificios, trazia sempre comsigo um veneno preparado por Cabanis, e enviado por Condorcêt, do qual effectivamente tinha de servir-se alguns mezes mais tarde. Lepelletier de Saint-Fargeau pressentia o punhal de um realista. Um e outro proximos martyres da sua nova causa: um por suas proprias mãos; outro pelas mãos d'um assassino.

Mais importante pelo seu nascimento e fortuna do que pela palavra, Lapelletier de Saint-Fargeau tinha na convenção e nos jacobinos a especie de influencia que os nomes, que por habito se respeitam, conservam nos partidos aonde esses nomes descem. Presidia algumas vezes nos jacobinos; hia mesmo no encontro das vontades de Robespierre. Ninguem sabia melhor lisongear os senhores do povo do que um aristocrata instruido em as côrtes na lisonja. Frequentava o duque de Orleans, e premeditava, segundo se dizia, o casamento de sua filha unica com o filho mais velho deste principe. A immensidade do dote devia supprir á desegualdade dos nomes, e a conformidade dos principios revolucionarios apagar a distancia das hierarchias. Sua fortuna, e seu patronato nos departamentos de Bourgogne (Borgonha) grupavam em roda delle dez ou doze membros da convenção, com os olhos sobre o voto delle, para o imitarem. Estes doze votos, deslocando-se a um signal de Saint-Fargeau, faziam uma differença de vinte e quatro votos no processo do rei. Pela indicisão e balanço dos suffragios, a responsabilidade da vida ou da morte de Luiz XVI podia pesar sobre Lepelletier. Os realistas sabiam-o. Sollicitações mysteriosas haviam abordado Saint-Fargeau: elle promettêra um voto de clemencia. Os jacobinos instruidos destas negociações tinham exigido que elle as desmentisse por um acto que compromettesse a sua cabeça: tinha promettido um voto inflexivel. A' hora decisiva, tivera palavra para com os jacobinos e votára a morte. Os realistas detestaram duplamente este voto. O regicidio era nelle tambem uma traição.

II. — Havia entre estes realistas um mancebo chamado Paris, filho de um empregado na administração dos bens do conde d'Artois. Este mancebo entrara na guarda constitucional de Luiz XVI no momento em que o zelo tinha reunido neste corpo todos os defensores que restavam ao rei. Depois do licenceamento da guarda constitucional, ficára em Pariz, espiando todas as occasiões de se dedicar á sua causa. Audacioso de atitude, intrepido de coração, déstro de mão, mostrava-se armado em todos os logares publicos, animava os realistas, afrontava os jacobinos, ralhava com o povo, amotinava as mulheres, e conseguia sempre a escapar ao odio dos jacobinos pela força do seu sabre, e pelo segredo do seu asylo. Este mancebo era do numero daquelles que deviam atacar a escolta do rei quando fosse conduzido ao supplicio, e que urdiam uma sublevação para forçar as portas do Templo. Tinha esperado até ao ultimo momento que a convenção não levasse a execução o regicidio. A' noticia do voto de morte e da regeição e do addiamento da execução da sentença, seu

odio e sua dôr exaltaram-se até ponto de demencia. Havia conhecido em si esta necessidade irresistivel, que se apossa algumas vezes das almas apaixonadas, protestar sósinho contra um povo. Abraçára a sua amante, moça vendedora de perfumes no Palais-Royal, que lhe dera asylo, como para um eterno adeus. Occultára seu sabre sob o capote, e sahira sem saber a quem dirigiria o golpe, mas decidido a dar um golpe memoravel.

Nesta disposição, Paris divagou muito tempo, pelo peristylo, e nos pateos, esperando que o acaso lhe offerecesse por victima o duque de Orleans. O acaso illudira a sua espectativa. O principe não apparecêra. Paris, acompanhado de um amigo, entrou n'uma casa de pasto do Palais-Royal, chamada Fevrier. As salas terreas desta casa de pasto assimilhavam-se a subterraneos mal allumiados por clarasboias. Uma affectação de pobresa commum neste tempo em que a riquesa era uma suspeita de aristocracia, havia levado naquelle dia o opulento Lepelletier ás cavas de Fevrier. Jantava, sósinho, defronte de uma pequena mesa, n'uma sala escura proxima á mesa de Paris. A febre impedia este mancebo de comer. Entretinha-se em voz baixa com o seu amigo, a respeito da votação da vespera; do supplicio do dia seguinte, da covardia do povo. O odio mal refreado de sua alma rebentava no som da sua voz, e na sua fisionomia. Seus visinhos, olhando-o, tinham o pressentimento da demencia, ou do crime. Seu companheiro fallava-lhe, em voz baixa, menos como amigo que aconselha do que como cumplice que anima. Duas ou tres vezes, durante a comida, Paris se levantou com uma precipitação convulsiva, sahiu e entrou, como um homem que espia alguem. Acabado o jantar, cruzou os braços sobre o peito, baixou a cabeça, e pareceu reflectir. Os olhos desvairados percorriam machinalmente os rostos dos convivas sentados a mesas separadas. Tendo alguem nomeado a Lepelletier pelo seu nome, Paris que não conhecia nem o rosto, nem o voto do representante de Sens, aproximou-se delle. « Sois vós a quem chamam Saint-Fargeau? lhe perguntou apostrafando o deputado — Sou, respondeu Saint-Fargeau. Que me quereis? — Tendes a fisionomia do um homem de bem; vós não votasteis a morte do rei, não é assim? — Estais enganado, sr., replicou Saint-Fargeau, com um ar de dôr e firmesa; votei porque a minha consciencia me ordenava este voto. — Votaste a morte! Pois bem! eis a tua recompensa! » Dizendo estas palavras Paris fez um movimento para affastar a sua capa e procurar o punho do sabre. Saint-Fergeau levanta-se, agarra d'uma faca, e leva as mãos adiante para se cobrir. Porém Paris, mais prompto que o pensamento, puxa do sabre, enterra-o no coração de Lepelletier, e foge por um corredor. Saint-Fargeau, transportado moribundo sobre um leito, perguntou quem era o homem que acabava de o ferir. Expirou alguns momentos depois.

Prestou-se á sua agonia a alegria sublime, e as palavras dedicadas do martirio. Espalharam-se estas palavras de apparato entre o povo, para accrescentar o culto da victima ao horror contra o realista assassino. O golpe de punhal de Paris fizera de Lepelletier um grande homem. Um decreto abriu o Pantheon ao seu feretro. Prepararam-se-lhe funeraes nacionaes, menos em homenagem á sua memoria do que em solemne vingança da opinião que o havia ferido.

A' tarde grupos furissos se apresentaram no Palais-Royal, á porta da casa de pasto, em roda das andas sobre as quaes se transportava o cadaver de Lepelletier. Oradores populares narravam, solemnisando-as, as circumstancias desta morte, e a apresentavam como o primeiro acto d'uma immensa conjuração que ameaçava a vida de todos os deputados fieis ao povo. O Palais Royal resplandia de sabres desembainhados, arrancados pela vingança de Saint Fargeau. No meio desta multidão frenente ao nome do assassino, e que a altos brados lhe pedia o sangue, Paris passeava com o seu amigo no jardim. Um dos realistas, testimunha da morte, havendo-o encontrado e reconhecido, fizera-lhe um signal de terror e espanto. « O meu dia não está acabado, lhe disse Paris baixinho; encontrarei aquelle que procuro, aqui ou na convenção, e envia-lo-hei a juntar-se ao outro. » A policia que buscava por toda a parte o assassino, excepto no mesmo logar do crime, deixou-o, naquella noite, e em todas as noites da seguinte semana, mostrar-se impunemente no Palais-Royal.

Sahiu de Pariz oito dias depois do seu crime, com a sua amante, o seu irmão, que era uma creança de doze annos. Conservára o mesmo vestuario que no dia do assassinio Esperava embarcar em Dieppe para Inglaterra. Sua amante e irmão acompanhado o haviam unicamente até Gisors; partiu sósinho, a pé, por caminhos transviados para a pequena cidade de Forges-les-Eaux. Entrou n'uma hospedaria, e pediu ceia e leito. Em quanto esperava pela comida, aproximava-se do fogão na sala commum. Alguns bofarinheiros se entretinham conversando dos acontecimentos politicos. Paris envolveu-se na conversação: « Que se pensa aqui, » perguntou elle com apparente indifferença, « da condemnação e do supplicio do rei? — Pensa-se, lhe respondeu um, que se fez bem em immola-lo, e que era preciso immolar tambem todos os tyrannos com o mesmo golpe. » A indignação de Paris, mais forte que a sua prudencia, trahiu-se, a esta resposta, por um movimento involuntario. « Não encontrarei por toda a parte, disse elle assás alto para ser ouvido, senão assassinios do meu rei! » e retirou-se para o quarto que se lhe havia preparado. Ceou tranquillamente. Os homens que o obsarvavam atravez a vidraça da porta viram-o beijar repetidas vezes a sua mão direita, como para lhe agradecer a justiça que ella desempenhára. Depois de ceia pediu pennas e tinta. Escreveu na sua patente de guarda do rei algumas linhas, meteu uma pistolla sob o travesseiro, e deitou-se.

No entanto os bofarinheiros e o estalajadeiro, foram de manhã mui cedo acordar o maire e a gendarmeria de Forges, deram-lhe parte das conjecturas que os gestos d'um viajante suspeito lhes inspirava. Os municipaes, adornados com as suas fachas tricolores, e os gendarmes, com o sabre em punho entravam no quarto de Paris. Dormia profundamente. Acordaram-o. Olhou para os gendarmes sem se perturbar. « Sois vós, lhes disse elle, a quem eu já esperava. — Mostrai-nos o vosso passaporte. — Não tenho. — Segui-nos ao hotel-de-ville. — Já vos sigo. » E dizendo estas palavras, meteu a mão sob o travesseiro, tirou a pistolla, e fez voar-se o craneo, antes de os soldados notarem o seu movimento; e poderem preveni-lo. Encontrou-se lhe sobre o coração a patente de guarda do rei. Havia na vespera escripto estas palavras: « Esta é a minha patente de honra. Não se inquiete a ninguem. Não tive cumplice na feliz morte do scelerado Saint-Fargeau. Se tivesse encontrado á mão o parrecida Orleans, melhor acção teria feito livrando delle a França. Todos os Francezes são covardes.

A' noticia desta prisão e deste suicidio, Legendre e Tallieu foram enviados a Forges-les-Eaux pela convenção, a fim de se certificarem da identidade do corpo. Legendre queria que fosse o cadaver conduzido a Pariz, para vingança no cadaver. Tallien oppoz-se. A convenção consultada tambem repugnou tal acto. Foi lançado como um animal selvagem n'um fosso aberto n'um bosque, nos suburbios da cidade.

III. — Tres dias depois desta morte, a convenção fez as honras funebres da victima. O genio tragico de Chernier desenhára o espectaculo, pelo modelo dos funeraes heroicos da antiguidade. No alto de um cadafalso levado por um pedestal vivo de cem federados, o cadaver semi-nú de Lepelletier estava estendido sobre uma cama de estado. Um dos seus braços pendia como para implorar a vingança. A larga ferida pela qual se lhe escoára a vida abria-se tinta de sangue no peito. O sabre nú do assassino estava suspenso sobre o corpo da victima. O fato ensanguentado era conduzido em molhe, na ponta de um pique, como um estandarte. O presidente da convenção subiu os degráos do cadafalso, e collocou uma coròa de carvalho na cabeça do morto. O cortejo poz-se em marcha ao som de tambores cobertos de crepe, e ao som d'uma lugubre musica, cujos instrumentos abafados mais pareciam chorar do que rebentarem no ar. A familia de Lepelletier, em trajos de lucto, marchava a pé atraz do

corpo do pai, do irmão, do esposo assassinado. No meio dos setecentos membros da convenção erguia-se uma bandeira fluctuante, na qual estavam inscriptas em letras de ouro as ultimas palavras attribuidas a Saint-Fargeau: «Morro contente de derramar meu sangue pela patria, e espero que sirva a consolidar a liberdade e a igualdade, fazendo reconhecer os inimigos do povo.» O povo inteiro o seguia. Os homens levavam á mão corôas de perpetuas, as mulheres ramos de cypreste. Cantavam-se hymnos á gloria do martyr da liberdade, e ao exterminio dos tyrannos.

Chegado ao Pantheon, o prestito encontrou o templo da revolução já invadido pela multidão. O cadaver, sublevado pelas ondas de povo, que disputava o espaço á convenção, esteve a ponto de rolar pelos degráos do peristilo. Felix Lepelletier, irmão da victima, subiu ao estrado, arengou ao povo no meio do tumulto, comparou seu irmão ao mais velho dos Gracchos, e jurou assimilhar-se-lhe. No dia seguinte Felix Lepelletier, segurando pela mão a filha de seu irmão, creança de oito annos, a apresentou em pompa de lucto á convenção. A creança, adoptada pela nação, foi proclamada, por um decreto de enthusiasmo, *filha adoptiva* da republica.

IV. — Os departamentos dividiram-se em opiniões sobre a morte de Luiz XVI. A Vendée, a respeito da qual depressa contaremos as sublevações, achou neste acontecimento o desespero que impelle as populações á guerra civil. Os Calvados, as Cevennes, a Gironda, pareceram compartilhar as indecisões, os arrebatamentos de patriotismo e os arrependimentos dos seus representantes. A noticia da guerra depressa abafou as recipocras recriminações. As profecias de Salles, de Brissot, de Vergniaud realisavam-se. A Europa, attrahida pelas doutrinas da liberdade, recuava toda á vista do cadafalso do rei; sentenciava este supplicio com a imparcialidade da distancia. As negociações tão habilmente entaboladas por Dumouriez, Brissot, Danton, e o ministro Lebrun, e tão completamente acolhidas pela Prussia, foram cortadas, antes de completamente se atarem, pelo ferro da guilhotina.

Lancemos os olhos sobre o estado destas negociações, e sobre as disposições dos gabinetes da Europa para com a revolução franceza, no momento em que a morte de Luiz XVI determinou a segunda colligação.

Deixámos, depois do combate de Valmy, e depois da partida de Dumouriez para Pariz, o exercito colligado, ás ordens do rei da Prussia e do duque de Brunswick, repassando, em desordem, os desfilladeiros do Argone, e reconcentrando-se sobre Verdem e Longwy. Tudo annunciava uma intelligencia secreta entre os Prussianos e os Francezes. Kellermann, que queria proseguir, recebeu por duas vezes ordens dos commissarios para abrir os seus flancos, e deixar passar os inimigos.

Cada marcha do exercito francez, calculada pela marcha do exercito prussiano, estava assignada por conferencias entre os chefes dos corpos oppostos.

A meia legua de Verdun uma conferencia, mesmo ao ar livre, teve logar entre os generaes Labarolliere Galbaud, de um lado, o general Kalkreuth e o duque de Brunswick, do outro. O pretexto fora a entrega de Verdun, sem combate, ao exercito francez. Os nossos generaes tiveram a altivez de uma causa nacional, a alma da convenção passára aos seus acampamentos. Nação admiravel! «disse alto o duque de Brunswick; » apenas ella se declarou republica, e já toma a lingoagem dos republicanos da antiguidade!» Galbaud replicou que aos povos pertencia o direito de escolher o governo que mais os engrandecesse, e melhor os defendesse; e então o duque se escusou humildemente dos termos do seu manifesto, e disse que eram aquelles protocollos de ameaça que se lançavam aos povos para os intimidar, antes do combate, e o valor dos quaes os homens intelligentes sabem verdadeiramente apreciar. Não constesto de modo algum á nação franceza, proseguiu elle, o direito de regular os seus negocios. Unicamente, escolheria ella a forma que melhor convem ao seu caracter? Eis a inquietação e a duvida da Europa. Interuando-me pela França, não tinha outro desejo senão concorrer para restabelecer ahi a ordem.» Galbaud respondeu que a ordem restabelecida pelo estrangeiro chamava-se servidão em todos os povos. Combinou-se esperar as ordens do rei da Prussia a respeito da entrega de Verdun. Foram mutuamente sacrificados os emigrados, pelo horror de um partido, pela suspeição de outro. «Continuai um e outro a bem servir a vossa patria, disse o duque de Brunswick aos dous generaes quando se despediu delles, e acreditai que apesar das phrases dos manifestos, não é possivel deixar de estimar os guerreiros que firmam a independencia do seu paiz.» Verdun foi restituida. O general Valence entrou nesta praça. Na altura de Longwy, os de Hesse e os austriacos que faziam parte do exercito combinado, separaram-se dos prussianos, e marcharam para o Luxemburgo, Coblentz, e Paizes-Baixos ameaçados por Dumouriez. A colligação estava dissolvida de facto, e o territorio francez evacuado.

V. — Não era ainda bastante. O duque de Brunswick, acampado junto de Luxemburgo, fez pedir uma entrevista ao general Dillon, e fixou para ponto de reunião o castello de Dambrouge, entre Longwy e Luxemburgo, para se entenderem a respeito das proposições de paz. Kellermann, authorisado pelos commissarios da convenção, ahi se dirigiu. Encontrou reunidos o duque de Brunswick, o principe de Hohenlohe, o principe de Reuss, embaixador do imperador, e o marquez de Lucchesini, diplomata italiano ao serviço da Prussia. «General,» disse o duque de Brunswick a Kellermann, «combinámos esta conferencia para fallar de paz, assentai as bases. — Reconhecei a republica, abandonai o rei e os emigrados, não vos envolvais nem directa nem indirectamente em os nossos negocios interiores, e a paz será facil,» respondeu Kellermann. — Pois bem! disse o duque, ambos voltaremos para os nossos paizes. — Mas quem, pagará as despezas da guerra?» replicou altivamente Kellermann. «Em quanto a mim, penso que tendo sido o imperador aggressor, os Paizes-Baixos austriacos devem ficar em indemnisação á França.» O principe de Reuss, enviado do imperador, fez um movimento que indicava a admiração de tanta audacia. O duque de Brunswick fingiu não se aperceber de tal. «Annunciai á convenção,» disse elle a Kelermann, que estamos dispostos para a paz, e que ella não tem mais que nomear os seus plenipotenciarios, e fixar o logar das conferencias.»

Estes passos, depois da humiliação de uma retirada, e para com uma nação excommungada por toda a diplomacia, indicavam sufficientemente, da parte do rei da Prussia, o arrependimento de uma temeraria demonstração, e o pensamento de fazer alliança com a republica.

O seu ministro Haugwitz, o seu secretario intimo Lombard a sua amante a condessa de Lichtenau, e especialmente Lucchesini, que levava aos conselhos toda a graça de cortesão, e toda a insinuação da astucia, o inclinavam combinadamente para o partido das negociações. Estas como são o campo da intriga, Lucchesini, cada vez mais influente na Prussia, e que tinha o genio da diplomacia italiana, devia buscar as occasiões de as exercer. Se o gabinete austriaco tem a paciencia germanica por caracter, o machiavelismo, transportado na Alemanha por Frederico, foi muitas vezes o genio do gabinete austriaco. Lucchesini, nascido na Toscana, educado em Berlim, acostumado, desde a infancia, ás diplomações da diplomacia, dotado pela natureza do dom de agradar e seduzir, era o homem mais apto para as circumstancias para se insinuar entre uma revolução republicana e as monarchias, e para atar o fio do egoismo prussiano a todas as politicas, sem difinitivamente se prender a alguma.

Estas negociações attestavam o terror que a retirada do exercito combinado semeára em toda a Alemanha. Esta retirada diante de forças tão desiguaes e depois de manifestos tão ameaçadores, não podia explicar-se per si mesmo. Assimilhava-se mais a uma manobra do gabinete, do que a uma manobra de guerra. Das duas cousas uma: era myster duvidar-se ou do genio militar do duque de Brunswick, ou da sua sinceridade. Do

seu genio não se duvidava. Procuravam-se as causas occultas das suas agitações e lentidões mui parecidas a traições. Um motivo mais serio e mais occulto parecia ter operado sobre as inexplicaveis revoluções do duque de Brunswick. Pitt não queria a guerra. O duque de Brunswick havia esposado a princesa Augusta, irmã de Jorge III de Inglaterra. Era assim um cliente da Gran Bretanha. Aspirava com a paixão de um pai e com a ambição de um soberano, a fazer esposar sua filha pelo herdeiro do throno da Inglaterra. Pitt, que conhecia esta ambição da côrte de Brunswick, lisongeava. Fez deste casamento o preço de complacencias politicas e militares á vontade do gabinete de Londres. O duque cedeu, amorteceu a guerra, prestou ouvidos á paz, desanimou o rei da Prussia, e volveu-se assim o Ulisses da colligação, da qual nomeado fora o Agamemnon. Os seus ardis perderam o que sua espada promettera fazer triumphar.

VI. — No entanto que estas surdas negociações desconcertavam a Austria, e preparavam a Alemanha rhenana á idéa de fraternisar depressa com a França, a temeridade feliz, mas inopportuna, de um general francez, veio ao mesmo tempo cobrir de gloria as armas da republica, assustar a Prussia, e forçar o imperio ainda indeciso a declarar a guerra á França. Queremos fallar da expedição de Custine.

O conde Adam-Philippe de Custine era um desses generaes do antigo exercito que fôra respirar na America o ar da liberdade, e que voltara com La Fayette, republicano de coração, ainda que aristocrata de sangue. Quase Alemão, nascido em Metz de uma raça illustre, proprietario de uma fortuna immensa, coronel de dragões aos vinte e um annos, discipulo do grande Frederico nas suas ultimas guerras, fanatico da tactica prussiana, rude zelador da disciplina, encarára com embriaguez a revolução, dividindo a Europa em dous campos, offerecer aos militares do seu gráo e da sua sciencia a occasião de igualar os heroes antigos, salvando a patria. Custine tinha, além disto, pela causa republicana esse enthusiasmo quase mystico que o caracter alemão imprime ás opiniões. A revolução para elle era um idea sublime ao qual todas as nações deviam aspirar, e cuja bandeira era bello á França leval-a na ponta das suas baionetas. Sua bravura pessoal participava ao mesmo tempo da gravidade germanica e da jovialidade franceza. O fogo era o seu elemento: o cavallo seu leito de repouso, a carga sobre o inimigo o seu divertimento. Um dia que o seu ajudante de campo Baraguay-d'Hilliers, a cavallo ao seu lado, lhe lia um despacho no meio do fogo, uma balla despedaçou o papel. O ajudante olhou para o general, e parou. Continuai, lhe disse Custine, a balla só levou uma palavra. »

Nomeado membro da assembléa constituinte pela nobreza de Metz, Custine logo desde o primeiro dia se uniu ao partido do povo. Desde o principio da guerra, servira sob as ordens de Biron em o norte, ou no Rheno. Nomeado finalmente general em chefe depois do 10 de agosto, impacientava-se com esta guerra de acampamentos que dava tão acanhada carreira ao talento, e tão poucas occasiões á gloria para brilhar. Acreditava que o movimento constituia a maior parte da arte militar, e que em vez de esperar a fortuna da revolução sobre as fronteiras, a França devia ir tental-a nos territorios e nas capitaes dos seus inimigos. Nascido general como Dumouriez, elle advinhava, como Napoleão, a guerra da revolução.

Biron commandava, na Alsacia, quarenta e cinco mil homens. Esperava além disso vinte mil voluntarios dos despartamentos de Este e do Meio-dia, dissiminados na planicie do Rheno. Este exercito formava muitos campos pequenos, proprios a observar, inhabeis porém para operar. Os austriacos e os emigrados, ás ordem d'Erbach, d'Estherazy, e do principe de Condé, formavam, em frente delle, um cordão, sem unidade, e sem concentração, cobrindo o Brisgaw, e despresando fortificar Moguncia, chave da Alemanha.

Custine viu n'um relance a aberta por onde podia penetrar nestas provincias. Estava acampado abaixo de Landau com dezesete mil homens. Relacionado em Pariz com os chefes do partido jacobino, no entanto que Dumouriez se apoiava nos girondinos, tinha a certeza de que os clubs facilmente lhe perdoariam a temeridade de uma empreza que mais corresponderia á sua impaciencia do que as contemporisações calculadas de Dumouriez. Não se inquietava portanto de desinquietar assim as negociações travadas entre Kellermann, e o duque de Brunswick, e de impellir a Prussia a uma guerra desesperada no momento em que ella se inclinava á paz. Pensou pois n'um golpe brilhante, na gloria de que o exito de uma invasão repentina cubriria seu nome, na popularidade que a tomada de algumas capitaes estrangeiras daria á guerra, n'um terror que um golpe levado tão longe imprimiria no coração da Alemanha, e na propagação das ideas revolucionarias chocando-se nos eleitorados, os quaes o primeiro cartucho francez que se queimasse logo incendiaria.

Uma imprudencia do inimigo decidiu Custine. O conde d'Erbach, que commandava dez mil austriacos em frente do exercito francez, recebeu ordem de substituir o corpo do principe de Hohenlohe diante de Thionville. Por este movimento, Spire, armazem dos colligados, ficava a descoberto, sob a protecção unicamente de mil austriacos, e de dois mil moguncianos commandados pelo coronel Winkelmann. Custine lança-se sobre Spire. Winkelmann, em batalha com os seus tres mil homens em frente da cidade, esforça-se debalde por cobri-la. A artilheria de Custine metralha estes defensores sem muralhas. Correm derrotados para o Rheno, onde Winkelmann tinha preparado embarcações para atravessar o rio. Os barqueiros, espantados da canhonada, haviam abandonado as suas barcas, e fugido para a outra margem do rio. Apertados pelos francezes, apertados contra o rio, Winkelmann e os seus tres mil soldados foram feitos prisioneiros. Era o mais bello resultado que a guerra dera aos francezes, depois della se haver declarado. Custine entra em Spire, apodera-se das munições e viveres do inimigo, marcha sobre Worms, e faz ressoar com o ruido das suas conquistas a tribuna da convenção e os clubs dos jacobinos em todo o reino. A revolução, que comprehende melhor o nome das cidades conquistadas do que os planos vastos e sabios de Dumouriez, proclama Custine o general das suas conquistas. Em tres dias, o seu nome engrandeceu um seculo de popularidade. Elle proprio se enebria com este ruido, que lhe é communicado pelas felicitações dos jacobinos. Desdenha obedecer ou ligar as suas operações com Biron e Kellermann; isola-se, avança pelo Palatinado, e ousa sonhar a conquista de Moguncia. A propaganda abria-lhe as portas antes da sua artilheria.

Esta parte da Alemanha estava minada pela philosofia franceza, sob os passos dos principes ecclesiasticos que a possuiam. A theocracia dos bispos soberanos e a aristocracia destas feudalidades sagradas accumulavam sobre estes governos o duplo odio dos povos contra uma dupla dominação. O ecco das tribunas francezas tinham abalado as imaginações da mocidade alemã nas universidades. Todas as idéas estavam pelo partido da França. Servir a causa da revolução, era, para os pensadores allemães, servir a causa da humanidade. Trahir estes principes, tyrannos da intelligencia e do povo, era libertar o espirito humano e emancipar a liberdade. A conquista mesmo não humilhava, ao contrario assimilhava-se ao libertamento. A bandeira tricolor era o estandarte da philosofia para todo o universo. Tal era a opinião que esperava Custine no Palatinado.

Os principes da Suabia, da Franconia, á excepção do arcebispo de Treves, conhecendo estas disposições dos seus povos, haviam affectado até então uma prudente neutralidade para com a França. O eleitor palatino da Baviera, o duque de Wurtemberg, o margrave de Baden recusaram seus territorios aos ajuntamentos dos emigrados. O arcebispo eleitor de Moguncia tinha prestado suas tropas ao imperador.

O seu governo, mais suave que o dos principes, dos seus visinhos, era menos detestado do povo. Porem Moguncia, cidade toda a ecclesiastica, especie de Roma allemãa,

onde um inumeravel clero occioso vivia no luxo e na desordem publica dos costumes, prestava-se mais do que qualquer outra capital ás recriminações contra o reinado da Egreja, e fazia desejar mais ardentemente ao povo a ruina desta soberania. Aos primeiros passos de Custine, entre o Mosella e o Rheno, os partidistas das ideas novas haviam corrido ao seu quartel general, trazendo ao general francez o voto secreto das povoações e os primeiros fios das intelligencias revolucionarias que os patriotas alemães ligavam já de longe com o seu exercito.

O coronel Houchard, homem atletico, coberto de cicatrises, foi enviado a intimar o governador a entregar Moguncia, ameaçando a cidade com um bombeamento se ella resistisse. « Escolhei, » disia Custine na sua mensagem, « entre a morte e a fraternidade. Devo á gloria da minha republica, que quer o exterminio dos despotas, não reprimir mais o ardor dos meus soldados. » Moguncia pedia o reconhecimento da sua neutralidade pelo preço da sua rendição. Custine recusou-se a antecipar cousa alguma ás revoluções da republica: mas jurou que a França não queria outra conquista senão a da liberdade dos povos.

VII. — A tomada de Moguncia ressoou na Alemanha e no campo do rei da Prussia, como o estridor da Alemanha que por si se desmoronava. Custine, exagerando, nos seus relatorios á convenção, os obstaculos militares que tivera a vencer, e tranformando as negociações em assaltos, exaltou até ao enebriamento, entre os jacobinos, um triumpho que era o triumpho antes das nossas ideas, que das nossas armas. Entrou em Moguncia mais como apostolo do que como general, e fomentou o foco revolucionario com que queria incendiar a Alemanha. Esqueceu-se no urgulho da sua conquista e despresou apoderar-se de Coblentz, e da formidavel fortalesa de Ehrenbreistein então desarmada. Esta hesitação de Custine impediu a França de recolher n'um exercito inteiro, destruido ou prisioneiro de guerra, o fructo do pensamento de Dumouriez. Em logar de ceder aos conselhos do seu estado-maior, que lhe mostrava Ehrenbreistein e Coblentz como as forcas caudinas da colligasão, Custine deixou-se arrastrar para a occuppação de Francfort pelo engodo de fortes tributos a tirar desta cidade, capital das riquesas commerciaes da Alemanha. Sem nenhuma declaração de guerra, um tenente de Custine se apresentou, a 22 de outubro, á frente de uma vanguarda, á porta de Francfort, e pedio entrada. Os magistrados parlamentearam e cedêram á força. Custine ahi levantou uma contribuição de quatro milhões. Francfort cidade neutra e republicana, não dava outro pretexto a esta violencia senão a sua fraqueza. Estes despojos mancharam a popularidade das nossas primeiras armas, do outro lado do Rheno.

Depois da occuppação de Francfort, Custine lançou os seus destacamentos e proclamações contra as possessões do landgrave de Hesse « Povos da Alemanha, » dizia nos seus manifestos o general francez, « declarai-vos! que a reunião das duas nações seja um exemplo assustador para os despotas, uma esperança consoladora para todos os povos que gemem sob a tyrannia! E tu, monstro! — « accrescentava dirigindo-se ao proprio soberano, « monstro sobre quem se hão amontoado ha muito tempo, similhantes a nuvens negras, presagas da tempestade, as maldições da nação alemãa, os teus soldados, dos quaes abusaste entregar-te-hão á justa vingança dos Francezes! Tu não lhes escaparás! Como seria possivel encontrar-se um povo onde se desse asylo a um tyranno como a ti! « Era a tribuna dos jacobinos troando do outro lado do Rheno pela voz de um general francez. Custine, pela sua audacia, pela sua linguagem, pelo seu exterior marcial e popular, apresentava-se como o propagador armado dos principios republicanos. A espoliação de Francfort arrebatava ás suas palavras a força de arrastrar. A Alemanha, que abria seus braços ao libertador, não queria um conquistador, e menos ainda um espoliador. O enthusiasmo encendido pelas doutrinas francezas amorteceu se sob os pés dos seus soldados. O rei da Prussia, com razão assustado da invasão da Alemanha, renunciou forçadamente a todo o pensamento de desertar da colligação, e de pactuar com a França. Concertou-se com o duque de Brunswick, igualmente irritado por tanta audacia, e com os principes do imperio. Cincoenta mil prussianos e de Hesse reuniram-se á pressa na margem direita da Lahn, e concentraram-se para operar contra Custine, e libertarem Francfort.

VIII. — O imperio todo se move. As proclamações republicanas de Custine, o decreto da convenção, parecem outras tantas declarações de guerra a todos os principes da Germania. A dieta responde a ellas com uma declaração unanime de guerra á França. Ordena o levantamento do triple contingente de cento e vinte mil homens. Na sua qualidade de eleitor de Brandeboury, o rei da Prussia, tres dias depois, annuncia que vai fazer marchar segundo exercito sobre o Rheno. A esta explosão das soberanias alemãas, Custine, omnipotente sobre a convenção por via dos jacobinos, ordena a Biron lhe envie da Alsacia um reforço de dozo mil homens. Determina ao mesmo tempo a Beurneuville, que substituira Kellermann no Mosella, que marchasse a ter com elle no elleitorado de Treves. No entanto que estas medidas se executam, o exercito prussiano, e um corpo francez se postam em batalha, sob os muros de Francfort, como para se disputarem esta presa. Dois mil homens foram deixados inactivos e expostos na cidade. Esperase um combate; mas o duque de Brunswick, que commandava os Prussianos e os de Hesse, continua a negociar surdamente, e a prevenir qualquer choque decisivo. O moço diplomata Filippe de Custine, filho do general em chefe, tem uma conferencia secreta com o duque de Kœnigstein. O principe e o negociador conheciam-se havia muito tempo. Era o moço Custine quem levára, haveria quando muito um anno, ao duque de Brunswick o offerecimento do commando em chefe das tropas francezas. Um e outro sabiam occultar seus pensamentos secretos, sob a etiqueta official. Combates serios entre a Prussia e a França não entravam nas vistas do duque de Brunswick. Custine negociador mais prudente do que seu pai, queria, como Danton e os girondinos, conservar sempre uma possibilidade de reconciliação entre a Prussia e a republica. Os resultados desta entrevista attestam o pensamento dos dois negociadores.

Francfort foi evacuada pelos Francezes. Esta retirada, sem combate, de um campo de batalha escolhido á vontade, e entrincheirado, e este abandono de Francfort, explicam-se por estas intelligencias secretas. O rei da Prussia inclinado sempre á paz com a França, queria unicamente operar de forma que não parecesse trahir a causa dos thronos e a causa da Alemanha. Os Francezes queriam contemporisar combatendo.

IX. — A Inglaterra tinha favorecido até então com os seus votos o movimento revolucionario. O povo inglez e o governo britannico pareciam concordados em desejar a fundação da liberdade constitucional em Pariz: o povo inglez, porque a liberdade é da sua natureza, e toma como sua propria a cauza popular em todo o universo: o governo britannico porque sendo a liberdade tempestuosa, e as tempestades que a fundação da liberdade deviam inevitavelmente suscitar na França, e pela França no continente todo, não podiam deixar de abrir á intervenção diplomatica de Inglaterra mais vasta carreira de influencias decisivas em os negocios da Europa. Sem duvida que tambem um certo sentimento de vingança nacional devia regosijar o gabinete de Londres á vista das agitações de Pariz, dos embaraços do throno, e da rapida decadencia da casa Bourbon. Independentemente da longa rivalidade que fazia, havia tres seculos, da Inglaterra e da França os dois pesos decisivos do mundo, estava em a natureza do coração humano que o gabinete de Londres visse com satisfação descair e afundar-se, na pessoa de Luiz XVI, um soberano que havia soccorrido a America, na guerra de sua independencia.

Deve juntar-se tambem a estes motivos de satisfação secreta do gabinete inglez o receio que a marinha franceza inspirava aos inglezes, nos mares e possessões das Indias orientaes. A marinha franceza havia languo-

cer, durante uma crise revolucionaria que chamasse todas as forças e todas as finanças da França sobre o continente. Com tudo o gabinete de Londres conserva-se até alli n'uma actitude de observação e neutralidade mais favoravel do que hostil á revolução. Não sómente esta actitude lhe era ordenada pelo receio de que uma grande colligação das monarchias do continente triumphasse, sem ella, da França, e a apagasse da carta das nações; mas era-lhe tambem imposta por esta potencia de opiniao que reina mais do que os reis nos paizes livres, e que altamente se pronunciava pelo povo contra a monarchia e contra a Egreja desthronada. O odio ao catholicismo não era menos popular na Inglaterra do que o amor da liberdade politica. Este povo de pensadores olhava como a cauza de Deus e do espirito humano uma revolução que revoltava os cultos e a rasão. A aristocracia inglesa começava com tudo, depois da morte do rei, a fraternisar com a emigração franceza. Dois partidos se formavam no parlamento britannico.

Estes dois partidos estavam representados por dois chefes que os faziam luctar de eloquencia no parlamento: eram Pitt e Fox. Um terceiro orador, tão poderoso pelo genio, pela penna, e pela palavra, havia por algum tempo sustido a balança entre aquelles dois; principiava a destacar-se da causa popular, á medida que ella se manchava de anarchia e sangue, e a adherir ao partido da aristocracia e da realesa: era Burke. A influencia pessoal dos individuos é tal, nos paizes verdadeiramente livres, que estes tres homens agitavam ou pacificavam a Inglaterra só com o movimento do seu pensamento.

X — Pitt, de idade então de trinta e tres annos, governava havia já dez annos, o seu paiz. Filho do mais eloquente dos homens d'estado modernos, lord Chatam, Pitt, como já dissemos, recebera, como por direito de heriditariedade de genio, na sua familia, faculdades tamanhas como as de seu pai. Se o primeiro Chatam, tinha inspiração, o segundo tinha o caracter de governo. Menos atrahente, mais dirigente, menos eloquente, mais convincente do que seu pai, Pitt personificava em si melhor do que ninguem essa vontade orgulhosa, paciente, contínua, d'uma aristocracia reinante, que defende o seu poder e que prosegue na sua grandesa, com uma obstinação que recorda a eternidade do senado de Roma. Pitt havia-se apossado do governo n'um desses momentos desesperados, em que a ambição que leva ao poder se assimelha ao patriotismo que se arremessa á brecha, para morrer, ou salvar a patria. A Inglaterra estava no ultimo gráo de esgotamento e humiliação. Uma paz vergonhosa acabava de ser assignada por ella com a Europa. Os francezes rivalisavam com ella nas Indias: a America escapava-se-lhe: nossas esquadras disputavam-lhe os mares; a maioria da camara dos communs, corrompida pelos precedentes ministerios, não tinha nem o sufficiente patriotismo para se salvar per si mesmo, nem a disciplina necessaria para acceitar um senhor. Pitt, não tendo podido arrastal-a, teve a audacia de a combater, e a felicidade de a vencer por um apêlo á nação. A nova camara sujeitou-se a elle. Em dez annos havia pacificado as Indias, reconquistado diplomatica e commercialmente a America, temperado a irritação sediciosa da Irlanda, restaurado as finanças, concluido com a França um tratado de commercio que impunha a metade do continente o tributo dos consummos inglezes, finalmente arrebatado a Hollanda ao protectorado da França, e feito das provincias Unidas um apendice á politica britanica na terra firme. Seu paiz reconhecido applaudia a sua administração; a confiança era inteira naquella mão que havia reerguido a nação de tão baixo. Os sentimentos pessoaes de Pitt para com a revolução franceza, ainda que pouco favoraveis ás agitações democraticas, que são as tempestades dos homens de estado, nada até então haviam influido sobre a sua politica. As paixões não turbavam nunca a sua intelligencia, ou antes haviam convertido todas as suas paixões n'uma unica; a grandesa do seu paiz. Jorge I I, amigo de Luiz XVI, não teria permittido ao seu ministerio declarar guerra á França no momento em que a guerra podia complicar os embaraços do rei que elle amava. E' falso que o governo inglez houvesse suscitado, a preço de ouro, as desordens revolucionarias de Pariz; a liberdade franceza, mesmo nas suas convulsões as mais terriveis, nunca teve necessidade de ser estipendiada pela Inglaterra. A alma de Jorge III, de lord Stafford, do chanceller Thurlow, do proprio Pitt, haveriam repugnado empregar tão vergonhosas excitações contra um soberano ás mãos com o seu povo. Sómente, Pitt não teria sacrificado á sua comiseração por Luiz XVI um minuto, ou uma occasião offerecida á fortuna do seu paiz. Previa esta occasião, tinha o pressentimento da queda mais ou menos proxima de um throno minado por tantas paixões desencadeadas. Sabia que os principios da revolução franceza inspiravam tantos receios como antipathia ao rei e á massa da aristocracia da Inglaterra. Preparava-se para a guerra na hora em que ella parecesse soar no espirito do rei, sem a desejar nem a avançar. Esta hora aproximava-se. Burke soava-a já no parlamento.

Viu-se que os constitucionaes e os girondinos, Brissot e Narbonne, reunidos n'um mesmo pensamento, tinham enviado, dezoito mezes antes desta epocha, o sr. Talleyrand a Londres para fazer apêlo ás recordações da revolução de 1688, e offerecer a Pitt a renovação do tratado de commercio de 1786. A este preço, Luiz XVI, os constitucionaes, os girondinos esperavam comprar, senão a alliança, pelo menos a neutralidade do gabinete inglez. Estes dois partidos, os constitucionaes e os girondinos, que queriam então a guerra com o continente, para desviarem sobre as fronteiras as tempestades que ameaçavam a constituição de Pariz, tinham necessidade de neutralisar a Inglaterra. Haviam escolhido, para negociar com Pitt, o diplomata mais aristocratico e mais seductor entre os homens que tinham abraçado a causa moderada da revolução. A sr.ª de Stael havia determinado tal escolha. Ella era boa.

XI. — O sr. de Talleyrand estreiava-se então em os negocios que elle manejou, atou, desatou depois, sem interrupção, por mais de meio seculo, e a que não renunciou senão com a morte. Tinha então trinta e oito annos. Sua figura delicada e fina revellava nos seus olhos azues uma intelligencia luminosa, mas fria, cuja lucidez as agitações da alma não perturbavam. A elegancia do seu alto talhe era apenas alterada por uma diformidade corporal. Elle coxeava. Porém esta enfermidade assimelhava-se a uma hesitação voluntaria do seu garbo. Sabia com destreza mudar em graça até os mesmos defeitos da natureza. Este vicio de conformação fora a unica causa que lhe obstava entrar na carreira das armas, á qual seu alto nascimento o chamára. Seu espirito era a unica arma que permittido lhe era empregar para no mundo fazer penetrar seu nome. Tinha-o enriquecido, polido, aguçado para os combates da ambição, ou para as conquistas da intelligencia. Sua voz era grave, doce, timbrada como a emoção velada d'uma confidencia. Conhecia-se escutando-o que era o homem que melhor fallaria ao ouvido de todas as potencias, povo, tribunas, mulheres, imperadores, reis. Alguma cousa de sardonico, no seu sorriso, se misturava, em seus labios, a um desejo visivel de seducção; este sorriso parecia indicar nelle uma tenção reservada de zombar dos homens, encantando-os ou governando-os.

Nascido d'uma raça que fôra soberana d'uma provincia da França antes da unidade do reino, e que então decorava a realeza, o sr. de Talleyrand fora lançado na egreja, como um refugo indigno da corte, para ahi esperar as mais altas dignidades do episcopado e do cardinalato. Bispo d'Autun, restos de cidade romana occulta nas florestas da Borgonha, o moço prelado desdenhava a sua séde episcopal, repugnava-lhe o altar, e vivia em Pariz no seio da dissipação e dos prazeres, nos quaes a maior parte dos ecclesiasticos da sua edade consumiam as immensas dotações das suas egrejas. Ligado com todos os philosofos, amigo de Mirabeau, pressentindo proxima uma revolução, cujos primeiros empuxões fasiam desmoronar a religião de que elle era prelado, estudava a politica que ia chamar todas as altas intelligencias á distruição e reedificação dos imperios.

Elleito membro da assembléa constituinte, havia

desertado convenientemente, mas com destreza, das opiniões e crenças arruinadas, para passar ao partido da força e do futuro. Conhecera que um nome aristocratico e opiniões populares eram uma dupla potencia que precisava habilmente combinar na sua pessoa, a fim de a uns impôr pela sua hierarchia, e a outros pela sua popularidade. Havia despojado-se do seu sacerdocio como d'uma recordação importuna, e de uma veste constrangedora. Buscava entrar na revolução por alguma porta escusa. A medida e a reserva um pouco timida do seu espirito, que não tinha audacia senão no gabinete e na concepção de pacientes designios, prohibiam-lhe a tribuna. Então reinava nella a grande palavra. O snr. de Talleyrand voltava-se para a diplomacia, onde a habilidade e a astucia deviam reinar sempre. A amizade de Mirabeau moribundo lançava sobre Talleyrand um desses reflexos posthumos que as grandes famas sempre deixam, apoz si, sobre aquelles que unicamente se aproximaram dellas. Seu silencio cheio de reflexão e mysterio, como o silencio de Sieyés, imprimia um certo prestigio sobre sua pessoa com a assembléa. E' a potencia do desconhecido, é o atractivo do enigma para os homens que amam advinhal-o. O sr. de Talleyrand sabia admiravelmente explorar este prestigio. A sua palavra entre abria por alguns relampagos raros e curtos, o horisonte velado do seu espirito. Parecia mais profundo. As meias-palavras são a eloquencia da reticencia. Tal era a do sr. de Talleyrand.

Suas opiniões não eram muitas vezes senão as suas situações; suas verdades não eram senão os pontos de vista da sua fortuna. Indifferente ao fundo, como sua vida inteira o provou á realeza, á republica, á causa dos reis, á forma das instituições dos povos, ao direito ou ao facto dos governos, os governos não eram, a seus olhos, senão formas moveis que tomam alternativamente o espirito do tempo ou o genio nacional das sociedades, para cumprirem tal ou tal faze da sua existencia. Thronos, assembleas populares, convenção, directorio, consulado, imperio, restauração ou mudança de dymnastias não eram para elle senão expedientes do destino. Não se dedicava a estes expedientes um dia de mais do que a fortuna. Preparava-se, no seu pensamento, o papel de servidor feliz dos acontecimentos. Cortezão do destino, acompanhava sempre de par a felecidade. Servia aos fortes, despresava aos ineptos, abandonava aos infelizes e esta theoria sustentou-o cincoenta annos á superficie das cousas humanas, precursor de todos os successos, sobrenadando depois de todos os naufragios; sobrevivendo a todas as ruinas. Este systema tem uma apparencia de indifferença sobrenatural que colloca o homem de Estado acima da inconstancia dos acontecimentos, e que lhe dá a actitude de dominar o que o subleva. Na essencia isto não é mais do que o sophisma da verdadeira grandeza de espirito. Este apparente escarneo dos acontecimentos deve principiar pela abdicação do proprio individuo. Porque para affectar e sustentar este papel de imparcialidade com todas as fortunas, é preciso que o homem affaste as duas cousas que constituem a dignidade do carater e a santidade da intelligencia: a fidelidade ás suas affeições e a sinceridade das suas convicções; isto é a melhor parte do seu coração, e a melhor parte do seu espirito. Servir todas as idéas, é attestar que se não tem nenhuma Que é então aquillo a que serve sob o nome de idéas! A propria ambição. Apparece-se á frente das cousas, e vai-se no seu sequito. Estes homens são os aduladores, e não os auxiliares da Providencia. Comtudo o sr. de Talleyrand adivinhou, desde a aurora da revolução, que a paz era a primeira das verdadeiras idéas revolucionarias, e foi fiel a este pensamento até ao seu ultimo dia.

XII. — O decreto da assembléa que prohibia aos seus membros aceitarem funcções do poder executivo, sem passar quatro annos depois de terem feito parte da representação nacional, prohibia ao sr. Taleyrand ser o negociador ostensivo. Deram-se cartas de credito ao sr. de Chauvelin, homem de côrte popularisado por um zelo estrepitoso contra a côrte; e o segredo, as instrucções, e a negociação foram dados ao sr de Talleyrand. Uma carta confidencial do punho de Luiz XVI ao rei de Inglaterra, dizia a Jorge III: «Novas relações devem estabelecer-se entre os nossos dois paizes. Convem a dois reis que tem marcado seu reinado por um desejo continuo da felicidade do seu povo, formar entre si laços que se volverão tanto mais solidos quanto mais se esclarecer o interesse das nações.» O sr. de Talleyrand foi apresentado a Pitt. Empregou para com este tudo quanto a adulação indirecta, e a graça flexivel podiam empregar de caricias de espirito para interessar o genio deste grande homem na execução do plano de alliança que elle desejava fazer-lhe aceitar. Pintava-lhe com enthusiasmo a gloria do homem de Estado a quem a posteridade deveria o reconhecimento desta reconciliação dos dois povos que imprimem o movimento ou immobilidade no mundo. Pitt escutou-o com um favor misturado de incredulidade. «Bem feliz será este ministro!» respondeu elle com um suspiro ao moço diplomata francez. «Bem desejara ser ministro ainda nesse tempo! — E' portanto Pitt, «replicou o sr. de Talleyrand,» quem acredita essa epoca tão affastada? «Pitt recolheu-se em si.» Isto depende, respondeu elle, do momento em que a vossa revolução se acabar, e a vossa constituição poder marchar.» Pitt deixou claramente perceber ao sr. de Talleyrand que o gabinete inglez não comprometteria a sua mão n'uma revolução em ebulição e em crises, repetindo-se as crises de dia em dia, não dando nem certezas, nem segurança aos compromissos que se contractassem com ella. O sr. de Talleyrand, de volta á França, manifestou estas disposições ao ministerio girondino de Roland e de Dumouriez, que acabavam de succeder a Narbonne e a Lessart. Dumouriez enviou de novo o sr. de Talleyrand a Londres, com a missão de sollicitar a mediação da Inglaterra entre o imperador e a França Desta vez os srs. de Talleyrand, e de Chauvelin tornaram-se não sómente importunos mas suspeitos a Pitt. Este ministro apercebeu-se de que os dois negociodores francezes manejavam de frente dupla negociação: uma com elle para pacificar a França, outra com os chefes da opposição para agitar a Inglaterra. Accusavam-os alto, nos jornaes ministeriaes d'uma ligação occulta e intima com Fox, lord Grey, e mesmo com Thomaz Payne e o demagogo Horn-Tooke, fundador de um partido popular que não atacava sómente os ministros, mas a aristocracia, a propriedade, a Egreja, o espirito da constituição britannica, e as proprias bases da sociedade.

Debalde Fox, rival de Pitt na tribuna, homem mais capaz de mover os povos pela palavra, do que conduzil-os pelo genio do governo, esforçou-se, em discursos, nos quaes os golpes da revolução franceza ressoavam até ao throno de Jorge III, paliar os movimentos de Pariz; debalde representava elle a causa da liberdade franceza como solidaria da causa da liberdade britannica, o espirito da nação affastou-se delle para cada vez mais se unir a Pitt. As moções de Fox, mais populares na rua que na camara dos communs, só eram sustentadas por fracas maiorias de cincoenta a sessenta votos. O 20 de junho e o 10 de agosto respondiam golpe sobre golpe ás suas promessas de fundação de uma liberdade constitucional na França, e fizeram tremer e horrorisar a numerosa parte do povo adherente ao estabelecimento constitucional. Lord Gower, embaixador da Inglaterra em Pariz, foi chamado immediatamente depois da deposição de Luiz XVI, a pretexto de que as suas credenciaes estavam annuladas de direito, com a queda do soberano a quem se dirigiam. A residencia dos srs. de Talleyrand e de Chauvelin em Londres não foi considerada por Pitt senão como uma tolerancia do seu governo. As jornadas de setembro, commentadas em traços de sangue nos discursos e escriptos de Burke, lançaram uma sinistra tinta sob as palavras de Fox. A paz e a alliança com a França pareceram á nação inglesa uma cumplicidade com os auctores daquelles impunidos degolamentos. O captiveiro do rei, da rainha, das duas creanças innocentes de todo crime acrescentava piedade áquelle horror. O processo do rei, sem formulas e sem juizes dava por auxiliar a Pitt todo o sentimento publico.

— O rei foi executado. Todos os thronos tremeram, todos os povos recuaram de espanto e de horror ante

este sacrilegio da realeza, á qual se atribuia alguma cousa de divino. A' chegada do correio que trouxe esta sinistra noticia a Londres, o senhor de Chauvelin recebeu ordem de sair d'Inglaterra dentro de vinte quatro horas. Interrogado o ministro pela opposição sobre os motivos desta expulsão do sólo livre da Inglaterra, Pitt respondeu: Depois dos acontecimentos nos quaes a imaginação não pode deter-se sem horror, e desde que uma infernal facção se apoderou do poder em França, não podemos tolerar mais a presença do senhor de Chauvelin, porque não ha meio do corrupção que o senhor de Chauvelin não tenha tentado por elle, ou pelos seus emissarios, para seduzir o povo, e sublevál-o contra o governo e leis do seu paiz.» Marat, que desembarcou naquelle dia em Douvres, recebeu ordem de tornar a embarcar, sem mesmo alcançar licença de chegar a Londres O senhor de Talleyrand, sem titulo official do governo francez, e que não dera a Pitt os mesmos protestos, e as mesmas desconfianças que o senhor de Chauvelin, ficou em Londres, segurando ainda entre mãos o derradeiro fio das negociações.

O senhor de Chauvelin, de volta a Paris, ahi semeou o boato de uma violenta fermentação da nação ingleza, annunciou que o povo de Londres se sublevaria em massa, ao signal das sociedades republicanas, no dia em que Pitt tivesse a audacia de declarar a guerra á França, e que Jorge III não estaria em segurança no seu proprio palacio. Brissot, confiado nos relatorios do senhor de Chauvelin, subiu á tribuna da convenção, em nome do comité diplomatico. Acreditou intimidar Pitt annunciando que a guerra prestes a rebentar libertaria a Irlanda do jugo de Inglaterra. Surdo aos conselhos mais esclarecidos de Dumouriez: «A Hollanda, disse elle, fez causa commum com o gabinete de Saint-James do qual se mostra mais vassalla do que alliada; que ella compartilhe a sua sorte!» E a guerra contra a Inglaterra e o stathouder da Hollanda, posta a votos, foi declarada por unanimidade. «Desembarcaremos na sua ilha, escreveu o ministro Monge á esquadra franceza, arremessaremos lá cincoenta mil barretes da liberdade, plantaremos ahi a arvore sagrada, e estenderemos os braços aos nossos irmãos republicanos. Este governo tyranico bem depressa será distruido.» Pitt, apoiado em a rivalidade nacional d'um lado, e do outro no horror que o supplicio do rei inspirava, não se turbou com estas ameaças. Contava as nossas embarcações, e não as nossas proclamações. Sabia que a marinha franceza tinha as suas equipagens decimadas pela emigração. A França não tinha no mar, ou nos seus portos, mais de 66 náos de linha, e 93 fragatas e corvetas. A Inglaterra tinha 158 náos de linha, 22 de cincoenta canhões, 125 fragatas, e 110 navios ligeiros A Hollanda, alliada da Inglaterra, podia armar mais de 100 embarcações de diversos tamanhos. Do meio da sua ilha, cercado de tal fluctuante baluarte, Pitt podia imperturbavelmente esperar e dominar os acontecimentos do continente. Suas finanças não estavam em menos brilhante estado que os seus armamentos. Podia ter a Europa a soldo da Inglaterra. Ministros dos preparativos, como dez annos antes por escarneo lhe haviam chamado, a sua previdencia parecia ter advinhado a immensidade da obra que uma colligação de dez annos ía impor-lhe á patria.

XIV. — A repercussão do supplicio de Luiz XVI não ressoou com menos funestas consequencias contra nós em a Russia. Catherina II, rompendo immediatamente o tratado de commercio de 1786, em virtude do qual os francezes eram tractados no seu imperio, como a nação mais favorecida, prohibiu immediatamente quaesquer relações entre seus vassallos e os nossos nacionaes. Ordenou a todos os francezes que sahissem da Russia, no espaço de vinte dias, no caso de não abjurarem formalmente os principios da revolução do seu paiz. Até então, bem que a imperatriz tivesse immensos exercitos livres para os arremessar sobre a França desde sua paz com a Turquia, suspendera a marcha delles, e deixára a Austria e a Prussia operarem sosinhas contra uma revolução que ella detestava com todo odio que o despotismo tem á liberdade. Havia por muito tempo esperado que o rei da Suecia, Gustavo, cujo enthusiasmo contra-revolucionario ella animava, bastasse só a domar e pacificar a França. O assassinio de Gustavo illudira seus designios. Depois da morte deste principe, seu coração se partilhára entre duas sollicitudes, uma dependente da sua ambição, outra do seu orgulho de soberana: a Polonia e a França. Suas tropas occupavam Varsovia e comprimiam, na Polonia, as agitações d'uma revolução que fraternisava com a revolução de Pariz. O rei da Prussia, pelo mesmo motivo, occupava Dantzick e a Grande Polonia. Este infeliz paiz nunca deixou de dar pretexto á intervenção dos seus poderosos visinhos. A Polonia ordinariamente era uma anarchia constituida. A imperatriz e o rei da Prussia tramavam de combinação a conquista e a partilha da Polonia, em quanto o imperador estivesse occupado em defender a Alemanha contra a França. Era o segredo das lentidões da dupla diplomacia do rei da Prussia, e da fraqueza da primeira colligação. O rei da Prussia olhava para a sua rectaguarda, e a imperatriz não queria comprometter os exercitos russos sobre o Rheno, com o receio de abandonar de vista a Polonia.

Porém, no dia seguinte á morte de Luiz XVI, Catherina ordenou ao seu ministro em Londres, o conde Woronzoff, concluisse um tractado d'alliança offensiva e defensiva com a Inglaterra. Apenas assignado este tractado, deixou á Inglaterra. á Hollanda, á Prussia, ao imperador, carregarem sosinhos com o peso da guerra no Occeano, nos Paises-Baixos, no Rheno, e avançou em massa sobre a Polonia. Assim a politica de ambição prevaleceu, no coração de Catherina, sobre a politica de principios. Affectava um odio estrepitoso contra a anarchia franceza. Excitava de longe os alliados a combaterem, mas não combatia. A Prussia, por sua parte, inquieta da presença da Russia na sua rectaguarda, e ciosa de conservar sua parte na Grande Polonia, só se comprometteu a meio. A Austria tomou o papel que a Prussia tinha na primeira coligação, sublevou o imperio, reuniu os contigentes, e encarregou-se de sustentar, na frente de todos, a guerra offensiva nos Paizes-Baixos. Concordou-se que as forças das potencias tivessem cada uma o seu chefe particular. A unidade dos exercitos e das operações foi assim entregue á mercê de rivalidades. O imperador entregou o commando em chefe ao principe de Cabourg, que commandára os imperiaes contra os turcos, e compartilhara com Saworoff a gloria das victorias de Fokzani, e de Rimnisk. Era um general contemporisador da escolla do duque de Brunswick, o menos proprio de todos para desconcertar ou prevenir o ardor d'um exercito francez. Apenas nomeado, o principe de Cobourg veio a Francfort conferenciar com o duque Brunswick, generalissimo das forças prussianas, e concertar com elle um plano tão desligado e tão pusilanime como o que acabava de entregar a Champagne, perder Luiz XVI, e descobrir o Rheno.

XV. — Tal foi a organisação desta nova coligação, na qual, de cinco potencias tres ficavam em expectativa, e duas sómente iam combater, observando-se com inquietação umas ás outras, não se compromettendo senão com reserva, fazendo esforços secretos para lançarem fóra de si o peso da guerra commum, e manobrando sob a direcção divergente de dous generaes que não se combinavam senão para evitar o inimigo.

Deixámos Dumouriez vencedor em Valmy, Kellermann mais acompanhando do que perseguindo a retirada do rei da Prussia, Custine em Moguncia, Dillon na Alsacia, e Montesquieu reunindo trinta mil homens de guarnição em as nossas cidades do Meiodia para invadir a Saboia.

A Saboia, massassino dos Alpes, prende-se com o Monte Branco e ó Monte Cenis pelo cume mais elevado. De um lado desce n'um unico declive rapido sobre as ricas planices do Piemonte, pelo lado de Turim; do outro cava-se em quatro largos e profundos valles que correm, cada um com uma torrente no seu leito, do pé destas goleiras até á embocadura daquellas gargantas. Ahi, estas correntes, cujo declive se vai adoçando ou cessa, se transformam em lagos, como os lagos de Ge-

nebra, d'Annecy, de Bourget, ou se perdem nas grandes agoas do Isére e do Rhodano, que as vertem no Mediterraneo pelas provincias do Meiodia da França. Estas correntes desenrolam-se incessantemente, na sua escuma, em massas e rochedos dest cados dos flancos das montanhas. Ouvem-se ellas mugir a immensa profundidade. Vezes muito impossivel tornam até a passagem de uma para outra margem. Nas quebradas ou bacias, em que os seus leitos se espraiam, alguns burgos, de muralhas baixas, e tectos de negra lava, estendem-se por cima da pardacenta area, ou seixosinhos e calhaos acumulados alli por aguas. Afora destas citadas partes, os rapidos declives deixam surgir aqui e alli pequenas aldeiasinhas, ou isoladas cabanas, como suspensas, ou guindadas nos amphiteatros estreitos e perpendiculares daquellas montanhas. Alli onde as descidas ou declives menos rudes são, alguns prados se estendem, ou cepas de vinha se levantam enlaçando-se com as nogueiras, as quaes, o aldeão sempre de espaço avaro, cultiva em largas latadas, em columnatas de sêcca madeira.

Impendentes a estes principaes valles, outros a cada instante se entrelaçam; mas para sem sahida se perderem nas gargantas que repentinamente se estreitam e vão confundir-se com as neves. O valle de F ucigny, o mais proximo ao Valais e á Suissa, nasce das faldas do Monte Branco, e vai desembocar em Genebra. A Maurienne, que do Monte Cenis desce, alarga-se repentinamente, ao aproximar-se da França, entre Couflans e Montmelian, duas cidades da Saboia, Alli tem ella o seu confluente com o valle de Tarentaise, onde corre o Isére. A a guma distancia de Montmelian, a Maurienne se bifurca, correndo, á direita sobre Chambery, capital da Saboia, á esquerda sobre Grenoble, cidade franceza, e capital do Dauphiné (*Delfinado*) encerrado, n'uma enseada dos Alpes. Montmelian, que ao mesmo tempo é guarda da Maurienne, da Tarentaise, da planicie de Chambery, do valle de Gresivaudan, estrada de Grenoble, é tambem a estrada da Saboia.

XVI. — O povo que habita estes plainos, estes valles, e estas planicies, sugeitas a uma soberania cuja séde está em Italia, só de italiano tem o seu governo. E' uma raça completamente distincta da raça latina, e da raça helvetica. Não falla nem allemão, nem italiano: falla francez. Seu caracter, costumes, e habitos, e até mesmo a industria naturalmente se ligam á França. Apenas o laço forçado que se une ao Piemonte se afrouxa ou despedaça, a Saboia se inclina para a França. As guerras que fez contra a França, sob a bandeira sarda, são guerras contra a natureza, e quasi guerras civis. A' excepção da nobreza e do clero, a quem as soberanias heriditarias e o favor da corte prendem com um amor fanatico á casa reinante de Saboia, o resto da nação tem coração francez. O jugo do Piemonte pesa-lhe; a supremacia do nome piemontez humilha-a; os previlegios honorificos da nobresa offendem-a; o dominio do seu clero, que receia a introdução das ideas de fora nestas montanhas, disputa-lhe a luz e o ar do seculo. A casa de Saboia, ainda que paterna, benevola, e procurando sempre melhoramentos administrativos para os tres Estados que governa, conserva-os comtudo n'uma especie de disciplina monastica que recorda o regimen hespanhol. O rei, o nobre, o padre, o soldado, são o povo inteiro.

Comtudo a communidade da lingua, a contiguidade de fronteiras, as relações de commercio, as numerosas emigrações dos Saboianos na França haviam deixado de infiltrar as ideas revolucionarias nestas montanhas. João Jacques Rousseau havia passado sua juventude na pequena cidade de Annecy, e na solidão de Charmettes, junto a Chambery. Voltaire envelhecido havia em Ferney, á porta da Saboia, Genebra, forte colonia da liberdade protestante e metropole, da philosofia moderna, depois dos dias de Calvino, tocava, pelos seus arrebaldes, no territorio saiboiano. Estas recordações, estas influencias, estas visinhanças haviam inspirado á população o desprêso d'um governo doce, mas atrazado, e o desejo de se entregar á França.

Apesar das frequentes uniões de familia entre a casa de Saboia e a casa de Bourbon, o tratado de Worms, em 1741, entre Carlos-Manoel e Maria Thereza, havia enfeudado politicamente a monarchia sarda á Austria. Victor Amadeo, que reinava no momento em que a revolução rebentava em França, era um principe amado dos seus povos, contemporisador como a velhice, esgotando a sua sabedoria em palavras, e o tempo em conselhos. Chamavam-lhe o Nestor dos Alpes. Apesar das inquietações que lhe suscitava a inclinação da Saboia a destacar-se do feixe dos seus tres principados, e lançar-se nos braços da revolução, o seu caracter induzil-o-ia á neutralidade. Mas a influencia do clero sobre o seu espirito havia-lhe inspirado o horror de uma republica que não ameaçava menos o Deus da sua fé, que o throno dos seus pais. Numerosos ecclesiasticos francezes, expulsos das suas parochias pela recusa de jurarem a constituição civil do clero, refugiado-se tinham entre os seus confrades da Saboia. Ahi semeavam o boato das perseguições contra a Igreja, e as maldições contra o scisma. Chambery estava cheio de bispos e fidalgos fugidos que rebentavam nas dôres, esperanças e illusões dos refugiados de todas as epochas, e de todos os paizes. Turim era a capital da contra-revolução fora da França. Os realistas de Lyon, de Grenoble, e do Meiodia entretinham, pelas fronteiras da Saboia, e pelo condado de Niza, relações secretas com Turim. O rei de Sardenha tinha retirado o seu embaixador de Pariz declarando sufficientemente por este acto que elle considerava Luiz XVI como prisioneiro, e que não trataria mais com a nação franceza. O sr. de Semonville, enviado por Dumoriez a Turim para obter explicações amigaveis, fora preso em Alexandria, como suspeito de ir fomentar o espirito de agitação na Italia. Os girondinos, senhores do ministerio e da assembléa, fizeram decidir as hostilidades.

XVII. — Montesquieu, que commandava o exercito do Meiodia, recebeu ordem de se preparar para a invasão. Quarenta batalhões lhe chegaram, destacados do exercito que estava occioso nos Pyrinéos. Sua base de operações estendia-se sobre uma linha de mais de cem legoas: desde o Jura, que domina Genebra, até ao Var, que cobre Niza. Montesquieu ardia em impaciencia de mostrar a bandeira franceza a povos que não lhe pediam senão a occasião de se entregarem á França, e para os quaes a conquista se assimilhava á liberdade. Traçou um campo á sua extrema direita, sobre o Var: estabeleceu outro em Tournoux, no centro da muralha dos Baixos Alpes. Reuniu á sua esquerda dez mil homens no forte Barreaux junto a Grenoble; finalmente levou dez mil combatentes dos seus melhores soldados para Cessieux, e alguns destacamentos para Seyssel e Gex, á entrada dos valles da Saboia.

Montesquieu, fiel ás tradições militares do marechal de Berwich, conheceu que uma expedição sobre o Piemonte, bahia estreita e circular, cujo ponto da qual apenas ameaçado, pode receber em tres marchas reforços de Turim, sua capital e sua praça de armas, era impraticavel com tão fracas massas como as suas; porém que o condado de Nisa e Saboia, dois longos braços destacados da monarchia sarda, podiam ser cortados do corpo, e adqueridos para a França, sem que o Piemonte os podesse salvar. Operou por tanto nesta conformidade. A 4 de setembro, ordenou secretamente a invasão do condado de Niza pelas suas tropas do Var, combinada com a sahida da sua esquadra de Toulon que atacaria por mar no entanto que o exercito marcharia pelas montanhas, ás ordens do general Anselmo. Ordenou ao general Casabianca ameaçasse Chambery por Saint-Genis. Dirigiu-se elle em pessoa ao forte Barreaux com a massa do exercito, por forçar o desfiladeiro que fecha a Saboia.

XVIII. — O exercito piemontez contava dezoito mil homens. Era commandado pelo general Lazary. Este general, depois de alguns tiros de artilheria disparados entre o exercito de Montesquieu e sua rectaguarda, á entrada do desfiladeiro, concentrou suas tropas sobre Montmelian. Em logar de fortificar Montmelian, e fechar assim a Montesquieu a entrada dos tres valles, cujos esta

cidade domina o ponto de partida, Lazary abandonou a cidade, cortando a ponte, e se retirou para Conflans. Todos os corpos piemontezes disseminados em Annecy, Chambery, e Faucigny, se reconcentraram isoladamente e quasi sem combaterem, a juntar-se ao nucleo principal do exercito sardo para o Piemonte. As columnas francezas seguiram-os sem obstaculo, por entre as acclamações do povo invadido. Montesquieu fez sua entrada triumphal em Chambery, recebeu das mãos dos magistrados as chaves da capital da Saboia, e deixou a administração della aos habitantes. No mesmo dia deste triumpho, os jacobinos destituiam em Pariz o general Montesquiou. A noticia da sua victoria, e o grito da indignação publica contra a ingratidão dos jacobinos fizeram revogar momentaneamente a sua demissão. Montesquiou organisou a sua conquista, e apresentou suas tropas na fronteira de Genebra.

Durante estas operações, o general Anselmo, reunindo os batalhões de voluntarios de Marselha aos oito mil homens que commandava, fortificava-se na linha do Var, ameaçando o condado de Niza d'uma invasão, e premunindo-se elle proprio contra uma invasão no Meiodia. O conde de Santo-André commandava os Piemontezes. Seu exercito compunha-se de oito mil homens de tropa de linha, e doze mil soldados voluntarios das milicias do paiz.

O condado de Niza, estreito mas admiravel amphitheatro natural, que desce em degráos do cume dos Alpes para o Mediterraneo, é uma Suissa italiana, onde a oliveira e o limoeiro substituem a faia e o abeto, cujos valles, porém, estreitos, ardentes quebrados por correntes muitas vezes seccas, offerecem á invasão as mesmas difficuldades que a Saboia. A raça liguriana que a habita, raça pastoril nas montanhas, maritima e commercial á beira do mar, bellicosa por toda a parte, fallando outra lingua, e tendo costumes diversos dos nossos, longe estava de nutrir para com a França as mesmas disposições que os Saboianos. O mar e as montanhas dão aos povos o duplo sentimento da independencia. A visinhança de Genova offerecia em todos os tempos ás povoações destas costas o exemplo de uma individualidade republicana libertada do jugo das grandes monarchias visinhas. O espirito genovez era o espirito publico do condado de Niza: o amor dos principes francezes, o horror ao jugo da França. Os montanhezes desciam aos bandos de suas aldeas alpestres, calçados de alparcas atadas com correias de couro, a espingarda de caça na mão, incapazes de uma aturada campanha, e d'alguma disciplina militar, porém lestos, infatigaveis, intrepidos para uma guerra de montanha, de surpreza, e de guerrilha.

O conde de Santo André havia escolhido habilmente a posição de Saorgio, altura inexpugnavel, que domina Niza, as estradas da França e do Piemonte, para centro e cidadella da provincia que estava encarregado de defender. Havia estabelecido de antemão um campo fortificado, e entrincheiramentos revestidos de muralhas. O almirante Truguet apresentou-se em frente de Niza, a 28 de setembro, com uma esquadra composta de nove embarcações, e ameaçou bombear a cidade. O general Anselmo aproximou-se por terra prompto a tentar a passagem do Var. De noite, o general Courtin commandante da cidade concentrou suas forças sobre Saorgio. Tres mil emigrados francezes, que tinham procurado azylo em Niza, indignados do covarde abandono da guarnição, sublevaram parte da guarnição e correram, uns ás baterias do mar, outros ás baterias do Var; porem, ameaçados pela burguezia que não via nesta lucta desesperada senão um pretexto ao incendio da cidade, retiraram-se de noite, pela estrada de Saorgio, perseguidos, insultados, roubados e assassinados pela populaça feroz das margens do mar. Esta populaça ameaçava saquear tambem a cidade. A burguezia mandou pedir ao general Anselmo occupasse a cidade o mais depressa possivel. Anselmo passou o Var á frente de quatro mil francezes, entrou no meio de unanimes acclamações na capital do condado.

XIX — Comtudo os excessos que os revolucionarios de Niza commettiam contra seus inimigos pessoaes, ao abrigo das baionetas, e bandeira da França sublevaram os montanhezes, sempre mais aferrados dos velhos costumes, e mais fieis ás velhas dominações do que os povos das planicies, das margens dos rios, ou do litoral do mar. Os padres e os monges, tremendo ao ver penetrar, com mão armada, no seu imperio, as idéas que acabavam de desapossar a Igreja em França, confundiram sua causa com a da religião, e sublevaram o povo, não pelo seu patriotismo, mas pela sua consciencia. Os mais mancebos e os mais intrepidos marcharam á frente dos bandos, e fusilaram os postos avançados e os destacamentos francezes em toda a parte onde os encontravam separados da massa dos corpos. Emboscados atraz dos rochedos, ou dos troncos das arvores, disparavam e fugiam escalando os declives escarpados com destreza de caçadores. A guerra não era senão um longo assassinio.

O general francez Anselmo via decimar suas tropas. O centro desta guerra santa estava em Oneille. Esta pequena cidade maritima e montanhosa ao mesmo tempo, capital d'um pequeno principado independente, era o foco de todas estas tramas contra a dominação dos francezes. Seu posto servia de refugio e praça de armamento a uma multidão de piratas e corsarios sardos, genovezes, e napolitanos, cujos navios ligeiros, e faluas armadas faziam desembarques nocturnos na costa, ou exerciam no mar a mesma rapina que os bandos dos montanhezes no valle de Niza. Muitos conventos de frades, verdadeiros dominadores da cidade, fomentavam esta guerra santa, e santificavam com as suas violentas pregações estas inuteis e sangrentas expedições. Anselmo e Turguet resolveram de combinação afogar o fanatismo no seu covil. Em Villefranche se embarcavam tropas nos navios da esquadra. A 23 de outubro, appareceram defronte de Oneille. O almirante Turguet enviou o seu capitão du Chaila a intimar a cidade, e convidar os habitantes a prevenirem por sua submissão os horrores de um bombeamento. A lancha que conduzia du Chaila aproximou-se com pavilhão parlamentar aos signaes e convites pacificos da população que cobria a praia. Mas apenas a lancha tocou no local do desembarque, uma descarga de cem tiros crivou a pequena embarcação, matou um official, quatro marinheiros, e feriu muitos homens, entrando neste numero o proprio du Chaila. A lancha, atulhada de cadaveres e feridos, virou de bordo, perseguida e metralhada, de onda em onda, por uma chuva de ballas, e voltou com custo a mostrar aos olhos da esquadra este testimunho da perfidia dos habitantes. A equipagem indignada bradou por vingança. Turguet atravessou os navios ancorados, e metralhou a cidade até á noite. O forte de Oneille ficou despedaçado pelas bombas. Seu fogo calou-se. Mil e duzentos soldados, ás ordens do general Lahouliére, embarcados durante a noite nas lanchas da esquadra, esperavam os primeiros raios da aurora, para desembarcarem, a coberto do fogo de suas fragatas.

A esta vista os habitantes fogem para as montanhas, levando comsigo o que tem de mais precioso, e abandonando suas casas ao saque e ao incendio. Só os frades, habituados á inviolabilidade do sacerdocio, respeitado até então nas guerras de Italia, ficam encerrados nos seus conventos. Os francezes forçam as portas destes asylos, assassinam, sem escolha de culpados ou innocentes, os frades apontados á sua vingança pelas tramas de que foram os instigadores, e pelo covarde assassinio de du Chaila. A pilhagem e o incendio, represalias terriveis, assolam e destroem o covil da pirateria e do roubo. Os francezes não deixam na cidade de Oneille, ao reimbarcarem, senão um montão de cinzas, e os cadaveres dos frades sobre as ruinas dos seus conventos.

A expedição d'Oneille, e a degolação dos seus frades, longe de assassinar a insurreição nas montanhas do condado de Niza, fizeram levar em massa os *Barbets*. Reunidos aos Piemontezes e a um corpo austriaco emprestado ao rei de Sardenha pelo imperador atacaram os francezes em Sospello, ponto o mais elevado na nossa occupação. Seis mil homens, e dezoito peças de artilheria degolaram o general Brunet. Anselmo sahiu de Niza com a guarnição inteira, composta de doze companhias de granadeiros, mil e quinhentos homens escolhidos, e

quatro peças de artilheria, e marchou a recobrar aquella importante posição. Reconquistou-a á ponta da baioneta, e tornou a entrar em Niza. Denunciado á convenção pela doçura da sua administração, culpado aos olhos dos jacobinos, por haver refreado os assassinios e as vinganças dos de Niza, foi prezo no meio do seu exercito victorioso, e conduzido a Pariz para expiar nas prizões as primeiras glorias dos nossos exercitos.

XX. — Uma esquadra franceza, commandada pelo almirante Lathouche, foi ao mesmo tempo intimar ao rei de Napoles declarar-se ou pró ou contra a republica, e desapprovar os manejos do seu embaixador em Constantinopla contra o reconhecimento do pavilhão tricolor pelo sultão. A esquadra, composta de seis vasos de guerra, entrava em 27 de dezembro no golfo, afrontando as quinhentas peças dos cáes e dos fortes de Napoles. Lathouche, tendo lançado ancora sob as janellas do palacio do rei, e feito signal de combate ás suas embarcações, enviou um granadeiro das suas tropas de marinha levar uma mensagem ao rei em pessoa. Este embaixador não tinha outro titulo senão o de soldado francez, outras cartas de credença senão méchas accesas da artilheria da esquadra que o rei via fumegar do alto do terraço do seu palacio. O almirante exigia na sua carta que o enviado da republica fosse recebido, a neutralidade de Napoles garantida á França, o embaixador insolente que havia negado a legitimidade do governo do povo francez em Constantinopla fosse chamado, um embaixador enviado a Pariz pela corte de Napoles. A recusa de uma só destas condições seria o signal do fogo das suas embarcações.

O rei intimidado recebeu o granadeiro francez com as honras que prestaria ao enviado da republica; concedeu tudo quanto se lhe pedia, offereceu de mais a sua medeação entre a republica e os seus inimigos. « A republica, lhe respondeu o granadeiro, não quer mediação entre ella e os seus inimigos senão a victoria e a morte. » A corte de Napoles, dominada por uma rainha orgulhosa e inimiga dos francezes, soffreu esta humilhação sem murmurar. Fingiu cumprir as condições pacificas impostas pela actitude de Latouche, e retomou, com mais odio no coração, o seu logar na conjuração das cortes.

XXI. — No entanto que os nossos batalhões submettiam a Saboia e o condado de Niza, que as nossas esquadras dominavam as praias do Mediterraneo, e que Dumouriez limpava lentamente a Champagne, os Austriacos anim dos nos Paizes-Baixos pela falta da massa das nossas tropas, que Dumouriez chamara para o Argonne, tentavam romper o norte da França Os emigrados haviam persuadido ao duque Alberto de Saxe-Teschen, governador dos Paizes-Baixos, que os habitantes do norte da França, e o povo de Lille especialmente, não esperavam senão um pretexto para se sublevarem contra a convenção, e declararem ao seu rei captivo uma fidelidade que era o caracter destas provincias. Beurnonville, conduzindo deseseis mil homens do exercito do Norte em soccorro de Dumouriez, deixava Lille a descoberto. Esta cidade não tinha senão dez mil homens de guarnição, força insufficiente para defender mui vastas fortificações, e conter ao mesmo tempo uma população de setenta mil almas. O duque Alberto reuniu vinte e cinco mil homens, tirou dos arsenaes dos Paizes-Baixos cincoenta peças de bater, e apresentou-se em 25 de setembro em frente dos baluartes de Lille, e fez abrir trincheiras.

Cinco baterias armadas com trinta peças ficaram concluidas em a noite de 29. O barão d'Aspre veio intimar a cidade a render-se. Conduzido ao hotel de ville, com os respeitos devidos ás leis da guerra, o parlamentario fez a intimação ao general Ruault, que commandava a cidade. O general respondeu como homem seguro de si, da bravura da sua fraca guarnição e do enthusiasmo do povo. A multidão que se aglomerava ás portas do hotel de ville, reconduziu o parlamentario até aos postos avançados austriacos, aos gritos de *viva a republica! viva a nação!* O fogo principiou no mesmo instante. Durante sete dias e sete noites as ballas e as bombas cahiram incessantemente na cidade, mataram seis mil habitantes, incendiaram oitocentas casas. As cavas, onde as mulheres, os velhos, e as creanças procuravam um refugio, se enthulharam em muitos bairros sob o peso das bombas, e sepultaram milhares de victimas nas suas ruinas. Uma população intrepida se transformou n um exercito aguerrido ao fogo, e não teve nem um unico momento de hesitação. A guerra parecia ser a profissão habitual deste povo das fronteiras. Todas as cidades do Norte, das quaes Lille não estava ainda cortada por um cerco completo, lhe enviaram viveres, munições, e batalhões formados dos mais escolhidos dos seus mancebos. Seis membros da convenção, Duhem Delmas. Bellegarde, Daouts, Doulcet, e Duquesnoy, vieram encerrar-se nas suas muralhas para animar a coragem dos sitiados, e mostrar ás fronteiras que a nação combatia com elles na pessoa dos seus representantes. Debalde trinta mil ballas incendiarias, e seis mil bombas do pezo de cem libras, carregadas de metralhas, continuaram a chover durante cento e cincoenta horas sobre esta fumegante fogueira, incessantemente apagada, incessantemente reacendida; debalde para animar a constancia dos sitiantes a archiduqueza d'Austria, Maria Christina, mulher do duque Alberto, veio em pessoa, com sua propria mão, dar fogo a uma nova bateria, os de Lille conheceram que os austriacos carregavam as suas peças com barras de ferro, pedaços de cadeias, e pedras. Concluiram que as munições principiavam a faltar aos sitiadores, preseveraram com mais confiança na sua heroica impassibilidade sob o fogo. O duque Alberto, falto ao mesmo tempo de tropas e munições, e sabedor dos sucessos de Dumouriez na Champagne, receiando o reflexo dos nossos soldados sobre o Norte, levantou o sitio sem ser perseguido.

Lille havia perdido um arrebalde inteiro; muitos bairros da cidade não eram mais que montões de ruinas servindo de sepulchro a montões de cadaveres. Seus restos fumegavam ainda, e as cicatrises dos seus monumentos attestavam a gloria de uma cidade de guerra defendida e salva ao mesmo tempo, pelos seus proprios habitantes.

Houve rasgos de antiguidade. Um artilheiro voluntario da cidade servia uma peça nos baluartes. Vieram advertil-o de que uma bomba rebentára sobre a sua casa; voltou-se e viu a chamma elevar-se por cima do tecto da sua habitação — « Aqui é o meu posto, respondeu elle; collocaram-me aqui não para defender a minha casa, e sim a minha patria. Fogo, por fogo! » e carrega e dispara a peça. O livramento de Lille excitou um enthusiasmo nacional. As deshonras de Verdun e de Longwy estavam vingadas.

O sitio de Lille apenas estava levantado quando Beurnouville destacado do exercito de Kellermann com dezeseis mil homens, avançou para as fronteiras do norte para concorrer ao plano de invasão da Belgica, tanto tempo premeditada por Dumouriez, e tão gloriosamente interrompida pela campanha contra o rei da Prussia.

XXII — Vimos que Dumouriez, apressado em levar a execução este plano, corrêra a Pariz logo em seguida ao movimento de retirada do duque de Brunswick. Sua apparição em Pariz tinha menos por fim triumphar que preparar novos triumphos alcançando, com o ascendente d'um general victorioso, todos os meios necessarios á invasão da Belgica. Idolo do povo, temido dos jacobinos, amigo de Danton, attendido pelos girondinos, sua gloria, sua destreza, seu arrastramento militar alcançavam do poder executivo todas as ordens e todos os recursos de que podia dispôr. A repercussão do 10 de agosto, a consternação das jornadas de setembro, a proclamação da republica, o pasmo de uns e o delirio dos outros em presença do cadafalso do rei, emfim o orgulho de Valmy, a gloria de ter reconquistado o territorio, faziam correr ás armas toda a joventude da nação. As armas faltavam aos braços, e não os braços ás armas Fabricavam-se a toda a pressa em todas as officinas da republica. Os commissarios da convenção, e os commissarios nomeados pelos jacobinos, armados uns com a lei, outros com a dictadura da opinião, precorreram os departamentos para activar as forjas, decretar as requisições, animar os alistamentos em toda a superficie da França. As authoridades locaes, sahidas como espontaneamente do povo,

e compostas dos homens a quem a voz publica designára como os mais ardentes do fogo do patriotismo, tinham no paiz uma força de confiança, impulsão, e execução, que nenhum magistrado jámais obtivera em tempo ordinario. Obedecia-se-lhes como se obedece á sua propria paixão. Eram elles os reguladores d'um movimento geral.

Homens de todas as condições, fortunas, idades se apresentaram em chusma, para compôr os batalhões que cada departamento enviava ás fronteiras. Os guardas nacionaes, lançando os seus homens mais aguerridos nestes batalhões, transformavam-se assim, no proprio solo, em exercito activo. Os mancebos, que mais se haviam distinguido pelo seu zelo e patriotismo na guarda nacional, foram nomeados, pelos seus companheiros de armas, commandantes destes batalhões. Estes voluntarios das mesmas cidades, das mesmas villas, dos mesmos cantões, irmãos, parentes, amigos, compatriotas, conheciam-se uns aos outros, e escolhiam seus chefes entre os mais bravos, mais intelligentes, e mais amados, formando assim como tantas familias militares quantos eram os batalhões no departamento. Marchavam ao combate vigiando-se uns aos outros, excitando-se mutuamente, e promettendo-se reciprocos testimunhos do seu patriotismo, valor, ou morte.

A' noticia de qualquer grande acontecimento em Pariz, ao annuncio de uma declaração de guerra com algum inimigo mais, a relação de catastrofes ou triumphos militares que distinguissem os primeiros passos dos nossos exercitos na Champagne, Saboia, no Meiodia, ou em o Norte, a paixão da patria, excitada com mais força pelo perigo, ou pela gloria, accendia-se no coração dos cidadãos. As ardentes proclamações da convenção, das authoridades, dos jacobinos, dos representantes do povo em missão, faziam apêlo aos defensores da liberdade. Suas vozes, entendidas no mesmo instante, eram a unica lei do recrutamento. O enthusiasmo alistava, a vontade disciplinava, os dons patrioticos fardavam, armavam, estipendiavam, nutriam estes filhos da patria.

XXIII — Nas cidades, nos burgos, nas aldêas, os dias ou as festas da religião, e as feiras reunindo os homens em maiores massas, um amphitheatro de madeira se elevava na praça publica, na praça d'armas, ou diante da porta da municipalidade. Uma barraca militar, sustentada por feixes de lanças e sobremontada por bandeiras tricolores, estava estendida sobre este amphitheatro para recordar um acampamento. Esta barraca, cujos pannos estavam levantados, pela parte da frente, pela mão de um granadeiro e um cavalleiro em uniforme, abria-se do lado do povo. Uma mesa contendo os registos do alistamento occupava o centro. O representante do povo em missão, com a facha tricolor á cintura, o chapeo com as abas levantadas dos lados, sobremontado com um penacho de plumas, segurava o registro, e escrevia os alistamentos. O maire, os officiaes municipaes, os presidentes dos districtos, os presidentes dos clubs, estavam em pé ao redor delle. A multidão commovida fendida era a cada momento, para deixar passar as filas dos defensores da patria, que subiam os degráos do estrado para dar seus nomes aos commissarios. Os applausos do povo, os elogios patrioticos dos representantes, as lagrimas enternecidas das mãis de familia, as fanfarras da musica militar, os rufos dos tambores, a canção da *Marselhesa* cantada em choro recompensavam, excitavam, enebriavam estes actos de dedicação á salvação da republica.

Este enthusiasmo contagioso que se apossa das multidões apoderava-se muitas vezes dos espectadores, e levava os homens, até mesmo os indifferentes e timidos, e limitarem os actos de que eram testimunhas. Homens pasados arrancavam-se dos braços de suas mulheres para se lançarem para o altar da patria. Homens já avançados na vida, velhos mesmo ainda verdes e validos vinham offerecer seu resto de vida á salvação do paiz. viam-se despir suas vestes ou seus fatos diante dos representantes, e mostrar a nu os peitos, as espaduas, os braços, os pulsos ainda robustos, para attestar que seus membros tinham a força de levar o burnal, a espingarda, e affrontar as fadigas do campo. Os pais, dedicando-se com seus filhos, offereciam elles mesmos seus filhos á patria, e pediam marchar com elles. As mulheres, para seguirem seus maridos ou amantes, ou possuidas mesmo deste delirio da liberdade e da patria, o mais generoso e o mais dedicado de todos os amores, despojavam os vestidos do seu sexo, revestiam o uniforme de voluntarios, e alistavam se nos batalhões dos seus departamentos.

Estes voluntarios recebiam um roteiro para se dirigirem ao deposito designado pelo ministro da guerra, e ahi receber o equipamento, a instrucção e a organisação. Punham-se em marcha, por grupos mais ou menos numerosos, ao som do tambor, aos refrens do hymno patriotico, acompanhados, até uma grande distancia de suas cidades ou aldeias, pelas mãis, irmãos, irmãs, noivas que lhes levavam os burnaes, e as espingardas, e que não se separavam delles senão quando a fadiga havia esgotado não a sua ternura, mas suas forças. Por toda a parte, nos encrusamentos das estradas, nos cumes dos montes, nas entradas e sahidas das cidades, ás portas das estalagens isoladas, onde estes destacamentos faziam alto, os viajantes eram testimunhas destas separações, e destes adeuses. Os voluntarios, demorados por estes derradeiros abraços, limpavam as lagrimas ganhando a passos apressados o nucleo do batalhão, e sem olharem para traz com medo de hesitarem ou enternecer-se, entoavam com voz surda mas resoluta a copla da Marselhesa cantada pelos seus camaradas: « Vamos, filhos da patria! »

A população das cidades e dos burgos que atravessavam sahia para os vêr passar, e offerecer-lhes pão e vinho, no limiar de suas casas. Disputava-se nos logares de etaipa, a quem os alojaria como filhos da familia. As sociedades patrioticas iam ao encontro delles, ou convidavam-os á noite para assistir ás suas secções. O presidente arengava-lhes; os oradores do club fraternisavam com elles, e inflammavam sua coragem com as recitas de expedições militares recolhidas nas historias da antiguidade. Ensinavam-lhes os hymnos dos dois Tyrteos da revolução, os poetas Lebrun e Chenier. Enebriavam-os na santa raiva da patria, e do fanatismo da liberdade.

XXIV — Taes eram os elementos do exercito que marchava por todas as nossas estradas, do centro para as fronteiras. Dumouriez o organisava em marcha.

Este general, depois de quatro dias passados em Pariz, em conferencias secretas com Danton, e em conferencias militares com Servan, então ministro da guerra, partiu em 20 de outubro, para se dirigir ao seu quartel general de Valenciennes. Antes de apparecer ahi, recolheu-se dois dias, n'uma casa de campo que possuia nos suburbios de Peronne. Tinha e meditar sobre duas cousas: o seu plano de campanha para arrancar a Belgica das mãos dos austriacos, e o seu plano de conducta para lisongear ou intimidar a convenção, servir a republica se ella soubesse dar-se um governo, dominal-a e distruil-a, se, como elle suspeitava, ella passasse de uma anarchia a outra entre as mãos de todas as facções. O general partira cheio de desprezo pelos girondinos, cheio de confiança no genio de Danton. O horisonte indeciso da sua fortuna apresentava-lhe duas perspectivas sobre as quaes se comprasia igualmente em repousar a sua imaginação: uma dictadura compartilhada por elle no interior com Danton, ou o papel de Monk modificado pela differença dos tempos e dos homens; isto é o restabelecimento, por mãos do exercito, de uma monarchia constitucional, sonhada para o duque de Chartres.

No entanto que Dumouriez combinava assim as alternativas que da guerra ou da revolução podiam sahir, Servan deixava o ministerio. Pache o substituiu.

XXV — Pache, personagem subalterna, sahido repentinamente da obscuridade, elevado ao ministerio da guerra pelos girondinos, era um amigo de Roland. Era um desses homens cuja ambição se occulta sob uma modestia que tranquilisa contra suas pretenções. Sabia-se apenas qual era a sua origem, e com que passos marchado havia elle, ou rastejado-se na vida. Suspeitava-se sómente que elle era filho d'um porteiro do duque

de Castries; educado pelos cuidados desta familia illustre, fôra encarregado depois da educação d'um dos filhos desta casa. Instruido, estudioso, reservado, não deixando escapar na conversação senão algumas palavras raras e precisas que indicavam a claresa e universalidade da sua intelligencia, Pache parecia eminentemente proprio a vir a ser uma destas rodas uteis do mechanismo da administração, incapazes de aspirarem nunca a ser seus reguladores.

Era um desinteresse hypocrita occultando as suas aspirações ao imperio sob os costumes e a simplicidade de um philosofo. Esta authoridade antiga havia seduzido á sr.ª Roland, amante de tudo quanto lhe recordava os homens de Plutarco. Dera Pache a seu marido por chefe do seu gabinete particular no ministerio do interior, e confidente e auxiliar dos seus trabalhos os mais difficeis e secretos. Via em Pache um desses sabios que a Providencia suscita em roda dos homens do Estado para lhes inspirar seus conselhos.

No momento em que Servan foi chamado ao ministerio da guerra, Pache entrou na sua administração pelo mesmo titulo e com a mesma dissimulação que em casa de Roland; ahi mostrara a mesma applicação aos seus deveres, e a mesma aptidão aos detalhes. A' retirada de Servan, Roland propusera Pache para a guerra, ao conselho de ministros. Os girondinos, que, sobre a palavra de Roland, viam em Pache um amigo dedicado á fortuna delles e á sua causa, acceitaram-o com confiança. Pensavam que o espirito de Roland animaria assim dois ministerios. Apenas, porém Pache se installára no conselho que sacudiu, como uma recordação importuna, toda a dependencia e reconhecimento para com o seu antigo patrono, e começou a urdir secretamente com os jacobinos, as tramas que deviam derrubar Roland do poder, e conduzir sua mulher ao cadafalso. Pache deu por penhor aos jacobinos a administração do ministerio da guerra, qu confiou a creaturas delles. Vincent e Hassenfratz ahi dominaram em seu nome: um, moço *cordelier* (do club dos franciscanos) discipulo e emulo de Marat; outro, patriota de Metz, refugiado em Pariz. Pache unicamente occupado do cuidado de engrandecer a sua popularidade, fez das suas repartições outros tantos clubs, onde affectava os costumes, usos, e lingoagem da mais desenfreada demagogia. O barrete vermelho e a *carmanhola*, substituiam o uniforme. As filhas de Pache, apparecendo nas festas civicas, mostravam por toda a parte com affectação a exageração do patriotismo. Um tal ministerio não podia servir as vistas de Dumouriez, a quem se accusava de ser o homem de guerra dos girondinos. Ficou aterrado com a nomeação de Pache, e comprehendeu vagamente desde então que bem depressa seria reduzido, pela inimisade dos jacobinos, á alternativa de vergar ante elles, ou de os fazer tremer em presença delle.

XXVI. — Chegado a Valenciennes, Dumouriez redigiu o seu plano de invasão da Belgica, e enviou a cada um dos generaes que tinha sob suas ordens a parte deste plano que ficava encarregado de executar, e o todo do qual somente elle conhecia, dirigindo-lhe os combinados movimentos. Suas forças elevavam-se a oitenta mil combatentes. O enthusiasmo que havia arrastado os seus batalhões á fronteira animava-se ainda com a esperança d'uma conquista feita em nome da republica. Tinham no seu general em chefe esta confiança que o heroe de Valmy, e o libertador da Champanhe inspirava aos soldados combatentes. Alli onde estava Dumouriez, ahi estavam para elles as leis e a patria. Alguma cousa de dictatorial se revelava na sua phisionomia, nas suas palavras, nas ordens do dia ao exercito. Parecia inquietar-se elle pouco dos commissarios, dos decretos da convenção, das vistas do ministro da guerra, e levar o governo comsigo.

O duque Alberto de Saxe-Teschen commandava na Belgica pelos Austriacos. Fôra deixado pelo imperador e pela Prussia n'um isolamento que compromettia, desto lado, a segurança da Belgica. As forças disseminadas do duque de Saxe-Teschen compunham-se apenas de trinta mil combatentes, dos quaes eram quatro mil emigrados francezes, do lado de Namur, sob o commando do duque de Bourbon, filho do principe de Condé. Seus logares tenentes cobriam, com grossos destacamentos, toda a fronteira belga. O duque de Saxe-Teschen, collocado no centro destas forças disseminadas, prompto a avançar ou a reconcentral-as para si, occuppava Bruxellas com uma fraca guarnição.

XXVII. — Dumouriez, se tivera então o genio innovador da guerra que multiplica a força dos exercitos concentrando-os, podia combater cada um destes corpos isolados dos Austriacos com a massa inteira das suas tropas, e avançando depois n'uma só columna sobre o coração da Belgica, cortal-os dos outros corpos, mutilal-os, ou dissolvel-os ante si. A pouca confiança que o general ainda tinha nos seus batalhões de voluntarios, e mais que tudo a falta de material, transportes, viveres, aos quaes se não quer a supprir por via de requisições militares, o impediram de executar esta inspiração. A rutina da velha guerra entrevava ainda o espirito dos maiores generaes. Dumouriez dividiu o seu exercito em quatro corpos, á imitação do duque de Saxe-Teschen. O general Valence, seu braço direito e seu discipulo predilecto, comandava o exercito das Ardennes, que voltava tambem de Valmy para se oppor a Clairfayt. Valence recebeu ordem de se dirigir sobre Namur para impedir, se ainda fora tempo, a juncção de Clairfayt com o exercito da Belgica sob as muralhas de Mons; porém já era mui tarde. As primeiras columnas de Clairfayt ja haviam entrado em Mons. O segundo corpo de doze mil homens, sob o commando do general de Harville, ameaçava Charleroi, O terceiro ás ordens do general La Bourdonnage, commandante do exercito do norte propriamente dito, e composto de desoito mil homens, devia avançar sobre Tournai. Finalmente o proprio Dumouriez, á frente de dois corpos formando o centro deste exercito e forte de trinta e cinco mil homens, devia marchar sobre Mons, e dar um choque decisivo ao exercito reunido de Clairfayt e do duque de Saxe-Teschen, partir este exercito em dois, e marchar por esta brecha sobre Bruxellas, insurgindo á direita e á esquerda as provincias belgas, e servindo de vanguarda aos tres corpos de Valence, de d'Harville, e de La Bourdonnaye. As proclamações em estylo revolucionario moderado, chamando a Belgica á independencia, e proprias a fazer fermentar nestas provincias o velho fermento de sua revolução, eram redigidas com arte por Dumouriez. Estas proclamações, obra prima de habilidade, recordam a prudencia do diplomata, a mão do revolucionario, e a espada do guerreiro. Dumouriez apresentava-se alli menos como conquistador, do que como libertador Os francezes nellas fallavam como irmãos aos povos a quem vinham soccorrer contra os oppressores. Era o verdadeiro espirito da revolução fallando pela voz do seu primeiro general.

Se ella houvera sempre fallado e operado no sentido de Dumouriez, a sua propaganda, pacifica para as nacionalidades, ameaçadora unicamente para as dominações que as opprimiam, haveria combatido por ella mais do que os seus exercitos. Alguns patriotas belgas, impacientes de libertarem seu paiz do jugo austriaco, haviam passado a fronteira á aproximação e á voz do general francez, e tinham se organisado em batalhões de voluntarios. Dumouriez conduzia estes batalhões comsigo. Era o carvão com que esperava accender o incendio do patriotismo, e a insurreição ante seus passos.

XXVIII. — Todo este plano de campanha, assim concebido e preparado, assentava pois sobre uma primeira batalha junto aos muros de Mons, entre o exercito de Dumouriez, apoiado do exercito de Valence e sustentado do d'Harville, por uma parte, e o exercito do duque de Teschen e de Clairfayt, pela outra, acampado, fortificado, e encostado a uma cidade importante. Tudo marchou, desde este momento, com rapidez e concerto para este ponto de Mons onde a Belgica devia ser conquistada ou perdida. As vistas de Dumouriez, claramente indicadas pela disposição dos seus corpos, e pela marcha das suas columnas, haviam sido revelladas á intelligencia militar de Clairfayt. O duque de Saxe-Teschen e Clairfayt, reunidos em uma massa de trinta mil com-

batentes em frente de Mons, tiveram tempo de escolher o terreno, desenhar o campo de batalha, apoderar-se das alturas, fechar os desfiladeiros, escarpar os declives, e armar os reductos, nos pontos por onde fosse possivel abordal-os.

O campo de batalha que haviam assim fortificado em castanheiros, empalissado com as florestas, pantanos, canaes, e regatos, qual uma immensa praça forte, é uma cadeia de colinas apenas ondulada d'algumas inflexões nos pontos onde se prendem umas ás outras, e que se estende por meia legoa adiante de Mons. Esta linha de alturas está coberta, no seu cume, com uma floresta. A aldea de Jemmapes, levantada no extremo desta colina, fecha-a pela direita; á esquerda, vem ella inclinando-se morrer na aldeia de Cuesmes. O espaço comprehendido entre estas duas aldeias, das quaes haviam os Austriacos feito duas cidadellas, forma pela disposição natural do terreno dois ou tres angulos reintrantes, onde se haviam collocado baterias para metralhar as columnas que tentassem grimpar a altura.

Na frente se estende, como bacía d'um lago secco, uma planicie profunda, estreita, e cujas terras baixas formam estreitos e enseadas entre os castanheiros despedaçados que a bordam. Na rectaguarda, e especialmente do lado de Jemmapes, a colina onde se assentava o campo e os reductos do exercito austriaco enterra-se n'um pantano cortado de canaes de esgotamento, charcos de agoa estagnada, terreno aquoso e movediço debaixo dos pés, e juncos formando sebes elevadas sobre as rebordas dos fossos, ficando assim inaccessivel o accesso á cavallaria e á artilheria. Coberto pela rectaguarda com este pantano e com a cidade de Mons, flanqueado na sua alla direita pela aldeia de Jemmapes, na esquerda pela aldeia de Cuesmes, que toca nos arrabaldes desta grande cidade fechada, o exercito austriaco, tendo ante si, sob seus pés, as suas baterias e os seus reductos armados de cento e vinte peças de artilheria, e os seus postos avançados fortificados pelas ondulações que se avançam na planice, não tinha pois a receiar a respeito da sua linha de retirada e flancos, e sómente combater de frente com os Francezes, avançando a descoberto sob os seus fogos e n'um terreno que os envolvia por todas as partes. A intelligencia militar dos dois generaes austriacos h via supprido ao numero, pela formidavel posição do seu exercito. A escolha e a disposição deste campo de batalha indicavam a Dumouriez que havia encontrado em Clairfayt um general digno de se medir com elle.

XXIX. — Depois de ter, a 3 e 4 de novembro, desalojado os Austriacos d'alguns postos avançados que occupavam fortemente muito á frente na estrada e na planicie, Dumouriez se desenvolveu, a 5, n'uma immensa linha convexa, partindo á esquerda da aldeia de Quaraignon, que não tinha podido vencer na vespora, e á direita do povoado de Siply, ao pé das alturas de Berthaymont, e do monte Palisel, que cobrem um dos arrebaldes de Mons. Collocou-se em pessoa no centro desta linha de batalha, a igual distancia das suas duas allas. D'Harville, que formava a extremidade da sua all direita, ao pé do monte Palisel, e quasi sob os muros de Mons, tinha ordem de ficar em observação, e aproveitar o movimento da retirada e confusão que se operaria pelo assalto das massas francezas sobre o exercito austriaco, para se apoderar então da estrada de Mons, e fechar-lhe as portas desta cidade, onde o duque de Saxe-Teschen e Clairfayt se reservavam sem duvida um refugio. Beurnonville, a quem Dumouriez confiou uma vanguarda, igual só por si a um corpo de exercito, estava encarregado, com o escolhido das tropas, de travar a acção, abordando e levando de vencida a aldeia e o plató fortificado de Cuesmes, esquerda dos Austriacos. Cinco reductos existiam neste formidavel plató. Toda a linha inimiga, entre Cuesmes e Jemmapes, estava igualmente murada com reductos sobrepostos uns aos outros, e cujos fogos se crusavam em caso de necessidade, pelos pannos de florestas abatidas, cujos troncos de arvores, e ramos entrelaçados tornavam os aproches impraticaveis á cavallaria ou á artilheria, por via de fossos que a picareta havia aprofundado, e pelas casas donde os atiradores tyroleses, de carabina infallivel, podiam visar lentamente e a coberto, decimando as fillas das nossas columnas de ataque. Unicamente no centro, a aldea e a bosque de Flence, assentados n'um plató mais largo, e menos rapidamente inclinado, deixavam á cavallaria franceza uma garganta pela qual ella podia lançar-se até ao pé da sua altura. O caminho interceptado comtudo pela propria aldeia de Flence, estava além disto atulhado pelos esquadrões escolhidos da cavallaria austriaca. O velho general Ferrand, restos de Laufelt e da guerra dos sete annos, mas que encontrava a sua joventude no rebombo do canhão, commandava a ála esquerda, lançada um pouco á rectaguarda da linha de batalha pela aldeia de Quaraignon, occupada ainda por uma forte columna austriaca com artilheria, em frente das alturas de Jemmapes.

Finalmente o duque de Chartres (depois rei dos francezes), commandava o centro, a li mesmo á mão do general em chefe, o mais moço dos logares-tenentes de Dumouriez e o mais acariciado com o favor deste general. Dir-se-hia que seu chefe queria attrahir sobre elle um raio de gloria para o apontar á França e a um destino, que o instincto politico de Dumouriez parecia avistar-lhe atravez a fumarada dos seus primeiros campos.

O duque de Chartres não devia mover-se para dar o derradeiro assalto ao centro inabordavel da posição dos inimigos senão em ultimo logar. Ferrand e Beurnouville deviam primeiro vencer uma das duas extremidades mais accessiveis de Jemmapes ou de Cuesmes. Ou uma ou outra destas posições era a unica porta por onde o exercito francez podia desembocar no plató, e abordar do flanco, ou tornear o exercito austriaco.

Dumouriez fazia estas disposições no meio do seu estado-maior, mais sobre um mappa, do que com a inspecção ocular dos logares. As sébes, os ramalhetes de bosques, as grandes arvores que bordam os campos e as estradas nas pingues terras da Belgica interceptavam todo o horisonte estendido á vista do general. Os corpos disseminados sobre uma grande linha combinam os seus movimentos, por assim dizer ás apalpadellas, e n'uma batalha de grande desenvolvimento mais se combate por meio do ouvido que dos olhos.

A noite envolvia os dois exercitos quando estas differentes ordens foram distribuidas aos logares tenentes de Dumouriez com todos os seus detalhes. Os dragões ou hussares, munidos de archotes, escultavam, nas estradas e sendas os ajudantes de campo e os generaes que entravam nos seus bivaques a fim de se prepararem para a acção do dia seguinte. O exercito dormiu em batalha com a moxilla ás costas e em armas; os artilheiros junto ás suas peças, os canhões com as muares promptas, e as redeas dos cavallos enfiadas no braço dos cavalleiros. Dumouriez assim o ordenára. Para uma batalha sobre uma extensa linha, e composta de tres distinctas batalhas, cujos azares podiam prolongar as incertezas, o general não queria perder um só clarão do crepusculo n'uma estação em que os dias tão curtos disputam a luz aos combatentes. Receiava mais que se a victoria não desse os seus resultados antes de cahir das trevas, o inimigo em retirada se aproveitasse das sombras da noite para entrar em Mons, e escapar á perseguição.

XXX. — O primeiro clarão do dia sobre a ondulada terra da Belgica reflectiu sua luz sobre o exercito francez em armas. O ceo estava carregado e chuvoso, como um céo de outono nestes climas do Norte. Um nevoeiro frio ensopava o sollo e distillava em gotas de chuva por entre os ramos das arvores. As searas tinham sido já recolhidas, a terra estava nua, as folhas cahidas nenhum véo de searas ou verdura interceptava a vista na longitude a que ella se podia estender sobre as linhas negras dos batalhões e esquadrões, que esperava, em silencio, a ordem de se moverem das suas posições.

O panorama severo, marcial, reflectido, que apresentava o exercito inimigo entrincheirado nas alturas, as barretinas de pelles dos granadeiros hungaros, o manto branco da cavallaria austriaca, a farda asul celeste dos hussares, e a de côr parda dos caçadores tyroleses, a

immobilidade dos corpos formados, mais como espectadores do que como actores de um combate, nos rebordos dos platós de Jemmapes qual sobre as esplanadas de uma cidadella, contrastavam com o aspecto revolucionario e a mobilidade tumultuosa do exercito de Dumouriez; como se a Providencia houvesse querido apresentar face a face, e fazer luctar travadas as duas maiores forças militares: — a disciplina e o enthusiasmo.

XXXI. — O exercito francez, á excepção dos generaes, todos envilhecidos sob o uniforme, e da cavallaria, cujos regimentos se compunham de velhos soldados cuidadosamente conservados nos quadros e altivos com a sua instrucção, era quasi todo formado de voluntarios. Os uniformes, simples á vista, não offereciam aos olhos senão compridas linhas escuras, cujas ondulações, mal alinhadas pela espada de officiaes ainda novos, attestavam a inexperiencia das manobras em soldados ainda pouco exercitados. Sapatos de coiro bastante forte; polainas de panno preto abotoadas até acima do joelho, e dando mais ligeireza á marcha apoiando e desenhando os musculos da perna: calção branco; uma farda de abas compridas, á maneira de asas de passaro, e vindo quase bater nos calcanhares; duas largas correias de couro branco crusando-se sobre o peito, e servindo uma para sustentar a patrona nas costas, a outra a cingir o sabre á esquerda; outras duas correias iguaes, porém mais estreitas, passando por cima de cada hombro, e repassando immediatamente por baixo do sovaco, que serviam a segurar a muxilla de pelle de cabra; as bandas da farda, de panno encarnado, desenhando como uma larga nodoa de sangue sobre o peito; uma gorvata baixa para deixar livre o movimento do pescoço; os cabellos compridos, cheios de pomada e pós, pendentes como dois anneis de cabelleira sobre as orelhas, e seguros atraz em uma fita preta que os fixava em a nuca; finalmente por cobertura da cabeça, conforme era o corpo, ou um ligeiro casco de solido couro sobreposto de um pequeno martinete de crina curta, ou um chapéo com as abas voltadas para cima, no qual fluctava uma penna de gallo, tal era o fardamento do voluntario francez.

Suas armas eram um sabre curto, faca de reserva para se apunhalarem corpo a corpo quando a baioneta se quebrasse, e uma espingarda comprida de um só canno e brilhante ferro, na extremidade da qual se armava a baioneta para atravessar o peito inimigo quando o tiro estava disparado. Quase toda a infanteria usava este uniforme e armamento. Os caçadores o aliviavam algumas vezes para serem mais lestos. Os granadeiros, estes gigantes da linha, faziam sobresahir o seu alto talhe por um comprido gorro de pelles negras, cujos pêlos cahiam pela frente sobre uma chapa de cobre dourada ou prateada. Esta chapa mostrava, em letras de relevo, o numero do regimento ou a cifra do batalhão.

As companhias de sapadores, gastadores e artistas militares, cujos homens eram escolhidos pela massa e estatura usavam, em vez da espingarda de baioneta, um largo machado afiado e lusidio, de cabo curto, encostado á espadua, com o gume para cima, arma igualmente propria para abater as arvores na marcha de um exercito, ou decepar membros no campo de batalha.

Os artilheiros usavam farda mais curta, côres mais brilhantes, e mais ornamentos no uniforme: a agulheta em cordões de lã escarlate cercava o braço esquerdo; o casco prateado na cabeça, e sobre o capacete uma pluma encarnada.

A cavallaria, composta de gendarmeria, de carabineiros, de couraceiros, de dragões e hussares, conforme o talhe dos cavalleiros e o tamanho dos cavallos, brilhava nas alas de cada divisão. Seus cavallos, desca çados nas pingues planicies do norte, relinchavam, saltavam, raspavam a terra como impacientes das batalhas. As peças de artilheria, ressoando nas suas carretas, seguidas dos caixões cercados dos artilheiros, com o morrão aceso nas mãos, promptos a servil-as, estavam deitados como troncos negros nas carretas dos lenhadores. Por toda a parte se erguiam as tendas dos officiaes superiores, que se haviam alli o guido sómente esta noite. As fillas das carroças que condusiam o pão estacionavam atraz dos batalhões. Os fogos dos bivaques, cercados de assentistas e vivandeiros distribuiam a aguardente ás companhias, apagavam-se lançando seu derradeiro fumo que se confundia com os nevoeiros da manhã. De tempos a tempos o rodar das carretas sobre as largas calçadas belgas, um som de trombetas, um toque de tambores, annunciava o movimento de alguns corpos que se deslocavam lentamente para irem tomar a posição determinada pela ordem do general.

XXXII. — Tal era o aspecto dos lodosos terrenos da planicie de Jemmapes, na manhã da batalha. Quanto ás disposições do exercito, podiam facilmente ler-se nos rostos dos voluntarios. Não era esse rosto intrepido e silencioso, essa actitude immovel e marcial d'um exercito consummado nas manobras e na disciplina, que dá aos movimentos e ás physionomias a uniformidade machinal do mesmo gesto e da mesma expressão. A ordem era mal conservada; a farda e as armas desigualmente levadas, o silencio frequentemente interrompido, o respeito pelos chefes familiar, e muitas vezes violado pelas replicas e agudezas soldadescas. A idade, as maneiras, a physionomia, a linguagem destes voluntarios eram diversas. Alguns eram adolescentes apenas capazes de supportar o pezo de trinta arrateis com que cada soldado em armas é carregado. Outros tocavam na velhice e tinham o branco bigode dos veteranos. O maior numero era entre duas idades, de vinte a quarenta annos. A' delicadeza, ou á rudeza das mãos, á alvura ou queimadura da pelle, á elegancia ou ao pesado dos membros, via-se que estes batalhões não tinham sido recrutados na mesma classe do povo, mas que todas as idades, todas as jerarchias, todas as profissões, ahi estavam misturadas e confundidas: o homem ocioso ao lado do homem de trabalho, o filho da burguezia ao lado do lavrador do campo, o rico ao lado do pobre, o nobre ao lado do plebeu. As fisionomias, tão differentes como as raças dos homens, não se assimilhavam senão pela uniformidade da coragem. Conhecia-se que elles não estavam alli como machinas que a lei da disciplina e do recrutamento alista e enfileira como pallissadas vivas em frente do inimigo; porém que haviam corrido alli por um impulso espontaneo, subito, voluntario; que a causa porque marchavam, soffriam a fome, tremiam de frio era a sua causa pessoal; e que nesta batalha de um povo contra a Europa, era a victoria do seu patriotismo e das suas idéas o que cada um delles queria alcançar.

Havia mais sobre as suas figuras uma immobilidade inquieta, que indicava que estas tropas eram noviças ao fogo, desacostumadas ao ruido da artilheria. Attentas á scena, ellas esperavam a batalha como um espectaculo tanto como um combate. Esta extrema sensibilidade dos rostos e da alma, nos batalhões, inquietava e ao mesmo tempo tranquillisava os chefes. Podia, segundo a impressão destes homens demasiadamente apaixonados para ficarem a sangue frio, converter-se sob o fogo em panico ou em enthusiasmo, e fazer destas massas, ou massas de fugitivos ou batalhões de heroes.

XXXIII. — Dumouriez só havia tomado algumas horas de um somno interrompido pelos relatorios das ordenanças, sobre um molho de palha, na sua barraca. Precorria já a frente das suas linhas, cercado de um grupo do seu estado maior particular: Thouvenot, seu verdadeiro chefe de estado-maior, official que elle estimava mais do que todos os outros, porque fôra o primeiro, em Sedam, que comprehendera e servira o seu grande pensamento do Argonne; o duque de Chartres, que e le mostrava aos soldados para acostumar a republica á vista d'um principe; o moço duque de Montpensier, ainda creança, segundo filho do duque de Orleans, ajudante de campo de seu irmão em Jemmapes; seu precoz valor, sua figura melancolica, sua amisade apaixonada por seu irmão attrahiam as vistas e tocavam o coração dos soldados; Moreton de Chabrillan, chefe do estado-maior em titulo, bravo, mas turbulento e cioso; o joven Baptista Renard, que o general tomára creança ao seu serviço, e que, do seio da domesticidade, se elevára até á dedicação a seu amo; emfim um grupo a cavallo de quatro officiaes de differentes idades entre os quaes se

notavam duas figuras femininas. Sua modestia, rubor e graça, contrastavam, sob o fardamento de officiaes de ordenanças, com as figuras varonís dos guerreiros que as cercavam. Eram o capitão de guias de Dumouriez, o sr. de Fernig, habitante da Flandres franceza; seu filho, tenente no regimento d'Auxerrois, e suas duas filhas, a quem sua ternura por seu pai, e sua paixão pela patria haviam arrancado ao abrigo do seu sexo e da sua idade, e arremessado aos acampamentos. O amor filial não lhes havia deixado outro asylo.

XXXIV. — Tinham nascido na aldéa de Mortagne, sobre a extrema fronteira da França, tocando na Belgica. Eis como suas vocações foram revelladas.

Durante estes primeiros tempos da guerra, os departamentos das fronteiras se levantavam per si mesmo para cobrirem o paiz. A França não era senão um campo em relação ao qual elles se consideravam como os postós avançados. Independentemente dos batalhões que enviavam a Dumouriez, as companhias de voluntarios, formadas de homens casados, de velhos e adolescentes. sem outra lei senão a salvação publica, sem outra organisação senão o patriotismo, sem outros chefes senão os mais bravos, sahiam das pequenas cidades, das aldéas, dos casaes, surprehendiam os destacamentos inimigos, repelliam a invasão dos postos avançados, e combatiam contra os hulanos ligeiros de Clairfayt. As proprias mulheres acompanhavam seus maridos nestas expedições rapidas; as filhas seus pais: todas as idades, e todos os sexos queriam pagar seu tributo de enthusiasmo o de sangue á patria e á liberdade. As mais piedosas, as mais delicadas destas heroinas foram estas duas raparigas de Mortagne, celebres depois nos fastos dos nossos primeiros combates. D'entre quatro irmãs sendo as mais velhas, uma se chamava Theofila, e a outra Felicidade.

O sr. de Fernig, antigo official, retirado á aldéa de Mortagne, na extrema fronteira do departamento do Norte, era pai de uma numerosa familia. Seus filhos serviam, um no exercito dos Pyrinéos, o outro no exercito do Rheno. Suas quatro filhas, ás quaes a morte arrebatara a mãi, viviam com elle. Duas dellas eram ainda creanças, as duas mais velhas tocavam apenas na adolescencia. Seu pai, que commandava a guarda nacional de Mortagne, havia animado com o seu ardor militar os aldeões do seu cantão. Fizera de todo o paiz um campo. Aguerria os habitantes com escaramuças continuas contra os hussares inimigos que atravessavam muitas vezes a linha das fronteiras para vir insultar, saquear, incendiar o paiz. Passavam-se poucas noites durante as quaes elle não dirigisse em pessoa estas patrulhas civicas e estas expedições. Suas filhas tremiam pelos seus dias. Duas d'entre ellas, Theofila e Felicidade, mais commovidas ainda dos perigos que seu pai corria que dos da patria, confiaram-se mutuamente suas inquietações, e sentiram nascer simultaneamente em seus corações o mesmo pensamento. Resolveram armar-se, introduzirem-se sem o sr. de Fernig o saber nas fileiras dos cultivadores a quem elle fizera soldados, combaterem com elles, velarem especialmente sobre seu pai, e arremessarem-se entre a morte e elle se lhe succedesse ser ameaçado de mui perto pelos cavalleiros inimigos.

Amadureceram esta resolução em sua alma, e não a revellaram senão a alguns habitantes daquella aldéa, cuja cumplicidade necessaria lhes era para as furtar aos olhos de seu pai. Vestiram os fatos que seus irmãos haviam deixado em casa ao partirem para o exercito, armaram-se com as suas espingardas de caça, e seguindo muitas noites a pequena columna guiada pelo sr. de Fernig, dispararam contra os soldados austriacos que vinham roubar no campo, aguerriram-se á marcha, ao combate, á morte, e electrisaram com seu exemplo os bravos camponezes do logar. Seu segredo foi por muito tempo fielmente guardado. O sr. de Fernig, volvendo de manhã á sua habitação, e contando á mesa as aventuras, os perigos e as empresas da noite aos seus filhos, não suspeitava que suas proprias filhas haviam combatido na primeira filla dos seus atiradores, e algumas preservado-lhe a propria vida.

No entanto Beurnonville, que commandava o campo de Saint-Amand a pouca distancia da extrema fronteira, tendo ouvido fallar do heroismo dos voluntarios de Mortagne, montou o cavallo á frente de um forte destacamento de cavalleria e veio limpar o paiz destes forrageadores de Clairfayt. Approximando-se de Mortagne ao nascer do dia, encontrou a columna do sr. de Fernig. Esta tropa regressava á aldéa de uma noite de fadiga e combate, em que os tiros não haviam cessado de ressoar em toda a linha, e na qual o sr. de Fernig fôra libertado pelas mãos de suas filhas d'um grupo de hussares que o arrastava prisioneiro. A columna cançada, e reconduzindo muitos dos seus feridos, e cinco prisioneiros, cantava a Marselhesa ao som de um unico tambor despedaçado pelas ballas. Beurnonville fez parar o sr. de Fernig, agradeceu-lhe em nome da França, e para honrar a coragem e o patriotismo dos seus camponezes, quiz passar-lhe revista com todas as honras de guerra O dia começava apenas a despontar. Estes bravos alinharam-se, e perfilaram-se, altivos de serem tractados como soldados pelo general francez. Porem apeado e passando pela fileira da vanguarda desta pequena tropa, Beurnonville julgou aperceber que dois dos mais novos voluntarios, occultos por traz das fileiras, fugiam da sua vista, e passavam furtivamente de um pelotão a outro, para evitarem ser abordados por elle. Não comprehendendo nada desta timidez em homens que tinham uma espingarda, pedio ao sr. de Fernig mandasse aproximar aquellas bravas creanças. As fileiras abriram-se e deixaram a descuberto as duas raparigas; porém seus fatos de homem, os rostos denegridos pelo fumo da polvora dos tiros disparados durante o combate, os beiços negros pelos cartuxos que haviam mordido, tornavam-as desconhecidas aos olhos mesmo de seu proprio pai. O sr. de Fernig ficou surprehendido de não conhecer estes dois combatentes do seu pequeno exercito. «Quem sois?» perguntou elle com um tom severo. A estas palavras um surdo fallar em segredo, acompanhado de um sorriso geral, precorreu as fillas da pequena tropa. Teophila e Felicidade, vendo seu segredo descuberto, cahiram de joelhos, córaram, choraram, soluçaram, denunciaram-se e imploraram, cercando com seus braços as pernas de seu pai, o perdão da sua piedosa fraude. O sr. de Fernig abraçou suas filhas, chorando tambem elle. Apresentou-as a Beurnonville, que descreveu esta scena no seu despacho á convenção. A convenção citou os nomes das duas donzellas á França, e enviou-lhes cavallos e armas de honra em nome da patria. Encontral-as-hemos em Jemmapes, combatendo, triumphando, salvando os feridos inimigos depois de os terem vencido. O Tasso não inventou em *Clorinda* mais heroismo, mais maravilhas, e mais amor, do que a republica fez admirer neste disfarce filial, nas empresas e destinos destas duas heroinas da liberdade.

XXXV. — Dumouriez, na epoca do seu primeiro commando em Flandres, apontou-as á admiração dos seus soldados do campo de Maulde. Aos nossos primeiros revezes sua casa, apontada á vingança dos Austriacos, foi incendiada. O sr. de Fernig não tinha mais patria senão no exercito. Dumouriez conduziu o pai, o filho, e as duas filhas, comsigo para a campanha do Argonne. Ahi deu ao pai e ao filho postos no estado-maior. As donzellas, sempre entre seu pai e seu irmão, vestiam fardas, cingiam armas, e desempenhavam as funcções de officiaes de ordenança. Haviam combatido em Valmy, ardiam por combater em Jemmapes. A mais velha, Felicidade de Ferny, seguia a cavallo o duque de Chartres, a quem não queria deixar durante a batalha. A segunda, Theophila, preparava-se para levar ao velho general Ferrand as ordens do general em chefe, e marchar com elle ao assalto dos reductos da ala esquerda. Dumouriez mostrava estas duas encantadoras heroinas aos seus soldados como um modelo de patriotismo, e como um auguro da victoria. Sua belleza e joventude recordavam ao exercito essas maravilhosas apparições dos genios protectores dos povos, á frente dos exercitos, no dia das batalhas. A liberdade, assim como a religião era digna de ter tambem seus milagres.

XXXVI. — Entanto que Dumouriez, depois de terminar a sua inspecção, lançava, ao passar, a seus soldados estas palavras que resumem o enthusiasmo n'um gesto, e que se transformam na palavra de ordem da victoria, o combate se travava nas duas estremidades da sua longa linha de batalha, pela direita e pela esquerda. A' esquerda o general Ferrand arremeçou-se ao som da *marselheza* sobre a aldeia fortificada de Quaraignon, posto avançado que era preciso vencer, antes de se poder tornear a direita dos Austriacos ou escaliar Jemmapes. Dumouriez, attento ao ruido do canhão, que troava sem mudar de posição havia mais de uma hora para aquelle lado, comprehendeu que Ferrand, encontrava alli um obstaculo irresistivel nas baterias que já na vespora tinham feito recuar os batalhões belgas. Não tendo movimento algum a fazer ou vigiar no centro immovel, lançou-se a galope para Quaraignon a fim de animar com a sua presença um ataque que não podia ficar baldado sem paralisar todos os movimentos no centro e na direita. A' sua aproximação, Ferrand, metralhado pelo fogo que saía das casas, e varrido pelas ballas dos reductos, parecia como indeciso, e, abrigado pelas primeiras casas da aldeia, dar aos seus batalhões tempo de respirarem. Uma palavra e um gesto de Dumouriez, que apontou com a mão para as alturas, reanimou os batalhões que hesitavam. Lançou o seu confidente Thouvenot para o substituir no impulso e na direcção destas columnas. Ferrand e Thouvenot, animados d'uma generosa emulação, reformam e fazem mover de novo as columnas, lançam-se á frente dellas sobre o flanco direito e o flanco esquerdo da aldeia, recebem tres vezes a descarga dos reductos, ganham-os a marche-marche e á baioneta, e sustentados por quatro batalhões do general Roziéres, que enchem os vacuos das suas fileiras, apossam-se de Quaraignon, e do espaço que separa Quaraignon de Jemmapes.

Ahi, segundo as instrucções de Dumouriez, dividem suas forças em duas columnas: uma sob o commando de Roziéres, desenvolveu oito esquadrões em batalha na estrada, no entanto que o general, com oito batalhões de infanteria, aborda a aldeia de Jemmapes pela esquerda; a outra, á frente da qual marcham Ferrand e Thouvenot, forma o ataque principal em columnas por batalhões, e aborda Jemmapes de frente e á baioneta para não dar, em quanto descarregava e carregava armas, tempo aos reductos de metralharem os assaltantes.

Thouvenot, para corresponder ao pensamento do seu general e seu amigo; Ferrand, para resgatar a sua hesitação da manhã, e jungir a victoria aos seus cabellos brancos, fizeram mil vezes o sacrificio da sua vida arrastando os granadeiros, a infanteria de linha, e os dizimados voluntarios, de terreno em terreno, até aos desiguaes platós de Jemmapes. Metralhado por uma chuva de ballas e metralha que sulcavam o declive sob seus passos, derrubado do cavallo que lhe morreu debaixo, Ferrand, collocou-se, a pé, com o chapeo na mão, á frente dos granadeiros, agarrou de uma espingarda, e carregou á baioneta pelas ruas da aldeia, sob a metralha dos Austriacos. Seu sangue corre, e não o sente. Os oito esquadrões que elle coloca em observação lançam-se trepando a galope pela rampa da aldeia. Os reductos callam-se. Um destacamento de caçadores a cavallo precipita-se sobre um dos ultimos batalhões de granadeiros hungaros, que luctava ainda com a columna do centro. A moça Theophila Fernig, caindo com estes caçadores sobre aquelle batalhão, penetra por entre elle, mata dois granadeiros com dois tiros de pistolla, o aprisiona pela propria mão o chefe do batalhão, que ella conduz desarmado a Ferrand.

XXXVII. — Dumouriez, socegado agora sobre o seu ataque da esquerda, onde deixára sua alma na pessoa de Thouvenot, e vendo da planicie os turbilhões de fumo envolver Jemmapes e elevando-se revelaram os progressos dos Francezes dirigiu toda a sua attenção para a direita. Desprovido deste lado do corpo de exercito das Ardennes e de Valença, seu chefe, que não haviam ainda chegado a pôr-se em linha, elle descançava sobre Beurnonville, general activo e inspirado pelo fogo. Eram onze horas da manhã, o dia avançava. Tendo mudado de cavallo no seu quartel general, Dumouriez dera rapidamente algumas ordens ao duque de Chartres, e partira á redea solta a vêr com os proprios olhos o que era que enfraquecia o ataque de Beurnonville, ao pé do plató de Cuesmes. A' sua chegada, encontrou as tropas deste general immoveis como muralhas sob as ballas que ellas choviam, porem não ouzando atravessar os degráos de fogo que os separavam do plató! Duas das brigadas d'infanteria de Beurnonville excediam a frente da linha dos reductos defendidos pelos hungaros. A cem passos á rectaguarda, dez esquadrões de husares, dragões e caçadores francezes esperavam debalde que a infanteria lhes abrisse o espaço cerrado entre elles. Estes esquadrões recebiam, de momentos a momentos, as descargas obliquas da artilheria que lhe destruiam filas inteiras de cavallos. Por cumulo de desastre, a artilheria do general Ha ville, colocada ao longe sobre as alturas de Siply, tomando estes esquadrões por massas de cavallaria hungara, canhoneava-os pela rectaguarda. Acima dos reductos, uma columna de infanteria, e uma columna de cavallaria austriaca, promptas a cair sobre os nossos batalhões, apenas as ballas os tivessem rôtos, mostrando as suas primeiras linhas de baionetas, e as cabeças e peitos dos cavallos dos primeiros pelotões á rectaguarda e por cima do fumo das peças.

XXXVIII. — Tal era a situação das nossas columnas do ataque nos platós de Cuesmes, quando Dumouriez ahi chegou. Mas impaciente de uma demora que, suspendendo o enthusiasmo das tropas, lhes dava tempo de contarem os mortos, e a tentação de recuar, o general Dampierre, commandante ás ordens de Beurnonville, não esperou que Dumouriez lhe arrebatasse a gloria e a morte. N'uma carga desesperada, Dampierre arrastra com o gesto e com a voz o regimento de Flandres e os batalhões de voluntarios atiradores de Pariz, soldados aventureiros que trasem ao campo da batalha o fanatismo theatral, mas heroico, dos jacobinos. Agita com a mão esquerda o penacho tricolor do seu chapeo de general, chama com o movimento da sua espada o batalhão, ao qual elle vae precedendo cem passos, sósinho, exposto á metralha dos reductos, e ao fogo dos Hungaros. A morte, que o esperava tão perto dalli sobre um outro campo de batalha, parece evital-o. Marchou sem uma balla lhe tocar. O regimento de Flandres, e o batalhão de Pariz, socegados vendo-o em pé, lançam se a marche-marche, e alcançam-o aos gritos de *viva a republica*! rompem á baioneta os batalhões hungaros, e entram com elles nos dois reductos voltando-lhe logo as peças contra o inimigo. Dumouriez e Beurnonville, guiando de frente e á direita as outras duas columnas, a passo de carga, lançam-se sobre o plató já varrido por Dampierre. Os gritos de victoria, e a bandeira tricolor plantada á rectaguarda dos reductos annunciam a Dumouriez que Cuesmes é nosso, e que é tempo de atacar um centro, cujas duas alas estam em retirada, e cujos flancos podem ser descobertos.

Correu a galope para determinar á massa dos seus trinta mil combatentes abordarem em fim as alturas fortificadas que prendem a aldeia de Cuesmes á de Jemmapes. Estes mesmos batalhões escutavam, immoveis, e com a arma no braço desde a aurora, as descarcas da artilheria, as quaes se respondiam de uma ala á outra. O vento, que soprava de Jemmapes lançava-lhe com o som do bronze ondas de fumo e o cheiro enebriante da polvora. Estavam impacientes de carregar e murmuravam contra a lentidão do seu general.

Ao signal de Dumouriez, toda a linha se move, e forma por batalhões em tres espessas e longas columnas' e entôa simultaneamente o canto da *marselhesa*, e atravessa a passo de carga a estreita planicie que a separa das alturas. As cento e vinte pessas das baterias austriacas vomitam incessantemente suas ballas e granadas sobre estas columnas, que não correspondem senão com o hymno dos combates. Os tiros, apontados mui alto, passam por cima da cabeça dos soldados, e não alcançam senão as ultimas fileiras. Duas columnas principiam a trepar pelas encostas.

A terceira collumna, que avançava pela larga e arborisada garganta da floresta de Flence, carregada repentinamente por oito esquadrões austriacos, pára, recua, e abriga-se atraz das casas da aldeia. Esta hesitação communica-se ás columnas da direita e da esquerda. As fileiras rareiam de minuto a minuto. As cabeças de collumnas concentram-se sobre as suas caudas. Os moços batalhões, menos intrepidos para esperarem immoveis do que para correrem ao encontro da morte, principiam a desunir-se e a formar-se ao acaso em pelotões confusos indicio e preludio ordinario da fuga. Dumouriez, com a espada na mão, guia com os olhos, o gesto e a voz a cabeça dos primeiros batalhões da direita. Deixar as tropas escolhidas, a quem a sua presença enthusiasma, no mesmo momento em que ellas abordam o primeiro reducto, era arrastal-as com elle á sua rectaguarda. Envia o moço Baptista Renard a informar-se da desordem que distingue. O intrepido Baptista atravessa a galope o espaço que separa a divisão de Dumouriez do bosque de Flence. Reune, ao passar, a cavallaria franceza, e lança-a em soccorro daquella rôta columna. Já estes esquadrões trasbordam na planicie, semeando a confusão e o terror na rectaguarda das nossas columnas de ataque. Toda a brigada do general Drouin, separada e cortada a golpes de sabre, se dispersava. Clairfayt, do alto da sua posição, donde dominava todos os nossos ataques, vê o immenso refluxo que a brigada de Drouin, debandando, opera na planicie. Arremeça se ahi em massa com toda a sua cavallaria. Este choque, terrivel para os batalhões noviços, corta-os, dissemina-os, e arremessa-os fluctuantes em troncos dispersos até á sua primeira linha.

Era de uma vez distruido o centro para sempre arrastado bem depressa todo inteiro, uns após outros, nesta corrente de terror e confusão, quando o duque de Chartres, que combatia na vanguarda, se volta e vê á sua esquerda esta derrota dos seus batalhões. No mesmo instante, voltando redeas ao cavallo, já ferido na garupa por um estilhaço, lança se com o sabre em punho, seguido do duque de Montpensier, e da mais nova das irmãs Fernig, e um grupo d'ajudantes de campo, atravez os hussares inimigos. Penetra na planicie abrindo caminho a tiros de pistola, chega no mais espesso da peleja, ao meio dos restos das brigadas em retirada. A voz do moço general, o enthusiasmo da victoria que respira sobre as physionomias do pequeno grupo que o acompanha, a vergonha que sentem os soldados intimidados vendo uma rapariga de deseseis annos, com a redea segura pelos dentes, a pistola em punho, reprehender-lhes a fuga diante dos perigos que ella afronta, a polvora e o sangue que marcam o rosto do duque de Montpensier, as supplicas dos officiaes que se lançam com a espada na mão á retaguarda das suas companhias, desafiando seus soldados a passar-lhes por cima dos corpos, suspendem a derrota, e reunem em torno do estado-maior do moço principe um nucleo de voluntarios de todos os batalhões. Reune-os á pressa, anima-os, arrastra-os comsigo. Chamar-vos-heis, lhes grita elle, o batalhão de Jemmapes, e ámanhã o batalhão da victoria, porque sois vós que a tendes agora em vossas fileiras! »

Fez colocar no meio deste corpo as cinco bandeiras em fécho dos cinco batalhões rôtos, cujos restos esta columna reuniu. Leva-os ao grito de *viva a republica!* Faz sustental-a, atravessando de novo a planicie, por uma carga desesperada de toda a cavallaria do centro contra os esquadrões austriacos. O batalhão de Jemmapes, engrossado na corrente com os destacamentos das brigadas dispersas, aborda pela impetuosidade da vingança os intrincheiramentos, escalando-os sobre os corpos dos feridos e dos moribundos. A propria cavallaria, vencendo as difficuldades do terreno precipita-se sobre os reductos. Os artilheiros austriacos morrem todos ao pé das suas peças. As proximidades das baterias estão escorregadias de sangue dos homens e dos cavallos. Degráos de cadaveres marcam os differentes andares dos reductos. Os hungaros, crusando bayoneta com os voluntarios, oppõem uma muralha de ferro por traz de cada muralha de fogo. Os homens reunidos que sobem de baixo são apenas sufficientes para substituir nas fileiras os homens derrubados pelas descargas dos reductos. O duque de Chartres e a sua columna não avançam um passo; vão ser arremessados de novo á planicie, quando o general Ferrand, desembocando emfim da aldeia de Jemmapes, á qual tinha vencido avança á frente de seis mil homens e oito peças de artilheria, e toma os austriacos entre dois fogos.

As primeiras descargas que vem tomar de flanco os seus batalhões, logo os generaes austriacos fazem reconcentrar lentamente suas tropas, abandonando ao duque de Chartres e a Ferrand as alturas e os reductos de Jemmapes. A este movimento inimigo para a rectaguarda, o duque de Chartres e o general Ferrand, reunidos, lançam sua infanteria ligeira e cavallaria á rectaguarda dos austriacos. Esta ala do exercito inimigo compromettida, não tem tempo de se unir ao corpo principal; precipita-se para a collina, na rectaguarda de Jemmapes, sob o fogo, sob o sabre, e sob a bayoneta dos francezes. A infanteria consegue em parte escapar-se, arremessando as suas armas, e deixando prisioneiros e mortos. A cavallaria austriaca, lançada a gallope nos pantanos que bordam o pé da collina, precepita-se na ribeira profunda e rapida da Haisne, que serpenteia entre estes pantanos. Quatrocentos ou quinhentos homens, e mais de oitocentos cavallos foram engolidos, procurando atravessal-a. As margens lodosas desta torrente repel em os pés dos cavallos e as mãos dos homens que ahi se aglomeram para subir á outra margem. A ribeira, engrossada pelas chuvas do outono, rola estes cadaveres de homens e cavallos, arremessando-os a uma legua dalli sobre o lodo e os juncos desta vasta lagôa. Ferrand enviou no mesmo instante o general Thouvenot a informar Dumouriez do exito da sua ala esquerda. O duque de Chartres enviou-lhe seu irmão, o duque de Montpensier, para dizer ao general em chefe que o combate estava restabellecido, e que os reductos do centro estavam callados.

XXXIX. — Durante estas diversas ondulações da sua linha de batalha, e estas vicissitudes de tantos combates separados, Dumouriez, cheio de confiança no seu corpo principal de batalha que elle via lançado e seguro aos primeiros planos dos reductos do centro, correra de novo a Beurnonville.

Dos cinco reductos que flanqueavam as alturas de Cuesmes, dois unicamente tinham sido vencidos de manhã, á sua vista, pela bravura de Dampierre. Porém o duque de Saxe-Teschen havia reunido os seus melhores batalhões hungaros e os seus esquadrões de grossa cavallaria no cume e no reverso do plató que dominava os outros tres reductos. Esta posição, que cobria ao mesmo tempo a cabeça da sua linha, e a communicação com a cidade de Mons, era a chave da victoria, ou da derrota. Latour, Beaulieu os seus melhores generaes, os seus mais bravos soldados, a defendiam. O nervo do seu exercito estava alli Dumouriez comprehendera-o. Ahi voltava pois com inquietação. No momento em que novamente chegava, os officiaes de ordenança, consternados da hesitação e fraquejamento do seu corpo de batalha, lhe traziam a triste noticia da derrota das suas tres brigadas no bosque de Flence. O proprio Dumouriez havia parado com o seu cavallo sobre um oiteiro, e contemplado um momento a inflexão da sua linha, e os capacetes da numerosa cavallaria de Clairfayt que brilhavam ao sol, na planicie, e experimentou uma dessas mortaes hesitações que collocam o homem de guerra entre uma prudencia humilhante e uma temeraria obstinação. Conheceu a necessidade de reconcentrar as suas duas alas semi-victoriosas para as unir a um centro que não as sustentava já, e desceu do oiteirinho, com a cabeça baixa, pensativo e com a resolução de ordenar a retirada.

Via-se na sua physionomia quanto esta resolução custava á sua alma. A revolução e elle tinham egual necessidade d'uma victoria. Era o primeiro fogo que os nossos batalhões viam depois da triste guerra dos sete annos; porque Valmy não fôra mais do que uma canhonada heroica; era a primeira occasião de reconquis-

tar á sua patria este renome de superioridade militar que se conta por mais do que um exercito na força das nações; era a primeira batalha regular que elle proprio tambem havia dado. Até ahi não fôra elle mais do que um tactico prudente, mas não fôra ainda general victorioso. Os jacobinos e a convenção tinham neste momento suspensa sobre a sua cabeça a corôa do triumphador ou a secure da guilhotina. Era o seu renome adquerido ou perdido nesta jornada, que hia fazer cahir sobre o seu nome, não lhe pediriam conto de alguns milhares de vidas perseveradas ou perdidas pela sua prudencia, ou pela sua temeridade; pedir-lhe-hiam conta da reputação do exercito francez e do enthusiasmo da revolução que ía deixar escapar-se com a victoria!

Dumouriez conheceu que lhe convinha morrer primeiro que a sua gloria, por quanto não sobreviviria ás consequencias d'uma derrota, ou d'uma retirada em presença de generaes ciosos, dos jacobinos suspeitos, e da convenção humilhada. Metteu esporas ao cavallo, e lançou-se sobre o plató de Cuesmes. Tudo ahi estava immovel em frente da formidavel linha de infanteria e cavallaria imperial que coroavam com os seus batalhões e esquadrões, como já dissemos, o cume dos reductos. Nenhum general alli mandava naquelle momento. Dampierre ferido fôra repousar um momento, e pensar a sua ferida. Beurnouville, commandante em chefe na extrema direita, tinha promptas á mão as suas brigadas para as lançar em socorro dos batalhões carregados pelos austriacos. Era uma dessas horas em que a incertesa mutua dos dois campos faz hesitar, e como respirar ás batalhas.

As primeiras tropas que Dumouriez encontrou eram duas brigadas de infanteria compostas de tres batalhões destes mancebos de Pariz, que ainda parecem brincar com a morte, e quatro mil velhos soldados do seu antigo campo de Maulde, a quem elle muito tempo houvera afeiçoado ao seu genio, e prendido fanaticamente a si como filhos da sua fortuna. O acaso offerecia-lhos a proposito na crise do seu renome e da sua vida.

A' vista do seu general, os soldados intimidados levantam-se, fazem ressoar as coronhas das suas espingardas sobre o chão, lançam suas barretinas ao ar e gritam: *viva Dumouriez! viva o nosso pai!* Seu enthusiasmo communica-se aos batalhões de Pariz. O general, commovido e internecido, passa, chamando os soldados pelos seus nomes, por diante das duas brigadas, e jura que lhes dará a victoria. Promettem seguil-o. Dez esquadrões de cavallaria franceza, husares, dragões, caçadores, rareados de tempos a tempos pelas ballas dos reductos, estavam em batalha, a alguns passos dalli, n'uma prega do terreno. Dumouriez vôa á frente destes esquadrões abalados. Envia o seu ajudante de campo de confiança. Filippe de Vaux, a apressar a carga de Beurnonville, annunciando-lhe que o general em chefe está compromettido. Os austriacos reconhecem Dumouriez no momento que se faz em redor delles, pelo enthusiasmo e gritos dos francezes; lançam do alto a galope uma divisão de dragões imperiaes para dissolver e calcar aos pés este nucleo. Os soldados do campo de Maulde, immoveis como tropas em revista, colocam no meio delles os batalhões de Pariz, esperam a dez passos a carga desta massa de dragões, apontam ao peito e á cabeça dos cavallos, e abatem mais de duzentos que vem rolar e expirar com os seus cavalleiros aos pés dos batalhões. Protegidos por este baluarte de cadaveres, as duas brigadas fuzilam os esquadrões á medida que elles manobram galopando sob seu fogo. Dumouriez, á frente de dez esquadrões francezes, lança os husares de Berchiny, que carregavam sobre os dragões já dicimados. Esta massa de cavallaria austriaca fugiu emfim desordenadamente pela estrada de Mons, e aballa, pelo espectaculo da sua derrota, a columna de infanteria hungara. Beurnonville chega com as suas reservas a marche-merche. Substitue os austriacos no plató que elles acabam de abandonar. Dumouriez, tranquillisado por este lado, apeia-se do cavallo no meio dos seus soldados, que o recebem com acclamações nos seus braços. Forma uma columna destas duas brigadas. Junta-lhe o regimento de caçadores a cavallo commandado por um dos irmãos Prescheville, o de husares de Chamborand commandado pelo outro irmão, ambos intrepidos lanceadores de esquadrões no meio de uma peleja; reune o regimento dos husares de Berchiny, formado, em as nossas velhas guerras, d'aventureiros hungaros, cujo nome só inspira o terror e a fuga em todas as guerras da revolução, e que era commandado pelo coronel Nordinann. Entôa o hymno dos Marselhezes, repetido por todo o seu estado-maior, e reforçado por mil e quinhentas vozes dos voluntarios de Pariz.

A este canto, que se eleva a cima do ruido do canhão e que dá delirio aos soldados e até aos proprios cavallos, a columna se move, precepita-se sem disparar um tiro, com a bayoneta callada, sobre os reductos. Os artilheiros hungaros não teem mais tempo que disparar suas peças á metralha sobre as cabeças de columnas. Os voluntarios e os soldados atravessam, para escalar os reductos, por cima dos membros dos seus camaradas mutilados; pregam com as suas bayonetas os corpos dos hungaros sobre as suas carretas. No meio do espesso fumo de polvora que envolve este estreito campo de carneficina, apenas se podem distinguir os francezes dos inimigos, e não se reconhecem muitas vezes senão depois de se haverem ferido. Este fumo cobriu prodigios de heroismo de ambos os lados. Batiam-se corpo a corpo, n'um sinistro silencio interrompido unicamente pelo ferir do ferro contra o ferro, pelas pancadas surdas dos cadaveres que cahiam e rolavam do alto dos parapeitos, e pelo immenso grito de victoria, que se elevavam de cada andar de reductos conquistados, quando os francezes os haviam coroado com a bandeira do batalhão. Não houve alli nem fuga, nem prisioneiros; todos os hungaros morreram sobre as suas peças já calladas, e segurando ainda nas mãos pedaços das suas bayonetas e espingardas.

XL. — Beurnonville, arrastado pelo enebriamento da carga, galopava sobre o flanco direito dos reductos, com a massa da sua grossa cavallaria, apos os passos da cavallaria austriaca. Mais soldado que general, elle avançava na frente dos seus esquadrões, e forçava de tempos a tempos os ultimos pelotões inimigos a voltarem redea para combater. Envolvido uma vez n'um esquadrão de couraceiros que o cercou, todos os seus ajudantes de campo caem; elle mesmo, derrubado do cavallo, com o qual se intrincheira, defende-se a custo contra o circulo de sabres que lhe apontam ao peito. O tenente de gendermaria a cavallo, Labreteche, seguido d'um punhado dos seus cavalleiros, velhos soldaaos, rompe a galope o esquadrão austriaco, derruba com o peito do seu cavallo os couraceiros mais proximos a Beurnonville, cobre-o com o seu corpo ferido no mesmo instante de quarenta laminas de sabre, dá tempo ao esquadrão francez de poder chegar, e salva o seu general offerecendo-se á morte por elle. Reconduzido inanimado nos braços dos seus soldados, Labreteche viveu ainda, e combateu.

No momento em que a columna, abordando os reductos, desfillava pela frente de Dampierre aos gritos de *viva a republica!* e como sublevada por um enthusiasmo que tornava aquelle solo elastico sob os soldados, o general apercebeu no meio dos voluntarios um velho de cabellos brancos derramando lagrimas e ferindo o peito. «Que tens, meu amigo! lhe disse Dampierre, é acaso para se entristecer um soldado este o momento em que conduz á victoria ou á morte? — Oh meu filho! meu filho! respondia a si mesmo o velho combatendo, será myster que a tua deshonra me empeçonhe em tão glorioso momento!..» Contou ao general que se filho, alistado no primeiro batalhão de Pariz, desertára a sua bandeira, e que elle então partira immediatamente para o substituir, e dar a sua vida, em troca do braço que a covardia de seu filho havia furtado á nação. Este rasgo de Romano foi consignado nas proclamações de Dumouriez ao seu exercito. Os novos soldados queriam vêr este veterano, que resgatava com o

seu sangue a falta de seu filho, e vendo-o cada um pensava em seu pai.

XLI. — Apenas Dumouriez triumphou na direita, que, sem se dar tempo a consolidar a victoria neste ponto, correu a adqueril-a tambem ao seu centro, que elle julgava roto e debandado. Acabacava de destacar seis esquadrões de caçadores ás ordens de Frescheville, e em pessoa marchava á redea solta á frente desta cavallaria, para cair sobre a cavallaria austriaca do bosque de Flence, quando viu chegar a galope o duque de Montpensier. Este moço principe vinha annunciar-lhe a victoria do duque de Cartres. Logo em seguida, Thouvenot lhe trouxe a noticia de haver triumphado a sua ala esquerda em Jemmapes. Dumouriex apertou em seus braços estes dois mensageiros da sua fortuna; um grito de victoria partido do coração do general, e do pequeno grupo dos seus officiaes de confiança e dos seus amigos se levantou, repetido pelos esquadrães de Frescheville, e correu de Cuesmes a Jammapes, de boca em boca, sobre toda a linha das alturas occupadas agora pelos francezes. As baterias callavam-se; não se ouvia senão de longe em longe os tiros do canhão de retirada do exercito de Clairfayt e do duque Alberto, esfraquecendo-se á proporção que se ia affastando. Foi esta a mais bella hora da vida de Dumouriez, a primeira tambem das grandes horas militares da França. A victoria e o patriotismo acabavam de fazer alliança nos platós de Jemmapes.

XLII. — Dumouriez, que queria e podia arrancar naquelle dia todos os resultados, cortando ao exercito austriaco a estrada de Mons, e arremeçando entre as lagoas do Haisne, onde teria afogado e aprisionado os restos delle, enviava ajudantes de campo sobre ajudantes de campo ao general d'Harville. Viu-se que este general commandava o exercito de Valenciennes. Fôra postado por Dumouriez como corpo auxiliar, e mais destacado do que em linha de batalha sobre as alturas de Siply, mui proximo aos arrebaldes de Mons. Dumouriez vencedor fazia-o apressar a atravessar a toda pressa o valle que separa Siply do monte Palisel, escalar os tres reductos que cobrem esta altura, e fechar assim a estrada de Mons aos austriacos.

A lentidão do general d'Harville, a presença de espirito de Clairfayt, a intrepidez dos hungaros, dos tyrolezes e da cavallaria austriaca, illudiram estas esperanças de Dumouriez. O duque de Saxe-Teschen e Clairfayt retiraram-se lentamente e ainda ameaçadores, entraram em Mons sem serem perseguidos, e fecharam sobre si as portas. O renome de uma victoria e um campo de batalha foram as unicas conquistas de Dumouriez. A fadiga, o esgotamento das munições, de sangue e de força, d'um exercito que combatia ou bivacava havia quatro dias, a necessidade emfim de nutrimento, obrigaram-o a dar duas horas de repouso ás tropas. Fez-se-lhes uma distribuição de pão e aguardente mesmo sobre o campo de batalha. Esta alta sobre reductos vencidos, sobre platós escalados, sobre aldeias incendiadas, no meio de mortos e moribundos, e no decurso da qual os cantos de *Ça irá* e da *marselheza* respondiam aos gemidos dos feridos, offerecia aos olhos de Dumouriez, que a precorria, a passo, o quadro das suas perdas e da sua victoria. Este general era assaz philosofo para a deplorar, assaz militar para affrontar este espectaculo, assaz ambicioso para o gozar. Não havia perdido nenhum dos seus confidentes e amigos. Thouvenot, o duque de Chartres, o duque de Montpensier, Beurnonville, Ferrand, o fiel e bravo Baptista, as duas moças e bellas heroinas Felicidade e Theophila Fernig, o acompanhavam, chorando os mortos, e levantando e consolando os feridos. Triple acclamação se elevava á approximação de Dumouriez do seio das brigadas, dos regimentos, e batalhões. Nenhum ferido lhe lançava em rosto o sangue vertido; todos os que sobreviviam lhe faziam homenagem da victoria e da vida. As nuvens que obscureciam o céo da manhã, rotas e arremessadas para as duas extremidades do horisonte pelas descargas da artilheria, deixavam brilhar um claro sol do outono no espaço que ao exercito cobria. Espessos flocos do fumo da polvora rastejavam aqui e alli, nos flancos dos platós entre Cuesmes e Jemmapes. Algumas casas incendiadas pelos obuzes, e alguns mattos incendiados pelos cartuxos no bosque de Flence, ardiam ainda. Trinta ou quarenta peças de artilheria abandonadas com os seus caixões estavam nos reductos. Quatro mil cadaveres de Austriacos e Hungaros, estavam deitados, no seu leito de sangue, sobre os declives ou na extremidade avançada do plató de Jemmapes. Mil e duzentos cavallos da artilheria ou da cavallaria austriaca acabavam de espirar, com a cabeça languidamente extendida, e a redea passada ainda ao braço dos seus cavalleiros mortos.

A ribeira da Haisne, e a lagoa que este rio atravessa, mostravam aqui e alli grupos de homens e cavallos debatendo-se nas agoas ou no lodo. Dois mil cadaveres francezes, e mais de dois mil cavallos, com o peito ou flancos atravessados pelas ballas da artilheria, attestavam a destruição que os reductos austriacos tinham feito na artilheria e cavallaria franceza que os abordavam de frente Rumas de cadaveres marcavam de distancia em distancia os passos dos batalhões e os intervallos que a morte deixára entre uma descarga e outra. Quasi todas as feridas recebidas pelos assaltantes eram mortaes. Sómente mil e duzentos ou mil e quinhentos feridos pelo sabre e pelas ballas de fuzil, foram transportados, pelos seus camaradas, ás ambulancias. Os restantes morreram fulminados pela metralha, ou rendiam o espirito reconhecendo ainda o seu general. O enthusiasmo que lhes havia animado os rostos na força do assalto respirava ainda em seus rostos. Sua agonia era mesmo triumphal. Morriam contentes, não como soldados immolados á ambição d'um general, porem como victimas offerecidas per si mesmo, e altivas de seu sacrificio á patria.

Os cirurgiões do exercito notaram que o delirio daquelles que morriam das feridas no dia immediato, ou no outro depois da batalha, nos hospitaes de Mons, era um delirio patriotico; que o movimento da alma que os impellira ao combate prolongava-se e sobrevivia até na sua agonia, e que as derradeiras palavras que elles pronunciavam eram quasi todas alguma copla do hymno de Rouget de Lisle, ou os nomes de patria e liberdade. O pensamento da revolução havia-se incorporado no exercito nelle apelidava-se patria; e se fazia martyres em Pariz, em Jemmapes fazia heroes.

XLIII. — Regressando á sua barraca, para expedir as ordens do movimento para a frente, que meditava, Dumouriez foi parado por outro cortejo. Era o corpo do moribundo general Drouin, a quem seus soldados conduziam lançado n'uma maca, cuberto com o seu capote ensanguentado. Responsavel da desordem que havia compromettido o centro e mudado momentaneamente a victoria em derrota, Drouin parecia fazer assim a heroica reparação da falta dos seus soldados. Havia-se offerecido á morte. Os seus camaradas triumphavam; elle ia morrer.

Por parte dos austriacos, os generaes, os officiaes, e os soldados não cedêram os intrincheiramentos senão com a vida. Não era somente a Belgica que os dois exercitos se disputavam, era tambem a reputação das duas nações, e o prestigio da primeira batalha. Despedaçaram a colina de Jemmapes dispotando-se reciprocamente. Cada combate foi um combate corpo a corpo. Abordavam-se sómente á arma branca. Quasi todos os generaes austriacos foram feridos. O barão de Kein, que commandava os granadeiros hungaros, vendo-os abalados, fez-se matar á frente da sua tropa, para o espectaculo da sua morte animar seus granadeiros a vingal-o.

Eram quatro horas da tarde. O dia não tinha mais do que huma hora a offerecer aos vencedores. O exercito francez avançou em massa, e occupou os arrebaldes de Mons. Os austriacos sahiram da cidade durante a noite. Dumouriez entrou ahi no dia seguinte como vencedor. Sua presença fez rebentar na população o sentimento de independencia e fraternidade que germinava em toda a Belgica sob os passos do exercito austriaco. Os magistrados e os habitantes vieram saudar a victoria e a revolução no seu general e seu exercito. Offereceram uma coroa de carvalho a Dumouriez e outra a Dampierre, a

quem os jacobinos de Mons attribuiam tambem uma parte da victoria. Dumouriez foi com razão cioso da gloria que queriam repartir assim entre elle e um dos seus logares-tenentes, cujas operações subalternas, na sua opinião, eram as que mais haviam contrariado a victoria. A victoria pertencia-lhe toda; porque elle a havia preparado, conduzido, restabelecido antes e durante a jornada. Jemmapes pertencia a Dumouriez como a acção pertence ao pensamento que a concebeu. Sua primeira recompensa era vêl-a disputar-se-lhe pela inveja, essa sombra que segue sempre os grandes homens. A propria victoria se lhe volveu amarga, e os jacobinos se lhe tornaram odiosos.

LIVRO XXXVII.

I. — O exercito francez encontrou em Mons duzentas peças de artilheria, e immensas provisões destinadas ao exercito imperial. Dumouriez perdeu cinco dias occupados em organisar a administração do paiz e o serviço dos fornecimentos. Seu designio era deixar a Belgica organisar-se per si propria, sob a protecção d'um exercito francez. Uma nação independente, animada do odio á Austria, filha da nossa revolução, condemnada a viver ou a morrer comnosco, e obrigada mesmo pela sua fraqueza a volver-se em celeiro, arsenal, recrutamento, e campo de batalha dos nossos exercitos do Norte, parecia com razão a Dumouriez mais util á sua patria do que uma provincia conquistada, sujeita, opprimida e assollada pelos commissarios da convenção, e pela propaganda dos jacobinos. Elle tractava os belgas, nos seus primeiros passos, como irmãos; os commissarios e jacobinos queriam tractal-os como vencidos.

Durante esta demora forçada, mas funesta, em Mons, os logares-tenentes de Dumouriez executam lenta e francamente o seu plano, e avançam cada um sobre a linha que lhe foi traçada: Valença para Charleroi, La Bourdonnaye para Tournay e Gand. Depois de uma serie de combate entre os postos avançados, que se succederam de 12 a 14 de novembro, o exercito entrou em Bruxellas, capital da Belgica, evacuada na vespora pelo marechal Bender.

N'um destes recontros entre a guarda-avançada franceza e a relaguarda austriaca, uma das jovens amazonas Fernig, Felicidade, que levava ordens de Dumouriez á testa das columnas, arrastada pelo senador, achou-se involvida com um punhado de husares francezes por um destacamento inimigo de hulanos. Livrando-se a custo dos sabres que a cercavam, ella voltava redeas com um grupo de husares para se reunir á columna, quando apercebe um moço official de voluntarios belgas do seu partido, derrubado do cavallo por um tiro, e defendendo-se com o seu sabre dos hulanos que tentavam acabar de o matar. Bem que tal official lhe fosse desconhecido, Felecidade, a um tal espectaculo, lança-se em soccorro do ferido, mata com dois tiros de pistola a dois hulanos, põe os outros em fuga, apeia-se do cavallo, levanta o moribundo, confia-o aos seus husares, faz-o partir, acompanha-o, recommenda-o mesmo no hospital ambulante, e volta a juntar-se ao seu general. Este moço official belga chamava se Vanderwalen. Deixado depois da partida do exercito francez nos hospitaes de Bruxellas, esqueceu suas feridas; mas não podia esquecer aquella soccorredora apparição que tivera no proprio campo da carneficina. Este rosto de mulher sob a farda d'um companheiro de armas, precipitando no mais travado da peleja para o arrancar á mórte, debruçado depois na ambulancia sobre seu leito ensanguentado, estava continuamente presente na sua lembrança.

Quando Dumouriez fugiu para o estrangeiro, e o exercito perdeu o vestigio destas duas moças guerreiras que elle arrastára nos seus infortunios e no seu exilio, Vanderwalen deixou o serviço militar, e viajou por Alemanha em busca da sua libertadora. Debalde precorreu muito tempo as principaes cidades do Norte sem poder encontrar esclarecimento algum da familia Fernig. Descubriu-a finalmente refugiada na Dinamarca. Seu reconhecimento trocou-se em amor pela moça rapariga que havia trocado a farda pelos vestidos, graças e modestia do seu sexo. Esposou-a e reconduziu-a para a sua patria. Theophila, sua irmã e sua companheira de gloria, seguiu Felecidade a Bruxellas. Ahi morreu moça ainda, e sem ter casado. Cultivava as artes. Era musica e poeta como Vittoria Colonna. Deixou poesias impregnadas de um heroismo varonil, d'uma sensibilidade feminina, e dignas de acompanharem seu nome á immortalidade.

Estas duas irmãs inseparaveis na vida, na morte, como nos campos de batalha, repousam sob o mesmo cypreste na terra estrangeira. Onde estão seus nomes nas paginas de marmore dos nossos arcos triumphaes? Onde estão em Versailles as suas imagens? Onde estão suas estatuas em as nossas fronteiras, regadas com o seu sangue?

Os magistrados de Bruxellas trouxeram as chaves da cidade ao quartel general francez, na aldeia de Anderlecht. « Retomai estas chaves, lhes disse Dumouriez, nós não sommos vossos inimigos, sêde vós os senhores, e não soffrais o jugo estrangeiro. » O exercito todo desfilou por entre as acclamações do povo na cidade de Bruxellas porém o general não deixou exposta a cidade ás depredações d'um exercito em campanha, nem o seu exercito effeminar-se nas tentações, e na indisciplina n'uma grande capital. Encerrou as suas tropas no campo de Anderlecht. Quatro mil homens de tropas belgas, passando para o lado dos libertadores da sua patria, e tomando o laço tricolor, vieram collocar-se sob as bandeiras, e encher os vacuos que a batalha de Jemmapes deixara em o nosso exercito.

II. — Dumouriez, engrandecido por este duplo triumpho, querido á nação cuja independencia salvára em Valmy, querido ao seu exercito porque lhe devia a victoria, querido aos Belgas porque lhes promettia regularisar a sua liberdade, ministro, diplomata, general, administrador feliz, tendo unido seu nome á primeira victoria da liberdade, enthusiasmo e orgulho de uma nação inteira, era naquelle momento o verdadeiro dictador de todos os partidos. A senhora Rolland escrevia-lhe cartas confidenciaes, nas quaes o enthusiasmo da gloria algum tanto participava do enebriamento. Gensonné e Brisset apontavam-lhe a dedo a Hollanda, e a Alemanha para conquistar.

Os jacobinos coroavam seu busto na salla das suas sessões. Robespierre callava-se, para não contrariar antes, o favor universal. Somente Marat ousava denunciar de antemão Dumouriez como um transfuga, ou qual um Cromwell. A convenção recebeu em seu seio o bravo Baptista em outro tempo seu servo, e agora seu ajudante de campo, nomeou-o official, votou-lhe armas de honra, e ouviu de sua boca a relação de suas emprezas. Danton e Lacroix sollicitaram dos seus collegas a missão de irem felicitar o vencedor a Bruxellas, e organisarem á sombra delle o paiz conquistado. Finalmente o duque de Orleans, enviando sua filha á sr.ª Genlis, em Tournai, aproximou-se do exercito onde seus dois filhos, pupillos de Dumouriez, ornavam o quartel general; de sorte que Dumouriez tinha, á sua escolha, na sua mão a republica, ou a monarchia. Era para elle a realisação dessa dictadura que La Fayette não fisera mais que sonhar. Sem duvida a hora não era chegada delle a proclamar. A republica, apenas acabava de ser dada á luz, e não tinha ainda esses arrependimentos que fazem possivel o dominio de um chefe armado sobre os partidos; esgotados; porém esta hora, apressada pelos movimentos anarchicos que dilaceravam Pariz, e que iam decimal-os uns aos outros, podia e devia chegar. Dumouriez não tinha senão deixar-se erguer cada vez mais pela onda. Não o fez. Enfraqueceu mesmo o movimento que arrastava a sua fortuna. Em vez de ser durante algumas campanhas o conquistador da republica, cuidou mui depressa em se fazer o moderador della. Danton comprehendia melhor que o proprio Dumouriez, a sua missão militar, e o impulso temerario, subito, inesperado, que devia, sem olhar para traz de si, dar neste momento ás suas armas. Depois da proclamação da republica a

paz não era mais possivel. Era preciso pois arriscar a guerra, e surprehender os reis ainda adormecidos. Dumouriez recorda-se demais que era diplomata, quando unicamente se devia lembrar da sua espada. Resistiu ás cartas de Brissot, e ás incitações de Danton. Deu tempo a Inglaterra de tramar, á Hollanda de se armar, á Alemanha de reflectir, á Belgica de se irritar, ao seu proprio exercito de esfriar, aos seus generaes de conspirarem contra elle. A contemporisação, tantas vezes util nos tempos tranquillos, perde os homens nos tempos extremos. O movimento é a essencia das revoluções. Afrouxal-o é trahil-as. Militarmente foi esta a falta de Dumouriez.

III. — Sem duvida que os Belgas pediam ser tractados com attenção. A revolução que Dumouriez lhes levava, não devia ser em tudo uma servil e anarchica imitação da revolução de Pariz. Os dois povos, tão similhantes pela situação geografica, pelo solo, e pelas idéas, não se assemelhavam pelos caracteres. Estes homens do norte, nutridos por uma terra fertil, enriquecidos por uma industria, e por um commercio opulento, disciplinados por um rigido catholicismo, tendo conservado, até sob o despotismo sacerdotal de Filippe II, o sentimento tempestuoso das liberdades municipaes e a altivez individual do cidadão, livres de coração, apaixonados pelas artes, rivalisando, com a propria Roma, em genio pela pintura e pela musica, não tendo, porem, no seu territorio essas grandes capitaes onde se acum la e fermenta a escoria d'uma nação, não tendo senão um povo, e uma pouca de populaça, estes belgas faziam da liberdade uma idéa diversa da nossa. A republica que lhes convinha, aristocratica, burgueza e sacerdotal, não era o triumpho d'uma plebe turbulenta sobre a riqueza e luses do resto da nação; era a distribuição regular dos direitos e dos poderes entre todas as classes do paiz. Em França a liberdade era uma conquista, na Belgica era um habito. Uma convenção estava na necessidade de uma; um senado era da natureza da outra.

Mas não era aquella a hora de deliberar sobre a forma difinitiva do governo e da administração que se devia dar á Belgica, Conquistal-a, enthusiasmal-a arrastando comnosco os seus revolucionarios e soldados á conquista da Hollanda e do Rheno, tal era a unica obra militar de Dumouriez. Um governo provisorio, sob a protecção e impulso do exercito francez, bastaria. A promessa de uma organisação semi-independente, proporcionada aos serviços que o povo belga nos faria em a guerra commum, tal era a unica politica indicada então á convenção, e ao seu general. Dumouriez, libertando a Belgica, volvia-se, a exemplo dos generaes de Roma o p t ono d'um povo, e estava em direito de exigir desse p v o os subsidios e provisões necessarias ao exercito libertador.

A convenção, cujas finanças Cambon dirigia, estava de sobejo esgotada para estipendiar e alimentar só os seus exercitos. Enviava ella, após os passos do general, commissarios seus a expremerem o summo das provincias e cidades belgas. Es es commissarios tratando essas provincias e cidades mais qual um paiz conquistado, do que como auxiliares, lançavam-se na Belgica como sobre uma presa, e transformavam em rapinas pessoaes as subvenções patriotas que estavam encarregados de exigir e administrar. Em lucta violenta e declarada por isto com Cambon, com o ministro da guerra Pache, e com os seus agentes na Belgica, o general entrevava ao mesmo tempo as medidas financeiras da convenção e a marcha das suas proprias tropas. Ellas estavam faltas de tudo no celeiro da Europa; murmuravam, debandavam, e desertavam. Neste momento Danton chagou a Bruxellas com o seu amigo Lacroix.

Danton tinha um duplo fim sahindo de Pariz e buscando uma missão nos campos. Primeiramente evitava com a sua ausencia pronunciar-se em a lucta travada entre os jacobinos e os girondinos; depois aproximava-se mais do theatro da diplomacia e da guerra. Finalmente podia concertar mais seguramente com Dumouriez os planos de dictadura que se germinavam em sua alma, e o restabelecimento d'uma monarchia constitucional. Os esclarecimentos mais authenticos e mais intimos não deixam duvida alguma sobre os verdadeiros sentimentos de Danton a respeito da republica. Não occultava nem a sua mulher, nem aos parentes, nem a seus confidentes, seu desejo de se voltar contra a anarchia, quando a anarchia já estivesse fatigada de si mesmo; de tractar com a Prussia, ou ao menos com a Inglaterra restabellecer um throno, e fazer sentar nelle um principe que estivesse tão compromettido como a França na revolução. Este principe era então o duque de Orleans, sob o nome de quem o proprio Danton esperava reinar. Foi por conselhos de Danton que o duque de Orleans se arremessou nesta epoca no meio do exercito, e veio residir alguns mezes em Tournai, sob pretexto de ahi se encontrar sua filha com a sr.ª de Genlis.

Esperando que os seus vazos planos tomassem consistencia, Danton esforçava-se em ser conciliador entre Pache e Dumouriez. Importava-lhe conservar á frente do exercito um general tão incredulo como elle mesmo era no systema republicano, e tão inclinado á restauração da monarchia constitucional.

Sem se pronunciar pois abertamente sobre a questão da definitiva reunião da Belgica á França, Danton e Lacroix separavam o fogo do jacobinismo em Brux llas. Fraternisavam com os belgas os mais exaltados; distribuiam aos seus filiados os despojos dos bens ecclesiasticos das igrejas e conventos Suas fortunas pessoaes, augmentada então, e cuja origem era desconhecida, felos accusar de imitarem as concussões dos proconsules romanos, e comprarem o silencio do proprio general com uma parte destas delapidações nacionaes.

Como quer que seja a respeito destes boatos, os quaes o luxo inexplicavel de Danton e de Lacroix, e sua familiaridade com Dumouriez, acreditavam sem os provar; a desordem, a contradição, a incoherencia, assignalavam as medidas administrativas dos francezes depois de sua entrada em Bruxellas. O exercito perdia as suas forças, a republica a sua consideração, e o general a occasião de segurar a sua conquista, e avançar para a frente.

Encarregou o general Bourdonnaye de tomar Anvers. Sahido de Bruxellas a 19, a sua guarda avança la, commandada por Stengel, apoderou-se de Malines, arsenal dos Austriacos, onde se encontraram munições para uma campanha. O proprio Dumouriez entrou em Louvain e em Liege. Anvers, que havia resistido até então aos fracos ataques de La Bourdonnaye, rendeu-se ao general Miranda. Um mez havia bastado á conquista da Belgica e do principado de Liege, e decidiram este paiz a pedir, como a Saboia, sua reunião á republica franceza Dumouriez, opposto a esta medida, que forçava o imperio germanico ainda indeciso a declarar-nos a guerra por causa deste desmembramento da federação allemã, declarou igualmente contra vontade, a guerra á Holanda rompendo o bloqueio do Escalda.

O Escalda estando fechado arruinava o commercio d'Anvers, rival do de Ams erdam. O imperador José II, depois de ter feito a guerra á Hollanda para obter a liberdade de navegação neste rio, no interesse dos Paizes Baixos sugeitos ao seu dominio havia acabado de renunciar a este objecto da guerra, vendendo aos Hollandezes por quatorze milhões de francos, a encerradura do Escalda. A França conquistadora dos Paizes-Baixos, não podia respeitar este indigno tratado, que alienava, em detrimento dos seus novos vassallos, até mesmo a natureza. A republica deu a liberdade ao rio. Este beneficio da França aos Belgas pareceu uma injuria aos Hollandezes e aos Inglezes, protectores ciosos então da Hollanda. A abertura do Escalda não contribuiu menos que o cadafalso de Luiz XVI a decidir Pitt a declarar a guerra á republica.

IV. — O exercito francez, ainda que victorioso, e occupando os quarteis de inverno que se estendiam de Aix-la-Chapelle a Liége, estava falto de tudo, e todos os dias se d rretia sob a dupla influencia da miseria e da sedição. Não contava senão um quarto da sua força em tropa de linha. O resto era composto destes batalhões de voluntarios, bravos n'um dia de batalha, indisciplinados

no seguinte. Os soldados sem soldo, sem calçado, sem fardamento, desertavam em massa, altivos com uma victoria, incapazes de uma campanha de inverno. Os generaes e officiaes abandonavam os seus acantonamentos para irem effeminar-se nos clubs e prazeres das cidades de Liege e Aix-la-Chapelle. Os commissarios da convenção, os enviados dos jacobinos de Pariz, fraternisando com os revolucionarios allemães, e fazendo de Liege uma cidade demagogica de Pariz, arrebatavam ao general toda a liberdade de acção, e toda a authoridade. A convenção, por proposta de Danton, tomando em mão a causa de todos os opprimidos na Europa, publicou um decreto que trocava a guerra regular em universal sedição. « — A convenção, dizia este decreto, declara em nome do povo francez, que concederá fraternidade e soccorro a todos os povos que quizerem recobrar a liberdade. Ordena aos generaes soccorrem os povos, defenderem todos os cidadãos que forem vexados, ou poderem sel-o pela causa da liberdade. » Não havia mais limites á guerra. Não era já a diplomacia, não era a guerra quem ordenava, eram os commissarios, Liege estava em presa á omnipotencia delles, e ás suas depredações. Com tudo, a authoridade proconsular de Danton e de Lacroix, sempre unida secretamente a Dumouriez, defendia um pouco o general contra as exigencias dos clubistas de Liege, e contra as denuncias dos agentos de Pache, especialmente de Ronsin. Danton aspirava a refazer a sua fortuna, a qual os subsidios da côrte não alimentavam já, e que os subsidios das cidades conquistadas podiam alimentar ainda mais largamente,

V. — Havia algumas semanas que Dumouriez, inactivo e descontente, encerrado no palacio do bispo de Liege, assaltado de cuidados, conhecendo fugir-lhe a sua gloria com o seu exercito meio dissolvido, não via senão a Danton, e com este mesmo não concordava completamente. O venceder de Jemmapes expiava n'uma secreta desanimação as homenagens que a França inteira prestava então ao seu nome. Sósinho, errante pelas vastas sallas do seu palacio de Liege, olhava algumas vezes para a sua espada, e sentia-se tentado a cortar prematuramente o nó d'uma situação que elle com impaciencia supportava.

Um dia, carregado de tristeza e de sinístras previsões, abriu um volume de Plutarco, esta escolla dos grandes homens, e seus olhos se fitaram sobre estas palavras do historiador filosofo na vida de Cleoméne: *Pois que a cousa não é bella, tempo é de vêr a vergonha, e renuncial-a.* Estas palavras que tão perfeitamente correspondiam ao estado de sua alma, foram o peso que arrastou seu espirito ao partido da impaciencia e da traição. Não foi para Dumouriez a palavra do arrependimento e da prudencia, foi a palavra da revolta e da indignação contra a sua patria.

Era o momento em que o processo do rei tocava no seu desenlace, e no qual o principe, a quem servira e amara ía subir ao cadafalso, no entanto que elle, seu servo e seu amigo, empunhava a espada da França e commandava os seus exercitos. Este contraste entre a sua situação e os seus sentimentos lhe arrancou lagrimas de enternecimento e raiva. Apalpou secretamente o seu exercito para conhecer se existia ainda no coração do soldado francez uma fibra que se commovesse ao espectaculo d'um rei prisioneiro. Sómente a republica palpitava alli. A memoria de tantos seculos de servilismo pesava sobre o coração dos Francezes. O partido de Robespierre, e dos jacobinos tinha os seus seides no exercito entre os proprios generaes, rivaes ou inimigos de Dumouriez. La Bourdonnaye, Dampierre, Moreton, conspiravam contra elle. O general, desesperando de arrastar uma massa do seu exercito n'um movimento contra Pariz, concebeu o projecto de favorecer a evasão dos prisioneiros no Templo por meio de um destacamento de cavallaria ligeira que avançaria sob um pretexto militar até ás portas de Pariz, e que cobriria por via de pelotões escalonados a fuga da familia real até aos seus postos avançados Era o sonho de La Fayette, menos executavel no Templo do que nas Tuilerias. Escreveu a Gensonné e a Barrére para os comprometter a provocarem um decreto da convenção que o chamasse a Pariz em soccorro da assembléa contra as insurreições demagogicas da communa. Os girondinos, atrevidos de palavra, não tinham a mais pequena ousadia de acção para mostrarem á convenção uma espada. Barrére, homem de pressentimento, destacava-se já dos girondinos, e acariciava a Robespierre. Não respondeu ao general. Dumouriez partiu para Pariz depois de haver dirigido ao povo belga uma proclamação incitando o a formar assembléas primarias, e nomear uma assembléa constituinte, que decidisse a sua sorte, e organisasse a sua liberdade.

VI. — Entrado furtivamente em Pariz, mais como fugitivo do que como triumphador, Dumouriez se occultou n'uma casa obscura de Clichy. No momento em que todas as opiniões estavam excitadas pró ou contra a condemnação de Luiz XVI, elle queria ficar na sombra, estudar os homens, espiar as circumstancias, igualmente incapaz de affectar contra o rei um furor hypocrita que não tinha na alma, ou de se pronunciar só e desarmado pela causa de uma victíma que elle ousava lastímar, mas não podia salvar. Dumouriez aproximou-se successivamente de todos os homens e de todos os partidos para vêr onde estava a força, e agourar a qual dentre elles a crise do momento promettia o governo da republica. Tentou-os a todos com o generoso pensamento de pouparem os dias do rei. Agente consummado de negociações occultas, retomou o seu primeiro papel e não hesitou ante nenhuma intriga nem disfarce algum de suas intenções para conferenciar com os principaes chefes da opinião, e captar sua politica, vaidade ou interesse. Vestido com o mais simples uniforme, coberto com o capote de official de cavallaria, ia a pé, ás horas da noite, ás entrevistas concordadas em casas de mutuos amigos. A gloria que radiava nelle, e as esperanças confusas que se prendiam ao general favorito da victoria e do exercito, abriram-lhe todas as portas. Viu em intimidade Gensonné, Vergniaud, Roland, Pethion, Condorcet, Brissot. A republica, a qual estes oradores haviam dado vida, assustava-os ja com os seus arrebatamentos; não reconheciam nella a creança apenas nascida do seu ideal philosofico, tremiam ante a sua obra, e reciprocamente se perguntavam com espanto se a democracia havia dado a luz um monstro

Gensonné lisongeava-se com a esperança de salvar o rei; Barbaroux indignava-se da ferocidade dos Parisienses; Vergniaud jurava poupar esta deshonra a sua patria, embora fosse elle o unico a recusar aquella cabeça ao povo; Roland e sua mulher desejavam tanto mais salvar as victimas, quanto se censuravam ser elles que os haviam entregue. Pethion enternecia-se e dizia que amava Luiz XVI como homem, mesmo precipitando-o do throno como rei. Porém nenhum delles, excepto Vergniaud se mostrava resolvido a sacrificar a salvação do seu partido á salvação daquella cabeça; nenhum sobre tudo se mostrou disposto a operar e tentar contra a communa uma jornada dirigida por Dumouriez. Apesar do prestigio do nome de Dumouriez, alguns regimentos duvidosos da guarnição de Pariz e alguns batalhões dos federados de Marselha, animados por Barbaroux, não lhe pareceram sufficientes para luctar com exito contra o movimento geral que sublevava naquelle momento o proprio fundo do povo. Dumouriez, que do intimo da alma pendia mais para estes aristocratas republicanos do que para os outros, retirou-se delles tristemente vendo sua fraquesa e impotencia. Lastimou-os e despresou-os

Ligado com Santerre, por intermedio de Westermann, viveu n'uma secreta intimidade, durante sua habitação em Pariz, com este commandante geral; viu em casa de Santerre os agitadores da communa, e mesmo os homens do setembro, esforçou-se por sedusir Panis, cunhado de Santerre, e amigo de Robespierre; fez insinuar a este ultimo por aquelle que era a elle sómente a quem pertencia salvar o rei.

VII. — Robespierre, que pressentia já em Dumouriez um outro La Fayette a proscrever, recusou todo o contacto com elle: não queria outra dictadura senão a

da opinião; detestava todas as espadas; esperava que a gloria de Jemmapes, que deslumbrava naquelle momento a França, se dissipasse, para denunciar um conspirador no general victorioso. Dumouriez representou o republicanismo para com os jacobinos. Convenceu-se porem sufficientemente que os jacobinos eram uma força d'explosão á qual nenhuma politica podia dirigir nem conter. Resolveu fingir suas opiniões até haver recebido delles a força de os dominar. Estas relações intimas entre os jacobinos e elle volveram-lhe Pache e o conselho executivo mais brandos aos planos que elle trazia para a conquista da Hollanda. A sua popularidade, retemperada em casa de Santerre, de Panis, de Desfieux dos jacobinos, e da convenção, deu-lhe a audacia de fallar como senhor da guerra. Foi obedecido tanto nos comités da convenção como no gabinete de Pache: só Marat ousava invectival-o nas suas folhas. Em um jantar em casa de Santerre, Dubois-Crancé, militar e jacobino mui popular, amigo de Marat, tendo ousado insultar o vencedor de Jemmapes, e mesmo ameaçal-o com o gesto, Dumouriez ergueu-se da meza, levou a mão ao punho da sua espada, e afrontou, apesar do seu pequeno talhe, a estatura colossal e o punho cerrado de Dubois-Crancé. Os convivas arremessaram-se ao meio dos dois militares, e impediram que o sangue corresse com a injuria.

VIII. — Comtudo, o general, indignado, sonhava já a vingança. Encerrado, a pretexto de doença, no seu isolado retiro de Clichy durante os dias que precederam e se seguiram ao supplicio do rei, não recebeu ninguem senão os seus tres confidentes, Westermann, Lacroix, Danton. Passou estes dias sinistros a meditar o seu plano militar para a conquista da Hollanda, e seu plano politico para domar e refrear a revolução. Westermann, ameaçado da vingança de Marat, que elle ousara ferir na Pont-Neuf, surria-se de antemão da humilhação destes demagogos ante a espada d'um exercito victorioso. Danton animava por baixo de capa estas esperanças dos homens de guerra, acreditava n'uma lucta desesperada da revolução e dos thronos. Pensava ser preciso fascinar com a gloria militar os olhos do povo, incapaz de comprehender ainda a gloria philosofica da revolução. Por todos estes titulos adheria com intelligencia, dedicação, e ambição á futura grandesa de Dumouriez. Lacroix legava-se a elle pela sede de fortuna.

IX. — O plano militar, ligado á conspiração politica de Dumouriez, repassava sobre as seguintes combinações: avançar d'Antuerpia, com vinte e cinco mil homens, ao coração da Hollanda, até ao canal de Mœrdyk, braço de mar que cobre a Haia, Rotterdam, e Harlem, e que, uma vez atravessado, torna inuteis todas as praças fortes que defendem estes ricos paizes: fazer apello aos sentimentos republicanos dos Bavaros, e restituir o imperio aos inimigos da casa d'Orange, e aos numerosos proscriptos a quem a ultima tentativa de revolução contra o stathouder lançara sob as bandeiras francezas. A legião bavara, e dois mil homens chamados de Antuerpia, formavam a guarda avançada desta expedição libertadora. Acabada a conquista, Dumouriez purgaria o seu exercito de todos os batalhões de voluntarios cuja presença contrariava os seus designios. Não conservaria na Hollanda senão as tropas de linha mais sugeitas á sua vontade, e os generaes mais dedicados aos seus designios. Levantava trinta mil homens na Belgica, e trinta mil na Hollanda; reunia assim na sua mão um exercito independente, e por assim dizer pessoal. Armava as praças e a esquadra de Texel; convocava os representantes das duas nações; os Belgas em Gand, e os Bavaros na Haia; constituia-os, sob a protecção do seu exercito, em duas republicas alliadas, mas independentes uma da outra; declarava a neutralidade á Inglaterra; fazia uma tregoa com o imperio, e marchava sobre Pariz, á frente deste exercito combinado, para regularisar ahi a republica. A ultima palavra desta conjuração militar, Dumouriez, como aventureiro confiado, a deixava ao acaso. Seria a dictadura delle proprio? Seria o triumvirato com Danton? Seria a monarchia constitucional de 89 com o duque de Chartres na qualidade de rei? Seria emfim o protectorato perpetuo da Hollanda e da Belgica para elle mesmo? E dos restos de tantos thronos pensaria elle em fazer para si um throno com o titulo de duque de Brabante? Elle não o dizia, não o sabia. Nenhum homem comprehendeu nunca melhor a immensa parte que é necessario deixar ao destino nos planos dos homens.

X. — Dumouriez, com a rapidez do movimento que igualava a elasticidade das suas concepções, chegou a Bruxellas, lançou para a frente as suas columnas espantou a Hollanda, apoderou-se de Breda e de Gertruydenberg, chegou quasi sem resistencia a Moerdyk, formou uma esquadrilha para a destruir, e tocava já na primeira parte do cumprimento do seu plano antes da lentidão hollandeza se metter em acção para oppor imponente massa aos doze mil homens, com os quaes tentava a distruição de um Estado. A situação dos espiritos na Hollanda combatia por elle. Os Hollandezes, nação germanica modificada pelo contacto com o mar, participava ao mesmo tempo do Alemão e do Inglez; pesados como uns, livres como os outros. O mar parece inspirar ás nações que o habitam, o sentimento e a vontade da liberdade. O Oceano, cujo aspecto liberta os pensamentos, parece libertar tambem os povos. Os Hollandezes, obrigados a construirem-se em terreno por assim dizer artificial, a alargar seu imperio pela marinha, a enriquecer m pelo commercio, a completal-o ao longe por colonias nas Indias orientaes, haviam-se libertado da tyrannia hespanhola no tempo de Philippe II pela espada da casa de Orange. A independencia das Provincias Unidas havia cercado, sob o titulo de stathouder, os seus libertadores. Republica federativa sob um stathouder to hereditario, rica, feudal, amada, poderosa per si mesma, grandes luctas entre o stathouderato e a confederação haviam agitado recentemente ainda esta constituição, cujos membros eram republicanos, e cuja cabeça era monarchica.

No entanto que Dumouriez marchava assim sobre a Haia e Amsterdão, uma ordem da convenção veiu desconcertar-lhe todos os seus plannos. O principe de Coburg havia reunido o seu exercito em Colonia, batido em toda a parte o exercito francez, feito levantar o sitio de Maestricht, e avançava á frente de sessenta mil homens para reconquistar a Belgica. Desmoralisados pelos seus revezes, odiosos já ao povo belga, os soldados francezes desertavam em massa. Mas de dez mil voluntarios entraram em bandos no departamento do norte. As tropas acampadas em frente de Louvain perderam as barracas, equipagens, e a artilheria dos seus batalhões. Nenhum dos generaes que as commandavam tinha assaz prestigio e authoridade para fazer sustar ou dirigir uma retirada que ameaçava transformar-se em derrota. Só Dumouriez podia apossar-se do exercito, e reconduzir a fortuna que a sua ausencia deixara escapar-lhe. Correu a Louvain. Desesperado por este principio de revez, desafogou com affectação, em todo transito, em censuras, invectivas, e quasi ameaças contra os agentes da convenção, a quem attribuia os nossos desastres exaggerando-os. Dir-se-ia que elle estudava fazer pressentir aos Belgas, e aos seus proprios soldados a possibilidade proxima de uma revolta armada contra os proconsules da Belgica, e contra os tyrannos de Pariz. Semeava a murmuração, o despreso, a indignação contra elles sob os seus passos. Tentava a sedição por palavras, antes de a tentar em acção.

XI. — Danton e Lacroix, prevendo a crise, tinham partido para Pariz, a fim de amortecerem o choque que se preparava entre o general e a convenção. Os commissarios Camus, Merlin de Douai, Treilhard, e Gossuin, tinham-se retirado para Lille, com a onda dos desertores do exercito, a fim de os parar ahi e reorganisar ao abrigo das muralhas desta cidade. Vieram encontrar o general em chefe Louvain. Censuraram-lhe os actos de alta administração que elle praticára em Bruxellas, e entre outros a restituição da prata das igrejas. Dumouriez respondeu como senhor responsavel para com a França e a posteridade, e não para com a convenção. «Ide vêr,» disse elle a Camus, jansenista austero, asso-

ciando a mais exaltada superstição ao mais inflexivel jacobinismo, «ido vêr nas cathedraes da Belgica as hostias calcadas aos pés, dispersas pelo pavimento das igrejas, os tabernaculos e os confessionarios quebrados, os quadros despedaçados! Se a convenção aplaude taes crimes, se não se offende delles, se não os pune, tanto peior para ella, e para a minha infeliz patria. Sabei que, se um unico crime fosse necessario commetter para a salvar, eu não o commetteria. Este estado de cousas deshonra a França, e eu estou resolvido a salval-a.» Os commissarios, admirados de tal audacia de lingoagem, começaram a acreditar nos boatos surdos que accusavam Dumouriez de querer elevar potencia contra potencia. «General, lhe disse Camus, que não ousava ainda tomar suas suspeitas por crimes,» accusam-vos de aspirar ao papel de Cesar; se eu tivesse a certeza disso, transformar-me-ia em Brutus, e apunhalar-vos-ia.» Dumouriez, que se havia descuberto de mais, chamou em seu soccorro esta leviandade de actitude, e esta ironia de espirito que servem de véo á dissimulação. «Meu querido Camus, respondeu elle, nem eu sou Cesar, nem vós sois Brutus, e ameaça de morrer pela vossa mão assegura-me a immortalidade.» Deixando os commissarios, o general escreveu á convenção uma carta ameaçadora, na qual insolentemente lhe lançava em rosto a nudez do exercito, as depredações dos seus agentes, a reunião impolitica da Belgica á França, as profanações, os sacrilegios, as rapinas que marcavam a passagem dos nossos exercitos n'um paiz amigo, e a tornava responsavel dos desastres d'Aix-la-Chapelle, de Liege, e de Maestricht. Exaggerava estes desastres para dar mais amargor ás suas recriminações. Não exceptuava destas accusações senão ao general Beurnouville, seu discipulo e seu amigo.

Beurnouville acabava de substituir Pache no ministerio da guerra. Este general, a quem Dumouriez chamava o seu *Ajax*, fôra nomeado pela influencia e indicação de Danton. Dumouriez terminava sua carta offerecendo a sua demissão. Esta demissão da qual fallava muitas vezes era um desafio que elle lançava aos seus inimigos. A convenção sabia muito bem que a confiança é a affeição das tropas nunca acceitaria outro general.

XII — O exercito possuiu-se de alegria tornando a vêr o seu chefe. Julgou achar nelle a victoria. Dumouriez tratou os officiaes e os soldados como um pai que torna a encontrar os seus filhos. A severidade marcial das suas reprehensões não fez mais que accrescentar o respeito ao enthusiasmo que elle sabia inspirar. O exercito contava ainda quarenta mil homens de velha e solida infanteria, e cinco mil homens de cavallaria destes valentes regimentos cada um dos quaes se havia creado um nome de guerra no antigo exercito. Contava mais nos seus flancos; em a linha de operações e nas guarnições da Belgica, e no corpo destacado que invadia a Hollanda, quasi outros quarenta mil combatentes. Dos quarenta mil homens que tinha alli á mão, Dumouriez deu dezoito batalhões á direita ao general Valença, outros tantos ao duque de Chartres no centro, outros tantos a Miranda á esquerda, uma reserva de oito batalhões de granadeiros ao general Chancel, uma forte guarda avançada de seis mil homens ao velho general Lamarche, antigo coronel de husares, que sob seus cabellos brancos conservava o enthusiasmo dos seus annos juvenis. A 16 de março, Dumouriez atacou os austriacos em Tirlemonte, e obrigou-os a reconcentral-os.

O principe Cobourg, que recebia todos os dias novos reforços e que, desenvolvia mais de sessenta mil combatentes sob as suas ordens, tinha concentrado o seu exercito entre Tongres e Saint-Troud. As aldeias de Nerwinde, d'Oberwinde, e de Midlewinde tinham sido deixadas pelo general austriaco, na frente da sua linha, como campo de batalha, e preço da victoria entre os dous exercitos. Dumouriez formou o seu exercito em muitas columnas; tres á direita ás ordens do general Valença, para tornear a esquerda dos austriacos e ameaçar Saint-Trond; duas no centro ás ordens do duque de Chartres, que commandava tambem a reserva; tres á esquerda ás ordens do general Miranda. Deu o signal do ataque geral, a 18, ao erguer o sol. As suas columnas da direita avançaram sem obstaculo até á altura de Saint-Trond; mas recalcadas depois pelas massas de cavallaria, voltaram a apeiar-se na infanteria do centro. O duque de Chartres venceu por duas vezes a aldeia de Nerwinde, mas abandonou-a terceira vez depois de ter visto o general Desforets, o seu melhor logar tenente, cahir a seu lado. Dumouriez tomou pela quarta vez esta aldeia sacrificando as columnas de infanteria. O choque das maças austriacas obrigou-a a evacual-a de novo. Reformadas pelo duque de Chartres e pelo general em chefe a cem passos da aldeia, a infanteria e a cavallaria do centro e da direita, reunidas, receberam consecutivas vezes as cargas de quinze mil homens da cavallaria austriaca. Valença, comba endo como soldado, recebeu um golpe de sabre, e foi tirado do campo da batalha. Thouvenot, fazendo abrir as fileiras para deixar passar os esquadrões, desmascarou as peças de artilheria carregadas a metralha, e repelliu aquella cavallaria mutilada. A batalha parecia ganha ou hesitante assim em frente de Nerwinde, á direita, e no centro dos francezes.

Porém a esquerda, composta de voluntarios e commandada por Miranda, vergára depois de perder a maior parte dos seus generaes e officiaes em virtude do fogo da artilharia. Miranda, sem advertir o general em chefe, retirou-se com a sua divisão a mais de duas legoas da rectaguarda da linha de batalha. A esquerda do exercito, na qual se baseava, pelo plano de Dumouriez, o peso da balha, faltando ao apoio do centro e da direita, fazia baldado o movimento sobre Newinde e Saint-Trond. O exercito achava-se sem base. Dumouriez, apercebendo de tarde que as massas de infanteria e cavallaria inimiga se dirigiam para a esquerda e direita do principe de Cobourg, principiou a suspeitar a catastrophe ou a defecção de Miranda. Deixando o seu confidente Thouvenot para vigiar o centro e a direita, lançou-se quasi sósinho, a galope, para as posições que havia determinado a Miranda. Achou-as abandonadas pelas suas tropas, occupadas por Clairfayt, e se não fôra a ligeireza do seu cavallo, não escapára aos husares austriacos. Seguindo os vestigios da sua ala esquerda em retirada por caminhos desviados, só, no meio da noute, admirado de tal silencio e de tal solidão, encontrou ás portas de Tirlemont alguns batalhões de voluntarios, sem artilheria e sem cavallaria, bordando a estrada principal.

XIII. — Estes fugitivos lhe deram noticia da perda de tres mil companheiros seus deixados sobre o campo da batalha. O general, admirado da actitud immovel e descuidosa de Miranda em Tirlemont, fez-lhe severas admoestações, e passou a noute a expedir ordens de retirada ao duque de Chartres e a Valence. Estes dous corpos tinham já tres generaes e dous mil homens mortos, artilheria perdida, e seis mil voluntarios debandados e fugindo para Louvain.

Danton e Lacroix, á noticia da derrota, chegaram a Louvain no mesmo momento em que Dumouriez entrava vencido nesta cidade. Voltavam de Pariz como mediadores, a conjurar o general em chefe a retractar a carta imperiosa que escrevera á convenção. Passaram a noute a tentar persuadil-o, no interesse da sua situação, e de suas communs ambições, a conservar ainda alguma attenção para com a convenção. Dumouriez entregou-lhe um bilhete de seis linhas, que, sem ser uma retractação, era uma contemporisação. Danton partiu na mesma noute, conhecendo vergar-lhe o apoio uee abuspolitica buscava em Dumouriez era um máo preludio de dictadura.

XIV. — Apenas Danton partira, o coronel Mack, chefe do estado maior do principe de Cobourg, entrou em Louvain como parlamentario e concluiu com Dumouriez uma convenção secreta que regulava passo a passo a marcha dos dous exercitos até Bruxellas. Os imperiaes deviam respeitar a retirada dos francezes, e limitar as suas hostilidades a estes recontros insignificantes de guarda avançada e rectaguarda, necessarios sómente para encobrir ás tropas a connivencia dos generaes. Apesar destas precauções, que asseguravam aos

imperiaes a restituição da Belgica, e a Dumouriez a segurança da sua retirada, esta retirada de Louvain transformou-se para os francezes em derrota. A custo Dumouriez, que não ousou resistir em Bruxellas com um exercito debandado, pôde formar com a guarnição desta capital e com os seus melhores regimentos uma solida rectaguarda de quasе quinze mil homens para cobrir a marcha do resto do seu exercito para França. Fez prender o general Miranda, e enviou-o a Pariz, á ordem da convenção, como victima expiatoria dos nossos desastres.

No mesmo dia uma ultima e fatal conferencia teve logar em Ath entre o coronel Mack e Dumouriez. O duque de Chartres, o coronel Montjoie, e o general Valence assistiram a ella. Era no exercito o partido d'Orleans todo inteiro, assistindo, pelas suas mais altas cabeças, ao acto que devia destruir a republica e fazer cahir pela mão do povo e dos soldados, a corôa constitucional sobre a cabeça d'um principe desta casa. Dumouriez esqueceu-se de que uma corôa levantada na defecção e no meio de uma derrota, sustentada d'um lado pelos Austriacos, e do outro por um general traidor á sua patria, não podia nunca segurar-se na fronte de um rei. No entanto que Dumouriez marchasse sobre Pariz para destruir a constituição, os Austriacos avançariam como auxiliares pelo solo francez, e tomariam Condé em refens.

XV. — Tal foi este tratado secreto, no qual a demencia rivalisava com a traição. Dumouriez, que julgava passar o Rubicon, e tinha incessantemente diante dos seus olhos o papel de Cesar, esquecia que Cesar não capitaneára os Gauleses a Roma. Induzir o seu exercito a tomar partido por uma das facções que dividiam a republica, depois de ter vencido no estrangeiro, e seguro as fronteiras, marchar sobre Pariz, e apoderar-se da dictadura, era um desses attentados politicos aos quaes a liberdade não perdôa, mas que o exito e a gloria escusam algumas vezes em tempos extremos; porém entregar o seu exercito, abrir suas praças fortes ao imperio, guiar elle proprio contra o seu paiz as legiões inimigas que a sua patria encarregára de combater; impôr, com ajuda dos estrangeiros, um governo ao seu paiz, era ul rapassar mil vezes o crime dos emigrados, porque os emigrados não eram transfugas, e os confederados d'Ath eram traidores.

A' sahida desta conferencia nocturna, Dumouriez dirigiu-se a Tournai, com o seu estado-maior. Reuniu em redor de si seis mil homens de cavallaria os mais dedicados á sua pessoa; distribuiu nas praças fortes, visinhas de Lille, Valenciennes, e Condé, e assim tambem pelos acampamentos de Maulde e Saint-Arnaud, os generaes e as tropas que esperava mais facilmente induzir, e preparou tudo para a grande perfidia com que queria fazer espantar a Europa, e aterrar a convenção.

Não obstante, como era ao mesmo tempo obrigado a occultar o seu designio, e a demonstra-lo a meio para preparar o espirito das tropas, o boato surdo da traição que meditava transpirou em torno delle, e espalhou-se até Pariz como o pressentimento d'algum grande crime. Danton e Lacroix estavam immoveis, e affectavam desconfiança para com um general que elles tinham visto tão altivo e tão irritado. Os girondinos, inimigos do nome d'Orleans, designavam á suspeita um general, cujo estado maior contava dois principes desta casa. Faziam mais notar que a senhora de Sillery, amante e confidente de Filippe-Egalité (Filippe-Igualdade) e sua filha a senhora d'Orleans, moça princeza de dezeseis annos de idade, estavam em Tournay na mesma occasião em que Dumouriez ahi urdia as suas tramas, de sorte que o quartel general do general da republica se assimilhava á côrte antecipada d'uma monarchia d'Orleans. Os jacobinos enviaram tres emissarios, Proly, Dubuisson, e Pereira, a sondarem o general, e decidi-lo a sustentar seu partido contra a Gironda. «Não acrediteis,» lhes disse Dumouriez depois de os haver escutado, «que a vossa republica possa subsistir; vossas loucuras e crimes a tem feito tão impossivel como odiosa.»

XVI. — Comtudo Dumouriez, ameaçando em vez de operar parecia a braços com essa desordem de espirito que se apossa do homem ao levar a effeito um crime, e que dá aos seus actos a incoherencia e a agitação dos seus pensamentos. Toda a sua audacia se gastava em palavras; dava ao seu exercito o tempo da reflexão, e por tanto do arrependimento. Retirado na pequena cidade de Saint-Amand com o seu estado maior e regimentos mais dedicados, ahi soube, umas após outras, a capitulação da cidadella d'Antuerpia, entregue aos Austriacos pelas nossas tropas, a derrota do campo de Maulde, e a insurreição patriotica dos cidadãos da guarnição de Lille contra o general Miaczinsky, a quem havia encarregado de se apoderar daquella cidade.

Dumouriez, não tinha junto a si em Saint-Arnaud senão o duque de Chartres, o duque de Montpensier seu irmão, o general Valence, e ajudante general Montjoie, Thouvenou, Nordmann, coronel do regimento de Berchiny, e os officiaes do seu estado-maior. Encontrára em Tournai, e conduzira a Saint-Amand, para ao mesmo tempo a proteger contra os Austriacos, e contra a convenção, a princesa Adelaide d'Orleans, irmã do duque de Chartres. Esta joven princesa, dotada de nobre graça, precoz espirito, e alma energica, errava então pelos confins da França e da Belgica; repellida da sua patria pelas leis contra a emigração, repel ida do estrangeiro pela repulsão que o nome de seu pai inspirava aos inimigos da revolução. Ligada a seus irmãos por uma amisade que a desgraça, o exilio e o throno, deviam alternativamente experimentar e illustrar, buscava no acampamento a protecção do exercito. Tinha por companheira outra rapariga de sua idade, Pamela Seymour, que a fama publica dizia filha natural do duque d'Orleans e da sr.ª de Genlis. Esta rapariga, d'uma brilhante belleza, educada como uma irmã dos principes e princesa d'Orleans, acabava de esposar-se em Tournai com lord Eduardo Fitz-Gerald, primeiro par de Irlanda, e filho do duque de Leicester. Este moço patriota irlandez, inflamava-se no campo francez da paixão da liberdade. Conspirou bem depressa depois para subtrair a Irlanda ao jugo da Inglaterra, e condemnado á morte como chefe desta conspiração, escapou ao supplicio pelo suicidio na sua prisão, e legou um nome mais aos patriotas do seu paiz.

XVII. — A sr.ª de Sillery-Genlis, confidente do duque de Orleans, estava tambem no quartel general. Mulher seductora ainda pela sua figura, notavel pelo espirito, affeita á intriga, dava, pela sua presença, á conspiração de Dumouriez a côr da casa d'Orleans. O general Valence era genro da sr.ª de Genlis, o duque de Chartres, e o duque de Montpensier eram seus discipulos, a princesa Adelaide era sua pupilla, os jacobinos eram seus perseguidores Sua casa reunia todas as noites os principaes chefes destes corpos, que era preciso seduzir e abalar para os voltar contra a republica. Dumouriez conhecia que tinha alli uma revolução inteira em refens. Se elle não arvorava abertamente a dynastia d'Orleans, este circulo era uma bandeira que elle se comprazia desenrolar para fazer pressentir a adoptar pela opinião as esperanças d'uma monarchia revolucionaria. Seduzido elle proprio por este papel de protector armado d'uma princesa ainda moça, encantadora, e perseguida, affectava para com ella um culto que dava ao exercito o exemplo do respeito.

No meio destas mulheres exiladas, e desta sociedade suspeita á republica, Dumouriez esperava ocioso que o seu exercito o violentasse, e até mesmo o arrastasse contra Pariz. Surdos symptomas annunciavam-lhe comtudo por toda a parte a defecção dos seus generaes, revoltados á idéa de marchar contra a patria. Do descontentamento de um exercito ao acto de voltar as suas armas contra seu proprio paiz, ha tanta distancia como da murmuração ao crime. Dumouriez havia tomado a murmuração dos soldados por uma opinião, e a insubordinação pela revolta. Sabia-se já em Saint-Armand que a convenção deliberava o partido que tomaria a respeito do general rebelde, e que ia chama-lo á barra para lhe tomar contas do seu comportamento. Danton, Robespier-

re, e o mesmo Marat, receiando deslocar o exercito em presença d'um inimigo victorioso, e recusando acreditarem na traição, alcançaram com custo que tal medida fosse suspensa por alguns dias. No entanto desta espera, o campo foi cheio de espiões da convenção; e os voluntarios, menos soldados que cidadãos, espiavam per si mesmo os passos do seu general.

Seis destes voluntarios d'um batalhão do Marne, com o espirito agitado por estes boatos surdos do exercito, ousaram apresentar-se armados á audiencia do general: a palavra *republica* estava escripta a giz nos seus chapéos. Intimaram seu chefe a obedecer ás ordens que ia receber da convenção, e declararam-lhes que imitadores de Brutus, haviam jurado apunhala-lo se hesitasse obedecer á voz da patria. Havendo o general respondido de modo a confirmar-lhe as suspeitas, elles avançaram para o cercar; porém o fiel Baptista, que espiava os menores movimentos delles, lançou-se com a espada na mão entre seu amo e aquelles soldados, chamando a guarda. Os voluntarios, agarrados e desarmados foram presos. Dumouriez, exaggerando de proposito o perigo que correra, espalhou o boato d'uma tentativa de assassinio contra elle, afim de attrair a si dedicação pela indignação. Conseguiu-o. Representações assignadas por todos os corpos protestaram seu horror por aquelle attentado, e a inabalavel confiança que tinham no seu chefe.

XVII. — Comtudo, a convenção, por muito tempo em hesitação, expedira por fim o decreto que arrancava o general ao seu exercito, e que o chamava a Pariz para se explicar sobre os seus aggravos e os seus planos. Dumouriez não se illudia sobre o alcance de similhante decreto. Conhecia-se sobejamente culpado para affrontar o exame da sua conducta; bem via que uma vez separado dos seus soldados, não restituiriam ao exercito um general que fizera tremer a republica; queria antes succumbir n'uma tentativa armada contra os oppressores da sua patria, do que ir humildemente offerecer-lhes sua cabeça, sem defesa e sem vingança. Demais, ainda mesmo que a astucia dos seus discursos, a audacia da sua attitude e a influencia de Danton o fizessem absolver, bastava a sua ausencia para desconcertar os planos combinados entre Mack e elle. Estava, por tanto, firmemente resolvido a recusar obediencia á convenção; se não podesse engana-la por mais tempo, preparava-se a cumprir o seu ultimo raio de rebellião contra os commissarios que ousassem enviar-lhe.

As cousas estavam neste ponto, quando a 2 de abril pelo meio dia, se annunciou no campo a chegada do proprio ministro da guerra: era Beurnonville, amigo pessoal de Dumouriez. Beurnonville, apeou-se da carroagem, acompanhado de quatro commissarios, Camus, Lamarque, Bancal, e Quinette: Camus, homem austero, levando á revolução o rigor do jansenismo, e os escrupulos da probidade; Lamarque, advogado verboso e declamador, costumado a vociferar o patriotismo nos exercitos; Bancal, negociador prudente e temperado, proprio a interpôr-se com moderação entre as paixões dos partidos; Quinette em quem o espirito da ordem balanceava a paixão da liberdade, esforçando-se sempre sustar a theoria nos limites do verdadeiro, e o patriotismo nos limites do justo.

XVIII. — Beurnonville precipitou-se; apenas entrou, nos braços de Dumouriez como para testimunhar aos espectadores por este gesto que elle não queria encadear o general á patria, senão pelos seus sentimentos e recordações. Disse-lhe que elle proprio quizera acompanhar os commissarios portadores do decreto da convenção, para ajuntar o arrastramento da amisade á voz do dever. Camus, para evitar a Dumouriez o embaraço de uma entrevista publica, e para que a intercessão confidencial dos commissarios tivessem mais latitude e intimidade, supplicou ao general affastasse as testimunhas que constrangiam a expansão das almas, ou passasse então a um quarto mais secreto. Um murmurio dos generaes e dos officiaes presentes se elevou a taes palavras, como se quizessem subtrair seu general á protecção dos seus olhos e suas espadas. Dumouriez acalmou com um gesto esta sublevação. Conduziu Beurnonville e os commissarios ao seu gabinete; porém os generaes exigiram que a porta ficasse aberta para vigiarem, senão as palavras, ao menos a segurança da conferencia. Camus apresentou o decreto a Dumouriez. O general leu-o com a impassibilidade mui proxima do desdem; depois, entregando-o ao commissario, respondeu que a execução daquelle decreto seria a dissolução do exercito, e a perda da patria; que não recusava obedecer, mas queria obedecer á sua hora, e não á hora dos seus inimigos. Offereceu ironicamente a sua demissão. A ironia contida nestas palavras não escapou aos commissarios. «Porém, depois de ter dado a vossa demissão que fareis? lhe perguntou Camus com anciedade. O que me approuver, respondeu altivamente o general. Só vos declaro que não irei fazer-me envilecer e condemnar em Pariz por um tribunal revolucionario. — Não reconheceis pois este tribunal? replicou Camus. — Reconheço-o por um tribunal de sangue e crime, replicou Dumouriez; e em quanto eu tiver uma polegada de ferro na mão, não me subjeitarei.»

XIX. — Os outros commissarios, temendo que o azedume das palavras entre Camus e Dumouriez trouxessem um desenlace violento, interpozeram-se como medianeiros affectuosos, e conjuraram seu general a obedecer, pro fórma, á ordem que o chamava a Pariz, promettendo-lhe, por suas cabeças, que a convenção satisfeita o reenviaria immediatamente ao seu exercito. Quinette offereceu-se a acompanha-lo, cobri-lo com o seu corpo, e reconduzi-lo ao seu quartel general. Bancal citou-lhe os bellos exemplos de obediencia á patria desses grandes homens da antiguidade. — Os Romanos, respondeu Dumouriez, não mataram Tarquinio; elles não tinham nem club de jacobinos, nem tribunal revolucionario: os tigres querem a minha cabeça, e eu não lha quero dar. Pois que me citais os Romanos declaro-vos que tenho muitas vezes representado o papel de Decius, mas que nunca serei Curcius, nem me arremessarei ao golfo. — Não quereis, por tanto, obedecer á convenção? perguntou Camus cathegoricamente. — Juro-vos, disse Dumouriez, que quando a minha patria tiver um governo e leis, conta lhe darei dos meus actos, e os sugeitarei ao seu julgamento; agora seria um acto de demencia.»

Os commissarios retiraram-se a outro quarto para deliberarem. Dumouriez ficou sósinho um momento com Beurnonville; tentou seduzir o ministro mostrando-lhe o perigo que corria em Pariz, e offerecendo-lhe o commando da sua guarda avançada. «Sei, respondeu heroicamente Beurnonville, que tenho de succumbir aos meus inimigos; porém morrerei no meu posto. A minha situação é horrivel! Vejo que estais decidido, e ides tomar um partido desesperado; peço-vos por unica mercê que me façais compartilhar a sorte, qualquer que seja, que reservardes aos deputados. — Não o duvideis, respondeu Dumouriez, e julgo, operando assim, servir-vos e salvar-vos.»

Dumouriez e Beurnonville entraram na sala onde o estado maior estava reunido. O coronel dos husares de Berchiny, Nordmann, cujo regimento estava formado em linha defronte da habitação do general, recebêra ordem de ter trinta homens escolhidos do seu regimento á porta, e promptos a executar o que se lhes ordenasse. Estes husa es eram todos alemães ou alsacianos. A differença de lingua garantia-os contra a eloquencia patriotica dos commissarios; não conheciam senão a voz do seu coronel.

Depois de uma hora de deliberação secreta, durante a qual o inflexivel Camus combateu com intrepidez todas as moderações que os seus collegas ainda buscavam para evitar este dilaceramento á patria, os deputados entraram. O socego da resolução, a authoridade da lei, a tristesa viril de sua missão rebentava-lhes no rosto. Intimaram ainda uma vez o general a obedecer ao decreto. O general illudiu novamente a obediencia. «Pois bem, disse Camus; declaro vos suspenso de todas as vossas funcções, vós não sois general, prohibo que se vos obedeça, ordeno que vos prendam, e ponho sello em todos os vossos papeis.

O surdo murmurio do estado-maior, e o movimen-

to dos officiaes que se aproximavam, com a mão nas espadas, para cobrir seu general, mostraram aos commissarios que suas vozes eram desconhecidas alli, e suas vidas ameaçadas talvez. Elles dedicado a tinham a seus deveres. — « Isto é de mais, exclamou Dumouriez, é tempo de pôr termo a tanta audacia, » e em allemão ordenou aos husares que entrassem : « Prendei estes quatro homens, disse elle ao official que os commandava, mas não se lhe faça mal ; prendei tambem o ministro da guerra, mas deixem-lhe as suas armas — General Dumouriez ! exclamou Camus, vós perdeis a republica ! » Os husares prenderam os commissarios da convenção ; e as carruagens, preparadas durante a conferencia, e escoltadas por um esquadrão de husares, os conduziram a Tournai onde foram entregues como refens entre as mãos do General Clairfayt.

XX. — Immediatamente a este acto que despedaçava o ultimo véo das suas manobras, Dumouriez pediu novas conferencias aos generaes inimigos, para concertar a sua marcha com a delles. Montou a cavallo no dia seguinte, e dirigiu-se ao seu campo. Ahi arengou aos soldados, apresentando lhes o acontecimento da vespora como um attentado dos jacobinos que queriam arrebatar ao exercito o seu general, e pai a seus filhos. A tropa cobriu de acclamações o seu general. A humilhação da lei civil ante o sabre alegra sempre ao soldado. Para melhor testimunhar sua confiança no amor das suas tropas, Dumouriez dormiu no campo. Seu projecto era levar suas tropas para Orchies, donde haveria ameaçado ao mesmo tempo Lill , Douai e Bouchain. Queria tambem assegurar se de Condé, penhor que havia prometido entregar aos austriacos. Partiu de Saint-Amand a 4 de abril para levar a effeito este primeiro acto da sua traição.

Cincoenta husares deviam formar a sua escolta, mas esta escolta demorou-se. Montou a cavallo acompanhado unicamente do duque de Chartres, do coronel Thouvenot, do ajudante general Montjoie, dos seus ajudantes de campo, e de oito husares de ordenança, e seguiu com estes trinta cavallos a estrada de Condé. Deixára ordem no campo para a sua escolta apenas estivesse prompta seguir aquella mesma estrada. Marchava assim em perfeita segurança, meditando no seu pensamento as probabilidades desesperadas da sua empresa, quando a meia legoa de Condé, um ajudante de campo do general Neuilly, que commandava naquella cidade, correu da parte do seu general a annunciar-lhe a fermentação da guarnição, e a difficuldade de conter a tropa Começavam ellas a conhecer-se trahidas. Indignavam-se das conferencias suspeitas entre os seus generaes e os generaes inimigos ; declaravam em voz alta que respondiam de Condé á patria, e que não deixariam entrar na praça nenhum corpo novo que podesse compromettel a defeza. Dumouriez apeou-se do cavallo á beira da estrada, reflectiu sobre a gravidade d'um incidente que fazia baquear-lhe o projecto. Neste momento tres batalhões de volluntarios marchando sobre Condé, de motu proprio, com a sua artilheria, passaram por diante delle : o official que os commandava foi depois o marechal Davoust. Admirado daquella marcha, que elle não ordenára, Dumouriez interrogou vivamente os officiaes destes batalhões, e ordenou-lhes que parassem.

XXI. — Os batalhões fizeram alto. Dumouriez afastando-se da estrada uma centena de passos, entrava n'uma cabana para escrever uma ordem, quando os gritos tumultuosos saidos daquelles batalhões, e um movimento subito e confuso da columna que retrocedia caminho, o advertiram ser tempo de pensar na sua segurança. Os voluntarios, tocados d'uma subita illuminação, á vista do seu general, e da incoherencia das ordens e contra-ordens, ia desconcertar a traição, prendendo os traidores. Alguns haviam já alcançado com a vista o general, ameaçando fazer-lhe fogo, se não os esperasse. Dumouriez, subido precipitadamente a cavallo, fugiu a galope a travez os campos, com a sua fraca escolta, debaixo de imprecações e de fogo. Um canal que bordava um terreno pantanoso fez parar seu cavallo Já uma chuva de ballas lhe decima o grupo que o cerca. Dois husares ficáram feridos mortalmente. Dois creados que levavam a pasta e capote do general cairam a seu lado. Touvenot teve o cavallo morto debaixo de si, e saltou á garupa daquelle em que ía o bravo Baptista. Então o general abandonou o seu cavallo de batalha, que se lançou espantado para os batalhões, e que por elles foi conduzido em triumpho a Valenciennes. A mais moça das filhas do sr. de Fernig ficou tambem desmontada. Sua irmãa Felicidade, apeiou-se do seu cavallo, e deu-o a Dumouriez. As duas meninas lançam-se d'um salto do outro lado do canal, e montam nos cavallos do sequito do duque de Chartres. O secretario do general, Cantin, calu, atravessando o fosso, envolvido sob o corpo do seu cavallo. Cinco cadaveres de homens, oito de cavallos, um prisioneiro, as equipagens e os papeis secretos do general ficam no canal. O resto do grupo fugitivo lança-se a todo o galope a travez as lagoas, cortado do campo de Breuille, com quem Dumouriez se queria juntar, e perseguido até ao Escalda pelas ballas dos voluntarios. As duas amazonas, que conheciam as passagens, conduziram o general até á barca de passagem, na qual elle atravessou o rio com ellas e o duque de Chartres. Os cavallos foram abandonados. O sequito, que, não podia ser recebido na barca, fugiu seguindo o curso do Escalda, e ganhou o campo de Maulde. Baptista semeou ahi a noticia do assassinio do seu general pelos volluntarios insurgidos e reanimou em favor de Dumouriez a antiga amizade da tropa de linha.

No entanto o general, depois de ter atravessado o Escalda, internou-se a pé, extenuado de fadiga, nas terras lodosas que bordam o rio. Bateu á porta d'um pequeno castello, cuja entrada primeiramente lhe haviam recusado ; mas havendo seus companheiros dito quem elle era, recebeu a hospitallidade e algum sustento daquelles mesmos belgas, que seis mezes antes elle acabára de conquistar. Baptista reuniu-se-lhe ao decair do dia. Disse-lhe da indignação do campo, sublevado de novo em seu favor. Mack chegou nessa noite. Deu ao general fugitivo uma escolta de cincoenta dragões imperiaes, que o reconduziram ao seu campo de Maulde. A' excepção d'alguns rostos carrancudos e alguns olhares nos quaes a suspeita luctava com a dedicação, todos os corpos receberam a Dumouriez como a um chefe adorado. Tendo chamado junto a si o regimento dos husares de Berchiny e alguns esquadrões dedicados, couraceiros e dragões, avançou á frente desta cavallaria até Rumigies, a uma legoa do seu campo de Saint-Amand. Acreditava ter se reapossado do seu exercito, e obstinava-se em levar por diante o plano de surpresa de Condé, que lhe falhara na vespora.

Porém a artilheria do campo de Saint-Amand, á falsa noticia da morte de Dumouriez, afogado no Escalda, tinha expulso os seus generaes, metido as cavalgaduras ás carretas das peças, e marchado para Valenciennes. Divisões inteiras depondo, ou arrastando comsigo os officiaes, abandonaram este campo, onde a perfidia do seu general em chefe os fizera servir de instrumento a tramas desconhecidas.

A estas noticias, trasidas consecutivamente umas após outras a Rumigies, Dumouriez deixou cahir a penna com que dictava ordens ao seu evaporado exercito. Conheceu a fraqueza de um homem contra uma patria, e d'uma intriga contra uma revolução. Montou a cavallo com os dois irmãos Thouvenot, o duque de Chartres, o coronel Montjoie, o tenente coronel Barrois, o sr. de Fernig e suas duas filhas, e dirigiu-se sem escolta a Tournai, onde o general Clairfayt o acolheu, não como um general inimigo, mas como um infeliz alliado. A dedicação que Dumouriez soubera inspirar aos seus soldados era tal que os oitocentos homens do regimento de Berchiny, e os husares de Saxe se lhe juntaram em Tournai. Estes soldados preferiram a vergonha do nome de transfugas á dor de separarem-se do seu general.

O resto do exercito francez despedaçado, e reunido a custo nas praças fortes, ficou exposto aos golpes premeditados de Clairfayt. O sangue dos soldados foi entregue pelo general, mas os transfugas não levaram ao

inimigo o thesouro do exercito. Dumouriez chegou com as mãos vasias, e confiou-se ao acaso e ao reconhecimento dos soberanos colligados. Quando chegou a Tournai não levava senão algumas moedas d'ouro na sua bolça. Seus companheiros de fuga estavam quasi todos na mesma pobresa. O duque de Chartres, Thouvenot, Nordmann, Montjoie, o fiel Baptista, e até as duas intrepidas heroinas Fernig, arrastadas sem crime n'uma deserção que para ellas se assimilhava á fidelidade, quo tisaram-se, sem Dumouriez o saber, e foram os primeiros a dar-lhe o amargo pão do exilio.

XXII. — Tal foi o desenlace deste longo drama politico e militar, que em tres annos havia elevado Dumouriez até á altura dos maiores homens para o fazer descer repentinamente ao nivel do mais desprezivel aventureiro. E' porque a elevação dos seus sentimentos não respondia á grandeza da sua coragem, e á extensão do seu espirito. Nutrido nas leviandades das cortes, e demasiadamente acostumado, pela sua vida diplomatica, a vêr o avesso das cousas politicas, e a attribuir os grandes resultados ás pequenas causas, não teve em sua alma assás seriedade para comprehender a republica, nem assás longanimidade para a servir com perigo da sua cabeça. Representou de grande homem, e não o foi senão a meio. O seu sangue vertido pela liberdade n'um campo de batalha, ou derramado sobre um cadafalso pela ingratidão da republica, haveria creado uma eterna vingança á posteridade, e consagrado por todos os seculos uma das mais bellas memorias da revolução. Sua vida salva por uma defecção, desmascarada a sua traição, ambas estas causas lançam uma sombra de sentimento sobre o fulgor das suas campanhas e batalhas. Seu nome não passa de ser, por assim dizer, uma brilhante apparição na historia, e um deslumbramento da patria. Cabeça de politico, braço de heroe, coração de intrigante, aflige-se uma pessoa de não o admirar n'um todo completo. Mas a tristeza mistura-se com o enthusiasmo na impressão que o seu nome causa. Evita-se pronuncial-o entre os nomes gloriosos da patria, porque não ha peior vergonha para o espirito humano do que o espectaculo dos grandes destinos entregues a almas pequenas, e a das grandes qualidades que se não respeitam. A obra dos povos quer homens serios como o pensamento que os agita. Nas revoluções o crime offende menos o espirito do que a leviandade; apesar de mais culpado e mais odioso, o crime é comtudo um contra-senso menor nas catastrofes humanas.

XXIII. — A contar deste dia, Dumouriez, maldito no seu paiz, tolerado no estrangeiro, andou errante de reino em reino, sem encontrar uma patria. Objecto de uma desdenhosa curiosidade, quasi indigente, sem compatriotas e sem familia, pensionado pela Inglaterra, causava dó a todos os partidos. Como para ainda mais o punir, o céo, que lhe destinava uma longa vida, deixava-lhe todo o seu genio para o atormentar na inacção. Não cessou de escrever memorias, e planos militares para todas as guerras que a Europa fez á França, durante trinta annos. Velho e importuno, vivendo na Alemanha e na Inglaterra, não ousou quebrar seu exilio, mesmo quando a França se abriu aos proscriptos de todos os partidos; receiou que o proprio solo lhe lançasse em rosto a sua traição. Morreu em Londres. Sua patria deixou-lhe as cinzas no exilio, e nem mesmo lhe elevou um cenotafio no campo de batalha, onde salvara o seu paiz.

LIVRO XXXVIII.

I. — Continuemos agora na relação dos acontecimentos do interior, que atraz suspendemos, para não fazer divergir a narração.

A concessão da cabeça do rei, feita pelos girondinos, não abafou todos os germens de dissenção no governo. Os partidos haviam-se confundido um momento, porém não reunido. A fraqueza não desarma, anima a exigencias novas. Os girondinos haviam-se despojado, entregando o rei, da unica força de opinião que podia luctar por elles, tanto em a nação como fóra. Uma vez revellado o segredo da sua fraquesa, de antemão se conhecia já a derradeira palavra da sua resistencia. Essa palavra não podia tardar que se lhe pedisse.

Os jacobinos, satisfeitos com a grande victoria que acabavam de alcançar sobre os seus adversarios deixaram momentaneamente os seus inimigos resp rar. Certo accordo se estabeleceu mesmo na apparencia, entre os comités da convenção e a communa de Pariz, para se refrear o excesso, e concentrar grande força no governo. Entenderam-se uns com os outros para fazerem voltar ao seu leito a onda popular que acabava de submergir o throno.

II. — Danton conservava-se affastado n'uma reserva e n'uma altiva independencia que parecia dever fazer delle o arbitro dos partidos. Robespierre esperava quo uma nova crise viesse subleva-lo, e leva-lo mais longe, e mais alto. Nem um nem outro fomentavam então as desordens e as agitações sem objecto na multidão. Um unico homem na convenção perturbava o concurso apparente de todas as vontades. Este homem era Marat, verdadeira encarnação da anarchia. Danton personificava a força convulsiva que tenta salvar as nações dando-lhes os accessos do patriotismo impellidos até ao assassinio; Robespierre a obstinação da fé philosophica que marcha atravez todos os acontecimentos direita sempre ao seu fim. Marat personificava em si estes sons vagos e febris da multidão, que soffre, geme, e agita-se no fundo de todas as sociedades · classe que, sem voz para se fazer ouvir, sem acção regular para se fazer um logar, amotina-se como um elemento ao sopro de todas as facções, fanatisa-se de esperanças illudidas, muda as suas decepções em furores, e quebra incessantemente os governos, sem comtudo poder quebrar as condições do trabalho, de oppressão e de miseria que a retem na degradação. Marat era o representante do proletario moderno, especie de escravidão temperada pelo salario. Elle introduzia na scena politica esta multidão até então deixada na sua impotencia, e manchada com os seus farrapos. A paixão que levava Marat a simillhante papel não era unicamente a paixão da dominação, era tambem nelle a paixão da rehabilitação das classes soffredoras e degradadas da especie humana. Havia adoptado esta causa desesperada. Quiz que ella no futuro se appellidasse com o seu nome. Queria libertar as classes que soffriam dos males que os opprimiam, e voltar contra a classe dos ricos todos os flagellos que pesavam havia tantos seculos sobre a sua parte opprimida do povo; aspirava a restituir-lhe o seu logar no bem estar. Pretendia conduzir ahi os proletarios. Unicamente, porém, elle os conduzia como barbaros que fazem uma invasão, a ferro e fogo na mão, nos seus direitos reconquistados, e que não sabem encontrar logar para si na terra senão incendiando e exterminando tudo o que occupava antes delles.

Desde o 10 de agosto, Marat não fazia unicamente sair a sua voz dos subterraneos onde habitava, qual um gemido do fundo do povo; mostrava-se com affectação á multidão, nos jacobinos, nos franciscanos, no hotel de ville, nas secções, em todos os tumultos. Começava a libertar-se da tutella de Danton, a qual por muito tempo buscara e soffrera. Principiava a disputar a Robespierre os applausos dos jacobinos. Robespierre não promettia ao povo senão o reinado das leis populares, que repartissem mais equitat vamente o bem estar social entre todas as classes. Marat promettia destruições completas e proximos despojos. Um prendia o povo pela sua razão, o outro arrastrava-o pela sua loucura. Robespierre devia ser mais respeitado, Marat mais temido. Bem conhecia elle este papel, e eis em que termos a si proprio se pintava no *Ami du Peuple*:

III. — «Perdoem-me os meus leitores se hoje da minha pessoa me entretenho. Não é nem por amor proprio, nem por fatuidade, mas pelo desejo de melhor servir a causa publica. Como fazer-se-me um crime de me mostrar tal qual sou, quando os inimigos da liberdade não cessam de me representar como um louco, como um anthropophago, como um tigre sequioso de sangue, a

fim de impedirem o bem que desejo fazer! Nascido com um coração sensivel, uma imaginação de fogo, um caracter ardente, franco, tenaz, um espirito recto, um coração aberto a todas as paixões exaltadas, e especialmente ao amor da gloria; educado com os mais ternos cuidados na casa paterna, cheguei á virilidade sem nunca me haver abandonado ao fogo das paixões. Aos vinte e um annos eu estava puro, e de muito tempo já entregue ao estudo e á meditação.

«E' á natureza que eu devo a tempera da minha alma, e é a minha mãi a quem devo o desenvolvimento do meu caracter, porque foi ella quem fez desabrochar no meu coração o amor da justiça e dos homens. Era pela minha mão que fazia passar os soccorros que dava aos indigentes; o acento de interesse que tinha quando fallava com os desgraçados de mui cedo me inspirou a ternura que ella sentia por elles. Aos oito annos já eu tinha formado o senso. Nesta idade não podia eu supportar a vista dos máos tractamentos que se davam aos meus similhantes. O aspecto d'uma crueldade soblevava-me de indignação, o espectaculo de uma injustiça fazia sobresaltar-me o coração como um ultraje pessoal.

«No decurso da minha primeira joventude tinha eu o corpo debil. Não conheci nem a alegria, nem o estouvamento, nem os brinquedos das creanças. Docil e applicado, meus mestres tudo obtinham de mim pela doçura. Uma unica vez fui castigado. Tinha então onze annos. O castigo era injusto. Haviam-me fechado n'um quarto; abri a janella, e precipitei-me na rua.

«O amor da gloria foi em todas as idades a minha principal paixão. Aos cinco annos eu desejava já ser mestre de escolla, aos quinze annos professor, aos desoito author, aos vinte genio creador, como ambiciono hoje a gloria de immolar-me pela minha patria! Pensador desde a adolescencia, o trabalho de espirito volveu-se-me a unica necessidade, mesmo na doença. Os meus mais doces prazeres achei-os na meditação, nesses momentos tranquillos em que a alma contempla com admiração o espectaculo dos ceus; ou logo que, reconcentrada em si mesmo, elle parece escutar em silencio, pesar na balança da verdadeira felicidade a vaidade das grandezas humanas, rasgar a sombra do futuro, buscar o homem além do tumulo, e levar uma inquieta curiosidade aos eternos destinos.

«Passei vinte e cinco annos no retiro, na leitura, na meditação dos melhores livros de moral, philosophia e politica, para colher delles as melhores conclusões. Em oito volumes de investigações methaphysicas, vinte de descubertas sobre sciencias physicas, arrecadei nas minhas investigações um sincero desejo de ser util á humanidade, um santo respeito pela verdade, o conhecimento dos limites da sabedoria humana. Os charlatães do corpo scientifico, os d'Alembert, Condorcet, Laplace, Lalande, Monge, Lavoisier queriam ser os unicos no calendario. Eu nem mesmo podia fazer pronunciar os titulos das minhas obras. Gemia havia cousa de cinco annos, sob esta covarde oppressão, quando a revolução se annunciou pela convocação dos Estados Geraes. Conheci bem depressa onde as cousas iriam, e comecei a respirar na esperança de ver em fim vingada a humanidade e concorrer a despedaçar seus ferros, e mostrar-me no meu verdadeiro logar.

«Isto então não era ainda mais do que um bello sonho! Prestes esteve a desvanecer-se. Uma cruel doença ameaçava-me de o ir terminar no tumulo. Não querendo acabar a vida sem alguma cousa ter feito pela humanidade, compuz sobre o meu leito de dôr a *Offrenda á patria*... Restituido á vida, sómente me occupei dos meios de servir a causa da liberdade? e accusam-me de de em scelerado vendido! Eu podia ajuntar milhões vendendo simplesmente o meu silencio, e eu vivo na miseria!»

IV. — Estas linhas revelavam a alma de Marat, um frenesi de gloria, uma explosão perpetua de vingança contra as desigualdades sociaes, e um amor pelas classes que soffrem, pervertido até ao ponto de ferocidade para com os ricos e os felizes.

Tal sede de justiça absoluta e nivelamento repentino não podia saciar-se senão com o sangue. Marat não cessava de o pedir ao povo, em consequencia desse endurecimento de espirito que se apraz em immolar pelo pensamento tudo quanto resiste á implacabilidade dos seus systemas.

Sua vida era pobre e laboriosa como a indigencia que elle representava. Habitava um quarto arruinado n'uma obscura casa da rua des *Cordeliers* (franciscanos), ganhava o seu pão com a penna. Um infatigavel trabalho de espirito, uma colera chronica, vigilias prolongadas inflammavam o seu sangue, cavavam-lhe os olhos, emareleciam-lhe a pelle, e davam á sua physionomia o ardor doentio, e nervoso sobresaltos da febre. Prodigo era da sua vida como da vida dos outros. Mesmo quando suas longas e frequentes doenças o retinham deitado no seu leito de dores, não cessava de escrever, com a rapidez do raio, todos os repentinos pensamentos que a fervura dos seus sonhos lhe fazia subir á imaginação.

Os operarios da imprensa levavam uma a uma para a typografia as folhas imbebidas no seu odio; uma hora depois os pregoeiros publicos, e os cartazes afixados nas esquinas das ruas o propagavam em todo Pariz. Sua vida era um furioso e continuo dialogo com a multidão. Parecia olhar todas as suas impressões como inspirações, e recolhia-as á pressa como allucinações da Sibylla ou pensamentos sagrados dos profetas. A mulher com quem elle vivia considerava-o qual um desconhecido bemfeitor do mundo, do qual era ella a primeira a receber-lhe as confidencias. Marat, brutal e injurioso para com todos, dulcificava sua voz, e enternecia seu olhar para com esta mulher. Chamava-se *Albertina*. Não ha homem, por mais desgraçado ou odioso que seja na terra, a quem a sorte não tenha, na sua obra, no seu supplicio, no seu crime, ou na sua virtude, ligado uma mulher.

Marat, tinha como Robespierre e como Rousseau, uma fé sobrenatural nos seus principios. Respeitava-se a si proprio em suas chimeras como um instrumento de Deus. Escrevera um livro em favor do dogma da immortalidade da alma. A sua bibliotheca compunha-se d'uns cincoenta volumes de philosofia, espalhados sobre uma taboa de abeto pregada de encontro á desguarnecida parede do seu quarto. Notava-se ahi muitas vezes Montesquieu e Raynal folheados. O evangelho estava sempre aberto sobre a sua mesa «A revolução, dizia elle áquelles que se admiravam de encontrar aquelle livro, está toda inteira no Evangelho. Em parte nenhuma a causa do povo foi mais energicamente pleiteada, em nenhuma parte mais do que nelle se inflingem maldições aos ricos e poderosos deste mundo. Jesu-Christo,» repetia elle muitas vezes, inclinando-se a este nome, «Jesu-Christo é o senhor de todos!»

Alguns raros amigos visitavam Marat na sua triste solidão: eram Armonville, o setembrisador d'Amiens; Pons de Verdun, poeta adulador de todo o poder; Vincent, Legendre, e algumas vezes Danton; porque Danton, que por muito tempo protegera Marat, principiava a temel-o. Robespierre desprezava-o como um capricho vergonhoso do povo. Era cioso, mas não se abaixava a mendigar tão baixo a sua popularidade. Quando Marat e elle se acotevelavam na convenção, trocavam entre si olhares cheios de mutuas injurias e despreso. «Covarde hypocrita!» murmurava Marat: «Vil scelerado! balbuciava Robespierre. Ambos porém uniam seu odio contra os girondinos.

O vestuario todo desalinhado de Marat nesta epoca contrastava igualmente com o decente vestuario de Robespierre. Uma veste de côr escura já sem pello, com as mangas arregaçadas qual um obreiro que acaba do seu trabalho; um calção de veludo cheio de nodoas de tinta, meias de lã azul, sapatos afivellados, uma camisa suja aberta no peito, cabellos collados nas fontes, e atados atraz com uma correia de couro, um chapéo redondo de abas largas cahido sobre os hombros: tal era o vestuario de Marat na convenção. Sua cabeça de uma grossura desproporcionada, á extrema pequenez do seu talhe, o pescoço inclinado para o hombro esquerdo, a agitação continua dos seus musculos, o surriso sardoni-

co dos seus labios, a insolencia provocante do seu olhar, a audacia das suas apostrofes apontavam-o aos olhos de todos. A humildade do seu exterior não era senão o cartaz das suas opiniões. O sentimento da sua importancia engrandecia nelle com o pressentimento do seu poder. Ameaçava a todos, mesmo aos seus velhos amigos. Chasqueava Danton sobre o seu luxo e gostos voluptuosos. «Danton, dizia elle a Legendre, anda sempre a dizer que eu sou um embrulhador que deito tudo a perder! N'outro tempo pedi para elle a dictadura, porque o julguei capaz della. Embrandeceu-se nas delicias. Os despojos da Belgica, e o orgulho das suas missões o enebriavam. E' hoje um sobejo senhor, para se abaixar até mim Camillo Desmoulins, Chabot, Fabre d'Eglantine, e todos os seus lisongeiros me desdenham. O povo e eu os vigiamos.»

V. — A convenção esforçou-se durante algum tempo, pela organisação dos seus comités, em classificar as luzes, a aptidão, e as dedicações individuaes que ella continha, e applicar cada um dos seus membros áquellas funcções, ás quaes sua natureza, faculdades e estudos pareciam designal-o. Era o governo e a administração nomeados, por assim dizer, por acclamação publica. A constituição, a instrucção publica, as finanças, o exercito, a marinha, a diplomacia, a segurança geral dos cidadãos, a salvação publica emfim, esta suprema attribuição que dá a uma nação a soberania dos seus proprios destinos, formavam tantos comités distinctos onde se elaboravam, em discussões intimas e profundos relatorios, as differentes materias do governo, da economia politica, e da administração. A convenção utilisava assim todas as aptidões concentrando-as sobre os objectos especiaes á sua competencia. Reservava para as sessões publicas, as grandes lutas das theorias ou das paixões politicas que abalavam o imperio, e que faziam alternativamente triumphar ou succumbir os partidos. Porém o nervo da administração interna, ou da defeza externa foi posto nos comités. Esta molla continuava a operar surdamente no entanto que a convenção parecia dilacerada por convulsões publicas.

A organisação do governo republicano, n'um paiz costumado depois de tantos seculos á unidade e ao arbitrio do governo monarchico, foi a primeira necessidade e o primeiro pensamento da convenção. Ella chamou ao comité da constituição os homens que suppunha dotados do mais alto gráo de genio, ou sciencia das instituições humanas. Não fez escolha de partido, e sim de merito. Os girondinos dominavam nella, porém dominavam mais a titulo de luzes, do que a titulo de facção. Era Sieyés, era Thomaz Payne, era Brissot, e a Pethion, era Vergniaud, era Gensonné, era Barrére que communicava o enthusiasmo simulando-o: era Condorcet, era Danton emfim. Robespierre, odioso aos girondinos, e suspeito de anarchia, não lhe pertenceu. Concebeu por isso uma profunda humiliação, e um ressentimento que disfarçou sob a apparencia de desdem.

VI. — O comité de instrucção publica, o mais importante depois do da constituição, na occasião em que era preciso transformar os costumes do povo como se transformavam as suas leis, compunha-se de alguns philosofos, litteratos, e artistas da convenção. Condorcet, Prieur, Chenier, Herault de Sechelles, Lanjuinais, Romme, Lanthenas, Dusaulx, Mercier, David, Lequinio, Fauchet, eram os principaes membros. Cambon reinava no comité das finanças: jacobino por sua paixão pela republica, girondino pelo seu odio aos anarchistas, honrado qual a mão do povo no seu proprio thesouro, inflexivel como um algarismo. O comité de salvação publica, que devia absorver todos os outros, e collocar-se superior a todas as leis como a fatalidade, só foi organisado dous mezes mais tarde, e somente reinou seis mezes depois.

No entanto que estes comités preparavam em silencio a constituição e os systemas de educação, de guerra, de finanças, e de beneficio publico, a agitação do povo de Pariz atrahia incessantemente a convenção á urgencia e ao imprevisto. A guerra e a fome impelliam igualmente o povo á sedição. Por uma fatal coincidencia, os annos de perturbações para a França haviam sido annos de esterilidade para a terra; invernos longos e asperos haviam geado os trigos, e as estações foram rudes. Dir-se hia que os mesmos elementos combatiam contra a liberdade. O panico, exagerando a escassez dos grãos, haviam entristecido a imaginação publica; os rios tinham-se gelado, a madeira era rara, o pão caro; o preço subido de todas as subsistencias apresentava a miseria e a morte sob a forma em que ella subleva mais queixas no povo; a fome. O trabalho faltava aos obreiros; o luxo desapparecêra com a segurança que o faz nascer; os ricos affectavam a indigencia, para escapar a espoliação; os nobres e os padres haviam levado na sua fuga, ou enterrado nas suas cavas, jardins e paredes das suas habitações, uma porção consideravel de ouro e prata cunhada, signaes de valor, meios de troca, moveis de circulação, fonte do trabalho e do salario. O confisco e os sequestros paralisavam entre as mãos da republica uma grande massa de terras incultas e casas deshabitadas.

Para supprir o ouro e a prata que parecia repentinamente exhaurida, creára a assembléa constituinte uma moeda papel, com o nome de *assignados*. Esta moeda de confiança, se o povo quizesse comprehendel-a, e adoptal-a, haveria tido os mesmos effeitos que a moeda metallica; teria multiplicado as transacções entre os particulares, alimentado o trabalho, pago o imposto, representado o valor das terras. Uma moeda, embora seja contraria a opinião de alguns economistas, nunca teve outro valor senão o convencional que o creou e o credito que ella traz comsigo. Basta que a proporção entre as cousas compradas e o signal que as compra não possa ser repentina e arbitrariamente mudado por uma desordenada multiplicação desse signal monetario; o preço real e verdadeiro de todas as cousas estabellece-se segundo esta proporção. Sómente a lei, e uma lei probra e prudente, póde cunhar moeda. Que a lei cunhe moeda em ouro, em prata, em cobre, em papel, pouco importa, comtanto que esta proporção seja religiosamente guardada, e que o povo conserve assim confiança na sinceridade e no credito deste signal. A letra de cambio, moeda individual que não tem outro valor senão a assignatura de quem a creou, supre entre os particulares um incalculavel numerario. Tem todos os effeitos do ouro e da prata. Não passa de ser uma moeda cunhada por qualquer, e representativa da confiança que se tem no individuo. Como pois o estado, que representa a fortuna e o credito de todos não cunharia pois uma moeda papel tão inviolavel e tão acreditada como a dos simples cidadãos?

VII. — Porém o povo estava costumado ao ouro. Queria pesar e palpar o seu valor. Não tinha fé no papel. Em quanto as verdades senão transformam em habitos, parecem laços ao povo.

Ainda mais, o governo, obrigado pelas necessidades sempre em augmento, havia repentinamente multiplicado o novo papel-moeda. Dahi, a depreciação do signal representativo, e a evaporação da riqueza monetaria entre mãos daquelle que a possuia ou a acceitava; dahi tambem as leis implacaveis contra os que recusavam acceital-a; dahi, emfim, a fraca na circulação, a depressão do commercio, o perigo dos negocios, a suspensão no cambio, a cessação do trabalho livre, a desapparição do salario, a extenuação do operario; os proprietarios e os ricos viviam dos productos directos das suas terras, ou de sommas reservadas em ouro ou em prata, das quaes não deixavam escapar das mãos avaras senão a quantidade necessaria á satisfação das suas mais urgentes necessidades. Cultivava-se mal. Consumia-se pouco. Os moveis não se renovavam. Os trajes indicavam o medo, a avareza, ou a miseria. A vida, reduzida ao mais restrictamente necessario, cortava todo o emprego e salario a estes innumeraveis artistas que nutriam as necessidades facticias d'uma sociedade tranquilla.

VIII. — Os commerciantes das grandes cidades, estes intermediarios entre o consummidor que quer comprar a baixo preço e o productor que quer vender caro, acrescentavam ainda a usura das suas especulações

o monopolio ao preço dos generos. O commercio de tudo se aproveita para enriquecer, até mesmo da fome; isto não é sómente o seu vicio, é a sua natureza. A sede do ouro endurece o coração, qual a sede do sangue.

Uma lucta violenta se animava cada dia mais entre o povo de Pariz, e o commercio a retalho. O odio contra os tendeiros, estes vendedores dos pequenos consummos diarios das massas, vol era-se tão ardento e tão sanguinario como o odio contra os aristocratas. As lojas estavam assediadas de tantas imprecações como os palacios. Continuados motins á porta dos padeiros, taverneiros, e nas tendas, perturbavam a rua. Bandos esfaimados, á frente dos quaes marchavam mulheres e creanças, bandeiras da miseria, sahiam todas as manhãs dos bairros populosos e dos faubourgs para se espalharem nos bairros ricos, e e tacionarem defronte das casas suspeitas de monopolio. Estes bandos cercavam a convenção, e forçavam-lhe algumas vezes as portas pedindo-lhes a altos brados pão, ou a baixa força la do preço dos generos. Estas legiões de mulheres que habitam as margens ou os bateis do rio, e que ganham sua vida e a de seus filhos a lavar a roupa d uma grande cidade, vinham intimar a convenção a reduzir o preço do sabão, elemento de sua profissão, do azeite, do cebo, e da lenha necessarias á sua casa.

Pediam o *maximum*, isto é a taxa das mercadorias, o arbitrario do governo, collocado entre o commerciante e o consummidor para moderar os ganhos de um, e favorecer as necessidades do outro. Se o pensamento do *maximum* era legitimo, a execução delle era impossivel. A justiça que se pretendia assim fazer ao consummidor necessitado podia a cada instante trocar se n'uma injustiça ou n'uma oppressão para com o commerciante. A lei ia operar ás cegas, e substituir o arbitrio á liberdade da permutação. O *maximum*, para ser justo, devia trocar tantas vezes a sua cifra, quantas eram as variações no preço das acquisições das mercadorias. Ora não era possivel chegar a esta appreciação. Toda a especulação é a alma o commercio; o commercio, sugeito a estas intervenções inquisitoriaes devia cessar de abastecer a França; era a morte das transacções o que o povo pedia. Estas medidas, vivamente combatidas pela alta rasão dos girondinos, Robespierre, Hebert, e Chaumette, iam levar ao abastecimento de Pariz, e ás relações do povo com o mercador, a desordem e a fome que tinham por fim prevenir. Mas se o povo comprehende depressa as questões puramente politicas e as verdades nacionaes, porque as comprehende pelo coração, e as resolve pela paixão, é lento em comprehender as questões economicas, porque ellas exigem a applicação d'uma intelligencia exercitada, e as luzes da experiencia. A economia politica é uma sciencia, a politica é um sentimento: por isso é por este lado mais facil transviar as massas, especialmente quando a miseria e a fome veem apaixonar os sofismas.

IX. — Marat, e os seus partidistas, tinham adoptado fanaticamente esta causa do *maximum*. Impelliam o povo pela fome á taxa e á pilhagem dos ricos. As folhas de Marat todos os dias faziam soar este toque de rebate da fome.

« E' incontestavel, » dizia elle no *Ami du Peuple* de 23 de fevereiro, « que os capitalistas, os agiotas, os monopolistas, os mercadores de luxo, os fautores da chicana, os ex-ministrinhos, os ex-nobres são, com pequenas excepções, os fautores do antigo regimen, que lastimam os abusos de que se aproveitavam para engordarem com os despojos publicos. Na impossibilidade de mudar-lhes o coração, e vista a inutilidade dos meios empregados até hoje para os chamar ao dever, e desesperando ver os nossos legisladores adoptarem as grandes medidas para os forçar, não vejo para restituir a tranquillidade ao Estado, senão a total destruição desta maldita raça: eil-os que redobram de malvadez para esfaimar o povo pela elevação extraordinaria do preço dos generos de primeira necessidade, e pela perspectiva da fome. A pilhagem dos armazens, á porta dos quaes se enforcariam alguns monopolistas, poria fim a estas malversações, que reduzem cinco milhões de homens ao desespero, e fazem morrer milhares na miseria. Os deputados do povo não saberão nunca senão palrar sobre os males sem nunca lhe apresentar o remedio? Deixemo-nos das leis, porque é evidente que ellas sempre hão sido sem effeito! De resto, este estado de cousas não póde durar muito tempo; mais uma pouca de paciencia, e o povo conhecerá por fim esta grande verdade; que deve salvar-se a si mesmo. Os scelerados que procuram, para novamente o metter em ferros, punil-o de se ter desfeito de um punhado de traidores em 2, 3, e 4 de setembro, tremam de per si mesmo se colocarem em o numero dos membros podres, que util é cortar do corpo politico!

« Infames hypocritas que vos esforçais em perder a patria, sob o pretexto de levantar o reinado da lei, subi á tribuna! ousai denunciar-me! Com esta folha na mão estou prompto a confundir-vos.

X. — Não se podia em termos mais formaes pregar a pilhagem e o assassinio No dia seguinte, o povo, para quem a folha de Marat era uma tribuna de quarenta mil vezes, obdeceu ao signal do seu apostolo; bandos esfaimados sahiram dos faubourgs, das officinas, dos logares suspeitos, espalharam-se como uma invasão pelos ricos bairros de Pariz, forçaram a porta dos padeiros, invadiram as tendas, distribuiram-se entre si, taxando-os, os generos de primeira necessidade, pão, sabão, azeite, cêbo, caffé, assucar. queijo, e saquearam depois algumas casas de comestiveis.

No dia seguinte, Barrére, orgão dos centros, pediu que a lei fosse vingada! « Em quanto eu for representante do povo, disse elle, farei imperturbavelmente guerra áquelles que violam a propriedade, e substituem a pilhagem e o roubo á moral publica, cobrindo estes crimes com a mascara do patriotismo.

O girondino Salles leu na tribuna a provocação sanguinaria de Marat. « O decreto de accusação contra este monstro! » exclama uma multidão de deputados. Marat lança-se na tribuna no meio dos aplausos dos seus amigos colocados por elle desde manhã entre os espectadores. » Os movimentos populares que hontem tiveram logar, disse elle olhando para Salles e Brisso , são obra desta facção criminosa e dos seus agentes; são elles que enviam emissarios ás secções, para ahi fomentarem desordens. Na indignação da minha alma eu disse ser preciso saquear os armazens dos monopolistas, e enforcal-os á porta das suas casas, unico meio efficaz de salvar o povo, e ousa-se pedir contra mim o decreto de accusação! » A estas palavras a indignação sublevou quasi toda a salla. As imprecações abafaram a voz do orador. Marat surriu se de desdem por estas almas fracas. « Imbecis! » disse elle descendo da tribuna.

Lareveillére-Lepaux, homem intregro e neutro entre os partidos, rende testimunho da integridade de Roland, e justifica-o das calumnias de Marat. « E' tempo de saber, exclamou Lareveillére-Lepaux, se a convenção saberá decidir-se entre o crime e a virtude? — Quem ousaria defender Marat?» se repete de toda a parte. — « Eu! respondeu Thirion — Não preciso defender, » responde o *Amigo do Povo*; « isto é uma manobra da caballa que persegue em mim a deputação de Pariz. Querem afastar-me da assemblea porque os importuno desvendando as suas conspirações. — Marat é credulo, diz Carra, faz mal aos seus amigos com os seus arrebatamentos, e lança o desfavor sobre a Montanha. Marat interrompe Carra. « O perfido commentario de Carra só tenderia a conduzir ao cadalfalso os melhores patriotas. » Buzot pede ironicamente a palavra por Marat. « Sou assaz forte para me defender por mim mesmo, » diz audaciosamente o accusado — « Porque, continua Buzot, accusarieis vós este homem, elle não escreve no seu jornal senão o que todos os dias se diz nesta tribuna, elle não é mais do que o orgão imprudente das calumnias que nunca deixam de vomitar contra nós, e contra os melhores cidadãos, elle é sómente o percursor desta anarchia que contem nos seus ultimos flagellos a realesa! O decreto que expedirdes contra elle somente servirá de dar importancia a um homem que não opera por si

mesmo, e que é o instrumento de homens preversos. » O sussurro da Montanha troveja contra Buzot, e troca em furor contra os girondinos a indignação contra Marat. Salles, Valazé, Boileau, Fonfrede pede o decreto da accusação, Bancal a expulsão, Pereyres a declaração de demencia. A convenção, de pé, devide-se em dois grupos desiguaes, do meio dos quaes partem exclamações insultos e invectivas. « Votação nominal, exclama Boileau. Que se conheça em fim quem são os amigos de Marat, e os corvardes que temem feril-o ! — Que falle, exclamam : é accusado, tem direito de fallar ! »

Marat dirigindo-se então aos girondinos : « Aqui não ha, nem justiça, nem pudor ! » Os girondinos levantam-se como um homem só, e parecem aterrar com o gesto e voz a insolencia do orador. « Sim, decretai a minha accusação, » continua Marat com um surriso de desafio ; mas ao mesmo tempo decretai a demencia destes *homens d'Estado*. » Era o nome com que os demagogos da communa, e mesmo Robespierre qualificavam os amigos de Roland. Tallieu, um dos primeiros discipulos de Marat obstinou-se debalde em defender seu mestre, as vociferações dos centros cobrem a voz de Tallieu. A palavra de Vergniaud faz com que a accusação seja enviada aos tribunaes ordinarios, e encarrega o ministro das justiç s de perseguir os auctores e os instigadores da pilhagem.

« E' uma malvadez ! » exclama Marat ; e sae protegido pelos aplausos da Montanha. Ferindo as doutrinas, a Montanha cobria o homem. O que ella amava em Marat era o inimigo dos girondinos.

XI. — Foi poucos dias depois destas desordens que houve noticia das desordens de Lyon, e da insurreição em massa da Vendée, primeiros symptomas da guerra civ l. Estes symptomas rebentava n no momento em que Dumouriez vergava e trahia nas fronteiras, e que a anarchia dilacerava Pariz ; porem a attenção da convenção dirigia-se toda para as fronteiras.

Ahi os desastres succediam-se aos desastres. Soube-se, uns sobre outros, os reveses de Custine na Alemanha, a derrota do exercito do norte, e as transpa rentes conspirações de Dumouriez. A Hespanha começou as hostilidades. A convenção, sobre um relatorio de Barriére, respondeu sem hesitação, com uma declaração de guerra á corte de Madrid. A convenção, longe de disfarçar á nação os seus perigos, buscou a salvação no proprio perigo. Noventa e tres commissarios foram immediatamente nomeados para levar ás differentes secções de Pariz a noticia da derrota dos nossos ex rcitos, e do perigo das fronteiras. A communa fez arvorar a bandeira preta, signal de lucto e morte, no alto das torres da cathedral. Os theatros fecharam-se. Em todos os bairros soou o tambor por vinte horas consecutivas, como um toque de rebate de guerra. Oradores ambulantes leram nas praças publicas uma proclamação do conselho que colhia toda a sua impetuosidade do hymno dos Marselheses : A's armas, cidadãos ! ás armas ! se tardardes tudo está perdido. » As secções cada uma das quaes se havia transformado n'uma municipalidade operante, e n'uma convenção deliberativa, votavam medidas desesperadas Pediram a prohibição da venda do numerario, a pena de morte contra o commercio da prata amoedada, a creação de um imposto sobre os ricos, a demissão do ministro da guerrra, a accusação de Dumouriez, e seus cumplices ; finalmente a creação de um tribunal revolucionario para julgar Brissot, Pethion, Roland, Buzot, Guadet, Vergniaud, e todos os girondinos, cuja perfida moderação perdia a patria, sob pretexto de salvar a legalidade.

XII. — Danton, que ora estava na convenção, ora nos acampamentos, elevando-se acima dos dois partidos pelo arrojo do seu caracter, impelliu com a voz e com o gesto o povo para as fronteiras, e pareceu ordenar á convenção a concordia, para concentrar toda a energia contra o estrangeiro. Robespierre, em nome dos jacobinos, dirigiu ao povo uma proclamação imputando aos girondinos todos os nossos revezes, Accusavam-os de terem sido os instigadores da pilhagem para deshonrarem as doutriuas populares, e alinhar os ricos, os proprietarios, e os eommerciantes do lado da contra revolução. Pediu um baluarte de cabeças entre a nação e os seus inimigos, e primeiro as dos girondinos.

Mas por baixo deste movimento visivel dos jacobinos da communa, dos cordeliers (franciscanos) e das secções, que fermentava contra os amos da convenção, um conciliabulo subterraneo, algumas vezes publico, outras occulto, se occupava em reunir e inflammar os elementos d'uma insurreição do povo contra a maioria da convenção. Este comité insurreccional reunia-se ora n'uma sala do hotel de ville, era em mais pequeno numero n'uma casa do faubourg Saint-Marceau. Nelle entravam Marat, Dubois-Crancé, Duquesnoy, Drouet, Choudieu, Pache, maire de Pariz, Chaumette, Hebert, Momoro, Panis, Dubuisson, o hespanhol Gusman. Proly, Pereyres, Dopsent, presidente da secção da Cité (a parte principal da cidade), um dos organisadores da carnefícina das prisões ; Hassenfratz, Henriot, e Dufourny. Os agentes secundarios eram pela maior parte os homens do 6 de outubro, 20 de junho, 10 de agosto, e 2 de setembro, quadro revolucionario que a communa havia conservado. Estes homens de execução, depois de haverem obedecido ao impulso de Pethion e dos seus amigos estavam promptos a obedecer ao impulso de Pache, de Marat, e de Robespierre. Onda revolucionaria, cuja naturesa era trasbordar incessantemente, tudo quanto tendia a fixar a revolução era-lhe insupportavel. Encontrava-se, entre estes homens de execução, Maillard, o presidente dos assassinos da Abbadia ; Cerat, que dirigira os assassinos no Carmo, e que era então juiz de paz na secção do Luxembourg ; Gonchon, o Danton do faubourg Saint-Antoine ; Varlet, o tintureiro Malard, amigo de Baillaud-Varennes ; o cabelleireiro Siret, que depois da tomada da Bastilha, onde ensaiára a sua coragem, não faltára nunca a nenhum combate da revolução ; o tanoeiro Gibon, patriota arrastado por Henriot, e confundindo, como elle, o patriotismo com o crime ; Lareynie, o antigo gran-vigario de Chartres, perseguindo até ao fim, na revolução, a ruina das instituições que havia abjurado ; Alexandre, que affectava no seu faubourg o ascendente militar ; e finalmente o sapateiro Chalandon, presidente do comité revolucionario da secção, e de quem o celebre advogado Target mendigava cobardemente a protecção, frequentava a meza, e redigia as harengas.

XIII — Em a noite de 9 de março, o comité da insurreição geral se reuniu mais mysteriosamente que de costume. Os membros de uma implacavel resolução, e de um segredo a toda a prova foram os unicos convocados Estavam cançados do nome de assassinos que Vergniaud e os amigos deste lhes lançavam do alto da tribuna. Esperavam que Danton, que fôra seu cumplice e sobre quem saltavam as injurias dos girondinos, se unisse a elles para aterrarem estes inimigos communs. Estavam promptos a entregar-lhe a dictadura do patriotismo. Esperavam de hora em hora a sua volta do exercito, para onde elle corrêra terceira vez a dar firmeza ás tropas abaladas.

XIV — Danton, informado por seu cunhado Charpentier, da doença de sua mulher, partira precipitadamente de Condé para vir receber o ultimo suspiro da companheira da sua joventude. A morte havia-lhe avançado. Apeiando-se da carruagem á porta de sua casa, annunciaram-lhe que sua mulher acabava de expirar. Quizeram affastal-o deste funebre espectaculo ; porém Danton, que sob a impetuosidade das suas paixões politicas, e sob os desviamentos da sua vida, nutria uma ternura misturada de respeito para com a mãi dos seus dois filhos, affastou os amigos que lhe disputavam o limiar da sua casa, subiu espavorido á sua camara, precipitóu-se sobre o leito, levantou o lençol mortuario, e cobrindo de beijos e lagrimas o corpo semi-frio de sua mulher, passou toda aquella noite em gemidos e soluços.

Ninguem ousou interromper sua dôr, e arrancal-o áquelle feretro para o arrastrar á sedição. Os projectos dos conjurados foram addiados por falta de chefe. Comtudo Dubuisson arengou ao comité, e demonstrou-lhes a urgencia de previnirem os girondinos, que todos os dias fallavam em vingar as mortes de setembro. « Morte, disse elle ao concluir, a estes hypocritas de patriotismo e virtude !

XV — Os braços erguidos, e os gestos de morte foram o silencioso applauso deste discurso de Dubuisson. Os nomes de vinte dois deputados girondinos foram debatidos, e suas cabeças sentenciadas. Esta cifra de vinte e duas cabeças correspondia, por uma especie de pena de talião, á dos vinte e dois jacobinos que Dumouriez promettera, segundo se diz, entregar á vingança do seu exercito, e á colera do estrangeiro. Uns proposeram enforcar Vergniaud, Brissot, Guadet, Pethion, Barbaroux e seus amigos, nos troncos das arvores das Tuileries; outros, conduzil-os á Abbadia, e renovar nelles a justiça anonyma de setembro. Marat, cujo nome nada tinha a recear já de um crime mais, e para quem a gloria não era senão o fulgor do crime, poz de parte escrupulos: « Chamam-nos bebedores de sangue, disse elle, pois bem! mereçamos este nome bebendo o sangue dos nossos inimigos. A morte dos tyrannos é a ultima rasão dos escravos. Cesar foi assassinado em pleno senado, tratemos do mesmo modo os representantes traidores á patria, e imolemol-os mesmo nos seus bancos, theatro dos seus crimes. » Mamin, que tinha passeado a cabeça da princesa de Lamballe na ponta do seu chuço, propoz, que elle proprio, e alguns dos seus degoladores, assassinassem os girondinos nas suas proprias casas. Hebert apoiou este parecer. A morte sem estrepito, dada nas trevas, vingará igualmente bem a patria dos seus traidores, e mostrará a mão do povo suspensa a todas as horas sobre a cabeça dos conspiradores. » Combinou-se este plano, sem excluir comtudo a idea de Marat, se a occasião de um assassinio mais solemne se apresentasse, no meio das desordens, no assalto que o povo daria á convenção. Distribuiram-se pelos agitadores os bairros que cada um tinha de sublevar, e para a execução fixou-se a noite de 9 para 10 de março.

XVI — No entanto que os conjurados do comité de insurreição recrutavam suas forças, uma revelação fortuita informava os girondinos da naturesa da conspiração tramada contra a vida delles. O cabelleireiro Siret, com a indiscripção habitual da sua profissão, confiava ao presidente da secção da ilha Saint-Louis, Mauger, que no dia seguinte, ao meio dia, os girondinos acabavam de viver. Mauger, amigo de Kervelegan, deputado do Finisterre, e uma das ma s firmes coragens da facção de Roland, foi, ao cahir da noite, a casa de Kervelegan, e o conjurou, em nome da sua pessoal segurança, a não ir no seguinte dia á sessão da convenção, nem dormir em sua casa a noite de 9 para 10 de março. Kervelegan, que esperava naquella noite os principaes chefes da Gironda a cearem com elle, transmittiu-lhes o aviso de Mauger, e mandou prevenir todos os deputados do mesmo partido para não irem no dia seguinte á convenção, e estarem durante o dia e noite seguintes ausentes de sua casa. Dirigiu-se tambem a casa de Gamon, um dos inspectores da salla, com o fim de provocar as medidas necessarias á segurança da convenção. Foi depois acordar o commandante do batalhão dos federados do Finisterre ao seu quartel, e fez com que este batalhão pegasse em armas. Já alguns grupos estavam em marcha.

Louvet, o coraioso accusador de Robespierre, morava então na rua Saint-Honoré, não longe do club dos jacobinos. Sabia que a primeira sublevação do povo o escolheria para primeira victima. Já de antemão vivia vida de um proscripto, não saindo senão para ir á convenção, sempre armado, pedindo asylo a differentes tectos para passar a noite, e frequentando só furtivamente a propria caza para visitar a moça mulher que se lhe havia dedicado. Era esta Lodoiska, cuja bellesa, coragem, e amor elle immortalisou nos seus cantos. Esta mulher, que espiava incessantemente os mais pequenos symptomas, ouviu, no principio da noite, um desusado tumulto na rua, e as vociferações que partiam d'entre os grupos, mais numerosos que ordinariamente, á porta dos jacobinos. Correu ahi, e penetrou na salla. Do alto das gallerias onde as mulheres eram admittidas, assistiu ella, desconhecida, aos sinistros preliminares dos attentados reservados para aquella noite. Vio rebentar a conjuração, designar-lhe o alvo, dar a palavra de ordem, proferir os juramentos, apagar as luzes, e desembainhar as espadas. Immediatamente, confundindo-se na multidão, auzentou-se dalli para prevenir o seu amante. Louvet, saindo do seu escondrijo, correu a casa de Pethion, onde alguns amigos seus estavam reunidos. Deliberavam tranquillamente sobre os projectos de decretos que se propunham apresentar no dia seguinte. Louvet decidio-os com custo a não irem á sessão da convenção naquella noite. Vergniaud recusou acreditar no crime. Pethion, indifferente á sua sorte, queria antes esperal-a em sua casa que fugir-lhe. Os outros se dispersaram, e foram pedir segurança á hospitalidade até ao seguinte dia. Louvet correu durante a noite, de porta em porta, a advertir Barbaroux, Buzot, Salles, Valazé, a depressa se subtrairem aos piques dos assassinos. Brissot, já informado, fora instruir os ministros, e animal-os com sua intrepidez.

XVII. — No entanto que os deputados girondinos escapavam assim a seus inimigos, os bandos, que sairam dos franciscanos, armados de pistolas e sabres, dirigiram-se á imprensa de Gorsas, redactor da *Chronique de Pariz*, forçaram as portas, rasgaram as folhas quebraram os prélos, e saquearam as officinas. Gorsas, armado com uma pistolla, passou sem ser conhecido por entre os assassinos que pediam a sua cabeça. Depois, chegando á porta da r a, e encontrando-a guardada por homens armados, escalou o muro do pateo, e lançou-se n'uma casa visinha, donde se refugiou na secção.

Outra columna, de quasi mil homens do povo, sahindo de uma refeição civica nas arcadas do mercado, marchou para a convenção, e desfilou na sala aos gritos *Viver livre ou morrer*! Os bancos vazios dos girondinos desconcertaram os projectos dos seus inimigos. Os girondinos, afrontando os apupos e as ameaças da multidão e dos tribunaes, foram no dia seguinte á sessão. Um tropel de quasi cinco mil homens dos faubourgs atulhava a rua Saint-Honoré, o pateo do Manege, e terrasso dos Feuillants. Os sabres, as pistollas, os piques agitavam-se por cima das cabeças dos deputados, aos gritos de *Morte a Brissot e a Pethion*! Fournier, o Americano, Varlet, Champion, e os vociferadores conhecidos do povo pediram as cabeças de trezentos deputados moderados; dirigiram-se em deputação ao conselho da communa para exigir que se fechassem as barreiras de Pariz, e se proclamasse a insurreição. O conselho regeitou este pedido. O proprio Marat repeliu e censurou Fournier e os seus cumplices.

A convenção foi tumultuosa como o mesmo povo. Lançavam-se reciprocamente ultrajes, e provocações. Barrére indeciso entre os girondinos e os montanhezes, e por isso tolerado entre os dois partidos, adormeceu por um momento o furor geral espraiando-se em generalidades patrioticas, e protestando ao mesmo tempo contra a aristocracia dos girondinos, contra a anarchia dos montanheses, contra a insurreição municipal de Pariz. « Falou-se, disse elle, do projecto de cortar esta noite as cabeças dos deputados? Cidadãos! as cabeças dos deputados estam bem seguras; as cabeças dos deputados estam assentes sobre todos os departamentos da republica, quem pois ouzaria tocar-lhes? No dia deste impossivel crime, a republica seria dissolvida! » Unanimes aplausos cobriram a voz de Barrére, e pareceram garantir a vida dos representantes da nação contra os punhaes do povo de Pariz. Robespierre apresentou, como remedio ao mal, a concentração do poder executivo nos comités! Fez pressentir o comité de salvação publica, isto é a dictadura sem intermedio da convenção.

« As considerações geraes que se vos apresentam são verdadeiras, disse Danton; porem quando o edificio está a arder, não se dá attenção aos ladrões que roubam os moveis. Extingo primeiramente o incendio. Queremos ser livres? Se não o queremos, morramos, que assim o jurámos todos. Fazei portanto com que os vossos commissarios partam; que partam esta tarde, esta noite mesmo, que digam á classe opulenta: E' preciso que a aristocracia da Europa, succumbindo aos nossos esforços, pague a nossa divida, ou que vós a pagueis. O povo não tem senão sangue, e é prodigo delle. Vamos

miseraveis! sede prodigos tambem das vossas riquezas, » (applauzos na Montanha e nas gallerias). « Vede, cidadãos, continua Danton com uma fisionomia, radiante de previsão profetica da felicidade publica, vede cidadãos, os bellos destinos que vos esperam; que! tendes uma nação inteira por alavanca, a razão por ponto de apoio, e não haveis ainda transtornado o mundo » (os aplausos suspendem por um momento o arrebatamento do seu enthusiasmo)? « Em circumstancias mais difficeis, quando o inimigo estava ás portas de Pariz, eu disse áquelles que então governavam: As vossas discussões são miseraveis, eu não conheço senão o inimigo, vamos bater o inimigo, » (palmas prolongadas). « Vós que me fatigais com as vossas contestações particulares, continuou elle olhando alternativamente para Marat, Robespierre, e os girondinos, « em vez de vos occuppardes da salvação da republica, a todos olho eu como traidores, a todos ponho na mesma linha. Pois que me importa a minha reputação! seja livre a França, embora o meu nome deshonrado! »

Cambacéres pediu a organisação d'um tribunal revolucionario. Buzot exclamou que não queria conduzir a França a um despotismo mais sinistro que o mesmo dispotismo da anarchia. Protestou contra a reunião de todos os poderes n'uma só mão. « Não protestou, sussurrou Marat, quando todos os poderes estavam na mão de Roland. »

Robert-Lindet, leu um projecto de decreto instituindo um tribunal revolucionario. « Será composto de nove juizes, disse Lindet. Não será sugeito a formula alguma. O seu codigo será a sua consciencia. O arbitrario será o seu meio de convicção. Haverá sempre na salla das sessões desse tribunal um membro encarregado de receber as denuncias. Julgará todos que a convenção lhe enviar. » A Montanha aplaudiu estas disposições. Vergniaud, indignado, se levantou. « E' uma inquisição mil vezes mais temivel que a de Veneza; declaramos que primeiro morreremos do que consentiremos tal, »

XVIII. — Cambon e Barrére pareceram primeiro assustados da arma que se lhes apresentava. Os Lacedemonios, disse Barrére, tendo vencido aos Athenienses pozeram-os sob o governo de trinta tyrannos. Estes homens condemnaram primeiro á morte os maiores scelerados que causavam horror a todos: o povo applaudiu o seu supplicio: bem depressa feriram arbitrariamente os bons e os máos. — Sylla, victorioso, fez degollar grande numero de cidadãos que se haviam elevado pelos seus crimes e pelo mal que tinham feito á republica: todos aplaudiram: disia-se por toda a parte que estes criminosos bem merecido haviam seu supplicio; mas este supplicio foi o signal de uma cruel carnificina. Desde que um homem invejava uma casa, ou uma terra, denunciava o possuidor, e fazia com que fosse posto em o numero dos proscriptos. »

A convenção decretou que os jurados deste tribunal revolucionario fossem nomeados por ella, e escolhidos d'entre todos os departamentos. Estas disposições que temperavam a dictadura de vida ou morte do tribunal, impacientavam visivelmente a Danton. Ia levantar-se a sessão, e elle saltou do seu banco e arremessou-se á tribuna. Seu gesto imperioso forçou a sentarem-se os deputados que ja estavam em pé.

« Intimo, » disse Danton com uma voz de commando, « todos os bons cidadãos a não deixarem o seu posto » (todos os membros voltam silenciosamente para o seu logar). « Que, cidadãos, disse elle, podeis separar-vos sem tomar as grandes medidas que a salvação da republica exige! Conheço bem quão importante é adoptar as medidas judiciarias que punam os contra-revolucionarios, porque é para elles que o tribunal é necessario, é para elles que este tribunal deve suprir ao tribunal supremo da vingauça do povo. Arrancai-os vós mesmos á vingança popular, a humanidade vol-o ordena; nada é mais difficil do que o definir um crime politico; porém acaso não é necessario que as leis extraordinarias colocadas fóra das instituições sociaes amedrontem os rebeldes, e alcancem os culpados? Aqui, a salvação publica exige grandes meios e medidas terriveis: eu não vejo meio entre as formulas ordinarias e um tribunal revolucionario. Sejamos terriveis, para dispensar o povo de ser cruel Organisemos um tribunal, não bem, porque isso é impossivel mas o menos mal que poder ser, afim de a espada da lei cahir sobre a cabeça dos seus inimigos. Terminada esta grande obra, chamo-vos ás armas, aos commissarios que deveis fazer partir, ao ministerio que deveis organisar. Chegou o momento, sejamos prodigos de homens e dinheiro Tomai cautella, cidadãos! vós respondeis ao povo dos nossos exercitos, pelo seu sangue, e pelos seus assignados. Peço por tanto que o tribunal seja organisado nesta mesma sessão. Peço que a convenção julgue os meus raciocinios, e desprese as qualificações injuriosas que se me dão. Esta noite, a organisação do tribunal revolucionario, a organisação do poder executivo; e ámanhã tenham partido os vossos commissarios! que a França inteira se levante, corra ás armas, marche contra o inimigo! que a Hollanda seja invadida! que a Belgica seja livre! que o commercio inglez seja arruinado! que os amigos da liberdade triumphem daquelle paiz! que os nossos exercitos, por toda a parte victoriosos levem aos povos o livramento e a felicidade, e que o mundo seja vingado. »

XIX. — O coração nacional da França parecia pulsar no peito de Danton. As suas palavras ressoavam nas almas como o pas o de carga dos batalhões no solo da patria. Desceu da tribuna nos braços dos seus collegas da Montanha. A' noite, o tribunal revolucionario foi difinitivamente decretado. Cinco juizes e um jury nomeados pela convenção, um accusador publico nomeado tambem por ella, a morte e o confisco dos bens em proveito da republica, tal era este tribunal do Estado, unica instituição capaz, segundo se julgava, de defender n'um momento tal a republica contra a anarchia, a contra-revolução, e a Europa. A convenção, resumida do povo, chamava tudo a si, até mesmo a justiça, um dos attributos da soberania suprema. A arma de que ella lançou mão no momento do perigo podia ser salutar ou funesta, segundo o uso que della fizesse. Se unicamente cobrisse a fronteira, provesse á segurança dos cidadãos, e ao seu proprio poder, esta arma podia salvar ao mesmo tempo a nação e a liberdade; se a entregasse aos partidos para mutuamente se distruírem, perdia e deshonrava a revolução. Os girondinos não ousavam recusar esta medida á impaciencia publica e á urgencia da necessidade. Por estranho escarneo das cousas humanas, Barrére recusára esta lei, devia fazer della o mais sangrento uso, e Danton, que a pedia, devia um dia entregar-lhe a sua cabeça. Era a victima que forjava o gladio; era o sacrificador que o repellia.

XX. — O povo, sublevado pelo perigo publico e pelo comité da insurreição, achava-se ainda em redor da convenção: segundo projecto de degolação dos girondinos em suas proprias casas foi tramado no conciliabulo do faubourg Saint-Marceau. Danton confidente pelos seus agentes de todas estas tramas atadas e desatadas á sua vontade, fez advertir os deputados ameaçados de ainda mais outra vez deixarem as suas habitações. Intimidava com uma mão, e protegia com a outra: atrahia assim apoio, esperanças, e reconhecimentos nos tres partidos; queria sêr necessario e terrivel a todos ao mesmo tempo; elle só impedia o choque entre a Gironda e a Montanha: decidindo-se, decidia a victoria.

Porém o orgulho dos girondinos padecia com esta superioridade da actitude de Danton: respondiam aos avanços que elle fazia com desprezos; perseguiam Robespierre até no seu silencio; attribuiam a estes dois homens toda a demencia de Marat, todos os delirios da anarchia. Desculpavam até mesmo a Marat para derramar todo o odioso dos attentados do povo sobre Robespierre e sobre Danton. « Marat, » dizia Isnard na tribuna, « não é a cabeça que concebe, mas o braço que executa; é o instrumento dos homens perfidos que zombam com destresa da sua sombria credulidade, envenenam suas disposições naturaes a ponto de vêr todos os objectos com côres funebres, persuadem-lhes o que el-

les querem, e induzem-o a fazer o que lhes apraz. uma vez que conseguem desvairar-lhe a cabeça, este homem disparata e delira á sua vontade.

Os membros deste partido, reunidos em conselho em casa de Roland, decidiram-se emfim a aproveitar-se da indignação que a insurreição do povo contra a convenção acabava de excitar entre os cidadãos de Pariz, para reconquistar um ascendente que lhes escapava. Vergniaud que se conservára callado havia muito tempo, cedeu ás sollicitações dos seus collegas, e preparou um discurso para a opinião pedir vingança dos punhaes de Marat. Porém já a divisão se havia introduzido na acção da Gironda. Vergniaud, amado e admirado de todos os girondinos, não expressava a politica do seu partido; affectava o papel de moderador, e aproximava-se assim de Danton. Estes dois homens, que se tocavam, não tinham entre si senão o sangue de setembro. Assim fallou Vergniaud:

«Sem cessar victima continuada da calumnia, heime abstido da tribuna em quanto pensei que a minha presença podia excitar nella paixões, e eu não podia trazer aqui a esperança de ser util ao meu paiz; porém hoje que todos estamos, julgo eu, reunidos pelo sentimento d'um perigo commum a todos, hoje que a convenção nacional inteira se acha á beira de um abysmo, onde o menor impulso a póde precipitar para sempre com a liberdade, hoje que os emissarios de Catilina não se apresentam sómente ás portas de Roma, mas teem a insolente audacia de vir a é este recinto ostentar os signaes da insurreição, não posso conservar um silencio que seria uma verdadeira traição. Direi a verdade sem temor dos assassinos; porque os assassinos são covardes, e eu sei defender minha vida contra elles.» Depois de ter recordado s attentados contra a propriedade no mez de feverei o e de março: «Assim de crimes em amnistia, e de amnistia em crimes, um grande numero de cidadãos veio confundir as insurreições sediciosas com as insurreições contra a liberdade. Visto se ha desenvolver este estranho systema de liberdade segundo o qual vos dizem: Vós sois livres, mas pensai como nós, ou vos denunciamos á vingança do povo: vós sois livres, mas curvai a cabeça ante o idolo que insensamos, ou vos denunciamos á vingança do povo; vós sois livres, mas associai vos a nós para perseguir os homens cuja probidade e luzes nós tememos, ou vos designamos por designações ridiculas, e vos denunciamos ás vinganças do povo!

«Então, cidadãos, permittido é receiar que a revolução a imitação de Saturno, devore successivamente todos os seus filhos.

«Uma parte dos membros da convenção nacional olhou a revolução como concluida, desde o dia em que a França se constituiu em republica; desde então pensou convir suster o movimento revolucionario, restituir a tranquilidade ao povo, e fazer promptamente as necessarias leis para essa tranquilidade ser duravel; outros membros, pelo contrario, assustados dos perigos com que a coligação dos reis nos ameaça, julgaram ser conveniente perpetuar a effervescencia. A convenção tinha um grande processo a julgar. Uns viram no apêlo ao povo, ou na simples reclusão do culpado, um meio de evitar a guerra que ía fazer verter ondas de sangue, e uma homenagem solemne feita á soberania nacional. Os outros viram nesta medida um germen de guerras intestinas, e uma condescendencia pelo tyranno; chamaram aos primeiros realistas; os primeiros accusaram os segundos de se mostrarem tão ardentes em fazer cahir a cabeça de Luiz para colocarem a corôa na fronte de um novo tyranno. Desde então o fogo das paixões se ateou com furor no seio desta assembléa, e a aristocracia, não assentando já limites ás suas esperanças, concebeu o infernal projecto de distruir a convenção por ella mesma. A aristocracia disse comsigo: Inflammem'os mais os odios, façamos de modo que a propria convenção nacional seja a cratéra onde ardam e donde saiam estas expressões sulfuricas da conspiração, da traição, da contra-revolução; o nosso odio fará o resto, e se no movimento que temos excitado, morrerem alguns membros da convenção, apresentaremos depois á França os seus collegas como assassinos e algozes.» Depois de ter denunciado todos os factos que revel vam um plano de insurreição e assassinio nas jornadas de 9 e 10 de março: «Cidadãos, continua Vergniaud, tal é a profundidade do abysmo que se ha cavado aos vossos pés. Finalmente a venda cahiu dos vossos olhos? Havereis aprendido emfim a reconhecer os usurpado es do titulo de amigos do povo?

«E tu, povo desgraçado, sereis por mais tempo victima dos hypocritas que mais prevalecem obter aplausos do que merecei os? Os contra-revolucionarios enganam-te com as palavras de igualdade e liberdade! Um tyranno da antiguidade tinha um leito de ferro no qual fazia estender as suas victimas, mutilando aquellas que eram maiores que o leito, deslocando dolorosamente as que eram mais curtas, para as fazer chegar ao nivel. Este tyranno amava a igualdade, e eis a dos scelerados que te dilaceram pelo seu furor. A igualdade para o homem social não é senão a dos direitos, não é a das fortunas, como não é a da figura, a das forças, a do espirito, a da actividade, a da industria, e a do trabalho: é a licencia o que se representa sob a apparencia da liberdade: ella tem, como os falsos deveres, os seus druidas que querem nutril-a com victimas humanas. Possam estes crueis sacerdotes soffrer a mesma sorte que os seus predecessores! Possa a infamia sellar para sempre a pedra deshonrada que cubrir suas cinzas!

«E vós, meus collegas, o momento chegou: é mister emfim escolher entre uma energia que vos salva e a fraqueza que perde a todos os governos; se embrandeceis, brinco de todos as facções, victimas de todos os conspiradores, depressa sereis escravos Cidadãos, aproveitemos as lições da experiencia; podemos destruir os imperios com victorias, mas não faremos revoluções nos povos senão pelo espectaculo da nossa felecidade. Queremos destruir os thronos, provemos que sabemos ser felizes com uma republica; se os nossos principios se propagam com tanta lentidão entre as nações estrangeiras, é porque o seu esplendor está offuscado por sofismas, por movimentos tumultuosos, e especialmente por um crêpe ensanguentado. Quando os povos se prostraram pela primeira vez diante do sol, para lhe chamarem o pai da natureza, pensais acaso que estivesse velado pelas nuvens destruidoras que trazem comsigo a tempestade? Não, de certo: brilhante de gloria elle avançava então na immensidade do espaço, e espalhava sobre o universo a fecundidade e a luz.

«Pois bem, dissipemos pela nossa firmeza estas nuvens que cercam o nosso horisonte politico, fulminemos a anarchia, não menos inimiga da liberdade que o despotismo, fundemos a liberdade sobre as leis e sobre uma sabia constituição; depressa vereis então os thronos se desmoronarem, os scep'ros quebrarem-se, e os povos, estendendo para nós os seus braços, proclamarem com gritos de alegria a fraternidade universal.»

Este discurso elo uente, que fazia aplaudir o orador, não produziu mais do que um vão echo de palavras que agitou a alma da assembléa sem lhe dar nenhuma direcção.

Marat succedeu ao orador dos girondinos. O cinismo do seu porte na tribuna assaz dizia que elle desprezava esta eloquencia, e que não a queria

«Não me apresento, disse elle, com discursos floridos, com frases parasitas, para mendigar aplausos; apresento-me com algumas idéas luminosas, feitas para dissipar toda esta vã chocarrice, que acabais de ouvir. Ninguem mais do que eu se affli e de ver aqui dois partidos, dos quaes um não quer salvar a republica, e o outro não sabe salval-a.» A es as palavras, a salla e as galerias rebentam em aplausos como para encravar na alma dos girondinos a seta que Marat acabava de despedir. Este aponta com a mão para o banco de Vergniaud, e dos seus amigos. «Aqui,» diz elle, «estão os homens de estado: a todos não lhes faço eu um crime do seu desvairamento, é unicamente aos seus chefes; mas está provado que os homens que fizeram apêlo ao povo queriam a guerra civil, e que todos aquel-

les que votaram pela conservação do tyranno votavam pela conservação da tyrannia. Não era eu então que os perseguia, era a indignação publica. Opponho-me á impressão de um discurso que levaria aos departamentos o quadro das nossas dissensões e dos nossos alarmes. » A assemblea, já repartida em duas metades iguaes, uma das quaes queria apagar a victoria para não parecer vencida, votou ao mesmo tempo a impressão do discurso de Vergniaud, e de Marat. Tal aprovação similhava por tal fórma uma injuria, que Vergniaud offendido declarou que o seu improviso, se lhe havia apagado da memoria.

XXI. — Danton, por esta epocha, tinha frequentes conferencias com Guadet, Gensonné e Vergniaud : inclinava-se evidentemente para o partido destes homens cujas luses, eloquencia e costumes promettiam á republica um governo menos anarchico no interior, e mais imponente no exterior. A sua conducta com este partido diariamente se ressentia mais destas secretas disposições Incessantemente atacado por Brissot, Valazé, Louvet, Barbaroux, Isnard, Buzot, por todos estes moços girondinos a quem a virtuosa indignação de Roland dirigia, e a colera da sua mulher insuflava, Danton soffria em silencio suas insinuações contra elle. Affectava não entender. Nunca respondia. Quer fosse magnanimidade, quer prudencia, refreava seu ardor em si, e não cessava em recusar o combate que os imprudentes da Gironda não cessavam de lhe offerecer. Danton desenvolvia de dia para dia cada vez mais o genio de um homem de estado. Especialmente homem de acção, trazia aos girondinos o poder da vontade e da unidade que lhes faltava ; senhoreava o coração do povo, do qual Vergniaud e os seus amigos unicamente dominavam o ouvido ; elle haveria dado a multidão aos girondinos, os quaes possuiam já pelo seu partido os proprietarios ; unidos haveriam comprimido a anarchia no coração da França sublevando o sólo nacional, e lançando a revolução para além das fronteiras. Danton tinha o instincto desta missão, deplorava amargamente a obstinação dos amigos de Roland em se afastarem delle : « Seu odio contra mim os perde, e me perderá talvez depois delles ! » di ia aos negociadores que se interpunham entre aquelles e elle, « os insensatos não sabem o que repellem ! » Porém, apesar da composição muitas vezes tentada pelos moderados da Gironda, a reconciliação nunca se pôde levar a effeito. O passado de Danton feria de esterilidade o seu genio ; a sua cumplicidade com os executores de septembro perseguia-o, e perseguia nelle a republica.

XXII. — Foi por esta epocha, que sobre proposta de Isnard se instituiu o primeiro comité de salvação publica. Os membros foram nomeados com imparcialidade. Eram Dubois-Crancé Pethion, Gensonné, Guyton de Morveau, Robespierre, Barbaroux, Ruhl, Vergniaud, Fabre d'Eglantine, Buzot, Delmas, Guadet, Condorcet, Breard, Camus, Prieur (de la Marne). Camille Desmoulins, Barrere, Quinette, Danton, Sieyés, Lasource, Isnard, Cambaceres, Jean Debry. Os membros supplentes eram Treilhard, Aubry, Garnier (de Saintes), Lindet, Lefebvre, Lareveillere-Lepaux, Ducos, Sillery, Lamarque, e Boyer-Fonfrede. As forças dos partidos se balançavam pois alli.

Um redobro de energia caracterisou os actos do governo e da communa durante este curto periodo de conciliação. O perigo da patria tendia todos os pensamentos para a guerra. O toque á rebate soava em Pariz, o tambor batia á chamada, as secções corriam ás armas. Santerre estava á frente de dois mil cidadãos armados. A convenção ordenava. O comité de salvação publica o dirigia. A communa executava visitas domiciliarias para prender os conspiradores, desarmar os aristocratas, exilar da capital os nobres, e padres suspeitos. O tribunal revolucionario principiava a reunir-se, e a publicar os seus primeiros julgamentos. O instrumento do supplicio levanta-se na praça da Revolução, como uma instituição complementar da republica. Porém os girondinos desviavam o cutello para as cabeças dos emigrados e dos aristocratas, e não ousavam ferir os seus verdadeiros inimigos.

XXIII. — A sr.ª Roland, depois de seu marido se retirar do ministerio, desesperava da liberdade. As frias theorias de Robespierre gelavam seu coração. Os andrajos de Marat offendiam-lhe os olhos. Encerrada na solidão, a si propria perguntava já se o ideal da revolução que ella havia sonhado não era uma destas miragens da alma que enganam por perspectivas seductoras as imaginações sequiosas do bem, e que se convertem em aridez e em sede quando se tocam. Doce lhe teria sido morrer antes do seu desencantamento. O ardor da lucta e a grandesa da sua coragem haviam sustentado sua alma em quanto seu marido estava no poder. Agora a actividade do seu pensamento voltava-se contra ella propria e devorava-a. A ingratidão do povo vinha primeiro do que a gloria. De todas as promessas da republica, a sr.ª Roland não vira realisarem-se senão ruinas e crimes. A calumnia, que se encarniçava contra ella e seu marido, assustava-a mais do que o cadafalso. Ella soubera conservar os seus amigos, Barbaroux, Pethion, Louvet, Brissot, Buzot. Preparava-se para deixar Pariz, e retirar-se outra vez com seu marido e o fructo daquella união para a sua casa em Beaujolais.

Mas não era unicamente para fugir ao ruido ameaçador que seus inimigos faziam em torno do seu nome que ella ia abrigar-se nas suas montanhas : era para fugir a si propria. Os perigos que seus amigos corriam revelavam-lhe a força dos sentimentos que nutria por elles. Casta como estas estatuas da antiguidade de que ella se fizera um modelo, receiava profanar em sua alma, pelo fogo de um amor vulgar, o fogo puro e sobrenatural da liberdade. Resolveu affastar-se. Tinha mais necessidade da sua propria estima do que de gloria. Queria offerecer á morte uma victima sem mancha.

Porém a agitação daquelle momento, as contas que Roland tinha a prestar da sua gerencia, os perigos todos os dias crescentes suspendiam esta partida, de semana para semana. A alma compartilhada entre o seu culto piedoso por seu esposo, seu amor por sua filha, suas inquietações por seus amigos, sua vigilancia sobre os proprios sentimentos, e sua dôr sobre os malles da patria, faziam-a padecer ao mesmo tempo todas as angustias de esposa, de mãi, e de chefe de partido. Conhecia então a seu turno o odio do povo, os venenos da calumnia, a friesa do lar conjugal, os sustos nocturnos pela vida do esposo e dos filhos, e todas estas angustias que ella não soubera lastimar na rainha. A sua habitação, escondida n'uma rua escura do bairro do Pantheon, continha tantas turbações e gemidos como um palacio.

LIVRO XXXIX.

I. — Os acontecimentos aglomeravam-se, uns sobre outros, como n'uma fortuna que se abate. A influencia dos girondinos nos departamentos, artificialmente sustentada pelos jornaes a soldo de Roland, crescia diariamente. Os perigos da patria davam o povo aos partidos extremos. Os commissarios da convenção corriam de cidade em cidade, instalando ou destruindo a capricho delles as auctoridades locaes, umas no sentido dos jacobinos, outros no espirito da Gironda. Bourdon de Olise, em missão em Orleans, onde pregava as doutrinas de Robespierre, e substituia a municipalidade moderada por uma municipalidade jacobina, recebeu vinte golpes de bayoneta na salla do hotel de ville : salvo pelos demagogos, enviou os seus assassinos a Pariz, ao tribunal revolucionario. Manuel, o antigo procurador syndico de Paris, retirado a Montargis, sua patria, foi arrancado de sua casa pelo povo, arrastrado ao pé da arvore da liberdade, despojado do fato, crivado de feridas, desfigurado á força de golpes, banhado no proprio sangue, e a municipalidade, que correra a libertal-o, não encontrou para elle asylo senão n'uma prisão.

A maioria da convenção, decidida pela Planice, fluctuava á vontade de Barrére. Robespierre afastava-se de Danton, suspeito de cumplicidade nas traições de Dumouriez. Legendre emprehendeu concilial-os.

II. — Danton e Robespierre encontraram-se á mesa

de Legendre. Danton, que tinha no caracter a franqueza da força e o odio facil a dobrar os homens violentos foi o primeiro a avançar para Robespierre, e estender-lhe a mão. Robespierre retirou a sua, e ficou durante a comida n'um constrangimento, e n'uma observação taciturna. No fim do jantar, deixou escapar algumas palavras de dois gumes, que, sem designarem directamente a Danton, expressavam a desconfiança e o despreso pelos homens que não viam na revolução senão degráos sangrentos da fortuna, e na victoria despojos. Era uma allusão mui clara ás suspeitas de concussão que pesavam sobre a consciencia de Danton e ás recordações de septembro. Danton respondeu com alguns sarcasmos sobre os homens que tomavam o seu orgulho por virtude, e sua covardia por moderação. Estes dois rivaes separavam-se mais picados e mais antipathicos que antes deste encontro. Danton arremessou-se novamente para os girondinos, e humilhou-se até ponto de implorar a amnistia do seu passado. Um deputado do seu partido, por nome Meilhand, supplicou aos seus amigos aproveitarem-se destas disposições para atrahirem a si este colosso que trazia comsigo a popularidade e a victoria.

Um dia que Meilhand encontrara Danton n'uma das commissões da convenção, entertinha-se a conversar com elle. Marat atravessou a salla, disse algumas palavras ao ouvido de Danton, e affastou-se. « Miseravel! disse Danton a Meilhand; sangue, sangue, sempre sangue, não quer senão sangue! Saiamos daqui. Estes homens fazem-me horror! » E arrastrou Meilhand para o jardim das Tuilerias. Meilhand, vendo o seu amigo oppresso pelos remorsos, e seu espirito prompto a abrir-se aos conselhos da moderação, representou-lhe que Marat deshonrava a sua politica, e que Robespierre, depois de lhe ter gasto a popularidade, ameaçar-lhe-hia até mesmo a vida; mostrou-lhe a necessidade que a republica tinha de uma poderosa mão que se apossasse dos negocios, que desse ao mesmo tempo um freio á populaça, um impulso á nação, uma direcção á convenção, e que esmagasse como vis reptis, Marat no seu sangue, e Robespierre no seu orgulho. « Tu és este homem! acrescentou elle, pronuncia-te por nós, esqueceremos o passado, e seguir-te-hemos; a tua ambição será a salvação da patria. » Danton escutava sem repugnancia e calava-se como um homem que delibera comsigo mesmo. Seus olhos interrogavam os de Meilthand para ver se o girondino tinha na alma o que os labios lhe expressavam. « Se me podesse fiar! « disse elle emfim com um suspiro. » Em nome de quem me fallas assim? — Em nome daquelles, respondeu o girondino, que desprezam Marat, e detestam a Robespierre tanto como tu. — E quem te disse que eu detestava a Robespierre? — Quem m'o disse! O teu interesse. Robespierre já sussurrou contra ti palavras sinistras: se tu não o prevines, prevenir-te-ha elle. » Danton reflectiu ainda um momento; depois com o gesto de uma resolução desesperada, e que custa á alma: « Não fallemos mais disso, replicou elle, é impossivel! Os teus amigos não teem confiança em mim. Perder-me-ia por elles, e elles entregar-me-hiam depois aos nossos inimigos communs. A sorte está lançada, que a morte decida! »

Danton repugnava aos girondinos por causa das suas violencias, e a Robespierse por causa da sua immoralidade. O temor que elle inspirava era só o que o protegia contra o despreso. Elle afrontava descaradamente o seu máo renome. Afixava a licencia ao abrigo do patriotismo. Cercado de homens corrompidos e servis, tinha uma corte, e cortesãos. Hebert Fabre, Merlin, Chabot, Lacroix, Westermann, Brune, Bazire, Camillo Desmoulins sentavam-se á sua mesa. Ahi se passava das conjurações aos prazeres. Dava se á revolução o caracter d'uma orgia de patriotismo. Os versos, as artes, a musica, o amor complascente, ahi desenfadavam Danton da applicação dos negocios, e dos impetos da eloquencia. O descuido voluptuoso, e o atheismo sem dia seguinte eram a philosophia destas reuniões. Eram os discipulos de Helvetius praticando a moral do prazer sobre as ruinas do um imperio.

Danton havia comprado e mobilado uma casa de campo nas margens do Seine, sobre o lado de Sévres. Para ahi, a exemplo de Mirabeau, se retirava muitas vezes com os seus confidentes mais intimos para meditar os golpes de Estado.

Desde a morte de sua mulher elle padecia de isolamento. Já sua alma, promptamente saciada de tudo, se cançava destas voluptuosidades sensuaes, e sonhava uma pura inclinação. Uma rapariga, de familia sem mancha, e de uma tocante belleza, havia atrahido suas vistas, e fixado sua escolha. Chamava-se Luiza Gely. Tinha deseseis annos. Pensou em desposar-se com ella. Sua primeira mulher, quando moribunda, havia-a designado a Danton como propria a servir de mãi a seus filhos. Danton não tinha mais de trinta e tres annos. Queria retirar-se do tumulto, e refazer-se n'uma felicidade conjugal. A influencia deste amor, o desejo de se purificar aos olhos da sua desposada do contacto de Robespierre e Marat, a necessidade de fixar a revolução, para fixar a sua propria sorte, entravam em o numero dos motivos que impelliam nesta occasião Marat para os girondinos; o partido destes homens eloquentes, e moderados, rehabilitava-o aos seus proprios olhos. A idéa obstinada de se ligar a elles perseguia-o sempre; mesmo depois de haver renunciado a ella, incessantemente voltava a tal pensamento, como a um pesar, ou a um presentimento.

III. — O pai da menina Gely tinha sido porteiro de audiencia no parlamento. A protecção de Danton fizera nomeal-o para um logar lucrativo na secretaria do ministerio da marinha Esta familia conservava um vivo reconhecimento deste beneficio. Mas se o renome de Danton tinha seu prestigio, tinha tambem seu horror: a mãi da menina recusou por muito tempo consentir neste casamento. Dirigiu a Danton severas reprehensões a respeito da sua conducta nas jornadas de septembro, e relativamente ao seu voto no processo do rei. Danton humilhou-se ante esta mulher, confessou os seus delictos nas primeiras crises da revolução, attribuiu-os ao fogo do seu patriotismo e *joventude*, testimunhou um sincero arrependimento de ter votado a morte a Luiz XVI, attribuiu este voto á pressão das circunstancias, e á convicção que tivera da impossibilidade de salvar o rei. Affirmou que os excessos da demagogia lhe inspiravam, de dia em dia, mais horror, que o estabelecimento da republica no seio de uma igual concepção lhe parecera uma chimera, e que todos os seus esforços secretos tendiam havia muito tempo para o restabelecimento d'uma monarchia constitucional. O accento de franqueza e de dôr que rebentava nas confissões de Danton venceu a familia Gely, e a menina foi-lhe concedida.

IV. — O amor que a sua desposada inspirava a Danton levou ainda mais adiante a sua complascencia. Consentiu em dar á sua união o caracter religioso que as crenças e os habito piedosos de familia, no seio da qual ía entrar, exigiam. No mesmo momento em que as ceremonias do culto catholico estavam mais proscriptas, e que os seus ministros eram mais perseguidos, Danton fez celebrar o seu casamento na camara, e pelo ministerio d'um padre não juramentado, por nome Keravenan, que depois morreu cura em Saint-Germain-des-Prés. Antes da ceremonia, Danton foi a casa do padre ajoelhou-se aos seus pés, e cumpriu, ou similou o acto da confissão.

A immensa fortuna que se lhe suppunha, e que se attribuia ás suas concessões na Belgica, pareceu igualmente desmentida pelo dote que levou á sua nova esposa. Não levou em casamento senão a quantia de trinta mil francos em assignados, que bem depressa não representaram mais de doze mil francos. Deu a sua mulher por unico presente de nupcias uma bolsa contendo cincoenta luizes em ouro.

V. — Era o momento este em que Danton incumbava com mais mysterio, no seu pensamento, o desgosto da republica e a restauração, pelo exercito, da monarchia constitucional na familia de Orleans. Alguns dias depois do seu casamento perguntou a sua mulher se ella tinha gasto os cincoenta luizes que lhe dera no dia de suas nupcias? — « Não, lhe respondeu ella, guardei-os para vol-os dar n'algum momento de necessidade extrema. — Pois bem, emprestai-mos, necessito delles para um uso que não posso revelar senão unicamente a ti. » Confiou-lhe então

que uma conspiração para modificar a republica, arrancar o governo á anarchia, estava amadurecida; que um movimento de Pariz, coincidindo com um movimento do exercito, proclamaria depressa a necessidade da centralisação do poder, e chamaria o duque de Orleans ao throno da revolução; que não faltava a este plano senão o consentimento e o concurso do proprio duque de Orleans ausente então de Pariz; que era precizo enviar um agente discreto e seguro para sondar este principe, que escolhera para esta missão o seu secretario, por nome Miger, e que os cincoenta luises eram destinados a pagar lhe a viagem.

Os cincoenta luises foram entregues pela senhora Danton a seu marido Miger partiu. O duque de Orleans recusou a sua cooperação e o seu nome a uma empresa que lhe pareceu ou culpada, ou prematura. Danton addiou o movimento, mas não o pensamento.

Remontemos a algumas semanas para bem se comprehender a situação de Danton nos movimentos que precederam o 31 de maio.

Alguns dias depois da defecção de Dumouriez, Lasource, o mais desconfiado dos amigos de Roland, insinuou n'um discurso que Lacroix e Danton eram cumplices da traição do general seu amigo, no intuito de restabelecer a realeza. «Eis a nuvem que é preciso despedaçar,» disse Lasource ao terminar, e com a mão estendida para o banco onde Danton se sentava. «Peço que nomieis uma commissão para descobrir e ferir o culpado. Ha muito tempo que o povo vê o throno e o capitolio; quer vêr agora a rocha tarpeia e o cadafalso (applausos). Peço além disto a prisão do *Egalité* (o duque de Orleans) e de Sillery; peço em fim, para provar á nação que não capitulamos nunca com um tyranno, que cada um de nós se comprometta a dar a morte áquelle que tentar fazer-se rei, ou dictador.» A assembléa levantando-se em peso, repetiu o juramento de Lasource. As tribunas, arrastradas pelo movimento da convenção; juraram a morte do dictador olhando para Danton. A suspeita que estava em todas as almas pareceu ter rebentado em fim pela voz de Lasource, e purificado o ar da convenção.

VI. — A actitude de Danton revelára durante o discurso de Lasource tudo o que se agitava em sua alma: primeiro o espanto de orgulho que se julgava inatacavel, depois a colera prompta a saltar sobre um insolente inimigo; depois o desdem d'uma popularidade que podia affrontar todo o ataque; depois a energia contida n'uma resolução adoptada de combater até á morte, finalmente a affectada immobilidade da indifferença que se compadece dos seus accusadores, e que brande no seu pensamento as armas com que os vai ferir. Nunca o rosto de Danton tivera em tão poucos minutos percorrido todas as escallas da physionomia humana. O espirito turbava-se alli como sobre um abysmo. A vista era alli arrebatada como n'uma tromba de paixões. Quando Lasource desceu da tribuna, Danton levantou-se; passando por diante dos bancos da Montanha, onde se assentava, inclinou-se para os amigos de Robespierre, e disse-lhes a meia voz, apontando para os girondinos: «Malvados, que rem lançar sobre nós seus crimes!» Os montanhezes comprehenderam que Danton, arrancado em fim á sua longa hesitação, se decidia por elles, e ía aterrar seus inimigos. Todos os olhos o seguiram á tribuna. Voltou-se inclinando-se com a expressão de uma altiva deferencia para a Montanha, e com uma voz, cuja gravidade mal encobria a emoção:

«Cidadãos,» disse elle indicando com o gesto que se dirigia unicamente aos montanhezes, «devo principiar por vos render homenagem. Vós que estais sentados nessa montanha, haveis julgado melhor do que eu. Acreditei muito tempo que, apezar da impetuosidade do meu caracter, devia temperar os meios que a natureza comigo repartira para empregar, nas difficeis circumstancias em que minha missão me coloca, a moderação que os acontecimentos me pareciam ordenar. Accusaveis-me de fraqueza; tinheis razão; eu o reconheço em presença da França inteira. E' a nós que accusam! a nós, que fomos feitos para denunciar a impostura e a malvadez! são estes homens a quem nós poupâmos, os que tomam hoje a insolente actitude dos denunciantes!»

Sua forte voz ressoava como um toque de rebate por cima dos murmurios dos girondinos, e dos aplausos antecipados da Montanha. Depois de ter justificado, com desmentidos e affirmativos, a sua conducta nas suas relações com Dumouriez, calou-se por um momento, como para julgar o effeito da sua justificação, sondar o terreno sob seus pés, e recolher a sua colera; depois continuando:

«E hoje, disse elle, porque hei sido mui prudente e circumspecto; porque houve a arte de se espalhar que eu tivera um partido, que eu quisera ser dictador, porque não hei querido, respondendo até aqui aos meus adversarios, produzir mui rudes combates, operar dilaceramentos nesta assembléa, accusam-me de desprezar e envilecer a convenção! Aviltecer a convenção! E quem mais do que eu tem buscado levantar a sua dignidade, e fortificar-lhe a authoridade? Não hei até dos meus inimigos fallado com respeito? E porque motivo tenho abandonado este systema de silencio e de moderação? Porque ha um termo á prudencia, porque atacado por aquelles mesmos que deviam applaudir-se da minha circumspecção, permittido é atacar a seu turno, e sair dos limites da paciencia! Nós queremos um rei! Não ha senão aquelles que tiverem a covardia de querer salvar o tyranno pelo apêlo ao povo, quem justamente possa ser suspeitado de querer um rei! não ha senão aquelles que manifestamente quizeram punir Pariz do seu heroismo sublevando contra Pariz os departamentos; não ha senão aquelles que clandestinamente ceiaram com Dumouriez quando estava em Pariz, sim! não ha senão esses que sejam os cumplices da sua conjuração!»

A cada uma destas insinuações directas contra Lasource, Vergniaud, Barbaroux, Brissot, a Montanha respondiam com tripudios de alegria, cortados pelas apostrofes, e pela voz de Marat.

«Nomeai aquelles que designais, gritam Gensonné e Guadet ao orador. — Pois bem, escutai!» responde Danton voltando-se para a Gironda. — «Escutai, repete Marat, os nomes daquelles que queriam degolar a patria! — Quereis ouvir uma frase que encerra tudo? replica Danton. — Sim, sim! lhe bradam de todos os lados. Então Dantou, com o accento e o gesto de um homem que se despe de todas as attenções: «Pois bem! disse elle acredito que não ha tregoas entre a Montanha e os patriotas que quiseram a morte do tyranno, e os covardes que querendo sa val-o, nos calumniaram na França inteira.«

A Montanha, acceitando este signal de separação entre ella e os girondinos, levanta-se qual um homem só, e lança uma longa exclamação. «Hei vivido calumniado, continua dolorosamente Danton; ella se ha occupado por mil formas de mim, e sempre se ha desmentido pelas suas contradições. Sublevei o povo no principio da revolução, e fui calumniado pelos aristocratas; fiz o 10 de agosto, e fui calumniado pelos moderados; impelli a França para as fronteiras, e Dumouriez á victoria, e fui calumniado pelos falsos patriotas; hoje as homelias miseraveis d'um velho enganador, Roland, são o texto de novas inculpações: tal é o excesso do seu delirio, e por tal forma este velho tem a cabeça transtornada, que não vê senão a morte, e imagina que todos os cidadãos estão prestes a feril-o! Sonha com os seus amigos o aniquilamento de Pariz. Pois bem! quando Pariz morrer, não haverá mais republica!»

VII. — A estas palavras as galerias ressoam com prolongados applausos. Pretende-se impor lhes silencio. Danton justifica-as, e dirige um hymno ao povo de Pariz e do imperio, que do alto daquellas tribunas metteu elle proprio o seu coração, e mãos, e voz na obra da sua liberdade. Entra n'alguns detalhes para sua propria justificação; depois voltando-se ainda para a Montanha: «Provarei que sou um revolucionario immutavel, que resistirei a todas as investidas, e peço-vos, cidadãos, que acceiteis o auguro.» A Montanha, do alto dos seus bancos abre os braços a Danton como para abraçar o seu novo chefe. Uma voz se levanta na Planice, e pronuncia o nome de Cromwell. «Quem é o scelerado que ou-

sa dizer que me assimelho a Cromwell? » exclama o orador interrompendo-se. « Sim, peço que esse vil calumniador seja punido, e conduzido á abbadia. Eu Cromwell! porém Cromwell foi o alliado dos reis! quem como eu feriu um rei na cabeça torna-se para sempre alvo da execração de todos os réis!.. Reuni-vos, » continuou elle emfim com uma voz que parecia arrancar a Montanha da sua base, « reuni-vos, vós que, pronunciasteis o decreto do tyranno, contra os covardes que o quizeram poupar! Apertai vossas fileiras, chamai o povo a aterrar os nossos communs inimigos do interior; confundi, pelo vigor e impavidez do vosso caracter, todos os scelerados, todos os aristocratas, todos os moderados, todos aquelles que vos tem calumniado nos departamentos. Nada mais de paz, nem tregoas, nem transacção com elles!.. » O furor da sua alma parecia haver-se transmittido á Montanha. « Vedes, pela situação em que neste momento me vejo, a necessidade que tendes de serdes, e declarar a guerra aos vossos inimigos, quem quer que elles sejam. E' preciso formar uma phalange indomavel. Eu marcho á republica; marchemos a ella unidos; veremos quem, se nós, se os nossos covardes detractores chega ao alvo. Peço que a commissão dos seis, que acabais de nomear por proposta de Lasource, examine não sómente a conducta daquelles que nos calumniaram, que conspiraram contra a indivisibilidade da republica, mas tambem daquelles que buscaram salvar o tyranno! »

Danton desceu nos braços dos seus collegas da Montanha. As suas palavras correspondiam á impaciencia da lucta que existia entre os jacobinos e os girondinos, e que unicamente a sua actitude até então havia contido. Este discurso rompia o dique entre os dois partidos: a colera e o sangue estavam livres para correr.

VIII. — Marat, a seu turno, accusou a todos. Santerre annunciou que cem batalhões, formados por Carnot e por elle, iam sahir de Pariz, e preencher o vacuo que a traição acabava de deixar em as nossas fronteiras do Norte. Custine escreveu que começava a sua retirada. Os *cordeliers* (franciscanos) jacobinos, a communa, as secções redobraram de energia, e espalharam-se em imprecações contra os girondinos, que lançavam a divisão entre Pariz e os departamentos, e que incapazes de dirigir a republica, conspiravam, nos conciliabulos de Roland, a perda dos melhores patriotas, e o restabelecimento da realeza. O proprio tribunal revolucionario, recentemente nomeado pela convenção, veio queixar-se á barra de não ter ainda nem conspiradores, nem traidores a julgar. Não tardou que se lhe enviassem em massa os aristocratas, os emigrados, os generaes do exercito de Dumouriez, culpados; não da sua traição, mas da sua derrota. Carnot, enviado á fronteira do Norte, ahi levou comsigo o genio da organisação militar de que era dotado; as praças fortes foram armadas, as guarnições repartidas, as provisões preparadas, as officinas de armas e canhões postas em actividade, os generaes nomeados por acclamação, e o exercito reformou as suas fileiras em frente de um inimigo que se espantava de encontrar outra muralha de baionetas na rectaguarda daquelle que havia destruido.

IX. — Estas necessidades da salvação publica confundiram na apparencia, por alguns dias, os actos, os votos, os discursos na convenção; os corações pareciam unanimes, mas estavam encerrados nas suas ambições e nos seus odios, esperando sómente uma occasião de rebentarem. Depois do discurso de Danton, o partido de Marat, com apoio tão temivel, de dia em dia se volvia mais audacioso.

Este homem que não era nada por si, havia-se feito a bandeira da Montanha, a Montanha não podia abandonal-o sem parecer fraquejar, ou transigir diante dos girondinos. Marat conhecia a sua força, e abusava della para travar sobre o seu nome novas luctas nas quaes engrandecia, aos olhos do povo, com toda a importancia do combate Idolo do baixo povo, agitador das secções, seguro da communa, orador dos cordeliers (franciscanos) era sustentado tambem por este club central da insurreição, do qual elle fizera o poder executivo da anarchia, e que tinha as suas sessões na salla do arcebispado. Ahi se reuniam, a um signal de Marat, para redigir as petições incendiarias, ou para amotinar os faubourgs, estes homens para quem a sedição viera a ser um officio; os peticionarios das secções não cessavam de pedir á convenção que Guadet, Vergniaud, Gensonné, Brissot, Barbaroux, Louvet, e Roland fossem accusados.

Pethion denunciou á convenção uma destas representações que provocavam á matança uma parte da representação nacional: « Quem mais merece o cadafalso do que esse Roland? dizia a alludida petição; e comtudo elle vive. Por toda a parte onde lancemos as vistas não vemos senão conspiradores. Legisladores, assustai pelo supplicio! Montanha da convenção, salvai a republica! ou se vos não sentís assaz fortes para o fazer, dizeinol-o com franqueza, que nós nos encarregaremos disso. » Danton, ultrapassando todos os limites propoz uma mensão honrosa a esta petição. Arremessou-se á tribuna, com Fabre d'Eglantine, e muitos membros da Montanha, para precipitar della a Pethion. « Fica, Pethion! lhe grita Duperret, nós temos filhos, elles nos vingarão. — Sois uns scelerados! » respondeu Danton. Gritos de *abaixo o dictador*! se levantam da Planice. Os deputados descem dos seus bancos, e precipitam-se em duas correntes contrarias em roda da tribuna. Um girondino desembainha um punhal da sua bainha. Um montanhez aponta o canno de uma pistola ao peito de Duperret. O presidente cobre-se. Pethion continua a commentar a petição, e a pedir vingança dos ultrajes dirigidos contra os membros da representação nacional. Sussuro, e gargalhadas o interrompem a cada frase. David, o amigo de Robespierre e de Marat, avança para o meio da salla, e desafia a Pethion com o gesto, e com a voz. Pethion insiste. Faz córar a convenção de conservar no seu seio um homem junto do qual poucos mezes antes ninguem se queria sentar, e que hoje, obtinha mais do favor e do silencio que os melhores cidadãos, um homem que prega abertamente o despotismo, que provoca á pilhagem, que pede cabeças, emfim Marat!

Danton succedeu a Pethion. « Temos nós o direito, disse elle, de exigir do povo mais prudencia do que nós proprios mostrâmos? O povo não tem direito de sentir a fervura que o conduz ao delirio patriotico, quando esta tribuna parece uma arena de gladiadores? Não estive eu mesmo ha pouco sitiado neste logar? Não me disseram que eu queria ser dictador? Vou examinar friamente a proposta de Pethion. Não empregarei alguma paixão, conservarei a minha impassibilidade, quaesquer que sejam as ondas de indignação que se amontoam no meu seio. Sei qual será o desenlace deste grande drama. O povo será o alvo: quero a republica, provarei que marcho directamente a ella. Pethion queixa-se de que lhe tenham pedido a cabeça! e acaso n'alguns departamentos não se ha pedido a minha? Apello para o proprio Pethion, que não é de hoje que elle se acha nas tempestades populares: bem sabe elle que quando um povo quebra a monarchia para chegar á republica, passa além a sua balisa pela força da projectação que se lhe deu. Que deveis responder ao povo quando elle vos diz verdades severas? Deveis responder-lhe salvando a republica. A constituição tanto mais bella será quanto melhor nascida nas tempestades da liberdade. Assim um povo da antiguidade construia as muralhas segurando em uma das mãos a trolha, e na outra a espada que os devia defender. Não venham pois fazer-nos denuncias exageradas, como se receiassem a morte! Acaso vos está bem elevar-vos contra o povo porque elle vos diz verdades energicas! Peço que se despreze a moção de Pethion. Se Pariz mostra indignação, elle tem o direito de fazer a guerra aquelles que tantas vezes o tem calumniado depois dos serviços que fez á patria. »

Fonfrede, indignado, levantou-se e apoiou a moção de Pethion. « Não confundo, disse elle, alguns homens com o povo. Accusa-se a maioria desta assembléa de cumplicidade. E quem a accusa? E' Dumouriez. Quem a quer dissolver? E' d'Orleans, porque passa para o inimigo. Quem a accusa? Os realistas que vos pedem o tyranno cuja cabeça cortasteis. Quem a accusa emfim?

Todos os nobres, todos os padres, todos os reis. Accusam-nos de cumplicidade, porque não ousam accusar-nos de termos fundado a republica, declarado guerra á realeza, e emfim banido estes Bourbons cujo chefe desprezivel assim nos faz as suas despedidas: e sem duvida é preciso marchar direito ao alvo, é preciso com uma das mãos repellir o inimigo, e com a outra fundar uma constituição. Cidadãos! não deixeis aviltar em vós a nação!

— «Cidadãos! disse Guadet a seu turno, a republica está perdida se consentirdes em que estes scelerados venham a seu turno dizer-vos que a convenção está corrompida.» — Robespierre levanta-se: — Aquelles que pretendem que a maioria da convenção está corrompida são uns insensatos, porém aquelles que negarem poder algumas vezes a convenção ser transviada por uma coligação de alguns homens profundamente corrompidos serão impostores... Vou levantar uma ponta deste véo!..»

A estas palavras, Vergniaud indigna-se, e pede mesmo que Robespierre seja ouvido. «Ainda que não temos, disse elle, discursos artificiosamente preparados, saberemos responder e confundir os scelerados.»

X. — Robespierre accusou Vergniaud e o seu partido, com muita vehemencia. Concluiu pedindo o seu julgamento. A Montanha applaudiu as conclusões deste discurso, Vergniaud subiu depois de Robespierre á tribuna, e conseguiu difficilmente ser ouvido.

XI. — Ousarei responder, disse elle, a Robespierre, que, por um perfido romance, artificiosamente escripto no silencio do gabinete e por frias ironias, vem lançar novas discordias no seio da convenção; ousarei responder-lhe sem meditação, Não tenho como elle necessidade de arte, basta-me a minha alma. Minha voz, que desde esta tribuna levou mais de uma vez o terror a este palacio, onde concorreu a precipitar o tyranno, leval-o-ha tambem á alma destes malvados que querem subtituir sua tyrannia á da realesa. Debalde se busca fazer-me sahir fóra de mim, velarei sobre mim mesmo. Não secundarei os projectos infames daquelles que se esforçam para nos fazer mutuamente degolar como os soldados de Cadmus, para entregar o nosso logar desoccupado aos despotas que nos preparam. Robespierre accusa-nos de nos termos opposto no mez de julho á deposição de Luiz Capet? Respondo que sou eu quem, o primeiro nesta tribuna, fallei da deposição em 2 de julho, e acrescentarei que talvez a energia deste discurso não contribuirá pouco á distruição do throno. Na commissão dos 21, de que eu era membro, não queriamos nem um novo rei, nem um novo regente, queriamos a republica, e fui eu que, depois de ter presidido em toda a noite de 9 a 10 de agosto ao mesmo tempo que soava o toque de rebate, vim, emquanto Guadet presidia de manhã ao som do canhão, propor a republica em nome da assembléa legislativa. Pergunto, cidadãos, se isto é haver-me eu composto com a côrte? Será a nós que ella deve reconhecimento, ou é áquelles a quem pelas perseguições de que somos victimas, nos vingam tão bem, do mal que lhe fizemos?

«Robespierre accusa-nos de havermos inserido no decreto de suspensão um artigo estatuindo que se nomeasse um governador ou aio ao principe real? Em 10 de agosto deixei a cadeira da presidencia, pelas nove horas da manhã para redigir em dez minutos o decreto de deposição. Supponho que os motivos em que me fundei para nelle inserir o artigo que se me censura me enganaram, talvez que nas circumstancias graves em que nos achavamos, talvez que no meio das inquietações que deviam agitar-me durante o combate, escusar-me seja facil de eu não ser infallivel. Pelo menos não é a Robespierre a quem competiria, que então prudentemente se achava escondido, testimunhar-me tamanho rigor por um momento de fraqueza. Mas quando eu redigia á pressa o projecto de decreto, a victoria fluctuava incerta entre o povo e o palacio. Esta nomeação de um governador ao principe real, no caso da victoria do tyranno, isolava constitucionalmente o filho do pai, e entregava assim um refem ao povo contra as vinganças da côrte.

«Robespierre accusa-nos de havermos louvado La Fayette e Narbonne? Foi Guadet, e fui eu, que a despeito dos susurros da assembléa legislativa, atacám os La Fayette nesta barra quando elle tentou fazer de um pequeno Cesar.

«Robespierre accusa-nos de termos feito declarar a guerra á Austria? A questão não era então saber se teriamos a guerra: ella, pelo facto nos estava declarada. Tratava-se saber se esperariamos tranquillamente que os nossos inimigos consummassem os preparativos que faziam á nossa porta para dar cabo de nós, se lhes deixariamos transportar o theatro da guerra para o nosso territorio, ou se nós o transportariamos para o seu. A coragem dos Francezes responde por nós a esta accusação.

«Diz-se que temos calumniado Pariz? Só Robespierre e os seus amigos calumniam esta célebre cidade. O meu pensamento sempre se ha demorado com espanto sobre as deploraveis scenas que tem manchado a revolução; mas constantemente hei sustentado que ellas não eram obra do povo, mas sim de alguns malvados chegados de todas as partes da republica para viverem da pilhagem e do assassinio n'uma cidade, cuja immensidade e agitações abriam larga carreira aos seus crimes. Por gloria mesmo do povo, pedi que elles fossem entregues ao gladio das leis. Outros pelo contrario, para assegurarem a impunidade dos bandidos, e preparar lhes sem duvida nova carnificina e nova pilhagem, fizeram a apologia dos seus excessos, e attribuiram-os ao povo. Ora, quem é que calumnia o povo, será acaso quem o defende innocente dos crimes d'alguns estranhos bandidos, ou aquelle que se obstina a imputar ao povo inteiro o odioso destas scenas de sangue?» — «São vinganças nacionaes,» exclama Marat.

Vergniaud continua sem olhar para elle. «Quizemos fugir de Pariz! diz Robespierre; elle, que quiz fugir para Marselha. Pelo que me respeita declaro que se a assembléa legislativa sahisse de Pariz, não poderia ser senão como Themistocles sahido de Athenas, isto, com todos os cidadãos, não deixando aos nossos inimigos por conquista, mais do que cinzas e ruinas, e não fugindo momentaneamente diante delles, senão para melhor lhes cavar a sepultura.

«Robespierre accusa-nos de termos notado o appello ao povo? Devia-lhe o sacrificio de uma opinião que eu julgava boa, e que podia evitar á nação uma nova guerra, da qual eu receiava a calamidade!

«E nós é que somos intrigantes e agitadores, continuou Vergniaud, porém fomos vistos em 19 de agosto propormos a nomeação dos ministros d'entre os membros da assembléa legislativa. A occasião era bella, podemos crêl-o sem presumpção, para a escolha recahir sobre alguns de nós; onde estão, portanto, as provas desta paixão de fortuna, desta sêde de poder que se nos attribue? Danton glorificou-se de haver sollicitado e obtido logares para os homens que elle acreditava bons cidadãos; se, o que eu ignoro, algum de nós seguiu a mesma regra de conducta, como se nos poderá fazer um crime d'aquillo que não pareceu censuravel a Danton?

«Porém nós somos moderado, somos *feuillants* (do club dos bernardos)? Nós, moderados! não o fui em 10 de agosto, Robespierre, quando tu estavas occulto no teu escondrijo! Moderado! Não, não o sou, no sentido em querer amortecer a energia nacional: sei que a liberdade é sempre activa como a chamma; que ella é inconciliavel com um perfeito socego, o qual só convém a escravos. Sei tambem que, nos tempos revolucionarios, haveria tanta loucura em pretender acalmar á vontade a effervescencia do povo, como em ordenar ás ondas que estivessem quietas e placidas quando ellas são batidas e açoitadas dos ventos. Pertence porém, ao legislador prevenir, quanto possivel lhe é, os desastres da tempestade por via de prudentes conselhos, e se é preciso, para ser patriota, declarar-se qualquer protector do roubo e do assassinio, sim! eu sou moderado.

«Tenho tambem ouvido fallar muito de insurreição, e confesso que por tal motivo hei gemido. Sim, a insurreição ou tem um fim, ou não o tem. No ultimo caso é uma convulsão para o corpo politico, que, não lhe podendo fazer bem algum, deve necessariamente causar-lhe muito mal. Se a insurreição tem um objecto d [illegible]

do, qual poderá elle ser senão arrancar o poder á representação nacional para o transportar para a mão de um só cidadão? Nos dois casos, os homens que pregam a insurreição conspiram contra a republica e a liberdade; e se é preciso ou approval-os para ser patriota, ou ser moderado combatendo-os, eu sou moderado! Quando a estatua da liberdade está no seu throno, a insurreição não póde ser provocada senão pelos amigos da realesa.

« Eu tambem quiz medidas terriveis, porém sómente contra os inimigos da patria; punição, mas não proscripção. Alguns homens parecem fazer consistir o seu patriotismo em atormentar, e fazer derramar lagrimas; eu desejava que o patriotismo não fizesse senão felizes. Procura-se consummar a revolução pelo terror, desejaria eu consummal-a pelo amor. Finalmente nunca pensei que, á similhança dos padres e dos ferozes ministros da inquisição, que não fallam do seu Deus de misericordia senão ao clarão das suas fogueiras, nós deviamos fallar da liberdade no meio dos punhaes e dos algozes. Ah! que graças nos deem pela nossa moderação! Se temos aceitado o combate que não cessam de nos apresentar aqui, declaro o aos meus accusadores, quaesquer que sejam as suspeitas de que nos cercam, as calumnias com que pretendem deshonrar-nos, os nossos nomes são ainda mais estimados que os seus, e ter-se-hia visto correr de todos os departamentos homens igualmente temiveis á anarchia e aos tyrannos. Os nossos accusadores e nós estariamos já consummidos pelo fogo da guerra civil! »

Depois de ter assim respondido a todos os capitulos da accusação de Robespierre, Vergniaud, examinando a petição de Pethion, continuou assim:

« Haveis ordenado por um decreto vosso que os culpados de 10 de março fossem enviados ao tribunal revolucionario. O crime está provado. Que cabeças cahiram? Nenhuma. Que cumplice foi preso? Nenhum. Ordenasteis que um dos culpados fosse solto para ser ouvido como testimunha: é pouco mais ou menos como se em Roma o senado houvesse decretado que Lentulus podia servir de testimunha na conspiração de Catilina. Chamasteis á vossa barra os membros do comité central de insurreição? Obedeceram elles? Vieram? Que sois portanto vós? Na petição do mercado de trigos, derrama-se a ondas o opprobrio sobre a convenção nacional: não é uma petição que se vos submette; são ordens que se vos dictam; propõe-vos insolentemente a ordem do dia. Cidadãos, se não fosseis senão simples individuos, dir-vos-hia: Sois covardes! pois bem! abandonai-vos ao acaso dos acontecimentos, esperai com assombro que vos degolem, e declarai que sereis os escravos do primeiro bandido que vos encandear! Buscais os cumplices de Dumouriez, eil-os são aquelles que formaram o comité central da insurreição, são aquelles que provocaram a criminosa representação assignada por alguns scelerados intrigantes, em nome da secção do Mercado de trigos: todos estes homens querem, como Dumouriez, o aniquillamento da convenção; todos estes homens como Dumouriez, querem um rei, e é a nós que chamam os cumplices de Dumouriez! Esqueceu-se pois que temos incessantemente denunciado a facção de Orleans! Nós, cumplices de Dumouriez! Esqueceu-se que no meio das tempestades de uma sessão de oito horas fizemos expedir o decreto que bannia da republica todos os Bourbons! Nós, os cumplices de Dumouriez! Esqueceu-se pois quaes foram aquelles (mostrando com o gesto a Robespierre) que fizeram revogar este decreto! Que! Dumouriez conspira por um Bourbon, nós luctamos para alcançar o desterro dos Bourbons, e é a nós que accusam!

« Respondi a tudo, confundi Robespierre, esperarei tranquillamente, que a nação pronuncie entre mim e os meus inimigos! Cidadãos, termino esta discussão tão dolorosa para a minha alma como fatal para a causa publica! pensei que a traição de Dumouriez produziria uma crise feliz em nós reunindo todos pelo sentimento de um perigo commum; pensei que em logar de nos perdermos uns aos outros, sómente nos occupariamos de salvar a patria. Porque fatalidade os representantes do povo não cessam de fazer deste recinto o foco de suas calumnias e paixões! Sabeis, que hei devorado em silencio os pezares que soffro ha seis mezes, e que hei sacrificado á minha patria os mais justos ressentimentos! Sabeis, que sob pena de covardia, sob pena de me confessar culpado, sob pena de comprometter o pouco bem que me é permittido esperar fazer, hei podido dispensar-me de pôr patente a perfidia e as imposturas de Robespierre! Possa este dia ser o ultimo que nós percâmos em tão escandalosos debates! »

XII — Este discurso, alliviando a alma de Vergniaud, reuniu em torno delle o numeroso partido dos moderados; Pariz e a França inteira echoavam durante alguns dias com esta eloquencia. Os girondinos resolveram aproveitar este reviramento do favor publico para esmagar seus inimigos; porém elles não tinham senão discursos. Danton e Robespierre tinham o povo de Pariz nas suas mãos. Nos dias seguintes, os espiritos estavam tão animados que Duperret com a espada em punho cahiu sobre os membros da Montanha. Chamado a si pelos gritos de horror da convenção, desculpou-se declarando que se elle tivera a infelicidade de pôr mão em algum representante do povo, ainda outra arma lhe restava para se matar a si. A assembléa attribuiu o seu arrebatamento a demencia, e perdoou lhe.

Pethion recitou depois um discurso que se assimilhava aos gritos do desespero da sua perdida popularidade. Guadet succedeu-lhe e defendeu-se como Vergniaud de toda a cumplicidade com d'Orleans e Dumouriez. « E' verdade, disse elle, que Dumouriez veio a Pariz, precedido da reputação de um grande general, cercado do esplendor das suas victorias; não o procurei, vi-o algumas vezes no comité de que eu era membro. Vi-o outra vez em casa de um outro individuo, onde se lhe offereceu uma festa, para a qual fui convidado, e onde fui por amisade para com aquelle que a dava, Talma. Demorei-me ahi sómente meia hora. Ficou elle muitos dias em Pariz, e nem soube onde elle se alojava; porém quem foi visto assiduamente ao lado de Dumouriez em todos os espectaculos de Pariz? quem estava incessantemente ao seu lado? O vosso Danton!....»

A estas palavras, Danton acordando como em sobresalto. « Ah! accusas-me, a mim! tu não conheces a minha força. Responder-te-hei, provarei teus crimes. Na Opera estava eu n'um camarote ao lado do de Dumouriez, e não no seu; tu é que estavas lá. » Guadet, continuou: « Sim, Danton, Fabre d'Eglantine, o general Santerre, formavam a côrte do general Dumouriez; e tu, Robespierre, tu accusa-nos de intelligencia com La Fayette. Porém onde estavas tu escondido no dia em que o viram, em todo o brilho do seu poder, levado do palacio das Tuillerias até esta barra, ao ruido das acclamações que se ouviam sobre este terraço, como para impôr aos representantes do povo? Eu só, me apresentei na tribuna, e accusei o, não tenebrosamente como tu, mas publicamente; elle estava alli, e comtudo, eterno calumniador que és, accusas-me da corrupção, dizes que da conspiração de que faziamos parte o primeiro annel está em Londres, e o ultimo em Pariz, e que este annel é de ouro. Pois bem! onde estão pois esses thesouros? Vinde, vós que me accusais, vinde a minha casa, vinde vêr minha mulher e meus filhos nutrindo-se do pão do pobre; vinde ahi vêr a honrada mediocridade no meio da qual vivemos. Ide ao meu departamento: vêde lá se os meus pequenos bens tem crescido: vêde-me chegar á assembléa, e se acaso sou conduzido por soberbos cavallos?

« A quem devia pois aproveitar a traição de Dumouriez? A d'Orleans. Pois bem! não é de hoje, não é em confidencia que eu tenho dito a d'Orleans o que penso a seu respeito. Hei-o accusado aqui, uma noite, de aspirar á realesa; no dia seguinte, ás 7 horas da manhã, vejo entrar d'Orleans em minha casa. Foi grande a minha surpresa. Protestou que a sua renuncia á realesa era sincera. Perguntou-me se o tivera ouvido apontar, e pediu-me que francamente me explicasse. — Pedis me que francamente me explique, lhe disse eu, não tendes precisão de m'o pedir: conheço a vossa nullidade, e senão houvesse senão vós, não vos temeria; mas por traz de

vós eu vejo homens que de vós carecem, e temo-os. Accrescentei: Tendes um meio bem simples de fazer cessar taes suspeitas, pedi vós proprio á convenção nacional o decreto que bana da republica a vós, e á vossa familia. D'Orleans me respondeu que já Rabaut-Saint-Etienne lhe dera similhante conselho. No dia seguinte eu disse a Sillery que d'Orleans não tinha outro partido a tomar. Sillery me respondeu: Sim, eu conheço-o tão bem como vós; e quero preparar-lhe um discurso pelo qual elle pedirá a sua expulsão, pois que elle nada sabe fazer por si. Qual não foi minha surpresa quando, na sessão em que se propunha o decreto de banição, ouvi a Sillery pedir a palavra para combater este decreto! Esta contradicção augmentou as suspeitas que eu tinha a respeito d'Orleans. Assim, cidadãos, está demonstrado que a conjuração de 10 de março prende-se com a conjuração d'Orleans. Pois bem, quem urdiu a conjuração de 10 de março? Quem a urdiu? cidadãos! terei a coragem de dizer tudo: foi Robespierre. No entanto que este novo Mahomet envolvia assim n'uma mysteriosa designação as victimas que era preciso ferir, o seu Omar as apontava nas suas folhas, e outros se encarregavam de as degollar. Porém, cidadãos, escapados deste perigo, julgais que se vos não prepara ainda outro? Desenganai-vos, e escutai.»

Guadet leu á convenção uma representação dos jacobinos aos seus irmãos dos departamentos. «A's armas, dizem elles, ás armas! nós estamos trahidos! os vossos maiores inimigos estão no meio de vós, dirigem as vossas operações, disputam os vossos meios de defesa; sim, irmãos, e amigos, é no senado que mãos parricidas despedaçam as voss s entranhas; sim, a contra-revolução está no governo, na convenção nacional: é ahi, é no centro da vossa segurança e da vossa confiança, que os criminosos representantes seguram os fios da trama que elles tem urdido com a horda de despotas que vem degolar-nos; porém, já a indignação vos inflamma; vamos republicanos, armemo-nos!

XIII. — «E' verdade!» exclama Marat. A estas palavras o lado direito e o centro se levantam possuidos d'uma electrica indignação, e pedem a altos brados que Marat seja mettido em accusação. Marat, apoiado pela immobilidade da Montanha, e pelas excitações das tribunas, affronta a cólera da maioria, e lança-se á tribuna: «Para que estes vãos palanfrorios, disse elle insolentemente, para que bom? Procura-se lançar entre vós a suspeita d'uma conjuração chimerica para abafar uma conjuração mui verdadeira de mais. — O decreto da accusação contra Marat! gritam só com uma voz os trezentos membros. Marat esforça-se por ser ouvido. Estes mesmos gritos abafam-lhe a voz.

Danton desce então da Montanha, e vem cobrir Marat com o seu desdem, mas com a sua protecção. «Marat, diz elle, não é acaso representante do povo? Deveis vós fazer ceder a convenção antes de ter provas evidentes contra um dos seus membros? Quem é o culpado, Marat ou os *homens d'estado?* O tempo o dirá. Porém o verdadeiro culpado é d'Orleans. Enviai-o primeiro ao tribunal revolucionario, ponde a preço a cabeça de todos os Bourbons emigrados — E dos nossos commissarios presos por Dumouriez qual será a sorte? lhe perguntou uma voz da Montanha. — Os vossos commissarios, replica Danton, são dignos da nação, e da convenção nacional, não devem temer a sorte de Regulo.»

Boyer-Fonfrede insiste na accusação de Marat.

XIV. — A convenção poz a votos, no dia seguinte, a accusação de Marat. Foi decretada por cento e vinte votos contra noventa e dois Os jacobinos lançaram um grito de indignação O ostracismo de Marat foi o começo do seu triumpho.

XV. — Marat, cercado de numerosos membros do club dos franciscanos (*cordeliers*) ao sair da sala, nem foi preso, nem condusido á Abbadia. Ninguem ousou pôr mão no idolo do povo. Evadiu se sem obstaculo, e uma immensa multidão o acompanhou no dia seguinte á barra da convenção. O orador das secções era um mancebo inspirado por Danton «Vimos pedir-vos vingança dos traidores que mancham a representação nacional. O povo perseguiu os traidores mesmo no throno, e porque os deixará impunidos na convenção? O templo da liberdade será acaso como esses asylos da Italia, onde os malvados encontravam a impunidade? Terá a republica renunciado ao direito de purificar a representação nacional? Pedimos a expulsão de Brissot, de Guadet, de Vergniaud, de Gensonné, de Grangeneuve, de Buzot, de Barbaroux, de Salles, de Biroteau, de Pontecoulant, de Pethion, de Lanjuinais, de Valazé, de Hardy, de Lehardy, de Louvet, de Gorsas, de Fauchet, de Lanthenas, de Lasource, de Valady, e de Chambon.» A assembléa ouvia em silencio a sua propria proscripção. Quando o orgão de Danton, acabou de lêr, um mancebo se levantou do meio dos membros proscriptos: era Fonfréde: «Cidadãos! disse elle, vós esqueceste-me! Tenho o direito de me offender de não ouvir o meu nome na lista gloriosa que se acabava de apresentar. — E nós tambem, e nós todos!» exclamam n'um corajoso desafio ao povo, os membros da Gironda.

A convenção, esquecendo as suas dissenções para fazer face á Europa, dirigiu a todos os povos uma representação redigida por Condorcet. Era um appello á insurreição geral. Continuou-se na discussão dos artigos da constituição.

Robespierre continuava todas as tardes a desenvolver, nos jacobinos, as theorias da philosophia social, da qual no dia immediato pedia a sua introducção na constituição. Assim, por via delle, os jacobinos se transformavam em inspiradores da convenção. A declaração dos direitos, que servira de base á constituição de 91, devia, alargando-se sob a mão de Robespierre, servir de base á nova constituição. Era o decalogo popular que devia encerrar todas as verdades sociaes cujas consequencias dimanariam em instituições. O povo tinha assim o meio de comparar os principios da sua philosofia com as disposições das suas leis e a pratica do governo. Estes axiomas sociaes, que Robespierre redigia, confundiam, como os de João Jacques Rousseax, os instinctos naturaes do homem com os direitos legaes creados e garantidos pela sociedade. Robespierre esquecia que o estado da naturesa era a falta ou anarchia de todos os direitos; que só a sociedade, triumphando, de seculo em seculo, da força brutal de cada individuo, creava lentamente e cortando alguma cousa no direito de cada ser isolado, este vasto systema de relações, direitos, faculdades, garantias, e deveres, de que se compõe o direito social que a sociedade garante e distribue aos seus membros.

Mas se a sciencia faltava á declaração dos direitos de João Jacques Rousseau e de Robespierre, o espirito social, philosophico e christão respirava em cada uma das suas formulas. Era o ideal da igualdade, e da fraternidade entre os homens. Era a verdade das relações entre o estado e os cidadãos. Era a sociedade intellectual e moral, em logar da sociedade egoista e tyrannica; o estado volvia-se em familia humana, a patria em mãi, em vez de madastra, de todos os seus filhos. Um seguro instincto advertia Robespierre e os seus discipulos de pararem neste projecto de organisação da sociedade, naquillo que immediatamente se podia realisar. Respeitaram a familia e a propriedade. Similhantemente aos architectos da antiguidade, que, edificando aos deuses um templo, conservavam sempre em o novo edificio alguns pannos das muralhas ou alguns pilares do velho edificio, Robespierre conservava as tradições da antiga sociedade em a nova. Ia assim tão longe como a reforma podia ir. Elle parava na utopia. Dava a Deus por origem e por garante de todos os direitos. Conhecia-se, desde as primeiras palavres, que elle remontava á verdade suprema, para fazer dimanar della as verdades secundarias. Para refutar estas doutrinas, bastava começar assim pela refutação de Deus. «A convenção nacional, dizia elle, proclama á face do universo, e aos olhos do legislador universal, a seguinte declaração dos direitos do homem, e do cidadão:

«Artigo 1.º O fim de toda a associação politica é a manutenção dos direitos naturaes e imprescriptiveis do homem, e o desenvolvimento de todas as suas faculdades.

«Art. 2.º Os principaes direitos do homem são provêr á conservação da sua existencia e da sua liberdade.

«Art. 3.º Estes direitos pertencem igualmente a todos os homens, qualquer que seja a differença de suas forças physicas e moraes. A igualdade dos direitos está estabellecida pela natureza. A sociedade, longe de os atacar, não faz mais que garantil-os contra o abuso da força que a torna illusoria.

«Art. 4.º A liberdade é o poder que pertence a cada homem de exercer ao seu alvedrio todas as suas faculdades: tem como regra a justiça, os direitos de outrem por limites, a natureza por principio, e a lei por salvaguarda.

«Art. 5.º A lei não pode prohibir senão o que é prejudicial á sociedade, não pode ordenar senão o que lhe é util.

«Art. 7.º A propriedade é o direito que tem cada cidadão de gosar a porção dos bens, que lhe é garantida pela lei.

«Art. 8.º O direito de propriedade é limitado, como todos os outros, pela obrigação de respeitar a propriedade de outrem.

«Art. 11.º A sociedade é obrigada a provêr á subsistencia de todos os seus membros, quer procurando-lhes trabalho, quer assegurando os meios de existencia áquelles que estão fora do estado de poderem trabalhar.

«Art. 12.º Os soccorros necessarios á indigencia são uma divida do rico para com o pobre: pertence á lei determinar a maneira porque tal divida deve ser satisfeita.

«Art. 13.º Os cidadãos cujo rendimento não excede o que é necessario á sua subsistencia, são dispensados de contribuirem para as despezas publicas; os outros devem progressivamente contribuir, segundo a extensão de suas fortunas.

«Art. 14.º A sociedade deve favorecer com todo seu poder o progresso da razão publica, e pôr a instrucção ao alcance de todos os cidadãos.

«Art. 16.º O povo é soberano, o governo é obra e propridade sua, os funccionarios publicos são commissionados seus. O povo pode, quando lhe aprouver, mudar o seu governo, e demittir os seus mandatarios.

«Art. 18.º A lei é igual para todos.

«Art. 19.º Todos os cidadãos são admissiveis a todos os cargos, sem outra distincção mais que a das virtudes e talentos.

«Art. 20.º Todos os cidadãos tem o direito igual de concorrer á nomeação dos mandatarios do povo, e á formação da lei.

«Art. 21.º Para estes direitos não serem illusorios, nem chimerica a igualdade, a sociedade deve estipendiar os funccionarios publicos, e provêr a que todos os cidadãos que vivem do seu trabalho possam assistir ás assembléas publicas a que a lei os chame, sem comprometimento da sua existencia, e daquella das suas familias.

«Art. 25.º A resistencia á oppressão é a consequencia dos outros direitos do homem e do cidadão: ha oppressão contra o corpo social quando um unico dos seus membros seja opprimido.

«Art. 34.º Os homens de todos os paizes são irmãos, e os differentes povos devem ajudar-se reciprocamente com todo seu poder, como cidadãos do mesmo estado.

«Art. 35.º Aquelle que opprime uma unica nação é inimigo de todas.

«Art. 37.º Os reis, os aristocratas, os tyrannos, quem quer que sejam, são escravos rebellados contra o soberano da terra, que é o *genero humano*, e contra o legislador do universo, que é a *natureza*.»

XVI. — Esta declaração era mais propriamente um resumo de maximas, do que um codigo de governo: ella revelava comtudo o pensamento do movimento que a levava a effeito. O que torna a revolução tamanha no meio mesmo das suas tempestades das suas anarchias, e dos seus crimes, é que ella era a sua doutrina. Os seus authores eram ao mesmo tempo os seus apostolos. Os seus dogmas eram tão santos que se se podesse apagar deste codigo a impressão da mão ensanguentada que os tinha assignalado, ter-se-ia podido acreditalos redigidos pelo genio de Socrates, ou pela charidade de Fenelon. E' por este motivo que as theorias revolucionarias, um momento despopularisadas pelas dores que o seu parto fez soffrer á França, revivem e reviverão cada vez mais nas aspirações dos homens. Ellas foram manchadas, mas são divinas. Obliterai-lhe o sangue, fica a verdade.

XVII. — As verdades fundamentaes da theoria da convenção traduziam-se em instituições cunhadas deste espirito democratico, em cada sessão em que ella se o cuppava da constituição, ou da discussão das leis populares. Apenas a assembléa se acalmava, os seus dogmas rebentavam com os seus actos; a colera dos seus oradores encarniçados uns contra os outros trocava-se n'um immenso amor da verdade social, do povo, do genero humano. Este amor inexperimentado do bem tinha suas ignorancias, suas impaciencias, seus erros. Era ao mesmo tempo a loucura da verdade, mas era tambem a verdade E' por causa della que tanto se perdoou e perdoará no futuro a este tempo. Nenhum trabalho humano é perdido, nenhum sangue derramado pela idea é esteril, nenhum sonho da virtude se engana. As aspirações obstinadas do genero humano são para a sociedade o que a bussola é para a embarcação: ella não ve a praia, porém conduz lá.

XVIII. — O projecto de constituição emanado dos girondinos e redigido por Condorcet, ainda que tão democratico no seu mechanismo, era menos popular no seu espirito que a constituição de Robespierre. Limitava-se a estabelecer a soberania do povo na sua accepção a mais indifinida, e restituir a cada cidadão a parte da liberdade a mais lata compativel com a acção collectiva do estado. A unidade da sociedade era igualmente a sua base; mas no espirito dos girondinos esta unidade era a unidade nacional, no espirito de Robespierre era a unidade humana. A constituição apresentada pelos girondinos era uma instituição franceza; a constituição concebida pelos montanhezes era uma constituição universal.

XIX. — A democracia, constituida em governo, formulava-se em instituições populares em todas as suas applicações. A convenção não queria que a democracia fosse uma letra morta. A alma do povo animava todas as leis propostas. Por isso a abolição da mendicidade pelas mãos do trabalho, pelos refugios e pelos soccorros dades á parte indigente do povo; assim os emprestimos sobre os ricos para os forçar a um concurso proporcional aos seus teres; assim a adopção pela republica de todos os engeitados ou creanças abandonadas; as animações, humanas na sua intenção, immoraes no seu effeito, á maternidade das raparigas não casadas; o maximum sobre o valor dos generos mais necessarios ao povo; as restricções á liberdade e á cobiça da concorrencia entre os mercadores; o estado interpondo-se como arbitro entre o productor, o commerciante, e o consummidor, para tentar debalde fazer justiça a todos collocando o seu arbitrio entre uns e outros; uma organisação geral da instrucção publica; fazendo distribuir pelo estado a luz moral a todos os cidadãos.

A respeito da educação publica Robespierre pedia mais ainda. Fazendo esta educação primaria obrigatoria para todas as familias, e lançando no mesmo molde toda a geração de cinco a doze annos, estabelecia, á falta de communismo dos bens, o communismo das creanças e o communismo das ideas. Considerava o genero humano como um pai que devia fazer ás gerações da patria legado igual de todos os pensamentos, de todas as crenças, de todas as opiniões com que o tempo mesmo o havia enriquecido. A educação, para a convenção era como o ar que a sociedade deve gratuitamente á respiração, de todos os cidadãos.

O trabalho, segundo esta theoria, devia fazer parte da educação. As escolas eram officinas. A cultura dos campos era o primeiro dos trabalhos. Robespierre, assim

como todos os legisladores da antiguidade, considerava o trabalho applicado á terra como o mais moral e o mais social dos trabalhos do homem, porque elle nutre mais directamente o trabalhador, excita menos a aspera cobiça do ganho e cria menos vicios e menos miseria que o trabalho das manufacturas. A disciplina á qual esta educação commum devia bem cedo fazer dobrar as creanças, era um habito do jugo dos deveres aos quaes os cidadãos mais tarde são sugeitos. Esta disciplina participava algum tanto de lacedemoniana. Recordava as instituições de Fenelon na sua republica de Salento, e os plannos de João Jacques Rousseau no seu livro do *Emilio*.

Quanto aos conhecimentos que a patria devia á creança, estes conhecimentos consistiam em aprender a ler, escrever, contar, medir, e em inculcar os principios de moral universal, passados na civilisação para o estado dos dogmas, em ensinar as leis do paiz, em ornar a memoria com a historia dos povos, em desenvolver no espirito da creança o sentimento do bello, tão visinho do sentimento da virtude, pela relação dos mais admiraveis fragmentos da philosophia, da poesia, e da eloquencia, legados aos seculos pelo espirito humano.

Quanto á religião, a creança, segundo este systema, devia escolher uma, logo que esta educação tivesse sufficientemente desenvolvido a sua intelligencia e a sua intelligencia e a sua razão, a fim de que a religião não fosse no homem um habito irreflectido da sua infancia, e sim uma escolha deliberada do ser intelligente.

XX. — Robespierre para occorrer á despesa deste estabelecimento, ao nutrimento das creanças, aos salarios dos preceptores, e das mestras, propunha uma taxa proporcional, chamando o imposto das creanças. Era tambem um imposto dos pobres, por meio do qual as communas sustentariam os velhos e os enfermos indigentes. O rico despojado gradualmente do seu superfluo, o pobre gratuitamente educado com a instrucção, com a faculdade do trabalho, com a profissão de um officio; tudo neste plano de Robespierre tendia evidentemente a communidade dos bens, e á igualdade das condições. Era o espirito do communismo primitivo, o ideal dos primeiros christãos transformado em idéa dos philosophos.

Esta partilha igual das luzes, das faculdades, dos dons da natureza é evidentemente a tendencia legitima do coração humano. Os reveladores, os poetas, os sabios tem rolado eternamente este pensamento em sua alma, e perpetuamente o hão mostrado no seu céo, nos seus sonhos, ou nas suas leis, como a perspectiva da humanidade. E' portanto um instincto da justiça no homem, por conseguinte um plano divino que Deus fez sonhar ás suas creaturas. Tudo o que contraria este plano, quer dizer tudo o que tende a constituir as desigualdades das luzes, da jerarchia, das condições, da fortuna, entre os homens, é impio. Tudo o que tende a nivellar gradualmente estas desigualdades, que são muitas vezes injustiças, e a repartir mais equitativamente a herança commum entre todos os homens, é divino. Toda a politica pode ser julgada por este signal, como uma arvore é julgada pelos seus fructos. O ideal não é senão a verdade em distancia.

Porém quanto mais um ideal é sublime, mais difficil é realisa-lo em instituições sobre a terra. A difficuldade até aqui tem sido conciliar com a igualdade de bens as desigualdades das virtudes, das faculdades e do trabalho, que differenceiam os homens entre si. Entre o homem activo e o homem inerte, a igualdade dos bens torna se uma injustiça, porque um cria e o outro dispensa. Para que esta communidade de bens seja justa, é preciso suppôr em todos os homens a mesma consciencia, a mesma applicação ao trabalho, a mesma virtude. Esta supposição é uma chimera. Ora que ordem social poderia repousar solidamente sobre similhante mentira? De duas cousas uma. Ou será necessario que a sociedade, em toda a parte presente e infallivel, possa constranger qualquer individuo ao mesmo trabalho e á mesma virtude; mas então o que é feito da liberdade? A sociedade não é senão uma eterna escravidão. Ou então será mister que a sociedade distribua com as suas proprias mãos, todos os dias, a cada um segundo suas obras, a parte exactamente proporcionada á obra e ao serviço de cada um na associação geral. Mas então quem será o juiz?

A sabedoria humana imperfeita achou mais facil, mais sabio, e mais justo dizer ao homem: « Sê tu mesmo o teu proprio juiz, retribue-te a ti proprio pela tua riqueza, ou pela tua miseria » A sociedade instituiu a propriedade, proclamou a liberdade do trabalho, e legalisou a concurrencia.

Mas a propriedade instituida não nutre aquelle que nada possue. Mas a liberdade do trabalho não dá os mesmos elementos de trabalho áquelle que não tem senão os seus braços, e áquelle que possue milhares de geiras na superficie da terra. Porem a concurrencia não é senão o codigo do egoismo, e a guerra de morte entre aquelle que trabalha, e o que faz trabalhar, entre o que compra e o que vende, entre o que nada no superfluo e o que tem fome! Iniquidade por toda a parte! Incorrigiveis desigualdades da natureza e da lei! A sabedoria do legislador parece ser palial-as uma á outra, seculo por seculo, lei por lei. Aquelle que quer corrigir tudo de um golpe, despedaça tudo. O possivel é a condição da miseravel sabedoria humana. Sem pertender resolver por uma unica solução as iniquidades complexas, corregir incessantemente, melhorar sempre, é a justiça dos seres imperfeitos como nós. Nos designios de Deus, o tempo parece ser um elemento da propria verdade; pedir a verdade definitiva a um só dia, é pedir á natureza das cousas mais do que ella não pode dar. A impaciencia cria as illusões e as ruinas em vez de verdades. As decepções são verdades colhidas antes do tempo.

XXI. — A verdade é evidentemente a communidade christã e philosofica dos bens da terra; as decepções, essas são as violencias e os systemas pelos quaes se julgou em vão até hoje poder estabelecer essa verdade, e organisal a O nivellamento social, a lei da justiça; parece ser tão logicamente o plano da natureza na ordem politica, como o nivelamento deste globo na ordem material. As montanhas, como alguns geologos o acreditaram, escorregariam um dia nos valles, e os valles virão a ser planicies, pelo effeito dos ventos, das aguas, dos desmoronamentos e das successivas elevações. Este nivellamento em um momento será um cataclysmo que engolirá todos os seres vivos na superficie do globo: este nivellamento lento, graduado, insensivel restabellecerá a igualdade do nivel e a fertilidade sem esmagar uma unica formiga. Descobrir a lei de Deus nas sociedades, e conformar a lei de Deus nas sociedades, não ultrapassando a verdade pela chimera, e avançando os tempos pela impaciencia, eis a sabedoria, tomar o desejo pela realisação e sacrificar ao desconhecido, eis a loucura; irrita-se contra o obstaculo e contra a natureza, e esmagar gerações inteiras sob os fragmentos de imperfeitas instituições, em logar de as conduzir em segurança de uma sociedade para outra, eis o crime!

Disto tudo alguma cousa havia na alma da convenção: um ideal verdadeiro, e praticamente accessivel; chimeras que se desvaneciam á applicação; accessos de furor que queriam arrancar, pela tortura, a realisação de uma ordem de cousas que a natureza humana ainda não continha. Santos desejos, vãs utopias, atrozes meios, taes eram os elementos de que se compunha a politica social desta assemblêa, colocada entre duas civilisações, para exterminar uma e avançar a outra. Robespierre personificava estas tendencias mais que algum outro collega seu. Tem planos, religiosos no intuito, chimericos nas suas disposições, volviam-se em sanguinarios no momento em que batiam de encontro ás impossibilidades da pratica. O furor do bem apossava-se do utopista; o furor do bem causa os mesmos effeitos que o furor do mal. Robespierre obstinava-se nas chimeras tanto, quanto nas verdades. Mais esclarecido elle teria sido mais paciente. Sua colera nasceu das suas decepções. Queria ser o obreiro de uma regeneração social; a sociedade resistia; agarrou da espada e julgou ser permittido ao homem fazer se o algoz de Deus. Communicou, metido

por fanatismo, metade por terror, o seu espirito aos jacobinos, ao povo, e á convenção. Dahi este contraste de uma assembléa, que apoiando-se com uma das mãos no tribunal revolucionario e no instrumento do supplicio, com a outra escrevia uma constituição que recordava as republicas pastoris de Platão ou de Telemaco, e que respirava em todas as suas paginas, Deus, o povo, a justiça e a humanidade. Nunca houve tanto sangue sobre a verdade. A obra da historia é lavar estas manchas, e não as lançar sobre a justiça social, porque as ondas de sangue cahiram sobre os dogmas da liberdade, da charidade, e da rasão.

LIVRO XL.

I. — Estas discussões, abrindo á convenção as prespectivas da felicidade da humanidade, detiveram por alguns dias estas almas irritadas. Divididas em quanto ao presente, Vergniaud, Robespierre, Condorcet, Danton, Pethion encontravam-se no futuro. As phisionomias dos girondinos, jacobinos, e franciscanos apaziguavam-se, e apresentavam aos espectadores, nestas sessões, o caracter da serenidade. O proprio Danton, o menos chimerico destes homens de estado, parecia, com a embriaguez e sobre o futuro, repousar suas vistas do sangue que havia feito verter: « Isto me consola! » dizia elle com um suspiro sahindo da assembléa. « Não se sabe quanto o triumpho de uma doutrina custa ao coração dos homens que a legam á posteridade. »

II. — Estes principios da escóla de Robespierre foram desenvolvidos por Saint Just n'um discurso no qual este moço orador se tornou oraculo das theorias do seu mestre. « A ordem social, » disse Saint Just neste discurso, « está na naturesa mesmo das cousas, e não toma do espirito humano senão o cuidado de lhe combinar o mecanismo; o homem nasceu para a paz e para a verdade: são as más leis o que os corrompe. Procurar-lhe leis conformes á naturesa do seu coração, é restabelece-lo na sua felicidade, e nos seus direitos. Porém a arte de governar não ha quasi nunca produzido senão monstros, e os povos perderam o seu caminho. Nossa obra é tornar a acha-lo. O estado social é a verdadeira relação dos homens entre si. O estado politico é a relação do povo com o povo. O vicio dos governos é empregarem elles, para opprimir os cidadãos no interior, a força de que estão armados, e de que tem necessidade para defender as nações contra os seus inimigos do exterior. Dividi por tanto o poder, se quereis que a liberdade subsista. O poder executivo usurpa a pouco e pouco no governo o mais livre do mundo; mas se esta authoridade delibera e executa ao mesmo tempo, bem depressa ella se volve soberana; a realesa não está em o nome do rei, está em todo o poder que delibera e executa ao mesmo tempo. Esta serie de maximas incoherentes, e a nuvem em que Saint Just involvia o seu pensamento, deixavam apenas discernir se elle queria atacar ou fortificar a unidade do poder da convenção.

III. — Marat, Hebert, e Chaumette serviam-se os unicos da isca da communidade dos bens, para lisongear e fanatisar o povo. Ainda mais, a communidade era no pensamento delles antes um deslocamento violento do que a destruição da propriedade. A propriedade e a familia haviam por tal fórma passado em habito e em direito no espirito dos homens de todas as condições, que uma tentativa de *lei agraria* pareceria uma blasfemia contra o homem mesmo. Este principio, puramente especulativo, podia servir de texto a alguns disertadores chimericos. Não podia reunir uma facção. Elles o renegavam todos para não causar horror á opinião. Os programmas dos partidos principiavam sempre por um acto de fé e por uma profissão de respeito pela propriedade. Prodigos eram da morte sem se despopularisarem, mas tinham attenções para com os bens. E' porque o homem moderno attem-se mais aos bens do que á propria vida; porque os seus bens são primeiro a sua vida, depois a vida da sua mulher, dos seus filhos, e da sua posteridade. Morrendo pela defesa dos seus bens, morre defendendo-se no presente, e até mesmo no futuro. A revolução franceza era feita para volver a propriedade mais igual e mais accessivel a todos os homens, e não para a destruir.

IV. — No entanto que a convenção adiava a lucta por estas excursões philosoficas, e por estas instituições populares, a communa, os jacobinos, e os *cordeliers* (do club dos franciscanos) aproveitavam o tempo em amotinar os fauborgs contra os girondinos, unico obstaculo, na opinião dos seus oradores, á felicidade do povo, e á segurança da patria.

Obrigar os departamentos a soffrerem o jugo das opiniões de Pariz: sugeitar a representação nacional pelo terror; fazer da convenção o instrumento passivo e envilecido da communa; dominar a mesma communa pelas secções, e as secções por um punhado de agitadores ás ordens de dois ou tres demagogos, entre os quaes o povo escolheria um director implacavel para provêr de remedio á sua propria anarchia: tal era o plano confuso de Marat, Chaumette, Herbert, e os seus partidarios.

Robespierre e Danton serviam este plano com repugnancia. Fiando-se um e outro na instabilidade do favor publico, e no seu profundo despreso pelo idolo do dia, Marat, pensavam com razão que o poder cahiria per si mesmo desta fronte ignobil e insensata, e que uma vez destruidos os girondinos por Marat, e Marat per si proprio, a nação não teria mais a escolher senão entre elles dois para a salvar de si mesmo e dos seus inimigos. Cada um delles se acreditava seguro de vencer facilmente sobre o seu rival: Danton pela superioridade da coragem, Robespierre pela superioridade do pensamento. Fingiam um e outro contra os girondinos, um odio que não tinham, e pela causa do *amigo do povo* proscripto um interesse do qual em segredo coravam. Quanto ao povo, a expulsão de Marat da convenção, o seu julgamento, a sua fuga, as suas doutrinas, o mysterio que cercava o seu asylo, e em fim o boato espalhado das doenças que elle havia contrahido pelo trabalho e nos subterraneos, para servir a causa dos opprimidos: tudo exaltava até ao ponto de idolatria a paixão da multidão por aquelle que ella acreditava ser seu vingador.

Marat sahiu do seu retiro e compareceu, a 24 de abril, ante o tribunal revolucionario. A audacia da sua attitude, o desafio que lançou aos juizes, a multidão que o escoltou até ao tribunal, as acclamações do povo que se tornava cada vez mais compacto em roda do palacio da justiça, intimaram de antemão aos jurados a ordem de reconhecer sua innocencia. Ella foi proclamada. Um grito de triumpho, sahido do recinto do tribunal e prolongado pelos grupos até ás portas da convenção, noticiou aos girondinos a soltura do seu inimigo. Os cordeliers e os faubourgs, que tinham intimado o julgamento, haviam de antemão preparado o triumpho. Marat livre foi levantado nos braços de quatro homens que o elevavam acima dos hombros para o mostrarem á multidão. Estes homens conduziram o *amigo do povo* sobre um estrado no qual estava uma cadeira antiga á similhança de um throno. Era o escudo da sedição sobre o qual os proletarios inauguravam o rei da indigencia. As mulheres dos mercados do trigo e das flores adornaram-lhe a cabeça com muitas corôas de louro. Marat deixou adornar-se sem resistencia. « E' o povo, exclamou elle, que se corôa na minha cabeça. Possam todas as cabeças que excederem o nivel do povo cair bem depressa á minha voz! »

O cortejo poz-se em marcha para a convenção aos gritos de *viva o amigo do povo!* O tropel, composto de pellitrapos, mulheres, creanças, e indigentes, avançou lentamente pelos caes e pela *Pont-Neuf* para a rua *Saint-Honoré*, engrossado no caminho por uma immensa multidão de todos os officios que tinham suspendido os seus trabalhos para defender e honrar o representante dos proletarios. Os que conduziam Marat aos hombros, revesavam-se de quando em quando. Deputações dos diversos officios esperavam Marat nas pontes, nas praças, e á entrada das principaes ruas. Em cada estação estes grupos se juntavam á columna do povo que precedia ou seguia o andor. As janellas das casas estavam bordadas

de mulheres que espalhavam sobre a cabeça do triumphador uma chuva de fitas, de corôas e de flores. Aplaudiam-o com palmas á sua passagem, de sorte que todo aquelle transito, desde o palacio até ao *Manége*, foi unicamente um longo e continuo applauso. « Meus amigos, poupai-me, poupai a minha sensibilidade, exclamou Marat; muito hei feito pelo povo, não posso pagar a minha divida senão entregando-lhe daqui em diante a minha vida ! »

V. — No meio da rua Saint-Honoré, as mulheres dos mercados de Pariz, reunidas para se associarem a esta festa, fizeram parar o cortejo, e atulharam ás mãos cheias de ramalhetes a calçada, o throno, e o *amigo do povo*. Marat, com a fronte sobrecarregada de corôas, os hombros, os braços, o corpo, as pernas encadeados com festões de folhagem, desapparecia, por assim dizer, debaixo de todas aquellas flores A custo se lhe apercebia seu negro fato rapado, a camisa enxovalhada, o peito a nú, e os cabellos fluctuando-lhe sobre os hombros. Abria incessantemente os braços como para abraçar a multidão. A hedionda sordidez do seu vestuario fazia contraste com a frescura daquellas grinaldas e festões Sua magra figura, sua physionomia desvairada, os surrisos petreficados nos seus labios, o balanceamento do estrado em que o conduziam, a agitação sacudida da sua cabeça e a gesticulação de suas mãos, davam ao todo da sua pessoa alguma cousa de machinal e de constrangido que se assimelhava á demencia, e deixava o espectador indeciso entre um supplicio e um triumpho. Era uma convulsão do povo personificada em Marat, mais propria a desgostar da embriaguez da multidão que a tornar ciosa della a Robespierre e Danton,

Um pouco mais longe, os homens dos mercados e dos cáes de Pariz, em numero de dois ou tres mil, arengaram ao deputado, e soltaram com sua retumbante voz longos gritos de *viva o amigo do povo!* Estes gritos abalaram as abobadas da convenção. O cortejo forçou as portas. Marat, descido da sua cadeira, mas erguido nos braços do povo, entrou na salla, com a fronte cuberta ainda de louros. A multidão pediu de-fillar pelo recinto, e espalhou-se confusamente com os deputados pelos bancos da convenção. A sessão foi interrompida.

Marat, condusido até á tribuna pelos seus vingadores com os aplausos do recinto e das galerias, tentou por muito tempo em vão apasiguar com o gesto as palmas que lhe abafavam a voz. Finalmente, tendo obtido o silencio.

« Legisladores do povo francez, disse elle, este dia restitue ao povo um dos seus representantes, cujos direitos tinham sido violados na minha pessoa. Apresento-vos neste momento um cidadão que foi inculpado, e que acaba de ser justificado. Continuará a defender, com toda a energia de que é capaz, os direitos do homem, e os direitos do povo. » A estas palavras, a multidão agita os seus chapeos, e os seus barretes no ar. Um grito unanime de *Viva a Republica* ! partiu do recinto e das tribunas, e vai repetir-se e prolongar no ajuntamento que circunda da parte de fora a convenção. Danton, fingindo compartilhar o enthusiasmo da multidão pelo idolo que elle desprezava, pediu que o cortejo de Marat recebesse as honras da assembléa desfilando pelo seu recinto. Marat, tendo em uma das mãos a sua corôa, foi sentar-se no cume da montanha, ao lado do feroz Armonville. « Agora, » disse elle em voz alta ao grupo dos deputados que o felicitavam, « estou senhor dos girondinos e dos brissontinos; irão em triumpho tambem, porem será á guilhotina ! » Depois dirigindo-se aos deputados que tinham decretado a sua accusação, chamou-os pelo seu nome, e os apostrafou em termos injuriosos. « Aquelles a quem voz condemnais, exclamou elle, o povo livra-os; não está longe o dia em que elle fará justiça daquelles que vós respeitais como homens de Estado. » O escandalo das apostrofes de Marat só excitou na salla o surriso do despreso. Robespierre encolheu os hombros em signal de desgosto. Marat lançou um olhar de desafio a Robespierre, e chamou-lhe *covarde escelerado*. Robespierre fingiu não o ouvir, e deixou passar aquella loucura do povo. Marat, tendo tornado a sahir, foi novamente passado em triumpho sobre o seu palanquim pelas principaes ruas de Pariz. « Marat é o amigo do povo, o povo será sempre por elle ! » gritou a multidão acompanhando-o. Um banquete popular lhe foi offerecido sob as arcadas do mercado. Condusiram-o depois ao club dos franciscanos (*cordeliérs*).

VI. — Ahi, Marat arengou por muito tempo á multidão, e prometteu-lhe sangue. A mesma alegria era sanguinaria neste espirito exterminador. Os gritos de *morte aos girondinos* eram o adubo do triumpho. Depois da sessão, os *cordeliérs* (franciscanos) e o povo, que o esperava á porta do club, o recondusiram com archotes até casa. As janellas e os telhados da rua des *Cordeliérs*, e das ruas visinhas foram illuminadas como pela entrada de um salvador do povo. « Eis o meu palacio ! » disse Marat ao seu amigo Guzman, mostrando a escura escada do seu alojamento; e eis o meu sceptro ! » acrescentou elle surrindo-se e mostrando a sua penna metida n'um tinteiro de chumbo: « Rousseau, meu compatriota, nunca teve outro. Foi pois com esta que eu transportei a soberania das Tuilerias para esta escura alcova ! Este povo é por mim, porque eu lhe pertenço. Não abdicarei senão quando o tiver vingado. »

Tal foi a ovação de Marat. Porem já o incendio de sua alma lhe consumia a vida Este dia de gloria e de reinado para elle, fasendo ferver-lhe o sangue accendeu a febre que lhe minava o corpo. A doença não afrouxou os seus trabalhos, mas reteve-o muitas vezes no seu leito. A aproximação da morte e a concentração dos seus pensamentos não lhe apasiguaram as provocações ao assassinio. Este moderno Tiberio enviou suas ordens á multidão do fundo da sua indigente Capréa. As suas insomnias custavam sangue no dia seguinte. Não parecia lastimar na sua vida senão o tempo de immolar as tresentas mil cabeças que elle não cessava de pedir á vingança da nação. Sua porta, noite e dia sitiada pelos delatores, recebia, como a boca de ferro de Veneza, os indicios da suspeita. Sua mão que já estava gelada pela morte, accrescentava sempre novos nomes á lista das proscripções, sempre aberta sobre o seu leito.

VII. — Este dia, mostrando ao povo a sua força, á convenção a sua sugeição, aos girondinos sua impotencia, animou as ultimas empresas contra elles. Os progressos dos Vendeanos, que haviam repellido os republicanos de toda a margem esquerda do Loire: a partilha da França, a qual os generaes e plenipotenciarios das potencias deliberavam abertamente n'um conselho de guerra que se reuniu em Anvers; Custine que se concentrava sobre Laudan diante de cem mil confederados allemães; Moguncia bloqueada e paralisando nas suas muralhas vinte mil soldados escolhidos do nosso exercito do Rheno; os primeiros choques do exercito dos Pyrineos, e do exercito hespanhol; Servan, que commandava ali as nossas tropas, atacado ao mesmo tempo nos seus tres campos; Lyon, ou as secções, todos realistas, resistindo á installação de um regimen revolucionario, e ameaçando com uma immensa insurreição; Marselha, indignada dos ultrajes do povo de Pariz aos seus federados e a Barbaroux, levantando novos batalhões para vingar seus filhos; Arles, Nimes, Toulon, Montpellier, Bordeaux, declarando-se inimigas da Montanha e jurando, nas suas representações, enviar a sua juventude contra Pariz; as accusações reciprocas de federalismo e de anarchia, incessantemente lançadas pelos montanheses aos girondinos, e pelos girondinos aos montanheses; a fome ás portas dos padeiros; o povo sem outro trabalho senão o da sua perpetua agitação nas ruas; os clubs em efervescencia; as folhas publicas escriptas com fel; as facções em permanencia; as prisões já atulhadas; a guilhotina dando á multidão o gosto do sangue, em vez de o mitigar; tudo imprimia na população de Pariz este fremito de terror, preludio dos ultimos excessos. O desespero é o conselheiro do crime. O povo que se sentia morrer, tinha necessidade de inculpar alguma da sua perda. Os jacobinos voltavam todo o seu odio contra os girondinos. O roubo da guarda joias, cujos milhões e diamantes, se disia, que tinham passado para as mãos de Roland, e para o toucador de sua mulher, imprimia

ainda mais á irritação popular um caracter de personalidade, insulto e assassinio.

Brissot, Girey- Duprey, Gorsas, Condorcet os principaes jornalistas dos girondinos, apoiados nos ricos, sustentados pelo commercio e burguesia, não poupavam por sua parte nem as calumnias, nem sangrentas ironias a Marat, Robespierre, Danton e aos jacobinos. Estas folhas, lidas nas sessões dos clubs, ahi eram rasgadas, queimadas, e calcadas aos pés Jurava-se lavar estas linhas no sangue dos seus authores. Marat ousou pedir insolentemen'e, em face de Robespierre, que lhe enviassem todas estas peças e todas as delações dos cidadãos contra os ministros, para lhes fazer justiça. Personificava atrevidamente o povo em si. Robespierre, que estava presente, ousou apenas murmurar. Marat constituiu-se assim, por si mesmo, depois do seu triumpho o plenipotenciario da multidão. Tomava esta dictadura que vinte vezes elle havia conjurado ao povo dal-a ao mais determinado dos seus defensores. Sua politica tinha por unica theoria, a morte. Era o homem da circumstancia, porque era o apostolo da sociedade em massa. Todas as vezes que sahia da sua habitação, no trajo de doente com a cabeça envolvida n'um porco lenço, para apparecer nos jacobinos ou na convenção, Danton e Robespierre cediam-lhe a tribuna. Fallava ahi como amo, e não como conselheiro da nação. Uma palavra delle cortava as discussões como o punhal corta um nó. Os applausos das tribunas tomavam-o sob a protecção do povo O sussurro e os apupos interrompiam aquelles que tentavam disputar com elle. Era o plebliscito da multidão sem replica.

VIII — Já mesmo na convenção, as discussões se haviam trocado em pugilato de palavras. Por occasião das honras funebres fe tas pela communa a Lajouski, um dos conspiradores do club do Arcebispo, tendo Guadet ousa do dizer que a posteridade se havia espantar um dia de que se concedesse a apotheose nacional a um homem convencido de ter estado á f ente dos saqueadores, e de ter querido marchar, em a noite de 10 do março para dissolver a convenção, Legendre, lançou-se á tribuna para responder a Guadet. Os murmurios do centro disputaram-lhe a tribuna. «Eu cederei a tribuna aquelles que fallam melhor do que eu, exclamou Legendre; mas deva eu occuppar o posto do forno que deve aquecer o ferro que vos marcará a todos de ignominia, e eu occuparei! Embora tenha de ser a vossa victima, faço a moção de que o primeiro patriota que morrer sob vossos golpes seja levado ás praças publicas, como Brutus levou o corpo de Lucrecia, e que se diga ao povo «Eis a obra dos teus inimigos!»

IX. — No dia seguinte, o moço Ducos tentou fazer comprehender á convenção os perigos de fixar um *maximum* ao preço dos sereaes; o motim, os gestos, as vociferações dos que assistiam á sessão abafaram-lhe a voz, e obrigáram-o a descer da tribuna.

«Cidadãos, exclamou Guadet, uma representação nacional envilecida não existe mais! Qualquer paliativo para assegurar a sua dignidade é uma covardia. As authoridades de Pariz não querem que vós sejais respeitados. E' tempo de fazer cessar esta lucta entre uma nação inteira e um punhado de facciosos disfarçados sob o nome de patriotas. Peço que a convenção nacional decrete que na segunda feira a sua sessão terá logar em Versailles»

A esta proposta de Guadet, todos os Girondinos e parte da planicie se levanta e grita: «Marchemos! arrebatemos o que ainda resta de dignidade e liberdade em a representação nacional aos ultrajes e aos punhaes de Pariz.» Vigée, mancebo intrepido, que bebia, como Andre Chenier, o heroismo no perigo, expoz-se sosinho na tribuna ás vociferações, aos gestos e ás invectivas da Montanha e dos espectadores. «Addiar para segunda feira, disse elle, seria dar aos facciosos tempo de prevenirem a nossa mudança por um motim, ou por via de assassinos. Peço que ao primeiro sussurro das tribunas, nós saiamos deste recinto onde estamos captivos, e nos retiremos para Versailles!...»

Marat, presente este dia no cume da Montanha, desce com o gesto soberano de um pacifica lor. Receia que a proposta dos girondinos roube a convenção á pressão directa e imperativa da multidão, cuja elle é rei, e quer fazer uma diversão á emoção que arrastra os girondinos para fóra da salla. «Proponho uma grande medida, disse elle, propria a levantar todas as suspeitas. Ponhamos a preço a cabeça dos Bourbons fugitivos e traidores com Dumouriez. Já pedi a morte do d'Orleans: renovo a minha proposta, para que os *homens d'Estado* fiquem com a corda no pescoço a respeito dos Capetos fugitivos, como os patriotas a poseram em volta do seu votando a morte do tyranno!»

X. — Assim as victimas mutuamente sacrificadas entre os dois partidos eram os unicos penhores de reconciliação aos olhos de Marat. «Não apoio nem combato, esta moção de Marat, responde Buzot. Querem distrair-nos da proposta de Guadet. Examinemos, cidadãos, como a posteridade julgará a nossa situação. Não ha uma authoridade em Pariz, um club, que não reine mais do que nós. Os jacobinos são senhores em toda a parte. Exercitos, ministerios, departamentos, municipalidades, onde não dominam elles? Nos logares publicos que tocam o nosso recinto, nas avenidas, ás nossas portas, em os nossos tribunaes, que é o que se ouve? Gritos furiosos! Que se vê? Figuras hediondas, homens cobertos de sangue e crimes! Assim o quiz a natureza: aquelle que uma vez immergio suas mãos no sangue do seu simi hante é um monstro que não pode viver n'uma sociedade regular. E'-lhe myster sangue, sempre sangue, para embriagar os seus remorsos. Vós todos deplorais a situação em que estamos, de tal estou convencido; apello para os vossos corações, intimo a his oria a dizel-o: se não haveis punido estes grandes crimes, é porque o não tendes pedido. Assim, vêde o resultado da impunidade. Perguntais a causa destas desordens? Zomba-se de vós. Recordais a execução das leis? Riem-se de vós, e das vossas leis. Punides a qualquer d'entre vós? Reconduzem-vol-o em triumpho para vos escarnecer. Vedes esta sociedade bastante celebre (os jacobinos), não resta mais de trinta dos seus verdadeiros fundadores. Não se vê m nella senão homens perdidos de dividas e crimes! Lêde os jornaes, e vede se em quanto existirem estes abominandos covís, poderêmos ficar aqui?»

A esta vibrante apostrofe, em face de Robespierre, de Marat, de Danton, de Collot-d'Herbois, de Bil ard-Varennes, de Bagire, a Montanha se subleva toda inteira contra Buzot. «Nós somos todos jacobinos, exclamam a uma só voz cem jacobinos.» Durand-Maillane afronta esta tempestade. Annuncia á convenção que á chegada do ultimo correio dos jacobinos de Pariz ao club de Marselha, aquelle club posera a preço a cabeça de cinco deputados de Marselha, que haviam pedido o apelo ao povo no julgamento do rei; dez mil francos ao ferro do primeiro assassino.» Este departamento, accrescenta Durand-Maillane, está na anarchia, e na confusão.» O tumulto da assembléa redobra. Uns pedem que se vote a proposta de retirada para Versailles; outros que se passe com despreso á ordem do dia sobre o covarde terror dos girondinos.

Danton, que depois de algum tempo parecia affastar as medidas extremas, como se vira de longe o abysmo, e receiára o seu proprio arrebatamento, sobe á tribuna, e quer apagar a emoção com algumas palavras de paz. «Estamos todos de acordo, disse elle, que a dignidade nacional quer que nenhum cidadão falte ao respeito a um deputado que emitte a sua opinião. Estamos todos de acordo que houve falta de respeito, e que justiça deve ser feita; porém ella não deve pesar senão sobre os culpados. Quereis ser severos e justos ao mesmo tempo? mui bem... «A impaciencia da montanha, a indignação da Gironda não deixam Danton concluir o seu pensamento. Sussurros unanimes cortam-lhe a palavra, e forçam-o a descer da tribuna. Porém, ao descer, Danton faz um gesto de intelligencia aos espectadores. A este gesto as galerias publicas ficam evacuadas. A ausencia voluntaria dos culpados tira todo o pretexto á discussão. e occasião ao castigo.

Camillo Desmoulins publicou, alguns dias depois, um dos seus pamphletos mais acerrados. Roland, Pe-

thion, Condorcet, e Brissot eram nelle desfigurados pelo odio. A propria sr.ª Roland, já errante e perseguida, apresentada como corteză sanguinaria, era entregue aos sarcasmos da multidão. Ambição, concussão, conspiração surda e permanente contra a liberdade, intrigas, traições, cumplicidade com os estrangeiros, aspirações ao restabelecimento de uma realesa da qual elles seriam os ministros, taes eram os crimes de que Camillo Desmoulins buscava as provas nas anedoctas controvertidas, nas confidencias trahidas, nos segredos surprehendidos, em chimericas reuniões, e em imaginarias orgias, cuja relação a sua penna mais ainda envenenava. Esta historia dos brissontinos, lida por Camillo Desmoulins aos jacobinos, ahi foi adoptada como o manifesto da montanha contra os dominadores da convenção. Impressos á custa da sociedade mais de cem mil exemplares, foram espalhados com profusão pelas ruas de Pariz, e dirigidos a todas as sociedades filiadas nos departamentos. Entregava nomes proprios ás suspeitas do povo.

Este pamphleto, designando as victimas, designava tambem os idolos á opinião. Robespierre, Marat, e Danton, ahi eram offerecidos como exemplos aos patriotas. Camillo Desmoulins, assaz intelligente para admirar os girondinos, assaz invejoso para os odear, mui timido para os imitar, se fez o orgão destas baixas paixões que perseguem sem descanço os homens superiores. O caracter deste escriptor, inferior ao seu espirito, tinha necessidade, como o reptil, de rojar e morder ao mesmo tempo. Rojava-se diante de Danton, de Robespierre, de Marat. Despedaçava Roland e Vergniaud. Foi assim que adulando e abandonando alternativamente os poderes do dia, passára do gabinete de Mirabeau e da intimidade de Pethion, ás ceias de Danton e á domesticidade de Robespierre. Aborrecer e lisongear, era este homem. Mudo na convenção sob a grande voz de Vergniaud; elevava a voz da calumnia na rua, e provocava a morte a vingal-o do genio.

XI. — A accusação de *orleanismo* era, neste momento, o insulto mortal que os partidos trocavam entre si. Camillo Desmoulins accumulava todas as circumstancias verdadeiras ou controvertidas que podiam apresentar os girondinos como cumplices dos Orleans. Fazia remontar esta conspiração imaginaria, até La-Fayette, o mais incorruptivel inimigo desta facção. Dava corpo a estas suspeitas, por via de anecdotas proprias a lançar sobre esta pretendida conjuração a semi-luz que os historiadores antigos espalham sobre as tenebrosas conspirações dos grandes conjurados, como para fazer adivinhar á curiosidade publica mais mysterios e crimes do que ousa denunciar.

«Uma passagem, disse elle, acabou de me convencer que, apesar do odio apparente entre La-Fayette e d'Orleans, a grande familia dos usurpadores se reunia contra a republica. Estavamos sosinhos um dia, no salão da senhora de Sillery; o velho Sillery fora o proprio que esfregára o sobrado do salão, com medo que escorregasse o pé ás lindas dançantes. A senhora de Sillery acabava de cantar na harpa uns versos nos quaes ella convidava á inconstancia. Sua filha, e sua discipula, a bella Pamela, e a menina de S... dançavam uma dança russa, da qual unicamente o que esqueci foi o nome, mas tão voluptuosa, e executada com tanta seducção, que não julgo que a moça Herodias dançasse diante de seu thio uma mais propria a enebriar, quando ella quiz obter a cabeça de João Baptista. Qual foi a minha surpreza, no momento em que a governanta magica operava com mais força sobre a minha imaginação, e que a porta estava fechada aos profanos, vêr entrar... quem? um ajudante de campo de La-Fayette, vindo alli expressamente, e ao qual fizeram sentar junto a mim para me convencer que La-Fayette se havia feito amigo da casa! E não é tambem o cumulo da arte dos girondinos, accrescentava Camillo, que no entanto que elles trabalhavam surdamente pela facção de Orleans, haver-nos enviado á montanha o busto inanimado de Filippe, automata do qual eram elles os cordeis, para o fazer mover, por sentado e levantado, no meio de nós, e fazer crer assim ao povo que se havia uma facção de Orleans era entre nós?.. Não foi por um golpe da mesma tactica que os girondinos foram os primeiros a pedir o desterro de Filippe? Quanto a d'Orleans, depois do quatro annos que sempre o segui com a vista, não julgo que nem uma unica vez lhe succedesse opinar d'outra maneira que não fosse com o alto da Montanha, de sorte que eu lho chamava um Robespierre por sentado e levantado. Elle não tinha menos imprecações do que nós contra Sillery, seu antigo confidente, actualmente unido aos girondinos, a ponto de a mim proprio eu algumas vezes dizer: Será mui singular que Filippe d'Orleans não seja da facção d'Orleans! Mas isto não é impossivel: a facção existe, e ella tem o seu assento no lado direito com os girondinos.»

XII. — O povo, que acredita o mal pela palavra, que suspeita tanto quanto mais elle ignora, felicitava-se de achar emfim, nos girondinos, os culpados de todos os seus males. O duque d'Orleans, perseguido por elles, compartilhava a sua impopularidade.

A hora da ingratidão já havia batido para este principe. Offerecido pelos girondinos á suspeita do povo, entregue pelos montanhezes, que receiavam que sua presença na Montanha não fizesse adejar sobre elles a mesma suspeita, proscreveram o unanimemente, sem até mesmo lhe procurarem um crime. O pretexto do seu ostracismo foi a fuga de seu filho, arrastrado por Dumouriez na sua tentativa e defecção. A' voz de Barbaroux e de Boyer-Fonfrede, a convenção tinha decretado que Sillery, sogro do general Valence, logar-tenente de Dumouriez, e Filippe Egalité, pai do moço general fossem guardados á vista, com liberdade de irem aonde lhes aprouvesse, em Pariz sómente. Sillery, sacrificado pelos seus amigos os girondinos não lhes dirigiu censura alguma. «Quando se tratar da punição dos traidores,» disse voltando-se para o busto do primeiro dos Brutos que decorava a salla. «se meu genro é culpado, eu estou aqui diante da imagem de Brutus.» E inclinou a cabeça como um homem que aceita o exemplo, e conhece o dever. — «E eu tambem,» exclamou o principe estendendo a mão para a imagem do Romano juiz e algoz de seu filho, «se eu sou culpado, devo ser punido: se meu filho é culpado, vejo Brutus!..» Obedeceu sem murmurar ao decreto. Quer elle tivesse de antemão previsto o premio dos seus serviços, quer tivesse comprehendido a sua falsa situação n'uma republica que o inquietava servindo-a, ou o seu espirito cançado de agitações chegasse a este ponto de impossibilidade dos caracteres sem mola, o duque não mostrou nem espanto nem fraqueza diante da ingratidão da Montanha. Estendeu a mão aos seus collegas; estes recusaram tocar-lhe, como se tivessem receio da suspeita de familiaridade com este grande proscripto. Dirigiu-se escoltado por dois soldados para o seu palacio volvido em prisão sua.

Innocente ou culpado, o duque de Orleans embaraçava os dois partidos. Foi bem depressa depois transferido para a prisão da Abbadia, e dahi para Marselha, para o forte de *Notre-Dame de la Garde* (N. Senhora da Guarda), com o moço conde de Beaujolais, seu filho a duqueza de Bourbon, sua irmã: o principe Conti, seu tio. Uma unica excepção se fez a este decreto, em favor da duqueza de Orleans, muito tempo havia separada de seu marido. A piedade e a veneração publica a protegeram contra o seu nome: permittiu-se-lhe residir no castello de Vernon, na Normandia, junto ao duque de Penthievre seu pai, cujos derradeiros dias ella consolava.

XIII. — O duque de Orleans encontrou, chegando ao forte de Notre Dame de la Garde, o segundo filho seu, o moço duque de Montpensier, que acabava de ser preso sob as bandeiras da republica, no exercito da Italia, no mesmo dia que seu pai. O pai, e os dois filhos abraçaram-se n'uma prisão, um anno depois do dia em que se tinham reunido no campo de Dumouriez, depois da victoria de Jemmapes. O duque de Chartres era o unico que faltava a este espectaculo das vicissitudes da fortuna; porém andava errante, com um nome de emprestimo, em paizes estrangeiros. A filha unica do duque de Orleans, separada de sua mãi, e sem outra protectora senão a senhora de Sillery-Genlis, melhor suspeita á

todas as opiniões, divagava pelas margens do Rheno, chegava á Suissa alemã, e refugiava-se tambem, sob um supposto nome, n'um convento.

O duque de Orleans, no forte La Garde, contemplava a dispersão dos seus, e a sua propria queda como um espectaculo ao qual fosse estranho. Quer porque elle tivesse o sentimento de que as grandes revoluções devoram os seus apost los, quer porque uma especie de phi losophia sem esperança e sem pesares lhe fizesse aceitar, como a um ser inerte, os abalos do destino, a sua sensibilidade sómente se reanimava pelo sentimento paterno, que parecia o ultimo a sobreviver no seu coração. Habitou primeiro no mesmo quarto com os seus dois filhos; tinha a liberdade de passear com elles no terrasso do forte, donde os olhares livres ao menos, se engolfavam, do alto do rochedo, sobre o vasto horisonte do Mediterraneo, e sobre o movimento e ruido de Marselha Ao quarto dia da sua detenção, administradores e officiaes das guardas nacionaes entraram no seu quarto na occasião em que elle almoçava com os seus dois filhos. Intimaram-lhe a ordem de se separar do duque de Montpensier, que ficou preso sósinho n'um andar da fortaleza. Quanto ao mais moço dos vossos filhos, « lhe disse o official encarregado da execução desta ordem, « permitte-se, por causa da sua tenra idade, que fique comvosco; porém elle não poderá ver seu irmão. » O principe protestou debal e contra a barbaridade desta ordem O duque de Montpensier foi arrancado, banhado em lagrimas, dos braços de seu pai e seu irmão, e arrastado para outro andar da fortaleza.

Transferidos, depois do primeiro interrogatorio, para o forte S. João, prisão mais sinistra, na extremidade do porto de Marselha, seu captiveiro mais estreito foi privado do ar, da vista, e do exercicio. Tres calhabouços, sobrepostos uns aos outros dentro dos expessos muros da mesma torre, encerravam o principes e os seus dois filhos. Permittiu-se ao mais moço, o conde de Beaujolais, respirar algumas horas no dia o ar exterior, sob a vigilancia de dois guardas. Descendo para o seu passeio, a creança passava por diante da camara de seu irmão, que ficava por baixo da sua. O duque de Montpensier colava então o seu rosto de encontro á porta, e os dois irmãos trocavam algumas rapidas palavras atravez as fechaduras e ferrolhos. O som de suas vozes davalhes uma momentanea alegria. Um dia, o conde de Beaujolais ao subir achou aberta a porta do duque de Montpensier. A creança escapou d'um salto aos seus guardas, e arremessou-se nos braços de seu irmão. As sentinellas tiveram muito trabalho em separal-os. Havia dois mezes que os irmãos se não haviam visto. Adoptaram-se medidas contra estas surprezas de sua ternura, qual se fosse uma conspiração de malfeitores. Um tinha treze annos, e o outro dezoito.

Seu pai, alojado na mesma escada, não podia nem vêl-os nem ouvil-os. O desejo de contemplar de perto um principe de sangue, author e victima da revolução, e soffrendo as cadeias do povo a quem elle havia servido, attrahia continuamente novos visitantes á sua prisão. O principe, a quem a solidão pesava mais do que o captiveiro, e que não achava sociedade peior do que a dos seus pensamentos, não buscava subtrair-se nem ás vistas, nem ás interrogações dos curiosos Cada um delles lhe parecia alivial-o d'uma parte do pezo das horas.

Havendo um dia ouvido a voz d'um dos seus filhos: « Ah! Montpensier, » lhe gritou do fundo da sua prisão, « és tu, meu pobre filho! Como a tua voz me faz bem! » O filho ouviu seu pai que se arremessava da sua enxerga para a grade, e que supplicava ao carcereiro que ao menos lhe deixasse ver seus filhos; porém recusaram-lhe esta graça, e a porta por onde o pai e o filho tinham trocado um suspiro fechou-se para sempre.

XIV. — Este sacrificio á concordia, ou á suspeita, feito pela Gironda e pela Montanha, não fôra senão uma diversão ao odio que animava os dois partidos um contra o outro. Este fantasma de rei ou de dictador levantado no meio da convenção, occasião mutua de traição, não cessou de ressoar nos discursos e nos jornaes. Saint-Just, Robespierre, Guadet, Vergniaud, Isnard discutiram algumas theorias constitucionaes. « Acabemos a constituição, » diz Vergniaud na sessão de 8 de maio, « é por ella que desapparecerá este codigo draconiano, e este governo de circumstancia, ordenado sem duvida pela necessidade, e justificado por mui memoraveis traições, mas que pezam tanto sobre os bons cidadãos como sobre os maos, e que, se se perpetuam, fundariam bem depressa, sob pretexto de liberdade, a tyrannia. Apressemo-nos, cidadãos, em tranquilisar os cultivadores, os negociantes, e os proprietarios assustados dos dogmas que ouvem resoar aqui. Os antigos legisladores, para fazerem respeitar suas obras, faziam intervir algum deus entre elles e o povo. Nós que não temos nem a pomba de Mahomet, nem a nympha de Numa, nem o demonio familiar de Socrates, não devemos interpor entre nós e o povo senão a razão. Que republica quereis vós dar á França? Quereis proscrever a riqueza e o luxo que destroem, segundo Rousseau e Montesquieu a igualdade? quereis crear-lhe um governo austero, pobre, e guerreiro como o de Sparta? Neste caso sede consequente como Lycurgo, partilhai as terras entre os cidadãos, proscrevei os metaes que a cubiça arrancou ás entranhas da terra, queimai tambem os assignados, marcai com a infamia o exercicio de todas as artes uteis, não deixeis aos Francezes senão a serra e o machado: que os homens a quem tiverdes concedido o titulo de cidadão não paguem mais impostos; que os outros homens, a quem tiverdes recusado este titulo, sejam tributarios e forneçam só elles, pelo seu trabalho forçado, ás vossas necessidades; tende estrangeiros para fazer o commercio, tende ilotas para cultivar as vossas terras, e fazei depender a vossa subsistencia dos vossos escravos! E' verdade que similhantes leis são crueis, inhumanas, absurdas, é verdade que o mais terrivel dos niveladores, a morte, bem depressa adejaria sosinha sobre as vossas campinas, e concebo que a liga dos reis vos faça engendrar systemas que reduzirão todos os francezes á igualdade do desespero e dos tumulos.

« Quereis vós fundar como em Roma uma republica conquistadora? Dir-vos-hei com a historia que as conquistas foram sempre contrarias á liberdade, e com Montesquieu que a victoria de Salamina perdeu Athenas, como a derrota dos Athenienses perdeu Syracusa. Então para que servem as conquistas? Quereis fazer-vos os oppressores do genero humano?

« Finalmente, quereis fazer do povo francez um povo que não seja nem agricultor, nem negociante, e applicar-lhe as instituições pastoris de Guilherme Penn? Mas como existiria similhante povo no meio de nações quasi sempre em guerra, e governadas por tyrannos que não conhecem outro direito senão o da força! »

Vergniaud concluiu contra todas estas theorias de constituições ultra-democraticas para a França, e pediu que se apropriassem as instituições á sua situação geografica, ao caracter nacional, á actividade industriosa, ao estado de virilidade e de civilisação do povo, ao qual a convenção queria dar taes leis. Distraiu as utopias antigas e sómente invocou a inspiração do bom senso. Porém a republica da razão, pelos girondinos, não correspondia nem á imaginação incendida do povo, nem aos sonhos sobrenaturaes dos jacobinos para a transformação completa da sociedade.

Isnard, prevendo a lentidão que a convenção empregaria na feitura da constituição, e querendo collocar a vida dos proprios legisladores sob a garantia de um direito inviolavel, propoz decretar-se, em alguns artigos, um pacto social antes de se discutir os detalhes da constituição. A Montanha, que não queria outra constituição senão a vontade do povo e a dictadura das circumstancias, acolheu com sussurro a proposta de Isnard. Danton, o homem dos expedientes a repelliu. Affectou um soberbo desdem de idéas e palavras, e impellia incessantemente ao facto: a salvação da patria.

XV. — Robespierre, o homem das idéas geraes, discursou no dia seguinte sobre a constituição. O seu discurso, profundamente meditado, e redigido no estylo de Montesquieu, era a accusação d'uma phylosofia contra

as tyrannias e os vicios de todos os governos anteriores. Pactuar com estas tyrannias, transigir com estes vicios, parecia-lhe uma fraqueza indigna da verdade e da razão. A austeridade dos seus principios de governo contrastava com a tibiesa dos girondinos.

« Até hoje, disse Robespierre, a arte de governar não tem sido mais do que a arte de despojar e escravisar o grande numero em prol do pequeno numero. A sociedade tem por fim a conservação dos direitos do homem, e o aperfeiçoamento do seu ser, e por toda a parte a sociedade degrada e opprime o homem. O tempo chegou de a chamar á sua verdadeira funcção. A desigualdade das condições e dos direitos, este fructo prejudicial da nossa educação depravada pelo despotismo, sobreviveu mesmo á nossa imperfeita revolução. O sangue de trezentos mil francezes já correu, o sangue d'outros tresentos mil vai correr talvez ainda, para impedir que o simples lavrador não venha sentar-se no senado ao lado do rico mercador; que o artista não possa votar nas assembléas do povo ao lado dó negociante e do advogado; que o pobre intelligente e virtuoso não possa gosar dos direitos do homem em presença do rico imbecil e corrompido. Acreditaes vós que o povo, que conquistou a liberdade, que derramou seu sangue pela patria em quanto vós dormieis na molesa, ou conspiraveis nas trevas, se deixaria assim envilecer, encadear, esfaimar, degradar e degolar por vós! Não, tremei! porém a vóz da verdade que troa nos corações corrompidos assimelha-se aos sons que ressoam nos tumulos e que não acordam os cadaveres!

« Não busqueis a salvação da liberdade n'uma pretendida balança d poderes. Esta balança é uma chymera metaphysica. Que nos importam estes contrapesos que balanceiam a authoridade da tyrannia! E' a tyrannia em si que deve ser extirpada; é o povo que necessario é pôr em logar dos seus amos e tyrannos! Não gosto que o povo romano se retire para o monte sagrado; quero que elle fique em Roma, e expulse os seus oppressores! O povo não deve ter senão um unico tribuno, é elle mesmo! »

Robespierre fez allusão neste discurso á nova salla do antigo palacio das Tuillerias, para onde a convenção tinha na vespora transportado as suas sessões. A republica parecia tomar posse do poder supremo, entrando com a convenção naquelle palacio, donde no dia 10 de agosto havia expulsado a realesa O edificio todo fôra apropriado ao novo destino que recebia. Desde a salla da convenção, até aos salões do conselho de ministros, e secretarios dos grandes serviços publicos, as Tuilerias continham todo o governo, e vinham assim verdadeiramente a ser o palacio do povo. Deram-se nomes populares aos jardins, aos pateos, aos pavilhões, e aos corpos do edificio encerrados no seu vasto recinto. Por toda a parte a republica havia substituido os attributos do povo aos do rei, os symbolos da liberdade aos da tyrannia. O pavilhão do Norte chamava-se o pavilhão da Liberdade; o do Meio dia, o pavilhão da Igualdade; o do centro, o pavilhão da Unidade. A salla da convenção occupava todo o espaço comprehendido entre o pavilhão da Unidade e o pavilhão da Liberdade! Subia-se pela escada principal. As sallas inferiores estavam consagradas ás differentes estações de tropas que guardavam os deputados. Esta salla da convenção mais vasta, e melhor apropriada ás funcções de uma assembléa soberana, fôra decorada pelo pintor republicano David. As recordações do *forum* romano ahi reviviam nas formas, na tribuna, nas estatuas. O aspecto era magestoso e austero, porém inspirava ao povo menos respeito do que as sallas improvisadas dos estados geraes, e da assemblea nacional; não era a salla do primeiro movimento do povo; não tinha como o Jogo da Pella em Versailles, ressoado com o juramento das tres ordens: não tinha, como o Manége, ouvido a voz de Mirabeau.

XVI. — No entretanto os perigos da republica aggravavam-se de hora em hora. A Vendée estava de pé sob a bandeira contra-revolucionaria. Santerre tomava o commando dos batalhões parisienses que iam partir para alli a abafar a guerra civil. Custine, reconcentrado em Laudan, cobria apenas a linha do Rheno. Wurmser e o principe de Condé investiam Moguncia. Marselha, Bordeaux, Toulon, Lyon, e a Normandia fermentavam.

A burguezia, o banco, o alto commercio, os homens de letras, os artistas, e os proprietarios eram quasi todos do partido que queria moderar e refrear a anarchia. Promettiam aos oradores da Gironda um exercito contra os faubourgs. Os dois partidos, quasi igualmente seguros de um triumpho, desejavam uma jornada decisiva que os livrasse dos seus inimigos. Bordeaux, por uma representação ameaçadora, deu á Montanha e á Gironda occasião de se medir e contar na sessão de 14 de maio. « Legisladores, » disse o orador de Bordeaux, » a Gironda tem os olhos sobre os perigos dos seus deputados. Sabe que vinte e duas cabeças dos seus representantes estão votados á morte. Convenção nacional, e vós parisienses, salvai os deputados do povo, ou nós iremos cahir sobre Pariz! A revolução não é para nós a anarchia, a desorganisação, o crime e o assassinio. Primeiro morreremos todos, do que soffreremos o reinado dos bandidos e degoladores! »

A assembléa ouviu com temor estas ameaças. A Montanha reconheceu nellas a inspiração de Gaudet e Vergniaud. O presidente ousou responder aos peticionarios n uma linguagem que parecia invocar vingadores aos girondinos proscriptos. « Ide, » lhes disse elle, « tranquillisar os vossos compatriotas; dizei lhes que Pariz contem ainda um grande numero de cidadãos que velam sobre os malvados assoldadados por Pitt para opprimirem a assembléa nacional! Se novos tyrannos quizessem hojo elevar-se sobre as ruinas da republica, a vossa turno tomarieis a iniciativa da insurreição, e a França indignada se sublevaria comvosco. »

Legendre indignou-se contra uma petição soprada e mendigada por deputados perfidos que se queixavam de que os quizessem degolar, sem uma arranhadella terem para mostrar. » — « Cidadãos, diz Gaudet, não subo á tribuna para defender os Bordeleses; elles não precisam ser defendidos! Se não enviais ao cadafalso este punhado de assassinos que tramam novos crimes contra a representação nacional, sim! os departamentos marcharão sobre Pariz! — Tanto melhor! « murmuram algumas vozes da Montanha, « isso mesmo é o que queremos! — Hontem, continuou Gaudet, fez-se nos jacobinos a moção de nos extreminarem a todos antes de partirem para a Vendée, e esta moção de assassinos foi coberta de applausos. Falla-se da scisão da republica! Ah! de certo, Pariz depressa reconhecerá que é impossivel que isto dure mais tempo assim. Os que querem a scisão são aquelles que pretendem dissolver a convenção, e apontam uma parte dos seus membros aos punhaes. Acreditareis acaso que os departamentos impunemente verão caír os seus representantes sob o punhal? E pedem-nos que mostremos de antemão as nossas feridas! Foi justamente assim que Catilina respondeu a Cicero: Não se attenta contra a vossa vida? dizia elle aos senadores. Mas vós respirais todos! Pois bem! Cicero e os senadores deviam caír todos sob o ferro dos assassinos nessa mesma noite em que este traidor fallava assim. »

A convenção oscillava a todos estes discursos. Isnard foi nomeado presidente por uma forte maioria. A sua nomeação redobrou a confiança da Gironda nas suas forças, e foi considerada pela Montanha como uma declaração de guerra, e mesmo pelos moderados como um desafio.

Isnard, homem excessivo em tudo, tinha no caracter o fogo da sua declamação. Era a exageração da Gironda: um destes homens a quem as opiniões impellem á sua frente, quando o enebriamento do exito, ou o mêdo as impelle á temeridade, e quando ellas renunciam á prudencia, esta salvação dos partidos. Vergniaud, cuja moderação igualava a força, viu com sentimento esta escolha. Conhecia que o nome de Isnard repellia para a Montanha muitos homens fluctuantes. O sangue frio de Vergniaud dominava sempre os seus mais eloquentes improvisos. Conhecia o poder da razão sobre as massas, e o seu mesmo enthusiasmo era sempre habil e reflectido. Desejaria formar entre os dois extremos da convenção uma maioria de bom senso e patriotismo que

amortecesse os golpes que as duas grandes facções se iam despedir.

Cada dia da presidencia de Isnard foi marcado por uma tempestade, que em resultado trouxe uma catastrophe.

No primeiro dia, na sessão do 9 de maio, as secções de Pariz reclamaram a soltura de um tal Roux, arbitrariamente preso por ordem do comité revolucionario da secção do Bon-Conseil. «E' a facção dos homens do Estado,» exclamou Marat, «que quer proteger neste homem os contra-revolucionarios. — Sômos nós pois, lhe respondeu Mazuyer, «uma republica livre ou um despotismo popular? Que! póde arrancar-se sem julgamento nem mandado um cidadão de sua casa, no meio da noite, e havemos soffrel-o!» Ordena-se a soltura. Legendre levanta-se e pede que o decreto seja approvado por votação nominal, para o povo conhecer os nomes daquelles que protegem os conspiradores. A votação nominal foi pedida por cincoenta membros da Montanha. O presidente oppõe-se, e interrompe a sessão cobrindo-se. Duas horas se passam n'uma tumultuosa agitação, sem apasiguar os gritos da Montanha e das tribunas. Vergniaud pede que a sessão se levante, e a acta seja enviada aos departamentos. Couthon, padrinho de Robespierre, quiz fallar do seu logar. Os girondinos oppõem-se. Couthon representa que a doença que paralisa as suas pernas lhe obsta subir á tribuna. Os girondinos nem mesmo da sua doença se compadecem. Então o deputado Maure, homem athletico, agarra Couthon nos braços e o leva á tribuna. Os espectadores applaudem. «Dizem-me que eu sou um anarchista, que tenho posto o meu departamento em combustão, exclama Couthon. Ah! se aquelles que são aqui os unicos authores das desordens que vos despedaçam estivessem tão puros e tão sinceros como eu, viriam no mesmo instante a esta tribuna, e provocariam o julgamento do seu departamento, dando comigo a sua demissão.» Couthon foi reconduzido ao seu banco no meio dos applausos.

Vergniaud, muito tempo mudo e immovel, levantou-se. Restabelece os factos, e demonstra que o individuo preso foi encarcerado contra todas as leis. «Quanto á doutrina de Couthon, acrescenta Vergniaud, sobre as maiorias e minorias engana-se. Eu não reconheço maioria permanente: para mim está ella em toda a parte onde existir a rasão e a verdade: não tem logar marcado nem na direita, nem na esquerda; mas em toda a parte onde estiver é um crime revoltar-se contra ella. Couthon disse: supponhâmos uma maioria preversa; e eu digo: supponhâmos uma minoria preversa: esta supposição é ao menos tão verdadeira como a outra; supponhâmos uma minoria ambiciosa de poder, de dominio, de despojos; supponhâmos que ella queira fundar o seu poder na desordem da anarchia, não é evidente pois que se a maioria não tiver um meio de salvar a liberdade da oppressão, poder-se-hia, de minoria em minoria, chegar dos decemviros aos triumviros, e mesmo a um rei? Couthon pede que aquelles que são suspeitos de serem causa das nossas dissensões deem a sua demissão. Cidadãos, nós estamos todos encadeados em o nosso posto pelos nossos juramentos e perigos da patria. Aquelles que se retirarem para fugir ás suspeitas dos calumniadores serão covardes! — A noite interrompeu a tempestade.

Na sessão seguinte elle continuou o discurso. A montanha presiste, pelos seus clamores, em reclamar o direito de a minoria pedir a votação nominal, em todas as questões. «Quando se quiz dissolver em Inglaterra o longo parlamento, disse Guadet, adoptaram-se os mesmos meios: exaltou-se a minoria acima da maioria para fazer reinar o pequeno numero sobre o maior. Sabeis o que aconteceu? Foi com effeito a minoria encontrar meios de pôr em oppressão a maioria. Chamou em seu soccorro os *patriotas por excellencia* (era assim que elles se classificavam, uma multidão desvairada, á qual promettiam a pilhagem e a partida das terras. O carniceiro Pride (allusão a Legendre) executou em nome delles esta apuração do parlamento. Cento e cincoenta membros foram expulsos e a minoria, composta de sessenta patriotas, ficou senhora do governo. Estes *patriotas por excellencia*, instrumentos de Cromwell, foram a seu turno expulsos por elle. Seus proprios crimes serviram de pretexto ao usurpador. Entrou um dia no parlamento, e dirigindo-se a estes pretendidos salvadores da patria: Tu, disse elle a um, és um ladrão! Tu, disse a outro és um bebado! Tu, encheste-te com os dinheiros publicos! Tu és um frequentador de logares máos. Ide! cedei o logar a homens de bem. Sahiram e Cromwell reinou! Cidadãos, reflecti: não será o ultimo acto da historia de Inglaterra o que nesta occasião vos querem fazer representar?»

XVII. — Um tumulto de mulheres, nas galerias, interrompeu Guadet. Marat designou com o gesto um escriptor do partido moderado, por nome Bonneville, que assistia á sessão. «E' um infame aristocrata, é o medianeiro de Fauchet! exclamou elle» — Esta denuncia de Marat é um assassinio,» responde Lanthenas, o amigo da casa da sr.ª Roland «Es tu,» accrescentou elle mostrando o punho a Marat, «que és um aristocrata, porque não cessas de impellir á contra-revolução pregando o assassinio e a pilhagem! — Cidadãos!» disse com uma voz commovida e solemne o presidente Isnard, «isto que está acontecendo abre-me os olhos! Povo! legisladores! escutai! Estes tumultos assalariados são um plano da aristocracia, da Inglaterra, da Austria, de Pitt!» (Sussurros se elevam). Só os inimigos da patria é que são capazes de me interromper. Ah! se podesseis abrir meu coração, nelle verieis o amor pela minha patria! E, embora houvesse eu de ser immolado mesmo nesta cadeira, o meu derradeiro suspiro só por ella seria, e as minhas ultimas palavras: Deus perdoe aos meus assassinos, mas salve a liberdade do meu paiz! Os nossos inimigos, não podendo vencer-nos senão por nós mesmos, projectam a insurreição do povo. A insurreição deve principiar pelas mulheres. Pretende-se dissolver a convenção. Os inglezes aproveitar-se-hão desta occasião para invadir a França, e a contra-revolução será então levada a effeito. Eis o projecto que esta manhã me foi revellado. Estas agitações o confirmam. Devia esta declaração ao meu paiz, e acabo de a fazer; espero os acontecimentos. Estou quite com a minha consciencia.»

A assembléa, em grande massa, applaudiu esta insinuação contra os fautores de desordens. Vergniaud pede que a declaração de Isnard seja impressa e afixada em Pariz. «Declaremos,» exclama Meaulde «que não nos abandonaremos, e que morrerêmos juntos! — Sim, sim,» responde a convenção a uma só voz. Gamon, um dos inspectores da sala, declara que o comité encarregado da vigilancia das tribunas, advertido das desordens que as mulheres ahi excitavam, fizera prender muitas, e as interrogára.

Guadet aproveita a emoção e a indignação: «Em quanto que os homens virtuosos gemem sobre os perigos da patria, os scelerados se agitam para a perder. — Deixai fallar, dizia Cesar, e eu obro. «Guadet narra á assembléa os planos de dissolução da convenção, as reuniões dos conspiradores na *mairie*, no arcebispado, nos jacobinos, as ameaças de assassinio proferidas contra os brissontinos, os rolandistas, e os moderados, finalmente o tumulto levantado pelas mulheres nas tribunas, para servir de pretexto e signal da degola: «Até quando dormireis assim, cidadãos, á beira do abysmo? Apressai-vos em desmanchar as conspirações que por toda a parte vos cercam! Até agora os conjurados de 10 de março ficaram impunidos. O mal está na anarchia, nesta especie de insurreição das authoridades de Pariz contra a convenção, authoridades anarchicas que é preciso...» O furor das tribunas; cheias de agentes da communa, não deixa ouvir a ultima palavra de Guadet. A Montanha rebenta em apostrofes e gestos de raiva. O impassivel Guadet lê, no meio de profundo silencio os tres projectos premiditados pelos girondinos para atacarem de frente a communa, e reconquistarem o imperio da lei: «As authoridades de Pariz são demittidas; a municipalidade será substituida dentro em vinte quatro ho-

ras pelos presidentes das secções; finalmente os supplentes da assembléa se reunirão em Bourges para formarem ahi uma assembléa nacional ao abrigo das violencias de Pariz, e concentrar o poder da republica apenas lhes constar o mais pequeno attentado sobre a liberdade da convenção. »

XVIII. — A' leitura destes decretos: « Eis a conspiração descoberta pelos seus auctores! » exclama Collot-d'Herbois. Barrére, homem de duplo papel, toma a palavra como relator do comité de salvação publica. — « E' verdade, diz elle, que existe um plano de movimento nos departamentos para perder a republica, porem é obra somente da aristocracia E' verdade que Chaumette e Hebert aplaudiram na communa projectos de dissolução da convenção. E' verdade que os eleitores, reunidos em numero de oitenta no arcebispado, tractam ahi dos meios de apurar a assemblea nacional. Advertimos disto o maire de Pariz, Pache. E' verdade tambem que homens reunidos n'um certo logar deliberam sobre os meios de cortar vinte a duas cabeças á convenção, e servirem-se para isso das mulheres. Tudo isto merece sem duvida a vossa attenção, e provoca a vossa vigilancia. » O lado direito aplaudiu. Mas Barrére, voltando-se immediatamente para a montanha, curou com uma das mãos os golpes que a outra acabava de dar. » Mas que vos propõe Guadet? acrescentou elle, dimittir as auctoridades de Pariz Se eu quisesse a anarchia aplaudiria esta proposta. » (a Montanha applaude a sua vez) » Vós haveis-me posto em situação de tratar de perto com estas aucthoridades. Que tenho visto? Um departamento fraco e pusilanime; secções independentes regendo-se per si mesmas como outras tantas pequenas municipalidades; um conselho geral da communa no qual se encontra um homem, por nome Chaumette, do qual não conhece o civismo, mas que n'outro tempo foi frade; hei visto uma communa interpetrando e executando leis segundo seu capricho, organisando um exercito revolucionario. Que remedio a tal estado de cousas? O comité de salvação publica não quer outro senão a creação de uma commissão de doze membros escolhidos d'entre vós e encarregados de tomarem as medidas necessarias á tranquilidade publica, e examinar os actos da communa. »

XIX. — Estas palavras ambiguas acalmaram a tempestade, addiando na apparencia as propostes de Guadet, mas deixando comtudo aos girondinos a certesa de triumphar na escolha dos doze commissarios de entre os membros do seu partido. Como acontece sempre nas circumstancias extremas, a escolha dos girondinos afastou os homens moderados como Vergniaud, Ducos e Condorcet. Os membros da commissão dos doze foram Boileau, Lahosdiniere, Vigeé, Boyer-Fonfrede, Rabaut-Saint-Etienne, Kervelegan, Saint-Martin-Valogne, Gomaire, Henri Lariviere, Bergoing, Gardien, Mollevault. A suspeita de realismo estava escripta na maior parte destes nomes aos olhos da Montanha e do povo. Era o pessoal de um golpe de Estado. A commissão dos doze tinha a tentação delle, sem ter a força.

Apenas esta victoria dos girondinos na convenção foi sabida em Pariz, um grito de alarma se elevou em todas as secções e em todos os clubs A communa reuniu se a 9. As medidas mais extremas altamente foram ahi deliberadas. Declarou-se a convenção subjugada e incapaz de salvar a patria: propoz-se a prisão dos suspeitos; pediu se as vinte duas cabeças dos girondinos denominadores da convenção; ousou-se apresentar o assassino nocturno, e a morte individual dos vinte e dois tyrannos como um acto legal d'urgencia e salvação publica. O S. Bartholomeu foi citado como exemplo por um orador. « A' meia noite, disse elle, Coligny estava na côrte, á uma hora da manhã já não existia! » Separaram-se sem se decidir cousa alguma, senão a resolução de vingança.

XX. — O maire Pache, collocado entre a lei e o povo para enganar uma e lisongear a outro, desempenhava com duplicidade este duplo papel de magistrado e de faccioso. Combatia alto as medidas excessivas que de mansinho animava. Interposto pelas suas temerosas funcções entre a convenção e Pariz, era ao mesmo tempo o agente de uma, e o instigador da outra. Guadet, pedindo a demissão de Pache, tinha ferido a anarchia no coração. A commissão dos doze não podia mais que vigiar as suas tramas, sem força de as desmanchar.

Pache censurou mui alto, e animou mui baixo. Robespierre contentou-se em lastimar nos jacobinos. Nos cordeliers (franciscanos) Marat, Varlet, e as mulheres pediram a morte dos vinte dois tyrannos. A multidão, que se reunia em grande força todas as tardes no recinto e arredores do club parecia promota a mover-se.

A commissão dos doze, instruida, hora por hora, das moções dos clubs e da situação dos espiritos, procurava os meios de força para abater de um só golpe, o espirito da insurreição. Estes meios evaporavam-se sob a sua mão Ella pedia relatorios sobre relatorios ao maire Pache, o preparava um relatorio á convenção para a constranger á coragem pelo terror. Porem em circumstancias simillhantes, os corpos delibirantes, timidos e indecisos por sua natureza, querem que se lhes traga a força e não que ella se lhes peça. Apresentar-se lhes deve unicamente ser depois do successo. Sempre o sanccionam. Antes ou depois do combate, não são proprios senão para desconcertar a victoria.

XXI. — Vigée, em nome da commissão dos doze, leu á assembléa, no dia 24, o seguinte relatorio Cada palavra era um toque de rebate para chamar a convenção em soccorro dos seus membros.

Haveis instituido uma commissão extraordinaria, disse o relatorio, e a haveis investido de grandes poderes. Conhecesteis que era a unica prancha lançada no meio da tempestade para salvar a patria. » (a estas palavras principiam os sarcasmos da Montanha). » Temos portanto, continua Vigee, jurado salvar a liberdade ou sepultarnos com ella. Desde o primeiro passo descobrimos uma trama ho rivel contra a republica e a vossa vida. Alguns dias mais a republica estará perdida e vos não existireis (risadas de incredulidade redobram na Montanha). » Se não provamos o que disemos, dedicamos as nossas cabeças ao cadafalso... » O centro e a direita aplaudem. O relator mais uma serie de medidas de policia que de politica, rigorosas na apparencia, e na realidade impotente « A convenção toma sob a sua salvaguarda os bons cidadãos, a representação nacional, e a cidade de Pariz. Os cidadãos são obrigados a apresentarem-se exactamente á chamada da sua companhia. As assembléas das secções serão fechadas ás 10 horas da noite. A convenção, finalmente, encarrega a commissão dos doze de lhe apresentar incessantemente grandes medidas proprias a assegurar a tranquillidade publica. »

XXI. — Taes eram as disposições · pueris, se o perigo era extremo, oppressivas e vexatorias, se o perigo não existia. Era provocar sem combater, ameaçar sem ferir. Os girondinos sabiam mui bem que não havia, á excepção de Marat, nem Cromwell, nem conspiração de assassino na convenção; que Danton e Robespierre se conservavam afastados das conspirações subalternas de Pache, de Chaumette, e d'Hebert na communa, e das tramas do club do arcebispado; mas queriam, como todos os partidos, transformar as suas suspeitas em crimes, e lançar, sobre os seus inimigos da convenção, o horror publico inspirado aos bons cidadãos pelos projectos dos scelerados. Apenas Vigée acabara de fallar Marat pediu que se motivassem aquellas medidas, fundadas, disse elle, sobre receios chimericos e uma fabula no ar; declarou que não conhecia outra conspiração na França senão a que se tramava nos conciliabulos dos homens de Estado reunidos todos os dias em casa de Valazé — « Quero que nos esclareçam! diz Thirion. Uns dizem-nos que existe uma facção d'anarchistas. Marat acusa uma facção d'homens de Estado. Receio que estes homens d'Estado queiram vingar-se de nós, e fazerem o processo á revolução de 10 de agosto, como se quiz fazer, antes do 10 de agosto, o processo á primeira revolução. Onde estam os crimes? quem são os culpados?

A assemblea fluctuava suspensa. Um membro da Montanha declarou que um cidadão viera revelar-lhe que um membro da commissão dos doze lhe houvera dito que antes de quinze dias todos os jacobinos seriam extermi-

nados. « E a mim, replica Vergniaud, escrevem-me de differentes partes da republica que os emissarios espalham por toda a parte que os meus amigos e eu deixaremos dentro em pouco de viver. » Sendo a asserção de Vergniaud contestada pela Montanha, Boyer Fonfrede, que de antemão fora designado pelos seus amigos da commissão dos doze para sustentar o relatorio, e fazer passar o decreto, lança-se na tribuna :

XXIII. — Onde estamos nós, cidadãos? disse elle. Haveis perdido desde hontem a memoria? Não decretasteis ha pouco tempo ainda que as secções de Pariz que vieram denunciar o perigo haviam bem merecido da patria? O proprio maire de Pariz, não vos denunciou estes individuos que só de homens tem a figura, e que quiseram degolar-nos? Não tendes a meza coberta ás mãos cheias destas denuncias? E não querem permittir-nos que se proveja á segurança dos cidadãos de Pariz e á vossa! Ah! aquelles que se oppõe não receiam bem depressa ser offerecidos á França indignada cobertos com o sangue dos seus collegas? O nosso decreto calumnia Pariz? Mas não é dos cidadãos de Pariz que nós pedimos vos cerqueis? Não é os cidadãos de Pariz que nós queremos armar contra os bandidos? As nossas conspirações não são mais do que chimeras! disem Marat e Thirion. Cidadãos! aquelles a quem já dedicáram á morte, dedicam-os tambem á calumnia. Elles velarão sobre vós como vós proprios deveis velar pela liberdade. Respiram ainda, e é por ella. Ah! salvai Pariz! salvai a republica! Vêde os nossos departamentos! Estam levantados! estam em armas! A republica dissolvida está, se vós fordes os unicos na França sem coragem! Sim, se collegas a quem eu amo forem mortos, eu não quero sobreviver-lhes! Se não compartilho sua honrosa proscripção, merecerei ao menos morrer com elles! No dia desse attentado, eu proclamarei nesta tribuna uma soisão funesta, aborrecida ainda hoje, fatal a todos talvez, mas que a violação de tudo quanto ha sagrado sobre a terra fará necessaria. Sim, eu a proclamarei; os departamentos não serão surdos á minha voz, e a liberdade encontrará ainda asylos. » Esta alusão desesperada á federação dos departamentos contra Pariz arranca aplausos a tres quartas partes da convenção. « Cidadãos, continua Fonfrede, a quem a dedicação pelos seus amigos parece elevar acima do sólo da tribuna, « os manes dos nossos collegas proscriptos voarão bem acompanhados! As listas de proscripção estão feitas! Dez mil cidadãos de Pariz devem ser prezos e degolados! Cidadãos de Pariz! a causa dos vossos representantes proscriptos é a vossa! Acordai! Protegei-vos a vós mesmos! »

XXIV. — A assembléa, arrastada por esta torrente de eloquencia e coragem, estava prompta a votar o primeiro artigo. Danton, a passos demorados, sobe os degráos da tribuna, e occulta sob uma fingida impassibilidade, a indecisão que o agita. Negar os perigos da representação é impossivel. Sustentar os girondinos é despopularisar-se; perdel os é lançar a dictadura a Robespierre, a quem elle teme, ou a Marat, a quem elle despresa.

« Este artigo, disse elle, nada máo contem em si. Sem duvida a representação nacional precisa estar sob a salvaguarda da nação; porem isto acha-se escripto em todas as leis. Decretar o que se vos propõe, seria decretar o medo! Pode a convenção nacional annunciar á republica que ella se deixa dominar pelo medo? Tem-se calumniado Pariz. Pache, a quem vós accusais de não ter dado conta, veio informar o comité da salvação publica. As leis bastam. Tomai cautella com o ceder ao medo. Não nos deixemos arrastar pelas paixões. Tremamos que depois de ter creado uma commissão para investigar as conspirações que se tramam em Pariz, não se vos peça a creação de outra para procurar os crimes d'aquelles que transviam o espirito dos departamentos! »

XXV. — Danton calou-se. Vergniaud levantou-se. « Não fallarei, disse elle, com menos sangue frio que Danton porque sou pessoalmente interessado na conspiração e quero convencer os homens que teem o projecto de assassinar-me, que não os temo! Danton vos disse que é preciso temer de calumniar Pariz prestando fé a estas conspirações! Se esta imputação de calumniar Pariz se dirige á convenção em massa, é uma impostura! Se unicamente se dirije áquelles que, como nós, não cessaram de repetir que é preciso distinguir entre os cidadãos de Pariz, e uma horda de bandidos que se agitam no seio desta vasta cidade, que essa horda só é a culpada dos crimes que tem manchado a revolução, e pelos quaes os cidadãos gemem, tem-se calumniado Pariz, sim! mas quem? Os homens preversos que, para assegurarem a impunidade de seus crimes, tem a audacia de se confundirem com o povo.

« Danton vos disse: Não mostreis medo indigno de vós. Distingamos cidadãos! Como homens não devemos pensar em a nossa vida, mas como representantes deveis á patria ameaçada em vós precauções extraordinarias. Propõe-se-vos operar com moderação, porque se tracta da vossa segurança pessoal; e eu respondo: E' porque se tracta da vossa segurança pessoal, que é preciso operar com promptidão e vigor. Se não dessinais pela vossa coragem os perigos que vos cercam, senão assegurais não sómente a vossa vida, mas tambem a vossa independencia, trahis a patria, entregais o povo, e perdeis a unidade da republica! Não é aquelle que se defende contra um assassino o que tem medo; não é o homem que pune o crime o que tem medo, é aquelle que o deixa triumphar e reinar! » Vergniaud justifica depois, artigo por artigo o projecto de decreto, depois continuou « Cidadãos, recordai-vos que foi uma das secções fieis que vos disse á vossa barra: *Ousai ser terriveis, ou antes perdidos!* Ousai atacar de frente os vossos inimigos, e vós os vereis entrar na poeira! Quereis esperar covardamente que elles venham enterrar a faca no vosso seio? Proclamai-o bem alto! Nenhum de vós morrerá sem vingança. Os nossos departamentos estão de pé. Sem duvida a liberdade sobreviveria a novas tempestades, mas poderia acontecer que, ensanguentada, fosse buscar um asylo nos departamentos meridionaes. Salvai pela vossa firmeza a unidade da republica. Não tendes coragem? Abdicai as vossas funcções, e pedi á França successores mais dignos da sua confiança »

XXV. — A assembléa, electrisada por estas palavras votou o decreto proposto pela commissão dos doze.

Os girondinos apressaram-se a servir-se das armas que acabavam de alcançar. Pelas nove horas da noite, Hebert, um dos substitutos do conselho da communa, recebeu ordem de comparecer ante a commissão. O conselho da communa estava reunido em permanencia; Hebert correu lá antes de cumprir com as ordens da convenção. Tentou sublevar a indignação da communa contra a nova tyrania. Recordou aos seus cumplices o juramento que haviam prestado de confundir sua causa, e considerarem-se todos como feridos n'um só que fosse d'entre elles; declara que não é por elle que lhes suscita aquella recordação; que está prompto a levar sua cabeça ao cadafalso. Sae, torna a entrar, e abraça Chaumette como um homem que marcha á morte. O presidente e os membros do conselho apertam Hebert nos seus braços. Chaumette annuncia um momento depois que Miguel e Marino, dois administradores da policia, acabam de ser presos por ordem da commissão dos doze. O conselho intimidado, fluctua entre a consternação e a revolta. As deputações das secções succedem-se umas ás outras no hotel de ville, e vem fraternizar com a communa e jurar vingança dos seus inimigos. De hora em hora, o conselho envia deputações ás commissões dos doze para se informar da sorte de Hebert, e dos seus collegas prezos A' meia noite annuncia-se que Hebert é interrogado; ás 2 horas que havia acabado o interrogatorio; ás 3 soube-se a prisão de Varlet, um dos mais fogosos oradores do club dos franciscanos; ás quatro horas um grito de indignação geral se eleva á noticia da prisão difinitiva de Hebert, a quem a commissão dos doze fez conduzir á Abbadia.

Os jornaes do dia seguinte prolongaram, em Pariz inteiro, o grito de vingança soltado pelo conselho da communa Publicaram uma carta de Vergniaud aos seus concidadãos da Gironda, datada *de Pariz, sob o cutello* « Es-

crevi-vos hontem, dizia Vergniaud, com o coração despedaçado não pelos perigos que afronto, mas pelo vosso silencio. Espero os meus inimigos, e estou certo de os fazer empallidecer. Diz-se que é hoje ou amanhã que devem vir pedir fartar-se no sangue da convenção nacional; duvido que o ousem, ainda que o terror haja entregue as secções a um punhado de scelerados. Conservai-vos promptos: se me forçarem, chamar vos-hei da tribuna ou para virdes defender-nos, se ainda for tempo ou para vingar a liberdade exterminando os tyrannos. Homens da Gironda, não ha um instante a perder!...

XXVII. — A publicação desta carta, as deliberações das secções, as noticias sinistras chegadas á noite da Vendée e das fronteiras, as manobras de Pache, a exasperação dos jacobinos, dos *cordeliers*, e da communa, levavam ás suas ultimas pulsações a febre do povo. A communa decidiu que uma petição fosse apresentada á convenção para pedir o julgamento immediato de Hebert. Esta petição, levada de secções em secções, foi causa nellas dos mais encarniçados debates; uns a assignam outros a rasgam: a grande maioria adhere e jura fazer cortejo aos cidadãos que a levarem á barra. O cortejo engrossa na sua marcha, com essa multidão sempre arrastrada pela corrente d'uma emoção publica. Os peticionarios, em pequeno numero foram introduzidos á barra. Isnard presidia. Toda a resolução do seu partido refulgia no seu porte. A dignidade do seu papel de presidente era a unica cousa que sómente parecia conter o fogo do seu caracter. Fixou sobre os peticionarios o olhar de Cicero sobre Catilina no momento em que meditava as immortaes apostrofes contra o conspirador romano; parecia esperar a sedição nas palavras para a fulminar em nome da lei.

A's primeiras palavras pronunciadas pelo orador da deputação, o lado direito murmura. Danton, reclamando com energia o silencio, affecta cobrir os peticionarios com a sua protecção. «Nós vimos,» diz o orador da communa, «denunciar-vos um attentado commettido na pessoa de Hebert.»

Os girondinos indignam-se a esta palavra de attentado.

«Sim, prosegue o orador, Hebert, foi arrancado ao seio do Hotel de Ville, e conduzido ás prisões da Abbadia. O conselho geral defenderá a innocencia até á morte. Pedimos que elle nos seja restituido. As prisões erbitrarias são, para os homens de bem, corôas civicas.» As tribunas e a Montanha rebentam em applausos. Isnard levanta-se, e comprime-os com um gesto imperioso. «Magistrados do povo,» disse elle aos petencionarios, «a convenção, que fez uma declaração dos direitos do homem, não consentirá que um cidadão fique em ferros se não é culpado. Acreditai que obtereis uma prompta justiça; mas escutai a vosso turno as verdades que vos quero dizer a França poz em Pariz o deposito da representação nacional; é preciso que Pariz o respeite. Se nunca a convenção fôra aviltada, se nunca uma dessas insurreições que depois de 10 de março se renovam incessantemente, e de que os vossos magistrados,» accrescentou elle fazendo allusão a Pache, «nunca advertiram a convenção...» Violentos murmurios correm pela Montanha. A Planicie applaude.

Isnard impassivel continua: «Se, por estas insurreições sempre renascentes, succedesse que se attentasse contra a representação nacional, declaro-vos em nome da França inteira... — Não, não, não, exclama a Montanha... O resto da assembléa levanta-se para sustentar o presidente, e trezentos membros exclamam ao mesmo tempo: Sim, sim, sim, dizei em nome da França inteira — Sim, declaro-vos em nome da França inteira, continua Isnard, Pariz será anniquillada...» Estas ultimas palavras são cobertas no mesmo instante com as imprecações da Montanha, apupos, o estrepito das tribunas.

Os girondinos e os seus amigos apoiam, repetindo, com a mão estendida por um juramento, as ameaças do presidente. «Descei da cadeira!» vocifera Marat, «vós deshonrais a assembléa, protegeis os homens do estado.» O presidente, sem olhar para Marat, acaba a sua frase: «E bem depressa se procurará nas margens do Sena se Pariz existiu!» Danton levanta-se como um blasfemo e pede fallar. Isnard continua: «A espada da lei, da qual escorre ainda o sangue do tyranno, está prompta a ferir a cabeça de quem ousar elevar-se acima da representação nacional!»

XXVIII. — Isnard senta-se. Danton succede-lhe. «Assás, e por bastante tempo se ha calumniado Pariz em massa. O que é esta imprecação ao presidente contra Pariz! E' de estranhar que se apresente aqui a devastação de Pariz pelos departamentos, se esta cidade se volver culpada... — «Sim, sim,» lhe dizem os girondinos, «elles o fariam — Eu tambem intendo, eu, de figuras oratorias,» replica Danton. «Entra na resposta do presidente um sentimento de azedume. Para que suppôr que se procurará um dia nas margens do Sena se Pariz existiu? Longe da boca d'um presidente da convenção taes sentimentos! Não lhe pertence apresentar senão imagens consoladoras. E' bem que a republica saiba que Pariz se não desviará nunca dos seus principios; que depois de ter destruido o throno de um tyranno, não o levantará outra vez para sentar nelle um novo despota! Se no partido que serve o povo ha culpados, o povo saberá puni-los. Porém attendei a esta grande verdade, que, se é preciso escolher entre dois excessos, melhor será arremessar-mo-nos para o lado da liberdade, do que voltarmos caminho para a escravidão Ha algum tempo que os patriotas são opprimidos nas secções. Conheço a insolencia dos inimigos do povo. Não gosarão muito tempo da sua vantagem. O povo desilludido fal os-ha entrar em o nada. Entre os bons cidadãos ha alguns muito impetuosos: para que fazer-lhes crime de uma energia que elles empregam em servir o povo? Se não houvessem homens ardentes, não teria havido revolução. Não quero exasperar ninguem, porque tenho o sentimento da minha força defendendo a rasão. Desafio que se encontre um crime na minha vida, (um sussurro precorre as fileiras da Gironda). «Peço ser o primeiro enviado ao tribunal revolucionario, se acaso sou julgado culpado. Dei as minhas contas! — «Não é disso que se trata!» gritam-lhe do lado direito. Danton volta ao texto das suas idéas: «E' preciso unir os departamentos; é preciso evitar azeda-los contra Pariz: que! Pariz, que quebrou o sceptro de ferro, violaria a arca santa da representação nacional que lhe está confiada! Não, Pariz ama a revolução; Pariz merece o abraço da França inteira! O povo francez salvar-se-ha por si mesmo. Uma vez arrancada a mascara áquelles que representam o patriotismo, e servem de baluarte aos aristocratas, a França se levantará e aterrará os seus inimigos.» Esta allusão ameaçadora aos girondinos na boca de Danton, fez descobrir n'um futuro mais ou menos proximo um novo setembro.

XXIX. — Comtudo, nem Danton nem Robespierre meditavam a morte dos seus adversarios na convenção. Danton fluctuava sem uma resolução adoptada. Robespierre, mudo, observava, como antes do 10 de agosto, os acontecimentos sem impellir nem reter o povo. As sessões dos jacobinos, quasi desertas desde que a lucta dos partidos se concentrava na convenção, raras vezes ouvia a sua voz.

Foi unicamente na vespera da insurreição, e quando a victoria estava certa, que Robespierre rebentou em ameaças contra a commissão dos doze.

Sua palavra confirmou as secções no seu pensamento ainda indeciso. Os agitadores da communa reuniram-se e tomaram o nome de club central, ou da união republicana. Decidiram intimar a communa a insurgir-se, chamar a si a força armada, e fechar as barreiras de Pariz até a convenção fazer justiça ao povo. Henriot, nomeado commandante geral em substituição de Santerre, lhes respondeu pelas baionetas. Henriot era um desses homens que se elevam das fezes da sociedade quando a revolvem. Nascido no termo de Pariz, envolvido desde o começo da sua vida, em todas as profissões suspeitas d'uma capital, primeiramente creado impobro, depois charlatão, depois espião de policia, a revolução de 1792 abriu-lhe as portas de Bicetre, onde fôra encerrado por alguns delictos. Sahiu, como as immundicies saem do canno, para manchar e infectar a cidade. Audacioso no ros-

to, mas sem coragem no coração, ostentou-se nas fileiras dos assaltantes no dia 10 de agosto, saqueou depois da victoria, e degolou nas prisões. A' falta de empresas, os seus crimes o apontavam á multidão. Mais foi elle o arrastador do que o chefe do exercito das secções. Disciplinou-os para a anarchia.

XXX. — Esta anarchia que minava as secções não menos enfraquecia o governo. A commissão dos doze, para se fazer obedecer, não tinha nem armas, nem leis. A communa verdadeiro governo de Pariz, estava em revolta, ora declarada, ora disfarçada, contra a convenção. Quanto aos ministros, esses encerravam-se nas suas attribuições administrativas; escravos e complacentes dos comités dos quaes recebiam as ordens. O ministro do interior, Garat, era o unico encarregado da vigilancia de Pariz, e da segurança da convenção. Porem Garat, deslocado nos dias de crise, era desses homens que vergam sob os acontecimentos. Amigo dos girondinos no fundo de sua alma, mas contemporisando tambem com favor eventual de Danton, de Robespierre, e da montanha, os seus actos e as suas palavras eram sempre caracterisadas desta molesa que deixa esperanças aos dois partidos, e que, no momento supremo, tráe o mais justo pelo mais feliz. Encontra-se sempre um destes homens nefastos á frente dos partidos que estão a morrer: armas de má tempora, que se quebram na mão que se quer servir dellas.

XXXI. — Na sessão de 27, Pache respondeu pela tranquilidade da capital, e segurança da convenção.

Em seguida a este relatorio, que consternou os girondinos, Marat pediu a supressão da commissão dos doze, como inutil e provocante á insurreição. «Não é sómente á commissão dos doze que eu faço guerra. Se a nação toda inteira fosse testimunha das vossas conspirações libertecidas,» disse elle dirigindo-se a Vergniaud e a Guadet, «ella vos faria conduzir ao cadafalso.» Deputações das secções tinham vindo reclamar cidadãos presos, e pedir insolentemente que os membros da commissão dos doze fossem enviados ao tribunal revolucionario: «Cidadãos,» lhes respondeu o presidente Isnard, «a assembleia perdoa a vossa juventude.» A Montanha indignada subleva-se a estas palavras. Robespierre precipita-se á tribuna, onde os gritos da maioria lhe abafam a voz. «Vós sois um tyranno, um infame tyranno!» grita Marat a Isnard. — Pretende se degolar em detalhe a todos os patriotas,» acrescenta Charlier. — «Os tyrannos á Abbadia!» exclama-se de todos os lados. A convenção, divide-se em dois campos, só falla por gestos, e todos estes gestos parecem levar o desafio e a morte, de homem para homem, de partido para partido.

A voz de Vergniaud domina momentaneamente o tumulto. «Nada mais de discursos, exclama elle, actos! Vamos a votos para saber se as assembleias primarias serão convocadas, que é o unico remedio ao estado em que estamos. Só a França pode salvar a França!»

Os girondinos, á voz de Vergniaud, levantam-se e grupam-se, testimunhando pela sua actitude e gritos que adherem a esta proposta desesperada. Legendre e os moços montanhezes acceitam este desafio do povo, e gritam tambem: «Chamada nominal!» O presidente dispõe-se a pôr a questão á votação.

Temendo que a votação nominal dê a victoria aos girondinos, a Montanha e os patriotas das tribunas rebentam em imprecações contra Vergniaud.» Levantêmos a sessão!» gritam os moderados. Isnard cobre-se. As vozes enrouquecidas pelos clamores caliam-se. Danton, na apparencia impassivel até então, volta-se para os girondinos: «Declaro-vos,» disse elle com uma voz que recordava o troar do canhão do 10 de agosto, «declavos, que tanta imprudencia começa a pezar-nos.» Estas palavras significativas na boca do homem de setembro são cobertas de palmas pelas tribunas. Pede a Montanha que ellas sejam inseridas na acta, não como acclamação de um membro isolado, mas como o pensamento de um partido inteiro. Danton tambem o pede, e sobe á tribuna impellido pela impaciencia de sua alma e pelas mãos dos seus amigos. O silencio que Robespierre não pode alcançar restabeleceu-se á vista de Danton. Robespierre não era mais do que a palavra do povo, e Danton é o seu braço erguido. Todos olham para o golpe que elle irá despedir.

«Declaro, diz Danton, á convenção e ao povo francez que presistindo-se em reter nos ferros cidadãos cujo unico crime é um excesso de patriotismo, e em recusar a palavra áquelles que os querem defender, declaro, digo, que se ha aqui unicamente cem bons cidadãos, nós resistiremos. — Sim, sim!» lhe responde a Montanha a uma só voz. — «Declaro, accrescenta elle, que a recusa da palavra a Robespierre é uma covarde tyrannia! A commissão dos doze volta as armas que lhes metesteis na mão contra os melhores cidadãos! O povo francez julgará!

Danton desce; Thuriot succede-lhe, e cobre de invectivas o acto e as palavras do presidente. «É elle, disse, quem, com as suas respostas incendiarias, procura accender o fogo da guerra civil em Pariz, é elle quem ameaça esta capital de aniquilamento! — Presidente, grita Lanjuinais a Isnard, não vos abaixais a responder-lhe.» Reclama-se de novo, de ambas as partes, a votação nominal ou o julgamento do povo. Bazires avança e sobe os degráus da escada que conduz á cadeira do presidente. Alguns girondinos o agarram, e cobrem com o seu corpo a Isnard. «Quero arrancar da sua mão, diz Bazire, o signal da guerra civil escripto na sua resposta aos peticionarios. — E eu, diz Bourdon de l'Oise, se o presidente é assaz audacioso para proclamar a guerra civil, assassino-o!» Principia a chamada nominal. É interrompida pela pressão e pelo ruido da immensa multidão que a gravidade da medida fazia afluir aos corredores da convenção. «Debalde eu quiz sahir, declara o deputado Lidon; poseram-me a ponta da espada sobre o peito.

A Montanha accusa os girondinos de terem chamado a circumdar a salla companhias dedicadas á sua facção. Interroga-se o commandante Raffet. Este declara que marchou por ordem dos seus chefes, e que no momento em que se esforçava em manter a ordem nos corredores, Marat, com uma pistolla na mão, avançava para elle, e apontando-lhe ás fontes o canno da arma, o ameaçava disparar se se não retirava. «Afastei a arma, e fiz o meu dever,» accrescentou o official. Marat desmente o facto. O tumulto redobra. Os aplausos da planicie vingam o commandante Raffet dos ultrajes de Marat. Foi admittido ás honras da sessão. A opinião indignada pende evidentemente para a Gironda.

XXXII. — A assembléa está n'um desses momentos de oscillação, em que uma palavra póde arrastar os grandes auditorios ás mais decisivas medidas. O ministro do interior, Garat, entra na salla com Pache. Todos os olhos se voltam para elles. Garat obtem a palavra. Disculpa as secções, e os conspiradores.

Estas disculpas e apologias de Garat sublevam o lado direito, que lhe censura discutir em vez de se limitar a dar conta. A Montanha toma partido pelo ministro. Legendre lança-se sobre Guadet com o braço levantado. Os amigos de Guadet cercam-o e cobrem-o. Gritos: *ao assassino*, se elevam da Planice. O presidente interrompe, pela terceira vez, a deliberação com o signal de angustia. Este signal restabelece o silencio. Garat aggrava as suas insinuações contra a commissão dos doze. «Attesto á convenção,» disse elle, «que não tem perigo nenhum a correr, e que cada um de vós regressará em paz para sua caza. Tomo a responsabilidade sobre a minha cabeça!»

O silencio da consternação succede nos bancos dos girondinos a estas palavras do ministro que os entrega aos seus inimigos. Garat desce da tribuna, coberto dos aplausos da Montanha, e vai sentar-se no meio dos girondinos. Por esta actitude de falsa generosidade, Garat affecta compartilhar os perigos dos seus amigos no mesmo momento em que os trahia.

Danton succede-lhe «Lisongeio-me,» disse elle com um rosto radiante, «que desta grande lucta sahirá a verdade, como dos relampagos do raio sae a serenidade do ar! Ha homens, «acrescenta elle com um accento de altivo azedume olhando para Vergniaud e Guadet, «ha homens que se não podem despojar d'um ressen-

timento! Pelo que me respeita, a natureza fez-me impetuoso, mas isempto de odio.» Parece offerecer assim, pela derradeira vez, a sua neutralidade aos girondinos. Estes recusam-a.

Pache, animado pelo favor que as tribunas mostram a Garat, desenvolve com mais astucia as accusações contra a commissão dos doze. «Devo declarar-vos, diz elle concluindo, que a commissão dos doze deu ordem a tres secções filiadas, a da *Butte des Moulins*, do *Mail*, e a de 92, para terem promptos trezentos homens armados!»

XXXIII. — Um grito de geral indignação rebenta a estas palavras nas tribunas. As deputações das secções aglomeram se tumultuariamente ás portas da salla. Pache pede á convenção que as ouça. Os girondinos querem levantar a sessão. Fonfrede desce da cadeira. Herault de Sechelles substitue-o. Agradavel ao povo das tribunas pela graça do seu rosto, e pela sua joventude, agradavel á Montanha pelo republicanismo exagerado que affecta, rendido de antemão a toda a popularidade pela sua ambição, Herault de Sechelles é acolhido com as palmas da salla inteira. Só a sua presença é o signal da uma concessão. Muitos se retiram para não ser testimunhas dos ultrages á representação nacional. Os montanhezes espalham-se pelos bancos desertos.

O orador, em nome de vinte oito secções de Pariz, pede Hebert á convenção. «Gememos, diz elle, sob o jugo d'um comité despotico, como em outro tempo gemiamos sob um tyranno. Restitui-nos os verdadeiros republicanos! Livrai-nos de uma commissão tyrannica, e que nesta mesta sessão... — Sim! sim!» exclamam os membros da Montanha. Herault de Sechelles, deixa apenas ao orador das secções terminar a sua frase.

«Cidadãos, responde elle aos peticionarios, a força da razão, e a força do povo são a mesma cousa. Contai com a energia nacional, cuja explosão vós vedes por toda a parte. A resistencia á oppressão é tão sagrada como o odio aos tyrannos no coração humano. Representantes do povo, nós vos promettemos justiça, e nós vol-a faremos!»

Estas palavras do presidente, repetidas de boca em boca, desde a tribuna até aos jardins e pateos, mostram ao povo o seu triumpho. Dentro de algumas horas a maioria, personificada nos tres presidentes da sessão, mudou tres vezes sob a pressão que o movimento externo exercia na salla: resoluta ao principio e inplacavel com Isnard, moderada e conciliadora com Fonfrede, cumplice em fim e sediciosa em Herault de Sechelles. Animados por este acolhimento, outros oradores das secções redobram em audacia e invectivas contra os doze: — «Os patriotas estão em ferros. As scenas de 17 de julho preparam-se. — A republica está aniquilada. — Nós não fizemos em vão o juramento de viver livres ou morrer. — O foco da contra-revolução está no vosso seio. Este palacio será ainda o castello das Tuilerias? — Deputados da Montanha, vós não podeis abordar esta salla sem marchar sobre milhares de cadaveres, sem ver o sangue dos patriotas que vos conquistaram este palacio! Cem mil braços armados aqui estão á vossa disposição! Nós vos pedimos a liberdade de Hebert, o processo do infame Roland, e a suppressão da commissão dos doze!

«— Quando os direitos do homem são violados,» responde novamente Herault de Sechelles, «é preciso dizer: a reparação, ou a morte!»

Esta provocação do alto da tribuna á insurreição, pela boca do presidente, em nome da maioria, transformou-se em uma ordem. Os pedidos dos peticionarios, convertidos em decretos por Lacroix, foram votados pela convenção. Os peticionarios misturam-se com os deputados para preencherem os logares vasios pela Gironda, e votam com elles. Hebert, Varlet, e os seus cumplices são soltos. A commissão dos doze foi supprimida. A' meia noite a convenção levanta a sessão, e o povo satisfeito retira-se gritando: *Viva a Montanha, e morte aos vinte e dois.*

LIVRO XLI.

I. — A noite passou-se em agitações, panicos, e conciliabulos. No entanto que os Girondinos, reunidos em casa de Valazé, combinavam entre si os meios de se reapossarem da victoria que os montanhezes unicamente deviam a uma surpreza, Marat, Hebert, Dobsent, Varlet, Vincent, Fournier o Americano, o Hespanhol Gusman, que era para Marat, o que Saint-Just era para Robespierre, Henriot, e uns sessenta membros os mais exaltados das secções reuniram-se no arcebispado, n'uma salla interdicta ao publico. Ahi, deploraram os resultados d'uma victoria que não lhes dava nem despojos, nem victimas, que deixava aos seus inimigos a vida, a tribuna, a palavra, a imprensa, partidistas n'algumas secções do centro de Pariz, e as occasiões de se reapossarem do seu ascendente. Que importavam a estes homens de sangue as vãs oscillações da maioria n'uma convenção ainda livre? Elles queriam uma convenção escrava, instrumento docil dos seus furores, e não conservando o nome de representação nacional senão para mascarar o avassallamento dos departamentos. Cada um destes homens sonhava para si o papel dos Grachos, dos Clodins, de Mario, de Sylla, de Catilina, e acreditava-se maior politico á proporção que sonhava mais sinistras execuções. Mil planos se debateram. Um mancebo, mais depravado do que cultivado pelas letras, Varlet, obscuro ainda, desenvolveu um plano inteiro de degolamentos evidentemente inspirado pelas recordações de setembro. Varlet havia fabricado falsas correspondencias dos girondinos com o principe de Cobourg, documentos destinados a lançar a infamia e a execração do povo sobre estes pretendidos traidores da patria. De noite é que se devia ir prendel-os um a um nas suas moradas. Conduzidos sem estrondo a uma casa isolada no *faubourg* Saint-Jacques, com elles se acabaria á porta fechada. Os fossos, abertos de antemão n'um jardim confinante com esta casa, deviam receber os restos das victimas, e occultar ao publico a causa da sua desapparição. No dia seguinte a publicação das correspondencias fabricadas exporiam seus nomes á execração publica. Espalhar-se-ia o boato de sua fuga para o estrangeiro, e quando a verdade tardia desmentisse todas estas suspeitas, a republica estaria salva, a communa regenerada, e o povo agradeceria aos seus vingadores.

Tal era o plano de Varlet. Elle agradava aos executores de setembro, mas foi repellido por Dobsent, e pelo proprio Marat, primeiro como cheio de uma velhacaria indigna do povo, e depois porque reduzia as victimas a um numero mui restricto. Resolveu-se faze executar a apuração mesmo pelo povo, e designar-se-lhe tantas victimas, quantas seriam myster á sua vingança. Uns levavam o numero de cabeças proscriptas até trinta, outros até oitenta. Deixou-se ao acaso a escolha da contagem. Os conjurados separaram-se para ir dar a palavra d'ordem ás secções e aos faubourgs. Esta palavra d'ordem, sahida da boca de Marat, era: «Nada de meias medidas.» Escreveu-se que, nessa mesma noite, um outro comité superior d'execução, composto de Robespierre, de Danton, de Fabre, de Pache, e outros membros principaes da communa e da convenção, se haviam reunido em Charenton na casa onde tinham sido tramadas as de 20 de junho e 10 de agosto, e que ahi, os grandes chefes da Montanha reciprocamente haviam apontado os seus inimigos, como Octavio, Antonio e Lepido. Isto nunca se provou.

II. — Danton, arrastado apesar seu á lucta, desejaria que a victoria se limitasse á humilhação dos girondinos. Estava mui longe de conspirar a morte dos rivaes que elle mais admirava, e menos temia na convenção. Tinha adiante delles os passos da popularidade. Esta vantagem bastava-lhe. O coração pendia-lhe para o lado delles. «Não,» dizia elle ainda na vespora, fallando a seu respeito, estes bellos falladores não merecem tanta colera; são enthusiastas e levianos como a mulher que as inspira. Porque não tomam elles um homem por chefe? Esta mulher os perderá. E' a Circe da republica.»

Danton alludia á senhora Roland, que havia humilhado o seu orgulho.

Robespierre inquieto e perturbado pelo resultado deste grande dilaceramento de convenção, encerrou-se, na vespora desta crise no mais profundo retiro, como um homem que receia tocar n'um acontecimento, com medo de o fazer desviar ou abortar. Não lançou na balança senão algumas palavras ordenadas á sua situação pelo cuidado da sua popularidade. Marat sosinho soprou a colera do povo, e agarrou corpo a corpo os girondinos, seus inimigos pessoaes, até completamente os lançar por terra. Seria vingança, ambição, vaidade, d'um grande papel, inquietação d'um espirito que nunca se socegava? Tudo isto havia no caracter de Marat. Gostava especialmente de ter sempre em scena, e representar o povo luctando até á morte com os seus pretendidos inimigos.

III. — Os girondinos reunidos em casa de Valazé foram, por um acaso, informados da resolução do comité. Um federado bretão do partido delles, chegado havia poucos dias a Pariz, passava em a noite de 27 pelo arcebispado. Alguns grupos estavam reunidos á porta. Era-se admittido mostrando uma medalha de cobre ao porteiro. O Bretão, levado pela curiosidade, puxou da algibeira por uma moeda de bronze, á qual o guarda tomou pela insignia de reconhecimento. O federado foi introduzido. Apenas a deliberação principiou, o imprudente reconheceu o seu erro, e tremeu de ser descoberto. A confusão do momento e a agitação dos espiritos salvaram-o. Sahio sem ser suspeitado, o correu a casa de Valazé. Este e o seu amigo conjuraram este homem a voltar a seguinte noite ao foco da conjuração, para lhes repetir o que tivesse visto e ouvido. O Bretão decidou-se novamente. Seu rosto, já conhecido tirou toda a suspeita aos conspiradores. Voltou a instruir Valazé; porém tinha sido seguido. No dia seguinte encontraram o seu cadaver todo trespassado de golpes, fluctuando no Sena; trazia ainda comsigo a moeda de bronze com que tinha surprehendido os conjurados.

IV. — A commissão dos doze, apezar do decreto da vespora que a supprimia, havia-se reunido ainda durante a noite. Tinha-se deliberado sobre as medidas de resistencia que os girondinos tratavam levantar no dia seguinte em a convenãão. Todos os membros deste partido, e todos os membros da *Planice* compareceram mui cedo na sessão. Isnard tomou a cadeira da presidencia, resolvido a tomar o ascendente sobre a maioria, ou a morrer no seu posto. As cadeiras da Montanha estavam desguarnecidas; os deputados vencedores na vespora repousavam sobre a sua victoria, e não queriam deixar suppôr, pela pressa empregada em comparecerem na sessão, que esta victoria podesse ainda ser posta em questão. Lanjuinais comtudo pediu atrevidamente a palavra.

Lanjuinais não era girondino. Não tinha nem a ambição nem as culpas deste partido, não se havia immergido nem na conspiração de 20 de junho, nem na de 10 de agosto, nem na condemnação de Luiz XVI Nascido em Rennes d'uma honrosa familia do foro, elle proprio advogado distincto, philosofo christão, as suas ideas revolucionarias não eram senão uma forma da sua fé evangelica. A iguaidade era um dos seus dogmas. «A nobreza,» escrevia elle n'uma das suas primeiras obras, «não é um mal necessario.» Exercitado se havia nas luctas parlamentares em os conflictos do terceiro estado da Bretanha contra a aristocracia, o clero e o parlamento de Rennes. Este mesmo espirito de opposição á antiga ordem de cousas, o fizera nomear deputado aos Estados Geraes. Tinha sido um dos fundadores do club breton. Homem do Oeste, e não do Meiodia, tinha esta aspreza de consciencia, e esta obstinação de caracter que fazem, não oradores, mais heroes da opinião. Religioso como um Bretão, controversista como um parlamentar, mais republicano de costumes que de convicção, Lanjuinais era um desses homens a quem a pureza de sua alma isola no meio dos partidos, e a quem a generosidade do seu coração abdica ás causas abandonadas, quando acreditam ver nellas a justiça e a verdade. Tinha além disto uma coragem que se engrandecia em frente do tumulto das assembléas e ante a sedição do povo, qual o soldado em presença do fogo. A oppressão dos girondinos pela Montanha e pelo povo, havia-se indignado na vespora. Para contar Lanjuinais nas suas fileiras, bastava um partido achar-se oppresso. — Ao seu aspecto, a Montanha esperou uma protestação, e recusou ouvil-o.

«Tenho o direito de ser ouvido, disse Lanjuinais, sobre a existencia do pretendido decreto de hontem. Sustento que não houve decreto; e se o houve peço que seja reconsiderado.» O sussurro da Montanha interrompeu-o.

«Tudo está perdido, cidadãos,» continua Lanjuinais, com os gestos de um homem que contempla as ruinas da sua patria, «tudo está perdido, e eu denuncio-vos no decreto de hontem, uma conspiração mil vezes mais atroz do que todas aquellas até hoje tramadas. Que! de ha tres mezes para cá os vossos commissarios commetteram mais prisões arbitrarias nos departamentos do que o despotismo em trinta annos! Os homens pregam ha seis mezes a anarchia e o assassino, e ficarão impunes! — Se Lanjuinais não se calla, exclama Legendre, declaro que subo lá cima, e o precipito da tribuna! — Tomas-me tu pois por algum boi!» replica Lanjuinais (por alusão ao officio de carniceiro Legendre). » E eu, diz Barbaroux, peço que as expressões de Legendre sejam lançadas na acta, para attestar a liberdade que temos aqui! — Tu protegeste os aristocratas do teu departamento, tu és um scelerado! vociferam contra Lanjuinais os membros da Montanha. Levasseur declara que a commissão dos doze foi instituida, não para provenir, mas para executar uma conspiração contra-revolucionaria. As mais violentas apostrofes se trocam entre os girondinos e seus inimigos; uns negando, outros afirmando que o decreto tinha passado.

Guadet obteve a palavra «Vós fallais em legitimar um decreto resolvido na occasião em que os legisladores encerrados neste recinto, depois da dispersão da sua guarda, deliberavam sob o cutello, no meio de ameaças, ultrajes e violencias. quando muitos dentre nós, especialmente Pethion e Lasource, estavam na impotencia de atravessar por entre a multidão que os cercava, e chegar ao seu posto! quando finalmente os peticionarios sediciosos estavam animados pelo proprio presidente (não era Isnard), a fazer dobrar a vontade da convenção á vontade do povo amotinado!»

Robespierre, affectando uma voz cançada, e forças esgotadas, pronuncia algumas frases amáras e lacrimosas sobre a tyrannia dos doze. O ruido da *Planice* cobre as palavras do orador. Põe-se a votos a revogação do decreto da vespora, abolindo a commissão dos doze. Fraca maioria annulla aquelle decreto. O espanto petrefica a Montanha. «E' preciso velar as estatuas da liberdade, exclama Collot-d'Herbois.

Danton, que procura ainda illudir a ruptura definitiva da representação, levanta-se e quer apresentar habilmente um derradeiro meio de conciliação aos girondinos vencedores. O vosso decreto de hontem,» disse elle á convenção, «era um grande acto de justiça: acredito que será reto nado no fim desta sessão; porém se a commissão dos doze retomar o poder que ella queria exercer sobre os proprios membros desta assembléa, se o fio da conspiração não fôr quebrado, se os magistrados do povo não forem restituidos ás suas funcções, depois de se ter provado que excedemos os nossos inimigos em prudencia, provaremos que os excedemos em audacia e vigor revolucionario.»

Todos os membros da Montanha se associaram, por gestos e gritos, á declaração de Danton. «E nós, replicam os girondinos, pedimos vingança aos departamentos, e não ao povo das tribunas.» Marat quer fallar. «Abaixo Marat! exclama a *Planice* em massa. Rabaut-Saint-Etienne, relator da commissão, quiz lêr emfim o relatorio dos doze. Recusam obstinadamente ouvil-o. Invoca a prioridade para este relatorio.

«A prioridade está no canhão de alarme, responde a Montanha. As tribunas abafam com pateada a voz dos girondinos. O presidente cobre-se. «A contra-revolução

está aqui, diz Thirion. «Não somos livres, vamos para os nossos departamentos,» exclama Chambon. Os montanhezes pedem, segundo as insinuações de Danton, a liberdade de Hebert; a *Planice* sobre proposta de Boyer-Fonfrede, apressa-se em votal-a

Peticionarios, recrutados e soprados pelos girondinos, pedem ser ouvidos. E tempo, dizem elles, «que esta lucta acabe. E' tempo de que uma porção de scelerados, occultos sob a mascara do patriotismo, desappareçam; é tempo de uma minoria turbulenta entrar na ordem. Soltai uma palavra, e cercados sereis de todos os dignos defensores da causa que nos está confiada. Ver-se-ha d'um lado os bons cidadãos, e do outro um punhado de bandidos! «Interrompidos pelas vociferações da Montanha, e das tribunas, os peticionarios recebem as felicitações d'Isnard, e as honras da sessão.

«Ordenareis vós, diz Danton, a impressão de tal representação? O povo francez está prompto a voltar suas armas contra os seus inimigos. Fará, quando disser, só n'um dia entrarem em o nada os homens assaz estupidos que acreditam que ha distinção entre o povo e o cidadãos. Cuidai em que, se acaso se gloriam de ter aqui a maioria contra vós, maioria tendes na republica e em Pariz — Sim, sim! respondem as tribunas. — E tempo — continua Danton «de o povo se não limitar á guerra defensiva! que elle ataque os fautores do moderantismo! E' tempo de marcharmos altivamente pela nossa estrada! E' tempo de firmarmos os destinos da França! E' tempo de nos colligarmos contra as conspirações de todos aquelles que desejam destruir a republica! Mostrámos um dia energia, e vencemos! Não, Pariz não morrerá! Aos brilhantes destinos da republica virão juntarse os desta cidade famosa que os tyrannos queriam anniquilar! Pariz será sempre o terror dos inimigos da liberdade: e as suas secções, como nos grandes dias, em que o povo se reunia em massa, farão desapparecer sempre esses miseraveis *feuillants*, esses cobardes moderados, cujo triumpho é só momentaneo!»

Esta eloquente diversão de Danton, coberta de unanimes acclamações terminou a sessão, e o dia indeciso «Para que me servem queixas!» disse Danton saindo das Tuillerias, aos grupos que o cercavam.» Eu não vejo senão inimigos. Marchemos juntos contra os inimigos da patria!»

V — De tarde, Hebert foi conduzido da prisão até ao Hotel de Ville em triumpho. Alli recebeu uma corôa de louro, das mãos de Chaumette. Pediu-se que por expiação do captiveiro de Hebert, a commissão dos doze fosse levada ao tribunal revolucionario. Hebert, tirando a corôa de sua cabeça collocou-a sobre o busto de João Jacques Rousseau, o primeiro apostolo da liberdade. Os obreiros da revolução prestavam sempre homenagem ao pensamento primeiro da sua obra, no auctor do Contracto Social, que muitas vezes teria renegado taes discipulos. A sessão do dia seguinte na convenção foi socegada. falsa serenidade que precede muitas vezes de perto as tempestades, nos movimentos do povo á similhança dos phenomenos da atmosphera.

A sessão do club dos jacobinos de 30 preludiou as tempestades do dia seguinte. No entanto que o comité insurreccional do arcebispado combinava o movimento, Legendre, e Robespierre nos jacobinos, Marat e Danton nos franciscanos (*cordeliers*) entretinham o fogo da opinião! «Conheço-me incapaz, disse Robespierre, de prescrever ao povo os meios de se salvar. Isto não é permittido sómente a um homem! Isto não é permittido a mim que estou esgotado em quatro annos de revolução, e pelo dilacerante espectaculo da tyrannia triumphante! A mim não compete indicar estas medidas, a mim que estou consumido d'uma febre lenta, e especialmente da febre do patriotismo!» Esta apparente resignação de patriotismo impotente que se abandona a si mesmo, era o mais habil incentivo á energia desesperada do povo. «Não, não,» lhe responde um dos mais exaltados jacobinos, «nunca a posteridade poderá acreditar que vinte cinco milhões de homens se deixaram subjugar por um punhado de intrigantes, e que em nós se hão de vêr vinte cinco milhões de covardes! Digo que ámanhã é preciso o bronze sôe! que o canhão atroe! que todos aquelles que se não levantarem contra o inimigo commum, sejam declarados traidores á patria! Quando o bronze troar, esta harmonia animará os fracos, levantar-se-hão comnosco, e exterminaremos os inimigos.

VI — As medidas insurreccionaes do comité central do arcebispado transpiravam em todo Pariz. O conselho da communa, reunido, em sessão permanente no Hotel de Ville, começava a fallar como senhor, e a ameaçar a convenção. As secções, tumultuosamente reunidas, despedaçavam-se em deliberações contradictorias, conforme a ausencia ou a presença dos seccionarios tiravam ou davam a maioria a um ou a outro dos dois partidos. As noticias sinistras que chegavam, consecutivamente, da Vendée, das fronteiras e do meiodia, lançavam o terror na alma do povo, e dispunham-o ás resoluções desesperadas. Os desastres do exercito dos Pyrinêos; a retirada, mais parecida com uma derrota, do exercito do Norte; Valenciennes e Cambrai bloqueadas sem poderem ser soccorridas, e contando, de dia em dia, a duração de uma resistencia que se julgava impossivel; as tropas republicanas derrotadas em Fontenay pelos camponezes realistas de Lescure; Marselha em fogo; Bordeaux irritada; Lyon deixando escapar as primeiras faiscas da insurreição que se incubava dentro das suas muralhas: todas estas calamidades ao mesmo tempo caindo sobre a republica despedaçada ao mesmo tempo no seu foco, a convenção, exasperavam as almas contra os homens, ou fracos ou perdidos, que governavam tão infelizmente a patria.

O povo, não sabendo a que atter-se, lançava ás culpas dos girondinos todas as calamidades daquella occasião. Para resistir a esta torrente de impopularidade dirigida contra elles, os girondinos não tinham senão a força abstracta da lei. As baionetas e os piques da guarda nacional, fluctuavam ao acaso, segundo a versatilidade das secções. D'um lado alguns oradores intrepidos, fazendo apêlo aos departamentos demasiadamente affastados para os ouvirem; d'outro lado um povo armado, sublevado por motores occultos, e dirigido pelos jacobinos organisados; o triumpho não podia ser duvidoso. Os girondinos, tranquillisados primeiramente pela legalidade da sua causa, e pelo favor de que a bourguesia de Pariz os cercava, começaram emfim a pressentirem a sua ruina, e para ella preparavam as suas almas, menos como politicos, do que como martyres. Comtudo elles ainda se lisongeavam de que a fortuna se alinharia do lado delles nos derradeiros momentos. Provocovam representações sobre representações dos seus departamentos para collocarem suas cabeças sob a responsabilidade de Pariz. Pensavam que se os moderados da convenção eram mui timidos para afrontar com elles o poder da communa, e aterrar a anarchia, estes mesmos homens tinham sobejo cuidado na sua propria segurança para se entregarem elles proprios, abandonando as cabeças de vinte dois collegas seus ao ostracismo ou ao cadafalso de Marat. Recusavam acreditar que a gente honesta armada das secções empregaria, contra a representação nacional, as baionetas que elles possuiam para a defender.

Tal violação parecia-lhes tão monstruosa que a olhavam como impossivel. A vingança dos departamentos era a seus olhos tão certa e imminente que intimidaria mesmo os seus assassinos. Ligados por uma solidariedade de pensamentos, e de perigos, com estes numerosos membros da *Planicie* que tinham assento entre elles e a Montanha, contavam, com uma secreta segurança, estes tresentos votos que lhes dera maioria em todas as occasiões decisivas. Acreditavam no direito, no bom senso, no interesse bem comprehendido, na coragem das assembléas. Esqueciam a inveja, o medo, o arrastamento, os timidos pretextos, com que os homens fracos disfarçam sua covardia em frente d'um perigo que elles julgam conjurar entregando as victimas. Levavam estes pensamentos fluctuantes, ora confiantes, ora desconfiados, ás differentes reuniões nocturnas a que iam depois das sessões da noite. Buzot, Louvet, Barbaroux, Pethion, Isnard, Rebecqui, subiam um a um, escondendo-se á vista do povo, a escada de Roland, occulta no fundo de

um pateo da rua Laharpe. Ahi, estes intrepidos mancebos accusavam a lentidão, e a hesitação da commissão dos doze, que deveria ter prevenido, na opinião d'elles, os golpes da communa, arrastrar e comprometter a convenção logo desde a primeira noite, entregar Marat, Pache, Danton e Robespierre ao tribunal revolucionario, chamar forças dos departamentos para Paris, reorganisar as secções, e fechar os clubs» donde sahiam a anarchia, o crime, e o pavor.

Roland, humilhado da queda, ambicionava a gloria de reassegurar a tremula republica, e desenvolvia esta energia sombria de palavras que nada custam aos braços desarmados. A sr.ª Roland, repartida entre o interesse apaixonado que seu coração sentia pelos seus amigos e a viril tempera do seu caracter, animava e enternecia alternativamente todas estas conferencias. Buzot adorava nella a imagem e a voz da patria Barbaroux escutava-a com o respeito e enthusiasmo da sua idade. Estavam preparados a morrer, mas queriam morrer combatendo

VII. — Vergniaud, Condorcet Sieyés, Fonfrede, Ducos, Guadet, e Gensonné reuniam-se mais frequentemente na rua S. Lazaro ou em Clichy, ora em casa d'uma mulher amante de um delles, ora em casa do moço Fonfrede. Eram os politicos do partido. Sievés aconselhava-lhes actos de vigor, cuja responsabilidade elle não podia sosinho tomar sob o seu nome. Condorcet, homem de energia, mas não de execução indignava-se contra o aborto das seus theorias ideaes, e votava-se á morte, para não abandonar suas idéas senão com o seu sangue. Fonfrede e Ducos, montanhezes pelo pensamento, estavam retidos no seu partido pelo odio a Robespierre Estavam-o especialmente por estes laços de amizade entre collegas, mais fortes do que os laços de opinião entre homens de coragem, que se juraram fidelidade. Ducos e Fonfrede inclinavam-se a renegar a commissão dos doze, cujas imprudentes provocações elles tinham censurado.

Guadet, fervendo em ardor, eloquencia, e intrepidez, arrastado elle proprio pela torrente do seu enthusiasmo, acreditando na potencia deste arrastramento sobre a convenção, não queria outro plano senão o imprevisto, outra tactica senão o improviso, outras armas senão a sua palavra: igualmente prompto a vencer ou morrer, com tanto que fosse n'um bello movimento da tribuna.

Gensonné, mais reflectido, e mais exercitado nos meios de governo, queria pedir ás baionetas das secções uma protecção e um triumpho que não encontrava para a constituição nas oscillações d'uma maioria fluctuante.

Vergniaud, a força, a gloria, e a ultima popularidade do seu partido, era vivamente provocado por todos a tomar a direcção suprema da lucta, e preparar seus pensamentos, sentimentos, e palavras, unicas iguaes á grandeza do perigo, subir á tribuna, deixar rebentar sua alma indignada ante a patria, aterrar a conspiração sob a lei, e restituir aos bons corações a coragem que o seu silencio deixava extinguir-se em todos.

Vergniaud escutava irresoluto, sem responder, as interpellações dos seus amigos. Mui previdente para se dissimular a extremidade do perigo, mui corajoso para temer a morte, era tambem mui politico e profundamente versado na historia para se illudir respectivamente aos diversos planos que se lhe propunham. Vergniaud recusava tomar a responsabilidade da derrota e ruina do seu partido, as quaes já lhe pareciam consummadas. Olhando em redor de si, não via alguma força real sobre a qual a republica, qual elle a tinha sonhado, se apoiasse para resistir á anarchia. O alcance bem longo da sua vista não lhe deixava aperceber senão abismos ahi onde os outros julgavam ver sahidas. O seu proprio genio o desanimava, porque sómente lhe servia para distinguir o impossivel. Cruel situação para um espirito superior! Nas crises desesperadas, o limitado da intelligencia é uma felicidade para os homens mediocres. Deixa-lhe o ardor deixando-lhe a illusão. Vergniaud não tinha nem illusão, nem ardor; porem conservava esta impassibilidade estoica que não tem já ardor ou illusão, que vê aproximar-se, sem empallidecer, o momento supremo, e que, combatendo sem esperança, acceita a derrota como os homens acceitam o martyrio, com todo o sangue frio e todo o heroismo da vontade.

VIII. — Os desvios do seu espirito raras vezes haviam arrastado Vergniaud. Com os olhos fixos sobre a Europa, o grande orador sentia, tão profundamente como Danton a necessidade de fortificar a unidade da republica para resistir ao desmembramento da patria. O federalismo desesperado de Barbaroux, de Louvet, da sr.ª Roland fazia-lhe dó. Nunca se servira do federalismo nos seus discursos senão como um argumento desesperado, proprio a fazer tremer a anarchia. Conhecia que os inimigos mais encarniçados da França não podiam levar a effeito contra ella cousa alguma mais funesta do que este desmembramento voluntario, sonhado por alguns insensatos. O que elle temia para a sua patria na lucta que estava travada contra a communa, não era tanto a proscripção e a morte dos seus amigos, a sua propria proscripção e morte, e sim a insurreição e a deslocação dos departamentos que deviam seguir se a este dilaceramento da representação. O patriotismo abafava inteiramente o espirito do partido na alma de Vergniaud. A sua palavra não era tão ardente, como o fogo do seu patriotismo.

Vergniaud, nesta perplexidade de sua alma, como todos os homens collocados em frente da impossibilidade, não pedia ao destino, aos seus amigos, e aos seus inimigos, senão tempo. Tinha sacrificado ao tempo quando aceitou a republica no dia seguinte ao 10 de agosto, quando acreditava ainda, na vespora, em a necessidade transitoria da monarchia constitucional. Tinha sacrificado ao tempo quando, contra a sua consciencia, votara a morte de Luiz XVI. Estas duas concessões addiaram então o perigo, porém á imitação do dique, que reprime as ondas, acumulando-as e aggravando-lhes o peso. Vergniaud queria addiar ainda, e cedendo o governo á Montanha, disputar a anarchia ao povo, e prevenir a ruptura de Pariz e dos departamentos. Sem ambição para si proprio, sem vaidade mesmo pelo seu nome, não lhe custava nada entregar o poder aos seus rivaes. Conhecia-se pela natureza superior áquelles que o dominariam pela politica. Sua potencia estava no seu genio; não era possivel roubar-lha. Cedendo o poder, não acreditava cedêr nada, nem mesmo a gloria; porque a gloria do sacrificio era maior aos seus olhos que a do poder.

IX. — Vergniaud inclinava-se pois ás medidas de transacção, Danton que tinha os mesmos pensamentos, entretinha de boa fé estas disposições conciliadoras de Vergniaud, por via de amigos communs.

Robespierre e Pache certos agora de vencerem, applicavam-se de antemão, desde alguns dias antes, a redusir a insurreição ao caracter d'uma demonstração irresistivel á vontade do povo. Queriam como pesar sobre a convenção, mas não despedaçal-a. Nada de sangue, nada de victimas, tal era a nova palavra de ordem que Pache e seus cumplices faziam circular.

Supprimir a commissão dos dozes, expulsar os vinte e dois membros da convenção, dar a maioria á Montanha, entregar o governo revolucionario á communa de Pariz, estabelecer um terror legal sob o nome de uma representação nacional intimidada e sugeita; a isto se limitavam os resultados da jornada preparada pelos conspiradores. Uma violencia material, sangue espargido, cabeças entregues ao povo, dado haveriam aos departamentos sobejos pretextos de insurreição e muitos motivos de vingança. Temia-se nesta occasião a extrema fermentação do eiodia, a guerra do oeste, as agitações de Lyon. O dislaceramento da convenção podia ser o signal do dislaceramento repentino da França. Era preciso mascarar a tyrannia com a moderação e o respeito pelos departamentos. Era preciso occultar mesmo aos cidadãos armados das secções, o caracter do attentado que se hia commetter. Robespierre, Danton, Pache, o proprio Marat concordaram por fim neste pensamento. Henriot, recebeu ordem de disciplinar a insurreição, e confundir por tal

forma nos seus passos, as ordens da convenção com as da communa, que a revolta tivesse o caracter da legalidade, e que os ajuntamentos dirigidos sobre as Tuilerias, não podessem sabêr se hiam livrar se hiam constranger a representação. Este caracter hypocrita e equivoco das jornadas de 31 de maio e 2 de junho deve-se todo ao genio astucioso de Pache. Inspirou a sua politica á communa, e sustentou, melhor que Pethion não o fizera em 10 de agosto, o duplo papel de provocador e moderador do movimento.

X. — Esta temperança, que foi sabida pelos girondinos, fez crer a estes que a sessão de 31 se limitaria a uma violenta lucta da maioria; lucta na qual o povo não tomaria parte senão com a sua curiosidade, e com os seus gritos em favor da Montanha, porém que á menor concessão da sua parte se apasiguaria como nos dias precedentes. Os relatores que se lhes faziam não concordavam, segundo os bairros e os clubs donde partiam aquelles esclarecimentos.

A sessão de 30 curta e sem discussão não foi notavel senão por uma deputação de vinte sete secções de Pariz que pediam a annullação da commissão dos doze, e a prizão dos seus membros. Um moço patriota, exaltado pela edade e pela occasião, orador da deputação, intimou em palavras violentas a vontade do povo. « Não vos farei um longo discurso, disse elle. Os spartiatas exprimiam-se em poucas palavras, mas sabiam morrer. Nos, Parisienses, collocados nas Thermopylas da republica, ahi saberemos morrer, e teremos vingad res! » A convenção, pouco numerosa, e no qual os bancos do centro estavam vasios, votou a impressão desta petição. Esta resignação acostumava, de hora em hora, a communa a mais audacia, e a representação nacional a mais paciencia.

Nessa noite, o conselho geral da communa reuniu-se e tornou-se o centro activo da insurreição. Pariz ficou desde este momento dividido em dois campos: um que abraçava no seu recinto as Tuilerias, o Carrousel, o Palais-Royal, todos os bairros opulentos e commerciantes da cidade, cujos batalhões compostos de cidadãos amigos da ordem, estavam ainda pelos girondinos; o outro estendendo-se do *hotel de ville* para a extremidade dos dois *faubourgs Saint-Marceau e Saint-Antoine*, dedicado aos jacobinos. Todas as grandes jornadas tinham tido seu foco nesta região popular da capital. Podia classificar-se geograficamente as opiniões do povo dos *Champs-Elysées* até á altura do *Pont-Neuf* estendia-se a cidade constitucional; do *Pont-Neuf* até á Bastilha agitava-se a cidade revolucionaria. As Tuilerias eram o centro de outra. Eram dois povos, e algumas vezes dois exercitos: um querendo sempre avançar, embora fosse para a anarchia; o outro querendo sempre parar, embora fosse no provisorio e no inconsequente. A indigencia, a inquietação, sediciosa mas desinteressada por sua natureza, é o exercito offensivo das revoluções. A riqueza, o egoismo, e o estacionario, é o exercito defensivo das instituições. As opiniões do commum dos homens calculam se pela cifra media da sua fortuna. O povo é o exercito das idéas novas; os ricos são o exercito dos governos. Um recruta-se pela esperança, o outro reune-se pelo medo. Taes eram os dois Pariz em presença: um sublevado pelos montanhezes, o outro tremendo com os moderados.

XI. — Pache, Chaumette, Hebert, Sergent, Panis affectavam conservar durante esta noite, nas suas palavras e nos seus actos no conselho da communa, as apparencias da legalidade. Informado do que o club do arcebispado tomava resoluções excessivas, Pache dirigiu-se lá; pediu aos sediciosos moderar-se e esperarem. Regressou ao conselho a annunciar aos seus collegas que as suas recommendações haviam sido importantes contra a irritação do povo, que o comité acabava de se declarar em insurreição, e ordenar que se fechassem as barreiras, e se prendessem os suspeitos. Apenas Pache acaba de fallar que o toque de rebate soou em todas as torres da capital.

Eram tres horas da madrugada. Estes sons sinistros do campanario, acordando em sobresalto os habitantes do Pariz, e levando a febre á alma de uns, o terror á alma dos outros. O toque de rebate, desde 14 de julho, tinha sido o marche-marche das sedições do povo. No meio do tumulto que este troar subleva no *hotel de ville* e na praça de Greve, um mancebo, chamado Dobsent, orador do comité do arcebispado, entra na sala do conselho da communa, á frente d'uma deputação da maioria das secções. Dobsent declara, em nome do povo soberano representado pelas secções, que o povo, ferido nos seus direitos, acaba de tomar medidas extremas para salvar-se a si proprio, e que a municipalidade e todas as authoridades do departamento estavam demittidas. A estas palavras Chaumette convida os seus collegas da communa a abdicarem seu poder nas mãos do povo. Todos os membros do conselho se levantam, resignam seu mandato, e juram não se separar da nação. Retiram-se aos gritos de *viva a republica!*

Dobsent cria no mesmo instante um novo conselho, composto na maioria dos antigos membros. Este conselho chama ao seu seio Pache; Chaumette, Hebert, e reintegra-os, em nome da insurreição, nas suas funcções. O conselho porem troca o seu titulo em outro mais significativo, e se declara conselho geral revolucionario da communa de Pariz Ordena a Henriot que faça disparar a peça de alarma, tocar a rebate no hotel de ville, enviar reforços aos guardas das prisões para prevenir a evasão ao a matança dos presos. Os gendarmes e os guardas nacionaes da guarda da praça de Greve, desfillam outra vez e prestam juramento ao poder insurreccional. De quarto de hora em quarto de hora, novas deputações das secções e dos batalhões vem adherir ao movimento, e fraternisar com a insurreição.

O dia apparece, a cidade inteira está de pé: o *maire* Pache, dictador de uma noite, chega á convenção, para lhe dar conta da situação de Pariz. Os membros do conselho o acompanham para se colocarem, em caso de necessidade, entre o punhal e o maire. Uma columna immensa de povo segue Pache até ao Carrousel, e forma-lhe uma guarda popular. Henriot, a cavallo, precorre as secções, faz marchar os batalhões, reune as tropas em roda das Tuilerias, na Pont-Neuf, no Carrousel. Henriot associa, como Pache, a força publica á insurreição, que ella parece destinada ao mesmo tempo a engrossar e a refrear. Para ferir a imaginação do povo, e para intimidar as secções visinhas das Tuilerias, elle fez transportar ao Carroussel, em frente da porta da Convenção, os fornilhos em que os artilheiros incendeiam as ballas, como se a *tyrannia* e os Suissos estivessem ainda intrincheirados neste palacio. De minuto em minuto o canhão de alarma troa na Pont-Neuf. Os batalhões, incertos vem sitiar ou defender a convenção, alinhand -se nos postos que se lhes determinavam, já costumados a seguirem mais do que a reprimirem os caprichos da multidão.

XII. — Tal era o aspecto de Pariz ao nascer o dia de 31 de maio O ceo estava sombrio, o vento glacial irritava as fibras dos homens, e predispunha-os á colera. Os guardas nacionaes tiritavam junto das suas armas. A insomnia, o frio, o toque de rebate, o estrondo da artilheria de alarma, a impaciencia do acontecimento, a duvida, o espanto, a incertesa, davam ás physionomias do povo e dos soldados alguma cousa de estupido e sinistro que o rosto da multidão contrae, qual o rosto de um criminosa, na vespora, ou no dia seguinte, dos grandes attentados.

XIII. — Os deputados ameaçados, temendo as emboscadas desta noite, não tinham dormido em suas casas. Só Vergniaud, sempre impassivel e resignado á fatalidade, havia obstinadamente recusado adoptar alguma medida de segurança. — « Que me importa a vida? » dissera elle na vespora sahindo de casa de Valazé. « O meu sangue seria talvez mais eloquente do que as minhas palavras para acordar e salvar a patria. Que elles o derramem, se tem de recahir sobre elles! »

Os outros haviam-se dispersado para tomar alguns momentos do repouso pelas casas dos seus amigos. Buzot, Barbaroux, Louvet, Bergoing, Rabaut-Saint-Etienne e Guadet, havia -se reunido n'um só quarto lá n'um bairro affastado. Tres leitos, alguns cadeiras, armas boas,

portas barricadas, a resolução de não morrerem sem vingança, permittira-lhes gosarem alguns momentos de somno. Pelas tres horas da manhã o canhão de alarme, e o toque de rebate os acordou. *Illa suprema dies* ! exclamou Rabaut-Saint-Etienne applicando o ouvido áquelles sons Rabaut, homem piedoso, ajoelhou ao pé do leito onde acabava de dormir pela ultima vez ; invocou em voz alta a misericordia divina sobre os seus companheiros, sobre a sua patria, e sobre si mesmo. O sceptico Louvet, e o moço Barbaroux, contaram depois que esta oração de Rabaut, n'outro tempo ministro do Evangelho havia profundamente commovido seus corações. Ha momentos em que o pensamento de Deus força as almas, e nella entra violentamente com o sentimento de sua propria impotencia, mas não é nunca para os enfraquecer. Rabaut levantou-se tranquillo e socegado.

Seus amigos e elle desceram ás seis horas para a rua, com pistolas e punhaes occultos no fato. Dirigiram-se, sem ser reconhecidos, aos seus logares na convenção.

A salla estava vasia ainda. Danton, só, agitado pelos acontecimentos da noite, e impaciente dos do dia, ali passeava com uma visivel anciedade. Conversava com dois membros da Montanha. Ao ver os girondinos, nos quaes, apesar seu, elle via victimas, Danton fez um gesto de pesar, e em um movimento convulsi o de piedade contrahiu-lhe a boca. Louvet acredita ver-lhe um sorriso de alegria — « Vês », disse elle a Guadet, que horrivel esperança brilha nesta odienta figura ? — De certo, » exclamou Guadet em voz alta para ser ouvido do Danton, » e é hoje que Clodio exila Cicero ! »

XV. — No entanto que a salla se ia enchendo, e que os grupos dos deputados se interrogavam sobre os acontecimentos da noite, a secção armada da *Butte-des-Moulins*, sustentada por cinco secções em torno do centro de Pariz, sabendo que o *faubourg Saint'Antoine* marchava para a desarmar, entrincheirou-se no jardim do *Palais-Royal*, assentou os seus canhões, carregou-os, e apresentava um derradeiro ponto de apoio aos moderados da convenção contra a oppressão da communa. Os quarenta mil federados dos *faubourgs*, chegados á altura das grades do Palais-Royal, quizeram forçar as portas deste jardim. As secções do centro disposeram-se a defendel-as. O sangue ia correr, Parlamentou-se. Os federados contentaram-se em pedir a entrada no jardim, por deputações dos seus batalhões, afim de se certificarem se era verdade que os seccionarios do Palais-Royal tinham arvorado o laço branco. Introduzidas as deputações, estas reconheceram o absurdo daquella calumnia, e apertaram a mão aos seus irmãos d'armas. Este episodio apasiguou a colera do povo, e conteve os batalhões dos dois partidos n'uma passiva immobilidade.

A sessão da convenção abriu-se ás dez horas. O ministro do interior, Garat, e depois delle Pache deram conta da fermentação de Paris, e attribuiram-a á reintegração da commissão dos doze.

Valazé impaciente de decidir os acontecimentos do dia, é um dos primeiros a subir á tribuna. Vergniaud, que receia a temeridade dos seus amigos, faz um signal de descontentamento, e recolhe-se em si. « Depois de levantada a sessão de hontem, diz Valazé, o toque a rebate soa, toca-se á generala, mas por ordem de quem ? Ousais vêr onde estão os culpados ! Henriot, commandante provisorio, ordenou ao posto de Pont-Neuf que disparasse o canhão de alarma. E' uma prevaricação manifesta punida com pena de morte. » (As tribunas levantaram-se a estas palavras). « Se o tumulto continua » continua Valazé, com intrepidez, » declaro que farei respeitar o meu caracter. Sou aqui o representante de vinta e cinco milhões de homens ! Peço que Henriot seja chamado á barra e preso. Peço que a commissão dos doze, tão calumniada, seja chamada para communicar as indicações que ella colheu. »

Thuriot succede a Valazé. Pede ao contrario, que esta commissão seja dissolvida no mesmo instante, os seus papeis sellados, e o exame dos seus actos entregue ao comité de salvação publica. Estas palavras de Thuriot são intercortadas, e por fim interrompidas pelo ruido do toque de rebate. Gritos confusos se levantam uns pela proposta de Valazé, outros pela de Thuriot. O canhão de alarma sobrepuja tudo. Vergniaud na tribuna, faz um gesto de pacificação, e obteu em fim o silencio.

« Estou tão persuadido das verdades que dizeis sobre as funestas consequencias do combate que parece preparar-se em Pariz ; estou tão convencido de que este combate comprometteria eminentemente a liberdade e a republica, que na minha opinião nisto ha cumplicidade com os nossos inimigos externos que desejam vel-o travado seja qual for seu resultado. E póde pintar-se a commissão como o flagello da França, no proprio momento em que ouvis troar o canhão de alarma ! Pede-se que ella seja dissolvida se commetteu actos arbitrarios ? Sem duvida que, sendo assim, ella deve ser dissolvida. Mas é preciso ouvil-a. Com tudo não é este o momento, entendo eu, de ouvir o seu relatorio. Este relatorio irritaria necessariamente as paixões, o que é necessario evitar n'um dia de fermentação. O que é necessario é que a convenção prove á França que ella é livre Pois bem ! para o provar é preciso que ella não casse hoje os poderes á commissão. Peço pois o addiamento para ámanhã. No entanto, saibâmos quem ordenou se disparasse o canhão de alarma, e chamâmos a nossa barra o commandante geral. »

Gritos unanimes de approvação se elevam para sanccionar este addiamento de Vergniaud. Elle não salvava nem a liberdade, nem a honra, mas salvava a actitude da convenção. Apasiguava o povo promettendo-lhe a victoria. Satisfazia á Montanha tirando-lhe o odioso da violencia. Preserverava a cabeça dos girondinos promettendo-lhes sua abdicação. Era um vão protesto de respeito á lei. Convinha a todos e especialmente aos fracos. Os girondinos conheceram-se ao mesmo tempo perdidos e salvos na concessão do seu orador. Aquelles que presavam sua propria vida applaudiram-o ; aquelles que cuidavam na sua honra ficavam consternados e mudos.

XV — Danton quiz arrancar a assemblea uma victoria já meia cedida por Vergniaud. « Justiça, antes de tudo da commissão ! » disse elle com a sua voz mais forte. « Ella mereceu a indignação popular. Recordai o meu discurso contra ella, este discurso mui moderado. Um homem, a quem a natureza creou doce, sem paixões, o ministro do interior, mesmo vos illusiu a soltar as suas victimas. Vós creasteis esta commissão, não para ella, mas para vos. Examinai seus actos. Se é culpada, dai um exemplo terrivel que assuste aquelles que não respeitam o povo mesmo na sua exageração revolucionaria. O canhão troou. Mas se Pariz não quiz senão dar um grande sinal para provocar as representações que se vos trazem ; se Pariz por uma convocação mui solemne, mui estrepitosa, não quiz senão advertir todos os cidadãos a que venham pedir-vos justiça, Pariz ha ainda bem merecido da patria ! Longe de censurar esta explosão, volvei-a em proveito da causa publica cassando a vossa commissão. »

Uns murmuram, outros aplaudem. Danton lança um olhar de desdem sobre a *Planicie*, que se agita a seus pés. « Eu dirijo-me, », disse elle fasendo um signal para Vergniand, « eu dirijo-me áquelles que receberam alguns talentos politicos, e não a esses homens estupidos que não sabem fazer fallar senão as suas paixoes. « O gesto da sua cabeça e a direcção de seu olhar dirigiam a Guadet, Buzot, e a Louvet esta insolente apostrofe. « Digo aos primeiros, continua Danton : Considerai a grandeza do vosso fim, é salvar o povo dos seus inimigos, dos arristocratas, da sua propria colera. A commissão foi assás desprovida de senso para adptar determinações temerarias, e notifical-as ao maire de Pariz. Peço o julgamento dos seus membros. Julgais que elles são irreprehensiveis, diseis vós. Eu, eu julgo que elles tem servido bem os seus ressentimentos. E'preciso que estes cahos se esclareça, é preciso justiça ao povo ! — Que povo, gritam lhe da *Planicie* — « Que povo ? » replica Danton. Esse povo é immenso. « Mostra com a mão a multidão de cabeças que estão inclinadas das tribunas publicas « Este povo é a guarda avançada da republica. Todos os departamentos tem execração á tyrannia Todos estimarão este grande movimento que exterminará os inimigos da liberdade.

Eu serei o primeiro a render uma justiça bem alta a esses homens corajosos que fiseram ressoar os ares com o toque de rebate e o canhão de alarma .... « Os aplausos das tribunas não o deixam acabar esta glorificação d' Henriot e do comité revolucionario da communa. Danton, arrastado mesmo mais longe da moderação do que elle meditava começando a fallar, conhece que se enebria do delirio do seu auditorio, e que irrita o furor que queria temperar. Resume-se nestes termos: « Se alguns homens, disse elle, de qualquer partido que sejam, quizessem prolongar um movimento tornado inutil quando houvesseis feito justiça, o proprio Pariz os faria entrar em o nada! » Concluiu pedindo que se consultasse a assembléa sobre a suppressão da commissão dos doze.

Rabaut pede debalde, no meio de murmurios, que esta commissão seja ouvida. Denuncia Santerre que devia, diz elle, marchar á noite sobre Pariz com os voluntarios vindos da Vendeé, e que se fizeram aquartelar para este acto de tyrannia, ás portas da capital. As interrupções abafam as palavras de Rabaut. Quer se primeiro que tudo ouvir uma depu ação da communa.

Vergniand, apostrafado pelas tribunas pede que ellas sejam despejadas. « Vós accusais nos, » grita Rabaud a Bourdon de l'Oise, » porque sabeis que devemos accusar-vos! A deputação da secção do Observatorio é admittida. Quer, diz ella, em nome do conselho communicar as medidas que adoptou. Collocou diz ella as propriedades sob a guarda dos *sans-culottes*; e como esta classe não pode passar sem o jornal do seu trabalho, destinou-lhe a quantia de 40 *sous* por dia.

« O povo que se levantou, diz o orador, a primeira vez em 10 de agosto, para expulsar o tyrano do throno, levanta-se segunda vez para sustar as conspirações liberticidas dos contra-revolucionarios! — Denunciai essas conspirações! lhe gritam os girondinos. Guadet, irritado de tanta audacia lança-se na tribuna. « Os peticionarios, diz elle, fallam d'uma grande conspiração; não se enganam senão em uma palavra: é que em vez de diserem que elles a descubriram, deviam dizer que elles a executaram. » As tribunas a estas palavras parecem abater-se sobre a cabeça de Guadet. Deixai fallar esse Dumouriez, disse Bourdon de l'Oise — Pensais vós, proseguiu Guadet, que as leis pertencem ás secções de Pariz ou á republica inteira? E' violar a republica estabellecêr uma authoridade a cima das leis. Ora, não estão acima das leis aquelles que fazem soar o toque de rebate, fechar as portas da cidade, troar o canhão d'alarma? Não são as secções de Pariz, são alguns scelerados! — Quereis perder Pariz, vós calumniais-la! gritalhe a Montanha. — O amigo de Pariz sou eu, o enemigo de Pariz sois vós! « replica o orador. Quer continuar, os gritos e as invectivas cortam-lhe a palavra.

XVI — O presidente ameaça as tribunas do fazer evacuar a salla. « Uma authoridade rival eleva-se ao lado de vos, » prosegue Guadet, « se deixais subsistir este comité revolucionario... » Sua voz expira de novo no tumulto. Ouvem-se apenas as suas conclusões, que são annularem-se todas as medidas tomadas pela municipalidade, encarregar a commissão dos doze de descubrir e punir aquelles que fecharam as barreiras, tocaram a rebate, e dispararam o canhaõ. Vergniaud succedeu a Guadet para atenuar a irritação produsida pelas palavras do seu amigo. « Acaso só os girondinos terão direito de fallar! grita-lhe Legendre. A palavra pertence a Couthon. »

Robespierre falla em voz baixa ao seu confidente, e segue-o com a vista á tribuna. « Sem duvida houve movimento em Pariz disse Couthon. A communa fez tocar a rebate; mas nós estamos n'um momento de crise em que ella pode tomar, sob sua responsabilidade, as medidas requ ridas pelas circunstancias, Guadet accusa-a de ter preparado a insurreição. Mas onde está a insurreição? E' insultar o povo de Pariz diser quo elle está em insurreição. Se houvo um movimento foi a vossa commissão que o causou. E' esta facção criminosa, que, para encobrir uma grande conspiração, quiz um grande movimento. E' esta facção quo deseja, espalhando taes calumnias, accender a guerra civil, dar aos nossos inimig s o meio de entrarem na França, e proclamarem ahi um tyranno. Recordai-vos, cidadãos, a côrte, procurando sempre novos meios de perder a liberdade, inventou estabellecer um *comite* central. Assim a facção dos homens de Estado fez crear uma comm ssão. A commissão da corte fez prender Hebert, a commissão dos doze fez tambem prendel-o. A commissão da côrte expediu um mandado de prisão contra tres deputados; quando ella viu que a opinião a abandonava, aventurou-se a recorrêr á força armada. Não é isto precisamente o que fas a commissão dos doze? « Este paralello astucioso de Couthon, entre os actos de duas *tyrannias* excitou os aplausos das tribunas a quem tal assimiliação fasia lembrar o 10 de agosto. O orador interrompido pelas palmas, parecia gosar do odio que excitára, e faltar-lhe a voz para seguir o seu discurso.

Vergniaud sentiu o golpe: seu coração rebentou. Voltou-se para o porteiro que renovava o copo de agua dos oradores na tribuna: Dai, disse elle, um copo de sangue a Couthon, porque elle tem sede! « Depois, retomando o seu sangue frio, e conhecendo que era preciso um meio sacrificio para desarmar o povo, subiu á tribuna. » E eu tambem, disse elle, peço que decreteis que as secções de Pariz bem mereceram da patria mantendo a tranquillidade neste dia de crise, e que as convidei a continuarem a exercer a mesma vigilancia até que todas as conspirações estejam desfeitas. « Esta proposta do duplo sentido foi decretada de cançasso pelos dois partidos: acreditando cada um delles votal-a contra o outro.

Porém chegam novos peticionarios. Pedem mais imperiosamente que os deputados *traidores á patria* sejam entregues ao gladio da justiça; pedem um exercito revolucionario de Pariz, levantado e assoldado a 40 *sous* por dia: a prisão dos vinte e dois girondinos: o preço do pão fixado em tres *sous* a libra á custa da republica: o armamento geral dos sans-culottes. Depois destes peticionarios, os membros compondo a administração de Pariz vem ler uma petição fulminante contra os girondinos. « Elles quizeram destruir Pariz! » disse Lhuillier seu presidente. « Se Pariz desapparecesse da superficie do globo, seria por ter defendido contra elles a unidade da republica! A posteridade nos vingará! E' tempo, legisladores, de terminar esta lucta. A rasão do povo irrita-se com tanta lentidão. Que os seus inimigos tremam! O universo tremerá com a sua vingança. Isnard provocou a guerra civil e a anniquilação da capital! Nós vos pedimos o decreto de accusação contra elle, e seus cumplices, Brissot, Guadet, Vergniaud, Claviere, Gensonné, Buzot, Barbaroux, Roland e Lebrun. Vingai-nos de Isnard, de Roland, e dai um grande exemplo! »

XVII. — Apenas esta representação foi lida, a multidão que seguia a deputação espalhou-se pelos bancos da montanha. Vergniaud e Doulcet reclamam contra uma confusão que abafa a discussão, e annulla a lei. » Pois bem! diz Levasseur de la Sarthe, que os deputados da montanha passem em massa para este lado (apontando os bancos vasios da direita). Os nossos logares serão bem guardados pelos peticionarios! » A montanha obedece e precipita-se para o lado dos girondinos, no lado direito da salla. Vergniaud pede que o commandante da força armada seja mandada receber ordens do presidente. Valazé protesta, em nome de quatrocentas mil almas que representa, contra qualquer deliberação adoptada sob a pressão da insurreição. Robespierre quer falar. Vergniaud levanta-se: « A convenção nacional, diz elle, não póde deliberar no estado em que está; vamos juntar-nos á força armada e por-nos sob a protecção do povo.

Vergniaud sahe, a estas palavras, com alguns amigos; porém regressa bem depressa, ou recalcado pela multidão, ou sentindo deixar a tribuna aos seus inimigos. Robespierre occupava a já, e censurava á assembléa pela hesitação da sua atitude e insignificancia das suas resoluções. Vergniaud quo ouve estas ultimas palavras do orador, pede a palavra. Robespierre olhando com desdem para Vergniaud do alto da tribuna:

« Não occuparei pois a assembléa, diz elle, com a fuga e volta daquelles que desertaram ás suas sessões. Não é com medidas insignificantes que se salva a patria. A vossa commissão de salvação publica, pelo orgão de Barreré, fez-nos muitas propostas. Ha uma que adop-

to: é a da supressão da commissão dos doze. Mas acreditais que isto baste para satisfazer aos amigos inquietos da salvação da patria? Não. Já esta commissão foi supprimida, e o curso das traições não ficou interrompido. Adoptai contra os seus membros, as medidas rigorosas que os peticionarios acabam de vos indicar. Ha aqui homens que queriam punir esta insurreição como um crime! Entregareis pois a força armada nas mãos daquelles que querem dirigil-a contra o povo! » Aqui Robespierre parece querer debater, sem explicar claramente, as differentes medidas propostas pela circumstancia. Vergniaud, cançado de esperar o golpe que Robespierre brandia ainda por cima da cabeça: «Conclui pois!» lhe grita com um tom de impaciencia. Violentos murmurios rebentam a esta apostrofe. Robespierre olha com um desdenhoso surriso para o seu interruptor: «Sim, vou concluir, diz elle, e contra vós! contra vós que depois da revolução de 10 de agosto, quizeste conduzir ao cadafalso aquelles que a fizeram! contra vós que não haveis cessado de provocar a destruição de Pariz! contra vós que quizesteis salvar o tyranno! contra vós que tendes conspirado com Dumouriez! contra vós que perseguistes com encarniçamento estes mesmos patriotas de quem Dumouriez pedia a cabeça! contra vós cujas criminosas vinganças provocaram esta insurreição da qual quereis fazer um crime ás vossas victimas! A minha conclusão é o decreto de accusação contra os cumplices de Dumouriez e contra todos aquelles que foram designados pelos peticionarios! »

Cada uma das conclusões de Robespierre, applaudidas pela Montanha, pelos peticionarios, e pelas tribunas, tiraram a Vergniaud até o pensamento de replicar. Todo o peso da convenção e do povo parecia esmagar os girondinos. Calaram-se. Pôz-se á votação o decreto proposto por Barriére. Este decreto continha, com a suppressão da commissão dos doze, algumas medidas de hypocrita independencia que deviam salvar as apparencias aos olhos des departamentos. Foi votado sem debate tanto pela Planicie como pela Montanha. Uma alegria fingida de um lado, cruel da outra, rebentou no recinto, e communicou-se das tribunas aos ajuntamentos exteriores que cercavam a sala. Bazire propôz á convenção ir fraternisar com o povo, e confundir a sua concordia na concordia de todos os cidadãos. Esta proposta foi adoptada com enthusiasmo. O mêdo tambem tem seus enternecimentos. A communa fez immediatamente illuminar Pariz. A convenção, precedida e cercada de homens que levavam tochas, precorreu grande parte da noite os principaes bairros da capital, seguida pelos seccionarios, e respondendo com os seus gritos aos gritos de viva a republica. Os girondinos, temendo assignalarem-se pela sua ausencia, seguiam o cortejo, e assistiam, com signaes d'uma alegria de encommenda, o triumpho ganho sobre elles proprios. Viam-se ahi Condorcet, Pethion, Gensonné, Vergniaud, e Fonfrede, Luiz XVI estava vingado: os conspiradores do 10 de agosto tinham o seu 20 de junho. Este humilhante triumpho, ao qual o povo os arrastava encadeados, era o proximo presagio da sua queda, e o primeiro escarneo do seu longo supplicio. «Que estimas mais, esta ovação ou o cadafalso?» diz assaz alto para ser ouvido Fonfrede a Vergniaud, que marchava com a cabeça baixa ao lado delle. «Para mim é o mesmo, respondeu Vergniaud com estoica indifferença: «não ha escolha a fazer entre este passeio e o cadafalsa; elle ahi nos conduz.»

LIVRO XLII.

I. — No entanto que os girondinos seguiam assim o cortejo da sua derrota, o comité revolucionario da communa enviou homens armados a prender Roland na sua casa. O ressentimento deste velho, o genio e a belleza de sua mulher, a fama popular que fazia do seu lar domestico um foco de conspirações contra a Montanha, as declamações de Marat, as insinuações de Robespierre, as perpetuas allusões dos jornaes jacobinos ao poder occulto desta familia, finalmente este nome de *rolandistas* dado aos girondinos, e confundindo assim os pretendidos crimes de Roland nos crimes que attribuiam aos seus amigos, não tinham permittido ao povo esquecer este ministro. Roland não havia gosado do beneficio da queda, o esquecimento. Temia-se muito este homem para se lhe perdoar. Julgava-se prender, na sua pessoa, uma conspiração inteira contra a republica, e encontrar em casa delle todos os fios e a alma inteira do partido do federalismo. Pelas seis horas da tarde, no entanto que a multidão cercava a convenção, e que os seus amigos luctavam na tribuna, os seccionarios se apresentaram em casa delle, e o intimaram a seguil-os em nome do comité revolucionario. Mostraram-lhe uma ordem escripta. «Não conheço esse poder na constituição, respondeu Roland, e não obdecerei voluntariamente ás ordens emanadas d'uma authoridade illegal. Se empregardes a violencia, não poderei oppôr-vos senão a resistencia de um homem da minha edade; porém protestarei até ao ultimo suspiro.» — «Não tenho ordem de empregar a violencia,» disse o chefe dos seccionarios portador da ordem de prisão; «vou referir isto ao conselho da communa, e deixo aqui os meus collegas para responderem por vós.»

II. — A senhora Roland arma-se de toda a indignação que o sentimento da lei violada e os perigos de seu marido lhes inspira. Redige precipitadamente uma carta á convenção para lhe pedir vingança. Escreveu tambem um bilhete ao presidente rogando-lhe a fizesse admittir á barra. Lança-se n'uma carroagem d'alquilé e manda-a dirigir para as Tuilerias.

A multidão e as tropas enchiam os pateos. Abaixa o véo sobre o rosto com mêdo de ser reconhecida pelos seus inimigos. Repellida ao principio pelas sentinellas, consegue á força de astucia e insistencia, fazer abrir-se lhe a sala dos peticionarios. Ahi ouve, durante horas de agonia, o surdo ressoar da sala, e os tumultos das tribunas que invectivam os seus amigos e applaudem seus inimigos. Envia o seu bilhete ao presidente por um deputado da Planicie chamado Roze que a conhece, e que a protege. Roze volta depois de uma longa demora. Refere-lhe as moções assassinas contra os girondinos, a consternação deste partido, o perigo das vinte e duas cabeças proscriptas, a impossibilidade em que está a convenção de fazer diversão a este combate de morte, para ouvir e discutir as reclamações d'uma mulher. Ella insiste. Roze traz-lhe Vergniaud.

A sr.ª Rolland e Vergniaud conversam, á parte, no entanto que o seu partido se desmorona. «Fazei-me entrar, fazei-me obter a palavra,» diz a mulher corajosa a Vergniaud; «expressarei com força verdades que não serão inuteis á republica, e que acordarão a convenção do seu entorpecimento. Um exemplo de coragem pode fazer vergonha a uma nação.» A eloquencia que conhecia em si fazia-lhe illusão sobre a covardia das assembléas. Vergniaud lastimou a sua illusão, fêl-a mudar de designio, aperta-lhe as mãos nas suas como por um supremo adeus, e volta enternecido e fortificado na salla para responder a Robespierre.

A sr.ª Roland sae das Tuilerics, corre a pé a casa de Louvet, a quem ella amava e queria invocar a coragem. Louvet estava na convenção. Ao seu regresso, o parteiro da casa que ella habita lhe diz que Roland, conseguindo illudir a vigilancia dos seccionarios, se refugiara n'uma casa visinha. Ahi corre. Seu marido já tinha mudado de asylo. Segue-o de porta em porta, e acaba por descubril-o; cae nos seus braços, elle conta-lhe as suas tentativas, alegram-se ambos da sua liberdade, e ella torna a sair para forçar a porta da convenção.

III. — Havia duas horas já que era noute. Esta mulher sósinha precorre as ruas illuminadas sem comprehender de qual dos partidos esta illuminação esclarece o triumpho. Chegada ao Carrousel, onde acampavam havia pouco antes quarenta mil homens, e onde se agitava uma inumeravel multião, encontra a praça vasia e silenciosa. Algumas poucas sentinellas guardam unicas as portas do palacio nacional. A sessão estava levantada.

interroga um grupo de sans-culottes, que velam em torno de uma peça. Elles lhe dizem, com o accento de uma alegria que julgam compartilhada por ella, que a commissão dos doze está destruida, que este sacrificio reconcilia os patriotas, que Pariz salva a republica, que o reinado dos traidores acabou, e que a municipalidade victoriosa não se demorará em prender os vinte e dous. Volta consternada á sua habitação. Abraça sua filha ainda adormecida, e delibera-se acaso se subtrairá á prisão pela fuga. O asylo onde seu marido se havia occultado não podia conter a ambos. Ao cabo de tudo o unico asylo a que ella se podia acolher faria acreditar contra a sua virtude as calumnias que a sua pureza temia mais do que a morte. Decidiu-se a esperar a sua sorte, e a afrontal-a no lar de sua vida de esposa e de mãi. Havia muito tempo que aguerrira sua alma contra a perseguição, e mesmo contra o assassinio Seu coração devorado do uma dupla paixão, um amor sem fraquesa e um patriotismo desesperado, não lhe apresentavam havia algum tempo na morte senão um asylo á sua virtude, e uma resplandente immortalidade ao seu renome. Da vida não lastimava senão sua filha, na alma da qual via desabrochar-se o germen dos seus talentos com uma razão mais forte e mais serena, para dominar suas paixões. Tinha amigos seguros aos quaes ella poderia legar este thesouro de uma mãi. Tranquilla a este respeito, estava prompta para o qu acontecesse. O sangue de uma outra Lucrecia não assustava a sua imaginação, contanto que tingisse a bandeira da republica. Nesta resolução sentou-se para escrever a Roland os resultados daquelle dia. Acabrunhada das fadigas e anxiedades que durante elle a opprimiram, acabava de adormecer, quando os membros da secção forçam a sua morada, e a fazem acordar em sobresalto pela sua creada. Levanta-se, e comprehendendo antecipadamente a sua sorte, veste-se com decencia, e faz uma trouxa do seu fato mais necessario, como para deixar para sempre a sua casa. Os seccionarios esperavam-a na salla; apresentam lhe a ordem de prisão da communa contra ella. Pede um minuto somente para informar, por via de um bilhete, da situação em que se acha a um amigo seu, e recommendar-lhe sua filha. Concede-se-lhe; porém o chefe dos seccionarios insiste por lêr o que ella escreveu, e saber o nome da pessoa a quem ella o dirigia; despedaçou indignada a sua carta; prevalecendo desapparecer sem despedida, a denunciar uma amisade, de que fariam um crime áquelle que ella amava.

Arrancaram-a, ao nascer do dia, dos braços de sua filha e creados banhados em lagrimas. « Como sois amada ! » lhe disse com admiração um dos seccionarios, que nunca vira, na mulher bella e sensivel, senão o chefe do partido odioso e calumniado. « É por que amo, » lhe respondeu com terna altivez a sr.ª Roland.

Metteram-a n'uma carroagem cercada de gendarmes. O povo e as mulheres daquella rua, amotinados desde manhã pelo espectaculo desta prisão, seguiam a carroagem gritando: « *Á guilhotina !* » A multidão gosta de ver cahir. Um commissario da communa perguntou á sr.ª Roland se queria que se corressem os postigos da carroagem para a subtrair áquelles olhares e gritos. – « Não, disse ella, a innocencia opprimida não deve tomar a actitude do crime e da vergonha: não receio os olhares dos homens de bem, e afronto o dos meus inimigos. — Tendes mais firmeza de caracter do que muitos homens, » lhe disse o commissario: « aguardais tranquillamente a justiça. — Justiça! respondeu ella, se a houvesse, eu não estaria aqui! Irei ao cadafalso assim como vou para a prisão. Despreso a vida. » As portas da prisão fecharam-se sobre ella. Todas as virtudes, todas as faltas, todas as esperanças, todos os arrependimentos, e todo o heroismo do seu partido parecêram entrar com ella na sua prisão. A historia ahi a seguirá para as contemplar.

IV. — A sessão do dia seguinte 1.º de junho, na convenção, foi occupada pela leitura da proclamação da commissão de salvação publica do povo francez, lida e ridigida por Barrére. Esta proclamação, toda impregnada do caracter de fraqueza e ambiguidade dos acontecimentos e dos homens, excusara a insurreição como uma feliz illegalidade do povo de Pariz, e apresentava os girondinos como os representantes d'uma virtude mui rigida, cujos malles a convenção tinha reparado, cubrindo-os com tudo com a sua inviolabilidade. A communa, enebriada com a sua victoria, assumia uma lingoagem mais imperiosa, e reunia-se para acabar com os seus inimigos. O maire Pache não affectava já censurar o comité insurreccional do arcebispado. « Chego, dizia elle, da commissão de salvação publica onde foi chamado. Encontrei a nas melhores disposições: Marat, que ahi estava, vol-o attestará. Marat póde dar-vos seus concelhos nestas graves circumstancias. »

Marat, com effeito apresenta-se na tribuna. « Levantai-vos, povo soberano, diz elle. Não tendes recurso senão em a vossa propria energia. Os vossos mandatarios trahem-vos. Apresentai-vos á convenção, lede a vossa representação, e não deixeis a barra sem ter obtido uma resolução. Depois della operareis segundo os vossos direitos e interesses Eis o conselho que eu tinha a dar-vos. « Á voz de Marat, a communa obediente, nomeia doze commissarios, sendo seis do comité insurreccional, para apresentarem a representação á convenção. O presidente agradece a Marat ter vindo communicar a sua energia á communa. As medidas de levantamento do povo de Pariz em massa, o soldo dos sans-culottes, o toque de rebate, e a chamada, os tiros de alarma foram votados.

V. — A commissão de salvação publica, á qual o decreto da convenção havia entregue todos os poderes e toda a responsabilidade arrancados na vespora á commissão dos doze, deliberava reunida. Compunha-se então na maioria, de deputados da Montanha, e de alguns deputados neutros da *Planice*. A commissão de salvação publica deliberava em secreto, e só contava nove membros: Barriére, Delmas, Breard, Cambon, Robert-Luidet, Guyton de Morveau Treilhard, Lecroix d'Eure-Loir, Danton. Nesta commissão, subitamente investida d'uma dictadura, Barrére farejava sempre, Danton dominava como por toda a parte. A commissão, informada pelos seus agentes das resoluções da communa, e do projecto de prender os vinte dois, passou a noute, e parte do dia em deliberação. Chamou ao seu seio Pache, Garat ministro do interior, e Bouchotte, ministro da guerra, creatura de Pache. Os esclarecimentos eram terriveis, as opiniões fluctuantes, os espiritos apertados entre o perigo de recusar tudo á communa, ou emprestar-lhe a mão da convenção para se mutilar a si propria Pache, Bouchotte, e Garat não dissimulavam ao comité que a prisão dos vinte dois era a unica medida que podia acalmar a fermentação de Pariz. Esta cruel necessidade de immolar collegas ao ostracismo da multidão parecia repugnar mesmo a Barrére. « Será preciso ver, » dizia elle a Pache, « Quem representa a nação, se a convenção nacional ou a communa de Pariz. »

Treilhard, Delmas, Breard, Cambon, não se revoltavam menos contra a idéa de attentado á inviolabilidade do unico poder soberano existente, e lançar assim a animação ás facções, e o desafio aos departamentos. de todas as dictaduras em que tanto se fallava, era acceitar a peior: a dictadura das sedições.

Lacroix, fanatico, dedicado a Danton como ao genio da republica, não ousava emittir uma opinião, antes de seu mestre fallar, com receio de se enganar. O proprio Danton, parecia pela primeira vez indeciso. Escutava tudo, concentrando suas reflexões em sua alma, e cobrindo seu pensamento, ordinariamente tão visivel no seu rosto, com a mascara da impossibilidade. Somente havia na sua immobilidade e no seu silencio, mais dor do que arrebatamento. A sua physionomia parecia de antemão ter revestido o lucto da republica.

Garat gemia ao lado de Danton da imminencia do perigo, da gravidade do attentado, das sinistras consequencias de tal sacrificio feito á força brutal das massas. Depois, como illuminado repentinamente por um desses relampagos subitos que aclaram na obscuridade: « Não vejo senão um meio de salvação, » exclama elle; » mas suppõe um heroismo que se ousa esperar dos nossos tempos corrompidos — Falla, « diz Danton; » as nossas almas estão á altura de todos os tempos; a revolução não

degradou a natureza humana. — Pois bem! « replicou com timidez Garat, como um homem que sonda o abysmo do coração de outro homem sem saber se encontrará ahi o crime ou a virtude, « recorda-te das querellas de Themistocles e Aristides, que estiveram a ponto de anniquilar sua patria despedaçando-a em duas encarniçadas facções. Aristides encontrou a salvação do seu paiz na sua grandesa d'alma: Athenienses, disse elle ao povo, que se dividia entre elle e o seu rival, vós não sereis nunca tranquillos e felises em quanto não tiverdes precepitado ao mesmo tempo a Themistocles e a mim no golfo aonde arremessais os vossos criminosos... »

« — Tens rasão, » exclamou Danton agarrando a alusão antes de Garat ter feito a applicação ás circumstancias, e levantando-se como um homem que vê a salvação e que a abraça; « tens rasão! é preciso que a unidade da republica triumphe sobre os nossos cadaveres se necessario fôr; é preciso que os nossos inimigos e nós, nos exilemos em numero igual da convenção para ahi trazer a força e a paz. Corro a propor este partido aos nossos heroicos amigos da Montanha, e offerecer-me-hei o primeiro a entregar-me em refens a Bordeaux. »

A commissão toda, arrastada pelo generoso enthusiasmo do acto e das palavras de Danton, adoptou este partido, que, deixando a honra do sacrificio aos Montanhezes, salvava as cabeças dos girondinos, e dava a victoria só ao patriotismo. Garat via nisto o apasiguamento de uma lucta que intimidava a sua fraqueza; Barrére uma continuação de equilibrio entre as facções; o proprio Pache um caminho para a suprema magistratura da republica que sonhava para si com o titulo de *granjuiz do povo*; finalmente Danton, um acto antigo de dedicação pessoal, que escudaria seu nome contra as recenvenções de setembro, uma prova de desinteresse patriotico que o engrandeceria mais na imaginação da multidão, e que lhe daria, á força de estima, esta direcção suprema da revolução que elle não podera conquistar ainda á força de popularidade.

Porem o enthusiasmo evapora-se resfriando, e as resoluções improvisadas n'um conselho raramente são adoptadas pela paixão de uma grande assembléa. Danton arrastou alguns amigos, os outros ficaram a reflectir. Fez sondar Robespierre. Este mais politico e menos generoso, insoflou friamente as illusões de Danton, e fêl-as desvanecer aos olhos dos seus amigos. « A sua logica não lhe permittia abdicar, disse elle, não o seu poder, que não tinha, mas o mandato do povo, que o enviava ao posto onde queria morrer. Não se trata de mim, acrescentou elle, é sim das minhas idéas, que são as do povo, e da epocha. Não tenho o direito de abdicar por ellas. Tirem-me a cabeça mas eu não a entrego. Alem disto, acrescentou elle, o golfo de Aristides não é mais que um sublime sofisma. Ou Aristides acredita que prejudica á sua patria, e então elle proprio deve precipitar-se nelle; ou acredita que a salva, e então deve precipitar ahi os seus inimigos. Eis a logica. O heroismo de Danton não é senão enternecimento de um fraco coração que verga sob o seu dever, e entrega a revolução por uma lagrima. »

VI. — Danton, Barrére, Lacroix, Garat, paralisados pela inflexibilidade de Robespierre, foram obrigados a renunciar a este projecto, e não viram salvação para a convenção senão na abdicação prompta e voluntaria dos vinte e dois. Esforçavam-se por convencer os deputados designados da necessidade de se sacrificarem elles proprios á unidade da republica. O patriotismo e o medo os ajudaram a convencer um certo numero. A massa e os chefes preferiram aguardar o crime, e deixar-lhe todo seu horror do que enfraquecel-o prevenindo-o. Como Robespierre elles responderam aos negociadores do comité da salvação publ ca: « Que tomem as nossas cabeças, nós offerecemol-as á republica, e não aos nossos assassinos! »

VII. — O comité de execução dalli em diante em permanencia, celebrava as suas sessões no hotel de ville, n'uma salla visinha á salla do conselho da commune. Era composto de Varlet, Dobsent, Dufourny, Hassenfratz, Gusmann, todos seides de Marat. Este inspirou-lhes a idea de fazer contramarchar sobre Pariz os batalhões de voluntarios que iam contra a Vendée, bloquear a convenção, e bloqueal-a até ella ter entregue os vinte dois e a commissão dos doze. No entanto que os commissarios do comité insurreccional partiam para reconduzir estes batalhões, o toque de rebate soou de novo em todas as torres de Pariz, o tambor das secções tocou á chamada em todos os bairros.

Os girondin s, ao som do toque de rebate e da generala, reuniram-se pela ultima vez, não para deliberarem, mas para se unirem e fortificarem contra a morte. A extremidade do perigo, a impossibilidade de addiar, a colera do povo, que não distinguia já gradações entre elles, e que os confundia a todos nas mesmas imprecações, os confundia tambem, neste momento supremo, na mesma solidariedade, e na mesma sorte. Coáram juntos n'uma casa isolada da rua de Clichy, ao echoar dos sinos, dos tambores, do surdo rodar dos canhões e dos caixões de polvora que Henriot fazia marchar para a convenção. Estes ruidos sinistros não lhes tiravam nem a liberdade do espirito, nem a serenidade do coração, nem mesmo os ditos pacientes e joviaes, que estas almas intrepidas se comprasiam em soltar nestes derradeiros intretenimentos, como desafios á fortuna, ou negaças á morte. Acceitaram seu destino e discutiram-o sómente, no fim da comida, sobre a actitude em que melhor conviria soffrel-o, não para a sua propria salvação, mas para um exemplo a deixar á republica. Sublimes palavras foram ouvidas e sepultadas ficaram nesta noite Todos podiam fugir, mas nenhum o quiz. Pethion tão fraco contra a popularidade, foi intrepido contra a morte. Gensonné, acostumado ao espectaculo dos campos militares, Buzot cujo coração batia com as impressões heroicas da sua infeliz amiga a senhora Roland, queriam esperar a morte nos bancos da convenção, e deixarem-se ahi degolar, gritando vingança aos depa tamentos. Barbaroux com o ardor da joventude do Meio-dia, mostrava suas armas sob seu fato, conjurava seus collegas a armarem-se, a queria vingar-se a si proprio immolando o mais perigoso dos seus assassinos. Louvot, conservando este heroismo sem resultado, pedia aos seus amigos que se evadissem durante esta noite de tumulto, e corressem a excitar a indignação e a sublevação de seus departamentos. Vergniaud fiava-se como sempre no acaso e no seu genio, e não queria resolver antes do acontecimento. Sua coragem mesmo lhe prejudicava á energia de suas resoluções. cceitava de mais a morte para tentar iludil-a. A morte de tal modo parecia colocada para elle, em todas as estradas da revolução, que lhe era indifferente a escolha do caminho que o condusiria a ella. A força que nasce do desespero não produz senão a resignação. Ha esperança no heroismo. Vergniaud era o mais eloquente dos cidadãos, mas não era um combatente. « Toquemos os copos ou pela vida ou pela morte! » disse elle levantando-se da mesa, para Pethion, que estava sentado defronte delle. « Esta noite occulta ou uma ou outra na sua sombra. Não nos occupemos de nós, mas da patria. Este copo de vinho será o meu sangue que beberei á saude da republica. » Gritos abafados de viva a republica! responderam ás palavras de Vergniaud Os infelizes girondinos, dirigindo seus derradeiros votos á sua patria, eram obrigados a baixar a voz, para não serem ouvidos desse povo por quem elles iam morrer.

VIII. — O toque de rebate, a generala, o canhão de alarma disparado consecutivamente no terrapleno da *Pont-Neuf*, os passos dos seccionarios armados, correndo para os seus postos na rua, lhes annunciaram que a hora não dava mais tempo á irresolução. Separaram se sem haver combinado algum partido unanime. Cada um tomando conselho das suas illusões ou do seu desespero, da sua coragem, ou da sua fraqueza; mas buscando sua salvação n'uma evasão nocturna fora das barreiras de Pariz; outros indo esperar a sorte da sessão em casa de amigos não suspeitos de federalismo; os mais generosos e os mais imprudentes indo á sessão da convenção para morrerem no seu posto. Seus bancos se acharam muito tempo vasios na sessão da noite, que se abriu ás dez horas. Já o boato da sua fuga e da traição se espalha-

va pela Montanha, quando a presença dos mais corajosos dos vinte dois veio afrontar seus assassinos.

O plano de bloqueio de Marat fora seguido. Toda a noite Henriot havia dirigido, em torno da convenção os batalhões de voluntarios parisienses, chamados da *banlieue* (do termo) para a cidade. Cento e sessenta bocas de fogo, e os batalhões das sessões de Pariz nos quaes a communa menos confiava formavam segunda linha por traz do Carrousel. Profundo silencio reinava nas fileiras deste exercito de cidadãos. Não era uma sedição, era um campo. Conhecia-se na atitude destas tropas, a resolução do receberem satisfação da representação nacional, ainda mesmo que fosse com as baionetas. O crime contra a constituição está consumado em seus corações.

Ao nascer do dia abriu-se a sessão. Mallarmé presidia como na vespera. Mais moderado que Herault de Sechelles, sabia dar á violencia a apparencia da legalidade. A Montanha havia-lhe confiado o cuidado de conservar á proscripção toda a dignidade da lei. Lanjuinais, olhando para os bancos quasi desertos dos girondinos, e tanto mais animado a defendel-os, quanto elle se abandonavam pediu a palavra. «*Abaixo Lanjuinais!*» lhe gritam das tribunas. «Elle quer accender a guerra civil. — Em quanto fôr permittido fazer escutar aqui uma voz livre, diz Lanjuinais, eu não deixarei envilecer na minha pessoa, o caracter de representante do povo. Direi a verdade. Mais do que verdade é que ha tres dias vós deliberais sob o cutello. Uma potencia rival domina-vos. Ella cerca-vos. Dentro, estipendiados; fóra artilheria. Tem sido commettidos crimes, que a lei pune de morte Uma authoridade usurpadora fez disparar o canhão d alarme.» Geoffroy, Drouet, Legendre, Billaud-Varennes, Julien, se levantam e precipitam na tribuna para arrancar della Lanjuinais. O presidente cobre-se: «Acabou-se com a liberdade, diz elle com uma triste solemnidade, se taes desordens continuam — E no entanto que tendes vós feito? continua Lanjuinais com socego. Nada pela dignidade da convenção, nada pela inviolabilidade dos seus membros atacados, ha dois dias, até em suas vidas! — Scelerado. «grita-lhe Thuriot,» juraste perder a republica com as tuas eternas declamações e calumnias! — Uma assembléa usurpadora existe, delibera, conspira, obra,» continua o impassivel orador. «Uma commissão directora dá o signal á guerra civil, e esta communa rebellada existe ainda! Antes de hontem, quando esta authoridade rival e usurpadora vos fazia cercar de armas e canhões, vinham trazer-vos essa petição, essa lista de proscripção dos vossos collegas apanhada na lama das ruas de Pariz.» A estas palavras a Montanha e as tribunas parecem abismar-se sobre Lanjuinais. A multidão que se aperta ás portas, e nos corredores lança gritos de morte, e recalca até aos degráos da tribuna, os continuos e as guardas da convenção. Estes gritos, aquelles punhos levantados, aquelles gestos homecidas, aquellas armas que retinem a alguns passos delle, não dão o mais leve tremor á voz de Lanjuinais. Conclue pela repressão da communa, tendo impendente a si o ferro dos seides da communa.

Uma deputação das authoridades revolucionias de Pariz lhe succede. «Delegados do povo. dizem elles, Pariz ha quatro dias que depoz as armar, e quatro dias ha que se zomba das suas reclamações. O facho da liberdade empallideceu, as columnas da igualdade estão abaladas. Os contra-revolucionarios levantam suas insolentes cabeças. Que elles tremam em fim! O raio vai rebentar, e reduzil-os a pó. Representantes, os crimes dos facciosos da convenção conhecidos vos são. Salvai-nos, ou vamos nós mesmos por nossa mão salvar-nos!»

Billant-Varennes, pede que esta petição, enviada immediatamente á commissão de salvação publica, seja discutida em sessão permanente. A *Planice* pede a ordem do dia. «A ordem do dia,» exclama o impaciente Legendre, «é salvar patria!» A estas hesitações da convenção, a estas palavras de Legendre, que parecem um signal concordado entre a Montanha e o povo, as mulheres e os espectadores saem tumultuosamente das galerias e gritam ás armas! As portas cedem com o fracasso da pressão da multidão. A convenção julga-se um instante forçada no seu recinto. «Salvai o povo de si mesmo!» grita-lhe um depupado da direita, chamado Richon. «Salvai a cabeça dos vossos collegas decretando a sua prisão provisoria! — Não, não,» replica com uma intrepidez da antiguidade o generoso Larevelliere-Lepeaux, homem em quem o sentimento religioso fortifica o sentimento do dever, «não, não, nada de fraqueza! Compartilhemos todos a sorte dos nossos collegas!!!»

Porem alguns destes homens que semeiam o panico nos corações, e que confundem a covardia com a prudencia, continuam a pedir em altos brados o decreto de arestação contra elles proprios. Levasseur, amigo de Danton, lança-se na tribuna. Inimigo da Gironda, mas inimigo leal, quer a apuração da convenção, sem querer o sangue dos seus collegas. «Pede-se diz elle, a arestação provisoria dos vinte e dois para os cobrir contra o furor do povo. Sustento eu, que se devem prender difinitivamente se elles o tem merecido. Ora elles merecem-o, e eu provol-o.» A estas palavras, longos aplausos votam de antemão as conclusões de Levasseur, e mostram aos girondinos que elles estão já entregues. Levasseur prosegue, e, n'um longo discurso, enumera os crimes attribuidos aos girondinos e sustenta que, ainda que fossem innocentes destes crimes, pelo menos são suspeitos; que a este titulo de suspeitos, devem ser presos e julgados legalmente pela convenção.

O silencio com que escutam a Levasseur attesta o combate interno que se trava na consciencia da assembléa. Barrére, impacientemente esperado, chega em fim da commissão de salvação publica, e sobe á tribuna para ler o relatorio desta commissão. A sua physionomia, constrangida quando olha para a direita, risonha quando olha para a Montanha, tráe de antemão as resoluções de que é orgão e inspirador. «O comité, diz elle brevemente, não julgou dever, em respeito á situação moral e politica da convenção, decretar a arestação, mas pensou dever dirigir-se ao patriotismo, e á generosidade, e pedir-lhes a suspensão voluntaria do seu poder, unica medida que pode fazer cessar as divisões que assediam a republia, e conduzir a ella a paz. A commissão adoptou mais todas as medidas, para colocar os membros de que se trata, sob a salvaguarda do povo e da força armada de Pariz.»

IX. — O silencio glacial da Montanha, e o susurro de descontentamento das tribunas provam no mesmo instante aos girondinos que este alvitre não satisfazia senão meia impaciencia dos seus inimigos. Alguns dão-se pressa a agarral-o como uma salvação, que lhes fugirá se acaso entrar em deliberação. Isnard, o mais fogoso dentre elles ha pouco, agora o mais desanimado e humilde, sóbe com a fronte baixa, os degraus da tribuna, como para ahi ser o primeiro a expiar a sua blasfemia contra Pariz. «Quando na mesma balança se pesam um homem e a patria,» diz Isnard com um accento resignado inclino-me sempre para a patria! Declaro. que se o meu sangue necessario fosse para salvar a minha patria, sem carecer de outro algoz senão de mim mesmo, levaria a minha cabeça ao cadafalso, e eu proprio a decceparia soltando o ferro que devia cortar-me a vida. Pede-se a nossa suspensão como a unica medida que possa prevenir os males extremos de que estamos ameaçados. pois bem! a mim proprio me suspendo, e não quero outra salva-guarda senão a do povo!» Isnard desce no meio das felicitações de uns, e do desprezo de outros. Lanthenas, o fraco amigo de Roland, incita Isnard. As nossas paixões, as nossas divisões, disse elle, abriram aos nossos pés, um abysmo. Os vinte e dois membros denunciados devem precipitar-se nelle!» Fauchet, ardendo em buscar um asylo na indulgencia do povo, dá-se pressa em fazer o seu sacrificio á patria ou ao medo. O velho Dussaud, amollecido pela idade e pelo estudo, vergou tambem. Applausos de palmas cobrem e decoram cada uma destas abdicações A convenção satisfeita, julga escapar-lhe a necessidade d'uma custosa apuração, com a patriotica apuração destas abdicações voluntarias.

X. — Mas Lanjuinais levanta-se e sóbe pela ultima vez á tribuna. «Creio» diz elle com uma voz firme qual uma consciencia, «creio ter mostrado até este momento assás energia para não esperardes de mim nem demissão,

nem suspensão.» A' altivez desta declaração, a Montanha, as galerias, o povo que inunda a salla, respondem com imprecações e ameaças de morte, Lanjuinais passeia um olhar de desdem por aquella multidão, cujos gestos o ferem de longe, e cujas invectivas lhe cobrem a voz. Um momento de silencio permitte emfim á indignação da sua alma fazer-se escutar n'uma reprehensão immortal á covardia dos seus inimigos. «Quando os sacrificadores antigos,» diz elle, «arrastavam n'outro tempo as victimas ao altar para as immolar, adornavam-as de flores e fitas!... covardes! não as insultavam!...» A esta magestosa imagem, posta em relevo pela sinistra analogia do orador com a victima, do sacrificador com o povo, o tumulto vergonhoso de si mesmo cessou, e o povo baixou a seu turno a fronte. Quando o sublime da lingoagem se encontra misturado com o sublime da acção, o homem é subjugado a despeito seu, a eloquencia volve-se em heroisme, o genio confunde-se com a virtude «Acabou-se,» proseguiu Lanjuinais, «não é possivel sahir d'aqui, nem mesmo chegar ás janellas para pedir justiça á nação. Os canhões estão assestados contra nós. Nenhum voto legal póde ser emmittido neste recinto. Callo-me...» e desceu da tribuna.

Barbaroux, menos eloquente, porem da mesma forma inflexivel succedeu a Lanjuimais. «Se o meu sangue era necessario ao estabellecimento da liberdade, eu o derramarei,» diz elle. Se o sacrificio da minha honra é necessario á minha causa, dir-vos-hei: Tirai-ma, a posteridade será meu juiz. Finalmente, se a convenção julga necessaria a suspensão dos meus poderes, obedecerei ao seu decreto. Não deporei com tudo nunca os poderes em que fui investido pelo povo,. Não, não espereis de mím alguma demissão. Jurei morrer no meu posto, guardarei o meu juramento! «Admiraram-o, e callaram se.

«Sacr ficios á patria! exclama Marat. Esquecem elles o que é myster-fazer para offerecer taes sacrificios! E' a mim, verdadeiro martyr da liberdade, dedicar-me por todos! Offereço pois a minha suspensão, desde o momento em que tiverdes ordenado a arestação dos vinte dois; e peço que obliterando da lista a Ducos, Lanthenas, e Dussaulx, que não merecem a honra da proscripção ahi junteis as cabeças de Termont, e Valazé, que ahi não estão.»

XI. — Billaud-Varennes combatia, como Marat, a tibiesa das conclusões do Barrére, quando um novo tumulto rebenta ás portas da assembléa, e suspende por um movimento toda a deliberação. Lacroix, o amigo e confidente de Danton, lançado secretamente por elle nesta circumstancia, precipita-se no recinto com os braços estendidos, como um homem que implora asylo e vingança contra assassinos. Simula a actitude, a voz, os gestos do medo.» Armas foram apontadas contra o meu peito, diz elle. A convenção está sob a met alha. Jurámos viver livres ou morrer; pois bem, saibamos morrer, porém morrer livres!»

A Gironda e a Planice confirmam as palavras de Lacroix. Attestam que muitos d'entre elles foram repellidos para a salla, ou soffreram ultrajes. Danton mostra-se igualmente indignado. Barreré exclama que a convenção avassallada não pode fazer leis: que novos tyrannos a opprimem; que esta tyrannia tem as suas sessões na commissão revolucionaria da communa; que este conselho encerra em si scelerados: designa o hespanhol Gusman, amigo e agente de Marat; que naquelle momento, mesmo á vista da convenção, se distribue ás tropas que a sitiam o soldo da insurreição Danton sustenta Barrére, e pede que a commissão de salvação publica seja encarregada de vingar a representação opprimida Um decreto ordena á força armada que se affaste do recinto. Mallarmé, cançado da voz, cede a presidencia a Herault de Sechelles, o presidente do parada nos dias de fraqueza!

Talvez que se todos os girondinos ausentes estivessem presentes, se Vergniaud, cuja moderação havia captivado a Planice e acalmado a Montanha, pronunciasse neste momento um dos seus magnificos discursos, apasiguasse o povo com promessas, fizesse corar a convenção pelo espectaculo, da sua oppressão: esta tentativa de Lacroix e Dantón para salvar as vinte duas cabeças não fosse perdida. Mas todos os oradores da Gironda estavam afastados ou mudos. Barrére provocou sosinho por segunda vez a assembléa.» Cidadãos, disse elle, eu vos repito, saibamos se sômos livres! Peço que a convenção vá deliberar no meio da força armada, que sem duvida a protegerá.»

A estas palavras, Herault de Sechelles desce da presidencia e coloca-se á frente d'uma columna de deputados promptos a seguil-o. Os girondinos e a Planicie precipitam-se sob seus passos. A Montanha indecisa fica immovel. «Não saiais,» gritam-lhe os jacobinos das tribunas. «E' um laço onde os traidores querem conduzir os patriotas. Sereis degolados! — Que! abandonais os vossos collegas que vão arremessar-se no meio do povo, e entregal-os-heis assim a uma morte certa, fazendo acreditar que ha duas convenções, uma dentro, e outra fóra deste recinto? respondem com genio supplicante os deputados da Planicie. Danton lança-se generosamente no meio delles. Robespierre delibera um momento com Couthon, Saint-Just, e um grupo de jacobinos... Decidem-se porfim a descer dos seus bancos e unirem-se ao cortejo.

As portas abrem-se ao aspecto do presidente cingido da facha tricolor. As sentinellas apresentam-lhe armas. A multidão abre passagem aos representantes. Avançam para o Carrousel. A multidão que cobre esta praça sauda os deputados. Os gritos de «Viva a convenção, entregai os vinte e dois, abaixo os girondinos!» misturam a sedição com o respeito. A convenção impassivel a estes gritos, marcha processionalmente até junto da artilheria, onde o commandante geral Henriot parecia esperal-a no meio do seu esta-lo-maior. Herault de Sechelles ordena a Henriot que faça retirar todo este apparato de força, e franqueie passagem á assembléa nacional. Henriot, que conhece em si toda a omnipotencia da insurreição armada, faz recuar o seu cavallo alguns passos, e com um gesto imperativo «Não sahireis, diz elle á convenção, em quanto não tiverdes entregue os vinte e dois. — Prendei este rebelde!» diz Herault de Sechelles aos soldados apontando lhe para Henriot. Os soldados ficam immoveis. «Artilheiros ás vossas peças! soldados ás armas!» grita Henriot aos seus batalhões.

A estas palavras, repetidas em toda a linha pelos officiaes, um movimento de concentração se opera em roda da artilheria A convenção retrograda. Herault de Sechelles passa com os deputados pela aboboda do palacio no jardim. Ahi os batalhões fieis, postados na extremidade da grande lameda sobre a praça da revolução, chamavam com as suas acclamações os membros da assembléa, jurando cubril-os com as suas bayonetas. Herault de Sechelles dirige-se ahi. Um batalhão dos seccionarios insurgidos obsta-lhe a passagem antes de chegar á *Pont-Tournant*. A convenção, grupada em roda do seu presidente, hesita e pára.

Marat, saindo então d'uma das ruas da lameda, escultado por uma columna de mancebos do club dos franciscanos gritando: «viva o amigo do povo!» intima os deputados que abandonaram seu posto, a regressar para elle. A convenção, captiva, mas affectando estar satisfeita com os poucos passos que lhe deixaram dar, entra na sala. Couthon junta o escarneo de dentro á violencia de fóra. «Cidadãos, disse elle, todos os membros da convenção devem estar agora tranquillos a respeito da sua liberdade. Vós marchasteis para o povo. Em toda a parte os haveis encontrado respeitoso para com os seus representantes, implacaveis contra os conspiradores. Agora pois que já vos conheceis livres nas vossas deliberações, peço, não quanto ao presente um decreto de accusação contra os dois denunciados, porém um decreto que os ponha em aresto em suas casas, e assim tambem aos membros da commissão dos doze, e aos ministros Claviére e Lebrun!»

XI. — Um aplauso simulado, mas unanime, attesta que não resta á convenção nem mesmo o pudor da sua situação. Legendre, Couthon a Marat, fazem com tudo

ouvir um accento de piedade em favor dos membros da commissão dos doze que protestaram contra a prisão de Hebert e Varlet. Riscam-se da lista os proscriptos Fonfrede, Saint-Martin, e alguns outros.

Os peticionarios offerecem-se a servirem de refens aos departamentos cujos deputados vão ser presos. « Não preciso de baionetas para defender a liberdade das minhas opiniões, » responde Barbaroux. « Não careço de refens para proteger a minha vida. Os meus refens são a pureza da minha consciencia, e a lealdade do povo de Pariz, entre as mãos de quem me entrego. — E eu, diz Lanjuinais, peço refens, não para mim, que ha muito tempo fiz o sacrificio da minha vida, mas impedir que a guerra civil rebente, e para manter a unidade da republica ! » Nenhum sussurro insultante respondeu a estas ultimas palavras dos vinte dois. A convenção, ferindo-os, conhece u que ella se ferira a si propria. Lastimando-se, lastimava-se a si. A Montanha desceu silenciosamente dos seus bancos, evitando olhar para os homens que ella acabava de proscrever. Muitos tinham já evadido-se. Outros haviam estado encerrados em casa de Meilhan, um dos seus collegas, e dispersaram-se quando o resultado do dia foi conhecido. Barbaroux, Lanjuinais, Vergniaud, Mollevault, Gardien ficaram em seus bancos, esperando debalde os homens armados que deviam apoderar-se de suas pessoas; vendo que não chegavam, dirigiram-se per si mesmo para a sua habitação. Gendarmes foram enviados pela commissão revolucionaria a fim de guardal-os á vista em suas casas.

XIII. — Tal foi a catastrofe politica deste partido. Morreu como nascera, n'uma sedição legalisada pela victoria. A jornada de 2 de junho, que ainda se chama de 30 de maio, porque a lucta durou tres dias, foi o de 10 de agosto da Gironda. Este partido caiu de fraqueza e indecisão, como o rei a quem havia derrubado. A republica que elle tinha fundado desmoronou-se sobre elle oito mezes sómente depois da sua existencia. Honra-se este grupo de republicanos pelas suas intenções, admira-se pelos seus talentos, lastima-se por causa dos seus successores, e por que os seus chefes ao cahirem abriram essa longa estrada para o cadafalso. Pergunta-se depois da desapparição deste partido qual era a sua idéa, se alguma teve? A historia pergunta a seu turno se a Gironda triumphasse em 31 de maio haveria salvado ella a republica; se havia naquelles homens de palavras, nas suas concepções, na sua união, no seu caracter, e no seu genio politico os elementos de um governo ao mesmo tempo dictatorial e popular, capaz de comprimir as convulsões da França no interior, e procurar o estabellecimento d'uma republica regular preservando-a dos reis, e dos demagogos? A historia não hesita em responder: Não; os girondinos não tinham em si nenhuma dessas condições. O pensamento, a unidade, a politica, a resolução, tudo lhes faltava. Tinham feito a revolução sem o querer; governavam-a sem a comprehenderem. A revolução devia voltar-se contra elles, e escapar-lhes.

São precisas duas cousas aos homens de Estado para dirigirem os grandes movimentos da opinião de que participam: intelligencia completa destes movimentos, e a paixão, cuja estes movimentos são a expressão n'um povo. Os girondinos não tinham completamente nem uma, nem outra. Na assembléa legislativa, ti ham pactuado muito tempo com a monarchia, mal acceita por elles, e não haviam comprehendido que um povo não se transforma e não se regenera quasi nunca sob a mão, e sob o nome do poder a que se escapa. A republica, timidamente tramada por alguns delles, fôra antes acolhida como uma necessidade fatal, do que abraçada como um systema por outros. Desde o dia seguinte á sua proclamação, elles tremeram do fructo do seu parto, qual mãi que houvesse dado á luz um monstro. Em vez de trabalharem em fortificar a republica nascente, mostraram sollicitude por enfraquecel-a. A constituição que elles propunham assimilhava se antes a um pesar do que a uma esperança. Contestavam-lhe um por um todos os seus orgãos de vida e de força. A aristocracia revelava-se, sob outra forma, em todas as suas instituições borguezas. O principio popular conhecia-se ahi abafado. O povo, a seu turno, desconfiava delles. A cabeça receiava o braço, o braço receiava a cabeça. O corpo social não podia senão agitar-se ou definhar-se.

Tambem os girondinos, desde a sua accessão, tinham marchado de desafios em concessões, de resistencia em derrotas. O 10 de agosto tinha-lhes arrancado o throno, cujo ainda elles sonhavam a conservação no mesmo decreto em que Vergniaud proclamava a deposição do rei. Danton havia-lhes arrancado as proscripções de setembro, que não tinham sabido nem prever com um desenvolvimento de forças, nem punir cobrindo as victimas com seus corpos. Robespierre arrancara-lhes a cabeça de Luiz XVI, cedida covardemente em troco de suas proprias cabeças. Marat arrancava-lhes sua impunidade e seu triumpho depois da sua accusação em 10 de março. Os jacobinos arrancaram lhes o ministerio na pessoa de Roland. Finalmente Pache, Hebert, Chaumette, e a communa lhes arrancavam agora sua abdicação, e não lhes deixavam senão a vida. Fracos no interior, haviam sido infelizes no exterior. Dumouriez, seu homem de guerra tinha trahido a republica, e lançado sobre elles, por esta traição, a suspeita de cumplicidade. Os exercitos sem chefe, sem disciplina, sem recrutamento, recuavam de derrota em derrota. As praças fortes do norte caiam, ou não se defendiam senão com as suas muralhas. O realismo conquistava o Oeste; o federalismo deslocava o Meio dia; a anarchia paralisava o centro; as facções tyrannisavam a capital. A convenção, rica de oradores, mas sem chefes politicos, fluctuava entre suas mãos, admirando lhe os discursos, mas zombando dos seus actos. Detestavam os jacobinos, mas deixavam-os reinar. Aborreciam o tribunal revolucionario, e deixavam-o ferir ao acaso, esperando que os ferisse tambem a elles proprios. Temiam o dislaceramento da republica, e suas correspondencias desesperadas não cessavam de impellir os seus departamentos ao suicidio pelo federalismo.

XIV. — Alguns mezes ainda mais de tal governo, e a França, meia conquistada pelo estrangeiro, reconquistada pela contra-revolução, devorada pela anarchia, e despedaçada pelas suas proprias mãos, teria cessado de existir como republica e como nação. Tudo morria nas mãos destes homens de palavras. Era myster ou resignar-se a morrer com elles, ou fortificar o governo. A violencia apoderou-se delle. Tomou, como fisera em 10 de agosto, esta dictadura que ninguem ousava tomal-a ainda na convenção. A insurreição da communa, ainda que fomentada e dirigida por paixões preversas, foi apresentada aos olhos dos patriotas como a insurreição da salvação publica. O povo, vendo claramente que ia morrer, lançou illegalmente mãos do leme, e arrancou-o ás impotentes mãos que o deixavam garrar. O povo julgou isto fazer uso do seu direito supremo, do direito de existir. Accusaram-o de se haver arrogado a inniciativa sobre os departamentos, e substituir a vontade de Pariz á vontade da França. Que poderiam, dizem os patriotas de 31 de maio os departamentos na distancia em que estavam dos successos? Antes de os terem consultado, antes de haverem respondido, antes de as suas forças de opinião e de exercito chegarem á Pariz, os colligados podiam estar ás suas portas, os Vendeanos ás portas de Orleans, a republica afogada no seu berço. Nos perigos extremos, a proximidade é um direito. E' a parte do povo mais proxima ao perigo publico que pertence prover-lhe primeiro. Em tal caso, a medida do poder é o alcance do braço. Uma cidade exerce então a dictadura da sua situação, salvo fasel-a ratificar depois. Pariz tinha-a exercido muitas vezes antes e depois de 1789. A França não lhe lançou em rosto nem o jogo da pella, nem mesmo o 10 de agosto, em que Pariz tinha conquistado para ella, sem a consultar, e sem a esperar, a revolução e a republica.

Demais, quaesquer que sejam as theorias de igualdade abstracta entre as cidades de um imperio, essas theorias cedem infelizmente o logar ao facto nas circumstancias excepcionaes; e este facto tem seu direito, porque tem sua justiça quando tem sua necessidade. Sem

duvida, que as cidades onde o governo tem seu assento, não são mais do que membros do corpo nacional; mas este membro, é a cabeça! A capital de uma nação exerce sobre os membros uma potencia de iniciativa, arrastramento e resolução, em relação com os sentidos mais energicos cujos a cabeça é a séde tanto em a nação como no individuo. A polemica rigorosa pode contestar com a razão este direito, a historia não o pode negar Nos tempos regulares o governo está por toda a parte em proporção igual Nos tempos extremos, o governo está, não de direito, mas de facto, em toda a parte onde se apossam delle. A iniciativa é a senhora das cousas, quando está no sentido das mesmas cousas. O 31 de maio era illegal, quem o justifica? Mas o 10 de agosto era legal? Era comtudo o titulo dos girondinos. Que partido podia então invocar legitimamente a lei? Nenhum. Todos a tinham violado A lei não estava, nesta usurpação reciproca e continua, nem na Montanha, nem na Gironda, nem na communa, nem em Pariz, nem em Bordeaux. A lei não existia, ou mais propriamente, a lei era o instincto da conservação de um grande povo. A lei era a revolução em si mesma! Um povo transviado pelo seu patriotismo, julgou promulgal-a no meio do tumulto e da sedição destes tres dias. Era a desordem, mas aos seus era portanto a lei; porque esta violencia lhe parecia a unica medida que podia salvar a patria e a revolução. O 10 de agosto, segundo se dizia, só podia salvar a liberdade, o 31 de maio salvar a nação.

LIVRO LXIII.

I. — Depois desta jornada, em que o povo não fez outro uso da força senão mostral-a e exercer a pressão de Pariz sobre a representação, retirou-se sem cometter algum excesso. Parecia lhe ter a consciencia de um grande serviço feito á liberdade. Illuminou espontaneamente as ruas. Não insultou ninguem Deixou os girondinos sahirem livremente das Tuileries, e dirigirem-se isoladamente aos seus domicilios. Não eram cabeças que elles pareciam querer, sim um governo. Acreditava-se vêr liberta a convenção do jugo de alguns ambiciosos e das tramas d'alguns traidores. Isto lhe bastava. Estava prompto a obedecer á convenção, com tanto que a julgasse livre. Nenhuma tentativa para a impellir mais longe pôde arrastal-a a estabelecer uma tyrannia.

Um unico homem quiz que o movimento aproveitasse á sua ambição pessoal: foi Marat. Falhou-lhe, e foi obrigado a justificar-se nos jacobinos da accusação de aspirar á dictadura. Os discursos que tivera na convenção, na communa, e ao povo, durante as oscillações destas tres jornadas, tendiam evidentemente a designar-se a si mesmo como o chefe indispensavel Billaud de Varennes lançou-lh'o em rosto com rudeza. «Sou denunciado,» respondeu Marat, «por ter pedido um chefe, um senhor, isto é um tyranno. Não appareço aqui para me justificar, pois estou persuadido q e ninguem presta fé a esta calumnia. E' desagradavel fallar francez diante de ignorantes que o não intendem, ou diante de velhacos que não querem intendel-o. Hontem á noite, ás nove horas, deputações de muitas secções vieram consultar-me sobre o partido que deviam tomar. Que! lhes digo, o toque do rebate da liberdade sôa, e pedis-me conselhos? Accrescentei nesta occasião: Vejo que é impossivel salvar-se o povo sem um chefe que dirija os seus movimentos. Os cidadãos que me cercavam gritaram: Que! vós pedis-me um chefe? — Não, respondi. Peço um guia, e não um senhor. E' muito differente.

II. — Reprehendido Marat pela sua ambição, Danton, a seu turno, o foi pela sua innação, e attenções para com os girondinos. Esse mesmo Varlet, que havia proposto no arcebispado os planos mais atrozes contra os girondinos, ousou atacar Danton, na tribuna dos franciscanos (*cordeliers*) no meio dos seus amigos, e no foco mesmo do seu poder. Varlet julgou que a occasião de abalar aquella popularidade gigantesca, e fundar a sua sobre as ruinas daquella tribuna, havia chegado. Com effeito, Danton tremia já. O seu silencio na commissão da salvação publica, a sua inercia na convenção, as suas attenções durante a crise, as suas apostrofes ao povo insurgido, eram, para os associados do club dos franciscanos, signaes de um patriotismo adormecido, ou d'uma occulta cumplicidade com os girondinos. Os deste club, deixando fallar assim Varlet contra o seu idolo, mostraram que elle não era inviolavel no seu coração. Danton estava ausente. Camillo Desmoulins defendeu o seu patrono das insinuações de Varlet, apresentando ao povo os titulos revolucionarios do homem do 16 de agosto, e do 2 de setembro.

O credito de Danton sahiu ainda intacto desta lucta. A' noite, Camillo Desmoulins veio contar-lhe aquella insolencia de Varlet. «Agradeço-te,» lhe disse Danton, teres-me vingado desse reptil. Quando o povo tiver encontrado outro Danton, poderá então ser impunemente ingrato e sacrificar-me aos seus caprichos. Mas eu não temo nada, «accrescentou batendo com a palma da mão na testa; «ha aqui duas cabeças; uma para salvar a revolução, outra para a conduzir.» Danton, nas suas audaciosas confidencias, disfarçava menos de dia para dia, o seu pensamento de se apoderar da republica, e de transformar-lhe o governo. «Fallo pouco,» dizia elle alguns dias depois a outro apaniguado seu. «Penso mesmo eclypsar-me por algum tempo. E' preciso gast r as facções. As revoluções teem seu cançasso. E' ahi que vos espero!»

III — A Montanha fez renovar no dia seguinte as commissões, á excepção da de salvação publica. Ahi lançou em maioria os seus membros mais pronunciados. O impulso da vespora imprimiu-lhe a força das massas. Demittiu os ministros suspeitos de ligações com os vencidos enviou commissarios aos departamentos duvidosos, annulou o projecto de constituição proposto pelos girondinos, e encarregou o comité de salvação publica de redigir em oito dias um projecto de constituição inteiramente democratico. Apressou o recrutamento e armamento do exercito revolucionario, este levantamento em massa do patriotismo. Decretou o emprestimo forçado de mil milhões sobre os ricos. Enviou, consecutivamente uns após outros, accusados sobre accusados, ao tribunal revolucionario. As sessões não foram já discussões, porém moções breves, decretadas immediatamente por acclamação e enviadas logo aos differentes comités para a sua execução. Despojou o poder executivo da pouca independencia e responsabilidade que ainda tinha. Continuamente chamados ao seio das suas commissões, os ministros não foram mais do que executores passivos das medidas que ella decretava. Os commissarios enviados aos departamentos, foram investidos por ella d'um poder dictatorial que supprimia em presença delles todas as authoridades intermediarias, até mesmo todas as leis, e que parecia transportar ás extremidades da republica a ubiquidade e a omnipotencia da convenção. Desde este dia a assembléa deixou de ser representação para ser governo. Administrou, julgou, feriu, e até mesmo combateu. Foi a França reunida: cabeça e mão ao mesmo tempo. Esta dictadura collectiva tinha, sobre a dictadura de um só, esta vantagem de ser invulneravel, e de um golpe de punhal não a poder interromper nem distruir.

Deste este dia tambem não se discutiu mais, e sim operou-se. A desapparição dos girondinos arrebatou a voz á revolução. A eloquencia foi proscripta com Vergniaud, á excepção dos raros dias em que os grandes chefes de partido, como Danton e Robespierre, tomavam a palavra, não para refutar as opiniões, mas para intimar vontades e promulgar ordens. As sessões tornaram-se quasi mudas Um grande silencio houve daqui em diante na convenção, interrompido unicamente pelo passo acelerado dos batalhões que desfilavam no recinto, pelas salvas do canhão de alarma e pelos golpes do cutello que feria na praça da Revolução.

IV — No entanto os vinte dois girondinos, os membros da commissão dos doze e um certo numero de amigos seus, advertidos do perigo por este primeiro golpe do ostracismo, fugiam para os seus departamentos, e corriam a protestar contra a mutilação da patria. As victimas de 31

de maio não foram lançadas na prisão logo no primeiro dia. A communa contentou-se de os ter exilado de suas cadeiras de legisladores. A piedade dos seus collegas parecia deixar-lhes voluntariamente a facilidade de se subtrairem pela fuga a prisões mais estreitas e a assassinios quase certos. Gendarmes acostomados ao respeito para com os membros da representação nacional, guardavam os detidos nas suas casas. Mais como servidores, do que como carcereiros, estes homens, facilmente enternecidos ou captados, deixavam communicar os deputados proscriptos com suas familias e seus amigos de fora. Os captivos recebiam visitas, alguns mesmos tinham permissão de sair de noite. Contentavam-se com a sua palavra de não se evadirem do Pariz.

O maior numero daquelles que tinham esperado o resultado da insurreição do 2 de junho, em casa de Meilhan, na rua Saint-Honoré já tinham tomado aquelle partido. Os outros evadiram se um a um. Robespierre, Danton, e mesmo o povo pareciam fechar os olhos a estas evasões, como para a si mesmo subtrairem as victimas que lhes seria penoso ferirem.

V — Buzot, Barbaroux, Guadet, Louvet, Salles, Delhion, Bergoing, Cussy, Kervelegan, Lanjuinais, lançaram-se em a Normandia, e depois de terem percorrido, sublevando-as, os departamentos entre o mar e Pariz, estabeleceram-se em Caen, o foco e o centro da insurreição contra a tyrania de Pariz. Intitulavam-se assemblea central da resistencia á oppressão. Biroteau e Chasset tinham chegado até Lyon. As secções armadas desta cidade agitavam-se em movimentos contrarios e já sangrentos. Brissot fugiu para Moulins; Rabaut-Sanit-Etienne para Nimes. Gramgeneuve, enviado por Vergniand, Fronfrede e Ducos, á Bordeaux, levantou batalhões prestes a marcharem sobre a capital. Tolosa seguiu o mesmo impulso de resistencia a Pariz.

Os departamentos do Oeste estavam em fogo, e regosijavam-se de ver a republica, despedaçada em facções contrarias, offerecer-lhes a cumplicidade d'um dos dois partidos para o restabellecimento da realesa. O centro montanhoso da França, onde o jugo de Pariz é menos acceite, ou o afastamento das fronteiras torna menos presentes os perigos externos, moveu-se. O Tarn, Lot, Aveyron, Cantal, Puy, Dome, Herault, Ain, Isere, ao todo setenta departamentos declararam-se em scisão com a convenção. Estes departamentos encarregaram as suas authoridades constituidas de todas as medidas necessarias a vingar a representação nacional. Enviaram-se reciprocamente deputações para combinarem o sublevamento. Marselha alistou dez mil homens á voz de Rebecqui, e dos mancebos amigos de Barbaroux. Prendeu os commissarios da convenção Roux e Antiboul. O realismo sempre incumbando no Meiodia, trausformou insensivelmente este movimento de patriotismo em insurreição monarchica. Rebecqui, desesperado dos malles involuntarios que causava á republica, e de vêr o realismo apossar-se do movimento do Meiodia, escapou aos remorsos pelo suicidio e precipitou-se no mar. Lyon e Bordeaux prenderam tambem os enviados da convenção como *maratista*, ou do partido de Marat. As primeiras columnas do exercito combinado dos departamentos principiaram a mover-se por toda a parte. Seis mil Marselheses já em Avignon, promptos a subir o Rhodano, e faser juncção com os insurgentes de Nimes e de Lyon. A Bretanha e a Normandia reunidas concentravam as suas primeiras forças em Evreux.

VI — No exterior, a situação da convenção não era menos precaria. A Inglaterra bloqueava todos os nossos portos. Um exercito de cem mil homens, Inglezes, Hollandezes, Austriacos rompiam pelos nossos departamentos do norte. Condé, bloqueada, via o general Dampierre expirar tentando defendel-a. Valenciennes, bombeada por trezentas bocas de fogo, não era mais do que um montão de cinzas protegida por muralhas impenetraveis. Os emigrados, os Austriacos os Prussianos tinham passado o Rheno, e ameaçavam os departamentos de Alsacia de uma invasão de mais de mil combatentes. Custine, e as nossas guarnições do Rheno, apenas os contiuham. Este general, intrincheirado nas linhas de Wessembourg, procurava refugiar-se em Strasburgo. Moguncia abandonada, com uma guarnição de vinte mil soldados escolhidos, paralisados, assim para a guerra activa defendia-se heroicamente contra os ataques do general Kalkreutz á frente de setenta mil homens. O rei da Prussia, no meio d'outro corpo de exercito, em frente de Custine, não esperava, para despedir o ultimo golpe, senão a noticia da rendição de Moguncia. De Strasburgo aos Alpes, a insurreição girondina sublevava a Franche-Conte, (*Franco-Condado*) e tornava o accesso do Haut-Jura (*Alto-Jura*) praticavel ás intregas e aos exercitos dos emigrados. Têr o mesmo inimigo é a unica alliança entre as facções.

VII — Vinte mil mancebos voluntarios *franc-conteses*, impelidos ao realismo por sua indignação contra os montanhezes e contra Marat, estavam promptos a descer sobre Lyon e sobre Macom para engrossar o exercito do Meiodia marchando contra Pariz. Oitenta mil Saboianos e Piemontezes, postados nas alturas de Niza, e na confluencia das altas gargantas dos Alpes da Saboia, ameaçavam Toulon, Grenoble, Lyon. Estas tropas estrangeiras propunham aos realistas do interior seu soccorro armado contra os tyrannos da republica. Biron, que commandava o exercito de Italia, não tinha senão alguns milhares de homens desarmados e indisciplinados para cobrirem ao mesmo tempo a Provence e a fronteira. Nos Pyrineos, a nossa guerra com a Hespanha, fraca e sem gloria dos dois lados, encerrava-se nas gargantas, deixando as nossas provincias do Roussillon ao alcance d'uma invasão sempre adiada, mas sempre imminente. Os desastres do exercito revolucionario na Vendeé completavam este quadro das calamidades da republica, e das extremidades da convenção. A força só estava no coração. Para não desesperar da lucta que a republica concentrada em Pariz tinha a sustentar, era preciso conter na alma a fé inteira da nação na liberdade. A convenção tinha esta fé, ella dedicou-se, e dedicou a França ou á morte, ou á sua obra. Isto foi a sua gloria, a sua excusa, e a sua salvação. Danton e Robespierre, a communa de Pariz e os jacobinos, sustentaram sua energia ao nivel dos seus perigos, ora pelo enthusiasmo, ora pelo terror que lhe imprimiam. Collocaram-a entre a contra-revolução e o cadafalso; não tinha a escolher senão a morte; escolheu a morte gloriosa, e resolveu-se a combater contra toda a esperança.

VIII — Para mostrar que não desesperava do futuro a convenção votou, dentro de alguns dias de discussão, a nova constituição, cujo projecto encarregára á commissão de salvação publica. Herault de Sechelles foi o relator.

Esta constituição cessava de ser representativa para ser democratica, isto é que a representação geral, universal, directa, ahi chamava a toda a parte e sempre o povo, ao exercicio immediato da soberania, sob todas as formulas, ao exercicio immediato da soberania. Consultava-se a nação a respeito de todas as leis; a eleição nomeava todos os poderes executivos, e os demittia á sua vontade. Robespierre, cujos principios tinham prevalecido nesta concepção, a defendeu nos jacobinos contra os ataques dos demagogos exagerados, taes como Rouz e Chabot. « Desconfiai-vos, disse elle, destes intitulados ante-padres, colligados com os Austriacos. Cautella com a nova mascara com que os ariscocratas vão cobrir-se! Antevejo no futuro um novo crime, que não está talvez longe de rebentar; porem desvendalohemos, e aterrâremos os inimigos do povo sob qualquer forma que se aventurem a apresentar-se! »

Os jacobinos que affectavam conservar sempre a vantagem da moderação sobre os do club dos franciscanos (*cordeliers*), e que deviam a este caracter reflectido e politico dos seus actos uma parte do seu poder, applaudiram as palavras de Robespierre. Enviaram uma deputação, cuja Collot d'Herbois foi o orador, a pedir aos *cordeliers* (franciscanos) que fizessem callar os dectractores das constituições, e reunissem todos os corações em roda de uma obra a qual o tempo volveria ainda pupular. Os franciscanos (*cordeliers*) dobravam á

voz dos jacobinos; expulsaram da sua sociedade como perturbadores e anarchistas, a Roux e Leclerc do Vosges, e perdoaram a Varlet, em consideração ao ardor da sua joventude. A constituição assim sanccionada pelas duas sociedades soberanas da opinião de Pariz, e coberta com a egide de Robespierre, foi enviada a todas as municipalidades da republica para ser aprezentada á acceitação do povo francez, convocado em assembleas primarias.

Pelo que respeita a Danton, lançou esta constituição ao povo como um brinco de creanças, já despedaçado no seu pensamento. Não amava no povo senão a sua força; acreditava pouco na liberdade; pouco tambem se inquietava com o futuro; era da raça desses homens que se insurgem contra as tyrannias por uma tyrannia maior. Quando não são escravos revoltados, volvem os dominadores mais insolentes. Todas estas theorias constituintes não eram aos olhos de Danton senão puerilidades mais ou menos habeis; custava-lhe pouco escrevêl-as, porque nada lhes custava riscal-as. Não conhecia na revolução senão um unico poder legitimo; o governo da circunstancia, e a lei da necessidade.

IX — O boato corria então que a convenção, embaraçada com os girondinos prezos em Pariz, não ousando nem julgal os, nem absolvel-os, se propunha fazer um sacrificio á paz e á reconciliação com os departamentos amnistiando os vinte e dois. Era com effeito a opinião de Danton: os rigores inuteis pesavam-lhe, e a recordação de septembro afastava-o da matança. Valazé, indignado do ultrage encuberto em similhante perdão, escreveu á convenção que não podia acreditar neste projecto do comité da salvação publica; que a liberdade era-lhe menos querida do que a honra, e que elle repelliria com horror o perdão. Vergniaud igualmente intrepido e que arremessava o desafio aos seus vencedores mesmo da sua prizão, escreveu uma carta no mesmo sentido: « Peço ser julgado, » disia n'ella. « Se sou culpado, puz-me voluntariamente em arestação para offerecer a minha cabeça em expiação das traições de que for convencido; se os meus calumniadores não apresentarem provas contra mim, a meu turno peço que elles vão ao cadafalso. Cidadãos meus collegas, reporto-me á vossa consciencia; vossa justiça será julgada a seu turno pela posteridade. « Os restos do partido da Gironda, animados pela sublevação dos departamentos, apresentaram-se em massa na sessão da convenção para apoiarem a leitura destas cartas, e das petições em favor dos proscriptos. « São os archotes da guerra civil que se vos lançam! exclamou Legendre, dai-vos pressa em apagal-os passando desdenhosamente ás vossas deliberações. » A convenção deixou de parte estas petições. Barrere leu um relatorio da commissão de salvação publica. Glorificava n'elle o 31 de maio, pedindo medidas severas para reconduzir os jacobinos e a communa ao respeito do poder supremo concentrado na convenção. « Homens da Montanha, » dizia Barrére ao terminar, « não estais indubitavelmente colocados neste ponto o mais elevado, senão para vos erguerdes acima da verdade; sabei portanto escutal-a. Não sentencieis pois antes da opinião sobre a culpabilidade de collegas que expulsastes do vosso seio, e no entanto que por aquella opinião se espera, dai refens aos departamentos que estão em alarma. « Robespierre, Lacroix, Thuriot, e Legendre, indignaram-se desta fraqueza, Robespierre admirou-se de que se ousasse por em questão o que o povo tinha julgado.

Annunciou-se no mesmo momento á convenção que os administradores dos departamentos insurgidos acabavam de fazer prender os commissarios Somme, Prieur, de la Cote-d'Or, Ruhl e Prieur de la Marne. « Eu conheço Ruhl: elle será livre ainda em frente de todos os canhões da Europa! » Pediu-se por acclamação o prompto castigo dos administradores rebellados. Alguns membros da direita propozeram medidas fracas ou perfidas de expectativa. Danton pareceu sahir a estas palavras, da inexplicavel inercia de que o consurava-o.

« E que! diz elle parece duvidar-se da republica? E'no momento de uma grande concepção que os corpos politicos, á imitação dos physicos, parecem ameaçados d'uma proxima distruição. Estamos cercados de tempestades! o raio estala! bem, é no meio dos seus relampagos que sahirá a obra que immortalisará a nação franceza. Recordai-vos, cidadãos, do que se passou no tempo da conspiração de La Fayette; recordai vos do estado de Pariz então, os patriotas oppressos, proscriptos, ameaçados por toda a parte, as maiores desgraças suspensas sobre nos! Hoje a situação é a mesma! parece que não ha senão perigos para aquelles que crearam a liberdade! La Fayette e a sua facção foram depressa desmascarados. Hoje os novos inimigos do povo estão já em fuga sob varios nomes. Este Brissot, este corifêo da seita impia que vae ser esmagada, este homem que gabava, a sua coragem, e se jactava da sua indigencia accusando-me, a mim, de estar coberto de ouro, não é mais que um miseravel, a quem o povo fez justiça em Moulins, prendendo-o como um conspirador. Diz-se que a insurreição de Pariz causa movimentos nos departamentos? Declaro á face do universo, que estes acontecimentos hão de ser a gloria desta magnifica cidade! declaro á face da Europa, que sem o canhão de 31 de maio, os conspiradores nos dariam a lei! que o crime desta insurreição recaia sobre nos!!! »

X — Este urgulhoso desafio á posteridade teve um ecco unanime na Montanha. Danton associava-se á insurreição victoriosa de 31 de maio, e dava-lhe ante a França o baptismo do patriotismo.

Couthon converteu em moção o enthusiasmo exaltado por estas palavras, e fez votar não só a amnistia dos bandos que haviam assediado a convenção, mas tambem o elogio da communa, do povo, e até mesmo do comité insurreccional de Pariz, durante os dias de 31 de maio, 1.º e 2.º de junho.

Ducós, que ficara com Fonfrede nos bancos desertos dos girondinos, esforçou-se em dobrar a colera dos vencedores, e excitar sua indulgencia em favor de seus collegas. Respondeu-se-lhes com susurro. Accusou-se Vergniaud de ter querido corromper os gendarmes que o guardavam. Apontou-se a evasão de Pethion e Lanjuinais, que tinham ido reunir-se aos seus collegas em Caen. Robespierre pediu com urgencia o relatorio relativamente aos deputados presos. « Que! é aqui, disse elle; que se ousa pôr em paralello a convenção com alguns conspiradores! E' aqui que se emprega a lingoagem de Vendée? » Esta apostrofe injuriosa para o lado direito foi coberta de denegações e murmurios. « Peço, » diz Legendre, que affectava fanatismo para com Robespierre, « peço que o primeiro rebelde, o primeiro destes revoltosos » (apontando para os amigos de Vergniaud) » que interrompêr o orador seja enviado á Abbadia! — Deseja-se conhecer seus crimes, » continuou Robespierre. « Seus crimes, cidadãos! são as calamidades publicas, a audacia dos conspiradores, a colligação dos tyrannos da Europa, as leis que elles nos impediram fazer, a santa constituição que se proclamou depois que elles não existem! Cidadãos! que nenhuma posillanimidade vos indusa a poupar os culpados; o povo está com vosco! »

XI — Fonfrede tentou obter que o decreto de prisão contra os seus amigos indicasse ao menos a prisão especial em que fossem encerrados, para não serem confundidos com os criminosos. Não obteve mais do que uma fria indifferença. As mulheres e os filhos dos presos supplicaram se lhes permittisse compartilharem a sorte delles. A Montanha acolheu ou regeitou estas supplicas individuaes segundo a parcialidade pró ou contra as pessoas. Bertrand, que acabava de perder sua mulher, e que ficava sosinho e pobre para cuidar de seus filhos em tenrinha edade foi barbaramente arrancado a estes. Esta discussão prolongou-se. Drouet accusou Brissot de pretender fugir, e Vergniaud de ter embriagado os seus guardas. « Cessemos, » disse em fim Robespierre, « de nos occupar-mos dos individuos. Elles queriam que a republica não pensasse senão nelles; mas a republica só pensa na liberdade. Fazei leis populares, assentai as bazes de instrucção publica, regenerai a oppinião, apurai os costumes; apres-

sai-vos se não quereis prepetuar as crises da revolução. A intenção dos vossos inimigos é accender a guerra civil. Deseja-se que a convenção apresente o espectaculo das divisões que dilaceram a França. Tal é o motivo desta affectação em pedir que vos occuppeis, destes miseraveis individuos, que, apesar de feridos pelo gladio de lei, levantam o estandarte da revolta. Deixemos estes miseraveis aos remorsos que os perseguem. »

Soube-se bem depressa a fuga de Kervelegan e Biroteau. « Onde está pois o crime delle ? » exclamou uma voz da *Planice*. « Seu crime ! respondeu Mauro, está na fuga. »

XII — Em fim Saint-Just, a quem Robespierre inspirava, leu o relatorio sobre os acontecimentos de 31 do maio. Esto relatorio, juntando n'um só feiche de accusações todas as calumnias de Camillo Desmoulins contra os girondinos, transformava este partido n'uma vasta conspiração para restabellecer a realesa opprimida, e entregar a republica ao estrangeiro. O federalismo era ahi apresentado como o fim constante e systematico deste partido. « Vede, » disia Saint-Just, concluindo, « quiseram escravisar-vos a vós mesmos em nome da vossa segurança. Tratam-vos como a esse rei de Chypre carregado de cadeas de ouro. Marseille e Lyon, promptos a juntarem se a Vendeé, são preza dos seus emissarios. Tyrannos mais odiosos do que Pisistrato, fazem degolar o filho que lhes pede seu pai, e o pai e a mãi que choram seu filho ! Buzot subleva o Eure e Calvados ; Pethion, Louvet, Barbaroux secunda-os. Fecham-se as sociedades populares, embravecem-se contra os patriotas. Em Nimes installa-se uma commissão de governo. Por tada a parte corre o sangue. Bordeaux ouve o grito de Viva o rei ! misturado com os ultrajes á convenção. Ouvis os gritos daquelles a quem assassinam ? A liberdade do mundo e os direitos do homem estão bloqueados com vosco em Pariz. Elles não perecerão ! Vosso destino é mais forte que vossos inimigos. A Estes nada mais deveis, por que elles desolam a patria. E' o fogo da liberdade que nol-os escumou por si mesmo, como a fervura dos metaes espulsa do cadinho excuma impura. Que elles fiquem só com o seu crime. Proscrevei estes, julgai os outros e perdoai depois. Não gostais sêr implacaveis ! »

Este relatorio offerecia a amnistia aos departamentos in urgidos. Resumia-se n'um decreto. Este decreto declarava traidores á patria Buzot, Barbaroux, Gorsas, Lanjuinais, Salles, Louvet, Bergoing, Biroteau, Pethion ; punha em accusação Gensonné, Guadet, Vergniaud, Mollevault, e Gardien, detidos em Pariz. Chamava Bertrand, membro da commissão dos Doze, ao seio da convenção. Chabot, em seguida a este relatorio, obteve um decerto de accusação contra Condorcet, que acabava de defender corajosamente os seus amigos, n'um escripto aos Francezes !

XIII — No entanto que a convenção procedia com tanto rigor no centro, ella combatia nas extremidades. Os seus commissarios luctavam por toda a parte com os emissarios girondinos, sublevavam as secções, reunindo os batalhões, marchavam á frente delles contra os primeiros ajuntamentos dos rebellados, e destroçavam a insurreição no seu germen. O general Carteaux, cortou a setrada de Lyon aos voluntarios de Marselha, e os pôz em fuga junto a Avignon. Bordeaux estava indeciso se vingaria os seus deputados, ou obdeceria á Montanha. Porem o foco da insurreição federalista estava em Caen, na Normandia, e na Bretanha. Lancemos uma vista d'olhos sobre esta cidade e as suas provincias.

Os desoito deputados refugiados em Caen eram Barbaroux, Bergoing, Boutedoux, Buzol, Duchatel, de Cuny, Gorsas, Guadet, Kervelegan, Lanjuinais alguns dias somente, Lariviere, Lesage d'Eure e Loire, Louvet. Meilhan, Mollevault, Salles, Valady, Pethion, acompanhado de seu filho, creança de dez annos, Tinham-se-lhes unido tres moços escriptores dedidados á sua causa e á sua desgraça : eram Girey-Dupré, Riouffe, e Marchenna.

Estes deputados tinham-se lançado em massa em Caen, por que esta cidade não tinha esperado a sua provocação para se pronunciar contra os acontecimentos de 31 de maio, e contra a violação da representação nacional.

Desde alguns mezes ; os jacobinos de Caen, indignados das doutrinas da Montanha, haviam rompido abertamente com a sociedade dos jacubinos de Pariz. Em a noite mesmo de 31 de maio, o conselho do departamento de Calvados tinha votado a creação d'um exercito departamental destinado a assegurar a liberdade da conveção. » Não deporemos as armas, disia a representação redigida na mesma sessão, » senão depois de havermos feto entrar os proscriptores e os facciosos em o nada, « Uma assembla tomou o governo da insurreição. Confiou-se o commando das tropas ao general Wimpfen, antigo deputado constitucional. O snr. de Wimpfen estava em Bayeux. Ficando fiel á patria, seu coração era comtudo realista. A assemblea insurreccional fez prender Romme e Pricur, dois commissarios da convenção do partido montanhez. Encerravam-se no castello de Caen. Foi durante esta prisão que Romme meditou o planno do *calendario republicano* que devia arrancar ao tempo mesmo, o cunho do passado e da tradição.

Os deputados fugitivos chegaram successivamente a Caen, nos primeiros dias de junho. Cada um delles, á sua chegada, se apresentou ao comité insurrecional, e escandeceu as opiniões federalistas com a narração das suas proprias perseguições. A cidade deu-lhes hospitalidade na casa da antiga intendencia. Elles ficaram mais como espectadores do que actores da insurreição em Caen e nos suburbios, e alguns batalhões de voluntarios compostos do mais escolhido da mocidade de Rennes, Lorient, e Brest. A guarda avançada destas tropas, sob o commando do sr. de Puisaye, emigrado que havia regressado, dedicado ao rei, foi collocado em Evreux. O sr. de Puisaye não via na insurreição senão a destruição da republica. Uma vez vencedor, acreditava fazer mudar facilmente a bandeira á sua tropa, e restabelecer a realeza constitucional. Era ao mesmo tempo orador, diplomata, soldado ; caracter eminentemente immergido nas guerras civis que produzem aventureiros e heroes. O sr. de Puisaye tinha já passado um anno inteiro, escondido n'uma caverna, no meio das florestas da Bretanha, para reacender ahi com as suas manobras e correspondencias o fogo da revolta contra a republica. Revestia se muitas vezes das cores tricolores e das opiniões dos girondidos. Os seus soldados desconfiavam delle. O general Wimpfen ficou em Caen com o corpo do exercito principal. Tentou, sem exito, fortificar-se com alistamentos voluntarios. Os emissarios da Montanha, espalhados pelo departamento, amorteciam, e desanimavam o movimento. Temia-se que a liberdade succumbisse em a luta travada em seu nome.

O sr. de Puisaye fez marchar suas tropas em numero de dois mil homens, sobre Vernon. Porem tendo os acampado imprudentemente nos suburbios de Brecourt, e abandonando-os de sua pessoa, durante a noite de 13 de julho, alguns tiros de artilheria das tropas da convenção bastaram a dispersal os. Esta derrota foi o signal da derrota dos ajuntamentos por toda a parte. Os mesmos batalhões bretões tomaram o caminho dos seus departamentos. Robert Lindet, commissario da convenção, entrou em Caen sem resistencia. Os deputados não trataram senão em pôr-se a salvo. Wimpfen offereceu-lhes um asylo seguro em Inglaterra. Recusaram com medo de confundirem sua causa com os emigrados.

A mesma indolencia que os perdeu em Pariz perdeu-os em Caen. Nenhum delles desenvolveu os recursos do caracter e espirito que supprem o numero e criam meios da acção. Contemplavam sua fortuna, sem nella assentarem mão. Perdiam os dias em conversas estereis com os membros do comité insurrecional. Barbaroux, occuppava-se de poesia, como no occio de uma vida feliz. Disculpava-se do seu voto de morte no processo do rei. « Não era minha opinião pessoal dizia elle, era o voto dos meus committentes e estava obrigado a expressal-o. »

Pethion parecia absorvido nos cuidados que dava a seu filho.

Louvet e Barbaroux dirigiram-se a Lisieux, no intento de marcharem com a vanguarda sobre Pariz. Chegaram ahi no momento em que as tropas de Puisaye debaudadas, retrogradavam para Caen. Um dos seus amigos

que fugia com os batalhões deste general, encontrou Barbaroux deitado no sobrado d'uma estallagem em Lisieux. Annunciou-lhe a derrota de Vernon. Barbaroux voltou para Caen. Valady e elle nunca mais se deixaram. « Barbaroux, » dizia Valady, « é um sublime esturdia, que, em dez annos, será um grande homem! » Girey-Dupré compunha estrofes insurreccionaes para substituir as da *Marselhesa* nos combates contra a Montanha.

Pethion justificava-se com indignação da suspeita de ter tomado parte na carnificina de setembro. Sua honesta figura desmentia estas atrozes imputações. « Vede, dizia delle Barbaroux, vêde o homem a quem pertendem fazer passar por assassino! »

Guadet tinha o rosto, a palavra, e o gesto tragico. « Sempre orador, » dizia dello gracejando Barbaroux.

Mostraram em Caen mais indifferença pela sua sorte do que energia em reparal-a. Excitaram mais curiosidade do que enthusiasmo. Tudo avortou em suas mãos. Sua guerra civil não foi mais do que um motim que nem mesmo se aproximou aos muros de Pariz. A republica que elles tinham creado recusou-lhes até um campo de batalha, e só lhes reservava o cadafalso. A França lastimava estes homens perseguidos, mas não quiz aniquilar-se para os vingar. Tinha horror ás violencias feitas á representação, á oppressão da convenção, aos cadafalsos; porem tinha mais horror ainda ao dislaceramento do seu territorio e á invasão do estrangeiro. Não punha em balança então e tyrannia passageira de um comité de salvação publica, por muito atroz que fosse essa tyrannia, com o aniquilamento da patria e a decomposição da unidade nacional á qual elle julgava immolar-se a si mesma. Só o nome do federalismo era mais do que uma injuria no espirito do povo; era um parrecidio, que a seus olhos unicamente a morte poderia expiar.

XIV. — Todos os dias esta suspeita de federalismo enviava ao comite revolucionario aquelles a quem este nome designava a vingança do povo. Marat não cessava de stigmatisar com este nome todos aquelles que pendiam para os deputados proscriptos pelos laços d'opinião ou de amisade. Marat constituira-se depois do seu triumpho, o accusador publico da communa, dos *cordelieres* (franciscanos) e mesmo da convenção. A hesitação de Danton, a contemporisação de Robespierre, a moderação dos jacobinos elevavam neste momento Marat ao apogeo da sua popularidade e do seu poder. Ousava tudo quanto sonhava. Sua febril imaginação não punha limites aos seus sonhos. Affectava grande desprezo pela convenção. Desdenhava assistir ás sessões. Encolhia os hombros aos nomes de Robespierre e de Danton; incapazes ambos, dizia elle, um de falta de virtude, outro de falta de genio, de cumprirem uma resolução e regenerar um povo. Tinha as vertigens da altura a que a sua propria loucura o elevava. Acreditar resumir de pleno direito em sua pessoa o numero, o direito e a vontade da multidão. Adorava em si a divindade do povo.

XV. — Este culto que elle tinha por si proprio, inspirado lhe fora pela porção ignorante e turbulenta da nação, e especialmente pela população de Pariz. Marat era aos seus olhos a ultima palavra do patriotismo. « Marat é necessario a nós, » dizia Camillo Desmoulins a Danton, para se desculpar das suas adulações a este homem. « Em quanto tivermos Marat comnosco, o povo terá confiança em as nossas opiniões, e não nos abandonará; porque além das opiniões de Marat não ha nada. Passa adiante de todos, e ninguem o pode ultrapassar. »

Desde a expulsão dos girondinos, recusara-se como deputado, não querendo, dizia elle, pronunciar como juiz sobre aquelles que elle considerava como inimigos pessoaes, para elle o julgamento era a insurreição. Desdenhava o julgamento da convenção e o gladio da lei. Devorado por uma febre lenta, e por uma lepra horrenda, escuma visivel da fervura do seu sangue, quase nunca sahia da habitação escura e escusa que habitava. Dahi, invisivel e doente, não cessava de apontar proscripções ao povo, designar suspeitos, marcar as victimas com o dêdo, e promulgar suas ordens á propria convenção. A convenção ouvia as suas cartas com verdadeiro desgosto, mas com affectada deferencia. Os girondinos, espalhados pelos departamentos, para fazer augmentar o horror da França contra seus inimigos, davam-lhes o nome de Maratistas. Esta denominação injuriosa ainda mais havia engrandecido Marat na imaginação da multidão. Os departamentos resumiam neste homem todo o terror, todo o horror, toda a anarchia de então. Personificando o crime neste ente vivo e sinistro, tornavam o proprio crime mais terrivel e mais odiento.

LIVRO XLIV.

I — Mas no entanto que Pariz, a França, os chefes e os exercitos das facções se preparavam assim a despedaçar a republica, a sombra de um grande pensamento atravessava pela alma d'uma rapariga, e ia desconcertar os acontecimentos e os homens, lançando o braço e a vida d'uma mulher atravez o destino da revolução. Disse-se que a Providencia queria zombar da grandeza da obra pela fraqueza da mão, e que se aprazia em fazer contrastar n'uma lucta de corpo a corpo os dois fanatismos: um sob as feições hediondas da vingança do povo em Marat, o outro da celeste beleza do amor da patria n'uma Joanna d'Arc da liberdade; um e outro indo parar, em seu desvario, no mesmo acto, a morte, e reunindo-se infelizmente ante a posteridade, não pelo fim, mas pelo meio, não pelo rosto, mas pela mão; não pela alma, mas pelo sangue!

II — N'uma rua larga e populosa que atravessa a cidade de Caen, capital da Normandia, e centro então da insurreição girondina, via-se no fim de um pateo uma casa antiga de paredes enegrecidas, deslavadas pela chuva, e greladas pelo tempo. Esta casa chamava-se a *Grande-Habitação*. Uma fonte de pedra, esverdinhada pela relva, occupava um angulo do pateo. Uma porta estreita e baixa, cujos umbraes em canelões iam juntar-se ao alto em cimbrio, deixavam ver-se os gastos degraos d'uma escada em espiral que subia ao andar superior. Duas janellas em forma de braços de cruz, cujos vidros octoganos estavam metidos em caixilhos de chumbo, esclareciam fracamente a escada e os vastos quartos nus. Esta palida claridade imprimia, com tal vetustez e obscuridade, este caracter de destroço, mysterio, e mellancolia, que a imaginação humana gosta de vêr lançado, como uma mortalha sobre o berço dos grandes pensamentos, e as habitações das grandes naturezas. Era ahi que vivia, no principio do 1793 uma neta do grande Tragico francez Pedro Corneille. Os poetas e os heroes, são da mesma raça. Não ha entre elles outra differença senão a da ideia ao facto. Uns fasem o que os outros concebem. Porem é um pensamento uno. As mulheres são naturalmente enthusiastas como uns, coragosas como os outros. A poesia, o heroismo, e o amor são do mesmo sangue

III — Esta casa pertencia a uma pobre mulher viuva sem filhos, de edade e valetudinaria, chamada Bretteville. Junto della habitava havia alguns annos uma parenta moça que recolhêra e educára para acompanhar a sua velhice e povoar-lhe o isolamento. Esta rapariga tinha então vinte quatro annos. Sua bellesa grave, serena, e recolhida, ainda que resplandente, parecia ter contractado a marca desta austera habitação e desta vida retirada no fundo de um pateo. Havia n'ella alguma cousa de uma apparição. Os habitantes do bairro a viam sair aos domingos com sua velha thia para irem ás igrejas, e que as viam atravez a porta, lendo durante horas inteiras no pateo, sentada ao sol no degráo da fonte, contam que sua admiração por ella era misturada do prestigio e respeito: quer seja radiação d'um pensamento forte que intimida os olhos do vulgo; quer seja atmosfera da alma espalhada nas feições, ou pressentimento d'um destino tragico que prematuramente rebenta na fronte.

Esta rapariga era d'uma estatura elevada, sem exceder com tudo o talho ordinario das mulheres altas e sveltas da Normandia. A graça e a dignidade natural accentuavam, como um rhythmo interno, o seu andar

e os seus movimentos. O ardor do Meiodia misturava-se na sua pelle ao colorido das mulheres do Norte. Seus cabellos pareciam negros quando estavam atados em massa em roda de sua cabeça, ou se abriam em duas ordens sobre a sua fronte. Pareciam lustrados de ouro na extremidade de suas tranças, como a espiga mais carregada, e mais resplandente que a haste do trigo ao sol. Seus olhos, grandes e rasgados quase até ás fontes, eram de côr cambiante como a agoa do mar, toma emprestada sua tinta do dia: azues quando ella reflet a, quase negros quando se animava. Sobrancelhas mui compridas, mais negras que os seus cabellos, davam como uns longes de pintura ao seu olhar. O nariz, que se unia á fronte por uma curva insensivel, era ligeiramente engrossado no meio. Sua boca, á grega, desenhava-lhe engraçadamente os labios. A expressão fluctuava-lhe entre a ternura e a insensibilidade, igualmente propria a respirar amor ou patriotismo. A barba recurvada, separada em duas por um profundo rêgo, dava á parte inferior do seu rosto uma expressão de resolução viril, que contrastava com a graça fiminina dos contornos. Suas faces tinham a frescura da joventude, e a firmeza oval da saude. Corava e empallidecia facilmente. Sua pelle era de uma alvara marmorisada pela vida. O peito largo, e um pouco magro apresentava um busto scultural apenas ondulado pelos nascentes contornos do seu sexo. Seus braços eram fortes de musculos, as mãos compridas, os dedos finos. O vestuario, conforme com a modicidade da sua fortuna e o retiro em que vivia, era de sobria simplicidade. Fiava-se em a natureza, e desdenha a todo o artificio ou capricho da moda nos seus vestidos. Aquelles que a viam na sua adolescencia pintam a sempre uniformemente vestida com um fato escuro, corta lo em amazona, e na cabeça um chapeo de feretro pardo, levantado nas bordas, e cercado de fitas negras como usavam então as mulheres da sua hierarchia. O som de sua voz, este echo vivo que resume uma alma inteira n'uma vibração do ar, deixava uma profunda e terna impressão no ouvido daquelles a quem dirigia a palavra. Fallavam ainda deste som de voz, dez annos depois de terem ouvido, como de uma musica estranha e inefavel que se gravara em sua memoria. Tinha neste teclado da alma notas tão sonoras e tão graves, que ouvil-a era, disiam elles mais do que vel-a, e nella o som fazia parte da belleza.

Esta donzella chamava-se Carlotta Cord y d'Armont. Ainda que de sangue nobre, nascêra n'uma cabana, por nome Ronceray, na aldeia de Ligneries, não longe d'Argentan. O infortunio recebera-a na vida donde ella devia sair pelo cadafalso.

IV — Seu pai, Francisco de Corday-d'Armont, era um desses gentilhomens de provincia a quem a pobresa quasi confundia com o camponez. Esta nobresa não conservava da sua antiga elevação senão um certo respeito pelo nome da familia e uma esperança vaga do regresso da fortuna, que impedia ao mesmo tempo abaixar-se pelos costumes, e elevar se pelo trabalho. A terra que esta nobresa rural cultivava, em pequeno dominio inalienavel, somente os nutria sem humilhar a sua indigencia. A nobresa e a terra pareciam ter-se esposado em França como a aristocracia e o mar se esposavam em Veneza.

O Snr. de Corday juntava a esta occuppação agricola uma inquietação politica e gostos litterarios, mui espalhados então na classe letrada da população nobre. A alma aspirava-lhe a uma proxima revolução. Atormentava-se na sua inacção e na sua miseria. Tinha escripto algumas obras de circunstancia contra o direito de progenitura. Estes escriptos estavam cheios do espirito que ia desabrochar. Tinha em si o horror da superstição o ardor de uma philosofia nascente, e o pressentimento d'uma revolução necessaria. Quer fosse insufficiencia do genio, quer inquietação de caracter, quer obstinação da fortuna que tragava os mais bellos talentos, não pode abrir-se praça no meio dos acontecimentos.

Consumia se na sua pequena erdade de Ligneries, no centro de uma familia que todos os annos crescia. Cinco creanças, dois filhos e tres filhas das quaes Carlota era a segunda, fasiam-lhe mais sentir de dia para dia as tristesas da necessidade. Jaquelina-Carlotta-Maria de Gonthier-des-Autiers, morreu destas angustias, deixando um pai a suas filhas em tenra edade; mas deixando realmente suas almas orfaãs dessa tradição domestica e dessa inspiração quotidiana que a morte, com a mãi, arrebata aos filhos.

Carlota e suas irmãs viveram ainda alguns annos em Ligneries, quase abandonadas da naturesa, vestidas de grossa tela como as raparigas da Normandia, e como ellas mondando o jardim, estendendo o feno no prado, respigando os feixes de trigo, e colhendo os pommos do estreito dominio de seu pa. Por fim a necessidade forçou o snr. de Corday a separar-se de suas filhas. Entraram, sob os auspicios de sua pobresa e indigencia, n'um mosteiro de Caen, onde a Snª. de Belzunce era abbadeça. Chamava-se este mosteiro a abbadia das Damas. Esta a badia, cujos vastos claustros, e a capella d'architetura romana haviam sido construidos em 066 por Mathilde de Guilherme o Conquistador, depois de ter sido abandonada, degradada, e esquecida em ruinas ate 1730, foi magnificamente restaurado depois, e forma hoje um dos mais bellos hospicios do reino, e um dos mais esplendidos monumentos publicos da cidade de Caen,

V, — Carlota tinha treze annos. Estes conventos eram então verdadeiros gynacéas chrstãos, onde as mulheres viviam á parte do mundo porem ouvindo todos os seus arruidos, e participando de todos os seus movimentos. A vida monastica, cheia de praticas doces, de amizades intimas, seduzem por algum tempo a donzella. Sua ardente alma, e apaixonada imaginação lançaram-a n'esta pensativa contemplação, no fundo da qual se julga aperceber a Deus, estado da alma que a obsessão affectuosa de uma superiora e o poder da imitação mudam tão facilmente, na infancia, em fé e exercicies de devoção. O mesmo caracter ferreo da sr.ª Roland se havia accendido e embrandecido a este fogo do céo. Carlota, mais terna, por isso mais facilmente cedeu. Foi, durante alguns annos, modelo de piedade. Sonhava encerrar sua vida, apenas aberta, nesta primeira pagina, a sepultar-se neste sepulchro, onde em logar da morte ella encontraria o repouso, a amizade e a feleeidade.

Porem quanto mais sua alma era forte, tanto mais ella se escavava, e chegava á extremidade dos seus pensamentos. Deseeu promptamente ao fundo de sua fé infantil. Descubriu alem dos seus dogmas domesticos outros dogmas noves, luminosos, e sublimes. Não abandonou nem a Deus nem á virtude, estas duas primeiras paixões da sua alma; porem deu-lhes outros nomes e outras formas. A philosofia que inundadava então a França com o seu clarão, atravessava com os livros em voga as grades dos mosteiros. Era ahi que, mais profundamente meditada no recolhimento do claustro e em opposição com as ninharias monasticas, a philosofia formava os seus mais ardentes adeptos. Estes mancebos, e estas mulheres, no triumpho geral da rasão, viam especialmente suas cadeias quebradas e adoravam sua liberdade reconquistada.

Carlota travou no convento essas ternas predileções de infancia similhantes aos parentescos do coração. Suas amigas eram duas raparigas de nobres casas, e humilde fortuna como ella; as meninas de Faudoas e de Forbin. A abbadeça, a sr.ª de Belzunce, e a coadjutora, a sr.ª Doulcet de Pontecoulant, tinham distinguido Carlota. Ellas admittiam-na nestas sociedades um pouco mundanas que o uso permittia ás abbadeças de conversarem com os seus parentes de fora, no recinto mesmo dos seus conventos. Carlota conheceu assim dois mancebos, sobrinhos destas duas damas: o sr. de Belzunce, coronel d'um regimento de cavallaria de guarnição em Caen, e o sr. Doulcet de Pontecoulant, official das guardas de corpos do rei. Um, que dentro em pouco devia ser assassinado n'um motim pela populaça de Caen; outro que ia adoptar com uma constancia moderada a revolução, entrar na assembleia legislativa e na convenção, e padecer o exilio e a perseguição pela causa dos girondinos. Pretendeu-se depois que a recordação mui terna do moço Belzunce, immolado em Caen pelo povo, ha-

via feito jurar a Carlota, viuva do seu primeiro amor, uma vingança que tinha alcançado e ferido Marat. Nada confirma esta supposição, e tudo a refuta. Se a revolução não tivesse lançado no coração de Carlota senão o horror e o ressentimento da morte do seu amante, ella teria confundido no mesmo odio todos os partidos da republica; não teria abraçado até ponto de fanatismo e morte uma causa que tinha ensanguentado as suas recordações e coberto de luto o seu futuro.

VI. — Na occasião da supressão dos mosteiros, Carlota tinha desenove annos. A pobresa da casa paterna havia augmentado com os annos Seus dois irmãos, ao serviço do rei tinham emigrado. Uma de suas irmãs morrêra A outra governava em Argentan a pobre casa de seu pai. A velha thia, a sr.ª de Bretteville, recolheu Carlota na sua casa de Caen. Esta thia estava sem fortuna, como toda a sua familia. Vivia nesta obscuridade e neste silencio que deixam apenas conhecer, dos mais proximos visinhos, o nome e a existencia d'uma pobre viuva. Sua edade e enfermidades tornavam ainda mais espessa a sombra que sua condição lhe lançara por sobre a vida. Uma unica mulher a servia. Carlota assistia a esta mulher nos seus cuidados domesticos. Recebia com graça as velhas amigas da casa. Acompanhava á noite sua thia a essas sociedades nobres da cidade, as quaes o furor do povo ainda não tinha dispersado, e onde se permittia a alguns velhos restos do antigo regimen reunirem-se para reciprocamente so consolarem e gemerem. Carlota, respeitosa para com estas saudades e superstições do passado, não as contrariava nunca com palavras crueis; porem sorria-se interiormente e nutria na sua alma o foco d'opiniões bem differentes. Este foco volvia-se nella, de dia para dia, bem ardente. Porém a ternura de sua alma, a graça de suas feições, a puerilidade infantil das suas maneiras não deixavam suspeitar nenhuma tenção reservada, sob a sua jovialidade Sua alegria suave radiava na velha casa de sua thia, como o raio matutino da manhaã n'um dia de tempestade, tanto mais brilhante qnanto mais a tarde for tenebrosa.

Satisfeitos estes cuidados domesticos, sua thia a acompanhava á egreja, e a reconduzia a casa. Carlota era livre em todos os seus pensamentos, e em todas as suas horas. Passava os dias a folgar no jardim, a pensar e a lêr. Não a constrangiam, nem em cousa alguma, a dirigiam, na sua liberdade, na sua opinião, ou nas suas leituras. As opiniões religiosas e politicas da sr.ª de Bretteville eram mais depressa habitos do que convicções. Guardava-as com o costume da sua edade e do seu tempo; porem não as impunha a ninguem. Alem disto a philosofia havia minado, neste tempo, o fundo das crenças no espirito mesmo da velha nobresa. A revolução punha todas essas crenças em duvida. Pouca firmesa havia em ideas que todos os dias eram vistas tremêr. E ainda mais as opiniões republicanas do pai de Carlota haviam-se infiltrado mais ou menos nos seus parentes. A familia de Corday pendia para as ideas novas. A propria sr.ª de Bretteville occultava, sob a decencia das suas saudades pelo antigo regimen, um secreto favor pela revolução. Deixáva á sobrinha nutrir-se das obras, opiniões e jornaes da sua escolha. A edade de Carlota indusia-a á leitura dos romances, que fornecem sonhos á imaginação das almas ociosas. Seu espirito levava-a á leitura das obras de philosofia, que transformam os instinctos vagos da humanidade em theorias sublimes de governo, e dos livros de historia que mudam as theorias em acções, e as ideas em homens.

Encontrava satisfeita esta dupla necessidade do seu espirito e do seu coração em João Jacques Rosseau, este philosofo do amor e este poeta da politica; em Raynal, este fanatico da humanidade; em Plutarco emfim esse personnificador da historia, que pinta mais do que conta, e que vivifica os acontecimentos e os caracteres dos seus heroes. Estes tres livros estavam incessantemente em suas mãos. Os livros apaixanados ou levianos da epocha, quaes a *Heloisa* ou *Faublas*, eram tambem folheados por ella. Porém, apesar de sua imaginação nelles lhe despertar seus sonhos, sua alma nunca perdeu seu pudor, nem a adolescencia a sua castidade. Devorada da nesscecidade de amar, inspirando e sentindo algumas vezes os primeiros symptomas do amor, a sua reserva, a sua dependencia, e a sua miseria a retiveram sempre na confissão dos seus sentimentos. Despedaçava seu coração para arrancar delle violentamente o primeiro laço que o prendesse. Seu amor, recalcado assim pela vontade e pela sorte, mudou não de natureza, mas de ideal. Transformou-se em vaga e sublime dedicação a um sonho de felecidade publica. Este coração era vasto de mais para conter só a sua propria felecidade. Quiz conter nelle a felecidade de um povo inteiro. O fogo que ahi teria ardido por um homem so, consummiu-a pela patria. Concentrou-se mais e mais nestas ideas, procurando incessantemente nella que serviço ella poderia fazer á humanidade. A sêde do sacrificio de si mesma transformara-se em sua demencia amor ou virtude. Este sacrificio embora tivesse de ser ensanguentado, ella estava resolvida a cumpril-o. Chegara a este estado desesperado da alma, que é o suicidio da felecidade, não em proveito da gloria ou da ambição, como a Snr.ª Roland, mas em proveito da liberdade e da humanidade, como Judith ou Epicharis. So lhe faltava a occasião, espiava-a, e julgou apoderar se della.

Era a epocha em que os girondinos luctavam, com um estrondo de coragem e prodigiosa eloquencia, contra seus inimigos na convensão. Os jacobinos so queriam segundo se julgava arrancar a republica á Gironda para precipitar a França n'uma sangrenta anarchia. Os supremos perigos de liberdade, a odiosa tyrannia da populaça de Pariz, substituida á soberania legal da nação, representada pelos seus deputados; as prisões arbitrarias, os assassinios de setembro, a conjuração de 10 de março, a insurreição de 30 e 31 de maio, a expulsão e a proscripção da parte mais pura da assemblea, seu cadafalso no futuro, onde a liberdade subiria com elles; a virtude de Roland, a joventude de Fonfrede, e de Barbaroux, o grito desesperado de Isnard, a constancia de Buzot, a integridade de Pethion, o idolo volvido em victima, o martyrio de tribuna de Lanjuinais, finalmente a eloquencia de Vergniaud, esta esperança dos bons cidadãos, este remorso dos preversos, volvido repentinamente mudo e abandonando as pessoas honradas á sua desanimação, os malvados á sua preversidade; em logar destes homens, ou interessantes ou sublimes, que pareciam defender na brecha os ultimos baluartes da sociedade, e os lares sagrados de cada cidadão, um Marat, as fezes e a lepra do povo, triumphante das leis pela sedição, coroado pela impunidade, conduzido nos braços dos habitantes dos faubourgs á tribuna, tomando a dictadura da anarchia, da espoliação, do assassinio, e ameaçando toda a independencia, toda a propriedade, toda a liberdade, toda a vida nos departamentos: todas estas convulsões, todos estes excessos, todos estes terrores haviam fortemente commovido as provincias da Normandia.

VIII — A presença nos Calvados destes deputados proscriptos e fugitivos, vindo fazer apêlo á liberdade contra a oppressão, e incendiar os focos dos departamentos para suscitar ahi vingadores á patria, tinha levado até ao ponto de adoração a dedicação da cidade Caen aos girondinos, e a execração contra Marat. Este nome de Marat volvera-se em um dos nomes do crime. As opiniões mais inglezas do que romanas, o republicanismo athico e moderado da gironda, contrastavam com o cynismo dos maratistas. O que se desejara em a Normandia antes do 10 de agosto, era menos a destruição do throno do que uma constituição igualitaria da monarchia. A cidade de Rouen, capital desta provincia, era dedicada a Luiz XVI, e offerecera-lhe um asylo antes da sua queda. O cadafalso deste principe entristecêra e humilhara os bons cidadãos. As outras cidades desta parte da França eram ricas, industriaes, e agricolas. A paz e a marinha eram necessarias á sua prosperidade. O amor do rei pela agricultura, sua esclarecida predilecção pela navegação, as forças navaes da França que elle se esforçava em reconstituir, as construcções de navios que ordenára no porto de Brest,

os trabalhos maravilhosos do porto de Cherbourg, as viagens que fizera, no interior e no litoral das nossas costas, para visitar e verificar todas as nossas enseadas no Oceano, os seus estudos com Turgot para favorecer a industria e libertar o commercio, haviam deixado, no coração dos Normandos, estima pelo seu nome, enternecimento pelos seus infortunios, horror contra os seus assassinios, e uma secreta predisposição para o restabelecimento de um regimen que unisse as garantias da monarchia ás liberdades da republica. Dahi provinha o enthusiasmo pelos girondinos, homens da constituição de 1791; dahi tambem a esperança que se ligava á sua reintegração e á sua vingança. Todo o patriotismo se sentia ferido, toda a virtude se sentia manchada, toda a liberdade se sentia morrer com elles.

O coração ja ferido de Carlota Corday sentiu todos estes golpes despedidos sobre a patria resumirem-se em dores, em desespero e em coragem, n'um unico coração. Ella viu a perda da França, viu as victimas, e acreditou vêr o tyranno. Jurou em si mesma vingar umas, punir o outro, e salvar tudo. Fomentou, por alguns dias, em sua alma aquella vaga resolução, sem saber qual acto a patria lhe pedia, e qual nó do crime era mais urgente cortar. Estudou as cousas, os homens, as circunstancias, para a sua coragem não ser illudida, nem o seu sangue derramado em vão!

IX — Os girondinos Buzot, Sailes Pethion, Valady, Gorsas, Kervelegan, Mollevault, Barbaroux, Louvet, Giroux, Bussy, Bergoing, Lesage (d'Eure e Loir), Meilhan, Henri Lariviere, Duchatel, estavam, como ja dissemos, havia algumas semanas em Caen. Occuppavam-se em fomentar a insurreição geral dos departamentos do Norte, e combinal-a com a insurreição republicana da Bretanha, em recrutar batalhões de voluntarios, e dirigil-os para os exercitos de Puisaye e de Wimpfen, que devia marchar sobre Pariz, e entreter nas administrações locaes o fogo da indignação dos departamentos que devia consummir seus inimigos. Estes deputados, tantas vezes insultados por Marat, colocavam naturalmente a Montanha e a communa sob o horror do nome do seu inimigo. Este nome odioso suscitava-lhe vingadores, e valia-lhes um exercito. Sublevando-se contra a dictadura da convenção, a joventude dos departamentos julgava sublevar-se só contra Marat. Danton e Robespierre, menos apontados nos ultimos movimentos contra a Gironda, não tinham, aos olhos dos insurgentes, nem importancia, nem authoridade sobre o povo, nem o delirio sanguinario de Marat. Deixava-se na sombra estes nomes dos dois grandes montanhesos, para não ferir a estima que estas duas popularidades mais graves conservavam entre os jacubinos dos departamentos. Assim a massa a este respeito se enganava, e não via a tyrannia e a alforria senão n'um unico homem. Carlota enganava-se como a multidão. A sombra de Marat offuscou-lhe toda a republica.

X — Os girondinos, que a cidade de Caen tomára sob sua guarda, estavam alojados juntamente, pela cidade, no palacio da antiga intendencia. A séde do governo federalista para ahi se transportára com a commissão insurrecional; ahi se reuniam as assembleas do povo onde os cidadãos e as mulheres mesmo se apressavam a concorrer para contemplar e ouvir estas primeiras victimas da anarchia, estes ultimos vingadores da liberdade. Os nomes tanto tempo dominantes de Pethion, de Buzot, de Louvet, de Barbaroux, fallavam mais alto do que seus discursos á imaginação dos Calvados. A vicissitude das revoluções, que mostrava exilados e supplicantes a uma cidade longiqua da republica estes oradores que tinham distraido a monarchia, sublevado o povo de Pariz, cheio a tribuna e a nação com a sua voz, enternecia os espectadores, e volvia-os feros de vingarem bem depressa tão illustres hospedes. Enebriavam-se com as vozes destes homens, apontava-se a dedo aquelle Pethion, rei de Pariz, e aquelle Barbaroux, heroe de Marselha, cuja mocidade e bellesa revelavam eloquencia, coragem, e infortunio. Sahia-se dalli gritando ás armas, e provocando os filhos, os esposos, os irmãos, a alistarem-se nos batalhões. Carlota Corday, vencendo os prejuizos da sua hierarchia, e a timidez do seu sexo e da sua edade, ousou muitas vezes assistir com algumas amigas a estas sessões. Fez-se notar por um enthusiasmo silencioso que revelava a bellesa feminina, e que unicamente se trahia por lagrimas. Desejava vêr aquelles que ella meditava salvar. A situação, as palavras, os rostos destes primeiros apostolos da liberdade, quasi todos jovens, gravaram-se na sua alma, e deram alguma cousa de mais pessoal e mais apaixonado a sua dedicação á causa delles.

XI — O general Wimpfen, intimado pela convenção a concentrar-se sobre Pariz, acabava de responder que não marcharia senão á frente de sessenta mil homens, não para obedecêr a um poder usurpador, mas para restabelecer a integridade da representação nacional e vingar os departamentos. Louvet dirigia proclamações incendiarias ás cidades e aldeas do Morbihan, das Costas-do-Norte, da Mayenne, d'Ille e Vilaine, do Loire inferior, do Finisterre, do Eure, d'Orne e de Calvados. «A força departamental que marcha sobre Pariz, dizia elle, não vae buscar os inimigos para os combater, vae fraternisar com os Parisienses, vae firmar a tremula estatua da liberdade! Cidadãos! que virdes passar pelas vossas estradas, pelas vossas cidades pelos vossos casaes, estas falanges amigas, fraternisai com ellas. Não soffrais que monstros sequiosos de sangue se estabelleçam entre vós para os suster em sua marcha.» Estas palavras produsiam milhares de voluntarios. Mais de seis mil já estavam reunidos em Caen. No domingo 7 de julho, passouse-lhes revista, pelos deputados girondinos e authoridades de Calvados, com todo o aparato proprio a electrisar sua coragem. Este ajuntamento expontaneamente sublevando-se com armas na mão, para irem morrer ou vingar a liberdade dos insultos da anarchia, recordava a insurreição patriotica de 1792, arrastando ás fronteiras tudo quanto não mais queria viver, se patria dalli em diante não tivessem.

Carlota Corday assistia de uma janella a este alistamento e a esta partida. O enthosiasmo destes moços cidadãos abandonando seus lares para ir defender o lar violado da representação nacional e afrontar as ballas ou a guilhotina, correspondia ao seu. Achava-o mesmo ainda mui frio. Indignava-se do pequeno numero de alistados que esta revista acrescentara aos regimentos e batalhões de Wimpfen. Não houve, com effeito, naquelle dia mais de vinte.

Este enthusiasmo era, segundo se dizia, enternecido nella pelo sentimento misterioso, mais puro, que lhe excitava um destes mancebos voluntarios que se arrancavam assim ás suas familias, aos seus amores, e talvez á propria vida. Carlota Corday não podera ficar insensivel a este silencioso culto; porem immolava esta dedicação de puro reconhecimento a uma dedicação mais sublime.

Este mancebo chamava-se Franquelin. Adorava em silencio a bella republicana. Entertinha com ella uma correspondencia cheia de reserva e respeito. Ella correspondia com a triste e terna reserva de uma donzella que não tem a levar em dote mais do que infortunios. Dera seu retrato ao moço voluntario, e permittia-lhe amal-a, ao menos na sua imagem. O Snr. de Franquelin, arrastado pelo enthusiasmo geral, e certo de obter um olhar seu e uma approvação armando-se pela liberdade, alistado se havia no batalhão de Caen. Carlota não pôde impedir-se de tremêr e empallidecêr vendo desfillar este batalhão para marchar. Lagrimas correram dos seus olhos. Pethion que passava por baixo daquella janella, e que conhecia Carlota, admirou-se desta fraqueza, e derigiu-lhe a palavra; «E' porque mais contente ficarieis, lhe disse elle, se acazo elles não partissem!» A menina corou, represou a resposta em seu coração, e retirou-se. Pethion não comprehendera aquella emoção. O futuro revelou-lho. O moço Franquelin, depois do feito e do supplicio de Carlota Corday, ferido mesmo de morte pela repercussão da machada que cortara a cabeça daquella que adorava, retirou-se para uma aldeia da Normandia. Ahi, sosinho com sua mãi, definhou-se dentro em alguns mezes, e morreu pedindo que o retrato e as cartas de Carlota fossem sepultadas com elle. Este retrato e este segredo repousam na sua sepultura.

XII — Depois desta marcha dos voluntarios, Carlota não teve mais do que um pensamento: avançar a chegada delles a Pariz, poupar-lhes sua generosa vida, e baldar o patriotismo delles, libertando primeiro que elles a França. Aquelle amor, mais consentido do que compartilhado, foi uma das tristezas da sua dedicação, mas não a causa.

Esta tinha origem no seu patriotismo. Um pressentimento do terror precorria ja então a França naquella occasião. O cadafalso estava erguido em Pariz. Falava-se em pas eal-o bem depressa por toda a republica. O poder da Montanha e de Marat, se aquella triumfasse, devia defender-se pela mão dos carrascos. O monstro, segundo se dizia, tinha já escriptas as listas de proscripção, e contado o numero de cabeças que era myster sacrificar ás suas suspeitas e á sua vingança. Duas mil e quinhentas victimas estavam apontadas em Lyon, tres mil em Marselha, vinte e oito mil em Pariz, trezentos mil na Bretanha e nos Calvados. O nome de Marat fazia arrepiar como o nome da morte. Contra tanto sangue Carlota queria dar o seu. Quanto mais ella rompesse os laços sobre a terra, tanto mais a victima voluntaria seria agradavel á liberdadade que ella queria pacificar.

Tal era a secreta disposição do seu espirito; porem Carlota queria estar bem certa antes de ferir.

XIII — Não podia melhor esclarecer-se sobre o estado de Pariz, sobre as cousas, e a respeito dos homens, senão com os girondinos, principaes interessados nesta causa. Quiz sondal-os sem se descobrir com elles. Respeitava-os assaz para lhes revellar um projecto que elles poderiam tomar por um crime, ou prevenir como uma generosa temeridade. Teve a constancia de occultar aos seus amigos o pensamento que ia perder a ella propria para os salvar. Apresentou-se sob especiosos pretextos no edificio da intendencia, onde os cidadãos que tinham de tractar com os deputados podiam encontral-os. Viu Buzot, Pethion, Louvet. Conversou duas vezes com Barbaroux. As conversações de uma rapariga bella e enthusiastica com o mais moço e bello dos girondinos, sob a côr de politica, podiam motivar a calumnia, ou pelo menos excitar o surriso da incredulidade em alguns labios. Assim aconteceu no primeiro momento. Louvet, que depois escreveu um hymno á pureza e á gloria da moça heroina, acreditou no principio n'uma dessas vulgares seducções dos sentidos, cujos quadros acumulado havia no seu romance de *Faublas*. Buzot, todo cheio de uma outra imagem, apenas lançou um olhar sobre Carlota. Pethion, atravessando a salla commum da intendencia onde Carlota esperava Barbaroux, graciosamente a motejou pela sua assiduidade, fazendo sobresair o contraste daquelle procedimento com o seu nascimento: «Eis aqui pois,» lhe disse elle surrindo-se, «a bella aristocrata que vem ver os republicanos!» A donzella comprehendeu o surriso e a insinuação offensiva á sua puresa. Corou, depois indignou-se de córar, e n'um tom de reconvenção seria e terna: «Cidadão Pethion,» respondeu ella, «vós julgais-me hoje sem me conhecer; um dia sabereis quem sou.»

XIV. — Nestas audiencias que ella obteve de Barbaroux, e que prolongava de proposito, para se nutrir, nos seus discursos, do republicanismo, do enthusiasmo, e dos projectos da Gironda, ella tomou o humilde papel de sollicitadora: pediu ao moço Marselhez uma carta de introducção para um dos seus collegas na convenção, a qual a podesse apresentar ao ministro do interior. Tinha, disia ella, reclamações a apresentar ao governo em favor da menina de Forbin, sua amiga de infancia. A sr.ª de Forbin fôra arrastada á emigração pelos seus parentes, e padecia indigencia na Suissa. Barbaroux deu-lhe uma carta para Duperret, um dos setenta e tres deputados do partido da Gironda, esquecido na primeira proscripção.

Esta carta de Barbaroux, e que mais tarde veio a ser para Duperret uma cedula para o cadafalso, não continha palavra alguma que podesse imputar-se crime ao deputado que a recebia. Barbaroux limitava-se a recommendar uma moça cidadã de Caen aos cuidados e protecção de Duperret. Annunciava-lhes um escripto de seu commum amigo, Salles, a respeito da constituição.

Munida com esta carta e com um passaporte, que ella pedira alguns dias antes para Argenton, Carlota dirigiu agradecimentos a Barbaroux, e as suas despedidas. O som da voz della feriu Barbaroux de um pressentimento que elle não comprehendeu então. «Se tivessemos sabido o seu designio, disse elle mais tarde, e se tivessemos sido capazes de um crime por tal mão, não era a Marat que teriamos apontado á sua vingança.»

A alegria que Carlota constantemente havia misturado com a seriedade das conversações patrioticas, obliterou-se da sua fronte apenas ella deixou a habitação dos girondinos. O ultimo combate travava-se dentro della, entre o pensamento e a execução. Ella occultava este combate interior com uma previdente e minuciosa dissimulação. Somente a gravidade do seu rosto, e algumas lagrimas mal escondidas á vista dos seus parentes revelavam a agonia involuntaria do seu suicidio. Interrogada por sua thia: «Choro, respondia ella, sobre as desgraças do meu paiz a dos meus parentes, e a vossa: emquanto Marat viver, ninguem poderá contar com a sua vida:»

A Snr.ª de Bretteville recordou-se depois, ter encontrado no leito della uma velha biblia aberta no livro de Judith, haver lido nella este versete sublinhado a lapis: «Judith sahiu da cidade adornada de uma maravilhosa bellesa, de que o Senhor lhe havia feito dom para livrar Israel.»

No mesmo dia tendo Carlota sahido para fazer os seus preparativos de viagem, encontrou na rua uns burguezes de Caen jogando ás cartas diante da sua porta. «Vós jogais,» lhes disse Carlota com acento de amarga ironia, e a patria morre!»

O seu andar e as suas palavras tinham a impaciencia e a precipitação d'uma partida. Essa teve logar, em 7 de julho, para Argentan. Ahi fez suas derradeiras despedidas a seu pai e a sua irmã. Disse-lhes que ia buscar contra a revolução e contra a miseria um refugio em Inglaterra e que quisera receber a benção paterna antes desta longa separação.

Seu pai aprovou aquelle exilamento.

XV — A tristesa e a nudez da casa paterna, o prematuro tumulo de sua mãi, o exilio de seu irmãos, a desanimação de todas as esperanças, o despedeçamento de todos os laços de infancia confirmaram a resolução da donzella, em lugar de a enfraquecer. Ella não deixava após si nenhuma felicidade a lastimar, nenhuma vida a compremetter, nenhum despojo a entregar. Abraçando seu pai e sua irmã chorou mais sobre o passado do que sobre o futuro. Regressou no mesmo dia a Caen. Ahi enganou a ternura de sua thia com o mesmo estratagema que enganára seu pai. Disse-lhe que partia bem depressa para Inglaterra, onde amigos emigrados lhes haviam preparado um asylo, e uma sorte que ella não podia esperar na sua patria. Este pretexto cobriu de enternecimento as suas despedidas, e os preparativos internos da sua partida. Havia-a preparado em segredo, para o dia seguinte 9 de junho pela diligencia de Pariz.

Carlota passou estas ultimas horas em reconhecimento, previdencia, e ternura para com aquella thia a quem ella devera tão longa e tão doce hospitalidade; provêu, por via de uma das suas amigas, á sorte da velha creada que tivera cuidado na sua joventude. Encommendou e pagou adiantado, em casa d'algumas costureiras de Caen, algumas fazendas e bordados, destinadas a serem entregues depois, como lembrança, ás companheiras da sua infancia. Distribuiu os seus livros predilectos pelas pessoas da sua intimidade; não reservou para levar comsigo senão um volume de Plutarco, como se não quisesse separar-se, na crise da sua vida, da sociedade destes grandes homens, com os quaes vivera e queria morrer.

Finalmente, a 9 de julho, muito cedo, meteu debaixo do braço um pequeno embrulho do seu fato mais indispensavel. abraçou sua thia, e disse-lhe que ia desenhar as camponesas que andavam estendendo o fêno nos visinhos prados. Com um cartão de desenho na mão, ella sahiu para nunca mais regressar.

Ao pé da escada, ja na rua, encontrou o filho d'um pobre artista, por nome Roberto, que habitava no predio. A creança de ordinario brincava no pateo. Algumas veses dava-lhe desenhos. « Toma, Roberto, » dissse ella entregando-lhe o seu cartão de desenho, do qual já não precisava para encobrir a partida, « toma isto para ti; tem juiso, e abraça-me; nunca mais me tornarás a vêr. » Abraçou a creança deixando-lhe na face uma lagrima. Esta foi a derradeira lagrima que ella verteu no limiar da casa da sua joventude. Agora nada mais tinha a dar senão o seu sangue.

Sua partida, cuja causa se ignorava, foi revelada ás suas visinhas da rua S. João por uma circunstancia que acabava de pintar a tranquilla serenidade de sua alma até á extremidade da sua resolução.

Defronte da casa da Snr.ª de Bretteville, do outro lado da rua S. João, habitava uma respeitavel familia de Caen, por apellido Laconture. O filho da casa, apaixonado pela musica, consagráva regularmente, todos os dias, algumas horas de manhã ao seu instrumento. Suas janellas abertas no estio deixavam as notas evaporar se e soarem nas casas visinhas. Carlota, como para deixar entrar mais livremente estas melodias em seu quarto, abria tambem as cortinas da sua janella á hora em que começava este concerto, e encostava-se algumas veses, com a cabeça meia escondida entre as mãos, sobre o parapeito da janella, escutando e sonhando aquelles sons. O joven musico, animado por esta apparição da donzella, não deixava dia nenhum de se sentar ao seu pianno á mesma hora; nem Carlota tambem faltava um dia a janella. O gosto pela mesma arte parecia ter estabellecido uma muda intellegencia entre estas duas almas que não se conheciam senão naquelles sons.

Na vespera do dia em que Carlota, já firme na sua resolução, se preparava a partir para a pôr em execução e morrer, o pianno ressoou á hora acostumada. Carlota, arrancada sem duvida aos seus pensamentos pela força do habito e pelo actrativo da arte que amava, abriu a janella como de costume, e pareceu executar ás notas tão socegada e mais pensativa ainda que nos outros dias Comtudo fechou a janella com uma especie de desusada precipitação antes de o musico abandonar o seu instrumento como se ella quizesse arrancar-se violentamente a si propria n'um adeus penoso ao derradeiro prazer que a captivava.

No dia seguinte o moço visinho, sentando-se defronte do seu instrumento, olhou para o fundo do pateo da *grande habitação*, a ver se os primeiros preludios fariam abrir as cortinas da janella da sobrinha da sr.ª de Bretteville. A janella não se tornou a abrir! Foi assim que elle soube a partida de Carlota. O instrumento ressoava ainda, e a alma da donzella não escutava então mais do que a tempestuosa obsessão da sua idea, o apelo da morte, e os elogios da posteridade.

XVI. — A liberdade e o adquado da sua conversação na diligencia que a levava para Pariz não inspiraram aos seus companheiros de viagem outro sentimento senão o da admiração, da benevolencia e desta curiosidade natural que se liga ao nome e á sorte d'uma desconhecida, radiante de joventude e de belleza. Não cessou de brincar, durante a primeira jornada com uma pequinina que o acaso colocára ao pé della na diligencia. Quer fosse porque o seu amor pelas creanças a vencesse sobre a sua preocupação, quer fosse porque ella tivesse já deposto o fardo de suas penas, queria gosar estas derradeiras horas de jovialidade com a innocencia e com a vida.

Os outros viajantes eram montanhezes exaltados, que pela suspeita de federalismo fugiam para Pariz, e desafogavam em imprecações contra a Gironda, e em adorações por Marat. Deslumbrades das graças da donzella, esforçaram-se para arrancar-lhe seu nome, o objecto da viagem, e a sua morada em Pariz. Seu isolamento naquella edade animava-os a familiaridades que ella repremiu pela decencia das suas maneiras, evasiva brevidade das suas respostas conseguindo subtrair-se a tantas indagações fingindo somno. Um mancebo mais reservado, sedusido por tanto pudor e encantos, ousou declarar-lhe uma respeituosa admiração. Pediu-lhe licença para sollicitar-lhe a mão aos seus parentes. Ella gracejou com doce jovialidade aquelle repentinamente. Promemetteu a este mancebo fazer-lhe saber mais ao diante seu nome, e sua disposição a respeito delle. Encantou até ao fim da viagem aos seus companheiros de jornada com esta apparição brilhante, da qual todos elles sentiam separar-se.

XVII. — Entrou em Pariz na quinta feira 11, pelo meio dia. Fez conduzir-se a uma hospedaria que lhe tinham indicado em Caen, rua *des Vieux-Augustins*, n.º 17, o hotel da Providencia. Ahi se deitou pelas cinco horas da tarde e dormiu até o dia seguinte. Sem confidente e sem testimunhas, durante estas longas horas de solidão e agitação, n'uma casa publica, e ao ruido desta capital cuja immensidade e tumulto tragavam as ideas e perturbavam os sentidos, ninguem sabe o que se passou naquella alma, ao accordar, encontrando frente a si uma revolução que a intimava a cumpril a. Quem póde medir a força do pensamento, e a resistencia da naturesa? O pensamento vence a esta ultima.

XVIII. — Levantou-se, vestiu um simples vestido, mas decente, e dirigiu-se a casa de Duperret. O amigo de Barbaroux achava-se na convenção Suas filhas, na ausencia de seu pai, receberam da moça estranha a carta de introducção de Barbaroux. Duperret só á tardinha é que voltaria. Carlota voltou para a hospedaria, e passou o dia inteiro no seu quarto, a lêr, a reflectir e a orar. Pelas seis horas voltou outra vez a casa de Duperret. O deputado achava-se á meza e jantava com a sua familia e amigos. Levantou-se e recebeu-a na salla, sem testimunhas. Carlota explicou lhe o serviço que desejava, e pediu-lhe a apresentasse em casa do ministro do interior, Garat, para apoiar com a sua presença e credito, as reclamações que ella desejava fazer. Esta exigencia não era na Sr.ª Corday senão um pretexto para abordar um desses girondinos pela causa dos quaes ella vinha sacrificar-se, e colher da sua conversação com elle esclarecimentos e indicios proprios a melhor assegurar os seus passos e sua mão.

Duperret, instado pela hora e pelos seus convivas, lhe disse que não podia conduzil-a naquelle dia a casa de Garat, mas que no seguinte a iria buscar a sua casa, para a acompanhar á secretaria. Ella deixou a Duperret o seu nome e morada, e deu alguns passos para se retirar; depois, como vencida pelo interesse que a honrada figura deste homem de bem, e a infancia de suas filhas lhe tinham inspirado: « Permitti-me um conselho, cidadão Duperret, » lhe disse ella com voz cheia de mysterio e intimidade: « deixai a convenção, que não podeis ahi fazer bem algum; ide para Caen juntar-vos aos vossos collegas e irmãos. » — « O meu posto é em Pariz, » respondeu o representante: « não o deixarei. » — « Fareis mal, » replicou Carlota com insistencia significativa e quase supplicante. « Acreditai-me » acrescenta ella com voz mais baixa e com rapida inflexão: « fugi, fugi, antes de amanhã á noite! » sahiu sem esperar resposta.

XIX. — Estas palavras, cujo sentido não era conhecido senão da estranha, foram interpretados por Duperret como uma simples allusão á urgencia dos perigos que ameaçavam os homens da sua opinião em Pariz. Voltou a tranquilisar-se com os seus amigos. Disse-lhes que a rapariga com quem acabava de conversar tinha, na actitude e nas palavras uma especie de estranho e mysterioso que o ferira, e que lhe impunha reserva e circumspecção. A noite um decreto da convenção ordenou se posessem sellos nos moveis dos deputados suspeitos de dedicação aos vinte dois. Duperret era deste numero. Foi comtudo no dia seguinte, 12, logo mui cêdo, procurar Carlota ao seu alojamento, e conduziu a a casa de Garat. Este não a recebeu. O ministro não podia dar audiencia antes das oito horas da noite. Este contratempo pareceu desanimar Duperret. Representou á donzella que a sua qualidade de suspeito, e a medida tomada contra elle, aquella mesma noite, pela convenção, tornavam dalli em diante a seu patronato mais prejudicial do que util aos seus clientes; que alem disto ella não se havia munido de uma procuração da sr.ª de Forbin

para requerer em seu nome, o que por falta desta formalidade os seus passos seriam inuteis.

A estranha insistiu pouco, como uma pessoa que não tem mais necessidade do pretexto com que colloriu a acção, e que se contenta com o primeiro raciocinio para abandonar o seu pensamento. Duperret deixou-a á porta da hospedaria da Providencia. Fingiu entrar. Sahiu immediatamente, e foi perguntando, de rua em rua o caminho para o Palais-Royal.

Entrou no jardim, não como uma estrangeira que quer satisfaser sua curiosidade com a contemplação dos monumentos e dos jardins publicos, porem como uma viajante que so tem a faser na cidade um negocio, e que não quer perder nem um passo, nem um dia. Procurou com os olhos, nas galerias, a loja de um cutileiro. Entrou nella, escolheu um punhal de cabo d'ebano, pagou-o por tres francos, escondeu-o debaixo do lenço do pescoço, e voltou a passos lentos, para o jardim. Descançou por um momento n'um dos bancos de pedra, que estava encostado ás arcadas.

Ahi, ainda que immergida nas suas reflexões, deixou-se distrair pelos brinquedos das creanças, alguns dos quaes saltavam mesmo juntos dos seus pés, e com confiança se encostavam aos seus joelhos. Teve um derradeiro sorriso de mulher para estes rostos e para aquelles brinquedos. Suas indecisões opprimiam-a, não pelo acto em si, para o qual ja estava armada, mas pelo modo porque o executaria. Queria fazer da morte uma immolação solemne que lançasse o terror na alma dos imitadores do tyranno. Seu primeiro pensamento fora abordar Marat e sacrifical-o no *Champ-de-Mars* (Campo de Marte) na grande ceremonia da federação que devia ter logar no dia 14 de julho, em commemoração da conquista da liberdade. A addiação desta solemnidade até a republica triumphar dos Vendeanos e dos insurgentes arrebatava-lhe o theatro e a victima. Seu segundo pensamento fôra até o ultimo momento ferir Marat mesmo na Montanha, no meio da convenção, aos olhos dos seus adoradores e dos seus cumplices. Neste caso so podia esperar sêr immolada tambem logo, até mesmo despedaçada pelo furor do povo, sem deixar outro vestigio ou memoria senão dois cadaveres e a tirannia distruida no seu sangue. Sepultar seu nome no esquecimento, e não procurar sua recompensa senão no seu proprio acto, não pedindo vergonha ou renome senão á sua consciencia, a Deus, e ao bem que ella tivesse feito: tal era até ao fim a unica ambição de sua alma. A vergonha? ella não a queria para a sua familia. O renome? tambem o não queria para si: A gloria parecia-lhe um salario humano, indigno do disinteresse da sua acção, e proprio somente a rebaixar-lhe a virtude,

Porem as conversações que tivera tido, depois da sua chegada a Pariz, com Duperret e os seus hospedes, haviam-lhes ensinado que Marat não comparecia na convenção. Era myster, pois, procurar a victima n'outra parte; e para lhe chegar ao alcance tinha precisão de a enganar.

XX — Resolveu-se a isso. Esta dissimulação, que repugnava á lealdade natural da sua alma, que mudava o punhal em laço, a coragem em estratagema, e a immolação em assassinio, foi o primeiro remorso da sua consciencia, e a sua primeira punição. Distingui-se um acto criminoso de um acto heroico, antes mesmo desses actos serem levados a effeito, pelos meios que é myster servir para se cumprir O crime é sempre obrigado a mentir; a virtude nunca. E' porque um é a mintira o outro a verdade na acção. Um precisa trevas, o outro somente quer a luz. Carlota dicidiu-se a enganar. Custou-lhe mais isto do que ferir. Ella o confessou a si mesma. A consciencia é justa primeiro que e posteridade

Regressou ao seu quarto, escreveu a Marat um bilhete o qual entregou á porta do *amigo do povo*. «Chego de Caen, lhe disia ella; o nosso amor pela patria fas-me presumir que desejareis com prazer receber noticias dos infelises acontecimentos desta parte da republica. Apresentar-me-hei em vossa casa pela uma hora, tende a bondade de me receber, e conceder-me um momento de audiencia. Por-vos-hei em circunstancias de poderdes faser um grande serviço á França.

Carlota contando com o effeito deste bilhete, foi á hora que tinha indicado, á porta de Marat, porem não conseguiu ser introdusida. Deixou então á porteira segundo bilhete mais instante, e mais insidioso do que o primeiro. Nelle fasia um apêlo não só ao patriotismo, mas á piedade do *amigo do povo*, e armava-lhe um laço na propria generosidade que lhe suppunha. «Escrevi-vos esta manhã, Marat, lhe disia ella, recebestes a minha carta? Não posso crêl-o pois me recusais a vossa porta. Espero que amanhã me concedereis uma entrevista. Repito-vos, chego de Caen; tenho a revelar-vos segredos os mais importantes para a salvação da republica. Alem disto sou perseguida pela causa da liberdade. Sou infeliz, e basta eu sêl-o para ter direito ao vosso patriotismo.»

XXI — Sem esperar a resposta, Carlota saiu da hospedaria pelas sete horas de tarde, vistida com mais esmero que do costume, para sedusir com uma apparencia mais decente os olhos das pessoas que vigiavam Marat. O seu vestido branco estava coberto nos hombros com um lenço de sêda. Este lenço encobria-lhe o peito, dobrava por baixo do seio em roda da cintura, e atava se pelas costas em um nó. Os cabellos envolvidos os tinha n'uma coifa normanda, cujas rendas fluctuantes lhe batiam nas faces. Larga fita de seda verde unia esta coifa em roda das fontes. Os cabellos escapavam-se-lhe pela nuca, e somente alguns aneis lhe caiam sobre o pescoço Nenhuma palidez, nenhum desvairamento de olhar, nenhuma emoção de voz, revellavam nella a morte que condusia comsigo. Bateu, ostentando em si todas as suas seductoras feições, á porta de Marat.

XXII — Marat habitava o primeiro andar de uma casa arruinada na rua *dos Cordeliers* (franciscanos), hoje rua de *l'Ecole Medecine*, n.º 20. Sua habitação compunha-se d'uma antecamara, d'um gabinete de trabalho deitando para um estreito pateo, d'uma casa adjacente onde estava a sua tina de banho, e d'uma salla cujas janellas davam para a rua. Esta habitação estava quase desmobilada. Muitas obras de Marat amontuadas sobre o sobrado, os jornaes ainda humidos de tinta espalhados pelas cadeiras e pelas mesas, revisores de imprensa entrando e sahindo continuamente, mulheres empregadas em dobrar os jornaes e faser brochuras, os degraós carcomidos da escada, o solho mal varrido das portas, tudo atestava este movimento e esta desordem hab tuaes em roda de um homem muito occuppado, e a continua affluencia dos cidadãos na casa de um jornalista, e de um cidadão corifeo do povo.

Esta habitação ostentava, por assim diser, o orgulho da sua indigencia. Parecia que o seu dominio, omnipotente então sobre a nação, queria fazer diser aos visitadores, ao aspecto da sua miseria e do seu trabalho: «Olhai o amigo e o modelo do povo! não deixou nem a sua habitação, nem os seus costumes, nem o seu vestuario!»

Esta miseria era a taboleta do tribuno. Mas ainda que affectada, era real A casa de Marat era igual á de um humilde artista. Conhecia-se a mulher que a governava. Chamava-se n'outros tempos Catherina Evrard; chamava-se então Albertina Marat, desde que o *amigo do povo* lhe dera o seu nome, tomando-a por esposa *n'um dia de excelente tempo, á face do sol*, a exemplo de João Jaques Rousseu. Uma unica creada ajudava a esta mulher nos arranjos da domesticidade. Um moço de recados, por nome Laurent Basse, fazia o serviço externo. Nos seus momentos de descanço este homem era occuppado na salleta nos trabalhos manuaes necessarios á remessa das folhas e cartases do *amigo do povo*.

A devorante actividade do escriptor não se enfraquecera pela doença lenta que o devorava. A inflammação do seu sangue parecia abrasar-lhe a alma. Quer no leito, quer no banho elle não cessava de escrever, apostrofar, invectivar os seus inimigos, e incitar a convenção e os *cordeliers* (franciscanos). Offendido do silencio da assembléa as suas mensagens, acabava de lhe dirigir nova carta ameaçando a convenção de se fazer conduzir moribundo á tribuna, para fazer córar os re-

presentantes da sua molesa, e dictar-lhes as mortes necessarias. Não deixava repouso algum nem aos outros, nem a si proprio. Cheio do pressentimento da morte, parecia receiar sómente que a hora suprema, mui rapida, não lhe deixasse tempo de immolar bastantes culpados. Mais apressado em matar do que em viver, dava-se pressa em enviar adiante delle o maior numero possivel de victimas, como tantos refens dados pelo gladio á revolução completa que elle queria deixar sem inimigos apoz si. O terror, que sahia da casa de Marat, ahi regressava sob uma fórma differente: o medo perpetuo do assassinio. A sua companheira e os seus sequases acreditavam ver tantos punhaes erguidos sobre elle quantos elle mesmo levantava sobre as cabeças de trezentos mil cidadãos. A entrada na sua habitação era interdicta qual o accesso do palacio da tyrannia. Não se deixava aproximar delle senão amigos certos, ou denunciantes recommendados de antemão, e sujeitos a interrogatorios e severas confrontações. O amor, a desconfiança e o fanatismo velavam ao mesmo tempo sobre os seus dias.

XXIII — Carlota ignorava estes obstaculos, mas suspeitava-os. Apeou-se da carroagem, no outro lado da rua, defronte da casa de Marat. O dia principiava a escurecer, especialmente neste sombrio bairro, escurecido pelas casas altas e ruas estreitas. A porteira recusou primeiramente deixar á joven desconhecida penetrar no pateo. Esta porém insistiu, e subiu alguns degraus da escada, em vão chamada pela voz da porteira. A este ruido, a amasia de Marat entre-abriu a porta, e recusou a entrada da casa á estranha. A surda altercação entre estas mulheres, uma das quaes supplicava que a deixassem fallar ao *amigo do povo*, e a outra se obstinava a recusar-lhe a porta, chegou aos ouvidos de Marat. Comprehendeu por aquella entrecortada altercação, que a visitante era a estranha de quem recebera as duas cartas naquelle dia. Com uma voz imperativa e forte, ordenou que a deixassem entrar.

Ou fosse ciume, ou desconfiança, Albertina obedeceu com repugnancia. Introduziu a donzella no pequeno quarto onde Marat se achava, e deixou, ao retirar-se a porta do corredor meia-aberta, para ouvir a menor palavra, ou o menor movimento do doente.

Este quarto estava fracamente esclarecido. Marat estava no seu banho. Neste repouso forçado do seu corpo, não deixava repousar a alma. Uma taboa mal aplainada, posta sobre a tina, estava coberta de papeis, cartas abertas, e folhas principiadas. Tinha na mão direita a penna quando a estranha chegou, e a fez suspender sobre a pagina que escrevia. Esta folha de papel era uma carta á convenção, para lhe pedir o julgamento e a proscripção dos unicos Bourbons tolerados na França. Ao lado da tina do banho, um grande cepo de carvalho, sustinha uma escrevaninha de chumbo do mais tosco trabalho possivel: fonte impura d'onde haviam manado a contar de tres annos antes tantos delirios, tantas denuncias. e tanto sangue. Marat, coberto no seu banho com um panno sujo e cheio de tinta, não tinha fóra da agua senão a cabeça, os hombros, o tronco do corpo, e o braço direito. Cousa nenhuma nas feições deste homem era de natureza a internecer a vista d'uma mulher, e fazer hesitar o golpe. Os cabellos ensebados atados com um sujo lenço, a fronte como fugitiva, os olhos descorados, as maçães do rosto salientes, a bôca immensa e satirica, o peito cabelludo, os membros fracos, a pelle livida: tal era Marat.

XXIV — Carlota evitou demorar a sua vista sobre elle, com medo de trahir o horror de sua alma a este aspecto. Em pé, com os olhos baixos, as mãos encostadas na tina, espera que Marat a interrogue sobre a situação da Normandia. Ella responde brevemente, dando ás suas respostas o sentido e a côr proprias a lisongear as presumiveis disposições do demagogo. Perguntou-lhe depois os nomes dos deputados refugiados em Caen. Disse-lhos. Elle notou-os; depois, quando acabou de escrever estes nomes: « Está bem, » disse elle com o acento de um homem certo da sua vingança; « antes de oito dias, todos irão á guilhotina! »

A estas palavras, como se a alma de Carlota tivesse esperado um derradeiro crime para se resolver a ferir o golpe, tirou do seio o punhal e enterrou-o, com força sobrenatural, até ao cabo no coração de Marat. Carlota retirou com o mesmo movimento o punhal ensanguentado do corpo da victima e deixou-o cair a seus pés. — « A mim! minha querida amiga! a mim! » gritou Marat, e expirou immediatamente.

Ao grito de soccorro da victima, Albertina, a creada, e Laurent Basse precipitando-se na camara; amparam em seus braços a cabeça desmaiada de Marat. Carlota immovel e como petrificada do seu crime, estava em pé atraz da cortina da janella. A transparencia da fazenda deixava ver a sombra do seu corpo. Laurent armou-se com uma cadeira, e arrumou-lhe com ella uma pancada na cabeça, precipitando a no chão. A amante de Marat calcou-a aos pés, toda cheia de raiva.

Aos gritos das mulheres os moradores do predio correm, os visinhos e os que passam param na rua, sobem a escada, inundam o quarto, o pateo, e bem depressa o bairro, pedindo com vociferações furiosas que se lhes entregue o assassino, para vingar sobre o seu cadaver ainda quente a morte do idolo do povo. Os soldados das guardas visinhas, e os guardas nacionaes acorrem. A ordem restabeleceu-se no tumulto. Os cirurgiões chegam, esforçam-se em estancar a ferida. A agoa encarnada, dá ao homem sanguinario a apparencia de expirar n'um banho de sangue. E' unicamente um cadaver o que elles transportam para cima do leito.

XXV. — Carlota havia-se levantado per si mesma. Dois soldados seguravam-lhe os braços em cruz um por cima do outro, como nas algemas, esperando que lhes trouxessem cordas para lhes atar as mãos. A fileira de bayonetas que a cercavam trabalho tiveram em conter a multidão, que se precipitava incessantemente sobre ella para a despedaçarem. Os gestos, os punhos cerrados, os paos, os sabres brandiam mil mortes sobre a sua cabeça. A concubina de Marat, esquivando-se ás mulheres que a consolavam, lançava-se, a intervallos, sobre Carlota e recahia em lagrimas e desmaios. Um fanatico do club dos franciscanos (*cordeliers*) cabelleireiro da rua Dauphine, levantou do chão o punhal ensanguentado. Fazia discursos funebres sobre o cadaver da victima. Intercortava as suas lamentações e os seus elogios com gestos vingadores, com os quaes parecia outras tantas vezes cravar o ferro no coração do assassino. Carlota que havia antecipadamente acceito todas aquellas mortes, contemplava com um olhar fixo e petreficado todos aquelles movimentos, gestos, mãos e armas de tão perto dirigidas contra ella. Não parecia commovida senão dos gritos despedaçadores da concubina de Marat. Sua phisionomia parecia expressar diante desta mulher a admiração de não ter pensado que homem tal podesse ser amado, e o pesar de ser forçada a ferir dois corações para trespassar um delles. Afora a impressão de piedade que as reconvenções de Albertina davam momentaneamente á sua boca, não se lhe conhecia nem uma alteração nem nas feições, nem na côr. Unicamente, ás invectivas do orador e aos gemidos do povo pela perda do seu idolo, via-se-lhe deslisar pelos labios o amargo surriso do desprezo. — « Pobre gente, disse ella n'uma occasião » quereis a minha morte, e deverieis erguer-me um altar por vos haver libertado de similhante monstro! Lançai-me a estes furiosos! » disse ella n'outra occasião aos soldados que a protegiam: pois que elles o lastimam, são dignos de serem os meus algozes! »

Este surriso, qual um desafio ao fanatismo da multidão, levantava as mais furiosas imprecações e gestos ameaçadores. O commissario da secção do theatro francez, Guillard, entrou escoltado por um reforço de baionetas. Lavrou o auto do corpo de delicto, e fez conduzir Carlota á salla de Marat para começar o interrogatorio. Escreveu as suas respostas. Ella as dava socegada, lucidas e com uma voz firme e sonora, onde senão conhecia outro acento senão o de uma satisfação altiva daquella acção que commettera. Dictava a sua confissão como um elogio. Os empregados da policia departamental, Louvet, e Marino, cingidos com a facha tricolor, assistiam ao interrogatorio. Tinham mandado prevenir o conselho

da communa, o comité da salvação publica, e o comité de segurança geral. A noticia da morte do *amigo do povo* semeara-se, com a rapidez d'uma commoção electrica pelos homens que corriam desorientados de bairro em bairro. Pariz inteira ficou como ferida do espanto ao ouvir a narração deste attentado. Parecia que a republica tinha tremido, ou que successos desconhecidos iam rebentar da morte de Marat. Os deputados palidos e tremulos, entrando na convenção, e interrompendo a sessão, foram os primeiros a propagar na salla aquella noticia. Recusou-se acreditál-a como se recusa crer n'um sacrilegio. O commandante geral da guarda nacional, Henriot, veio depressa confirmar a noticia. — «Sim, tremei todos, disse elle: Marat morreu assassinado por uma rapariga que se glorifica do golpe que cravou. Redobrai de vigilancia sobre as vossas proprias vidas. Os mesmos perigos nos cercam a todos. Desconfiai das fitas verdes, e juremos vingar a morte deste grande homem!»

XXVI. — Os deputados Maure, Chabot, Drouet, e Legendre, membros do comité do governo saíram immediatamente da salla e correram ao theatro do crime. Ahi encontraram a turba sempre engrossando e Carlota respondendo aos primeiros interrogatorios, Ficaram confundidos e mudos ao aspecto de tanta joventude, e tanta belleza naquelle rosto, tanto socego e tanta resolução nas palavras. Nunca o crime apparecido havia sob taes feições ao espirito dos homens. Ella parecia transfigurar de tal modo os olhos delles, que mesmo ao lado do cadaver se enterneceram pelo assassino.

Acabado o processo verbal, e escriptas as primeiras respostas de Carlota, os deputados Chabot, Drouet, Legendre, e Maure ordenaram que ella fosse transportada para a abbadia, prisão a mais proxima da casa de Marat. Foi conduzida na mesma carruagem que a trouxera alli. A multidão atulhava a rua dos Cordeliers (franciscanos). Seu rumor surdo, interrompido de vociferações e accessos de raiva, annunciava a vingança e difficultava o transito.

Os destacamentos de fuzileiros que chegavam successivamente, as insignias dos commissarios, o respeito pelos membros da convenção, recalcaram e a custo enfrearam a multidão. O cortejo com muito trabalho se abriu caminho. No momento em que Carlota, com os braços atados com cordas, e sustentada pelas mãos dos dois guardas nacionaes que lhe seguravam os cotovelos, atravessou o limiar da casa para subir ao estrivo da carruagem, o povo affluiu em volta das rodas, com taes gestos e taes urlos, que ella julgou sentir os seus membros despedaçados por milhares de mãos, e desmaiou.

Voltando a si, adimirou-se e affligiu-se de respirar ainda. Esta morte era tal qual ella a havia sonhado. A natureza tinha lançado um véo sobre o seu supplicio. Lastimou-se não ter completamente desapparecido assim, na tempestade que sublevára, e ter de entregar seu nome á terra antes da sua outra morte; comtudo agradeceu com emoção áquelles que a tinham protegido das mutilações da multidão.

XXVII. — Chabot, Drouet, e Legendre seguiram-a á Abbadia, e procederam a segundo interrogatorio. Este prolongou-se muito pela noite. Alguns membros dos comités, e outros Harmand (de la Meuse) atrahidos pela curiosidade, haviam-se introduzido com os seus collegas e assistiam ao interrogatorio, muitas vezes interrompido com o descanço e conversações. Legendre, fero da sua importancia revolucionaria, e cioso de ser reputado digno tambem do martyrio dos patriotas, acreditou, ou fingiu crer que reconhecia em Carlota uma rapariga que fôra a casa delle na vespera, com o habito de religiosa, que elle repellira. «O cidadão Legendre engana-se, » disse Carlota com um surriso que desconcertava o orgulho do deputado; » nunca o vi. Não julguei a vida ou a morte de similhante homem tão importante á salvação da republica.»

Apalparam-a. Não se lhe encontrou naquella occasião em as algibeiras mais do que a chave da sua malla, seu dedal de prata, instrumento do trabalho de agulha, tão pouco havia ao lado do punhal de Bruto; um novello, duzentos francos em assignados e em dinheiro um relogio de ouro feito por um relojoeiro de Caen, e o seu passaporte. No lenço do pescoço occultava ella a bainha do punhal com que ferira Marat. «Reconheceis este punhal? lhe perguntaram. — Sim. — Quem vos induziu a este crime? — Vi, « respondeu ella,» a guerra civil prompta a dilacerar toda a França; persuadida que Marat era a causa principal dos perigos e das calamidades da patria, fiz o sacrificio da minha vida contra a sua para salvar o meu paiz. — Apontai-nos as pessoas que vos aconselharam este execrando crime, que não poderia ser concebido só por vós. — Ninguem conheceu o meu designio. Enganei sobre este objecto da minha viagem a tia com quem eu vivia. Enganei meu pai. Poucas pessoas frequentam a casa desta parenta. Nenhuma pode, nem ao menos, suspeitar em mim o meu pensamento. Não deixastes a cidade de Caen com o projecto formado de assassinar Marat? — Só para isso foi que eu parti. — Onde procurasteis a arma? Que pessoas vistes em Pariz? Que fizestes depois de quinta feira que foi o dia da vossa chegada? — A estas perguntas ella referiu, com liberal sinceridade, todas as circumstancias já sabidas da sua estada em Pariz e sua acção. Não buscastes fugir depois do assassinio? — Evadir-me-hia pela porta se não tivessem obstado. — Sois donzella, e nunca amastes a homem algum? — Nunca!»

XXVIII. — Estas respostas precisas, altivas, e desdenhosas alternativamente, feitas com uma voz, cujo timbre recordava a infancia annunciando pensamentos viris, fizeram reflectir muitas vezes os interrogadores sobre a potencia de um fanatismo que armava e tornava firme uma tão fraca mão. Esperavam sempre descobrir um instigador por traz daquella candura e belleza. Não encontraram senão a inspiração de um coração intrepido.

Acabado o interrogatorio, Chabot, descontente do resultado, devorava com os olhos o cabello, o rosto, a figura, toda a pessoa da rapariga amarrada alli diante delle. Julgou aperceber um papel dobrado e preso com um alfinete no seio: estendeu a mão para o tirar. Carlota esquecêra o papel que Chabot descubrira, e continha uma proclamação aos francezes, redigida por ella, convidando os cidadãos á punição dos tyrannos e á concordia. Julgou vêr no gesto e nos olhos de Chabot, um ultrajo ao seu pudor. Desarmada das mãos por causa das cordas, não podia oppôr-se ao insulto. O horror a indignação que experimentou obrigaram-a a um movimento para traz brusco e tão convulsivo do corpo e dos hombros que o cordão do vestido rebentou, e abrindo-se deixou-lhe a descuberto o peito. Confusa, abaixou-se tão promptamente como o pensamento, e dobrou-se para esconder sua nudez aos juizes. Era tarde, sua castidade teve de córar dos olhares dos homens.

O patriotismo não fazia estes homens nem cynicos nem insensiveis. Pareceram soffrer tanto como Carlota Corday daquelle involuntario supplicio da sua innocencia. Ella pediu que lhe soltassem as mãos para compôr o seu vestido. Um delles desatou-lhe as cordas. O respeito pela natureza fechou os olhos a estes homens. Soltas as mãos Carlota Corday voltou-se para o lado da parede, e compoz o lenço do pescoço. Aproveitaram-se daquella occasião em que tinha as mãos livres para a fazerem assignar suas respostas. As cordas haviam-lhe deixado vergões azues na pelle dos braços. Quando tiveram de a prender de novo pediu aos carcereiros lhe permittissem abaixar as mangas e calçar as luvas por baixo das suas cadeias, para lhe poupar um supplicio inutil antes do ultimo supplicio. O gesto e a voz da pobre rapariga foram taes, fazendo este pedido aos seus juizes, e mostrando os braços, que Harmand não pôde reter as lagrimas, e afastou-se para as occultar.

Eis as principaes passagens textuaes desta proclamação aos francezes, escondida até hoje ás investigações curiosas da historia, e que nos foi communicada, desde o principio da publicação deste livro, pelo zêlo dedicado para com a verdade da pessoa que a possue, o sr. Paillet. Está escripta pelo proprio punho de Carlota Corday, em caracteres grandes, viris, firmes, fortemente traçados, como destinados a darem de longe na vista. A folha de papel está dobrada em oito partes, para occupar menos es-

paço sob o fato; ferida com oito picadas, ainda vesiveis, do alfinete que o pregára ao seio de Carlota:

Proclamação aos francezes amigos das leis e da paz:

Até quando, oh infelizes francezes, vos regosijareis na desordem e nas divisões? Assaz e por bastante tempo os facciosos, e os malvados tem posto o interesse da sua ambição no logar do interesse geral; porque o ativo, victimas do furor delles, anniquilar vos a vós proprios, para estabelecer o desejo de sua tyrannia sobre as ruinas da França?

«As facções rebentam de todos os lados, a Montanha triumpha pelo crime e oppressão, alguns monstros, sequiosos do nosso sangue são os que dirigem suas detestaveis conspirações... Trabalharemos em a nossa ruina com mais zelo e energia do que se empregou em conquistar a liberdade! O' francezes, ainda algum tempo mais, e de vós não restará mais que a lembrança da vossa existencia!

«Já os departamentos indignados marcham sobre Pariz; já o fogo da discordia e da guerra civil abraza metade deste vasto imperio; ha ainda um meio de o apagar, mas esse meio deve ser prompto. Já o mais vil dos scelerados, Marat, cujo nome sómente apresenta a imagem de todos os crimes, cahindo sob o ferro vingador, abala a Montanha, e faz empallidecer Danton, e Robespierre, esses outros bandidos assentados nesse throno sangrento, cercados do raio, que os deuses vingadores da humanidade não suspendem sem duvida senão para tornar sua queda mais retumbante, e assustar aquelles que tenta'os fossem a estabelecer sua fortuna sobre os povos illudidos!

«Francezes! vós conheceis os vossos inimigos, levantai-vos! marchai! que a Montanha anniquillada não deixe mais então do que irmãos e amigos! Ignoro se o céo nos reserva um governo republicano, mas não póde dar-nos um montanhez por senhor senão no excesso das suas vinganças... Oh França! teu repouso depende da execução das leis; não attento contra ellas matando Marat, condemnado pelo universo, e que estava fóra da lei. Que tribunal me julgará? Se eu sou culpada, Alcides o era matando os monstros?...

....

....

«Oh minha patria! teus infortunios dilaceram-me o coração: não posso offerecer-te senão a minha vida! graças dou ao céo da liberdade por poder dispôr della, ninguem poderá com a minha morte; não imitarei a Páris (o assassinio de Lepelletier de Saint-Fargeau) matando-me. Quero que o meu derradeiro suspiro seja util aos meus cidadãos, que a minha cabeça conduzida por Pariz seja a bandeira da reunião de todos os amigos das leis! que a Montanha tremendo veja a sua perda escripta no meu sangue, que eu seja sua derradeira victima, e que o universo vingado declare que bem mereci da humanidade! De resto se minha conducta de outro modo julgarem, pouco se me dá

Qu'a l'univers surpris cette grande action
Soit un object d'horreur ou d'admiration,
Mon esprit, peu jaloux de vivre en la memoire,
Ne considere point le reproche ou la gloire:
Toujours indépendent e toujours citoyen,
Mon devoir me suffit, tout le reste n'est rien.
Allez, ne songez plus qu'a sortir d'esclavage!... (1)

«Os meus parentes e amigos não devem ser inquietados, porque ninguem sabia dos meus projectos. Junto aqui a minha certidão de baptismo para mostrar quanto póde a mão, ainda a mais fraca, guiada por uma perfeita dedicação. Se não alcançar exito na minha empresa, francezes! mostrei-vos o caminho, conheceis os vossos inimigos, levantai-vos! marchai! feri!»

Lendo estes versos, insertos pela mão da neta de Corneille no fim desta proclamação, como um sello antigo n'uma pagina da epocha, á primeira vista se julgará que estes versos são do seu avô e que ella invocou assim o patriotismo romano do grande tragico da sua familia. Não foi assim: estes versos são de Voltaire, na tragedia a *Morte de Cesar*.

«A authenticidade desta proclamação está attestada por uma carta de Fouquier-Tinville annexa do processo. Esta carta do accusador publico é dirigida ao comité de segurança geral da convenção. Ei-la:

«Cidadãos, remetto-vos o incluso relatorio da rapariga Carlota Corday, e as duas cartas por ella escriptas na prisão, uma das quaes é destinada a Barbaroux. Estas cartas correm pelo publico de tal fórma truncadas, que talvez fosse necessario fazel-as imprimir tal qual são. Cidadãos, tomareis conhecimento dellas, e se julgardes não haver inconveniente em as imprimir, obrigado vos ficarei de me avisardes.

«Observar-vos-hei que acabo de ser informado de que este assassino-femea era a amiga de Belzunce, coronel morto em Caen n'uma insurreição, e que depois desta epocha concebeu um odio implacavel contra Marat, e este odio parece ter-se reaccendido nella, no momento em que Marat denunciou Biron que era parente de Belzunce, e parecer tambem que Barbaroux se aproveitou das disposições criminosas em que esta rapariga estava contra Marat para a induzir a executar este horrivel assassinio.

«FOUQUIER-TINVILLE.»

Vê-se destas hesitações e conjecturas que a opinião desvairava de hypothese em hypothese, logo ao principio, procurando o motivo do crime ora no amor, ora no ressentimento, e recusando vêl-o onde elle verdadeiramente estava, que era no transviamento do patriotismo.

Carlota Corday foi conduzida á prisão. Guardada á vista, até mesmo durante a noite, por dois gendarmes, debalde reclamou contra esta profanação do seu sexo. O comité de segurança geral apressava o seu julgamento e supplicio. Ouviu ella no seu pobre leito os apregoadores publicos proclamar a relação do assassinio nas ruas, e os urlos da multidão que desejava mil mortes á assassina. Carlota não tomava esta voz do povo pelo decreto da posteridade. Atravez o horror que inspirava pressentia a apotheose. Neste pensamento escreveu ao comité de segurança geral: «Pois que tenho ainda alguns instantes de vida, poderei esperar, cidadãos que permittireis eu me faça retratar? Desejava deixar esta recordação aos meus amigos. Além disso, assim como a imagem dos bons cidadãos é adorada, a curiosidade faz tambem algumas vezes buscar-se a dos grandes criminosos, para perpetuar o horror do seu crime. Se vos dignaes acquiescer ao meu pedido, peço vos que ámanhã me envieis um pintor em miniatura. Renovo o pedido de me deixardes dormir sem testimunhas. Ouço continuamente gritar na rua, acrescentava ella, a prisão de Fauchet, meu cumplice. Nunca o vi senão da janella, ha dois annos. Nem o amo, nem o estimo. E' o homem do mundo a quem menos voluntariamente eu confiaria o meu projecto. Se esta declaração lhe póde servir, certifico a sua verdade.»

XXIX — Montané, presidente do tribunal revolucionario, veio no dia seguinte, 16, interrogar a accusada. Tocado de tanta bellesa, e mocidade, e convencido da sinceridade d'um fanatismo que innocentava quasi o assassinio aos olhos da justiça humana, quiz salvar a vida da accusada. Dirigiu as questões, e insinuou tacitamente as respostas de modo a fazer concluir aos juizes antes haver denuncia do que crime. Carlota illudiu obstinadamente esta misericordiosa intenção do presidente. Revindicou a sua acção, como gloria sua. Transferiram-a para a Conciergerie. A sr.ª Richard, mulher do carcereiro da prisão, recebeu-a com a compaixão que inspirava esta aproximação da joventude ao cadafalso.

Graças a esta indulgencia dos carcereiros, Carlota

(1) A versão destes versos é a seguinte:
Embora ao surpreso Universo esta grande acção, de horror ou admiração objecto seja, meu espirito de na memoria viver pouco cioso, nem a censura ou a gloria considera. Independente sempre, sempre cidadão, meu dever me basta; o resto é nada Ilide, em nada mais penseis do que em sahir da escravidão.

alcançou tinta, papel e solidão. Serviu-se de tudo isto para escrever uma carta truncada a Barbaroux. Esta carta narrava todas as circumstancias da sua estancia em Pariz, n'um estylo onde o patriotismo, a morte e a jovialidade se misturavam, como o pesar e a doçura na ultima taça d'um banquete de despedida. Depois de descrever os detalhes quasi facciosos da sua viagem em companhia dos montanhezes, e o amor de que um moço viajante repentinamente se possuio por ella: « Eu ignorava, » prosegue, « que a commissão de salvação publica havia interrogado os viajantes. Sustentei primeiro que os não conhecia, a fim de lhes poupar o desagrado de se explicarem. Segui nisto o meu oraculo Raynal, que não se deve a verdade aos tyrannos. Foi pela viajante que viera comigo que elles souberam conhecer-vos eu, e ter-me avistado com Duperret. Conheceis a alma firme de Duperret. respondeu exactamente a verdade. Nada ha contra elle; porem a sua firmesa é um crime. Tarde me arrependi de lhe haver fallado. Quiz reparar o meu mal, pedindo-lhe que fugisse e fosse reunir-se comvosco. Elle é resoluto de mais para se deixar influenciar... Acreditareis vós que Fauchet está preso como meu cumplice, elle que até a minha existencia ignorava! Não se contentam com o ter sómente uma mulher para offerecer aos manes deste grande homem! Perdão! oh homens! este nome de Marat deshonra a vossa especie. Era um animal feroz que ia devorar o resto da França com o fogo da guerra civil Graças aos ceos, elle não nasceu francez... No meu primeiro interrogatorio Chabot tinha ares de um louco Legendre pretendeu ter-me visto aquella manhã na sua casa, a mim que nunca pensei em similhante homem. Não o acredito talhado para ser o tyranno do seu paiz, e não pretendo punir a todos... Julgo que se imprimiram as ultimas palavras de Marat. Duvido que elle proferisse algumas. Eis as ultimas que elle me disse: depois de haver recebido os vossos nomes e de todos os administradores do departamento de Calvados, que estão em Evreux, disse-me, para me consolar, que em poucos dias os faria guilhotinar a todos. Estas ultimas palavras decidiram a sua sorte. Confesso que o que effectivamente me decidiu foi a coragem com que os nossos voluntarios se alistaram no domingo 7 de julho. Recordar-vos-heis que eu prometti fazer arrepender Pethion das suspeitas que elle manifestara sobre os meus sentiment s. Considerei que marchando tantos homens bravos para se apossarem da cabeça de um unico homem, que podiam falhar, e que elle arrastaria na sua perdição muitos bons cidadãos, esse homem não merecia tanta honra, sendo-lhe apenas bastante a mão d'uma mulher Confesso que empreguei um perfido artificio para o induzir a receber-me... Contava sacrifical-o no cume da Montanha, porém elle não ia á convenção. Tão bom cidadão se é em Pariz, que se não concebe aqui como uma mulher inutil, cuja longa vida a nada será boa, pode sacrificar-se a sangue frio pelo seu paiz!... Como eu estava verdadeiramente a sangue frio quando saí de casa de Marat para ser conduzida á abbadia, supportei os gritos de algumas mulheres. Mas quem salva a patria não se apercebe do quanto isso custa. Possa a paz estabelecer-se tão depressa como eu a desejo. Eis um grande preliminar. Gozo deliciosamente da paz ha dois dias. A felicidade do meu paiz faz a minha Não ha dedicação da qual se colha mais gozo que não custe decidir-se a ella uma pessoa. Uma imaginação viva, um coração sensivel, promettiam-me uma vida bem tempestuosa. Rogo áquelles que me lastimam consideral-o assim, e regosijarem-se. Entre os modernos ha poucos patriotas que se saibam immolar pelo seu paiz. Quasi tudo é egoismo. Que triste povo para formar uma republica!... »

XXX. — Tal carta foi interrompida nestas palavras pela tranferencia da presa para a Conciergerie. Continuou nestes termos em a sua nova prisão: « Continuo. Tive hontem o pensamento de fazer homenagem do meu retrato ao departamento de Calvados. O comité de salvação publica não me respondeu, e agora é já tarde! E preciso um defensor: é o costume. Tomei o meu na Montanha. Tive o pensamento de pedir Robespierre ou Chabot... E amanhã ás oito horas que me julgarão; provavelmente ao meio dia terei vivido, fallando a linguagem romana. Ignoro como passarei os ultimos momentos. E' o fim o que corôa a obra. Não preciso affectar insensibilidade, porque até hoje não tenho tido o menor receio da morte. Nunca estimei a vida senão pela utilidade de que ella podia ser. Marat não irá ao Pantheon. Elle merecia-o bem... Recordai-vos do negocio da menina de Forbin. Envio-vos a nota da sua morada na Suissa. Dizei lhe que a amo de todo o meu coração. Escreverei a meu pai. Aos meus outros amigos nada direi; só lhes peço um prompto olvido; sua aflição deshonraria a minha memoria. Dizei ao general Wimpfen que julgo ter ajudado-o a ganhar mais do uma batalha facilitando a paz. Adeus, cidadão. Os presos da Conciergerie, longe de me injuriarem, como o povo das ruas, teem ar de me lastimarem. A desgraça volve compadecido. Esta é a minha ultima reflexão. »

XXXI. —A carta a seu pai, que foi a ultima que escreveu, era pequena, e n'um tom em que a naturesa se enternecia, em vez de surrir-se como com Barbaroux. « Perdoai-me haver disposto da minha existencia sem vossa permissão, dizia ella. Vinguei bastantes victimas innocentes; e preveni muitos outros desa tres. O novo, desabusado um dia, se regosijará de estar livre d'um tyranno. Busquei persuadir-vos de que me dirigia a Inglaterra, porque esperava ficar desconhecida. Foi impossivel. Espero que não sereis perseguido: em todo o caso tendes defensores em Caen. Tomei por meu defensor a Gustavo Doulcet de Pontecoulant. Tal attentado não permitte defeza. Adeus meu querido pai, rogo-vos me esqueçais, ou antes que vos alegreis com a minha sorte. A causa é bella. Abraço minha irmã, a quem amo de todo o coração. Não esqueçais este verso de Corneille:

« Le crime fait la honte, et non pas l'echafaud! (1)

« Amanhã ás 8 horas é que serei julgada... »

Esta allusão a um verso de seu avô, recordando a seu pai o orgulho do nome e o heroismo do sangue, parecia collocar a sua acção sob a salvaguarda do genio da familia. Ella prohibia a fraqueza ou a censura ao coração de seu pai, mostrando lhe o pintor dos sentimentos romanos, applaudindo de antemão a sua dedicação.

XXXII. — No dia seguinte pelas oito horas da manhã, os gendarmes vieram buscal-a para a conduzir ao tribunal revolucionario. A salla estava situada por cima das abobadas da Conciergerie Uma escada sombria, estreita, funebre, subindo pelo escavado das espessas muralhas da base do palacio da justiça, condusia os accusados ao tribunal e reconduzia os condemnados á sua prisão, Antes de subir, arranjou ella os seus cabellos e seu vestuario para apparecer com decencia em frente da morte; depois disse sorrindo-se para o carcereiro, que assistia a estes preparativos: « Sr Richard, tende cuidado em que o meu almoço esteja preparado logo que eu descer: sem duvida que os meus juizes hão de estar apressados. Quero fazer a minha ultima comida com a sr.ª Richard, e comvosco. »

A hora do julgamento de Carlota Corday era sabida na vespora em Pariz. A curiosidade, o horror, o interesse, a piedade tinham attrahido uma immensa multidão no recinto do tribunal e nas sallas que a precedem. Quando a accusada se aproximou, um ruido surdo se elevou como uma maldição sobre o seu nome, do seio desta multidão. Mas apenas ella atravessou a multidão, e fez radiar sua sobrenatural belleza em seus olhares, este murmurio de colera se trocou em fremito de interesse e de admiração. Todas as physionomias passaram do horror ao enternecimento; as suas feições exaltadas pela solemnidade do momento, coloridas pela emoção, turbadas pela confusão da donzella sob tantas vistas, tranquilisadas e ensombrecidas pela mesma grandeza de um crime que ella traz a na alma, e sobre a fronte com uma virtude, finalmente a altivez e a modestia reunidas e confundidas na sua actitude, davamlhe á figura um encanto misturado de temor que perturbava todas as almas e todos os olhos: os seus proprios juizes pareciam ante ella accusados. Julgar-se-hia ver a justiça divina, ou a Nemesis antiga, substituindo a cons-

(1) O crime, e não o cadafalso, é que faz a vergonha.

ciencia ás leis, e vindo pedir á justiça humana, não absolvel-a, mas reconhecel a e tremer!

XXXIII. — Quando se sentou no banco dos accusados, perguntaram-lhe se tinha um defensor. Respondeu haver encarregado um amigo dessas funcções; porém não apparecendo elle naquelle recinto, pareceu que lhe faltára coragem. O presidente designou então um defensor d'officio: era o joven Chaveau-Lagarde, illustrado depois pela sua defeza da rainha, e já conhecido pela sua eloquencia e coragem nas causas e nos tempos em que o advogado partilhava os perigos do accusado. Esta escolha do presidente indicava uma tenção reservada em salval-a. Chauveau-Lagarde veiu collocar-se na salla da audiencia. Carlota olhou para elle com olhos prescrutinadores e inquietos, como se receiára que, por salvar sua vida, o defensor não lhe abandonasse alguma cousa da sua honra.

A viuva Marat depoz soluçando. Carlota, commovida pela dôr desta mulher, abreviou-lhe o depoimento gritando: «Sim, sim, fui eu quem o matei!» Contou ella depois a premiditação de um acto concebido havia tres mezes, o projecto de ferir o tyranno no meio da convenção, o estratagema empregado para se aproximar delle. «Convenho, — disse ella com humildade, que este meio era pouco digno de mim; mas era preciso parecer estimar tal homem para chegar até elle. — Quem vos inspirou tanto odio contra Marat? lhe perguntaram. — Não tinha necessidade do odio dos outros, «respondeu ella,» assaz tinha eu o meu; além disto mal se executa o que uma pessoa não foi a propria a concebel-o. — Que era nelle que aborrecieis? — Os seus crimes! — Matando-o que esperaveis? — Restituir a paz ao meu paiz. — Acreditais pois ter assassinado todos os Marats? — Morto este, talvez os outros tremam. «Apresentou-se-lhe o punhal para ella o reconhecer. Repelliu-o com um gesto de desgosto. — «Sim,» disse ella, «reconheço-o.» Resfriado o crime o instrumento que o consummára causava-lhe horror. — «Quem eram as pessoas que frequentaveis em Caen? — Poucas; via Laurue, official municipal, e o cura de S. João. — Era a algum padre juramentado, ou não, a quem vos confessaveis em Caen? — Não ía nem a uns nem a outros. — Desde quando formasteis este designio? — Desde o dia 31 de maio, em que foram aqui presos os deputados do povo. Matei um homem para salvar cem mil. Era republicana muito antes da revolução.»

Confrontou-se Fauchet com ella. — «Não conheço Fauchet senão de vista, disse ella com desdem; olho-o como um homem sem costumes e sem principios, e desprezo-o.» O accusador publico lançando-lhe em rosto haver ella dirigido o golpe de alto a baixo para ser mais seguro, disse-lhe ser mister sem duvida estar ella bem exercitada no crime! A esta posição que distruia todos os seus pensamentos assimilhando-a aos matadores de profissão, ella soltou uma exclamação de vergonha! «Monstro! exclamou ella, confunde-me com um assassino!»

Fouquier-Tinville resumiu os debates, e concluiu pela morte.

O defensor levantou-se. «A accusada, disse elle, confessa o crime, confessa a sua longa premeditação; confessa as circumstancias mais oppressivas. Cidadãos, eis a sua defesa toda. Este socego imperturbavel, esta completa abnegação de si mesmo, que não revelam remorso algum em presença da morte, este socego e esta abnegação, sublimes sob um aspecto, não são da natureza; não pódem explicar-se senão pela exaltação do fanatismo politico que lhe meteu o punhal na mão. Pertence-vos julgar que peso um fanatismo tão inabanavel lança na balança da justiça. Reporto-me ás vossas consciencias.»

Os jurados votaram por unanimidade a pena de morte. Ouviu o decreto sem empallidecer. Perguntando-lhe o presidente se ella tinha a dizer alguma cousa sobre a natureza da pena que se lhe infligia, desdenhou responder, e aproximando-se do seu defensor: «Senhor, lhe disse com uma voz penetrante e doce, defendeste-me como eu desejava sel-o, e agradeço-vos; devo-vos um testimunho do meu reconhecimento e da minha estima, e vol-o offereço digno de vós. Estes senhores (apontando para os juizes) acabam de declarar os meus bens confiscados; devo alguma cousa á prisão: lego-vos esta divida a pagar por mim.»

Em quanto a interrogavam, e os jurados recebiam as suas respostas, ella apercebeu no auditorio um pintor que desenhava as suas feições. Sem se interromper, voltava-se com complacencia, e sorrindo-se, para o lado do artista para melhor poder retratar-lhe a imagem. Pensava ella na immortalidade, e colocava-se já em frente do futuro.

XXXIV. — Por traz do pintor, um mancebo, cujos cabellos louros, o olho azul, a pelle livida revelavam um homem do Norte, se erguia sobre a ponta dos pés, para ver melhor a accusada. Tinha os olhos fixos sobre ella, como um fantasma cuja vista tivesse contrahido a immobilidade da morte. A cada resposta da donzella, o senso viril e o som feminino desta voz faziam-o tremer, e mudar de côr. Parecia beber-lhe com os olhos as palavras, e associar-se pelo gesto, pela atitude, pelo enthusiasmo, aos sentimentos que a accusada expressava. Muitas vezes, não podendo conter a sua emoção, provocou com exclamações involuntarias os murmurios do auditorio, e a attenção de Carlota Corday. No momento em que o presidente pronunciou o decreto de morte, este mancebo se ergueu a meio com o gesto de um homem que protesta no seu coração, e de novo se assenta como se as forças lhe faltassem. Carlota, insensivel á sua propria sorte, vio aquelle movimento. Comprehendeu que no momento em que tudo a abandonava sobre a terra, uma alma se prendia á sua, e no meio desta multidão indifferente e inimiga ella tinha um desconhecido amigo. Sua vista agradeceu-lho. Este foi o seu unico entretenimento aqui na terra.

Este joven estrangeiro era Adam Lux republicano alemão, enviado a Pariz pelos revolucionarios de Moguncia para concertar os movimentos da Alemanha com os da França na causa commum da rasão humana e da liberdade dos povos. Seus olhos seguiram a accusada até o momento em que ella desappareceu, entre as espadas dos gendarmes, sobre a abobada da escada. O pensamento della nunca mais o deixou.

XXXV. — Voltando á Conciergerie, que dentro em poucos momentos a expulsaria de si para o cadafalso, Carlota Corday surriu-se para os seus companheiros de prisão, enfileirados nos corredores e nos pateos para a verem passar. Ella disse ao carcereiro: «Esperava que almoçariamos aqui ainda juntos; mas os juizes tanto tempo me demoraram lá em cima que me deveis perdoar ter faltado á minha palavra.» O algoz entrou. Ella pediu-lhe um minuto para acabar uma carta principiada. Esta carta não era nem uma fraqueza, nem um enternecimento da sua alma: era o grito da amisade indignada que queria deixar uma immortal reprehensão á covardia de um abandono. Era dirigida a Doulcet de Pontecoulant, a quem ella conhecera em casa de sua thia, e que julgara ter invocado debalde para defensor. Eis o bilhete: — «Doulcet de Pontecoulant é um covarde por ter recusado defender-me quando isso era tão facil. Aquelle que o fez desempenhou-o com toda a dignidade possivel. Conservar-lhe-hei o meu reconhecimento até ao derradeiro momento.» Esta vingança feria falsamente aquelle a quem ella accusava da beira do tumulo. O moço de Pontecoulant, ausente de Pariz, não tinha recebido a sua carta: sua generosidade e coragem respondiam por sua acceitação. Carlota levava comsigo ao cadafalso um erro e uma injustiça.

O artista, que esboçara as feições de Carlota Corday no tribunal, era o sr. Hauer, pintor e official da guarda nacional da secção do Theatro-Francez. Regressando á prisão, pediu ao carcereiro que o deixasse entrar para concluir a sua obra. O sr. Hauer foi introduzido. Carlota agradeceu-lhe o interesse que parecia tomar pela sua sorte, e assentou-se com serenidade diante delle. Ter-se-hia dito que permittindo-lhe transmittir as suas feições e a sua physionomia á posteridade, o encarregava de transmittir sua alma e seu patriotismo visiveis ás gerações vindouras. Entreteve-se com o sr. Hauer sobre a

sua arte, e relativamente ao acontecimento do dia, e á paz que nascia do acto que ella acabava de consummar. Fallou das suas amigas de infancia em Caen, e pediu ao artista copiasse em miniatura o retrato em grande que elle estava fazendo, e enviasse esta miniatura á sua familia.

No meio desta conversação, intercortada de silencios, ouviu-se bater docemente á porta da prisão, a qual ficava mesmo por traz da accusada. Abriu-se; era o carrasco. Carlota voltou-se ao ruido, e percebeu as thesouras e a camisola encarnada que o executor trazia no braço. Viu-se-lhe a pelle empallidecer o tremer áquelle apparelho. «Que, já!» exclamou ella involuntariamente. Depressa se tranquillisou, e, lançando um olhar sobre o retracto por concluir, «Senhor, disse ella ao artista com um sorriso triste e benevolo, «não sei como agradecer-vos o cuidado que tendes tido; não tenho para offerecer-vos mais do que isto, conservai-o em memoria da vossa bondade, e do meu reconhecimento.» Dizendo estas palavras, agarrou nas thesouras da mão do algoz, e cortando um annel dos seus cabellos louros-escuros que se escapavam por baixo do seu lenço, o apresentou ao sr. Hauer. Os gendarmes e o carrasco, a estas palavras e a este gesto, sentiram as lagrimas innundar-lhe os olhos.

A familia do senhor Hauer possue ainda este retrato interrompido pela morte. Só a cabeça está pintada, e o busto esboçado. Porem o pintor, que seguiu com os olhos os preparativos do cadafalço, ficou tão ferido do effeito do splendor sinisrro que a camiza vermelha ajuntava á belleza do modelo, que depois do supplicio de Carlota a pintou assim vestida.

Um sacerdote, authorisado pelo accusador publico se apresentou, segundo o uso, para lhe offerecer as consolações da religião. «Agradecei,» lhe disse ella com uma graça affectuosa, «áquelles que tiveram a attenção de vos enviar; mas não careço do vosso ministerio: o sangue que derramei, e o meu sangue que vou espalhar, são os unicos sacrificios que posso offerecer ao Eterno.» O executor cortou-lhe os cabellos, atou-lhe as mãos, e vestiu-lhe a camisola dos suppliciados. «Eis, disse ella surrindo-se, o toucador da morte feito por mãos um pouco rudes; mas conduz á immortalidade.»

Ella apanhou os seus compridos cabellos, olhou para elles a derradeira vez, e deu-os á senhora Richard. No momento em que subiu á carroça para ir ao supplicio, uma trovoada rebentou sobre Pariz. Os relampagos e a chuva não dispersaram a multidão que atulhava as praças, as pontes, as ruas por onde o prestito atravessava. As hordas de mulheres furiosas a perseguiam com suas maldições. Insensivel a estes ultrajes, passeava por cima deste povo um olhar radiante de serenidade e compaixão.

XXXVI. — O céo e clareceu-se. A chuva, que lhe colava os vestidos sobre os membros, desenhava por baixo da humida lã os graciosos contornos do seu corpo, como os d'uma mulher saindo do banho. Suas mãos, atadas atraz das costas, forçavam-a a levantar a cabeça; este constrangimento dos musculos dava maior fixidade á sua atitude, e fasia-lhe sobresair as curvas da sua estatura. O sol, já em declive, esclarecia-lhe a fronte com raios similhantes a uma aureola. As côres das suas faces, sobresaidas pelos reflexos da camisola encarnada, davam-lhe ao rosto um explendor que deslumbrava os olhos. Não se sabia se era a apotheose, se o supplicio da bellesa o que este tumultuoso cortejo seguia. Robespierre, Danton, Camillo Desmoulins, tinham-se postado no tranzito para a verem. Todos os que tinham o pressentimento do assassinio estavam curiosos de estudar sobre suas feições a expressão do fanatismo que no dia seguinte os podia ameaçar. Assimilhava-se á vingança celeste satisfeita e transfigurada. Parecia ella por momentos procurar entre aquelles milhares de rostos um olhar de intelligencia sobre o qual a sua vista repousasse. Adam Lux esperava a carreta á entrada da rua Saint-Honoré. Seguiu piedosamente as rodas até junto ao cadafalço. «Gravava elle em seu coração,» são as suas proprias palavras, «aquella inalteravel doçura no meio dos urlos barbaros da multidão, aquelle olhar tão doce e tão penetrante, aquellas faiscas vivas e humidas que se escapavam como pensamentos inflammados daquelles formosos olhos nos quaes fallava uma alma tão intrepida como terna: olhos encantadores que deviam commover mesmo um rochedo!» exclama elle... «Recordações unicas e immortaes,» accrescenta, «que despedaçaram meu coração, e o encheram de emoções até ali desconhecidas! emoções cuja doçura igual o amargor, e que só morrerão comigo. Que se santifique o logar do seu supplicio, e se eleve ahi a sua estatua com estas palavras: *Maior que Brutus*! Morrer por ella, ser esbofeteado como ella pela mão do algoz, sentir morrendo o frio gume da mesma secure que cortou a cabeça angelica de Carlota, ser unido a ella no heroismo, na liberdade, no amor na morte, eis de hoje em diante os meus votos unicos! Não tocarei nunca esta sublime; porem não é justo que o objecto adorado seja sempre acima do adorador?

XXXVII. — Assim um amor enthusiasta e immaterial, nascido do derradeiro olhar da victima, a acompanhava, sem ella o saber, passo a passo até ao cadafalço, e dispunha-se a seguil-a para merecer com o seu modelo e o seu ideal a eterna união das almas. A carreta parou. Carlota empallideceu vendo o instrumento do supplicio. Retomou promptamente as suas cores naturaes, e subiu os degraos escorregadios do cadafalso com um passo tão firme e tão ligeiro qual lh'o permittiam a camisolla que arrastou, e as suas mãos ligadas. Quando o executor, para lhe descobrir o pescoço, lhe arrancou o lenço que lhe cobria a garganta, o pudor humilhado deu-lhe mais emoção do que a proxima morte; porem retomando a sua serenidade e o seu arremeço quasi jovial para a eternidade, colocou por si mesma o pescoço sob a secure. A cabeça rolou e saltou. Um dos moços do carrasco, chamado Legros, agarrou a cabeça com uma das mãos, e com a outra a esbofeteou, por uma vil adulação ao povo. As faces de Carlota corâram, segundo se diz, do ultraje, como se a dignidade e o pudor tivessem sobrevivido um momento ao sentimento da vida. A multidão irritada não acceitou a homenagem. Um tremor de horror precorreu a multidão, e pediu vingança desta indignidade. Comtudo a violação da humanidade não parou nisto. A infame curiosidade dos maratistas buscou até nos restos inanimados da donzella as provas do vicio com que os seus calumniadores a queriam ferir. Sua virtude achou testimunho onde os seus inimigos lhe buscavam a deshonra. Esta profanação da belleza e da morte attestou a innocencia dos seus costumes e a virgindade do seu corpo.

XXXVIII. — Tal foi o fim de Marat. Taes foram a vida e a morte de Carlota Corday. Em presença do assassinio, a historia não ouza glorificar; em presença do heroismo, a historia não ouza manchar. A appreciação de um tal acto colloca a alma nesta temerosa alternativa de desconhecer a virtude, ou de louvar o assassinio. A' similhança daquelle pintor que desesperando dar a expressão complexa d'um sentimento mixto, lançou um véo sobre a figura do seu modelo, e deixou em problema ao espectador, deve-se tambem lançar este misterio a debater-se eternamente no abysmo da consciencia humana. Ha cousas que o homem não deve julgar, e que sobem sem intermediario nem appelação, ao tribunal directo de Deus. Há actos humanos por tal forma misturados de fraqueza e força, de intenção pura e meios culpados, de erro e de verdade, de assassinio e de martirio, que se não podem qualificar só com uma palavra, e que se não sabe se deve chamar-se-lhe crime ou virtude. A dedicação culpavel de Carlota Corday é do numero desses actos que a admiração e o horror deixariam eternamente em duvida, se a moral os não reprovasse. Pelo que nos diz respeito, se tivessemos a encontrar, para esta sublime libertadora do seu paiz, e para esta generosa assassina da tyrannia, um nome que ao mesmo tempo encerrasse o enthusiasmo da nossa emoção por ella, e a severidade do nosso julgamento sobre a sua acção, creariamos uma frase que reunisse os dois extremos da admiração e do horror na lingua dos homens, e chamar-lhe-hiamos o anjo do assassinio.

Poucos dias depois do supplicio, Adam Lux publicava a apologia de Carlota Corday, e associava-se ao seu attentado para ser associado ao seu martyrio. Preso por esta audaciosa provocação, foi encerrado na Abbadia. Exclamou ao ultrapassar o limiar da prisão: «Vou pois morrer por ella!» E morreu com effeito bem depressa, saudando como altar da liberdade e de amor o cadafalso consagrado pelo sangue do seu modelo.

O heroismo de Carlota Corday foi contado por André Chenier, que bem depressa tinha tambem de morrer pela patria commum das grandes almas: — a pura liberdade. A poesia de todos os povos apossou-se do nome de Carlota Corday para assustar com elle os tyrannos. «De quem é este tumulo?» canta o poeta alemão Klopstock. «E' o tumulo de Carlota. Vamos colher flores e desfolhal-as sobre as suas cinzas, porque ella morreu pela patria. — Não, não, não se colham. — Vamos procurar um chorão e plantemol-o sobre sua relva, pois ella morreu pela patria. — Não, não, nada planteis, mas choremos, e que as lagrimas sejam de sangue, por que ella em vão morreu pela patria.»

Vergniaud, sabendo na sua prisão o crime, o julgamento, e a morte de Carlota Corday, exclamou: «Ella mata-nos, mas ensina-nos a morrer!»

LIVRO XLV.

I. — A virtude a mais pura é sempre enganada nos seus designios, quando pede emprestada ao crime a mão e a arma. O sangue de Marat enebriou o povo. A Montanha, Robespierre, Danton, felizes de se verem desembaraçados deste rival, cujo imperio temiam sobre a multidão, lançaram seu cadaver á populaça, para que delle fizessem um idolo. Seus funeraes assimelhavam-se mais a uma apotheose do que a um lucto. A convenção deu o culto de Marat em diversão á anarchia. A'quelle, de quem ella corava como collega, permittio fosse feito um deus. Na propria noite que se seguiu á sua morte, o povo foi suspender corôas da porta da sua casa. A communa inaugurou o seu busto na salla das sessões. As secções vieram processionalmente chorar á convenção, e pedir o Pantheon para estas cinzas. Outros pediram que o seu corpo embalsamado fosse passeado pelos departamentos e até aos limites do mundo; outros, finalmente, que se lhe evantasse um cenotafio sob todas as arvores da liberdade plantadas em todas as communas da republica. Robespierre, nos jacobinos, foi o unico que tentou moderar esta idolatria. «E a mim tambem, disse elle, sem duvida estão reservadas as honras do punhal. A prioridade não foi determinada senão pelo acaso, e a minha queda avança a passos agigantados.»

A convenção decretou que assistiria em massa ás exequias. O pintor David as determinou. Plagiario da antiguidade, quiz imitar os funeraes de Cesar. Fez collocar o corpo de Marat na igreja dos *cordiliers* (franciscanos) sobre um cadafalso, coberto com a sua camiza ensanguentada. O punhal, a tina, o tinteiro, as pennas os papeis estavam tambem ao pé do corpo, como as armas do philosopho e os testimunhos da sua estoica indigencia. As deputações das secções succederam se nas arengas, no incenso, nas flores em roda do cadaver. Ahi pronunciaram juramentos terriveis.

II. — De tarde o cortejo funebre sahio da igreja ao clarão das tochas, e não chegou senão á meia noite ao logar da sepultura. Havia-se escolhido para recolher o resto de Marat o mesmo logar, onde elle tantas vezes arengára e agitara o povo, o pateo do club dos franciscanos, como se enterra o combatente no campo de batalha. Desceu-se o corpo ao fosso, á sombra destas arvores, cujas folhas illuminadas de milhares de lampiões espalhavam sobre o tumulo a claridade doce e serena do antigo Eliseo. O povo sob as bandeiras das secções, dos departamentos, os eleitores, a communa, os franciscanos, os jacobinos, a convenção assistiram a esta ceremonia. Escarnecedora apotheose! O presidente da assembléa, Thuriot, dirigiu o adeus supremo e nacional a estes manes. Annunciou que a convenção ía collocar a estatua de Marat ao lado da de Brutus. O club dos franciscanos reclamou o seu coração. Encerrado n'uma urna, foi suspenso da abobeda da salla das sessões. A sociedade votou-lhe em fim um altar. «Restos preciosos de um deus! exclamou um orador junto deste altar, seremos nós perjuros aos teus manes? Tu nos pedes vingança, e os teus assassinos respiram!...»

As peregrinagens do povo ao tumulo de Marat organisaram-se todos os domingos, e confundiram n'uma mesma adoração o coração deste apostolo do assassinio com o coração do Christo da paz. Os theatros decoraram-se todos com a sua imagem. As praças e as ruas trocaram seus nomes pelo seu. As mulheres elevaram-lhe um obelisco Os jornalistas deram ás suas folhas o titulo de *Sombra de Marat*. Este delirio propagou-se pelos departamentos. Este nome veio a ser a bandeira do patriotismo. O maire de Nimes fez-se chamar o Marat do Meiodia; o de Strasbourg, o Marat do Rheno. O convencional Carrier appelidou as suas tropas o exercito de Marat. A viuva do *amigo do povo* veio pedir á convenção vingança para o seu esposo, e um tumulo para ella. Festas funebres, procissões, e anniversarios se instituiram em grande numero de communas da republica. Raparigas, vestidas de branco, e segurando nas mãos corôas de cypreste e carvalho, cantavam, em roda do tumulo, hymnos a Marat. Todas as coplas destes hymnos eram sanguinarias. O punhal de Carlota Corday, em vez de estancar o sangue, parecia ter aberto mais as veias da França.

III. — A convenção retomava por toda a parte o seu ascendente. Depois do recontro de Vernon, em que a guarda avançada dos federalistas se dissolvera ao primeiro tiro de canhão, os girondinos refugiados em Caen procuraram encerrar-se em Bordeaux, abandonando a Normandia e a Bretanha aos realistas por uma parte, aos commissarios da convenção por outra. Pethion, Louvet, Barbaroux, Salles, Meilhan, Kervelegan, Gorsas, Girey-Duprey, Marchenna, Hespanhol alistado voluntariamente nas fileiras da gironda, Riouffe em fim, moço Marselhez que seguia esta causa até nos seus desastres tomaram o uniforme dos vo untarios do Finisterre e confundiram-se com os soldados para chegarem á Bretanha. Guadet viera reunir-se-lhes depois em Caen. Não assistiu senão á sua ruina. Buzot, Duchatel. Bergoing, Lesage, Valady, partiram com os batalhões. Lanjuinais tinha-os precedido em Brest, semeando sua indignação e coragem em roda de si. Henrique Lariviére, e Mollevault, membros da fatal commissão dos Doze, precederam os fugitivos em Quimper, e lhes prepararam, não auxiliares, mas asylos. Reduzidos ao numero de dezenove, e separados do batalhão de Finisterre que os protegêra até Lamballe, os deputados deixaram a estrada principal, e marcharam por caminhos transviados, pedindo, de choupana em choupana, uma hospitalidade que a cada instante os podia trahir.

Reconhecidos em Moncontour por alguns federados, e ouvindo repetir em torno delles. Eis Pethion, eis Buzot, refugiaram-se nos bosques. Suspeitou-se o seu retiro. Passaram ahi compridas horas escondidos entre a folhagem. A chuva escorria de seus corpos entorpecidos. Um moço cidadão de Moncontour que lhes espiára a fuga veio buscal os, e dirigiu-os, de noite, para uma casa isolada, onde repousaram algumas horas.

Ouviam dahi tocar a reunir nas aldeias. Bateram-se os campos, os bosques, as casas para os aprehender. Giroust e Lesage separaram-se dos seus companheiros e acceitaram a hospitalidade nos suburbios. Os outros continuaram seu caminho. Tinham armas. Intimidavam os camponezes que não podiam seduzir. Escapavam, de milagre em milagre, aos perigos que os cercavam.

IV. — No entanto a marcha, a fome, a sêde, a inquietação, a doença disimava-os. Cussy, atormentado por um accesso de gota, gemia a cada passo que dava. Buzot, enfraquecido, arremessava suas armas, fardo mui pesado para elle. Barbaroux, apesar de sómente ter vinte oito annos de idade, tinha a estatura pesada e a gordura de um homem avançado em idade. Uma torcedura fizera-lhe inchar um pé. Não podia caminhar senão en-

costado aos braços de Pethion e Louvet, que o sustentavam alternativamente. Riouffe, com os pés esfollados pela marcha arrastava-se deixando a estrada tinta com o seu sangue. Pethion, Salles, e Louvet eram os unicos que conservavam seu infatigavel vigor.

Uma tarde, á aproximação de uma pequena cidade, um guia seguro lhes annunciou que dez gendarmes, e alguns guardas nacionaes os esperavam, no dia seguinte, no caminho para lhes cerrar a estrada. « E' preciso prevenil-os, diz Barbaroux aos seus amigos, forçar a marcha, e passar-mos esta noite atravez a cidade. Antes de os gendarmes terem sellado seus cavallos, teremos atravessado a perigosa passagem. Se nos perseguirem os fossos e as sébes do campo nos servirão de baluartes. Cairão atravessados pelas nossas ballas, ou sómente se apossaram de cadaveres. Marchemos mesmo de joelhos se preciso for, antes do que cair vivos nas mãos dos maratistas. Amanhã, se escaparmos, estaremos seguros no asylo que Kervelegan nos preparou em Quimper. »

Os feridos e os doentes queriam antes esperar a morte alli do que fugir. Com tudo a energia de Barbaroux fel-os córar da sua resignação. Levantaram-se, atravessaram em silencio a perigosa passagem, e foram deitar-se a algumas legoas mais adiante entre a erva alta que occultou seus corpos, e lhes protegeu o somno. Acabrunhados de fadiga, enfraquecidos pela fome, chegaram em fim a Quimper, mas não ousavam entrar ahi Enviaram um dos seus guias a advertir Kervelegan da sua aproximação, e pedir-lhe as indicações necessarias para se dirigirem aos asylos que sua amisade lhes assegurára. Este guia não regressava. Esperaram-o trinta e duas horas, sem abrigo nem sustento, açoitados pela chuva, e deitados n'um charco, cuja agoa gelada lhes entorpecia os membros. Cussy invocava a morte, mais demente que a sua dôr. Riouffe e Girey-Duprey perdiam a jovialidade da mocidade que até alli os sustentára. Buzot envolvia-se na sua taciturna melancolia. Até mesmo Barbaroux sentia desvanecer-se-lhe, não a coragem, mas a esperança. Louvet apertava de encontro ao peito a arma carregada que continha o seu libertamento e a morte. A imagem da mulher adorada que procurava o seu vestigio para se reunir com elle, era a unica cousa que o prendia á vida. Pethion conservava a indifferença stoica de um homem que desafia a sorte a precipital-o ainda mais baixo, depois de o haver elevado a tão alto. Tocava o fundo do infortunio, e ahi repousava.

V. — Comtudo Kervelegan vellava em Quimper. Um mensageiro a cavallo, enviado por elle, descubriu na lagoa os fugitivos. Conduziu-os a casa de um campo nez, onde o fogo, o pão, e o vinho lhes reanimou o abatimento. Um cura constitucional dos suburbios recebeu-os depois. Ahi restauraram suas forças; e ao cabo separaram-se em muitos grupos, cada um dos quaes teve sua fortuna e fim diversos. Cinco d'entre elles, do numero dos quaes era Salles, Girey-Duprey, e Cussy receberam asylo em casa de Kervelegan; Buzot foi confiado á discrição de um generoso cidadão n'uma casa do arrebalde de Quimper; Pethion e Guadet abrigaram-se n'uma casa de campo isolada, Louvet, Barbaroux, Riouffe, em casa de um patriota da cidade. A amante de Louvet tinha-o precedido em Quimper. Trazia ao seu amante a dedicação, as esperanças, e as illusões do seu amor.

Do fundo dos seus asylos, os proscriptos concertaram os meios de se refugiarem juntos em Bordeaux, sem correr os perigos do caminho por terra. Duchatel descobriu uma barca com coberta, ancorada, na margem da pequena ribeira que se lança no mar em Quimper. Fez concertar esta embarcação, e a fretou para transportar os seus amigos e elle a Bordeaux. Bem que os commissarios da Montanha não ousassem ainda mostrar-se no departamento donde a opinião os repellia, o projecto de Duchatel foi descoberto, e ficou sem effeito. Outra embarcação preparada em Brest, conduziu á embocadura da Gironda Duchatel, Cussy, Bois-Gayon, Girey-Duprey, Salles, Meilhan, Bergoing, Marchenna e Riouffe. Quanto a Brissot fôra naquella occasião preso em Moulins e transportado a Pariz onde langueceu na sua prisão. Vergniaud, Pethion, Guadet, Buzot, para se não separarem de Barbaroux moribundo, recusaram embarcar-se em Brest e esperaram nos seus asylos a cura do amigo. Louvet retirou-se sósinho com Lodoiska para a cabana que ella preparara. Saboreou, entre duas tempestades, estes momentos de felicidade, tanto mais viva quanto mais ameaçada: alta dos desgraçados na estrada da morte. Barbaroux, leviano nos seus amores, porque sua constancia nunca mudava em duravel affeição, invejava, dizia elle, esta felicidade que Louvet proscripto devia á dedicação e á fidelidade.

A noticia da tomada de Toulon pelos inglezes redobrou a vigilancia e a perseguição dos patriotas contra os federalistas accusados de desmembramento da patria. Louvet, Barbaroux, Buzot, Pethion embarcaram emfim de noite n'um barco de pesca que devia conduzil-os a um navio ancorado na costa. Deitados sobre esteiras no fundo do porão, atravessaram, sem ser descobertos, a esquadra de vinte e duas embarcações da republica. Se tivessem sido visitados haviam necessariamente ser reconhecidos pelos signaes de Pethion. Os cuidados da revolução, o ardor da ambição, as tempestades da popularidade conquistada e perdida haviam encanecido antes dos quarenta annos seus cabellos e barba. Este velho precoz era conhecido da França inteira. Os proscriptos entraram no leito da Gironda, e desembarcaram em Bec-d'Ambés, pequeno porto nas visinhanças de Bordeaux. Acreditavam tocar o solo da liberdade, e elle volveu-se-lhes no sólo da morte.

VI. — No entanto que os girondinos vencidos caíam um a um nas mãos dos seus inimigos, ou prolongavam tão dolorosamente a agonia do seu partido pela fuga, a republica, reassegurada no centro, estava rôta nas extremidades. As fronteiras jaziam descobertas: as praças conquistadas pelo exercito de Custine na Alemanha, e as nossas praças do Norte caiam sob o canhão da colligação. Vimos já que Custine, reconcentrado em Laudan, deixára uma importante guarnição em Moguncia, como um penhor proximo de segunda invasão na Alemanha. O general Meunier, conhecido pelos seus maravilhosos trabalhos de Cherbourg, commandava a praça. Kleber, Doyré, e Dubayet, officiaes generaes tão esclarecidos como intrepidos, eram os seus logares tenentes. Rewbelle e Merlin de Thionville, ao mesmo tempo representantes e soldados, haviam-se encerrado em Moguncia para que as tropas combatessem mesmo aos olhos da convenção. Duzentas bocas de fogo defendiam a praça. O bloqueio estava formado por cincoenta e sete batalhões e quarenta esquadrões. Os cereaes eram abundantes na praça, porém a polvora faltava. Os prodigios de habilidade, de audacia, e coragem de que Merlin de Thionville dava o exemplo, de coração e de braços, não deixavam comtudo ás tropas outra esperança senão a de uma heroica resistencia. Esta defesa mesmo paralisava vinte mil dos nossos melhores soldados bloqueados do outro lado do Rheno na sua conquista. Custine enviou um official ao exercito prussiano. Este official pediu atravessar as linhas como parlamentario, acompanhado d'um official prussiano, para levar a Moguncia a ordem de capitular honrosamente. Os commissarios da convenção, Merlin e Rewbell, e os generaes commandantes da cidade, e as tropas, reunidas em conselho de guerra, repelliram energicamente esta insinuação. O bloqueio foi apertado pelos austriacos e prussianos, e convertido em sitio. Os francezes, retomando a cada momento a offensiva por via de terriveis sortidas, forçavam o exercito inimigo a conquistar por muitas vezes cada passo que os aproximava das muralhas. O general Meunier, ferido pela metralha que lhe alcançou o joelho, expirou alguns dias depois. Os prussianos, possuidos de admiração e respeito, cessaram o fogo para dar tempo aos francezes de levantarem o tumulo do seu general n'um dos bastiões da cidade. « Perco um inimigo que me causou bastante mal, exclamou Frederico Guilherme; mas a França perde um grande homem. »

O bombeamento principiou por trezentas bocas de fogo. Os moinhos que forneciam farinhas á cidade e á guarnição foram incendiados. A carne faltava assim como o pão. Cavallos, cães, gatos, ratazanas tudo foi devorado pelos habitantes. A fome implacavel forçou os generaes a

enviarem para fóra da cidade as bocas inuteis. Os velhos, as mulheres, as creanças expulsas do interior em numero de tres mil foram igualmente repellidas pelos prussianos, e expiraram entre os dois exercitos, ou sob o fogo das baterias, ou nos tormentos da fome. Os hospitaes, sem viveres, sem medicamentos, sem tectos, não podiam abrigar os feridos. A cidade capitulou.

As tropas saíram livres com suas bandeiras e armas, sob condição de não combater durante um anno contra a Prussia. A guarnição murmurou contra os seus chefes. O instincto dos soldados revelava-lhes proximos soccorros da parte do norte pelo exercito do general Houchard Queriam espera-los. Esta primeira retirada dos exercitos francezes parecia aos nossos batalhões um vergonhoso desmentido ao genio da revolução. A convenção assim o julgou. O general Doyré, governador da praça, e o general Dubayet, commandante das tropas, foram presos á sua entrada em França e conduzidos presos a Pariz. Merlin de Thionville, apesar mesmo da gloria de que se havia coberto, teve custo em fazer desculpar a rendição deste baluarte do Rheno, transformado em tumulo de cinco mil dos seus defensores. O renome de Custine tambem soffreu. Aos seus primeiros revezes principiou-se logo a encontrar aggravos neste general. Transportaram-se para a Vendée os quinze mil soldados temperados no fogo pelo longo assedio de Moguncia.

VII. — Nesse mesmo momento, Condé, uma das praças da nossa fronteira do Norte caíu tambem. Dampierre morrêra tentando soccorre-la. O general Chancel, encerrado com quatro mil soldados na cidade, não tinha nem viveres, nem munições. A ração do soldado era sómente de duas onças de pão, e só podia chegar para alguns dias. Foi forçado render-se prisioneiro em 12 de julho. Valenciennes, acabrunhada de bombas, rendeu-se em 28 aos inglezes e aos austriacos. O general Ferrand, este bravo logar-tenente de Dumouriez, de idade de setenta annos, tinha defendido tres mezes a cidade como se quizera das suas ruinas fazer um tumulo para si. As fortificações, desmoronadas pelos tiros de duzentas mil ballas, de trinta mil granadas, e cincoenta mil bombas, deixavam brechas assás largas para a passagem da cavallaria. Só o terror do nome dos nossos bravos soldados, e de Ferrand defendia a praça. Valenciennes capitulou emfim, e a guarnição, depois de ter morto vinte mil inimigos e perdido tambem sete mil combatentes, alcançou entrar em França com as suas armas e bandeiras.

A noticia destes desastres consternou Pariz sem o desanimar. A constancia da convenção no meio destes reveses assegurou o espirito publico. Todos se affligiram ninguem desesperou da patria.

As noticias dos departamentos tranquillisavam a assembléa. Bordeaux, reconquistada pelos jacobinos, reabriu suas portas aos enviados da convenção. Caen ao cabo de oito dias de agitação e incertesa, deu a liberdade aos commissarios presos. A insurreição da Bretanha e da Normandia se aquietou per si mesmo. Os patriotas contiveram por algum tempo em Toulon os realistas. Tolosa entrou na obediencia. Lozére apasiguou-se. Os dois deputados girondinos Chasset e Biroteau, instigadores da insurreição em Lyon, e no Jura, viram como Rebecqui em Marselha, o movimento que elles tinham suscitado, republicano na origem, trocar-se em movimento realista. Elles proprios tremeram da sua obra. Nantes repelliu os Vendeanos das suas muralhas.

Estes reveses por um lado, e estes triumphos por outro tornavam os jacobinos ao mesmo tempo desconfiados e temerarios. As denuncias contra Custine multiplicavam-se e envenenavam-se. Tanto mais se accusava este general, quanto mais se havia esperado delle. A confiança e a felicidade das suas primeiras campanhas tinham feito esperar delle o impossivel. Era punido de ter promettido muito. Accusavam-o de cumplicidade com o duque de Brunswick, de attenções para com o rei da Prussia, de intelligencias secretas com os realistas do interior, de combinações com o general Wimpfen e com os girondinos de Caen. Bazire pediu a prisão de Custine no meio do seu exercito. A convenção podia recear que um general que tinha fanatisado as suas tropas fizesse apêlo á sua popularidade no seu campo, e aggravasse a situação da republica marchando contra Pariz. Recuou com tudo em presença da extremidade do perigo. Enviou ordem a Custine de vir dar contas da sua conducta. Levasseur de la Sarthe se encarregou desta perigosa missão. Chegado ao campo, o representante pediu passar as tropas em revista; quarenta mil homens estavam em armas. Os soldados, que desconfiam que Levasseur lhes fosse arrebatar seu chefe, recusam-lhe as honras militares. Levasseur as exige, e faz com que se lhe inclinem as bandeiras: «Soldados da republica, lhes diz elle, a convenção faz prender o general Custine. — Que nos seja restituido!» respondem as tropas com voz irritada. O representante affronta estes clamores. Desembaínha o sabre e precorre as fileiras, desafiando com os olhos, e ameaçando com a ponta da sua arma o soldado que ousasse attentar, na sua pessoa, contra a patria. Um sargento saíu das fileiras. «Queremos que se nos restitua o nosso general, disse elle — Avança, tu que pedes Custine! responde Levasseur; ousas responder com a tua cabeça pela sua innocencia?... Soldados! proseguiu o representante, se Custine é innocente ser-vos-ha restituido. Se fôr culpado, seu sangue expiará seus crimes. Nada de graça aos traidores! Desgraça aos rebeldes!»

VIII. — O silencio do dever foi sómente o que respondeu a estas palavras. O general foi preso. Custine não imitou a Dumouriez. Obedeceu e preferiu o cadafalso ao solo estrangeiro. Chegado a Pariz, encontrou ahi um resto de popularidade que lhe foi censurada como um crime. Passeou no Palais-Royal, e foi applaudido pela juventude, e pelas mulheres.

Esta obediencia passiva animou os jacobinos a novas denuncias O ministro do interior Garat, o ministro da marinha Dalbarate; nellas se volveram objecto tambem de odiosas insinuações.

O poder executivo, cercado assim de suspeitas e incessantes incriminações, não sómente se torna perigoso, mas até mesmo impossivel de exercêr-se. Robespierre, que favorecêra sómente a anarchia em quanto a julgára necessaria da revolução ao triumpho, se colocou energicamente contra os instigadores da desordem, no momento em que a revolução lhe pareceu segura. Defendeu o comité de salvação publica accusado de molesa, apesar de não fazer parte delle; defendeu Danton; defendeu Garat e Dalbarade contra Chabot e Rossignol; fulminou os denunciantes. Os murmurios dos jacobinos exaltados que cobriam sua voz não o intimidaram. «Bastará pois que um homem esteja n'um logar para logo o calumniarem!» exclamou elle no meio do sussurro dos jacobinos. «Não cessaremos pois de prestar fé aos contos ridiculos ou perfidos com que de todas as partes nos cercam! Até se ousa accusar Danton! Acaso pretendem fazer-nol-o suspeito? Accusa-se Bouchotte, accusa-se Pache. Está escrito que os melhores patriotas serão denunciados. E' tempo de por fim a taes indignidades.» Alguns dias depois, Robespierre se oppoz com firméza ás accusações que se generalisavam contra os nobres, empregados nos exercitos. «Que significam todos estes logares communs de nobreza que se repetem agora! disse elle. Os meus antagonistas aqui não são mais republicanos do que eu. Homens novos, patriotas de um dia querem perder no espirito do povo os seus mais antigos amigos. Cito para exemplo a Danton, a quem calumniam; Danton, a quem ninguem tem direito de fazer a mais pequena censura; Danton, a quem não será possivel desacreditar senão depois de se haver provado que ha mais energia, talento, ou amor patrio do que o seu. Não pretendo identificar-me com elle para nos fazermos valer um pelo outro; cito-o tão sómente. Dois homens assalariados pelos inimigos do povo, dois homens a quem Marat denunciou, affectam succeder a este escriptor patriota. E' por via delles que seus inimigos distillam seu veneno contra nós. Um, é um padre conhecido por suas infames acções, Jacques Roux; o segundo é um mancebo, Leclerc, quem prova que a corrupção pode entrar em almas juvenís! Com frazes bastante patrioticas, conseguem fazer acreditar ao povo que os seus novos amigos são mais zelosos do que nós. Dão grandes louvores a Marat para terem o direito de denegrir

os actuaes patriotas. Que importa louvar os mortos, comtanto que se possa calumniar os vivos! »

No entanto que Robespierre, buscando emfim a popularidade na razão publica e na força do governo, moderava assim os jacobinos e se colocava como homem de governo, Danton deixava-se, por assim dizer, proteger pelo mesmo Robespierre. A queda dos girondinos havia desconcertado Danton. Os girondinos eram para elle um peso no equilibrio que esperára estabellecer na convenção em proveito proprio, passando com a sua pessoa ora para a Montanha, ora para a Planice. Nenhuma balança era possivel depois do triumpho ganho pela communa. Era myster ser ou proscriptor, ou proscripto. Danton repugnava a qualquer destes dois papeis. Immergido nas delicias do amor que lhe inspirava a joven mulher que acabava de esposar, procurando o repouso, humilhado pelo seu renome sanguinario e buscando resgatal-o com amnistias e generosidades naturaes ao estado presente do seu coração, Danton queria fazer alto na sua felicidade domestica, e se acaso não abdicar, ao menos addiar a sua ambição. Fatigado de ser terrivel, queria ser amado.

E effectivamente a Montanha amava-o. Nas crises era elle o seu farol; nos tumultos servia-lhe de voz; na acção era a mão della; porém desde que Marat desapparecêra da Montanha, Danton encontrava alli a Robespierre, rival mais respeitado e serio do que Marat. Apesar de Robespierre demonstrar, como se ha visto, por elle a mais alta estima, e de o consultar, mesmo nas conjuncturas difficeis, Danton não se illudia em que esta deferencia não era homenagem, e que, em quanto Robespierre existisse nenhum outro, a não ser o idolo dos jacobinos, seria o primeiro na republica. Ora Danton preferia o desapparecer, a ser o segundo. A ambição era nelle menor que o orgulho. Podia obliterar-se, mas não queria ser expulso. Contava com a sua fortuna, e com o seu genio para se recolocar no seu verdadeiro logar, isto é, á frente da revolução.

X. — Mais ainda: Danton chegára, ao mesmo nesta occasião, a esse estado de cançasso moral que se apodera e enfraquece algumas vezes das ambições as mais fogosas, quando não são sustentadas pela omnipotencia d'uma idéa desinteressada. Homem de paixão, e não de theoria, padecia tambem das fraquezas da natureza. As paixões pessoaes cançam-se e gastam se, as publicas nunca. Robespierre tinha sobre Danton esta vantagem de ser infatigavel a sua paixão por não ser ella pessoal. Danton era um homem, Robespierre era uma idéa.

Além disto, Danton havia algum tempo que espantava aos seus amigos, por sua languidez e incoherencia de resoluções. Suas conversas annunciavam esta desordem e desanimação da alma que olha para o caminho precorrido, e que tem mais força para lastimar do que para querer, para se resignar do que para operar; symptoma certo do declinar da ambição, e presagio da declinação do destino nos homens publicos. « Infelizes girondinos! » exclamava elle nos seus gemidos internos, » precipitaram-nos no abysmo da anarchia; foram submergidos, sel-o hemos tambem á nossa vez, e já sinto a vaga a cem pés por cima da minha cabeça! »

Nesta disposição de espirito, Danton desertava a tribuna dos jacobinos, a qual Robespierre incessantemente occupava, poucas vezes fallava nos *cordeliers* (franciscanos) e calava-se na convenção. Parecia abandonar a re v lução á sua corrente, e sentar-se á beira para vêr passar os restos do naufragio, e esperar a reviravolta da opinião.

Mas Danton era mui grande, para ser esquecido. O esquecimento sómente salva as mediocridades. A revolução descontente azedava-se contra elle e os seus amigos. Legendre, Camillo Desmoulins, Fabre d'Eglantine, the bot volveram-se como elle suspeitos aos cordeliers (franciscanos) e aos jacobinos. Accusavam surdamente estes homens de um máo renome, de terem parado e enfraquecido, locupletado-se com os despojos, agiotado com os banqueiros estrangeiros, acariciado os vencidos, velado com interessada indulgencia as traições dos generaes, imitado os vicios dos aristocratas, e feminado os costumes do povo, substituido a venalidade á probidade nas mol... do governo, transformado os Spartiatas em Sybaritas, finalmente de formarem a facção de homens corrompidos, a peior das facções n'uma republica, que não podia ser fundada senão sobre a liberdade e a virtude.

XI. — Estas censuras faziam surrir Danton de desdem e mesmo lhe inspiravam um secreto orgulho. Elle não ostentava de austeridade, nem tinha a hypocrisia do desinteresse mais jactava as suas fraquezas, do que as occultava. Sobretudo contava com o ignoto. A morte natural livrado o havia da superioridade de Mirabeau; o punhal desembaraçava-o de Marat; o 31 de maio aliviava-o da eloquencia superior de Vergniaud; o acaso podia libertal-o da rivalidade de Robespierre. Em revolução o tempo corre depressa. Basta collocar-se na estrada do tempo, para elle nos trazer á sua hora tudo o que a fortuna póde ter a dar-nos. Assim raciocinava instinctivamente Danton.

Era por esta epocha que Danton, instado pela sua moça mulher, e pela sua nova familia a separar a sua causa e o seu nome da causa e do nome do terror que principiava a sublevar a alma dos bons cidadãos, decidiu-se a deixar a scena, a fugir de Pariz, e a retirar-se para Arcis-sur-Aube.

Danton era sobejamente versado no coração humano para não comprehender que este retiro em tal momento era um acto mui humilde, ou muito orgulhoso para um homem da sua importancia na republica. Separar-se da convenção na crise dos seus perigos e violencias, era declarar que se sentia inutil para a patria, ou era declarar que não queria acceitar a solidariedade com o governo. Tal actitude era uma abdicação ou uma ameaça. Danton sabia-o. Por isso disfarçou elle, sob pretexto de cançasso e esgotamento de forças, as verdadeiras causas do seu afastamento. Alegou tambem a necessidade de apresentar a sua nova esposa a sua mãi e padrasto, o sr. Ricordin, que ainda eram vivos.

O motivo principal deste retiro, motivo que confessou a sua mulher e parentes, na intimidade das expansões domesticas, foi o horror que lhe inspirava o proximo julgamento da rainha Maria-Antoinette. Este assassinio d'uma mulher prisioneira do povo repugnava á alma de Danton: elle jurára muitas vezes que salvaria aquellas cabeças de mulheres e creanças. Havia proposto enviar-se a rainha e sua irmã para a Austria. Tinha occulto sob palavras de despreso, o verdadeiro interesse que lhe inspiravam aquellas victimas desarmadas. Queria lavar suas mãos daquelle sangue de mulher que se ia derramar.

Antes de partir. Danton teve uma conversação secreta com Robespierre. Humilhou-se ante o seu rival até ponto de lhe fazer confidencia da sua desanimação em os negocios publicos. Pediu-lhe que o defendesse, durante a sua ausencia, contra as calumnias que os *cordeliers* (franciscanos) não cessavam de propagar contra o seu patriotismo e probidade. Robespierre, satisfeito da deferencia, e do afastamento do unico homem que o podia balancear na republica, acautelou-se bem de reter Danton. Os dois rivaes, na apparencia amigos, juraram-se mutua estima e constante apoio. Danton partiu.

XII. — Danton, no seu retiro rural d'Arcis-sur-Aube, viveu unicamente occupado do seu amor, do cuidado dos seus filhos, da vigilancia nos seus interesses domesticos, e da felicidade de tornar a ver sua mãi, os seus amigos d'infancia, os campos paternos. Parecia haver deposto inteiramente o peso da lembrança dos negocios publicos. Não escreveu nem uma unica carta, e não recebeu tambem nenhuma de Pariz. O fio de todas as suas tramas estava quebrado. Um unico deputado da convenção o visitava algumas vezes, era o deputado Courtois, seu compatriota, domno dos moinhos d'Arcis-sur-Aube. Suas conversas versavam a respeito dos perigos da patria.

Nas suas conversações intimas com sua mulher, mãi e o sr. Ricordin, Danton não disfarçava o seu sincero arrependimento dos arrebatamentos revolucionarios em que o fogo das paixões lançava o seu nome e a sua mão. Buscava lavar-se de toda a cumplicidade na carnefícina de setembro. Fallava destes dias não como fallára no immediato por este theor: « Olhei o meu crime de frente,

e commetti-o ; » porém como d'um excesso de furor patriotico, ao qual os scelerados da communa haviam impellido o povo, que se não sentira com forças de o prevenir, e que o supportara mesmo detestando-o. Não dissimulava a sua esperança da reassumir o ascendente devido ao seu genio politico, quando as presentes convulsões tivessem gasto os pequenos genios e os fracos caracteres que reinavam na convenção. Fallava de Robespierre como d'um sonhador algumas vezes cruel, outras virtuoso, e sempre chymerico. « Robespierre afoga-se nas suas ideias, dizia elle ; não sabia apalpar os homens. « Não acreditava na duração da duração da republica « São precisos, dizia elle, muitas gerações humanas para passar de uma forma de governo a outra. Antes de ter uma cidade tende primeiramente cidadãos ! »

Lia muito os historiadores de Roma. Escrevia tambem muito ; porém queimava tudo quanto escrevia. Não queria de si deixar outro vestigio senão o seu nome.

XIII. — Robespierre, pelo contrario, ainda que doente e esgotado pelo trabalho de espirito capaz de consumir muitos homens, esquecia se a si proprio para se dedicar com mais ardor que nunca na proseguição do seu ideal de governo. Engrandecia a sua ambição confundindo-a inteira na ambição da republica que elle queria fundar. Pouco lhe importava o papel, com tanto que fosse elle a alma das cousas. As inconsequencias, os arrependimentos, a aristocracia proprietaria e commercial dos girondinos, haviam-a sinceramente persuadido que estes homens queriam retrogradar para a monarchia, ou constituir uma republica na qual se substituisse o dominio da riqueza ao dominio da Igreja e do throno, e na qual o povo tivesse milhares de tyrannos em logar de um só. Vira elle nestes homens da burguezia, os inimigos mais perigosos da democracia universal e do nivellamento philosophico. Depois da sua queda, julgava elle tocar o seu alvo. Este alvo era a soberania representativa de todos os cidadãos, bebida n'uma eleição tão lata qual o mesmo povo, e operando pelo povo e para o povo n'um conselho electivo que constituiria todo o governo. A ambição de Robespierre, tantas vezes calumniada então e depois, não ia mais longe. Acreditava que este fim era o da natureza e de Deus. Não aspirava a ser o senhor, mas sim o guia e o moderador deste governo do povo. Fundar este governo, experimentar o seu mecanismo, regularisar as suas oscillações, assistir aos seus primeiros movimentos, vivifical-o com os seus principios, e deixar-lhe sua alma, era o sonho e a aspiração de Robespierre.

XIV. — Assim mudou logo de attitude e lingoagem apenas os girondinos desappareceram. Não se dedicou senão a tres cousas attrahir a opinião publica á convenção por via dos jacobinos, de quem era o oraculo ; resistir ás usurpações anarchicas da communa, que ameaçavam subjugar a independencia da representação ; e finalmente estabelecer a harmonia e unidade de acção na organisação d'um comité do governo. Não misturava nestas ideias a mais pequena cobiça pessoal. Mesmo a sua popularidade, de dia para dia mais geral e mais fanatica nos seus adeptos, era para elle um instrumento e não um fim. Dispensava-a com tanta prodigalidade quanta fora a paciencia e cuidado que empregara em conquistal-a. A obscuridade em que se havia encerrado fora da arena publica lançava sobre a sua pessoa o véo que esconde os grandes pensamentos á inveja e o mysterio que convem aos oraculos. A calumnia parava confundida no limiar daquelle quarto na casa de um honesto artista. A alma da republica parecia esconder-se ahi com elle na pobreza, no trabalho na austeridade dos costumes.

XV. — Desde este dia, Robespierre foi mais assiduo que nunca ás sessões da noite nos jacobinos. Dirigiu as meditações desta sociedade para os grandes problemas da organisação social, para as distrahir das facções, cujo reinado, era opinião delle, já dev a ter passado. Afastou-se com mais apparente desgosto de todos os homens corrompidos que queriam misturar a demagogia á revolução, como se mistura ao puro metal a liga impura que o torna mais brando e facil a maniar. Não quiz abaixar os principios republicanos ao alcance d'um povo envelhecido e gasto. Pretendeu elevar o pensamento do povo á altura a mais espiritualista dos principios. Por isso mesmo, lisongeou o orgulho do povo, persuadindo-o ser capaz de instituições virtuosas, e induziu-o a acreditar na sua propria virtude. Ligou-se em mais intima amisade com o mui pequeno numero de homens rudes mas integros, que impelliam até ponto de um culto a logica rigorosa, porém vaga e implacavel da democracia. Eram Couthon, Lebas, Saint-Just, homens até então puros de tudo, excepto de fanatismo. O sangue não os manchava ainda. Esperavam que o seu systhema prevaleceria unicamente pela evidencia da rasão, e só pelo attractivo da verdade ; mas infelizmente estavam decididos a cousa nenhuma recusarem ao seu systema, nem mesmo o sacrificio de gerações inteiras. Estes deputados, em pequeno numero, reuniam-se quasi todas as noites em casa do seu oraculo , ahi lhe inflammavam a imaginação com as arroubadas prespectivas da justiça, da igualdade e da felicidade que a nova doutrina promettia á terra. A' vista da nudez daquella salla, da sobriedade daquellas comidas, do tom philosophico daquellas conversas, das imagens de virtude, de interesse e sacrificio á patria incessantemente reproduzidas, ninguem acreditaria ver uma conjuração de demagogos, e sim uma reunião de sabios sonhando as instituições d'uma idade de ouro. Ahi se misturavam as imagens pastoris com as emoções tragicas do tempo e do logar. Até mesmo o amor aquecia, sem embrandecer o coração destes homens. A ternura de Couthon pela mulher dedicada que consolava sua vida enferma, o sentimento tempestuoso e apaixonado de Saint-Just pela irmã de Lebas, a predilecção grave e casta de Robespierre pela segunda filha do seu hospede, o amor de Lebas pela mais nova, os projectos da união, os planos de felicidade após a tempestade, davam a estas reuniões um caracter de familia de segurança e até algumas vezes de jovialidade, que não deixava suspeitar o conciliabulo dos senhores, e dentro em pouco tempo dos tyrannos da republica. Não se fallava ahi senão da felicidade da abdicação de todo o papel politico apenas os principios triumphassem, d'um humilde mester a exercer, de um campo a cultivar. O proprio Robespierre, mais cançado, em apparencia, de agitação, e mais sequioso de repouso, não fallava senão na cabana isolada, lá no fundo de Artois, para onde conduziria sua mulher, e donde contemplaria, no seio da sua felicidade privada, a felicidade geral. Cousa admiravel, e comtudo testimunho tambem sincero da instabilidade e cançasso do coração humano ! os dois homens que agitavam então a republica, e iam matar-se um ao outro chocando-se nos seus movimentos, Robespierre e Danton, unicamente aspiravam á abdicação. Porém a popularidade não permitte que se abdique. Ou eleva ou traga. Estes dois homens estavam condemnados a esgotar todos os seus favores, e depois morrerem.

XVI. — Ainda que as suas theorias fossem differentes, o espirito de Robespierre e de Danton concordavam então em concentrar o poder na convenção. Não apresentavam a constituição aos olhos do povo senão como um plano de instituição em prespectiva, sobre o qual se lançaria um véo depois de o haver mostrado de longe á nação. Para o momento, governar era vencer. O governo o mais proprio para assegurar a victoria sobre as facções inimigas da revolução, era, na opinião delles o melhor governo. A França e a liberdade estavam em perigo. Eram instituições do perigo o que a França precisava. As leis deviam ser armas e não leis. A convenção devia ser o braço e cabeça da republica. Todos os membros d'esta assembleia tinham este instincto E' o de salvação quando as leis se quebram. Este instincto se manifestou logo nos seus actos. A convenção não pediu a dictadura, nem a delegou, tomou-a. Esta dictadura se resumiu, desde 31 de maio, na commissão de salvação publica.

Assim como a nação chamara sómente a si a sua inalienavel soberania em 1789, a convenção em si contrahiu todos os poderes em 1793. As forças delegadas são essencialmente mais fracas que as forças directas. Em crises extremas, os povos revogam suas delegações seja que ellas se chamem realeza, seja que se chamem leis e magistraturas. Ellas não podem hesitar. As leis são as

relações definidas dos cidadãos entre si, e dos cidadsão com o estado, em tempo regular; porém quando estas leis são abolidas ou destruidas, quando as relações se transtornam, appelar para estas leis, que já não existem, ou que não existem ainda, é appelar para o nada a fim de salvar o imperio. O proprio estado se torna a unica lei viva, e todas suas leis são outros tantos golpes de estado. Tal era a situação da convenção no mez de julho de 1793. Estava condemnada por aquella situação ou á tyrannia ou á morte. Se tivesse aceitado a morte, a nação e a revolução pereceriam com ella. Tomou a dictadura, e nimas foi este o seu erro. Ha usurpações, que são legitimas: e são ellas as que salvam as idéas, os povos,. as instituições. Não é a usurpação, que a historia deve censurar á convenção, foram sim os meios que empregou para a exercer. Quanto mais desapparecem as leis do governo, tanto mais a equidade em seu logar deve reinar. E' sómente com esta condição que Deus e a posteridade absolvem os governos. A consciencia é a lei das leis.

XVII. — E' uma lei do poder, quando elle se torna acção, tender incessantemente para circumscrever-se, e personificar-se n'um pequeno numero de homens. Os corpos politicos podem ter mil cabeças e mil lingoas em quanto assembléas deliberantes. Não lhe é mister mais que uma só mão quando se apoderam do poder executivo. A convenção conheceu ao principio levemente, e depois completamente a instituição desta verdade. Havia principiado pela creação de ministros investidos de uma certa responsabilidade e independencia como sob o ministerio girondino de Roland. Tinha depois annulado quasi inteiramente a acção destes ministros; instituido commissões de governo tão especiaes e diversas, como cada um destes ministerios; depois creara commissões governativas no seio mesmo da representação nacional, e distribuira entre estas grandes commissões as differentes funções do poder. Cada uma destas commissões dava conta pelo orgão do seu relator do resultado de suas deliberações á sancção da convenção. A convenção reinava bem assim, mas reinava com incoherencia e com fraqueza. Faltava um vinculo de unidade a estas commissões dispersas. Eram conselhos e não ordens que formulavam.

A convenção conheceu a necessidade de se personificar por si mesma n'uma commissão extraordinaria, que saío d'ella, mas que lhe impoz a propria vontade, e, para assim dizer, seu proprio terror. Teria sua anarchia interna; tinha medo da sua mesma instabilidade. Para melhor esmagar as resistencias, consentiu submetter-se por si mesmo, obedecer e temer. Reorganisou a commissão de salvação publica e conferio-lhe todo o governo. Foi a applicação, que lhe dava o imperio.

XVIII. — O nome de comité de salvação publica era já antigo na convenção. Desde o mez de março precedente, todos os homens previdentes da assemblea, Robespierre, Danton, Marat, Isnard, Albitte, Bentabole, Quinette, tinham pedido a unidade de vistas, a força d'acção concentradas n'uma commissão de um pequeno numero de membros, e reunindo na sua mão todos os fios espalhados da trama muito lassa do poder execu i o. Tinha-se instituido este centro do governo. Os girondinos a i foram eleitos em maioria. Este instrumento de força estava nas suas mãos se tivessem sabido servir se delle. Os primeiros membros da commissão extraord naria de salvação publica, em numero de vinte cinco eram: Guyton de Morveau (o colloborador de Buffon) Robespierre, Barbaroux, Ruhl, Vergniaud, Fabre d'Eglantine, Buzot, Delmas, Condorcet, Guadet, Breard, Camus, Prior, (de la Marne) Camillo Desmoulins, Barrère, Quinette, Danton, Sieyès, Lasource, Isnard Jean Debry e Cambacerès, este oraculo futuro do despotismo saído dos conselhos da liberdade.

Esta commissão tinha a iniciativa de todas as leis ou medidas motivadas pelos perigos da patria no interior e no exterior. Chamava os ministros ao seu seio, interpellava-lhes os actos; dava conta todos os oito dias á Convenção. A assembléa, ciosa temia ainda então seu proprio despotismo nos seus delegados A alma das dictaduras o segredo, era assim interdicto á commissão extraordinari. O antagonismo reinava no seu seio pela luta das opiniões. Não era mais do que a anarchia concentrada em si mesma. Robespierre, que o tinha reconhecido logo ao primeiro relancear d'olhos, e que não queria, com razão, sobrecarregar sua popularidade da responsabilidade de actos contrarios ao seu pensar, retirou-se logo ás primeiras sessões. Não queria isolar-se mas receava confundir-se. A saida de Robespierre desacreditou esta primeira commissão.

Alguns Girondinos unidos a Danton, propozerão fortifical-a reformando-a e apurando-a. Sómente Buzot, pressentindo a morte na espada que os seus amigos forjavam combateu este pensamento. Foi todavia adoptado apesar de suas reclamações. Restringiram o numero dos membros da commissão extraordinaria a nove em logar de vinte e cinco. Foi-lhe dado o segredo, a superintendencia de todos os ministerios, o direito de suspender os decretos, que reputasse nocivos ao interesse nacional, e o direito de tomar ella mesma os decretos d'urgencia. Pozéram á sua desposição fundos particulares. Não se lhe prohibio então senão um unico acto de soberania; o da prisão arbitraria dos cidadãos.

A commissão de salvação publica devia ser renovada todos os mezes por eleição da assembléa. Seus membros forão Barrère, Delmas, Breard, Cambon, Danton, Guyton de Morveau, Trilhard, Lacroix (d'Eure-et-Loir) e Robert Lindet. Danton fôra exilado n'esta commissão pelos Girondinos, para neutralizar sua influencia no meio dos homens francos e indeciosos da Planice Enganaram-se na sua tactica. Danton, não achando energia nos collegas procurou-a na communa, Danton reservara-se então na commissão a direcção dos negocios exteriores, para os quaes o seu genio generalisador, militar e diplomatico, o inclinava. Ahi estudava o governo, como um homem, que medita apoderar-se um dia d'ello. Depois da derrota dos girondinos, Danton se demittio d'estas funcções, que podiam despertar inveja. Retirou-se para o seu banco, e envolveu-se em apparente indifferença. A inveja não se enganou com isto. Accusaram-no pelo seu retiro, como o havião accusado pelo predominio na commissão. Vio que certos nomes não podem escapar nem pelo explendor, nem pela sombra, á attenção dos homens, e que reputações ha a quem não se concede o extinguirem-se para se occultarem. Formai outra commi são, « disse elle, » formai-a sem mim, mais forte e numerosa; e eu serei a sua espora em vez do seu freio. » Estas palavras, que trahiam um tão alto sentimento da sua importancia e tão humilhante desprezo pelos seus collegas, inculcavam o usurpador, revelavam a ambição. Forão applaudidas mas notadas.

XIX — Depois de hesitações, nomeações e eliminações successivas, a commissão difinitiva de salvação publica, proclamada pelo proprio Danton, um governo provisorio, foi investida de toda a omnipotencia. D'esta vez Danton, que n o tinha confiança n'uma inst tuição de que não fazia parte, recusou imprudentemente entrar nella, quer fosse por julgar parecer maior, quando o vissem só, quer por querer isolar-se por d sgosto dos negocios publicos. Fez-se ali representar por Hérault de Sechelles, um de seus partidarios e por Thuriot, um dos seus orgãos. Robespierre s'absteve tambem d'entrar ao principio na commissão, para não offuscar Danton. Mas seus amigos ahi tinham a maioria e ali faziam dominar seu espirito. Os oito membros forão Saint-Just, Couthon, Barrère, Gasparin, Thuriot, Hérault de Sechelles, Robert Lindet, Jean-Bon-Saint-André. Gasparin tendo-se retirado, o grito unanime da Convenção fez com que Robespierre occupasse o seu logar. Carnot e Prieur (de la Cote-d'Or) ahi forão chamados, poucos dias depois, pela necessidade de personificar o genio militar da França em presença dos exercitos da coalição. Finalmente Billaud-Varennes, e Collot-d'Herbois a completaram e levaram ahi ao ponto mais alto o espirito de jacobinismo, que a Montanha se queixava ver murchar debaixo da fria influencia de Robespierre, Saint-Just e Couthon.

Assim foi constituido este *decemvirato*, que assumiu durante esta convulsão de quatorze mezes, todos

os perigos, todos os poderes, todas as glorias, e todas as maldições da posteridade.

XX — Os membros da commissão da salvação publica dividiram entre si as attribuições segundo as suas aptidões. A capacidade repartiu os lotes e assignalou as classes. A influencia ahi foi tambem tão mobil como os serviços. Derribou a importancia, sem jamais romper a unidade. A extremidade da crise, o zelo inextinguivel, o perigo de se enfraquecer, desunindo-se, o segredo jurado e guardado, a difficuldade da missão ataram este feixe terrivel, que não trahio suas dissenções senão caindo inteiramente.

Billaud-Varennes e Collot-d'Herbois se encarregaram de incendiar o espirito publico, na correspondencia da commissão com os agentes da republica nos departamentos. Saint-Just arrogou o imperio das theorias constituintes, tão vago e tão absoluto, como a sua methaphysica impassivel. Couthon tomou a superintendencia da policia, conforme com o seu espirito prescrutador, e sombrio. As relações exteriores foram confiadas a Hérault de Sechelles inspirado secretamente pelo genio europeo de Danton. Robert Lindet teve a das subsistencias, questão vital n'um momento em que a fome esfaimava as cidades e desorganisava os exercitos; Jean-Bon-Saint-André, a marinha; Prieur a administração material de guerra; Carnot a alta direcção militar, os planos de campanha, a inspiração dos generaes, a critica e reprehensão de suas faltas, a preparação das victorias, a reparação dos revezes. Foi o genio armado da patria, cobrindo as fronteiras durante as convulsões do coração e o esgotamento das veias de França. Prieur (de la Cote d'Or) secundava Carnot para os detalhes.

Quinze horas de trabalho por dia, e o espirito attento sobre todos os mappas e posições de nossos campos, animavam este genio organisador de Carnot, e não o opprimiam, ou cansavam. Levava comsigo ao gabinete o sangue frio e o fogo do campo de batalha. Dispunha da vontade dos homens; sua mão assignalava os nomes do futuro: Pichegru, Hoche, Moreau, Jourdan, Dessaix Marceau, Brune, Bonaparte, Kleber, forão, entre tantos heroes futuros, illuminações do seu discernimento.

Barrére, espirito ductil e prompto, mas litterario, redigia as deliberações da commissão e fazia em phrases breves e polidas seus relatorios á Convenção. Tinha a côr das circunstancias. Lançava do alto da tribuna palavras fe tas para o povo. Finalmente Robespierre pairava sobre todas as questões menos sobre guerra. Era elle a politica da commissão. Era quem lhe indicava o alvo e a entrada; os outros faziam caminhar a machina. Robespierre tocava pouco no machinismo. Sua attribuição era o pensamento.

As deliberações tomavam-se á pluralidade dos voto. A as ignatura de tres membros bastava para tornar as medidas executorias. Estas assignaturas de confiança se prestavam e concediam mui cruelmente depois, entre collegas, frequentes vezes sem exame. A precipitação de uma commissão que resolvia até quinhentos negocios por dia, motivava estas facilidades, sem as justificar. Muitas cabeças cairam por estas fataes condescendencias da penna. O segredo era profundo. Ninguem sabia quem tinha pedido ou recusado tal ou tal vida. A responsabilidade de cada um dos membros se perdia na responsabilidade geral. Todos acceitavam tudo, ainda que não tivessem q erido consentir. Estes homens havião sacrificado até mesmo sua reputação. Cousa maravilhosa, ahi não havia presidente. N'um chefe temia-se a apparencia de um senhor Queria-se uma dictadura anonyma. A commissão não soffria por esta falta de presidencia. Todos erão membros, todos eram chefes. A republica presidia.

XXI. — No entanto que a commissão de salvação publica, transformada assim em conselho executivo, se apoderava do governo, a Convenção chamou a Pariz, os en iados das assembléas primarias, portadores dos votos do povo inteiro, que sancionavam a nova constituição, Estes enviados ahi chegaram em numero de oito mil O pintor David concebeu a festas, que devia confundir n'uma mesma solemnidade popular, no Champ-de-Mars, o anniversario do dia 10 d'agosto e a aceitação da constituição. David recebera a inspiração de Robespierre. A Natureza, a Razão e a Patria erão as unicas divindades, que presidiam a esta regeneração do mundo social. O povo era ahi a unica magestade. Symbolos e allegorias erão o seu unico culto. Faltava-lhe a alma porque Deus estava ausente. Robespierre não ousava ainda descobrir a immagem. O logar da união e o ponto da partida do cortejo, como em todas as festas da Revolução, foi o solo da Bastilha, assignalado desde o primeiro passo da republica. As authoridades de Pariz, os membros do conselho dos tribunos, os enviados das assembléas primarias, os Franciscanos *(cordeliers)* os Jacobinos, as socie lades fraternaes das mulheres, o povo em massa, a Convenção emfim, ahi se juntaram ao nascer do sol. No terreno da Bastilha, uma fonte chamada da Regeneração, lavava os vestigios da antiga escravidão. Uma estatua colossal da natureza dominava esta fonte; a agua corria de seus peitos Herault de Séchelles, presidente da Convenção, encheu desta agua uma taça de oiro, levou-a aos labios, e a transmittiu ao mais idoso dos cidadãos. « Eu toco já a borda do tumulo, » exclamou este velho, « mas creio renascer com o genero humano regenerado. » A taça circulou de mãos em mãos por todos os assistentes. O cortejo desfilou ao som de uma salva d'artilheria para os boulevards. Cada sociedade levava sua bandeira, cada secção o seu symbolo. Os membros da Convenção, cobriam a retaguarda levando cada um na mão um ramo de flores, fructos e espigas novas. As taboas onde estavam escriptos os direitos do homem, e a arca, que encerrava a constituição, eram levadas como objectos sanctos no meio da Convenção por oito dos seus membros. Noventa e seis enviados das assembléas primarias, representando os noventa e seis departamentos, rodeavam os membros da Convenção e seguravam pelas extremidades em torno da representação nacional, uma longa fita tricolor, que parecia encadear os deputados, nos laços da patria. Um tropheu nacional coroado com ramos d'oliveira, figurava a reconciliação e unidade dos membros da republica. Os expostos conduzidos nos seus berços; os surdos-mudos, conversando uns com os outros pela linguagem dos signaes, que a sciencia lhes ensinára; as cinzas dos heroes, mortos pela patria, encerradas em urnas onde se liam seus nomes; uma charrua triumphal cercada do lavrador, mulher e filhos; finalmente carretas carregadas, como de vis despojos, de fragmentos de tiaras, de sceptros, de corôas, de brazões quebrados; todos estes symbolos da escravidão, de superstição, do orgulho da beneficencia, do trabalho, da gloria, da innocencia, da vida rural, das virtudes guerreiras, iam atraz dos representantes. Depois de uma pequena parada em frente dos Invalidos, aonde a multidão saudou sua propria imagem n'uma estatua colossal do povo, derrubando o federalismo, a comitiva se espalhou pelo *Champ-de-Mars*. Os representantes e os corpos constituidos se colocaram sobre os degraos do altar da patria. Um milhão de cabeças cobriam os bancos dispostos em declive neste immenso amphitheatro. Um milhão de vozes juraram defender os principios do codigo social, apresentado por Hérault de Séchelles á sancção da republica. A artilheria com suas salvas, parecia jurar tambem exterminar os inimigos da patria.

XXII. — Todavia o instincto publico não acceitava a constituição senão no futuro. Todos comprehendiam que a sua execução seria adiada até á pacificação do imperio. A liberdade segundo a Montanha, era uma arma, que a revolução entregara ás mãos de seus inimigos, e que serviria neste momento para minar a mesma liberdade. Nenhuma constituição regular podia funccionar em poder dos inimigos de toda a constituição democratica. Uma petição dos enviados dos departamentos sollicitou á Convenção para continuar só o governo. Os perigos motivavam os arbitrios. Pache reunio a communa, fez tocar á chamada nas secções armadas. Uma representação que Robespierre redigiu foi conduzida por milhares de cidadãos á Convenção para a conjurar a guardar o supremo poder. Este dialogo proferido por

mil vozes entre o povo e seus representantes, era acompanhado do estrondo dos tambores e toque de rebate. Via-se que os Jacobinos exerciam a pressão do povo sobre a Convenção para lhe fazer gerar o terror. « Legisladores, » diziam elles na missiva, « elevai-aos á altura dos grandes destinos da França. O povo francez está acima dos seus perigos. Temos indicado as sublimes medidas de um apêllo geral ao povo ; vós haveis somente requerido a primeira classe. As meias medidas são sempre mortaes em circumstancias extremas. A nação inteira é mais facil de abalar do que uma parte da nação. Se pedís cem mil homens, talvez os não acheis ; se pedirdes milhões de republicanos, vereis como elles se erguem para esmagar os inimigos da liberdade ! O povo não quer uma guerra de tactica, aonde generaes traidores e perfidos vendem o sangue dos cidadãos. Decretai que o rebate da liberdade sôe a uma hora fixa em toda a republica ! que não haja excepção para alguem ! que sómente a a agricultura conserve as braços necessarios para a sementeira e colheita ! que o curso dos negocios se interrompa ! que o grande e unico negocio dos francezes seja o de salvar a republica ! Não vos inquietem os meios de execução ; decretai somente o principio. Nós apresentaremos á commissão de salvação publica, os meios de fazer rebentar o raio nacional sobre todos os tyrannos e todos os escravos ! »

XXIII. — Esta reticencia dos Jacabinos era transparente. O sub-intendido era o terror, o tribunal revolucionario , e a morte. A commissão de salvação publica envergonhou-se da influencia das suas medidas de defeza nas fronteiras. Retirou-se ao seu tribunal, e lavrou em sessão permanente o projecto de um novo decreto, que recrutava toda a França. « Os generaes, » dizia Barrère no seu relatorio, « hão desconhecido até hoje o verdadeiro temperamento nacional. A irrupção, o ataque subito, a innundação de um povo sublevado que, cobre com suas fervidas ondas as hordas inimigas e deita por terra os diques do despotismo : tal é a natureza, tal a imagem das guerras de liberdade ! Os Romanos eram tacticos ; conquistaram o mundo escravo ; os Gaulezes livres, sem outra tactica que sua impetuosidade, destruiram o imperio romano. E' assim que a impetuosidade franceza fará desmoronar o collosso da coaligação. Quando um grande povo quer ser livre, é-o, comtanto que o seu territorio lhe forneça os metaes com que se forjam as armas. » A Convenção se levantou de enthusiasmo, como em exemplo dos representantes aos cidadãos e votou o decreto seguinte :

XXIV. — « Desde este momento e até ao dia em que os inimigos tiverem sido repellidos do territorio da republica, todos os francezes estão em requisição permanente para o serviço dos exercitos. Os mancebos irão aos combates. Os casados forjarão armas e transportarão viveres ; as mulheres farão barracas, uniformes, e servirão nos hospitaes ; os meninos farão fios para o curativo dos feridos ; os velhos se mandarão conduzir ás praças publicas para excitar a coragem dos guerreiros, o odio contra os reis, e o amor para com a republica. As casas nacionaes serão convertidas em quarteis, as praças publicas em arsenaes. O solo dos subterraneos será recamado de lixivia para extrahir salitre. As armas de calibre serão exclusivamente confiadas aos que marcharem contra o inimigo. As escupetas de caça e as armas brancas se distribuirão pela força publica no interior. Os cavallos de sella serão requisitados para completar os corpos de cavallaria. Todos os cavallos de trabalho, que não forem precisos á agricultura conduzirão a artilheria e munições. A commissão de salvação publica é encarregada de crear, organisar e requerer tudo em toda a republica, homens e objectos para a execução destas medidas. Os representantes do povo, enviados nos seus respectivos districtos, são investidos de poderes absolutos para este objecto. O recrutamento será geral. Os cidadãos não casados, ou viuvos sem filhos, de desoito a vinte e cinco annos, serão os primeiros a marchar. Apresentar-se-hão pois immediatamente na cabeça do seu districto, e ahi se exercitarão no manejo das armas até ao dia da partida para os exercitos. Cada batalhão organisado terá uma bandeira com a inscripção seguinte : *O povo francez em pé contra os tyrannos !* »

Estas medidas, bem longe de consternar a maior parte da França, foram recebidas pelos patriotas com o enthusiasmo, que as inspirára. Os batalhões se formaram mais rapidamente e com mais regularidade do que em 1792. Examinando as listas dos primeiros officiaes que se nomearam, ahi se acham todos os nomes heroicos da França militar do imperio. Eram filhos da republica. A gloria com que o despotismo se armou mais tarde contra a liberdade, pertencia toda á revolução.

XXV. — Estes decretos foram completados, durante dois mezes, com outros assignalados pela mesma energia defensiva. Era a organisação do enthusiasmo e do despreso de um povo, que sabe morrer, e d'uma causa, que quer triumphar. A França achava-se nas Thermopylas da revolução ; mas estas Thermopylas eram tão extensas como as fronteiras da republica e os combatentes eram vinte e oito milhões de homens.

A commissão de finanças, pelo orgão de Cambon, seu relator e oraculo, estendeu mão proba, e reparadora sobre a desordem do thesouro publico endividado e sobre o cahos em que a massa e o descredito dos assignados lançava as transações publicas ou privadas. Havia em circulação pelo menos quatro milhares de milhões de assignados de máu credito. De um lado, o emprestimo forçado sobre os ricos, equivalente pouco mais ou menos a um anno do seu rendimento, ligeiro imposto para salvar o capital salvando a patria, fez entrar um milhar de milhões d'assignados para as mãos do governo. Cambon os queimou ao recebel-os. De outra parte a massa dos impostos atrasados representava quasi oito milhares de milhões. Cambon os absorveu ao curso nominal nas caixas do Estado. A massa do papel moeda ficou assim reduzida a dois milhares de milhões. Para dar credito a estes assignados na opinião publica. Cambon aboliu todas as companhias, que emittiam *acções* a fim de que o assignado se tornasse a unica *acção* nacional em curso. Prohibiu-se aos capitalistas o collocarem os seus capitaes em outra parte que não fossem os bancos francezes. O commercio de oiro e prata foi interdicto com pena de morte. Reservaram-se estes metaes, por um monopolio d'urgencia, para a monetisação. Para augmentar a massa do numerario servindo ás pequenas transações quotidianas do povo, mandaram-se fundir os sinos das igrejas o lançou-se ao povo o metal sagrado, cunhado com as armas da republica,

Cambon, sondou tambem o abysmo da divida do estado para com os particulares. A palavra bancarrota podia entulhar este abysmo, porém elle o encheria de espoliações, de dividas, e de lagrimas. Quiz que a probidade, virtude reciproca entre os cidadãos, fosse sobre tudo a virtude da republica para com os seus credores. Tomou uma medida de equidade. Apoderou-se de todos os titulos, avaliou-os, e os converteu em um titulo commum e uniforme que intitulou o Grande Livro de divida nacional. Cada credor se inscreveu n'este Grande-Livro, por uma somma igual á que o estado reconhecia dever-lhe. O estado pagava o juro d'esta somma reconhecida a cinco por cento. Esta inscripção de juro, comprando-se e vendendo-se livremente, se tornou assim um capital real nas mãos dos credores do estado, que podia mesmo resgatal-a se o juro caisse no commercio abaixo do par, isto é da relação do interesse ao capital a cinco por cento. Esta operação libertaria o estado sem violencia e sem injustiça. Quanto ao capital, não era jámais amovivel. O governo se reconhecia devedor de um juro perpetuo, e não d'um capital. O juro perpetuo tinha mais a vantagem politica de cointeressar as massas dos cidadãos com a fortuna do estado e republicanisar os credores pelo seu interesse. Finalmente creára um germen fecundo do credito publico ; na mesma ruina das fortunas privadas. Se na primeira parte do seu plano Cambon dominado pela força das circumstancias, se affastava dos verdadeiros principios da economia publica, attentando contra a liberdade dos cambios ou creando um maximo em dinheiro, e proscrevendo sua circulação fóra do imperio : na segunda creava a moralidade do thesouro, e restaurava a confiança, esse capital illimitado das nações. A fortuna

publica da França descança ainda hoje inteiramente sobre as bases estabelecidas por Cambon.

XXVI. — A unidade dos pesos e medidas; a applicação da descoberta das machinas aerostaticas ás operações militares; o estabelecimento das linhas telegraphicas para transmittir a mão do governo tão repentinamente como o pensamento ás extremidades da republica; a formação de museos nacionaes para excitar pelo exemplo o gosto e imitação das artes; a creação de um codigo civil, uniforme para todas as partes da França, a fim de que a justiça ahi fosse só uma como a patria; a educação publica em fim, esta segunda natureza dos povos civilisados, foram o objecto de outros tantos decretos, que attestavam ao mundo, que a republica tinha fé em si mesma, e fundava um futuro, disputando o dia seguinte a aos seus inimigos.

A igualdade da educação foi proclamada como um principio dedusido dos direitos do homem. Dar duas almas ao povo, era crear dois povos em um só, fazer ilotas e aristocratas da intelligencia. Por outra parte, constranger todos os filhos de fortunas, condições e religiões, diversas a receber a mesma educação nas casas nacionaes, era falsiar todas as situações sociaes, confundir todas as profissões, violar todas as liberdades de familia.

Robespierre queria e devia querer esta educação forçada na logica radicalmente igualitaria de suas idéas, em que a familia, condição, profissão e fortuna desappareciam para não deixar logar senão as duas unidades. a patria e o homem. A uniforme tyrannia do pensamento do estado, devia em seus principios, proceder a uniforme justiça, e a uniforme igualdade entre todos os menores. Robespierre se indignava tambem de ver o estado subordinar a sua razão, e o seu ensino geral aos prejuizos, ás superstições e á razão viciada da familia e do individuo. Elle não admittia que o estado, tendo todos os direitos sobre os actos dos cidadãos, não tivesse igualnente todos os direitos sobre suas almas e lhes não eninasse o seu symbolo religioso, philosophico e social, rimeira divida d'aquelles, que pensam, áquelles, que inda não pensam. O systema de Robespierre, verdadeiro em uma sociedade nova, caia perante uma sociedade aniga em que os velhos dogmas não podiam extinguir-se odos ao mesmo tempo, em face dos novos dogmas, a não er mister extinguir todas as gerações vivas em face das erações futuras. Gregoire, Romme e Danton o combateam. Transigiram como homens d'estado entre as necesidades e as liberdades de familia e o rigor da philosohia de Robespierre. A convenção decretou as casas naíonaes de educação publica cuja frequencia seria obrigaoria para todos os filhos da patria, mas deixou ás famias o direito de conservar seus filhos sob o tecto patero; dando assim a intenção ao estado, a educação aos ais. o coração á familia, e a alma á patria.

XXVII. — Decretos de violencia, de vingança e de acrilegio, seguiram a estes decretos de força, de sabedoia, e de magnanimidade. Os movimentos ameaçadores do ovo de Pariz, compellido pela realidade da fome e pelo antasma dos monopolistas, os delirios de Chaumette e Hebert no conselho da communa, constrangeram a convenção a concessões deploraveis, que se assimilhavam a furores, e que só eram fraquesa.

Pedindo ao povo toda a sua energia, a Convenção se ilgou obrigada a acceitar tambem seus arrebatamentos. ião era ella ainda assás forte para dominar sua propria orça. Fingiu partilhar das demencias, que a faziam cóur ao decretal-as. As exigencias das secções, as delibeições dos jacobinos, os tumultos, as vociferações, os iotins nas praças publicas, ajuntamentos ás portas dos adeiros, dos açougues, dos tendeiros, os roubos das lojas, raticados por mulheres, e crianças esfaimadas exigiam ue se taxasse o preço dos generos, primeira necessiade para o povo. Era destruir o mesmo commercio. A onvenção obedeceu e decretou o maximo, isto é um preço rbitrario acima do qual não se poderia vender pão, carne eixe, sal, vinho, carvão, lenha, sabão, azeite, assucar, rro, coiro, tabaco, estofos. Era apoderar-se de todas as berdades das transacções de commercio, de especulação de trabalho, que não vivem senão de liberdade. Era metter a mão do Estado entre todos os vendedores, compradores, trabalhadores, e proprietarios da republica. Uma tal lei não podia trazer comsigo senão a fuga dos capitaes, a cessação do trabalho, a languidez na circulação, e a ruina de todos. E' a natureza das cousas que faz o preço dos generos de primeira necessidade, não é a lei. Ordenar ao lavrador dar o seu trigo, e ao padeiro dar o seu pão, por preço mais baixo do que lhe custam estes generos, era o mesmo que mandar ao primeiro que não tornasse a semear, e ao segundo que não fabricasse mais pão.

XXVIII. — O maximo deu em resultado uma geral escassez de numerario, de trabalho e de subsistencias. O povo attribuio aos ricos, aos negociantes e contra-revolucionarios as calamidades da natureza. Perseguiu com suas reclamações a contra-revolução até em suas mais impotentes victimas, sepultadas nos carceres do Templo e até nas cinzas dos seus reis enterrados nos jazigos de Saint Deniz.

A Convenção decretou « que se instruisse o processo á rainha Maria Antoinette, que os tumulos reaes de Saint-Deniz fossem demolidos, e as cinzas dos reis varridas do templo onde a superstição da realeza as tinha consagrado. » Estas concessões não fartavam já o povo. Quiz lançar sobre outros inimigos o terror de que elle mesmo se via accommettido. O throno, a igreja, e a nobreza não lhe bastaram nem como victimas, nem como despojos sufficientes. A aristocracia a seus olhos não se decifrava só no nascimento, ou no privilegio, julgaram vel-a no commercio, na propriedade, no mais baixo negocio. Tudo quanto possuia um d'esses artigos cobiçados pela indigencia e pela fome, se lhes tornou suspeito de monopolio, d'egoismo e de crime. Ninguem podia possuir impunemente aquillo que faltava ao povo. Pediu altamente uma camara ardente de propriedade ou o saque. — « Se nos não fazeis justiça dos ricos, » exclamou um orador dos jacobinos nós proprios a « faremos. »

As representações das sociedades dos departamentos reclamaram tambem uma instituição que resumisse a força do povo e regularisasse o seu furor, n'um exercito ambulante, encarregado de executar por toda a parte sua vontade. Era o exercito revolucionario, por outra, um corpo de pretores populares, composto de veteranos da insurrecção insensiveis ás lagrimas, ao sangue, aos supplicios e estendendo por toda a republica o instrumento da morte e do terror.

« Queremos » escrevia a sociedade dos jacobinos de Macon, á sociedade central de Pariz « que um exercito revolucionario se espalhe pelo territorio da republica e arranque todos os germens do faderalismo, do realismo e do fanatismo, que o cobrem ainda. Vós haveis da o o terror para ordem do dia; quem melhor poderá imprimir este terror do que um exercito de trinta mil homens, dividido em muitos corpos acompanhados de um tribunal revolucionario e d'uma guilhotina, e fazendo justiça por onde passar sobre os traidores e conspiradores? « Massas de trabalhadores, indigentes, e mulheres vocifrando: morte ou pão, se juntavam em volta do hotel de ville, ameaçando a Convenção espantada com um novo dia 31 de maio. Hebert e Chaumette animavam estes ajuntamentos.

Robespierre ora se indignava d'estes excessos d'anarchia, que ia aniquillar a revolução, debaixo da mesma revolução; ora fingia comprehendel-os, perdoal-os e até mesmo suscital-os com o fim de os dominar tambem. — « Espanta-se o povo persuadindo-o que a subsistencia lhe vai faltar, » dizia elle nos jacobinos. « Querem no revoltar entre si mesmo; querem-no fazer cair sobre as prisões para degolar os presos, bem seguro, que se acharia assim o meio de deixar escapar os malvados que ahi estão detidos e de fazer perecer o innocente ou o patriota, que o erro ahi podesse conduzir. N'este momento em que vos fallo, me asseguram que o proprio Pache está sendo acommettido por alguns miseraveis, que o injuriam insultam e ameaçam. »

Por estas palavras se descobre o embaraço de Robespierre, cedendo de uma das mãos, para conter com a outra o desvario do povo que o arrastava. Uma segunda

matança nas prisões lhe excitava o mesmo horror que a primeira. Participava de todos os prejuizos das massas contra os agiotas e ricos. Acreditava na possibilidade de nivelar a fortuna publica por leis, que por si mesmo produzissem com a igualdade da justiça divina, o pão e o bem estar proporcionado a cada cidadão. Julgava que um implacavel desenvolvimento da força, era necessario para vencer o rico, e moderar o pobre, abater todas as resistencias, refrear todos os excessos. Não tinha contado como Marat alegremente o numero de cabeças a suprimir pelo ferro, para chegar a este resultado. Desejaria poder prescindir da morte para o complemento da sua obra de regeneração; mas acceitava-a como derradeira necessidade.

XXIX — Robespierre tenta varias vezes, e debalde, refrear estes exigentes avidos de sangue e roubo. Sua popularidade custou a sobreviver á sua resistencia aos excessos. Retirou-se muitas vezes só, e abandonado para a sua habitação. Pache veio uma noite entender-se secretamente com elle sobre os meios de acalmar estas effervescencias. « Acaba-se com a revolução, » disse Robespierre a Pache, « se a abandonarem a esses insensatos! E' preciso que o povo se sinta defendido por instituições terriveis, ou se despedace a si proprio, com a arma com que julga defender-se. A Convenção não tem mais do que um meio de lhe arrancar a espada; é de a empunhar ella mesma; e ferir sem piedade seus inimigos. » Indignou-se contra Chaumette, Hebert, Varlet, Vincent, que fomentavam estes furores da multidão. « Não deixemos, » disse elle a Pache, « estes filhos da revolução brincar com o raio do povo, dirijamol-o nós mesmos, quando não elle nos devorará. » Pache foi todavia á sessão de 5 de setembro para ahi apresentar o pretendido voto de Pariz. Encarregou Chaumette de ler a petição, para deixar ao procurador da communa a responsabilidade de um acto, a que elle mesmo era visivelmente opposto. « Cidadãos, » disse Chaumette, « querem-nos infamar, querem constranger o povo a trocar vergonhosamente a sua soberania por um pedaço de pão. Novos aristocratas, não menos crueis, não menos cobiçosos, não menos insolentes do que os antigos se têem levantado sobre as ruinas do feudalismo. Calculam com atroz sangue frio, quanto lhes produzirá a escassez, um motim, uma mortandade. Aonde está o braço, que voltará nossas armas contra o peito destes traidores? Aonde existe a mão, que deve ferir as cabeças dos criminosos? E' mister que destruais vossos inimigos, ou que elles vos destruam. Lançaram a luva ao povo · e o povo hoje a levanta. A massa do povo vai emfim esmagal-os! E vós ó Montanha para sempre celebre nas paginas da historia, sêde o Sinai dos francezes! Lançai de mistura com os raios os decretos da justiça e da vontade do povo! Montanha santa, tornai-vos n'um volcão, cujas lavas devorem nossos inimigos! Nada de quartel, nada de misericordia para os traidores! Levantemos entre elles e nós, a barreira da eternidade! Nós vos supplicamos em nome do povo de Pariz, reunido hontem na praça communal a formação do exercito revolucionario. Que este seja seguido d'um tribunal incorruptivel e do instrumento de morte, que decepa d'um só golpe as conspirações com a vida dos conspiradores! — Nós temos descoberto, » accrescentou Chaumette, depois do seu discurso, « que aquelles, que cultivam os legumes, se deram as mãos para trazer a fome a Pariz. Lançámos os olhos para os suburbios da capital, temos visto terrenos immensos, jardins, que servem ao luxo, e que nada produzem para o consumo do povo. Pedimos que todos os jardins dos bens nacionaes sejam cultivados. Olhai para o immenso jardim das Tuillerias. As vistas dos republicanos repousarão com mais prazer sobre este dominio da corôa, quando elle produzir alimentos para os cidadãos. Não é mais util fazer com que ali vegetem plantas de que ha mingoa nos hospitaes, que deixar ahi essas estatuas e esse buxo esteril, objectos de luxo e do orgulho dos reis?

XXX — Cada uma das apostrophes de Chaumette foi interrompida pelos applausos da Montanha e das tribunas. As propostas do orador, resumidas em projectos de decretos por Moise Bayle, foram votadas unanimemente. A deputação dos jacobinos, a qual Royer havia na vespora provocado, tomou depois a palavra. « A impunidade alenta nossos inimigos, » disse elle. « O povo se desanima vendo escapar á sua vingança os grandes criminosos. Brissot respira ainda, esse monstro vomitado pela Inglaterra, para perturbar e opprimir a revolução. Que seja julgado e mais os seus cumplices! O povo se indigna igualmente de o ver privilegiado no meio da republica. Que pois os Vergniauds, os Gensonnés e outros malvados, degradados pela sua traição da dignidade de representantes, terão por prisão um palacio, ao mesmo tempo que os pobres *sans culottes* gemem nos carceres, sob o punhal dos federalistas!... E' tempo da igualdade passar a sua foice por cima de todas as cabeças, é tempo d'atterrar todos os conspiradores! Ora pois! legisladores, collocai o terror na ordem do dia! »

A esta palavra, como a uma revelação do furor publico, os applausos aturdem a sala. Conservemo-nos em revolução, pois que a contra-revolução é tramada em toda a parte pelos nossos inimigos. (Sim, sim! se exclama das tribunas. — Sim, sim! responde a Montanha levantando-se), que o ferro corra por todas as cabeças criminosas! Institui um exercito revolucionario, criai um tribunal terrivel, que o siga, acompanhado do instrumento de vingança das leis! Proscrevei todos os nobres, prendei-os até á paz, esta raça sedenta de sangue, não verá daqui em diante correr senão o seu! »

O presidente annunciou, na sua resposta, que a convenção tinha já prevenido os votos do povo e dos Jacobinos, e que os hia cumprir, Drouet exclamou, que havia chegado o dia de serem inflexiveis. « Já que a nossa virtude, » disse elle, « nossa moderação, nossa philosophia do nada nos ha servido, sejamos salteadores para felicidade do povo! — A França, » lhe respondeu Thuriot com gravidade, « não está sedenta de sangue, só o está de justiça. »

XXXI — Barrère, a quem Robespierre havia advertido e preparado desde a vespera, subio á tribuna, em nome da commissão de salvação publica, para revindicar a iniciativa do terror, e a regularisar decretando-a. « Ha já muitos dias, » disse elle, « que os aristocratas meditam um movimento Pois bem! terão esse movimento, mas tel-o-hão contra si! tel-o-hão organisado, regularisado por um exercito revolucionario, que execute em fim este grande projecto, que se deve á communa de Pariz. Demos pára ordem do dia o terror. Os realistas querem sangue! pois terão o dos conspiradores, dos Brissots, e de Maria Antoinete! Não são já vinganças illegaes, são tribunaes extraordinarios, que vão operar. Não ficareis por tanto admirados dos meios, que vos apresentamos, quando souberdes que do fundo de suas prisões, estes scelerados conspiram ainda, e que elles são o ponto de reunião de nossos inimigos. Vós quereis aniquilar a Montanha, pois bem a Montanha vai despedaçar-vos. »

O decreto, que resumia estas palavras foi votado por acclamação nos seguintes termos: « Haverá em Pariz uma força armada de seis mil homens, e de mil e duzentos artilheiros, destinada a comprimir os contra-revolucionarios, a executar por toda a parte as leis revolucionarias, e as medidas de salvação publica decretadas pela convenção nacional. Este exercito se organisará immediatamente. »

Segundo decreto desterrou para vinte legoas de Pariz todos aquelles que tinham pertencido á casa militar do rei, ou de seus irmãos.

Terceiro, ordenou a Brissot, Vergniaud, Gensonné. Claviere, Lebrum e Bandry secretario d'este, que fossem desde logo conduzidos ao tribunal revolucionario.

Quarto, restabeleceu as visitas nocturnas no domicilio dos cidadãos.

Quinto, ordenou a deportação das mulheres publicas para além dos mares, porque corrompiam os costumes e afrouxavam o republicanismo dos moços cidadãos.

Sexto, votou um soldo de dois francos por dia, aos operarios, que deixassem as suas officinas para assistir ás assembléas da sua secção, e de trez francos por dia, aos homens do povo, que fossem membros das commis-

sões extraordinarias revolucionarias. Fixou duas sessões por semana, o domingo e a quinta feira para estes ajuntamentos patrioticos. As sessões deviam começar ás cinco horas e concluir ás dez.

Finalmente, o setimo decreto organisava o tribunal revolucionario. Era a justiça do terror.

Este tribunal, instituido pela vingança no dia seguinte ao 10 d'agosto, tinha até então sido temperado pelas formulas e humanidade dos Girandinos. Por espaço de dois annos, não havia julgado mais de uns cem accusados, e tinha absolvido o maior numero. A installação d'este tribunal d'estado, fez ver, pela sua forma instinctiva, que o povo depositava n'elle todos os poderes, até mesmo a justiça, e que hia assaltar e julgar seus inimigos pelo orgão dos jurados, simples cidadãos escolhidos d'entre a multidão e eleitos por ella. Antes de subir ao tribunal, foram estes jurados apresentados ao povo sobre um tabolado levantado no centro da praça publica. D'ali cada um d'elles dirigio á multidão estas palavras: «Povo! eu sou um cidadão de tal nome, de tal secção, de tal bairro; a minha casa é em tal rua, exerço tal profissão. Emprazo todos os cidadãos aqui presentes a declarar, se teem alguma cousa de que me reprehendam. Antes de julgar os outros, julgai-me.»

XXXII — Apenas se publicou este decreto de organisação do tribunal revolucionario a convenção nomeou os juizes e os jurados. Os juizes eram homens escolhidos pelos jacobinos com exaltação dos principios e inflexibilidade de coração. Os jurados, os homens de um patriotismo cégo e de uma condescendencia voluntaria com a paixão que os empregava. O espirito de partido era toda a sua justiça. Julgavam-se probos não recusando alguma cabeça, e incorruptiveis negando-se a toda a piedade. Sectarios de um principio, a grandeza da causa e o interesse do povo lhes occultavam o crime e não lhes mostravam senão o resultado. Homens incapazes em geral de servir mais nobremente a causa para que queriam cooperar, não podendo prestar á revolução sua intelligencia, prestavam lhe sua consciencia. Elles representavam ahi o mais baixo papel, para ter algum papel grosseiro e material. Constituiam se voluntariamente a machina organisada dos supplicios. Honravam-se com esta abjecção. A morte era necessaria segundo o seu parecer, no drama da revolução. Consentiam de bom grado em desempenhar em tal drama o papel da morte. Homens iguaes apparecem em toda a parte na historia. Assim como se encontra a madeira, o fogo, e ferro para construir o instrumento do supplicio, tambem se acham juizes para condemnar os vencidos, satellites para perseguir as victimas, e algozes para as ferir.

XXXIII. — Eram estes juizes: Hermann, presidente do tribunal de Pas-de-Calais; Sellier, juiz em Pariz; Dumas (de Lons-le-Saulnier) Brulé, Coffinhal, Foucauld, Bravetz (des Hautes-Alpes), Deliége, Sublevras (du Midi), Lefetz (d'Arras), Verteuil, Lanne (de Saint-Pol, em Picardia), Ragmey (du Jura), Massón, Denizot, Harny, homem de letras; David (de Lille), Maire, Trinchard e Leclerc, quasi todos advogados, juristas, homens de lei, subalternos exercitados pelo habito dos tribunaes ás chicanas, que endurecem o coração, e ás formas, que suprimem a consciencia. Os jurados eram cidadãos de Pariz, ou dos departamentos, saidos das condições inferiores e dos officios manuaes da população; homens, que não tinham mais luzes do que o seu instincto, e mais titulos que a sua adhesão. Tinham-nos escolhido cégos, para os conservar obedientes. A excepção d'Antonelle, antigo nome da aristocracia do Meiodia, e a quem suas relações com Mirabeau haviam illustrado, não se acha, procurando a lista destes sessenta jurados, nome algum que escape por seu proprio explendor ao esquecimento. A virtude e a gloria brilham nas revoluções muitas vezes sobre o cadafalso, mas ao lado, nunca.

A convenção nomeou depois Ronsin general do exercito revolucionario. Depois da carnificina de Meaux, a que Ronsin tinha assistido, o seu nome possuia um prestigio de terror e uma mancha de sangue. Ronsin protegido de Danton e amigo de Chaumette e d'Hebert, tinha adquirido todos os seus gráos nas insurreições de Pariz. Apaixonado pela gloria, que ao principio sonhára nas letras, tinha-a buscado depois no mais profundo da demagogia. Tinha deposto a penna e lançado mão da espada. Com o uniforme de general popular e o exterior de um chefe de partido, nutria sonhos e calculos ambiciosos; lia a historia, mas enganava-se com o tempo. Cria que a revolução teria um Cromwell: quiz imital-o. O papel de Henriot no dia 31 de maio tentava-o. Esperava sugeitar um dia a convenção com a arma que então lhe offerecia. Recrutou o exercito revolucionario de tudo quanto Pariz tinha de homens de desordem, de pilhagem, e de sangue. «Que quereis vós!» respondeu áquelles, que o censuravam de haver encorporado todas as indisciplinas, todos os vicios e todos os crimes da capital; «conheço como vós, que é um bando de salteadores, mas procurai-me gente honrada, que se queira dedicar ao officio a que os destino.»

Organisado o exercito, composto o tribunal, restava designar e entregar-lhe legalmente os culpados. Uma grande lei de accusação, universal como a republica, arbitraria como a dictadura, vaga como a suspeita, era, segundo a Montanha, necessaria á omnipotencia da convenção. Era preciso dar uma arma aos delatores. As desconfianças e as coleras do povo não tinham esperado por esta lei. Depois de muitos mezes as commissões revolucionarias de Pariz e das municipalidades dos departamentos, tinham prendido com o nome de suspeitos os homens presumidos inimigos da revolução. Aquelles a quem não podiam imputar algum crime, tinham como tal a suspeita, que os considerava culpados. Era o direito de proscrever, entregue á arbitrariedade.

Os jacobinos reclamavam em altas vozes uma medida geral contra estes homens duvidosos, que sem serem convencidos de algum delicto, inquietavam todavia a republica. Entre os innocentes e os culpados queriam elles crear uma cathegoria de cidadãos, que fossem até á paz e ao triumpho, refens e garantes da revolução. A lei os incommodava durante o combate. Queriam pôr, em virtude uma lei superior, uma parte da França fóra da lei. A commissão de salvação publica o queria tambem, não sómente para ter a espada suspensa sobre todas as cabeças, mas igualmente para subtrahir ao povo o direito de prender e ferir ao acaso, e encarregar-se ella só de servir ás suspeitas e as vinganças de todos. Danton, e Robespierre queriam que os furores e as injustiças mesmo do povo fossem governadas.

XXXIV. — Merlin de Douai apresentou nesta intenção a 17 de setembro, um projecto de decreto, cujas malhas tecidas e apertadas por um legista habil, abraçassem toda a França n'uma rêde de suspeita legal, e nada se deixasse de seguro á innocencia, nada de inviolavel á delação. Merlin de Douai era um destes jurisconsultos eruditos, que sem partilhar a fundo os desvios, e os furores das paixões nos tempos de tempestade, põem o sangue frio e a sciencia ao serviço do homem de lei e da idéa reinante. Hoje impassiveis jurisconsultos da republica, ámanhã jurisconsultos moderados da monarchia. Ainda que estes homens prestem a fórma legal aos excessos dos partidos, que involuntariamente servem, tanto pela sua authoridade como pelo seu nome, seria injusto accusar sua unica memoria só pelo uso que o crime tem feito de sua legislação. Tem elles isso mesmo por escusa á sua fatal condescendencia, que enganam, mesmo obedecendo-lhe, as paixões extremas daquelles que as empregam, e que reservam alguma liberdade nas revoluções, e reservam alguma liberdade nas contra-revoluções. As intenções secretas de Merlin, apresentando á lei dos suspeitos, diz-se que era tanto abrigar as victimas contra as degolações do povo, como entregar os culpados ao tribunal revolucionario. O tempo era tal que abertos todos os carceres em massa aos suspeitos, lhe parecia o unico asylo contra os assassinios.

O decreto de Merlin, composto de setenta e quatro incriminações novas, e successivamente revestido de todas as suspeitas sonhadas pela desconfiada imaginação dos delatores, se volveu no arsenal mais completo de

arbitrariedades, que jámais algum jurisconsulto entregou nas mãos de um poder.

Dizia o artigo primeiro: «Immediatamente depois da publicação do presente decreto, todas as pessoas suspeitas, que se encontrarem no territorio da republica, e existem ainda em liberdade serão clausuradas;

«São reputados suspeitos aquelles, que pelo seu procedimento, escriptos, ou palavras, se teem mostrado partidistas da tyrannia e do federalismo, e inimigos da liberdade;

«Aquelles, que não poderem justificar seus meios d'existencia e do cumprimento de seus deveres civicos;

«Aquelles a quem se tenham recusado attestados de civismo;

«Aquelles, n'outro tempo nobres, pais, mãis, filhos e filhas, irmãos e irmãs, maridos e mulheres, agentes de emigrados, que não tiverem constantemente manifestado o seu affecto á revolução....»

— «Suspeitos,» accrescentava Barrère, commentando as cathegorias, «os nobres! Suspeitos, os homens de côrte, os homens de lei! Suspeitos, os padres! Suspeitos os banqueiros, os estrangeiros, os agiotas! Suspeitos os queixosos de tudo quanto faz a revolução! Suspeitos os que se affligem pelos nossos triumphos.»

Um ultimo artigo emfim, supprindo a todas as omissões, que podiam ter escapado ao legislador, estendia a pena até aquelles que fossem declarados puros, e authorisava os tribunaes criminaes para fazer prender os accusados de quem houvessem reconhecido a innocencia e pronunciado a absolvição.

XXXV. — As prisões não sendo sufficientes para conter a immensa população dos presos, que esta lei arrancava de suas moradas, converteram-se em cadeias as casas nacionaes, os predios confiscados, as igrejas e conventos. A pena de morte, multiplicada em proporção desta multiplicidade de crimes, veio de hora em hora e de decreto em decreto, armar os juizes do direito de dizimar os suspeitos. Recusavam-se a marchar em pessoa á fronteira, ou entregar-se as armas aos que marchavam? á morte! Dava-se asylo a um emigrado ou a um fugitivo? á morte! Mandava-se dinheiro a um filho ou a um amigo, que estava além das fronteiras? á morte! Entretinha-se uma correspondencia ainda mesmo innocente com um desterrado, ou recebia-se delle alguma carta? á morte! Deixavam-se de denunciar os conspiradores, os individuos fóra da lei, ou aquelles que se sabia haverem-nos temido? á morte! Ajudavam-se os presos a communicar por escripto ou verbalmente com seus parentes? á morte! Depreciava-se o valor dos assignados? á morte! Comprava se por dinheiro? á morte! Duas testimunhas depunham que um padre, um nobre, um proletario tinha tomado parte n'um motim contra-revolucionario? á morte! Emfim quebravam-se os ferros e procurava-se evitar a morte pela fuga? á morte igualmente para punir até o instincto da vida! A mesma morte foi em pouco tempo imposta aos juizes. Um decreto, passados alguns dias depois, ordena a destituição, a clausura e o julgamento das commissões revolucionarias, que houvessem deixado em liberdade um só suspeito!

XXXVI. — Assim: uma lei, que não reconhecia innocente algum entre aquelles, que queriam infalivelmente considerar culpados; a opinião reputada crime; a suspeita convertida em prova; a delação erigida em dever; um tribunal revolucionario para applicar este codigo, ao signal da commissão de salvação publica, um exercito revolucionario para conter Pariz e conduzir em massa os suspeitos ás prisões e os accusados ao tribunal; o instrumento do supplicio levantado em todas as cidades principaes, e garante pelas secundarias; finalmente commissarios da convenção, designados pela commissão de salvação publica, repartidos pelas provincias, e exercitos para vigiar em toda a parte, accelerar, ou moderar o jogo terrivel da dictadura; a convenção deliberando e obrando no centro, presente em todo o logar pelos seus representantes em commissão, entretendo com elles uma incessante correspondencia, inspirando-os, estimulando-os, punindo-os, chamando-os, tornando a envial-os retemperados pela energia revolucionaria, de que ella mesma estava incendiada; tal foi o mecanismo terrivel da dictadura, que succedeu ás hesitações e aos embaraços do governo depois da queda dos Girondinos, e que se chamou *terror*. Irresistivel e atroz como a desesperação d'uma revolução, que se sente abortar, e d'uma nação, que se sente morrer, esta dictadura fez ao mesmo tempo tremer d'espanto e palpitar de horror. Não se póde julgar este governo de extremidade, segundo as regras ordinarias dos governos. Elle mesmo forjou o nome de governo revolucionario, que quer dizer subversão, combate, tyrania. A convenção considerou-se como a guarnição da França, encerrada em uma nação em estado de sitio. Resolvida a salvar a revolução da patria, ou a sepultar-se primeiro debaixo de suas ruinas, suspendeu todas as leis ante a unica lei do perigo commum. Creou a denominação de salvação publica contra si mesma, e contra seus inimigos, ou antes creou um mecanismo revolucionario sahido della, e acima della mesmo; dedicando-se assim voluntariamente a ser dominada, escravisada e dezimada pela mesma tyrannia, que havia construido.

A Convenção não fez isto só por aquella exaltação brutal, que arrasta os homens a não reconhecer do justo e do legal senão a paixão que os fanatiza por uma idéa, ou o furor que os transporta contra seus inimigos; fel-o tambem por politica. Achava-se em presença de um duplicado perigo, que se não dissimulava: a anarchia, a guerra civil e a guerra estrangeira. Conhecia que em breve seria o ludibrio dos caprichos da communa, e dos movimentos sediciosos da populaça de Pariz, agitada pela turbulencia de demagogos subalternos, se não tirasse das mãos destes mesmos demagogos a arma do terror, que hoje lhe offereciam e que amanhã suspenderia sobre suas proprias cabeças. Nem Danton, nem Robespierre, nem seus collegas esclarecidos queriam entregar a Convenção á mercê e á irrisão do primeiro faccioso da communa que viesse dictar-lhe ordens como em 10 de março ou 31 de maio. Quanto mais estes homens tinham tocado de perto a sedição, em quanto ella servia seus principios ou sua fortuna, tanto mais conheciam a sua demencia, e mais receiavam seus impetos no tempo em que queriam firmar a republica. Não era uma populaça turbulenta e desenfreada pelas ruas o que sonhava Robespierre; era o reinado tranquillo e regular do povo personificado por seus representantes. Não era a agitação permanente de uma capital, que queria Danton, era o governo forte e irresistivel de uma republica nacional. Nem um nem outro viam a nação na communa. Sentiram ambos que a revolução, concentrada em Pariz e retalhada pelas facções da praça publ ca, expiraria logo soffocada no seu proprio berço. Queriam fazer respeitar a representação nacional. Queriam dominar, com ajuda de um terror legal, o terror popular, que tinha feito tantas vezes tremer a representação. Era-lhe mister o terror revolucionario para intimidar e reprimir a revolução. Era-lhe mister para impellir as massas ás fronteiras, contra Lyon, contra Marseille, contra Toulon e contra a Vendée; para impor aos exercitos a disciplina, aos generaes a victoria, á Europa o espanto, a todos, o prestigio sinistro da Convenção; e para arrancar pelo medo á nação estes esforços sobrenaturaes d'impostos, armamentos, levas em massa, que não se poderiam esperar do patriotismo desanimado. O *terror* foi pois por Danton e Robespierre menos inventado contra os inimigos da republica, que contra os excessos e anarchias da mesma revolução.

No momento em que a Convenção o organisou, o realismo e a aristocracia, emigrados ou anniquilados não inquietavam ninguem. O terror não podia chegar nem aos emigrados nem aos Vendeanos em armas. Pelo contrario só podia animal-os mais, e tornal-os irreconciliaveis com uma republica que não lhes promettia senão o cadafalso. Os emigrados e os Vendeanos serviam de pretexto; os anarchistas foram o alvo. O cadafalso, que podiam a grandes gritos foi levantado principalmente contra elles.

XXXVII. — Mais ainda, o *terror* não foi, como se

pensa um livro o cruel calculo de alguns homens, deliberando a sangue frio um systema de governo. Não nasceu de um só furor nem de um só dia. Nasceu pouco a pouco das circumstancias, da tendencia das cousas e dos homens collocados uns em frente d'outros nas impossibilidades de situação, ás quaes seu genio insufficiente não achando sahida, julgavam não poder escapar senão pela espada e pela morte. Nasceu principalmente d'essa rivalidade fatal d'ambição, de popularidade, d'esse lanço de penhores patrioticos, que cada homem e cada partido, censurava ao homem e ao partido rival, não dar insufficientemente á revolução: Barnave a Mirabeau: Brissot a Barnave; Robespierre a Brissot; Danton a Robespierre; Marat a Danton; Hebert a Marat; todos aos girondinos. De forma que para justificar seu patriotismo, cada homem ou cada partido, precisava exagerar as provas, exagerando as medidas, suspeitas, excessos e crimes; até que d'esta pressão commum, que todos estes homens e partidos exerciam uns sobre os outros, resultasse uma emulação geral, metade fingida, metade sincera, que os apanhasse e envolvesse a todos no terror mutuo, que se communicavam e que arremeçavam sobre seus inimigos, para o affastar de si.

XXXVIII. — Accrescente-se no mesmo povo a agitação convulsiva de uma revolução de tres annos; o terror de perder uma conquista da qual elle tanto mais conhecia o preço, quanto fora recente e disputada; a febre incessante que as tribunas, os jornaes, os clubs, inspiravam todos os dias á multidão; a cessação de trabalho para os operarios; as prespectivas da lei agraria e de saque geral do solo pelas classes esfomeadas de propriedade; o patriotismo desesperado, a traição dos generaes, as fronteiras envolvidas, os Vendeanos hasteando o destruido estandarte da realesa e da religião, a desapparição do numerario, a falta de subsistencias; a fome; o pannico; o habito do assassinio dado á populaça de Pariz, pelos dias 14 de julho, 6 d'outubro, 10 d'agosto e 2 de setembro; o espectaculo do cadafalso, que acostumou os olhos aos supplicios; emfim essa ardente raiva d'exterminação, que se occulta como um gosto depravado, nos instinctos da multidão, que se revela nas commoções, e que anhela a fartar-se de sangue quando se lhe ha deixado aspirar o cheiro: taes eram os elementos, que concorreram para produsir o *terror*. Calculo entre uns, arrastamento entre outros, fraqueza n'estes, concessão n'aquelles, medo e furor no maior numero; epidemia moral espalhada nos ares longo tempo corruptos e á qual as almas predispostas, não se subtrahem menos do que os corpos morbidos á enfermidade reinante; accesso de febre, que se apodera ao mesmo tempo de um povo inteiro, e que sobreexcita até ao transporte, a cabeça e o braço de uma população delirante; contagio para o qual todos concorrem com seu miasma e sua cumplicidade, se bem que ninguem seja exclusivamente culpado, o *terror* nasceu de si mesmo e acabou como havia nascido, quando a tensão geral das cousas afrouxou, sem ter a consciencia do seu fim assim como não tivera a consciencia do seu principio. Assim procedem as cousas humanas, ás quaes a nossa enfermidade se compraz em procurar uma só causa quando ellas são o resultado de mil causas complexas e oppostas, e a que se dá o nome de um só homem, quando não devem ter senão o nome do tempo!

XXXIX. — A Convenção poderia acaso affastar de si a necessidade de um governo arbitrario, dictatorial, armado d'uma intimidação potente, nas circumstancias em que se achava a republica? Qualquer que seja a resposta, que a si mesmo se dê, o philosopho ou o homem de lei, o homem d'Estado não póde hesitar. Sem um governo concentrado e excepcional, a revolução perecia inevitavelmente, sob a anarchia do interior, e sob a contra-revolução no exterior.

A coaligação dos reis cingia a França e a soffocava, com setecentos mil homens. Os emigrados marchavam á testa dos estrangeiros, fraternisavam já em Valenciennes, e no Condé conquistado, com o realismo. A Vendée sublevava o solo inteiro do Occidente, e atava com uma das suas mãos a insurreição religiosa á insurreição da Normandia, e com a outra á insurreição do Meio-dia. Marseille arvorava a bandeira do federalismo, apenas abatido em Pariz. Toulon e a esquadra tramavam a sua deserção e abriam a sua enseada e arsenaes aos Inglezes. Lyon, declarando-se municipalidade soberana, prendia os representantes do povo e levantava a guilhotina contra os partidarios da Convenção.

A communa de Pariz, altiva pelo seu ultimo triumpho, affectava em face da representação nacional a moderação da força; mas conservava uma attitude, que mais parecia ameaça do que respeito. Pache, Hebert, Chaumette, Ronsin, Vincent, Leclerc, Jacques Roux, os amigos e seguidores de Marat, e os franciscanos, (*cordeliers*), não tinham licenciado os sediciosos de 31 de maio, e declamavam audaciosamente contra a somnolencia de Danton, contra a fraquesa de Robespierre, contra as lentidões da commissão de salvação publica. Orgulhosos de ter disimado já a Convenção, annunciavam em voz alta o projecto de a disimar ainda. Pediam-lhe imperiosamente contra os costumes, contra o culto, contra a propriedade, contra o commercio, medidas que a Convenção não podia conceber sem derribar inteiramente todos os elementos da ordem social. Os clubs, as commissões revolucionarias, as assembléas das sessões, a praça publica, os faubourgs, os jornalistas, serviam de echo a estas doutrinas, e offereciam seu braço para vergarem a representação escravisada. O povo não fallava senão em fazer justiça a si mesmo, e renovar ultrapassando, os assassinios de setembro. De que modo, um corpo politico lançado no meio desta tempestade, e não podendo nem negociar com a Europa, nem pacificar as insurreições do interior, nem defender-se a si mesmo em Pariz pela força das leis, quebradas nas suas mãos, poderia manter-se e salvar com sigo a republica e a patria, pela singela e abstracta força de uma constituição, que não existia, e sem se rodear do prestigio da omnipotencia e do apparato ameaçador da força, e da repressão contra seus amigos e inimigos?

XL. — A dictadura da Convenção não era inteiramente uma usurpação, porque a Convenção era a mesma revolução concentrada em Pariz, e a revolução era a França. A França e a revolução não tinham neste momento outro governo nacional senão na Convenção. A Convenção tinha pois segundo seus principios, todos os direitos da revolução de França. O primeiro d'estes direitos era salvar e sobreviver. A unica lei n'um tal momento era um *fóra da lei* universal, que intimidasse todas as conjurações que abatesse todas as resistencias, esmagasse todas as facções, e se apoderasse, á força de promptidão e pasmo, d'um poder, que faltava a todos e a tudo, e sem o qual tudo parecia d'uma vez. Este poder, Robespierre, Danton e a Montanha tiveram o arrojo de o buscar mesmo no fundo da anarchia. A Convenção teve a energia e a desgraça de se associar á sua empreza e d'assumir sobre si uma eterna responsabilidade. Forjando a dictadura, julgou forjar uma arma defensiva, indisputavel no seu pensamento, á salvação da liberdade; mas a arma da tyrannia é mui pezada para o braço dos homens. Em vez de ameaçar com escolha e medida, feriu ao acaso sem justiça nem piedade. A arma cortou a mão. Eisahi o crime; e é esse crime, o que a liberdade ainda hoje expia.

Ella raciocinava assim: «as idéas têem o direito de emitar-se; as verdades têem direito de combater-se, as revoluções que resumem estas idéas e estas verdades têem o direito de se defender e triumphar. A Convenção representa ella a revolução? Sim. — Tem ella o direito de a salvar? Sim. A salvação da idéa e da verdade revolucionaria exige uma dictadura da Assembléa nacional tão legitima e tão omnipotente, como a mesma nação? Sim. — A vontade nacional soberana é ella a lei do momento? Sim — As circunstancias exigem com pena de morte que esta lei seja eficaz contra todas as facções, imponente, irresisivel e por conseguinte excepcional? Sim. — O governo fortemente unitario da Convenção era pois inevitavel no momento em que elle foi criado.

Fazer leis temporarias, severas, imparciaes, applicar penas, é o direito de toda a dictadura, proscrever

e matar contra todas as leis e contra toda a justiça, innundar de sangue os cadafalsos, entregar, não accusados aos tribunaes mas victimas aos algozes; ordenar julgamentos em logar de os esperar, dar aos cidadãos por juizes os seus inimigos, lançar aos assassinos os despojos dos suppliciados, encarcerar e immolar por simples suspeitas, traduzir em crimes os sentimentos da natureza, confundir as idades, os sexos, os velhos, as crianças, mulheres, mãias e filhos nos crimes de seus pais, dos maridos dos irmãos, isto já não é a dictadura, é proscripção. Ora tal foi o duplo caracter do terror. Por uma parte a Convenção ficará monumental sobre a brecha da patria salva e da revolução defendida; por outra, a sua memoria será manchada do sangue, que a historia revolverá eternamente, sem nunca mais o poder apagar de cima do seu nome.

LIVRO XLVI.

I. — O general Custine, foi uma das grandes primeiras victimas do terror. Fôra seu crime o fazer a guerra com arte. Os Montanhezes queriam uma guerra a toda a brida e a marche-marche. Era-lhes mister generaes plebeus para dirigir as massas plebeas, e generaes ignorantes para inventarem a guerra moderna.

Já se disse, como Custine foi arrebatado do meio do seu exercito, do qual era adorado, pelo commissario da Convenção Levasseur que chegara a Pariz para responder pela sua inacção. Cercava-o ainda a grande popularidade que adquirira nas suas primeiras invasões no coração da Allemanha, e pela tomada de Moguncia. Os officiaes o admiravam, os soldados o amavam. Uma especie de galanteio soldadesco, occultando a adulação sob a rudeza, uma severidade de disciplina, que sabia adoçar e ceder a proposito, uma eloquencia natural, costumes ao mesmo tempo livres e marciaes, uma grande fortuna despendida generosamente nos campos de batalha, aristocracia d'um nome de que a mesma democracia tolerava o prestigio, opiniões, que se suppunham favoraveis aos Girondinos, em fim o favor reservado dos realistas, que lhe suppunham algumas tendencias para a monarchia, tudo concorria para attrahir a Custine o interesse, que inspira a gloria, a esperança e a perseguição. A sua presença em Pariz reanimou todos estes sentimentos. O enthusiasmo e applausos, que a sua apparição excitou nos logares publicos, passeios, e theatros, fizeram temer á Convenção que, chamando a Pariz um accuzado, não tivesse chamado um amo, e que o papel de Cromwel tentasse ao general obediente. Deu-se pressa em prendêl-o, e entregal-o aos juizes. Não era porque tivesse chegado o momento de querer apoderar-se da influencia que outra popularidade, não a sua, podia exercer no exercito, e remover um ascendente com que mais tarde deveria contar. O crime de Custine era só o parecer necessario. Não se queriam homens necessarios, queria-se sómente que a patria fosse unica, e tudo.

Reconhecia-se no que dizia respeito ao exercito, dois partidos na Convenção, e na commissão de salvação publica; erão os partidos de Danton e de Robespierre. Danton e os seus, Fabre d'Eglantine, Legendre, Chabot, Drouet, Camille Desmoulins, Bazire, Alquier, Merlin de Thionville, Merlin de Douai, Delmas, haviam sempre conservado com os generaes da republica intelligencias, que attestavam nestes convencionaes tenções reservadas de uma intervenção militar, cujos instrumentos acareciavam de longe. Tractavam de attrahir o favor dos exercitos; entretinham correspondencias e amizades com os chefes; visitavam os acampamentos, participavam, segundo se dizia, dos despojos; eram os patronos dos generaes nas repartições do ministerio da guerra; entabolavam amizades até com aquelles, cujos nomes illustres e republicanismo duvidoso, tornava sua frequencia suspeita aos jacobinos. Camille Desmoulins acabava recentemente de desafiar a colera dos patriotas declarando-se amigo de Dillon, que elle queria elevar ao commando do exercito do Norte, e lacerando com invectivas os accusadores d'este general. Este escriptor estouvado, accusara a commissão de salvação publica, de desorganisar os exercitos tocando com mãos ineptas nos planos dos generaes. A Montanha indignada não perdoou a Camille Desmoulins senão por piedade para com a leviandade de seu caracter. Elle mesmo confessava que os Montanhezes o tinham fulminado com aquelle olhar inquieto e furioso, com que os cavalleiros romanos encararam Cezar ao sair do senado, suspeito de cumplicidade na conjuração de Catilina.

As cousas se tornavam cada vez mais agras depois da fugida de Dumouriez. Tudo parecia traição. Dillon e Miranda estavam presos. Os amigos de Danton e o mesmo Legendre diziam ser mister abandonar algumas cabeças de generaes. Robespierre, que apenas seguia o instincto de sua natureza, obedecendo ao seu caracter desconfiado, promovia o processo de Custine, e abatia todos os chefes militares sobre quem o exercito dirigia mais os olhos do que sobre a patria Seu alvo era a liberdade; não queria exercito senão para a defender no berço. A unica força do povo devia ser na opinião delle, sómente o mesmo povo. O exercito instrumento de gloria, tinha sempre sido mudado na historia em instrumento de tyrannia. O exercito a seus olhos não era mais do que a arma dos reis. A victoria dava aos generaes a popularidade do campo: a popularidade dos campos dava-lhes a impaciencia do jugo civil. De general omnipotente, volver a cidadão obediente, lhe parecia um esforço superior á virtude humana. Não queria que o exercito se habituasse a admirar um chefe e que o povo se deixasse corromper pela gloria. Desde o tempo da assembléa legislativa, visto fora sósinho oppor-se á guerra pedida pelos Jacobinos. De longe tinha previsto as traições ou as dictaduras, mais fataes ás revoluções do que as anarchias. Preserverava no seu pensamento. Luckner, la Fayette, Dumouriez, Custine, Dillon, e Biron, nunca obtiveram delle graça. As victorias o tinhão sempre achado mais indifferente, ou magoado, do que as derrotas; porque antevia mais perigo na celebridade de um general feliz do que na perda de uma batalha. Amante exclusivo, até á crueldade, da idéa democratica, zelava-a a ponto de lhe sacrificar o patriotismo.

II. — Custine appareceu perante o tribunal, escoltado das recordações de seus triumphos, e sustentado pela presença de sua nóra, cuja belleza, graça, espirito, seducção, e lagrimas enterneciam o rigor das almas. Esta moça senhora havia esposado o unico filho de Custine, o qual já se achava em prisão. Não saia do carcere de seu marido, senão para consolar seu sogro na prisão e acompanhal-o ao tribunal. Custine durante a sua elevação só tinha sido para com ella um censor exigente e austéro. O infortunio tudo fez esquecer á senhora de Custine. Dedicava-se ao livramento e consolação do homem, cuja dureza tinha tido muitas vezes que deplorar. Queria provar a seu marido todo o amor que lhe consagrava restituindo-lhe seu pai. Sollicitava os juizes os jurados e os membros das commissões Apparecia no tribunal ao lado de Custine, como a innocencia que dissipa as suspeitas. Custine não tivera mais que as fraquezas e inconsequencias do seu orgulho. Havia trahido as esperanças da republica, mas nem trahira nem vendera a patria. O sentimento de sua innocencia, a necessidade, que o exercito tinha de seus talentos, o faziam altivo e tranquillo em presença de seus accusadores. A superioridade dos seus conhecimentos militares sobre os das testimunhas, que o culpavam, a firmeza de sua memoria, a promptidão e clareza de suas respostas, o enthusiasmo do seu patriotismo finalmente aquella eloquencia marcial, cujo dom natural os acampamentos n'elle tinham desenvolvido, davam ás sessões do tribunal revolucionario o attractivo e solemnidade de uma tragedia. Era a primeira grande ingratidão da republica.

III. — Fouquier-Tinville, o accusador publico, bocca de ferro do terror, indifferente á verdade ou á calumnia, leu uma extensa e confusa accusação, na qual todos os actos militares de Custine, principalmente suas retiradas e a evacuação de Moguncia, eram convertidos em actos de traição. Muitas testimunhas deposeram. Eram

uns, delatores que percorriam os acampamentos para tomar conhecimento dos boatos vagos e descontentamento pessoal das tropas; outros eram demagogos allemães de Moguncia ou de Liege, que criminavam o general francez por ter desprezado seus conselhos e moderado seus excessos. Finalmente outros eram os representantes do povo em commissão junto aos exercitos taes como Montaut, Lequino, Leonard-Bourdon, Merlin de Thionville, Couturier e Hentz. Estes foram os mais reservados em seus depoimentos: fallaram de Custine como homens, que haviam algumas vezes desapprovado o seu procedimento, porém que tinham o sentimento da sua innocencia e respeitavam sua desgraça. Nem um só pronunciou a palavra traição.

Custine discutiu os differentes capitulos de accusação, desmentiu as testimunhas, justificou os factos, circumstancias, datas e destruio todas as inculpações com um sangue frio, lucidez e força, que engrandeceram com justiça a fama de seu talento naquelle campo de batalha em que disputava a sua honra e a sua vida. Nenhuma prova se produziu. Não ficou suspeita por tanto senão na alma d'aquelles que a quizeram conservar. O patriotismo indignado do general, teve rasgos de grandeza e sinceridade, que confundiam a ingratidão da sua patria.

IV. — Tendo Levasseur de la Sarthe dito ao tribunal que havia notado no proceder de Custine os mesmos symptomas de traição que carecterizam as acções de Dumouriez para abandonar seus proprios soldados á mercê do inimigo: «Eu!» exclamou Custine elevando os braços ao céo e por unica resposta, «eu! ter meditado fazer immolar meus bravos irmãos de armas!» Algumas lagrimas se despenderam de seus olhos, e foram a sua unica refutação.

Todavia a impaciencia dos jacobinos reprehendia a lentidão do tribunal. A convicção da innocencia, o enternecimento, ou admiração ganhava todos os corações. Os jurados vacilavam entre a consciencia e a opinião. Custine terminou os debates com um discurso, que durou duas horas, onde a clareza da justificação, dignidade de sentimentos, o pathetico varonil e laconico do homem de guerra e a eloquencia revolucionaria do consumado patriota não deixaram algum dos innumeraveis espectadores sem se penetrar de commoção, e de respeito. Todos acreditavam e elle tambem na sua soltura. Sua nóra vertia lagrimas de alegria. Os jurados por uma inesperada maioria, declararam a culpabilidade. O tribunal pronunciou a pena: era a morte.

Era noite. O general conduzido entre alas de gendarmes entrou na salla para ouvir a sua sentença. A anxiedade da duvida lhe empallidecia o rosto. Passeava suas vistas incertas por sobre os concorrentes, como para ler nos rostos a sua sorte. Porém mesmo a multidão nada sabia. As luzes, que pela primeira vez alumiavam o pretorio depois da abertura do processo, annunciavam a Custine que a deliberação dos jurados tinha sido longa, e que sua cabeça fora disputada por poucos votos. O auditorio palpitante, a attitude consternada dos juizes, lhe deram pela primeira vez o presentimento do supplicio. Sentou-se fitando os olhos no presidente. Coffinhal leu a declaração do jury e lhe perguntou, segundo o costume, se tinha que reclamar contra a pena de morte, que o accusador publico intimava aos juizes de pronunciar contra elle.

A alma de Custine pareceu transtornada menos pelo terror da morte do que pela surpreza da injustiça. Olhou em torno de si, como para procurar seus defensores e implorar uma ultima voz em seu favor. Tinham se retirado. Não os vendo pois, Custine se voltou para o tribunal com um gesto de abandono de si mesmo. «Já não tenho um só defensor,» exclamou; «todos se desvaneceram. A minha consciencia nada me exprobra. Morro tranquillo e innocente.»

V. — Retiraram da salla sua nora desmaiada. Os espectadores, ou se callavam ou soluçavam. No exterior retumbavam os applausos entre o povo. Custine entrou para o cartorio da Conciergerie, salla d'espera entre a vida e a morte. Ahi cahiu de joelhos occultando o rosto nas mãos; e assim prostrado se conservou duas horas, abysmado em suas reflexões e sem proferir uma só palavra. Talvez avaliava secretamente quanto havia sacrificado de sua classe, sangue e dever para com o throno, e de sua fé christã á revolução, contra a recompensa, que n'este instante, d'ella recebia. Ao levantar-se pediu um sacerdote e passou o resto da noite com o ministro de Deus. O seu fim desmentiu sua vida. Pedia a fortaleza de morrer a essa religião contra quem combatera á testa dos soldados da republica. Assim se confessou vencido pelas doutrinas de que se havia declarado inimigo. N'estes ultimos momentos nada guardou d'aquelle decoro da morte do soldado, que arrostara tão repetidas vezes no campo de batalha. O homem e o pai foi sómente que se mostraram: o guerreiro desappareceu! Escreveu uma tocante carta a seu filho recommendando-lhe o zelo de sua memoria nos dias serenos da republica, e a rehabilitação de sua innocencia no coração do povo, quando o tempo desvanecesse as suspeitas. Subiu á carroça com as mãos ligadas. Um casacão de panno azul, no qual se viam algumas cores e galões de uniforme, era a unica cousa que revelava a dignidade, divisa de general no traje de condemnado. Com fervor beijava um crucifixo, que o confessor sentado a seu lado lhe apresentava aos labios. Seus olhos lacrimosos se dirigiam alternadamente, da multidão para o céo, como se reprehendesse áquelle povo a inconstancia, e pedisse a Deus justiça. Apeando-se do carro ao pé do patibulo, caiu outra vez de joelhos no primeiro degráo da escada. Sua oração, que ninguem ousou interromper, pareceu augmentar-lhe o fervor e se prolongou bastante. Subiu em fim com passos firmes; e contemplando algum tempo o cutelo, como se encarasse a baioneta da patria, entregou-se ás mãos do algoz e morreu. Esta morte fez entrar todos os pensamentos de traição no coração dos generaes, todas as insubordinações do dever; fez cair em frente do exercito assombrado a cabeça do chefe mais popular. Mostrou-lhe que não tinha outro chefe senão a Convenção. Deu aos representantes do povo nas fronteiras um caracter de inflexibilidade, que ordenou a obediencia e o heroismo pelo terror. O partido militar emigrado com la Fayette, transfuga com Dumouriez, decapitado com Custine, envergonhado e silencioso com Danton, foi completamente anniquillado por este supplicio, e não se atreveu mais a lutar contra Robespierre volvido symbolo do povo e a unica cabeça dominante da republica.

VI. — Em sessenta dias, noventa e oito execuções ensanguentaram o cadafalso. Uma vez entregue ás mãos do povo, a secure do terror, não havia força, que lha arrancasse. A implacavel e covarde vingança pedia incessantemente a cabeça de Maria Antoniette. A cega impopularidade desta desgraçada princeza, tinha sobrevivido mesmo á sua queda e desapparição. Nos discursos do povo endurecido, ella era a contra-revolução agrilhoada, porém a contra-revolução ainda viva. O povo immolando Luiz XVI bem conhecia que não tinha immolado mais do que a mão. A alma das cortes existia para os inimigos da realeza em Maria Antoniette. A seus olhos Luiz XVI era o simulacro do absolutismo, sua esposa era o crime. Havia já alguns dias que no conselho da communa retumbavam significativas accusações contra os delegados do mesmo conselho, que testimunhavam aos presos do Templo algumas attenções ou piedade. A insolencia e o ultrage lhes eram impostos como uma virtude de suas opiniões. As exhumações dos sepulcros do Saint-Diniz ordenadas pela Convenção segundo os mandados expressos da communa, iam despersar até as cinzas dos reis. Como poupar as pessoas reaes, que ainda respiravam no centro de Pariz? Parecia aos implacaveis jacobinos que a atmosfera da republica só ficaria tranquilla e purificada com este sangue, que lhes era odioso. A commissão de salvação publica ordenou a Fouquier Tinville adiantasse o processo.

VII — Nenhum membro da commissão considerava a rainha innocente de odio contra a republica, nenhum a julgava perigosa á revolução; alguns coravam pela necessidade de entregar esta victima. O mesmo Robes-

pierre, que tanto se pronunciára contra o rei, quizera salvar a rainha. « São bem crueis as revoluções, » dizia elle naquella epocha. « Não ha sexo nem idade perante ellas. As idéas são inexoraveis, mas o povo devera tambem saber perdoar. Se minha cabeça não utilisasse á revolução, ha momentos em que de bom grado a offerecêra ao povo em troca de uma, que elle nos pede. »

Sómente Saint-Just não consentia que se dobrasse por algum sentimento, a inflexibilidade da linha, que tinha traçado na commissão ao progresso da republica. Em quanto ao resto da Montanha, Collot, Legendre, Camillo Desmoulins, Billaud-Varennes, Barére, arrebatados pela colera, arrastados pela frequeza no movimento geral, tractavam de advinhar os instinctos da multidão, a fim de lhe agradar servindo-os. Restava a compaixão da opinião, que podia commover-se por uma rainha, por uma viuva, uma mãi, uma captiva, immolada a sangue frio por um povo inteiro. Porém a opinião asphixiada pelo terror, estava dominada pelo cadafalso. O medo torna egoista assim como a prosperidade; cada um consagrava a si proprio piedade de mais, para sentir piedade pelas desgraças dos outros.

VIII. — Deixámos a familia real no Templo quando o rei se arrancava aos ultimos abraços para caminhar ao cadafalso. A rainha deitada vestida sobre a cama ficava durante as longas horas de agonia do dia 21 de janeiro, abysmada em frequentes desmaios, interrompidos por soluços e orações. Tinha procurado adivinhar o momento preciso em que o cutello fatal terminasse a vida de seu marido, para ligar sua alma á delle e invocar como protector no ceo aquelle a quem perdia como esposo na terra. Os gritos de viva a republica! que se ouviam cada vez mais de perto, desde o logar da guilhotina até ao pé da Bastilha e o rodar das peças de artilheria, que recolhiam dos boulevards para as secções, haviam indicado á rainha este momento. Desejava ardentemente ser informada ácerca dos funebres detalhes dos ultimos pensamentos e palavras de seu marido. Sabia que elle morria como homem e como sabio, mas precisava saber se acabara como rei. Uma unica fraqueza, á vista do seu povo e perante a posteridade tel-o-ia humilhado mais que o cadafalso. O conselho da communa recusou a Maria Antoinette esta consolação. Clery, que se lhe tinha tornado mais precioso depois de suas ultimas praticas com seu amo, e encerrado por mais de um mez na torre, não teve mais alguma entrevista com as captivas. Não lhes pôde fazer entrega, nem dos anneis de cabello, nem do annel de casamento. Estas reliquias, quasi tintas no sangue do suppliciado, foram selladas e depositadas na sala da torre onde se reuniam os commissarios da communa. Subtraidas alguns dias depois, pelo piedoso roubo de um municipal chamado Toulan, que sob a apparencia de suas funcções occultava uma dedicação apaixonada pela rainha, foram enviadas ao conde Provença.

IX. — Para dar a ultima prova de respeito á memoria de seu esposo, pedio a rainha aos seus carcereiros licença para tomar lucto. Foi-lhe concedida, porém debaixo de condições de simplicidade e parcimonia, que pareciam uma lei sumptuaria imposta á dôr. Por outra deliberação especial do conselho da communa, quinze camizas foram tambem concedidas ao filho do rei.

Algumas modificações no rigor do captiveiro interno das princezas se seguiram á morte do rei. Durante os primeiros momentos, os mesmos commissarios do Templo, se persuadiram que a republica satisfeita não tardaria a pôr em liberdade as crianças e mulheres. Os municipaes indulgentes deixavam entrever esta possibilidade em suas praticas. A princeza Isabel e a joven princeza procuravam fazer penetrar a rainha desta idéa, senão como uma esperança, ao menos como uma diversão a suas lagrimas; porém a rainha ficou sempre insensivel; quer fosse por não crer no arrependimento humano de um povo, que levara o resentimento até ao cadafalso, para com um rei, em outro tempo amado, quer porque a liberdade sem throno, e sem marido, lhe parecesse menos desejavel que a morte.

Recusou obstinadamente descer ao jardim, que lhe tinha sido de novo aberto para passear. « Ser-lhe-ia impossivel, » dizia apertando nos braços sua irmã, « passar defronte da porta da camara do rei, que era no primeiro andar da torre. Ahi veria incessantemente os vestigios dos seus ultimos passos, nos degráus da escada. » Não havia nem ar, nem ceo, que pudessem compensar-lhe um tal supplicio de alma. Foi só inquieta pelas consequencia desta reclusão completa, sobre a saude de seus filhos, que consentiu nos fins de fevereiro, em tomar um pouco de ar, fazendo algum exercicio na plataforma da torre.

Informado o Conselho da communa da curiosidade, que estes passeios, percebidos de fóra, excitavam nas casas visinhas e suspeitando intelligencias pelo olhar, supprimio ás captivas a vista do horisonte. Ordenou por deliberação de 26 de março, que o intervallo das amêas da torre fosse occupado com rotulas, que dando passagem ao ar interceptassem as vistas.

Estas precauções para as crianças eram crueis, mas para a rainha eram um beneficio. Occultavam o aspecto de uma cidade odiosa, os ruidos da terra, e só lhe deixavam ver o ceo a que aspirava. Alterava-se-lhe a saude, sem que o espirito se apercebesse da decadencia do corpo. Passa a noite em insomnias, as quaes eram na seguinte manhã revelladas pelas suas feições. Sua irmã e sua filha, lhe pediram exigisse a abertura de uma porta de communicação do seu quarto para o contiguo em que ellas ficavam todas as noites encerradas. A rainha condescendeu por deferencia para com sua ternura. Chaumette, procurador geral do conselho da communa, enternecido pelas lagrimas das princezas, e pelo espectaculo da anniquilação da rainha, prometteu apoiar esta petição. No dia seguinte voltou acompanhado de Pache e Santerre, annunciar que o conselho indeferira esta supplica.

Pache e Santerre não puderam contemplar sem pasmo a victima abattida de tantas perseguições. Retiraram-se horrorisados da sua propria omnipotencia, e encadeados ás exigencias d'uma opinião, que, elevando-os acima do povo, lhes prohibia até o mostrarem-se homens.

X. — Apertou-se mais o captiveiro. Todavia a sensibilidade, que domina a mesma opinião, tinha introduzido homens dedicados atravez os postigos do Templo. Alguns municipaes tinham urdido uma pequena conspiração, para dulcificar o captiveiro das princezas e facilitar-lhes intelligencias com o exterior. Toulan, Lepitre, Beugneau, Vincent, Bruno, Merle e Michonis, illudiam a vigilancia dos outros commissarios e as precauções da communa.

O sr. Hue, escudeiro do rei, ficára livre e esquecido em Pariz, estava em communicação com estes commissarios e tranmittia assim ás princezas, os factos, boatos, esperanças e tramas do exterior, que interessavam sua situação. Estas communicações verbaes ou escriptas, não podiam chegar ás captivas senão com grandes precauções e astucias, que desviassem as attenções dos outros commissarios. Os municipaes vigiavam-se mutuamente. Um olhar, ou um gesto de intelligencia percebido por uns, conduziria logo o outro ao cadafalso. Toulan e Lepitre, serviam-se da destreza de Turgy e da mediação de objectos inanimados. Um fogão com varios conductos de calor era destinado para aquecer uma sala do terceiro andar, que servia de ante-camara commum á rainha, e princeza Isabel. Era nos tubos deste fogão que Turgy depositava estes bilhetes, avisos, ou fragmentos de papeis publicos, que deviam informar as princezas do que se lhes queria fazer conhecer. As princezas, a seu turno, ahi occultavam igualmente bilhetes escriptos com estas tintas sympathicas, cuja côr só ao fogo se torna visivel. Os acontecimentos do interior e exterior, a disposição dos espiritos, os progressos da Vendée, os successos dos exercitos estrangeiros, os vislumbres de falsa esperança, relampejados pelas conspirações chimericas para seu livramento, e finalmente alguns bilhetes immergidos nas lagrimas d'uma verdadeira amisade penetravam assim na prisão de Maria Antoinette. Mas a esperança não penetrava no seu coração. O horror de sua situação consistia precisamente em nada temer e nada esperar. Nem mesmo tinha a agitação do soffrimento, que luta, e sómente a paz.

da desesperação e a immobilidade do sepulchro com a sensibilidade da vida.

A ausencia eterna do rei deixava cair sobre ella só, todo o sentimento de seus infortunios. Mais occupada da existencia delle que da sua propria, em quanto, o possuin a sollicitude com que procurava adoçar-lhe o captiveiro, subtrahia á rainha metade do pezo de suas penas. Nada era já capaz de a fazer levantar do solo em que cahira prostrada. Seus filhos não eram para ella mais do que fracções dolorosas e mutiladas de sua alma. Era a herança do seu supplicio, collada em sua presença para lhe recordar constantemente á memoria que depois della alguma cousa que lhe pertencia tinha ainda de verter sangue, gemer e expirar. A serenidade de sua irmã, cercava-a, sem se lhe communicar aos sentidos. Olhava a princeza Isabel como uma creatura impassivel, collocada pela sublimidade de sua fé e pela resignação da sua natureza, n'uma esphera inacessivel ás paixões e angustias da humanidade. Respeitava-a, e desejava imital-a; mas a natureza impressionavel e apaixonada de Maria Antoinette, não tinha com a princesa Isabel outra similhança, se não na decadencia, outro contacto, senão na desgraça commum. Uma era um anjo, a outra era uma mulher. Tocavam-se na terra, mas o ceo estava entre ambas.

XI. — No dia 31 de maio, ouviram as princezas sem o comprehenderem, o sussurro longiquo que fazia baquear os Girondinos. Só passados muitos dias foi que souberam da ruina d'aquelles homens, e que em vez de as libertar, iam mais rapidamente arrastal-as á morte. Hebert e Chaumette vieram de tempos a tempos cevar-se do espectaculo de sua miseria, ora insultantes, ora compassivos, conforme a colera, ou a moderação do povo. Toulau, Lepitre e seus cumplices tinham sido denunciados pela mulher de Tison, que servia de criada da rainha. Foram supliciados. Esta mulher perturbada pelo remorso perdeu a razão, arrojou-se aos pés da rainha, implorou perdão e agitou muitos dias a prisão com o espectaculo, e alaridos de sua demencia. As princezas esquecendo as denuncias d'esta desgraçada, á vista do seu arrependimento e loucura, cuidaram della e se privaram do proprio sustento para a consolar.

Depois do dia 31 de maio o terror, que reinava em Pariz, penetrou até á torre e deu aos homens, aos discursos, ás medidas um caracter de rigor e de perseguição mais odioso; cada municipal provava o seu patriotismo, vencendo em dureza o seu predecessor.

A convenção depois de decretar que a rainha seria julgada, ordenou que a separassem de seu filho. No acto da leitura d'esta ordem á familia real, o menino correu a abrigar-se nos braços de sua mãi, implorando-lhe que o não abandonasse aos seus algozes. A rainha levou o seu filho para o leito, e collocando-se entre elle e os municipaes, solemnemente lhes declarou que primeiro perderia a vida se n'elle tocassem. Ameaçada em vão de violencia, se continuasse a resistir ao decreto, luctou por duas horas até esgotar suas forças, contra as imprecações, ameaças, injurias e gestos dos commissarios. Caindo em fim de cançaço ao pé da cama, e persuadida pela princeza, Izabel, e por sua filha, vestio o Delphim, e o entregou inundado de lagrimas aos carcereiros. O sapateiro Simon escolhido pela brutalidade de seus costumes, para substituir o coração de uma mãi, conduzio o Delphim ao quarto aonde este moço rei devia morrer. Dois dias esteve o menino estendido no sobrado, sem querer tomar alimento algum. Nenhuma suplica da rainha póde alcançar da communa a graça de tornar a ver seu filho ao menos por uma só vez. O fanatismo havia assassinado a natureza. Os ferrolhos correram-se de noite e de dia sobre a camara das princezas. Os mesmos municipaes não tornaram a apparecer. Só os chaveiros ali subiam trez vezes por dia, para levar o sustento, e revistar os ferros da janella. Nenhuma criada substituio a mulher de Tison encerrada n'um hospic o de doidos. A princeza Isabel e a joven princeza faziam as camas, varriam o quarto, e serviam a rainha. A unica consolação das princezas era subir cada dia ao terrado da sua torre, á hora em que o moço Delphim passeava tambem no seu, e espiar a occasião de trocar com elle um olhar. Em quanto duravam estes passeios, estava a rainha encostada a uma abertura da rotula, entre as amêas, procurando distinguir a sombra do corpo de seu filho, e ouvir o som da sua voz.

Tison, a quem o remorso de sua mulher e sua demencia haviam suavisado, vinha de tempos a tempos informar secretamente a princesa Izabel da situação e saude do Delphim. Esta princeza não contava á rainha senão por metade as crueis informações que obtinha assim. O cynismo e a brutalidade de Simon depravavam simultaneamente o corpo e a alma do seu pupillo. Chamava-lhe o pequeno lobo do Templo. Tratava-o como se pratica com aquelles pequenos animaes ferozes, que se tiram á mãi, e se conservam em prizão, intimidados pelo castigo e enervados pelo amanso dos seus guardas. Punia-o pela sensibilidade. Recompensava-o pela baixeza. Incitava-o ao vicio. Ensinava-o a injuriar a memoria do seu pai, as lagrimas de sua mãi, a piedade de sua tia, a innocencia de sua irmã, a fidelidade de seus partidarios. Obrigava-o a cantar trovas obscenas em honra da republica, da lanterna, e do cadafalso. Muitas vezes embriagado. Simão se entretinha n'estas irrisões da fortuna que regosijavam sua baixeza. Fazia-se servir sentado á meza pelo menino de pé. Um dia n'este cruel divertimento, por pouco não tirou ao delfim um olho, com a ponta de um guardanapo applicado com força ao rosto. De outra vez pegou n'uma tenaz da chaminé, e a ergueu sobre a cabeça do menino, emeaçando-o matal-o ás pancadas. Frequentemente fingia-se mais docil e compadecido, para com elle, pela sua idade e desgraça, a fim de atrair sua confiança e denunciar depois os seus pensamentos a Hebert e Chaumette. « Capet » lhe disse elle um dia, no momento em que o exercito da Vendée passava o Loire, « se os Vendeanos te libertassem que farias ? — Perdoar-vos-ia, » lhe respondeu a creança. O proprio Simão se enterneceu com esta resposta e reconheceu nella o sangue de Luiz XVI. Mas este homem corrompido pelo orgulho de sua importancia, pelo fanatismo e pelo vinho, não era susceptivel, nem d'uma constante ferocidade, nem d'uma docilidade duradoura. Era a crapula e a brutalidade encarregada pela sorte de envilecer e desnaturar este derradeiro germen da realeza.

XII. — A 2 de agosto, pelas duas horas da manhã, vieram despertar a rainha para lhe ser lido o decreto, que a mandava transferir para a Conciergerie em quanto se instruia o seu processo. Ouvio a leitura da ordem sem mostrar admiração nem dor. Era mais um passo para o fim que via inevitavel, e que desejava proximo. Em vão a princeza Isabel, e sua filha se prostrárão aos pes dos membros da communa, supplicando-lhes não as separar, uma de sua irmã, outra de sua mãi. Nem uma só palavra nem um unico gesto lhes respondeu A rainha tambem em silencio, e ainda mal vestida, foi constragida a acabar de se v stir diante do grupo de homens que enchia o seu quarto. Passárão-lhe uma escrupulosa revistar. Sellaram-lhe os pequenos objectos e as joias que trazia com sigo: eram uma carteira, um espelho de algibeira, um annel de ouro com cabello, um papel aonde se viáo gravados dois corações de ouro, com letras iniciaes, um retrato da princeza de Lamballe sua amiga, outros dois retratos de damas, que lhe recordavam duas amigas de Vienna e alguns signaes symbolicos de devoção á Virgem, que a princeza Isabel, lhe offerecera para trazer como um preservativo contra seus infortunios e uma recordação do ceo nos carceres. Não lhe deixaram mais do que um lenço e um frasco de vinagro para a restabelecer de algum desmaio, no caso de succumbir á commoção da despedida. A rainha apertando sua filha nos braços, a levou a um angulo da camara, e cobrindo-a de bençãos e lagrimas, lhe disse o ultimo adeus. Recommendou-lhe o mesmo perdão para seus inimigos, o mesmo esquecimento das perseguições, que lhe forão recommendadas por Luiz XVI moribundo: uniu as mãos da menina com as da princeza Isabel. « A qui tendes, » lhe disso, « quem vae d'hoje em diante substituir o logar de vosso pai e de vossa mãi, obedecei-lhe e amai-a como se fosse a mim propria. « E vós minha irmã, » disse lançando-se nos braços da prin-

ceza Isabel, « em vós deixo a meus pobres filhos, outra mãi, amai os como nos haveis amado, até á prizão, e até á morte! »

A princeza Isabel respondeu em voz tão baixa, á rainha, que ninguem pôde perceber suas palavras. Era sem duvida a recommendação de sua piedade, que do minava e santificava até a sua dor. A rainha fez com a cabeça um signal de deferencia depois saio do quarto, com passos vagarosos, os olhos baixos, e sem se atrever a encarar uma ultima vez sua irmã, com receio de render sua alma n'uma suprema commoção. Ao transpor o postigo, bateu com o rosto contra a travessa superior, extremamente baixa. Perguntárão-lhe se se tinha feito mal. — « Oh! não! » disse ella com um accento que encerrava todo o seu destino. « nada j me póde fazer mal » Uma carroagem na qual entraram com ella dois municipaes, escoltada de gendarmes, a conduzio á Conciergerie.

XIII. — A prisão da Conciergerie está, enterrada nas vastas construcções do palacio da justiça, no qual occupa o andar subterraneo; Está, para melhor dizer cavada nos seus alicerces. Estas sombrias abobadas do palacio de S. Luiz, estão hoje profundamente soterradas pela elevação do sólo; a terra submerge gradualmente os monumentos dos homens nas grandes cidades. Estes subterraneos formam os segredos, carceres ante-camaras, postos da gendarmeria, e quartos dos chaveiros. Compridos corredores rebaixados como claustros, se abrem para um lado sobre arcadas, que recebem luz dos saguões, sobre calabouços aonde se desce por alguns degráos Estreitos patios, desseminados n'esta vasta moldura de pedra, são obscurecidos pelos altos muros do palacio da justiça. A luz ahi desce perpendicular e escassa, como ao fundo de largos poços quadrados. A elevada calçada do cáes, separa do Sena esta prizão da Conciergerie. A elevação da calçada acima do nivel dos calabouços e dos patios, e a filtração das agoas em que a terra está sempre embebida, derrama nos pavimentos, nos muros, e até nos patios uma humidade sepulcral, que penetra constantemente o cimento, e que enche de manchas de um musgo esverdinhado as pedras do edificio. O susurro do rio por baixo das pontes, o rodar continuo das carroagens nos caes, e o echo surdo dos passos da multidão, que innunda á hora dos tribunaes os pretorios, e os andares superiores do palacio, abalam perpetuamente as abobadas. Este estrondo assemelha-se a um eterno trovão, nos ouvidos dos prezos, e parece recordar-lhes a toda a hora, os gemidos sem fim d'estas moradas. Os massiços pilares, abobadas em espiral, estreitas ogivas, esculpturas estravagantes com que o sinzel gothico decorou os cordões e capiteis, trazem á memoria o antigo destino d'este palacio dos reis das primeiras raças, mudado em escoadouro do vicio e do crime, e em portico da morte. Estas construcções gigantes servem de base á alta torre quadrangular que sustentava n'outro tempo todos os feudos do reino. Esta torre era o centro da monarchia. Assim é que sob este palacio do feudalismo, a vingança ou a irrizão da fortuna, encerrava a agonia da monarchia e o supplicio do feudalismo. Quem diria aos reis das primeiras raças, que n'este palacio elles edificavam a prizão e o tumulo de seus successores? O tempo é o grande expiador das cousas humanas. Mas, ah! elle se vinga como cego, e lava nas lagrimas e no sangue d'ummulher victima do throno, os erros e oppressões de vinte reis?

XIV. — Depois de se terem descido os degráos de uma larga escada, e haverem-se atravessado dois grandes postigos, entra-se n'um claustro, cujas arcadas dão sobre um patio, passeio dos presos. Uma serie de portas de madeira de carvalho grosseiramente affeiçoada, chapadas de ferro, com fechaduras e ferrelhos massiços, existe á esquerda debaixo deste corredor. A segunda destas portas, saindo dos postigos, dava entrada para um pequeno quarto subterraneo; estava o solo tres degráos mais baixo que o do corredor. Uma janella de grades lhe transmittia a luz, que recebia de um patio estreito e profundo, como uma cisterna vazia. A esquerda desta primeira cella, uma porta ainda mais baixa do que a primeira, mas sem ferrolhos nem fechaduras, dava accesso a uma especie de sepulcro, de abobada, calçado e murado de pedras de cantaria, denegrido pelos archotes escalavrado pela humanidade. Uma claraboia que recebia luz do mesmo saguão que a antecamara, guarnecida de um engradamento de varões de ferro, ahi deixava penetrar uma luz sempre similhante ao crepusculo. No fundo deste carneiro, do lado opposto á janella, uma pobre barra, sem sobre-céo, nem cortinas, cobertores de lã grosseira, taes como aquelles, que passam nos hospitaes e quarteis de umas para outras camas, uma pequena meza de pinho, uma caixa de páo e duas más cadeiras de palha formavam toda a mobilia. Foi ahi que pelo meio da noite, alumiada por uma vella de cebo, encerraram a rainha de França, descida de degráo em degráo, de infortunio em infortunio, de Versailles, e Trianon até a esta prisão. Dois gendarmes, com espadas nuas, foram postos de sentinella no primeiro quarto, com a porta aberta e olhos fitos no interior da prisão da rainha, tendo ordem de não a perder jámais de vista, mesmo durante o somno della.

XV. — Todavia não é dado á ferocidade dos homens, achar sempre instrumentos implacaveis. Os mesmos calabouços tem seus enternecimentos. Um gesto respeitoso, um olhar de intelligencia, um som de voz sympathico, uma palavra furtiva fazem comprehender á victima que não está ainda de todo arrebatada á humanidade. Esta mesma communicação com o que respira e sente sobre a terra dá ao desgraçado até á hora derradeira força para respirar. A rainha achou na gravidade, nos olhos e na alma da sr.ª Richard, mulher do carcereiro, aquella sensibilidade, que se occulta debaixo do rigor de suas funcções. A mão condemnada a magoal-a, foi a que se tornou branda para a consolar. Em tudo quanto a arbitrariedade de uma prizão permitte fazer modificações no regulamento, nas ordens, no alimento, na solidão, tudo foi tentado pela sr.ª Richard, para provar á sua prisioneira, que, ainda no abysmo do seu infortunio, reinava pela piedade e pelo affecto, n'um coração.

A sr.ª Richard, realista de recordação, sentia menos orgulho, em ter á sua disposição a filha, a esposa, e a mãi de reis, do que a felicidade em lhe enxugar uma lagrima. Introduzio no carcere alguns moveis necessarios ou agradaveis á rainha. Mandou trazer do Temple as obras de tapessaria, novel os de lã e agulhas, que Maria Antoinette ahi tinha deixado. Estes trabalhos, occuppando os dedos, distrahiam os pezares da rainha. A sr.ª Richard era a propria que pro arava os alimentos á sua prisioneira. A cada instante, sob pretexto do seu cargo, vinha recommendar attenções aos gendarmes de serviço, informar se das necessidades da captiva, transmittir-lhe algumas palavras de intelligencia e de esperança, e distrahil-a da solidão do dia e das insomnias da noite. Trazia-lhe noticias de sua irmã, filha e filho, que ella alcançava pelas suas correspondencias com o Temple. Mandava, pela mediação de commissarios, noticias da rainha, a sua irmã e seus filhos. O carcereiro Richard ainda que mais duro em apparencia, para melhor esconder sua cumplicidade, partilhava todos os sentimentos de sua mulher e concorria para todas estas dulcificações.

XVI. — Ignorava-se a épocha em que devia ter logar o julgamento de Maria Antoinette. Esta delonga da commissão de salvação publica, parecia indicar desejar ella illudir a impaciencia feroz da populaça, ou gastal-a com o tempo. Muitos municipaes coadjuvavam em segredo as conspirações de evazão. A sr.ª Richard favorecia a introducção destes homens dedicados na prizão. Distrahia destramente durante estas rapidas conversações, a attenção dos gendarmes, de guarda na ante-camara. Michonis, membro da municipalidade e administrador de policia, que já no Temple se havia dedicado á familia real, com o risco de sua vida, continuava a mesma dedicação na Conciergerie. Ha naturezas generosas a quem o infortunio seduz e o perigo attrahe. Michonis era deste numero, como Lepitre, e Toulan.

Ajudado por Michonis um fidalgo realista chamado Rougeville, foi introduzido na prisão, viu a rainha, e lhe

offereceu uma flor que continha um bilhete. Fallava este bilhete de livramento, e foi surprehendido nas mãos da rainha por um dos gendarmes. Michonis foi preso. A sr.ª Richard e seu marido arrancados ás suas funcções, foram lançados nos calabouços aonde tinham deixado penetrar a indulgencia. A rainha tremeu.

Mas ainda d'esta vez um coração generoso desviou os ultrages que Hebert e Chaumette ordenavam infligir á victima. Não se achou mão de mulher, que se prestasse a ser instrumento de tortura, contra outra mulher nascida tão alto, arrojada a tão baixo.

Pensáram em dar ao feroz Simão o cargo de carcereiro da cadêa. O Snr e a Snr.ª Bault antigos carcereiros da Força solicitáram e obtiveram este emprego, com intenção de adoçar o captiveiro e consolar as derradeiras horas de sua antiga ama. A princeza, que os tinha protegido no tempo do seu poder, alegrou-se achar n'elles rostos conhecidos e corações amigos.

A Snr.ª Bault, apesar das ordens da communa, que mandavam dar á rainha somente o pão e agoa dos presos preparava-lhe os alimentos. Em logar da agoa do Sena, fez conduzir todos os dias agoa pura de Arcueil, que a rainha costumava beber em Trianon. Vendedoras de flores e fructos da praça do mercado, que outr'ora serviam as casas reaes, traziam furtivamente ao postigo, melões, pecegos, ramalhetes que a Snr.ª Bault fazia chegar á sua prisioneira, como um testimunho da fidelidade no coração nas mais humildes condições. O interior do carcere recordava assim á captiva alguma imagem e fragancia d'aquelles jardins que tanto havia amado. A Snr.ª Bault, para fingir mais rigor e incorruptibilidade na sua vigilancia, nunca entrava no quarto da princeza. Sómente seu marido ali se apresentava acompanhado dos administradores de policia. Estes administradores de policia perceberam um dia que se tinha estendido uma velha tapessaria entre o leito e a parede, para tornar o carcere mais salubre Reprehenderam a Bault esta tolerancia que cheirava, segundo elles diziam, a cortesão. Bault fingiu ter forrado o muro, para ensurdecer o carcere, e impedir assim que os queixumes fossem ouvidos dos outros presos.

A humidade do solo tinha feito cair em farrapos os dois unicos vestidos, um preto e outro branco, que a rainha tinha e usava alternativamente. As suas trez camisas, meias a sapatos constantemente imbebidos d'agoa estavam no mesmo estado. A filha da Snr.ª Bault concertou estes vestidos e calçado, e distribuio secretamente como reliquias os pedaços e destroços que delles cahiam. Esta rapariga introduzida todas as manhãs no carcere, e enternecendo com sua graça e alegria a rudez dos gendarmes, ajudava a rainha a vestir-se, a voltar o colchão da sua cama. Penteava tambem a presioneira. Seus cabellos n'outro tempo tão bastos e louros, encaneciam e caiam de uma cabeça de trinta e sete annos, como se a natureza tivesse a presciencia da brevidade da sua vida.

XVII — A rainha escrevia com o bico d'uma agulha, na cal da parede os pensamentos, que desejava reter de memoria. Um dos commissarios, que visitou o seu quarto, depois do seu julgamento, notou algumas d'estas inscripções. Erão a maior parte versos allemães ou italianos, allusivos á sua sorte. Glorioso e tocante destino dos poetas, prestar sua voz a todas prosperidades e desventuras da vida! como se nenhuma felicidade, ou miseria, fosse assás completa, senão exprimindo-se neste idioma da immortalidade!

As outras inscripções erão versetos da imitação, dos Psalmos, e do Evangelho. A parede do lado opposto á janella estava coberta d'elles. Erão as paginas de pedra do livro da sua paixão. O commissario quiz um dia copiaf-os; a inflexibilidade de seus collegas os fez cobrir immediatamente com uma camada de cal, para que este gemido d'uma rainha não tivesse nem mesmo écho na republica.

As ligeiras dulcificações do captiveiro não poderam estender-se nunca até á nudez, ás trevas, e á immobilidade da prisão. Desejando a rainha um cobertor de algodão mais ligeiro que os pesados tapetes de grosseira lã, que a opprimiam no seu somno, Bault transmittio esta requisição ao procurador geral da communa. Que ousas pedir? » lhe respondeu brutalmente Hebert «merecias ser mandado á guilhotina!»

A sensibilidade da rainha por estes cuidados, não podia exprimir-se livremente, em presença dos gendarmes. Tentou uma vez introduzir na mão de Bault um anel de seus cabellos e um par de luvas. Os gendarmes apossaram-se disto, e levaram este presente suspeito a Fouquier-Tinville, que o deu a Robespierre.

Procurava a rainha todos os meios de fazer entregar a seus filhos ou a seus amigos quando já não existisse alguns signaes materiaes da lembrança, que tinha conservado d'elles até á sua morte. Arrancou um a um alguns fios de lã do velho tapete estendido ao pé do seu leito, e com a ajuda de dois palitos de marfim transformados em agulhas de tapessaria, bordou uma liga. Quando a concluio, fez signal a Bault e a deixou cair a seus pés. Bault fingio deixar cair o lenço, abaixou-se para a apanhar, e escondeu-a assim da vista dos gendarmes. Esta ultima e tocante obra da rainha, regada de suas lagrimas, foi entregue a sua filha depois da sua morte.

Nos derradeiros dias da sua detenção, o carcereiro tinha obtido com pretexto de melhor garantir a sua responsabilidade, que os gendarmes se retirassem do interior e fossem collocados da parte externa da porta no corredor. A rainha não tornou a soffrer as vistas, praticas, e ultrages continuos dos seus vigias. Não tinha mais sociedade do que seus pensamentos. Passava as horas a lêr, a meditar, e a orar. Algumas distracções recebia tambem de fóra. Apezar da presença de dois gendarmes de sentinella á sua fresta de grades, alguns presos sensiveis, passando amiudadas vezes pelo saguão, conversavam em alta voz a respeito das noticias publicas, e faziam indirectamente penetrar algumas palavras até aos ouvidos da rainha. Foi por este modo que soube antecipadamente o dia em que tinha de comparecer no tribunal.

XVIII. — A 13 de outubro, Fouquier-Tinville veio annunciar-lhe o seu auto d'accusação. Ella o ouviu como uma formalidade da morte, que não valia a honra de ser discutida. O seu crime era ser rainha, esposa e mãi do rei, e ter odiado uma revolução, que lhe arrancava a corôa, seu esposo, seus filhos, e a vida. Para amar a revolução ser-lhe-hia mister aborrecer a natureza, e destruir em si todos os sentimentos humanos. Entre ella e a republica, não havia processo; havia odio de morte. O mais forte dos dois o infligia ao outro. Não era justiça, era vingança. Como rainha o sabia, como mulher o aceitava; não podia arrepender-se e não queria humilhar-se.

Escolheu por formalidade, dois defensores, Chaveau-Lagard e Tronson-Ducoudray. Estes advogados, moços, illustres e generosos haviam secretamente disputado tal honra. Procuravam nas causas solemnas do tribunal revolucionario, não um vil salario de suas palavras, mas os applausos da posteridade. Todavia o resto de um instincto da vida, que faz buscar aos moribundos uma eventualidade de salvação até no impossivel, occupou a rainha o resto do dia e a seguinte noite. Tomou nota de algumas respostas aos interrogatorios, que tinha de soffrer.

No dia immediato, 14 de outubro pelo meio dia, se vestio, e preparou com toda a decencia acommodada á simplicidade e indigencia de seus vestidos. Não quiz fazer ostentação daquelles farrapos que deviam envergonhar a republica. Nem pensou em commover as vistas do povo. Sua dignidade de mulher e rainha lhe prohibiam enroupar-se na sua miseria.

Subio, por entre uma forte esquadra de gendarmes a escada do pretorio, atravessou as ondas do povo que uma vingança tão solemne tinha attrahido aos corredores, e so assentou no banco dos accusados. Sua fronte fulminada pela revolução e livida pela dôr, não estava humilhada, ou abatida. Seus olhos, rodeados daquelle circulo negro, que as insomnias e as lagrimas imprimem, assim como o leito do pesar, por baixo das palpebras, lançavam ainda centelhas do seu antigo explendor na fa-

co de seus inimigos. Não se lhe divisava já aquella formosura, que tinha embriagado a côrte, e deslumbrado a Europa, mas inda se lhe distinguiam os vestigios. Sua bocca entristecida conservava as rugas da altivez real mal apagadas pelas rugas das longas dôres. A frescura natural da sua côr do Norte luctava ainda com a livida palidez das prisões. Seus cabellos encanecidos pelas angustias, contrastavam com aquella juventude do rosto, e da figura, que se ostentava no seu côllo como uma irrizão amarga e precoz da sorte á mocidade e á belleza. Era natural sua continencia; não a de uma rainha irritada insultando do seu desprezo o povo que triumpha, nem a de uma supplicante que intercede pelo seu abatimento, e que busca a indulgencia na compaixão; mas a de uma victima a quem longos infortunios hão habituado á sua condição; que se esqueceu de que foi rainha; que se recorda unicamente que é mulher; que nada quer revindicar de sua hierarchia extincta; nada abdicar da dignidade do seu sexo e da sua desgraça.

XIX. — A multidão, muda ainda mais pela curiosidade do que pela emmoção, a contemplava com avido olhar. A populaça parecia regosijar-se de ter em fim a seus pés esta mulher suberba, e calculava sua grandeza e sua força pelo abatimento de sua mais temivel inimiga. Esta multidão era principalmente composta daquellas mulheres, que tinham tomado por missão acompanhar de seus insultos os condemnados ao cadafalso. Os juizes eram: Hermann, Foucault, Sellier, Coffinhal, Deliége, Ragmey, Maire, Denizot e Masson. Hermann era quem presidia.

«Como vos chamais?» perguntou Hermann á accusada. — «Chamo-me Maria Antoinette de Lorena d'Austria,» respondeu a rainha. A sua voz baixa e commovida parecia pedir perdão ao auditorio da grandeza destes nomes. «O vosso estado?» — Viuva de Luiz, n'outro tempo rei dos francezes. — «Vossa idade? — Trinta e sete annos. —

Fouquier-Tinville lêu ao tribunal o auto d'accusação. Era o resumo de todos os crimes suppostos de nascimento, de classe e de situação d'uma rainha moça e estrangeira, adorada pela sua côrte, omnipotente no coração de um rei fraco, prevenida contra ideias, que não comprehendia, e contra instituições que a desthronisavam. Esta parte do auto de accusação, não era senão o auto de accusação do destino. Estes crimes eram verdadeiros para os seus inimigos, mas eram os crimes da sua hierarchia. A rainha não podia jámais absolver se delles, nem o povo accusal-a. O resto do auto de accusação não era mais do que um odioso écco de todos os boatos e rumores, que durante dez annos se tinham insinuado na opinião publica: as prodigalidades, as supostas devassidões, e as pretendidas traições da rainha. Era a sua impopularidade traduzida em incriminação. Ouvio ella tudo isto sem dar signal algum de commoção ou espanto, como mulher acostumada ao rancor, e em quem a calumnia havia perdido sua amargura, e o ultrage sua aspereza. Os seus dedos distrahidos se moviam sobre os braços da sua cadeira, como os de uma mulher que procura reminiscencias nas teclas de um piano. Soffria a voz de Fouquier-Tinville mas não a escutava.

As testimunhas foram chamadas e interrogadas. No fim de cada inquirição, Hermann interpellava a accusada. Respondeu com presença de espirito e discutiu brevemente com as testimunhas, refutando-as. O unico erro desta defeza era a mesma defeza.

XX. — Muitas destas testimunhas, arrancadas das prisões aonde já se achavam detidas, trouxeram á sua lembrança outros dias, e ellas mesmas se enterneceram tornando a vêr a rainha de França naquella ignominia. Deste numero foi Manuel, accusado de humanidade no Templo, e que se honrou da accusação; Bailly, que se inclinou com maior respeito perante o abatimento da rainha, do que o não tinha feito durante o seu poder. As respostas de Maria Antoniette a ninguem comprometteram. Offereceu se sómente a si ao odio dos seus inimigos, e cobriu generosamente, os seus amigos. Todas as vezes que o debate do processo, referia os nomes da princeza de Lamballe ou da duqueza de Polignac, suas mais ternas affeições, teve ella um accento de sensibilidade, de tristeza, e de respeito a estes nomes. Mostrou que diante da morte não abandonava ella os seus sentimentos, e que se entregava sua cabeça ao povo, não lhe entregava seu coração para lh'o profanarem.

A ignominia de certas accusações, quiz deshonrar nella até o sentimento materno. O cynico Hebert, ouvido como testimunha sobre o que se passava no Templo, imputou á rainha actos de depravação e de libertinagem, chegando mesmo até á corrupção de seu proprio filho. «na intenção, dizia elle, de enervar a alma e o corpo deste menino, e reinar em seu nome sobre as ruinas da sua intelligencia.» A piedosa princeza Izabel era apresentada como testimunha e como cumplice destas torpezas. A indignação do auditorio, manifestou-se a estas palavras não contra a accusada, mas contra o accusador. A natureza ultrajada se revoltava. A rainha fez um gesto de horror, embargada em responder sem manchar seus labios. Um jurado repetiu o testimunho d'Hebert, e perguntou á accusada porque não respondêra a esta accusação. — «Não respondi,» disse ella com a magestade da innocencia e com a indignação do pudor, «porque ha accusações a que a natureza recusa responder.» Voltando-se depois para as mulheres do auditorio e as mais enfurecidas contra ella, e interpellando-as pelo testimunho do seu coração, e communidade de seu sexo: «Eu appello para todas as mãis aqui presentes!» exclamou. Um murmurio de horror contra Hebert percorreu a multidão.

A rainha não respondeu com menos dignidade ás imputações, que se lhe faziam de ter abusado seu ascendente sobre a fraqueza de seu marido. «Nunca lhe reconheci esse caracter,» disse ella; «não era eu mais que sua mulher, e meu dever assim como minha felicidade consistia em conformar-me com a sua vontade.» Não sacrificou por uma unica palavra a memoria e a honra do rei, ao cuidado de sua propria justificação, ou ao orgulho de ter reinado em seu nome. Queria reconduzir-lhe ao ceo a sua memoria honrada ou vingada.

XXI. — Depois de terminados estes longos debates, Hermann resumio a accusação e declarou que todo o povo francez depunha contra Maria Antoniette. Invocou a pena em nome da igualdade nos crimes, e da igualdade nos supplicios, e propuz os quisitos da culpabilidade ao jury. Chaveau-Lagarde e Tronson Ducoudray, na sua defeza, commoveram a posteridade, sem commover o auditorio, nem os juizes. O jury deliberou pró forma e entrou na sala depois de uma hora de interrupção. A rainha foi chamada para ouvir a sua sentença. Tinha-a ouvido com antecedencia nos trepudios de alegria das turbas, que enchiam o palacio. Escutou-a sem pronunciar uma só palavra, sem fazer um unico gesto. Hermann lhe perguntou se tinha alguma observação a fazer sobre a pena de morte applicada contra ella. Abanou a cabeça em signal de negação e se levantou como para marchar desde logo á execução. Desdenhou reprehender seu rigor ao destino, e ao povo a sua crueldade. Supplicar seria reconhecer. Queixar-se, seria abater-se. Chorar, teria sido vileza. Encerrou-se no silencio como na derradeira inviolabidade. Ferozes applausos a seguiram até ás profundidades da escada, que desce do tribunal á prisão.

A primeira luz do crepusculo matutino começava a lutar debaixo d'estas abobadas, com a dos archotes com que os gendarmes allumiavam seus passos. Erão quatro horas da manhã. O seu ultimo dia estava principiado. Para esperar a hora do supplicio depositaram-na na sala sinistra aonde os sentenciados á morte esperam o algoz. Pedio ao carcereiro papel, tinta, e uma penna, e escreveu a sua irmã a seguinte carta, que se encontrou depois entre os papeis de Couthon. a quem Fouquier-Tinville fazia homenagem d'estas curiosidades da morte e reliquias da realeza.

« *A 15 de outubro, ás quatro horas e meia da manhã.*

« E' a voz, minha irmã, a quem eu escrevo pela

ultima vez. Acabo de ser condemnada não a uma morte vergonhosa (ella só é para os criminosos) mas a ir-me reunir com vosso irmão. Innocente como elle espero mostrar a mesma firmeza nestes ultimos momentos. Tenho uma profunda saudade de deixar meus pobres filhos; bem sabeis que só existia para elles e para vós: vós, que tendes pela vossa amisade sacrificado tudo para estar com nosco. Em que posição vos deixo! Sube pela discussão do processo, que minha filha estava separada de vós. Ai? pobre criança, não me atrevo a escrever-lhe: não receberia a minha carta, nem sei se esta mesma chegará a vossas mãos. Recebei a minha benção para elles. Espero que um dia, quando forem maiores possam reunir-se com vosco e gosar em liberdade dos vossos ternos cuidados. Pensem elles sempre no que jámais deixei de lhes inspirar. Que a sua amisade e mutua confiança façam sua felicidade. Que a minha filha conheça que na idade em que está, deve sempre ajudar seu irmão com os conselhos, que a experiencia que tem, superior á d'elle, e sua amisade lhe possam inspirar. Que pela sua parte tribute meu filho a sua irmã todos os cuidados e serviços que a amisade póde inspirar. Sintam ambos em fim que em qualquer posição em que possam achar-se não serão verdadeiramente felizes senão pela sua união. Que tomem de nós o exemplo. Quantas consolações em nossos infortunios nossa amisade nos deu e a prosperidade goza-se duplicadamente quando esta se póde compartilhar com um amigo; aonde encontrar se algum mais terno e mais charo do que na propria familia? Que meu filho nunca se esqueça das ultimas palavras de seu pai, e lhe repito expressamente: *Que nunca procure vingar a nossa morte.*

«Tenho de fallar-vos de um objecto bem penoso para o meu coração. Sei quantos pezares vos deve ter causado este menino. Perdoai-lhe minha chara irmã; pensai na idade, que elle tem, e quanto é facil fazer dizer a uma criança o que querem e mesmo o que elle não comprehende. Um dia virá, espero, em que elle melhor sinta todo o preço de vossas bondades, e ternura para com ambos. Resta me confiar-vos ainda meus ultimos pensamentos. Quizera tel-os escripto desde o principio do processo; mas além de me não permittirem escrever, o andamento foi na verdade tão rapido, que realmente eu não teria tido tempo. Morro na religião catholica apostolica romana, na de meus pais, n'aquella em que fui educada e que tenho sempre professado, não tendo consolação alguma espiritual a esperar, não sabendo se aqui ainda ha padres d'esta religião, e mesmo o logar em que estou os exporia se aqui entrassem. Peço sinceramente perdão a Deus de todas as faltas, que posso ter commettido desde que existo. Espero que em sua bondade se digne accolher meus derradeiros votos, assim como aquelles, que faço ha tanto tempo, para que se digne receber minha alma na sua misericordia e bondade. Peço perdão a todos que conheci e a vós, minha irmã, em particular, de todos os desgostos, que sem o querer, vos tiver causado. Perdôo a todos os meus inimigos o mal, que me hão feito. Digo tambem aqui adeus a minhas tias e a todos os meus irmãos e irmãs. Eu tinha pessoas, que me amavam, a idéa de ser para sempre separada d'ellas, e suas magoas é um dos maiores pesares, que levo commigo, expirando. Saibam ao menos, que até ao meu ultimo momento, pensei nellas. Adeus, minha boa e terna irmã! Possa esta carta ser-vos entregue! Pensai sempre em mim! Eu vos abraço de todo o meu coração assim como a esses pobres e queridos filhos!... Meu Deus, quanto é dilacerador a deixal-os para sempre! Adeus!... adeus... não devo occupar-me mais que dos meus deveres espirituaes. Como não sou livre em minhas acções talvez me conduzam um padre: mas protesto desde já que nem uma palavra lhe direi, e tratal-o-hei como a um ser absolutamente estrangeiro.

XXII. — Concluida esta carta, beijou repetidas vezes as suas paginas, como se lhes quizesse imprimir o calor de seus labios e a humidade de suas lagrimas para as transmittir a seus filhos. Dobrou-a sem a fechar com obreia e a deu ao carcereiro Bault. Este a entregou a Fouquier-Tinville.

Escreveu-se que recebera nestes supremos momentos a visita de um sacerdote não ajuramentado e os sacramentos da egreja catholica. Sua morte não teve alguma destas consolações; para se expander ou fortificar-se na derradeira luta. Eis, pela boca d'uma testimunha ocular, a relação veridica das circumstancias religiosas que precederam o supplicio da rainha.

A republica, mesmo nos seus mais terriveis accessos, não tinha inteiramente rompido como se julga, com Deus, nem anniquillado todos os laços do homem com a religião e da alma com a immortalidade. Ella havia nacionalisado o seu culto, porém não tinha abolido nem o exercicio, nem o salario do culto nacionalisado. Tinha conservado das antigas praticas da justiça criminal o uso de enviar ministros da religião aos sentenceados antes do supplicio. Eram padres constitucionaes. O bispo de Pariz administrava escrupulosamente este caridoso serviço do seu clero nas prisões. A multiplicidade dos supplicios tinham constrangido a multiplicar o numero de ecclesiasticos, que se consagravam a estes deveres. Havia sempre no bispado cinco ou seis padres designados, sentinellas piedosas, que se rendiam nesta especie de sentinella funebre. Cada vez que o tribunal revolucionario sentenciava á morte, o presidente do tribunal remettia a lista dos condemnados a Fouquier-Tinville. Fouquier a transmittia ao bispo. Este avisava os seus sacerdotes, que distribuiam entre si as prisões.

A mesma formalidade se cumpriu a respeito da rainha. Sómente a grandeza da victima, o horror da missão, a repugnancia de juntar seu nome na historia a uma das circumstancias deste assassinio, que ressoaria tão longe na posteridade, o medo emfim de que a cólera do povo não deixasse chegar o cortejo até ao cadafalso e não immolasse com a rainha o ministro do culto, que lhe assistisse, mesmo sobre a carroça, a certeza de se verem repellidos por uma mulher, que regeitava tudo da revolução até suas orações, tornaram os padres de Gobel timidos e lentos no cumprimento deste dever, para com Maria Antonietta. Resignaram-se uns nos outros o encargo.

Todavia tres delles se apresentaram durante a noite na prisão, e timidamente offereceram seu ministerio á rainha. Era um o cura constitucional de S. Landry, chamado Girard; outro um dos vigarios do bispado de Pariz; o terceiro um padre alsaciano chamado Lothringer. A rainha os recebeu mais como a percursores do carrasco, do que como percursores de Christo. O scisma em que se tinham inficionado era a seus olhos, uma das manchas da republica. Comtudo a conveniencia de sua attitude e palavras commoveu a rainha. Deu a sua repulsa uma expressão de reconhecimento e de pesar. «Agradeço vos,» disse ao padre Girard, «mas a minha religião prohibe-me receber o perdão de Deus pela voz de um ecclesiastico d'outra communhão, que não seja a communhão romana... E grande necessidade comtudo eu tenho,» accrescentou com aquella humildade triste e docil, que se confessava em seu coração perante o homem, e não perante o sacerdote, «porque sou uma grande peccadora. Mas eu vou receber um grande sacramento. — «Sim o martyrio!» acabou em voz baixa o prior de S. Landry, e inclinando-se se retirou.

O padre Lambert, moço de uma figura nobre, de estatura mais militar do que sacerdotal, de republicanismo puro, e de uma fé sincera, ainda que turbada pelas tempestades da época, conservou-se respeitosamente em distancia, por detraz de seus dois companheiros. Contemplou silencioso esta dilaceradora expiação da realeza, por uma mulher, e saíu admirado das lagrimas que lhe innundavam os olhos.

O padre Lothringer obstinou-se em sua caridade, mais parecida a uma obsessão do que a uma obra santa. Era um homem piedoso de convicção, serviçal de coração, de intelligencia limitada, olhando o sacerdocio como um officio. Exercia-o com um zelo inquieto e vaidoso, administrando o maior numero possivel de sentenciados na prisões, e espiando a volta de um pensamento em Deus até ao pé de todos os cadafalsos. Tal foi o unico consolador, que a Providencia deu na sua derra-

deira hora á mulher, que sobre a terra teve mais precisão de ser confortada.

Nenhuma das importunas solicitações de Lothringer pôde dobrar a rainha e ajoelhal-a a seus pés. Orou só sinha, e não se confessou senão a Deus. Não possuia a fé socegada e viva de seu marido, para se apoiar em sua hora derradeira. Sua alma era mais apaixonada do que piedosa. A atmosphera do decimo oitavo seculo, que ella havia respirado, as distracções mundanas dos seus habitos, e mais tarde os cuidados do throno e as intrigas politicas, tinham feito muitas vezes evaporar-se a religião em sua alma, assás aberta ás tempestades do mundo, para nella poder conservar-se sempre presentes os pensamentos de Deus. A religião não tinha sido para ella durante muito tempo, mais do que uma decencia publica, uma etiqueta da realesa, cuja degradação humilhava a côrte, e enfraquecia o throno. Não a havia tornado a encontrar senão no fundo do abysmo das suas desgraças. O exemplo da fé, que Luiz XVI lhe tinha dado, e o de sua irmã, operava como um piedoso contagio sobre sua alma. Mas esta fé imitativa e de desejo não chegara jámais talvez aquelle estado de segurança e beatitude, que transforma, as trevas em luz, e a morte em apotheose. Maria Antoinette estava sómente resolvida a morrer como christã, como seu marido tinha morrido, e como vivia sua angelica irmã, que deixava por mãi a seus filhos. Esta irmã lhe tinha procurado secretamente uma consolação, que a sua piedade considerava como uma necessidade da salvação. Era *o numero e o andar* de uma casa na rua de Saint-Honoré pela frente da qual passavam os suppliciados, e na qual um sacerdote catholico se acharia no dia do supplicio, á hora da execução, para lhe lançar do alto, e sem conhecimento do povo, a absolvição e benção de Deus. Confiava a rainha muito n'este sacramento invisivel para morrer na fé viva da sua geração, e na reconciliação com o céo.

XXIII. — A rainha depois de ter escripto e resado dormio um socegado somno de algumas horas. Ao despertar a filha da Sr.ª Bault, a vestio e penteou, com mais decencia e respeito, que nos outros dias. Maria Antoinette despiu o vestido preto, que trazia depois da morte de seu marido, revestio-se com um branco em signal de innocencia para a terra e de alegria para o céo. Um lenço branco cobria seus hombros, e uma touca tambem branca os cabellos. Só uma fita negra, que apertava a touca sobre as fontes, lembrava ao mundo seu luto, a si propria sua viuvez, ao povo sua immolação.

As janellas, os parapeitos, os telhados e as arvores estavam carregadas de espectadores. Uma nuvem de mulheres, rancorosas contra a *Austriaca*, aglomeravam-se á roda das grades e até nos patios. Uma nebrina baça e fria de outono fluctuava sobre o Sena, e deixava em varios pontos penetrar alguns raios do sol, nos telhados do Louvre, e na torre do Palacio. Pelas onze horas, os gendarmes e os executores entrarám na sala dos condemnados. A rainha abraçou a filha do carcereiro, cortou a si mesma o cabello, deixou-se atar as mãos sem queixume, e saio com passo firme da Conciergerie. Nem uma só fraqueza femenina, nenhum desfallecimento de coração, nenhum tremor de corpo, nenhuma palidez nas feições. A natureza obedecia á vontade e lhe prestava toda a sua vida para morrer como rainha.

Ao sair da escada para o patio, apercebeu a carroça dos suppliciados, para a qual os gendarmes dirigiam a marcha. Parou, como para retroceder, e fez um gesto de espanto e de horror. Julgava que o povo daria ao menos apparato ao seu odio, e seria conduzida ao cadafalso qual o rei o fôra em um coche. Comprimido este movimento, abaixou a cabeça em signal de conformidade e subio á carroça. O padre Lothringer subio tambem apoz ella, apesar de sua recusa.

O prestito saio da prisão, no meio dos gritos de: *Viva a republica! Passagem a Austriaca! Passagem á viuva Capet, Abaixo a tyrannia!* O comediante Grammont, ajudante de campo de Ronsin, dava exemplo e signal para estes gritos ao povo, brandindo o seu sabre desembainhado, e fendendo a multidão com o peito do seu cavallo. A rainha com as mãos ligadas mal podia apoiar-se contra os balanços da carroça; difficultosamente buscava restabelecer o equilibrio e conservar a dignidade da sua posição. «Isso não são as tuas almofadas do Trianon!» lhe bradavam criaturas infames. As vozes os olhos, os risos, os gestos do povo a submergiam de humilhação. Suas faces passavam continuamente da côr purpurea, á palidez, e revelavam a effervescencia e o refluxo do sangue. Apesar do cuidado, que tinha posto em seu adorno, o destroço de seu vestido, o linho grosseiro, o estoffo commum, as pregas amarrotadas deshonravam a sua hierarchia. Os anneis de seus cabellos, se desprendiam do toucado, e lhe açoutavam a testa ao sopro do vento. Seus olhos vermelhos e inchados, ainda que seccos, indicavam as longas innundações de uma dôr exhausta de lagrimas. Mordia ás vezes o labio inferior, como quem comprime o grito de um soffrimento agudo.

Quando atravessou a *Pont-au-Change* e bairros tumultuosos de Pariz, o silencio e a gravidade da multidão indicaram outra região do povo. Se não era a piedade, era ao menos a consternação. Seu rosto recobrou o socego e a uniformidade d'expressão, que os ultrajes da populaça tinhão perturbado no primeiro momento. Assim percorreu lentamente toda a extensão da rua de Saint Honoré. O padre collocado a seu lado, em vão se exforçava despertar-lhe a attenção com palavras, que ella parecia repellir dos ouvidos. Suas vistas passeavam com toda a sua intelligencia, pelas fachadas das casas, sobre as inscripções republicanas, sobre os trajos e physionomia d esta capital, tão transformada para ella depois de dezeseis mezes de captiveiro. Olhava especialmente para a janellas dos andares superiores aonde fluctuavam bandeirolas tricolores insignia de patriotismo.

O povo acreditava, e testimunhas escreviam, que sua attenção ligeira e pueril se fixava nesta decoração exterior do republicanismo. Seu pensamento era outro. Os olhos procuravam-lhe um signal de salvação por entre aquelles signos de sua perda. Approximava-se da casa, que lhe fôra designada na prisão. Interrogou com os olhos a janella d'onde devia descer sobre sua cabeça a absolvição de um padre disfarçado. Um gesto incomprehensivel a multidão lh'o fez conhecer. Fechou os olhos abaixou a fronte, recolheu-se sobre a mão invisivel, que abençoava, e não podendo servir-se das suas mãos atadas, fez o signal da cruz sobre o peito com tres movimentos da sua cabeça. Os espectadores se persuadiram que resava sosinha, e respeitaram o seu recolhimento. Uma alegria interior, e uma consolação secreta brilharam, depois d'este momento, sobre o seu rosto.

XXXIV — Desembocando na praça da Revolução, os chefes do cortejo fizeram aproximar a carroça o mais perto possivel da *Pont-Tournant*, e a fizeram parar um momento diante da entrada do jardim das Tulleries. Maria Antoniette voltou a cabeça para o lado do seu antigo palacio, e contemplou, alguns instantes, este theatro odioso e charo de sua grandeza e sua queda. Algumas lagrimas lhe cairam sobre os joelhos. Todo seu passado lhe apparecia á hora da morte. Mais alguns giros das rodas da carroça a levou ao pé da guilhotina. O padre e o executor a ajudaram a descer, sustendo-a pelos cotovellos. Subio com magestade os degraos do estrado. Chegando ao cadafalso, pizou por inadvertencia o pé do algoz. Este homem soltou um grito de dôr. «Perdoai» disse ella ao algoz no tom de voz com que teria fallado a algum de seus cortezãos. Ajoelhou um instante e fez uma oração a meia voz. Depois levantando-se: «Adeus ainda uma vez, meus filhos,» disse ella, olhando para as torres do Templo, «vou unir-me a vosso pai.» Não tentou porém, como Luiz XVI, justificar se perante o povo, nem enternecel-o pela sua memoria. Suas feições não apresentavam, como as de seu marido aquelle sello da beatitude do justo e do martyr, mas a do desdem para com os homens, e a justa impaciencia de sahir da vida. Ella não se lançava para o céo, mas fugia do pé da terra, e partindo deixava-lhe a sua indignação e o remorso.

O algoz mais tremulo do que ella, foi possuido do

um tremor que lhe fez hesitar a mão ao desprender o ferro da guilhotina. A cabeça da rainha cahio. O ajudante do algoz lhe pegou pelos cabellos deu com ella volta em roda do cadafalso e levantando-a a mostrou ao povo. Um prolongado grito de: *Viva a republica!* saudou aquella cabeça decapitada e já dormida.

Creu-se a revolução vingada, quando só se havia infamado. Este sangue de mulher cahia sobre a sua gloria, sem cimentar a liberdade. Todavia este assassinio causou em Pariz menor commoção que a morte do rei. A opinião fingio indifferença para com uma das mais odiosas execuções, que consternaram á republica. Este supplicio de uma rainha, e d'uma estrangeira, no meio de um povo, que a tinha adoptado, nem teve ao menos a compensação dos fins tragicos: os remorsos e enternecimento de uma nação.

XXXV — Assim morreu esta rainha, inconstante na prosperidade, no infortunio sublime, e no cadafalso intrepida; idolo da corte mutilada pelo povo, durante muito tempo o amor, mais tarde o cego conselho da realeza; e depois a inimiga personificada da revolução. Esta revolução, não soube a rainha prever, acceitar, nem comprehender; não soube senão irrital-a e temel-a. Refugiou-se n'uma côrte, em vez de se precipitar no seio do povo. O povo lhe votou injustamente todo o odio com que perseguia o antigo regimem. Apellidava com o seu nome todos os escandalos e todas as traições das cortes. Omnipotente pela formosura e espirito sobre seu esposo, envolveu-o na sua impopularidade, e o arrastou á ruina pelo seu amor. Sua politica, vacilante segundo as impressões do momento, alternativamente timida como a derrota, outras temeraria como o triumpho, não soube nem recuar, nem avançar a proposito, e converteu-se a final em intrigas com a emigração, e com o estrangeiro. Favorita encantadora e perigosa de uma velha monarchia, em vez de rainha de uma monarchia nova, nem teve o prestigio da antiga realeza — o respeito; nem o prestigio do novo reinado — a popularidade. Soube apenas enfeitiçar, desvairar, e morrer. A pouca solidez de seu espirito a desculpa; o enibriamento da juventude e da belleza a absolve, a grandeza de seu valor a ennobrece. Não póde ser julgada sobre um cadafalso; ou para melhor dizer só á compaixão pertence julgal-a. E' do numero d'aquellas memorias, que desarmam a severidade politica do historiador, que se evocam com piedade, e que somente se julga como devem ser julgadas as mulheres, com lagrimas.

A historia, seja da opinião que fôr, derramará eternas lagrimas sobre este cadafalso. Só, contra todos; innocente pelo sexo; sagrada pelo titulo de mãi, uma mulher, tomada inoffensiva, foi immolada em estrangeira terra por um povo que nada soube perdoar á juventude, á formosura, e á vertigem da adoração! Chamada por este povo para occupar um throno, este povo não lhe concedeu nem ao menos a honra de um tumulo. Lê-se no registo dos enterros communs da Magdalena: *Pela sepultura da viuva Capet, 7 francos.*

Eis-aqui o total d'uma vida da rainha, e d'aquellas sommas enormes despendidas durante um reinado prodigo pelo esplendor, pelos prazeres, e pelas generosidades de uma mulher, que possuira Versailles, Saint-Cloud, e Trianon. Quando a Providencia quer fallar aos homens com a rude eloquencia das vicissitudes reaes, diz n'um signo mais do que Séneca, ou Bossuet em eloquentes discursos, e escreve um vil algarismo no registro de um coveiro.

LIVRO XLVII.

I — A narração do processo e morte de Maria Antoniette que não quizemos interromper, obriga-nos a retrogradar algumas semanas, até 3 d'outubro, a fim de seguirmos no destino dos girondinos.

Depois do 2 de junho, data da sua quéda, e prisão de seus principaes oradores, eram os girondinos o alvo do constante ressentimento do povo de Pariz, mais avido do que farto de vinganças. A commissão de segurança geral encarregou Amar, um dos seus mais implacaveis membros, de entregar ao tribunal os vinte e dois chefes principaes deste partido, que existiam presos desde 31 de maio, e decretar a accusação dos setenta e tres deputados do centro, indiciados de cumplicidade moral com a Gironda, e que tinham protestado a 6 e 19 de junho, em um acto corajoso e publico, contra a violencia do povo, e contra a mutilação da representação nacional. Esta medida da commissão de segurança geral, foi envolvida em profundo mysterio: Obrou a commissão como o tribunal dos Dez em Veneza, tranquillisando pela dissimulação e silencio as victimas, que temia se lhe escapassem.

II — A 3 de outubro, n'uma dessas esplendidas manhãs do outono, que parecem convidar os homens á serenidade do céo, e a livre contemplação dos ultimos bellos dias de uma estação proxima a expirar, os setenta e trez deputados do centro, resto sempre ameaçado e inquietado do partido de Roland, de Vergniaud, e de Brissot, foram á sessão da Convenção. O apparato desuzado de força armada em roda das Tuillerias surprehendeu-os. No interior da sala, as galerias do povo, donde assistia aos seus negocios estavam mais providas de espectadores, que de ordinario. Uma surda agitação e uma impaciente espera se trahia em todas as phisionomias e movimentos. Um invisivel pezo d'anxiedade parecia opprimir os deputados, que se sentavam vagarosamente nos seus logares. Dir-se-hia que a Montanha e o povo tinham recebido a misteriosa confidencia da scena tragica, que se preparava. Os setenta e trez olhavam sem comprehender, e mutuamente se interrogavam, sem saberem responder que novo acto de tyrannia haveria transpirado durante a noite do seio das commissões?

III — Um deputado da Montanha desceu do seu banco; subio á tribuna e annunciou que o relator da commissão de segurança geral, Amar, não tardaria a vir fazer o seu relatorio ácerca dos vinte e dois girondinos, presos no dia 8 de junho. Este deputado para acalmar a impaciencia dos espectadores, indicou com gestos e folheou rapidamente as peças authenticas deste relatorio, depositadas d'antemão na tribuna, e que continham a vida ou a morte ainda indecifravel de tantos proscriptos. Em breve appareceu Amar. Era um desses homens moderados de caracter, quando os tempos se acalmam, quando a moderação não tem perigo, e que resgatam pelo servilismo, e pela violencia, sua passada moderação nos tempos extremos. Amar, antigo enobrecido do parlamento de Grenoble, tinha ao principio combatido a Montanha. Esforçava-se depois em acaricial-a apresentando-lhe criminosos para punir, para arredar as suspeitas e os resentimentos. Seu relatorio, extenso, e calumnioso, resumindo todos os rumores contradictorios espalhados contra os girondinos por seus inimigos, concluia:

1.º Por declarar culpados de conspiração contra a unidade e indivisibilidade da republica os deputados, Brissot, Vergniaud, Gensonné, Duperret, Carra, Mollevault, Gardien, Dufriché-Valazé, Vallée, Duprat, Sillery, Condorcet, Fauchét, Pontécoulant, Ducos, Boyer-Fonfrede, Gamon, Lasource, Lesterpt-Beauvais, Isnard, Duchâtel, Duval, Devérité, Mainvielle, Delahaye, Bonnet, Lacaze, Mazuyer, Savary, Hardy, Lechardy, Boileau, Rouyer, Antiboul, Bresson, Noel, Coustard, Andrei de la Corse, Grangeneuve, Vigié; finalmente Filippo *E'galité*, n'outro tempo duque d'Orleans, um momento esquecido, pedido nominalmente por Billaud-Verennes, e concedido por acclamação de todos.

2.º Por declarar traidores á patria e conforme a um precedente decreto de 8 de julho, os deputados girondinos fugitivos, Buzot, Barbaroux, Gorsas, Lanjuinais, Salles, Louvet, Bergoing, Pethion, Gaudet, Ghasset, Chambon, Lidon, Valady, Fermon, Kervélégan, Henri Larivière, Rabaut-Saint-Etiène, Lesage, Cussy e Meillan.

O relator suspendeu por um momento a leitura de suas conclusões depois destes dois artigos. Os membros do centro, cumplices da politica dos deputados da Gironda presos ou proscriptos respiram. Julgaram-se esquecidos ou amnistiados. Nada lhes tinha advertido, nas confidencias de seus collegas das commissões, de que a espada estivesse tão proximamente suspensa de suas cabeças. Resignavam-se dolorosamente á proscripção, ou ao supplicio dos chefes de uma opinião, que já não po-

diam salvar. Procuravam occultar-se e confundir-se nas classes obscuras da convenção; mudos com medo de que ouvindo fallar delles, o povo se não lembrasse de que o haviam offendido e que ainda viviam! A's primeiras phrases do relatorio de Amar, alguns so tinham furtivamente passado para fóra do recinto; temendo, por um presentimento vago, que a immensa rêde d'accusação estendida pelo orgão da commissão de segurança geral se estendesse até elles surprehendendo-os em seus bancos: outros permaneceram em seus logares, felicitando se já interiormente de não ter provocado a suspeita parecendo prevenil-a ou fugir-lhe.

Esta illusão só durou alguns minutos Amar pegou com mão impassivel nas folhas da segunda parte do seu relatorio; mas antes de continuar a leitura, pediu que se fechassem as portas da sala por um decreto instantaneo, e que ninguem podesse sahir das tribunas. Os suspeitos votaram como os outros este decreto inesperado, com medo de parecerem temel-o. Amar continuou: «Aquelles dos signatarios dos protestos de 6 e 19 de Junho ultimo» (contra o 31 de maio, expulsão dos Girondinos), disse elle, «que não são enviados ao tribunal revolucionario, serão postos em segura custodia e seus papeis sellados. A seu respeito se fará um relatorio particular pela commissão de segurança geral.»

Principiou então a leitura nominal dos setenta e tres deputados. Longo silencio de intervalo entre cada nome pronunciado, deixava fluctuar um instante n'alma de todos a esperança de serem omittidos, ou o terror de serem nomeados. Eis-aqui a lista dos que ouviram o decreto nominal de sua proscripção immediata e de sua morte proxima, sahir da bocca d'Amar: Lauze Duperret, Cazeneuve, Laplaigne, Defermon, Rouault, Girault, Chastelin, Dugué-d'Assé, Lebreton, Dussaulx, Couopé, Saurine, Queinnet, Salmon, Lacazes mais velho, Corbel, Guiter, Ferroux, Bailleul, Ruault, Obelin, Babey, Blad, Maisse, Peyre, Bohan, Fleury, Vernier, Grenot, Amyon, Laurenceot, Jarry, Rabaut, Fayolle, Aubry, Ribereau, Derazey, Mazuyer de Saône e Loire, Vallée, Lefébvre, Olivier Gerente, Royer, Duprat, Garithe, Devilleville, Varlet, Dubesc, Savary, Blanqui, Massa, Debray-Doublet, Delamarre, Faure, Hecquet, Deschamps, Léfébvre de la Seine-Inférieure, Serre, Laurence, Saladin, Mercier, Daunou, Périés, Vincent, Tournier, Rouzet, Blaux, Blaviel, Marboz, Estadenz, Bresson des Vosges, Moysset, Saint-Prix, Gamon.

O decreto d'accusação foi votado sem discussão. Alguns deputados designados quizeram reclamar. A impaciencia cobriu suas vozes. Subjeitaram-se em silencio, como um rebanho destinado ao matadouro, no estreito recinto da barra cercada d'um engrandamento. Alguns membros da Montanha pediram com encarniçamento a addição dos nomes de seus inimigos á lista dos proscriptos. No fim desta longa sessão, os deputados designados foram conduzidos para as prisões de Pariz, principalmente para a Força.

Pedia-se a grandes gritos o seu processo com o dos Girondinos enviados ao tribunal revolucionario. O seu processo era a sua morte. Robespierre empregou com mais coragem, do que havia manifestado em defender outras muitas victimas toda a sua influencia para os preservar do cadafalso.

Não temeu resistir aos gritos do povo, nem offender os seus collegas das commissões para subtrahir os seus inimigos. O tempo confirmou, que elle os reservava talvez como contrapezo ao poder da Montanha, para o momento em que tivesse de dominar a convenção. Este testimunho lhe foi depois feito por aquelles mesmos, que julgavam vêr nelle o inspirador secreto da sua proscripção. O deputado Girondino Blanqui, um dos setenta e tres, detidos na Força tinha tido relações pessoaes com Robespierre na commissão d'instrucção publica. Escreveu-lhe, queixando-se dos indignos tratamentos, que lhe faziam soffrer e a seus collegas nas prisões, e lançando-lhe em rosto a mutilação violenta da representação nacional. Robespierre ousou responder a Blanqui, fazendo-o porém em termos vagos e obscuros, que deixavam entrever sentimentos de liberdade e promessas de protecção occulta, que vieram a realisar-se no futuro para todos estes detidos. Blanqui e seus companheiros de captiveiro comprehenderam então, por estes symptomas que sua proscripção era mais uma concessão do que incitação de Robespierre, e que este queria ligal-os pelo reconhecimento a seus futuros destinos. Quanto aos outros deputados encarcerados desde 31 de maio, a sua sorte acabava de se explicar pela boca d'Amar. Havia muito tempo que a deviam ter pressentido. A Montanha satisfeita ao principio da sua victoria; Danton e Robespierre, envergonhado pelos odiosos e impoliticos assassinios, em vão se tinham esforçado de os fazer esquecer. Não se levantava em Pariz um cadafalso, que a multidão não perguntasse porque não eram alli levados os girondinos. A commissão de salvação publica temia deixar por mais tempo este aggravo contra sua pretendida fraqueza aos montanhezes exaltados, e á communa. Os jacobinos tinham arrancado aos girondinos a cabeça de Luiz XVI; a demagogia de Hébert, de Pache, d'Audonin, intimava os jacobinos a dar á republica o penhor das trinta e duas cabeças de seus collegas. Robespierre cedeu com pesar. Garat ainda ministro do interior, veio conjural-o de salvar os prezos. «Não me falleis mais nisso,» disse Robespierre. «Não me é possivel o salval-os. A revolução tem dias em que é crime até o viver, e em que é preciso saber dar a cabeça quando esta nos é exigida. Talvez a minha tenha de me ser pedida tambem,» accrescentou elle levando as duas mãos aos cabellos, como um homem, que toma um pesado fardo de seus hombros para o lançar em terra, «vereis se eu lh'a disputo!» Garat se retirou consternado.

IV. — Como se vio no decurso desta narração, Vergniaud, Gensonné, Ducos, Fonfrede, Valazé, Carra, Franchet, Lasource, Gorsas e seus collegas tinham ficado voluntariamente presos em Pariz. Condorcet se havia subtrahido a tempo ás pesquizas de conselho dos tribunaes, e ao decreto de accusação lançado contra elle.

Roland tinha se refugiado e escondido nos suburbios de Rouen depois da prisão de sua mulher. Brissot, que a opinião publica considerava como chefe desta facção, porque tinha sido o seu publicista, e lhe tinha dado seu nome, havia prevenido a ordem de captura fugindo. Chegando a Chartres sua patria, já não achou ali amigos. Sahiu da cidade só, a pé, com fatos emprestados, e procurou atravez dos campos, e por desconhecidos atalhos, ganhar as fronteiras da Suissa, ou os departamentos de Meiodia. Munido de um passaporte falso, Brissot vagou assim sem ser conhecido por uma parte da França, comendo e dormindo pelas cabanas, continuando de dia o seu caminho pelo interior das campinas, então revestidas de sua mais abundante vegetação. Elle achava, ao aspecto do céo esplendido, dos campos floridos, e das solitarias florestas das margens do Loire, aquella paixão pela natureza, aquelle enthusiasmo pela solidão, que as borrascas politicas não tinham podido alterar em sua alma, e que o destino parecia fazer-lhe soborear mais diliciosamente no momento em que destes gozos o ia privar para sempre. Reconhecido e prezo em Moulins, escapando difficilmente ao furor dos jacobinos desta cidade, foi reconduzido a Pariz por entre milhares de imprecações e mortes, e lançado nas prisões da Abbadia, aonde se definhava havia cinco mezes.

V. — O captiveiro dos outros girondinos encerrados desde 31 de maio, tinha seguido, em sua indulgencia ou nos seus rigores, as oscilações da opinião publica. No começo docil, de si mesma vergonhosa e para assim dizer nominal, tinha-se limitado a um simples desterro na sua propria casa, sob a vigilancia de um gendarme. Eram frequentes e faceis as occasiões de se evadir. Reunidos com suas familias, visitados pelos seus amigos, servidos pelos seus domesticos, providos de ouro e de falsos passaportes, tinham pensado em tentar, por estas medidas de tolerancia, suas disposições para a fuga. Achava-se a Montanha mais embaraçada do que zelosa de suas victimas; mas depois dos desastres do exercito do norte, dos successos da Vendée, das insurreições de Calvados, de Marseille de Lyon e de Toulon, depois da proclamação do terror, do julgamento de Custine, do

supplicio da rainha e da lei sobre os suspeitos, este captiveiro se tinha apertado mais. Tinham-nos mandado para Abbadia, depois para o Luxembourg, e por fim para o convento dos Carmelitas, reunidos pelo mesmo crime, e grupados pela mesma sorte. Confundidos muito tempo com os suspeitos de realismo ou de federalismo, os girondinos se tinham achado apoiados pelo acaso, este vingador cégo dos vencidos e dos vencedores, com as victimas da sua politica, os vencidos de 10 de agosto, os amigos de la Fayette e de Dumouriez, os servidores da realeza, os moderados da revolução, os nobres, os padres, os magistrados, os Barnave, os Bailly, os Malesherbes. A neutralidade dos carceres havia trazido entre estes homens aquellas aproximações estranhas de situação, que são algumas vezes jogo, outras vingança, mas sempre lição das revoluções. Tinham-se visto, e conversado não sem espanto, mas sem recriminação e sem odio. A mesma adversidade parecia absolver todos os partidos.

Todavia os girondinos, inflexiveis em seu republicanismo, conservavam a attitude revolucionaria de sua primeira natureza. Não affectavam, nem arrependimento de suas opiniões, nem humiliação de sua quéda. Confundiam-se com a convenção em todos os seus actos d'energia patriotica, e de severidade contra os realistas. Não se separavam d'ella senão pelo que elles chamavam seu abatimento, o seus crimes. Formavam nas prisões uma sociedade á parte, e um grupo distincto, que não era um rompimento, mas um schisma na republica. Seus nomes, celebridade, mocidade e eloquencia, inspiravam curiosidade a seus inimigos, respeito aos prezos, e mesmo attenção a seus carcereiros. Alguma cousa do seu caracter de representantes do povo, de seu prestigio e poder os tinha seguido até aos carceres. Ainda mesmo captivos, reinavam pela memoria ou pela admiração que os cercava.

VI. — Decedido que foi o seu processo se lhes apertou ainda mais o captiveiro. Encerraram nos por alguns dias no immenso edificio dos carmelitas na rua de Vergniaud, mosteiro convertido em prizão e tornado sinistro pelas recordações e vestigios de sangue dos assassinios de setembro. Cs andares inferiores d'esta prizão, já atulhados de prezos, não deixavam aos girondinos senão um estreito espaço debaixo dos tectos do antigo convento, composto de um corredor obscuro e de trez cellas baixas abrindo umas sobre as outras e semilhantes aos *chumbos de Veneza*. Uma escada occulta, n'um angulo do edificio, subia desde o pateo até estes altos. Tinham praticado nestas escadas muitos postigos. Uma unica porta massiça e chapeada dava accesso para estes carceres. Esta porta fechada desde o anno de 1793, e que se abriu de novo para nós, nos patenteou estas cellas e transmittiu a imagem e os pensamentos dos captivos tão intactos como o dia em que elles os deixaram para marchar á morte. Nenhum passo, nem uma só mão, nenhum insulto do tempo ahi apagou estes vestigios. Os caracteres traçados pelos proscriptos, e por todos os outros partidos da republica ahi se achavam confundidos com os dos girondinos. Os nomes dos amigos e dos inimigos, dos algozes e das victimas, ahi estavam enlaçados sobre a mesma parede.

VII. — Por cima da cimalha da primeira porta, se lia logo em letra redonda, a inscripção de todos os monumentos publicos do tempo: *Liberdade e Igualdade ou morte*. Entrava-se pois n'uma cella muito vasta, servindo de sala commum, e á qual os prezos concorriam para conversar e tomar suas refeições. A' esquerda estava situada uma pequena alcova obscura na qual dormiam os mais mancebos. A' direita, uma porta dava para um quarto pouco menos vasto que o primeiro, e que servia de dormitorio commum. Estes dois quartos cuja inclinação do telhado abaixa o tecto do lado da parede exterior, recebiam luz cada um por duas janellas sem grades, que deitavam para o immenso jardim e para os terrenos contiguos aos Carmelitas. As vistas ahi se espraivam ao principio sobre o jardim e sobre um repuxo, que parecia lavar perpetuamente o sangue dos frades assassina os em torno do seu tanque, depois se perdiam n'um longiquo horisonte para o norte e poente de Pariz. O azul do céo não era ahi cortado, senão pela grimpa de um campanario do lado do Luxemburgo, pelo zimborio dos Invalidos em frente, e á esquerda pelas duas torres d'uma igreja quasi demolida. O dia, a luz, o silencio e a serenidade d'este horisonte penetravam a ondas n'estas camaras elevadas e davam aos captivos a imagem dos campos, as illusões da liberdade, e o socego da distracção. As paredes e tectos d'estas camaras, cobertos de um cimento grosseiro, offereciam aos prezos, em logar de papel, que lhes era vedado depois de sua trasladação, paginas lapidarias, em que podiam gravar seus ultimos pensamentos, com a ajuda de canivetes, ou escrevel-os a pincel. Estes pensamentos, geralmente expressados em maximas breves e proverbiaes, ou em versos latinos, lingua immortal, cobrem ainda hoje este cimento, e fazem d'estas paredes, o derradeiro entretenimento e suprema confidencia dos girondinos. Quasi todas conservam ainda a côr do sangue com que foram escriptas. Assim parecem imprimir nas vistas, que as decifram alguma cousa do mesmo homem, que as escreveu com a sua substancia e sua vida. E' um testimunho do martyrio dos primeiros republicanos, dado pela propria mão d'elles, o proprio sangue. Nem um só attesta algum pezar, ou fraqueza. O gemido da desgraça, alli não diminue a convicção. São quasi todos um hymno á constancia, um desafio á morte, um brado á immortalidade. Alguns nomes de seus perseguidores se acham misturados com os dos girondinos. Aqui se lê:

« Quando não pode salvar de Roma a liberdade.
« Catão é livre ainda e sabe morrer como homem. »

N'outra parte:

« Justum et tenacem propositi virum
« Non civium ardor prava jubentium,
« Non vultus instantis tyranni
« Mente quatit solidâ. »

Mais acima:

« Cui virtum non d est,
« Ille
« Numquam omnino miser. »

Mais abaixo:

« A verdadeira liberdade é a da alma. »

A par desta, uma inscripção religiosa, em que parece reconhecer-se a mão de Fauchet:

« Lembrai-vos de que sois chamados, não para con-
« versar e existirdes ociosos, mas para soffrer e
« trabalhar. »

(*Imitação de Jesu-Christo*).

N'outra parede, uma lembrança dirigida a um nome querido que não se quer revelar nem mesmo na morte:

« Morro por...... »

(*Montalembert*).

Sobre a viga:

« Dignum certe deo spectaculum fortem virum col-
« luctantem cum calamitate. »

Por cima:

« Quão solidos appoios na desgraça suprema!
« Te ho por mim a virtude, a equidade e o mes-
« mo Deus! »

Mais abaixo:

« Não é o dia mais puro do que o fundo do meu
coração. »

No vão da janella :

« Cui virtus non deest,
« Ille
« Nunquam omnino miser.... »
« Rebus in arduis facile est contemnere vitam. »
« Dulce et decorum pro patria mori. »
« Non omnis moriar. »
« Summum credo nefas animam præferre pudori ! »

Em grossos caracteres com sangue, pela mão de Vergniaud :

« Potius mori quâm fœdari ! »

Finalmente uma indecifravel multidão d'inscripções, de niciaes, de estrophes, de pensamentos não acabados, attestam todos a intrepidez de homens estoicos, nutridos com a tempera da antiguidade e procurando sua consolação, não na esperança da vida, mas na contemplação da morte. Estes muros assim como as victimas, que elles encerraram vertem sangue, mas não vertem lagrimas.

VIII. — Os girondinos foram transferidos durante a noute em sua derradeira prisão, para a Conciergerie. A rainha ahi se achava ainda. Assim, o mesmo tecto cobria a rainha cahida do throno, e os homens, que a tinham precipitado em 10 d agosto, a victima da realeza, e as victimas da republica. Ahi se foram encontrar reunidos com Brissot, deixado muito tempo só na Abbadia, e com aquelles seus collegas e amigos, que como Duperret e Riouffe tinham sido conduzidos do Meiodia ou da Bretanha para serem julgados com elles.

Collocaram-nos n'um quarto distincto do resto da prisão. Seus carceres eram contiguos : só um delles continha dezoito leitos. Não communicavam com os outros prezos senão nos pateos, nas longas horas d'ociosidade e de passeio. A impossibilidade de se evadirem destes muros cerrados por triplices postigos, varões de ferro, ferrolhos e sentinellas, tinha feito modificar o regimen do segredo a que tinham estado algum tempo submettidos. Tinha-se lhes permittido o uso de tinta e papel. Liam as folhas publicas; fallavam ao postigo com suas esposas filhos e amigos. Alli sómente se enterneciam ao trocar aquellas meias palavras, aquelles apertos de mão, aquelle olhar de intelligencia, aquellas lagrimas, consolo e supplicio destas entrevistas nas prisões. Brissot ahi via de tempo a tempo sua esposa levantando seu filho nos braços para o fazer abraçar seu pai. Mas a maior parte eram mancebos sem mulheres e sem familia em Pariz, ligados secretamente a damas, que não podiam honrar-se com seus nomes, nem confessar seu amor, nem sua magoa, e que só conseguiam á força de astucias e disfarces o trocar um bilhete, um suspiro, uma vista com aquelles, que ellas amavam.

O cunhado de Vergniaud, M. Alluaud, chegou de Limoges para trazer algum dinheiro ao preso, porque Vergniaud estava em completa nudez, suas vestes eram farrapos. M. Alluaud havia trazido comsigo seu filho um menino de dez annos, cujas feições recordavam ao prezo o rosto de sua querida irmã. O menino vendo seu tio enclausurado como um criminoso, de rosto magro, côr palida, cabellos arrepiados, barba comprida, vestidos sujos e velhos cahindo de seus hombros, se poz a chorar, e se abraçou horrorisado aos joelhos de seu pai. — « Meu filho, » lhe disse o prezo tomando-o nos braços, « tranquilisa-te e olha-me bem ; quando tu fores homem, dirás que vistes Vergniaud, o fundador da republica, no mais bello tempo e no mais glorioso trajo de sua vida, naquelle em que soffria a perseguição dos malvados e em que elle se preparava para morrer pelos homens livres. »

A creança se lembrou com effeito, e o contou cincoenta annos depois a quem escreve estas linhas.

XI. — A's horas da reunião no pateo, os outros presos se juntavam á roda dos girondinos para os contemplar e ouvir. Suas conversações versavam sobre os acontecimentos do dia, nos perigos da patria, nos obstaculos da liberdade e nas chagas da republica. Fallavam como homens, que nada mais tinham a contemporisar com o tempo, e viam ensanguentar e deshonrar a sua obra. Sua eloquencia, que nada perdera de seu patriotismo, adquiria debaixo d'estas abobadas alguma cousa de prophetica, e de celeste placidez. Sua voz imparcial parecia sair do tumulo. Brissot lia a seus collegas as paginas, que legava á posteridade, para sua justificação. Lastimava continuamente que aquella liberdade, que elle fôra contemplar n'um paiz novo, nos bosques d'America, aonde as mais puras virtudes a naturalisavam, se nutrisse de sangue e de veneno, entre um povo antigo e corrompido como o nosso, aonde era mister crear até o homem para regenerar as instituições humanas. Gensonne conservava nos labios o azedume do sarcasmo, este sal corrosivo da sua palavra, e se vingava da perseguição pelo despreso para com os perseguidores. Lasource alumiava com o fogo da sua ardente imaginação os abysmos d'anarchia. Consolava-se de vêr afundir-se o seu partido no desmoronamento geral da Europa. Seu espito mystico descobria por toda a parte o dedo de Deus escrevendo a ruina da sociedade. Carra sonhava novas combinações e destribuições de territorios entre as potencias da Europa. Desenhava sobre o globo a carta da liberdade e tomava as chimeras de sua imaginação pelo genio do homem de estado. Fauchet batia nos peitos diante de seus collegas. Accusava-se com arrependimento sincero porém firme de haver abandonado a fé, em sua mocidade. Provava que sómente a religião podia guiar os passos da liberdade. Regosijava-se em dar á sua morte proxima o caracter de um duplo martyrio ; o do sacerdote, que se arrepende, e o do republicano, que preservera. Sillery callava-se, achando n'estes momentos supremos o silencio mais digno do que o queixume. Voltava como Fauchet ás crenças e praticas religiosas. Separavam-se ambos muitas vezes de seus collegas para ir entreter-se em particular com um veneravel padre preso pela sua fé na Conciergerie. Era este o abbade Emery, antigo superior da congregação de São Sulpicio, de quem Fouquier-Tinville dizia : « Nós o deixamos viver porque suffoca mais queixas, e tumultos em nossas prisões, pela sua doçura e conselhos, do que os gendarmes e o medo da guilhotina a poderiam fazer.

Ducos e Fonfrede, mancebos em quem a prisão não esfriava o ardor da mocidade, nem o enthusiasmo do Meio dia, brincavam com a morte, escreviam versos, manifestavam a louca alegria dos dias serenos, e não achavam a gravidade e lagrimas, senão nas confidencias de sua heroica amizade, e nos receios que os dois amigos reciprocamente tinham pela sua morte. Abraçavam-se frequentemente e se apertavam as mãos como para se apoiar contra o destino. Nem a saudade pela immensa fortuna, e longa perspectiva de dias felizes, que iam deixar, nem a lembrança de duas jovens esposas, de quem elles anteviam a proxima viuvez, lhes davam na apparencia um unico arrependimento do sacrificio, que fasiam da sua vida á liberdade.

Uma vez porém, escondendo-se Fonfrede de Ducos e conversando com o joven Riouffe, deixou rebentar uma effusão comprimida de dôr e de lagrimas fallando de sua mulher e de seus filhos. Ducos o percebeu, approximou-se e interrogando com vivacidade Fonfrede: « Que tens tu, e que me occultas ? » disse no tom de uma terna reprehensão a seu cunhado !... « Nada tenho... era elle, que me fallava e me enternecia, » respondeu Fonfrede apontando para Riouffe. Mas Ducos não se deixou enganar : e os dois amigos se estreitaram nos braços um do outro, comprimindo suas lagrimas, para as não mostrarem um ao outro.

Valazé via approximar-se a morte como a corôa do sacrificio, que tinha feito havia tanto tempo de sua vida por sua patria. Sabia que as doutrinas novas querem crescer no sangue de seus primeiros apostolos. Felicitava-se interiormente de lhe dar o seu. Possuia o fanatismo da dedicação e a impaciencia do martyrio. Suas feições resplandecendo de immortalidade n'estes carceres, testimunhavam n'elle o goso antecipado de uma morte, que desafiava em vez de lhe fugir. « Valazé, » lhe di-

ziam seus companheiros na desgraça, «bastante vos puniriam se não vos condemnassem.» Sorria elle á estas palavras, como um homem de quem se advinha o pensamento.

Algumas horas antes do processo, deu ao joven Riouffe uma thesoura que até então occultára. «Toma,» lhe disse elle em tom de ironia, que Riouffe não comprehendeu logo, «dizem que é uma arma perigosa, e temem que nós attentemos contra nossa vida!» Elle trazia comsigo uma arma mais segura, e este presente não era mais do que uma zombaria socratica aos seus algozes.

X. — Pelo que respeita a Vergniaud, não affectava nem a alegria intempestiva dos seus moços amigos Ducos e Fonfrede, nem a solemnidade de Lasource, nem o impaciente ardor de morrer de Valazé, nem a preoccupação laboriosa de Brissot para justificar sua memoria perante a posteridade. Parecia inquietar-se tão pouco pela sua lembrança, como o fora pela sua vida. Sereno, grave, natural, algumas vezes sorrindo, e muitas mais pensativo, nada escrevia, fallava pouco, parecia usar sem pressa como sem pesar, os dias, cuja occiosidade forçada se não casava muito com o seu caracter. Piloto a quem arrancaram o leme n'uma tempestade, descançava na tolda, entregue ás oscillações da náo, cuja manobra já não lhe pertencia. Sua alma forte, a quem sua propria força, tornava até algumas vezes muito immovel; seu genio prophetico, mas perguiçoso, não lhe deixavam senão mui pouca sensibilidade sobre si mesmo. Resumia n'um só olhar e n'uma só palavra, uma situação inteira, e não a sentia mais nos detalhes. Só e taciturno, em sua cama ou no pateo, illuminava por vezes a conversação com algum d'aquelles rasgos d'eloquencia, que não quadram menos magestosamente nas masmorras do que na tribuna. Commovidos seus collegas o applaudiam e lhe pediam notasse aquelles improvisos para a hora do tribunal, ou para a posteridade. Vergniaud desdenhava ajuntar estas migalhas do seu genio. A eloquencia n'elle não era arte, era sua propria alma. Estava seguro de a trazer sempre comsigo, e de a encontrar na occasião. Estimava-a como uma arma para combater, e não para se ornar com ella ante o tempo, ou o futuro. Evaporado seu pensamento, não buscava conservar-lhe mais o inutil ecco. Recahia no seu somno, ou na sua indifferença.

Conversava a miudo com Fauchet, e sem partilhar sua fé, gostava das theorias e esperanças do christianismo. Considerava esta religião como a verdadeira philosophia da humanidade, revestida de mysterios e de mythos, para a fazer accessivel á fraqueza da infancia eterna do genero humano. Respeitava o christianismo como o fundidor respeita o oiro em moeda alterada. Não queria a destruição, mas a perfectibilidade lenta, livre e prudente do culto. «Desembaraçar Deus da sua imagem.» dizia elle, «é a ultima obra da philosophia e da revolução.» Vergniaud apreciava muito mais o talento de Fauchet desde que este talento vago e declamatorio se havia vivificado, pela resurreição do sentimento religioso na alma do bispo de Calvados, e pelo pressentimento do martyrio. Fóra d'estas conversações a attitude exterior de Vergniaud era a tranquillidade; não aquella incuria do homem ligeiro, que não se eleva até á dignidade da sua sorte e que profana as tres cousas mais santas da vida: a consciencia, o infortunio, e a morte; mas aquelle socego do homem pensador, que julga sua propria situação, que a domina e que concede distracções a sua existencia até á hora em que a sacrifica a um dever.

Tal era Vergniaud na prizão. Só parecia o mais impassivel de todos seus companheiros d'infortunio, porque era o mais reflectido e verdadeiramente grande. A amisade tinha um ascendente soberano em sua alma. Na vespera do dia em que o processo de seus co-accusados se abriu, lançou no pateo o veneno, que trazia comsigo havia cinco mezes, para morrer da mesma morte que os seus amigos, e lhes fazer companhia até ao cadafalso.

XI. — A 22 de outubro se lhes communicou o auto da sua accusação, e a 26 começou o processo dos templarios, nunca um partido inteiro havia comparecido na pessoa de chefes mais numerosos, mais illustres, nem mais eloquentes, em presença dos juizes. A fama dos accusados, seu longo poder, seu perigo presente, a cruel vingança, que empelle os homens ao espectaculo dos grandes transtornos de fortuna, e que lhes dá uma secreta alegria em contemplar os destroços, tinham conduzido, e detiveram até ao fim uma multidão comprimida no recinto e visinhanças do tribunal revolucionario. A maior parte dos juizes tinham sido amigos e clientes dos accusados. Estes mesmos juizes estavam inteiramente resolvidos a achal-os culpados e a purificarem se de toda a suspeita de cumplicidade, lançando ao povo este partido a devorar. Todavia não se atreviam a levantar os olhos para os accusados com medo de encontrar nelles um amigo, uma supplica ou uma reprehensão.

Uma imponente força armada enchia os postos da Conciergerie, e do palacio da justiça. As peças d'artilheria, os uniformes militares, os sarilhos d'armas, as sentinellas, a gendarmeria as espadas desembainhadas, annunciavam aos olhos um d'aquelles processos politicos em que o julgamento é uma batalha, e a justiça uma execução.

Pelo meio dia, os accusados foram introduzidos. Eram vinte e dois. Este numero fatal, escripto no primeiro pensamento da proscripção, a 31 de maio, tinha sido mantido apesar da fugida ou da morte de muitos dos vinte e dois primeiros deputados designados pelo apuramento da convenção. Tinham-no completado addicionando aos girondinos, outros accusados estranhos á sua facção, taes como Boileau, Mainvielle, Bonneville, Antiboul, para que o povo, vendo o mesmo algarismo cresse achar nestes a mesma cumplicidade, detestar o mesmo crime, e ferir os mesmos conspiradores.

XII. — A's onze horas elles entraram, um a um, entre duas alas de gendarmes, na sala d'audiencia. Tomaram assento silenciosamente no banco dos accusados. A multidão, vendo-os passar, perguntava seus nomes, e inquiria em seus rostos, o vestigio imaginario dos attentados que se lhe haviam attribuido. Admirava-se todavia de que feições tão juvenis e rostos tão serenos occultassem sob a belleza e docilidade das physionomias tantas atrocidades e perfidias. O primeiro que se sentou no banco era Ducos. Tendo apenas vinte e oito annos, sua figura adolescente, olhos negros e penetrantes, a expressão de seu rosto revelava uma daquellas naturezas meridionaes, em que a vivacidade das impressões prejudica sua profundidade; homens para quem tudo é leve, até o heroismo. Fonfrede, mais novo ainda que seu cunhado, o seguia. Uma sombra de mais grave melancolia se lhe estampava em todo o rosto. Descobria-se em sua physionomia pensativa, a luta interior do amor, que o prendia á vida, contra a generosa amisade, que o votava voluntariamente á morte. Por muitas vezes se tinham offerecido a Fonfrede meios de se evadir: «Não,» tinha elle respondido, «a sorte de Ducos será a minha. Salvar-me só, não seria salvar-me, seria perde-lo.» Saindo um dia da prisão, Fonfrede tinha voluntariamente voltado. As vistas destes dois girondinos se fixavam com mais segurança sobre a multidão e com mais confiança nos jurados. Ducos e Fonfrede não tinham compartilhado, tanto na convenção, como na commissão dos doze, nem a sabedoria de Condorcet e de Brissot, nem a moderação de Vergniaud. Enthusiastas fogosos como a montanha, tinham censurado muitas vezes a molleza revolucionaria de seu partido. Não aborreciam em Danton senão as manchas de setembro; seu gesto e palavra os arrastrava. Teria sido seu chefe se Vergniaud não existira. Apreciados pela montanha, que sympatisava com a sua joventude, esperavam em segredo, que os montanhezes no ultimo momento levassem em conta suas opiniões. Não eram culpados senão em terem o nome do seu partido.

XIII. — Após elles vinha Boileau, juiz de paz de Avalon. Homem fraco, estraviado por accidente nas fileiras da Gironda, reconhecendo o seu erro em face da morte, proclamava, com tardio arrependimento, as opiniões triumphantes, e o patriotismo sem piedade da convenção. Boileau tinha quarenta annos. Sua figura indecisa, attestava a fluctuação de suas idéas. Seu olhar mendigava as vistas dos juizes e parecia dizer-lhes:

«Não me confundais com os meus pretendidos cumplices; se eu não estivesse em sua companhia seria contra elles.»

Mainville o seguia; joven deputado de Marseille, de vinte e oito annos como Ducos, de formosura igualmente notavel, porém mais varonil que a de Barbaroux. Tinha manchado suas mãos no sangue d'Avignon sua patria, para a arrancar por violencia ao partido do Papa, e restituil-a á França e á revolução. Accusado por Marat de moderantismo, esta accusação o tinha confundido com a Gironda.

Duprat, seu compatriota e amigo, o acompanhava, pelo mesmo crime, nos carceres, e no tribunal. Seguia-se a estes, Antiboul, nascido em Saint-Tropez e deputado pelo Var. Culpado de humanidade corajosa no processo de Luiz XVI. Antiboul consentira em proscrevel-o como rei, mas não supplicia-lo como homem. Sua consciencia era o seu crime. Em suas feições se retractava o socego e a candura. Depois Duchatel, deputado pelos Deux-Sévres, idade de vinte e sete annos, que se fizera conduzir á tribuna moribundo, embrulhado n'um cobertor, para votar contra a morte do *tyranno*, e a quem chamavam na convenção em virtude deste trage e deste acto, o *espectro da tyrannia*. Sua estatura esvelta, e attitude marcial de seu corpo, e nobreza de figura attrahiam todos os olhos.

Carra, deputado pelo Saône-e-Loire á convenção, estava sentado ao pé de Duchatel. A expressão commum e desordenada de sua physionomia, seu corpo curvado, cabeça grande e grosseira, vestido descuidado, que lembrava o trajar de Marat, contrastavam com a estatura e bellesa de Duchatel. Carra era um daquelles homens, que tem a impaciencia da gloria na alma, sem lhe possuir o alcance no espirito; que se lançam na torrente das idéas do tempo para fluctuar como primeiros á superficie dos acontecimentos, porém que tendo mais luzes nos sentimentos do que na intelligencia, param quando percebem que a corrente os leva ao crime e se deixam voluntariamte submergir pelas tempestades, que tem sublevado. Assim era Carra. Douto, confuso, fanatico, declamador, fogoso no movimento, fogoso na resistencia. Refugiara-se na Gironda para combater os excessos do povo, sem reprovar a republica. O seu jornal fôra o ecco das suas doutrinas e eloquencia. O ecco devia morrer com as vozes.

Um homem obscuro, de traje e porte rustico, Dupperret, victima involuntaria de Carlota Corday sentava-se ao lado de Carra. Era todavia nobre, mas cultivava com suas proprias mãos o dominio rural de seus pais. Sem ambição, nem vaidade, a revolução o tinha vindo surprehender como a Cincinatus na charrua. Tinham no eleito máu grado seu, como o mais honrado homem. Pagava o preço de sua boa fama. Tinha quarenta e sete annos. Vinha depois Gardien, deputado por Vienna, da mesma idade e de um exterior igualmente recolhido. Gardien tinha votado contra a morte do rei: fizera parte da commissão dos Doze, e desenvolvera a energia pacifica do bom cidadão contra os facciosos. Havia pedido a prisão d'Hebert, de Chaumett conspiradores da communa. Merecia o seu logar na primeira fileira dos vencidos de 31 de maio e aceitava-o. Depois Lacaze, deputado por Libourne, e Lesterpt-Beauvais, deputado pela Haute-Vienne; ambos amigos de Gensonné, admiradores apaixonados da sua eloquencia e valor, e altivos de serem accusados pelas mesmas virtudes que elle. Seus rostos manifestavam estes sentimentos na expressão. Envolviam-se na accusação de Gensonné como na sua gloria.

Gensonné estava ao lado delles. Era homem de trinta e cinco annos, mas a madureza de seus pensamentos, a importancia do seu papel, a firmesa reflectida das opiniões tinham caracterisado suas feições e davam-lhe uma especie de cunho lapidario firme, duro e fixo como na velhice. Sua fronte alta era inclinada para traz. Seus cabellos espessos, frisados e empoados, realçavam-lhe ainda a altivez. Levantava sua cabeça com tal orgulho, que se assimilhava ao desafio. Um sorriso ligeiro e sardonico, erguia-lhe um pouco os cantos da bocca. Conhecia-se que o sarcasmo interior, escarnecia no seu pensamento os juizes, os accusadores e o povo. Era a figura da impopularidade; a aristocracia intellectual, desdenhosa como a aristocracia de sangue. Seu vestuario faustuoso, elegante, affectando as formas e estofos proscriptos, augmentava ainda este caracter impopular da physionomia de Gensonné.

Um medico de Dinan, Lehardy, deputado por Morbihan, homem sem outra ambição do que o amor dos homens e sem mais explendor que o da sua morte, se encostava modestamente ao braço de Gensonné. Tinha tomado a minoria dos Girondinos pela virtude, e se lhes votara por horror aos seus inimigos. Seu pensamento sensivel e soffredor parecia occupar-se mais da sorte destes, que da sua.

Depois o auditorio apontava para Lasource, homem de bem, de eloquencia exaltada e imaginação tragica. Seu cabello cortado e sem pós, vestido negro, porte austero, physionomia ascetica e concentrada lembravam nelle o ministro do Evangelho, e aquelles puritanos de Cromwell, que procuravam Deus na liberdade e no seu processo o martyrio. Vigée, homem sem nome, apenas apparecido na Convenção, e tomado de embuscada em seus primeiros votos, passava sem ser percebido, depois de Lasource.

Lasource e Vigée precediam Sillery, o antigo confidente do duque de Orleans, accusado de lhe inspirar por sua esposa, pensamentos ambiciosos e cubiça do throno. Sillery tinha-se separado de seu amo depois da morte do rei. Sentira seu coração honrado revoltar-se em face do regicidio. Parara não como homem timido, que se arrepende em silencio e que foge na sombra, porém como homem resoluto que se volta para traz e faz frente ao perigo. Uma republica pura e grande parecia-lhe mais nobre ambição do que uma realesa apanhada no sangue. Havia-se alliado aos Girondinos. Amando sempre o duque de Orleans, respeitoso para com uma alliança quebrada; mas aconselhando a este principe em segredo o volver atraz, e predizendo-lhe a catastrophe. A attitude militar de Sillery, seu traje patricio, sua physionomia altiva, indicavam nelle o fidalgo, que despresa a plebe. Atacado pelas primeiras enfermidades da idade, aggravadas pela humidade dos carceres, Sillery ía encostado a uma muleta como um ferido da revolução. Mas este signal de soffrimento physico dava mais interesse ao seu andar, do que lhe tirava de ligeiresa e graça. A expressão de suas feições era a felicidade. Parecia regosijar-se de escapar ás difficuldades de sua situação e ás censuras do seu preterito, por uma morte nobre no meio dos seus amigos, e com a flor da republida.

Valazé apresentava a intrepidez de um soldado no fogo, a voz da sua consciencia lhe ordenava morrer e elle morria. O seu traje conservava no modo porque o trazia, um certo ar d'uniforme. Seus membros petrificados, feições palidas, e maceradas, o fogo taciturno de seus olhos, revelavam um daquelles homens obstinados, que a convicção devora, para quem o pensar é a perpetua enfermidade do corpo.

O abbade Fauchet vinha immediatamente a Valazé, Teria cincoenta annos: mas a belleza das suas feições, a elevação de sua estatura, o colorido da cutis o representavam mais moço do que seus annos. Seu vestuario lembrava o sacerdocio tanto pela côr, como pelo talhe. Os cabellos desenhavam-lhe na cabeça a tonsura do sacerdote christão, muito tempo coberta com o *bonnet rouge* do revolucionario. Não mostrava no rosto outra expressão, senão a de sua alma; o enthusiasmo. Percebia-se que aquelle peito era um foco ardente. Fauchet ahi havia nutrido alternada ou simultaneamente o triplice fogo do amor, da liberdade e de Deus. O momento de Deus era chegado. Offerecia-lhe a sua vida em expiação. A aureola do inspirado, do apostolo e do orador radiava em torno da sua cabeça. O tribunal era para Fauchet um sanctuario, aonde vinha confessar suas faltas, e offerecer o sacrificio de seu proprio sangue.

XIV. — Brissot era o penultimo. Era um homem de mediana idade, de baixa estatura, rosto macerado, esclarecido sómente por uma intelligencia luminosa e enobrecido por uma intrepida obstinação d'idéa. Vestido

com simplicidade affectada de philosopho ou do homem de natureza, seu traje preto surrado, era só um pedaço do panno talhado mathematicamente, para cobrir os membros do homem. O cabello arredondado e curto, sem pós, cahindo-lhe sobre a nuca, tosquiado, representava o quaker americano, seu modelo. Brissot trazia na mão um lapis e papel, aonde escrevia a cada instante algumas notas. Era o unico, que se mostrava agitado. Via-se que perseguido pela má e injusta fama de libellista e aventureiro politico com que sua mocidade fora manchada, mais por suas desgraças, que por suas faltas, sentia a necessidade de defender-se mais que os seus collegas, e acceitaria com maior resolução o supplicio do que a calumnia. Lisongeava-se confundil-a morrendo, qual um sabio e um martyr.

XV. — Finalmente, Vergniaud vinha em ultimo logar e era o mais olhado de todos. A cidade de Pariz toda o conhecia e o tinha visto, em sua magestosa prespectiva, sobre o pedestal da tribuna. Era immensa a curiosidade de contemplar não só o orador audaz, com os seus inimigos, mas o homem que baixára até ao banco do accusado. Esperavam d'elle esforços e rasgos d'eloquencia, que déssem ao drama do processo peripecias, e reviramento d'opinião, dignos dos tempos de Demosthenes ou de Cicero. O prestigio de Vergniaud o cercava — inteiro. Era d'aquelles homens de quem tudo se espera, até o impossivel.

Um murmurio d'interesse e compaixão se elevou ao vel-o. Não era já o Vergniaud da Convenção, era o preso do povo. Seus musculos frouxos pela occiosidade e desalento d'alma, não accentuavam já a mechanica um pouco massiça e um pouco branda de seu corpo. Havia naquella attitude um abandono de si mesmo, que se assimilhava ao abatimento. Seu talhe e andar eram pesados, a vista estava desvanecida, ou extincta; as faces inchadas e fracas. Sua cutis livida e desanimada tinha contrahido a palidez das prisões. O rosto transpirava de lentidão. Os anneis do seu cabello pareciam collados á pelle por este suor perpetuo. Estava vestido com o mesmo fraque azul de longas abas pendentes e de extença golla voltada, como o tinham sempre visto na Convenção; mas este fraque, tornado muito estreito para seus membros mais grossos, estalava-lhe nos hombros, abria-lhe no peito, e embaraçava-lhe os movimentos como um fato emprestado. Toda a sua pessoa respirava a decadencia das grandes cousas. Interneciam-se involuntariamente vendo-o: a ira se aplacava. Era o atheleta prostrado e deitado em terra. Ainda que Vergniaud tivesse entrado ultimo, seus collegas lhe fizeram logar no meio do banco como a um chefe em roda do qual se gloriavam juntar. Os gendarmes permittiram-lhe assentar-se.

XVI. — O auto da accusação, de Fouquier-Tinville, e que se diz fora concertado com Robespierre e Saint-Just, não passava de uma longa e amarga reproducção do pamphleto de Camillo Desmoulins, intitulado: *Historia da facção da gironda.* Era a historia da calumnia escripta pelo calumniador, e recebida em testimunho pelo algoz. Nada ahi se accrescentou. O odio não tinha precisão de ser convencido; tinha condemnado antecipadamente.

Os juizes fizeram comparecer como testimunhas todos os inimigos mais conhecidos dos accusados. Pache, Chabot, Hebert, Chaumette, Montaut, Fabre d'Eglantine, Leonard Bourdon, o jacobino Deflieux, leram em logar de depoimentos, longas invectivas contra os accusados. Estes descutiram em algumas palavras com as testimunhas. Em vez de levarem a defeza á altura da sua situação e da sua alma, no terreno da politica geral, e do confessar o crime glorioso de ter querido moderar a revolução para a tornar irreprehensivel e inviolavel, limitaram-se a cobrir-se individualmente contra os golpes dos seus inimigos. Sua defeza foi degradante, e sua dignidade abatida. O proprio Vergniaud pareceu escusar-se mais do que glorificar-se de suas opiniões. Brissot mais firme e altivo, diante de seus inimigos, refutou victoriosamente Chabot e luctou, até ao fim, de palavras com os seus accusadores. Syllery confessou o seu verdadeiro crime, o voto contra a morte do rei, e com isso decorou a sua memoria. Nenhuma palavra digna de regeitar-se na historia, sahiu do coração destes grandes accusados. O terror de comprometter um resto da vida sellou seus labios. O cuidado de salvarem seus dias prejudicou ao cuidado de vingarem sua memoria. Não se mostraram grandes, senão depois de haverem perdido de todo a esperança.

XVII. — Não obstante, a prolongação do processo por sete dias, a palavra pedida por Gensonné em nome de todos os accusados para refutar a accusação, cansavam o tribunal e os jurados e inquietavam a Montanha. A opinião publica, que se deixa abrandar o torcer tão promptamente á vista das victimas, começava a pender para a indulgencia. Perguntavam uns aos outros em voz alta, ao sair das sessões do tribunal, que recompensa teria pois a republica para seus inimigos, quando tratavam assim a seus primeiros fundadores? Lastimava se tanta joventude, belleza e genio, immolados a um crime d'opinião. Fa'lava-se do baixo ciume de Robespierre e de Danton, que pretendiam pela morte, fechar aquellas boccas eloquentes, para não sentirem mais cuida los e humiliações em lhes responder.

Estes primeiros symptomas de reviramento em favor dos Girondinos, assustaram a communa. O genro de Pache, Audouin, n'outro tempo padre, agora furioso perseguidor, foi intimar a commissão de salvação publica para fechar o debate, permittindo ao presidente declarar os jurados bastantemente esclarecidos. O juiz constrangido por esta declaração, fechou a discussão a 30 de outubro ás oito horas da noite. Todos os accusados foram declarados rèos de haver conspirado contra a unidade e indivisibilidade da republica e sentenciados á morte.

A esta palavra de morte, um grito de espanto e horror se elevou dos bancos dos accusados. O maior numero e sobre todos Boileau, Ducos, Fonfrede, Antiboul, Mainviello, esperavam ser absolvidos. Seus gestos de consternação, seus punhos estendidos para os jurados, suas maldições convulsivas produziram um momento de perturbação no pretorio. Um dos accusados, que fez um movimento imperceptivel com a mão sobre o peito como para rasgar seus vestidos, cae do banco sobre o pavimento, era Valazé. « Que é isso! Valazé tu sucumbes? » lhe disse Brissot esforçando-se de o suster. — « Não, eu morro! » respondeu Valazé, e expira com a mão sobre o punhal com que acaba de rasgar o coração.

A este espectaculo se restabeleceu o silencio. O exemplo de Valazé faz envergonhar os moços condemnados de um instante de fraqueza. Só Boileau, protestando contra o decreto, que o confunde com os Girondinos, atira com o chapéo ao ar exclamando: « Eu sou jacobino, sou innocente! sou Montanhez! » Responderam-lhe os sarcasmos do auditorio. Em vez de piedade não encontrou em todas as vistas mais que desprezo. Brissot inclina sua cabeça sobre o peito e parece reflectir. Fauchet e Lasource juntam as mãos e levantam os olhos ao ceo. Vergniaud, colocado sobre o mais elevado banco, passeia tranquillamente sua vista pelo tribunal, por seus collegas, e pelas turbas, parecendo resumir a scena e procurar no preterito um exemplo e uma imagem de igual irrizão do destino, similhante ingratidão do povo. Sillesy arremeça a sua muleta e exclama; « E' hoje o mais bello dia da minha vida! » Fonfrede volta se para Ducos e o estreita em seus braços soluçando: « Meu amigo, lhe diz, sou eu quê te dou a morte, mas consola-te vamos morrer juntamente. »

XVIII. — N'este momento se eleva um grito do meio da multidão. Um mancebo se debate n'um grupo de espectadores e se esforça em vão de abrir caminho atravez aquella massa compacta para fugir para a porta: « Deixai-me fugir, deixai-me furtar a este espectaculo! » exclamava tapando os olhos com ambas as mãos, « Miseravel que sou! fui eu quem os matou! Foi o meu *Brissot desmascarado*, que os accusa e que os julga! Não posso supportar a vista da minha obra! Sinto as gotas do seu sangue espadanarem sobre esta mão, que os denunciou! » Este mancebo era Camillo Desmoulins, inconsequente em sua compaixão como no seu odio, e cuja leviandade alternativamente perversa ou pueril, cedia ás

lagrimas assim como provocava ao sangue. A multidão indifferente, ou desdenhosa, o deteve e o fez calar como a uma criança.

XIX. — Eram onze horas da noite. Depois d'um instante dado á interrupção do julgamento, á commução dos sentenciados, aos gritos de: *Viva a republica!* lançados pelas turbas, se levantou a sessão.

Os girondinos, descendo um a um de seus bancos, se agruparam em torno do cadaver de Valazé estendido sobre um estrado, tocaram-no respeitosamente com o dedo para se assegurarem se ainda respirava; depois como penetrados d'uma inspiração electrica pelo contacto do republicano sacrificado por sua propria mão exclamaram d'uma só vez: «Nós morremos innocentes, viva a republica!» Alguns lançam no mesmo instante punhados de *assignados*, não como se acreditou, para apellarem a corrupção e motim, mas para legar ao povo como os romanos, uma moeda desde então inutil á sua propria vida. A multidão se precipitou sobre este legado dos moribundos, e pareceu enternecer-se. Hermana ordenou aos gendarmes cumprissem seu dever e conduzissem os sentenciados. Entraram para debaixo da abobada da escada, que desce para as prisões. Sua presença d'espirito, um momento interrompida, voltou em toda a sua inteireza com a certeza da sua sorte. «Meu amigo,» disse affectando rir, Ducos a Fonfrede, «não encontro senão um meio de nos salvarmos; é declarar a *unidade* de nossas duas vidas, e a *indivisibilidade* de nossas duas cabeças.» Fronfrede sorrio melancolicamente. O seu pensamento mais conforme com a gravidade de tal instante, chorava o lar da moça familia a quo o arrancavam. «Ah! meus pobres filhos!» foi sua unica resposta. Fieis todavia á palavra, que haviam dado aos outros prezos da cadea publica, de os informar de sua sorte pelo ecco de suas vozes, entoaram ao sair do tribunal, o hymno dos Marselhezes:

«Allons, enfants de la patrie,
«Le jour de gloire est arrivé.»

e o cantaram em côro com uma desesperada energia, que fez abalar os degraos da escada, e as abobadas dos segredos e dos corredores.

A estes accentos os prezos acordam e comprehendem, que os accusados cantam o hymno de sua propria morte. O horror e a compaixão lhe responderam por acclamações, gemidos, e adeuses, do fundo de todas as masmorras.

Encerraram-os a todos por esta ultima noute na grande sala d'espera da morte. O tribunal ordenou que o cadaver de Valazé, que apenas começava de esfriar *fosse reintegrado na prisão, conduzido no mesmo carro que seus cumplices até ao logar do supplicio, e sepultado com elles.* Unico decreto talvez, que haja suppliciado a morte!

Quatro gendarmes, executores desta sentença d'Hermann, seguindo passo a passo a columna dos condemnados sob as abobadas do corredor, conduziram n'uma maca o corpo ensanguentado, e o collocaram n'um angulo do carcere. Os girondinos foram um a um beijar a mão heroica do seu amigo, e lhe cobriram o rosto com a sua capa. Tão proximos de se reunir, o adeus foi mais respeitoso que triste. «Até âmanhã!» disseram ao cadaver, e concentraram suas forças para o seguinte dia.

XX. — Quasi que já tocavam nelle; era meia noute. O deputado Bailleul, seu collega de Assembléa, e cumplice de sua opinião, como elles proscripto, mas subtrahido á proscripção e occulto em Pariz, lhes havia promettido de fazer-lhes conduzir de fóra, no dia do seu julgamento, um derradeiro banquete triumphal ou funebre segundo a sentença, em regosijo de sua liberdade ou em commemoração de sua morte. Bailleul, ainda que invisivel, cumprio sua promessa por intervenção de um amigo. A cea funeraria foi servida no grande carcere. Os guisados exquisitos, os vinhos raros, flores mui caras, e numerosas velas cobriam a meza de carvalho das prisões! Luxo do supremo adeus, prodigalidade dos moribundos, que nada teem a economisar para o dia immediato, Os sentenceados sentaram-se a este ultimo banquete, primeiro para restaurar em silencio suas forças exhaustas, e depois ahi se conservaram para esperar com paciencia e distracção o dia. Não valia a pena dormir. Um sacerdote moço ainda, destinado a sobreviver-lhes por mais de meio seculo, o abbade Lambert, amigo de Brissot e d'outros girondinos, introduzido na Conciergerie para consolar os moribundos, ou para os abençoar, esperava no corredor o fim da cea. As portas estavam abertas. D'alli assistiu a esta scena, e recolhia em sua alma os gestos, os suspiros e palavras dos convivas. Foi por elle que a posteridade obteve a maior parte destes detalhes veridicos como a consciencia, e fieis como a memoria de um derradeiro amigo.

XXI. — Prolongou-se o banquete até ao primeiro crepusculo do dia. Vergniaud, collocado na cabeceira da meza, a presidia com a mesma dignidade e socego, que havia guardado na noute de 10 d'agosto, presidindo a Convenção. Vergniaud era quem de todos tinha menos a lastimar-se deixando a vida, porque tinha completado sua gloria, e não deixava pai, mãi, esposa nem filhos que lhe sobrevivessem. Os outros se colocaram em grupos, formados pelo acaso, ou pela affeição. Sómente Brissot ficou n'um extremo da meza, commendo pouco e sem fallar.

Nada indicou, durante muito tempo, tanto nas physionomias como nos discursos, que este banquete fosse o preludio d'um supplicio. Dir-se-hia que era um encontro casual de viajantes n'uma hospedaria, na estrada, apressando-se em gozarem á meza as delicias fugitivas d'uma refeição, que a partida vai interromper. Comeram e beberam com apetite, porém com sobriedade. A' porta se ouvia a bulha do serviço, o tinir dos copos, intermeado de poucas conversações; silencio de convivas, que satisfazem o primeiro apetite. Quando se retiraram as comidas e ficaram sómente sobre a meza as fructas, as garrafas e as flores, a conversação se foi animando pouco e pouco, ruidosa e grave, como a palestra d'homens sem cuidados a quem o calor do vinho, solta a lingua e os pensamentos. Mainviélle, Antiboul, Duchâtel, Fonfrede, Ducos, toda aquella mocidade, que não podia crer-se assás envelhecida n'uma hora para morrer no outro dia se evaporou em palavras ligeiras e em ditos picantes. Estas palavras contrastavam com a morte tão visinha, profanavam a santidade dos ultimos momentos, e gelavam o falso sorriso, que estes mancebos se esforçavam espalhar em torno delles. Esta afectação d'alegria ante Deus e ante a hora extrema, era igualmente irreverente para a vida e para a immortalidade. Não podiam nem deixar uma, nem entrar na outra tão levianamente. Caiam estas jocosidades posthumas de seus labios, como caem sobre um sarcofago as flores, que ninguem aspira, que contrahem o cheiro do sepulcro, e que cessando de ser reliquias se assimelham a irrisões.

Brissot, Fauchet, Sillery, Lasource, Lehardy e Carra tentaram algumas vezes responder a estas provocações estrondosas d'uma alegria fingida, falsa indifferença. Mas aquella alegria intempestiva de seus moços collegas, desflorava a custo os labios destes homens maduros. Vergniaud, mais grave e realmente mais intrepido em sua gravidade, olhava para Ducos e Fonfrede com sorriso no qual a indulgencia e a compaixão se misturavam.

Acabados estes relampagos de ruidos e funebre alegria, a conversação tomou, ao amanhecer, uma direcção mais seria e um accento mais solemne. Brissot fallou como propheta das desgraças da republica, decapitada de seus mais virtuosos e eloquentes cidadãos. «Quanto sangue não será mister para lavar o nosso!» exclamou elle concluindo. Por um momento se calaram todos e pareceram consternados em face do fantasma do futuro enviado por Brissot. «Meus amigos,» replicou Vergniaud, «enxertando a arvore nós a matamos: estava mui velha; Robespierre a corta. Será elle mais venturoso do que nós? Não. Este solo é muito leve para nutrir as raizes da liberdade civica; este povo mui criança para manejar suas leis sem se ferir, voltará aos seus reis, como o menino aos seus brinquedos! .. Nós nos enganamos no tempo nascendo e morrendo pela liberdade do mundo,» proseguio elle. «julgavamo-nos em Roma e estavamos em Pa-

riz! Mas as revoluções são como aquellas crises, que n'uma só noite embranquecem a cabeça do homem; amadurecem depressa os povos. O sangue de nossas veias é assás quente para fecundar o terreno da republica. Não levemos comnosco o futuro, e deixemol-o ao povo em desconto da morte, que nos vai dar!»

XXII. — A estas palavras de Vergniaud succedeu um longo silencio e a conversação voou da terra para o céu com os pensamentos. «Que faremos nós ámanhã a esta hora?» disse Ducos, que juntava sempre as formas do gracejo aos assumptos mais serios. Cada um respondeu segundo a sua natureza. «Dormiremos no fim da jornada,» disseram alguns. O scepticismo do seculo corrompia até aos ultimos pensamentos e não promettia senão a anniquillação da alma aos homens, que iam morrer pela immortalidade de um pensamento humano. A immortalidade da alma e as sublimes conjecturas da vida futura na qual quasi que tocavam, occuparam mais convenientemente os instantes, que restavam de conversação. As vozes abaixaram; solemnizou-se o accento, desappareceram os sorrisos; o tom da palavra se tornou grave e surdo como o de um martello que sonda uma tumba. Fonfrede, Gensonné, Carra, Fouchet e Brissot recitaram discursos em que respirava toda a divindade da razão humana, e toda a certeza da consciencia sobre os mysteriosos problemas do destino immaterial do espirito humano.

Vergniaud, que até então se conservara em silencio interpellado por seus amigos, resumio o debate. Nunca, disse a testimunha que citamos e muitas vezes o tinha admirado na tribuna, nunca seu rosto, seu gesto, sua palavra, o accento subterraneo de sua voz removeu tão profundas fibras no coração do seu auditorio. Parecia fallar do alto da tribuna de Deus.

As palavras de Vergniaud perderam-se, e sómente a impressão ficou na alma do sacerdote.

Depois de ter reunido só n'um e invencivel composto, todas as provas moraes da existencia de um primeiro ente, que elle chamava, como o seu tempo, o Ser Supremo; depois de haver demonstrado a necessidade de uma provipencia, consequencia da excellencia deste Ser Supremo sobre as creações emanadas d'elle e a necessidade da justiça, divida divina do Creador para com suas obras, depois de ter citado desde Socrates até Cicero, e de Cicero a todos os justos immolados, a crença universal dos povos e dos sabios, prova superior a todas as provas, pois que ella é em a natureza um instincto de segunda vida, tão irrefutavel como o instincto da vida presente; depois de haver levado até á evidencia e ao enthusiasmo a certeza de uma continuação do ser, além deste ser mortal não destruido, methamorphoseado pela morte: «Porém,» disse em termos mais eloquentes exaltando-se até ao lyrismo do propheta politico, e transferindo o assumpto á situação de seus co-accusados para tirar a sua ultima prova delles mesmos, «¿não existe em nós a melhor demonstração da immortalidade? Eis-nos aqui? Nos tranquillos e serenos, impassiveis ao pé do cadaver do nosso amigo, defronte do nosso proprio cadaver, discutindo como n'uma pacifica assemblea de philosophos sobre a luz ou sobre as trevas que seguirão immediatamente nosso derradeiro suspiro, e morrendo mais felizes do que Danton, que vive, e Robespierre, que triumpha?

«Ora, de que nasce este socego em os nossos discursos e esta serenidade em nossas almas? Não é porque existe em nós o sentimento de ter cumprido um grande dever para a humanidade? Pois bem; o que é a patria, o que é pois a humanidade? Será este conjuncto de pó animado, que hoje se chama homem e ámanhã será barro e sangue?... Não, não é por este lodo vivente, é pela alma da humanidade e da patria que nós morremos¿ Mas que somos nós mesmos senão uma parcella desta alma collectiva do genero humano? Tambem cada homem de que se compõe a nossa especie, tem um espirito immortal, immorredoiro, e confundido com esta alma da patria e do genero humano, pela qual é tão bello e tão doce dedicar-se, soffrer e morrer! Eis porque, nós não somos, sublimes illudidos,» continuou, «mas seres consequentes com o seu instincto moral e que vão, depois de cumprir este dever, viver ainda, soffrer ou gosar na immortalidade os destinos da humanidade. Morrâmos portanto não com confiança, mas com certeza. O nosso testimunho neste grande processo com a morte é nossa consciencia! o nosso juiz é aquelle grande Ente, de quem os seculos procuram o nome, e a cujos designios nós servimos como de instrumentos que elle quebra na obra, mas cujos fragmentos cáem a seus pés. A morte é o mais potente acto da vida, porque começa a existencia de uma vida superior. Se assim não fosse,» accrescentou com mais recolhimento, «haveria alguma cousa então maior que Deus. Seria o homem justo tal como nós outros, immolando se sem recompensa e sem futuro por sua patria! Esta supposição é uma inepcia, ou uma blasphemia. Regeito-a com despreso ou com horror... Não, Vergniaud não é maior que Deus; mas Deus é mais justo que Vergniaud, e não o levará amanhã a um cadafalso senão para o justificar e vingar no futuro!»

Taes foram suas palavras, pouco mais ou menos, cujo sentido só foi summariamente registado. «E' bem dito,» exclamou Lasource; «mas tenho em meu coração uma prova mais infallivel do que a eloquencia do genio moribundo: é a palavra de um Deus morto pelos homens. — Abaixo!» disse sorrindo-se ironicamente um dos moços convivas. «Lasource, nada de sonhos antes do somno! Conservemos o nosso bom senso até ámanhã. A rasão pensa, as religiões sonham. E eu,» disse Sillery, «creio nas duas cousas, Christo expirando n'um patibulo como nós não é mais que um testimunho divino da rasão humana. Não, a sua religião que demasiado havemos confundido com a tyrania, não é opressão mas livramento. Christo foi o girondino da immortalidade!»

Fauchet fez um discurso pathetico sobre a paixão, comparando seu supplicio com o Calvario. Enterneceram-se, e muitos choraram.

Finalmente Vergniaud concilion tudo, n'algumas phrases, recolhidas á medida que se soltavam de seus labios. «Acreditemos no que quizermos,» disse elle, «porém morrâmos certos do valor de nossa vida e de nossa morte! Demos cada um em sacrificio o que temos, um a sua duvida, o outro sua fé, todos o nosso sangue pela liberdade! Quando o homem se ha dado inteiramente como victima a Deus, que lhe deve elle mais?...»

XXIII. — A luz do dia descendo pela claraboia no grande carcere, principiava a fazer pallida a das velas. «Vamo-nos deitar,» disse Ducos; «a vida é cousa tão leve que não vale a pena o perdermos uma hora de somno a lastimal-a. — Velêmos,» disse Lasource a Sillery e a Fauchet, «a eternidade é tão certa e tão temerosa, que mil vidas não bastariam para nos preparar para ella» A estas palavras se levantaram da meza separaram-se para entrar nos seus quartos, e quasi todos se lançaram sobre os seus colxões.

Ficaram treze no grande carcere. Uns conversavam em voz baixa, outros soffocavam os soluços, alguns dormitavam. As oito horas deixaram-nos dividir-se em grupos no corredor. O abbade Lambert, aquelle piedoso amigo de Brissot, que tinha passado a noite á porta do seu carcere, ahi estava ainda esperando licença, para communicar com elles. Brissot, vendo-o, correu para elle e o abraçou convulsivamente. O sacerdote lhe offereceu com timidez a assistencia do seu culto, para adoçar-lhe ou santificar-lhe a morte. Brissot recusou com reconhecimento, mas com firmeza: «Conheces tu alguma cousa de mais santo do que a morte de um homem, que vai a padecer por haver recusado o sangue de seus semelhantes aos malvados?» disse elle ao abbade Lambert. O sacerdote não insistio mais.

Lasource, testimunha da conversação, se lhe chegou a Brissot: «Crês tu,» lhe perguntou elle «na immortalidade de tua alma e na providencia de Deus? — Sim,» respondeu Brissot, «eu creio, e é por isso mesmo que vou morrer. — Pois bem» replicou Lasource, «d'ahi á religião vai só um passo. Eu, ministro de outro culto que não o teu, nunca admirei tanto os ministros da tua religião como n'estes carceres, aonde vêem trazer o perdão, a esperança e o mesmo Deus aos condenados. Em teu logar confes-

sava-me.» Brissot se retirou sem responder. Foi conversar com Vergniaud, Gensonné e os mancebos. O maior numero d'estes recusou os soccorros da religião. Uns sentados no parapeito de pedra do pateo, outros passeando abraçados, alguns de joelhos aos pés do padre, e recebendo a sua benção depois de uma breve confissão de suas faltas, e todos esperando com serenidade o signal da partida. Seus grupos assimilhavam-se á alta, antes do combate..

O abbade Emery, ainda que padre não juramentado, tinha obtido fallar com Fauchet ao travez da grade, que separava o pateo do corredor. Ouvio e absolveu o bispo do Calvados, á parte Fauchet absolto e penitente, ouvio a confissão de Lilley transmittio ao seu amigo o perdão divino, que acabava de recober.

Pelas dez horas, os executores entraram para preparar as cabeças dos sentenciados ao cotello, e lhes atar as mãos. Todos vieram sem repugnancia inclinar-se debaixo da thesoura e estender seus braços ás cordas. Gensonné, apanhando um annel de seus cabellos negros, o deu ao abade Lambert, rogando-lhe entregasse aquelle cabello a sua esposa, cuja morada lhe indicou. «Dizei-lhe que é tudo quanto lhe posso enviar do que me resta, porém que morro dirigindo-lhe todos os meus pensamentos.» Vergniaud tirou o seu relogio escreveu com o bico de um alfinete algumas iniciaes e a data 30 d'outubro no interior da caixa de oiro: introduziu este relogio na mão de um dos assistentes, para ser remettido a uma rapariga, que amava, com um amor de irmão, e que mais tarde tinha tenção de espozar. Todos tiveram um nome, uma amisade, um amor, uma saudade, que deixaram perceber durante estes aprestes; quasi todos enviarám algumas reliquias aquelles que elles deixavam na terra. A esperança de uma memoria n'este mundo e o ultimo laço, que o moribundo retem ao deixar a vida. Estes legados mysteriosos forão exactamente campridos.

XXIV — Depois de haverem cahido sobre as lages do carcere todos os cabellos, os executores e gendarmes reuniram, os condemnados, e os fizeram caminhar em columnas para o pateo do palacio. Cinco carroças os esperavam cercadas de innumeravel multidão. Apenas sahiram da Conciergerie, os girondinos entoaram n'uma so vos e como marcha funebre a primeira estrophe da *Marselheza* apoiando com uma energia significativa estes versos de duplo sentido.

«Contre nous de la tyrannie
«L'Etendart sanglant est levé

Desde este momento cessaram de occuper-se de si, para so pensarem no exemplo da morte republicana que queriam legar ao povo. Suas vozes só descançavam um instante no fim de cada estrophe para se elevar de novo mais energicas e atroadoras no primeiro verso da estrophe seguinte. A sua marcha e sua agonia não forão mais do que um hymno. Ião quatro em cada carroça, só uma levava cinco. O cadaver de Valazé, ia collocado no ultimo assento. Sua cabeça descoberta, balouçada pelos salavancos da calçada, saltava sob as vistas e nos joelhos de seus amigos a fechar os olhos para não verem aquelle rosto livido. Estes comtudo, cantavam como os outros. Chegando ao pé do cadafalso, abraçaram-se todos em signal de communhão na liberdade, na vida, e na morte. Continuaram depois o cantico funebre para se animarem mutuamente ao supplicio e enviarem até ao momento supremo as vozes de seus companheiros na morte áquelle que era executado. Todos morreram sem fraqueza, Sillery com ironia; chega lo á plata-forma, descreveu um circulo, saudando á direita e a esquerda o povo, como quem lhe agradecia a gloria do cadafalso, A cada golpe do ferro, o cantico diminuia em uma voz. As fileiras se rareavam ao pé da guilhotina. Uma só voz continuou a *Marselheza*: era a de Vergniaud; ultimo suppliciado. Aquellas notas supremas forão as suas ultimas palavras. Como os seus companheiros elle não morria; esvaecia-se no enthusiasmo, e sua vida, começada por immortaes discursos, acabava com um hymno á eternidade e á revolução.

O mesmo carro mortuario conduzio os corpos decapitados, a mesma sepultura os cobrio ao lado da de Luiz XVI.

Alguns annos depois, folheando nos archivos da parochia da Magdalena para ahi se encontrarem vestigios das sepulturas d'aquelle tempo, os curiosos liam, n'uma folha de papel sellado, o rol da despeza do coveiro d'aquelle cemiterio, rubricado pelo presidente, que authorisou o pagamento na thesouraria nacional, estas simples palavras: Por vinte e dois deputados da Gironda: sepulturas 147 Francos: despeza de os enterrar 63 Francos total, 210 francos.»

Tal foi o preço das pás de terra, que cobriram todo o partido dos fundadores da republica. Eschillo ou Shakspeare nunca inventaram um escarneo mais amargo da sorte, que este rol de um coveiro pedindo e recebendo seu salario por haver sepultado a seu turno, toda a monarchia e toda a republica de uma grande nação.

XXV. — Tal foi a derradeira honra d'estes homens. Durante a sua curta vida tiveram todas as allusões de esperança; e na morte a maior ventura, que Deos reserva ás grandes almas: o martyrio que de si mesmo goza, e eleva até á santidade de victima o homem immolado pela sua convicção e pela sua patria. Seria superfluo o julgal-os. Elles o forão pela sua vida e por sua morte. Commetteram tres erros. O primeiro de não ter a coragem da sua opinião, hesitando em proclamar a republica antes do dia 10 d'agosto, na abertura da assembléa legislativa. O segundo haver conspirado contra a constituição de 1791, que tinhão feito e jurado; reduzindo assim a soberania nacional a obrar como facção, prestando sua mão ao supplicio do rei, e forçando a revolução a empregar meios crueis. O terceiro, ter querido governar no tempo da Convenção, quando era preciso combater.

Possuiram tres virtudes que resgatam bastantes faltas aos olhos da posteridade. Adoravam a liberdade. Fundaram a republica, esta verdade precoce dos governos futuros. Finalmente morreram por quererem recusar sangue ao povo. O seu tempo os julgou réos de morte. O futuro os tem julgado dignos de gloria e de perdão. Morreram por não ter querido permittir á liberdade que se manchasse, e sobre a sua memoria se gravará aquella inscripção, que Vergniaud, sua voz, tinha gravado com a propria mão na parede do carcere: *Potius mori quam fœdari!* Antes a morte do que o crime!

Apenas suas cabeças rolarão aos pés do povo, um caracter frouxo, sanguinario e sinistro, se espalhou em vez do esplendor de seu partido sobre a convenção e sobre a França. Mocidade, belleza, illuzões, genio, eloquencia antiga, tudo pareceu sumir-se com elles da patria! Póde dizer-se de Pariz, o que outr'ora se disse de Lacedemonia, depois da carnificina da sua joventude no campo da batalha: «A patria perdeu a sua flor; a liberdade o seu prestigio; a revolução a sua primavera.

No entanto que os vinte Girondinos acabavam assim em Pariz, Péthion, Buzot, Barbaroux, e Guadet, vagavam como animaes ferozes perseguidos, pelas florestas e nas cavernas da Gironda; a Sñr.ª Roland esperava sua hora derradeira n'uma cella da prisão da abbadia; Dumouriez agitava-se no exilio para escapar aos seus remorsos, o La Fayette, fiel ao menos á liberdade, expiava nos subterraneos da cidadella d'Olmutz o crime de ter sido seu apostolo, e de o confessar ainda em ferros.

LIVRO XLVIII.

I — A Convenção, depois de ferir em Custine a suspeita de traição o realismo na rainha, o federalismo nos girondinos, quiz prevenir, cortando outra cabeça, a eventualidade de uma futura dynastia, e cercar a republica dos cadaveres de todos seus inimigos passados, presentes, e futuros. Pensou no duque d'Orleans, por tanto tempo complice, e agora victima.

Deixámos este principe preso com dois de seus filhos no forte de Saint-Jean em Marseille e soffrendo nos calabouços d'esta prizão d'Estado todas as angustias

do captiveiro. Interrogado a primeira vez no dia 7 de maio, pelo presidente do tribunal revolucionario das Bouches-du-Rhone a respeito das suas relações com Mirabeau, La Fayette, e Dumouriez, e sobre suas tramas para restabellecer e apropriar-se o throno, o duque d'Orleans confundio os seus accusadores. Respondeu como republicano de convicção, que sacrifica a ambição ás suas opiniões, a hierarchia ao dever, e o seu sangue á patria. Citou os seus actos e addusiu os seus penhores. Erão estes penhores tão notaveis, quanto sinistros. O interrogatorio, publicado, mas alterado, deu logar nos jornaes de Pariz a uma controversia perigosa, que justificando o principe, o assignalava ainda mais á attenção dos jacobinos. Os girondinos, seus inimigos, o arrastaram na sua morte.

Havia algumas semanas que as severidades da prisão pareciam ter-se modificado para elle. Permittia-se-lhe ver os filhos, o duque de Montpensier, e o duque Beaujolais, e comerem juntos. Estes jovens principes, apenas saidos da infancia, innocentes pelos seus annos, culpados pelos seus nomes estavam encerrados no mesmo forte, que seu pai, mas em partes distinctas. Deixavam-se penetrar nella os papeis publicos, e algumas correspondencias de fóra. A esperança entrara de novo na alma do principe. Vendo morrer primeiro Marat, depois Buzot, Barbaroux, Pethion, seus mais vehementes denunciantes acreditara que a montanha mais justa o chamaria brevemente ao seu gremio. Montanhez irreprehensivel nos seus actos como no seu coração, não podia pensar que os republicanos sinceros quizessem immolar n'elle o primeiro e o mais desinteressado dos republicanos. O excesso d'ingratidão do povo é sempre o foco e o espanto dos homens populares. Pensam nos seus serviços, e os seus serviços se volvem crimes com as vicissitudes dos acontecimentos, e com a nconstancia natural da opinião.

II. — A 15 d outubro, os jornaes de Pariz annunciaram em Marselha que a Convenção acabava de decretar o proximo julgamento do duque d'Orleans. Este principe estava á meza com seus filhos. « Tanto melhor » lhe disse elle, « é mister que isto acabe bem depressa para mim de uma ou d'outra forma ; abraçai-me meus filhos ! Este dia é bello na minha vida. E de que, proseguiu elle « podem elles accusar-me ? » Abrio o jornal e leu o decreto d'accusação. Este decreto não é fundamentado em cousa alguma » exclamou « foi sollicitado por grandes malvados, mas embora, por mais que se exforcem eu os desafio a achar um crime. Vamos m us amigos » continuou elle observando os rostos inquietos e tris es de seus filhos « não vos afflijais pelo que eu considero uma boa noticia e vamos jogar.

No dia seguinte os commissarios chegaram de Pariz. Estes commissarios lisongearam o principe do seu proximo julgamento como d'uma justificação e livramento certo. A segurança e alegria radiavam nos discursos e nos rostos do pai e dos filhos. Porém a 23 de outubro ás cinco horas da manhã o principe em traje de viagem e acompanhado de commissarios e gendarmes, entrou no quarto do duque de Montpensier, o mais velho de seus filhos e abraçando-o com aquella ternura de pai, que é o derradeiro e o mais inefavel dos instinctos. « Venho dizer-te adeus » disse elle inundando de lagrimas o rosto de seu filho porque vou partir. O filho só respondeu com soluços. Eu queria, « replicou o pai, partir sem te dizer adeos, pois que é sempre um momento penivel. Mas não pude resistir ao desejo de te vêr ainda uma vez antes da partida. Adeus meu filho, consola-te, consola teu irmão e pensai ambos na felicidade, que experimentaremos brevemente, quando nos tornarmos a ver. » A estas palavras soltou-se dos braços de seu filho. Os dois irmãos passaram o dia consolando-se e fortificando-se um ao outro contra a dôr de uma separação que os deixava orphãos, entre as mãos dos seus carcereiros. Adoravam no duque de Orleans, um terno e bom pai. Não julgavam o principe. Não sondavam o homem. Alem disto a natureza lhes ordenava não julgar, porém amar e lastimar seu pai.

III. — No entanto o principe seguido de um unico creado de quarto, seu affeiçoado por nome Gamache, e acompanhado dos commissarios da Convenção, rodava pela estrada de Pariz, escoltado por um forte destacamento de gendarmes. Viajava lentamente, e no fim de cada dia de marcha pernoitava nas hospedarias das grandes cidades. Em Auxérre apeou-se da carruagem para jantar. Durante a comida um dos commissarios escreveu um bilhete á commissão de segurança geral, annunciando ao governo a hora de chegada do principe a Pariz, e perguntando a que prisão devia conduzir o seu preso.

A' barreira de Pariz, um homem que ali estava postado fez parar os cavallos, entrou na carruagem e indicou aos postilhões a Conciergerie. O principe apeou-se no pateo do palacio de justiça, cheio de curiosos atrahidos pela noticia da sua chegada. Deram lhe um quarto visinho d'aquelle onde Maria Antoinette tinha passado suas derradeiras horas d'agonia. Deixaram-lhe o seu fiel servidor. Quando os commissarios se retiraram : « Está bem ! disse o duque a Gamache » quizestes encerrar-vos co migo até nestes carceres. Eu vos agradaço Gamache : é mister esperar que não estaremos sempre n'uma prizão. Quiz escrever a seus filhos mas temeu que as cartas fossem abertas e interceptadas. O nome de seus filhos e filha estava incessantemente nos seus labios.

Voidel seu defensor, communicou livremente com elle, apresentou se aos membros da commissão de segurança geral, e voltou muitas vezes para dar ao accusado a segurança do seu livramento.

Durante os quatro dias, que precederam seu processo, o principe viveu de illus es ou de indifferença sobre a sua sorte, como um homem para quem a vida é pezada e a morte um descanço. A 6 de novembro, compareceu perante o tribunal. A accusação foi tão vaga e chimerica como a dos girondinos. As respostas breves e a tempo do accusado não deixavam algum pretexto á condemnação. Sua vida inteira respondia ainda melhor que suas palavras. Tinha sacrificado á republica até os remorsos. Interrogado por Hermann se não havia votado a favor da morte do tyranno com a ambiciosa premeditação de succeder-lhe : « Não, disse elle, « eu o fiz em minha alma e em minha consciencia. » Ouviu a sua sentença como teria ouvido a de qualquer outro. Disse sómente n'um ligeiro tom d'ironia aos juizes : « Pois que estaveis decididos a fazer-me morrer, devorieis ao menos buscar pret xtos mais especiosos para me condemnar ; por que não fareis persuadir jámais a quem quer que seja, que me tenhais achado réo das traições que acabais de me declarar convicto. » Olhando depois fixamente para o antigo marquez d'Antonelle, outr'ora confidente de seus actos revolucionarios e então presidente do jury, que o condemnava á morte : « E vós sobre todos, » lhe disse como reprehendendo-o, » vós que me conheceis tão bem ! » Antonelle abaixou os olhos. « De mais, » continuou o principe com o accento de corajosa impaciencia, « pois que a minha morte está decidida, peço-vos não me fazer penar aqui até ámanhã » (indicando com a mão a porta da Conciergerie) « e ordemnai que desde já seja conduzido á morte. » E com passo firme tomou o caminho da prisão.

IV. — Dois padres, os abbades Lambert, e Lothringer, os mesmos que assistiram aos girondinos, durante a derradeira noite, esperavam junto ao fogão, no grande carcere conversando com os chaveiros e gendarmes, a hora em que os accusados baixavam do tribunal. Viram entrar o duque d'Orleans, não com aquella impassibilidade exterior, que todo o homem de sangue frio ordena á sua continencia em face do o har de seus inimigos, mas na desordem de um homem indignado da injustiça dos homens, e que se expande á sombra das prisões, diante de si, e de Deus ; seu andar era rapido, seus gestos sacudidos e breves, seu rosto inflamado pela colera. Involuntarias exclamações saíam mal articuladas de sua bocca ; levantava os olhos ao céo, e passeava com largos passos em roda da prisão. « Os malvados ! » exclamou, parando algumas vezes como diante de uma apparição, « os malvados ! tudo lhes dei, hierarchia, fortuna, ambição, honra, o renome de minha caza no futuro, repugnancia até da natureza e da consciencia em condemnar todos seus inimigos !... o eis a recompença que me guardavam !... Ah ! se houvera obra-

do, como elles dizem, por ambição, seria eu agora desgraçado! porem era só por outra ambição mais alta do que um throno, pela ambição da liberdade do meu paiz e felicidade dos meus similhantes!... Pois bem! viva a republica!... será o grito, que sairá sempre do meu carcere, como saíu do meu palacio! » Depois se enternecia por seus filhos encarcerados ou proscriptos. Chamava-os como se estivera só. Fallava em voz alta e batendo com os pés sobre as lages e com as mãos nas paredes da prisão.

V. — Os gendarmes e os carcereiros, que estavam afastados, immoveis e silenciosos, deixavam evaporar sem interromper esta explosão d'alma do condemnado. Logo que este accesso serenou, o duque d'Orleans se approximou do fogão. O sacerdote allemão Lothringer, desestrado e importuno como a imprudencia, chegou-se ao pé do principe e lhe disse sem mais preparação: « Vamos senhor, basta de gemer; é preciso confessar-vos!... « Deixai-me em paz, imbecil, » respondeu com uma jura energica e gesto d'impaciencia o duque d'Orleans. « Quereis pois morrer como haveis vivido? » replicou o padre obstinado. « Oh! sim! » disseram os gendarmes em tom de cruel gracejo, « tem vivido muito bem! deixai-o morrer como ha vivido! »

O abbade Lambert, homem delicado e sensivel, soffria interiormente pela pouca habilidade do seu companheiro, pela grossaria dos soldados e pela humilhação do condemnado. Chegou-se com uma gravidade respeitosa e enternecida ao principe: « *Egalité*, » lhe disse elle, « eu venho aqui offerecer-te os sacramentos ou pelo menos as consolações d'um ministro do céo. Queres tu recebel-os de um homem, que te faz justiça, e que te dedica uma sincera compaixão? « Quem és tu pois? » respondeu o duque d'Orleans, serenando sua physionomia. « Sou, » continuou o padre, « o vigario geral do bispo de Pariz. Se não exiges o meu ministerio como padre, posso ao menos prestar-te como homem algum serviço para com tua mulher e familia? — Não, — replicou o duque d'Orleans, « agradeço-te, mas na minha consciencia não pretendo outros olhos senão os meus, e não hei mister senão de mim proprio para morrer como bom cidadão. » Mandou que lhe servissem o almoço, e comeu e bebeu bem, porem com sobriedade. Vindo um membro do tribunal perguntar-lhe se tinha algumas revelações a fazer em interesse da republica, respondeu: « Se soubera alguma cousa contra a segurança da patria, não esperaria até esta hora para o dizer. Tambem não levo commigo resentimento algum contra o tribunal, nem mesmo contra a Convenção e os patriotas: não são elles que decretam a minha morte; vem de mais alto...» e calou-se.

VI. — A's tres horas vieram para o conduzir ao cadafalso. Os presos da Conciergerie quasi todos inimigos do papel e nome do duque d'Orleans na revolução, se agglomeravam em multidão nos patios, corredores e postigos para o vêr passar. Ia escoltado por seis gendarmes com os sabres nus. Pelo seu andar, attitude, ar do rosto e energia de seus passos sobre as lages, tomal-o-hiam antes por um soldado caminhando para o fogo, do que por um sentenciado, que é conduzido ao supplicio. O abbade Lothringer entrou com elle, e outros tres suppliciados na carroça. Esquadrões de gendarmeria a cavallo formavam o cortejo. A carroça rodava lentamente. Todas as vistas procuravam o principe, uns como uma vingança, outros como uma expiação. Nunca elle sustentou tanto como neste dia supremo a nobresa e decoro da sua hierarchia. Tinha tornado a ser principe pelo sentimento de morrer como cidadão. Levava a cabeça com altivez, passeiava com toda a liberdade d'espirito suas vistas indifferentes sobre a multidão Affastava o ouvido das exhortações do padre, que não cessava de o importunar. Um embaraço de rua, ou um excesso de crueldade fez parar por um instante a carroça na praça do Palais-Royal, diante do patio da sua residencia. « Para que é que param aqui?...» perguntou elle « E' para te fazer contemplar o teu palacio, » lhe respondeu o ecclesiastico. « Tu bem vês, o caminho é já curto, o termo se avesinha, pensa em tua consciencia e confessa-te. » O principe sem responder, contemplou muito tempo as janellas d'esta morada onde tinha fomentado todos os germens da revolução, saboreado todas as desordens de sua mocidade, e cultivado todas as ligações de familia. A inscripção de « propriedade nacional, » gravada na porta do Palais-Royal, substituindo o seu brazão d'armas, fez-lhe comprehender que a republica fizera partilhas de seus despojos, antes da sua morte, e que aquelle tecto e jardins não abrigariam seus filhos. Esta imagem da indigencia e da proscripção da sua raça o ferio mais que a secure do algoz. A cabeça lhe pendeu sobre o peito como se já estivesse separada do tronco, e olhou para outro lado.

Assim continuou, abatido e mudo até á entrada da praça da Revolução pela rua Royale. O aspecto da multidão, que cobria a praça, e o rufar dos tambores á sua chegada, lhe fizeram levantar a cabeça, temendo que se tomasse a sua tristesa por covardia. O padre continuou a instal-o mais vivamente para acceitar os soccorros do seu ministerio. « Inclina-te perante Deus e accusa tuas faltas. — Ah! e acaso o posso eu no meio deste tumulto e estrondo? Será aqui o logar do arrependimento ou da couragem? respondeu o principe. « Pois bem, » replicou o padre, « confessa-me o peccado, que te peza mais na tua vida: Deus te levará em conta a intenção e a impossibilidade, e eu te absolverei em seu nome. »

Fosse por importunação e cansaço, fosse por inspiração tardia do cadafalso, cada giro das rodas da carroça o aproximava, o principe se inclinou perante o ministro de Deus, e disse algumas palavras, que se perderam no ruido da multidão e no mysterio do sacramento. Recebeu na attitude do respeito e do recolhimento o perdão do céo, a alguns passos do cadafalso d'onde Luiz XVI tinha enviado o seu a seus inimigos. O principe estava vestido elegantemente e com aquella imitação do costume estrangeiro, que sempre usára desde sua mocidade. Apeado da carroça e subido sobre o estrado da guilhotina, os ajudantes do algoz quizeram tirar-lhe as botas estreitas e como colladas ás pernas. « Não, não, » lhes disse elle com sangue frio, « tiral-as-heis mais facilmente depois; despachemo-nos, despachemo-nos! » Olhou sem empalidecer para o gume do ferro. Morreu com uma conformidade, que parecia uma revelação do futuro. Seria estoicismo de caracter? ou a convicção do republicano? ou a presciencia anticipada do pai ambicioso para seus filhos, que previa que a inconstancia da nação, lhe restituiria um throno por algumas gotas do sangue?

VII. — Tudo deste principe ficou inexplicavel. Até mesmo sua memoria é um problema, que obriga a duvidar o historiador se faltará á justiça ou á reprovação julgando-o. A época em que escrevemos não é propicia deste juizo. Seu filho reina em França. A indulgencia para com a memoria do pai, poderia parecer uma lisonja do successo, a severidade um ressentimento de uma theoria. Assim o temor de parecer servil, ou o receio de parecer hostil, arriscam igualmente o escriptor a ser tido por injusto, pensando unicamente neste dia. Mas a justiça, que se deve á morte, e a verdade, que se deve á historia, passam além das considerações, que o escriptor póde fazer á cerca de seu proprio tempo. Devo despresar para ser imparcial tanto a suspeita d'inimisade, como a da adulação. A memoria dos mortos não é uma moeda de trafico entre as mãos dos vivos.

Como republicano, foi este principe em nossa opinião calumniado. Todos os partidos se hão por assim dizer concordado mutuamente para fazer do seu nome um objecto d'injuria e execração communs: os realistas porque foi um dos maiores motores da revolução; os republicanos, porque a sua morte foi uma das mais odiosas ingratidões da republica; o povo porque era principe; os aristocratas, porque recusou prestar o seu nome a suas alternativas conspirações contra a patria; todos, por ter querido imitar aquella gloria suspeita, que se chama o heroismo de Brutus. Aos olhos dos homens imparciaes, se elle votou a morte do rei por convicção e republicanismo, esta convicção repugnava com o sentimento e assimilhava-se a um attentado contra a natureza. Mas o odio tinha sobejas verdades crueis, a lançar

sobre o seu nome para se poupar ás calumnias e os remorsos. A medida que a revolução se despoja das suas obscuridades, e que cada partido lega ao expirar suas confidencias á historia, a memoria do duque de Orleans se desenvolve dos tramas, das complicidades, das traições, dos crimes e da importancia, que lhe hão prestado. A revolução não deve a este homem nem tanto reconhecimento, nem tanto odio. Foi alternativamente um instrumento empregado e quebrado por ella. Não foi nem auctor, nem mestre, nem Judas, nem Cromwell.

A revolução não era uma conjuração, era philosofia; não se vendeu a um homem, consagrou-se a uma idéa. Querer vêl-a toda no duque d'Orleans, é engrandecer demasiado o homem, ou abater muito o acontecimento. Exceptuando as primeiras agitações populares de Pariz, não se destingue claramente nem o seu nome, nem a sua mão, nem o seu ouro, n'algum dos dias decisivos. Sonhou talvez por um momento n'uma corôa votada por acclamação pelo favor publico. Gosou talvez com culpavel satisfação do abatimento e dos terrores de uma rainha e de uma côrte, que o tinham humilhado. Não tardou que não comprehendesse que a revolução não coroava ninguem, e arrastaria com o throno todos os pretendentes e sobreviventes da realeza. Arrependeu-se então; os infortunios de Luiz XVI o enterneceram. Quiz de boa fé reconciliar-se com o rei e sustentar a constituição. Os insultos dos cortezãos e as antipathias da côrte o repelliram. Tomou então as opiniões extremas como um azilo. Arrojou-se a ellas por desespero. Ahi não encontrou mais do que a desconfiança e injurias dos chefes populares, que lhe não perdoavam o seu nome. Danton o abandonou; Robespierre fingio temel-o; Marat denunciou-o, Camillo Desmoulins o apontou aos terroristas. Os girondinos o accusaram; os montanhezes o entregaram ao cadafalso.

VIII. — Passou todas estas phazes de sua fortuna com estoicismo de um principe, que não pede á sua patria senão o titulo de cidadão, e á republica a honra de morrer por ella. Morreu sem dirigir uma só reprehensão a esta causa, e como se a ingratidão das republicas fosse a corôa civica dos seus fundadores. Desde o principio desinteressou se da sua hierarchia, e se consagrou inteiramente ao povo ou como servidor ou como victima. Infelizmente para a sua memoria, figurou tambem como juiz n'um processo onde a natureza o recusava. O povo, ferindo-o, foi para com elle menos severo do que a posteridade.

Se alguem seguio como cego, porém com permanencia e constancia, a marcha da revolução até seu termo, e sem indicar até onde ella o levaria, foi o duque d'Orleans. Foi o Œdipo da familia dos Bourbons. Homem fraco, parente culpavel, irreprehensivel patriota, suicida de sua fama, realisou em si mesmo aquella phrase de Danton: «Pereça nossa memoria e seja salva a republica!» Covarde, se fez este sacrificio á sua popularidade; cruel se o fez á sua opinião; odioso se o fez á sua ambição, levou comsigo o segredo de sua conducta politica perante Deus. Em duvida dos seus motivos, a mesma historia póde duvidar.

Ha nos movimentos d'uma revolução uma grandeza, que se communica aos caracteres, e que engrandece algumas vezes as almas mais vulgares á proporção dos acontecimentos de que participam. Os homens levianos e corrompidos no começo da acção se tornam pouco a pouco serios, dedicados, tragicos como pensamento, que os envolve e os eleva no seu torbilhão. O duque d'Orleans foi talvez um destes homens. Sua vida desordenada no meio, e no fim tragica, principiou por um escandalo, proseguiu com uma trama e concluiu como um acto de resignação. Tal como Brutus, seu modêlo e seu engano, ficará eternamente problematico aos olhos da posteridade. Porém ella recolherá esta grande lição: que, quando a opinião e a natureza se combatem no coração de um cidadão, é á natureza a quem se deve escutar, porque a opinião póde enganar-se muitas vezes, mas a natureza é infallivel. Além disto o coração humano perdoa as faltas, que se commettem contra a natureza; Deus as reprova; e os homens não as perdoam nunca.

LIVRO XLIX.

I. — A republica durante estes acontecimentos, reparava-se dos seus cadafalsos, sobre os campos de batalha. A' medida que se tornava mais terrivel no interior, volvia-se no exterior mais formidavel. Suas fronteiras, estreitadas ao norte, inspiravam-lhe mais patriotismo do que espanto. Todas as medidas de alistamento em massa e do armamento geral se executavam com ordem e promptidão. Carnot, que com razão era chamado o *Louvois* do Terror, tinha o seu quartel general na commissão de salvação publica. Carnot era, depois da morte de Custine o verdadeiro generalissimo de todos os exercitos da republica. Estes exercitos, dispersos, prisioneiros nos acampamentos, fortificados em suas linhas de intrincheiramentos, sem confiança nos chefes, sem combinação entre si, sem outra tactica senão uma resistencia passiva, começavam a adquirir no todo, a massa e a mobilidade, donde nascem as victorias. O genio da revolução, revelado a Carnot e aos seus collegas da commissão pelas mesmas extremidades da patria, inventava a guerra moderna, isto é a guerra popular. Até então a guerra fora uma arte, e as campanhas sabias evoluções, aonde a habilidade dos generaes consumia o tempo em manobras estrategicas, e na tomada de algumas praças. Carnot fez da guerra um instincto. Despresou estas tacticas pueris e as methamorphoseou n'uma tactica soberana. Consistia esta tactica em conduzir um povo armado direito ás fronteiras, em marchar firme e apressado, em ferir no coração não dar importancia aos pequenos revezes, nem á perda de algumas cidades, a troco de grandes resultados; em dar o enthusiasmo por disciplina e a victoria por senha aos exercitos e aos generaes. Este systema não tardou em reforçar os nossos batalhões e desordenar nossos inimigos.

II. — Nunca se manifestou mais a fraqueza das coligações do que nas campanhas, que se seguiram á de 1792. Os gabinetes, e os generaes da Europa pareciam ignorar o preço de duas cousas, que os homens de guerra devem disputar-se antes de tudo: o tempo e o movimento. Vio-se com que demora a Austria, a Prussia, e o imperio tinham formado seus contingentes armados em 1791, e com que hesitações, mais parecidas a traição do que a prudencia, o generalissimo duque de Brunswick se aproximara do territorio e reconhecêra o exercito de Dumouriez. Se o duque de Brunswick e depois delle o principe de Cobourg tivessem tido por instrucção secreta exercitar, e aguerrir pouco a pouco o exercito francez em manobras e escaramuças para o tornarem capaz um dia de os vencer, não poderam usar melhor systema. Em vez de surprehender a França desarmada e dividida, marchar em columna de cem ou de duzentos mil homens sobre Pariz, por alguma das numerosas passagens, que a naturesa deixou nas nossas fronteiras pelos valles do Rheno, ou pelas planicies do norte, aquelles generaes tinham consumido dezoito mezes em conselhos de guerra, em armamentos insufficientes, e reconhecimentos timidos; não oppondo nunca aos nossos batalhões senão batalhões em numero igual ou inferior e não avançando senão para logo retirar, como se a França fôra um solo ardente, que devorasse os pés dos seus soldados e cavallos. O genio da liberdade devia taes inimigos á revolução. Alliados secretos não lhe teriam sido mais uteis.

A rivalidade dos gabinetes não contribuia menos que a inhabilidade dos generaes a dar assim tempo á França. Não existia entre elles algum serio concerto. Nenhuma das potencias queria ajudar a outra a vencer muito. Todas temiam a victoria tanto ou talvez mais que a derrota. Limitavam se a guardar o decorro da guerra contra nós, a deffender os seus territorios, ameaçar aqui o alem algumas de nossas praças, a combater separadamente por exercitos isolados e nunca no todo; deixando Dumouriez voar, com os seus melhores batalhões, desde a Champagne liberta até á Belgica conquistada, vendo cair o throno, julgar o rei, surgir a republica, immolar a rainha, rebentarem as explosões de Pariz até sobre os seus proprios thronos, sem se reunirem sobre o perigo commum. Do que nasceria esta differença entre a coligação

o a França? E' que o enthusiasmo levantava a França, e o egoismo algemava os languidos membros da coligação. A França levantava-se, combatia, morria pelo principio da liberdade do qual reconhecia a santidade na sua causa, e do qual queria ser o apostolo e o martyr.

Se a coligação, voltando-se ao principio da monarchia, com o sentimento desinteressado dos povos e dos gabinetes, que defendem uma outra ordem social, tivesse posto sua causa geral acima dos seus interesses de côrte, a lucta teria sido mais terrivel, e talvez a causa da monarchia triumphasse! Mas o interesse geral dos thronos não era, na lingoagem official da coligação, mais do que uma palavra, que mascarava as rivalidades na Allemanha, e ambições territoriaes na França e na Polonia. Cada potencia impellia ou detinha a outra em vistas particulares, e muitas vezes perfidas. Todas se dirigiam a um fim muito diverso do que o exterminio da revolução em Pariz. D'aqui a incoherencia, temporisações, demonstrações sem effeito, retiradas sem causa, marchas sem plano, combates parciaes, e a final a vergonha commum. Não é dado ao egoismo produzir os milagres da dedicação. As ambições fazem soldados, mas só os principios fazem heróes.

III. — A Polonia despedaçada por suas ultimas dissenções, chegava a uma segunda partilha. A Russia, a Prussia, e a Austria, mais attentas sobre a Polonia do que sobre a França, se vigiavam sem cessar, para impedir que alguma das trez potencias se apoderasse da presa, durante a distracção das outras. A Russia, com o pretexto de observar os turcos e suffocar a revolução na Polonia meridional, não enviava contingente á coligação. Limitava-se a conservar uma esquadra no Baltico para impedir que os neutros conduzissem soccorros, viveres, ou ferro aos portos francezes. A policia da côrte de Vienna estava amortecida pelo barão de Thugut, nomeado recentemente primeiro ministro.

O barão de Thugut, filho de um barqueiro de Lentz, notado por suas faculdades precoces por Maria Thereza, e por ella elevado á diplomacia, empregado durante muito tempo em negociações secretas, em Constantinopla, Varsovia, e Petersburgo, tinha residido em Pariz durante as tempestades da revolução. Saboreara-lhe os principios, conhecia-lhes os actores e passava por ter respirado neste foco os miasmas contagiosos da philosophia e da liberdade. Thugut, filiado nas sociedades secretas, como o duque de Brunswick, não queria extinguir, mas moderar sómente o fogo da revolução, que e a França incumbia para o mundo. De accordo com José II, aquelle imperador philosopho, passara do serviço deste principe, para o de Francisco II, principe anti-revolucionario.

Thugut, para lisongear o novo imperador, aconselhara a guerra á França, porém fizera nomear, para a dirigir, o principe de Cobourg, inteiramente submisso á sua direcção occulta. Thugut continha por tanto a guerra, ao mesmo tempo que a declarava.

Depois da victoria de Nerwinde, o gabinete de Vienna e o principe de Cobourg se haviam occupado mais de fortalecer o dominio austriaco na Belgica do que de proseguir nos seus triumphos contra a França. Dampiérre tinha succedido a Dumouriez. Havendo recebido ordem da convenção para atacar o exercito austriaco, acampado entre Maubeuge e Saint-Amand, Dampiérre obedeceu sem esperança e marchou contra o inimigo coberto por bosques, fachinas, e reductos. Cinco vezes as nossas columnas de ataque recuaram em desordem diante de Clairfayt, o mais energico dos generaes de Cobourg. Ao sexto ataque, Dampiérre á testa de um destacamento de tropas escolhidas se lançou a cavallo sobre um reducto. — « Aonde correis vós meu pai! » exclamou seu filho, que lhe servia de judante de campo; « ides a uma morte inutil e certa. — Sim, meu amigo, » lhe respondeu o pai, « quero antes morrer no campo da honra do que debaixo do ferro da guilhotina! » Apenas o general acabava de proferir estas palavras uma balla de artilheria lhe levou uma perna lançando-o expirante por terra.

IV. — O principe de Cobourg, estimulado em vão por Clairfayt e pelo duque de York, que commandava o exercito anglo-hanoveriano combinado, não perseguiu o exercito francez, e o deixou tomar tranquillamente a forte posição do campo de Cezar. Em doze dias os colligados teriam podido acampar sobre as alturas de Montmartre. A Austria não queria nem vencer muito, nem ser muito vencida, e a Prussia ainda muito menos o desejava. Unicamente occupada de abater na Alemanha a influencia da Austria, de desmoronar o imperio por um lado, de assimilhar-se a Polonia por outro, o gabinete de Berlin seguia a mesma politica, que lhe fizera avançar timidamente, e retirar com vergonha seus exercitos em Champagne no anno precedente. O duque de Brunswick, sempre á testa das forças prussianas, contentara-se com tomar Moguncia. Imponente, numeroso e quasi immovel, o exercito prussiano estava mais de observação do que em campanha.

O rei da Prussia, com os olhos sempre fixos sobre a Polonia, não saia do seu campo. Lord Beauchamp, negociador inglez, veiu de Londres censurar a indecisão deste principe, e fazer-lhe assignar um tractado de aliança com Inglaterra. As duas potencias ahi garantiram respectivamente seus estados contra a França.

Todavia o principe de Cobourg tendo tomado Condé, e declarado que o occupava em nome do imperador, o por direito de conquista, o gabinete prussiano se indignou ao ver-se burlado pelos designios ambiciosos da Austria e da Inglaterra, e meditou novas defecções. Palavras de intelligencia e combinações de paz foram muitas vezes trocadas entre os generaes francezes Biron e Custine e o agente confidencial do rei da Prussia, o habil e insinuante Luchesini. Combatiam-se como povos, que bem depressa deviam reconcilar-se.

Repentinamente o rei da Prussia partiu inopinadamente para a Polonia. Inglaterra só se obstinou na lucta de morte contra a França. Tinha para isto dous motivos; um inteiramento material, o outro todo moral. Rival da França nos mares, nas colonias e nas indias orientaes, disputando aos navios francezes a navegação e o commercio dos mares, a ruina da marinha franceza e a occupação de nossos portos no Mediterraneo ou na Mancha eram para ella uma ambição muito natural e um despojo demasiado rico da guerra para o não cobiçar. Por outra parte, ainda que as theorias liberaes estabelecessem, entre os espiritos pensadores dos dous povos, uma especie de fraternidade e solidariedade, todavia como a liberdade ingleza é puramente aristocratica, e a liberdade franceza se annunciava como inteiramente democratica, o instincto da aristocracia britannica se indignava e espantava do exemplo de uma democracia victoriosa, que queria passar sem aristocratas assim como sem os reis. Esta aristocracia britannica conhecia-se ameaçada no seu principio. Primeiro indifferente á queda do throno e ás humilhações do rei, a republica se lhe tornara odiosa depois que a França pretendia coroar a soberania do povo. As doutrinas dos jacobinos pareciam blasfemias contra as instituições hereditarias da Grã-Bretanha. O triumpho destas doutrinas em Pariz, e sobre o continente era a seus olhos a subversão de toda a sociedade conhecida. A Inglaterra soprava seus terrores e seu odio a toda a Europa. Enfileirava o mundo, em cordão sanitario em torno deste foco de igualdade. Atava e tornava a atar continuamente o vinculo, sempre frouxo, e frequentes vezes quebrado, da coaligação. Pitt, que foi para o seu paiz o genio personificado da aristocracia, era alli omnipotente porque fôra o primeiro em comprehender seus perigos. Em vão a opposição mais declamatoria do que solida de Fox e dos seus amigos persistia em condemnar a guerra e contestar os subsidios. A opinião britannica abandonava estes amigos obstinados da revolução franceza, desde que esta revolução assassinava seus reis e rainhas e proscrevia seus primeiros cidadãos. Robespierre desacreditava Fox. A guerra contra a França perdia aos olhos dos Inglezes, o caracter de guerra d'ambição ou de guerra politica, e se transformava em guerra social. Pitt, obtinha tudo, porque passava por salvar tudo.

V. — A rede das allianças contra-revolucionarias de Pitt, estendia-se agora a todo o continente. Este ministro

tinha por alliados a Hespanha, arrancada ao pacto de familia pelo desthronamento dos Bourbons de França; a Russia e a Hollanda, que lhe respondiam pela Suecia e Dinamarca; a Prussia empenhada pelo tractado de 14 de julho antecedente; a Austria, o Imperio, e a maior parte dos principes independentes da Allemanha, Napoles, Veneza, e a Turquia emfim, que tinha recusado, por sua solicitação receber o embaixador francez, Sémonville. Os cantões suissos mesmo, e principalmente Berne, e os pequenos cantões minados pelos seus agentes e irritados pela matança dos desgraçados filhos da Suissa, em 10 de agosto, faziam prender os enviados francezes, Maret e Sémonville, no lago Maior, e os entregavam á Austria, que os encerrava nas suas casamatas. Assim apesar das incertezas interiores da colligação e do antagonismo secreto das tres principaes potencias que a compunham, a Inglaterra, conseguia tel-a em batalha, mais do que em campanha sobre o Mosello e Rheno, e lhe pagava soldo pelos esforços que lhe arrancava contra nós.

O duque d'York, filho do rei, principe valente, e militar instruido, commandava na extremidade da linha do principe do Cobourgo, um exercito anglo-hanoveriano misturado com alguns corpos austriacos e do Hesse. O duque d'York impacientava-se pela lentidão e timidez do generalissimo. O unico exercito que podia ainda defender a Convenção estava acampado em frente d'Arrás. A passagem do Somme podia só demorar um instante os duzentos mil combatentes que o principe de Cobourg podia levar a Pariz. Plenipotenciarios enviados de Vienna e de Berlin a Londres ahi deliberaram com Pitt e o gabinete inglez, sobre o plano de campanha. Em logar de concentrar as forças da coaligação e marchar em massa sobre o Somme, tomou-se um partido mais conforme com o espirito de divisão e de incerteza, que neutralisava os gabinetes e prevenia os grandes resultados.

Pitt, a quem as disposições das côrtes eram assás conhecidas, e que não esperava esforço algum energico e sincero, quiz ao menos assegurar a Inglaterra um ponto, ao mesmo tempo maritimo e territorial sobre o solo francez. Resolveu-se o sitio de Dunkerque.

O almirante Maxbridge recebeu ordem de fazer preparar uma esquadra para bombear a praça emquanto o duque d'York a atacava por terra. O exercito anglo-hanoverianno avançou por Furnes e se dividiu em dois corpos; um sob o commando do duque d'York, cercou Dunkerque; outro ás ordens do marechal Freytag, occupou a pequena cidade de Hondschoote, e cobriu assim o exercito sitiante. Estes dois exercitos contavam pelo menos trinta e seis mil combatentes. Estavam em communicação com o exercito do principe de Cobourg pelo corpo de exercito do principe d'Orange, forte de deseseis mil combatentes.

VI. — O general Honchard, que commandava em chefe o exercito francez do Norte, recebeu de Carnot ordem de livrar Dunkerque a todo o custo. Esta praça, que não estava em estado de se sustentar muito tempo, fazia prodigios de patriotismo e valor para escapar á humiliação de se entregar aos Inglezes. Jourdan, que pouco antes era chefe de batalhão, e então general por inspiração de Carnot, commandava um corpo de dez mil homens acampados nas alturas de Cassel a cinco leguas de Dunkerque. Informado dos projectos do inimigo sobre esta cidade, ahi tinha corrido, presidio ás disposições de defeza e voltando para a sua divisão de Cassel, deixara o governo de Dunkerque ao general Souham.

Um official, cujo nome não devia tardar em assignalar-se em nossas guerras, Lazaro Hoche, assistia ao general Souham nos cuidados da defeza. Este mancebo fazia-se notavel, aos olhos de Carnot, por um certo ardor e intelligencia, que são o crepusculo dos grandes homens.

Carnot destacou quinze mil homens dos melhores soldados do exercito do Rheno, e os enviou ao general em chefe do exercito do Norte para dar força ás novas recrutas, que compunham em massa este exercito. Carnot foi pessoalmente levar a Honchard o espirito e plano das operações difficeis de que a commissão de salvação publica o encarregava.

Honchard avançou, á testa de quarenta mil homens, contra a linha dos inglezes. Passando em Cassel, reunio os dez mil homens de Jourdan e marchou sobre Hondschoote. O duque d'York e o marechal Freytag estavam fortificados nesta posição. O seu flanco direito appoiava-se em Bergues, a esquerda em Furnes, o centro nos moinhos, reductos, vallados, muros ameados, com que haviam descançadamente coberto Hondschoot. Assim se achavam encostados á immensa lagoa de Moers. Esta lagoa estende-se entre Hondschoote e o mar. Calçadas faceis de cortar, asseguravam a sua retirada ou communicação com o corpo á vista de Dunkerque. Parecia impossivel abordar o inimigo nesta posição.

O duque d'York, Freytag, Walmoden, descançavam em plena segurança sobre esta força sitiante e no numero de suas tropas. Não cessavam todavia de accusar a lentidão do almirante Maxbridge em executar as ordens de Pitt e apresentar defronte de Dunkerque a esquadra, que devia coadjuvar os sitiantes. Esta esquadra não apparecia no mar. Uma flotilha de chalupas canhoneiras francezas atravessadas na grande enseada de Dunkerque, lavravam incessantemente com os seus projectis as dunas d'arêa aonde acampava o exercito inglez.

VII. — A 6 d'agosto, os postos avançados dos dois exercitos se encontraram em Rexpoede, grande aldêa entre Cassel e Hondschoote. Jourdan dispersando quanto se lhe apresentava diante, tinha varrido a estrada e as aldêas até áquelle ponto e feito alto para ahi passar a noite. Tres batalhões occupavam a aldêa. O corpo principal de Jourdan acampava na retaguarda, a cavallaria bivacava nos prados, e jardins. Ao anoitecer, o general Freytag e o principe Adolpho, um dos filhos do rei de Inglaterra, que precediam de alguns passos suas tropas, cahiram nestes bivaques e foram feitos prisioneiros pelos francezes. Walmoden occupava Wormhout. Informado da presença d[...]s francezes em Rexpoede, deixou á mei noite a sua posição, cahio sobre Rexpoe[...]e, dispersou a vanguarda d[...]s tres batalhões, livrou Freytag e o principe Adolpho, e por pouco não aprisionou o general Houchard e os dois representantes do povo, Delbrel e Levasseur que acabavam de chegar e estavam ceando naquella aldêa. Jourdan, que correra, advertido pelos tiros de fuzil, só poude salvar o general em chefe e os representantes. Os tres batalhões travados na aldêa debandaram e foram recolhidos pelo general Collaud, que bivacava em Ost-Capelle. Jourdan, depois de ter feito vãos esforços para tornar a entrar Rexpoede, voltou na mesma noite a reunir-se a Houchard e aos representantes em Rembek. O seu cavallo, crivado de ballas de fuzil cahio morto debaixo delle á entrada da aldêa. Walmoden, depois deste feliz encontro, reconcentrou a sua divisão sobre Hondschoote, e reanimou com seus discursos a confiança do exercito inglez.

No dia 7 Houchard reunio todas as suas forças. Reconheceu de mais perto a cidade e postos avançados de Hondschoote. Um excesso de prudencia o obrigou a destacar uma de suas divisões para observar os vinte mil inglezes acampados á vista de Dunkerque. Por isto se disseminou e enfraqueceu. Todos estes generaes envelhecidos na rotina esqueciam que uma victoria dá tudo ao vencedor. A 8, elle atacou.

Freytag, ferido na antevespora em Rexpoede, estava incapaz de montar a cavallo. Walmoden commandava. Tinha desenvolvido o seu exercito nos prados na frente de Hondschoote. Dos francezes, Collaud commandava a direita, Jourdan a esquerda, Houchard o centro, Vandamme a vanguarda. Um reducto de onze peças d'artilheria cobria a cidade e batia ao mesmo tempo as estradas de Bergues e Blenheim. Outro reducto varria a estrada de Warem. As proximidades destes reductos estavam inundadas. Era preciso ganhal-os marchando por cima d'agoa até á cintura, expostos durante dez minutos ao fogo das peças e dos batalhões cobertos por muros e bosques. Houchard, que poupava suas tropas, gastava o fogo e perdia o dia todo em ataques acalorados, mas lentos, que não permittiam a um corpo do seu exercito avançar mais q[...]e outro, e que, não compromettendo cousa alguma, [...]rdiam tudo.

O representante do povo, Levasseur, militar igno-

rante, porém patriota intrepido, não cessava de censurar o general, de lhe pedir conta de cada uma de suas ordens, de o ameaçar de o destituir do commando, se não attendesse ás suas observações. A cavallo á testa das columnas, passando da esquerda ao centro e do centro á direita, Levasseur, revestido com a faixa tricolor e o fluctuante penacho em seu chapéo, fazia corar os soldados e tremer os generaes. Com uma das mãos apontava para Hondschoote na sua frente, e com a outra para a guilhotina na retaguarda. A convenção tinha ordenado a victoria, a patria queria salvar Dunkerque. Levasseur não admittia a discussão, nem mesmo com o fogo.

N'um momento em que arengava de uma pequena altura a uma columna, que hesitava, envolvida e fulminada no caminho cavado de Kellem, uma balla de artilheria partio pelos rins o seu cavallo. Levasseur cahe, porém no mesmo instante se levanta, manda que lhe tragam outro cavallo e apercebe-se que o batalhão tinha parado. « Andai sempre ! » exclama elle « estarei no reducto primeiro que vós. » E coloca-se á sua frente.

Encontra Jourdan ferido, que perdendo o seu sangue se indignava da indecisão do general em chefe. — « Que vai ser de nós com similhante chefe ? » exclamava Jourdan, « ha duplicada força para defender Hondschoote do que nós temos para atacar. — « Jourdan, » lhe diz Levasseur, « vós sois militar, dizei-me o que ha a fazer e será feito. — « Uma unica cousa, disse Jourdan, e podemos ainda vencer: cessar o fogo, que nos disima sem enfraquecer o inimigo, ordenar o passo de carga em toda a linha, e marchar de baioneta callada.

VIII. — Levasseur e Delbrel sanccionam com as suas ordens a inspiração de Jourdan. O proprio Jourdan, depois de estancar o sangue se lança á frente das columnas. Um silencio mais terrivel do que a fusilaria reina em toda a linha franceza. Avança como uma onda de aço sobre os intrincheiramentos inglezes. Quatro mil soldados e officiaes ficam feridos ou mortos nos caminhos cavados, debaixo dos vallados, ao pé dos moinhos de vento fortificados que cercam os reductos. Os mesmos reductos, atacados de frente, se callam sob o sangue dos artilheiros, que os servem. Collaud, Jourdan, Houchard fazem avançar canhões e obuses até á entrada das ruas, cujos intrincheiramentos se desmoronam debaixo dos projectis. Os Hanoverianos e os Inglezes retiram em boa ordem defendendo ainda a praça, a egreja, o hotel de ville, crivados de ballas d'artilheria. O velho castello de Handschoote, habitado pelos generaes inimigos, e havia poucos dias testimunha das festas do estado maior inglez e hanoveriano, foi incendiado pelos obuses. Este edificio sepultou debaixo dos seus tectos, sob as paredes e em seus fossos, centenares de cadaveres e o corpo do general Cochenhousen morto no combate.

Assaltado e forçado por todas as partes, excepto pelo lado da Belgica, Walmoden se retirou com as reliquias do seu exercito sobre Furnes. O duque d'York, que tinha assistido e combatido pessoalmente em Hondschoote, dirigo-se a galope, atravez as lagoas do Moér, ao seu campo de Dunkerque, para ir levantar o sitio. Houchard, apesar das observações de Jourdan e dos representantes, que o conjuravam a completar a sua victoria, e colher o fructo perseguindo os hanoverianos pela estrada de Furnes, e cortando assim em dois o exercito inimigo, dormiu dois dias em Hondschoote. Esta manobra tão simples quanto facil, encerrava o exercito sitiante do duque d'York entre as muralhas de Dunkerque e os quarenta mil homens victoriosos de Houchard. Nem um só inglez escaparia. O mar era dos francezes. Hoche e uma guarnição intrepida estavam em Dunkerque. As dunas desta praça, dentro em duas horas de marcha teriam sido as forcas caudinas da Inglaterra. O general ou não vio ou não ousou toda a sua fortuna. Deixou o exercito do duque d'York desfilar em paz ao longo do mar, por uma lingoa de area, que une Dunkerque a Furnes, e unir-se na Belgica aos corpos de Walmoden e do principe d'Orange. Houchard vencedor se portou como vencido, e tornou a entrar em Menin no meio das murmurações do seu exercito.

IX. — A noticia da victoria d'Hondschoote encheu Pariz de alegria ; mas a mesma alegria do povo foi cruel. A convenção censurou como uma traição ao general victorioso a sua victoria. Seus commissarios no exercito do Norte, Hentz, Peyssard e Duquesnoy destituiram Houchard e o enviaram ao tribunal revolucionario. « Houchard é culpado, diziam na convenção, de não haver vencido se não em metade : o exercito é republicano : elle verá com prazer que um traidor seja entregue á justiça, e que os representantes do povo vigiam sobre os generaes. » O desgraçado Houchard foi sentenciado á morte e soffreu o supplicio com a tranquillidade de um innocente. Não era culpado senão de velhice. A sua morte ensinou aos generaes da republica que a mesma victoria não garantia contra o cadafalso, e que não havia segurança senão n'uma completa obediencia ás ordens dos representantes do povo. Em uma guerra extrema, e em que a nação combate toda inteira, é o povo quem commanda, e os representantes são ao mesmo tempo os generaes.

As operações militares sobre as nossas fronteiras até ao mez de janeiro de 1794 se limitaram á occupação da Saboya por Kellermann, do condado de Nice por Biron (estes dois generaes lutavam em acções resplandecentes, mas parciaes, contra o exercito austro-sardo, forte de oitenta mil homens, e contra inexpugnaveis baluartes naturaes), a uma campanha desgraçada dos francezes nos Pirineos contra o general Ricardos, mas na qual o velho general francez Dagobert, de idade de setenta e cinco annos, se cobriu de gloria, e reparou vinte vezes os revezes, que a insufficiencia do numero e os acasos da guerra de montanha fizeram soffrer aos nossos exercitos ; á nomeação de Jourdan para substituir Houchard no exercito do Norte ; ás manobras deste general e de Jourdan para cobrir Maubeuge, alvo das operações combinadas dos colligados, a quem Maubeuge abria as desembocaduras de Pariz.

Maubeuge, defendida por uma forte guarnição e por um campo intrincheirado de vinte e cinco mil homens, era dizimada pela fome e epidemias. Cercavam-na cento e vinte mil homens, O velho general Ferrand commandava o campo, o general Chancel a praça. Sua intrepidez nada podia contra a fome, contra a molestia, e contra a falta de munições, que um longo sitio havia exhausto. O patriotismo dos generaes, dos soldados e dos habitantes disputava só por mais algumas horas esta porta da França, quando Jourdan e Carnot annunciaram a sua chegada pelo estrepido da artilheria. Oitenta mil homens do principe de Cobourg intrincheirados, como outr'ora Dumouriez em Argonne, sobre uma posição cujo centro era Wattignies, esperavam os francezes. O exercito francez ataca-os em cinco columnas a 15 de novembro, pelas dez horas da manhã. Nossos soldados hesitam e recuam em muitos pontos, Carnot presente e combatendo accusa a covardia de Jourdan. Esta palavra odiosa referida ao general o indigna até á demencia. Arroja-se a uma infallivel morte com uma das suas divisões para escalar um plató inaccessivel debaixo do fogo das baterias de Clairfayt. Quasi toda a sua columna foi varrida. Apenas sobreviveu com poucos soldados. Carnot o consola, reconhece a sua injustiça e erro, e deixa-o em liberdade executar o seu primeiro plano. Então Jourdan reune vinte e cinco mil homens no centro. Os batalhões francezes encerram nos seus quadrados as baterias volantes, abrindo-se para as deixar jogar, fechando-se para as cobrir, elevando assim uma cidadella movel com sigo até ao cume do outeiro. Tudo foi varrido por esta formidavel columna. Massas de cavallaria imperial se esforçam em vão de precipitar as testas das outras columnas. Só uma, a do general Gratien, se deixa romper e debanda. O representante Duquesnoy, que ahi se achava, dimitte Gratien, assume o commando em nome da patria, reune os soldados e os conduz á victoria. Wattignies foi vencida. Os Austriacos fogem ou morrem. Do alto campo da batalha, Carnot e Jourdan descobrem Maubeuge e ouvem a artilheria de suas muralhas responder com salvas de alegria ás descargas de seus libertadores.

A batalha d'Wattignies, primeiro triumpho de um general, cujo genio fôra adevinhado por Carnot, teria sido mais decisiva se os vinte e cinco mil homens do campo

de Maubeuge, commandados pelo general Ferrand, tivessem cooperado na acção e impedido o principe de Cobourg e Clairfayt de repassarem o Sambre. Os soldados da cidade, e do campo pediam com o extincto da guerra, esta passagem. O general Chancel, que commandava em Maubeuge, o desejava. A falta d'ordens e a excessiva prudencia impediram Ferrand de annuir. Faltava uma victima á convenção: Chancel subio ao cadafalso.

X. — No exercito do Rheno, a desconfiança arbitraria dos representantes do povo, acabava de substituir no commando Custine por Beauharnais, Beauharnais por Landremont, Landremont por Carlen, simples capitão um mez antes; Carlen finalmente por Pichegru. Este exercito composto de quarenta e cinco mil homens, defendia a entrada da Alsacia pelas linhas fortificadas de Wissembourg. Wurmser, o mais aventureiro ao mesmo tempo que o mais idoso dos generaes do imperio, surprehendeu estas linhas e as ganhou por impericia de Carlen. Este general ameaçado por outra parte pelo duque de Brunswick, tinha-se retirado, até ás alturas do Saverne e de Strasbourg. Wurmser, Alsaciano de nascimento, entrou triumphante em Haguenau sua patria. O terror tinha prevertido até á traição o espirito de uma parte da povoação de Strasbourg, este baluarte do patriotismo. Estabeleceram-se intelligencias entre Wurmser e as principaes familias da cidade para a sua entrega. A unica condição era que o general austriaco occuparia a cidade em nome de Luiz XVII. Descuberta a tempo esta conjuração conduziu á guilhotina setenta habitantes de Strasbourg, uns convencidos, outros unicamente suspeitos de realismo. O forte Vauban foi vencido pelos austriacos. Laudan hia cahir. Saint-Juste e Lebas foram enviados á Alsacia para intimidar a traição ou a fraquesa pela morte. Pichegru e Hoche chegaram, um para receber o commando do exercito do Rheno, o outro para tomar aos vinte e cinco annos o do exercito do Mosella. Com elles entrou a esperança nos campos, ao mesmo tempo que o terror entrava com Saint-Juste nas cidades. «Nós vamos a ser commandados como o devem ser os francezes,» escreviam do exercito depois de ter-lhe sido passada revista pelos dois generaos. «Pichegru tem a gravidade do genio. Hoche é mancebo como a revolução, robusto como o povo. O seu olhar é altivo e elevado como o da aguia.» Estes dois novos chefes deviam justificar o enthusiasmo do exercito. Pichegru, ao principio explicador dos estudos de mathematica no convento d'Arbois, sua cidade natal, alistado depois como simples soldado na guerra d'America, voltando á França no momento da revolução tinha presidido ao club de Bensançon. Um batalhão sem chefe passando por esta cidade em 1791 o tomou no club para seu commandante. Em dois annos, a sua energia, suas luzes, seu imperio sobre os homens o tinham elevado ao gráo de general de divisão. Robespiere e Collot d'Herbois o protegiam. Viam n'elle um daquelles chefes convenientes ás republicas: saidos da obscuridade, modestos, cheios de genio mas sem explendor; capazes de servir, incapazes de offuscar. «Juro,» lhes escreveu Pichegru quando tomou o commando, «de fazer triumphar a Montanha!» Não devia tardar em cumprir suas promessas e illudil-as; em cobrir de gloria e em trair a republica, homem a quem a sua elevação rapida e o sentimento de seu genio fizeram sonhar uma dictadura chimerica, sobre os restos da republica e da realeza, fatal aos dois partidos, e principalmente para si. Hoche, bello, mancebo marcial; antigo heroe pelo rosto, pela estatura e pelo braço; heróe moderno pelo estudo, pela leitura, pela meditação que collocam a força na intelligencia; filho de uma pobre familia, mas trazendo impressa na fronte a aristocracia dos grandes destinos; alistado de dezeseis annos nas guardas francezas, fazendo pelo preço de meio soldo o serviço de seus camaradas, empregando este soldo ganho de dia em comprar obras militares e de historia para occupar suas noites e embriagar por assim dizer, sua alma de instrucção e de gloria. Enviado a Pariz como ajudante de campo do general Leveneur, depois da deserção, de Dumouriez, fôra apresentado á commissão de salvação publica para dar conta do estado do exercito. Admirara a commissão pela precisão de suas respostas, pelo alcance de suas vistas e pela sua eloquencia militar. Esta entrevista, em que os homens d'estado pressentiram o homem de guerra, lhe valeu o posto de ajudante general. A defeza de Dunkerque lhe tinha valido a attenção de Carnot e o gráo de brigadeiro. Apossou-se do commando como da sua fortuna. Quanto mais o elevavam maior parecia: tal é a perspectiva dos homens predestinados aos olhos da posteridade. Sabias manobras sobre Furnes e Yprés, para reparar as faltas de Houchard, o conduziram repentinamente ao commando do exercito do Mosella. Hoche não tinha mais do que um defeito: o conhecimento de sua superioridade degenerava ás vezes em desprezo para com os seus collegas. O cume lhe parecia em tudo o seu lugar, que não podia tolerar lho disputassem. N'uma revolução onde tudo era accessivel á ambição e ao genio, se a morte não houvesse feito parar Hoche, não se poderia dizer até que ponto teria subido.

Na Vendée, os generaes enviados uns depois de outros pela commissão de salvação publica gastavam os seus batalhões contra uma guerra civil, que renascia debaixo de seus passos. Ganhavam batalhas e perdiam a campanha. Esta guerra, a mais perigosa de todas as que a republica teve a sustentar, merece um logar distincto e uma narração não interrompida. Collocaremos esta narração n'um extenso quadro, no momento em que esta guerra teve simultaneamente mais actividade, grandeza e desastres.

Outros dois focos de insurreição, Lyon e Toulon, resplandeciam na mesma epocha no seio da republica. Attrahiam para o Meio-dia as vistas, a mão, e a energia desesperada da Convenção. Descreveremos em poucas palavras seus elementos, fermentação, explosão e abafamento pelas armas e pelos supplicios, dupla acção da commissão de salvação publica.

XI. — Lyon está situada, como todas as grandes cidades de manufactura, n'aquelle ponto preciso dos territorios onde o solo, as culturas, os combustives, o fogo, as agoas e as povoações frondosas fornecem todos os elementos e todos os braços necessarios a um grande trabalho, e aonde os vales, as planicies, os caminhos e os rios se abrem, se ramificam e correm para levar e distribuir os productos ás provincias e aos mares. A geographia e a industria se communicam e parecem combinar-se no plano d'estas vastas officinas humanas. Este phenomeno é tão instinctivo que até nos mesmos animaes, em apparencia desprovidos de raciocinio, se observa. Os grandes formigueiros e colmeaes são sempre collocados na embocadura e na confluencia das estradas, de aguas e dos valles.

A situação militar de Lyon é conforme com a sua situação commercial. Uma alta peninsula chamada a Dombe, se estende de Trevoux de um lado e de Meximieux do outro, entre duas grandes correntes de agoa, o Rhodano e o Saone. Esta lingua de terra fertil corre estreitando-se sempre até uma elevação chamada a Croix-Bousse, arrabalde de Lyon. Ahi o plató, cortado quasi a prumo pelos dois rios, se abate repentinamente, desce em rampas obliquas e se estende depois em planicie baixa e triangular até á confluente dos dois rios. Esta planicie estreita e extensa é o corpo da cidade.

O Rhodano, torrente immensa, mal aprofundada pela natureza, arroja á esquerda aguas tumultuosas e vastas, que vão engolfar-se no profundo valle de Vienne de Valence e d'Avignon, cavado no seu leito para o Mediterraneo. Elle arrebata com a rapidez de uma represa barcos, jangadas, páos, ferros, fardos e carvão de pedra, que as florestas, as minas, fabricas e navegação confiam á sua corrente.

A' direita, o Saone, rio quasi tão largo, porem mais doce e mais manejavel que o Rhodano, corre lentamente das montanhas e dos valles da antiga Bourgogne, penetra em Lyon por uma garganta estreita, embaraçada ainda de algumas ilhas, prolonga-se pelos caes da cidade de debaixo das collinas de Fourriéres e de Sainte Foi, que a dominam ao Oeste, e vai confundir-se ao Leste do Rhodano na pantanosa ponta do Perrache.

A cidade, assaz apertada pelos dois rios, passou além do seu primeiro recinto e por assim dizer trasbordou da peninsula do lado do Saone. A sua cathedral, tribunaes, e bairros mais pacificos são situados e sobre-postos entre a montanha e o rio. As ruas são formadas como escadas ao longo dos declives. As casas parecem trepar pelo rochedo e suspensas nas abas das collinas. Muitas pontes, umas de pedra, outras de madeira, fazem communicar entre si estes dois bairros da cidade.

XII. — Do lado opposto, a cidade assenta sobre uma praia elevada, ostenta ao nascente a longa e oppulenta fachada de seus caes Saint-Clair. Nenhuma colina, nenhuma ondulação de terreno abaixa o Rhodano, ou o intercepta á vista. O rio ahi corre quasi ao nivel das baixas terras de Broteaux. As vastas planicies do Delphinado, frequentemente inundadas pelas cheias do Rhodano, se estendem ao longe, e deixam espraiar-se a vista até ás collinas negras e fluctuosas do Bugey á esquerda, em frente e á direita até ao cume dos Alpes, da Suissa, da Saboia e da Italia. A alvura das neves d'estas montanhas confunde-se no horisonte com as nuvens.

Entre os caes do Rhodano e os caes do Saone se estende a cidade propriamente dita, com seus bairros populosos, suas praças, ruas, estabelecimentos publicos, hotel de ville, mercados, hospitaes, e theatros. A estreitesa do espaço, apertou o perfil, sobrepoz e amontuou os edificios. Vê-se por toda a parte que a população, officinas, actividade, riquesa e trabalho disputaram o logar ao ar e á luz, objectos apreciabillissimos no commercio. Ao entrar na cidade, o seu aspecto sombrio, austero e monacal penetra o coração. Os quartos estreitos, as casas altas, a luz entrando a custo, os muros cobertos de fumo, as portas baixas, as janellas, com caixilhos de encerado para poupar os vidros, armazens atulhados de caixas e fardos, o movimento agitado mas silencioso das ruas, dos caes, das praças publicas, o rosto inquieto e preoccupado de cidadãos, que não perdem o tempo em conversações ociosas, porem que se aproximam a um aceno, e que se separam depois de trocarem entre si uma breve palavra, sempre andando, a falta das locomotivas de luxo, de cavallos, de passeantes nos bairros ricos, tudo annuncia uma cidade circumspecta, occupada de um só pensamento, alma d'esta cidade de trabalho: este pensamento é o ganho.

XIII. — A sua população offerece, nas feições, um contraste notavel com a população risonha, voluvel e marcial das outras grandes cidades da França. Os homens são altos, fortes, de est-tura massiça, mas em que os musculos são frouxos e em que a carne abunda. As mulheres, d'uma formusura ideal e quasi asiatica, teem nos olhos, na physionomia e no andar, uma mollesa e languidez, que recordam a vida inanimada e sedentaria do Oriente. Conhece-se, pela sua gravidade que ahi ellas são para os homens objectos de affeição, mas não idolos e objectos de prazer. A sua seducção mesmo tem aquella decencia severa que é como a santidade da formusura; o seu olhar é terno porem casto; paixões á sombra, população ardente do Meio-dia preservada pelos costumes do Norte.

A par da leviandade da França do centro, e da vivacidade turbulenta da França meridional, o povo de Lyon forma um povo á parte; colonia lombarda, implantada e naturalisada entre dois rios sobre o solo francez. O seu caracter é analogo á sua conformação. Ainda que dotada de ricas faculdades pela natureza e pelo clima, a inteligencia do povo é ahi paciente, lenta e perguiçosa. A applicação exclusiva e uniforme da povoação inteira a um só fim, o ganho, tem absorvido neste povo as outras aptidões. As letras são despresadas em Lyon, as artes d'espirito ahi se definham, os officios são preferidos. A pintura florece. A musica, a menos intellectual e a mais sensual de todas as artes tambem é cultivada. Esta arte convem a uma cidade, que vae á noite, depois de passar um dia laborioso, comprar os seus prazêres nos theatros, assim como compra tudo.

O choque das ideas e dos systemas, que agita e que propaga o mundo intellectual, perece n'estes muros. Uma cidade muda pouco as suas ideas; porque não tem tempo para as reflectir. Vive de suas tradições e transmitte-se seus costumes e opiniões hereditarias como as suas peças de oiro: sem as verificar nem afferir. E' a cidade da regularidade, do habito e de ordem. Uma sabia rotina de costumes e de vida é com a economia, a virtude que eleva ao mais alto a estima do publico. As grandes luzes offuscam, os grandes talentos inquietam; porque desarranjam a regra, esta soberana de costumes. As superioridades ahi soffrem o ostracismo da indifferença, assim Lyon tem-se mais de uma vez manifestado um grande povo, raras vezes grandes homens.

XIV. — Comprehende se pois, que as virtudes d'um tal povo devem participar de sua natureza. Possue na verdade muitas e grandes entre todo o trabalho, a economia e probidade. As suas virtudes são mesmo lucrativas. E' religioso, mas não até ao fanatismo, que suppõe o enthusiasmo. O seu clero numeroso, respeitado e obedecido, ahi exerce um imperio absoluto sobre as familias, nas mulheres, na educação da mocidade, sobre a natureza e sobre o povo. Conventos de todas as ordens religiosas de um e de outro sexo, ahi cobrem as collinas. Parece que a Italia trasborda por cima dos Alpes até ahi, com suas pompas religiosas e seu espirito sacerdotal. A imaginação do povo entretem-se n'isto com infatigavel avidez, imagens milagrosas estatuas animadas, capellas privillegiadas, perigrinagens, predicas, aparições e milagres. Lyon se recorda de haver sido a primeira colonia do christianismo nas Galias. Os tumulos dos seus santos, e dos seus martyres, suas catacumbas, suas igrejas romanas, a sua cathedral gothica de S. João: tudo faz lembrar a Roma das Galias. Tudo atestava, no aspecto enterior da cidade e nos ritos do seu piedoso povo, que o catholicismo estava profundamente gravado em sua alma como no seu solo, e que para o estirpar, seria mister proscrever a mesma cidade.

XV. — Lyon forma duas cidades distinctas e contem em apparencia dois povos: cidade do commercio, que se estende das alturas da Croix-Rousse até á praça de Bellecour, o que tem por centro a praça dos Terreaux, a cidade da nobreza dos capitalistas, e do commercio rica e opulenta, que se recosta e se esperguiça em torno da praça de Bellecour e nos bairros opulentos de Perrache. Além o trabalho, aqui o descanço: além a bourguesia, aqui a aristocracia. Mas á excepção de mui limitado numero de familias militares e feudaes, esta nobreza de capitalistas difere pouco da bourguesia d'onde ella sáe. Verdade é que não trabalha propriamente; porém colloca e vigia seus capitaes na fabrica e no commercio da cidade manufactoreira. Os fabricantes são os rendeiros industriaes d'estes ricos credores.

A cidade é essencialmenta plebéa. A burguezia infinita, rica sem fausto, saindo continuamente do povo e tornando a entrar n'elle sem vergonha pelo trabalho de suas mãos, recorda aquelles corpos d'artes e officios de *seda* e de *lã* da republica commercial de Florença, de que Machiavel conta a historia, que honrando-se com sua industria e que tendo por bandeiras os instrumentos de fiar e tecer, formavam facções no estado e tribus na democracia.

Tal era então e tal é ainda hoje Lyon. Abaixo d'esta universal burguesia, se estende uma população de duzentos mil artistas, residentes na cidade, nos arrabaldes, nas villas e aldêas do territorio lyonnez. Esta população é empregada pelos fabricantes, nos differentes officios de sua industria especialmente na preparação da seda.

Este povo de trabalhadores não existe como os das outras cidades, enterrado em immensas officinas communs aonde o homem tratado como um systema mechanico, se envilece na multidão, se preverte pelo contacto e se corrompe pela frequencia continua de outros homens. Cada officina de Lyon é uma familia composta de marido, mulher e filhos. Esta familia vai todas as semanas pedir obra, seda e modelos. Os trabalhadores levam para suas casas as materias primas, urdem-nas no domicilio e entregando-as aos fabricantes recebem o preço convencionado por cada peça de seda manufacturada. Este genero de fabrico, conservando ao trabalhador a sua individualidade, sua independencia, sua união de familia

é mil vezes menos propicio á sedição e corrupção do povo do que estes exercitos de machinas viventes, disciplinados pelas outras industrias, em officinas communs, aonde uma faisca produz explosão e incendios. Este trabalho de empreitada estabelece além d'isto entre a burguesia e o povo, relações continuas a uma mutua solidariedade de beneficios ou de perdas eminentemente proprias para unir as duas classes por meio de uma communidade d'interesses. As cidades das montanhas de Forez, Saint-Etienne, Rive-de-Gier, Vienne, Montbrison, Saint-Chamond são outras tantas colonias occupadas das mesmas industrias, regidas pelos mesmos costumes, animadas pelo mesmo espirito. Esta população de quasi quinhentas mil almas, é essencialmente activa como o trabalho, moral como a religião, sedentaria como o habito, economica como o ganho, conservadora como a propriedade. Qualquer abalo na ordem das cousas a inquieta. O trabalho ou falta d'elle, a perda ou o lucro, são para este povo toda a politica e todo o governo.

XVI. — Comprehende-se que um tal povo deve ter mais de republicano que de monarchico, porque a sua constituição social é na sua base uma republica d'interesses e uma democracia de costumes. Extranho ás côrtes, desdenhoso para com a nobresa, a queda destas altas superioridades do estado era mais propria para acariciar o seu orgulho plebêo do que para affligil-o. Por toda a parte o trabalho é republicano e a ociosidade é monarchica. Tambem, ainda que a cidade de Lyon fosse mais desattenta do que qualquer outra cidade de França ao movimento e á intelligencia de philosophia social, que preparava a revolução, os primeiros symptomas de abatimento da monarchia e da soberania nascente do povo, regosijaram a sua burguezia. Ella não considerou nisto mais do que o aviltamento de seus patricios, e o restabelecimento de seu governo municipal. Havia muitos seculos que a municipalidade e os seus bispos eram o seu governo, como nos despojos das cidades romanas que se tinham conservado ao travez da edade media. Os estados geraes, a resurreição da assembléa nacional, a humiliação da côrte, a egualdade das ordens do estado, a destruição dos privilegios, a queda da Bastilha, as doutrinas da assembléa constituinte, as reformas de Mirabeau, as popularidades de la Fayette e dos Laneth, a creação da guarda nacional, a constituição de 1791, emfim todos esses vestigios do poder real e de aristocracia arrancados ao throno, lançados á nação pelos girondinos, o mesmo dia 10 d'agosto, em que se julgava prehencher tão depressa e tão facilmente o vacuo do throno por uma constituição de republica regular e proprietaria, havia sido agradavel, no seu principio, á burguesia de Lyon. A revolução de Pariz ahi tinha tido suas repercursões applaudidas, porém moderadas, pelo espirito essencialmente proprietario do paiz.

As primeiras agitações de Lyon tinham tido logar por inspiração de Roland e sua mulher, que habitavam nos suburbios. Roland e seus amigos, tinham atiçado com seus escriptos, seus jornaes e seus clubs, o fogo mal extincto do jacobinismo. Este fogo, tão incendiario no resto da França, havia-se ateado lenta e difficultosamente em Lyon. Apenas alguma doutrina se traduzia em desordem e ameaçava o commercio, tornava-se impopular. A sociedade em toda a sua extensão não tem em Lyon mais do que um signal representativo : o dinheiro. Tudo quanto o ataca ou faz desapparecer, é para logo anti-social. Este povo deificou a propriedade.

Resultava disto que o jacobinismo, não achando os seus agitadores, oradores, e moderadores nas fileiras da burguesia mercante ou do povo honesto e laborioso tinha sido forçado a procural-os na escoria da população fluctuante de uma grande cidade, nos estrangeiros sem patria, nos homens perdidos de costumes e de dividas, que nada tinham a perder no incendio, tudo a ganhar nas ruinas. Esta constituição dos clubs e do jacobinismo em Lyon, tornando-os mais infimos, os fasia assim mais sediciosos, exaltados, e odiosos aos cidadãos. Tudo ahi era extremo. Como Bordeaux, Marseille e Toulon, Lyon tinha adoptado com paixão as doutrinas e os homens da Gironda. Robespierre, Danton, a Montanha existiam em horror na maioria. O rico via nesta fracção da convenção os espoliadores de sua fortuna ; o povo, os proscriptores de sua religião. O commercio fenecia, o luxo mingoava, não se fabricavam senão armas. Desde o dia em que a republica mechesse nos seus bancos, seus mercados, suas fabricas, suas officinas, e seus padres, Lyon não reconhecia mais a republica. A cidade começava a confundir suas queixas com as dos realistas que de todas as provincias visinhas vinham buscar abrigo em seus muros. Estas disposições irritavam e inflammavam mais os clubistas ameaçadores mas contidos em Lyon.

XVII. — Existia então nesta cidade um homem extranho, da peior especie dos homens nos tempos d'agitação : um fanatico do impossivel. Era um desses insensatos que resumem na sua cabeça, não a paixão, porém a demencia da multidão, um desses prophetas do povo, que o povo tem por inspirados, porque são loucos, e que escuta como oraculos, porque lhe predizem destinos maiores do que a naturesa, e triumphos mais completos do que o alcance do espirito humano. A favor desta paixão pelo impossivel e destas prespectivas de que elles mesmos são victimas, os homens deste genero arrastam o povo ao abysmo, atravez da illusão e do sangue. Este homem chamava-se Châlier.

Como Marat, tinha corrido do estrangeiro ao clarão de uma revolta. Tinha nascido no Piemonte ou em Saboya, de uma familia obscura, mas bastante rica para lhe dar uma educação e um estado. Destinado ao sacerdocio, a esta escada cuja base assentava no gremio do povo e da qual os ultimos degráos davam accesso ao cume da sociedade, Châlier havia sido educado para esta profissão, entre os frades de Lyon. Ahi havia adquirido aquella rigidez, aquella contenção de espirito, aquelle ascetismo exterior, aquella affectação de inspiração sobrenatural e aquelles rasgos de poesia e eloquencia sagrada, que fermentando n'uma cabeça fraca com os principios do momento, tinham produzido n'elle um desses conjunctos monstruosos em que o sacerdote e o tribuno, o propheta e o demagogo, o sancto e o malvado se misturam n'um só homem, para produzir um monstro impossivel de comprehender e ainda mais de definir. Dir-se-ia vendo Châlier, que o destino de Lyon, tão similhante ao de Florença, quizera completar a similhança dando a esta cidade um agitador inexplicavel entre Savonarole e Marat.

O ruido da revolução, que entrava no seu claustro, agitava o joven levita até em seus estudos. Sonhava uma regeneração, passado um cataclysmo. Espantava seus condiscipulos com os phantasmas sanguinolentos, que existiam na sua imaginação. Então escrevia estas linhas cujos movimentos quebrados e incoherentes, affectam os sobresaltos, as inspirações e os oraculos biblicos : « As cabeças se apertam, são de gelo as almas, o genero humano está morto. Genio creador ! faze surgir uma nova luz e uma nova vida deste cahos ! Eu amo os grandes projectos, as convulsões, a audacia, os choques, as revoluções. O ser supremo fez grandes cousas, porém está muito descançado. Se eu fôra Deus, revolveria as montanhas, as estrellas, os imperios ; transtornaria a naturesa para a renovar. »

O destino de Châlier abortado no bem como no crime, estava todo nestes primeiros rasgos de sua alma. A loucura não é mais do que o aborto de um pensamento forte mas importante porque não foi governado pela razão. Sob o imperio desta obsessão, Châlier deixou o sacerdocio, entrou n'um escriptorio e viajou algum tempo pelo commercio. Foi expellido da Italia por haver ahi propagado os dogmas revolucionarios. Esta propagação o assignalou e fez adoptar por Marat, Robespierre, Camille Desmoulins, e por Fauchet. Veiu debaixo de seus auspicios fundar em Lyon o club central, foco ardente entretido pelo seu sopro e agitado de dia e de noute pela sua palavra. Seus discursos, umas vezes jocosos outras mysticos, agradaram ao povo. Nada era reflectido, tudo era lyrico com sua eloquencia. O seu ideal era evidentemente o caracter daquelles falsos prophetas d'Israel, servidores de Jehovah e degoladores de homens.

XVIII. — O mysterio, que envolvia a sua vida, sua

pobreza, sua incorruptibilidade, sua adhesão á causa popular, sua assiduidade ás sessões publicas do club central lhe tinham dado um immenso ascendente sobre os jacobinos de Lyon. Fora nomeado pelos eleitores presidente do tribunal civil. Via-se ou julgava-se descobrir a sua mão em todas as desordens e em todos os crimes. Estas desordens e crimes, tinham sido tanto mais atrozes em Lyon quanto o partido de Châlier sentindo-se mais fraco e ameaçado, tinha precisão de imprimir maior terror para se assegurar melhor da obediencia. Havia entre Lyon e Pariz emulação de sangue.

No dia seguinte á carnificina de setembro um pequeno numero de assassinos se tinha dirigido, escoltado de rapazes e mulheres, ao castello de Pierre-Encise ahi tinham immolado onze officiaes do regimento de Royal-Pologne, prezos na vespera por suspeitos de realismo. Em vão uma rapariga de um valor igual á sua formosura, a sr.ª de Bellecice filha do governador do forte, se precipitara entre o povo e as victimas, e até se ferir affastando as espadas e lanças dos corpos dos prezos. Em vão o maire de Lyon, Vitet homem ardente de principios, mas intrepido de consciencia e humano de coração, tinha acudido com alguns granadeiros affeiçoados, e empregara para salvar os prezos ora a supplica, ora a força: o pavimento de todas as prisões de Lyon fora juncado de cadaveres. Estes cadaveres, suspensos no outro dia aos ramos das tilias do passeio publico de Bellecour, tinham sido encadeados uns aos outros em fórma de tropheos, por grinaldas de membros mutilados, para aterrar o bairro dos aristocratas. Ao mesmo tempo emissarios do club dos Franciscanos (*cordeliers*) de Pariz, em cujo numero se assignalava Huguenin o orador do dia 20 de junho, tinham vindo escandecer a tibiesa do club central de Lyon. A populaça havia invadido os armazens e regularisado a espoliação, nomeando commissarios á pilhagem. A municipalidade, em que os dous partidos irresolutos em resoluções fluctuantes davam simultaneamente força á ordem e valor á desordem, tornava-se cada vez mais ludibrio do club central, aonde reinava Chalier. Este e Laussel, seu cumplice, padre incestuoso, que pouco tempo havia esposado sua propria irmã; Roullot, membro da municipalidade; finalmente Cusset, eleito deputado á convenção, pregavam publicamente os dogmas da lei agraria e da rapina: « E' chegado o tempo, » diziam elles, « em que se deve cumprir esta prophecia. Os ricos serão despojados e os pobres enriquecidos. » — « Se faltar pão ao povo, » proclamava Tarpan, « que se aproveite do direito de sua miseria para se apoderar dos bens dos ricos. » — « Quereis vós, » escrevia Cusset, « uma palavra que paga por tudo de quanto houverdes precisão em Lyon, *morrei ou fazei morrer!* »

XIX. — Para dar a estas excitações a autoridade do terror, tinham estes homens mandado vir de Pariz uma guilhotina. Instalaram na em permanencia na praça de Bellecour, para que o instrumento recordasse o supplicio. Os girondinos, para moderar este excesso, tinham expedido Vitet, seu collega e amigo, a Lyon. Vitet apresentando-se no club central, discorrera com a severidade varonil de um cidadão, que trata de persuadir os facciosos antes de os punir. O club o havia coberto de despresos e de ultrajes. « O grande dia das vinganças é chegado » exclamou Châlier. « Quinhentas cabeças ha entre nós, que merecem a mesma sorte que a do tyranno. Eu vos darei a relação. Não tendes mais s não ferir! » Propoz o estabelecimento d'um tribunal revolucionario: e tomando depois a imagem de Christo: « Não é sufficiente, » exclamou, « ter feito morrer o tyranno dos corpos, é preciso que o tyranno das almas seja derribado do seu throno. « E despedaçando a imagem do crucifixo, calcou os fragmentos debaixo dos pés. De lá, conduzindo o tropel de seus sectarios á praça dos Terreaux, Châlier lhes fez jurar, diante da arvore da Liberdade exterminar os aristocratas, os rolandistas, os moderados, os agiotas, os monopolistas e os padres.

A municipalidade sujeita por um momento ao club central, imitou a requerimento seu as visitas domiciliarias, preludio do dia 2 de setembro e confiou aos commissarios do club o cuidado de designar e prender os suspeitos. Toda a cidade estava na mão de uma facção de Catilinas subalternos. Um só homem, o maire Niviére, que tinha succedido a Vitet, continha, com a intrepidez de um antigo magistrado, a audacia dos sediciosos, e reunia a desesperação dos homens pacificos. Niviere sabia que Châlier e Laussel tinham ajuntado durante a noite os seus sequazes, nomeado um tribunal revolucionario secreto, preparado a guilhotina, escolhido a praça das execuções sobre a ponte do Rhodano d'onde se precipitariam os cadaveres nas ondas, formulado listas de proscripção e na falta d'executores em numero sufficiente, Laussel dissera: « Todos devem ser algozes. O ferro da guilhotina cae pelo seu proprio pezo.

Algumas testimunhas indignadas pela conjuração havendo-se escapado do conciliabulo, e feito abortar o plano de Châlier, Niviére tinha chamado alguns batalhões e oito boeas de fogo, que collocara em roda do hotel de ville. A cabeça d'este generoso maire era a primeira promettida aos assassinos. Elle a punha em risco pela salvação de sua patria. A sua firmeza intimidou os facciosos.

« Retiremo-nos, falhou e golpe! « exclamou Châlier encontrando estas bayonetas, e artilheria em batalha em torno do hotel de ville. Niviére depois d'este triumpho, entrou nas fileiras dos simples cidadãos; porem reeleito, d'ahi a pouco por oito mil votos sobre nove mil votantes, tornou a tomar o governo da cidade, no meio das acclamações dos proprietarios.

XX. — O partido de Châlier ameaçado então pela reacção dos republicanos moderados, foi salvo do furor publico por este mesmo Niviéro, que aquelle partido quizera immolar. O club central foi dissolvido. Os membros deste club invocaram o soccorro dos seus irmãos de Pariz. A Convenção decretou que dois batalhões de Marselhezes viesse restabelecer a ordem em Lyon. Enviou tres commissarios escolhidos das fileiras da Montanha, Bazire, Rovére, e Legendre. Mas os batalhões d'Aix e de Marseille chegados a Lyon, cheios do espirito da Gironda, foram ahi acolhidos como libertadores pelo total da população, e fizeram tremer e fugir Châlier e o seu partido. Os jacobinos reduzidos á impotencia resolveram um dia 10 de agosto contra a municipalidade. Châlier tornou a apparecer e avivou de novo o foco do club central: « Trezentos Romanos, » dizia elle « juraram apunhalar os modernos Porsenas e sepultarem-se com seus inimigos debaixo das ruinas d'esta nova Sagunto. Aristocratas, Rolandistas, moderados egoistas, tremei! O dia 10 d'agosto póde ainda raiar, as ondas do Saône e do Rhodano arrojarão em breve os vossos cadaveres ao mar! » Cusset lhe respondia do alto da montanha: « A liberdade para nós, a morte para nossos inimigos, eis-aqui o escrutinio apuratorio da republica! « Um banquete patriotico reunio os jacobinos debaixo das arvores de Bellecour, a 9 de maio. Animados pelo seu numero e pelos applausos da multidão, foram depois do banquete, intimar á municipalidade d'installar o tribunal revolucionario. Foram repellidos

Chegaram depois a Lyon outros commissarios mais energicos da Convenção: eram estes Albitte, Dubois-Crancé, Ganthier e Nioche. Vexaram os ricos com um emprestimo forçado de seis milhões. Organisaram uma commissão de salvação publica á imitação da de Pariz. Decretaram um exercito revolucionario. Disculparam a audacia de Châlier e partiram para o exercito dos Alpes deixando a cidade á mercê d'esta commissão dictatorial. A commissão apressou-se a oprimir os cidadãos, armar seus partidarios, condemnar á morte seus inimigos. Châlier publicou aquellas listas com o titulo de *Bussulas dos patriotas*, « Ás armas! » gritava elle percorrendo as ruas á testa dos seus jacobinos. « Os vossos inimigos juraram degollar até os vossos filhos recem-nascidos. Apressai vos de os vencer ou sepultai-vos nas ruinas da cidade! »

Estes gritos ferozes fizeram écco até na Convenção, soblevaram o partido moderado á vóz da Gironda e arrancaram um decreto, que authorisava os cidadãos de Lyon a repellir a força pela força « Julgais vós » disse Châlier ao receber este decreto, « julgais vós que este decreto, me intimida! Não, levantar-se-ha commigo bastante povo para apunhalar, vinte mil cidadãos,

e sou eu que me reservo para vos enterrar o punhal no peito! » Corre ao club arma os seus amigos, distribue a cada um meia libra de polvora, indica o logar do alarme, prepara o assalto do hotel de ville. As secções advertidas de seus designios se armam e formam contra os jacobinos. Divide-se a cidade em dois camp.s. A municipalidade se reune ao partido dos jacobinos. Os representantes do povo Gauthier e Nioche entram em Lyon á testa de dois batalhões e dois esquadrões. Os bandos de Châlier armados com foices, chuços e maças, os precedem, e insultam os cidadãos armados das secções. O sangue corre. Châlier falla ao club: « Marchemos, » diz elle, « vamos apoderar-nos dos membros do departamento, do presidente, dos secretarios, das secções, façamos d'elles um só feixe que colloquemos debaixo da guilhotina e lavemos em fim nossas mãos do seu sangue! »

XXI. — Em quanto se refazem as secções, a municipalidade jacobina se apossa do Arsenal, ahi se fortifica e enche o hotel de ville de peças d'artilheria, munições e tropas. Os seccionarios, reunidos em numero de mais de vinte mil na praça de Bellecour, elegem por commandante um fabricante de panno chamado Madinier, homem com coração de fogo e braço de ferro. Madinier toma o Arsenal e marcha direito ao hotel de ville. O representante Nioche quiz interpôr a sua aucthoridade « Retirai-vos, » lhe respondeu Fréminville, presidente do departamento, « vós haveis assignado esses infames mandados, que ameaçam nossas fortunas e nosso sangue não podemos ter confiança em vós! Affastai-vos; nós professamos como vós o republicanismo, porem queremos a republica legal e não a oppressão de um municipio. Se quereis que deponhamos as armas, mandai sair vossas tropas, retirai vossos canhões e suspendei de seu emprego todo o corpo municipal. » Durante esta negociação no Arsenal, a municipalidade se havia rodeado de tropas de linha e de ajuntamentos populares na praça de Terreaux. Os cadaveres dos primeiros seccionarios assassinados nas ruas estavam estendidos nos degráos do hotel de ville, ultrajados e mutilados pelo povo.

Madinier, informado d'estes exessos, detem Nioche em refens e faz marchar as suas secções em duas columnas, uma pelos caes do Saône, a outra pelos caes do Rhodano, para irem fazer uma juncção na altura do hotel de ville. A testa da columna do caes do Rhodano é batida ao approximar-se, por uma bateria collocada sobre o massiço do ultimo arco da Ponte Morand e que varre o caes em todo o seu comprimento. Centenares de seccionarios expiram, incluindo n'este numero alguns officiaes realistas e muitos filhos das principaes familias da nobreza e do commercio de Lyon.

A collumna do caes do Saône é egualmente metralhada ao desembocar sobre a praça de Terreaux. Recua em boa ordem e vae tomar posição mais abrigada na praça des Carmes, em frente do hotel ville, porêm meia coberta, por uma ala de edificios. D'ahi, esta columna bate com a sua artilheria a caza da camara. Os Jacobinos dizimados dezertam de suas sallas e procuram abrigo nos pateos. O representante Gauthier se apresenta aos seccionarios como parlamentario. Foi detido em refens como o seu collega. Assigna, sob o terror das secções, a suspensão da municipalidade. Madinier faz uma entrada triumphal a cavallo no hotel de ville prende Châlier e seus principaes cumplices, e os conduz atravez as ondas do povo indignado, que os queria immolar no seu crime. Este triumpho da Gironda teve logar a 29 de maio, na antevespera do dia em que os Girondinos, vencedores em Lyon, succumbiam em Pariz. Châlier, condemnado á morte alguns dias depois pelo tribunal criminal, via do fundo de seu carcere o clarão das illuminações accêsas em honra da victoria dos moderados. « São estas as tochas do meu funeral, » dizia elle. « Os Lyonezes commettem uma grande falta exigindo a minha morte. O meu sangue como o de Christo, cairá sobre elles e sobre seus filhos, porque eu serei em Lyon o Christo da revolução. O cadafalso será o meu Golgota, o ferro da guilhotina a minha cruz, aonde eu morrerei em breve pela salvação da republica. »

Este homem, que só asp rava sangue pelo fanatismo da sua demagogia, se mostrou o mais sensivel e terno dos homens na solidão e no desarmamento de sua prisão. Uma mulher que o amava lhe tinha enviado uma rolla, domesticada de quem fez a companheira de seu captiveiro, e a quem acariciava continuamente. Imagem da innocencia sobre uma cabeça cheia de sonhos de sangue, a ave pousava contente nos hombros de Chalier. Depois da sentença, Chalier publicou prophecias sinistras sobre a cidade. Concederam-lhe ver ainda uma derradeira vez seus amigos, e a mulher, que amava. Elle os consolou e lhes legou quanto possuia sem esquecer a ave querida, que banhou de suas lagrimas. A guilhotina, que Chalier tinha mandado vir de Paris e installar na praça de Terreaux, para immolar seus inimigos, encetou o seu ferro sobre esta cabeça. O crucifixo, que simultaneamente t nha adorado e calcado aos pés, não saio mais de suas mãos no seu carcere. Ahi contemplava de continuo o Deus do supplicio. Senteneiado ás quatro horas da manhã, empregou o resto do dia a escrever o seu testamento. Dirigio as suas despedidas aos outros presos e caminhou ao cadafalso com passo firme, olhando á direita e á esquerda para o povo, como para lhe exprobrar a sua morte. Ao pé do patibulo, abraçou o seu confessor, chegou ainda uma vez o crucifixo aos labios e se entregou nas mãos do algoz.

O ferro mal afiado da guilhotina, em vez de cortar de um só golpe a vida de Chalier, caiu e tornou a elevar-se cinco vezes sem o poder degolar. Foi esmagado e não decapitado. Com a cabeça meio separada do tronco, Chalier dirigindo ao verdugo um olhar de reprehensão, lhe supplicava abreviar sua agonia. Um sexto golpe o acabou. Bem lentamente saboreou esta morte, cuja sede inspirava tantas vezes ao povo. Foi farto de sangue, mas só do seu povo. O povo o aborreceu ao principio depois o lastimou, e finalmente o deificou como havia deificado Marat; mas tarde sepultou sua memoria no esquecimento ou no horror, como a memoria daquelles homens, que representam nas crises seus furores, em vez de representar seus direitos e virtudes. O sangue de Chalier, derramado como um desafio á Convenção, tornou impossivel toda a reconciliação. Lyon não podia mais submetter-se senão acceitando a vingança dos montanhezes. Os Lyonezes se refugiaram da resistencia na revolta.

XXII. — Os elementos da insurreição eram numerosos e diversos em Lyon. Os girondinos derribados, a Convenção dizimada, a representação nacional mutilada em Pariz pelo dia 31 de maio, a oppressão anarchica de Chalier e de sua populaça, longo tempo soffrida, por fim quebrada, a confiança em sua força, a emulação de insurreição com Marseille e Toulon, o commercio paralisado, os padres perseguidos, a vida de cada cidadão ameaçada pela lei dos suspeitos, o horror do terrorismo, que derramava gota a gota o sangue de tantas illustres victimas em Pariz, emfim o realismo concentrado em Lyon como em um asylo aonde chamava de todas as partes seus sectarios, e d'onde entabolava suas negociações com o estrangeiro, tudo concorria para fazer desta cidade a capital contra-revolucionaria da republica. Todavia a insurreição não tomava ainda esta côr. Estava acubertada com a apparencia do republicanismo. Os administradores e os presidentes de secção, que acabavam de triumphar no palacio da camara eram homens da revolução, affectos ao systema dos girondinos e limitando sua ambição á esperança de restabelecer e de vingar os amigos de Vergniaud e de Roland. Os dois deputados deste partido refugiados em Lyon, Chasset e Biroteau, entretinham com seus discursos e recriminações o espirito da Gironda. O governo da cidade tinha adoptado as formas da dictadura. Compunha-se d'administradores nomeados e delegados pelas secções. Intitulavam-se commissão popular republicana. Estes delegados tinham sido nomeados sob a impressão do horror contra os jacobinos. Tinham escolhido os homens, que mais se affastavam pela sua opinião dos terroristas, e que por conseguinte, se aproximavam tambem mais dos contra-revolucionarios. De um republicano revoltado contra a republica a um realista, que conspira

va contra ella, distava tão pouco, que os actos e os homens não podiam deixar tarde ou cedo de se confundir. Uma oppressão commum torna-se involuntariamente uma causa commum. Foi o que aconteceu em Lyon sem ninguem para isso cooperasse, mas pela força das cousas.

A commissão popular republicana era presidida por M. Rambaud, cujos principios e sentimentos monarchicos eram incontestaveis. Os outros membros eram os girondinos irritados ou moderados compromettidos, a quem a submissão á Convenção não deixava em perspectiva senão a morte. O commercio, que não tem por opinião mais que o interesse, deplorava cada dia a ruina dos negocios e anhelava secretamente a realeza como garante do trabalho, do credito e da segurança. A nobreza e os padres refugiados e occultos em grande numero em Lyon, depositavam seus ressentimentos n'este foco; esperavam preparar ahi o volcão interior cuja explosão derribasse a republica e abrisse o caminho da França e do throno aos emigrados e aos principes proscriptos.

XXIII. — Havia muito tempo que Lyon era a mira dos realistas emigrados. Logo que esta cidade rompeu com a convenção, seus emissarios acreditaram que ella tinha rompido com a republica. Tornaram a apparecer para se apoderarem do movimento e encaminha-lo á realeza. O conde d'Artois estava refugiado em Ham sobre o territorio prusso. Elle expediu logo o general marquez d'Autichamp á Saboya com ordem de estudar de perto o caracter da insurreição lyoneza, dar resolução á corte de Turim e de lho fazer dirigir forças mais importantes sobre Chambery.

Outro official d'este principe foi enviado a Berna para decidir a Suissa a declarar-se contra a França a reunir suas forças com as do rei de Sardenha para dar um golpe decisivo na republica. Dois enviados do rei de Sardenha o barão d'Etolles e o conde de Maistre, aquelle propheta sempre desmentido, mas sempre furibundo, do antigo regimen, apoiavam n'este momento junto dos cantões helveticos os esforços dos emigrados. Lord Fitz-Gerald, enviado pelo gabinete britanico, sollicitava os cantões no mesmo sentido. Mas os cantões aristocraticos da Suissa, ameaçados, no seu proprio paiz, pelo espirito revolucionario, que dominava entre elles, não ousavam fazer um movimento, que fosse talvez o signal do desmoronamento de sua constituição. A corte de Sardenha reforçada com oito ou dez mil austriacos, lançava á pressa suas principaes forças sobre o condado de Nice para antes de tudo cobrir o Piemonte, contentava-se em defender palmo a palmo as gargantas da Saboya contra os batalhões pouco numerosos de Kellermann. O marquez d'Autichamp e os officiaes de Condé não tardaram em reconhecer a impossibilidade de dar ás claras emigrados por chefes a um movimento, que conservava as apparencias de republicanismo. Os realistas de Lyon e do interior foram obrigados a renunciar a toda a esperança de uma poderosa intervenção estrangeira. Não esperavam senão do tempo, da prudencia e da victoria para restabelecer a realeza em Lyon sobre as ruinas do partido girondino. Independentemente da parte da população, que lhe era dedicada por opinião, contavam nacidade quatro mil sacerdotes não ajuramentados, e seis mil nobres determinados a tomar as armas contra astropas da Convenção.

XXIV. — Toda a tentativa de conciliação era d'ahi em diante mui tardia. Lyon correu ás armas. A commissão popular republicana fez executar os trabalhos de defeza, fundir artilheria, construir reductos, juntar provisões, circular uma moeda obsidional de muitos milhões, garantida pela cidade, recrutar um exercito de nove mil homens a soldo. Repellio, por uma deliberação formal a constituição de 1793. Finalmente nomeou o commandante geral de suas forças.

Este general, cujo nome incognito até então, era de natureza a assegurar os realistas sem com tudo excitar suspeitas nos republicanos era o conde de Precy. O sr. de Precy fidalgo de Charolais, antigo coronel do regimento dos Vosges, pertencia áquella parte da nobreza, militar que não se tinha desnacionalisado pela emigração, que conservava o patriotismo unido a fidelidade do cavalheiro, monarchico por honra, patriota pelo espirito do seculo, francez pelo sangue. Tinha servido na Corsega em Allemanha, e na guarda constitucional de Luiz XVI. Confundira n'um mesmo culto a constituição e o rei. Havia combatido, no dia 10 d'agosto, com os officiaes dedicados, que quizeram cobrir o throno com seus corpos. Tinha chorado a morte de seu amo, mas não amaldiçoou a sua patria. Retirado na sua terra de Semur em Brionnus, ahi soffria em silencio a sorte da nobreza perseguida. Os amigos, que tinha em Lyon, o designaram á commissão republicana como o chefe mais proprio para dirigir e moderar o movimento mixto, que Lyon ousava tentar contra a anarchia. Precy não era um chefe de partido, era mais que tudo um homem de guerra. Não obstante a moderação do seu caracter, o habito de manejar as tropas e aquella habilidade natural aos homens da sua provincia, o tornavam capaz de reunir n'um só todo estas opiniões confuzas, conservar a sua confiança e de os conduzir ao alvo sem lho desoobrir d'ante mão. Precy contava cincoenta e um annos: mas o seu exterior marcial, sua physionomia franca, seus olhos azues e serenos, o sorriso fino e firme de seus labios o dom natural do commando e da persuação ao mesmo tempo, e finalmente o seu corpo infatigavel, faziam d'elle um chefe agradavel á vista de um povo.

XXV. — Os deputados de Lyon partiram para propôr o commando ao sr. Precy. Encontraram-no como os romanos tinham n'outro tempo achado o dictador, no seu campo, com a enchada na mão cultivando seus legumes e flores. Estabeleceu-se um dialogo antigo no mesmo campo, a sombra de uma faya, entre o militar e os cidadãos. Precy declarou com modestia que se sentia muito inferior ao grão de que vinham investil-o; que a revolução havia quebrado a sua espada e a idade amortecido seu fogo; que a guerra civil repugnava a sua alma, que era um remedio extremo, que perdia mais as causas do que as salvava, que quem uma vez se precipitava n'ellas não reservava para si outro asylo senão a victoria ou a morte, que as forças organisadas da Convenção, dirigidas contra uma só cidade, esmagariam cêdo ou tarde Lyon, que não se podia duvidar de que os combates e as privações de um longo sitio, devorariam um grande numero de seus concidadãos, e que o cadafalso dizimaria os que sobreviessem. « Muito bem o sabemos. » responderam os enviados de Lyon « porém nós havemos avaliado em nossos pensamentos, o cadafalso contra a oppressão da convenção, e temos escolhido o cadafalso. — E eu » exclamou Precy, « com taes homens tambem o acceito. » Tomou as suas vestes suspensas nos ramos de uma parreira, voltou a sua casa para abraçar sua joven esposa, e buscar suas armas escondidas havia dezoito mezes, e seguio os Lionezes.

A' sua chegada, vestio o uniforme civico, arvorou o laco tricolor e montou acavallo para passar revista ao exercito municipal. Os batalhões de tropa de linha e guardas nacionaes, formados em batalha na praça de Bellecour para reconhecer o general, saudaram Precy com unanimes acclamações. O commando d'artilheria foi conferido ao Snr. de Chenelette, tenente coronel d'esta arma, official consumado na guerra, cidadão estimado por suas virtudes e por seus talentos na paz. O conde de Virieu recebeu o commando geral da cavallaria. O conde de Virieu é quem dava a significação mais realista ao levantamento de Lyon. O orador celebre da Assembléa constituinte, tinha no começo da revolução, reclamado os direitos da nação, assistindo á assembléa de Vizille no Delphinado pedido a representação por cabeça e não por ordem aos estados geraes, e passado com os quarenta e sete membros da nobreza a 25 de junho para o lado do povo. Depois, o conde de Virieu tinha parecido arrepender-se d'estes actos populares. Appressara-se a appoiar o throno, havendo-o anteriormente abalado. Quizera como Mounier, Lally-Tolendal, Clermont-Tonnérre e Cazalés, seus amigos, reduzir a revolução á conquista de um direito representativo, distribuido em duas camaras á imitação da Inglaterra. A luta da aristocracia e da democracia moderada pela monarchia, lhe parecia o unico governo liberal. Desde que a Assembléa nacional quebrára este circulo em que a aristocracia quizerá circunscrever o ter-

ceiro estado, todos os passos da revolução se lhe tinham antolhado como excessos, todos seus actos como crimes. Saíra d'ella como se sáe d'uma conjuração culpavel, sacudindo o pó de seus pés, e amaldiçoando seu erro. Dedicara-se á restauração da monarchia e da religião destruidas. Entretinha correspondencias com os principes.

No Delphinado, sua patria, e em Lyon, era o homem politico da monarchia exilada. Além disto, a sua fé religiosa, avivada pela perseguição do culto e exaltada na sua alma até ao illuminismo, o fazia aspirar á morte pelo seu rei e pelo seu Deus, como havia n'outro tempo aspirado á liberdade. De um sangue, de uma geração proscripta, de um culto perseguido, a guerra civil lhe parecia tres vezes santa: como arristocrata, como monarchista e como christão. Militar intrepido, orador facil, politico habil, reunia todas as condições de um chefe de partido. Lyon conferindo-lhe o commando em segundo logar, revelava com antecedencia não o alvo, mas o primitivo pensamento de sua insurreição.

XXVI — Por sua parte, a Convenção acceitava a luta com a inflexivel resolução d'um poder, que não recuava perante a amputação d'um membro para salvar o corpo. A unidade da republica julgou-se mais preciosa para conservar do que a segunda cidade de França. A Convenção não teria hesitado mais em face da destruição de Pariz. A patria não era a seus olhos uma cidade, e sim um principio. Não tardou um momento em deliberar-se, pesou a consciencia do seu direito e achou a sua força n'esta convicção.

Ordenou a Kellermann general em chefe do exercito dos Alpes, de abandonar as fronteiras e de concentrar as suas forças em torno de Lyon, Kellermann, que disputava a Dumouriez a gloria de Valmy, sostinha só, a este tempo, pelo lado do Meio dia o peso dos Austriacos, dos Allobrogos e dos Piemontezes, cujas forças cresciam atravez dos Alpes. A Saboya, dividida entre sua simpathia pelos nossos principios e fidelidade para com seus principes, se sublevava contra nós, nas montanhosas provincias do Faucigny e de Conflans. Com um pequeno numero de tropas, Kellermann rebatia por toda a parte estas resistencias. O pequeno corpo d'exercito, que tinha na Saboya, se transportava, como um dique movel, de um a outro valle franqueando os cabeços, e detendo em todos os pontos a irrupção, que baixava sobre nós das alturas.

Kellermann pertencia áquella especie de militares habeis e intrepidos no combate, mais affeitos a conduzir soldados, do que envolver-se nos debates dos partidos, querendo sim ser o chefe dos exercitos da republica, mas não e executor de suas severidades. Temia no futuro a fama de destruidor de Lyon. Sabia quanto horror inspiram na memoria dos homens aquelles que hão mutilado a patria. Repugnava-lhe o renome de Marius do Meio-dia. Contemporisou primeiro, tentou a via das negociações, e em quanto juntava suas tropas enviou intimações reiteradas aos Lyonezes, mas tudo foi inutil. Lyon não contestou senão por condições, que impunham á Convenção a retractação de 31 de maio, a revogaçãode todas as medidas tomadas desde aquelle dia, a reintegração dos deputados girondinos, a desapprovação de si mesma e a humiliação da Montanha. Kellermann instigado pelos representantes do povo, Gauthier, Nioche e Dubois-Crancé, fechou o bloqueio ainda incompleto da cidade. A commissão de salvação publica fez partir Couthon e Maignete para recrutar em massa os departamentos d'Auvergne, de Bourgonha, de Jura, de Bresse e d'Ardéche, para submergir Lyon debaixo dos batalhões de voluntarios patriotas, que o terror fazia saír da terra á voz dos representantes. Já das margens do Saône e do Rhodano, das montanhas d'Ardéche e dos populosos valles, da antiga Auvergne e d'Allier, columnas dirigidas por Reverchon, Javogues, Maignet e Couthon, avançavam por todas as estradas, que conduzem a Lyon. Os camponezes não tinham precisão de disciplina para formar, na retaguarda da tropa de linha; ou nos intervallos, que separavam os campos, muros de bayonettas, que fechavam o cerco e soffocajam a cidade,

XXVII. — Não tinha Lyon recinto fortificado não se sobre as alturas de Croix-Rousse, oiteiro, que separa os dois rios e sobre a cadea de collinas, que se prolongam parallelamente ao curso do Saône desde o rochedo de Pierre-Encise, aonde este rio entra na cidade, até ao arrabalde de Sainte-Foi, que se ergue na extremidade destas collinas, pouco distante da confluente do Saône com o Rhodano. Esta confluente defendia por si mesmo a cidade do lado do sul. Uma ponte chamada a de Mulatière, atravessava neste ponto de juncção dos dois rios, o leito do Saône. Defendida por meio de reductos, esta ponte interceptava a passagem ás columnas sitiantes. Entre a cidade e a Mulatiére, uma calçada estreita, facil de defender, se estende sobre a praia do Rhodano. O resto do espaço, que fórma a ponte de Perrache, era um terreno baixo, pantanoso, crusado de lagoas e de canaes, plantado de vimes, de canaviaes, e salgueiros em pallissadas proprio para ser defendido por um pequeno numero de atiradores emboscados, inaccessivel á artilheria. Do lado de leste, e em face das baixas planicies do Delphinado, Lyon não tinha outra defensa mais que o Rhodano, cuja largura e rapidez formam debaixo de seus cáes um fosso corrente impossivel de transpor. Não tinham tido que acrescentar a esta defeza natural, senão dois reductos elevados nas duas cabeças da ponte da Guillotiêre e da ponte Morand, unicos pontos, que faziam communicar então a cidade com o bairro de Brotteaux ou com o arrabalde da Guillotière situados d'além do rio. Lyon não tinha mais do que quarenta peças d'artilheria, para armar esta immensa circumferencia, mas fundiam-se todos os dias; e sob o infatigavel impulso do general Precy e do seu estado maior, os baluartes, batecias, reductos, pontes cortadas ou promptas a irem a terra, apresentavam de todas as partes um formidavel apparelho de resistencia aos exercitos da Convenção.

XXVIII. — O exercito sitiante tómou posição nos primeiros dias de agosto. Dividiu-se em dois campos: o da Guillotière, em força de dez mil homens, munido de numeroso trem de artilheria, e commandado pelo general Vaubois: este campo estendia-se ao longo do Rhodano e fechava o Delphinado, a Saboya, e os Alpes aos Lyonezes; o campo de Mirebel, que se prolongava desde o norte do Rhodano ao Saône, adiantando-se sobre o outeiro de Dombe, que os separa e ameaçando o arrabalde de Croix-Rousse, posição a mais forte.

Kellermann havia estabelecido o seu quartel general no castello de la Pape, a pouca distancia de Mirobel, sobre a riba escarpada de Rhodano. Uma ponte de barcas lançada ao pé do castello, sobre o rio, dava communicação aos dois exercitos republicanos. Os batalhões d'Ardeche, de Forez, d'Auvergne, e de Bourgogne, conduzidos pelos representantes destes departamentos, se amontoavam successivamente sobre uma immensa linha, que se estendia da margem direita do Rhodano além da sua confluente, até aos oiteiros de Limonest, que dominam a corrente do Saône, antes da sua entrada em Lyon. Porém esta linha de tropas, ondulosa, fraca, repartida em muitos troços pelos corpos avançados dos Lyonezes e pelas cidades de Saint-Etienne, Saint-Chamond e Montbrison, que faziam causa commum com os sitiados, deixava Lyon em communicação livre com as montanhas do Vivarais e com a estrada de Pariz, pelo Bourbonnais. Estas cidades e as povoações adjacentes forneciam, como outras tantas colononias fieis, armas, viveres e combatentes. Serviam de postos avançados á defeza. O campo de batalha não contava por esta fórma menos de sessenta leguas quadradas de extenção.

A' medida que as columnas sitiantes entravam em posição, ellas occupavam estas cidades, villas, aldeas, e postos avançados, e faziam retirar o exercito de Precy para os postos fortificados, por detraz dos reductos ou debaixo das muralhas da cidade. Precy aguerria assim o seu exercito mobilisado de quasi dez mil combatentes. Fazia deste corpo de tropas assoldadas ou de mancebos voluntarios exercitados no fogo, a base e o nervo da sua defeza interior. Enthusiastas pela sua causa, apaixonados pelo seu general, que viam sempre o pri-

meiro a cavallo no fogo e á bayoneta com elles, recompensados pelo seu olhar, recebendo, á sua entrada em Lyon, a sua mais ardente gloria nos abraços de suas mãis, mulheres, irmãs e dos seus concidadãos, estes mancebos quasi todos realistas, tinham-se constituido um exercito de heroes. Foi com elles que Precy obrou aquelles prodigios de valor, de mobilidade e de constancia, que demoraram mais de dois mezes a França inteira diante de um punhado de combatentes no meio de uma povoação indecisa, fulminada, incendiada e esfaimada.

XXIX. — O bombardeamento começou a 10 de agosto, anniversario de feliz auguro para a republica. As baterias de Kellermann e as de Vaubois, fizeram chover sem interrupção, durante dezoito dias, bombas, ballas ardentes, e foguetes incendiarios sobre a cidade. Signaes preversos, feitos de noite pelos amigos de Châlier, indicaram os quarteis e as casas para fazer arder. As ballas escolhiam assim o seu alvo, as bombas rebentavam quasi sempre nas ruas, praças e casas dos inimigos da republica. Durante estas sinistras noites, o cáes opulento de Saint-Clair, a praça de Bellecour, o porto do Temple, a rua Mercière, immensa avenida de armazens atulhados de riquezas das fabricas e commercio, se incendiaram trezentas vezes, pela queda e explosão dos projectis; devorando no incendio milhões de productos do trabalho de Lyon, e abysmando nas ruinas de sua fortuna, milhares de habitantes.

Este povo por um momento espantado, não tardou muito em aguerrir-se e costumar-se a este espectaculo. A atrocidade de seus inimigos não produzia nelle senão indignação. A causa da guerra, que ao principio não era mais do que a causa de um partido, tornou-se assim a causa unanime. O crime do incendio de Lyon pareceu aos cidadãos o sacrilegio da republica. Não comprehenderam mais accommodação possivel com esta Convenção, que interpunha o incendio como auxiliar, e que abrazava a França para submetter uma opinião. Toda a população se armou para defender até á morte suas muralhas. Depois do sacrificio de seus lares, de seus bens, de suas casas e de suas riquezas, pouco lhe custava sacrificarem suas vidas O heroismo se tornou um habito da alma. As mulheres, meninos, e velhos se haviam, para assim dizer, domesticado com o fogo, em poucos dias e com a explosão dos projectis. Quando uma bomba descrevia a sua curva sobre um bairro, ou sobre um telhado, elles se precipitavam não para lhe fugir, mas para a suffocar, cortando-lhe a espoleta. Se o conseguiam, brincavam com o projectil apagado e o levavam ás baterias da cidade para o reenviar aos inimigos, se chegavam muito tarde deitavam-se no chão e levantavam-se depois que a bomba rebentava. Soccorros competentemente organisados em toda a parte contra o incendio, conduziam em cadêas de mãos, agua dos dois rios á casa abrasada. Toda a população estava dividida em dois povos, dos quaes um combatia sobre as muralhas e o outro extinguia as chammas, levava as munições e os viveres aos postos avançados, trazia os feridos para os hospitaes, pensava as feridas e sepultava os mortos. A guarda nacional, commandada pelo intrepido Mandinier, contava trinta e seis mil baionetas. Continha os jacobinos, desarmava os clubistas, fazia executar as requisições da commissão popular, e fornecia numerosos destacamentos de voluntarios aos postos mais ameaçados. Precy, Virieu, Chenelette, em todo o logar presentes, atravessando de continuo a cidade a cavallo, para correr e combater desde um a outro rio, passavam do campo ao conselho e do conselho ao combate. A commissão popular presidida pelo medico Glibert, girondino ardente e corajoso, não hesitava nem perante a responsabilidade nem perante a morte. Dedicada á victoria ou á guilhotina, elle recebera do perigo commum a potencia que exercia com o concurso unanime de todas as vontades. A authoridade é filha da necessidade. Tudo cedia sem se queixar sob este governo de assedio.

XXX. — Os jacobinos comprimidos, desarmados, vigiados, escondiam-se nos suburbios, refugiavam-se nos campos republicanos, ou tramavam na sombra vãs conspirações. Durante a noite de 24 a 25 de agosto e na confusão do bombeamento da praça de Bellecour, o fogo ateado pela mão de uma mulher, devorou o arsenal, immenso edificio situado sobre as margens do Saône, no extremo da cidade. A explosão abalou, assolou e consternou a cidade. Esta noite consumiu milheiros de quintaes de munições e desarmou em parte a insurreição; porém ella não desarmou nem os braços nem os corações dos Lyonezes. Os sitiados fizeram, mesmo á claridade do incendio, uma sortida de tres mil homens, que repelliu as tropas republicanas das alturas de Saint-Foi.

O bombeamento só produzia ruinas, e não progressos contra a praça. A convenção censurava Kellermann. Os representantes do povo presentes no exercito accusavam sua tibieza e contemporisações. Os Sardos aproveitavam-se de sua ausencia para reconquistar a Saboya. Kellermann pretextou a necessidade de sua presença no exercito dos Alpes e pediu ser substituido no exercito sitiante de Lyon. A commissão de salvação publica nomeou o general Doppet em logar de Kellermann. Doppet tinha commandado a vanguarda de Carteaux contra Marseille, e estava affeito as guerras civis. Emquanto não chegava Doppet ao campo, o commando foi confiado a Dubois-Crancé. Dubois-Crancé, representante do povo e logar-tenente de Kellermann, mostrava na guerra o arrebatamento de seu republicanismo. Nobre, mas transfuga da causa dos reis, Dubelis-Crancé queria arrazar Lyon, como soldado, mas ainda mais como republicano. Via em seus muros, os dois objectos do seu odio: a Gironda e o realismo. Imprimiu no seu exercito, que engrossava todos os dias, a energia e o movimento de sua alma. A abobada de ferro e de fogo, que cobria Lyon, havia um mez se tornou mais espessa. Fez atacar pelo exercito de Reverchon, que baixara das alturas de Limonest, o posto do castello de Duchere. Defendido por quatro mil Lyonezes e com reductos, este posto dominava o arrabalde de Vaise. No dia seguinte pela noite, debaixo da protecção de um terrivel fogo combinado de todas as baterias, Dubois-Crancé avançou em pessoa á testa dos batalhões do Ardeche contra os reductos dos sitiados, que cobriam a ponte de Oullins e a de Mulatiere. Venceu-as á baioneta, antes que os trezentos Lyonezes, que as guardavam, tivessem feito saltar a ponte. A peninsula de Perrache se achava assim aberta aos republicanos. As alturas de Saint-Foi lhes foram entregues por traição. O cabo da guarda do principal reducto, durante a noite de 27 de setembro, collocou a sentinella avançada em uma posição donde nada se podia descobrir. Este cabo avançou então mesmo até aos postos republicanos e deu a senha aos sitiados. Os republicanos entraram, com favor desta senha, no reducto e degolaram a guarnição.

A tomada dos reductos de Saint-Foi descobria todas as alturas de Lyão ao poente. Precy resolveu tentar um esforço desesperado para recobrar estas posições. Avançou á testa dos seus batalhões escolhidos contra os republicanos fortificados em sua conquista. Repellido ao principio pelo fogo de seus reductos, caindo sob o corpo do seu cavallo morto, levanta-se, reune suas tropas, toma uma espingarda e marchando na frente, direito ás peças d'artilheria, é metralhado; o seu sangue corre por duas feridas; estanca-o e agitando na mão o lenço ensanguentado, como uma bandeira cáe com os seus batalhões sobre o inimigo, e este fogo deixando-lhe as peças encravadas, e os reductos demolidos.

Mas emquanto Precy triumpha assim em Saint-Foi, e Saint-Irenée, o general Doppet, aproveitando-se do accesso aberto durante a vespera ás suas tropas pela tomada da ponte de Mulatiére, lança seus batalhões sobre a avenida de Perrache, ganha os dois reductos, que a defendem, e avança em columna fulminante pelo bairro do caes do Rhodano direito ao seio de Lyon. A perda da cidade é certa. Já as ballas d'artilheria varriam o caes do Rhodano, quando Precy informado da invasão dos republicanos, volta com os destroços de seus batalhões das alturas de Saint-Foi, atravessa o Saône e a cidade, reune ao passar com o seu punhado de bravos todos os combatentes de que póde dispor, fórma em columna na praça da Charité, cobre a testa da sua columna com quatro ca-

nhões, espalha uma nuvem de atiradores pelos terrenos baixos de Perrache para proteger o seu flanco direito, e desemboca a marche-marche sobre a posição tomada para repellir o exercito republicano, ou para morrer.

XXXI. — Os soldados do Doppet esperavam o choque. O campo de batalha era uma lingoa de terra de vinte e cinco toezas, entre o Rhodano e a lagôa de Perrache. Nenhuma manobra era possivel. A victoria devia ser premio do partido mais obstinado a morrer. Os batalhões republicanos, collocados uns sobre a margem esquerda do Rhodano, outros sobre a margem direita do Saône, outros emfim sobre a lingua de terra varriam em tres sentidos a columna lyoneza. Era um turbilhão de metralha. As primeiras companhias foram arrebatadas por este vento de fogo. Percy abrindo caminho por cima dos cadaveres, se lança com os mais intrepidos dos seus voluntarios sobre os batalhões republicanos, que sustentavam de frente a bateria. Degola-os um a um sobre suas peças. O choque foi tão terrivel e o furor tão encarniçado, que as bayonetas se quebravam nos corpos dos combatentes, sem lhes arrancar um gemido, e os republicanos, precipitados e envolvidos nos fossos, que rodeavam a posição, recusaram a vida que se lhes offerecia, e se deixaram matar até ao ultimo.

Precy, proseguindo na sua victoria, fez retirar as columnas debandadas de Doppet para além da ponte de Mulatiére. Os republicanos não tiveram mais tempo que o preciso para cortar a ponte depois de haver passado. Retiraram em boa ordem até Oullins. Lyon respirou por alguns dias. Porém Precy havia perdido nesta victoria a flôr da mocidade lyoneza. As fadigas, e o fogos a morte, e os feridos reduziam a tres mil combatentes o, defensores de tão vasta circumferencia. Não deixavam uma brecha senão para voar a outra, deixando por toda a parte o mais puro do seu sangue. As baterias do general da Convenção, Vaubois, aquecendo nos fornilhos suas ballas, que tinham mandado vir de Grenoble, não concediam uma hora de somno á cidade, nem mesmo um abrigo aos feridos e aos moribundos. Em vão, segundo o uso das cidades sitiadas, em que se poupam os asylos consagrados á humanidade, Lyon tinha arvorado uma bandeira negra no seu hospital, monumento admiravel de architectura e de caridade; os artilheiros da Convenção crivavam de ballas e bombas os muros e os zimborios do hospital. As bombas rebentando nas enfermarias sepultavam os feridos debaixo das abobadas aonde vinham buscar salvação. O curso dos dois rios e os caminhos por onde entravam os viveres em Lyon estavam fechados por todas as partes. Os viveres e munições consummidas. Comiam-se os ultimos cavallos. Fundiam-se com o chumbo dos edificios as ultimas ballas. O povo murmurava, expirando, contra uma morte, d'ali em diante inutil. Os soccorros com que se haviam lisongeado do lado da Saboya e da Italia tinham sido interceptados pelo exercito de Kellermann nos Alpes. Marselha estava pacificada por Carteaux. O incendio, que Lyon esperava atear por exemplo, no coração da França, estava suffocado por toda a parte, e só devorava seus muros. Toda a cidade não era mais do que um campo de batalha, entulhado pelas ruinas de seus edificios e dos despojos de sua população. Um derradeiro assalto entregando-a ao furor de um exercito de cem mil paisanos irritados e avidos de pilhagem, podia a cada instante entregar, mulheres, meninos, velhos e enfermos, tudo quanto ha de mais sagrado no interior de uma cidade, ao ultrage, á carnificina e á morte. Eram as horas contadas pela fome, que expirava contando-as. Só restava para dois dias sustento, disputado aos cavallos pelos homens. A distribuição d'uma pouca de avêa diluida em agua cessou. Couthon e Maignet dirigiam intimações moderadas e insidiosas. A commissão popular communicou estas intimações ás secções reunidas As secções nomearam deputados para irem ao campo de Couthon, conferenciar com os generaes e os representantes. Estes concederam quinze horas á cidade para dar tempo aos defensores mais compromettidos de prover á sua segurança.

XXXII. — Precy juntou em a noite de 8 para 9 de outubro, seus companheiros da gloria, e da desventura. Annunciou-lhes que havia soado a ultima hora de Lyon, que apesar das promessas de Couthon, o terror e a vingança entrariam no dia immediato na cidade com o exercito republicano, que o cadafalso substituiria para elle o campo de batalha; que nenhum d'aquelles a quem as suas funcções, uniforme, armas ou feridas assignalassem como os principaes defensores da cidade, escaparia ao ressentimento da convenção e á delação dos jacobinos. Accrescentou, que pela sua parte estava decidido a morrer como soldado e não como victima, que n'aquella mesma noite sairia de Lyon, com os ultimos e mais intrepidos dos cidadãos; que illudiria a vigilancia dos campos republicanos, atravessando-os pelo lado por onde era menos esperado, e subindo a margem esquerda do Saône, sobre a estrada de Macon a menos observada; e que chegando á altura de Montmerle, atravessaria o rio, se lançaria na Dombe, passaria por detraz do campo de Dubois-Crancé, a Meximieux, procurando ganhar as fronteiras suissas pelas gargantas do Jura. «Que aquelles,» acrescentou, «que quizerem tentar comigo esta ultima fortuna do soldado, se achem com suas armas, e com o que teem de mais charo antes de romper o dia, reunidos no arrabalde do Vaise, e me sigam. Passarei ou morrerei com elles!»

Esta noite foi de mortal agonia para toda a cidade. Passou-se a deliberar no seio das familias sobre o partido mais seguro, que se devia tomar para se salvarem no seguinte dia. A espera tinha perspectivas sinistras a saida perigos certos. Dois mil homens sómente, quasi todos mancebos, realistas, ou filhos das mais distinctas familias de Lyon, se acharam desde o crepusculo matutino, no logar aprazado, que Precy indicára. Trezentas ou quatrocentas mulheres, mais, espozas e irmãs dos fugitivos, carregadas de crianças ao collo, ou conduzindo-as pela mão, acompanhavam seus maridos, seus pais e irmãos, e se refugiaram da columna para partilhar a sua sorte. Esta confusa multidão suffocava seus soluços, com medo de despertar a attenção do acampamento de la Duchére.

XXXIII. — Em quanto se iam reunindo lentamente, debaixo das arvores frondosas de um grande parque chamado o bosque de la Claire, alguns centenares de combatentes assistiam n'um logar subterraneo, proximo, a um serviço funebre em honra de seus irmãos mortos nos combates e dos que d'entre elles iam morrer. O general Virieu, cujo valor se fortificava pela fé, ahi recebeu a sagrada communhão antes de marchar, viatico do sua derradeira jornada. Logo que todos se reuniram, Precy subindo sobre o reparo de uma peça d'artilheria, fallou á sua tropa: «Estou contente comvosco, sel-o-heis vós de mim?» lhes disse elle. Unanimes gritos de: *Viva o nosso general!* o interromperam. «Tendes obrado,» continuou Precy, «tudo quanto é humanamente possivel pela vossa desgraçada cidade. Não esteve na minha mão o tornal-a livre e triumphante. Só de vós depende agora o tornar a vêl-a feliz e prospera! Lembrai-vos que nas extremidades taes como estas em que nos achamos não ha salvação senão na disciplina e na unidade do commando. Não vos digo mais; a hora se apressa, o dia vai começar. Confiai no vosso general. «*Viva Lyon!* respondeu a columna, como um adeus supremo a seus lares abandonados.

Precy tinha dividido este corpo d'exercito, ou antes este comboy funebre, em duas columnas: uma de mil e quinhentos homens precedidos de quatro canhões, debaixo das suas ordens; a outra de quinhentos sob as ordens do conde de Virieu, com as mulheres, meninos, e velhos desarmados entre as fileiras.

A' sahida do arrabalde do Vaise, cinco baterias republicanas, sustentadas por batalhões embuscados por detraz dos muros e vallados, abrazavam os Lyonezes. Precy ordenou aos granadeiros de as atacar á baioneta. Um de seus melhores officiaes, Burtin de la Rivière, que the servia d'ajudante de campo, se poz á testa da columna. «Granadeiro ávante!» exclamou elle. Os granadeiros se movem: mas no momento em que la Rivière mostrava com o gesto o inimigo, uma balla de peça lhe despedaça o braço e o peito, e o lança morto aos

pés do seu cavallo. A columna hesita. Precy junta dois pelotões do centro, inflama-os de sua resolução, franqueia á sua testa um barranco, que era o alvo desta chuva de fogo, e rechaça para longe os republicanos. Em quanto combate, a columna passa, e elle a vai encontrar ao abrigo das baterias.

XXXIV. — A favor desta manobra, a columna sahio do desfiladeiro e se introduzio pela orla das colinas escarpadas que bordam o Saône até ás gargantas de Saint-Cyr. Precy atravessou felizmente estas gargantas. Já elle marchava com mais segurança n'um espaço aberto e livre. Virieu e sua columna iam por seu turno entrar no desfiladeiro de Saint-Cyr, quando oito mil requisicionarios do campo de Limonest, dirigidos pelo representante Reverchon, cahiram das alturas sobre a sua columna, cortaram-na em troços espalhados, precipitáram no Saône ou fuzilaram nos caminhos cavados e pelas vinhas todos os que a compunham, e não deixaram escapar nem homens, nem crianças nem mulheres á baioneta dos republicanos. A carnificina foi tao completa que ninguem pôde conhecer qual foi a sorte de Virieu. Um dragão do exercito republicano é que assegurou tel-o visto combater como heróe, contra muitos cavalleiros republicanos, recusar todo o quartel, e precipitar-se com o seu cavallo cuberto de sangue no rio. Nem o seu corpo, nem o cavallo, nem as suas armas se acharam no campo. Esta desapparição subita e ausencia de todo o vestigio fizeram por muito tempo esperar á condessa de Virieu, que tambem fugia por outra parte, disfarçada em camponeza, que seu marido tivesse escapado á morte. Obstinada pela sua ternura e esperança vagou alguns mezes nos arredores para descobrir seus vestigios, e esperou durante muitos annos a volta do finado, como a de um ausente.

XXXV. — Precy, fazendo face simultaneamente com seus canhões, á cavallaria que o perseguia, aos atiradores do campo de Limonest que o batiam de flanco, e aos batalhões que lh'o obstavam á passagem, atacou pela derradeira vez á baioneta uma bateria republicana, dispersou-a e entrou com a sua columna nos bosques d'Alix. A margem esquerda do Saône estava atulhada de atiradores. Tornava-se impraticavel atravessar o rio. Não havia já salvação para o exercito mais que na sua dispersão pelas montanhas de Forez. Por entre estas populações religiosas, realistas, contra-revolucionarias, em sitios cortados pelas torrentes e mattas, o pequeno exercito dos Lyonezes sublevaria o paiz, ou acharia pelo menos azylos e meios de refugio individual. Precy reunio sua tropa em conselho de guerra e lhe communicou a sua resolução. Ella foi combatida pela obstinação d'uma parte de seus companheiros d'armas, que não viam salvação senão além dos Alpes. Tumultuosa altercação se formou entre os dois partidos. Durante esta discussão ouviam se tocar a rebate os sinos em todas as aldêas, e os camponezes cerravam a floresta. Metade da força abandonou o general, atravessou o Saône, e foi immolada no outro lado. Precy, seguido só de quasi trezentos combatentes, abandonou as peças e cavallos, sahio dos bosques d'Alix, affastou-se do Saône, e caminhou por tres dias de combate em combate, semeando o caminho atravez das montanhas de extraviados, feridos, e mortos. Cercados pelos habitantes, perseguidos pela cavallaria ligeira de Reverchon, a cada instante, expostos a serem envolvidos, estes restos de dez mil combatentes no começo do sitio, reduzidos ao numero de cento e dez, alcançaram o cume do monte Saint-Romain, plató elevado, e defendido por barrancos e coberto de bosques. O circulo se apertava a cada minuto em redor delles. Alguns casaes lhe forneciam ainda viveres Parlamentarios republicanos admirando a sua intrepidez e lastimando sua sorte, lhes offereceram capitulação. Promettia-se a vida a todos excepto ao general. Seus bravos companheiros recusáram separar delle a sua sorte. Precy abraçou a todos pela ultima vez despio o uniforme de commandante, desenfreou o seu cavallo a quem deu a liberdade, e introduzindo se pelas brenhas conduzido por um dos seus soldados, metteu-se por abysmos inaccessiveis, abrigados por um denso bosque. Apenas Precy havia deixado a sua gente, um official de hussares republicano se apresenta nos postos avançados : « Entregai-nos o vosso general e sois salvos, » disse elle ao joven Reyssié, ajudante de campo de Percy e um dos heroes do cerco. « — Já não está comnosco, « respondeu Reyssié, e se quereis uma prova, olhai vede o seu cavallo abandonado que pasta em liberdade atraz de nós. » — Enganais-me, replicou o official desembainhando a espada; « o general és tu ! e estás prisioneiro. »

A estas palavras, Reyssié cançado de viver, lhe parte a cabeça com um tiro de pistola, e levando o cano da outra á sua propria boca faz saltar os miolos, e cae vingado sobre o corpo do seu inimigo. Ao ruido desta dupla detonação os republicanos cáem sobre o rosto do exercito Lyonez e o degolláram sem piedade. Apenas alguns soldados isolados escapáram da carniceria arrastando-se pelas moitas. Reyssié e o official que espirou com elle foram enterrados pelos camponezes na mesma cova.

XXXVI. — Todavia Precy instruido, por dois dos seus soldados fugitivos da inutilidade do seu sacrificio, e da degolação do seu exercito, vagou tres dias e tres noites sem sustento e sem abrigo pelos bosques e barrancos d'estas montanhas. Seus ultimos dois companheiros não o abandonáram. Um delles, camponez do casal de Violay, nas bordas do Saône, conseguiu levar o seu general em tres noites de marcha até um bosque visinho da cabana de seu pai. Alli elle o sustentou durante alguns dias furtivamente com o pão subtrahido á indigencia de seus pais. Procurou-lhe vestidos de camponez, Quando finalmente se acreditou em Lyon o boato espalhado da morte de Precy e diminuiu o ardor das pesquizas, o general conseguiu refugiar se na Suissa atravez as gargantas do Jura. Precy não passou as fronteiras senão com os dois soldados, unicos restos da immensa insurreição civil, que a republica expellia de seu seio, como ía expellir bem depressa os restos da coaligação dos reis.

Precy, recebido com respeito no exilio, voltou pois á sua patria com os Bourbons. Envelheceu sem recompensa e sem honras sob o seu reinado. Precy não havia emigrado. Não tinha combatido da republica senão a anarchia e os excessos. Havia conservado as cores nacionaes nas suas bandeiras. Soldado da patria e não de uma familia, ficou esquecido. Os principes e os homens são assim feitos, pois que amam muito mais aquelles, que hão compartilhado suas faltas, do que aquelles que serviram seus interesses. Ninguem se lembrou de Precy, senão depois de sua morte. Lyon celebrou magnificos funeraes ao seu general, n'aquella planicie de Brotteaux regada com o sangue de seus companheiros d'armas. Foi sepultado junto dos restos d'aquelles heroes do sitio. Seus despojos mortaes lá descançam em sua gloria : as guerras civis sómente dedicam tumulos.

LIVRO L.

I — O que entristece a historia narrando as guerras civis, é que depois dos campos de batalha é preciso narrar os cadefalsos.

O exercito republicano entrou em Lyon com uma apparencia de moderação e fraternidade, que dava a esta occupação mais o aspecto d'uma reconciliação do que o de uma conquista. O mesmo Cothon ordenou, nos primeiros momentos, o respeito das pessoas e das propriedades. Nenhuma desordem, nenhuma violencia foi tolerada. Os camponeses d'Auvergne, que tinham corrido com carros, cavalgaduras e saccos, para levarem os despojos da mais opulenta cidade de França promettidos á sua rapacidade foram despedidos com as mãos vazias e tornaram para as suas montanhas murmurando. Os republicanos se comportaram como vencedores afflictos pela victoria, e não como bandos de selvagens e indisciplinados. Repartiram do seu pão com os habitantes famintos. A generosidade natural ao soldado francez precedeu a vingança. Os representantes não a proclamáram senão passados alguns dias e pelas insinuações da commissão da salvação publica. Lyon foi escolhida para exemplo das severidades

da republica. Não eram bastantes os supplicios individuaes, o terror queria offerecer o supplicio d'uma cidade como exemplo e ameaça aos seus inimigos.

Os Jacobinos amigos de Châlier, muito tempo comprimidos pelos realistas e pelos girondinos de Lyon, saíram de seus refugios pedindo vingança aos representantes, e intimando a Convenção de lhes entregar em fim seus inimigos. Os representantes procuraram por algum tempo conter este odio, acabaram por lhe obedecer e se limitaram a regularisal o pela instituição de tribunaes revolucionarios, e decretos de exterminio.

II. — Aqui, como em todos os actos do terror, tem-se espalhado sob um só nome o horror do sangue derramado. A confusão do momento, a desesperação dos que morrem o ressentimento dos que sobrevivem não sabem escolher entre os culpados e faz algumas vezes recair a execração da posteridade sobre os que são menos criminosos. A historia tem seus acasos como o campo de batalha: absolve ou immola certos renomes, sem enfraquecer a reprovação, que se liga ás grandes execuções das guerras civis, é só a elle a quem compete fazer pezar sobre cada partido, e sobre cada homem a parte exacta de responsabilidade, que lhe sobrevem Os prejuizos da calumnia não se legitimam com o tempo. A justiça é devida a todos os nomes, até aos odiosos contra a memoria dos homens não se prescreve.

Todos os crimes da republica em Lyon foram lançados sobre Couthon, porque tinha sido o amigo e confidente de Robespierre, na compressão do federalismo, na victoria dos republicanos unitarios contra a anarchia civil. As datas, os factos e as palavras imparcialmente estudadas desmentem estes prejuisos. Couthon entrou em Lyon mais como pacificador do que como verdugo; combateu, com toda a energia, que lhe permittia sua representação, os excessos e as vinganças dos jacobinos. Lutou contra Dubois-Crancé, Collot-d'Herbois, Dorfeuille para moderar a reacção destes exaltados do terror. Foi denunciado por elles á Montanha e aos Jacobinos como indulgente e prevaricador. Retirou-se emfim antes da primeira sentença de morte, para não ser testimunha e cumplice do sangue derramado pelos representantes do partido implacavel da Convenção.

III. — Couthon, Laport, Maignet e Chateauneuf-Randon, entraram triumphalmente em Lyon á testa das tropas e se dirigiram ao hotel de ville escoltados de todos os jacobinos e de uma onda de povo, que lhes pedia a altos gritos, os despojos dos ricos e as cabeças dos federalistas. Couthon fallou a esta multidão, prometteu vingança, mas recommendou a ordem e revendicou para a republica sómente o direito de julgar e punir os seus inimigos. Os representantes foram d'alli instalar-se no palacio vazio do arcebispado. Os salões devastados deste edificio, as paredes e telhados demolidos pelas bombas davam á sua residencia o aspecto d'um acampamento no meio das ruinas. Dubois-Crancé general em segundo do exercito sitiante e tambem membro da Convenção, se apresentou na mesma noite no arcebispado com a concubina, que o acompanhava nos campos. Não póde achar para asylo no palacio de seus collegas senão um quarto fétido debaixo dos tectos quasi desmoronados. O vencedor de Lyon, deitado sobre uma miseravel enxerga, indignado pelo desprezo de seus collegas, que o degradavam para este sotão, deixou no dia seguinte o arcebispado, murmurando contra a insolencia de Couthon e foi alojar-se n'uma hospedaria da cidade. Os jacobinos offendidos das contemporisações de Couthon, se juntaram em roda de Dubois-Crancé. Este general os reunio á noite no salão do theatro. Os camarotes e as decorações incendiadas, as abobadas furadas lembravam aos olhos a resistencia e a punição. Harengou aos jacobinos menos como chefe do que como cumplice. O povo saio gritando: Viva Dubois-Crancé! Espalhou-se pelas ruas, cantando quadras ferozes. Assignou-se nos logares publicos uma petição á Convenção, requerendo-lhe a conservação do commando do exercito a este general.

Couthon e seus collegas, vendo os jacobinos e Dubois-Crancé promptos a arrastar os soldados para a sua causa, e o exercito fomentado pelos clubistas, escreveram á commissão de salvação publica para chamar promptamente o general jacobino. Redigiram proclamações sobre proclamações ás tropas e ao povo, convidando-os á disciplina, á ordem, e á clemencia.

« Bravos soldados! » dizia Couthon, « antes de entrardes na cidade de Lyon jurasteis fazer respeitar a vida e bens dos cidadãos. Este juramento solemne não será vão, pois que vos foi dictado pelo sentimento de vossa propria gloria! Poderia haver homens fóra do exercito, que se arrojem a excessos e a vinganças a fim de attribuir a infamia aos bravos republicanos, denunciai-os, prendei-os e faremos prompta justiça! — Soldados francezes, « dizia mais, » guardai-vos de perder todo o merito da guerra, que acabais de fazer com tanta magnanimidade. Ficai o que haveis sido. Deixai ás leis o direito de punir os culpados!... Inimigos do povo tomam a mascara do patriotismo para corromper alguns d'entre vós; buscam fazer-vos ultrajar por actos injustos, oppressivos e arbitrarios, a honra do exercito e da republica.... »

Couthon ordenou que as manufacturas tornassem a abrir-se e que as relações commerciaes recobrassem seu curso. Os jacobinos tremeram. O exercito obedeceu. Dubois-Crancé, intimidado e chamado pela Convenção, tremeu diante de Couthon e Robespierre. Couthon fechou os clubs imprudentemente abertos por Dubois-Crancé: « Considerando, » disse elle, « que em consequencia do sitio, que Lyon acabava d'experimentar, as paixões individuaes dos cidadãos uns contra os outros devem ainda fermentar, que os malevolos poderiam aproveitar-se destas circumstancias para soprar o fogo da discordia civil.... é prohibido aos cidadãos reunirem-se em secções ou commissões. » — Que farão os cidadãos, » escrevia Couthon á commissão de salvação publica, « quando virem os deputados serem os primeiros a excital-os á violação das leis? » Limitou segundo as leis existentes, a enviar perante uma commissão militar os lyonezes fugitivos, presos com armas na mão depois da capitulação. Instituio alguns dias depois, por ordem da commissão de salvação publica, um segundo tribunal, com o nome de *commissão de justiça popular*. Este tribunal devia julgar todos os cidadãos que sem serem militares, fossem incluidos na resistencia armada de Lyon á republica. As formulas judiciaes e lentas d'este tribunal davam senão garantias á innocencia, ao menos tempo á reflexão. Couthon guardou dez dias o decreto, que instituia este tribunal, para dar aos individuos compromettidos, e aos signatarios dos actos incriminados durante o sitio, tempo de se evadirem. Vinte mil cidadãos prevenidos pela sua piedade, do perigo que os ameaçava, saíram da cidade e se refugiaram na Suissa ou nas montanhas do Forez.

IV. — Todavia a Montanha e os Jacobinos de Pariz, sublevados contra as lentidões de Couthon, pelas accusações de Dubois-Crancé, apressavam a commissão de salvação publica para dar um memoravel exemplo ás futuras insurreições, e vingar a republica na segunda cidade da republica. Robespierre e Saint-Just, ainda que amigos particulares de Couthon, e satisfeitos de haver vencido, se reconheciam impotentes contra o arrebatamento da Montanha. Fingiram participar d'elle. Barére sempre prompto a servir indifferentemente o furor ou a prudencia dos partidos, subio á tribuna no dia 12 de novembro, e lêu á Convenção, em nome da commissão de salvação publica, um decreto ou antes um *peblescito* contra Lyon. « Seja Lyon sepultada em suas ruinas! » disse Barére. « A charrua deve passar por cima de todos os edificios, á excepção da morada do indigente, das officinas, dos hospicios ou das casas consagradas á instrucção publica. E' preciso que até o nome d'esta cidade seja engolido sob suas ruinas. Será de hora-ávante chamada *Cidade liberta*. Sobre os restos d'esta infame cidade se elevará um monumento, que manifeste a honra da Convenção, e que atteste o crime e a punição dos inimigos da liberdade. Esta unica inscripção dirá tudo: *Lyon fez guerra á liberdade, Lyon não existe!* » O decreto declarava que uma commissão extraordinaria composta de cinco membros, faria punir militarmente os

contra-revolucionarios de Lyon; que os habitantes fossem desarmados, as armas dos ricos entregues aos pobres; que a cidade fosse destruida e especialmente todas as habitações dos ricos; que o nome da cidade fosse riscado do quadro das cidades da republica; que os bens dos ricos e dos contra-revolucionarios se distribuissem em indiminisações aos patriotas.

Este decreto fez tremer o solo de Lyon. O fanatismo da liberdade não tinha chegado até ao suicidio; a propriedade ainda se não imputava crime; a espoliação tambem não havia ainda transferido a fortuna do rico ao indigente, da victima ao delator. A cidade, cujo culto era a propriedade, era a primeira ferida na propriedade. Couthon fingindo admirar o decreto, o julgou inexequivel, e ficou ainda doze dias sem o dar á execução. Estas demoras deixavam fugir em multidão os cidadãos ameaçados. O representante abria a porta ás victimas para annullar os golpes ordenados pelos jacobinos. «Este decreto, cidadãos collegas,» escrevia elle á Convenção, «nos ha penetrado d'admiração. De todas as grandes e rigorosas medidas, que vindes de tomar, uma só, nós o confessamos nos escapou: é a da destruição total; porém já vos haviamos prevenido na demolição dos muros da defeza e dos baluartes.» A montanha quizera que Lyon se abysmasse tão promptamente como Barére pronunciara a sentença de sua destruição.

Um homem nefasto e fatal para a cidade de Lyon, Collot-d'Herbois, fulminava na commissão de salvação publica e nos jacobinos de Pariz, contra a molleza dos representantes do povo em missão n'esta cidade. Julgar-se-hia que um odio pessoal e mortal o exaltava contra Lyon. Dizia-se que o antigo comico e debutante sem talento no theatro d'esta cidade, fora por vezes apupado em signal de desgosto dos espectadores; que o ressentimento de actor vivia e ardia n'alma do representante, e que vingando a republica vingava o seu orgulho offendido. Dubois-Crancé apoiava com o seu testimunho a eloquencia de Collot-d'Herbois. Um dia apresentou na tribuna dos jacobinos a cabeça cortada de Châlier. Mostrou com o dedo sobre este craneo, os vestigios dos cinco successivos golpes da guilhotina, que haviam mutilado antes de decepar o idolo dos revolucionarios lyonezes. Guillard, o amigo de Châlier, levantou as mãos ao céo a este aspecto e exclamou: «Em nome da patria e dos irmãos de Châlier, eu peço vingança dos crimes de Lyon!»

V. — Couthon e seus collegas, se determinaram em fim ceder ás instancias da Montanha, reorganisaram as commissões revolucionarias. Couthou as investio do direito de inquerito, de vigilancia, e de denuncia contra os federalistas e realistas. Ordenou as visitas domiciliarias, e de imposição de sellos nas cazas dos suspeitos. Porem revestio todas estas medidas de condições e proscripções, que em parte lhe neutralisavam o effeito. Em fim Couthon cumprio, mas só na apparencia, o decreto da Convenção, que ordenava a destruição dos edificios. Apresentou-se em grande apparato, acompanhado de seus collegas da municipalidade, na praça de Bellecour, mais particularmente votada á destruição pela opinião de seus habitantes e pelo luxo de suas construcções. Conduzido n'uma cadeira de braços como sobre o throno das ruinas, por quatro homens do povo, Couthon tocou com um martello de prata a pedra angular de uma das cazas da praça. pronunciando estas palavras: Em nome da lei eu te destruo.»

Um punhado de pellitrapos, mineiros, e pedreiros, trazendo aos hombros picaretas, alavancas e machados, formavam o cortejo dos representantes. Estes homens applaudiam de antemão o desmoronamento d'estas habitações, cuja ruina ia satisfazer sua cobiça; porem Couthon contente de haver dado este signal d'obediencia á Convenção, impoz silencio a seus clamores e os despedio. As demolições foram addiadas até á epocha em que os habitantes da praça houvessem transportado a logar seguro seus moveis e seus penates.

Depois da ceremonia, os representantes publicaram um decreto ordenando ás secções alistarem cada uma trinta demolidores, e fornecerem lhe, tenazes, martellos, paviolas, e os carrinhos necessarios, á extracção dos entulhos. Mulheres, meninos e velhos foram admittidos segundo suas forças á obra. Um salario lhes foi arbitrado á custa dos proprietarios espoliados, mas ainda desta vez nada se demolio. Couthon, reprehendido de novo pela commissão de salvação publica, pela lentidão de suas execuções, e culpado aos olhos dos jacobinos do sangue, que não queria derramar, advertido alem disto da proxima chegada de outros representantes encarregados d'accelerar as vinganças, escreveu a Robespierre e a Saint-Just. Supplicou a seus amigos o aliviassem do pezo de uma missão que opprimia sua alma, e o enviassem para o Meio-dia. Robespierre fez chamar Chouthon. Sua partida foi o signal das calamidades de Lyon. O sangue, que elle detinha, transbordou. Os representantes Albitte, e Javogues, vieram á pressa. Dorfeuille presidente da commissão de justiça popular, fez levantar a guilhotina na praça de Terreaux. Fez collocar outra tambem na pequena cidade de Feurs' outro foco de vinganças nacionaes no coração das montanhas insurgentes.

Dorfeuille presidio no club central a uma festa funebre consagrada aos manes de Châlier. «Morreu,» exclamou Dorfeuille, «morreu pela patria! Juremos imital-o e punir seus as assinos! Cidade impura! não era bastante para ti haver enfeitado durante dois seculos com teu luxo e teus vicios a França e a Europa! era-te mister ainda degollar a virtude! monstros! commetteram este attentado, e ainda respiram! Châlier, nós te devemos uma vingança e tu a obterás! Martyr da liberdade, o sangue dos malvados é a agoa lustral que conveem a teus manes! Aristocratas fanaticos! serpentes das cortes! negociantes avaros e egoistas! mulheres perdidas pela devassidão, adulterio e prostituição! que tinheis a reprehender lhe? A exageração do patriota exaltado, uma popularidade perigosa! Miseraveis! é assim que vos arrogais o direito de marcar o limite até aonde deve parar o amor da patria e o reconhecimento do povo! E' assim que annunciais, que só em vossas mãos foi que o Eterno depositou a esquadria e o compasso das virtudes humanas! Ah! se não podeis comprehender as virtudes, ao menos não as assassineis! Elles cantaram no seu supplicio; ó povo! chora hoje pelo seu triumpho. O' vós cidadãos, que vos agrupais á minha direita, foi neste mesmo logar que Châlier perdeu a vida. Foi aqui que padeceu a morte dos criminosos. o mais innocente dos homens. O' vós, que vos agrupais á minha direita, não calqueis o seu sangue! Escutai o que elle nos diz nos seus ultimos momentos. Vai pela minha voz, ainda fallar-vos uma derradeira vez. Cidadãos escutai!»

Dorfeuille leu então no meio dos soluços e das imprecações da multidão, uma carta escripta por Châlier no instante de subir ao cadafalso. A sua despedida aos seus amigos, a seus parentes, á mulher que amava, era cheia de lagrimas; o seu adeus aos seus irmãos jacobinos, cheio de enthusiasmo. A liberdade, a democracia e a religião se fundiam n'uma confusa invocação de Châlier ao povo, a Deus e á immortalidade. A morte solemnisava estas palavras. O povo as recolheu como o legado do patriota.

VI. — No dia seguinte, Dorfeuille presidio pela primeira vez ao tribunal. Os supplicios começaram com os julgamentos. Albite e seus collegas, que acabavam de succeder a Couthon, chamaram a Lyon, o exercito de Ronsin; formáram um similhante exercito em cada um dos seis departamentos visinhos. A missão destes exercitos recrutados na escoria do povo, era generalisar, em toda a superficie d'estes departamentos, as medidas d'inquisição, espoliação, prisão e assassinio juridicos de que Lyon se ia tornar o focco. Dentro e fóra dos muros, os fugitivos só achavam siladas, os suspeitos delactores, os accusados algozes. Milhares de prezos, de todas as condições, nobres, padres, proprietarios, negociantes e agricultores, atulharam em poucos dias as prisões destes departamentos. Evacuavam-nas por columnas e carradas sobre Lyão. Cinco vastos depositos ahi os recebiam por alguns dias e os enviavam ao cadafalso. O vacuo se formava e se enchia incessantemente. A morte conservava o nivel.

Em o numero d'estas victimas suppliciadas em seu

corpo ou em sua alma, se notava uma orphã de tenra idade, a menina Alexandrina des E'cherolles, privada de sua mãi pela morte, e do seu pai pela fuga; vinha todos os dias á porta da prisão das reclusas sollicitar com lagrimas, licença de vêr a tia, que lhe tinha servido de mãi, e que haviam lançado nos carceres. Em breve ella a vio conduzir ao supplicio, e a seguio até ao pé do patibulo, pedindo em vão de a unirem com ella na morte. Mais tarde se deveram a esta menina algumas das paginas as mais democraticas e mais tocantes d'este assedio. Similhante áquella Joana de la Force, historiadora das guerras de religião em 1622, e a heroica e candida sr.ª de la Rochejaquelein, ella escreveu com o sangue de sua familia e com suas proprias lagrimas a narração das catastrophes a que assistira. As mulheres são as verdadeiras historiadoras das guerras civis, porque não conhecem jámais outra causa senão a do seu coração, e porque as recordações conservam nellas todo o calor de sua paixão.

O mesmo Albitte, julgado demasiado indulgente, se retirou, como Couthon, á chegada de Collot-d'Herbois e de Fouché, novos proconsules designados pela Montanha. Todos conheciam Collot-d'Herbois, vaidade feroz, que não via a gloria senão no excesso, e cuja exaltação não havia razão que a dominasse. Fouché não era conhecido; julgavam-no fanatico, e só era sagaz. De caracter mais comico do que Collot o era de profissão, representava o papel de Brutus com a alma de Sejano. Nutrido com os costumes do claustro, Fouché ahi contraíra aquella docilidade servil, que a humildade monacal imprime nos caracteres, para os construir igualmente aptos á obediencia, ou a dominarem segundo o tempo. Não tinha visto na revolução mais do que uma potencia a lisongear e a explorar. Dedicava-se á tyrania de qualquer Cezar. Farejava os tempos. Fouché procurava então enganar astutamente Robespierre. Fingia amar a irmã do deputado d'Arras, e querer esposal-a. Robespierre aborrecia Fouché apesar de suas caricias. Presentia sua incredulidade revolucionaria e seu atheismo. Robespierre queria sectarios de sua fé, porém não aduladores de sua pessoa. Afugentava Fouché do seu coração e de sua familia, como a um enganador. Fouché affectando exaltação de principios, se havia ligado a Chaumette e Hebert. Chaumette era natural de Nevers. Tinha enviado Fouché para esta cidade a fim de propagar ahi o terror. Os actos e as cartas de Fouché excederam em Nevers, a lingoagem dos demagogos de Pariz. Apagou em poucos mezes, n'estes departamentos, o sello dos seculos, nos costumes, nas leis, nas fortunas e nas castas. Todavia mais avido do que sanguinario pela republica, havia prendido mais gente do que immolara; ameaçava mais do que feria. Os despojos dos ricos, dos emigrados, dos castellos, das igrejas, o resgate dos suspeitos, os productos de suas exacções á communa de Pariz, attestaram a energia de suas medidas e fiseram fechar os olhos sobre suas tolerancias de opinião. Fulminava especialmente os idolos mudos do antigo culto, que havia repudiado. A sua impiedade lhe era tomada em linha de conta de patriotismo. O povo francez, » escrevia elle « não reconhece outro dogma, que não seja o de sua soberania, e omnipotencia. » Proscreveu todo o signal religioso, até mesmo no tumulo. Fez gravar a figura do Somno no frontespicio dos logares de sepultura, ordenou que ahi se não escrevessem outras inscripções, que não fosse esta: *A morte é um somno eterno.* O seu atheismo professava o nada.

VII. — Taes eram os dois homens, que a Montanha enviava a presidirem ao supplicio de Lyon. Robespierre quiz juntar a estes Montaut, republicano inflexivel, mas probo. Montaut instruido pela sorte de Couthon do que se esperava d'elle, recusou apresentar-se no seu posto. Os dois representantes, começaram por accusar Couthon da addiação das demolições e dos supplicios. « Os accusadores vão marchar, » escreveram elles, « o tribunal vai julgar por tres n'um só dia. As minas vão accelerar as demolições. »

Collot tinha levado com sigo uma columna de jacobinos, e escolhidos por escrutinio, d'entre os exaltados d'esta cidade. Fouché conduzia tambem outra de Nièvre, todos homens affeitos ás delacções, endurecidos ás lagrimas, aguerridos no supplicio. Os representantes se haviam feito seguir de carcereiros estranhos com medo de que as relações da cidade com os presos e a compaixão mutua entre patriotas, não corrompessem a inflexibilidade dos carcereiros de Lyon. Encommendaram tambem as guilhotinas como armas antes do combate. Passearam pela cidade a urna mortuaria de Chalier, para exaltar o povo. Chegados ao altar, que haviam erigido a seus manes, ajoelharam ante os seus restos « Chalier! » exclamou Fouché, « o sangue dos aristocratas será o teu incenso! »

Os signaes do christianismo, o Evangelho e o crucifixo, arrastados na retaguarda da procissão, atados á cauda de um animal immundo, foram lançados n'uma fogueira acesa sobre o altar de Chalier. Deram de beber a um burro pelos calix do sacrificio. Calcavam aos pés as hostias. Os templos até então reservados ao culto constitucional, foram profanados por cantigas, danças e ceremonias ironicas!

« Hontem nós fundámos a religião do patriotismo » escrevia Collot. « Correram lagrimas de todos os olhos á vista da pomba, que consolava Chalier na sua prisão e que parecia gemer ao pé ao seu simulacro. Vingança! vingança! se gritava de todas as partes. Nós o jurámos! o povo será vingado, o terreno será revolvido, tudo quanto o crime e o vicio edificou será anniquilado. O viajante sobre as ruinas desta cidade soberba e rebelde não verá mais do que algumas cabanas pelos amigos da igualdade!

VIII. — As cabeças de dez membros da municipalidade cahiram no dia seguinte. As minas fizeram saltar os mais bellos edificios da cidade. Uma instrucção patriotica assignada por Fouché e Collot é dirigida aos clubistas do Lyon e dos departamentos de Loire e do Rhodano, para estimular sua energia, resumia assim os seus direitos e deveres: « Tudo é permittido áquelles que obrarem no sentido da revolução. O desejo de uma vingança legitima torna-se uma necessidade imperiosa. Cidadãos é mister que todos aquelles que tem concorrido directa ou indirectamente para a rebellião percam a cabeça no cadafalso. Se sois patriotas, sabereis distinguir os vossos amigos: sequestrareis todos os outros. Não vos demore consideração alguma, nem a idade, nem o sexo, nem o parentesco. Tomai como imposto forçado tudo quanto um cidadão tem de inutil: todo o homem, que possue mais do que precisa, não lhe serve senão para abusar do superfluo. Ha pessoas, que teem como enthesourados, pannos, roupas, camisas, sapatos. Requisitai tudo isto. Com que direito guardará um homem em seus armarios, moveis ou vestidos superfluos? Que o oiro, a prata e todos os metaes preciosos, passem para o thesouro nacional! Extirpai os cultos; o republicano não tem outro Deus senão a sua patria. Todas as communas da republica não tardaram a imitar a de Pariz, que sobre as ruinas de um culto gothico, acaba de fundar o templo da razão. Ajudai-nos a despedir tamanhos golpes: ou ferir-vos-hemos a vós proprios. »

Estas proclamações de vingança do pilhagem e do atheismo eram outras tantas reprehensões indirectas a Couthon, que manifestara uma lingoagem diametralmente opposta poucos dias antes, na reunião popular: « Conservemos a nossa moral, » tinha dito Couthon fallando de Robespierre e do seu partido, « não é a moral de alguns falsos philosophos do dia, que não sabendo ler no grande livro da natureza, creem no acaso e no nada. Nós cremos n'uma Providencia; cremos em um Ser Supremo, poderoso, justo e bom por essencia. Não o ultrajemos por meio de ceremonias ridiculas e forçadas: a homenagem, que lhe tributamos, é pura e livre. »

Conforme com o espirito desta proclamação, Fouché e Collot crearam commissarios do confisco e de delação. Determinaram um salario de trinta francos por denuncia. Este salario era dobrado para certas cabeças designadas, como as dos nobres dos sacerdotes, dos religiosos e religiosas. Não se entregava o preço do sangue senão a quem dirigia em pessoa, as pesquizas do exercito revolucionario, e apresentava o suspeito no tribunal. As cavas, os celeiros, os saguões, os bosques, as emigrações nocturnas nas montanhas circumvisinhas, os disfarces de todo

o genero, debalde escondiam os homens compromettidos e as mulheres timoratas, á inquisição sempre infatigavel dos delactores. A fome, o frio, a fadiga, as enfermidades, as visitas domiciliarias, a traição os entregavam, passados alguns dias, aos assassinos da commissão temporaria.

Os carceres regorgitavam de presos. Ao passo que os proprietarios, e negociantes, morriam, suas casas se destruiam com o camartello. Apenas algum delator, indicava uma casa confiscada á commissão encarregada da demolição expedia a sua tropa de mineiros contra as paredes. Os mercadores, os inquilinos, as familias expulsas destas casas proscriptas, tinham apenas tempo d'evacuarem o seu domicilio, levar os velhos, enfermos e crianças para outras habitações. Via-se todos os dias a picareta atacar as escadas ou os trabalhadores arrebatarem as telhas. Em quanto os habitantes espantados precipitavam os moveis das janellas, e que as mãis fugiam com os berços de seus filhos atravez das ruinas de seus lares, vinte mil trabalhadores, d'Auvergne, e dos Baixos-Alpes eram empregados em nivelar o solo. O entulho enchia os subterraneos e alicerces. O salario dos demolidores montava a quatro contos mil francos, por decada. As demolições custaram quinze milhões, para anniquillar uma capital de mais de trezentos milhões de valor em edificios.

Centenares de obreiros pereceram sepultados debaixo das paredes imprudentemente minadas. O caes Saint-Clair, as duas faxadas da praça de Bellecour, os cães de Saône, as ruas habitadas pela aristocracia do commercio, os arsenaes, hospitaes, mosteiros, igrejas, fortificações, cazas de campo, das collinas, que se elevavam sobre os dois rios, offereciam unicamente o aspecto de uma cidade arruinada por um longo bombeamento, depois de muitos assaltos. Lyon, quasi desabitada, immudecia no meio de suas ruinas. Os artistas sem officinas, e sem pão, alistados, e assoldados pelos representantes á custa dos ricos, parecia n encarniçar-se, com o machado na mão sobre o cadaver da cidade, que os havia nutrido. O raido dos muros, que cahiam, o pó das demolições que envolvia a cidade, o som dos tiros de artilheria e das descargas cerradas que fusilavam ou que metralhavam os habitantes, o rodar das carretas, que das cinco prisões da cidade conduziam os accusados ao tribunal e os condemnados á guilhotina, eram os unicos signaes de vida da população: o cadafalso era o seu unico espectaculo, as acclamações do um povo esfarrapado, e cada cabeça, que caía a seus pés eram sua unica festividade.

IX. — A commissão de justiça popular, instituida por Couthon, foi transformada á chegada de Roussin e do seu exercito, em tribunal revolucionario. Dois dias depois da chegada destes corpos, menos soldados que lictores da republica, commeçaram as execuções, sem interrupção durante noventa dias. Oito ou dez sentenciados por sessão morriam á saida do tribunal, sobre o cadafalso, installado em permanencia na frente do hotel de ville. A' agoe a arêa, espalhadas, todas as noites depois das execuções, em torno deste escoadouro de sangue humano, não bastavam para descobrir o solo. Uma lama rôxa e fetida, pisada continuamente por um povo, avido de vêr morrer, cobria a praça, e infectava o ar. A' roda deste verdadeiro degolladouro de homens, respirava-se a morte. As paredes exteriores do palacio Saint-Pierre e do frontispicio do hotel de ville suavam sangue. Nas manhãs dos mezes de novembro, dezembro e janeiro, as mais fecundas em supplicios, os habitantes do bairro viam elevar-se do terreno empregnado uma nevoa subtil. Era o sangue de seus compatriotas immolados na vespera, a sombra da cidade, que se evaporava aos raios do sol. Dorfeuille, em virtude das reclamações do bairro, foi obrigado a transportar a guilhotina a alguns passos mais longe. Foi collocada sobre um cano descoberto. O sangue, corria atravez das taboas, jorrava por um fosso de dez pés de profundidade, que o conduzia ao Rhodano com as immundicias do bairro. As lavadeiras do rio viram-se constrangidas a mudar o sitio de suas lavagens, para não mergulharem as roupas e braços n'uma agoa ensanguentada. Finalmente quando os supplicios, que se acceleravam como as pulsações em um pulso durante a colera, chegaram a vinte, a trinta e a quarenta por dia, estabeleceram o instrumento da morte no centro da ponte Morand, sobre o rio. Varria-se o sangue e arremeçavam-se as cabeças e troncos por cima dos parapeitos na corrente mais rapida do Rhodano. Os marinheiros e habitantes das ilhas e praias baixas, que interrompem o curso do rio entre Lyon e o mar, acharam muito tempo cabeças e troncos de homens encalhados nestas ilhotas e embaraçados entre os juncos e vimeiros de suas margens.

Estes suppliciados eram quasi todos a flor da juventude de Lyon, e das terras visinhas. Sua idade era seu unico crime. Ella os fazia suspeitos de haverem combatido. Iam á morte com o impeto da mocidade, como teriam marchado para o combate. Nas prisões á imitação dos bivaques na vespera das batalhas, não havia mais do que um punhado de palha para cada homem, para descançar seus hombros sobre as lages dos carceres. O perigo de comprometter-se interessando-se pela sua sorte e morrer com elles, não intimidava a ternura dos parentes, e amigos, ou domesticos. Noite e dia inumeraveis grupos de mulheres, de mãis, e de irmãs rodeavam as prisões. O oiro e as lagrimas, que caiam nas mãos dos carcereiros alcançavam intrevistas, conversações e solemnes despedidas. As evasões eram frequentes. A religião, e a caridade, tão activas e corajosas em Lyon, não recuavam perante a suspeita, nem perante o desgosto, para penetrar nestes subterraneos e ali cuidar dos enfermos, dar de comer aos famintos e consolar os moribundos. Mulheres piedosas compravam aos administradores e carcereiros licença de se constituirem servas dos carceres. Ahi levavam as mensagens, introdusiam sacerdotes, para consolar as almas e sanctificar o martyrio. Purificavam os dormitorios, varriam as salas, limpavam os vestidos da immundicia, sepultavam os cadaveres; providencias visiveis, que se interpunham até á ultima hora entre a alma dos presos e a morte. Mais de seis mil presos habitavam ao mesmo tempo estes depositos da guilhotina.

X. — Foi ahi que uma geração inteira se consumio. Ahi se encontraram todos os homens de condição, de nascimento, de fortuna, e de opiniões differentes, que desde a revolução, tinham abraçado partidos oppostos, e a quem a sublevação commum contra a oppressão, reunia a final no mesmo crime e na mesma morte. Clero, nobreza, bourguezia, commercio, povo, tudo ahi se confundio. Nenhum cidadão contra quem podesse apparecer um denunciante, um invejoso, um inimigo, escapou ao captiveiro. Poucos presos escaparam á morte. Tudo que tinha um nome, uma fortuna, uma profissão, uma fabrica, uma casa na cidade ou no campo, tudo quanto era suspeito de partilhar a causa do rico, era preso, accusado, sentenciado, e executado, com antecedencia no pensamento dos proconsules, e de seus fornecedores. A flor de uma capital e de muitas provincias, a Bresse, o Dombe, o Forez, o Beaujolais, o Vivarais, o Delphinado, se esgotou por estas prisões e por estes cadafalsos. A cidade e o campo pareciam disimados. Os palacios, as casas de luxo, as manufacturas, até as habitações da bourguezia rural, estavam fechadas n'um raio de vinte leguas em redor de Lyon. O sequestro carregava sobre milhares de propriedades. Os sellos fechavam as portas e as janellas. A natureza parecia participar do terror do homem. A colera da revolução chegára a ter a força de um flagello de Deus. As antigas pestes da idade media não tinham assombrado mais o aspecto de uma provincia. Não se encontravam, nas estradas de Lyon para as cidades visinhas e até nos caminhos dos casaes e aldêas, senão destacamentos do exercito revolucionario, arrombando portas, em nome da lei, visitando cavas, sondando as paredes com a coronha das armas, ou conduzindo atados a dois e dois, sobre carros, os fugitivos arrancados do seu retiro, e seguidos de suas familias banhadas em lagrimas.

Assim foram conduzidos a Lyon todos os cidadãos notaveis ou illustres que Couthon deixara escapar nos primeiros momentos: vereadores, maires, municipaes, administradores, architectos, esculptores, cirurgiões, conselheiros dos hospicios, procuradores de benificencia, accusados de haverem ou combatido, ou soccorrido os

combatentes, ou curado os feridos, ou sustentado o povo rebelde, ou feito votos secretos pelo triumpho dos defensores de Lyon. Juntavam-se a estes os pais, filhos, esposas, donzellas, amigos, criados, indiciados de cumplicidade de seus maridos, irmãos, ou amos; culpados de terem nascido naquelle solo, e respirarem o ar da insurreição.

Todos os dias o secretario da prisão lia em alta voz no pateo, a lista dos presos chamados ao tribunal. A respiração parecia interromper-se durante esta chamada. Os que partiam abraçavam pela ultima vez seus amigos, e distribuiam as camas, cobertores, vestidos e dinheiro pelos que ficavam. Reuniam-se n'uma estença fileira de sessenta ou oitenta, no pateo, e avançavam assim, atravez a multidão, para o tribunal. O espaço do pretorio e as forças do algoz fatigado eram o unico limite do numero dos prisioneiros immolados cada dia. Os juizes erão quasi todos estranhos ao paiz, para nenhuma responsabilidade futura os intimidar nas suas sentenças. Estes cinco juizes, que considerados cada um de per si tinham corações de homem, reunidos obravam como um instrumento mechanico do assassinio. Observados por uma multidão desconfiada, tremiam elles mesmos sob o terror, que inspiravam. A sua actividade comtudo não bastava já a Fouché e a Collot-d'Herbois. Estes representantes tinham promettido aos jacobinos de Pariz prodigios de rigor. A lentidão do julgamento e do supplicio fazia-os accusar de meias medidas. Os dias de septembro se apresentavam como exemplo diante d'elles. Queriam imital-os regularisando-os. Dorfeuille escreveu aos representantes do povo: « Um grande acto de justiça nacional se prepara. Será de tal natureza que espante os seculos vindouros. Para dar a este acto a magestade, que o deve caracterisar, para ser grande como a historia, é mister que os administradores, os corpos do exercito, os magistrados do povo, os funccionarios publicos assistam ao menos por deputação. Quero que este dia de justiça seja um dia santo; disse um dia santo, e é o seu termo proprio: quando o crime baixa ao tumulo, a humanidade respira e é a festa da virtude. »

XI. — Os representantes ratificaram os planos de Dorfeuille e o supplicio em massa substituio o supplicio individual. Do dia seguinte ao d'esta proclamação, sessenta e quatro mancebos das primeiras familias da cidade foram conduzidos com uma solemnidade desusada ao hotel de ville, aonde um interrogatorio summario os reuniu em poucos minutos na mesma condemnação: D'ali marcharam processionalmente para a margem do Rhodano. Fizeram-nos atravessar a ponte, deixando atraz d'elles a guilhotina, como uma arma embotada.

Do outro lado da ponte, na planicie baixa de Brotteaux, tinham cavado no terreno lodoso uma duplicada valla, ou antes uma extensa sepultura, entre duas fileiras de salgueiros. Os sessenta e quatro sentenciados, presos a dois e dois pelos pulsos, foram collocados em columna n'esta alameda, ao lado do seu sepulchro aberto. Tres peças de artilheria carregadas com balla occupavam a extremidade da avenida á qual os condemnados faziam frente. A' direita e á esquerda, destacamentos de dragões com o sabre em punho, pareciam esperar o signal de carga. Sobre os monticulos de terra extraida deste fosso, os membros mais exaltados da municipalidade, os presidentes e oradores dos clubes, os funccionarios, as auctoridades militares, o estado do exercito, Dorfeuille e os seus juizes estavam agrupados, como sobre os bancos de um amphitheatro; do alto de uma janella de um dos palacios confiscados do cáes do Rhodano, Collot-d'Herbois e Fouché, com um oculo na mão, pareciam presidir a esta solemnidade do exterminio.

As victimas cantavam em côro o hymno, que outr'ora os havia animado nos combates. Parecia que procuravam nas palavras deste cantico supremo o atordoamento do golpe que os ía ferir·

« Mourir pour sa patrie
« Est le sort le plus beau, le plus digne d'envie! » (1)

Os artilheiros escutavam, com o murrão acceso, estes moribundos que cantavam a sua propria morte. Dorfeuille esperou que as vozes acabassem lentamente, as graves modulações do ultimo verso; levantando depois a mão como signal convencionado com o commandante das peças, os tres tiros se dispararam ao mesmo tempo. O fumo envolvendo os canhões, fluctuou por um momento sobre a calçada. Os tambores suffocaram os gritos debaixo de um ruffo. A multidão se adiantou para contemplar o effeito da carnificina. Esta enganou os artilheiros. A ondulação da linha dos condemnados deixára desviar as ballas. Somente vinte presos haviam caido, arrastando na queda os seus companheiros vivos associando-os a suas convulsões e innundando-os com o seu sangue. Vozes, gritos, gestos medonhos, se elevavão deste montão confuso de membros mutilados, de cadaveres, e de vivos. Os artilheiros tornaram a carregar e atiraram com metralha. A carnificina não foi ainda completa. Um doloroso grito, ouvido na cidade atravez o Rhodano, subio deste campo de agonia. Palpitavam ainda alguns membros, algumas mãos se estendiam para os espectadores, como para implorar o ultimo golpe. Os soldados tremem. « Avante dragões! » exclama Dorfeuille, « coragem agora! » A esta ordem os dragões picão os cavallos, que se empinão, galopão sobre a calçada, e acabam com horror á ponta dos sabres ou a tiros de pistolas os moribundos. Estes soldados eram noviços no manejo das armas e cavallos; alem disso repugnava-lhes o infame officio de algozes, que lhes impunham; prolongaram involuntariamente por mais de duas horas as scenas lugubres desta carnificina e agonias.

XII. — Um surdo murmurio de indignação accolheu na cidade a narração deste supplicio. O povo se sentio deshonrado, e comparava-se aos tyrannos mais nefastos de Roma, ou aos algozes do S. Bartholomeu. Os represente impuseram silencio a estes rumores por uma proclamação, que ordenava applaudir e traduzia a piedade em conjuração. Os cidadãos, até mesmo as mulheres mais elegantes, affectaram então o rigorismo revolucionario, para occultar o horror sob o veo da adulação. A guilhotina, instrumento do supplicio, se tornou durante algumas semanas em decoração civica e em ornato nos festins. O luxo, que renascia em torno dos representantes, fez desta machina em miniatura uma joia horrenda da mobilia e enfeite dos jacobinos. Suas esposas, filhas e amantes, traziam pequenas guilhotinas de ouro sobre o peito, e nas arrecadas das orelhas.

Fouché, Collot-d'Herbois e Dorfeuille quizeram suffocar o remorso, com o mais audacioso desafio ao sentimento publico. Duzentos e nove lyoneses presos, esperavam o seu julgamento na sombria prisão de Roanne. O ecco dos canhões, que metralhavam seus irmãos, havia repercutido na vespera nos carceres destes presos. Preparavam-se para a morte e passaram a noite uns a orar, outros a confessar-se a alguns sacerdotes disfarçados, os mais mancebos a fazer suas ultimas despedidas á mocidade e a vida, em libações e canticos, afrontavam a morte. Collot-d'Herbois veio visitar á noite a secretaria desta prisão. Ouviu estas vozes, e exclamou: « De que tempera é pois esta mocidade, que a assim canta sua agonia? »

Pelas dez horas da manhã, um batalhão se formou á porta da prisão de Roanne, sobre o caes do Saône. Esta porta de ferro se abrio e deixou desfilar os duzentos e nove cidadãos. O dedo do carcereiro os contava ao passar, como um rebanho de gado, que se destina para o consummo diario. Iam atados dois a dois. Esta longa columna, na qual cada um reconhecia um filho, um irmão, um parente, um amigo e visinho, avançou com passo firme para o hotel de ville. Saudações supremas, mãos estendidas, vistas lacrimosas, mudos adeuzes, lhe eram dirigidos das janellas, e das portas, ao travez as alas de baionetas. Alguns jacobinos e hordas immundas de mulheres apostrophavam as victimas e as cubriam de ultrages. Estas respondiam com o accento do despreso. Dialogos selvagens se troavam durante a marcha, entre os presos e o povo. « Se nós houvesse-

(1) Morrer pela patria, é a sorte mais bella e digna de invejar-se.

mos feito justiça no dia 29 de maio, » diziam os presos, « a todos os assassinos, que mereciam a sorte de Châlier, vós nos não insultareis neste momento! » aos que mostravam rostos enternecidos e olhos chorosos diziam: « Não choreis por nós, pelos martyres não se chora! »

A sala das sessões era demasiado estreita para os receber. Foram julgados em pleno ar, debaixo das janellas da caza da camara. Os cinco juizes com o trajo e insignias de suas funcções, appareceram na escada, ouvirão a leitura das listas dos nomes, fingiram deliberar e pronunciáram uma sentença geral, formalidade de morte, que disfarçava o assassinio em massa com a hypocrita mascara do Julgamento. Foi em vão que estas duzentas vozes fizeram ouvir reclamações individuaes, protestos de patriotismo, que se elevaram para os juizes e para o povo. Aquelles inflexiveis, e este surdo não responderam senão com o silencio e com o despreso. A columna apressada pelos soldados, continuou a sua marcha para a ponte de Morand. A' entrada da ponte, o official, que commandava o comboy, contou os prezos para se certificar de que nenhum tinha fugido durante a marcha. Em logar de duzentos e nove achou duzentos e dez.

Havia mais presentes do que sentenciados. Qual era o innocente? quaes os culpados? quem seria legalmente executado? quem ia ser assassinado sem julgamento? O official conheceu o horror da sua situação, mandou fazer alto á columna, e fez transmittir a sua duvida a Collot-d'Herbois. A solução d'este escrupulo teria exigido novo exame, adiaría a morte dos duzentos e nove; mas o povo estava ali, a morte esperava « Que importa um de mais? » respondeu Collot-d'Herbois, « um de mais é melhor que um de ménos. Além d'isso » accrescentou como para lavar as mãos d'este homicidio, « aquelle, que morrer hoje, não morrerá á manhã. Acabe-se com isto! »

O supranumerario do supplicio era um jacobino acirrado, que enchia o ar com seus gritos e protestava debalde, contra o engano.

XIII — A columna continuou sua marcha cantando.

« Mourir pour sa patrie
« Est le sort le plus beau, le plus digne d'envie! »

As estrophes entoadas com voz marcial pelos mancebos, marcávam a cadencia da marcha da columna. Fez alto entre os salgueiros na calçada estreita regada ainda com o sangue da vespera. As vallas menos profundas, cobertas apenas de uma terra fresca e movel, attestavam que as sepulturas não tinham sido complectamente cheias, e que esperavam novos cadaveres. Um comprido cabo estava suspenso de um e outro salgueiro. Cada um dos prezos foi atado a este cabo pela extremidade da corda que lhe ligava as mãos atraz. Tres soldados se mandaram collocar a quatro passos de distancia, em frente de cada sentenciado, a cavallaria dividida em plotões formava na retaguarda. A' voz de fogo! os novecentos e trinta soldados, dispararam ao mesmo tempo tres tiros em cada peito. Uma nuvem de fumo envolveu por um instante a scena. Esta nuvem se desfez, e ao elevar-se deixou vêr ao lado dos cadaveres deitados por terra, ou suspensos ao cabo, mais de cem jovens ainda de pé. Uns com a vista espantada, parecem petrificados pelo terror, outros mal feridos, supplicam aos algozes que os acabem de matar, alguns despegados do cabo pelas ballas que despedaçaram as cordas, se arrastam pelo chão, ou fogem cambaleando atravez os salgueiros. Os espectadores consternados, os soldados enternecidos affastam os olhos para os deixar fugir. Grandmaison, que preside n'este dia á execução, ordena á cavallaria que persiga os feridos. Agarrados pelos dragões e acutilados pelos sabres cairam todos debaixo das patas dos cavallos. Um unico, por nome Mérle, maire de Macon, patriota, mas affecto á Gironda, conseguio arrastar-se coberto de sangue até aos vimeiros do pantano. Os soldados de cavallaria voltaram dalli por piedade, e fingiram não o ver. O fugitivo correu para o rio. Ia lançar-se em um batel para entrar sem ser percebido na cidade, quando um grupo de despiedados jacobinos o reconheceu pelo sangue, que corria de sua mão ferida e o precipitam vivo no Rhodano, acabando assim á mesma hora pela dupla morte da agua e do fogo.

Os soldados acabaram com bastante pesar a golpes da coronha e de bayoneta as victimas expirantes sobre a calçada. A noite, que começava, soffocou os gemidos. No dia seguinte quando os coveiros vieram sepultar os cadaveres, muitos ainda palpitavam. Alguns sobreviviam aos golpes mal applicados. Os coveiros acabaram de matar os muribundos a golpes d'enchada, antes de os cubrir com a ensanguentado lama das covas. « Nós temos reanimado, » escrevia á noite Collot d'Herbois á Convenção, a acção de uma justiça republicana, isto é prompta e terrivel como a vontade do povo: deve ferir como o raio, e não deixar senão cinzas. » A revolução tinha encontrado o seu Attila.

XIV. — Montbrison, Saint-Etienne, Saint-Chamond, todas estas colonias Lyonezas, eram o theatro das mesmas atrocidades, ou forneciam as mesmas victimas. O representante do povo, Jávogues, tinha estabelecido a guilhotina em Feus. Um tribunal revolucionario dirigido por elle imprimia no instrumento do supplicio a mesma actividade, que em Lyon. As provincias limitrophes do Haut-Loire estavam purgadas de todo o sangue aristocrata, realista, federalista, que corria a ondas sob a secure. Este instrumento, assim como em Lyon, pareceu demasiado lento. O fogo do raio substituio a arma branca do supplicio. Uma alameda magnifica, avenida do castello de Rosier, que servia de passeio, e de arraial ás festas da cidade de Feurs, foi convertida em logar de execução como os salgueiros funebres de Brotteaux. Alli se fuzilavam até vinte e duas pessoas por dia. A mesma impaciencia da morte parecia possuir os verdugos e as victimas; tinham uns o frenesi do assassinio, outros o enthusiasmo da morte. O horror de viver tinha arrancado ao supplicio o horror. As donzellas, os meninos pediam morrer ao lado de seus pais ou de seus parentes fuzilados. Todos os dias os juizes tinham a repellir estas supplicas da desesperação implorando o supplicio de morrer, menos horroroso do que o supplicio de viver. Todos os dias concediam estas supplicas. A barbaridade dos proconsules não esperava o crime; elles o anteviam no nome, na educação e na classe. Castigavam pelos crimes futuros. Não tinham attenção á idade. Immolavam a infancia pelas suas opiniões futuras, a velhice pelas suas opiniões passadas, as mulheres pelo crime de sua ternura e lagrimas. O luto foi prohibido como no tempo de Tiberio. Foram muitos suppliciados por ter mostrado rosto triste e vestido lugubre. A natureza viera a ser uma accusação. Para ser puro, era preciso repudial-a. Todas as virtudes estavam em contrasenso com o coração humano. O jacobinismo dos proconsules de Lyon tinha transtornado os instintos do homem. O falso patriotismo destruiu a humanidade. Rasgos tocantes e sublimes brilharam nestas saturnaes da vingança. A alma humana se elevou á altura tragica destes dramas. O heroismo resplandecia em todas as idades, em todos os sexos. O amor afrontou os algozes. O coração manifestou thesouros de ternura e magnanimidade.

XV. — O moço Dutaillon, de idade de quinze annos, levado á morte com a sua familia, se alegrou ao pé do cadafalso, de não ser separado de seu pai senão pelo intervallo de um golpe. « Lá em cima elle me guarda o meu logar, não o façamos esperar! » disse ao carrasco.

Um filho do sr. de Rochefort foi conduzido com seu pai e tres de seus parentes á avenida de Rosiers em Feurs para ser fuzido. O pelotão fez fogo. Cahiram tres sentenciados. O mancebo preserverado pela piedade dos soldados não foi ferido. « Graça, graça para elle! » exclamam os espectadores enternecidos. « Não tem mais do que dezeseis annos, póde vir a ser um bom cidadão! » Os executores hesitam, Javoges promette a vida. « Não, não, nada quero de vossas graças, nada de vossa vida! » exclama o mancebo abraçando o corpo ensanguentado de seu pai. « Eu quero a morte! Sou realista! Viva o rei! »

A filha de um operario, de encantadora belleza, foi accusada de não querer trazer o laço republicano. «Para que te obstinas, » lhe disse o presidente, « em não querer trazer a insignia da redempção do povo? » — Por que vós a trazes, » respondeu a donzella. O presidente Parrein, admirando esta coragem e envergonhando-se de enviar tanta mocidade ao patibulo, fez signal ao carcereiro, que estava por detraz da accusada, de lhe prender um laço aos cabellos. Ella porém, apercebendo-se do gesto, tira o laço com indignação, calca-o aos pés, e marcha á morte.

Uma outra, a quem na vespera a metralha immolára tudo quanto a ligava á vida, fende a multidão, aj-elha desolada ao pé do tribunal e pede aos juizes que a condemnem. « Vós haveis assassinado meu pai, meus irmãos, e o meu noivo, » exclamou ella, « já não tenho familia, nem amor, nem destino cá no mundo! Quero a morte! A religião me prohibe buscal-a por minhas proprias mãos, fazei-me matar! »

Um mancebo preso, chamado Couchoux, condemnado a morrer no dia seguinte com seu pai de oitenta annos e intrevado, foi lançado para esperar a hora do cadafalso no subterraneo do hotel de ville. Durante a noite descubrio meio de se escapar por um canno, que communicava do subterraneo com o leito do rio. Seguro da sahida, voltou a buscar seu pai. O velho fez vãos esforços para se suster, succumbe em meio caminho e supplica ao filho salvar a sua vida, abandonando-o á sua morte. « Não » disse o mancebo, « viveremos juntos! » Toma seu pai aos hombros, adianta-se de rastos pelo subterraneo, e fugindo com o seu fardo a favor das trevas, acha um bote á borda do Rhodano, lança-se nelle com seu pai, e consegue salvar-se com elle.

Uma mulher de vinte e sete annos, a quem o amor tinha exaltado até ao heroismo durante o sitio, e que combatera com a intrepidez de um soldado, a sr.ª Cochet, fallou ao povo do alto da carreta, que a conduzia ao supplicio. « Vós sois uns covardes, » dizia ella, « em immolar uma mulher, que fez o seu dever, combatendo para vos defender da oppressão! Não é a vida, que eu lastimo, é a creança que eu trago em minhas entranhas. Innocente, compartilhará o meu supplicio... « Os monstros, » ajunta ella, apontando para o seio, que testimunhava o seu estado de gravidez, « não quizeram esperar mais alguns dias... temeram não désse á luz algum vingador da liberdade! » O povo commovido pela maternidade desta heroina, pela sua mocidade e belleza a seguia em silencio. Um grito da graça saío da multidão; mas o ruido do cutello, que cortava as duas vidas, interrompeu o tardio clamor do povo. Quarenta e cinco cabeças foram nesse dia transportadas na carroça do executor. Para contra-pesar estes movimentos de piedade, que por vezes manifestava a multidão, os proconsules alugavam e recrutavam applaudintes e collocados nas janellas da praça, como em camarotes do circo, insultavam os moribundos e batiam as palmas aos supplicios.

XVI. — Uma rapariga de desesete annos, de viril formosura, e que recordava Carlota Corday, tinha combatido com seus irmãos e futuro esposo nas fileiras dos artilheiros Lyonezes. Toda a cidade admirava a sua intrepidez. Precy a citava como exemplo a seus soldados. Igualava sua modestia ao seu valor. Só no fogo achava o seu heroismo. Era seu nome Maria Adrian. « Como te chamas? » lhe perguntou o juiz, tocado da sua mocidade, e dislumbrado de suas graças. « Maria, » respondeu a accusada; « o nome da mãi de Deus por quem vou morrer. » — Que idade tens? Desesete annos, a idade de Carlota Corday.— « Como na tua idade, podeste dar fogo ás peças contra tua patria? — « Era para a defender ». — Cidadõa, lhe disse um dos juizes, nós admiramos tua coragem. Que farias se te concedessemos a vida? — « Apunhalar-vos-hia como algozes de minha patria, » respondeu levantando a cabeça. Subiu em silencio e os olhos baixos os degráos do cadafalso, mais intimidada das vistas da multidão, do que da morte. Recusou a mão que o verdugo lhe estendia, para amparar seus passos, e gritou duas vezes: « Viva o rei! » Despojando-a de seus vestidos o executor achou no seu peito um bilhete escripto com sangue, era o ultimo adeus do seu desposado, metralhado alguns dias antes em Brotteaux: « Amanhã a esta mesma hora, já não existerei, » lhe dizia elle. « Não quero morrer sem te dizer uma derradeira vez: Eu te amo. Ainda que me offerecessem a liberdade para dizer o contrario, eu a recusaria. Na falta de tinta, rasguei uma veia para te escrever com o meu sangue. Quizera podel-o juntar com o teu para a eternidade. Adeus minha chara Maria. Não chores para que os anjos te achem tão formosa no céo, como eu. Vou esperar-te. Não tardes! » Os dois amantes só foram separados na morte por vinte e quatro horas. O povo os admirou, mas não soube perdoar-lhes.

Os supplicios em massa não cessaram senão por desgosto dos soldados indignados de se verem tranformados em algozes. Os supplicios individuaes se multiplicaram até embotar os ferros, e cançar os executores. « Ha precisão de um carrasco mais activo? » escrevia o Jacobino Achard a Collot-d'Herbois; « eu me offereço. » Os corpos insepultos encalhados nas praias do Rhodano, infectavam suas margens e ameaçavam um contagio. As cidades, e aldeias do littoral se queixavam á Convenção da pestilencia do ar, e da immundice da agua, que baixava de Lyon. Os Jacobinos e os representantes eram surdos. Reanimaram em banquetes patrioticos seu furor. Dorfeuille, Achard, Grandmaison, os juizes, os administradores, os satellites ali bebe-ram á saude da rapidez da morte, e pela energia do algoz. Parodiando a ceia de-Christo, passaram de mão em mão uma taça cheia de vinho, e se exhortaram reciprocamente a despejal-a. « É a taça da igualdade, » exclamou Grandmaison, eis-aqui o sangue dos reis, tomai e bebei! — Republicanos! — replicou Dorfeuille, «este banquete é digno do povo soberano. Reunamo-nos administradores, estados-maiores, membros dos tribunaes, funccionarios publicos, cada decada, para bebermos juntos no mesmo calix o sangue dos tyrannos! »

Collot-d'Herbois, chamado a Pariz pelos primeiros rumores da opinião contra estes supplicios em massa, se justificou para com os Jacobinos. « Chamam-nos antropophagos! » dizia elle. São os aristocratas, que assim fallam. Examina-se com escrupulo como morrem os contra-revolucionarios! Aprazem-se em publicar, que não são mortos ao primeiro golpe! E o Jacobino Châlier morreu elle ao primeiro golpe? A menor gôta de sangue patriota me cáe de sobre o coração. Não tenho piedade para com os conspiradores. Fizemos fusilar duzentos de uma vez. E disso nos fizeram um crime! E não se reconhece que nisto mesmo ha uma prova de sensibilidade? O raio popular os fulmina, e delles não deixa mais que o nada e as cinzas! » Os Jacobinos applaudiram.

Fouché que ficára em Lyon para continuar na apuração do Meio-dia, escrevia a Collot-d'Herbois para se facilitarem um ao outro do seu commum triumpho: « E nós tambem temos combatido os inimigos da republica em Toulon, offerecendo a seus olhos milhares de cadaveres de seus cumplices. Anniquillemos de um só golpe, em nossa cólera todos os rebeldes, todos os conspiradores, todos os traidores! Exerçamos a justiça a exemplo da natureza! Firâmos-nos como o povo! como o raio! e até a cinza dos nossos inimigos desappareça do solo da liberdade! Que a republica não seja mais que um vulcão! Adeus meu amigo! Lagrimas de alegria vertem meus olhos e inundam minha alma. Não temos se não um modo de celebrar nossas victorias; esta tarde enviamos duzentos e treze rebeldes ao fogo da polvora. »

Todavia mesmo em Lyon, algumas almas republicanas, ousavam respirar livremente a humanidade, infamar o crime e accusar os algozes. Cidadãos não suspeitos se dirigiam a Robespierre como ao moderador da republica. Sabia-se pela correspondencia de Couthon com alguns patriotas de Lyon, que Robespierre se indignava na commissão de salvação publica contra as proscripções d'Collot-d'Herbois e de Fouché, e do anniquilamento da segunda cidade da França. « Estes Marius do theatro, dizia elle com intimidade em casa de Duplay, fazendo allusão ao officio de proconsul, não reinarão dentro em pouco tempo senão sobre ruinas. » Fouché em suas cartas a Duplay, se esforçava convencer Robespierre, e representava Lyon como uma permanente contra revolução. Era conhecida em toda a republica a discordia se-

creta do sentimentos, que minava já na commissão de salvação publica, entre o partido de Robespierre e o partido de Collot d'Herbois, que uns procuravam na revolução uma ordem social debaixo das ruinas, que outros ahi não buscavam senão rapinas e vinganças. Alguns republicanos do partido de Robespierre se reuniam mysteriosamente em Lyon, espiando a menor mudança da opinião publica. Um d'entre elles, chamado Gillet, ousou assignar a carta em nome de todos. «Cidadão representante» dizia esta carta a Robespierre, «eu habitei os subterraneos e catacumbas, soffri a fome, a sede durante o cerco da minha patria; um dia mais, e eu pereceria victima de minha adhesão á causa da Convenção, que é a meus olhos o centro da união dos bons cidadãos. Tenho pois o direito de fallar hoje de justiça, e de moderação em favor dos meus inimigos. Aquelles que attentam aqui contra a liberdade dos cultos, são os verdadeiros culpados. Apressa-te cidadão, em fazer publicar um decreto que os condemne á morte, e que purgue a terra da liberdade. O mal é grande, a chaga é profunda; é mister mão violenta e prompta, Nossos campos estão em perfeito abandono. O lavrador semêa com a certeza de não recolher. O rico esconde o seu oiro, e não se atreve a fazer trabalhar o indigente. Todo o commercio está paralisado. As mulheres suffocando o instincto da natureza, maldizem o dia em que se tornaram mãis. O muribundo chama o seu pastor para ouvir dessa boca uma palavra de consolação e d'esperança, e o pastor é ameaçado com a guilhotina se fôr consolar seu irmão. As egrejas estão devastadas, os altares destruidos pelos salteadores, que pretendem obrar em nome da lei, quando só obram á ordem de salteadores como elles! Grande Deus! a que tempos havemos chegado! Todos os bons cidadãos, ou quasi todos abençoavam a revolução, e todos amaldiçoam e lastimam a tyrannia. A crise é tal, que nos achamos em vespera das maiores desgraças. Os estilhaços da bomba que se carrega nestes sitios exterminarão a Convenção inteiramente, se te não apressares a apaga-la... Medita, Robespierre, estas verdades que me atrevo a assignar, embora haja de morrer pelas haver escripto!»

XVII. — Estes remorsos dos republicanos puros eram suffocados em Pariz pelos gritos de demencia do partido d'Hebert, de Chaumette, de Collot-d'Herbois. Robespierre, Couthon, Saint-Just, que não ousavam atacar ainda este partido se callaram. Esperaram que a indignação publica fosse assás sublevada para a lançar sobre os terroristas. Mas no entanto que as cinzas de Lyon se extinguiam nestas ondas de sangue, o incendio da guerra civil se ateava de novo em Toulon.

Toulon, o porto mais importante da republica, cidade ardente e mobil, como o sol e o mar do Meio-dia, tinha passado rapidamente do excesso do jacobinismo ao desalento e desgosto da revolução. Imitando os movimentos de Marseille, nas vesporas de 10 de agosto. Toulon tinha lançado contra Pariz a flôr da sua mocidade envolta na espuma da sua população. A Provença tinha trazido a sua chamma a Pariz; mas o mesmo transporte que tinha tornado os Provençaes tão terriveis contra o throno de Luiz XVI, os tornava incapazes de se curvar muito tempo ao jugo de uma republica central e uniforme como a que Robespierre, Danton, e os clubs dos franciscanos, jacobinos queriam fundar. Estas antigas colonias independentes, lançadas pelos Phocios e Gregos nas praias da Provença, tinham conservado alguma coisa da perpetua agitação e da insubordinação de suas ondas. O espectaculo do mar torna o homem mais livre e mais indomavel. Elle vê continuamente a imagem da liberdade sobre as suas vagas, e sua alma contrahe a independencia de seu elemento.

Os Toulonezes, como os Bordelezes e Marselhezes, pendiam para o federalismo da Gironda. A frequencia dos officiaes da esquadra, quasi todos realistas; o dominio dos padres, omnipotentes sobre as imaginações do Meiodia; os ultrages e os martyrios, que padecia no reinado dos jacobinos a religião; a indignação contra os excessos revolucionarios, que o exercito de Carteaux commettera em Marseille; esta grande scisão emfim, de uma republica, que se partia em facções e degolava seus fundadores; tudo provocava Toulon á insurreição.

XVIII. — A esquadra ingleza do almirante Hood, que crusava no Mediterraneo, entretinha estas disposições por correspondencias secretas com os realistas de Toulon. Esta frota se compunha de vinte nãos de linha e de vinte cinco fragatas. O almirante Hood apresentava-se aos Toulonezes mais como alliado e libertador, do que como inimigo. Promettia defender a cidade, e o porto, e a esquadra, não como uma conquista, porém como um deposito, que entregaria ao successor de Luiz XVI logo que a França houvesse suffocado seus tyrannos interiores. A opinião dos Toulonezes passou com a rapidez do vento, do jacobinismo ao federalismo, do federalismo ao realismo, e do realismo á deserção. Dez mil fugitivos de Marseille, occultos em Toulon pelo terror das vinganças da republica; o abrigo de suas muralhas, as baterias de seus navios, a bandeira ingleza e hespanhola das esquadras combinadas, promptos a proteger a insurreição, deram aos Toulonezes o pensamento deste crime contra a patria.

Dos dous almirantes, que commandavam a esquadra franceza no porto de Toulon, um o almirante Trogoff, conspirava com os realistas; outro o almirante Saint-Julien, esforçava-se em fortificar o republicanismo de tripulações. Dividida assim de espirito, a esquadra se neutralisava por suas tendencias contrarias. Não podia ella senão seguir, dilacerando-se, o movimento que lhe imprimisse o partido vencedor. Collocada entre uma cidade insurgente e um mar bloqueado, devia necessariamente ser batida ou pela artilheria dos fortes, ou pela artilheria ingleza, ou aniquilada por ambos simultaneamente. A população de Toulon, aonde tantos elementos combinados, fermentavam ao mesmo tempo, se revolucionou ao aproximarem-se as guardas avançadas de Carteaux, com uma unanimidade, que até excluia a idéa de um remorso. Fechou os clubs dos jacobinos, immolou o seu chefe, prendeu os representantes do povo Bayle e Beauvais, em missão dentro de seus muros e chamou os inglezes, hespanhoes, e napolitanos.

Ao aspecto das esquadras inimigas, o representante Beauvais se matou por suas proprias mãos na prisão. A esquadra franceza á excepção de alguns navios, que o almirante Saint-Julien, conteve por alguns dias no dever, arvorou a bandeira branca. Os Toulonezes, inglezes, e napolitanos reunidos em numero de quinze mil homens, armaram os fortes e obras exteriores da praça, contra as tropas da republica. Carteaux, avançando de Marselha á testa de quatro mil homens, atacou a vanguarda inimiga nas gargantas d'Ollioules. O general Lapoype, destacado do exercito de Nice com sete mil homens investiu Toulon pelo lado opposto. Os representantes do povo, Freron, Barras, Albitte, Salicetti, vigiavam, dirigiam e combatiam ao mesmo tempo. O pequeno numero dos republicanos, o espaço immenso, que tinham de occupar para investir as montanhas a que Toulon está encostada, o sitio e os fogos dos fortes, que de cima protegiam este amphitheatro, a inexperiencia dos generaes, amorteceram por longo tempo os ataques e fizeram tremer a convenção deste exemplo de uma traição impune. Logo que Lyon deixou tropas á disposição da commissão de salvação publica, Carnot se apressou a dirigil-as sobre Toulon. Ali enviou o general Doppet, o vencedor, e Fouché o exterminador de Lyon. Fouché, assim como seus collegas Freron e Barras, estavam resolvidos a esmagar Toulon, ainda que devessem anniquillar com esta cidade, a marinha e os arsenaes francezes.

Um capitão de artilheria, enviado por Carnot ao exercito dos Alpes, foi sustido na sua passagem, para substituir no exercito de Toulon o commandante de artilheria Donmartin ferido no ataque d'Ollioules. Este mancebo era Napoleão Bonaparte. Ahi o esperava a sua fortuna. O seu compatriota Salicette o apresentou a Carteaux. Em poucas palavras e poucos dias fez apparecer o seu genio e foi a alma das operações. Predistinado a fazer prevalecer a força sobre a opinião, e o exercito sobre o povo, viram-no apparecer pela primeira vez no meio do fumo de uma bateria, fulminando simultanea-

mento a anarchia em Toulon e os inimigos na enseada. O seu futuro manifestava-se nesta attitude: genio militar desabrochando no fogo de uma guerra civil para se apoderar do soldado, illustrar a espada, suffocar a palavra, extinguir a revolução e fazer retrogradar a liberdade um seculo. Gloria immensa, mas funesta, que a posteridade não julgará como os contemporaneos!

XIX. — Dugommier havia substituido Carteaux. Reuniu um conselho de guerra ao qual assistiu Bonaparte. Este moço capitão immediatamente promovido ao gráu de chefe de batalhão, reorganisou a artilheria, aproximou as baterias da cidade, calculou o centro da posição, e ahi dirigio seus tiros, despresou o resto, caminhou ao alvo. O general inglez O'Hara, fazendo uma sortida do forte Malbosquet com seis mil homens, caiu n'uma cilada preparada por Bonaparte, e foi ferido e prisioneiro. O forte Malbosquet, que dominava a enseada, foi atacado por duas columnas a pesar das ordens dos representantes. Bonaparte e Dugommier foram os primeiros, que n'elle entraram por uma canhoneira. A victoria os justificou. «General,» disse Bonaparte a Dugommier carregado d'annos e exhausto pelas fadigas, «podeis ir dormir, Toulon é nossa.» O almirante Hord ao amanhecer, destinguo as baterias francezas cobrir os declives e preparar-se para bater a enseada. Bramia o vento do outono, toldava-se o céo, engrossava o mar; tudo annunciava que as proximas tempestades do inverno iam fechar a saida da enseada aos inglezes.

Ao declinar do dia, chalupas inimigas conduziam a reboque o brulote *Vulcano* para o meio da esquadra franceza. Immensa quantidade de materias combustiveis foram amontoadas nos armazens, estalleiros, e arcenaes. Officiaes inglezes com o bota-fogo em punho, esperavam o signal do incendio. Dez horas soão no relogio do porto. Um foguete sáe do centro da cidade, eleva-se e cáe desfeito em lagrimas. Era o signal. O bota-fogo se applica aos rastilhos. O arsenal, estabelecimentos, provisões maritimas, madeiras de construcção, alcatrão, canamo, os armamentos d'esta esquadra e deste deposito naval foram em algumas horas consumidos. Este incendio no qual se consumiu metade da marinha franceza, allumiou durante toda a noite as vagas do Mediterraneo, as faldas das montanhas, os acampamentos dos representantes, e o convez das náos inglezas. Os habitantes de Toulon, abandonados por algumas horas á vingança dos republicanos, vagavam pelos cáes. O silencio, que o horror do incendio excitava nos dois campos, não era interrompido senão pela explosão dos payoes de dezeseis náos e vinte fragatas, que antes de se abysmaram nas ondas arremeçavam aos ares, as suas principaes peças de madeira e canhões. O boato da partida da esquadra combinada e da entrega da praça se tinha espalhado pelo povo. Quinze mil toulonezes e marselhezes refugiados, homens, mulheres, meninos, velhos, feridos, enfermos, haviam saido de suas moradas e se reuniam na praia, disputando-se o logar nas embarcações, que os transportavam aos navios inglezes, hespanhoes, e napolitanos. O mar furioso e as chammas, que corriam entre as vagas tornavam o transporte dos fugitivos mais perigoso e lento. A cada instante os gritos que saiam de uma canôa, que se submergia e os cadaveres arrojados de novo á praia desanimavam os marinheiros. Os destroços abrazados do arsenal e da frota, choviam sobre esta multidão e esmagavam grande numero. Uma bateria do exercito republicano varria com suas bombas e ballas o porto e o caes. Os membros separados da mesma familia se buscavam, se chamavam a altas vozes n'este ruidoso tumulto, e ondulação da multidão. As mulheres perdiam seus maridos, as filhas suas mães, e as mães seus filhos. Alguns, cujos parentes já tinham embarcado, mas que os suppunham ainda na cidade recusavam entrar nas canôas, arrojavam-se com desesperação á praia, e ficavam estirados por terra recusando fugir sem os entes que amavam. Alguns se sacrificaram, precipitando-se no mar para aliviar as chalupas extremamente carregadas, a fim de salvar por este suicidio, seus filhos, suas mães, suas esposas. Tocantes e terriveis dramas foram sepultados no horror d'esta noite. Recordava ella aquellas antigas transmigrações das povoações da Asia Menor, ou da Grecia, abandonando em massa a terra e sua patria, e levando comsigo ao travez das ondas suas riquezas e seus deuses ao clarão de suas cidades incendiadas. Quasi sete mil habitantes de Toulon, sem contar os officiaes e marinheiros da esquadra, receberam asylo nos navios inglezes e hespanhoes. O crime de ter entregado a praia e as armas da França aos estrangeiros, e hastear a bandeira da realeza era irremissivel. Disseram do cume das vagas, um ultimo adeus ás collinas da Provença, illuminadas pelas chammas, que devoravam seus tectos e seus olivaes. Neste momento supremo a explosão de duas fragatas, que continham milhares de barris de polvora, o que os hespanhoes tinham esquecido submergir, rebentou como um volcão sobre a cidade e o mar. Adeus formidavel da guerra civil, que fez chover ao mesmo tempo seus destroços sobre os vencidos e vencedores.

No dia seguinte pela manhã, os inglezes levantaram ancora, levando os navios, que não poderam incendiar, e ganharam o mar largo. Os refugiados de Toulon foram transportados quasi todos a Liorne e pela maior parte se estabeleceram na Toscana. As suas familias lá existem ainda, e ouvem-se nomes francezes d'esta data, entre os nomes estrangeiros, nas collinas de Liorne, Florença e Pisa.

XX. — No seguinte dia 20 de dezembro de 1793 os representantes entraram em Toulon á testa do exercito republicano. Dugommier, mostrando a cidade em cinzas e as casas quasi vasias, conjurou os convencionaes a contentar-se com esta vingança, a suppor generosamente que todos os culpados se haviam desterrado, e poupar o resto. Os representantes zombaram da magnanimidade do velho general. Elles não eram só encarregados de vencer, mas de horrorisar. A guilhotina entrou em Toulon com a artilheria do exercito. Ahi correu tanto sangue como em Lyon. Fouchet acelerou os supplicios. A Convenção supprimio por um decreto o nome da cidade dos traidores: «Que as bombas e as minas,» disse Barrere «arrazem os telhados de todos os negociantes de Toulon, e não fique mais de todo o littoral do que um porto militar, povoado unicamente pelos defensores da republica!»

LIVRO LI.

I. — Estes combates alternativamente heroicos, e atrozes entre a republica e seus inimigos, sobre os campos de batalha e sobre os campos de supplicio, não tinham interrompido as immolações em Pariz, e nas provincias. Depois da morte dos girondinos, a guilhotina parecia elevada á classe de instituição. Não cessava de devorar victimas, estas eram tiradas de todos os partidos que a revolução deixava para traz, ou encontrava avançando. Alguns demagogos sanguinarios da communa e da Montanha, pediam que se construisse o instrumento de morte, de pedra de cantaria na praça da Concordia e em frente das Tuilleries. A guilhotina devia, ser segundo elles diziam, um edificio publico e nacional, que testimunhasse a todos e sempre, que a vigilancia do povo era permanente, e a sua vingança eterna.

O tribunal revolucionario, attento ao menor signal da commissão de salvação publica, se apressava em enviar á morte todos aquelles, que se lhe designavam. O processo não era mais do que uma curta formalidade.

O nome da senhora Roland não podia escapar por muito tempo ao ressentimento do povo. Este nome representava um partido inteiro. Alma da Gironda, esta mulher podia servir-lhe de Nemesis, se a deixassem sobreviver aos amigos illustres, que a tinham precedido no tumulo. Alguns viviam ainda, era mister desanimal-os ferindo o seu idolo, outros já não existiam; tornava-se preciso humilhar sua memoria associando-a á execração popular, que inspirava uma mulher odiosa ao povo e suspeita á liberdade. Taes foram os motivos, que fizeram com que a communa e os Jacobinos pedissem o julgamento da senhora Roland.

II. — O comité de salvação publica, executor algu-

mas vezes afflicto, mas sempre condescendente com as vontades de populaça, inscreveu o nome da senhora Roland na lista, que todas as noites se remettia a Fouquier-Tinville. Robespierre assignou esta lista com um remorso visivel no rosto. Nos primeiros tempos de sua residencia em Pariz, o deputado d'Arras, ainda obscuro, tinha frequentado a casa desta mulher. Na epocha em que a Assembléa constituinte humilhava o orgulho e desprezava as palavras de Robespierre, a senhora Roland havia adivinhado o seu genio, honrado sua obstinação, reanimado sua eloquencia desconhecida. Esta lembrança pezava sobre a mão do membro da commissão de salvação publica, no momento em que assignava uma enviatura ao tribunal que devia ser uma remessa ao cadafalso. A senhora Roland e Robespierre tinham começado juntos a revolução. A revolução os havia conduzido, a um ao cume do poder, a outra ao abysmo d'adversidade. Robespirre devia talvez aos auxilios desta mulher o imperio da opinião, que lhe dava o direito de a salvar ou de a perder. Qualquer homem generoso se teria deixado commover por taes circumstancias e recordações. Robespierre era demasiado estoico. Tomava a inflexibilidade pela força a obstinação pela vontade. Arrancaria a si proprio o coração, se o reconhecesse capaz de lhe aconselhar uma fraqueza. O systema havia morto n'elle a natureza. Julgava-se mais do que homem sacrificando em si a humanidade. Quanto mais soffria por esta violencia, tanto mais justo se acreditava. Tinha chegado áquelle extremo de sophismo, a essa exageração de falsa virtude, que faz com que o homem despreze todos os seus bons sentimentos.

A senhora Roland estava encerrada na prisão da Abbadia desde o dia 31 de maio. Ha algumas almas, que a posteridade comtempla com a maior curiosidade e mais interesse que todo um imperio, porque ellas resumem em sua situação, sensibilidade, elevação e quéda, todas as vicissitudes, catastrophes, glorias e infortunios do seu tempo. A senhora Roland era uma dessas almas. No seu enthusiasmo, em sua paixão, nas suas illusões, no seu martyrio, no seu desalento actual e tambem na sua esperança immortal, personificava do fundo do seu carcere toda a revolução. Isolada do universo, arrancada a um pai, a um esposo, a uma filha, affogava em ondas de lagrimas interiores os ardores de uma imaginação de fogo ateada qual a chamma no fragmento de umas ruinas.

III. — Os carcereiros da Abbadia adoçaram o seu captiveiro quanto o permettiam os muros d'uma prisão. Ha entes, que se não podem perseguir senão de longe. A formosura corrompe tudo quanto se lhe aproxima. Foi-lhe dada, ás escondidas dos commissarios, uma camara esclarecida por um raio de sol. Trouxeram lhe flores. Gostava no tempo prospero, de se rodear de flores como do mais divino e do menos caro dos luxos. Entrelaçaram as grades da sua janella com plantas trepadeiras e frondosas, para deixar ao menos á sua vista as illusões da liberdade, occultando-lhe os ferros Foi-lhe permittido entreter-se com suas amisades. Trouxeram lhe livros, recreio que procurava com as maiores almas da antiguidade. Tranquilla sobre a salvação de seu esposo, que sabia ter-se refugiado em Rouen, em casa de amigos seguros; tranquilla á cerca de futuro destino de sua filha; que o seu amigo Bose, administrador do Jardim das Plantas, tinha confiado á senhora Creuxé de lá Touche, mãi adoptiva; altiva de soffrer pela liberdade: feliz de padecer por seus amigos, experimentou uma especie de voluptuoso alivio de suas sensações no silencio e na solidão do seu carcere. A natureza collocou a serenidade no excesso do infortunio, como uma salva guarda no fundo do abysmo, para modificar as sensações da quéda aos desgraçados. A certeza de não poder precipitar-se mais, o desafio feito aos homens de augmentar sua vingança, e o goso interior de sua propria coragem, põe o paciente a cima do algoz. Estes tres sentimentos sustentavam ao mesmo tempo a energia da senhora Roland. Faziam de seus soffrimentos um espectaculo glorioso para ella, do qual era simultaneamente o drama, a heroina e o espectador.

Separou-se, pelo pensamento, do mundo, do tempo, de si mesma, e quiz viver de antemão toda inteira, na posteridade. Nada de moderno, nem de christão, vergava sua alma á resignação, ou a inclinava para o céo. O seu desgosto pelas superstições, enfraquecera nella até aquella fé n'um Deos presente e n'uma immortalidade certa. Mulher antiga em dias christãos, sua virtude era romana como suas opiniões. Sua providencia e seu modo era a opinião dos homens, o seu céo era a posteridade. De todos os Deuses não invocava senão o do futuro Uma especie de dever abstracto e estoico, que em si mesmo é o proprio juiz e a propria recompensa, lhe fazia as vezes de esperança, de consolação e piedade. Mas sua alma era tão forte e tão pura, que esta virtude sem remuneração e sem prova, lhe bastava para se conservar de pé na adversidade, e firme ante o cadafalso.

Não podendo operar, se recolheu para pensar. Obteve pela cumplicidade dos seus guardas, algumas folhas de papel, penna, e tinta. Escreveu em fragmentos a sua vida intima e a sua philosophia. Todos os dias occultava uma destas paginas, á vigilancia dos seus guardas. Confiava-as a Bose, que as levava escondidas no seu fato, e as recolheu em deposito para melhores tempos. Parecia á senhora Roland, ter subtrahido um anno de sua vida á morte, e occultado ao nada o que considerava como melhor parte de si mesma: a sua recordação. Misturava n'estas paginas, com a desordem e precipitação de um pensamento, que não tem dia seguinte, os mais femeninos sonhos de sua infancia e as preoccupações mais lugubres de seu captiveiro. Via-se no mesmo livro, a rapariga no quarto elevado do caes dos Ourives, aspirando o amor e a gloria; e um pouco mais adiante, a captiva no seu carcere, separada de sua filha, de seu esposo, do seu amigo, desfolheando uma a uma todas suas ternuras, todas suas illusões, todas suas esperanças e esperada pelo cadafalso.

IV. — Apesar deste livro ser dirigido na apparencia á posteridade, conhece-se por certos signaes de intelligencia que elle se dirigia particularmente á alma de um confidente desconhecido. A senhora Roland esperava que, depois da sua morte, um olhar amigo decifraria sua alma, e mais claras encontraria nestas paginas as illusões, os suspiros, e as revelações do seu pensamento. Estas memorias são como uma conversação em voz baixa, cuja o publico não entende tudo. Têem ellas ainda mais um interesse; é uma suprema conversação, e o adeus de uma grande alma á vida. A cada palavra receia-se que a confidencía não se interrompa pelo algoz. Julga-se ver o ferro suspenso sobre o escriptor, prestes a cortar o pensamento com a cabeça.

Estas horas de descanço do seu captiveiro dulcificaram, evaporando-as, as sensações da sua tristeza. A palavra é uma vingança; a indignação que desabafa, sente-se consolada. A captiva se conformou a esperar por momentos. Até mesmo foi solta por algumas horas. Ebria de liberdade correu á sua morada para abraçar sua filha e tornar a ver o lar da sua vida interior. Esta liberdade de um dia era uma cilada, que armavam seus perseguidores. Os satelites da communa espiavam a sua alegria para a envenenar. Esperavam-na á por a de sua casa. Não lh'a deixaram tocar, nem penetrar no limiar, nem a voz de seu filho, nem ver as lagrimas dos seus servos. Prenderam-a apesar de suas invocações, e a lançaram apenas salva n'uma outra prisão, em Sainte-Pelagie, esse escoadouro de vicios, para onde as meretrizes das ruas de Pariz eram varridas. Queriam-na invilecer pelo contacto, e supplicial-a pelo seu pudor. Foi constrangida a viver com estas mulheres perdidsa. Seus costumes, sua conversação, sua lepra moral, offenderam seus olhos, ouvidos e pureza. Tinha aceitado a morte, condenavam-na á infamia.

A compaixão de seus carcereiros a isolou finalmente d'essas tropezas. Deram-lhe um quarto, uma enxerga e uma meza. Continuou as suas memorias, tornou a ver seus amigos, Bose e Champagneux. O covarde Lanthenas, confidente assiduo de sua casa, nos seus dias de fortuna, o ingrato Pache, elevado por ella e por seu esposo ao poder, occupavam um o cume da Montanha, o outro o da communa: affectaram esquecimento. Danton auzente desviava os olhos. Robespierre não ousava furtar uma

cabeça ao povo. Todavia a antiga amizade, que existira entre elle e a Snr.ª Roland, deu á captiva um instante d'sperança e quasi de franqueza. Estava doente na enfermaria da prizão. Um medico que se dizia amigo de Robespierre, veio visital-a. Falou-lhe de Robespierre: — «Robespierre, respondeu ella, eu o conheci e estimei muito. Tive por um sincero e ardente amigo da liberdade. Temo hoje que ame a dominação e talvez a vingança. Crei-o susceptivel de prevenção, facil em apaixonar-se, lento em arrepender-se de seus juizos, julgando com precipitação culpados todos aquelles, que não partilham de suas opiniões. Vi-o muitas veses: pedi-lhe que meta a mão na sua consciencia, e vos diga se pensa mal de mim.» Esta conversação lhe sugeriu o pensamento de escrever a Robespierre; cedeu a este pensamento, e escreveu lhe.

V — «Robespierre,» dizia ella n'esta carta ao mestempo patetica e provocante, «vou pôr-vos em prova: é a vós mesmo que repetirei o que disse de vós ao amigo, que vos entregará este bilhete. Não quero solicitar-vos, muito bem o imaginaes; nunca solicitei pessoa alguma, e não é do fundo de uma prizão, que dirigirei uma supplica ao homem que tem o poder de me soltar. Os rogos são proprios dos réos e escravos. A innocencia testimunha, e eis tudo! As queixas igualmente me não convém! eu sei soffrer. Sei tambem que no nascimento das republicas, as revoluções tomam por victimas, aquelles mesmos, que as levaram a effeito: é sua sorte; e a historia é o vingador delles. Mas por que singularidade, eu, mulher, me vejo exposta ás tempestades, que não caem ordinariamente senão sobre os grandes actores das revoluções?... Robespierre, desafio-vos a não crêr que Roland seja um homem de bem. Bem o haveis conhecido. Elle tem a rudesa da virtude, como Catão tinha a aspereza. Desgostoso dos negocios, irritado pela perseguição enfadado do mundo, fatigado de trabalhos e annos, só queria gemer n'um retiro ignorado e esquecer-se no silencio para evitar um cirme ao seu seculo!... A minha pretendida cumplicidade seria um gracejo senão fôra atroz. D'onde vem póis esta animosidade contra mim, que jámais fiz mal a pessoa alguma, e que mesmo não o sei desejar áquelles que m'o fazêm? Educada no retiro nutrida de estudos serios, que desenvolveram em mim algum caracter, entregue a gostos singellos, enthusiasta da revolução, estranha aos negocios pelo meu sexo, mas entretendo-me d'isso com calor, tenho desprezado as primeiras calumnias lançadas contra mim, tenho-as julgado o tributo necessario pago á inveja por uma situação, que o vulgar tinha a imbecilidade de olhar como elevada, e á qual eu preferia o estado pacifico em que havia passado tão felizes dias,..

«Todavia acho-me preza ha cinco mezes, arrancada dos braços da minha pequena filha, que não póde descançar mais no seio, que a nutrio! Longe de tudo quanto me é charo, exposta ás invectivas de um povo illudido, ouvindo debaixo das minhas janellas as sentinellas, que me vigiam conversarem á cêrca do meu proximo supplicio, lendo as desagradaveis diatribes que vomitam contra mim escriptores, que nunca me conheceram!.. Nada hei dito, nada hei pedido, não tenho fatigado pessoa alguma com as minhas reclamações: altiva de me medir com a má fortuna, e de a calcar com os meus pés...

«Robespierre, não é para excitar em vós uma piedade acima da qual estou e que me offenderia talvez, que vos apresente este quadro bem modificado; é para vossa instrucção. A fortuna é inconstante; o favor do povo tambem o é. Vêde a sorte d'aquelles que agitaram o povo, lhe agradaram, ou o governaram desde Vitellio até Cezar, e desde Hippon, orador de Syracuza até aos nossos oradores parisienses!... Mario e Sylla proscreveram milhares de cavalleiros, grande numero de senadores, uma multidão de infelizes. Suffocaram elles a historia, que vota sua memoria á execração, e gosavam elles a felicidade? Qualquer que seja a sorte que me aguarda, eu a saberei sofrer de um modo digna de mim, ou prevenil-a se assim me convier. Depois das horas da perseguição, deverei ter as do martyrio? Fallai; é alguma cousa o saber cada um sua sorte, e com uma alma como a minha capaz se é a encarar. Se quizerdes ser justo, e se lêrdes esta carta com recolhimento, a minha carta não vos será inutil, e por consequencia o não será igualmente ao meu paiz. Em todo caso, Robespierre, eu sei, e vós não podeis deixar de o sentir, quantos me conhecem não me perseguirão sem remorsos.»

VI. — Sob o estoicismo apparente desta carta, entendia-se comtudo um surdo apello, a piedade. Era ao menos uma porta, que a senhora Roland abria á reconciliação. Uma resposta favoravel de Robespierre ihe teria imposto reconhecimento para com o homem, que perseguia e enviava á morte aquelles que ella adorava. Perder a vida lhe pareceu mais honroso e mais doce que devel-a a Robespierre. Escripta a carta, rasgou-a.

Guardou todavia os pedaços como vestigio de um pensamento de salvação pessoal, sacrificado á sua dignidade de mulher do partido, e a seus sentimentos d'esposa, e amiga. Robespierre não teve a decidir-se entre o seu remorso e a sua popularidade. A prisioneira se resignou á morte. Entreteve suas horas de descanço, como as horas de um dia acabado com a musica, conversações e leituras. Na musica bebia a melancolia; nos livros a força de sua situação. Estudava principalmente Tacito, aquelle sublime anatomico dos grandes mortos, que mostra com o dedo sobre o cadaver de tantas victimas as derradeiras pulsações da dôr e do heroismo. Repetia o supplicio com elle, a fim de o saber de cór e de o representar dignamente no instante supremo. Teve o pensamento de prevenir o golpe, e buscou o veneno. No momento de o tomar escreveu ao seu esposo, para se desculpar de morrer antes delle. «Perdoai-me homem digno do respeito do futuro, o dispôr de uma vida, que te havia consagrado! As tuas desgraças me ligariam no mundo se me fosse permittido adoçal-as. Tu não perdes mais do que um inutil objecto de inquietações dilacerantes.» Depois recordando-se de sua filha: «Perdoai-me querida creança e terna filha,» escrevia ella ainda «tu, cuja doce imagem penetra o meu coração materno, e espanta minhas resoluções! Ah! sem duvida nunca te teria roubado o teu guia, se elles t'o podessem deixar. Crueis, tem elles piedade da innocencia! Vós, meus amigos, voltai vossas vistas e cuidados sobre a minha orfã! Não vos affligiais de uma resolução, que termina minhas provas! Vós me conhecestes; não accreditareis que a fraqueza ou o terror dictem o partido que tomo. Se alguem podesse assegurar que perante o tribunal, aonde são conduzidos tantos justos, terei liberdade de apontar os tyrannos, quereria ahi comparecer agora mesmo.»

Um unico grito vago de invocação saio neste momento de sua alma, religião do ultimo suspiro, que sem saber aonde vai perder-se, busca exhalar-se mais alto e mais longe do que o nada. «Divindade, ser supremo! alma do mundo! principio de quanto sinto de bom, de grande, de immortal em mim! tu, cuja existencia eu creio, porque é mister que proceda de alguma cousa superior ao que vejo, eu vou reunir-me com a tua essencia!»

Fez o seu testamento e distribuio entre sua filha, seus criados e seus amigos, o seu piano, sua harpa, dois anneis preciosos, que lhe restavam, seus livros e alguns moveis do seu carcere, unica riqueza. Lembra-se então das suas primeiras paixões, a natureza, o campo, o céo. «Adeus,» escrevia ella, «adeus sol de minha janella, cujos brilhantes raios traziam a serenidade á minha alma, como elles a attrahiam dos céos! Adeus, campinas solitarias das margens do Saône, cujo espectaculo tantas vezes me ha commovido, e vós rusticos habitantes de Thisy, a quem enxuguei o suor, adocei a miseria, tratei nas enfermidades! Adeus gabinetes pacificos aonde nutria meu espirito com a verdade, aonde captivava minha imaginação pelo estudo, ou aprendia no silencio da meditação a dominar meus sentidos, e despresar a vaidade! Adeus, minha filha! lembra-te de tua cara mãi! Tu não estás reservada, sem duvida, a provas como as minhas! Filha adorada, que nutri com o meu leite,

e que eu quizera penetrar de todos os meus sentimentos!

Este pensamento transtornou a sua resolução, a imagem de sua filha a susteve pelo coração. Lançou para longe de si o veneno e quiz por causa d'ella, deixar algumas horas de mais á prova, e de remorso ao destino. Resolveu esperar a morte.

VII. — O supplicio dos Girondinos lançou uma mortalha sobre a vida aos olhos da senhora Roland. Vergniaud, e Brissot não existiam. Quem sabia da sorte de Auzot, de Barbaroux e de Louvet? Talvez houvessem já deixado a terra.

Transportaram-na á Conciergerie. Ahi esteve pouco tempo. Engradecia-se á proporção que a morte se aproximava. Sua alma, sua linguagem, suas mesmas feições ahi adquiriam a solemnidade dos grandes destinos. Durante os poucos dias, que alli passou, espalhou pela sua presença, por entre os numerosos presos desta casa, um enthusiasmo, e um desafio á morte, que divinisaram as almas mais abatidas. A sombra visinha do cadafalso parecia augmentar sua formosura. As longas dores do seu captiveiro, o sentimento desesperado, mas tranquillo, de sua situação, as lagrimas represadas, mas que sussurravam no fundo das palavras, davam á sua voz, um accento aonde se distinguia aquelle turbilhão de sentimentos, que sobe de um coração profundo.

Conversava na grade, com os homens principaes do seu partido, que povoavam a Conciergerie. De pé sobre um banco de pedra, que a levantava um pouco acima do solo do pateo, entrelaçando com os dedos os varões de ferro, que formavam a clara-boya entre o claustro e o pateo, tinha encontrado a sua tribuna em sua propria prisão, e um auditorio nos seus companheiros da morte. Fallava com a abundancia e explendor de Vergniaud; mas com aquelle azedume de colera e aspereza de desprezo, que a paixão d'uma mulher ajunta sempre á eloquencia do raciocinio. Sua memoria vingativa folheava na historia da antiguidade para extrahir d'ella as imagens, as annalogias e os nomes capazes de igualar os dos tyrannos do dia. Em quanto seus inimigos preparavam o auto da sua accusação, algum espaço acima de sua cabeça, sua voz, como a da posteridade, trovejava nestes subterraneos da Conciergerie. Vingava-se antes da sua morte e legava o seu odio. Não eram lagrimas que excitava; nem mesmo as queria para si, mas sómente gritos de admiração nos prisioneiros. Escutavam-a horas inteiras. Separavam-se d'ella dando vivas á republica! Não calumniavam a liberdade, adoravam-na até nos carceres abertos em seu nome.

Mas esta mulher tão magnanima e tão superior á sua sorte em publico, succumbia como toda a natureza humana, na solidão e no silencio da clausura. Sua alma heroica parecia calar-se então, e deixar o seu coração de mulher abate.-se e quebrar-se caindo do enthusiasmo na realidade. Quanto mais alto se tinha elevado, tanto mais cruel era a queda. Passava algumas vezes longas manhãs encostada á janella, com o rosto apoiado contra as grades de ferro, a olhar para um ponto do céo livre, e a chorar copiosamente sobre os vasos de flores com que o carcereiro tinha guarnecido a cimalha. Em que pensava ella? Algumas palavras intercortadas de suas derradeiras paginas o revelam em sua filha, em seu marido, velho acostumado a este apoio, e incapaz de dar mais um passo na vida sem ella; em sua mocidade em vão sedenta de amor e consumida no fogo das ambições politicas; em seus amigos, cuja imagem a perseguia, e lhe faz a sómente ter saudades da vida, se vivessem ainda, e aspirar á morte se a tinham precedido na eternidade. Ella o ignorava. Eis o seu supplicio.

Não sentia as outras miserias do seu captiveiro. Seu carcere humido, infecto, tenebroso, era visinho do que a rainha havia occupado; aproximação assaz similhante a um remorso. Ambas tinham chegado durante alguns mezes por caminhos differentes ao mesmo subterraneo, para d'ahi marchar ao cadafalso: uma abatida do throno pelos esforços da outra; a outra elevada ás primeiras honras da republica, e precipitada a seu turno, ao lado da sua propria victima. Estas vinganças da sorte, assemelham-se a acasos. São muitas vezes justiças.

VIII. — O interrogatorio e o processo da senhora Roland, não foram mais do que repetição das accusações que já vimos nos discursos dos jacobinos, e no processo dos seus amigos, contra a Gironda. Exprobava-se-lhe o ser a esposa de Roland, e amiga dos seus cumplices. Confessou esses crimes como uma gloria. Fallou com ternura de seu marido, com respeito dos seus amigos, e com altiva modestia de si mesma. Interrompida pelos clamores da colera todas as vezes que ella pretendeu dar largas á sua indignação, recorria ao silencio sob as invectivas do auditorio. O povo tomava então uma parte terrivel e dominante no dialogo entre os juizes e os accusados. Concedia ou negava a palavra. Ordenava o julgamento.

Ouviu a sua condemnação como mulher, que recebe em sua sentença de morte o seu titulo á immortalidade. Levantou-se fez uma leve inclinação e com expressão de ironia nos labios: « Agradeço-vos, » disse aos juizes « haverdes-me julgado digna de partilhar a sorte dos grandes homens, que tendes assassinado. » Desceu os degraos da cadêa publica, com precipitação e andar tão ligeiro, que se parecia ao impeto de uma criança correndo para um alvo ao qual vae em fim chegar. Este alvo era a morte. Atravessando o corredor, por diante dos presos agrupados para a verem, encarou-os surrindo-se, e passando a mão direita transversalmente em volta do pescoço, fez o signal do cutello, que corta uma cabeça. Foi este o seu ultimo adeus, tragico como o seu destino, alegre como o seu livramento. Foi comprehendida. Estes homens que não choravam por si, chorovam por ella.

Muitas carroças cheias de victimas, transportavam neste dia a sua carga de sentenciados ao cadafalso. Fizeram-na subir ao lado de um velho enfermo, e fraco, chamado Lamarche, antigo director da fabricação dos assignados. Ia vestida de branco, protesto de innocencia, com que ella pertendia dar nos olhos ao povo. Seus bellos cabellos negros lhe caíam em madeixas até aos joelhos. Sua tez poupada por um longo captiveiro, e animada pelo ar aspero e glacial do mez de novembro, tinha a frescura dos seus annos da infancia. Seus olhos fallavam: brilhava de gloria sua physionomia. Hesitavam seus labios entre a piedade e o desdem. A multidão a insultava com termos grosseiros. « A' guilhotina, á guilhotina! » lhe gritavam as mulheres « — Para lá vou, » respondia ella, « dentro em um momento lá chegarei; mas aquelles, que me enviam não tardarão a seguir-me. Vou innocente, elles irão manchados de sangue, e vós, que hoje applaudis, applaudireis então! » Algumas vezes affastava os olhos destes insultos, e se inclinava com uma ternura de filha para o seu companheiro de supplicio. O velho chorava, ella fallava-lhe, e o animava á firmeza. Tentou mesmo dulcificar-lhe esta funebre viagem, e conseguio fazel-o rir.

Uma estatua collossal da liberdade se levantava então no meio da praça, aonde hoje se vê o obelisco, feita de argila, como a liberdade do tempo. O cadafalso se erigio ao lado desta estatua. Ahi chegada, a sr.ª Roland desceu. No momento em que o executor lhe pegava pelos braços para a fazer subir em primeiro logar á guilhotina, sentio ella um desses affectos, que só um coração de mulher póde conter e revelar em similhante hora. « Peço-vos uma só graça, e não é para mim, » disse ella resistindo um pouco ao braço do algoz, « concedei-m'a! » Voltando-se depois para o velho. « subi primeiro, » disse para Lamarche, o meu sangue derramado perante vossos olhos, voz faria sentir duas vezes a morte, não é preciso tenhaes a dôr de ver cair minha cabeça. » O algoz consentiu. Delicadeza de uma tocante sensibilidade, que se olvida, e se immola para poupar um minuto de agonia a um velho desconhecido, e que attesta o sangue frio do coração no heroismo da morte! Quanto de arrebatamento da opinião um tal minuto deve resgatar ante a posteridade, e perante Deus!

Feita a execução de Lamarche, que ella vio sem empalidecer, subio apressadamente os degráos do cadafalso,

e inclinando-se para o lado da estatua da liberdade, como para a confessar ainda, morrendo por ella. «O liberdade!» exclamou, «ó liberdade! quantos crimes se commettem em teu nome!» Entregou-se ao executor, e sua cabeça caio no cesto.

IX. — Assim desappareceu esta mulher, que sonhára a republica em sua imaginação de quinze annos, que soprára no espirito de um velho o seu odio ao throno; que animára com sua alma um partido de homens moços, enthusiastas, eloquentes, amantes das theorias antigas, e ebrios de um ideal, de que seus labios e suas vistas, eram uma inexgotavel fonte para elles. O amor casto e involuntario, que sua formosura e seu genio lhes inspirava, era o circulo magico, que retinha em torno de si, tantos homens superiores separados muitas vezes por differenças de opinião. Estavam encadeados ao seu explendor. Partido de imaginação, tinham o seu oraculo na imaginação de uma mulher. Ella os arrastou uns após outros á morte. Seguio-os tambem. A alma da gironda evaporou com o seu ultimo suspiro. A sr.ª Roland, assimilhava-se neste instante, e assimilhar-se-ha para sempre na posteridade, á republica prematura e ideal, que ella havia concebido; bella, eloquente, mas com os pés no sangue dos seus amigos, e a cabeça troncada pela sua propria espada, no meio de um povo, que a não reconhece!

O seu corpo, idolo de tantos corações, foi lançado nos fossos de Clamart.

X. — Roland, ao saber do supplicio de sua mulher, quiz morrer. Viver depois della, era viver de sua morte. Roland saío, sem dizer cousa alguma, da casa, aonde por seis mezes havia recebido a hospitalidade. Andou parte da noite, sem outro designio mais do que affastar-se do logar aonde tinha recebido asylo, a fim de apagar seus vestigios, e não perder aquelles, que o tinham salvado. Ao amanhecer, o céo e a terra lhe fizeram horror. Desembainhou o estoque de dentro de sua bengala, e encostando o punho de encontro ao tronco de uma maceira, á beira da estrada real, se atravessou o coração. Pela manhã os pastores encontraram o seu corpo inanimado estendido ao lado do fosso. Um bilhete preso ao seu vestido, com um alfinete, continha estas palavras. «Quem quer que tu sejas respeita estes restos. São os de um homem virtuoso. Sabendo da morte de minha mulher, não quiz demorar-me um só dia mais sobre uma terra manchada de crimes.» Assim a consciencia do seu republicanismo, o amor e a virtude se confundiam até no epitaphio, que Roland escrevia para si proprio. Elevado muito alto pelo movimento de uma tempestade civica, sustentado acima do seu nivel natural pelo genio emprestado de uma mulher, ebrio do seu papel, tomou a probidade por virtude; não sendo esta mais do que a base. Todavia disputou com uma coragem antiga a republica á anarchia, e as victimas aos cadafalsos. Em recompensa teve uma morte que parece uma pagina arrancada aos grandes suicidios da antiguidade. Morreu como Catão, e como Séneca ao mesmo tempo; como Catão pela liberdade de sua patria; como Séneca pelo amor de uma mulher. Verte-se uma lagrima do coração, sobre o punhal republicano com que se atravessou. Este amor unido a este patriotismo, dá simultaneamente ao suicidio de Roland alguma cousa de romantico e de pathetico. Se a morte é o maior acto da vida, este homem, ordinario no principio, se tornou heroico no fim; Roland não viveu em vão para a liberdade, e para a gloria, pois que devia chegar a uma morte digna da antiguidade.

LIVRO LII.

I — Mas no entanto que Roland e sua mulher assim morriam, que é que faziam os seus mais charos amigos Buzot, Barbaroux, Péthion, Louvet, Valady, Guadet, Salles, que deixámos desembarcando como fugitivos na Gironda?

Os commissarios da Montanha, Ysabeau e Tallien, os tinham percedido em Bordeaux. Estes representantes, manejando com energia o jacobinismo e desenvolvendo o terror, haviam soffocado em poucos dias o federalismo, sublevando os arrebaldes de Bordeaux contra a cidade, encarcerado os negociantes, dado poder ao povo inaugurado a guilhotina, recrutado os clubs e voltado contra os girondinos a suab propria patria. A submissão de Lyon, o exterminio de Toulon, o supplicio de Vergniaud e dos seus amigos tinham consternado e apparentemente convertido a gironda á unidade da republica. Em parte alguma se affectava um patriotismo mais desconfiado. Em parte alguma se temia mais uma desconfiança de cumplicidade com os representantes proscriptos; porque em nenhum outro sitio se temia mais o perigo de ser suspeito. O terror era mais vigilante em Bordeaux do que em outra parte. Cada povoação da Gironda tinha o seu tribunal de salvação publica, seu exercito revolucionario, seus delatores e seus carrascos.

II — Guadet chegado a Bec-d'Ambés, deixa seus collegas occultos em caza de seu sogro. Este asylo era percario. Guadet fora preparar-lhes outro mais seguro na pequena cidade de Saint Emilion, seu paiz natal. Porem mesmo em Saint-Emilion não tinha encontrado retiro seguro senão para dois. Elles eram sete. O mensageiro, que lhes trouxe esta triste noticia a Becd'Ambés, achou os fugitivos já cercados pelos batalhões enviados de Bordeaux, intrincheirados na sua habitação, e armados com alguns pares de pistolas e um arcabuz, armas sufficientes sómente para se vingarem, não para se defenderem. A noite protegeu a sua evasão. Marcharam para Saint-Emilion, não como para logar de salvação, porém como para uma outra perda. Os satellites de Tallien, que forçaram sua caza em Bec-d'Ambés, alguns momentos depois da sua saida, escreveram para a Convenção que tinham achado suas camas ainda quentes.

O pai de Guadete, velho de setenta e dois annos, lhe abrio generosamente sua caza. Os amigos de seu filho lhe pareciam outros filhos, pelos quaes se envergonharia poupar os poucos dias, que lhe restavam de vida. Apenas se achavam abrigados havia algumas horas n'esta havitação suspeita, que se annunciou a chegada de cincoenta cavalleiros, que tinham seguido seus passos atravez as campinas. O mesmo Tallien alli correra com os sabujos mas exercitados da policia de Bordeaux. Os deputados girondinos apenas tiveram tempo de se despersarem. Tallien poz o pai de Guadet sob a vigilancia de pois homens armados, encarregados de espiar seus passos, palavras e vistas. Confiscou os bens do filho. Organisou um club de terroristas, na mesma cidade em que os girondinos se haviam abrigado contra o terror.

Uma unica mulher se dedicou a salval-os. Era uma cunhada de Guadet, a Snr.ª Bouquey.

Informada do perigo de seu cunhado e seus amigos, tinha corrido de Pariz, aonde vivia sem inquietações, para recolher homens pela maior parte desconhecidos, alguns bem charos. A piedade, essa fraqueza da mulher, torna-se em força nas grandes circunstancias, e consola as revoluções pelo heroismo da dedicação. Guadet, Barbaroux, Buzot, Péthion, Valady, Louvet, e Salles, entraram secretamente de noite, no estreito subterraneo, que a Snr.ª Bouquey havia preparado para elles. O seio da terra sómente era assás profundo e bastante mudo para sepultar vivos os girondinos. Este refugio era uma catacumba. Abria d'um lado este reducto sobre um poço de trinta pés de profundidade, e d'outro sobre uma adega da caza. Nenhuma pesquiza domiciliaria podia descobrir a entrada. Um unico temor preocupava a generosa hospeda dos girondinos: era o de ser ella mesma presa. Que seria então feito dos seus protegidos sepultados n'este sepulchro, cuja pedra só ella levantava? Temia tambem trail-os comprando os alimentos necessarios para tantas boccas. A escacez estreitava então os mercados. Não se distribuia pão senão em proporção do numero dos habitantes de uma caza e por ordem da municipalidade. A Snr.ª Bouquey não tinha direito mais do que a uma libra de pão por dia. Ella se privava d'elle para repartir estas migalhas entre os oito proscriptos. Legumes e fructas secas, alguma caça comprada furtivamente com-

punham o sustento d'estes homens, que dissimulavam a sua fome. A alegria comtudo, este sal amargo do infortunio, reinava n'estes banquetes de Spartanos.

Quando as buscas se moderavam a Snr.ª Bouquey tirava os seus protegidos do subterraneo. Fazia-os sentar á sua meza, respirar o ar livre, e vêr de noite o céo. Tinha-lhes procurado papel e livros. Barbaroux escrevia suas memorias, Buzot sua defeza. Louvet notava seus discursos com a leviana pena com que escreveu os seus romances, sendo elle mesmo o heroe de sua propria aventura. Pethion tambem escrevia, mas com mão mais sevéra. Os mysterios da sua popularidade, tão indignamente conquistada e tão corajosamente abdicada, se revelavam sob a sua penna. Estas confidencias teriam sem duvida explicado este homem, pequeno no poder e grande na adversidade.

A 12 de novembro, dia em que a Snr.ª Roland era suppliciada em Pariz, se espalhou em Saint-Emilion um surdo rumor da estada dos girondinos em casa da Snr.ª Bouquey. Foi preciso dispersal-os em grupos, para outros asylos. Esta separação pareceu-se com um adeus supremo. Ninguem sabia para onde devia ir. Valady tomou sosinho o caminho dos Pyrenéos. A morte o esperava ahi. Marchava como um cégo ao encontro de sua sorte. Barbaroux, Pethion e Buzot, ligando sua vida ou sua morte n'uma indissoluvel amisade, se dirigiram através os campos, para o lado das charnecas de Bordeaux, esperando que n'estes desertos se apagassem os vestigios de seus passos. Guadet, Salles e Louvet, passáram este primeiro dia de jornada n'uma pedreira. Um amigo de Guadet devia vir encontral-os á boca da noite, para os condusir a seis legoas d'ali, a casa de uma mulher rica, a quem Guadet servira de advogado n'uma causa em que pouco tempo havia salvara sua fortuna. O amigo não teve animo e não veio. Guadet e seus amigos partiram sós e ao acaso. O frio, a neve, a chuva gelavam seus membros mal cobertos. Chegados finalmente ás quatro horas da manhã á porta da sua cliente, Guadet bate, nomeia-se, e é repellido. Volta desesperado para os seus amigos

Encontra Louvet desmaiado pela fome e frio ao pé de uma arvore. Guadet torna á dita casa e implora em vão, ao principio uma cama, depois lume, e finalmente um copo de vinho para um amigo agonisante. A ingratidão deixa gemer e morrer sem resposta. Guadet volta de novo. Seus cuidados e os de Salles, dão alento a Louvet. Este toma uma resolução desesperada que o salva.

Perseguido pela imagem da pessoa que amava, e deixára em Pariz, decide-se a tornar a vel-a ou a morrer. Abraça Salles e Guadet, reparte com elles alguns assignados, que lhe restam, e arrasta-se sosinho pela estrada de Pariz.

III. — Guadet, Salles, Pethion, Barbaroux, e Buzot tornam a encontrar-se na seguinte noite em Saint-Emilion, reunidos de novo, pelos esforços de uma bemfeitora, na caza de um pobre e honesto artista. Foi ahi que souberam do tragico fim de Vergniaud e dos seus amigos. Computaram estoicamente quantos golpes ainda restava á guilhotina para que todos os girondinos tenham cessado de viver. Sua alma elevava-se á altura do cadafalso. Quando se lhes annunciou, passados alguns dias, o supplicio da Snr.ª Roland, suas almas se enterneceram e choraram. Buzot puxou do punhal para se assassinar. Apoderou-se d'elle um longo accesso de delirio, durante o qual deixou escapar gritos que revelavam uma explosão e dilaceramento do coração. Seus amigos arrancaram-lhe das mãos a arma, accalmaram-lhe a febre e lhe fizeram jurar de supportar a vida por aquella, que tão dignamente havia soffrido a morte. Buzot caio desde este dia n'uma melancolia e n'um silencio, que sómente era interrompido por suspiros e invocações inarticuladas. O contragolpe do ferro, que tinha cortado a cabeça da Snr.ª Roland, não ferio tanto alma alguma como a de Buzot. A morte não rompeu inteiramente, mas levantou algum tanto o sello do seu coração.

Os cinco proscriptos respiráram ainda algumas semanas n'este novo asylo. As oscillações da commissão de salvação publica faziam inclinar a Convenção, ora para indulgencia, ora para o terror. Em Bordeaux immolava-se sempre. Grangeneuve, Biroteau acabavam de succumbir ; mas procuravam-se menos as victimas. O fiel Troquart, o hospede dos refugiados em Saint-Emilion, os lisongeava de alguma modificação. Este socego foi de pouca duração. Commissarios mais implacaveis, enviados de Pariz, reanimáram a sede de vingança, que ia diminuindo na Gironda. A maior parte destes commissarios eram moços cordeliers (franciscanos) e moços jacobinos de Pariz, ainda imberbes, que o partido d'Herbet lançava em Nantes, em Troyes e em Bordeaux, para os custumar ao sangue Sua mocidade fez perdoar a seus nomes.

Elles avivavam os supplicios, enviavam á Convenção os boletins da guilhotina, comparados aos boletins de Collot-d'Herbois em Lyon, de Fouché em Toulon, de Maignet em Marseille. A chegada d'estes proconsules comprimio a indulgencia nas almas e arrebatou todo o asylo aos proscriptos. Enviaram de Bordeaux e Saint-Emilion destacamentos do exercito revolucionario, dirigidos por um sabujo chamado Marcou, que tinha exercitado cães a descubrir federalistas. A republica imitava assim aquellas caçadas de homens, que os hespanhoes haviam praticado nas florestas d'America. Marcou suppunha os girondinos escondidos nas pedreiras de Saint-Emilion. Aproximou-se á noite, sem ser esperado, com a sua tropa. Cercou em silencio a casa do pai, dos amigos, e parentes de Guadet; lançou os seus cães pelas cavernas, como á pista dos animaes damninhos. Explorou a entrada de algumas grutas. Os cães voltáram sem presa. Todavia um outro sabujo de Tallien, chamado Favereau, penetrou com seus satellitas na morada do pai de Guadet. Estes homens tinham percorrido em vão a casa, e já desciam com as cadeias vasias, quando um dos soldados, que ficára á rectaguarda, notou que o sotão no interior era muito menos largo que as paredes exteriores da casa. Chamou os seus companheiros. Sondáram o muro a pancadas de coronha. Applicaram o ouvido á parede. Distinguiram o pequeno ruido de uma pistola, que se engatilha. Era Guadet, que, julgando-se descoberto, engatilhava a sua pistola para se matar ou para vingar-se. A este motim, os soldados intimavam os proscriptos a renderem-se. Abate-se o muro. Guadet e Salles saem de rastros. Arrastam-nos para fóra, lançam-lhe cadêas, e conduzem-nos em triumpho a Bordeaux. Ambos estavam fóra da lei. Um processo era superfluo. O seu nome era todo o seu crime e sua sentença. Salles condemnado a morrer n'esse mesmo dia, pedio a faculdade de escrever a sua mulher e a seus filhos. Sua alma se expendeu em despedidas tão tocante que a historia as recolheu.

«Quando receberes esta carta,» escreveu Salles a sua mulher, «eu já não viverei senão na memoria dos homens, que me estimam. Que encargos te deixo! tres filhos e nada para os educar! consola te todavia, não morrerei sem te haver lastimado, sem ter confiado no teu valor, e é uma de minhas consolações o pensar que tu farás por conservar a vida, por causa da tua innocente familia. Minha amiga, conheço a tua sensibilidade, consolo-me em crer que tu tributarás amargo pranto á memoria do homem, que desejava tornar-te feliz, que fazia consistir o seu principal prazer na educação de seus dois filhos e de sua chara filha. Mas poderias tu esquecer-te de que o teu segundo pensamento lhes pertence? Ficam privados de um pai, e podem ao menos e m suas innocentes caricias, substituir as que eu não poderei jámais fazer-te, Carlota! fiz quanto pude por conservar-me. Eu cria dever fazel-o por ti, e sobre tudo pelo meu paiz, parecia-me que o povo tinha os olhos fascinados sobre os sentimentos do teu esposo ; que um dia os abriria, e que viria tempo em que comprehendesse quanto seus interesses me eram charos. Julgava tambem dever viver para recolher da historia dos meus amigos, todos os monumentos, que me parecessem uteis á sua memoria. Em fim que devia viver para ti, para a minha familia, para meus filhos. O céo dispõe de outra forma. morro tranquillo. Eu tinha promettido em minha decla-

ração, quando se passaram os aconteci'mentos de 31 de maio, que saberia morrer ao pé do cadafalso: creio poder affirmar que sustentarei a minha promessa. Minha querida, não me lastimes. A morte segundo creio não terá para mim dolorosas angustias. Tenho feito o ensaio. Durante um anno inteiro hei soffrido trabalhos de toda a especie sem murmurar, no momento de ser preso duas vezes appliquei a boca de uma pistola sobre a testa, mas falhou. Não queria entregar-me vivo. Todavia tenho a vantagem, de haver bebido antecipadamente tudo que o calix tem de amargo, e parece-me que este momento não é tão penoso. Carlota, comprime tua magoa e não inspires a nossos filhos senão virtudes modestas. E' tão dificil fazer bem ao seu paiz! Bruto apunhalando um tyrano, Catão ferindo-se no peito para lhe escapar, não impediram que Roma fosse opprimida. Creio haver-me dedicado pelo povo. Se em recompensa recebo a morte, tenho a confiança de minhas boas intenções. E doce o pensar que levo ao tumulo minha propria estima, e que talvez um dia a estima publica me seja restituida. Querida minha! deixo-te na miseria! que dor para mim! E ainda mesmo que podesse deixar-te quanto possuia, tu nem mesmo terias pão! pois que muito bem sabes, não obstante o que podem dizer, que eu nada tinha. Que esta consideração, todavia te não lance em desesperação. Trabalha minha amiga! tu o podes. Ensina a teu filhos a trabalhar logo que tenham idade. Oh! minha chara! Se por esta fórma podesses evitar o recorrer a estranhos! Sede, se for possivel, tão altiva como eu. Espera ainda, espera naquelle, que tudo póde; e que neste momento é a minha derradeira consolação. O genero humano, tem desde longos tempos reconhecido sua existencia, e careço mesmo pensar que é indispensavel que a ordem exista em alguma parte, para eu não descrer na immortalidade da minha alma. Elle é grande justo e bom o Deus a cujo tribunal vou ser chamado. Levo-lhe um coração, se não isempto de fraquezas, ao menos isempto de crimes e puro de intenções; e como disse tão excellentemente Rossean: Quem se deixa dormir no seio de um pai, não tem cuidados pelo acordar.

«Beija os nossos filhos, ama-os, educa-os, consola-te, consola minha mãi e minha familia! Adeos, adeos para sempre! Teu amigo, *Salles*.»

IV. — E tu quem és?» perguntaram a Guadet. «Eu sou Guadet. Algoz,» respondeu l'Eschine de la Gironde, faze o teu officio. — Ide com a minha cabeça na mão, pedir o vosso salario aos tyrannos da minha patria. Não a viram elles nunca sem empallidecer: ao vêl-a, ainda mudarão de côr!» Caminhando á morte, Guadet disse ao povo; «Encarai-me bem, eis-aqui o ultimo dos vossos representantes.» Sobre o cadafalso Guadet quiz fallar, os tambores suffocaram sua voz. «Povo!» exclamou indignado, eis-ahi a eloquencia dos tyrannos, abafam os accentos do homem livre, para o silencio cobrir seus crimes!»

Barbaroux, Péthion e Buzot souberam em Saint-Emilion, a prisão e a morte de seus collegas. O solo minado por toda a parte em torno delles, não podia tardar em tragal-os. Sairam durante a noite de seu refugio, não levando por toda provisão, mais do que um pão, dentro do qual, a previdencia do seu hospede encerrara um pedaço de carne fria; podiam juntar a isto alguns punhados de ervilhas verdes, que levavam nas algibeiras. Andaram ao acaso uma parte da noite. A longa immobilidade de seus membros, nos esconderijos em que jaziam havia dezoito mezes, havia-lhes quebrado as forças, principalmente a Barbaroux. A massa de sua estatura e uma obesidade prematura, o tornava inhabil para marchar.

Ao romper do dia os tres amigos se acharam não longe de Castillon, aldêa, cujo nome e sitio ignoravam. Era no dia da festa do logar. O pif no e tambor percorriam os caminhos, e convidavam antes da aurora os habitantes aos banquetes e ás danças. Voluntarios com as armas aos hombros passavam cantando pela estrada. Os fugitivos com o espirito preoccupado pela sua pessima situação, perturbados pela insomnia e pela febre, julgaram que se tocava a rebate e que se espalhavam pelos campos para os surprehender. Fizeram alto agruparam-se ao abrigo da um vallado, e pareciam deliberar um instante. Os pastores, que os observavam de longe, viram arder uma escorva e ouviram a detonação. Um dos tres homens suspeitos, caio com o rosto contra a terra, os dois restantes deitaram a correr quanto podiam e desappareceram pela orla de um bosque. Os voluntarios acudiram ao ruido. Acharam um mancebo de estatura alta, aspecto nobre, com a vista não extincta de todo, jazendo no sangue. Tinha despedaçado o queixo com uma balla de pistola. A lingua não lhe permittia outra lingoagem afora a dos signaes. Transportaram-no a Castillon. A sua roupa estava marcada com um R e um B. Perguntaram-lhe se era Buzot, meneou a cabeça negativamente; se era Barbaroux, abaixou a cabeça em signal de affirmação, conduzido a Bordeaux, sobre um carro e regando as calçadas com sangue, foi reconhecido pela formosura de suas formas, e o ferro da guilhotina acabou de separar-lhe a cabeça do corpo.

V. — Ninguem sabe o que as florestas e as trevas occultaram, durante muitos dias e muitas noites, da sorte de Péthion e Buzot O suicidio do seu moço companheiro seria a seus olhos uma fraqueza ou um exemplo? Dispararam elles cada um sobre si as suas pistolas, á aproximação de algum animal feroz, que tomariam pelo ruido de passos de homens, que os perseguiam? Rasgariam elles as veias ao pé de alguma arvore? Morreram de frio, de fome e de cançaço! Sobreveviria um ao outro, e qual d'elles expiraria em ultimo logar sobre o cadaver do seu companheiro. Finalmente acabariam elles n'algum nocturno e lugubro combate contra os animaes carnivoros, que os seguiam como a prezas proximas? O mysterio, o mais terrivel de todas as narrações, encobre os ultimos instantes de Buzot e Pethion. Sómente se sabe, que alguns trabalhadores do campo acharam dias depois da morte de Barbaroux, espalhados pelas terras de trigo, proximas de um bosque, chapéos espedaçados, sapatos e fragmentos de vestidos, que cubriam dois montões de ossos humanos dilacerados pelos lob s. Estes vestidos, estes sapatos e ossadas eram o que restava de Pethion, e Buzot.

A terra da republica não tinha até mesmo sepultura para os homens, que a fundaram. Toda a Gironda havia desapparecido com estes ultimos tribunos. Deixavam a advinhar o enigma da popularidade. Um a quem haviam denominado o rei Pethion, e o outro a quem ainda em irrisão chamavam o rei Buzot, tinham vindo procurar de Pariz e de Caen seu destino n'um sulco dos campos da Gironda. A terra do federalismo devorava por si mesma estes homens, estes réos de um sonho contra a unidade da patria! Ha por ventura precisão d'algum outro julgamento? Processam-se acaso ossos descarnados e dilacerados pelas féras sobre um campo de morte? Não; lastimam-se, sepultam-se e passa-se ávante.

VI. — A revolução nestes ultimos mezes de 1793 e nos primeiros de 1794, parecia retroceder sobre seus passos como um vencedor depois da victoria, para ferir um a um os homens, que haviam tentado moderal a ou reprimil-a, principiando por aquelles que mais proximos estavam della, e acabando nos que se achavam mais affastados: os girondinos primeiro e os seus partidarios, os constitucionaes depois, os realistas puros em ultimo logar. Os primeiros odios dos partidos triumphantes cevam-se naquelles que tem estado mais proximos das suas doutrinas e paixões. Assim em revolução como na guerra, detestam se mais aquelles que se separam do nosso campo do que os que nos combatem. Os supplicios tinham começado pelos moderados. A republica não pensou em seus inimigos senão depois de haver immolado os seus fundadores.

Os grandes nomes da Assembléa constituinte, pareciam ser vivas protestações, contra as theorias da republica. A realeza constitucional que os realistas tinham defendido, accusava a tyrannia da commissão de salvação publica. A liberdade legal, que elles haviam mostrado em perespectiva, contrastava com a dictadura da Montanha. Não era possivel deixar estas testimunhas e estes accusadores, ainda mesmo mudos. Mirabeau já não existia. O Panthéon o tinha roubado ao cadafalso. La Fayette expiava nos subterraneos d'Olmutz, o crime da

sua moderação. Clermont-Tonnerre estava morto, degolado a 2 de septembro. Calazés, Maury estavam no exilio. Os Lameths vagavam pelo estrangeiro. Sieyes calava-se, ou fingia dormir ao abrigo da Montanha. O lado direito, gemia nas prisões. Barnave, Duport, Bailly, os constitucionaes viviam ainda. Lembraram-se delles. Uma lembrança dos jacobinos, era a morte. Desgraçado do nome que se pronunciava muito alto! O de Barnave echoava ainda na memoria dos reformadores da monarchia.

VII. — Desde o dia 10 d'agosto Barnave, inutil d'alli em diante aos conselhos secretos da rainha se retirara a Grenoble, sua cidade natal. Ahi foi recebido como homem que havia illustrado sua patria pelo explendor do talento e pela probidade da vida. Pouco se lhe lançava em rosto ter-se retirado de um movimento republicano, que avançava ás suas opiniões. Consideraram no como um daquelles instrumentos que os povos põe de parte, quando teem findado sua obra, mas que não quebram. Barnave, sem applaudir a republica, mas sem protestar contra ella, se limitou a desempenhar os seus deveres de cidadão. Recusou-se á emigração cujo caminho estava aberto a alguns passos de distancia da casa paterna. Continuou a gosar desta popularidade de estima, que sobrevive algum tempo ás situações perdidas. Fora implicado em Pariz, nas suspeitas, que se faziam vogar em 1791 sobre uma pertendida commissão austriaca. Fauchet assim o tinha feito comprehender. bem como Lameth, Duport e Montmorin, n'um acto de accusação, que remetia estes conselheiros secretos de Luiz XVI ante o supremo tribunal nacional d'Orleans.

Barnave soube do seu crime, pelo seu acto de accusação. Foi preso durante a noute, na sua casa de campo de Saint-Robert nos suburbios de Grenoble. Conduzido á prisão desta cidade, sua mãi conseguio poder vel-o, disfarçada em serva. Do fundo da sua prisão, Barnave seguio com a vista as phases da revolução, os infortunios do rei. Não lastimava da sua liberdade mais do que a sua voz para defender na Convenção a cabeça deste principe.

A republica não parava para escutar estes arrependimentos. Barnave penou dez mezes no forte de Barreaux, n'um sitio alpestre e gelado das montanhas, que limitam a França e a Saboia. A fronteira estava alli aos seus olhos. Suas janellas não tinham grades. As sentinellas dormiam. Podia fugir: não quiz. «Obscuro, buscaria abrigo,» dizia elle, «celebre e responsavel nos grandes actos da revolução, devo ficar para responder de minhas opiniões pela cabeça, e de minha honra pelo meu sangue»

VIII. — Empregou estas longas incertezas do seu destino em dar extensão ás suas idéas e em completar seus estudos politicos. Aprofundava o espirito das revoluções humanas, ao ruido das revoluções do seu paiz. Escrevia meditações sociaes e historicas, que sobreviveram. Nellas se encontra maior sabedoria do que genio. Barnave parece ahi o representante exacto deste bom senso geral de uma nação, que assignala bem os abysmos, que porém não avança ninguem e não esclarece caminho algum novo ao espirito humano. Até mesmo o talento é frio e esteril, como a expressão das verdades um pouco banaes. A inspiração não faz ahi palpitar nenhuma fibra. Admira-se a honradez do espirito, não se sente a sua grandeza. E' de admirar que uma tal voz podesse balancear uma hora a voz viril de Mirabeau. Não se explica esta pretendida rivalidade entre estes dois oradores, senão por aquelle erro d'optica de todos os tempos e de todos os povos, que nivella aos olhos do momento, homens sem nivel possivel aos olhos do futuro.

Barnave não merecia nem a gloria, nem o ultrage desta comparação. Intelligencia limitada palavra facil, era desses homens do foro para quem a eloquencia é uma arte do espirito, e não uma explosão da alma. A sua verdadeira honra foi ter sido digno de ser esmagado por Mirabeau. O desejo de exceder em popularidade aquelle, que estava tão longe de igualar em genio, lhe arrancou durante alguns mezes, condescendentes palavras fataes á monarchia e á sua propria gloria. Homem honesto, resgatou pela pureza da sua vida publica e por um generoso regresso ao seu desgraçado rei, os applausos mal conquistados da multidão. Abdicou a sua popularidade, desde que lha poseram por preço do crime.

IX. — Barnave, chegado a Pariz serviu de embaraço á commissão de salvação publica. Danton, de volta de Arcis-sur-Aube, procurou salval-o. Assim o promettera á mãi de Barnave, e irmã que tinham seguido seu filho e irmão, como dous supplicantes presos ás rodas da carruagem, que o conduzia a Pariz. Danton não se atreveu a sustentar o que havia promettido. A unica graça, que obteve Barnave, foi abraçar sua mãi e sua irmã pela derradeira vez. Defendeu-se com grande presença de idéas e uma eloquencia de discussão notavel, perante o tribunal. Mas ahi aonde a voz de Vergniaud seccára, que podia a fria argumentação de Barnave? Tornou para o carcere, sentenciado. O corajoso Baillot, seu collega na assembléa constituinte, lá o foi consolar nas suas ultimas horas. Barnave, a quem encontrou abatido, se queixou a Baillot de estar privado do sustento, por calculo de seus algozes. Queriam, dizia elle, deshonrar sua morte attribuindo á sua alma as fraquezas do corpo, enfraquecido pela fome. Este calculo não era verdadeiro. Pouco importava ao povo o modo como as victimas morriam.

Duport-Dutertre, antigo ministro da justiça, foi associado a Barnave no julgamento e supplicio. Depois da sentença, Duport se contentou em dizer com desdem aos seus juizes: «Em revolução, o povo assassina os homens, a posteridade os julga.» Duport mostrou na carroça mais firmeza do que o seu companheiro. Viram-no muitas vezes inclinar-se para elle, e avigorar-lhe o animo. A attitude de Barnave revelava um corpo enfermo, uma alma mais predisposta para a tribuna, que para o cadafalso. O seu grande nome, correndo de boca em boca, fazia calar a multidão. O povo parecia reflectir per si mesmo nestes vaivens monstruosos de popularidade. Não insultou o orador. Deixou-o morrer.

X. — Restava Bailly. Parece que o povo quiz vingar-se por seus ultrajes, da estima com que outr'ora cercava este *maire* de Pariz. Os povos tem destas vinganças. E' quasi tão perigoso agradar-lhe como o offendel-os. Punem os seus idolos do crime de os haver seduzido.

Bailly, homem de bem, philosopho, sabio, astronomo illustre, apaixonado pela liberdade porque a liberdade era uma verdade de mais, conquistada para a terra, nutria em sua alma a religião do genero humano. Seu culto, esclarecido per uma razão madura, elevava-se até á fé, porém não até ao fanatismo. Queria que as revoluções marchassem como os astros no espaço, com poder, magestade e regularidade de um plano divino. Cria que os povos deviam ser conduzidos, em ordem, para o seu progresso racional, pela mão dos seus melhores cidadãos, e não pelas convulsivas sedições da multidão. Repellia a monarchia absolutamente como uma mentira social, porém queria enfraquecel-a sem a quebrar, e desenvolver lentamente a nação de suas cadêas, com medo que o povo mal preparado não se sepultasse sob o throno e não voltasse pela anarchia á antiga escravidão.

Presidente da assembléa nacional, tendo sido o primeiro a prestar o juramento do Jogo da Pella, toda sua conducta posterior havia sido conforme a estes dous pensamentos: arrebatar o poder despotico á corte, e restituir uma parte do poder ao rei, para conservar a gradação na conquista e ordem do movimento. Era um La-Fayette civil; um daquelles homens cujas idéas novas, tendem para o progresso e coroam com a estima e honra o credito do seu nome. O nome de Bailly era uma inscripção no frontispicio da revolução. Se Bailly não estava ao nivel desde destino pelo seu genio, elle o estava pelo seu caracter. A sua administração tinha sido uma serie de triumphos do povo sobre a côrte. Quando as agitações sanguinolentas principiaram a manchar as victorias do povo, Bailly fallou como sabio e obrou como magistrado. Um dia só perdeu a popularidade desta bella vida. Foi no dia em que os girondinos unidos aos

jacobinos, fomentaram a insurreição do Campo-Marte. Bally, de acordo com La Fayette, desenrolou o estandarte vermelho, marchou á testa da bourguesia armada contra a sedição, e fulminou o motim em torno do altar da patria. Derramado uma vez este sangue, Bailly sentiu-lhe o amargor. Tornou-se a execração dos jacobinos. O seu nome significava na boca destes o assassino do povo. Não poude governar mais a cidade, onde o sangue bradava contra elle. Abdicou nas mãos de Péthion e retirou-se, dous annos na solidão, em os suburbios de Nantes.

O cansaço do repouso, esse supplicio dos homens muito tempo applicados aos negocios, depressa se apossou delle. Quiz aproximar-se de Pariz, para escutar de mais perto os movimentos da republica. Reconhecido pelo povo, arrancaram-no com difficuldade ao furor de um ajuntamento, lançado na Conciergerie e enviado ao tribunal revolucionario. Seu nome o condemnava. Caminhou á morte atravez as ondas do povo. O seu supplicio não foi mais do que um longo assassino. Com a cabeça nua, cortados os cabellos, as mãos ligadas atraz das costas, com uma grossa corda, com o tronco sómente revestido de uma camiza, por baixo de um céo de gelo, atravessou lentamente os bairros da capital. A escoria de Pariz, que elle muito tempo comprimira na sua qualidade de magistrado, parecia sublevar-se e precipitar-se em torrentes em volta das rodas do seu carro. Os proprios algozes, indignados d'esta ferocidade, reprehendiam ao povo os seus ultrajes. A populaça cada vez se torna mais implacavel. A horda havia exigido que a guilhotina, collocada ordinariamente na praça da Concordia, fosse neste dia transportada ao Campo de Marte, a fim de o sangue lavar o sangue no solo em que fôra derramado. Homens, que se diziam parentes, amigos ou vingadores das victimas do Campo de Marte, traziam por escarneo uma bandeira encarnada, ao lado do carroça atada na ponta de uma vara. Molhavam-na de vez em quando no lodo de um regato, e com ella açoutavam o rosto de Bailly. Outros lhe cuspiam na cara. Suas feições maceradas, sujas de lama e sangue, não representavam já feições humanas. Risos e applausos animavam estes horrores. A marcha interrompida com estações qual a do calvario, durou tres horas.

Chegados ao logar do supplicio, estes homens refinados em raiva fiseram sair Bailly do carro e forçaram-o a precorrer o Campo de Marte; ordenaram-lhe que lambesse o chão onde tinha corrido o sangue do povo. Esta expiação não os satisfez ainda. A guilhotina tinha sido levantada no recinto mesmo do Campo de Marte. O terreno da federação pareceu ao povo demasiadamente sagrado ser manchado com um supplicio Ordenou-se aos algozes demolissem peça por peça o cadafalso, e o reconstruissem as bordas do Sena, sobre um montão d'immundicias, deposito das ruas de Pariz. Os executores foram constrangidos a obedecer. A maquina foi desmontada. Como para parodiar o supplicio de Christo levando a sua cruz, os monstros carregavam os hombros do velho com os pesados madeiros, que sustentavam a base da guilhotina. Seus golpes obrigaram o condemnado a arrastar-se debaixo deste pezo. Succumbe e fica desmaiado sob tão pezado fardo. Volta a si, e levanta-se: estrondosas gargalhadas o insultam pela sua velhice e fraqueza. Fazem-no assistir durante uma hora á lenta reconstrucção do seu cadafalso.

Uma chuva de neve lhe inundava a cabeça e gelava os membros. Seu corpo tremia de frio. A alma estava firme. Em seu rosto transluzia a serenidade. Sua razão impassivel era superior a esta populaça, vendo alem della a humanidade. Soffria o martyrio e não o achava mais forte que a esperança pela qual elle padecia. Sem perturbação conversava com os assistentes Um d'elles vendo o transido, lhe disse. « Tu tremes, Bailly! » Sim meu amigo » lhe respondeu o velho, « mas é só de frio. » Finalmente a securo terminou este supplicio. Durara cinco horas. Bailly lastimou este povo, agradeceu ao executor, e confiou-se a immortalidade. Poucas victimas encontraram nunca tão vis algozes; e poucos algozes tão alta victima. Vergonha ao pé do cadafalso; gloria acima delle; e piedade em toda a parte. Cora-se de pejo de ser homem, vendo este povo. Glorificamo-nos com este titulo contemplando Bailly. Quanto mais o homem é feroz tanto mais este deve ser amado. Os crimes do povo são as suas degradações. As lições dos sabios não bastam para instruir; é mister martyrios para o resgatar. Bailly foi um desses mais santos martyres, porque morrendo pela mão da liberdade, morria, tambem por ella. Cria no povo a pezar do mesmo povo. Exprobrava-lhe sua injustiça, não o seu sanguo.

XI. — A' noite, fallando-se d'esta morte, Robespierre lastimou a sorte de Bailly. « E' assim, » exclamou elle á ceia em caza de Duplay, « que nos marterisarão a nós mesmos! » Duplay seu hospede, juiz no tribunal revolucionario, tendo querido explicar a Robespierre porque havia absolvido este grande accusado: « Não me falleis mais disso » lhe disse Robespierre, « não vos peço contas dos vossos juizos, mas a republica vos pede conta do vossa consciencia. » Duplay não fallou mais a Robespierre das condemnações e execuções. Robespierre ordenou n'esta mesma noite, que se fechasse em signal de lucto a sua porta. Seria dôr? Seria pressentimento?

Mas o terrivel cutello já não escolhia. Todas as classes se confundiam no cadafalso. Ao lado de um sabio morria uma cortezã. O povo applaudia sempre. Vicio ou virtude nada discernia.

A sr.ª du Barry, amante de Luiz XV morreu a pouca distancia de Bailly. Esta mulher desde creança começara o commercio de seus encantos. Sua maravilhosa formosura havia attrahido a vista provocadores dos prazeres do rei. Tinham-a roubado ao vicio obscuro, para o offerecer ao escandalo ao vicio coroado. Luiz XV havia feito da hierarchia de suas amantes uma especie de instituição de sua côrte. A sr.ª Lange-Vaubernier, sob o nome de condessa du Barry, havia succedido á sr.ª de Pompadour. Luiz XV tinha precisão do sal do escandalo para dar sabor a seus gostos já gastos. Gostava de se envilecer como qualquer outro gosta de se elevar. Fazia reinar o escandalo. Era esta a sua magestade. O unico respeito que impunha á sua côrte, era o respeito dos seus vicios. A sr.ª du Barry tinha reinado em seu nome. Deve dizer-se, que a nação se vergára vergonhosamente a este jugo. Nobreza, ministros, clero, philosophos, todos haviam incensado o idolo do rei. Luiz XIV tinha preparado as almas a este servilismo, fazendo adorar pelos seus cortezãos o despotismo de seus amores.

XII. — A sr.ª du Barry, moça ainda na occasião da morte de Luiz XV, se havia recolhido por alguns mezes a um convento por decencia, caracter do novo reinado. Em breve resgatada deste claustro, foi viver n'um esplendido retiro junto de Pariz no palacio de Luciennes, á beira das florestas de Saint-Germain. Riquezas immensas, dons de Luiz XV, tornavam o seu grande exilio, quasi tão resplandecente como o seu reinado. O antigo duque de Brissac tinha ficado ligado á favorita. Elle a amava já, pela sua bellesa no tempo em que os outros a amavam pela nobresa de seu sangue. A sr.ª du Barry aborrecia a revolução, este reinado do povo que despresava as cortezãs, e que fallava de virtude. Ainda que repellida pela côrte de Luiz XVI, e por Maria Antoinette, lastimara a sua desgraça, deplorara sua queda, e so dedicara á causa do throno e da emigração.

Depois do 10 de agosto fez uma viagem á Inglaterra. Tinha levado comsigo a Londres o lucto de Luiz XVI. Consagrava sua immensa fortuna a consolar no exilio as miserias dos emigrados. Mas a maior parte de suas riquezas tinha sido escondida secretamente por ella o pelo duque de Brissac, junto a uma arvore do seu parque em Luciennes. Depois da morte do duque de Brissac, essassinado em Versailles, a sr.ª du Barry não quiz confiar a pessoa alguma o segredo do seu thesouro. Resolveu voltar á França para desenterrar seus diamantes, e leval-os a Londres.

Tinha confiado na sua ausencia a guarda e administração de Luciennes a um moço preto por nome Zamore. Havia educado este rapaz, por um capricho de mulher, como se educa um animal domestico. Fizera-se retratar ao lado deste negro, para que em seus retratos se assimilhasse, pelo contraste das feições e côres ás cor-

tezãs venezianas do Titiano. Para com este negro manifestara sempre as caricias de mãi. Zamore era ingrato e cruel. Havia-se embriagado pela liberdade revolucionaria, e participado da febre do povo. A ingratidão lhe parecia a virtude do opprimido. Traíu sua bemfeitora. Denunciou seus thesouros. Entregou-a á commissão revolucionaria de Luciennes, da qual era membro.

A sr.ª du Barry, engrandecida e enriquecida pelo favoritismo, pereceu por um favorito. Julgada e condemnada sem discussão, mostrada ao povo como uma das maculas do throno de que era mister purificar o ar da republica, caminhou á morte atravez as algazarras da populaça e despreso dos indifferentes. Achava-se ainda no explendor, maduro apenas, de seus annos. Sua belleza, entregue ao algoz, era todo o seu crime aos olhos da multidão. Estava vestida de branco. Seus cabellos negros, cortados pelas thesouras do executor, deixavam vêr-lhe o collo. Fluctuavam e cobriam seus olhos e suas faces, os anneis que o verdugo poupara. Sacudia a cabeça e os lançava para traz para o seu rosto enternecer o povo. Não cessava de invocar a piedade, nos termos mais humildes. Lagrimas continuas lhe transbordavam dos olhos sobre o seio. Seus gritos penetrantes dominavam o ruido das rodas e os murmurios da multidão. Dir-se-ia que cutello feria d'antemão esta mulher e lhe arrancava mil vezes a vida. «A vida! a vida!» exclamava ella, «a vida para todos os meus arrependimentos! A vida para me dedicar inteiramente á republica! a vida por todas as minhas riquezas á nação!» O povo ria e encolhia os hombros. Elle mostrava com o gesto o cepo da guilhotina sobre o qual esta encantadora cabeça ia adormecer. O transito da cortezã até ao cadafalso foi um continuo grito. Debaixo do cutello se ouvia ainda gritar. A côrte tinha corrompido esta alma. Só de todas as suppliciadas foi ella a que morreu como mulher, pois não era nem por uma nem por outra opinião, por uma virtude, nem pelo amor, mas só por um vicio. Deshonrou o cadafalso, como tinha deshonrado o throno.

XIII. — O general Biron, tão famoso na côrte com o nome de duque de Lauzun, morreu pelo mesmo tempo, mas como soldado.

O duque de Lauzun tinha na sua mocidade levado a leviandade até ao desafio. Seu valor, seu espirito e graças, davam ás vezes explendor a suas faltas. O escandalo tornara-se em fama para elle. Queria passar por ter sido amado da rainha. Suas memorias não são mais do que notas dos seus amores. Arruinado cedo por suas prodigalidades, procurou uma outra gloria na guerra. Seguio La Fayette á America, e se enthusiasmou pela liberdade, não por virtude mas por moda. Amigo do duque d'Orleans, seguio este principe nas suas revoltas. Os partidos perdoam tudo áquelles que os servem. O duque de Biron, serviu com bravura no exercito do Norte, no do Rheno, nos Alpes, finalmente na Vendée. Uma vez lançado na revolução, sentio que não tinha mais do que seguil-a até ao fim. Abordar a alguma parte era impossivel: a corrente era muito rapida, não sabia até aonde ía, mas continuava. A leviandade era o seu norte. Dava alegremente á republica o seu nome, braço e sangue.. Adoravam-no os soldados. Os generaes plebeos estavam zelosos do seu ascendente. Não soffriam impunemente antigos aristocratas. Rebentaram na Vendée questões entre Rossignol, general jacobino, e Biron. Este ultimo foi sacrificado.

Conduzido a Pariz, e encerrado na Conciergerie, condemnado á morte, entrou para a sua prisão, como teria entrado para a sua barraca na vespera de um combate. Não se inquietou mais com o futuro. Quiz saborear até ao ultimo minuto as unicas voluptuosidades concedidas aos presos: as sensualidades da mesa. Tomou os seus carcereiros e seus guardas por convivas na falta de outros companheiros de prazer. Mandou que lhe trouxessem ostras e vinho branco, que bebeu largamente. Os ajudantes do executor chegaram: «Deixai me acabar as minhas ostras,» lhes disse Biron. «Para o officio, que fazeis tendes precisão de forças: bebei commigo!»

Esta morte, que imita a morte irreflectida de um joven epicurista, na idade do homem maduro, tem mais apparencia que dignidade. O riso não vem a proposito no limiar da eternidade. A quietação á hora suprema, não é o verdadeiro estado de um heroe, é o sophisma da morte. O povo applaudiu os ultimos momentos de Biron, por que despresando a reflexão, elle arrostava igualmente o supplicio. Morreu como tinha querido viver, bravo, altivo, e applaudido.

Era no ultimo dia do anno de 1793. Deviam morrer outros no dia seguinte 1.º de janeiro. A morte já não distinguia kalendario. Os annos se confundiam nos supplicios. O sangue não deixava de correr.

XIV. — Quatro mil e seiscentos detidos nas prisões de Pariz, esperavam o seu julgamento. Fouquier-Tinville não podia bastar para as accusações, que promovia em massa e quasi ao acaso. Opprimido pelo numero dos accusados e obrigado pela impaciencia do povo, Fouquier-Tinville já não deixava o gabinete da palacio de justiça, aonde redigia as accusações. Era na mesa de seus banquetes, que assignava as suas sentenças de exterminação. Passava as noites no mesmo tribunal, deitado sobre um colxão. Jámais descansava. Lastimava-se do não ter tempo nem para ir abraçar sua mulher e seus filhos. O zelo da republica o consumia. Esquecia-se que era o zelo da exterminação. Chamava lhe o seu dever! Cria-se o braço do povo; a secure da republica, o raio da revolução. Uma vida remida, um culpado esquecido, um accusado solto lhe pesavam. Estranha perversão do coração humano pelo fanatismo! Fouquier recebia todas as tardes da commissão de salvação publica a lista dos suspeitos, que era mister prender ou julgar. O mechanismo do terror era por assim dizer meterial, Fouquier-Tinville estava cego pelo sangue que fazia derramar. Porém algumas vezes voltava consternado pelo prodigioso numero de execuções, que se lhe havia encommendado. Chegou até a abrir de tempos a tempos aos accusados uma porta de salvação, sugerindo-lhe respostas, que podiam justifical-os. Assim elle protegeu na magistratura alguns homens, que outr'ora conhecera e respeitara.

Algumas vezes a austera virtude destas victimas regeitou a vida, que se lhes offerecia, a preço de uma mentira. A religião da verdade fez martyres voluntarios. Eis-aqui um exemplo attestado por um dos mesmos juizes e digno de transmittir-se á posteridade.

XV. — Quasi todos os antigos membros dos parlamentos no reino morriam alternativamente sobre o cadafalso. Um delles, o sr. Legrand d'Alleray, velho integro, cercado d'estima e carregado de dias, foi conduzido com sua mulher ao tribunal revolucionario, accusados um e outro de terem entretido uma correspondencia com seu filho emigrado, e de lhe haverem feito passar soccorros ao exilio. Fouquier-Tinville enterneceu-se. Fez um signal de intelligencia ao accusado para lhe ditar com os olhos e gestos a resposta, que o deve salvar. «Eis-qui,» lhe disse elle em alta voz, «a carta, que te accusa; porém eu conheço a tua letra, tenho tido por vezes em meu poder artigos feitos pela tua mão, durante o tempo, que occupavas a cadeira parlamentar. Esta carta não é tua; visivelmente se conhece que imitaram a tua letra. Mandai-me entregar essa carta,» disse o velho a Fouquier Tinville. Depois, tendo-a considerado com escrupulosa attenção: «Tu te enganas,» respondeu elle ao accusador publico «esta carta é minha.» Fouquier, confundido por esta sinceridade, que destroe sua indulgencia, não perde ainda a esperança, offerece outro pretexto de desculpa ao accusado. «Ha uma lei,» lhe disse elle, «que prohibe aos parentes dos emigrados corresponderem-se com elles, e enviar-lhes soccorros sob pena de morte; não sabias desta lei de certo? — Ainda te enganas» respondeu o sr. d'Alleray, «eu tinha conhecimento d'ella. Porém conheço uma anterior e superior gravada pela natureza no coração de todos os pais e de todas as mãis; é a que lhes determina sacrificar sua vida para soccorrer seus filhos.

O accusador obstinado no seu designio, não se desanimou ainda por esta segunda resposta. Offereceu ainda cinco ou seis excusas do mesmo genero ao accusa-

do. O sr. d'Alleray as illudio todas pela sua recusa d'alterar ou mesmo affastar a verdade do seu sentido. Finalmente, apercebendo-se da intenção de Fouquier-Tinville: «Agradeço-vos» lhe disse elle, «os esforços, que fazes para me salvar; mas seria mister resgatar nossa vida por uma mentira. Eu e minha mulher queremos antes morrer. Havemos envelhecido juntos sem ter jámais mentido. Não mentiriamos até mesmo para salvar um resto de vida. Faze o teu dever, nós faremos o nosso. Não te accusaremos pela nossa morte censuraremos sómente a lei.» Os jurados choraram de enternecimento, mas enviaram o virtuoso suicida ao cadafalso.

XVI. — O anno de 1794, inaugurava-se assim em sangue. A guilhotina parecia ser a unica instituição da França. Danton e Saint-Just tinham feito proclamar a suspensão da constituição e o governo revolucionario. A lei, era a commissão de salvação publica. A administração, era o arbitrio dos commissarios da Convenção. A justiça, era a suspeita ou a vingança. A garantia, era a denuncia. O governo, era o cadafalso. A Convenção não podia cessar um momento de ferir sem ser ferida por si mesma. A França, fuzilada em Toulon, metralhada em Lyon, affogada em Nantes, guilhotinada em Pariz, encerrada, denunciada, sequestrada, aterrada por toda a parte, parecia-se com uma nação conquistada e assolada por uma d'essas grandes invasões dos povos, que varriam a velha civilisação á quéda do imperio romano, trazendo outros deuses, outros senhores, outras leis e outros costumes á Europa. Era a invasão da idéa nova á qual a resistencia havia armado a mão com ferro e fogo. A Convenção não era já um governo, mas um campo de batalha. Não era já a republica uma sociedade, porem uma matança de vencidos n'um campo de carnificina. O furor das idéas, é mais implacavel do que o furor dos homens, por que, os homens teem um coração e as idéas não o teem. Os systemas são forças brutaes, que não lastimam até mesmo o que esmagam. Como as balas n'um campo de batalha, ferem sem escolha nem justiça, e destroem o alvo, que se lhes assignalou. A revolução desmentia suas doutrinas pelas suas tyrannias. Manchava o seu direito com as suas violencias. Deshonrava o combate pelos supplicios. E' assim que as mais puras causas se ensanguentam. Nós não o dizemos para escusar os povos, mas para os lastimar. Nada é mais bello do que ver brilhar uma idéa nova no horizonte da intelligencia humana, e nada mais legitimo do que fazer-lhe combater e vencer os prejuizos, os habitos, as instituições viciosas, que lhe resistem. Nada é tão horrivel como o vêl-a martyrisar seus inimigos. Muda-se então o combate em supplicios; o libertador em oppressor, o apostolo em verdugo. Tal era, involuntariamente n'alguns, theoricamente n'outros, o papel dos membros da montanha e da commissão de salvação publica. Suas theorias protestavam mas o seu destino os arrastava. Deixavam tresbordar as vinganças do povo, o furor da anarchia, as crueldades dos proconsules até ás expoliações e aos assassinios da Roma degenerada. O partido da communa, composto d'Hebert, de Chaumette, Móramo, Ronsin, Vincent, e dos mais desenfreados demagogos, excedia, e arrastava a Convenção.

XVII. — Durante estes supplicios, o partido dos legisladores se ensaiava de tempos em tempos a formular os grandes principios e as grandes innovações como os oraculos ao som do raio. Robespierre agora dominante na commissão de salvação publica, recolhia em suas notas, depois reveladas, os liniamentos vagos de governo, igualdade, e liberdade, a que finalmente julgava já chegar. Como em tudo quanto elle disse, fez e escreveu, ahi se encontra mais philosophia do que politica.

«E' necessario uma só vontade,» diz uma d'estas notas posthumas.

«E' preciso que esta vontade seja republicana, ou realista.

«Para que ella seja republicana é indispensavel que haja ministros republicanos, jornaes republicanos, deputados republicanos, e um poder igualmente republicano.

«A guerra estrangeira é um flagello mortal.

«Os perigos interiores provêem dos burguezes. Para triumphar dos burguezes, é preciso unir o povo. Deve attrahir-se o povo ao partido da Convenção, e que a Convenção se sirva do povo.

«Nos negocios estrangeiros, alliança com as pequenas potencias. Mas toda a diplomacia se torna impossivel em quanto não tivermos unidade de poder.

«Depois de achados os meios eis-aqui o fim:

«Qual é o fim? A execução da constituição em favor do povo.

«Quem serão os nossos inimigos? Os ricos e os viciosos.

«Que meios empregarão elles? A hyprocrisia e a calumnia.

«Que se deve fazer? Esclarecer o povo.

«Porem quaes são os obstaculos á instrucção do povo? Os escriptores mercenarios, que o desvairam por imposturas diarias e imprudentes.

«Que se deve concluir disto? Que é indispensavel proscrever os escriptores como os mais perigosos inimigos da patria e espalhar com profusão os escriptos.

«Quaes são os outros obstaculos ao estabelecimento da liberdade? A guerra estrangeira e a civil.

«De que modo se poderá terminar a guerra estrangeira? Pondo os generaes republicanos á testa dos nossos exercitos e punindo os traidores.

«De que maneira se terminará a guerra civil? Punindo os conspiradores, principalmente os deputados e administradores culpados; enviar tropas patriotas commandadas por chefes patriotas; fazer exemplos terriveis de todos os malvados, que têem ultrajado a liberdade, e derramado o sangue dos patriotas.

«Finalmente as substencias e leis populares.

«Qual outro obstaculo para a instrucção do povo? A miseria.

«Quando será o povo esclarecido? Quando tiver pão, e os ricos e o governo cessarem de assoldadar as pennas e lingoas perfidas para o enganar; logo que o interesse dos ricos e do governo forem confundidos com o do povo.

«Quando será o seu interesse confundido com o do povo? Nunca!»

A esta terrivel palavra solta no fim deste dialogo interior de Robespierre com sigo mesmo, a penna tinha cessado de escrever. A duvida, ou o desalento haviam dictado esta ultima palavra. Conhece-se que em uma alma obstinada na esperança, este termo queria dizer: é preciso dobrar pela força sob o nivel da justiça, e da igualdade todos aquelles, que se recusarem a confundir seu interesse com o interesse do povo. A logica do terror manava desta phrase. Estava cheia de sangue.

XVIII. — Em todas as sessões da Convenção e dos Jacobinos nos mezes de novembro e dezembro até 1794, acham-se grande numero de discussões ou de decretos nos quaes respira a alma de um governo popular. O egoismo parece extinguir-se perante o principio da dedicação á patria. As classes pobres que da patria não possue mais que o seu nome, não têem a dar-lhe mais que o sangue. A Convenção parece n'estas sessões legislativas, escrever um capitulo da constituição evangelica do futuro. As tarefas são proporcionadas ás riquezas. Os indigentes são sagrados: os enfermos consolados, os orfãos adoptados pela republica A maternidade illicita é absolvida da vergonha, que proscreve o filho deshonrando a mãi. E' proclamada a liberdade das consciencias. A moral universal é tomada por typo das leis. A escravidão e commercio dos negros é abolido. A consciencia do genero humano, invocada como lei suprema. Uma serie de medidas philantropicas e populares institue a caridade politica em acção, como um tratado d'alliança entre o rico e o pobre. O poder social é igualmente repartido entre todos os cidadãos. Os estudos elementares e transcendentes á custa do Estado, distribuem como uma divida divina a luz na profundidades da população. O amor do povo parece derramar-se por todas as mollas da administração. Conhece-se que a revolução não foi feita para usurpar, mas para prodigalisar o poder, a moral, a igualdade, a justiça, e o bem estar das massas. A divindade do espirito da revolução n'isso con-

siste. Espirito de luz e caridade nas deliberações da Convenção, espirito exterminador em seus actos politicos. Involuntariamente se pergunta de que procede este contraste nas leis sociaes da Convenção, e suas medidas politicas? nesta caridade e neste algoz? entre esta philantropia e este sangue? E' que as leis sociaes da Convenção, emanavam dos seus dogmas, e que os seus actos politicos provinham de sua colera. Uns eram os seus principios, e os outros as suas paixões.

Altiva pela era nova que inaugurava para o mundo, quiz que a republica franceza fosse uma data historica para o genero humano. Instituio o *kalendario republicano* como para lembrar sempre aos homens, que não se constituiram verdadeiros homens senão depois que se proclamaram livres. Ella o praticou igualmente para apagar, sob a denominação de mezes e dias de que se compõem o tempo, os vestigios da religião gravados no kalendario gregoriano. Praticou-o em fim para que a divisão dos dias em decadas e não em semanas, não confundisse por mais tempo o dia inicial do periodo dos dias, com o dia da oração e do repouso exclusivamente consagrado ao catholicismo. Não quiz a Igreja continuasse a assignar ao povo os instantes do seu trabalho ou do seu descanço. Quiz conquistar de novo o tempo sobre o sacerdocio christão, que tudo havia sellado com o seu signo desde que se apoderara do imperio.

N'este systema os nomes dos dias eram significativos na sua classificação na ordem numerica da decada republicana. Elles explicavam a sua ordem na successão dos pias por nomes derivados do latim. A saber: *primidi, duodi, tridi, quartidi, quintidi, sextidi, septidi, octidi, nonidi, decadi.* Estas significações puramente numericas tinham a vantagem de apresentar algarismos; mas soffriam o inconveniente de não mostrar imagens ao espirito. Só as imagens coloram e imprimem os nomes na imaginação do povo.

As denominações dos mezes, pelo contrario extrahidas dos caracteres das estações e dos trabalhos d'agricultura, eram significativas como pinturas, e sonoras como echos da vida rural Eram estes, para o outono: vindimario, que vindima as uvas; brumario, que assombreia o céo; frimario, que cobre de geadas as montanhas, para o inverno; nivoso, que branquea de neve a terra; ventose, que desencadea as tempestades; para a primavera; germinal, que faz germinar as sementes; floreal, que florece as plantas; prairial, que ceifa os prados; finalmente para o estio; messidor, que recolhe a colheita, thermidor que dá calor á terra; fructidor, que amadurece os fructos.

Tudo por esta forma se referia á agricultura, primeira e derradeira das artes. As phases dos imperios, ou as superstições dos povos não eram mais o typo do tempo, nesta medida d'existencia. Tudo se referia inteiramente á natureza. O mesmo succedeu á administração, ás finanças, á justiça criminal, ao codigo civil, e ao codigo rural. Os homens especiaes da Convenção preparam os planos destas legislações sobre as bases da philosophia da sciencia e da igualdade, bases estabelecidas pela Assembléa constituinte. Estes pensamentos, de que posteriormente se apoderou o despotismo organisador de Napoleão, e a que só deo o seu nome, haviam sido todos concebidos, elaborados ou promulgados pela Convenção. Napoleão lhe negou tacitamente a gloria. Não pertence á historia sanccionar estes roubos. Ella as restitue á republica. Os fructos da philosophia e da liberdade não poderão jámais pertencer ao despotismo. Os homens, que Napoleão chamou aos seus conselhos para ahi prepararem seus codigos, os Cambacères, os Sieyès, os Carnot, os Thibaudeau, os Merlin, sairam todos das commissões extraordinarias. Tal como artistas infieis, condusiam a estas officinas de escravidão os instrumentos e primores d'arte da liberdade!

XIX. — Comtudo, no entanto que a commissão de salvação publica, cobria as fronteiras, suffocava a guerra civil e meditava humanas e moraes legislações, Pariz e os departamentos appresentavam o espectaculo das saturnaes da liberdade.

O delirio e o furor pareciam haver-se apoderado do povo. A embriaguez da verdade é mais terrivel do que a embriaguez do erro entre os homens, pois que ella dura mais, profana algumas vezes as mais santas causas. Este frenesi arrebatava as massas até ao mais furioso excesso contra os templos, altares, e imagens do antigo culto, e até contra os sepulchros dos reis.

Das tres instituições, que a revolução queria modificar ou destruir o throno, a nobreza e a religião do Estado, não ficava senão esta em pé, porque refugiada na consciencia, e confundida com o mesmo pensamento, tornava-se impossivel aos perseguidores chegarem até ahi. A constituição civil do clero, o juramento imposto aos sacerdotes, juramento, que se declarou schisma pela corte de Roma, as retractações que a pluralidade dos sacerdotes havia feito deste voto, para ficar ligada ao centro catholico, a expulsão destes padres refractarios de seus presbyterios e igrejas, a instalação de um clero nacional e republicano em logar destes ministros fieis a Roma, a perseguição contra estes ecclesiasticos rebeldes á lei para ficarem obedientes á fé, a sua prisão e proscripção em massa nos navios da republica de Rochefort; todas as contendas, todas estas violencias, exilios, e execuções, todos estes martyrios dos sacerdotes catholicos, haviam varrido apparentemente o antigo culto da superficie da republica. O culto constitucional, inconsequencia palpavel dos sacerdotes ajuramentados, que exerciam um pretendido catholicismo, não obstante o seu chefe espiritual, não eram mais do que uma expiação sacra que a Convenção deixára ao povo do campo para não destruir repentinamente os usos. Porém os philosophos impacientes da Convenção, dos jacobinos, da communa, se indignavam deste simulacro de religião; que sobrevivia aos olhos do povo, até mesmo á religião. Impacientavam-se por inaugurar em seu logar a adoração abstracta de um Deus sem fórma, sem dogma, e sem culto. Até a maior parte proclamava abertamente o atheismo como a unica doutrina digna d'espiritos intrepidos na logica materialista do tempo. Fallavam de virtude, e negavam este Deus, cuja existencia só póde dar um sentido á palavra virtude. Fallavam de liberdade e negavam aquella justiça eterna, que sómente póde vingar a innocencia e punir a oppressão. A multidão grosseira se nutria destas theorias d'atheismo, e se cria livre de todo o dever sentindo-se liberta de Deus. Assim se deduzem as deploraveis oscillações do espirito humano da superstição ao nada das crenças, sem poder parar nunca no equilibrio da rasão e da verdade.

XX. — Os manejadores da communa, e principalmente Chaumette e d'Hebert, animavam no povo estes accessos d'impiedade e estas sedições contra todo o culto. O povo diziam elles uns aos outros, não entrará jámais nos templos, que elle tiver demolido por suas proprias mãos. Não ajoelhará nunca ante os altares que houver profanado. Não adorará mais os symbolos e imagens que tiver calcado aos pés sobre o pavimento das Egrejas. O sacrilegio nacional se elevará entre elle e o seu antigo Deus. Este resto de catholicismo exercido publicamente nos templos christãos os importunava: queriam fazel o desapparecer. Exigiam estrondosas apostasias des padres e repetidas vezes as obtinham. Alguns ecclesiasticos, uns sob o imperio do medo, outros por incredulidade real, subiam ao pulpito para declarar, que até então só tinham sido impostores. Eram acolhidos com acclamações estes transfugas do altar. Parodiavam-se irrisoriamente as cerimonias outr'ora sagradas, revestiam um boi ou jumento com as vestes pontificiaes, passeavam estes escandalos nas ruas, libavam no calix o vinho impuro, e fexavam a Egreja. Escreviam sobre a porta dos cemiterios: « Somno eterno. » Traziam aos representantes em missão, ou ao districto os thesouros das sachristias, e faziam delles offertas patrioticas á nação. O club se instalava nos santuarios. A cadeira evangelica se transformava em tribuna de oradores. Em poucos mezes, o immenso material do culto catholico, cathedraes, egrejas, mosteiros, presbyterios, torres, campanarios, ministros, ceremonias, haviam desapparecido.

Os representantes em missão se admiravam, em suas cartas á Convenção, da facilidade com que todo este apa-

rato das instituições antigas desmoronava. As religiões donde o poder do Estado, e a riqueza das dotações se retiram, diziam elles, acham-se nos espiritos promptamente em ruina. Os philosophos da communa, resolveram, pelo meado de novembro, accelerar este movimento em Pariz. Sabiam que se o povo renegava facilmente o espirito do seu culto, não se desacostumava tão depressa dos espectaculos e das ceremonias que recream os olhos. Quizeram apoderar-se de seus templos para lhe offerecer um culto novo, especie de paganismo rebocado, cujos dogmas não eram mais do que imagens, cujo culto só era um ceremonial, e de que a divindade suprema era só a razão tornada em si mesma o seu proprio Deus, e adorando-se em seus attributos. As leis da Convenção, que continuavam a assalarear o culto catholico nacional, se oppunham a esta invasão violenta desta religião philosophica de Chaumette na cathedral e nas igrejas de Pariz. Era mister fazer evacuar estes monumentos por uma renuncia voluntaria do bispo constitucional e do seu clero. Os gritos de morte, que perseguiam por toda a parte os sacerdotes, seu sangue, que corria em ondas sobre todos os cadafalsos da republica, os insultos do povo segundo seu costume, as prisões cheias, guilhotina presente, tendiam para esta renuncia do sacerdocio republicano. Tremia todos os dias de ser immolado no exercicio de suas funcções. O principal mobil, que detinha ainda uma parte destes padres, era o salario promettido aos seus altares. Assegurou-se aos principaes de entre elles um salario equivalente, ou funcções mais lucrativas nas administrações civis e militares da republica. A esperança e a ameaça, lhes arrancaram a resignação.

O bispo Gobel, homem fraco de caracter mais sincero em sua fé resistia sósinho. Intimidaram-no por uma parte e asseguraram-no por outra. Disseram se que a renuncia do exercicio publico do seu culto não era mais do que um sacrificio feito á necessidade do momento; que esta abdicação não implicava uma renuncia ao seu caracter sacerdotal; que ella não era mais do que uma abdicação de suas funcções publicas e que depois do seu episcopado deposto, elle recobraria, assim como o seu clero, o exercicio individual e livre da sua religião. Chaumette, Hebert, Momoro, Anacharsis Clootz, e Bourdon de l'Oise importunaram este velho até obterem delle o passo que desejavam. Deu-se a este acto de Gobel o nome de apostasia. Notas veridicas attestam o erro dos historiadores a tal respeito. Gobel se apresentou na sessão da Convenção, acompanhado de seus vigarios. Momoro os introduziu e orou á assembléa em nome da communa: «Ante vós vêdes,» disse elle «homens que vêm despojar-se do caracter da superstição. Este grande exemplo será imitado. Em breve a republica não terá outro culto senão o da liberdade e igualdade, culto saido da natureza e que virá um dia a ser a religião universal.» Gobel, a quem as palavras de Momoro falseavam a situação, e surprehendiam a consciencia, tremeu mas não ousou desmentil-o. As tribunas o faziam remer: «Cidadãos,» disse elle lendo uma declaração, premeditada, e de combinação com a communa; «nascido plebeo, nutri cedo os principios da igualdade; chamado á assembléa nacional, fui um dos primeiros em reconhecer a soberania do povo. A sua vontade me chamou á cadeira episcopal de Pariz. Não empreguei o ascendente, que podia dar-me o meu titulo e o meu logar, senão em augmentar o seu affecto aos eternos principios da liberdade, da igualdade e da moral, base necessaria de toda a constituição verdadeiramente republicana. Hoje, que a vontade do povo não admitte outro culto publico e nacional que não seja o da igualdade, por que o soberano assim o exige, renuncio o exercicio de minhas funcções de ministro do culto catholico.» Os vigarios de Gobel assignaram a mesma declaração. Acclamações unanimes saudaram este triumpho. Muitas declarações escriptas ou verbaes deste genero, seguiram a do clero de Pariz. Robert Lindét bispo d'Evreux, abdicou nestes termos. «A moral, que hei pregado,» diz elle «é a de todos os tempos. A causa de Deus não deve ser um motivo de guerra entre os homens. Cada cidadão deve olhar-se como o sacerdote de sua familia. A destruição das festas publicas cavará todavia um vacuo immenso nos costumes das vossas populações: medi este vacuo e substitui estas festas por outras puramente nacionaes, que servem de transição entre o reinado da superstição e o da razão.»

Os bispos Gay, Vernon e Lalande e muitos curas, fizeram declarações da mesma natureza. A assembléa applaudiu como na noute de 4 de agosto, em que a nobreza abdicou seus direitos de raça. No meio destes applausos, Gregoire, bispo constitucional de Blois, entrou na sala: informou-se do que motivava estas acclamações; obrigam-no a seguir o exemplo dos seus collegas; conduzem-no á tribuna. «Cidadãos,» disse elle «acabo de chegar e não tenho mais do que mui vagas noções do que se passa neste momento. Não ouço fallar senão de sacrificios pela patria? Estou acostumado a isso; de affecto á revolução? as minhas provas estão dadas; do rendimento estabelecido para as funcções de bispo? eu o ignores sem pesar. Trata-se de religião? Este artigo está fóra do vosso dominio; não tendes direito para o atacar. Catholico por convicção e por sentimentos, sacerdote por vocação, nomeado bispo pelo povo, não é nem de vós, nem delle que recebi esta missão. Muito me atormentaram para acceitar o fardo da diocese. Atormentam-me hoje para obterem de mim uma abdicação, que ninguem me arrancará. Obrando segundo os principios sagrados que me são caros, e que vos desafio a que m'os arrebateis, tenho feito todo o bem possivel na minha diocese; continuo a ser bispo para o prolongar. Invoco a liberdade dos cultos!»

Os murmurios e sorrisos de piedade acolheram este corajoso acto de consciencia. Accusaram Gregoire de ter querido christianisar a liberdade. Os apupos das tribunas o acompanharam ao seu banco. Todavia a estima dos homens, cuja philosophia remontava a Deus, o vingou d'estes desdens. Robespierre e Danton lhe deram provas d'approvação. Indignavam-se secretamente das violencias do partido d'Hebert, contra a consciencia; mas a torrente era mui caudalosa neste momento. Arrastava todos os cultos na proscripção do catholicismo.

Siyes saiu do seu silencio para abdicar, não suas funcções, que não havia nunca exercido, mas o seu caracter ecclesiastico. Philosopho de todos os tempos, era-lhe permittido confessar sua philosophia no seu triumpho, como elle a tinha manifestado antes da sua victoria sobre o catholicismo. «Cidadãos,» disse elle, «os meus votos chamavam ha longo tempo o triumpho da rasão, sobre a superstição e o fanatismo. E' chegado este dia, eu o felicito como o maior beneficio da republica. Hei vivido como victima da superstição, nunca fui o apostolo, nem o instrumento della. Tenho soffrido assaz pelas faltas alheias, ninguem soffreu pelas minhas. Homem algum poderá dizer que foi enganado por mim. Muitos me devem ter-lhes eu aberto seus olhos á luz. Se fui retido nas cadêas reaes. O dia da revolução as fez cair todas. Não tenho pastoraes a offerecer-vos, todas tenho inutilisado de ha muito: porém deposito a indemnisação que me foi concedida em substituição das antigas dotações ecclesiasticas, que possuia.»

Chaumett, declarou que o dia em que a rasão recobrasse o seu imperio, merecia um logar á parte nas épocas da revolução. Pediu que a commissão d'instrucção publica desse no novo kalendario um logar ao *dia da rasão.*

XXI. — «Cidadãos» repetiu o presidente da Convenção «entre os direitos naturaes do homem, havemos collocado a liberdade do exercicio dos cultos. Sob esta garantía, que vos deviamos, acabaes de vos elevar á altura em que a philosophia vos esperava. Não o dissimuleis, estes brincos sacerdotaes insultavam o Ser Supremo. Elle não quer senão o culto da rasão. Será para o futuro a religião na ional!»

A estas palavras o presidente abraça o bispo de Pariz, Os sacerdotes do seu cortejo, adornados com o *bonnet rouge*, symbolo do seu resgate, saem em triumpho da sala e se dispersam ao som das acclamações da multidão pelas Tuil[illegible]. Esta abdicação do catholicismo exterior, pelos padres de uma nação rodeada havia tantos

seculos do poder deste culto, é um dos actos os mais caracteristicos do espirito da revolução. Se o atheismo não houvesse sido o provocador deste despojo dos sacerdotes assalariados; se o terror não tivesse feito violencia á fé; se a liberdade dos cultos houvesse sido proclamada pelo presidente da convenção como uma verdade na republica; as religiões escapariam da mão do estado para entrar no dominio da consciencia individual e livre; a ordem religiosa do futuro seria fundada. Porém quando a perseguição proclama a liberdade, quando a consciencia é interrogada em presença do instrumento do supplicio, a consciencia deixa de ser livre e a mesma liberdade se refunde em tyrannia. O atheismo havia ordenado este acto, apoderou-se delle. Fez delle o seu triumpho escandalsso, quando deveria ser o triumpho racional da liberdade.

Chaumette, Hebert e sua facção, cada d'a se fazia mais notavel pelas profanações e devastações dos templos, dispersão dos fieis, prisão e martyrio dos padres, que preferiam a morte á apostasia. Os adeptos da communa, queriam estirpar tudo quanto podia recordar recordar religião e culto, do coração e solo da França. Os sinos, essa voz sonora dos templos christãos, foram fundidos em moeda ou em canhões. Os vasos sagrados, relicarios, estas apotheases populares dos apostolos e dos santos do catholicismo, foram despojados de seus ornamentos preciosos, e lançados no monturo. O representante Ruhl despedaçou na praça publica de Reims a *santa Ambula*, que uma antiga legenda pretendia ter sido trazida do céo para ungir os reis com oleo celeste. Os directorios do departamento prohibiram aos mestres pronunciar o nome de Deus, no ensino aos filhos do povo. André Dumont, que andava em missão nos departamentos do norte, escreveu á Convenção: «Mando prender os padres, que ousam celebrar nos dias santificados e domingos. Ordeno que se escondam as cruzes e cruxifixos. Estou na embriaguez. Por toda a parte se fecham as igrejas, queimam-se os confessionarios e os santos, o fazem-se *cartuxos* d'artilheria com os *livros da liturgia sagrada*. Todos os cidadãos gritam: Abaixo os padres, viva a igualdade e a rasão!»

Na Vendée, os representantes Lequinio e Laignelot perseguiam até os mercadores de cêra, que forneciam velas para as ceremonias do culto. «Annulla-se o baptismo em multidão,» diziam elles. «Os sacerdotes queimam as credenciaes. O quadro dos direitos do homem substitue sobre os altares os tabernaculos dos ridiculos mysterios.» Em Nantes, queimavam-se publicamente nas praças estatuas, imagens, e livros sagrados. Deputações de patriotas vinham a cada sessão da Convenção, trazer em tributo os despojos dos altares. As cidades e aldêas visinhas de Pariz, affluiam processionalmente, trazendo tambem em carros, relicarios d'ouro, mitras, calices, ciborios, patenas, e castiçaes das suas egrejas. Bandeiras arvoradas sobre este montão de fragmentos amontoados confusamente, tinham por inscripção: *Destruição do fanatismo*. O povo vingava-se insultando o que durante tanto tempo havia adorado. Confundia o proprio Deus nos seus ressentimentos contra seu culto.

A communa quiz substituir com outros espectaculos as cerimonias da religião. O povo ahi correu, como costuma, a todas as novidades. A profanação dos logares santos, a parodia dos mysterios, o explendor pagão dos ritos o atraíram a estas pompas. Elle julgava depois de tantos seculos, varrer destas abobadas as trevas, e fazer brilhar ahi a luz da liberdade e da razão. Porém faltava nestas festas toda a sinceridade, toda a adoração a estes actos, toda a alma a estas cerimonias. As religiões não nascem na praça publica á voz dos legisladores e demagogos. A religião de Chaumette e da communa era sómente uma opera popular transportada da scena para o tabernaculo.

A inauguração deste culto teve logar na Convenção a 9 de Novembro. Chaumette, acompanhado dos membros da communa e escoltado de immensa multidão, entrou na sala ao som da musica e coplas dos hymnos patrioticos. Conduzia pela mão uma das mais bellas cortezãs de Pariz. Um comprido véo azul semicobria o idolo. Um grupo de prostitutas, suas companheiras, a seguiam. Homens da sedição as escoltavam. Este bando impuro se espalhou confusamente pelo recinto e invadio os bancos dos deputados: Lequinio presidia. Chaumette se dirigiu para elle, levantou o véo que cobria a cortezã, e fez resplandecer sua formosura aos olhos da assembléa. «Mortaes, exclamou elle, não reconheçais d'ora ávante outra divindade senão a da Razão; venho offerecer-vos a mais bella e mais pura de suas imagens.» A estas palavras, Chaumette se inclina, e parece adorar. O presidente, a Convenção, o povo fingem imitar este gesto de adoração. Uma festa em honra da Razão foi decretada na cathedral de Pariz. Canticos e danças saudaram este decreto. Alguns membros da Convenção, Armonville Drouet, Lecarpentier se juntaram a estas danças. Grande parte da assembléa se manifestou fria e desdenhosa: satisfeita de haver votado estas saturnaes, abandonava-as ao povo e envergonhava-se de tomar parte nas mesmas. Robespierre, sentado ao lado de Saint-Just, simulou distracção e indifferença. Sua figura severa não se desconcertou. Lançou um olhar sobre a desordem da sala, tomou seus apontamentos, e travou conversação com o seu visinho. O aviltamento da revolução lhe parecia o maior dos crimes. Já elle meditava reprimi-lo. No momento em que a orgia popular era mais applaudida, levantou se no meio de uma indignação mal contida e se retirou com Saint-Just. Não queria sanccionar com sua presença estas profanações. A partida de Robespierre embaraçou Chaumette. O presidente levantou a sessão, e restituio a decencia ao templo das leis.

XXII. — A 20 de dezembro, dia fixado para a installação do novo culto, a communa, a convenção e as authoridades de Pariz foram em corporação á cathedral, Chaumette, acompanhado de Lais, actor da Opera, havia ordenado o plano da festa. A sr.ª Maillard, actriz em todo o explendor da mocidade e do talento, pouco tempo antes favorita da rainha, sempre adorada do publico, fôra obrigada, pelas ameaças de Chaumette, a desempenhar o papel da divindade do povo. Entrou conduzida n'um palanquim cujo sobrecéo era formado de ramos de carvalho. Mulheres vestidas de branco e ornadas de cintos tricolores a precediam. As sociedades populares, sociedades fraternaes de mulheres, as commissões revolucionarias, as secções, grupos de coristas e cantores, dançarinas, cercavam o throno. Calçando o cothurno theatral, com os cabellos adornados com o barrete phrygio, o corpo apenas coberto de uma tunica branca, que occultava uma chlamyde fluctuante de côr celeste, a sacerdotiza foi conduzida ao som d instrumentos até junto do altar. Tomou assento no logar onde a adoração dos fieis, buscava n'outro tempo o pão mystico transformado em Deus. Pela parte de traz, um immenso facho significava o clarão da philosophia, destinado a esclarecer sómente dalli em diante o recinto dos templos. A actriz accendeu este facho. Chaumette, recebendo o turibulo, no qual ardia o perfume, das mãos de dois acolytos, ajoelhou e incensou. Uma estatua mutilada da Virgem jazia a seus pés. Chaumette vituperou este marmore, e desafiou a tornar a tomar seu logar nos respeitos do povo. Danças e hymnos entertiveram os olhos e ouvidos dos espectadores. Não faltou alguma profanação ao velho templo, cujos alicerces se confundiam com os da religião e da monarchia. Forçado pelo terror a estar presente n'esta festa, o bispo Gobel assistia, n'uma tribuna, á parodia dos mysterios, que elle celebrara trez dias antes neste mesmo altar. Agrilhoado pelo medo, lagrimas de vergonha se desprendiam de seus olhos. O mesmo culto se propagou por imitação em todas as igrejas dos departamentos. A superficie leviana da França acomoda-se a todos os ventos de Pariz. Sómente em logar da divindade pedida emprestada aos theatros, os representantes em missão constrangeram esposas castas e innocentes meninas, a darem-se em espectaculo á adoração do povo. Muitas por este preço resgataram a vida de um marido, ou de um pai. A deificação santificava a seus olhos a impiedade. Maridos patriotas prostituiram suas mulheres, expondo-as ás vistas publicas. Momoro, membro da communa, e sectario d'Hebert,

conduziu elle proprio o cortejo de sua moça e bella esposa a Saint-Sulpice. Esta mulher, cujo pudor e piedade igualavam sua belleza arrebatadora, chorava, e desmaiava de vergonha sobre o altar. Uma donzella de dezeseis annos, filha de um encadernador, por nome Loiselet, offerecida por seu pai á admiração do povo, morreu desesperada arrancando os ornatos e as flores com que a adornaram. As familias occultavam a formosura de suas filhas e de suas mulheres, para as furtarem aos escandalos d'estas adorações publicas.

XXIII. — A devastação dos santuarios e a dispersão das reliquias, seguiram a inauguração do culto allegorico de Chaumette. Queimaram na praça de Grevè, local consagrado aos supplicios, os restos de santa Genoveva, patrona popular de Pariz; arremessaram ao vento suas cinzas. As tradições da religião foram perseguidas até nos seus sepulchros. Já ahi se haviam perseguido as memorias, respeitos e superstições da patria. A propria morte não era um asylo inviolavel para os restos inanimados dos reis. Um decreto da Convenção tinha ordenado em odio da realeza, a destruição dos tumulos em S. Diniz. A communa exagerando a medida politica, havia transformado este decreto em attentado contra as sepulturas, contra a historia e contra a humanidade. Tinha determinado a exhumação das ossadas, a expoliação das mortalhas, o roubo e fundição dos caixões de chumbo para d'elles fazer ballas.

Esta ordem sacrilega foi executada pelos commissarios da communa, com todas as circunstancias e derisões as mais proprias a augmentar o horror de tal acto. Este povo cevando sua colera sobre estes tumulos, parecia desenterrar sua propria historia e lançal-a ao vento. O machado despedaçou as portas de bronze, presente de Carlos-Magno á basilica de S. Diniz. Grades, doceis, estatuas, tudo se desmoronou sob o martello. Levantaram-se as campas, violaram os jazigos, arrombaram as tumbas. Uma curiosidade zombeteira pesquisou, debaixo das faixas e das mortalhas os cadaveres embalsamados, as carnes consumidas, os ossamentos calcinados, os craneos ôcos dos reis, das rainhas, dos infantes, dos principes, dos ministros, dos bispos cujos nomes haviam sido tão celebres na historia da França. Pepino, o fundador da dynastia carlovingiana e pai de Carlos-Magno, não era mais do que uma pitada de cinza, que o vento levou. As cabeças decepadas de Turenne, de Duguesclin, de Luiz XII, de Francisco I, rolavam sobre o pavimento; pizavam-se montões de sceptros, de coroas, de baculos, de attributos historicos ou religiosos. Uma immensa valla, cujas orlas estavam cobertas de cal viva para consumir os cadaveres, se abriu n'um dos cemiterios exteriores, chamado o cemiterio dos Valois. Queimavam-se perfumes nos subterraneos para purificar o ar: Ouviam-se as acclamações dos coveiros, a cada golpe de machado, quando descobriam os restos de algum rei e atiravam com os seus ossos.

Debaixo do coro estavam sepultados os principes e as princezas da primeira raça, e alguns da terceira, Hugo-Capeto, Philippe o Bravo, Philippe o Bello. Despojaram-nos de seus pedaços de seda, e os arremeçaram n'um leito de cal.

Henrique IV embalsamado com a arte dos italianos, conservava sua physionomia historica. Viam-se-lhe ainda no peito as duas feridas, por onde se lhe escoou a vida. A sua barba, perfumada, ostentando-se em forma de leque como em seus retratos, attestava o cuidado que este rei voluptuoso tinha de seu rosto. Sua memoria chara ao povo, o protegeu um momento contra a profanação. A multidão desfilou em silencio, durante dois dias, pela frente d'este cadaver ainda popular. Collocado no coro que ficava proximo ao altar, recebeu na morte as homenagens respeitosas dos mutiladores da realeza. Javoges, representante do povo, indignou-se desta superstição posthuma. Esforçou-se por demonstrar n'algumas palavras, que dirigiu ao povo, que este rei bravo e amoroso, mais havia sido o seductor do que o servo do seu povo. «Enganou» disse Javoges, «a Deus, as suas amantes, e a sua nação, que não engane elle mais a posteridade e a vossa justiça!» O seu cadaver foi lançado na valla publica.

Seus filhos e netos, Luiz XIII e Luiz XIV ahi o seguiram. Luiz XIII não era mais do que uma mumia; Luiz XIV era só uma informe e negra massa de aromas. Homem desapparecido, depois de sua morte em seus perfumes, como durante a vida no seu orgulho. O jasigo dos Bourbons poz a publico as suas sepulturas: as rainhas, os delphins, as princezas foram levados aos braçados pelos trabalhadores, arremeçados com suas entranhas no abysmo. O ultimo, que extrairam do tumulo, foi Luiz XV cuja infecção de sepulchro fez lembrar a do seu reinado. Foram obrigados a queimar uma porção de polvora para dissipar os miasmas mephiticos do cadaver deste principe, cujos escandalos haviam invilecido a realeza.

No jazigo dos Carlos, achou-se ao lado de Carlos V. um sceptro de justiça e uma coroa de ouro; rocas e anneis nupciaes no tumulo de Joanna Bourbon sua esposa.

O jazigo dos Valois, estava vasio. O justo odio do povo ahi procurou em vão Luiz XI. Este rei fisera-se sepultar n'um dos santuarios da Virgem, que invocára tantas vezes, até para o assistir nos seus crimes.

O corpo de Turenne, mutilado pela balla foi reverenciado pelo povo. Roubaram-o á inhumanação, e o conservaram nove annos nos depositos do gabinete de historia natural, no jardim das plantas, entre os restos empalhados dos animaes. O tumulo militar dos invalidos foi dado a este heroe pela mão de um soldado como elle. Duguesclin, Suger, Vendome, ministros da monarchia foram precipitados indistinctamente na terra, que confundia estas lembranças de gloria, com as memorias de escravidão.

Dagobert I e a sua mulher Nantilde, descançavam no mesmo sepulchro havia doze seculos. Faltava no esqueleto de Natilde a cabeça, como aos de muitas outras rainhas. O rei João fechou esta lugubre procissão de finados. Estavam vasios os jasigos; quando repararam que faltavam os despojos de uma moça princeza, filha de Luiz XV, que fugira para um mosteiro, dos escandalos do throno, e que morrera com o habito de carmelita. A vingança da revolução foi procurar este corpo de virgem até no tumulo do claustro, aonde se havia refugiado das grandezas. Condusiram o feretro a S. Diniz para o fazer passar pelo supplicio da exhumação, e d'esta inspecção monstruosa. Não se perdoou a alguma sepultura. Nada do que se chamava real foi julgado innocente. Este brutal instincto releva na revolução o desejo de repudiar o longo passado de França. Ella queria rasgar todas as paginas da sua historia, para tudo datar da republica.

LIVRO LIII.

I — Não era sómente Pariz que se achava preza d'estas devastações e d'esta raiva. Os representantes da Convenção, e os agentes da communa, as levaram por toda a superficie da França. Carrier em Nantes, se esforçava por exceder nos supplicios ao numero e ferocidade das execuções de Collot-d'Herbois em Lyon. Carrier buscava no martyrologio dos primeiros christãos e na depravação do imperio romano, supplicios a renovar e novos generos de morte a exceder. Inventava torturas e obscenidades para sasonar em sua imaginação o sangue de que estava farto. A convenção desviava os olhos. Nantes era um campo de mortandade em que se permittia tudo como no furor d'um combate. A passagem de Loire pelos Vendeanos, a insurreição dos nobres, dos padres e dos paisanos, a pretendida cumplicidade dos habitantes de Nantes, tinha dado a Carrier um povo inteiro a suppliciar.

Este homem não era uma opinião, mas um instincto depravado. Não tinha idéas, mas só furor. O assassinio era toda a sua philosophia, o sangue toda a sua sensualidade. Em todas as épocas da historia houveram homens sanguinarios, já sobre o throno, já entre o povo, ate algumas vezes entre os ministros das religiões. Pouco lhe importa a causa pela qual matam, com tanto que matem. O crime tem a sua parte em todas as grandes emoções

humanas. Estes homens são os representantes do crime de todos os partidos. Carrier tinha nascido n'essas montanhas do Auvergne aonde os homens são fortes, duros e conformes ao seu clima. População isolada pela sua raça e por seus costumes no centro da França, que parece conter em suas fibras, algum tanto do ferro e fogo de suas minas e volcões. Carrier nascido n'uma aldeia, transportado a Aurillac no estudo de um legista, endurecido pela pratica daquella chicana subalterna, que apaga o coração e que azeda a palavra dos disputadores, veio a fazer-se um declamador e egitador do seu paiz. Escolheram-no pela energia de seus discursos e pela ferocidade de alma para o enviar á Convenção. Julgavam vêr n'elle um invencivel soldado da revolução: não sendo mais do que um carrasco. Contava então mais de quarenta annos. Sem talentos para orar, só tinha vociferado na Convenção. As medidas mais violentas e entre outros o estabelecimento do tribunal revolucionario, lhe tinham arrancado algumas phrases em applauso. A Montanha o considerou proprio a conduzir o terror ás provincias sublevadas. Enviaram-no a Nantes para animar o exercito republicano com o seu patriotismo. Tinha-se mostrado fraco no combate, terrivel na vingança. Depois da derrota do exercito realista, havia estabelecido em Nantes, não o seu tribunal, mas o seu matadouro.

Mais de oito mil victimas tinham já sido fuziladas nos depositos dos prisioneiros, de doentes, de mulheres e meninos, que o exercito fugitivo deixava pela estrada. Ainda isto era pouco para Carrier. Apresenta-se de sabre desembainhado em punho, no meio da sociedade popular de Nantes; falla ao club, sensura sua lentidão, assigna-la-lhe os negociantes e os ricos, como a peior especie de aristocratas, pede quinhentas cabeças de cidadãos. Escreve ao general Haxo dizendo-lhe que a intenção da Convenção é de despovoar e incendiar o paiz. Fórma debaixo do nome da companhia de Marat, um bando de sicarios estipendiados a dez francos por dia, para lhe servirem de guarda de sua pessoa e executores de suas ordens. Encerra-se, como Tiberio em Caprea, n'uma casa de campo dos arrabaldes de Nantes, e torna-se inacessivel para augmentar o terror pelo mysterio. Só dos seus familiares se deixa aproximar. Escolhe d'entre os homens mas abjectos e famintos da classe baixa de Nantes, os membros das commissões revolucionarias e da commissão militar encarregada de legalisar seus crimes com uma apparencia de julgamento. Impaciente de seus escrupulos, injuria a final estes homens, ameaça-os com a espada, procede contra elles, dissolve-os, restabelece-os de novo e acaba por não ter mais formalidade do que a sua palavra e o seu gesto. Um tal Lambertye, despachado por elle ajudante general era o seu instrumento. Lambertye levava suas ordens á commissão militar, commandava as tropas, alistava os algozes, executava os assassinios em massa, e partilhava dos despojos. Não contente de ter feito fuzilar sem processo até oitenta victimas ao mesmo tempo, Carrier dava ordem ao presidente da commissão militar de entregar as prisões e os depositos a Lambertye, para ahi executar sem exame, seus supplicios nocturnos. A companhia de Marat e os destacamentos da guarnição em Nantes, dirigidos por Lambertye, limparam assim as prisões em quanto os agentes civis do proconsul as enchiam com suas dilacões.

II. — A cidade e o departamento não tinha já por habitantes senão assassinos e victimas. O saque servia para incitar o homicidio, o homicidio absolvia o saque. Tinha cessado todo o movimento da vida. O commercio estava abolido, os negociantes encerrados, as propriedades sequestradas. A residencia era uma cilada, a fuga um crime, a riqueza denuncia. Todos os principaes cidadãos, republicanos ou realistas, estavam amontoados nos calabouços, Os officiaes de Carrier e os satelites de Lambertye traziam em leva os suspeitos das cidades, e dos campos visinhos, para os depositos de Nantes. Um só d'estes depositos continha mil e quinhentas mulheres e crianças sem cama, sem palha, sem lume, sem coberturas, submergidas em sua infecção e abandonadas algumas vezes dois dias sem sustento. Não despejavam estes monturos humanos senão por fusilamentos. Os cidadãos não resgatavam sua vida senão a troco da sua fortuna, e as mulheres da sua prostituição. As que se recusavam a infames condescendencias, erão enviadas até mesmo gravidas ao supplicio. Um grande numero de vendeanas, que tinham acompanhado seus maridos além do Loire, e foram apanhadas pelos campos foram fuzilladas com seus filhos ainda em seus ventres. Os algozes chamavam a isto ferir o realismo no seu germen.

Sete centos padres padeceram o martyrio, uns pela sua fé, outros pela opinião, todos pelo trajo. Os simulacros do processo eram muito lentos e multiplicados aos olhos de Carrier. Tinham o inconveniente de desafiar a compaixão, ou mover á piedade a mesma commissão militar. Este tribunal começava a murmurar do seu proprio servilismo. Carrier chamou os membros suspeitos, acabrunhou-os d'invectivas, de murros, brandio sua espada núa perante elles e lhes pedio ou as cabeças designadas ou as proprias cabeças. Tremiam ou revoltavam-se em segredo os algozes contra elle. Reconheceu que o seu instrumento de morte se gastava; e inventou um novo.

O parrecida Nero fazendo afogar Agripina em uma galera submergida, para imputar o seu crime ao mar, forneceu a um dos sectarios de Carrier uma idéa, que elle adoptou como uma providencia do crime. A morte pelo ferro e pelo fogo, fazia bulha, derramava sangue, deixava cadaveres a sepultar, e a contar. As ondas silenciosas do Loire eram mudas, e não contariam. Só o fundo do mar saberia o numero das victimas. Carrier mandou chamar alguns marinheiros tão desapiedados como elle: ordenou-lhe sem muito mysterio, abrir o fundo de um certo numero de barcas indicadas, por meio de valvulas, em ordem de as submergir a um signal convencionado com suas carregações vivas, durante o trajecto do rio, que elle ordenaria sob pretexto de transportar os prisioneiros de um para outro deposito. Pedindo-lhe um destes maritimos, uma ordem por escripto: «Não sou eu representante?» respondeu Carrier. «Não deves tu ter confiança em mim para os trabalhos de que te incumbo? Acabemos com o mysterio,» accrescentou elle, «é mister que lances ao rio esses cincoenta padres, quando te achares no meio da corrente.»

III. — Estas ordens se executaram ao principio secretamente, e sob a côr de accidentes da navegação. Mas em breve estas execuções navaes, de que as ondas do Loire davam testimunho até á sua foz, se tornaram um espectaculo para Carrier e seus sequazes. Comprou um navio de luxo, de que fez presente a Lambertye seu cumplice, com o pretexto de vigiar as margens do rio. Este navio decorado com todas as delicadezas de moveis, provido de todos os vinhos e de todos os manjares necessarios nos festins, veio a ser o theatro mais ordinario destas execuções. Carrier ahi embarcava algumas vezes com os seus executores, e amazias para dar seus passeios sobre as aguas. Em quanto se entregava aos excessos do vinho e do amor na tolda, as victimas, encerradas no porão, viam a um signal dado, abrirem-se as valvulas e as ondas do Loire as sepultavam. Um gemido suffocado annunciava á equipagem, que centenares de vidas acabavam de exhalar-se debaixo de seus pés. Elles continuavam a sua orgia sobre este sepulchro fluctuante.

Outras vezes Carrier, Lambertye e seus cumplices se recreavam voluptuosamente com o cruel espectaculo da agonia. Faziam subir sobre a tolda, pares de victimas do sexo differente. Despojavam-nas dos seus vestidos, atavam-nas face a face; um padre com uma religiosa, um mancebo com uma donzella; suspendiam-nos assim nús e ligados por uma corda passada por baixo dos braços, a uma roldana do navio; celebravam, com horriveis sarcasmos, esta parodia do hymineo da morte; e finalmente os precipitavam na torrente. Chamavam a este jogo de canibaes os *casamentos republicanos*.

Os afogamentos de Nantes duraram muitos mezes. Povoações inteiras pereceram em massa nas execuções militares, cujos authores e executores narravam assim as

carnificinas. « Nós vimos os voluntarios, segundo as ordens de seu chefe, atirar com meninos de mãos em mãos, e fazel-os voar de baionetas em baionetas; incendiar as casas, esmagar as mulheres gravidas, e queimar vivos os rapazes de quatorze annos. » Estas degolações não satisfaziam ainda Carrier. A demencia estraviava sua razão, suas palavras e gestos: mas a sua demencia era ainda sanguinaria. Os habitantes de Nantes, testimunhas e victimas destes furores, vendo a Convenção muda não ousavam accusar de loucura actos, que os satelites deste proconsul appellidavam patriotismo. O mais ligeiro rumor era accusado de crime. Carrier, sabendo que denuncias secretas se tinham expedido para a commissão de salvação publica, fez prender duzentos dos principaes negociantes de Nantes, encerrou-os nos calabouços e os fez assim arrastar lentamente ligados a dois e dois até Pariz. Um moço commissario da commissão d'instrucção publica, filho d'um representante chamado Junon, foi enviado a Nantes por ordem de Robespierre para esclarecer os crimes de Carrier. Informou a Robespierre dos excessos com que Carrier deshonrava o mesmo terror. Carrier foi chamado. Mas a Montanha não ousou nem desaproval o, nem punil-o. Foi este um dos erros que com mais justiça se exprobou a Robespi rre, esta impunidade de taes attentados, era declarar-se muito fraco para os punir, ou assaz proscriptor para os acceitar.

IV. — Joseph Lebon dezimava em Arras e em Cambray os departamentos do Norte e dos Pas-de-Calais. Este homem é um exemplo da vertigem, que inficciona as cabeças fracas nas grandes oscilações d'opinião. Os tempos têem seus crimes assim como os homens. O sangue é contagioso como o ar. A febre das revoluções tem seus delirios. Lebon a experimentou, e manifestou todos os excessos durante as curtas phazes de uma vida de trinta annos. N'um tempo tranquillo deixaria a fama de homem de bem; nos dias sinistros elle só deixou o renome de um proscriptor sem piedade.

Nascido em Arras, compatriota de Robespierre, Lebon fora admittido na ordem do Oratorio, viveiro dos homens, que se destinavam ao ensino publico. Excluido da regra desta ordem, Lebon alcançou o curato de Vernois, perto de Beaune, no começo da revolução. Sua vocação regular, seus costumes, sua alma sensivel ás miserias humanas faziam de Lebon nesta epocha o modelo dos sacerdotes. As doutrinas filantropicas da revolução se confundiam em seu espirito com o da liberdade, igualdade, e caridade do christianismo. Julgou vêr o seculo, accendendo o facho das verdades politicas, na chamma da divina fé. Apaixonou-se do zelo e esperança por esta religião do povo tão parecida com a religião de Christo. A sua mesma fé o revoltou contra sua fé. Separou-se de Roma para se unir á Egreja constitucional. Quando a philosophia repudiou esta egreja schismatica, Lebon a repudiou igualmente. Cazou-s . Voltou a sua patria. Os serviços, que havia feito á revolução o elevaram aos empregos publicos. O ascendente de Robespierre e de Saint-Just em Arras o levou á Convenção. A commissão de salvação publica, não julgou dever confiar a homem mais seguro a missão de vigiar e cortar os tramas contra-revolucionarios destes departamentos visinhos das fronteiras, sugeitos aos padres, e gastos pelas conspirações de Dumouriez. Lebon ahi se mostrara ao principio indulgente, pacifico e justo. Deixou amortecer sua mão para comprimir sem esmagar os inimigos da revolução e os suspeitos. Denunciado pelos jacobinos por causa de sua moderação, a commissão de salvação publica o chamou a Pariz para o reprehender da sua moleza.

Fosse que o tom desta reprehensão tivesse feito penetrar na alma de Lebon o terror, que se lhe ordenava levar a Arras, fosse porque a chamma do furor civico o tivesse inflammado, voltou outro homem ao Norte. As prisões vazias se encheram á sua voz, nomeou para juizes e jurados, os mais ferozes republicanos dos clubs. Dictou os julgamentos: passeiou a guilhotina pelas cidades: distinguio o verdugo como o primeiro magistrado da liberdade: fel-o sentar publicamente á sua meza, como para rehabilitar a morte. Nobres, padres, parentes dos emigrados, burguezes, cultivadores, domesticos, mulheres, velhos, meninos, que ainda não tinham idade de crimes, estrangeiros, que não sabiam nem até mesmo ler as leis patrias: tudo confundia nas sentenças que intimava aos seus sicarios, e dos quaes elle mesmo prescrutava a execução. O sangue a que tivera manifestado horror tornava-se em agua a seus olhos. Assistia do alto de uma sacada a nivel com a guilhotina, aos supplicios dos condemnados. Esforçava-se de habituar até a vista de sua mulher á morte dos inimigos do povo. Parecia arrependido da sua anterior humanidade, como d'uma fraqueza. O unico crime na sua opinião, era a indulgencia para com os contra-revolucionarios, e com especialidade para com os padres, cumplices de sua primeira fé. Celebrava entradas triumphaes nas cidades, percedido do instrumento do suplicio, e acompanhado dos juizes, denunciantes, e algozes. Insultava e dimittia as authoridades. Substituia-as pelos denunciantes. Fazia inscrever sobre a sua porta: « Quem aqui entrar para pedir a liberdade dos presos, não sairá senão para ser posto em seu logar. » Despojava os suspeitos de seus bens, as mulheres sentenciadas de suas joias; confiscava estes legados do supplicio em proveito da republica. Expulsava das sociedades populares as mulheres a quem o pudor impedia tomerem parte nas danças patrioticas, ordenadas sob pena de prisão. Fazia-as expôr sobre um estrado aos interrogatorios e apupos da plebe. Foi desta fórma, que mandou collocar nesta cadeira d'infamia a uma menina de dezesete annos, sua prima, por se recusar a dançar nos coros civicos. Insultou-a elle proprio, e ameaçou-a fazer-lhe expiar sua recusa nas masmorras. Dava busca e espancava com suas proprias mãos as donzellas e casadas, que liam livros aristocraticos. Fazia condemnar e guilhotinar familias inteiras, e cair vinte cabeças a um tempo. Levava a vingança ainda além do supplicio.

O marquez de Vielfort, arrancado de sua habitação, aonde se lhe achára uma carta d'um de seus sobrinhos emigrados, estava já sobre o cadafalso. Lebon recebe uma participação da commissão de salvação publica annunciando-lhe uma victoria das tropas da republica. Dá ordem ao algoz para suspender a execução. Sobe á janella do theatro nivelado pela guilhotina. Lê ao povo e ao sentenciado o boletim triumphal, para juntar ao supplicio do velho, a nova dor das victorias da republica.

Outra vez, renovou esta barbara prolongação de tortura a duas raparigas inglezas, que iam ser suppliciadas á sua vista. Dissertou longamente ao povo, leu os despachos do exercito, e apostrophando as duas victimas. « E' mister, » disse, « que os aristocratas como vós, ouçam em seus ultimos momentos o triumpho de nossas armas! » Uma das duas condemnadas, a senhora Plunket, voltando-se para Lebon com indignação. « Mon tro, » lhe disse ella, « tu crês tornar-nos assim a morte mais acerba, desengana-te! ainda que somos mulheres, sabemos morrer corajosamente; e tu, morrerás como um cobarde.

Lebon tremia de não haver assim mesmo desempenhado a sublimidade dos pensamentos da Convenção. « Doçuras de amisade! » exclamava elle, procurando justificar-se para comsigo destas atrocidades, sentimento delicioso da natureza! expectaculo encantador de uma familia nascente sob os auspicios do amor o mais terno, e da mais perfeita união! eu vos addio até á paz. O dever, o odioso dever, nada mais do que o inflexivel dever, eis o que é necessario, que eu me represente sem cessar. O' minha esposa! ó meus filhos! estou perdido muito bem o sei, se a republica se destróe, exponho-me tambem se ella triumpha, a mil ressentimentos particulares! »

No meio desta perplexidade, escrevia á commissão de salvação publica. A commissão respondia: « Continuai vossa attitude revolucionaria. Vossos poderes são illimitados. Tomai pela vossa energia todas as medidas, que exigir a salvação da causa publica. A amnistia é um crime. Os grandes attentados não se resgatam jámais contra uma republica expiam-se sob a espada. Brandi a es-

pada e o facho sobre os traidores. Caminhai sempre, cidadão collega, por esta linha, que haveis traçado energicamente. A commissão applaude vossos trabalhos.»

V. — No Meio-dia, o proconsul Maignet, nascido, como Carrier nas montanhas d'Auvergne, cedia á torrente sanguinaria dos assassinos d'Avignon. Incendiou por ordem da commissão de salvação publica a pequena cidade de *Bedouin* assignalada como foco de realismo, depois de ter expulso os habitantes. Provocou a creação de uma commissão popular em Orange, para purificar o Meio-dia. Dez mil victimas cairam, não tanto sob a espada da republica como sob a vingança de seus inimigos pessoaes. Neste clima de fogo, todas as idéas são paixões, todas as paixões crimes. Maignet, escrevendo ao seu collega Couthon, misturava detalhes familiares e domesticos, com os quadros sinistros, que lhe fazia de sua missão no departamento de Vaucluse. «Tenho mais de quinze mil cidadãos nas prisões, lhe dizia elle. «Seria mister passar uma revista afim de classificar todos aquelles que devem pagar seus crimes com suas cabeças; e como esta escolha se não póde fazer senão por meio do processo, é indispensavel enviar todos a Pariz. Tu vês os perigos, despesas e a impossibilidade de uma tal viagem. Por outra parte é preciso horrorisar, e o golpe não é verdadeiramente horrivel, senão quando é dado aos olhos mesmo daquelles que hão vivido com os réos... O teu assucar, café e azeite, accrescentava elle, já vão pelo caminho. Recommenda-me a tua cara esposa, e dá por mim um beijo no teu pequeno Hypolito.

VI. — O sangue torna-se mais vivo em contraste com esta sensibilidade de familia e estes detalhes domesticos. O systema, que serviam estes homens, os havia degradado até á impassibilidade. Os crimes, porém, desafiavam as reacções nestes departamentos. Realistas, moderados, patriotas, todos se serviam das mesmas armas. As opiniões tornavam-se para todos, em odios pessoaes e assassinios. Havendo-se introduzido homens mascarados, de noite, na casa de campo de um dos principaes republicanos d'Avignon, algemaram seus criados, sua mulher e seus filhos, arrastaram-nos á sua adega e os fuzilaram á vista de um filhinho, que obrigaram a sustentar uma lanterna, para allumiar esta scena. Maignet aproveitou esta occasião para fazer prender todos os parentes de emigrados, todas as mulheres suspeitas de affeição aos proscriptos. O Meio-dia comprimido por uma colonia de montanhezes e pela commissão revolucionaria de Orange, não se atrevia a respirar debaixo do jugo da convenção.

Em Bordeax, setecentas e cincoenta cabeças de federalistas tinham já sido decepadas pelo ferro da guilhotina. O triumvirato d'Ysabeau, de Baudot e de Tallien pacificava a Gironda. Ysabeau, antigo congregado do Oratorio como Fouché, homem vigoroso e não de carnificina; Baudot, deputado de Saône e Loire, levando o ardor republicano até á febre, porém não até á crueldade; Tallien, moço, bello, ebrio de seu credito, altivo com a amizade de Danton, ora terrivel, ora indulgente, fazendo esperar vingança a uns, piedade a outros. Tallien julgava sentir em si grandes destinos. Governava Bordeaux, mais como soberano de uma provincia conquistada, do que como delegado de uma democracia popular. Quiz fazer-se temer e adorar simultaneamente. Filho de um pai nutrido na domesticidade de uma familia illustre, elevado pelo patronato desta mesma familia, Tallien conservava na republica os gestos, as elegancias, os orgulhos e tambem as corrupções da aristocracia.

V.I. — No momento em que Tallien chegava a Bordeaux, uma rapariga hespanhola de notavel belleza, de espirito terno, imaginação apaixonada, ahi se achava detida, em sua viagem para a Hespanha, pela prisão de seu marido. Chamava-se ella então a sr.ª de Fontenay. Era filha do conde de Cabarrus. O conde de Cabarrus francez de nascimento, estabelecido em Hespanha, tinha conseguido por seu genio para as finanças, os mais altos empregos da monarchia no reinado de Carlos III. Sua filha contava apenas dezenove annos. Nascida em Madrid de mãi valenciana, que Cabarrus roubára, o fogo do Meio-dia, a languidez do Norte, e a graça da França reunidas em sua pessoa faziam della a estatua viva da belleza de todos os climas. Era uma daquellas mulheres, cujos encantos são potencias, e de quem a natureza se serve, como de Cleópatra ou de Theodora, para sujeitar aquelles que avassalam o mundo, e tyrannisar a alma dos tyrannos. As perseguições que seu pai tinha soffrido em Madrid, em premio de seus serviços, haviam ensinado desde a infancia á moça hespanhola a detestar o despotismo e adorar a liberdade. Franceza d'origem, desta nação se havia feito de coração pelo patriotismo. A republica lhe apparecia como a Nemesis dos reis, a providencia dos povos, a restauração da natureza, e da verdade.

Nos theatros, nas revistas, nas sociedades populares nas festividades e ceremonias republicanas, o povo de Bordeaux a via manifestar o seu enthusiasmo, pela sua presença, pelo seu trajo, e por seus applausos, julgava ver nella o genio femenino da republica.

Porém a senhora de Fontenay tinha horror ao sangue. Não sabia resistir a uma lagrima. Cria que a generosidade era a escusa do poder. A necessidade de conquistar maior popularidade para fazer reverter em proveito da compaixão, a decidio a apparecer algumas vezes nos clubs e a tomar ahi a palavra. Vestida como amazona, seus cabellos cobertos com um chapéo de pluma tricolor proferio muitos discursos republicanos. O enthusiasmo do povo assimilhava-se ao amor.

O nome de Tallien fazia tremer então Bordeaux. Fallava-se do representante do povo como de um homem implacavel. Sentio-se ella assás corajosa para o desafiar, assás seductora para o internecer. A imagem das mulheres antigas que tinham domado os escriptores, para lhes arrancar as victimas, a excitava. A ambição de dominar um dos homens, que dominavam neste momento a republica, a arrebatou.

Conquistou o representante logo ao primeiro olhar. Tallien, a cujo aceno tudo se inclinava, rojou a seus pés. E'la tomou em sua alma o logar da republica. Não desejou mais o poder senão para o repartir com ella, a grandeza para a elevar comsigo, a gloria para a galardoar. Como todos os homens nos quaes a paixão chega a delirio, se glorificou de sua fraqueza. Gozou da publicidade de seus amores. Fazia delles ostentação com orgulho perante o povo, e com insolencia diante de seus collegas. Em quanto as prisões estavam entulhadas de presos, e os emissarios do representante cercavam os suspeitos nos campos, e o sangue corria em ondas sobre o cadafalso, Tallien ebrio de sua paixão por *dona Thereza* passeava com ella em explendidas equipagens, e pelo meio dos applausos de Bordeaux. Vestida de ligeiras tellas, qual as estatuas gregas, que deixavam entrever a belleza de suas formas, com uma lança n'uma das mãos, e a outra graciosamente appoiada no hombro do proconsul, *dona Thereza* imitava a attitude da deusa da liberdade.

Porém ella gosava muito mais de ser em segredo a divindade do perdão. Esta mulher tinha em sua mão o coração d'aquelle, que decidia da vida ou da morte, era sollicitada e adorada como a providencia dos perseguidos. Os supplicios não tiveram dentro em pouco tempo mais logar senão naquelles, que eram apontados pela commissão de salvação publica, como perigosos á republica. Os juizes se adoçavam com o exemplo do representante. O amor de uma mulher transformava o terror; Bordeaux esquecia as suas setecentas victimas. O genio enthusiasta dos Bordelenses folgava com este proconsulado oriental de Tallien. Robespierre desconfiava d'elle, mas não insistia em fazel-o chamar a Pariz. Queria-o antes satrapa em Bordeaux do que conspirador na Convenção. Fallava de Tallien com desprezo. «Estes homens,» dizia elle, «não servem senão para remoçar os vicios. Inoculam no povo os máos costumes da aristocracia. Mas paciencia; nós livraremos o povo dos seus corruptores, como o livrámos dos seus tyrannos.»

VIII. — Robespierre não perdia de vista estes proconsules. A' volta de Fouché de sua missão no Meio-dia reprehendeu com aspereza as crueldades do convencional. «Crê elle pois,» dizia, fallando de Fouché, que a espa-

da da republica seja um sceptro, e que ella se não volte contra os que a sustentam?» Fouché fez vãs tentativas para se reconciliar com Rosbespierre. Este enviou seu irmão em missão a Vesoul e a Besançon. Este mancebo não se servio do poder que lhe dava o seu nome, mais do que para moderar seus collegas, reprimir os supplicios, e abrir as prisões. Depois de um discurso de clemencia pronunciado na sociedade popular de Vesoul, deu liberdade a oitocentos presos. Esta indulgencia não tardou a escandalisar o seu collega Bernard des Saintes. O moço representante prosegio em sua missão de clemencia. O presidente do club de Besançon, de nascimento nobre, tendo-lhe um dia fallado em sessão, da illustração de sua familia chamada a estes destinos: «Os serviços que meu irmão fez á revolução» respondeu o joven Robespierre, «são todos pessoaes. O amor do povo tem sido o seu premio. Nada tenho a revindicar para mim proprio. Tu fallas «accrescentou elle, «a linguagem da aristocracia. O seu tempo passou. Não presides tu esta sociedade, tu, que nasceste de sangue aristocratico e que contas um irmão entre os traidores á patria? Se o nome de meu irmão me concedesse aqui um privilegio, o nome do teu te enviaria á morte!

Cercado dos parentes dos presos, que lhe representavam as injustiças e tyrannias de seus collegas, mas sem poder fóra dos limites do Haute-Saône, Robespierre, o moço lhes prometteu apresentar suas queixas na Convenção, e lhes obter justiça. «Eu voltarei aqui com o ramo de oliveira ou morrerei por vós,» lhes disse elle, «por que vou defender ao mesmo tempo a minha cabeça e a dos vossos parentes.» Este mancebo exaltado, recebia com o respeito de filho os oraculos e as confidencias de seu irmão. Fanatico dos principios da revolução; mas envergonhando-se dos seus rigores, e repugnando seus crimes, trazia impresso em suas feições o sello languido do caracter de seu irmão. Sua eloquencia era monotona, fria, sem côr e sem imagem. Descobria-se que elle tomava suas inspirações de um systema, e não dos sentimentos. Uma tinta mystica estava espalhada por sobre o seu exterior e suas palavras. Andava sempre acompanhado, em suas missões e até nas sociedades populares, de uma rapariga, que passava por sua amante, e que os seus confidentes diziam ser dotada de um dom de inspiração e de prophecia. Os republicanos cançados de atheismo, sonhavam já nos seus reservados pensamentos, em transformar o principio democratico em religião, e em divinisar a liberdade com mais direito, do que a idade media divinisara os reis.

LIVRO LIV.

I. — Durante os primeiros mezes de 1794, Saint-Just, e Lebas, ora reunidos ora separados, ambos confidentes intimos de Robespierre, correram do exercito do Norte ao do Rheno, de Lille a Strasbourg, para reorganisar as tropas, vigiar os generaes, activar e moderar o espirito publico nos departamentos ameaçados. Saint-Just não sómente levava aos tribunaes a energia de uma vontade inflexivel, mas representava sobre o campo de batalha o imperio de sua mocidade e o exemplo de uma intrepidez, que admirava os homens de guerra. Não poupava mais o seu sangue do que sua reputação. «Saint-Just,» dizia o seu collega Baudot no seu regresso dos exercitos, «cinge a facha de representante, e o chapéo assombreado com o penacho tricolor, carrega á testa dos esquadrões republicanos, e se arremeça sobre os inimigos, pelo meio da metralha, e das lanças, com o denodo e furor de um hussard.»

O moço representante teve muitos cavallos mortos debaixo de si. Não se subarrancava ao enthusiasmo da guerra, senão para se dedicar ás vigilias e aos trabalhos assiduos de organisador. Não se permittia descanço algum dos que a sua mocidade poderia tornal-o avido. Parecia não conhecer outra voluptuosidade senão o triumpho da sua causa. Este proconsul de vinte e quatro annos, senhor da vida de milhares de cidadãos, e da fortuna de tantas familias, que via a seus pés as mulheres e filhas dos presos, mostrava a austeridade de Scipião. Escrevia do meio do campo, á irmã de Lebas, cartas em que respirava uma casta affeição. Terrivel no combate, implacavel no conselho, respeitava em si mesmo a revolução como um dogma, do qual lhe não era permittido sacrificar cousa alguma aos sentimentos humanos. Igualmente implacavel para com aquelles, que haviam manchado a republica, e a tinham traido, enviou á guilhotina o presidente do tribunal revolucionario de Strasbourg, que imitára e igualara na Alsacia as ferocidades de Lebon. A missão de Saint-Just em Strasbourg, salvou milhares de cabeças. Desgostoso de terror, havendo-o encarado de perto, escreveu a Robespierre: «O uso do terror tem arruinado o crime, como as bebidas fortes estragam o paladar. Sem duvida, não é tempo ainda de fazer bem: o bem particular, que se faz, não é senão um paleativo. E' mister esperar um mal geral demasiado grande, para a opinião experimentar uma reacção. A revolução deve só encaminhar-se á perfeição da felicidade, e da liberdade publica pelas leis. Suas oscillações não teem outro objecto e devem destruir tudo quanto se lhe oppõe.» — «Falla-se da altura da revolução» escreve n'outro logar, n'uma nota das suas Meditações intimas. «Quem é que a fixará? Ella é mobil. Houve povos, que cairam de mais alto.

II. — Lebas seu amigo e quasi em toda a parte seu collega, fôra condiscipulo de Robespierre. Havia-se dedicado, por um duplo culto, a seus principios como revolucionario, á sua pessoa como amigo. Nascido em Frévent, suburbios d'Arras, patria de Robespierre, seus talentos de oratoria, manifestados nas causas populares, tinham levado Lebas á Convenção. Ahi seguia o pensar de Robespierre como a estrella fixa de suas opiniões. Probo, modesto, silencioso, sem outra ambição mais do que a de servir as ideas de seu mestre, acreditava na virtude como na infallibilidade de Robespierre. Tinha entregue sua consciencia e votos nas mãos daquelle. Relações de familiaridade e quasi de parentesco augmentavam ainda a intimidade das opiniões. Lebas, introduzido por Robespierre em casa de Duplay, se havia tornado o commensal d'esta familia. Havia esposado a mais rapariga das filhas de Duplay. A mão, que desembainhava a espada á frente de nossos batalhões, e que assignava a prisão ou a liberdade de tantos proscriptos, escrevia a esta dama, sonhando a felicidade domestica sob o mesmo tecto aonde Robespierre sonhava suas theorias manchadas de sangue. — » «Quando poderei eu sellar uma união, á qual ligo a ventura de minha vida,» dizia Lebas á sua noiva. «Oh! como será doce o instante em que tornarei a ver-te! Quantos crueis sacrificios exige de mim a patria por estas ausencias! Mas as cousas vão tão mal, torna-se indispensavel que estejam aqui deputados verdadeiramente patriotas. Hontem fiz prender dois generaes. Tributando a Pariz todos os serviços de que me sinto capaz, gosarei da felicidade de estar a teu lado! Nós estariamos já hoje unidos! Dize a Robespierre que a minha saude não póde prestar-se muito tempo ao rude officio que desempenho aqui. Desculpa a brevidade de minhas cartas. E' uma hora da manhã; acabo de encontrar cançado de fadiga, vou dormir e sonhar comtigo... Quando caminhamos, reclinados em nossa carruagem, e que o meu collega Duquesnoy, obrigado pelo cançasso, deixa de fallar, eu adormeço, penso em ti. Qualquer outra idéa me é importuna, sempre que posso arrancar o pensamento dos negocios politicos. Agora que a minha presença já não é tão necessaria, não terá Couthon bastante consideração, para com o seu moço collega? Robespierre não attenderá que muito hei feito para abreviar o termo do meu sacrificio. Occupa-te, cara Izabel, do arranjo da nossa futura morada. Hontem escrevi á pressa a Robespierre. Estou contente com Saint-Just: possue talento e excellentes qualidades. Abraça toda a familia e Robespierre é deste numero. Saint-Just está tão impaciente como eu de tornar a vêr Pariz, tu bem sabes a razão... Fomos esta manhã visitar ambos, uma destas altas montanhas no cume da qual se conservam as ruinas de um velho castello, edificado sobre um rochedo a prumo. Alli experimentamos

um e outro, espraindo nossas vistas pelo horisonte, um sentimento delicioso. Foi o unico dia em que tivemos um momento de repouso. Desejara estar a teu lado para partilhar comigo da emoção, que sentia: mas estás a cem legoas de distancia!.. Não cessamos, Saint-Just e eu, de tomar as medidas necessarias para o triumpho de nossos exercitos. Corremos de dia e de noite e exercemos a vigilancia mais austera. Quando menos o esperam qualquer general nos vê chegar e pedir-lhe conta do seu proceder. Estimo bem que não tenhas prevenção contra Saint-Just: prometti-lhe um banquete preparado por ti. E' excellente homem: todos os dias cresce a minha estima para com elle. A republica não tem um mais ardente e intelligente defensor. Reina entre nós o mais perfeito accordo. O que faz com que elle seja para mim mais charo, é o fallar-me muitas vezes de ti e por que me consola quanto póde. Liga segundo creio, grande preço á nossa amisade. Diz-me de tempos a tempos phrases d'um bom coração. Vou escrever a Henriqueta: presumo que continuareis a amar-vos. »

Era Henriqueta a irmã de Lebas, amada de Saint-Just. O affecto, que Saint-Just testimunhava a Lebas, não era mais do que um reflexo que experimentava pela irmã do seu collega. Porém esta rapariga que ao principio correspondia ao sentimento, que Saint-Just nutria por ella, hesitou depois em dar-lhe sua mão, e Saint-Just attribuiu a Lebas esta mudança. Esfriou na affeição, que lhe tinha. Não obstante, estes dois convencionaes ficaram sempre unidos a Robespierre. Esta circumstancia, diz-se que deu motivo, alguns mezes mais tarde, á ausencia de Saint-Just da commissão de salvação publica; ausencia, que enfraqueceu o partido de Robespierre, e causou a sua queda e morte. Uma inclinação de coração contrariada, foi alguma cousa na catastrophe, que arrastou Robespierre e a republica.

III. — Estes detalhes interiores attestam a simplicidade das paixões e dos interesses que se agitavam em torno do senhor da republica. O moço Robespierre, Saint-Just, Couthon, o italiano Buonarroti, Lebas, algumas donzellas puras no seu patriotismo, alguns artistas pobres e probos, alguns sectarios fanaticos pelas doctrinas democraticas formavam toda a côrte de Robespierre. Continuava a ser o seu palacio a morada de um artifice. Era a escola de um philosopho em vez de ser a sociedade de um dictador.

Mas este philosopho tinha por discipulo o povo indocil, e este povo empunhava a espada. O mesmo Robespierre nesta epocha, não se sentia ainda com força de impor suas vontades á convenção. Danton vivia e podia compromettel-o com a Montanha. Hebert, Pache, Chaumette, Vincent, e Rousin o affrontavam na communa. A commissão de salvação publica não era por elle sufficientemente dominada. O tribunal revolucionario era um instrumento docil a todos os partidos. A populaça de Pariz desencadeada, intimidava o verdadeiro povo; a escoria trasbordava. A liberdade era o escandalo dos proprios republicanos. Não era o reinado, sim as saturnaes da republica.

Hebert e Chaumette fomentavam diariamente, cada vez mais estes excessos: um nas suas folhas do *Pere Duschene*, outro em seus discursos. Philosophos da escóla de Diderot, estes dois homens, revolviam a crapula do coração humano. Professavam o atheismo. O perpetuo dialogo, que entretinham com o povo, era o assazonado de juras, e destes termos impuros, que na lingua dos homens são o mesmo que as immundicias para a vista e olphato. Infectavam o vocabulario da liberdade. O cynismo e a ferocidade se comprehendem. A ferocidade é o cynismo do coração. O povo baixo estava altivo de vêr elevar a sua trivialidade á dignidade de linguagem politica. Esta transmutação o fazia rir como se fôra uma mascarada de palavras. A lingoa havia perdido o seu pudor. Sua nudez não o fazia envergonhar. Adornava-se assim como uma prostituta.

IV. — As mulheres do povo haviam sido as primeiras em applaudir o descaramento de Hebert. Mirabeau as tinha suscitado, de uma palavra pronunciada em Versailles, na vespera dos dias 5 e 6 de outubro. « Se as mulheres se não metem nisto, » tinha elle dito a meia voz aos emissarios da insurreição parisiense, « nada temos feito. » Sabia elle que o furor das mulheres quando inflammado, se aventura a excessos, que sobrepuja a audacia dos homens. A inspiração antiga, aquelle santo furor, fervia sobre tudo nas sibyllas. Os demagogos sabiam demais, que as bayonetas se embotam em frente de peitos femeninos, e que são as mãos sem armas que melhor desarmam os soldados. As mulheres de Pariz, que haviam corrido á testa dos bandos da capital, tinham com effeito sido as primeiras a violar o palacio do rei, brandiram punhaes sobre o leito da rainha, e conduziram a Pariz nas pontas de suas lanças, as cabeças dos guardas do corpo assassinados. Theroigne de Mericourt e seus bandos, haviam assistido ao assalto das Tuilleries a 20 de junho e a 10 de agosto. Terriveis antes do combate, crueis depois da victoria, ellas tinham assassinado os vencidos, mutilado os cadaveres, esgotado o sangue. A revolução, suas agitações, seus dias, seus julgamantos, seus supplicios, se haviam tornado para estas megéras um espectaculo tão necessario como os combates dos gladiadores o eram para as corrompidas patricias de Roma. Envergonhadas de serem expulsas dos clubs masculinos, estas mulheres tinham fundado primeiramente, com o nome de *sociedades fraternaes*, e depois com o de *sociedades de mulheres republicanas e revolucionarias.* clubs do seu sexo. Havia tambem ao lado do logar de sua reunião, até mesmo clubs de meninos de doze a quinze annos, denominados de *Enfants Rouges*; baptismo de sangue sobre a cabeça destes precoces republicanos. Estas sociedades de mulheres tinham oradores. A communa de Pariz, a pedido de Chaumette, havia decretado que estas heroinas dos grandes dias da revolução, tivessem um logar de honra nas ceremonias civicas; que fossem precedidas de uma bandeira, com a seguinte inscripção: *Ellas correram os tyranos adiante de si!* — « Assistiram ás festas nacionaes, » dizia o decreto da communa, « com os seus maridos e filhos, e fazendo meia. » E' dahi que lhes veiu o nome de *tricoteuses de Robespierre*, nome, que deshonra este emblema do trabalho de mãos, do lar domestico. Todos os dias, destacamentos destas mercenarias, assoldadadas pela communa, se distribuiam em roda do tribunal, na estrada que os carros dos sentenciados tinha a precorrer, e pelos degraus da guilhotina para applaudir a morte, insultar as victimas e fartar seus olhos do sangue. A antiguidade pagava ás *carpideiras*, e a communa ás *furias*.

V. — A *sociedade fraternal* das mulheres tinha suas sessões na sala contigua a dos jacobinos. Esta reunião era composta de mulheres instruidas, que descutiam com mais decencia as questões sociaes analogas ao seu sexo, taes como o casamento, a maternidade, a educação dos filhos, as instituições de soccorros e alivios para a humanidade. Ellas eram os philosophos do seu sexo. Robespierre era seu oraculo e seu idolo; o caracter utopico e vago de suas instituições era conforme ao genio das mulheres, mais proprias para sonhar venturas sociaes do que para formar o mechanismo das sociedades.

A *sociedade revolucionaria* tinha-se instalado em Saint-Eustache. Era composta de mulheres perdidas, aventureiras de seu sexo, recrutadas no vicio, ou nas habitações da miseria, ou nos recolhimentos da demencia. O escandalo de suas sessões, o tumulto de suas moções, a estravagancia do seu estilo, a audacia de suas exigencias, importunavam a commissão de salvação publica. Estas mulheres vinham dictar as leis, com o pretexto de dar conselhos á convenção. Evidentemente os seus actos lhes eram sugeridos pelos agitadores da communa e dos Franciscanos. Eram ellas a vanguarda de um novo 31 de maio. Particularmente affeiçoadas ao club dos Franciscanos, abandonado depois da queda de Danton, aos mais desenfreados demagogos, calcavam suas doutrinas agrarias no club dos *Enragés*. Estes tres clubs eram para a communa o mesmo que os jacobinos para a convenção, ora o seu açoute, ora o seu freio, algumas vezes sua espada. Hebert era o seu Robespierre: Chaumette o seu Danton.

VI. — Uma mulher moça, formosa, eloquente, se es-

te nome se póde dar á inspiração desordenada da alma, presidia este ultimo club. Chamava-se Rosa Lacombe. Donzella sem mãi, nascida do acaso, entre os bastidores dos theatros de provincia, tinha crescido nos palcos subalternos. A vida para ella não tinha sido mais do que um máo papel dramatico, a palavra, uma perpetua declamação. Natureza voluvel e turbulenta, o enthusiasmo revolucionario facilmente a arrebatara no seu turbilhão. Observada, admirada, applaudida nas primeiras agitações de Pariz, esta grande scena do povo, a tinha desgostado de todas as outras. Similhante a Collot-d'Herbois, havia passado em continente, do theatro á tribuna. Trazia como elle, nas tragedias reaes da republica, o typo dos accentos e gestos de sua primeira vocação. O povo ama naturalmente estas naturezas declamatorias. O gigantesco lhes parece sublime. Mais sensivel ao ruido do que á verdade, o que transforma a natureza lhe parece excedel-a.

As mulheres do *club revolucionario*, estavam altivas de possuir esta mulher, que fallava como um homem, gesticulava como actora, e deslumbrava pela formosura. Era a Pythia dos faubourgs. A multidão de creaturas perdidas, que frequentavam estes clubs se glorificavam de ter á sua frente um ser, que o vicio marcara cedo com o mesmo sello que ellas. Uma mulher pura as teria humilhado. Rosa Lacombe lhes parecia rehabilitar sua profissão pelo excesso do republicanismo. Tinha um ascendente poderoso sobre a communa. Censurava os deputados. Bazire, Chabot, vergavam diante d'ella. Sómente Robespierre, entre os denominadores da opinião, lhe fechava sua porta. Ella fazia abrir os carceres, denunciava ou absolvia; obtinha prisões, ou graças. Facilmente enternecida pelas lagrimas, intercedia frequentes vezes pelos accusados.

O amor tinha-a surprehendido n'um dos carceres, que visitava. Comovida pela formosura de um preso ainda mancebo, sobrinho do maire de Toulouse e encarcerado com seu tio, Rosa Lacombe havia tentado tudo para salvar o seu protegido. Ella injuriou a Convenção. Bazire e Chabot a denunciaram aos cordeliers (franciscanos) como uma intrigante, que intentava corromper o patriotismo. — « Ella é perigosa por que é eloquente e bella, » disse Bazire. — « Ameaçou-me se não puzesse em liberdade o maire de Toulouse, » disse Chabot. « Confessou-me que não era este magistrado, mas seu sobrinho por quem seu coração se interessava. Resisti porém, apesar de me accusarem de me deixar dominar pelas mulheres. E' por isso mesmo que eu amo as mulheres, que não quero ellas corrompam e calumniem a virtude! Ousaram até mesmo atacar Robespierre. » A estas palavras Rosa Lacombe se levanta nas tribunas, e pede para responder. Agita-se o club; dividem-se os espectadores. Uns querem que seja ouvida; outros pedem a sua expulsão. Cobre-se o presidente. O club decide que se faça uma requisição á commissão de segurança geral, pedindo o apuro da sociedade das mulheres revolucionarias. A Convenção não se atreveu por então a dissolvel-as.

VII. — Robespierre indignou-se, e bem alto, d'estas orgias d'opinião, aonde, sob pretexto d'animar o patriotismo, se prevertia a natureza. Chaumette temia a colera de Robespierre. Quiz aplacal-a. Preparou uma scena theatral, em que affectasse a austeridade de tribuno dos costumes, contra os excessos, que elle mesmo havia provocado. Pelos fins de janeiro, uma columna de mulheres revolucionarias, recrutadas e guiadas pela celebre Rosa Lacombe, toucadas de *bonnets rouges*, e ostentando a nudez do traje, invadio a entrada do conselho da communa, e perturbou a sessão com suas exigencias e gritos. Murmurios d'indignação concertados antecedentemente se elevaram do seio da Assembléa. « Cidadãos, » exclamou Chaumette, « vós praticais um grande acto de razão com estes rumores. A entrada do recinto aonde deliberam os magistrados do povo deve ser interdicta áquelles, que ultrajam a nação. — Não, » disse um membro do conselho, « a lei permitte a entrada ás mulheres. — Que seja lida a lei, » replicou Chaumette. « A lei ordena que se respeitem e que se façam respeitar os costumes. Ora, aqui eu a vejo desprezada. E desde quando foi permittido ás mulheres abjurar o seu sexo, abandonarem os piedosos cuidados do governo domestico, o berço de seus filhos, para virem ás praças publicas, ás tribunas declamar, á barra do senado, ás fileiras dos nossos exercitos, usurpar direitos, que a natureza repartio com o homem? A quem confiou a natureza os cuidados domesticos? Concedeu-nos ella peitos para alimentar nossos filhos? Modificou acaso os nossos musculos para nos tornar proprios ás occupações ordinarias do sexo feminino: Não: ella disse ao homem, sede homem! e á mulher, sede mulher e tu serás a divindade do santuario interior! Mulheres imprudentes que vos quereis tornar homens! não estais satisfeitas com a vossa sorte? Dominais sobre todos os nossos sentidos! O vosso despotismo é o do amor, e por conseguinte o da natureza. » A estas palavras as mulheres tiram de suas cabeças os *bonnets rouges*. « Recordai-vos, » continuou Chaumette, « mulheres perversas, que teem excitado tantas perturbações na republica: Essa mulher altiva de um esposo perfido, a cidadã Roland, que se julgou capaz de governar a nação, e correu á sua perda: essa mulher-homem, a impudica Olympia de Gouges, que fundou a primeira sociedade das mulheres, e caminhou á morte por seus crimes! As mulheres não são alguma cousa senão quando os homens nada são; testimunha Joanna d'Arc, que só foi grande porque Carlos VII era menos que um homem!

As mulheres se retiraram apparentemente convencidas pela allocução de Chaumette. Rosa Lacombe não deixou comtudo por instigação d'Hebert de continuar a agitar a escoria do seu sexo. Grupos de mulheres vestidas com calças encarnadas e com os cavallos ornados de laços nacionaes insultaram e fustigaram em logares publicos, innocentes meninas, surprehendidas por ellas sem os signaes exteriores do patriotismo.

Amar, a quem Robespierre provocou a tomar a palavra sobre este assumpto disse na convenção. « Eu vos denuncio, um ajuntamento de mais de seis mil mulheres, que se appelidam jacobinas e membros de uma pertendida sociedade revolucionaria. A natureza, pela differença de força e de conformação, lhes confiou outros deveres. O pudor, que lhes prohibiu a publicidade, lhes instituio uma lei de conservar-se no interior de suas familias. » A Convenção adoptou estes principios e fechou os clubs femeninos. Rosa Lacombe entrou de novo na obscuridade e na escuma, donde a paixão revolucionaria a fizera sahir por um momento. Hebert e o seu partido foram desarmados destes bandos, que elles excitavam a ajuntamentos a principio supplicantes, e a final imperiosas contra a Convenção.

VIII. — O partido d'Hebert na communa aspirava abertamente a continuar e a transpor o partido de Marat. Começava a inquietar a commissão de salvação publica e a cançar Robespierre e Danton. Hebert, senhor da communa por Pache, Payan, e Chaumette; senhor do povo pelos chefes subalternos das agitações; senhor do exercito revolucionario por via de Ronsin; senhor do club dos franciscanos por seus novos oradores, em cujo numero se assignalava o moço Vincent, secretario geral do ministerio da guerra; ultimamente senhor dos sublevamentos mais tumultuosos da multidão pelo seu jornal o *Pere Duchesne*, no qual elle soprava o fogo de uma perpetua sedição, atacava timidamente Robespierre, abertamente a Danton. Minadas estas duas grandes popularidades, Hebert contava impôr facilmente á convenção a sua demagogia. O ideal deste partido não era a liberdade, nem a patria, mas sim a subversão total de todas as idéas, religiões, pudores, e instituições sobre que a ordem social até então fora fundada: a tyrannia absoluta e sanguinaria do povo de Pariz sobre o resto da nação; a decapitação em massa de todas as classes nobres, ricas, litteratas e moraes, que tinham dominado pelas ordens, luzes ou prejuizos; a supressão da representação nacional; finalmente o estabelecimento por todo o governo de uma dictadura absoluta como o povo, e irresponsavel como o destino.

Cada um dos principaes membros desta facção, He-

bert, Chaumette, Vincent, Momoro, Ronsin, se arrogava, em seu pensamento, esta magistratura suprema. Entretanto era ella devoluta ao maire Pache, caracter abstracto, mysterioso taciturno, cujo exterior tinha uma analogia terrivel com a omnipotencia vingadora, implacavel e muda, que se esforçava de personificar em si.

A insaciavel sêde de sangue, que havia cinco mezes se não fartava de supplicios; as insurreições continuas contra os ricos e negociantes, os gritos contra os monopolistas as loucuras do maximo, ou estiva, ordenadas pela Convenção, as demolições; as exhumações, as violações das sepulturas; as apostasias impostas a Gobel e ao seu clero, sob pena de morte, a proscripção de cem mil padres perseguidos, encarcerados, martyrisados por sua fé; a profanação das igrejas; as parodias dos cultos; as proclamações do atheismo, as honras feitas á immoralidade; finalmente o cathecismo crapuloso e sanguinario, com que o *Pere Duchesne* atirava todas as manhãs nas suas folhas ao povo, tudo eram symptomas, que revelavam a Robespierre e a Danton, os planos ou delirios desta facção. Mas coberta pela communa, a tudo podia atrever-se. Danton, quasi sempre retirado n'uma casa de campo, que comprara em Sèvres, abandonava a tribuna dos cordeliers (os franciscanos) a seus inimigos, e sua popularidade a ella mesmo. Raras vezes apparecia nos jacobinos. Não para tudo esmagar, como em outro tempo, ou para tudo arrastar, mas para se justificar e lastimar-se. Rodeado de uma pequena corte de homens suspeitos, que sua fortuna lhe havia tornado affectos, parecia espreitar, na inacção, uma fraqueza no governo para delle se apoderar. Apparentava uma isempção do poder, grande desdem dos partidos. O triumvirato subalterno d'Hebert, Chaumette e Ronsin lhe parecia demasiadamente imperceptivel para merecer a menor de suas vistas. Por outra parte, via com secreta alegria, neste triumvirato, um meio de contrabalançar, em caso de precisão, a fortuna sempre ascendente de Robespierre Danton se limitava pois a defender-se dos ataques d'Hebert e seus sequases, que não cessavam de vociferar contra elle.

Este impolitico encarnicamento do partido d'Hebert contra Danton, no momento em que este partido queria despopularisar Robespierre e domar a commissão de salvação publica, tinha sua origem n'uma rivalidade de jornalistas entre Hebert e Camillo Desmolins. O *Pere Duchesne*, que mais se arrastava no ceno do que o seu rival, não cessava de enxovalhar Camillo Desmoulins. Este respondia a Hebert com pamphletos em que a injuria era estampada, com ferro em braza, na fronte dos seus inimigos.

IX — Camillo Desmoulins que depois da morte dos Girondinos se conservara silencioso, lançou novamente mão da penna, e publicou algumas folhas, dignas de Tacito e d'Aristophano, contra os excessos do terror e contra as doutrinas d'Hebert. Tentou meter o crime a rediculo; mas a morte não ri. A publicação d'estas folhas isoladas, foi, como todos os actos de Camillo Desmoulins, uma expansão de colera e uma caricia secreta a duas grandes popularidades. Eis o motivo, e origem dellas.

Uma das ultimas noites do mez de janeiro, Danton, Souberbielle, jurado do tribunal revolucionario, e Camillo Desmoulins, sairam juntos do palacio da justiça. O dia tinha sido sanguinolento: quinze cabeças foram cortadas pela manhã na praça da Revolução, vinte e sete se haviam sentenciado á morte na sessão, e neste numero entravam as mais altas da antiga magistratura de Pariz. Estes tres homens, com a fronte abatida, e o coração apertado pelas sinistras impressões do espectaculo, que acabavam de presenciar caminham em silencio. A noite que dá força ás reflexões e que deixa escapar os segredos d'alma, estava escura e fria. Chegando a Pont-Neuf, Danton se voltou repentinamente para Souberbielle e lhe disse: « Sabes tu que pela fórma, que as coisas vão, dentro em pouco não haverá segurança para ninguem? Os melhores patriotas são confundidos sem escolha, com os traidores. O sangue derramado pelos generaes sobre o campo de batalha, não os dispensa de derramar o resto no cadafalso. Estou cançado de viver. Olha! não vês como o rio parece jorrar sangue. — E' verdade, « disse Souberbielle « o céo está vermelho, outras chuvas de sangue se manifestam por detraz destas nuvens! Estes homens tinham pedido juizes inflexiveis e não querem já senão algozes condescendentes. Quando eu recuso uma cabeça innocente ao seu cutello, chamam á minha consciencia escrupulo. Porém que posso eu? » continuou Souberbielle com sentimento. « Não sou mais do que um patriota obscuro! Ah! se eu fora Danton! — Danton dorme, cala-te! » respondeu o rival de Robespierre a Souberbielle. « Acordará quando fôr tempo. Tudo isto principia a fazer-me horror. Sou um homem de revolução, não homem de carnificinas. Mas tu » proseguio Danton dirigindo-se a Camillo Desmonlins, « para que te conservas em silencio? — Tambem o silencio já me cansa, » respondeu Camillo, « peza-me a mão: dá-me algumas vezes vontade de aguçar a penna em estilete, e apunhalar esses miseraveis. Que se acautelem! A minha tinta é tão indelevel como o seu sangue; difama para a immortalidade! Bravo, Camillo! » replicou Danton; « começa desde amanhã: foste quem soltaste a revolução, pertence-te peal-a. Socega, » continuou Danton, « esta mão te ajudará. Tu sabes se ella é forte! » Os tres amigos se separaram á porta de Danton.

No seguinte dia, Camillo Desmoulins tinha escripto o seu primeiro numero do Velho Franciscano. (vieux Cordelier) Depois de o haver lido a Danton, Camillo o levou a Robespierre. Sabia mui bem, que um ataque contra os Raivosos, (Enragés) não desagradaria ao chefe dos Jacobinos, que aborrecia secretamente Hebert. Havia uma prudencia occulta, na temeridade de Camillo Desmoulins, e adulação até no seu valor. Robespierre, ainda indeciso sobre as disposições dos Jacobinos e da Montanha, nem approvou nem se oppoz a Camillo Desmoulin. Guardou em suas palavras, a liberdade que elle queria guardar em seus actos. Mas o escriptor advinhou o pensamento de Robespierre, não obstante sua reserva; comprehendeu que se não animava sua audacia, ao menos esta lhe era perdoada.

X. — Porém se Robespierre hesitava em atacar o terror com o medo de manchar e desarmar a commissão de salvação publica, não hesitava em combater só e corpo a corpo, aquelles que depravavam a Revolução e queriam mudar os cultos em atheismo. Mais assiduo, que nunca nos Jacobinos, apesar da febre lenta, que o consumia, era elle só quem os sustinha no declive para onde a communa e os Franciscanos (cordeliers) queriam arrastar tudo. Havia muito que esperava, uma occasião de lavar suas mãos das immoralidades e impiedades de Chaumette e Hebert. Hebert, animado pela cumplicidade de uma parte da Montanha, não tardou a offerecer essa occasião a Robespierre. Fez desfilar pelo recinto da Convenção, uma d'aquellas procissões d'homens e de mulheres revestidos com os despojos das igrejas. No dia immediato apresentou-se em força aos Jacobinos para ahi renovar as mesmas scenas e arrastal-os. Ousou no seu discurso, dirigir allusões transparentes contra o seu chefe: « A politica de todos os tyrannos » disse Hebert, « é dividir, para reinar. A dos patriotas como nós é a de se reunirem para aterrar os tyrannos. Já vos hei advertido que alguns intrigantes procuram envenenar-nos uns contra os outros; citam-se expressões de Robespierre contra mim. Todos os dias se me pergunta, como não estou ainda preso? Respondo: Será possivel haver ainda uma Commissão dos doze? Todavia não despreso muito estes boatos. Algumas vezes, antes de opprimir, deseja-se pressentir a opinião publica. Diz-se que Robespierre devia denunciar-me á Convenção. Eu devia ser preso com Pache. Tambem se dizia, que Danton tinha emigrado, carregado de despojos do povo, e que estava na Suissa. Esta manhã o encontrei nas Tuilleries. Pois que elle está em Pariz é preciso, que venha explicar-se fraternalmente aos jacobinos. Todos os patriotas tem direito de desmentir por si mesmo os boatos injuriosos, que correm a seu respeito. E' preciso seguir rigorosamente o processo dos cumplices de Brissot. Quando se ha julgado o scelerado, é mister julgar tambem seus cumplices; quando se julgou Capeto, é preciso julgar toda a sua

descendencia ! » Momoro pedio a exterminação de todos os padres.

A esta moção, Robespierre, que espiava o momento de uma explicação com Hebert, e que a via adiada pela especie d'appelação á concordia deste chefe da communa, se apressou em aproveital-a.

« Eu julgava, » disse elle levantando-se, « que Momoro trataria a questão apresentada por Hebert á attenção da Assembléa. Nem ao menos a tocou. Resta nos pois procurar as verdadeiras causas dos males, que affligem a patria. Será verdade que os nossos mais perigosos inimigos são os restos impuros da raça de nossos tyrannos, aquelles captivos, cujo nome serve ainda de pretexto aos rebeldes e ás potencias estrangeiras? Voto em meu coração para que a raça dos tyrannos desappareça da terra ; mas posso eu cegar-me sobre a situação do meu paiz até ao ponto de crêr que a morte da irmã de Capeto bastará para extinguir o foco das cons pirações, que nos devoram? Se é verdade que a prin cipal causa de nossos males, seja o fanatismo? O fanatismo expira ; posso até dizer, que está morto! Temeis, dizeis vós, os padres? e elles se dão pressa em abdicar os seus titulos para os trocar pelos de municipaes, d'administradores e até mesmo de presidentes das socieda des populares. Não, não é o fanatismo, que d ve hoje ser o principal objecto de nossas inquietações. Cinco annos d'uma revolução, que fulminou os padres, depõe de sua impotencia. Não vejo mais do que um unico meio de o despertar entre nós, é affectar crêr na sua força. O fanatismo é um animal feroz e caprichoso. Foge diante da rasão: mas se o perseguirdes com grandes gritos, voltará sobre seus passos.

« E que outro effeito póde produzir esse zelo exagerado, e faustuoso com que se encarniçam ha já algum tempo contra elle? Com que direito homens desconhecidos até agora na carreira da revolução, viriam buscar nestas perseguições, os meios de usurpar uma falsa po pularidade, arrastar os patriotas a falsas medidas, lançar entre nós a perturbação e a discordia? Com que direito viriam elles inquietar a liberdade, e atacar o fanatismo com um fanatismo novo? Com que direito fariam degenerar as homenagens solemnes tributadas á verdade pura, em farças ridiculas? Porque se lhes permit tirá zombar assim da dignidade do povo e prender os cascaveis de loucura ao proprio sceptro da philosophia? Suppozeram que acolhendo as offertas civicas das Egrejas, a Convenção havia proscripto o culto catholico. Não, a Convenção não poz em pratica este acto temerario, nem o fará nunca. E' sua intenção manter a liberdade dos cultos, que tem proclamado, e reprimir ao mesmo tempo todos os que abuzem p rturbando a ordem publica. Não permittirá que se persigam os ministros pacificos do culto. Denunciaram os padres por dizerem missa: por muito mais tempo a dirão se lhes obstarem a dizel-a. Quem quer impedir que se diga missa é ainda mais fanatico do que aquelle, que a diz. Homens ha que intentam ir mais longe, que sob pretexto de destruir a superstição, querem edificar uma especie de religião do mesmo atheismo. A Convenção nacional aborrece similhante systema. A Convenção não é um autor de livros ou de systemas methaphysicos ; é um corpo politico e popular encarregado de fazer respeitar não sómente os direitos, mas o caracter do povo francez. Não é em vão que ella proclamou a declaração dos direitos do homem em presença do Ser Supremo! O atheismo é aristocratico A idéa d'um grande Ente, que véla sobre a innocencia opprimida e que pune o crime triumphante, é toda popular. »

Muitos applausos sairam dos jacobinos da classe indigente. Robespierre continuou: « O povo, os desgraçados me applaudem ; se tivesse de encontrar aqui censores, seria entre os ricos e os culpados Desde minha infancia não tenho cessado um só dia de nutrir as idéas moraes e politicas, que acabo de vos expôr. Se não existisse um Deus, seria mister invental-o Fallo n'uma tribuna, » continuou ainda, « aonde um imprudente girondino ousou fazer-me um crime de haver pronunciado a palavra Providencia, e em que tempo? quando o coração ulcerado de todos os crimes de que eramos testimunhas e victimas, quando derramando lagrimas amargas sobre o povo, eternamente traido, eternamente opprêsso, eu procurava elevar-me acima da turba dos conspiradores de que estava rodeado, invocando contra elles a vingança celeste na falta do raio popular. Ah! em quanto existirem tyrannias qual é a alma energica e virtuosa, que não apelle em segredo, para essa justiça eterna, que parece ter escripto em todos os corações a sentença de morte de todos os tyrannos? Parece-me que o ultimo martyr da liberdade exhalaria sua alma com um sentimento mais doce, encostando-se a esta idéa consoladora. Este sentimento é o da Europa é o do Universo, é o do povo francez! Não vedes a cilada que vos armam os inimigos occultos da republica e os emissarios dos tyrannos estrangeiros? Os miseraveis querem justificar por esta fórma as grosseiras calumnias com que a Europa reconhece a impudencia, e repellir de vós, pelas opiniões e prevenções irreligiosas, aquelles, que a moral e que o interesse commum attrahe á causa sublime e santa que defendemos. »

Robespierre pediu a expulsão de Proly, Dubuisson e Pereira. Decretou-se a apuração dos membros. Robespierre, que fôra ouvido ao principio com admiração depois com frieza, havia fulminado Hebert e Chaumette ao mesmo tempo, que combatia o atheismo. Fôra buscar sua força na sua coragem, e accendeu seus raios neste instincto eterno da alma humana, que revela a existencia d'um Deus. Desvendando a Deus, Robespierre creava para si mesmo e para a revolução uma consciencia e um juiz. Se elle houvera sido um scelerado vulgar, teria procurado cerrar os olhos deste povo á luz divina, em vez de lha tornar a avivar. Jogou neste discurso sua popularipade contra sua profissão de fé.

O partido d'Hebert vencido neste dia nos Jacobinos, se vingou na communa por act s de perseguição mais intolerantes contra a liberdade dos cultos. Danton fallou na convenção contra estes perseguidores, porém fallou como politico, que deseja que se respeite um costume sagrado do povo, e não como philosopho, que adora em primeiro logar a mais alta idéa do espirito humano. Esta relação, comtudo, no meio de uma animadversão commum contra Hebert e Chaumette, aproximou por um instante Robespierre de Danton.

O primeiro continuou a reunir os Jacobinos contra os energumenos da communa. Denunciou os intrigantes e exaggerados. « No movimento subito e extraordinario em que nos achamos, disse elle, tomaremos tudo quanto o povo póde confessar, e rejeitaremos todos os excessos com que nossos inimigos querem deshonrar nossa causa. Querem-nos agitar por meio de querelas religiosas, suffocal-as-hemos. Confundiremos o atheismo, respeitaremos as crenças sinceras. » Hebert, atemorisado pela coragem de Robespierre, se desdisse e fingiu por um momento reprovar as perseguições e escandalos de que havia sido o provocador. Chaumette se apressou a cantar as mesmas palinodias no conselho da communa. A commissão de salvação publica aproveitou-se deste terror dos partidarios de Hebert para proclamar, pela bocca de Robespierre, os principios do governo n'uma resposta aos manifestos dos reis colligados contra a republica.

XI — As apurações continuaram nos Jacobinos, como sò havia decidido na sessão precedente. Cada membro, citado por seu turno para subir á tribuna, teve de soffrer um exame publico de sua opinião e de sua vida.

No momento em que appareceu Danton para dar conta de suas acções, um rumor de animadversão se espalhou pela sala. O ecco de sua má opinião o atacava até na tribuna. Danton se perturbou um momento, recobrando depois a firmeza, que dá a desesperação, e armando-se com a impertubabilidade de uma virtude que não tinha: « Tenho ouvido rumores, disse. « Graves denuncias têem já circulado contra mim. Peço justificarme perante o povo. Emprazo todos os que poderam conceber suspeitas contra mim, a resumirem suas accusações, porque quero responder-lhe em publico. Acabo de experimentar uma especie de desfavor subindo á tribuna. Terei acaso perdido aquellas feições que caracterisam o rosto do homem livre? Não serei aquelle mesmo Danton, que ao

vosso lado sempre se achou em todos os momentos de crise? Não serei mais aquelle individuo, que haveis muitas vezes abraçado como vosso amigo e que deve morrer comvosco? Fui um dos mais intrepidos defensores de Marat. Invoco a sombra do *amigo do povo*! Admirados ficareis quando vos faça conhecer o meu procedimento privado de ver que a fortuna colossal, que meus inimigos me attribuem se reduz á pequena porção de bens que sempre possui. Desafio os malevolos a fornecer contra mim a prova de algum crime. Todos os seus esforços não poderão abalar-me. Manter-me-hei de pé com o povo. Julgar-me-heis em sua presença. Não rasgarei uma só pagina de minha historia, sem que vós rasgueis as paginas da vossa, que deve immortalisar os annaes da liberdade. »

Depois deste exordio, que quebrava para assim dizer o sello longo tempo cerrado de sua alma, Danton se abandou a um improviso tão fertil e rapido, que a penna dos ouvintes se tornou impotente para o seguir, e notar. Referiu todos os factos de sua vida, e de seus actos revolucionarios formou um pedestal sobre o qual desafiou seus calumniadores a abalal-o. Concluio exigindo a nomeação de doze memb.os para examinar o seu proceder. O silencio acolheu esta supplica. Via-se que o povo commovido, acreditava mais no seu genio, do que na sua consciencia.

Robespierre podia com uma só palavra precipitar ou levantar Danton. Conhecia que precisava d'este homem para contra-pezar a popularidade d'Hebert. Quiz, salvando-o, mostrar-lhe que podia perdel-o. Subio á tribuna não com a lentidão reflectida, que usava ordinariamente quando tomava a palavra mas com a precipitação d'um golpe já iminente. « Danton, » lhe disse elle, dirigindo-se-lhe com voz sevéra, « tu pedes que se resumam as peças accusatorias passadas contra ti. Ninguem levanta a voz, pois bem eu o vou fazer! Danton tu és accusado de haver emigrado; diz-se que passaste á Suissa, que a tua molestia era fingida para occultar ao povo a tua fugida. Diz-se que a tua ambição era ser regente em nome de Luiz XVII, que n'uma certa epoca tudo esteve preparado para proclamar a tua dictadura, que eras o chefe da conspiração, que nem Pitt, nem Cobourg, nem a Inglaterra, nem a Austria, nem a Prussia eram nossos inimigos mais perigosos, mas que eras tu, sómente tu; que a Montanha estava cheia de teus cumplices, em uma palavra, que era mister degolar-te!

« A Convenção, » proseguiu Robespierre, « sabe que eu era opposto a Danton em opinião; que no tempo das traições de Dumouriez, minhas suspeitas tinham precedido as suas; então eu lhe exprobava não se mostrar assás irritado contra esse monstro; censurei-o de não haver perseguido Brissot e seus cumplices com bastante vehemencia. Juro que foram estas as unicas reprehensões que lhe fiz!... Danton! não sabes tu, » proseguio o orador com uma voz quasi enternecida, « que quanto mais valor e patriotismo tem um homem, mais se enforecem contra elle os inimigos da causa publica, e se empenham em sua perda? Os inimigos da patria parecem opprimir-me com elogios exclusivamente, porém eu os engeito. Pensam que debaixo d'estes elogios, não descubro o punhal com que pertendem assassinar a patria? A causa dos patriotas é solidaria. Eu me engano talvez ácercà de Danton, mas visto no centro de sua familia merece louvores. Sob relações politicas eu o tenho observado. Uma differença de opinião entre nós, fez com que o estudasse com cuidado, até algumas vezes com colera. Danton quer que o julguem, tem razão, que me julguem tambem. Que se apresentem esses homens que se inculcam por mais patriotas do que nós. »

XII. — Este testimunho salvou Danton, mas não lhe fez recobrar o credito perdido. Era o que Robespierre queria. Precisava de Danton como protegido, não como igual. Carecia d'esta voz na Montanha para fustigar a communa. Submettida esta, Danton sujeito aos Jacobinos seria forçado a servir ou a temer. Robespierre não empregou as mesmas attenções, nem os mesmos artificios para com os outros membros exaltados ou corrompidos da Convenção, que dominavam os Jacobinos e nos Franciscanos. Tendo chegado a vez de Anacharsis Klootz, o *orador do genero humano*: Podemos nós olhar como patriota, » exclamou elle, « um barão allemão? como democrata um homem que possue com mil libras de renda? como republicano um homem que não frequenta se não os banqueiros estrangeiros e os contra-revolucionarios inimigos da França? Klootz! tu passas a tua vida com os agentes e espiões das nações estrangeiras (Proly, Dubuisson, Pereyra), tu és um traidor como elles, é preciso vigiar-te. Cidadãos! vós o haveis visto umas vezes aos pés do tyranno e de sua corte, outra aos joelhos do povo. Fez a corte a Brissot, Dumouriez, e á Gironda. Queria que a França atacasso o universo! Publicou um pamphleto intitulado: *Ni Marat ni Roland*. Se n'este elle dava uma bofetada em Roland, mais ultrajante a dava na Montanha. Suas opiniões extravagantes, sua obstinação em fallar de uma republica universal, a inspirar-nos a raiva das conquistas, eram outras tantas ciladas armadas á republica para lhe dar todos os povos e elementos por inimigos. Elle fomentou o movimento contra o culto. Nós sabemos, Klootz, de tuas visitas nocturnas a caza de Gobel, bispo de Pariz. Sabemos que ahi coberto com as sombras da noite, preparaste com Gobel essa mascarada philosophica. Cidadãos! tereis vós como patriota um estrangeiro que quer ser mais democrata que os francezes, e a quem se ha visto, ora por cima, ora por baixo da Montanha? porque Klootz nunca esteve com a Montanha. Ah! desgraçados patriotas, que podemos nós fazer cercados de inimigos, que entram em nossas fileiras para nos combater? Cobrem-se com uma mascara, apunhalam-nos e sentimos os golpes sem ver sua mão. Que será feito de nós, a nossa missão está concluida! Nossos inimigos, fingindo transpor a altura da Montanha, nos agarram pelas costas para nos enterrarem golpes mais profundos!?? Enternecendo-se depois a ponto de derramar lagrimas, e parodiando as palavras de Christo em sua agonia. Velemos, « disse, « pois que a morte da patria não está distante! »

O malaventurado Klootz, curvando a cabeça ao pé da tribuna, fulminado pelo gesto de Robespierre, não ousou tentar remover o pezo da reprovação, que o esmagava. Fanatico sincero e dedicado da liberdade, Klootz não era todavia culpado de ligar-se com homens corrompidos da Convenção, taes como Fabre e Chabot, e com os demagogos materialistas do partido d'Hebert. Elle o era principalmente aos olhos de Robespierre pela proclamação da republica universal, que ameaçava todos os thronos e todas as nacionalidades. Robespierre que tinha sempre querido paz com os estrangeiros, estava firme n'esta idéa. Sacrificando Klootz como um insensato, como um atheo, julgava remover uma pedra d'escandalo entre a Europa e a republica franceza. Robespierre não queria conquistas senão pelas idéas.

A indulgencia politica com que elle cobrira Danton se estendeu a Fabre d'Eglantine, poeta e cortezão do povo de quem a fortuna subita obrigava a suspeitar sua probidade.

Camillo-Desmoulins, outro diante de Danton, teve precisão tambem de se excusar pela piedade que manifestava no tribunal revolucionario, na occasião de se sentenciarem os Girondinos. « E' verdade, » disse Camillo-Desmoulins, « que tive um momento de sensibilidade no julgamento dos vinte e dois. Mas aquelles que m'o exprobram estavam longe de se achar na mesma posição que eu. Amo a republica, mas enganei-me ácerca de muitos homens, taes como Mirabeau, Lameth que eu tinha por verdadeiros defensores do povo e que acabaram trahindo-o. Uma bem notavel fatalidade, fez com que de sessenta pessoas que assignaram o contracto do meu consorcio, não me restam vivos mais que dois amigos, Robespierre e Danton! todos os mais fugiram ou foram decapitados. Eram deste numero, sete dos vinte e dois. Fui sempre o primeiro em denunciar meus proprios amigos, sempre vi que obravam mal. Suffoquei a voz da amizade que me havia inspirado grandes talentos. »

Esta excusa, balbuciada timidamente por Camillo-Desmoulins, não tranquilisou os rumores dos Jacobinos. Robespierre se levantou para os acalmar. Elle amava e despresava este mancebo, arrebatado como uma mulher e voluvel como um menino. « E' preciso, » disse Robespierre, « considerar Camillo-Desmoulins com suas virtu-

des e suas fraquezas. Algumas vezes timido e confiado, frequentemente animoso, sempre ambicioso e sempre republicano, foi visto successivamente como o amigo de Mirabeau, de Lameth, de Dilon; porem viram-no igualmente despedaçar os idolos que elle tinha insensado. Eu o convido a proseguir em sua carreira, mas convido-o igualmente a não ser tão voluvel e a procurar não se enganar, ácerca dos homens que representam grande papel na scena politica!» Esta amnistia de Robespierre salvou Camillo-Desmoulins. Ninguem ousou proscrever a quem Robespierre excusava.

XIII. — Todavia Vincent, Heron, Ronsin, Mailard, chefes principaes dos Franciscanos, (cordiliers) foram presos por ordem da commissão de salvação publica, por denuncia de Fabre d'Eglantine, soltos depois por informação de Robespierre. Occupado unicamente na apparencia de assegurar o predominio do governo sobre todos os partidos, Robespierre leu á Convenção um relatorio sobre os principios do governo revolucionario. Este relatorio dava esclarecimentos ácerca de seus planos e sobre os da Commissão. «A theoria do governo revolucionario,» dizia elle ahi, «é tão nova como a revolução que a produzio. O fim do governo constitucional é conservar a republica; o do governo revolucionario é de a fundar.

«A revolução é a guerra da liberdade contra seus inimigos. A Constituição é o regimen da liberdade victoriosa e pacifica.

«O governo revolucionario deve aos bons cidadãos toda a protecção nacional. Deve aos inimigos do povo a morte.

«Deve vogar entre dois escolhos a fraqueza e a temeridade, moderantismo e excesso. O seu poder deve ser immenso. No dia em que elle cair em mãos impuras, ou perfidas, a liberdade está perdida.

«A fundação da republica franceza não é um brinco de creanças: infelizes de nós se quebrar-mos o feixe em vez de o apertar. Imolemos a esta obra nosso amor proprio. Scipião depois de vencer Annibal e Cartago, fez-se uma gloria em servir ás ordens do seu inimigo. Se entre nós as funcções do governo revolucionario são objectos d'ambição, em vez de o serem de penosos deveres, a republica está então perdida»

Apenas temos reprimido os excessos falsamente philosophicos contra os cultos, apenas havemos pronunciado aqui o nome de *ultra-revolucionario*, e logo os partidistas da realeza quizeram applical-o aos patriotas ardentes, que tinham commettido de boa fé alguns erros do zelo. Procuram chefes no meio de vós. Sua esperança é soprar a discordia entre uns e outros. Esta lucta funesta vingaria os aristocratas e os Girondinos. E' mister confundir suas esperanças fazendo julgar seus cumplices.»

Este relatorio de dois gumes, dirigido evidentemente contra os Hebertistas, que accusavam a commissão de salvação publica de fraqueza, e contra os Dantonistas, que o accusavam de excesso de rigor, acabava por um decreto ordenando o prompto julgamento de Dietrich, maire de Strasbourg, de Custine filho do general, e de um certo numero de generaes accusados de cumplicidade com o estrangeiro. Eram victimas quasi todas innocentes, immoladas á paz entre os tres partidos; sangue derramado pela anarchia na Convenção para a aplacar. Este sacrificio nada applacou.

XIV. — As polemicas de Camillo Desmoulins e d'Hebert em suas folhas, alimentavam a discordia. Symptomas mudos revelavam aos olhos de Robespierre e da commissão os secretos rumores de Danton. A abdicação e o silencio d'este orador inquietavam a commissão de salvação publica. Depois do seu regresso de Arcis-sur Aube, o seu repouso era contra a natureza; era suspeita sua humanidade. O sangue de septembro que manchava ainda suas mãos, não tinha excitado verdadeiramente tanta piedade n'alma de Danton. Descobria-se em sua indulgencia affectada, um calculo antes do que um sentimento. Este calculo era uma ameaça contra os homens, que manejavam a arma dos supplicios. Danton affectando separar-se d'elles, parecia pesquizar a hora de uma volta d'opinião publica, para voltar esta arma contra elles, imputar-lhes o sangue, attribuir lhes as victimas, aproveitar os ressentimentos, que tivessem assumido e apoderar-se da revolução, sua obra, arremeçando-os ás vinganças do povo. Estas suspeitas de Robespierre e da commissão contra Danton eram justificadas por sua natureza, pela sua situação, e por sua profunda politica. Tambem o eram pela tempera de sua alma, passando com a inconsequencia de uma sensação, da exaltação de terrorista á generosidade e enternecimento. Os crimes e virtudes de Danton se reuniam n'este momento para o perder. O fausto de sua vida ociosa e voluptuosa em Sévres, quando a republica andava em fogo, e o sangue corria de todas as veias, em fim a fortuna inexplicavel, que se lhe attribuia, comparada á indigencia, de Robespierre, acabavam de o apontar ás suspeitas. As temeridades da penna de Camillo Desmoulins recaíam sobre Danton. Não se acreditava que este moço e leviano folhetinista fosse capaz de ousar tanto se não estivesse apoiado n'um grande colosso. Suas audacias do estylo passavam por inspirações do seu patrono.

Camillo Desmoulins tinha querido lisongear Robespierre dirigindo o *Velho Franciscano* contra Hebert e o seu partido; mas por esta fórma achava ter offendido este rival desconfiado de Danton. Extranho erro de uma adulação, que se engana na hora e que offende querendo acariciar. Todo o enredo do drama que vae desenvolver-se, consiste n'esta falta de previsão d'um pamphletario. Sua inconsiderada penna tendo por fim matar seus inimigos, apressou a hora de seus amigos e a sua. Sua impaciencia de importancia e gloria o precipitou na sua perda. A sua morte foi uma extravagancia como a sua vida, mas ao menos foi uma extravagancia honesta, algumas vezes sublime, e que resgatava em apparencia bastantes prostituições e bastantes fraquezas do talento.

XV. — Camillo Desmoulins dava principio ao seu primeiro numero do *Velho Franciscano* para lisongear Robespierre, desta forma:

«A victoria pertenceu aos Jacobinos» escrevia elle narrando a justificação de Danton, «por ue no centro de tantas ruinas de reputações colossaes de civismo, a de Robespierre está estabelecida. Tendo-se já feito forte no terreno ganho durante a enfermidade e ausencia de Danton o partido de seus accussadores, no meio dos factos mais tocantes e mais convincentes de sua justificação, apupava, acenava com a cabeça e serria-se de piedade como do discurso de um homem condemnado por todos os votos. Vencemos todavia por que depois dos discursos fulminantes de Robespierre, cujo talento parece engrandecer-se com os perigos da republica, e a impressão profunda, que deixára nas almas, era impossivel ousar elevar a voz contra Danton, sem dar por assim dizer, um documento publico dos guinéos de Pitt.»

N'outra parte affectava o culto de Marat para se cobrir com esta fama posthuma, contra aquelles que lhe reprehendessem sua fraqueza:

«Depois da morte d'este patriota esclarecido e de grande caracter, que eu ousei chamar ha tres annos o *divino* Marat, é a unica marcha que tem tido os inimigos da republica. E eu attesto com sessenta dos meus collegas, quantas vezes gemi no seu seio pelos funestos successos d'esta marcha! Finalmente Robespierre, n'um primeiro discurso que a Convenção decretou, que se enviasse a toda a Europa, levantou o véo. Convinha á sua coragem e popularidade introduzir ahi destramente como o fez, a grande palavra, a palavra salutar: que Pitt mudou de baterias; que emprehendeu fazer por exageração, o que não podera practicar pelo moderantismo, e que havia homens politicamente contra-revolucionarios, que tratavam de formar como Roland, o espirito publico, e em falsear a opinião em sentido contrario, mas n'outro extremo igualmente fatal para a liberdade. N'outros dois discursos dirigidos aos Jacobinos e não menos eloquentes, Robespierre se pronunciou com mais vehemencia ainda contra os intrigantes, que usando de louvores perfidos e exclusivos, se lisongeavam de o desligar de todos

seus antigos camaradas d'armas e do batalhão sagrado d'os Franciscanos, com o qual tinha tão repetidas vezes batido o exercito real. Com vergonha dos padres, elle defendeu o Deus que cobardemente abandonavam!»

Aqui, Camillo Desmoulins fazia reflectir o genio de Tacito sobre os attentados modernos; a lingoa franceza escripta com a sua penna, se tornou concisa e lapidaria como o latim.

«Depois do assedio de Perouse, dizem os historiadores, apesar da capitulação, a resposta de Augusto foi: Torna-se-vos preciso a todos morrer! Trezentos dos principaes cidadãos foram conduzidos ao palacio de Julio Cezar, e ahi degolados no dia dos idos de Marte; depois do que o resto dos habitantes foi passado sem escolha ao fio da espada, e a cidade, uma das mais bellas da Italia, reduzida a cinzas, e tão apagada da superficie da terra como Herculanum. Havia antigamente em Roma, diz Tacito, uma lei que classificava os crimes d'estado, e de lesa-magestade e proferia sentença capital. Estes crimes de lesa-magestade, no tempo da republica se reduziam a quatro especies; Se um exercito havia sido abandonado n'um paiz inimigo; se se haviam excitado sedições; se os membros dos corpos constituidos haviam administrado mal os negocios dos dinheiros publicos; se a magestade do povo romano tinha ficado invilicida. Os imperadores não tiveram precisão senão de alguns artigos addicionaes a esta lei, para envolver tanto os cidadãos como cidades inteiras na proscripção. Desde que as conversações se tornaram em crimes de estado, faltava só dar um passo para mudar em crime as simples vistas, a tristeza, a compaixão, os suspiros, o mesmo silencio. Bem depressa foi crime de lesa-magestade ou de contra revolução na cidade de Murcia ter levantado um monumento a seus habitantes mortos no cerco de Modena, combatendo sob Augusto, mas por que então Augusto combatia com Bruto, Murcia teve a sorte de Pérouse.

«Crime de contra-revolução a Libon Drusus por ter pedido aos ledores de sinas lhe dissessem se possuiria um dia grandes riquezas Crime de contra-revolução ao jornalista Cremutius Cordus por ter chamado a Brutus e Cassius os ultimos dos romanos. Crime de contra-revolução a um dos descendentes de Cassius haver em sua casa um retrato de seu visavô. Crime de contra-revolução a Mamercus Scaurus ter composto uma tragedia, onde havia um verso que podia admittir dois sentidos. Crime de contra-revolução a Torquatus Sélanus por fazer despezas. Crime de contra-revolução a Petreius por ter tido um sonho ácerca de Claudio. Crime de contra-revolução a Appius Silanus por sua mulher ter um sonho a seu respeito. Crime de contra-revolução a Pomponius, por um amigo de Sejano ter vindo procurar asylo em uma de suas casas de campo. Crime de contra-revolução de se queixarem das desgraças do tempo, por ser, fazer o processo do governo. Crime de contra-revolução não invocar o genio de Caligula: por haver faltado a isto grande numero de cidadãos foram esquartejados, condemnados ás minas e ás féras, alguns até foram serrados pelo meio do corpo. Crime de contra-revolução á mai do consul Fabius Géminus por haver chorado a morte funesta de seu filho.

«Era preciso manifestar alegria pela morte do seu amigo, do seu parente, se não queriam expor-se a morrer igualmente. No reinado de Nero, muitos de quem elle tinha feito morrer os parentes, íam dar graças aos deuses, e punham luminarias. Ao menos era preciso mostrar um ar de contentamento, um ar tranquillo, e desassombrado. Temia-se que o mesmo temor fosse accusado de crime. Tudo se tornava suspeitoso para o tyranno. Se um cidadão tinha popularidade, era um rival do principe, que podia suscitar uma guerra civil. Suspeito.

«Se pelo contrario se fugia de popularidade e se affastavam, e esta vida privada vos havia dado consideração. Suspeito.

«Ereis pobre: careceis ser vigiado de mais perto. Quem nada possue, tudo emprehende. Suspeito.

«Ereis de um caracter sombrio, melancolico, ou trajaveis negligentemente; a causa do vosso desgosto era por que andavam bem os negocios publicos. Suspeito.

«Ereis virtuoso e austero em seus costumes: novo Bruto, que pretendia, pela sua palidez, fazer a censura de uma corte amavel e bem penteada. Suspeito.

«Ereis um philosopho, um orador ou um poeta: convinha bem ter mais fama do que aquelles, que governavam. Poder-se-hia soffrer que se desse mais attenção ao author do que ao imperador na sua tribuna de grades? Suspeito.

«Finalmente havia-se adquirido reputação na guerra: muito mais perigoso se era pelo seu talento. Ha sempre recurso com um general inepto. Se é traidor não póde tão facilmente entregar um exercito ao inimigo sem que se salve alguem: porém um official do merito de Corbulon ou de Agricola, se trahisse não se salvaria um só. O melhor é desfazer-se d'elle. Não podeis ao menos dispensar-vos de o affastar promptamente do exercito. Suspeito.

«Póde-se bem crer, que peior seria se se fosse neto ou alliado de Augusto: podiam-se ter pretenções ao throno. Suspeito.

«E' assim que não era possivel ter alguma qualidade, que não servisse de instrumento á tyrania, sem despertar o ciume do despota, e sem se expor a uma ruina inevitavel. Era um crime o possuir um grande logar ou pedir a sua demissão. Mas o maior de todos os crimes era o ser incorruptivel.

«Um era ferido por causa do seu nome ou do de seus antepassados; outro por causa de sua bella casa d'Alba; Valerius Asiaticus, por que os seus jardins tinham agradado á imperatriz, Italicus porque a sua phisionomia lhe tinha desagradado; e uma multidão sem que se podesse adivinhar a causa. Toranius, o tutor e velho amigo de Augusto, era proscripto pelo seu pupilo, sem que se soubesse porque, senão que era homem de probidade e amava sua patria. Nem a pretura, nem sua innocencia poderam garantir Quintus Gélius das mãos sanguinolentas do executor; este Augusto de quem tanto se ha gabado a clemencia, lhe arrancara os olhos com suas proprias mãos. Era-se apunhalado por seus escravos, seus inimigos, e quando senão tinha inimigos, achava-se por assassino um hospede, um amigo, um filho. Em uma palavra, nestes reinados, a morte natural de um homem celebre, ou em alto emprego, era tão rara, que isto era posto nas gazetas como um acontecimento e transmittido pelo historiador á memoria dos seculos. Durante este consulado, diz o nosso annalista, houve um pontifice, Pison, que morreu na sua cama, o que pareceu prodigio.

«Taes accusadores, taes juizes. Os tribunaes protectores da vida e da propriedade estavam feitos agougues, ainda tudo quanto tinha nome de supplicio e de confisco, não eram senão roubo e assassinio. Se não havia meio de enviar um homem ao tribunal, recorria-se ao assassino e ao veneno. Celer, Allius, a famosa Locusta, o medico Anicetus eram envenenadores de profissão, com carta patente, viajando em companhia da corte, e uma especie de grandes officiaes da coroa. Quando estas meias medidas não bastavam, o tyranno recorria a uma proscripção geral. Foi assim que Caracalla depois de haver morto com sua propria mão a Gêta, declarava inimigos da republica todos seus amigos e partidarios, em numero de vinte mil: e Tiberio, inimigo da republica, matava todos os amigos e partidarios de Sejano, em numero de trinta mil. Foi assim que Sylla n'um só dia, prohibira o fogo e agoa a setenta mil romanos. Se um imperador tivesse tido uma guarda pretoriana de tigres e panthéras, não fariam mais pessoas em pedaços do que os delatores, os libertos, os envenenadores e assassinos de Cesar; porque a crueldade causada pela fome cessa com a fome, em logar de que a que é causada pelo temor, cubiça e suspeitas dos tyrannos não tem limites. Até que grão de avillamento e de baixeza a especie humana póde baixar quando se pensa, que Roma soffreu o dominio de um monstro, se lastimava de que o seu reinado não fosse assignalado por alguma calamidade, peste, fome, terremoto: que in-

vejava a Augusto ter tido no seu reinado um exercito feito em postas; e ao reinado de Tiberio os desastres do amphitheatro de Fidénas, aonde pereceram cincoenta mil pessoas; e para concluir em uma palavra, que desejava que o povo romano não tivesse mais do que uma só cabeça, para a dependurar da sua janella! »

XVI. — Aqui elle se eleva á philosophia de Fenelon para dar á revolução o colorido de uma religião politica.

« Pensam apparentemente que a liberdade assim como a infancia, tem precisão de passar pelos gritos e lagrimas para chegar á idade madura. A natureza da liberdade é ao contrario, que para se gosar é mister desejal-a. Um povo é livre desde o momento, que o quer ser. A liberdade não tem nem velhice, nem infancia; não tem mais do que uma idade, a da força e do vigor: de outra fórma aquelles, que se fazem matar pela republica, seriam tão estupidos como aquelles fanaticos da Vandée, que se fazem matar pelas delicias do paraiso de que elles não gosarão jamais. ¡Quando houvermos perecido nos combates, resuscitaremos tambem em tres dias como estes camponeses estupidos? Não esta liberdade, que adoro não é o Deus incognito. Nós combatemos para defender os bens de que elle põe immediatamente em possessão os que a invocam. Estes bens são a declaração dos direitos, a doçura das maximas republicanas, a fraternidade, a egualdade, a inviolabilidade dos principios: eis os vestigios dos passos da deusa.

« O' meus charos cidadãos! aviltar-nos-hiamos a ponto de prostrarmos diante de taes divindades? Não, a liberdade, esta liberdade, que nos veio do céo, não é uma nympha da opera, não é um *bonnet rouge*, uma camisa suja ou farrapos; a liberdade é a felicidade, é a rasão, é a igualdade, é a justiça, é a vossa sublime constituição. Quereis que eu a conheça, que caia a seus pés, que derrame todo o meu sangue por ella? Abri as prisões a esses duzentos mil cidadãos, que chamais suspeitos, pois que na declaração dos direitos não existem casas de suspeição, ha só casas de prisão. A suspeita não tem prisão, mas accusador publico. Não ha gentes suspeitas, não ha mais do que prevenidos de delictos previstos pelas leis, e não julgueis que seria esta medida funesta a republica, seria a medida mais revolucionaria, que houvesseis jámais adoptado. Quereis exterminar todos os vossos inimigos pela guilhotina; mas houve por ventura nunca maior loucura? Podeis fazer morrer um só sobre o cadafalso sem grangeardes muitos inimigos da parte de sua familia e de seus amigos? Creis vós que sejam essas mulheres, esses velhos, esses egoistas, esses parasitas da revolução, que encerrais, os que são perigosos? Dos vossos inimigos não ficaram entre vós senão fracos e enfermos, os bravos e os fortes emigraram, pereceram em Lyon ou na Vendée. O resto não merece a vossa colera. Esta multidão de frades, de rendeiros, de botiquineiros, que vós encerrais no duello entre a monarchia e a republica, não se tem parecido senão com esse povo de Roma de que Tacito pinta a indifferença no combate entre Vitellius e Vespasiano. »

XVII. — A palavra de *commissão de clemencia*, que elle tinha lançado na opinião, lisongeava por outra parte a generosidade dos vencedores, consolando a miseria e a fraqueza dos vencidos.

« Quantas benções se elevariam então de todas as partes! Eu penso de modo bem differente daquelles, que é preciso deixar o terror á ordem do dia. Estou certo ao contrario, que a liberdade seria consolidada e a Europa vencida se tivesseis uma commissão de clemencia. Seria esta commissão, que acabaria a revolução, porque a clemencia é uma medida revolucionaria, e a mais efficaz de todas quando se distribue com prudencia. Que os imbecis e velhacos me chamem moderado quando quizerem. Não me envergonho de não ser mais furioso do que Marcos Brutus. Ora eis-aqui o que Brutus escrevia: « Obrareis melhor, meu charo Cicero, em pôr todo o rigor em prescindir das guerras civis, antes do que excitar vossa colera e proseguir em vossos ressentimentos contra os vencidos. » Sabe se que Thrasybulo depois de se ter apoderado d'Athenas, á testa dos banidos, e ter condemnado á morte os dos trinta tyrannos, que não tinham morrido com as armas na mão, usou de uma indulgencia extrema a respeito do resto dos cidadãos e até fez proclamar uma amnistia geral. Dir-se ha que Thrasybulo e Brutus eram do club dos feuillants ou partidarios de Brissot? Consinto em passar por moderado como estes grandes homens. »

Depois tornando á commissão de clemencia:

« A esta palavra *commissão de clemencia*, que patriota não sente suas entranhas commovidas? porque o patriotismo é a plenitude de todas as virtudes e não póde conseguintemente existir aonde não houve humanidade, nem philantropia, mas uma alma arida, e secca pelo egoismo. O' meu charo Robespierre! é a ti a quem dirijo aqui a palavra; porque eu vi o momento em que Pitt não tinha mais a quem vencer senão a ti, e sem ti *Argo* pereceria; a republica entrava em um cahos e a sociedade dos jacobinos e a Montanha se tornavam uma torre de Babel: Robespierre, tu de quem a posteridade lerá discursos eloquentes! lembra-te dessas lições de historia e de philosophia, que o amor é mais intenso e duradouro do que o temor, que a admiração e a religião attrahem beneficios; que os actos de clemencia são a escada da mentira, como nos dizia Tertulliano, pela qual os membros da commissão extraordinaria de salvação publica se elevaram ao céo, e que ahi nunca se subio por degráos ensanguentados! Desde já te aproximaste muito desta idéa na medida, que fizeste decretar hoje na sessão da *decade 30 frimaire*. E' verdade que é antes uma commissão de justiça que foi proposta; todavia, porque se tornaria a clemencia em crime na republica? »

Emfim elle se atrevia a dirigir-se a Barére, secretario da commissão de salvação publica.

« Os moderados, os aristocratas, » diz Barére, « não se acham já sem se procurarem: Tendes visto o *Velho Franciscano*? Eu! o patrono dos aristocratas! dos moderados! Se a náo da republica, que navega entre os dois escolhos de que tenho fallado, se aproximar demasiado do moderantismo, ver-se-ha então se eu ajudo á manobra, ver-se-ha se sou um moderado! Fui revolucionario antes de vós todos; tenho sido ainda mais, um salteador, e disso me tenho feito gloria, quando em a noite de 12 e 13 de julho de 1789, eu e o general Danican, faziamos abrir as officinas d'armeiros para armar o primeiro batalhão de *sans-culottes*. Então possuia eu a audacia da revolução. Hoje deputado á assembléa nacional, a audacia, que me convem, é a da razão, e de expôr a minha opinião com franqueza.

« Mas, ó meus collegas! dir-vos-hei como Brutus a Cicero: Nós tememos muito a morte, o exilio e a pobreza: *Nimium timemus mortem, et exilium, et paupertatem*. Esta vida merece acaso que um representante a prolongue á custa da honra? Não ha um só de nós, que não haja chegado ao cume da montanha da vida. Não nos resta mais do que descel-a atravez de mil precipicios inevitaveis, até para o homem mais obscuro. Esta descida não nos abrirá passagem alguma, sitio algum, que se não tenha offerecido mil vezes mais dilicioso a esse Salomão, que dizia no meio de suas sete centas mulheres e desprezando todo este montão de fortunas. Tenho achado que os mortos são mais felizes do que os vivos, e que mais feliz é quem nunca nasceu.

XVIII. — Hebert estigmatisado nestas folhas, deu gritos de dôr e raiva, ferido pelo styleto de Camillo Desmoulins. Não cessava de provocar a sua explosão dos jacobinos e de o denunciar aos Franciscanos (cordeliers) como um estipendiado da superstição e da aristocracia. Barére, pela sua parte fulminava Camillo Desmoulins na commissão de salvação publica e na tribuna da convenção. Accusava-o de manchar o patriotismo e comparar a energia penosa dos fundadores da liberdade, com a crueldade dos tyrannos, Camillo, reprovado tambem por Danton e censurado por Robespierre, principiou a conhecer que tinha posto a mão sobre dois collossos, que o hiam esmagar no seu choque. Mas córando de retroceder perante a opinião publica, que animava estes primeiros brados de clemencia, agravou o seu crime n'outras folhas,

que excediam as anteriores tanto em eloquencia, como em invectivas contra os jacobinos.

Hebert, Ronsin, Vincent, Momoro, Chaumett, faltos de resolução no momento da luta, se esforçavam, como Camillo Desmoulins, em desinteressar Robespierre ou de o dobrar por meio de adulações. A mulher de Hebert, religiosa saida do claustro pela revolução, mas di na de outro esposo, frequentava a casa de Duplay. Robespierre tinha para com esta dama a estima e respeito, que recusava a Hebert. Ella tentou conciliar-o com seu marido. Convidada para um jantar em casa de Duplay, ella se esforçou em destruir as suspeitas, que Robespierre nutria contra a facção dos franciscanos. Durante esta assembléa Robespierre abrindo-se um pouco com Hebert, descobria que a reconcentração do poder n'um triumvirato composto de Danton, d'Hebert e delle Robespierre, ataria talvez o braço da republica proximo a quebrar-se. Hebert respondeu que se sentia incapaz de outro papel, que não fosse o de Aristophanes do povo. Robespierre o olhou com desconfiança. A mulher de Hebert disse ao retirar-se, a seu marido, que uma tal insinuação recebida e regeitada era um perigo mortal para elle. « Tranquillisa-te, » disse Hebert, « eu não temo mais Robespierre do que Danton. Que venham se são capazes, buscar-me ao meio da minha communa! »

Hebert umas vezes temeroso, outras temerario, não fallava com menos desconfiança de Danton e de seus amigos na sua folha, que na tribuna dos franciscanos. Os applausos da populaça, o arrojo de Vincent, os annos de Ronsin, os bandos semi-licenciados do Maillard tranquillisavam Hebert. Arguia abertamente a commissão de salvação publica. O governo não tinha senão a escolha de ferir este faccioso, ou ser ferido por elle. A Convenção achava-se ameaçada de um novo 31 de maio. Elle pedia abertamente a prisão e supplicio dos setenta e tres deputados cumplices dos Girondinos. Vincent affixava nos franciscanos pasquins, onde dizia que era preciso reduzir a mil e quinhentas almas a população de cincoenta mil de Lyon, e encarregar o Rhodano de sepultar os cadaveres. Chaumette fazia affluir á communa requerentes das secções, pedindo abertamente a expulsão d'uma parte gangrenada da Convenção. A commissão de salvação publica conhecia pelos seus agentes secretos, os tramas anarchicos de Ronsin. Era tempo de os desfazer. Era mister aproveitar o momento em que estes mesmos conspiradores ameaçavam Danton. Tal foi o motivo das attenções e indulgencias de Robespierre aos jacobinos á cerca de Danton, e de Camillo Desmoulins. Resolvida a perder as duas facções a commissão se guardava de as atacar no mesmo dia. Era preciso deixar a esperança a uma para calcar mais facilmente a outra. O segredo desta politica da commissão não transpirou. Danton, mesmo tão prespicaz se enganou. Tomou a longanimidade de Robespierre por uma alliança, era uma cilada: em que effectivamente cahiu. Foi o que revelou alguns dias depois aquelle grito do seu orgulho humilhado: » « Morrer é nada, porém morrer feito o ludibrio de Robespierre! »

XIX. — Os jacobinos eram para a commissão de salvação publica, o instrumento da derrota ou da victoria. Robespierre se encarregou de os adherir á Convenção. Multiplicou-se, exhaurio suas forças para occupar continuamente a tribuna, e exercer nelles a fascinação do seu nome. Esta tribuna se tornou o unico ponto sonóro da republica. A Convenção affectava fallar pouco depois, que se achava investida do poder supremo. A soberania não tem precisão de fallar: fere. A Convenção temia de se dividir mais por meio das discussões em presença de seus inimigos. A sua dignidade e força consistiam no seu silencio. A opinião não murmurava, ou para melhor dizer não se expandia senão nos jacobinos. Robespierre não despresava occasião alguma de abater ali, ou ameaçar os sectarios d'Hebert. « Que aquelles, » exclamou elle um dia encarando o grupo formado por Ronsin, Vincent e os franciscanos, « que aquelles que desejam que a Convenção se degradasse, vejam aqui o presagio de sua ruina! o signal o oraculo de sua morte certa! serão exterminados! »

Camillo Desmoulins tinha sido aprazado para justificar suas insinuações sanguinolentas contra o terror. Elle se apresentou já vencido e balbuciou excusas. « Esperai cidadãos » disse, « não sei já aonde estou. De todas as partes me accusam e me calumniam. Tenho acreditado durante muito tempo nas accusações, que se faziam contra a commissão de salvação publica. Collot d'Herbois me assegurou, que estas accusações não eram mais, que um romance. A minha cabeça se extravia. Será um crime a vossos olhos o ter sido enganado? — Explicai-vos acerca do *Velho Franciscano,* » lhe gritou uma voz. Camillo balbuciou. Robespierre o observa com um olhar severo: « Algum tempo ha, » disse elle, « que tomei a defeza de Camillo Desmoulins accusado pelos jacobinos. A amisade me permittia algumas reflexões attenuantes sobre o seu caracter. Mas hoje sou compellido a sustentar uma linguagem bem differente. Elle tinha promettido abjurar suas heresias politicas, que cobrem as paginas do *Velho Franciscano.* Influido pela extracção prodigiosa do seu pamphleto, e pelos elogios perfidos, que os aristocratas lhe prodigalisam, não abandonou a senda, que o erro lhe traça. Seus escriptos são perigosos. Alimentam a esperança de nossos inimigos; acariciam a malignidade publica. E' um admirador dos antigos; os immortaes escriptos dos Ciceros e dos Demosthenes fazem suas delicias. Ama as Philippicas. E' uma creança perdida pelas más companhias. E' necessario proceder contra seus escriptos, os quaes o proprio Brissot não desapprovaria, e conservar sua pessoa. Peço que sejam queimados os seus numeros.

« — Queimar não é responder! » exclamou o imprudente pamphletario.

« — Como ousais » respondeu Robespierre « justificar paginas, que fazem as delicias da aristocracia? Sabe, Camillo, que se tu não fosses Camillo não se teria tanta indulgencia comtigo.

« — Tu me condemnas aqui, » replicou Camillo Desmoulins, « mas não fui eu a tua caza? Não te li as minhas folhas, rogando-te em nome d'amisade, que me esclarecesses com teus conselhos, e me indicasses um caminho?

« — Tu não me mostraste senão uma parte das tuas folhas, » lhe respondeu severamente Robespierre; « como aborreço contestações, não quiz lêr as outras. Dir-se-hia que as havia dictado.

« — Cidadãos, » disse a seu turno Danton, « Camillo Desmoulins não deve espantar-se das lições um pouco severas, que Robespierre lhe dá. Que a justiça e o sangue frio presidam sempre ás vossas decisões! Condemnando Camillo, acautelai-vos de dar um golpe funesto na liberdade d'imprensa! »

XX. — Estas lutas, preludios de lutas mais terriveis, não impediam que Robespierre dictasse suas doutrinas á Convenção. « Mettamos o universo na confidencia de nossos segredos politicos, » diz elle, n'um relatorio acerca do espirito do governo republicano. « Qual é o nosso alvo? O reinado d'aquella justiça eterna, cujas leis estão escriptas, não sobre o marmore e a pedra, porém no coração de todos os homens, até mesmo no do escravo que as olvida, e do tyranno que as nega. Nós queremos substituir no nosso paiz a moral ao egoismo, a probidade á honra, os deveres, ás conveniencias, a razão aos prejuizos, n'uma palavra todas as virtudes e todos os milagres da republica, a todos os vicios e imposturas da monarchia. O governo democratico e republicano é o unico que póde realisar estes prodigios; mas a democracia não é um estado em que o povo continuamente reunido, regula por si mesmo todos os negocios publicos; ainda menos aquelle aonde cem mil facções do povo, por medidas repentinas, isoladas, contradictorias decidirião da sorte da sociedade inteira. Um tal governo, se jámais existiu, não poderia permanecer senão para conduzir o povo ao despotismo. A democracia é um estado em que o povo soberano submisso ás leis, que são obra sua, faz por meio de seus delegados o que não póde operar por si mesmo.

Não sómente a virtude é a alma da democracia, porém ella não póde existir senão no governo. Na mo-

narchia, não conheço senão um individuo, que póde amar a patria: é o monarcha; pois que é o unico homem, que tem patria. Não é elle só em logar do povo? Os francezes são o primeiro povo do mundo, que tenha estabelecido a verdadeira democracia, chamando todos os homens á igualdade e á plenitude do direito dos cidadãos; é por isso que triumphará de todos os tyrannos! Não pertendemos lançar a republica franceza no modelo de Sparta. Más as tempestades soam e nos assaltam ainda. Se a mola do governo popular, durante o socego, é virtude, nas revoluções é ao mesmo tempo virtude e terror. O terror nada mais é do que a justiça prompta, severa, inflexivel. E' pois uma emanação da virtude. O governo actual é o despotismo da liberdade contra a tyrannia, para fundar a republica. A natureza impõe a todos os seres physicos e moraes a lei de sua propria conservação. Que a tyrania reine um só dia, no seguinte já não viverá um patriota! Graça para os realistas! nos gritam! Não, graça para a innocencia, graça para os fracos, graça para os desgraçados, graça para a humanidade. Os conspiradores não são mais cidadãos, são inimigos. Queixam-se da prisão dos inimigos da republica. Procuram-se exemplos na historia dos tyrannos. Accusam-nos de precipitar juizos, de violar as fórmas. Em Roma, quando o consul descobrio a conjuração e a suffocou no mesmo instante pe'a morte dos cumplices de Catilina, foi accusado de haver violado as fórmas.... por quem? pelo ambicioso Cesar, que queria engrossar o seu partido com a horda dos conjurados!»

Esta allusão a Danton e seus cumplices fez tremer a Convenção, e o mesmo Danton enfiou.

«Duas facções nos assaltam,» proseguio Robespierre: «uma nos compelle á fraqueza, a outra ao excesso; uma quer erigir a liberdade como bacchante, a outra prostituil-a. Intrigantes subalternos, e muitas vezes até bons cidadãos prevertidos, se juntam a um e a outro partido. Mas os chefes pertencem á causa dos reis. Uns se chamam moderados, os outros são os falsos revolucionarios. Quereis conter os sediciosos? Os primeiros vos lembram a demencia de Cesar! Descobrem que um individuo foi nobre quando servia a republica, não se lembram mais de tal quando a trahe. Os outros imitam e excedem as loucuras de Heliogabolo e Caligula. Mas a escuma impura, que o Oceano arroja sobre as suas praias, acaso o torna por isso menos imponente.»

XXI. — Este relatorio foi o toque de rebate da Convenção contra os Hebertistas, e Dantonistas. A commissão de salvação publica fez prender Grammont, Duret e Lapalus, amigos de Vincent e Ronsin, accusados por Couthon de terem deshonrado o terror com espoliações e supplicios, que trocavam o patriotismo em roubo e a justiça nacional em assassinos.

Os Hebertistas tremeram. Robespierre tomando-os corpo a corpo nos jacobinos, pulverisou todas as suas moções e expulsou todos os seus agentes. Refugiados no club dos franciscanos, passaram da colera ás queixas, e da ameaça ás supplicas. Saint-Just, a quem Robespierre encarregou de commentar seus principios de governo n'um relatorio, em que suas palavras tinham o vigor da espada, e a concisão do mando, leu á Convenção seus oraculos. O primeiro destes relatorios dizia respeito aos prezos. «Vós quizestes uma republica» dizia Saint-Just, «se não quizerdes ao mesmo tempo o que a constitue, ella sepultará o povo debaixo de suas ruinas.»

Estas demonstrações de severidade de Saint-Just fizeram crer aos partidistas de Hebert que a commissão de salvação publica tremia diante delle, e affectava esta linguagem para extinguir sua opposição. Couthon estava de cama por um novo ataque de suas enfermidades. Uma doença de Robespierre, motivada de fadiga d'espirito, os animava aos maiores atrevimentos. Hebert, a quem Ronsin e Vincent provocavam proclamou nos franciscanos a necessidade de uma insurreição. A esta palavra os rostos se tornaram palidos. Os clubistas se evadiram um a um. Vincent tentou em vão tranquilisar os covardes, e deter os transfugas. Em vão cobrio a estatua da Liberdade com um crépe negro. Só uma secção, a da Unidade, aonde dominava Vincent, veio fraternisar com elles. A massa das secções ficou immovel. O maior numero sabendo da doença de Robespierre, testimunhou sua inquietação e seus alarmes a respeito d'uma vida, que a seus olhos era a propria vida da republica. As secções nomearam deputações para ir informar-se do estado de Robespierre e dar-lhes conta de sua molestia. Este concurso espontaneo do povo á porta de um simples cidadão, deu a Robespierre o conhecimento da sua força.

Admirava-se, mas não se honrava deste modo a Danton, «Eu sou um exemplo da justiça do povo, proprio a animar seus verdadeiros servidores.» disse Robespierre a Duplay, que lhe annunciava estas deputações. «Ha cinco annos, que não me tem abandonado um só dia aos meus inimigos. Elle iria procurar-me nos seus perigos até á morte. Possa eu não ser um dia um exemplo de sua versatilidade!»

XXII. — Collot-d'Herbois foi encarregado pela commissão de salvação publica de substituir Robespierre na sessão dos jacobinos. Ahi fallou vagamente á cerca da agitação do povo. Conjurou os bons cidadãos a conservarem-se tranquillos e ligados ao centro do governo. Cumplice, em esperança, do movimento de Hebert se este movimento tivesse tomado corpo, Collot-d'Herbois o suffocava, porque tinha abortado. Fouquet-Tinville foi chamado á Convenção para dar conta das disposições do povo. Saint-Just fez um relatorio fulminante contra as chamadas facções estrangeiras. Foram por elle implicados nestas Chabot, Fabre d'Eglantine, Ronsin, Vincent, Hebert, Momoro, Ducroquet, o coronel Saumur, e alguns outros intrigantes obscuros da facção dos franciscanos. Fingio confundil-os com os realistas: «Aonde pois,» disse, «está a rocha Tarpeia? Enganados estão aquelles, que esperam da revolução o privilegio de serem a seu turno tão preversos como a nobresa, e como os ricos da monarchia. Uma charrua, um campo, uma cabana, garantida do fisco, uma familia ao abrigo da voluptuosidade de um malvado, eis-aqui a felecidade. Que quereis vós, que correis as praças publicas para vos fazer olhar e para dizer de vós: Eis-ahi fulano, que falla, eis sicrano, que passa! quereis abandonar o officio de vosso pai, para vos tornardes homens influentes, e essencialmente insolentes. Sabeis qual é o ultimo partido da monarchia? E' a classe, que nada faz, que não póde prescindir do luxo e das extravagancias, que não pensa em cousa alguma, ou pensa mal, que passeia o enfado, o furor dos deleites e o desgosto da vida commum, que pergunta: Que ha de novo? que faz conjecturas, que pertende adivinhar a marcha do governo, sempre promptos a mudar de partido por mera curiosidade. São estes os homens, que é mister reprimir. Ha outra classe corrompida, que é a dos funccionarios. No dia, que se segue ao da nomeação de um homem para um emprego publico, elle requer um palacio; tem criados: sua esposa joias: o marido sóbe da platéa a brilhantes camarotes no theatro. Não estão ainda satisfeitos, é preciso uma revolta para lhes proporcionar novos luxos.

«Como o amor da fortuna o amor da fama faz muitos martyres. Taes homens ha, que semelhantes a Erostrato, queimariam antes o templo da liberdade, do que evitariam se fallasse delles. Daqui nascem essas tempestades tão subitamente formadas. Este é o melhor e o mais util dos patriotas. Pertende que a revolução está consummada, e é myster dar uma amnystia a todos os scelerados. Esta proposição official é acolhida por todos os interessados e aqui tendes um heroe. Prescrevei pois limites ás authoridades,» proseguiu Saint-Just, «porque o espirito humano tem limites: o mundo tambem tem os seus, além dos quaes está a morte e o nada. Até mesmo a sabedoria tem limites. Além da liberdade está a escravidão, como além da naturesa está o cahos. Um dia estes tempos difficeis terão passado. Vêde o tumulo daquelles que hontem conspiraram? Estão já tomadas as medidas para se s guarem os culpados. Estão cercados por toda a parte.»

Approximava-se o momento. Durante a noite, Ronsin, general do exercito revolucionario, Hebert, Vincent

Momoro, Dacroquet, Cook, banqueiro hollandez, Saumur coronel da infanteria o então governador de Pondichery, Leclerc, Pereyra, Anacharsis, Klootz, Defieux, Dubuisson, Proly foram presos e conduzidos á Conciergerie. Cairam como criminosos vulgares, e não como conjurados politicos. Acolhidos por applausos ironicos e pelas vaias do despreso nas prisões, que haviam atulhado de victimas, não tiveram nem as consolações da piedade, nem a decencia da desventura. Lamentaram-se, derramaram lagrimas. Um espião de Robespierre, encerrado como seu cumplice afim de revelar suas confidencias, conta assim a sua attitude, nos relatorios secretos da commissão de salvação publica, somente Ronsin se mostrou firme. Como visse que Momoro escrevia: – Que é o que estás escrevendo?» lhe disse, « tudo isso é inutil, isto é um processo politico. Vós fallaveis nos Franciscanos, no momento em que era conveniente obrar. Todavia, sêde tranquillos, acrescentou elle dirigindo-se a Hebert e a Vincent, o povo e o tempo nos vingarão. Tenho um filho que adoptei; tenho-lhe inculcado os principios de uma liberdade illimitada. Quando for crescido, não olvidará a morte injusta de seu pai. Apunhalará aquelles, que nos fizeram morrer; para isto não é preciso mais que um punhal; devemos morrer. »

XXIII. — Os Hebertistas caminharam á morte, na manhã de 24 de março de 1694, em cinco carros. A multidão nem os honrou com sua attenção. Só quando viram passar a ultima carroça, que conduzia Anacharsis, Klootz, Vincent, Ronsin e emfim Hebert, homens assalariados trazendo atados no extremo de um páo fornilhos incendiados, symbolos ao vivo dos *fornilhos* de carvoeiro do *Pere Duchesne*, os aproximaram do rosto de Hebert, e o insultaram com as mesmas vozerias com que elle tinha insultado tantas victimas. Hebert parecia insensivel. Vincent chorava; Anacharsis, Klootz conservava sómente, em suas feições o imperturbavel socego do seu systema. Sem attender ao ruido da multidão, elle prégava o materialismo a seus companheiros do cadafalso até ás bordas do nada.

Assim finalisou este partido mais digno do nome de bando que do de facção. A estima de Robespierre para com Pache fez exceptuar o maire de Pariz desta proscripção. Robespierre não achou Pache, nem assás preverso, nem assás atrevido para inquietar o governo. O conselho da communa disimado, Pache não era mais do que um idolo sem braços na camara, proprio para assegurar a obediencia do povo á Convenção. Pouco depois foi preso Chaumette, o bispo Gobel, Herault de Séchelle e Simon seu collega em sua missão na Saboya. Assim se arrebataram a Danton, um por um, todos os apoios que lhe podiam restar. Danton não via cousa alguma, ou fingia nada ver, pela impotencia de nada impedir.

Robespierre, encerrado no seu retiro depois do seu triumpho sobre os Hebertistas, proseguio no plano de purificar a republica. Escreveu com sua propria mão um projecto de relatorio sobre o negocio de Chabot, relatorio que se encontrou por acabar entre os seus papeis. Este relatorio, que transformava miseraveis intrigas em conspirações, fazia de Chabot um conjurado. Não era este mais do que um espirito vulgar. A suspeitosa imaginação de Robespierre tudo engrossava: sua politica, d'accordo com estas suspeitas, cria na necessidade de entreter um grande terror na convenção, para o dispor aos grandes sacrificios e lhe arrancar o proprio Danton, este favorito da Montanha.

« Os representantes do povo, » dizia Robespierre n'este relatorio, « só no tumulo poderão achar a paz; os traidores morrem, mas sobrevive a traição. » Depois d'este grito de desanimação, sondava as miserias da patria, as fraquezas da convenção, a immoralidade de muitos dos seus membros; atribuia as todas a um plano inspirado pelos estrangeiros para seduzir e prevaricar a republica, para a tornar a conduzir pelos vicios, desordens e traições á realeza. Navarra depois como Chabot, seduzido ou cumplice, tinha esposado a irmã do banqueiro austriaco Frey, e recebido em dote duzentos mil francos; como fôra encarregado de corromper a preço de d'oiro, o deputado que devia fazer o relatorio sobre a companhia das indias, para favorecer os interesses d'estes especuladores estrangeiros, como finalmente Chabot viera denunciar já tarde esta manobra, de que elle mesmo era agente, á commissão de segurança geral. Este relatorio foi interrompido por doença; mas Fabre d'Eglantine, Bazire e Chabot enclausurados por ordem da commissão como corrompidos ou como corruptores, entraram nos carceres. Os nomes d'estes trez deputados, que se sabiam estavam ligados intimamente com Danton, parecia indicar á opinião publica, que os sectarios de Danton não eram puros, que os seus amigos não eram inviolaveis e que as conspirações subiam talvez até elle.

LIVRO LV.

I. — Todavia Robespierre hesitava ainda em sacrificar Danton. Sua indicisão, e a de Saint-Just, e Couthon, nos quaes elle dominava, deixava fluctuar a morte invisivel sobre a cabeça d'este antigo rival. Robespierre não o estimava, mas tambem não o aborrecia, e de temel-o tinha cessado. Se este homem fora menos corruptivel Robespierre voluntariamente o associaria ao imperio. Este Antonio teria completado este Lépido. Danton era precisamente dotado pela natureza das faculdades, que faltavam a Robespierre; as quaes eram penetração da vista, e o enthusiasmo da inspiração. Um era o pensamento, outro a mão de uma revolução. O valor civil era mais obstinado em Robespierre: a coragem physica mais prompta e mais instinctiva em Danton. estes dois homens reunidos teriam symbolisado o corpo e alma da republica. Porém o pensamento de Robespierre repugnava a alliança impura do materialismo de Danton. « Ligar mal o seu pensamento, não é fortifical-o, » dizia elle, « é corrompel-o. A virtude vencida, mas pura, é mais forte do que o vicio triumphante. »

Viva anciedade o agitou durante os dias e noites, que precederão sua resolução. Muitas vezes o ouviram exclamar: « Ah! se Danton fora homem honrado! se fosse verdadeiro republicano! ... Quanto desejara possuir a lanterna do philosopho grego, » disse elle uma vez, « para lêr no coração de Danton, e para saber se elle é mais amigo, do que inimigo da republica! »

Os jacobinos hesitavam menos em suas suspeitas. Danton não era a seus olhos, mais que a estatua d'argilla do povo, que se desfazia aos primeiros chuveiros. « Era preciso » diziam elles, « arrancar este falso deos á multidão para lhe fazer adorar a pura virtude revolucionaria. Este Pericles de Athenas corrompida não convinha a Sparta. »

Robespierre o confessava; porém tremia de arrancar lhe as conclusões, perguntava-se a si proprio se a popularidade de que Danton gosava sobre a Montanha se não estraviaria, depois de sua morte, por sobre algumas cabeças subalternas tão viciosas, porem menos potentes e mais perfidas, que a de Danton? Se melhor não seria equilibrar com elle o ascendente, que exercia sobre a Convenção, do que abandonar este ascendente ao acazo d'outras popularidades? Se morrendo o vicioso, morreria o vicio com elle na republica? Se nos grandes assaltos, que o governo tivesse a sustentar contra as facções, que se multiplicavam, a presença, a voz e energia de Danton não fariam falta á patria, e a elle mesmo Robespierre? Se este sangue em fim do segundo dos revolucionarios, que elle hia derramar, não daria a qualquer scelarado atrevido a sede do sangue do primeiro? Se o tumulo do seu collega immolado, não estaria continuamente aberto, como um laço, aos pés da tribuna, onde elle já encontrava o tumulo de Vergniaud? Se era um bom exemplo para o futuro, e de bom agouro para sua propria fortuna, cavar assim o sepulchro no meio da Convenção, o construir para si proprio um degráo com os cadaveres dos seus rivaes?

Finalmente a natureza, que estava vencida, mas não totalmente soffocada no coração de Robespierre, se revoltava interiormente nelle contra as crueis necessidades do politico. Danton era seu rival, é verdade, porem era o mais antigo e o mais illustre companheiro de sua carreira revolucionaria. Depois de cinco annos de lutas, derrotas e victorias, não haviam cessado de combater jun-

tos para destruir a realeza, salvar o sollo e fundar a republica. Seus espiritos, sua palavra, suas vigilias, seus suores se haviam confundido nos trabalhos, nos perigos, nos fundamentos da revolução. Sentavam-se nos mesmos bancos: encontravam-se nos mesmos clubs: Sempre haviam manifestado, ou pelo menos fingido um para o outro, a estima e admiração, que tocam os corações; mutuamente se defendiam contra os communs inimigos. O campo era demasiado vasto para duas grandes ambições diversas na republica.

Além d'isto Danton era ainda moço, pai de filhos, que bem depressa seriam orphãos, apaixonado por uma nova esposa, que elle preferia a todos os poderes, e que lhe amortecia sua ambição.

Couthon, Lebas, Saint-Just eram testimunhas e confidentes das irresoluções de Robespierre. Parecia querer que a violencia moral lhe arrancasse um consentimento, que não podia sahir de seus labios. Uma noite se recolheu com um rosto, onde resplandecia a serenidade do homem, que tomou uma resolução magnanima. « Arranquei-lhes uma grande presa, » disse elle a Souberbielle, « talvez seja um grande criminoso, mas sou jurado do povo como tu, e a minha consciencia não estava assás esclarecida. » Souberbielle comprehendeu depois que se tratava de Danton.

II. — Como se ha visto, Danton retirara-se voluntariamente da commissão de salvação publica, quer fosse para apagar inveja, que começava a olhal-o muito grande, quer fosse para gozar em paz d'este descanço, que lhe era mais charo do que a ambição. O amor, o estudo a amisade, alguns raros trabalhos para a Convenção algumas languidas intrigas e outras prespectivas mui longinquas de voltar ao poder, occupavam seus dias. Amiudadas vezes reunia em Sèvres seus amigos Philippeaux, Legendre. Lacroix, Fabre d'Eglantine, Camillo Desmoulins, Baziro, Westermann e alguns politicos da Montanha. Estes homens que não eram senão alegres convivas, passavam por conspiradores. Danton pouco sobre de proposito, se expandia em criticas amargas e sanguinolentas do governo. Muito timido para um homem, que quer destruir a dictadura, muito atrevido para espaçar o momento do ataque, affectava o tom de um conspirador paciente, que tem na mão a força para tudo emprehender, e não quer usar della. Parecia desejar, que a commissão de salvação publica fosse continuando so para fazer a experiencia de sua insufficiencia, e até ao ponto que lhe conviesse suspendel-a. « A França julga poder passar sem mim, vel-o-hemos ! » dizia elle repetidas vezes.

Não poupava Robespierre, que sempre lhe tinha parecido com um methaphisico embuçado na sua virtude, embaraçado nos seus systemas, e então *engolfado em sangue*. « Danton, » lhe disse um dia Fabre d'Englantine, » sabes tu de que te accusam ? Diz-se que não destes movimento ao carro da revolução, senão para te enriqueceres, ao mesmo tempo, que Robespierre tem permanecido pobre no meio dos thesouros da monarchia destruida a seus pés. — Está bem ! » lhe respondeu Danton « sabes o que isso prova ? E' que eu gosto de oiro e Robespierre de sangue ! Robespierre, » accrescentou elle, « teme o dinheiro porque mancha as mãos » Dizia-se que Danton fizera abonar fundos consideraveis pela Convenção á commissão de salvação publica, a fim de denegrir a incorruptibilidade de Robespierre com as suspeitas que sobre elle corriam. Lacroix e elle haviam trazido, segundo se contava, ricos despojos de suas missões na Belgica. Não querendo possuil-os em seus proprios nomes, tinham-nos emprestado a uma antiga directora dos theatros da corte, a sr.ª Montansier. Esta os empregou, sob seu nome, mas em proveito delles, na construcção da sala da opera. Pertendia-se tambem, que alguns dos diamantes roubados do deposito de joias da coroa, tinham ficado nas mãos de um agente de Danton. Desde que a commissão de salvação publica governava pela mão do algoz, Danton fingia-se horrorisado do sangue e se esforçava por dar ao seu partido o nome de partido de clemencia. Depois de haver procurado a popularidade no rigor, elle a conservava pela magnanimidade. Fazia signaes de intelligencia ás victimas, e se collocava em attitude de vingador futuro. Inspirava a Camillo Desmoulins as philippicas contra o terror, e as allusões contra Robespierre. Fazia da humanidade uma facção Esta facção era uma permanente accusação contra a commissão de salvação publica e sobre tudo contra Collot-d'Herbois, Billaud Varennes e Barere, inspiradores ou instrumentos do terrorismo. Desde o momento em que um regimen similhante tinha um accusador n'um homem como Danton, este regimen estava ameaçado. Debaixo deste governo, cuja força unica, consistia em ser implacavel, appelar para a piedade valia o mesmo que appelar para a insurreição.

III. — A imminencia d'um choque entre Robespierre e Danton era evidente aos olhos dos Montanhezes intelligentes. Forçados a decidirem-se entre estes dois homens, seus corações eram por Danton, a sua logica a favor de Robespierre. Adoravam o primeiro, cuja voz os tinha muitas vezes electrisado com o fogo do seu patriotismo; temiam o segundo mais do que o amavam. O seu caracter concentrado, seu exterior frio, sua palavra imperiosa, repelliam a familiaridade e transtornavam toda a affeição. Era um homem que devia ver-se em prespectiva, e em distancia, para menos se temer, e menos aborrecer. O povo em massa podia apaixonar-se por este idolo. Os seus collegas não se atreviam a amal-o. Mas os deputados patriotas da Montanha não dissimulavam que se Danton era o patriota, segundo seu coração, Robespierre era o legislador, segundo suas vistas, e que sem Robespierre, a republica seria uma dictadura sem unidade e uma tespestade sem direcção. Só elle possuia os segredos da viagem e indicava á democracia o perto sempre fugitivo, ao qual esperavam abordar por cima deste mar de sangue. Os montanhezes não podiam pois decidir-se a perder um destes dois homens; mas se fosse mister escolher, elles seguiriam Robespierre, ainda que chorassem Danton. Esperavam todavia poder conserval-os ambos.

Alguns negociadores officiosos, se esforçaram em os conciliar. Robespierre não se negou a isso. Anhelava sinceramente encontrar Danton, assás innocente para não ter de o perder. Os dois chefes aceitaram uma entrevista. Teve esta logar n'um jantar em Charenton, em casa de Panis, seu amigo commum. Os convidados em pequeno numero e animados de um ardente desejo de prevenir esta grande desmembração da republica, affastaram com cuidado, das primeiras conversações todos os assumptos de divisão que podiam desafiar o azedame. Assim o conseguiram. O começo do banquete foi cordial. Danton foi franco, Robespierre sereno, Augurou-se bem desta juncção, sem choque entre dois homens cujas disposições pessoaes podiam amortecer o combate entre os dois partidos.

Com tudo no fim do jantar, seja que o presumpçoso Danton visse na presença de Robespierre um symptoma de fraqueza, seja que o seu orgulho não podesse occultar o despreso que sentia para com Robespierre e seus amigos, ou porque a indiscripção procedida do vinho, desatasse sua lingoa, tudo mudou de aspecto, Um dialogo no começo penivel, depois amargo, e afinal ameaçador se estabeleceu entre os dois interlocutores. « Nós temos em nossas mãos a paz ou a guerra para a republica, » disse Danton; « desgraçado daquelle que a declarar ! Eu sou a favor da paz, desejo a concordia; porém não cederei a minha cabeça aos trinta tyrannos. — A quem chamais tyrannos. » disse Robespierre, « Não ha na republica outra tyrannia, que a da patria. — A patria, » exclamou Danton, « estará ella n'um conciliabulo de dictadores dos quaes, uns teem sede do meu sangue, e outros não tem força para o recusar ? Enganai-vos, » disse Robespierre, « a commissão só tem sede de justiça e não vigia senão os máos cidadãos. Mas serão bons cidadãos aquelles que pretendem desarmar a republica no meio do combate e que se adornam das graças da indulgencia quando acceitamos por elles o odioso e a responsabilidade do rigor ? — E' uma illusão ! — « disse Danton. — « Não, é uma accusação ! » disse Robespierre. —

« Os vossos amigos desejam a minha morte. — « Os vossos querem a morte da republica. » Metteram se entre elles, chamaram-nos á moderação, e quasi á benevolencia. « Não só, » disse Robespierre, « a commissão de salvação publica não quer a vossa cabeça, mas deseja ardentemente fortificar o governo com o maior ascendente da Montanha. Estaria eu aqui se quizesse a vossa cabeça? Offereceria a minha mão áquelle de quem meditasse o assassinio? Semea-se a calumnia entre nós. Danton acautella-te! tomando-se os amigos por inimigos, obrigam-se muitas vezes a sel-o. Vejamos: não nos podemos entender mais? Tem ou não o poder precisão de ser terrivel quando os perigos são extremos? — « Sim, disse Danton, mas não deve ser implacavel. A cólera do povo é um movimento. Vossos cadafalsos um systema. O tribunal revolucionario, que eu inventei, era um apoio; tendes delle feito um açougue. Feris sem escolha! — « Setembro não escolhia, disse sorrindo-se Robespierre. » — « Setembro, replicou Danton, foi um instincto irreflectido, um crime anonymo, que ninguem absolve, mas que ninguem póde punir no povo. A commissão da salvação publica derrama o sangue gota a gota, como para entreter o horror e o habito dos supplicios. — « Pessoas ha, disse Robespierre, que querem antes derrama-lo todo de uma vez. — Vós fazeis morrer tanto innocentes como culpados. Foi já alguem morto sem ser julgado? Condemnou-se já uma só cabeça, que não fosse proscripta pela lei? » Danton a estas palavras deixou escapar uma gargalhada amarga e provocante. — « Innocentes! innocentes! exclamou elle, perante esta commissão, que ordenou ás ballas de artilheria, que escolhessem em Lyon, e ao rio Loire que escolhesse em Nantes! Tu gracejas Robespierre! Tomais por crime o odio que vos teem, declarais culpados todos os vossos inimigos. — « Não! disse Robespierre, e a prova é que tu vives! »

Dizendo estas palavras, Robespierre se levantou e saíu com signaes visiveis de impaciencia e cólera. Guardou um absoluto silencio durante todo o caminho desde Charenton até á rua de Saint-Honoré. Chegando á porta de sua casa disse para o amigo que o acompanhava: « Tu o vês, não ha meio de chamar este homem ao governo. Quer popularisar-se á custa da republica. Dentro elle a corrompe, de fóra ameaça-a. Nós não somos bastante fortes para desprezar Danton; mas somos sufficientemente corajosos para o temer. Queremos a paz, elle quer a guerra: pois elle a terá! »

Apenas entrado no seu quarto, Robespierre mandou chamar Saint-Just. Ahi ficaram encerrados uma parte dessa noite e durante longas horas dos dois dias seguintes. Crê-se, que então prepararam e combinaram sentas demoradas entrevistas, os relatorios e discursos, que iam rebentar contra Danton e seus amigos.

IV. — Danton passou estes dois dias em Sèvres, parecendo não prever ou não querer conjurar a borrasca de que estava ameaçado. Foi em vão que Legendre, Lacroix, o moço Rousselin, Camillo Desmoulins, e Westermann lhe supplicaram se acautellasse a respeito do seu destino, e prevenisse a commissão de salvação publica, ou pela fuga ou pela audacia. « A Montanha é a teu favor, lhe dizia Legendre. « As tropas estão da tua parte, lhe dizia Westermann. » « A opinião publica é por nós, dizia Rousselin. » « A piedade publica se tornará em indignação á tua voz. » Danton sorria-se de indifferença e de orgulho. « Não é tempo, respondia elle, e além disso, seria mister sangue, e estou cançado de sangue. Sinto-me com bastante vida e não quereria compra-la por tal preço. Quero antes ser guilhotinado do que fazer guilhotinar. Demais, não ousarão atacar-me. Sou mais forte do que elles! »

Dizia isto mais, do que o pensava talvez. Affectava confiança para justificar sua inacção: mas na verdade não obrava porque não podia obrar. Danton era uma força immensa, mas esta força não tinha ponto de apoio para descançar a alavanca e levantar a republica? Nos Jacobinos? elle os havia entregue a Robespierre; nos Franciscanos? tinha-os abandonado a Hebert, e á Convenção? elle a tinha sugeito, ao retirar-se, á commissão de salvação publica. Achava-se cercado e desarmado de todas as partes. Não tinha como força, senão os mais frouxos e inactivos dos sentimentos publicos: a piedade e o temor. Não podia appellar, mais do que para um murmurio vago ainda da opinião. Pois o homem de Setembro, seria verdadeiramente o homem da clemencia? Uma revolução da humanidade poderia personificar-se em um Mario? Tinha elle direito para modificar a consciencia publica com as mãos ainda tintas de sangue? Não o acabrunharia o seu passado? Não o convenceriam de sua mentira? Bem o comprehendia elle, sem o confessar. Deixava-se adormecer n'uma segurança fictic a. Envolvia-se em sua extincta popularidade, como n'uma inviolabilidade, para desculpar o seu somno.

Saint-Just, Robespierre, Barere, e a commissão não se enganavam. Sabiam que uma surpresa da eloquencia de Danton podia abalar a Convenção e reconquistar um ascendente mal extincto sobre a Montanha. Queriam desarmar o gigante antes de o combater. O acaso de uma sessão lhes pareceu muito arriscado para se emprehender. Nenhuma voz então, nem mesmo a de Robespierre tinha a efficacia da voz de Danton. O silencio era mais prudente e o mysterio mais seguro. Obraram como o senado de Veneza e não como os comicios de Roma: carcere em logar de tribuna.

V. — A commissão de salvação publica convocou durante a noite, para uma sessão secreta os membros da commissão de segurança geral e os membros da commissão de legislação. Ninguem suspeitava da conjuração terrivel a que o associavam involuntariamente. Danton contava amigos n'estas duas commissões, amigos fracos, que tremeriam declarar innocente aquelle, que Robespierre designasse culpado. Os rostos estavam sombrios, as vistas fugiam de se encontrar, nem uma só conversação familiar precedeu a deliberação. Saint-Just, com accento mais tocante e com uma voz mais metalica que de ordinario, começou por exigir, que um sigillo de estado cobrisse a deliberação, que hia abrir-se e a resolução que se passava a tomar, fosse qual fosse. Disse depois sem parecer admirado da grandeza de sua posição: « Que a republica se achava minada por baixo da mesma Convenção: que um homem muito tempo util, então perigoso, e sempre egoista, havia affectado separar-se das commissões do governo, a fim de separar sua causa da de seus collegas e de lhes imputar depois do crime a salvação da patria: que este homem nutrido de conjurações, accumulado de riquezas, convencido de traições, ao principio com a corte, depois com Dumouriez, e depois com a Gironda, a final com os lisongeiros da revolução, tramava então a mais perigosa de todas, a traição da clemencia! Que sob esta hypocrisia d'humanidade, elle prevertia a opinião, dava vulto aos boatos, azedava os espiritos, fomentava a divisão na representação nacional, entretinha a esperança da Vendée correspondia-se talvez como os tiranos desterrados: que se rodeava n'uma apparente inação, de todos os homens viciosos, fracos ou versateis da republica; que lhes dictava os papeis, que deviam desempenhar, e lhes inspirava suas invectivas contra os salutares rigores das commissões: que viria a ser da revolução se os serviços passados, e duvidosos d'este homem o cobrissem, aos olhos de patriotas puros, contra seus crimes presentes e sobre tudo contra os futuros; que a peior das contra-revoluções seria aquella, que se fizesse consumar perfidamente pelo proprio povo: que o peior dos governos seria uma republica desmuronada entre as mãos dos mais corruptos e falsos demagogos; que este homem so era para elle a contra-revolução pelo povo! ... Este homem, vos o tereis já todos nomeado, » disse elle depois d'um momento de silencio, « é Danton! Seus crimes estão escritos no silencio, que vós guardaes ao seu nome! Se elle fosse puro as vossas censuras me teriam já confundido. Ninguem o cre innocente. Todos o julgam perigoso. Tenhamos o valor das nossas convicções: a inflexibilidade de nossos deveres! Peço que Danton e seus principaes cumplices, Lacroix, Philippeaux e Camillo Desmoulins, sejam presos durante a noite e conduzidos ao tribunal revolucionario! »

Olharam para Robespierre, Robespierre que se sublevara d'indignação a primeira vez, que Billaud Varennes propozera a prizão de Danton, d'esta vez guardou silencio. Comprehendeu-se que Saint-Just fallára por dois. Ninguem ousou parecer indiciso, ao que Robespierre se mostrava decidido. Barere e seus collegas assignaram a ordem. O silencio se recommendava por si mesmo; uma indiscrição seria uma cumplicidade, e a cumplicidade a morte.

Todavia um empregado subalterno dos tribunaes da commissão, chamado Pàris, ouvira algumas palavras do discurso de Saint-Just atravez as fendas das portas. Correu a caza de Danton, disse-lhe que o seu nome, muitas vezes pronunciado na reunião dos tres conselhos, devia fazer temer uma resolução sinistra contra elle. Offereceu-lhe um asylo seguro aonde podia deixar passar a tempestade. A moça esposa de Danton, esclarecida pela sua ternura, se lançou banhada em lagrimas, aos pés de seu marido, e lhe supplicou pelo seu amor e pelo de seus filhos escuta-se este aviso do destino, e se occultasse por algum tempo. Fosse por incredulidade a este aviso, fosse humiliação de evitar a morte, fosse por cançado de viver n'estes transes, que Cesar achava peiores, que a mesma morte, Danton se recusou constantemente a isso. «Hão de deliberar por muito tempo antes de ferir um homem tal como eu,» disse elle, «deliberarão sempre, e eu é que os heido surprehender.»

Despedio Páris. Lêu algumas paginas e deixou se dormir. A's seis da manhã, os gendarmes bateram á sua porta e lhe appresentaram a ordem da commissão. «Atrevem-se com effeito!» disse apertando a ordem na mão, «pois bem! são mais atrevidos do que eu pensava!» Vestio-se, abraçou convulsivamente sua mulher, tranquillisou-a ácêrca de sua sorte, supplicou-lhe que vivesse e seguio os gendarmes que o conduziram á prisão do Luxemburg.

A' mesma hora foi preso Camillo Desmoulins, que arrancaram dos braços de Lucila. «Vou aos carceres,» disse elle ao saír, «por ter lastimado as victimas. Se eu morrer, o pesar que me acompanhará será o de não ter podido salval-as!»

Philippeaux, Lacroix e Westermann entravam no momento no Luxembourg. O nome de Danton espantou todo a prisão. Os presos de todas as facções e particularmente os realistas, se reuniram em tropel para contemplar esta grande irrisão da republica. Esta zombaria da sorte, era o sentimento que parecia humilhar mais Danton, e se esforçava em affastal-o de si com a maior solicitude. «Ora muito bem,» disse elle, levantando a cabeça e affectando um falso riso, que contrastava com a sua situação, «E' Danton! Olhai bem para mim! A peça é bem pregada, eu o confesso. Jámais acreditaria que Robespierre se burlasse de mim! E' mister saber applaudir os inimigos quando se conduzem como homens d'estado! De resto fez bem,» acrescentou elle dirigindo-se aos realistas, que o rodeavam, dentro em poucos dias, eu vos teria libertado a todos. Aqui entro por haver querido acabar vossas miserias o captiveiro.» Procurava com estes discursos amortecer o furor que inspirava o seu nome, e conciliar o interesse de suas victimas. Sua fingida bonhomia captava todos os corações. Os realistas estavam reduzidos a não ter escolha nem preferencia senão entre seus inimigos.

VI. — Encerraram Danton e o seu amigo Lacroix no mesmo carcere. «Nós presos!» exclamou Lacroix, «quem jámais o poderia prever? — Eu,» disse Danton «— Que! tu o sabias e não operaste?» replicou Lacroix, «— Assegava-me a sua fraqueza, continuou Danton. «Enganei-me com as suas baixezas!» Pelo curso do dia pedio para passear como os outros presos nos corredores. Os carcereiros não ousaram recusar alguns passos na prisão, ao homem que arguia na vespera a Convenção. Herault de Séchelles correu para elle e o abraçou Danton affectou tranquillidade e alegria. «Quando os homens obram loucuras,» disse encolhendo os hombros para Hérault de Séchelles, é mister saber rir.» Descabrindo depois Thomaz Payne, o democrata americano, chegou-se a elle e lhe disse com tristeza: «O que fizeste pelo teu paiz, intentei eu fazer pelo meu. Fui menos feliz do que tu, mas não mais culpado.» Juntou-se depois a um grupo de amigos, que se lamentavam da sua sorte e dirigindo-se a Camillo Desmoulins que batia com a cabeça pelas paredes. Pois que nos enviam ao cadafalso, vamos com serenidade.»

Não se concedeu por muito tempo aos accusados a consolação de conversarem juntos. Veio ordem de os fecharem em calabouços separados. O de Danton ficava visinho do de Lacroix e de Camillo Desmoulins. Pegado constantemente aos ferros da sua janella, Danton não cessava de fallar aos seus amigos em alta voz, para ser ouvido dos presos que povoavam os outros andares ou que passeavam nos pateos. Sua coragem tinha precisão de espectadores. A sua janella era a sua tribuna: estava em scena até no carcere. A febre de sua alma se revelava nas pulsações do seu pensar, e na agitação de seus discursos. Homens do tumulto, não era do numero daquellas naturezas, que recolhem toda a sua força no silencio e que não teem precisão senão de sua consciencia por testimunha. Carecia de uma desventura estrondosa e da popularidade da desgraça. A sua loquacidade importunava a prisão.

VII. — A noticia da prisão de Danton e de seus cumplices se espalhou com o dia, em Pariz. Ninguem queria acreditar neste excesso de temeridade da commissão de salvação publica. Danton preso parecia o sacrilegio da revolução. Todavia esta temeridade denunciava o sentimento d'uma força immensa naquelles, que a tinham mostrado. Não se sabiam se deviam murmurar ou applaudir. Calavam-se e esperavam a explicação.

A convenção reuniu-se lentamente. Conversas aos ouvidos indicavam que seus membros se communicavam a meia voz as noticias, conjecturas e impressões dos acontecimentos da noite. Os pensamentos estavam estampados nos rostos. Cada um se interrogava, se restava alguma segurança e alguma independencia em presença d'um poder occulto, que ousava fazer desapparecer Danton? Os membros da commissão de salvação publica não occupavam ainda os seus bancos. Como soberanos, que se fazem esperar, deixavam evaporar a primeira impressão antes de a arrostar.

Legendre appareceu. Era o amigo mais animoso de Danton, outro Danton subalterno, ora agitador, ora moderador do povo d'onde tinha sahido, julgava se o genio do seu modello, porque possuia sua turbulencia, e acreditava a sua coragem, por que tinha o seu arrebatamento. Ao boato da prisão do seu amigo, Legendre se julgou ameaçado. Ousou conceber um pensamento generoso, o de citar a tyrannia á barra da convenção. Sua physionomia transtornada, annunciava a luta, que se passava em sua alma, entre o valor e o receio, entre a amisade que o incitava, e o servillismo que se constituia silencioso em torno delle. Subiu precipitadamente os degráos da tribuna.

«Cidadãos,» disse elle, «quatro membros desta assembléa foram presos esta noite. Danton é um delles. Ignoro os nomes dos outros. Os nomes que importam se elles forem culpados: mas eu venho pedir que sejam ouvidos, julgados, sentenciados ou absolvidos por vós. Cidadãos, eu não sou mais do que o fructo do genio da liberdade, nada mais sou do que a sua obra e só com uma grande simplicidade desenvolverei a minha proposta. Não espereis de mim senão a explosão d'um sentimento. Cidadãos eu o declaro, creio que Danton está tão puro como eu proprio, e ninguem ainda aqui suspeitou de minha probidade!.. A estas palavras um murmurio de desfavor revelou a má fama de Danton. Legendre começa a perturbar-se. Comtudo o silencio se restabelece á voz do presidente e o orador continuou:

«Não trato censurar algum dos membros da commissão de salvação publica, porém tenho o direito de temer que os odios pessoaes não arrebatem á liberdade homens que lhe hão tributado os maiores e mais relevantes serviços. Pertence-me dizer isto do homem que em 1792 fez levantar a França em massa, pelas medidas energicas que empregou para commover o povo; do homem que fez decretar a pena de morte contra quem não en-

trgasse as suas armas, ou se não servisse dellas contra o inimigo. Não, eu não posso, confesse-o, julgal-o culpavel, e quero renovar aqui o juramento reciproco que fizemos em 1790, juramento que compromette qualquer de nós que veja o outro fraquear ou sobreviver ao seu affecto pela causa popular, a apunhalal-o no mesmo instante: juramento cuja lembrança me apraz hoje! Torno a repetir que julgo Danton tão puro como eu. Existe entre ferros desde esta noite. Temeu-se sem duvida que a sua voz não confundisse seus accusadores. Peço em consequencia que antes de ouvir algum relatorio, sejam os presos aqui conduzidos e ouvidos por nós! »

VIII. — Robespierre estava perdido no primeiro acto da sua tyrania, se não tivesse chegado á sessão no mesmo momento em que Legendre fallava. O pasmo da assemblea, mudando-se em indignação á voz de Legendre, estava prestes a citar Danton como uma testimunha viva da audacia da commissão. O espirito de Danton retemperado no carcere e na colera, podia produzir aquellas explosões, que fazem baquear as tyranias. A assembléa não poderia resistir ao espectaculo de Danton preso, mostrando os seus braços a seus collegas, evocando seus amigos, e esmagando seus accusadores. Robespierre pressentio o perigo com aquelle instincto de momento, que dão o habito das assembléas populares e a vontade de vencer. Avançou á tribuna fazendo ouvir fortemente suas passadas sobre os degraos, como homem que se firma em suas bases.

« Cidadãos, » disse elle, « por esta perturbação ha longo tempo incognita, que reina nesta assembléa, pelas agitações, que produziram as primeiras palavras do deputado, que fallou antes do ultimo preopinante, é facil de comprehender com effeito, que aqui se trata de saber se alguns homens devem hoje prevalecer sobre o interesse da patria. De que procede esta mudança, que parece manifestar-se nos principios d'alguns dos membros desta assembléa, daquelles principalmente, que occupam um lado que se honra de ter sido o asylo dos mais intrepidos defensores da liberdade? Porque? porque se trata hoje de saber se o interesse de alguns hypocritas ambiciosos, deve triumphar sobre o interesse do povo francez. (*Applausos.*) E que! não temos nós feito tantos sacrificios heroicos, no numero dos quaes se devem contar esses actos de uma severidade dolorosa, não havemos nós feito esses sacrificios, senão para voltar ao jugo de alguns intrigantes, que pretendiam dominar? Que importam os bellos discursos, os elogios, que se tributam a si mesmos e a seus amigos? Uma longa e penosa experiencia nos ha ensinado o caso que deviamos fazer de similhantes formulas oratorias. Não se pergunta o que um homem e seus amigos se gabam de haver praticado em tal epocha ou em tal circumstancia particular da revolução, pergunta-se o que elles tem feito durante todo o curso de sua carreira politica. (*Applausos.*) Legendre parece ignorar os nomes dos individuos, que estão presos, toda a Convenção os sabe. O seu amigo Lacroyx é do numero delles. Porque finge ignoral-o? porque sabe perfeitamente que não se póde, sem falta de pejo, defender Lacroix. Fallou de Danton, porque crê, sem duvida, que a este nome anda apenso um privilegio. Não, nós não queremos idolos. (*Applausos repetidos.*) Veremos hoje, se a Convenção saberá quebrar um pretendido idolo corrupto ha muito tempo, ou se na sua quéda esmagará a Convenção e o povo francez. O que se tem dito de Danton não se podia applicar a Brissot, a Pethion, a Chabot, e a Hebert mesmo, e a tantos outros, que hão aturdido a França com o ruido faustoso do seu falso patriotismo? Que privilegio teria elle pois? Em que é Danton superior a seus collegas? a Chabot, a Fabre d'Eglantine, seu amigo e seu confidente, de quem foi o ardente defensor? Em que é elle superior a seus concidadãos? Será porque alguns individuos enganados e outros, que o não eram, se teem reunido em torno delle, para que seguindo-o subam á grandeza e ao poder? Quanto mais elle tem enganado os patriotas, que depositavam nelle confiança, tanto mais deve experimentar a severidade dos amigos da liberdade.

« Cidadãos, este é o momento de dizer a verdade. De tudo quanto se ha dito, não deduso mais do que o sinistro presagio da ruina da liberdade e da decadencia dos principios. Quem são com effeito esses homens que sacrificam a ligações pessoaes, ao temor talvez, os interesses da patria? que, no momento em que a igualdade triumpha, ousam tentar anniquilal-a neste recinto? Que tendes vós feito que o não tenhais feito livremente, que não haja salvo a republica, e não tenha sido approvado pela França inteira? Querem-nos fazer temer que o povo pereça victima das commissões, que obtiveram a confiança publica, que são emanadas da Convenção nacional e as quaes desejam dividir: porque todos os que defendem sua dignidade são votados á calumnia. Receia-se que os presos sejam oppressos; desconfia-se da justiça nacional, dos homens, que obtiveram a confiança da Convenção nacional. Desconfia-se da Convenção, que lhes prestou esta confiança, da opinião publica, que a sanccionou! Digo que todo aquelle, que neste momento treme, é culpado; porque a innocencia jámais receia a vigilancia publica. (*Applausos.*)

« E a mim tambem se quiz inspirar terrores, quiz-se fazer-me crêr que aproximando-me de Danton o perigo poderia chegar até a mim. Houve quem m'o apresentasse como um homem a quem deveria encostar-me, como a um escudo que poderia defender-me como columna, que uma vez destruida, me deixaria exposto ás setas de meus inimigos. Escreveram me. Os amigos de Danton me enviaram cartas. Opprimiram-me com seus discursos; julgaram que a recordação de um antigo vinculo, que uma antiga crença em falsas virtudes me determinariam a abrandar o meu zelo e minha paixão pela liberdade. Pois bem! eu declaro, que nao foi algum destes motivos capaz de manchar minha alma pela mais ligeira impressão; declaro que se fosse certo que os perigos de Danton devessem tornar-se nos meus, que se elle tivesse feito com que a aristocracia desse mais um passo ávante para me attingir, eu não olharia esta circumstancia como uma calamidade publica. Que me importa o perigo? a minha vida é da patria, o meu coração está izempto de temor, e se eu morresse seria sem exprobação, nem ignomia. (*Muitos applausos.*) Não tenho visto nas lisonjas, que se me tem dirigido, nas caricias daquelles, que rodeavam Danton, senão signaes evidentes do terror, que haviam concebido ainda muito antes de serem amaçados.

« Tambem eu fui amigo de Péthion: desde que se desmascarou abandonei-o. Tive relações com Roland, elle traío e eu denunciei-o. Danton quer tomar o seu logar, e a meus olhos, não é mais do que um inimigo da patria, (*Applausos*), E' agora sem duvida, que precisamos de alguma coragem e de alguma grandeza d'alma. As almas vulgares, ou os homens culpados temem sempre ver cair o seu similhante, porque não tendo mais diante d'elle uma barreira de criminosos, ficam expostos á luz da verdade. Mas se existem almas vulgares, tambem as ha heroicas n'esta assembléa, pois que ella dirige os destinos da terra, e anniquila todas as facções.

« O numero dos criminosos não é tão grande! »

IX. — Este discurso tinha ao menos a grandeza do odio. Robespierre, se houvesse affectado a hypocrisia do que o accusavam, podia retirar-se em silencio, e deixar a uma commissão anonyma a responsabilidade, o odioso e o perigo d'este acto. Apresentou-se só para cobrir a commissão e para lutar corpo a corpo com a potente fama de Danton. Seu discurso suffocou os murmurios e as velleidades d'independencia da montanha. Sentio-se a sua superioridade. Fingio-se convicção. Legendre, cujo valor se derretia ás interpellações e ao olhar ameaçador de Robespierre, tremia a cada palavra, que a conclusão do orador não fosse um auto de accusação contra elle mesmo. Apressou-se em commover aquelle, que acabava de injuriar. Balbuciou algumas frases intercortadas pelo terror e conjurou Robespierre de o não julgar capaz de sacrificar a liberdade a um homem. Nunca o coração faltou mais a um amigo, nem a lingoa a um orador. Legendre se curvou inteiramente perante a Assembléa. A tentativa dos amigos de Danton se curvou com Legendre.

Saint-Just appareceu então na tribuna. A sua segurança e tranquillidade exterior, davam á arbitrariedade a apparencia de justiça intrepida. Saint-Just pronunciou

com uma voz grave e monotona, como uma reflexão vocal, o relatorio premeditado entre elle e Robespierre sobre as conspirações, que ameaçavam a republica. Juntou a estas a pretendida conspiração de Danton, tendo cuidado de estabelecer uma correlação entre todos os conspiradores, afim de que o realismo dos emigrados, o anarchismo d'Hebert, a venalidade do Chabot, a corrupção de Fabre, o moderantismo d'Herault de Sechélles, reflectissem todos sobre Danton. Via-se bem que o mesmo accusador não acreditava na accusação, que Danton não era no seu pensamento mais do que a victima responsavel de todos os males da republica, e que por ultimo o relatorio de Saint-Just se limitava a dizer á Convenção por toda a prova: Entregai-nol-o, por que elle é o grande suspeito da liberdade.

« Cidadãos, » disse Saint-Just « a revolução está no povo, e não na fama de alguns personagens. Alguma cousa ha de terrivel no sagrado am r da patria; elle é de tal modo exclusivo, que immola tudo, sem piedade, sem espanto, sem respeito humano, ao interesse publico. Precipita Manlius, arrasta Regulus a Carthago, lança um romano n'um abysmo, e põe Marat no Panthéon.

« As vossas commissões de salvação publica e de segurança geral, penetradas d'este sentimento, me encarregaram de vos pedir justiça em nome da patria contra homens, que trahem ha longo tempo a causa popular.

« Possa este exemplo ser o derradeiro, que deis de vossa inflexibilidade para com vós mesmos!

« Nós temos passado por todas as tempestades, que acompanham ordinariamente os vastos designios. Uma revolução é uma empreza heroica cujos authores caminham entre o supplicio e a immortalidade. »

Fazendo depois minuciosa commemoração de todos os partidos desde Mirabeau até Chabot, Saint-Just exclamou: « Danton, tu responderás á justiça inevitavel, e inflexivel. Vejamos qual foi teu passado procedimento e mostremos que desde o primeiro dia, cumplice de todos os attentados, tu foste sempre contrario ao partido da liberdade, e que tu conspiravas com Mirabeau, e Dumouriez, com Hebert, com Herault de Séchelles!

« Danton, tu serviste a tyrania; foste, verdade é, opposto a La Fayette: mas Mirabeau, d'Orleans, Dumouriez, lhe foram tambem oppostos. Ousarias negar, que te vendeste aos trez mais violentos conspiradores contra a liberdade? Foi pela protecção de Mirabeau, que foste nomeado administrador do departamento de Pariz, no tempo em que a Assembléa eleitoral era decedidamente realista. Todos os amigos de Mirabeau se gabavam altamente de te haverem tapado a boca, e tanto que em quanto viveu este horrivel personagem tu ficaste mudo.

« Nos primeiros fulgores da revolução, mostraste á corte um rosto ameaçador, fallaste contra ella com vehemencia, Mirabeau, que meditava uma mudança de dynastia, sentio o preço da tua audacia. Apoderou-se de ti. Desde então te afastaste do rigor dos principios, e ninguem ouviu mais fallar de ti até aos assassinios do Campo-de-Marte. Appoiaste então nos jacobinos a moção de Laclos, que foi um pretexto funesto e pago pela corte para desenrolar o estandarte vermelho e ensaiar a tyrania. Os patriotas, que não estavam iniciados n'esta conjuração, tinham combatido inutilmente tua opinião sanguinaria. Tu contribuiste para redigir com Brissot a petição do Campo-de-Marte e escapaste ao furor de La Fayette, que fez assassinar dois mil patriotas. Brissot passeou depois pacificamente por Pariz e tu foste passar felizes dias em Arcis-sur-Aube. Póde por ventura entender-se isto? tu, um dos authores da petição! em quanto aquelles, que a tinham assignado estavam uns carregados de ferros, e outros foram assassinados. Brissot e tu, ereis sem duvida objecto de reconhecimento para a tyrannia, pois que não ereis para ella objecto de odio e terror?

« Que direi do teu fraco e constante abandono da causa publica no meio das crises, aonde tomava sempre o partido do retiro?

« Depois da morte de Mirabeau, tu conspiraste com os Lameth e os sustentaste. Ficaste neutral durante a assembléa legislativa e te calaste na luta penivel dos Jacobinos com Brissot e a facção da Gironda. Tu apoiaste ao principio a sua opinião sobre a guerra. Obrigado depois pelas censuras dos melhores cidadãos declaraste, que observavas os dois partidos e te encerraste no silencio.

« Danton, tu tiveste passado o dia 10 de agosto, uma conferencia com Dumouriez, onde vos jurasle uma amisade a toda a prova, e onde uniste a vossa fortuna.

« Tu foste quem na volta da Belgica, ousaste fallar dos vicios e dos crimes de Dumouriez com a mesma admiração que se tivesseis fallado das virtudes de Catão.

« Que procedimento mostraste na commissão de defesa geral? Tu ahi recebias os cumplices de Guadet e Brissot. Tu dizias a Brissot: « Tendes espirito, mas tendes pretenções. » Eis a tua indignação contra os inimigos da patria.

« Nesse mesmo tempo, tu te declaravas pelos principios moderados, e tuas fórmas robustas pareciam disfarçar a fraquesa de teus conselhos. Dizias que maximas severas trariam muitos inimigos á republica.

« Conciliador banal, todos teus exordios na tribuna começavam trovejando e acabavam transigindo a verdade com a mentira.

« Comtudo te accommodavas. Brissot e seus cumplices sahiam sempre satisfeitos de ti. Na tribuna, quando se accusava o teu silencio, tu lhes dava conselhos salutares para que dissimulassem mais. Tu os ameaçavas sem indignação, porém com uma bondade paternal; e antes lhes davas conselhos para corromper a liberdade, para se salvarem, para melhor nos enganar, do que ao partido republicano para os perder. *O odio*, dizias tu, *é insupportavel no meu coração*. Mas não és tu criminoso e responsavel de não aborrecer os inimigos da patria?

« Tu viste com horror a revolução de 31 de Maio.

« Máo cidadão, tens conspirado; falso amigo, ha dois dias, que dizias mal de Camillo Desmoulins, instrumento que perdeste e a quem prestaste vergonhosos vicios. Pessimo homem comparaste a opinião publica a uma mulher de má vida, disseste que a honra era ridicula, que a gloria e posteridade eram uma tolice. Estas maximas deviam conciliar-te a aristocracia. Eram as de Catilina. Se Fabre é innocente, se d'Orleans e Dumouriez foram innocentes, tu o és sem duvida. Tenho dito assás, responderás á justiça. »

Passando de Danton a seus cumplices, Saint Just os assignalou em massa á severidade da Convenção.

« Estou convencido, disse elle, que esta facção dos indulgentes está ligada com todas as outras, e que foi hypocrita em todos os tempos. Tem obrado quanto tem podido para destruir a republica amollecendo todas as idéas de liberdade.

« Camillo Desmoulins que foi ao principio burlado e acabou por ser cumplice, foi como Philippeaux, um instrumento de Fabre e de Danton. Este contou, como uma prova da bonhomia de Fabre, que achando se em casa de Desmoulins no momento em que lia a alguem o escripto em que exigia uma commissão de clemencia para a aristocracia e chamava á Convenção a côrte de Tiberio, Fabre se poz a chorar. O corcodilo tambem chora!...

« Todas as reputações que se hão abatido, eram reputações usurpadas. Aquelles que nos reprehendem nossa severidade, estimariam antes que fossemos injustos. Pouco importa que o tempo haja conduzido diversas vaidades ao cadafalso, ao cemiterio, ao nada, com tanto que se conserve a liberdade, aprender-se-ha para a verdadeira gloria e para o bem solido que é a probidade obscura.

« Os dias do crime estão passados; maldição áquelles que sustentassem a sua causa! Morra tudo quanto fôr criminoso! Não se estabelecem republicas com attenções, e só com feroz rigor inflexivel para com todos os que atraiçoam. Sejam denunciados os cumplices unindo-se ao partido dos prevaricadores Não se perderá sobre a terra o que temos dito. Podem-se arrancar á vida os homens que como nós tudo teem emprendido pela verdade; não se lhe podem porém arrancar seus corações, nem o tumulo benefico no qual se escondem á escravidão e a vergonha de vêr triumfar os máos.

« Eis-aqui o projecto de decreto:

« A convenção nacional, depois de ter ouvido o relatorio das commissões de segurança geral e de salvação publica, decreta a accusação de Camillo Desmoulins, Herault, Danton, Philippeaux, Lacroix, prevenidos de cumplicidade, com o duque d'Orleans e Dumouriez, com Fabre d'Eglantine e os inimigos da republica, de haver tido parte na conspiração tendente a restabelecer a monarchia, a destruir a representação nacional e o governo republicano. Em consequencia ordena que sejam postos em processo com Fabre d'Eglantine.

X. — Nem uma só voz se elevou contra estas conclusões. O voto foi tão unanime como o espanto. A fama, liberdade, honra e vida dos representantes foram entregues por acclamação á commissão de salvação publica. Fouquier-Tinville foi chamado á commissão e encarregado de conduzir promptamente os Dantonistas ao tribunal revolucionario. Ductil e contundente como lamina de ferro, Fouquier não fez mais, que redigir em acto de accusação o relatorio de Saint-Just.

Todavia Danton se acalmava na sua prisão e fingia o desinteresse de sua propria sorte. Gracejava atravez as grades com os outros presos. Traçava em termos gruttescos o retrato dos membros da commissão. « A republica os esmagará, » dizia elle. Se eu pudesse deixar as minhas pernas ao paralytico Couthon, minha virilidade ao impotente Robespierre isto poderia ir ainda por algum tempo caminhando. « Quanto a mim » accrescentava, « não lastimo o poder, porque nas revoluções a victoria fica sempre aos malvados. »

Via-se, por estas palavras, que as revoluções nunca tinham sido para elle, mais do que luctas de ambição e não triumphos de idéas.

Outras vezes fazia dissertações philosophicas sobre as agitações da sua vida e sobre a voracidade da ambição. « Mais valia ser um pobre pescador do que governar os homens! » Reflectindo saudoso ácerca dos bellos dias de seu ultimo retiro em Arcis-sur-Aube, fallava dos espectaculos, dos recreios dos campos, da serenidade, que o contacto da natureza derrama no coração do homem, da felicidade domestica, do ardente amor de seu peito por uma mulher, que lhe fazia olvidar até a patria! Enternecia-se pensando no captiveiro de tantas mãis, de esposas, de innocentes donzellas, encerradas no Luxemburg. Fingia ter ignorado este abuso e este excesso do suspeitoso poder da Convenção. « Que! » disse uma das presas a Lacroix, que passeava com Danton, « não sabieis vós, que milhares de captivas povoavam as prisões? Não haveis encontrado essas carretas de sentenciadas caminhando ao supplicio? — Não, » respondeu Lacroix, « nunca me encontrei com taes prestitos, nunca vi correr esse sangue: ter-me-hia causado horror. Eu e Danton, queriamos uma republica sem victimas. »

XI. — Assim se passaram os dias, que precederam o processo. Danton era respeitado. Lamentavam Lacroix, Baziro, e Camillo Desmoulins. Herault de Séchelles manifestava a serenidade de um justo, que peza sua vida e morte, e que se glorifica do martyrio pela liberdade. Moço, rico, eloquente, aristocrata de nascimento, um dos mais bellos homens do seu tempo, Herault de Séchelles, deixava todavia depois delle um amor, que devia augmentar as magoas de sua alma. Durante sua missão em Saboya, se havia ligado a uma dama de elevado nascimento, e rara formosura. Ella tinha sido para Herault de Séchelles em Chambéry o mesmo que Therosa Cabarus era para Tallien em Bordeos. Chorava e gemia do continuo ás portas da prisão, sem poder commover Robespierre.

Fabre d'Eglantine, algumas vezes consolado com as visitas de sua esposa, se ía consumindo com uma terrivel doença.

Chabot, só, e abandonado de todos, coberto do ridiculo e do desprezo pelos outros presos, não podia soffrer este supplicio de infamia. Não tinha nem aquella gloria, que elle tanto ambicionava na morte. Perecia ao som das vaias: procurou matar-se com veneno, que tomou; não podendo supportar as dores da agonia, chamou com seus gemidos os carcereiros, que o tornaram á vida para o conservar ao supplicio.

XII. — Camillo Desmoulins inspirava o sentimento da compaixão, que s'experimenta pela fraqueza. Voluvel, caprichoso, até em suas coleras, o sorriso, estava sempre proximo da imprecação em seus labios. Os odios, que inspirava eram inconstantes como elle. Não resistiam a suas lagrimas. Não cessava de as derramar invocando o nome de sua esposa, a bella Lucila. Esta rapariga desesperada, privada em cinco dias de seu pai e de seu marido, vagava continuamente á roda do Luxembourg, para descobrir Camillo ou para ser vista de longe por elle. Os gestos eram o seu unico meio de communicação atravez do espaço. Sua separação fora tão imprevista, quão funesta.

Lucila era filha da sr.ª Duplessis, uma das mais formosas senhoras do seu tempo e do sr. Duplessis, antigo fiel das finanças, zeloso patriota. Uma longa affeição, uma penivel espera de muitos annos, tinha precedido a união destes moços esposos. O jardim do Luxembourg, aonde então choravam os dois amantes, tinha sido precisamente o ponto da sua primeira entrevista, de seus encantos e do seus amores. Brissot, Danton, e Robespierre, então familiares da casa de Duplessis, tinham assignado como testimunhas e amigos o contrato de casamento. Destes homens separados n'este momento pelas facções e pelo cadafalso, um era a occasião outro o instrumento das desgraças e da proxima viuvez da moça esposa.

Na noite de 30 a 31 de março, no momento em que elle repousava nos braços de sua mulher, o estrondo de uma coronha de espingarda, á sua porta, acordou sobresaltadamente Camillo Desmoulins. « Veem prender-me! » exclama, « subtrae-se aos braços de sua mulher e vae abrir. Apresentam-lhe a ordem; lê-a, aperta-a com colera entre seus dedos. « Eis-aqui a recompensa dada ao primeiro orgão da revolução! » diz elle. Aperta ao coração ainda uma ultima vez sua esposa, abraça o filhinho, que dorme no berço e segue os soldados ao Luxembourg. Nada sabia absolutamente nem do seu crime nem de seus cumplices. Lançado n'um carcere pelo meio da noite, ouve, ao travez as fendas da parede, a voz conhecida de um homem, que dava dolorosos gemidos. « És tu Fabre? » lhe brada elle. « Sim, » respondo o doente, « mas não és tu tambem Camillo? tu aqui! tu o amigo de Danton e de Robespierre! Já se consumou a contra revolução? » Fabre d'Eglantine e Camillo Desmoulins conversaram até pela manhã sem poder adevinhar o enigma da sua situação. A alma abatida do pamphletario não era de tempera propria para supportar as tragicas oscillações revolucionarias sem se quebrar. Em vez de se endurecer enternecia-se. Deixava muito amor e muita felicidade, para não prender suas vistas á vida. Sua mulher não podia crer n'uma separação eterna. « Ai de mim! » exclama ella diante dos que a queriam consolar, « choro como uma mulher, porque elle padece, porque o deixam carecer de tudo, porque não nos vê; mas terei coragem de homem para o salvar. Para que me deixaram elles livre? Acreditarão elles, que não ousarei levantar a voz? Contam com o meu silencio? Irei aos Jacobinos, irei a casa de Robespierre. Elle foi nosso hospede, nosso amigo, o confidente de nossos sentimentos republicanos. A sua mão unio as nossas. Servio-nos de pai e não pode ser nosso assassino! »

Quando ella soube que Danton estava preso com seu marido, correu, toda em lagrimas a casa da senhora Danton. Esta de idade então de dezesete annos, trazia em seu seio o primeiro fructo do seu consorcio, que deu á luz um mez depois da morte do seu esposo. Lucilla Desmoulins se precipitou nos braços de sua moça amiga, supplicou-lhe ir com ella a casa de Robespierre, lançarem-se ambas a seus pés e disputar-lhe as vidas de seus esposos. A senhora Danton confundio suas lagrimas com as de Lucilla, porem recusou-se a todas as diligencias, que podessem aviltar em si o nome que tomara. « Seguirei Danton ao cadafalso, » disse ella, « mas não humilharei sua memoria perante o seu inimigo. Se devesse a vida ao perdão de Robespierre, não me perdoaria nem

neste, nem no outro mundo. Despedindo-se de mim elle me lega a sua honra, devo levar-lh'a intacta. »

Lucila desesperada, foi sem companhia á porta da commissão de salvação publica. Foi repellida. Achando Robespierre inflexivel, escreveu-lhe. Eis-aqui a sua carta:

« E's tu, com effeito, que nos accusas de projectos de traição para com a patria; tu, que já tanto has aproveitado dos esforços, que havemos feito unicamente por ella? Camillo vio nascer o teu orgulho, presentio a marcha que querias seguir; mas lembrou-se de tua antiga amizade e recuou diante da idéa de accusar um amigo, um companheiro de seus trabalhos. A sua mão, que apertou a tua, abandonou a penna antes de tempo, desde que a não podia sustentar para tecer o teu elogio, e tu o envias á morte! Tens comprehendido o seu silencio? Deve-te agradecer.

« Porem, Robespierre, poderás tu completar os funestos projectos, que te hão inspirado indubitavelmente as almas vis, que te rodeiam? Esqueceste aquellas relações de que jámais se recorda Camillo, sem ternura, tu, que fizeste votos pela nossa união, que reuniste nossas mãos, com as tuas, tu, que afagaste meu filho, e a quem elle correspondia acariciando-te tantas vezes com suas pequeninas mãos? Poderás tu regeitar a minha supplica, desprezar minhas lagrimas, calcar aos pés a justiça? Pois que mui bem conheces que não merecemos a sorte, que se nos prepara, e tu podes mudal-a. Se ella nos offende, é porque tu o tens ordenado. Mas qual é o crime de Camillo?

« Eu não tenho a sua penna para o defender. Mas o voz dos bons cidadãos e teu coração, se é sensivel serão a meu favor. Crês tu que inspirarás confiança vendo-te immolar teus amigos? Pensas que se abençoará aquelle, que não se afflige, nem com as lagrimas da viuva, nem com a morte do orphão? Se eu fosse mulher de Saint-Just, dir-lhe-hia: A causa de Camillo é a tua, a de todos os amigos de Robespierre O pobre Camillo na simplicidade de seu coração, quanto estava longe de suspeitar a sorte, que hoje o espera! Cuidava trabalhar para gloria tua indicando-te o que falta ainda á nossa republica. Calumniaram-no sem duvida para comtigo, Robespierre: porque não é possivel que o julgueis culpado. Lembra-te de que elle não te pedio jámais a morte de alguem! que nunca se servio do teu poder para prejudicar pessoa alguma, e que tu eras o seu mais antigo e melhor amigo! E tu vais assassinar-nos ambos! Pois que matal-o é matar-me... »

Ella não concluio esta carta, que foi confiada a sua mãi e não chegou ás mãos de Robespierre.

XIII. — Camillo Desmoulins tinha obtido por sua parte da condescendencia de um visitador das prisões os meios, raros e secretos, de communicar-se com sua mulher.

Escreveu a seguinte carta entre os dois interrogatorios:

« O meu destino leva desta prisão meus olhos a esse jardim, onde passei oito annos da minha vida; a vista alcança uma circumscripta perspectiva do Luxembourg, e me recorda uma immensidade de lembranças de nossos amores. Estou no segredo, mas nunca estive pelo pensamento, pela imaginação, e quasi pelo tacto mais perto de ti, de tua mãi, e do meu pequeno Horacio Escrevo-te este primeiro bilhete para te pedir cousas de primeira necessidade; pois que intento passar todo o tempo de minha prisão a escrever-te, visto que não preciso tomar a penna para outra cousa senão para minha defeza. A minha justificação existe inteiramente nos meus oito volumes republicanos. E' um bom travesseiro, sobre que minha consciencia adormece á espera do tribunal e da posteridade. Lanço-me a teus joelhos, estendo meus braços para te abraçar, não te encontro... (distingue-se aqui signal de uma lagrima). Envia-me aquelle copo, que tem um C, e um D, nossos dois nomes; um livro, que ha poucos dias comprei, no qual se encontram paginas em branco postas de proposito para receberem notas. Este livro trata da immortalidade da alma. Preciso persuadir-me de que existe um Deus mais justo do que os homens, e que não permittirá que eu deixe de tornar a ver-te. Não te possuas demasiado da tristeza de minhas idéas, minha cara amiga. Não desespero ainda dos homens. Sim minha querida, poderemos ainda encontrar-nos no jardim do Luxembourg. Mas remette-me o livro. Adeus Lucila! adeus Horacio (era o seu filho)! Não posso abraçar-vos, mas pelas lagrimas, que verto, parece-me tel-os ainda apertados ao seio... (aqui se vê signal d'outra lagrima).

« O teu *Camillo*. »

Uma hora depois, o preso tornava a escrever:

« O céo teve compaixão da minha innocencia; elle me enviou um sonho em que vos vi a todos. Remette-me um annel de teus cabellos e o teu retrato, oh! eu t'o supplico; porque só penso em ti e nunca no objecto, que aqui me conduzio, e que não posso adevinhar. »

Todavia a commissão na Convenção pela voz de Robespierre e de Saint-Just, se inquietava com a popularidade ameaçadora, que acompanhava Danton nos seus ferros. Queriam surprehender o povo pela grandeza da victoria e promptidão do golpe. Transportaram, durante a noite os accusados á Conciergerie. Danton ao entrar por este portico do cadafalso, sentio abater-se sua ostentação de tranquillidade. Seu rosto se tornou sombrio como esta murada. Por acaso, ou por zombaria, se designou aos Dantonistas para carcere o mesmo, que servira aos Girondinos. Era ao mesmo tempo uma vingança e uma profecia. Danton reconheu n'isto o dedo de uma justiça divina, que suas desgraças começavam a manifestar-lhe. « Foi n'este mesmo dia, » exclamou elle ao entrar, « que fiz instituir o tribunal revolucionario; eu peço perdão a Deus e aos homens. O meu fim era prevenir um novo mez de setembro e não desencadear esse flagello sobre a humanidade. »

XIV. — Abrio-se o processo. Todos os jurados escolhidos por Fouquier-Tinville e presididos por Hermann, eram rostos conhecidos dos accusados. O mesmo Fouquier Tinville, parente de Camillo Desmoulins, devia ao credito deste moço patrono o seu emprego de delegado do ministerio publico. Mas a vista da commissão estava fixa sobre todos estes homens e penetrava todas as consciencias. Não era justiça, que se devia esperar delles, mas só morte. Todavia o povo, que adorava Danton ainda, cercava o palacio da justiça. A multidão tresbordava até aos cáes circumvisinhos para assistir ao triumpho do grande patriota. Danton compareceu com uma dignidade um pouco theatral perante os juizes. O presidente lhe perguntou seu nome, sua idade, e sua morada: « Eu sou Danton, » respondeu elle, « bastante conhecido na revolução. Tenho trinta e cinco annos. A minha morada dentro em pouco será o nada, e meu nome viverá no panthéon da historia. »

« E eu, » disse Camillo Desmoulins, « tenho trinta e tres annos, idade fatal aos revolucionarios, idade do *sans-culotte* Jesus quando morreu. »

Tendo Fouquier feito sentar nos mesmos bancos Chabot, Fabre-d'Eglantine e os intrigantes seus cumplices, Danton e seus amigos se levantaram e tomaram outro assento, indignados de que os confundissem no mesmo processo com homens notados de infamia. Começaram por estes. Fabre d'Eglantine se defendeu com a habilidade de um homem consumado na arte de colorar a palavra. O testimunho de Cambon, antiga probidade, não deixou duvida alguma sobre o facto, que se imputava a estes accusados de haver contrafeito e falsificado um decreto de finanças. O moço e infortunado Bazire não tinha outro crime senão a sua amisade para com Chabot, e o silencio, que guardara, para não perder o seu amigo. Confidente involuntario, Bazire morreu por não ter consentido em fazer-se denunciante.

XV. — Herault de Séchelles foi interrogado antes de Danton. Respondeu como homem, que despreza a vida tanto como a accusação, e que acceita o julgamento do futuro. Hermann chamou depois Danton. Exprobrou-lhes suas relações com Dumouriez e suas cumplicidades occultas para restabelecer a realeza, corrompendo o exercito, e dirigindo-o contra Pariz. Danton levantou-se com uma indignação fingida: « Os covardes, que me calumniam » respondeu elle, dando a sua voz certo tom, como quem a expellia com intenção até á commissão de salvação pu-

blica, «atraver-se-hão a atacar-me de cara a cara? Que se mostrem e em breve os cubrirei com a ignominia, que os caracterisa! De certo, » proseguio elle n'uma desordem e precipitação de palavras, que attestavam a confusão de suas idéas, «já o disse e de novo o repito; o meu domicilio será brevemente o nada e o meu nome no Pantheon. Aqui está a minha cabeça, ella responde por tudo... a vida me é pezada, tarda me de me vêr livre d'ella!... Os homens da minha tempera são impagaveis... E' sobre sua fronte, que o sello da liberdade e o genio da republica estão impressos com caracteres indeleveis... é a mim a quem accusam de ter rastejado ao pé das cortes! de haver conspirado com Mirabeau, com Dumouriez! Saint-Just! tu responderás pelas calumnias inventadas contra o melhor amigo do povo. Lendo esta lista d'horrores, eu sinto tremer toda a minha existencia! » Estas phrases evidentemente preparadas e achadas em fragmentos soltos, n'uma memoria e consciencia perturbadas, revelavam mais orgulho, que innocencia. O presidente fez observar ao accusado, que Marat accusado como elle se havia defendido de modo differente e refutara por meio de provas discutidas a sangue frio a accusação.

«Pois bem! » replicou Danton, « eu passo a descer á minha justificação. » Esquecendo se porém logo, por novas explosões, de sua defeza reflectida: « Eu, » exclamou, « vendido a Mirabeau, ao duque d'Orleans, a Dumouriez!.. Mas todos sabem, que combati Mirabeau, que defendi Marat! Não appareci eu l go que nos queriamos subtrair ao tyranno, arrebatando-o para o conduzir a Saint-Cloud? Não fiz eu afixar nos Franciscanos a necessidade de se alistarem? Tenho toda a plenitude de minha cabeça quando provoco assim os meus accusadores, quando peço para me me medir com elles! Apresentem-se, e eu os sepultarei no abysmo do nada d'onde elles jámais deveriam ter saido! Vis impostores apparecei e eu vou arrancar-vos a mascara, que encobre a vindicta publica! » O presidente lembrou-lhe ainda mais de uma vez a decencia e modestia dos accusados. « Um accusado como eu, » replicou Danton, « que conhece as palavras e as cousas, responde perante o jury, mas não lhe falla. Accusam-me de me haver retirado para Arcis-sur Aube. Respondo que declarei n'essa epocha, que o povo francez seria victorioso, ou que eu deixaria de existir! Tornam-se-me necessarios, accrescentei mais, ou laureis ou a morte! Aonde estão pois os homens a quem Danton pediu emprestada a energia? Ha dois dias, que o tribunal conhece Danton. A'manhã espero dormir no seio da gloria!... Péthion, » continuou elle logo, como um homem, que se perde e torna a recobrar o fio do discurso, « Pethion saindo da camara dirigio-se aos Franciscanos; disse-nos que o rebate devia romper á meia noite, e que o dia seguinte seria o tumulo da tyrannia. Depositaram em minha mão, quando era ministro, cincoenta milhões, eu o confesso: offereço-me para dar uma conta fiel. Era para dar impulso á revolução. E' verdade que Dumouriez intentou chamar me ao seu partido, que procurou lisongear minha ambição propondo-me o ministerio; porém declarei-lhe não ser vontade minha occupar similhante logar senão ao estrepito do canhão. Fallam-me tambem de Westermann: mas nunca tive com elle cousa alguma le commum. Sei que no dia 10 de agosto Westermann saio das Tuillerias todo coberto de sangue dos realistas, e em quanto a mim asseverei, que com dezesete mil homens dispostos como eu desse o plano, ter se-ia podido salvar a patria...»

As palavras de Danton se seguiam umas as outras tão confusamente sobre os seus labios, que pareciam soffocal-o sob a massa e sob a incoherencia de suas idéas. A verdadeira eloquencia d'um accusado o sangue frio da verdade e o accento de consciencia lhe faltavam. Procurava supprir esta falta com o movimento e com o ruido; exaltava-se até á febre, até á verdadeira indignação. Os movimentos convulsivos de seu rosto, sua palavra satyrica, seu gesto theatral e a escuma, que se extravasa de seus labios, sua respiração alterada, attestavam a impossibilidade em que se achava de fallar por mais tempo. Os juizes, espantados ou enternecidos, lhe testimunhavam algum interesse, e lhe disseram que tinha precisão de repouso. Callou-se.

Passaram a Camillo-Desmoulins, accusado de ter injuriado a justiça do povo, comparando-a aos crimes dos tyranos. « Não pude, » diz elle, « defender-me senão com uma arma bem afiada contra meus inimigos, e provei mais d'uma vez a dedicação de toda a minha vida á revolução. »

Lacroix, interrogado á cerca de sua missão na Belgica e sobre a desapparição de uma carroça, que continha quatro centos mil francos d'objectos preciosos: « Nós tinhamos, » disse elle, « Danton e eu, comprado roupas para uso dos representantes do povo; tinhamos uma carroça carregada de prata, que foi pilhada n'uma aldêa. » Elle revindicou a parte principal no dia 31 de maio.

Philippeaux demonstrou a sua innocencia com a força e a dignidade de um homem puro. « Permittido vos é o fazer-me morrer, » disse elle, « mas prohibo-vos ultrajar-me. » Westermann respondeu como soldado, que não disputa sua vida, mas preserva a sua honra.

XVI. — No dia seguinte se continuaram os debates. Camillo Desmoulins tinha escrito durante a noite a sua mulher uma ultima carta. Era o testamento de seu coração, que se dava ao amor antes de se extinguir debaixo da mão do verdugo. Eis aqui este testamento:

« Aos dois dias de germinal, pelas cinco horas da manhã. »

« O ben fico somno suspendeu meus males. Somos livres quando dormimos. Não sentimos o captiveiro. O céo teve de mim piedade. Ha um momento eu te via em sonhos e vos abraçava successivamente, tua mãi. Horacio e todos!... Tornei a achar-me no meu carcere. Era já dia. Não podendo ver-te, nem ouvir-te mais, pois que tu e tua mãi me fallavam, levantei-me ao menos para te fallar e escrever. Porém ao abrir as janellas, o pensamento de minha solidão, os horriveis ferros, as chaves, que me separam de ti, venceram toda a minha firmeza d'espirito. Derramei uma torrente de lagrimas, ou para melhor dizer, soluccei gritando, n'este tumulo: Lucila! Lucila! ó minha chara Lucila! aonde estás tu? » (aqui se observa o signal de uma lagrima.)

« Hontem á noite, tive um momento similhante, e meu coração se enterneceu do mesmo modo quando descobri no jardim tua mãi. Um movimento machinal me poz de joelhos contra as grades, juntei as mãos como quem implorava e sua piedade, estou seguro de que ella gemia em teu seio. Observei hontem a sua dor, quando abaixou o seu lenço e seu véo por lhe ser insupportavel este espectaculo. Quando vierdes, que se sente ella um pouco mais perto comtigo, a fim de que possa ver vos melhor. Não ha perigo n'isto segundo me parece. Mas sobre tudo eu te supplico pelos nossos amores eternos, que me envies o teu retrato, que o teu pintor tenha compaixão de mim, que não soffro, senão por ter tido demasiada compaixão dos outros; que te dê duas sessões por dia. No horror de minha prisão, seria para mim uma festa, um dia de felicidade e de arrebatamento aquelle em que recebesse o teu retrato. No entanto remette-me um annel de teus cabellos, para o collocar sobre meu coração. Minha cara Lucila! eis me tornado ao tempo de nossos primeiros amores, em que tudo me interessava quanto saia de tua caza. Quando hontem voltou o cidadão, que te levou a minha carta: — Com effeito! a tendes vós visto? lhe disse eu; e surprehendia me a miral-o, como se sobre os seus vestidos e sobre sua pessoa, houvesse restado alguma cousa de tua presença, alguma cousa tua. E' uma alma caridosa, pois que te entregou sem demora a minha carta. Vel-o-hei segundo me assegura, duas vezes por dia, de manhã e de tarde. Este mensageiro de minhas magoas torna-se para mim tão charo, como o tivera sido outr'ora o mensageiro de meus prazeres.

« Descobri no meu aposento uma fenda: appliquei o ouvido e ouvi gemer: aventurei algumas palavras, percebi a voz de um enfermo, que padecia. Perguntou-me

o meu nome, disse-lh'o: — Oh! meu Deos! exclamou elle a este nome caindo sobre o leito de que se havia levantado; e reconheci distinctamente a voz de Fabre d'Eglantine. — « Sim seu Fabre, me disse elle, mas tu aqui! Fez-se já a contra revolução?

« Não nos atravemos com tudo a fallar com receio de que o odio nos não envejasse esta fraca consolação, e de que se chegassem a escutar-nos, não fossemos separados e mais estreitamente encerrados, pois que elle tem um fogão, e o meu quarto seria assás bello, se um carcere o podesse ser. Mas tu não imaginas o que é estar no segredo sem saber porque motivo, sem ter sido perguntado, sem receber um só jornal! E' viver e morrer ao mesmo tempo; é não existir senão para reconhecer que se está n'um tumulo! E é Robespierre, que assignou a ordem de minha prisão! E' a republica, depois de tudo quanto por ella hei feito! E' este o premio, que recebo de tantas virtudes e sacrificios! Eu, que me tenho dedicado ha cinco annos a tantos odios e perigos pela republica, eu, que tenho conservado a minha pobreza no meio da revolução, eu, que não tenho a pedir perdão mais do que a ti só no mundo, e a quem tu o has concedido, porque sabes que o meu coração, apezar de suas fraquezas, não é indigno de ti; é a mim a quem homens, que se dizem meus amigos, que se dizem republicanos, lançam n'um calabouço incommunicavel, como se fosse algum conspirador! Socrates bebeu a cicuta, mas ao menos elle podia ver na sua prisão seus amigos e sua mulher.

« Quanto é mais duro o estar separado de ti! O maior criminoso seria bem punido se o arrancassem a uma Lucila por outro modo que não fosse a morte, que não faz sentir ao menos mais que um momento a dor de uma tal separação. Chamam-me....

« Neste momento, os commissarios do tribunal revolucionario veem interrogar-me. Não me fizeram mais do que esta pergunta: Se eu tinha conspirado contra a republica? Que zombaria! E podem assim insultar o republicanismo mais puro! Vejo qual é a sorte, que me espera. Adeus Lucila, recommenda-me a meu pai. Os meus derradeiros momentos não te deshonrarão. Morro aos trinta e quatro annos. Bem vejo que o poder embriaga quasi todos os homens, que todos dizem como Denys de Syracusa: A tyrannia e um bello epitaphio. Mas consola-te o epitaphio do teu pobre Camillo é mais glorioso: é o dos Brutus e dos Catões. O' minha querida Lucila! eu tinha nascido para fazer versos, defender os desgraçados, para te fazer feliz, e para compôr com tua mãi, meu pai, e algumas pessoas amaveis, um Otaiti. Eu havia sonhado uma republica, que todo o mundo salvaria. Nunca pude crer que os homens fossem tão ferozes e injustos. Não me dissimulo que morro victima de minha amisade para com Danton. Agradeço aos meus assassinos o fazerem-me morrer com elle e com Philippeaux. Perdão minha cara amiga, minha verdadeira vida, que perdi desde o momento em que nos separaram occupo-me de minha memoria; seria talvez melhor que me occupasse de t'a fazer olvidar minha Lucila! Eu te conjuro, não me evoques com os teus gritos; elles me despedaçariam no fundo do meu jazigo. Vive para o nosso filho! Falla-lhe de mim; tu lhe dirás um dia o que ainda não pode entender, que eu o teria amado muito! Apezar do meu supplicio, creio que ha um Deus. O meu sangue apaga as minhas faltas, as fraquezas da humanidade, e o que tive de bom, minhas virtudes, o meu amor á liberdade, Deus o recompensará. Um dia te verei ó Lucila! Sensivel como eu era, será para mim grande desgraça a morte que me livra da vista de tantos crimes? Adeus minha vida, minha divindade sobre a terra! Adeus Lucila minha Lucila! minha cara Lucila! Adeus Horacio! Annette! Adele! Adeus meu pai! Sinto fugir-me da presença a praia da vida. Vejo ainda Lucila! eu a vejo! minha amada Lucila! As minhas mãos atadas te abraçam, e minha cabeça tremula descança ainda sobre ti seus olhos moribundos.

XVII. — Danton, tranquillisado pelo interesse que o povo lhe testimunhava, parecia-se menos a um accusado do que a um faccioso, que lança á multidão o signal da revolta. As janellas do tribunal estavam abertas. Danton ouvia o murmurio surdo do povo á roda dos muros. Exprimia-se n'um accento, que podia ser percebido fóra do recinto. Em alguns momentos elle expellia taes rugidos, que a sua voz transpunha as margens do Sêna até aos curiosos, que atulhavam o cáes de la Ferraille. As palavras, que elle pronunciava, circulavam de bocca em bocca nos grupos. « Povo! » exclamava Danton ao publico, que murmurava em torno delle, « guardai silencio! vós me julgareis quando eu tiver dito tudo. A minha voz não deve ser sómente ouvida por vós, mas por toda a França! » O toque de insurreição parecia soar em seu peito, seu gesto esmagava os juizes, os jurados e o auditorio; a campainha do presidente Hermann não cessava de se agitar para impôr silencio. « Não ouves a campainha? » lhe disse uma voz. « — Presidente, » respondeu Danton, « a voz de um homem que defende sua vida, deve vencer o ruido de tua campainha. »

Atravez de uma trapeira da imprensa do tribunal, que abria sobre o local das sessões, muitos membros das commissões assistiam invisiveis a este drama. Hermann e Fouquier-Tinville pareciam embaraçados. O favor publico se manifestava a favor de Danton. Elle o conhecia, e duplicava de insolencia. Os membros da commissão, fizeram signal ao presidente para terminar este perigoso dialogo. O presidente negou a palavra a Camillo Desmoulins, que se levantava para ler a defeza, que havia preparado. Camillo indignado tornou a sentar-se, e rasgando o escripto, que tinha na mão, arremeçou os fragmentos ao chão. Porém, logo como quem melhor reflectia os tornou a apanhar, e enrolando-os em bolinhas entre os dedos, poz-se a atirar com ellas á cabeça de Fouquier-Tinville. Danton se abaixou e fez outro tanto: não como se julgou até agora, por um jogo cynico e pueril, indigno do homem e do momento, mas pelo gesto significativo e tragico de um accusado a quem desarmam dos meios de provar a sua innocencia, e que atira n'um accesso d'indignação, com os fragmentos despedaçados de sua defeza, o seu sangue e de seus accusados á cara dos juizes como uma vingança ou como uma maldição. Estes fragmentos da defeza de Camillo Desmoulins, levantados depois da sessão do pavimento do tribunal por um dos amigos de Danton, foram enviados á sr.ª Duplessis, sogra de Camillo Desmoulins, recompostos na sua integra por esta dama, a fim de pedir vingança ou compaixão á posteridade.

Tornaram a mandar os accusados para o seu carcere. A commissão de salvação publica, admirada, não ousava supportar um mais longo processo, nem interrompel-o. A lei exigia que os debates durassem pelo menos trez dias. A sessão do seguinte dia podia ser a da liberdade e triumpho dos Dantonistas. Uma circumstancia fatal servio a impaciencia da commissão.

Os presos do Luxembourg, cheios de confiança na popularidade de Danton, resolveram aproveitar-se da commoção causada pelo seu processo, para conspirar um movimento no povo, abater a tyrannia e escapar á morte. Uma conferencia nocturna teve logar na camara do general Dillon, entre Chaumette e alguns dos principaes presos. Tinham se combinado com alguns individuos de fóra. A mulher de Camillo Desmoulins devia lançar-se no meio do povo, sublevar a multidão pela sua belleza, sua dôr e voz, arrastal-a contra a Convenção. Antonelle, antigo presidente do tribunal revolucionario, estava informado da conspiração.

Um preso por nome, Laflote a revelou; Saint-Just se apressou em convocar a Convenção. Billaud-Varennes leu a carta de Laflote. A Convenção decretou que todo o indiciado de conspiração que tivesse insultado a justiça nacional, fosse logo posto fóra dos debates e privado do direito de se defender. Vallier, Amar, e Voulland membros das commissões, correram no mesmo instante a levar a Fouquier Tinville o decreto ou antes a sentença de morte dos accusados. Fouquier leu este decreto perante os jurados. Danton levantou-se: « Eu tomo por testimunha o auditorio de que nós não have-

mos insultado o tribunal. » O auditorio confirma com seus applausos a asserção de Danton. A multidão indignada se agita e aperta como para libertar os accusados. Se a mulher de Camillo Desmoulins não tivesse sido presa n'essa noite, e désse com sua presença, uma voz e uma paixão de mais a este tumulto, os accusados estavam salvos e a commissão vencida.

Mas tudo se acalmou por falta de impulso. Danton, tentou, mas em vão protestar ainda. « Um dia, » exclamou elle, « um dia será reconhecida a verdade; vejo grandes desgraças cairem sobre a França. Eis a dictadura! Descobrindo depois no fundo da galeria, Amar e Vouland, dois confidentes de Robespierre, que espreitavam a scena: « Vede, » disse elle, mostrando-os com o dedo, vede estes covardes assassinos, não nos deixam senão depois de mortos. — Malvados! » exclamou Camillo Desmoulins, « ainda não satisfeitos de me degolar, querem tambem degolar minha mulher! »

O tribunal levantou a sessão. No dia seguinte findavam os tres dias, declarou-se que os debates estavam encerrados. Camillo-Desmoulins, agarrando-se fortemente ao seu banco, não poude ser levado senão á força.

Os jurados se ajuntaram, deliberaram longo tempo. Durante a deliberação communicaram com os inimigos dos accusados. Uma anciedade terrivel pesava sobre as consciencias. Nenhum d'elles acreditava no crime de Danton: todos criam nos seus vicios e poder. A maioria parecia indecisa. Colloquios sinistros se estabeleciam entre elles para arrancar uns aos outros o voto de vida ou de morte para estes homens. Souberbielle, antigo amigo dos accusados, hesitava entre todos. Elle estimava Danton; temia Robespierre: e além de tudo adorava a republica. No meio da agitação de seus pensamentos, passeava com interrompidos passos no corredor, que precedia a sala das deliberações. Um dos collegas de Souberbielle, Topino-Lebrun, se chega a elle. « Então Souberbielle, » lhe diz Lebrun, « que fazes ahi? — Medito no acto terrivel, que se deseja obter de nós, » respondeu Souberbielle. « — Pois eu já meditei, » replica o jurado. « — Que decidiste? » pergunta Souberbielle. « — Disse para commigo, » continua o jurado: « Isto não é um processo, é uma medida. As circunstancias nos conduziram a uma d'aquellas eminencias em que a justiça se evapora para não deixar dominar senão a politica. Nós já não somos jurados, somos homens de Estado. — Mas, » disse Souberbielle « ha por ventura duas justiças? uma para o vulgar dos homens, e outra para homens superiores? E a innocencia no abatimento será crime na elevação? — Ora! » disse o jurado, « não se trata d'essas argucias, mas de bom senso e de patriotismo. Estamos aonde estamos. A republica está n'uma d'aquellas extremidades em que o julgamento não é uma justiça, mas uma escolha. Danton e Robespierre não podem mais conciliar-se. E' mister para salvar a patria, que um dos dois morra! Pois bem, interroga-te como bom patriota e responde em consciencia: qual crês tu mais indispensavel n'este momento á republica, Robespierre ou Danton? — Robespierre! » responde sem hesitar Souberbielle. « — Pois bem! tens decidido, » replicou Topino-Lebrun e se retira.

XVIII. — Voltando ao carcere para esperar a hora do supplicio, os sentenciados despiram os papeis de apparato, que tinham tomado em publico e se desvendaram perante a morte. Herault de Séchelles ficou inalteravel como aquelles romanos, cuja imagem tinha no coração. Discipulo de João Jacques Rousseau, tirou de sua algibeira um volume composto por este philosopho, e leu algumas paginas, felicitou-se de sair de um mundo, cujos prejuizos e superstições combatera, para fazer prevalecer a natureza e a rasão. « O' meu mestre! » exclamou fechando o livro, « tu soffreste pela verdade e eu vou morrer por ella. Tu tens o genio, eu o martyrio; tu és muito grande homem, mas qual de nós será mais philosopho? » Era o mesmo pensamento, que o meu representante do povo tinha feito gravar em alguns versos, por cima da porta da pequena casa habitada por João Jacques Rousseau e pela sr.ª Warens no valle dos Charmette proximo a Chambery, e que ainda ahi se leem.

Esta imagem da natureza, da solidão e do amor, se apresentava como a derradeira ao espirito d'Herault de Séchelles no momento de deixar a vida. Nem uma só lagrima amolleceu sua constancia, nenhuma affectação de firmeza a manchou.

Westermann era intrepido. Philippeaux sorria-se como uma consciencia confiada em suas boas acções Camillo Desmoulins quiz ler Young e Hervey, estes dois poetas da agonia: « Tu queres sem duvida morrer duas vezes? » lhe disse gracejando Westermann. Mas o livro cahia a cada instante das mãos de Camillo. Continuamente se lhe apresentava a imagem de sua mulher adorada e presa, do seu filho orphão, de sua sogra abandonada. « O' minha Lucila! ó meu Horacio! » exclamava elle lavado em lagrimas, « que irá ser delles? »

Danton fingia tranquillidade; atirava com algumas phrases para lhe sobreviverem como medalhas de sua effigie lançadas da borda do tumulo á posteridade. « Julgam elles poder passar sem mim, mas enganam-se. Eu era o homem de estado da Europa. Não suspeitam o vacuo, que esta cabeça vai deixar. » Isto dizia apoiando suas faces entre as duas palmas de suas grandes mãos. « Em quanto a mim rio-me delles, » accrescentou em termos cynicos. « Bem tenho gosado do meu instante de existencia, bastante ruido fiz na terra; muito saboreei a minha vida: vamos dormir! » E com a cabeça e braço, fazia o gesto de quem vai descançar a fronte sobre o travesseiro.

XIX. — Pelas quatro horas os ajudantes do algoz vieram atar as mãos dos sentenciados e cortar-lhes os cabellos. Prestaram-se a esta cerimonia sem resistencia e amenisando com sarcasmos estes funebres preparativos « Isto é bom para esses imbecís, que vão mirar-nos na rua, » disse Danton. « Nós appareceremos de outra forma diante da posteridade. » Não mostrou outro culto senão o da fama, e não pareceu desejar sobreviver senão na sua memoria. Sua immortalidade era o ruido do seu nome.

Camillo Desmoulins não podia crer, que Robespierre deixasse executar um homem como elle. Confiou até ao ultimo momento n'um esforço de amisade. Nunca tinha fallado delle senão com attenção e respeito, desde a sua prisão. Não lhe havia dirigido senão queixas, e nunca daquellas injurias, que o orgulho não perdoa. Quando os executores quizeram apoderar-se de Camillo para o ligar com os outros, lutou como desesperado contra estes preparativos, que não lhe deixavam duvida alguma sobre a morte. Suas imprecações e furores fizeram assimilhar o carcere por um momento a um açougue. Foi preciso lançal-o em terra para o ligar e cortar-lhe o cabello. Domado e ligado, supplicou a Danton lhe puzesse na mão um annel dos cabellos de Lucila, que trazia comsigo, a fim de tocar alguma cousa della ao expirar. Danton lhe fez este piedoso serviço, e então se deixou ligar sem resistencia.

Uma só carreta continha os quatorze sentenciados. O povo apontava para Danton. Respeitava-se na sua victima. Havia alguma cousa, que fazia parecer-se este supplicio a um suicidio do povo. Um pequeno numero de homens cobertos de andrajos e de mulheres assalariadas, seguiam as rodas, cobrindo os sentenciados de imprecações e de apupadas. Camillo Desmoulins não cessava de vociferar e fallar a esta multidão. « Povo generoso, desgraçado povo, » gritava elle « enganam-te, perdem-te, immolam teus melhores amigos! Reconhecei-me, salvai-me! Eu sou Camillo Desmoulins! Sou eu que vos chamei ás armas em 14 de julho! Fui eu que vos dei esse laço nacional! « Fallando assim e esforçando-se gesticular com os hombros e de quebrar as prisões, tinha de tal fórma despedaçado e rasgado, o fato e camisa, que o seu busto nervoso e ossudo apparecia quasi nú no alto da carreta. Depois da conducção da sr.ª Dubarry não se tinham ouvido taes gritos, nem contemplado taes convulsões na agonia. A multidão respondia com insultos. Danton sentado ao lado de Camillo Desmoulins, tranquillisava o seu joven companheiro, e lhe reprehendia esta vã ostentação de supplicas e desespero. « Conserva-te tranquillo, lhe dizia elle severamente, e deixa essa vil ca-

nalha! » Pela sua parte, aterrava a multidão, não com palavras, mas com indifferença e desprezo. Passando por baixo das janellas da casa, que habitava Robespierre, as turbas redobraram suas invectivas, como para fazer homenagem ao seu idolo com o supplicio do seu rival. As portas das janellas da casa de Duplay se fechavam á hora em que os carros passavam habitualmente pela rua. Estes gritos fizeram empalidecer Robespierre. Retirou-se dos quartos d'onde se podiam ouvir taes clamores. Confuso de tanta insensibilidade e humilhado de tanto sangue, que espadanava tão repetidas vezes e tão justamente sobre elle, sentiu pezar ou vergonha. « Este pobre Camillo, que não podesse eu salva-lo! » disse elle. « Mas foi elle, que quiz perder-se! Em quanto a Danton, accrescentava elle, bem conheço, que me aplana o caminho: mas é indispensavel, que innocentes ou culpados demos todas as nossas cabeças á republica. A revolução conhecerá os seus do outro lado do cadafalso. » Fingiu gemer sobre o que elle chamava, as crueis exigencias da patria.

XX. — Herault de Séchelles desceu primeiro do carro. Com a adhesão e sangue frio de uma amisade, que impelle o coração para o coração aproximou o seu rosto do de Danton para o abraçar. O algoz os separou. « Barbaro! disse Danton ao executor, tu não impedirás ao menos a nossas cabeças de se beijarem logo no cesto. »

Camillo Desmoulins foi o immediato. Havia recobrado o seu socego no ultimo momento. Segurava entre os dedos os cabellos de sua esposa, como se a sua mão quizesse desprender-se para levar esta reliquia aos labios. Aproximou-se do instrumento da morte, olhou com indifferença para o ferro gotejando o sangue dos seus amigos; voltando-se então para o povo e levantando os olhos para o céo: « Eis-aqui, proferiu elle, qual o fim do primeiro apostolo da liberdade! Os monstros, que me assassinam não me sobreviverão muito tempo. Fazo entregar estes cabellos a minha sogra, disse depois para o executor. Estas foram suas derradeiras palavras: a sua cabeça cahiu.

Danton subiu no fim de todos. Nunca elle subira tão soberbo, nem tão imponente á tribuna. Quadrava se sobre o cadafalso, e parecia tomar ali a medida do seu pedestal. Olhava para a direita e para a esquerda o povo, com olhos de compaixão, parecendo dizer-lhe pela sua attitude: « Fixa-me bem, não achareis muitos, que se me assemelhem. » Todavia a natureza desmoronou por um instante este orgulho. Um grito de homem, arrancado pela lembrança de sua moça esposa, escapou ao moribundo. « O' minha querida, exclamou elle com os olhos humidos, não tornarei mais a vêr-te! » Depois, como quem se repreendia desta recordação para a existencia: « Vamos, Danton, disse em voz alta, nada de fraquesa! » E voltando-se para o algoz: « Tu mostrarás a minha cabeça ao povo, disse com authoridade, ella vale bem a pena. » Sua cabeça caiu. O executor, obedecendo ao seu ultimo pensamento, a apanhou, e andou com ella em torno do cadafalso. A multidão bateu as palmas. Assim acabaram os seus favoritos: assim morreu em scena perante o povo este homem, para quem o patibulo era ainda um theatro, e que tinha querido morrer applaudido, no fim do drama da sua vida, como o havia sido no principio e no meio. Nada lhe faltava para ser um grande homem senão a virtude. Possuiu a natureza, a causa, o genio, o exterior, o destino, e a morte, só não teve a consciencia. Representou de grande homem, não o foi. Não ha grandeza n'um papel; a grandeza não existe senão na fé. Danton teve o sentimento, repetidas vezes a paixão da liberdade: não teve porém a fé, porque não professava outro culto mais que o da fama.

A revolução era para elle um instincto. Serviu-a como o vento serve á tempestade, sublevando a escuma e brincando com as ondas. Não comprehendeu della se não o movimento, não a direcção. Teve para com esta mais enthusiasmo do que amor. Representou as massas não as superioridades da época. Manifestou em si a agitação, a força, a ferocidade, e a generosidade, por seu turno destas massas. Homem mais de temperamento, que pensamento, mais elemento que intelligencia, foi todavia mais homem de estado do que algum daquelles, que manejaram os negocios e os homens durante estes tempos d'utopias. Mais do que Mirabeau, se se entende por homem de estado aquelle que comprehende o mechanismo do governo independente do seu idéal, possuia o instincto politico. Tinha aprendido de Machiavel aquellas maximas, que ensinam tudo quanto se póde aos estados fazer soffrer de poder ou tyrania. Conhecia as franquezas e os vicios dos povos; não lhe conhecia as virtudes. Não sabia o que produz a santidade dos governos; porque não via a mão de Deus nas obras dos homens, e sim a do acaso. Era um desses admiradores da *Fortuna antiga*, que não adoravam nella mais do que a divindade do successo. Reconhecia o seu valor, como homem d'estado, com tanto maior prazer, quanto a democracia lhe era mais inferior. Maravilhava-se como um gigante no meio destes annões do povo. Ostentava a sua superioridade como um genio exceptuado. Encantava-se de si mesmo. Calcava os outros. Proclamava se a unica cabeça da republica. Depois de ter acariciado a popularidade, affrontava-a como a uma féra, que elle desafiava a devoral-o. Tinha o vicio tão audacioso, como o rosto. Exaltara o desafio politico até aos crimes dos dias menos toleraveis do mez de septembro. Desafiou depois os remorsos: mas foi vencido, e perseguido por estes Aquelle sangue, seguia seus passos. Um secreto horror se unia á admiração, que inspirava; horror de que elle mesmo era victima, e pelo qual quizera separar-se do seu preterito. Natureza inculta, fôra tão excessivo na humanidade como no furor. Teve vicios baixos e paixões generosas: n'uma palavra tinha um coração. Este, no fim voltava ao bem, pela sensibilidade, pela compaixão, e pelo amor. Merecia ser ao mesmo tempo maldito, e chorado. Era o colosso da revolução, com a cabeça d'ouro, o peito de carne, o tronco de bronze e os pés de barro. Abatido elle, o cimo da Convenção pareceu menos alto. Ahi era elle a nuvem, o trovão e o raio. Perdendo o, a Montanha perdeu o seu cume.

LIVRO LVI.

I. — Apenas Danton foi morto, o terror pareceu reanimar-se dos mesmos esforços, que empregara para o moderar. Vinte e sete accusados de todos as classes, opiniões e sexos, accumulados indistinctamente, na prisão de Luxembourg, sob pretexto de conspiração, forão conduzidos ao tribunal revolucionario. Deste numero eram o general Arthur Dillon, Chaumette, os ajudantes de campo de Ronsin, o general Beysser, o bispo de Pariz Gobel, os dois comediantes Grammont pai e filho, Lapalus, a viuva d'Hebert, finalmente a mulher de Camillo Desmoulins. Seu crime commum se limitava a algumas aspirações imprudentes para seu livramento, ou para o livramento daquelles, que lhe eram caros. O seu crime real era a inquietação, que a commoção do povo, á voz de Danton, tinha dado na vespera aos dominadores na Convenção. Queriam derramar sangue com abundancia sobre as cinzas do tribuno para as extinguir.

Quasi todos foram sentenciados. A moça religiosa, que tomara o nome d'Hebert, não dissimulava a sua sorte. Ella não desejava prolongar uma vida suffocada desde a infancia no claustro, vilipendiada no mundo pelo nome que trazia, combatida entre o horror e o amor para com a memoria de seu marido, desgraçada por toda a parte. « Eu não devi á revolução senão uma faisca de liberdade, » diz a ella á sua companheira na magoa, Lucila Desmoulins, « é horroroso amar um homem, que todo o mundo aborrece. A sua memoria não me será perdoada; eu morrerei para expiar talvez os excessos, que mais tenho deplorado... Vós senhora, accrescentava ella, « vós sois feliz. Nenhuma responsabilidade pesa contra vós; não sereis arrebatada a vossos filhos, vivereis! »

Lucila Desmoulins não aceitava esta esperança. Tinha aprendido pela morte de seu marido, o que valia a amisade de Robespierre. « Os fracos matar-me-hão como a elle. »

respondeu á sua companheira de cadafalso; «mas elles não sabem quanta indignação faz subir á alma d'um povo o sangue de uma mulher! Não foi o sangue de uma mulher, que expelliu os Tarquinios e os decemviros para sempre de Roma? Matem-me embora, e que a tyrannia baquêe commigo!»

Estas duas viuvas de dous homens, que se despedaçavam poucos dias antes, e cujo furor reciproco causara a perda commum, offereciam uma das mais crueis irrisões do destino. Talvez que ellas applaudissem alguns mezes antes a immolação da rainha e a morte da sr.ª Roland. Seus proprios corações comprehendiam agora a miseria. Os crimes e as vinganças reunem-se nestas catastrophes do terror, em que os dias fazem a obra dos annos.

Em vão a mãi de Lucila, a bella e desgraçada sr.ª Duplessis, se dirigia a todos os amigos de Robespierre, para despertar-lhe uma lembrança de suas antigas relações. Todas as portas se fecharam ao nome dos parentes de Camillo Desmoulins e de Danton. «Robespierre,» escrevia ella finalmente, «não é bastante haveres assassinado o teu melhor amigo, tu queres ainda o sangue de sua mulher, de minha filha!... O teu monstro Fouquier-Tinville acaba de ordenar que a levem ao cadafalso. D'aqui a duas horas ella já não existirá. Robespierre, se não és um tigre com figura de homem, se o sangue de Camillo não te embriagou a ponto de perder inteiramente a razão, se te recordas ainda de nossos serões de intimidade, se te lembras das caricias, que fazias ao pequeno Horacio, que te recreavas em ter sobre teus joelhos; se não te esqueceste de que estavas para ser meu genro, poupa uma innocente victima! Mas se o teu furor é similhante ao do leão, manda prender-nos, tambem a mim, a Adèle (*sua outra filha*) e a Horacio; vem despedaçar-nos com tuas proprias mãos ainda fumegantes do sangue de Camillo. Vem, vem, e que um só tumulo nos encerre a todos!»

II. — Esta carta ficou sem resposta. Robespierre, a quem suas concessões fataes a uma popularidade, que elle devia repudiar por este preço, não deixavam mais o direito de ter memoria, nem indulgencia, nem piedade, ou não a recebeu ou fingiu ignoral-a. Calou-se; Lucila, sentada ao lado da sr.ª Hebert, no carro dos suppliciados, foi conduzida ao cadafalso. Mais feliz do que a sua companheira oppressa de humiliações, e abaixando o rosto ao nome d'Hebert, a sr.ª Desmoulins, podia ao menos levantar a cabeça e dizer ao povo que morria por haver inspirado a seu marido a indulgencia. Sua estatura esbelta, seu rosto mais infantil do que seus annos, a palidez lutando em suas faces com a frescura da mocidade, seu esposo a quem ella invocava, sua mãi e seu filho por quem chamava, suas saudades da vida, interrompidas pelos seus transportes de amor para com a morte, que ia reunil-a ao seu Camillo, enterneciam todas as vistas. Menos sevéra do que a sr.ª Roland, ella inspirava mais interesse. Não morria pela gloria, mas pela sua ternura. Não era a opinião, sim a natureza o que a morte lhe ía extinguir. Foi chorada. Foi talvez a victima mais vingada, alguns mezes depois. Este sangue feminino desbotava o outro. Armava um sexo inteiro contra os assassinos da mocidade, da innocencia e do amor. A morte de Lucila, era a mais eloquente pagina do *Velho Franciscano*.

III. — As commissões tremeram. Receavam em Pariz e nos departamentos a reacção da morte de Danton. O seu supplicio era um golpe d'Estado. Como o acceitariam? As commissões não conheciam bastantemente o servillismo do medo. O exito ultrapassou sua confiança. Um só grito de adulação pareceu elevar-se para ellas de todos os clubs da republica. A memoria de Danton não teve mais amigos. O mesmo Legendre resgatou á custa de maiores baixezas a volubilidade de independencia, que tinha ousado manifestar. Importunou Robespierre com arrependimentos; até o desgostou á força de servilismo. «Fui amigo de Danton em quanto o julguei puro,» dizia elle, «agora não existe na republica um homem mais convencido de seus crimes do que eu.»

A commissão de salvação publica, dominando d'ali em diante no interior, dirigiu toda a sua attenção para as fronteiras.

Saint-Just, braço de Robespierre, tornou a partir para o exercito. A abertura da campanha de 1794 attrahia as vistas e a mão da convenção. Os colligados, observando-se sempre entre si com olhos zelosos, e contando com as divisões intestinas da França, nada haviam tentado durante o inverno; tinham-se contentado em conservar suas posições e dobrar suas forças. Consistia o seu plano em marcharem em massa sobre Landrecies, e d'ali sobre Pariz por Laon. Seus exercitos se compunham no mez de março, de sessenta mil homens, austriacos ou emigrados, sobre o Rheno, ao mando do duque de Saxe-Teschen; de sessenta e cinco mil prussianos em circumferencia de Moguncia, no Luxembourg e sobre o Sambre, commandados por Beaulieu, Blankeinstein e o principe de Kaunitz; finalmente de cento e vinte mil homens dos differentes contingentes da coalisão, debaixo das ordens do principe de Coburgo e de Clairfayt, manobrando entre o Quesnoy e o Escalda.

O exercito francez se devidia em exercito do Alto Rheno, sessenta mil homens: — exercito do Moselle, cincoenta mil: exercito das Ardennas, trinta mil: — exercito do Norte, cento e cincoenta mil. As hostilidades começaram por um movimento dos alliados sobre Landrecies. Esta operação fez recuar o exercito republicano. O inimigo operou o assalto de Landrecies. O nosso centro, assim repellido, deixava os nossos dois flancos descobertos e sem communicação com o corpo principal. Pichegru, não tendo podido restabelecer o seu centro n'um primeiro ataque, e convencido de que não conseguiria por meio d'uma acção directa levantar o sitio de Landrecies, resolveu operar uma diversão temeraria invadindo, a Flandres maritima, e chamando assim para este lado as forças principaes do inimigo. Seu genio de reflexão, associado ao genio de Carnot, previa a guerra de ambas as partes, e seguia sobre o vasto horisonte de uma carta da Europa o effeito de uma operação sobre a outra. Tinha de mais com sigo o fogo que accende no momento premeditado, a resolução friamente adoptada.

Fez mascarar o seu movimento por um ataque geral de toda a linha franceza, proprio para chamar as forças dos colligados para longe das bordas do mar, por onde elle queria passar flanqueando-os. Estes ataques brilhantes, mas sem resultado, não impediram os colligados de bombear Landrecies e se apoderarem desta chave das nossas provincias.

Durante estes combates, o general Souham e o general Moreau passaram o Lys, e o canal de Loo com 50,000 combatentes, surprehenderam Clairfayt, arrebataram-lhe Courtray e Menin. Pichegru, valendo-se d'estes primeiros triumphos não temeu descobrir inteiramente a estrada de Pariz avançando todos os seus corpos d'exercito para appoiar Moreau e Souham. Se Cobourg ousasse penetrar na França, pensava Pichegru, achar-se-ia entre Pariz e um exercito francez de 120,000 homens, que lhe cortaria a communicação de Flandres e d'Allemanha. Esta temeridade teve bom exito. O desafio não foi aceito pelo principe de Cobourg, que mandou contramarchar o seu exercito, para seguir Pichegru e envolvel-o nas suas conquistas.

IV. — Um unico conselho de guerra celebrado em Tournay, e ao qual assistio o imperador, determinou um novo plano de campanha, que se chamou o plano de destruição do exercito francez. O exercito cercado e destruido, os colligados se lisongeavam de que o solo da França, exhaurido de patriotismo o sangue, não, produziria outro; e que decepados os braços á revolução podel-a-iam ferir no coração. Avançaram em seis columnas contra o exercito do Norte, que deviam encontrar entre Menin e Courtray. Pichegru estava ausente, e visitava n'este momento seus corpos sobre o Sambre. Moreau e Souham frustraram os planos dos colligados e combateram reunidos as differentes columnas separadas, das quaes preveniram assim a juncção. Ganharam a victoria do Turcoing, e mudaram em derrota até Waterloo, (1) a marcha do

(1) Watrelos, junto a Roubaix (*Nota dos editores francezes.*)

exercito inglez. O duque d'York, que commandava este exercito, deveu a sua salvação á velocidade do seu cavallo. Tres mil prisioneiros e sessenta peças d'artilheria ficaram como despojos aos republicanos. A gloria da França brilhava sob Moreau e Pichegru, no momento em que ella devia obscurecer-se depois de tanto esplendor, sob Napoleão. O sitio de Waterloo estava marcado para triumpho e revez na carta dos nossos destinos. Esta victoria, com numero tão desigual, duplicou pelo enthusiasmo o valor dos nossos soldados. Pichegru chegou no dia immediato para lhe recolher os fructos. Foram estes disputados com encarniçamento n'um combate, que durou quinze horas, no qual o nome de Macdonald começou a illustrar-se entre os nomes de Moreau, Hoche e Pichegru, Marceau e Vandamme. Moreau, encarregado do sitio d'Ypres, repellio Clairfayt, que vinha soccorrer a cidade á testa de 30,000 soldados. Tomou a praça depois de assaltos obstinados, e ahi fez 6,000 prisioneiros.

V. — Durante estas operações, Carnot, tinha os olhos fitos sobre o Sambre tantas vezes passado e repassado, e que se parecia ao limite fatal disputado entre a coaligação e a republica. Carnot ahi tinha enviado Jourdan, tão injustamente destituido do seu commando do exercito do Norte, e nomeado então por Carnot general do exercito do Sambre-Meuse. Jourdan não sabia vingar-se de sua patria ingrata senão cubrindo-a com a espada e com o seu genio. Saint-Just e Lebas, presentes no meio dos fracos corpos, que cubriam este rio, não cessavam de os impellir para o outro lado, a fim de lançar a guerra para o solo inimigo. Jourdan chegando com 50,000 homens do exercito de Ardennes, resolveu passar o Sambre, á voz d'estes representantes. Marceau e Duhesme bateram os Austriacos em Thuin e Lobbes. Favoreciam assim a passagem do Sambre, pelo exercito, que os seguia. Mas, abandonados pelas tropas do general Desjardins, que mal combinadas disposições retiveram, repassaram o rio para se reunirem ao corpo principal.

O impaciente Saint-Just mostrou novamente o Sambre ou a morte aos generaes Charbonnier e Desjardins. Atravessaram o rio no dia 20. Acampados na margem estrangeira, e encostados ao Sambre, Charbonnier e Desjardins destacaram Kleber e Marceau, por ordem do conselho de guerra, para abastecer o exercito pelo lado de Frasnes. Atacados durante este imprudente desmembramento, pelos Austriacos, os Francezes foram lançados no rio, e sómente deveram a salvação á volta de Kleber, e ao valor de Bernardotte, chamados pelo estrondo da artilheria. O Sambre, tinto como o sangue francez, mais outra vez correu ainda de permeio entre o inimigo e nós.

Jourdan aproximava-se. Apezar disso o ardor de Saint-Just não quiz esperal-o. «Charleroi! Charleroi!» repetia elle incessantemente aos generaes, assim como Catão aos Romanos, no conselho de guerra; arranjai-vos como poderdes, mas a republica precisa de uma victoria.»

Kleber repassou o rio no dia 26 de maio, e esperou tres horas, sob a metralha de vinte bocas de fogo, as columnas que o deviam seguir. Metralhado em fim por novas baterias que acossavam os flancos da sua vanguarda, foi-lhe preciso reconcentrar-se. A 29, Saint-Just fez com que Marceau e Duhesme tambem passassem o rio. Suas testas de columna, indo bater de encontro a trinta e cinco mil homens do principe de Orange, tornam a repassar despedaçados. Finalmente Jourdan chega no meio destes inuteis assaltos. Saint-Just proclama immediatamente a Jourdan general do exercito do Sambre e Meuse, e do norte ao mesmo tempo. Junta-lhe todos os generaes e todos os corpos. Entrega-lhe a dictadura da campanha. Jourdan leva o instincto militar de Saint-Just a sciencia de general e o numero dos batalhões. Passa pela sexta vez o Sambre, e marcha sobre Charleroi cercado de oitenta mil combatentes.

Jourdan principiava a bombear a cidade, e postava os seus corpos de exercito na expectativa d'uma proxima batalha, quando atacado antes da hora, sem munições, sem baterias, sem apoio, sem ligação estabellecida com sigo mesmo, metralhado pela massa de tres exercitos inimigos, foi obrigado, apezar dos prodigios de intelligencia e de valor de Kleber, de Merceau, de Duhesmes, de Lefebore, e de Macdonald, a concentrar-se precipitadamente sobre o valle do Sambre, e cobrir-se novamente com as suas agoas. Saint-Just irritado, ainda que testimunha da intrepidez das tropas e da obediencia dos generaes, temeu que a noticia deste revez, despopularisasse a commissão e Robespierre. Combateu elle mesmo como heroe, mas a gloria não era nada sem o triumpho. A victoria para Saint-Just era politica. Seu campo de batalha estava em Pariz. Nada achava impossivel do que fosse necessario á republica. Carnot não cessava de lhe escrever: «Uma victoria no Sambre, ou a anarchia em Pariz.»

Finalmente, a 18 de junho, tendo Jourdan reunido, em dois dias os seus parques de artilheria, seus reforços e munições, aproveitou-se da confiança que dera ao principe de Cobourg o seu triumpho, para repassar o Sambre, e avançar sobre Charleroi. O principe de Cobourg tinha destacado a maior parte dos seus batalhões e esquadrões para irem fortificar Clairfayt contra Pichegru. Jourdan investio Charleroi, e entrincheirou as aldeias que cobriam a frente do seu campo, especialmente Flerus. No centro da sua linha armou um reducto de dezoito peças de grosso calibre, e fez callar o fogo de Charleroi. Esta praça rendeu-se a Saint-Just no mesmo dia, Saint Just mostrou-se generoso para com a guarnição. Deixou-a sair com armas e bagagens. No momento em que ella evacuava a praça desfilando por diante do representante do povo, o ruido da artilheria, que trovejava ao longe, annunciava a Charleroy um soccorro tardio, e a Jourdan uma proxima batalha.

VI. — Era o principe de Cobourg, que se aproximava e que, fazendo a sua junção com o principe de Orange, começava a canhonear os postos avançados do exercito francez. Jourdan havia postado as suas tropas em meia lua; as suas duas allas apoiavam-se no Sambre, o qual não podiam repassar, e assim não tinham opção entre a victoria e o abysmo. Marceau, Lefebvre, Championnel, Kleber commandavam estes differentes corpos, e dataram desta batalha a primeira gloria dos seus nomes: os entrincheiramentos ligados por meio de fortes reductos, e defendidos por tropas escolhidas cobriam os dois extremos avançados das nossas allas, e todo o centro da posição.

O principe de Cobourg renovou nesta occasião a eterna rotina da velha guerra determinando as suas forças e os seus ataques. Dividio os seus oitenta mil homens em cinco columnas que avançaram em semicirculo para abordar o exercito francez em todos os pontos ao mesmo tempo. O principe de Orange, o general Quasnodowich, o principe de Kaunitz, o archiduque Carlos, irmão do imperador, e o general Beaulieu, commandavam cada um uma destas columnas de ataque. Estas columnas avançaram todas, com triumphos e revezes momentaneos contra as tropas republicanas. Championnet, um momento carregado, retirou-se para a rectaguarda dos intrincheiramentos. O espaço que Championnet deixava vasio, innundado repentinamente por uma immensa cavallaria austriaca, volveu-se em centro do campo da batalha.

A sorte do combate que Lefebvre e Campionnet davam contra estas massas, estava escondida a Jourdan pelas nuvens de fumo. Viu-se elevar neste momento acima desta nuvem de fumo um balão que conduzia officiaes do estado maior francez. Carnot quizera applicar á arte da guerra a invenção até então esteril do aerostato. Este ponto movel de observação, pairando acima dos campos, e afrontando as ballas, devia esclarecer o genio do general em chefe. Os austriacos dirigiram projectis contra o balão, e forçaram-o a elevar-se, para os evitar a uma prodigiosa altura. Os officiaes que estavam porém, no balão, conheceram a situação perigosa de Kleber, e desceram a informar Jourdan. Este general dirigiu-se no mesmo instante com as suas reservas, compostas de seis batalhões e seis esquadrões, em soccorro de Championnet, e entrou com elle, a passo de carga, e por cima de montões de cadaveres, nas posições abandonadas. O grande reducto reconquistado abriu profundos regos com as suas ballas nas fileiras austriacas. A

cavallaria franceza lançou-se a galope nestas brechas, abriu os mais a golpes de sabre, e ganhou cincoenta pessas de artilheria. Porém no momento em que Jourdan feria o centro inimigo, o principe de Lambese, á frente dos carabineiros e dos couraceiros imperiaes reunidos, cahiu sobre a cavallaria franceza e lhe arrebatou a sua victoria e despojos. Começavamos a vergar, quando o principe de Cobourg apercebendo que a bandeira tricolor fluctuava nos baluartes de Charleroi, e vendo assim o fructo do dia e da campanha arrebatado ao exercito colligado, fez tocar á retirada, e deixando o campo de batalha, entregou assim o nome de Fleurus e a honra da victoria a Jourdan.

VII. — Vinto mil cadaveres cobriam este campo de batalha. Esta victoria nos entregou novamente a Belgica, e não tardou a fazer entrar em sugeição ás leis da Convenção as cidades francezas um momento invadidas pelo estrangeiro. Pichegru, Carnot, e Saint-Just resolveram reunir o exercito do Norte ao exercito do Sambre-e-Meuse, e impellir Pichegru á conquista da Hollanda; separar Clairfayt do duque de York cortar assim em pedaços o grande exercito colligado, fazer sublevar as provincias do Rheno e dos Paizes-Baixos, aproveitar a hesitação da Prussia, destacar a Austria da união dos nossos inimigos, e dar ouvidos ás propostas pacificas que o imperador começava a dirigir a Robespierre. O caracter paciente de Robespierre havia com effeito vivamente ferido a imaginação dos homens de Estado da corte de Viena. Cançado de inuteis esforços, espantado da preponderancia da Prussia, inquieto da inacção em que via a Russia, impaciente das exigencias de Pitt, o gabinete austriaco meditava uma defecção. Sómente a anarchia e a instabilidade do governo revolucionario impediam o imperador de tractar. Esperava para se declarar que Robespierre chegasse á dictadura, e dando unidade á republica, desse um centro ás negociaçees, e uma garantia á paz.

VIII. — O unico perigo real da republica nos ultimos mezes da precedente campanha fôra o bloqueio de Landau, e a occupação das linhas de Weissembourg, estas portas dos nossos valles do Rheno e de Vosges. A commissão de salvação publica resolveu então fazer esforços desesperados para reconquistar esta posição, e desbloquear Landau. Landau onde a morte foi a palavra d'ordem dos tres exercitos do Rheno das Ardennes, e da Moselle. Levas em massa, e o enthusiasmo unanime das populações bellicosas da Alsacia, de Vosges, e do Jura, fortificaram rapidamente estes tres exercitos. Pichegru commandava o exercito do Rheno. Seu caracter rude, e seu exterior republicano haviam conquistado a este general a confiança de Robespierre, de Saint-Just, e de Lebas. Estes homens desconfiados viam em Pichegru um homem de virtude e modestia antiga, capaz de salvar a republica, incapaz de pensar em dominal-a. A alma ambiciosa de Pichegru velava, sob uma profunda dissimulação, os pensamentos da dominação que já seu genio incumbava.

O commando do exercito da Moselle, destinado a operar a sua juncção com o de Pichegru atravessando os Vosges, foi dado por Carnot ao moço general Hoche, a quem as suas emprezas no exercito do Norte haviam apontado á republica. Hoche, na idade de vinte seis annos, com o fogo de sua idade, tinha a maturidade dos velhos generaes. O fogo da revolução ardia em sua alma não via na gloria senão o esplendor da liberdade. Acceitou o commando como se accelta um dever. Deu em seu coração a vida á republica em compensação da honra que ella lho dedicava. Os soldados, que viam nelle até que gráo um soldado póde chegar, rectificaram por acclamação a escolha da commissão. Dentro em poucos dias elle enthusiasmou a alma do seu exercito com o fogo que enthusiasmava a sua. Lançou-se com trinta mil homens no cume dos Vosges, combateu com felecidade no principio, depois com revezes a Keiserslautern, reconcentrou-se, foi honrado mesmo na sua derrota pelos representantes testimunhas da sua joventude e valor, recebeu reforços das Ardennes, accommetteu novamente, lançou-se sobre Werdt para surprehender e aterrar Wurmser, fez espantar este general austriaco, recalcou a sua alla direita, venceu-lhe as posições, apprisionou um corpo consideravel, e operou a sua juncção com o exercito do Rheno.

Baudot e Lebas, admirados da decisão e felicidade dos movimentos de Hoche, entregaram-lhe com sacrificio de Pichegru, o commando dos dois exercitos reunidos. Hoche atacou simultaneamente os Prussianos agrupados em torno de Weissembourg, e os Austriacos acampados em frente de Lauter, entre Weissembourg e o Rheno. Desaix e Michaud seus logares tenentes, arremessaram-se sobre estas linhas, venceram-as, e entraram victoriosos em Weissembourg. Landau foi desbloqueada. Os Austriacos repassaram o Rheno. Os Prussianos retiraram-se para Moguncia. O velho duque de Brunswick, que os commandava, resignou o commando, humilhado de ter sido derrotado por um general de vinte e seis annos.

IX. — Mas depois destas emprezas que haviam purgado o solo da republica, e entregue os dois exercitos nas mãos d'um adolescente, a inveja atacou o moço general Hoche. Saint-Just e Robespierre, ciosos do seu ascendente sobre as tropas, e cedendo ás insinuações de Pichegru, fizeram-o arrebatar, como a Custine, do meio do seu campo. Enviado dahi ao exercito dos Alpes, Hoche foi outra vez preso á sua chegada a Nice. Reconduziram-o a Pariz. Foi preso nos Carmelitas. Alguns dias depois, uma ordem mais severa o fez transportar para a Conciergerie, com as mãos atadas qual um criminoso. Ahi jazeu por cinco mezes, epocha em que chegamos a esta relação. O homem que havia salvado a republica, e que não tinha outro crime senão a sua gloria, esperava todos os dias, o supplicio por premio dos sacrificios feitos á sua patria. Hoche, casado havia unicamente alguns mezes com uma rapariga de deseseis annos, a quem esperava sem outro dote mais que seu amor e belleza, correspondia-se com ella por bilhetes laconicos subtrahidos á vigilancia dos seus guardas. Vivia com o sustento ordinario das prisões. Foi obrigado a vender o seu cavallo de batalha para sustentar a sua vida. Supportava esta privação esta indigencia, esta prespectiva de supplicio, sem blasfemar, nem mesmo interiormente, da republica «Nas republicas,» escrevia elle a sua mulher, o general muito amado dos soldados a quem commanda, é sempre justamente suspeito áquelles que governam. E' certo que a liberdade podia correr perigo pela combinação de um tal homem, se elle fôra ambicioso. Porém eu!... Não importa; o meu exemplo poderá servir á causa publica. Depois de ter salvado Roma, Cincinnatus voltou a agricultar seu campo. Bem longe estou de igualar tão grande homem, porém, qual elle, eu amo a minha patria; e não poderia senão entrar nas fileiras donde o acaso e o meu trabalho me fizeram sahir mui cedo para a minha tranquillidade!...

«Se tu lês, escrevia elle n'outra occasião, «a historia das republicas antigas, verás a maldade dos homens atormentar aquelles que como eu bem serviram o seu paiz!»

Estas cartas confidenciaes de Hoche estam cheias do sentimento da antiguidade. N'um tempo em que a impiedade philosofica, junta á leviandade soldadesca, obliterava por toda a parte da lingoa e de coração o sentimento religioso, admira-se uma pessoa de vêr um moço heroe da republica elevar incessantemente o seu pensamento ao céo, invocar a Providencia, e fallar com um accento profundo a sua mulher e aos seus amigos deste *grande Ser* que o protege nos seus perigos, e do qual elle faz dimanar o seu heroismo como da fonte de toda a dedicação.

Estes mezes de prisão, e esta sombra do cadafalso, amadureciam em Hoche o heroe, que prestes devia abafar o germen da guerra civil tanto pela sua generosidade, como pela sua força.

X. — Depois dos quarteis de inverno de 1793 a 1794, as nossas outras fronteiras apresentavam a mesma segurança que as do Rheno. Na Saboia o general Dumas apoderou-se das alturas dos Alpes, e ameaçava, do cume do S. Bernardo e do Monte Cenis, os Piemontezes, alliados da Austria. O comité de salvação publi-

ca meditava a invasão da Italia. Massena e Serruvier abriam-nos passo a passo o accesso do lado de Niza. Bonaparte que era então unicamente chefe de batalhão neste exercito, enviava planos a Carnot e a Barras. Estes planos revelavam no moço official ainda desconhecido o futuro genio da invasão.

Na Vendeé, as columnas incendiarias dos republicanos levavam a toda a parte o incendio e a morte. O general em chefe d'Elbeé cahia em poder destes, e morria fusilado em Nantes.

Nos Pyrineos, o exercito de Hespanha, privado dos seus dois generaes Ricardos e O'Reilly, pela morte, cobriam-se com a ribeira do Tech contra os ataques d'Auge eau, Perignon, e Dugommier. O velho general Dagoberto, impaciente da inacção em que se achava em Cerdague, invadia a Catalunha, triumphava em Montello, e morria de fadiga em Seu-d'Urgel, na edade de sessenta e oito annos. Depois de ter recolhido nas suas conquistas ricas contribuições com que entrava na caixa do exercito, Dagobert expirava sem mais alguma riqueza do que o seu uniforme e o seu soldo. Os officiaes e soldados do seu exercito tiveram de se quotisar para fazer as despezas dos seus humildes, porem gloriozos funeraes. O general Union, expulso de posição em posição, ate ao cume dos Pyrinéos, abandonava todos os valles, e retirava-se para o abrigo da artilheria de Figueras.

O rei de Hespanha propunha a paz pedindo por condições a liberdade dos dois filhos de Luiz XVI, e um mediocre apanagio para o delfim nas provincias limitrofes da Hespanha. O comité de salvação publica escrevia ao representante do povo que lhe communicára estas propostas: « E'com a artilheria que se deve responder, avançai e feri! » Dugommier, obdecendo a esta ordem, cahia victorioso, ferido na cabeça por um estilhaço: « Occultai minha morte aos soldados, » para que a victoria console ao menos o meu derradeiro suspiro. » Perignon, nomeado pelos representantes em chefe em logar de Dugommier, completou a victoria.

Os generaes Bon, Verdier, Chabert, arrastavam as suas columnas, abordando á baioneta o campo inimigo. A morte do general em chefe hespanhol, morto n'um reducto, e de mais tres dos seus generaes vingavam a morte de Dugommier, e arrastavam a derrota. Dez mil hespanhoes ficaram prisioneiros Figueras cahiu em poder d'Angereau e Victor. A fronteira estava liberta, e recuava por toda a parte ante a constancia e o enthusiasmo dos nossos batalhões. A obstinação de Robespierre, o genio de Carnot, a inflexibilidade de Saint-Just, haviam conduzido a guerra ao territorio inimigo.

XI. — Sobre o Occeano, a republica mantinha, se não o seu poder, ao menos o seu heroismo. No mar, a guerra não é unicamente coragem e numero: o homem não basta; é preciso madeiras, bronze, apparelhos de navios, manobra, e disciplina; um exercito improvisa-se; as esquadras criam-se lentamente, bem como os homens capazes de as guarnecerem. A nossa marinha, esgotada de officiaes pela emigração, de embarcações pelo nosso desastre de Toulon, acabava tambem de ser minada pela insurreição. A esquadra de Brest, commandada pelo almirante Morard de Galles, cruzando diante das costas da Bretanha, falta de viveres, munições, e de confiança, sublevava-se contra os seus officiaes, e forçava-os a regressar a Brest, sob pretexto de que a não tinham afastada daquelle porto senão para a entreguarem aos Inglezes, como succedêra a Toulon.

A commissão de salvação publica enviava tres commissarios a Brest; a saber: Prieur de Marne, Freilhard, e Jean-Bon-Saint-André. Estes commissarios fingiram dar rasão aos marinheiros, e procurar nos commandantes das esquadras conspirações imaginarias. Estabeleceram o terror na esquadra tal como existia em terra. A demissao a prisão, a morte decimaram os officiaes, Morard de galles foi substituido por Villaret-Joyeuse, simples capitão de fragata elevado pela insurbordinação a chefe de esquadra. As embarcações revoltadas receberam chefes e até mesmo novos nomes adptados das grandes circumstancias da revolução.

No entanto duzêntas embarcações, carregadas degrãos, eram esperadas da America nas costas do Occeano. Villaret-Joyeuse recebeu ordem de fazer sahir novamente a esquadra, de a conservar a uma certa altura no mar, para proteger a entrada destas duzentas vellas nas agoas francezas, e no entretanto ir exercitando a equipagem nas grandes manobras. Contava a nossa esquadra vinte oito náos de linha restos poderosos dos nossos armamentos da America e das Indias. Villaret-Joyeuse e Jean Bon Saint-André iam em a náo *la Montagne*, de cento e trinta peças. Apenas a esquadra, magestosa em numero, enthusiasmo, e patriotismo, se lançara no mar, em tres divisões, foi apercebida pelo almirante Howe, que crusava com trinta e tres embarcações inglezes nas costas da Normandia e Bretanha. O almirante francez queria evitar o combate, conforme as ordens que recebera de proteger mas que tudo a chegada dos cereaes ao nosso esfaimado litoral. O enthusiasmo dos marinheiros, animado pelo ardor revolucionario de Jean-Bon-Saint-André, obrigou a Villaret-Joyeuse. A esquadra vogou por si mesma ao combate por aquelle impulso popular que arrastava então os nossos batalhões.

Os inglezes fingiram primeiro evital o. Lançavam esta isca á impericia dos nossos representantes Villaret-Joyeuse, por sua parte, não queria para a sua esquadra senão a honra do fogo, sem o perigo d'uma batalha naval. Esperava satisfazer com algumas abordadas a sêde de gloria de Jean-Bon-Saint-André. As duas rectaguardas foram as unicas que se travaram. A náo franceza *la Revolutionaire*, escapou toda destroçada, a tres embarcações inglezas, fluctuando apenas e entrou desmastreada em Rochefort. A noite separou as duas esquadras. O dia seguinte descubriu novamente uma á outra. Tres náos inglezas atacaram o centro da linha franceza fixaram-se como brulotes á náo *le Vengeur* e incendiaram o seu apparelho. Ia empenhar-se o ataque geral, quando uma nevoa espessa caio sobre o Oceano e supultou por espaço de dois dias as duas esquadras em tal obscuridade que tornava toda a manobra impossivel. Mas durante esta obscuridade o almirante Howe havia manobrado incoberto e collocado a esquadra franceza a sotavento, vantagem immensa, que permitte á esquadra favorecida, augmentar pelo vento sua força e velocidade, do elemento.

XII. — Era ao romper do dia 1.º de junho de 1794. Estava o céu limpo, o sol resplandente, o mar agitado, porem flexivel, o valor igual de ambos os lados; mais desprezado entre os francezes, mais confiado e tranquillo entre os inglezes. Gritos de Viva a republica! e de: Viva a Gran-Bretanha! partiram dos dois bordos. O vento levou de uma a outra frota, com as vagas, os echos dos hymnos patrioticos das duas nações.

O almirante inglez, em vez de abordar em face a linha franceza, obliquou sobre ella e cortando a em dois troços, separou a nossa esquerda e a fulminou com toda a sua artilheria, em quanto a nossa direita, tendo contra si o vento, assistia immovel ao incendio de seus navios. Diz-se que nunca similhante ardor de morte arrebatou uns contra os outros, os navios das duas nações rivaes. A madeira e as velas pareciam palpitar com a mesma impaciencia de choque que os marinheiros. Acommettiam-se como arietes, ora alternativamente unidos, ora separados por algumas curtas vagas. Quatro mil peças d'artilheria, respondendo-se de pontos oppostos, vomitavam metralha ao alcance de pistola. Os mastros estavam cortados. As velas ardiam, o convez estava juncado de membros e fragmentos d'apparelho. Howe, a bordo da náo *Reine Charlotte* combatia em pessoa, como n'um grande duello, a náo almirante franceza a *Montagne*, e a náo *Jacobin*, por uma falsa manobra tinha rompido a nossa linha e descoberto esta embarcação. A esquerda franceza estava repellida sem ser vencida. Tinha inscripto em seus pavilhões: *Victoria ou morte!* O centro pouco soffrera. A noite veio interromper esta carnificina.

Seis náos republicanas estavam separadas da esquadra, e cercadas pelas náos de Howe. O dia devia alu-

miar o seu aprisionamento ou incendio. O almirante francez queria salval-as ou incendiar-se com ellas. A reflexão tinha moderado o representante do povo Jean Bon-Saint-André. A frota havia trabalhado bastante pela sua gloria. A victoria disputada era por si só um triumpho para a republica. O representante ordenou a retirada. A náo *Montagne* não era mais do que um volcão extincto. Este navio recebeu tres mil balas no costado. Todos os seus officiaes estavam feridos ou mortos. Um terço da equipagem apenas sobrevivia. O banco de quarto do almirante fôra arrebatado com uma bala debaixo delle. Todos seus atilheiros estavam deitados sobre as peças. O mesmo succedera a todos os navios, que haviam tomado parte na acção.

A náo *le Vengeur*, cercada por tres náos inimigas, combatia ainda, com o seu capitão dividido pelo meio do corpo, seus officiaes mutilados, seus marinheiros dezimados pela metralha, seus mastros desmantelados, e as velas em cinza. Os navios inglezes se retiravam como de um cadaver do qual as derradeiras convulsões poderiam ser perigosas, mas que não podia escapar á morte. A equipagem, ébria de sangue e polvora, levou o orgulho de sua bandeira até ao suicidio em massa. Pregou a bandeira sobre o tronco de um mastro, recusou toda a composição e esperou que as ondas, que enchiam já o porão, augmentando de minuto em minuto a fizessem soçobrar debaixo do fogo. A' medida que a náo se submergia coberta por coberta, a intrepida equipagem disparava toda artilheria da bataria, que o mar ia cobrir. Afogada esta bateria, sobiam á bateria superior e a descarregavam sobre o inimigo. Em fim quando já as vagas varriam a cuberta superior, a ultima bateria rebentou ainda ao nivel do mar e a equipagem se abysmou com a náo aos gritos de: *Viva a republica!*

Os Inglezes, consternados de admiração, cobriram o mar com seus escaleres e salvaram um grande numero. O filho do illustre presidente Dupaty, que servia no *Vengeur* foi recolhido e salvo por esta forma. A esquadra entrou em Brests como um ferido victorioso. A Convenção decretou que ella havia bem merecido da patria. Ordenou que um modello do *Vengeur*, estatua naval da embarcação submergida, fosse suspenso ás abobadas do Pantheon. Os poetas José Chenier e Lebrun a immortalisaram em suas strophes. O naufragio victorioso do *Vengeur* se tornou um dos canticos populares da patria. Foi para os nossos maritimos a *Marselhesa* do mar.

XIII. — Assim se illustrava ou triumphava a republica por toda a parte. A Convenção chamava todas as artes e todos os genios para celebrar estes primeiros triumphos da liberdade. Assim como os perigos de 1793 tinham tido seu Tyrteo em Rouget de Lisle, as victorias de 1794 tiveram o seu em J. Chenier e em Lebrun. Foi então que Chenier compoz o *Cantico da partida*, cujas notas respiravam o triumpho como as da *Marselhesa* respiravam furor. Eis este cantico:

UN DEPUTÉ DU PEUPLE.

La Victoire en chantant nous ouvre la barriére,
La Liberté guide nos pas:
Et du nord au midi la trompette guerriere
A sonné l'heure des combats.
Tremblez, ennemis de la France,
Rois ivres de sang et d'orgueil:
Le peuple souverain s'avance:
Tyrans, descendez au cercueil!
La republique nous appelle,
Sachons vaincre, ou sachons perir.
Un Français doit vivre pour elle,
Pour elle un Français doit mourir! (1)

CHOEUR DES GUERRIERS.

La republique, etc. (2)

UNE MÉRE DE FAMILLE.

De nos yeux maternels ne craignez pas les larmes,
Loin de nous les laches douleurs.
Nous devons triompher quand vous prenez les armes:
C'est aux rois a verser des pleurs.
Nous vous avons donné la vie;
Guerriers, elle n'est plus a vous:
Tous vos jours sont a la patrie,
Elle est votre mere avant nous. (3)

CHOEUR DES MERES DE FAMILLE.

La republique, etc (4)

O horisonte esclarecia-se sobre todas nossas fronteiras, ao mesmo tempo que em Pariz se obscurecia de dia para dia. O sangue das victimas se misturava com o sangue dos defensores da patria.

XIV. — Quanto mais terrivel fôra a commissão de salvação publica para o partido d'Hebert e Danton, tanto, mais ella se cria obrigada a mostrar-se implacavel para com os suspeitos de todas as opiniões. O terror sómente podia, na sua opinião, servir d'escusa ao terror. Depois de haver ferido os mais illustres fundadores da republica, era preciso que a suppozessem inexoravel para com seus inimigos. A unica mola do governo era a guilhotina. Não deixavam o poder á commissão senão com a condição de conceder a morte ao povo. Entre os membros da commissão, uns, como Billaud-Varennes, Collot-d'Herbois, Barere, erigiam esta ferocidade de circumstancias em systema e se envolviam na sua impassibilidade; os outros, como Couthon, Saint-Just, Robespierre, fechavam os olhos e concediam este sangue ao povo, para o affeiçoar á republica pelos seus máos instinctos, esforçando-se crer, que impediriam a revolução de cair em anarchia, encostando-se a republica ao cadafalso. Lisongeavam-se chimericamente de extrahir do mesmo sangue, força para estancar o sangue; porque nenhum delles, talvez, queria por systema ahi submergir sua mão e seu nome. Mas estabelecido uma vez o terror, pensavam que devia esmagar todo o homem, que tentasse primeiro detel-o em sua corrente. O exemplo dos Girondinos, de Danton, de Camillo Desmoulins recente de mais, para ser esquecido. Robespierre e seus amigos espiavam a hora de acabar com esta carnificina. Mas os Jacobinos os observavam. A hora propria não se apresentava. Era mister, diziam elles, desfazer-se de taes ou taes homens suspeitos, perigosos ou ferozes. Couthon, Saint-Just, Robespierre, adiavam a clemencia, violavam a justiça e transigiam com o cadafalso. Não era seu crime tanto o soffrerem o terror, como havel o creado. No entanto elle immolava sem escolha, sem justiça, nem piedade, as cabeças mais altas como as mais obscuras. O nivel da guilhotina havia-se abaixado. Ceifava indifferentemente todas as classes. A philosophia de Robespierre, tornava-se um permanente assassinio. O abysmo o attrahia. Terrivel lição para aquelle, que dá um primeiro passo além de sua consciencia e da sua justiça!

A commissão de salvação publica se não tinha reservado na distribuição dos julgamentos e dos supplicios mais do que uma especie de funcção mechanica reduzida a uma sinistra formalidade. Raras vezes denunciava, a não ser n'aquellas grandes occurrencias, em que os processos tomavam a côr e a gravidade de crimes d'estado. A commissão recebia as denuncias de Pariz, dos representantes em missão, dos clubs dos departamentos. Lançava uma rapida vista sobre estas denuncias, ou confiava no relatorio d'um dos seus membros, e enviava os accusados ao tribunal revolucionario. Os accusados se accumulavam assim nas dezoito prisões de Pariz. Os nomes, os processos, as delações, formavam rimas no escriptorio de *Fabricio* e nos carto-

(1) UM DEPUTADO DO POVO — A victoria abre-nos, cantando, a barreira, e a liberdade os nossos passos guia; e do Norte até ao Meiodia a trombeta guerreira fez soar dos combates a hora. Inimigos da França, Reis ebrios de sangue e orgulho, tremei! O povo soberano avança. Tyrannos, descei ao tumulo!... A republica nos chama, saibamos vencer, ou morrer. Um francez deve viver para ella; por ella deve em francez morrer!

(2) CHÔRO DOS GUERREIROS — A republica, etc.

(3) UMA MÃI DE FAMILIA — Não receieis as lagrimas dos nossos olhos maternaes; longe de nós as covardes dores. Quando vós pegaes em armas nós devemos triumphar: é aos Reis a quem pertence verter lagrimas. Nós temo-vos dado a vida; guerreiros, ella não vos pertence: todos os vossos dias são da patria, porque ella é vossa mãi primeiro que nós.

(4) CHÔRO DAS MÃIS DE FAMILIA — A republica etc.

rios de Fouquier-Tinville. Todas as tardes o accusador publico ia á commissão para pedir as ordens. Se a commissão queria uma proscripção de urgencia, remettia a Fouquier-Tinville a lista dos accusados de quem era preciso precipitar o julgamento. Se a commissão não tinha debaixo de mão alguma cabeça de escolha a ferir, deixava a Fouquier-Tinville extrahir pela sua ordem ou ao acaso as innumeraveis listas d'accusação, que tinha em torno de si. O accusador publico entendia-se com o presidente do tribunal. Elle associava igualmente por massa e por analogia d'accusação os presos, algumas vezes os mais estranhos uns aos outros. Redigia e sustentava a accusação Provia á execução immediata dos julgamentos.

Este systema d'assassinio caminhava só por si. Os carros, proporcionados ao numero presumido dos condemnados, estacionavam á hora prefixa nos pateos do palacio da justiça. As *insultantes* publicas cercavam as rodas. Os executores bebiam á entrada das prisões. O povo se apertava nas ruas á hora dos prestitos. A guilhotina esperava. A morte tinha sua rotina traçada como habito. Estava constituida em um trabalho do dia.

Depois dos ultimos dias do mez de novembro de 1793 até ao mez de julho de 1794, o calendario da França era assignalado de muitas cabeças decepadas por dia. O numero crescia de semana em semana. Nos fins de maio já se não contavam.

XV. — O filho de Custine, de idade de vinte e quatro aunos, preso por ter chorado seu pai, fòra lançado no carcere á espera do seu julgamento. Sua mocidade, sua belleza, as lagrimas de sua mulher que o visitava livremente, haviam enternecido a filha de um carcereiro. Esta moça cumplice tinha procurado a Custine vestidos de mulher, com os quaes ao anoutecer devia escapar-se. Trinta mil francos em ouro já contados pelo sr.ª Custine aos instrumentos da evazão, uma carruagem prompta, um asylo seguro tornavam a fuga certa. O dia chegára, tinha dado a hora. Custine foi informado de que um decreto da Convenção condemnava á morte aquelles, que favorecessem a fuga de algum preso. Tira o seu disfarce, já vestido; resiste ás instancias de sua mulher, ás supplicas da rapariga, que jura de os seguir e dedicar-se á morte se tanto fòr preciso, por el e. Nada pode commovel-o. fica. E' julgado. Passa a ultima noite de sua vida no carcere commum dos condemnados, ternamente occupado em enxugar as lagrimas de sua esposa e a chamal-a á vida pelo filho de seus amores. A primeira claridade do dia fez desmaiar a moça esposa. Aproveitaram esta occasião para o levar dalli. Custine marcha ao supplicio e morre, victima de seu amor filial, de sua generosidade e nome.

Claviere, informado no seu carcere do suicidio de Roland, seu amigo, entreteve-se philosophicamente á noite, com seus companheiros de captiveiro, á luz de uma alampada, sobre as conjecturas ou certezas da immortalidade. Passa em revista os meios mais seguros e promptos de escapar voluntariamepte á morte dos suppliciados. Procurou com a ponta de sua faca sobre o peito o local onde o coração palpitava, para não errar o golpe, e entra socegado no seu quarto. No dia seguinte os carcereiros encontraram Claviere adormecido no seu sangue, com a mão sobre o punhal, e o punhal no coração. Sua mulher, genoveza como elle, soube da morte de seu marido e envenenou-se, depois de ter salvo um resto de fortuna, e assegurado outra familia a seus filhos.

O bispo de Lyon, Lamourette, censurado pelos realistas por haver esperado muito dos homens; proscripto pelos revolucionorios por ter querido conservar á revolução a sua consciencia, converteu na prisão os impios a Deus e os desgraçados á esperança. «Não meus amigos» exclamou elle na vespera de sua morte, batendo na testa, não se pode anniquilar o pensamento, e o pensamento é todo o homem! Que é a guilhotina!» dizia elle ainda brincando com o supplicio, » um piparote no pescoço!» O derradeiro suspiro deste homem foi um suspiro de paz.

Não restavam mais do que dois girondinos illustres escapos, por espaço de seis mezes, ás proscripções da Montanha! eram Louvet e Condorcet.

XVI. — Condorcet, no dia seguinte ao 31 de maio, espera os gendarmes, que o devem vigiar em sua casa. Os Montanheses hesitaram um momento ante tão grande nome. Temem deshonrar a revolução proscrevendo o philosopho. Os Jacobinos reprehendem aos Montanhezes a sua fraqueza. Quanto mais notavel é o homem tanto mais perigoso é o conspirador. O respeito é um prejuiso. As mais altas cabeças devem ser as primeiras a cair. Condorcet, commovido das lagrimas de sua esposa, foi arrastado por um amigo, M. Pinel, para um asylo seguro, na rua de Servandoni, n.º 21, n'um dos bairros obscuros de Pariz, occultos á sombra de altas muralhas e das torres de Saint-Sulpice. Ali, uma viuva pobre, dedicada aos infelizes, madama Vernet, possuia uma casinha da qual alugava os quartos a alguns locatarios pacificos incognitos como ella. M. Pinel conduziu Condorcet para esta morada ao cair do dia. Quiz declarar a madama Vernet o nome do amigo, que elle confia á sua hospitalidade. «Não.» respondeu esta mulher generosa a Pinel, «eu não quero saber o seu nome; sei a sua desgraça. é bastante! Salval-o-hei por Deus e por vós e não pelo seu nome. O seu retiro será mais seguro, e a minha adhesão mais desinteressada.»

Condorcet se encerrou com alguns livros e seus pensamentos, n'um quarto alto do ultimo andar. Tomou um nome supposto. Não saia nunca, nem abria a sua janella senão á noite. Não descia senão para comer como um conviva familiar á meza do hospede. Um dia elle crê reconhecer na escada um convencional do partido da Montanha, chamado Marcos. «Estou perdido,» disse elle á senhora Vernet, «ha um Montanhez alojado em vossa caza. Deixai-me fugir porque sou Condorcet. — Ficai, «lhe respondeu a intrepida mulher. «Eu conheço Marcos, e respondo por elle. Vou empenhal-o para minha propria salvação; vou dizer-lhe: Condorcet está aqui, é um proscripto, eu o sei, dou-lhe asylo. Se elle for descoberto, morrerei com elle. Um só homem sabe d'este segredo. se elle fôr revelado, se Condorcet vai á guilhotina, o seu sangue e o meu cairão sobre vós só.» O convencional foi discreto. Todos os dias o proscriptor e o proscripto se encontravam na escada e passavam fingindo não conhecer-se.

Condorcet, ficou n'este asylo ignorado durante o outono e inverno de 1793, e durante os primeiros mezes da primavera de 1794. Escreveu, ao som das demencias e furores da liberdade, o seu livro *Da perfectibilidade do genero humano*. A esperança do philosopho sobrevivia n'elle ao desespero do cidadão. Sabia que as paixões são passageiras e que a razão é eterna. Elle a confessava como o astronomo confessa o astro até mesmo no eclipse. A sua solicitude era consolada por seus trabalhos; ella o era principalmente pelas visitas assiduas de sua moça esposa, cuja resplandecente belleza, e alma eloquente, tinham feito o delirio de sua mocidade e o attractivo de sua caza. Pertencia á nobre familia de Groudey. Caida depois da desgraça de sua familia e da proscripção de seu marido, do luxo na indigencia, esta joven ganhava a vida fazendo retratos das personagens celebres do terror. Estes fortunosos da liberdade gosavam em fazer reproduzir a sua imagem pela mão de uma aristocrata. Chegando a noite, a senhora Condorcet se entranhava desconhecida pelas travessas sombrias, que conduziam a casa de seu marido, e lhe dava no mysterio horas de consolação, e felicidade. Horas tanto mais apraziveis por serem roubadas á morte.

Condorcet seria feliz e salvo se tivesse sabido esperar. Mas a impaciencia de sua imaginação ardente o cansava e perdia. Apoderou-se d'elle, á volta da primavera, e ao brilhar do sol d'abril nas paredes de seu quarto, uma tal necessidade de liberdade e movimento, uma tal paixão de rever a natureza e o céo, que a senhora Vernet foi constrangida a vigial-o como a um verdadeiro preso, com receio de que escapasse á sua beneficente vigilancia. Não fallava senão da felicidade de percorrer os campos, sentar-se á sombra de uma arvore, escutar o canto das aves, o ruido das folhas o murmurio da agoa. A primeira verdura das arvores do Luxembourg, que descobrio da sua janella, levou este desejo de ar e de movimento,

até ponto de delirio. Conservaram sempre a porta da caza cuidadosamente fechada com medo de que Condorcet saisse.

XVII. — Finalmente a 6 d'abril pelas dez horas da manhã, estando o dia mais explendido e provocante que do ordinario, Condorcet desceu com pretexto de tomar a sua refeição na sala commum. Esta sala baixa era proxima da porta da rua. Apenas se assentara, fingio ter esquecido um livro na sua camara. A senhora Vernet lhe offereceu, sem suspeita, ir buscarlh'o. Condorcet acceitou Aproveitou-se desta auzencia de sua hospeda e saiu de caza.

Tendo dado alguns passos, encontra na rua de Vau girard um commensal de sua hospeda chamada Serret. Este mancebo, tremendo pelo fugitivo, o acompanha. Passam juntos a barreira, abraçam-se e separam-se. Condorcet vaga durante todo o dia nos suburbios de Pariz. Goza com excessivo prazer de sua imprudente liberdade. Chegando a noite, Condorcet foi bater á porta de uma caza de campo, aonde o senhor e a senhora Suard, seus amigos, viviam retirados na aldêa de Fontenay-aux-Roses. Abriram-lhe. Ninguem sabe o que se passou n'esta entrevista nocturna, entre o proscripto mendigando um asilo, e seus amigos tremendo de attrahir a morte sobre sua habitação, occultando alli um accusado. Dizem uns que a amisade foi timida, outros, que Condorcet se recusou generosamente ás instanciss, com medo de arrastar com elle a sua desgraça e seu crime ao solar, que habitava. Seja como for, passado um curto intretenimento em voz baixa, tornou a sair por uma porta occulta do parque pelo meio da noite.

Assegura-se que voltara algumas horas depois, e achára afferrolhada esta mesma porta, que esperava achar aberta: conjecturas que repellem e authorisam igualmente o caracter generoso de Suard e a ternura d'uma esposa consternada, que tremia por seu marido; calumnia da amisade talvez, que affligio até á morte aquelles a quem se lançou a responsabilidade do dia seguinte.

XVIII. — A noite cobrio os passos e as irresoluções de Condorcet. No dia seguinte ao anoitecer, viram um homem fatigado, com os pés enlameados, rosto livido, olhar espantado, e barba crescida entrar n'uma taberna de Clamart. Seu vestido de trabalhador, barrete de lã, sapatos ferrados, contrastavam com a delicadeza das mãos e brancura da pelle. Pedio ovos e pão e comeu com uma avidez, que attestava longa abstinencia. Interrogado pelo hospede á cerca de sua profissão respondeu que era domestico de um amo, que acabava de expirar. Para confirmar esta asserção, tirou da algibeira uma carteira, que não dizia com a pertendida domesticidade e com a indigencia do vestuario, a qual continha papeis falsos. A elegancia da carteira denunciou Condorcet: varios membros da commissão revolucionaria, que estavam na sala commum, o prenderam como suspeito e quizeram fazel-o conduzir á prisão Bourg-la-Reine. Com os pés feridos pelas longas marchas da vespera e noite precedente, exhausto de forças, Condorcet caia a cada passo em desfalecimento. Os camponezes se viram constrangidos a deital-o sobre o cavallo de um pobre vinhateiro, que passava pela estrada. Lançado na prisão de Bourg-la-Reine, o philosopho tragou um veneno, que trazia sempre com sigo; arma secreta contra o excesso da tyrannia. Condorcet adormeceu. O somno lhe escondeu sua propria morte, assim como poupou uma cabeça ao algoz. Os guardas nacionaes, que vigiavam a porta e que não ouviam ruido algum no carcere, não acharam mais do que um cadaver em logar de um preso. Assim morreu este Seneca da eschola moderna. Collocado entre os dois campos para combater o antigo mundo e moderar o novo, Condorcet pereceu no seu choque sem se admirar e sem gemer. Sabia elle bem que as verdades não se dão gratuitamente á humanidade, mas que se compram, e que a vida dos philosophos é o preço das verdades. O tempo do reconhecimento ainda não chegou para elle. Ha de chegar, e desculpar a memoria do philosopho das repreensões feitas á mocidade e ao ardor do patriota.

XIX. — No mesmo dia em que Condorcet expirava em Bourg-la-Reine, Louvet entrava em Pariz. Depois de se haver separado em Saint-Emilion, pelo meio da noite, de Barbaroux, de Buzot e Péthion, á porta d'aquella mulher cruel, que recusou uma gota d'agoa a um moribundo, Louvet tinha andado toda a noite. Ao romper do dia, havia transposto, antes da hora de acordarem os habitantes, a aldêa de Monpont, extrema raia da Gironda. Fóra do departamento suspeito, a vigilancia era menos activa. Coberto com o uniforme de voluntario, affectando jacobinismo na attitude e conversações, ferido n'uma perna, alugando, para caminhar, carroças de palha e fêno, que levavam suas requisições pelas cidades, Louvet conseguio á força de disfarces e tramas approximar-se de Pariz. Ahi entrou por fim, graças á adhesão d'um guia fiel; ahi affrontou, no seio do mysterio, do amor, os ressentimentos de Robespierre. Cada dia ao levar-lhe a noticia da morte d'um de seus ultimos amigos, lhe fazia gosar a vida, como se gosa a derradeira hora de felicidade, que vai perder-se.

Laréveillère-Lépeaux, deputado girondino como Louvet, era do pequeno numero d'quelles, que escapavam na sombra á guilhotina. A revolução tinha encontrado Laréveillère jurisconsulto em Mortagne sua patria, no baixo Poitou. Os principios novos tinham sido para elle não um furor, mas uma religião. Discipulo dos philosophos, considerava a exaltação da rasão humana, nos cultos como nas leis. Mas esta rasão não era como a de Diderot, um escarneo amargo contra as instituições e dogmas; era um ardente amor da luz e uma aspiração apaixonada da humanidade para com Deus. Estas doutrinas tinham ligado Laréveillère-Lépeaux aos Girondinos, não porque fossem menos incredulos, mas porque eram menos sanguinarios do que os Montanhezes. Denunciado no dia immediato ao da sua queda, como seu cumplice, uma voz havia exclamado com despreso do alto da Montanha: « *Deixai-o morrer só*. Elle não tem dois dias de vida. » Laréveillère, com effeito, achava-se então moribundo. Esta voz o salvou. Mas em breve proscripto com os setenta e tres deputados suspeitos de saudades da Gironda, havia fugido disfarçado sob differentes formas, e por logares incognitos. Bosc, da amisade da senhora Roland e Laréveillère se tinham ao principio refugiado n'uma cabana abandonada na floresta de Montmorency. Ahi passaram o inverno. Nem um nem outro tinha levado comsigo dinheiro. Viveram de batatas e caracóes. Uma galinha e um gallo eram toda a sua riqueza. Um dia extenuados de privação e de fome, resolveram matar a gallinha. Uma ave de rapina mais esfaimada do que elles, caio sobre ella e lh'a arrebatou.

Quando os administradores de Seine-et-Oise iam caçar na floresta, Laréveillère e Bosc fugiam para baixo das médas de fêno, ou para baixo dos montões de folhas seccas. Suspeitos aos guardas, elles se separaram, e cada um foi mendigar ao acaso outro asilo. Laréveillère se encaminhou para o norte; lá um amigo menos suspeito lhe tinha offerecido n'outros tempos hospitalidade. Cobertos de farrapos, pés descalços, rosto cadaverico pela insomnia e cansaço, o proscripto encontrou na estrada o representante do povo Bouchotte puxado a quatro, sua carruagem coberta de louro e bandeiras tricolores, e adornado elle mesmo com o *bonnet rouge*. Laréveillere tremeu de ser conhecido. Afastou-se do caminho: um pastor repartiu com elle seus alimentos e sua cabana ambulante. No seguinte dia, um pobre camponez lhe deu um pão, que levava para os campos a seu filho. A's portas da pequena cidade de Roye, visinha de Buire, o fugitivo encontra uma multidão de povo. Conduziam para a cidade um proscripto como elle sobre uma macca, o qual se tinha suicidado na estrada real. Este agouro géla sua coragem. Laréveillere erra de noite pelos campos, e de dia pelos bosques. Chega em fim moribundo á porta do seu amigo. Recebido como um irmão occulto, favorecido e curado pelos disvello de uma familia generosa, passa os máos dias sob um nome supposto, e se entrega em paz á paixão pelo estudo das plantas. Foi lá que inspirado por esta Divindade, que se manifesta, e falla das maravilhas da vegetação, Laréveillere ent evio aquella religião simples e pastoral, de que

elle foi, tempos depois, não o inventor mas o apostolo debaixo do nome de *Teophilantropia*. Esta philosophia piedosa e não este culto, composto de dois dogmas elementares extrahidos do Evangelho, o amor de Deus e o amor dos homens, foi prégada ao principio por H. Haury, celebre naturalista.

Laréveillère, de quem esta religião tomou o nome, não representou n'ella outro papel senão o de protector de suas innocentes ceremonias, e de approvador de sua moral, quando a fortuna o elevou á primeira magistratura da republica. A volubilidade caprichosa da opinião attribuio esta tentativa de culto a Laréveillère-Lepeaux. Infligio-se o ridiculo ao seu nome. Proclamar a Divindade no meio do materialismo, a moral ao pé dos cadafalsos, o amor no seio das discordias civis, não motivava este desprezo. Nada do que procura relevar a humanidade para com Deus, deve ser rebatido pela irrisão. Todos os pensamentos religiosos, mesmo quando degeneram, teem a sua immortalidade em a sua natureza. O nome de Laréveillère-Lepeaux ficara honrado e não manchado pelo pensamento que eleveu a Deus do seio das theorias do nada.

XX. — Outro philosopho, o senhor de Melesherbes, soffreu as mesmas desgraças e maior gloria. Sellou sua vida com a sua morte. A sua longa e modesta virtude foi coroada pelo supplicio. Depois do acto de fidelidade suprema, que havia cumprido defendendo Luiz XVI perante a Convenção, o senhor de Malesherbes se retirara para o campo, onde vivia como patriarcha no meio de seus filhos e netos. Suppoz-se que a sua virtude era uma conspiração contra o tempo. Foi arrebatado assim como o senhor de Rosambeau seu genro, suas duas netas e seus maridos. Um destes era o senhor de Chateaubriand irmão mais velho d'aquelle, que devia dar ao seu nome mais lustro do que lhe roubava de sangue! Foram todos lançados na prisão de Port-Libre e conduzidos por grupos ao tribunal. O senhor de Malesherbes tinha aprendido a morrer no Templo. Morreu pois sem se indignar contra seus assassinos. Esperou o tempo e a justiça dos homens com esperança e paciencia. Proximo a subir ao tribunal, deu uma quéda no limiar da prisão: «Máo agouro,» disse elle, «Um romano não sairia de casa!» Os presos da *Conciergerie* lhe supplicavam a bençam, como a da honra antiga, que com elle ía subir ao ceu. Concedeu-lh'a sorrindo-se. «Sobre tudo não me lastimeis,» disse, «Fui desgraçado por ter querido adiantarme á revolução por meio de reformas populares. Vou morrer por ter sido fiel á amisade do meu rei. Morro em paz com o preterito e com o futuro.» Toda a sua familia o seguio em poucos dias ao cadafalso.

Em quanto o generoso velho caminhava á morte por ter defendido o seu monarcha, Clery desfallecia encerrado na *Force* pelo haver servido e consolado no seu captiveiro. Assim desmentia elle, pelo longo supplicio que havia acceitado no Templo, e pela cruel prisão que soffria como realista, as duvidas contra que protesta a vida inteira d'este modello dos servos dos reis desthronados, e que sua familia tem sempre repellido energicamente de sua memoria e nome.

O velho Luckner, esquecido longo tempo nos carceres; o deputado Mazuyer, accusado do crime de ter feito salvar Péthion e Lanjuinais; Duval d'Epréménil, um dos primeiros tribunos do parlamento; Chapelier, Thoret, um relator da primeira constituição, o outro um dos reformadores mais esclarecido de nossos codigos, seguiram de perto o senhor de Malesherbes. Subindo á carreta que os ia levar á guilhotina: «Este povo vai dar-nos um problema embaraçado a resolver,» disse Chapelier para d'Epréménil. — «Qual é?» respondeu este. — «O de saber a qual dos dois se dirigirão suas maldições e seus apupos — A ambos,» disse d'Epréménil, mas já se não julgava senão em massa, por classes, por ordem, por empregos, por geração e por familias. Todos os membros do parlamento de Pariz, todos os cobradores geraes de finanças, toda a nobresa de França, toda a magistratura, todo o clero, eram arrancados de seus palacios, seus altares, ou retiros, amontoados nas vinte e oito prisões de Pariz, extrahidos por seu turno dos carceres, levados por cathegorias ao mesmo tempo ao tribunal, e arrastados de lá ao cadafalso.

Mais de oito mil suspeitos atulhavam estas prisões de Pariz, um mez antes da morte de Danton. Em uma só noite, nellas lançaram trezentas familias dos arrabaldes de Saint-Germain, todos os grandes nomes da França historica, militar, parlamentar e episcopal. Não se davam ao trabalho de inventar-lhe um crime. Bastava o seu nome, suas riquezas os denunciavam, sua classe os accusava. Era-se culpado por bairro, por classe, por fortuna, por parentesco, por familia, pela religião, pela opinião e presumidos sentimentos; ou antes, não havia já innocentes nem culpados, havia só proscriptores e proscriptos. Nem idade, nem velhice, nem infancia, nem enfermidades, que tornavam impossivel toda a criminalidade salvava da accusação e da sentença. Os velhos paralyticos seguiam seus filhos, os meninos seus pais, as mulheres seus maridos, as donzellas suas mãis. Este morria pelo seu nome, aquelle pela sua fortuna; tal por haver manifestado uma opinião, tal pelo seu silencio, tal por ter servido a realeza, tal por haver abraçado com ostentação a republica, tal por não ter adorado Marat, tal por haver lastimado os Girondinos, tal por ter applaudido com excesso Hebert, tal por se haver sorrido á clemencia de Danton, tal por ter emigrado, outro por haver ficado no seu paiz, outro por concorrer para a fome do povo não dispendendo com elle suas rendas, outro por se apresentar com um luxo, que insultava a miseria publica. Rasões, suspeitas, pretextos contraditorios, tudo servia. Bastava achar delatores na sua secção, e a lei os animava dando-lhes uma parte nos bens confiscados. Quando faltavam aos proscriptores pretextos de morte, inventavam conspirações verdadeiras ou fantasticas nas prisões. Espiões disfarçados sob a apparencia de presos, provocavam confidencias, suspiros pela liberdade, planos d'evasão entre os mesmos presos; delatavam depois tudo isto a Fouquier-Tinville. Inscreviam em suas listas de delação centenares de nomes suspeitos, que apenas sabiam do seu crime pelas accusações. Era isto a que se chamava as *fornadas* da guilhotina. Ellas deixavam um vacuo nas prisões, davam ao povo a commoção ficticia de um grande attentado punido, de um grande perigo evitado pela vigilancia e pela severidade da republica. Entretinham o terror, impunham silencio ás murmurações. Todos os dias o numero dos carros empregados em conduzir os sentenciados ao cadafalso augmentava. A's quatro horas, elles rodavam regularmente mais ou menos carregados pela Pont-au-Change e rua de Saint-Honoré, para a praça da Revolução. Prolongava-se expressamente o caminho para prolongar o espetaculo ao povo, o supplicio ás victimas.

Estes carros funebres reuniam ás vezes o marido á esposa, o pai ao filho, a mãi e as filhas. Aquelles rostos consternados, que se contemplavam mutuamente com a ternura suprema do derradeiro olhar, aquellas cabeças de donzellas apoiadas sobre os joelhos de suas mãis; aquellas frontes femeninas recostadas sobre os hombros de seus esposos como para allí encontrar a força; aquelles corações, que estreitando-se a outros corações, que iam cessar de bater, aquelles cabellos brancos, aquelles louros, cortados pela mesma thesoira; aquellas cabeças veneraveis, e outras encantadoras dentro em pouco tempo ceifadas pela mesma foice; a marcha vagarosa do cortejo, o ruido monotono das rodas, as espadas dos soldados formando uma ala de ferro em torno dos carros, os suspiros suffocados, as apupadas da populaça, aquella vingança fria e periodica, que se acendia e que se apagava, á hora fixa nas ruas por onde passava o cortejo, imprimiam nestas immolações um tanto de mais sinistro do que o assassinio, porque era o assassinio dado em espectaculo, e como em recreio a um povo inteiro.

Assim morreram dizimadas na sua flor, todas as classes da população, nobreza, igreja, burguezia, magistratura, commercio, e o mesmo povo; assim acabaram todos os grandes e obscuros cidadãos, que representavam em França, as classes, as profissões, as luzes, as situações, riqueza, industria, opiniões, sentimentos proscriptos pela sanguinaria regeneração do terror. Assim cairam a uma e uma, quatro mil cabeças em alguns mezes, entre as quaes

os Montmorency, os Noailles, os la Rochefoucauld, os Mailly, os Mouchy, os Lavoisier, os Nicolai, os Sombreuil os Brancas, os Broglie, os Boisgelin, os Beauvilliers, os Maillé, os Montalembert, os Roquelaure, os Roucher, os Chénier, os Grammont, os Duchatelet, os Clermon-Tonnerre, os Thiard, os Moncrif, os Molé-Champlatreux. A democracia abria caminho com o ferro, mas abrindo o caminho, fazia ao mesmo tempo horror á humanidade.

XXI. — A passagem regular d'estas procissões do cadafalso, depois de ter sido longo tempo um espectaculo e uma especie d'illustração sinistra para as ruas por onde passavam, principalmente para a rua Saint-Honoré, tinha-se tornado n'um supplicio e difamação para aquelles bairros. Os passageiros as evitavam. As janellas armazens, lojas se fechavam á chegada dos prestitos. As vociferações da multidão hiam ameaçar até nos seus lares os cidadãos, que habitavam n'estas ruas e horrorisar os meninos nos braços de suas mãis. Os alugadores abandonavam seus domicilios. Os proprietarios começavam a queixar-se em petições á communa, de que se havia feito de suas cazas os camarotes privilegiados do supplicio. O sangue de duas ou tres mil victimas, corria desde a primavera sobre o terreno da praça da Revolução como em um açougue de homens. avermelhava a lama, e infectava o ar. As Tuilheries e os Campos-Elysios estavam abandonados pela multidão de passeantes. Os miasmas da morte corrompiam a sombra de suas arvores.

Duas execuções mais sinistras e solemnes, que as outras acabavam de sublevar a indignação d'estes bairros contra a collocação da guilhotina alli. Por occasião da tomada de Verdun pelo rei da Prussia em 1791, a cidade havia festejado a entrada d'estes libertadores de Luiz XVI. Os habitantes conduziram suas filhas a um baile, uns por opinião, outros por temor. Depois da restauração de Verdun, a republica se lembrou das alegrias de que estas meninas tinham sido as decorações e não as culpadas. Conduzidas a Pariz e apresentadas no tribunal, sua idade, belleza, e obediencia a seus pais, a antiguidade da injuria, os triumphos vingadores da republica, não foram contados por excusa. Foram enviadas á morte pelo crime de seus pais. A mais velha contava dezoito annos. Iam todas vestidas de branco. O carro que as conduzia parecia-se a um cesto de lirios. cujas cabeças fluctuavam ao movimento do braço. Os algozes enternecidos choravam com ellas.

XXII. — Espantava-se o povo do seu proprio rigor. No dia seguinte os carros, em maior numero, levaram ao supplicio todas as religiosas da abbadia de Montmartre. A abbadessa era a sr.ª de Montmorency. Estas pobres donzellas de todas as idades, desde a mais tenra mocidade até aos cabellos senis, encerradas ainda em meninas nos mosteiros. não tinham outros crimes senão a vontade de seus pais e a felicidade de seus votos. Reunidas em torno de sua abbadessa, entoaram com suas vozes femeninas os canticos sagrados, ao subir para as carretas, e os psalmodiaram em coro até ao cadafalso Assim como os girondinos haviam cantado o hymno de sua propria morte, estas donzellas cantaram até á derradeira voz, o hymno do seu martyrio. Estas vozes perturbaram como um remorso o coração do povo. A infancia, a formosura, a religião immoladas ao mesmo tempo n'estas duas execuções, forçaram a multidão a desviar os olhos.

A communa temia fatigar o patriotismo d'estes bairros opulentos. Confiou-se mais na exaltação dos arrabaldes: escolheu o arrabalde Saint-Antoine, solo natal da revolução de 14 de julho, e fez elevar a guilhotina na barreira do Trône. Menos inquietos de desafiar a piedade do povo d'este arrabalde, os proscriptores, inauguraram este calvario por execuções mais numerosas. A fileira dos comboys se compunha diariamente de muitos carros. De uma vez elles conduziram com quarenta e cinco magistrados de Pariz, trinta e trez membros do parlamento de Toulosa; de outra vinte e sete negociantes de Sedan; frequentemente sessenta e até oitenta sentenciados.

Um dos carros appareceu nos ultimos tempos escoltado por pobres meninos cobertos de andrajos. Estes meninos pareciam abençoar e chorar um pai. O velho que ía sentado n'este carro era o abbade de Fénelon, bisneto do auctor do *Telemaco*, este germen christão d'uma Revolução extraviada, que bebia então o sangue da sua familia. O abbade de Fénelon tinha instituido em Pariz uma obra de misericordia em favor d'estas crianças nomadas, que vêm todos os invernos das montanhas de Saboya, ganhar sua vida em França na domesticidade banal das grandes cidades. Estas creanças, sabendo que lhe ía talvez ser roubada a sua providencia, se transportaram em massa, pela manhã á Convenção para implorar a humanidade dos representantes e a graça da virtude. Sua mocidade, linguagem e lagrimas enterneceram a Convenção. « Sois vós pois crianças, vós mesmos? » exclamou o impassivel Billaud-Varennes, « para vos deixardes commover de lagrimas? Transigi uma só vez com a justiça, e amanhã os aristocratas vos assassinarão sem piedade! »

XXIII. — Este Billaud-Varennes que recusava assim a compaixão a orphãos, teve a necessidade mais tarde, no seu exilio em Cayenna, da piedade d'uma escrava negra. A Convenção não ousou abrandar-se á sua voz. O abbade de Fénelon caminhou á morte escoltado pelos seus beneficios. Tinha oitenta e nove annos. Foi mister, ajudal-o a subir os degráos do patibulo. De pé sobre o cadafalso, pedio ao algoz que lhe dezatasse as mãos, para fazer a acção de um derradeiro abraço a estes pobres meninos. O algoz commovido obedeceu. O abbade Fénelon, estende as mãos os Saboyannos cáem de joelhos: inclinam suas cabeças descobertas sob a benção do muribundo. O mesmo povo aterrado os imita: correm lagrimas, rebentam suspiros e soluços; o supplicio se transforma n'um acto sagrado como um sacrificio.

O arrabalde de Saint-Antoine se indignou a seu turno de ter sido escolhido para o local da morte. O solo repellia o algoz. Mas os proscriptores não achavam ainda a morte assás ligeira.

XXIV. — Uma tarde, Fouquier-Tinville foi chamado á commissão de salvação publica. « O povo, » lhe disse Collot, « começa a cançar-se. E' mister dispertar suas sensações por meio d'espectaculos mais imponentes. Dispõe-te para que caiam agora umas cincoenta cabeças diariamente » — Voltando da commissão, » disse no seu interrogatorio o obediente Fouquier-Tinville, « o meu espirito estava de tal forma perturbado de horror, que o rio me pareceu, como a Danton arrojar sangue. » No cimiterio de Monceaux um vasto fosso, sempre aberto, e cujas bordas estavam entulhadas de tuneis de cal, recebia indistinctamente cada dia, cabeças e troncos decapitados. Verdadeiro escoadouro de sangue, á entrada do qual se tinha gravado a inscripção do nada: DORMIR; como se os algozes quizessem tranquillisar-se a si proprios affirmando que as victimas não acordariam nunca mais.

LIVRO LVII.

I. — O caracter dos povos sobrevive até mesmo ás suas revoluções. A certeza da morte não espalhava o horror no interior das prisões de Pariz. A sensação da morte havia-se embutado á força de se renovar nas almas. Cada dia de esquecimento era uma festa da vida, que se apressavam a consagral-a aos prazeres. O despreso do proprio destino elevava os presos até á apparencia do stoicismo. A leviandade do caracter imitava a intrepidez. Sociedades, amisades e amores, se estabeleciam por uma hora entre os presos dos dois sexos. Entregavam-se á distracção, e ás affeições os momentos dedicados á morte. As conversações, os colloquios, as correspondencias mysteriosas, as representações theatraes imitadas nos carceres, a musica, os versos, as danças se continuavam até ás derradeiras horas. Vinham arrancar um ao jogo; elle deixava a outro suas cartas; chamavam este da meza, aquell'outro acabava de despejar seu copo, outros eram arrebatados aos abraços de uma esposa ou de uma amante, e elle saboreava o ultimo aperto

de mão. Nunca o genio intrepido e voluptuoso da juventude franceza zombara tão de perto com o perigo. O supplicio tornava sublime esta mocidade, sem a poder tornar séria. A religião, essa consoladora dos desditosos, servia de alivio ao maior numero. Sacerdotes tambem presos, ou introduzidos sob disfarce, celebravam os mysterios do culto, que se volviam mais tocantes pela similhança do sacrificio. A poesia, este suspiro articulado d'alma, dirigia para a immortalidade as derradeiras palpitações do coração dos poetas.

O senhor de Montjourdain, commandante de um batalhão da guarda nacional, enviou na vespera de sua morte as seguintes strophes á moça esposa, que ia deixar viuva:

L'heure approche ou je vais mourir;
L'heure sonne et la mort m'appelle;
Je n'ai point de lache soupir,
Je ne fuirai point devant elle.
Demain mes yeux inanimés
Ne s'ouvriront plus sur tes charmes;
Tes beaux yeux a l'amour fermés
Demain seront noyés de larmes.

Si dix ans j'ai fait ton bonheur,
Garde de briser mon ouvrage;
Donne un moment á la douleur,
Consacre au bonheur ton jeune age.
Qu'un heureux epoux á son tour
Vienne randre á ma douce amie
Des jours de paix, des nuits d'amour,
Je ne regrette plus la vie.

Si le coup qui m'attend demain
N'enleve pas ma pauvre mére.
Si l'age, l'ennui, le chagrin
N'accablent pas mon pauvre pére.
Ne les fuis pas dans ta douleur.
Reste a leur sort toujours unie:
Qu'ils me retrouvent dans ton cœur,
Ils aimeront encor la vie. (1)

O author do *Poema dos mezes*, Roucher, o Ovidio moderno, estava diante de um pintor no instante em que lhe vieram apresentar a ordem de comparecer no tribunal. Uma tal ordem equivalia a uma sentença de morte. Roucher, só era culpado pelo seu merito, que havia lançado fulgor sobre a moderação dos seus principios. Sabia elle que a demagogia não perdoa nem mesmo á aristocracia do talento. Pedio aos carcereiros, que esperassem se concluisse o seu retrato, que destinava a sua esposa e filhos. Em quanto o pintor lhe dava os ultimos retoques de pincel, elle escreveu sobre os joelhos a inscripção seguinte para explicar ao futuro a melancolia de suas feições.

Ne vous etonnez pas, objets cheris e doux
Si quelqu'air de tristesse obscurcit mon visage
Quand un crayou savant dessinet cette image
On dressait l'echafaud, et je pensais a vous. (2).

II. — André Chénier, alma romana, imaginação attica, a quem o seu corajoso patriotismo havia arrebatado á poesia, para o arremeçar na politica, fora encarcerado por Girondino. Os sonhos de sua bella imaginação tinham achado a sua realidade na senhora de Coigny, encerrada na mesma prizão. André Chénier tributava a esta moça captiva um culto d'enthusiasmo e respeito, enternecido ainda mais pela sombra sinistra da morte prematura, que cobria já estas habitações. Dirigia-lhe elle estes versos immortaes; o mais melodioso suspiro, que jámais sahiu das fendas de um carcere. E' a donzella, que falla e se lastima na lingoagem de Jephté.

LA JEUNE CAPTIVE.

Saint-Lazare.

« L'epi naissant murit de la faux respecté;
Sans crainte du pressoir, le pampre tout l'été
Boit les dons presents de l'aurore;
Et moi, comme lui belle et jeune comme lui,
Quoique l'heure presente ait de trouble et d'ennui,
Je ne veux pas mourir encore!

Qu' un stoique aux yeux secs vole embrasser la mort,
Moi je pleure et j'espere. Au noir souffle du nord
Je plie et releve ma tete,
S'il est des jours amers, il en est de si doux!
Helas! quel miel jamais n'a laissé de degouts?
Quelle mer n'a point de tempete?

L'illusion feconde habite dans mon sein;
D'une prison sur moi les mures pesent en vain,
J'ai les ailes de l'esperance.
Echappée au reseau de l'oiseleur cruel,
Plus vive, plus heureuse, aux campagnes du ciel
Philomele chante et s'elance!

Est-ce a moi de mourir? Tranquille je m'endors
Et tranquille je veille, et ma veille aux remords
Ni mon sommeil ne sont en proie.
Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux,
Sur des fronts abattus, mon aspect dans ces lieux
Ranime presque de la joie.

Mon beau voyage encore est si loin de sa fin!
Je pars, et des ormeaux qui bordent le chemin
J'ai passé les premiers á peine.
Au banquet de la vie á peine commencé,
Un instant seulement mes levres ont pressé
La coupe, en mes mains encor pleine.

Je ne suis qu'au printemps, je veux voir la moisson;
Et comme le soleil, de saison en saison,
Je veux achever mon année.
Brillante sur ma tige, et l'honneur du jardin,
Je n'ai vu luire encor que les feux du matin;
Je veux achever ma journée.

O' mort, tu peux attendre; eloigne, eloigne-toi:
Va consoler les cours que la honte, l'effroi,
Le pale desespoir devore.
Pour moi Palés encore a des asiles verts,
Les amours des baisers, les muses des concerts:
Je ne veux pas mourir encore.

Ainsi, triste e captif, ma lyre toutefois
S'eveillait, ecoutant ces plaintes, cette voix,
Ces vœux d'une jeune captive;
Et secouant le joug de mes jours languissants,
Aux douces lois des vers je pliais les accents
De sa bouche aimable et naive. (1)

A DONZELLA CAPTIVA.

(1) Traducção. A hora em que vou morrer se aproxima: ella sôa, e a morte me chama; nem na sua presença soltarei covarde suspiro, nem fugirei. Amanhã os meus inanimados olhos não se abrirão sobre os teus encantos; e os teus, ao amor cerrados, em lágrimas amanhã, afogados estarão.

Se por dez annos tua felicidade hei feito, a minha obra não despedaces; dá só um momento á dor, e tua mocidade consagra á felicidade. Que a seu turno um feliz esposo venha á minha terna amiga restituir os dias de paz, as noites do amor, e eu não lastimo a vida

Se o golpe que amanhã me aguarda, não arrebatar a minha pobre mãi; nem a idade, nem o enojo, nem a tristesa derem cabo do meu pobre pai, não os fujas na tua dôr; continua sempre unida á sorte delles; que elles no teu coração te encontrem, e amarão a vida.

(2) Traducção. Não vos admireis, objectos doces e charos, se alguma sombra de tristeza me escurece o rosto, quando um habil lapis me desenhava a fronte, o cadafalso se erguia, e eu pensava em vós.

(1) Traducção: — A nascente espiga amadurece respeitada pela foice; o pampano, sem temer o lagar, bebe, durante o estio, os doces presentes da aurora: e eu, como elle moça e bella ainda, se bem que a hora presente é de turvações e magoas cheias, não quero morrer ainda!

Apesar de o estoico a olhos enxutos querer abraçar a morte, eu choro, e confio. Ao negro sopro do norte vergo minha cabeça, e ergo-a. Se ha dias amáros, ha-os tambem tão doces! Ah! qual o mel que tambem não tenha deixado desgostos? Que mar existe sem tempestades?

Fecunda illusão sobre mim, porque me restam ainda as azas da esperança. Escapa de cruel caçador ao laço, mais alegre é mais feliz, nas campinas do sol, Philomela canta e voa!

Tenho de morrer? Tranquilla eu durmo, e tranquilla vélo; e nem minha vigilia, nem meu somno são preza dos remorsos. Minhas saudações ao dia surri em todos os olhos. Nas frontes abatidas, a minha vista nestes logares reanima quasi a alegria.

A minha famosa viagem está tão distante ainda do seu fim! Parto, e dos almos que a estrada bordam hei apenas passado os primeiros. No banquete da vida apenas assentada, meus labios hão libado levemente a taça, que ainda em minhas mãos está cheia

Apenas estou na primavera, e vêr quero a ceára; e como o sol de estação em estação, quero findar o meu anno. Brilhando na minha haste, e honra do jardim, por ora só tenho visto lusir o arrebol matutino: quero acabar o meu dia.

Oh morte! tu podes esperar: afasta, afasta-te: vai consolar os

III. — No convento dos Carmelitas, um carcere estreito e lugubre ao qual se descia por dois degráos, e abria por uma cancella de grades, sobre o jardim do antigo mosteiro, encerrava tres mulheres, caidas da mais alta fortuna na mesma prisão. Nunca a escultura reunio em similhante grupo, rostos, encantos e fórmas as mais proprias para enternecer os algozes. Era uma a sr.ª d'Aiguillon, mulher de nome illustre: o sangue de sua familia fumegava ainda no cadafalso; a outra Josephina Tascher, viuva do general Beauharnais, recentemente immolado por haver sido infeliz no exercito do Rheno; a ultima e a mais bella de todas era essa joven Thereza Cabarus amada de Tallien, culpada de ter amolecido o republicanismo do representante em Bordéos e haver subtraido tantas victimas á proscripção. A commissão de salvação publica, acabava de a arrancar á protecção do proconsul, sem piedade para com suas queixas, e de a lançar nos carceres, suspeitando ainda a sua influencia sobre Talien. Uma terna amisade ligava duas destas damas entre si, ainda que houvessem disputado muitas vezes a admiração publica, e a dos chefes do exercito ou da Convenção. Das duas ultimas era uma predestinada ao throno, aonde o amor do moço Bonaparte devia eleval-a, a outra era tambem predestinada a destruir a republica inspirando a Tallien a coragem de atacar as commissões na pessoa de Robespierre.

Um só colxão sobre o pavimento, em o cubiculo no fundo do carcere, servia de cama ás tres captivas. Ellas ali se consumiam de lembranças, de impaciencia e do desejo de viver; escreviam com a ponta de suas thesouras, com os dentes dos pentes, sobre o reboco, das paredes, cifras, iniciaes, e nomes lembrados com saudade ou implorados, aspirações amargas á perdida liberdade. Ainda hoje se lêem estas inscripções. N'uma parte: «Liberdade quando cessarás tu de ser um vocabulo vão?» N'outra: «Hoje se completam quarenta e sete dias, que estamos encerradas.» Mais longe: «Dizem-nos que sairemos ámanhã.» Sobre outra parede: «Esperança vã!» Um pouco mais abaixo tres assignaturas reunidas: «cidadoa *Talien*. — Cidadoa *Beauharnais*. — Cidadoa *d'Aiguillon*.»

A imagem da morte presente a seus olhos, não lhes poupava nem as vistas nem a imaginação. Seu carcere era uma das celas aonde os assassinos de setembro, tinham morto maior numero de frades. Dois destes assassinos cançados da matança, tinham descançado um momento, encostando os sabres, com a ponta para o chão, contra a parede, para recobrarem suas forças. O profil destas duas espadas, desde o punho até á extremidade da folha, se tinha impresso em sulcos de sangue, na cal humida, e alli tomavam a fórma d'aquellas espadas de fogo, que os anjos exterminadores brandiam em torno dos tabernaculos. Ahi se distinguem ainda os seus contornos tão bem traçados e ao parecer tão frescos, como se este vestigio não devesse jámais extinguir-se. Nunca a mocidade, a formosura, o amor, e a morte, formaram semelhante grupo em tal quadro de sangue.

IV. — Havia porém uma só prisão em Pariz aonde não penetravam havia oito mezes nem o ruido do exterior, nem as consolações da amisade, nem as imagens do amor, nem os derradeiros sorrisos da vida, tumulo fechado antes da morte; era o Templo. Desde a hora em que suas portas se abriram para deixar sair a rainha para o cadafalso, oito mezes tinham decorrido. O Delphim já nesta epocha estava entregue nas mãos do feroz Simão. Este menino profanado, prevertido e tornado estupido pelas grosserias e cynismo de Simão, não tinha communicação alguma com sua irmã nem com sua tia. Sómente ellas o descobriam de tempos a tempos atravez as grades da torre. Ahi ellas respiravam o ar, e ouviam horrorisadas, o pobre menino cantar sem comprehender, as coplas impuras, que Simão lhe ensinava contra sua propria mãi e contra sua familia.

A princeza Izabel, instruida por algumas meias phrazes do processo e da morte de Maria Antoinette, não tinha revelado toda a verdade a sua sobrinha. Deixava fluctuar a sua ignorancia nesta duvida, que supõe as peiores catastrophes, mas que não cerra o coração a toda a esperança. Encerradas n'um captiveiro mais estreito e mais sombrio, privadas do movimento, de liberdade, de lume, e quasi d'alimentos pelos agentes de dia em dia cada vez mais subalternos da commuua, as princezas tinham passado o outono e o inverno sem conhecimento algum dos movimentos exteriores ou interiores da republica. Uma nova visita de quatro municipaes, delegados pelo conselho, pesquizas mais severas as advertiram de que a sua sorte ia ser mais rigorosa. Prohibiram lhe o papel, com o pretexto de que faziam assignados falsos. Privaram-nas até dos jogos de cartas, e do xadrez, que abreviavam as suas longas noutes de inverno, porque estes jogos recordavam os nomes de rei e rainha, proscriptos pela republica.

A 19 de janeiro, ante-vespera do anniversario da morte do rei, pozeram inteiramente incommunicavel o Delphim, como um animal feroz, n'um quarto elevado da torre, aonde ninguem absolutamente entrava. Simão era só quem abrindo uma greta da porta, lhe atirava com os alimentos. Uma bilha d'agoa, raras vezes renovada, era a sua bebida. Não se levantava jámais da cama, que nunca se fazia; lensoes, camisa, e vestidos, não se mudaram por mais de um anno. A janella fechada com cadeado, nunca se abria ao ar exterior; continuamente respirava sua propria infecção. Não possuia nem livros, nem brinquedos, nem instrumentos para se entreter. Suas faculdades activas concentradas pela ociosidade e solidão se depravavam. Seus membros se intumeciam; a sua intelligencia se lhe asphyxiava pelo habito do terror. Simão parecia ter recebido ordem d'experimentar até que ponto do embrutecimento e de miseria se podia fazer descer o filho de um rei.

V. — As captivas não cessavam de gemer e chorar por este menino. Não se respondia ás suas perguntas a tal respeito senão com injurias. O tratamento por tu ordenado pela authoridade revolucionaria d'Hebert e Chaumette, foi uma das cousas que mais as revoltou. Empregavam-na com acinte sempre que lhes dirigiam a palavra. Durante a quaresma não lhes apresentaram se não alimentos de carne para as obrigar a violar o preceito da religião proscripta. Não lhes tocaram durante quarenta dias, contentando-se só com o pão e leite, que reservavam do superfluo do seu almoço. Privaram-nas de candieiros pelos primeiros dias da primavera, por economia nacional. Viam-se obrigadas a deitar-se ao anoitecer ou a velar nas trevas. Este duro captiveiro não alterava, comtudo nem a formosura nascente da moça princeza, nem a serenidade do genio de sua tia. A natureza e a mocidade triumphavam, em uma da perseguição; a religião triumphava na outra do infortunio. Sua reciproca ternura, suas conversações, seus soffrimentos, sentidos e partilhados em commum, inspiravam-lhes uma paciencia que quasi se assemelhava á paz.

Já se vio que Hebert, para conceder mais um penhor á populaça havia pedido o julgamento das princezas, e Robespierre tinha repellido esta moção. Mas depois do supplicio d'Hebert, supplicio que fazia suspeitar em Robespierre tendencia para a moderação, os membros das duas commissões de salvação publica e de segurança geral, quizeram provar ao povo, que igualavam ao menos em inflexibilidade contra os idolos do realismo, o partido de Hebert. Robespierre, Couthon, Saint-Just affectavam o mesmo rigorismo que provavam poucos dias antes em seus inimigos. Salvaram unicamente a moça princeza e seu irmão. A ordem de processar a princeza Isabel foi um desafio de crueldade entre os homens dominantes, a qual se mostraria mais implacavel contra o sangue dos Bourbons.

VI. — A 9 de maio, no momento em que as princezas meio vestidas oravam ao pé de suas camas antes

corações a quem a vergonha, o medo, e o pallido desespero devora. Pales para mim ainda tem verdes asylos, beijos os amores, e as musas concertos: ainda não quero morrer.

Assim, triste e captiva, em outros tempos minha lyra se despertava, ouvindo estes queixumes, este accento, estes votos da donzella captiva, e sacudindo o jugo dos meus languidos dias, ás doces leis dos versos eu dobrava as vozes da sua amavel e candida bocca.

de dormir, ouviram bater á porta do seu carcere pancadas tão violentas e tão repetidas, que a porta tremeu em seus gonzos, A princeza Isabel se vestio apressada e abriu. «Desde já, cidadôa!» lhe disseram os carcereiros. «— E minha sobrinha?» respondeu a princeza. «— Occupar-se-hão della mais tarde.» A tia antevendo a sua sorte correu á sobrinha e a cingiu com seus braços, como para a disputar esta separação. A princeza real chorava e tremia: «Tranquilisa-te minha filha!» lhe dizia a tia: «eu já volto sem duvida dentro em um instante. — Não cidadôa!» replicaram grosseiramente os carcereiros, «tu não voltarás, toma o teu toucado e desce.» Como ella retardasse com seus pretextos e com seus abraços a execução desta ordem, estes homens a opprimiram d'invectivas e d'apostrophes injuriosas. Em poucas palavras fez as suas despedidas e piedosas recommendações a sua sobrinha. Invocou para auctorisar mais suas phrases a memoria do rei e da rainha. Innundou em lagrimas o rosto da donzella e sahiu, voltando-se para a abençoar pela derradeira vez. Chegando á casa da entrada, ahi encontrou os commissarios, que a apalparam de novo, e a fizeram subir a um carro que a transportou á *Conciergerie.*

Era noite, dir-se-hia que o dia não tinha bastantes horas para a impaciencia do tribunal. O vice-presidente, esperava a princesa Isabel, e a interrogou sem testimunhas. Deixaram-lhe tomar depois algumas horas de somno na mesma alcova aonde Maria Antoinette tinha dormido a sua agonia. No dia seguinte, conduziram-na ao tribunal acompanhada de vinte e quatro accusados, de toda a idade e sexo, escolhidos para inspirar ao povo a lembrança e ressentimento da côrte. Deste numero eram as senhoras de Sénozan, de Montmorency, de Canisy, de Montmorin, o filho da senhora de Montmorin de idade de dezoito annos, o senhor de Loménie, antigo ministro da guerra e velho cortezão de Versailles, o conde de Sourdeval. «De que se queixará ella? disse o accusador publico encarando o cortejo de damas dos nomes mais illustres, cercando a irmã de Luiz XVI. «Vendo-se ao pé da guilhotina, rodeada desta fiel nobreza, julgar-se-hia ainda em Versailles.»

VII. — As accusações foram irrisorias, as respostas desdenhosas. «Vós chamais tyranno a meu irmão,» disse a irmã de Luiz XVI ao accusador publico e aos juizes, «se elle fosse o que vós outros dizeis, nem vós estaries aonde estais, nem eu diante de vós!» Ouviu a sua sentença sem admiração, nem dôr. Pediu por derradeira graça um sacerdote fiel á sua fé para sellar sua morte com o perdão divino. Esta consolação não lhe foi concedida. Substituiu-a com a oração e sacrificio de sua vida. Muito tempo antes da hora do supplicio, entrou no carcere commum para animar suas companheiras. Presidiu com piedosa sollicitude ao vestuario funebre das mulheres, que iam morrer com ella. O seu ultimo pensamento foi um escrupulo do pudor. Deu metade do seu lenço de pescoço a uma rapariga sentenciada, e lho atou com suas proprias mãos, para a castidade não ser prophanada, nem mesmo na morte.

Cortaram-lhe depois seus longos cabellos loiros, que cairam a seus pès, como a corôa de sua joventude. As mulheres da sua comitiva funebre, e até os mesmos executores, os repartiram entre si. Ataram-lhe as mãos: fizeram-na subir depois de todas, ao ultimo banco da carreta, que fechava o cortejo. Quizeram que o seu supplicio se multiplicasse pelos vinte e dois golpes, que tinham de cahir sobre aquellas cabeças d'aristocracia. O povo, para insultar, ficou mudo á sua passagem. A formosura da princeza transfigurada pela paz interior, sua innocencia em todas as desordens que despopularisaram a côrte, sua mocidade sacrificada á amisade que tinha a seu irmão, sua dedicação voluntaria á prisão e ao cadafalso de sua familia, faziam della a victima mais pura da realeza. Era glorioso para a familia real, offerecer esta victima sem macula, ao povo impio que lha exigia. O remorso secreto minava todos os corações. O algoz ia dar nella reliquias ao throno, e uma santa á realeza. Suas companheiras a veneravam já como se estivesse no céo, Orgulhosas de morrer com a innocencia, aproximaram-se humildemente da princeza antes de subir, uma a uma, ao cadafalso, e lhe pediram a consolação de a abraçar. Os executores não ousaram recusar a mulheres o que não tinham negado a Herault de Séchelles e a Danton. A princeza abraçou todas as sentenciadas á medida que subiam a escada. Depois deste beijamão funebre, entregou sua cabeça ao ferro. Casta no meio das seducções da formosusa e da mocidade, piedosa e pura n'uma corte leviana, paciente nos carceres, humilde nas grandezas, altiva perante o supplicio, a princeza Izabel deixou em sua vida e morte um modello d'innocencia sobre os degráos do throno, um exemplo á amisade, uma admiração ao mundo, uma reprehensão eterna á republica.

VIII. — O numero e a barbaridade dos supplicios, a innocencia das victimas, a partilha dos despojos a irrisão dos julgamentos, os rios de sangue, os montões de cadaveres transformavam a nação em algoz, e o governo em machina de assassinio. Governar era só ferir. A França apresentava o espectaculo d'um povo desimado por si mesmo. O governo não ousava largar a guilhotina, com medo de que a voltassem contra elle. Não julgava ter força de conservar alguns dias do poder, se não abrigando-se sob um perpetuo cadafalso. Um tal governo não podia subsistir longo tempo. Era um prolongado assassinio. O crime não é duradouro na natureza. O furor, a vingança a expoliação, a impiedade, a degolação não se perpetuam. Passa-se por estas crises, depois cora-se dellas, e sacode-se a vergonha dos pés. Tal é a ordem divina das sociedades humanas. A revolução, armada para destruir antigas e odiosas desigualdades, e para marchar em ordem á fraternidade democratica, não podia desnaturar-se impunemente por si propria, e transformar-se em sanguinaria oppressão. Depois de ter destruido o throno, devia buscar em fim outro poder regular no povo, e organisal-o por instituições e não por proscripções. O terror não era poder, era tyrannia. A tyrannia não podia ser o governo da liberdade.

Estes pensamentos fermentavam na cabeça de Robespierre. Dava-se tratos para resolver o problema do poder que devia fundar para a republica.

Esta problema se assentara per si mesmo a cada phase da revolução, diante de todos os homens sensatos Todos tinham succumbido querendo resolvel-o. Mirabeau, demais de ter descido o throno ao nivel da nação e que brado o sceptro, tinha fallecido, sonhando chimericas e pueris reconstrucções. A assembléa legislativa se tinha submergido em sua constituição de 1791, imaginando um vão equilibrio. Os girondinos, haviam sido esmagados debaixo do peso de uma republica mal assentada, que elles queriam sustentar com leis fracas. Hebert e Rosin, morreram, por ter inventado, á imitação de Marat, uma dictadura do povo personificada n'um supremo algoz. Danton morrera por haver procurado o poder na exaltação e depois no vão arrependimento do povo. Robespierre, herdeiro a seu turno de todas estas tentativas imponentes, e de todas estas reputações destruidas, perguntava a si proprio o que faria da sua omnipotencia d'opinião e que governo daria á democracia? Teria elle genio para o inventar, força para o estabelecer, ou succumbiria como todos os outros, ensaiando-se para converter a anarchia em unidade e a violencia em lei? Não seria elle mais do que o idolo sinistro, ou seria o homem d'estado da revolução? Tal era a questão que a Europa inteira apresentava, encarando-o, e que elle tambem a si propunha. Tres mezes iam responder-lhe.

IX. — A morte d'Hebert tinha feito Robespierre senhor da camara. A morte de Danton o haviam feito arbitro da Convenção. A perseverança e o espiritualismo de suas doutrinas lhe sujeitou os Jacobinos. Seu talento augmentado, por continuos estudos e por cinco annos passados quasi inteiramente na tribuna, dava ao seu pensamento é á sua palavra uma força e authoridade incontestaveis. Nenhuma eloquencia podia d'ahi em diante balancear a sua. Era a unica voz grave da republica. Os Jacobinos e a Convenção não escutavam a mais ninguem. Se bem que elle não tivesse nem affectasse ainda o dominio absoluto na commissão de salvação publica, a opinião da França lhe conferia a superioridade, esta dictadura da natureza. Seus collegas se indignavam no par-

ticular, mas fingiam conferir-lha elles mesmos. A Convenção simulava o enthusiasmo para disfarçar o servilismo. Os Franciscanos (cordeliers) estavam dispersos. Seus restos vencidos se refugiavam nos Jacobinos. A comuna totalmente subordinada aos agentes do partido de Robespierre lhe respondia pelas secções; estas pelo povo; Henriot pela guarda nacional. Robespierre não reinava, mas reinava o seu nome. Não tinha mais que realisar o seu reinado, organisando a sua dictadura: porém hesitava dar este ultimo passo.

Os motivos d'esta hesitação eram na alma de Robespierre virtude e vicio ao mesmo tempo. «Para que,» respondia elle aos seus confidentes, «tenho eu consagrado a minha vida, o meu pensamento, minhas vigilias, minha palavra, o meu nome e o meu sangue á revolução? Para desthronar os reis, e os aristocratas, para restituir o poder ao povo e para o tornar capaz e digno de exercer por si mesmo, e sómente elle, a sua soberania natural. E que me propõem hoje que os tyrannos e aristocratas estão destruidos, e que o povo reina pela sua representação nacional? Que me ponha eu mesmo no logar d'esses tyrannos, que havemos derribado, e restabeleça na minha pessoa em nome do povo a destruida tyrannia.

«Admitto,» acrescentava elle, «que eu não abuse do poder supremo, e que a minha dictadura seja só a da razão e da verdade sobre a republica; mas eu teria, tomando-a ou acceitando-o, dado o exemplo mais seductor aos ambiciosos e o mais fatal á liberdade. O meu dominio será curto. O meu peito é o alvo, muito bem o sei, de cem mil punhaes. Depois de mim quem vos responde pelo meu successor? O perigo da dictadura não está tanto no dictador como na instituição, que a authorisa. Esta magistratura é a do desespero das nações. Fundada contra a tyrannia, ella se muda involuntariamente em tyrannia permanente; salva um dia para perder um seculo. Pereça o dia, mas o futuro seja preservado! Deixemos o povo extraviar-se, tornar a si, caír, levantar-se, ferir-se até mesmo antes do que dar-lhe essa humilhante tutella, que o encadêa, com o pretexto de o guiar. As nações teem sua infancia, a liberdade seu berço: é mister cuidar desta infancia da liberdade, mas não subjugal-a. A unidade é necessaria á republica, convenho n'isso; collocai esta unidade n'uma instituição e não n'um homem, e que morto o homem a unidade reviva em outro, com a condição de que esta unidade não se perpetue longo tempo no poder e que este primeiro magistrado baixe promptamente á classe de simples cidadão. Alguns homens são uteis; necessario nenhum. Sómente o povo é immortal.»

Assim fallava Robespierre a seus confidentes. Seus manuscriptos attestam que assim pensava. Sua recusa do poder supremo era sincera nos motivos que alegava. Mas havia n'ella outros motivos, que o obrigavam a repugnar o apoderar-se só do governo. Estes motivos não os confessava elle ainda. E' porque havia attingido o fim de seus pensamentos, e não sabia na realidade que fórma convinha dar ás instituições revolucionarias. Mais homem de idéas que d'acções. Robespierre tinha mais o sentimento da revolução do que a fórma politica. A alma das instituições do futuro estava em seus sonhos; a mechanica do governo popular faltava-lhe. Suas theorias, tiradas todas dos livros, eram brilhantes e vagas como prespectivas, e cobertas de nuvens como as montanhas distantes. Olhava de continuo para estes longes, e se deslumbrava; mas nunca lhes tocava com a mão firme e precisa da pratica. Ignorava que a liberdade deve soccorrer-se a um poder forte, e que este poder tem precisão de cabeça para querer, e de membros para executar. Julgava que as palavras sem cessar repetidas de liberdade, igualdade, desinteresse, adhesão, virtude eram por si sós um governo. Tomava a philosophia por politica. Indignava-se d'estes enganos. Attribuia continuamente ás conjurações d'aristocracia ou da demagogia suas decepções. Persuadia-se de que suprimindo da sociedade os aristocratas ou os demagogos, elle supprimiria os vicios da humanidade e o obstaculo ao jogo das instituições. Havia tomado o povo em illusão, em vez de o tomar seriamente. Irritava-se de o achar muitas vezes tão cobarde, tão fraco, tão cruel, tão ignorante, tão versatil, tão indigno da hierarchia, que a natuesa lhe assignal-a. Irritava-se, desesperava-se, e encarregava o cadafalso de lhe dar razão das difficuldades. Depois indignava-se dos excessos do mesmo cadafalso; voltava ás palavras de justiça e de humanidade. D'aqui se arremeçava de novo nos supplicios. Invocava a virtude suscitando a morte. Fluctuando ora em suspeitas ora em sangue, desesperava dos homens, espantava-se de si mesmo: «A morte! sempre a morte!» exclamava frequentemente na intimidade, «e os malvados a fazerem-me sempre responsavel! Que memoria deixarei de mim se isto continua! A vida me é pezada.»

Um dia em fim resplandeceu a verdade, e elle exclamou com o gesto da sua propria desanimação: «Não! não fui feito para governar: sirvo sómente para combater os inimigos do povo.»

X. — Saint-Just, seu unico confidente, vinha então muitas vezes por dia encerrar-se com Robespierre. Esforçava-se de persuadir a seu mestre uma politica menos vaga e designios mais precisos.

Saint-Just ainda que moço, tinha, senão nas idéas, pelo menos no caracter, a consumada madureza do homem d'Estado. Havia nascido tyranno. Possuia a insolencia do governo, mesmo antes de possuir a força. Não dava ás palavras senão a fórma de ordens. Era laconico como a vontade. Suas missões aos campos militares e o imperioso uso que fizera de sua authoridade sobre os generaes no meio de seus exercitos, tinha ensinado a Saint-Just quanto os homens se domam facilmente sob uma só mão. A sua bravura e o seu habito de fogo, lhe haviam dado a attitude de um tribuno militar, tão prompto a executar como a conceber um golpe de mão. Robespierre era o unico homem perante quem Saint-Just se inclinava, como diante do pensamento superior e regulador da republica. Tambem ao mesmo tempo que censurava sua lentidão, respeitava suas irresoluções, e se dedicava por si mesmo á sua queda. Caír com Robespierre lhe parecia caír com a mesma causa da revolução. Discipulo impaciente, mas sempre discipulo, apressava o oraculo, não o violentava.

Couthon, Lebas, Coffinhal, e Buonarotti eram frequentemente admittidos a estas conferencias. Todos republicanos sinceros, conheciam comtudo, como Saint-Just, que a hora da crise estava chegada; e que se a republica se horrorisava de um tyrano, ella tinha precisão d'um poder menos fluctuante e menos responsavel do que o das commissões. «A opinião se fez homem em ti,» dizia Buonarotti, a Robespierre. «Se te recusas não é a ti que trahes, mas ao mesmo povo. Se parares tendo o povo a traz de ti, e depois de o haveres tu mesmo incitado, passarte-ha por cima do corpo e irá buscar para conductores os seus selerados, que o precipitarão n'uma anarchia visinha da tyrania.» D'esta fórma foi que em todas as crises, em que Robespierre se confiou no tempo e na fortuna mais do que na resolução, elle tomou o partido de se deixar violentar pelo momento, crendo que o oraculo estava nas circunstancias e confiando-se á fatalidade, esta superstição dos homens longo tempo venturosos.

XI. — Foi todavia concordado entre elle e seus amigos, que a republica carecia d'instituições, que era mister acima das commissões um director supremo das molas do poder executivo, e que se os Jacobinos, a Convenção e o povo se decediam a dar uma cabeça ao governo, Robespierre se dedicaria a esta magistratura temporaria. Concordaram além d'isto na necessidade de tirar promptamente o poder aos membros das commissões, vigiar e apurar os Jacobinos, ponto d'appoio indispensavel para remover a Convenção; de se apoderar do conselho geral da communa, que tinha á sua disposição a revolta; de ficar senhor por Henriot da força de Pariz, de acariciar por Saint-Just e Lebas a opinião dos campos militares; de chamar successivamente dos departamentos os deputados em commissão, de quem se não estava seguro: de affastar da Convenção, ou de perder no espirito do povo aquelles a quem se suspet-

tava de ambiciosos designios; de preparar com antecedencia a Robespierre uma arma legal tão arbitraria, tão absoluta e tão terrivel, que elle não tivesse mais a exigir quando fosse elevado á magistratura suprema, para fazer dobrar todas as cabeças debaixo da lei da unidade e sob o nivel da morte. Robespierre se reservava, todavia, não obrar senão, pela força d'opinião, e de não recorrer a insurreição, de respeitar a soberania popular no seu centro, e não aceitar titulo e poder senão os que lhe fossem impostos pela representação nacional. Couthon foi encarregado de preparar um decreto, que dava a dictadura ás commissões. Uma vez votada esta dictadura pela Convenção, arrancal-o-hião das mãos das commissões o a voltarião em caso de necessidade contra ellas. Foi a este inexplicavel decreto que se chamou mais tarde o decreto de 22 do prairial. Saint Just suspendeu por alguns dias a sua partida para o exercito do Rheno, a fim de aventurar na commissão e na Convenção alguns d'aquelles axiomas, que caem de alto no pensamento d'uma assembléa, fazem pressentir a profundidade dos designios, e predispõem as imaginações para uma cousa desconhecida.

XII. — A circumstancia era extrema, o passo escorregadio. A morte de Danton havia decapitado a Montanha. Os Montanhezes se admiravam ainda de se deixarem arrebatar por um golpe de mão tão subito, atrevido e imprevisto, um homem, que se achava tão identificado com elles, e cuja ausencia os entregava sem alma sem voz, e sem braços, á omnipotencia das commissões. Robespierre tinha conquistado por este golpe d'Estado uma authoridade e um acatamento, que entre os convencionaes chegava até ao temor, mas igualmente ao odio. O homem, que havia annulado e morto Danton, podia ousar e fazer tudo. Até então tinha-se acreditado no desinteresse de Robespierre, desde então acreditava-se somente na sua ambição. A suspeita d'esta ambição era para elle uma força. Ha vicios, que a fraqueza dos homens respeita mais do que a virtude. Desde o momento em que Robespierre se preparava para dominar, todos se dispunham a obedecer-lhe. Nunca aos tyranos faltam escravos, nem instigações á tyrania. A Montanha em massa fingia idolatrar Robespierre.

Comtudo este culto apparente era no fundo misturado de temor e colera. Os numerosos amigos de Danton sentiam uma vergonha secreta de o ter abandonado. O nome de Danton era um remorso para elles. O seu logar vazio na Montanha, e que ninguem ousava occupar, os accusava. Parecia-lhes a cada instante que elle ia surgir d'este banco mudo, para lhes exprobrar a sua baixeza e servilismo. A sua memoria os perseguia até que o tivessem vingado.

Mas á excepção de alguns olhares de intelligencia e de algumas meias palavras trocadas, ninguem ousava confiar ao seu visinho suas queixas interiores. Robespierre via-se reduzido a procurar nas phisionomias o favor ou o odio, que lhe tinham: para descobrir uma opposição era-lhe mister interpretar os semblantes

XIII. — Entre estas figuras significativas, que inquietavam ou offendiam as vistas de Robespierre, contava se Legendre, coberto todavia com a mascara da complacencia; Leonard Bourdon, que mal disfarçava o ressentimento; Bourdon (de l'Oise) dotado de sobeja intemperança para o mutismo da escravidão; Collot-d'Herbois demasiadamente declamador para soffrer a superioridade do talento; Barrere, cuja physionomia ambigua deixava indecisa até a mesma desconfiança; Sieyès, que tinha estendido por todo o rosto a noite de sua alma, para nelle se não descobrir a insensibilidade de um automato; Barras, que fingia i parcialidade; Fréron, que escondia as lagrimas, que lhe inundavam o coração depois do supplicio de Lucila Desmoulin; Tallien, disfarçando mal uma tristeza sinistra desde a prisão de Thereza Cabarus que tinha o seu nome, nos carceres dos Carmelitas: Carnot, cujo rosto austero e marcial desdenhava o fingimento; Vadier, umas vezes acariciador, outras agressor; Luiz (do Bas-Rhin), manifestando a coragem de suas violencias; Billaud-Varennes, figura de Brutus espiando um Cesar, cujo rosto palido e comprido, a testa enrugada labios delgados, olhar fulminante revelavam uma natureza mysteriosa, difficil de dobrar e impossivel de vencer, finalmente Courtais, deputado de l'Aube, amigo de Danton, não tendo jámais applaudido seus crimes, nem trahido sua memoria, homem honrado a que o republicanismo probo e moral não havia endurecido o coração.

Alguns amigos de Marat e d'Hebert, deputados taes como Carrier, Fouché e outros convencionaes chamados de suas missões, para obedecer ao clamor publico contra suas atrocidades, se reuniam ou se sentavam descontentes nas fileiras da Montanha. A Planicie, composta dos restos dos Girondinos, mais ductil e mais servil do que nunca, depois que a tinham dezimado, se calava, votava e admirava. Mas no momento em que só o nome de facção era um crime, ninguem se consagrava a um partido. Todos estes homens representavam enthusiasmo ou o fingimento d'enthusiasmo, e formavam a unanimidade apparente; todos aspiravam a confundir-se com receio de se fazerem notados. O isolamento parecer-se-hia a opposição, e a opposição a revolta.

XIV. — No interior das duas grandes commissões, os partidos se tocavam de mais perto, se caracterisavam melhor, sem se dedicar mais. Vadier, Amar, Jagot, Luiz (du-Bas-Rhin), David, Lebas, Lavicomterie, Moyse Bayle, Elie Lacoste, e Dubarran, compunham a commissão de segurança geral. Homens subalternos pelo talento, não imprimiam movimento algum, seguiam todos os movimentos. Não principiaram a rivalisar em attribuições com a commissão de salvação publica, senão no momento em que as divisões d'esta commissão suprema forçaram o a Robespierre e os seus, a provocar a reunião dos dois conselhos, para nella fazer pronunciar uma maioria. Quasi todos estes membros da commissão de segurança geral testimunhavam um respeito absoluto pelas opiniões de Robespierre. Todavia alguns se recordavam com amargura de Danton, outros d'Hebert, e finalmente outros como Amar, Jagot, Luiz (du-Bas-Rhin), e Vadier intentavam dar-se uma importancia pessoal, e luctar com a commissão de salvação publica. David, e Lebas representavam alli unicamente as vontades do dominador dos jacobinos, o primeiro por servilismo, o segundo por sentimento e convicção.

XV. — Na commissão de salvação publica, centro e foco do governo, a ausencia de muitos representantes em missão, deixavam as deliberações e o poder oscillar entre um pequeno numero de membros, que resumiam a republica. Eram então Robespierre, Couthon, Saint-Just, Billaud-Varennes, Barrere, Collot-d'Herbois, Carnot, Prieur e Robert Lindet.

Robespierre, Couthon e Saint Just eram os homens politicos; Billaud-Varennes. Barrere e Collot-d'Herbois os revolucionarios. Carnot, Robert Lindet, e Prieur eram os administradores da commissão. Os primeiros governavam os segundos feriam, os terceiros serviam a republica.

Entre o partido de Robespierre e o de Billaud-Varennes começavam a rebentar secretas mas profundas dissenções. Carnot, Lindet e Prieur se esforçavam em soffocar estas dissenções no mysterio de suas sessões, com medo de animar no exterior as facções fataes á salvação commum. Algumas vezes estes tres decemviros se uniam com Robespierre, frequentemente a Billaud-Varennes e Barrere. O orgulho solitario de Robespierre, a aspereza de Couthon, o dogmatismo de Saint-Just, offendiam estes convencionaes e os regeitavam involuntariamente, pela repulsão dos caracteres, n'uma apathia muda, que se parecia com opposição. Quando Robespierre estava ausente pronunciava-se a palavra tyranno. Dizia-se que elle abusava ora da palavra, ora do silencio; mandava como senhor ou calava como superior, que desdenha discutir; deixava á commissão a responsabilidade de seus actos, depois de os haver inspirado; reservava se censurar nos Jacobinos o que consentira nas Tuilleries; affectava moderação; fingia clemencia; defendia as victimas cujo sangue era mais indispensavel á sua propria grandeza; lançava todo o odioso do governo sobre seus collegas; diffamava-os pelo seu isolamento; elle só usurpava todas as popularidades; punha obstaculos á guerra

nas mãos de Carnot; sorria-se com despreso, no seu banco, das fanfarronadas militares de Barrere; não dissimulava tendencias, que iam mais longe do que sua justa influencia na commissão; tomava nas sessões uma gravidade, que manifestava o desdem ou a magestade de um despota. Nenhuma familiaridade adoçava sua authoridade; chegava tarde; entrava com passos negligentes; sentava-se sem fallar; abaixava os olhos sobre a meza; appoiava o seu rosto nas mãos; prohibia a seus labios exprimir approvação, ou censura: affectava habitualmente distracção, algumas vezes somno, para motivar a indifferença ou impassibilidade.

Taes eram as censuras, que corriam em voz baixa contra Robespierre nas commissões.

XVI. — Na communa, elle reinava como soberano por Fleuriot-Lescot e por Payan, um maire de Pariz, outro agente nacional. O tribunal revolucionario lhe era affeiçoado por Dumas, Hermann, Soubeibielle, Duplay, e por todos os jurados, homens escolhidos na classe do povo aonde o nome de Robespierre estava divinisado.

XVII. — Nos jacobinos, reinava Robespierre por si mesmo. Desdenhoso na commissão, negligente na Convenção, era assiduo, infatigavel, eloquente, acariciador e terrivel todas as noites nas sessões d'esta sociedade. Ahi era o seu imperio, elle o consolidava exercendo-o: acostumava a opinião a obedecer-lhe para preparar a republica a entregar-se voluntariamente em suas mãos. Poucos dias depois da morte de Dantou, começou a exercer a soberania nesta tribuna.

Dufourny, presidente habitual dos jacobinos desde muitos annos, tinha ousado algumas vezes interromper o orador ou contradizel-o no meio de seus discursos. Tinha alem d'isto murmurado contra o relatorio de Saint-Just e contra a proscripção dos Dantonistas. Atacado por Vadier, Dufourny tentou justificar-se. Robespierre deixando trasbordar as ondas de ressentimento, que accumulava havia muito tempo contra elle: « Lembra-te, « disse a Dufourny, « que Chabot e Ronsin foram imprudentes um dia como tu, e que a imprudencia estampa no rosto o ferrete do crime! — O meu rosto está tranquillo « respondeu Dufourny, « — Tranquillo! « replicou Robespierre. « Não, a tranquillidade não existe na tua alma. Eu farei uso de todas as tuas palavras para te desmascarar aos olhos do povo. A tranquillidade! sempre os conjurados a invocáram mas não a possuiram. Que! atrevem se a lastimar Danton, Lacroix e seus cumplices, quando os crimes d'estes homens estão escriptos com o nosso sangue, quando a Belgica recende ainda de suas traições! Tu crês illudir-nos com tuas perfidas intenções! Não o conseguirás. Tu foste o amigo de Fabre d'Eglantine! » Depois d'esta apostrophe, Robespierre fez de Dufourny o retrato de um intrigante, de um ambicioso, d'um mendigo da popularidade e pedio que fosse excluido. Dufourny confundido por uma colera, que era então o pressentimento do supplicio, se arrependeu de não ter mais cedo adevinhado o poder e o odio de Robespierre. Foi accusado á commissão de segurança geral.

XVIII. — Saint-Just revelava, de dia em dia cada vez mais o seu papel na convenção. Esforçava-se de engrandecer a alma da republica á proporção d'uma completa regeneração da sociedade. Suas maximas tinham o dogmatismo, e quasi a authoridade de um revelador. Julgava-se vêr n'este homem tão moço, tão bello, e tão inspirado o precursor da nova idade. » E' mister, » dizia elle n'um relatorio ácerca da policia geral » fazer uma cidade nova. E' preciso fazer comprehender que o governo revolucionario não é nem o estado de conquista, nem o da guerra, mas sim a passagem do mal ao bem, da corrupção á probidade, das pessimas ás honradas maximas. Um revolucionario é inflexivel: mas é sensivel, docil, polido e frugal. Fere no combate, defende a innocencia perante os juizes. João Jacques Rousseau era revolucionario não era insolente nem grosseiro, sem duvida Sede assim! Não vos atenhais a outra recompensa que não seja a immortalidade. Sei que aquelles que quizeram o bem, todos teem morrido. Codrus morreu precipitado n'um abysmo. Lycurgo foi cegado pela gentalha de Sparta e morreu no exilio. Phocion, e Socrates beberam a cicuta. A mesma cidade d'Athenas n'esse dia se coroou de flores. Não importa, elles haviam feito o bem. Se este bem foi perdido para o seu paiz, não foi occulto á Divindade! Formar uma boa consciencia publica, eis o que é a policia. Esta consciencia, uniforme com o coração humano, se compõe da tendencia do povo para o bem geral. Vós tendes sido severo, e devieis sel-o. Era preciso vingar nossos pais e esconder nas suas ruinas essa monarchia. tumulo immenso de tantas gerações envilecidas. Que seria feito de uma republica indulgente contra inimigos encarniçados? Havemos opposto o ferro ao ferro, e a liberdade está fundada! Ella sahiu do seio das tempestades e das dôres como o mundo, que sahe do cahos; e como o homem que chora ao nascer. » (A Convenção applaudiu com enthusiasmo).

« Leiam-nos os outros povos a sua historia. Foram acaso seus berços menos agitados? Elles teem seculos de loucura, e nós temos cinco annos de resistencia á oppressão e de uma adversidade que faz os grandes homens! Abaixo do céo tudo começa.

« Estimemos a vida obscura. Ambiciosos, ide passear ao cemiterio, aonde dormem juntos os conjurados e os tyrannos, e decidi-vos entre a fama, que é o ecco das linguas e a verdadeira gloria que é a estima de si proprio! Expelli para fóra do vosso solo aquelles que choram pela tyrannia. O universo não é inhospitaleiro. Haveria injustiça em sacrificar-lhe todo um povo. Seria inhumanidade não distinguir os bons dos máus. Accusam o governo de dictadura? E desde quando os inimigos da revolução estão cheios de tanta sollicitude pela conservação da liberdade! Não houve em Roma pessoa alguma, que ousasse reprehender a severidade com que Cicero censurou Catilina. Foi sómente Cesar, que lastimou este traidor! Toca-vos imprimir no mundo o typo do vosso genio! Formai instituições civis, nas quaes até agora se não tem pensado! E' por esta forma que proclamareis a perfeição de vossa democracia. Não duvideis! Tudo quanto existe hoje á roda de nós deve acabar, porque tudo que nos rodeia é injusto. A liberdade cobrirá o mundo. Desappareçam as facções! seja a Convenção sobranceira a todos os poderes! Que os revolucionarios sejam Romanos, e não Barbaros! »

XIX — Estas maximas lyricas pareciam fazer rebentar no meio dos horrores do tempo a serenidade do futuro. A Convenção as applaudiu com delirio. Achava-se ella cançada de rigores: acolhia os menores pressentimentos de demencia. Aspirava ás reconstrucções.

Robespierre e seus amigos se antecipavam á Convenção neste sentimento. Sabia-se que as palavras de Saint-Just não eram senão confidencias do mestre, levadas á tribuna para apalpar a opinião. Haviam dois homens na pessoa de Robespierre: o inimigo da ordem antiga, e o apostolo da nova ordem. A morte de Danton havia terminado o seu primeiro papel, estava impaciente de tomar o segundo. Cançado de supplicios, queria assentar o governo sobre a moral e sobre a virtude, estes dois fundamentos da alma humana. Para que a moral e a virtude não fossem vãs palavras e uma idéa sem objecto real, era mister manifestar ao povo a grande idéa de Deus, que é sómente o que póde dar um sentido á virtude. A lei nada é quando apenas é a expressão da vontade humana. E' preciso para a tornar santa, que ella seja a expressão da vontade divina. A obediencia á lei humana, não é mais do que *servidão*. O que a constitue *dever*, é o sentimento, que faz elevar esta obediencia a Deus. Assim de tyrannia que é aos olhos do atheo a sociedade se torna em religião aos olhos do deista. Este titulo fazendo a lei santa, a torna tambem mais forte, pois que por juiz e por vingador ella tem a Deus.

A idéa de Deus, este thesouro commum de todas as religiões sobre a terra, tinha sido arrastada e abatida nas demolições das crenças; fôra mutilada e pulverisada no espirito do povo pelas proscripções e pelas parodias do culto catholico, que Hebert e Chaumette tinham provocado contra os templos, os padres e as ceremonias religiosas. O povo, que facilmente confunde o symbolo com a idéa, tinha acreditado que Deus era um prejuiso contra-revolucionario, A republica parecia ter varrido a immor-

talidade d'alma do seu territorio e céo. O atheismo, prégado abertamente, tinha sido para uns, uma vingança de seu longo aviltamento a um culto repudiado por elles, para os outros uma theoria favoravel a todos os crimes. O povo sacudindo esta cadeia divina da fé, que retinha a sua consciencia, julgara sacudir ao mesmo tempo todos os laços do dever. O terror sobre a terra devia substituir a justiça no céo. Agora que se pertendia affastar o cadafalso e inaugurar instituições, era necessario reconstruir no povo uma consciencia. Uma consciencia sem Deus, é um tribunal sem juiz. A luz da consciencia não é outra cousa mais do que a reverberação da idéa de Deus na alma do genero humano. Extingui Deus, e cria-se a noite no homem; pode-se tomar ao acaso a virtude por crime, e o crime por virtude.

XX. — Robespierre conhecia profundamente estas verdades. E' mister dizer, bem que custe crel-o, não as conhecia somente na politica, que pede ao céo uma cadeia para ligar mais seguramente os homens; conhecia-as como sectario convencido, que se inclina em primeiro logar perante a idea, que quer fazer adorar ao povo. Entrava alguma cousa de Mahomet nos seus pensamentos. A hora da reconstrucção começava. Queria reconstruir antes de tudo a alma da nação. Com a mesma mão com que lhe dava todo o poder, era preciso dar-lhe toda a luz. Uma republica, que não devia ter outra soberania senão a moral, devia assental-a toda inteira sobre um principio divino.

No estado de desorganisação intellectual e de descredito das idéas religiosas, a que os philosophos materialistas do XVIII seculo, os girondinos seus discipulos, e os atheos seus algozes, tinham feito descer o espirito publico; em face de Collot-d'Herbois comediante feroz, de Barrère sceptico murmurador, de Billaud-Varennes destruidor implacavel, de Lequinio materialista descarado, dos amigos d'Hebert, dos commensaes de Danton, desta multidão de homens indifferentes a todos os cultos que se sentavam nas commissões e na Convenção, não era preciso menos do que o prestigio de Robespierre para afrontar a colera ou o sorriso, que uma tal tentativa se arriscava a encontrar na opinião. Robespierre não o dissimulava. Por isso não queria elle abolir o terror senão depois deste acto. Conhecia acima de si uma grande verdade, e nesta verdade uma grande força. Atreveu-se, mas não ousou sem hesitação nem coragem. «Sei,» disse elle a um dos seus amigos, «sei que posso ser fulminado pela idea, que vou fazer resplandecer na cabeça do povo.» Muitos de seus amigos o queriam dissuadir desta empreza. Obstinou-se. Nos principios d'abril foi passar alguns dias á floresta de Montmorency. Visitava frequentemente a cabana que João Jacques Rousseau habitava. Foi nesta casa e neste jardim que elle acabou o seu relatorio, debaixo das mesmas arvores, aonde seu mestre tinha tão magnificamente escripto a Deus.

XXI. — A 20 de prairial, subio á tribuna, com o seu relatorio na mão. Nunca, dizem os que sobreviveram a esse dia, sua attitude tinha testimunhado tal firmeza de vontade. Jámais a sua voz extrahira de sua alma um accento de authoridade moral mais solemne. Parecia que fallava não como tribuno que sublevava ou acarecia o povo, nem mesmo como legislador, que promulga leis transitorias, porém como um mensageiro que traz aos homens uma verdade. O legislador que restaura no coração humano, uma idea obscurecida ou mutilada pelos seculos, parecia neste momento em Robespierre igual ao philosopho que a concebe. A Convenção muda e recolhida, uns pelo temor, outros pelo respeito, mostrava na continencia a gravidade da idea que se lhe ia apresentar.

«Cidadãos,» disse Robespierre depois de um exordio tirado das circumstancias, «toda a doutrina que consola e eleva as almas, deve ser acolhida; regeitai todas as que tendem a degradal-as e corrompel-as. Reanimai, exaltai todos os sentimentos generosos e todas as grandes idéas moraes que se tem querido extinguir. Quem te deu a missão de annunciar ao povo que a divindade não existe, tu que te apaixonas por esta arida doutrina, e que não te apaixonas pela patria? Que vantagem encontras em persuadir o homem de que uma potencia cega preside a seus destinos e fere ao acaso o crime e a virtude? que sua alma não é mais do que um sopro ligeiro que se extingue ás portas do tumulo?

«A idéa do seu nada, inspirar-lhe-ha sentimentos mais puros e mais elevados do que a de sua immortalidade? Inspirar-lhe-ha ella mais respeito para com os seus similhantes e para comsigo mesmo, mais adhesão á patria, mais audacia contra a tyrannia, mais desprezo para com a morte? Vós que sentis a perda de um amigo virtuoso, não vos comprazeis em pensar que a parte mais pura delle escapou á destruição? Vós que chorais sobre a sepultura de um filho ou d'uma esposa, sois por ventura consolados por aquelle que vos diz que já não existe delles senão um miseravel pó? Desgraçados que expirais aos golpes d'um assassino, o vosso derradeiro suspiro é uma appelação para a justiça eterna! A innocencia sobre o cadafalso faz empalidecer o tyranno sobre o seu carro de triumpho! Teria ella este ascendente, se o tumulo confundisse o oppressor com o opprimido? Quanto mais o homem é dotado de sensibilidade e de genio, tanto mais elle se fixa ás ideas que engrandecem seu ser, e elevam seu coração; e a doutrina dos homens desta tempera se transforma na do universo inteiro.

«A idea do Ser Supremo e da immortalidade da alma é uma appelação continua para a justiça: ella é pois social e republicana! (*Applausos.*) Não sei que algum legislador se lembrasse nunca de nacionalisar o atheismo. Sei que os mais sabios d'entre elles se permittiram de misturar algumas ficções com a verdade, fosse para impressionar a imaginação dos povos ignorantes, fosse para os prender mais fortemente ás suas instituições. Lycurgo e Solon recorreram á authoridade dos oraculos, e Socrates mesmo, para acreditar a verdade entre seus concidadãos, se julgou obrigado a persuadir-lhes que ella lhe era inspirada por um genio familiar.

«Não concluireis disto sem duvida, que seja preciso enganar os homens para os instruir, mas tão sómente que sois felizes em viver n'um seculo e n'um paiz cujas luzes não nos concedem outro encargo a preencher senão o de chamar os homens á natureza e á verdade.

«Guardar vos-heis bem de despedaçar a cadea sagrada, que os une ao auctor da sua existencia.

«E o que foi o que os conjurados collocaram no logar do que destruiram? Nada, a não ser o cahos, o vacuo e a violencia. Despresavam demasiadamente o povo para se darem ao encommodo de o persuadir. Em vez de o esclarecer, queriam irrital-o e depraval-o.

«Se os principios que tenho desenvolvido até aqui são erros, ao menos engano-me com tudo que o mundo venera. Tomemos aqui as lições da historia. Notai, eu vos rogo, como os homens que teem influido sobre os destinos dos estados, foram determinados para um ou outro dos dois systemas oppostos pelo seu caracter pessoal e pela mesma natureza de suas vistas politicas. Vede vós com que arte profunda Cesar discutindo no senado romano em favor dos cumplices de Catilina, se expande n'uma digressão contra o dogma da immortalidade da alma, tanto estas idéas lhe pareciam proprias para extinguir no coração dos juizes a energia da virtude, tanto a causa do crime lhe parecia ligada á do atheismo! Cicero pelo contrario, invocava contra os traidores a espada das leis e o raio dos deuses. Socrates ao expirar entretem seus amigos á cerca da immortalidade da alma. Leonidas nas Thermopylas, ceando com os seus companheiros de armas no momento de executar o designio mais heroico que a virtude humana póde conceber, os convida para o dia seguinte a outro banquete n'uma nova vida. Longe estava Chaumette de se parecer com Socrates, e Leonidas com o Pere Duchesne. (*applausos.*)

«Um grande homem, um verdadeiro heroe se estima bastante a si proprio para se não compraser na idéa de seu anniquilamento. Um malvado, despresivel a seus

proprios olhos, horrivel aos dos outros, sente que a natureza não póde fazer-lhe mais bello presente do que o nada. (*Applausos*).

« Uma seita propagou com muito zelo a opinião do materialismo que prevaleceu entre os grandes e os bellos espiritos; deve se-lhe em grande parte aquella especie de philosophia pratica que reduzindo o egoismo a systema, olha a sociedade humana como uma guerra astuciosa, o successo como a regra do justo e do injusto, a probidade como um negocio de gosto e commodidade, o mundo como patrimonio dos velhacos industriosos.

« Entre aquelles que nestes tempos se tem distinguido na carreira das letras e da philosophia, um homem, Rousseau, pela elevação de sua alma e pela grandeza de seu caracter, se mostrou digno do ministerio de preceptor do genero humano. Atacou a tyrannia francamente. Fallou com enthusiasmo da Divindade. Sua eloquencia varonil e proba, descreveu em traços de fogo os encantos da virtude; defendeu aquelles dogmas consoladores, que a rasão dá por appoio ao coração humano. A pureza de sua doutrina tirada da natureza e do odio profundo do vicio, tanto como o seu despreso invencivel para com os sophistas intrigantes, que usurpavam o nome de philosophos, lhe attrahiu, o odio e perseguição de seus rivaes e falsos amigos. Ah! se elle fôra testimunha desta revolução cujo precursor elle foi, e que o levou ao Pantheon, quem póde duvidar de que sua alma generosa tivesse abraçado com transporte a causa da justiça e da igualdade? Mas que fizeram por ella seus fracos adversarios? combateram a revolução desde o instante em que temeram que ella elevasse o povo acima delles.

« O traidor Gaudet denunciou um cidadão por haver pronunciado o nome de Providencia! Ouvimos algum tempo depois Hebert accusar outro por ter escripto contra o atheismo! Não foi Vergniaud e Gensonné que em vossa presença e na vossa tribuna, oraram com calor para banir do preambulo da constituição o nome do Ser Supremo, que alli havieis collocado? Danton, que se surria com piedade ás palavras virtude, gloria, posteridade; Danton, cujo systema, era envilecer o que póde elevar a alma; Danton que era frio e mudo nos maiores perigos da liberdade, fallou posteriormente com muita vehemencia em favor da mesma opinião.

« Fanaticos, não espereis cousa alguma de nós! Trazer os homens ao culto puro do Ser Supremo, é dar um golpe mortal no fanatismo. Todas as ficções desapparecem perante a verdade, e todas as loucuras cáem em face da razão. Sem constrangimento e sem perseguição, todas as seitas devem confundir-se por si proprias na religião universal da natureza. (*Applausos.*)

Padres ambiciosos, não espereis pois que trabalhemos para restabelecer o vosso imperio! Uma tal empreza estaria até acima do nosso poder. (*Applausos.*) Vós vos matasteis a vós mesmos, e não se volta nunca á vida moral mais do que á existencia physica!

« E além disto, que ha de commum entre os padres e Deus? Quão differente é o Deus da natureza do Deus dos padres! (*Continuam os applausos.*) Nada conheço mais similhante ao atheismo do que as religiões que elles fizeram; á força de desfigurar o Ente Supremo, elles o anniquilaram tanto quanto poderam; ora fizeram delle um globo de fogo, ora um boi, ora uma arvore, ora um homem, ora um rei. Os padres crearam um Deus á sua imagem; fizeram-no zeloso, caprichoso, avido, cruel e implacavel; tratavam-no como outr'ora os maires do palacio trataram os descendentes de Clovis para reinar em seu nome, e colocarem-se no seu logar. Aposentaram-o no céu como n'um palacio, e não o teem chamado á terra senão para em seu proprio proveito pedirem riquezas, honras, poder e prazeres. (*Vivos applausos*) O verdadeiro sacerdote do Ser supremo é a natureza; seu templo o universo; seu culto, a virtude; suas festas, a alegria d'um grande povo reunido debaixo de seus olhos, para atar os doces vinculos da fraternidade universal, e lhe apresentar a homenagem dos corações sensiveis e puros.

« Deixemos os padres e voltemos á Divindade (*applausos*); estabeleçamos a moral sobre bazes eternas e sagradas, inspiremos ao homem aquelle respeito religioso para o homem, aquelle sentimento profundo de seus deveres, que é a garantia unica da ventura social.

« Desgraça áquelle que procura extinguir este sublime enthusiasmo e soffocar por meio de miseraveis doutrinas este instincto moral do povo, que é o principio de todas as grandes acções! E' a vós representantes do povo que pertence fazer triumphar as verdades, que acabamos de desenvolver. Desprezai os clamores insensatos da ignorancia presumpçosa ou da preversidade hypocrita! Que tal é pois a depravação que nos circunda, se é mister coragem para as proclamar? A posteridade poderá acreditar que as facções vencidas tinham levado a audacia até ponto de nos accusarem de moderantismo e de aristocracia por ter restaurado a idéa da Divindade e da moral? Acreditará ella que se tenha ousado até dizer n'este recinto, que nós haviamos com isso feito recuar muitos seculos a razão humana?

« Não nos admiremos, se todos os malvados ligados contra nós, vos parece quererem preparar-nos a cicuta, porém antes de a beber salvaremos a patria (*applausos*). A não, que leva a fortuna da republica, não é destinada a naufragar, voga sob vossos auspicios, e as tempestades serão forçadas a respeital-a (*novos applausos.*)

« Os inimigos da republica são todos homens corrompidos (*applausos*). O patriota não é outra cousa mais do que um homem probo e magnanimo em toda a força d'este termo (*applausos.*) Pouco é o anniquilar os reis, é preciso fazer respeitar a todos os povos o caracter do povo francez. Em vão levariamos ao extremo do universo a fama de nossas armas, se todas as paixões despedaçam impunemente as entranhas da patria. Desconfiemos da fortuna mesmo dos triumphos. Sejamos terriveis nos revezes, modestos nos triumphos (*applausos*), e fixemos no meio de nós a paz e felicidade pelos trabalhos, eis a tarefa a mais heroica e a mais difficil. Nós julgamos concorrer para este fim propondo-vos o decreto seguinte:

« Artigo 1.º — O povo francez reconhece a existencia do Ser Supremo e a immortalidade da alma.

« Art. 2.º — Reconhece que o culto digno do Ser Supremo é a pratica dos deveres do homem. »

XXII. — Unanimes applausos accolheram este primeiro regresso da revolução a Deus. Decretaram-se festas para lembrar ao homem a idéa da immortalidade e suas consequencias. A primeira e a mais solemne devia ser celebrada dez dias depois d'esta profissão de fé.

Deputações da sociedade dos jacobinos, felicitaram a representação de haver feito subir a justiça e a liberdade á sua origem. Cambon, christão integro e convencido, pediu que os templos fossem vingados das profanações do atheismo. Couthon, n'uma allocução d'enthusiasmo, desafiou os philosophos materialistas a negar o soberano arbitro do universo perante a magestade de suas obras, e a negar a Providencia perante a regeneração do povo envilecido. O espectaculo d'este homem enfermo e quasi moribundo, sentado na tribuna pelos braços de dois de seus collegas, e confessando no meio do sangue derramado, o seu juiz no céu e a immortalidade em sua alma, attestava em Couthon a fé fanatica, que lhe occultava a si proprio a atrocidade dos meios perante a santidade do fim.

Fosse qual fosse o contraste entre a fama sanguinaria de Robespierre e o seu papel de restaurador da idéa divina, elle saiu d'esta sessão maior do que entrára. Tinha arrancado com corajosa mão o sello á consciencia publica. Esta consciencia lhe respondia em a nação e em toda a Europa com um applauso secreto. Havia-se fortificado, e tinha para assim dizer tentado divinisar-se elle mesmo fazendo alliança com o mais alto pensamento da humanidade. Aquelle, que confessava a existencia de Deus á face do povo não tardaria, segundo diziam, a desapprovar o crime e a morte. Todos os corações fatigados de odio e combates desejavam inteiramente a Robespierre todo o poder. Este desejo ge-

ral, n'um governo d'opinião, é já com effeito a omnipotencia. Tinha elle tomado a dictadura moral n'este dia, sobre o altar da idéa que proclamara. A força e a grandeza do dogma, que acabava de restituir á republica pareciam abrilhantar o seu nome. No dia seguinte transportaram ao Pantheon os restos mortaes de João-Jacques Rousseau, para que o mestre fosse sepultado no triumpho do discipulo. Foi Robespierre quem inspirou esta apotheose. Deu com esta homenagem á philosophia religiosa e quasi christã de João-Jacques Rousseau, o seu verdadeiro sentido á revolução.

LIVRO LVIII.

I. — As esperanças do regresso á justiça e a humanidade, concebidas na sessão de que acabamos de tractar, foram adiadas, por duas circumstancias accidentaes. Estas duas circumstancias impediram Robespierre do levantar o véo aos seus projectos e moderar o governo revolucionario, collocando-se sobranceiro ás commissões. Não ousava tentar ao mesmo tempo duas emprezas, das quaes uma só bastaria para comprometter a sua popularidade. Acabava de se sublevar contra o atheismo, e meditava sublevar-se contra o terror. Porém julgava-se obrigado a conceder ainda alguns dias ao dominio dos terroristas, a fim de se assegurar a força da opinião necessaria para dobrar todos os seus collegas á sua vontade. As commissões estavam cheias de seus inimigos secretos. Sabia que elles se dispunham a abusar contra elle do menor symptoma de moderação, e a esmagal-o pela mão da Montanha sob uma accusação de clemencia, que trasformariam em traição. Cobrio-se ante Billaud Varennes, Barrere, Collot-d'Herbois e Vadier, com uma inflexibilidade, que desafiava a destes decemviros. Não podia, em seu pensar, domal-os senão com suas proprias armas, e para se voltar contra elles, lhe era mister em apparencia excedel-os. Assim o terror redobrava pela mesma vontade de o reprimir. Dava-se entre elles um reciproco desafio de suspeitas, de proscripção e de crueldade : O sangue corria mais do que nunca. As victimas odiosamente immoladas durante este adiamento, accusavam igualmente a barbaridade de uns e a dissimulação dos outros. Deixar continuar proscripções sanguinarias para prevenir outras, sempre é proscrever.

As commissões suspeitavam estes pensamentos de moderação em Robespierre, compraziam-se em confundil-os tomando seu proprio nome por egide, e o temor de suas reprehensões servia de pretexto a suas execuções. Foi este um dos momentos em que este homem deveria descer com mais remorsos e humiliação ao seu proprio coração e arrepender-se mais dolorosamente de ter tomado o caminho de sangue para conduzir o povo á regeneração. Os homens que elle lançou adiante de si o arrastraram comsigo. Servia-os ao mesmo tempo que os detestava.

II. — Um d'estes aventureiros, a quem um destino vulgar revolve na sua miseria, tinha chegado a Pariz, com intenção de matar Robespierre. Chamava-se Ladmiral. Nascera nas montanhas de Puy-de Dôme, aonde certas almas são agrestes e petrificadas como o solo. Fora empregado antes da Revolução na domesticidade do antigo ministro Bertin. Collocado foi depois por Dumouriez em Bruxellas n'um destes empregos precarios creados pela conquista nas provincias conquistadas. As alternativas da guerra e da revolução lhe tinham arrebatado o seu emprego. Impaciente pela sua queda, mostrava-se desgostoso e angustiado : Tomava o seu descontentamento por uma opinião. Indignava-se contra os oppressores de sua patria. Queria morrer arrastando na sua morte alguns d'aquelles celebres tyrannos, cujo nome se liga com o seu assassino e o immortalisa.

Robespierre foi o primeiro, que se offereceu ao pensamento de Ladmiral. O terror era conhecido pelo nome de Robespierre, pesava sobre elle a responsabilidade do tempo.

Ladmiral se alojou por acaso, chegando a Paris, na casa em que habitava Collot-d'Herbois. Armou-se de pistolas e punhaes e esperou Robespierre. Dias inteiros espiou nos corredores da commissão de salvação publica occasião de o assassinar. A fortuna preservou sempre a victima. Cançado de esperar este, acreditou, que a fatalidade lhe designava outro : esperou Collot-d'Herbois, na escada de sua habitação, no momento em que este proscriptor de Lyon voltava uma noite da sessão dos Jacobinos. Disparou-lhe dois tiros de pistola : o primeiro errou fogo, o segundo deu tempo a Collot-d'Herbois de evitar a balla, que se cravou na parede. Collot e o seu assassino se agarram um ao outro na escuridão, lutaram, e se agrediram na escada. A detonação, os gritos, a luta prolongada chamaram os visinhos, os passageiros, e, os soldados de uma guarda visinha. Ladmiral se refugiou no seu quarto, intrincheirou-se e ameaçou de fazer fogo sobre os que tentassem forçar-lhe a porta. Um serralheiro chamado Geffroy afrontou estas ameaças. Ladmiral atirou sobre este homem e o frio gravemente. Preso e lançado por terra pelos soldados, o assassino foi conduzido á presença de Fouquier-Tinville. Respondeu que queria libertar o seu paiz.

III. — Pelo mesmo tempo uma rapariga de dezeseis annos, de figura infantil se apresentou em casa de Robespierre, pedindo obstinadamente fallar-lhe. Levava comsigo um pequeno cesto. Sua idade, modo, e candura de phisionomia, não inspiravam ao principio desconfiança alguma aos hospedes de Robespierre Fizeram-na entrar na ante-camara do deputado, aonde esperou largo tempo. Por fim a immobilidade e a obstinação, as suspeitas de desconhecida dispertaram a inquietação das mulheres. Ordenaram-lhe que se retirasse, insistio em ficar. « Um homem publico, » disse ella, « deve receber a toda a hora aquelles, que tem necessidade de lhe fallar. » Chamaram a guarda, prenderam-na, e revistaram-lhe o cesto. Acharam-se-lhe alguns vestidos e duas facas pequenas, armas insufficientes para a mão de uma criança, que quer da. a morte a alguem. Conduzida á commissão revolucionaria da rua dos Piques, foi interrogada com o apparato e solemnidade de um grande crime. « Para que heis a casa de Robespierre ? » lhe perguntaram. « — Para ver » respondeu, « como era feito um tyranno. »

Fingio-se descobrir n'esta resposta a declaração de uma conjuração : e juntaram a prisão da rapariga á tentativa de Ladmiral. Publicaram que ella tinha sido armada de punhal pelo governo inglez. Fallou-se de um baile de mascaras em Londres, aonde uma mulher disfarçada em Carlota Corday e brandindo um ferro dissera : « Procuro Robespierre. » Outros pretenderam que a commissão de salvação publica tinha feito immolar o amante desta rapariga e que o assassinio era uma represalia do amor. Estas chimeras não tinham fundamento : o assassinio não era mais do que a imaginação de uma rapariga, que toma o seu sonho por um pensamento, o que vae ver se a presença de um homem famoso lhe inspirará odio ou amor. Reminiscencia de Carlota Corday vaga no seu alvo, innocente como uma puerilidade.

Esta moça se chamava Cecilia Renauld era filha de um negociante de papel da cidade. O nome de Robespierre, continuamente repetido diante della por seus parentes realistas, lhe sugerio uma curiosidade misturada d'horror para com o homem do dia. As sus respostas attestaram esta ingenuidade e candura de coragem. « Para que, » lhe perguntaram, « trazieis comvosco este pacote de vestidos de mulher ? — Porque esperava ser conduzida á prisão. — Para que essas duas facas ? Querieis ferir com ellas Robespierre ? — Não, eu nunca fiz mal a pessoa alguma. — Para que querieis ver Robespierre ? Para me assegurar por meus proprios olhos se o homem se parecia com a imagem, que delle me figuravam. — Para que sois realista ? — Porque antes quero um rei do que sessenta tyrannos. » Foi enviada assim como Ladmiral para o carcere. Todo o artificio de Fouquier-Tinville se empregou em transformar a creancice em conjuração, e em imaginar cumplices.

IV. — A noticia destes dois assassinios fez rebentar

na Convenção e nos Jacobinos uma explosão de furor contra os realistas, de enthusiasmo para com os deputados, e d'ilotria para com Robespierre, Collot-d'Herbois engrandeceu aos olhos dos seus collegas todo o perigo, que havia corrido. O punhal parecia por si mesmo haver indicado ao povo a importancia destes dois chefes do governo, escolhendo-os d'entre todos. Um assassinio falho foi em todo o tempo a fortuna feliz dos ambiciosos. Parece que se tornam assim victimas ou escudos do povo, e que a espada dos inimigos publicos tem precisão de atravessar o seu coração para chegar até á patria. Um punhal tinha deificado Marat: a pistola de Ladmiral illustrava Collot-d'Herbois: a faca de Cecilia Renauld consagrou Robespierre.

Logo que a Convenção foi informada do primeiro attentado, recebeu Collot, como o aviltado senado de Roma recebia os tyrannos do imperio protegidos pela clemencia dos deuses. As secções crendo ver por toda a parte bandos organisados de *liberticidas*, tributaram acções de graças ao genio da republica. Algumas propozeram conceder uma guarda aos membros da commissão de salvação publica. O receio de perder a liberdade, precipitava em todos os signaes da escravidão. No dia 6, os Jacobinos se reuniram e congratularam n'um abraço fraternal, como homens que se encontram em circumstancias desesperadas. Collot, levado nos braços da multidão, agradece ao céo o ter-lhe preservado a vida, que não quer consagrar senão á patria. «Os tyrannos,» exclamou elle, «querem desfazer-se de nós pelo assassinio; mas não sabem, que quando um patriota expira, os que lhe sobrevivem juram sobre o seu cadaver a vingança do crime e a eternidade da liberdade!»

Legendre quiz resgatar a sua imprudencia, por occasião da prisão de Danton, por meios de servillismos. Renovou a moção de se dar uma guarda aos membros do governo. Couthon sentindo a adulação da proposta respondeu que os membros da commissão não exigiam outra guarda, senão a providencia divina, que vigia sobre elles, e que no caso de necessidade, os republicanos sabem morrer.

Robespierre appareceu em ultimo logar. Sôbiu á tribuna: empenha-se debalde em fazer-se ouvir no meio do delirio de enthusiasmo e amor, que suffoca a sua voz. Lagrimas de ternura humedecem seus olhos, e interrompem-lhe as frases. Em recobra a palavra.

«Sou,» disse no meio de um silencio religioso, «um d'aquelles a quem menos os golpes teem ameaçado seriamente. Todavia não posso dispensar-me de fazer algumas reflexões. Que os defensores da liberdade esteiam arriscados aos punhaes da tyrannia, assim se devia esperar: já vol-o havia dito; se nós descobrimos as facções se batemos nossos inimigos, temos de ser assassinados: chegou o que eu tinha previsto. Os soldados dos tyrannos teem mordido o pó, os traidores, teem perecido no cadafalso, e os punhaes se afiam contra nós. Bem conhecia, que era mais facil assassinarem-nos do que vencerem nossos principios e subjugarem nossos exercitos! Tenho repetido muitas vezes a mim mesmo, que quanto mais a vida dos defensores do povo era incerta, tanto mais elles devem preencher seus ultimos dias com acções uteis á liberdade. Os crimes dos tyrannos e o ferro dos assassinos me hão tornado mais livre e mais temeroso aos inimigos do povo! ...» A estas palavras, com que o vencedor se quer transformar em martyr e elevar a cima da morte pela contemplação de seu grande designo, os corações transbordam de admiração, e Robespierre se precipita nos braços dos Jacobinos. Em breve torna a subir á tribuna e combate com desdem a proposta de Legendre. Esta moção lhe parece suspeita da intenção occulta de fazer assimilhar os defensores do povo a um triumvirato de tyrannos. Quanto mais Robespierre se humilha, tanto mais triumpha. O enthusiasmo do povo lhe rende em culto, tudo quanto o seu idolo recusa aceitar em magestade.

V. — Na sessão da Convenção do seguinte dia, 7 de junho, Barrere exagera os perigos em dois relatorios emphaticos. Attribue aos governos estrangeiros, e principalmente a Pitt, o ter suscitado a demencia de Ladmiral e a puerilidade de Cecilia Renauld. A Convenção finge acreditar nestas conjurações, e cobrir toda a patria involvendo Robespierre na sua egide e na sua adhesão. Barrere concluio pela proposta de um decreto atroz, que ordene o fuzilamento de todos os prisioneiros inglezes e hanoverianos, que d'alli em diante se fizessem pelos exercitos da republica.

Robespierre provocado por todas as vistas e por todos os gestos, succedeu a Barrere «Será,» disse elle para seus collegas, «um bello assumpto de conversação para a posteridade; é já um espectaculo digno da terra e do céu, ver a assembléa dos representantes do povo francez, collocados sobre um volcão inexhaurivel de conspirações, com uma das mãos trazer aos pés do eterno author de todas as cousas, as homenagens de um grande povo, e com a outra lançar o raio sobre os tyrannos conjurados contra elle, fundar a primeira democracia do mundo, e chamar do exilo para o gremio dos mortaes, a liberdade, a justiça, e a virtude.» A este exordio, que retira a Convenção de uma questão individual, para a transpor á altura de uma discussão geral, os applausos interromperam por muito tempo Robespierre. Não se vê n'elle já o homem; porem uma personificação da patria. «Morrerão,» continuou elle com uma voz inspirada; morrerão os tyrannos armados contra o povo francez: perecerão as facções, que se apoiavam nas potencias para destruir nossa liberdade! Não fareis a paz, dala-heis ao mundo, recusal-a-heis ao crime! Sem duvida elles não são assás insensatos para acreditar que a morte de alguns representantes podesse assegurar-lhes o triumpho. Se elles julgassem que fazendo-nos descer ao tumulo, o genio dos Brissot, Hebert, e Danton ia sair triumphante para nos entregar pela terceira vez á discordia, enganar-se-hiam.»

A este insulto á memoria de Danton, um movimento de desgosto se manifestou por alguma agitação na Montanha. Robespierre o precebe e pára. «Quando nós tivermos caído sob seus golpes,» continuou elle com rasgo de indifferença que parece eleval-o a cima de si proprio, «querereis vós acabar a vossa sublime empreza, e compartilhar a nossa sorte? Sim,» proseguio elle suspendendo o applauso começado com a energia de sua voz e de seu gesto, «sim, não ha um de vós, que não quizesse vir sobre nossos corpos ensanguentados, jurar o exterminio dos ultimos inimigos do povo!»

Todos os representantes se levantam n'um movimento unanime, e estendendo as mãos fazem o gesto do juramento.

«Esperavam,» continuou elle, «esfaimar o povo francez! mas o povo francez ainda vivo e a natureza fiel á liberdade, lhe promette a abundancia. Que lhes resta pois? o assassinio! Pensavam exterminar-nos uns pelos outros, e pelas revoltas assalariadas! este projecto abortou. Que lhes resta ainda? o assassinio! Pensaram opprimir-nos debaixo do esforço de sua liga armada, e principalmente pela traição! Os traidores tremem ou morrem, sua artilheria cahe em nosso poder, seus satellites fogem diante de nós. Que lhes resta ainda? o assassinio! Procuraram dissolver a Convenção corrompendo-a! a Convenção puniu os cumplices: mas ainda lhes resta o assassinio! Ensaiaram depravar a republica, o extinguir entre nós os sentimentos generosos de que se compõe o amor da patria e da liberdade, banindo da republica o bom senso, a virtude, e a Divindade! Nós havemos proclamado a Divindade, a immortalidade da alma, temos ordenado a virtude em nome da republica; mas o assassinio ainda lhes resta!

«Regosijemos-nos pois, demos graças ao céo, visto que fomos julgados dignos dos punhaes da tyrannia!»

A sala se abalou pelas acclamações, que esta explosão de magnanimidade antiga fez suscitar.

«Ha pois para nós gloriosos perigos a correr!» proseguiu elle. «Tanto se offerecem na cidade, como nos campos de batalha. Nós nada temos a invejar aos nossos bravos irmãos d'armas. Pagamos de mil modos a nossa divida para com a patria! O' reis, não somos nós, que nos queixamos do genero de guerra, que nos fazeis! Quando as potencias da terra se colligam para matar um fraco individuo, sem duvida que este se não deve obstinar

em viver. Tambem não fizemos entrar em nossos calculos a vantagem de viver longo tempo. Não é para viver que se declara guerra a todos os tyrannos e a todos os vicios. Que homem houve na terra, que tenha jámais defendido a humanidade impunemente? Cercado dos seus assassinos,» continuou Robespierre com uma voz solemne, « eu me tenho já collocado por mim mesmo em a nova ordem de cousas a que elles me querem enviar! Não cogito já de uma vida passageira senão pelo amor da patria e pela sede da justiça, e despido mais do que nunca de todas as considerações pessoaes, eu me sinto mais disposto a atacar com energia todos os malvados que conspiram contra o genero humano! Quanto mais se apressam elles em terminar a minha carreira cá no mundo, mais eu quero apressar-me em a encher de acções uteis para a ventura dos meus similhantes. Deixar-lhes-hei pelo menos um testamento cuja leitura fará tremer todos os tyrannos e todos os seus cumplices! »

A esta apostrophe, que parece collocar a tribuna além do tumulo, a Convenção longo tempo muda, saiu de sua admiração por uma prolongada acclamação,

Robespierre abandona então a sua pessoa e dá como de outra vida, conselhos supremos á republica. « O que constitue a republica, » disse elle, « não é nem a victoria, nem a fortuna, nem a conquista, nem o enthusiasmo passageiro, é a sabedoria das leis e sobre tudo a virtude publica. As leis estão por fazer, os costumes esperam ser regenerados. Quereis vós saber quem são os ambiciosos,» insiste elle em uma allusão mysteriosa mas transparente, contra seus inimigos das commissões, « examinai quaes são aquelles que protegem os malevolos, e corrompem a moral publica. Fazer guerra ao crime, é o caminho do tumulo e da immortalid de! Favorecer o crime é o caminho do throno, e do cadafalso! (*applausos.*) Entes preversos chegarão a arromeçar a republica no cahos. Trata-se de crear de novo a harmonia do mundo moral e do mundo politico. »

A esta definição da revolução, de todos os bancos se respondeu com um assentimento unanime.

« Se a França fosse governada durante alguns mezes por uma legislação corrupta ou versatil, a liberdade seria perdida.

☞ Esta insinuação clara da necessidade de uma magistratura suprema para regularisar a Convenção, attrahe a Robespierre as vistas irritadas de seus inimigos. Elle os afronta.

« Dizendo estas cousas, » prosegue elle com altiva abnegação, » eu afio talvez contra mim os punhaes, e por isso mesmo é que as digo. Tenho vivido assás! Hei visto o povo francez elevar-se do seio da corrupção e do servilismo ao cume da glo ia e da virtude republicana. Tenho visto seus ferros despedaçados e os thronos culpaveis que pesam sobre a terra, destruidos ou abalados debaixo de suas mãos triumphantes! Vi ainda mais: vi uma assembléa, investida do poder supremo da nação franceza, caminhar com passo rapido para a felicidade publica, dar o exemplo de todas as virtudes. Acabai cidadãos! acabai vossos sublimes destinos! Vós nos tendes collocado na vanguarda para sustentar o primeiro esforço dos inimigos da humanidade. Nós merecemos esta honra, e traçar-vos-hemos com o nosso sangue a senda da immortalidade!

VI. — Nunca palavras taes haviam eccoado n'uma assembléa deliberante. Era a politica elevada á altura do typo religioso do philosopho, o heroismo na eloquencia, a Porte no apostolado. A Convenção ordenou a impressão deste discurso em todas as lingoas. Elle preparou os espiritos para a solemnidade, que se esperava d'ahi a dois dias. O ridiculo, que tudo mancha em França, era até obrigado a fingir enthusiasmo diante das doutrinas, que ousavam afrontar a morte e attestar a existencia de Deus!

Robespierre esperava este dia com a impaciencia de um homem, que projecta um grande designio, e teme que a morte não lh'o arrebate antes de o haver cumprido. De todas as missões, que acreditava vêr em si, a mais alta, e mais santa a seus olhos era a regeneração do sentimento religioso no povo. Ligar de novo o céu com a terra, pelo laço de uma fé e de um culto racional, que a republica tinha rompido, era para elle o acabamento da revolução. Desde o dia em que a razão e a liberdade se unissem a Deus na consciencia, elle as julgava immortaes como o mesmo Deus. Consentia em morrer passado esse dia. A alegria interior de sua obra completa, transpirava, depois do seu relatorio na Convenção, em suas feições. Havia no seu exterior o brilho de sua idéa. Seus hospedes e confidentes se admiravam de sua serenidade desusada. Extasiava-se á vista da natureza remoçando-se na primavera, e adornando-se de flores, como para o glorioso hymeneo, que elle queria fazer-lhe contratar com o seu author. Passeava com os seus amigos pelas alamedas do jardim de Mousseaux. Seu coração palpitava de esperança. Fallava continuamente do dia 8 de junho. Apiedava se pelas victimas, que não chegariam a ver esse bello dia. Aspirava dizia elle, a fechar a era dos supplicios com a era da fraternidade e da clemencia. Elle mesmo ia examinar com Villate e o pintor David os preparati os, queria que esta ceremonia tocasse a alma do povo pelos olhos, e que exprimisse imagens magestosas e doces, como aquella potencia suprema, que não se manifesta senão pelos seus beneficios. « Para que, » dizia elle na vespera a Souberville, « é preciso haver ainda um cadafalso em pé na superficie da França? Sómente a vida deveria apparecer amanhã perante a origem de toda a vida. » Exigio que se suspendessem os supplicios no dia da ceremonia.

VII. — A Convenção tinha nomeado Robespierre, por excepção, presidente; para que o author do decreto, fosse ao mesmo tempo o seu actor principal. Desde o romper do dia, elle se apresentou nas Tuilleries para ahi esperar a reunião de seus collegas, e dar as ultimas ordens aos encarregados da pompa religiosa Estava pela primeira vez de sua vida publica revestido com o trajo de representante em missão. Uma casaca de um azul mais palido do que os dos outros membros da Convenção, collete branco, calção de pelle de gamo, botas de canhão, chapéo redondo, assombreado de um pennacho fluctuante de pennas tricolores, chamavam sobre elle todos os olhos. Levava na mão um enorme ramalhete de flores e de espigas, premicias do anno. Com a pressa até se esqueceu da propria condição da humanidade. A Convenção estava já reunida na sala das sessões, o cortejo ía sair, e ainda elle não tinha tomado alimento algum. Villate, que morava nas Tuilleries, lhe offereceu o entrar em sua casa e sentar-se á sua mesa para almoçar. Robespierre acceitou.

O céu tinha uma puresa oriental. O sol brilhante sobre as arvores das Tuilleries, e nos zimborios e muros dos monumentos de Pariz, com tanto esplendor e brilhantismo, como nos templos d'Attica. A luz da primavera prestava a serenidade grega ás theorias de Pariz.

Entrando em caza de Villate, Robespierre atirou com o chapéo e o seu ramo para cima de uma cadeira, encostou-se á janella, pareceu extasiado do espectaculo da multidão inumeravel, que se accumulava nas varandas e alamedas do jardim para a sistir a estes mysterios, presagios do incognito. As damas adornadas com os seus mais lindos enfeites, estavam com seus filhos pela mão. Resplandeciam todos os rostos. « Eis-aqui, » disse Robespierre, « a mais importante parte da humanidade. O universo está aqui reunido por suas testimunhas. Quanto é eloquente e magestosa a natureza! Uma festa tal, deve fazer tremer os tyrannos e os perversos! »

Comeu pouco, e não pronunciou mais que estas palavras. No fim do almoço, quando se levantava para se pôr á testa do cortejo, que principiava a desfilar, uma rapariga, familiar da caza de Villate entrou acompanhada de um menino. O nome de Robespierre intimidou ao principio a estrangeira. Robespierre a tranquillisou, e acariciou a criança. A mãi, já tranquilla, brincou contente á roda da meza, e se apoderou do ramalhete do presidente da Convenção. Era mais de meio-dia; Robespierre se esquecia involuntariamente ou de proposito em caza de Villate. Seus collegas, havia muito tempo que estavam juntos e murmuravam da sua demora. Pa-

recia que esta espera o regosijava, como signal de inferioridade. Appareceu em fim.

VIII. — Um immenso amphitheatro, similhante ás trincheiras de um circo antigo, estava encostado ao palacio das Tuillerias. Este circo descia de degráo em degráo, até á praça. A Convenção ahi entrava de nivel pelas janellas da sala central, como os Cesares nos seus Coliséos. No meio d'este amphitheatro, uma tribuna mais elevada do que as trincheiras e quasi similhante a um throno estava reservada para Robespierre. Em frente da sua cadeira, um grupo colossal de figuras emblematicas, unica poesia d'este tempo imitador, representava o Atheismo, o Egoismo, o Nada, os Crimes e os Vicios. Estas figuras esculpidas por David em materias combustiveis, eram destinadas a ser incendiadas como victimas do sacrificio. A idéa de Deus devia reduzil-as a cinzas. Todos os deputados, vestidos uniformemente de casacas azues forradas de escarlate, e trazendo na mão um ramo de flores symbolico, lentamente foram tomando seus logares nos bancos. Robespierre appareceu. O seu isolamento, sua elevação, o seu penacho, seu ramo mais volumoso lhe dava a apparencia de um patenta lo. O povo a quem dominava o seu nome, como o seu throno dominava a Convenção, julgava que se ia proclamar a sua dictadura. Imperiaes acclamações o saudaram só a elle; e assombraram as frontes de seus collegas. Todos esperavam que fallasse. Uns imaginavam uma amnistia, outros a organisação de um poder forte e clemente. O tribunal revolucionario suspenso, o cadafalso demolido por um dia, deixavam fluctuar as idéas sobre perspectivas consoladoras. Jámais povo algum pareceu tão disposto a receber um salvador e as leis humanas.

IX. — « Francezes, republicanos, » disse Robespierre com uma voz, que procurava estender á immensidade do auditorio, « chegou finalmente esse dia para sempre afortunado, que o povo francez consagra ao Ser supremo! Nunca o mundo que Elle creou, offereceu ao seu author um espectaculo tão digno de suas vistas. Na terra tem elle visto reinar a tyrania, o crime, e a impostura. N'este momento vê uma nação inteira a braços com todos os oppressores do genero humano, suspender o curso de seus trabalhos heroicos, para elevar o seu pensamento e seus votos ao grande Ente, que lhe deu a missão de os emprehender e a força de os executar!..

« Não creou elle os reis para devorarem a especie humana; não creou os padres para nos atarem como vis animaes ao carro dos reis e para dar ao mundo o exemplo da baixeza, do orgulho, da perfidia, da avareza, da devassidão e da mentira; porem creou o universo, para publicar o seu poder, creou os homens para se ajudarem, para se amarem mutuamente, e para chegar á felicidade pela senda da virtude.

« E' elle quem coloca no seio do oppressor triumphante o remorso; e no coração do innocente opprimido a tranquilidade e a altivez; é elle quem obriga o homem justo a aborrecer o mau, e o mau a respeitar o homem justo; elle é quem adorna com o pudor o rosto da formosura para mais a embellezar; quem faz palpitar as entranhas maternas de alegria; quem banha de lagrimas deliciosas os olhos do filho, encostado ao seio de sua mãi; quem faz calar as paixões mais imperiosas, e mais ternas perante o amor sublime da patria, foi elle quem cubrio a natureza de encantos de riquezas e de magestade. Tudo que ha de bom é obra sua; o mal pertence ao homem depravado, que opprime, ou deixa opprimir seus similhantes.

« O author da natureza havia ligado todos os mortaes, com uma cadea immensa d'amor e de felicidade: morram os tyrannos, que tem ousado quebral a!...

« Ser dos seres, nós não temos que dirigir-te injustas orações; tu conheces as creaturas saidas de tuas mãos, suas necessidades não escapam menos ás tuas vistas do que os seus mais occultos pensamentos. O odio á hypocrisia e á tyrania arde em nossos corações com o amor á justiça e á patria. Nosso sangue corre pela causa da humanidade. Eis-aqui a nossa oração; eis os nossos sacrificios, eis o culto que te offertamos! »

O povo applaudio mais o acto do que as palavras. Os córos de musica elevaram até ao céo, os sons de muitos milhares de instrumentos, as strophes seguintes de Chenier.

LES VIEILLARDS ET LES ADOLESCENTS.

Dieu puissant, d'um peuple intrepide
C'est toi qui defends les remparts;
La Victoire a, d'un vol rapide,
Acompagné nos etendards.
Les Alpes et les Pyrenées
Des rois on vu tomber l'orgueil;
Au nord, nos champs sont le cercueil
De leurs phalanges consternées.
Avant de deposer nos glaives triomphants,
Jurons d'aneantir le crime et les tyrans.

LES FEMMES.

Entends les vierges et les meres,
Auteur de la fecondité!
Nos epoux, nos enfants, nos fréres
Combattent pour la liberté;
Et si quelque main criminelle
Terminait des destins si beaux
Leurs fils viendront sur des tombeaux
Venger la cendre paternelle.

LE CHOEUR.

Avant de deposer vos glaives triomphants,
Jurez d'aneantir le crime et les tyrans.

LES HOMMES ET LES FEMMES.

Guerriers, offrez votre courage;
Jeunes filles, offrez des fleurs;
Meres, vieillards, pour votre hommage,
Offrez vos fils triomphateurs;
Bennissez dans ce jour de gloire
Le fer consacré par leurs mains.
Sur ce fer, vengeur des humains,
L'Eternel grava la victoire.

LE CHOEUR.

Avant de deposer nos glaives triomphants,
Jurons / Jurez d'aneantir le crime et les tyrans. (1).

Robespierre, descendo depois do amphitheatro, ateou o fogo ao grupo do atheismo. A chamma e o fumo se espalharam nos ares, ao som das acclamações da multidão. Os membros da Convenção, seguindo o seu chefe a um longo intervallo, avançaram em duas columnas atravez as ondas do povo, para o Champ-de-Mars (Campo de Marte). Entre as duas columnas da Convenção marchavam carros rusticos, charruas conduzidas por juntas de bois e outros symbolos da agricultura, das artes, e dos officios. Uma duplicada ala de meninas vestidas de branco,

OS VELHOS E OS ADOLESCENTES.

(1) TRADUCÇÃO. Deus poderoso, és tu que defendes os baluartes d'um povo intrepido; a Victoria, com rapido vôo, tem acompanhado os nossos estandartes. Os Alpes e os Pyrineos viram cahir o orgulho dos reis; e ao norte são os nossos campos, sepulturas de suas consternadas phalanges. Antes de depormos as nossas triumphantes espadas, juremos aniquilar o crime e os tyrannos.

AS MULHERES.

O' author da fecundidade, presta ouvidos ás virgens e ás mãis! Nossos maridos, filhos, e irmãos combatem pela liberdade; e se mão criminosa terminasse tão formosos destinos, seus filhos sobre suas sepulturas vingarão paternas cinzas.

O CHORO.

Antes de vossas triumphantes espadas depôr, jurai aniquilar o crime e os tyrannos.

OS HOMENS E AS MULHERES.

Guerreiros, offertai vossa coragem: donzellas offerecei flores; mãis e velhos, em vossa homenagem, offerecei vossos triumphantes filhos; abençoai neste dia de gloria o ferro consagrado por vossas mãos. Sobre este ferro, vingador dos humanos, o Eterno a victoria gravou.

O CHORO.

Antes de depôrmos as nossas triumphantes espadas, juremos (jurai) aniquilar o crime e os tyrannos.

enlaçadas umas ás outras com fitas tricolores, formava a unica guarda da Convenção. Robespierre marchava sósinho na frente. De vez em quando se voltava para traz para medir o intervallo, que o separava de seus collegas, como para acostumar o povo a differençal-o d'elles pelo respeito, assim como elle se affastava pela distancia. Todos os olhos o procuravam. Tinha na fronte pintado o orgulho, nos labios o sorriso da omnipotencia.

X. — Uma montanha symbolica se elevava no centro do Campo de Marte no local do antigo altar da patria. O accesso era estreito e difficil. Robespierre, Couthon, conduzido n'uma cadeira de braços, Saint-Just, e Lebas se collocaram sós no cume. O resto da Convenção se espalhou confusamente sobre os flancos da montanha e pareceu humilhada de se ver dominada aos olhos da multidão por este grupo de triumviratos. Robespierre proclamou então, d'alli ao som de salvas de artilheria, a profissão de fé, que fazia o povo francez.

O povo mostrava-se enthusiasta, a Convenção silenciosa. A presidencia magestosa de Robespierre, o enthusiasmo exclusivo do povo para com o seu representante; o logar subalterno, que o presidente havia designado a seus collegas na montanha; a distancia dictatorial, que elle guardava d'elles na marcha; a inclinação do vulgo para as idéas religiosas, d'onde este povo voluvel podia tão naturalmente passar ás superstições antigas: este nome de Robespierre associado á proclamação do Ser Supremo, consagrando-se assim no espirito da nação pela divindade do dogma, que restituia á republica; finalmente a mesma idéa d'esta restauração da immortalidade, que repugnava a estes amadores do nada; acima de tudo o ascendente oppressor de um homem, que estabelecia sua popularidade no instinto fundamental da especie humana, e que se apoderava da consciencia da nação como pontifice, para no dia seguinte talvez se apoderar como Cesar; todos estes pensamentos, todas estas invejas, todos estes receios, todas estas ambições ao principio murmuradas surdamente de boca á orelha, acabaram por troar em murmurio immenso, e em descontentamento pronunciado. Vistas ameaçadoras, gestos suspeitos, palavras equivocas, maximas de sentido dobrado, feriram os olhos e ouvidos de Robespierre durante o regresso do Campo de Marte para ás Tuilleries. « Não ha mais do que um passo do Capitolio á rocha Tarpeia, » lhe gritava um. « — Ha ainda Brutus, » balbuciava outro. « — Vês este homem? » dizia um terceiro, « elle se crê já deus e quer acostumar a republica a adorar alguem para mais tarde se fazer adorar. — Inventou Deus por que é o tyrano supremo, » accrescentava um quarto. « Quer ser o seu sacrificador. — Poderá muito bem ser sua victima! »

Estas conversações em voz baixa, e estas apostrophes surdas perseguiram Robespierre até á Convenção. Fouché, Tallien, Barrere, Collot-d'Herbois, Lecointre, Leonard, Bourdon, Billaud-Varennes, Vadier, Amar, aproveitavam esta opposição nascente, para irritar mais este ressentimento e mudal-o em revolta. Gemiam pela tyrania proxima de um homem, que disfarçava tão mal sua insolencia para com a Convenção; que lisongeava os prejuisos mais inveterados do povo; que punha a revolução de joelhos e que se collocava entre a nação e Deos para melhor se collocar entre a Convenção e o povo. Suas palavras entravam como dardos envenenados em todas as almas. Robespierre acabava de perder o seu prestigio, e despojar sua popularidade sobre o altar mesmo aonde elle havia restituido o Ser Supremo. Este dia o engrandeceu para com o povo e o arruinou na Convenção. Teve o presentimento dos odios, que acabava de sublevar contra si. Entrou pensativo em sua caza, Todo dia ahi se vio assaltado de felicitações anonymas. Todos viam o restaurador da justiça no restaurador da verdade. As acclamações prolongadas debaixo de suas janellas lhe agradeciam o ter restabelecido uma alma no povo e um Deus na republica. Muitos d'estes bilhetes não continham senão esta palavra: « *Ousai*! »

Era com effeito para Robespierre este o momento de ousar. Se, ao voltar da ceremonia de manhã, elle houvesse provocado por algumas insinuações directas a explosão do amor do povo, que não queria senão rebentar; se as deputações de algumas secções, arrastando comsigo a multidão fluctuante, tivessem vindo pedir á Convenção a installação d'um poder unitario e regulador na pessoa de seu favorito, a dictadura ou a presidencia teria sido votada de acclamação a Robespierre, e se elle mesmo tivesse tido a audacia de proclamar o poder popular nascente, e a abolição do supplicio, teria reinado no dia seguinte, lançado sobre seus inimigos o sangue derramado, usurpado a popularidade da clemencia, e salvo a republica, que a sua indecisão ia perder. Nada fez. Deixou-se acariciar por estes sopros vagos do favor publico, e da omnipotencia e na sua mão só apanhou vento.

XI. — Saint-Just queria mais. Vendo que não podia decidir Robespierre a tomar o poder supremo das mãos do povo, resolveu de lh'o fazer defferir pela commissão de salvação publica. Saint-Just se lembrava de Cesar, fazendo-se offerecer a coroa, prompto a renegar Antonio se o circo murmurava, prompto a cingil-a se o povo applaudia.

Saint-Just, na ausencia de Robespierre, fez n'uma sessão secreta um quadro desesperado do estado da republica. « O mal ha chegado ao seu cumulo, » disse o moço representante, « a anarquia nos devora, as leis com que inundamos a França não são senão as armas de morte, que affiamos nas mãos de todas as facções. Cada representante do povo nos exercitos ou nos departamentos é rei na sua provincia; reinam e nos não somos aqui mais do que vãos simulacros da unidade. O sangue tresborda, o ouro occulta se, as fronteiras estão descobertas, a guerra faz-se sem plano, e nossas proprias victorias são apenas acasos gloriosos, que nos honram sem nos salvar. No interior matamonos uns aos outros. Cada facção ao mesmo tempo que se devora, devora igualmente a patria. Poderemos deixar fluctuar assim de mãos em mãos a republica sem que a final ella venha a cair com o horror do povo e o despreso dos reis? Tantas consultas devem ellas vir a dar no desfallecimento ou na força? Queremos nós viver ou morrer? A republica viverá ou morrerá comnosco! E' salvação para todos, a concentralisação d'um poder, incoherente, disperso, despedaçado por tantas mãos quantas são as facções ou ambições existentes entre nós! E' a unidade do governo personificado em um homem.

« Porém qual será, me direis vós, esse homem, assás elevado acima das fraquezas e das suspeitas da humanidade para que com elle se incorpore e identifique a republica? Confesso que o papel é sobre-humano, terrivel a missão, supremo o perigo se nos enganarmos na escolha. E' mister que esse homem tenha pela sua parte o genio da época em sua cabeça, as virtudes republicanas em seus costumes, a inflexibilidade da patria no seu coração, a pureza dos principios em sua vida, a incorruptibilidade dos nossos dogmas em sua alma; é mister que nascesse para a vida publica no mesmo dia em que nasceu a revolução; que haja seguido passo a passo todas as phases engrandecendo-se sempre em patriotismo e em virtude. E' mister que tenha um habito consumado dos homens e das cousas, que se agitam ha cinco annos sobre a scena; é preciso em fim que haja conquistado uma popularidade soberana, que lhe faça conferir antes de nós pela voz publica, a dictadura, que apenas apontaremos sobre sua fronte! Pelo retrato de um tal homem, não ha nenhum de vós que hesite em nomear Robespierre! Elle sómente reune pelo genio, pelas circumstancias e pela virtude as condições que podem ligitimar confiança tão absoluta da Convenção e do povo! Reconhecemos aonde existe a nossa salvação! Submettamos á necessidade visivel que temos delle, nosso amor proprio, nossas vontades, nossas repugnancias. Não sou eu que nomeio Robespierre é sua virtude! Não seremos nós que o nomearemos dictador, é a Providencia da republica! » Tal foi o sentido das palavras de Saint-Just.

A esta palavra *dictador*, os rostos se contrahiram,

nenhum ousou discutir sobre o genio ou sobre a virtude de Robespierre. Todos affastaram respeitosamente a idéa de Saint-Just, como um d'aquelles sonhos que traz com a febre do patriotismo, que perturbam a rasão a mais sã e fazem buscar a salvação no suicidio. «Robespierre é grande e sabio,» exclamaram, «mas a republica é maior e mais sabia do que um homem. A dictadura seria o throno da desanimação; nenhum homem ahi se hade sentar em quanto respirarem os republicanos!» Saint-Just quiz mas em vão insistir: Lebas em vão intentou explicar o pensamento do seu collega. As commissões se retiraram irritadas, inquietas, mas advertidas. A imprudencia de Saint-Just foi imputada como crime a Robespierre. «O poder supremo não se pede,» disse Billaud a seus amigos, «toma-se; que se apodere delle, se tanto ousa!» Desde este dia as commissões nutriram contra Robespierre desconfianças que por vezes rebentaram em rumores e violencias na sombra de seus conselhos.

XII. — Todavia, no dia seguinte ao da festa do Ser Supremo, a Convenção, provocada pelo proprio Robespierre e seus amigos, começou a promulgar uma serie de decretos cunhados com o verdadeiro espirito da revolução. A Convenção por um momento apaixonada, parecia querer assignar por meio das leis beneficas, a inspiração da fraternidade que atrahira das doutrinas philosophicas sobre a republica. Suas leis durante alguns dias, foram sensiveis como o coração humano. Compilal-as-hemos de um só traço para melhor se avaliar suas tendencias. Não podendo estabelecer violentamente a igualdade democratica e o nivelamento da propriedade, tendeu a crial-a pela caridade publica. Fez do estado o que este deve ser; a providencia visivel do povos. Servia-se do superfluo da riqueza para soccorrer, alimentar e instruir a indigencia: realisou em fraternidade pratica a fraternidade theorica do seu principio, e fez uma só familia da nação. Criou na eschola de Marte uma instituição ao mesmo tempo democratica e militar, onde o exercito devia recrutar igualmente seus officiaes entre todos os filhos da nação. Declarou que a mendicidade era uma accusação contra o egoismo da propriedade e a improvidencia do estado. Honrou em seus decretos o trabalho. Acolheu a infancia. Educou a mocidade. Alimentou a velhice. Aliviou o enfermo á custa do thesouro. Abolio a miseria. Distribuio as propriedades nacionaes em quinhões accessiveis aos mais pequenos capitaes, para promover a propriedade e a cultura do solo. Classificou a população. Declarou sagrados os infelizes. Abrio asylos ás mulheres gravidas. Abonou soccorros ás que amamentavam seus filhos, e subsidios ás numerosas familias, a quem o trabalho do pai não podia sustentar. Regularisou o imposto dos pobres, e fez da propriedade um dever. Esforçou-se por crear o communismo verdadeiro e compativel com a propriedade, este vital instincto da familia, obtendo pelo imposto o superfluo do proprietario, e distribuindo-o em salarios aos proletarios pela mão do estado. Estabeleceu officinas para os operarios, que não tinham que fazer. Substituio aos hospitaes, estes quarteis dos moribundos, as visitas dos medicos, e o donativo dos medicamentos no domicilio, para não contristar o espirito da familia, e o amor do lar domestico. Adoptou os filhos sem pai. Conferio pensões e honras ás mulheres, mãis e filhas dos defensores da patria mortos ou feridos defendendo a nação. Ordenou sorrabamentos. Favoreceu os campos á custa das cidades, receptaculos de ociosidade, luxo e vicios, que ella queria restringir. Animou as artes e as sciencias uteis. Abrio um grande livro da benificencia nacional, e creou inscripções productivas de rendas a distribuir entre os cultivadores invalidos. Convertou a benificencia em dever, e a caridade em instituição.

Lendo todos estes decretos, o povo começou a crêr que havia com o seu sangue conquistado o principio democratico, e que a philosophia, largo tempo ecclipsada durante a luta revolucionaria, ía dimanar da victoria e transformar-se em governo. Só o cadafalso contrastava ainda com estas aspirações.

XIII. — Robespierre manifestava sempre em segredo o desejo de o abolir; porem não lhe era possivel, dizia elle, abolir o terror senão por um terror maior. Instruido, pelos murmurios soltos em torno d'elle na festa do Ente Supremo, e pelas confidencias de Saint-Just e Lebas, do odio das commissões contra elle, resolveu em fim admirar seus rivaes pela audacia e excedel-os pela promptidão. A 22 do *prairial*, dois dias depois da ceremonia do Ente Supremo, foi elle inopinadamente propôr á Convenção, em combinação com Couthon, um projecto de decreto para a reorganisação do tribunal revolucionario. Este projecto só em parte tinha sido communicado ás commissões. Era o codigo do arbitrario sanccionado, em cada disposição, pela morte e executado pelo algoz.

As categorias dos inimigos do povo n'elle comprehendiam todos os cidadãos, membros, ou não da Convenção, em quem pudesse recair uma suspeita. Não havia já innocencia em a nação, nem inviolabilidade nos membros do governo. Era a omnipotencia dos julgamentos e das penalidades, a dictadura, não d'um homem, mas do cadafalso.

Ruamps, depois de ouvir este projecto de decreto, exclamou: «Se tal decreto passasse sem adiamento, eu dava um tiro na cabeça!» Barrere, a quem similhante audacia na proposta do decreto de 22 do *prairial* convencera da força de Robespierre, defendeu a necessidade do decreto. Bourdon (*de l'Oise*) ousou contestar. Robespierre insistio para que elle fosse discutido durante a sessão. «Depois que estamos livres das facções, disse elle com um movimento de cabeça, que indicava o lugar desoccupado de Danton, «discutimos e votamos em continente. Estas petições d'adiamento são affectadas neste momento.«

A admiração fez votar o decreto; porem a noite convenceu a Convenção de que votára a sua propria secure. Houveram conciliabulos entre os principaes adversarios de Robespierre. Estes conciliabulos foram algumas vezes em casa de Courtois, deputado moderado que aborrecia Robespierre pelas saudades que conservava de Danton, seu compatriota e amigo.

Ao abrir-se a sessão do seguinte dia, Bourdon (*de l'Oise*) ousou subir á tribana. Pedio que a Convenção se explicasse sobre o que pretendera fazer na vespera, e reservasse para si unicamente o direito de pôr seus proprios membros em accusação. Merlin apoiou Bourdon (*de l'Oise*) Uma explicação do decreto propria para desarmar Robespierre e as commissões foi adoptada.

Na sessão seguinte, Delbrel e Malarmé pediram outras explicações, que tambem afrouxavam o decreto. O cobarde Legendre apressou-se em repellir estas attenuações, para agradar áquelles, que elle a si proprio não perdoava haver inquietado. Couthon defendeu com energia a sua obra, lisongeou a Convenção, tranquillisou as commissões, reprehendeu Bourdon (*de l'Oise*). «Que mais diriam Pitt e Coborgo?» exclamou elle. Bourdon (*de l'Oise*) desculpou-se, mas com arrogancia: Que os membros das commissões saibam, disse elle, que se são patriotas, nós o somos tanto como elles. Eu estimo Couthon, estimo a commissão: porem estimo tambem a inabalavel Montanha, que salvou a liberdade!»

Robespierre irritado levanta-se. «O discurso, que acabais de ouvir, prova a necessidade de se explicar mais claramente,» disse elle. «Bourdon buscou separar a commissão da Montanha. A Convenção, a commissão, a Montanha, são a mesma cousa (*Applausos*) Cidadãos! quando os chefes d'uma facção sacrilega, Brissot, Vergniaud, Gensonné, Guadet, e os outros malvados, cujos nomes o povo francez nunca ha de pronunciar sem horror, se puzeram á testa d'uma parte desta augusta assembléa, era sem duvida o momento em que a parte pura da Convenção se devia reunir para os combater. Então, o nome da Montanha, que lhes servia como de asilo no meio desta tempestade, tornou-se sagrado porque designava a porção dos representantes do povo, que lutava contra a mentira; porem desde o momento em que estes homens cairam debaixo da espada da lei; em que a probidade, a justiça, os costumes são postos na ordem do dia, já não podem haver senão dois partidos na Conven-

ção: os bons e os máos. Só tenho direito de fallar esta linguagem á Convenção em geral, creio ter tambem o de a dirigir a essa Montanha celebre, á qual não sou por certo estranho. Julgo que esta homenagem, que parte do meu coração, vale tanto como a que sae da boca de qualquer outro.

«Sim, montanhezes, vós sereis sempre o baluarte da liberdade publica, mas nada tendes de commum com os intrigantes e perversos quaesquer que sejam. A montanha não é outra cousa mais que as alturas do patriotismo. Um montanhez é um patriota puro, razoavel, sublime. Seria ultrajar a Convenção consentir que alguns intrigantes, mais despresiveis que os outros porque são mais hypocritas, trabalhassem por attrahir uma porção d'esta montanha, e fazerem-se chefes de partido.» Bourdon (*de l'Oise*), interrompendo o orador, exclama: «Nunca foi minha intenção querer constituir-me chefe de partido.»

«Seria o excesso do opprobrio,» prosegue Robespierre com mais força, «que alguns dos nossos collegas, desvairados pela calumnia sobre nossas intenções, e fim de nossos trabalhos...»

Bourdon (*de l'Oise*) interrompendo-o outra vez: «Peço que se prove o que se diz. Mui claramente se acaba de dizer que eu sou um malvado.»

«Requeiro, em nome da patria,» prosegue Robespierre, «que a palavra me seja conservada. Não fallei em Bourdon: mas se quer reconhecer no retrato geral, que o dever me compellio a fazer, não cabe no meu poder estorval-o d'isso. Sim,» continua Robespierre em tom mais ameaçador, «a montanha é pura, é sublime, mas os intrigantes não são da montanha.» Muitas vozes exclamam: «Nomeai-os! nomeai-os!»

«Quando fôr preciso os nomearei,» replica Robespierre. E continua a fazer a descripção das intrigas, que inquietam a Convenção.

«Vindo em nosso soccorro,» disse elle concluindo; «não permittais que nos distingam de vós, pois que nós não somos mais do que uma parte de vós mesmos, e sem vós não somos nada. Dai-nos a força de levar o fardo immenso, e quasi superior a esforços humanos, que nos impozesteis. Estejamos sempre unidos, a despeito mesmo dos nossos inimigos communs...»

Os applausos da maioria não o deixam acabar de fallar. Pedem que o decreto seja posto a votos. Lacroix, Merlin, Tallien, se retractam. Robespierre desmente Tallien, sobre um facto de espionagem das commissões, que este acaba de denunciar á Convenção. «O facto é falso,» diz Robespierre; «mas o verdadeiro, é ser Tallien um d'esses, que fallam sem cessar com susto da guilhotina, como d'uma cousa, que lhes diz respeito, para inquietar e aviltar a Convenção. — A impudencia de Tallien é extrema,» accrescenta Billaud Varennes, «elle mente com uma audacia incrivel; porém cidadãos, unidos estaremos; os conspiradores hão de perecer, e a patria será salva!»

A commissão e Robespierre, reunidos por um perigo commum, se reuniram momentaneamente, n'esta sessão, para de viva força arrancar á Convenção a arma, que a devia dizimar. O triumpho de Robespierre foi completo. Na mesma noite, Tallien, que receava pela sua vida, escreveu a Robespierre uma carta confidencial, em que se lhe humilhava. Esta carta foi achada nos papeis de Robespierre só depois da sua morte. Attesta a omnipotencia do dictador, e o servilismo do representante.

«Robespierre,» lhe dizia Tallien, «as palavras terriveis e injustas, que proferistes, retumbam ainda em minha alma irritada. Vou com a franqueza d'um homem de bem dar-te algumas explicações: os intrigantes, que gostam de vêr os patriotas divididos, te rodeam ha muito tempo e te inspiram prevenções contra muitos de teus collegas, e mórmente contra mim. Não é esta a primeira vez, que assim usam. Devem lembrar-se do meu modo de proceder n'um tempo em que eu poderia exercer muitas vinganças. Louvo-me em ti. Pois bem, Robespierre! não mudei de principios, nem conducta; amigo constante da justiça, da verdade, e da liberdade, não me tenho desviado um só momento. Pelo que toca ás assersões, que me attribuem, nego-as. Sei que me pintaram aos olhos das commissões e aos teus como homem immoral; pois bem! que venham a minha casa, e hão de ver-me com a minha velha e respeitavel mãi no retiro, que occupavamos antes da revolução. D'elle é banido o luxo, e, á excepção d'alguns livros, o que possuo não tem augmentado um soldo. Posso ter commettido alguns erros, mas teem sido involuntarios e inseparaveis da fraqueza humana. Eis-aqui a minha profissão de fé e jámais d'ella me affastarei: é máo cidadão o que retarda a marcha da revolução. Taes são, Robespierre, os meus sentimentos. Vivendo só e isolado, tenho poucos amigos; porém eu hei de ser sempre o amigo de todos os verdadeiros defensores do povo.» Robespierre desprezou esta carta e não lhe respondeu. Não estimava elle assás Tallien para acreditar que uma tal penna se pudesse converter em punhal. Em revolução, nunca se desconfia assás dos homens servis. Elles só são perigosos.

XIV. — Robespierre, alguns dias depois, não atacou com menos imprudencia um homem mais destro e temivel que Tallien: era Fouché. Fel-o excluir da sociedade por haver prégado o atheismo em Nevers. Os odios, que accumulava de todas as partes contra si, começavam a fermentar mais ás claras no seio das commissões. Robespierre, Couthon e Saint-Just lhes pediam imperiosamente se servissem do decreto, que haviam obtido, para enviar ao tribunal revolucionario os homens que agitavam a Convenção. Estes homens eram principalmente: Fouché, Tallien, Bourdon (*de l'Oise*), Fréron, Thuriot, Robert, Lecointre, Barras, Legendre, Cambon, Leonardo Bourdon, Duval, Andouin, Carrier e José Lebon. Os comités indecisos hesitavam, Couthon apellou para os jacobinos: «A sombra de Danton, dos Hebert e Chaumette passeia entre nós,» lhes disse na sessão de 26. «Ella procura perpetuar os malles que estes conspiradores nos fizeram. A republica collocou toda a sua confiança na Convenção. Merece-a, mas existem ainda no seu seio alguns máos espiritos Chegou o tempo de desmascarar e punir os scelerados. Felizmente,» acrescentou elle, «seu numero é pequeno, talvez não passe de quatro ou seis. Caiam e morram os máos!»

Violentas altercações se suscitavam com frequencia, na commissão de salvação publica, entre Robespierre e seus collegas. Billaud-Varennes já não dissimulava suas suspeitas sobre o uso, que os triumviros se dispunham a fazer do decreto do *prairial*. «Então quereis guilhotinar toda a Convenção?» disse elle um dia a Robespierre. Carnot, o proprio Collot-d'Herbois, exprobravam, em termos injuriosos, a Robespierre a oppressão que sobre o governo fazia pesar. Carnot estava irritado contra Saint-Just, que desejava desorganisar seus planos militares com o desatino d'um mancebo. Vadier, presidente da commissão de segurança geral, participava da animosidade de seus collegas e a exprimia com mais rusticidade.

Na vespera do dia em que Elias da Lacoste devia fazer o seu relatorio sobre os cumplices de Ladmiral e de Cecilia Renault, Vadier se apresentou na commissão. «Amanhã,» disse elle a Robespierre, farei tambem o meu relatorio sobre um negocio, que depende deste, e proporei que seja accusada a familia Sainte-Amaranthe. — Não farás cousa alguma,» lhe disse imperiosamente Robespierre. «— Hei de fazel-o,» prosegue Vadier. «Tenho na mão todos os documentos, que provam a conspiração, hei de patenteal-a toda. — Provas ou não, se o fazes, ataco te!» replicou Robespierre. «— Tu és o tyranno da commissão de salvação publica!» exclama Vadier — «Ah! eu sou o tyranno da commissão de salvação publica!» responde Robespierre levantando-se e contendo apenas as lagrimas de colera, que aos olhos se lhe assomavam. «Pois bem! eu vos livro da minha tyrannia retirando-me. Salvai a patria sem mim, se podeis! Pelo que me diz respeito, estou resolvido, não quero renovar o papel de Cromwell» Robespierre retirou-se, com effeito, pronunciando estas ultimas palavras, e não voltou mais á commissão de salvação publica.

Uns encararam esta ausencia e esta abdicação voluntaria como fraqueza, outros como habilidade. A coragem, que até então Robespierre mostrara em presença de seus inimigos, e mostrou mais tarde á vista da morte, não permitte acreditar na fraqueza. Desde o momento em que Robespierre não podia domar as commissões pelo ascendente da sua vontade e da sua popularidade, judicioso lhe parecia separar-se ostensivamente de seus collegas. Deste modo se desencarregava da responsabilidade dos crimes, que iam assignalar a sua ausencia. Declarava-se por esta ausencia, em opposição de facto com o governo. Visto que meditava destruir a commissão, não podia ficar, aos olhos da opinião, cumplice dos seus actos. Abandonar as commissões, era uma denuncia muda, mais significativa e ameaçadora que vãs palavras. A nação ia ver porque lado se declarava a opinião publica, e quem prevaleceria, se um homem, ou a anarchia.

XV. — Porém a retirada de Robespierre não o desarmava completamente mesmo no seio da commissão. Elle conservava uma invisivel mão no foco do governo. Saint-Just acabava de partir outra vez para o exercito do Rheno. A sua ausencia deixara vaga na commissão de salvação publica a presidencia da repartição da policia central. Robespierre se incumbira de substituir seu moço collega. Dest'arte tinha na mão o fio de todas as tramas, que contra elle podiam urdir, e, pelos numerosos espiões desta policia, possivel lhe era involver seus inimigos em suas proprias machinações. Os papeis secretos, que em casa delle se acharam depois da sua queda, attestam a vigilancia, que assim exercia sobre todos os membros temidos da Convenção e das commissões. Em silencio accumulava as informações confidenciaes ácerca das opiniões de seus inimigos; registava seus procedimentos, notava as palavras e interpretava os pensamentos delles. Eis-aqui os testimunhos ou as suspeitas, que recolhia e consultava, para escolher, na hora da vingança, entre suas victimas e seus partidistas:

« Legendre, » lhe escreviam seus espiões, « foi visto hontem a passear com o general Perrin. A sua conversação era mysteriosa e animada. Separaram-se ás onze horas. Legendre entrou ao meio-dia na Convenção, e de lá sahio á uma hora. Alguem notou, em quanto elle andou passeando nas Tuillerias, que a sua physionomia tinha signaes de inquietação e tristeza. Um desconhecido se chegou a elle, e ambos andaram conversando em voz baixa.

« Thuriot sahiu ás sete horas, com uma mulher, de uma casa desconhecida, e conduziu a mulher ao jardim do palacio Egalité, onde andaram passeando por baixo das arvores, entraram n'outra casa para cear. A' meia noite, ainda não tinham sahido.

« Tallien demorou-se hontem nos Jacobinos até ao fim da sessão. Ao sahir, esperou por um homem armado de um pau, que o acompanha ordinariamente. Deram o braço e fallaram em voz baixa affastando-se para o lado do jardim *Egalité*, onde estiveram conversando até á meia noite. Tallien foi n'uma carruagem de aluguer para a rua de *Belle-Perle*. O homem do pau retirou-se, sem que pudessemos descobrir sua morada. Traz uma camisola encarnada e branca, com riscas largas; tem cabello louro. E' da idade de Tallien.

« Tallien não saiu de sua casa hontem até ás trez horas da tarde. Disse-nos um dos seus confidentes que, perguntando-lhe porque razão não fazia elle já fallar de si na Convenção, Tallien lhe respondera que andava desgostado desde que lhe haviam lançado em rosto na commissão o não ter feito guilhotinar bastante em Bordeaux. Tem agentes fieis, que o instruem de tudo o que nas commissões se passa. Anda escoltado, quando sae, por quatro cidadãos, que de longe o vigiam.

« Thuriot, Charlier, Fouché, Bourdon (*de l'Oise*), Gasten e Bréard tiveram esta manhã colloquios secretos na Convenção.

« Bourdon (*de l'Oise*) foi visto hontem na rua, immovel, reflectindo, indeciso para que lado se encaminharia.

« Tallien esteve esta manhã apressando livros por espaço d'uma hora, a um livreiro, no caes. Olhava constantemente para um e outro lado, com vista inquieta e suspeitosa. »

XVI. — Estas informações instruiam, a toda a hora, Robespierre dos passos de seus inimigos. Couthon observava por elle o interior da commissão de salvação publica, David e Lebas a commissão de segurança geral: Coffinhal o tribunal revolucionario: Payan a communa. Nenhum movimento, nenhum symptoma lhe podia escapar. As notas de sua propria mão revelam a sua continua meditação sobre os caracteres e os antecedentes dos homens, que elle se preparava destruir com as commissões, ou elevar ao governo. Nos seus manuscriptos secretos faz elle o cathalogo das suas suspeitas, ou das suas confianças.

« Dubois Crancé, » escreve elle, « no caso da lei, que banio de Pariz por haver usurpado falsos titulos de nobreza, recambiado como intrigante do exercito de Cherbourg. Disso que convinha exterminar até ao ultimo Vendeano. Amigo de Danton; partidario d'Orleans, com o qual estava estreitamente ligado.

« Delmas, outr'ora nobre, intrigante mal conceituado, colligado com a Gironda, amigo de Lacroix, confidente de Danton; tem relações com Carnot.

« Thuriot nunca foi mais que um partidario d'Orleans. O seu silencio depois da queda de Danton contrasta com o seu muito fallar antes d'esta epoca. Agita encobertamente a montanha e incita as facções. Ia aos jantares de Danton e Lacroix a casa de Gusman, e a outros lugares suspeitos.

« Bourdon (*de l'Oise*) cobrio-se de crimes na Vendéa, onde buscava o prazer, em suas orgias com o traidor Tunck, de matar so dados com a sua propria mão. Ao furor ajunta elle a perfidia. Foi o mais vehemente defensor do systema d'atheismo. No dia da festa do Ente Supremo, proferio a este respeito, em presença do povo, os mais grosseiros sarcasmos. Fazia notar com affectação a seus collegas as mostras de favor que o povo me dava. Ha dez dias que achando-se em casa de Boulanger ali encontrou uma rapariga, que é sua sobrinha. Pegou em duas pistolas, que estavam sobre a chaminé. A rapariga disse-lhe que estavam carregadas. — Pois bem! disse elle, se me mato, dirão que me assassinaste, e serás guilhotinada! Desfechou as pistolas sobre a rapariga: mas não se dispararam, porque não tinham escorva. Este homem passeia de continuo com o ar do assassino, que medita um crime. Parece perseguido pela imagem do cadafalso e pelas furias.

« Leonardo Bourdon, intrigante despresado em todos os tempos, um dos cumplices inseparaveis de Hebert; amigo de Clootz. Foi um dos primeiros, que introduziram na Convenção o uso de a aviltar por formas indecentes, assim como de fallar alli com o chapéo na cabeça e apparecer em trajo cynico.

« Merlin, famoso pela capitulação de Moguncia, mais que suspeito de haver recebido o preço d'ella.

« Montaut, n'outro tempo marquez, buscando vingar a sua casta humilhada por suas denuncias continuas contra a commissão de salvação publica. »

XVII. — Em opposição com estes homens de suas desconfianças, Robespierre inscrevia os nomes dos que se propunham chamar ás grandes funcções da republica. Eram estes Hermann para a administração; Payen ou Julien para a instrucção publica; Fleuriot para chefe da municipalidade de Pariz; Buchot ou Fourcade para os negocios estrangeiros; d'Albarado para a marinha: Jaquier, cunhado de Saint-Just; Coffinhal, Subleyras, Arthur, Darthé, um grande numero d'outros nomes pouco conhecidos, escolhidos até entre os operarios, mas notados de zelo, patriotismo e virtudes civicas.

A par d'estes nomes caidos da penna para os encontrar no dia do seu poder, choviam aos centos cartas assignadas ou anonymas, que votavam, no mesmo momento, ao tyranno da Convenção a apotheose ou a morte. Estas cartas attestavam igualmente, pelo enthusiasmo ou invectiva, a grandeza d'este nome, que enchia por si só tantas imaginações na republica.

« Tu, que alumias o universo por teus escritos, » diz uma d'estas cartas, « enches o mundo da tua fama;

teus principios são os da natureza, a tua lingoagem a da humanidade; tu restitues os homens á sua dignidade natal. Segundo criador, regeneras o genero humano!

« Robespierre! Robespierre! » diz outra, « eu o estou vendo, encaminhas-te á dictadura e queres matar a liberdade. Conseguiste fazer perecer os mais firmes apoios da republica. Assim é que Rechelieu chegou a dominar fazendo correr sobre os cadafalsos o sangue de todos os inimigos de seus planos. Soubeste prevenir Danton e Lacroix, saberás prevenir o ataque repentino e de vinte e dois outros Brutus como eu? Trinta vezes tenho já tentado cravar-te no peito um punhal envenenado. Quiz repartir esta gloria com outros! Has de perecer pela mão, que não suspeitas, e que aperta a tua! »

« Eu vi-te, » diz uma terceira carta, « ao lado de Péthion e de Mirabeau, estes pais da liberdade, e agora já não vejo senão a ti são no meio da corrupção, em pé no meio das ruinas. Confia a ti só a execução de teus designios. Serás nos seculos futuros reputado como a pedra angular da nossa constituição! »

« Ainda vives, tigre sequioso do sangue da França, » lê-se n'outra parte, « algoz da tua patria! Vives ainda! mas a tua hora avisinha-se: esta mão, que teus olhos buscam descobrir, está sobre ti alçada. Todos os dias estou comtigo; todos os dias, a toda a hora, busco o lugar de te ferir. Adeus, esta mesma noite olhando para ti, vou gozar do teu terror! »

N'outra parte lê-se: Robespierre, columna da republica, alma dos patriotas, genio incorruptivel, Montanhez instruido, que vês, prevês e frustas tudo, verdadeiro orador, verdadeiro philosopho, tu, que eu só conheço, como a Deus, por suas maravilhas; a coroa, o triumpho vos são devidos esperando que o incenso civico fume ante o altar, que vos havemos de elevar, e que a posteridade ha de reverenciar quando os homens conhecerem o preço da liberdade e da virtude! »

« Não podeis escolher momento mais favoravel, » lhe escrevia Payan, o seu mais instruido confidente na commuua, « para ferir todos os conspiradores! Fazei, eu vol-o repito, um relatorio vasto, que abranja todos os conspiradores, que mostre todas as conspirações reunidas hoje n'uma só; que n'elle se vejam os Tayettistas, os realistas, os federalistas, os Hebertistas, os Dantonistas e os *Bourdons*! ... Trabalhai em grande! ... Esta carta poderia perder-me, queimai a! »

XVIII. — No meio d'estas correspondencias publicas, outras domesticas destraiam a attenção do homem d'Estado. « Nossa irmã, » lhe escrevia seu irmão, « não tem uma só gota de sangue, que se assemelhe ao nosso. Constáram-me e vi d'ella tantas cousas, que a conceituo como a nossa maior inimiga. Abusa da nossa reputação sem mancha para nos dar a lei e ameaçar-nos de dar um passo escandaloso, que nos perderia. Importa tomar um partido decidido contra ella, fazel-a partir para Arras, e affastar assim de nós uma mulher, que é causa da nossa desesperação. Ella quereria dar-nos a fama de mãos irmãos! »

— « E' pois indispensavel para vossa tranquillidade que eu esteja longe de vós, » lhe escrevia esta irmã. » Importa mesmo, pelo que dizem, á causa publica que eu não continue a viver em Pariz. D'amanhã em diante podereis entrar no vosso quarto sem receio de lá me encontrar. Que a minha residencia em Pariz não vos inquiete. Tenho cuidado de não associar os meus amigos á minha desgraça. De poucos dias careço para socegar a desordem de minhas idéas, e decidir-me ácerca do lugar do meu exilio. O bairro em que habita a cidadã Laporte, em cuja casa me refugio provisoriamente, é de toda a republica o sitio em que posso estar mais ignorada. »

Porém se Robespierre não se deixava distrair da vigilancia sobre os seus inimigos pelos cuidados domesticos, pela sua extrema indigencia, pelas adorações, nem pelas ameaças de seus correspondentes, tambem as commissões não deixavam dormir seus odios, nem suas occultas conspirações contra elle. Billaud-Varennes, Collot-d'Herbois, Barrere, Vadier, Amar, Elias Lacoste, procuravam, por um augmento do terror, premunir-se, perante a Convenção e os Jacobinos, contra as accusações de indulgencia, que Robespierre poderia dirigir-lhes. D'outra parte, buscavam fazer recair sobre elle só as execuções do tribunal revolucionario, e represental-o, em suas confidencias, como o insaciavel dizimador dos seus collegas.

« Que elle nos peça as cabeças de Tallien, de Bourdon, de Legendre, pode discutir-se! » dizia Barrere « Mas as cabeças de todos os chefes da Convenção que o inquietam não se pode condescender com taes exigencias de sangue.

Faziam correr, pelos bancos, as suppostas listas das cabeças que Robespierre pedia, para estimular pelo terror aquelles, que o não eram pela invenja. Moisés Bayle, membro influente da commissão de segurança geral, confessou um dia a duplicidade da commissão em suas relações com Robespierre. « Tallien, » dizia Moisés Bayle, « commetteu tantos crimes, que de quinhentas mil cabeças não conservaria uma se lhe fizessem justiça. A commissão possue as provas e os documentos. Porém basta que Robespierre o ataque para guardarmos silencio.

Os homens que Robespierre ameaçava, eram avisados pelos cuidados da commissão. Conciliabulos nocturnos se celebravam, umas vezes em casa de Tallien, outra em caza de Barras, entre Lecointre, Fréron, Barras, Tallien, Garnier (*de l'Aube*). Rovére, Thirion, Geoffroy e os dois Bourdons, N'estes conciliabulos concertavam os meios de despopularisar a fama, evitar ou prevenir os golpes de Robespierre, desmascarar a sua ambição, e estigmatizar a sua tyrania. O perigo extremo, o mysterio profundo, o cadafalso levantado e visinho, davam a esta opposição nascente o caracter, o segredo, a desesperação d'uma conjuração. Tallien, Barras e Fréron eram a alma d'ella. Estes tres deputados, chamados da sua missão de Bordéaux, Marsele e Toulon, e ameaçados da conta severa, que Robespierre lhes pedia, haviam deixado com custo a omnipotencia de suas funcções. Largo tempo proconsules absolutos, arbitros soberanos da vida e despojos, custava-lhes o voltar para simples deputados e tremer sujeitos a um senhor. O poder dictatorial, que nos exercitos havião exercido, o habito dos combates, o orgulho das victorias, os serviços feitos á republica, o uniforme, que haviam usado á frente das columnas, tudo isto dava alguma cousa de mais marcial e repentino a suas resoluções. Os acampamentos ensinam a desprezar as tribunas. Barras, Fréron, Tallien formavam no meio d'estes homens de palavra, o principio e o centro d'um partido militar, prestes a cortar com a espada, o nó da trama que em torno d'elles se estreitava. Tallien inspirava nos conjurados o desespero, Fréron a vingança, Barras a confiança. Conspiradores á similhança de Danton, esquecendo nas revoluções os principios para n'ellas vêrem unicamente as circunstancias; mais amantes do poder e do gozo que das instituições, e querendo salvar a todo o custo suas cabeças em vez de as levar com resignação ao cadafalso: operar, prevenir e ferir era toda a sua tactica.

LIVRO LIX.

I — Em quanto estes homens, chamados depois os *Thermidorianos*, preparavam os meios de abater pela força a tyrannia, occupavam-se as commissões com mais astucia dos meios de compromettter Robespierre na opinião publica e na Convenção. Para lutar de influencia contra elle ante os Jacobinos, era indispensavel lutar de rigor e ferocidade na applicação da lei terrivel de 22 do *prairial*. Por isso nunca o terror ferio em massa mais culpados, suspeitos e innocentes, que depois que Robespierre resolvera pôr-lhe um termo. Fouquier-Tinville, os jurados e os algozes não podiam bastar para a immolação quotidiana ordenada pelas commissões. A de segurança geral principalmente, que se conservara na sombra e fizera um papel subalterno, em quanto Robespierre dominava e escurecia tudo na commissão de sal-

vação publica, havía-se feito insaciavel de proscripções depois da sua ausencia. Havia uma emulação de rigor e morte entre as duas commissões. Vadier, Amar, Jagot Luiz do Baixo Rheno, Vouland, Elias Lacoste, membros dominantes da commissão de segurança geral, igualavam em ardor Collot-d'Herbois e Billaud-Varennes. Acompanhavam a morte com sarcasmos. « Isto vai bem, a colheita é boa, os cestos enchem-se, » dizia um assignando longas listas de remessa ao tribunal revolucionario. — « Eu vi-te na praça da Revolução ao espectaculo da guilhotina, » dizia outro — « E' verdade, » respondia este, « fui rir da figura, que fazem esses malvados. — Vão espirrar no saco, » dizia um terceiro, « Vou muitas vezes assistir aos supplicios. — Vamos lá ámanhã, » replicava um mais sanguinario, « haverá uma grande decoração. » Estes homens iam effectivamente contemplar ás vezes as execuções das janellas d'uma casa visinha. Prodigos de sangue, eram porem integros de despojos. Billaud-Varennes, morrendo de miseria em Cayenne, não tinha a reprehender-se de haver roubado nem um obulo á republica, que dizimara.

Vadier, chegado ao ultimo termo de seus annos, desterrado e mendigo em terra estranha, dizia ao filho d'um dos homens, que ao cadafalso enviara : « Tenho noventa e dois annos. A força de minhas opiniões prolonga meus dias. Não ha em toda a minha vida um unico acto de que me argua, senão o haver desconhecido Robespierre e tomado um cidadão por um tyranno. »

Levasseur, Montanhez exaltado, proscripto e indigente em Bruxellas, exclamava em presença d'um compatriota seu que o ia lastimar na sua caducidade : « Ide dizer aos vossos republicanos de Pariz que vistes o velho Levasseur fazendo a sua cama, para aliviar a sua fiel companheira de oitenta annos, e escumando com a sua propria mão a panella de feijões, unico alimento da sua miseria. — E que pensais hoje de Robespierre ? » lhe perguntou o moço francez. « — Robespierre ! » respondia Levasseur, « não pronuncieis o seu nome, é o nosso unico remorso : a Montanha estava cercada d'uma nuvem quando o immolou. » O velho Souberbielle fallava do mesmo modo no seu leito de morte. As revoluções mais sanguinolentas, » exclama elle, são as conscienciosas. Robespierre era a consciencia da Revolução. Elles o immolaram porque não o comprehenderam. » Assim a consciencia e a opinião se haviam de tal modo confundido na alma dos homens d'aquelle tempo, que, mesmo depois de largos annos, tomavam ainda uma pela outra, e mostrando suas mãos vasias de rapinas, julgavam levar a Deus e á posteridade uma vida pura de exprobrações, e orgulhosa da constancia d'uma theoria fanatica, que a mesma velhíce não tinha alumiado, nem arrefecido.

II. — Porem alguns dos proscriptores se haviam de tal sorte habituado ao sangue, que misturavam a morte com as elegancias, delicias e devassidões da sua vida. Crueis pela manhã, voluptuosos á tarde, saiam das commissões, do tribunal ou da praça do cadafalso, para se assentarem a mezas sumptuosas, gozar da muzica e da poesia nos camarotes fechados, ou respirar nos jardins em torno de Pariz, com mulheres faceis, o esquecimento dos negocios publicos, a serenidade da estação e o descanço da paz. Pareciam apressados em dar aos gozos horas, que as facções podiam a cada minuto abreviar. Com indifferença manejavam elles, contra seus inimigos, o cutello que esperavam resignados para si proprios. Estas casas dos campos eram algumas vezes conciliabulos, como os dos Dantonistas em Sevres.

Barrere especialmente era homem de requinte e elegancia, adulador da revolução mais que do apostolo da virtude republicana. Haviam-no appellidado o *Anacreonte da guilhotina*, porque introduzia em seus relatorios imagens benignas, misturadas com os decretos sinistros como flores lividas sobre o sangue. Havia mobilado na aldeia de Clichy uma casa de recreio, á qual se retirava duas vezes por semana. Ali preparava, segundo dizem, esses relatorios em que ordenava ao seu estylo tomasse assento, e tom, e formas de todos os partidos dominantes. Tambem lá conduzia os epicureos da revolução, e entre outros o financeiro Dupin, famoso pelo seu relatorio ácerca dos sessenta rendeiros geraes, que á morte fisera condemnar em massa, e pela sua propensão para os prazeres da meza. Mulheres formosas e artistas, orgulhosas de se approximarem dos chefes da republica, assistiam a estes banquetes de Clichy. Voluveis como o prazer, mas discretas como a morte, estas mulheres ouviam tudo sem conservar na memoria cousa alguma. Amar, particular amigo de Dupin, Vouland, Jagot, Barras, Fréron, Collot d'Herbois, e o severo Vadier, iam ás vezes a este retiro para tratar com Barrere e outros convencionaes inimigos de Robespierre. O pretexto do prazer dissimulava a conjuração. Ninguem suspeitava, a conspiração naquellas horas de occio. E com tudo ella tecia-se.

III. — Barrere e seus collegas julgavam-se obrigados a fingir um patriotismo cada dia mais desconfiado, para evitar a suspeita de moderantismo, e não cessavam impellir a Convenção aos rigores implacaveis. Robespierre, da sua parte para conservar o seu ascendente sobre as commissões e intimidal-as de suas accusações, julgava-se obrigado a exaggerar em si o typo do patriotismo inflexivel. Os Jacabinos pareciam não reconhecer já a pureza revolucionaria senão no excesso das suspeitas Aquelle dos dois partidos, que primeiro afroxasse o nervo do terror tinha acerteza de succumbir no mesmo instante á accusação de fraqueza, ou cumplicidade com os inimigos da republica. O terror já não era só um arrebatamento, e sim tactica ; quanto menos o queriam, tanto mais o fingiam por ambas as partes. O sangue de innumeraveis victimas servia só de tingir a mascara d'esta exacravel hypocrisia do patriotismo.

Já vimos que depois da tentativa d'assassino contra Collot-d'Herbois, e da apparencia do mesmo crime contra Robespierre, os membros exaltados das commissões de segurança geral haviam resolvido comprehender na accusação de Ladmiral e de Cecilia Renault um grande numero de pretendidos cumplices inteiramente estranhos aos dois accusados. Assim simulavam elles uma sollicitude cruel pela vida de Robespierre e uma vingança estrondosa de seus perigos. Elias Lacoste terminou o relatorio para o qual Vadier concorreu. Recordar-se deve que Vadier implicára na accusação uma multidão de innocentes ; que Robespierre se opposera com energia a esta parte do relatorio ; que Vadier insistira com a rispidez d'um inquisidor, que conserva a sua pureza ; e que esta altercação, degenerando em contenda e violencia, fôra o motivo da derrota de Ropespierre, de suas lagrimas de colera e difinitiva retirada da commissão. Eis-aqui as circumstancias, suas causas secretas e suas consequencias sobre a dupla conspiração, que se tramava d'um lado na intimidade de Robespierre, e do outro nos conciliabulos das duas commissões. O tempo manifestou o encadeamento de factos que pareciam estranhos uns aos outros.

IV — A alma humana carece do sobrenatural. A rasão só não basta para explicar aqui na terra a sua triste condição. E' lhe mister o maravilhoso e os mysterios. Os mysterios são a sombra levada ao infinito sobre o espirito humano. Provam o infinito sem o explicarem.

O homem busca eternamente penetrar estas trevas. Todos os povos, todas as idades, todas as civilisações tiveram seus mysterios. Puerís no povo, sublimes nos philosophos, elles sobem das sibyllas a Platão, e descem de Platão aos mais objectos charlatães. Depois que a philosophia do XVIII seculo destruiu as superstições da idade media no espirito da Europa, a paixão do sobrenatural mudou, não de natureza e credulidade, mas de objecto. Nunca o mundo intellectual foi fascinado por maior numero de doutrinas occultas, de philosophias chimericas ou de theosophias transcendentes. Swedemborg, na Suecia, Weipsaut sobre o Rheno, o conde de São Germano, Bergasse, Saint-Martin em França, os franc-maçons : os rosas cruzes, os illuminados e os theistas em toda a parte, fundaram escolas, recrutaram adeptos, sonharam mysterios. As credulidades mysticas succediam de todas as partes ás populares. A revolução agitando mais a imaginação dos homens, não diminuio esta inclinação instin-

tiva da humanidade para o maravilhoso; exaltou-a, pelo contrario, até ao delirio em certas almas, e mesmo nas massas. Quanto maiores são os acontecimentos, mais geraes as catastrophes, e tragicos os destinos, tanto mais reconhece o homem a sua insufficiencia, e mais julga ver a mão de Deus mover os acontecimentos, os homens e as cousas, que se agitam, desabam ou surgem em torno de nós. D'esta disposição do espirito humano para o sobrenatural, e do vacuo, que a desapparição do culto antigo deixava nas almas, nasceu uma seita religiosa e politica, que recrutava milhares de sectarios na população avida de cousas novas.

V. — Havia então, n'um bairro remoto e sombrio das extremidades de Pariz, uma velha chamada Catharina Théos, ou a Mãi de Deus. Esta mulher, toda a sua vida possuida da propria imaginação, e enfraquecida tambem pela caducidade da intelligencia, acreditava, ou fingia acreditar, que era dotada dos dons sobrenaturaes de visão e prophecia. Pythonisa caduca d'um outro Endor, vio um novo Saul em Robespierre. Proclamava-o o eleito de Deus. Mostrava n'elle aos seus adeptos o salvador de Israel, o regenerador da verdadeira religião, o fundador da ordem perfeita sobre a terra. Um antigo cartuxo, chamado D. Gerle, confundindo em sua cabeça o mysticismo do seu primeiro estado com a paixão d'uma transformação riligiosa do mundo, ligou-se com a prophetiza da rua Contrescarpe, pelo attractivo, que ao maravilhoso attrahe a credulidade. D. Gerle fez-se o primeiro discipulo d'esta inspirada. Recolhia e explicava seus oraculos. D. Gerle fundou com ella uma especie de egreja, onde os fieis em multidão iam receber a iniciação e as revelações do novo culto. Ceremonias singulares, uma linguagem metaphorica, inspirações convulsivas, obsessões do Espirito santo, raparigas d'uma formosura celeste, apparições, cantos, musicas, beijos fraternaes, o mysterio, que cobria o sanctuario, tudo dava a esta religião nascente os prestigios da alma e dos sentidos. Em todas as communicações sobrenaturaes da sacerdotiza com os neophytos, a revolução era assignalada como a vinda do espirito divino sobre a cabeça do povo. Os sacerdotes e os reis deviam desapparecer da face do universo. Robespierre era representado em termos mysteriosos, como o Messias, ao mesmo tempo religioso e politico, que devia regularizar e referir tudo a Deus. O povo iniciava-se em chusma n'esta fé.

VI. — D. Gerle fôra membro da assembléa constituinte, onde já se havia manifestado a sua inclinação para as credulidades pias. A' tribuna d'esta assembléa levara elle as suppostas revelações d'uma rapariga chamada Suzanna Labrousse. Um riso universal acolheu estas puerilidades. Suzanna Labrousse, repellida de Pariz, fôra prophetizar a Roma, onde morreu, martyr innocente da sua propria allucinação, nas masmorras do castello de Santo Angelo. D. Gerle obstinava-se em suas visões. Assentado ao lado de Robespierre na assembléa, e participando das theorias regeneradoras do deputado de Arras, não cessara, desde esta época, de conservar com elle relações de familiaridade, que chegavam até ao enthusiasmo e ao culto. Robespierre recebia muitas vezes o antigo frade em caza de Duplay: tinha por D. Gerle a affeição e a indulgencia, que um genio superior tem pela credulidade, que o admira. Facilmente perdoa o homem á superstição de que é objecto.

D. Gerle fallava muitas vezes a Robespierre nas prophecias de Catharina Théos ácerca da sua grandeza futura. Robespierre não era supersticioso. A sua religião era uma logica. Julgava a razão tão divina, que sem cessar a proclamava o unico dogma e a unica providencia do genero humano. O fim dos seus trabalhos, e o espirito das suas instituições, era fazel-a dominar só e sem auxiliar sobre as nações. Porém seja que a sua elevação produzisse em fim em Robespierre uma certa superstição para comsigo mesmo, ou pretendesse inspirar esta superstição aos outros para fortalecer a sua popularidade com um sobrenatural; seja antes que elle quizesse attrahir a si o favor d'essa parte da nação, que se lembrava dos antigos tempos, e deixar esperar uma reconstrucção do christianismo, Robespierre tolerava, se não favorecia, as reuniões de Catharina Théos. Era o seu ponto de contacto com o catholicismo, e com o espirito religioso que elle queria prender a si como uma das formas sociaes. Recebia cartas da prophetiza e seus adeptos, dictadas, segundo diziam pelo espirito revelador. Haviam na proclamação do Ente supremo, nos symbolos d'esta ceremonia, nos mesmos nomes, que elle déra a Deus e á natureza, similhanças com os nomes, ceremonias e signaes do culto encoberto. A opinião bem ou mal fundada do publico era que Robespierre queria realizar na sua pessoa um pontificado supremo; que as tentativas de D. Gerle, seu confidente, eram um ensaio de organisação religiosa; e que fazer-se iniciar n'ella era lisongear o dictador pela sua fraqueza ou pela sua ambição. Esta preoccupação trazia mais neophytos ao cenaculo da rua Contrescarpe, do que a fé.

VII. — Ora, existia pelo mesmo tempo n'uma das mais sumptuosas casas do centro de Pariz, recentemente edificada pelo philosopho Helvetius, uma mulher moça, de formosura incomparavel, se não tivesse uma filha de dezeseis annos tão formosa e seductora como sua mãi. Chamava-se esta mulher a sr.ª de Sainte Amaranthe. Posto que se intitulasse viuva d'um fidalgo morto nas desordens de 5 e 6 d'outubro defendendo a porta da rainha em Versailles, e mostrasse as apparencias, o tom e o luxo d'uma grande existencia, havia comtudo acerca d'esta mulher, da sua origem e habitos, um mysterio, que deixava fluctuar a opinião entre a admiração da sua belleza, o respeito a seus infortunios e a ambiguidade do seu papel na sociedade.

Sua casa, attrahente por tantos titulos, tinha reunido pelo gosto das artes, do jogo e dos prazeres, desde o principio da revolução, os homens eminentes de todas as facções: os realistas, os constituintes, os Orleanistas, os Girondinos alternativamente: Mirabeau, Sieyès, Pethion, Chapellier, Buzot, Louvet e Vergniaud haviam successivamente frequentado a sua casa. As graças das senhoras de Sainte-Amaranthe, e a seducção do seu espirito haviam obliterado em roda della as côres, e entulhado os abysmos entre as opiniões.

A senhora de Sainte-Amaranthe conservava ainda assim uma affeição ostensiva ás recordações e esperanças da realeza. Estava com os realistas da antiga aristocracia, tinha em suas salas, sem grande mysterio, os retratos do rei e da rainha; não dissimulava a sua veneração a estas imagens proscriptas de melhor tempo. O prestigio de seus attractivos parecia arredar della o perigo. A natureza a defendia contra o cadafalso.

Um mancebo da antiga côrte, filho de senhor de Sartines, ministro da policia de Pariz, acabava de esposar a filha da senhora de Sainte-Amaranthe. O senhor de Sartines, havia tido relações com uma actriz do theatro dos Italianos, a senhora Grandmaison. Posto que abandonada pelo seu amante, esta moça actriz lhe escrevia ainda, e o informava dos progressos ou diminuição do terror. Sartines, movido de tanta constancia, ía algumas vezes a Pariz, via secretamente a sua antiga amante. Sabia por ella os segredos da policia, que a senhora Grandmaison arrancava a Trial, actor do mesmo theatro, patriota impetuoso e amigo de Robespierre.

As esperanças de clemencia concebidas no momento da proclamação do Ente Supremo eram uma cilada em que os realistas, os suspeitos e os proscriptos gostavam em se deixar cahir. Em toda a parte se fallava só da omnipotencia do novo Cromwell ou do novo Monk, de suas tentativas para acabar as perseguições religiosas, de seus desejos de derribar o cadafalso, do seu genio para reconstruir a ordem, e das reservadas tenções de reinado ou restauração de reinado, que lhe suppunham. Os destroços espalhados dos partidos religioso e realista se consolavam com estes sonhos. A popularidade de Robespierre era talvez maior neste momento no partido das victimas que no dos algozes. A senhora de Sainte-Amarante deslumbrou-se com isto. Quiz voltar a Pariz, e abrir outra vez a sua casa ás festas e prazeres no meio do luto geral. Fiava-se ella no genio de Robespierre; ardia em desejo de o conhecer, seduzir e attrahir ás suas opiniões. Debalde a senhora Grandmaison, receando pe-

lo seu amante, escrevia ao senhor de Sartines que o momento era sinistro, que as commissões e Robespierre se achavam em luta que o ferro da guilhotina estava indeciso entre uma moderação esperada e um terror mais activo. A senhora de Sainte-Amaranthe só escutou suas illusões, e arrastou sua filha, seu genro, e um menino de quinze annos, seu filho, a Pariz.

VII. — Aqui, ella se confirma cada vez mais, pela conversa de alguns amigos, nas disposições, que suppunha ao triumviro. Estas disposições lhe foram sem duvida insinuadas por agentes de Robespierre, que neste momento buscava reunir tudo ao seu nome, até os realistas, pelo vago das esperanças.

O senhor de Quesvremont, outr'ora familiar da casa d'Orleans, sollicitando então a familiaridade de Robespierre, fez participar á senhora de Sainte Amarante do seu enthusiasmo pelo homem predestinado, disia elle, que só esperava a occasião em que seus designios estivessem maduros, e que não havia de conceder ao terror senão o que ainda não era permittido arrancar-lhe. Discipulo fanatico de Catharina Théos, Quesvremont fallou á senhora de Sainte-Amaranthe do novo culto, como d'uma profunda concepção do restaurador da ordem, e lhe inspirou, assim como a sua filha e genro, o desejo de se fazerem iniciar. Era isto um acto, dizia elle, que inspirava confiança a Robespierre. Uma marqueza de Chastenais, ardente realista mais ardente adepta da *Mãi de Deus*, acabou de determinar a senhora de Sainte-Amarante a esta filiação. Sartines, sua sogra, e sua mulher foram introduzidos na habitação da *Mãi de Deus*. Estas duas bellas realistas receberam na testa o beijo de paz da enferma sybilla, que devia em breve ser para ellas o beijo da morte.

Seja que esta condescendencia das duas senhoras fosse com effeito um penhor aos olhos de Robespierre, ou que alguem fizesse penetrar no espirito delle o desejo e o orgulho de ver as duas mais celebres bellezas de Pariz inclinar-se ante o seu genio; seja antes que pretendesse captar por ellas os partidos proscriptos para os ligar á ordem regular, que meditava, o certo é que Robespierre consentiu n'uma reunião com as suas duas admiradoras Trial. homem de theatro e amigo commum, conduziu Robespierre a casa da senhora de Sainte-Amaranthe, onde o receberam como dictador, que consente em deixar antever seus designios, e se assentou á mesa no meio de um circulo de convidados escolhidos por elle. Ali respirou o enthusiasmo; e deixou-se reprehender brandamente pelos excessos, que consentia muito tempo. Fallou como homem, que voltaria só contra os culpados a guilhotina, que feria ainda tantos innocentes. Patenteou um pouco os seus designios, para nelles deixar luzir a esperança.

IX. — Por indiscripção de seus hospedes, ou infidelidade dos convidados, a commissão de segurança geral teve noticia d'estas entrevistas e meias confidencias. Vadier havia já feito introduzir um de seus agentes, Sénart, nas reuniões da *Mãi de Deus*, para alli observar os pensamentos e notar os nomes dos principaes adeptos. Vadier sabia que Robespierre era o idolo della, e o suppunha seu instigador. Desde o dia 26 do prairial Vadier o suspeitava querer atrahir a si o povo pelas superstições, de lisongear a classe superior por presagios de clemencia. Vadier quiz apanhar Robespierre simultaneamente em ridiculo e em traição. Não se atrevia a atacar directamente um nome, que repellia a suspeita e desconcertava a agressão. Esperava deste modo lançar indirectamente sobre aquelle nome um ridiculo, que havia reflectir sobre o seu poder. Era além disto ousada empresa mostrar pela primeira vez á Convenção que os amigos de Robespierre não eram puros, nem seus sectarios inviolaveis.

A commissão de segurança geral, secretamente de accordo com a maioria da commissão de salvação publica e com os conspiradores da reunião Tallien, ordenou a prisão de Catharina Théos e seus principaes adeptos. As commissões ordenaram ao mesmo tempo a prisão da marquesa de Chastenais, do sr. de Quesvremont, de Sartines e de toda a familia de Sainte Amaranthe, sem exceptuar o filho, que ainda não tinha dezeseis annos. Mandaram tambem prender a sr.ª Grandmaison e o seu criado Biret. Resolveram confundir todas estas accusações, estranhas umas ás outras, no grande acto de accusação, que Elias Lacoste estava redigindo contra Ladmiral e Cecilia Renault sob o titulo generico e vago de *conspiração do estrangeiro*. Vadier fôra incumbido de redigir o relatorio preliminar contra a seita de Catharina Théos Louvaram se na malignidade deste velho para dar ás puerilidades de D. Gerle as côres carregadas d'uma conjuração, e um verniz de ridiculo, que destingio o nome de Robespierre.

X. — Este nome que todos sabiam achar-se envolvido no fundo deste negocio, devia ser tanto mais visivel quanto menos pronunciado fosse por Vadier. Robespierre previo o golpe de antemão. Porém o punhal estava embuçado no respeito. Não podia tomar abertamente a defeza destes sectarios no momento em que o accusavam a elle proprio de querer avivar as superstições para sanctificar a sua dictadura. Tinha trabalhado para fazer adiar, a pretexto de desprezo, a leitura do relatorio de Vadier á Convenção. Vadier fôra inflexivel. Indispensavel lhe foi por tanto soffrer em silencio os sarcasmos do relator, os sorrisos do auditorio, e as insinuações malignas contra o seu papel de Mahomet. O ridiculo desflorára este nome terrivel, a suspeita lançára sua sombra sobre esta incorruptibilidade. Os amigos de Robespierre o conheceram. Advertiam-o confidencialmente de se precaver de Vadier, especie de Brutus fingindo rusticidade para dissimular o odio. «Fazei todos os vossos esforços,» escrevia Payan a Robespierre, «para diminuir aos olhos da opinião a importancia, que pretendem dar ao negocio de Catharina Théos, e convencer o povo de que ser ella uma charlataneria pueril, que só merece o riso e o desprezo dos homens serios.»

Finalmente, pouco tempo depois, Elias Lacoste fez o relatorio do decreto, que propunha a remessa de todos os accusados ao tribunal revolucionario. N'elle se viam, implicados com o assassino Ladmiral e Cecilia Renault, o pai, mãi e até os irmãos desta rapariga, o sr. de Sartines, a sr.ª de Sainte Amaranthe, de Sartines, sua filha, seu filho, que não tinha ainda a idade do crime, Laval Mont-morency, Rohan-Rochefort, o principe de Sainte Maurice, Sombreuil pai, seu filho, escapados aos assassinos de septembro, o sr. de Pons, Michonis, municipal do Templo, culpado de compaixão e decencia para com as princezas captivas; a sr.ª de Lamartinière viuva d'Epréménil; finalmente a actriz Grandmaison, punida pelo amor de Sartines, e até o criado desta actriz, castigado pela affeição a sua ama. A estes sessenta accusados ajuntaram o porteiro da casa, em que Ladmiral tentára assassinar Collot d'Herbois, e a mulher deste porteiro: «culpados ambos,» dizia o accusador, «de não mostrarem bastante alegria quando o assassino fôra preso!»

XI. — Robespierre, ouvindo os nomes da sr.ª de Sainte Amaranthe e sua familia, ficou em silencio. Receiava dar mostras de proteger os contra-revolucionarios. Bem sabia que era o seu nome, que atacavam; mas retirava com temidez este nome, para não parecer atacado elle mesmo; situação deploravel dos homens, que tomam a popularidade em vez da consciencia, por arbitro da sua politica. Cobrem-se com o corpo de victimas innocentes em lugar de se cobrirem com a sua intrepidez!

Estes sessenta e dois accusados suppostos cumplices, encontraram-se reciprocamente pela primeira vez ante o tribunal. Ladmiral mostrou-se resoluto; Cecilia Renault, ingenua e tocante. Pedio ella perdão a seu pai, mãi e irmãos, de os haver arrastado, por sua leviandade, á apparencia d'um crime, que ella nunca concebêra. Affirmou em presença da morte que o seu supposto projecto d'assassinio não era mais que a curiosidade de vêr um tyranno.

Os Montmorency, Rohan, Sombreuil e seu filho conservaram a dignidade da sua innocencia e nomes. Não desmentiram em presença da morte a nobreza do seu sangue. Morreram como seus avós combatiam.

A sr.ª Sainte Amaranthe desmaiou nos braços de

seus filhos. Sartines, passando por diante da sr.ª Grandmaison, regou de suas lagrimas as mãos da actriz. Pediu-lhe perdão da morte a que a sua affeição a arrastava. Sua mulher mostrou-se superior a seus annos e belleza, pela sua resignação e ternura. Regosijou-se morrer com sua mãi, seu marido e seu irmão. Não repelliu a sr.ª Grandmaison, que um destino cruel associava ao infortunio da sua familia. O ciume, e a distancia de jerarchia desappareceram em frente da morte. Os moribundos formavam uma só familia.

Para ferir os olhos do povo com maior prestigio de culpabilidade, vestiram pela primeira vez, depois de Carlota Corday, todos estes condemnados com a camisola de lã encarnada, trajo dos assassinos. Uma escolta de cavallaria, e artilheria carregada de metralha, precediam e seguiam o acompanhamento. Constava elle de oito carros. No primeiro ia a sr.ª de Sainte Amaranthe com a sr.ª d'E'préménil no primeiro assento; a sr.ª de Sartines e Grandmaison no segundo, estas duas victimas do mesmo amor! No segundo carro ia o sr. de Sartines com seu cunhado ainda creança, e Sombreuil com seu filho. Os outros trez carros levavam, a par de Montmorency e Rohan o fiel criado da Grandmaison, Biret, que chorava não por si, dizia elle, mas por sua ama. A marcha era lenta, o cadafalso estava distante, o céo de primavera, e a multidão immensa. Todos os olhares estavam fixos neste grupo de cabeças de mulheres que dentro em pouco estariam decepadas. O reflexo ardente da camisola encarnada ainda mais fasia sobresair a alvura do collo, e o brilho da pelle. A multidão enebriava-se neste deslumbramento de formosura, que para sempre se ia extinguir. As victimas trocavam entre si tristes sorrisos, palavras em voz baixa, vistas de mutua commiseração. Ladmiral indignava-se e compadecia se da sorte dos seus suppostos cumplices. «Nenhum,» exclamava elle «nenhum teve conhecimento do meu designio; eu quiz só vingar a humanidade.» Depois voltando-se para Cecilia Renault, que orava com fervor: «Quizestes vêr um tyranno,» lhe dizia elle com ironica compaixão, «pois olhai, eis ali centos delles á vossa vista.»

O transito durou tres horas. Primeiro foram immolados os menos conhecidos, depois Cecilia Renault, a Grandmaison, Ladmiral, a sr.ª d'E'préménil, os nobres da antiga monarchia, e o moço Sainte Amarante. Sua mãi e sua irmã viram precipitar aquelle corpo no cesto. Era chegada a sua vez: a filha e a mãi se abraçaram e deram um longo e derradeiro beijo que interrompeu o executor. A cabeça da filha uniu-se á de seu moço irmão. A sr.ª de Sainte Amarante foi a penultima que morreu, e Sartines o ultimo, depois de um supplicio de tres quartos de hora, durante os quaes viu cair as cabeças da sua amante, de seu cunhado, que estimava como filho, de sua sogra e de sua mulher. Morreu primeiro por todos estes sentimentos aqui na terra, antes de ser morto pela secure.

Esta carnificina sublevou o povo contra Robespierre. O crime de seus inimigos recahiu sobre elle. Ninguem o julgava assás decaido na influencia das commissões para lhes permittir supplicios que não houvesse desejado, nem assás cobarde para consentir crimes, que tivesse reprovado. Os que nelle tinham esperanças, indignaram-se. Seus amigos espantaram-se. Seus inimigos cobraram animo. Havia-lhes patenteado assim o segredo da sua fraqueza. Redobraram de ferocidade. Por espaço de quarenta dias o cobriram com o sangue que derramavam. Não se atrevia elle a approvar, nem condemnar este redobro de mortes. Debalde lutava sob a responsabilidade do terror. A opinião a lançava toda completamente sobre o seu nome. Situação cruel, intoleravel, merecida! Lição eterna aos homens populares, sobre quem a justa posteridade accumula todos os crimes contra os quaes elles não ousaram protestar.

XII. — A linguagem de Robespierre nos jacobinos durante estes quarenta dias resentia-se da oppressão da sua alma. Era vaga, obscura, ambigua com a sua situação. Não se comprehendia se accusava as commissões de crueldade ou indulgencia. Umas vezes censurava a crueldade, outras a moderação. Suas palavras de dous gumes troavam incessantemente e não feriam ninguem. Tinha a sua colera em suspenso. Ninguem adevinhava se ella cairia sobre os algozes ou sobre as victimas. Um homem politico que não se atreve a explicar suas intenções, affasta de si ao mesmo tempo os dous partidos. «E' tempo, cidadãos,» exclamou Robespierre emfim poucos dias antes da crise, «de a verdade fazer ouvir neste recinto seus accentos tão livres e fortes como aquelles com que ella retumbou nas maiores circumstancias da revolução. Iremos nós, como conspiradores, combinar em covis obscuros (allusão aos conciliabulos de Clichy) os meios de nos defender contra os perfidos esforços dos scelerados? Aos homens de bem denuncio um systema, que tende a subtrahir a aristocracia á justiça nacional, e perder a patria ferindo os patriotas. Quando as circumstancias se desenvolverem, mais claramente me explicarei, por agora bastante digo para quem intende. Ninguem poderá jámais estorvar-me de depositar a verdade no seio da representação nacional e dos republicanos. Não cabe no poder dos tyranos e de seus sequazes enfraquecer a minha coragem. Propaguem contra mim libellos; nem por isso deixarei de ser sempre o mesmo. Se me compellissem a renunciar a uma parte das funcções de que estou incumbido (a repartição de policia), ainda me ficaria a minha qualidade de representante do povo, e faria guerra de morte aos tyrannos e conspiradores!»

Estes tyrannos e conspiradores vagamente aqui designados, eram Billaud-Varennes, Collot-d'Herbois, Barrêre, Carnot, Leonardo Bourdon, Vadier e todos os membros das commissões. Não ousavam apparecer nos Jacobinos, depois que Robespierre lá dominava só; ou appareciam silenciosos, para ouvir o denunciar suas palavras. Accusavam-o elles quando saíam, de persuadir o povo da existencia d'um foco de machinações na Convenção, e prégar a necessidade d'uma purificação violenta e insurreccional, como a do dia 31 de maio.

XIII. — Alguns dias depois, Robespierre explicou-se mais claramente; apresentou-se como victima, chamou sobre si o interresse e quasi a compaixão dos patriotas: «Estes monstros,» exclamou elle, «votam ao opprobio todo o homem cuja austeridade de costumes e inflexivel probidade receiam. Voltar aos bosques valeria tanto como disputar entre nós assim as honras, fama e riquezas da republica. Só por instituições protectoras a podemos fundar e estas instituições não podem assentar senão sobre a ruina dos inimigos incorregiveis da liberdade e da virtude. Porém estes malvados não hão de triumphar,» continuou elle «cumpre que os cobardes conjurados renunciem as suas machinações ou nos arranquem a vida! Sei que hão de tental-o. Todos os dias o tentam. O genio porém da liberdade anda pairando sobre os patriotas!»

Estes accentos apaixonavam vivamente o pequeno numero de Jacobinos, que se ajuntavam com Robespierre todas as noites. Estes homens de acção estavam promptos a caminhar com elle ao fim, que lhes indicasse. Até mesmo lhe avançavam o impulso. Sua impaciencia aspirava claramente a uma insurrecção. Conjuravam Robespierre a nomear seus inimigos, e juravam immolar todos á sua causa, Buonarotti, Lebas, Payan, Couthon, Fleuriot-Lescot e Saint Just não cessavam de lhe lançar em rosto a sua contemporisação e escrupulos. O povo estava prompto a levantar-se á voz d'elle, e a entregar-lhe o poder e a vingança. Robespierre continuava a recusar-se á dictadura com inexplicavel obstinação. Causava-lhe horror o nome de faccioso. Via sempre erguida diante de si a sombra de Catilina. Respeitava, dizia, na Convenção, a patria, a lei, o povo. O pensamento de attentar pela força contra a representação, e de mostrar-se assim o violador da soberania nacional, que toda a sua vida professára, parecia-lhe uma especie de sacrilegio. Não queria manchar de usurpação a sua virtude republicana, nem a sua memoria. Queria antes ser dizia elle, a victima que o tyranno da sua patria. Desejava sem duvida o poder, mas queria-o dado e não roubado. Acreditava muito em si proprio, na omnipotencia da sua palavra, na sua invio-

labilidade popular. Não duvidava de arrancar a Convenção, só pela força da verdade e da persuação, essa auctoridade, que não queria dilacerar disputando-a pela mão tumultuosa d'uma sedicção. Pensava que a republica reconhecia por si mesma n'elle a supremacia do genio e da integridade. Idolo da opinião, elevado, engrandecido, adulado, deificado, havia cinco annos por ella, queria que a opinião só o proclamasse a ultima palavra e o primeiro homem da republica. « Mal hajam os homens, » repetia elle muitas vezes aos seus amigos, « que em si resumem a patria e se apoderam da liberdade, como do seu bem proprio! A sua patria morre com elles, e as revoluções que a si appropriáram, não são mais que mudanças de escravidão. Não, nada de Cromwell, » accrescentava sempre, « nem mesmo eu ! »

XIV. — N'este pensamento, Robespierre preparava lentamente por unica arma um discurso na Convenção, discurso, no qual fulminaria seus inimigos, deixando só brilhar ás vistas do povo as machinações d'elles e a sua propria integridade. Com vagar retocava este discurso profundamente estudado, em que resumia com a penna de Tacito o quadro de todos os crimes, de todas as corrupções, de todos os perigos, que degradavam, manchavam ou ameaçavam a republica. Com uma allusão continua fazia elle recair a responsabilidade dos desastres sobre o governo e as commissões. Fazia retratos tão similhantes e pessoaes dos vicios da Convenção, que só faltava dar-lhes o nome de seus inimigos. Em fim, concluia vagamente pela reforma das instituições revolucionarias, sem determinar estas reformas, e estimulava a Convenção a reflectir.

Esta conclusão, mais imperativa que se houvesse formulado um decreto de morte contra seus inimigos, devia arrancar revoluções mais terriveis contra seus invejosos, e para elle poderes mais absolutos do que esses que houvesse formulado. A tyrannia tem seu pudor, é mister que se lhe faça violencia. o que se lhe dá vae sempre além do que ella ousaria pedir.

Este discurso dividido em duas partes, devia occupar duas sessões Na primeira parte, Robespierre trovejava sem ferir e designava sem nomear Na segunda, que reservava para replica, se alguem tivesse a audacia de responder-lhe, sahia da nuvem; rebentava como o raio, luctava homem a homem, corpo a corpo com os membros hostis das commissões. Precisava as accusações e os crimes. Nomeava, estigmatisava, feria, arrastava da tribuna ao cadafalso os culpados até alli deixados no esquecimento. Para este uso é que elle esboçára nas notas secretas da sua policia os retratos destinados a este pelourinho publico. Armado d'estes dois discursos, Robespierre confiado aguardava a lucta ; seus adversarios começavam a desconfiar. Nenhum tinha em sua consideração pessoal a força de luctar corpo a corpo com o idolo dos Jacobinos. Todos sabiam que o povo lhe havia ser fiel. O ascendente intimidava a Convenção. A morte podia cair a um de seus gestos sobre todas as cabeças. N'esta perplexidade, Barrère aconselhava transacções. Collot-d'Herbois fallava em equivocações. O proprio Billaud-Varennes proferia a palavra concordia. As commissões tendiam a ceder só pelo effeito da sua ausencia. Negociadores officiosos se interpunham para evitar uma dilaceração. Legendre adulava. Barras, Bourdon, Fréron Tallien conservavam quasi sós a severidade do seu odio e o fogo da conjuração. Este fogo era excitado em Tallien pelo amor. Uma noite, entrando em sua casa, um desconhecido lhe metteu na mão á esquina da rua de la Perle um bilhete de Thereza Cabarus. Este bilhete, que um carcereiro subornado consentira deixar sair da prisão dos carmelitas, estava escripto com sangue. Não continha mais que estas palavras : « O administrador da policia acaba de sair d'aqui, veiu annunciar-me que ámanhã irei ao tribunal, isto é ao cadafalso. Mui pouco se assimilha isto ao sonho, que tive esta noite. Robespierre já não existia e as prisões estavam abertas... Porém, graças á vossa insigne cobardia, em breve não se encontrará em França pessoa alguma capaz de o realisar !... »

Quando o heroismo se acha extincto em toda a parte, excitam-no ao foco do amor, n'um coração de mulher. Tallien respondeu laconicamente : Sêde tão prudente quanto eu hei de ser animoso, e tranquillisai a vossa cabeça ! »

XV. — Entretanto as negociações haviam chegado a uma conferencia entre Robespierre e os principaes membros das duas commissões, os quaes consentiram encontrar-se na commissão de salvação publica. Couthon, Saint-Just, David e Lebas estavam com Robespierre. Tinham as physionomias constrangidas, os olhos baixos as bocas mudas. Todos entendiam que os dois partidos, prestando-se a uma tentativa de reconciliação, igualmente temiam deixar transpirar seus pensamentos. Elias Lacoste pronunciou os aggravos das commissões. « Vós formais um *triumvirato*, » disse elle a Saint-Just, Couthon e Robespierre. « — Um triumvirato, » respondeu Couthon, « não se forma de tres pensamentos, que se encontram na mesma opinião ; os tirumviros usurpam todos os poderes, e nós todos vos deixamos. — E' exactamente disso que vos accusamos, » exclamou Collot-d'Herbois ; « retirar do governo, n'um tempo tão difficil, uma força tal como a vossa, é atraiçoal-o e abandonal-o aos inimigos da liberdade. » Depois voltando-se para Robespierre e tomando o tom e o gesto theatral d'um supplicante, affectou querer lançar-se a seus pés : « Eu t'o rogo em nome da patria e da tua propria gloria, » lhe disse elle, « deixa-te vencer pela nossa fraqueza e abenegação ; és o primeiro cidadão da republica, nós somos os segundos ; temos-te o respeito devido á tua pureza, eloquencia e genio ; volta para nós, intendamo nos, sacrifiquemos os intrigantes, que nos dividem, salvemos a liberdade pela nossa união ! »

Robespierre pareceu sensivel ás protestações de Collot-d'Herbois ; queixou-se das accusações surdas, que espalhavam contra sua supposta dictadura ; ostentou um completo desinteresse do poder ; até propoz renunciar á direcção da repartição de policia, que lhe lançavam em rosto dominar ; fallou vagamente de conspiradores, que importava antes de tudo destruir na Convenção.

Carnot e Saint-Just tiveram uma explicação mui desabrida á cerca dos dezoito mil homens, que Carnot destacára do exercito do Norte, exposto a todas as forças de Cobourgo, para os enviar a invadir a Flandres maritima. « Quereis usurpar tudo, » exclamou Carnot, « desconcertais todos os meus planos, quebrais os generais em vossas mãos, encurtais as campanhas. Deixei-vos o interior, deixai-me o campo de batalha ; ou se o quereis tomar como o resto, tomai tambem a responsabilidade das fronteiras ! Que será a liberdade se perdeis a patria ? »

Saint-Just justificou-se com modestia e declarou-se cheio de consideração pelo genio militar de Carnot. Barrère mostrou-se conciliador. Só Billaud se calava. O seu silencio inquietava Saint-Just. « Ha homens, » disse o moço fanatico, a quem só pela palidez da sua phisionomia, Lycurgo teria banido de Lacedemonia. — Homens ha, » retorquio Billaud, « que sob a mocidade occultam a sua ambição, e fazem o papel de Alcibiades para se tornarem Pisistratos ! »

Ao nome de Pisistrato, Robespierre julgou-se designado e quiz retirar-se. Roberto Lindet interveio com palavras judiciosas e brandas. Billaud desenrugou o rosto, e estendeu a mão a Robespierre : « Verdadeiramente, » disse elle, « nada te exprobo senão as tuas perpetuas suspeitas ; de bom grado ponho de parte as que contra ti concebi. Que temos nós a perdoar-nos? Não pensámos ou fallamos sempre do mesmo modo ácerca de todas as grandes questões, que tem agitado a republica e os conselhos? — Isso é verdade, » disse Robespierre ; « porém vós immolais ao acaso culpados e innocentes, aristocratas e patriotas ! — Porque razão não estás tu com nosco para os escolher ? — E' tempo, » respondeu Robespierre, « de estabelecer um tribunal de justiça, que não escolha, mas que castigue com a imparcialidade da lei, e não como ao acaso e segundo as prevensões das facções. » A discussão estabeleceu-se sobre este assumpto. Os abonos eram as cabeças de milhares

de cidadãos. Robespierre querendo regularisar e moderar o terror, e os outros declarando-o mais necessario que nunca para exterminar e extirpar os conspiradores. « Então para que haveis forjado a lei de 22 do *prairial?* » diz Billaud; foi para a deixar dormir na bainha? — Não, » diz Robespierre, foi para ameaçar de mais alto os inimigos da revolução sem alguma excepção, e a mim proprio, se alguma vez elevasse a cabeça acima das leis. »

Todos convieram, segundo se diz, em se intender com vagar sobre a sorte do pequeno numero de homens perigosos, que se agitavam na Convenção; em os sacrificar, se fossem culpados, á segurança da republica e á concordia no governo. Concordou-se que Saint-Just faria um relatorio sobre a situação das cousas, proprio a extinguir a apparencia das dissenções, e demonstrar á republica que a mais completa harmonia se achava estabelecida entre os homens. Separaram-se todos com os symptodas da reconciliação.

LIVRO LX.

I. — Os symptomas de reconciliação, que acabavam de apparecer na ultima conferencia de Robespierre e da commissão de salvação publica, eram enganadores. Apenas Fouché, Tallien, Barras, Fréron, Bourdon, Legendre e seus amigos tiveram conhecimento destas tentativas de paz, comprehenderam que suas cabeças seriam o preço da concordia. « Cedidas que sejam uossas cabeças, » disseram elles a Billaud Varennes, a Collot e a Vadier, « que vos restará a defender? As vossas! A tyrannia não se disfarça senão para se aproximar de vós sem ser conhecida. Quando lhe houverdes concedido as cabeças dos vossos unicos defensores na Convenção, a ambição de Robespierre ha de engrandecer sobre os nossos cadaveres e ferir-vos a vós mesmos com a arma, que lhe houverdes dado. » Billaud, Collot e Vadier comprehendiam bem estes perigos e juráram que nenhuma cabeça da Convenção seria concedida. As conferencias secretas entre os representantes ameaçados e os membros das duas commissões tornáram-se mais frequentes e mysteriosas. Deliberava-se de dia, e á noite conspirava-se. Machinavam a perda de Robespierre a poucos passos da sua habitação, em casa de Courtois, assás animoso para emprestar o seu quarto aos conjurados, que o lisongeavam tambem de querer supprimir em fim o terror.

II. — Os confidentes de Robespierre, da sua parte, o persuadiram de que toda a reconciliação era uma cilada, que as commissões lhe armavam. « Elles se humilham, porque tremem, » lhe diziam elles. Se unicamente o teu silencio os reduziu a este abatimento, que será quando te levantares para os accusar? Porém se tu acceitas hoje a apparencia d'uma fingida reconciliação com elles, de que os accusarás tu de que não pareças cumplice? Se te concedem os mais insignificantes e os mais desacreditados dos teus inimigos, é para conservarem os mais perigosos e temiveis. Combate-os todos os dias na tribuna dos jacobinos. Se recusarem o combate, sua covardia os deshonra e accusa; se acceitam o povo está por ti.

Saint Just, impaciente das contemporisações de Robespierre, partio inopinadamente pela quinta vez para o exercito de Sambre e Meuse. « Vou em busca da morte, » disse elle a Couthon: « os republicanos já não teem logar senão na sepultura. » Couthon fallava então muitas vezes nos jacobinos. « A Convenção, » exclamava elle, « acha-se subjugada por quatro ou cinco malvados. Pelo que me toca, declaro que não me hão de subjugar Quando elles diziam que Robespierre se enfraquecia, affirmavam tambem que eu estava inutilisado. Verão que o meu coração possue todas as suas forças. »

Os Jacobinos, os seccionarios, Payan, Fleuriot, Dobsent, Coffinhal principalmente, Henriot e o seu estado maior fallavam altamente d'um ataque com mão armada contra a Convenção. « Se Robespierre não quer ser o nosso chefe, diziam em alta voz os homens da communa, o seu nome será a nossa bandeira. Cumpre violentar o seu desinteresse ou que a republica pereça! Onde está Danton? Elle já teria salvado o povo! Porque razão ha de a virtude ter mais escrupulos que a ambição? O desinteresse, que perde a liberdade, é mais culpado que a ambição, que a salva. Prouvera a Deus, accrescentavam elles, que Robespierre ambicionasse o poder como o accusavam! A republica carece d'um ambicioso: e este não é mais que um sabio! »

III. — Estas asserções, que de continuo soavam aos ouvidos de Robespierre; a fermentação crescente de que elle era testimunha nos Jacobinos; as informações secretas de seus espiões, que ás apalpadellas seguiam uma conspiração tenebrosa na Convenção; os symptomas d'um segundo 31 de Maio, que se manifestavam claramente na communa: o receio de que a insurreição, sem moderador, nem limites, rebentasse por si mesma e destruisse a Convenção, que elle reputava como o unico centro da patria, determinaram emfim Robespierre, não a obrar, mas sim a fallar. Preferiu dar o combate só na tribuna, com o risco de ser precipitado della, a pelejar alli á frente d um povo sublevado, expondo-se a mutilar a representação nacional. Chamou sómente Saint-Just, seu irmão e Lebas, para o ajudarem na crise ou morrerem com elle.

Nada annunciava em torno de Robespierre um grande designio. A excepção de quatro ou cinco homens do povo com armas occultas e incumbidos, sem elle o saber, pelos Jacobinos de o segnir e velar pela sua vida, o seu cortejo era o do mais humilde cidadão. Nunca elle mostrára mais simplicidade e modestia nos seus habitos; parecia recolher-se cada vez mais nos gozos contemplativos da natureza: seja para consultar, como Numa, o oraculo na solidão, ou para saborear os ultimos dias da vida, que o seu destino incerto lhe deixava. Não ia já ás commissões, raras vezes á Convenção, com pouca exactidão aos Jacobinos. A sua porta unicamente se abria a um pequeno numero de amigos. Já não escrevia, lia muito. Qualquer diria que Robespierre se collocára nesse estado de descanço philosophico em que os homens na vespera das grandes catastrophes, se collocam ás vezes para deixarem obrar o seu destino e deixarem explicar-se os acontecimentos. Uma expressão de desalento se lhe notava nos olhos, ordinariamente mui penetrantes; e nas feições, mui enfiladas. O som da sua voz tinha o accento de tristeza. Evitava em casa encontrar as filhas de Duplay, principalmente aquella com quem se devia unir depois daquellas tempestades. Já não se entretinha com prespectivas de vida obscura n'uma união ditosa no campo, via-se que o seu horisonte se tinha toldado ao aproximar-se. Havia muito sangue derramado entre a felicidade e elle. Uma dictadura terrivel ou um cadafalso solemne eram as unicas imagens sobre que podia para o futuro demorar-se. Buscava escapar-lhes, nestes primeiros dias de thermidor, por longas excursões aos arredores de Pariz. Acompanhado d'algum confidente ou só, andava dias inteiros errando por baixo das arvores de Meudon, Saint-Cloud ou Viroflay. Podia dizer-se que affastando-se de Pariz, onde rodavam carradas de victimas, elle punha o espaço entre si e o remorso. Levava ordinariamente um livro. Era habitualmente o de algum philosopho tal como Rousseau, Raynal, Bernardino de Saint Pierre, ou poetas sentimentaes como Gessner e Young: contraste singular entre a doçura das imagens, a serenidade da natureza e a rispidez da alma! Robespierre tinha as idéas e as contemplações d'um Theosopho no meio das scenas de morte e das proscripções de um Mario.

IV. — Referem que a 7 de thermidor, na vespera do dia em que Robespierre esperava a chegada de Saint Just, e em que resolvera jogar a sua vida contra a restauração da republica, foi elle pela ultima vez passar o dia todo na ermitagem de João Jacques Rosseau, á beira da floresta de Montmorency. Ia acaso buscar inspirações politicas debaixo das arvores a cuja sombra o seu mestre escrevera o *Contrato social*, esse codigo da democracia? Ia fazer ao philosopho espiritualista homenagem de uma vida, que ia dar á sua causa? Ninguem o sabe.

Passou, segundo dizem, horas com a cabeça entre as mãos, encostado á sebe rustica, que cerca o pequeno jardim. O seu rosto tinha a contenção do supplicio e a lividez da morte. Foi a agonia do remorso, da ambição ou do desalento. Robespierre teve o tempo de reunir n'um só e ultimo quadro o seu passado, presente e futuro, a sorte da republica, o porvir do povo e o seu. Se elle morreu de angustia, arrependimento e anxiedade, foi nesta muda meditação.

V. — Uma intenção sincera no começo; uma dedicação voluntaria ao povo representando a seus olhos a porção opprimida da humanidade; um attractivo apaixonado para uma revolução, que deu a liberdade aos opprimidos, a igualdade aos humilhados, a fraternidade á familia humana, a razão aos cultos; trabalhos infatigaveis destinados a tornal-o digno de ser um dos primeiros operarios d'esta regeneração; humilhações crueis soffridas com paciencia no seu nome, no seu talento, nas suas idéas e na sua fama. para sair da obscuridade em que o mantinham os nomes, talentos e superioridades de Mirabeau, Barnave e la Fayette; a popularidade conquistada pouco a pouco e sempre deprimida pela calumnia; a sua voluntaria retirada para as fileiras mais obscuras do povo; a sua vida consumida em todas as privações, até nas do amor; a sua indigencia, que lhe não deixava repartir com a sua familia, ainda mais indigente, senão o bocado de pão, que a nação dava aos seus representantes; a sua mesma virtude convertida em accusação contra ella; o seu desinteresse alcunhado de hypocrisia pelos que eram incapazes de o comprehender; o triumpho finalmente; um throno derribado; o povo liberto; o seu nome associado á victoria e benções da multidão; porém a anarchia dilacerando no mesmo instante o reinado do povo; indignos rivaes, taes como Hebert e Marat, disputando-lhe a direcção da revolução e impellindo-a para a sua ruina; uma luta criminosa de vinganças e crueldades travando-se entre estes rivaes e elle para entre si disputarem o imperio da opinião; sacrificios culpaveis, feitos com repugnancia, mas por espaço de tres annos, a esta popularidade, que quizera ser nutrida de sangue; a cabeça do rei pedida e obtida; a da rainha; as de milhares de vencidos immolados depois do combate; os girondinos sacrificados não obstante a estima em que elle tinha seus principaes oradores; o proprio Danton, seu mais altivo emulo, Camillo Desmoulins, seu joven discipulo, lançados ao povo por uma suspeita, para que não houvesse outro nome além do seu na boca dos patriotas; a omnipotencia finalmente obtida na opinião, o povo não querendo já no seu legislador supremo senão um accusador; aspirações á clemencia repellidas pela necessidade de immolar ainda; uma cabeça pedida ou entregue á precisão de cada dia; a victoria talvez para o dia seguinte, mas nada assentado no animo para consolidar e utilizar esta victoria; idéas confusas, contradictorias; o horror da tyrania e a necessidade da dictadura, planos imaginarios cheios do espirito da revolução, mas sem organisação para os conter, sem apoio, nem força para os fazer durar; palavras por instituições; a virtude nos labios e a sentença na mão, um povo exaltado; uma Convenção servil; commissões corrompidas; a republica descançando sobre uma só cabeça; uma vida odiosa; uma morte sem fructo; uma memoria indecisa; um nome nefasto; o brado do sangue, que não se pacifica, elevando-se na posteridade contra elle: todos estes pensamentos accommetteram sem duvida a alma de Robespierre durante este exame da sua ambição. Só um recurso lhe restava; era offerecer-se como exemplo á republica, denunciar ao mundo os homens, que corrompiam a liberdade, morrer combatendo-os, e legar ao povo, quando não um governo, ao menos uma doutrina e um martyr. Evidentemente teve elle este ultimo pensamento; mas era um sonho. A intenção era elevada, a coragem grande; porém a victima não era assás pura mesmo para se sacrificar! E' a eterna desgrada dos homens, que com o sangue dos seus similhantes mancharam seus nomes, não poderem lavar-se mesmo no seu proprio sangue.

VI. — Saint Just, chegado do exercito, procurou varias vezes Robespierre para conferenciar com elle. Cançado de o esperar, dirigiu-se, ainda coberto do pó do acampamento, á commissão de salvação publica, onde foi acolhido com um triste silencio e uma observação inquieta. Retirou-se convencido de que os animos eram irreconciliaveis, e de que os corações abrigavam a morte. No dia seguinte Saint Just confirmou, segundo dizem, Robespierre na idéa de dar o primeiro golpe. As commissões, da sua parte, esperavam um proximo ataque, para o qual seus membros se preparavam. Conheciam estes a importancia da escolha do presidente n'uma assembléa, em que o presidente póde á sua vontade sustentar ou desarmar o orador. Tinham feito levar Collot-d'Herbois á presidencia da Convenção.

Robespierre tornou a lêr e emendou provavelmente ainda, por varias vezes, o seu discurso. Quando saiu pela manhã, despediu-se de seus hospedes com o semblante mais commovido que nos outros dias. Seus amigos, Duplay, e as filhas d'este estavam á roda d'elle e derramavam lagrimas. « Ides correr grandes perigos hoje, » lhe disse Duplay, « consenti que vossos amigos vos acompanhei e ide armado. Não » respondeu Robespierre, « acompanha-me o meu nome e estou armado dos votos do povo. Além d'isto, nada tenho a temer no meio da representação á qual nada quero impor. mas somente inspirar-lhe a salvação. »

Estava vestido com o mesmo fato que levára á proclamação de Ser Supremo. Affectava na sua pessoa a decencia que queria reconduzir aos costumes. Queria sem duvida que o povo o reconhecesse sob este vestuario, como sua bandeira viva. Lebas, Couthon, Saint-Just e David tinham ido á sessão primeiro que elle. A Convenção achava-se numerosa, as tribunas escolhidas pelos Jacobinos. Quando entrou, Robespierre pedio a palávra. A sua presença na tribuna, no momento em que levava o segredo e a sorte da situação no pensamento, era um acontecimento. Os conjurados, surprehendidos da sua apparição, apressados cairam de seus lugares e foram avisar os membros das commissões e seus amigos, que andavam espalhados pelas salas e jardins, e os conduziram precipitadamente a seus bancos. Um silencio profundo precedia as palavras. As turbas teem immensos presentimentos.

VII. — N'este momento Robespierre parecia cercar de proposito a sua physionomia d'uma nuvem, e reprimir a explosão do seu pensamento largo tempo mudo. Na mão direita rolava elle o seu manuscrito como uma arma com que ia distruir seus inimigos. Assim mostrava a seus collegas que reflectira a sua colera e que suas palavras eram um designio. Eis aqui o seu discurso alguma cousa mais em extenso. Seria de sentir não ter conhecimento das palavras que eram uma situação inteira, e que trouxeram em repercussão uma mudança tão violenta.

« Cidadãos, » disse elle, « que outros vos tracem quadros lisongeiros; eu venho dizer-vos verdades uteis. Não venho realizar terrores ridiculos espalhados pela perfidia, mas quero apagar, se é possivel, o facho da discordia só pela força da verdade. Vou perante vós defender a vossa authoridade ultrajada e a liberdade violada. Tambem me hei de defender a mim mesmo: não ficareis por isso surprehendidos, que não vos assimilhais aos tyrano, que combateis. Os brados da innocencia ultrajada não importunam vossos ouvidos, e não ignorais que esta causa não vós é estranha.

« As revoluções, que teem até hoje mudado a face dos imperios, por objecto só tiveram uma mudança de dynastia, ou a passagem do poder de um para o de muitos. A revolução franceza é a primeira fundada na theoria dos principios da humanidade e nos principios da justiça. As outras revoluções só exigiam ambições; a nossa impõe virtudes. A republica se introduzio por assim dizer atravez todas as facções; porém encontrou o seu poder organisado em torno de si, por isso não tem cessado de ser perseguida desde o seu nascimento na pessoa de todos os homens de boa fé, que por ella combatiam.

« Os amigos da liberdade buscaram destruir o poder dos tyrannos pela força da verdade, os tyrannos buscaram destruir os defensores da liberdade pela calumnia; dão o nome de tyrannia ao mesmo ascendente dos principios da verdade. Quando este systema pôde prevalecer, perdeu-se a liberdade: porque é da natureza das cousas que excita uma influencia em toda a parte em que ha homens reunidos, a da tyrannia ou da razão. Logo que esta é proscripta como crime, a tyrannia reina quando os bons cidadãos são condemnados ao silencio, é indispensavel que os malvados dominem.

« Aqui careço de fallar sem rebuço; vós careceis tambem de ouvir a verdade.

« Qual é pois o fundamento d'este odioso systema do terror e calumnia contra mim? Nós, temivel aos patriotas! Nós, que os havemos arrancado das mãos de todas as facções conjuradas contra elle! que todos os dias os disputamos, por assim dizer, ás intrigas hypocritas, que ainda ousam opprimil-os! Nós, temivel á Convenção nacional! E que somos sem ella? E quem defendeu a Convenção nacional com risco da propria vida? Quem se dedicou pela sua conservação, quando facções execraveis conspiravam a sua ruina á face da França? Quem se dedicou pela sua gloria, quando os vis apoios da tyrannia em seu nome prégavam o atheismo, quando tantos outros guardavam um silencio criminoso sobre os crimes de seus cumplices e pareciam esperar o signal da matança para se banharem no sangue dos representantes do povo? A quem eram destinados os primeiros golpes dos conjurados? Quem eram as victimas designadas por Chaumette e Ronsin? A que lugar devia o bando dos assassinos caminhar logo abrindo as prisões? Quaes são os objectos das calumnias e attentados dos tyrannos armados contra a republica? Não ha para nós algum punhal na carregação que a Inglaterra envia a França e a Paris? A nós é que assassinam e que pintam formidavel! Quaes são esses grandes actos de severidade, que nos lançam em rosto? Quem foram as victimas? Hébert, Ronsin, Chabot, Lacroix, Fabre d'Eglantine e alguns outros cumplices. E' acaso o seu castigo, que nos exprobram? Ninguem se atreveria a defendel-os. Não, não fomos demasiado severo: tomo por testimunha a republica, que expira!

« Fomos por ventura nós que encarcerámos os patriotas, e levámos o terror a todas as condições? Foram os monstros, que accusamos. Fomos nós, que esquecendo os crimes da aristocracia e protegendo os traidores, declaramos a guerra aos cidadãos pacificos, para achar em toda a parte criminosos e tornar a revolução temivel ao mesmo povo? Foram os monstros, que acusámos. Fomos nós, que, procurando opiniões antigas, fizemos passar a espada sobre a maior parte da Convenção nacional? Foram os monstros, que accusámos. Tera por ventura esquecido já que nos mettemos entre elle e seus algozes.

« Tal é porem a base d'estes projectos de dictadura e attentados contra a representação nacional. Porque fatalidade tem esta grande accusação sido de repente dirigida contra um só de seus membros? Estranho projecto d'um homem incitar a Convenção nacional a degolar-se ella mesma em detalhe e por suas proprias mãos, para lhe abrir o caminho do poder absoluto! Vejam outros o lado ridiculo d'estas accussações, que a mim só me toca vêr a sua atrocidade. Dareis ao ao menos conta á opinião publica da vossa espantosa perseverança em proseguir o projecto de assassinar todos os amigos da patria, monstros, que buscais roubar-me a estima da Convenção nacional, o premio mais glorioso dos trabalhos d'um mortal, que não usurpei, nem surprehendi, mas que fui compellido a conquistar. Parécer um objecto de terror aos olhos do que se venera e estima, é para o homem sencivel e probo o mais terrivel dos supplicios! Fazer-lh'o soffrer é o maior de todos os crimes!

« No seio da Convenção affirmavam que a Montanha estava ameaçada, porque alguns, que se assentam n'esta parte da sala, se julgavam em perigo, e para na mesma causa interessar toda a Convenção nacional, despertavam subitamente o negocio dos sessenta e dois deputados presos; e imputavam-me todos estes acontecimentos, que me eram absolutamente estranhos. Diziam que eu queria perder a outra porção da Convenção nacional. Representavam-me aqui como o primeiro perseguidor dos sessenta e dois deputados presos; lá accusavam-me de os defender.

« Ah! de certo, quando com risco de offender a opinião publica, eu arrancava só a uma decisão precipitada, aquelles, cujas opiniões, se triumphassem, me teriam levado ao cadafalso; quando n'outras occasiões me oppunha a todos os furores de uma facção hipocrita, para reclamar, os principios da rigorosa equidade para com as que me haviam ju'gado com mais precipitação, longe estava eu por certo de pensar que hovessem de me fazer dar conta de similhante procedimento; porém mais longe estava ainda de pensar que me haviam de accusar um dia de ser o algoz d'aquelles para com quem eu havia cumprido os deveres mais indispensaveis da probidade, e o inimigo da representação nacional, que com dedicação havia servido.

« Todavia esta palavra *dictadura* tem effeitos magicos. Infama a liberdade, avilta o governo, destroe a politica, degrada todas as instituições revolucionarias, que se apresentam como obra de um só homem. Torna odiosa a justiça nacional, que apresenta como instituida pela ambição d'um unico homem; dirige para um ponto todos os odios e todos os punhaes do fanatismo e da aristocracia.

« Que terrivel uso fizeram os inimigos da republica só do nome d'uma magistratura romana! E se a erudição d'elles nos é tão fatal, que será de seus thesouros e intrigas? já não fallo de seus exercitos; porém seja-me permettido recambiar ao duque d'York, e a todos os escriptores reaes, as patentes d'essa dignidade ridicula, que elles me expediram. Demasiada insolencia ha em reis, que não teem a certeza de conservar suas corôas, em se arrogarem o direito de as destribuir a outros!

« Chamam-me tiranno . . . Se eu o fosse, andariam de rojo a meus pés, eu os fartaria de ouro, assegurar-lhes-hia o direito de commetterem todos os crimes, e elles seriam gratos! Se eu fosse tyranno, os reis, que havemos vencido, longe de me denunciarem por qualquer interesse que tomem pela nossa liberdade, me prestariam o seu culpavel apoio; eu transigiria com elles! A' tyrannia chega-se pelo soccorro dos velhacos. Aonde correm os que os combatem? Ao tumulo e á immortalidade. Qual é o tyranno que me protege? Qual a facção a que pertenço? Sois vós mesmos. Que facção é essa que desde o começo da revolução lançou por terra, fez dessapparecer tantos traidores acreditados? Sois vós, é o povo, são os principios. Eis aqui a facção a que estou votado e contra a qual todos os crimes se acham ligados.

« A verdade sem duvida tem o seu poder, a sua colera, o seu despotismo; tem accentos patheticos, terriveis, que retumbam com força nos corações puros assim como nas consciencias culpaveis, e que não mais é dado á mentira imitar, como a Salmoneo imitar os raios do ceo.

« Quem sou eu, que accusam? Um escravo da liberdade, um martyr vivo da republica, tanto a victima, como o inimigo do crime. Todos os velhacos me ultrajam; as acções mais indifferentes, as mais legitimas dos outros, são crimes para mim. Desde que um homem me conhece, logo é calumniado. Perdoam a outros seus delictos; reputam crime o meu zelo. Tirai-me a consciencia; serei o mais infeliz de todos os homens.

« Quando as victimas da sua perversidade se queixam, desculpam-se elles dizendo: « é Robespierre que assim o quer, não nos podemos eximir. » Os infames discipulos de Hebert usavam outr'ora da mesma linguagem, no tempo em que eu os denunciava; diziam-se meus amigos, e depois declararam-me convencido de moderantismo: é ainda a mesma especie de contra-revolucionarios, que persegue o patriotismo. Até quando estará a honra dos cidadãos e a dignidade da Convenção nacional á discripção de taes homens? Porém o que

acabo de citar não é mais do que um ramo do systema de perseguição mais vasta, cujo objecto sou eu. Desinvolvendo esta accusação de dictadura, dada para ordem do dia pelos tyranos, teem buscado carregar-me de todas as iniquidades delles, de todas as injustiças da fortuna, ou de todos os rigores ordenados pela salvação da patria. Aos nobres diziam: «é só elle quem vos proscreve;» diziam ao mesmo tempo aos patriotas: «elle quer salvar os nobres;» aos padres diziam: «é elle só que vos persegue; se não fosse elle estarieis pacificos e triumphantes;» diziam aos fanaticos: «elle é quem destroe a religião;» aos patriotas perseguidos diziam: «Foi elle quem o ordenou, ou é quem o não quer impedir.» Deitavam para mim todas as queixas, cujas causas eu não podia fazer cessar, dizendo: «a vossa sorte depende delle só. Homens collocados nos lugares publicos propagavam todos os dias este systema. Viam-se destes homens no sitio das sessões do tribunal revolucionario, e nos lugares em que os inimigos da patria expiam seus crimes; elles diziam: «eis-alli infelizes condemnados, quem é a causa disto? Robespierre.» Teem particularmente procurado provar que o tribunal revolucionario era um tribunal de sangue creado por mim só, e que eu dominava absolutamente para fazer degollar todas as pessoas de bem, e mesmo todos os tratantes; porque pretendiam suscitar-me inimigos de todos os generos. Este brado retumbava em todas as prisões.

«Disseram a cada deputado, que voltou de missão nos departamentos, que só eu fôra a causa delle ser chamado. Referiam fielmente a meus collegas tudo o que eu havia dito, e mormente o que não dissera. Depois que formaram esta tempestade de odios, vinganças, terrores, amores proprios irritados, intenderam que era tempo de romper. Mas quem eram estes calumniadores?

«Posso responder que os authores deste plano de calumnia são em primeiro lugar o duque d'York, Pitt e todos os tyranos contra nós armados. Quem depois?... Ah! não me atrevo a nomeal-os neste momento e neste lugar; não posso resolver-me a rasgar o véo que cobre este profundo mysterio de iniquidades; porém o que posso positivamente affirmar, é que entre os authores desta machinação se acham os agentes deste systema de corrupção e extravagancia, o mais efficaz de todos os meios inventados pelo estrangeiro para perder a republica; são os apostolos impuros do atheismo e da immoralidade de que elle é base.

«A tyrania não havia pedido aos homens mais que seus bens e vidas, estes pediam-nos até as consciencias; com uma das mãos nos apresentavam elles todos os males, arrancav m-nos com a outra a esperança. O atheismo, acompanhado de todos os crimes, sobre o povo espalhava o lucto e a desesperação, e sobre a representação nacional, suspeitas, despreso e opprobrio. Uma justa indignação, comprimida pelo terror, fermentava secretamente nos corações; uma erupção terrivel, inevitavel, fervia nas entranhas do volcão, em quanto os pequenos philosophos estupidamente brincavam no seu cume, com os grandes malvados. Tal era a situação da republica, e quer seja que o povo consentisse em soffrer a tyrania, ou que della sacudisse com violencia o jugo, a liberdade estava igualmente perdida; porque, pela sua reacção, o povo teria ferido mortalmente a republica, e pela sua paciencia, della se teria tornado indigno. Por isso, de todos os prodigios da nossa revolução, o que a posteridade ha de comprehender menos, é que podessemos escapar a este perigo. Graças immortaes vos sejam dadas, haveis salvado a patria! o vosso decreto de 18 do floreal é só elle uma revolução: do mesmo golpe feristeis o atheismo e o despotismo sacerdotal; haveis adiantado meio seculo a hora fatal dos tyranos, e á causa da revolução haveis ligado todos os corações puros e generosos, ao mundo a tendes mostrado em todo o esplendor da sua belleza celeste. O' dia para sempre afortunado em que todo o povo francez tributou ao Author da natureza a unica homenagem digna delle. Que pathetico ajuntamento de todos os objectos que podem encantar as vistas e o coração dos homens! Ente dos entes! o dia em que o universo sahio das tuas mãos omnipotentes, brilhou por ventura a teus olhos com uma luz mais agradavel que o dia em que, destruido o jugo do crime e do erro, elle appareceu diante de ti digno de tuas vistas e teus destinos?

«Este dia deixára sobre a França uma impressão profunda de socego, ventura, sabedoria e bondade. Porém quando o povo, em cuja presença todos os vicios privados desappareciam, torna a entrar em seus lares domesticos, os intrigantes apparecem outra vez e o papel dos charlatães de novo começa. E' depois desta época que têem sido vistos agitarem-se com audasia, e buscando punir todos os que haviam desconcertado as mais perigosas de todas as machinações. Acreditaria alguem que no meio da alegria publica homens respondessem por signaes de furor ás patheticas acclamações do povo? Acreditaria alguem que o presidente da Convenção nacional, fallando ao povo reunido, fosse por elles insultado, e que taes homens eram representantes do povo?

«Que se diria se os authores da conspiração, de que acabo de fallar, fossem do numero dos que levaram Danton, Fabre e Desmoulins ao cadafalso? Cobardes? queriam fazer-me descer á sepultura com ignominia! e eu na terra só deixaria a memoria d'um tyranno! Com que perfidia abusavam elles da minha boa fé! Como pareciam adoptar os principios de todos os bons cidadãos! Como a sua fingida amisade era ingenua e carinhosa! De repente seus rostos se cobriram das mais sombrias nuvens, um jubilo feroz brilhava em seus olhos; era o momento em que julgavam todas as suas disposições bem feitas para me destruir. Hoje de novo me lisongeam; a sua lingoagem é mais affectuosa que nunca: ha tres dias estavam elles promptos a denunciar-me como um Catilina, hoje concedem-me as virtudes de Catão. Carecem do tempo para renovarem suas machinações criminosas. Como o fim delles é atroz! mas quão dispresiveis são seus meios! Julgai delles por um só acto: Fui momentaneamente incumbido, na ausencia de meus collegas, de cuidar na repartição de policia geral recente e fracamente organisada na commissão de salvação publica. A minha curta administração limitou-se a incitar umas trinta resoluções, para pôr em liberdade patriotas perseguidos, ou lançar mão d'alguns inimigos da revolução. Pois bem! ha de acreditar-se que só estas palavras *policia geral* bastaram para collocar sobre a minha cabeça a responsabilidade de todas as operações da commissão de segurança geral, dos erros das authoridades constituidas, dos crimes de todos os meus inimigos? Não ha talvez um individuo preso, um cidadão vexado, a quem não se tenha dito de mim: *Eis-ali o author de teus males, feliz e livre serias se elle não existisse!* Como poderia eu referir, ou adivinhar todas as especies de imposturas, que teem clandestinamente sido insinuadas na Convenção nacional, ou n'outras partes, para me tornar odioso ou terrivel? Limitar-me-hei a dizer que ha mais de seis semanas a natureza e a força da calumnia, a impotencia de fazer o bem e suspender o mal, me tem compellido a abandonar absolutamente minhas funcções de membro da commissão de salvação publica, o juro que nisto mesmo só consultei a minha razão e a patria.

«Seja como fôr, ha ao menos seis semanas que a minha dictadura expirou, e que nenhuma especie de influencia tenho no governo. O patriotismo tem acaso sido mais protegido? as facções mais timidas? a patria mais feliz? Eu o desejo. Porém esta influencia se ha em todos os tempos limitado a advogar a causa da patria em presença da representação nacional e no tribunal da razão publica; permittido me foi combater as facções, que vos ameaçavam; eu quiz desarraigar o systema de corrupção e desordem, que ellas haviam estabelecido, e que reputo o unico obstaculo ao fortalecimento da republica. Intendi que ella só podia assentar nas bases eternas da moral. Tudo se ligou contra mim, e contra quem tinha os mesmos principios.

«Oh! sem pezar lhes abandono a minha vida! tenho a experiencia do passado e vejo o futuro! Que amigo da patria póde desejar sobreviver ao momento em que já não é permittido servil-a e defender a innocencia opprimida?

Porque razão se ha de permanecer n'uma ordem de cousas, em que a intriga triumpha eternamente da verdade; em que a justiça é uma mentira, as mais vís paixões, os receios mais ridiculos occupam nos corações o logar dos interesses sagrados da humanidade? Como se póde supportar o supplicio de ver a horrivel successão de traidores, mais ou menos habeis em occultar sua alma horrenda sob o véo da virtude e mesmo da amisade, mas que todos deixarão á posteridade a difficuldade de decidir qual dos inimigos da minha patria foi o mais covarde e o mais atroz? Vendo a multidão dos vicios, que a torrente da revolução trouxe de involta com as virtudes civicas, algumas vezes receei, confesso, ficar manchado aos olhos da posteridade pelo contacto impuro dos homens preversos, que se introduziram no meio dos sinceros amigos da humanidade, e applaudi vêr o furor dos Catilinas da minha patria traçar uma profunda linha de demarcação entre elles e todas as pessoas de bem. Na historia tenho visto todos os defensores da liberdade maltratados pela calumnia. Porém seus oppressores tambem morreram! Os bons e maus desapparecem da terra, mas com differentes condições. Francezes, não consintais que vossos inimigos ousem abater vossas almas e enfraquecer as vossas virtudes com a sua pessima doutrina! Não, Chaumette, não, a morte não é um sonho eterno!... Cidadãos, apagai dos tumulos esta maxima gravada por mãos sacrilegas, e em seu logar gravai est'outra: *A morte é o principio da immortalidade.*

« Prometti, algum tempo ha, deixar um testamento formidavel aos oppressores do povo; vou publical-o desde este momento com a independencia, que convem á situação em que me colloquei: lego-lhes a verdade terrivel e a morte!

« Porque razão esses, que ha pouco vos diziam *Declaro-vos que andamos sobre vulcões*, julgam caminhar hoje sobre rosas? Hontem acreditavam nas conspirações. Declaro que acredito n'ellas n'este momento. Quem vos diz que a fundação da republica é uma empreza tão facil, engana-vos; ou antes não póde enganar pessoa alguma. Onde estão as instituições judiciosas onde está o plano da regeneração, que justificam esta ambiciosa lingoagem? Occuparam-se elles sómente de este grande objecto? Que digo! não queriam proscrever quem os havia preparado? Ha quem os louve hoje porque se julga mais fraco; logo ha de proscrevel-os amanhã, se vier a ser mais forte. Em quatro dias, segundo dizem, as injustiças serão reparadas. Porque razão se teem ellas commettido impunemente ha quatro mezes? E como hão de ser em quatro dias corregidos ou expulsos os authores dos nossos males? Fallam-vos muito de vossas victorias com uma leviandade academica, que faria acreditar que ellas não custaram a nossos heroes sangue nem trabalhos. Referidas com menos pompa, maiores pareceriam. Não é por phrases de rhetorica, nem mesmo por façanhas guerreiras, que havemos de subjugar a Europa, mas sim pela sabedoria de nossas leis, pela magestade de nossas deliberações e grandeza dos nossos caracteres. Que se tem feito para dirigir nossos successos militares em proveito de nossos principios, para prevenir os perigos da victoria ou assegurar os fructos d'ella?

« Eis-aqui uma parte do plano da conspiração. E a quem se devem imputar estes males? A nós, á nossa cobarde fraqueza para o crime e ao nosso culpavel abandono dos principios por nós mesmos proclamados. Não nos illudamos, fundar uma grande republica sobre as bases da razão e da igualdade, estreitar por um laço vigoroso todas as partes d'este imperio immenso, não é empreza que a leviandade possa consumar; é a obra prima da virtude e da razão humana. Todas as facções nascem em multidão do seio d'uma grande revolução como se hão de reprimir se não sujeitais incessante todas as paixões á justiça? Não tendes outro garante da liberdade senão a observação rigorosa dos principios de moral universal, que haveis proclamado. Que nos importa vencer os reis, se somos vencidos pelos vicios, que trazem com sigo a tyrannia!

« Por mim, cuja existencia parece aos inimigos da minha patria um obstaculo a seus projectos odiosos, consinto de bom grado em fazer-lhes o sacrificio d'ella, se o seu terrivel imperio deve ainda durar. Mas, quem poderia desejar vêr mais tempo esta horrivel successão de traidores, mais ou menos habeis em occultar sua alma horrenda sob a mascara de virtude até ao momento em que o seu crime parece maduro? que todos hão de deixar á posteridade a difficuldade de decidir qual dos inimigos da minha patria foi o mais cobarde e o mais atroz?

« Povo, lembra-te de que se na republica a justiça não reina com imperio absoluto, e de que se esta palavra não significa o amor da igualdade e da patria, a liberdade não é mais que uma palavra vã! Povo, tu a quem temem, lisongeam e despresam; tu, soberano reconhecido, que tratam sempre como escravo, lembra-te de que onde não impera a justiça dominam as paixões dos magistrados, e que o povo mudou de cadêas, mas não de destinos!

« Sabe que todo o homem, que se levantar para defender a causa da moral publica, ha de ser injuriado e proscripto pelos velhacos; sabe que todo o amigo da liberdade será sempre collocado entre um dever e uma calumnia; que os que não puderem ser accusados de haver atraiçoado, hão de ser accusados d'ambição; que a influencia da probidade e dos principios será comparada á força da tyrannia e á violencia das facções, que tua confiança e estima serão titulos de proscripção para todos os teus; que os brados do patriotismo opprimido serão chamados gritos de sedição, e que não se atrevendo a atacar-te em massa, hão de proscrever-te por partes na pessoa de todos os bons cidadãos, até que os ambiciosos tenham organisado a sua tyrannia. Tal é o imperio dos tyrannos contra nós armados, tal a influencia da sua liga com todos os homens corrompidos sempre dispostos a servil-os. Assim pois os malvados nos prescrevem a lei de atraiçoar o povo, com pena de ser chamado dictador. Estaremos nós por esta lei? Não! Defendamos o povo com risco de ser por elle assim julgados; que elles corram ao cadafalso pelo caminho do crime, e nós pelo da virtude! »

VIII. — Este longo discurso, do qual só reproduzimos o nervo, foi ouvido com um respeito apparente, que servia de mascarar os sentimentos e os rostos. Ninguem ousaria exprimir um murmurio isolado contra a sabedoria e authoridade d'um tal homem. Cada um esperava que rompesse um murmurio geral para n'elle confundir o seu. Quem se assignalasse, perdia-se. Cada um tremia em presença de todos. A hypocrisia geral da admiração tinha a apparencia d'uma approvação unanime.

Robespierre veiu sentar-se no seu banco, atravessando por entre as fileiras e as fisionomias que se esforçavam em surrir. Uma longa hesitação parecia pezar sobre a Convenção, que não sabia ainda se ía indignar-se ou applaudir. Uma revolta, era um combate travado; um applauso, a sua escravidão. No meio de suas resoluções reinava o silencio, que uma voz rompeu.

Era a de Lecointre. Pediu a impressão do discurso discurso de Robespierre, era isto fazel-o adoptar pela Convenção.

Esta proposta ía ser votatada, quando Bourdon (*de l'Oise*), que lêra o seu nome em todas as reticencias de Robespierre, e conhecia que mais uma audacia não havia de proscrevel-o mais, resolveu interrogar a coragem ou a cobardia de seus collegas. Pratico nos symptomas das grandes assembléas, o silencio da Convenção lhe parecia um começo de alforria, que uma palavra podia converter em revolta. Proferir esta palavra na assembléa, se não fosse bem aceita, era jogar a cabeça, e Bourdon a jogou.

« Opponho-me, » exclamou elle, « á impressão d'esse discurso, que contem materias assás graves para ser examinado; que póde conter erros assim como verdades. E' da prudencia da Convenção remettel-o ao exame das duas commissões de salvação publica e de segurança geral. »

Nenhuma explosão rebentou contra uma objecção,

que parecia, na vespera, uma blasphemia. O coração dos conjurados fortaleceu-se, e Robespierre ficou admirado da sua queda. Barrere olhou para elle ; julgou que nenhuma adulação era já conveniente, senão a que restabelecia um orgulho humilhado, e sustentou a impressão do discurso em termos que ambos os partidos podiam igualmente aceitar,

Couthon, animado pela defecção de Barrere, pedio não só a impressão, mas tambem a remessa a todas as communas da republica. Esta impressão triumphal é votada. A derrota dos inimigos de Robespierre está consumada, se elles não fazem retractar o voto. Vadier levanta-se e se dedica. Robespierre quer cortar a palavra a Vadier, que insiste. « Hei de fallar, » diz elle com o socego, que á virtude convem. Vadier justifica o relatorio, que fizera á cerca de Catharina Théos, e que Robespierre atacára. Dá a intender que elle tem a mão cheia de mysterios, em que seus proprios accusadores seriam involvidos, e justifica a commissão de segurança geral.

« E tambem eu entro na liça, » exclama então o austero e integro Cambon, « posto que não tenha buscado formar um partido em torno de mim. Não trago escritos preparados desde muito tempo. Todos os partidos me teem encontrado intrepido no seu caminho, oppondo á sua ambição a barreira do meu patriotismo. E' tempo em fim de dizer toda a verdade. Um só homem paralysa a Convenção nacional, este homem é Robespierre ! » A estas palavras, que soam como o pensamento comprimido de um homem de bem, Robespierre se levanta e se desculpa de haver atacado a integridade de Cambon.

Billaud-Varennes requer que as duas commissões accusadas ponham o seu procedimento em evidencia. « Não é a commissão, que eu ataco. » responde Robespierre. « Em quanto ao mais, para evitar altercações, requeiro explicar me mais completamente. — Todos nós pedimos isso ! » exclamam levantando-se duzentos membros de Montanha.

Billaud-Varennes continua · Sim, » diz elle, « Robespierre tem razão, importa arrancar a mascara de qual quer rosto que se ache ; e se é verdade que já não somos livres, prefiro que o meu cadaver sirva de throno a um ambicioso a tornar-me pelo meu silencio cumplice de seus crimes. »

Panis, muito tempo o amigo, depois o proscripto de Robespierre nos Jacobinos, lhe lança em rosto o dominar em toda a parte e de elle só proscrever os homens, que lhe são suspeitos. « Tenho o coração penetrado de dôr, » exclama Panis ; « é tempo de desabafar. Pintam-me como um facinoroso gottejando sangue e farto de rapinas, eu não tenho adquirido na revolução com que dar uma espada a meu filho, para marchar ás fronteiras, e um vestido a minhas filhas ! Robespierre fez uma lista, em que inscreveu o meu nome, e votou a minha cabeça para o primeiro supplicio em massa ! »

Um movimento de indignação contida se manifesta a estas palavras contra o tyranno. Ropespierre o affronta imperturbavel. « Arremeçando o meu escudo, » diz elle, « a descoberto me apresentei a meus inimigos. Nada retracto ; não lisongeio, não temo, não quero apoio, nem a indulgencia de pessoa alguma. Não busco fazer um partido meu : tenho cumprido o meu dever, isto me basta; compete aos outros fazer o seu... O que ! » continua elle, « teria eu a coragem de vir depositar no seio da commissão verdades, que julgo necessarias a salvação da patria, e haviam de remetter a minha accusação ao exame dos mesmos que acuso ! »

« — Quando um homem se jacta de ter a coragem da virtude, » lha brada Charlier, « cumpre que tenha a da verdade ; nomeai os individuos, que accusais ! — Sim, sim, nomeai-os ! » repete, levantando-se com gestos de desafio, um grupo da Montanha. Robespierre fica em silencio. « Este discurso crimina as duas commissões, » diz Amar. « Cumpre que o accusador nomeie os membros, que designa. Não deve um homem pôr-se em lugar de todos, nem a Convenção ser perturbada polos interesses d'um orgulho offendido. Que elle devida em artigos suas accusações e julguem-as ! » Thirion disse que a remessa de similhante discurso aos departamentos seria uma condemnação anticipada dos individuos, que Robespierre criminava. Barrére, que vê duvidosa a assembléa, tenta destruir a sua primeira adulação por palavras menos reverentes contra o homem que hesita. « Havemos de responder a esta declamação por victorias, » exclama elle. Bréard prova que a Convenção deve a si mesma a revogação do decreto, que ordena a impressão e a remessa aos departamentos d'um discurso perigoso á republica. Uma grande maioria vota com Bréard.

IX. — Robespierre, humilhado mas não vencido, conhece que a Convenção lhe escapa. Sae e se precipita, no meio d'um grupo fiel, á tribuna dos Jacobinos, onde seus amigos o acolhem como o martyr da verdade e o ferido do povo. Levado á tribuna nos braços dos Jacobinos, Robespierre lê, no meio dos movimentos e lagrimas de enthusiasmo, o discurso repudiado pela Convenção. Gritos de furor, accentos de raiva, gestos de adoração interrompem e rematam este discurso. Quando estas manifestações soccgaram, Robespierre, cançado e tomando a posição d'um padecente da democracia : « Meus irmãos, » disse elle, « o discurso, que acabais de ouvir, é o meu testamento ! — Não ! não ! has de viver ou morreremos todos ! « lhe respondem as tribunas estendendo os braços para o orador. « — Sim, é o meu testamento, » prosegue Robespierre com uma solemnidade prophetica, « isto é o meu testamento ! Hoje o vi, a liga dos malvados é de tal modo forte que não posso ter esperança de lhe escapar. Succumbo sem pesar ! Deixo-vos a minha memoria, que ha de ser-vos cára, e vós a defendereis ! »

Estas palavras supremas, esta morte proxima, este adeus, que continha uma exprobração e ao mesmo tempo uma resignação, enternecem sobremaneira o povo e os Jacobinos. Coffinal, Duplay, Payan, Buonarotti, Lebas e David se levantam, interpellam Robespierre, e o estimulam a defender a patria defendendo-se a si proprio. Henriot exclama com um gesto enfurecido, que ainda tem bastantes artilheiros para fazer votar a Convenção. Robespierre, incitado por este enthusiasmo, e attrahido pela extremidade da circunstancia alem da sua resolução, faz signal de que ainda quer fallar.

« Pois bem ! sim ! » exclama elle, « separai os máos dos fracos ! Livrai a Convenção dos malvados, que a opprimem ! Restitui-lhe a liberdade, que ella de vós espera, como em 31 de maio e 2 de junho ! Marchai, se é preciso, e salvai a patria ! Se, apezar d'estes generosos esforços, succumbimos, haveis de ver-me, meus amigos, beber a cicuta com socego !... » David, interrompendo-o a estas palavras por um grito da alma : « Robespierre. » lhe diz elle, « se tu bebes a cicuta, eu comtigo a beberei ! — Todos ! todos ! havemos de perecer comtigo ! » exclamam muitas vozes. « Perecer comtigo, é morrer com o povo ! »

Couthon, que observa com sangue frio a fermentação geral, quer aproveitar o momento para fazer dezembainhar a espada aos Jacobinos e separal-os da Convenção por um primeiro ultrage. Pede que os membros indignos da Convenção, que vê n'um canto da sala, sejam expulsos. A estas palavras, Collot-d'Herbois, Legendre, Bourdon, que tinham ido á sessão para observar as disposições e os symptomas do espirito publico, são descobertos na sombra, apontados com o dedo, insultados, e intimados a sair do meio dos patriotas. Alguns retiraram-se. Collot arremeça-se á tribuna e quer defender-se, mas as apupadas o estorvam de fallar e punhaes se agitam sobre a sua cabeça. Com difficuldade escapa elle ao furor dos Jacobinos. Payan, chegando se então ao ouvido de Robespierre, lhe propõe agitar o povo, e ir assaltar as duas commissões n'aquelle momento reunidas nas Tuilleries.

X. — O movimento estava impresso, a marcha era curta, o exito facil, o golpe decisivo. A convenção sem chefe cairia no dia seguinte aos pés de Robespierre, e daria graças ao seu vingador. Porem o dominador dos Jacobinos recuperou, durante a tempestade suscitada pela explosão de Collot, seus escrupulos de legalidade. Julgou que o coração do povo o despensaria de empregar a sua mão, e que nunca a Convenção se atreveria a tentar con-

tra uma vida cercada d'um tal fanatismo. Robespierre recusou. A esta recusa, talvez justa, mas impolitica, Coffinhal, travando do braço a Payan e puxando-o para fóra da sala: « Bem vês, » lhe disse elle, » que a sua virtude não póde consentir na insurreição; pois bem! visto que elle não quer que o salvem, vamos preparar-nos para nos defender e vingal-o! »

A estas palavras, Coffinhal e Payan se dirigem ao conselho da communa e passam a noite com Henriot a concertar para o seguinte dia um levantamento insurreccional do povo. Coffinhal, nascido nas montanhas d'Auvergne, tinha a estatura e o vigor muscular das raças alpestres do seu paiz. Era um colosso similhante a este camponez da Thracia do qual os soldados fizeram um imperador pela força fysica do seu braço. A energia de sua alma correspondia á de seus musculos. Payan foi o pensamento, Coffinhal o braço d'esta noite e do dia seguinte.

XI. — Em quanto Robespierre elevava e deixava abater assim alternativamente os Jacobinos, Saint-Just se dirigio, depois da sessão da Convenção, á commissão de salvação publica, onde não havia ainda apparecido senão um momento, como vimos, depois da sua volta do exercito. Achava-se a commissão reunida para deliberar sobre os acontecimentos do dia. Os collegas de Saint-Just o receberam com rosto severo e palavras embaraçadas. « Que te traz aqui? » lhe pergunta Billaud-Varennes. « — O relatorio, que me haveis incumbido fazer á Convenção, » respondeu Saint-Just. « — Então lê-nos esse relatorio, » prosegue Billaud-Varennes. « — Não está acabado, » replicou o moço representante. « Venho para o concertar com vosco. » O seu semblante nenhuma censura exprimia contra os seus collegas, Barrère o induzio, com palavras insinuantes, a não se deixar attrahir pela sua amisade as prevenções de Robespierre contra a commissão, e a evitar esta grande dilaceração da republica Saint-Just pensativo escutava Barrère; parecia dolorosamente repartido entre a sua adoração a Robespierre e as supplicas amigaveis de seus collegas, quando Collot-d'Herbois, arrombando com violencia a porta, com o rosto consternado, e o fato rasgado, appareceu na sala. Voltava dos Jacobinos e tinha ainda diante dos olhos os punhais alçados sobre a sua cabeça. Collot vê Saint-Just. « Então que se passa nos Jacobinos? » lhe pergunta elle. « — Tu o perguntas! » exclama Collot arremeçando-se a Saint-Just, « tu, o perguntas! tu, o cumplice de Robespierre! tu, que com Couthon e elle haveis formado um triumvirato, cujo primeiro acto é assassinar-nos!... »

Collot refere então precipitadamente a seus collegas a scena dos Jacobinos, a leitura do discurso, os incitamentos á insurreição, a expulsão dos membros da Convenção, as apupadas, as imprecações, os punhais; depois, voltando a Saint-Just, o agarra pela gola da casaca, e sacudindo-o como um lutador, que quer lançar por terra e seu inimigo: « Tu estás aqui, » lhe diz elle, « para espiar e denunciar os teus collegas. Tens as mãos cheias das notas, que contra nós vens tomar. Occultas debaixo do teu vestido o relatorio infame, cujas conclusões são a morte de nós todos. Não sairás d'aqui sem que nos apresentes essas notas o manifestes a tua infamia! » Fallando assim, Collot se esforçava para arrancar das mãos de Saint-Just e achar debaixo do seu vestido os papeis, que julgava conter as provas da sua perfidia. Carnot, Barrère, Roberto Lindet, e Billaud-Varennes se metem entre os dois adversarios, protegem Saint-Just e obrigam Collot á decencia e ao arrependimento da sua violencia. Limitaram-se a declarar a Saint-Just que não sairia da commissão sem jurar que o seu relatorio não conteria cousa alguma contra seus collegas, e sem lhes communicar o mesmo relatorio antes de o lêr á Convenção.

Saint-Just assim jurou, e com franqueza lhes disse que pediria que Collot e Billaud Varennes fossem chamados á Convenção para fazer cessar as divisões, que dilaceravam a commissão. Recusou assistir por mais tempo á sessão, onde a sua presença era suspeita a seus collegas. Depois da partida de Saint-Just, os membros da commissão decidiram, por proposta de Collot-d'Herbois, que Henriot fosse preso no dia seguinte por suas palavras nos Jacobinos, que Fleuriot, o agente nacional de Pariz, fosse chamado perante a Convenção, e separaram-se ao nascer do sol, correndo cada um a casa de seus amigos para os informar das resoluções e perigos do dia.

XII. — Tallien, Fréron, Barras, Dubois Crancé, Bourdon e seus amigos, cujo numero augmentava, não tinham dormido. Testimunhas na vespera das agitações da Convenção, informados dos tumultos dos Jacobinos, certos d'uma luta de morte para o dia seguinte, haviam empregado em conferencias, emissarios e correrias nocturnas as poucas horas, que o tempo lhes deixava para salvar suas cabeças. A sorte do combate ia depender, no exterior, da energia dos homens de acção, que tivessem de defender a Convenção com um punhado de baionetas contra uma floresta de chuços e peças d'artilheria; no interior, dos resultados da proxima sessão. Para o exterior, assentaram entregar o commando a Barras, a espada do partido; para a sessão, resolveram subtrahil-a a Robespierre privando-o da tribuna. Combater a palavra pela palavra era incerto; soffocal-a pelo silencio era mais seguro. Para isto de duas cousas se carecia: um presidente cumplice de seus inimigos: tinham este presidente em Collot-d'Herbois; uma maioria resolvida d'antemão a sacrifical-o: podiam obtel a dividindo a Montanha, reanimando a vingança no coração dos amigos de Danton, desmembrando o centro até então docil á voz do Robespierre, mais por medo que por amor; evocando em fim todas as victimas, todos os resentimentos, e accumulando-os sobre um só homem. Habeis emissarios foram empregados toda a noite em arrancar á Planice as esperanças, que se obstinava em conservar nos designios de Robespierre, e em apagar na alma d'estes restos da Gironda a gratidão, que elles lhe deviam por haver preservado os dias dos setenta e trez contra as exigencias das commissões. Tres vezes as negociações se mallograram e tres vezes de novo se entabolaram. Sieys, Durand-Maillane e alguns convencionaes influentes n'este centro, hesitavam entre as commissões, que aborreciam, e um homem, que salvára a vida de seus setenta e tres collegas, que os protegia a elles com a sua indulgencia, e cuja dictadura, finalmente, seria mais seguro abrigo que a anarchia da Convenção. Um poder não contestado modera-se. Uma luta encarniçada de ambição não deixa segurança aos actores, nem aos espectadores do combate.

O resto dos Girondinos, em grupo n'este centro, facilmente se resignavam á servidão, com tanto que esta fosse segura. Cançados estavam elles de crises, mais ainda de cadafalsos, e só pediam a vida. Os mais intrepidos, taes como Boissy-d'Anglas, aguardavam a hora da reacção, para desthronisar ao mesmo tempo os anarchistas e os tyrannos das commissões. Os outros pendiam para o partido, que lhes prometesse, não a maior influencia, mas os dias mais longos. Bourdon (*de l'Oise*) convenceu os chefes dos antigos Girondinos de que a sua salvação consistia na liberdade e equilibrio da Convenção; convenceu-os de que abandonarem-se a um dictador como Robespierre, era entregarem-se, não a um senhor, mas a um vil escravo do povo; de que este povo, que já lhe havia pedido as cabeças de tantos collegas, lh'as pediria inevitavelmente todas; de que este homem não tinha para dominar outra força além dos Jacobinos; de que a força dos Jacobinos não era mais que uma sêde inextinguivel de sangue; de que Robespierre só poderia conservar os Jacobinos saciando-os todos os dias; de que dar lhe o poder supremo, era ministrar-lhe o cutello com que os havia degollar. Bourdon socegou estes homens duvidosos ácerca das intenções das commissões; demonstrou-lhes que, extirpado que fosse Robespierre d'este grupo de decemviros, o feixe se quebraria e que as commissões, desarmadas, renovadas, ampliadas e povoadas de sens proprios membros, não seriam mais que a mão, e não a espada da Convenção. Estes motivos decidiram em fim Boissy-d'Anglas, Sieyès, Durand-Maillane e seus amigos, que juraram alliança d'uma hora com a Montanha.

XIII. — Robespierre ignorava esta separação da Planicie: contava firmemente com estes homens até ali tão

depois á sua palavra. « Nada espero já da Montanha! » dizia elle ao romper do dia aos seus amigos, que o cercavam enumerando suas probabilidades de triumpho. « Elles veem em mim um tyranno de que se querem livrar, por que pretendo ser moderador ; porém a massa da Convenção é por mim ! »

N'estas illusões o surprehendeu o dia, que elle confiado vio apparecer. Os Jacobinos lho presagiavam e preparavam a fortuna. Coffinhal discorria pelos arrabaldes ; Fleuriot fallava á camara ; Payan convocava os membros da municipalidade para uma reunião permanente ; Henriot, seguido de seus ajudantes de campo e já vacillante sobre o cavallo pela embriaguez da noite, andava pelas ruas visinhas da communa, e collocava baterias nas pontes e praça do Carrousel. Os deputados, fatigados d'uma longa privação de somno, e ainda mais da incerteza do dia, de todas as partes se dirigiam ao seu posto. O povo, desoccupado, errava pelas ruas e praças como na expectativa d'um grande acontecimento. Robespierre fazia-se esperar na Convenção. Corria voz na sala que humilhado da sessão da vespera, recusava o combate da tribuna e só tornaria a entrar na Convenção com armas na mão, e á frente da insurreição. A sua presença, a de Saint Just e Couthon, fez dissipar estes rumores.

Robespierre, vestido com mais esmero do que ordinariamente, ia com o passo lento, o modo tranquilo, e o rosto de confiança. No seu olhar se lia a certeza do triumpho. Assentou-se sem dirigir gesto, sorriso, ou vista em torno de si. Couthon, Lebas, Saint Just, Robespierre o moço exprimiam no seu ar a mesma resolução. Mostravam-se já como accusados ou senhores, e não como collegas ou iguaes. Os chefes da Planicie, sendo os ultimos a chegar, passiavam antes de entrar, nos corredores com os chefes da Montanha. Os homens destes dois partidos, separados até áquelle dia por um horror e um despreso mutuo, apertavam as mãos, e faziam gestos de intelligencia. Bourdon (de l'Oise) encontrando Durand-Maillane na galeria, que precedia a sala, exclamou : « Oh ! que honrada gente são os homens do lado direito ! » Tallien chegava-se a todos os representantes duvidosos na sala da Liberdade, d'onde se avistava a tribuna : animava uns, assustava outros ; annunciava medidas combinadas, um triumpho certo. n'alma de todos derramava sua alma , porem avistando de repente Saint-Just disposto a fallar : « Entremos, » disse elle, « eis-ali Saint Just na tribuna, é preciso acabar com isto ! » E proferindo estas palavras se arremeçou ao seu banco.

XIV. — Saint Just começava com effeito a fallar no meio dos ultimos sussuros d'uma assembléa, que se pacifica ; o seu discurso, que a morte lhe arrancou da mão, estava em muitas partes riscado, pelo que se via que era obra d'um pensamento agitado. O discurso de Saint-Just parecia um enygma, cuja explicação era a morte dos inimigos de Robespierre ; porém o orador queria deixal-a pronunciar pela Convenção. Saint-Just assignalava o ciume de alguns membros das commissões contra outro membro como a causa da perturbação sensivel, que manifestava nos orgãos do governo : fallava dos abysmos em que certos homens precipitavam a republica ; dos perigos, que lhe ia suscitar a elle proprio a sua fraqueza, da coragem, que lhe fazia arrostar estes perigos ; do pouco pesar de deixar uma vida, em que era indispensavel ser cumplice ou testimunha muda do mal. Saint-Just defendía-se da suspeita de adular um homem em Robespierre ; jurava que não tomava partido por elle, senão porque era o partido da virtude.

« Collot e Billaud, » dizia elle, pouca parte tomam ha algum tempo em nossas deliberações ; parecem entregues a vistas particulares. Billaud cala-se, ou falla sob o imperio da sua paixão contra os homens cuja perda parece desejar : fecha os olhos e finge que dorme. A esse ar taciturno succedeu a agitação desde alguns dias : a sua ultima palavra sempre lhe expira nos labios ; elle hesita, irrita-se, retracta-se depois do que disse. Chama a um homem Pisistrato, na ausencia ; presente, dá-lhe o nome de amigo. Es á silencioso, palido, com os olhos fitos, compondo suas feições alteradas. A verdade não tem este caracter, nem esta politica.... Só o orgulho, acrescentava Saint-Just, produz as facções ! Pelas facções perecem os governos ! Se a virtude não se mostrasse algumas vezes com o raio na mão, a rasão succumbiria á força. A virtude, não a reconhecem senão depois do supplicio ! E' só passado um seculo que a posteridade derrama lagrimas sobre o sepulchro dos Graccos e sobre o caminho de Sidney !... A fama é um vão ruido, exclamava elle n'outra parte, appliquemos o ouvido aos seculos passados, nada mais ouviremos ! Aquelles que, em outros tempos, por entre as nossas urnas passearem, não hão de ouvir mais. O bem, eis-aqui o que cumpre fazer !...

« Se não recuperais o vosso imperio sobre as facções se não chamais a vós o poder supremo, é mister deixar um mundo em que a innocencia não tem garantia nas cidades ; cumpre fugir para os desertos, para lá encontrar a independencia e amigos no meio dos animaes selvagens ! Preciso é deixar uma terra em que já se não tem a energia do crime, nem a da virtude !...

« Quando pela ultima vez voltei do exercito, já não conheci os rostos ! as deliberações da commissão achavam-se entregues a dois ou tres homens. Durante esta solidão é que elles tiveram a idéa de attrahir a si todo o imperio. Não pude approvar o mal, expliquei-me perante as commissões : Cidadãos, lhes disse eu, experimento sinistros presagios, tudo ante meus olhos se disfarça ; porém hei-de estudar tudo, e tudo o que não se assimilhar ao puro amor do povo e da republica será por mim odiado. Annunciei que se me incumbisse do relatorio, que me queriam confiar, havia de ir á origem. Collot e Billaud insinuaram que neste relatorio não convinha fallar do Ente Supremo, nem da immortalidade da alma. Abstiveram-se destas idéas, acharam-nas indiscretas, envergonharam-se da Divindade ! Depois de varias insinuações encobertas, mas mortaes, contra os inimigos de Robespierre, Sant-Just terminava deste modo : « O homem affastado das commissões pelos mais crueis tratamentos, justifica-se perante vós. Não se explica, é verdade, claramente ; porém o seu apartamento e a afflicção de sua alma podem desculpar alguma cousa. Constituem-no em tyranno da opinião, imputam-lhe como crime a sua eloquencia. E que direito exclusivo tendes vós sobre a opinião, vós, que achais uma tyrannia na arte de commover e convencer os homens ? Quem vos estorva de disputar a estima da patria, vós, que achais máo que a captivem ? Ha por ventura triumpho mais innocente e desinteressado ? Catão expulsaria de Roma o máo cidadão que fallasse como vós ! Assim a mediocridade ciosa quereria conduzir o genio ao cadafalso ! Tendes visto oradores sob o sceptro dos reis ? Não, o silencio reina em roda dos thronos, a persuasão é a alma das nações livres. Immolai os homens mais eloquentes, em breve chegareis a coroar os mais invejosos !

« Robespierre não se explicou hontem bastante. Existiu um plano de usurpar o poder immolando alguns membros das commissões Billaud Varennes e Collot-d'Herbois são os culpados ! Não concluo contra os que nomeei, accuso-os ! Desejo qne se justifiquem e nos termos mais judiciosos ! »

Vê se que este discurso insinuava a morte e não a ordenava. Saint-Just, imitando nisto o seu mestre, só queria mostrar a espada e designar as victimas. Louvava-se no receio e servidão da Convenção para ferir com o ferro os que houvesse ferido com uma suspeita.

XV. — Porém Saint-Just não devia mesmo acabar este gesto. Apenas havia pronunciado algumas phrases vagas. Tallien, não podendo moderar sua impaciencia, se levanta, interrompe o orador, e pede a palavra para regular a deliberação.

Collot-d'Herbois, que teme o ascendente de Saint-Just sobre a assembléa, concede logo a palavra a Tallien. « Cidadaos, « Cidadãos, » diz Tallien, « Saint-Just acaba de vos dizer que não pertence a facção alguma ; o mesmo digo eu ; por isso vou fazer ouvir a verdade. Em toda a parte suscitam a desordem. Hontem, um membro do governo separou-se d'elle e pronunciou um discurso em seu nome particular ; hoje outro membro faz o mesmo. Veem ainda agravar os males da patria, dilaceral-a, precipital-a no abismo. Peço que se rasgue

inteiramente o véo! » Um grande applauso, tres vezes repetido, annuncía a Tallien que a Convenção participa da sua colera. Billaud-Varennes levanta-se, mais pallido e com o exterior mais tragico que de ordinario. « Hontem, » diz elle com voz surda e indignada, « a sociedade dos Jacobinos estava cheia de homens subornados. Ali manifestavam a intenção de assassinar a Convenção! ... »

Um movimento de horror interrompe a denuncia de Billaud, que faz um gesto indicativo com o dedo para a Montanha. « Estou vendo na Montanha, » exclama elle, « um desses que ameaçavam os representantes do povo! .. — Prendam-no! prendam-no! » bradam de todos os bancos. Os porteiros prendem o homem, e o levam para fóra da sala.

« O momento de dizer a verdade é chegado, » prosegue então Billaud. « Depois do que se tem passado, admiro-me de vêr Saint-Just na tribuna. Elle havia promettido ás commissões mostrar-lhes o seu relatorio. Não deve a assembléa dissimular a si que se acha entre dois fogos. Ha de parecer se fôr fraca! » — Não, não! exclamam ao mesmo tempo todos os membros da Convenção levantando-se e agitando os chapéos. As tribunas, incitadas por este movimento, respondem por gritos de: « Viva a Convenção! viva a commissão de salvação publica! »

« E tambem eu, » prosegue Billaud, « requeiro que todos os membros se expliquem n'esta assembléa! Mui forte é quem por si tem a justiça, a probidade e os direitos do povo! Haveis de estremecer de horror quando souberdes a situação em que vos achais; quando souberdes que a força armada está confiada a mãos parricidas; que Henriot foi denunciado á commissão como cumplice dos conspiradores! Haveis de estremecer quando souberdes que ha aqui um homem (*Billaud lança um olhar obliquo para Robespierre*) que quando se tratou de enviar representantes do povo aos departamentos não achou na lista que lhe foi apresentada, vinte membros da Convenção, que lhe parecessem dignos desta missão! »

Uma sublovação de orgulho offendido se manifesta em todos os bancos onde tem logar os representantes que foram chamados dos departamentos.

Quando Robespierre vos diz que se affastou da commissão porque ali estava opprimido, » continua Billaud, « tem cuidado de vos dissimular a verdade. Não vos diz que o fez porque depois de haver dominado só por espaço de seis mezes a commissão, ali achou resistencia no momento em que pretendeu fazer adoptar o decreto 22 do *prairial*, esse decreto, que nas mãos impuras, que elle escolhera, podia ser funesto aos patriotas! ...

A indignação e o terror comprimido se manifesta e interrompe Billaud. « Sim, sabei, » prosegue elle, « que o presidente do tribunal revolucionario propoz hontem claramente nos Jacobinos a expulsão dos membros da Convenção, que se devem sacrificar. Porem o povo está ali! — « E' verdade! é verdade! » respondem as tribunas preparadas por Tallien. — « Mas os patriotas saberão morrer para salvar a representação! » Novos applausos suspendem a palavra nos labios do orador. « Eu o repito » prosegue Billaud Varennes, « saberemos morrer! Não ha um unico representante que quizesse viver sujeito a um tyranno...

« — Não! não! morrão os tyrannos! » responde um clamor unanime. Billaud continúa:

« Os homens, que de continuo fallam em justiça e virtude, são os que as calcam aos pés. Requeri a prizão d'um secretario da commissão de salvação publica, que roubou a nação, e Robespierre foi o unico, que o protegeu. »

O povo das tribunas bate com os pés de indignação contra o supposto protector do roubo.

« E é a nós, que elle accusa! » exclama Billaud prolongando uma voz queixosa. « Pois, homens que se acham isolados, que não conhecem pessoa alguma, que passam dias e noites na commissão, que organisam as victorias... (*as vistas se dirigem para o integro e laborioso Carnot*), estes homens seriam conspiradores? E os que não abandonaram Hebert senão quando já lhes não foi possivel favorecel-o, serão os homens virtuosos! »

A Planice mostra-se indignada.

« Quando denunciei pela primeira vez Danton á commissão, » accrescenta o orador, « Robespierre levantou-se como um furioso, dizendo que eu queria perder os melhores patriotas. »

A Montanha e os antigos amigos de Danton parecem admirados da revelação, que desculpa Robespierre pela bocca do seu accusador.

« Porem o abismo está sob os vossos passos, » lhes brada Billaud. « Cumpre enchel-o com os nossos cadaveres, ou precipitar nelle os traidores! »

As palmas começam de novo com mais unanimidade, e acompanham Billaud-Varennes até ao seu banco.

XVI. — Robespierre se arremeça então palido e convulso á tribuna, d'onde a sua inviolabilidade acaba de desapparecer. « *Fóra o tyranno! fóra o tyranno!* » vocifera a Montanha. Estes gritos, que augmentam a cada movimento dos labios de Robespierre, lhe abafam inteiramente a voz. Tallien corre á tribuna, afasta Robespierre com o cotovelo e falla no meio d'um silencio de favor geral.

« Ha pouco pedia eu que se rasgasse o véo, » diz Tallien, está emfim rasgado; os conspiradores acham-se desmascarados, serão anniquilados, a liberdade hade triumphar!... — Sim! sim! já triumpha, acabai o seu triumpho, « lhe respondem os Montanhezes. — Tudo prognostica, » prosegue Tallien, « que o inimigo da representação nacional vae cahir a seus golpes. Até aqui guardava eu silencio porque sabia d'um homem que se approximava do tyranno, que elle havia feito uma lista de proscripções. Porém assisti hontem á sessão dos jacobinos, vi, ouvi, tremi pela patria! Vi formar-se o exercito do novo Cromwell, e armei-me d'um punhal para lhe trespassar o coração, se a Convenção nacional não tivesse a coragem de o mandar pôr em accusação!... »

Fallando deste modo, Tallien puchou por um punhal, penhor de liberdade ou vingança dado pela mulher, que elle estimava: apontou este punhal ao peito de Robespierre, que recúa, sem todavia abandonar a tribuna ao seu inimigo. A este gesto, a este movimento desesperado de Tallien, a sua intrepidez se communica aos mais irresolutos. Todos intendem que o punhal assim puchado já não póde ser embainhado, senão tinto do sangue de Robespierre, ou do proprio sangue delles.

« Porém, nós republicanos, « continúa Tallien com voz mais socegada, « accusamos o tyranno com a lealdade da coragem ante o povo francez! Não, por mais que esperem os partidarios do homem, que denuncio, não ha de haver 31 de maio, não haverão proscripções. A justiça nacional só castigará os malvados! »

« Toda a sala se associa por seus applausos ao voto de vingança e clemencia de Tallien.

« Requeiro a prisão de Henriot, para que a força armada não seja por seus chefes desencaminhada. Depois pediremos o exame do decreto de 22 do *prairial*, promulgado só por proposta do homem, que nos occupa. » Os labios de Tallien pareciam ter repugnancia em pronunciar o nome de Robespierre.

O centro applaudio esta perspectiva de segurança restituida á Convenção. « Não somos moderados, » prosegue Tallien dirigindo-se á Montanha (*a Montanha applaudio esta asserção*), « mas queremos que a innocencia não seja opprimida.... » A Planicie agita-se e applaude esta promessa de humanidade. Todos os partidos se confundem á voz de Tallien n'um odio e n'uma esperança commum. « Hontem, » prosegue elle para acabar com o seu inimigo, hontem ousaram ultrajar um representante do povo, que sempre se achou na brécha da revolução. Que todos os patriotas despertem! Chamo todos os antigos amigos da liberdade, todos os Jacobinos antigos, todos os periodiqueiros republicanos! Que elles comvosco concorram para salvar a liberdade!... Haviam lançado sobre mim os olhos. Com valor teria eu levado a minha cabeça ao cadafalso, porque diria a

mim mesmo: Um dia virá em que minhas cinzas serão recolhidas com as honras devidas a um patriota sacrificado por um tyranno! O homem, que a meu lado está na tribuna, é um novo Catilina! Ninguem dirá que me intendo com os membros das commissões, porque os não conheço. Depois da minha missão, tenho sido cercado de desgostos. Robespierre queria isolar-nos e atacar-nos alternativamente, para ficar só com os seus homens devassos e perdidos de vicios! Requeiro que decretemos a permanencia da nossa sessão até que a espada da lei tenha assegurado a republica e castigado suas criaturas!»

XVII. — As proposições de Tallien são votadas por acclamação. Billaud-Varennes accrescenta á lista das prisões decretadas Dumas, vice-presidente do tribunal revolucionario. Delmas ajuntou áquella lista todo o estado maior de Henriot. Robespierre quer emfim fallar. Novos gritos de: *Fóra o tyranno!* o estorvam. Numerosas vozes chamam á tribuna Barrère, que lá sobe em nome da commissão de salvação publica. A noute e os symptomas da victoria mudaram suas convicções. Elle ataca Robespierre, que na vespera sustentara.

«Querem,» disse Barrère, produzir movimentos no povo, pretendem apoderar-se do poder nacional a favor d'uma crise preparada. As commissões são o escudo, o asylo do governo. Em quanto refutamos os factos, que Robespierre enuncia, nós vos propômos medidas requeridas pela tranquillidade publica. Estas medidas são a extincção do commando da força armada, e do seu estado maior.» Barrère propoz que fossem annunciadas estas medidas ao povo por uma proclamação. «Cidadãos,» dizia esta proclamação, «a liberdade está perdida se em balança pomos alguns homens e a patria. O governo revolucionario é atacado no meio de nós. Se não vos reunís á representação nacional, o povo francez fica abandonado a todas as vinganças dos tyrannos.»

A opinião de um homem tal como Barrère, que só abandonava os fracos, decide os mais indecisos. Todos os que não sentem horror do dominio de Robespierre fingem-no. A proclamação é adoptada. Robespierre sorri-se de compaixão e fica immovel na tribuna, como se nada fosse ainda desesperado na sua fortuna, em quanto esta tempestade della o não precipitasse. Encostado á balaustrada, com os braços encruzados sobre o peito, os labios contrahidos, os musculos das faces palpitantes, os olhos umas vezes dirigidos para a Montanha, outras para a Placinie, via-se passar a sua physionomia da impaciencia á resignação, e da colera ao despreso. Victima abatida mas ainda não immolada, podia restabelecer-se e recuperar o ascendente sobre seus inimigos. Muitas vezes olhava para a entrada da sala, e parecia escutar no exterior a voz ou os passos do povo tardio em soccorrel-o.

O velho Vadier, presidente da commissão de segurança geral, largo tempo amigo e ora o mais encarniçado dos inimigos de Robespierre, a quem acotovela subindo á tribuna, succede a Barrère. «Até ao dia 22 do *prairial*,» disse Vadier, «não tinha eu aberto os olhos sobre essa personagem astuciosa, que soube pôr todas as mascaras, e que, quando não póde salvar suas criaturas, as envia á guilhotina. Ninguem ignora que elle defendeu claramente Bazire, Chabot, Camillo Desmoulins e Danton! O tyranno, é o nome, que lhe dou, queria dividir as duas commissões. Se a mim se dirigia principalmente é porque fiz contra a superstição um relatorio, que lhe desagradou Sabeis porque? Havia debaixo dos colxões da *Mãi de Deus*, Catharina Théos, uma carta dirigida a Robespierre. Annunciavam-lhe que a sua missão estava escrita nas prophecias, que elle havia de restabelecer a religião sem sacerdotes e ser o pontifice do culto novo!..»

A estas palavras, toda a assembléa se ri. O ridiculo degrada mais o tyranno do que o ultrage. Vadier goza maliciosamente do sentimento que excita; Robespierre encolhe os hombros e Vadier prosegue: «Ouvindo este homem, é elle o unico defensor da liberdade: desespera della, e vae abandonar tudo, é dotado de rara modestia... Tem por eterno estribilho: *Sou opprimido, vedam-me a palavra*, e elle é só quem falla; porque cada uma de suas palavras é uma vontade cumprida. Diz elle: Fulano conspira contra mim, logo fulano conspira contra a republica! Mandava seguir por espiões os passos de cada deputado. O meu seguia-me até ás mezas em que eu me assentava.

«Peço, diz Tallien, fazer voltar a discussão á verdadeira questão.»

«Eu saberei fazel-a voltar,» exclama Robespierre emfim adiantando-se alguns passos. Os brados, as pateadas, o tumulto concertado da Montanha cobrem de novo a voz do dictador. Tallien se arremeça e com o gesto o affasta. «Deixemos,» disse elle, «estas particularidades por importantes que sejam. Não ha um de nós que não tivesse a apresentar contra elle um acto de inquisição ou tyrannia. Porém é sobre o discurso, que elle pronunciou hontem nos jacobinos, que chamo todo o vosso horror! E' lá que o tyranno se descobre, lá é que eu o quero lançar por terra! Este homem, cuja virtude e patriotismo era tão celebrado; este homem, que na epoca de 10 de agosto não viram apparecer senão tres dias depois da revolução; este homem, que devia ser nas commissões o defensor dos opprimidos, os abandonou ha seis semanas para os vir calumniar em quanto elles salvavam a patria...»

«— E' isso, é isso!» exclamam de todos os lados.

«— Se eu quizesse,» acaba Tallien, «mencionar todos os actos de oppressão, que têem tido lugar, provaria que no tempo em que Robespierre foi incumbido da policia geral é que elles se commetteram!»

Robespierre arremeça-se indignado ao lado de Tallien. «E' falso!» exclama elle estendendo a mão, «eu...» O tumulto lhe interrompe de novo a phrase e desarma Robespierre mesmo da sua coragem. Mais irritado da injustiça que desconcertado do numero de seus inimigos, desce com precipitação os degráos da tribuna, sobe os da montanha, arremeça-se ao meio de seus antigos amigos e lhes supplica que lhe façam conceder a palavra Todos aquelles a quem se dirige voltam a cabeça. «Retira-te destes bancos d'onde as sombras de Danton e de Camillo Desmoulins te repellem,» exclamam os montanhezes. — E' pois Danton, que pretendeis vingar?» prosegue Robespierre como cheio de admiração e remorsos. Então desce ao centro, e dirigindo-se com ar de supplicante aos restos da gironda: «— Pois bem!» lhes disse elle, «é a vós, homens puros, que venho pedir asylo, e não áquelles bandoleiros.» Dizendo estas palavras, assenta-se n'um lugar desoccupado n'um banco do centro. «— Miseravel!» lhe bradam os Girondinos, «esse era o lugar de Vergniaud!» A este nome, Robespierre se levanta sobresaltado e se affasta com espanto.

Proscripto de todos os partidos, na tribuna de novo se refugia. Irado se dirige ao presidente, mostrando-lhe o punho. «Presidente de assassinos,» lhe brada elle, «queres conceder-me a palavra? — Has de tel-a quande te tocar!» lhe responde Thuriot, a quem Collot-d'Herbois acabava de ceder a presidencia «Não! não!» responderam os conjurados decididos a fulminar sem ouvir. Robespierre obstina-se em faliar, mas a bulha o estorva, e a sua voz enrouquece e inteiramente se extingue. «— O sangue de Danton te suffoca!» lhe brada Garnier (de l'Aube), amigo e compatriota de Danton. Este dicto acaba Robespierre. A voz de um representante pouco conhecido, chamado Louchet, faz ouvir emfim as palavras, que estavam em todos os labios e ninguem ousava pronunciar. «Requeiro,» exclama Louchet, «o decreto de prisão contra Robespierre!»

XVIII. — A grandeza da resolução, o perigo exterior, o longo respeito paralysão um momento a Convenção. Parece que vai attentar, na pessoa de Robespierre, contra a magestade e divindade do povo. O silencio procede a explosão. A assembléa hesita. Os conjurados conhecem o perigo. Algumas mãos nos bancos da Montanha dão o signal dos applausos á proposta de Louchet. Estas palmas se propagam, prolongam-se augmentão; até que emfim se tornam um longo e unanime applauso. Neste momento um mancebo se levanta, não obs-

tanto os esforços de seus collegas, que o querem impedir. Era o irmão de Robespierre, innocente, estimado, puro dos crimes e da tyrannia exprobrada ao seu sangue. « Eu sou tão culpado como meu irmão, « diz este mancebo com um ar que desdenha a supplica e recusa a indulgencia, « tenho participado de suas virtudes, quero participar da sua sorte ! » Algumas exclamações de admiração e piedade respondem a esta dedicação fraternal. A totalidade, indifferente ou impaciente, aceita o sacrificio sem o honrar mesmo com a sua attenção.

Robespierre esforça-se de novo para fallar, já não por si, mas por seu irmão. « Aceito a minha condemnação, mereci o vosso odio ; porém crime ou virtude, meu irmão não é culpado do que em mim castigais ! » Pateadas e surdas invectivas lhe respondem. Debalde se volta elle umas vezes para o presidente, para a Montanha e a Planice, afim de obter o direito de defender seu irmão. Todos temem a sua voz, desconfiam de uma commoção, receiam a natureza.

« Presidente, » exclama Duval, « ha de dizer-se que um homem é o senhor da Convenção ? — Mui largo tempo o tem elle sido ! » diz uma voz. « — Ah ! quão difficil é abater um tyranno ! » exclama emfim Fréron com o gesto de um braço, que com o machado corta uma arvore. Estas palavras e este gesto parecem desarreigar Robespierre da tribuna e sublevar a Convenção. «— Votos ! votos ! a prisão ! » Este desejo geral violenta a fingida clemencia do presidente, e a prisão é votada por unanimidade. Todos os membros se levantam e bradam : « — *Viva a Republica* ! — A republica ? » exclama Robespierre com ironia, « está perdida, porque os salteadores triumpham ! » E dizendo estas palavras desce com os braços cruzados, para junto da tribuna.

Lebas, que estava assentado ao lado do moço Robespierre, levanta-se tambem e generosamente se separa dos proscriptores do seu amigo. « Não quero, diz elle, « participar do opprobrio deste decreto, requeiro a prisão contra mim ! Lebas é confundido no decreto, que ordena a prisão de Robespierre e seu irmão, e de Chouthon e de Saint Just. Barrère, instrumento insensivel e mecanico da Convenção, redige á pressa os decretos contra os seus collegas da vespera.

Em quanto Barrère escreve : « Cidadãos ! » diz Fréron para não deixar afrouxar a colera da Convenção, « é agora que a patria e a liberdade vão sair de suas ruinas ! Pretendiam formar um triumvirato, que fizesse lembrar as proscripções de Sylla ! Estes triumviros, Robespierre, Couthon e Saint Just, queriam fazer de nossos cadaveres degraos para subirem ao throno !... — Eu aspirar ao throno ! » diz com melancolica ironia Couthon levantando o capote, que lhe cobria os joelhos, e mostrando com o gesto suas pernas tolhidas.

Collot sobe outra vez á cadeira da presidencia : « Cidadãos ! » diz elle, « acabais de salvar a patria. A patria, com o seio dilacerado, não vos fallou de balde. Diziam que era mister renovar contra vós o 31 de maio !...

« — Mentes ! » lhe brada Robespierre do pé da tribuna. A esta palavra, que a Convenção finge tomar por ultrage, os gritos da Montanha augmentam. Exigem que os accusados sejam postos em lugar separado. Por um resto de respeito, os porteiros hesitam em conduzir Robespierre, que resiste ás ordens ; mas os gendarmes o agarram pela braço, e o arrastam com os seus co-réos. Robespierre caminha como um combatente ainda animado do calor da peleja, Saint Just como um discipulo orgulhoso de participar da sorte do seu mestre. Couthon como uma victima já mutilada, os outros dois como innocentes, que voluntariamente acceitam a pena do crime, para não renegarem suas doutrinas e seus amigos. Alli mudos e degradados da classe de representantes, são compellidos a ouvir, á vista das tribunas, as longas declamações de Collot-d'Herbois e as felitações, que a sua queda arrancava da bocca dos seus aduladores da vespera. A's tres horas, fechada a sessão, os gendarmes conduziram os accusados atravez da praça do Carrousel ao palacio de Brionne, onde se reunia a commissão de segurança geral: A multidão de espectadores e deputados corria a contemplar este grande jogo da fortuna. Robespierre e seu irmão, de braço dado em signal de uma indivisivel amisade até na morte, caminhavam adiante ; Saint-Just e Lebas os seguiam, socegados e tristes. Depois gendarmes conduziam Couthon n'uma cadeira de braços. Sarcasmos, gargalhadas, e maldições os acompanhavam.

XIX. — No mesmo momento, muitos carros, contendo quarenta e cinco condemnados, sahiam do pateo o palacio, e se dirigiam pelo faubourg Santo Antonio para o cadafalso. Alguns amigos dos condemnados e varios cidadãos generosos, sabendo que a Convenção acabava de se dilacerar, e julgando que a clemencia ia por si mesma sahir da tyrannia destruida se arremeçaram após os carros e os faziam retrogradar, aos gritos de : *Perdão* ! repetidos pelo povo. Henriot, para quem a continuação do terror era o signal do poder, montou a cavallo com um grupo de seus satellites, dispersou ás pranchadas os cidadãos compassivos e fez acabar o supplicio.

Na vespera, sessenta e duas cabeças haviam cahido entre o primeiro discurso de Robespierre e a sua queda. Deste numero era a de Roucher, author do poema dos *Mezes*, estes *Fastos* francezes, e a do moço poeta André Chénier, a esperança então, depois o eterno lucto, da poesia franceza. Estes dois poetas estavam assentados ao lado um do outro, com as mãos atadas atraz. Com socego fallava do outro mundo, com desprezo do que deixavam; desviavam os olhos do rebanho de escravos e recitavam versos immortaes, como a sua memoria. Ambos mostraram a constancia de Socrates. Porém André Chénier já sobre o cadafalso, batendo com a cabeça n'um barrote da guilhotina : « E' fatalidade, » disse elle, « eu tinha aqui alguma cousa ! » Singular e pathetica exprobração ao destino, que se queixa não da vida, mas do genio cortado antes de tempo. Terminado o supplicio, Henriot voltou a passos vagarosos e como triumphante atravez o faubourg. A França, como Ophélia, a louca de Shakspeare, da cabeça arrancava e lançava aos seus pés, banhados no sangue os florões da sua propria corôa.

LIVRO LXI.

I. — A hora era difficil e critica. As duas commissões de governo haviam ficado nas Tuilleries durante a suspensão da sessão da Convenção. Esta suspensão era um perigo, porque a Convenção não tinha naquelle momento outra força mais do que a si propria. Dar um momento á reflexão, era expôr á volta da tyrannia. A coragem não é mais que um accesso nos corpos politicos. Por isso, os conjurados contra Robespierre, inquietos dos caprichos da maioria e das irresoluções de opinião d'uma assembléa exhausta de força, haviam preferido o perigo de operar sósinhos ao de consultar a Convenção a cada medida reclamada pela necessidade.

Depois d'um breve interrogatorio na commissão de segurança geral, Robespierre foi enviado para o Luxembourg, seu irmão para São Lazaro, Saint-Just para os Escocezes, Lebas para a Force, e Couthon para *Bourbe*. Fracas esquadras de gendarmes conduziram cada um dos accusados á sua prisão. Nenhum delles ahi foi recebido.

Affirmaram que o terror destes grandes nomes havia infundido respeito aos carcereiros, e nenhuma prisão ousou abrir-se aos senhores da vespera. Porém a masmorra, que recebera Danton, podia bem abrir-se a Robespierre. Além disto, se o nome de Robespierre podia fazer hesitar o carcereiro do Luxembourg, os nomes de Lebas, do irmão de Robespierre, de Saint Just e de Couthon, não tinham todos o mesmo prestigio. Como é que carcereiros de tantas prisões diversas situadas nas extremidades oppostas de Pariz, que expunham as vidas desobedecendo ás ordens das commissões, foram dominados pelo mesmo respeito, á mesma hora, da mesma fórma e á vista de accusados tão differentes ? O segredo deste mysterio está na politica temeraria, mas astuciosa, dos directores do movimento. Elles anteviam, affirmam os homens daquelle tempo, com o instincto do odio e do medo, que o tribunal revolucionario, dedicado a Robespierre, absolveria os accusados, que mudar o tribu-

nal era uma medida que exigiria tempo; que ainda recomposto o tribunal revolucionario, o mesmo processo seria longo e terrivel: que o povo, apinhado por largos dias em torno do tribunal, não consentiria lhe arrancassem o grande accusado; finalmente que falhavam completamente motivos serios de accusação contra Robespierre; e que, se elle tornasse a entrar absolvido na Convenção, como Marat, havia de lá entrar não como justificado, mas sim como accusador. Estes motivos determinaram os Thermidorianos. Era-lhes preciso duas cousas: uma acção prompta, e um delicto apparente. Haviam elles impellido Robespierre até á borda do crime; importava precipital o nelle; aos olhos da representação nacional, e dar ao sacrificio prompto e irremissivel do tyranno da Convenção o pretexto d'uma insurreição do povo tentada por elle.

Em quanto as commissões enviavam os accusados, assim dispersos, em alto dia, e atravez os bairros populosos, á sua prisão, emissarios confidenciaes levavam aos carcereiros destas differentes prisões a insinuação verbal e secreta de não receberem os réos. Repellidos das portas de sua prisão, não podiam deixar de se formar ajuntamentos em torno delles, e de os acompanhar em triumpho. Haveria deste modo um crime a punir na sua desobediencia apparente. Por perigosa que fosse a sedição do povo, ella o era aos olhos dos inimigos de Robespierre menos que as perplexidades da Convenção, o julgamento e a execução de Robespierre. Tal é a versão dos velhos testemunhos ou actores deste obscuro dia. Ella é admissivel apesar da sua inverosimilhança. Porém é tambem provavel que pessoas do partido de Robespierre se evadissem da Convenção no momento em que se ordenava a prisão, e corressem a intimar aos carcereiros a recommendação ameaçadora de não receberem os accusados. Seja como fôr, o acontecimento justificou a profundeza e a temeridade perfida desta concepção. Repellidos da porta das prisões a que foram levados, os accusados em breve se viram arrebatados aos seus guardas, cercados por grupos de Jacobinos, e conduzidos em triumpho. Da sua parte, Payan e Coffinhal haviam lançado tropeis de gente em busca dos accusados para os libertar. O mesmo pensamento, com intenção contraria, saía no mesmo momento do hotel de ville e da commissão de segurança geral: aquelles querendo dar um chefe, e estes um pretexto á insurreição.

II. — Porém longe estava a insurreição de ser um passo sem perigo para os inimigos de Robespierre. Estava ella imminente e organisada desde a manhã n'uma parte do povo de Pariz. Só esperava um signal. O seu centro estava no hotel de ville. Fleuriot, Payan, Dobsent, Coffinhal, Henriot lá se achavam em permanencia desde a manhã. Os jacobinos estavam tambem em sessão permanente sob a presidencia de Vivier. A communa recebia de minuto em minuto a repercussão da convenção. A' primeira noticia da agitação de Robespierre, nomeou ella uma commissão de execução composta de doze membros. Cada um delles correu a fallar, insurgir e armar as secções. A praça do hotel de ville cobria-se de baionetas. Os artilheiros de Henriot com suas peças e gendermeria nacional alli juravam livrar a Convenção dos seus oppressores. O toque de rebate soava em algumas torres das extremidades de Pariz. O tambor tocava á chamada nas ruas populosas dos bairros de Santo Antonio e Saint Marceau. A guarda nacional, costumada aos triumphos da communa, de todos os lados corria a seus postos. Os cáes, as pontes, as praças, que rodeiam o hotel de ville até á Ponte Nova, não eram mais que um acampamento.

Os arredores das Tuillerics pelo contrario estavam despejados, desertos e silenciosos como um solo suspeito. A gente dos faubourgs acudia em bandos ameaçadores, chamada pelos ajudantes de campo de Henriot e pelos emissarios de Coffinhal. Tudo presagiava a victoria aos vingadores de Robespierre. Já elles mostravam a insolencia. Um enviado da Convenção, apresentando-se na communa para lhe significar o decreto de prisão de Henriot e chamar Payan e Fleuriot á barra, foi vilipendiado, insultado, espancado nas escadas do hotel de ville. Pedindo este homem um recibo do decreto: «Vai dizer aos que te inviam,» respondeu o chefe da municipalidade Fleuriot, «que n'um dia como hoje não se dá recibo. E dize a Robespierre que não tenha medo, que o povo vela por elle! — Vai dizer mais aos malvados, que ultrajam este grande cidadão,» acrescentou Henriot com uma jura de quartel, «que estamos aqui deliberando para os exterminar!»

A prisão de Robespierre, annunciada alguns momentos depois por cumplices evadidos das tribunas, levou até ao frenezi a exaltação da communa. Henriot desembainhou a espada e jurou conduzir prezos á cauda do seu cavallo os malvados, que se atreviam a tocar no idolo do povo. Em pé, cercado dos seus ajudantes de campo, em torno d'uma mesa coberta de garrafas, na ante-sala do hotel de ville, Henriot buscava os conselhos na embriaguez e coragem nas imprecações. Durante esta orgia do commandante geral, o chefe da municipalidade fallou ao conselho em termos, que colloriam sem desmascarar inteiramente a insurreição. Payan redigio uma exposição na qual denunciava ao povo os oppressores do mais virtuoso dos patriotas: Robespierre; Saint Just, o apostolo da virtude; e Couthon, «que só tem vivo o coração e a cabeça,» dizia Payan, «e cujo corpo já foi consumido pela chamma do patriotismo!»

III. — Tomadas estas deliberações, Henriot monta a cavallo com uma pistola na mão, galopa para o Luxembourg, traz com sigo um pelotão de gendarmaria, discorre pela rua do Saint Honoré, reconhece Merlin de Tionville na multidão, prende-o injuria-o e o entrega a um corpo de guarda. Chegado á grade do Carrousel, Henriot quer alli penetrar, mas os granadeiros da Convenção em pequeno numero calam baioneta contra o peito do seu cavallo. Um official da Convenção apparece a este ruido. Brada aos soldados: «Prendam esse rebelde! Um decreto vol-o ordena.» Os gendarmes obedecem á lei, prendem o seu general, que fazem apear, amarram-no com os seus boldriés e o metem embriagado n'uma das salas da commissão de segurança geral.

IV. — Em quanto Henriot succumbia assim ás portas da Convenção, Saint Just, Lebas e Couthon eram conduzidos em triumpho por seus libertadores para a praça do hotel de ville. O conselho municipal chamava a grandes brados Robespierre. Sabia-se pelo rumor publico que o carcereiro do Luxembourg recusára recebel-o. Perguntavam uns aos outros se os malvados da Convenção teriam assassinado o virtuoso cidadão no mesmo acto da sua obediencia á lei. Ignoravam-se os motivos da ausencia de Robespierre. Fleuriot, Payan, Coffinhal bem depressa tranquilisaram o conselho, e augmentaram o enthusiasmo pelo enternecimento sobre tanta abnegação. Eis o que se havia passado:

Robespierre queria morrer ou triumphar puro, ao menos na apparencia, de toda a cumplicidade na insurreição. Rodeado á porta do Luxembourg e instado a pôr-se á frente do povo para punir a Convenção, obstinadamente se deixou ficar entre os gendarmes, e fez-se conduzir, sempre guardado por elles, ao deposito da municipalidade, palacio occupado depois pela perfeitura de policia. Alli as instancias dos jacobinos e as mensagens de Fleuriot e Payan não poderam decidil-o a violar a ordem da sua prisão. Preso por uma lei dos seus inimigos, queria, ou triumphar, ou succumbir vencido pela lei. Acreditava na sua absolvição pelo tribunal revolucionario. Ainda mesmo que houvesse de ser condemnado, a morte d'um justo como elle, dizia Robespierre, era menos funesta á republica que o exemplo d'uma revolta contra a representação nacional. Robespierre, preso assim voluntariamente tres horas na prefeitura de policia, sómente cedeu a uma patriotica violencia de Coffinhal, que foi dispersar os seus gendarmes, arrebatal-o da prisão, e leval-o em seus braços até á sala do conselho geral do hotel de ville. «Se ha crime, será meu; se ha gloria, para ti a gloria e a salvação do povo!» lhe diz Coffinhal. «Os escrupulos pertencem ao crime, jámais á virtude. Salvando-te, tu salvas a liberdade e a patria. Ousa ser criminoso por este preço!»

V. — Porém no mesmo momento em que Robespierre, mais levado do que arrastado por Coffinhal, entrava na sala do conselho geral e recebia os abraços de seu irmão, de Saint Just, de Lebas e Couthon, chegou a noticia da prisão de Henriot. Coffinhal, sem perder um instante, desce á praça, falla a alguns pelotões de seccionarios, arma-se d'uma espingarda com baioneta, e marcha á frente d'esta columna, á commissão de segurança geral. Com aquella arma na mão arremeça-se aos corredores e salas exteriores das Tuilleries onde se reunia a commissão. Ali encontra Henriot adormecido no seu vinho. Solta-o e o faz montar a cavallo, que estava ainda atado á grade do Carrousel, e o conduz aos seus artilheiros. Henriot acordado, animado, solto e ardendo em desejos de vingar a sua vergonha, corre ás baterias e assesta os canhões contra a Convenção.

VI. — Eram sete horas da tarde. Era a hora em que os deputados dispersos tornavam a entrar na sessão. A consternação via-se pintada em todos os semblantes. Os deputados communicavam uns aos outros em voz baixa os presagios sinistros de toda a parte recolhidos durante estas horas de inação: o juramento dos jacobinos de morrer ou triumphar com Robespierre, a evasão dos presos, a sedição augmentando nos arrabaldes, o toque de rebate soando ao longe, as secções unindo-se á communa; os canhões assestados contra as Tuilleries, o vacuo formado em torno da Convenção, a temeridade das commissões affrontando um povo armado com a força abstracta da lei, a approximação de tres mil mancebos, alumnos da nação, estes pretorianos de Robespierre, acudindo do Campo de Marte á voz de Labretèche e de Souberbielle para inaugurar no sangue o reinado do novo Marius. Os timidos exaggeravam o perigo, os indecisos o augmentavam, os cobardes appareciam ás portas, sondavam o terreno e desappareciam. Os membros das commissões, expulsos do lugar ordinario de suas sessões pela invasão de Coffinhal, informados da presença de Henriot no Carrousel, deliberavam em pé n'um gabinete contiguo á sala das sessões publicas. Toda a força das commissões consistia só n'elles. A salvação da Convenção dependia da sua attitude. Uma palavra podia perdel-a, um gesto salval-a.

A Convenção, n'este instante, elevou-se á altura do seu perigo e não desesperou da representação nacional á vista dos canhões assestados contra o recinto das leis.

Bourdon (*de l'Oise*), apparece na tribuna e cessam as conversas particulares. Bourdon annuncia que os jacobinos acabam de receber uma deputação da camara e fraternisar com os revoltosos. Induz a Convenção a fraternisar com o povo de Pariz e a pacificar, mostrando-se, como em 31 de maio, a effervescencia dos cidadãos. Merlin refere a sua prisão pelos satellites de Henriot e o seu livramento pelos gendarmes. Legendre, que encontra na desesperação da circunstancia e na ausencia de Robespierre a energia do seus primeiros dias, reforça os animos abalados. E' interrompido por um tumulto exterior.

Era Henriot que acaba de ordenar aos seus artilheiros que arrombem as portas. Billaud-Varennes denuncia este attentado. Os deputados se precipitam fóra da sala. Collot-d'Herbois se arremeça ao seu posto, a cadeira da presidencia. Esta cadeira, collocada defronte da porta, deve receber as primeiras balas. «Cidadãos,» exclama Collot cobrindo-se e assentando-se, «eis-aqui o momento de morrer no nosso posto! — N'elle havemos de morrer!» lhe responde toda a Convenção assentando-se como para esperar o golpe. Os cidadãos das tribunas, electrisados por esta resolução, levantam-se, juram defender a Convenção, saem em multidão e se espalham pelos jardins, pateos e bairros visinhos bradando: «A's armas!» A Convenção publíca um decreto, que põe fóra da lei Henriot. Amar sáe, escoltado por collegas intrepidos, e falla ás tropas. «Artilheiros» lhes diz elle, «deshonrais a vossa patria, depois de haver tantas vezes bem merecido d'ella? Vêde esse homem; está embriagado. Quem, a não ser um ebrio, poderia mandar fazer fogo contra a representação e contra a patria?»

VII. — Os artilheiros, movidos por estas palavras, intimidados pelo decreto, recusam obedecer ao seu chefe. Henriot, meio abandonado, reconduz com difficuldade os seus canhões á praça do Hotel de Ville. O resoluto Barras é nomeado em seu lugar commandante da guarda nacional e de todas as forças da Convenção. Dão-lhe por adjuntos Fréron, Leonardo Bourdon, Legendre. Goupilleau de Fontenay, Bourdon *de l'Oise*, todos homens de acção. Doze delegados são nomeados para irem fraternizar com as secções, observar o espirito e atrahir a guarda nacional á Convenção. As columnas dos seccionarios, em marcha para o hotel de ville, debandam. Seus troços se dispersam aos impulsos contrarios dos agentes da communa ou dos delegados da Convenção. Uns continuam o seu caminho para a praça de Greve; outros vão formar-se em batalha, ao mando de Barras, em volta das Tuilleries. O povo, impellido em sentido opposto, e cançado já de convulsões, ouve alternativamente as proclamações da communa, e os decretos da Convenção, pondo alguns individuos fóra da lei. Não sabe onde está a justiça. Hesita e suspende-se irresoluto.

VIII. — A noite envolvia já com as suas sombras os ajuntamentos, que iam diminuindo em torno do hotel de ville, ou augmentavam em roda das Tuilleries. Barras e os deputados militares, que o rodeavam, discorriam a cavallo, ao clarão de archotes, pelos bairros do centro de Paris, e chamavam em alta voz os cidadãos em soccorro da representação contra uma horda de facciosos. Um exercito, ou antes um punhado de homens dedicados, composto de cidadãos de todas as secções, de gendarmes e alguns artilheiros, transfugas de Henriot, se formava assim, em numero de mil oitocentos homens em torno da Convenção. Barras com tranquilidade de espirito forma um plano de campanha e o executa com promptidão. Manda cercar em silencio o hotel de ville por alguns destacamentos, que deste modo privam os revoltosos de reforços e retirada. Elle proprio, com seus canhões na vanguarda, marcha vagarosamente pelos cáes sobre o edificio da communa. Leonardo Boudon, seguindo com outra columna, as ruas estreitas parallelas ao caes, se adianta no mesmo passo para desembocar d'outro lado sobre outra extremidade da praça de Greve. A' proporção que Barras e Bourdon se iam avisinhando deste centro da insurrecção, o susurro do povo, em roda do hotel de ville parecia diminuir. Barras, tranquilisado pela solidão do caes, manda fazer alto a suas testas de columna, volta a galope á Convenção. Entra na sala. Sobe á tribuna. O seu ar marcial, suas armas, suas palavras restituiram a confiança aos espiritos. Desassombrada a Convenção, Barras torna a montar a cavallo aos gritos de: Viva a republica! viva o salvador da Convenção! Fréron e seus ajudantes de campo lhe succedem na tribuna e dão conta do estado de Pariz do lado do Campo de Marte. «Interceptamos a marcha aos alumnos da patria, que o traidor Lebas estava incumbido de revoltar a favor de Robespierre,» exclama Fréron, «mandamos artilheiros patriotas espalhar-se pelas fileiras de seus camaradas, desencaminhados na praça do hotel de ville, para os chamar ao dever. Vamos agora marchar e intimar os revoltosos. Se recusam entregar-nos os traidores, havemos sepultal-os sob as ruinas d'aquelle edificio!»

Ta lien sobe á cadeira da presidencia: «Parti!» diz elle com voz energica a Fréron e a seus collegas, «parti! e que o sol não nasça antes de as cabeças dos conspiradores terem cahido!»

IX. — No entanto Robespierre persisitia, na communa em impassibilidade, que a si proscrevêra. Mais parecia o refens que o chefe da insurrecção. Coffinhal, Fleuriot, Payan sustentavam sós a energia do conselho e a dedicação do povo. Nenhum delles tinha sufficiente popularidade para dar o seu nome a tamanho movimento, e Robespierre lhes recusava o seu. Viam-se obrigados a violental-o para o salvar e salvarem-se com elle. «Oh se eu fôra Robespierre!» lhe disse Coffinhal. Sahindo da Perfeitura de policia para ir á communa,

Robespierre não cessou de repetir á deputação, que o arrastava: «Vós perdeis-me! perdeis-vos vós mesmo! e tambem a republica!» Depois que se achou no conselho da communa, mostrava-se indifferente aos movimentos, que em torno d'elle se agitavam. Saint-Just e Couthon lhe supp'icavam cedesse á voz d'aquelle povo, que lhe conferia por seus brados a dictadura, e exercesse a omnipotencia uma noite, para no dia seguinte abdicar nas mãos da Convenção purificada. «O povo,» lhe repetia Couthon, «só espera uma palavra tua, para destruir seus tyrannos e teus inimigos! Dirige-lhe ao menos uma proclamação, que lhe indique o que elle ha de fazer. — E em nome de quem?» perguntou Robespierre. — Em nome da Convenção opprimida,» respondeu Saint-Just. — «Lembra-te do dicto de Sertorio,» accrescentou Couthon:

«Roma não está já em Roma, e sim onde eu estou!

«— Não, não,» replicou Robespierre, «não quero dar o exemplo da representação nacional subjugada por um cidadão. Não somos nada senão pelo povo, não devemos substituir nossas vontades aos seus direitos. «Então,» exclamou Couthon, «só nos resta morrer! — Tu o disseste,» proseguo Robespierre com socego, resolvido a sacrificar-se como victima, mais depressa que triumphar como faccioso, e em silencio se encostou á meza do conselho. «— Pois bem! és tu quem nos mata,» lhe diz Saint Just. «Robespierre tinha diante dos olhos uma folha de papel com o sello da communa de Pariz. Continha esta folha de papel um appello á insurreição, brevemente redigido por um dos membros do conselho. Robespierre instado por seus collegas, havia assignado metade do seu nome no fim da pagina; mas suspenso por seus escrupulos e indicisão, e deixando a assignatura por acabar, repellio o papel e largou a penna. Esta acção, que perdia os amigos de Robespierre, não o degradava comtudo aos seus olhos.

Couthon arguia-se de não se elevar por si mesmo a esta impassibilidade do patriotismo. Lebas, homem d'acção, sentia-se encadeado pela admiração. Robespierre o moço só procurava o seu dever nos olhos de seu irmão. Saint-Just, volvido a um silencio respeitoso, não se atrevia a combater um pensamento, que julgava superior ao seu, quando não em genio, ao menos em virtude. Aguardava elle que o oraculo se pronunciasse pela voz do povo, prompto a seguir o seu mestre á dictadura ou á morte.

Só Payan tentava conservar nos noventa e dois membros da communa, no povo das tribunas e nas massas, que entulhavam o hotel de ville, a constancia e o ardor da insurreição. Julgou inflammar os cumplices da communa pela indignação, e arrebatar-lhes qualquer outro asylo além da victoria, lendo-lhes os decretos exceptuando da lei, que a Convenção acabava de publicar. Accrescentou artificiosamente a esta lista de excepção da lei os expectadores das tribunas, esperando deste modo confundir o povo e a communa na mesma solidariedade. Esta astucia de Payan, que podia salvar tudo, tudo perdeu. Apenas acabou de lêr o falso decreto, a multidão que enchia as tribunas, se evadio como se visse brilhar a espada da Convenção no seu decreto. A gente das tribunas na sua fuga arrastou as massas de seccionarios cançados d'um movimento, que ao cabo de sete horas nada se voltava contra elles mesmos. A noite achava-se meia consumida nestas oscillações. Duas horas soaram no hotel de ville.

X. — No mesmo instante a tropa de Leonardo Bourdon, que se marchara em silencio pelas ruas lateraes ao caes, fazia alto antes de desembocar na praça de Greve ao grito do: *Viva a Convenção!* Debalde Henriet, d'espada na mão e galopando como um insensato pelo meio da multidão, que atropela, responde a este grito com o de: *Viva a communa!* O despreso geral por este chefe, a desordem de seus movimentos, a perturbação de seus gestos, suas feições avinhadas, as ruas cercadas, a approximação das columnas, tudo infunde o desalento nas fileiras dos seccionarios. Os artilheiros cobrem de apupadas o seu estupido general, voltam as bocas de seus canhões contra o hotel de ville, fazem retumbar as praças e os caes com um immenso grito de: *Viva a Convenção!* e depois dispersam-se.

A columa de Barras pára a este grito, para deixar a multidão evacuar a praça. Em poucos minutos, tudo desapparece ou se reune aos batalhões de Barras.

Profundo silencio reina ás portas do hotel de ville. Leonardo Bourdon receia a cilada nesta immobilidade. Julga que os insurgentes, fortificados nas salas, vão metralhar a sua columna e sepultal-a sob as ruinas do edificio. Um terror mutuo deixa largo tempo a praça de Grève vazia, os sitiantes e sitiados a distancia. Um tiro se dispára em fim no interior. Gritos de horror e um tumulto surdo saem das suas janellas. A este ruido, Dulac, agente resoluto da commissão de segurança geral, á frente de vinte e quatro portamachados e alguns granadeiros, atravessa a praça, manda arrombar as portas, e sóbe, com baioneta calada, a escada principal.

XI. — Ao ressoar dos passos, que se avisinhavam, Lebas, armado de duas pistolas, apresentára uma a Robespierre instando-o para que se matasse. Robespierre, Saint-Just e Couthon recusaram ferir-se a si proprios, preferindo acabar ás mãos de seus inimigos. Assentados impassiveis em roda d'uma mesa na sala da *Igualdade*, ouvem a bulha dos que sobem olham para a porta e aguardam a sua sorte.

A' primeira coronhada nos degráos, Lebas dispára uma pistola sobre o c ração, e cáe morto nos braços do moço Robespierre. Este ainda que certo da sua innocencia e da sua absolvição, não quer sobreviver a seu irmão, nem ao seu amigo. Abre uma janella, precipita-se ao pateo e quebra uma perna. Coffinhal, enchendo de pragas as salas e os corredores, encontra Henriot, estupido de medo e vinho. Lança-lhe em rosto a sua crapula e cobardia, e, agarrando-o nos braços, o leva a uma janella aberta, e o lança do segundo andar sobre um monte de immundicias. «Vai, miseravel bebado,» lhe diz elle arremessando-o «não és digno do cadafalso!»

Entretanto Dulac tinha enviado um dos seus granadeiros a avisar a columna de Bourdon de que o accesso do hotel de ville estava desembaraçado.

Leonardo Bourdon forma a sua gente em batalha em frente da porta, sóbe acompanhado por cinco gendarmes e um destacamento. Precipita-se com Dulac e este pelotão para a sala da Igualdade. A porta cede ás coronhadas das espingardas dos granadeiros. «Morra o tyranno! — Qual é o tyranno?» gritam os soldados, Leonardo Bourdon não se atreve a affrontar a vista do seu inimigo desarmado. Um pouco á rectaguarda do pelotão, coberto pelo corpo d'um gendarme chamado Méda, agarra com a mão direita no braço do gendarme armado d'uma pistola; e indicando com a mão esquerda a quem ha de apontar, dirige o cano da pistola para Robespierre e diz ao gendarme: «E' aquelle! dispara-se a pistola; Robespierre cáe com a cabeça para diante sobre a mesa, salpicando com o seu sangue a proclamação que não acabara de assignar. A balla tinha-lhe varado o beiço esquerdo e quebrado os dentes. Couthon, querendo levantar-se, cambalêa, em razão de ter ás pernas sem acção, e rola sobre a mesa. Saint-Just fica immovel. Olha ora com tristeza para Robespierre, ora com arrogancia para os seus inimigos.

XII. — Ao estridor dos tiros e dos gritos de: *Viva a Convenção!* as columnas de Barras desembocam na praça, escalam o hotel de ville, cercam as sahidas, apoderam-se de Fleuriot, Payant, Duplay, dos oitenta membros da communa, amarram-os e se dispõe a conduzil-os em triumpho á Convenção. Só Coffinhal escapa a favor da confusão geral; arromba a porta trancada d'uma sala baixa, sae do hotel de ville, e se refugia no rio em um barco de lavadeiras, donde a fome o fez sahir e descobrir no dia seguinte.

Barras, seguido dos seus prisioneiros, toma com suas columnas o caminho da Convenção. Começava a apparecer a primeira luz do dia. Robespierre, levado por quatro gendarmes n'uma maca, com o rosto embrulhado n'um lenço ensanguentado era quem abria o cortejo. Os portadores de Couthon deixaram-o cahir e rolar por despreso á esquina da praça de Grève; mas depois levantaram-o do chão. Seus vestidos enlameados e despedaçados deixavam

a nu uma parte do seu corpo. Robespierre o moço, desmaiado, ia em braços de dois homens do povo. O cadaver de Lebas estava coberto com um panno de mesa sujo de sangue. Saint-Just, manietado, com a cabeça descoberta, os olhos baixos, o rosto recolhido na resignação e não na vergonha, ia seguindo a pé.

A's cinco horas, a testa da columna entrou nas Tuillerias. A Convenção aguardava o desfecho sem o temer. Uma agitação tumultuosa annuncia a approximação de Barras e Fréron. Charlier preside. « O infame Robespierre está ali, » diz elle apontando para a porta. « Quereis que entre? — Não! não! » respondem os representantes, uns por motivo de horror, outros por compaixão. « — Apresentar na Convenção o corpo de um homem coberto de todos os crimes, » exclama Thuriot, seria roubar a este bello dia todo o explendor, que lhe convém. O cadaver de um tyranno só póde trazer o contagio. O lugar, que está marcado para Robespierre e seus cumplices, é a praça da Revolução!

Leonardo Bourdon, enthusiasmado do triumpho, refere a sua expedição, e apresenta á Convenção o gendarme, que disparou a pistola contra Robespierre. Legendre entra armado de duas pistolas. Annuncia que acaba de dispersar os Jacobinos e fechar as portas da sua sala. Arremessa as chaves sobre a tribuna.

XIII. — Robespierre achava-se na sala de espera estendido em cima de uma mesa. Uma cadeira era o que lhe servia de cabeceira. Muita gente entrava e sahia para ver o chefe da republica abatido. Alguns deputados, que eram seus aduladores na vespera, iam assegurar-se de que o tyranno não se tornaria a levantar. Não evitavam á agonia do ferido os olhares, as invectivas e despresos. Os porteiros da Convenção com o dedo o mostravam aos espectadores, como um animal feroz n'um pateo de bichos. Fingia-se elle morto para escapar aos insultos e invectivas de que era objecto. Um empregado da commissão de salvação publica, que se regosijava da quéda da tyrannia, mas que se compadecia do homem, chegou-se a Robespierre, desatou-lhe a liga, abaixou-lhe a meia, e, pondo a mão na perna nua, sentiu as pulsações da arteria, que revelavam a plenitude da vida. « Deve-se-lhe dar busca, » disse a multidão. Na algibeira lhe encontraram duas pistolas n'um estojo, em que as armas de França estavam embutidas. « Vejam o malvado, » exclama a multidão, a prova de que aspirava ao throno, é que trazia comsigo os symbolos proscriptos da realeza! » Estas pistolas mettidas no estojo e carregadas, attestam que Robespierre não dera em si mesmo o tiro.

Neste momento Legendre passou áquella salla, approximou-se do corpo do seu inimigo, e o apostrophou com voz theatral. « Pois bem, tyranno! » lhe disse elle com gesto de desafio, « tu, para quem a republica ainda hontem não era assás grande, só occupas hoje dois pés de comprimento nesta pequena mesa! » Robespierre havia ouvir com horror e despreso esta voz cuja um unico olhar seu havia muitas vezes feito calar na Convenção, e cujas adulações depois da morte de Danton o haviam enojado. Ainda que immovel, via e ouvia tudo. O sangue que lhe escorria da ferida, formava-se em postas no canto da sua boca. Reanimou-se, e enxugou o sangue com o forro de peles d'uma das suas pistolas. Seu olhar amortecido, mas observador, vagava pela multidão para buscar ahi ou a compaixão ou a justiça. Não descobriu senão horror, e tornou a fechar os olhos. O calor da salla abafava. Uma febre ardente córava as faces de Robespierre; o suor inundava-lhe o rosto. Ninguem o soccorria prestando-lhe os seus officios. Tinham posto ao pé delle, sobre a mesa, um copo com vinagre e uma esponja. De quando em quando embebia nelle a esponja, e humedecia os labios.

Depois desta longa exposição á porta da sala, donde o vencido ouvia as explosões da tribuna contra si, foi conduzido á commissão de segurança geral, Billaud, Collot, Vadier, os mais implacaveis dos seus inimigos, ali o aguardavam e por formalidade o interrogaram. Só com o olhar lhes respondeu. Transportado ao hospital, os cirurgiões lhe sondaram e curaram a ferida. Robespierre encontrou na sala dos feridos Couthon, levado ali como doente; Henriot com os membros mutilados pela quéda; seu irmão finalmente, cuja fractura haviam concertado. Depois da cura, todos os feridos foram trasladados e reunidos na mesma prisão na Conciergerie, onde Saint-Just os aguardava ao lado do cadaver de Lebas.

Entrando na Conciergerie, Saint-Just se encontrara com o general Hoche, que alli tizera encerrar algumas semanas antes. Hoche em vez de insultar o infortunio do seu inimigo, lhe apertou a mão e se afastou com os olhos baixos, para deixar passar o moço proconsul. Os heroes respeitam, a desgraça até nos mesmos que os proscreveram.

O chefe da municipalidade Fleuriot-Lecost, Payan, Dumas, Vivier, presidente dos Jacobinos, La vieille Lavalette, Duplay, sua mulher e filhas, hospede de Robespierre, levados primeiro ao Luxembourg, tinham sido tambem conduzidos para a Conciergerie.

A's tres horas foram conduzidos ou levados ao tribunal revolucionario. Tão certa estava a Convenção da obediencia para o futuro, que não mudou de instrumento. Os juízes e os jurados eram os mesmos, que na vespera se dispunham a enviar á morte os inimigos dos homens que então iam immolar. Fouquier-Tinville leu com o mesmo accento de rigorosa convicção os decretos que punham fóra da lei e limitou-se a fazer verificar a identidade. Fouquier não se atreveu a levantar os olhos para Dumas, seu collega no tribunal revolucionario, nem para Robespierre seu protector.

A's cinco horas os carros aguardavam os condemnados junto da escada principal. Robespierre, seu irmão, Couthon, Henriot e Lebas eram destroços humanos ou cadaveres. Ataram-os pelas pernas, pelo tronco e pelos braços, ao primeiro carro. Os balanços lhes arrancavam gritos de dor e gemidos. Foram levados pelas ruas mais compridas e populosas de Pariz. As portas, as janellas, os telhados estavam cheios de espectadores, e principalmente de mulheres vestidas de gala, as quaes batiam palmas ao supplicio, julgando expiar o terror detestando o homem, que lhe déra o seu nome. « A' morte! á guilhotina! » bradavam em torno do carro os filhos, parentes e amigos das victimas. O povo, raro e melancolico, observava sem dar signal algum de desgosto ou satisfação. Só mancebos privados de um pai, mulheres que haviam perdido seus maridos, atravessaram de distancia em distancia a ala dos gendarmes, chegaram-se junto ao carro e cobriram Robespierre de maldições. Ia elle com a cabeça embrulhada n'um panno cheio de sangue, correndo lhe por baixo da barba, e atado por cima da cabeça. Sómente se lhe via uma das faces, a testa e os olhos. Os gendarmes da escolta o mostravam ao povo com a ponta das espadas. Elle voltava a cabeça e encolhia os hombros, como se tivesse compaixão do erro, que lhe imputava a elle só tantos crimes recaindo sobre o seu nome. O seu ar indicava resignação, e não temor O mysterio, que encobria a sua vida, occultava seus pensamentos. Robespierre morria sem dizer a sua ultima palavra.

XIV. — Diante da casa do artista, em que habitára, e cujo pai, mãi e filhos se achavam já entre ferros, um bando de mulheres fez parar o acompanhamento e dansou em roda da carroça.

Um rapaz que trazia na mão um balde de carniceiro cheio de sangue de boi, n'elle molhou uma vassoura e salpicou as paredes da casa. Robespierre fechou os olhos, para não ver insultada a habitação de seus amigos, aonde elle levára a desgraça. Foi este o seu unico gesto de sensibilidade durante estas trinta e seis horas de supplicio.

Na tarde do mesmo dia, estas furias da vingança invadiram a prisão em que fôra metida a mulher de Duplay, afogaram-a e a pendurάram no varão de ferro de suas cortinas.

O acompanhamento continuou a caminhar para o cadafalso. Couthon ia pensativo; Robespierre o moço, enternecido. Os balanços, que lhe renovavam a fractura da perna, lhe arrancavam gritos involuntarios. Henriot tinha o rosto cheio todo de sangue, como um bebado levantado do chão. Haviam-lhe arrancado o uniforme. Vestia

unicamente uma camiza suja de lama. Saint-Just vestido com decencia, com o cabello cortado, o rosto palido, mas sereno, não mostrava no seu ar humilhação, nem arrogancia. Via-se na elevação do seu olhar que a sua vista se dirigia alem do tempo e do cadafalso; que elle seguia o seu pensamento ao supplicio como o seguiria ao triumpho, sabendo porque razão ia morrer e não exprobando cousa alguma ao destino, visto que morria pela fidelidade a seus principios, a seu mestre e á missão, que a si mesmo dera. Ente incomprehensivel e incompleto, unicamente composto de intelligencia e tendo só as paixões do espirito: o orgão do coração fallecia inteiramente á sua natureza assim como á sua theoria. O seu coração auzente nada exprobava á sua consciencia abstracta, e elle morria odioso e maldito sem se achar culpado. Cegueira moral, que conduz ao abysmo, quando se julga caminhar á salvação do mundo e á admiração da posteridade! Todos se admiravam de tanta mocidade no dogmatismo das idéas, de tanta consciencia na impassibilidade.

Chegados ao pé da estatua da Liberdade, os executores leváram os feridos á plataforma da guilhotina. Nenhum d'elles dirigio palavra ou exprobração ao povo. No modo admirado da multidão liam elles o seu julgamento. Robespierre subio com passo firme os degráos do cadafalso. Antes de desprender o cutello, os executores lhe arrancáram o panno, que lhe cobria a face, para que não embotasse o gume do ferro. Deu um bramido de dôr physica, que se ouvio nas estremidades da praça da Revolução. Reinou na praça o silencio. Um golpe surdo do cutello ressoou. A cabeça de Robespierre caio. Uma longa respiração da multidão, seguida d'um applauso immenso, succedeu ao golpe do ferro.

Saint-Just appareceu então em pé no alto do cadafalso, com a cabeça inclinada, os braços ligados, os pés no sangue do seu mestre, desenhando a sua estatura alta e delgada sob o céo afumado pelo ultimo crepusculo da tarde. Morreu sem abrir os labios, levando a sua aceitação ou a sua protestação interior na morte. Tinha vinte e seis annos e dois dias.

Estes vinte e dois corpos foram todos lançados no carro mortuario com o cadaver de Lebas.

XV. — Algumas semanas depois uma mulher moça, trajando de lavadeira, e levando nos braços uma creança de seis mezes, aprezentou-se na casa de alquilé que Saint-Just habitára, e pediu fallar em segredo á filha do domno de casa. A estrangeira era a viuva de Lebas, filha de Duplay. Depois do suicidio do seu marido, do supplicio de seu pai, do assassino de sua mãi, e da prisão de suas irmãs, a senhora Lebas havia mudado o seu nome. Vestira-se como mulher do povo, e ganhava a sua vida e a do seu filho lavando roupa nos bateis que para este fim se acham no rio. Somente alguns republicanos perseguidos conheciam o seu disfarce, e admiravam a sua coragem. Não lhe restava nem herança, nem vestigios, nem retrato do seu marido. Adorava em silencio a sua memoria.

A moça fugitiva soubera que a hospeda de Saint-Just, pintora de profissão, possuia um retrato do discipulo de Robespierre pintado por ella pouco tempo antes do supplicio. Ardia em desejos de possuir esta pintura, que lhe recordaria pelo menos na figura do moço republicano, o collega e o amigo mais charo de Lebas. A moça artista reduzida tambem á indigencia pela prisão de seu pai perseguido por ter sido o hospede de Saint-Just, pedia seis luizes pelo seu trabalho. A senhora de Lebas não tinha esta somma. Somente salvara do sequestro uma malla de fato, com roupa branca e os seus vestidos nupciaes, o que constituia a sua unica fortuna. Offereceu tudo isto por preço do retrato. O contracto foi acceito. A pobre viuva levou de noite a sua malla e trouxe o seu thesouro. Foi assim que pelo amor conjugal se conservou á posteridade o retrato deste moço revolucionario. Bello, fantastico, nebuloso como uma theoria, pensativo como um systema, triste como um pressentimento; é menos o retrato d'um homem, do que o retrato de uma idéa. Assimelha-se a um sonho da republica de Dracon.

XVI. — Tal foi o fim de Robespierre e do seu partido, surprehendido e immulado na manobra, que meditava, para reconduzir o terror á lei, a revolução á ordem, e a republica á unidade. Derribado por homens, uns melhores, outros peores que elle, teve a desgraça suprema de morrer no mesmo dia em que o terror acabou, e accumular assim sobre o seu nome até o sangue dos supplicios, que queria estancar, e as maldições das victimas, que pretendia salvar. A sua morte foi a data e não a causa da suspensão do terror. Os supplicios ião cessar pelo seu triumpho assim como cessáram pelo seu supplicio. A justiça divina deshonrava deste modo o seu arrependimento e levava a desgraça ás suas boas intenções. Ella fazia da sua sepultura um abysmo fechado, e da sua memoria um enigma, cuja palavra a historia treme de pronunciar, temendo igualmente fazer injustiça se diz, crime ou causar horror se diz virtude! Para ser justo e instructivo, é preciso associar afoutamente estas duas palavras, que repugnam estar unidas, e compor d'ellas uma palavra complexa. Ou antes convem que se renuncie a qualificar o que se deve perder a esperança de definir. Este homem foi e ha de ficar sem definição.

Ha na sua vida um designio, e este designio é grande: o reinado da razão pela democracia. Ha um movel, e este movel é divino: o vehemente desejo da verdade e da justiça nas leis. Ha uma acção, e esta acção é meritoria: o combate de morte contra o vicio, a mentira e o despotismo. Ha uma dedicação, e esta dedicação é constante, absoluta como uma immolação antiga: é o sacrificio de si mesmo, da sua mocidade, repouso e ventura; da ambição e vida, da sua memoria á sua obra. Finalmente, ha um meio, e este meio é alternativamente legitimo ou execravel: a popularidade. Robespierre lisongea o povo por suas partes ignobeis. Exaggera a suspeita. Suscita a inveja. Incita a colera. Irrita a vingança. Abre as veias do corpo social para curar o mal, mas deixa dellas correr a vida, pura ou impura, com indifferença, sem se metter entre as victimas e os agozes. Elle não quer o mal, e aceita-o. Abandona ao que julga a necessidade da sua situação as cabeças do rei, da rainha, de sua innocente irmã. Céde á supposta necessidade a cabeça de Vergniaud; ao medo, á dominação, a cabeça de Danton. Permitte que o seu nome sirva, por espaço dezoito mezes, de estandarte ao cadafalso e de justificação á morte. Espera resgatar mais tarde o que nunca resgata: o crime presente pela santidade das instituições futuras. Enebria-se d'uma perspectiva de felicidade publica em quanto a França palpita sobre o cadafalso. Tem a vertigem da humanidade. Quer extirpar com o ferro todas as raizes damnosas do solo social. Julga em si os direitos da Providencia; porque della tem o sentimento e o plano da sua imaginação. Põe-se no lugar de Deus. Quer ser o genio exterminador e creador da revolução. Esquece que se cada homem assim se divinisasse, não ficaria por fim mais que um homem no globo, e que este ultimo dos homens seria o assassino de todos os outros! De sangue mancha elle as mais puras doutrinas da phylosophia. Inspira ao futuro o terror do reinado do povo, e repugnancia á instituição da republica, a duvida sobre a liberdade. Cahe em fim na sua primeira lucta contra o terror, porque não conquistou, resistindo-lhe desde o começo, o direito e a força de o domar. Seus principios são estereis e condemnados assim como suas proscripções, e elle morre exclamando com o desalento de Brutus: «A republica perece comigo!» Era elle com effeito, neste momento, a alma da republica. No seu derradeiro suspiro ella se desvaneceu. Se Robespierre se houvesse conservado puro e sem concessão aos desvarios dos demagogos até a esta crise de cançaço e remorsos, a republica teria sobrevivido, remoçado e triumphado nelle. A republica buscava um regulador, Robespierre só lhe apresentava um cumplice. Preparava-lhe um Cromwell.

A suprema desgraça de Robespierre perecendo não foi tanto perecer e arrastar a republica comsigo, como não legar á democracia, na memoria do homem, que quizera personalisal a com mais fé, uma dessas figuras puras, illustres, immortaes, que vingam uma causa do abandono da sorte, e protestam contra a ruina pela ad-

miração sem repugnancia, nem reserva, que ellas á posteridade inspiram. Indispensavel era á republica um Catão d'Utica no martyrologio de seus fundadores. Robespierre só lhe deixava um Marius menos a espada. A democracia carecia d'uma gloria, que radiasse para sempre d'um nome de homem sobre o seu berço; Robespierre só lhe recordava uma grande constancia, uma grande incorruptibilidade, um grande remorso. Foi a punição do homem, a do povo, a do tempo e tambem a do porvir. Uma causa muitas vezes não é mais que um nome de homem. A da democracia não devia ser condemnada a encobrir ou a justificar o d'elle. O typo da democracia deve ser magnanimo, generoso, clemente e incontestavel como a verdade.

XVII. — Com Robespierre e Saint-Just acabou o grande periodo da republica. A segunda raça dos revolucionarios começa. A republica cáe da tragedia na intriga do espiritualismo na ambição, do fanatismo na cubiça. No momento em que tudo se torna pequeno demoremonos para contemplar o que tamanho foi.

A Revolução durára cinco annos. Estes cinco annos são cinco seculos para a França. Nunca talvez n'esta terra, em nenhuma época, depois da incarnação da idéa christã, um paiz produzio, em tão curto espaço de tempo, similhante erupção de idéas, de homens, de naturezas, de caracteres de genios, de talentos, de catastrophes, de crimes e de virtudes, como durante esta elaboração convulsiva do futuro social e politico, a que dão o nome da França; nem o seculo de Cezar e Octavio em Roma, nem o de Carlos-Magno nas Galias, e Germania; nem o de Péricles em Athenas; nem o de Leão X em Italia; nem o de Luiz XVI em França; nem o de Cromwell em Inglaterra. Dir-se-hia que a terra, em dôres para dar á luz a ordem progressiva das sociedades, faz um esforço de fecundidade comparavel á obra energica de regeneração, que a providencia quer effectuar. Os homens nascem como personificações instantaneas das cousas que se devem pensar, dizer, ou fazer: Voltaire, o bom senso; João-Jacques Rousseau, o ideal; Codorcet, o calculo; Mirabeau, o raio; Vergniaud, o arrojo; Danton a audacia; Marat, o furor; a Sr.ª Roland, o enthusiasmo; Carlota Corday, a vingança; Robespierre, a utopia; Saint Just, o fanatismo da revolução. E após elles os homens secundarios de cada um d'estes grupos formam um feixe, que a revolução separa depois de os haver reunido, e cujo quebra uma a uma todas as hastes. A luz brilha em todos os pontos do horisonte ao mesmo tempo. As trévas se dissipam. As preocupações cedem. As consciencias libertam-se. As tyrannias tremem. Os povos levantam-se. Os thronos desabam. A Europa intimidada tenta accometter, e acommetida ella mesma, recua para de longe contemplar este grande espectaculo. Este combate de morte pela causa da razão humana, é mil vezes mais glorioso que as victorias dos exercitos, que lhe succedem. Conquista ao mundo inalienaveis verdades, em vez de conquistar para uma nação precarios augmentos de provincias. Amplia o dominio do homem em vez de dilatar os limites d'um povo. Tem o martyrio por gloria e a virtude por ambição. Causa orgulho pertencer a uma raça de homens a quem a providencia permittio conceber taes pensamentos, e ser filho d'um seculo, que deu o impulso a taes movimentos do espirito humano.

Todos glorificam a França na sua intelligencia, no seu papel e no seu sangue! Uma a uma cáem as cabeças destes homens; umas com justiça, outras injustamente; porém todas cáem para a obra. Accusa-se ou absolve-se, chora-se ou amaldiçoa-se. Os individuos são innocentes ou culpados, patheticos ou odiosos, victimas ou algoses. A acção é grande e a idéa paira ao de cima de seus instrumentos como a causa sempre pura sobre os horrores do campo de batalha. Ao cabo de cinco annos, a revolução não é mais que um vasto cemiterio. Sobre a sepultura de cada destas victimas está escripta uma palavra, que a caracterisa. Sobre uma, *philosophia*: Sobre a outra, *eloquencia*: Sobre esta, *genio*: Sobre aquella, *coragem*: Aqui, *crime*. Acolá, *virtude*. Porém sobre todas está escripto: Morte para o futuro e Operario da humanidade.

XVIII. — Uma nação deve, por certo, chorar os seus mortos, e não se consolar d'uma só cabeça injusta e odiosamente sacrificada; mas não deve lamentar o seu sangue, quando correu para fazer rebentar verdades eternas. Deus poz este preço á germinação e manifestação dos seus designios sobre o homem. As idéas vegetam de sangue humano. As revelações descem dos cadafalsos. Todas as religiões se divinisam pelos martyres. Perdoemo-nos pois, filhos dos combatentes ou das victimas! Reconciliemo-nos sobre as suas sepulturas para proseguir a sua obra interrompida! O crime tudo perdeu misturando-se nas camadas da republica. Combater não é immolar. Affastemos o crime da causa do povo como uma arma, que lhe trespassou a mão e mudou a liberdade em despotismo; não busquemos justificar o cadafalso pela patria e as proscripções pela liberde; não tornemos insensivel a alma do seculo pelo sophisma da energia revolucionaria; deixemos á humanidade o seu coração, que é o mais seguro e infallivel dos seus principios, e resignemo-nos á condição das cousas humanas. A historia da revolução é gloriosa e triste como o dia seguinte a uma victoria, e como a vespera d'um dia de combate. Porém se esta historia é cheia de lucto, é especialmente cheia de fé. Assemelha-se ao drama antigo, no qual, em quanto o narrador recita, o côro do povo canta a gloria, chora as victimas, e eleva um hymno de consolação e esperança a Deus!

FIM.